

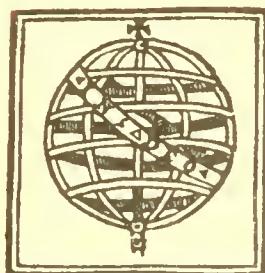
LIBRARY



COMISSÃO NACIONAL
DO
IV CENTENÁRIO
DA PUBLICAÇÃO
DE
OS LUSÍADAS

EDIÇÃO COMEMORATIVA

1572



1972

LVSİADAS

LVSIA DAS DE LVIS DE CAMÕES

COMENTADAS POR MANUEL DE FARIA E SOUSA

OPERA

VOLUME I



IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

Reprodução fac-similada pela edição de 1639

154366

INTRODUÇÃO

É para mim uma enorme honra, que devo à iniciativa altamente esclarecida da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, o ser chamado a prefaciar a reintegração, na cultura portuguesa, da edição comentada de *Os Lusíadas*, preparada por Manuel de Faria e Sousa, e que viu a luz do dia em Madrid, em 1639, às vésperas da Revolução de 1640. Por certo que, entre os eventos que têm marcado a passagem do 4.^º centenário da publicação, em 1572, da obra máxima da língua portuguesa, este é um dos mais importantes: o mais rico repositório de comentários sobre a epopeia, a fonte semiclandestina de mais três séculos de erudição camoniana, um dos mais extraordinários monumentos erguidos por alguém, devotadamente, a um poeta e a uma cultura, eis o que regressa aberta e publicamente ao mundo português, que é o seu.

O próprio Camões e mesmo Faria e Sousa ambos sorriam, pensando que este 4.^º centenário suscita esta sensacional «reedição», que o gigantismo da obra sempre contrariara, exactamente 333 anos depois de publicada . . . O cabalista neles veria aqui um claro sinal de que esse centenário significa, ou deve significar, acima de tudo, uma ressurreição de um poema tão maior e tão mais ambicioso que a celebração das glórias lusitanas, seu pretexto, por ele ser a celebração, através delas, da vitória da *virtù* sobre as contingências, e de como com tal *virtù* se reconquista, mais que a imortalidade histórica, o paraíso perdido.

Dir-se-á, talvez, que as minhas simpatias pela cultura espanhola, por um lado, e a minha condição de «estrangeirado», por outro, ambas me indicavam, irónicamente, e não tanto como qualquer competência camoniana que me fosse reconhecida, para prefaciador do Faria e Sousa camonista. Antes de mais, o facto de esta obra dele ter sido publicada em espanhol — para mais directamente influenciar a cultura hispânica e mais largamente difundir Camões na Europa — não a faz menos um monumento da cultura portuguesa, já que nem só o escrito em português a esta defende, propaga, ilumina ou amplia. Mas, ainda quando a ironia fosse usada e explorada, é gostosamente que a assumo e enfrento. Temos sido bastantes os «estrangeirados», neste País, desde o fundador, que era metade leonês e metade burgundo, ainda que raras vezes, se alguma, suficientes para defender de si mesma uma cultura que tudo faz — ou, mais exactamente, não faz — para ignorar-se e ser ignorada.

A personalidade e a vasta obra de Faria e Sousa, não pode dizer-se que tenham sido controvertidas, porque facilmente veio a difundir-se e a aceitar-se, sem visão crítica, o julgá-lo sem apelo, em função de dois convergentes pontos de vista: o facto de, em 1640, ele haver permanecido em Espanha, e a pejorativa avaliação que a maioria dos eruditos do século XIX fez da sua imensa obra de polígrafo — poeta, crítico, historiador, ensaísta, etc. Os erros de perspectiva foram-se acumulando, e também quiçá o menos decente intento de esconder-se quanto, no desprezá-lo ostensivamente, se bebia da sua erudição, das suas aproximações críticas, etc., sobretudo nos estudos camonianos, que ele elevou à mais gigantesca monumentalidade.

A questão de julgar-se um autor pelo facto de não haver regressado a Portugal depois da Revolução de 1640, que ao País restaurava separadamente do esquema da Monarquia Dual, que, tanto a gosto das oligarquias portuguesas, funcionara por sessenta anos (até quando as dificuldades espanholas, fazendo perigar aquele es-

quema que dava à aristocracia portuguesa uma posição privilegiada no complexo hispânico, o tornaram, para ela, menos interessante do que a restaurada independência)⁽¹⁾, é evidentemente uma extração política, e mesmo da perspectiva histórica — foram muitos os «grandes» de Portugal e seus servidores que não regressaram senão depois de garantidos os seus privilégios pelo tratado de paz de 1668, e não pesa sobre eles o mesmo anátema, nem eles, que se saiba, tiveram — no

(¹) Ainda está por fazer, quer em Portugal, quer em Espanha, a história sócio-política, e também cultural, do partido «português» em Castela, enquanto tal, cujas origens, se por certo se radicam nos interesses agrários da velha aristocracia galaico-portuguesa e seus prolongamentos leoneses e castelhanos (com muita reciprocidade, qual o papel de Castros e de Meneses em Portugal significa, além do que foi representado por outros clãs menores), mais exactamente se devem buscar na cisão política — tão por estudar — que se dá entre os homens que fizeram a revolução de 1383–1385, e que atira para Espanha personalidades que logo nela desempenharam papel de relevo, criaram alguns dos mais poderosos grupos familiares da Espanha quatrocentista e quinhentista, e mantiveram sempre estreitos laços portugueses que, nos séculos XVI e XVII, servem de base para a tremenda penetração lusitana de que Castela foi objecto. A ambiguidade de posições que essa gente assume tem a sua contrapartida na ambiguidade política da própria coroa portuguesa durante o século XVI, quando tudo é feito para que a família de Avis e os Habsburgos sejam um só trono (o que, acentue-se, já era continuação de uma política portuguesa da 2.^a dinastia, quando o isolamento e o cerco político a Castela se começam a identificar com uma calculada projecção europeia que leve à própria absorção de Castela por Portugal). O esquema da Monarquia Dual (e cumpre acentuar quanto os reis Filipe II e III de Castela souberam explorar em seu proveito, tal como as oligarquias portuguesas concomitantemente o fizeram, os hábeis acordos postos em execução em 1582, que, com todas as suas possíveis limitações, garantiam àquelas, no império espanhol e na própria Espanha, uma posição de privilégio que era expressamente denegada aos espanhóis em Portugal e no seu império) viria a ser uma consequência lógica de uma aproximação que, no século XVI, tem o seu foco de atracção lusitana na corte da imperatriz Isabel de Portugal, esposa de Carlos V, corte que foi um alfbobe político e genealógico da gente que, dos dois lados da fronteira, não poderia deixar de identificar a visão da *República Christiana* imaginada, mesmo contra os papas, pelos ideólogos daquele imperador, com o esplendor imperial de que participavam e com os seus próprios interesses de oligarquias que se promoviam, assim, tanto em Portugal como em Espanha. Quando a Espanha — seu terrível problema por Carlos V ser, além de rei dela, conde de Flandres, duque de Borgonha, arquiduque de Áustria, e imperador alemão — se vê dividida entre ser «europeia» e «ultramarina» (e é essa a chave, e não nenhuma decadência, da sua derrocada e da sua fossilização na segunda metade do século XVII, qual os mais lúcidos espíritos da Espanha de então não deixaram de denunciar), com a acrescentada complicação de a coroa aragonesa de Carlos V ser também, por interesses mediterrânicos, italiana, e mais um pólo de divergências insolúveis, inevitável seria que o precário equilíbrio da Monarquia Dual se romperia, e que o momento chegaria quando a França — colhendo os frutos de uma unificação e uma centralização que os Estados ibéricos, a Inglaterra, a Flandres, a Borgonha, e o Império Alemão, tudo haviam feito para que se não realizasse, ao longo da Idade Média — pudesse usar para vantagens de hegemonia sua as contradições do imenso complexo imperial hispano-germânico, a que Portugal associara o seu destino. No momento em que a hegemonia universal daquele complexo imperial era desafiada por potências que surgiam nos mares (a Inglaterra isolando-se do continente europeu, e a Holanda criando-se como fruto da questão flamenga), e em que a Espanha era forçada a tomar medidas mais centralizadoras para contrabater as manipulações contra a sua unidade (e lembre-se que a Espanha vinha sendo, e ainda era, na centralização das suas monarquias, sob a égide de Castela, um conjunto de reinos, aqueles de que historicamente se formara, e que conservavam, em grande parte, as suas leis e administrações peculiares — pelo que não houvera nada de estranho na Monarquia Dual, já que o lado espanhol era, *de jure* e *de facto*, uma monarquia múltipla), o rompimento viria, por se elidirem parcialmente as vantagens, para as oligarquias portuguesas, que aquele esquema havia permitido. Acentue-se, por exemplo, que importância tinha, no Império Português, o território brasileiro e como este pudera ampliar-se impunemente, à sombra de o rei de Espanha ser o de Portugal e vice-versa, para além dos limites tradicionais consignados pelo Tratado de Tordesilhas (e tal como a Espanha veio a sancionar no Tratado de Madrid em 1750). E tenha-se presente que, ao contrário do que se quer crer, a economia do período filipino foi próspera até ao momento em que aquelas dificuldades internacionais da Espanha abrem o Império Português aos ataques

defender e apresentar internacionalmente, na língua franca da Europa seiscentista que o castelhano era, as glórias e a dignidade de Portugal — papel semelhante ao que Faria e Sousa desempenhou com os seus trabalhos de historiografia e a sua actividade de polígrafo. E, aliás, esses anos cruciais de 40, no século XVII, estão muito longe de haverem recebido, em extensão e profundidade científicas, a atenção portuguesa que a sua complicada realidade exige e requer. Por outro lado, aquele juízo contra os «hispanizados»⁽²⁾, tem sido largamente impossibilitado de receber adequada revisão, pela perpetuação sobreposta de superficiais atitudes polémicas que, desde o esclarecimento setecentista, sucessivamente viram com hostilidade a castelhanização ou o bilinguismo dos seiscentistas, por os identificarem — sem actualizada compreensão crítica⁽³⁾ — com composições ideológico-literárias opostas às Luzes que brilhavam, ou se queria supor que brilhavam, de além dos Pirenéus. O setecentismo português disfarçou o muito que herdava e continuava do barroco nessa transferência de fidelidades culturais, o romantismo seguiu-lhe naturalmente os passos, colorindo-os de convicções de nacionalismo mitológico, e o positivismo oitocentista trouxe a estas o aparato crítico de uma pseudociência etnográfico-histórica. Assim, os «castelhanizados» foram consignados ao limbo, tanto por o terem sido, como por serem simplesmente o barroco ou parte dele, essa época que sim-

de outras potências (os quais viriam, pois sempre esporadicamente se haviam configurado já no século XVI, com a previsível ascensão daquelas zonas europeias que, antes, tinham sido pontos de distribuição e de financiamento de um império, como o português, que nunca financeiramente se estruturara). Para estas questões, vejam-se os nossos *Estudos de História e de Cultura*, 1.º vol., Lisboa, 1967, e o 2.º vol., ainda em publicação na revista *Ocidente*, bem como o nosso verbete «Autonomia sob os Filipes», no *Grande Dicionário de Literatura Portuguesa e Teoria Literária*, Iniciativas Editoriais, Lisboa, em publicação em fascículos.

(²) Longamente se confundiu e ainda confunde «hispanizado» com barroco, como se esta época da cultura europeia tivesse existido apenas em Espanha, e não tivesse sido um fenômeno geral europeu (e resta saber se também extra-europeu), em que católicos, anglicanos e protestantes de diversas tendências igualmente viveram uma atmosfera análoga e em toda a parte muito mais complexa e menos «livre» do que a lenda negra faz crer que o mundo católico exclusivamente não foi. Por outro lado, o equacionar-se ainda barroco e «decadênci» (como inevitável seria que sucedesse, por complexos supostamente nacionalistas, quando essa época coincide, em Portugal, nas suas primeiras décadas, com a integração de Portugal na Espanha, tal como, por paralelos motivos, ainda sucede na crítica italiana, pois que isto vinha após uma era de esplendor incomparável) reflecte ainda o prejuízo de considerar-se como *padrão* de «classicismo» um Renascimento que hoje nenhum historiador ou crítico sério e responsável ainda vê pelos critérios vagos e simplistas que o século XIX divulgou, ao restaurar esse «período» *contra* o prestígio romântico da Idade Média. A ideia de «decadênci», qual expusemos, em Setembro de 1971, no congresso de Salamanca da Associação Internacional de Hispanistas (comunicação a ser publicada nas respectivas actas), é uma herança da tradição secular da crítica *normativa*, inaceitável por modernos critérios de relativismo estético, e também resultado de uma visão não comparativista das culturas, que pretende entendê-las sobretudo como fenômenos «nacionais» isolados que elas não foram nunca, e não pode, portanto, compreender que o que realmente se passa é a transferência, de uma área para outra, dos desenvolvimentos decisivos de uma mesma atmosfera geral. As nações podem decair, as culturas viajam. Quanto a uma aceitação internacional do barroco seria ridículo enumerar aqui bibliografia que deveria ser do conhecimento geral.

(³) Que o barroco não foi, mesmo em muitos artistas e escritores longamente apresentados como «oficiais» pela crítica «oficial» das mitologias oligárquicas nacionais (para não referirmos que é nele que a ciência moderna começa, em termos de experimentalismo e de indução científica), a época de complacência e conformismo, qual vulgarmente se imaginou e ainda imagina, e foi, pelo contrário, aquela em que fermentaram todos os germes que produziram as Luzes, é o que mais e mais descobre a investigação contemporânea. É sintomática a atitude revisionista da mais viva crítica espanhola a este respeito (cf., por exemplo, J. A. Maravall, *La Oposición política bajo los Austrias*, Madrid, 1972).

plasticamente se equacionava com uma idade de trevas, semelhante ao que era também conveniente acreditar que a Idade Média o havia sido, quando não persistia desta uma falsa imagem de elegâncias germânicas e cavaleiros andantes, todos inclinados a cantar cantigas que o «povo», e só ele, teria produzido ... E nem sequer a crítica se affligiu, histórica ou literária, com o facto inescapável de uma castelhanização que, iniciada nos meados do século xv, se prolongou por dois séculos, tendo mesmo coincidido com o auge, nos meados do século xvi, do orgulho imperial lusitano. O que se não queria ver, ou pretendia esconder, era que as classes dirigentes portuguesas, desde os meados do século xv, quando a pequenez lusitana se compensa com a expansão ultramarina, haviam invertido o «separatismo» (adentro da multiplicidade ibérica dos Estados nacionais) que, definido pela independência inicial (Portugal *não foi*, queira-se ou não se queira, um país formado de si mesmo, mas uma zona que se *separa* de uma entidade preexistente e já políticamente organizada, e isso ainda pesa no medo lusitano de ser-se ibérico, natureza histórica múltipla mas diversa das transpirenaicas), tinha marcado a política dominante da coroa portuguesa durante a 1.^a dinastia, e que culminara lógicamente na crise nacional de 1383–1385 e na subsequente guerra com Castela, terminada em 1411. Aquelas oligarquias sentiram-se atraídas pelo plano castelhano de união de todas as coroas hispânicas, plano que, por sua vez, a partir da ocasião em que Castela, Aragão, Áustria e Borgonha confluem os seus interesses em casamentos principescos de tremendas consequências europeias, mais se identificava com o que era, tradicionalmente, a oposição, que já referimos, ao expansionismo francês, que absorvia ou tentava absorver reinos e territórios autónomos para criar uma França que realmente nunca existira. Sublinhe-se que, tanto ou mais que Castela ou Aragão, fora a dinastia de Avis quem dera início a essa reconversão para um domínio da Europa, através de um domínio das Espanhas: é nessa reconversão que se inserem os dois casamentos aragoneses, do rei D. Duarte e do regente D. Pedro (cada um, à cautela, casando em um dos ramos de duas linhagens competindo pelo trono de Aragão), as intervenções do regente em Castela, a efémera subida ao trono aragonês e barcelonês do condestável D. Pedro, filho daquele regente e o iniciador do bilinguismo literário, o casamento de Isabel de Portugal com o duque Filipe de Borgonha, as pretensões de D. Afonso V de Portugal à coroa castelhana, e o casamento de Leonor de Portugal, filha de D. Duarte, com o imperador alemão Frederico III. Ao realizar-se na pessoa de Carlos V um projecto tão complexamente preparado, não havia aí pouco sangue ou poucos desígnios da dinastia de Avis⁽⁴⁾. Mas se, segundo parece⁽⁵⁾, os reis D. Manuel I e D. João III se abstiveram de aceitar as coroas hispânicas, ou pelo menos a de Castela, que a revolução «comunera» a ambos oferecera contra Carlos V, não menos toda a política matrimonial desses dois reis visa a um inextricável envolvimento com a Espanha unida: D. Manuel casando com duas filhas dos reis católicos e depois com uma

(4) Carlos V era terceiro neto de três filhos de D. João I de Portugal: Duarte, pai de Leonor, imperatriz alemã; João, pai da rainha Isabel de Portugal, mulher de D. João II de Castela e mãe de Isabel, a Católica; Isabel, duquesa de Borgonha. Seu filho e da imperatriz Isabel de Portugal, Filipe II, ainda é mais português do que ele, necessariamente.

(5) Cf. os nossos *Estudos* citados e as referências indicadas neles.

sobrinha delas; ele mesmo e depois o príncipe D. Miguel da Paz, filho do primeiro matrimónio, jurados herdeiros de todas as coroas hispânicas; D. João III e sua irmã Isabel respectivamente casando com Catarina de Áustria e seu irmão Carlos V; João e Joana, filhos de cada um destes dois casamentos, os pais de D. Sebastião. Foi a própria e tão gloriosa dinastia de Avis, nas suas ambições, quem criou a situação e o estado de espírito, que, ambos, não poderiam deixar de culminar num 1580, com Alcácer ou sem Alcácer Quibir. E basta compulsar as genealogias dos grandes de Espanha e de Portugal no século XVI para se verificar que as grandes famílias (e, como elas, uma legião da aristocracia menor que as servia e aos reis) haviam imitado as respectivas casas reais. O bilinguismo castelhanizante (que não é acompanhado de um bilinguismo lusitanizante dos Castelhanos, embora esteja ainda também por fazer, em qualquer extensão e profundidade, o estudo da penetração da cultura portuguesa em Espanha nos séculos XVI e XVII) não é senão o reflexo literário-cultural daquela situação e daquele estado de espírito. De 1580 a 1640 o centro de gravidade da vida política e da cultura desloca-se inevitavelmente para Madrid, e Lisboa não é, no gigantismo universal do império filipino, senão uma das muitas capitais, não exactamente provinciais, mas de reinos ou territórios mais ou menos inseridos nesse complexo imenso, cuja língua oficial era o castelhano. Uma aristocracia, grande ou pequena, estreitamente dependente (como as estruturas políticas ibéricas, muito antes do resto da Europa, a haviam forçado a ser) dos favores realengos para as suas rendas e comendas, ou para o reconhecimento e renovação dos seus títulos nobiliárquicos, não podia deixar de gravitar em torno da corte de Madrid, até porque, nela, estava o rei de Portugal que os Filipes eram, como conscientemente ou inconscientemente todos haviam trabalhado para que o fossem. Os vários esforços feitos — por accções políticas ou panfletos — para que a capital filipina se transferisse a Lisboa é mais um sintoma daquela união que havia sido calculada e buscada, e que não teria nunca incomodado patrióticamente ninguém nessas classes, se a capital tivesse vindo a ser Lisboa, ou se um rei originariamente português pelo nascimento e pela coroa se houvesse tornado o projectado recipiendário de todas as coroas hispânicas. Depois de 1580, e de fracassadas as tentativas do rei D. António — o prior do Crato — para despertar o País para algo de semelhante ao que acontecera duzentos anos antes, a aceitação é geral em favor do *statu quo* representado pela Monarquia Dual. É óbvio que nesta aceitação, como em tudo em política, excepto com os fanáticos ingénuos, haveria muito de ambiguidade; e haveria também o sonho dos cristãos-novos (e dos cripto-judaizantes portugueses ou de origem espanhola) de que Portugal viesse a ser, restaurado, o baluarte de uma tolerância que desaparecera em Espanha e cuja desaparição se comunicara a Portugal (sobretudo desde quando o cardeal D. Henrique assumira a regência, na menoridade de D. Sebastião). Estas circunstâncias têm servido a confundir-se o sentido do que, no período filipino, parece um separatismo «resistente», e é mais ideológico-religioso do que patrioticamente político. E deverá ser igualmente óbvio que os interesses da intolerância e de um catolicismo pós-tridentino (assumidos não necessariamente pelos cristãos-velhos em bloco, mas pela coligação de interesses terratenentes, rendosas capitâncias ultramarinas, burocracia palaciana gerada pelos monopólios centralizadores, etc., contra qualquer forma de mercantilismo bancário e urbano) tinham igualmente

participado, com pesadas responsabilidades, na aceitação de um esquema que correspondia a uma imagem da Espanha como a defensora — mais ainda que os próprios papas — da unidade católica da Europa, desfeita nas guerras de religião e na catástrofe política da Reforma vitoriosa em tantas áreas decisivas. Entre estas duas óbvias correntes, uma outra, muito ibéricamente internacionalizada, era a que via com simpatia uma reformação espiritual que, com larga tolerância, autorizasse um iluminismo individualista que os «alumbrados», com os seus tão diversos matizes e as suas maquinizações intelectuais necessariamente disfarçadas de muita ortodoxia, personificaram de uma forma ao mesmo tempo pertinaz e evanescente⁽⁶⁾. Tudo isto se cruza e entrecruza na época de 1580–1640, e não deixa de reflectir-se nas décadas ulteriores. E só neste nuançado contexto é possível compreender as atitudes dos homens que, em 1580 (alguns deles personalidades de alta integridade política e intelectual), aceitam a união (muitos, provavelmente, até por considerarem praticamente impossível que um país que eles não podiam senão julgar decapitado pelo desastre de Alcácer, aonde sobretudo as classes dirigentes se haviam visto privadas de chefes de casas e de herdeiros delas muito mais que o próprio «povo», pudesse resistir, sem graves inconvenientes de salvaguarda política do que era possível salvar, aos exércitos mais disciplinados e mais eficientes da Europa), como a daqueles que se instalaram, para as suas carreiras, adentro do esquema da Monarquia Dual (e são na verdade todos, nas décadas posteriores à entrada de Filipe II em Portugal). Se o «povo» português (as populações rurais, as burguesias urbanas, alguma pequena aristocracia) era e se terá mantido anticastelhano⁽⁷⁾, conservando-se fiel à ideologia senhorial galaico-duriense, que fizera, nos séculos XI e XII, a construção política da independência nacional, e se esse anticastelhanismo poderia ser assumido por sectores das classes dirigentes, como o veio a ser em 1640 e nos anos imediatamente anteriores⁽⁸⁾, não menos cumpre reconhecer que, segundo os hábitos políticos da Europa (e por muito pouco Europa que se pretenda que Portugal tenha sido), a união de coroas na pessoa de um príncipe estrangeiro não

⁽⁶⁾ Veja-se, a respeito desta importante e complexa corrente, que não mereceu ainda reconhecimento por parte da crítica portuguesa, o nosso verbete «Alumbrados», no já referido *Grande Dicionário* (e pelo menos alguma da bibliografia citada nele).

⁽⁷⁾ Colocamos entre comas o vocábulo *povo*, para sublinhar quanto é convencional o variável sentido — estritamente dependente de ideologias de classe ou de propaganda política — com que ele foi sempre e continua a ser empregado. O parêntese definidor que se segue, e limita o sentido com que opomos «povo» e «oligarquia», não pretende, de modo algum, indicar que aqueles outros grupos ou camadas da população foram todos, e em bloco, fiéis ao anticastelhanismo tradicional, mas sim que mais esses grupos que os oligárquicos terão sido majoritariamente, ainda que com a humana indiferença do dia a dia, e sujeitos ao condicionamento político-religioso que «de cima» os enquadrava, *mais* fiéis. Sobre os usos políticos do conceito de *povo* através dos tempos, veja-se o admitável e desmistificador livro de George Boas, *Vox Populi: Essays in the History of an Idea*, Baltimore, 1969.

⁽⁸⁾ Leia-se a *Epanáfora Política*, de D. Francisco Manuel de Melo («Alterações de Évora, Ano de 1637», que é também seu título original, e sob o qual há acessível a edição de Joel Serrão, Lisboa, 1967), aonde existe uma fina análise das reacções das diversas classes e grupos em relação à ideia de «restauração», e que conteúdo esta tinha para eles. Note-se que é por extensão simplificadora que assimilamos a ideologia que se separou de Leão, com a sua anterior vivência em face da Castela que a Leão veio a assimilar. Mas, na verdade, após a união definitiva, no século XIII, Leão e Castela são uma unidade dual representada politicamente só por Castela, qual apareceu a Portugal na crise de 1383.

afectava necessariamente uma concepção de patriotismo, que era sobretudo geo-cultural (e não mitologicamente romântica), e muito menos o oportunismo político que era de regra para indivíduos e instituições⁽⁹⁾. Os louvores do P.^o António Vieira à Monarquia Dual, quando já triunfara a revolução de 1640 e a notícia não havia chegado ainda à Baía⁽¹⁰⁾, em nada impediram a Companhia de Jesus — muito pelo contrário — de escolhê-lo precisamente a ele para ir a Lisboa cumprimentar o novo rei, nem prejudicaram que D. João IV tivesse tomado em pessoal simpatia, descontada a «lábia» dele (na expressão mesma desse rei), o fogoso baiano nascido em Lisboa⁽¹¹⁾.

Nos seus escritos de toda a espécie, que directa ou indirectamente tenham que ver com Portugal, Faria e Sousa patenteia um acrisolado amor à Pátria e aos seus valores históricos e culturais — e nisso há que distingui-lo de muitos outros «castelhanizados» que, antes ou depois dele, ainda que em alto nível, se dão a uma integração praticamente absoluta [sirvam de exemplo, antes dele, Jorge de Montemor ou Gregório Silvestre, ou, no século XVII, um João de Matos Fragoso⁽¹²⁾], pelo menos na aparência, se não na realidade. E o resto da Europa, como a própria Espanha, largamente por esses tempos a tais valores conhecerá através da sua prosa castelhana, se bem que elegante, salpicada de lusismos. Quando se dá a Revolução de 1640, e Faria e Sousa fica em Espanha (e outros que se apressaram a vir, logo que puderam, não vieram encontrar o reconhecimento que as suas capacidades prometiam a um momento tão em crise de altos valores de toda a espécie dedicados

(⁹) Nunca é demasiado acentuar estes pontos, sobretudo quando, como em Portugal, mesmo espíritos críticos dos melhores ainda têm do patriotismo a concepção burguesa imposta e difundida pelo século XIX. E isto, por certo, por se não haver processado em extensão e profundidade convenientes, apesar de tão louváveis investigações em anos recentes, a crítica sistemática de concepções que, aplicadas à história nacional e ao entendimento dos escritores, distorciam indevidamente o que não tinha nem podia ter igual sentido em épocas anteriores. É certo que Portugal, desde a independência, e diversamente de outros territórios europeus, não possuía hábitos de passar de mão, como sucedia e continua a suceder a vastas áreas da Europa inteira. Mas o critério da legitimidade, basilar a uma concepção dinástica da monarquia, e o de herança de um título como propriedade, ainda que esta fosse uma nação, não menos informavam, e continuaram a dar forma às transferências que as oligarquias não podiam, sem demitir-se, recusar frontalmente. Daí também o oportunismo com que pessoas e entidades se adaptavam às circunstâncias, uma vez que era politicamente impensável, ou dificilmente possível, desafiar, em termos modernos de «oposição», os poderes estabelecidos que se sucediam segundo a legitimidade tradicional (independentemente dos sofismas com que se legitimavam, ou daqueles com que eram na aparência e nos hábitos quotidianos reconhecidos e aceites como «estabelecidos» que eram).

(¹⁰) É o sermão de Dia de Reis, pregado a 6 de Janeiro de 1641, na capela do Colégio dos Jesuítas na Baía, e que, quando na velhice a tal ponto reúne os seus sermões em volume que difícil é crer que só por acaso alguns lhe tenham escapado, Vieira «esquece» incluir na edição dos *Sermões* (como, aliás, outros, pregados ou escritos para serem enviados e lidos, e que igualmente podiam desdourar a sua imagem). No estudo que temos em preparo sobre a cronologia dos sermões de Vieira, estes aspectos, e outros, são devidamente apontados e analisados. O sermão em causa só veio a ser publicado muito póstumamente, em 1748.

(¹¹) Cf. a *História de António Vieira*, de J. Lúcio de Azevedo, ainda hoje não substituída por obra que revisse e ampliasse, com mais actualizada informação e maior penetração psicológica, a figura da extraordinária personalidade — ela mesma tão típica dos oportunismos do século XVII — que o jesuíta foi.

(¹²) Vejam-se, acerca dos dois primeiros, as referências que lhes fazemos nos nossos livros de estudos camonianos e, do segundo, os *Estudos de História e de Cultura* antes citados.

à tremenda aventura de desafiar, nas fronteiras e no contexto diplomático internacional, a Espanha, como foi o notório caso do já mencionado D. Francisco Manuel de Melo) (¹³), ainda está para saber-se se ele não aceitou ser, ou se não era já, um agente secreto da Restauração, e se não representou, de facto, o papel de um necessário agente de ligação, que serviu para ele ser posto no pelourinho da história ainda com maior indignação (¹⁴), quando, precisamente pelos critérios anacrónicos que o condenavam, deveria ter servido para enaltecer-lo, senão para simplesmente compreender mais intimamente como se configuravam, na obediência dinástica a um trono restaurado, as lealdades daqueles homens do Barroco (¹⁵). A obra de Faria e Sousa, como a de tantos outros de um dos períodos mais curiosos e menos estudados da história portuguesa, tem de ser julgada no contexto político-cultural do seu tempo, e não com os anacronismos de nacionalismo burguês e romântico que ainda tanto pesam nos prejuízos historicistas portugueses. Portugal foi — se o não é já — longamente um País *hispânico* e agindo como tal, cuja história e cuja cultura são incompreensíveis, se tomadas isoladamente do complexo ibérico, da mesma forma que a história e a cultura da Espanha, pela tremenda vaidade do imperialismo castelhano, são na verdade incompreensíveis sem a presença influente e decisiva daquele Portugal que, em 1580, tinha já mais de quatro séculos, não só de nação independente, mas de nação que se projectara, antes de nenhuma outra, numa expansão fulgurante, e a partir de fronteiras que ficaram, com ligeiras diferenças, estabilizadas até hoje, como haviam sido estabelecidas em meados do século XIII.

(¹³) Cf. os estudos de Edgar Prestage sobre esta figura máxima do século XVII português.

(¹⁴) Aludimos ao, aliás, valioso ensaio histórico de Camilo Castelo Branco, de grande interesse, como tantos outros do mesmo teor que compôs e não são tão estimados como deveriam. Vem inserto em *Mosaico e Silva*. Mas Camilo abona-se da informação de Francisco Xavier de Meneses, 4.º conde da Ericeira (que foi quem fez a revelação sobre tais actividades de Faria e Sousa, entre 1640 e o ano da sua morte), para invectivar o autor do *Epítome*. Note-se, aqui, que o modo como Camilo usa as diferenças textuais entre aquela obra histórica e a ampliada versão póstuma que é a *Europa Portuguesa* é tendencioso. Sob aspectos comparativos das duas versões, veja-se o nosso estudo «Manuel de Faria e Sousa», que é um dos capítulos dos já citados *Estudos de História e de Cultura*. Um outro ponto merece, desse «Manuel de Faria e Sousa — Estudo Histórico», por Camilo, aqui reparo, por se relacionar estreitamente com a matéria da nossa introdução histórica neste prefácio. E é aquele em que ele ataca Faria e Sousa, pela maneira como se refere ao rei D. António e seus partidários, em contraste com o modo como trata as actividades de Cristóvão de Moura e a subida de Filipe II ao trono. Apesar do seu relativo desdém pela nobreza de grandes linhagens, que não escapou ao arguto senso de Camilo, Faria e Sousa não era, nem podia ser já (nascido quando ao exilado rei efémero apenas restavam cinco anos de vida), um membro ou partidário daquele «povo» que definimos antes, e que, com alguns membros da aristocracia tradicional, tomara o partido de D. António. Exactamente nos termos que genéricamente definimos para a sociedade portuguesa do seu tempo. Voltaremos a referir o estudo de Camilo, adiante.

(¹⁵) Enquanto o rei de Espanha fosse rei de Portugal, a lealdade, pelo menos externa (e a prosa de Faria e Sousa é tipicamente barroca na sua ambiguidade complexa), iria para ele. A partir do momento em que a monarquia portuguesa estivesse restaurada, a lealdade «interior» poderia exercer-se livremente, ainda que com as cautelas exigidas não só por uma situação de exceção (e Faria e Sousa já em 1634 havia passado três meses e meio na cadeia, em Espanha, por suspeito de «inconfidência»), como até pelo papel difícil que, como agente secreto, ou para contactos secretos, exerceria depois de 1640. Repare-se, porém, que, durante aqueles nove anos que ainda viveu, um polígrafo tão pronto como ele era não tomou parte na guerra de panfletos com que, de um lado ou de outro, se afirmava ou negava a legitimidade de D. João IV. Teófilo Braga, em *Os Seiscentistas*, Porto, 1916, no longo capítulo que dedica a Faria e Sousa, e em que reconstitui a sua biografia (o que nos cumpre compulsar com a maior cautela, pelas extrapolações biográficas que eram seu método), rebate a «acusação» de espião com que Camilo desejava diminuir a memória

Disto tem plena consciência Faria e Sousa nos seus escritos históricos, como nos seus comentários a Camões, e chega a ser obsessiva a insistência com que a Portugal, como entidade *autónoma* e bem definida, ele se refere. De modo que o Faria e Sousa que escolheu ser, em Espanha, e através do espanhol, um propagandista de Portugal e de Camões, não é nem mais nem menos castelhanizante que muitos outros que passaram a fronteira, ou em Portugal estavam, e que continuaram, em pleno estado de guerra, que durou quase três décadas, o bilinguismo cultural e linguístico. É realmente só a partir dos fins do século XVII que uma tal situação se transforma ou começa a transformar-se, e Portugal passa a viver, ou a subsistir, *contra* a Espanha (independentemente de aproximações diplomáticas que são evidentes no século XVIII e princípios do XIX, para não falarmos do que há de excessivamente coincidente, logo depois, quer entre o liberalismo dos dois países, quer entre os dois absolutismos que ao liberalismo combatem) (16). Mas naquele tempo do século XVII, cuja segunda metade Faria e Sousa não teve vida para ver, até os judeus portugueses, e que portugueses se declaravam nos seus exílios europeus, escreviam as suas obras no que fora e ainda era a língua franca: o castelhano (17).

Este Manuel de Faria e Sousa, quem era? Segundo ele mesmo nos informa, inserindo a genealogia dos diversos ramos de Farias nas suas notas à edição castelhana do *Nobiliário do Conde D. Pedro*, publicada em Madrid, 1646 (cols. 672 e seguintes), os Farias teriam tido origem num Fernando Pires de Faria, alcaide-mor de Miranda, em tempos de D. Afonso III, ou, mais seguramente, num seu

de Faria e Sousa, acentuando que a correspondência conhecida, entre D. João IV e ele, diz respeito à busca e aquisição de raras espécies bibliográficas musicais. O que, na sua visão redutora de Braganças, lhe serve para insinuar que o rei de Portugal, em circunstâncias tão difíceis quais eram as do seu trono precário, se ocupava mais de música que de política. E não lhe terá ocorrido que essa mesma correspondência (se não deixa de estar afinada pelas características político-militares daqueles tempos, em que uma guerra se fazia por «campanhas», com intervalos às vezes longos de relativa tranquilidade, e quando não havia, de modo algum, uma mobilização total que mantivesse, politicamente, uma atmosfera de estado de guerra permanente — além de nada haver de extraordinário ou pecaminoso em que D. João IV, de vez em quando, se ocupasse da sua coleção musical) poderia ser, cifradamente, a cobertura evidentemente necessária a Faria e Sousa para informar o rei. Que queria Teófilo que houvesse? Relatórios explícitos, em que Faria e Sousa jogasse a cabeça e o rei perdesse a sua rede de espionagem em Madrid? Por outro lado, se Faria e Sousa, para justificar aquela correspondência, não andasse à procura de raridades musicais e não as adquirisse para o seu ilustre e perigosíssimo correspondente, como é que a própria correspondência, se interceptada ou lida pela contra-espionagem, se justificaria? Por outro lado, no seu esforço de iliberar Faria e Sousa do que não necessitaria de desculpa nenhuma, Teófilo insiste, com justeza, em como os portugueses eram estritamente vigiados em Espanha e lhes era extremamente difícil deslocarem-se, já que o Governo Espanhol sempre suspeitava que eles (ou alguns deles) tratavam de dar voltas europeias para se escaparem para Portugal.

(16) Eis outro capítulo comparativo de história luso-castelhana que está inteiramente por explorar: a interpenetração de vicissitudes do liberalismo e da reacção absolutista em Portugal e em Espanha, e que é, não só pelas repercussões e influências de um país a outro, como pela própria actividade diplomática, extremamente íntima.

(17) Está igualmente por fazer, de um ponto de vista português, e usando o material disponível e a numerosa bibliografia de origem judaica antiga e contemporânea, a história dessa emigração. E isto é tanto mais grave quanto grande parte moderna desta bibliografia, não sendo de inspiração *sefardita*, tem enorme dificuldade em compreender, mesmo judaicamente, os judeus peninsulares que o eram, e não os *asquenázis* que hoje representam a maioria esmagadora do judaísmo.

filho, Nuno Gonçalves de Faria. A este veio a suceder na casa um filho segundo, Álvaro Gonçalves de Faria, que, casado com uma Maria de Sousa⁽¹⁸⁾, foi pai de João Álvares de Faria, combatente de Aljubarrota, a quem de facto Fernão Lopes menciona. Casado este com a filha de um cidadão de Lisboa⁽¹⁹⁾, teve pelo menos dois filhos, Álvaro de Faria (que foi comendador de Avis e se achou nas Cortes de 1385, segundo a *História Genealógica da Casa Real*) e Afonso Anes de Faria. Este último, de uma desconhecida esposa, teve também dois filhos, Fernão Dias de Faria e Pedro Álvares de Faria. Este Pedro Álvares (dito do Pincelo), de uma esposa igualmente desconhecida, teve um João Álvares de Faria e uma Beatriz de Faria. Esta senhora (ramo último dos Farias, como acentua Faria e Sousa) casou com certo Francisco Novais, de Guimarães, e foi mãe de uma Catarina de Faria, que casou com Manuel de Sousa Homem, senhor de Valmelhorado, em Pombeiro. São eles os pais de Estácio de Faria, o qual, segundo o neto que dele está a escrever como resumimos, serviu nas armadas com o governador da Índia Diogo Lopes de Sequeira, teve ofício na Fazenda do Brasil, foi douto em letras, «gastou mais que juntou», e fez filhos em duas mulheres. De uma Francisca Ribeira, do couto de Pombeiro, teve Luísa de Faria, a mãe, com Amador Pires de Eiró, da Quinta da Caravela «e mestre de seus filhos», de Manuel de Faria e Sousa, cavaleiro de Cristo e da Casa Real, nascido em Souto (de Pombeiro), em 1590. Ia para eclesiástico, mas casou com Catarina Machado, filha de Pedro Machado, contador da Chancelaria do Porto, e de Catarina Lopes de Herrera, que o genro declara sepultada na Sé daquela cidade, e teve entre outros filhos a Pedro de Faria e Sousa, capitão da infantaria espanhola, que em Madrid casou com Luísa de Nárvaez. Neste resumo, que fizemos, do que é tratado com muita da secura própria de tais notas, não podia dizer Faria e Sousa, ao apresentar os diversos ramos da família a que pertencia pelo mais modesto, que aquele seu filho, logo vindo para Portugal após a morte do pai, foi muito bem recebido por D. João IV⁽²⁰⁾, e viria a ser o preparador, para publicação, de grande parte da enorme massa de inéditos do eminentíssimo polígrafo.

Antes de, para melhor conhecimento do quadro familiar de Faria e Sousa, darmos notícia dos outros ramos de Farias, notemos que a directa genealogia dele,

⁽¹⁸⁾ Tenha-se presente que, para as realidades ou fantasias genealógicas, ter uma Sousa na família, se um Sousa se não arranjava, lá para os lados vetustos dos séculos XIII e XIV, era uma maneira de deixar na dúvida, quando mais não podia provar-se, algum direito a ser-se contado na genealogia da casa real portuguesa, não tanto pelos Sousas, que, todavia, se perdiam nas noites aristocráticas das origens hispânicas, sendo que o primeiro deles, registado pelo conde D. Pedro de Barcelos, teria sido um D. Soeiro Belfaguer, pelos anos 800, e obviamente godo, mas sobretudo porque com uma Sousa casara um daqueles bastardos de D. Afonso III, que tanto contribuíram para azular especialmente as genealogias peninsulares: Afonso Dinis, que foi mordomo-mor de ninguém menos que a rainha Isabel de Aragão, sua santa cunhada, e o chefe da casa de Sousa, por herança daquele matrimónio. Há que acentuar, quanto a genealogias, que, ao contrário do que historiadores e genealogistas se obstinam em crer, as mentiras genealógicas são tanto ou mais importantes para a história social que as verdades escondidas, suprimidas ou alteradas pela posteridade interessada e interesseira.

⁽¹⁹⁾ Faria e Sousa não soube ou não cuidou de saber o nome desta antepassada. Chamava-se Mécia Teles, segundo a *H. G. da C. R.*, xi, 301.

⁽²⁰⁾ Deste facto tira Camilo (est. cit.) a conclusão de que, com tais favores, mais pagava o rei os serviços do pai que a prontidão do filho em passar-se a Portugal após a morte dele (cerca de dez anos depois de 1640).

acima referida, oferece curiosas características que abonam em favor da franqueza e da honestidade de Faria e Sousa, no que nessa matéria lhe dizia respeito⁽²¹⁾: ele não escondeu nem diminuiu o facto de que o seu ramo de Farias era o último de todos (o 7.º); não suprimiu a sua 6.ª avó, de declarada origem burguesa lisboeta, como podia ter feito, simplesmente não a mencionando; não inseriu, mesmo, duvidosas esposas para os avós que não descobrira com quem haviam casado; e não deu como legítima a progénie de seu avô Estácio, uma das filhas do qual era sua mãe, por quem o Faria lhe vinha, nem deixou de sublinhar a origem plebeia ou pouco mais daquela Francisca Ribeira, do couto de Pombeiro, sua avó materna. É um pouco como se ele se orgulhasse de, com tudo isso, não deixar de ser um

(21) No mesmo estudo citado, Camilo acusa Faria e Sousa de, para servir amavelmente ao marquês de Castelo Rodrigo, patrono da edição do *Nobiliário*, e de quem mais adiante nos ocuparemos, suprimir do primitivo texto as palavras «baptizado em pé» referentes ao judeu Rui Capão, que o próprio Camilo declara «tronco de muita fidalguia da península», como efectivamente era. O caso é que tal supressão era tanto do interesse daquele Moura quanto o seria para a esmagadora maioria dos grandes de Espanha e de Portugal (e não só «muita fidalguia»), todos igualmente descendentes daquele almoxarife da rainha D. Urraca de Castela. Ninguém, todavia, ignorava o tremendo escândalo provocado décadas antes com o famoso e difundido *El Tizón de la Nobleza Española o Máculas y Sambentos de sus Linajes* (de que há rara e muito má edição moderna, Barcelona, 1880), pelo seu autor, o cardeal D. Francisco de Mendoza y Bobadilha († 1566), que o compôs para vingar-se de que o Conselho das Ordens tivesse pedido prova de limpeza de sangue a um sobrinho seu, e o enviou ao rei Filipe II, que, com calculada ironia, o remeteu ao mesmo Conselho para informação, donde logo passou, por cópias clandestinas, ao conhecimento geral. Não só por Rui Capão (e uma copla popular se lhe referia: «*Del Rey Capo es descendiente / Casi toda la nación. / Pués cómo Rey tan potente / Se apellida Rey Capón?*»), como por muitos outros judeus, escravos, mulatos, plebeus, ninguém escapava de alguma mácula na pureza do sangue azul e de cristão-velho, nem mesmo os duques de Bragança, que viriam a ser reis de Portugal: a lista do cardeal era interminável e inexorável. E note-se que esse suprimir de sangues duvidosos, ainda que longínquos (quando o eram, já que o século XVI e o XVII haviam conhecido uma tremenda infusão de sangue cristão-novo nas velhas famílias), não é necessariamente o pretensiosismo aristocrático que historiadores e genealogistas usualmente nele vêem. As exigências das estruturas estabelecidas pelos cristãos-velhos, no seu oligarquismo sócio-religioso, não só os levariam a eles mesmos a desejar clidir o que, de velhos antepassados, colidia com aquelas exigências, como forçava incutivelmente os menos «velhos» ou muito «novos» a falsificarem ou deixarem em branco muitos ramos das suas árvores, já que quase toda a promoção social, quando não a segurança individual, dependia estritamente de uma tal hipocrisia absolutamente oficializada. Acrescente-se que, se as famílias de origem cristão-nova eram cripto-judaicas, ou simpatizantes de uma liberalização que a elas mesmas libertaria de pechas tão inconvenientes, ou mais complexamente conservavam tradições de espiritualismo «alumbrado» (em que convergem fortes influências do misticismo judaico), todas elas, soubessem-no ou não, obedeciam atavicamente, que mais não fora, à moralidade social — sem contradição com a moral de consciência — reconhecida e praticada pelos Judeus em tempos de perseguição, e segundo a qual o constrangimento da liberdade da fé autoriza a mentira acerca dela (ou, como agora melhor se comprehende, acerca do sangue que a simbolizaria). É esta complexa atitude o que nos parece que tem escapado aos historiadores do judaísmo ou dos cristãos-novos peninsulares, ou da Inquisição que os vigiava, e tem perturbado a investigação de a que ponto eles mesmos não terão, muitas vezes, manipulado a própria Inquisição para, com ela, se protegerem dela (e oferecendo, de vez em quando, vítimas em holocausto ao *statu quo* de que subsistiam ou conseguiram prosperar, como aquela moral também autorizava, sempre que um caso descoberto ou impossível de salvar fizesse correr perigo ao resto da difundida colectividade clandestina). Assim se explica, melhor que apenas por fanatismo de neófitos que não hesitam em vender a família para provar a sua fidelidade à nova fé, a prática de certas denúncias que nos parecem infames e miseráveis: a denúncia do que a Inquisição estaria a ponto de descobrir, automaticamente poderia levar a instituição a focar um processo numa vítima ou vítimas expiatórias da salvação dos outros, que se protegiam e aos seus pela própria denúncia de quem não era possível já salvar. A conversão forçada dos Judeus e o autocáratico estabelecimento da religião de

Faria e um Sousa, sobretudo pelos méritos pessoais, que o faziam merecer melhor lugar na escala genealógica da sociedade do seu tempo e do mesmo passo o elevavam com mais individual dignidade do que poderia acontecer com descendentes, seus contemporâneos ilustres, daquela quantidade de gente cujas árvores ele e os mais autores da edição copiosamente anotavam, trazendo-as desde os meados do século XIV, onde o conde D. Pedro houvera de deixá-las, até ao XVII, quando tanta dessa gente, com modestas origens, se tornara grande do mundo, a quem Farias, para sobreviverem e se publicarem, tinham de fazer estrondosas dedicatórias ou epítalâmicos poemas⁽²²⁾.

É, porém, extremamente curioso, e *camonianiano* a mais de um título, examinar brevemente os outros ramos de Farias. Aquele João Álvares de Faria que casou com uma burguesa lisboeta teve como filho mais velho a Álvaro de Faria⁽²³⁾, que casou com uma Isabel da Silva — e aqui vemos os Farias associando-se aos Silvas, que tão importante papel, em Portugal e em Espanha, viriam a representar nos séculos XVI e XVII. Deste casamento nasceu Lourenço de Faria, que foi alferes-mor

Estado não podiam deixar de criar estas terríveis duplicidades, que, em Portugal, quanto a nós, são a chave, ao mesmo tempo, da desaparição do problema judaico, quando a Inquisição é finalmente abolida pelas forças mais interessadas na abolição dela (e não apenas porque uma perseguição eficaz contribui para uma resistência que desaparece no momento em que deixa de ser suscitada pela perseguição mesma, como o historiador António José Saraiva veio a aventure nos seus mais recentes ensaios sobre a questão), e, como não tem sido ligado com este problema, a chave do extremamente relativo indiferentismo religioso da população portuguesa, se compararmos a vida lusitana, nesse plano, com o que sucedeu em Espanha, aonde as perseguições haviam começado antes, e sem as moratórias que, em Portugal, deram tempo para uma miscegenação mais vasta e mais profunda. Aquelas duplicidades genealógicas são, deste modo, um dos aspectos e avatares do que é a essencial «duplicidade» da Época Barroca.

(22) Repare-se que, subjacente a isto, não há apenas a velha mentalidade senhorial da pequena aristocracia descendente da primitiva nobreza sem títulos — o ser-se nobre pelo geral consenso da tradição e «por la gracia de Diós» (cf., nos nossos *Estudos de História e de Cultura*, a pitoresca atitude dos Alarcóns de Espanha numa demanda em que haviam de provar os seus «títulos» que não tinham, bem como a doutrina expandida, a tal respeito, pelo Dr. Huarte de San Juan, no seu notável *Examen de Ingenios para las Ciencias*, Valência, 1580, obra que continuou a ter edições pelo século XVII adiante) —, mas também uma concepção humanista da nobilitação pela *virtù* (a qual, acentue-se, não era a «virtude» cristã, mas a afirmação social de uma personalidade), qual o próprio Camões, em *Os Lusíadas*, expõe, ao acentuar que a nobreza se justifica pelas obras e o espírito, e não por um nome herdado (VIII, 39–42), num passo em que as ambiguidades de ignorarem-se os antepassados «impróprios» são igualmente referidas. Mas há mais: repare-se como esta concepção da nobreza (como merecida ou justificada promoção ou situação) vai de passo, na própria estrutura de *Os Lusíadas*, com a doutrina euvemérica da origem dos deuses pagãos como heróis humanos consagrados pela promoção ao divino (o que é, também, e como Faria e Sousa finamente entendeu, a *outra face* neoplatónica de os deuses serem personificações que a incapacidade humana para entender e aceitar a abstracção espiritual da divindade unitária cria para os diversos atributos dessa divindade) — assim como os deuses eram figurações parcelares de Deus (sem deixarem, por isso, de ter uma *realidade* pagã que necessariamente chocaria a ortodoxia católica, como os inimigos de Camões e de Faria e Sousa não se esqueceram de denunciar) e personificações dos atributos da divindade, do mesmo modo a nobreza se merecia por *virtù* (a qual, com as suas profundas conotações laicas e pragmáticas, se assemelhava muito aos caprichos e oportunismos dos próprios deuses greco-romanos) e era como que emanação da própria essência de ser-se nobre no mais divino sentido, independentemente dos títulos que os reis podiam dar ou tirar a seu bel-prazer (ao que Camões abertamente se refere no passo citado).

(23) Álvaro de Faria, segundo a *História Genealógica*, achou-se nas Cortes de Coimbra em 1385 e foi comendador de Avis.

do príncipe D. João (depois D. João II) na Batalha de Toro, senhor de Évora Monte⁽²⁴⁾. Filhos dele são Simão de Faria, servidor daquele rei, e que casou com uma Sousa; Antão de Faria, que sucedeu naquele senhorio, foi alcaide-mor de Palmela, do conselho de D. João II, embaixador, etc.⁽²⁵⁾; Duarte de Faria, e outros. Aquele Antão de Faria, ilustre personagem, casou com Leonor Gonçalves de Oliveira, filha de João Gonçalves, da casa de D. Afonso V, e foi pai de Francisco, com quem se continua, de outros filhos, e de uma Joana que foi mulher de Nuno Fernandes de Ataíde, alcaide-mor de Alvor, senhor de Penacova, filho de Álvaro de Ataíde, pertencente à casa da infanta D. Beatriz, duquesa de Sabóia. Aquele Francisco de Faria, alcaide-mor de Palmela, comendador de Alcácer do Sal, senhor de Évora Monte, etc., cumpre-nos identificá-lo com o fidalgo que, ao serviço do duque de Coimbra, D. Jorge, filho de D. João II e mestre de Santiago, agasalhou em Setúbal o jovem Fernão Mendes Pinto, após ter sido desembarcado, com outros, em Melides, pelos corsários franceses que haviam apresado a caravela em que, por motivos não explicados, ele fugira de Lisboa (*Peregrinação*, capítulo 1), e a quem o aventureiro que iniciava a sua carreira serviu quatro anos, antes de passar à casa do próprio mestre de Santiago, donde, insatisfeito com a «moradia» que lhe davam («que então era costume dar-se nas casas dos príncipes», como ele declara), se passou à Índia⁽²⁶⁾. Francisco foi marido de Joana da Silva e Castro, filha do regedor Aires Gomes da Silva e de Guiomar de Castro, filha de Garcia de Castro,

⁽²⁴⁾ Faria e Sousa ignora quem foi a esposa de Lourenço de Faria, com quem se inicia a linhagem dos alcaides-mores de Palmela. Foi, segundo a *História Genealógica*, outra Silva, com quem o envolvimento Farias-Silvas prosseguia — Guiomar da Silva, filha de Diogo da Silva.

⁽²⁵⁾ Este Antão de Faria foi embaixador de D. João II, enquanto príncipe, e homem de confiança dele — e foi quem de França expediu a carta em que D. Afonso V declarava abdicar em seu filho (cf. *História de Portugal*, de Barcelos, III, 151). Mais tarde, apesar da amizade que o ligava ao monarca, terá sido dos que se pronunciaram contra a nomeação do bastardo D. Jorge como herdeiro do trono — sem prejuízo de seu filho Francisco, adiante referido no texto, ter vindo a ser bem alto e responsável servidor daquele D. Jorge, conforme adiante no texto igualmente se vê, uma vez que era, por conta dele, alcaide-mor da sede da ordem de que o duque de Coimbra era mestre.

⁽²⁶⁾ Tendo nós presente que o duque D. Jorge, pelos parentes Mendonças, que eram os seus por parte de sua mãe, não estava livre de pecha judaica ele mesmo, e quanto se pode suspeitar que Fernão Mendes Pinto era ele mesmo cristão-novo e muito próximo parente dos famosos Mendes abertamente judeus em Antuérpia e Constantinopla (cf. a notável tese doutoral de Rebecca Katz, policiopiada, *Iconoclasm as Literary Technique: A Study of the Satiric Devices used in the «Peregrinação de Fernão Mendes Pinto»*, aprovada pelo Universidade da Califórnia, em Los Angeles, 1972), bem como as ligações do círculo do infante D. Luís e do filho daquele duque, D. João de Lencastre, 1.º duque de Aveiro, e mais família, com gente «espiritualmente» suspeita, que logo mais tarde se vê concentrada em torno do príncipe D. João e da princesa D. Joana, os pais de D. Sebastião, a protecção de Francisco de Faria, dispensada a Fernão Mendes Pinto, poderia ser vista à luz daquelas oífluscações ambíguas de que tratámos na nota 21, e mesmo o envolvimento dos ulteriores duques de Aveiro e sua gente com a Inquisição, já apontada por autores como feudo deles, poderia ser investigado a uma luz diversa, tanto mais quanto os duques de Aveiro herdaram o amargor de seu originário pai pelo trono perdido (e por isso são os grandes de Portugal mais demorados em reconhecer o rei D. João IV, como viriam a ser quem atentaria frontalmente contra um Bragança na pessoa de D. José I). A quesíolia era, aliás, antiga, recordemo-nos: os Braganças haviam ascendido na luta contra a família de Avis directa, haviam atentado contra ela nas conspirações contra D. João II, e ainda por cima viriam a preterir no trono os que eram os descendentes directos deste último rei.

irmão de Álvaro de Castro, 1.º conde de Monsanto⁽²⁷⁾, e depois marido, também, de Guiomar da Silva, viúva de Sancho de Tovar⁽²⁸⁾. Filho do primeiro casamento e seu herdeiro foi outro Antão (ou António) de Faria, marido de Leonor de Vilhena, filha daquele Sancho de Tovar e de sua madrasta, Guiomar da Silva. São os pais de Francisco de Faria, comendador de Santiago e que morreu indo a Trento com seu tio, o embaixador Diogo da Silva⁽²⁹⁾; de Sancho de Faria, marido de Antónia de Faria, filha do almotacé-mor Baltasar de Faria e de sua mulher, Isabel Brandoa, e que morreu em Alcácer Quibir; e de uma Guiomar da Silva, esposa de Jorge de Meneses, senhor de Alconchel. Aquele Sancho de Faria e sua mulher tiveram: Francisco de Faria, herdeiro e alcaide-mor de Palmela (e que morreu em 1645, como diz a H. G. e Faria e Sousa não podia saber ao tempo de compor as suas notas), Pedro da Silva, que foi inquisidor de Lisboa, e uma Maria de Vilhena, mulher de Nicolau de Faria. Este outro Francisco de Faria casou com Joana de Meneses, filha de António de Vasconcelos e Meneses⁽³⁰⁾, e foi pai, entre outros, de Sancho de Faria, seu herdeiro, casado com sua prima Mariana da Silva, filha de sua tia Maria de Vilhena e do almotacé-mor Nicolau de Faria. Aqui findava o ramo dos alcaides-mores de Palmela, até às vésperas de 1640⁽³¹⁾, o 1.º ramo da família.

O segundo ramo, proveniente daquele Duarte de Faria, acima referido, tem para nós grande interesse na pessoa de uma filha deste, Antónia de Faria, esposa de Francisco Mateus Galvão, descendente directo de D. João Galvão, arcebispo de Braga, e da sua amácia Guiomar de Sá, filha de João Fernandes de Miranda e de Filipa de Sá, dos «Sás de Coimbra»⁽³²⁾. Filha da Faria e do Galvão é Ana

⁽²⁷⁾ Sobre estes Silvas e estes Castros, ver não só os nossos citados *Estudos*, bem como o ensaio introdutório do nosso volume *A Estrutura de «Os Lusíadas»*, etc., Lisboa, 1970, para a importância que eles tiveram, e para o quanto são camonianamente relevantes. O casamento de Francisco de Faria colocava-o dentro de um vasto clã de interesses e títulos que, em poucas décadas, teria em grande parte o *contrôle* administrativo ou o favoritismo político em Portugal e em Espanha.

⁽²⁸⁾ Os Tovar, através de Coutinhos e de Távoras, são parentes de Cristóvão de Moura, 1.º marquês de Castelo Rodrigo, cujo filho, o 2.º marquês, é um dos protectores de Manuel de Faria e Sousa.

⁽²⁹⁾ Este Diogo da Silva é o frei Diogo, bispo de Ceuta e confessor de D. João III, e primeiro inquisidor-mor, cargo de que, pode dizer-se, foi forçado a renunciar, por a sua tolerância não corresponder às exigências dos extremistas.

⁽³⁰⁾ Este Vasconcelos e Meneses era filho do arcebispo de Lisboa, Fernando de Vasconcelos, e, como tal, sobrinho de João de Vasconcelos e Meneses, 2.º conde de Penela (e de sua mulher, que era Ataíde, Sousa e Henriques), de Beatriz da Silva, de quem descenderam os Atouguias, de Maria da Silva (mulher de João Freire de Andrade, senhor de Bobadela), e de Joana da Silva (mulher de Álvaro Pires de Távora, senhor de Mogadouro), e primo direito de Guiomar de Ataíde, dama da imperatriz Isabel e esposa de D. Jorge de Portugal, 1.º conde de Gelves.

⁽³¹⁾ Segunda mulher desse Sancho de Faria (capitão-mor da primeira armada enviada à Índia, em 1641, por D. João IV) foi Inês de Ayala, filha de Luís Freire de Andrade.

⁽³²⁾ Esta Guiomar de Sá, amácia do arcebispo (eleito de Braga, de 1482 a 1486, mas antes bispo de Coimbra, de 1460 a 1481), era irmã do cônego Gonçalo Mendes de Sá, o pai do poeta Francisco de Sá de Miranda e mais cinco homens. O pai do cônego e de Guiomar e outros era, como também é referido (e não como Faria e Sousa o nomeia), João Gonçalves de Miranda e Sotomaior, irmão de Pedro Álvares de Sotomaior, 1.º conde de Caminha. Veja-se, sobre estes Sás e mais família, o irónico estudo de Camilo sobre Sá de Miranda, que corre apenso à edição corrente de *A Corja*.

de Faria, esposa de António Dias de Vasconcelos e mãe de uma Antónia de Faria, a qual casou com Gaspar Gil Severim, executor-mor do Reino. Filho deste casamento foi Francisco de Faria Severim, executor-mor e secretário da Fazenda de Filipe II, cuja primeira mulher, sem geração, foi Maria da Câmara, filha de Duarte de Camões e Câmara, senhor da Torre, em Avis (33).

O 4.º ramo da família Faria também nos aparece com Camões e Severins, e é nele que nasce Manuel Severim de Faria (1583–1655), o polígrafo que foi o segundo biógrafo de Luís de Camões, nos seus vários *Discursos Políticos*, primeiro publicados em 1624. Aquele Afonso Anes de Faria, que atrás deixámos, teve, além de um Pedro Álvares, um filho mais velho, Fernão Dias de Faria, o qual, de um casamento que Faria e Sousa não preenche, teve Álvaro Fernandes de Faria. Este, casando com certa Catarina Frade, foi o pai de António Frade de Faria, que terá servido o infante D. Duarte, filho de D. Manuel I, e casou com uma Leonor de Faria. Foram os pais de Duarte Frade de Faria, marido de Maria Severim, filha herdeira de Assêncio Severim, neto (como João Gil Severim, o avô daquele executor-mor Gaspar, acima referido) daquele Pierre Séverin, cavaleiro francês que esteve na conquista de Ceuta e foi o marido de Constança Pires de Camões, filha

(33) Na quarta geração dos descendentes de Vasco Pérez de Camões, o galego que se veio a Portugal, e cujas tergiversações políticas tanto ocupam Fernão Lopes na *Primeira Parte da Crónica de D. João I*, estão no 1.º ramo da família, 3.º netos de Gonçalo Vaz de Camões, iniciador dele, os filhos de Lopo Vaz de Camões e de Inês Dias da Câmara (António, Simão e Duarte), e Leonor de Camões, filha de Aldonça, irmã deste Lopo e esposa de Pedro Eça, alcaide-mor de Moura; no 2.º ramo, 3.º neto de João Vaz de Camões, o Poeta; e no 3.º ramo, 3.º netos de Constança Pires de Camões, esposa de Pierre Séverin, Maria Severim (esposa de Duarte Frade de Faria, mencionado adiante no texto) e António Gil Severim, pai daquele Gaspar Gil Severim, que duas vezes casou com Farias, e avô do escritor Manuel Severim de Faria. Daqueles três filhos de uma Câmara e de Lopo Vaz de Camões, António, casando com Isabel de Castro (que veio a ser bisavó do 1.º conde de Basto), teve Lopo Vaz de Camões com sucessão, Luís Gonçalves de Camões, fundador do morgado da Torre, em Avis, e uma Francisca de Castro, que casou com Martinho de Sousa. Este, é de supor que será um dos vários Martinhos de Sousa referidos na *H. G. C. R.* (xii, ii, 117), já que eram descendentes imediatos de Martinho de Sousa e Távora, marido de Isabel Pereira, filha de Cristóvão Correia da Cunha e de uma Isabel Pereira de Camões. Manuel Severim de Faria, na sua biografia do poeta, diz que aquele morgado fundado por Luís Gonçalves de Camões o tinha, ao tempo de ele escrever, um Simão de Camões, filho de Duarte de Camões e sobrinho do fundador. É de supor e investigar que, quiçá sem geração o fundador, o morgado passou a seu irmão Duarte (que, por ser filho de uma Câmara, podia usar, ou ser conhecido assim, o nome de Duarte de Camões e Câmara, já que este apelido ilustre, para mais tão desde sempre ligado aos Camões, não era para não se exibir), pai igualmente do Simão que sucedeu ao morgado e da Maria da Câmara, mulher de Francisco de Faria Severim, secretário da Fazenda de Filipe II. Aquela Isabel Pereira de Camões, que oferece o sumo interesse de ser Camões e Pereira ao mesmo tempo (em já nosso estudo citado, sobre a família de Camões e as repercussões dela em *Os Lusíadas*, apontámos as ligações entre as duas famílias e sobretudo os Pereiras e o poeta), não sabemos como situá-la na genealogia dos Camões, cuja investigação sistemática, por numerosos investigadores, aquele estudo era destinado a suscitar. O mesmo sucede com Rodrigo Álvares de Camões, que casou com sua «prima» Catarina de Faria, referido adiante no texto. Os Camões que vão aparecendo são bastantes, e importam ao conhecimento da situação da família tanto como a genealogia directa dos parentes do poeta, em que se tem concentrado a atenção de alguns meritórios investigadores.

do Vasco Pérez de Camões, com quem esta família viera para Portugal⁽³⁴⁾. Filhos deste casamento foram Baltasar de Faria Severim, «chantre de Évora e varão ilustre em letras», uma Catarina de Faria que, sem geração, casou com seu primo Rodrigo Álvares de Camões, e Juliana de Faria, mulher daquele citado Gaspar Gil Severim, que casou duas vezes com Farias. Deste último casamento é filho Manuel Severim de Faria.

O 6.^º ramo da família tem início com João Álvares de Faria, irmão mais velho da Beatriz de Faria que iniciou o último, em que se insere Manuel de Faria e Sousa. Foi ele o pai de Nicolau de Faria, cavaleiro da casa de D. Manuel I, e que tomou parte na famosa embaixada de Tristão da Cunha a Roma. Este Nicolau foi pai de Baltasar de Faria, almotacé-mor, embaixador de D. João III em Roma para a questão do estabelecimento da Inquisição. Com Isabel Brandoa, é este o pai de outro Nicolau de Faria, que, casado com uma Maria de Vilhena, já nos apareceu em ramos anteriormente referidos da família; e é pai também de Lourença de Faria, mulher de Pedro Gonçalves da Câmara, caçador-mor de D. Sebastião, cargo em que sucedia a seu pai, António Gonçalves da Câmara, que o havia sido de D. João III (e eis os Câmaras camonianos novamente ligados aos Farias)⁽³⁵⁾.

É muito interessante notar que uma filha de Gaspar Gil Severim e de Juliana de Faria, Joana de Faria, não referida por Faria e Sousa, casando com D. Cristóvão Manuel, foi a mãe de D. Sancho Manuel, herói da Restauração e 1.^º conde de Vila Flor, e de uma Maria Manuel, esposa de António Álvares da Cunha, o editor da *Terceira Parte das Rimas de Camões*, em 1668 (*H. G.*, XII, II, 73).

Nas suas notas, além de outras diversificações da família, que passámos em claro, Faria e Sousa menciona outros Farias que diz haver encontrado nos registos das armadas: dois *Antónios*, um na armada da Índia, em 1544, filho de Simão Ferreira e de Joana de Faria, de Santarém, e outro na de 1546. Não sabe, diz, como situá-los no quadro genealógico da família, e acrescenta a curiosa observação de que nenhum dos dois lhe parece que possa ser aquele celebrado António de Faria, de quem fala tão largamente Fernão Mendes Pinto, e cujas façanhas orientais, segundo as contas dele, teriam começado por 1540 (*ob. cit.*, col. 690). Se isto pode, maliciosamente, interpretar-se como Faria e Sousa fazendo que não sabe como inserir na família um pirata notório e personagem literariamente célebre (a *Peregrinação* estava primeiro impressa desde 1614), deve igualmente acentuar-se como mais uma prova de que ele conhecia realmente, por esta época em que escrevia, os livros das armadas, que lhe serviram para corrigir a data aproximada do nascimento de Ca-

⁽³⁴⁾ É muito curioso notar, e típico dos hábitos onomásticos, que o apelido Camões desaparece do ramo Severim, embora seja de crer que, segundo esses mesmos hábitos, filhas e até netas de Constança o tenham usado; enquanto os outros dois ramos, apesar de algumas ligações ilustres que os elevavam sobremaneira, o conservaram sitemáticamente — o que não tanto mostra que eles não tinham melhor, quanto aponta para que eles se consideravam, com honra, os Camões que eram, desde o antepassado galego.

⁽³⁵⁾ No nosso estudo citado sobre a família de Camões e suas ligações várias, apontámos a persistência das ligações com Câmaras. Este Pedro Gonçalves da Câmara, marido de Lourença de Faria, a filha do famigerado Baltasar de Faria, era primo de Inês Dias da Câmara, a esposa de Lopo Vaz de Camões, primo segundo do pai do poeta.

mões — correcção inserida na sua 2.^a biografia do poeta, que antecede os comentários às *Rimas*, e que é feita à biografia que antecede os comentários a *Os Lusiadas*, que aqui prefaciamos⁽³⁶⁾.

⁽³⁶⁾ No prólogo à edição comentada das *Rimas*, Faria e Sousa declara que um registo da Casa da Índia lhe viera parar às mãos em 1643 (meia dúzia de anos após a preparação final da edição de *Os Lusiadas*), no qual, traduzimos das suas palavras castelhanas, sendo esse registo o de todas as pessoas que, desde 1500 até «aos nossos anos», é claro que só as «mais principais», haviam passado a servir na Índia, encontrara, na lista de 1550, o seguinte registo: «Luís de Camões, filho de Simão Vaz e Ana de Sá, moradores em Lisboa, na Mouraria; escudeiro, de 25 anos, barbirruivo, trouxe por fiador a seu pai; vai na nau de S. Pedro dos Burgaleses». Mais esclarece que os assentos se faziam por títulos diferentes, conforme o posto em que cada pessoa ia servir, e que o poeta estava assentado entre os *homens de armas*. Diz que não embarcou. Pois que, em 1553, quando ia por capitão-mor Fernando Álvares Cabral, sob o título «Gente de guerra», havia o seguinte assento: «Fernando Casado, filho de Manuel Casado e de Branca Queimada, moradores em Lisboa, escudeiro; foi em seu lugar Luís de Camões, filho de Simão Vaz e Ana de Sá, escudeiro; e recebeu 2400 como os demais». Baseado nestes assentos, Faria e Sousa corrige-se do que fia dos biógrafos ou comentaristas anteriores. Camões teria nascido em 1524, e não 1517, como ele mesmo (nesta edição) dissera. Nota que, à fé de iguais notícias (cf. Manuel Severim de Faria, *Vida* ref.), chamara à mãe do poeta Ana de Macedo, quando ela, em ambos os registos, aparece como *de Sá*, «apelido também ilustre» — e aponta que o escrivão pudera ter escrito só Sá, em vez de Sá de Macedo, tal como suprimira (e é o que sucede em ambos os registos) o Camões ao nome do pai. Mais aponta que, erradamente, e segundo as mesmas fontes, dissera que o poeta ficara órfão de pai muito cedo, por Simão Vaz de Camões ser dado, por elas, como morto em naufrágio na costa de Goa — e tal morte, segundo aqueles registos, só poderia ter sido depois de 1550. É conhecido quanto Wilhelm Storek atacou os dados de Faria e Sousa. Cumpre-nos, porém, reconhecer, ao contrário da disposição de espírito do erudito alemão, que tudo isto possui um tom de honesta autenticidade, de que não é lícito duvidar de ânimo leve (e tanto se não tem duvidado, ao contrário das aparências, que Camões ficou, para a posteridade, como nascido em 1524 ou 1525), pois que nenhum outro interesse nos parece poderia ter Faria e Sousa, ao corrigir-se, que não o da verdade. E não tem sido sublinhado quanto a famosa carta de perdão descoberta por Juromenha, e que Faria e Sousa não conheceu, se coaduna com as informações que ele dá ao corrigir-se: o escrivão desta carta suprime do nome do pai o Camões, como sucedera naqueles registos das armadas da Índia; e o facto de Camões embarcar, em 1553, em lugar de outrem, coaduna-se perfeitamente com a necessidade urgente de dar cumprimento ao eufemismo que, na carta de real perdão, o remetia para os confins do Oriente, como condição para sair da cadeia: «é um mancebo e pobre e me vai este ano servir à Índia» (o que era datado de 3 de Março de 1553). E a partida da esquadra, como é sabido, estava então por poucos dias. Note-se que, segundo o registo de embarque, Camões foi em vez do filho de uma Queimada, escudeiro como ele. Note-se que os Queimados descendiam de pura judiaria, através de Job Queimado, governador da Casa da Índia, e marido de Violante Correia de Lacerda (filha de Francisco Pacheco, tesoureiro da mesma Casa). Na capela por Job fundada no claustro do Convento de S. Francisco em Lisboa recebeu sepultura o poeta Francisco Rodrigues Lobo. Um sinistro soneto satírico sobre a desastrosa morte deste poeta por afogamento, e da autoria de D. Tomás de Noronha, faz graça com o morrer afogado quem se destinaria a morrer «queimado [...] naturalmente», o que é directa alusão a ele ser cristão-novo ou mesmo suspeito de cripto-judeu; e note-se que foi numa capela sepulcral de cristãos-novos que ele encontrou jazida. Os Queimados já se vinham ligando a famílias ilustres, precisamente também aqueles Silvas de camonianas ligações: António da Silva, um neto de Gonçalo Mendes da Silva, alcaide-mor de Soure, foi marido de Leonor de Vilalobos Queimado, filha de Vasco Queimado. É curioso apontar que, filho deste casamento, Gonçalo Gomes da Silva, cavaleiro de Cristo e combatente de Alcácer Quibir, foi pai de uma Silva, que foi esposa de António de Meneses, irmão de Jorge de Meneses Sotomaior, senhor de Alconchel, em Espanha, e Formoselhe, em Portugal, e 2.^º marquês de Castro Forte pelo casamento. Ambos eram filhos de Jorge de Meneses Sotomaior, anteriormente referido como Faria e Sousa o refere, quando o dá por marido, que foi, de Guiomar da Silva, filha de Antão de Faria, alcaide-mor de Palmela, e a qual foi a mãe daqueles dois Meneses. Sobre o que é dito de Rodrigues Lobo e de Queimados, vejam-se Teófilo Braga, *Os Seiscentistas*, Porto, 1916, pp. 97–98, e Ricardo Jorge, *Francisco Rodrigues Lobo*, Coimbra, 1920.

Em matéria de publicações, a edição do *Nobiliário*, com notas de João Baptista Lavanha⁽³⁷⁾, do marquês de Montebelo⁽³⁸⁾ e de Álvaro Ferreira de Vera⁽³⁹⁾, além das de Faria e Sousa (que fazem dela uma preciosa edição), é o seu canto de cisne, impresso. Num longo e bastante amargo elogio de si mesmo que antecede a obra dá ele uma extensa lista do que haviam sido os seus trabalhos literários, e cita cerca de meia centena de títulos publicados ou inéditos, entre estes últimos, um que por certo será de grande interesse: *Fortuna y Vida de Manuel de Faria e Sousa*, «libro largo, y que és más para ver, que para imprimir»⁽⁴⁰⁾, e que provavelmente seria um ácido comentário à sua própria vida e às suas frustrações de pequeno aristocrata em busca de emprego seguro, e de ilustre homem de letras em busca de uma glória literária (que, aliás, conheceu nos elogios ditirâmbicos de, por exemplo, o grande Lope de Vega)⁽⁴¹⁾.

Tracejemos a biografia literária deste homem, cuja vida foi, sobretudo, aquilo que ele escreveu. No elogio dele, por Lope de Vega, concluído por Juan Baptista

⁽³⁷⁾ A edição preparada por Lavanha saíra em Roma, em 1640, e é a tradução dela o que Faria e Sousa publicou, com a colaboração dos outros autores genealógicos. Lavanha († 1655, em Madrid), cavaleiro de Cristo, cosmógrafo-mor e cronista-mor de Portugal, recordemos que foi também o autor de um *Regimento Náutico*, Lisboa 1606, e da edição revista da *Quarta Década*, de João de Barros, Madrid, 1615, mas que, para a literatura, é o autor do *Naufrágio da Nau Santo Alberto*, Lisboa, 1597, um dos melhores dos relatos coligidos na *História Trágico-Marítima*. Repare-se que, ao preparar com os outros a edição castelhana, Faria e Sousa o fazia em Madrid, aonde Lavanha vivia e era importante personagem, embora, depois de 1640, todos os portugueses estivessem em Espanha sujeitos à mais rigorosa vigilância.

⁽³⁸⁾ O 1.º marquês de Montebelo, título italiano que Filipe IV de Espanha lhe concedera em 1630, era português. Chamava-se Félix Machado da Silva Castro e Vasconcelos e era, também, com ser comendador de Cristo, senhor de Entre Homem e Cávado. Era filho de Manuel de Araújo e Sousa e de Margarida Machado, filha herdeira de Francisco Machado da Silva, senhor de Entre Homem e Cávado. Assim, por via materna, tinha como seu terceiro avô Francisco Machado, senhor daquele senhorio riquíssimo, e que fora sogro do poeta Sá de Miranda. Note-se que o sogro de Manuel de Faria e Sousa pertencia àquele clã de Machados, o que ajuda a explicar a intimidade que, em Madrid, se estabeleceu entre os dois autores. Casara (H. G., x) com Violante de Orozco, dama da imperatriz Maria de Áustria, a qual era filha de Rodrigo de Orozco, 1.º marquês de Mortara, e de uma dama italiana de ascendência friulana. Seu filho, António Félix Machado, 2.º marquês de Montebelo, veio para Portugal, aonde foi senhor de Entre Homem e Cávado e alcaide-mor de Mourão. O próprio 1.º marquês, nas suas notas ao *Nobiliário*, explica como o pingue senhorio lhe advinha.

⁽³⁹⁾ Álvaro Ferreira de Vera era português e natural de Lisboa. Inocêncio, que não menciona as notas dele ao *Nobiliário*, lembra a sua *Origem da Nobreza Política, Brasões de Armas, etc.*, Lisboa, 1631. Foi também autor de um tratado de ortografia, impresso no mesmo lugar e ano, pelo que é mais um dos numerosos filólogos e «linguistas» portugueses que ainda aguardam as suas edições críticas.

⁽⁴⁰⁾ Consta-nos que está no prelo a edição, preparada por E. Glaser, deste manuscrito.

⁽⁴¹⁾ Deveria ser desnecessário — mas cremos que em Portugal infelizmente ainda o não é — acentuar que Félix Lope de Vega Carpio (1562–1635) foi, desde muito jovem, uma dominadora personalidade das letras hispânicas, que submergiu à força de génio, de um carácter violentamente apaixonado, e de uma prodigiosa produtividade (poesia, prosa narrativa, ensaio, e os cerca de dois milhares de peças de teatro, de que centenas chegaram até nós) — o que tudo fez o seu amigo Cervantes chamar-lhe «el monstruo de la Naturaleza». A sua posição como um dos maiores escritores da Espanha e um dos grandes da Europa permanece indisputada (e, sob certos aspectos, independentemente da imensa massa de vulgaridades que produziu, aliás todas marcadas pelo seu génio ou importantes para compreendê-lo na sua imensa complexidade, tem crescido em tempos recentes). Mas não só. Mesmo em vida foi uma celebridade internacional que estrangeiros buscavam conhecer, e cuja morte enlutou a Europa culta. Muita da sua obra foi influentíssima no Romantismo europeu. Quanto à facilidade com que ele distribuiu elogios aos amigos (enquanto os con-

de Sosa⁽⁴²⁾, que é um dos ornamentos desta edição de *Os Lusiadas*, e que evidentemente se baseia em dados fornecidos pelo próprio Faria e Sousa, é dito que nascera, como já dissemos à fé das notas dele ao *Nobiliário* em Souto (de Pombeiro), a 18 de Março de 1590, e é por certo esta a fonte do que vieram a afirmar bio-bibliógrafos a tal respeito⁽⁴³⁾; que o seu casamento, no Porto, foi em 1614, e que desse casamento teve onze filhos, três dos quais sobreviviam à data da publicação; e que estudara por dez anos em Braga antes de transferir-se ao Porto; e que era cavaleiro da Ordem de Cristo, «con las límpias calidades (no las hay en todos) que mandam sus estatutos»⁽⁴⁴⁾. São algo contraditórias as notícias sobre quando fixou ele residência em Espanha, mas é muito importante notar que as cinquenta oitavas portuguesas da sua bela *Fábula de Narciso e Eco*, raro folheto sem lugar nem data, têm dedicatória a Lope de Vega, datada de Lisboa, 20 de Novembro de 1623, e que a massa de produções poéticas com que Faria e Sousa assalta a vida literária espanhola, em 1624 e anos imediatamente seguintes, é toda impressa em Madrid, com exceção do *Epitalamio de los casamientos de los Señores Marqueses de Molina, que é de Saragoça*, 1624⁽⁴⁵⁾. Deste mesmo

siderava tais) ou diatribes contra os inimigos (assim que alguém tombava das suas graças), aqueles e estas ficaram proverbiais. Um estudo intensivo das suas relações portuguesas e dos temas portugueses na sua obra, especialmente a teatral, ainda está por fazer. Veja-se, nos nossos *Estudos* citados, o capítulo sobre ele e mais referências que lhe dizem respeito.

⁽⁴²⁾ Desta personalidade diz Nicolau Antonio, na *B. H. Nova*: «matritensis decurio, ex hoc ipso Regio municipio oriundus», e atribui-lhe a obra *Sossia perseguida: sueño y pergunta de Cassio a Prudencio en que se trata del honor paterno y amor filial* (é este o título completo, resumido por N. A., dessa obra que foi efectivamente impressa em Madrid, 1621). Repare-se que o título do «elogio» dá-o como amigo de Lope e de Faria e Sousa.

⁽⁴³⁾ Nas notas em que a si mesmo se refere na genealogia dos Farias, na edição do *Nobiliário*, Faria e Sousa não indica o dia, e o mês que aparece impresso é Maio. Não é de crer que Faria tenha cometido o que será por certo não um erro mas uma gralha tipográfica.

⁽⁴⁴⁾ Esta piada acerca da limpeza de sangue exigida pelas ordens militares que se haviam tornado apenas fonte de comendas e posições mais ou menos rendosas reflecte o que era do conhecimento geral (lembremo-nos do facto que provocou *El Tizón de la Nobleza*), e é um dos mais curiosos capítulos da história social ibérica, pelas falsificações notórias a que levava. Note-se que tal investigação era muito mais exigente em Portugal do que em Espanha (e provocaria, pois, mais extensas falsificações genealógicas e documentais), pelo que a piada, se pode perfeitamente ser do próprio Lope de Vega, que não recuaria em escrevê-la, no original que teria deixado incompleto ao morrer, em 1635, é de supor directamente inspirada (a Lope ou ao Sosa que «completou» o elogio para publicação) pelo próprio Faria e Sousa, que, muito sabido em genealogias, díuplicemente — traço tão barroco — ridicularizava ao mesmo tempo a exigência e as falsificações, e do mesmo passo acentuava a sua condição de «cristão-velho» (resguardando-se dos ataques, que não tardaram, à sua «limpeza» ideológico-religiosa).

⁽⁴⁵⁾ Como deveria ser mais bem sabido, a fonte bio-bibliográfica sobre Faria e Sousa (além do que este mesmo diz expressamente nos seus escritos, ou terá feito que fosse dito no «elogio» de Lope de Vega e Juan Baptista de Sosa, para a edição de *Os Lusiadas*) é Francisco Moreno Porcel, *Retrato de Manuel de Faria e Sousa, relación de su vida, y catálogo de sus obras*, Madrid, 1650 (?), de que houve reedição lisboeta em 1730, acrescida de comentário por Francisco Xavier de Meneses, 4.º conde da Ericeira (1673-1743), grande figura da renovação intelectual das primeiras décadas do século XVIII e autor (algo voltaírano) da *Henriqueida*. Veja-se a nota 14. Em nota dos nossos citados *Estudos* (vol. II, p. 216), confessámos não haver conseguido identificar devidamente estes marqueses de Molina, mas mostrámos em que circunstâncias políticas esta Molina era «de Aragón», e elevada a marquesado, realmente, em 1535. Nestas condições, o cantado matrimónio ter-se-á provavelmente celebrado em Aragão, se não mesmo na capital que Saragoça era e é, o que explica o lugar de impressão do folheto que, apesar das nossas pesquisas, não nos foi dado examinar nunca.

ano são as trinta e uma oitavas castelhanas de *Muerte de Jesus y Llanto de Maria*, dedicadas a D. Margarida de Melo, jovem filha de Manuel de Moura Corte Real, 2.º marquês de Castelo Rodrigo⁽⁴⁶⁾. Ainda em 1624 aparecem em Madrid as *Divinas y humanas flores, primera y segunda parte*, dedicadas a Fernando Afan de Ribera y Enríquez, senhor da casa de Ribera, duque de Alcalá, marquês de Tárrifa, etc.⁽⁴⁷⁾, as *Noches claras, primera parte*, que seria a primeira parte dos *Discursos Morales y Politicos*, cuja 2.ª parte apareceu em 1626, e a 1.ª edição, em três conjuntos, da sua vasta colectânea poética *Fuente de Aganipe* (1624, 1625,

⁽⁴⁶⁾ Em nota (412) do volume citado na nota anterior tratamos da personalidade desta D. Margarida de Melo, identificando-a como filha dos 2.ºs marqueses de Castelo Rodrigo. Não havíamos então podido ainda examinar o folheto que viemos depois a observar na Biblioteca Nacional de Madrid. Tem dezasseis páginas, e foi impresso em Madrid, por Juan Delgado, em 1624, e não em 1623, como notícias bibliográficas dizem. No rosto a obrinha é dedicada a D. Margarida de Melo, sem títulos subsequentes (razão pela qual os bibliógrafos não se deram a identificá-la, como poderiam ter feito, buscando o tal nome em histórias genealógicas). Mas, na dedicatória que precede o poema, Faria e Sousa escreve o seguinte: «ya porque con lo valeroso imite los castillos de los antiquissimos Moras, ya porque con lo resplandeciente, dilate las quinas de los Lusitanos Reyes, que tales son sus excelentes progenitores de V. Señoria, donde resulta, que en consideracion de sus acciones, lo menos que hay en ellos es ser Marqueses de Castel-Rodrigo y Grandes de España» — pelo que não há dúvida de que é correcta a identificação que tínhamos proposto. Moreno Porcel, na bibliografia que compila (cf. nota anterior) das obras de Faria e Sousa ignora este folheto, do mesmo modo que ignora, como estreia literária do seu bibliografado, as oitavas da *Fábula de Eco e Narciso*, que o devem ter sido. Para ele, a estreia deu-se com *Noches Claras*, em 1623, o que é erro, já que a edição é de 1624. Manuel de Moura Corte Real, 2.º marquês de Castelo Rodrigo, 1.º conde de Lumiares, Grande de Espanha, comendador-mor de Alcântara, comendador-mor de Cristo, embaixador em Roma, governador dos Estados de Flandres, gentil-homem de câmara do rei Filipe IV, seu mordomo-mor, e do Conselho de Estado (transcrevemos da H. G., I, p. LIV, os seus títulos, para dar uma ideia da eminência da personagem no mundo hispânico), era filho do célebre Cristóvão de Moura, favorito de Filipe II e seu dedicado servidor, e 1.º marquês de Castelo Rodrigo, e de sua mulher Margarida Corte Real, filha herdeira de Vasqueanes de Corte Real, capitão-donatário das Capitanias da Ilha Terceira, da parte de Angra, e da de S. Jorge, e da Terra Nova dos Corte Reais. O 2.º marquês casou com Leonor de Melo, filha de Nuno Álvares Pereira de Melo, 3.º conde de Tentúgal. Faria e Sousa não exagerava, ao acentuar que, em tudo isto, havia tanto os castelos tão antigos dos Mouras, e tão as quinas de Portugal, que ser-se marquês inventado pelos reis de Espanha, ou «grande» desta, seria o menos — o que era, ao mesmo tempo, enaltecer os Mouras (e quem era Moura e uma Melo daquelas), e, com barroca arte, antepor Portugal à Espanha. Sobre os Mouras e mais família (que inclui o próprio Camões), vejam-se aqueles nossos *Estudos*, em vários capítulos e notas genealógicas, e o estudo, já referido, que antecede *A Estrutura de «Os Lusíadas»*.

⁽⁴⁷⁾ Os Riberas haviam ascendido, no século XIV, a «adelantados mayores» de Andaluzia. Pedro Afan de Ribera, o 3.º adiantado-mor, casou com uma das filhas do famoso e ilustre Íñigo López de Mendoza, 1.º marquês de Santillana (e uma filha deste casamento foi a esposa de Enríquez de Guzmán, 2.º duque de Medina-Sidónia) — como a H. G. C. R. nos informa, já que estas personalidades vieram a entroncar descendência na casa real portuguesa. Os Riberas eram marqueses da Tárrifa desde 1514, e, na pessoa de um Pedro Afan de Ribera, em 1588, passaram a ser duques de Alcalá. Este 1.º duque foi vice-rei de Nápoles de 1559 a 1571. Fernando, seu filho, e 2.º duque, casou com Juana Cortés, filha de Fernando Cortés, o conquistador do México e feito marquês del Valle (de Oaxaca). Neto deste casamento foi o 3.º duque, Fernando Afán de Ribera y Enríquez, que exerceu o vice-reinado de Nápoles em 1629–1631, e o da Sicília em 1632–1635. Mas, deste último cargo, continuou titular (governando em seu nome um genro, Luis de Moncada, duque de Montalto) até à sua morte, em 1639. Para estes vice-reinados hispânicos, e outros, veja-se A. Ballesteros, *Historia de Espanha*, VI (2.ª ed., 1950). Era pois ao 3.º duque de Alcalá que Faria e Sousa oferecia, em 1624, as suas *Divinas y humanas flores*, já que este grande, ligado pela família e as posições à alta administração, poderia ajudá-lo a empregar-se, quiçá melhor que o Castelo Rodrigo, com todas as suas grandezas.

1627) (⁴⁸). É evidente que Faria e Sousa se lança com um tremendo ímpeto à conquista do Madrid literário e oligárquico (primeiro, com três folhetos dedicados aos grandes das letras e do mundo e, depois, com a massa maior da sua produção estritamente literária), entre os fins de 1623 ou princípios de 1624 e 1627, inclusive. Toda esta febril actividade (em que afinal publicava o muito que levaria escrito desde a juventude), sobretudo poética, culmina, súbitamente, em 1628, com a prosa histórica do *Epítome de las historias portuguesas*, que seria a sua obra de mais extensa difusão e mais longo prestígio europeu (⁴⁹). O poeta de talento em português e castelhano, dotado de firmes ideias críticas, e o divisor elegante da história de Portugal estavam apresentados às Espanhas. Mas aqueles cinco anos de breves composições oportunisticamente oferecidas, da publicação (com grande consumo de protecções e de dinheiro) de catadupas de poesia e prosa, e de instalação no meio social e cultural madrileno, são seguidos, editorialmente, de onze anos de silêncio. Por um lado, haviam-se esgotado as reservas literárias, por outro, o autor desanimaria de não triunfar tanto como sonhara (quer nas letras, quer nos frutos que, social e financeiramente, para um chefe de família numerosa, esperava substancialmente delas), e, ainda por outro, absorvia-se no preparo do que seria, para o seu orgulho de autodidacta em frente de tantos doutores e licenciados que comandavam a vida literária, um monumento máximo ao maior poeta português e a si mesmo como crítico, que esmagasse, com o seu peso de erudição e de análise estética, tudo o que de semelhante a Espanha havia produzido (⁵⁰), como cabia ao poema que ele considerava a par dos maiores clássicos da Antiguidade, e do autor deste, por ele tido — por muito que a espanholis custasse, como ainda custa, reconhecer — como o maior da Península Ibérica e

(⁴⁸) Naquele como que auto-elogio que antecede a edição do *Nobiliário*, e na lista das suas obras, à qual ainda volveremos, Faria diz que a primeira parte saía em Madrid, 1624, e fora reeditada completa em 1646; a segunda tivera poemas editados em 1625 e 1626 (cremos que ele queria dizer 1627), e foi devidamente reorganizada em 1644; a terceira tivera poemas publicados em 1626 e 1627, e saía organizada em 1646; a quarta, de que alguns poemas tinham sido publicados em 1624, saiu preparada devidamente em 1644 (tudo em Madrid). Da parte quinta, diz que poemas haviam sido publicados em Madrid, 1624 e 1625, e que a sexta o foi em Madrid, 1627 apenas. Da sétima parte não indica data alguma. Nunca nos foi possível ver a edição de 1624–1625–1627, e a reedição de 1644–1646, que nos foi possível examinar na Biblioteca Nacional de Madrid, apesar de ser dito, no rosto, que é em sete partes (formando quatro volumes), compõe-se realmente da primeira parte, 1646, da segunda, 1644, da terceira, 1646, e da quarta, 1644 — nada mais. O que coincide exactamente com o que Faria e Sousa declarou dela. Quer-nos parecer que a «raridade» das outras partes, que ilustres bibliógrafos acham que nunca viram por nunca se encontrar «completa» uma edição com as partes todas, é mais descuido que outra coisa: na reedição de 1644–1646 só saíram aquelas quatro partes, como diz Faria e como está no exemplar que compilámos. As projectadas sete partes — e dizemo-lo com a reserva de não havermos visto os volumes da 1.^a edição — ficaram em seis nesta, e em quatro na segunda. Adiante, no texto, voltaremos à reeditada *Fuente de Aganipe*, pelo interesse de a quem são dedicadas as quarto partes acima referidas.

(⁴⁹) O *Epítome* foi reeditado em 1663, teve uma edição em Portugal em 1673–1674, outra de Bruxelas, 1677, apareceu em inglês em 1698 e, sob o título de *Historia de los Reyes de Portugal*, teve edição de Antuérpia, 1730. Mas este século de glória historicista foi póstumo para Faria e Sousa. Dele trataremos no texto.

(⁵⁰) No século XVI, e sobretudo no século XVII, grande parte dos escritores eminentes da Península, e os críticos e comentaristas, havia andado em Universidades pelo menos, quando não possuía títulos académicos ou mesmo ensinava nelas. Isto não sucedera a Faria e Sousa (o que explica e desculpa muita

um dos maiores do mundo (ou seja aquilo que, com um termo muito oitocentista, Teófilo Braga, que, todavia, o compreendeu e reconheceu melhor que muitos outros, chamou a sua *vesânia* camonianiana).

Retornemos ao fio biográfico de Faria e Sousa para melhor compreendermos como ele entrara na vida pública, e o seu silêncio de anos, após aqueles escassos e tão produtivos de vasta obra. Vimo-lo declarar que estudara por dez anos muito juvenis em Braga, e que fora depois para o Porto. Terá aí servido o bispo D. Gonçalo de Moraes, que o foi de 1602 a 1617⁽⁵¹⁾. Em vez de seguir a carreira eclesiástica que esta protecção lhe abria, casou em 1614. Mas em 1619, parece, o fidalgo Pedro Álvares Pereira⁽⁵²⁾, que ia ser em Madrid membro do Conselho de Portugal, levou-o de secretário. Em 1621, tendo morrido Filipe III de Espanha (II de Portugal), o seu sucessor, Filipe IV (III de Portugal), veio a Portugal para

da sua ostentação erudita), nem, que se saiba, sucedera àquele mesmo Camões cuja extraordinária cultura e ciências (filosóficas, literárias e outras) os comentários precisamente sublinhavam. Note-se que o poeta, por exceléncia, para a Espanha desses dois séculos, havia sido e era Garcilaso de la Vega (que Camões tanto admirou — veja-se acerca do sentido desta admiração, e de como o nosso poeta a absorveu, o que dizemos em *Uma Canção de Camões*, Lisboa, 1966). Garcilaso merecera edições preparadas e comentadas a Francisco Sánchez de las Brozas (o Brocense, eminente mestre salmantino), Salamanca, 1574, ao poeta Fernando de Herrera, Sevilha, 1580, e a Tomás Tamayo de Vargas (precisamente o entusiástico, como veremos, aprovador dos comentários a *Os Lusíadas*), Madrid, 1622. Mas nem a escassa, ainda que admirável, obra lírica de Garcilaso se prestava às monumentalidades épicas, nem os três comentaristas se ampliaram à escala de comparações, analogias, etc., que Faria aplicou igualmente à obra lírica de Camões. Para os comentários dos três a Garcilaso, veja-se *Garcilaso de la Vega y sus comentaristas — Obras completas del poeta, acompañadas de los textos íntegros de los comentarios de el Brocense, Fernando de Herrera, Tamayo de Vargas y Azara*, ed. A. Gallego Morel, Granada, 1966.

(51) Note-se como a vida de Faria e Sousa obedece ao padrão em que, naqueles tempos (e ainda hoje, mas para gente das aldeias do Norte de Portugal), se poderia esperar um lugar na vida, sendo-se, como ele era, ainda que nobre, membro, quase de mão esquerda e desclassificado por algumas misturas plebeias, de um ramo familiar menor — estudos à sombra de poderes religiosos, como parece que fez em Braga, e a perspectiva de ascensão por uma carreira eclesiástica, com a protecção de personalidades do alto clero. Curiosamente, e como ele sublinha em mais de um passo da sua obra (a poética, diz ele em comentários a ela, muito autobiográfica), foi a paixão pela que foi sua mulher e dedicada companheira da sua vida inteira o que o desviou. Se Faria tivesse sido mais «eclesiástico», digamos que pelos padrões do tempo, precisamente as urgências do sexo e da paixão não o teriam impedido de seguir a carreira que se lhe abria, e chegar a arcebispo com filhos reconhecidos, se acaso os azares das ligações lhos houvessem dado. Assim, ficou sendo sempre secretário eventual dos grandes, sem estabilidade nem segurança, o que, diga-se de passagem, funcionou de carreira para grande parte dos escritores espanhóis dos fins do século XVI e do século XVII, na colossal burocracia do Império Hispânico (em que, todavia, para personalidades de origem modesta ou menos que a nobreza mediana, as facilidades não se abriam necessariamente, tanto para portugueses como para espanhóis natos — é só de portugueses, por hispanizados que sejam, que ele será empregado).

(52) Esta personalidade, sobrinho do bispo do Porto referido, era um membro do poderoso clã dos Pereiras, ligado intimamente, como eles, aos grupos familiares que haviam ascendido ao poder na segunda metade do século XVI e florescem nas décadas filipinas, para alguns deles virem a ser os grandes do Portugal restaurado, por si mesmos ou seus descendentes imediatos. Veja-se o que era a rede familiar deste P. A. Pereira, por anos o fulcro da influência adentro da burocracia lusitana de Madrid, no nosso estudo *O Cancioneiro de Manuel de Faria (e Sousa)*, do 2.º vol. dos citados E. H. C. (Ocidente, 377-378, Setembro e Outubro de 1969, vol. LXXVII), em que é criticada a edição E. Glaser do famoso manuscrito, e também a sua tese de que o autor da compilação (estudada naquele ensaio crítico) não era Faria e Sousa, quando tudo indica que outro o não podia ter sido. Vejam-se também o capítulo imediatamente anterior, e outros passos genealógico-culturais desses *Estudos*.

ser jurado rei (e a sua visita foi largamente celebrada com publicações poéticas) (⁵³), e o alto funcionalismo e mais séquito, que funcionava em Madrid, acompanhou-o a Lisboa. Pedro Álvares Pereira faleceu em 1622 (⁵⁴) e Faria e Sousa, novamente em Madrid, serve Francisco de Lucena (⁵⁵), a quem dedicou as *Noches claras*. É curioso notar que o jovem poeta, em 1619–1621, não tentou a conquista literária de Madrid, por o prazo de demora ter sido breve, seguido de uma estada em Portugal, e só em 1624 se lança com a furiosa produção que sabemos e que se suspende em 1628. Parece que, nesse ano, viera para Portugal atraído pelo arcebispo Afonso Furtado de Mendonça (⁵⁶). No ano seguinte, morreu-lhe uma das filhas mais dilectas; e, em 1630, terá visitado pela última vez a região natal de Pombeiro. Manuel de Moura, em 1631, indo de embaixador a Roma, leva-o consigo, e lá se demora Faria até 1634 (⁵⁷), quando, regressando a Madrid, é preso por «inconfidente» (⁵⁸). Liberto após três meses de cadeia, foi novamente detido, com residência fixa, por algum tempo, em 1635. A atmosfera mítica da Monarquia Dual entrara em crise, e a fidelidade dos Portugueses passara a ser suspeita — só uma obra colossal poderia ajudar Faria a sobreviver, e seriam os comentários à magna epopeia lusitana, que ele vinha acumulando havia anos. Todas estas circunstâncias explicam sobejamente o silêncio editorial entre 1628 e 1639, a data de publicação do imenso trabalho, que estaria pronto desde princípios de 1637 e em cuja preparação («política» e tipográfica) se explica bem que se ocupasse absorventemente.

É de 8 de Julho de 1637 o parecer do ilustre crítico Tomás Tamayo de Vargas (⁵⁹), que aprova a obra, e para alguns dos seus juízos cumpre-nos chamar a atenção: o poema, na opinião do comentador de Garcilaso, é «igual aos me-

(⁵³) Veja-se, a este respeito, naqueles *Estudos*, o capítulo que desfaz o mito do movimento autonomista em literatura durante o domínio filipino, bem como o já citado verbete do *Grande Dicionário sobre Autonomia*.

(⁵⁴) Cf. *The Cancionero «Manuel de Faria» — a critical edition with introduction and notes*, por Edward Glaser, Münster, 1968, p. 10.

(⁵⁵) Francisco de Lucena foi por décadas Secretário de Estado do Conselho de Portugal em Madrid, e depois alto funcionário em Portugal, o que era aquando da aclamação de D. João IV. Foi pouco depois decapitado por comprometido nas conspirações contra este rei (cf. H. G. C. R., vi, 254).

(⁵⁶) Afonso Furtado de Mendonça foi arcebispo de Braga (1618–1626) e depois de Lisboa (1626–1630), e um dos membros da junta de governadores do Reino (1626–1630). Uma sua irmã foi a esposa do poeta Martim de Castro do Rio, tão estimado de Faria e Sousa (ao qual nos referimos várias vezes naqueles E. H. C. citados, e que está em vias de ser descoberto como um dos grandes poetas portugueses dos fins do século XVI e princípios do XVII), e por ela os Castros do Rio, cristãos-novos isentos de limitações pela nobilitação que lhes concedera D. João III, vieram a usar o nome menos cristão-novo de Furtados de Mendonça, o que todavia não os ilibou nunca das suspeções inquisitoriais mais cristãs-velhas.

(⁵⁷) Nesses anos, Roma estava sob o pontificado de Urbano VIII (r. 1623–1644).

(⁵⁸) No *Hospital das Letras*, Francisco Manuel de Melo, chamando seu «grande amigo» a Faria e Sousa, refere esta «inconfidência», que teria origem em suspeitos contactos de Faria com o próprio Papa (a questão portuguesa?).

(⁵⁹) Tamayo de Vargas (1588–1641) foi uma das grandes figuras intelectuais da primeira metade do século XVII espanhol, e oficialmente cronista-mor de Castela e das Índias, ministro da Inquisição e membro do Conselho das Ordens. Entre os numerosos escritos do comentador de Garcilaso que ele foi (entre os quais, ainda que esquecido dos eruditos, não pouco avulta o seu parecer sobre esta edição de

lhores dos antigos» e «superior a todos os dos modernos»; «o espírito de Luís de Camões é maior que a matéria de que tratou»⁽⁶⁰⁾. E o parecer termina por uma veemente objurgatória: «saia, saia à luz obra por tantos títulos importante para honra de Portugal e de Castela, ensinança da nação inteira, e admiração de estrangeiros e dos nossos. E glorie-se Espanha de ter nas suas melhores línguas o singular ornamento»⁽⁶¹⁾. Dedicado ao rei Filipe IV (III de Portugal)⁽⁶²⁾, o gigantesco «ornamento» teve a indicação de taxa ou licença final em 7 de Março de 1639. Desse mesmo mês e ano é a nota de abertura dirigida a impressores e mercadores de livros por Faria e Sousa, e a sua carta-dedicatória ao rei está datada de 20 de Março desse ano. A obra terá aparecido por Abril ou Maio — quatro tremendos tomos em dois volumes.

Faria e Sousa — e Camões também⁽⁶³⁾ — tinha inimigos e D. Agostinho Manuel de Vasconcelos⁽⁶⁴⁾ apressou-se a denunciar a obra e os autores à Inqui-

Os Lusíadas), há uma *Restauración de la ciudad de Salvador, etc.*, de 1626, de alto interesse brasílico. A protecção claramente manifestada por Vargas na sua aprovação não era pequeno trunfo para o que não tardaria a desabar sobre Faria: as denúncias dele e do poema à Inquisição. Sobre a importância de Vargas como bibliógrafo, veja-se Theodore S. Beardsley, «The first catalogue of hispano-classical translations: T. T. de Vargas, *A los aficionados a la lengua española*», *Hispanic Review*, vol. XXXII, Outubro de 1964.

⁽⁶⁰⁾ Não cremos que isto deva interpretar-se como Vargas insinuando que Camões era, como génio, muito superior à história de Portugal, que celebrava, ao celebrar a viagem do Gama, mas sim que, tal como Faria o convencera com os seus comentários, Camões tivera, espiritualmente, no seu mesmo poema, ambições muito mais altas que a mera celebração patriótica.

⁽⁶¹⁾ Note-se como Vargas acentua culturalmente, entre as línguas da Península, a particular excelência do português e do castelhano, que eram continuidades literárias cultas, como as mais o não haviam conseguido ser, depois de absorvidas no complexo castelhano-leonês. O que ainda hoje é um facto, em que pese ao interesse e valor de catalães e galegos.

⁽⁶²⁾ Camões dedicara o seu poema ao rei D. Sebastião. Faria e Sousa, ao dedicar a sua edição a Filipe IV, que no momento era, legalmente, o rei de Portugal, não só se colocava em semelhante plano de dignidade para o poema e os comentários, como se protegia ambigüamente das suspeções políticas de que era objecto, para garantir-se a publicação de tão magno empreendimento que ele não estava em condições senão de levar a cabo em Madrid.

⁽⁶³⁾ Como é sabido, a epopeia, publicada em 1572 e que terá sido um êxito por alguns anos (abstemos-nos de trazer para aqui a questão das «duas» edições, que terão sido apenas impressões sucessivas), não foi efectivamente reeditada senão doze anos depois, a ridícula edição dos «Piscos» (cuja reaparição deveria promover-se, devidamente anotada das «variantes» impostas ao texto, para ser público a que chegou o atrevimento de reescrever e mutilar a obra, que, provavelmente, exaurida havia anos, não sairia de outro modo). E foi nesse lamentável estado que ainda reapareceu em 1591 e 1597. Entretanto, em 1595, eram lançadas as *Rimas*, logo reeditadas com mais inéditos, em 1598 (não importa aqui discutir as revisões de que os textos de 1595 foram objecto e que provámos espúrias, ou os erros de atribuição autoral que havia em ambas, ou as diferenças de inclusão de textos entre ambas as edições: para tal, vejam-se os nossos estudos de *Os Sonetos de Camões e o soneto quinhentista peninsular*, Lisboa, 1969, e os que os completam em *A Estrutura de «Os Lusíadas»*, etc., Lisboa, 1970), sendo esta reedição reimpressa em 1607. O texto original do poema épico emerge novamente em 1609, e é republicado em 1612. Temos, assim, uma primeira fase, que é a publicação da epopeia, na década de 70, e uma segunda, nos anos 80 e 90 do século XVI, em que ela só aparece «emendada». Mas o êxito das *Rimas*, em 1595–1598, coincide ainda com o voto contra o original daquela. A reedição delas arrasta (ou calculado fora que arrastasse) a reaparição do texto de 1572: aquelas são reimpressas em 1607, este em 1609, havendo um intervalo nítido entre 1598 e 1607–1609. Que sucedera entretanto? Após os anos de 1580–1583, de ocupação militar e de residência lisboeta de Filipe II (Junho de 1581–Fevereiro de 1583), segue-se o vice-reinado do cardeal-archiduque Alberto de Áustria (1584–1593). Em Agosto de 1593 (e até Janeiro de 1600) inicia-se o sistema da junta de

sição de Espanha. Mas, nesta, lá estava Tamayo de Vargas, que ainda viveu o tempo suficiente, ainda que escasso, para tanto — e a denúncia não teve

governadores, todos portugueses. A este sistema sucede o retorno ao vice-reinado, mas agora exercido por portugueses (Cristóvão de Moura, 1600–1603; Afonso de Castelo Branco, 1603–1604; Pedro de Castilho, 1605–1608; novamente Cristóvão de Moura, o 1.º marquês de Castelo Rodrigo, 1608–1612). É evidente que a reacção contra a epopeia se aproveitara — muito mais do que só o desejo de ser-se amável com os castelhanos, eliminando o que poderia ser excessivamente anti-Monarquia Dual — do período conturbado dos primeiros anos de união, para impor-se durante a regência do cardeal, e que uma mutação de atitude se inicia só no segundo governo de Cristóvão de Moura, e quiçá no de Pedro de Castilho, o qual voltou a ser vice-rei em 1612–1614. É neste período que *Os Lusíadas* são novamente reeditados (1612) e que sai a edição comentada por Manuel Correia (1613), e preparada póstumamente por Pedro de Mariz — e um e outro, no que dizem, nitidamente «defendem» o poema e o poeta. As *Rimas* reaparecem em 1614, e uma *Segunda Parte* é publicada em 1616. Mas *Os Lusíadas* não voltam a aparecer até 1626, enquanto a *Primeira Parte das Rimas* (que a edição segundo 1598 passara a ser) e a *Segunda* eram reimpressas, respectivamente, em 1621 e 1623. De 1614 a 1617 tinham sido os vice-reinados de Aleixo de Meneses e Miguel de Castro. De Maio de 1617 a Julho de 1621, o de Diego de Silva y Mendoza, conde de Salinas e marquês de Alenquer, filho de outro português, Rui Gomes da Silva, duque de Pastrana e príncipe de Eboli, que, como Cristóvão de Moura, fora fiel favorito de Filipe II (até se dizia que o vice-rei poeta era filho deste rei e da princesa famosa, tão politicamente envolvida, por conta própria, nas conspirações pelo poder em volta de Filipe II). Mas em Setembro de 1621 (e até Abril de 1633) a Espanha voltou à experiência da junta de governadores. Em 1624, publica Manuel Severim de Faria os seus *Vários Discursos Políticos*, incluindo uma biografia de Camões, que, sob a capa de biografá-lo, é realmente uma defesa da epopeia (e, para que constasse, outras duas biografias apareciam no volume, a de João de Barros e a do controvertido Diogo do Couto). Contra ele, em manuscritos que circularam, se levantou Manuel Pires de Almeida, que será um dos denunciadores de Faria e Sousa à Inquisição. *Os Lusíadas*, todavia, passam o cerco em 1626, como ficou dito. E são novamente publicados em 1631 e 1633, na edição revista por João Franco Barreto. Mas não tornam a sê-lo até à aparição em Madrid, em 1639, da edição de Faria e Sousa. Os vice-reis portugueses haviam recomeçado muito precariamente em Abril de 1633 (como nova experiência, após a movimentação de entradas e saídas da junta de governadores anterior), e, em fins de 1634, as experimentações com governadores e vice-reis portugueses ou luso-castelhanos acabavam de vez, para voltar-se ao vice-reinado de um membro da casa de Áustria, a princesa Margarida, duquesa de Mântua. Notem-se as coincidências, e como elas requerem um aturado estudo das forças políticas em jogo durante estas décadas, que está por fazer.

(*) (Da página precedente.) Agostinho Manuel de Vasconcelos era filho de Rui Mendes de Vasconcelos Casco, senhor do Morgado de Machede, e de Ana de Noronha, irmã de Francisco Manuel de Melo, alcaide-mor de Lamego e senhor do Morgado da Ribeirinha em S. Miguel, e que foi avô do escritor ilustre, seu homônimo. Agostinho Manuel era, assim, primo direito do pai do grande autor seiscentista. Mas, por seu pai Casco (apelido que ele eliminou para quedar-se com o mais nobre de Vasconcelos, e porque os Cascos haviam tido os seus dares e tomares com a Inquisição), ele entrava na genealogia da família Camões e mais parentela (cf. o nosso estudo introdutório de *A Estrutura, etc.*, p. 46). Teria nascido em 1583 (cf. António Caetano de Sousa, que o inclui na *H. G. C. R.* a que pertencia, como o escritor D. Francisco Manuel, pela ascendência de Faros — e, para os parentescos de D. Francisco, o capítulo sobre ele nos nossos *E. H. C.*) ou em 1584 (Inocêncio) e morreu em 1641, pensariam que de raiva por não ter conseguido suprimir Camões e Faria e Sousa, mas degolado por envolvido na conspiração do marquês de Vila Real contra D. João IV e a Restauração. Natural de Évora, sucedeu a um irmão mais velho no morgado de seu pai Casco, e foi autor genealógico e de biografias panegíricas (D. Duarte de Meneses, 3.º conde de Viana, e o rei D. João II), e servira o duque D. Teodósio II de Bragança († 1630), além de denunciante estético-político. Outra das suas biografias terá sido a do sogro, Constantino de Sá, commendador de Folgosinho, cuja filha (e sua cunhada), Joana de Noronha, havia sido primeira mulher de Jorge Mascarenhas, neto do Jorge de Meneses e Sotomaior, senhor de Formoselle e Alconchel, que, na genealogia de Farias, casara com Guiomar da Silva, filha de Antão de Faria, alcaide-mor de Palmela, como ficou dito. A filha de Constantino de Sá, Margarida de Mendonça (filha de Duarte de Melo, senhor de Povolide),

efeito. Logo a mesma personagem, de parceria com o poeta Manuel Galhegos⁽⁶⁵⁾ e o polígrafo Manuel Pires de Almeida⁽⁶⁶⁾, repetiu a denúncia à Inquisição

foi sua primeira mulher. Casou ainda outra vez, e de nenhuma delas teve filhos, pelo que é de concluir que era mais hábil em denúncias e panegíricos do que em fazê-los (no que seria tão desastrado como em conspirações).

(65) Manuel de Galhegos nasceu em Lisboa em 1597, fez-se padre depois de viúvo e morreu em 1665, antes de ver (só chegou a conhecer a reedição do *Epítome*) as obras inéditas de Faria e Sousa a inundar Portugal, mas tendo tido tempo de assistir a mais três edições de *Os Lusíadas*, além daquela que denunciou. Foi autor de *La Gigantomachia*, Lisboa, 1627, e do poema epítalmico *Templo da Memória*, Lisboa, 1637, oferecido ao casamento do duque D. João II de Bragança (o futuro D. João IV) e de D. Luisa de Guzmán, filha dos duques de Medina-Sidónia, cuja casa foi suprimida por Filipe IV, em 1645, pela tentativa de independência da Andaluzia (e só restaurada em 1700, por Filipe V, o rei francês). Galhegos é um dos poetas de mais interesse do período luso-castelhano. Sobre ele, veja-se Heitor Martins, *Manuel de Galhegos*, Anadia, 1964.

(66) O licenciado Manuel Pires de Almeida, de origem humilde, nasceu em Évora, em 1597, aonde estudou no Colégio dos Jesuítas e depois na Universidade, que era deles, sem completar o curso de Teologia (mestre de artes, ficara-o sendo c.1615). Regressado a Portugal e a Évora após uma viagem pela Itália e a França, terá tomado ordens por 1620 e deu em participar dos trabalhos da Academia dos Ambientes, a que pertenceu também Manuel Sevcrim de Faria, e aí leu um dos seus primeiros, se não o primeiro, estudos camonianos. Uma outra viagem a Roma e outro regresso a Évora precedem a sua instalação em Lisboa, em 1638. É desse ano o seu *Exame das opiniões de Faria e Sousa*, que coincide com a denúncia de Agostinho Manuel de Vasconcelos à Inquisição de Espanha, visando obstar a publicação do empreendimento de Faria, que, nos seus comentários, tratou de inserir resposta a ele, avisado que fora por João Pinto Ribeiro, mais tarde ou já então um dos fulcros da conspiração da Restauração. A polémica acendeu-se, e João Soares de Brito e João Franco Barreto saíram em defesa de Faria e Sousa. 1639 foi o ano da batalha. Ainda em 1642 respondia ele, Manuel Pires, a João Soares de Brito. Em 1648 publicou uma ode castelhana e um soneto francês celebrando o nascimento do infante D. Pedro, que seria o rei D. Pedro II. E acabou por morrer «incompatibilizado com os contemporâneos» (diz o seu principal estudioso), em Lisboa, em 1655. No *Hospital das Letras*, em que se refere elogiosamente a Faria e Sousa, D. Francisco Manuel de Melo mete Manuel Pires de Almeida e João Soares de Brito no mesmo saco: «o abade João Soares de Brito e o sacrístão Manuel Pires levantaram sobre o triste Camões novo Aqui-del-Rei». Como se vê, a luta em torno de *Os Lusíadas*, conduzia-a a pandilha em dois planos: o dos bastidores da Inquisição e o da polémica pública (porque saíra gente a defender o poema). Sobre os motivos de Camões ser tão gabado (expressão sua), afirma Manuel Pires, num dos seus manuscritos: «... a causa de ser tão decantado é escrever em tempo não tão polido, nem tão culto, como o presente, e ocupar muito de antemão (o que é de grande momento em todas as cousas) o primeiro lugar, e celebrar os grandes feitos e as extremadas empresas dos Portugueses, e imitar costumes com introdução de homens e deuses, e ser sem comparação muito mais excelente que todos os que antes dele poetaram em Portugal, o que não tira incorrer em todos os defeitos que em Homero e Virgílio se notaram, e não formar ideia do perfeito príncipe, não guardar decoro e não ser sua veia bem limada, verosímil e judiciosa, mas estranha, licenciosa, e ordinariamente popular e humilde, e cousas semelhantes» (transcrevemos, modernizando a pontuação e a ortografia, já que a categoria do licenciado não nos parece merecer os requintes da transcrição diplomática — p. 108 — que lhe concedeu António Soares Amora em *Manuel Pires de Almeida — um crítico inédito de Camões*, S. Paulo, 1955, importante estudo e publicação de manuscritos, em que pode encontrar-se boa bibliografia sobre a polémica em torno de *Os Lusíadas*, que envolveu alguns dos melhores — e «piores» — espíritos do tempo. Pena é que o citado estudioso não tenha investigado as denúncias inquisitoriais, só referidas de passagem. No passo acima transcrito, releve-se o que é extraliterário, por ser o mais grave (já que incorrer nos mesmos defeitos de Homero e de Virgílio é estar-se na melhor companhia possível, e não na dos Manueis Pires). Note-se a acusação de Camões «não formar ideia do perfeito príncipe» (que vai directa ao conceito de *virtù* e à concepção de aristocracia partilhada por Camões e Faria e Sousa, um e outra *laicas*); e repare-se naquele «não guardar decoro» e ter uma «veia licenciosa» o nosso épico ...

de Portugal, que era muito menos leniente em matérias literárias do que a outra⁽⁶⁷⁾. Defendeu-se Faria com uma *Información* (que terá aparecido em 1640, s/l e s/d, de VI + 139 pp.), e diz Moreno Porcel que foram suas testemunhas de defesa na Inquisição portuguesa, contra os acusadores, Gregório de Castelo Branco, conde de Vila Nova⁽⁶⁸⁾, Francisco de Sá de Meneses, conde de Matosinhos e de Pena-

(67) Está ainda por fazer, insista-se, um estudo sistemático dos pareceres dos censores portugueses (algumas notas sobre os camonianos se encontram nos nossos livros da especialidade, bem como referências bibliográficas), e o importantíssimo de comparar-se pareceres e personalidades de censores com o que, na mesma época, se passa em Espanha, onde a censura foi menos fradesca e muito mais confiada a escritores ou críticos eminentes que apareciam a censurar-se uns aos outros com mais encómodos que restrições censóricas. No caso presente, repare-se que a denúncia à Inquisição espanhola visava impedir a publicação da obra. Uma vez que isto não era conseguido, como o não foi, a denúncia em Portugal visava, como podia acontecer e muitas vezes sucedeu, à proibição de circular no País uma obra que não estava proibida em Espanha. E, efectivamente, começou por surtir efeito — a apreensão foi ordenada, sem que Faria tivesse sido ouvido. E foi quando a acção dos amigos de Faria e de *Os Lusiadas* a fez revogar.

(68) Este conde de Vila Nova (de Portimão) é o 3.º, Gregório Taumaturgo de Castelo Branco, que foi guarda-mor de D. João IV, depois da Restauração, e faleceu em 1662. Era filho de Manuel de Castelo Branco, 2.º conde, membro do Conselho de Estado, em tempo de Filipes, e escrivão da puridade, e de uma sobrinha de Manuel, Branca de Vilhena, filha de sua (dele) irmã Leonor de Milá e de seu (dele) primo co-irmão Diogo de Castelo Branco, uma das vítimas de 1578. Diogo era filho de Francisco de Castelo Branco, senhor da casa, e Manuel, o 2.º conde, era-o de João de Castelo Branco, irmão de Francisco, e governador do Algarve e do Conselho de Estado de D. Sebastião. Francisco e João eram filhos de Martinho de Castelo Branco, o 1.º conde, vedor da Fazenda de D. Afonso V, D. João II e D. Manuel I, e regedor das justiças. A mãe de Manuel, o 2.º conde, e daquela Leonor de Milá, esposa segunda de João de Castelo Branco, foi uma outra Branca de Vilhena, irmã de Francisca de Aragão (de camoniana memória, e que foi mulher de João de Borja, filho de S. Francisco de Borja, e conde de Ficalho, membro do Conselho de Estado e mordomo-mor da imperatriz Maria, mulher do imperador alemão Maximiliano II — e a mãe de Francisco de Borja y Aragón, vice-rei do Peru, príncipe de Esquilache pelo seu casamento, e poeta ilustre da literatura espanhola), de Joana de Aragão (mulher de João de Mendonça, que foi governador da Índia e, com ela, o pai do poeta Nuno de Mendonça, 1.º conde de Vale de Reis e governador filipino de Portugal) e de Maria de Aragão (que, casando com Álvaro de Córdoba, senhor de Valenzuela, estribeiro-mor de Filipe II, enquanto príncipe, foi a mãe de Leonor de Milá y Córdoba, mulher de Álvaro de Portugal, 2.º conde de Gelves, e a musa do poeta Fernando de Herrera, comentador de Garcilaso). Eram todas filhas de Gonçalo Nunes Barreto, alcaide-mor de Loulé, que morreu em Alcácer, e de Margarida de Mendonça, filha de Francisco de Mendonça, capitão de Ormuz, e da riquíssima herdeira Leonor de Almeida (filha do vice-rei D. Francisco), a qual, viúva deste, casou com Rodrigo de Melo, 1.º marquês de Ferreira. Gonçalo Nunes Barreto era filho de Nuno Rodrigues Barreto, alcaide-mor de Faro, e de outra Leonor de Milá. Esta era filha de D. Nuno Manuel, guarda-mor de D. Manuel I, e de ainda uma outra Leonor de Milá. Aquele Nuno Manuel era um dos filhos de D. João Manuel, bispo da Guarda, e bastardo do rei D. Duarte. Aquela última Leonor de Milá, com quem Nuno casou em 1477, era filha de Jaime de Milá, conde de Albayde, e de Leonor de Aragão, filha natural de Afonso de Aragão, mestre de Calatrava, duque de Villahermosa, que, como bastardo do rei D. João II de Aragão, era meio-irmão do rei Fernando, o Católico. Por outro lado, aquele Jaime de Milá era filho do cardeal Juan Luis de Milá, o qual era filho, por sua vez, de Catarina de Borja, irmã do papa Calisto III, e de Isabel de Borja, que foi mãe do papa Alexandre VI. Voltando aos Barretos. Rui Barreto, o pai daquele Nuno Rodrigues Barreto, teve uma irmã, Isabel de Melo Barreto, que casou com Álvaro de Castro, senhor do Torrão, e foi assim a mãe de Leonor de Castro, dama da imperatriz Isabel de Portugal, e esposa de Francisco de Borja, duque de Gândia, estribeiro-mor da imperatriz, e depois o famoso e santificado geral dos Jesuítas (o pai, com ela, do João de Borja, marido de Francisca de Aragão). Como se vê, esta gente não podia estar melhor aparentada na Terra

guião⁽⁶⁹⁾, e outros⁽⁷⁰⁾. Toda esta gente pertence, por suas famílias, ao círculo da parentela camonianiana, bem como aos círculos cripto-alumbrados que haviam gravitado em torno do príncipe D. João e de sua mulher, D. Joana de Áustria⁽⁷¹⁾. É evidente que a ortodoxia tinha Camões debaixo de olho, e muito mais quem tentasse hábilmente desculpá-lo. A obra foi, todavia, liberada⁽⁷²⁾, não sem ter

e nos Céus, incluindo Roma, que não é uma coisa nem a outra. Quanto ainda ao Gregório Taumaturgo, que bem mereceu do nome ao acudir a Faria e Sousa. Uma sua irmã, Maria de Vilhena, foi segunda mulher de Luís da Silveira, 3.º conde de Sortelha, e, assim, mãe de Branca de Vilhena († 1649), primeira mulher dele, seu tio Gregório, e que lhe levou o senhorio de Sortelha. Para mais ligações familiares, consultem-se os nossos *Estudos* anteriormente citados e os nossos volumes camoniananos.

(69) Este Francisco de Sá de Meneses é o 2.º conde de Penaguião, filho de João Rodrigues de Sá de Meneses, 1.º conde, e de Joana de Mendonça, filha de João de Almeida, alcaide-mor de Abrantes, e de uma filha de Simão Gonçalves da Câmara, 1.º conde da Calheta e donatário da Madeira. O 1.º conde era filho de Sebastião de Sá de Meneses, capitão de Sofala, e de Luísa Henriques. E este Sebastião era, por sua vez, filho de João Rodrigues de Sá de Meneses, senhor de Sever e alcaide-mor do Porto, poeta do *Cancioneiro Geral* e patriarca da poesia portuguesa ao longo do século XVI. A mãe de Sebastião havia sido Camila de Noronha, filha (veja-se a nota anterior) de Martinho de Castelo Branco, 1.º conde de Vila Nova, cuja mulher havia sido uma filha de João Gonçalves Zarco da Câmara. Irmão de Sebastião é outro Francisco de Sá de Meneses, 1.º conde de Matosinhos, poeta, aio do príncipe D. João (o pai de D. Sebastião) e um dos governadores do Reino, após a morte do cardeal-rei. Um outro Francisco de Sá de Meneses, a não ser confundido com os anteriores, é o poeta da *Malaca Conquistada*, filho de João Rodrigues de Sá de Meneses, o *Moço*, assim cognominado para distinguir-se do *Velho*, seu primo e homónimo, o poeta. Mas uma irmã daquele épico foi a segunda mulher de Francisco de Sá de Meneses, o lírico do rio Leça, segundo as endechas famosas. Recorde-se que o 2.º conde de Penaguião era o detentor do original do *Auto de El-Rei Seleuco*, de Camões, primeiro publicado em 1645, na edição das *Rimas*, que precisamente é dedicada a seu filho, João Rodrigues de Sá de Meneses, que veio a ser o 3.º conde, e cedeu o texto para publicação. A este mesmo João Rodrigues, camareiro-mor de D. João IV, é muito significativo apontar que João Soares de Brito (1611–1664) dedicou a sua *Apologia em que defende a poesia do príncipe dos poetas de Espanha, Luís de Camões, etc.*, Lisboa, 1641.

(70) Moreno Porcel, ao nomear os que testemunharam em Lisboa a favor de Faria e Sousa, nomeia um outro, D. Álvaro da Costa, capelão-mor, e não refere Fr. Francisco Brandão (1601–1679), que também o teria defendido. Álvaro da Costa, que foi professor de Coimbra e reitor da Universidade, deputado do Santo Ofício dessa cidade, exerceu o cargo de capelão-mor de Filipe IV e depois de D. João IV, em Lisboa. Morreu em 1642, bispo eleito de Viseu. Era filho de Gil Eanes da Costa, comendador de Cristo, presidente do Senado de Lisboa e do Conselho de Estado de Filipe II, e de Maria de Noronha, pela qual descendia de Lobos e Silveiras, e, sobretudo, pertencia à casa dos condes de Monsanto (uma sua trisavó, filha dos 2.ºs condes, era, por sinal, irmã da mulher de Diogo Pereira, 2.º conde da Feira). Fr. Francisco Brandão, o autor da quinta (Coimbra, 1650) e da sexta (Lisboa, 1672) partes da *Monarquia Lusitana*, fora colaborador de seu tio, Fr. António Brandão, a quem sucedeu na composição da obra e no cargo de cronista-mor do Reino (o tio falecera em 1637). Foi Juromenha, na sua edição da obra de Camões, quem terá chamado a atenção para esse papel de Fr. Francisco na questão Faria e Sousa, através de cartas deste ao cronista. Teófilo atribui-lhe um papel preponderante, que ele não terá certamente tido como depoente directo, ou Faria e Sousa não houvera deixado essa indicação a Moreno Porcel ou em notas suas, como deixou os nomes dos outros.

(71) Veja-se o que já tivemos ocasião de apontar neste prefácio, mais os nossos estudos e artigos citados (e a bibliografia pertinente que eles referem).

(72) Vimos já em que circunstâncias, e como, Faria e Sousa contava com esta edição para firmar-se e ao «seu poeta» no conceito da posteridade.

indignado também alguns sebastianistas⁽⁷³⁾, e as polémicas contribuíram para o seu êxito⁽⁷⁴⁾.

Em 1644–1646, Faria e Sousa reedita, como vimos, *Fuente de Aganipe*, cuja 1.^a parte vem dedicada a Félix Machado de Castro e Silva, marquês de Montebelo, em casa de quem ele e a esposa viviam um pouco como de esmola do parente rico, desde 1643 — albergue que se cifra na colaboração na edição do *Nobiliário* do conde D. Pedro. A 2.^a parte é dedicada a Juan Francisco Pacheco, deão e cônego da igreja de Jaen, bispo eleito dela, sumilher de cortina de Sua Majestade. A 3.^a parte é-a a Francisco Osorio de Moscoso y Mendoza, arcebispo de Madrid, na Santa Igreja de Toledo. A 4.^a parte está dedicada a D. Gregório de Castelo Branco, conde de Vila Nova e de Sortelha, senhor da antiquíssima casa de Góis, guarda-mor de Sua Majestade nos Reinos de Portugal. Não demos os títulos todos que ornam o nome do marquês de Montebelo na dedicatória a ele — sim, os dos outros. E há nisto uma dolorosa pungência: é a gratidão aos que relativamente grandes o haviam protegido (não mais aos que poderiam promovê-lo e empregá-lo), quer com um tecto, quer com testemunho em seu favor na Inquisição, e um par de eclesiásticos que o protegessem da marca que a denúncia deixara nele. Não temos já as altissonantes dedicatórias que haviam servido a proteger e lançar a edição de *Os Lusíadas*. E a edição é também o poeta pondo em ordem a sua obra para a posteridade, que tudo fez por ignorá-la, quando a vida já lhe fugia, obra que havia sido, anos antes, publicada com tão ansiosa precipitação.

Quando, em 1644, morreu a rainha D. Isabel de Bourbon, Faria e Sousa dedicou à sua memória uma *Nénia*, publicada em Madrid, e, no ano seguinte, colabora no volume epicédico à mesma real defunta, *Pompa funeral, honras y exequias en la muerte*, etc.⁽⁷⁵⁾. Em 1646, sob os auspícios do 2.^º marquês de Castelo Rodrigo, cuja filha Margarita recebera mais de vinte anos antes, ainda criança, a *Muerte de Jesus y Llanto de María*, e que o levara a Roma, sai a edição do *Nobiliário*. E, em 8 de Maio de 1649, menos de um mês antes de morrer, acabara ele de escrever a dedicatória de uma obra biográfico-encomiástica, *El Gran Justicia de Aragón*, dedicada (e quiçá encomendada que fora) ao herdeiro da personalidade louvada, herdeiro que era Miguel Batista de Lanuza, cavaleiro de Santiago, do Conselho de Sua Majestade, protonotário da Coroa de Aragão

⁽⁷³⁾ É o que se pode ver no exemplar existente no King's College da Universidade de Londres, e para o qual generosamente nos chamou a atenção o ilustre historiador Charles Boxer. Essas anotações marginais, que só por si dariam um interessante estudo monográfico, foram escritas por um furioso sebastianista que as deve ter composto entre a liberação da obra em meados de 1639 e a Revolução de 1640, que deve ter abalado (ou exacerbado) as suas crenças.

⁽⁷⁴⁾ De Madrid, 26 de Julho de 1639, escrevia Faria e Sousa a Fr. Francisco Brandão: «Eu mesmo me admiro da aceitação do Comento, e que com esperar que a não tivesse pequena, nunca me passou pelo entendimento que fosse tanta» (cf. Teófilo Braga, *ob. cit.*, p. 417).

⁽⁷⁵⁾ Camilo indignou-se com esta participação de Faria em exéquias literárias da esposa de Filipe IV, quando a Restauração já estava em marcha. Mas, conhecido e vigiado autor, residente em Madrid, será que ele terá podido eximir-se a participar? De resto, a rainha, filha de Henrique IV de França e de Maria de Médicis, e irmã de Luís XIII, não era, de certo modo, uma representante daquela França que manipulara as agitações de Catalunha e Portugal contra a Espanha? Foi ela a primeira mulher (1615) de Filipe IV e, portanto, a rainha durante a longa vida espanhola de Faria e Sousa.

(e, tal como mais de vinte anos antes, com o epitalâmio aos marqueses de Molina, Faria e Sousa jogava nas contradições internas de Castela e Aragão para avançar na vida ou, melhor, sobreviver). O livro terá saído em fins de 1650, já póstumo de mais de um ano, uma vez que a última das licenças é datada de 9 de Setembro. Faria e Sousa morrera em Madrid, na casa do marquês de Montebelo, a 3 de Junho de 1649, com 59 anos de idade. A longa e dolorosa doença que o vitimou, diz o marquês que ele a enfrentou até ao fim «sempre em perpétuo estudo em a escritão de mais de sessenta livros que escreveu e com dilatar a cura deste mal de que morreu — viveu seis anos em minha casa e nunca o vi colérico — era verdadeiro filósofo cristão em todas as suas acções, inimigo de tudo que não fosse verdade, e por ela padeceu muitos trabalhos»⁽⁷⁶⁾. Seu filho Pedro de Faria, entrado em Portugal, receberia, por alvará de 9 de Março de 1651, um lugar «que estivesse em relação com a sua pessoa», e recebeu uma tença⁽⁷⁷⁾ por ser filho «de pessoa tão benemérita [...] pelos escritos e obras que deu à impressão»⁽⁷⁸⁾. Sepultado que havia sido Faria num mosteiro de Madrid, a viúva trouxe para Portugal os seus restos, e ele e sua mulher acabaram por repousar em Santa Maria de Pombeiro (essa tão bela e abandonada ruína), e o epitáfio na sacristia aonde os enterraram terá a data de 6 de Setembro de 1660⁽⁷⁹⁾. Não parece que Faria, antes de morrer, tenha chegado a conhecer o ataque ao seu antigongorismo que, supõe-se que em 1649, Juan Espinosa Medrano publicara em Lima, Peru, aonde o seu neoclassicismo barroco ecoara: *Discurso Apologético en favor de Don Luis de Góngora*⁽⁸⁰⁾, dirigido sobretudo contra as afirmações expendidas no prólogo crítico anteposto à *Fuente de Aganipe*.

⁽⁷⁶⁾ *Apud Juromenha* (ed. cam., I, p. 340) e citação de Teófilo (*ob. cit.*, p. 425).

⁽⁷⁷⁾ A tença, decorrente do reguengo de Aguiar, era de 50 mil réis. Em 1661, Pedro de Faria e Sousa, também dado à poesia, publicou um *Poema Nupcial*, dedicado a Nuno Álvares Pereira de Melo, duque do Cadaval. Esta importante personalidade (1638–1727), que se tornara o mais poderoso e influente membro do clã dos Pereiras, um dos quais protegera seu pai (como outros haviam estado vinculados a Camões), era o 4.º marquês de Ferrreira e 5.º conde de Tentúgal quando foi elevado ao ducado em 1648. O casamento celebrado é o primeiro deste duque, em Dezembro de 1660, com Maria de Faro, condessa herdeira de Odemira. Pedro de Faria recebeu privilégio para a publicação das obras do seu pai em 8 de Agosto de 1666 (segundo cremos), o que explica as edições desse ano e subsequentes. Todavia, há que ponderar como ele, regressado a Portugal por 1650, e bem recebido com tença, é só por 1666–1667 que se lança à publicação das obras do pai. Este, quando escrevia de Faria no *Nobiliário*, já o dava, por 1637, como casado e capitão. Será que esperou pelas perspectivas de paz com a Espanha para dar início ao empreendimento, porque, ao contrário do que se supõe, os papéis não tinham vindo com ele? Ou será que a atmosfera política se não ajustava ao empreendimento? D. João IV morrera em 1656. Os seis anos seguintes são os da regência da rainha D. Luísa, até ao governo do conde de Castelo Melhor (1662–1667). Parece que por essa altura foi preso e desterrado para o Brasil (seria partidário de D. Afonso VI, ou pessoa ligada ao governo de Castelo Melhor?). Em 13 de Janeiro de 1672 recebeu, todavia, alvará do regente D. Pedro para prosseguir as publicações, que realmente o foram por António Craesbeeck de Melo. Note-se que, em 1672, este Pedro de Faria seria já homem dos seus 60 anos, pelo menos.

⁽⁷⁸⁾ Note-se que o *benemérito* se aplica ao escritor, mas não invalida outras gratidões devidas a Faria e Sousa, e que não seriam propriamente de revelar em diploma oficial.

⁽⁷⁹⁾ Não verificámos pessoalmente este epitáfio, nem, quando da nossa visita a Pombeiro, há muitos anos, estávamos cientes de que Faria e Sousa jazeria lá. É notícia dos bibliógrafos. Será que ainda existe?

⁽⁸⁰⁾ Luis de Góngora y Argote (1561–1627) é hoje considerado um dos maiores poetas da Espanha, como logo os seus admiradores o consideraram. As polémicas em torno da sua obra, especialmente após

Em 1658, ainda em Madrid, foi publicada a sua *Oda en castellano, traducida de la latina del inglés Jacobo Gibbes sobre el Escorial* (⁸¹). E é nos trinta anos seguintes que aparece a massa maior dos seus escritos históricos inéditos, e também as *Rimas* de Camões coligidas e comentadas, a outra parte do imenso díptico por ele erguido à glória do poeta. É esta a segunda fase, póstuma, da actividade editorial de Faria e Sousa, e que, por volta de 1730, alterava grandemente a imagem de quem havia aparecido, em vida, como poeta, comentador de *Os Lusiadas*, autor do *Epítome*, anotador genealógico e autor de uma que outra produção mais eventual. Vimos (nota 48) a difusão do *Epítome*. A *Europa Portuguesa*, refundição e ampliação desse original, tem o seu tomo I publicado em Lisboa, 1667, e reeditado em 1678, seguindo-se a esta reedição a publicação do tomo II, 1679, e do III, 1680. Mas em 1666–1675 tinham saído os tomos da *Ásia Portuguesa*, que teve tradução inglesa em 1695, e cujo 1.º tomo foi reeditado em 1703. Em 1681 é a vez da *Africa Portuguesa*. E em 1685 começam a sair os tomos (até 1688 e 1689) das *Rimas* de Camões comentadas, cuja publicação ficou incompleta (⁸²). Mas nos anos trinta do século XVIII, quando era reeditado o elogio póstumo de Moreno Porcel, e Faria e Sousa merecia o respeito de espírito tão esclarecido como o 4.º conde da Ericeira, aparece ainda outro dos seus inéditos: *Imperio de China y cultura evangélica en él por los religiosos de la Compañía de Jesus*, e, em 1737, era reimpressa aquela *Fábula de Narciso e Eco*, que terá sido a sua estreia literária. Os tempos mudavam e a glória de Faria e Sousa extinguia-se nos fumos de uma confusa reacção antibarroca — mas, ainda em 1823 e em 1888, houve edições portuguesas de *Muerte de Jesus y Llanto de María*, outra das suas estreias literárias. O último crítico a tratá-lo com conside-

que a *Fábula de Polifemo y Galatea* e a primeira parte das *Soledades* foram conhecidas por 1613, foram tremendas, e perduraram longamente, reacendendo-se quando, em 1627, apareceram as obras completas — para longamente marcarem de «gongorismo» a época barroca, sobretudo para espanhóis, hispanistas e seus dependentes portugueses (mais por antibarroquismo «político» que outra coisa). Mas convém não esquecer que as polémicas e os ataques de escola a escola e grupo a grupo ferveram ao longo do «século de ouro» espanhol, em particular desde os fins do século XVI até aos meados do século XVII, quando essa época gloriosa, cheia de conflitos de ideias, teorias, grupos e personalidades, se extingue. É muito vasta a bibliografia sobre tais polémicas que pode ser encontrada em bibliografias especiais dos diversos autores, ou das teorias poéticas do período. Em larga escala, o «gongorismo» triunfou na América espanhola (aonde está na raiz do «modernismo» da viragem do século XIX para o XX), e não admira que do Peru viesse um ataque contra Faria e Sousa, quando este defendia um neoclassicismo que não repelia o «conceptismo» desenvolvido pelo barroco, nem sequer o «cultismo», mas a aparente artificialidade do que se chamava, por troça, «latiniparla».

(⁸¹) Nunca nos foi possível ver este folheto e foi-nos difícilmente identificar o autor do original traduzido. Acabámos por encontrá-lo na *Nouvelle Biographie Générale, etc.*, publicada por Firmin Didot Frères, tomo 20, Paris, 1857. Médico e escritor, é de seu nome James Gibbes, nascido em Ruão, 1616, e tendo morrido em Roma, 1677 — um típico exilado inglês pela revolução puritana, e por ser católico. Autor de numerosos discursos, tratados, poesias latinas, viveu na Holanda, Alemanha, Espanha e Itália. Em 1657 era cônego. É óbvio que, durante a sua estada em Espanha, celebrou o Escorial, em ode que Faria e Sousa traduziu.

(⁸²) Na longa lista de inéditos que Faria dá no *Nobiliário* e a que nos temos referido ele dizia que a edição comentada das *Rimas* seria em oito tomos ao todo. A descrição que ele faz coincide com os cinco primeiros que foram publicados (1–2, sonetos; 3, canções, odes e sextinas; 4, elegias e oitavas; 5, oito églogas) e informa-nos sobre os três que o não foram (6, mais oito églogas; 7, versos menores; 8, comedias e prosas). Os cinco tomos publicados estão em dois volumes (chamados «tomas»).

ração e estima inteligente é José Maria da Costa e Silva⁽⁸³⁾. Faria e Sousa, e com ele o século XVII e mesmo a sua incomparável actividade de camonista que o deveria ter salvo, desde sempre, ainda que a poesia e a história o não merecessem, mergulhavam na noite de incompreensão, ignorância ou cinismo catedrático-burguês, de que só agora emergem para a imparcialidade da crítica, ou para um entendimento subtil e informado de uma época tão complexa como aquela em que foi a Faria e Sousa dado viver.

Mas outras obras ele escrevera que ficaram inéditas, e não só as partes finais dos comentários às *Rimas* de Camões. Assim, também a *América Portuguesa*⁽⁸⁴⁾, que seria o último volante do políptico histórico das glórias portuguesas à escala universal, de que a *Europa*, a *Ásia* e a *África* viram a luz do dia. E o mais que ele declara na longa lista, irónico-amarga, que é como que um catálogo testamentário anteposto à edição do *Nobiliário*. E bem interessante ela é (transcrevemos e resumimos): um livro de história escrito para ser impresso em nome de outrem; outro de história genealógica nas mesmas condições⁽⁸⁵⁾; traduções castelhanas de vários autores portugueses e latinos⁽⁸⁶⁾; uma versão ampliada da sua, chama-lhe, *Defensa de los Comentarios de la Lusíada*⁽⁸⁷⁾; *Albania*, poema lírico em prosa portuguesa⁽⁸⁸⁾, uma centúria de cartas⁽⁸⁹⁾, etc. Estará nos etc. um *Peregrino*

⁽⁸³⁾ Costa e Silva dá-lhe relevo no seu vasto *Ensaio Biográfico-Crítico sobre os melhores Poetas Portugueses*, em cujo tomo VII (Lisboa, 1854) lhe dedica quatro capítulos do livro XIV. Mas a medida de quanto, no seu entendimento do barroco (tão largamente tratado na obra através de personalidades algumas do maior interesse), estava preso às tradições de uma corrente «classicista», eis o que se revela no modo como critica que, em certas églogas, Faria e Sousa tenha posto os pastores a falar realisticamente num nível rústico de linguagem (que ainda aguarda o seu linguista que o compare com a fala da região de que Faria era oriundo), quando o bucolismo reclamaria uma dicção suave e elegante. Mas Costa e Silva está sobretudo interessado no poeta português seiscentista. Teófilo Braga, na obra citada, em que dá a Faria e Sousa largo espaço, está sobretudo interessado, como sempre, na reconstituição «biográfica» (ainda que atinja compreensão da época e seus condicionamentos); todavia, nos seus vários estudos camonianos, não o ignorou de modo algum, e muito se baseou nele ou procurou investigar o que ele apontava (infelizmente, sem se preocupar com entender primeiro os contextos de que se ocupava).

⁽⁸⁴⁾ Note-se como Faria e Sousa, nos anos trinta ou quarenta do século XVII, propõe este nome para indicar o Brasil e a presença portuguesa nas Américas, e como ele veio a ser adoptado precisamente quando, no primeiro terço do século XVIII, se dá a derradeira agitação intelectual em torno de Faria e Sousa: a *América Portuguesa*, de Rocha Pita.

⁽⁸⁵⁾ O facto de isto ser dito numa obra que tinha a protecção do 2.º marquês de Castelo Rodrigo faz-nos crer que Faria se não refere a uma história genealógica dos Mouras, que notícias lhe atribuem, e que outras dão ao próprio Manuel de Moura. E quem sabe? Talvez que tivesse escrito mais de uma, e o Moura pudesse pensar que era da outra que se tratava ...

⁽⁸⁶⁾ A *Crónica de D. João*, de Damião de Góis, de autores clássicos ou de filósofos escolásticos. Que ele, neste último caso, cite Alberto Magno, é uma curiosa indicação, por este pensador ter sido longamente considerado como homem ligado a artes mágicas e ocultismos cabalísticos.

⁽⁸⁷⁾ Nessa «dilatação» da sua defesa, que declara ter sido impressa em Madrid, 1640, demonstrava mais amplamente o monoteísmo dos «gentios», diz ele.

⁽⁸⁸⁾ Este poema em prosa portuguesa (ou o que diríamos novela poética), Faria e Sousa informa que era tal que a sua «novidade satisfez muitos que o viram», e que não tratava nem de príncipes nem de pastores. Pela sua poesia e anotações próprias a ela, sabemos que «Albania» era o nome poético por ele dado à sua paixão juvenil que foi sua mulher.

⁽⁸⁹⁾ Cremos que cartas de Faria e Sousa, publicadas em grupo, só o estão as a Fr. Francisco Brandão (*Memórias da Academia Real das Ciências*, tomo X, 1.ª parte, pp. 36 e segs.), que serviram a Teófilo para bordar (e a Juromenha também) a acção que o cronista-mor teria tido em favor de Faria e Sousa.

Instruido, mencionado por Barbosa Machado? E, por certo, ao que com seguras razões mostrámos, estará neles o *Cancioneiro* dito de Manuel de Faria⁽⁹⁰⁾, de tão grande importância para a poesia peninsular dos fins do século XVI e primeiras décadas do XVII.

Importa-nos agora estudar e pôr em relevo o significado e os méritos dos comentários a *Os Lusíadas*. Como temos visto, a actividade pessoal e póstuma de Faria e Sousa divide-se em quatro aspectos: o poeta (português e castelhano), o historiador, o polígrafo (e os seus trabalhos encomiásticos, ou genealógicos, tanto cabem sob um título como sob o outro), e o comentador de Camões. Este, por sua vez, reparte-se em dois: o comentador da epopeia e o da obra lírica (não conhecemos o comentador da obra teatral e em prosa), e o exaustivo editor desta, autêntica ou apócrifa, nos limites muito vastos da sua informação documental. O poeta mereceu o elogio dos seus contemporâneos e, sem dúvida, aguarda, em Portugal, como em Espanha, a ressurreição que merece. O historiador, se entendido à luz do que ele exactamente pretendeu fazer, está ainda por explorar pelo muito que contém, mesmo de informações ou indicações documentais. As opiniões críticas do polígrafo, e o seu barroquismo neoclássico que não recuava ante inserir o realismo popularizante na sua obra, são essenciais para a história das ideias críticas em Portugal e em Espanha na sua época. E o comentador de Camões? Esse, ao comentar a epopeia, queria, ao mesmo tempo, explicar e impor a grandeza do poema, dando-lhe um monumental comentário que a colocasse num *status* equivalente ao das edições críticas dos grandes clássicos, que eram uma das tradições humanísticas. O caso das *Rimas* era, porém, totalmente diverso de uma obra impressa em vida do poeta (e a dualidade dos frontispícios da 1.^a edição desta não escapara a Faria). Primeiro coligidas em 1595 e logo ampliadas em 1598, e com uma segunda parte em 1616 — e mais não havia impresso ao tempo de Faria e Sousa —, ninguém melhor do que um profundo conhecedor de colectâ-

(90) Já mencionámos — perdoe-se-nos a vaidade — o importante estudo que dedicámos à edição deste *Cancioneiro* por E. Glaser e que é, que nos conste, a única análise, em extensão e profundidade, que a edição mereceu. Cremos ter mostrado que o *Cancioneiro* representa um conjunto de poderosas personalidades ligadas (ou a elas ligadas) ao esquema da Monarquia Dual, que todas ou quase todas identificamos nas suas relações familiares e com Faria e Sousa; que só um português de profundo conhecimento da época e de manuscritos o poderia ter organizado, ainda que como um florilégio ocasional, e não mais tarde nem mais cedo que 1619–1622; e mesmo explicámos genealógicamente como o manuscrito foi parar à biblioteca dos duques de Osuna, donde era oriundo quando veio a ser encontrado. O que, do mesmo passo, é contraprova de que o *Cancioneiro* foi preparado para Iñigo de Velasco, que veio a ser o 8.^o duque de Frias, e era, por títulos de família para o primogénito, *conde de Haro* nesse tempo. Que Faria não indique, entre as suas obras, esta, afinal eventual (apesar do interesse que para nós hoje possa ter), nada prova contra a sua autoria como organizador. E note-se que o facto de o seu nome aparecer só como *Manual de Faria* na atribuição coincide com a forma como no seu tempo e mais tarde outros autores o nomeiam (até, quiçá, por veneno genealógico, já que ele era muito mais um Faria modesto de que um Sousa do tempo dos Afonsinos, aos quais um António Caetano de Sousa — que era um deles — dedicaria centenas de páginas de cerrada genealogia, adentro da casa real). De resto, ele mesmo se assinava às vezes só «Manuel de Faria».

neas e miscelâneas manuscritas, que ele bem mostrou que era, sabia quanto as atribuições eram duvidosas, incertas, ou andavam indevidamente confundidas em cancioneiros que não eram diversos dos que haviam servido para os primeiros editores das *Rimas* (nenhum dos quais clama, muito pelo contrário, ter visto originais camonianos), eram os mesmos ou semelhantes àqueles que Faria e Sousa ele mesmo manuseara, e, no fim de contas, muitos deles talvez os mesmos que — desenterrados de uma desatenção secular — vão sendo estudados e publicados hoje. Tratava-se, portanto, muito mais, de salvar do esquecimento manuscrito e dar à imprensa quanto *pudesse ser* de Camões, com a reserva de que muitos textos andavam em nome de outrem (o que raro Faria não indica e sublinha ele mesmo). Nisto, e ao contrário da malevolência crítica com que passou a ser considerado (e um Wilhelm Storck, lusófilo, ou uma Carolina Michaëlis, aportuguesada, sofreriam necessariamente a tentação de serem mais portugueses que os Portugueses em desprezar o seiscentista hispanófilo e que ficara em Espanha em 1640), caiu ele muito menos em ingenuidades ou manipulações como as de Juromenha ou Teófilo Braga, que, usando de escasso número de manuscritos (e sem as bases comparativas entre grande massa deles que Faria e Sousa manifesta possuir), fizeram neles mão baixa para aumentar a massa de «apócrifos», até que a crítica de Carolina Michaëlis (que também não conheceu, nem de longe, tantos manuscritos quantos os que vão sendo do nosso conhecimento actual) deteve um tal delírio (e por tal modo o deteve que os possíveis manuscritos existentes ficaram praticamente banidos de consulta por parte dos camonistas ulteriores, que se ativeram ao que ela criticara, e nem sequer se atreveram a, dos manuscritos que ela conheceu, recolher o que ela mesma considerava que tinha atribuição camoniana não desmentida por outros manuscritos, e, se ela não conhecia muitos, os camonistas tradicionais não conheciam ou não fizeram por conhecer muitos mais). Não é sequer verdade que Faria e Sousa tenha corrigido e embelezado os textos que, em seu tempo, já corriam impressos — e, de qualquer modo, não se pode assacar-lhe uma culpa que era em grande parte exactamente inherente à prática (e à necessidade humanística) de corrigir e preencher lacunas em textos clássicos fragmentários ou corrompidos. Aliás, com menos autoridade e não muito mais filologia, é o que mais ou menos todos têm feito, ao corrigirem os textos camonianos como primeiro apareceram (ou aceitando correções ulteriores que pareçam mais quinhentistas do que o próprio Camões terá sido), e desse pecado, aqui e ali, nem mesmo a grande Carolina Michaëlis ficou isenta. E, assim, melhor se comprehende como, se Camões havia de ser o bode expiatório das vaidades e frustrações lusitanas, o seu comentarista e editor por excelênciia teria de sê-lo de quem trabalhasse mais à luz dessas frustrações e vaidades do que das exigências críticas de autenticar e estabelecer os textos segundo as versões existentes, não como reconstituídos mosaicos com fragmentos de diversas épocas, mas como o que manuscritos, quiçá, mais autênticos que as primeiras impressões impõem que se faça. Isto não é desmerecer do muito que foi feito por vários — mas é indicar quão longe de encerrado está o processo de Camões, e que não é desculpa o supor-se que não se encerrará nunca — até porque nunca tal sucede com aqueles que estão e ficam em aberto, precisamente porque esse é um dos maiores sinais

da sua grandeza⁽⁹¹⁾. Note-se, além disto, e tendo em mente a venenosa passagem que, em nota, citámos de Manuel Pires de Almeida, como a defesa de Camões, no século XVII, exigia, contraditóriamente, retoques — para obviar a acusação de ser ele um bárbaro em relação aos refinamentos prosódicos, estilísticos e linguísticos que eram os dos pedantes seiscentistas, aos quais serviam de capa para atacar o que eles sentiam ou entendiam que a obra continha de «subversivo».

De 20 de Março de 1639 datou Faria e Sousa a sua carta-dedicatória a Filipe IV desta edição de *Os Lusíadas*. Mas, a esta, seguem-se mais duas, uma a D. Gaspar de Guzmán, conde de Olivares e duque de San Lúcar, o poderoso ministro de Estado, e outra a D. Gerónimo de Villanueva, cavaleiro de Calatrava e nela comendador de Villafranca⁽⁹²⁾. E seguem-se as «Advertencias para lêr com mais luz este livro», em número de dez. A 7.^a é a que nos explica a razão de

(⁹¹) Independentemente de, em crítica, tudo estar sempre sujeito a revaloração e reinterpretação, o que mais ainda se observa com os chamados grandes autores clássicos, de qualquer época e em qualquer literatura, a questão de autenticidade de autoria e de lição dos textos, crucial em Camões, não o faz, de modo algum, um problema mais «insolúvel» do que, por exemplo, Shakespeare, cujo cânon de autoria e de lição dos textos também se não pode basear em autógrafos autenticados, que não existem. Pelo contrário, a existência, cada vez mais conhecida, de numerosos cancioneiros manuscritos e camonianos dos fins do século XVI ou primeiras décadas do XVII, nunca devidamente explorados (ou, os conhecidos, não reexplorados por modernos métodos, ou à luz dos outros manuscritos que se vão conhecendo), torna o problema camoniano, sob o aspecto textual, muito menos «insolúvel» que o de Shakespeare, para o qual as fontes são muitíssimo mais escassas. E é isto o que habitualmente ainda se não comprehende na questão da reabertura inevitável, e hoje já impossível de deter, do «processo» de Camões. Seja-nos permitida uma anedota pessoal. Quando, nos anos 1960–1965, no Brasil, nos foi possível, com o apoio do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Governo do Estado de São Paulo, desenvolver os estudos que havíamos iniciado públicamente em Portugal com uma conferência de 1948 sobre a dialéctica camoniana, houve um momento em que, segundo os regulamentos, a renovação da «tença» paulista dependia de serem ouvidos «peritos» sobre o interesse de ela ser renovada. Foi-o — mas não sem que os «peritos» tivessem alegado da improcedência de tais estudos, uma vez que Camões era, e por definitivas autoridades, um caso arrumado ...

(⁹²) O conde-duque de Olivares, como usualmente é referido, nascera em Roma, em 1587, e morreu desterrado em Toro, em 1645. O final do reinado de Filipe III havia sido uma sucessão de crises políticas em torno dele, com a queda de grandes próceres, e Gaspar de Guzmán, desde 1615 gentil-homem de câmara do herdeiro, sobe com este ao poder em 1621, dando início a uma série de perseguições políticas, que se simbolizam na execução de Rodrigo Calderón, que foi, pode dizer-se, o último acontecimento a deixar marca no romanceiro tradicional. Poucos primeiros-ministros atingiram o poder e a influência que ele teve, até cair, por sua vez, em 1643, e a Revolução de 1640, que ele não soubera ou não pudera evitar, foi uma das causas da sua queda, apesar de, até certo ponto, ter sido a sua política centralista um dos factores decisivos em justificar a atmosfera interna que a precipitou. As vésperas de um 1640 que andava no ar claramente desde os tumultos de Évora em 1637 (quando as altas classes traíram uma agitação que não fosse uma revolução de estilo *putsch*, controlada por elas), só o desejo urgente de publicar-se uma obra que Faria e Sousa estava impedido de publicar em Portugal pela sua residência «fixa» em Espanha, e que, em Portugal, ele sabia que os seus inimigos e de Camões tudo fariam para impedir, como fizeram, explica as dedicatórias ao rei e ao ministro, colocando a obra, no plano político, sob a protecção deles. E se, segundo parece, ele estava em relações com João Pinto Ribeiro, o «republicano» da Restauração, saberia melhor do que muitos outros, em 1637–1639, quando a obra é licenciada e impressa, quanto a situação era incerta nas tergiversações de todos, incluindo as do próprio candidato, o futuro D. João IV. De resto, os textos das três dedicatórias «políticas», lidos com atenção, são um primor de habilidade, no melhor estilo barroco.

o título da epopeia ir sem artigo. Diz Faria: «Ao tempo em que Luís de Camões tinha já escrito os seis primeiros cantos do poema, ainda não lhes havia dado título. Isso se vê claro da cópia deles, que fenece com a declaração que advertimos no n.º 16 de sua vida, pois diz: ‘Estes cantos se furtaram a Luís de Camões da obra que tem começada sobre o descobrimento da Índia’».» E prossegue: «O impresso pelo poeta tem assim *Os Lusíadas*. Outra vi, diz *As Lusíadas*. A de Montenegro, e a tradução de Tapia, dizem só *Lusíada*. Isto me pareceu bem, e assim o pus em todos os cantos: depois mudei de parecer, e acomodando-me a que é melhor *Lusíadas* o pus assim no rosto do livro⁽⁹³⁾.» A 9.^a tem o interesse de, segundo o autor, permitir aos «curiosos entenderem o crédito que têm e de onde saíram» as estampas. «O retrato do poeta — afirma — sacou-se bem parecido a outro que era original, mandado fazer por seu amigo o licenciado Manuel Correia, ao tempo em que se tratavam em Lisboa, que é de crer que seria depois que veio da Índia, porque não pôde tratar com ele antes, pois desde quando o poeta saiu de Lisboa até ao ano em que morreu Correia vão mais de sessenta. E poucos mais devia ele ter quando morreu. Do que se segue que este retrato é dos últimos dias do poeta⁽⁹⁴⁾.»

Vem depois o elogio de Faria escrito por Lope de Vega e concluído por Juan Baptista de Sosa, amigo de um e de outro⁽⁹⁵⁾. Neste elogio, que já antes referimos, há um curioso passo, ao tratar-se nele do próprio Camões, «o Camaños, que todo es uno: I si la (casa) del Camões declinó, mas no tanto que oy no tenga en Portugal un honrado mayorazgo⁽⁹⁶⁾, i en Galicia la noble casa de los

⁽⁹³⁾ A hesitação entre *Os* e *As*, apesar de *Os* estar na edição do poema feita em vida do poeta, reflecte as próprias referências da época, que tendem a dizer *As* (assim escreve Diogo do Couto na sua *Década VIII*, por exemplo) — sem entrarmos no mérito da questão das cópias manuscritas do poema, que não há razão para duvidar de que Faria terá visto (e as variantes são por ele dadas nesta edição). Montenegro é Manuel Correia Montenegro, que, segundo Inocêncio, viveu em Salamanca (e que Faria diz que vivia ou vivera em Madrid) e teria feito uma tradução castelhana do poema, que Faria afirma ter visto manuscrita. Outro tradutor castelhano, português como aquele, e que ficou inédito (mas não aos olhos de Faria, ao que parece) foi Francisco de Aguilar († 1613). Luis Gómez de Tapia, morador em Sevilha, é o autor de uma das duas traduções aparecidas em 1580, a dele em Salamanca. A outra, de Alcalá de Henares, é de Benito Caldera (sem dúvida, Bento Caldeira, já que Nicolau António o dá como português; Barbosa Machado acrescenta que era frade em Madrid).

⁽⁹⁴⁾ Manuel Correia é o licenciado em cânones, comentador da edição de 1613, cujos papéis Pedro de Mariz diz ter salvo, quando por sua morte iam a leilão, no seu espólio, para pagamento de dívidas. Era o pároco que diz ter convivido com Camões e ter escrito os comentários a pedido deste, porque se interpretavam mal muitos passos da epopeia. Se Camões chegou a Lisboa, de regresso da Índia (mais exactamente, da ilha de Moçambique, donde Diogo do Couto e outros o ajudaram a sair), em 1570, realmente mais de sessenta anos iam desta data até àquela em que Correia teria, se não morrido, antes de 1613, como é evidente, pelo menos nesta data sido publicado por Mariz. Cremos que Correia deve ter morrido muito antes, a não ter falecido velhíssimo, já que havia de ser homem de pelo menos 30, na década de 70.

⁽⁹⁵⁾ A autoridade de Sosa, entre Lope e Faria, para completar o elogio deste escrito por aquele, é assim sublinhada.

⁽⁹⁶⁾ Noutro ponto (p. 21) é dito ser da Camoeira, no Alentejo, este morgado, cuja origem anotámos na nota 33, e que seria da Torre, em Avis. Existiu, e cremos que existe, uma herdade de *Camões*, em Avis, freguesia do Maranhão, além de outras do mesmo nome em Évora. Há povoações com este nome na freguesia de Sarzedas (Castelo Branco), na de Cabeço de Vide (Fronteira) e na de Colmeias (Leiria). Com o nome

Señores de Rubianes, Villa Garcia, i Vistaalegre, mezclados con los claros linajes de Sotomayor, Mendoza, Luna, Andrada, Osorio, i otros»⁽⁹⁷⁾.

Estão então, numa página, lado a lado, os retratos do poeta e o do seu comentador⁽⁹⁸⁾, e, depois, como era costume, as inevitáveis poesias laudatórias: o soneto famoso de Tasso, outro de Diogo Taborda Leitão, um epígrama de Lope de Vega (feito com quatro versos de *Os Lusíadas*, IV, 66), dísticos de Tamayo de Vargas (assim duplamente associado ao empreendimento), soneto de Diogo Bernardes, epígrama latino de Manuel de Sousa Coutinho (vinte e seis versos que «estariam» esculpidos na sepultura do poeta), epígrama latino de D. Pedro de Silva y Mendoza, «filho dos marqueses de Montemayor», e sonetinho e epitáfio (em castelhano) do próprio Faria e Sousa⁽⁹⁹⁾.

Ao prólogo, que vem após, sucede-se a «Vida do Poeta». Quando, em 1637–1639, dava Faria e Sousa a última demão no seu original e vigiava a complexa impressão dele, que havia em matéria biográfica? As vagas informações dadas, em 1607, na sua reimpressão das *Rimas*, pelo editor Domingos Fernandes e que não contam como biografia, um ou outro dos comentários de Manuel Correia na edição de 1613 de *Os Lusíadas*, que é a preparada por este e publicada mais tarde por acção de Pedro de Mariz, que para ela compôs uma sucinta biografia do poeta, e a vida deste, composta por Manuel Severim de Faria, inserida em 1624 nos *Vários Discursos Políticos* — nada mais, além do que se colhesse de tradição oral. A terceira biografia é esta, por Faria e Sousa, como a quarta é a revisão dela, que ficou inédita até aparecer, em 1685, no 1.º tomo das *Rimas*. Com alguma razão, considerava Faria e Sousa, e não apenas para fazer-se valer diminuindo os outros, o seu antecessor em comentários indigno da categoria do poema, e não estimava grandemente (a ele se refere) o trabalho do seu parente e antecessor em biografias camonianas, Severim de Faria⁽¹⁰⁰⁾. Alguns passos da presente biografia importa pô-los em relevo.

de Camoeiras há três herdades, todas no concelho de Évora. Note-se que, à excepção da povoação no concelho de Leiria, tudo se situa no Alentejo ou região vizinha, e que sabemos genealógicamente as ligações alentejanas dos Camões, com pólos, como se vê, em Évora e Avis.

⁽⁹⁷⁾ Sobre os Camões na Galiza e as origens do nome, veja-se o capítulo II (e bibliografia) de José Filgueira Valverde, *Camoens*, Barcelona, 1958. A continuidade da família e das suas ligações colaterais na Galiza haveria que investigá-la em maior profundidade.

⁽⁹⁸⁾ O retrato de Camões que está lado a lado com o de Faria não é o que figura, e teria sido desenhado pelo próprio Faria, no manuscrito dos comentários existente na Biblioteca da Ajuda, encimando a portada, que está datada de 1636. Glaser, na sua edição de *Cancioneiro Manuel de Faria*, já citada, refere-se a este manuscrito (p. 273). A gravura da edição de 1639 está datada de 1639 e assinada por Pedro de Villa Franca.

⁽⁹⁹⁾ Nada disto era novo a ornamentar uma edição de Camões, ou quase nada, ao contrário do que ainda há quem possa pensar. Os versos latinos do futuro Fr. Luís de Sousa, o soneto de Diogo Bernardes e o de Diogo Taborda Leitão, tudo estava à entrada da edição de 1595 das *Rimas*. O soneto de Tasso ornara a edição de 1598 destas. O mais — Lope de Vega, Tamayo de Vargas e o próprio Faria — é que é expressamente criado para a edição. Quanto aos versos de Pedro de Silva y Mendoza, não sabemos se eram inéditos. Mas é interessante apontar que, como o próprio nome indica, este autor pertencia à família dos duques de Pastrana, em torno de um dos membros da qual (Diego de Silva y Mendoza, conde de Salinas e marquês de Alenquer) se concentra a selecção do Cancioneiro publicado por Glaser.

⁽¹⁰⁰⁾ Não há efectivamente comparação entre uns e outros comentários, por muito que os de Manuel Correia devam merecer a nossa atenção pela alegada intimidade entre o comentador e o poeta. Quanto

Assim, informa-nos Faria (diz que à fé do Livro dos Brasões de D. Manuel) que as armas dos Camões em Portugal eram uma serpe de ouro, que vai passando entre dois penhascos de prata em campo verde⁽¹⁰¹⁾. Dá o poeta como nascido em 1517 (afirma que à fé de Manuel Correia), o que corrigiu para 1524, na segunda vida que escreveu, em face do que afirma ter visto nos registos das armadas. Não tem dúvida sobre que olho perdera Camões — o direito. E dá 1579 como data da morte do poeta⁽¹⁰²⁾.

Ao defender Camões (p. 32) dos que o acusavam de haver tratado matérias impróprias ou indecentes, Faria e Sousa tem uma frase esplêndida e memorável: «tan grandes hombres como este, en letras, juicio i calidad, no dizen cosa que no sea para ser dicha.»⁽¹⁰³⁾ E, ao mencionar a casa — mais adiante — em que o poeta morreu, refere que ela nunca mais foi habitada. E aduz o seguinte, que traduzimos: «Vivia junto da Igreja de Santa Ana, na ruela que volve à Companhia ou Jesuítas, numa casa que nunca mais foi habitada, ou porque fez fugir a todos daquele sítio o ver que nele padecera tão horrível fortuna um tal homem, ou porque a Justiça divina quis castigar naquele pedaço de terra a que o tratou tão impiamente»⁽¹⁰⁴⁾.

a Severim de Faria, cuja biografia deu início, com uma prudência que outros não imitaram depois, ao método circular de usar poemas de Camões para reconstituir a biografia e depois com esta interpretar os poemas, há que reconhecer-lhe os méritos. Mas duas explicações se podem encontrar para as reservas de Faria e Sousa: por um lado, evitar, por uma ostensiva associação com ele, que quem já o atacara (o Manuel Pires, *sacristão* na abalizada opinião de D. Francisco Manuel de Melo) tivesse esse pretexto para atacá-lo a ele, que não ignorava o que desses ataques vinha directo a Camões e a ele mesmo; e, por outro, quiçá, alguma rivalidade e desentendimento entre os diversos ramos de Farias, uns menos pobres que outros.

⁽¹⁰¹⁾ Estas armas são, assim, altamente curiosas. Por um lado, estão simbolicamente em relação com o que (estudo citado, nosso, de introdução a *A Estrutura de «Os Lusíadas»*) foram as ondulações e tergiversações políticas dos Camões portugueses e mais família (exceptuado o poeta e uns quantos); por outro, simbolizam claramente o próprio método de, ocultando e descobrindo para os entendidos, Camões usar da linguagem e das relações cabalísticas no seu poema, para passar entre as montanhas da ortodoxia e dos interesses oficiais; e, ainda por outro, já que armas de família não poderiam deixar de ter influência na psicologia profunda de um grande espírito detentor delas, significam a inocência animal e amoral de Camões, no seu erotismo, esgueirando-se, em forma da famosa serpe, por entre as convenções religiosas e morais do seu tempo.

⁽¹⁰²⁾ Não esqueçamos nunca que, pela documentação existente, a ambiguidade persiste entre 1579 e 1580, ainda que esta data última tenha prevalecido.

⁽¹⁰³⁾ Repare-se que esta afirmação, cuja magnificência não é demasiado sublinhar ainda e sempre, pelo que significa de afirmação de uma suprema moralidade do génio, que nenhuma convenção podem limitar ou supor imoral, e para o qual tudo o que é natural na vida terá de ser não imoral na arte (e que está no cerne das atitudes de Camões, na sua epopeia), não entra, de forma alguma, em contradição com o que possa, num mesmo texto, ser estrutura «oculta», cujos valores se situam num outro plano da compreensão. Adiante veremos que Faria e Sousa estava perfeitamente consciente deste outro aspecto da epopeia.

⁽¹⁰⁴⁾ Note-se quanto este passo (que traduzimos do original espanhol — e aliás é sabido que Faria começou por compor em português os seus comentários) serve, com a sua beleza romanesca, o que viria a ser a lenda romântica do génio perseguido, incompreendido, e mal retribuído. Mas há nele algo mais, de poética sugestão, e com mais sérias implicações, já que, para Faria e Sousa, conhecedor das malevolências que o poema suscitara (e a que já Manuel Correia aludia, abonando-se do próprio autor), a perseguição e a incompreensão corporizavam-se nas polémicas malignas que ferviam então. Há a sugestão do lugar *banté* — e é muito curiosa a disjuntiva que coloca a razão com a Justiça divina castigando Portugal naquele lugar,

Segue-se depois o *Juízo do Poema*, em sucessivos parágrafos. Em I, ataca os que diziam que o poema não era épico ou heróico, por falta de um só herói com uma só acção, e quantos acusavam Camões de a introdução do «gentílico» ser «faltar al punto de Religion»⁽¹⁰⁵⁾. Em II, enumera sete condições para uma epopeia o ser (sublinhando que se queda em sete, por ser «número perfeitíssimo»).

ou com, independentemente dela, as gentes sentirem a frieza terrífica do lugar maldito. Tal disjunção abre a porta à alternativa entre a Providência e os Fados, de que Camões, na epopeia ou na lírica, foi tão agudamente e tão dolorosamente consciente.

⁽¹⁰⁵⁾ Faria aborda logo, e frontalmente, o que era, na verdade, a acusação que se disfarçava de pedantarias classicistas. Mas há que ter presente que a confrontação do paganismo e do cristianismo havia sido a clivagem da Igreja, desde que, deixando de ser uma dissidência do judaísmo, entrara no mundo greco-romano (através da própria helenização fortíssima do mundo do Próximo Oriente, em que surgira). Os padres da Igreja todos sentiram o problema, e ou rejeitaram a cultura clássica em favor de um evangelismo estrito, ou trataram de «cristianizar» uma cultura tradicional que era a do mundo em que nasciam e viviam, e que teria para eles tanto maior valor quanto de outro modo a penetração cristã se não realizava. Esta última atitude, quando os apologetas são mais e mais homens de alta cultura, foi a que prevaleceu, e a que manteve, ao longo da Idade Média, a tradição de estudarem-se e lerem-se os autores pagãos. No momento em que o movimento renascentista, que podemos supor iniciado no século XIV, se desenvolvia como resultado da derrocada da autoridade da Igreja minada pelos cismas e os escândalos das sucessões papais, resultado de uma reacção espiritual contra um colossal corpo de doutrina escolástica mais filosófica do que religiosa, e resultado de, pela afirmação (urbana, no Norte da Europa e nas cidades italianas) do valor da individualidade e da sua pessoal experiência humana (possíveis de erguer a *mito* pessoal estético, como Petrarca criou mais do que ninguém), se buscarem, para lá do que fora a aceitação de uma tradição de escoliastas e adaptadores de textos (tradição viva, mas tradição colectiva, oposta autoritariamente à liberdade individual do pensar fora das regras das escolas), os textos originais, quer da Bíblia e dos padres da Igreja (de que os humanistas largamente se ocuparam), quer dos autores clássicos do paganismo — era inevitável que a validade de associar um paganismo em cuja cristianização retrospectiva era impossível continuar a crer-se, e um cristianismo que, por seu lado, se queria renovado e retornado às origens, tivesse de ser posta em causa. E isso é o que reflectem as polémicas dos críticos renascentistas e maneiristas dos séculos XV e XVI, de que as discussões dos Manueis Pires são como que eco e caricatura. A bibliografia sobre essas polémicas italianas e que passaram a outros países é imensa, e não cabe citá-la aqui. Mas há que accentuar quanto se centrava na concepção do poema épico. Era uma epopeia, na verdade, o que não seguisse os modelos clássicos? E, seguindo-os, como podia ser uma epopeia de tempos cristãos? Sendo o poema épico mais ligado por natureza a uma visão mítica ou historicista do destino humano, tais discussões iriam mais para ele, do que para a poesia lírica, em que o carácter «pessoal» do lirismo (ainda que o pessoal fosse convencional ou simbolicamente transposto segundo convenções tradicionais) reduziria a «alusão» ou «motivo» o que, na epopeia, teria de ser inescapavelmente «estrutural». A Reforma, por um lado, como a Contra-Reforma, por outro, nas suas defesas polémicas de uma supremacia do religioso, transformariam, necessariamente em casos de denúncia política ou inquisitorial, o que, antes, se confinara predominantemente ao plano literário (ainda que com profundas implicações religiosas e políticas). Note-se, ainda, que uma fusão do pagão e do cristão havia sido, mesmo do lado pagão, originariamente facilitada pelo neoplatonismo, com a sua doutrina da ideia una de divindade, de que os deuses seriam a representação acessível à escala humana, por atributos reconhecíveis nas relações da divindade com o mundo e o homem. É a posição que Camões assume, e que Faria e Sousa cobre com o método — tradicional da patrística — da explicação alegórica. Mas tal visão necessariamente colidiria com uma despaganização da cultura, levada a cabo pelos receios (desse ponto de vista justificados) de que uma tal legitimidade dos deuses, elevando-os acima de simples ornamentos literários, poria obviamente em causa, se não a ideia de Deus, a de Cristo em si, corporizado na sua Igreja. E por isso mesmo é que o messianismo cristológico aparece como uma reacção espiritualista (ou «espiritual», mais correctamente) contra a reafirmação da autoridade da Igreja, qualquer igreja, como o único véculo para realizações messiânicas, devidamente enquadradas nos interesses de um Estado (que delas se serviria, até certo ponto, quando tal lhe conviesse, como se observa nas manipulações

São elas: 1 — Que o assunto não seja «remoto em demasia», nem «com demasia moderno por ser de ontem» (a defesa, declara, é feita ao longo dos próprios comentários); 2 — Que a acção seja «heróica, exemplar, e digna de ser imitada» (e as qualidades heróicas, exemplares, e dignas de imitação, de *Os Lusíadas* são brevemente postas em contraste com os poemas homéricos, Vergílio, Cláudiano e Estácio) (¹⁰⁶); 3 — Que essa acção seja una, e com um só herói (o herói do poema é Vasco da Gama, sendo Homero, Vergílio e Tasso chamados à comparação); 4 — Que o poema se não desenvolva como história, mas que, «com formosa invenção», esse desenvolvimento se faça por partes, começando *in media res* (¹⁰⁷); 5 — Que isto seja acompanhado de episódios, figuras, imitação e outros adornos; 6 — Que o estilo seja elegante e sublime, mas que a sublimidade não exclua o fácil, o suave e doce (¹⁰⁸); 7 — Que o poeta se transforme nas personagens que introduz, falando conforme a qualidade de cada um e das matérias (¹⁰⁹). Estas

messiânicas que precedem 1640 e se apressam a justificá-lo, para transferir a mitologia sebastianista para a obediência aos poderes oligárquicamente restaurados). E tudo isto converge na época portuguesa a que Faria e Sousa destina os seus comentários. É óbvio que a críticologia messiânica de Camões, extremamente heterodoxa, mas sumamenteposta no abstracto do moral e do metafísico, colidiria igualmente com os sebastianistas, com os «ortodoxos» sacristães, e mesmo se recusaria a manipulações de baixa política quanto a materializar-se em restaurações, mesmo altamente patrióticas.

(¹⁰⁶) Note-se como, num ponto que é mais grave do que possa parecer (pois que é o valor sócio-moral da obra o que está em causa), Faria e Sousa junta Homero e Vergílio, os modelos máximos (aonde se não pode dizer que os heróis fossem excelentes modelos de bom comportamento moral, e muito menos bons exemplos de cavaleiros cristãos — as iras de Aquiles, centro da *Iliada*, as espertezas de Ulisses, fulcro da *Odisseia*, ou o modo como Eneias sacrifica tudo, e Dido também, ao seu suposto destino de fundar Roma, na *Eneida*, que o digam), a Cláudiano e Estácio. Isto não é tão ocasional como parece. Estácio (c. 45–96), um natural da Itália, e Cláudiano (c. 370–c. 404), um alexandrino fixado nela, representavam duas fases mais tardias da épica romana, e ambos eram tidos tradicionalmente pela crítica como importantes poetas (que, de facto, em que pese à superstição de uma Idade de Ouro da literatura latina a que nenhum deles, e muito menos o segundo, já pertence, são). Mas o caso é que a *Tebaida* de Estácio (centrada na luta de Eteócles e Políñices pelo trono de Tebas) era discutida como *episódica*, e como apresentando cenas de brutal violência. A sua *Aquileida* (que ficou incompleta, e trata da infância e da adolescência de Aquiles, e é, portanto, uma «educação» do herói) não é o que Faria tem em mente. Cláudiano é um caso mais especial ainda: pagão irredutível, vivendo numa corte imperial que era cristã, servia (para quem entendesse, e para enganar quem não) para precisamente defender o paganismo poético, e do mesmo passo dar exemplo (e maus exemplos) de acções «condenáveis», mesmo no seu ambicioso *De raptu Proserpine*, em que o seu prestígio tradicional mais assentava.

(¹⁰⁷) O que Faria pretende apontar é uma essencial verdade estrutural, independentemente de um poema épico dever ou não começar pelo meio da acção narrada — a história é cronológica, ainda quando interpretativa, e a poesia (ou a criação estético-literária) é polifônica, ou como a música barroca amplamente realizaria, *contrapontística*.

(¹⁰⁸) Quer isto dizer que um poema épico, ou qualquer realização de larga escala, não pode realizar-se no próprio tom que lhe seja requerido pelo género, sem que, nesse tom, existam variações e quebras da grandiloquência e da sublimidade, que precisamente acentuem e melhor definam o próprio tom de que se destacam. Não se trata, apenas, de uma variabilidade para, retóricamente, atrair e prender a atenção cansada pela monotonia de um tom uno, mas de estabelecer este tom como um ideal de que as variações se afastam revelando-o.

(¹⁰⁹) No parágrafo XII, adiante mencionado no texto, Faria e Sousa retoma, com exemplos, a questão. Mas — ainda que tal possa parecer especioso ao gosto de hoje, que dificilmente vê, nas falas de várias das personagens de *Os Lusíadas*, diferenças substanciais — o que ele quer sublinhar com essa identificação linguístico-realista do autor com as personagens falantes é a noção de uma tonalidade emocional específica, chamada a colorir as diversas falas. Por muito que usem das mesmas alusões clássicas, como se esperava

sete condições («número perfeitíssimo») que, em seu parecer, o poema de Camões realiza e respeita, estão hábilmente organizadas de modo a, logo de entrada, contrabater objecções levantadas ao poema nos mais de sessenta anos decorridos desde a publicação (e que sinistramente se organizavam em ataque supressivo), e contrabatê-las simultâneamente pela obediência às regras tradicionais de exceléncia, e pela adaptação destas à própria estrutura da epopeia defendida. O que, todavia, é menos uma habilidade de Faria e Sousa, do que a esplêndida consciência, demonstrada ao longo dos seus comentários, que ele tinha, de uma grande obra criar ou adaptar aos seus próprios fins aquelas regras. Note-se o enorme interesse do último ponto aduzido: a Faria e Sousa não escapou que a epopeia de Camões, dentro da unidade estilístico-lingüística de um nível calculadamente épico e grandiloquente, possui diversos níveis de linguagem, criados ou estilizados adequadamente às circunstâncias narrativas ou às intervenções discursivas do próprio poeta ou de personagens suas.

O parágrafo v do *Juízo* é muito interessante, por insistir na comparação do poema com a *Argonáutica* de Valério Flaco, quanto à questão de a acção ser una (mas de uma unidade que pode ser complexa)⁽¹¹⁰⁾. O vi, abonando-se Faria dos comentários adiante feitos a v. 27, discute Homero, Vergílio, Dante (apontado como imitador de Vergílio) e também Heliodoro⁽¹¹¹⁾; e Faria menciona a resposta de Torquato Tasso à Academia della Crusca, acerca de haver começado o seu poema épico pelo «princípio», e aponta (como, acentua ele, o próprio Gama é feito dizer em v. 65) que a acção do poema, no que ao Gama se refere, começou aonde as descobertas de Bartolomeu Dias haviam acabado⁽¹¹²⁾. O parágrafo ix trata do estilo suave, doce e fácil, para o que são chamados à colação Vergílio, Sannazzaro e Guarini⁽¹¹³⁾. E Faria aponta os que, para ele, eram os exemplos máximos de um tal estilo: Homero, Vergílio, Ovídio, Horácio,

que sucedesse em tal poema, Júpiter não fala como Vénus ou Baco, cujas personalidades são diversas no poema (e opostas), mas como o Deus supremo que ele era do Olimpo estabelecido com ele e a sua família imediata. E o mesmo se dirá de Inês de Castro, por muito de discurso forense, ornado de alusões, que a sua famosa fala tenha.

⁽¹¹⁰⁾ Também nisto, como em praticamente tudo o mais, antecipou Faria e Sousa a crítica contemporânea. Sobre este ponto, veja-se António Salgado Júnior, «Os Lusíadas» e o tema das «Argonáuticas», separatas de *Occidente*, vol. XXXVIII, XL.

⁽¹¹¹⁾ A intenção de Faria e Sousa, em sequência do que fez com outras epopeias antes referidas, é manifestamente juntar autores pagãos e cristãos (e, destes, quem, como Dante ou Tasso, não havia usado directamente do «maravilhoso pagão»). O juntar a eles Heliodoro, grego do século III, que não foi propriamente um épico mas um romancista, na sua *Etiópica*, que os estudos clássicos têm considerado o melhor que a novelística grega produziu, tem um duplo sentido: primeiro, o livro era um dos exemplos famosos de a narrativa iniciar-se *in media res*, e, em segundo lugar, a influência do romance na grande epopeia de Tasso era conhecida. Do mesmo passo, Heliodoro era tido e havido como exemplo de «decoro» e ausência de «licenciosidade», além de ser um pagão extremamente piedoso (e, na sua obra, era Hélios=Apolo quem regia inteiramente a acção) ...

⁽¹¹²⁾ É o que, com argumentos históricos e estruturais, mostrámos que sucede (cf. *A Estrutura de Os Lusíadas*).

⁽¹¹³⁾ A doçura de muitos passos de Vergílio foi sempre proverbial, e por certo que Sannazzaro havia sido, no bucolismo idealizado, um dos criadores renascentistas dessa elegância, que igualmente se encontra, refinada, em *Il Pastor Fido*, de Giambattista Guarini (1537-1612). É evidente que, sem o dizer, Faria e Sousa tem em mente o género bucólico, e em três formas diferentes: as églogas de Vergílio (cuja elegância está

Lucano, Dante, Petrarca, Sannazzaro, Ariosto, Ronsard, Garcilaso de la Vega, Camões e Tasso⁽¹¹⁴⁾. O parágrafo x é um ataque a Góngora, em que Faria não deixa de mencionar Lope de Vega, «mi amigo». O parágrafo xi é o das «palavras peregrinas», ou seja a lista minuciosa do que Faria e Sousa considerava neologismos propostos (e impostos) por Camões na sua epopeia⁽¹¹⁵⁾. O parágrafo xii volta a tratar do que chamámos níveis de linguagem, e exemplifica-os com as falas de Júpiter, Vénus, Inês de Castro, etc., e com o Leonardo apaixonado da ilha dos Amores. O parágrafo xiv enfrenta a questão dos «deuses», do maravilhoso pagão, que Faria defende declarando que o poeta introduziu deidades gentílicas no cristianismo, fazendo-as representar a verdadeira Deidade (o que é doutrina neoplatónica mais de uma vez expressamente referida por Camões, e em nada incompatível com a divinização dos heróis). É neste passo que ele sublinha a identificação com Homero, buscada por Vergílio, e a identificação com este, paralelamente buscada por Camões — e aponta que os desposórios de Téthis e do Gama, na ilha dos Amores, correspondem aos de Dido e Eneias na *Eneida*⁽¹¹⁶⁾. O parágrafo xvi defende que um poema de tais dimensões tenha altos e baixos⁽¹¹⁷⁾. O xvii insiste em que o estilo jocoso possa entrar na composição de uma epopeia⁽¹¹⁸⁾. O xix é extremamente interessante, e responde a objecções ainda hoje levantadas ao poema de Camões: o dizer-se que o poeta se cingira demasiadamente à verdade dos acontecimentos, e «que o Poema pede mais fábula» — no que Faria sente claramente as próprias teorias épicas de Camões, que pretendiam opor (ainda que com o auxílio do maravilhoso pagão para explicar as vicissitudes da acção) o *verdadeiro* da história ao *fabuloso* da imaginação acrescentando àquela o que

igualmente presente na *Eneida*), que são poesia, o romance (em prosa e verso) de Sannazzaro, e o drama pastoril de Guarini. Os três autores, assim, são chamados a caracterizar uma tonalidade estilística que, logo a seguir (veja-se a nota adiante), é aplicada na generalidade a diversos autores.

(¹¹⁴) Note-se como Faria não separa os «clássicos» e os «modernos»: os nomes são cinco da Antiguidade Clássica, cinco da Itália, um da Espanha, outro da França, e Camões; mas, se contarmos Ariosto (1474–1533) e Sannazzaro (1456–1530) como quinhentistas, seis dos treze nomes pertencem ao século xvi, incluindo Camões. Note-se igualmente como a lista inclui poetas que foram épicos, ou épicos e líricos, ou só líricos.

(¹¹⁵) Esta lista, do maior interesse linguístico-lexical, só por si justificaria um especial estudo.

(¹¹⁶) Ao comentar do passo em questão, as observações de Faria e Sousa são mais complexas. Mas o que ele quer apontar é a «liberdade poética», autorizada pelo «modelo», de uma tal união ilícita ser condição comum da acção em Vergílio e Camões. À primeira vista, o paralelo pode parecer absurdo, já que a divinização dos heróis é uma culminação em *Os Lusíadas*, e não é isso o que se passa com Eneias ao abandonar Dido. Mas se notarmos que a epopeia de Camões é (como a *Argonáutica*) uma *demand*a, enquanto a viagem de Eneias é um começo da história romana (e não a transferência dela para algures, e sim a antiguidade homérica vindo de viagem para ser a origem de Roma), o paralelo não é tão absurdo quanto pareça, uma vez que as direcções das duas epopeias são opostas.

(¹¹⁷) Quando a crítica contemporânea, ainda tão dominada paralelamente ou confluentemente por Croce e pelos críticos de origem bergsonista, tende a supor que, em poesia (esquecendo que poesia tem de ser entendida no genérico sentido que tem, por exemplo, em alemão, como sinónimo de alta criação estética de qualquer tipo literário), só o lirismo, o momento único, etc., é o que vale, cumpre meditar este ponto que nos ajuda a restaurar uma visão estrutural da obra literária e, consequentemente, auxilia a compreender o que excede a escala do breve poema lírico.

(¹¹⁸) Faria e Sousa era consciente da ironia camonianiana, que tanto transparece — com mais aberta ou mais encoberta malícia — em tantos passos do poema, e defende que um poema de tal categoria tenha de ater-se a um nível de sisudez conspícuo, constantemente.

ela não tivesse, ou simplesmente inventando sucessos ou personagens humanas pseudo-históricas. É neste passo que Faria e Sousa igualmente não deixa passar em claro outra objecção que ainda subsiste também: a da longa narrativa da história portuguesa e da sua viagem, confiada ao Gama em três cantos da epopeia. Aponta que Ulisses fala a Alcino durante cinco livros da *Odisseia*, e Eneias a Dido, durante dois da *Eneida*. No parágrafo xx, de excepcional importância, Faria e Sousa dá calculados indícios de como terá pressentido e compreendido as estruturas aritmosóficas de *Os Lusíadas*. Acentua que os dois poemas épicos de Homero andavam repartidos em 24 livros, ou seja o «número de letras do alfabeto grego», e a *Eneida* se reparte em 12 — e a todos acusa de extensão excessiva, a comparar com os 8816 versos de *Os Lusíadas*, que ele considera equivalentes aos da epopeia virgiliana. E, na col. 83, ao sublinhar que Camões escolheu organizar o seu poema em dez cantos, surgem estas frases extremamente significativas: «no quiero dexar de advertir a los curiosos, que pudo el Poeta inclinarse al número de diez, por ser muy misterioso: i fio dellos esta erudicion» (italico nosso) — que o mesmo é insinuar dos mistérios cabalísticos de *Os Lusíadas*, sem os revelar, fiando da «erudição» dos «curiosos» (entendidos em tais matérias) a inteligência profunda de tais estruturas. Mas, para que não escape o sentido do que insinua, reitera que há que ter presente (italico nosso) que «nuestro Poeta en todo anduvo con la medida en la mano»⁽¹¹⁹⁾. O parágrafo xxi refere a «variedade» que adorna o poema, e o xxii as «moralidades» em princípio e fim dos cantos⁽¹²⁰⁾. O xxiii ocupa-se da forma externa, a *oitava*. Camões, diz Faria e Sousa, não tinha em Espanha nada de valor para imitar nesse esquema estrófico, a não ser a Égloga Terceira de Garcilaso⁽¹²¹⁾. O parágrafo xxiv acentua o «misterioso» como ingrediente que contribui decisivamente para o fascínio exercido por *Os Lusíadas*⁽¹²²⁾. E termina as suas considerações por dar (fonte de todos os estudos ou observações ulteriormente produzidos sobre o assunto) uma cuidada lista de todos os versos *repetidos*, exactamente ou com variações, na epopeia. Tudo isto não é senão uma indicação das bases em que os comentários se desenvolverão, sendo do mesmo passo um pórtico discretamente polémico contra as mais diversas acusações feitas à excelência ou aos «perigos» que o poema contivesse.

E é quando, enfim, começa o texto do poema, acompanhado a par e passo pelos comentários. Mas o canto I abre, na verdade, pelo argumento geral da

(¹¹⁹) Não se podia ser mais claro, não o sendo, acerca das aritmosofias camonianas — e erro seria entender que, no contexto, se diz apenas que Camões contava por medida os seus versos ...

(¹²⁰) No nosso estudo da «estrutura», há uma análise circunstanciada destas intervenções e do papel que desempenham.

(¹²¹) E é a verdade. Até *La Araucana*, de Alonso de Ercilla, cuja primeira parte aparecera quando Camões vinha em viagem do Oriente para Lisboa, em 1569, e foi reeditada em 1572 (a segunda e a terceira partes são posteriores à publicação de *Os Lusíadas*: 1578 e 1589), mais de meia dúzia de epopeias ou panegíricos em oitavas haviam visto a luz em Espanha, cada qual mais charra do que a outra. Cf. Frank Pierce, *La Poesía Épica del Siglo de Oro*, Madrid, 1961.

(¹²²) Por *misterioso* não deve entender-se, como se diria hoje, o *suspense* (efeito de que Camões aliás usa), mas a ambiguidade como ele deixa que actuem o maravilhoso pagão e cristão, ignoradamente dos heróis do poema.

epopeia, por certo um dos mais inteligentes resumos dela que já se compuseram. Acidentalmente (por cálculo), Faria trata aí do delicado problema das *profecias*, que são um dos elementos estruturais do poema, e eram um dos pontos mais controvertidos pela vigilância das boas almas. Relacionando-as muito discretamente com os aspectos «ocultos» do poema, e abonando-se de Vergílio, deixa ele cair a informação seguinte: o rei D. Manuel, se foi o Venturoso, foi-o por nascido em 1484, na conjunção de Saturno e de Júpiter, tal como adiante referirá na nota a I, 21... Mas, em conexão com a questão das profecias, não resiste Faria e Sousa à tentação de mostrar que Camões estava *profetizado* para escrever o que escreveu, e abandona-se a curiosas congeminaciones letristas. E vem então, largada *en passant*, uma decisiva sugestão crítica que se relaciona com a matéria do parágrafo xx do *Juízo do Poema*. Observa que nenhum poeta chamou, antes de Camões, *cantos* aos livros em que a epopeia se reparte... Segundo ele, apenas um o fez: Dante. E, assim, à imitação do autor da *Commedia*, Camões quis que as partes da sua epopeia fossem *cantos* também. Esta aproximação é prenhe de portentos, por colocar os 10 cantos de uma *comédia terrestre*, em paralelo com os 100 cantos da *comédia divina*⁽¹²³⁾. Mas poderíamos nós mesmos acrescentar algo mais a estes portentos subentendidos. Com efeito, Camões publicou *Os Lusíadas*, em 1572, quando se cumpria o centenário da primeira publicação impressa (1472) da *Divina Comédia*. Se a estes dois anos especiais somarmos 1372⁽¹²⁴⁾, teremos 4416, que, dividido por 8 (outro número especialíssimo) dá 552, ou seja o número de ordem da 1.^a estrofe da 2.^a metade do número de estrofes do poema, 1102. Do que poderia concluir-se que, segundo as aritmosofias de Camões, o seu poema *tinha de ser* publicado em 1572, como foi.

Sucedem-se, aos comentários ao canto 1, maciçamente, os dedicados aos outros nove cantos. No fim do último tomo, vêm *Adicções* várias que merecem particular referência. Notemos as *Lecciones Varias deste Poema* (cols. 617 e seguintes), em que Faria dá as variantes de «dos copias de los originales manuscritos del Poeta» (que já mencionara no n.º 16 da *Vida*). Seguem-se as *Erratas*, a Tábua dos autores citados nos comentários (e diz Faria que não todos, mas só os italianos são mais de trezentos, pelo que não haverá mais amplo repositório de referências à poesia italiana desde o século XIV ao XVII), a Tábua (ainda hoje extremamente útil) de assuntos, nomes, temas, etc., e, por fim, as *Adicções* a estas adições. E o monumental trabalho encerra-se com as palavras *Sub correctione Sanctae Matris Ecclesiae — Laus Deo Omnipotente*: não era caso para menos, com tantas audáciais, e em tamanho empreendimentos.

Após esta sucinta descrição da edição, pondo em relevo alguns aspectos que são essenciais ao entendimento dela, se é impossível dar mesmo uma pálida ideia da plethora de dados e textos chamados à colação, como de sugestões e in-

⁽¹²³⁾ Nos nossos estudos sobre a estrutura de *Os Lusíadas* indicámos algumas relações aritmosóficas entre o poema de Camões e o de Dante.

⁽¹²⁴⁾ São conhecidas as mercês diversas que o galego Vasco Pérez de Camões recebeu a partir de 1373 (cf. J. F. Valverde, *ob. cit.*, pp. 34 e 39), pelo que não é audacioso supor que ele viera para Portugal por 1372 — pelo que 1572 era o 2.^º centenário da entrada dos Camões em Portugal, cujos destinos — o do País e o do poeta — confluíam objectivamente na realização da epopeia.

terpretações de que estas páginas transbordam — e se é tempo de deixar-se Faria e Sousa falar por si, a quem queira ouvi-lo, após tantos anos de clandestino silêncio —, cumpre-nos, todavia, dar uma ideia de conjunto do método crítico que ele desenvolveu e da relevância (o que ficou dito atrás por certo que já a comprova) que esse método possui hoje para nós.

Como procede metodologicamente Faria e Sousa? O seu papel é explicar e anotar os versos ou sequências deles, a par e passo, sem nunca perder de vista as unidades mais amplas do poema, nem as ressonâncias que recorrem em outros passos do poema. Mas não é, de modo algum, uma comentada paráfrase o que ele faz, e muito menos uma acumulação de pontuais notas, como aquelas a que nos habituaram muitos editores de *Os Lusíadas*⁽¹²⁵⁾ — e sim uma discussão crítica das complexidades de sentido (que inclui, algumas vezes, a minuciosa análise de possíveis gralhas ou defeituosas ou desvirtuadas pontuações), ao mesmo tempo que a sua colossal erudição literária chama a atenção para todos os passos paralelos, análogos, ou seminais, que possam contribuir para iluminar o estudado. Isto não é tanto, como tem sido ridicularizado, uma esmagadora ostentação de erudição literária e filosófica em antigos e modernos, quanto é, de facto, pela mesma riqueza que a constitui, uma atitude crítica que, antecipando a crítica genética e de fontes, a ultrapassa brilhantemente com intuições que viriam a ser realizadas, no nosso tempo, na crítica *tópica* de E. R. Curtius. Porque uma tão vasta acumulação de paralelos muito menos aponta para «influências», ou mesmo para um concepção estrita da imitação dos modelos clássicos ou renascentistas, do que para uma profunda compreensão que, movendo-se no imenso oceano de uma cultura ocidental greco-latina e românica, a sua inteligência e o seu sentido crítico não poderiam deixar de ter, a respeito de como complexamente funcionava o património expressivo de uma cultura e uma civilização, em que todos paralelamente bebiam e uns dos outros. A «imitação» tinha, assim, necessariamente graus diversos, desde, suponhamos, a adaptação de um soneto célebre (em que as variações eram, para os entendidos, precisamente o sinal da originalidade do poeta) à composição que se inseria numa genealogia múltipla de fontes que, por sua vez, eram já multiplicidades de outras confluências. Por outro lado, tenha-se presente que Faria e Sousa não estava a preparar uma edição «popular», nem uma edição «escolar» — mas sim dirigindo-se a um público internacional de «doutos», aos quais desejava impor Camões, impondo-o do mesmo passo aos «doutos» portugueses que precisamente mediam, muitos deles — tal como hoje —, a sua mesma capacidade crítica pelo número de defeitos que eram capazes de encontrar e denunciar uma grande figura. No entanto, com tudo o que tem de apologético de Camões, o vasto comentário ergue-se infinitamente acima desse nível. Se Faria, pela colação de tantos passos paralelos ou análogos, atinge como que algo de semelhante a uma crítica dos *topoi*, facto é que, por outros aspectos, antecipa outros métodos críticos. E isto não tanto pela inteligência e a cultura,

⁽¹²⁵⁾ Desde a cómica nota à *piscosa* Cezimbra que deu justamente o nome à edição dos Piscos, até à menos cómica e mais sucinta, mas igualmente famosa: «Juno — mulher de Júpiter».

mas porque são os métodos críticos de hoje os que, na divisão trágica das especializações culturais e da própria cultura de base literário-humanística confinada a uma ou pouco mais de uma literatura (e mesmo esta sempre mais superficial que profunda, sempre mais longe da lição dos textos que da intenção de que eles se integrem em esquemas preestabelecidos ideologicamente), regressam modestamente, por estreitos caminhos, a uma visão ao mesmo tempo larga e profunda das obras e da criação de linguagem com que são escritas, de que os «doutos» daquele tempo, integrados numa rica e tradicional cultura crítica, não estavam, por paradoxal que pareça, tão privados quanto os do nosso tempo. Por certo que essa cultura estava demasiado presa à ideia de «padrão» e de «modelo», pelos quais se media a excelência das obras. O que a limitava, forçando sempre a apologia, até certo ponto, pois que se tratava de mostrar como o seguir modelos ou reconhecer padrões não era necessariamente um critério rígido (tão rígido ele se ia tornando, que mesmo Homero e Virgílio não escapavam a ser julgados defeituosos em comparação com padrões ideais que haviam nascido precisamente do comentário às obras deles). Mas tal limitação, que é patente, não impedia, e pelo contrário forçava, uma aproximação aos textos, ao seu estilo, à sua linguagem, aos conceitos que os regiam, ou ao pensamento que eles comunicavam. Por isso, também, e tendo em mente o que acabámos de dizer sobre a tragédia dos métodos críticos actuais (tantos só correntes nas próprias literaturas a que se aplicaram), é que Faria e Sousa, ao discutir de figuras de retórica, da adequação delas à significação, ou do uso específico delas no contexto de uma determinada obra, nos pode parecer que antecipa a estilística espanhola de Dámaso Alonso, do mesmo modo que, no analisar das variações de nível estilístico-lingüístico em relação a níveis padrão, igualmente como que antecipa o método de Spitzer. E poderíamos prolongar a lista, já que os últimos séculos das literaturas não têm sido senão, criticamente, a busca — depois de conquistada a liberdade romântico-vanguardista — de padrões abstractos, lá onde, ao ganhar-se a liberdade, se perderam todos os padrões concretos. Foi uma infinita vantagem a liberdade que se ganhou no que à criação respeita; mas foi, para a crítica, uma catástrofe da qual ela ainda não saiu.

Por isso, a relevância de Faria e Sousa, nos seus comentários, é enorme. Cortada que está hoje a maioria esmagadora, mesmo dos doutos, daquela massa de erudição clássica que era a do próprio mundo cultural em que Camões vivera e escrevera⁽¹²⁶⁾, e distantes que todos necessariamente estão do imenso conjunto

⁽¹²⁶⁾ Nunca será demasiado acentuar que, com o que a Época Barroca representa de ruptura em relação ao que imediatamente a precedia e foi o manciriismo, de que Camões é o mais alto expoente peninsular (e um de entre os mais altos da Europa), como esse o havia sido em relação ao que se chama, em sentido estrito, o Renascimento, não se viu ela como tal, nem — no plano das fundações culturais em que todos os períodos assentavam — é lícito a nós o esquecermos que razão lhe assistia. Tanto um Lope de Vega como um Góngora, na Espanha, viam-se igualmente como herdeiros dessa tradição que conduziam a novas formas e novas experiências — e eram-no. Do mesmo modo, se Faria e Sousa, tão barroco na sua aceitação da polaridade da cultura dividida (e cuja unificação se fazia no plano de hierarquia cosmológica e oligárquica, tão artificialmente como no plano da criação de um *objecto estético* em si — e «artificialidade» deve aqui

de literatura italiana, que era corrente nas literaturas europeias (e até os próprios italianos, já que o tempo submerge numerosos autores que tiveram importância ou foram suficientemente conhecidos deles no seu tempo e no século seguinte) — e isto é apenas um exemplo —, poderíamos até afirmar que, sob muitos aspectos, os comentários de Faria e Sousa são mais relevantes hoje do que o eram quando ele os publicou, porque nos colocam em contacto com uma multidão de referências que se perderam da memória culta e dormem o seu sono na vastidão das bibliotecas e arquivos deste mundo. Não precisavam tanto os contemporâneos dele da sua erudição, quanto o precisamos todos nós. Mas ele não é só erudição: é também, na sua «vesânia» camonianiana, no seu culto esclarecido pelo grande poeta, um intérprete, um iluminador de numerosos passos, e um crítico com a plena consciência da magnitude complexa da obra máxima de Camões, como do espírito que neste havia. E isto, com tudo o que seja do seu tempo, é necessariamente também do nosso, quando cada vez mais se reconhece Camões como muito mais que a grande figura nacional que já não era pouco que ele tivesse sido. Às vezes, poderá parecer que, ao aplicar a *Os Lusíadas* os métodos de exegese que se usavam para todos os textos sagrados⁽¹²⁷⁾, ele está a ser ingênuo ou a tomar-nos por tolos. Mas sucede que, para Faria e Sousa, *Os Lusíadas* eram duplamente «sacros», ou mesmo triplamente: por serem uma afirmação portuguesa no mais alto nível da criação poética, por serem uma criação poética do mais alto nível, e por ele adivinhar no autor e na obra a firme intenção estrutural de colocar a liberdade da criação poética no plano do «sagrado», isto é, no plano do que significa e revela das correlações terríficas entre a história e o estar-se neste mundo. Faria não era um ingênuo, embora tivesse o direito de tomar por tolos muitos dos seus contemporâneos e vindouros (que se vingaram fingindo que o tolo era ele): era, como todos nós, um prisioneiro do seu tempo, afinal tão menos tragicamente «barroco» do que o nosso está sendo. E só podia falar — interminavelmente — através das grades da prisão em que ele e Camões, como toda a grandeza deste mundo, estavam presos. E do que as grades possam distorcer do que se quer dizer e do que se deseja ser compreendido, não será por certo o nosso tempo a ter o direito de atirar-lhe a primeira pedra.

Posto isto, há que perdoar a Faria e Sousa, nos seus comentários, certa precipitação de escrita, muitas repetições que ele tinha de fazer, algumas divagações, a prolixidade com que muitas vezes menos explica do que deliberadamente esconde (o que é, para nós, hoje, tão importante e tão significativo, cultu-

ser entendido como algo que é criado acima das realidades contemporâneas, para ultrapassá-las e exorcismá-las, e não para iludi-las, pelo que essa criação nos surge como a «oposição» possível àquela outra, político-social), era capaz de tão profundamente entender Camões, que representara a dramaticidade da derrocada do sonho renascentista de liberdade e de dignidade individual da pessoa humana, isso deve-se àquela continuidade das bases da cultura (ainda quando reinterpretadas para diversos fins), e ao facto de, tendo sido Camões um valor máximo, e tão conexo pela sua epopeia com os destinos históricos do seu país, ser inevitável que, em relação a ele, ontem como hoje, tudo se avaliasse e medisse, apesar dos riscos que isso acarretaria para a magnitude de uma obra que levantava Portugal acima e fora de si mesmo.

(127) Veja-se, a este respeito, Edward Glaser, «Manuel de Faria e Sousa and the Mythology of *Os Lusíadas*», em *Miscelânea de Estudos a Joaquim de Carvalho*, n.º 6, 1961.

ralmente, ou mais, do que as explicações repetidamente óbvias), já que tudo é resultado do imenso trabalho que levou a cabo, e cuja revisão e aperfeiçoamento, se fossem humanamente atingíveis à escala a que trabalhou, talvez nunca houvessem permitido que ele concluisse e publicasse o monumento que ergueu à glória de Camões, e que não tem par, sublinhe-se, em nenhum comentário que qualquer outra obra semelhante das literaturas modernas haja merecido⁽¹²⁸⁾.

E o mais que pode desejar-se, na ocasião desta «reedição» que temos a honra de prefaciar, é que o gosto dos estudos literários, a seriedade aplicada a eles, a sede de conhecimento em extensão e profundidade, o anseio de comunicar sem guardar no bolso as referências, e o amor por uma grande obra e um grande poeta, de que tudo é Faria e Sousa lição e exemplo, prevaleçam. Naqueles tempos, os homens — e não foi o caso dele — podiam vender a pátria por um título ou uma comenda, mas não desciam a vender a cultura por uma semana de celebreidade jornalística: porque sabiam que uma pátria sem cultura viva é um corpo sem alma e um cadáver insepulto, enquanto uma cultura sobrevivente a uma pátria ou superior a ela pode ser aquela limitada eternidade das coisas humanas, a que, como os homens, nem as pátrias, por muito que as amemos, podem aspirar.

Resta-nos agradecer reconhecidamente, nesta ocasião, que diremos solene, de encerrar este prefácio a tão magna obra, o quanto os nossos estudos camonianos e este prefácio deveram a instituições como as brasileiras já referidas, as Universidades de Wisconsin e da Califórnia, e, recentemente, a Fundação Calouste Gulbenkian. E, pessoalmente, ao Prof. J. V. de Pina Martins, meu amigo e colega, a iniciativa desta edição, com que ele veio ao encontro de velhos planos meus; ao Dr. Eduardo Brasão (filho), ex-administrador da Imprensa Nacional, e aos seus companheiros de administração, o entusiasmo e a inteligência que puseram na aceitação da ideia e nos preparativos para a realização dela, e ao actual administrador daquela instituição de tão ilustres tradições culturais, o Dr. Rúben A. Leitão, o carinho e a confiança com que aceitou, com o mais esclarecido interesse, levar a cabo este acontecimento de tão superior transcendência camoniana no ano do 4.º centenário da publicação de *Os Lusíadas*. E eis aqui, pela mão do patriarca da camonologia que Faria e Sousa foi e é, a obra máxima do príncipe dos poetas das Espanhas, essa Hispânia singular e multivária, que teve e tem artes insignes — quão veementes e astuciosas também — de projectar-se no mundo em desvairadas gentes e uma profusão de culturas, e deu, com Camões, um dos maiores poetas do mundo (como Faria acentua, colocando-o sempre a par das maiores glórias da literatura universal).

Santa Bárbara, Califórnia, 22 de Outubro de 1972.

Jorge de Sena.

⁽¹²⁸⁾ É um facto. Nem os comentários numerosos a Dante, nem os de um Bembo a Petrarca, etc., por exemplo, haviam atingido um tal gigantismo.

L V S I A D A S

DE

LVIS DE CAMOENS,

PRINCIPE DE LOS POETAS DE ESPAÑA.

Al Rey N. Señor.

FELIPE QVARTO
EL GRANDE.

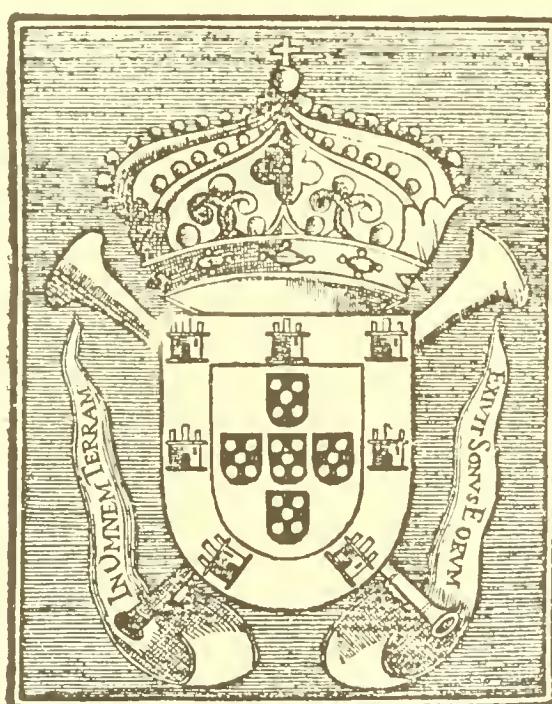
COMENTADAS POR MANVEL DE FARIA
i Sousa. Cavallero de la Orden de Christo, i de la Casa Real,

CONTIENEN LO MAS DE LO PRINCIPAL DE LA HISTORIA;
i Geografia del mundo; i singularmente de Espana: Mucha politica excelente, i Catolica:
Varia moralidad, i doctrina; Aguda, y entretenida satira en comun à los vicios: I de
profession los lances dela Poesia verdadera i grave: I su mas alto, i solido pensar.
Todo sin salir de la idèa del Poeta.

Primero i Segundo Tomo.

Año

1639



Con Priuilegio,

En MADRID, Por IVAN SANCHEZ

A costa de PEDRO COELLO, Mercader de libros.

M A C H A B. Lib. II. Cap. VI.

Obsecro autem eos, qui hunc librum lecturi sunt, ne abhorrescant propter adversos casus, sed reputent ea, quæ acciderunt, non ad interitum, sed ad correptionem esse generis nostri.

S I D O N. A P O L I N A R. Lib. VII. Epist. XVIII.
A C O N S T A N C I O.

Et si me uspiam lectitavisti in aliquos concitatiorem, scias nolo, Christi dextera opitulante, me nuquam toleraturum animi servitutem, compertissimum tenens super ijs moribus bipartitam hominum esse censuram. Nam ut timidi me temerarium, ita constantes liberum appellant.

E R A S M O en Epist. à C O R N E L I O A V R E T I N O.
sobre la libertad con que Laurencio Vala censuraya los
yerros de algunos Escritores.

LAURENTIUS Noster si barbarorum imperitiam reticere quam prodere maluisset, venustus, & gratus haberetur. Nunc quoniam id effecit, ut quorundam malæ comparatos gloriae fucus detrahetur, ut putari desineret quod non erant, offensi genuinum in illum acuunt omnes. Adeo vulgo mordax, & in amara re est veritas.

M A R T I A L A D N U M A R I V M G A L L V M,
Lib. X. Epigramma XXXIII.

Hunc servare modum nostri novere libelli,
Parcere personis, dicere de vitijs.

A los Impresores, o mercaderes de libros.

SI A caso algun Impressor, o mercader de libros, llegare a desear hacer se gunda impression deste; advierta, que para que le sirva la Tabla general cō viene que se imprima plana por plana, i aun con algunos numeros errados como agora lleva. o serà necesario hacer nueva cita de columnas: I para que vayá en sus lugares, los que se pusieron a lo ultimo por adiciones, convendrá encargar dello a algun entendido que lo sepa hacer: i lo mismo se dice de las erratas. I si por mayor perfeccion, i aun ventajas, quisiere hacer más diligencia, avise al Autor, porque liberalmente le dara nuevo Original, no solo reparado de lo que arriba se advierte, sino ilustrado; porque en lugar de algunas cosas que convino dezirse agora en este libro, por ser la primera vez que se imprimió, i que no son menester en la segunda, irán otras de mayor utilidad, i no desigual gusto, que se dexaron por lo mucho que crecia el volumen. Assí lo ofrezco. En Madrid a veinte de Março de 1639.

Manuel de Faria i Sousa.

L I C E N C I A S.

Por el Ordinario, i por los Señores del Real Consejo, vió este libro don Tomás Tamayo de Vargas, Coronista mayor de su Magestad en Castilla, i en las Indias, i Ministro en el Consejo de Ordenes, i en el de la Santa Inquisición, i dixo:



Este verdaderamente Poema, por ser igual a los mejores de los antiguos, i superior a todos los de los modernos, faltava ilustración particular para su inteligencia, como ha sucedido a los de Homero, i Virgilio (exemplares primeros de la Idea) en que han puesto su cuidado, i diligencia, muchos ingenios de todos siglos, aunque con desiguales sucesos.

El espíritu del gran *Luis de Camoës*, es mayor que la materia que trató, con ser de las mas gloriosas que ha tenido el mundo: porque aquel ilustre Heroe Vasco de Gamma, intentó cosas que la imaginación tuvo por imposibles, i las consiguió con felicidad, hollando mares nunca surcados, descubriendo Reynos no conocidos, i enriqueciendo con tesoros incomparables a sus Reyes, cuyas acciones con tanto artificio, i decencia, se entretexen en los adornos de la labor, que ni su Magestad, ni el valor de los invencibles guerreros, que con generosa emulación siguieron aquellas primeras huellas, pudieran desechar más, ni alcanzar talto.

Vnos i otros devén reconocer la renovación de sus glorias al ingenio, erudicion, i diligencia de *Manuel de Faria i Sousa*, por aver con increible, i loable tatiña, sacado a mejor luz de la obteuridad, en que hasta aora estaba sepultada, la profundidad del ingenio del Poeta, la fama de su Heroe, i la gloria de los Reyes, i Cavalleros de su nacion; tan sin perjuicio de las agenas, que tiene también Castilla que agradecerle, viéndose defeudida con verdad, de la passion con que tauros Escritores la intencionan ofender. Porque aquí no solamente se descubren, i deleitan las galas de la Poesia, sino se executará, i aprovechan los aciertos de la Historia, contal conocimiento de sus veras, que parece que aú lo que toca de passo, es su principal intento; como lo fue ya en otros escritos, que contan universal aplauso le han abierto camino a la inmortalidad.

Salga, salga aluz, obra por tantos titulos importante para honra de Portugal, i Castilla; enseñanza de toda la nacion, i admisión de estrangeros, i nuestros. I glorie España de tener el singular ornamento en sus mejores lenguas, que sin este le faltara; pues es cierto, que al más celebrado, i culto de los de Italia, adornaron sus luces I V. A. (siendo servido) autorize al Poeta, i honre a su Ilustrador cō la licencia que pide. Assí lo siento. En Madrid a 18. de Julio de 1637.

*Don Tomás Tamayo
de Vargas.*

Dio licencia el Ordinario para que se imprimiesse, despachada en Madrid a 20.
de Abril de 1637. por el Notario publico Iuan Perogila.

Suma del privilegio.

Tiene licencia, de su Magestad, Manuel de Faria i Sousa, para imprimir estos
Comentarios por tiempo de diez años, sin que otra persona lo pueda imprimir,
no siendo de su consentimiento, si las penas contenidas en la Real cedula
que dello se le passò, despachada en Madrid por el Secretario Francisco Go-
mez de Lasprilla, a treze de Setiembre de 1637. años.

Fè de erratas.

V An al ultimo del libro, fol. 661. 662. i de
nuevo estas. El primer numero es de las co-
lunas, i las letras del lugar dellas. Canto segui-
do, 422. C. despues del lugar de Tansilo, diga:
Luis Patetno, Fiam. Elegia 11. *Per que' begli*
occhi ove fà nido amore. 428. B. despues del lugar
de Ariosto, diga: Paterno, Fiam. fol. 74. *Isabella,*
& seco scerza amore. Canto quinto, 488. D.
despues del lugar de Ariosto, diga: Paterno,
Fiam. Eleg. 9. *L' onda si voti, e l mar nel mar s'*
attufi. I sirve esto de atufarse el agua en la agua,
para lo de arriba, de mojar la agua al agua. Can-
to sexto, 16; A. despues del lugar de Tansilo,
diga: Paterno, Fiam. Eleg. 9.

*Ecco poggia tal bor l' onda tant' alto,
Che par che giunga al carro di Boote,
Ecco scende tal bor giu ne l' inferno, &c.*

I ay alli otra tormenta semejante. 168. E des-
pues del lugar de Ariosto, diga: Paterno, Fiam.
Eleg. 9 *Tripoli, & Satalia, Caribdi, & Scilla*
l' empia Malea, giu d' infamato nome.

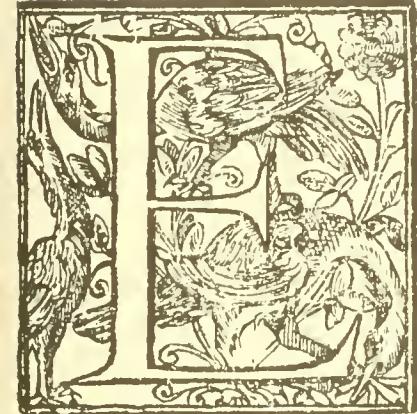
Canto octavo, 47 A. despues del lugar de Cen-
ci, diga: Patern. Fiam. Eleg. 10. *Dove sepolto in*
picciol marmo il serra. Canto nono, 274. despues
de la palabra sufridos, añadase: I no solo es esto
para la salud de la alma, sino que tambien en los
temedios de la corporal, parece quiso Dios po-

ner esta doctrina: porque realmente quanto el
medicamento es mas eficaz, de ordinario es
mas amargo, i penoso al gusto; como las purgas,
la piedra Espin, i otros contravenenos: de mane-
ra, que no ay salud, en alma, en honra, i en vida,
sin sufrir asperezas. 277. C. despues del lugar de
Mena, diga: I el verso pudo ser de Paterno,
Fiam. Eleg. 11. *Voi cb' aspirate a gloriosa fama,*
&c. Canto dezimo, 375. E. despues del lugar de
Bembo, diga: Paterno, Fiam. Eleg. 6. *Fama mer-
cando in questo luogo.* &c. 421. C. Socrates, diga:
Isot rates. 525 D. *Spiritu sancto,* diga: *Spiritus*
sancti. 533. D. Albino Vano, diga: Albinovano.
536 B *Factus sum,* diga: *Factus sum.* 548. D.
Africa, diga: Asia. 549. A. Occidental, diga:
Oriental. 639. A. linea 1. despues de, no puede;
diga: I es e aramente estilo del P. porque en la
e. 12. del c. 1. i en las 31. 35. del 4. para llamar a
don Nuño Alvarez, fuerte, valiente, poderoso, i
grande, le llama fiero. Ptuvelo con el mismo, q
variando de estilo, mas no de sentencia, dexa el,
fiero, i usa de estos epitetos; como en la e. 14.
del c. 4 O forte dom Nuno Alvarez; i en la 30. O
grande Pereira; i en la 34 Nuno fortissimo; i en
sus Rimas, i estancias a don Constantino, O gram
Nuno, &c. 641. A. venir del Griego, diga: venir
del Hebraico.

Suma de la Tassa.

VE tassado este libro por los Señores del Consejo, a cinco maraudis i medio
el pliego, como consta de la fè que dello se passò en el oficio de don Diego
de Canizares i Artiaga, i tiene trecientos i diez i seis pliegos i medio, que al di-
cho precio suma mil i treinta i ocho maraudis. Dada en Madrid a siete de
Março de 1639.

AL REY NUESTRO SEÑOR SEÑOR



L Mayor Hombre por los estudios Poeticos que tuvo Espana, aunque tarde, con razon se acoge a la sombra del mayor Principe que oy tiene el mundo, favorecedor de toda suerte de merecimiento ilustre. Sabese que el señor Rey FELIPE II. en lo fuerte de la gran negociacion del fosoiego de Portugal, entrado en Lisboa, hallò menos (con pesar no pequeno) este gran Ingenio, quando preguntò por él : para que assi como esta Monarquia en virtud de tal Espiritu , via resucitado en si a Virgilio , apareciesse en gloria de tan alto Principe , el Cesareo Otaviano Augusto , que desde Cantabria adonde se hallava lidiando con el peso de su Imperio , i de sus armas , se escrivia con su Poeta en Napoles ; i a falta de su presencia le pedia sus escritos. Real Elogio por cierto, de LVIS DE CAMOES,

que un Monàrca, que en la boca univerfal de la Fama gloriosa mereciò el renombre de Prudente , estando en el manejo del mayor cuydado que le truxo el tié-
po de sus Cetros, se acordasse dèl, para mostrar que de-
seava verle ; i que sentia no poderle ver , porque ya de
pocos dias avia passado a la segunda vida. Pero si aquel
Grande Abuelo de V. Mag. no le hallò para honrarle quando le buscava vivo, halle èl agora a V.M. quando
le busca resucitado con este *Alvarà de lembrança*, tan califi-
cado , i tan sublime , para honrarle el segundo vivir in-
mortal que grangeò con esta elevada ocupacion : pues
no ay duda , que librado en las poderosas alas de tan
heroica Pluma , serà visto estar haciendo sombra a las
mayores luces del Parnaso , mientras fuere vista en el
mundo la Informació literaria. La que èl tuvo de tan-
tas Artes , i singularmente de divino Aliento, pretendi
manifestar en estas Notas, que si para parecer poco lus-
trosas les basta que sean mias , no le podràn impedir la
entrada al conspecto de la Estimacion de V. M. por
màs que no puedan facilitarsela: si ya no sela franquea
bien el ser cierto , que fuera indecencia de tan grande
Escrito , entrarse por las puertas de Amparo que no
fuese tan GRANDE. Dios guarde a V.M. como há
menester la Iglesia, el Mundo, i los Meritos dèl. Ma-
drid en 20. de Març o de 1639.

*AL EXCELENTESSIMO SEÑOR DON GASPAR
de Guzman, Conde de Olivares, Duque de San Lucar, Gran Canciller de las
Indias, Camarero mayor, i Cavallerizo mayor de su Magestad, de sus Conse-
jos de Estado i Guerra, General de la Cavalleria de Espana, Comen-
dador mayor de la Orden de Alcantara, &c.*



Viendome yo resuelto a ofrecer a su Magestad estos escritos, siguese de necesidad, que igualmente los quedo ofreciendo a V.E. pues en virtud de un Amor profundo (calificado a poder de años de assistencia, i de aprietos del tiempo) con que renunciando V. E. en vida los alivios della, solicita, i consigue el coronar a su Principe de gloriosas palmas, aparecen hechos tan uno, q realmente a qualquiera de los dos q nos inclinemos, nos quedamos inclinando a ambos juntos; sin q la

Circuspeccio pueda corrernos cõ algú legitimo cargo. Siglos ha q la Reyna Sisigambe cõ un yerro, a su parecer, fue motivo de q aprendiessemos este modo de acertar, quando se inclinò a Efestion gran Valido de Alejandro, creyendo q a el mismo: pues oyò de su reparo aquella sentencia entendida, i amorosa: *No te molestes: no has errado: porque Efestion es otro Yo: i assi le debes a él por lo que le haze el Igualador de las Almas, lo que a mi por lo que me hizo el Destribuidor de los Imperios.* V. E. es verdad que naciò Grande en las manos de la Fortuna; pero hizose Mayor, por lo que estudio en las Aulas de las Letras, i del Talento: de manera, que pudiera justamente ser por esto lo que es, quando por essotro no huviera sido lo que son los que más fueron. Siguese, luego, que V. E. se supiera hazer tanto a si mismo, quádo sus Reales, i antiquissimos Ascédiétes, no le huuierá hecho tāto. I parece q mi Poeta nos enseñò como aviamos de hablar de V. E. (yo a lo menos en él lo apredi) quádo cõ pésamiéto más q humano, dixo del hermoso objeto de su Lyra,

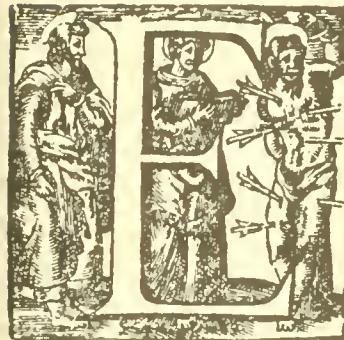
Nam pode a Natureza fazer tal;

Tu mesma, ò bella Ninfá, te fizeste.

Quien podrá negar, que adonde la Fortuna haze a muchos por suerte, V. E. se pudo hazer por merito; considerando, que al poner el ombro al peso, no ya de un mundo, sino de tantos como sustenta el Atlante de Espana, le ayuda a llevar esta maquina de manera, que quando parecia que tantos adversarios le harian deslizar con ella, vemos en los breves giros destos dos ultimos años, resurtir del peligro tanta gloria, i de los aprietos tantos laureles, que parece no caben aun en el mismo Tiempo las felicidades? Quádo de las Provincias de Espana se dice, que estàn viudas de Varones, vemos que en Virtud de la Vigilancia, i Actividad de V. E. parece averse sembrado dientes en ella (como ya dixo la Fabula) i que de llos nacieron hombres armados para acudir a su defensa. Quando Espana más poblada parió tantos como los que estos dias (casi en un abrir, i cerrar de ojos) se vieron juntar para correr a varias priessas: pues solamente desta Corte salen en tā gran numero, que más parecen brotados de la Tierra, que criados de las gentes? Esto no ay duda que es assi. Pues si es assi esto; esto quien lo hizo? La Verdad es, que solo V. E. pudo hazerlo: i que tambien lo harà quien supiere hazer lo que

V.E. supo. Gran secreto. Que es lo que supo hacer, i que raro ha sido en el mundo el que lo supiese Ah señor l Es el ser Valido de su Principe sin hazer Valida, suya la Codicia. Quien no hiziere esto, jamás hará essotro. Lo que otros pusieró en si, pone V.E. en la Republica. Pide se le algo a ella. Para ella es, i a ella se buelve. Silo vieran bien los que pretendiendo ver más , muestran finalmente aver visto menos , dixeran que V. E. era el verdadero Hercules vestido en la piel del Leon de España : porque verdaderamente la mayor punada que diò Hercules fue en si mismo para matar en silla Codicia: porque es cierto , que si él no se contentaría de andar desnudo por no desnudarlo todo, nunca huviera de obrar tanto, ni ser tan aplaudido de la Fama heroica. Vomite quanto veneno quisiere la Emulacion; porque no ay duda, que nada le quedó por hazer, a quien colocado desde adonde pudiera amontonar gruesos tesoros, i producir vistosas fabricas, no lo haze, como hizieron tantos. Si los sucessos no saliesen todos medidos por la Voluntad , a lo menos quien sacudió de si aquella causa principal de los yerros en los mortales, acertó más allá de lo que se pudo esperar de la condicion humana. Si guese , luego, que quien desta manera se habilitó para no errar, es mas Acreedor de la Fortuna quando no se conforma , que Deudor a la Acusacion quando no se satisfaze. Pero algo avia de aventajarse en aciertos hazañosos; quien se aventajó en pensamientos sublimes, i en estudios purificados: porque raro ha sido en el mundo el que con tales adornos, i suficiencias, llegó a ser amado de su Principe. Assi se queda verificando la sentencia de Platon, de que será dichosa la Repúblicas, quando la governare el Sabio: porque realmente, si aun el que lo es puede errar; que podrá acertar el que no lo es ? Señor Excelentíssimo, yo quando tuviera edad para pretender (que al fin la doy por acabada) no tengo acciones ; i assi no pretendo. Vivo con libertad; i nadie habla las Verdades mas cernidas, que quien es libre, i no es pretendiente. Conforme a esto pudiera sin sospecha dilatarme en esas ponderaciones que apenas apunto : mas no lo hago , porque lo dicho me sobra para dar por firme el cimiento de la fabrica de mi montea , que es mostrar al mundo, que pongo el mayor Espiritu del Parnaso en las manos del mayor Coraçon de las Coronas : i que si Luis de Camoës deste assalto que dà a su Fortuna no saliere con la honra que no se le hizo hasta oy , i que tanto merecerá siempre, puede acabar de perder las esperanças de salir con ella en algun tiempo. No fue jamás ageno de los Grandes Reyes, i Señores, el cuidar de la honra de los rarios Sujetos (aun no sus vassallos) en lo mas rezio del exercicio de sus armas. Si yo hablará con quien no fuellé V. E. truxera aqui algunos ejemplos. Pues, Señor, si esto es assi, i V.E. es Protector de los altos Espiritus , i sabe en un mismo tiempo acudir a varios assumptos , sirvase de que se haga patente esto en favor deste rarissimo Poeta, valiente soldado, i luzido Cavallero, haciendo cō su Magestad (que Dios guarde) le haga en muerte la honra que su prudente Abuelo deseó hazerle en vida: que realmente para obrar esto un Principe tan soberano en Entendimiento como en Cetros, i que honra a Autores estraños, i naturales menos benemeritos, solo deve faltarle quien le acuerde que tiene este, ventajosamēte merecedor, injustamente olvidado, i universalmente sentido el descuido, i humildad con q yaze. Dios guarde a V.E. con las fuerças q̄ ha menester el peso desta Monarquia. A men. Madrid en 20. de Março 639.

A D O N G E R O N I M O V I L L A N V E V A
Cavallero de la Ilustrissima Orden de Calatrava, i en ella Comendador de
Villafranca; del Consejo de Guerra, Protonotario, i del
Consejo de Aragon, i Secretario de
Estado, &c.



N La antiguedad hubo un Principe ; que no aceptava cosa alguna de las que se le ofrecian, sino era por mano de un Ministro a quiē estimava mucho: porque (dezia él) esso se las hacia mas preciosas. Parece aver aprendido en divina escuela un tal modo de obligarse : porque cierto es, que Dios se complaze mas de las peticiones de los mortales, quando ellos se las presentan por mano de sus ya gloriosos privados. Tambien se ve esto comunmente en los Palacios de los Reyes, que se dan por bien servidos de quien pone sus joyas en la mano de quien solamente se las puede poner. Pues si estas politicas (a toda luz estremadas) se observan aun entre aquellos, que tienen licencia, o atrevimiento para introduzirse a la presencia de los Principes; mas propiamente las devo yo observar, pues no siendo atrevido, ni licenciado, para introduzirme a ella, soy desde los fundamentos de la naturaleza encogido de fuerte, que al punto que me veo delante de algun soberano Principe, me pierdo de vista de tal modo, que se me olvida lo que he de hazer, i lo que he de hablar; como me sucedió dos veces, que el caso me puso delante del Santis. Pontifice V R B A N O VIII. i del Excelentissimo señor Conde Duque. Si bien no tengo por muy desatinados los que pierden el tino a vista de las mayores luces ; pues a lo menos con esso dan a entender, que reconocen lo en que han puesto los ojos. Ni V.S. ha dexado de tener alguna parte en este mi notable estilo de perderme: i si no la tiene mayor, es porque como le hallamos un poco mas acá para oirnos, i lo hace co hu- manidad, perdemos por la costumbre algo del temor que engendramos por el puesto. El pueblo de Israel no podia mirar a su gran Caudillo, quando baxava de hablar con Dios, porque ve- nia bañado en resplandores: pero, al fin, con algun reparo le via, i por el uso le tratava. Sale V.S. de hablar consu Magestad, i consu Excelencia, adonde no pueden llegar los que como yo no tienen a que, i reverenciáramosle mal, sino nos encogieramos; i lograramosle peor, si con la mano de la frequencia no le depusieramos rayos. Segun esto, bien guiado voy del respetoso encogimiento que me retira; i del singular oficio que V. S. exerce, de ser la Voz, por quien mas acertadamente devemos hablar a su Magestad, i a su Excelencia. Tras esto, yo no solo busco a V.S. para que presente este papel a sus Dueños, sino para que lo sea tambien de buena parte del; por tres titulos justissimos. El primero es del juicio, por que con tareas de estudios no se ha de combidar a muchos sujetos, por mas que cada uno sea grande, quando todos no sean noticiosos dellas. IV.S. lo es en tal manera, que me obliga a discurrir quan facil accion sera siempre el presentar escritos a quien no conoce sus quilates; i quan dificil el ir con ellos a su co- traste: porque si el que los lleva toca en cuerdo, antes llegar à turbado que presumido. El se- gundo titulo es por las calidades, i animo: pues está V.S. por ellas oy unido con sangre de la de los mejores respetos de Espana; i por él, sabe no echar mano de todos los intereses que pudie- ra, amandolos menos que la reputacion de sus Dueños: antes despende de lo justamente adqui- rido, por no faltarles con la hacienda como con la vida, en edad que la vida se estima menos q la hacienda; si bien desto ultimo no ay que admirar, por que siendo esta singular lecion del Ex-

celentissimo Señor Cōde Duque, executada con obras, más que persuadida con razones, queda V.S. haciendo una cosa, que naturalmente se hace, como es seguir la sombra a su cuerpo, i parecerse el efecto a la causa. Es de justicia el tercero titulo; porq̄ siendo V.S. la primera inteligēcia de las segūdas sobre q̄ se mueve la gloriosa maquina desta Monarquia, fuera injusto, q̄ hallandose pronto al sudar por sus aciertos, no fuese hallado al asir de sus alivios. Siendo, pues, las obras del Ingenio (i más desta esfera) alivio para quien las ve, aunque ayan sido ajan para quien las hizo, evidente ingratitud sería no concedersele a V.S. una buena parte des. e. Los grandissimos Poetas al descifrarse en lo profundo, no cansan poco; mas despues de bier descifrados alivian mucho. Yo para que todos lo grassen esto sin padecer effetro, trabajé por largo tiempo en este laberinto de Luis de Camoës, que es de una escritura que más facil pareció a los entendimientos, i que menos entendida estuvo hasta oy. Puedo bien dezir, que en ella quedo ofreciendo a su Magestad, i a su Excelencia, i a V.S. no menos que dos vidas enteras: una de un Varon admirable, i otra de un hombre laborioso. Porque si pocos ay que sepan, que cosa es el verdadero vivir antes de los veinte i quattro años; i que no comiencen a morir a los cincuenta, raras son las vidas que exceden de veinte i seis. Luego, si Luis de Camoës gastó estos en encender esta luz, que ha de ser inextinguible; i otros tantos yo en descubrir el artificio della, siguese que ofreciendo dos vidas de las calidades que ai dixe, vengo a hacer una oferta de las mayores que se fizieron deste genero en el mundo. Esto se pudiera tambien inferir de lo extravagante con que la hago: porque en edad, i Provincia tan sobrada de libros, desalumbramiento fuera embaraçar tantas luces con uno solo, si en él no se encerrasse algun misterio bastante a produzir esta confiança. Voy hablando deste modo, en virtud solamente de tan insigne Poeta: porque esta Poesia es del; i lo que yo escribo es della. Siendo, pues, sin duda, divina esta su fabrica, i V.S. Protector, i fundador de fabricas divinas, i aun de las que fueren de la singular elección de las antiguas, i mayores manos Reales, como son Monasterios del glorioso Monge Benito, gran Patriarca de Religiones, justo parece que V.S. tienda tambien su mano favorable sobre nuestra labor, para que de oy más se levante con mayor estima. Luis de Camoës fue natural de un Reyno, que exercitó más lo duro que lo politico de las valerosas gentes; i más la ingratitud que el premio de las mejores artes. Desto resultó passar la primera vida con lastimosa miseria; mereciendo él por las armas tanto como muchos que no alcanzaron poco; i por estas letras, más de lo que consiguieron todos. I pues él en la vida segunda se está viendo vassallo de Rey, que con ejercicio excelente de estudios premia a los que se singularizan en ellos; i pretendiente con Ministros grandes, que no menos saben manejar lo lucido de los escritos, que lo escabroso de los negocios, descubrase esta Verdad en él; con algana honra, hecha por su Magestad, conseguida por su Excelencia, i despachada por V.S. Mucho más facilmente se acomodian los muertos que los vivos; i menos merece quiete obra más por los vivos que por los muertos. Yo no tengo acciones bastantes a pretender para mi, i assi pretendo solo para este mi gran Maestro, ilustre por sangre, valeroso por espada, i invencible por pluma, que está en entierro indecente, mereciendole honorifico. No le parezca a V.S. extraño este linage de pretension, o sea demanda: pues bien propio es de un hombre (por más que bien nacido, i mejor cultivado con partes) al verse ultrajado de la Fortuna, que le vean (por obedecerla más) ir pidiendo para las Almas. Dios guarde a V.S. con los grandes aumentos que se le devén, por largos años. Amen. Madrid en veinte de Março 639.

Manuel de Faria i Sousa.

ADVERTENCIAS PARA LEERSE con más luz este Libro.

I.

Todas las veces que se encontrare con estas letras, c. vale canto, e. estancia, P. Poeta, N. nuestro, L. de C. Luis de Camões.

II.

Siempre que se cita estancia sin citar el canto, se entiende que es del mismo en que ella se cita.

III.

Vando no se hallare declarada alguna cosa en algun lugar, es porque ya queda declarado en otro, i para hallarla se acude a la Tabla.

IV.

Ambien se hallarán otros terminos que pueden parecer Lusitanismos: algunos serán por descuido, llamando me a ellos la naturaleza; i todavía otros son usados cuya dudamente, por parecerme bien el hacerlo así: no haciendo caso, para ello, i se los que al leer un libro, en hallando un termino, i aun palabra de que no se gradan, luego se enojan, sin razon, a lo menos en obras tan grandes, que piden toda variedad: có quien escribe un pliego, o un quaderno, se puede usar dese examen.

V.

Si el que fuere leyendo los infinitos lugares que traygo, no hallare alguno que él acerí a hallar, no por esto se tenga por más, o nos terga por menos doctor, como agora se usa; acordandose de que él hace. Se solo, i yo todos los que van aquí: i no por esto me imagino si superior, sino estúdiate so. Hable de los lugares principalmente tocantes al entendimiento misterioso del P. que quanto de los traídos con explicación, no haré mucha elima del hallazgo, porque no me occorre la fertilidad dellos, que así se verán.

VI.

A cada est. se sigue lo que otros llaman explicación, i yo le llamo traducción, tan al pie de la letra, que la palabra que el castellano usa, o ha usado, no la mundo (aun que sea broma) solo por indicar la poca diferencia que ay, i hubo siempre entre la lengua Castellana. i Portuñesa: considerándose, que el ando ay alguna, es para mejor, en propiedad. para que vean todos la poca razon, o causa con que se les haze difícil nuestra ergia, i con que la quiere en privar de la capacidad de entenderse en ella tocó asunto grave, i de la estimacion que realmente se le deve. Tan poco mundo las paabras Latinas, por la mayor parte; porque éstas son comunes a todos Poetas en cualquier lengua; i tiene obligacion de entenderlas quien se quiere mostrar entendido en ellos; i de las difíciles, así Latinas como Portuguesas, vía la explicación en las notas. Desto, que es seguro, se sigue, que los que traduxeron este Poema en Castellano, erraron mucho en mudar las Latinas en la traducción; que esto es para comentarios, i no para traducciones. Ellas fueron tres, de Luis de Tapia, de Benito Caldera, i de Enrique Garces, tan malas todas, q exceden la infelicidad de toda traducción que se haze de escritura en verso. De manera, que el intento en esta traducción, así seca, es para que quien no entiende el Portugues, entienda facil i llanamente lo q contiene cada est. Algunas que me parecio necesitava de ser

parafraseadas, lo son despues de la traducción desnuda.

VII.

Al tiempo que L. de C. tenia escritos ya los primeros seis Cantos de este Poema, aun no le avia dado Titulo. Esto se vé claro de la copia dellos, que se encuentra con la declaración que advertimos en el num. 16. de su vida, pues dice: *Estos Cantos se hurtaron a L. de C. de la obra que tiene comenzada sobre el descubrimiento de la India, &c.* Si él le tuviera dado Titulo, entrara la copia con él, i con él habrá la declaración, i no de este modo. El impresso por el P. le tiene assi, LOS LVSIADAS. Otra que vi, dice, LAS LVSIADAS. La de Montenegro, i la traducción de Tapia, dizen solamente LVSIADA. Esto ultimo me pareció bien, i assi lo puse en todos los Cantos: despues mudé de parecer, i acmodandome a que es mejor LVSIADAS, lo puse assi en el rostro del libro.

VIII.

Allían se por todo el Comento repetidas (de modo que parecerá demasiado) varias reprobaciones a algunos vicios; i singularmente al de la ignorancia con que se juzgan de muchas las obras de los Poetas de nombre (esta en particular) i con que se escribe modernamente, i se ha comentado en comun. I singularmente me instiga el ver traídos tantos lugares sin propósito, i Poesías propias, i de amigos, cosa de que ya se scandalizó el doctísimo Brocense en el elogio que hizo al P. i al Traductor Tapia en aquella traducción, picando sin duda a Fernando de Herrera, que entonces avia salido con aquel impertinente, i aun vano, i pueril modo de comentar, que tanto engaño a los que le sucedieron; i yo en particular hablo con él cuando toco en esto. I el repetirlo procedio de la consideración, de que son raros los que leen un libro todo, aun mucho menor que este: pues los que presumen de que todo lo saben, nada leen: i los que solo saben leer tablas, no passan de ellas: i los perezosos con leer tres hojas, la primera, la dé en medio, i la ultima, lo dan por leido, i todos osan juzgarlo con sola esa diligencia. I para que todos hallen, si quiera una vez, estos documentos, los repeta algunas; a uso de caçador, que aruia muchos laços, para que a lo menos en alguno venga a caer la caça. Por esto los estudiosos (poquíssimos) que todo lo leen, i como Mariposas les basta una luz para caer en ella, entiendan que para ellos soy el primero q tengo por subrada esta diligencia. Sufriamel a con essa condicion, i con la de que la enseñanza para los sordos a ella, muchas i repetidas veces quiere.

IX.

De las estampas que van aquí se holgarán, sin duda, los curiosos de entender el credito que tienen, i de donde salieron. El retrato del P. se sacó bien parecido a otro que era original, mandado hacer por su amigo el Lic. Manuel Correa, al tiempo que se trataba en Lisboa, que es de creer seria despues que vino de la India; porque no le pudo tratar antes, pues desde quando el P. salió de Lisboa, hasta el año en que murió el Correa, van mas de 60. i pocos más devia él tener quando murió. De que se sigue, que este retrato es de los ultimos días del P. Los retratos de don Vasco de Gama,

Gama, i de los Vicerreyes, i Gobernadores que van en el c. 2. i en el 10. son sacados, bien parecidos, por unas copias hechas curiosamente en la India por los mismos originales que están en la sala de Goa. La Poesía pintada con que adornamos las entradas de los Cantos, dispuse yo por las mismas descripciones del P. Afisi. ¶ Primero. El Concilio de los Dioses, por las est. 20. hasta 23. El Iupiter en su silla estrellada con corona, i cetro, por la e. 22. El Marre, que dexando su silla salio de entre los Dioses, por las e. 26. 37. Las naves del Gama (eran tres) que ivan agora entre la tierra, i la Isla de san Loréço, por la e. 42. El Signo de Piscis, que era el mes en que ivan navegando allí, por el fin de la misma est. ¶ Segundo. Venus hablando a Iupiter, por las e. 35 hasta 37. Mercurio bolando a Mombaca, por las e. 56. 57. Las naves entrando con fiesta en el puerto de Melinde, por las e. 73. 74. El Rey de Melinde, que en su litera cubierto con su quitar sol, i acompañado viene a ver el Gama, i la flota, por las e. 92. 94. 95. ¶ Tercero. La gente por la playa concurriendo a ver la flota nueva, por las e. 74. 93. del c. 2. El Rey de Melinde dexando su acompañamiento, i entrando solo con el Gama en un barco, por las e. 94. 95. 96. del c. 2. Las naves disparando de fiesta, por la e. 100. del c. 2. El Gama con sus galas, i gente, haciendo relación al Rey de las cosas de Europa, i singularmente de Portugal, por las e. 97. 98. 99. del c. 2. i las 3. 4. i siguientes de este. ¶ Cuarto. Prosigue el Gama en la relación al Rey, i es la misma estampa. ¶ Quinto. La misma estampa por esa i razón misma. ¶ Sexto. Las torres, i terrero del Palacio de Neptuno dentro del mar, por las est. 8. hasta 13. Las Ninfas que están detrás de Neptuno, i él que sale a recibir a Baco, por la e. 14. Baco haciendo reverencia, i hablandole, por la 15. Triton sonando el caracol, por las 16. hasta 19. La primera compañía que viene con el Padre Oceano, por la e. 20. La segunda de Tetis con Anfitrite de las manos, i su Deifin, por las e. 21. 22. 23. Panopea con su muchacho, por la e. 23. La otra compañía adonde viene Glauco, por la e. 24. Los vientos sueltos de orden de Neptuno, por las 35. 37. Las naves corriendo fortuna, destroçadas, por las e. 71. hasta 79. Venus baxando a aplacar los vientos, por las e. 85. 86. Las Ninfas con que determino cohecharlos, por las e. 86. hasta 90. ¶ Septimo. El Gama puesto en tierra en Calecut, por la e. 43. La junta que aparece detrás d'él, i son los doce Portugueses con que salto en la playa, por la misma est. i por la 45. El Gobernador de Calecut, dando los braços al Gama, i recibiendo de orden de su Rey, i su gran acompañamiento por la e. 44. Las literas, o camas en que han de ir a Palacio, por la misma. El Templo, o torre que aparece solo, adonde entraro, por las e. 46. hasta 49. La fabrica que esta apartada deste Templo, i de la ciudad, i es el Palacio Real, por la e. 50. ¶ Octavo. El Rey de Calecut en la camaña, por la e. 57. del c. 7. El Gama hizendole aquella alta Oración, por las e. 64. hasta la 76. i este Los Agoreros en el sacrificio, por las e. 45. 46. ¶ Nono. Venus bolando, por las e. 24. 25. Las naves llegadas a la Isla de Anchediva, por las e. 51. 52. 53. La Isla dividida en tres montes, por las e. 54. hasta 63. Ninfas tanendo, i cantando unas, caçando otras, i baxandose otras, por las e. 64. 65. 68. 70. 71. 72. 73. Soldados en tierra con escopetas, i ballestas, buscando caça, i hallando Nin-

fas, por las e. 66. 67. 68. 69. 70. 71. 72. Ninfas saliendo desnuda a tomar el vestido a la orilla del baño, por la e. 73. Soldado que vestido se echo al agua, viendo estar alla una Ninfas, por las e. 73. 74. El soldado que va corriendo tras una Ninfas, por las e. 75. hasta 82. Tetis llevando de la mano al Gama, i subiendo al Palacio q estaba en la cumbre del monte, por las e. 85. hasta 87. ¶ Decimo. El Gama, i Tetis, i Soldados, i Ninfas, a la mesa en el salón de Palacio, por las e. 3. 4. Las Sirenas tanendo, i una cantando, por las e. 5. 6. El Gama, i sus soldados subiendo el monte, por la e. 76. Tetis en el monte ensenando la esfera universal al Gama, por las e. 77. hasta la 143.

X.

Os que no se agradaren destos Comentarios, juzgandolos por menores de lo que merece el P. antes devén lastimarse, que lastimarme: considerado, que esta maquina me llevó lo más, i mejor de los mejores 25. años de mi vida: i que para ponerle en este estado despendi mas de 400. escudos en libros, i diligencias que no avia menester para otra cosa, i en ayuda de costa para animar al librero que le haze imprimir, i en los adornos de las estampas que lleva: que todo para mi pobreza es un tesoro, i mucho mas en tiempo, que de los ricos, i llamados señores, i aun Príncipes, no huvo hasta oy uno que tuviese animo para despender cosa alguna por la honra del P. i de la patria, en el auxilio de sus escritos: con lo qual, pareciendome a mi, q desde el dia que yo le acabe de comentar, resucito el, se cumple lo que refiero en el num. 27. de su Vida, de aquel ingenio que dixo seria mas facil resucitar L. de C. que hallar algun Príncipe que le diesse algo: porque resucitando el agora; i buscando algunos zelosos (no yo que no busco, a pesar de mi fortuna, i de sobravias de ricos, i señores) quien favoreciesse esta impression (hasta en Judea, que se levanto con la balsa universal) no se hallo quien tuviese animo para ello, de que se ve, que no ay balsas christianadas, i por christianar, que no sean judaizantes, cobardes digo. Bien veo, que con lo que he despandido pudiera labrar un sepulcro al P. bien diferente de la senzillla losa que le cubre. Pero es tra que yo le pongo mas gruesa, le descubre, que es mejor. I si fuere peor, buelvo a dezir, que mas devén los que la vieran lastimarse, que lastimarme: porque lastima es que quien puede tan poco, aya gastado tanto, de hacienda, edad, i desvelos en obra poco lucida. I para que se desenganen todos de que lo digo sin doblez, entiendan que yo soy el primero que me acuso, i me lastimo de que me huviesse empleado en esta labor, quando estava menos capaz para ella: porque realmente si oy me hallara con veinte años menos de edad (porque la mia esta ya en el punto, i con las condiciones que el P. dixo de la suya en la e. 9 del c. 10.) le comentara de nuevo con tantas ventajas, quantas son mas sus hermosuras en mi idea, cada vez que le buelvo a leer: cosa que me obliga a leerle oy como si nunca le huviera leído. Pero para intentarlo agora, fuita rebolver todo lo dicho: i para hacerlo de nuevo, esta la vida casi acabada por el curso natural, i el gusto acabado de todo por la insolencia humana. Vengan en otros siglos otros ingenios que me vençan; que alla en la segunda vida di è con mi P. c. 7. e. 56.

..... Sera no mundo ouvido
o vencedor por gloria do vencido.

ELOGIO AL COMENTADOR.

*ESCRIVIA LE LOPE FELIX DE VEGA CARPIO
al tiempo que se murio. Por esto se dexaron algunas clausulas que estavan
imperfetas: i se anadieron otras por Juan Baptista de Sosa,
amigo de Lope de Vega, i de Manuel de
Faria, i destos estudios.*


O Ay duda , que el Poema de Luis de Camoes tuvo siempre estimacion de grande : pero desde oy la tendra de grandissimo , con los Comentarios de Manuel de Faria i Sousa. De aqui resulta dudar yo , qual fue mas , si texer el Comentado una tan artificiosa tela , si desembolver el Comentador este artificio (por mas que el me asegura , quisiera antes aver hecho el Poema , que el Comento) pues penetrar uno lo que otro sutilmente piensa , parece mas que el pensarlo : de que resulto ser mas dificil el salir del laberinto de Creta , de lo que fue el hazerlo. Lo cierto es , que para los que deseavan entender al Camoes , i aun para el mismo , mas hizo Manuel de Faria que el : porque si grande el uno , estaba escondido , el otro le haze mayor manifestandole : aquel nos velo muchos motivos de gusto ; este nos le colmo corriendo e los velos . Que grandeza de conceptos ? que sublimidad de estilo ? que facilidad cientifica ? que ciencia profunda ? que erudicion recondita ? que politica excelente ? que poesia superior ? que historia memorable ? que amores afectuosos ? que afectos naturalissimos ? que descripciones elegantes ? que invencion misteriosa ? que doctrina moral ? que moralidad solidia ? que reprehension furi ? i , al fin , que variedad hermosa no incluye este Poema q tan breve patece , por parecerse al rayo , que en un abrir i cerrar de ojos obra infinito ? Pues , que discurrir sobre todo conciencia , con juyzio , i co elegancia , explanando sus secretos , no encierra este Comento ? Dire solo , que midio los profundos escritos del Camoes con su ciencia propia , lo que dixo con lo que supo ; requiriendo su ingenio altivo con su juyzio severo ; lo que imagino con lo que expreso ; lo que imita con lo que

adelanta , o ilustra : i que assi como Luis de Camoes es Principe de los Poetas que escrivieron en idioma vulgar , lo es Manuel de Faria de los Comentadores en todas lenguas : porque ningun Comento a Poeta tan grofundo , salio de una sola mano tan cabal como este . Homero , Virgilio , Oracio , Ovidio , Dante , i otros , aun no estan acabados de comentar , aviendo salido de muchas manos ; i el Camoes solo desta lo queda de manera , que no necesita de otra .

II.

NO Resulto esto de que este Poema tuviese menos artificio , ciencia , i noticias : porque si no excede a todos , a muchos excede en grande parte ; i aun en mucho a las propias dos Fuentes desta ciencia . Lo de que resulto fue de un ingenio vivacissimo , de un estudio grande , de una penetracion profunda , de unas noticias universales ; i al fin , de un trabajo invencible , por discurso de los veinte i cinco años que el mismo affirma truxo consigo esta labor ; i que aun me parecen pocos despues de averla visto . Es sin duda cosa admirable el ver , que dando tanta ocasion el Poeta a derramarse un Comentador en muestras de noticioso (ambicion que tanto hizo discurrir a casi todos los Comentadores por fuera de la linea (dexandolos parecidos al otro pintor , que en todas sus tablas introduzia el Cipres , viniesse , o no viniesse a proposito de lo que trataba la pintura principal) Manuel de Faria la reprimio de suerte , que jamas se aparra de la idea del Comentado : estando siempre tan firme en la silla del verdadero comentar , que sin duda se coloco en el Magisterio de Comentadores : porque yo no veo otro Comento (i creo los he visto todos) que assi observe sus leyes . Aun en lo que pudiera justamente dilata i se estrecha , mas no con agravio de la inteligencia del Poeta ; ni aun de otros muchos , haciendo juizio solidio de todos

E L O G I O.

dos los que merecieron este nombre ; explicandolos en varios lances , sobre cosas que sus Expositores o no entendieron, o no tocaron. Si bien el no tocar siempre tiene suspecas de no entender. Sigue de todo , que aunque el Comento sin leerse , parece largo , leido ha de parecer ajustado a los impacientes , i corto a los deseos. I finalmente admirandomo todo esto mucho , me admiraron mucho mas dos hallazgos , que perpetuamente nos enseña en el Poema el Comentador : uno es una especie de imitaciones continuas en Homero , i singularmente en Virgilio , cárreconditas , que no sé adonde huvo ingenio para alcançarlas , i vista para verlas : otro es el de la industria con que el Poeta hizo , que en este Poema apareciesen como verdades todas las fabulas que en sus Poemas acomodaron a sus Heroes los propios Homero , i Virgilio. El espíritu del Poeta es de modo , que se puede aezir d'ello lo que Heliodoro en el 3. de su historia Etiopica dixo de Homero , con la consideracion de ver a tantos buscarle padres , o patria , juzgando que su principal origen era del cielo: *Ita omnes* (dize él) non superaret , nisi è divinis quibusdam revera fundamentis existisset. Luego si Luis de Camoës se aventajó tanto entre los Poetas , que merece essa opinion , que de Homero tuvo un varon tan docto , no desmerece algo della quien tanto se aventaja entre Comentadores , explicando tantos secretos de Poesia. I porque al fin no lo sé encarecer , concluyo , que deste genero de estudios no logra nuestra lengua semejante escrito ; ni de las estrañas ay otro que se le pueda justamente aventajar. Fio que assi lo confessarán los doctos desapassionados despues que le lean : porque de los que sin leer libros los juzgan , no ay que hazer caso.

III.

NO Se congoxe nadie , de que diga Manuel de Faria , que solo él entendió a Luis de Camoës en esta fabrica : que yo interesado soy en este dicho : pero viendo que lo puede de zir , se lo concedo : confiando llanamente , que iamis entendi della lo que él nos haze entender : i que con ella misma lo prueba de modo , que no se le podra negar : i que creyendo mucho del Poeta , nunca crei tanto. Todos le teniamos por mayor en las Rimas varias , i agora sia comparación es mayor en este Poema , con lo que su Comentador descubre. I que solo él lo aya descubierto , parece claro de que arguyendo muchos al P. de faltas en lo que no entendian , jamás salió alguno a la defensa de la menor objencion , i en ellas haze M. de Faria patentes sus mayores aciertos. Sigue de todo , que si esto fuera hallado de algunos se comunicara a otros : i pues hasta agora no lo fue , él es quien solamente lo hilo. I n a caso huvo quien con entenderlo se fue a la sepultura sin revelarlo , esto es lo propio que si no le huviera. Pero de creer es , que si lo huviera lo manifesta-

ra ; porque no ay naturaleza humana tan hipocrita en esta esfera , que desestime el aplauso que por alli vieve. Sigue de todo esto , que quando Manuel de Faria no huviera Comentado este Poema con tantos aciertos , i novedades bien ajustadas , bastava a acreditarle la elección que hizo d'él , para emplearse en Comento de seso : porque elegir obras que no son d'él , para comentarlas , inteliz empleo es. Ni salio esta obra de sujeto de que ella no se pudiesse esperar ; porque Manuel de Faria con las que tiene escritas podía darnos esta esperanza. Ellas son veinte i cuatro Tomos : de este modo.

III.

T 1 **D**E Las historias Portuguesas , que contiene dos partes ; la primera desde el diluvio hasta el nacimiento de Christo : la segunda hasta el primer Rey.

T 2 De las mismas historias : que contiene otras dos partes , una desde el primer Rey , hasta la muerte del Rey Cardenal ; otra desde la union con Castilla hasta oy , i una descripción del Reyno. Impressos.

T 3 De la Asia , que contiene cuatro partes , i en ellas lo que se oyo desde el descubrimiento de la India , hasta fenercer su governo Nuño de Cuña : que viene a ser lo que el grande Ivan de Barros escribió en sus cuatro Decadas.

T 4 Proligue la Asia ; que contiene dos partes : una refiere lo obrado desde que Ivan de Barros dexó de escribir , hasta la muerte del Rey Cardenal : otra desde la union con Castilla hasta oy. Estos se imprimirán luego , i con ellos se volverán a imprimir essotros , corretos , añadidos , i ilustrados.

T 5 De la Africa , que contiene dos partes : una , refiere lo obrado desde el Rey don Ivan Primero , que ganó a Ceuta , hasta la muerte del Rey Cardenal : otra desde la union hasta oy.

T 6 De la America , o Brasil , que contiene otras dos partes por la misma orden. Estos dos están en borradores.

T 7 Discursos Morales , Políticos , i Satiricos , impressos ya.

T 8 Segunda parte de los mismos , con licencias sacadas para imprimirse.

T 9 Primera parte de Rimas , que contiene casi quatrocientos Sonetos.

T 10 Segunda parte , que contiene varias Fabulas antiguas , i propias , i algunas descripciones , i cosas semejantes.

T 11 Tercera parte , que contiene Canciones , elegias , i otros versos deste genero.

T 12 Quarta parte , que contiene doze Eglogas de toda suerte de verso grande.

T 13 Quinta parte , que contiene Redondillas , i todo lo que es versos pequeños.

T 14 Sexta parte , que llamó Musa nueva , por averle llamado la curiosidad a la invención de escribir en versos de ocho silabas todo lo que hasta

E L O G I O.

hasta oy se escribe en los de onze. Estas seis partes de Rimas fueron impressas, i algunas cosas dellas dos veces.

¶ 15 Primero Tomo del Comento a las Lusiadas.

¶ 16 Segundo Tomo del mismo Comento.

¶ 17 Tercero Tomo de lo propio.

¶ 18 Quarto Tomo de lo mismo; que son estos que se acaban de imprimir agora.

¶ 19 Las Notas a las excelentes Rimas del propio Poeta, de versos mayores.

¶ 20 Las Notas a los versos menores del mismo Poeta.

¶ 21 Los Blasones de las familias del Reyno, apuntando sus principios, i los Varones claros que cada uno tuvo en armas, i letras. No trata de darle fin, por ver que despues se han ocupado muchos en esto.

¶ 22 Albania. Poema Lirico Portugues en prosas i versos: que él dice ser de sus yerros el q se as le engaña para no aborrecerle: i que será lo q se imprimirá posteriormente: ya le han leido algunas personas.

¶ 23 Hallase con algú aparato para la historia de la Provincia de Entrre Duero i M'ño, q por ser de su propia patria será escrita có amordados obras a que él incita, jamás dexan de tener muchos aciertos.

¶ 24 Cartas a diferentes propósitos.

No haze memoria de algunos libros que escribió, i desestimó: i de otras cosas de a dos hasta seis pliegos, que no desestimó, i que en numero son muchas, i pudieran ser libros para otros: porque no determina publicarlas en impresión, aunque algunas se lean manuscritas. Las impresas ya, tiene de nuevo ilustradas para bolverlas a imprimir; moviendole a ello el aver algunos metido la mano en ellas, con introduzirle clausulas de estilos modernos vanos, i tambien él inclinándose a algunas en los principios en modo todavía, que en algun estilio quanto i mas de pulpito, o comico, llegasse a tanto desamparo, que dixesse, *Piel manchada de estrellas*, por el cielo; *Harpa de nieve*, por el cisne, ni tampoco, *Las que fabrican arcos rosas*, por las rosas que fabrican arcos; porque esto dice él, que solamente lo dirá siempre quien no hallare que dezir.

V.

Tengo observado en estas obras, que su intelecto fue mostrarse capaz de escribir en todos estilos: i consiguiólo. Porque en los Dialogos Morales, i Políticos, imitó las Noches de Aulo Gelio, tratando la varia enseñanza que en ellas ay, con unas i otras letras divinas, i profanas, judicosa, aguda, i elegantemente. En el Epitome trató la historia con estilo superior, imitando a Lucio Floto, Veleo Paternculo, Iustino, Cornelio Tacito, Plutarco, Salustio, Quinto Curcio, i otros, con felicidad notable, en invención, dis-

posición, i locucion, i modestia con que trata sus cosas, i las nuestras, pudiendo realmente ensancharse en muchas. Aventajandose tanto en que la historia está entera, i no apuntada (como en los primeros, i por tanto mayor numero de años, con ser en tan pequeño volumen) que me parece se quiso parecer a Myrmecides, que abrigó toda una nave con las alas de una mosca: o al que encerró las obras de Homero en la cascara de una nuez. En las Rimas varias mostró ilustre talento en los dos estilos Lirico, i Heroico; que de ambos se hallan en ellas gentiles trozos. I quando para lo primero no hubiera escrito más del Narciso en su dulce lengua Portuguesa, con que ha honrado mi nombre (como ya confessé en mi parte XX.) i para lo segundo la Coronacion de VRBANO VIII. se hallará con credito grande en estos estudios. El Comico no quiso exercitar, aunque mostrandome dos Comedias, que él desestimó, le persuadi, que tratasse de vivir dellas, como yo: ya que ambos moríamos de señores. La Albania, o Poema Lirico, sin ser de Príncipes, i Pastores, imita dichosamente a todos los que escrivieron con más acierto en este genero de Poemas, como Heliodoro, Boecio, Bocaccio, Sanazaro, i otros. En todo iguala a todos en el disponer, i excede en mucho a muchos en el pensar. La ponderacion de lo uno, i de lo otro, me obligó a dedicarle, por mi credito, la Comedia del Marido más firme, en mi parte XX. i a decir en nu Lautel de Apolo esto:

Entre muchos científicos supuestos
eligen a Faria,
que en Historia, i Poesía,
saben que no pudiera
darle mayor la Lusitana Esfera.
(Aunque de tantos con razón se precia,
que pueden embidiar Italia, i Grecia)
como lo muestran oy tantos escritos
vestidos de conceptos inauditos,
elocuciones, frasis, i colores,
frutos de letras, i de versos flores.

VI.

Poco dixe. Mejor lo hazen quantos oy le citá en sus escritos: i no Escritores qualesquiera, sino ilustres. Mas porque fuera proceder prolixamente nombrar a todos, traeré solo algunos de los que lo hazen con algún elogio, sin averle tratado con estrechez de amistad, ni tener dependencia d'él por oficio (pues por permission secreta le mereció para no tenerle) señal que resultó la alabanza de algun merito, i no de alguna lisonja. La Santidad de VRBANO VIII. hizo gran estima de su persona, tratandole con mucho favor, como me constó de carta original del Eminentissimo Cardenal Barberino, que truxo para el Colector de Portugal. Otra carta original vi del Doctor Nicolao Serpetro, sujetó estudiioso, en que desde Venecia le celebra, i pide sus es-

E L O G I O.

escritos ya publicados; i noticia de los que publica. Entra assi un periodo: *I o vivo desideroissimo di veder alcuna cosa che V. S. babbia di nuovo dato fuori. Se incontrara comodità di vasselli la supplico a favorirmene insieme con un corpo delle sue historie, &c.*

VII.

EL Doctor en Teología Miguel Juan de Vim Bodino, perito tambien en las letras humanas, se acuerda de Manuel de Faria, i dice dèl en un escrito suyo, lo que despues trasladò Leon Alacio, en el libro que compuso de los ingenios que estos tiempos passados se hallaron en Roma; intitulado *Apes Urbanae*; i es desta manera. *De eo* (habla de Manuel de Faria en la letra E.) *Vim-Bodinus in opere Genealogico Familiae Vim-Bodinorum, cap. 5.* *Hinc Duci Fariae nomen, quodd eius posteris, ac castro communicatum. Sic constas, ac frequens opinio in Lusitania, quām nobis retulit nobilis Emmanuel de Faria & Sousa, militias Christi auratus Eques, elegans, & argutus rerum Lusitanarum scriptor, Vir quidem, omnium bene de literis sentientium approbatione, ad quæcumque literaria munera, ob egregias animi dotes cū laude obēunda, natus, præcipue illuftrissimi Lusitaniae pro Rege Vicarij D. Alpbensi Furtati Mendocij Archiepiscopi Vlyssiponensis, optimi ingeniorum estimatoris, ac Mæcenatis calculo commendatus, qui illum nec ex facie notum, tantum editis lucubrationibus, ac fama conspicuum, à Secretis, ut vocant, Status Indiæ Orientalis, & postea Portugalliae Coronæ destinabat, nisi fatum, literatis hominibus semper adversum, tanti Præsulis conatus, atque consilia interrumpisset Hæc paucula, quando Faria mentio forte incidit, adiçienda putavi, ut apud posteros in nostris scriptis, amicitia inter nos Romæ contractæ, monumentum aliquod extaret. Plura de eo Felix Lopius Vega, magni nominis apud Hisp. mos Poeta, in Epistolis ad eisdem Alij etiam illius passim cum laude meminerunt, præcipue cum sermo de rebus Lusitanicis fit.*

VIII.

Antonio de Sousa i Macedo, Cavallero Portugués, en su curioso libro de las Excelencias de Portugal, à fol. 10. assi, *Manuel de Faria, que si en el verso es tan excelente, no lo es menos en la prosa, &c.* Y fol. 64. hablando de Manuel de Faria, *Como contra algunas opiniones prueba un noble ingenio. Lusitano moderno.*

IX.

EL Doctor Juan Salgado de Araujo, Abad de Elas Iglesias de Pera, i Comissario del Santo Oficio, le celebra en sus doctos escritos, i en la familia de Vasconcelos dice esto (citandole à fol. 14.) *Manuel de Faria i Sousa. Cavallero de la Orden de Christo (en el ilustre Comento que tiene escrito el Poema de Luis de Camoës, obra heroi-*

ca, i que entiendo serà una de las primeras de España, como lo asegura la opinion que le tienen grageado sus estudios) se muestra scntido de, &c. La fol. 30. *Manuel de Faria en su Comentario, digno sin duda, no solo del credito que (como dixe) le tiene grageado sus escritos, sino de aver explanado la dificil alma de aquel Poema, porque oy se puede decir, que empieza a ser grandissimo Luis de Camoës, i nuestro Reyno a colocarse en la primera gloria de la pluma, &c.* No se enfade el que leyere, de que repita las obligaciones que nuestro esclarecido Reyno (que lo es por sus hazañas, i no por sus antiguas Coronistas) tiene a este Autor: porque obliga con su Comento a que de mejor gana pongan todos el sello a la estimacion que tantos bizieron de su Epitome de nuestra historia; que con aver pocos años que basalido son como innumerables los Autores naturales, i extrangeros, que ya le citan, i veneran, mejor de lo que nosotros mismos procuramos hazerlo, pues vemos un tal sujeto, quando mas se emplea al servicio de la patria, i de sus Heroes, arrinconados i aun perseguido, sin premio alguno della. I sin que los defribuidores de las ocupaciones de virtud, se acuerden dèl para alguna, quando no fuera para el acomodarle con una, para acomodarla a ella con él, i más si fuese de escribir las memorias de la patria. Tiempo vedrá, si no me engaño, en que bá de ser acusados los de sta edad, portarlarle con este destryudo; siendo cosa infalible, que los que oy culpa a los que no beneficiaron a Luis de Camoës en vida, buvieran de bazer con él lo mismo que ellos, si vivieran en aquella edad, o èl en ésta, como el propio Comentador lo pondera al fin de la vida del Poeta que describe. Con que se descubre, que en todos ay mas deseo de arguir culpas, que de bazer beneficios. Finalmente allá vendrán los futuros, que pagarán al Comentador, como pagaron al Comentado, con ponerle encima, sobre largos años de muerto, una losa que muchos tienen por honra, que se baze en la muerte a aquél a quien lastimaron en la vida. Aunque cierto entiendo, que cargar los poderosos a tales difuntos con una piedra, es menos por bonrarlos, que por temer, que siendoles la terra level segundizan Epitafios antiguos) se levantarán della a pedirles algo de la obligacion en que (como primeros premiadore de la virtud) les está, ya por grandes Capitanes, i soldados; ya por grandes escritores; o ya por grandes virtuosos, que tales sujetos son los primeros acreedores que el mismo Dios propuso a los que tienen el mundo en las manos. No le hizo menor elogio un Cortesano de Roma, que llevado de ver por allá tan estimado el Epitome, le traduxo en Italiano.

X.

EL Doctor Francisco Ignacio de Porres en sus Apostolicos sermones, le cita con el titulo de *Floro Lusitano* en la plana 92. Una persona docta de Valencia, viendo que en muchas partes, i singularmente por aquel Reyno, se tiene

por

E L O G I O.

por de cierto personage la historia de M. de Faria dize, *Que con razon quieren, que escrito tan grande, de grande mano aya salido*: sino estuviera contra ello, que rara vez los grandes señores fueró ingeniosos, i doctos grandes: que assi distribuye la divina mano sus dones. I lo mejor es, que el tal sujeto de quien se dice son sus escritos, los tenia en poco. Vease como serian del: i como a lo más aplaudido no falta jamás un contrario. Suelen tambien dezir, *Que es la fistima que le veamos; i que hubiera de estar en Provincia remota, porque con esto te figuraramos en la fantasía de la estatura de qualquier torre*. Como si los cuerpos se cortassen a la medida de los talentos, i los talentos a la del poder. Que al fin siempre ha de parecer solamente grande lo remoto; i cumplirse la sentencia, de que ninguno será Profeta en su patria.

XI.

Pues el remate de las fabricas es lo mejor de ellas, sea remate destos elogios Don Juan de Quinones, benemerito Ministro de los primeros, i mas nombrados oy de la Corona, tā doctor, i judio en estos estudios, como lo aseguran sus escritos; que adonde encuentra a M. de Faria se divierte a honrarle, i que aviendo visto estos Comentarios, dice que en ellos arrojó su Autor al mar de las edades futuras una ancora, que por muchas le sustentará firmemente.

XII

Porq Escritor tan aplaudido por tales muestras de vivo ingenio, i singularmente por este escrito, ha de vivir mas despues de muerto, i los venideros (que no es esto para los presentes, a quien todo cansa) desearán saber quien él aya sido en nacimiento, forma, i costumbres, diré aquí algo de lo que conoci de vista, i alcancé de información de sus naturales. Nació Manuel de Faria en el ceutro de la ilustre, i amenísima Provincia de Entre Duero i Miño, adonde llaman el Souto, de la Parroquia de Pombeyro (celebre, i antiguo Monasterio de Monjes Benitos, que aparece en casi igual distancia entre las villas de Guimaraes, i Amarante) a 18 de Março de 1590. Su padre se llamó Ama lor Perez, en calidad, de la que allá dicen Escuderos, que corresponde a lo que en Castilla dezimos hidalgos; con la notable diferencia, de que ay hidalgos en Castilla que exercen oficios mecanicos; i allá no tiene este fuero quien no viva de su hacienda sin cultivarla por si, sustentando criados, caballo, i armas: i de este modo con una ligera informacion están apros para alcançar el fuero de Caballeros fidalgos, q si bien no es tanto como el de fidalgos solamente, goza casi los mismos privilegios. Su madre se llamo Luisa de Faria, que fue hija de Estacio de Faria, fidalgo (como allá dicen) de la Casa Real, fuero que corresponde al de Caballero en Castilla. Sirvió a! Rey militamente, i despues

en oficio de hacienda en el Brasil, i compuso varias obras Poeticas con acierto. Dicte su abuelo, parece, heredó la inclinación a estas letras. En esta hazenduela del Souto, una de tres que lograron sus padres, se crió con la doctrina de aquella Religion, i con intento en su padre de que avia de tomar su hábito, así por la devoción que le tenía, como porque ella le avia beneficiado mucho; despues que conoció su entereza en el manejo de sus negocios i hizienda, que le fió en aquellas partes. En lo que dà de sí la infancia descubrió habilidad, porque en el arte de escribir obró lo que grandes Escritores, haciendo có igual perfección toda variedad de letras, i pasando adelante sacava con sútiles plumas una estampa con tanta perfección, que hacía dudar qual fuese lo estampado. En la iluminación hizo algunos progresos. Yo he visto algunas muestras deste género. Pasó de diez años a estudiar lo ultimo de la Gramática en la ciudad de Braga. Fiado en el ingenio, i más embevecido ya en la Poesía, estudiava poco. Dexó los estudios, mas no los libros, i los escritos, porque compuso diferentes obras de prosa i verso, que despues erañó con otros ojos, i en una llama las entregó al olvido. I conociendo la falta que para tales empleos le hacía el estudio, hizo con Maestros particulares bastante Gramatico, i razonable Filósofo. Con estos fundamentos de las ciencias, se empleó mucho en la noticia dellas, alcanzando de cada una lo que bastó para tratar de todas a sus tiempos. Esto junto al ingenio ardiente, que logra, le hizo discurrir en todas de modo, que parece professarlas, como abiertamente se dexa ver de sus escritos, i deste con singularidad. En la Historia, i Poética, pretendió señalarse. De la primera no ay duda que lo aseguran los tomos que tiene escrito. De la segunda no la ay, que este Comento es Arte Poético perfetissimo. En las dos lenguas Italiana, i Castellana, hizo particular estudio: escribe en aquella como sus naturales; i mejor que muchos naturales en esta, de que singularmente sus fiadores bastantes la Historia, i este Comento. Para el manejo de la Secretaría mas varia, i atareada de qualquier Príncipe, le hizo tan capaz la aplicación, el ingenio, el estilo, i la agilidad, que uno de los grandes (o el primero) Secretarios del Rey, viéndole executar algo, confessó que solo él bastava a despachar una laboriosa Secretaría, de las en que se ocupan muchos, siendo tan dañoso el correr por manos de muchos los secretos; pero no ha bastado este conocimiento, para ocupar a un tal sujeto. Tanto mas vale la aceptación, que la suficiencia.

XIII.

EL Año de 614. casó en la ciudad de Porto con doña Catalina Machado, hija de Pedro Machado (Contador mayor, o único, de la Chancillería que allí reside: persona de gran estima en ella,

E L O G I O.

ella, i su distrito; i de Catalina Lopez de Herrera , matrona de los respetos que en las excelentes celebra la antiguedad. I quando no tuviera tales padres , bastarale tenerse a si , pues para el juicio la abona bien el ser cierto , que corriendo lo mejor de España , i de Italia , por la necesidad de seguir a su marido , i a sus hijos , i hallandose en las mayores Cortes del mundo , jamás le dió cuydado la vista de alguna de sus pompas , para salir desde su casa a ellas . I para el animo varonil no menos la abonará el ser cierto , que hallandose en peligrosa tormenta de una galera jugada de las olas , i obligando sus Ministros a que fuesen recogidas abajo las mugeres que ivan en la popa , i lo confundian todo a voces , resistió al mandato , diciendo que ella no avia dado la menor voz , i se avia de estar en su puesto aguardando a ver de que color era la muerte . Dicho que si fuera de alguna Griega , o Romana antigua , se leyera oy . I son legitimamente dese apellido de Machado , que aun oy permanece ilustremente entre los de aquél Reyno , en la Provincia de Entre Duero i Miño , i Casa no menos noble que antigua , de que es oy señor Felix Machado , que la ilustra , no tanto con el Titulo de Marques , como con las artes propias de entendido i Cortesano , que ama , i exercita . De once hijos que Mandel de Faria tuvo se halla oy con tres .

XIII.

Como de sus padres no esperavan grandes herencias , fue menester servir a señores . Empleóse en ello treinta años ; i sobre exercitarlo con tantas calidades , i cumplir con su obligacion , salió con las manos en la cabeza ; de que resultó la empresa con que sella sus papeles , que lleva por figura la torre , i lises de los Farias , testimonio de su nacimiento : i el libro con el compás encima , imagen de los estudios , i habilidades ; todo debajo de una corona ; i la letra , *Invanum laboraverunt* : aludiendo a que tanto merito puesto a tanta sombra , trabajó en vano . Si bien por otro lado se halla contento con su mala fortuna : porque dice él , que es gran dicha el no tener nada a nadie ; i gran pension para un entendido , el verse marcado con blasón ageno : i que tiene por gran suerte el ver que no posee cosa de que deva reconocimiento más de a Dios , i a si mismo . I a la verdad mas pierden los grandes Príncipes en no hacer sus dendeores a los grandes ingenios , que ellos en no serlo aun de grandes fortunas . Es Cavallero del Habito de Christo , con las limpias calidades (no las ay en todos) que mandan sus estatutos . Assiste agora en esta Corte a los 49. años de su edad . La forma de su rostro es la que se verá en el retrato que está bien parecido : la estatura comun : flaco , i pálido , i executorias publicas de estudioso perene . Las costumbres , humildad con los que saben : ojeriza con los que de la ignorancia hazen cien-

cia ; de la fortuna , soberbia , de la soberbia Cavalleria . Retirado desuerre , que (raro para creerse) en esta Corte no entra en otra casa que la suya . Este retiro no resulta de condicion intratable , sino de experiencia que los mas de los hombres muy tratados , vienen a descubrir , que son menos hombres que fieras , i de que no se ahorra un sencillo la molestia de experimentarlos , sino es con hacerse *Passer solitarius in techo* .

XV.

I Porque a semejantes sujetos , ordinariamente les precede algun presagio , no quiero dexar de referir lo que él propio me dixo : i es , que al tiempo que andava en los braços de su ama , le llevó una vieja labradora su vezina a un molino suyo , i le metió las manos en el ojo , o hoyo de la muela quando corría . I despues oyendole alabar de las habilidades que diximos en su infancia dezia : *No le metí y las manos en el boyo de la rueda del molino corriendo ? No dixe yo que avia de ser muy ingenioso ?* Pero él propio me dixo , que deseava que nadie dexasse llevar sus hijos de semejantes viejas a los molinos , porque si aquella rueda pudo obrar algo , mas avia sido para él la de Ixion , que la de Fortuna prospera .

XVI.

Q Vien supiere , que Manuel de Faria predijo algunas cosas , i midiere esto con esficio , peñulará que la vieja en la rueda le enseñó a adivinar . Pondré aqui solas tres . En su historia d'ò esperança de que nuestros Reyes avian de tener un hijo heredero , i de allí a un año lo vimos , i oy logramos . Un papel me comunicó , antes de darle a cierto Cavallero , en que le prometía mal successo en cierta precension , despues de discurrir por las circunstancias della ; i quando vino de allí a dos años sucedió lo prometido . De un hombre de infames costumbres dixo a algunas personas , que moriría infamemente ; i antes de seis meses sucedió assí . Preguntandole de donde le venia esto , me respondió , que adivinava a manera del demonio , que no pudiendo saber nada do lo futuro , para inferirlo se govierna por lo pasado , i por los modos del obrar de cada uno . I tiene razou , porque si un hombre viviera tanto como el demonio , no se le pareciera poco en ciencia . A lo menos para si no ha adivinado lo que estaba por venir , aunque me asegura lo sospechó , quando le haze acordar de hablar en esto , el dolor de una coz de la Fortuna , que le trae medio muerto ; con que fue preciso acordarme del Epitafio que escrivi en mis primeras Rimas a un Judiciario , i dice desta manera :

*Taze un Astrologo aqui
que a todos pronosticava;
i que jamás acertava
a pronosticarse a si.
De una coz , i mil molestias .*

E L O G I O.

le matò una mula un dia:
que entiende la Astrologia
al cielo, mas no a las bestias.

Finalmente, despues de aver empleado por tantos años todas estas partes en servicio de señores, i de la patria, se halla no solamente no premiado, sino perseguido de modo, que me obliga a creer, que no es rayo celeste el que le hiere, pues dèl se dice, que es propio herir lo duro i soberbio, no lo humilde i rendido: con que vengo a dezir lo que nuestro Alonso de Ercilia, en una desmedida tormenta contra una miserable barca, Tanto importa anegar una barquilla?

XVII.

A Gora quiero entretenarme en ponderar, que el Comentador i Cometado se parecen mucho en diferentes cosas, no porque crea que fue menester, que concurriessen ellas para que fuese el uno mejor entendido del otro, mas por discutir. Luis de Camoës trae su origen de Galicia, i Grecia, i de linage ilustre, segun enseña su Comentador en algunos lugares. El suyo trae tambien de Galicia, i es de creer, que de Grecia, Manuel de Faria, porque la Provincia de Entre Duero i Miño su patria, fue el mas ilustre troço de Galicia en lo antiguo. Luis de Camoës tiene su Solar en un castillo llamado Cajmon, Manuel de Far. en otro deste mismo nombre, que aparece entre Barcelos, i Fam; con fundamentos sobre que se puede discurrir deste modo. En los tiempos de don Fernando, Rey X. de Portugal, era Alcayde del castillo, o fuerça llamada de Faria, Nuñi, Gómez de Faria, a quienes las Coronicas dán el renombre de Bueno. Siendo inopinadamente preso por los Castellanos, gobernados del Adelantado Pedro Rodriguez Sarmiento, i temiendo q su hijo, que en su lugar quedó en el castillo, le entregaria, si ellos sin llevarle consigo le fuersten a referir su desgracia, los persuadió que le llevasen, porque él le mandaría, que les hiziese luego entrega dèl. Creyeronle, i llevaronle. Pero él embuelto en sus prisiones amonestó desue abajo rigurosamente al hijo, que aunque allí le viesen, se hazer pedaços no entregasse la fortaleza a sus enemigos; advirtiendole, que se avia hecho traer dellos allí con engaño, para hazerle esta amonestacion de padre, de soldado, i de Alcayde verdadero con su Principe, i con su honra. Hizieronle luego pedaços los enemigos, i desde entonces tomaron sus descendientes por armas la torre, i al pie della un hombre despedaçado. I despues reformandose los blasones en tiempo del Rey don Manuel, se quedaron con el que oy traé, que es la torre de plata entre dos lisos, i tres encima en campo roxo. Deste modo se vè claro, que ya en aquael tiempo eran grandes Cavalleros los señores de aquel castillo. El pudo bien tomar el nombre de la Region a que Dextro llamó Ofentina, pues en ella se vè fundado: i ella, tomarle de

Ofr, uno de los hijos de Ictan, quarto nieto de Noe. Si bien en la misma Escritura sacra hallo otros personages con nombre antes más que menos parecido (si es que nos han de obligar semejanças de nombres) al de Faria; pues Fara se llamava aquel criado de Gedeon, que el mismo Dios eligió para acompañarle en el peligro de ir a registrar el campo de los Madianitas; i en el libro de los Reyes se nombra entre otros personages a Farai. Pudo tambien derivarse este nombre de algunos Griegos, i sus convezinos, que vinieron a poblar a Galicia, como es firme; siendo esti tierra porcion grande suya en lo antiguo. Paliaron ser algunos de las Islas, i ciudades llamadas de Fara en Creta, i de Faria en Dalmacia, cuyos habitadores se llamavan Farienses: o de los que se llamavan Faritas, por ser de la ciudad de Fari: o circunvezinos al río Fario. No menos pudo ser, que se llamasse de Faria aquella Region, tomando el nombre de la torre, porque las torres en lo antiquissimo se llamava Faros, i de ai fatius, faria, farium, lo tocante a ellas.

XVIII.

O En que no ay duda es, que el nombre de Faria era notorio ya en la primera edad de los Romanos en España, pues consta por vista de ojos de hombres de credito, i por fè de Notarios publicos, que entre algunas ocho mil medallas que se hallaron cerca de la villa de Mertolz en una olla de plata el año 1634. apareció una (de la grandeza casi de un real de a dos, como eran todas) en que de una parte se via la cabeza de Mercurio, como suele pintarse; i del reverso una muger sentada, con un globo en la mano derecha, de que sale una hasta; i a los pies una lanza, i un escudo: con estas letras, ROMA: i en la circunferencia estotras, N. FARIA. Esta oy en poder de Gaspar de Faria Severim, Executor mayor del Reyno. I discutiendo algo sobre esas figuras, i letras: parece sin duda averse labrado esta medalla en Roma en el Erario publico, i casa de moneda, a que presidian los Triunviro, que por esto llamavan Monetarios. La figura de Mercurio es frequente en las moedas de la antiguedad Romana: porque los Gentiles veneravan a Mercurio por Dios de los contratos. No es menos frequente en ellas la imagen de Roma, si bien no siempre de una misma forma. Esta que vemos aqui representa la misma ciudad, i Republica. Sentada por mostrar su dignidad. El escudo es el de oro, i la lanza que se dava a los Principes de juventud, como se vè de la medalla de Cayo, i Lucio Cesares, hijos de Augusto, que se vè entre las de Sébastiano Erisso. El globo representa el mundo, de quien Roma se juzgava señora, llamando a su Monarquia, ORBIS ROMANVS. La hasta que sale de esse globo es el cetro, o baston, que significa el Imperio; como con abundancia prueba el docto Padre Cerdá,

E L O G I O.

sobre el lib. 6. de Virgil, al verso, *Illis (videt?) pura juventis qui nititur hasta*. Las letras de la circunferencia parece dizen Nonius Faria: nombre, sin duda, del Triunviro Monetario, que hizo esculpir esta medalla, los quales tenian privilegio de poner sus nombres en ellas, como se ve claro de muchas que trae el propio Sebast. quales las de Augusto, Lucio, Statilio Tauro, Lucio Atilio Floro, i Lucio Titurio Sabino. Eran estos Triunviros Monetales, Presidentes de la casa de moneda, segnn Pomponio Leto de Magistratib. Juan Sario Zamosco, lib. 1. de Sen. Rom. adonde trae de Dion Cassio, lib. 54. que Augusto instituyò entre otros Magistrados este, por mejor governo publico; en que solamente se nombravan los del genero Senatorio, i Parricicos, nobleza mas ilustre de Roma, a la qual Salustio llama clarissima. Assi, que ya el apellido de Faria era ilustre en este tiempo de los Romanos. I no impide que Nonio Faria fuese Portugues, el ser ciudadano de Roma: porque los Emperadores concedieron el privilegio de ciudadanos suyos a muchas ciudades de Espana, i dellas ivan muchos a pretender en Roma los oficios, i los alcagaban, como fue Lucio Cornelio Balbo, natural de Cadiz, que tuvo el de Consul, como nota Plinio en el cap. 34 del lib. 7. Trajano Espanol fue; i Teodosio de Cavea cerca de Braga, con otros muchos ejemplos: i assi pudo Nonio Faria ser de aquella tierra Oferina, quando no ya senor della, i de su torre, para que no es desproporcionala sospecha el nombre de Nonio, que permanece en la propia familia, ya no con poca antiguedad, pues assi se llamava esse valeroso Cavallero, en que le dan principio los Genealogistas.

XIX.

Tampoco ay duda, en que tambien en la primera edad de los Godos en Espana, era ya notorio este apellido de Faria, porque es fabrica dellos con evidentes señales el Templo de Santa Maria de Faria, que oy aparece en la falda de un monte, que sostuvo la villa, i castillo de Faria, de que solo aparecen las ruinas entre las poblaciones de Barcelos, i de Faõ, de la ilustrissima Provincia de Entre Duero i Miño. Cerca deste Templo permanece aun buena parte de una torre del mismo nombre de Faria, al modo que por toda la Provincia se conservan muchas, que fueron los solares de las mas calificadas familias del Reyno. Tambien es del tiempo de los Godos el Monasterio Meldense de la propia Provincia, fundacion de Santa Fara Virgen, i Monja Benedictina (otra que no la Francesa) natural de aquella tierra; que muriendo el año 650. (el mismo en que murió el Rey Flavio Chindasvindo) i aviendo ya memoria della por los años de 639. parece alcançò la vida de siete Reyes: ese, i sus antecesores, que fueron Sesebuto, Recaredo, Flavio Suintila, Sisenando, Chintila, i Tulga. I si

damos credito al nombre, i a otras señas evidentes, era esta santa Virgen de la gente de Faria, i parece que como tal, fundó en la propia tierra de su nombre esse Monasterio. Tambien no ay duda en que ya el primer Rey de Portugal halló la torre, i gente de Faria en aquella tierra, pues de la Cronica del Rey don Alonso Enriquez consta, que quando la Condesa su madre se levantó con el Estado, desle los castillos de Faria i Neyva lo recuperó todo: de que se infiere la fidelidad con que esta Familia estuvo constante para con su Principe. Aquel Cavallero Tomas de Feria, q se halló en la conquista de Ierusalen, i que nombra en su historia Guillermo Tirio, facilmente se puede creer era Tomas de Faria; i que el Autor como extraño, trocó las letras llevado de su pronunciacion: pues nombrandole con Guillermo Carpintero, i Mem Laude (de cuya familia era el patronazgo del Monasterio de Laudes en la tierra de Faria) i con los otros Capitanes Portugueses, i no constando de esforro apellido entoces en Espana, siguese, que el Tomas era de Faria, i por esto numerado con sus naturales.

XX.

Hallanse tambien memorias honorificas de personas deste apellido, en las Coronicas, i Registros de los Reyes don Alonso Tercero, i Pedro, i don Fernando, i sus sucesores, recibiendo dellos singulares mercedes. Entre los Cavalleros que siguieron a don Juan Primero, i que él armó de su mano, antes de entrar en la de Aljubarrota, fueron Martin Gonçalez, i Alvaro Garcia de Faria; i a Gonçalo Nuñez de Faria hizo donacion de las tierras de Zurara, Pindelo, i Fá. Semejantemente benefició a Lorenço de Faria. De Alvaro de Faria hizo el Coronista de don Alonso Quinto, i amado suyo, Gomeseanes de Zurara, ilustre memoria al mismo Rey, despues que en Alcacer examinó con particularidad los meritos de los Cavalleros, i supo las hazañas deste. En la batalla de Toro se halló Lorenço de Faria, Alferez mayor del Principe don Juan, cotal valor, que mereció despues gracia singular de este Rey. Su Camarero fue Anton de Faria, i su Escrivano de Puridad, cargo que siempre anduvo en las personas Titulares del Reyno, i su Testamentario, i mayor valido (si tuvo alguno) i autorizado de su distribucion recta con las Alcaydias mayores de Palmela, Evora Monte, i Portel. Su hermano Simon de Faria fue su Montero mayor. Juan de Faria, Comendador de Travanca, del Consejo del Rey don Manuel, i su Chanciller mayor, fue compañero de Tristan de Cunha en la Embaxada que llevó al Papa Leon Desimo. I despues estuvo solo por Embaxador en Roma largo tiempo: i aun despues, de orden del Rey don Juan Segundo, bolvió al mismo puesto, pontificando el Papa Adriano; i luego a Castilla, sobre el casamiento del Rey con doña Catalina,

E L O G I O.

hermana de Carlos Quinto. El propio Rey embiò por su Embaxador a Roma, Baltasar de Faria, que truxo la Inquisicion a Portugal, i fue el primer Reformador de la Vniversidad de Coimbra, Almotacel mayor, i Coudel mayor del Reyno, i que por el bien publico (zelo que oy no se halla en el mundo) hizo animoso dispendio en la ocasión de unas Cortes. Alvaro de Faria sirviò al Rey don Manuel en Zafin, siendo benemerito compañero del valeroso Capitan Nuño Fernandez de Ataide, con quien muriò juntamente su hermano Diego de Faria. Diego Fernandez de Faria sirvio en Africa, i en la India, con opinion de uno de los mas señalados Capitanes que allá passaron; i de publico consentimiento fue el Atlante que sustentò a Goa en el peligroso sirio que sufrio, governando el grande Alonso de Albuquerque. Pedro de Faria se hallò con el mismo Alonso en la expugnacion de aquella ilustre plaza (de que fue Capitan, i dos veces de la de Malaca) i en otras acciones glorioas para la patria. Antonio de Faria fue un rayo sobre piratas de aquellos mares. Pedro Alvarez, i Anton de Faria se hizieron conocer bien en el apretado cerco que padecio Goa, governando el excelente don Luis de Ataide. Luis de Faria con setenta hombres suyos fue de los primeros que aparecieron en socorro de Mazagan. Hizo allí su deber Jorge Mendez de Faria.

XXI.

Ves si en las armas resplandecieron tanto; no desdijeron nada en la modestia, i letras con que se consiguieron puestos Eclesiasticos, i fama universal. Don Gaspar de Faria fue Obispo de Angra. Don Tomè de Faria Obispo de Targa, i tradujo en verso Latino este Poema: i tiene escrito mucho de la historia Portuguesa en Latin. Baltasar de Faria, Chantre en la Santa Iglesia de Evora, i despues otro Basilio en la Cartuxa, a que se retirò del mundo, escribió la vida de san Bruno, i en otros assumptos Religiosos con eminencia. Su sobrino, i sucessor en la Dignidad, Manuel Severim de Faria, tiene escrito mucho, que por su modestia, i nuestro daño se abstiene de publicarlo. Su hermano fray Christoval de Faria Capuchino, imprimió, i tiene para imprimir Catolicas, i doctas enseñanzas. Esta es una muestra de los sujetos que produxo la Region Oferina, con el propio apellido de su nombre.

XXII.

Holgáranse por dicha los curiosos de saber lo que contiene oy de poblaciones esta Region; i son estas. Goyos, Vieirim, Midoens, Santa Comba, Minhotaés, Nabays, San Christoval, Touguiño, Santa Maria de Faria (adonde yaze una quinta de los deste apellido) Gresufe, Alapeña, Macieira, Principaes, Pereira, Merezo, Aborim, Fornelos (adonde tienen los Farias otra

quinta) el Monasterio de Villa de Conde, Germonde, Rio covo, Barqueros, Santa Maria de Sequiade, Grimancelos, San Pedro del monte, Tonoco, Aeliteila, Viatodos, Santa Eugenia, Formatis, Gindufelos, villa i Monasterio de Rletes, Remelle, Crestelo, San Juan de Villa de Cöde, Negreyros, San Payo de Fam, Moldes, Fontecuberta, Santa Olaya de Arnoso, Alentim, Salvador de Silveros, Guamil, Chorente, Alvelos, San Ioane de Silveros, Ninive, Landin, Santa Maria de Paradela, Villaseca, Riotinto, Coirel, Argivay, Fontema, Millazes, San Miguel de Carrera, Arcos, San Payo de Carvallal, Salvador de Arnoso. Esta es agora la tierra de Faria, que en estos cincuenta i ocho lugares contiene diez i seis mil vassallos, que lo son oy de la Casa de Bragança. Tal es el variar del tiempo, que quien menos tiene oy de hazienda, i dominio, adonde tuvieron tanto, i tan ilustres acciones los Farias, son ellos propios.

XXIII.

Exo agora a los judiciosos el elegir de qual persona, o gente de las que arriba nombra, pudo aquella Region Oferina, o de Faria, tomar el nombre, confessando que me inclino a que le tomò de la Torre entóces llamada Faro: porque centinelas desde su altura davan avisos con luces: oficio que desde su torre hizo Luis de Camoës a los Poetas, i que Manuel de Faria, desde la suya haze agora a Poetas, i a Comentadores, con tanta luz quanta descubre los muchos ojos que fueron meuester para ver tanto. Assi que el Comentado, i Comentador, en patria son de una misma: en nobleza, i antiguedad, i origen della, bien parecidos: i por ventura que parientes, pues segun el Chantre en la vida del Poeta, lo es suyo por los propios Farias.

XXIV.

Ves en ingenio, i en fortuna, cierto que enteramente se parecen: porque si èl uno obrò tanto con la pluma, i muriò a poder de agravios, i miserias; el otro le acompaña en lo primero, i no está fuera de hacerlo en lo segundo. Tambien lo son en aver ambos servido con tanto merito sin fruto. Sonlo de la propia manera en tardar uno tanto en el Poema, como otro en el Comento, que a lo menos son veinte i cinco años, i en publicar cada uno su gran escrito a los cincuenta de su edad. Luis de Camoës en la e. 144. del c. 10. se jactò de que concurrian en él cosas que raramente se hallavan juntas, i eran estudio, experiencia, i ingenio: Manuel de Faria seguramente pudiera hazer lo mismo. El mismo en la e. 81. del c. 7. se queixa de que los que peor le trajeron fueron aquellos mismos que él celebrava en su heroica musica; Manuel de Faria siendo nombrado para Secretario de Estado de la India, i de Camara en el Reyno, por el excelente Prelado, i

E L O G I O.

Gobernador, el Arçobispo Alonso Hurtado de Mendoça, no aviendole servido, ni con su persona, ni con su pluma, se lo quitaron aquellos a quien avia servido con todo: i assi justamente puede dezir de si lo que de si dixo allá su Poeta.

*E ainda Ninfas minhas nam bastava
Que tamanhas miserias me cercasssem,
Senam que aquelles que eu cantado andava
Tal premio de meus versos me tornassem.*

No son menos semejantes las familias: porque si en la de Camoës tuvo buen ejercicio de armas i letras; en la de Farias le tuvo del modo que asi se hizo patente. En aumentos, i declinaciones, tambien se parecen, porque si la de Camoës (o Camaños, que todo es uno) tuvo grandes personajes, i Casa señorial, como en la vida del Poeta se ve claro, la de Farias tuvo gran Casa, i gentilissimos Capitanes, Ministros, Embaxadores, i Validos de Reyes. I si la del Camoës declinò, mas no tanto que oy no tenga en Portugal un honrado mayordomo, i en Galicia la noble Casa de los señores de Rubianes, Villa Garcia, i Vista alegra, mezclados con los claros linages de Sotomayor, Mendoça, Luna, Andrada, Oforio, i otros: i calificados oy con los meritos de virtud, letras, i talento de don Fernando de Andrada i Sotomayor, ya Virrey de Navarra, i oy dignissimo Arçobispo de Burgos, i aun de mayores Tiaras, hijo segundo de su ilustre Casa. La de Farias en Portugal si declinò tambien, no tanto que oy no tengan puestos grandes en el Reyno; como lo son los de Alcayde mayor, Almotaçel mayor, i Executor mayor; i no estè emparejada con lo ilustre del; no poco guarnecido tambien con otro sujeto Eclesiastico tal como el Chantre Manuel Severim de Faria, por quien las mayores Dignidades suspiran mas que el por ellas: siendo harta lastima, que Letras solidas, Animo candido, Zelo puro, i Virtud calificada, todo en un sujeto de una de las mejores calidades Portuguesas (cosas que juntas se hallan raramente) se estè holgando, en daño del bien publico de la Iglesia, quando hasta la misma aceptacion, que todo lo ocupa, se está corriendo des-

te olvido, por ser con gran soberbia exorbitante destruccion, que entre tantos que jamas pensaron licitamente llegar adonde se ven puestos, si no por la moneda del interes; no sea visto llegar allá uno solo por la del merito desnudo.

XXV.

Pues si el Comentador en la vida de su Poeta haze ostentacion de las familias ilustres de q tiene parte, o para honrarle a el con ellas, o a ellas con el, que es lo mas cierto, porque lustre es de las mayores un tal Ingenio; aqui pudieramos hacer lo mismo en orden al Comentador, que tambien se apellida de Sousa; mostrando la parte que desta le toca. Pero como el no quiere que lo hagamos, porque dice que trata solo de lo a que es mas llegado, como son los Farias, i q de los Sousas queda mas remoto, yo que soy interessado en ellos, no les quiero encubrir la dicha de que tengan (sea en hora buena remoto como el dice) dentro de sus distritos un Ingenio tan grande: porque realmente merece la grandeza de la Familia de Sousas todas las grandes para adornarse, o para adornarlas: como aquella que ya era grande antes de los Reyes Portugueses; i que es de las primeras Reales, q en aquel Reyno no sufre qualquiera de ellas ser segunda de la otra: i que siempre tuvo Varones de gran bulto en el valor de la guerra, i de la paz, i estimacion de sus Principes, con los primeros puestos delante de sus personas. Sustentó su antiguo lustre con titulos, i cargos grandes en el Reyno.

XXVI.

Todos estos paralelos entre el Poeta, i Comentador, se hicieron en gracia de aver dicho el propio sobre la e. 89. del c. 9. que el que huviere de comentar si quiera razonablemente a un Poeta asi ilustre como este, ha de tener mucho de su ingenio, de su espíritu, i de su humor, ademas de las letras. Rematen, finalmente, este Elogio, los retratos de uno i otro; que aviendo los ponderado mi Maestro Vicente Espinel, grá ingenio de nuestra edad, i perito en la Fisionomia, i bien visto en el Poema, i en algunos trozos del Comentario, dixo: Que Luis de Camoës avia nacido solo para escribir esta Poesia, i Manuel de Faria para comentarla. Valete.

LVIS DE CAMOENS.



MANVEL DE FARIA.



TORQVATO TASSO en su Parte 6. fol. 47.

SONETO.

V Asco, le cui felici, ardite anteme
Incontro al Sol, che ne riporta il giorno
Spiegar le vele, e fer colà ritorno,
Dove egli par, che di cadere accenne:
Non piu di te, per affer mar soffrenne
Quel, che fece al Ciepole oltraggio, & scorno:
Ne ehi turbo l' Arpie nel suo sog giorno,
Ne diè più bel subietto à colte penne.
Et bor quella del colto, e buon Luigi
Tanc' oltre stende il glorioso volo,
Che i tuoi spalmati legni andar men lungo.
Ond' à quelli, a cui s' alza il nostro polo,
Et a chi ferma contra i suoi vestigi,
Per lui del corso tuo la fama ag giunge.

DE DIOGO TABORDA Leitaõ, del tiempo del Poeta.

SONETO.

Spirito, que ao Empyreo ceo voaste,
Das Musas cà na terra taõ chorado,
Quanto melhor terás ja la cantado,
Do muito que taõ bem cà nos cantaste?
Par-

LVIS DE CAMOENS; A su Comentador.

PIGRAMA

Hallado por Lope de Vega Carpio en el Poema
Canto 4. Estancia 66.

Parece que guardava o claro Ceo
A Manuel, e seus merecimentos
Esta Empresa tam ardua, que o moveo
A subidos, e ilustres pensamentos.

D. THOMAS TAMAIO de Vargas, H. R.

In effigiem Emanuelis Faria de Sousa,

Nobilis illius interpretis.

Tatù, SOVSA, tibi est fassus debere CAMOES,
Quantum gens vati Lygia magna suo.

De FARIAE, & SOVSE cognominibus.

Fare, gravis FARIA, tibi nam copia fandi,
Canta, nam SOVSA es nomine & ingenio.

Sovsor Græco sermonelilium appellari tradit
Atheneus, lib. 12. Hinc Sovsa amicitas.

Partiste de nós, sós ne s deixaste,
 A ser lá doutro lauto laurea lo,
 Differente d' quel e que te hão da. In
 Os que cà con teus vólos tanto honaste.
Lá Hymnos, Odes, Cantos mais suaves
 Podes cantar na Angelica Hierarchia,
 O. de essa voz de cime mais se apura.
 Nem te podem faltar materias graves,
 Em que ocupas melhor a fantasia,
 Quem em fim, o de cà passa, o de iá dura.

DE DIEGO BERNARDEZ, del tiempo del Poeta.

SONETO.

Quem louvarà Camoens que elle nam seja?
 Quem naô vê q' em vao c'âsa e engenho, e arte?
 Elle a si só se louva em toda parte,
 Toda parte elle só enche de enveja.
Quem juntos num espirito ver deseja
 Quantos docê, entre mil, Febo reparte
 (Quer elle de Amor cante, quer de Marte)
 Por maes nam desejar a elle só veja.
Hontou a Patia em tudo: imiga sorte
 A fez con el e só ser encochida,
 Em pago de estender della a memoria.
Mas se lhe foy Fortuna e casta em vida,
 Nam lhe pode tirar despois da morte
 Hum rico amparo de sua fama e gloria.

EPIGRAMMA

De Manuel de Sousa Coutinho.

Esta escultura, en la sepultura del Poeta.
Ond Mare sublimi, quod surwi Pindarus, alto
 Quid Sophoetes tristi Naso quodore canit.
 Maestram casus, horrentia pralia, amores,
 Iuncta simili, cantu sed graviore damus.
Quis nā author? Camonius. Vnde hic Protulit illa
 Lysia in Boas imperiis plegas.
Vnus tanta dedit? Dedit, & maiora daturus,
 Niceleri fuso corriperetur, erat.
Vltimus hic chorus Musorum profuit, illo
 Plenior Aonidum est, nobiliorque chorus.
Flos veteris, virtusque novae sunt ille Camæna,
 Debita sibi sceptri, forficiabit.
In Lusitanos Heliconis culmina tractus
 Transtulit, antea Lyras ferta fluente, Deas.
Currere Capitales, & de rupi ligores,
 Iusit ab inanto prouta direre solo
Cerne per inerrios Tempe, velutaria recessos,
 Cerne sit us, & rilicet pte ruris opes.
Omibus Occidit tibi rident floribus bortis
 Non ego iam Lysius creao, sed Elissios.
Orpheus attonitus, & de leim di laminae cantes,
 Traxit & ab Stevo squill'da monstra furo.
Thestele, Lococe furo a' flaminis m'nos,
 Pieridumque trabis, calitumque choros.
Sunt maiora tua Orpheus mirauis vocis
 Attica, quid faceres, si tibi lingua foret?

D. THOMAS TAMAIO

de Vargas, H.R.

In effigiem magno Laud. de Camoës,
Epicorum Poeterum in Hispania Principis.
Grandia Lysiadum solus celebrare trophea
 Andina metui Mæoniæque tuba.

De CAMOES cognomine.
 Indi sit ipsi suu tibi docta Camæna CAMOES
 Nomen, ut à Musæ vox tua voce sonet.

A LO MISMO.

De D. Pedro de Silva i Mendoça, hijo de los
Marqueses de Montemayor.

EPIGRAMMA

Ille Ludovicus Musarum lai de Camoës,
 Pieturæ facilis gratius bonerenitet.
 Egregium forma describit muta Poesis,
 Quem canet altisona clarius illa trib:
 Virtutis florem mentis simulacra decoræ,
 Sanguineus iactat crine rubente color.
 Secura faciles, vel Majestate Camæna
 Divitis intenso cultus honore graves.
 Famosum celebri compellant nomine vates,
 Tertia cui decorat laurus honesta comas.
 Ergo sublimes aeterna laudis honores
 Carminibus repetit vendicat esigie.
 Carmina quis dubitet? Fragili sed forma papiro,
 Membranicas valat vineere Piramidas
 Nobilit e' Faria & fixa volumine eius
 Evincet merito tempora longa labor.

De Manuel de Faria i Sousa.

SONETO.

Si a escrivir tu pluma aspira,
 Y si espirando no escribe,
 Toda Musa por ti vive,
 Y toda contigo espira.
 Siempre suena, siempre admira,
 Nunca su valor prescribe,
 Tu aliento, ó mano, cultive
 Ya la tuza, ya la Lira.
 Bien por el orbe está lindo,
 Que Apolo en él se escusara
 Teniendo, Apolo Hispano.
 Que al mundo, si te separa,
 Cada rason de tu mano
 Es un rayo de su cara.

EPISTAFIO.

Clerra esta Pyra una llama,
 Que nueva vida recibe:
 Porque no morió quien vive
 En las alas de la Fama.
Mucho la cierra esta Pyra:
 Solamente se ausentó:
 Porque Apolo le llamó
 Para entregarle su Lyra.



L V S I A D A
D E
LVIS DE CAMOËS
P R I N C I P E
DE LOS POETAS DE ESPAÑA,
C O M E N T A D A
Por Manuel de Faria i Sousa, Cauallero del Abito
de Christo, i de la Casa Real.

P R O L O G O.

TO S Hombres que en toda edad se dieron á semejantes estudios, i se arrojaron a publicar escritos, poi la mayor parte eligieron los asumptos, incitados de dos causas: una, no ver los tratados de nadie: otra, ver que si alguno los tratò , vino a ser quedándose muy lejos de lo que ellos pedian. Esto ultimo me obligò á emplearme en el Comento deste gran Poema : peso que requiria mayores

Tomo 1.

ombros. Pero los mios, asi desiguales , se animaron con ver , que de los superiores se retiran unos, por no llegar a tomarle ; y se vé caer otros despues de averle tomado. Suplio la cigarra con suarmonia,que molesta a muchos, la cuerda que faltò en el instrumento de Eunomo , poniendose en lugar della. Suple la Luna las ausencias del Sol. Lo inculto de mi voz, agora sirva de teniente de estos soberanos musicos, ó retitados, ó venideros. La poca luz que tengo de los estudios, sea agora Luna substituyda de esos Soles,hasta que lleguen Tomo este mundo a cuestas,entre tanto que algun Gigante no le toma, si quiera de có-

A

dolido

dolido de verme rebentat debaxo de carga tan terrible , que me está oprimiendo desde el año 1614.en que la he tomado: para que se vea, que nuestros yerros nos cuestan tanto como a otros sus aciertos : i aun mas : pues vemos agora tantos libros meditados en vna noche , escritos en un mes,i divulgados al otro dia,con la felicidad que no hemos podido conseguir en este por discurso de 25. años. Pero si el que lee no nos deviere tanto como a essos a quien el cielo concedio agradar mucho en tan poco tiempo,siempre nos deverà esto,de que hemos venido a disgustarle con poca priesa; i de que nos fatiga nos tanto tiempo solo por quererle sazonar el gusto. El deseo de conseguirlo me obligó en los primeros años a ir juntando materiales de los Autores deste genero que leia ; bolviendo a leer los mas dellos todos , con mas atencion (solo para este fin) despues que lo mucho que hallava en lo leido a caso , me fue poniendo en algun empeño. Mas el continuo trabajo en que desde entonces anduve,siempre mas de otros que mio,con ocupaciones varias , una dellas la pesadissima de muchos i largos viajes , nunca me permitió llegar a la fabrica, i a la forma.

II.

Hallome agora en Roma duramente sitiado de los mayores adversarios que pueden asaltar la vida, i la honra; ya no digo la libertad, i el fossiego. Pensar siempre en el remedio de daños tan ultimos , sin hallarles alguno que parezca seguro,ni suave, antes induze la desesperacion que el alivio. Procurar olvidarlos , por no caer en essotro, tiene mucho de lo imposible, si bien no tuviera poco de lo saludable: porque el dolor que perpetuamente bate presuroso a las puertas del alma , divierte la dissimulacion más osada. Al fin (para que es mas?) yo de atormentado di en no sentir el tormento : i esto (que no valor mio) me hizo reslover en echar ma o de algun alivio , mas para admirar los propios daños,que para conseguir la cura. A imitacion del animoso Canio, que notificandosele la sentencia de su muerte,continuò el juego del axedrez en q se hallava ; que fue lo mismo que jugat con ella: de que por ventura se puede inferir la inocencia, porque los inocentes solos pueden jugar con la muerte. Con esta miserable fortuna se me concedio poder solicitar algun alivio. Nunca le halle pequeño en los estudios ; ni menos que grande en la lección deste Poema ; hallando en el solo todos los que el mundo logra insignes. Deste, pues , hize eleccion para desde la plataorma de su soberania vencer todos mis tormentos. He dicho ai , que por arrebatado de ocupaciones prolixas no hazia mas de cultivar un aparato para este comento, sin poder coger el fruto desta cultura. Quien dixerá , que avia yo de aspirar a embestir con esta labor, quando toda la classe de los trabajos tiene embestido conmigo? Pero es-

to es , que lo mismo que en un tiempo seria embraço, en otros viene a ser divertimiento. Así puedo decir , que estoy agora viviendo de Luis de Camoés ; i que el solo es mi mantenimiento, como se dezía que lo eran de Alexandre las obras de Homero : i como escribe Plutarco en la vida de Nisias , que los versos de Eurípides fueron consuelo, i vida de los Griegos vencidos de los Atenienses en Siracusa , ya recitandolos, ya ofreciendolos al enemigo. A lo menos un Capitan honrado de la India me afirmó, que los soldados de Ceylan llenos de miseria , i hambre, se aliviavan con dezir a coros estancias deste Poema, ya marchando, ya assitiendo. I Lope de Vega Carpio me dixo algunas veces , que quando se hallava oprimido de penalidades , acudia a leerle, porque con esso las olvidava. I un Predicador grave me dixo, que aviendado fin a los sermones de una Quaresma , i principalmente a la Semana Santa, en que avia predicado onze vezes , llegò a tomar por alivio el leer en las obras deste Poeta. Siendo pues con tantos hombres, i algunos dellos grandes, la suave Lira de Luis de Camoés como la de David con Saul , que le de-

Cxavan sus tormentos en tanto que la oia , no sin gran fundamēto tomo yo por alivio en los mios el entretenermee con ella. I si Teofrasto quiere, que el mordido de vivoras se cure con musica , i sonorosos instrumentos,bien elijo yo este instrumento, i esta musica de mi Poeta, contra la ponçónosa mordedura de tanta nefandissima vivora. Pero della espero yo el suceso que relata Plutarco de cierto Prometeo, que herido de un enemigo suyo , sanò por medio deste daño de otro a que jamas avia hallado cura. Entro toda via con diversion de sentidos en lo que imagine entrar con ellos juntos,como pedia el empleo; i sin gusto i descanso,que es el verdadero elemento de los estudios : i por esso deven inclinarse do algun modo los malos de contéstar, a hazer moderado examen del defecto destos : si bien yo no se lo ruego ; porque ruegos sembrados en malas voluntades no prometen fruto.

III.

Sin embargo de todas las insuficiencias de quo spueden cargarme los presunidos de grandes aciertos, i copiosa erudicion (con quien hablare luego) persuadome que no me podrán negar los judiciosos el aver conseguido un modo de comentar ajustado. Alcancélo con la observacion que por muchos años hize en casi todos los comentarios antiguos i modernos, ya de Latinos , ya de vulgares : sacando en limpio dos cosas:una, q si sus Autores publicaran lo que dizan en essos comentarios , sin arrimarlos a los comentados , no uviera quien jamas los tomara en la mano ; i no deviera ser assi , porque buscar adherencias para ser leido es gran miseria : otra , que todo el que commenta procura solamente hazerse lugar con el comentado; aviédo de ser al revés, que es hazer mas

mis lugar al comentado el que comenta; i con esto se quedará haciendo para si el mayor que pueda desear: siendo cierto, que de esta manera se constituye en desestimacion; i que al que compra los tales Autores assi comentados, si es judicioso, le sucede lo que al que compra qualquier fruta de las que la naturaleza nos dà recogidas en cascaras inutiles, que desde luego desea echarlas fuera, i quedarse con el fruto desembraçado; i solo por llevarle a ell las llevó a ellas: i es infalible, que los mas (por no decir todos) de los comentos, son desta buena calidad; i que está un deseoso de gustar el comentado, desea ido hazerlos pedaços, i les perdona porque se acogieron al sagrado del Autor que dizen comentaron; no estando comentado, sino escurecido: porque no aviendo alcançado el entendimiento, por la mayor parte, nos quieren embarazar la vista con empanarle en erudiciones tramposas, i desabridas, metiendolo a vozes (ordinariamente Griegas) como los que no teniendo justicia en los pleitos, la quieren hacer de confundirla con el estruendo. Digo, pues, que el comento no ha de ser cascaron del comentado: sino que se ha de hacer tan uno aquel con este, que este no se pueda desear sin aquel: al modo de otras frutas, que no se estima dellas menos lo de fuera que lo de dentro. Son casi todos los comentos como empanadas de figon, de que solo se logra lo interior, deviendo ser como las de mesas sublimes, q no sufren bien se haga mucha diferencia entre lo interior, i exterior, produziendo igual apetito lo uno, i lo otro a un mismo tiempo: de manera, q no cause menos lastima el desperdicio de la cubierta, que de lo cubierto. Han de ser los comentos nuevas alas con que buelen aun mas que antes los comentados: formando el comentatio, i el comento una Ave, no de aquellas cuyas plumas se echan luego en la calle, sino de las de que se estiman no menos las plumas para el adorno, que los cuerpos para ei sustento: i será mejor quando se parezca mas a aquella de que trattamos en la e. 132. del c. 10. cuyo cuerpo no sirve sin las plumas, ni ellas sin él, a la gala de la cabeza. Dexo otras semejanzas, i digo solo, que no pienso yo aver comentado assi: pero pienso que assi deve comentarse; i que assi pretendi executarlo: arrojeme las sobras, o las cascaras, o las plumas el que las hallare, como se puede hazer copiosamente a tantos comentadores. No me las arrojarán a lo menos algunos a que enseñé este comento, pues diciendome les parecia largo, jamas me mostraron cosa que poder quitar, sino muchas que añadir; i muchas mas estava yo viendo, i todas las di de barato a la erudicion. No es largo lo que fiziera falta si se cortara. Aquello de que un gran libro es un mal grande, atiende a la calidad tratada con sobras, no a la cantidad medida con la marea. Este Poema necessita tanto de mas copiosos comentarios, q

A estos tenia yo llamado Notas, creyendo que para lo que él pide no eranellos mas de Notas, aun no prolixas: con parecer ageno les mudé el titulo. Finalmente concluyo, que casi todos los comentos en las librerías me parecen los heredadores dellas, en lo de estar dando mil en la heredadura, para venir a dar una en el clavo; i està dada de modo que enclava la paciencia.

III.

LA Observacion, pues, hecha en tantas erudiciones errantes, i en tantos comentos que tirando al blanco de la explicacion del pésar ageno, dan tan lexos della, me pudo guiar a no seguir en esta el estilo de los que en tales assuntos atienden mas a hazer feria de su erudicion, que a declararlos, i mostrar los quilates del espíritu, i de la alegoria, i de la imitacion, que es todo lo q se especia de un Poema. Dexo otras obligaciones; porque aunque un insigne ingenio de satisfaccion a ellas, sinderla a estas, no puede merecer nombre de Poeta. Ni me fausfaré con mostrar solamente las imitaciones que se estàn viendo, sin que se muestren (como aquella en la e. 18. del c. 1. *E costumivos ja a ser invocados*) sino las sutiles, las dissimuladas, adonde se haze mas patente el ingenio: porque en las imitaciones manifiestas su valor está escondido; i en las escondidas manifiesto. Pero desto en el juizio del Poema.

DApenas traigo lugar (i creo no traigo pocos) que no parezca que el P. le vió, o se acordó del quando escrivia: porque llenar planas con cosas violentas, mas me parece lascivia de un comentador, que comento de un libro. Bien veo que esto a veces procede, de que comentandose cosas que no necesitan desso, para hazer bulto, ponen en necesidad de que se diga lo que no era necesario ser dicho. Verdaderamente, si esso se uviera de usar en este Poema, muchos volumenes ocuparíamos; porque su Autor con singular erudicion en toda suerte de estudio, casi no dexó cosa que no tocasse de las ciencias sacras, i profanas. Mas yo tengo por negocio de risa el asir de qualquier palabra para el comento que derechamente es glossa, o interpretacion de lo que tiene alguna escuridat. La luz de noche es comento del camino para que le acertemos; de dia serà locura. Pongamos algunos ejemplos. Danre en aquella su divina Poesia habla del Infierno, Purgatorio, i Paraíso, i caminos que por allá descubrió. Aqui hazen bien sus comentadores en pretender mostrar essos caminos, i distinguirlos, i dar alguna luz de aquellas fabricas, que son de lo principal que ay que entender en aquel Poema. Luis de Camoës dixo en la e. 80. del c. 6. *Infierno*, i en la 5. del 9. *Paraíso*. Aqui seria vicio descrivir el Paraíso, i el Infierno como allá, porque no passò a nuestro Poeta por el pensamiento el sitio, i la estructura de essas fabricas, como a essotro, ni avia para que: i assi la in-

religencia destas dos estancias no necessita de tales discursos, i erudiciones; porque está libra-
da la de aquellas dos palabras en la notoriedad
dell'as; i deste modo se saca en limpio, que el
mostrar ciencia con tales ocasiones procede de
ignorancia. Lo mismo será si por aver dicho en la
e.90. del c.9.

*Caminho da virtude alto, e fragoso,
mas nos sim doce, alegre, e deleito so,*

nos pusieremos a copiar todos los Santos que
hablaron de la virtud a este propósito, ni aun ci-
tarlos. Otro tanto digo de las moralidades so-
bre el oro , al fin del c. 8. porque todo esto está
entendido; i lo que se comenta es lo que no se
entiende. Pueden allí traerse las imitaciones , si
las ay , i si no passar adelante. Pues si esto siento
en estos lugares , que sentiré quando viere , que
porque Garcilasso dixo cristal, sin mas circunstâ-
cias que las de acaso, se ponga Fernando de He-
rrera (yo hablo con todo respeto devido a varo-
nes doctos) a escribir muy de espacio la genera-
cion del cristal, i propiedades, i sucesos ? De q se
dexasse llevar desta ambicion de nuestras de no-
ticias sin motivo julio, un tal sugeto , me admira-
ro yo; q de otros me admirara q no lo hiziesen.

V.

DIxo acaso un Poeta : *Como una hermosa perla es Nise hermosa.* Aqui no ay que comen-
tar , ni traer el modo como se engendra la perla,
ni sus propiedades. Si viviera dicho : *Nise como una perla se ha criado*, entonces se deve dezir al-
go de la perla , porque parece que con ese ter-
mino alude a como ella se cria; i quiere dar a en-
tender, que Nise se crio con retiro , i pureza , sin
ser tocada, ó vista mas que del Sol: i tampoco cō
essa ocasion es menester alistar todos los Auto-
res que tomaron la perla en la boca , sino el que
con mejores noticias tratò della : porque estas
letanias de nombres , para el ignorante son confusones, i para el docto risas : estando cierto que
procedió aquello de anibucion de dara entender
ciencia, i no de ciencia bien entendida, i que aya
leido los tales Autores , sino citadolos en fē de
citados. Assi, que *hermosa como una perla*, dicho
simplemente, lo dice, i lo entiende un ciego : i si
esto se uviere de comentar , tambien las copias
de los ciegos son capaces dessos comentarios; y es-
tos Comentadores capaces dessos assumptos.
Realmente me hallo deseoso de dar algun nom-
bre a tal linage de Comentarios: i me parece que
he de venir a acertarselle : porque me ayuda mu-
cho el oir vozear tanto con tan poca armonia. I
esto es propio de vozinas, o cuernos , que sin al-
guna armonia tienen mucha voz, como el P. lo di-
ze de las tronipetas barbaras en la est. 96. del c.
2. *Que fazem sem concerto rudo estrondo :* canto
para aterratar fieras, quanto mas hombres. Luego
bien hallado está el nombre. Pruevolo assi. Ni-
colao Peroto empeçó el comentario de Marcial : i
viendo que sobre el primer libro, que se encierra

A en un pliego, avia escrito una resma de papel, de-
xandose llevar de toda paibra , para producir
erudiciones, pasmose , i hallandose pasmado no
prosiguió: i viendo que lo escrito era mas confu-
sion que comento , llamóle Cornucopia , por la
variedad que contiene. Desto se sacan dos cosas;
una , que páran en vozinas , o cuernos tales co-
mentos, como ai dixe; otra, que un hombre cuer-
do se pasmó , i se corrió de aver seguido tal mo-
do de comentar: i por pasmado no fue a tel intere:
i por corrido mudóle el nombre. Enseñando as-
si, que el que desea mostrarse visto puede escribir
Bun tomio , i otro , i aun otros de varias noticias,
adonde todo vendrá a propósito , sin arriesgarse
a si mismo con darlas fuera del , solo por hacer
bulto. Pareceme que estoy oyendo a algunos , q
me dicen como hago volumen tan desmedido, si
hablo tan medidamente como enseño ? Respon-
do, que le lean, i luego verán si soy culpado en lo
que condeno ; i quien no le leyere no hable del ,
aunque sea alabandole, porque es ignoracia ala-
bar, ó reprehender lo que no se examino.

V I.

CL Vis de Camoés en esta grāde obra, aun quā-
ndo yo quisieslo , no me da lugar a divertirme
en ociosidades trabajosas , porque tiene infini-
dad de lugares , que dan bien en que entender à
quien los conoce , y ha visto los Autores de que
salio lo erudito , o lo imitado. Assi, pues, si hu-
viessemos de comentar este Poema con ajustado
estudio, i su lascivia de ostentacion de erudicio-
nes, seria menester, en lo que toca a historia, tras-
ladar aqui, a lo menos abreviados, todos los An-
nales de Europa, Asia i Africa: i en lo que toca a
juizios, sentencias, moralidades, alegorias, i otra
variedad , seria necesario traer por testigos mu-
Dchos Filosofos, muchos Politicos, muchos Filo-
logicos , i muchos Santos , con que sin caer en el
vicio de ostentaciones vanas, nunca pudieramos
acabar. Tal es la vega, que para toda fertilidad
semejante abrio este ingenio con esta labor. De
manera , que mil veces me hallé en un laberinto;
porque tal vez de un lugar de Virgilio, que prin-
cipalmente imita , haze muchos fuyos , i tal uno
suyo de muchos del, i de muchos otros Autores
traidos a la obediencia de su industria, no menos
en el estilo, que en la invencion ; i por esto quien
supiere las obras de Luis de Camoés bien, falta
bien casi todos los Escritores ilustres deste gene-
ro; i quien no le supiere, suplirá en parte esta falta
con leer estas notas. Digo suplirá en parte, porq
confieso , que ni el estudio , ni la memoria , me
podia: i hazer presentes todas las imitaciones ; i
que en muchos lugares tambien la copia me hi-
zo pobre: porque la memoria, i el estudio, sintie-
ron muchas veces caerseles por entre los dedos
una, i otra nota, juicio, ponderacion, i a egoria,
sin poderlo remediar , de embarazados con la
multitud. Esto de lo que les vino a las manos, eu-
señandome el hallazgo de muchos lugares bue-
nos,

nos de que no tenia alguna esperanza, encontrándolos a caso, quantos de esse linage me quedaron por ver, o por conocer despues de vistos. I en tiempo de tantas jactancias si quiera me agradaezca el Letor esta confession de que no lo aleago todo; que yo me obligo que tendré muy pocos compañeros en ella.

VII.

Siempre en un gran Poeta se hallan lugares q̄ cansan el entendimiento: i ordinariamente son aq̄ellos en que él se cansó menos, i con que menos quisó cansar a nadie; siendo por ventura para él los mas faciles: porque los Escritores insignes no pretenden molestar los entendimientos, sino gustarlos con darse a entender lo mas que pueden, lamiendo lo que escriven tal vez, muchas veces para darnos las locuciones, i las clausulas lisas, i suaves: i por no cansar a quien los ha de leer se cansan mucho al escribir; al revés de lo que agora se usa. Con estas condiciones vi yo a aver en este Poema algunas cosas en cuya exposicion los ingeniosos, i otros que tienen sudado en ellas, están aguardando un Expositor con la ansia que el montero, el descubrimiento, i la carrera del animal que busca. Quales son en la est. 37. del c. 2. *O veo dos roxos lirios pouco avro En la 5. del 5. Mais celebre por nome, que por fama.* En la 87. del 6. *Quem nam dirà que nacem roxas flores, &c.* En la 21. del 9. *Da māy primeira com o terreno seyo.* I en la 59. del mismo: *E vōs se na vossa arvore secunda Peras, &c.* I semejantes, que exponemos, no siendo menos escuros otros que hasta agora passaron por entendidos, estando muy lejos desso: i mucho mas la fabrica, i alegoria, el espíritu, i el alma, i el misterio de todo el Poema, que hasta oy no ha oido nadie, que yo sepa, aviendo tratado a muchos que tratan con gran credito destos estudios. Sobre todo dezimos allá lo necesario; i aqui solamente que siempre al Autor que se comenta se ha de dar el sentido que fuere mas facil; i ese será mejor que ningun otro, por mas delgado que sea, al punto que uviere algo de violento; por esto que acabamos de decir; que un valiente Escritor siempre afecta lo facil con lo grande. I Macrobio, i otros que andan sustituyendo sobre algunos lugares de Virgilio, mas por moltratse ingeniosos, que por creerlos assi, condenados son de Autores de cuenta: porque la obligacion de un verdadero Poeta es dezirlo todo conalteza, i con facilidad, de que particularmente se admira Oracio en Virgilio allá en la satira 10. del lib. 1. Pero esto de la claridad, i alteza, toca al juicio del Poema, adonde lo tratamos, i lo puede ver el curioso: mostrando solamente agora la suerte de diligencia que pusimos en este Comento, por lo que toca a la invención, estilo, imitaciones, i otras bellezas, dexando para lo ultimo lo tocante a la alegoria.

A

VIII. **P**oco ahonda en este genero de estudios el que piensa, que la invención, i adornos de un Poema verdadero son mas de vna hermosa bayna de alguna agudissima doctrina; o una lucente hoja de oro de alguna pildora saludable: porque es cierto, que ningun verdadero Poeta se empleó en semejantes obras, sin la mira puesta particularmente en esto, que con singularidad procuran mostrar en Homero, en Virgilio, en Dante, i en Petrarca (dexo otros) sus expositores. Porque como la buena doctrina seca i desnuda es mala de recibir de los humanos, conviene para ser admitida, disfracarla con cosas apetecidas dellos. Por esto Persio, aviendo entrado en sus satiras con este verso: *O curas hominum, quantum est in rebus inane!* ponderando que era una doctrina solida, pero amarga al paladar humano assi descubierta, i que la admitirian pocos, dixo luego. *Quis leget bac? &c. Nemo.* I para hazerla tragar, la fue açucarando con bellas industrias. El grande Sannazaro, aviédo elegido el assumpto sagrado de *Partu Virginis*, adonde parecia que no podian tener lugar delicias Poeticas, allá usa las que pudo sufrir lo divino para atraer a si lo humano. I ordinariamente a los niños, para llevarlos a la doctrina que les queremos dar, se la embolvemos en canticas, i en regalos. Industria ya apoyada de Platón en el 2. de legib. Assi venimos a hazer con estos niños vna cosa muy diferente de la que pretendemos hazer, o procuramos que ellos hagan. I essa es la alegoria decir una cosa entendiendo otra. I como los grandes hombres no escriuen sino para enseñar, i la enseñanza es difícil de admitir, bañanla con dulçuras, para que acudiendo a ellas algunos vengan a caer en ella: a uso de caçadores, que con lo goloso del cebo traen a su mano el animal mas libre, que pretenden hazer doméstico; o lograrlo de otto modo.

E

IX. **C**onfieso, que en muchos expositores, algunas alegorias son tā violentas, que con causa escandalizan el oido de los que leen. Tales son algunas en Virgilio, Dante, Petrarca, i otros antiguos, i ridiculas las mas que se hicieron al Ariollo i al Tasso: i sobre modo las que se vén en Bernardo del Carpio, i en la Picara Justina, q̄ muestran claro aver salido del Poema: deviendo el Poema salir de la alegoria: porque en ella ha él de ser engendrado. Tan bastardas alegorias yo las condeno como todos. Pero condenarlas todas seria desmintir a Aristoteles, que sin ellas no quiere que aya Poema Epico: i a Plutareo, que en su doctrina Poética niega el nombre de Poetas a grandes hombres, porque faltaron a esto: i juntamente seria condenar los Poetas insignes a que escrivieron sin alma. Con algunos Autores de los que se comentaron a si propios, dexare allanida esta opinion de los

los que dicen, que esto de seguir alegorías es deseo de ostentar ingenio en los Comentadores, i no intento de los Comentados. Dante, imitando a Platón, escribió una obra que intituló el Combate. Esta contiene tres canciones suyas comentadas por el mismo. Nuestro Juan de Mena escribió la coronación, i comentóla después el propio. Gabriel Fiamma compuso varias Rimas que se ven comentadas por él. Lea el curioso, sin esta advertencia, estos tres comentarios, i hallará en ellos alegorías que le parecerán tan remontadas, que a no saber que los Autores del texto lo son del Escolio, dixerá sin duda, que el Escolio levantava testimonios al texto: pero cayendo en que el Autor del uno lo es del otro, se hallará atado de pies i manos para no armarse contra las alegorías; i creer que sin atender a ellas no escribe un gran Poeta, viendo que lo que estos dicen sobre si, afiança lo que los expositores dicen sobre otros, que no se dexaron comentados a si propios. Geronimo Beniveni, al principio de sus excepcionales Eglogas nos muestra el mismo, el sentido alegórico de ellas, que a penas pudieramos imaginar, si el no lo dixerá. El grande Tasso hizo una alegoría para su Jerusalén Liberada, en cuyo discurso dice cosas, que quiere entendemos de su pensamiento, que si él no las manifestara no dieramos en ellas. Dejo otros Autores que hicieron lo mismo. Estando, pues, vencida abundantemente esta opinión, con seguridad he procurado descubrir la alegoría de nuestro Poeta, que con gran distancia logra soberanía sobre la de muchos. La toda vía por no incurir en sospechas de traerla violenta, ninguna traygo que no sea con señas, que el mismo P. por el Poema propio fue esparciendo, para aduertirnos de que diciendo una cosa entendía otra: i no solo nos quiso así enseñar el alma del Poema, sino también parte de las imitaciones, como veremos en la est. 83. del c. 4. Industria de que por dicha uero cuidadoso, por quitarnos de escrupulos, sabiendo ya que se dudava de si avia sido pensamiento de los Poetas en esta parte, lo que sus Comentadores descubrían en ella, sin hallar en ellos semejantes apoyos del: con que puedo seguramente decir, que ni Poeta hizo con gran sutileza en esta su obra, lo que Dante, i Mena en las suyas; i que yo no hago mas de añadir a sus palabras otras por mas claridad, i de mostrarle cō el dedo a quien viédo le no le mira, o mirádole no le ve.

X.

DE Manera, que yo no vengo a gastar tiempo en vulgaridades, sino en descubrir la profunda enseñanza que el P. nos dejo en este género de estilo, que tan facil parece a los que solo hallan ciencia en estilos duros. Pero dirá alguno, que si el P. pretendía enseñar, como yo pretendo persuadir, para que puso esta doctrina en tanta dificultad de entenderse? Respondo, que no ay escrito que mas claro parezca, que la Escritura sa-

A grada, verdadera doctrina; i su inteligencia tiene fatigado a innumerables varones santos i doctos: i el P. pretendió imitarla, como provamos en el n. 24. del juicio. Bueno es q nos pongamos agora a afirmar lo mucho q esta escondido de ciencia, sutileza, i misterio en la claridad con q habla este gran Poeta, para un cierto presumido, que aviendo comentado algunas 126. boberías con 126. i sabiendo que yo tenia comentado este profundo Poema con tan gran volumen, dixo: *I en el Camões ay cosa q necessite de comento?* Como si el comento se uvielle inventado, no para escritos soberanos, sino para disparates. Deste dicho, i otros resulta, q tal vez damos a entender agraciamente a sus dueños su ignorancia, obedeciendo a la Escritura sagrada; i ponderamos con afecto, que puede parecer mucho, la grandeza del P. porque siendo él tan mal entendido de ynos, i tan calumniado de otros, es fuerza que el comento tenga veces de Apología, y della es propio el cortar tal vez con poca piedad, por castigo de la ignorancia; i repitir elogios del P. por ofensa, i prueba de su ingenio, estudio, i grandeza de pensamiento, i misterio.

C

XI.

YO Soy el primero que publico este Poeta comentado en lo sustancial (siendo misterioso sobre todos) sin aver hallado luz que seguir, ni estudiosos que me socorriessen: porque si en algo he consultado algunos, no vine a hallar en ellos mas que en mi. I desto no me di la nota buena, sino el pesame al mundo, i al Poema, por lo que a falta de entendimiento nos quedará por entender. Al fin assí solo, descubro en él pensamientos raros, imitaciones bellas, i mudachas, tanto en ellos como en la invención. I esto no se halla en Polianistas, indiccs, o tablas, sino a poder de aver leydo todos los Autores citados a este fin con atención; estimando mas los moderados bien reconocidos, que los muchos citados sin ser vistos; que por esto me llevó tanto tiempo esta labor. I no son tan pocos, que no se puedan llamar muchos, pues solamente de Poetas Italianos que escrivieron primero que el nuestro, he leido mas de trecientos, por constarme que en su tiempo, i de Garcilasso, se empleavan mucho en imitarlos todos los que E en España escrivian con alguna opinion: i de todos no hallé imitaciones que lo sean, o que lo parezcan, sino es en setenta, o ochenta, que irán en la tabla. Si alguno dudare de este numero, entienda, que a algunos que lo dudavan enseñé la lista, i a otros los propios Autores. De la propia manera lei los Latinos classicos, que los grandes hombres imitaron con mas frecuencia, como se verá de las ocasiones en que los cito; declarando las a que ellos dixerón sus pensamientos, y trayéndolas a comparacion con las de mi Poeta: señal clara de que no cito por palabras

bras halladas en indices dellas , que si bien son grandes trabajos de sus Autores, han hecho per-
rechos a muchos , i obligadlos a alegar mu-
chos lugares, sin saber la ocasion con que ellos se
ordenaron Sineciso creo no aver alcanzado algu-
nas cosas , i que las alcanzadas estarán dichas có-
poca dicha Pero servirán estas líneas mal echa-
das de incitar otros a que echando otras sobre
ellas, muestren sus sutilezas, i encubran mis de-
fetos. Toda via me restará la gloria de averles
mostrado la senda ; i de que lo descubierto tiene
facil la continuacion.

X II.

Finalmente, yo comento Poeta que no estaba
comentado, sin dexar que hazer a nadie: i no
vengo a dezir poco mas de nada, sobre lo en que
dixeron muchos : comento Poeta que necesita
desso; i que contiene acciones heroicas, i doctrinas
solidas, i sentencias, i alegorias saludables, i
todo exempliar, i digno de que se imite, i entien-
da en la Republica: No escritos, que o no necesi-
tan de exposiciones, o que despues de tenerlas
son tan inutiles como antes que las tuviessen.
Explicole sia atender a mas que a explicarle: vé-
ciendo la tentacion de amontonar aqui quanto
he leido; i no procurando mas mostrarme visto
en mucho, que descubrir en que lo fue el Poeta.
Adornole con la erudicion medida, y con lugri-
res de Autores que merecen este nombre, sin que
passe por alto lo dificil: no copiando con ocasion
de una palabra Romances, i copias Je sugeros q
no tienen credito, i dexando sin explicacion lo
dificultoso, con que algunos han mostrado, que
se pusieron a comentar lo que no llegaron a en-
tender, i a entender solo en galtar papel.

X III.

Puedo dezir, que a bueltas de comentar tan-
tos lugares dificilimos deste Autor, comento
muchos de otros Autores, que hasta agora no se
hallan comentados por los que trataron desso. I
finalmente, con auerle comentado en Castellano,
i con la traducion literal de las estancias, facilito
a todos el entender esta lengua con poco es-
tudio, mas de leer el Poeta, i el comento.

X III I.

NO Ay duda , que aguardan los Fiscales des-
cargos al aver hecho exposicion Castellana a
un texto Portugues. Valganme los expositores
Latinos de textos Griegos ; i de textos Latinos
me valgan los expositores vulgares en diferen-
tes lenguas. No los nombro, porque a tan doctos
Censores no pueden ellos estar escondidos. Por
cosa de mayor escrupulo juzgo yo el comento

A Latino a un texto vulgar, i toda via Benvenuto
de Imola comentó a Dante en Latin. Pero quá-
do esto en mi pareciera culpa, a la verdad no lo
es, sino de aquellos que se muestran doctos en ie-
guas extrañas, sin saber las de su Provincia, ni au-
la que es tan parecida a la Castellana como la
Portuguesa; siendo cierto, que para ellos se tiene
esta convertido en Griego, al passo que nos quie-
ren dar a entender , que el Griego se tiene con-
vertido en elios. A mi me consta, que todos ala-
ban en Castilla a Luis de Camoës, i que le entié-
den pocos: no quiero arrojarme a dezir ninguno,

B que por ventura pudiera , sin ponerme en necesi-
dad de acusarme dello ; pues de Portugal pro-
prio puedo seguramente dezirlo. I si no, muestre-
me alguno borradores en que se aya leido hasta
oy , o testimonios que afirmen aver oido a otro
algo de lo infinito recondito que descubro en
todo el Poema. Hablo con seguridad , i no sin
respeto : porque yo no digo que lo obré por ma-
yor entendimiento , ni sutileza , ni estudio , sino
por mayor diligencia, i desvelo , i amor al credi-
to de España por el ingenio, que Luis de Ca-
moës le perpetuò con el suyo. I con esto bien
pueden sospecharse algunos , que oyendo dezir a
otros algo en aplauso deste escrito , que mostra-
va aver yo solo entendido este Poema hasta oy,
respondieron , que en tal i tal parte no faltava
quien le comentara si quisiera : i conforme a esto
no se deve nada a quien lo quiso y ejecutó , ni a
los que cometaron a Homero i Virgilio, porque
podian hacerlo otros. Mas si ello es cierto, que
no se deve tanto a lo presumido, como a lo exe-
cutado , bien justamente deven los tales no ne-
garme , si quiera por aver yo hecho esto como
otros lo harian , el aplauso que quieren les deva-
mos, porque sin hazerlo lo harian como yo lo hi-
ze. Mas dexando de ofrecer sumisiones a dis-
parates de jactancias vanas, i de embidias igno-
rantissimas , concluyo que por unos i otros res-
petos hago comun para toda España el sobera-
no fruto de tan sublime ingenio , con exponerle
en esta lengua , que tuvo fuerte (no sin meritos
por cierto) de que fuese mejor entendida en es-
tos Reynos , aunque si otra lo fuera no se usara
menos. Advirtiendo, que el mayor servicio que
hago a los deseos de la perfection del texto de
un Autor tan grande , es darselle impreso por el
mismo original , conferido con dos manuscritos
antiguos : I vease lo que a este proposito dixi-
mos sobre la e. 6 r. del c. 4. i a todos los deste

D C E Prologo, en el juicio del Poe-
ma.

VIDA DEL POETA.



Scrivio la vida de Luis de Camoës con estudio, curiosidad, i diligencia, el Doctor Manuel Severim de Faria, Chantre en la ilustre, i santa Iglesia de Evora, sacando lo mas della de las mismas obras del Autor; i siendo el primero que lo supo

hacer, nos arrebatò essa gloria, que andavamos solicitando, con dar à la estampa su libro intitulado, *Discursos varios y politicos*, el año 1624. en que ya nos hallavamos con el segundo borrador deste trabajo; a lo menos de muchos años, quando de pocos aciertos. Damosie las gracias de lo que nos enseñó con su buen zelo i diligencia, i arrimando a ella la nuestra dirémos assí.

II.

Como si Luis de Camoës no fuera grande por sangre, i por ingenio, i por acciones militares, i estudiadas, i uviera nacido muchas edades antes, vino a padecer duda el lugar de su nacimiento, y total olvido el año del. Cosas que descubren bien, quan poco cuidado dio a su patria un Varon tantato: i descuydo en que mucho mas que a él, la hallo yo perdidosa a ella. Algunos afirmaron, que fue natural de Coimbra; porque en ésta ya florente Corte Portuguesa tuvieron ilustre Casa ascendientes ilustres suyos. Toda via de sus obras no consta esto, porque ninguna vez en ellas nombra el río Mondego (claro honor de aquella nobilissima ciudad, i deliciosissimo terreno) que le llame patrio, i suyo, como algunas veces llama al Tajo. Verdad sea, que le muestra amor, i le celebra, pero esto es como quien pasa los primeros años en sus margenes, con ocasion de los estudios que siguió en aquella siempre celebre Academia, que solemiza en la e. 97. del c. 3. I como quien en ella tuvo amores finos, i les dexava el alma, se despide en el soneto 2. de los pocos sayos que se vén en el tomo, que la codicia hizo llamar, Parte seguda de sus Rimas.

*Doces agoas e claras do Mondego,
doce repouso de minha lembrança,
onde a comprida e perfida esperança
longo tempo a pos si me trouxe cego;*

De vos me aparto, &c.

Ien la cancion 4. que ya fue escrita en Lisboa.

*Vam as serenas agoas
do Mondego decendo
mansamente que atè o mar nam param;
por onde minhas magoas
pouco e pouco crescendo,
para nunca acabar se começaram, &c.*

Pero del Tajo no se descuyda de llamarle suyo,

Ai patrio; i a las damas suyas, i Tagides. En la est. 3. de este Poema: *E vos Tag des minbas.* Y en la 81. del c. 7. *E ainda Ninfas minbas*, hablando con las propias Tagides. I si bien en la est. 78. antes, se acuerda de los dos ríos, diciendo:

..... *Mas, ò cego!*
En que cometô insano, e temerario.
sem vos Ninfas do Tejo, e ão Mondego?
Vosso favor invoco, &c.

Esto es, en quanto respesta solamente, a que Coimbra fue su Parnaso, i los estudios que allí consiguió sus Musas, con q canta agora de su patria: ó tambien en respeto de que Coimbra, como Lisboa, fue el asiento de la Corte Portuguesa, i valor Portugues que celebra, dando a las damas naturales el título extraño de Musas, por las razones que diximos sobre la e. 3. del c. 1. Descubrese esto, en que quando las trata solo como damas, dice que ellas solamente son las q le hazen cantar los hechos Lusitanos, de puro obediente a su hermosura: porque los señores de puro esteriles le secavan la vena, i le desmentían la Lira: como claramente se vé de la e. ultima del c. 5. i de la 145 del 10. I assí se devio su Poesia al amor de esas Ninfas, como lo publica en esa e. del c. 5.

..... *Dar a todo o Lusitano feito
seul ouvor, he somente o prosuposto
das Tagides gentis, e seure respeito.*

I por esto a ellas invoca al principio del c. 1. i al fin del 7. como allá apuntamos. Al Tajo como natural procuró siempre engrandecer, i deseo están llenas todas sus obras: i en la e. 3. de este Poema confiesa, que todas ellas fueron encerradas a él: i se lo pone por deuda a las propias Ninfas, para que mostrándose gratas a ella le den nuevo espíritu: assí.

*E vos Tagides minbas poys criado
tendes em mi bum novo engenho ardente,
se sempre em verso bumilde celebrado
foy de mi vosso rio alegremente;
dixime agora bum som alto, &c.*

Mostrando, que a penas cantó cosa alguna, quo no fuese llevado del amor de su patria dellas, i del, que tanto las amaba a ellas como a ella.

III.

Mas si nadie puede afirmar, que el P. nació en Lisboa, quien quita a la insigne villa de Santaren la acción que tiene a su nacimiento, siendo su madre doña Ana de Macedo natural dellla, i ella en aquellos tiempos ilustre retiro de los Reyes, i en todos Asilo de los Caballeros? Iuntase a esto, que quando el P. fue desterrado la primera vez, a ésta villa como a sagrado natural se acogió, segun parecerá de lo que diremos adelante. I tanto puede celebrar el Tajo, i sus

Nia-

Ninfas, un natural de Santaren, como otro de Lisboa, pues se bañan en él con igualdad. Verdad es, que dice el Licenciado Manuel Correa, persona de credito, i de la edad del Poeta, i su amigo, que nacio en Lisboa por los años 1517. Dexaronse creer algunos, que el P. hablava de si en el soneto 100. quando dixo:

*Crioume Portugal na verde e cara
patria minha ALENQUER.*

Singulat absurdo, pues uno vieron que era menester le huviese el P. hecho en el otro mundo, porque allí habla en persona de vii muerto. La duda que podia quedar en pie, acerca de donde eran las damas que invoca, i que celebra, pues llamádolas Tagides, igualmente podian ser de Lisboa, i Santaren, como ai dijimos, se puede contravenir con mostrar, que el P. descubiertamente estavia apasionado por las de Lisboa en su carta 1. dizienlo: *Agora julgai, señor, o que sentirá hum estomago costumado a resistir as falsidades de hum rostinho de tauxia de húa dama Lisbonense. &c.* Pero esto podia ser como enamorado por aliénto, i no como natural por nacimiento. I assi, no aviendo el Licenciado Correa traído otro testimonio mas del suyo, en cosa que padecia tanta duda, no prueba que Luis de Camoës haya nacido allí, en modo que se pueda tener por cierto: i mas aviendo pareceres de que nacio en Coimbra, i no siendo desproporcionado el nuestro, de que pudo antes ser en Santaren. Mas al fin parece, que convenia a la grandeza de Luis de Camoës, como a la del Nilo, que no se supiese con seguridad su nacimiento; i que como por Homero las siete ciudades Griegas, compitiesen por él las dos primeras ciudades, i la villa primera de Portugal. Gran cosa, que de los hombres grandes, en quanto vivos, se haga tā poca cuenta generalmente, i que todos los quieran despues de muertos!

III.

ERA Luis de Camoës Cavallero por sangre, de la ilustre de los Reynos de Galicia, i Portugal. Desta manera, Tradiciones, i constante fama publican, que entre Noya, i tierra de Barcàla, i Soneyra, fue el solar de la familia de los Caamaños, señores de diez y siete pueblos, o feligresias (como dicen las memorias manuscritas) en que toda vía permanece el nombre de Caamaños; i que por las ocasiones de aquellos tiépos (particularizando que un señor desta Casa mató un Cavallero de la de Castro) vino ella en diminucion, por ser forzoso ausentarse, como lo hizo, pasándose a vivir en una casa fuerte llamada Rubianes, que tenia de la otra parte de un braço de mar, que llaman Ria de Aroça, adonde desde entonces permanece esta familia, siempre con lustre de su primero estado, aunque de minuydo, porque con la mudanza, i las causas referidas, i otras, se perdieron aquellas tierras que tenian de la otra parte. I consta mas, que auiendo suce-

dido esto avrà trecientos años, aun oy se conservan casas con este apellido, como son las de los señores de Nebra, i Romelle, i la de Rubianes, q es oy el solar, i mayorazgo entre Pontevedra, i Villa García, de cuyos señores consucessión continuada consta por testamentos, i escrituras autenticas desde el año 1402. empezando en Ruy Fernandez de Caamaños, i se fue dilatando hasta oy, emparentada siempre con familias ilustres de Galicia, i de Castilla, i produciendo personas de singulares partes, ocupando muchas honrados puestos. Refiere lo mas largamente el Doctor Juan Salgado de Araujo, Abad de las Iglesias de Pera, diligente investigador de las Casas de Galicia, en el libro que tiene compuesto de ellas. Esto allá.

En Portugal tiene principio la familia deste apellido (con alguna corrupcion, pues dezimos Camoens) en Vasco Perez de Camoës, que desde Galicia passò a servir al Rey don Fernando de Portugal, el año 1370. por ventura obligado de las nusmas causas que obligaron su gente a perder aquej primer señorío, i passarse a Rubianes. De quien fuese hijo no consta, mas facilmente parece que lo devia ser, o hermano, de ese Ruy Fernandez, con quien empieza la memoria desta familia: pero sabese, que era persona tan señalada, que luego le diò el Rey las villas de Sardoal, Puñete, Marão, Amendoa, Concejo de Gestaço, i las tierras que en Avis, i Estremoz, fueron de la Infante doña Beatriz: i le hizo de su Consejo; i lo que es mas. le fiò la Alcaydia mayor de Portalegre, i ALENQUER, lugares notables, i cargo de gran confianca, i estimacion en todos tiempos, i en aquellos mucho mas. Siguiò despues las partes de Castilla (estas eran las buenas) i perdiéndose en Aljubarrota, le quedaron solamente algunas tierras en Arentejo, adonde oy permanecen Cavalleros sucesores suyos. Fue casado con hija de Gonçalo Tenreyro, General de las armadas de Portugal, que tuvo titulo de Maestre de la Orden de Christo. Sus hijos fueron Gonçalo, Juan, i doña Costanza de Camões. El Gonçalo casò con Costanza de Fonseca, hija de Alonso Vazquez de Fonseca, Alcayde mayor de Moreyra, i Marialva, que era hijo de Vasco Fernandez Coutinho, de quien proceden los memorados Condes de Marialva; con sucessora de cuya Casa casò un Infante legitimo de Portugal, en el tiempo de su mayor grandeza, que fue el de los Reyes don Manuel, i don Juan Tercero. Desta su muger uno Gonçalo de Camões a Antonio; de quien fueron hijos Lope, i Aldonça. El Lope casò con Ines Diaz de Camara, hija de Diego Alonso de Agüilar, i nieta de Juan Gonzalez de Camara, tronco de los Condes de Calleta; i tuvieron a Antonio, a Sinron, i a Duarte de Camões. Antonio casò con doña Isabel de Castro, hija de don Juan, hermano de don Fernández de Castro, de quien proceden los Condes de

C
D
E
F
G
H
I
J
K
L
M
N
O
P
Q
R
S
T
U
V
W
X
Y
Z

Basto. Fueron sus hijos Lope Vaz, i Luis Gonçalvez, fundador del mayorazgo de la Torre, que se continua en sus descendientes. Casò el Lope cõ doña María de Fonseca, hija de Gaspar Roiz Preto, hijo de Jorge, Cavallerizo mayor de la Emperatriz doña Isabel. Della tuvo a Antonio, i a doña Ana. Antonio casò con doña Francisca de Silveira, hija de don Alvaro, hijo de don Diego de Silveira, Conde de la Sortella, i Guarda mayor del Rey don Juan Tercero. Tuvieron hijos: i assi ilustremente fue creciendo este ramo del hijo primero del trasplantador desta familia en nuestro Reyno. Vengamos al segundo del segundo hijo suyo, de quien procedio el sin segundo Poeta.

V.

IVan Vaz de Camoens, vassallo (titulo que en aquellos tiempos era grande, si bien no le tenian solo los mayores) del Rey don Alonso 5. i era justo, que el Grande Camoës fuese producio de un hòbre que uviesslo logrado titulo de grandeza. Persona fue notable en la guerra, i en la paz. Tuvo casa, i tiene entierro, todo ilustre, en la ciudad de Coimbra. Casò con Ines Gomez de Silva, hija de Jorge, descendiente legitimo de Juan Gomez de Silva, señor de muchas tierras, i Alferez mayor del Rey don Juan el 1. Tuvieron hijo a Antonio Vaz de Camoës, que casò con doña Guiomar Vaz de Gama, de que tuvo a Simon Vaz de Camoës, que casò con doña Ana de Macedo, de la villa de Santaren, estanque ya de nobilissima sangre. Deilos naciò nuestro Poeta, que empeçava a vivir quando su padre perdiò la vida sobre un naufragio padecido en la costa de Goa, llevando la Capitania de una nave de la India. Esta es la calidad del nacimiento de Luis de Camoës, que assi como excedio en el espíritu Peetico, a casi todos; en ella tambien los excedio, porque raros son dellos los que la tiene de las primeras como él: y pocos llegan á la mediana: observacion que os enseñará la Providencia divina, que a ninguno dexa de adornar con alguna gracia, o virtud, dando a los menores lo que si el mundo no lo tiene por mayor, ello en realidad lo es: porque el ingenio raro, i el juicio, i el talento, dones divinos son de la primera classe: que la sangre mas quilatada, i la hacienda numerosa, ordinariamente se vén contrapesadas con la falta de essotro, que es notabilissima falta. Pero en Luis de Camoës concurriò todo de manera, que fue ilustre dos veces: una por la sangre, i otra por el ingenio. I él serecio tanto de su nobleza, que si de su ingenio se jacta en los lugares que enseñarèmos en la ultima nota a este Poema; no se jacta menos della en las estancias de sus Rimas a don Antonio de Noroña, que siendo Cavallero de los de la primera magnitud, le dice, que no conocerà otro mas honrado: assi,

*E alli outrem: ninguë me conbecera,
nem eu conhecerà outro mais honrado,*

Senam a vos, &c.

AEn él, que no tuvo sucession, feneçió este ramo a manera de luz quando se apaga, que al apagarse resplandece mucho mas. Ya avreis notado, que siendo él tan llegado por sangre a la familia de los Gamas, parece que a la dellos fue fatal el descubrimiento de la India, por el Oceano, i del Oceano de la Poesia por essa accion. I tambien ponderareis, que siendo tan poderosa siempre la fuerça de la sangre, no bastó a contrastar la adversa fortuna de un ingenio raro, pues parece q los Gamas por esta le negaron lo que le devian B por essotra. Ni yo dudo, de que quando el Poeta se quexa dellos en la e.99. del c. 5. i llama suyo al Gama (o noffo Gama) atendio a su fortuna, i a su parentesco.

VI.

EN El escudo de armas de los Caamaños, o Camoës, hallo variedad. Aquellos papeles manuscritos que citamos en el num. 4. dizen, que ellas son un pino en campo roxo, con diez lances hincadas en el suelo, cinco a cada lado. El Licenciado Molina en su libro del Reyno de Galicia, dice, que un braço puesto en las manos de un Angel entre dos alas, teniendo en la mano una corona en campo de oro. Argote en la Nobleza de Andaluzia; que tres besantes de plata, garnecido cada uno de tres faxas rojas, i por orla ocho aspas de oro en campo roxo: i por timbre un braço y mano de Angel, vestido de plata, con una corona de espinas en la mano, i las puntas ensangrentadas. Del libro de blasones juntos por el Rey don Manuel se ve que las armas de los Camoens en Portugal son una sierpe de oro, que va passando entre dos peñascos de plata en campo verde. Que en los de Galicia se halle va-

Driedad me dà mas cuidado, que el no conformarse en algo con ellos los de Portugal; porque en aquel tiempo muchos Cavalleros (esto consta) mudando de Reyno, i Principe, mudavan de blasones: i assies de creer, que le tomò nuevo de la mano del Rey don Fernando, Vasco Perez de Camoens; i devia elegir la sierpe entre los dos peñascos, por estrecharle la necessidad a hazerse de dos Principes, o Reynos: i porque coino ella se renewa entre ellos, él se renovò en esto passage, con las mercedes que hallò en nuestro Rey. I por dicha, que por gratitud de llas eligió

Epor blasón el timbre de este Reyno, que es la sierpe, por figura de Christo, segun lo ordenò el Rey don Alonso Enriquez. Sirva este discurso mientras no hallamos otra certeza.

Varias opiniones ay sobre la causa del apellido de Caamoens (voz en que hallo mucha antiguedad, pues ya el padre de la Poetisa Safo se llamò Camon; i tambien un lugar, segun consta del cap. 10. de los Juezes, al principio) una es, q fue el ave llamada Camon en Portugues, que es el Porfirion: mas parece (aunque no es forçoso) que le auia de tener por blasón si fuera assi. Lo mis-

misimo concurre en la otra, de que procediesse de vna torre llamada de Camoens, o Caamaños en Galicia, de que no hallo mas vestigios que los spontados en el num. 4. de aquellas feligresias, i casa fuerte que posseyeron. Otro tanto sucede a la otra de que fue su origen el pomo que en algunas partes de Portugal(principalmente llegadas a Galicia) se llama Camões, que de la Canuesa no desiere en color i gusto , aunque desiera en forma . por tener èl mas un poco de piramidal q ella; i desta fruta es fertil Galicia; i puede ser que lo fuesen singularmente aquellas tierras de que estos Cavalleros eran señores. La otra de Sebastian de Covarrubias Orotzco en su Tesoro de la lengua Castellana, en la voz Camões, diziédo que este apellido resultò de un lugar deste nombre en Portugal, es al contrario: porque una hazienda , o mayorazgo que se llama la Camoeira en Alentejo, tomò este nombre del apellido de los Camoens , que la instituyeron i poseen oy : si ya no lo dixo, informado de que en la Provincia de Trasosmontes ay una villa con este nombre.

No me puedo contener , que no me detenga en carcar essas figuras de los blasones, i estos orígenes del apellido de Camoës con la persona, calidades, i fortuna de nuestro Poeta. En el primer blasón hallo vn Pino, que es arbol Principe en el adorno , i pompa de las casas de campo señoriales; esto fue el P.en su Patria: es arbol de los consagrados a Deidades ; èl lo fue a las del Parnaso : es arbol dedicado a las fabricas maritimas; el nacio con estrella de habitarlas; es arbol que degollandole una vez no rebienta ; el degollado de disfavores suspèdió la copia de su Poesia : es arbol de fruto que necesita de industria para ser logrado; las obras deste Poeta, que son sus frutos , necesitan de buen juicio, i entendimiento para ser gustadas enteramente : es arbol cuyas hojas pican, i que dexa tal vez caer vna piña que hiere ; entre la copiosa hermosura de las Poesias de Luis de Camoës, i singularmente dentro Poema, ay terminos picantes , i estancias que cayeron en las cabeças a algunos , i no los lastimaron poco: es arbol que tarda en crecer , i dura mucho crecido ; el P. tardò en este Poema , i durará en èl con el mundo : es arbol en que el fuego se enciende de buena gana , formando llama grande, assi en el Poeta la ha formado el mismo Apolo enceñido en èl con igual fuerça : es arbol de cuya especie se hazen los instrumentos musicales; logròle el P. tan cabal como de cosa suya: es arbol que siempre sustenta sus hojas; el P. su estimacion. De las lanças diremos solo, que si el P.naciò con ellas, con ellas vivió, no teniendo menos ayrosa mano para la lanza , que para la pluma, como es notorio.

Si el blasón es un braço puesto en las manos de un Angel, teniendo en la mano una corona en campo de oro, como dice el Licenciado Molina, le quadra al P. quanto puede ser : porque se pu-

diera decir , que algun Angel le fue llevando la mano en lo divino de sus escritos , i poniéndole luego en ella la corona, o laurea que merecia por ellos; i dudo si el mismo aludiò a esto, quando dixo en la e. 5. del c. 10. que era Angelica la Sirena que alli canta, por llamar Angelico a este canto, guiado de aquella noticia : i lo mismo dudo de aquel lugar de su Ode 7. diciendo deste modo.

*Sempreforam engenhos peregrinos
da Fortuna envejados;
que quanto levintados
por bum braço nas asas sam da fama;
tanto por outro a forte que os desama,
com o peso e gravidade
os oprime da vil necessidade.*

Adonde veo bien , que alude al mochacho del Emblema de Alciato , con alas en un braço que le eleva, i peso grande en otro que le abate: pero vehementes sospechas tengo , que tambien alude a esta figura de su blasón , en que se vé puesto un braço entre dos alas en las manos de un Angel, i a su fortuna , que pudienlo mas que su nacimiento ilustre, i ingenio illustrissimo, le arrastrá, i le deslustra. Baxemos un poco las cuerdas al instrumento. A las virtudes Angelicas toca el amor , la musica, i la ciencia; esto vemos concurrir en un Poeta que tiene por blasón un Angel; porque el se precia de abrasado en amor de la patria , como vereis en las notas primeras a este Poema, sobre el nombre de Luis de Camoens q explicamos: i en las est. 154.y 155. del c. 10. se precia de la ciencia, i de la musica Poetica : i en otros lugares que se verán de la nota ultima a este Poema; como si nos dixerá en todo esto, que en su persona concurria lo que en su escudo , o blasón: i como en el ay corona, i con essa le faltó la patria, i los Príncipes della, dessa falta se lastimó mucho en la est. 81. del c. 7. diciendo, que a trineque de las coronas que le prometía su ingenio (como se las avia dado su calidad) le dieron tormentos.

I si la corona deste blasón ha de ser de espinas con las puntas sangrientas : esto es lo que justamente pusieron en la cabeza a este Poeta los dueños de la hacienda de Portugal: porque aun oy está manando sangre la calavera deste hombre grande, lastimada de las asperezas, ingratitudes, i miserias con que fue tratado. Dexo las aspas, i besantes, i faxas, que tambien son insignias que se pudieran carear con sus martirios.

Pero siendo su verdadero blasón en Portugal, la serpe entre los peñascos , ella simbolo de la prudencia , eiros de la austerioridad , i seluatiquez, queda el Poeta siendo essa serpiente metida entre lo robusto, i duro de sus naturales, que no le sirvieron mas que de desollarle , sin el provecho que ella saca de salir vestida de nuevo despues de desollada: sino que por las manos de la impia fortuna se estrecharon los peñascos al passar la serpe, i miserablemente acabaron de optimirla, en

en vez de renovarla. Yo del mismo Poeta lo he sacado. El en las est. ultimas del c. 5. va mostrando, que un Capitan para ser perfecto ha de tener estudios, que ordinariamente son los maestros de la prudencia: i en las ultimas tambien del c. 10. dice de si, que en el concurrio esto: i fue verdad, si fue jactancia. Luego, veisle ai hecho la serpiente, simbolo de la prudencia. I en la e. 95. del c. 5. se duele de que Cavalleros Portugueses, aunque eran valientes, no eran sabios, i con essa falta les llama robustos, i duros. Cujafalta (aili) os fiz duros e robustos. Luego, veis ai los penascos, porque deilos son muy propios essos dos epitetos. Siguese, que esse nombre de peñascos dio claramente a essos Cavalleros: claro esta: Aviendose, pues, dado a si propio el de serpiente, se queda la historia entera. El sierpe entre ellos, y dellos estrujada. Toda via no de modo q el Poeta no quedasse siempre superior: porque hurtandoles la buelta con la fama, ya que ellos se la hurtaron con la escaseza, sucedieron los siguientes elogios.

Sierpe si, entre penascos: pero con el castigo a ellos, que del propio Dios fue dado a ella, por aver enganado a Alau; que andaria siempre arrastrada, como falta de pies; i ellos lo andan de la fama por falta de animo. Serpiente si, pero como ella corriendo, i enroscandose, imita las olas del mar; por mas que batieron esas olas en el Poeta, ya estaba convertido en penascos de gloria (aviendo ya tomado para si los de su blasón) i en virtud de su ingenio quedo firme entre ellas, como el escollo, ofendiendolas mas agora de lo que ellas le pudieron ofender entonces; porque apareciendo siempre estable ese penasco, o escollo, i continuamente tocado de los rayos de las alabancas que le ilustran, dexan mucho mas corrida toda la tormenta que le quiso deslustrar. Mas. Para la sierpe es veneno la saliva del hombre: los hombres encupieron en essa sierpe con desprecios: pero como ella tambien para ellos es veneno; el Poeta que ella representa lo derramo sobre ellos de modo, que los dexo rabiando, curandose con su propia triaca del otro que ellos le avian echado. Con la sierpe de metal se reparavan las mordeduras de las sierpes vivas: con la suya del metal mas sublime, que es el oro, i con el metal sonoro de la Fama se curó el P. de todo lo venenoso de esas sierpes; i mejor si la suya es tomada del timbre Portugues, como apuntamos. Con la sierpe en circulo se figura el tiempo; del tiene tomado possession nuestro Poeta, representado en esa sierpe, que en virtud de su ingenio va feneiendo el circulo de un' siglo, del qual se irán engazando todos los que restan de duracion al propio tiempo. La sierpe se encanta i desencanta: ella se encanto con la opression de motivos de lagrimas, i se delencanto con este canto de motivos de alegrias, admiracion, i elogios. Finalmente la sierpe desollada sale con

A nuevo esplendor a vida nueva: esta sobre tantos aprietos vive, resplandece, i va corriendo veloz por las cumbres de la inmortalidad, silvando, i poniendo horror al de la propia miseria que le aprero, i de la adversa fortuna que le hizo descnocer.

Vengamos agora al uno, i al otro origen que se da a su apellido de Camoes. Si quereis que sea la Ave llamada Camon; ella tiene de la naturaleza el morirse en la casa en que la señora della comete adulterio, como lo dice el mismo Poeta en sus redondillas.

*Experimento se algum hora
da Ave que chaman Camam,
que se da casa onde mora,
ve adultera a señora
morre de pura paixam.*

Tomandolo de Eliano en el cap. 2. del lib. 4. si ya no lo tomasse de Opiano, por ser Poeta, que tambien lo trata. Podeis, pues, sospechar que al nuestro Portugues Camon le anticipó la muerte el ver adulterada de sus naturales la estimacion con que el avia casado su ingenio. Pero mas se me parece al Buho, sobre que descende airada

C la turba de las otras Aves, parece que ciegas en la copia de luz de aquellos hermosissimos ojos, con que sale en publico; porque saliendo el Poeta con el dilatado resplandor de su Poesia, no vio sobre si otra cosa que la turba multa de ignorantes, i de ingratos, que aturdienole le hiziero morir infelizmente: pagando una vida que no tenia culpa, i una Poesia que tenia tantos resplandores, el crimen de la ingratitud, i de la ignorancia. Toda via, si era el Camon que murió de ver aquell adulterio; esta castigando los antores del con su triunfo, i llevando en sus alas, que son las de la Fama, la noticia de tal vileza a par de la grandeza de su espíritu. I si os agrada mas el parecerse al Buho, a que tantos ingratos i necios miraron con mal ojo, de admirados en sus luces; parecera que la Fortuna a uso de Caçador (que con essa Ave engana todas esotras, i las destruye, quedando ella siempre viva) uso de nuestro Poeta con ellos a este modo; pues ellos despues de correrle estan corridos: el eternizado, i extintos ellos, como Mariposas a la llama, que queriendo passar por ella, perecen en elllas, i ella vive.

I si os inclinais a que sea la torre; ella es imagen de la constancia, batida de las injurias del tiempo: i esto concurrio en el P. que ninguna le mudó del propósito de alabar los benemeritos, i del amor de la patria: la torre suele ser farol a navegantes, el Poeta a los ingenios: la torre suele ser fuerza de que se acacionean los enemigos, el Poeta esto haze a los suyos, i a los del valor en este Poema: i finalmente esta torre en que se figura nuestro P. tiene parecer a la de David, de que pendian mil triunfos, pendiendo della todos los de la Poesia hermosa.

I si el origen fue aquel arbol; assi como el en
pre-

premio de dar su dulce fruto padece tal vez el destrozo de la inclemencia de un rayo , o bien del golpe de una segur; assi el P. de la dulcura de sus versos , con que diò gusto a tanta gente , no vió por ello mas en su persona, que rayos , i golpes inclementes de la ingratitud , i de la miseria. Pero cabiéndole en fuerre a este arbol lo que a muchos, que despues de ser tan utiles fueron tan infelizes , tambien le cupo la de otros , que despues de corra los rebientan mas copiosos , i adquieren mayor duracion; porque el Poeta muerto en essa miseria resucito en su misma gloria; haciéndose materia incorruptible al gusano del olvido; i viedlo desde su cumbre olvidados los que le trataron desse modo : i que quando llegue a aver alguna memoria de ellos, es como la de Erosstrato , que la pretendio con ser ruina de una fabrica admirab'e : o (porque no salganos de arboles) como Milon, que queriendo destruir uno, el quedo muerto en el arbol, i el arbol vivo en su virtud.

I si se atiende menos al arbol que a su pomo : i esse pomo representó el P. fue parecido al de Adan en que todos pecaron; con esta diferencia, de que el genero humano peco por comerle , i el Portugues por no darle de comer. O fue el pomo de oro de la discordia aviendo de ser del aplauso: mas ultimamente fue el Persico, *melhor tornado no terreno albeo*, como el P. dice en la c. 58. del c. 9. porque en las tierras estranas le estimaron mas que en la suya.

VII.

B Olviamos de los elogios a la historia. La Vniversidad de Coimbra es fundacion de nuestro entendido Rey don Dionis, que con premios grandes truxo a ella grandes Maestros en toda suerte de ciencias. Aviendo caido desta cumbre la reparo nuestro no menos politico Rey don Juan el 3. que tambien con Reales alientos hizo correr a ella doctissimos sujetos , que la restauraron felizmente. Destos oyo nuestro Poeta sus letras, que llegaron a Filosofia ; fundamento de todo saber , quando sobre el se levanta un ingenio tan sublime. Con este , i buen empleo en las humanas, empeço a exercitarse en la Poesia, prometiendo de sus principios ratos fines a quien le mirava con juicio. Con estas letras, i adornos, juntos a las calidades de Cavallero, i galan, i entendido sobre modo, passando a Lisboa llevo tras si lo mejor de la Corte; i principalmente la hermosura , porque fue muy estimado , i favorecido de las damas. Al son de sus favores (apetitosissimo instrumento de los ingenios) escrivio la mayor parte de sus Rimas, i deste Poema. I ay tradiciones que una de Palacio fue la ocasion de su destierro: porque perdido por ella, i haziendola perder por si, fue el remedio el apartarle. Deste apartamiento se lamcta en aquella hermosa Elegia que comienza: *O Sulmonense Ovidio desterrado*, &c. Acordandose de aquel dulcissimo Poe-

ta que corrio la misma Fortuna; i llorandola como el, dize luego.

*A vida com que vivo desterrado
do bem que noutro tempo p'fui a, &c.*

El lugar deste destierro no esta claro ; aunque mas adelante dize, que desde donde el tava via el Tajo: asci.

*Vejo o puro suave, e brando Tejo
com as concavas barcas que nadando
vam pondo em doce efecto o seu desejo.*

Dali falo com a agua, &c.

I esto nos persuade a que creamos, que devia estar en la villa de Santaren , de que era natural su madre , i vecinos sus parientes ; i tendria alli algunos a que poderse arrimar , quando ya no la tuviesse a ella. I como essa ilustre villa esta eminente al Tajo, que se ve caminar a Lisboa, adonde estava la causa de su destierro , dezia a las aguas su tristeza, para que ellas alia la dixessen a su señora; i llorava el no poder ir a ella con ellas: embidiendo el verlas ir adonde el no podia.

VIII.

Finalmente devia perder las esperas de volver a Lisboa, i resolviose en servir por la guerra. Pasó para este efecto a la ciudad de Ceuta, por ventura combidado de don Antonio de Norona que passava alla , o assistia en aquella plaza: Cavallero de grandes calidades , i singular estimador de las del Poeta. Alli escrivio la otra excelente Elegia, que empieza: *Aquella que de amor descomedido*, &c. adonde dice deste modo.

*Ando, &c. ao longo de h'na praya, &c.
subome ao monte que Hercules Tebano
do altissimo Calpe dividio, &c.*

I esse monte que Hercules dividió del Calpe, i a que nuestro P. subia, es el Abila en Ceuta, desde el qual dice estava registrado antiguedades Africanas: asci.

*Dali estou tanteando aonde vio
o pomar das Hesperidas matando
a serpe que a seu passo resistio.*

De manera , que claramente consta destos lugares, que assistia en Ceuta quando los escrivio. I devia ser esto poco tiempo antes de su passage a la India, que fue el año 1553. pues aun se hallava en Ceuta don Antonio de Norona , la nueva de cuya muerte alli , llego a la India el año siguiente : i el la lloro luego en su gran Egloga 1. como adelante mostraremos.

Sirviendo en Africa , como no tenia nada de cobarde (según consta de quien le conocio , i de su primera carta , en que se precia de que nunca nadie le vio las plantas de los pies , aviendo él visto las de muchos) exponiase a los peligros ; i fació por testimonio desto, el sacarsele el ojo derecho con una centella , o ascuia resurtida de un canon encendido , i disparadode los Moros en el Estrecho de Gibraltar , sobre una fusta en que andava peleando al lado de su padre : de que parece, que el seguirle en este ejercicio, fue la ocasión

sion verdadera de su passage a Ceuta. En la admirable cancion 10. dize algo desto, que xándose del amor ; no porque él le tirasse essa llama, sino porque le llevó a los tiros dellas , el averle él tirado tanto con sus flechas : pues de amar tanto aquella dama le resultó aquella vida:assi.

*Fezme deixar o patrio uinbo amado
passando o longo mar, que ameaçando, &c.
Agora experimentando a furia rara
de Marte, que co os olhos quis, que logo,
vise, e tocase o acerbo fruto seu.*

IX.

Bien pondera el Chantre que esto fue en Africa, i no en la India; pues llegando allá, i escrivien lo su carta 1. dize: *Manuel Serrão, que fiz
que nos manqueja de bum olho.* De que se vè claramente , que ya iva ciego de aquel ojo , del Reyno, pues habla des de la India adonde acabava de llegar, como de cosa que llevava del, i que en él era notoria.

Bolvio de Ceuta a la Corte, traído por ventura de sus deseos amorosos , con achaque de pedir algun premio de sus ocupaciones militares; i mas trayendo en la mejor parte del rostro , por testimonio vivo dellas, una luz muerra. A lo menos con este alegava él a la dama difunta sus meritos amoroso ; pues en el Soneto 19. que es a la muerte della, dize:

*..... Aquelle amor ardente
que ja nos olhos meus tam puro viste.*

Aludiendo a que Marte le ofendio en los ojos, porque el amor della le entró tanto por ellos, que le hizo ir adonde se los pudiesen quitar. I assi se ha de entender esse trozo de aquel Soneto, no solamente con la propiedad del amor , que particu armente assiste en los ojos.

Mas buelto el P. a la Corte, vino a hallarse cō tantos inconvenientes para continuarla , que se resolvió en passar a la India a proseguir el ejercicio de las armas, de que se precisa en la e. 155. del c. 10. *Para servirvos braço as armas feito,* hablando con el Rey don Sebastian. Los inconvenientes, parece, fueron verse adelantado poco con la Poesia que soberanamente exercitava: i con singularidad algunas pendencias, como dà a entender en la carta 1. que desde allá escrivio; diciendo, *que agradece a si proprio el aver saib do buyr de los peligros que en Lisboa le armava los sucessos, los bumores, y las lenguas.* Aun ay quién quiera , que toda via bolvieron a encenderse los amores de Palacio , i que ayudaron a esta segunda ausencia. Quien aya sido esta dama no consta: consta que el Poeta con reboço, i cautela, dize el nombre de Violante en el Soneto 13. i esto insinua peligro en declararse , o cuidado en encubrirse. Agora dexó a los devotos de letanias de damas Palaciegas, el acordarse , o averiguar las que se llamaron Violantes en Palacio , bolviendo una docena de años atrás del de 1553. en q el P. se embarcó , que será desde el de 1541. i sin

A duda podrán assi venir en conocimiento de la tal Violante, si es que la uvo. Toda via el Licenciado Juan Pinto Ribeiro entiende , que ella se llamava doña Caterina de Almada su prima , i q la celebrava con el nombre de Natercia , cifra del de Caterina: como pirece del Soneto 70.

Quando Liso pastor num campo verde

Natercia crua Ninfas buscava.

I sobre esta advertencia noto yo, que tambien el nombre de Luis, que tambien se escribe Loi, està en el del pastor Liso : i oí declarar que estaba en un campo verde , parece lo asegura mejor aludiendo el P. a que la sierpe , que es su blason, en campo verde está.

Sea como fuere, el Poeta salió de Lisboa para la India tan scandalizado, que llevó propositorio de no volver a la patria , creyendo se vengava assi della; pues en la propia carta dice, que al salir del puerto dixo aquellas notorias palabras de Scipion Africano : *Ingrata patria non possidebis offames;* i como el Filosofo, que desterrado de su ciudad dixo, *que si le condonavan a que no viviese en ella, él la condonava a que se estuviese sin él.* Pero mudando de parecer (que al fin puede cantar el amor de la patria) bolvío a ella, i murió tan lleno de amor deila en Lisboa, que se cree fue la postrera cosa que escribió, una carta que contiene estas palabras : *Em sim acabarey a vida, e verebam todos, que fui tam afeiqiado a minha patria, que nam somente me contentei de morrer nella, mas de morrer com ella.*

C Mostrando claramente, q se acordava de los intentos con que salió de Lisboa para la India, i que si avia dicho las palabras de Scipion, no las avia ejecutado; i que avia podido menos con él la iagratitud, que el amor de la patria. Lo ultimo que ai dize, fue porque se via espirando en una triste cama , al tiempo que sobre la Corona Portuguesa se estavan echando fuertes, en tanto que (o dolor eterno) la tenia la inutil vejez del Cardenal don Enrique : i estava anteviendo el Poeta su ruina , i por esto la llama muerta.

X.

P assando, pues, el Poeta a buscar la vida, adónde su padre avia hallado la muerte, (auspicio malo si las fortunas se heredaran, aunque las adversas no estan tan libres de esto como las prosperas) se embarcó en la nave de Fernando Alvarez Cabral, que iba por Capitan de quattro. Era ésto el año 1553. i de la edad del Poeta 36. aviéndo nacido por los de 1517. Tenia el Virreyrado de la India don Alonso de Noroña , con quien luego se embarcó el Poeta en una poderosa armada con que iba en socorro de los Reyes de Cochim, i de Porcà. Dizelo el mismo Poeta en su elegia 1. en que con estilo valiente describe los encamientos de la partida , i los peligros de la navegacion , i despues aquel primer empleo militar:assi.

Desta arte me chegou minha ventura

a esta desejada, elong i terra. &c.
Foy logo necessario termos guerra. &c.
Que bñia ilha que o Rey de Porcâ tem
que o Rey da pimienta lha tomara,
fomos tomarlha, esucedemos bem. &c.

I tambien, que en dos dias despues de llegados,
fueron reduzidas a fuego aquellas islas , que el
Rey de la pimienta queria usurpar ; i él estrecha-
do a pedir misericordia.

El año 1555. passò el P. al Estrecho de Meca,
sobre que se levanta el monte Felix, en una ar-
mada de que fue Capitan Manuel de Vasconcelos,
adonde se detuvo algun tiempo. Consta esto
de su cancion 9. en que elegantemente describe
aquele pedaço de mundo, i toda su alma entregue
al sentimiento de la ausencia de sus amores.

*Intu de hum seco f-ro, esteril monte, &c.
cujo nome do Sulgi introduzido
be Felix por antifra, si infelice, &c.
Aqui, &c. me trouxe hñ tempo e teve
minha fira ventura.
Aqui nessa remota, affera, edura
parte do mundo quis que a vida breve
tambem de si deixasse hñ breve effasso;
por que ficasse a vida
pello mundo em pedaços repartida.*

Pero no la compuso alli , como piensa el Chan-
tre, pues dice el P. Aqui me truxo un tiempo, i tu-
ve mi ventura. En que habla ya de lo pasado : i
toda ella es relacion que haze a su amada, de que
fue alli, como quien ya se hallava en otra parte: q
devia ser en Goa ; adonde es cierto se vino a re-
coger la armada en que passò alli : i adonde el
ocio pudo dar lugar a esta ocupacion : i a otra q
le truxo nueva inquietud ; porque escrivió una
satira que intitulò : *Dissipates*: i despues otra q
llamò : *Relacion de fiestas en Goa* : i andan en sus
Rimas, i contienen motejos de algunos vicios de
personas que en aquel tiempo no eran las ultimas
de la ciudad : i resultando quexas desto, re-
sultò dellas prenderle , i desterrarle para la Chi-
na Francisco Barreto, que governava la India el
año 1556, i este es el mandato que el P. llamò
injusto , i de que se lamenta en la est. 128. del c.
10. aviendo ya tocado esto en la 80. del 7. i des-
pues lo toco en la canc. 10. de sta manera.

*Em sim nam ouve transe de Fortuna, &c.
(Injusticas daquells que o confi so
regimento do mundo, antiguo abuso
faz sobre os outros homens poderosos)
Que eu nam passo, &c.*

I en sus primeras admirables redondillas tiene
por tan injusta esta pena, que muestra desear, por
vengança contra quien se la dio , la noticia per-
petua de tanta injusticia , diciendo que desea
verla esculpida en materia inmortal: assi.

*A pena deste desterro,
que eu mais desejo esculpida
em pedra, ou em dure ferro, &c.*

Esta , pues , fue la causa de su estada en aquellas

partes; adonde vio parte de lo que describe en
algunas estancias del c. 10. i tambien la cancion
6. entra describiendole , i diciendo que en ella
estuvo cargado de sus pensamientos , tristezas, i
fortuna siempre adversa.

X I.

D Espues pasò a Macao con el oficio de Pro-
veedor mayor de los difuntos; adonde con
el descanso devia dar alguna buena mano a este
Poema; pues ya quado salio perdido en el puer-
to, ó margen del río Mecon, hablo como de co-
sa concluida, diciendo en la e. 128. ai citada, que
allí salvò esta obra que traia consigo. Aviendo
salido naufrago en aquella playa del Mecon , o
bien del seno aniplissimo en que él desboca , i
entra en el mar , por donde venia navegando , i
hallandose en miseria estrema, i procurando re-
pararse , se detubo algunos dias con bidado de
humanidad, i abrigo que hallò en aquella tierra,
como parece de la propia e. 128. Este recibió
placido e brando. Aquí se cree aver escrito aque-
llas admirables Redondillas, a imitació del Psal-
mo: *Super flumina Babylonis*. La la verdad, ellas
están tales, que bien muestran ser hijas de espíri-
tu , que a poder de trabajos estaba reziamente
entrado de compuncion de culpas : porque sin
impulsos semejantes no ay escribir cosa tan bue-
na, ni en la tristeza, ni en la alegría.

X II.

R Eparado el P. holviò a siirse al mar; illegò a
Goa, segun parece , el año 1561. teniendo
el cetro de la India el Virrey don Constantino
de Bragança (hermano del Duque don Teodo-
rio) a quien el P. fue muy aficionado, i celebrò en
aquellas bonissimas estancias , que andan en sus
Rimas, ofrecidas al mismo Virrey, que siempre
D le hizo mucha merced, como su hermano ; i por
ventura, que el verle con el governo de la India,
le truxo mas presto a ella desde Macao. Vivio el
P. contento mientras aquel excelente varon la
governò, que fue poco ; i aun esto fue menos que
el acabarse (acabado su governo) la modestia
Portuguesa en toda la Indiæ: porque despues d'el
no fue mas vista : dandose todos desenfrena-
damente a la codicia, sin poderlo reparar el Conde
de Redondo que le sucedió , i favorecia tambié,
como Cavallero grande , a nuestro gran Poeta.
Toda via no bastò este favor a librarte de que

E fuese acusado por culpas que le imponian , co-
metidas en el cargo de Proveedor que tuvo en
Macao , (i que parece con la presencia de don
Constantino no se escucharon) ni de que fuese
preso. Desde la carcel se mostró sin culpas, pero
no sin deudas; porq un Miguel Rodriguez Fios-
fecos le embargò en la prisión por a gunas: sobre
que el P. desde allí escrivió unas coplas al V-
rey , que andan en la segunda parte de sus Ri-
mas, i comienzan:

*Qual demonio ba tam danado,
que nam tem a cutitado*

*dos Fios fecos da espada
do fero Miguel armado?*

Itambien se vè de las, i otras obras, que en la corriente de los trabajos se estava burlando de los: cosa muy propia de los hombres tan grandes como este, que sobrepujan con el animo la Fortuna: aunque en esto de dever, y burlarse de aquellos a quien se deve, no le faltan oy muchos compañeros a nuestro P. sin las calidades, toda via, de su grandeza; que si a los ojos de la vanidad, i de la ignorancia lucen poco, a los de la razon i de la fama son las primogenitas de la gloria. Libre el P. continuò el servir en las armadas, como los otros Cavalleros, siempre consignulares muestras de valor.

XIII.

HAllandose pobre, i ofreciendole bonanzas Pedro Barreto, que passava a ser Capitan de Zofala (sin acordarse de lo mal que le avia tratado este apellido, pues Francisco Barreto le avia arrojado a la China) se fue con el. Mas como promessas de hombres ordinariamente son vanas, como fundadas en caprichos de que luego varian; el Poeta experimentandolo, tomò por resolucion entrarse en una nave que alli avia llegado de passage para el Reyno, en que venian Eitor de Silveyra, Antonio Cabral, Luis de Vega, Duarte de Abreu, Antonio Ferram, i otros Cavalleros. Pero estando de acuerdo con ellos, lo experimentò mejor; porque Pedro Barreto, q no le avia hecho aquellas promessas para mejorarle con la ejecucion dellas, sino para entretenersse con la grandeza de su ingenio (lastimosa desgracia, que un hombre a quien Dios hizo grande sin potencia, se vea reduzido a depender, i ser entretenimiento de otros, a quien la fortuna hizo poderosos sin grandeza¹) viendo que se ivale pidiò como deuda dozentos ducados, que con el (dijo) avia gastado en traerle a aquella plaza: i estos Cavalleros que le querian traer le rescataron, i le truxeron: de manera, que a vn mismo tiempo la persona de Luis de Camoës, i la gloria de Pedro Barreto, fueron vendidas por ese precio. Entraron en el puerto de Lisboa el año 1569. en que toda ella estaba ardiendo en pestilencia; para que siempre el Poeta, huyendo de una viniese a parar en otra. Ya entonces tenia el Rey don Sebastian tomado el govierno; aunq el Chantre diga que no; porque viniendo (como el confiesa) Luis de Camoës el año 69. el Rey avia entrado a governar el de 68. i de su edad catorce.

En rever este Poema, i sazonar la gracia del Rey don Sebastian, para publicarle con algun favor suyo, se passaron tres años, i publicòle el de 1572. dando con el un estallido en todos los oídos, i un resplandor en todos los ojos de los que tenian ciencia sin arrogancia. Mas quien es arrogante que pueda ser ciente? Que no es creible ver quantos ay, que pretendieno que estimemos

mucho lo que hazen, desestiman quanto ven hecho. Torpissimo engaño! Al fin pañose Europa; porque al fin en toda ella no avia salido Poema heroico (que no fuese Griego, o Latino) con acierto. Porque si el Ariosto avia empañado la palma de la eloquencia, facilidad, dulcura, y terminos Poeticos, nuestro Poeta se la arrebatò de las manos, con tener lo mismo aventajado en partes, i mejor orden en todo. Torquato Tasso vino despues, i asì no tiene gloria, que no sea segunda a la de Luis de Camoës; que por lo que ai acabamos de dezir, es el padre de la Poesia de Europa despues de Griegos, i Latinos que merecieron nombre por ella; i que primero cotojo en este Circo, i felizmente imito, i aun vencio en algo, la grandeza Virgiliana. I porque no falta quien dude, de si nuestro P. fue primero que el Tasso, conviene saber, que no lo fue menos que con 27. años de distancia: porque el Tasso, como consta de su entierro, que vimos en la Iglesia de san Onofre desta ciudad de Roma, nacio el año 1544. aviendo nacido el Camoës por los de 1517. Yo he averiguado quando estampò la primera vez su Poema, aunque no hallé esto en personas de buenas noticias. Lo cierto es, que se imprimiò el año 1581. i aun no entero entonces: porque en la impression del año 1582. que fue en Venecia, como es otra, dice Celio Malespina en la dedicatoria escrita este año al Senador Juan Donato, que agora le ofrece entero el Poema del Tasso, que el año pasado le avia ofrecido no entero: tal era la fama de aquel escrito, que le hizo imprimir la primera vez imperfecto, assi como lo pudieron coger: i este mismo año ya el Tasso estaba falso de juzgio, como lo confiesa Felipe Pigafeta, en el discurso que se sigue a aquella carta. Despues que el Tasso bolviò algo en si, dio a la estampa la Conquistata el año 1592. pareciendole que se vengava de los q le imprimieron la Liberata sin su consentimiento, i de su Mecenas, de quien no se hallò satisfecho. De modo, que esta segunda obra saco el con mas de 20. años despues de aver visto la de Camoës, i la primera con casi diez: porque este Poema fue impresso la primera vez el de 1572. como ya se dijo. Concurron a esto las imitaciones, que seria duro de negar, del Tasso en lugares de los que mas le ilustran, como se vera por todo esse comento. Asì se vè, que el Camoës no alcanzò a ver el Poema del Tasso, pues murio dos años antes de su impression.

XIV.

DEspues de la impression deste Poema se rebolvieron las cosas en el Reyno de manera, con el passage del Rey don Sebastian a Africa; i en el Poeta con sus disgustos, i enfermedades, q para ser triste, aun no le bastaron siete años que vivio despues; huyendo hasta del desahogo de los atormentados, que es la quexa; porque en todo aquel tiempo no se halla, que escribiesse cosa

cosa alguna de gusto; i de pena pocas. Assi vino a morir en vn Hospital (dizen algunos) que es la executoria de la miseria; i quando fuese en alguna casa de posadas, como parece, pues (dizen otros) le embió un Cavallero la sábana en que le embolvieron para enterrarte (i esto no se suel embiar a los Hôspitales a este punto) no es executoria menos calificada desse genero. Fuese a donde fuese la cama, èl la ocupó en tal estado, q en una carta que allí escribió, ya sin esperanza de vida, dixo entre otras cosas: *Quem ouvio dizer nuncia, que em tam pequeno teatro cor o de bù pobre leito, quisesse afortuna representar tam grandes desaventuras? E tu, como se ell as num baist, jsem, me ponho ainda de sua parte; porque procurar resistir a tantos males, pareceria especie de desvergonhamento.* A quello de, *pôbre leito*, claramente dà a entender que fue en Hospital; cuyas casas con propiedades se llaman pobres, aunque fuesen ricas, porque son de pobres i desamparados de la fortuna; i el P. las llama así en la e. 23. del c. 10. quando dice: *Morrer nos Hôspitaes em pobres leitos.* I vease lo que allá diximos. Yo verdaderamente me duelo mucho del Poeta, quando me párto a contemplarle en el trance dessas palabras; pero mucho más sin comparacion de la patria, adonde se vio usar esto con un tal hombre. I si el dezirlo, de alguna manera pudiera ser vengança d'él, le vengaríamos de buena gana. Mas como el proprio advierte en la e. 93. del c. 5. *A muitos lhe dà pouco, ou nada disso.*

XV.

Despues de su muerte algunos años, el Licenciado Fernando Rodriguez Lobo Zurupita (Letrado, no de los que aun son barbaros en las mismas letras, sino ingenioso, i gran Poeta, i Cortesano) juntó, i ordenó lo principal que entonces pudo hallarse de las Rimas varias del Poeta, i las hizo imprimir el año 1595. En las ediciones siguientes se fueron añadiendo algunas cosas, i tambien quitando algunas, con más impertinencia que importancia; como tambien en este Poema se quitaron seis, o siete, que ya no se quiran; porque tan grandes hombres como este, en letras, juicio, i calidad, no dizen cosa que no sea para ser dicha. Modernamente se estamparon el año 1616. otras Rimas con su nombre, i titulo de Parte segunda de las suyas, en que bien parecen tuyos los Sonetos, una Elegia, una Cancion, i una Oda, i pocas Redondillas, i dos Comedias de las que se usavan entonces; una es en parte traducion de los Anfitriones de Plauto; otra los amores de Filodemo. Lo demas no es tuyo, i menos los tres Cantos de la composicion del hombre; pero es en un librero codicia de más hacienda, el apropiar a un Varón famoso escritos ajenos, como en un codicioso de honra el usurpar el apellido, i blasfon que no le toca. Critico Tomo I.

Amen con buent disculpi; porque los gran les apellidos, i los Autotres gran les, antes quedan hourados que diminuidos, en essa que al parecer de los que alcançan poco se figura afrenta.

XVI.

Como el Poeta peregrinò tanto, hemos de feado averignar las tierras, y el tiempo del mundo, i de su edad en que escribió estas obras. Deste Poenia, no ay duda que tenia escrito mucho quando passò a la India; i que desde sus priñeros años le tuvo en la idea; porque en la Egloga 5. que se intitula de su puericia (i lo parece, aunque con bonissimas luces, que la hazen Autora benemerita del gran resplâdor que tras si tru xo) entra la e. 4. asì:

*Em quanto eu aparelho bù novo espírito,
e voz de Cisne tal que o mundo espânte.*

I en la Egloga 4. que tambien es de sus primeras cosas, invoca la dama (devia ser la Violante que celebra en el Soneto 13. o la Catalina que en el 70.) i dice así:

*Podeis fazer que creça de hora em hora
o nome Lustano, e faça enveja
a Esmeralda que de Homero se engrandece.*

CI esto claramente es hablar de este Poema, que ya traia entre manos: porque Homero solamente por semejantes obras es conocido. I assi como invocò el favor de su dama para esta Egloga, le invoca al principio del Poema (i por ventura le tenia invocado ya quando le invocò en la Egloga, porque esto supone lo dicho en esos tres versos) pues entra en la e. 3. diciendo: *E vos Tagides minhas, &c.* No haga duda el plural, que por el singular es frequente en los Poetas. La Ode 7 escrita a don Manuel de Portugal, tambien es del tiempo antes de passar a la India; y a habla de este Poema como de cosa que andava en la fragua, i tenia ya forma, i alabâci, quâdo dice:

*O ruivo canto meu que resucitâ
as honras sepultadas,
as palmas ja passadas
dos belicosos nossos Lustianos,
para tesouro dos futuros annos, &c.*

Il aunque se puede decir, que el Poeta escribió esta Ode despues de aver buelto de la India, porque don Manuel vivia entonces, i aun vivió mucho despues, los terminos della muestran, que la escribió antes: singularmente quando dice:

*E sacro o nome vozzo
farey se algñi a confia em verso posso.*

Iesta oferta no era para hechiz despues que el P. vino de la India: porque ya entonces trataba çâ poco desto, que respondió a Ruy Diaz de Camara, pidicndole una obrecilla, que ya no estava para esso, como veremos adelante: i aun parece que el P. temia pernamiento de ofrecer el Poema a don Manuel, quando le componias porque le dice tambien alli.

B

Por

*Por Mecenas a vos celebro e tenho,
i abaxo le encarga el oficio de Mecenas.
.... O rudo canto meu, &c.
com vosco se defende
da ley Letea, a aqual tudo se rende.*

Las estancias con que capta la benevolencia al Rey don Sebastian al principio, i las con que le aconseja a lo ultimo, claramente se escrivieron despues que llegò de la India. Lo mismo creemos de aquellos con que reprehende al mismo Rey, i a los Ministros, i al Govierno, al fin del can. 5. al fin del 7. i las 54. 55. del 8. i las 4. de la 26. del 9. El canto 10. muestra, que se escrivio en la India casi todo, i particularmente en la China, o Macao, adonde estuvo de espacio con aquel cargo de Proveedor, i escribe aquella Geografia, i lo notable de la tierra, como quien vio della buena parte. Aquella e. 128. en que se lastima sobre su naufragio, de lo mas que le tratavan, parece ser escrita en el puerto del Mecon, luego que salio alli; i que fue esto el año 1560. i de su edad 43. (conforme a la cuenta que ai dexamos hecha) i corresponde este numero con el que ajustamos sobre la e. 9. del c. 10. i en la 145. del mismo, las ponderaciones que hazemos a este propósito sobre dos lugares suyos.

De manera, que el creerse que la mayor parte deste Poemaiva escrito de Portugal quado passò a la India, no es dificil; i menos el ver que desde sus primeros años le comencò: porque las dos Elogias 4. i 5. en que ya nos dava noticias del, son ellos, como luego se verà: i quando no le comenzasse sino a los 20. (que en tan vivo, i osado ingenio, es bien creible) le truxo entre manos 30. años, pues naciendo por los de 1517. i imprimiendole el de 1572. son 55. i quitados los 20. quedan 30. i quando menos 20. Si nos uvieremos de dexar creer (yo alomenos no lo dudare mucho) que el Poeta escrivio este Poema incitado de aver leido las primeras dos Decadas de Juan de Barros, porque totalmente va tras el en lo historico: i en el estilo le imita en algunas partes, como dexo descubierto en las Notas. Aunque de creer es, siendo hombres tan grandes por los estudos, i enamorados de un propio asunto, que se comunicarian, i que mucho antes que el Barros imprimiesse las Decadas, las veria en su mano el Poeta. I quando no fuese assi, aviendose ellas impreso el año 1552. i el Poeta embarcado para la India el de 1553. aun queda en pie lo que diximos de q el primer bosquejo se hizo en Portugal en este tiempo que corriò desde la impression de las Decadas a su partida; i tambien se le diò en Lisboa la ultima lima, pues el Poeta se detuvo dos o tres años primero que le imprimiesse el de 1572. i assi quando menos, son veinte los que truxo consigo este Poema. Pero la verdadera cuéta es, que son 30. i aun más, porque estas dos Elogias, que ya dan

señas del, son notoriamente de su puericia, i A essa no llega a los treinta y cinco años de edad, que el Poeta tenia quando salieron las Decadas, o treinta y seis, quando se embarcó para la India. I los otros versos q're ai quedan citados de su Ode 7. muestran que el Poema ya tenia forma, i opinion quando el Poeta la escrivio: i esto no se podia conseguir en un año que uvo desde la impression de las Decadas a su passaje. I pues la puericia no llega a los veinte años, ni en las cuentas mas largas, y aquellas dos Elogias son della, y dan ya esperanças deste Poema, preciso parece que creamos le diò principio a los veinte años como ai diximos. I no haze contra esto el imitar en el las Decadas, q no se imprimieron si no el de mil quinientos y cincuenta y dos, porque las pudo ver antes mucho en la mano de Juan de Barros, como tambien hemos dicho. I tambien pudo tener acabado el Poema quando salieron las Decadas, y viendo que en ellas avia lugares dignos de seguirse, irlos enxiriendo. I assi es cuenta más ajustada, que el Poeta truxo esta obra treinta años en las manos, componiendola, limandola, i lamiendola. Finalmente concluyo, que el Poeta no dixerá en la estancia 79. del canto 7. con una gran representacion de largo tiempo, lo mucho que avia que andava cantando esta accion, si no fuera lo que diximos, poco mas a menos. Dize desta manera.

*Olbay que ba tanto tempo que cantando
o vosso Tejo, e os vossos Lusitanos,
afortun'a me tras peregrinando,
novos trab.alhos vendo, e novos danos.*

I desto se ve, que el Poeta estava aun en la segunda peregrinacion, que fue la Asia, pues dice D metrae, no metruxo: aviendo sido la primera la Afrika, segun ya descubrimos. Pues si el Poeta dixo esto en la India, y casi al fin deste Poema (pues es al fin del canto septimo) siguese, que lo mas del llevava escrito del Reyno, i que en él avia ya noticias deste canto, pues hablando con las Ninfas del propio Reyno en estos versos, les habla desta obra, como de cosa que ellas avian visto ya antes de su ausencia. De manera que siempre ella le llevó los años que diximos. I fabrica tan gráde en cuidado, aciertos, armonias, y misterios, no avia menor tiempo: antes au este se deve tener por más breve para ella, que los once para las Termas de Diocleciano. I tambien no son muchos, para q advierten los que le hallau defectos, y facan un Poema cada semana, quantas serán las perfecciones del. Yole quise imitar en esto, ya que no pude en la bondad, pues pasó de 24. años que traygo entre manos este Comento. Oxala sea tan cuerdo como es viejo: que la vejez (ya lo experimentays) no siempre satisfaze a sus encargos, siendo el primero la cordura.

O buen

O buen Dios , como favoreces las honestas ocupaciones! O judiciosos Lectores , amigos de hallazgos de monumentos doctos ! Hasta aqui tenia yo discutido con mis pensamientos , i conjecturas sobre esto de lo que tardò nuestro Poeta en esta Musica , quando al punto que se empezava la impresion destos Comentarios , encuentro casualmente dos manuscritos deste Poema . El primero , i de mas estima , aparecio entre unos libros viejos de Pedro Coello , librero en esta Corte de Madrid ; es una copia de los primeros seis cantos , escrita antes que el Poeta passasse a la India : con que me hallo mas contento que un ignorante ; mas loco que un enamorado ; i mas soberbio que un rico . I porque ella me honra grandemente , confirmindo lo mucho que por conjecturas , i juizios avia dicho sobre el Poeta , i sobre el Poema en este Comento , referire particularidades della . Primeramente està escrita de letra buena , i conocida , porque es la misma de que Juan de Barros tenia escrita su quarta Decada , que yo vi : i su Geografia de que tengo dos quadernos : i de que yo tuve escritas las obras de Francisco de Sá de Miranda , que vinieron a caer en la libreria de un Cavallero que mostrava estimar libros , desestimando mucho los Autores dellos . Fenece esta copia con està declaracion : *Estes seys cantos se furtaraõ a Luis de Camoës da obra que tem começado sobre o descubrimento , e conquista da India por os Portugueses . Vam todos acabados , excepto o sexto , que posto que vay aqui o fim delle , faltalhe hñab: storia de amores que Leonardo contou estando vigiando , que ha de prosiguir sobre a Rima 46 onde logo se sente bem a falta de la ; porque ficafria , e curta a conversaçam dos gigantes ; e o proprio canto mais breve que os outros .* Luego comuniqùe este gran hallazgo a don Tomas Tamayo de Vargas , a los Doctores Juan Salgado de Araujo , Abad de Pera , fray Francisco Brandam , Miguel de Vim Bodino , i al Licenciado Juan Pinto Ribeiro , que se hallan en esta Corte , i que con su gran deseo de los grandes estudios me embidijaron esta dicha , i estuvieron por gran espacio atentos a mirarla , i reboverla , estimandola mucho mas , quando vieron en ella muchas estancias que no estan en el Poema impresso ; i muchas enmiendas , i mucha variedad . I porque de todo esto se ve patente mucho de lo que yo pretendia vencer con argumentos , apuntare algo dello . Sea lo primero lo tocante a lo que ai acabe de tratar , de que el Poeta truxo esta obra entre manos algunos treinta años . Esto confirma bien el verse que esta copia es antes de su partida para la India por estas razones . Ello es cierto , que de la India truxo el Poeta acabado este Poema , i luego que llegò tratò de impirmirle ; siendo esto assi , como es , ni avria ya ansias de copiarle ; ni se hallaran solamente seis cantos contanta variedad , i faltas , i sobras : ni dixerla

declaracion del copiador , ó de quien le mandò A copiar , que ellos eran de la obra que el Poeta tenia comenzado ; si este hurtio no se le hiziera antes de su partida para la India . Pruevase tambien que la empeço moço : porque algunas de las estancias reprobadas tienen de lo nueril , como en su lugar diremos . Pruevase tambien con esta copia lo que diximos de la estimacion que se hazia deste Poema , aun antes de acabado , pues assi como iva escriviendo se lo iban hurtando . Pruevase de la misma suerte lo dicho , de que limava , ponia , i quitava mucho ; pues no siendo ya estos los primeros , ni aun serian los segndos borradores , apenas ay estancia en estos seis cantos , que no tenga alguna alteracion en lo que imprimiò : i en muchas dellas notablemente , como veremos en las lecciones varias que pondré aparte ; i en las estancias que mudò enteras , o quitò , o añadiò , que pondré en sus lugares ; i son estos . En el c. 1 . añadio la e. 32 . La 77 . es casi toda diferente ; i entre esta i la 78 quitò dos ; i añadiò una , que es la misma 78 . i hizo notable mudanza en la 79 . i despues de la 80 . quitò otra . En el c. 2 . no ay alteracion en el numero de las estancias , aunque la aya en muchos versos . En el 3 . la ay deste modo . La e. 10 . es muy otra : entre ella i la 11 . avia otra ; la 12 . tambien tiene mucha diferencia ; tienela tambien la 21 . la 29 . es toda muy otra , i notable la mudanza : la 67 . casi otra : la 117 . es añadida toda : assi las 140 . 141 . En el c. 4 . quiriò tres estancias entre la 2 . i la 3 . los primeros 4 . versos de la 3 . son diferentes , quitò una despues de la 11 . i otra despues de la 17 . la 25 . es totalmente otra , aunque trata la misma sentencia : otra quitò despues de la 27 . i despues de la 33 . otra : i despues de la 35 . quitò tres , que nombravan algunos Portugueses muertos al principio de la batalla de A jubatrotta : la 38 . acaba cõ gran diferencia ; i despues della condenó otra ; poniendo otra por ella . Despues de la 40 . quitò 8 . juntas , que nombravan algunos Castellanos de los que tambien alli murieron . Despues de la 44 . quitò dos . La mitad de la 49 . es otra muy diferente : i luego quitò dos : la mitad de la 61 . tambien es muy otra : i otra reprovò despues de la 66 . i dos despues de la 86 . En el c. 5 . es añadida la e. 13 . En el c. 6 . quitò una e . despues de la 24 . En la 36 . faltavan dos versos . Despues de la e. 41 . reprovò cinco , i la orden que llevava , mudándola , como allá veremos . La 81 . casi toda es diferente . Despues de la 94 . quitò 7 . con que fenece el c. i puso en lugar dellas las 5 . con que le fenece . Oxala alcançaramos los otros quattro cantos que faltau , para que vieramos tan gustosas alteraciones : si es que el P . los tenia compuestos a este tiempo . Esto del primer manuscrito . El segundo aunq no es de tanta estima , porque teniendo infinitas alteraciones , se ve claramente que no son del P . lo es , porq tiene muchas estacias entre ras

res are son suyas, i que tambien reprobò al imprimir el Poema. Hallé esta copia en manos del Doctor Fernau lo Cardoso, amigo destos estudios, aunque no tuviesse reconocido lo que avia en ella. Ella es escrita de la mano de Manuel Correa Mótenegro, hombre algo conocido por sus estudios, i singularmente en lo historico: tiene en las margenes algunas notas de poco fondo, i prometia en el Prologo dilatarlas en una tabla. El titulo dice assi: *Lusiada de Luis de Camoës, agora nuevamente reduzida por Manuel Correa Montenegro. &c.* I en la dedicatoria que escrivia al Duque de Bragança don Teodosio desle Silamanca, en quinze de Agosto de 1620. dize deste modo: *Encontrey os dias passados esta obra, e determiney restituila, e emendala de muitos erros. &c.* I en el Prologo dice esto: *Começou Luis de Camoës a ilustrar a lingua Portuguesa, reduzindo muitos vocabulos antigos e obsoletos, e induzindo outros de novo tomados da Latim. &c.* que se ouveria. *Escrivores que despois o ajudáram, facilmente se remedeariam es faltas da noſſa lingua. &c.* E assi desejando eu remedear em parte tam grande dano, determiney fazer imprimir esta obra, &c. I mas adelante dice: *E porque trabaſt am iluſtres nam ſe defourem, nem menos ca- bem em nada, avemos buſcado biu original dos mais antigos, ao qual naõ falta nada de quanto o Poeta escreveo.* I luego abaxo dice lo siguiente: *En- trando na materia mudamos todos os versos Esdruxulos, i agudos, por ser muy mal parecidos em estilo heroico, ao menos no tempo de agora: troca- mos algumas palavras por outras ao parecer melhor ſoantes, &c.* I confiesa (si bien con modo ſufri- dor de explicacion) que dà añadidas en aquella copia algunas octavas, que parece reprobò el Poeta al imprimir el Poema: i ello se dexa ver facilmente por dos razones clarissimas: una de- zir el Mótenegro que le dà restituido, i que vi- uo a ſus miños el Poema; que todo arguye no- vedad, i esta no se podria entender de lo impreso tantas vezes por discurso de casi cincuenta años. I el decir luego abaxo, que hallò un original de los mas antiguos en que no falta nada de quanto el Poeta escrivio, asegura todo ello mucho mejor. I asilas enmiendas, i añadiduras que cuenta por suyas, luego lo parecen, porque el querer variar de palabras le hizo desordenar la armonia de Luis de Camoës: i mucho mas el querer purgarle de los agudos, i Esdruxulos: aunque estos ſon tan pocos, que ſolamente los ay en tres lugares, con la ponderosa condicion que advertimos sobre la e. 19 del c. 5. i pudiera ſer en quatro, ſi el Regia, i el Egregia de la e. 85. del c. 9. fueran Esdruxulos como él pensò, i pien- san otros. Las lecciones varias que en esta copia pueden ſer del Poeta irán tambien juntas a las otras: i las octavas que en ella ay del Poeta, i que el reprobò al tiempo de la impression, irán tam-

bien en el comento debaxo de aquellas a que ellas ſe seguian, que ſon estis. En el canto 6. ay una despues de la 7. En el 8. tres despues de la 32. una despues de la 36. En el canto 10. despues de la estancia 72. aparecen diez juntas: i onze despues de la 82. i despues de la 141. ay otra. I el no eſtar en esta copia las otras etan- cias reprobadas del Poeta, que están en la pri- mera, nos enseña que el original de que ella ſe facò era ya purgado por el Poeta; i que lo fue despues de venirlo de la India, quando le andu- vo limando para imprimirtle: i la gran leza de las estancias mueſtran bien, que las escrivió en Lis-boa, ya en aquella edad ſolda: i el quitarlas al imprimir (por mas que eran tan exceilentes) pudo ſer por las razones que aſuntamos en los hi- gares en que las traemos. Otros tienen para ſi, que el Poeta dio principio a esta gran fabrica en la India. I Juan Pinto Ribeiro me dixo, que per- ſona que le conoció, i traro otras que le cono- cieron allá, dezia que en Zofala, o Mombasa, avia el Poeta amanecido un dia, prometiendo, insperadamente este escrito, como ſi aquella no- che le uviſſe ſi jo inspirado por algun divino medio. De la grādeza, i misterio dèl, bien ſe pue- de ſospechar algo deſto: i ſi fuſſe assi, qualquier tiempo, aunque muy breve, le bastava para obrar tanto, porque el cielo para obrar no ha menester tiempo. Pero ſi no fuſſe assi, bien uvo menester de lo que le concedemos, porque para obras que tienen tanto de divino, no ay du la que hu- manamente neceſitan de largo tiempo. Cada uno en lo que no es de Fè puede creer lo que quisiere; que ni yo quiero que el Poeta eſcrivese por milagro, ſino por ingenio, por estudio, por arte, i por trabajo.

Digo ſolo, que quando el Poeta no llevasse de Portugal este Poema con la forma, a lo menos llevava mucho dèl en troços; porque es cierto, que muchas de as estancias reprobadas del pri- mer original con que me hallo, ſon evidentemente del tiempo de moço, i que él no paſſo moço a la India, ſino ya en la edad que dixi nos, i en que eſcrivia una tal Egloga como es la pri- mera, i una tal Elegia como es la primera tam- bien, que admiran con ſu grandeza, i no conſien- ten que quiē las escrivió uviſſe de eſcrivir aque- llas etancias reprobadas, ſino al tiempo que ſe eſcrivieron las dos Eglogas quarta i quinta, que tienen mucho de la propia calidad. Esto ſin lo diſcurrido arriba, que nos parece ajuſtado.

XVII.

DE Las Rimas varias, diremos agora La pri- mera cosa es la Egloga quinta, que ſin duda es de los principios de ſus estudios en Coimbra; i al de ſus amores que allí tuvo, imitando en ella algunas etancias de Serafino Aquilano, que entonces corria con gran aceptacion. El Soneto

3. de la parte 2. que citamos al principio, es a la despedida de Coimbra. La Egloga 4. o es del mismo tiempo, o de lo primero que escribió llegado a Lisboa, ya empleado en los segundos amores: si bien la canción 4. aun suspira por los primeros del Mondego. La Ode 7. ya es de la Corte: i el Soneto 17. a su Violante, bien muestra ser de quando andava en su punto la amorosa llama. El 24. parece escrito a la despedida, quando se embarcó: i el 25. despues que iva navegando, lassimandose de la desesperacion que le seguia de bolver a ver a su amada: i conforina esto con el propósito que llevava de no bolver a la patria, como confiesa en su primera carta que ya citamos. El 27 prosigue con la misma desesperacion, sin poder olvidar el amor. El 28. i todos los amorosos significadores de su pena dulce, hallandose glorioso con padecerla, todos son escritos en la presencia del objeto de su amor: porque despues que se ausentó no se sabe que tuviese otro, ni que dexasse de llorar la ausencia, como luego mostraremos. El 39. es al averse quemado en el rostro doña Guiomar de Blasfè, dama de Palacio, como consta de las Redondillas, que hechas al mismo asumpto traen ese titulo Los Leñores del Flos Nympharum fabràn su vida, i edad, i tiempo della. El 40. mucho parece de la despedida de sus amores de Coimbra, despues de hallarse en Lisboa; i por dicha despues de averlos deixado por estotras: como tambien la primera glossa de las suyas, que es al motte: Campos bemaventurados. Porque campos, alegres, hermosos, &c. que encarece la glossa, i el Soneto, en siendo de la otra parte del Duero al Tajo, son propriamente los del Mondego. El 44. tambien es a la despedida de Lisboa, como el 24. El 51. i 52. parece sucedieron al 25. El 54. corrió tras el 24. El 56. huele al motivo del 40. El 59. es epitafio al Rey don Iuan Tercero. El 62. respuesta a otro de un amigo, por los consonantes, como se usa. El 73. acompaña al 47. El 77. que contiene el tiempo en que se enamoró, sino fue escrito entonces fue poco despues: i assi queda siéndo de sus principios en Lisboa: i muestra el P. en él, que sus amores tuvieron la fortuna de los de Petrarca, en aver nacido en la Semana Santa, i en la Iglesia; o en la Iglesia del titulo de las Llagas en Lisboa, segun Iuan Pinto Ribeiro entiende del Soneto 77.

O culto divinal se celebrava
no Templo donde toda criatura
louva o Feitor divino, que afeitura
com seu divino Sangue restaurava.

Aunque el ser en aquel Templo parece lo encuentra el tiempo que el P. describe en otros lugares. El 83. es a la muerte de la Real doncella Infante doña Maria, que estimava mucho al P. i assi fue escrito en Lisboa año 1579. en que ella i él murieron: que viene a ser por ventura lo ultimo que el P. ha escrito.

XVIII.

A LA Cancion 1. bien muestra que es del tiempo del Soneto 13. assila 2. i la 3. La 4. claramente se escrivio en Lisboa, poco despues de llegado de Coimbra, que contiene sentimientos de ausentarse de la amada: i assi es señal, que aun no tenia principiado los amores que despues tuvo en la Corte. La excelentissima Ode 6. me haze dular, fise escrivio en Santaren, quanto le desterraron la primera vez de la Corte; i en Ceuta; si en la India: inclinome a lo primero, por las razones que algundia se verán sobre ella, pues agora no caben aqui. La Elegia 2. en Ceuta. La 3. antes de passar allá; mas ya fuera de Lisboa, i creemos que en Santaren, por las razones ya ponderadas al principio. La quarta, o tercetas, es en alabanza del libro que escrivio del Brasil Pedro de Magallanes, i anda en él, que se imprimió el año 1576. La 5. que llama Capitulo, es a imitacion de otros dei Serafim, i del tiempo de sus amores en Lisboa.

XIX.

LAS Eglogas 2. 3. 6. 7. admirables, son escritas en el tiempo que la vez primera asistió en la Corte, abrasado en aquellos amores, descriviendolos: i ellas lo muestran bien; porque tales pensamientos no se escribieron en tales ocasiones, i en tal edad. La quarta i la quinta, ya dimos que fueron de los principios de Coimbra esta; i de los de Lisboa aquella. La octava, que llamo Piscatoria, de los de Lisboa nos parece, por lo que dice, i por el modo. De la primera diremos en lo que es escrito en la India. En las Redondillas (que por la mayor parte son soberanas) las segundas que llaman, Carta armada, a imitacion del Petrareo en la canción 31. o del Molza, i Agustin Ceaturion en otras, como se verá en su ocasion; o de las coplas de Boscan, que tinen por titulo, Mar de amor, i comienzan.

El sentir de mi sentido.

Son de aquel amoroso tiempo. Todas las otras que se siguen amorosas son del mismo: como la glossa del verso.

Mas poré a que cuidados.

Con la carta siguiente, qué fue a doña Francisca de Aragon, dama de Palacio. I esto es lo que nuestro Poeta escribió en el Reyno, i en Ceuta.

E Agora veamos lo que en la India, que no es mucho, ni lo pudo ser, assi porque ya estaba ausente de las damas, que el confiesa eran sus Musas, i que a la verdad son las luces de que los Poetas son Mariposas, como porque trataba de seguir la guerra: i como dijo el Poeta Latino, en no aviendo ocio peracen las Artes amorosas.

XX.

E L Soneto 4. i el 6. a don Enrique de Meneses, quando en el mar roxo quemó una armada enemiga. El 12. a la muerte de don Antonio, de que diremos luego al hablar de la Egloga 1.

El 19. a la muerte de su señora. El 72. al soñar con ella difunta. El 92. parece continuacion de la lastima. El 11. a don Constantino de Bragança, siendo Virrey, i su amigo. El 46. a la fineza de su amor en la ausencia. Los 48. i 49. a sus esperanzas; i los 50. 53. 55. 57. E 64. tambien parece acompanio el 11. porque contiene parte de las estancias de que luego diremos. De allà son los 67. 76. 85. El 86. es al Conde de Redondo, que devia ser al entrar en el governo de la India, que fue el año 1561. El 88. es Epitafio al sepulcro de don Enrique de Meneses, de que diximos sobre la estancia 55. del c. 10. Los 89. 98. 101. 102. 104. allà se escrivieron. El 105. es a don Leonis Pereira, por las vitorias que tuvo en Malaca. La Cancion sexta, aunque entra assi:

*Comforça desinfada
a quenta o fogo eterno
bña ilha lana partes do Oriente.*

I aquell, là, o allà, haze parecer que estava acà quien la escrivió, no ay duda que allà fue escrita; porque la est penult. dice esto.

*Agora venho a dir
conta do bem passado
a esta triste vida, e longa ausencia, &c.*

I prosigiendo en pensamientos, como de quien se hallava ausente, remata la cancion hablando con la dama, i diciendo.

*Mas se tam longo e misero desterro
vos dà contentamento,
nunca me acabe nelle o meu tormento.*

De manera, que allà estaba (porque esse era el destierro que dice aqui, i la ausencia que dice a riba) hablando como desde acà. Este lugar truximos sobre la est. 5. del c. 8. i acredita mucho lo que allí enseñamos. La cancion 9. fue escrita en G a despues que vino de ver el monte Feliz, desde el Estrecho de Meca, como advertimos arriba; i fue esto el año 1555. La Ode 1. alla fue escrita, porque su est. 7. dice.

*As drogas cheiroas
deste nosso Oriente, &c.*

Assila 8. que es en alabanza del Doctor García Dorta Medico, en el libro que compuso de cosas medicinales de la India, i se imprimió en Goa en Abril de 1563. en ella habla con el Conde de Redondo, a quien se ofrecia el libro. La Elegia 1. claramente fue escrita el año en que el Poeta allegó a la India, despues de hallarse en la destruicion de las Islas que el Rey de la Pimienta usurpava, como ya diximos, pues la embió al Reyno el de 1554. con las nuevas de aquella accion fresca, que fue al fin del de 1553. Las estancias a don Antonio de Noroña sobre el desconcierto del mundo, escribió poco despues de bolver de Macao, que seria el año 1561. Las que se siguen al Virrey don Constantino, su Mecenas, se escrivieron primero: i las ultimas a la flecha de san Sebastian, que el Papa Paulo

A Quarto embió al Rey don Sebastian: i nos admira esto, por ser en la fuerça de su edad, i furor Poetico, siendo ellas de calidad, que las pudieramos poner entre los escritos de su puericia, o bien de sus disgustos poltreros, si contra ello no estuviera la averiguacion del tiempo, porque Paulo entró en el Pontificado el año 1554. i devia embiar la flecha por el Embaxador de la obediencia, que podria bolver el de 1555. que era el segundo de la edad del Rey don Sebastian, que nacio el de 1554. i quando mucho lo extendamos no passará del de 1559. en que murio

B este Pontifice: i entonces eran los quarenta de la edad del Poeta, i los seis de su estada en la India, poco mas a menos. Embaraçame, toda via estas cuentas, que parecen ajustadas, la impression primera destas Rimas, porque tiene por titulo en estas estancias esto: *Sobre la flecha que el santo Padre embió al Rey don Sebastian el año 1575.* con que no queda claro si el Papa la embió aquel año, que seria contra lo que está dicho arriba; o si aquel año hizo el Poeta las estancias; o si sucedio todo junto: i si fuese assi, entonces diríamos, que aun pudieran ser peores que de la

C puericia; porque la edad cargada de tales oprobios como el padecia, puede bolver un hombre a peor que niño, i un Platon a mentecato. I entonces seria el Papa que embió la flecha Gregorio Dezimotercio, que se sentó en la Silla Pontifical el año 1572. que todo es contra lo que hallo en las memorias: aunque como semejantes gracias siempre suceden a alguna ocasion singular, no lo era menos la de passar el Rey en tiempo deste Pontifice a Africa contra infieles, con el nombre de aquel valeroso soldado de Christo, que el aver nacido en su dia, que fue el motivo de tomar ese nombre en tiempo de essotro. Pero ayuda a lo primero el ser cierto, que algunos años antes tenia el Rey instituydo una nueva insignia de Cavalleros de la Flecha, que no pudo ser sino porque el tener la dese valiente Martir, le añadio devocion a la deuda de aver nacido en su dia, para reconocerla, i celebrarle con instituir una Orden de Cavalleros, honrados con las insignias de su Martirio: i assi aquel numero deve estar errado. Vease lo que diximos destas estancias sobre la 49. del canto 2. i 40. del 10. La Egloga primera, que el propio Poeta

D estimó por mejor de quantas avia escrito (ella es notable) allà se hizo entre los años cincuenta i quatro, i cincuenta i cinco, porque en ella llora la muerte de don Antonio de Noroña (no esse que gobernó a India) sobrino de don Pedro de Meneses, Capitan de Ceuta, amigo del Poeta; i la de nuestro Principe don Iuan, padre del Rey don Sebastian: i la nueva destas muertes, que fueron el año 1554. llegó a la India en Setiembre: i el siguiente la embió el Poeta con el Soneto duodezimo de la propia muerte de don Antonio, a un amigo, como se ve de su

Su carta 1. De modo, que quando el P. escrivió esta valiente Egloga tenia de edad 38 años, conforme a la cuenta que ai dexamos. De las Redondillas, aquellas primeras (nunca bastante mente alabadas, i siempre inimitables) al son del Psalmo: *Super flumina, &c.* ya diximos que las escribió escapando del naufragio en las margenes del Mecon. Otras que van mas adelante, burlescas, i se llaman, *El combite*, hecho a ciertos Caballeros, en que al descubrir de los platos se hallavan copla, en vez de comida, porque esta es la mas segura en la casa de un Poeta. Fue esto al tiempo que fenezia don Constantino su Virrey nado, en que el P. como a la sombra de un señor que sabia serlo, truxo alegría, i gusto para semejantes burlas, i galanterías. Otras al Virrey Códe de Redondo; i otras que llamo, *Dissipates*, i la Relacion de que ya hemos dicho. Otras a Juan Lopez Leitam engañado de una dama: otras a un Cavallero que le avia prometido una camisa, i no se la dava: i que suerte de camisa fuese esta, porque entouces no faltava al P. una camisa, decimos en las notas a las Rimas. Otras a una mala muger açotada por un verdugo que se llamava, *Quaresma*. Las primeras Endechas, a una escravá que parece le agrado, a que tambien deviá ser hechas las otras que se vén en la primera impression, i se vedaron, i penian del more viejo que comienza: *Catarina bem promete*. Las otras Redondillas amorosas, i a varios intentos, por la mayor parte son del primer tiempo de Lisboa. La carta primera, ella propia dizé que se escribió en la India, poco despues de llegado. La segunda parece aver venido tras ella, i a lo menos que o allá, o en Ceuta se escribió: porque entra con aquellos versos de Garcilasso: *La mar en medio, i tierras he dexado*.

XXI.

O Que parece ser escrito despues que vino el Poeta de la India es el soneto 1. de sus Rimas: i el 3. i el 5. i la admirable cancion 10. i la Ode 3. i la 9. i los otros tercetos a Pedro de Magallanes, que arriba quedan en el num. 18. i el soneto a doña Maria en el num. 17. i otras cosas que tienen por allá el tiempo en que se escrivieron; i las Sextinas: i en las Redondillas, el laberinto; i las dos al desconcierto del mundo, acerca de si: porque casi todo esto contiene llanto, i de relaciones de cosas passadas en toda la vida, i de quien se hallava desamparado ya de la Fortuna a los umbrales de la muerte.

XXII.

DE Todas estas observaciones se coge que lo mas, i mejor del Poeta fue escrito desde que salio de Coimbra para Lisboa, hasta que salió de allí para la India: i era cosa clara, aunque no lo tuvieramos hecho patente: porque des-

pues que salió de la patria con tanto disgusto, A que supuso no volver a ella, a penas vio el rostro al descanso, ni al gusto: i assí todo lo que allá escribió, casi no contiene otra cosa que lantmas, i llanto. Añadese a esto lo que respondio a Ruy Diaz de Camira, quax so de que no se tradujesse los Psalmos Penitenciales como le avia pedido. Señor (dijo el) quando yo escrivia andava favorecido de Liras, i contento, i no me faltava ni dia: i agora me falti todo. I elta bondanza miseria, aunque alegre, no la logró el Poeta sino ese tiempo que estuvo en Portugal, antes de passar a la India. Cogese también destas observaciones mucha particularidad de su vida, i del tiempo, i motivos de algunas de sus obras, hasta que en las de sus Rimas lo veamos como en su lugar; si el que los curiosos hizieren a traer trabajando en esta, nos animare a ofrecerles essa tra, que no nos tiene costado menos estudio. De la llamada segun la parte de sus Rimas no trato aqui, por lo mucho que en ellas ay no suyo: lo que lo es tengo anotado a las suyas, porque todo ande en un tomo: i quando él saiga (si Dios quisiere) se verá todo.

XXIII.

Muchos juicios se cansaron en sentenciar, qual de los dos estilos, heroico, o herotico, avia adquirido mas gloria a nuestro Poeta. Ya no es pequeña suya el hallarse en esta suspension juicios buenos. Lo cierto es, que la mas segura sentencia será siempre la de estar neutral entre obras tan perfectas, que cada una en su genero no tiene envidia de la otra. Esto digo yo en quanto a cumplir igualmente con lo que requieren los dos estilos: pero como un Poema heroico pide mas invencion, mas grandeza, i mas misterios, i el Poeta cumplio profundamente con estas obligaciones en este, siguese, que esta es con gran distancia mayor obra; i que quien no lo juzga assí no le entiende acá tanto como allá. Agora digo, que en consecuencia de aver este gran Poeta sidon meno feliz en lo lírico, que en lo heroico, aunque esto quiere mas caudal que essotro, justo es advertir, que en nadie concurresta perfeccion en los dos estilos. Homero en sus Hymnos es mucho menor que en los dos Poemas heroicos. Assí sucede a Virgilio entre sus tres grandes obras, i sus Epigramas; si son suyas. Oracio no tenia poder para salir de Lírico. Ovidio no tuvo en lo herotico la felicidad que en lo amorofo: assí los otros Poetas Elegiacos, Satiricos, Epigramatarios, Líricos, i Comicos, de Griegos, i Latinos, i vulgares, que escuso nombrar. Estacio todo fue ageno de la suavidad Lírica. Dante inferior es mucho con sus Rimas, a su llamada Comedia. Petrarcha, aunque fue laudado por su Poema de la Africa, no es estimado sino por sus Rimas. Sanazaro en ellas es muy desigual

igual a los versos de su Arcadia, i desigualissimo en todo a su Poema sacro. Ariosto con mucha diferencia resplandece en su Orlando, que en sus Rimas. Bernardo Tasso al contrario, mejor en ellas que en sus dos Poemas de su Amadis, i Floridante. Del gran Torquato su hijo creen juicios buenos (i creen bien) que sus Rimas no se leyeron si el no uviera ganado credito para ellas con la Ierusalem Liberata Don Alonso de Ercilla escrivio algunas que no permanecieron como su Araucana. Lope de Vega libra su opinion en las Comedias. De minera, que lo que no se pudo juntar en un suieto por discurso de tantos siglos, se juntò en Luis de Camoes con tanta igualdad, que si bien en Castilla dan algunos el primer lugar a las Rimas, (i sera por la razó que apuntamos en el num. 34. del juicio deste Poema) es dificilima la averiguacion de en qual de los dos generos resplandece mas. Tambien esta duda pudiera entrar en el estilo Comico; porque tambien es cierto, que hasta su tiempo, i mucho despues, no se escrivieron mejores Comedias que las suyas; i aun agora està la diferencia solamente en la forma (si la de agora ha de tener estimacion entre los doctos) que en la galanteria, conceptos, i propiedad, todas quedan atrás sin duda alguna. Asì, luego, España en solo Luis de Camoes viojunta la grandeza de Homero, i Virgilio en lo Heroico: la de Pindaro, i Oracio en lo Lirico: la de Menandro, i Plauto en lo Comico, con igualdad notable; apropiándose a si solo quanto consiguieron en diferentes edades, i sujetos los Griegos, i los Latinos; los Italianos, i los Espanoles.

X X I I I .

EL Ingenio, pues, de nuestro P. de que nos cambia tratar agora, no ha menester mayores testigos, ni mas elegantes elogios q sus obras. Por ellas veremos lo facil, lo suave, lo alto (juntar esto es lo mas dificil de la Poesia, i es junta que oy no se encuentra) con que dixo todo quanto intetó dezir. Descubrese esto mucho en los asperissimos assumptos del canto 10. como por todo el dexamos ponderado, i principalmente sobre la e. 78. No digo ya la traça, i la orden de todo el Poema, i la invencion hermosa de los Concilios de dioses, i en particular la del maritimo, cosa nueva: i la fabula de Adamastor solamente suya; que sin duda haze sombra a Homero, i a Virgilio, i que sola pudiera acreditar un Poema, i mil spiritus Poeticos; i el canto 9. que solo pudiera ser gloria de un espíritu grande, porque contiene fabrica para mil Poemas, ni lo que descubren desto las Eglogas (que fue mucho hazerlas parecer tan grandes, a vista de las de Virgilio, i Sanzaro, i Beniveni, i Bernardino Rota, i Garcilasso, que parecia avian quitado la esperanza de igualtarlas. quanto i mas excederlas) sino que qualquier Soneto, o Redondilla, està resplandeciendo con invencion, i concepto, i elegancia, i alte-

A za, i suavidad. Ni puedo dexar de dezir, con todo el respeto que se deve a los grandes hombres, que de los Griegos ay muchos que no tuvieron mano para los versos grandes, como Pindaro, Anacreonte, i otros: i de los Latinos Oracio, que aunque dice buenas cosas en los versos mayores, a penas ay en ellos uno bueno, siendo insuperable en los pequenos. En ellos se quisieron provar grandes Poetas Italianos, como Beniveni, Serafino, i Policiano, i no consiguieron tanto credito como en los otros. Asì sucedio de los Espanoles al venerable Juan de Mena, i al

B feliz Garcilasso, que aunque no escrivieron muchos versos pequenos, siempre vienen a ser los q bastan para hacer este juicio: i por ventura, que el averlo hecho el propio Garcilasso, le hizo escrivir menos dellos, que Mena, al revés de Bocan, que en ellos se hizo mas estimable que en los Sonetos, i Canciones: advirtiendo, que Francisco de la Torre no desdijo tanto desta gloria de la igualdad en los dos generos de versos. Jorge de Montemayor, i Luis Galvez de Manta: o poe las Redondillas se conservan. Nuestro Francisco de Sá de Miranda por ellas solas se lee. Diego Fernandez por sus Eglogas i cartas, que codas son en verso mayor. Fernando de Herrera no osó escrivir los menores; ni Francisco de Figueroa; ni fray Luis de Leon. De los de nuestros dias (hablo de los que prometen duracion despues de muertos, no de los muertos estando vivos) Lope de Vega muchas cosas escrivio con felicidad en versos mayores; pero nadie dudara de que en las Redondillas se aventajó mucho, i q es el que las enseñó a escrivir en Castilla, imitando el ayre de las de nuestro P. Don Luis de Góngora es digno de estima grande por su gran ingenio; pero de que no fuera tan censurado de muchos a no escrivir los mas de los versos grandes, cosa es clara; porque sobre los pequenos nadie ha llegado a formarlo culpa; procediendo esto de que en estos tiene facilidad, propiedad, conceptos, elegancias, pensamientos, i agudezas; i de que en estos faltan totalmente todo esto; porque solamente contienen terminos exquisitos, locuciones, metaforas perpetuas, i remontadas, i un puro martirio del entendimiento para descifrarle; i lo que es peor no hallar cosa de provecho despues de descifrado con tanto trabajo, mas de esta extrañeza del dezir; que si bien descubre ingenio (que yo no se lo niego) i pretenden imitarle muchos, no produze sustancia: con que todos se parecen a coñales de nuezes; mucho ruido, i poco fruto, i esse de ningun provecho, como lo hallareis afirmado por Laguna sobre Vioscorides: o como galas de alquimia, mucha luz, i poca hacienda; o como muger sin hermosura, que piensa la fabrica con afeites i mas afeites; adornos, i mas adornos, i siempre se queda pintada, i rica, pero no hermosa en la parte de la verdadera hermosura: porque la Poesia

E gra-

grave, alta, i divina, no haze ruido con palabrones, sino con pensamientos vestidos con seso. El Conte de Villamedina sin escrituplo tuvo mas suerte en las Redondillas. Francisco Ruiz Lobo Poeta natural, i dulce, se hizo entrada en el Parnaso (no aviendo escrito pocos versos mayores) con los pequeños; i singularmente las Eglogas dignas de toda estima. I no solo en la Poesia, sino en la prosa suelta. De Ciceron se sabe, que no podia hacer versos con toda su elegancia. De nuestro Juan de Barros vemos, que conto a la suya en la historia, no se precio a si propio en los versos, como aun se ve de algunos que permanecen. Andres de Ligana fue feliz en galanteria, i elegancia en la prosa Calteilana; i escrivio versos ridiculos: i al contrario, conocemos Autores de tan gala los versos, que casi se pueden llamar Poetas, i que no saben responder a una carta familiar: i esto es lo que mas nos admira: porque siendo la Poesia un modo de hablar tan realça lo, i superior, parecia puesto en razon, que quien le tuviese conseguido se aventajasse en la prosa; i que por esto no era mucho si un elegante en prosa, no lo fuese en la Poesia. Pero esto es, q lo uno i lo otro quiere particular genio: i que le logra singularmente divino quien le tiene para todo, como sucedio a nuestro P. de quien permanecen prosas que no desdizen de sus versos. De suerte, que con todos anduvo abreviada la naturaleza, sino con Luis de Camoës, en quien se derramó la copia liberalissimamente, por no decir con prodigalidad. Buelvo a sus Redondillas, que no pueden ser mas alabadas que con dezirse (i ser cierto) que logran igualdad con sus Estancias, Soneros, Canciones, i Elegias. En los motes; a que se sujetó con glossas, o buetras, descubrió la fertilidad del ingenio, i abundancia del pensar, porque sobre muchos esterilissimos dixo tales cosas, que vino a ser lo propio que sacar balsamo de piedras; bolver en luces las tinieblas, i enoro el hierro; haciendo verdadera la piedra Filosofal en este genero de alquimia. I verdaderamente me hallo conembidia de que don Luis de Gongora se le aya parecido tanto en esta gracia, i aventajado en la copia. Precioso mucho Sanazaro de ser el primero que escribió en su lengua Egloga pescatoria. Bien luego nuestro Poeta se puede preciar mucho (i lo haze) de ser el primero que juntamente la compuso pescatoria, i pastoril: i es la g. cierto, grande: excelente, cierto. Sirva a este numero lo que hemos ponderado en el antecedente, por tocar todo al caudal del ingenio: i todo junto sirva tambien de desahogo a los que estuvieren congozados con el titulo que en la fachada deste volumen dimos al Poeta, de Principe de los de España; q por todas estas razones no fuera mucho, si dixeramos de todos los de Europa (que viene a ser de todo el mundo; pues solamente a ella cupo la suerte de las letras politicas, ingeniosas, i do-

cas) ya que el P. se aventajó a todos en ser igual A en todo.

XXV.

I Porque ordinariamente los hombres porin-
gemo grandissimos, suelen caer por las costu-
bres en algun vicio grande (porque Dios quiere
desengañarlos de que la ciecia humana no tie-
ne seguros los aciertos) es mucho de notar, que
nuestro Poeta se eximido de la pension, proce-
diendo con soñiego, policia, i valor en la paz, i
en la guerra; i totalmente no se le sabe defeto al-
guno que en alguna parte le pudiesse manchar.

B Los otros son comunes a la humanidad. Tuvo
quien dixo, que avia sido ingrato: oxila fuera as-
si: porque precediera a ello el aver recibido algú
bien de algun hombre: pero si el no le recibio,
como pudo ser ingrato? Luego no tuvo esse vi-
cio. Virtudes notables si: porque ademas de las
que se pueden inferir de lo dicho, que son sufri-
miento en las persecuciones; constancia en el su-
frimiento; amor de la patria singularissimo; celo
de celebrar los buemertos, aun ofendido de-
llos, aborrecimiento a la lisonja; rancor a las ba-
xezas; fue liberalissimo; propiedad solamente

C de coraçon generoso, entendimiento puro, i ani-
mo soberano. I el aver usado desta virtud con
muchos, sin acordarse de que nadie la usava con
él (porque el magnanimo jamas se acuerda de lo
que no le dan, sino de lo que no da) le truxo a la
miseria de vivir de limosna, que para el (dizen)
pedía de noche un esclavo que avia traydo de la
Xaua: porque a no ser tan largo, ocasiones tuvo
para no venir a experimentar lo que va de des-
pender a pedir: puesto que no la tuviera para sa-
ber quanto mas glorioso muere el que llegó a
pedir por liberal, que el que subio a rico por mi-
serable. Lo que le retava de obligaciones preci-
osas empleava en el estudio, como lo descubren
sus obras; porque apenas ay ciencia, i erudicion,
de que no necesiten los Escolios que ellas me-
recen. Buelvo a decir, que fue enemigo descu-
bierto de la adulacion, i de la codicia: aunque en
dandose de mano a esta, esotra luego perece.
Ello se descubre claramente en sus obras, en que
siempre habla con libertad notable de todos es-
tados, i tambien se descubrió en su persona, por-
que si grandes tontos medran tanto, solo con las
acciones serviles de aduladores, quien dudara

D E de lo que pudiera medrar Luis de Camoës, si ciò
tantas calidades excellentes (i la del ingenio sin
duda peregrino) quisiera tomar aquella senda?
La verdad es, que un varon raro por ingenio, i un
doctor verdadero, estima mucho mas que un mu-
ndo su libertad: i jamis sabe hazer, ni decir rever-
encias, o paíabas fingidas. Aunque en sus escri-
tos parece muy dado a los amores, i a mugeres,
no casò, ni se le supo que tuviese hijo alguno; ni
otra alguna nota por esta inclinacion. El animo
fue naturalmente reposado, no alterandose con
los sucessos, aunque tuviessen algo de aquello que

suele alterar los animos, i hazer que den mnes-
tras de su alteracion. Esto se dexa ver de su Ele-
gia 1. en que refiriendo la vitoria que se alcanço
del Rey de la Pimienta, en que tuvo parte por
hallarse en ella, i no siendo ella para desestimar,
no dice desta accion mas de que passaron a ella, i
que les sucedio bien: assi: *Fomos tomarlha, e su-
cedemos bem.* Otro espiritu lo exagerara, gloriá-
dose de haliarse en ello. I perdiendose el Rey dº
Sebastian, ocasion que hizo arrojar a la pluma
tantos ingenios; no le sabe que èl la tomasse pa-
ra esso, conociendo que era aquel infusto suces-
so mas para enmudecer, que para escribir: i assi
dixo aquel responso a la muerte del Reyno, i su-
ya, que ya queda al fin del num. 9. i es el troço de
la poltrera carta, i cosa que escrivio. Tengo ob-
servado, que aüque era Cavallero no tenia aque-
lla propiedad tan de la Cavalleria, que es ser
muy dada a los agueros; pues viendo que su pa-
dre se perdio en la India, no dexò de ir allí: i vié-
do se allà lastimado de un Barroto, no dudò de
creerse en otro. Era inclinado a algunas accio-
nes jocosas, como se vè en sus Redondillas, segù
allà notamos. I porque entre ellas faltan algu-
nas, deixare aqui dos de que tengo noticia. Co-
mo el P. vivia de miseras de algunos Cavalleros
Portugueses, parece que uno de que era tenido
no por menos valiente que Poeta, se quiso valer
del para vengarle de cierto hombre que le tenia
ofendido; que es muy de la Cavalleria comprar
una mano agena para satisfazeres. Pero el P. aü-
que se ofreció a esto no lo cumplio: porque es
muy del entendido no executar la súriedad, aun-
que la piense: i preguntandole el Cavallero, por-
que no lo hacia? respondio con esta copla.

*Logo lhe vi muy maogento
quando volo dey por morto:
porque torto matar torto
naõ me parece direito.*

Iugando de la voz tuerto, i derecho: porque era
el P. tuerto de un ojo, i era un tuerto contra el
derecho divino el matar al otro de aquella fuer-
te que pretendia el Cavallero. Pidiendole otro
que se hiziese una carta de amores, embióle por
ella quattro pollos, por testimonio que era el ani-
mo de gallina: i el P. embióle en las espaldas de
la carta eita copla.

*Mofas, abelhas, e zangões
me comam bofes, e baço;
se outra como estafaco
a troco de quattro frangões.*

Cuentase que passando por la puerta de un olle-
ro, que estaba cantando una cancion suya muy
viciada, entró dentro, i fue quebrando vasos.
Enojado el ollero, respondiole, que sufriese el
e rebratse los, pues el le quebrava sus canciones:
i bien esto se refiere del Poeta Filoxeno Cite-
reo. Este humor jocoso le hizo ser un poco mas
facil en seguir còversaciones desiguales a su san-
gre, i talento de lo que era justo. Pero disculpale

A la pobreza, a que hallava mas remedio en los pe-
nchos, que en los llamados grandes: i la necessi-
dad rompe las leyes, i el decoro.

XXVI.

S V Personz logro la virtud de los estremos,
quedandose con el medio de la proporcion
de un cuerpo que no sube a Gigante, ni baxa a
Enano. Correspondieron los miembros a la grá-
deza: era abultado el rostro: la frente caida un
poco: la nariz parava ginessa algo, i corta larga,
con una elevacion no desayrada en la mitad: tes-
tigo de ingenio: los ojos fueron vivos. De color
B se nos sufre decir que, como de fortuna, tuvo co-
respondencia con sus blasones; porque era blá-
co, i toxo de tez, i rubio de pelo, que son los col-
ores de los peñascos, sierpe, i pomo, i singular-
mente el Portcion, o Camion; que, segun dizen
los Cronitas de la naturaleza, tiene la cabeza
roxa. A lo menos afirman los que conocieron al
Poeta, que el pelo tenia con exceso ia color del
oro encendida, qual convenia a quien tiene las
vezes de Apolo en nuestra Espana. Visto (i mas
despues de perdido el unojo) era menos alegre,
que tratado: tratado admirava con la facilidad, i
C gracia natural del dezir, i noticias con que lo
adornava. Entregole en los ultimos años a la
malencolia e. verle con tan honrados exercicios
sin algun premio, i sin vida para enniendar la
passaua, como el lo deseò: porque seguramente a
eso fue escrito aquel gran soneto 18. que fenece
assì.

*O quem tornar pudera a ser nacido!
souvera se lograr do bem passado,
se conbecer souvera o mal presente.*

Pensamiento digno solo de tan grande hombre,
en tan miserable fortuna. Hemos llegado a tra-
tar della, i no lo fizieramos con mucho gusto, si
la que tuvo despues de muerto no nos limpiara
del humor de la que tuvo en quanto vivo.

XXVII.

R Ealmente considerando, que las insignias
de la nobleza de Luis de Camoës son com-
puestas de castillos, peñascos, lanças, i sierpes,
nos parece que la naturaleza aviendo previsto su
vida le cambio ceñido de todas estas armas con-
tra su fortuna: i todas ellas no le valieron. Pero si
ella fue la que sule ser de los muy grandes suje-
tos, principalmente por el ingenio, poco tene-
mos que admirarnos de que muriese a las ma-
nos de la hambre, i de las otras injurias del tie-
po que conocio: i mas siendo natural de un Reyno,
adonde despues de aver hecho anotomia en
los Polos del, dixo dellos en la e. 82. del c. 7. ha-
blando con las damas, o las Musas.

*Vede Ninfas que engenbos de Senhores
o vesso Tejo cría valerosos:
que assi sabem prezar com tais favores
a quem os faz cantando gloriosos.*

Esto despues de referir algunas de las insolenc-
ias con que fue tratado. A caso un dia me hallé
con

con un Señor, que habiéndome en el Poeta le alabava. Entró en esto un curioso, que traía consegido este Poema, i aviendo entendido la plática, sacóle, i enseñósele. Abrióle, i encontró luego con estos versos, i turbando un poco, dixó: *Po-
drai abrirlle en otra parte? Os ifirmo, todavia, que
si él viviera oy, o yo entonces, la mitad de mi ha-
zienda uviera desfarsuya.* El curioso, que parece avia aprendido la libertad, si no el ingenio, en la escuela del Poeta propio, dixo: *Señor, los pobres
con los vivos, porque no tienen, i los ricos con los
difuntos, porque no viven, todos son muy liberailes,
i prometen maravillas. Ei pues;aya quien haga co
algun Príncipe, que dé alguna cosa a Luis de Ca-
moés resucitado, que yo bescare quien haga i con
Dios que le resucite.* Esto ultimo me parecia más facil; que al fin, al fin aquel humor magnifico de hacer bien, i dar honra solamente por hacerlo, i darla a los entendidos, a los ingeniosos, a los doctos, fuese a la sepultura con los Mecenás, i con los Augustos. El Rey don Sebastian diole por el ofrecimiento deste Poema una tenfa (le llamamos) le quattrocientos reales cada un año, en vida. Dixeron muchos, que se espantavan de como no le dió mas. Aquí nos espantamos de como le dió esto. Mas en aquel Rey hervian aun pedaços de almas de los Alexandros, de los Augustos, i de los Mecenas; i quando coincidía a entender que cosa era ser Rey de un ingenuo, i espíritu como el de Luis de Camoés, faire le la vida, para que faltasse a tal Poeta la ventura (que parece pendia del, pues enviendole perdió, perdió la vida) porque no es posible que aquel animoso Príncipe, embidiendo la espada de Alejandro, no uviese de ver, que le avia dado la naturaleza primero el Escritor, que la fortuna las hazañas.

XXVIII.

Así como concurredió en nuestro Poeta el ingenio de muchos, segun ya mostramos; de muchos concurredió tambien la fortuna, como agora mostraremos. En quedar de pocos años sin padre, le parecio al gran Petrarca. En ser desterrado por exercitar el arte de amar, a Ovidio por enseñarla, i escriirla. En peregrinar el mundo, i mendigar a las duríssimas puertas de los poderosos, a Dante. En ser ciego i pobre, a Homero. En condenar la patria a vivir sinec, ya que ella le otendia, a Scipion, i a Diogenes. En salvar este Poema de un naufragio, a Cesar. En ser vendido por dozentos ducados, a Joseph. En no saberse a lo cierto el lugar de su nacimiento, al propio Homero. En exercitar la espada i la pluma con reputacion, al mismo Cesar. En la libertad del decir, a los propios Dante, i Petrarca. En traer agonos treinta años este Poema entre manos primero que le publicasse, a Virgilio, que truxo el suyo onze, sin averle acabado: a Elstacio, que en su Tebaida gastó doce: a Tucídides, que truxo veinte i siete su historia: a Sanazaro, que

A truxo veinte i uno su Poema sacro: al Cavallero Guarino, que truxo otros tantos su Pastor Fido. En ser celebrado mas despues de muerto, a todos los Grandes: que los que realmente lo fueron, nunca vivos parecieron tanto. I finalmente, en la fortuna del nombre de Luis, que parece fatal en el Parnaso, fueron sus compañeros antes i despues, Luis Ariosto, Luis Almanzor, Luis Tassio, Luis Paterno, Luis Catelvetro, Luis Dolce, Luis Domenico, Luis Martelli, Luis Ricci, Luis Corfini, Luis Grotto, Luis Novelo, Luis Veniero, Luis Sanzes, Luis Gonçaga, el Infante B don Luis de Portugal, don Luis de Bivero, Luis Galvez de Montijo, fray Luis de Leon, don Luis de Gongora, Luis Pereira, Luis Velez de Gaevara, don Luis Carrillo, Luis de Ulloa Pereira, Luis Barahona de Soto, fray Luis de Souza, la venerable Madre Luisa de Carvajal. Quisiera passar a los que de este nombre fueron ratos en otras Artes ilustres, mas por no salir de las materias que nuestro Poeta trató, que fueran armas i letras, pondré solo al unico Maestro de las armas don Luis de Narvaez.

XXIX.

Confessaron la GRANDEZA POETICA de este VALEN TISSIMO HOMBRE, todas las GRANDEZAS. Vengan las REALES. El Rey don Sebastian le hizo esa merced que al diximos, con obligacion que atisitaria en la Corte, conociendo que tal hombre era liture en elia; i ay ignorantes que le condenan la obligacion: podemos perdonar, porque no le penetraron el intento. Ei Prudente Felipe Segundo, en medio de toda la caterva de cuiudos de grave peso, con que entró en Portugal, preguntava por nuestro Poeta, i pedía que te le truxiesen: porque

D de averle leido le estimava mucho, i queria lograrle de verie, i verie Rey de tan grande ingenio; i quando le dixerón, que de pocos dias era muerto se mostró scutido. Don Teodosio, Duque de la gran Casa de Bragança (al fin príncipe i productor de Reyes) le estimó, i honró mucho. Asi su hermano don Constantino, Virrey de la India, por no degenerar de aquella Real grandeza. Nuestra entendida Infanta doña María le honrava singularmente: assi damas i altri, assi muchos señores. Ei gran Tasso allá desde esforra Hesperia hizo resonar en ella sus alabanzas, sin otro conocimiento dei que esta obra: i dizen muchos, que publicava ei de si no temer otro Poeta sino a Luis de Camoés. El doctor Maciño Brocense dexó en sus escritos: *Que la
veneracion devida a los verdaderos Poetas por
todos caminos, se devia al nuestro.* Fernando de Herreta, a fol. 93. ae sus notas a Garcilasso, dice: *Toco tambien este lugar Luis de Camoés, en
aquella vermosa, i elegante obra de sus Lusiadas.* Ei Padre Rioje dà tubinme nombre. Ei Conde de Vimioso don Francisco de Portugal, gran vo-
to en estos estudios, dixo: *Quenadie le igualaria*

jamas. I era lo que el Comendador Griego avia dicho por Juan de Mena. E: Conde de Idaña entendidíssimo, decia: *Que o deviera el P hazer esta obra tan breve que la pudiesen decorar luego, o tan larga que nunca la acabasen de leer: con el ai-re de lo que se dixo de nuestro Rey don Pedro: Que o nunca uviera de nacer, o nunca uviera de morir.* Fernando Roiz Lobo Surupita, gran Poeta, i docto en estos estudios, dize en el Prologo q̄ hizo a las Rimas, esto: *Tratar do estilo heroico na-be desse lugar, porque quem comentar a sua Lusiadas, terá esse cuidado: mas o que com razam se pode afirmar he, que cumpriu nella tanto à riscas as obrigacōes do Poema Epico, que se namparecerá arrogancia, puderamos darlhe assunto muito perto de Virgilio.* Lope de Vega, desde que tuvo conocimiento de estos estuhos, hasta que murió, estuvo en una perene imitacion, i aia bança suya. El grandiloco, i sin duda Poeta Bartolome Cairasco, en aquella hermosa Cancion con que dedica su Templo a Felipe Tercero, exagerando hipobolicamente aquel sagrado Canto, dice assi:

No entone Eneydas Manto, Smirna Iliadas; ni muestre Lusitania sus Lusiadas.

Con que dio a entender, que en la esfera de Homero, i Virgilio, solamente entrava Luis de Camoēs; i essa es la verdad. Otros ay grandes; pero de segunda esfera. Don Tomas Tamayo de Vargas, i cronista de su Magestad, i mayor de las Indias, cuyo voto es importantissimo, apoya, celebra, i seleniza en todas ocasiones este gran Poeta. El docto don Sebastian de Covarrubias en su Tesoro de ia lengua Castellana, verbo Camoesi, dice assi: *Camoēs lugar de Portugal, de que tomó nombre el famoso Poeta: ya arriba diximos el engaño del origen de su nombre.* El Maestro Vicente Espinel, padre de algunas cosas de ingenio en España, me dixo muchas veces esto: *Es tan sola de Luis de Camoēs una extravagante especie de grandeza i de pensamientos, que si me dixeran algunos suyos, sindezirme que lo eran, luego yo, gobernandome por los conocidos, conociera que no podían ser de otro hombre humano.* El Licenciado Antonio de Leon, Relator en el Supremo Consejo de Indias, dize en su Epitome de la Biblioteca Oriental i Occidental, &c. plana 8. assi: *Luis de Camoēs Principe, &c. en aquel divino Poem que intituló Lusiadas, cantando heroica i dulcemente, &c. El Licenciado Manuel Correa comentó este Poem, aunque no como merecia, &c.* Reconociendo con su buen juicio la excelencia desta obra. Un gentil Letrado (no le puedo nombrar) de la ciudad del Porto, con la misma confiança que a Panormitano le alegava en sus escritos. Nuestro Diego Bernardez le admira el espíritu, i llora la fortuna en un Soneto. Los Padres fray Luis de Sousa, i Mateo Cardoso, le aplaudieron en hermosos Epigramas. No los copio aqui, porque me lo impide el bulto que va haziéndo este escrito: i finalmente seria imposible te-

ner memoria de quantos ingenios celebraron A este variamente en toda España: i tambien dexo otros que vi, porque no son capaces de alabarle. Vengamos a otra familia de Egogios no menos importantes, pues nadie querrá que digamos mas.

XXX.

Don Gonçalo Coutinho (Cavallero al fin des-te gran linage, i apellido) fue el primero que despues de muerto nuestro Poeta tratò de honrarle, quando ya no se atinava con el lugar de su entierro, que era en la Iglesia de Santa Ana de Lisboa, de Monjas de san Francisco: i enterraronle alli, porque vivia junto a esta Iglesia, en la callejuela que buelve a la Compañia, o lesuitas; en una casa que nūca mas fue habitada, o porque hizo huir a todos de aquel sitio, el ver que en el padeció tan horrible fortuna un tal hombre; o porque la Justicia divina quiso castigar en aquel pedaço de tierra la que le tratò tan impíamente. Pasosele una losa de marmol, con letrero (bién quisiera yo poderle llamar Epitafio) q̄ dice asi.

AQUI IAZ LVIS DE CAMÕES,
PRÍNCIPE
DOS POETAS DE SEU TEMPO.
VIVE O POBRE E MISERAVELMENTE,
E ASSI MORREO.
ANNO DE M. D. LXXIX.

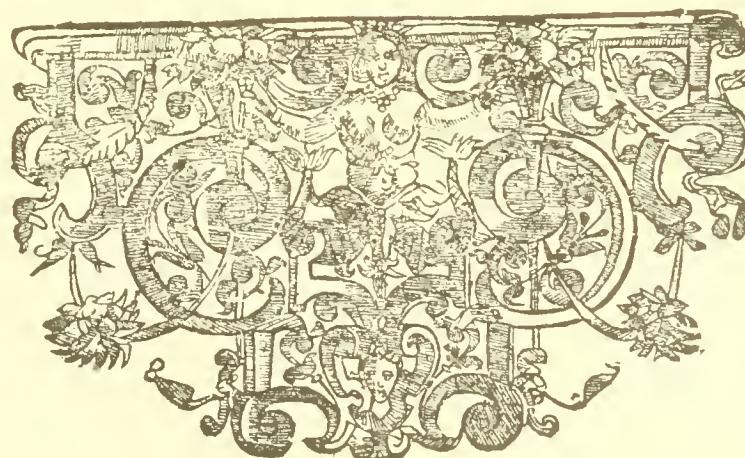
Creo que el juicio del letrero le contrapesa la honra de la piedra: porque llamarle en él, *Príncipe de los Poetas de su tiempo*, sin duda huele a q̄ en este ay otro nuevo Príncipe. Pero deve el de ser como nuestro Rey don Sebastian, i el Ave Fenix, le quien disen muchos que los ay, i nūdie los vé. Porqne (ò verdad desuada! seás tu la que siempre resplandezas) de Luis de Camoēs en España, se deve decir lo que de Homero dixo Veleo Patenculo, que *Quando scrivia no ballo a quien imitar, i despues de aver escrito de nadie pudo ser imitado.* Ademas, que quien una vez tue Príncipe siempre lo es: porque la ventaja en los futuros (desto ésta libre hasta agora nuestro Poeta) no quita la primacia en los passados. Mas, al fin, fue aquella diligencia, i aqunel marmol, i aqunel zelo, hoora a la grandeza (tras esto vamos) deste Varô admirable. Siguiosele Martin Gonzalez de Camara (personage ya de aquél Reyno) que entre otras horas hizo escribir en el papel de la propia losa, con la pluma del cinzel, un elegante epitafio Latino. Accion en que de necesidad descubro, o poca noticia de lo que el P. dixo en algunos lugares deste Poema (penetrandolos poco) que no son muy en favor deste apellido; o una hazaña Herculea, que es deponiendo la passion de la lliga recibida, honrar la virtud de quien la abriò. I esto ultimo es justo que se crea de un Cavallero grande por sangre, mayor por entendimiento, i raro por modestia, templanca, justicia, i

zelo de dar honra a los que la merecieron. Sucediole el Licenciado Manuel Correa, persona de buenas letras, i mayor virtud, que llegò hasta dônde pudo en vnos escritos que salieron postumos el año 1613. con titulo de Comento a este Poema. El quarto fue el Obispo fray Tome de Faria, que le puso en verso Latino: si bien, no confessando que es traducion de Luis de Camoës, mas parece que se honra a si con el, que a él con su Latinidad. Tras el corrio Gaspar de Faria Severim, Executor mayor del Reyno (i amador de la Politica) que haciendo gravar en lamina el retrato del Poeta, con un Elogio elegante, hizo ver de todos el rostro de un hombre tan grande. Su tio el Chantre Manuel Severim de Faria acó-
pañò la estigie, i la inscripcion con la vida, segun ya diximos. Alli nos dice, que Diego de Couto, Chronista de la India, comenzò a comentar este Poema a ruego de su Autor, llegando a la mitad: i que Luis de Silva de Brito, Prior de Santaren, le tenia comentado con acierto. Pudo ser asi, aunque no se aya visto acá fuera lo uno, ni lo otro. El Licenciado Juan Pinto Ribeiro tiene comentado las Rimas dignamente, segun lo tengo entendido de lo descubierto, en lo poco que le he tratado. Aqui en Roma venimos a encontrar el Doctor Andres Bayam Cortesano, honrado, i Sacerdote, que con grandes ventajas tiene passado este Poema a la elegancia Latina. En Castilla ay tres traducciones: pero poco felizes, como ferá: siempre todas las que se hizieren de Poesia. En Italiano se comenzò a hazer una. El resto, que a este proposito acumula Pedro de Maris, en el Prologo que hizo a Manuel Correa, no consta, ni haze falta a la grandeza de Luis de Camoës. Ultimamente le hemos ofrecido este

A nuestro trabajo, con mas deseos de entenderie, que presumpciones de que le damos entendi' o. Ponderamos, con todo, que parece fatal a la memoria de nuestro Poeta; el nombre de Manuel: porque Manuel Severim de Faria le escribió la vida: i Manuel de Faria le desea comentar. Fatal tambien el apellido; porque tenemos uno propio el Obispo que le tradujo; el Chantre que le celebra; su sobrino que le estampa; yo que los embidio. Fatal tambien la calidad de los sujetos, porque todos somos constituydos en dignidad Religiosa: para que hiziese armonia con la limpieza del ilustrado, la de los que le ilustraron, i pretendieron ilustrar.

XXXI.

F inalmente Luis de Camoës nacio por los años 1517. Fue nobilissimo Cavallero: clarissimo Poeta: valiente soldado: de costumbres correspondientes a sus calidades. A todos estos meritos le huyó la fortuna ciega con todo el premio. Aviendo peregrinado lo mejor del mundo vino a morir en Lisboa, el año 1579. Fue enterrado con toda miseria en la Iglesia de Santa Ana, luego al entrar de la puerta, casi al rincon de la mano izquierda. La derecha; i la amplissima, no arrinconada, inmortalidad del nombre le tiene dado la Fama, porque no tuvo poder en ella la ingratitud de la patria, ni el sueño de los poderosos. Como desta manera no murió, no avia menester sepulcro. Asi no consta de artificio de piedras su memoria. La de muchos, que para ciò el fueron piedras, consta de su Lira; que sin duda alguna ha de ser oida, i admirada en quanto el mundo fuere habitado de los hombres.



IVIZIO DEL POEMA.

I.

ALlegado la poca noticia de algunos, i la mucha presumpcion de otros, que todo viene a ser ignorancia, a dezir que no es Poema Epi-
co, o Heroico, este Poema por todos caminos perfecto, i raro. Esto singularmente es doctrina de cierta Sinagoga de sujetos, que dizen de si (i tambien lo dizen dellos otros) que en los preceptos Poeticos son peritissimos; pero quando ejecutan, no solamente no lo pruevan, como se ve de sus obras, sino que se ven quedar muchas leguas atras de aquellos a quien condenan por faltos del arte. Lo principal en que se fundan os en dezir, que entrò diciendo: *As armas, e os varoes,* &c. i que esto fue proponer a muchos; i q la obligacion es elegir un Heroe solo con una sola accion. Aña len mas, que invocò a lo Gentilico, i que a lo Gentilico introduxo varios dioses; i que esto fue sacar al punto de la Religion: cosa essencialissima: cõ otros reparos de menos porte, que apuntaremos en su lugar. No ay duda que si esto fuera verdad era culpa: pero como ella procede de no entender el Poeta, sea de quien le acusa porque no le entiende, i no del que no escrivio para ignorantnes.

II.

VEAMOS lo que deve principalmente concu-
rrir en un Poema Heroico para llamarse per-
fecto.

§. 1. El assumpto, que deve ser no remoto con demasia por mucha antiguedad, ni con demasia moderno por ser de ayer.

§. 2. Que la accion sea heroica, exemplar, i benemerita de ser imitada.

§. 3. Que sea una sola en un solo Heroe, que por ella se aya constituido en nuevos honores.

§. 4. Que esta no se continue como historia, si-
no que con hermosa invencion se haga pedaços,
empeçando aliá por el medio.

§. 5. Que se acompañe con episodios, figuras, imitacion, i otros adornos que la hermoseen.

§. 6. Que el estilo sea elegante, i sublime, i que con la sublimidad no se aparte de lo facil, suave, i dulce.

§. 7. Que el Poeta se transforme en los personajes que introduce, hablando conforme a la calidad de cada uno, i de las materias.

No le busquemos mas perfecciones que estas siete, en reverencia deste numero, que es perfectissimo: i veamos si el Poeta ha satisfecho a ellas: porque si no lo hizo yo le dexo en las manos, i lenguas de los Censuradores libremente,

III.

AN Lo que toca a lo primero de lo remoto, o moderno del assumpto, vease lo que diximos al fin de las notas primeras al titulo del Poema, sobre el verso, *Nec Deus hanc mensa,* &c. Advertiendo, que pocos han cumplido con esta obligacion tan sazonadamente; porque unos fueron a buscar sus asumptos muy lejos, i otros los sacaron del seno. No los nombre: traigalos a la memoria el curioso: i pondere el acierto del tomar desta medida entre ellos, i el nuestro.

III I.

AL Segundo de ser la accion heroica, exem-
plar, i digna de imitacion, es cierto que la
B del descubrimiento de la India por el Oceano, se aventajò a todas las passadas, porque ninguna nacion pensò tanto como execrò Vasco de Gama: pues a fin, al fin (i esto baste) llegaron mu-
chos, en tanto que no la vieron execrada, a llamarla temeridad, i locura: pero despues la llaman la estupenda, i milagrosa. El ser exemplar, i capaz de imitarse ya se ve, pues resultò della el aumento de la Religion, i de la gloria de Dios, i de los propios descubridores: i a esto satisfizie-
ron mal algunos hombres grandes. La acciò que Homero canta de Achiles airado, mas lasciva q heroicamente, es harto trabajosa, i la que a lo ultimo refiere de Ulises lib. 22. matando cavilo-
samente su competidores, antes le infama que le ilustra; i por esto no es imitable: como tambien no lo es hazer Virgilio motivo de tanta guerra en el lib. 7. la herida de un Venado, cosa futilissima: i torpe ia de Claudio del robo de Proserpina: i impiada de Estacio en su Tebayd, memo-
rando cosa tan in ligna de memoria, como el detestable rancor de dos hermanos, que ni muertos pudieron caber juntos.

V.

QUE sea la accion una sola en un solo Heroe, que por ella se aya constituido en nuevos honores; sobre la e. 1. de este Poema bastante mente mostramos el cuidado con que el P. se uvo en D esto, cantando a Vasco de Gama solo, con la accion sola deste descubrimiento. Si bien yo no hallo en los instituidores de la Poesia heroica, sobre cuyos preceptos no admitiré otros, tan ajustado este a esto, que uiesse errado nues-
tro P. si acaso se desviara del: porque me persuado, que si Homero en su Iliada canta una accion; ella es de dos Heroes, que son Achiles, i Agamenon en cuentas bien ajuntadas: i al contrario en su Ulisea, si canta solo un Heroe las acciones son dos; porque si bien le escusaran algunas razones, yo creo que el salir de la patria, i haber a ella aviando vencido tantos monstruos, i traza-
jos en tan largo viaje es una; i el librarr su casa des-

despues de llegado, de aquello círano, o competidores que se la ocupavan , es otra . Con la misma condicion de escusas sucede a Virgilio lo propio con Eneas, porque el surgir en Italia, i el vencer a Turno, dos acciones son distintas. Tor quanto Tasso parecese a la Iliada , repartiendo la gloria de una accion en dos Heroes , que son Goffredo, i Rinaldo, como el propio enseña en su Alegoria ; i en el cuerpo del Poema con tanto aprieto, que quando finge que embian a buscar a Rinaldo a la isla Deliciosa , dize que es, porque sin el no se puede dar fin a la accion que canta, con que le haze mayor en ella que a Goffredo. Dexo otros autores , porque disen algunos Criticos, que no son Epicos sus Poemas. Assi, pucs, nuestro Poeta aunque canta s o al Gama con essa ley rigurosa, su parte dà al Rey don Manuel, como Homero al Rey Agamenon. Pero desto se vea lo dicho en las estancias 1. 2. del cant. 1. que creo bastará. I de qualquier manera se quedará sacando en limpio , que los q. e disen que la accion que Luis de Camoës canta, es la misma que cantó Valerio Flacco de los Argonautas : i menos la que canta Apolonio Rodio , tienen passado por este Poema, como perro por viña vendimia a; como suele dezirse; pero aviendo passado cieg , porque esta estuvo hasta agora por vendermiar.

VI.

Que la accion no se continue como historia, sino a troços salteados (i es la perfucion q pusimos en quattro lugar) lo que diximos sobre la est. 27 del cant. 5. satisfará (creo) bien al letor: porque descubre una agradable invencion, y no inutil hilo, para entrar i salir con entendimiento en este laberinto, sin duda nemoso. Assi lo executaró los do Padres de la Poesia Epica, Homero, i Virgilio: assi el dñ. &issimo Teologo i diuino Poeta Dante, perpetuo imitador de Virgilio, no solamente comienza en la mitad del cas o , sino qne lo declara en el primer verso, *Nel mezzo del camin di nostra vita , Mi trovai , &c.* I como aquella vida realmente era la suya , aviendo comenzado en la mitad della , despues refiere lo q paseo en ella desde su principio hasta aquella mitad q es principio del Poema. I nuestro Poeta no quiso parecerse menos q Dante a Virgilio, pues se le parece tanto como se verá en essa est. 27. del can. 5. i en otros muchos lugares del Comento. Raro es el Poema Epico, Lirico, o Comico, o Tragico , en verso o en prosa de los antiguos Maestros, que no empiece assi. Assi el gran Elio-doro en su Teagenes , con quantos le imitaron. La Poesia no lo fuera si observara las leyes, i orden de la historia. Oygamos a Macrobio lib. 5. *Saturn.* Item divinus illevates res, vel paulo, vel multo ante transactas , opportune ad narrationis siue seriem revocat, ut & historicum filium vitet, non per ordinem dirigenda quæ gesta sunt ; nec tamen præteriorum nobis notitiam substrahat. The-

bem Asia civitatum aliisque plurimas Achilles, A antequim ira sceretur everterat , sed Homerius opus ab Achillis ira sumpsit exordium. Neigitur ignoraremus quæ prius gesta sunt fit eorum tempestiva narratio. &c. Virgil us omne hoc genus pulcherrima me æmulatus est. Nam memini Hesi, &c. Vease todo: i el lugar de Perronio, con que senecemos este numero. Todavia menester es , bien lo veo, dar a entender a los Criticos, que no se me olvida que a algunos parece bien que el Poema Heroico empiece por el principio puntual del caso. Esse acierto seria más seguro , si los Maestros lo uvieran enseñado assi: pero no es assi realmente: porque el querer p orfir que Homero, i Virgilio comenzaron sus Poemas por el principio, sera ocasion de mostrar ingenio, mas no verdad: porque realme te comienzan muy lexos del principio, i por esto escuso argumentos. I si a gu no Latinos, i vulgares lo hicieron, no digo que avran errado mucho; pero d g , que se avrá igual lado poco a los Maestros. I si Torquato Tasso empeçó del principio , consta de una respuesta suya a la gran Academia de la Crusca , que tenia intento de añadir quattro cantos a su Poema; i se entien le que era p ir i referir en ellos lo que avia passado en los seis años antecedentes en aquella empresa. I a esse parecer se arrima Scipion G ntil al principio de las doctas anotaciones que le hizo , diciendo, que siempre los doctos se ocuparon en este particular , de que el Tasso potel medio de alguna digressió no refriesse lo passado, como lo hicieron Homero, i Virgilio : i pretende escusarle desto con mostrar , que de algun modo lo refiriò. I pnes tantos hombres doctissimos en este linage de letras, desearon que el no uviesse faltado a esto; siguese, que no se conforman , ni con lo que el hizo en esta parte , ni con los que disen que Homero, i Virgilio empeçaron puntualmente con el principio del caso: i yo doy mas credito a estos que saben sin presumir; que a estos que presumen sin saber. I tras esto digo, que si las razones que estos ultimos dan para que Homero, i Virgilio ayan empeçado con el principio, son sufribles, que las mismas concurren en Luis de Camoës para aver hecho lo mismo. Por que si lo mirassemos bien, hallariamos que se podia decir , que tambien con essas circuastancias comenzó por el principio; pues la est. 19. del cant. 1. dice, que navegando ya el Gama , entraron E los Dioses en concilio sobre esta nauegacion : i senecido él en la 41. descrive en la 42. la parte por donde iva navegando , que era entre la isla de San Lorenzo, i la costa de Etiopia : que denciamente es el principio de la accion del Gama que canta: porque Bartolome Diaz avia passado el Cabo de Buena Esperanza , i llegado hasta el río del Infante , que está antes de la isla de San Lorenzo: y assi no queda tiendo en rigor accion del Gama, sino lo que va desde alli a la India adó de llegó; i por esto la empieza el Poeta , o pudo empe-

empeçar, desde donde efforto dio fin a la suya : i no sin atencion a esto podemos creer , dize el propio Gama en la e. 65. del c. 5. que el Bartolome llegó hasta la Isleta de la Cruz , (25. leguas antes de aquel río) i luego en la 66. declara, que empeçó a hacer nuevas vias en el mar , como empeçando a gloriarse de su accion, que comenzó adonde el Bartolome avia acabado: (vease lo que diximos allá.) Mas yo me arrimo a lo primero , por ser lo que más liquidamente se saca de la d' trina , i disposicion de los dos Maestros , que mientras mas se siguen , mas se acierta : i lo otro es ser historiador , i no Poeta , a quien toda regla de Poesia obliga a hablar no derecho , sino por rodeos , como lo celebra Macrobius en ese lugar , traído arriba ; i por esto a solos Homero , Virgilio , i Oracio , llama Poetas Petronio: *Homerus, &c. Virgilius, & Horatij curiosi felicitas. Ceteri enim aut non viderunt, &c. Non enim res gestae verisibus comprehendenda sunt, quod longe melius historicis faciunt, sed per ambages, Desramique ministeria, &c.* I nadie ha satisfecho a esto como el Camoës: i assi de sentencia de Petronio , él es solo Poeta despues de Homero , i de Virgilio. I con esto , cada uno se arrime adonde quisiere; creyendo , todavía , que Luis de Camoës escribió de modo , que no dexó abierto algun postigo por donde le hallassen desarmado de ciencia , de atencion , i de misterio , los que conocen lo misterioso , lo atento , i lo científico para assaltarle con las armas del examen : i de los otros haze tanto caso , como la Luna de que la anden ladrando perros.

VII.

P ara la perfucion quinta , de que se acompaña con Episodios , i otros adornos , si lo hizo felizmente , se verá en lo que luego descubriremos sobre cada uno de los Cantos en particular; i ciò lo que deixamos descubierto por todo el Poema , que no seria justo referir aqui. La hermosura de los Episodios a quien no admirará? Solo el del c. 9. escurece todos los antiguos. Lo bien logra lo de las figuras Retoricas a ningun antiguo cedo. Vease la Aposiopesis en la e. 41. del c. 2. La Epazonos en la 125. del 3. Admirense la Periferia , i Peripsia advertidas en la e. 23. i en la 89. del 5. Las preparaciones proporcionadíssimas para todo lo que entra de nuevo , no sufren comparacion. El ambito , i orden , i invencion exceden a todo ingenio. Las imitaciones i concurrencias con todos los Poetas , no se reduzen a numero: Las digresiones son naturalíssimas del assumpto. Las descripciones no admite el P. companero en ellas. De todo será el comento (assi pobre como mio) fıldor bastante. Lo propio dezimos de la armonia que en todo él se están haciendo infinitos lugares (este es el adorno más admirable desta obra) como luego descubriremos mejor en el num. 24.

VIII.

A Q uanto a la sexta , de que el estilo sea elegante i sublime , i que con la sublimidad no se aparte de lo facil , i dulce , cosa en que hasta oy nadie igualó a Virgilio , si a caso nuestro Poeta no lo hizo ; necesario es discurrir un poco , porq de algun modo se atreve a desluzir esta perfeció en él , la senda que muchos de los modernos han tomado con notable engaño; si ya no es con gran necesidad , haciendo della virtud.

IX.

B O rque aviendo hallado , que el mezclar lo suave , i lo dulce , i lo facil , con lo grave , i lo alto , i lo sublime , es muy dificil , i cansa mucho ; i es menester mucho tiépo para poco escrito , de que resultó detenerse Tucidides 27. años en su historia ; i Virgilio casi la mitad en su Poema , sin dexarle acabado ; i Sanazaro 21. en el suyo ; i Guarino otros tantos en su Pastor Fido ; hizieronse el embès de los grandes hombres , que fue hazerse difíciles por locuciones , i palabras por no cansarse , sin darseles de lo que cansan a quien los lee , para no bolverlos a leer más : con que se quedan parecidos a tapices del embès , que con el enredo de la hilaza , apenas dexa ver forma alguna : i effortos al propio tapiz del derecho , que ciò agrable desassombro alegra la vista con los colores , i el entendimiento con las acciones de las figuritas distintas , que son los conceptos de la pintura. Agora empiezo yo. No se persuada que puede agradar , ni ser durable , ni hazerse traer en las manos de todos , ni aun ser leido una vez entera , el Autor que en qualquier genero de estudio escriviere con perpetua dificultad. Oracio esto celebra en Virgilio (ya lo empeçamos a decir desde el Prologo) en la satira 10. del lib. 1. I

D con causa ; porque a la verdad , solo Virgilio supo juntar la alteza con la facilidad ; consciente aquél prodigioso espíritu , que la junta de estas dos cosas le avia de perpetuar la fama ; i assi fue : porque realmente en conseguir essa facilidad , sin apartarse de la alteza , está toda la dificultad ; i porque está en esto tomaron por expediente algunos ingenios modernos , essa senda que acabamos de decir , de hazerse difíciles , que es cosa facilissima , aunque a la primera vista engaña ; con que tienen en los escritos tomado la invención a los que no teniendo caudal se quieren vestir como los que le tienen , poniéndose galas de alquimia a aquellos , mientras estos de oro : pero como a la segunda visiti los ojos se desencandilan , cada uno queda tenido por lo que es ; i la perpetuidad se queda con el oro de Homero , i de Virgilio , i de Ovidio , i de Oracio , i de Lucano , i de Dante , i de Petrarca , i de Sanazaro , i de Ariosto , i de Ronsard , i de Garcilasso , i de Camoës , i de Torquato , que andan siempre en el seno , i en las manos de todos , creciendo la estimacion con los siglos , i passando como ríos Principes , que solamente mueren en el mar , viendo morir a tátos

tos faeri del ; i su forma muerta en verse vivos, al reves de essotros que vivé en la fama despues que mueren, quedandose della manera inmortales semejantes Autores : y essotros haciendose compaños de las mosquetas , o maravillas , i esfemerones, que ellas entre las flores, y ellos entre los animales , tienen brevissima duracion, por mas que se loçaneen , i se ccompongan , i se jaæten: que tambien tiene correspondencia con las galas de alquimia , que si diximos , siendo prepropio de llas lezir mucho el primero dia , i desluzirse de todo en el segundo , dexandose conocer que es hierro pesadissimo . I si lo quieren ver bien , verán que aun de los nombrados, los que singularmente consiguieron essa gloria de ser perpetuamente traídos de todos en el seno, y en las manos, son Homero, Virgilio, Dante, Petrarca, Ariosto, Camoës, i Torquato, que es el que más espereza natural tenia : i conociendola , comenzó su Poema pidiendo clridad. *Turischiara il mio canto , &c.* El nustro, con ser naturalmente suave , i dulce , i hermoso , entra pidiendo aquella facilidad dificil, que ya notamos, de unir lo alto con lo facil. *Dame , &c. bum estilo grandiloquo , e corrente.* I C los que escriven agora, como (según e'los dizan) lo tienen superado todo, piden, i reciben, i dan estilos , que ni son corrientes , ni grandiloquos. Vean bien, si superan con esto essotros , que yo veo, que nadie como a estos los trae en el seno, i en las manos ; que esto que dio motivo a que Marcial se mostrasse satisfecho de si. *Meque finus omnis , me manus omnis habet , &c.* I luego, *Nunc nobis carmina nostra placent.* Esto se tienen los modernos , ser mejores de contentar que Marcial ; porque para andar contentos , no aguardan a que les traigan en el seno, i en las manos . Dexólo en su conciencia, i voyme tras la materia de lo facil, i suave.

X.

A Cuerdome que llegandomie un dia a mi amigo Lope de Vega le pregunté (como me lo preguntaron a mi algunos) que queria dezir en aquella gran cancion de su Arcadia, aqueilo de

Que quien al Añstro lloira

Bien es que alegre la vezina Aurora?

Antes que me respondeiese le senti una manera de enfado de la pregunta, mas respondome con la facilidad del lugar , i luego dixo : *Bueno sería que escriviese yo cosas que fuese necesario andar colgado dellas para darlas a entender.* Tras esto me contó con buena gracia el suceso de Luis de Camoës (que yo no sabia) con uno que le mostró ciertas coplas que avia hecho, i diziéndole el gran Camoës, que no las entendia (que tales serian ellas?) el se puso a explicáselas: y él oyendo la explicacion de cada una , dezía : *Eso que vos me dezis de palabra, quisiera yo que dixerla la copla .* I esta respuesta , i aquella de Lope de

Tomo I.

Vega, darà siempre todo hombre de seso . Sino digame qualquiera que estuviere limpio de passion, i ceguedad : Quien no se congoxará de que aviendo un comentador de don Luis de Gongora dado fin a la exposicion de sus versos mayores, concluya con estas palabras : *Esto es quanto be podido adiuinar en la explicacion de tan difficiles periodos.* Aviendo ya dicho en la explicacion de la est. 10. del Polifemo esto : *No hame nester mucho Oedipo esta estancia.* (dexo a parte, que este termino del Comentador , ha menester tanto, ó mas commento, que el comentado) Devia

B parecer biē la frasi , i el juizio al Autor del libro, que se intitula, *Heroida Ovidiana*, que es la epistola de Dido a Eneas, prolixamente contrapunteada (fundando a veces el contrapunto en autoridades poco calificadas, que es como guarneccer con passamanos de hilo tela de oro) pues en margen de la plana 42. hablando del mismo don Luis , deviendo pensar que le alaba, dice esto: *Cuius oracula Tirefia interprete , cuius ænigma-ta Oedipode extricatore solvi certe vix possunt.* I dize bien. Pero digo yo , a la sombra de juicios claros, libres de cataratas ; Que bueno por vida mia , está el Poeta de quien se dice , que ha menester ser adivinado , y no entendido. De manera que sus expositores se vean obligados a confessar , que el expuesto es Esfinge , i que ellos hablan a adivinar ; que nunca fue mucha ciencia, ni segura . Yo confieso , que si ellos le explican, no hazen p co. Prosigue esse Autor, i dice de don Luis, *Cætera omnino Poeta*, quiere decir, que en lo demas que no sean estos terminos, totalmente es Poeta. Luego por sentencia deste su defensor , no es Poeta en cosa alguna , pues el no tiene otra sino deste genero de Oraculo : digo, en casi todas las obras de versos mayores. Pero no digo yo , que no es Poeta don Luis, porque no pretendo negarle la gloria de que el mismo quiso ser Parca en muchos lances , porque bien pudiera aun tener mayor fama , si no quisiera irse tanto tras la escabrosidad , a titulo de nuevas osadias ; pues vemos que lo que mas le honra , es lo que escrivio antes de tentarlas , y seguir las. No piense alguno , por ventura , que don Luis de Gongora , i los que el imitó , i le imitaron , dixeran cosa que de algun modo no sea entendida E de quien tiene entendimiento , i noticia destos estudios , i locuciones . Piense solamente, que son entendidos con trabajo , molestia , i rabia: i que reducir a esta estrechez a los juicios, es menor hazaña que la de saborearlos con la sazon de Virgilio , i de su escuela: con q quedan siendo los manjares soberanos del ingenio , i essotros las frutas quando mucho , para entrer enernos: como la piña , que sobre obligarlos con aquella tenaz , aunque vistosa compostura de corteza, a poner gran trabajo en abrirla , a la postre os dá el nonada de un piñon , i este aun ar-

C

niado

mado de otra dificultad: siendo assi, que Homero, i Virgilio, i toda su classe, en contrario, se parecen antes a hermosos, i dulces melocotones, i dátiles con la belleza, i suavidad, i dulcura de los terminos del dezir, que luego empeçamos a gustar; i despues topamos en el coraçon un poco dificil, ya de la alegoria, ya de la sentencia, ya de la alusion, ya del misterio, i otros intentos, que se hazen más ayrosos al penetrarse con la precedencia de aquella suavidad, i dulcura con que primero nos obligaron. A estos ie quiso parecer antes nuestro gran Poeta: i si no me engaño, se quedò en la hilera de los más bié parecidos. I porque algunos defensores desta nueva seta, piensan que lo dexan concluido todo contraer uno o dós, i sean doce lugares de Virgilio, semejantes a los que condenamos, sin acordarse que él trae estos doce en todo un libro, i que los modernos los usan en cada un verso, traeremos tres similitudes, que sin contrariedad, ien dèn a entender su engaño. En lo diestro, ayroso, i suave del dançar, es adorno gusto, i muestra de bizarría, el hazer qualquier cabriola de grande a grande espacio: i si el dançante entraré, i saliere haciendo cabriolas, aviendo dado apenañ un passo pausado, ni dará gusto, ni será aplaudido, sobre aver mostrado mucho ingenio, i destreza, i agilidad, i fuerça. Otra. Si un vaton ilustre, i de leño, en qual i qual ocasión dixer algo de lo alegre, o jocoso, será tenido por galantissimo Cortesano, i si usare mucho desso, por truan. Otra. La Christiandad de Inglaterra es Christiandad: pero como lo es? con heresias. Por ventura puede ser concepto, sentencia, gala, o Poesia, la frequēcia de hiperbatos? Vease lo que diximos sobre los de don Luis en la e. 94. del c. 3. Por ventura será algo desso otra frequēcia de metaforas no menos violentas? Pues apenañ ay verso en el que no sea una; i algunas ay repetidas tantas veces, que es materia de risa, que un ingenio grave se satisfaga de cosas tan leves. Quantas veces se topará en los versos de don Luis la de besar, por tocar qualquier cosa una en otra? Yo me ob'igo que en cada copla. Quantas veces se hallará la voz cuerno, o el cuerno vozeando? Yo me obligo se hallará matetia para millares de artifices de tinteros en millares de siglos. Tan dulce armonia es la del cuerno? Si dō Luis fuera casado, i amigo de ganar con su mujer, no pudiera mostrarse mas amigo dellos. De manera, que toda la grandeza Poética se reduce a buscar agora voces sonantes, dèn a donde dieren? Concluyo assi. Todo el mundo està llano en que Virgilio es el verdadero Poeta: luego quien más se apartare de su modo lo será menos. Venga don Luis de Gongora. Los más doctos están llanos, que en lo ageno de estas osadias es excelente: luego si ellas le ponen en duda la gloria, mejor fuera no averlas usado: i que algunos caprichosos las gusten; esto no es defensa para el

A resto de toda la classe. Sea el remate dexar aquí las palabras del doctor Herrera en la vida de Garcilaso, haciendo juicio de su Poesia: *Los versos no son rebueltos, o forçados; mas llenos, abiertos, i corrientes, &c.* I con aquella claridad suave, i facil, i con aquella limpieza, tersura, i elegancia, i fuerça de sentencias, i afectos, se juntala alteza de estilo, asemejança de Virgilio; sin la qual claridad, no puede la Poesia mostrar su grandeza: porque donde no hay claridad, no hay luz, ni entendimiento; i donde faltan estas dos virtudes no se puede entender, ni conocer cosa alguna: i aquel Poema, que siendo claro tendría grandeza, careciendo de claridad es áspero, i difícil. Todo esto dice Herrera juntamente de Luis de Camoës: i lo dice arrimado a todos los antiguos, que nos dexaron preceptos Poeticos, sólidos, i doctos: i quise yo poner aquí ese lugar Castellano, por enseñar esta doctrina a los que corren por fuera della, de que por la mayor parte me consta no saben Latin, i que si alguno le ha oido no le usa: i con esso escriven Poemas, Comedias, libros, i creen que pueden acertar assi desnudos de ciencia, quando condenan los cultivados con ella. Finalmente, assi como en el Prologo truximos por precepto indubitable, de qual un Comento deva ser para ser bueno, i judicioso, con la sentencia de Peroto executada contra si mismo; traeremos aquí un gran Poeta, por precepto de qual deva ser la Poesia judiciosa, emendandose a si propio. Este es Estacio, que aviendo imaginado se adquiria nueva gloria con sus Silvas i Tebaida, apurando en ellas lo exquisito, lo estrondo, i el caudal del ingenio (sin duda admirable) al fin, al fin conoció, que distava mucho el gran ingenio del buen juicio; i pretendiendo emendarse dió principio a la Achileida, con tal estilo, que no parece de quien avia obrado essotro: porque hablando ya desengañado, i maduro, empeçó a hazer resplandecer la claridad con la alteza, lo suave con lo facil: i valen más aquellos dos brillos, que toda essotra pompa. I passò Estacio bien la carrera humana, passando de moço a viejo; no como estos días, en que vimos algunos, que empeçando por donde el acabò, acabaron por donde él avia empeçado. Gran lastima!

Bma, que siendo claro tendría grandeza, careciendo de claridad es áspero, i difícil. Todo esto dice Herrera juntamente de Luis de Camoës: i lo dice arrimado a todos los antiguos, que nos dexaron preceptos Poeticos, sólidos, i doctos: i quise yo poner aquí ese lugar Castellano, por enseñar esta doctrina a los que corren por fuera della, de que por la mayor parte me consta no saben Latin, i que si alguno le ha oido no le usa: i con esso escriven Poemas, Comedias, libros, i creen que pueden acertar assi desnudos de ciencia, quando condenan los cultivados con ella. Finalmente, assi como en el Prologo truximos por precepto indubitable, de qual un Comento deva ser para ser bueno, i judicioso, con la sentencia de Peroto ejecutada contra si mismo; traeremos aquí un gran Poeta, por precepto de qual deva ser la Poesia judiciosa, emendandose a si propio. Este es Estacio, que aviendo imaginado se adquiria nueva gloria con sus Silvas i Tebaida, apurando en ellas lo exquisito, lo estrondo, i el caudal del ingenio (sin duda admirable) al fin, al fin conoció, que distava mucho el gran ingenio del buen juicio; i pretendiendo emendarse dió principio a la Achileida, con tal estilo, que no parece de quien avia obrado essotro: porque hablando ya desengañado, i maduro, empeçó a hazer resplandecer la claridad con la alteza, lo suave con lo facil: i valen más aquellos dos brillos, que toda essotra pompa. I passò Estacio bien la carrera humana, passando de moço a viejo; no como estos días, en que vimos algunos, que empeçando por donde el acabò, acabaron por donde él avia empeçado. Gran lastima!

E

NO Se dice, que en la Poesia falte el florco, el atrevimiento de la metafora, hiperbole, hiperbaton, i otras figuraz, que sin esso claro es, que no seria Poesia, aunque fuessen versos: sino que se usen con medida, i muy a tiempo, como Homero, Virgilio, Dante, i Camoës: porque hasta la propia divina pluma usa tal vez un tercino galante. 2. Reg. 22. dixo: *Cibrans aquas de nubibus*: adonde està galanissimo el Cibrans: i no lo està menos el acordarse del florear su cola el can de la casa de Tobias en el capi-

X I.

capitulo undezimo: *Tunc precurrit canis*, &c.
Et quasi nuntius adveniens blandimento sua can-.
da gaudebat. O que divina Poesia! Pero esto tal vez. De aquellos estilos contrapuestos, i hiperbatos, se hallarán hasta diez lugares en todo este Poema. El más fuerte es uno de la e. 94. del c. 2. Vease. Otros son galaníssimos como este: *Em-*
versos divulgado numerosos, con la condicion que
dixe en su lugar, que es la e. 9. del c. 1. En la 68.
del c. 2. *Co^c os ventos navegando que respiram.* I
en la 91. *Agrita se levanta ao ceo da gente.* I en la
95. *Hum colar ao pescoco de ouro fino.* En el c. 3.
e. 15. *Mas despois que o Porteiro tem divino.* En
el 4 e. 56. *E de escritura dignas elegante.* I en la
59. del 7. *De palmas rodeado valerosas.* I en la
34. del 8. *Co^c o sangue de seus donos Castelbano.* I
en la 68. del 9. *Notavel à Condesa fez de Fran-*
des. I en la 3. del 10. *Noutras à cabeceira de ouro*
finas. Con que parece, que de industria en cada
Canto quiso usar uno o dos versos destos; ense-
ñando, que esto una vez es gala, i con frequencia
vicio: i que aun para ser gala ha de ser aquella
violencia con essa suavidad, con que ai está usa-
da, que en ninguna manera engendra aspereza
como esto: *Embuelva en poca el desengaño espuma.* I esto: *En ruda si confunden no oficina.* I esto:
Del cielo la bareis tercero estrella; i con tanta fre-
quencia que no se encuentra otra cosa: i esto de
otro tal.

*De oyentes copia el sitio le ofrecía
silvestres, i bolatiles, inmensa.*

Vease la gran habilidad, artificio, ingenio, i concepto desta gerigonza. Bien se que Lucrecio dixo qual vez : *Conquegrentur*, por *Congregantur*, en el lib. 6. I aun por una vez se puede sufrir esta insolencia de Pacuvio en Chryse : *Art vese bac cimur*, en lugar de *Arte bac vescimur*. D Virgilio algunos no tan asperos; mas al fin esto es alguna vez, no todas.

De confundir con otros terminos la oracion,
i la sentencia , o concepto , huyò mestro P. tan
cuidadoso , que no se halla en el cosa desse gene-
ro , no dexando por esto de hallarse en el pensa-
mientos difíciles; mas no por laberintos de ter-
minos , i estrañezas de voces , sino solamente por
lo alto del pensar. Todas las palabras que usò
en todo este Poema , que entonces se podian lla-
mar peregrinas , son estas (i pongo solo la prime-
ra vez que las introduxo , sin tratar de algunas E
repeticiones.)

Los numeros son de las estancias.

CANTO I.

- | | | |
|----|--------------|----------------|
| 2 | Devastando. | argento. |
| 4 | grandiloquo. | 22 vibrar. |
| 5 | tuba. | rutilar. |
| 8 | hemisferio. | 24 estelífero. |
| 16 | exicio. | 34 Dea. |
| | ceruleo. | belligera. |

XII.

ITenia nuestro P. ai grandes hombres con q se pudiera escusar quando en esto se uviera emplea lo más: porque Dante a cada passo es Latino, Frances, i Bergamasso; valiendose de toda la escoria de lenguas de Italia; i a veces haciendo una mezcla de todas violenta, i notable. Gran cosa es, que en el c. 9. del Paraíso diga: *Si iom' intuisi*, por dezir, *Si yo me estuviera en ti*. Desto mucho en él; i no poco en Petrarca, Ariosto, i otros, con que no pierden el nombre de divinos: pero en esto no se quiso parecer a ellos nuestro P. usando de solas esas voces en todo un Poema heroico de 1102.estancias; i muchas más vemos oy en sola una fabula de poco mas de cien versos. La diferencia está en que él las usó con la medida que a grandes hombres, como él, es concedido hacerlo (omito el traer Autores para esto) i essotros no: en cada Canto pocas; i apenas dos en una estancia de tiempo a tiempo. Cierro lo tocante a esto con embiar los Letores, a lo dicho sobre la e. 20. del c. 5.

I quanto a estender palabras, o encogerlas có la licencia Poética de diaftoles, o sincopas, rara vez le sucedió a nuestro P. esto, con el modo que se verá en la e. 77. del c. 7. Hiperboles, i metaforas, que siendo muchas, i remótadas, cansan muchíssimo, usó el P. con tanta vigilancia que es increíble: de modo, que en numero ay las que pudieron causar apetito, i no hastio: i en calidad proporcionadas de suerte que son adorno, i no confusión. Cosa q có grá engaño se usa oy muy al contrario. Así, q el P. huyédo toda escabrosidad, i aviédose cansado más de 26. años en este Poema, por no cansarnos en la unió rara de lo facil i dulce, con lo alto i grave, se vía mano a mano con Virgilio, excediédo a Dáte, a Petrarca, a Ariosto, q singularmente lo solicitaron, i no cediendo al Tasso, que a el, i a ellos quiso dexar vencidos.

XIII.

Legamos a la perfecion septima; que el Poema se tráforme en los personages q introduze, hablando conforme a la calidad de cada uno, i de las materias. Esto en el nuestro sucede con tanto estremo, que pàra en admiracion. Vease la superioridad con que supone las acciones i palabras de Iupiter en el Concilio del c. 1. que cierro no hablara el de otra manera, si uviese de hacerlo con lengua humana, como se dixo de Platon. Vease la colera con que describe a Marte ai mismo. I en el 2. la ternura i melindres con que pinta a Venus lantimada delante de Iupiter, pidiendo favor para los navegantes; i en el 3. i en el 4. i en el 8. el ardor, bravosidad, i bizarria de las acciones militares de tantos Heroes; i otra vez en el 3. la belleza, i inocencia de doña Ines de Castro expuesta a la tirania de Cavalleros que la fizieron matar, i crudeldad del Rey que consintió su muerte; i al fin del 4. las despedidas en la playa de Belen, que realmente no es humano el que

Aleyendo lo uno, i lo otro no se entremece, ya no quiero que ilore; porque allí hablau actualmente la tristeza, i lafuma. Quiendixera, que el espíritu q descrivió lo coherico de don Nuño Alvarez, i de aquella batalla en el c. 4. i de los doce de Inglaterra en el 6. i en el mismo la bravosidad de aquella tormenta, avia de poder transformarse en las ternuras que contiene todo el c. 9. i principalmente en el amoroso Leonardo, para q dixesse a su Ninfa los mas altos, i suaves pensamientos, que en ningun Autor se hallan en la boca de ningun amante? Nadie lo dixerá a no verlo. Al fin es cosa rara. I luego bolviéndose a tránsformar, para bolver a lo belico, pinta en el primer tercio del c. 10. las hazañas de los Heroes Lusitanos en la India, de manera que las armas, i el estruendo, estén sonando a los oídos; i luego a los ojos parece q en una parte hiere el mar; en otra entolda el polvo, o el humo el ayre; en otra discurre el furor, i en otra corre la sangre. Dexo otras imágenes, q fuera detenerme mucho el referirlas todas. Lo en q no ay duda es, q Luis de Cam. fue el Proteo de los Poetas, o el Iupiter q es mejor, mudándose en quantas figuras quiso, con tanta propiedad, q en la q tomó de nuevo no se halla vestigio de quintas avia tomado antes.

XIV.

Parece de lo dicho, q el P. satisfaze có grá valézia a las siete perfecciones q devé concurrir en un Poema heroico. Véngamos agora a lo q dizé, de q faltó a la Religió por invocar i introducir Dioses a lo Gétilico. Digo, q devia dezirse al revés; q introduxo Deidades Gétilicas a lo Christiano, haziéndolas representar la verdadera Deidad, có elecció, agudeza, i dicha, no alcacadas de otro Poeta. Vease esto sobre las est. adonde más particularmēte lo tratamos, q son las 20. 21. 29. 30. 33. 34. 37. 38. 39. 40. del c. 1. Las 10. 18. 19. 20. 21. 39. hasta 37. 42. 56. del 2. Del 9. las 18. hasta 29. En el 10. las 8. 2. 8. 3. 8. 4 i en esas se citan las otras en q se insiste en esta materia; i se vence, creo, clarissimamente. Luego este Poema no solamēte lo es, sino q es raro, con calidad ilustre de ser el primero q en vulgar vio Europa llevo de la grandeza, i magestad heroica, mas arrimado a Homero, i a Virgilio. Veamos si es así. Virgilio ya sabemos q no es otra cosa sino Homero, pues Camões otra cosa no viene a ser sino Virgilio. Como? Desta manera. Sale Eneas de Troya, llega a Cartago, adónde la Reyna Dido le recibe, i hospeda festiva i pomposamente; con q fenece el libro 1. Sale Vasco de Gama de Lisboa, llega a Melinde, cuyo Rey pomposa i festivamente le hospeda i recibe: advirtiendo, que para que a Eneas con Reyna enamorada del, no deixasse de corresponder el Gama, allá al fin del del c. 9. le desposa con Tetis, que al principio del 10. le banquetea como Dido a Eneas. Adelante. Pide Dido a Eneas al fin del c. 1. que le cuente su navegacion, i las cosas de su patria, i

E Virgilio. Como? Desta manera. Sale Eneas de Troya, llega a Cartago, adónde la Reyna Dido le recibe, i hospeda festiva i pomposamente; con q fenece el libro 1. Sale Vasco de Gama de Lisboa, llega a Melinde, cuyo Rey pomposa i festivamente le hospeda i recibe: advirtiendo, que para que a Eneas con Reyna enamorada del, no deixasse de corresponder el Gama, allá al fin del del c. 9. le desposa con Tetis, que al principio del 10. le banquetea como Dido a Eneas. Adelante. Pide Dido a Eneas al fin del c. 1. que le cuente su navegacion, i las cosas de su patria, i

motivos de dexarla, i venir tan lejos; en que se despenden el lib. 2. i el 3. Pide el Rey de Melin-
de al Gama lo mismo al fin del c. 2. i él le sati-
fa en los tres siguientes, 3. 4. 5. Parte Eneas de
Cartago, illega a aquella parte de Italia, en que
traiz puesta la proa, i habla por medio de sus
Embaixadores con Latino, i despues de varias
dificultades peligrosas, consigue el fin de su via-
je. Parte el Gama de Melinde para el Imperio
del Malabar, que era el termino de su desejo, lle-
ga a Calecut, propone su embaxada al Rey, i des-
pues de semjantes peligros, conseguido su inten-
to buelve a la patria. La vuelta imita la de Uli-
ses en Homero. Los episodios, digresiones, i
adornos Poeticos, que en Virgilio tambien son
los mismos casi que en Homero por toda la Uli-
sea, en nuestro P. son casi los propios que en Vir-
gilio; como Concilios de Dioses, aviendose avé-
tajado en el de los maritimos del c. 6. El singular
episodio de Virgilio es aquella admirable inven-
cion, i pintura de los amores de Dido co Eneas,
a que corresponde en nuestro P. todo el c. 9. con
Venus, i los Cupidos, i las Nereydas, i la Teti, i
en particular Efise con Leonardo; que por la re-
verencia que se deve a Virgilio, digo solo que se
queden iguales; si bien lo que Leonardo dice a
Efise, ni en Virgilio, ni en ningun otro se halla
igualado. Dexo agora los Censuradores a braco
partiendo con Virgilio, diciendole que no es Poe-
ma la Eneyda, pues la Lusiada, otra Eneyda es,
como claramente examinado en limpio, sin
que lo pueda contravenir la propia temeridad, la
propia ignorancia, ni aun la propia desverguenza.
I agora ponderare, que quando mi P. se be-
viò a todo Virgilio, para bolverlo a dar en este
Poema, no lo avia hecho ningun Poeta; i assi fue
notable valentia esta de imitacion, i ingenio: pe-
ro fue frialdad y cobardia en todos los que des-
pues lo hicieron, remendando a Camões antes q
imitando a Virgilio. Esto quisieron huir los Po-
etas Latinos que escrivieron despues de Virgilio:
viendo que en virtud de su ingenio admirable ya
estava en la Poesia Latina toda la invencion i al-
ma de Homero, i que no avia para que seguir
mas en Latin aquella senda. Esto no supieron
ver los que en vu'gar repitieron la de Virgilio
despues de averlo hecho Luis de Cam. felicissi-
mamente: ademas de que, como descubrimos en
la e. 1. sobre el verso: *As armas, &c.* en lo ulti-
mo, mi P. desdenandose de empezar abiertamente
como Virgilio, tomó para proemio lo que él
para principio, i mejoró la materia del proemio,
según tambien allá enseñamos: porque Virgilio
hizo proemio de lo ya cantado: i Camões de lo
q' e avia de cantar: i siendo en Virgilio principio
lo que avia de cantar, en Camões es proemio el
se principio de Virgilio. Mirese si son buenas in-
dustrias, i cuidado de no empezar puntualmente
como Virgilio, sino con una diferencia tan her-
mosa como lo es la c. 3.

Tomo I.

XV.

A Donde se hallan tan en su punto las perfeccio-
nes referidas, parece q' no es menor des-
cubrir otras, ni a punto de defectos q' era imposible
las pudiesen desluzir. Todavia yo me di y por
entendido en los otros de q' le achacan, i no quie-
ro que parezca los passo en silencio por inescusa-
bles; i a bueltas desso tocaré en los otros miem-
bros que son partes de la belleza de semejantes
obras, ademas de esas principales que ai dexa-
mos ya patentes. Empiezo por esas partes.

B La primera es la imitacion: en traça, en estilo,
en pensamientos; cosa que no dexo de solicitar
ningun Escritor grande. El nuestro, imitó muchos
Griegos, o los Griegos mucho si ellos son po-
cos. De los Latinos, i Toscanos, que escrivieron
con mas aceptacion, no se le escapó alguno: i es
de notar, que siendo este Poema algo más breve
que otros, se halla en él dos cosas raras; una, que
quié le supiere de memoria, podrá responder có
él a casi quanto oyere: otra, que no ay lugar subli-
me, i culto, en gran copia de Autores, q' no se ha-
llie aqui, unas veces copiado, otras imitado, i ilus-
trado muchas. Lo q' es propio suyo, de materia
es subido de punto, q' nadie le podrá mejorar; i lo
q' trae ajenos algunas veces, le mejora de suerte,
q' si resucitara a verlo cada qual de sus Autores,
reconociera el beneficio. Virgilio imitó a Teo-
crito, a Hesíodo, a Calimaco, a Homero, a Enio,
i a Lucrecio. Dante a Virgilio casi solo. Petrar-
ca a Dante, i a Virgilio algunas veces. Ariosto a
Virgilio, i a Ovidio particularmente en hasia
i 50. lugares; a Dante, i a Petrarca en pocos, por
el discurso de tan prolixa obra. Sanazaro a Vir-
gilio con singularidad. Beniveni no tanto, pero
mucho en las Elegías. Camões imitó claramen-
te a todos estos, i a quantos se verán en la tabia,
sin los que yo no vi, o no conoci imitados des-
pues de vistos, i estilan los a todos de manera,
que sus obras son la verdadera quinta esencia
de quantas ay deste genero: i perseverantemen-
te hizo este empleo con gran constancia, i dicha
en Virgilio, de modo que pudiera decir de si con
más propiedad, lo que de si dixo Dante al prin-
cipio de su Poema, hablando con Virgilio.

*Tu sei lo mio Maestro, e il mio Autore:
tu sei solo colui da cui io tolisi
lo bello stile che m'ha fatto onore.*

E Lucrecio dixo: *Todo quanto vés cōsistir en el mū-
ndo, llenarlo, i guarnecerlo, todo esto es Iupiter.* I
nosotros podemos licitamente decir. Toda la
grandeza Poetica q' se vé en Camões es Virgilio,
i todos los otros ilustres Poetas. De suerte, que
nos viene a parecer este Poema lo q' muchas ve-
zes vemos, q' es de j. yas de oro viejas hundidas,
f. car otra nueva, i mas hermosa: porq' assi pare-
ce q' se hñ lierò todas las joyas viejas, i ricas de
la Poesia, y q' en esta resucitaron gloriosamente.

Pues si al Poeta le honra tanto el aver imita-
do los passados, no lo haze menos el serlo de los

C.

fur-

futuros, principalmente si son de los constituidos en perpetuidad. De algunos fue imitado el nuestro, como en las Notas he advertido, siendo los principales don Alonso de Ercilla en su segunda parte, que es verdaderamente la que le honra, i digna de un valiente espíritu Poetico. Francisco de la Torre, no el llamado Bachiller con este apellido en el Cancionero general, como con notable engaño se dexó creer don Francisco de Quevedo, pues consta que fue conocido de Lope de Vega; i quien tuviere conocimiento de los estilos de las edades, verá facilmente leyédo unas i otras obras, que las del Bachiller son de aquel tiempo, i las de Francisco de la Torre dese, portándose cada uno conforme al que le cupo en suerte. Lope de Vega es el grande, tercero en edad, que le ha imitado continuamente. Dexo otros de España, i de Italia, que no fue mucho q desfassen imitarle, antes fuera más el no desearlo. Dellos se verán algunos en las Notas; mas pocos, por las razones que en ellas damos quando conviene. Pero sea suma gloria a nuestro Poeta el ser imitado de dos hombres de quien no se podía esperar que lo fuese, así por el capricho de su naturaleza, que a pocos estraños, i menos Españoles, se inclina; como por el de la estimación que hicieron de si, que parecía que a nadie avian de reconocer. Es el primero el severissimo Torquato Tasso, que ademas de averle celebrado en sus Rimas, segun mostrare al fin dese juicio, lo imitó en algunos lugares grandes, de su nunca bastante mente alabado Poema; i quando no le aya imitado en otros, concurrió con él en ellos con tanta frecuencia, que sin apretado estudio se hallarán mas de quatrocientos derramados por esas Notas, obligandonos a esto la gran opinion que tiene; porque se vea, si pareciere que le imitó, que lo hizo; i si no que no le excedió con escribir segundo: pues las imitaciones que haze de los antiguos son por la mayor parte las propias que avia hecho Luis de Cam. i lo que Luis de Camoés dice sin que lo hallemos imitado, esto mismo vino a decir el Tasso en muchos lugares sin ninguna ventaja, como allá mostramos; quedandose el Camoés con la de la primacia, que pienso yo ser grande, sobre un tan gran hombre como Torquato, que con maravilloso furor vino corriendo la palestra cõ resolución de dexar atrás todos los que la avian cortido con tanto alienito. Pero justissima cortesía sue, que el gran Tasso pagasse, con imitar a Luis de Cam. la deuda de aver él hecho digno a su padre Bernardo Tasso de su imitacion copiosa, no menos de sus Rimas, que de sus dos Poemas, Amadis, i Floridante. El segundo es el Cavallero Marino, que le imitó algunas veces con toda su jactancia, de que, cierto, usó mucho, aunque no le negamos la gloria q merece, por más que su ingratitud nos merecia poco alguna alabanza. Vease el fundamento desto en la c. 15. del c. 5.

XVI.

A LA Igualdad quieren muchos q sea otro miembro de la hermosura de un Poema heroico. Homero infinitas cosas tiene mucho menores q otras, assi en pensamientos, i locuciones, com , en invención, i estilo. Virgilio anduvo más cuidadoso, i todavía tambien tiene cosas menores. El atrevido i horribil Estacio muchas veces cae de aquel suprincipal sonido. Dante que dichosamente se fue trás la suavidad i alteza de Virgilio, tiene mil cosas desiguallissimas, i con todo es divino sin duda. A Petrarca, i al felix Ariosto sucede casi lo propio. A Bernardo Tasso que afectó mucho la cultura, no le dexa de suceder casi otro tanto. Nuestro siempre grande, i hermoso Garcilasso acompañalos quanto puede, o quanto no pudo dexar de hazerlo: que verdaderamente en tan grandes hombres siempre estoy dudosos de si esto es descuido, si cuidado: porque pensar que nosotros agora les estamos superiores, vanisimo pensamiento seria. Torquato Tasso es el que más severo salió, i con mayor constancia de igualdad, si bien para los que tuvieran buen conocimiento de su lengua, no dexarán de hallarse sus desmayos. Yo bien veo, que en algunas partes parece que nuestro P. cayó, i esto es singularmente en lo penultimo del c. 1. i ultimo del 8. Pero como son relaciones de lo sucedido realmente en materias no grandes, que o se deve escusar, o tratado no pide mayor estilo; persuadome que no ha incurrido en mayor culpa, que la de no averlo omitido, o a lo menos no dilatado. I con tales hombres no se han de usar estas pesquisas, como Pedro Crinito dixo de Lucrecio en el cap. 19. del lib. 2. *Neque mirari oportet si Lucretij versus duriores interdum videtur, &c.* En tiempo ya cultissimo escribió Silio Italico, i todavía hizo versos semejantes a este: *Altrix bellorum, bellatorumque virorum:* ni en Virgilio falta uno que entre assi: *Fluviorum, &c.* Por esto dexan de ser grandes? Vanissimas censuras. I si todavía esto se ha de llamar desigualdad, asegurome que si mi Poeta viviera oy, respondiera a essa objencion con este Epigragma de Marcial a Cretico.

*Iactat inequalem Matbo mefecisse libellum;
Si verum est, laudat carmina nostra Matbo.
Æquales scribit libros Calvinus, & Umber;
Æqualis liber est, Cretice, qui malus est.*

E I con esto dixerá mis, que el mismo Autor de todas las obras, en este admirable Poema de la fabrica del mundo, tuvo por conveniencia de la hermosura, orden, i govierno dèl, la desigualdad en los cielos, en los Planetas, y los otros Astros, que son su adorno: i acá abaxo texió con la soberbia de los montes, la humedad de los valles; con la soberanía de los Príncipes i poderosos, la obediencia de los vassallos i pequeños. No parezca impropio para comparar a esta obra la del mûndo, llamádola Poema; por q assi entre algunos

Au-

Autores sagrados la llama san Agustin en su ciudad, lib. i i. cap. i 8. *Pulseberrimum Dei carmen.* No le quitan el nombre de hermosissimo esto altibaxos, antes se le confitman, como a la musica armoniosa: que un Poema, i el mundo, todo es armonia. I con esto allá se avengan los Criticos con Dios, i con Marcial, en tanto que yo me avengo con mi Poeta.

XVII.

Entra tambien en el crimen de la desigualdad lo jocoso, que dicen no se permite en Poema heroico. Yo lo que veo es, que de industria lo trataron Homero, i Virgilio en sus Poemas. El primero no trujo en la musica de Demodoco, en el lib. 8. de la Ulisea, el modo con que Vulcano cogió en la red a Venus, i Marte, i la risa de esto en los Dioses, sino para hazer reir. *Magnus autē (Homero alijs) motus est risus beatis Dīs.* I todo lo que, llamandolos, les dixo Vulcano, tambien son chancas: *Iupiter, & alijs, &c. Venite, vt opera ridenda videatis, &c.* Dexo otras burlas entre Juno, i Jupiter, con ser Dioses supremos (de que se hallarán algunas en los lib. 14. i 19. de la Ilíada) a trueque de no dexar la memoria que haze en el 17. de la Ulisea, de un rezio estornudar de Telemaco, i del rezio reir de Penelope al estornudo: *Telemacbus valdē sternutavit: circum autē domum terribiliter resonuit: risit autem Penelope, &c.* Virgilio no hizo caer Palinuro al aguaje ni el justador en las fiestas hechas a Anchises en el mar, sin hazer la cama a la risa. Dante tiene mucho desto, con ser hombre, i Escritor de profesion sagrada, porque su Poema es mera Teologia: i con todo esto se dexó decir al fin del c. 21. del infierno: *Egli havean del cul fatto trombetaz.* I en el 28. *Che merda fā di quel che si strangugia.* Ariosto solamente para reir introduce varios cuétos, i con singularidad el del Hoste en el Canto 28. A quien pues dare más credito? A estos hombres valentíssimos, que son los Padres destos estudios, o a quienes censura sin aver obra do cosa que le dé autoridad para constituirse en Magisterio? Yo me voy con ellos, porque ellos te fueron con el genero de la Poesia que usaron, que es el Epico, el qual se comunica con el Comico, i con el Tragico, por doctrina de Aristoteles en su Poetica. Luego, no fue demasiado nuestro Poeta en usar desta comunicacion en solos dos lugares, que son la e. 35. del c. 5. i la 14. del 6. sobre que allá diremos algo. Veanlo los curiosos; que los Censuradores no se rendiran, aunque lo vean allá, i aquí, ni en el mismo Apolo.

XVIII.

VNa ventaja grande, i muy conocida, haze nuestro Poeta a todos, que es en los pensamientos i conceptos. Homero tiene la invencion, i alegoria, i sentencias, i facilidad. Virgilio lo propio mezclado con aquella alteza de frases. Estacio la pompa. Ovidio la ternura amorosa, la copia, lo facil, i suave: assi otros Latinos.

Tomo I.

Dante, i Petrarca principalmente aquella pureza de lenguage, la facilidad, i los afectos. Ariosto assi. El Tasso como Virgilio la constancia en la alteza. Todos son raros cada uno por su camino. Pero nuestro Poeta en todo esto no ce de a alguno; i le devenceder todos en conceptos, i golpeazos (digamoslo assi) que solo se hallan en el. No me atreviera a dezirlo si no lo hallara ponderado en buenos ingenios extraños, que no incurren en la sospecha del amor de la patria. Assi, pues, se nos parece nuestro Poeta entre todos a Gigante entre Cavalleros de estatura ordinaria; porque destos se refieren en las historias bizarras estimables, pero de aquel, golpes correspondientes a Gigante.

XIX.

Los defectos, o por descuido, o por ser en cosas que no dieron cuidado, de que ningun Escritor hasta oy quedó esento; por quanto tambien muestran desigualdad de juicio, i eleccion, pidien que se trate de los en este lugar. Aunque tengan algunos los hóbres insignes en sus obras, si tenemos feo nunca llegaremos a censurarlos sin grandissimo temor, i reverencia. Esta es la distancia de los tales a los otros: porque de los que escriven con pocos aciertos, se entiende que por yerro acertaron algo; i de los que con muchos aciertos escriven, se entiende que nos dan a entender, que se descuidaron para darnos de qué cuidar: o que no cuidaron de esto, para enseñarnos que de menudencias no cuidan espiritus sublimes: ademas que estos defectos en los escritos hermosos, son a veces como los de la naturaleza en un rostro; lunares que no pocas le añaden hermosura. I si el descuido, todavía es grueso, no ha de incitar la defestimacion de quien le cometio en quien le mira, sino el advertimiento de que recoja las velas de la presumpcion, viendo descuidos en sujetos tan grandes, insinuando de a quales pueden ser los suyos, (si es que se tiene por menos: cosa dificil). I finalmente assentir por infalible, que assi como un acierto de quien yerra mucho no tiene valor, un yerro de quien mucho acierta puede tenerle; i a lo menos pide respeto. Oracio dixo en la O. 1. 10. *Tunibil in magnō doctus reprendis Homero?* Casi burlandole de quien quisiese librarse de algunos defectos, ni al propio Homero. I es de notar el modo cō que lo dice; llamandole grande a el quando no le excusa dellos: enseñando assi lo que aiocabamos de ponderar, que a quien acierta en muchas cosas no se le ha de perder el respeto, porque se descuide en algunas: porque a la humanidad es imposible la perfeccion: i el yerro en cila es menos de admirar que el acierto; i assi la buena dicha consiste solo en errar menos uno que otro. De que se sigue, q̄ Ecaligero quando portia en q̄ Virgilio no desacerto en aigo, tiene mucha pasion; i quādio a portia escarnece de Homero, tiene poca verguença: i quien celebra mucho tal linea;

de juizios tiene poco juicio: porque Homero es la fuente de la Poesia; i Virgilio con hazerse todo Homero, diò a entender, que si no uviera Homero sin duda no uviera Virgilio; i si Virgilio no se mejorara de Homero en algo uviera hecho na la: como hizieron en España todos los que escrivieron Poema heroico despues de Luis de Camoës hasta oy, que no solamente no mejorádose, sino viélose sin igualarle si quiera, se atrevieron a salir en publico: no ponderando, que el se atrevio con verse superior a todos: i que Torquato Tasso tambien se atrevió con la ponderacion de que si quiera en la constancia de la grave fad se mejorava. Yo tambien tuve en buen estadio un Poema heroico, i dexéle porque totalmente conoci, que en nada excedia a este grande hombre: i que apenas le igualava en algo: i q de libros malos, ni aun mediocres, no ay falta en el mundo; i que un Poema heroico no sufre mediania, i precisamente pide ventaja para publicarse, si su Autor tiene verguença: las otras Poesias pueden passar con qualquier acierto: doymie las gracias de averme desengañado a mi propio: i más quando veo, que no faltava quien me animasse. Todavia, yerro notable yo no le veo en nuestro Poeta: digo de aquellos que no son bastantes a quitar el ser i nombre a un Poema heroico; que dessos que le imponian, ya al principio le mostramos no solamente libre, sino mal culpado por mal entendido. Estotroson los que se siguen.

Se dice, que siguió mucho la verdad de los sucessos, i que el Poema pide más fabula. Yo veo que Homero, i Virgilio, eligiendo una accion q suponen verdadera, la dilatan con la invencion, i fabula: pero tambien no dexo de ver, que la accion principal en nuestro Poeta, toda está adulada de excelente invencion, i fabula, como se vé del discurso de las notas: i aunque es assi, que baxa a algunas particularidades que son verdaderas, essas embuelve tambien en fabulas particulares: como en el Canto 2. el ser cierto que las naves estuvieron a punto de perderse; luego las finge salvias en virtud de Venus, i las Nereidas, con todo el caudal Poetico i fabuloso. Luego adelante refiere la llegada a Melinde, que fue cierta, i parecio milagroso el favor que allí encontraron, adornalo con la fabula de Mercurio, que embiadode Iupiter lo previno todo. I mas adelante el recibimiento que le hizo el Rey favorable, fue cierto: pero ell i descrito al arbitrio de la verdadera Poesia. E l c. 5. es cierto, que llegaron al Cabo de Buena Esperanza como el dice: pero dízelo con una invencion Poetica i fabulosa, que siempre sera inimitable. Mas adelante es cierto lo que refiere, de que las corrientes del mar los bolvian atras, pero introduce el viento Noto, muy como Poeta, a vencer la dificultad. Vease lo dicho en la e. 63. del propio c. 5. i en la 5. del 6. A este respeto en las otras ocasio-

nes. Añades a esto aquell artificio cuidado q si mo, que descubrimos por las notas en todas esas verdades que refiere, i es, que ademas de adornarlas de este modo que acabamos de decir, i no referir alguna enteramente i derechamente, las anduve barazando por el Poema con arte, sin atender al curso de la historia; i eligiendo las todas parecidas a las fabulas de Homero, i de Virgilio, por dar satisfaccion a lo que dixo en la est. 11. del c. 1. que los sucessos verdaderos desta navegacion excedian los fabulosos de esotras. I apena avra alguno en este Poema, que no le Bayamos careado con aquellos, sin violencia alguna: con que todo quedan siendo fabulas, unas porque lo sou, i otras porque lo parecen.

Dizes tambien, que la relacion del Gama fue larga entre tres Cantos, teniendo el Poema solos diez. En la nota posteria al canto 5. advertimos, que la de Ulises a Alcmoo fue de cinco Cantos; i de dos la de Eneas a Dido. En esto no ay ley: i los hombres grandes pueden dar preceptos, i no estar siempre atados a los agenos: i assi no veo en ello deformidad que justamente pueda ser condenada. Lo propio digo del otro achaque hallado en introducirse a si propio con aquellas moralidades; al fin del c. 5. i del 6. i entrada, i remate del 7. i fin del 8. i del 9. i del 10. adonde hemos dicho algo a este proposito: mas lo principal es siempre, que hombres tan grandes puedan tomar nuevos caminos, i ministrarlos.

Tambien es notado de usar en una misma estancia de consonantes que hacen asonancia, como esperanca, i fama: i de algunos agudos. I tiene esto dos respuestas: una usarse en su tiempo: otra que siendo los Italianos los dueños de esto, lo usan aun oy. En la propia cultura del gran Tasso hallareis lo uno i lo otro. Vease lo dicho c. 2. est. 16. I si los consonantes que llamo agudos en Tasso (como veremos en la est. 129. del c. 3.) no lo sou por ser las ultimas dos letras vocales, segun quieren bnenos juizios, tambien entonces serán menos estos agudos en nuestro Poeta, porque muchos de los suyos son de ese genero. Pero si esto se usava entonces, no es culpa. Menos lo es el usar algunas palabras que oy no parecen cultas a los cultos, porque entonces lo eran totalmente, como gesto, geito, i otras semejantes de que le achacan.

Otros quieren, que aviendo dicho el P. algunas cosas desta manera, las pudiera decir de esotras. De quien no se dirá esotras. Otros dicen, que dixo dos veces una palabra en una estancia. Desfo cuidan grandes ingenios? Hálollo a cada pafso en los Latinos, no digo en el espacio de ocho versos, sino de solos dos. En la cuidadosa grandeza de Virgilio lo hallareis todas las veces que quisieredes, i por esto escuso citas. Tambien lo encontraréis en el gran Tasso. La classe moderna hueye mucho oy de caer en esto: mas no sabemos que pueda subir a lo grande de los que cayeron en

en ello, que al fin, al fin, con todos estos defectos, Sublimis erunt sydera vertice. Lo cierto es, que Luis de Camoës en el espíritu, i furor Poetico excedió a todos; en el límitar, en algunas ocasiones, le excedieron algunos; pocos: i en estas lo supiera sin duda hazer quien lo supo en aquellas; con que parece que ésto fue industria, i no descuido. Sea como fuere, él assi poco limado en partes, aparecio a la par de los que mas lo fuerón en todas. Yo que conozco, que no supo menos q̄ todos, sospecho que conocio él, que la valentia no estaba en lo muy polido, sino en lo bien arriado: a uso de pintor valentissimo, que aborrece la detención en cosas ligeras; i con un genero de libertad doct̄, o estudio atrevido, gasta los colores, tal vez como a puñados, antes que como a pinzeladas, dexádo corrida toda la sutileza destas, con la destreza de aquellos, que es incomparable: porque los grandes hombres como este, no hacen caso de lo que puede llamarse vulgar en lo espírituoso de la pintura Poética. Del raro Michael Angelo sabemos, que pintava a Christo en todas ocasiones que le dexaron desnudo, sin toalla, o cobertura de alguna parte; i en la Cruz sin clavos en manos, ni pies, i preguntando: En que se sustentava aquel cuerpo? respondió: Que esto avia de suponer pintado el entendido, i no esperar de un valiente hombre, que se detuviese a pintar un clavo. Clavos pintan bien los polidos deste tiempo, con que nos enclavan la pacencia; i toallas, o nubes (no tan engañosas como la de Parrasio) con que pretenden disimular sus defectos; i quando llegamos a descubrir la figura, está sin nervios. De aqui procede, que quando los novicios en el arte ven aquellos lances, que no conocen, se atrevan a pensar, que si lo intentaren llegarán a otro tanto; i quando lo intentan quedan ciegos en aquellos bottones, como en los mismos rayos del Sol. Assi, pues, quien quiere acabar de entender hasta donde llega el estilo, i pensamientos de nuestro Poeta, intente hazer alguna estancia en competencia de las suyas (hablo de las que son hijas del furor Poetico de que se escapan pocas, por pedirlo así la ocasión) i luego tocarrá la dificultad, porque aquella facilidad está obligando a cada uno, a q̄ diga: Como? No haré yo esto? Sí haré. I en arrojándose a hacerlo, se halla tullido. Esto quanto a estancia por estancia, locucion por locucion, concepto por concepto, Poesía por Poesía: i quanto a todo junto de Poema por Poema, yo no veo otro en España que merezca este nombre: i si no denmele acá: ni fuera de España, que lo merezca mejor fuera de Homero, i de Virgilio, porque no siendo los otros más de dos, que son Dante, i Tasso, el primero aun pecha más en floxiedades, i en descuidos, o atreuimiento; i el segundo es segundo a nuestro Poeta, i pretendiendo escarmetar en cabeza agena, es verdad que salió mas peynado, pero esto no es lo sustancial de la Poe-

A sia; i en lo sustancial sus defectos se tiene: mas tie-
neno los con la condición de doct̄, i como nuestro
Poeta, dandonos los dos en millares de hermo-
suras un descuido, i con un cuidado en millares
de yertos; como agora se usa: que fue causa de q̄
Lope de Vega diesse aquella respuesta que saben
muchos, a un Comico. Pero dirélo para los que
no lo saben. Dixole Lope de Vega viendo una
Comedia que él le mostró, Que tenía en ella seis-
cientos disparates. I el enojado dixo: Señor Lope
de Vega, mire V.m. que no le faltan otros tantos. I
Lope a él, con gran Flem, pausa, i socarroneria:
Es verdad lo que V.m. dice. Pero yo tengo seis-
cientos disparates en seiscientas Comedias, i V.m. tie-
neno todos en una. I tambien digo, que si Luis de
Camoës no tuviera aquello de no hazer caso de
algunos lugares, me sucediera por el con todos
los Poetas lo que sucedio a Anibal por si con
Scipion: i es, que estando los dos en Efeso plati-
cando, Scipion le preguntó, Qual era el mayor
Capitan? i respondió, Que Alejandro era el pri-
mero; Pirro el segundo; i el propio Anibal el terce-
ro. A esto acudió Scipion: I que dixerás tu, Ani-
bal, si me uviera vencido, pues siendolo tu, te cué-
tas en tercer lugar? I respondio Anibal: Si yo te
uviera vencido me pusiera en el lugar primero.
Digo, pues, que Luis de Camoës de los Poetas
es el tercero, siendo Homero, i Virgilio prime-
ro, i segundo; i que si uviera vencido esto que di-
ximos, pudiera ser primero; por aquella ventaja
que haze a todos, ya mostrada arriba en el n. 18.

X X.

L A Proporción de un Poema no ay duda que
es una buena parte de lo sazonado, i hermo-
so del. Esta se verá en su punto quando no sea
(como la Missa) tan breve que parezca que no se
estuvo a ella, ni tan proixa que incite a ser des-
amparada, i buscarse otra. Porque no deve pen-
sar un Autor que sus obras han de ser leidas, cou
el amor, i desejo con que fueron escritas: con que
las viene a hazer, sino son muy raras, insufribles
con la prolixidad; i menos gustosas si son muy ra-
ras: sujetandose a conocer, quanto más vale de-
xar al Letor con gana de leer, que con fastidio
de aver leido. Veo bien, que Homero assi como
fue ley en muchas cosas, lo pudo ser en esta: pe-
ro tras esto veo, que él escribió dos Poemas, ca-
da uno de 24. libros, porque en ambos siguió el
numero del Alfabeto Griego, que contiene 24.
letras. Los 24. de la Iliada, poco mas a menos,
tendrán 140000. versos. La Ulisea tiene algu-
nos menos. Valerio Flaco es muy cansado con
la longitud de su Argonautica. Nono le acom-
pañía con sus 48. libros de Baco, o Dionisiaca,
teniendo tanto este Poema solo, como los dos
de Homero. A Virgilio devió parecer mal esto,
pues no hizo más de doce libros, que contienen
más de mil versos, también poco más a menos.
Los Latinos que escrivieron despues del procu-
raron imitarle en esto, i no a Homero. Dante, que
es

es el primero de los vulgares , aunque se parece más a Homero , se queda incluso en los terminos sufribles ; i fuera dellos el Tristino en su cansado , aunque docto Poema de Italia Liberata , con la añadida de ser en verso suelto ; i el Conde Brizardo , que sin aver acabado con su Orlando , dexó escritas mas de cinco mil estancias , que contienen mas de 4000 versos . No se mejoró Ariosto , que continuandole con el Furioso , faltó poco para igualarse con él . Bernardo Tasso en su Amadigi , se hizo más insufrible escribiendo cien Cantos , que contienen más de siete mil estancias . Marino en su Adonis casi se le parece en este numero , i peor en la proporcion de los Cantos , haciendo alguno de más de quinientas estancias , que nunca fuera acabado de leer , si el assumpto , i los pensamientos no fueran de lo estragado que apetece la naturaleza humana . Torquato Tasso conoció mejor estas deformidades , i todavía escribió algunas tres mil estancias , con que excedió a Homero en casi otros tantos versos , porque son los suyos 2500 . Los Espanoles q se lean , tambien , por la mayor parte , anduvieron un poco largos . Luis de Camoës es acusado de que anduvo un poco breve . Yo muestro que anduvo ajustado con Virgilio en el numero de los versos , si no en el de los Cantos , pues le pareció que el de diez era bastante , i lo es , ni ay ley que lo contradiga : por esto escuso traer aquí los Autores que en esto variaron , sin atender al numero , pues algunos llegan a ciento , i otros no llegan a diez . No quiero todavía dexar de advertir a los curiosos , que pudo el P. inclinarse al numero de diez , por ser muy misterioso : i si dellos esta erudicion . Contiene este Poema mil i ciento i dos estancias , que son 80816. versos : i así con diferencia no considerable , es el numero de que se agrado Virgilio . Dirán los Contrastes , que los versos vulgares son menores que esos Latinos , de que Virgilio usó . También esto es de poca consideracion : i todavía confessandolo digo , que si Camoës en ocio destos dice otro tanto como Virgilio en ocho de aquellos , quedá iguales . I si lo dice , o no , veanlo los curiosos en la est. 52. del c. 2. Doylo por visto . Luego , queda este Poema igual en la proporcion con el de Virgilio , que realmente es buena ; porque ninguna razón se le escapó a aquél divino espíritu . Así se vé , como nuestro Poeta en todo anduvo con la medida en la mano , i con esto quedó huyendo felizmente de repeticiones ; porq lo prolixo obliga a ello , como se vé en todos estos Autores ai nombrados , adonde unos mismos pensamientos , unas propias pinturas , i unas comparaciones mismas , se hallan repetidas más de segundas veces : i en Camoës no , de ningun modo : de que resulta , que ninguna cosa tiene que canse al leer ; i que despues de leido dexa có deseos de leerse .

Toca a la proporcion , que se halle en un Poema el assumpto principal no ahogado con mul-

titud de Episodios , i adornos , de manera que parezca javali emboscado , que es menester mucha gente , i muchos perros para encontrar con él : si no que ha de ir na lando patentemente sobre toda la invencion . Esto enseñó Homero ; esto , con admirable dicha consiguió Virgilio ; esto , có otra semejante Luis de Camoës . Vereis en este Poema invencion , i mas invencion ; fabula , i mas fabula ; adornos , i mas adorno ; i nunca dexareis de ver el assumpto , i e! Heroe siempre con mayoria . En esto se quedó muy atrás (dadme licencia para que os lo diga sin ningun escrupulo) el Tasso , en cuyo Poema , a poder de adornos , casi es menester andar con una luz a buscar entre ellos a Gofredo , i al assumpto : que no es defeto de poco bulto , para que (como el de proseguir el caso derechamente , segundiximos en el num. 6.) no sea hasta agora visto de los Críticos ; o pueda ser dissimulado si lo vieron . Dexo otros descuidos menos gruescos , pero considerables : porque mi intento es solamente mostrar , que nadie se libró dellos , i que es fuerza , que cada uno en sus obras dé siempre muestras de que es humano .

XXI.

LA Variedad en un Poema , a que Luis de Camoës abrió la puerta en España ; por la qual hasta oy no ha ninguno sabido entrar como él supo salir , es totalmente notable : porque aviendo reconoció en Virgilio la imitó con gran dicha . Con ninguna materia os fatiga , con muchas os suspende : siendo de una diferente quedando os tiene sazonado con otra , para que siempre crezca el apetito de leer : como en combite esplendido , i bien ordenado , crece el de los mandjares con la variedad dellos . Ruegos que so pondereis . En el primer Canto la invencion hermosa del Concilio celeste , la descripción de las personas diuinas ; la gravedad de las palabras : luego la alegría del aparecimiento de los batelles en Moçambique con su gente ; i lo que allí passó , todo escrito felizmente : luego un poco de estruendo militar . En el segundo una fortuna marítima : luego el aparecimiento de las Nereydas en su socorro ; i luego el passar de Venus al cielo , i su plática con Júpiter , dulcissimamente triste : luego el buelo de Mercurio a prevenir el reparo : luego la llegada a Melinde , i las fiestas de aquel recibimiento , que todo está manando alegría . En el tercero , la descripción estudiosa de Europa : luego acciones militares : luego los amores , i hermosura de doña Ines ; i de doña Leonor . En el quarto con nuevos colores bie ve a las armas : luego a la expedicion de descubridores de la India por tierra ; luego aquel sueno del Rey don Manuel , cuya descripción admira : luego mezcladas las alegrías del apresto con las tristezas de la ausencia ; luego aquel maravilloso viejo con q le remata . En el quinto la descripción de los mares i tierras que fueron passando ; luego la grave ,

alegre, i estupenda fabrica de la Fabula de Adamastor en el Cabo de Buena Esperanza: luego la estraneza de las gentes que encontravan; luego la de la enfermedad padecida: luego la alegría del reparo en aquel puerto. En el sexto la arquitectura del Palacio marítimo: la descripción de sus Díos: luego aquel Concilio bulo, i resolución temeraria: luego la agradable historia de los doce de Inglaterra; luego la miserable fortuna de una tormenta horrida: luego el hermosísimo, i dulce medio de las Ninfas aplacandola. En el septimo buelve la Geografía a la descripción de la India, i Malabar; luego la alegría de la llegada a Calecur, i del Moro Monçayde encotrado allá: luego, volviendo a la arquitectura, los Palacios de aquel Príncipe. En el octavo la diferencia de estilos con que se alaban tantos Heroes, que se traen los ojos en las pinturas valeríssimas de unas vanderas: luego las acciones de la maldad en los Moros, i las del seso, constancia, i prudencia en Vasco de Gama. En el nono la oficina de los Cupidos; el bolar de Venus al Idalis; los desposorios de los navegantes con las Ninfas; los amores de Leonardo con Estre; la descripción de la hermosura, i de las delicias de lograrla. En el decimo aquel combate de Tetis al Gama: luego aquel canto de la Sirena: luego la descripción de la Esfera, i de tantas partes del mundo. De modo, que en ninguna manera os empalaga con deteneros mucho en un plato; si no que quando mas os hallais empeñado con una golosina, os pone delante otra nueva: alternando lo agrio, con lo dulce; la alegría, con la tristeza; sacandoos de lo uno con lo otro; no reniendoos siempre en un estado: i esto, que parece incapaz de observar orden, sin salir della un punto. No como otros, que no sabiendo salir de una materia permanecen tanto, ya en batallas, que parece os tienen a penar por los oídos en algunas incansables herrerías; ya en delicias que parece os llevan a contaminar por los ojos, ya en dottiñas perdurables, que os quitan la esperanza de algun alivio. Con esta variedad en lo grande se embuelve otra en los miébros menores; porq de todo quanto pueden esperarse descripciones bellas las hallareis aqui. De Deidades, de Concilios, de navegaciones, de tormentas, de batallas, de bosques, de jardines, de Islas, de fabreras, de Provincias, de Heroes, de damas, de esferas, de costumbres, de valentias, i de amores, de triunfos, de estados, de desposorios, de combates, de ciencias, de artes, de virtudes, de vicios, de premios, de castigos: i finalmente de todo: i todo fuera del fastidio con que muchos suelen hacer muchas descripciones, despendiendo un Canto entero en una hambre, o en una gloria, o en un infierno: principalmente huyo el Poeta de particularizar en las batallas golpes desproporcionados, llamandolos siempre fabulas sonadas. La otra variedad nervosa de las figuras

A Rétoricas, resplandece en este Poema con tanta gallardia i magisterio, q se es admirable; dexo a parte las más conocidas i naturales, que descubro en varios lugares; i alviero aqui solamente, que se vean las destos; c. 1.est. 75.c. 2.est. 36. 41.c. 5.e. 22.89 c. 6.e. 34. c. 7.e. 78. De todo esto, jamás se aparta la utilidad; porque todas esas galas son engastes de piedras preciosas, de sentencias, juicios, moralidades, i doctrina importantíssima para Príncipes, i para vassallos; i un despertador q llama los animos a toda ocupacion virtuosa. Vease lo dicho a este propósito B en el c. 9.e. 62.63.

XXII.

N I Espíra passar en silencio, que escriviendo Este hombre sin que hallasse a quien imitar, (imitando mucho los Italianos de fama) supiese huir dellos en aquello cansado de entrar los Cántos con moralidades, i preambulos; i en aquella frialdad de salir dellos con la licencia de un, *Ite Missa est*, despidiendo los Letores con dezirles, que aquel Canto se acabó, i que los combida para el otro. Vicio en que cayo el excelente Ariosto, i el culto Tasso en su Amadigi; puesto que despues se emendó en el Floridante, i nuestro P. los emendó a todos, imitando tambien en esto a Virgilio, que siempre acaba, i comienza como si no hubiera hecho division. I si bien de las moralidades no dexó de usar al fin de algunos Cantos, es contanta continuacion de lo relatado, i hermosura en el modo, que se dissimula bien. Vease lo dicho a este intento sobre la est. 71. del c. 1.

XXIII.

D El genero de verso deste Poema parece escusado tratar, siendo tan notorio que se llama Octava Rima, porque consta cada estancia de ocho versos con sus consonancias, que esto quiere decir Rimas. Ningunas halló el P. escritas con arte, o esplendor alguno en España, si no fueron las de que consta la Egloga 3. de Garcilasso. I escusemos agora el argumento de quien fué el Inventor dellas; que no es posible que se alcance; porque todo genero de versos i coplas tuvieron principio en los Provençales, de quienes a un mismo tiempo lo tomaron Españoles, i Italianos; entre los cuales no se sabe que antes de Juan Bocacio se escribiesen estancias con la orden que se observa en estas. Assi que nuestro P. en semejante composicion dilatada por Poema heroico, entró sin algun antecesor Espaniol; i fue el primero que introduxo en nuestra lengua los esplendores de la Latina, con tanta felicidad, que pareciendose éla a todos los grandes de la; ninguno hasta agora se le ha parecido, que es lo que de Homero dixo Patrculo. Es, luego, justamente Luis de Camoës el Homero de España, que primero hollo la campaña de la elegancia, i alteza Poética, i que nunca hallo quien por ella le siguiese con igual passo.

La lengua en que escribió es la Portuguesa, suya propia. Obligóle a ello el conocimiento de dos cosas: una, que ningún hombre grande escribió en lengua agena sin alguna gran necesidad, que en esto no podía concurrir. Vease lo dicho en la est. 77. del can. 5. Otra, que la Portuguesa no cede a la de más estima. No es este lugar de argumentos: digo solo, que en ella concurren dos cosas, que por ventura juntas no se hallan en otra que la Latina; i son, que si queréis hablar amores, ninguna es tan tierna: i si arrogancias, ninguna es más pomposa, llena, y grave. Vease agora si ay perfección de alguna lengua q̄ no se abra ce a estas dos: i lo dicho al fin de las Notas a la est. 33. del can. 1. I con toda esta capacidad, pocas luces tiene ella oy, teniendo muchas, que no las deva al propio Poeta, que quando nadie las conocia, las enseñó él con tan alto magisterio, que aun oy no acabamos de imitarlas, echando la barra mucho más allá del siempre grande Juan de Barros, que fue el primero que la escribió con alteza, i adorno, i elegancia, en la historia. Finalmente diremos de la lengua, i invención que el Poeta con tanta alteza usó en este Poema, lo que Landino dize de Dante en su vida; i es, que Homero, y Virgilio hallaron sus lenguas usadas con gran perfección, de Poetas antecesores suyos i al Tasso en Italia sucedió lo mismo: però antes de Luis de Camões, en Portugues nadie avía hallado alguna hermosura de elegancia Poética. El fué el primero que conociendo en los escritores Griegos, i Latinos, el ornamiento del decir, i penetrando quan agudo ingenio pide la invención Poética, quanto juicio en la disposición, quan varios colores en las locuciones, i de quanta ficción deva ser velado un Poema, i de quanta, i quan varia doctrina sembrado, tentó con feliz auspicio passar todo esto a nuestra lengua: lo qual ninguno en los siglos antecedentes avía tentado, i assí le dio dicha su principio con alta perfección: cosa que rara vez sucedió entre los mortales, antes errar casi todos el camino, despues de averseles mostrado.

XIV.

Olvídavaseme lo mejor, si ya no fue misterioso el olvido: porque lo mejor es el remate en todas las cosas. Homero, y Virgilio, en invención, estilo, i locuciones, i adornos, son admirables: però todo esto es nada en respeto de lo misterioso que se encierra en toda esa perfección: porque por la mayor parte contienen profundísima enseñanza; i esto es tan raro en el mundo, que solos estos dos Varones lo consiguieron enteramente, i con ellos Luis de Camões; que quanto a la sustancia, adonde parece más superficial, es más profundo: i en esto si no les excede, como yo creo, no les cede, como lo dirán las Notas. Todos los otros, de que tengo por primeros a Dante, i al Tasso, contienen poco más de lo que suenan, i el vltimo tan poco, que haciendo

A el mismo la alegoria a su Liberata, no solo nos muestra muy pocas, sino essa muy tenue: i suelo yo reírme de toda la otra que en él quisieron descubrir otros ingenios, pues el propio Autor descubriendonosla, no halló mas de aquella. Dexo a parte el estar casi desnudo de erudicion, y no muy vestido de terminos Poéticos, i de aquellos ambages que al principio divimos pedia Petronio para merecer el nombre de Poeta: defectos que juntos a los otros de aver escrito la historia derecha, y ahogarla tanto con prolíños episodios, que apenas se encuentra a Goffredo, como notamos en el num. 20. son mas que muchos i gruesos para tanto hombre; que yo no le niego la felicidad del decir, solo quisiera no se cegasen tanto los amadores de un decir dichoso, que no penetrasen lo sustancial, que en mi Poeta es sin duda estupendo; porque lo misterioso es mucho, i hoy lo, la erudicion en tan poco volumen, admirable, i sin hastio: los ambages i terminos, que se devén llamar de maravilloso Poeta, maravillosos. Mas porque me arrepiento de aver dicho con escrupulo, que Luis de Camões no cede en lo misterioso a Homero, y Virgilio, si a cosa no les excede, digo que creo les excede: porque yo no hallo en ellos la alegoria con tanto misterio, y artificio, ni con tanta frecuencia: principalmente las armonias que tantos lugares como descubro, estan haciendo vnos con otros: de que se infiere, que este rarissimo Poeta fue singularmente assistido de espíritu divino. Pruebo lo assí. Ello es cierto, que la singular consequencia de que la Escritura sagrada, con la qual ninguna admite comparacion, es obra del divino Espíritu, viene a ser en dos maneras: una, aquel estilo suavissimo i clarissimo, con ser de tanto fondo su explicacion, que desde que fue escrita hasta oy, se tienen cansado en explicarla innumerables santos, i doctos, i se cansaran, sin poder agotarla. Otra es, aquella inacabable armonia que se estan haciendo los lugares della, declarandose uno con muchos, i muchos con uno; no aviando alguno que no produzga diferentes pesamientos, i doctrinas, con una constancia sublimme. Assí, pues, en este Poema se ve tanto desto, que me persuado a q̄ Luis de Camões arrebatado todo de un divino espíritu, procuró imitar a aquella admirable escritura constante: i que si se E puede decir de algún modo que ay alguna parecida a ella en esto, es esta solamente: porque siendo ta suave i facil de estilo, essa facil i suave claridad contiene profundo entendimiento: i para lo q̄ essi profundidad nos haze dificil, apenas ay lugar en este Poema para embarazarnos el entendimiento, que en el mismo no hallemos otros que nos le allanen, sembrados para ello con prudencia mas que humana. Patente muestra es desta perene armonia, solamente el ver quantos millares de citas vamos haciendo del mismo Poema para declararle. Quien dudare desto, lea el

el Comento, i quien no le leyere, ni dude, ni hallo; porque hablar sin gran estudio en escritos estudiissimos, es ignorancia grādissima. I por que desta ha procedido el aver algunas eschido por la boca, que este Poema no seria leido luego que saliese uno del Doctor Gabriel Pereira de Castro, intitulado *Vlsea*, me hallo con precisa necesidad de decir lo que se sigue. Yo tuve siépre por gran Letrado a este sin duda honrado Ministro; i tambien por ingenio de que se podia esperar qualquier acierro; i confieso que nunca me persuadi a que avia de hallar en su Poema tanto como hallo digno de ser leido una vez. I con esta confession digo, que me duelo de quien dixo lo que ai acabé de decir: porque muestrá los que lo dixerón, no tener conocimientó de la Poesia profunda, sino solo de sus hojas, i flores: porq en aquel Poema no se hallará más desfo, a veces demasiado en los modos del dezir: i en lo restante no se hallará misterio alguno, ni lance capaz de alegoria, que es el fin de la Poetica: no se hallará la variedad que en el num. 21. manifestamos deste: no se hallarán amores bien tratados con ardor de espíritu Maestro: no se hallarán descripciones, que no sean por la mayor parte desmedidas, i algunas muy rebueltas: i las de los conflictos militares tan prolixas, que no se puedé acabar de leer: no se hallará lugar grande, o invencion propia del Autor, sino todo trasladado (i no bien, que es peor, las más de las veces que lo haze) de solos tres, que son Virgilio, Camioés, i Torquato. Hallarán excessos notables en introdució de palabras estrañas: repeticiones frequentissimas; i cansadissimas por esto: pensamientos muy flojos, aunque los versos no lo parezcan: terminos usados muy sin tiempo, aunque con el fueran muy buenos: muchos verdores que desdizan de la edad, i buenas lertas de su Autor: i dellas me promero yo, que si el viviera no se arrojara a imprimirlle sin otra, i otra lima, i que oy está impreso sin su consentimiento, con que su credito no queda diminuido. De la gran copia de notas con que le tengo guardadas las marañones se podrá ver esto de modo, que no se pueda negar: poniendole en estado, que si algun devoto suo quisiesse comentarle, lo podria hazer con poco trabajo: i si me le pidiere ie haré graciosa dадiva. Yo no desestimo tal labor, antes alabo la osadia que aspiró con algunos aciertos a la corona. I si el hazer este juicio pareciere mucho, la culpa es de quien con ceguedad excede en alabanzas, q quando son desmedidas en ofensa de los grandes hombres, despierdan el reparo. I hazer grande alarde de que en un Poema se hallé dos (o dozentos que sean) versos elegantes, para constituirle en dignidad superior, es cosa totalmente ridícula. Esto baste de nuestro Poema en general. Vengamos al particular de cada Canto.

XXV.

A EN El primero es admirable aquél Concilio de los Dioses, con que entra; en que parece se esti viendo la magestad de Jupiter en la persona, en el asiento, i en la voz, i en las palabras: la colera de Marte, i la accion de molstrarla, que parece se hize tener, aun leido. La traça de oponerse Baco, i encontrarle Venus, i terciarla Marte, hermosa es; i más despues que con la alegoria queda descifrada; con que ni mas ni menos que quando quitamos el velo a alguna soberana pintura, queda apareciendo la Religion Católica opuesta al Demonio, que pretende ser estorvo a sus aumentos. El aparecimiento en Moçambique de aquella gente en los barcos, i la descripción de illos, que empieza en la e. 45. i acaba en la 69. con lo que allí passó, tiene mil bellezas; i no menos bella es la descripción del encuentro de los navegantes con ellos, i de aquella primera acción militar que comienza en la e. 86.

XXVI.

EN El segundo la llegada a Mombaça: las asturias del demonio para destruir la Flota, hasta la e. 17. todo es bueno: i raro desde la 18. el modo, i el estilo, i los pensamientos, i la invención con que se introduce Venus i las Nereidas, con sublime pinzel retratadas, desviando del peligro las naves. En ellas el rebolver de la gente de marinería para navegarlas; i el echarse los negros al mar de medrosos, excelente es. La pintura de Venus apareciendo a Jupiter, i lo que le habla no tiene igual en algun Escritor. Los regalos que él le haze, i lo que le responde es singular, todo desde la est. 33. hasta la 54. La descripción de Mercurio, su mensage al Rey de Melinde, que comienza ai, i corre hasta la 64. bien parece de Maestro. En la 72. empieza la llegada a Melinde, la descripción del alborozo, i de la gente, i de la persona del Rey, i del Gama, i de las demonstraciones de alegria, i de como el Rey le obliga a que le dé cuenta particular de si, i de su patria, con que fenece el Canto, es todo hijo legitimo de espíritu Poetico soberano; i que dificilmente se podrá igualar no digo, sino ni imitar.

XXVII.

EN El tercero es notable la descripción de Europa: rara la de las bizarrias militares del Rey don Alonso Henriquez el Primero de Portugal; i algo de otros, que todo corre hasta la est. 98. En la 102. aparece en Portugal la Reyna de Castilla doña María, pidiendo socorro al Rey su padre, para la del Salado; i en ningun modo se puede mejorar la pintura que haze desta Matrona, i lo que habla, ni la del padre complaziéndola, i saliendo armado con su gente, i la batalla, i la vitoria. Los amores de doña Ines de Castro, i el lastimoso motivo, i suceso de su muerte que luego se continuan, baste dezir que todo leido con atención, incita a amar, i a temer, a sentir, i a llorar. En la e. 138. empieza a referir el aver el Rey

Rey don Fernando caido, con nsta, en la red de la hermosura de doña Leonor, siendo casada, i casandose con ella; exemplificado el castigo que tuvo aquella culpa, con otros: i por otra parte desculpandola, breve, y dulce, i elegante, i eruditamente.

XXVIII.

EN El quarto vienen las guerras de Portugal con Castilla, sobre la sucession: y la batalla de Aljubarrota, y aquella vitoria, i otras, en que la elegancia, i el ingenio, i la destreza no dan a leer, sino a ver aquel suceso. El grande don Nuño Alvarez Pereyra, el todo desta accion, con la espada en la mano, con las razones en los labios, i con la colera saltandole por los ojos en centellas, i por la boca en espumas, i con todo transformado en un rayo por aquella cainpana, no aparece pintado en este Poema, sino vivo. Las misiones del Rey don Iuan el Segundo, para descubrir la India, que comienzan en la est. 60. hermosa, i doctrinamente estan descriptas. El sueño del Rey don Manuel, i la vision de los rios Indo, y Ganges, que le hablan, y de la forma dellos, i de las tierras por donde corriá, admiran. Como se previno, i determinó el viaje del Gama, i la resolucion de la gente en él: i las tiernas despedidas de padres, i hijos, i hermanos; de esposas, i parientes, i amigos, está con tanta felicidad dicho, que lo primero engendra espiritus para semejantes empresas: i lo segundo, entremece el alma, i tal vez haze assomar las lagrimas a los ojos: y la introduccion de aquel viejo, a lo ultimo: i lo que exclamando dice, totalmente es admirable.

XXIX.

EN El quinto, no puede ser excedido de algun ingenio el modo con q el Gama refiere lo que fué viendo desde que salio de Lisboa hasta Melinde. Pero la fabula de Adamastor, que comienza en la est. 37. invencion propia del Poeta, fundada en el Cabo de Buena Esperanza, al llegar el Gama enfrente del, no es cosa que consienta alabanzas, porque todas han de quedar siempre cortas. Lo cierto es, que no dudara Ovidio de hazer un trueque con Camoés, i fuera darle todos sus Metamorfoseos, por este. Ello es cierto, que ni en Omero, ni en Virgilio, hallareis cosa tan grande en aquel genero.

XXX.

EN El sexto ay cosas rarissimas. Como la descripcion del mar, i del Palacio de Neptuno; i de la entrada de Baco en él: i del concurso de los Dioses maritimos: i de la persona de Triton, i otras: i de las congojas de Baco, proponiendo la causa de su venida: todo no tocado de otro Autor con tales hermosuras poeticas. La historia apacible de los doze de Inglaterra, referida con la mayor limpieza de estilo, i galanteria, i alteza, que se pudo de eir. Luego la tormenta del mar que padecio el Gama, que cierto hasta leida

A perturba, i congoja. Luego la invencion de las Ninfas, aplacando con la hermosura, i amores, los vientos, que es suave, i elegante, i notable, i invencible.

XXXI.

EN El septimo, es libre, piadosa, i precisa a Autor Christiano, la advertencia con que entra a los Principes Catolicos, con ser inimitables las estancias en lo grande. Sigue la descripcion del Malabar felizmente. Aquel hallazgo del Moro Monçayde, i su relacion de aquellas partes, todo afectuoso, i bueno. La entrada

B de los navegantes en Calecut: la escultura de las puertas del Palacio de aquel Rey: i lo que passò con el, tiene grandes lances de Poeta grande. Y que diré de aquel acometer en la est. 78. a cantar las pinturas de unas vaderas que el Genril queria entender, i luego interrompiendolo, passarlo al otro canto, con galante artificio de suspensiō, i esperança?

XXXII.

EN El octavo, en que entra a declarar las pinturas de las vanderas, que todas eran de grandes Heroes, se descubre la copia, i la variedad en el decir; porque siendo muchos, i alabandolos a todos de una sola cosa, cada uno deporsi, que es la valentia en cada uno, usa de nuevo termino, todos grandes. Despues con ocasion de lo que alli sucedio al Gama, pinta en él un Capitan prudente, vigilante, industrioso, i de gran constancia, i coraçon: i la oracion que haze al Rey de Calecut, sobre él averle dado a entender que le tenia por Cossario, es maravillosa al proposito, i aun pudiera decir mas que maravillosa.

XXXIII.

EN El nono se ven tantos arrifcios Poeticos, elegantes, conceptruosos, i dulces: i tantas descripciones bellas, que suspende al passo que deleita la copia, i la variedad. La solicitud de Venus en prevenir descanso, i premio a los navegantes, que empieza en la est. 18. El passarse en su carro al monte Idalio, que comienza en la 24. La descripcion del exercicio de los Cupidos, que empieza en la 30. La llegada de Venus, i oracion a Cupido, que tiene principio en la 36. La accion del, en herir las Nereydas. La pintura de la isla, i un valle, que comienza en la 54. El desembarcar de los navegantes, i encuentro

E de las Ninfas variamente entretenidas, i compuestas, o descompuestas, que empieza en la 53. Los pensamientos amorosos de Leonardo, corriendo tras su Efire, que corren desde la est. 75. La possession que tomaron de sus esposas los soldados, i de Tetis el Gama, que comienza en la 84. i las moralidades con que fenece el canto, es todo de tal calidad, que si bien la reconociere el mayor ingenio, no ay duda que arrojara de si la esperanza de decir cosa que pueda competir con ninguna destas. I es cierto, que solo este canto tiene invencion, adornos, variedad,

pensamientos, i sustancia para un Poema larguissimo, i benemerito de dexar honrado i glorioso a su Autor.

XXXIIII.

EL Dezimo entra con un furor Poetico, que parece inunda el Poera, i sale de si : i con el mismo prosigue adonde conviene. Felizmente está descrito el combite de Tetis al Gama; i no menos los efectos del canto de la Sirena, que allí introduce: i lo que contiene la musica; que juntamente es profecia de los Heroes Portugueses en la India, i sus hazañas, que fenezen en la e. 72. En la 76. lleva la Tetis al Gama a la cumbre de un monte, en que se describe la esfera, i el mundo, o, digamos como el Poeta, la maquina eterea, i elementar; i luego sucede una Geografia de toda la tierra; todo con tanta felicidad, en materia tan escabrosa, que no solo no se puede pedir más a un ingenio, sino que no se podia esperar tanto de ninguno. Quien ay, pues, que sea tan insensato, o atrevido, que pida cuenta de alguna cosa a hombre que con tantos quilates de perfeccion, i tanto numero de aciertos, i bielezas, supo escribir?

Están, finalmente, tan destribuidas las materias, i las galas Poeticas por todos los diez Cátos, que parece será atrevimiento tener a uno por menor que el otro. Todavia les hemos de señalar assiento. Muchos judiciosos dán el primer lugar al sexto de los de Virgilio: i yo sospecho q nuestro P. se fue tras ellos, i puso alguna diligencia para que tambien el sexto deste Poema fuese singular, porque lo es mucho. Pero no ay duda que el nono se lleva la palma: i no me espanto, porque como todo el contiene la materia amorosa, i el Poeta en ella excede al propio Ovidio, porque nadie la supo entender, i tratar como el, no pudo dexar de quedarse con la primacia: i esa es tambien la razon, porque a algunos parece mejor sus Rimas variadas, que este Poema, porque ellas no contienen sino amores, que era el natural genio del Poeta. Aña dese a esto, que como la gloria es el bien de los bienes, i el todo de todo, en esso puso la mira el P. para hazer que este Cátto fuese el mas lleno de divinidad Poetica; porq en él describió la gloria a que subieron los navegantes por esta hazaña: i como despues de la gloria no ay más que desear, representandola el P. en este Canto, le escribió de modo, que no puede el deseo desear más. El segundo lugar es del Canto sexto: el tercero es del quinto: el quarto es del segundo: el quinto es del quarto: el sexto es del dezimo: el septimo es del octavo: el octavo es del septimo: el nono es del tercero: i el dezimo es del primero, que sin duda con ser grande, es el menor; para que veais, que no fue el P. de los que echan todo lo que saben en la primera plana, sino de los que sabiendo, comienzan có un reposo, que no consiguen los que no saben. Iuizios avrà que desearán, que yo uviese troca-

A do las manos en algunos destos assientos: rendíreme en algunos tambien, pero no en los primeiros tres.

XXV.

Los grandes hombres siempre en sus obras se limitaron a si propios, holgandose de repetir algunos pensamientos, i versos enteros: no lo pruevo con exemplos, porque es notorio: en Hinoero frequente: en Virgilio así: los otros antiguos tambien lo hicieron: el nuestro no quiso quedar defuera. Pocos lugares, creo, se me avrán perdido: repetiré los ganados, porque se entienda, que se ha leido con atencion este Poema; i q lo que se habla sobre él es con estudio, i fundamentos.

B Pondré primero lo que es los mismos versos, o casi; i despues lo que son las mismas sentencias, aunque no sean con las palabras mismas. La orden serà traer del primer Canto, lo q está imitado en los otros: así del 2. así del 3. &c. Los nuimeros son de las estancias.

CANTO I.

- 1 *Por mares nunca dantes navegados, en la 27. del mismo, 37. 41. del 5. 25. i 30. del 7.*
- 1 *Mais do que prometia aforça humana, así en el 3. e. 62.*
- 2 *Se vâm da ley da morte libertando, i en la 14. E outros em quem poder nam teve a morte.*
- 10 *Por hum pregâm do ninho meu paterno, así c. 7. e. 30.*
- 12 *Que excedem as sonhadas fabul. c. 5. e. 59. c. 6. e. 66. c. 10. e. 20. i en la cancion 10.*
- 19 *Das naos as velas concavas incbando, c. 2. e. 22. Rimas eleg. 1.*
- 19 *Que do gado de Proteo, &c. c. 6. e. 20.*
- 22 *Que vibra os raios de Vulc. &c. c. 5. e. 51.*
- 23 *Com tom de voz com. &c. c. 5. e. 40.*
- 24 *Que por elles se esqueçam, &c. otros dos versos semejantes en la e. 44. del c. 2.*
- 25 *Assi que sempre esfim, &c. a esse modo en la e. 71. del c. 7.*
- 27 *Donde nace o dia, &c. c. 4. e. 69.*
- 29 *E tendo guarneida, &c. dos versos semejantes a estos en la e. 38. del 6.*
- 37 *Como en fiado, c. 2. e. 49. c. 10. e. 62.*
- 43 *Sem receo de perigo, c. 2. e. 14.*
- 44 *Forte Capitâm, i en la 64. i c. 2. e. 2. i 109.*
- 44 *Que a tam. inhas empresas, c. 4. e. 52.*
- 44 *Desobervo, &c. c. 6. e. 30.*
- 44 *Mas nam lbe sucedeo como cuidava, 85. del mismo, 70. del 2.*
- 45 *Que costumes que ley, &c. c. 7. e. 66.*
- 58 *Ondas Neptuninas, c. 9. e. 49.*
- 59 *Mas así como a Aurora, &c. otros dos como estos en la e. 13. del c. 2.*
- 61 *Recebe o Capitâm, &c. estos primeros cinco versos lo son de la e. 77. del c. 2.*
- 63 *E porque tudo note, &c. c. 2. e. 106.*
- 68 *Porem aos de Vulc. &c. a esse modo destos dos versos en las e. 69. 106. del c. 2. 17. del 9.*

- 72 *Com gesto lindo, &c.c. 2.e.8.*
73 *Conigo estas palavras, &c.c. 2.e.78.c.3.* A 125 *Para o Avô cruel, &c.c. 10.e.75.*
e.102.c.4.e.94.c.7.e.59.c.8.e.64. 135 *Remisso, e sem cuid. &c.c. 4.e.2.*
77 *Irado e quasi, &c.c. 5.e.57.* 138 *Que bumfraco Rey, en la 139.*
- 82 *O belligeroso aparelho, c.3.e.75.*
84 *Que o coraçam, &c. Rimas egloga 7.*
90 *Sem muro e sem defesa, i en la 93.c.2.e.46.*
93 *Erici presa, &c.c.2.e.53.c.3.e.53.81.*
95 *As velas, &c.c. 2.e.65.*
95 *Que jalbe nam convinba, c.8.e.95.*
104 *O povo baptizado, c. 3.e.43.*
106 *Necessidade aborrecida, c.7.e.80.*
106 *Contra bum bicho, &c. Rimas cancion 9.* B c.7.e.47.c. 10.e.68.91.139.
- CANTO II.
- 22 *Para detrás, &c. en la 24.*
37 *As partes cobre, &c.c. 5.e.76. c.7.e.37.*
43 *As entrañas, &c.c.8.e.46.*
65 *Marinheiros de húa, &c. e.16.i 70.del 6.*
67 *A vias humidas, &c. e.108. c.8.e.48. c.
10.e.70.*
77 *Parpurea cor ardente, c.5.e.29.*
78 *Que Palas he, &c.c.8.e.64.*
88 *Como aluz craftina, c.8.e.80.*
90 *Estante imando, c.8.e.72.*
90 *O ceoferiam, c. 3.e.113.*
91 *Agrita se levata ao ceo da gente, c.3.e.113*
92 *Panha hum certo atalho, c.7.e.65.*
93 *Arco que os cornos arrem &c.c. 9.e.48.*
101 *Que nos seus braços o levava, c.7.e.44.*
112 *Reyno de Plutam, c.4.e.33. c.3.e.117. c.
5.e.36.*
- CANTO III.
- 11 *Anassis, e Albis rio, c.7.e.7.ii.c.10.e.127.*
13 *Nam menos, &c. en la c.14.*
15 *Tanto Deos, &c.c. 7.e.3.*
18 *O extremo trabalho, &c.c. 4.e.49.*
18 *As ondas do Oceano, c.4.e.48.c.5.e.51.*
20 *Onde a terra, &c.c.8.e.78.*
21 *Filhos foram ou companh. &c. c.8.e.3.4.*
28 *Dafatal necessid. &c. c.8.e.63. c.10.e.
54.75.*
30 *Ao proposito, &c.c. 4.e.46.*
34 *O soberbo Castelhano, c.4.e.24. i en las e.
a don Constantino en sus Rimas.*
34 *A quem nienhum, &c.c. 10.e.18.*
38 *Que mais move, &c. en la e.40.*
40 *A tudo ofrecido, c.10.e.117.*
50 *A lança pellos peitos, &c.c. 10.e.117.*
52 *Entranhias palpitan, &c.c.9.e.31.*
56 *Nas agoas acend. &c.c.6.e.34.c.9.e.92.*
57 *A força Portug. &c.c.4.e.46.*
58 *Cuja altafama, &c.c.5.e.45.*
58 *Entrando a boca, &c.c. 10.e.144.*
62 *Terras Transtag. &c.c.4.e.45.*
78 *Com toda esta compan. &c.c.4.e.23.*
90 *Foy segundo Afonso &c.c.4.e.60.*
112 *Eftimem nadia, c.8.e.90.c.9.e.37.*
114 *Sem lhe valer, &c.c.8.e.20.*
118 *Que despois foy Rei, &c. en la 132.*
- CANTO III.
- 22 *Vestido de mil cores, c.6.e.52.*
26 *Iejús, e romerias, en la e.45.*
31 *Debaxo dos pés, &c.c.6.e.64.*
49 *Abrindo as asis, &c.c.5.e.1.*
63 *Passam tambem, &c.c.6.e.81.c.10.e.52.*
64 *Larga historia, &c.c. 10.e.71.*
65 *Vendo varios costumes, var. &c.c.6.e.54.*
- B
- C
- D
- E
- F
- G
- H
- I
- J
- K
- L
- M
- N
- O
- P
- Q
- R
- S
- T
- U
- V
- W
- X
- Y
- Z
- CANTO V.
- 7 *Da cor do dia, i en la 77.*
8 *Canarias ilhas, c.10.e.52. endos versos.*
24 *Quando da eterea gav. &c.c.6.e.92.*
38 *Bramindo, &c.c.60.i.c.6.e.19.*
39 *Grandissima estatura, e.59.*
55 *A palma leva e o lauro, c.8.e.23.*
58 *E como contra o ceo, &c.c.7.e.56.*
62 *Todos Etiopes, &c. en la e.76.*
80 *Afíno ceo, &c.c.7.e.3.*
84 *O mar abrimos, en muchos lugares.*
89 *Verda de limpae, &c.c.7.e.26.c.5.c.23.c.
8.e.60.75.*
- CANTO VI.
- 9 *Se cristal se diamante, en la e.61.*
10 *A vista pasce, c.7.e.74.*
13 *Flamas crepitant. &c.c.9.e.4.c.10.132.*
15 *Grandes e possantes, e.46.i.c.9.e.4.*
21 *De celo e Vesta, &c.c.9.e.85.*
21 *O mar de maravilha, c.9.e.85.*
27 *Senboreas, &c. en la 81.*
56 *Vistas coufas grandes, en la 68.*
62 *O gran Magriço, en la 68.*
63 *Que a gente, &c.c.7.e.62.c.10.e.93.139.*
67 *Fermosa companhia, c.9.e.88.*
73 *Sem aproveitar dss, &c.c.7.e.56.*
76 *A maquina do mundo, c.10.e.80. i en las
Rimas eleg. 1.*
- 90 *Que o coraçam, &c.c.9.e.17.*
- CANTO VII.
- 16 *P. ral à logo, &c.c.9.e.53.*
35 *Cidade já, &c.c. 10.e.103.*
41 *A terra be, &c.dos versos, en la 61.*
42 *Afí contava, &c. quatro versos, c.9.e.9.*
60 *Vinculo quer, &c.c.63.i.c.10.e.11.*
80 *Que de bum fio pendia, &c.c.8.e.28.*

CANTO VIII.

- 37 Olhaçá &c. dos versos, c. 10.e. 54.
77 Que pella especiar. &c. en la e. 92.

CANTO IX.

- 1 Da India tanto tempo, &c. dos versos, e. 4.
36 Dione que as rosas entre a neve; en las Rimas Soneto 9.i Canc. 7.

CANTO X.

- 43 Mais que Leoës, &c. en la 47.
43 Por muros, &c. 147.
43 Será da Egipcia, 99.
57 Ving irás cõ o valor, &c. 142.
61 Melique, &c. 104.

Esto quanto a lo que el Poeta dixo con los prop os versos: o con poca diferencia de unos a otros. Agora de unos mismos pensamié-
tos repetidos por terminos algo diferentes.

CANTO I.

- 4 Porq de vossis agos &c. 2. vers. c. 3.e. 4.
6 Dado ao mundo, &c. lo destos dos versos se roça con los de los 2.ult. de la e. 65. i en el c. 9 de la 20.
8 Vos que &c en la 16 Mostra, &c.
10 E julgareis &c. 2. vers. ult. c. 10 e. 146.
26 Quarto com'irato, .8 e. 36. Notempo.
31 Diversas rizoës, &c. c. 8 e. 52.
34 Em uis porque das Parcas. &c. c. 9.e. 38.
48 Di ancora &c. c. 2.e. 26.
50 Inos buscando, &c. e. 52.64. i en el c. 2. la 8. i otras partes.
51 Mas no laeo &c. c. 10.e. 149.
64 Por hum &c. c. 5.e. 77.
73 Que da paterna &c. c. 2 e. 10.
80 Que da tencâ danada, &c. c. 2.e. 9.
89 O coracam dos &c. Destos dos versos ai semelhança en otros dos de la e. 21.c. 4.
100 Mas a Deosa, &c. c. 2.e. 18.c. 9.e. 18.

CANTO II.

- 36 Os cresposfios, &c. 2. versos como otros de la c. 1 2. del c. 2. Os cabelllos, &c.
49 Desuas mesmas setas, &c. c. 10. e. 40. i en las Rimas: a la flecha de san Sebastian.
55 Resucitassem &c. c. 10.e. 30.
72 A memoria do dia, &c. c. 3. e. 115. c. 5. e. 68.
108 Detoda a Hesp &c. c. 8.e. 69.

CANTO III.

- 16 Logo os montes da ninfa, &c. c. 4.e. 61.
21 Esta be a ditosa, &c. dos versos, c. 8.e. 68.
26 Descendentess da, &c. c. 3.e. 110.c. 8 47.
39 Dos filhos, &c. c. 8.e. 15.
51 Co' os animais, &c. c. 4.e. 21.c. 6 e. 13.
52 Sem dono, &c. c. 6.e. 65.c. 10.e. 36.
57 Etunobre Lisb. &c. c. 8.e. 55.

- 64 Por estender, &c. c. 4.e. 78.
A99 Porque nam he, &c. c. 8.e. 36.

CANTO III.

- 41 Asublime, &c. assi en la 46.
80 Decer emfim, &c. c. 5.e. 89.
100 Nam tens junto, &c. toda contiene lo propio que las 7.9.11.del c. 7.

CANTO V.

- 12 O nome de hum, &c. c. 10.e. 108.

B

CANTO VI.

- 43 Semeava a afra, &c. c. 7.e. 10.
76 Agora sobre, &c. en la 80.en dos versos.

CANTO VIII.

- 20 Que em si o valor, &c. lo que ay en este verso i medio, está en otro i medio, e. 37.c. 10.
69 Bem parece &c. e. 7 Conceito, &c.
73 Com firme peito vencemos a Fortuna, c. 10. e. 42. Que esforçoe arte, &c.

CANTO IX.

- C14 Com a canela, &c. c. 10.e. 51.en otros dos versos.

DEsto fuy passando algo. En un Poema destz medida es fuerça que aya repeticiones deste genero: unas porque de propósito se hazen; otras porque las haze el acontecimiento. Beste esto de clausulas enteras: vengamos a las voces solas. Algunas repitio el Poeta, i particularmente parece, que con inclinacion no sé quanta, como: Ardente, prestante, meta, companha, illa, padre, espalha, ingente, linda, urgente, nefando gesto, mavorte, ledo, irado, irsano, argento, &c. En

DVirgilio tambien son freqüentes: Arguto, estri-
dente, ingente sonante, comitante, caterva, me-
max. cura, mirabile monstrum, borrendum, reli-
quias, currus, rupe, borrentes. aureo, croceo, pur-
pureo, iniquo, pater, nefandus, prætans, mavors,
latus, insanus, atrum, tabo, micans, tranans, ful-
vus, olli, alloquitur ore, infando, craftina, ore, lu-
strare, meta. I son las más dellas las propias de
mi Poeta, que hasta en esto se le quiso parecer. I
se ha de ponderar, que estas, i las que quedan en
el num. 11. son usadas a tiempos con gran pro-
piedad, i no con atencion a gran ruido, como

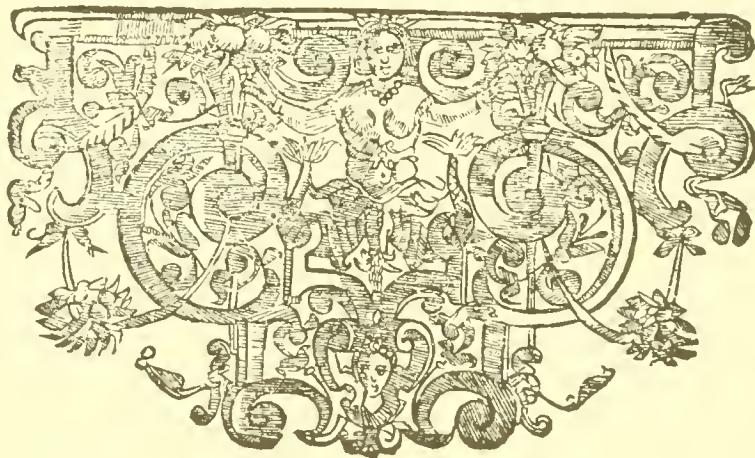
E agora se usa de algunos, a que sucede lo que al criado de un señor, que embiado dèl a que le tru-
xeisse un grande Maestro para cierta obra q queria hacer: le truxo de aquel arte el mayor que ha-
llò de estitura en toda la Corte, creyendo que el
ser grande de cuerpo era serlo de capacidad. As-
si ellos creen, que son grandes de propiedad, las
palabras que lo son de sonido. Con que vienen a
ser las Poesias muy semejantes a algunos Minis-
tros, en que no se halla palabra mala, ni obra
buena: o, si es mejor, mas parecidas a pretales
de cascabeles, que a instrumentos de Musas.

Tal es el assunto , tal la traça , tal el orden , tal la imitacion, tal la variedad, tal la alteza, tal el juicio, tal la dulçura, tal el estilo deste Poema. Digan nos los Censuradores, i los presumidos, q le falta (mejor dixerá, que no le sobra?) para llamarle perfecto, raro, i divino? Pongan nos delante cosa de lo extrauo que le exceda en lo sustancial ; i de lo casero, que en algun modo le iguale, ni de lo antiguo, que es poco, ni de lo moderno q es sobrado. Ponganse ellos tambien delante , i veran como no se ven , i que sera lo mismo que sacar velas encendidas a la presencia del Sol.

Vltimamente assegure este juicio , el que hicieron tantos hombres grandes por ingenio , i letras , desde que salio a la luz del mundo este Poema hasta oy, sin que en modo alguno aya pasado la corriente de su alabanza, como en parte mostramos en la vida del Autor. I sea, por reírse, juicio que sin replica ninguna haga callar, ann a la propia embidia, el que hizo el grande Torquato Tasso en el Soneto que va al pie del retrato: considerandose tres cosas : una , que Torquato fue el hombre de mayor soberbia en estos estudios, que tuvo el mundo ; i que tiene el aplauso medido por ella ; si ya ella no fue medida por el: otra, que es de una nacion avarissima de alabanzas con los estranos, principalmente Espanoles, i mucho mas en estos estudios , con la jactancia

de que Espana los uprendio della: otra, que Luis de Camoes no passo a Italia a pedir a Torquato que le alabasse , sino que llego este Poema a sus manos , i leyendolo le hizo tal armonia , que no pudo dexar de rendirse a su alabanza; que fue lo propio q darsela el enemigo por inclinacion, i la soberbia por el ingenio, i la voluntad, no rogada, por vencida. De que resulta , que assi como todo el mundo concuerda en que el Tasso es el dueno moderno de la Poesia heroica, deve concordar en que este Poema es raro, pues este proprio Tasso assi soberbio por las Musas , assi enemigo por nacimiento, assi no forçado por alguna diligencia nucstra , le puso el sello con su juicio en aquel Souero.

De la misma suerte no dexare desechado el estar yo viendo en lo mejor de Italia, q de ningun Espanol se sabe el nombre en ella (digo de los dados a estos estudios) sino de Luis de Camoes en lo Heroico, i Lirico; i de Lope de Vega en lo Comico. I creanme, que esto es cierto: para que se desenganen los que andan pidiendo aplausos de limosna , que no son conocidos sino de quien se le da; i que al merito verdadero, sinpedirlos se le estauen ibiendo desde los terminos del mundo. Ecos fidelissimamente correspondientes a los sonoros acentos , de que se puede dezir , que *In omnem terram exivit sonus eorum.*





L V S I A D A
D E
LVIS DE CAMOÉS
P R I N C I P E
DE LOS POETAS DE ESPANA,
C O M E N T A D A
Por Manuel de Faria i Sousa, Cavallero del Habito
de Christo , i de la Casa Real.

C A N T O I.

TITULOS I ARGUMENTO GENERAL DEL POEMA.

V S I A D A. Esta pala-
bra contiene dos cosas: A
una el Argumento gene-
ral ; i otra el titulo deste
Poema. Digamos pri-
mero del Argumeto, co-
mo pide la razon, i la or-
den. El es la navegacion
de los Porrugeses, des-
de la ultima Region del Occidente, que es su pa-
tria, a esto tra opuesta, que es el Oriente, o patria
Tomo I.

de la Autora; siendo el Heroe singular de aquella
accion, i este Cato, el ilustrissimo Varo Vasco
de Gama. Bien podemos creer sin mucho escru-
pulo, que esta accion, i los frutos della, que tan
proprios fueron de la Iglesia Catolica, tienen al-
guna parte en lo profetizado por Isaias en el ca-
pitulo 60. Pondre aqui algunos lugares de que
parece se puede en algun modo inferir esto : *Et*
ambulabunt gentes in lumine tuo, & Reges in ple-
dore ortus tui. I despues : *Filiij tui de longe ve-*
nient, & filia tua de latere surgent. Tunc vidabis,
D *&*

& afflues, & mirabitur, & dilatabitur cor tuum quando conversa fuerit ad te multitudo maris frumentorum gentium venerit tibi. I mas abaxo: Qui sunt isti qui ut nubes volant. & quasi columbae ad fenestras suas? Me enim insulæ expectant, & naves maris in principio: ut adducam filios tuos de longe, argentum eorum, & aurum eorum cum eis. El explicar aquel. *Quasi columbae*, con el nombre de Colon, o Columbus, para asegurar esta profecia por Castilla, es cosa vana, i pueril. En cosas tan graves, no se deve echar mano de cosas tan leves. Menester es imitar el plomo del pescador, que se va a lo hondo, i no el corcho que se queda en la superficie. Parecerá a alguno, que me voy encaminando a que la profecia, por este modo no toque a Castilla; i es al contrario, porque assí le toca mas gloriosamente. Dezinos, pues, que como este viaje, i descubrimiento fue obra del Espíritu Santo, figurado en la paloma, el fin duda fue el piloto, i el viento en esta feliz navegacion, por el singular fruto q della resultava a la Iglesia Católica en que preside. I se ve claro, porque Vasco de Gama salio de Lisboa, navegando en tiempo que totalmente no se pueden navegar aquellos mares, como la experiencia lo ha mostrado: porque si las naves de la India (oy mas poderosas para vencer grandes inconvenientes, que las que fueron a este descubrimiento) salen de Lisboa poco despues de passado Marco, i a lo mas en todo Abril, no passan adelante, i vuelven a arribar al puerto de que salieron: i estas en que fue el Gama, con gran distancia menores, salieron en Julio, i todavia llegaron a la India, aviendo passado por unas corrientes, por donde nunca se atrevio a passar ningun vaso por mayor que fuese, i por mas que navegasse en tiempo natural para esta navegacion, como lo veremos sobre la estancia 67. del Canto quinto. Luego; quien llevo estas naves alla contra todo el poder de los elementos? Mal Christiano sera, por cierto, quien no dixeret que las llevo Dios, a quien ellos obedecen, i no a otro poder, o ingenio alguno: i que no ay duda que sopló en aquellas velas el viento del Espíritu Santo, como lo pondera nuestro grande Juan de Barros en el capitulo segundo del libro quarto de la Decada primera. I quien duda, que esto entendio nuestro gran Poeta quando introduxo (sin otras razones que en su lugar propio descubriremos) a Venus por su protecadora, siendo ella una Diosa, que conforme a las misteriosas fabulas es asistida, i aun engendrada de palomas, como he de mostrar sobre la estancia 33.? I como esta accion fue casi toda de la Iglesia Católica, dilatandose con ella la ley Evangelica, a que no solo asistie con particularidad el Espíritu Santo, que se figura con estas palomas, sino que de la misma Iglesia dice el Espíritu, que tiene ojos de paloma (*Oculi tui columbarum*, i abaxo: *Columba mea in*

Aforaminibus petrae, que es el Espíritu Santo en la Iglesia Militante, de que es fundamento Pedro, que es essa piedra a donde se abriga essa paloma) fueron estos descubridores hijos verdaderos de esa Iglesia, o paloma, a descubrir (*Quasi columbae*) estas partes Orientales, i a plantar en ellas esta Iglesia, guiados del Espíritu divino, que es el Protagonista della, i como palomas, *in foraminibus petrae*, se abrieron nido en las duras piedras de los corazones de aquellos barbaros, entrandoseles por ellos despues de bien resistidas. I esta paloma celeste, que no la Genovesa, es

Bla propria para este hecho, i para ser entendida en ese lugar del Profeta. I que esta accion del descubrimiento del Oriente por estos mares, sea propia de la Iglesia, i de su Protector el Espíritu Santo, claramente se descubre (ademas de lo dicho, de que passaron alla estos navegantes en tiempo sin reparo adverso a esta navegacion) en que no llegaron a puerto alguno, para tomar aliento en tan estupendo trabajo, que no fuese en dia singularmente solemne de la Iglesia. Apuntate algunas, dexando los mas a los curiosos. En veinte de Noviembre, víspera de nuestra Señora

Cde la Purificación, pasaron con gran serenidad el Cabo de Buena Esperanza, que era el horror del pensamiento de passare. Dicha que verdaderamente fue víspera de la purificación de la esperanza de llegar a la India, i hazer nacer en ella el Hijo de la Virgen santissima, dandole a conocer a aquellos barbaros, i redimiéndolos de la garganta del demonio, que es el fruto que resulto dessa Purificación de la Virgen sacro-santa. En dia de Santa Catalina llegaron a la aguada de San Blas, a aliviarse de una horrenda fortuna que corrieron antes: parece que prometiéndoles la Sara con este buen suceso en su dia, i en tales esperanzas como llevaban, que avian ellos de ser pintados como ella, en tiempos venideros, con muchos Reyes idolatrás a sus pies, i temblando debajo de las puntas de sus espadas.

Dia de los Reyes llegaron al río, que por eso llamaron dellos, i lo passaron allí tan bien, que pudo parecer auspicio de q los Reyes Orientales, que casi mil i quinientos años antes avian ido a abracarse con Christo recien nacido en Belén de Judea, avian de abrazarse con gente que

E desde el Belén de Portugal les iba a llevar el propio Christo, por escusarlos de que le fuesen a buscar fuera de sus casas. El Domingo de Ramos los libró Dios del peligro que se les ordenava en Mombacha, permitiendo que el dia de sus palmas i triunfos, las tuviesen de su enemigo, i de la Iglesia estos nuevos cultores della. Dia de Pascua de Resurrección aportaro en Melinde; q fue para ellos como resucitar de los muertos, porque sobre trabajos tan mortiferos hallaron allí las buenas entradas de aquel Rey, q subito

que

que los vio se puso en el numero de los sujetos al Rey de Portugal, regalandolos; no ya como estranjo, barbaro, o infiel, sino como si fuera natural, politico, i verdadero vassallo nuestro: i finalmente les dio piloto que los pusiesse en la India, aliviandolos de la pension de navegar, no sabiendo por donde, que es trabajo incomportable. Domingo veinte de Mayo consiguieron el fin de sus esperanças, que era llegar a Calecut: i a demás de ser dia festivo de la Iglesia, hizo armonia con el en que salieron del puerto de Lisboa, que fue Sabado: pareciendo que assi como este es viespera de aquel, avia de ser su partida la viespera de su llegada: i que salieron viespera de fiesta de Portugal, para llegar el dia della a la India. Concurrio mas ser aquell dia, el en que va a entrar el Sol en Geminis, constelacion figurada en dos hermanos abraçados, que parece fue auspicio de que el verdadero Sol Christo, entrava desliz el zelo Portugues en la alma de los infieles Gentiles, haziendolos abraçar como en herminia i de correspondencia i Religion: i los Astrologos llaman a estas estrellas, o hermanos Dei la les, o Motores de la paz i concordia, que era lo que se entrava a pretender en la India al entrar el Sol ciellos. Fue tambien esta accion propia de la Iglesia, en ser prometida por Christo verialmente a nuestro primer Rey don Alfonso, i en ser dedicala al propio Christo por el Infante don Enrique quando la empeço, i en impeçarse debaxo de la vela tera de la Cruz de Christo (no de la del escudo Real, que fue cosa notable) porque es illevo el Gamo en este viaje; i en aver sujetado el Infante, i el Rey don Manuel a la Iglesia de Christo en las manos de sus Vicarios Romanos, assi lo que conquistavan, como el animo con que lo hacia i, segun to lo se encontrara mis claro por estas Notas. I assi fizieron justa consonancia los favores de Dios en esta navegacion, viiendo siempre en dias regalados de su Iglesia, con aver Christo prometido esta cultura della a los navegantes, i impeçirla ellos en su nombre, i debaxo de su vandera, i dedicarle los frutos della.

Tambien *Quisif columbae*; porque de las palomas es propio ei ir, i bolver, como sabemos desde el arca de Noe; i de ai lo devian aprender algunos que despues usaron dellas, como postas del ayre, para llevar i traer avisos en ocasiones rejas, como es notorio a los eruditos. I porque el cuervo quando Noe le embio para que truxesse nuevas de lo que iva por el mundo, codicioso del, no bolvio, i la paloma si, con la pureza del amor que en ella se representa; al pie de la letra habla el Profeta de los Portugueses embiados de sus Principes a este descubrimiento: porque de quantos Gobernadores, i Capitanes fueron a partes tan remotas, i tuvieron tanta ocasion de ser tentados de la codicia para levantarse con un pedaço de Imperio, ninguno

Tomo I.

A uvo que lo hiziese, i que no tratasse, como paloma amorosa, de bolver a su casa, i a su Principe con las nuevas de lo hallado. Aviendo, pues, en otros descubrimientos, no tan remotos del Principe como estos, algunos cuervos que con la ambicion perdieron la memoria de la vuelta, necesariamente habla la profecia de aquellos que sin mezcla alguna de olvido del amor de la patria, i del Principe, fueron palomas en it, i bolver. I si se provare, que esto sucedio igualmente a todos, quedaremos, en que entonces sera comun de todos la profecia, sin que pretendamos haberla de Portugal solamente por otros titulos justos, como el ser cierto que el descubrimiento de Colon fuera de los Portugueses, si ellos se lo quisieran aceptar quando el se lo ofrecio, que por esto vino a parar en Castilla: ni tampoco echaremos mano de no faltar quien diga, que el recibio de un Portugues las noticias; i de que le pudo ayudar mucho la de aquella estatua (que con el indice apuntava al Ocidente, como enseñando aquellas tierras) hallada por los Portugueses en la Isla del Cuervo, segun se vera sobre la elancia 14. del Canto septimo; adonde el mismo Colon la pudo ver por lo mucho que curso en nuestras islas, de que es una esta del Cuervo entre las de los Azores. De manera, que parece estava del cielo, que destos descubrimientos, unos buscassen primero la nacion Portuguesa, i otros fuessen buscados della. Pero ya dezimos, que esto da ella de barato de buena gana, quando se halla tan de ganancia: i continuemos con las profecias.

D Las otras palabras que preceden a estas son tambien algo acomodadas para traerse en nuestro favor; i en particular aquello de *Quando conversa fuerit ad te multitudo maris*. Porque es singular conquesta de la mano Portuguesa, unos, i otros, i otros mares, i gentes innumerables, por sus costas, i por sus islas. Venga Baruc, que en el capitulo quinto, hablando con la Iglesia, parece que comentando con su profecia, el otra de Isaias, declara el camino de las palomas, i las Provincias de donde salian, i ado de ivan: *Exurge Hierusalem, &c. Et circunspice ad Orientem, & vide colectos filios tuos ab Oriente sole, usque ad Occidentem, in verbos sancti gaudentes Dei memoria, &c.* Aqui se puede ofrecer una duda, i es E decir el Profeta desde el Oriente al Ocidente; i los Portugueses fueron desde el Ociidente al Oriente. Dexo otras razones que se pudieran dar a esto, i soy solas dos: una, que el fin de las cosas es la gloria dellas, i assi, poco importava que ellos fueran del Ociidente al Oriente, sino bolvieran del Oriente al Ociidente, trayendo conseguido el fin de su viaje, i como esa es la gloria, della se acuerda Baruc; i viene a ser lo mismo que queda de las palomas, cuya importancia i no estuvo en ir, sino en bolver.

La otra razones, q en virtud de los Portugueses

ses que passaron del Ocidente al Oriente , vinieron del Oriente al Ocidente (esto es, a la Iglesia Católica) traídos tantos Gentiles , como hijos della. Sirva aquí aquello de Clemente Alexandrino, en la oración, *Is Oecisum traducit in Orientem.* I así, por todos caminos esta es la navegación que canta nuestro Poeta.

¶ *Filios tuos.* Hijos de la Iglesia se pueden llamar con singularidad los Portugueses, porque esto viene a ser lo que les llamó Christo quando habló a su Rey primero prometiéndole esta acción: i assi se deseó llamar , aun en los títulos Reales , el Rey don Sebastian , que preguntado qual título deseava más, dixo: *El de hijo obediente de la Iglesia.*

¶ *In verbo sancti gaudentes Dei memoria.* Holgándose en la memoria de la palabra de Dios. Bien toca a los Portugueses, viendo cumplida essa palabra , o promesa de Cristo. I más abajo: *Exierunt enim abs te pedibus ducti ab inimicis: adducet autem illos Dominus ad te portatos in honore sicut filios Regni.* Fueron i bolvieron desde el Ocidente al Oriente, i desde el Oriente al Ocidente gloriosos. Veis ai las palomas de Isaías. I si se ha de entender de los Gentiles, que vinieron desde el Oriente al Ocidente, tambien es al pie de la letra; porque ellos vinieron a Portugal como hijos del propio Reyno en Religion a la Iglesia como Christianos, i en obediencia al Rey como vassallos , con sus tributos : que es lo de Isaías: *Adducam filios tuos de longe, argentum eorum, & aurum eorum eam eis.* I aun en los trajes se holgaron esos Reyes Gentiles de parecer hijos del Reyno, porque se holgaron mucho con las piezas que nuestros Reyes les cambiavan de las de su uso , usando dellas como naturales. I más abajo: *Obumbraverunt autem & silvae, & omne lignum suavitatis Israel, ex mandato Dei.* Eßas son las selvas que el P. describió en la c. 70. del c. 4. quando finge, que en sueños apareció la India al Rey don Manuel: i el ir a dominarlas de mandado de Dios , aunque el P. lo finge en ese Rey, fundólo en la verdad de ser cierto , que andando el Infante don Enrique, padre destos descubrimientos; ceñido de terribles ansias i imaginaciones de como les daria principio, i aviendose acostado una noche muy fuera de esperar darselo en muchos tiempos , amaneció cō una prisfa casi furiosa a disponer los primeros navios q fueron a esto; de que infirieron los de fuera, i aun lo fomentaron sus familiares, que en aquella noche tuvo alguna inspiracion, o orden divina para hacerlo: (allá se verá en su lugar) I aquella promesa que Christo hizo al Rey don Alonso, principio fué de mandato ; i este pudo ser el fin del. El *Omne lignum suavitatis Israel*, parece no desdice de aquello de Virgilio , refiriendo el vaticinio de la Sibila. *Assirium, & vulgo nascetur ammonum*, de que luego ai adelante hemos de hazer examen apretado.

A Pone , sin duda , el sello a estas profecías en nuestro abono el Apostol S. Tomé, diciendo en la propia India a los moradores de la ciudad de Meliapor, distante entonces de la playa doce leguas, que *Quando a ella llegasse el mar, vendria de las partes Occidentales una gente, que, como el, creería en el propio Christo su Maestro , que predicaría.* I esto tienen, i refieren constantemente aquellos Gentiles, i nuestro Barros dec. 3. lib. 2. cap. 1. i otros: i en el lib. 3. cap. 10. dize, que quando los Portugueses llegaron al puerto de Arquico de los Abexines , vinieron allí unos Religiosos del Monasterio de la Vision , i afirmaron, que tenían una memoria antigua de profecía, de que avía de ir Christianos de las partes a aquellas. Sucede felizmente a esto el testimonio sacro de nuestro valeroso , i santo Rey primero don Alonso Enríquez, a quien se deve firme credito, jurando publica i solemnemente, que Christo le avía aparecido en el campo de Orique, antes de dar aquella memorable batalla , i que entre las cosas que le dixo claramente fue , *Que constituiría en dignidad Real este Reyno , porque tenía elegida la gente del para llevar su ley a partes muy remotas.* Casi

C de la propia manera que apareció a Jacob le prometió que su generación llegaría al Oriente, i se derramaría por toda la tierra. Tambien sucede felizmente a esta promesa , la que en el Deuteronomio hace Dios assi, a su pueblo, cap. 20. *Introducam enim eum in terram, pro qua iuravi patribus eius.* I el Poeta dà a entender, que esto fue profecía desta promessa hecha por Christo a los padres del Rey don Manuel, los Reyes de Portugal, ligandola en la invención deste Poema, cō la otra de Isaías cap. 56. *Adducam eos in montem sanctum meum, & latificabo eos.* Porque despues D que el Poeta dio por cumplida la promesa, hasta el Canto octavo , con el descubrimiento que hizo el Gama, finge en el nono, i en el decimo, que los descubridores fueron colocados en un alto monte i santo, i llenos allí de alegría, por premio desta hazaña gloriosa (como en estos Cantos provaremos abundantemente) que todo viene a ser ligar esta profecía de Isaías con essotra de Moyses. Agora venga Zacarias capítulo tercero: *Qui viri portendentes sunt: ecce enim ego adducam servum meum Orientem.* Venga la Sibila Cumea, cuyo vaticinio refiere Virgilio en la Eglo

E ga quarta: *Alter erit tum Tiphys, & altera que vebat Argo, delectos Heros.* Heroes escogidos fueronlo de Christo los Portugueses , como ya queda mostrado. I aquel *Alter* allí , está con la condicion de la figura enfasi , o amplificación ; i quiere decir : Otros navegantes que no los Argonautas: otras naves que no la Argo . Se han de ver: que vale: *Cosas con exceso mayores en todo, i entodo estupendas:* i esto solamente se puede de zir de las navegaciones , i naves Portuguesas , porque no bastan casi los ojos, i el pensamiento para medirlas.

Entre Italianos , grandes enemigos de qualquier gloria de España , ha'lai én , os muchos que concurrian en esta. El uno Bozio de sign. Eccl. lib. 20. cap. 6. que explicando este lugar de Virgilio , o ya de la Sibila , se resuelve en que este vaticinio se cumplió con la navegacion de los Portugueses. I Ariosto en el c. 15. de su Orlando , al imitar estos versos de Virgilio , en persona de una Maga , con forma de augurio , dixo:

*Ma volgendo si gli anni io veggio uscire,
da l' estreme contrade di Ponente,
no vi Argonauti. e rovi Tisi. e aprire
la strada ignota in fin' ai di presente. &c.
Et rinovar del lungo tratto il fine,
que questo far parer duo mar diversi:
e scorrer tutti i liti e le vicine
Isoli d' Indi. d' Arabi. & di Persi. &c.*

I en usar este docto Poeta ~~sus~~ fuese lugat de Virgil. añadiendole el *nuevos caminos* , i especificando los mares , i Islas de la India , Arabia . i Persia , mostró claramente entender , que desta navegacion habló allí Virgilio : porque todo esto se contiene en ella. Despues de la se descubrieron unas p' e lris en la sierra de Sierra , que se llamó de la Luna (como veremos en la e. 56. del c. 2.) porq allí uvo un Templo dedicado a ella , con letras q muestran ser previsto de alguna Sibila este descubrimient ; i son estos:

*Volventur saxa. literis. & ordine rectis
cum videas Occidens Orientis opes.
Ganges. Indus. Tagus erit (mirabile visu')
merces commutabit suas uterque sibi.
Sol i aeterno ac Luna decreturn.*

Sus contradicciones tuvo esta inscripcion : pero como ella conforma con essotros testigos que no las tienen , razon es que no la omicantos , ya q no la califiquemos : cosa que no nos fuera muy dificil ; porque son poco fuertes (por no llamarlos vanos) los suyos lamentos que la pretenden hazer apocrifa. Tambien se vé , que habló allí Virgilio desta navegacion , porque los dueños della son los Portugueses , que con esta de la India enseñaron al mundo el gran navegar , que hasta entonces fue limitadissimo. I si Gaspar Escolano en la historia de Valencia lib. 1. cap. 4. dice , que a toda España llamavan los Hebreos Sepharad , palabra que en lengua Ciriaco quiere decir , pericia de navegacion , toca mejor a los Portugueses , inventores de la mayor que fue vista en el mundo. N: es mucho ; pues a ellos , i en su tierra se aparecio el Piloro de la mayor barca . a prometersela : porque , como ya vimos , Christo la prometio al Rey don Alonso Enríquez , aprecioandole en su Reyno : con que tiene aqui su propio lugar aquell de Tertuliano en el cap. 59. del lib. de Resurrect. *Christus intra Oceanum,* & de isto ex quo nobis incubat verum lumen nationibus effusit . Pues tant's naciones fueron alumbradas en la verdadera Religion , desde que en el cielo . o clima de Portugal , puso el Infante

don Enríquez en platica sus estudios destinacion , prometida antes en Portugal a su primer Rey.

Agora he de asir de otra profecia que notablemente se carea con la armada que llevó el Gama , i con la invencion deste Poema , de que parece se puede inferir , que el P. estuvo atento a lo que profetizó Isaías quando dixo en el cap.

*Ite Angeliveloces ad gentem convulsam, &
d'aceratam; ad populum terribilem, post quem non
est aliis. &c.* Que vayan los Angeles a esta epresa. Esto puntualmente por dos razones se vé

B cumplido con el viaje de Vasco de Gama: la primera , porque sus navios tenian nombres de Angeles , como veremos en las estancias 20. 75. i otras del Canto 2. I parece que el Poeta tuvo a los ojos esta profecia (creyendo que con esta navegacion quedava satisfecha) quando en estos mismos lugares haze predecir los Angeles a favorecerla , como allá veremos , i en llamar frequentemente *veloces* a los mismos Angeles , o navios : como en la estancia 27. del Canto 1. *lenho leve*: en la 48. *proas ligeiras*: en la 6. *naos ligeiras*. I advierro , que està aqui el epitecto fuera

C del tiempo en que navegaban , porque estavan surtas : i assi parece las dà este titulo de *ligeiras* , porque eran realmente pequeñas , como aquellas que se labraron con atencion a que avian de costear en algunas ocasiones , i meterse en poco fondo ; i a que ivan a la ligera , sin otra carga más de la gente , i bastimentos , i el cuidado de ir i bolver con aviso de lo que hallassen : i en el Canto 2. estancia 21. *naos ligeiras*: i en la 47. mucho mejor ; porque hablando del mismo Gama dice en persona de Jupiter : *Este que agora presuroso va buscando el Indo.* I el mismo Gama disentre sobre si mismo en la estancia 57. del Canto 8. que no era más de un diligente descubridor del Oriente. I lo que es notabilissimo , que la voz Gama , es Hebrea , i segun nuestro gran Portugues Oleario , sobre el cap. 2. del Exodus , entre otras significaciones puede tambien tener la de presuroso . i diligente. *Posset etiam* (dice él) *dici verbum Gama significare currere, & transire velociter.* De maniera , que teniendo nombres de Angeles los navios , i siendo veiozes , i veloz descubridor el General dellos , assi en el oficio , como en el nombre , parece se cumplio aqui la profecia de *Ite Angeliveloces* : i que el P. en su invencion estuvo atento a esto , pues los haze ve'ozes a todos. La otra razon por donde se puede dar por cumplida la profecia con este viaje , aun quando las naves no tuvieran nombres de Angeles , es en dos maneras: una , q al Angel san Rafael tenia el Gama por particular Abogado , como veremos en la e. 75. del c. 2. i del de Gabriel se llamava la nao en q iba: i por ventura q por ello le finge el P. sacerdido desse Angel desde la est. 61. del mismo c. Otra , q vendo los Portugueses i cerraron la palabra Evágelica , les tocava el nôbre de Angeles ,

D

Angeli veloces : i que el P. en su invencion estuvo atento a esto , pues los haze ve'ozes a todos. La otra razon por donde se puede dar por cumplida la profecia con este viaje , aun quando las naves no tuvieran nombres de Angeles , es en dos maneras: una , q al Angel san Rafael tenia el Gama por particular Abogado , como veremos en la e. 75. del c. 2. i del de Gabriel se llamava la nao en q iba: i por ventura q por ello le finge el P. sacerdido desse Angel desde la est. 61. del mismo c. Otra , q vendo los Portugueses i cerraron la palabra Evágelica , les tocava el nôbre de Angeles ,

comb toca a los puros Predicadores Apostolicos, segun veremos en la e. 33. del c. 10. i agora mejor a los Portugueses, ya de tantos años antes clelos del propio Christo por sus Legados, para este ministerio. I que les toque el titulo de Angeles en esta navegacion por este respeto, o por aquell, o por ambos, de ai se sigue otra prueba, sacada desta propia profecia, de que ella se cumplio con este viaje: porque (esto es agora de los Padres Benito Fernandez in Genesi. tom. 3. cap. 32. i Francisco de Mendoça sobre los Reyes) en aquel lugar de *Ad gentem convulsam*, &c. iec el Hebreo: *Ad gentem linea& linea*, con q̄ ellos doctos, i juiciosos escritores, aplican estas letras de *Angeli veloces*, i de *linea& linea*, justamente a los Portugueses en esta navegacion, porque en ella passaron estos Angeles dos veces la linea equinocial, como es notorio. I si por ventura agradare tanto a algunos la explicacion de *Quasi columbae*, con el nombre de Colon, que nos estrañe el reprovarla al principio, aqui le daremos otra sobre el apellido del Gama, que tiene mas fundamento, i es hallada con mas delgadeza. Porque entrando la profecia de Isaias as̄i: *Legatos, & invasis papyri, &c. Ite Angeli veloces*: i pareciendo que los Angeles veloces son las naves del Gama, ellas ai estan explicadas con la voz, *papyri*, que vale junco, i segun Oleastro, sobre el lugar citado ya del Exodus, se derivó del Hebraismo, *Gome*, que tiene su origen en el otro de *Gama*. De manera, que estos navios erā de *Gama*, i de Angeles: i assi Angeles i navios del General Gama, i de sus compaños, a quien no toca menos el titulo de Legados que ai les dà la profecia, porque conforme al testimonio del Rey don Alonso, que arriba truximos, por sus Legados para este descubrimiento avia Christo elegido a los Portugueses.

Otra profecia sea de David en el Psalm. 67. *Qui ascendit super Ocasum Dominus nomen illi*, que viene a ser la conversion en la America, en que los Portugueses tienen tambien ilustre parte: i luego en el Oriente, en que la tienen toda, *Qui ascendit super caelum caeli ad Orientem*. Adó de Genebrardo asegura, que habló David de la navegacion Portuguesa. Varios Autores traen mas pruebas, como Benito Fernandez alli, Francisco de Mendoça sup. Reg. Rebelo de iusticia & iure, Bozio, Gabriel Alvarez, Iuan Solorciano Pereyra, &c. Escuso argumentos, i citas; porque para el modo que he de seguir en estos Comentarios sobre lo dicho, i aun esto ultimo se deva al Doctor fray Francisco Brandam, que me lo advirtió, con sus muchas noticias. Luego estos son los Tisíis supremos prometidos en estas profecias, i vaticinios. Pero porque de aquel de la Sibila Cumaea, que refiere Virgilio en la Eglog. 4. echaron mano algunos doctos en essa pequeña porcion que ai queda, de *Aster erit tuu Tiphs*, &c. para aplicarla a la edad del Rey don Ma-

A nuel, assi a hui to, sin hazer alguna anotomia en todas sus sentencias, importando mucho que se haga, para carearlas con nuestros sucessos de aquella edad, diré lo que se sigue; assi para este intento, como para el otro de mostrar que Virgilio, o la Sibila, en todas ellas hablan de los acontecimientos de Portugal. Ello es cierto, que Virgilio en esta Eglog. va refiriendo lo que dixo aquella Sibila, i aplicandolo al nacimiento de Salonino, i su edad; o sea de un hijo de Augusto Cesar, como quieren otros expositores. Veamos si tiene todo esto mas correspondencia con la B edad, i nacimiento del Rey don Manuel; i si sobre lo dicho no pareciere claramente que si, yo me deshago del derecho del vaticinio, i lo doy a cuyo fuere: pero si a caso se juzgare que si, necesario es que aguarde de los interessados, que desistan de su porfia, i no quieran usurparnos nuestras glorias: no pareciendoles jactancia el no querer perderlas; pues de soberana doctrina hemos aprendido, que nuestra gloria no la devemos relaxir a otros. Dize, pues, en Virgilio la Sibila desta maniera.

Iam redit & virgo, &c. Pongo con veneracion a parte lo sagrado deste vaticinio; i usandolo del para mis pruebas, como hacen otros Autores para las suyas, digo assi. Las fabulas tienen, que la virgen Astraea, o justicia, se fué de la tierra, viendo como en ella todo eran injusticias; i dice agora Virgilio, que ella buelve con la edad de Salonino. Esto entendió nuestro P. con la del Rey don Manuel, quando en la boca de Jupiter dice, que ganada por él la India bolverá a ella la justicia i Religion, que de tantos años se avia apartado de la; porque ya en virtud de la presencia del Apostol S. Tome la avia conocido.

D Es en la e. 46. del c. 2.

*E por elles, de tudo en fim senhores,
seram dadas na terra leys melhores.*

I en la India entró nuestra politica, i nuestras leyes justas, i santas, i en virtud dellas se restituyeron a muchos Príncipes sus coronas, que otros con injusticias tiránicas les traían usurpadas: i en Portugal en tiempo deste Rey uvo una paz hermosa, i un govierno suave.

Redeunt Saturnia Regna. Dize, que buelve al mundo el tiempo de Saturno, por el qual se entiende la edad de oro. Esta generalmente fue llamada de todos la del Rey don Manuel, no solo por aquella bienaventurança de la fertilidad de Varones insignes, i hazañas glorioas, i tranquilidad de los animos con tan justo gobierno, sino aun materialmente, porque en ella nadava, como suele dezirse, en oro el Reyno, i casi no avia mone da fino del; i llorrian en Portugal perlas i diamantes caídos de las manos de aquellos Príncipes, i de las entrañas de aquellas tierras Orientales, de modo que parecia aver resaltado en verdad pura la fabula del oro, i joyas llovidadas en la torre a Danae; pareciendo que el propio

Jupiter enamorado de la ciudad de Lisboa la bañava con lluvias de oro. Luego más desto sobre el lugar de *Gens aurea*, porque hemos de ir a trozos con la Egloga, i llevandolos por su orden misma.

Iam nova progenies cælo dimittitur alto.
Dize, que se embiaria desde el cielo una progenie nueva. Bien. Cumpliose esto con lo que dixo S. Tomè a los de Meliapor; i Christo al Rey don Alonso; i se entendió aver inspirado el cielo en el Infante don Enrique, como todo ya queda apuntado. Así bien parece, que del cielo fue embiada la gente Portuguesa para este descubrimiento. Ja esto resperó el P. quando repitiò algunas veces, que ella hizo mas en el de lo que prometeria la fuerça humana, que viene a ser tocar en celeste, i tener algo de divino nuevamente; o bien de divino impulso. I tambien resperó a esto, quando en el c. 4. finge, que el Rey don Manuel en sueños fue arrebatado al cielo, i que estando desde allá viendo el mundo, le habla el Ganges en la figura de un santo viejo habitador del Paraíso, i le incita, como conceleste anuncio, a que mande descubrir aquellas tierras que le están aguardando: i como baxado del cielo có este aviso, supone que dispuso la partida de los descubridores dellas. I como a gente venida de allá la nombraron muchos de aquellos barbares, diciendo que no peleavan contra hombres, sino contra Dioses, como luego veremos sobre los otros lugares de *Diuisque videbit, &c. i Delectos Heroas, i Cara Deum soboles.*

Tumodo nascenti puero quo ferrea primam Definet, &c. Casta fave Lucina. Dize, que Lucina Diosa de los partos favoreceria aquel. Los favores que la gracia divina hizo al Rey dō Manuel en su nacimiento, no dan lugar a que otros vengan en comparacion con ellos: porque no solo permitió que naciesse el propio dia solemnissimo que la Iglesia celebra el propio Christo con el titulo de *Corpus*, sino que ese Christo propio, en aquel venerando velo de la Hostia sacrosanta, le fue a sacar a la luz del mundo, i a librarse de un gran peligro, como quien le tenia señalado para cumplir en él la palabra dada a su Progenitor don Alonso Enriquez: porque estando de parto la Infanta su madre en gran aprieto, al tiempo que por la calle iva pasando la procession solemne, sucedió que al punto que llegó enfrente de la puerta de su Palacio, parió a don Manuel, i quedó libre del peligro; i tomando en el Bautismo uno de los nombres del Padrino de su nacimiento, se llamó *Manuel*, que quiere decir, *Dios es con nosotros*. Salio con braços tan largos, que estando derecho, i teniendolos caidos, llegavan las manos a las rodillas. A esta suerte de nacer se siguió el pronostico de un insigne Astrologo, que le predijo no solamente la Corona Portuguesa, sino estrañas felicidades. Yo bien ospecho, que a donde todos los judiciarios po-

A nen los ojos en las estrellas para formar sus figuras, este los puso en el Sol Christo, viendo que el propio vino a asistir a su nacimiento; pues no hay duda, que la asistencia de tal Planeta, que tan benignamente le miró, todas las felicidades le prometria. A lo menos nuestro entendido Rey don Iuan el Segundo al prometerselas, en este Planeta le mandó poner los ojos: porque amando mucho, quando no sospechava que le avia de suceder, le dió por empresa una Esfera, con letra que dezia, *In Deo*: i porque ella entonces se llamava Espera, quedava todo diciendo: *Spes- Bra in Deo*, como si dixerá, que quien le hizo nacer le avia de hacer reynar. Así este dichoso Principe, con aver nacido sin derecho, o esperanza de Reyno, sucedió en él, despues de estar viendo como para esto le iban haciendo lugar con la muerte algunas personas a quien tocava la succession. Negro fue jurado Princepe de toda España: despues constituido en el Imperio de los mares, i tierras Orientales, consiguiendo lo que nunca fue concedido a ningun Monarca; admirando el mundo con aquellas navegaciones, i descubrimientos, todo estapendo. En tiempo de

C Carlos Quinto le ofreció una honrada parte de Caltilla aquella Corona, viendole con tantas felicidades en la suya. Cierto, parecia a ver nacido el Rey don Manuel para que le buscasen todas las del mundo. Pero que mucho, si fue en el nacer ahijado del dueño dellas? I lo que es más, viuno a ser Apóstol d. Christo, sucessor de S. Tomè, plantando de nuevo en la India la Fé Católica.

Fue fundador de Templos casi innumerables, i de algunas fabricas, sin duda emulas de las Romanas. Hizo, como diximos, nadar en oro sus vassallos. Dió a su Corona una bella sucession de Infantes. No avio prosperidad al fin, que del no fuese abraçada: i parece que fue auspicio de que avia de abraçar tanto, el tener los braços más largos que ningun hombre, como ai apuntamos, cumpliendo en él con esto aquel aforismo de los judiciarios: *Brachia usque ad genua extensa imperare desiderant, & aliquando imperant.* Digan nos los judiciarios agora, si devemos creer qüeite es el parto favorecido del cielo que la Cumia vaticinó; o si en hombre humano ha avido otto con tantas circunstancias maravilloosas: i esto por dezir divino: porque si al nacer Christo assistieron los Angeles, al nacer Manuel assistió Christo. Ni es mucho que se vierse esta armonía de nacimiento en personas que nacieron para redimir el mundo; Christo por si; i Manuel por Christo en esta grandissima parre del. Finalmente avia precedido al tomar este Rey esta Corona, aquella conjuncion de Saturno i Jupiter el año 1484. como veremos al fin de la nota a la e. 21. del c. 1. que es notable: i como tal se puede ver, i ponderar.

¶ Actoto surget gens aurea mundo. Que se levantaria en el mundo una gente de oro. Veamos D 5 si es

si es la Lusitana al pie de la letra. Vease lo dicho sobre *Redeunt Saturnia Regna*. Agora parece, q para satisfacion cabal deste vaticinio, permitio Dios que el Rey don Manuel hiziese labrar del oro que le venia destas conquistas, unas monedas que se llamaron Portugueses, de a quinientos ducados cada una: i despues otras, de que aun se vèn infinitas muy preciadas, i valen a 175. reales. Destas uvo tanta copia, que en las plazas (como cy con los quartos en Castilla) no se pagava por casi todo el Reyno con otra moneda, sino con esta llamada Portugueses de oro: i es cosa esta vulgarissima en èl. Pues si es assi, que en este modo (que es en el que podia ser, si se ha de baxar a lo material en la explicacion desse Ingat) vinieron a fer los Portugueses de oro: quien puede dudar; que esta es la gente de oro de la Sibila, que nos refiere Virgilio? Sino es, que quieran las partes adversas, que las propias personas ayan de ser de oro; para quedar cumplido el vaticinio: porque si es assi, mandarèmos dorar un Portugues vivo, como si fuera el statua en fiestas solemnes, i se lo pondremos de lante, i les harèmos crer que nacio así: como sucedio a Leontidas, que no aviendo visto jamás maderas doradas (porque no se usava esto en Lacedemonia su patria) pasando a Corinto, i viendo doradas las vigas de los techos en algunos Palacios, preguntava adonde nacian arboles de tan hermoso lustre? creyendo no era artificio, sino que naturalmente avia madera de aquel genero. Pero no devien querer nuestros opositores, que los tengamos por de tanta simplicidad, como a Leontidas, i assi darán por cabal gente de oro una cuyo titulo i nombre anda en oro por todo el mundo. I por ventura, que no le pasando por alto esto a nuestro P. entre los otros motivos que tuvo para introducir en este Poema a Venus por protectora de los Portugueses, fue este de ser epirecto, i titulo particularmente suyo el de *Aurea*. I si todo esto no basta, bien puede bastar el aver los Portugueses descubierto en estas vastissimas tierras, gente que tiene por gala el dorarse los dientes. Esto quanto al sentido literal: i quanto al alegorico, que es el verdadero, por gente de oro se entiende gente de gran precio, de gran valor, de gran fama: i la Portuguesa todos estos titulos ganò cabales en el mundo con sus hechos. A este sentido se llamaron Arreas, algunas fabricas insignes; como la Puerta notoria: i la cafa de Neron: i algunos libros que dexo de nombrar, porque con esta advertencia luego serán presentes a los eruditos: i tambien se llamaron de oro algunos hombres eminentes, como Dion, i san Iuan Chrysostomo; i esto vale esta voz Griega: i el Pico de oro, i otros: i vulgarmente se dice por qualquier cosa perfecta en su genero: *Estante de oro, i de azul*, junta q fue tornada del cielo estrellado, adónde las estrellas a nuestros ojos parecé de oro, i el capó azul. Voy aprisa, i esto basta.

A ¶ *Tuis iam regnat Apollo*. Por todas esas razones quiere decir, que reynaria don Manuel, porque aviendose buelto de oro su Reyno, i labrado otras monedas de su propio nombre, llamadas Manueles, esse viene a ser el Apolo; porq Apolo es el productor del oro, i la color del oro es la suya en todas las pinturas antiguas i modernas de Poetas, i Pintores. I como dice Marsilio Ficino, *de vita cœlitus comparanda*, el color aureo es del Sol, i tambien de Jupiter i Venus; i pnedese sospechar, que tambien ello diò motivo a nuestro P. que aviendose de cantar de la gente de Oro, introduxesse a Jupiter, i Venus en este Poema. Tras esto es cierto, que el verdadero Apolo, o Sol, es el Autor del Sol, i que esso se mostró bien al espirar Christo, porque a ese punto se encrecio el mundo, i esto procedio de retirarse la luz del Sol, de que procede el dia; mostrado que el cerrar Christo los ojos fue en èl falta de luz: porque la toma dellos, como del la roman las estrellas. Vno de los nombres, pues, de este verdadero Apolo, fue el de nuestro Rey, que es Emmanuel, el qual quiere decir: *Dios es con nosotros*: i assi esto para Portugal, fue como si dixerai: **C** ¶ *Tuis iam regnat Apollo*. Siendo Christo como es el verdadero Planeta del Reyno, desde sus fundamentos, i viiniendo en persona a sacar a la luz del mundo este Príncipe, i dandole uno de sus nobres, como en empeño de que queria que reynasse, i como en titulo de que le comunicava, con sus respondentes, sus propiedades.

D ¶ *Teque adeo decus hoc avi, te consule inhibit*. Que en el tecrian principio los honores de aquella edad. Por todo lo dicho claramente concurre esto en tiempo del Rey don Manuel. Testigos buenos la fertilidad nueva de almas en el cielo, i de riquezas en Europa: i los titulos honorificos i gloriosos, que no solo se añadieron a los antiguos deste Reyno, sino que fueron dados de todo el mundo a este Rey por esta accion, que fue causa que en Lisboa se vierse muchas veces junto quanto extraño logra este mundo todo en riquezas, en personas, i en pompas, i entrages, porque a un mismo tiempo se vian faultissimos Embaxadores de muchos Príncipes de la Asia, i de la Africa, i de la Europa, mirandose, i admirándose los unos a los otros; de que justamente resultó el dicho de aquel Nuncio, que haciendo relacion al Papa de lo que avia visto en Portugal, concluyó: *Vidi tandem Orbem in Urbe*.

E ¶ *Et incipient magni procedere menses*. Dize, que empezarian a continuarse los meles grandes. Puntualmente habrá de lo que resulró de la entrada de los Portugueses en la India; adonde usandose en las escrituras el contar los años desde varios principios de Reynos, o personas notables, desde que ellos entraron se usan los años de Christo como en Europa, i estos son los meses grandes. Añadese a esto, que usandose en el Imperio Malabar contar los años desde un celebre

bre Emperador suyo , como entre nosotros se usò desde Cesar , despues de entrados allá los Portugueses se usaron los años de su entrada. Siendo assi los meses grádes, como tiempo des de la grande accion de gente grande. Refierelo Barros dec. 1.lib. 9.cap. 3. Mas en *Divisque videbit, &c.*

Te Duce si qua manent sceleris vestigia, &c. Dize, que siendo Caudillo él, serán libres las tie rras del daño de nuestros pecados, si alguno res ta. Verdaderamente, siendo el Rey don Manuel el Capitan de Christo , que llevò esas vanderas tuyas a la Asia , i salvò a la sombra dellas tanta gente, quitandola de la garganta del infierno, no sé yo que cosa mas clara pueda hablar del , i de su tiempo.

Solvent perpetua formidine terras. En dos maneras se ha de entender : una. Que andando todas las tierras , o gente de Portugal temblan do de miedo , de los miedos que les hazian los mares , i las tempestades , i la longitud dessas na vegacion, con que gastaron muchos años en llegar hasta el Cabo de Buenaesperanza , vino don Manuel , i passandole del todo, i llegando a la India felicemente , i facilitando aquel viaje , i reconciliando los peligros con su zelo i osadia , i final mente quitando el miedo a sus vassallos , Solvit perpetua formidine terras. Otra. Que andavan las tierras de la Asia siempre assombradas del demonio , terror de las almas : i passando allá don Manuel la noticia del suave yugo de Christo , la belleza de su Religion, i curandolas de aquel hor ror, Solvit perpetua formidine terras. Mejor , i aun admirablemente agora. En la China se soliá levantar unos viétos, a que llamavan Tufones, q obravan como demonios sueltos , con notable horror de los habitantes; i cesò este furor desde que allá se empeçò a celebrar el Santissimo Sacramento de la Missa. Luego bien, Solvit perpetua formidine terras, el Rey don Manuel que allá passò esse divinissimo Sacramento.

Ille Deum vitam accipiet. Que recibiria la vida por mano de los Dioses. Pues si el mismo Dios en la Hostia sacrosanta llegó a la puerta de la madre de don Manuel, que estaba a peligro de ahogarle en el parto, i le facò libre a gozar de la vida, como ai diximos, i es cierto, poca duda queda de que aquel fue el cumplimiento deste vaticinio.

Divisque videbit permisso Heroes. Bonis simamente a nuestro proposito , i a nuestras ver dades. Dize , que se verian mezclados con los Dioses los Heroes. Cumpliose esto en dos ma neras: una en que es cierto, que los Reyes i Ca pitanes Portugueses , en estos descubrimientos siempre anduvieron a braços con Christo , con su Madre, con sus Angeles, i con sus Santos. No dieron un passo que no fuese invocandolos: i en muchas ocasiones les aparecieron, i en otras pe learon juntamente con ellos. No puedo traer

A muchos exemplos. Sirva por todos uno. El grá de Alonso de Albuquerque tuvo mucha corref pondencia en las acciones con el Rey don Aló so Enriquez: siendo aquél fundador del Imperio de la India, como este del de Portugal : este ga ñò Lisboa para silla de este Imperio : aquél Goa para la de essotro. Este era un rayo sobre Moros i ciudades en Europa: aquél otro tátó en la Asia. I finalmente, para abreviar , aviendose fundado el Reyno de Portugal , con aparecer Christo en la Cruz a esse Rey en Orique, haziendole tronco deste Reyno ; a esse fundador del Estado que en la India tiene Portugal, le apareciò sobre el Es trecho del mar roxo en que se hallava, una Cruz en el ayre guarneida de resplandores : parece q haziendo armonia con la señal en que se hizo la promessa al Rey don Alonso en Orique , la del cumplimiento della con otro Alonso en la India. I por ventura que permitiò el propio Christo tambien este aparecimiento para desmentir a algunos , que negaron el del campo de Orique, sun lâ Jose, parece, en la antiguedad, o en lo que se suele fingir sobre ella; no siendo menos de po derar la medida del favor con las personas; pues

C quando el cielo le hizo al Rey, vino Christo en la Cruz , i quando al vassallo, sola ella. Tambien se correspondió el fundamento deste Imperio en la India con el de Portugal , en esto : Que al de Portugal le diò principio un Enrique, i le assegurò un Alonso con sus vitorias : i al de la India le diò principio otro Enrique con sus descubrimie ntos, i con sus vitorias le assegurò otro Alonso , i finalmente quitò de las manos a los Barbaros la Isla, i ciudad de Goa, para colocar en ella el Tro no Imperial. I bolviendo a la mezcla de los Di oses con los Heroes , al mismo Albuquerque , se afirma averle acompañado el Apostol Santiago en un conflicto, parece que pagandole el aver dado su nombre a la primera fortaleza que plantò en la India esta nacion, como en testimonio de q le dava el Patronazgo de las futuras , assi como él lo posseia en España; porque siendo Alonso de Albuquerque el fundador della en Cochin , la llamò de Santiago. I siendo los Cafres conduzi dos del Rey de Zofala para pelear contra los Portugueses, i viendo las hazañas dellos, i huyé do dellas, acusavan aquel Rey diciendo , que les avia llamado para pelear contra Dios: casi hablá do con la lengua de la Escritura, Exod. 14. Do minus enim pugnat pro eis contra nos, como si vieran a Dios peleando, mezclado con aquellos va lientes soldados que defendieron aquella fuer ça. Barr. dec. 1.lib. 10.cap. 3. I un Iudio hablan do con Vasco de Gama, quando le viò en partes tan remotas , dixo que no avia duda que Dios era el que le traia a elllas para algun gran secreto de su servicio. Barros allí. I aviendo Christo, que es el verdadero Dios, andado entre sus Discipulos en el mundo, les dixo : Dedi vobis potest etem calcandi super serpentes. Se entiende esta letra en

E

en ambos sentidos moral, i literal de los Portugueses, porque aviando Christo baxado a comunicar con ellos, dixo a su primer Rey, que los tenia elegidos para una cultura suya, que sin esceptuado es esta; porque en ella hollaron los Portugueses, i huellan oy, inmensas bestias fieras por toda essa Asia, i Africa : de que por muestra truxeron muchas a Europa, admirandola con ellas. I tambien en virtud de la ley Evangelica tienen hollado los demonios, que estavan apoderados de tantas almas, los quales en el otro sentido son figurados en esas serpientes. Esta es la primera satisfaccion al vaticinio, de que andarian los Heroes mezclados con los Dioses, andan lolo tanto los Portugueses con el verdadero Dios, i con sus Santos ; que como ellos, i como el peleavan contra el infierno, i le vencian. La segunda es, i se cumplio en que viniesse al mundo Luis de Camoës, que aviando de cantar de los Heroes Portugueses en este Pocina, los mezclò con los propios Dioses; industria que yo sospecho tuvo origen en aludit al vaticinio de la Sibila; i a esto de que ellos en la India avian de andar mezclados con los Dioses, o en el Templo de la Fama con los Heroes llamados Dioses, en virtud de las estupendas hazañas deste descubrimiento, i sus conquistas. I por todo esto parece, que el P. dixo en la e. 29. del c. 6. en persona de Bico, que ellos avian de venir a ser Dioses, i los Dioses avian de venir a ser humanos: q es, que vendrian los Dioses de aquellos Genitiles a ser nada (porque nada es la humanidad) i los Portugueses a ser Dioses, porque divinos se llamaron siempre semejantes espiritus. I esto se cumplio en dos maneras: una, en que dando ellos a conocer a tanta gente el verdadero Dios, tienen parte en ese conocimiento: otra, en que empezando las escrituras alia con la Era, o año de su entrada en aquellas partes, logran veces de Dios: porque entre nosotros entran ellas con el año de la entrada de su Hijo en el mundo. Parece que este lugar està llano; i no con menor dicha que el de *Gens aurea*.

¶ Et ipse videbitur illis. Dixo arriba, que dñ Manuel veria sus Heroes mezclados co los Dioses, i que él seria visto con ellos. Esto se ha de entender con los Heroes, i con los Dioses: con los Dioses, por esa misma razon que los Heroes; co los Heroes, porque siendo muy propio de los Reyes de Portugal el ser verdaderos padres de sus vassallos (que nunca fueron vistos sobre ellos con acciones de soberania esquiva, sino como con hijos) en el Rey don Manuel concurriò esto singularmente: parece que tambien en consonancia de la significacion del nombre que le cupo de los de Christo, i de nacer como de su mano: porque siendo Christo Dios, se humanò con los hombres tanto: i siendo Manuel Rey (que son los Dioses de la tierra) fue humanissimo con su gente; tanto que haliandole en algunas fiestas, o

visitando algunas obras, consentia que los dançantes, o oficiales le rodeassen, como suelen hazer a qualquier personz, porque les dè algo. Puso singular ceñido en descubrir el origen, i blasfemias de cada familia, i perpetuarlos en libros, i en pinturas. Tanto amava la gloria de sus vassallos; i tanto fiava en esse amor, que sabiendo que un poderoso exercito tenia sitiada la ciudad de Arzila en Africa (entonces de Portugal) i no ofreciendole otro modo para remediarlo con la presteza que el caso pedia, i haciendonegociacion de lo que pudiera parecer desatino, salio subito por la puerta fuera a cavallo con un solo page, i desde Evora fue a parar en Lagos: i sadi da subito esta accion, por mir i tierra bolaron aquellos vassallos en busca de su Rey, armados para seguirle, de mono que dentro en cinco dias se hallò en aquel lugar con dos exercitos maritimo, i terrestre: que es un caso singular en todas las historias del mundo. Algo mas largo se hallara en nuestro Epitome en su vida. Los otros Reyes tambien trataban estos vassallos como hijos, tanto que en las Pascuas no se les pagavan sus gages, sino presentavan cedulas de confession; C parece que no consintiendo el Rey, que ellos anduviesen apartados de Dios, porque ella nos júta con él. La gran Reyna Isabel de Castilla echò el sello con una agudeza, a esto de ser padres i hijos, Reyes i vassallos Portugueses, quando en un Consejo en que se próponia, que se continuase la guerra con Portugal, i lo fomentava un Cosejero, con ponderar que se hallavan los Portugueses pocos en numero, i gastados en fuerças, dixo: *I que harémos? que ellos son hijos, i los nuestros son vassallos.* I quien no lo vè claro en las hazaña? Por ventura pudiera tan poca gente extinguir las tales, sino fuera toda ella padres i hijos, hijos i padres? No por cierto. Si uviessemos de refir acciones de llaneza, i igualdad de los Reyes Portugueses con sus vassallos, fuera proceder en infinito. Solo porque no parece, que esto era en lo muy antiguo, en que algunos piensan (harto mal pensado) que los Reyes no sabian serlo, traerè un exemplo no muy caduco, pues no excede de 140. años; ni de Rey que no aya sabido serlo, pues fac don Iuan el Segundo, que supo *Parcer subiectis & debetare superbos*, mereciendo por esto el glorioso renombre de Principe Perfecto. Hallavase en necesidad Ruy de Sousa, Cavallero singu'ar: dixolo al Rey, i juntamente le pidiò, que quando saliese a pasear la tarde, como solia, por la calle de los mercaderes, que es la Rua nova, le llamasse, i fingiesse que hablava con él en algo de importancia, porque conesso pensarian los que lo viessen, que él estava muy valido, i assi hallaria en aquellos mercates prestado algun socorro con que remediarlo. Vino el Rey en ello, i entrado en la calle le hizo señas q se llegasse, i trayendole solo algunos passeos le dixo: *Bastará esto?* i él respondio: *I sebra señor, i con*

con esto se apartaró: i al otro dia halló el Cavallero en los mercantes mas de lo que pretendia. Pudo un Rey mezclarse más con sus vassallos q̄ condescendiendo en semejantes traças cō ellos para coger la hacienda agena con el valimiento, que aun fingido tiene virtud para juntarla? Yo creo que no. Desta manera, pues, andavá los Heroes Portugueses mezclados con los Dioses: i los Reyes con estos Dioses, i con aquellos Heroes. Tambien se vió mezclado el Rey don Manuel con unos i con otros, en este Poema; porq̄ el Poeta en el le mezcla en esta accion con los Dioses mientras se trabaja en el fin della; i miétras se dà el premio de averla fenecido le mezcla con los Heroes, dandole parte de ese premio glorioso descrito en todo el cát. 9. como se verá pôderado sobre las estâcias 3. deste, i 144. del 10.

¶ Pacatumq; reget patrijs virtutibus orbem. Tambien a nuestro intento; porque el Rey don Manuel, dotado de las mayores virtudes de sus mayores, tuvo en la mano el governo de lo bueno del mundo pacifico: porq̄ sin resistencia alguna fue Rey de Portugal, i jurado en Castilla; y cō gran felicidad dominó tanta parte de la Africa, i del Asia, como es notorio: a que tambien ayudó mucho la hermosa paz en que se mantuvo cō Castilla; que por faltar esta a nuestro valentissimo Rey don Alonso Quinto, se suspidió la ilus.tre corriente de sus triunfos Africanos.

¶ At tibi prima puer nullo munuscula cultu, &c. Dice en estos versos, i en otros, que la tierra sin ser cultivada lo produziría todo. Puntualmente sucedió esto en Portugal despues de este descubrimiento, i en la edad de don Manuel, porque por irse a la India la gente dexó la cultura de muchas tierras: i sin ella se hallavan todos cō nuevas, i mayores riquezas: i en su busca llovían en Portugal muchas naciones con todo lo que avia en sus tierras, para llevar a trueque lo que traíamos de la India.

¶ Errantes herederas passim cū baccare tellus, &c. Entiende allí por las yedras las honras, i glorias; i por estos frutos la prosperidad, como dicen los Expositores. Todo esto dió a entender nuestro Poeta con aquellas glorias que en el c. 9. finge configuraron los Portugueses a fin de este viaje; i en el 10. que ambos no contienen otra cosa; colocandolos para esto en aquel móte, que es el Parnaso, de donde son naturales estos arboles, i plantas con que se solian coronar los Heroes; suponiendo que allí los llevó la fama a coronarlos dellos por mano de las Musas; que esto son aquellas ninfas como allá os he de enseñar. Tambien errantes herederas, porque siédo las yedras aquellas propias de que Baco trascópuesta su corona, i su cetro, como es publico, i entrando los Portugueses en la India, adonde estas insignias de Baco eran, i fueron tan veneradas; i quitandole ellos con su entrada essa ve-

*A*neració, fue como arrebatar de las manos al enemigo esas insignias de yedra; i traerlas a su patria, que es la mayor gloria entre los humanos: i de esta manera le produjo la tierra las yedras, o las glorias, i honores entendidos por ellas: i esto parece entendido el Poeta tambien quando introduciendo a Baco opuesto a este viaje de los Portugueses dice en las est. 30. 31. 32. que todo lo que haze cōtra ellos es, porque teme perder los honores consiguados en la India quando la dominó: i por esto se acuerda de describirle cō ellos en la estancia 52. del c. 7. i de decir en la 55. que serán abatidos de la mano Portuguesa.

¶ Nec magnos metuent armata leones. Es alegoria que se cumplió cō la ida de los Portugueses a la Asia, i Africa en ambos sentidos; porque en esas partes fueron vistos no temer leones, i luchar cō ellos en singulares desafios, i vencerlos. I por la parte que nor esos leones se entienden los demonios (*Tanquam leo rugiens, &c.*) desde que plantamos la Fé de Christo en aquellas partes, quedó su gente temiendo menos el poder dellos; i las armas Portuguesas no temiéndolos a ellos, para ir a apártarlos della: i a esto parece atendió el Poeta quando en dos lugares de este Poem i pinta nuestra gente dispuesta para envestir con los propios Demonios, como veremos sobre la estancia 148. del c. 10.

¶ Occidet & serpens, &c. Lo propio q̄ ai acabamos de decir sirve aqui; i lo q̄ se encontrará un poco antes sobre las letras *Dedi vobis potestatē calcandi super serpentes.* I tambien por ella se entiende el pecado que avia de morir con la llegada de nuestra Fé, i del conocimiento de Christo crucificado, que es la serpiente, que puesta en otra Cruz curava de veneno serpentino; como en señala la Escritura sacra.

¶ Asirium & vulgo nascentur amomam: lo que queda antes *Ipsi tibi blandos fundent cunabula flores.* I todo dice que a la propia cuna le vendrá como nacidas en ella las flores, i los amomas no vulgares. Esto quiere dezir, los olores, los regalos, i preciosidades del mundo. Pues quien duda de que esto en Portugal sucedió? No es, por ventura, Lisboa aquella misma a donde se passaron como a patria propia los exquisitos ambares, almizcles, algalias, beiijones, balsamos, i amomas, i toda la classe de massas, i licores olorosos? No es, por ventura, ella la que vino a tener como propias las especerias odoriferas, que casi todas son flores i frutos de varios arboles, de que una tiene por nombre propio el de flor, como veremos en la estancia 14. del c. 9. Con este lugar se carea aquel de Baruc *Omne lignū suavitatis Israel* que truximos al principio.

¶ At simul Heroum laudes, & facta parentis iam legere, &c. Esto es, que empezarian los Historiadores, i Poetas a dar al mundo nuevos escritos en que se leerian grandes hazañas. Tambien nos toca con claridad; i parece que al son de este

deste lugar dixo el Poeta en la estancia 64. del c. 4. que este descubrimiento seria causa de largas escrituras. Porque luego que los Portugueses descubrieron los mares de la India, i la empezaron a ganar, los Escritores de todo el mundo se dieron prontamente a escribir estos hechos, i todo èl a leerlos con admiracion de su grandeza, i de los Autores dellos. I aun entre los propios Portugueses se usava poco la escritura, principalmente de sus propias acciones, i desde entonces se empezò a usar con mas calor, i ellos a tener conocimiento de si mismos en sus mayores, que singularmente empezaron a leer en Juan de Barros, i en Luis de Camoens : aquel q aviendo nacido casi el propio año en que saliò el Gama a descubrir estos mares; este que naciédo casi cõ la seguridad de la India conquistada por ellos, que fae con el fin de las hazañas de Alonso de Albuquerque, dieron a entéder que Dios a un mismo tiempo concedia a esta nació las glorias, i los Escritores dellas; ratos en ambos estilos historico, i poetico: como quien se sirva de colocar en ella con igualdad los quilates de la pluma, i de la espida : i de que por falta de aquella no tuviese el olvido poder en esta : i realmente bien parecen Escritores dados particularmente del cielo, no solo porque son los primeros que España tuvo grandes en estos dos generos de escrituras; si no porque siendo sucedidos de tantos ingenios en ella, hasta agora, por ninguna no vedad, que siempre suele poder mucho en el apetito humano, han venido en alguna baxa de estima, antes crecido en ella con perdurables alabarcas.

¶ Et durat quercus sudabitur roscida mella. Que manaria la mitade de los huecos de los arboles. Esto tambien es imagen de la edad de oro; i no hemos visto en algunos Expositores esta declaracion. Pero asi es, porque entre las imagenes de la edad de oro, una es una donzella al pie de un arbol en que está colocada una enxambe de avejas, i della manando la miel : de que se acordó esatar Ripa en las suyas. Hablado, pues, aqui la Sibila, por este termino, de la edad de oro, ya mostranos como propriamente fue esta la del Rey don Manuel.

¶ Delectos Heros: es lo que queda mostrado, que los Portugueses fueron los escogidos del propio Christo para este desubrimiento.

¶ Alter erit tum Tiphys, &c. Ya arriba dimos algo sobre esto. Agota ansidremos, que como esta accion fue tan propia de la Iglesia, i san Pedro es el Piloto della, i Piloto de tales ventajas a Tiphys, i a quantos huvo, por serlo en la espaciosa i alta mar de gracia, dice bien, q avia de ser muy otro el Piloto desta navegacion: esto es muy ventajoso a Tiphys, i a quantos huvo: i no dexa para esto de parecer misterioso que el Piloto del Gama se llamasse Pedro: i aun hallo yo secreto en su apellido: porque se llamava Pe-

dro de Alemquer: i en Portugues Alemquer, vale quiere mas allà: como fue la Iglesia por medio desta navegacion con su Piloto Pedro, Tiphs muy superior.

¶ Erunt etiam altera bella: Que avria otras guerras, i está dicho con la misma condic on de *alter erit tum Tiphys*, que ya explicamos; como si dixera (i lo dezimos vulgarmente) no serán guerras assi como quiera, ni como las de hasta aqui, si no mas portentosas: i quanto las de los Portugueses en Africa, i Asia fuesen superiores a todas las passadas, sin dexar esperança de mayoria a los venideros, esto de los estranos lo fiamos: creyendo que nadie querrá parecer peor q barbaro, pues los propios barbaros, como ai queda apuntado, dezian, que pelear contra los Portugueses era pelear contra Dios. Exemplos que se hallarán en este Poema, i notas no nos deixarán mentitosos.

¶ Atq; iterum ad Troiam magnus mittetur Achilles. Parece que a esto respetó nuestro Poeta quando en la e. 12. dei c. 10. llamò al siépre digno de perdurable memoria Duarte Pacheco, *El gran Pacheco Achiles Lusitano*; i en la 13. dize, q fue dexado en socorro del Rey de Cochin; que vale fue mandado quedar allí: i assi fue, porque de orden de Antonio de Albuquerque su General quedó allá. I todo esto es el *magnus mittetur Achilles*: i el q ezzir, *ad Troiam*, le entiende mandado a parte a donde sucediera lo mismo que en Troya: i esto fue al pie de la letra en la India con el Pacheco, por dos razones: una, porque siendo grande el realon, i la porfia, i insignes las cavallerias sobre Troya, acá fue lo mismo, como vere mos sobre aquellas estancias: otra, que siendo Troya singularmente memorada por su incendio, acá todo fueron llamas. Verlo en la e. 16. *Mus queimare habet lugares, Templos, casas, &c.* Demaneras, que el Pacheco en la India tue la clarissima execucion de ese Vaticinio. **¶ Atq; iterum ad Troiam magnus mittetur Achilles.** Porque siempre fue llamado el grande Achiles Lusitano: i porque fue mandado de su superior a aquella accion: i porque en ella fue singular flagelo el fuego. I aunque sus hechos allá fueron sin comparacion mayores que los que pinta Homero de Achiles (que siempre serian menores que la pintura) no aviendo conforme a ella otro Heros mayor, está bien comparado el Pacheco con aquell, que no solo superò a Achiles en lo verdadero, sino aun en lo pintado con encarecimiento de poeticos hiperboles. I tambien esto se ha de entender de los otros Heroes Portugueses; como el Albuquerque, i los dos Almeydas, que si no cedé al Pacheco en hazañas, ni èl a ellos, llevándose la gloria de ser el primero q las ejecuto estupendas en el Oriente, dexando ya medrosas las armas Orientales, para que tuviessen menos que temer en ellas los futuros.

¶ Ce-

**¶ Ced ut, & ipse mari Vector; nec nautica pinus
Mutabit merces.** Que ya (dize) el mercante de-
xará de andar mercadando de una parte a otra.
Si la Sibila estuviera viendo esto en Venecia, i
en Portugal, no lo dixerá con más claridad. El
negocio es, que Portugal para lograr cosas de la
India, principalmente especerías, se valía de mer-
cantes, que conduciéndolas de parres varias, las
traían a las plazas de Europa; siendo principales
los Venecianos, que con todos los otros per-
dieron esta ganancia luego que los Portugueses
les hurtaron la buebla por ese admirando viaje
del mar que descubrieron, i las fueron a buscar
para darlas a esos mismos de quien las recibió.
Pore esto (puntualmente lo dice la Sibila) cessa-
ron esos mercaderes que navegando esas dro-
gas vivian de traerlas a nuestros puertos. I fue
con tanto sentimiento suyo (no podemos escu-
sar el referirlo en ocasión tan sazonada) que ha-
llándose en Lisboa un Embajador de Venecia,
i viendo a tener plática con un Iudío, que tám-
bién allí se hallava venido de la India, le persua-
dió que el Rey no podía continuar estas con-
quistas sin socorros extraños: i que el avía venido
de orden de su República a acudirle con una
gran suma para ellas: la verdad era, que avía ve-
nido a pedir socorro al Rey para ella, que se ha-
llava en miserable estado para resistir al Turco.
Desculpesele la ingratitud con lo mucho q con-
viene a un Embajador el ardido, i más si atendio
a que por esta vía podían llegar al Turco noti-
cias de la estrechez en que se hallaba su Repu-
blica, pues se valía de poder ageno; pretendien-
do desmentirlas. Pero el suceso es notable, i a
lo que esto pidió enderezarse, ya lo ven los judi-
cios, i mas si se acuerdan de averse dicho que
al punto que Venecia sintió que se le quitavan
estos intereses con nuestra entrada en la India,
espació por allá ingenieros, i maestros de arti-
llería, para aumentar poder en aquellos barbaros
con que pudiesen sacudirnos destos comercios.
Para este lugar no es menester mas: los que qui-
sieren verlo acudan a nuestro Barros Dec. 1.lib.
6.cap. 2.i lib. 7.cap. 1. a donde toca lo uno, i lo
otro con su acostumbrada felicidad de picante
dissimulado.

**¶ Ipse sed in patris aries iam suave rubent
Murice iam croceo mutabit vellera luto.** Tiene
dos explicaciones esto de decir, que las ovejas
mudarian de color: una que los vassallos de Por-
tugal desfle este descubrimiento, con la ocasión
de las riquezas en que crecían (i por ventura, q
de las delicias ya estudiadas en la Asia) totalmē-
te mudaron de hábito: i siendo hasta entonces
muy moderados en el, despues empeçaron a e-
char nuevas galas, i aun nuevos trajes, dexando
el suyo por los extraños: otra, que así como las
ovejas de Jacob salían de los colores de ciertas
varas que ponían a las madres en las fuentes a
donde tenían ajuntamiento; así aquellas gen-

Ates, ovejas perdidas, de la Asia, viniendo al agua
del Bautismo, i mirando a la vara de la Cruz co-
lorada de la sangre del Cordero Christo, mudar-
on de color, i de negras se bolvieron blancas
luego que fueron lavadas en aquella agua, con q
se quedaron diciendo al Cordero con el Salmis-
ta, *Lavabis me, & super nivem de albabor*: i so-
bre esa nieve de ese vellón candido la señal ro-
ja de esa vara resida en la sangre de Christo, que
que es el título de Christiano. Tambien si se ha
de estimar lo que allí dice un Expositor, i es, que
en un libro de los Etruscos se halla, que si las
ovejas tuvieran el vellón de alguna manera ti-
rante a rojo, o aureo, denota prosperidad gran-
de en sucesión de hijos. Aviendose marcado de
ese rojo esas ovejas; i de ese oro Oriental los
Portugueses (como ai provamos) i sucedido a
esto ser el Rey don Manuel el que de nuestros
Reyes tuvo mas hijos, claramente por este lado
queda bien satisfecho el vaticinio.

C *Talia secla suis dixerunt, currite, fusis,
Concordes stabili fatorum numine Parcae.* Con-
tiene esto, Que tal era la disposición de los Ha-
dos. I nuestro Poeta entra en la proposición de
Jupiter a los Dioses e. 28. *Prometidolbe est à do
Fado eterno &c. o governo da India.* Habla de
los Portugueses, i alude a averles Christo pro-
metido este Imperio en el campo de Orique,
abocandose con el primer Rey don Alonso, co-
mo ai queda dicho: i essa es la verdadera disposi-
ción del Hado, i el Hado verdadero, i la verda-
dera exposición de este lugar.

D *Concordes Parcae.* Que se verian concordes
las Parcas. Sin duda alguna atendio nuestro Po-
eta a mostrar cumplido este Vaticinio quando en
este Poema se resolvio a concordar las Parcas
del modo que veremos en la e. 34. del c. 1. i vea-
se, que es notable, sobre la gran dificultad que
tenia aquel lugar.

E *Aggredere, o magnos (aderit jam tempus) ho-
nores.* Que salgan ya (prosigue) a recibir honras
grandes, por ser ya tiempo de recibirlas. Publi-
co es, que el cielo, i la tierra aplaudieron esta
acción i descubrimientos, i hazañas de los Por-
tugueses: i estos son los honores grandes: i assí lo
entendió el Poeta: i a esto aludió quando en el
c. 4.e. 73. finge que los ríos Indo, i Ganjes, dizca
al Rey don Manuel. *T e avisamos que he tempo q
ja m indes a receber de nos tributos grandes.* Que
puntualmente es lo mismo que ese verso de Vir-
gilio: allá lo veremos.

F *Cara Deum soboles.* Progenie amada de
Dios. El serlo la Portuguesa singularmente, cōsta
no solo de ser el propio Christo fundador de su
Reyno en aquel trono de resplandores, a donde
les aseguró su amor, como se vé del testimonio
del Rey don Alonso, i de las e. 28. i 38. deste c.
i de la 45. del 3. i de la 11. del 8. fino de muchos
otros favores continuados, hasta que como des-
pensero de las felicidades, i Imperios, dió tan-
tas,

tas, i tantos a los Portugueses (asistiendoles en muchas acciones) que de lo uno, i de lo otro dieron ellos bien grandes baratos a diferentes Príncipes.

P ¶ *Magnum jovis incrementum.* Esto es, Que essa progenie que atras dixo seria gran aumento de Iupiter. De quantò aya sido el zelo, i el valor Portugues al misino Dios entendido por Iupiter ai, i en todo este Poema , dandole tantas almas nuevas , i a su Iglesia tantas obediencias de Príncipes que no la conocian , consta patente mente: i a este modo dixo el Poeta en la e. 5. *Gente que tanto ajuda a Marte.* Que alli no está por Dios de la guerra gentilico, sino por el Dios de los exercitos (título propio de Dios, que esto vale *Deus Sabaoth*) Dios verdadero , que es el verdadero i Santo Marte , como despues le llama el Poeta en la e. 88. del c. 3. I sin duda a este aumento de Iupiter Dios verdadero , que este Varicinio promete, aludio quando dixo en la e. 25. del c. 7.

*Vimos buscar do Indo a gram corrente
Por onde a ley divina se acrecente.*

Ilo que haze dezir a la Religió, representada en Venus en las e. 34. deste c. i 38. del 9. de que re conocia que desta gente en este viaje le avia de resultar nuevo armento de veneracion.

P ¶ *Aspice convexo nutantem pondere mundum,* &c. Dice, que se verá vacilar , titubear , o temblar el mundo con el peso i grandeza destas cosas.

En el segundo viaje que hizo Vasco de Gama, sucedio, que estando el maren todo fosciego, subito tembló todo aquel plano en que se hallavan las naves , con tanto movimiento de llas, que contandose la mas de la gente por perdida, i empezando a hazer juizios siniestros, levantó la voz el animoso Gama, i dixo : *De que temeys? No advertis que hasta el mar tiembla de miedo sintiendonos sobre si?* Sobre esto se vea la e. 41. del c. 2. De manera, que esta parte del mundo tembló en essa ocasion visiblemente. Dexo a un lado la alteracion que en todo el mundo con la novedad destos descubrimientos, admirandolos todas las gentes, i temiendo muchos Príncipes esta nueva grandeza, i poder que se juntava al de Portugal: porque cada aumento de mayor mano en un Rey, es un temblor de coraçon formidable en otro. Dexo tambien el acudir personas de naciones varias a Lisboa en esta ocasion; unas por certificarse con los ojos , no creyendo al oido(tanta era la grandeza de lo obrado) otras por provecharse de las riquezas llevadas en el Reyno, con introducirse en el: de que resultó, q algunos extraños tuvieron parte en estos viajes, medrando en ellos lo que no avian imaginado de la propia Fortuna. I aunque todo esto es temblar el mundo, digo que lo dexo, porque solo estimo para este lugar, el verle padecer esto temblar en fe de nuestras verdades.

A ¶ *O mibi tam longe,* &c. Parece que prometio tambien la Sibila en su Vaticinio, q un Poeta avia de cantar las felicidades de la edad vaticinada, o las acciones heroycas de los Heroes della. I entra agora Virgil. con esa exclamacion mostrando deseos de vivir tanto, que la vea, i q las cante Pareciendo, pues, facilmente de lo dicho, que essa edad, i acciones previstas, son estas del Rey don Manuel, i siendo cierto que las cantó Luis de Camoës, este parece ser el Poeta que las avia de cantar; i no ay duda, q el proprio lo entendio assi; pues diciendo alli Virgilio , que si lo cupiesse en suerte este canto, no daria en el ventaja a Orfeo; nuestro Poeta dice de si en la e. 2. del c. 3. que con su canto puede la Musa Caliope temer que se escurezca su amado Orfeo. Vease ailà I no solo imitó alli este lugar Virgilio: *Nos me carminibus vincet, nec Tracius Orpheus*, sino que acordándose del deseo de Virgilio le dio por cumplido en si.

P ¶ *Incipe parve puer risu cognoscere matrem.* Los Expositores dan diferentes sentidos a este verso. No me toca ajustarlos , i mas quando ninguno dellos desdice del nuestro que vamos siguiendo. Esta, pues, dicho como si hablara con el Rey don Manuel en su nacimiento, siendo el, en el dia mas solene de la Iglesia : digamos, mas risueño, porque sirve agora aqui , que le hemos de emparejar con la risa de dos Madres : una la Iglesia por su alegría en este dia festivo della , otra de la tierra por la suya en este tiempo, que siempre viene a ser el Verano, que es la risa de la tierra con sus luces, i con sus flores. Esta, digo, fue la risa de la Santa Madre Iglesia al nacer deste Príncipe; por la qual risa el avia de conocer esa verdadera Madre de Príncipes Catolicos; i asi este desde el nacimiento empezó a conocerla, como queria la Cumea, o Virgilio: i prosiguiendo en ese conocimiento Catolico, no paró, por pagarle la risa , hasta plantarlas a donde se empieza a reir el dia, con que la Madre i el Hijo se quedaron reconociendo en las risas igualmente celestiales: i nuestro Rey pareciendo opuesto de los que antiguamente buscaban personas para ayudar en el llanto de las difuntas a que lo devian: pues deviendo risas a la Madre Iglesia, fue a buscar la risueña Aurora para ayudarle en ellas. No he de perdonar a una memoria, aunque

E a algunos pueda parecer desagradable: i es, que la Ama que hizo el oficio de Madre con el Rey don Manuel, criandole (porque dieron las Madres poderosas en no criar sus hijos con suleche, sino con la agena) era de la Iglesia , por ser amiga de un Obispo. I pues el fundador de Príncipes Portugueses no tuvo por inconveniente q una mujer desta vida fuese segunda madre deseite, no es mucho que yo halle misterio en ello, ponderando que salio ella de la Iglesia a criarle: i aun pondero, que se llamava Iusta : i lo fue tanto en su vida despues de criar este Príncipe, que fundó una

una Iglesia, i CÓveto de Religiosas, en q̄ murió cō opinió de justissima vida. I assi parece, q̄ la madre reconoció al hijo, como él a ella, segun he dicho.

G *Matri longa decem tulerunt fastidia menses.* El tiempo más fixo del parto es a los nueve meses. Parece que la madre le truxo diez. I agora le pone el Poeta esto por obligacion para amarla más, porque anduvo más días cargada dèl, de lo que suelen las otras madres andarlo de sus hijos. Extremadamente se carea esto con el Rey don Manuel. Deseava la Iglesia esse parto, por que avia de ser su alegría por el aumento que dèl le avia de resultar: i todavía passaron muchos años que se lidiava con este descubrimiento, primero q̄ se acabasse de nacer este Príncipe que le avia de allanar: porque si le contamos desde q̄ Christo hizo aquella promesa al primero Rey, eran casi 48 años: i si desde que el Infante don Enrique lo empeçó, avia más de 80, en cuyas diligencias se pisiaron *longa fastidia*. I assi fue largo tiempo el de los dolores de la Iglesia por esta tardanza, que era en daño suyo. Mas luego el Rey al punto que lo sic, se dispuso a quitarselos con la alegría deseado aumento que ella deseava en aquella ilustríssima parte del mundo, conquistándola para ella. Tambien Salomon, que Dios tenía señalado para fundador de su Templo, anduvo mas tiempo mucho de lo ordinario en el viétre, pues conforme a la Escritura fueron once meses. I siendo el Rey don Manuel el fundador del Templo de Dios en la Asia, bien se correspón de su tardanza en suceder en el Reyno a la de Salomon en el nacimiento.

Nec Deus hunc mensa, &c. Dize en aquellos versos, que al hijo que no corresponde con tales risas, i regalos a los padres, ni Dios le concede la mesa. Claramente es esto del Rey don Manuel, que fue el verdadero dichoso a quien la mesa verdadera del verdadero sustento, que es la del Altar con el Pan Christo, no solamente le fue concedida del cielo, sino que él propio le vió a buscar con ella a su puerta, como ai q̄ se dicho. Estraño modo de combate, llevar la mesa a casa del combidado.

Esto es lo que grosseramente pudimos sacar del parentesco que tienen los sucesos Portugueses de aquella edad con aquel vaticinio, para mostrar que dellos se puede él tambien entender. I dexando lo delgado a los ingenios sutiles, parece que está bastante provado nuestro intento, a lo menos en lo que puede dar de si la dificultad de la prueba. Bien, luego, está pareciendo, que la navegacion de la India fue concedida por el proprio Christo a la nación Portuguesa muchos siglos antes; i muchos más publicada essa concesión por sujetos a quien el cielo concedió el furor Profético, i Poetico, que tienen parentesco, como empecaremos a mostrar sobre la e. 2. Tal viene a ser, pues, el assumpto, o argumen-to deste Poema; i por esto a todas luces sagrado,

Tomo I.

A grande, immenso, i superior a quantos hasta oy se cantaron. Conforme a esto, la accion es exemplar, i dignissima de ser imitada, por el valor que en ella se mostró en beneficio de la Religion, i de la patria; siendo Vasco de Gama el fundador deella, que aqui se canta. De que se sigue, que es grā ignorancia el dezir, que no es accion heroica el vencer tantas mil leguas de mares no vistos de otro, con tantas adversidades, sin luz que seguir, i traer descubierto a su patria, i a la Iglesia Imperios nuevos. Tiene tambien, con justa medida, entre todas essotras grandes calidades, la de no

B ser el assumpto remoto por muy antiguo, ni novíssimo por muy llegado: porque la navegacion surtió su efecto el año 1497. i el Poema el suo el de 572. i quedan siendo 75. de distancia, desde el suceso, al canto; i es una edad: i las cosas que passaron en las de los padres, i abuelos, son muy propias para referir en las de los nietos, i de los hijos: porque con la memoria de lo que hicieron sus parientes, se incitan con virtuosa emulacion a imitarlos, que es el intento principal de los Poetas en semejantes obras. I este incentivo no es tan fuerte en lo que se nos refiere de personas,

C que no solo no nos tocan por algun camino, sino que casi ya no tocan a la memoria, como Ulises, Achiles, Eneas, i Gofredo. De manera, que el assumpto de un Poema no ha de ser una llama sin alguna ceniza, ni ceniza sin qualquier brasa: i assi este no abrasa por muy llegado, ni dexa de calentar los animos por muy remoto. Tiene tambien la otra insignia de la cordura, que es ser de la misma patria del Autor: porque verdaderamente poco acierta el que fuera de la suya busca asumptos, i poco la ama, i poco la acredita. I no quiso nuestro P. caer en tal yerro, ni tampoco en el de escriviren lengua agena, escriviendo en su patria, i para ella. I tenia él más noticia de algunas leguas de la q̄ tienen oy algunos q̄ se echan a escrivir en ellas, i dexá la suya: culpa de q̄ se castigá ellos propios, porq̄ a un mismo tiepo muestrá, q̄ ni de la suya, ni de las agenas tiene noticia.

G L V S I A D A. Hasta agora tratamos desta palabra por el lado que mira al Argumento general deste Poema; agora será por el otro que toca al titulo del. Diofelo el P. a imitacion de Homero, que al primero llamó Iliada, por aver E escrito de los Troyanos, cuya Metropoli era Ilion, que vulgarmente se llama Troya; i al segundo Ulissea por tratar de Ulises: i de Virgilio, que escriviendo de Eneas, llamó Eneida aquella escritura: i de Nonno, que a la suya de Baco llamó Dionisiaca; i de Stacio, que a aquella accion de los dos hermanos en Tebas, llamó Tebayda; i despues Achileyda a la de Achiles: i de Gerónimo Vida, q̄ a las acciones de Christo llamó Christiadas. Roncardo despues Franciada, a su Poema q̄ dexó empeçado. Assi otros, formando cada uno el titulo, o bién del Heroe q̄ canta; o de la géte; o

E de

de la tierra, o de la materia: i el nuestro le formó de la gente, como veremos en la c. 1. Luisada es derivado de Lusitanos, nombre que la Fortuna dió tres veces a la gente Portuguesa, si no nos engañan algunas historias. La primera, por el amor que les tuvo el Rey Luso, en retorno del singular con que ellos le veneraron. Era él, hijo de Sicceleo Rey de España, por los años 1500. antes del Nacimiento de Christo. La segunda, porque algunos años adelante, saliendo Baco en España, les dió por particular Rey a su hijo, o compañero Luso, o Lysias, con quien ellos continuaron las propias demonstraciones de amor i respeto. La tercera, porque la tierra de Portugal yaze a lo largo de la marina; i Lusa quiere decir largura en la lengua Vascuenza: porque nos deva esta legua esta memoria de su venerable antiguedad. I como de la Lusitania es tan propio el culto divino de la Iglesia Católica, podremos decir, q̄ no sin misterio le cupo uno de los nobres de Jerusalé, en que se representa la Militate, pues uno de los es Lusa, como veremos en la c. 6. del c. 7.

LUIS DE CAMOENS. Al Argumento general, i Título deste Poema, se sigue el nombre de su Autor, que es *Luis de Camoens*. De su calidad, de sus costumbres, i de su ingenio, diximos en el discurso de su vida, i en el juicio del Poema. Aquí solamente nos toca decir algun presagio de su nacimiento, si le uvo. De averle, no dexo yo de tener alguna sospecha, quando considero dós cosas: una, que de los que Autores varios afirman aver precedido al nacer Homero, i Virgilio, nadie lo contradize, antes lo admira, i lo celebra: otra, que a las acciones que ellos cantaron no precedieron presagios, o vaticinios, con los cuales tuvieran esosotros buena correspondencia. La que cantó nuestro P. fue, como hemos referido, profecia, i vaticinio de Prosetas, Sibillas, Santos, i Poetas, i sobre todo, promessa del propio Christo: i aun augurio, si lo ay a que se deva credito, como veremos sobre la est. 46. del c. 8. Siendo todo esto una singular gloria que el cielo concedió a la nacion Portuguesa, no fuera ella cabal, si tuviera el olvido poder en ella. Luego, necesario es sospechar, que este cielo le pre-vino el medio de la duracion, como ai impeçamos a decir sobre el lugar, *At simul Heroun, &c.* Esta gloria, pues, vemos segura en este Poema, q̄ sin duda durará igual cō el mundo. Con estos fundamentos no será culpable el discurrir sobre algunas apariencias de que Luis de Camoens fue profetizado para esta escritura, como lo fue la misma navegacion, sujeto della, i la felicidad, i edad de oro Portuguesa, en el modo que ya intetamos provar en los discursos antecedentes. Empecço por aquel lugar de Virgilio en la propia Egloga quarta: *Divisque videbit permisso Heros,* quiere decir, que se avian de ver los Heroes mezciados con los Dioses. Esto se vió cum-

plidamente en este Poema, en que Luis de Camoens anduvo mezclando tanto con los Dioses los Heroes Portugueses, i sus hechos, que vino a ser acusado de ello, de los que no entendieron las circunstancias de industria con que lo hizo: siendo por ventura una de las el aver entendido que este vaticinio que Virgilio va refiriendo de la Sibila, se entendia dese tiempo, i desta accion. Luego bien se sigue, que quien vaticinò la disposicion deste Poema, quedò vaticinando el Autor del. Espotro lugar de la misma Egloga, de que parece se infiere, que la Cumea vaticinò, que de aquellas prosperidades, i acciones heroicas, avia de cantar un gran Poeta, claramente se cumplió en Luis de Camoens: porque si Virgilio reconoce, que a esas felicidades profetizadas, era conveniente suceder ese Poeta tan alto que las cantasse, i embidia la dicha del que las avia de cantar, siendo ellas estas, como parece hemos vencido, siguese que el Poeta avia de ser este, pues las cantò con toda la soberania que el propio Virgilio asegurava lo avia de hazer, i nuestro Poeta asegurò de si en el propio lugar a citado, creyendo que de su Lira tenia celos el mismo Orfeo; i en la estancia ultima deste Poema, asegurando al Rey don Sebastian, que cantaria sus hechos de tal suerte, que fuese escusado Homero: i aun aquella explicacion que daremos al ultimo verso de la estancia 12. deste Canto, no haze poco en favor desta, pues alli se supone, cantando al Gama, otro Virgilio cantando otro Eneas: i tampoco dexa de tener algun ayre para elto el fingir en la estancia 128. del Canto decimo, que la sabiduria divina representada en Tethis le profetizò, entre las otras cosas que predice al Gama en aquel monte. Conforme a esto la Sibila, o Virgilio, predijeron la venida al mundo de nuestro Poeta para este Poema. Haze puntualmente a este fin aquel paño rico de oro i seda (matizado por industria de Barbante Senes, grandissimo Astrologo) que vino a ser el adorno singular del carro de la coronacion, i triunfo de Petrarca, en el qual se via pintado el Parnaso, i Apolo presidiendo el Coro de las Musas, i luego todos los Poetas antiguos sentados en sillas, entre las quales avia dos desocupadas. I en estas fue interpretado (según refiere Sennucho en la relacion que hizo de aquel acto, a que se halló presente) se avian de sentar dos Poetas venideros: uno el Petrarca, que al punto se coronava, i otro que vendria despues: i se juzgava seria de las partes Occidentales, por quanto la silla estaba puesta ázia el Occidente; i que tendria noticia de las lenguas Griega, Latina, vulgar, i tambien de alguna Occidental barbara. I todo esto concurre en Luis de Camoens; porque quanto a la Griega, i Latina, las Notas a este Poema enseñaran facilmente quanto se empleó en ellas. I si la q̄ alli llama vulgar se ha de entender la Italia-na, como yo creo, porq̄ Sennucho sin duda habla a su

a su respeto, tambien las Notas mostraran quantos progressos hizo en ella. Assi, la otra de las barbaras Occidentales, de que el tal P. avia de tener noticia, quedara siéndo la suya natural Portuguesa con gran propiedad, tambien a respeto de los Italianos; porque para con ellos eran barbaros los Espanoles, i mucho mas los mas distantes de Italia, que son los Portugueses que habitan lo ultimo Occidental de Espana. Si el vulgar alli se ha de entender la lengua propia del mismo P. i el lengua barbara Occidental, alguna de las Occidentales no inclusas en Espana, tambien le tocará al P. porque siendo cierto que el Brasil es tierra de las del Occidente, i que por tener Portugal tanta mano en ella, avia muchos Portugueses con conocimiento de la lengua de aquellos barbaros, no le podia faltar a Luis de Camoës, haciendo ventaja a todos en ingenio, estudios, i curiosidad. Ademas, que en toda Espana no uno Poeta alguno que cantasse asumpto heroico, i digno de memoria perdurable, ni que en estilo, i pensamientos le igualasse. Esto quanto a los vaticinios. I quâto al amor de la patria, que es una de las verdaderas Musas que dan ser a los escritos, sabemos de quien conocio a Luis de C. que tenia impresso en el coraçon el amor del nombre Lusitano: i quando no lo supieramos de ai, consta ello claramente de muchos lugares de sus escritos. En las Rimas Egl. 4. invocando el favor de una dama (devia ser la suya) al mismo tiempo que traia entre manos este Poema, dice:

*Podeis fazer que creça de hora em hora
o nome Lusitano, &c.*

como quien no se acordava de otra cosa: i en la e. 9. del c. 1.

*Vereys hum novo exemplo
de amor dos patrios feitos.*

I en la 10.

*Vereys amor da patria não movido
de premio vil.*

I en la 99. del c. 5. quando rebentava con quejas, viendo que en los Principes de la patria no hallava premios, dice:

*As Musas agradeça o nosso Gama
o muito amor da patria que as obriga.*

I en la 9. del 10. sobre la misma queja invoca la Musa diciendo:

*Mas tu me dà que cumpra, o gram Rainha,
das Musas co' o que quero à naçao minha.*

I en una carta escrita a un Cavallero, casi a la hora de la muerte, en aquellos dias que por la perdida del Rey don Sebastian, nuestro Reyno se fabricava su ruina en sus divisiones: *Enfim acaba rey a vida; e veraõ todos que fui taõ afeiçoadão à minha patria, que naõ só me contentei de morrer nella, mas de morrer com ella.* Pues si en el coraçon del Poeta estaba escrito el nombre Lusitano, de que compuso el titulo deste Poema, en el propio nombre del Poeta está escrito el propio del Poema, i de la gente. Porque siendo Luso, lo mismo

Tomo I.

que Lusitano (i el P. usa muchas veces lo uno por lo otro) constando de quattro letras LVSO: i el de LVSIADAS de ocho; todas esas doze se hallan en el nombre de LVIS DE CAMOENS. Pues si quien avia de cantar LVSIADAS, truxo en su nombre este titulo, justo era que fuese muy favorecido de las Musas para satisfazer al nombre. Assi fue; pues parece que ellas le pusieron el suyo dôs veces, porque en todo el de LVIS DE CAMOENS, hallaremos MVSAS; i en el apellido de CAMOENS, CAMENAS; i otra vez en todo el nombre, CACIONES: i en lo dulce, i suave de toda su Poesia la dulçura, i suavidad de la fruta CAMOES, que dizen algunos es origen deste apellido. I en la alteza del buelo de pensamientos el de la Ave CAMON, en que tambien le fundan otros el apellido propio; para que se pudiesse dezir del P. tomado el buelo de pensamientos del de aquella Ave que le dio este cognome, lo que el dixo de las aves en q se transformaron algunos amantes, conforme a las fabulas; que es pensamiento digno deste Poeta, en la e. 18. de su Egl. 7.

*Que as penas que em su alma se fiscraõ
Nas asas lhes fiscaraõ por memória:
E aquelle altivo e leve movimento
Lhes fisco do voar do pensamento.*

De manera, que parece que por todos caminos se dieron a nuestro P. los poderes, i los titulos para este Canto. No se cuenten (ruego) tales Anagramas, o ponderaciones, por estudios totalmente triviales, o pueriles, pues no se desdenaron de usarlas, i admitirlas grandes hombres: ademas, que en los hombres grandes, hasta las menudencias tienen tomo, assi como en los pequenos hasta las de peso son ligeras. Todo lo dicho, pues, en un ingenio por naturaleza, i arte perfecto, era menester que concurriese en este Poeta para la grandeza Poetica con que cantò la gente Portuguesa. Porque un ingenio, por más que sea excelente, nunca escribe con excelencia de aquello a que no tiene amor excelente, i aun entrañable. Assi se deve creer, que en la superioridad de la Poesia de Homero, i de Virgilio, tuvo mucha parte el amor de la patria, con q cantaron della. De aqui resulta el encontrarse en algunos Autores grandes algunas cosas muy desiguales de otras; porque unas se hicieron con

E el impulso del amor, i otras por fuerça de cortesia, obedeciendo sin voluntad, a quien las pidió. I tambien resulta lo que se vé en quantos libros ay de lustas Poeticas, que son de los peores, con ser de lo escogido de muchos ingenios juntos, q si escrivieran a cosa a que los llamara la aficion acertaran: i no acierran porque escriven a cosa a que les llamò la fuerça de alguno, o la ambicion de llevar un premio, i jaetarse de que le llevaron, aviendole llevado el señor, o la buena cara, que fue a oprimir a su ruego los juezes con la autoridad, o cõ la gracia. Esto se vio singularmente estos

dias en todo lo que se hizo al Buen Retiro, Tito, i a la muerte de Lope de Vega, adonde casi todo son frialdades, con ser los assumptos fertilissimos. Esto quarto a aver de hallarse lleno de amor de aquello de que se quiere cantar para ser cantado felicemente; i quanto a aver de ser incitado de impulso metrico, i Poetico, i divino, i no de otro interes, el P. lo conocio en si diciendo en la e. 10. *Naõ movido de premio vil mas alto, e quasi eterno:* porque se hallava en todo ageno de favores humanos que le pudiesen hazer sospechoso; i lleno del furor i favor de las Musas (esto es, de espíritu divino) ya explicado con los nombres dellas, que faciamos del suyo del. Dixolo el mismo en la e. 4 hablando con ellas: *Criado tendes em mim hum novo engenho ardente.* Confessando deste modo, que aquel furor fue infuso de divino aliento, sin otra mezcla: i no ay duda, que tal ha de ser el de que han de resultar Poesias tan hermosas i dulces, que nunca enipalagan, i siempre se desejan. I esto se vió clarissimamente en Torquato Tasso, que hizo un Poema glorioso, quando por ventura no lo imaginava: i otro que le truxo descredito, quando a todo poder pretendió excederse, i añadirse gloria. Vease lo que diremos a este proposito sobre la e. 5. De manera, que los Portugueses nacieron para executar una accion de osadia, que otras naciones temieron imaginar, i Luis de Camoës para cantarlos con la mayor tuba que hasta agora se vió despues de Homero, i de Virgilio. Porque quien le entendierto, confessará facilmente, que solo él se parece a ellos: i que los deinas (sean Latinos, o vulgares) les quedan muy lejos; sin que por esto les neguemos su merecimiento, sin duda grande por otra senda. I es cierto, que quien no confessare esto, no entiende este Poema; i que será menor culpa negarlo por no entenderle, que faltar a esta confession aviendole entendido.

G PRINCIPE DE LOS POETAS DE ESPAÑA. Este titulo que el P. dio a esta obra, i su nombre, hemos comienzado. Deste de Princep dellos que le damos, nos pedirán razon los curiosos, menos que los interefiados, i presumidos. Yo he aprendido del mismo Poeta el no dar titulos a buito, i sin medida, como se hallará ponderado sobre la e. 12. del c. 10. i en la 31. del mismo. Estoy viendo, que en España hubo grandes Poetas antes, i despues del nuestro. Dexo los Latinos; que aunque honraron la patria fueron a florecer fuera de ella. Los vulgares tienen principio en Juan de Mena, de quien dixo su Escolastès el Comendador llamado Griego, que nadie le venceria: i en lo que pudo dar de si aquel genero, i edad, no ay duda que es digno de toda veneracion. Despues nro otros que ganaron nombre, como Garcì Sanchez de Badajoz, don Vie-

go Lopez de Haro, i don Luis de Bivero. Dexo otros que se vén en el Cancionero general, por acomodarme a Boscan, que en sus estancias de solos estos haze memoria, i su inizio en tales estudios es de estima: el propio Boscan. A todos venció el alto, dulce, i feliz Garcilasso. Compire con él Francisco de la Torre, que se le siguió, como consta de mejores diligencias, que la de quien con lastimosa omission de la buena diligencia, le llama Bachiller de la Torre, que vivió en los tiempos de Garcì Sanchez, siendo Francisco de la Torre, que vivió en los de don Alonso de Ercilla, sin bachilleria, dexandose creer, que se pudo hablar de aquel modo en tiempo de Garcì Sanchez, que realmente era cosa bastante a extinguir las mas rejas cataratas. Don Diego de Medoça alabança merece, pero con los dos no viene a comparacion. Don Alonso de Ercilla, que poco mas a menos concurrió con nuestro P. en aquella historia tiene laces muy de espíritu Poetico. Fernando de Herrera conocido es. Todo lo estoy viendo: i a todo respondo, que se vea lo dicho en los numeros 23. 24. 29. 30. de la vida de Luis de Camoës. I esto no impide la estima q se deve hazer de cada uno en aquello en que fué particularmente benemerito della, por mas que él fuese general en todo.

G CANTO. Llamò nuestro P. Canto a cada parte de as diez en que repartió esta musical Poética; pagándose de imitar al gran Dante, que llamò Cantos a esas divisiones de su dulcissimo Poema; de que lo imitaron todos los que despues escrivieren en Italia conaciero, que fueron muchos; i ultimamente los cultos Tassos padre i hijo; si bien este qual do en la Conquistata pensó que avia de escurecer la Liberata, i vencerse a si propio, no solo alteró la orden, i el estilo, sino tambien el titulo de las porciones, que tenia llamado *Cantos*, i llanolas *Libros*. Pero así como todos los doctos están de acuerdo, en q él erró mucho en aquella alteracion, i tanto, que y no es estimado por ella, sino por lo primero q el desestimo (para que no se fie nadie en si mismo, viéndose quanto yerran grandes hombres) devemos creer, que no acertó en la mudanza del titulo de los *Cantos en Libros*: i que el de *Cantos* es natural para el Poema, que propriamente es canto; i por esto no significa otra cosa que Canto, el nombre de Musa. De que resultó, no dezirle de los Poetas, que toman la pluma, sino el instrumento musical. De ai vino el no entrar Homero en su Iliada, diciendo que escrivia, si no que cantava, *Iram cane Dea, &c.* Ni Virgilio le quiso dexar de seguir en esto, pues dixo: *Arma virumque cano:* de que no se apartaron todos los grandes. Assi parece, que có acierto llama nuestro Poeta *Cantos* a estas divisiones de suyo.

Este es canto; i por esto no significa otra cosa que Canto, el nombre de Musa. De que resultó, no dezirle de los Poetas, que toman la pluma, sino el instrumento musical. De ai vino el no entrar Homero en su Iliada, diciendo que escrivia, si no que cantava, *Iram cane Dea, &c.* Ni Virgilio le quiso dexar de seguir en esto, pues dixo: *Arma virumque cano:* de que no se apartaron todos los grandes. Assi parece, que có acierto llama nuestro Poeta *Cantos* a estas divisiones de suyo.

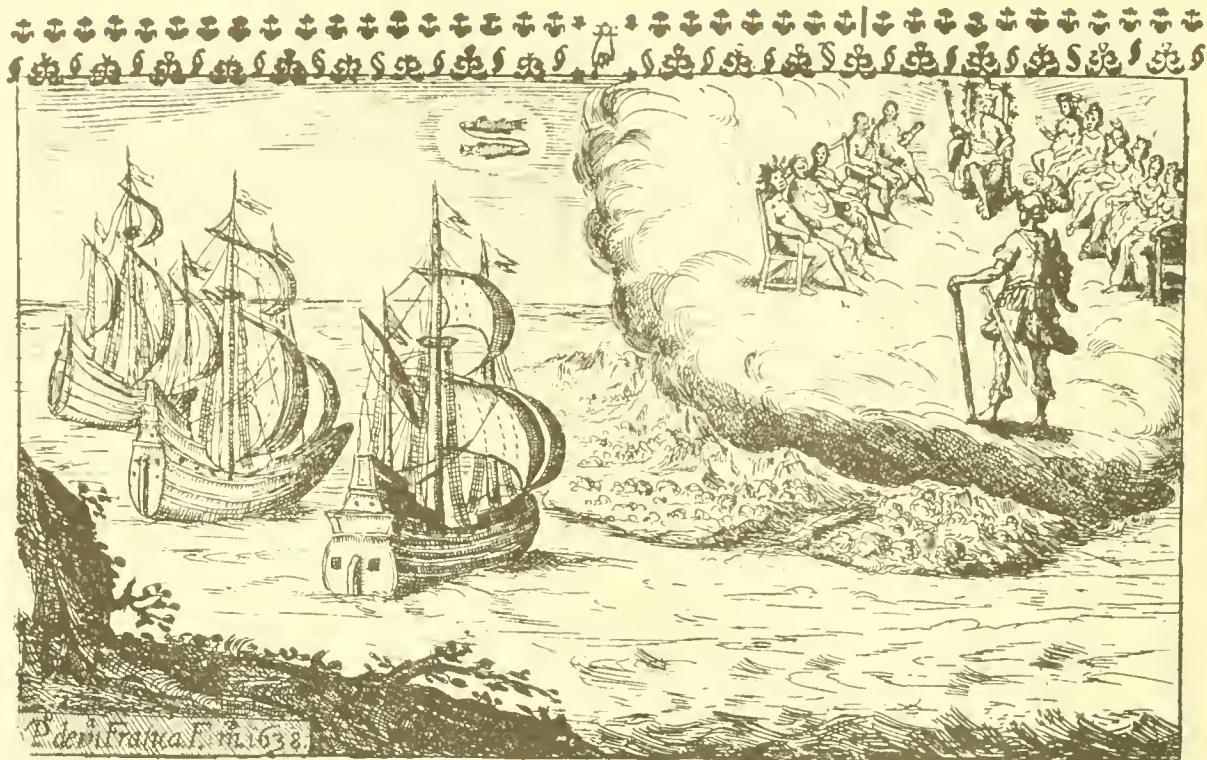


L V S I A D A
 D E
LVIS DE CAMOÉS
 PRÍNCIPE
 DE LOS POETAS DE ESPAÑA,
 COMENTADA
 Por Manuel de Faria i Sousa, Cavallero del Habito
 de Christo , i de la Casa Real.

CANTO I.

Argumento.

NAVEGAN LOS PORTUGUESES
 descubriendo los mares Orientales. En el cielo se haze Concilio sobre esta
 navegacion. Llegan a Moçambique. Al Governador de alli aparece el
 Demonio en figura de un Viejo su valido , i persuadele a que destruya los
 Navegantes en su puerto. El lo procura. Son dellos ofendidos los Moros
 que pretendieron ofenderlos. Partense, i passan por Qui-
 lóa, i surgen en Mombasa.



D'Ambray F. m. 1638.

ESTANCIA I.



S Armas,e os Baroēs assinalados,
que da Occidental praya Lusitana,
por mares nunca dantes navegados,
passaram ainda alem da Tapobrana:
que em perigos,e guerras esforçados,
mais do que prometia a força humana;
entre gente remota edeficaram
novo Reyno,que tanto sublimaram:

Todo lo primero que se signiere a las estancias en todo este Comentario , serà una sencilla traducion dellas : i luego el Comento, o Notas. Esta i la siguiente hacen una clausula , que contiene esto. Si el ingenio,i arte me ayudaren a tanto, cantando esparsè por toda parte , las armas , i los varones señalados , que desde la Occidental playa Lusitana, por mares nunca navegados antes , passaron aun allá de la Tapobrana : i que esforçados en peligros i guerras , más de lo que prometia la humana fuerça , edificaron entre gente remota un nuevo Reyno que tanto sublimaron: i rambie cantarè las gloriosas memorias de aquellos Reyes que fueron dilatando la Fé , i el Imperio por la Africa , i Asia, mientras anduvieron devastando sus viciosas tierras : i aquellos Heroes que

por valientes acciones se van libertando de la ley de la muerte,i olvide.

As armas e os baroēs. Apenas entra el Poeta echando el contrapunto de su divino Canto (assi deve llamarse este) quando los Censuradores salen a querer taparle la boca , notando que no empieza bien advertido, porque deviera decir : *As armas e o barao*. I que assi mostrò no averse acordado,o tenido noticia de que el Poema consta de una accion en un Heroe , que por ella se consl tuya en nuevos honores i que Homero,i Virgilio de xeron las normas vivas , i patentes. Ellos acusante de que no supo esto,i nosotros les acusamos a ellos de que no le entienden a el. No parezca mucho rigor este , porque luego se verà que no lo es. Homero es el Maestro primo i primero de la Poesia heroica,i en sus

dos Poemas embuelve la invocacion i proposicion de modo , que no se puede dezir muy de prisa qual sea la primera. Virgilio se distingue : i los que le sucedieron, como Lucano, Stacio, Silio Italico, Claudio, i otros, no son poco diferentes en esto de essos dos Maestros Griego , i Latino. Menester es var. ar, i que con la variedad se consiga el mayor acierto que se pueda. Esto acontecio a essos ilustres Autores, i mas felizmente al nuestro, que al fin imitádolos a todos, siempre se queda al lado agora de Homero, agora de Virgilio , sin aver incurrido en la necesidad de estudio para entenderse, o bien de alguna defensa para salvarse , como sucedio a algunos, i principalmente a dos grandes, que no por esto dexaran de serlo en todos tiempos. El primero es Dárete , divino en espíritu Poetico , i doctissimo en muchas letras, i constante imitador de Virgilio; i sus Expositores se quiebran las cabeças , sobre averiguar adonde tienen su assiento dos principales cosas de tres con que deve entrar un Poema. Proposicion, i Invocacion, que o se pueden confundir como hizo Homero , o apartar como se vè en Virgilio ; sin que aya peligro de yerro en que se proponga primero que se invoque , o se invoque primero que se proponga. La otra es, la narracion que deve seguirse luego a las dos, si ya entre aquellas, i esta, no se introduxere el captar la benevolencia de algun Principe , como hizo Virgilio en la Georgica , belyviendose a Augusto: i Lucano en su Farsalia a Neron: i Ariosto en su Orlando al Cardenal de Ferrara : i nuestro P. aqui al Rey don Sebastian; i Torquato Tasso en su Liberata al Duque Alfonso; i en la Conquistata al Nepote de Clemente Octavo. La invocacion está patente en Dante , a la entrada del Canto segundo , que es muy rarde; i la proposicion quando muy temprano la halian sus Expositores al fin del Canto primero : i la narracion dudan si es al principio del segundo , creyendo es al del tercero. I aunque yo con otros votos me persuado, que la proposicion, i narracion no salen de los primeros nueve versos del Canto primero, sucede a esto el inconveniente de que empieza a narrar sin aver invocado, pues la invocacion aparece en el segundo. El segundo Autor grande, q diximos necessitava de defensa , o estudio , es Ariosto; porque siendo su assumpto Orlando, esto es lo que él propone en ultimo lugar; i lo que es más, que ni de Orlando , ni de lo que propone primero, es la accion principal , con que fenece el Poema, sino de Rugero, que mata a Rodomóre , con que fenece , a imitacion de Virgilio con peas , matando a Turno. I a esto no hallamos más otra salida, sino que Ariosto no diò por fenecido alli su Poema, i devia determinar fenecer en segundo tomo con otra alguna accion de Orlando; i que para esto aya comenzado aquel de que permanecen cinco libros, o Cantos; i porque esto ultimo era todo muy trabajoso , nuestro P.

Tomo I.

le imitò solo en proponer primero las digresiones, i adornos, i despues el Heroe singular. Mas comoquier que se a estos dos hombres , son insignes sin embargo dessa confusion en que han puesto a tantos doctos; i desta mostraremos que nos ha librado nuestro Poeta, que solo quiso variar , o en proponer primero essos adornos , o en hazer de aquellas dos estacias primeras un preludio desta obra; o todo junto. En ellas intima lo uno i lo otro, i en la tercera el Heroe solo, como allá veremos. Tenia sin duda tan grande hombre autoridad para variar si quiera en cosa semejante. Ni Virgilio empeçò con el, *Arma virum,* &c. sino con los versos antecedentes, que algunos copiadores le han quitado, i otros juizios dizien que no son suyos , contra los cuales si el viviera no se enojara poco ; i comienzan: *Hic ego qui quondam,* &c. Industria encaminada a preparar silencio en los oyentes , para aquello en que principalmente queria ser oido, que era, *Arma virumque cano.* Assi acà nuestro Poeta hizo esta breve portada , o atrio a la manifestacion de su assumpto , mostrandonos en ella lo que avia de embolver en él, como si dixerá en las tres estancias: *Yo cantaré las armas, i varones (o los varones que con mano armada passaron a la India) a bueltas del pecho ilustre Lusitano que canto.* I esto declara el Poeta bien al captar la benevolencia del Rey, diciéndole en la estancia 12. *Que le ofrece en este Poema aquel Gama, que es otro Eneas;* como si dixerá: *Esta obra que es otra Eneyda.* I luego en la 14. dize: *Que tambien no se olvidará en este Poema de los Heroes que en la India obraron grandes cosas.* I estos son los primeros que encontramos propuestos en estas primeras dos estancias. Sigue luego, que no los propuso por assumpto general deste Poema , pues en aquella estancia 12. dize, que no se olvidará dellos ; que es como decir: Entrarán por adorno dese principal cuidado que llevo, que es el Heroe Gama, i su accion deste descubrimiento: porque si allí hubiera propuesto esfuerzos como señores del Poema , no podia decir despues , que no se olvidaria dellos. I es de advertir, que nombrando, i ofreciendo allá al Rey el Gama primero que estos varones (pues él está en la estancia 12. i ellos en la 14.) nos diò a entender , que el nombrarlos aca primero que a él, fue industria para producir atencion.

Otro intento pudo tener, i es, que como cantava navegacion(imitando a Homero i Virgilio) no quiso que le quedassen por imitar Orfeo , i Apolonio Rodio en sus Argonauticas, que juntemente propusieron todos los varones que se embarcaron; i en particular Apolonio diciendo: *Priscorum laudes virorum memorabo*, que al pie de la letra es aquello de nuestro Poeta: *As armas, eos baroēs cantarey:* i por dicha, que atendiendo a esta imitacion les llamó Argonautas en la estancia 18. I luego artimóse más a Orfeo

(imitado de Valerio Flaco en esto:) *Semideum, pariterque Heroum primus Iason*: i assi luego en la estancia tercera haze primero i superior al Giam: , apartandole i proponiendole como mayor, en estancia aparte, i de mayor estilo i furor, qual eila es (como luego mostraremos) i atento siempre a no apartarse de Homero, i Virgilio, en proponer uu Heroe solo. I esto de proponerle ultimo, pudo fundarse en parecerle mejor tocar primero en lo general, que en lo particular, porque primero es el genero, que la especie; pensamiento en que hemos venido a concurrir con el Toscanela, sobre esse modo de proponer de su Ariosto. No quiero valermie de que alli, *Armas e barioes*, todo junto vale armas, o hombres armados, sin que ellas sean una cosa, i las armas otra, como para semejante intento explicò Tomàs Portccacio sobre aquel verso de la estancia septima del Canto 25. de Ariosto, *Gran cantità d'buomini, & d'arme*. Ni tampoco me valdré de que el barioes, puede alli estar usado con la licencia Poetica, que es poner el plural por el singular: i aun en la misma Escritura sagrada no se usa poco *Dij*, por *Deus*, a que parece atendió el P. quando en la estancia 57. del Canto dezimo, di xo de un Capitan, que avia peleado con el valor defuertes pechos, exagerando con la copia del numero el valor. Vease. Solamente he de valermee del propio Poeta contra sus adversarios, poi que el es sin duda el mas seguro propugnaculo contra ellos: i todavia me valdi tambien de ese termino, o licencia en esta ocasion, si ellos se quisieren valer dèl en la de, *Peto illustre Lusitano*, como veremos en la est. 3.

I porque finalmente me acabe de declarar, digo que esta estancia i la siguiente no son más de un proemio, o argumento de todo lo que ha de contener el Poema, assi del assumpto principal, como de las digressiones, i que esto hizo el Poeta por imitar a Virgilio en esto que hizo de, *Ille ego qui quondam gracili, &c.* Porque si en Virgilio están aquellos versos con tal arte, que quitandolos no hacen falta al Poema, començando en, *Arma virum, &c.* con la misma están acá las dos estancias, porque quitandolas, ninguna falta hacen, comerciando en la tercera, *Cissim do sabio, &c.* Al fin con la condicion de proemio en cualquier libro. Quedandose nuestro Poeta con una vētaja: i es, que hizo proemio de lo que queria cantar; i Virgilio de lo que avia cantado, que no parece tan propio. I se ve claramente, que el P tuvo este pensamiento: porque imitando tambien la sentencia de Virgilio en esse proemio de, *Ille ego qui quondam*, la paseò a otro lugar, pareciendole mas propio deste un resumen de todo el Poema: i assi en la c. 4. es que le parecio mejor el acordar, que aquel mismo que avia canta do la bucolica del Tajo, i otras Rimas, era el que agora queria con furor heroico cantar las armas Portuguesas. Vease allá; que está clarissima la

A imitacion, i mostrando abiertamente, que con eila huyò deste lugar para aquel, teniendo por mas propia materia para este estotra. Tambien se descubre, que este es el pensamiento del P. en que esta es su costumbre: porque en el c. 10. introduziendo una Sirena a cantar de los Heroes Portugueses en particular, antes de entrar en esa particularidad la haze hacer un proemio de todo su Canto, como veremos notado sobre la e. 10. i antes al principio del c. 3. preparandose el Gama para referir al Rey de Melinde las cosas de Portugal, haze al principio un proemio de todo lo que ha de referir. Tambien creemos diò ocasion al P. para escrivir estas dos estancias, lo que dirèmos sobre la 99. del c. 5. Vease, que es considerable reparo.

T *As armas, e os barioes*, entra como Virgilio: *Arma virumque cano*, con la diferécia sobre que ya discurrimos; advirtiendo agora, que quando Camoës escriviò nadie avia imitado a Virgilio con tanto estremo como él lo hizo: i assi el empezar entonces como Virgilio pudo ser airoso: pero despues que lo hizo Camoës, fue frialdad en quantos lo fizieron (perdone el gran Tasso)

C porque mas parece remedaron a Camoës, que imitaron a Virgilio: i aun el mismo Camoës, teniendo mas por remedio, que imitacion del propio Virgilio esto, no lo puso por principio del Poema, porque esse es la est. 3. como provamos, sino en el proemio, o argumento de todo el Poema, porque esso son estas dos estancias, como hemos provado. Vease lo que contiene el num. 14. del juicio.

T *Queda Occidental pray a Lusitana*. Tambien con Virgilio ai: *Troiae qui primus ab oris*. Deste modo dice el P. que partieron del puerto de Lisboa; i toma por él toda la playa, llamandole Occidental, porque de los de Europa es el que está mas al Occidente casi en medio dessa playa.

T *Por mares nunca dantes navegados*. De que lo fueren no ay noticia, conforme a muchos i graves Autores: i los que la quisieren persuadir serán vanamente enemigos del valor Portugues, para quien el Autor de todo se sirviò de guardar esta gloria. Bien sé que disen algunos, que Hanó Cartaginès navegò estos mares: muchos mas, i mejores lo niegan. Sidonio Apolin. en el Paneg. al Emperador Mayorano, aun excede de conce

E der, pues llega a impossibilitar la navegacion. Modernamente el Doctor Alonso Carrarça en su discurso de monedas, con sus grandes letias, i juicio, se acomoda a que los Portugueses son los dueños desta accion. Escuso argumentos, assi por ser ésto cosa cierta, como porque no imaginó en este Comento gastar el cuidado en otra cosa que no sea lo recondito, i lo imitado. En lo otro no hare mas de apuntar, porque si hiziesse otra cosa jamás llegariamos al fin. Este verso, o sentencia se repite en la e. 28. i en el c. 5. las 37. 41. i en el 7. las 25. i 30.

¶ Paffaraõ ainda alem da Taprobana. Ofrece-se la duda (es entre dos lslas) de qual sea la Ta- probana , si Ceylan que está en frente del Cabo Comori (como tienen muchos Autores, a que se arrimó nuestro P. en la e. 107. del c. 10.) si Samatra, que está en frente de Malaca, con mucha distancia de Ceylan , con que queda siendo más a propósito para la longitud, a que el P. quiere significar llegaron los Portugueses; i tambien para lo que dice Plinio lib. 6. cap. 22. que es tierra q está fuera del mundo, i de la naturaleza; i que de- lla se vè la China; lo que no sucede a la de Cey- lan. Pero si Ceylan es la Taprobana, diciendo el P. que passaron más allá , por quanto allí tenian llegado otras gentes , se ha de entender que lle- garon a la Samatra; i si Samatra es la Taproba- na , tambien es así , que aun passaron más allá della, porque más allá están las Malucas. Final- mente el llegar a la Taprobana (aunque por otra via) era sublime hecho: por ser allí, en la opinion de los antiguos , el fin del mundo por aquella parte Oriental , como acá por la del Occidente lo es el Cabo, por esto llamado Finis terræ. De suerte , que la possession de los dos remates del mundo fue concedida a los Portugueses, que na- ciendo en el uno le fueron a buscar en el otro : i no contentos aun con ello , excediendo dessa gloria passaron más allá , como si dixerat, hizieró- se lugar fuera del propio mundo : i no quiero ya decir que lo dice el P. porque no sea sospechoso el dicho, o desproporcionado el hiperbole ; Plinius es que lo dice , en ese lugar , porque dice él: *Sed ne Taprobana quidem quamvis extra Orbem a natura relegata nostris vitij caret, &c.* Ni lo dixo solamente Plinio, sino tambien Virgilio aú con mayor encarecimiento: i vease el lugar al fin de la e. 45. del c. 2. que es para ver: i de este modo, aviando los Portugueses passado más allá , aun quedaron excediendo de lo que está fuera de esa naturaleza , i de ese mundo. I singularmente quiere decir el P. en esto , que los Portugueses excedieron a los Romanos. Vease lo que diremos al verso 6. de la e. 30. del c. 6. i otra expli- cacion al 4. de la e. 73. del c. 8. Dixeran algunos Autores , que la Taprobana era la mayor Isla q los antiguos conocieron: i tambien ello sirve pa- ra que sea la Samatra , porque Ceylan es menor: pero se tiene por averiguado , i así lo enseña nuestro gran Barros , que la Taprobana es Cey- lan. Yazé en el mai Eoo, famosa, i bien repetida en las historias , i memoria de los humanos. La gente della era agigantada , i vivia mucho : pro- duze esmeraldas, jacinros, perlas, aljofar, oro, i plata. Hercules fue su Dios , el pueblo eligia Rey. Tambien dizen esto de la de Samatra. Ve- se Tolom. lib. 6. Plinio en ese lugar alegado, Ba- rros, i Gaspar Barreiros en Ophir.

¶ Mais do que prometi, a força humana. Assi en la estancia 62. del Canto tercero : i así avia de ser , que para acciones que parecen milagro-

sas interviniesse aliento más que humano ; que a la verdad el Autor destas fue Dios con singular favor, i los Portugueses el instrumento, como ve- remos en muchos lugares deste Poema, i Notas.

¶ Entre gente remota edificaram Novo Rey- no, &c. Así viro a dezir el Tasso lib. c. 1. est. 23. *Fondando in Palestina un novo Regno.* Acá mi P. entiende en la Ásia, Africa, i America, pobladas de naciones diversas , i estrañas , o remotas , en climas, i en costumbres.

¶ Que tanto sublimaram. En dos maneras hi- zieron mas sublime esse Imperio de nuevo edifi- cado. La primera con plantar en él la Iglesia Ca- tolica, que es el esplendor sublime. La segunda con executar por él hazañas que pudieron glo- riar los vencidos, como hallareis sobre la e. 56. del c. 7.

II.

E tambem as memorias gloriosas daquelles Reys , que foram dilatando a Fé, o Imperio; e as terras viciosas de Africa, e de Asia, andará de vastádo: Ce aquelles que por obras valerosas se vaõ da ley da morte libertando; cantando espalharey por toda parte, se a tāto me ajudar o engenho , c arte.

¶ A Explicacion desta estacia queda en la pri- mera , porque ambas a dos hazen una sola clausula.

¶ As memorias gloriosas. Los hechos ilustres, principalmente militares , sin los qualos ay poca nobleza, o gloria humana bien fundada : porque comer mucho, i vestir costoso, i tener gran casa, a poder de aquel no sé que , que vulgarmente se llama Fortuna , sin accion que huela a honra , o animo generoso, son dichas que propriamente se devén llamar Antipodas de la fama gloriosa, que vienen a ser infamia; i gran desvētura, que lo que era propio aparato para formarse un famoso nó- bre, lo sea para mayor oprobio : por esto dice el P. memorias gloriosas ; porque tambien ay me- morias infames : i así como de aquellas es gran desdicha el faltar, lo es destas el permanecer.

¶ Daquelles Reys , &c. entiende los Reyes don Iuan el Primero, i don Alonso Quinto, prin- cipalmente en Africa ; i don Manuel, i don Iuan el Tercero en Asia : porque aunque nuestro Rey Primero don Alonso, i los que le sucedieron Sāncho Primero, Alonso Segundo, Sancho Segun- do, i Alonso Tercero, debelaron muchos Mors, no salieron de la patria, i el P. dice, que esto , an- drivieron por aquellas tierras viciosas : però es- tos entraron tambien a ser memorados en el c. 3. en cumplimiento de lo que se sigue : *E aquells q por obras valerosas, &c.*

¶ *Terras viciosas.* Así llama a África, i Asia, o por las fertilidades buenas, principalmente de sta; o por las costumbres malas de una i otra; o por todo: lo ultimo tiene mas seguridad: i mas diciendo el Poeta, *Devastando*, que vale destruyendo, i assolando: se ha de entender que destruian los vicios en aquellas Provincias; como se puede ver en la nota 1.

¶ *Africa e d'Asia.* No es mi intento mostrarme aquí muy geografo, echando mano de un motivo pequeño para la ambicion de muestras de erudito, como agora se usa. Asia, i Africa son partes del mundo bien notorias, en que los Portugueses hicieron tanto, como constará deste Poema, i notas; i consta de las Crónicas de nuestro Reyno, i escritos de todas las naciones que escriven. Vease como heroycamente lo dice el Poeta en la e. 14 del c. 7. Africa es la segunda parte del mundo; el nombre significa, tierra sin frio, propiedad suya. Consta de cinco Regiones. Mauritania, en que ay los Reynos de Fez, Marruecos, Suz, Tremezen, i Tunez: Numidia, que contiene tres: Drá, Todega, i Taflete, Libia, de que ditemos en la e. 128. del c. 3. Etiopia, que es vastissima: Egipto populosa, fertil, i templada. Asia es la tercera parte mayor que todas: del Oriente confina con el Oceano; del Setentrion con el rio Tanais, que la divide de Europa. Verlo en la e. 7. del c. 3. De Africa la aparta el mar rojo. De sus regiones se escribe con diferencia: Las principales son el Imperio del Turco, en ambas las Asias, mayor, i menor, cuya cabeza es Costantinopla: Persia, India, Tartaria.

¶ *Se vão da ley da morte libertando.* Adelante 14. lo mismo por otro termino. Stefano Ambrosio en las est. a Peligna Doria, *Che si toglion salbor da man di morte*, Mejor B. Tasso Amad. c. 7.

*Per sollevarsi dall'eterno oblio,
E romper a la morte i privilegi.*

Lo que mas puede servir aquiva en las e. 118. del c. 3. i 37. del 8.

¶ *Cantando espalbarey.* Aquí se descubre como estas dos est. fueron solamente un prohemio deste Poema: siendo la proposicion en la siguiente, diciendo: *Que eu canto, &c. ni mas ni menos como Virgilio. Ille ego, &c. cano.* I assi vino a dezir: *Yo canto esto, i a buecas dello cantaré esto*, haciendo con industria atentos los oídos para lo essencial, que dice canta, con apuntar las digressiones que dice cantará Claro es; por dos razones; una, porque el Poeta no avia de proponer dos veces: i assi la proposición ha de ser aquella que singularmente se canta en este Poema; i essa es, *Eu canto o peito ilustre Lusitano*, i qual este pecho ilustre, sea vereinos luego ai abaxo: otra, porque imitando el Poeta en todo a Virgilio, el pulso contigua a la proposicion la invocacion; i assi siendo la invocacion en la e. 4. *E vos Tagides, &c.* providamente dexó en la 3. la pro-

A posicion verdadera, q es la de Heroe solo. Arri- me agora el curioso a estas razones indubitable, las otras que ai se quedan, i las que vera en la e. siguiente, i quedará sotsegado en este escru- pulo que hasta agora tan ciegamente tuvo.

¶ *Se a tanto me ajudar o engenho, e arte.* El Poeta en sus rimas soneto 12. *Que cõ o engeubo meu fe iguale a arte.* B. Tasso lib. 1. amor. son. 5. *Et al nobil ingegno adiunta l' arte.* Vease en la e. 5. más desto. Así nos muestra el Poeta, que conoce ser necesario para una perfecta poesia juntarse el arte, i el ingenio: i aun para todas letras, que a la verdad ingenio sin estudio, i estudio sin ingenio lucen poquissimo.

III.

Cessé do sabio Grego, e do Troyano as navegações grandes que fizeram; callese de Alexandre, e de Trajano a fama das vitorias que tiveram.

que eu canto o peito ilustre Lusitano a quem Neptuno, e Marte obedecerá: Cesse tudo o que a Musa antigua canta, que outro valor mais alto se alevata.

C Eßen del sabio Griego, i del Troyano las grandes navegaciones que hizieron; callese de Alexandre, i de Trajano la fama de las vitorias que tuvieron; que yo canto el pecho ilustre, el Varón Lusitano a quien obedecieron Neptuno, i Marte: Cesse todo lo que canta la Musa antigua, porque sin duda se levanta, i aparece agora otro valor mas alto, i otro asunto mas digno de ser cantado.

¶ *Dos sibio Grego. e do Troyano.* Entiende Villles por el primero; Eneas por el segundo. Estos dos nobres, que por antonomasia, i los dos q sin ella abraçò el Poeta son de personas tan conocidas, que se escandalicarian de que con repetic agora señas tuyas las quisiessemos dar a conocer. Trajano fue el primero que de los Romanos intentó hacer guerra en la India.

¶ *Que eu canto o PEITO ILLVSTRE Lusitano, &c.* Veys aqui la proposicion legitima deste Poema, que no echays de ver ha 63. años, como si ella estuviera allá en la tierra incognita a donde aun no ha llegado nadie, i no patente a la puerta desta fabrica. Yo he vivido muchos años con la opinion de que este *Pecho ilustre Lusitano*, que es el Heroe deste Poema, avia de ser necesariamente el Rey don Manuel, que consiguió todo esto de obedecerle el mar i las armas (eso es Neptuno i Marte) con embiar esas armas i varones a tan remotas partes, lleno de espiritu heroyco, i diviso; pues sin duda se le deve el con que estos varones allá passaron esas armas. Obligome a esto el ver que quieren los obser-

observadores de la Poetica , que el Heroe que se ha de cantar deve ser essento de poder ageno; libre digo, que no reconozca superior ; i esso cõcurre en el Rey don Manuel , i no en Vasco de Gama: i el ver que las profecias explicadas en la nota 1. hablan deste Rey , particularmente en esta accion; i señas en el Poeta de que lo conoció: i en singular de que siempre por este Poema haze que los mismos embiados vayan pregonando que ella es de quien los embia. Assi luego en las est. 5. i 52. deste c. assi en la 80. del 2. assi en las 66. i 67. del 4. i casi por todas las siguientes hasta la 83. assi en la 71. del 5. assi en la 70. del 7. i tres siguientes: assi en la 57. del 8. claramente: i en la 69. i 73. continuando por ventura en esto el imitar a Apolónio al citado, que despues de proponer todos los Varones declara luego q̄ fueron embiados por Pelias su Principe Rey de Tesalia *Regis mandato Pelliae*: i si este Rey hubiera embiado Iason a este hecho , no por matarle, sino por consiguir aquella gloria sin duda tuviera mayor parte en ella. Moviome mas el ver que declarandose el Poeta todo en los ultimos versos de la e. 144. del c. 10 (que es el fin deste Poema) dize de los navegantes que bolviendo a su Rey le dieron el premio i gloria porque mandò, i se iustrò con nuevos titulos. De manera, que los embiados premiaron al Rey con alabanzas de averlos embiado, confessando, que la gloria fue del , porque los embiò. I luego si aquell, *Com titulos novos se illustrou*, se ha de entender del Rey, como parece, claro está que el Heroe de quien fuere el remate , de esse ha de ser el principio.

Entran agora dos, o tres objecções de algunas de ciertos sabios que llegan a dar preceros, ya no digo a Luis de Camoës , sino a Homero. Venga la primera. Dizen , que si el Heroe deste Poema es el Rey don Manuel, no queda siendo perifrasis suyo muy facil este de *O Peito illustre Lusitano A quem Neptuno e Marte obedeceram.* Siendo assi, que viendose claro que el Poeta canta la navegacion i descubrimiento de la India por el mar; nadie ay que no sepa que esse Rey fue su Auror, i que a el en ella obedecieron Marte, i Neptuno, que son las armas , i las aguas : i mas aviendo precedido en la e. 1. aquellos primeros 4. versos, que solo hablan de la parte de que salieron, i dessotra a donde llegaron las naves, i armas Portuguesas. Homero entra en su Vlissea diciendo por perifrasis de Vlisses (que es el asunto) *Virum mibi dic Musa multiscium, qui valde multum erravit, ex quo Troia sacram urbem de populatus est: multorum autem virorum vidit urbes, &c.* I de Troya destruida se partieron otros Varones grandes por el mundo que tambien obraron, i vieron mucho: pero siendo Vlisses, uno de los, i proponiendo Homero en el titulo de su obra cantar del, bastaron aquellas señas a la entrada della para entenderse que del canta. Virgi-

lio. *Virum cano qui primus ab oris Troiae Italiam, Lavinaq; venit littora.* Que no es perifrasis de Eneas con mas distincion que del Rey don Manuel estorro. La otra objecion es, que la accion ha de ser propia ; no estimando por tal la que en el vassallo resultò del mandato i poder del Principe, como esta del Rey don Manuel embiendo a Vasco de Gama. Lo cierto es, que haciendo el vassallo con el poder comunicado de su Principe lo que sin el no pudiera hacer , está claro que lo haze el Principe , i no el vassallo. Pero deixemos este punto de derecho a los Iuristas , porque no le hemos menester a el , ni a ellos para esso. Tampoco me quiero valer de algun buen modo con que pudiera carear esto de aver el Rey don Manuel embiado al Gama revestido en sus armas, con aquello de Homero , que en su Iliada no añade poca gloria a Achiles con decir , que embiendo él a Patroclo , revestido en las suyas se obraron maravillas en la campana de Troya, mas en virtud deellas , que de Patroclo que las llevava vestidas. Porque al fin yo quiero mostrar que el Heroe es Vasco de Gama. Pero quedese esta consideracion de la gloria de Achiles por vestir en sus armas a Patroclo, para la q̄ el Poeta da al Rey en este Poema de aver vestido en las suyas al Gama: i la objecion vencida de ser perifrasis ajustado del Rey el pecho ilustre Lusitano a quien Meprimo i Marte obedecieron , se quede para el propio Gama , a qñien toca con el mismo ajustamiento, como luego se vera.

Mas para ser el Gama Heroe entra otra objecion de los mismos Legisladores , i es, que el Gama era subdito, i el de un Poema heroyco deve ser libre, como ai referimos. Homero es el Padre i Instituidor de los Poemas heroycos , i nadie con buena seguridad nos podra negar que quien le siguiere acertará. Homero, pues, luego a la entrada de su Iliada nos ofrece a Agamenon tomando a Achiles la Dama que era suya ; i essa accion propia es de mayor sobre menor, de supremo sobre subdito: i allá en el 9. de la Vlissea haze que preguntado Vlisses del Polifemo, *Quiē era?* Responde: *Populi autem Atrida Agamemnonis gloriariur esse;* i esto sin duda es reconocer superioridad a Agamenon: i sin duda tambien, a imitar esto atendio nuestro Poeta todas las veces que por este Poema haze que preguntados los navegantes: *Quien eran, i de donde?* Respondiesen siempre : *Que eran del Rey de Portugal;* con grandes muestras de gloriarse dello, a modo de Vlisses: i los lugares quedan ai citados. De manera que en esto no ay escrupulo : si ya no insisten estos nuevos Preceptrores en defender (como hazen) que la Iliada, i Vlissea no son Poemas heroycos: aunque esto estara muy bien en dos maneras a nuestro Poeta; una, q̄ le sera mas glorioso errar con Homero , que acerrar con ellos; otra, que no puede el desearles mayor castigo q̄ el de verles estar dando preceros a Homero , i

Homero a ellos la receta de como se cura la demencia. Materia de risa puede parecer el decir, que no podra ser cantado un hombre glorioso por alguna accion soberana, luego que no sea el soberano por estado. A lo menos no es opinion de Indios, sino de cierta especie de Cavalleros hinchados, que ni honra ni provecho pueden ver en quien no sea ellos. I hueleme tambien a la otra locura de decir, que quien no tuviere nombre sonoro, no es capaz de ser cantado, porque echo a perder una voz aspera la armonia metrica: i por esta cuenta no deviera nuestro Poeta elegir a Vasco, porque no es nombre muy bien sonante; sino a Iosue, o a Iudas, nombres llenos, i graciosos. De cortesia pedimos a los doctos, i cuerdos acudan a lo que a este proposito hallaran sobre la e. 33. del c. 8. Concluyo, que lo cierto es, que el mismo Dios quiere que sea glorioso quié lo ha merecido, i que contra esto no puede aver arte, o preceto alguno: i que tanto puede ser cantado el sujeto como el libre; i el vencido como el vencedor; no cantando el sujeto mientras lo es, sino mientras sujeta a otros con valor, ni el vencido quando lo fue, sino quando fue victorioso heroyco; qual será un Anibal en quanto con qualquier de sus acciones se colocó en el Templo de la Fama. I esto nos enseñó Homero con tomar por Heroe a Achiles, que fue miserablemente muerto en Troya, cantandole en lo que preedió glorioso a esa miseria. Pero nro Poeta no ha menester estas defensas, porque estuvo atento a esa ley rigurosa, cantando un Heroe solo (propuesto en estos dos versos) i del una sola accion que le dio nuevos i magnificos titulos, como veremos aqui i sobre la e. 144. del c. 10. en que fenece esta accion.

P O E I T O I L L V S T R E L V S I T A N O, Perifrasis como ya enseñamos de un Heroe solo. Pero dicen los Censores, que por Peito illustre entendió el Poeta toda la gente de aquella flota, o toda la que despues passò en otras, i conquistò aquellos mares, i aquellas tierras (que es por este termino repetir lo dicho por essotro de la e. 1.) usando aqui del singular por el plural. Damos dos respuestas irrefragables: una, que si aqui les ha de valer que el singular sea plural, para no ser esta la proposición de un Heroe, es fuerça irreparable que nos valga a nosotros el plural por el singular en la e. 1. (q es lo que ai atras advertimos dexariamos en caso que no se usasse acá deste argumento) diciendo, *Varones por Varoni*; i assi seria aquella la proposición deste Heroe, corroborada con esta repetition de *Peito illustre*, porque luego que se allane el ser el plural alla singular, el singular acá no puede ser plural. La otra respuesta es, que si bien tal vez usan de esse termino los Poetas, el nuestro no lo usó aqui como el propio nos lo enseña, no sin agudeza, i tambien no sin muestras de sospecha de que le avian de achacar desto. I a la verdad el averlo

A yo hallado me hizo mudar de aquella opinion de que cantava al Rey don Minuel; porque expresamente es perifrasis de Vasco de Gama esto de decir, *Illustre peito*. Vcyslo aqui clarissimo. En la e. 12. hablando el Poeta con el Rey don Sebastian, dice: *Douvos tambem aquelle illustre Gama*. I ay aqui dos reparos; uno el titulo de illustre con que frequentemente le trata, que es el mismo de essa proposicion: otro esse *aquelle*: quo es relativo del *peito illustre*: como si dixerá: Os soy tambien aquel pecho ilustre que os acabe de proponer poco ha: i declarandose aqui mas, dixi Gama por pecho; como avia dicho pecho por Gama. I las e. 94. i 95. del c. 5. no contienen otra cosa mas de que el Gama es el Heroe deste Poema; diciendo en aquella que el pretende esclarecer a Ulises, i a Eneas, que son los Heroes de aquellos Poemas, imitados en este: i en esto q agradezca el ser cantado aqui a las Musas, i amor de la Patria. Mas. Osaria yo afirmar, que quando el Poeta no huviera bastante propuesto al Gama en aquello de *Eu canto o peito illustre Lusitano*; aqui le proponia muy a tiempo, diciendo: *Douvos tambem aquelle illustre Gama*, i mucho mejor con la añadidura de tristissima de *Que para si de Eneas toma a Fama*. Que fue ni mas ni menos como decir: Yo canto un Gama como Virgilio cantó un Eneas. Lo propio digo del modo con que parece le propone tambien en la e. 44. Vease bien. Pero aunque en ninguno de estos lugares es la proposicion del Heroe, es testimonio de que supo que el Poema avia de constar de uno; i asegura, que ella i el se incluyen en este verso, *Que eu canto o peito illustre*: Que mas quieren señores mios? Lo que yo quiero es, que miré como censuran; i que entiendan primero que blasfomen; i que no crean sino que la proposicion clara, i corriente, i en su lugar propio es aqui, *Eu canto o peito illustre Lusitano*, que notoriamente es del Gama, por lo q ai acabamos de decir, i por la frequencia con que el Poeta dà este titulo de illustre a su Heroe, no usandola con otro en toda la obra. Ya quedan ai essos dos lugares: agora vengan estos. En la e. 18 del c. 2. hablando del Gama *Que o nome illustre*, &c. i en la 60. O Capitao illustre. I en la 1. del 3. O illustre Gama: al mismo se refiere aquel *illustre* de la e. 99. del 5. lo propio el de la 99. del 7. I el de la 89. del 8 I en la 35. del 9. O Capitao illustre: i en la 90. aqil illustre tambié le roca como essotros: i en el 10. e. 54. *Illustrado cò a Regia dignidade*. I en el original que tengo de los primeros seis cantos deste Poema, escrito quando el P. no tenia escrito mas del, hallo mas repetido este titulo de illustre: como en la e. 16. del c. 2. 3 donde se lee, *Illustre Gama en vez de noble*. I en la 70. *Illustrare Gama*: et. vez de E como o Gama muito &c. I en la 107. *Illustrare Gama*, en vez de Forte Gama. Dexo los otros epitetos de claro, i noble, q muchas veces le dà, i son lo mismo q illustre: mas no de-

C mejor con la añadidura de tristissima de *Que para si de Eneas toma a Fama*. Que fue ni mas ni menos como decir: Yo canto un Gama como Virgilio cantó un Eneas. Lo propio digo del modo con que parece le propone tambien en la e. 44. Vease bien. Pero aunque en ninguno de estos lugares es la proposicion del Heroe, es testimonio de que supo que el Poema avia de constar de uno; i asegura, que ella i el se incluyen en este verso, *Que eu canto o peito illustre*: Que mas quieren señores mios? Lo que yo quiero es, que miré como censuran; i que entiendan primero que blasfomen; i que no crean sino que la proposicion clara, i corriente, i en su lugar propio es aqui, *Eu canto o peito illustre Lusitano*, que notoriamente es del Gama, por lo q ai acabamos de decir, i por la frequencia con que el Poeta dà este titulo de illustre a su Heroe, no usandola con otro en toda la obra. Ya quedan ai essos dos lugares: agora vengan estos. En la e. 18 del c. 2. hablando del Gama *Que o nome illustre*, &c. i en la 60. O Capitao illustre. I en la 1. del 3. O illustre Gama: al mismo se refiere aquel *illustre* de la e. 99. del 5. lo propio el de la 99. del 7. I el de la 89. del 8 I en la 35. del 9. O Capitao illustre: i en la 90. aqil illustre tambié le roca como essotros: i en el 10. e. 54. *Illustrado cò a Regia dignidade*. I en el original que tengo de los primeros seis cantos deste Poema, escrito quando el P. no tenia escrito mas del, hallo mas repetido este titulo de illustre: como en la e. 16. del c. 2. 3 donde se lee, *Illustre Gama en vez de noble*. I en la 70. *Illustrare Gama*: et. vez de E como o Gama molto &c. I en la 107. *Illustrare Gama*, en vez de Forte Gama. Dexo los otros epitetos de claro, i noble, q muchas veces le dà, i son lo mismo q illustre: mas no de-

xare el acordar q nuestro grande Barros, a quien nuestro Poeta grande imita tanto, como hemos de mostrar en este Poema, tambien con frequencia hablado deste hecho del Gama le llama ilustre, como allá en el cap 11. del lib. 4. *Vasco de Gama, Autor de taõ illustre feito.* No ay paia que copiar todos los lugares: porque esto queda llanissimo.

Despues de aver provado abundantemente q el propuesto es Vasco de Gama, digo que me persuadido que el Poeta tenia escrito este verso assi: *Que eu canto o illustre Gama Lusitano.* I que despues quiro el Gama por las razones que diré sobre la e. 99. del c. 5. Puedese dezir que no se ria esto imitar a Virgilio, que entró sin dezir el nombre del Heroe; ni aun a Homero en la Vlisse: pero en la Iliada entra nombrando a Achiles: i está bien assi. I quando el Poeta no huvielle escrito este verso, sino como le vemos, nos obliga a dar satisfacion al porque có este modo nos embaraçó el juicio para q juzgassemos de qual era el Heroe; o el Rey, o el Gama. I es, porque en ninguna cosa quiso omitir la imitacion de los grandes Poetas desde el Padre dellos, que siempre acompañaron el Heroe con otro. Homero en su Iliada, aunque haze executor de aquella accion a Achiles, dà gran parte a Agamenon: i en la Vlisse haze que Vlisses se confiesse sujeto a esse propio Rey como ai queda mostrado; i si esto no basta, baste que no reparte poca gloria có su hijo Telemaco, haziendole navegar en su busca; despues ayudarle contra sus enemigos en su casa: de que resultò en Virgilio el imitarle, repariendo tambien la de Eneas por su hijo Ascanio. Apolonio (como tambien mostramos sobre la e. 2.) canta los Argonautas, i dà parte de la gloria de aquel hecho al Rey Pelias, porque los embiò. Dante dividió la suya por Virgilio i Beatriz que le guiarò a ella. Ariosto por Orlando i Ruggiero: finalmente Torquato Tasso por Gofredo, i Reynaldo, como el propio lo declara en la alegoria que hizo a su Poema: fundado, por ventura, todo en que la gloria comunicada crece, assi como la pena se diminuye. De ese modo acá el Gama es el Heroe, porque obró, i el Rey don Manuel (con gran acuerdo del Poeta) entra a la gloria de essa obra por motor della. Conforme a esto me preguntareis agora. Pues si el Gama es el Heroe, como el Rey don Manuel es solo el q en aquella e. 144. del c. 10. (que es la ultima de este Poema) se ilustra con nuevos titulos? Bien preguntado està, supuesto que lo teneis mal entendido; i lo que diximos a iatras que de quié fuese el fin de la accion avia de ser el principio Yo os lo diré, porque me lo enseñó nuestro Poeta agudamente, despues de muchos desvelos. Devays saber, que los honores nuevos en que los preceptos de la poetica dizan se ha de constituir un Heroe para ser cantado, no se han de entender materialmente de titulos, o honras huma-

nas, sino las que aspiran a divinas, que es la gloria i fama dilatadas por el mundo con la noticia de acciones que hacen añadir admiracion, i estima en las gentes del, para con el executor de llas. Homero nos dio essa de trira en Achiles, i en Vlisses: porque este quando llegó a su casa de sus perseguidores no añadió otros estados, o titulos a su persona mas de los que tenía q. inde partió para Troya: i aquello tam poco, desí res q fue el singulat motivo de su ultima ruina. Pues qual es fueron los titulos, i honores que de nuevo se añadieron? Aquello s de la Aura del mundo; Fama, i mas Fama de coracónes magnanimos; q es lo que dà de si la gloria hi mana. Ved como el Poeta se fuie con esta doctrina, mano a mano, frigido por todo el c. 9. i por todo el 10. q Vasco de Gama i los suyos despues deste hecho fueron llevados por divino medio a un monte a donde hallaron Ninfas bellas, i coronas varias; i mesas de manjares divinos: el qual monte, con todos estos aparatos, como allá os enseñaremos, no es otro sino el Parnaso con las Musas que en el son las despenderas de esas coronas, honores, aplausos, i regalos gloriosos, assi como los pudo conceder la humanidad, cor. el socorro de la invencion poetica, i fabulosa: i estos son los titulos, i honores nuevos que el Gama consiguió por esta accion, como el propio Poeta os lo está diciendo por todo aquel admirable canto 9. con profundas sutilezas, i alegorias, i en las ultimas sieite estancias, con palabras tan claras, que bien muestra que entendia que no le aviades de entender en las otras, que comenta con aquellas: i con todo esto puede mas la ignorancia, que el entendimiento para culparle. I assi como el Gama fue mas digno de gloria por la ejecucion de aquella hazaña, q el Rey por embiarle a ella le muestra el Poeta colocado en aquellos honores por todas las est. ultimas del c. 9. i por todo el 10. hasta la 143. i subito, como si el Gama desle aquil monte pusiera el pie en Lisboa, le haze apa recido en ella en la siguiente, i al Rey casi a un mismo tiempo, ilustrado tambien con honores, o titulos nuevos, dandole el segundo lugar en aquella gloria por ser el motor della: que todo son respetos maravillofos, mayores a donde los esperais menos: abismos de cuidados a donde os prometeis descuidos. Los otros Poemas buenos tienen una alma en todo el cuerpo, este en cada miembro mil almas: i en cada alma, otra alma. Este Poema es un pedernal; pareceos piedra, i todo es fuego: han faltado hasta agora eslavones con que tocarle: yo le toco con el mio de hierro: por esto seran pocas las llamas: hasta que le toquen los de azero fino; que entonces os parcerá la piedra el mismo Apolo todo baña o en ellas; i creereis que se abrasha todo el Parnaso. Hablemos agora de a pie. Este Poema es Pidero (hablo con la voz del refran) que hasta agora no estuvo en buena mano: toquele una buen

B i el

C

D

E

i el

Este Poema es un pedernal; pareceos piedra, i todo es fuego: han faltado hasta agora eslavones con que tocarle: yo le toco con el mio de hierro: por esto seran pocas las llamas: hasta que le toquen los de azero fino; que entonces os parcerá la piedra el mismo Apolo todo baña o en ellas; i creereis que se abrasha todo el Parnaso. Hablemos agora de a pie. Este Poema es Pidero (hablo con la voz del refran) que hasta agora no estuvo en buena mano: toquele una buen

i el lo dirà. Buelvo a mi camino. Por todo lo dicho arriba declara el P. que el Gama dio al Rey la honra, i gloria: esto es, porque baxava con ella de aquel monte a donde la recibió; i trayendola pudo comunicarla: i tambien declara, que le comunica essa gloria porque mandó: dando a entéder, que el la traia primero porque avia ejecutado: por merecer primero el premio el q obra, que el que manda I quando porfieys en que los titulos hâ de ser materiales, allá en la e. 144. los hallareis sobrados. Finalmente quede claro que el P. (para que nadie jamas pueda alegar ignorancia) propone aqui: invoca en las dos est. sigüientes: comienza la narracion en la 19. i cumple en teramēte en esta parte como en todas, con el orden comun de los grandes Autores.

TA quem Neptuno e Marte obedeceram. Díximos aí otras, que por Neptuno entiende los mares; i por Marte las armas: i ellos, i ellas obedecieron a Vasco de Gama: esto es, porque por mas que la longitud, i tormentas, i estraneza de tantas aguas le quisieron sorber, armando se contra el, alfin salió triunfando de sus peligros i horrores: i por mas que unos i otros barbaros intentaron deshacerle con armas, el los dexó castigados con las nuestras, i passò adelante: i tambien pudo el P. resperar a que bolviédo despues a la India dos veces, sujerò algunas tierras, haziendolas obedientes, i tributarias al Reyno. Pero el P. tuvo bastante motivo para dez:r esso solamente con las ocasiones que el Gama tuvo en esta primera navegacion: porque alfin se usò también en ella de las armas; i las enemigas quedaron castigadas, como se verá desde la e. 84. deste c. i desde la 31. del 5. a fuera otras de menos cuenta: i de la propia manera le fue motivo bastante el ver que hasta este viaje del Gama no obedeció el mar: esto es no diò lugar a que todos los descubridores que tenian ido, viniesen menos q vencidos casi, i destroçados del trabajo sin poder passar adelante; i el passò: i asì obedecieron las aguas a el solo: i lo mismo aconteció en los mas de los que passaron despues del, que perdieron muchas naves, dexadas en la boca del mar ayrado, lo que no sucedió al Gama: i asì parece bien que el mar le obedeció.

Cessè tudo o que a Musa antigua cantó. Entiéde por Musa antigua, todos los Poetas antepasados de acciones heroicas, como la Argonautica de Orfeo, i Apolonio; i la Dionisiaca de Nonno, i Thebayda de Stacio, i principalmente la Iliada, i Ulissea de Homero; i la Eneyda de Virgilio, con aquellos Heroes, cuyas hazañas máda cessar a la entrada de la est. i de la propia manera quiere que cessen los Poetas de estos Heroes: i los Historiadores de Alejandro, i de Trajano, que consecutivamente nombra. Sienten al gunos, que el P. entra aqui mas altamente de lo que permite el arte en quanto al estilo: i la mo-

A destia en quanto a la presumpcion. Pero si el satisfaze a lo uno, i a lo otro con tanta confiança en el assunto, i en el furor poetico; Digo en quanto a la jactancia, que no es mucho que tome para si quando empieça lo que se ofreció a Virgilio, quando acabava. Proprecio lib. 2. eleg. 23.

*Cedite Romanis Scriptores, cedite Gray;
Nescio quid maius nascitur Iliade.*

Mas tomava el con mucha razon lo que era suyo: i mas viendose entre gente que entre si propia antes niega que concede la gloria del vezino. Esto hemos ponderado con ver que siendo del propio tiempo del Poeta, dos que tienen estima, jamas se tomó en la boca el uno al otro en sus obras, como suelen hacer los Autores de una misma edad. Estos fueron Fráncisco de Sà de Miranda que aunque (conforme al sentir de los viejos) tuvo mucho de Platon en las sentencias, no tuvo cosa alguna de Virgilio, ni de otro grande en la poesia: i Geronimo Cortereal, que si bien muestra ser arrebatado della en algunos lances, alfin no tiene assiento con nuestro P. I de que el conocia esto devia no estimarlos en mas de lo q ellos merecian; i de que ellos viessen esto no devian perseguirle poco. A lo menos del Francisco de Sà oímos referir que con acciones, i palabras se burlava del Camoës: señal de quan mal se conocia a si propio; i a el: pero agora los reconoce el tiempo. Vease lo que diremos sobre la e. 86. del c. 5. i 78. del 7.

Callese de Alexandro, &c. Cesse &c. Parece imitar el pensamiento del epigrama 1. de Marc. Barbara Pyramidum fileat, miracula Mempbis. O bien a Dante Inf. c. 25. mandando callar a Ovid. i Lucano.

*Taccia Lucano bomai la dove tocca
Del misero Sabollo, e di Nassido;
Et attenda ad udir quel ch'or si scocca;
Taccia di Cadmo, & de Aretusa Ovidio;
Che si quello in serpente, & quella in fonte
Converte postrand, io non le invidio.*

IJuan de Mena Poeta digno de toda estima entró con este pensamiento en su Laberinto cop. 4. Como que creo que fueron menores Quelos Africanos, los hechos del Cid?

Quiriendo dexar atras con los Heroes Castellanos los de Roma, i de Cartago, como nuestro P. con los Lusitanos los de Roma, i Grecia. No dixo esto de otro modo el Tasso en su Liberata en un lugar que irá sobre la e. 66. del c. 8. a otro intento. Vease. I quanto a lo que le culpan de entrar prometiendo mucho, diciendo aver caido en el yerro que Oracio condena en la Poetica.

*Nesci incipias ut Scriptor Ciclicus olim
Fortunam Priani cantabo, & nobile bellum.
Quid dignum tam tñferet bic promissor biatus?*

Es de saber, que Oracio no condena el prometer, sino el no cumplir lo prometido: i si nuestro P. satisfaze a lo que promete, no queda condenado por empezar prometiendo tanto, q quiera callen

callen todos los Heroes cantados, i los Poetas que los cantaron. I si lo haze, o no, leanle los curiosos con atencion, i hallaran como por el Poema va siempre cuidoso de mostrar, q se acuerda de lo prometido; i de reverenciar la doctrina de Oracio. Con singularidad lo descubro en las e. 54. del c. 4. i del 5. las 4. 14. 26. 66. 86. 87. 88. 89. i del 8. la 12. Vease de curiosidad: porque no quede por ver un tan insigne cuidado. Finalmente esta e. es la proposicion, o figura llamada Parresceve, con que todos los Poetas ordinariamente entran en sus escritos. Tiene de diferencia que los que en la proposicion del se acordaron de las digressiones con que los avia de ordenar las dixeron postrero; i el nuestro al principio: no sin consideracion, por ir creciendo el estilo con la materia; i con esto ir subiendo de punto la atencion de los oyentes. Notese como la primera est. es mas blanda de estilo: i como la segunda ya se levanta mas: i como la 3. empieza ya con la creciente del furor poetico, porque comienza a tocar en la alma del Poema: con lo demas q otras queda advertido sobre ser Proemio las dos est.

III.

*Evos Tagides minhas, pois criado
tēdes em mi hū novo égenho ardēte;
se sēpre em verso humilde celebrado
foy de mi vosso rio alegremente;
daime agora hū sō alto, e sublimado;
hum estilo grandiloco, e corrente:
porq de vossas agoas Phebo ordene
q nāo tenhā enveja às de Hypocrene.*

*I Vos o Tagides mias, o Musas del Tajo, pues
teneis criado en mi un ingenio nuevo, i ardiente,
si siempre con el fue alegremente celebrado
de mi vuestro rio; agora me conceded, dadme un
son alto i sublime, un estilo grandiloco, i corrien-
te, con que Febo se digne de ordenar q vuestras
aguas no tengan embidia a las de Hipocrene.*

*¶ E vos Tagides minhas, &c. Invoca à lo antigo las Musas, o a lo enamorado las Ninfas del Tajo: esto vale Tagides: que propiamente son las Damas de Lisboa; a cuyos favores, que confiesa con la palabra, minhas, publica dever el furor poetico con que entra en este asunto. Aqui las invoca a ellas: i a la entrada del c. 3. a las Musas: así otra vez aquellas alfin del 7. i estas al principio del 10. De tal variedad usó Virgilio, que en la egl. 10. sustituyó la Nifa Aretusa, por una de las nueve del Parnaso: *Extremum bunc Aretusa mibi concede laborem:* o por ventura antes le imitó nuestro Poeta a la entrada de la Georg. invocando las Deidades patronas de la cultura de que cantava. Las Damas de Lisboa, como de la cabeza del Reyno, son la superioridad del, i mu-*

*A cho mas en quien como el P. siépre por las Ninfas entendió las virtudes en todo este Poema, como enseñaremos desde la e. 96 que son las cō que los Portugueses configuieron tantas glorias como aqui se cantan. Assi, pues, invoca con causa estas amadas Ninfas del, i de su Reyno quando del quiere cantar, diciendo: *E vos Tagides,* como Virgil alli, *Vos o clarissima mundi lumina,* &c. *Driadesque puellæ, Munera vestra cano:* como Opiano, que cantando de la caça invoca a Diana, i de la pezca las Deidades maritimas. Estacio lib. 1. sil. 5. celebrando un baño invoca las Ninfas de las aguas: Geronimo Vida al tratar de los gusanos de seda, invoca las Ninfas Seriades, de Seres tierra deella, como tiene Amiano Marcelino lib. 23. En la e. ult. del c. 5. confiesa el P. que por essas Damas escribió este Poema. *Hesomente o prosupuesto das Tagides gentis:* o porque verdaderamente las verdaderas Musas de los Poetas son las Damas: i por esto allá dice Ovid. *Ingenium nobis ipsa puella facit.* I Marcial lib. 8. epig. 72. *Ingenium Galli pulchra Lycoris erat:* I confiesa Dâte, que por su Beatriz se hizo Poeta, *Et per colei che m' ha fatto Poeta.* I finalmente el nuestro a esas mismas Damas del Tajo llama Musas en la e. 85. del c. 7. pues hablando cō ellas dice: *Nem Camenas tambem cudeys,* &c. I en sus rimas por toda la egl. 7. no hizo otra cosa sino describir el Parnaso, i dà a las Musas los nombres que se suelen dar a las damas. La Patrona dexò sin nombre dandola a conocer cō perifrasis de hermosura superior: esta es Caliope: i llevando las otras por su orden puso Dianame por Clio, Efite por Erato, Sirene por Tália (como veremos en la e. 76. del c. 9. i en la 5. del 10.) Nise por Melpomene, Amanta por Terflore, Elisa por Euterpe, Daliana por Polymnia, i Belisa por Vrania. I assi para el P. lo mismo fue Musas que Damas, o estas que aquellas: porque aviendolo dicho en la e. 99. del 5. que a las Musas agradeciesse el Gama el cantar del, dice en la siguiente, que esto era solo por el respeto de las Damas: i si para el no fuera todo lo mismo, estuvieran malos de conciliar estos lugares. Llegase por fiador mas abonado dese pensamiento a quel lugar a la entrada de su egl. 4. invocando una Dama, que creo devia ser la suya.*

E

*Porque se a minha ruda
Frauta desse favor vosso sor digna,
Posso escusar a fonte Cabalina.
Em vos tenho Helicon, tenho Pegaso;
Em vos tenho Caliope, e Thalia,
E as outras nove irmans do fero Marte.*

I es mas el mostrar luego adelante que ella fue la Musa que le incitó a escribir este Poema, i que ya entonces le traia entre manos.

*Podeys fazer que creça d' hora, em hora
O nome Lusitano, e faça enveja
A Smirna, que de Homero se engrandece.*

Ilo

Io que podia hacer embidia a Smirna es esta obra venciendo las de Homero: i en ella iva creciendo el nombre Lusitano cada hora que escribia en el la favorecio lo della Tagide, o bien desta Musa. I asi viene a ser cierto aquello de Ovid. que en amando uno luego es elegante. *Fatigatum cupias, sponte disertus eris.* lib. 1. del Acte. Aciotto empeçò a escribir en tercetos su Poema, i la Musa que invocò fue la Dama: conservase entre sus rimas aquel arremetimiento a donde invocando dice:

Voil l' usato favor occbi: soavi

Date a la impressi. I es de notar, que mudando de parecer en lo que toca a continuar con aquella suerte de versos, i de estilo, no hizo mudanza en la invocació de la Dama diziédo en la e. 2.

Se da cole che tal quasi, m' ba fatto

Che l poco ingegno ad ber, ad bor milima

Men esará pero tanto conceffo

Che mi basti a finir quanto bo promeffo.

Finalmente el P. por Damas entiende Musas, i por estas aquellas. Faltava solo saber quales realmente fuesen estas Damas. Esto es imposible, pero serviré al curioso con dezidle quales eran los nombres supuestos con que el las trataba. Ya dixe ai, que en su egloga 7. llama a las Musas con los nombres que se suelen dar a las Damas: i entre ellas haze dos naturales del Tajo, diciendo asi.

Alinda Daliana com Belisa

Ambras vindas do Tejo. &c.

I conforme a esto, estas son las Tagides que el Poeta aqui invoca, advirtiendo, que conforme a la orden con que les va mudando los nombres, estos dos estan por Polymnia, i Vrania (segunai acabamos de manifestar) con gran elección del Poeta, porque Polymnia vale memoria grande, i elabanza: i Vrania canto divino, con la calidad de atribuirsele la invencion de la Astrologia, como especuladora de lo sublime: i todo esto se executa, i resplandece singularmente en este grā Poema. En particular es Belisa la Musa del Poeta, segun mis observaciones en sus Rimas, a donde toma para si el nombre de Almeno unas veces, i otras de Frondoso, i siempre con los amores de Belisa: i a ella es que invoca en ese lugar que ai dexamos de la egl. 4. porque si bien no la nombra en la invocacion, luego la nombra Frondoso entrando a cantar sus quejas: i deste modo sacamos en limpio, q la Dama, o Musa del Poeta entonces era Isabel, porque esto es Belisa en los Poetas. Asi, pues, el nuestro en esta invocacion procedio con todos ess's fundamentos, i co los otros que diremos a fin de la e. siguiente. El original que halle del Poeta al punto que se empeçava esta impression me desempeña en este lugar, como en muchos, de lo que sobre ei los tenia dicho. Dixe yo arriba, que para el lo mismo que en estas invocaciones, Ninfas que Misas: ahora se ve, porque a donde aqui dice: *Tagides mi*

Anbas, dezia allà, Tagide: Musas. Vease lo que diremos en la e. 6. del c. 19.

¶ *Novo ergenho ardente.* El P. nunca perdió lance de mostrar que se conocia: asi en el c. 3. e. 2 en el 10. la 148. i en otros lugares, que en essos advertiremos; i principalmente en la c. ult. deste Poema. Llama a su ingenio nuevo por unico, raro, por quanto en Espana hasta entonces (i aun despues) no hubo quien diese un Poema Heroico con las calidades que se requieren, como el agora le dava: i asi era cosa nueva, o rara: i la male tambien ardiente, asi por la vivacidad que reconocia en si, como porque se hallava tocado del ardor amoroso, i juvenil, i del furor poetico: Virtud que tiene essas calidades; i a ella dio (en todo genero) esse epíteto, Virgil. *Ardens exigit ad asthera virtus.* Por esto se pinta el Ingenuo iius tre moço de color fogoso o ardiente, ojos vivissimos con Aguilas en la cabeza, i alas, i con un atco en las manos flechandole: todo insigrias, i acciones de ardiente sujeto. Vease a R. pa en sus imagines. Del, i de otros Autores copiamos esti, entre otras que describimos en la coronacion de Urbano VIII. diciendo:

*Vn mogo desemblante està, terrible,
teniendo Aguilas puestas en yelmo puesto;
de uno, i de otro color, todo apatible,
alas tendidas, como al buelo presto.
Disnudo el cuerpo ardiente està visible;
i con tirante cuerda en arco infesto
tiene embebida punta formidables:
con la accion de flechar està notable.*

Veiremos mas destu en la e. siguiente: i lo que sea ingenio, en la 52. del c. 4.

¶ *Se sempre celebrado foy de mim vosso rio,*
daiyme. &c. Lugat expuesto de Virg. E. 12. *Fame,* præcor, misericordia, &c. tuque, o terra, &c. colui vestros si semper honores.

¶ *Em verso bumilde, &c.* Entiende las Rimas: poesia lírica: pero es la suya, a quien la entienda, una humildad tan alta, q pentamos acriegara el credito quiē diere el primer lugar a qualquier de llas en su genero. En esto, como en todo imito a Virgilio a la entraña de lo heroyco, acordandonos, que aquel que agora cautava a Eneas en la tuba, avia cantado los pastos, i las culturas en la Avena, i en la Lira, *Ille ego quis quandam gracili modulatus aveni Carmen, &c.* At nunc borrentia &c. El nuestro asi, *Se sempre em verso bumilde &c. daiyme agora bumisom alto, &c. bumisom alto, &c.*

¶ *Alegremente, palabtra propia aqui para expresar la naturaleza del canto lírico, que tiene mas de lo apacible que de lo grave.*

¶ *Alto, sublimando e grandilocu estilo: i concluye, Corrente: pidiendo con la alteza, facilidad, i claridad. Que dirán a esto los que piensan que quien no sale de claro, i dulce no llega a sublimar? La verdad es, que pidio lo q mas conviene*

al Poeta, que es dezir altamente con facilidad; conociendo que en ella está lo dificil de alcançar la palma, i gloria poetica. El gran Tasso e.2. *Tu reschiara il mio canto*, con que su espíritu fue demasiadamente severo. El estilo grandilocu halló Pierio Valeriano en Proprecio, *Te quoque grandiloquum*; i no es Proprecio escabroso i difícil, si no al contrario; porque lo fino de la poesia no está en lo oscuro i intricado, como piensa la nueva seta: que desta suerte de Poesia se pueden escribir largos Poemas en una semana; i de esto tra uno moderado lleva muchos años. Pero en el juicio deste Poema lo tratamos mas de espacio: i assi dire agora solamente, que estilo grandilocu desde los fundamentos de la Poesia hasta oy, solos dos hombres lo configuero có felicidad, i facilidad, q son Virgilio, i Camoës, q al fin solos ellos igualmente tienen clausulas, que no caben en la boca al pronunciarse.

¶ Que naõ tenham enveja ás de Hypocrene. Siéte el P. que có el favor de las damas que invoca, tendrán las aguas del Tajo la virtud de la fuente del caballo Pegasso; que esto es Hypocrene en Griego: dizen está junto al monte Helicon en Beocia, casi repetido en la e.2. del 3. Febo es el moderador de las Musas, o Coro Poetico: por esto dice el P. que de su permisió resultará, q las aguas del Tajo tengan veces de las de Hypocrene. Agora quero provar con el mismo P. que en decir aqui que no tendrá embidia a Hypocrene, atiende a que no la tendrá al propio Hemero, tomando la fuente por el primer maestro del beber en ella. Primeramente es estilo del P. frecuente competir con Homero, i en la competencia hablar con este modo de no tenerle embidia: assi fenece la e. ultima del c. 10. *Sem à dita de Achiles ter enveja*: i la dicha de Achiles fue Homero allí. I en la egl. 4. aí arriba citada. *Efaça enveja à Smirna*, &c. I pudo tomar la fuente por Homero por ser ella i el de Grecia: i de Beocia ella singularmente; i Beocia se llamo tambien Aonia: i parece atendió a esto el P. diciendo por perifrasis de Homero el que bevió mucho del agua Aonia en la e. 87. del c. 5.

V.

Dai me húa furia grande e sonorosa
e ná de agreste avena, ou frauta ruda;
mas de tuba canora, e belicosa,
q o peito acede, e a corao gestomuda:
dai me igo al cátio aos feitos da famosa
gente vossa, que a Marte tanto ajuda;
que se espalhe, e se cante no universo;
se tam sublime preço cabe em verso.

D Adme una furia gráde i sonorosa, i no de ave-
na o flauta ruda i agreste, sino de tuba cano-
Tomo I.

A ra i belica, q entiende el pecho, i muda la color al rostro. Dadme un cátio igual a los hechos de la famosa gente vuestra, q tanto ayuda al propio Marte: para q assi ella se esparça i se cárte dignamente en el universo; si es posible q ha de caber en verso, o en algun gtañ Poema un precio tan sublime, un valor tan raro al propio mundo.

¶ Daime búa furia gráde e sonorosa. Pide a las damas o Musas q le concedan un gráfuror, i bien sonante: i es lo q deve cōcurrir en un buén Poeta; porq no basta q sea solamente poesia metrica, sino armoniosa dulcemete. David Psal. 150. *Laudate Dñm, &c. in sonu tubæ*, i nóbriado muchos instru-
mentos añade q sean *bene sonantibus*, enseñando q no basta que sean instrumentos; i assi nuestro P. con acuerdo pide furor bien sonante, porq el furor solo fuera vicio, i có armonia, es excelécia. I porq, como diximos sobre el nombre del Poeta en la nota 1. para escrivirse có perfección, es menester que se téga amor a aquello de que se escribe: essa es la razó tábien porq el P. invoca las damas, que son có su hermosura las produtoras del amor: i èl otra furia q ellas infundé en el coraçón humano, i assi al Amor igualmente como al espíritu poetico, se llama furor. Quintiliano, *Paf-
stor Aristaeus correptus amore furenti. Propers.* lib. 1. *scilicet in sano nemo in amore videt.* I por esto en los amates, i Poetas es comú el no acudir a pie ni a mano en hallandose aquellos con los ojos o pensamiento en el objeto amado; i estos en el asunto elegido, i aun siendo propio del Poeta el epiteto de ingenioso, esse mismo dà Ovidio al Amor. *Afrinxit verbis ingeniosus Amor.* Veis ai finalmente la erudicion con q nuestro P. invocò las damas por Musas, i las Musas en las damas; porq avia menester para esta grande obra aqlllos dos furores poetico, i amoroso, siendo las damas despenseras deste, i las Musas de aquél, el qual es una cierta fuerza divina que conmueve la mente, sin la qual dixo Democrito, que no podia uno ser Poeta. Ovid. lib. 3. de arte.

*Est Deus in nobis sunt & commercia cali
Sedibus ætherijs spiritus ille venit.*

Amor. 3.

*At sacri Vates, & divum sacra vocamar
Sunt etiam qui nos numen babere putent.*

En el 6. de los Faustos.

Est Deus in nobis, agitante calescimus illo;
Impetus bic sacræ seminamentis habet.

Fausto, bien.

*Vatibus æternis celo descendit ab alto
Ad nova divinus facta canenda furor.*

Graciosamente se declarò Oracio, haziendo que diga su siervo, que o élta furioso, o haze versos, Od. 7. *Aut insanit homo, aut versus facit..* Que al verdadero Poeta assi le sucede quando compone. Ciceron libro 2. de Oratore. *Poetam bonum neminem*, &c. existere posse sine quodam afflatu quasi furoris. I en esto ha de ser el Poeta concitado

F de

de espiritu divino: i a lo que dizen, o escriven los tales, que ordinariamente son altissimos pensamientos, llama Platon, verdadero furor, i verdadera Poesia: tanto que afirma no se acuerdan muchas veces de lo que dixeron, i que algunas no lo entienden ellos propios: (aunque por otro camino tambien agora ay muchos destos) como cosas que dixeron agenos de si mismos, que es furiosamente. I Vate se llama el Poeta por la Simpatia que tiene con los Profetas, i Sibillas a los quales es propio este nombre Vate, por la violencia de la mente, comun a unos, i a otros: los quales quando prefetizavan eran arrebatados de un furor notable: consta de las sacras letras, i de las profanas. Virgilio describe en el 6. Los actos de furia de la Sibila en Cumas al vaticinar a Eneas sus cosas futuras. Ovidio Met. 2. de la hija de Chiron llena deste furor.

Ergo ubi vatisinos concepit mentes furores,

Incaluitq; Deo, quem clausum in pectore habebat.
Oiao Magno en el cap. 16. del lib. 3. refiere, que el Rey Aldano tuvo siete hijos adivinos notables, i quando se davan a esto, arrebatados de un subito furor atravesaván los ojos, i freniendo mordian con los dientes el hierro, tragavan brasas, i osavan pasearse por entre grandes llamas como si fueran amenos bosques. Pintase el furor poetico en un moço de semblante vivacissimo, con alas en la cabeca, i los ojos puestos en el cie lo todo significador de elevacion de espiritu: i el ingenio en que se infunde esse furor, se pinta en otro moço desnudo con alas de colores varios; yelmo co Aguilá por cimera, flechando un arco, todo como notamos en la e. 4.i. en esas dos imagenes se incluye la del Amor; que es el otro furor como ai diximos, i por esto uno i otro solicitado de nuestro P. en su invocacion por las razones ya ponderadas. Es de quatro especies el furor divino. Poetico de las Musas; misterial de Ba co; profetico de Apolo; amorofo de Venus. Del Poetico fueron inspirados Homero, Virgilio, Ovidio, Dáte, Petrarca, Sanazaro, Ariosto, Garcilasso, Camoés, Tasso, i otros, aunque no con tanta singularidad: del misterial Orfeo entre Griegos, i David entre Hebreos; i esto es aquella embriaguez Dionisia o Bacanal difinida de los Teologos por un exceso de mente separada de las cosas mortales, i q penetra en los secretos misteriosos divinos. Del Profetico las Sibillas: del amorofo Safo, i Anacreonte; i de todas estas quattro especies de furor se hallará mucho en este Poema. Tengo notado, que parece claro por varios ejeros, que el furor poetico no está en la mano de cada uno que le quiera tomar, sino q particularmente es dado de la de Dios. Entre muchos ejemplos, sirva este por ser el mas fresco. Ello es cierto, que el gran Tasso quando nadie lo esperava (porque las obras antecedentes no lo prometian) salió con aquel Poema de la Jerusalen Liberata consiguendo una de las prime-

ras gloriosas famas en aquel genero. Despues, pretendio en la Conquistata adelantarse a si propio, i quedó muy atras: i de este modo mostró, que no era aquello cosa que estuviese en su mano, porque quando se cansó mas consiguió menos: i verificose así aquel lugar de Platon, *Poetae insignes non arte, sed divino afflatus, poemata canunt.*

T Enam de agreste avena: Abraçò el P. en este lugar dos de Virgilio egl. 1. tomando el agreste de uno, i el avena de otro. Calamo permisit agresti: i tenui avena: instrumento por el qual se entiende el estilo humilde; como las eglogas de estos dos Poetas, i otras obras líricas. Avena aun oy es instrumento por los montes, a lo menos de los niños, i pastores, que quando la Avena, o centeno, o trigo estanya adultos en la vega, cortandoles los pies mas capaces, forman facilissimamente este instrumento.

T Oufrauta ruda. Ruda, es lo mismo que rustica, campestre; por ser la flauta instrumento de gente del campo, ordinariamente rustica. Llamale Fistula, o tibia los que piensan que no hablan dorado, altisono, oculto si disen flauta. Su inventor, escriben unos q fue Midas; otros Marsias; otros Euterpe, o Iagri. Plutarco en el lib. de musica quiere que Apolo. Las primeras flautas fueron de huesos, que llamamos canillas, de toda suerte de animal que las tenga a propósito: i de ai se llamaron Tibias: i de ai deve resultar el aver algunos Poetas que hazen versos que bien parecē hijos de Tibias, en ser duros como huesos. Despues se vinieron a usar de palo; i las de box son las maspreciadas.

T Tuba corona e belicosa. Esso es el At nunc horrentia Martis: son belicoso, guerrero, qual es el de la trompeta que pide el P. i parece ya estavado pedido quando dixo: Furia sonorosa.

T O peito acende, e a cor ao gesto muda. Este es el proprio efecto de la trópera oida de la géte militar: i ese propio haze este Poema (q es esa trópera belica) en todos los q le leencó entédimiento, i espiritu; porq para gustar las cosas leyendolas, casi igual espiritu se ha menester, q para escriirlas. I esto que pide que los animos, i semblantes se alteren al oirle, es lo que Aristoteles llamó patetico en su poetica; cosa que faltando en la Poesia la haze indigna de tal nombre. Los lugares imitados del P. en este son mas propios de la e. 29. del c. 4. en q pinta los efectos de la trompeta anunciando el confitio de Aljubarrota, descrita en la e. antecedente; allá se veran, i aqui se quede solo uno de Lúpercio, q merece llamarse Poeta, trasladando al nuestro en su canción 1.

*..... Si la trompeta o caxa suena
El coraçon altera, el rostro muda.*

*T Daime igual cato aos feitos da famosa géte vos
Es derechamente imitando a Virgilio en la invocació de la Georg. citada en essa otra e. Dria. desq; puellæ munera vestra cano.*

G Que a Marte tanto ajuda. No se contentó el Poeta de que la gente Portuguesa fuese ayudada de Marte, sino que el lo aya sido de la juntando a Virgilio egl. 4. *Cara Deum siboles, magnum Jovis incrementum.* Ver lo que diremos sobre la estancia 50. del cant. 2. i lo dicho en la nota primera sobre este lugar de Virgilio, que es el verdadero entendimiento dese de nuestro Poeta.

G Se tam sublime preça cabe em verso. Con esta misma condicion feneçió la estancia 2. i con essa(tambien la 2.) feneçió Ariosto.

Se da colei, che tal quasi m' ha fatto

Me ne farà però tanto concessio

Che mi b.isti a finir quant' ho promesso.

Levanta de punto ei valor Portugues, mostrando que sospecha no ha de caber en verso tan alto como el suyo, que tiene por tal, con declarar que es hijo de espíritu, i ingenio nuevo, i ardiente, i que escuchado ha de mudar la color al rostro. I desta manera no haze poco en tener por mayor el assunto que ha de cantar; que la voz con que lo cantó: al revés de Homero, i Virgilio, que sin falta alguna dixerón mas de lo que tenian que decir. Confirma el Poeta este pensamiento en la estancia 5. del canto 3. diciendo:

Porque de feitos taes, por maes que diga,

Mais me ha de ficar inda por dizer.

I en la 7 i. del 10.

Farão feitos tam dignos de memoria,

Que não caib.ão em verso, ou largabistoria.

I vease lo que allá diremos.

Para lo ultimo hemos dexado la culpa que se impone al Poeta de aver invocado las Tagides, entendiendo por ellas, o las damas Lisbonenses; o las Ninfas de aquel río; o las Musas; o todo, como ya mostramos; diciendo, que a un Autor Christiano no conviene essa suerte de invocacion, que fue de los Gentiles. Dar disculpas quien no tiene culpa, es hacerse culpado: mas por no hazer presumidos a los acusadores daremos, no disculpas, sino advertencias. Sean primeras las que quedan sobre essas dos estancias: i segundas las siguientes. Los Gentiles quando invocaban las Musas entendian por ellas el Numen, o divinidad verdadera, entendida debaxo de esos nombres, en el modo que ellos llegaron a entenderla, de que no argumentamos agora. Vn Poeta Christiano entiende debaxo de estos nombres essa misma verdadera divinidad, en el modo que el la entiende, que es el fixo que le enseña la Iglesia Católica: porque generalmente todos entendieron siempre que todas las cosas vienen de la mano suprema, aunque suponian estos medios, i intercession por donde ellas se conseguian. I si tuvieramos esto por yerro, tambien entre los Catolicos lo seria el invocar los medios, i intercessiones, que son los Santos, hallando en cada uno alguna virtud para una cosa particular, por quanto es cierto que todo bien,

Tomo I.

A Desursum est, descenaens d' Patre luminum: i assi no avia para que acordarnos de otra invocació, que de essa fuente de todo bien, pues alfin de qualquiera que alcancemos, no diriamos con acierto que lo alcançamos del Santo invocado, sino de Dios por esse medio. I seria impiedad reprovar essa intercession con ese argumento. Assi acá: porque el invocar essas Musas, es invocar spiritus divinos que tienen mano con el dador de los bienes para alcáçarnos el que deseamos. Sigue se a esto que *Musa* no quiere dezir sino *Canto*: i assi el invocar *Musa*, no viene a ser

B mas de invocar el que canta el arte i la perfección del canto. Con estos fundamentos invocaron Poetas muy Christianos las Musas, aun escriviendo de assuntos en todo sagrados, como Dáte, gentil Teologo, en aquella Teología metrifica: Sanazaro en aquel assunto sacratissimo de Partu Virginis; Geronimo Vida de Christo, i sus Santos. El gran Tasso invocó a nuestra Señora al principio, i allá por el Poema a Apolo: mezcla menos sufrible que invocar las Musas solas, si por ellas no se entendiera la divinidad, que solamente puede conceder ese furor que se pide. *C* Despues en la Conquistata invocó de manra, q no es facil de juzgar a donde se inclina. Lo cierto es, que los Poetas tienen ciertas libertades (esta es una dellas) de que no se les pide cuenta. Confieso todavía, que fuera bueno, i aun justo, que los Poetas Catolicos se acabaran de olvidar de estas gentilidades, principalmente quando no usan dellas con la alegoria misteriosa que el nuestro.

VI.

E E vos o bem nascida segurança
da Lusitana antiga liberdade;
e nam menos certissima esperança
de auméto da pequena Christâdade:
Vos o novo temor da Maura lança;
maravilha fatal da nossa idade; (mâde,
dada ao mundo por Deos, que todo o
para do mundo a Deos dar parte gráde:

E I Vos, o bien nacida seguridad de la antigua libertad Lusitana! i no menos certissima esperanza del aumento de la pequeña Christianidad! Vos, o temor nuevo de la mauritana lanza! maravilla fatal de nuestra edad, dada por Dios (que todo el lo mande) para darle parte grande del propio mundo!

¶ E vos o bem, &c. Capra el Poeta la benevolencia del Rey don Sebastian, como Virgilio la de Augusto entrando en la Georgica, Tu que adeo, &c. despues de aver invocado las deidades Patronas del assunto: i de allí tomó algunas cosas particularmente para

aqui; i tambien de sus estancias en sus Rimas al mismo Rey.

*Assi vos Rey que fostes segurança
Da noſſa liberdade, e que nos d'xes
De grandes bens certíſima esperança.*

No negare que es un poco largo el ofrecimiento de estas 13 estancias; pero siendo ellas excepcionales, encubren mucho ese que llamaran defecto los Fiscales. La razon que yo sospecho tuvo el P. para dedicar este Poema al Rey estando ai el Conde de Vidigueira a quien tocava como descendiente del Gama, se puede ver en la est. 99. del c. 5.

Bem nascida segurança. Felice, dichosa, i bien afortunada quiere decir aqui el bien nacida. Assi Dante a las almas del purgatorio c. 5. *Spiriti ben nati, &c.* Sanaz. Arcad. egl. 11. *Quella altera ben nata alma gentile:* i en un soneto de sus rimas parte 1. *Spiriti ben nati.* Gandalfo Porrino fol. 62. *Alma ben nata.* Mario de Leo de Amor preso c. 2. *O magnanimi cori, o ben nate alma.* I al contrario de gente de vil fortuna, o a lo menos de vil procedimiento, se llama mal nacida; que vale nacida en mala hora, i para mal. Eſſo fue lo q̄ quiso decir Christo, diciendo de Iudas, *Melius fuifſet hominiſti ſi nunquam natus fuifſet.* Dante alli. *Dico che quando l' anima mal nata.* Pero esto es notorio. I declaramos que el mal nacida no quiere decir que el alma nacio imperfeta, porque todas hacen con perfección igual, i de libre albedrio: ſino porque procediendo mal, i viñiendo a ser punida por su mal proceder, para su mal quedo naciendo; i tambien para el de muchos sobre que ſemejantes almas ſuelen ſer rayos, i estos ſe hallan por la mayor parte en los que diſen que ſon mas bien nacidos. En el Rey don Sebastian el bien nacida seguridad al grande aumento que con el ſe esperava en el Reyno; i particularmente, a aver parecido que fue dado por Dios, como luego veremos. Pero lo cierto vino a ſer que *Melius fuifſet, ſi nunquam natus fuifſet.* Digo en lo q̄ toco a ellias esperanças.

Antigualiberdade. Primeramente atiende el P. a los tiempos en que Portugal tuvo Reyes propios; i en particular los Suevos, de que ſe llamo Suevia este Reyno: i en segundo lugar, a la libertad en que el quedo de nuevo con ſer lebantado por su Rey don Alonso Entríquez: i despues con la que le ganó el Rey don Juan Primero, tocada del P. en la e. 13. i en el c. 4. la 21. diziedo: *Viva o famoso Rey q̄ nos liberta.* I aclama al Rey Coluna, i propugnaculo de la libertad en primer lugar, porque es ella la vassa de la gloria humana: i por ello la tuvieron por insignias algunas Provincias, como oy la de Genova.

Certíſima esperança. Vates ſe llaman los Poetas, por lo que tienen de Profetas: poco cierto (o perperuo dolor!) lo fue el nuestro en esta parre; pues al fin ſe murió el Rey ſin aver dado este aumento profetizado a la Christianidad; ſi

bien ſe murió por darsele. Virgilio 2. en persoña de Eneas hablando a Hector: *O lux Dudiae, ſpes o fidißima Teucrum.* Sanaz. de Patt. Virgin. lib. 1. *Tuque adeo ſpes fidia hominum, ſpes fidia decorum,* &c. Ariosto c. 27. *Fermasperançia, e certaſicurtade.*

Da pequena Chriſtandade. Repítelo en la estancia 2. del cant. 7. i habla así a respeto de la grandeza de la tierra en que la menor parte es la Católica.

Vos, o novo temor da maurilança. Dize nuevo, porque los Reyes don Juan Primero, i Alfonso Quinto, fueron muchos años antes terror de África; augurando otro tanto al Rey don Sebastian.

Maravilla fatal da noſſa idade. Virgil. egl. 4. *Teque adeo decus hoc ævi.* B. Tasso lib. 4. auor. en Piramo i Tisbe, *Honor di queſto ſecol noſtro.* Ariosto cant. 1. estancia 3. *Ornamento eſplendor del ſecol noſtro.* Hercole Bentivoglio en el ſoneto a Iulia, *Miraculo & honor de l' etat noſtra:* i todo lo de la estancia tocante a esto fue visto en un verso, i medio de Sanaz. egl. 4.

*Tu vero patris juuenis decus, edite caelo
Spes generis tanti.*

En lugar de esplendor, honra, i ornamento que dixeron los otros, dixo, *Maravilla fatal:* porque del Rey parecio entonces que avia ſido dado a esta Corona por particular decreto divino (a instancia de muchas lagrimas) que así ſe ha de enreunder el hado ſobre que diremos mas en la estancia 28. i del cant. 10. en la 38.

Dado ao mundo, &c. para do mundo, &c. Con este ayre hallarcis otros versos en la est. 65. i en el cant. 9. la 20. Aqui muestra claramente como el Rey don Sebastian fue concedido a Portugal casi milagrosamente; porque ſe hicieron singulares devociones para alcanzarle: i alcançose para perderle, i para perder a los que lloraron por ganarle, ſin conseguirle de averle alcançado aquello para que tanto le deseavan alcançar, que era la ſuſeſſion particularmente: para que nos desenganemos de q̄ lo que Dios haze es lo que nos conviene, ya ſea favor, ya ſea castigo: i que no ſabemos nunca lo que le pedimos. O juizios reconditos de la ſuma Sabiduria!

VII.

*Vos tenro, e novo ramo florente
dehua arvore de Christo maes amada
que nenhuia nascida no Occidente
Cefarea, ou Christianissimachamada:
Vedeo no voſſo escudo, que presente
vos amostra a vitoria ja paſſada;
na qual vos deu por armas, e deixou
as que elle para ſi na Cruz tomou:*

Vos

Vos tierno i nuevo floreciente ramo de un arbol mas amado de Christo que ningun otro nacido en el Occidente, i llamado Cesareo, o Christianissimo. Veldõ, miraldo en vuestro Real escudo que os muestra presente aquella passada vitoria, en la qual os dio, i dexo por armas, i insignias el propio Christo las que el tomo para si en la Cruz.

G Vostenro, e novo ramo. El P. aunque imprimio este Poema el año 1572. (que eran 18. de la edad del Rey D. Sebastian, q nacio el de 554) escrivio estas e. a lo menos cinco anos antes; i assi tendria entonces el Rey doze, o treze anos; **B** i por esto dice, *Tierno, i nuevo, i floreciente.* Que esto sea assi se ve claro de la e. 15. diciendo: *To may as redeas vos do Reyno vesso, i en la 18.*

*Mas em quanto este tempo passa lento
De regerdes os povos, que o desejaõ*

De modo que quando le saludò en estas e. aun no temia tomado el governo, que tomo a los 14 años de su edad. I si dixeremos, q aun tenia menos de doce a este tiempo, no erraremos; porque el decir al Rey en ese lugar citado de la e. 18. *mas en quanto este tempo de regir los pueblos passa lento* (o tardio que es lo mismo) claro muestra q estaba aun el Rey muy lexos de tomar las riendas del gobierno.

¶ De hua arbore de Christo maes amada. Entiende por el arbol mas amado de Christo, toda la ascendencia masculina del Rey D. Sebastian, favorecida del propio Christo al principio con darle Corona Real, i en el discurso con vitorias tan propias de Christo, q tendra poco de Christiano quien las atribuyere a otro valor. Dixo *arbol*, continuando la metafora, que empeço diciendo, *ramo:* i todo por llamarse, en estilo genealogico, arboles las descripciones de familias.

¶ Cesarea ou Christianissima. Por Cesarea D entiende los Emperadores Occidentales que comenzaron en Carlo Magno, al qual, i otros sucesores suyos favorecio mucho el cielo; algo des to c. 3. c. 16. I por Christianissima, a Francia, de quien es este titulo, como de Espana el de Catolico; i tambien puede entrar Francia en lo Cesareo, por los Emperadores que ha tenido, de que se acuerda el P. en la e. 16. del c. 3.

*Galia alli se vera que nomeada
Co os Cesareos triunfos foy no mundo.*

I para lo de Christianissimo en la e. 6. del 7.

Poys de ti Galo indigno, que direy,

Que o nome Christianissimo quiseste.

Jalla, i aqui, da a entender que no essta la sustancia en llamarse Cesares los Emperadores, ni Christianissimos estos, o qualequier Reyes, si no en merecer con las obras estos titulos, aunq no se possean, i aquellos favores de Christo aunq sea sin titulos; i por esto en el c. 7. e 5. continuando esta sentencia dixo al llamarse el Ingles Rey de Ierusalen, posseyendola el Turco, *Quem vio bonra tam longe da verdade?* i lo que finalmente

Tomo 1.

A dize es, que ningunos Reyes fueron tan amados de Christo, como los Portugueses.

¶ Vedeo no vocco escudo, &c. Aviendo dicho al Rey, que su arbol (esto es su ascendencia) era mas amado de Christo, dizele agora que en su escudo (entiende el Real de las armas del Reyno) lo puede ver: aludiendo a que el i ellas fueron casi ordenadas por el propio Christo en el campo de Orique; i que son en memoria de las cinco llagas con que aparecio al Rey don Alonso; i q este favor no se concedio a otro Principe.

¶ A vitoria ja passada. Es la memoria del campo de Orique, a donde nuestro invito Rey primero, matando, i venciendo cinco Reves Moros, aseguro el ser Rey de los Portugueses, consintiendo en que ellos le pusiesen esta Corona, por averselo ordenado assi el propio Christo entre las cosas que le dixo en aquel aparecimiento. Hasta entonces truxo el Rey el escudo de su padre, que era en campo blanco una Cruz azul; o cruzado el escudo con dos vandas de aquel color: i aun despues lo truxo assi algunos anos; como con mas particularidad diremos sobre la e. 42. del c. 3.

VIII.

C Vospoderoso Rey, cujo alto Imperio o Sol logo em nascedo ve primeiro; veo tabe no meyo do Hemispherio, e quando dece o deixa derradeiro: Vos, que esperamos jugo, e vituperio do torpe Ismaelita cavaleiro; do Turco Oriental, e do Gentio queinda bebe o licor do sancto rio.

V Os, o poderoso Rey! cuyo alto i dilatado Imperio el Sol ve priinero luego en naciendo; i tambien lo ve desde la mitad del Hemisferio; i quando baxa le dexa poltrero! Vos de quie esperamos que aveys de ser yugo, i vituperio del torpe Ismaelita cavallero: i no menos del Turco, i del Gentil Oriental, que aun bebe el licor del rio Santo.

¶ Cujo alto Imperio o Sol logo em nascedo v primeiro. Dize el P. al Rey, q el Sol ve siempre el Imperio Portugues: i comiega por el nacimiento

E del Sol, esto es por el Oriente, por el grade estando q en las partes Orientales tiene la Corona Portuguesa: i en la Africa, i en la America con muchos Reyes vassallos; i por esto esta justissimo el titulo de Imperio a Portugal.

¶ Veotabe no meyo do Hemispherio. Despues q el Sol nacido va subiendo, i llega al Medio dia, a donde queda Africa, parte en que los Portugueses co maravillas en armas, ganaron muchas plazas de q sustenta las mas insignes: *Hemispherio:* vale en la mitad de la esfera terreste.

GE quando dece o deixa derradeiro. Dize, que quando el Sol baxa dexa postrato el Imperio Portugues: porque quando se esconde el Sol en el Oceano por cuya playa se tiende el Reyno de Portugal, le viene a dexir ultimo, por ser aquella la ultima tierra del Occidente; i en cayendo de nuestro Orizonte se aparece a alunibrar en el Oriente, i a cerrar el circulo con volver a ver lo que allá tiene este Reyno. I no ay para que hazer caso de otra explicacion, diciendo, que por el Poniente entiende el Brasil, i por Medio dia a Portugal: por quanto Portugal está en la mitad de los dos puntos, Oriente, que es la India, i Poniente, que es el Brasil: porque es contra el mismo entendimiento del P. que siempre por Poniente entiende Portugal. Mirad como al descrivirle el sitio en la e. 20. del c. 3. dice:

..... o Reyno Lusitano
onde a terra se acaba, e o mar comeca,
e onde Febo repousa no Oceano.

I así claramente acá el Medio dia suena Africa, con la corriente comun, i facil, con que hablā grandes hombres como este quando no es ocasion de misterios. Finalmente el lugar es imitado de muchos, comenzando por Virgilio en lo q hizó que Ilioneo dixesse de Troya al Rey Latino lib. 7.

*Afferimur pulsi Regnis, quæ maxima quondam
Extremo veniens Sol aspiciebat Olympo.
Rutilio Numesiano lib. 1. que de Roma pondrá lo mismo diciendo:
Volvitur ipse tibi qui continent omnia Phæbus.
Atque tuis ortus, in tua condit equos.
Iorge Bucanano al Rey don Juan el III.
Inque tuis Phæbus, Regnis oriensque cadensque,
Vix longam fesso condideret axe diem.
Et quemcumque vago se circum volvit Olimpo
Lateret ratibus flamma ministratuis.*

Deminera, que parece que el Sol todo lo q mas va mirando es Imperio Lusitano; i que para este proposito mejor que para el de la potencia Romana dixo Ovid. Fast. 1.

*Iupiter ex alto cum totum spectet in Orbem,
Nil nisi Romanum quod tueatur babet.
Por todo esto diximos a la entrada de nuestra Historia Portuguesa, Veráse una vandera caminar otro tanto como el Sol. I así vaníssimamente repararon algunos en que el Rey D. Sebastian cerrase la Corona, diciendo, que lo hizo con la esperanza del Imperio de Marruecos, pues lo pudo hacer con la possession del de la Asia, i del de la Africa, i del de la America, i del de la Europa, por quarta parte en todas le cupo en suerte: i aun pudiera añadir el Aguila de dos cabeças; q esso valen, Imperio Occidental, i Oriental, i por tenerlos las truxo Alexan tro, de quien tuvo principio esta insignia, que oy podemos dezir traen los Emperadores con impropiiedad, por lo presente: i así no avia menester el Rey don Sebastian a Marruecos para traerla.*

GVos que esperamos jugo. Como si dixerá: Vos Ade quien esperamos, i creemos q screis yugo en la cerviz de! Moro, i del Turco, i del Gentil. Ya dio por cumplida esta esperança en la e. 16.

GDo torpe Israelite cavaleiro: entiende de Moro por ser descendiente de Israel hijo de Abraham esclava de Abraham: es perifrasis de la Morisma, común en los Poetas: el nuestro lo usa algunas veces: diremos algo sobre las e. 110. del c. 3. i 100. del 4. llama cavallero al Moto, porque por la mayor parte son grandes hóbres de a caballo; i esto vale en Portugues Cavallero: i có propriedad le llama torpe, que segú Orozco, en este sentido quiere decir vellaqueria, i baxeza, i esto concurre en aquella gente por ser i costubre. Aquí entiende el P. con particularidad la Mauritania.

GDo Turco Oriental: por dos razones: una, porque los Turcos vinieron del Oriente, como veremos sobre la e. 60. otra, porque poseen gran parte en la Parte Oriental; i por allá han sido muchas veces hostigados de nuestras armas; i modorandolas agora el Rey con su valor le pronostica que será de todo vencido el Turco por esta parte de la Asia, como arriba por la Africa.

GDo Gentio. Los que habitá la India, i en particular lo q riega el Ganges, a q llama Sato por ser uno de los cuatro que salen del Paraíso, i también a respecto de los propios Gentiles, que tenían dole por santo, en modo que creen les puede salvar, se lavan en el, i le beben para este intento, como veremos en las e. 20. del c. 7. i 121. del 10. Lo mismo es Gétil q Pagano: i así lo usa nuestro P. dándole este nobre a Gentiles i Moros en este Poema, con la doctrina de Caietano, a donde puede verse, i en la e. 1. del c. 6.

GDo santo rio. Entiende el Gáges, como queda dicho; porq el propio epiteto le dà en la e. 75 del c. 4.

IX.

Inclinay por hú pouco a Magestade que nesse tenro gesto vos contemps; que ja se mostra qual na inteira idade quâdo subindo ireys ao eterno téplo. Os olhos da Real benignidade (plo ponde no chaõ. Vereys hú novo exemplo de amor dos patrios feitos valerosos E em versos devulgado numerosos.

Inclinad, inclinad por un poco la Magestad q estoy contemplando en esse tierno semblante, q ya se muestra qual en la entera edad, quâdo ireis subiendo al téplo eterno de la Fama i gloria. Los ojos de la benignidad Real ponen por un rato en el suelo; i vereis eu el un exemplo nuevo, raro, del amor de los valerosos hechos de la patria de q sois Rey, divulgado en numerosos versos.

GIndinay por bum pouco. Toda la est. esa-
quello

quello con que entra Ovidio en los Fastos sazonando el favor de Germanico Cesar, *Accipe patato vultu hoc opus. I abaxo. Dà mibi te placidū.* Ariosto c. 1.e.4. *E i vostri alti pensier cedano un poco. I todo es imagen de la atencion Real suponiendo, que siempre está ocupada en cosas altas.*

¶ Que ja se mostra qual na entera idade, imita-se el P.e. 17.

E la vos tem lugar no sumida; idade

No templo da suprema eternidade.

Si bien en este lugar le espera viejo, i en essotro fuerte, i robusto; imitando a Virgilio eg!. 4. quādo dixo por Sa' onino, tierno hijo entonces de Afínio Polion, *Hinc ubi iam firmata virum testiferit etas, &c.* Mucho mejor agora. Quiere dezir que el Rey don Sebastian en aquella poca edad estaba pareciendo gozar de gloria: esto vale entera edad; porque la edad entera i perfecta es a los 33. años; i en essa dizen los Teologos han de resucitar los mortales en la mas entera i perfecta forma el dia del juicio. Siguese bien esta explicacion del otro verso, *Quando subindo ireys ao eterno templo.* Que si bié se pudiera entender al templo ciela Fama por obrassubijmes, por essotro q dixo de entera edal, se entiende al templo del cielo a dōde han de subir los justos gloriosos despues de resucitados en la perfecção de essa edad: i ayudia a esto el epítero q dà de eterno al templo, porq la eternidad toca solamente al cielo. Demanera, que vale esto que el Rey ya se estava mostrando glorioso.

¶ Os solbos da Real benignidade, &c. Eso vale lo q acaba de decir, *Inclinad la Magestad: deponed lo severo della; mostraos con frēte serena i benigna.* Ya en sus Rimas hablando con el mismo Rey en las est. que le hizo con ocasión de la flecha de S. Sebastian, le dixo semejantemente.

Estes versos humildes que pregão, &c.

Recebey com benigna e ledā maõ

Pois be devidos a Reys benignidade.

Haciendo en ambos lugares propia de Reyes la benignidad; i dandole en este el epítero de Real. Por ser virtud q solo Reyes, i Príncipes pueden exercitat con mayor resplendor. No en vano se pinta vestida de azul sembrado de estrellas, mostrando q solamente de espíritu celeste i superior puede esperarse. Tābién es imagen suya un Agui la pintada en un campo paciendo igualmente cō qualquier ve vulgar: por señas de q la verdadera grandeza se precia de no esquivarse cō los pequeños. Todas las virtudes pueden cō igualdad ser de grandes, i de pequeños, i solamente la benignidad los diferēcia; porq los pequeños no son capaces de exercitarla contanglorioso modo. I así los grandes que no usan della, se quedan en la classe de los pequeños con peor condicion: porq estos no la usan de impossibilitados, i aquellos de malignos.

¶ Ponde no chão. Que ponga los ojos en el suelo; como si dixerá, baxaldos de essa soberana ele

Tomo I.

A vacion a mi hamildad. I por ventura, que quisó el P. dezir al Rey tambien por este modo, q veria como la desventura traia arrastrando por el suelo un ingenio tan grande, i lleno del amor de su patria

¶ Novo exemplo de amor dos, &c. Ver lo dicho en las notas primeras sobre el nōbre del Poeta.

¶ Em versos devulgado numerosos. Lo derecho de esto es, *Devulgado en versos numerosos.* Termiño contrapuesto, que usado con la moderacion q el P. lo supo hazer, es elegacia; i aū industria cortés en este lugar: porque como el *numerosos* parece sonar jactancia de si propio, como si rezelara soltarla, deseoso de dezirla, la dexò caer en lo ultimo, quādo ya no tenia mas sitio para dilatar la modesta detension de dezirla.

X.

Vereys amor da patria, nam movido de premio vil, mas alto, e quasi eterno: que nam he premio vil ser conhecido por hū pregā do ninho meu paterno. Ouvi, vereys o nome engrandecido

C daq̄lles de quē soys Senhor superno e julgareys qual he mais excellente, se ser do mundo Rey, se de tal gente.

V Ereis en mi un fino amor dela patria, i no movido de premio vil humano, sino alto, i casi eterno: porque no es vil premio el ser yo conocido por un pregó de mi paterno nido; q este Poema es un pregon de la patria. Oidme, i vereis engrádecido el nōbre de aquellos de quien sois superno Príncipe: i entóces juzgareis quales mas excelente cosa, si ser Rey de todo el mundo, si de tal gente sola.

¶ Amor da patria, naõ movido de premio vil, mas alto e quasi eterno. El Poeta en sus Rimas e. 4 de las que escrivio a D. Costantino. *E naõ de premio algum vil esperança.* En ninguna parte muestra tanto el P. que se conoce como aqui: porque este premio alto, i eterno que se promete es la esperanza de que este Poema suyo ha de durar tanto como el mundo: que aquel *Pregão do ninho meu*, es este propio Poema: pregon, que en voz sonante explica al mundo las glorias de su patria de q se precia con amor raro, a q en la e. antecedente llama exemplo nuevo de amor de la patria q preté de engrandecer, empleando en acciones sublimes della, el sublime espíritu poetico q le tienen concedido las Musas: esto es la divinidad metrica. I como ha cantado solamente por este premio sin alguno de los hombres (esse es el que llama vil, porque quien se lleva del, ni acierta, ni es libre, ni prede ser creido) desde aqui comienza a mostrar que no tuvo, ni quiso otro. Perro de no tenerle no dexa de quererle, i de cor-

rrer co las quejas los señores de su tiempo des-
de la est. 94. del c. 5. i 78. del 7. i 39. del 8. i 145
del 10. Si bien entonces no se queja de los que
no le premiaron para cantarlos, sino de los que
no lo hicieron despues de averlos cantado: por-
que aviendolo hecho sin solicitar dadiwas, las
merecio mejor que si las recibiera primero: por-
que primero pudieran parecer cohecho, i des-
pues premio justo.

¶ *Por hum pregao do ninho meu paterno.* Ya
se ensayava el Poeta para decir assi, quando en
las est. de las Rimas al propio Rey dixo: *Estes
humildes versos que pregao sao destes vossos Rey-
nos: i mis sospechas tengo, que al presentarle este
Poema le llevô aquellas estancias: segun lo
que parece destos dos versos. Guardome para
ellos en las notas a las Rimas.*

¶ *Pregao do ninho meu paterno.* Mario de
Leo en el c. 2. de amor preso. *Piuchiaro il suon
del mio nativo nido.* Llamar el Poeta pregon a
esta su poesia, atiende a que muchos Autores lla-
man pregoneros de las cosas a los grandes Poe-
tas. Tucidides lib. 2. *Quare nibil egeremus Homero
præcone, &c.* El llamar nido a la patria, es trâ-
lacion de la morada, o vivienda del paxaro: uso-
la el Poeta mas veces, c. 7. e 30. 68. i c. 8. e 71.
Oracio en la epist. a Fusco Arecio, *Tu nedium ser-
vas, Garcilasso egl. 1. dixolo todo junto. Aquel
era su nido, i su morada.* Ariosto. al princ. del c. ult.

*Mi dà ch' ancor del mio cattivo nido
Vdir fira da Calpi agl' Indi il grido.*

¶ *Paterno ninho.* Benedetto Varchi fol. 100.
Ch' al patrio nido, &c. torn.: assi muchos.

¶ *Vereys o nome engrandecido.* Entiende el
nombre Portugues engrandecido por la nave-
gacion al Oriente; i hazanas alla executadas; i
por este Poema celebrando las unas i las otras.

¶ *Senor superno: assi del solio Regio en la e.
54. del c. 8. O Rey, &c. posto na superna cadeira:*
elto es soberania sobre su gente. El original de
Cor. Montenegro dice no superno, sino paterno;
i como el nota, es bueno el epíteto para Rey
Portugues; porque los Reyes Portugueses fue-
ron propiamente Padres de sus vassallos, como
veremos de lugares deste Poema, i comentos.

¶ *E julgareys qual, &c.* al modo de otros
dos versos de la e. 146. del 10 gran pensamieto.

XI.

Oubi, que na vereys co vans façanhas
fantasticas, fingidas, mentirofas,
louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecerse desejosas.
As verdadeiras vossas sam tamanhas
que excedem as sonhadas, fabulosas;
q' excede Rodamote, e o vao Rugeiro,
e Orlando, inda que fora verdadeiro.

A Idme, digo, que no vereis con hazanas va-
nas, fantasticas, fingidas, mentirofas loas
los vuestrlos, como en las Musas estranas desejo-
sas de engrandecerse. Porque las vuestras verda-
deras son tan grandes, que exceden las sonhadas,
i fabulosas: que exceden a los vanissimos Ruger-
ro, i Rodamonte, i aun a Orlando, quando fuera
verdadero lo que del leemos.

¶ *Nao vereys com vans façanbas, &c.* Dize el
P esto, sino me engano, al son de Tucidides lib.
2. assegurando de la ciudad de Atenas, que la ver-
dad de sus grandezas, i gente, es tal, que no ne-
cessita de Homero, i otros Poetas exagerado-
res de las acciones con fabulas. *Quare nibil ege-
mus Homero præcone, aut alijs qui carminibus in
præsentia demulcent.*

¶ *As estranhas Musas:* estan aqui estas Musas
por los Poetas estrangeros, esto vale alli el estra-
nas; i tambien estranas por lo exquisito, i defor-
me de aquellos hechos fabulosos: i entiende por
estos Poetas, Homero, i Virgilio que mintieron
mucho de sus Heroes: i principalmente el Con-
de Boiardo con su Orlando enamorado: i el A-
riosto con su furioso; i ambos con sus Rugeros,
i Rodamontes; porque entonces se leian mucho
estos Autores.

¶ *As verdadeiras vossas:* Assegura que las ver-
dades de los Portugueses en hazanas son mayo-
res q' esas fabulas. Insiste en este modo de decir
alla en la e. 4. del c. 5. a donde se provara esto: i en
la 59. i 66. del 6. i confirmolo Botero (si el tie-
ne autoridad para confirmar) quando dixo, que
estos hechos Portugueses eran mas verdaderos
que verisimiles.

XII.

D Por estos vos darey hum Nuno fero
q' fez ao Rey, e ao Reyno tal serviço
hu Egas, hu Do Fuas, q' de Homero
a Cívara para elles so cobiço.

Pois pellos doze Pares darvos quero
os dozedede Inglaterra, eo seu Magriço:
douvos tabem aquelle illustre Gama
que para si de Eneas toma a fama.

E Por essos os dare yo un Nuno fiero, que hizo
un tal servicio a su Rey, i Reyno: un Egas, i un
D. Fuas que solo para ellos codicio la cívara de
Homero. Pues por los doze Pares os quiero dar
los nuestros doze que fueron a Inglaterra, i el va-
lero Magriço entre ellos: i finalmente os doy
aqui con singularidad aquel illustre Gama, que to-
ma para si desde oy la fama de Eneas.

¶ *Por estes vos darey, &c.* Quiere dezir, q' por
los tres q' queda nobrados en eslotra e. q' son Ro-
damonte, Rugero, i Orlando, ofrece al Rey los
tres valientes Heroes Portugueses don Nuno

Alva-

Alvarez Pereyra; Egas Moniz, i don Fuas Roubino: i aunque don Nuno Alvarez fue ultimo en el tiempo, le pone primero, porque lo fue en Cavallerias Del diremos en la e. 14. del c. 4. i 28. del 8. Del segundo en la 35. del 3. i 13. del 8. Del tercero en la 17. del 8. adonde se veran los fundamentos con que habla el P. El verbo, *darey*, que queda en el verso 1. sirve al 3. que es decir: *Vos darey bum Nuno; vos darey bum Egas; vos darey bum don Fuas*: i es la figura Retorica que se llama Yeuma.

¶ *Que fez ao Rey, e ao Reyno tal serviço.* Este servicio que el grandon Nuno Alvarez hizo al Rey, i Reyno, fue la libertad de la patria, de que se devellamar padres, como veremos en estos lugares citados.

¶ *Acitará para elles, &c.* Gran alabança dessos tres Heroes, dezir el Poeta que codicia el ingenio de Homero para cantar dellos; esto vale alli la citara. Ella es instrumento conocido: los Griegos disen, que fue su inventor Apolo; los Hebreos que Tubal: alla se avengan los citaristas, o lo dilaten los eruditos fertiles, que para entender el P. esto basta. Imito en esta codicia a Oracio Od. 6. lib. 1. que la tuvo tal para cantar de Agripa.

Scriberis Vario fortis, & hostium

Victor Maenonij carminis alite, &c.

O al dulcissimo *vid. Fast. 2.*

Nuc mibi mille sonos, quoq; est memorat' Achilles,
Vellem Maenide pectus ineffe tuum.

¶ *Pois pello doze Pares, &c.* Carlo Magno de Francia instituyó una Junta para el governo, que constava de doce hombres de valor, a que llamo Pares, como dice Belleforest, que esto valle Pairs en aquella lengua, i no es corrupcion de padres, com, piensan algunos. Llamoles assi, porque con igualdad se sentavan a una mesa, i resolvian las materias con el Emperador, o les comunicavan lo resuelto, hallandose el impossibilitado de poder solo acudir a tantas. A esta imitacion, parece, instituyo el prudente Felipe Segundo la Junta que se llamò grande, queriendo descansar de la continuacion de negocios, i vejez en que se hallava. Los que nombro Carlos Magno fueron seis Eclesiasticos, i seis Seglares. Los primeros, el Arçobispo de Reims; i los Obisplos (juntamente Duques) de Laon, i Langres; i los Obisplos (juntamente Condes) de Chalons, Noyon, i Beauvais. Los segundos, los Duques de Borgona, Normandia, i Guyenna; i los Condes de Flandes, Tolouse, i Champagne. Pero el P. aqui entiende aquellos doce Pares fabulosos, de que ay un libro de Cavallerias notorio: porq va con intento de mostrar, que en las verdades de los Portugueses se hallan mas heroicos hechos, que en las mentiras de aquellos, i deste libros. Encarecimiento notable, i verdadero, de q no llegaron las imaginaciones de los otros hombres, a lo que la ejecucion de nuestra gente: cos-

ta de la estancia atras. Dize, pues, que por estos Adoze Pares de Francia ofrece los verdaderos doze de Inglaterra: quiere decir, los doce Portugueses que pessaron a Inglaterra con la ocasio que diremos en la e. 43. del c. 6. I juega el P. de la voz Pares, por iguales: porque eran aquellos doze Cavalleros de igual valor. Pruevo con el mismo P. que este fue su intento: porque hablando dellos en la e. 53. del c. 6. dice que eran iguales: vease alla.

¶ *Aquelle illustre Gama.* Vease para entendimiento firme de este lugar lo que diximos en la e. B 3. sobre el verso 5. Agora anado, que el P. en frequentar el atributo de ilustre en el Gama por todo el Poema, imito a Homero, que a Achiles llama con mas frequencia, veloz: i prudente a Ulises: i a Virgilio, que a Eneas llama pio, de donde el Tasso lo trasplantò a su Gofredo.

¶ *Que para si de Eneas toma a fama.* Segun la confiança que el P. (no vanamente) tuvo de si, creemos nos dice con ese modo, que Vasco de Gama tomo tanto para si la fama de Eneas por su navegacion, como por el Cantor della, que fue Virgilio, como si dixerá: No necessitó el Ga-

C ma en este hecho, de Virgilio para cantarle: porq aqui esta quien lo haze, como el lo hizo: que al fin este Poema, como provamos en el num. 14. del Iuizio, es otra Eneyda puntualmente: porque no esta aqui celebrado el Gama de otro modo q alla Eneas: assi lo interpretamos; por ser conforme a lo que dice en la e. ult. deste Poema. Vease, con lo que diremos en la e. 98. sobre el cuidado que el P. tiene de advertirnos de lo que imita. Tambien se puede entender, que el Gama toma la fama de Eneas; esto es, la Musa que le canto; como si dixerá, que no merecia la navegacion de Eneas aquel canto, sino la del Gama: i de ai resultaria lo mncho que de aquel Poema va nuestro P. acomodando en el suyo: con que parece, q Virgilio canto antes al Gama, que a Eneas, como apuntamos en varias ocasiones.

XIII.

Pois se a troco de Carlos Rei de Fraça,
ou de Cesar quereis igual memoria,
vede o primeiro Afonso, cuja lança
escura faz qualquer estranha gloria:
E e aquelle, que a seu Reyno a segurança
deixou co^a grade e prospera vitoria;
outro Ioanne invicto Cavalleiro; (ro.
o quarto, e quinto Afonsos, e o tercei-

P Ves si a trneque de Carlos el famoso Rey de Francia, o bien de Cesar, quereis una memoria igual, ved al primer Alonso, cuya lança i valezia haze escura a qualquier gloria estrana. Ved tambien aquell, que con la grande i prospera vi-

F 5 toria

toria dexò a su Reyno una seguridad grande: otro Iuan Cavallero invencible: i los Alonsos tercero, quarto, i el quinto.

¶ Poisse a troco de Carlos, &c. Entiende el llamado Magno Emperador, hijo de Pipino, i por hechos heroicos muy notorio, no solo en los libros, sino en la memoria de los hombres; i el primero que a poder de obras muy Christianas se llamò Christianissimo. Por esto dirà el P. hablando contra el Frances en la e. 7. del c. 7. *De Carlos o nome, e a terra hered. iste, &c.* Vease allá.

¶ Ou de Cesar. El vulgarissimamente notorio fundador del Imperio Romano: i por esto, i por la igualdad del valor, traído con mucha propiedad a comparacion con don Alonso Enríquez, fundador del Reyno de Portugal, que se puso la primera corona labrada con la punta de su espada gloriosa: i aunque en Carlo Magno concurrió tambien el valor del braço, el P. le trae por el de la Religion, comparando con la suya la deste nuestro Rey, i su braço con el de Cesar: dando tambien parte a los que se siguen.

¶ O primeiro Afonso. Vease en el c. 3. desde la e. 30. i en el 8. la 10. quanto a sus hechos: i quanto a llamarse primero, pudo el P. respetar a tres cosas juntas, o quatro: primera, porque fue primero en nombre: segunda, porque lo fue en titulo: tercera, porque lo fue en valor: i quarta, porq Alfonso (según Orozco) quiere decir primero; q esto vale Alfa, que es el principio de Alfonso: i Alons en la Cimbrica, o Tudesca, suena lo que en Latin Augusto, cuya significacion es Religioso, i Santo. De manera, que aun en el nombre de nuestro primer Rey entrò con la primera letra de aquel atributo, o titulo singular de Dios Alfa, la suerte Portuguesa, con que parece se augurò la felicidad de los que se le siguieron en valor militat Catolico, que el P. ponderò quando dixo en la est. 54. del c. 4. *Mas Afonso, &c. Neme em armas dito so em noſſa Hefſeria.* Porque fueró valentissimos Capitanes de Christo los Alfonso Espanoles; i en particular desse primero Alonso dize en el c. 8. e. 11. *Eſte he aquelle zeloso a quem Deos ama.* Como quien via en su coraçon los meritos significados en su nombre: con los quales siendo fundador del Reyno, parece se correspondio el otro nombre del fundador del Imperio de la India con la Fe Catolica, pues le cupo en suerte el nombre del Autor della, Hijo verdadero de ese verdadero Dios, que le mandò dar ese nombre. *Et vocabitur nomen eius Emanuel.*

¶ Cuja lança escura faz qual quer. Con quanta mas razon confessaramos esto, si el olvido no nos uviera casi arrebatado las noticias de las hazañas deste Principe, o con la falta de los Escritores, o con la perdida de los escritos? Pero sobra lo sabido para establecerse la opinion de que el Rey don Alonso tiene pocos en el Templo de la fama, que le igualen en valor.

¶ Estranha gloria. Estraña; por estrangera, i

por admirable: i tambien atiende a reprehender los que se dan menos a saber los hechos de sus Heroes naturales, que los de los extraños; que aunque la naturaleza siempre apetece lo remoto, i en algo tiene disculpa, en esto no, porque es ignorancia saber mucho de lo ageno, i ignorar lo propio; i mas quando este no es en nada menor q aquél: i via el P. que no avia quien no leyesse libros de Cavallerias, ni quien tuviesse noticia de una Cronica verdadera deste, i otros Principes q ejecutaron las mayores: mayores aun que las soñadas.

B ¶ E aquelle, &c. Entiende el Rey don Iuan el Primero, venciendo la de Aljubarrota, tan memorada. Vease en el c. 4. desde la e. 2.

¶ Outro Ioanne. No avia nombrado en esto otro verso al Rey don Iuan; i aqui le nombrò con dezir otro: i este otro es el segundo, de que diremos en la e. 58. del c. 4. Al Ioanne en este lugar, i otros, perdone la veneracion que se deve a la antiguedad.

¶ O quarto Afonso, en la e. 98. del c. 3.

¶ O quinto, en la 54. del 4.

¶ O terceiro, en la 94. del 3. Vsò aqui el P. de la figura Silepis, que es dezir: Estevan fue Martir, i Sebastian, i Lorenço, i Vicente, sin repetir con cada uno el fue Martir, &c.

XIII.

Nem deixará meus versos esquecidos
aqueles q nos Reynos la da Aurora,
se fizeram por armas tam subidos,
voſſa bandeira sempre vencedora:
hū Pacheco fortíſſimo, e os temidos
Almeidas, por quē sēpre o Tejo cho-
Albuquerque terribil; Castro forte; (ra;
e outros em quē poder nā teve a mor-

(te.

N I Mis versos dexarán olvidados aquellos Heroes, que allá en los Reynos de la Aurora se fizieron tan famosos por armas, trayendo siempre vitoriosas vuestras vanderas: quales son un fortíſſimo Pacheco; i los temidos Almeidas, por quien siempre llora el Tajo; un terrible Albuquerque; un fuerte Castro; i otros en quién la muerte no tuvo poder.

¶ Nem deixaram nieus versos esquecidos. Assi entra Homero en el Hymno de Apolo: *Neque obliuiscar longè iaculantis, &c.* Virgil.lib.7. *Nec tu carminibus nostris in dictus abibis, Oebale, &c.*

¶ Nos Reynos da Aurora. Entiende los que en la Asia, India, i Oriente, fueron famosos Heroes, quales los que nombra, i otros.

¶ Hum Pacheco. El estupendo Duarre Pacheco Pereyra, de que empeçaremos a dezir en la e. 52. i el c. 2. i en la 12. del ro. Dos cosas haze el P. en estos quattro versos, una la gran propiedad

de

de los epiteftos quedá a estos Heroes , otra el llevarlos por el orden cō que se sucedieron unos a otros , como se verá en sus lugares , que dexarémos aquí citados .

¶ *Almeydas*. Vease lo que se dirá en las e. 26. i siguientes del 10. entiende los dos padre , i hijo don Francisco , i don Lorenço .

¶ *Por quem sempre o Tejo chora*. Vease lo que diremos acerca de este estilo , sobre las e. 84. del c. 3. i 18. del 10. Dize el P. que llora siempre el Tajo por los dos Almeydas , porque no vinieron a morir en la patria , que era Lisboa , muriendo el hijo en la India peleando va erosamente ; i el padre en el Cabo de Buenaesperança en miserable affusionpro , i a manos de gente vilissima , i casi inerme , como veremos en la e. 37. del 10. Dize , que llora el Tajo por engrandecer los llorados ; com' si dixera , para llorartales Heroes un río tā copioso era menester , porque llorava el valor muerto , i fuera de la patria . Vease la e. 45. del c. 5. i desde la 26. del 10.

¶ *Albuquerque* El siempre grande Alonso de Albuquerque , asegurador claríssimo del Estado de la India , desde la e. 40. del 10.

¶ *Terribil* , en el original dezia ; *Invencibel* , i devió el P. hacer esta mudanza desde que se enojó contra este Heroe , por la muerte que dió al soldado que veremos desde la e. 45. del c. 10.

¶ *G Castro* El excelente , i verdadero don Iuan de Castro , en la 67. del 10.

¶ *E outros em quem poder nam teve a morte*. Así lo dixo en la est. 2. *Se vaõ da ley da morte libertando* : i por otros terminos en otras ocasiones . Yo deseé imitar esto al fin de una Cancion a la muerte del Principe de los Comicos de España , *Que en él no ballò poder la sepultura* . Esta estacia en el original de Correa Montenegro , se sigue a la 2. i confirma esto lo que hemos provado en la 1. de que las dos no son proposicion , sino proemio , i conforme a esto no estaba mal allá esta estancia .

XV. (posso,

E em quanto eu estes canto , e a vos nā sublime Rey , q̄ nam me atrevo a tanto , tomay as redeas vos do Reyno vosso , dareis materia a nunca ouvido canto.

Comecem a sentir o peso grosso (que pello mundo todo faça espanto) de exercitos , e feitos singulares , (res. de Africa as terras , e do Oriete os ma-

I Mientras yo canto estos , i no os puedo cantar a vos , o Rey sublime , que al fin no me atrevo a tanto , tomad vos las riendas de vuestro Reyno , i dareis materia a Canto , i Poema jamás oido . Comiença sentir el grueso peso , que haga es-

A panto por todo el mundo , de exercitos i hechos singulares , las tierras de Africa , i los mares del Oriente .

¶ *E em quanto eu estes canto , e a vos nam posso*. Parecese este confessar , que no puede su ingenio llegar a cantar del Rey don Sebastian , por la soberania del assumpto , con la entrada de la Ode 6. lib. 1. de Orac confessando , que no puede cantar a Otaviano , i a Agripa .

Nos Agrrippa , neque hac dicere , nec gravem , &c.
Conamur , tenues grandia : dum pudor
Imbellisque Lyra Musa potens vetat
Laudes egregij Cæsaris , & tuas
Culpadeterere ingeni.

¶ *Tomay as redeas*. Vease en la est. 7. lo dicho acerca del tiempo en que se escribió esto , i de la edad del Rey : i sobre la metafóra de las riendas por el governo , en la e. 43. del c. 6.

¶ *Dareis materia a nunca ouvido canto , &c.* Bern. Tasso lib. 2. canc. 1. *Date materia ad honorate carte*. Esto es , que las acciones del Rey don Sebastian serian motivo a Musas , o Poesias jamas oidas ; a canto superior a todos los passados , como el de Homero , i Virgilio .

¶ *Comecem a sentir o peso , &c.* Vease lo que diremos sobre la e. 12. del c. 10. verso 5.

¶ *De Africa as terras , e do Oriente os mares*. Vale esto , que sentirán el grave peso de la mano Real Portuguesa , ya las tierras de Africa colmadas de nuestras armas ; ya los mares Orientales oprimidos de nuestras flotas , i armadas . Ello es negocio de admiracion , ver como en llegando el P. a la yesca de la Poesia , se enciende todo : aqui inunda el furor Poetico sinduda .

XVI.

D Em vos os olhos tem o Mouro frio , em quem vè seu exicio afigurado : sò com vos ver o barbado Gentio mostra o pescoço ao jugo ja inclinata Thetis todo o ceruleo senhorio (do : tem para vos por dote aparelhado ; que afeiçoadha ao gesto bello , e tenro deseja de comprarvos para genro .

¶ *E N Vos tiene el Moro frio puestos los ojos : En vos en quien vè figurado su exicio , su ruina . Solamente con veros , tambien el barbado Gentil muestra el pescueço ya inclinado al yugo . Tetis tiene ya aparejado todo el ceruleo senhorio , para darosle en dote con su hija mas hermosa : porque inclinada a esse tierno i hermoso gesto vuestro , desea : se muere de puros deseos de comprarlos para yerno suyo .*

¶ *Em vos os olhos tem*. Quiere decir ; el Moro tiene clavados en vos los ojos , arrebatado de q̄ en vuestro rostro está leyendo su ruina , o miran- do .

dola como en pintura : esto es aquell, *Exicio afigurado*. No llama frio al Moro en respeto del clima de Africa que habita , que es ardiente , sino del temor que ya tiene concebido por los ojos, mirando al Rey: porque es efecto del temor retirarse la sangre al coraçon , i dexar sin calor todo el cuerpo. Vease sobre la c. 29. del c. 4. *Exicio es Latin puro*, i vale destrucion, fin, o muerte horrible.

¶ *Sò com vos ver*. Quiere el P. dar al Rey la gloria que muchos Heroes lograron , de que solamente con ser vistos de sus contrarios, los vencieron: i acuerdase desta virtud en la e. 60. del c. 10. celebrando a Lope Vaz: i tambien la tuvieron otros fuera de los actos militares , de modo q ~~o~~ llegando delante dellos , varones de gran valor por la mano, i por la eloquencia, perdieron el tino, i las palabras. Con un Rey Portugues, que es hechura del propio Christo , viene esto mas a proposito, por ser tan suyo , como nos lo enseña la Escritura sacra , el derribar por el sueio solamente con la vista, una turbamulta de enemigos: pues al dezirles, *Ego sum*, todos cayeron aterrados. Yo no sé de donde lo tomó el Tasso , para dezirlo en la e. 47. del c. 9. de su Liberata, *Temram le arme lor del vostro volto*.

¶ *O barbaro Gentio*. Mirad: en el ultimo verso de la e. anteced. dixo al Rey , que hiziese sentir el peso de su mano a las tierras Africanas, i a los mares Orientales : i agora con atencion a la orden, dice, que el Moro ya tiembla : i esse es el Africano: i que el Gentil ya dà la cerviz al yugo; i esse es el Oriental.

¶ *Mostra o pescoço co jugo ja inclinado*. Dice assi el P. por satisfazer a lo que profetizó en la e. 8. *Vos que esperamos jugo*, &c.

¶ *Pescoço*, que es pescueço en Portugues, no es voz inculta : por esso la usa el P. en lugar que aun pide mas policia que este: i es en la e. 95. del c. 2. Vease allá.

¶ *Ia inclinado: ya baxo, ya sometido: propriedad del venir del buey al yugo*.

¶ *Tbetis todo o ceruleo senb. &c.* Quiere dezir todo el mar, que dà a conocer por el color, siendo propio del mar aquel llamado ceruleo, que es un azul oscuro, que se quiso imitar en el que vulgarmente llamamos verde mar: el llamarle ceruleo todos los Poetas, es tan frequente que escufo citas: pidalas quien quisiere a los que hazen feria de eruditos a poca costa.

¶ *Deseja de compravos para genro*. Notesce la grandeza del decir de si est. describiendo la del Rey con la del deseo de Thetis. Ilustró grandemente el P. aquel gran estilo de Virg. Georg. 1. hablando con Augusto: *Teque sibi generum Tbetys emat omnibus undis*. Aviale hallado Bern. Tasso Amad. c. 1.

*Elo vorrian per genro comprarre
Thetide, e l' Ocean con tutto il mare.*
Su gran hijo parece que se dexó guiar de nuestro

A P. diciendo dote , que no dixo ninguno de los otros. Liber. c. 17. e. 76. *Genero il compra Otton con larga dote*. Bien se ve que pretendió infiltrar el primer Tasso a Virgilio , pero quedóse esa gloria para Camoës , que lo hace en essos quattversos de manera , que Virgilio le diera las gracias si lo viera. Galana metáfora la de llamar compra de esposo a la dote que lleva la desposada : i el P. ademas de imitarla , hizoia executar, como veremos en el c. 9. adonde finge , que el Gama se desposó con Thetis , i los suyos con las Nereidas. Allá lo veremos, si Dios quisiere que lleguemos allá. Por ventura, que quando nuestro ingeniosissimo Poeta dixo esto, i aquello, aludió a aquella notable ceremonia de Venecia , que se desposa con el mar. Passa deste modo. Consta do las historias, que el Papa Alejandro Tercero dió un anillo a Sebastian Zeno , o Ziano , Duque de Venecia , en gratitud de un hecho suyo favorabile para la Iglesia, en la persona del nusmo Pontifice , i dixó que se lo dava , para que con él se desposasse Venecia con el mar todos los años, por señas de que era ella su Emperatriz. Los Venecianos (que con menor motivo no perderian semejantes bodas) en cada un año, dia de la Ascension , con todo el governo , pomposamente adornados, suben a un baxel (fabricado para solo esta ceremonia curiosamente) i desde lo alto echá en la mar un anillo , por señas de que Venecia lo recibe por esposo. I como el P. va por todo esto Poema mostrando , que son propios de nuestra nacion todos los triunfos que lo fueron de las agenas; i que Venus representa la Iglesia Católica , creemos que se acordó de aquella ceremonia quando escribió esto, diciendo al Rey don Sebastian , que la Diosa del mar se lo quería dotar

B D todo; i a lo menos quando al fin del c. 9. i principio del 10. desposa la Thetis, i las Nereidas, cō nuestros navegantes , no ay duda que se acordó desto , i viendo que la Iglesia desposava los Venecianos con las aguas , al introducir acá por la Iglesia a Venus , haze que ella despose con ellas a los Portugueses. Pero quando el P. no aludióse a esto de Venecia, estuvo atento a la erudicion que enseña , como se llamava venta i compra al casamiento contratado. Vease los Expositores de Virgilio en este lugar : i las condiciones de la compra i venta, Institut. cit. 2 3. adonde se verá, que

C E todas las que ay en comprar qualquier cosa , cō curren en los casamientos contratados.

XVII.

Em vos se vem da Olimpica morada
dos doux Avôs as almas ca famosas;
húa na paz Angelica dourada,
outra pellas batalhas sanguinosas.

Em vos esperam verse renovada
sua memoria, e obras valerosas:

e la vos tem lugar no fim da idade,
no Templo da suprema eternidade.

EN Vos se ven; se están viendo, i remirando desde la morada Olimpica las almas acá famosas de los dos Abuelos vuestros claríssimos: la una por la paz Angelica dorada: i la otra por las sanguinosas batallas. En vos esperan, que se ha de ver renovada su memoria, i acciones valientes: i allá al fin de vuestra larga i feliz edad, os tienen, os están haciendo capaz lugar en el Templo de la eternidad suprema.

¶ Em vos se vem, &c. Esto de estar allá desde el cielo (essa es la morada Olimpica) viéndose en el Rey don Sebastian las dos almas de los dos Abuelos famosas, una por la paz, i otra por la guerra, parece imitado de lo que dixo Tito Livio, Dec. 1. lib. 1. de Romulo, i Numa; i la figura llamada de los Retoricos Prolepsis.

¶ Húa na paz. Entiende ei Rey don Juan Tercero de Portugal, padre del Príncipe don Juan, de quien era hijo el Rey don Sebastian.

¶ Angelica dourada. Bien llama así a la paz: Angelica por ser propia de Angeles, i anunciada dellos al nacer el Autor della; *Et in terra pax hominibus*: mucho desto: i de aurea no menos. El P. c. 3. e. 96. *A paz aurea divina*. Policiano, *Sætoque nitet pax aurea vultu*. Aurea, porque es Autora de la edad de oro: para que hallareis algo en la Nota 1. sobre el lugar de Virgilio, *Gens aurea*. Pintase la paz de varias maneras: i todas por la mayor parte concurren en tener ramos de olivo, i manojo de espigas, frutos que logran color aureo. La primera gloria de los Reyes es mantenerse en paz: de ai, enseñando esto, procedió entre los Hebreos el ungirse los Reyes: i assi como de la guerra es manejar las armas, es de la paz el tenerlas a los pies: de que resultó el pintarse ella sobre una multitud de armas: i porque el Rey don Juan Tercero la mantuvo en su Reyno felizmente, el P. le celebra aquí por essa parte, en cumplimiento de aquello, *Rex pacificus magnificatus est*.

¶ Outra pellas batalhas, &c. Entiende Carlos Quinto, padre de la Princesa doña Juana, muger del Príncipe don Juan, padres del Rey don Sebastian, dando el P. igual gloria que a don Juan Tercero por la paz, a Carlos por la guerra; por ser toda la que hizo en obsequio de la Fé Católica, como Príncipe que la venerava, i defendia có toda el alma, i por eso favorecido de Dios en las empresas de manera, que le colocò en los primeros asientos del carro de la Fama, la qual durará con el mundo. Erzilla c. 18. *De las aferas guerras sanguinosas*.

¶ Em vos esperam. Quien espera? Eßas dos almas de esos dos Abuelos desde esa Olimpica estancia del cielo. Claro está. Esto de considerar en el Rey las almas de los padres, para regir el

A Imperio, no ay duda que es de Virgil. Egl. 4. *Pa-
catumque reget patrijs virtutibus Orbem*.

¶ Renovada sua memoria. Esto es, repetida en Sebastian una i otra alma dessos dos Abuelos, de modo, que con la de Carlos acabe de allanarlo todo por armas: i allanado lo quede logrando todo con la de don Juan, esto es, pacíficamente.

¶ Em vos tem lugar, &c. Quien tiene? Eßas mismas dos almas de los Abuelos, que viendo q el Rey don Sebastian las imitò tanto, le están esperando con lugar hecho en el cielo, despues que aya vivido mucho: i es metafora de compañeros

B que guardan lugar para otros en algunas ocasiones. El P. atrás e. 9. Virgilio assi por remate de hechos heroycos, promete el cielo a Augusto al fin de la Georg. *Per populos dat iura, viamque affectat Olympo*. Lucano lib. 1. a su Neron.

..... *Tecum statione peracta
Astra petes serus, prælati Regia cœli
Excipiet gaudente Polo.*

I toda la estancia es imitació deste lugar de Fracastor.

*Æternamque diem, & fælicem ex ordine gentem,
Inter quos gaudet se quoque dinumerans.*

C *Quem circum, illustres animæ, proavique, paterque
Intentos oculos ore nepotis habent.*

Enio antes de todos, 1. Ann. bien i breve: *Vmus erit quem tu tolles in cœrula cœli, Templo*. El grā Tasso Liberata c. 14. e. 7. haze que diga Vgona Gofredo, esto muy parecidamente a nuestro P. aqui: *Questo è Tempio di Dio, &c. Et tubavrai loco in queste, &c.* Si de Miranda, hablando del mismo Rey, i de los mismos dos Abuelos, en la Elección a la muerte del Príncipe don Juan.

D *Antes os dou os Avôs de ambas as partes,
Lhe irâm caminho abrindo em quanto crece.*

¶ Suprema eternidade. Porque el llegar allá es la hazaña suprema: i sin esta todas son nada; i con ella todas quedan ilustradas. Define la Boécio al fin del lib. 5. de consol. assi: *Æternitas est interminabilis vita tota simul, & perfecta possesso.* I baste agora esto.

XVIII.

Mas em quanto este tempo passa lento de regerdes os povos, que o desejam, day vos favor ao novo atrevimento, E para q cestes meus versos vossos sejam. E vereys ir cortando o falso argento os vossos Argonautas; porque vejam que sam vistos de vos no mar irado: e costumayvos ja a ser invocado.

Pero mientras passa lento, de espacio este tiepo, de llegaros a regir los pueblos que tanto lo deseán, dad vos favor al nuevo atrevimiento, i tra que sean vuestros estos versos mios. I en tanto

tanto vereis ir cortando vuestrlos Argonautas el falso argento, el mar salado : porque vean ellos tambien que son vistos de vos : i acostumbraos ya a ser invocado.

¶ *Mas en quanto este tempo, &c.* Assi el dulce Garcilasso Egl. 1. captando tambien la benevolencia al Duque de Alva , i anunciadole que cantará dèl.

Entanto que este tiempo que a devino viene, &c.

¶ *Passe lento:* passa vagaroso; o a lo menos lo parece , quando se desea que llegue el de alguna esperanza : i es mucho de poneresar lo que yerra la condicion humana: porque no aviendolo en ella quien rehuse dar mil tesoros si los tuviera, por un dia mas de vida, no ay quien no se muera por añadirlos, i no deseas que se pasen las horas de la vida , porque llegue la de algun gusto que tarda, no valiendo todos los gustos del mundo un solo momento de vida. Ceguedad inmensa. La voz lento se hallará en la est. 2. del c. 5. i en que tiempo el P. dixo esto en la 7. i 15. deste.

¶ *Que o desejam.* Ninguna cosa desea tanto el pueblo como ser gobernado de su Principe ; i ninguna aborrece tanto como serlo de personas puestas por él : por esto dice el P. que tardava el tiempo de que el Rey tomase las riendas del governo , que entonces tenian esas personas ; deseando el pueblo salir deste mal para aquel bien: i ya comienza el P. en esto a mostrar el animo que tenia para con los que entonces governavan; que descubre desde la e. 84. del c. 7. adonde lo veremos bien.

¶ *Dix vos favor, &c.* Virgil. Georg 1. a Augusto : *Atque audacibus annue cæptis.* Anadió nuestro P. al atrevimiento, el nuevo, en continuacion de lo dicho en la est. 4. *Novo engenho ardente:* porque de aquella novedad de ingenio resulta la deste atrevimiento ; que aunque resalta a que se pone con él delante de la Magestdad Real, particularmente atiende a que con novedad atrevida aspira a dar a España en virtud de su espíritu, un Poema heroyco con las calidades de los de Homero , i Virgilio , que son los atrevimientos antiguos , que en España estavan por imitar de otro algun ingenio : i alimitarlos el agora en este, llam i atrevimiento moderno: i bien.

¶ *Para que estos meus versos voissos seja.* Porq haziendo el Rey susos estos versos con favorecerlos, rendran el valor que no tienen en tanto q no los recibe i favorece ; i con esto llevarán, como de tal Rey, la calidad de Magestuosos , para que todos los veneren. Bonissima humildad en tan alto espíritu; si el P. no la alterara en la est. 154. del c. 10. diciendo (para en caso que el Rey no le estime) que de la boca de los pequeños sale a veces perfecta la alabanza : para que no piensen los Principes, que tienen poder sobre el ingenio, que es dadiva celeste: i de que ellos quisiesen entender en ella, se quexó el sentencioso Francisco

de Si, quando dixo en la Egloga octava.

*O entendimiento que he noffo
nam no lo querem deixar.*

Si bien nuestro dulcissimo Diego Bernardez suspirava por la aceptación de los grandes, diziédo:

*O rico se me escuta naõ me estimas;
o pobre se me louva, que aproveita?*

Si ya no quiso decir el P. Estos versos que son agora de otros (de aquellos de que canto) si vos los favoreceis tambien vendrán a ser vuestrlos, cantando de vos en otro Poema. I frisa este entendimiento con lo que dice al Rey en las ultimas dos est. del c. 10. ofreciendose a cantarle de modo, que se escuse Homero.

¶ *E vereys ir cortando, &c.* Dice al Rey, que si le escuchare, o leyere, verá como los navegantes van corrando el mar: dando a entender , que los pinta en él de manera, que parece se ven: i assi es, porque quien con atención leyere este Poema, creerá que está viendo todo lo que lee.

¶ *Saflo argento;* de las entrañas del Latin:vazle, plata salada; porque lo es la agua maritima : i muy usado de los Poetas llamarla assi.

¶ *Os voossos Argonautas.* No fue nuestro P. el primero que llamó assi a los primeros navegantes que llegaron por este mar a la India. Assi les llamó Virgilio, i Seneca, i Ariosto, en aquellos iugares que en la Nota 1. a este Poema quedan copiados. Veanse allá.

¶ *O mar irado.* Otras veces le dà el P. al mar este epíteto de ayrado ; i es propio suyo : i se lo dán todos los Poetas. Orac. epod. *Nec borret iratum mare.* Baste esto para esto.

¶ *E acostumbravos ja a ser invocado.* Virgilio Georg. 1. a Augusto: lugar que en todo fue imitado aqui nuestro P. con el Rey, *Et voris iam nunc affuisse vocari.* Sá de Miranda Egl. 2.e. 41. *Em pieça a acostumbrarte a niefros votos.* Dixome un sijero gordo, presunido de hilar delgado, que el P. no avia usado bien deste lugar de Virgilio aqui, porque el habla al modo de los Gentiles, q constituyendo sus Emperadores en Deidades, los invocava como tales: esto envezde delgadeza es grosseria: porque si Virgilio como Gentil creyó, o dixo esto ; bien lo puede decir mi P. de su Rey como Catolico, creyendo que subido al cielo có obras justas, merecerá ser invocado como santo: i por ventura , que para que cayesse esto mejor

E aqui, dixo primero , que avia de ser colocado en la gloria eterna, como vimos al fin de esto tra est.

XIX.

Ia no largo Occeano navegavam
as inquietas ondas apartando:
os ventos brandamente respiravam,
das naos as vellas concavas inchando:
da brâca escuma os mares se mostravam
cubertos, onde as proas vam cortado

as maritimas agoas consagradas,
que do gado de Pròteo sam cortadas.

YA Nuestras velas navegavâ en el largo Oceano, apartando sus inquietas olas. Los vien-
tos respiravan blandamente, hinchando de las
naos las velas concavas. Los mares ya se mos-
travan cubiertos de la blanca espuma, por don-
de las proas van cortando las maritimas consa-
gradas aguas, que son cortadas del ganado de
Proteo.

¶ *Ia nc largo Occeano navegiwam, &c.* Fene-
ciò el P. en la estancia pasada con la proposiciò,
invacion, i caprar de la benevolencia al Rey;
todo con estilo proporcionado a lo uno, i a lo
otro. Agora entra con esta estancia en la narraciò
con la Magestad, i grandeza mezclada con lo fa-
cil, i armonia soberana, qual la puede embidiar
todo espiritu arrebatado de semejantes assump-
tos: i cumpliendo con lo que en efforra acaba de
dezar al Rey, que verà en este Poemz ir navegan-
do su gente, porque luego en esta estancia parece
que se vèn las naves ir rompiendo el agua con
las proas, i llenandose las velas con el viento.

¶ *Ia no, &c.* Assi entra Bern. Tasso en su Flo-
ridante, *Gia s'era, &c.* assi su gran hijo en su Ie-
rusalem primera, i segunda, *Gia l' sefto anno, &c.*
todos con Geronimo Vida, entrando en su Chris-
tiada, *I am propè mortis erant metæ, &c.*

¶ *Largo Occeano.* Hallareis muchos Autores
que digan mar largo: el nuestro habla con pro-
piedad, assi: por la grandeza, o anchura (esto es
largo en Portugues) del Occeano, como porque
en este punto que el P. pinta las naves, ivan ellas
mas allá del Cabo de Buena Esperanza, como ve-
remos en la e. 42.

¶ *Navegavam.* Preguntan los Censuradores,
quien navegava aqui? porque la estancia no lo di-
ze: advirtiendo, que si se refiere a los Argonautas
que quedan en la antecedente, quedan lexos; ade-
mas, que siendo esta el principio del Poema, no
se deviera referir a otra alguna, i menos a esa
dedicatoria que hizo al Rey, que es cosa muy
distinta. Respondese, que para buena oracion en
ningun modo quedan lexos los Argonautas, con
que fenece effotta estancia, a que se refiere con
el primer verso desta: i que esto que el P. habla
con el Rey, no es dedicatoria: sinc que desde la
primera palabra en que habla con él, hasta la ul-
tima deste Poema, todo es una relacion que el P.
està haciendo a este Rey, de los hechos de sus an-
tecessores, i vassallos, a bueltas desta accion del
Gama: i por esto, como supone que en todo está
hablando con él, fuera vicio el repetir aqui quié
navegava, aviendolo dicho en effotta estancia. I
que el intento del P. fuese suponer, que estaba
hablando con el Rey en todo este Poema, se vè
claramente en que acabado él en la e. 144. del c.
10. continua en hablar con el mismo Rey por las

A doze estancias que se siguen, advirtiendole, i ala-
bandole, i augurandole granae gloria: todo por
imitar a Virgilio, que en la Georgica entrò ha-
blando con su Principe, i feneçola hablando dèl
con semejantes auspicios. Assi, que el P. escriviò
con cuidado, i ciencia: la culpa es de quien le lee
con descuido, o ignorancia.

¶ *As inquietas ondas apartavaõ.* Dize, que las
proas apartavan las olas, que andavan un poco
alteradas: i està dicho aludiendo a quando los
hombres se van buscando unos a otros en alguna
pendencia, i vienen otros a apartarlos: esto
hazian allí las proas con las olas. Este verso ha-
llareis entero en sus Rimas E'eg. 3.

¶ *Os ventos brandamente respiravaõ.* Està con
cuidado el *respiravan*, para el *brandamente*: i esta
suavidad er i por la razon q verèmos en la e. 43.

¶ *As velas concavas inchando.* Parece que se
està viendo preñada la vela del viento: llamala
concava (no como piensan algunos con yerro,
arguyendo, que siendo el viento el que las haze
concavas, no avia para que dezir, que las inchava)
sino porque las velas son cortadas, i cogidas
de modo con las cuerdas en que se sustentan, que
les queda seno capaz de recoger el viento, como
lo hemos visto, i notado. El P. refiriendo su nave-
gacion para la India en sus Rimas Eglog. 1. *Das
naos as velas concavas rompendo, &c.*

¶ *Da branca escuma os mares se mostravam
cubertos, onde as proas vaõ cortando.* Quien no ha
navegado no puede lograr enteramente la her-
mosura desta descripcion del romper de las na-
ves por las olas, que se està viendo al leerse. El
P. en aquella Elegia: *A proa a branca escuma divi-
dia.* Orfeo desdc que la nao Argos emprçò a na-
vegar, *Spumeade prora deferbiuit unda tumescens.*
Virgil. Eneid. 1. *Vela dabant lati, & spumas salis
are ruebant.* No menos se parece a Homero
Vlis. 4. quando de los remos que encanecian el
mar dice: *Canum mare verberabant remis.* I esto
hazian acá las proas. Tasso Liberata c. 15. *Bian-
cheggian l' acque di canute spume.*

¶ *Agoas consagradas.* Virgil. Egl. 1. *Et fontes
sacros.* Orac. Od. 1. *Ad aquæ lene caput sacra.*
Porque tienen las aguas por Presidentes, i mo-
radores, Dioses; hablando en el estilo Poetico; i
porque por ellos juravan ellos, i temian jurar los
hombres, por las razones que veremos en la est.
80. del c. 10. i porque, conforme a la Leccion sa-
grada, en el cielo nono tienen su parte las aguas:
i sobre todo, *Spiritus Dei ferebatur super aquas.*
I por esto, i porque aquel humor es el aliento de
todas las cosas, como veremos en la e. 12. del c.
6. las adoravan los antiguos Gentiles, i aun oy
muchos por el Asia, en particular las del Ganges.

¶ *Que do gado de Pròteo sam cortadas.* En la
e. 52. ic. 6. la 20. Este ganado se ha de entender
en general de todo animal viviente en las aguas: i
en particular de las Vallenas, o Focas, de que es
pastor esse Dios marino, hijo del Occeano, i de
The-

Thetis, i su Profeta. Quiere el P. dezir por este modo , que las naves ivan por esse mar profundi-
simo, i dilatado , que expressò con la voz lar-
go, porque las Vallenas animales desmesurados,
tienen por propia campaña essa inmensidad de
agua ; i el salir della es su peligro. Acaba aqui el
P. de dezir, que nuestra gente navegava , i luego
entra en la estancia siguiente , *Quando os Deoses,*
&c. haziendo un Concilio dellos como Virgilio
alli , despues de dezir lo referido del cortar de
los mares con las proas, dixo luego: *Quum Iuno*
eternum , *&c.* mostrando a Iuno ayrrada contra
aquella navegacion , como luego aparecerà aqui
Baco contra la nuestra. Haciendo el P. con mara-
villosa industria suyo a Virgilio, de la propia ma-
nera , que con otra tal hizo Virgilio suyo a Ho-
mero: i haziendose cada uno a si propio perfetis-
simó , con aver hecho pedaços a aquel de quien
se fabrica.

XX. fo,

Quádo os Deoses no Olimpo lumino
onde o governo esta da humana gête,
se ajuntam em Concilio glorioſo
ſobre as couſas futuras do Oriente.
Pisando o cristalino ceo fermoso
vem pella via Lactea,juntamente,
convocados da parte de Tonante,
pello Neto gentil do velho Atlante.

Vando sobre las cosas futuras del Oriente
se juntan los Dioses en glorioso Concilio,
alla en el luminoso Olimpo , adonde està el go-
vierno de la humana gente. Ellos convocados de
parte del Tonante Iupiter , por el gentil nieto
del viejo Atlante , vienen juntamente pisando el
hermoso i cristalino cielo por la via Lactea.

¶ Quando os Deoses no Olimpo, &c. El P. annq
en todo este Poema imita perpetuamente a Vir-
gilio; en entrar en este Canto primero con este
Concilio de Dioses, imita a Homero, que con
otro tal entra en el primero de su *Vlissea*, *Sed*
alij(habla de los Dioses) *Iovis in ædibus Olympi*
frequentes erant. I en el quinto tiene tambien
otro Concilio semejante, de que resulta boiar
Mercurio a librar a Vlisses de Calipso, como aqui
a librar el Gama de Mombaça. I en el principio
deste Concilio entra Jupiter con el nombre de
Tonante como allá. *Inter hos Jupiter Altitonas*,
&c. El lib. 8. de la Illed. tambien comienza con
otro Concilio, *In editissima radiantis Olympi cu-*
ria Concilium Deorum habebat, i otros. Con esto
mismo comienza Virgil. su lib. 10. *Panditur inte-*
rea domus omnipotentis Olympi: Conciliumque
vocat Divum Pater, &c. I èl lo romò de Home-
ros; i aun de la Barrathoniyomachia: i todos die-
ron en imitar frequentemente estos Concilios.

Ovidio Met. r. tiene otro de que nuestro P. imitò mucho. Vease, que no se puede copiar todo. tiene allá en el 6. de los Fast. otro, en que assisti. Venus como protectora de los Romanos (de qu' tambien el Poeta imitò el hazer que ella assisti acà en favor de los Portugueses, i hablar Mari por ella, como luego ai adelante verèmos)

*Iupiter ad solium superis regale vocatis
Incipe, ait, Marti, protinus ille refert.*

Claudiano en el 3.º de raptu Proserpinæ, siguió la misma invención de Concilio, i lo vio nuestro P. en los asientos de la c. 2 3. como allá enseñaremos. Estacio tambien en el primero de la Thebaida, i creemos que en mucho le imitó el P. no menos a Geronimo Viñéz, que en el 1.º de su Christiada entra con un Conciliabulo. Todo esto veremos particularmente sobre la est. 30. i en el c. 6. sobre la 7.

Olimpo luminoso. Entiende, como Christiano, el cielo Impireo; assi como los Poetas Gentilicos entendian por Olimpo el cielo que juzgavan por superior, adonde se suponia la celebracion de estos Concilios: i llamaronle assi, tomando del nombre de un monte de Tesalia, tan alto, que dizen algunos Autores excede el distrito de las nubes: i por dezirse junta en este de ellas, que no llegana la cabeza de él, le llamaron luminoso.

¶ Onde o governo está da humana gente. Entendiendo el verdadero Dios , que en esse cielo soberano preside a todo,i lo manda,i govierna,como Señor de todo.

¶ *Concilio glorioso.* Còcilios dixerón los otros Poetas que el nuestro imita; pero él como Christiano añadió glorioso : porque suponiendo, que este Concilio era en ese cielo en que asiste la verdadera Divinidad , i presidido della ; al qual cielo por otro nombre llamamos gloria , que es palabra propia de nuestra Religion Christiana, dixo que el Concilio era glorioso , para mostrar, que no era de Dioses fingidos , en que no ay essa verdadera gloria; sino del Dios unico trino, en q la ay, i de quien la esperamos. I vese claro, que el P. ha usado con atencion agora a lo sagrado desta voz Concilio , si reparamos bien , que no usó della en el Conciliabulo del c. 6. sino de Consejo, o Concejo, como verènios en la c. 38. i consideracion digna de verse.

Sobre as coisas futuras do Oriente. Quiere E dezir, que en aquel Concilio se avia de manifestar la resolucion que Dios tenia tomada sobre lo que sucederia en la India, con la entrada de los Portugueses en ella. I esto singularmente se descubre, i vaticina en el c. 2. desde la est. 44. i en el 10. desde la 10.

¶ Pisando o cristalino ceo. Con Garcilasso Egl.
I. Pisa el inmenso cristalino cielo.

Vem pella via Lætea, &c. Esta via, o cami-
no, es aquella lista blanca, al parecer, que se ve
en el cielo, causada (dizen los Astrologos) de mu-
chas estrellas menudas que allí se juntan a con-
fundir

sundir sus resplandores. Eh Griego se llama Galaxia, que vale via de leche: i es lo que el vulgo llama Camino de Santiago; que devia principiar se en dezir, Camino de Galicia; por corrupcion de Galaxia. Comienza del Paralelo del Polo Atētico, i llega al Antartico. Las fabulas acerca desto contienen, que estando Juno con Hercules infante al pecho, i quirandole dèl se derramò la leche, de que se formò aquella señal, que por ello se llama Lactea. Para entendimiento de nuestro Poeta basta lo referido; i saberse, que por ella caminavan los Dioses en la fabula misteriosa, que yo creo fue un vaticinio verificado, en que la Virgen Maria sanctissima, i purissima, dando su candidissima leche al Niño Jesus (que fue el Hercules a cuyas fuerças se rindieron los monstruos infernales) mostrò abierto el camino, por donde las almas (que por divinas son estos Dioses) avian de ir passando al cielo. I tambien creo, que a esto aludio nuestro Poeta, acordandose desta fabula en esta ocasion, que los Portugueses tratan de mostrar esse camino a las almas de los barbaros Orientales; i que él para cantarlos en tal accion introduce a Christo, i a la Religion en su favor. Ovid. Met. 1. describe este camino.

*Est via sublimis cœlo manifesta sereno,
Lactea nomen habet, candore notabilis ipso:
Hac iter est superis, ad magni tecta Tonantis
Regalemque domum, &c.*

I no solamente salió de aqui la erudicion desta estancia, sino tambien la invencion del Concilio, i las luces de la frasi. Vamos agora con el mismo lugar a la e. 2 3.

¶ Convocados da parte de Tonante Con Virg. 10. Conciliumque vocat. Traslaciōe Ovid. en ese 1. de los Met. El propio Virg. se imita lib. 11. El llamarse Tonante a Iupiter es desde el padre de los Poetas en la Iliad. Ulis. i en sus Hymnos, hasta oy en todos: por el tronar del rayo, que es insignia suya propia.

¶ Pello neto gentil do velbo Atlante. Es perifrasis comun de Mercurio, porque aviendole Iupiter en la Nina Maya, ella era hija de Atlante, i de Pleiona. Para el estilo de llamarle nieto de Atlante, i a Atlante viejo, sirvan, sin mas estudio, estos lugares. Ovid. Metamor. 2. *Cui sic respondit Atlantis Pleionesque nepos*, que viene a ser esse verso de mi Poeta, si ya no es el de la carta de Paris a Elena. *Atlantis magni, Pleionesque nepos.* Oracio, *Mercuri facunde nepos Atlantis.* Nuestro P. en sus Rim. O 1. 1. *Velbo Atlante.* Ariosto c. 20. a esse modo. La Marquesa famosa Vitoria, Son. 4. El insigne ilustrador de Ovid. Andrea de Anguilara en el 1. *Il Nipote de Atlante:* assi muchos.

Todo lo dicho es quanto a descubrir las imitaciones de Luis de Camoés, como verdadero Poeta. Agora es menester descubrir el alma que lleva esta invencion, para ver si cumple con las

Tomo 1.

A obligaciones de Poeta profundo en misterios, i de Autor Christiano introduziendo los nombres de Deidades Gentilicas, de que vulgarmente es acusado. Digo deste modo. El Poeta usa destos Dioses como gran Filosofo, i como gran Poeta. Como gran Filosofo, porque es cierto, que la verdadera Filosofia antigua debax i destos nombres, i fabulas, entendio ministros, i documentos divinos: i a este modo echaron mano dellas, i de ellos muchos Escritores sagrados para enseñarnos doctrina solida: entre los cuales es notable Clemente Alexandrino, con un abismo de fabulas de que saca en limpio las virtudes, i acciones verdaderas de Dio verdadero. El eruditio con esta advertencia traiga a la memoria los escritos deste Autor: o los vea el curioso; que yo en esto no diré más, porque seria nunca acabar con esta Nota, si me uviese de entrar por la puerta desta erudicion. Conforme a esto, pues, usa mi P. destas fabulas, i nombres, i no conforme a la Gentilidad ignorante: i como Catolico pudo tambien no entender por estos Dioses al mismo Dio, sino a las causas segundas, formando Concilio dellas enleyes de Poesia alta. Como gran Poeta, porque es cierto, que no lo será el que no usare de fabulas

B verdaderas de Dio verdadero. El eruditio con esta advertencia traiga a la memoria los escritos deste Autor: o los vea el curioso; que yo en esto no diré más, porque seria nunca acabar con esta Nota, si me uviese de entrar por la puerta desta erudicion. Conforme a esto, pues, usa mi P. destas fabulas, i nombres, i no conforme a la Gentilidad ignorante: i como Catolico pudo tambien no entender por estos Dioses al mismo Dio, sino a las causas segundas, formando Concilio dellas en ley-yes de Poesia alta. Como gran Poeta, porque es cierto, que no lo será el que no usare de fabulas

C en sus escritos, i más siendo desta calidad. Vease el lugar de Petronio en el num. 6. del Iuizio deste Poema. Tampoco será buen Maestro el P. que así no obrare, para enseñar lo que pretende: porque así se enseña doctissimamente. Por esto llamó doctas a estas fabulas el propio fundamento de la Iglesia Católica San Pedro, diciendo en el cap. 1. de suepist. 2. *Non enim doctas fabulas sequuti, not an fecimus vobis Domini nostri Iesu Christi virtutem, & presentiam; sed speculatoris facti illius magnitudinis.* De manera, que San Pedro dà a entender aí, que si no uviera tratado a Christo vivo, i conocidole, para que sin valerse de imágenes, o fabulas, pudiesse informar dèl, ethara mano dellas; suponiendo, que es remedio proporcionado para los que no alcanzaron tanto como él, i permitiendolo. I aun esto es menos, que el llamar algunos santos, fabulas a los sucessos referidos en la Escritura sagrada; no porque creyessen que eran fabulas, sino porque vieron, que eran unas verdades poco verisimiles, como dixo Botero de los hechos de los Portugueses: i creamos no dixo otra agudeza, pero fue una i buena, como se dice vulgarmente. La razon desto es,

D que como las cosas siempre se encarecen con otras que realmente son mayores, o quieren parecerlo, i siempre las fabulas contienen mayores sucesos que las verdades, encarecense las verdades con las fabulas. En aquellas hallo sola una cosa que no hallo en estas: i es, el ser Virgen una Madre. Adonde considero, que quiso Dio mostrar, que era este hecho tan suyo, i estimava tanto la verdad dèl, que devió a todos los ingenios inventores de fabula an-

E que como las cosas siempre se encarecen con otras que realmente son mayores, o quieren parecerlo, i siempre las fabulas contienen mayores sucesos que las verdades, encarecense las verdades con las fabulas. En aquellas hallo sola una cosa que no hallo en estas: i es, el ser Virgen una Madre. Adonde considero, que quiso Dio mostrar, que era este hecho tan suyo, i estimava tanto la verdad dèl, que devió a todos los ingenios inventores de fabula an-

G res,

tes, i despues, de que hiziesen alguna que tuviese parecer con esta estupendissima, i limpissima verdad: casi como dandosele poco de que qualquier de las otras verdades de la mano divina, fuesen motivo de fabulas, como han sido muchas, sino esta: enseñando assi, quanto estimava, i quan propia suya era aquella limpieza entera de la sacrosanta Madre Virgen. I assi en esto excede la verdad a todas las fabulas. Pero en todas las otras obras, casi, excede lo que cuenta lo fabuloso, a lo verdadero; aun del mismo Dios: porque el jamas hizo cosa alguna destas que supone hechas la fabula: como hombres de piedras: las personas mudarse en arboles, aves, i otros animales, o elementos: trocar los sexos; volver de viejos a moços. I esto, no porque Dios no lo pudiesse hazer, sino porque no quiso, o no avia para que. Por esto, pues, siéndo mas extraordinarias esas obras de las fabulas, bien se dice por encarecimiento de las obras verdaderas de Dios, que son fabulas, por encarecer la grandeza, i la verdad dellas: i que su Autor es el Iupiter, por exagerar la mano poderosa. I aun he sospechado siempre, que quando los antiguos doctos, compusieron estas fabulas (que todas tienen origen en verdaderas obras de Dios) no fue por confundirlas, o escurecerlas, sino por exagerarlas: i que la ignorancia vulgar subsequente fue la que hizo verdad de la exageracion: i que agora mi Poeta enseñado de Santos, i principalmente de Clemente Alexandrino, con la exageracion de las fabulas viene a enseñar el origen dellas, que es la verdad. I a imitacion sin duda de esos antiguos usaron los modernos de las verdades de sus Heroes, exagerandolas con la mezcla de algunas fabulas, como son Carlos Magno; i los doce Pares; i los de la Tabla redonda; i el Rey Artur; i Bernardo del Carpio; i el Cid; i el Infante don Pedro de Portugal; i otros. I si esto es en lo humano, ni lo divino se escapo desta exagetacion en nuestra ley de gracia. Dexate a parte lo que se anade por la piedad Católica vulgar a los hechos de algunos santos, por dezir solo de san Christoval fingido Gigante, por exprimir la gran leza de su virtud, i santidad, no porque el fuese Gigante, como tienen muchos doctos. Oy gamos a Geronimo Vida en un Epigrama a este santo.

..... Pictores, &c.

Te pedibus fusiunt ire per alta mari.

Id quia non poteras, nisi vasti corporis usū,

Dant mebra, immanis quata Gigantis erat, &c.

I como la pintura, i la Poesia no difieren mas de encallar una, hablar otra, haze la Poesia con estos personajes lo que la pintura con aquel santo, para exprimir grandezas de acciones. De manera, que esas plumas, i pinzeles, no pintaron, ni escrivieron lo anadido por veriad, sino por exageracion della. I osare afirmar, que el Poeta mis-

A mo se explico con el Padre fray Bartolome Ferreyra, quando se le kommerio la primera vez el ver este gran Poema: porque en la aprobacion que dio del, aviendo escrupuleado en esta introducion de Dioses que hallava en el; i queriendo excusar lo que della podia parecer inconveniente, dice: *Eis menester advertir a los Lectores, que el Autor para encarecer la dificultad de la navegacion, i entrada de los Portugueses en la India, usá de una fiction de los Dioses Gentilicos.* I esto es cierto que no lo dixo el Padre, sin que se lo dixesse el Poeta, que se lo devio dezir viendole

Bembaraçado con el escrupulo de que fuesen estos Dioses en el Poema. De modo, que podemos creer, que el mismo Poeta se explico: i quando no fuese assi, basta que lo ayá dicho este Religioso doctor en la Teologia sagrada, si permitidolo. Assi, pues, se ve desto lo que ai veniamos diciendo, que por exageracion del poder de Dios le llamo Iupiter el Poeta, i por la de la verda: l estrana deste hecho le finge fabula. Quando san Pablo, i san Barnabe se hailavan en la ciudad de Listra (según consta de los Actos de los Apóstoles capitulo 14.) sus moradores viendolos ha-

C zer milagros notables, llamavan Mercurio a Pablo, i Iupiter a Barnabe, por exageracion de lo que obravan. Gran lugar sin duda para lo que vamos provando. No se puede dudar, que este fue el pensamiento con que san Geronimo, en una carta a Filemon, llama fabulas a los hechos de Sanson; verdades infalibles de la Escritura sagrada. Por dicha san Geronimo fue varon que perdió el respeto a lo divino della? No fue tal, sino doctor, de ingenio vivissimo, i santo, i firme columna de la Iglesia. Pero para encarecer ingeniosamente, i con la doctrina de san Pedro ai citada, lo estupendo de las hazanas de Sanson, las llama fabulas; con que las queda llamando verdades no verisimiles. Assi el Poeta en introduzie

Dioses a representar a Christo, los Angeles, la Iglesia, i las Virtudes, no profana lo sagrado, antes lo encarece, dilata, i exagera quanto puede caber en ingenio humano, para hazer mas admirable la accion que canta, i el favor divino en los progressos della: riendose con esta invencion de los muchos que se burlavan de los Portugueses quando los vieron intentarla, teniendola por fantastica. Que dixeran los Censuradores, si Ca-

E mōens huiveta llamado fabula a algun troço de la Escritura sacra? I que dixeran, i huiviera llamado Escaravajo al propio Christo, i rraidoje por figura suya en vez de Iupiter, como san Agustin le llama en el lugar que luego citaremos? I finalmente, que dixeran, si aviendo (como Sanazaro libro primero de partu Virginis) introduzido a la propria Virgen purissima, la fiziera dezir (al lastimarse de su soledad, muerto Iesu Christo) que la dexaste ic con el a las sombras Stygias? *Et Stygias te-*

eum duc nate sub umbræ. Que es assi como lo pudiera dezir Homero , o Virgilio , de Euridice , o Proserpina , o qualquier otra hembra de las fabulosas que baxaron al infierno. No dexa de oler a esto aquel lugar de Vida Christiad. 1. diciendo: Manes (con la boca del propio Christo) Meque pij Manes expectant. Pero en estos terminos no se incluyen irreligiones , o impiedades , sino licencias , i galas Poeticas ; que son aperitos para gus- tar lo agrio , i aspero de las verdades doctrinales. I quien no las entiende con estos velos , viene a creer lo que no creyeron los Autores dellas. I es- to mismo sucedió al Camoes , como a los anti- guos. Ellos fingieron aquellos velos por mayor admiracion ; i la ignorancia dio credito a los ve- los , sin passar a lo que ellos cubrian. Agora lo ha ella de ver.

Vn Poema no es otra cosa que una representacion. Por esto Dante llamo al suyo Comedia: que Virgilio, i Beatriz alli introduzidos, no son Beatriz, ni Virgilio, sino la Teologia, i la doctrina: assi todos los otros animales que alli introduce a este respeto; los quales eligio por sus calidades propias para representar estas virtudes, o vicios: porque para una representacion se eligen sujetos propios para las figuras, en la parte que representan, sin repararse en otras que tienen naturales impropias para essa representacion. I aun Achiles, i Ulises en Homero; i Eneas en Virgilio, no son solamente Eneas, ni Ulises, ni Achiles, sino unas figuras con que se representa el valor heroico, que es lo que un Poeta pretende cantar en la parte valerosa, sin embargo de las otras que no les faltaron torpes. Representan Reyes personas viles, si la Comedia es profana: i si divina, estas viles personas representan a Christo, a Maria, i a los Angeles. Luego si un Poema es una representacion, como aqui no representaran bien a Christo, a sus Angeles, i Virtudes, i Iglesia, personas que en el mundo fueron tan raras, que en la opinion de muchas gentes merecieron nombres de Dioses? Dira alguno, que pudiera escusar el Poeta de introducir estas figuras, nombrando los figurados en ellas. Esso, ademas de los inconvenientes que adelante vereinos, fuera devoto, pero no gustoso, ni se hiziera leer el Poema, ni fuera Poesia. Dejamos, pues, con todos estos fundamentos, que el Poeta no introduxo estas Deidades sino con mucha Religion, i igual industria, obligando con el adorno destos nombres a ser leido, como hicieron todos los grandes. Aulo Persio entra en la satira primera assi como pudiera san Pablo: *O curas hominum!* *O quantum est in rebus inane!* Pero considerando, que esto era una doctrina desnuda, i que la naturaleza humana hueysemejantes lecciones, dize luego: Si yo fuere mucho por este camino, quien me querria leer? Nadie. *Quis leget haec?* *Nemo berule, nemo.* I cayendo en la cuenta va mezclando

su doctrina con lo dulce de algunas invenciones. Assi todos los Autores que supieron dar a gustar la aspereza de la doctrina bien guisada : assi el nuestro como docto, i previsto, satisfaziendo a par de Persio, i de todos a la ley de Oracio, de mezclarle con lo provechoso lo dulce, con la verdad la fabula, imita toda essa autorizada clase Poetica, en las introducciones destas Deidades; i luego, no faltando a su Religion, entiende debaxo destos nombres el verdadero Dios, sus Angeles, i sus Virtudes, como fixamente os enseñemos aqui, i en varios lugares deste Poema : para que desde oy mas la ignorancia dexe los argumentos que hasta agora ha tenido sobre él, sin hallarse uno de tantos doctos que los supiese vencer ; dexando penitencia tan grande a mis pocas fuerças. Pero assi desarmado prosiguiere mi labor, diziendo con el propio Poeta (en la est. 154. del c. 10.) a essos doctos;

*Mas em que falo humilde, baxo, e rudo,
de vos nam conhecido, nem sonhado?*

*Dá boca dos pequenos sey com tudo
que o louvor say as vezes acabado.*

Nem me falta na vida honesto estudo, &c.e.

C Con este propuesto , digo que el Poeta aqui por Tonante , que es Iupiter , entiende el sumo Dlos uno i trino , i singularmente a Christo , que creamos , i adoramos , i que deve creer , i adorar quien quisiere huir la punicion infernal . Esto se deviera entender assi , solo por ser cierto , que el Poeta era Christiano , i docto ; quando el , por temerse ya destas calumnias , no fuera dexando por todo el Poema , bien solidos testigos de su pensamiento acerca de su Religion . I lo mejor dellas es , que los mas de sus Autores creen mas en Iupiter , alomenos convertido en oro , o en toro , que D en Christo , de quien ellos dicen que el Poeta hu yo en esta gran fabrica , mostrandose mas amante de Iupiter , deviendo por esto mismo no acusarle , pues se quedavan assi con un companero honrado en la creencia . Pero el les mostrara agora qual fue la suya . En las estancias 89. 90. 91. del Canto nono , i en las 82. 83. 84. del dezimo , muestra clarissimamente , que usa destos nombres por adoracio , como Poeta ; i que debaxo de llos entiende el verdadero Dios , i sus santos , como Christiano . Las palabras de la estancia 83. son expreſſimas : *A Santa pravidencia que em*

E *Jupiter aquise representa; i en la 82. ya avia dicho, que solo para hazer versos deleitosos sirven estas Deidades; i en la 84. buelve a declararle mas , diciendo, Que por este respeto de propósito quiso la Poesia en este Poema (para enseñar deleitando) dar a Dios verdadero , i a sus Angeles , los nombres que la Antiguedad dio a sus Díoses. Vease; que bien claro esta: advirtiendo, que no dice que introduce aquellos Díoses en este Poema , sino sus nombres en nuestro verdadero Dios , i sus Angeles , Iglesia , i Vir-*

tudes; i assi lo muestra en las acciones que por todo él describe en Iupiter, en Venus, en Mercurio, i en Baco, que son los introducidos, solamente en los nombres, como declara: porque las del llamado Iupiter, todas aquí son propias de Dios verdadero; i las de Venus, de la Iglesia, Religión, Piedad, i Amor divino; i las de Mercurio de un Ángel bueno; i las de Baco, de un demonio infernal. I se vè ciaro, en que Baco no es enemigo de Iupiter en la fabula: i menos lo es de Venus, la qual sin él no obra. I de este modo, si el P. no entendiera por Iupiter a Christo, i por Venus a la Iglesia, de quien el demonio es capital adversario, representando agora aquí en Baco, huviera cometido un absurdo desatinado: pero ello son atinados misterios, como enseñarémos de manera, que no lo pueda negar, o contradecir la ignorancia misma, ni aun la misma desverguenza.

Elos testimonios, pues, claríssimos, del pensamiento del P. dió él para los no entendidos: mas para los que lo devén ser dió otros menos descubiertos, pero más fuertes, con ser más delgados. Elos deseamos hallar; i mostraremos los que nuestro limitado talento nos dexare reconocer. Dize el P. en esta estancia, que Iupiter llamó a Concilio los Dioses por Mercurio: i luego en la siguiente dize que vinieron los Dioses a su llamado: i entre los que vienen uno de ellos es Iupiter. I esto de que los Fiscales ignorantísimos han culpa al P. es una de sus deigadezas, para enseñarnos, que no es Iupiter el Dios que llamó a Concilio, aunque el P. le llame con ese nombre. C'aro está: porque si Iupiter viene como los llamados, no puede ser el que llamó: i el que los pudo llamar es el que los pudo hacer, Dios verdadero, Autor de todo, i a todo superior. Veislo en la estancia que se sigue: *Deixam dos sete ceos o regimento*; i de los que tienen ei regimiento de los siete cielos, es Iupiter uno, que tiene el sexto. Siguese tambien luego, que este Concilio no se hacia en alguno de esos siete cielos. Por esta cuenta encima dellos se hacia, porque abajo no ay otro: i encima de todos está el Autor de todo: i assi el Concilio se hacia en el cielo en que particularmente asiste el verdadero Dios: i siguese luego, de esto, que ese Dios verdadero fue el que mandó juntar este Concilio, i que a él dà el Poeta a conocer con este nombre de Iupiter, por las razones que luego diremos: i porque a él pueden, devén ir llamados esos Planetas, como aquellos que dominan por divina concessio sobre las tierras, a los quales él pudo llamar como Señor de ellas, i dellos, que desde su creacion le están obedientes: i más en esta ocasión, que el mismo Dios quería hacer una gran mudanza en esas mismas tierras, passando sus habitantes de unas a otras, i de una a otra sus Religiones, que es lo que sucedió por medio desta navegacion

Aqui cantada. Quien lo duda? Pues mirad agora como con essa invencion de hallarse Iupiter en este Concilio, singularmente con esas siete estrellas, representa al propio Christo. San Juan entre las visiones de su Apocalipse 1. vio al propio Christo con siete estrellas en la mano: *Habebat in dextera sua sestellas septem*. Tratarélo de espacio al fin de la estancia 22. Luego licito fue al Poeta pintar en este Poema a Christo, como san Juan le vió pintado. Quien lo duda? Declarase misel Poeta diciendo allí mismo: *Que do poder mais alto lhe foy dado. Qual es este poner más alto que dió a estos Planetas, o Dioses, esse regimiento?* Esse Dios supremo de quien ellos reciben el ser que tienen: luego esse supremo Dios está aquí representado en el nombre de Iupiter misterioso, no en el corporeo Iupiter. Declarase mucho más para quien le entienda en la estancia 25. quando al hablar Iupiter le haze decir: *Bem o vistes; i en la 28. Prometido lhe está do Fado, &c* Lugares notabilissimos para donde combandan los curiosos.

I no menos se declara, quando al defender Marte a Venus, dice a Iupiter de los Portugueses (aludiendo a lo propio que dixo esse Iupiter en esos lugares.)

*Cuja valia eobras tanto amaste,
nam queres que padecam vituperio.
como ba ja tanto tempo que ordenaste.*

Adonde se mostro esse amor que dice Marte? Adonde se vió esta orden de que tambien aqui haze recuerdo a esse llamado Iupiter? Yo os lo diré agora, porque me consta que no lo sabeis traer aqui, aunque lo ayais oido decir, o leido. Todo esto se vió en el campo de Oriúque, adonde mostrandose Christo (no en sueños, sino a la vista corporal desprieta) a los Portugueses, mostró lo mucho que los amava; i adonde les dixo, que aviande llevar su Fé a partes muy renueltas, i para ello les ordenó que tuviesen Rey propio. Veis ai esse amor, i essa orden tocada de Marte con esta memoria; i declaró, que aludia a esto con decir: *Como ba ja tanto tempo, i quanto fuese este tiempo diremos alia (que es su lugar) en la estancia 39.* Luego este Iupiter aqui introducido, es aquel Christo verdadero Dios; pues lo que Christo mostró amar a los Portugueses, i lo que les dixo tenia ordenado, se representa aqui a esse Iupiter para que prosiga en lo uno, i cumpla lo otro. No lo dudará nadie. Ponderad agora el profundo pensar del Poeta, i la sutileza con que quiso declararsenos, queriendo tambien ser leído con ella. En la estancia 49 del Canto segundo (despues de aver singido que Venus fue a pedir socorro a Iupiter para los navegantes) dize Iupiter, que en Ormuz será el Moro traspasado de sus propias flechas: para que vea quien fuere contra los amados della Venus (entiende los Portugueses) qui va contra si proprio. I despues, no me nos

nos lexos que en el Canto dezimo, estancia quarenta, hablando el Poeta deste suceso dize , que *allí peleó Dios en favor de su Iglesia Católica*. Con la misma armonía, no menos delgadamente descubierta, hallarémos un lugar del Poeta en la ultima de onze estancias que reprovó en el Canto dezimo, despues de la estancia 73. Vease, que lo merece. Luego , siguese claro, que el Iupiter que prometió esta vitoria en el Canto segundo, es aque: *Dios que la dió en el dezimo*, i aquél Dios está representado en este Iupiter. Quien lo duda? Eá, pues, acabad de rendiros, i alabad el altissimo Poeta, que fió de vuestro entendimiento su Poesia, sutiliza, ciencia, alegoria, misterio, i belleza de estilo, i disposicion , todo increible, i siempre inimitable.

Que inconveniente hallais en que llame Iupiter a Christo ? Doctissimo Teologo fue Dante, i le llamó Iupiter con mas rigor, i menos invencion. Miradlo en el Canto sexto del Purgatorio: *O sommo Giove, che foste in terra per noi crocifisso!* No se apartó desto el gran Tasso en su Liberata, Canto quarto , estancia 42. quando dixo : *Quel Dio che a tutti è Giove.* I Juan Bautista Massarengo, hombre docto , haciendo los argumentos de la Conquistata del misino Poeta, llama Iove a lo que él llamó Dios verdadero: porque el Tasso en el Libro dezimo, estancia 58. describe a Dios, i en la sesenta al Angel sau Miguel, embiado dèl en favor del campo Catolico : i el Massarengo haciendo el argumento de todo esto dize assi: *Manda Giove Angiol che scaccie la infernal canaglia.* De modo, que a lo que uno llamó Dios verdadero, llama otro Iupiter. El Cardenal Bembo con sus grandes letras , i obligacion de su gran dignidad Católica , llama Heroe a Christo , que es mucho mayor atrevimiento , aunque consideremos el concepto en quanto a la humanidad : i juntamente llama Ninfa a nuestra Señora , que tambien no es osadia de poco bulto. Veislo aqui en el Himno a san Estevan.

*Magnanimi post Herois, quem candida partu
Cälicolum Regi teëto sub paupere Nympha.*

El grandiloco , ingenioso , i excelente Poeta en estilo, invencion, i propiedad, Bartolome Cairasco, en el discurso segundo de su Templo militante, obra de puro Catolico, i de Teologo apurado, fingiendo que aparece la Fè Católica acompañada de sus compañeras , i de las otras virtudes divinas , las llama con los nombres de las Ninfas Gentilicas: assi.

Acompañata de las santas Driades, &c.

Luego las soberanas Amadriades.

Gala del alma Católica Poetica. Califica mucho esto el ver, que a la entrada de la vida de san Lorenzo dize, que para cantar dèl, no invoca Driades, i Amadriades, como Deidades profanas incapaces de invocarse en Canto Catolico. Pues si son profanas aqui , como acà pudieron con sus

Tomo I.

nombres representar a la misma Fè Católica , i sus compañeras? La respuesta es, que en una parte sirvió la hermosura de esas Ninfas para representar la de las virtudes: i en otra no sirvió lo Gentilico dellas, con las condiciones que luego enseñarémos. Tanto sirven estos lugares para la estancia 33. adonde se introduce Venus por la Iglesia , como para esta de Iupiter por Christo. Pero por este Iupiter de ningun modo los Autores en esas ocasiones entienden el vicioso que la ignorancia conoce, sino el que conoció la Filosofia misteriosa, i atinada , que es lo que entendió Sofocles Tragico.

*Ipsis non veniunt certe Düs omniꝫ sponte.
Excepto Iove: principio, nam & finis in illo est.*

Vease a Clemente Alexandrino Strom. 5. adonde trae otros lugares de los Poetas antiguos, con el misterio con que llamavan Iupiter a Dios. Virgilio Egloga tercera: *Iovis omnia plena.* Lucano assi: *Iupiter est quodcumque vides, quodcumque moveris.* Assi todos. Pues quien es tan ignorante, que crea, que estos grandes Filosofos aviā de dar estos titulos a un humano con el nombre de Iupiter, sino este nombre a quien los tiene todos, que es un Dios verdadero? Con este misterio llamavan a Dios assi, para declarar con la virtud deste nombre la divina. I assi se sigue , que ningun docto antiguo llamó Dios a ningun hombre por llamarle Iupiter, sino Iupiter a Dios, por ser propio nombre este para él. Mucho antes que uviesse Iupiter alguno de essos a que la ignorancia, o atrevimiento llamó Dioses, se llamava Iove a Dios : i como despues vinieron essos hombres grandes en poder , o acciones , por exagerarlos los llamaron Ioves, los entendidos : i por no entenderlo bien, lo creyeron con error los ignorantes. Consta de varios Autores, que el primero que se llamó Iupiter fue Lysania , hijo de Etereo: i diosele esse nombre por su virtud, derivado de Ieova. Lo mismo sucedió a Belo: i de ai resultó el titulo de Divos, dado a los Emperadores. Manuel es nombre propio de Christo: no erraremos en llamarle Manuel, aunque uviesse un famoso , i mil famosos delinquentes deste nombre. Rodrigo Cota en su Mingo Revulgo , para decir , Christo Messias con algun velo , dixo, *Cristov al Mexia.* Miradlo: i a su Comentador el docto , i judicioso Fernando del Pulgar en la cop. 10. Agora quieto provar, que aun en la opinion de los Gentiles , i antiguos , Iupiter era el verdadero Dios. Arato Solens. Apparent. entra assi: *A Iove principium, quæ nunquam mittimus
ipsi in Fatum Plena vero Iovis omnia, &c. Hu-
ius etenim genus sumus: ipse enim signa in cælo fir-
mavit.* Pues si aqui Iupiter es el principio de todo, i de los hombres, i hombres eran uno , i otro Iupiter de tres que uvo; siguese, que esse Iupiter primero , Autor destos , es el verdadero Dios. Muestralos bien todo esse lugar de Arato, que cañ viene

viene a ser el capitulo primero del Genesis, que refiere como Dios lo crio todo; i por Dios dice Jupiter este Autor. Sirve aqui excelentemente la contienda de Homero, i Hesiodo: porque a este pregunta aquell: *Qual era la cosa que jamás fue, ni avia de ser?* i respondió Hesiodo con admiracion general: *Que era el sepulcro de Jupiter*, entiendo por Jupiter el verdadero Dios, que como es inmortal, jamás puede tener sepulcro. Pues si estos que tuvieron el nonibre de Jupiter eran mortales, i tenian sepulcros, siguese que ninguno de los es el Dios verdadero, que conoció aun la misma antiguedad, sino el verdadero Dios a que llamavan Jupiter. Toda la Gentilidad llamò Padre a Jupiter, i el titulo de Padre es propio del verdadero Dios: i aun otro titulo de Jupiter le haze tan propio para representar a Christo, que del viene el del santo Padre su Vicario en el mundo: porque Arriano dize, que los de Birthinia subiendo a lo alto de los montes, invocaban a Jupiter con el titulo de Pappa, que es Padre: i los de Scythia (según Herodoto, i Origines) le adoravan con el nombre de Pappxo. Vease a Lilio Giraldo Sintagm. 2. de Dijs Gent. Luego, bien un docto Poeta Christiano puede llamar a Christo, i a toda la Trinidad inmensa, Jove: por ser nombre que la Teologia antigua le dio, i por sus propiedades i soberania deste proprio nombre, que luego mostraremos. Y quando esto no fuera así, i Dios no fuera llamado Jupiter antes de aver algun humano con este nombre que se le dió, o por merito, o por lisonja, sino que de los humanos con calidad de potencia, i valor sublime, se huviese aplicado a Dios, esto no tiene inconveniente, antes conveniencia grande. Las Escrituras sacras están llenas de infinitos lugares con sujetos malos, por imagen de Christo. Escuso mucha cita, porque es claro. Traeré solo el lugar de Zacharias en el capitulo 13. adonde haze memoria de un falso Profeta, a quien por castigo de sus embustes fueró horadadas las manos; i bastó el parecerse en esto a Christo, para que la Iglesia los Viernes le trayga por figura de Christo, diciendo en la Epistola un poco deste capitulo del Profeta ai citado. A Jupiter llamó Eurípides de la propia manera que nosotros a Jesus, pues llegó a llamarle, *Salvator*: i por dicha, que el averlo visto el Poeta le animó más a llamar Jupiter al propio Jesus: i no ay duda, que mejor será llamar oy a Christo Jupiter, que a Jupiter Christo, o Salvador. Porque puede aquello ser adorno, i esto vicio digno de pena: i tal devió ser el que la truxo del tallamiento de la mano a un pintor, que pintando a Christo le puso con insignias, o accion del fabuloso Jupiter, como lo refiere Cesar Baronio: lo que no sucede acá, pintandose a Christo con las acciones del divino Iove. Pero para que es aezir, que Eurípides llamo Salvador a Jupiter, i Dante Jupiter a Christo, si

A tenemos ai Apion Gramatico, que del escarabajo hizo imagen del Sol queriendono mostrar en uno de los animales más inmundos, i viles, la propiedad del Planeta de los Planetas. Mas para que es tampoco hacer caso de Apion en esto, si tenemos ai a san Agustín, que en sus Soliloquios dize de Christo así (en quanto a la humanidad, solo por semejantes simpatias a las que obligaron a Apion, a que comparasse aquell animalcejo con el Sol.) *Bonus ille Scarabaeus meus, non eat tantum de causa quod unigenitus, quam ipse meus filius Auctor mortalium speciem induerit, sed quod in hac fecer nostra se se volutarit, & ex ipsa nasci bono voluerit.* San Ambrosio sobre aquel lugar de san Lucas, capitulo 23 en que refiere como crucificaron a Christo, dize: *In Cruce erat Dominus Iesus, &c. Vermis in Cruce; Scarabeus in Cruce, &c. Bonus Scarabaeus qui clamavit e Ligno, &c.* Que dixeran (otra vez digo) los Censuradores, si nuestro Poeta fiziera que el escarabajo (ya no digo Jupiter hombre) representasse a Christo como hacen estos Santos? Pero ellos, i él, fizieron como doctissimos, para enseñar. I porque esto? Porque de cada cosa para pintar, i dar a entender otra felizmente, se puede i deve tomarlo que parece conveniente, sin que sea estorvo a ello lo que no lo es. Mirad como os lo enseña la misma Escritura sagrada, llamando a Christo Cordero, i Leon: en quas se consideran dos cosas: una, que el Leon es animal muy desmejante, i contrario al Cordero, pero esto es, que se toma de cada uno lo que sirve: otra, que de la criatura, i más irracional, no ay duda que ay inmensa distancia al Criador, que es purissimo, i ella inmunda; i todavía se usa della en lo que sirve para darle a entender al juicio humano. I lo que es más, que en esa misma sagrada Escritura se llama Leon a Christo, i Leon al demonio: i es, porque quando se trata de Christo, se toma por las calidades generosas; i quando del demonio, por las ferinas. Vease otros lugares, que irán a semejante proposito en la estancia 16. del Canto dezimo. Así sois obligados a entender a Dante, quando faca a Virgilio del Infierno, i le lleva por el Purgatorio, no siendo Virgilio capaz de salir a lugar adonde ay esperanza de gloria; tomando del lo que sirvió para aquella representacion; sin atender al inconveniente, de que en el infierno, *Nulla est redemptio*, ni podia, ni puede de Virgilio salir de allá; cosa que no ignorava Dante gran Teologo.

E Así acá, mientras Jupiter, Venus, Marte, Mercurio, i las Ninfas, representan a Christo, a la Iglesia, al Angel, i a las Virtudes, no hemos de mirar a lo que dellos no es propio, sino a lo que lo es: so pena de que se quedarian reprobando las enseñanzas Filosoficas, Poeticas, i aun Santas; porque de apolojos, figuras, i parabolas, usan no solo las letras profanas, sino las sagradas. I tras

esso devemos ponderar, que siempre es cierto, que lo que dizen hombres tan grandes, i que singularmente logran espíritu divino, encierra misterio, aunque a la primera luz no lo parezca; i pide reverencia, i estudio, i silencio, quando no se entiende: i assi como semejantes atrevimientos no son licitos a todos, perecieran grandes imágenes i consideraciones, si no fueran licitos a algunos, tales como estos. Pues si esto es assi en doctrina corriente, que será en la Poetica que siempre se vistió de velos más difíciles, i más licenciosos?

Arriba diximos, que si el Poeta introduxera el B propio Christo, Angeles, Iglesia, i Virtudes, i no las figuras que introduce en su lugar, fuera esto devoto, pero no gustoso: i agora añadiendolo a esas razones patentes de que de cada figura se toma lo que sirve para la representacion de las personas que se quieren representar, digo que el Poeta no solo las eligió, o algunas dellas, para que representassen lo bueno, sino tambien lo malo, para enseñarnos con la representacion de lo bueno a amar el bien: i con la del mal, a huir el mal. I esto ultimo no pudiera conseguir si introduxera realmente Personas divinas, en que C no puede aver acción que no sea divina: i fuera yerro atribuirle alguna artificiosa, o fingida, para enseñar a huir el mal. Y viendo que para esto no tiene licencia la Poesia, porque no la tiene para hacer de lo bueno malo, i al contrario la tiene para hacer de lo malo bueno, con acuerdo, i juicio grande, eligió estos personajes para usar de una i otra enseñanza: por quanto ellos fueron meramente humanos, i despues se les atribuyó divinidad. Y assi por humanos están cipazos de representar acciones humanas, i por divinos las divinas: i si fueran solamente divinos, no estavan capaces de huirse en todo lo que el Poeta pretendió. Deste modo siendo los divinos, i humanos, i tomando de cada uno (cos los fundamentos que ai acabamos de decir) lo que sirve a lo divino, i al humano, enseña a un mismo tiempo con las mismas figuras, lo divino con lo divino, i lo humano con lo humano dellas. Y a no hazerlo assi se perdieran grandes enseñanzas, i efectos que se ven en este Poema. Pongamos un exemplo. Desde la estancia 38. del Canto segundo, pretendiò el Poeta exprimir los melindres artificiosos de la hermosura humana en Venus (como allá se verá) i en la estancia 37. del Canto nono, en la propia Venus las confianças humanas de la propia humana hermosura, i otras treceas de que ella suele usar. Y en el propio Canto, desde la estancia 64. expreme en aquellas Ninias, que representan las Virtudes: i la gloria, variadas acciones, que todas son de la hermosura meramente humana con alguna malicia. Siguese, que fuera yerro representar esas malicias, i treceas en sujetos divinos, si los introduxera realmente, siendo ellas impropias dellos; i que para

Tomo I.

A representarnoslas en aquellos de quien ellas son propias, era necesario introducir semejantes figuras, en que concurre lo humano por la verdad; i lo divino por la fabula misteriosa, tomando de cada una lo que fue a propósito para ambas representaciones, sin incurrir en el defecto de impropiedad que hubiera en suponer actos muy de lo humano en personas totalmente divinas, i por esto impropias para ellos. I assi vino a servir en estas, que juntamente son divinas i humanas, lo divino para la representacion de lo provechoso; i lo humano para la de lo dulce; junta sin la qual no ay Poesia grande. I aunque Torquato Tasso introduxo a Christo, i a los Angeles realmente, con que consiguió lo provechoso; i varios episodios con que consiguió lo dulce; no consiguió unidamente lo uno, i lo otro; sino separadamente: i de modo, que en la introducción de las personas divinas solamente, casi, quedó siendo devoto: i en esos episodios solamente dulce: i acá con la introducción de personas divinas, i humanas juntamente, juntamente se consiguió lo uno i lo otro.

Si esto no es admirable: si esto no es artificio totalmente hijo legitimo de ingenio más que humano, yo desisto del Comiento deste Poema, i de su alabanza; i ruego a los Lectores que no pasen de aqui.

Añadese a esto, que el Poeta viendo que Dios tiene muchos nombres, eligió el que más propio parecía para esta ocasión; i fué el de Ieova, i por él, el de love, por serle tan parecido: o porque es el santo nombre de Ieova aquél con que llamaron a Dios los Hebreos con tanta propiedad, que ningún otro nombre, no solo de todas las lenguas, sino de la propia Hebrea, se puede igualar con este, como tienen muchos Teólogos; o porque este nombre de love (que es lo mismo que Jupiter) tomado en la denominación Latina, se deriva de Iuuo; i es muy preciso en esta acción; porque Dios ayudó particularmente este descubrimiento; pues no solo tuvo efecto contra el pirecer más numeroso de la gente del Rey no, sino que saliendo el Gama en tiemp*o* que no se pueden navegar aquellos mares, porque no se les sabia entonces este achiique, fue, i bolviò a salvamento; i las vitorias de los Portugueses en la India, son más propias del braço divino, E que del humano. Desto empeçamos a dezir alag*o* en la Nota primera al Título deste Poema, i se verá mucho por todas ellas, i el. Iademás de significar el Poeta esta celeste ayuda con el nombre de Love de que usó, la significa en el modo de la preposición que finge hazer Jupiter a los Dioses; que es no pedirles consejo, sino comunicarles la resolución que tiene de ayudar este descubrimiento: i fenece la platica mostrando que ya les tiene previendo buen ospicio en la costa de Africa, que fue el que allí diremos. I no es este lu-

G 4 gar

gar solo aquel en que el P. usó la industria de elegir el nombre más propio para la acción de que trataba; porque en la est. 46. del c. 8. usará del de *Demo* con semejante cuidado: allí se verá. A este punto se nos vino a los ojos otro lugar que descubre este pensamiento: porque en la est. 29. hace el P. que diga el mismo Jupiter:

*Que sejam,determino,agafalbados
nesta costa Africana,&c.*

Mostrando con aquel término, *Nesta costa*, que es el sumo Dios, que estando en todo lugar, ninguno le queda apartado. Vease lo que allí ponderaremos, que hará bien a este propósito. A aquel respeto que se sigue luego, *Como amigos*, no descubre menos esto: porque Christo se mostró siempre singular amigo de los Portugueses en los favores, i ellos amigos singulares suyos en las acciones: i así queda bien aquí el decir Jupiter representando a Christo, como representa, q él es amigo dellos, i ellos dél; i que como tales los favorece: i no estuviera bien si el Jupiter fuera Jupiter secamente: ni lo dixera, no digo yo un Canioés lleno de furor divino, sino, ni un infensato. Porque, con el fabuloso Jupiter desnudo, i crudo, como suele decirse, que fuerte de amistad entienden los pedantes podian tener los Portugueses? No lo están viendo?

Para declarar más el P. que por esta Deidad, o Planeta, entendió Dios trino i uno, usó de industria hermosa, siempre en aumento de la invención, i cultura Poética misteriosa; porque no sin misterio introduxo a Jupiter, por ser una Deidad de que los antiguos tenian tres principalmente; porque tres Ioves tenian, como es notorio: i estos tres se vinieron a reducir a uno; porque a uno aplicaron las acciones de todos tres. I como Dios es uno i trino; i no ay obra de uno, que no sea de los tres, justa, i providentemente el P. para expressar la Trinidad con velo misterioso, introduxo esse Jupiter con estas calidades. También respetó a esto en introducir tres Deidades hechas en una voluntad, en favor deste viaje, que son Jupiter, Marte, i Venus: entendiendose por Jupiter el Padre, Autor de todo; por Marte, el Hijo Iesu Christo, que baxando a la tierra dió la mayor batalla; pues tuvo por adversario el infierno: i consiguió la mayor victoria, pues sacó de su poder el genero humano: i este propio oficio haze agora aquí venciendo a Baco, que es el demonio; i quitandole de las manos con el instrumento del zelo, i osar Portugues, las almas que por él, desde essa India, tienen entrado en el cielo; que son innumerables. I por esta Venus (que es celeste, como luego hemos de mostrar en la c. 33.) entiende el Amor, i Espíritu divino. Ni puedo dexar de persuadirme, que introduciendo el P. juntas estas tres Deidades en favor de Portugueses, que son Españoles, que tienen tanto de la sangre Gotica, se acordó de lo que dice Olaio Magno (lib. 3. cap. 3.) de los Dioses que particu-

larmente adoravan los Godos antiguos, que eran tres: uno sentado en silla entoldada de estrellas, i con corona, i cetro, en todo correspondiente al Jupiter que aquí pinta el Poeta en la estancia 22. de manera, que parece lo sacó de Olaio: i otro en todo correspondiente a Marte, i otro a Venus.

Tenemos dicho, que el P. introduxo a Jupiter por la virtud del nombre, i por la calidad Trina. Agora veamos si le introduxo tambien por la figura piadosa que el propio Christo estimó tanto. Veis aqui como en Jupiter quiso representar a

B Christo mostrandonosle, como otro Bantista, en figura de Cordero, en esta acción de piedad usada con los Portugueses: porque Jupiter, como sabéis vulgarmente, fue adorado en figura de Carnero: i assi está muy bien sacado de la fabula misteriosa esse Jupiter adorado en esa figura, para representar aquí al propio Christo, que tantas veces se representa en el. Tambien no es correspondencia para despreciar de Jupiter con Christo, la de ser cierto, que la Aguilas Ave propiamente amada de Jupiter; i que san Juan Evangelista, que la tiene por insignia, i se representa en Cella, es el amado de Christo: i que si de Jupiter se dice, que en ella llevó el amado Ganimedes al cielo, del Evangelista se dice tambien aver bolido al cielo verdadero en virtud de otro más verdadero amor. Ni es desaliñada correspondencia de Jupiter con el verdadero Dios, el ser cierto que Dios fue el primero que labró de barro, haciendo de tierra el primer hombre: i de Jupiter se dice ser el inventor de vasos de barro. I como las más de las fabulas se fundan en verdades sagradas, facilmente aparece, que Jupiter en estas fabulas representa al verdadero Dios en estas verdades. Digo más, que la figura principal quo haze aqui Jupiter es la de Christo, porque él se llama Oriente en las Letras sagradas. *Zacharias cap. 6. Eesse vir Oriens nomen eius.* I siendo esta expedicion de los Portugueses para el Oriente, justamente ellos van con la mira en Christo para dilatar su Ley; i Christo con su favor tras ellos para ayudarlos en cosa tan propia suya. I parece se cumple agora la profecia del propio Profeta en el tercero: *Quia viri portendentes sunt: ecce enim ego adducam servum meum Orientem*, con aquello de Clemente Alexandrino en la oracion,

E *Is Occasum traducit in Orientem.* Christo con ese nombre de Oriente favorece a los navegantes que passan al Oriente, bonissimo es que Jupiter haga la figura de Christo en essa ocasión: por ser Reyno suyo el Oriente, segun Lactancio, refiriendo la distribucion que se hizo del mundo entre los tres Dioses.

I porque diximos agora que essa Venus representa aqui esse espíritu amorofo: i en otros lugares dezimos que representa, ya la piedad, ya la Religió, ya la Iglesia, ya el Genio, o Angel bueno, ya la verdad, ya otras cosas; i assi de los otros.

etros personajes aqui introducidos; i de esto puede resultar, que los curiosos a caso nos pregunten, como aqui es una cosa, i allá otra, sin reparar en que todas estas se encierran en una. Respondemos. Que Dios no se reduce a un solo titulo; por que todos los de valor i virtud, le son igualmente propios, i todos los que tiene, i puede tener no caben en cifras. La Santissima Virgen Maria S.N. tiene muchos privilegios destos, de que resultan los muchos titulos que le da toda la sacra Pagina, i la piedad, i Religion Catolica vulgarmente, atendiendo a los efectos, o a los lugares de donde vinieron sus Imagenes, o a donde estan colocadas: i Christo, i su Madre no son menos para una necesidad, que para otra, ni mas de aquell lugar que dese. I de esto vendremos a entender, que ni los antiguos tuvieron muchos Dioses, como generalmente parece; sino q a ese que reconocian (fuese del modo que fuese) davan diferentes nobres para invocarle por ellos, a su modo, conforme lo pidiesen la ocasion. Esto dan a entender los mismos Gentiles doctos que mil veces llaman patrañas a las fabulas que vulgarmente se piensa tenian ellos por verdades. I por que esto no es deste lugar, escuso citas, i erudiciones: i digo solo, que en la imagen de Marte veneravan al veradero Dios, como a Dios de los exercitos: i a este respeto en las otras llamadas Deidades; que si para el vulgo lo eran, para los doctos no eran mas de imagenes de la verdadera Deidad, dividida por ellas en virtud de sus virtudes varias; para ser invocada dellos conforme a las necesidades; bien assi, como entre nosotros licita i catolicamente se encomienda a la Señora del Rescate el cautivo, i al asfigido a la del Refugio: siendo toda una misma Señora de quienes con diferentes titulos se llevan en diferentes partes sus imagenes: no dan dole estos tales titulos alguna inconstancia suya, sino varias necesidades nuestras: i a los otros Santos ordinariamente buscamos por intercessores para un solo efecto: Assi acá Venus como Deidad introduzida en este Poema logrará diferentes titulos; i mucho mas representando la Iglesia en que se incluyen los de Religión, Piedad, Fe, Pureza, Verdad, Amor divino, i todos los otros que sabé los Catolicos: i tambien se queda en esto pareciendo el Poema a la representacion, como al principio advertimos: porq en ella una figura tal vez haze diferentes papeles o figuras I estuve el P. tan atento a no tomar a Iupiter en la boca, sino en ocasion que nadie dudasse de que representava aqui el verdadero Dios, que una vez que lo hizo de modo que parecia quedar escrupuloso lo mudo, como veremos a la entrada de la c. 33. del c. 6. Vease, que es lugar notable. Mas bolviendo al singular ingenio co que nuestro P. introduce estas Deidades, entendiendo por ellas la verdadera, dezimos, que tambien con usar de otras pudiera entender la misma; pero con docta erudi-

cion usó destas, hablado en las propiedades que les dan las fabulas en quanto Dioses, i en las que les dan los Astrologos en quanto estrellas, mucha conveniencia con las de la Deidad suprema. De Venus, Marte, Mercurio, i Baco diremos en sus lugares lo que de esto se nos ofreciere; i de Iupiter en este por ser suyo. A Iupiter, pues, suponen las fabulas Motor de todo, i valida della Aguilas que dizen tiene por espejo al Sol quando nace. Bien luego el P. ingeniosamente introduce a Iupiter por el verdadero Dios, que fue el motor de los corazones Lusitanos, i ellos en lugar de esa Aguilas, favorecidos del, i con su aiento animados a poner los ojos en el mismo Oriente del Sol. Los Astrologos llaman a Iupiter, en quanto Planeta, benevolo, i influente en Monarquias: i siendo las Ordenes de los Angeles nueve, i aplicandolas por los Orbes, o cielos, la orden quarta, q es la primera de la segunda Jerarquia, contiene las Dominaciones, las cuales tocan al sexto cielo, que es de Iupiter, i gozan particularmente acto imperativo. Bien luego nuestro Poeta introduce a Iupiter benevolo con los Portugueses quando salen a instituir nuevo Imperio, i Monarquia. Tolomeo dice, que este Planeta pude mucho en el ayre, i nuestro P. muestra (despues que le introduce en favor de la flota) que le sazonó el ayre, i los vientos en la est. 43. Dizem mas estos Astrologos, que infuye Iupiter gentileza, i buena disposicion, i colores en el hombre. Bien luego le introduce el P. por celebrar esas propiedades en los Portugueses, calificandolas co hazer Proterora dellos a Venus, que es la despensera de la hermosura. Subiremos de punto este pensamiento en la est. 33. al tratar de la introducion desta Diosa en este Poema. Estos Astrologos dicen, que el Planeta Iupiter por la templança de sus rayos se llama benefico; i que porq ayuda a la naturaleza se le dio este nombre de adjuvo, de manera, que por su moderacion saludable se introduce en el hombre natural inclinacion para exercitarse en actos virtuosos. Bien, luego, quando la gente Portuguesa sale a exercitarse en estos, introduce el P. a Iupiter en favor de la. Iiendo Iupiter tan assistente a la naturaleza, i el verdadero Dios el Autot della, justamente representa aqui Iupiter esse verdadero Dios. Dizem mas, que a este Planeta se atribuye la procreacion de los hijos, i que ayuda al Sol en ella. Bien luego le introduce el P. quando los Portugueses van a buscar el Sol en su nacimiento para engendrar nuevos hijos para la Iglesia, i para su Corona. Dizem que este Planeta tiene por oficio replain las influencias nocivas de Marte. Bien, pues, el P. le introduce quando passan las armas Portuguesas a la India para templar su furor: i parece que atendió en esto a la instrucción del Rey don Manuel, que templandole en ella, mandó a sus Capitanes que entrassen primero con suavidad, como veremos en la estancia 37. Dizem mas

E

los

5

essos Astrologos, que a este Planeta entre las regiones que domina, le tocan las de España, Arabia, Persia, i otras de la Asia. Bien, luego, el P. le introduce en favor de los Portugueses quando desde España van a buscar esas tierras; i quando Reyes della se quieren intitular dellas, como despues lo hicieron. *Dom Manoel Rey de Portugal, &c. Navegaçam, comércio de Etiopa, Arabia, Persia, e da India, &c.* Ia esto parece aludido el P. quando hizo nombrar estos titulos a aquel sentencioso viejo del c. 4. est. 101. con la censura de q el deseo dellos era el motivo desta acciō. Dizen que tiene Jupiter dominio en el oro, plata, perlas, brocados, ambar, almizcle, canela, i yervas olorosas. Luego mil veces bien el P. le introduce en favor de los Portugueses quando vá a buscar todo esto a esas partes, i lo truxeron, i lograron con tantos aplausos. Dizen mas, q este Planeta es de los que mas duracion promieren a las cosas en que influyen. Bien el P. luego, le introduce al establecer los Portugueses Imperio en la India; que fue lo mismo, que anúciarles duracion en el: i a esto sin duda estuvo atento el P. quando hizo dezi: a Tetis que avian de vivir en la India muchas edades: esto es en la est. 107. del c. 10. Vease lo que allá diremos, que convendrá para entenderse la atencion con que habla el P. i como es de espíritu divino aquella profecia. Finalmente devió el P. como doctissimo, atender en esta introducción de Jupiter a que el año 1484. a las trece horas i quarenta minutos del dia 25. de Noviembre fue la conjuncion de Saturno, i de Jupiter en el Scorpion, i ascendente del quinto grado de libra; la qual insinuó mudanza de Religion. I porque Jupiter supera a Saturno, significó que la tal mudanza sería para mejor: i no pudiendo aver mejor Religion que la Católica, siguese, que essa conjuncion significó la mudanza de Religion que hubo entre idolatras, i barbaros por toda essa Africa, Asia, i America en virtud del valor Portugues, dándole firme principio el Rey don Juan el Segundo con el castillo o fuerza que hizo levantar en la Mina de Guinea: i tres años despues con la Christiandad plantada felizmente en el Reino de Congo: siendo Diego Cam su descubridor el primero que plantó Cruz de piedra en aquellas partes, de orden expressa del Rey, que hasta entonces tenia prohibido, que ni las de palo que antes se plantavan, se plantassen. I para que se vea como aquella conjuncion de Saturno i Jupiter en tal año fue presagio desta mudanza de Religion, es de saber (no notable ajustamiento de cuénta!) que el mismo año de 1484. fue plantada esta Cruz, con las circunstancias de aver el Rey suspendido el plantarse ninguna hasta que fue plantada esta, i de no intitularse Señor de aquellas partes, sino despues deste año en que la Religion Christiana empezó a tomar possession en ellas. Vease a Barros Dec. I. lib. 3. cap. 3. Digannos agora los sutiles si he-

A mos de creer que nuestro P. con esta noticia introduce felizmente a Jupiter prosiguiendo en favorecer aquello mismo en que el tuvo tanta parte. De modo que Jupiter ya representando la providencia, o mano diuina: ya exerciendo el oficio de ministro della como Planeta no ocioso, dio justo motivo a nuestro grande, profundo, i misterioso P. para que docta, ingeniosa, poetica, licita, provechosa, i dulcemente pudiesse introducir estas Deidades genitilicas sin ofensa de la verdadera Religion, i con a cierto inimitable, para que toda alabanza es corta sin duda alguna. Concluyo, pues, que el P. no solo por dar lo provechoso embuelto con lo dulce para hazerle gustar, i leer usó de tanta hermosura i variedad de pensamientos en este admirable velo con que los cubrió, sino que es industria precisa la de introducir estos nombres fabulosos; rato, que aun en las mismas fabulas ordinarias nos enseña el mismo P. ser necesario tratarlas con otros para sazonar mas la Poesia; porque en su egl. 7. describiendo el Parnaso, i las Musas, en lugar de los propios nombres de las, usa de otros que se hagan mas apacibles al oido, como ya mostramosclaro en la e. 4. i mostraremos en la 53. del c. 9. abundantemente. De manera, que el propio P. nos enseña aqui, i allá, que estos trueques de nombres son cuidado los misteriosos, no descuidos culpables. Los amantes de una lecion varia, con lo dicho suplan lo que falta: porque lo uno nos impide la copia; i lo otro la ignorancia; que saberlo todo es impossible, aunque algunos no lo creen asi. I acudan a las est. 21. 22. 28. 29. 38. 39. 41. 96. 100. i en el c. 2. las 12. 46. 49. 50. 54. 55. 73. i en el c. 4. la 74. al fin que es notable lugar: i en el c. 6. la 33. que no es menos notable: i en el 8. la 64. i en el 9. las 18. 26. 29. i en el 10. las 69. 82. 83. 84. i 13. 142. 143. que en essos, i mas lugares ai mas de lo tocante a esta introducción de Jupiter, que seguramente aprueba lo dicho.

XXI.

Deixam dos sete ceos o regimento, que do poder mais alto lhe foy dado: alto poder, que só cõ o pensamento governa o ceo, a terra, e o mar irado. Ali se acharam juntos num mométo E os que habitam o Arcturo cõgelado; e os q o Austro té, e as partes onde a Aurora nasce; eo claro Sol se escôde.

D Exan el regimiento de los siete cielos, que les fue dado del poder mas alto: alto poder, que solo con el pensamiento govierna el cielo, la tierra, i el airado mar. Alli se hallaron juntos en un momento los que habitan el congelado Arcturo; i los que tienen el Austro, i las partes a don-

donde nace la Aurora , i se esconde el claro Sol.

¶ *Deixam dos sete ceos o regim &c.* Declara ei P. quantos, i quales eran los Dioses principales que se hallaron en este concilio, que vienen a ser siete, que son los Planetas, Saturno, Iupiter, Marte, Titan, Venus, Mercurio, i Diana; assi como los ensarta en la e. 89. del c. 10. por su ordé; i los introduce en esta navegacion; porque todos ellos por divina disposicion tienen dominio en los tiempos, sucesos, tierras, i mares. De los otros Dioses que dà a entender en essotros versos diremos en la explicacion dellos. Ya mostramos en la estancia antecedente , que el ir Iupiter aquì entre los llamados, tiene gran misterio, aviendo el sido el que llamò: i descubre el P. ingeniosamente que el que los pudo llamar era el verdadero Dios, aquien obedecen essos Planetas, como todo lo criado: i que por los otros Dioses entiende las otras virtudes inferiores, como claramente mostraremos en las estancias 33. deste c. i del 2.

¶ *Que do poder mais alto lhe foy dado.* El P. siempre va con cuidado de manifestar el artificio que lleva. Aquí se ve mas claro lo que dimos en essotra estancia , de que el que llamò a Concilio es el verdadero Dios , de quien essos Planetas tienen las virtudes , i propiedades que se le conceden.

¶ *Alto poder.* Repeticion industriosa, por enseñir que el poder que ai nombrò es el supremo del Dios de todo, solo i verdadero; i es essa repeticion la figura Epanodos o Anadiplosis.

¶ *Que só co pensamento governa o ceo, a terra, o mar, &c.* Por ventura no es perifrasis valiente del verdadero Dios, esse circunloquio? Claro está: porque a Iupiter no le toca esse governo de todo, ni aun en lo riguroso de la fabula; pues de illa consta que essa maquina de unas i otras esferas se dividió en tres Dioses : i a Iupiter tocó el cielo, i en la tierra i mar governavan Pluron, i Neptuno a quien tocaron essas partes. Luego no son Diedades gentilicas las que introduce el Poeta, sino la verdadera unica que lo govierna todo.

¶ *Ali se acabaram juntos, &c.* Con Virgilio En. 11. Olli convenere stantq; ad Regia plenis tectavij.

¶ *Os que habitam o Arcturo congelado, e os que, &c.* No ay duda que vio el Poeta a Antonio Minturno lib. 3. egl. 1.

..... Nè superni tetti
Cbiamò tutto 'l celeste alto consiglio;
E d'ogni spera i suoi ministri eleti;
Quanti n' han del Ponente i larghi Regni,
Quanti del bel Levante, e quanti d' Austro;
Quanti di Borea gl' indorati settri, &c.

Dize nuestro P. por este termino, Os que habitam o Arcturo: los habitadores del Norte , parte fria; i por los que tiene el Austro , los del Sur, viento assi llamado, que es meridional, calido, i

humido: del Arcturo con el nombre de Bootes, A en la estancia 71. del c. 3.

¶ *E as partes onde a Aurora nace.* Entiende las partes Orientales , que los navegantes ivan buscando; porque allá nace el dia; esto es alli Aurora.

¶ *E o Sol se esconde* Entiende los que habitan las partes de Poniente Tambien entrò en toda esta invencion Geronimo Vida , que ai atras diximos imitava el P. en el conciliabulo con que entra el lib. 1. de su Christiada : a donde luego q describe el sonar de la trompera infernal , subito haze concurrir los demonios de todas partes.

*Cōveniūt properi, qui terris omnibus errat, &c.
Nec non ventorum tempestatumq; potētes, &c.*

Por los siete Planetas que el Poeta finge , acudieró al concilio, prosiguiendo en nuestra segurissima alegoria que descubrimos, se puedē entérer muchas cosas, i principalmente las que en la Religion Catolica se reduzen a aquel numero septenario misterioso; como serian los Sacramentos della, que con esta accion se pretendian pasar a la India, las siete virtudes, i los siete Dones, que todo sigue essa Religion que allá passava. Pero supuesto que por los otros Dioses menores q se siguieron a estos siete ; el Poeta entiende los otros astros, o estrellas de menor grandeza, de q son seguidas essas superiores, que todo vienen a ser diferentes compañias de luces obedientes a su Autor, es la verdadera alegoria, entender por ellas las Hierarquias, distribuidas por essos cielos, i las inteligencias con que son movidos, i los Santos que estan delante de Dios, por cuya permission fue ayudada de algunos con particularidad la gente Portuguesa en algunas de las acciones deste descubrimiento , i conquistas , como consta de nuestras Historias verdaderas, i aun de las estrañas: i que en particular entienda el Poeta por todas essas estrellas los Angeles , i se ha de entender assi, lo mostraremos sobre la estancia 25. de modo que nadie lo pueda negar.

XXII.

Estava o Padre ali sublime, e dino,
que vibra os feros rayos de Vulcano,
num assento de estrellas cristalino,
com gesto alto, severo, e soberano:

E Do rosto respirava hum ar divino,
q divino tornara hú corpo humano;
com húa coroa, e ceptro rutilante
de outra pedra mais clara q diamante.

E Stava alli superior en aquella compagnia celeste el Padre sublime, i digno de aquel lugar (el que vibra los fieros rayos de Vulcano) en un assento cristalino labrado de estrellas con semblante alto, severo, i soberano. Del rostro respava

rava un ayre divino, que pudiera bolver divino a un cuerpo humano. En la cabeza tenia una corona, i en la mano un cetro, rutilante todo, i todo de otra piedra mas que el diamante clara i preciosa.

Esta era o Padre, &c. Entiende por el Padre, Dios verdadero, Autor de todo: i llamale assi, no solo imitando a Virgilio en ese lugar citado, *Conciliumq; vocat Divum Pater atque hominum Rex*, sino porque entendiendo por Iupiter el verdadero Dios, ese es el nombre singular de la primera persona de la santissima Trinidad: i tan singular, que la segunda, Christo, nos dexò ordenado que le llamassemos Padre nuestro, al invocarle en nuestros trabajos, como a dador piadoso de todo bien; oficio propio de Padre: *Omne bonum de sursum est descendens a Patre lumineum*; i porque estaba agora aqui presidiendo a esas luces convocadas, i derramando delante dellas su gracia en favor desta navegacion, con propiedad le llama el Poeta Padre en accion tanta de Padre. Alfin de la estancia 30. irà un lugar de la costumbre de llamar la antiguedad Padres a los Dioses.

Que vibra os feros rayos d. Vulcano. Assi el Poeta estancia 51. del canto 5. algo al modo de Virgil. en el 8. *Fulmen erat, totogenitor quæ plurima caelo Dei jet in terras*: mas arrimado está Juan de Mena copia ultima de su Prohemio, *El que los fuegos coruscos es grime*. Es perifrasis de Iupiter, dezir, que arroja los rayos de Vulcano; porque se halla en las fabulas q este herrero forja los rayos que Iupiter arroja al mundo: i no es impropio de la alegoria que lleva el Poeta, porque siendo los demonios los rayos infernales, ellos fueron arrojados del verdadero Dios desde esos cielos, i sin permission divina no pueden obrar cosa alguna contra los hombres: i la misma Escritura sacra del mismo Dios verdadero, dice que vibra sus armas Psalmo 7. *Gladium suum vibrabit*, &c.

Num assento de estrellas cristalino. Virgilio en el 10. sentando al mismo Iupiter. *Sydeream insedem*. Ovid. met. 1. del propio sentado assi. *Celsior ipse loco, septroque innixus eburno*: i en semejante inencion Stacio Theb. 1. *Stellantique locat solio*: a donde ay semejantes dares, i tomares entre Juno, i Baco, i Venus; como acá entre estos dos, i Iupiter, i Marte. Vealos los curiosos, porq pensar que se puede copiar todo lo que parece imitacion es escusado. Juan de Mena no se descuido de pintar la silla del Rey don Juan: irà a otro fin en la estancia 99. del c. 2. Vese claro en toda la estancia la imitacion destos lugares, tomando de cada uno algo: el asiento, la labor, el ceptro. Resta entender como este asiento de Iupiter aqui era de estrelas, i cristalino, siéndo ellias diferentes del cristal en color, a nuestro parecer. I dexando el argumento de que no son diferentes, porque ni el ni ellas tienen color, el entendi-

miento deste lugar es, que la silla era de cristal razonado de estrellas de oro; o esse cristal estava esculpido de relieve con labor en forma de estrellas: esto ultimo eligimos; si ya no quiere decir el Poeta (i será mucho mejor) que estaba Christo sentado en todo ese globo celeste, pues le ocupa todo; i como a nuestro parecer los cielos son cristalinos, i las estrellas doradas, se compone el asiento q dice el Poeta al modo de Anaximenes: *Clavorum instar crystallino affixas*. El Poeta se huelga de labrar tales sillas para las Deidades: assi en la estancia 25. del c. 6. *Os Deos Bses em cadeiras de cristal*: i en la 3. del 10. *Alienem cadeiras ricas cristalinas*. Estas eran llanas, i la de Iupiter labrada con ventaja: haciendo con la grandeza del trono imagen de la de quien le ocupa. Esto quanto a lo que imita; i en quanto a lo q alude, sospechamos es la imagen que adoravan los Godos, i apuntamos en la estancia 20. q estaba rodeada de doce estrellas, como Christo, entendido por ese Iupiter, de sus doce Apostoles, que fueron los Planetas del mundo, i de la Iglesia, que con la luz comunicada de la fuente della, le fueró a alumbrar. I como los Portugueses tie-

Cnen tanta parte en ese Iupiter de los Godos, por la que tienen de la sangre Gotica; i tanta parte en el propio Christo, no solo por la que tienen de la sangre que el derramó por el genero humano, sino porque el se les concedio singularmente rodeado de Angeles en el principio de su Reyno, siendo instituidor del es bonissima la correspondencia de que se obligó el Poeta para usar de Iupiter por Christo, pintandole rodeado de estrellas en el asiento en que está colocado: i porque a los pies del quedan todos esos pavimentos dellas.

Comgesto, alto, severo, &c. Estava, pues, Iupiter mas venerado que los otros Dioses: imitacion de Virgil. En. 10. al pintar el Rey Latino entre ilustres personajes.

Sedet in medijs, & maximus aeo,

Et primus ceptris, baud letafronte Latinus.

Hum ar divino, que divino tornará bum cor po humano. Hermosa imagen de Iupiter, exprimiendo su poder: i tambien propia del Padre Eterno que representa: porque de su aliento al formar el hombre resultó el espíritu divino en el cuerpo humano; con que se quedó hecho a su imagen, como el propio artifice dixo al infundirle ese espíritu: i también propia imagen de Christo que representa juntamente; porque aviando el hombre perdido la gracia por sus culpas, se la restituyó Christo, tomado cuerpo humano. I estas señas todas pone el Poeta para que veamos q ese Iupiter sacro representa al propio Christo, como ya vimos en el discurso de la estancia 20. i veremos con alguna novedad al fin desta.

Respirava bum ar divino. Virgil. En. 8. *Divinum aspirat*, &c. Esto para ese estilo: i para lo de vivificar divinamente ese aliento de Dios; lo

del Genes 2. *Spiravit infaciem eius spiraculum vitae*, i de Job cap. 33. *Spiritus Dei fecit me, & spiraculum Omnipotens vivificauit me*. Finalmente, la pintura que el Poeta hace de Jupiter, entendiendo a Dios verdadero, está qual conviene a su grandeza.

P De outra pedra maes clara que Diamante. Se ha de entender, que esta piedra más clara que el diamante, era el piropo, o carbunculo: i en ponerla el Poeta en la cabeza, i manos de Jupiter, está misterioso: porque en las escrituras es una de las imágenes de la verdadera Gloria. I nos enseña tambien así el Poeta, que esse Jupiter representa el verdadero Dios; i que este Concilio se hacia en el cielo glorioso (según arriba descubrimos) porque es propiedad del no conocer tinieblas, o noche (*Nox enim non erit illuc.*) I essa tiene tambien el carbunculo, porque alumbrade noche: i con essa condicione la puso Ovidio en la casa del Sol, que no conoce noche. *Regia Solis, &c. (lib. 2.) Flamma imitante pyropo.* Esto es ser más clara que diamante essa piedra; porque el no tiene luz sino de dia. Però como el Poeta nos va poniendo señas para que tengamos por Christo a ese Jupiter; i Christo es la unica Piedra, cómose a las sagradas letras; esa Piedra agora aqui unica, es el propio Christo, que está a la mano derecha del Padre eterno coronado de gloria, i con el cerro de su poder, con que repartió el mundo, assistiendo a su gouierno.

Yo prometi en la est. 20. que auia de mostrar mas de espacio al fin desta, como el Poeta aqui al pintar a Christo representado en Jupiter, se conformó en mucho con san Juan, quando vió una pintura suya en el cap. 1. de su Apocalipse. Agora he de mostrarlo, i juntamente provar, como el Poeta no solo entendió a Christo en esta estancia, sino a toda la Trinidad santissima, como promptissimo escritor Catolico, que sabe que jamas puede estar alguna de las tres Personas desacompañada de las dos. I así la est. toda es imagen de la Trinidad, porque en ella está Jupiter uno i trino. Primeramente digo, que si estre no fuera el pensamiento del Poeta, no se desviara él tanto de pintar a Jupiter puntualmente como le pintaron los Poetas Gentilicos que va imitando, según vimos de sus lugares. I en segun do digo, que el Poeta en esta estancia nos hace una imagen de Jupiter en general, muy magestuosa: porque representa a Christo así magestuoso, como le describe san Juan en ese lugar citado. *Vidi. &c. in medio septem candelabrorum aureorum similem filio hominis vestitum podere, & præcinctum ad mamillas zona aurea: caput autem eius, & capilli, erant candidi, tanquam lana alba, & tanquam nix, & oculi eius, tanquam flamma ignis: & pedes eius, similes auricalbo, sicut in camino ardenti: & vox illius, tanquam vox aquarum multarum: & habebat in dextera sua stellas septem, & de ore eius gladius utraq[ue] par-*

A te acutus exhibat: & ficies eius sicut Sol lucet in virtute sua. Bien parece claro, que el Poeta aré dio a la Magestad con que ai está pintado Christo, ai pintar acá a Jupiter, que le representa, pues le pintó con magestad tan semejante en general. Entremos en algunos miébros particulares des tas dos pinturas, a ver si los careamos suficien e mente. San Juan dice allá, que al aparecer esta imagen de Christo, precedió una voz grande, q le llamó a verla. *Audiri post me vocem magnam tanquam tubæ, &c.* Nuestro Poeta acá en la est. 20. hizo preceder la voz de Mercurio (que es vn Angel, como luego enseñaremos) para llamar los Dioses a vera Jupiter en este Concilio. San Juan dice allá, que vio a Christo en medio de sie te candeleros, o luces, có siete estrellas en la mano; i que ellas significavan los Angeles, i ellos las Iglesias de la Asia. Nuestro Poeta acá, para de zir esto mismo poeticamente, pone a Christo con los siete Planetas (que son los Angeles, como provamos en la estancia antecedente) quando trata de favorecer a los navegantes que van a lle var su Iglesia a la Asia, como el les auia prometido, que la avia de llevar, segun queda provado.

C I representando los candeleros la Iglesia, en la qual se halla Christo, como dice ai san Juan; con él se halla en este Concilio Venus la divina, que la representa, como luego provaremos. La parte de blanco, i oro, que san Juan pone en la per sona, vemos acá en el assiento con el modo que explicamos ya. Quanto mas, que si en Christo observó san Juan el oro, de Jupiter dice Cecilio Balbo, que tiene ojos de oro. *Aureos Iovis oculos, &c.* Con que tambien se satisfaze a lo que dice san Juan, que Christo en aquella figura tenia ojos como fuego: porque el fuego se pinta con color aureo. Dize allí san Juan, que Christo le habló con una voz que parecia de muchas aguas juntas. Esto es voz sonante i pavorosa, como parece del mismo Santo, que aterrando de miedo al verle i oirle, le dixo Christo: *Noli timere, &c. i quítale el miedo.* Pues si es tal la voz de Christo allá, con otra semejante dice acá nuestro Poeta en la estancia siguiente, que habló Jupiter con los Dioses presentes. *Com tom de voz começa grave, e borrendo.* I para dezir, que Jupiter, o Christo aqui avia de hablar có este metal de voz tonante, i horrible, eligio de todos los nombres

D E que tiene Jupiter, el de Tonante, en la est. 20. pa ra nombrarle en esta ocasión, que representa a Christo. I que estos dos lugares, o versos del Poeta, sean la explicacion de ese de san Juan, i de la voz de Christo, se prueba con muchos lugares de la Escritura. Job cap. 37 *Audite auditio nem in terrorc vocis eius, & sonum de ore illius procedentem Post cum rugiet sonitus; tonabit vox magnitudinis sue. Tonabit Deus in voce sua mirabiliter.* Veis ai el Tonante, i lo horrible de la voz, repetido tantas veces por Job. I si el P. dize, que aparecio Jupiter a hablar con voz ho rren-

rrenda : esto dize de Christo la Sabiduria en el cap 6. *Horrende, & cito apparebit vobis : i Mala chias cap. 1. Nomen meum horribile in gentibus, &c.* I ay mucho para esto ; i yo de todo pretendto dezir solo quanto baste para darmel a entéder, i al P.

Dize allá san Juan, que de la boca de Christo salia una acutissima espada. Es el rayo del castigo que poeticamente puso el P. en Iupiter que le representa, diciendo, que vibrados fieros rayos de Vulcano. I la Escritora está llena deste modo de hablar, de que Dios tomará su arco i flechas, i rayos, i armas, para dezir que embiará castigos a los mortales. Dize finalmente allá san Juan, que Christo le dixo, que tenia en su mano la vida i la muerte; *Et habeo claves mortis, &c.* Esto muestra acá patentemente, tambien a lo ultimo, el P. en la est. 29. haziendo que el mismo Iupiter diga esto de si, con dezir, como dueño de la muerte i de la vida, que tiene determinado salvar los nava gantes de los mortales trabajos i peligros en q ivan, i de la muerte, que se les aparejava en Móbaça, como despues veremos. Hasta aqui corrió el P. en la pintura con essa de san Juan: agora corre con otros lugares factos.

Dize el P. en esta est. que estaba Iupiter sentado: esto es lo que dice del propio Christo la Escritura: *Sedet ad dexteram Patris, &c.* Dize, q Iupiter estaba severo. Es titulo de Christo. San Pablo a los Romanos cap. 11. *Vide ergo bonitatem, & severitatem Dei.* Dize, que respirava un alieno que bolveria divino un cuerpo humano. Esto es lo que obró Dios al formar a Adan; i esto lo q Christo al redimir el genero humano, hazer capaz a la humanidad humilde de lugar divino. Lo dicho es quanto a que Iupiter a qui representa a Christo con muchas semejanzas de su imagen en las divinas letras. I quanto a que representa a toda la Trinidad unicamente, como prometi mos tratar, se ve claro en que el P. al dezir: *Estava el Padre allí*, empieza por la primera persona. I al dezir, que *del rostro respirava un ayre divino, &c.* toca en la Tercera, que es el Espíritu Santo, esse titulo de divino ayre, o aliento, con tantos lugares sagrados, que escuso citas: algo irá sobre la est. 69. del c. 7. I en dezir que tenia *Vna corona i cetro de otra piedra mas clara que diamante.* Dize abiertamente la Segunda persona q es Christo, i que es Piedra unica, segun diximos arriba, i consta de una i otra Escritura. I tambié consta della, que Christo es la verdadera corona, i el sublime cetro. Puede solo parecer no buena la orden que el P. observó en esta imagen, nombrando la Tercera persona primero que la Segunda, pues segun explicamos, dice Padre, Espíritu, i Hijo. Pero como los Poetas son Pintores, el Poeta habla aqui como Pintor por medio de los pinzeles, haciendo imagen, i no platicando: i los Pintores al pintar la Trinidad, pintan la imagen del Espíritu Santo entre el rostro del Pa-

A dre, i la cabeza del Hijo: i por esto, luego q nombra al Padre, dice, que del rostro procede el Espíritu; i al Espíritu se sigue el Hijo; i esto es conforme a la orden de ser el Hijo engendrado por medio del Espíritu. I conforme a esto en una e. 2 un mismo tiempo enibuelve nuestro grā Pintor las tres Personas en una, i una en tres. I no sé yo qual iniagen de la Trinidad pudo ser mas artificiosa que ella en la industria humana. Luego diremos bié de este Apeles, al pintar assi magestuosamente a Dios, aquello de san Pablo a los Romanos cap. ultimo. *Salutiste Apellen probum in Christo.* Aunque aquel Apeles no fuese Pintor, como el nuestro. Alabad, pues, el nuestro Apeles, que tan delicadamente profundo supo exercitar los pinzeles poeticos en esta admirable pintura.

XXIII.

Em luzentes assentos marchetados de ouro, ede perlas, mais abaxo estava os outros Deoses todos assentados como a Razão, e a Ordé concertavam: Precedem os antiguos mais hórdados; C mais abaxo os menores se assentavā; quando Iupiter alto assi dizēdo, (do chū tō de voz começa, grave o horrē-

En luzientes assentos esmaltados de oro i perlas estavan mas abaxo los otros Dioses todos sentados assi como lo concertavan la Razón, i la Orden. Preceden, mas hórdados, los mas antiguos: los menores se assentavā aun mas abaxo, quando el alto Iupiter comienza con un tono de voz grave i horrendo, diciendo assi.

TEm luzentes assentos. &c. Note se como pinta los assentos con areció a la grandeza de las Deidades: el de Iupiter de estrellas, materia celeste; los de los otros de oto i perlas, materia inferior, pera grande; i essa propia de esas Deidades sentadas en ella; porque estos Planetas influyen en esas producciones de la tierra, como el Sol en el oro, i las perlas; i assi los otros: luego Iupiter distante un poco, i elevado en solio mas sublime. Fue guianjo a nuestro P. Claudio con semejante cuidado en el concilio que haze a la entrada del lib. 3. de Proserpina, excelentemente, assi.

*Vt patuit stellata domus considere inssi:
Nec confusus honor. Cælestibus ordine sedes
Prima datur; tractū proceres tenuere secundum.
&c. Vease, que es bueno. Ovid. met. 1. *Dextra, levaq; Deorum, &c. Plebs habitat diversa locis;
a fronte potentes, &c.**

Perlas. Si al tiempo que el P. escrivio esto no se usara en Portugal dezir perlas, por perolas, que es lo que oy se dice, pues ya antes en Iuá da Barros hallo usada esta voz, perlas, que es oy

propia de la lengua Castellana, digo que bien me
rece la excelencia desta lengua que el P. la honre
tanto, que no solo la quiera introducir en este
Poem, en que siempre dice perlas, sino que por
hacerle esse favor use della aun quando si usara
de la suya lo hiziera con mas propiedad: porque
diziendo el Castellano, *perlas*; *perolas* dice el
Portugues: i el Portugues mas enemigo de su
lengua, i el Castellano mas amigo de la suya co-
fessaran que perola es una palabra en la qual pa-
rece se está viendo la misma perla: porque de las
propiedades que la hazen perfecta, es principal la
suavidad de la lisura, i lo igual de la redondez,
de que resulta el deslizarse demanera, que pare-
ce se huye de las manos: i por esto los antiguos
Romanos no hallaron para la perla nombre mas
propio que *Union*, i los que oy tratan en perlas
en la isla de Barem, de donde son naturales las
soberanas, para mostrar la perfeccion dellas las
ponen en la palma de la mano bien tendida, i co-
mo meneandola un poco, ellas juegan mucho en
ella, se descubren aquellas dos partes de perfe-
cion, que son lo liso, i lo redondo: i estas descubren
estremadamente la voz perola, que para pronun-
ciarse, parece que de puro lisa, i suave se nos hu-
ye de la boca; no obligando casi a menciar la len-
gua, i labios con su pronunciacion: i tras esto es
esdruxula, q por ser las tales de calidad que pa-
rece se deslizan, sirven, en la poesia llamada es-
druxula, las ultimas dos silauas por una, porque
una sola las haze parecer la velocidad con que se
dizé, sin poderse hazer otra cosa: i en la voz, per-
la, faltan estas calidades, i sobra tanto la aspere-
za, que se haze dificil al pronunciar. Iuntase a es-
to el dezir Plinio, que se pescavan las perlas, o se
traian de un lugar de la India llamado Peruia, co-
sa que obligaria mucho, siendo assi, a no mudar-
las de nombre; i a dezir, que perlas es corrupcio-
n de perolas, i que el Portugues sustenta su verda-
dero i propio nombre. El resto de lo tocante a la
perla se hallará en su lugar, que es la estancia 41.
del c. 10. i en la 102.

¶ *Os outros Deoses.* Ya diximos en las estan-
cias 20.21. que por estos Dioses entiende el P.
los Planetas, i los otros Astros, o estrellas; i por
ellas entiende los coros Angelicos: I no haga du-
da el llamar Dioses a los Angeles, porque lo ha-
ze con la Escritura sacra, que assi les llama, co-
mo vereis sobre la estancia 84. del c. 10. I que
trayga las estrellas a representar Angeles tam-
po co es novedad, porque assi les llama tambien la
propia Escritura. San Iuan en el cap. 12. del Apo-
calipse queriendo dezir la caida de los Angeles,
dice, que cayeron las estrellas: assi. *Ecce draco
magnus, &c. Et cauda eius trahebat tertiam partem
stellarum cœli, &c.*

¶ *Maes abaxo os menores.* Antonio Perez Si-
gler traductor Castellano de Ovidio, siguió este
modo de nuestro P. diciendo: *I los que menos eran
mas abaxo.*

¶ *Como a Razame Ordem, &c.* San Agustin
A lib.9. de la Ciudad de Dios, dice, que la Ordē es
una disposicion que dà a todas las cosas su con-
veniente lugar; i como ella en el cielo es singula-
rmente observada, el P. lo podrá, enseñando ca-
da hora que por este cielo entiende el verdader-
o asiento de Dios verdadero; que es el ciclo
Emporio, a donde ay, i ha de aver essa orden en
los assientos de los bienaventurados, como en-
señan los Santos Padres.

¶ *Com tom de voz começa, &c.* Assi el P. en la
estancia 40. del c. 5. assi Virgil. en aquel cōcilio,
Incipit ipse, &c. Assi Ovidio en el suo met. 1.

XXIII.

Eternos moradores do luzente
estelifero polo, e claro assento;
se do grande valor da forte gente
de Luso nam perdeis o pensamento;
Deveis de ter sabido, claramente, (to,
como he dos fados grādes certo intē-
q por ella se esqueçā oshumanos(nos.
C de Asirios, Persas, Gregos, e Roma-

Eternos moradores del luziente, i estelifero
polo, i claro assento. Sino perdeis del pensa-
miento, sino os olvidais del gran valor de la fuer-
te gente Lusitana, claramente deveys tener sabi-
do como es infalible (eso vale el *cierto*) intento,
i disposicion de los Hados grandes, que por ella
se olviden todos los humanos Heroes de Asirios,
Persas, Griegos, i Romanos.

¶ *Eternos moradores, &c.* Entra Jupiter ha-
blando a los Dioses con la magestad que se po-
dia esperar de tal deidad, descrita por tal Poe-
ta; imitando a Virgil. alli: *Cœlicolæ magni, &c.*
Geronimo Vida Christiad. 1. al hablar Lucifer,
Tartarei proceres, &c. De quien lo trasladó el
gran Tasso, con todo aquel conciliabulo.

¶ *Estelifero polo.* Entiende los cielos habita-
dos de esos Planetas, i estrellas, tomando polo
por el cielo, siendo propriamente polo lo que los
Astrologos llaman exc de los cielos, termino
poetico, tomar la parte por el todo, i al contra-
rio, en todos los Poetas: i el llamarle estelifero
E tambien es de muchos: baste Seneca, *Stelliferi
victor Olympi:* con mas libertad usó Claud. del
polo en el infierno. *Tartaro subiecta Polo. in
Proserp.*

¶ *Gente de Luso.* La gente Portuguesa, por
las razones dichas sobre el titulo deste Poema;
como Virgilio en el 4. para dezir gente Troya-
na, *Laomedontæ gentis.*

¶ *Deveis de ter sabido claramente, &c.* Esto
alude a lo mismo que el *bemo vistos* de la estan-
cia siguiente: i por eso servirà aqui la explicació
que veremos allá. Como si dixerá: Sino os olvi-
dais

dais del valor desta gente que vistes quando bámos sobre la campaña de Orique , i de la promessa que yo alli le hize (esta veremos en la est. 28.) claramente estais viendo que ella ha de sobrepasar a todas las del mundo.

¶ *Dos Fados grandes.* Hado se dice unas veces en singular, i en plural otras, porque las Fadas son las Hadas, i juntas son el Hado , de que diremos en las c. 28. 30. i en el c. 9 la 38.

¶ *Que por ella se esqueçam, &c.* Assi en el c. 2. e. 44. Dizelo, porq aviendo cada qual de essas quatro naciones, que non ibra, adquerido grande fama por las armas en la propia India, los Portugueses que agora la ivan buscando las avian de exceder en ella. Asiria es region de Asia mayor: llamase assi, segun san Agustin lib. 5 de la Ciudad de Dios, de Assur hijo de Sem. Ver Strabon lib. 6. A Polidoro Virg. lib. 1. cap. 4. Persia Oriental, llamada assi de Perseo Rey suyo: podescosissima en lo antiguo, i aun agora no poco. Tolomeo lib. 6. Quinto Curcio de Alexand. Herodoto lib. 7. Grecia, de Europa , ya ilustrissima; Plinio lib. 4. cap. 7. dize se llamò Grecia de Grecos su Rey. Romanos ya pudieron mas q los Griegos; i agora poco mas, sino es en algunas letras: mas algo sobre estas Monarquias en la e. 54. del c. 7. Iupiter en esta e. i las cinco siguientes manifiesta a la divina compañía las causas, porque favorece la gente Portuguesa, que todas son fundadas en el propio valor i zelo della: acordádose de algunos de los favores que ya le hizo el cielo, para continuar agora en ellos; i mucho mas mostrandose satisfecho de las obras cõ que essa gente los merecio : i refierelos, por señal de la satisfaccion.

¶ *De Asir. &c.* Verso entero de Pâfilo Sasto cap. 21. *Asirij, Persi, Græci, o ver Romani.*

XXV.

Ia lhe foy(bem o vistes) concedido
com poder tâ singelo, e tâ pequeno,
tomar ao Mouro forte, e guarnecido,
toda a terra que rega o Tejo ameno.
Pois contra o Castelhano tâ temido,
sempre alcançou favor do ceo sereno:
assi q sempre em fim cõ fama e gloria
teve os tropheos pêdetes da Vitoria.

Y A le fue concedido(a essa gente Portuguesa)
tomar(bien lo aveis visto) con tan pequeño i
sencillo poder , al fuerte i guarnecido Moro to-
da la tierra que riega el ameno Tajo. Pues con-
tra el Castellano tan temido por valeroso siem-
pre alcançò favor del sereno i propicio cielo. De
manera, que siempre con gloriosa fama tuvo esa-
ta gente los trofeos pendientes de la vitoria.

¶ *Ialb:foy, &c.* Estas razones que Iupiter

aqui va dando para favorecer los Portugueses, A son imitando las de Virgilio 10. en favor de los Troyanos. Verse allá.

¶ *Bem o vistes De Virgil. 11. Ante oculos, in-
terque manus sunt omnia vestras.* Iai dixo el Poeta en una palabra lo que Virgilio en un verso: por descuento en este lugar, i otros muchos, de aquellos en que dilata a Virgilio , ilustrandolo; quedandose en algunos igual , como veremos en la c. 53. del c. 2

¶ *Tam singelo, e tam pequeno.* Poder pequeño, porque era la gente poca; sencillo, porque no eran muchas las defensas: i tienen esas dos consideraciones hermosa correspondencia con el *foste e guarnecido*, qual se hallava la Morisma al contrario de la gente Portuguesa en aquellas ocasiones.

¶ *Toda a terra q rega o Tejo, &c.* Entiende-
se Lisboa con todo su distrito, i Evâra con todo
el suyo, que es de acâ, i de allâ del Tajo; teatros
nororios de glorias , i triunfos del Santo Rey, i
invencible Heroe don Alonso Enríquez. I veys
aqui aparece, otra fortissima fiança de que el P.
por este Iupiter entiende a Christo; i por los Di-
oses que concurrieron , esas Ierarquias Angelicas,
como diximos en la estancia 21. Porq quando
Christo aparecio al Rey don Alonso, prometiendole,
que venceria aquellos Reyes Moros, i
concediendole que se llamassee Rey, vino accom-
pañado de Angeles , que estuvieron presentes a
todo lo que Christo le hablò: por esto hablando
agora aqui con ellos les dice: *Bien lo vistes.* I en
la estancia passada les dixo : *Sino perdistes de la
memoria el valor de la gente Portuguesa.* Como
si dixerá; Aquel valor que vistes en ella quando
baxastes cõmigo a favorecerle agora 358 años

D sobre la campaña de Orique , embistiendo con
Moros innumerables. I el propio Rey en el jura-
mento solemnisimo que hizo desta aparicion dize
que al rededor de la Cruz vio unos mancebos muy
hermosos, que el creyò eran los santos Angeles. I el
termino con que el Poeta haze hablar a Iupiter
va encaminado a que por el conozcamos la figura,
q el haze de Christo, i nos acordemos de aquel
milagro en Orique; diciendo: Ya le fue concedido
al Portugues con tan poco poder ganar la tie-
rra al Moro tan poderoso: i alude a que siéndo los
Portugueses pocos, i estando con el animo perdi-
do viendo en aquella campaña Moros inumer-
ables contra si, Christo aparecio al Rey, i le dixo,
que avia de vencer aquella batalla, i que fuese a
darla , porque hallaria su gente ya llena de ani-
mo: i desta manera le fue concedido con poco po-
der el vencimiento sobre una gran potencia.
Assi, que haciendo el Poeta que Iupiter en es-
tas palabras alude a aquella accion , no es mas
ni menos, que con bellissima invencion, de gus-
to i provecho, mostrar que aquel Iupiter repre-
senta a Christo, i aquellos Díoses a aquellos An-
geles, todo junto agora en el cielo, assi como se
ha-

hallò en el campo de Orique. Yo fio de la propia ignorancia este entendimiento; i de la propia embidia la alabàça de nuestro Poeta, i de la propia desverguenza el quedar corrida de averle acusado.

¶ *Pois contra o Castelbano.* Entiendese las veces que los Reyes de Portugal, vencieron a los de Leon, i Castilla, i principalmente don Juan el Primero, que por si, i por Nuñalvarez, i otros Capitanes claros venció enteramente esta valentissima nacion: i dice tan temida; porque en aquella ocasion lo fue mucho.

¶ *Sempre alcançou favor do ceoserenho:* alude a lo que se lee en las Historias de apariciones santas a los Reyes Portugueses en los casos militares contra Castilla: i singularmente al Rey don Juan el Primero, que no puedo referir. Del singular socorro que el gran Nuñalvarez parece tuvo del cielo en la batalla de Valvetde, i como lo imploró, veremos en las estancias 30. i 31 del c. 8.

¶ *Teve os trofeos pendent,* &c. Son los despojos de las batallas, i aqui se entienden las armas, i las vanderas enemigas ganadas, que ordinariamente penden en los Templos sagrados, o Aulas publicas. Alude el Poeta a dos costumbres de los antiguos: una, que aviendo entre ellos Templos de la Vitoria en ellos, i en la imagen della colgavan los vencedores estas tales señas de sus vitorias: otra, que luego en el campo de las levantavan un tronco con algunos braços, o se aprovechavan de algun arbol, si lo avia, acomodandolo para esto, i en el colgavan algunas armas, i instrumentos militares: i a esto assi junto llamavan trofeos: mas desto estancia 95. del canto quinto, i 26. del octavo.

XXVI.

Deixo, Deoses, atrás a fama antigua, que có a gente de Romulo alcançará, quando có Viriato, na inimiga guerra Romana tanto se afamaram: Tábe, deixo a memoria q̄ os obriga a grande nome, quando alevertaram hum por seu Capitam, que peregrino fingio na Cerva espirito divino.

Dejo yo, o Dioses, atrás, olvidome agora de la antigua fama que alcançaron los Lusitanos con la gente de Romulo, quando con Viriato en aquella enemiga guerra se fizieron tan famosos. Dexo tambien la memoria, que los obliga, eleva a grande nombre quando levantaron por su Capitan a uno que peregrino vino a fingir entre ellos espiritu divino en una Cierva.

¶ *Deixo, Deoses, atrás afama antigua,* &c.
Tomo I.

A Todo son industrias en el Poeta, i mejores a donde mas le culpan; porque es a donde le entienden menos. Mirad. Si el entendiera por este Iupiter, el que vos entendeys, no solo no hiziera que el dixesse en esta estancia, que dexava atras (esto es que no estimava) las hazañas de los Portugueses en tiempo de los Romanos, sino que las nombrara primero, que las que nombró en la estancia passada, assi porque eran segundas en tiempo, como porque eran de gente diferente en ley. Pero providente, docta, i ingeniosa mente, hizo que nombrasse con gran estimacion esas

B hazañas, aunque fuessen segundas en tiempo, porque siendo Christo esse Jupiter, para Christo son no solo primeras las Catolicas, sino ningunas las Gentilicas, i barbaras: i porque los Portugueses quando tuvieron esas vitorias de los Romanos eran barbaros en Religion, i servian al demonio adorando idolos, dice que dexa atras la memoria dellas; esto es, que no las estima, ni los favorece por esso, aunque concede el merito al valor, memorandolas. Assi iremos viendo, si el Poeta escrivio con agudeza, como Poeta, i con piedad como Catolico, i si quien le censura le entiende.

¶ *Afama antigua,* &c. ai luego en la est. 31. se acordará desta fama con gran pensamiento.

¶ *Que có a gente de Romulo,* &c. Entiende có la gente Romana, i lo buelve a dezir en el verso 4. desta guerra, i de Viriato hablará en la e. 22. del c. 3. i en las 6. i 7. del 8. i ella fue por los años 140. antes del Nacimiento de Christo: i tā terrible para Roma, q̄ por discurso de muchos años no pudieron muchos exercitos Romanos hazer otra cosa q̄ contar sus perdidas al Senado, hasta que se valieron de matar Viriato a traycio, q̄ no

D es testimonio de pequeno aprieto, para Roma, q̄ en aquella edad folia usar gentilezas con enemigos: de que se verá algo en la e. 7. del 8. Pensar que yo en semejantes ocasiones he de ponerme a copiar los Autores, cosa escusada es. Voy en el mio tras lo que tiene dificultad, o imitacion: i para entendimiento de tales lugares bastan brevíssimas noticias: quien quisiere mas, acuda a los Autores que tratan desto, i a nuestra Historia de Portugal, que por mas moderna se hallará mas a mano, ya que por menos feliz (faltas de mi ingenio) no merezca ser citada.

E ¶ *A memoria que os obriga a grande nome:* es termino galano el de obliga, por eleva, o coloca en fama ilustre.

¶ *Hum por seu Capitam que peregrino,* &c. Perifrasis erudito de Sertorio, a que llama peregrino con atencion a dos cosas: una, porque andava huido de la patria, por las agenas: otra, porque fue raro en valor, i artes militares.

¶ *Fingio na Cerva.* Eligieró los Portugueses por su General a Sertorio. Truxeróle unos caçadores una Cierva blanca. El có regalos la acostubró a q̄ le signifise tā porfiadamente como el con

H por-

porfia la regalava. Ponderolo, i aprovechandose de la ponderacion, diòen singir que Diana se la avia embiado, como Diosa del monte, i que por ella le dava avisos convenientes a la guerra, para que los Portugueses le eligieren por su General, por inclinarlos a si, i reduzirlos a creer que era favorecido de aquella Deidad en negocio que a ellos les estaba muy bien. Escrivese, que dieron tanto credito a esta invencion, que se juzgavan perdidos tal vez que la Cierva desaparecia. Siempre tuvimos esto por cosa de menor ingenio en el Capitan, que simplicidad en los que le creian. Mas largo de lo que se puede aqui, discurrimos sobre esto en la parte primera de nuestra Historia Portuguesa. No tenemos todavía para que admirarnos deste suceso, siendo muchos años antes de la venida de Christo, i con gente mas lisa que los Moros, pues entre ellos, i muchos años despues (en los 610. de la reparacion humana) se levantò Mahometo (o Mahoma) que aviendio acostumbrado una Paloma a q le metiesse el pico en la oreja, porque en ella le ponía de comer secretamente, persuadiò a aquellos barbaros, que era el Espiritu Santo, que le hablava al oido; i que el era el nuevo Messias: i con esta, i otras invenciones se hizo señor dellos: i padeciendo un dolor que le descomponia, lo dissimulava con dezir, que era arrebataimiento del Angel Gabriel, que le venia a comunicar algunos secretos divinos, i hallò los animos tan dispuestos para sus embustes, que le creian este, i otros tales.

¶ *Espirito divino.* Dize que fingió Sertorio que la Cierva era mensajera de una Deidad, por que fingió que era de Diana, sujeto divino en la fabula. Buelve el P.a hablar desta invencion, i de Sertorio en el c. 8.e. 7.8.

XXVII.

Agora vedes bem que cometendo o duvidoso mar, num lenho leve, por vias nunca usadas, nã temêdo (ve. de Africo, e Noto a força a maisse atre Que avêdo tanto ja q as partes vêdo, onde o dia he côprido, e onde breve, inclinam seu proposito, e porfia a ver os berços onde nasce o dia.

*A*gora veis bien que acometiendo essos mimos Portugueses el dudosso mar en fragil i leve leño, por caminos jamas usados, a mucho mas se atrevan, no temiendo la fuerça i faria de los vientos Africo, i Noto. I aviendo ya tanto tiempo que van viendo registrando las partes a donde el dia es ya largo, ya breve, inclinan su proposito, i porfia a ver las cunas a donde el dia nace.

*A*gora vedes bem que, &c. Alvierte Jupiter a los Dioses, digo Christo a ellos exercitros Angelicos, como la gente Portuguesa no ha astoxado de su zelo; i que ellos propios lo estan viendo; presiendo mucho lo que obraron en obsequio de la Fe Catolica en la Patria, agora passan fuera della, fiandose a las rablas de un navio, por mares dudosos, no solo por naturaleza, sino por ignorados.

B¶ *O duvidoso mar:* es de muchos el llamar dudosso al mar: Vengan dos testigos buenos, Ovid. lib. 4. de Ponto, *Dubio per duo lustra mari.* Orac. epod. od. 9. *Fertur incerto mari:* basten estos.

C¶ *Lenbo leve.* Sinedo que, romiendo la parte por todo el navio, que buelve a usar estancia 102 del canto 4. i mas veces: i para esta frase frequente no es menester cita.

D¶ *Por vias nunca usadas.* Assi en la estancia 1. i en el canto quinto, estancias 37.41. i en el 7. estancias 25.30.

E¶ *Africo, e Noto.* Viento el primero de entre el Austro; i el Zefiro, que se llama assi por soplar de Africa: El segundo es el Austro, como lo dice el Poeta en la estancia 76. del c. 6. *Noto Auстро,* &c.

F¶ *A maisse atreve.* Entierde, que fue mayor hecho este de passar a la India los Portugueses q los suyos mismos antecedentes en la patria, i si sa esto con lo de la estancia 31. *A fama antigua ou sua ou,* &c.

G¶ *Que avendo tanto ja que as partes vendo:* se deve suprir aqui el verbo *andan necessariamente:* i no es yerro, sino uso de los grandes hombres a cada passo, aun quando no fuera termino propio del idioma Portugues, como veremos, no tan re-

*H*ziamente, en la estancia 55. del canto 7. *Os Portugueses vendo.* &c.

I¶ *Onde o dia he comprido, e onde breve:* Entiendo de las partes posleidas entonces de los Portugueses, que eran lo conquistado en Africa, i descubriero hasta el Cabo de Buena Esperanza; i en todas estas partes tiene el dia tiempo de ser mayor, i menor: alfin quiere dezir de Norte a Sur: ver la estancia 63. del c. 2.

J¶ *Inclinam seu proposito.* Es lo que dezia Venus de los Troyanos en el concilio del c. 10.

K¶ *Totq; maris. vaf&q; exbarq; e pericula terræ.* *L*¶ *Dum Latium Teneri recidivaq; Pergama querunt.*

M¶ *Porfia:* porque avia mas de 80. años que co gran trabajó, i gasto insistian en esto.

N¶ *Os berços onde nace o dia:* quiere dezir la India, el Oriente: con la metafora de las cunas en que se crian los niños, porque parece q en aquella parte se cria la luz que alumbra el mundo: el P.c. 4. estancia 69.

O XXVIII.
Prometido lhe está do Fado eterno,
cuja alta ley nam pode ser quebrada,

que tenham longos tépos o governo
do mar , que ve do sol a roxa entrada.
Nasagoas té passado o duro Inverno;
a gente vem perdida,e trabalhada;
já parece bem feito,que lhe seja
mostrada a nova terra que deseja.

DEl Hado eterno , cuya ley alta superior no
puede ser quebrada, les está prometido que
tengan largos tiempos el govierno del mar que
vè del Sol la roxa entrada; del mar del Oriente.
En las aguas tienen ya passado el duro Invierno:
la gente viene perdida de puro trabajada. Ya pa-
rece bien hecho que les sea mostrada la nueva
tierra que desea hallar.

¶ *Prometido lhe está do Fado eterno , que te-
nham longos tempos.* Creemos que este lugar sa-
lio de Ovid: met. 1. en semejante concilio, *Effe
quoque infatis reminiscitur affore tempus, &c.* El
Hado no es otra cosa que decreto, i disposicion
divina. que no puede dexar de executarse , Cic.
lib. 1. de Divin. *Fieri igitur omnia à Fato ratio
coagit fateri:* i este Hado , o disposicion es del su-
mo i omnipotente Dios, representado en Iupiter
como dexamos provado, i iremos provando su-
perabundantemente. Mas claro Boecio en el 4.
de cõsel. *Quo sit ut omnia, quæ Fato subsunt, Pro
videntia quoque subiecta sint: cui ipsum etiam sub-
iacet Fatum.* I porq desto ay infinita lecion, tra-
remos solo un lugar de Mercurio Trimigisto, en
que enseñá, i bien, que todo aquello a que los ig-
norantes llaman causas de cosas, como Hado,
Fortuna, Estrella, caso, &c. es solamente un ins-
trumento, por el qual obra la mano, i Providen-
cia divina. La Providencia (dize el) es una razon
perfeta de Dios, a la qual se juntan dos potencias,
que son el Hado, i la Necesidad. Al Hado sirven
las estrellas, siendo ellas las armas del; i el la reso-
lucion: i decreto divino: i esta Necesidad es la fa-
tal de que nuestro Poeta usa algunas veces , co-
mo veremos desde la estancia 28. del canto 3. i
por quanto este lugar de Mercurio toca a tantos
de nuestro Poeta, le dexamos en este con la par-
te que le toca tambien. Pues si el Hado es orden
de ese Dios supremo al mismo Dios subordina-
da, como haze el Poeta, que hible ese Dios aqui
demanera que parece, queda siendo el Hado o-
tra divinidad superior.

La respuesta es facilissima con esta similitud.
Un Rey tiene con providencia i maduro conse-
jo hechas leyes a sus Reynos: i essas propiamete
son el Hado dellos. Puedelas esse Principe revo-
car como dueño dellas; pero no lo haze , porque
conviene no hazerlo, remitiendose a ellas siépre
que se le propone alguna novedad , q parece las
contraviene: i esto es remitirse a los Hados; no
dexado de serles superior, porq no los deshaze,

Tomo 1.

A siendolo, porq los hizo. Vease lo que diremos en
la e. 38. del c. 10. de una ley, llamada mental, del
Rey D. Juan I. q es notable para esto. El Hado,
pues, el Destino, la Fortuna, la Ventura, el Caso,
la Suerte, son una misma cosa ; ni el P. lo niega,
quando en la e. 30. del c. 7. dice. *Que destino tam
grande, ou que ventura: i en la 32. deste, Mas nū-
ca lhetirou Fortuna ou Caso;* i en la 38. del 10.
Chamalhe Fado mao, Fortuna escura . sendo so
Providencia de Deos pura. I todo esto, que viene
a ser Destino, es el paradero q ha de tener qual-
quier sujeto de los q existen en el mundo: el qual
destino, está previsto en la mente divina; i en lo q
en ella está previsto no puede aver falencia: i esso
es lo q el P. dice en estos dos versos , en que imi-
ta a Virgilio lib. 8. *Fatum ineluctabile, &c.*

¶ *Que tenham longos tempos o governo :* haze
armonia con esta resolucion del Hado el vatici-
nio de Thetis en la e. 107. del c. 10. *Nas quaes
bam de viver muitas idades.*

¶ *Do mar que vè do Sol a roxa entrada.* Quie-
re decir del mar de la India, o del Oriente , que
con este termino seneció la e. passada: i dice, *En-
trada roxa ,* porque quando el Sol entra en un
Hemisferio saliendo de otro, que viene a ser la
mañana, patece produzir un color rosado, q de-
clara con la voz roxa, introduziendola en el sen-
tido que tiene en Castilla, i en Italia; que en Por-
tugues el roxo es propriamente morado.

I agora veis ai en essos quatro versos otra
muestra clara, de que esse Iupiter , representa a
Christo, porq siendo el Hado la Providencia di-
vina, como el propio P. confiesa en esse lugar q
ai citamos del c. 10. i en la 83. del mismo q Iupi-
ter representa aqui essa Providencia; i aviando
Christo sido el que prometió a los Portugueses
este descubrimiento, i que por ellos , passaria su
ley a la India , como en otras partes ya prova-
mos, necessariamente este Hado que aqui dice,
les tiene prometido esto, es esse proprio Christo,
que consu Providencia se lo prometió sobre el
campo de Orique. No veo cosa más ajustada, ni
en ningun Poeta cuidados semejantes. Vease pa-
ra esto lo que diximos en la nota 1. al titulo des-
te Poema sobre *Talia se clausis, &c.*

¶ *Nas agoas tem passado o duro Inverno.* Re-
fiere los trabajos que tiene resistido la armada,
para mostrar q la favorece de justicia ordinaria,
i con piedad; i que para los que se toman por su
ley tiene pronto el premio, i el favor. Assi dezia
Venus con los Troyanos en el concilio del 10.

Quid repetam exustas Erycino in litore classes?
Quid tempestatum Regem, ventosq: furentis?
Salieró nuestros navegâtes de Lisboa a 8. de Ju-
lio, q es la fuerça del Invierno por los climas que
ivâ a buscar: llegaró en 20. de Mayo (q es el prin-
cipio del allâja Calecut: i assi nuestro Invierno, q
es Diziébre, Enero, i Febrero, lo quedará passan-
do a donde estos meses quedan siendo Verano:
de modo que el P. habla aqui a nuestro respero.

¶ Agente vem perdida., &c. Por decir que venia muy maltratada: i es la figura que la arte Retorica llama Auxesis, o exageracion.

¶ La parece bem festeo: parece que en las palabras se esta viendo la piedad, para mostrartes la tierra que buscan.

XXIX.

E porque, como vistes, tem passados na viagem tam asperos perigos, tantos climas, e ceos experimentados, tanto furor de ventos enemigos; Que sejam, determino, agasalhados nesta costa Africana, como amigos; e tendo guarneçida a lassa frota começaram a seguir sua longa rota.

I porque, como vistey, tienen passado en el viaje tan asperos peligros, experimentando tantos cielos, climas, i distancias, i tanto furor de enemigos, i contrarios vientos, yo determino que sean agasajados como amigos, i amados, en esta costa Africana. I despues que tuvieran aqui guarnecida, i reparada la lassa ast gida flora, bolveran a proseguir su prolixo viaje.

¶ Na viagem tam asperos perigos. El propio verso esta aspero, por no expressar la asperiza de los trabajos passados solamente con las palabras, sino con el numero tambien: industria bella de grandes Poetas, como en Virgilio egloga septima, para pintar la asperiza destos frutos con la deseche verso, *Stant, & Iuniperi, & castaneæ hirsute.* Mas desto sobre el verso sexto de la estancia 74. del canto segundo.

¶ Tantos climas, e ceos. Llamar cielos a las distancias de los ayres que passavan, es comun: vease lo que diremos en la estancia 51. i en el canto 5. la 70.

¶ Tanto furor de ventos., &c. Porque ya en este tiempo que estavan los Dioses en Concilio, avia la flota corrido una de echo i peligrosa fortuna mas alla del Cabo de Buena Esperanca, la qual el Poeta describe en el canto sexto.

¶ Nesta costa,, &c. Esta hablando Iupiter en el cielo supremo, a don le se hazia esse Concilio, i dice, *Ene&sta costa Africana*, como si estuviera en ella, i no en el cielo. Vease, por Dios, el cuidado, i la grandeza del pensar Religioso de mi Poeta, en la corriente de la fabula, i furor poetico: porque muestra en este breve modo de decir, que por ese Iupiter entiende a Christo: porque al supremo poder del verdadero Dios ninguna cosa esta distante, porque el esta en todas. Esto imitacion fue de Virgilio Enei. i. que tambien alli Iupiter miro azia la Africa nivengando Eneas. *Cum Iupiter, &c. Et Lybia defixit*

lumina Regis. De donde el gran Tasso liber. c. 1. estancia 7. Quando dal alto solio il Padre Eterno, &c Gli occbi in giu volse, &c. Assi en la 55. del 9. Assi en la 2. del 4. i otras. Pero creemos que sin duda los vencio nuestro Poeta, porque en ninguna manera nos parece menos que defento, dezir de la suprema divinidad, que a todo assiste presentemente, que le es menester bolver los ojos, para ver alguna cosa, como seria escusado dezir de qualquier hombre que se avia me neado para ver un grano de mostaza teniendole en la mano, que esso puede ser toda la tierra a quien la mirare desde essa superioridad celeste, quanto i mas a Dios en cuyos ojos no ay cosa grande: con que se junta otra razon a las apuntadas en la estancia 20. para verse con claridad que por Iupiter entiende ei Poeta a Christo, pin tandole sin necesidad de bolver los ojos a ninguna parte para ver todas las de la tierra. Con este mismo pensamiento, dira en la estancia 47. del canto segundo. *Este*, por el Gama, como si le tuviera en los ojos. Vease.

Este favorable hospicio que Dios previno a los Portugueses en la costa de Africa fue en Melinde: i entraron a lograrlo el dia de Pascua do Resurrecion del ano mil i quattrocientos i noventa i ocho, como parecera en la estancia 72. del canto segundo, i ponderando esto en la nota primera al ritulo deste Poema.

¶ Como amigos. En dos maneras se ha de entender: o como amigos de Christo, que es el que lo dice, i lo dixo en el campo de Orique: o como amigos de la gente de Melinde: no porque ellos fuesen, sino dando a entender, que como si lo fueran serian alli tratados.

¶ Começaram. Las otras ediciones tienen *D Tornara*: es mejor: pero essotro tiene el original.

XXX.

Estas palabras Iupiter dezia, quado os Deos es por orden respondedo, na sentença hum do outro difiria, razoens diversas dando, e recebendo. O Padre Baco, ali nam consentia no que Iupiter disse, conhecendo que esquecera seus feitos no Oriente, E se la passar a Lusitana gente.

Estas palabras dezia Iupiter, quado los Dioses respondiendo por su orden desconfiaman unos del parecer de los otros, dando, i recibiendo razones diversas. Alli fue visto que el Padre Baco no consentia en lo que dixo Iupiter, conociendo, que sus hechos se olvidarian en el Oriente si alli passasse la gente Lusitana.

¶ Estas palavras Iupiter. Virg. en aq[ue]l cociliodol 10. q tanto se imita aqui. *Iupiter hac paucis, &c.*

Quan-

¶ Quando os Deoses, &c Virgilio alli al acabar su habla Juno, murmurando los Dioses.

*Talibus orbat Juno cunctisq; fremebant
Cælicæ assensu vario. I el tomo o de Homer.
Ilia. 8. en temejante concilio (es la traducion de Valla) Hec locuto Iove, illæ apud se tacitæ
fremebant. Era de Diosas la junta. Ovid. met. 1.
en el propio concilio que se imita aqui.*

*Dicit Iovis prius voice probat flimulosq; fremasti
Adiçiant; alijs partes affinisibus implent.*

¶ Por orden respondendo: asi como en la estancia 24. sento los Dioses por orden, esto es, respeto a su grandeza; asi los hace hablar agora por la mi fina orden.

¶ Nasentencia: entiendese en el parecer, en el voto: como en la estancia 12 del canto 4.

¶ Diferia, razoens diversas dando, &c. Baco es uno de los Dioses que alli se hallavan; i el que solo etava de diferente parecer no consintiendo en que la gente Portuguesa passasse a la India: asi se ve claro, que todas las Jerarquias que son obedientes a Christo, consintieron en lo que el dixo estaba ordenado; i que ellas, i el son entendidas por esse Iupiter, i Planetas, i otros Altros; i que Baco representa el infierno junto, i con singularidad a su Principe infernal, porque solo este es el que siempre encuentra las resoluciones celestes. Es de advertir, que no solo hizo el Poeta este concilio a imitacion de todos los grandes Poetas, sino tambien ateniendo a lo que paso en el Reyno sobre la resolucion de passar a la India, juntando el Rey muchas veces sus ministros en Consejo para ajustarla, i saliendo del diferentes pareceres, ademas de la variedad con que discurria el pueblo, como se vera en Barros Decad. 1. libro quinto capit. 1. *E como nos tales ajuntamentos sempre concorrem diuersos pareceres, &c.* Personas de buen juicio dudaron si deviamos ir mostrando lo que nuestro Poeta fue siguiendo de Barros en el hilo de la Historia, o imitando de su estilo; porque (dizan) parece se quita algo de gloria al Poeta. Otros no lo juzgan asi; i arrinome a ellos, viendo que lo mismo se pudo dezir de Virgilio, cuya invencion, i pensamientos todos son de Homero: i tambien de nuestro mismo Poeta, que en todo se vâ tras Virgilio: i Juan de Barros es tan digno de ser imitado como qualquier grande: ni nuestro Poeta quiso esconder que le imitava, pues lo hizo sabiendo que eran sus obras en que le imita las que mas andavan en las manos de todos que lo avian de echar de ver.

¶ O Padre Baco ali nam consntia. En todo siguió el Poeta a Virgilio, introduciendo luego a la entrada deste Poema a Baco contra los Portugueses, por esas razones que va apuntando, como el a Juno contra los Troyanos, por las que allá se ven, *Manet altamente repositum ju-*

Tomo 1.

dicum Paridis, &c lib. 1. Son alla competidores Juno, i Venus; aca Venus i Baco: i tambien en esto se ve, que si e. Poeta trataria solo de encder debaxo de estos nombres las Deidades gentilicas, no variaria nada de Virgilio en ello, como pretendio no variar en todo quanto le fue licito, pues por parecerse a el en todo andava bascanlo en los hechos de los Portugueses, i casos deste descubrimiento verdaderos, los que mas se podian hazer parecidos a los fabulosos de Virgilio, como descubriremos por todo el Poema: asi ivien lo seguido agora a Virgilio en intro lugit a Iupiter, a Venus, a Mercurio, no discrepara de el, desechando a Iuno, i poniendo en su lugar a Baco. Pero como el Poeta quiso entrelazar por estas Deida les la verdadera, eligiendo las que hizian a su intento, dexo a Iuno, que no fazia a el, i puso en su lugar a Baco para representar el demonio, porque concutrian en el para esti controversia las partes que no concurrian en Iuno.

C I este sea el prohemio para passar a la alma de la invencion de que le acusan, creyendo que Baco es un personaje poco a propósito para ser aqui introducido; i mucho menos para ser cultor de un altar Christiano alla en el canto segundo desde la estancia 10. Lo cierto es, que en esto, como en todo se encubre (agora le descubriremos) el ingenio, i juicio grande de tal Poeta, i la profunda, i Catolica alegoria, que constantemente siguió en este Poema. Deste modo.

D Resolviendose, pues, en introducir al demonio por opuesto al viaje de los Portugueses, porque como ellos passavan las armas de Portugal (que son las llagas, i la Cruz de Christo) al Oriente, i con ellas la Fè Catolica, vio el demonio claramente que avia de perder mucho del poder que tenia sobre las almas de aquellos Barbaros, i por esto intentava estorvar el passage: i es asi, que hubo muchos i grandes votos contra esta ejecucion, como ai diximos; i estos finge el Poeta agora que eran del demonio, con la perficion que deven tener las ficiones, que es la verisimilitud: porque ninguna mayor en esta ocasion que introducir al demonio, que con pretexto del bien del Reyno, querria atajar la propagacion de la ley Evangelica, que el aborrece tanto.

E Bien nos dio el Poeta a entender, que este era su pensamiento con mostrarnos claramente la imitacion que hizo de Geronimo Vida, que a la entrada de su Christada, despues de introducir a Christo entrado a salvar el mundo, finge un conciliabulo en el infierno, a donde el demonio se opone a aquellas acciones divinas de la redencion: i el quitarle las almas, que ai diximos, era lo que le dolia. *Concessaq; animas nostro eximet Orbe, &c.* I aunque el gran Tasso traslado alli en todo a Vida, como

ya ponderamos, de creer es, que tambien lo vio aqui.

Tambien no ay duda que de una ponderacion de Barros ten dia alguna origen en el Poeta este fingimiento de Baco, i Venus, por el demonio, i la Iglesia; contendiendo, porque en la Dec. 1. lib. 2. cap. 10. refirié lo lo sucedido sobre la primera Iglesia q se levato en el Reyjo de Eogo, lize assi: *Mas como o demonio come estas obras perdia tam grande jurisdiçam trahalhou por lbeifar em peñor alqua deessa Real por aqual pudeffe cobrar o perdidio. I va refiriendo, como un hijo del Rey se opuso a la prosecucion de la Iglesia Cato ica B en aquel Reyno. Demanera, que lo que en Barros es ponderacion piadosa, en el Poeta es invencion poetica, elegante, i tambien Christiana, suponen lo, que el demonio, i la Iglesia, entendidos por Baco, i Venus, eran opuestos. Aprovechose tambien para esta invencion, de las grandes noticias que tuvo de la Geografia; porque sabiendo della (i en ello no ay duda) que Venus i Baco, o el demonio, tenian Islas de sus nombres por aquellos mares del Oriente, galana, doña, i agudamente usò dellos, fingiendo, que Venus queria ilustrar con esta nueva gente las tierras de su possession; i que Baco, o el demonio no queria perder la que se imaginava de ganancia en las suyas: i assi cada uno pugnava por su aumento, o por su conservacion. Es de saber, que en el seno Arabico ay una Isla llamada Afrodisia, i otra de Baco; i otra que se llama de los demonios, en veinte i tres grados i quinze minutos de latitud, i de longitud sesenta i seis grados i quarenta minutos. I a esta se ha de entender vino Baco a pedir favor a Neptuno contra los navegantes, como el Poeta lo representa al principio del canto 6. por quanto Baco en aquella accion claramente fue el demonio, incitando sus ministros que tiene en aquella parte conocida por el nombre dellos, como allá enseñaremos: para que se acabe de ver la profunda invencion de este grandissimo hombre, no hueca i vana como otras; fundando solo su credito en palabrones, hiperbatos, i puerilidades, sino toda llena de misterios, pensamientos admirables, i doctrina solida, i grandeza facil, i gravedad veneranda.*

Pareciole, pues, al Poeta (i bien) que de la misma suerte que introduxo el cielo a favorcer este negocio, debaxo de aquel velo poetico de Iupiter, i esotras Deidades, avia de entrar debaxo de otro el infierno a estorvarlo; i supole su ingenio, i erudicion hallar a Baco co tantas convenencias para representar el demonio, en esta ocasion, que no pudo ser mas. Veamoslo. Los Lusitanos son derivados de Luso, que fue singular hechura de Baco, i singularmente amado del; i agora se opone a sus cosas como mayor enemigo: i assi tiene correspondencia con el demonio este Baco en esta accion por la parte que siendo

A Lucifer singular criatura de las Angelicas a los ojos de Dios, se bolvió contra el como mayor adversario. Fue tambien intento del Poeta mostrar esta accion seguida de los dos Genios, o Angeles, que siguen todas las de los humanos, que ordinariamente llamamos Angel Bueno, i Angel malo: i que por el malo aya puesto a Baco lo enseña en la estancia 18. del canto 9 diciendo claramente, que la Venus introduzida es el bueno; haciendola querar en la estancia 39. de lo que el, como malo, con insidias avia procurado dañar los descubridores, i impedir el descubrimiento. I aunque el Poeta no huyiere mostrado en estos lugares, i otros que los Genios se acompañaron en esta accion, bastava nombrar el uno, para suponerse de hecho el otro; por quanto ellos nunca se desacompañan. Siendo, pues, essa Venus la que defiende los navegantes agora, i llamandola el Poeta Angel bueno, necesariamente Baco haze el oficio de Angel malo, pues los ofende, siempre en igual compagnia con Venus, que los ampara: assi Baco delante de Iupiter aqui se opone al favor que el quiso dar a esta gente: Venus la defien e en persona de Marre. Despues en el canto segundo los Moros incitados del les procuran todo daño, ella los salva; i despues sube a querarse a Iupiter, i a pedirle favor para ellos. En el canto sexto baxa Baco al mar i alcança que se suelten los vientos contra la flota; i Venus baxa a aplacarlos, i a librartla. En el octavo el induce los Moros a que soliciten en Calecut la quema de las naves, i mala opinion a los navegantes: ella inspira en el Gima tales razones dichas al Rey, que en virtud de ellas quedó estimado de nuevo del. En el nona, viéndolos ya fuera de aquel peligro, i diligencias del demonio, les ofrece honra, i gloria, que es el fin de las batallas de los dos Genios, o Angeles, quando el bueno vence como aqui. I porque despues de esa victoria no ay mas Genios, con admirable cuidado hizo el Poeta, que despues de fingir gloriosos los navegantes en el canto nono no aparezcas mas en este Poema Baco, ni Venus, porque representando estos dos Genios, ya no tenian que hacer en el, pues la gente por quien contendia estaba ya colocada en la gloria. Vease lo que diremos a cerca desto, provando que Venus representa el Angel de la Guarda, en la estancia 33. i en el canto segundo las 18. 19. 20. 31. I dandolo por visto, ruego a los judiciosos que nos digan agora que viene a ser todo esto, sin essos dos Angeles en su portia, siguiendo a todo viviente racional? Mas.

Al Genio malo, conforme a los antiguos se llama Caco Demonio, i assi tiene correspondencia con Baco Demonio. Orseo a la entrada de sus hymaos (assí como nosotros llamiamos igualmente Angel al bueno i malo) igualmente los llama demonios, *Dæmonemque divinum, & dæmonem*

nocentem mortalibus Otra correspondencia tiene Baco con el demonio para representarle, i es (creo no hallada sin buena dicha quando su ingenio) de este modo. No ay duda que quando Lucifer cayó del cielo, buelto espíritu maligno, i todo su exercito con él, unos se fueron al profundo del centro de la tierra; otros quedaron sobre ella, otros en la region del ayre; i otros en el mar. O feo allí, a este propósito: *Dæmones cœlestes, & aereos, & aquatiles, & terrestres, & subterraneos, & per ignem euntus:* i casi de la misma suerte los vā nombrando Vida lib. 1. Christiad. quando se juntaron en concilio. Agora entra san Agustín en su Ciudad de Dios, i dice, que la palabra, nombre, o título, *Heroe*, en Griego se deriva de Iuno, llamada Hera, i que de aí se dio el nombre a su hijo *Heros*: i porque Iuno es el ayre, se infiere desto, que en el tienen su vivienda los Heroes: i anade, que entre el primer cielo, i la region de los vientos es la assistencia de las animas aeras, que no pueden verse con los ojos corporales; i que estas se llaman *Lares*, *Heroes*, i *Genios*. I fue doctrina de Trimigisto, que los Heroes habitavan con los demonios en el ayre. Bié se une con esto lo que dice Clemente Alexand. en su Oracion llamando al demonio Principe del ayre. *Fugiamus, &c. Principem potestatis aeris.* Agora incorporemoslo todo. Siendo, pues, Baco un Heroe conocido, siguese que su asiento es en la region del ayre; vivienda (conforme a lo dicho) de esa vanda de demonios que en el se quedaron, i compañero dellos: luego buena correspondencia tiene con ellos para que de entre ellos le saque nuestro Poeta a representar el demonio, i mas aviendo de introducirle, como lo haze, a andar por estos ayres de una parte a otra solicitando daño a los navegantes: i tambien para que despues vaya a buscar (en el c. 6.) sus compañeros a las aguas (en que se quedó otro tercio de demonios, como aí diximos) para que ya que con el socorro de los de la tierra, i del ayre no pudo destruir los navegantes, viesse si podia hacerlo con los del mar: i finalmente no pudiendo con estos conseguir su intento, veremos allá ea el c. 8. estancia 83. que procura conseguirlo con los del fuego, pues alfin aquellos barbaros por diligencias del mismo Baco, o demonio pretendieron abrasar nuestras naves. Demanera, que el demonio usó de todas sus astacias contra la gente Portuguesa en esta accion, i ella todo lo vencio. I este fue el intento del Poeta en esta invencion de introducir a Baco por todas estas partes con todas estas diligencias: todo a imitacion de Virgilio, que todas estas supone executadas de Iuno contra Eneas; queriendole destruir con uno i otro peligro, viendo que el uno i el otro no avian obrado, segun su deseo, que procuró executar, con armas, con agua, con fuego, con vienes, i con todo, como aca Baco, que en este Poema la representa. Ella misma en el libro septimo

Tomo I.

haze resumen de todos los peligros que ordenó aquexandose de que no le valiesen.

Num signeis oscumbere campis,
Nū capti potuere capi? nū incēsa cremavis.
Troya viros? &c.

Quin etiā patria excusso infesta per eundas.

Ausi: qui, &c. Quid Syrtes, aut Scylla mibi, &c.
profuit? Assi aca el demonio representado en Baco solicid los Dioses, los Moros, las aguas, los vientos: i finalmente el fuego, i ninguna cosa le valio: i todo este pensamiento fue el de nuestro Poeta: i quien no lo entendiere assi, sepa

B cierto, que ni le entiende, ni le puede juzgar. Confieslo todavia, que para el artificio con que escrivió no son faciles estos entendimientos para ser alcanzados de todos. I assi quando el Poeta en la estancia 77. i en el 6. en la 7. i 32. dize, que Baco baxó del cielo a hazer estas diligencias, se ha de entender que baxó de aquella region del ayre, en que es su morada, ya como Heroe, ya como demonio, por esas razones que aí diximos; por ser cierto que los Poetas mil veces toman por el ayre el cielo; i el nuestro algunas, como notamos en la estancia 51. confor-

C mandoce con los Astrologos que le llaman cielo aereo. I tambien desto se ve, que el Poeta no se quiso apartar del todo de Virgilio, segun que arras deziamos, en introducir a Iuno como el hizo, porque siendo Iuno lo mismo que el ayre, i Baco morador del, assi por Heroe, como por demonio, i diligenciando contra los Portugueses por ese propio ayre de una parte a otra, quedó el Poeta usando tambien de Iuno en quanto ayre, aunque no usasse del nombre, porque le era mas a propósito el de Baco. Agora manifestaré, que a los principios deste commento tuve para mi que Baco representava aqui a Mahoma, i su gente, i seta; con los fundamentos que apuntare alfin de la nota a la estancia 50. del canto 5. Veise tambien lo que irá en la 39. deste. Quien gustare de que sea Mahoma, que no será gusto estragado, puede suponerlo todas las veces casi que nombramos a Baco, o al demonio, porque todo lo que dezimos dellos, dice igualmente con el.

Otra correspondencia del demonio, i Baco es, que el demonio fue criado Angel en la armonia de esos cielos, que fueron hechos al son de la voz divina; pues conforme a la primera plana de la Escritura sagrada no se puso otra mano, material, o diligencia en toda esa maquina, que dezir el Autor divino: *Hagan los cielos, i luego quedaron hechos.* Assi Baco, fue natural de Tebas de Grecia, fabricada al sonido de la lira de Anfion: i por ventura que caminando el Poeta con este pensamiento, se quiso declarar en la e. 19. del c. 9. haciendo este perifrasis de Baco: *Pello Deos nacido nas Amphioneas Thebas.* Otra correspondencia es hallarse el demonio muy dueño de las almas de toda la Asia, assi como

H 4 Ba.

Baco lo fue de tanta parte della. Luego el finir que Baco se buelve contra los Portugueses por temer le hâ de quitar el nombre famoso que tenia en la India, tiene gran parentesco con esto de qual acreditado allí estaba el demonio que se buelve contra ellos, porque no le quiten ese credito, tanto mas por siadamente , quanto mas los vè favorecidos del propio Chrlto. Necesariamente se devia tambien entender por solo esto, q este Baco representava el demonio, por ser cierto que este enemigo comun del genero humano, lo primero que singularmente aborrece , i desea destruir es la Religion Catolica, i los que mas la aman, i al Autor della, i mas son amados della, i del. Esto singularmente se vè en el Imperio Portugues, porque el fue establecido por el propio Christo en Orique , como es notorio , i alli prometio al Rey don Alonso este descubrimiento cõ la propagacion de la ley Evangelica por sus descendientes, i lo uno, i lo otro fue confirmado por el Vicario del propio Christo; i los Principes, i gente Portuguesa fueron siépre singularissimos en la obediencia de la Iglesia, i zelo de la Fè Catolica. I con estas circunstancias el gráde Autor destos descubrimientos el Infante don Enrique luego que tuvo esperança dellos los dedicò al propio Christo, i sujerò a la propia Iglesia, como diremos en la e. 33. i diximos en la nota 1. sobre el titulo deste Poema a otros intentos que hazé a este, i pueden verse. Luego con gran propiedad representa aqui Baco el demonio , porque si el es el mayor perseguidor de quien tanto ama a Christo, i es amado del, Quien mas que los Portugueses, para que quâdo ellos salen de la playa de Lisboa a llevar la Fè Catolica a la Asia, salga él del infierno, a pretender destruirlos? Tambien está Baco representando aqui la embidia de ver que la potencia representada en Iupiter se concede tâto a los Portugueses: i la embidia es propia del demonio, i quiso el Poeta mostrar cõ elta invencion, tacitamente, que rodos embidiarô esta dicha Portuguesa. Sobre tan solidos fundamentos va el Poeta fabricando las invenciones poeticas: pero quando no los tuviera, podia como Poeta fingirlos en abono de la gente que propuso cantar.

Otras correspondencias. Tiene el demonio muchos nombres, como Diablo, Lucifer, Asmodeo, Belcebû, Satan , &c. Assi Baco tiene muchos, como Dionisio, Lieo, Bromio, Liber, Leleo, &c. Lucifer singular criatura de Dios; Baco criatura singular de Iupiter. Lucifer criado por Dios, i luego condenado a llamas. Baco engendrado de Iupiter, i luego a peligro de ser abrasado de las llamas que abrasaron a su madre reniendole en el vientre. Lucifer criado en la esfera superior, i arrojado a la inferior, Baco passado desde el vientre de su madre al muslo de Iupiter. Vean la fabula los que no la supieren, que yo voy aprissa para contarla. El demonio es el Prin-

cipe de las furias del fuego; Baco de las del fuego del vino. Baco quiere dezir insania, i ninguna mayor que la de Lucifer. Lieo es nombre de Baco, i vale dissension, i Lucifer es el Autor de la entre los mortales. Dionisio, otro nombre de Baco, significa alocado, i aturrido, que es el efecto de los tomados del vino; i el propio de los tomados del demonio. A Baco le pintan con cuernos: si al demonio, parece que desde que con ellos le vio san Iuan en el Apocalipse capit. 12. *Et ecce Draco magnus rufus habens, &c. cornua decem.* I aun el rufus, o bermejo es color singular del propio Baco. Clemente Alexand. dice, que no dudará llamar a los glotones, *Ventri demones;* i pintandonos la antiguedad a Baco con una gran barriga justamente representa aqui el demonio. Vease esse Autor ii Pedag. 2. De toda la Escritura consta, que el demonio es cultor de zizanas, i este oficio haze Baco en todo este Poema.

C Lucifer baxó del cielo al infierno , i allâ dizen las fabulas baxó Baco, i que (parece que como a cosa muy de allâ) se le hizo gran fiesta: porque hasta el horrendo i implacable Cancerbero le lamiò los pies de pura caricia (si es que ay pot allâ caricias i fiestas) Oracio libro segundo, od. 19.

*Te vidit infons Cerberus aureo
Cornu decorum leniter atterens
Caudam, & recendentis trilinguis
Ore pedes tetigitq; crura.*

Finge el Poera , que Baco anda con perpetuas astacias para destruir los navegantes; i el simbolo de la astucia es la Zorra, o Vulpeja, en la qual es figurado el demonio en las divinas paginas; i diablo , esto quiere dezir , Engañador. Baco se pinta colocado en carro tirado de Tigres , i el demonio en otro de semejantes monstruos, i fieras. Del demonio es cosa muy propia mudarse en varias formas, i esto tambiê lo fingierô los antiguos en los mas de sus Dioses; i dellos eligió nuestro Poeta a Baco , por las otras conveniencias , que ademas desta tiene con el demonio. Pues si de los Dioses , i del demonio es propia essa transformacion , que tenemos que condenar al Poeta , si en un Dios que representa al demonio finge las transformaciones en aquellos Moros, en este canto, i en el octavo, ni aun aquella de Christiano, venerando un altar a la entrada del canto segundo? Por ventura es novedad en el demonio transformarse en figuras de zelo i devocion para engañar? No se transformó a este modo para persuadir a Christo ? San Agustin de la Ciudad de Dios libro octavo : *Omnis transformatio corporalium rerum quæfieri potest per aliquam virtutem naturalem, per dæmonem fieri potest.* Assi que estas transformaciones son propias del demonio.

E Es ello mucho de notar, i aû de agradecer, que transformándose el demonio en todo quanto quiere,

re', el P. se escusò de hazerle transformado en bestias, o otros objetos , que no fuese la figura humana , por huir de todo lo que podía parecer meramente encantos de libros de Cavallerias; error en que cayeró Italianos de Fiam; i aun Virgilio tiene cosas semejantes, de que se valió, como aquella nube para esconder a Eneas, en el libro 1. cierto todo hijo de ingenio admirable, i q haze impossible la imitacion, menos en esto. Señemos las correspondencias de Baco i el demonio, con una no descubierta sin dicha; i es, que de Baco se escribe fue criado en un nido del Ave Fenix, la qual le compone de Cassia i Sinamomo: i el demonio fue criado en este precioso nido del cielo, por la verdadera Fenix unica, que es un solo Dios verdadero. Concluyo con un lugar de Clemonte Alexandrino en la Oracion , de que se ve, que Baco i Pluton es una misma cosa: *Hic est autem Orcus, & Dionisius.* Adonde su Comendador Genciano explica có un verso de Orfeo, que todo es lo mismo: Orco por el infierno, o Dioniso por Baco.

Finalmente, el P. mismo declara en el c. 10. e. 84. que el Baco a que llama Dios, i de que usa en este Poema , es el demonio : porque aviendo dicho, que a los Angeles llama la Escritura Dioses, dize luego, que tambien se llaman así los Angeles malos De maniera, que quando Baco a lo Gétilico no se llamira Dios , aqui se le podia llamar mientras representa el demonio , que es Angel, aunque malo, i luego allí declara el P. que indigno de tan sublime nombre.

Siendo pues esto así , ni ay que argumentar si este Baco representa el demonio, ni si el P. lo entendiò así, por las razones referidas , i otras que deixamos , además de las que no nos son agora presentes, i fiamos de mas delicados, i estudiosos ingenios : ni queda siendo de duda , o escrupulo, ninguna accion de las que el P. le finge, antes todas muy propias. Resta solamente satisfazer a una objencion que pueden apuntar los escrupulosos, i es , si fue licito hazer venir el demonio a la presencia de Dios , i hallarse en Concilio glorioso. Respondemos que si, i que por ventur i imitò el P. en esto lo que se refiere en el cap. 1. de Iob, que parece este propio Concilio : desta manera en el num 6. *Quadam autem die, cum venissent filii Dei, ut assisterent coram Domino, affuit inter eos etiam Satan:* i con lo mismo entra en el cap. 2. i añide, *Et staret in conspectu eius:* i en el uno, i en el otro le concedió el mismo Dios , que tentasse a Iob , para destruirle , como acá varios medios para destruir los navegantes. De maniera, que esto queda llano , i mil veces bien introduzido de nuestro P. I bien podrá ser , que tambien en las acciones que el demonio tuvo contra Iob, aprendiese el P. las que le hace tener contra los navegantes: porque siendo ellas incitar varias gentes, i los elementos contra ellos , como ai atrás os advertimos, diciendo, que en esto imitò a Virgi-

lio, las que usò contra Iob son las mismas, como consta del cap. 1. *Irruerunt Sabæi, &c. Caldei fecerunt tres turmas, &c. Ignis Dei eccecidit, &c. Repente ventus vehemens irruit, &c.* I la enfermedad q' se sigue en el cap. 2. pudo ser imitada con la que el P. refiere en el c. 5. e. 81. I porque no es justo , que en una estancia se diga todo, aviendo otras que aguarda n su parte, porque por toda la obra fue el P. derramando este pensamiento, combidamos los Lectores, a que le vayan buscando por estos lugares. En este Canto las est. 20. 30. 33. 38 39. 69. 73 74. 75. 77. 78. 79. 80. 81. 96. 104. En el 2. est. 10. 12. En el 6. las 6. 26. 29. 30. 31. 32. 33. 34 35. 37. 85. 86. 88. En el 8. las 48. 49. 64. 82. En el 9. las 18. 26 29. 39. 54. En el 10. las 6. 9. 82. 83. 84. 118. 141. 143. i otras que se me ván por entre los dedos.

T Padre Baco. Porque el P. a los más de los Dioses que introduce llama Padres , deixaremos aqui dichos para todos los lugares, que a todos se llamava así con Lactancio, lib. 4. cap. 3. divin. instit. *Iupiter a præcantibus Pater vocatur, & Saturnus, & Ianus, & Liber, & cæteri.* Iassilo usaron todos los Poetas, i por esto se escusan ciertas impertinentes en semejantes cosas. I porque representando aqui Baco al demonio, como hemos provado , puede alguno dudat de si le es propio el nombre de Padre , entienda que el P. habla con la Escritura sagrada , que llama Padre al demonio desta manera : *Vos ex patre diabolo egitis.* Ioan. cap. 8 Pero Padre de los perversos, i de las maldades, i ese oficio haze en este Poema: i estos son sus hijos, Act 13. *Fili diaboli, i Ioann. epist cap. 3. In hoc manifesti sunt filii Dei, & filii diaboli.* I esto me basta para las razones de llamar aqui Padre al demonio, i Padre a Dios en la e. 22. i estar delante de Dios el demonio, en que pudiera dilatarme mucho, i deseo voy huyendo lo posible.

T Que esqueceram seus feitos no Oriente. En quanto Baco Herzce, las hazañas que allá son memoradas: en quanto demonio los engaños.

XXXI.

Ouvido tinha aos Fados que viria húa gente fortissima de Hespanha pello mar alto, a qual sogetaria da India tudo quanto Doris banha. E com novas vitorias venceria (nha. a fama antigua , ou sua , ou fosse estralamente lhe doe perder a gloria dc que Nisa celebrainda a memoria.

T Enia Baco oido al Hado, que de Espanha vendria una gente por el alto Oceano, tan osada i feliz , que sujetaria de la India todo lo que en ella baña el mar : i que con nuevos triunfos ven

ceria la antigua fama, o fuese suya, o fuese estranña, o agena. Altamente le duele a Baco perder la gloria de que aun cel ebra la memoria la ciudad de Nisa.

P Ouvido tinha ao sFados que viria a bñagente, &c. Notad; Baco por lo que sabia del Hado estorvava la navegacion, i Venus por lo mismo la favorecia, ai luego en la e. 34. Aqui vñ a imitaciñ de Virgil. En. 1. de Juno.

*Progeniem seden im Troiano a sanguine duci
Audierat Tyria olim quæ evertet arces.
Tenet 7. dixo Latino a Ilioneo (Embaxador de Eneas) dellos.*

*Nunc illam satis externa a se de profectum
Protendi genitrum, paribusque in Regna vocari
Auspicijs hinc progeniem virtute futuram
Egregiam, & totumque viribus occupet Orbeum.*

Parece que estaba hablando de los Portugueses aqui en persona de Baco. Pero lo que él devia tener oido en gloria dellos a los Hados, para contravenirlos, creemos que devia ser aquello que contiene la Nota 1. a este Poema, entendiendose por Hados, los Profetas, i los Santos, i las Sibillas, i los Poetas, i aun el propio Christo, que avian profetizado, i prometido este passage de la gente Portuguesa a la Asia; i tambien aquellos Agoreos de que dirémos en la est. 46. del c. 3. aunque esto ultimo tiene menos lugar que essotro, porq el demonio no puede saber de lo por venir; i podia saberlo de lo passado, que son los Profetas, i principalmente de lo que Christo tantos años antes avia dicho al Rey don Alonso en Oriuke: i assi estos pudieron ser los Fados de quien tenia oido esto. Vease essa Nota 1. que citamos; i tambien lo que irà a este proposito sobre la e. 85. del c. 4.

P Gente fortissima de Hispania. Perifrasis de la Portuguesa, usado con gran industria, porque en todo este Poema dà el P. a esta el epitecto de fuerre: que vale, valerosa.

P Pello mar alto. Porque hasta entonces lo q se avia navegado no era por mar alta, sino costeando siempre: i assi quiere dezir esto, por medio de la mayor navegacion que se avia visto.

P Da India tudo quanto Doris banba. Todo lo que baña el mar; esto es Doris alli: tomando por él una Deidad suya principal, como lo es Doris muger de Nereo. Virgil. in Gal. *Doris amara suam nō intermescat undam:* i dizelo assi, porque todo casi lo que posseen los Portugueses en la India está por la playa.

P A fama antigua, ou sua, &c. Vease lo dicho a la entrada de la est. 26. i agora se verá, que es gran ponderacion la de dezir, o suya: porque no pareciesse, que la osadia, o valor Portugues, aviñ rebentado de cosa no esperada, sino excedido en el tiempo moderno su propia gloria de lo antiguo; publicado por Iupiter en la e. 26. i por Pau lo de Gama c. 3.e.8.

P Altamente le doe, &c. Atendió a lo de Vir-

A gil. tan notorio, *Manet altamente repossum.*
G De que Nisa, &c. Verlo e. 52. del c. 7.

XXXII.

Ve que ja teve o Indo sojugado, e nunca lhe tirou Fortuna, ou Caso, por vencedor da India ser cantado, de quantos beben a agoa de Parnaso. Teme agora que seja sepultado seu tam celebre nome, em negro vaso B da agoa do esquecimento, se la chegam os fortes Portugueses, que navegam.

V E, Està viendo Baco, que ya tuvo sojuzgado el Indo, i que nunca el Caso, o la Fortuna, lo quitò el ser cantado de quantos beven la agua del Parnaso, por vencedor de la India. Temo agora, que su nombre tan celebre sea sepultado en el negro vaso del agua del olvido, si llegan allí los fortissimos Portugueses que navegan.

C *V e que ja teve o Indo, &c.* Son bonissimas, i de judicioso Poeta estas consideraciones de Baco en tal ocasion.

P E nuncal he tirou Fortuna, ou Caso. El Varchi, fol. 165. *Cui ne Fortuna mai rompe, ne Caso.* Gindolfo Porrino, fol. 73. *Cbe non l' offese mai Fortuna, o Caso.* Luis Tansilo e. 2.a Bernardino Martirano, *Et dato in preda, a la Fortuna, al Caso.* Fortuna llaman vulgarmente el bueno, o mal suceso en las cosas que se tratan. Dioela la hicieron los antiguos. El Doni la pinta ciega, o vendada, sobre un arbol, haciendo caer del todas las insignias de las Dignidades del mundo. Llamase

D Fortuna aquella virtud operativa de las estrellas, que disponen con variedad las naturalezas de los hombres, moviendo el apetito sensitivo, i por medio de aquel, inclinado el racional, en manera que no se sienta violencia en el obrar. Pero en esta figura se toma solo por aquel suceso casual que puede aver en las cosas, que sin intencion de la agente suele acontecer con rareza: la qual por traer muchas veces el daño, o el provecho, los hombres que no saben comprender, que cosa alguna se haga sin la intencion de qualquier agente, fabrican con la imaginacion la Fortuna, como señora destas obras. Vease el Mitologico Nat. Comit. lib. 4. cap. 6. Iuvenal dixo: *Te facimus Fortuna Deam.* Vease tambien lo que diximos en la e. 28. i lo que dirémos en la 38. del c. 10. Boecio en el 5. de consol. del Caso dice assi: *Si quidem aliquis eventum temerario motu, nulla quæ causarum connexione productum, Casum esse definit, nihil omnino Casum esse confirmo: & præter subiectæ rei significationem inanem prorsus vocem esse decerno.* I poco adelante definiendo el Caso, le viene a dexir parecido con la Fortuna, *Licet igitur definire Casum esse inopinatum, & ea*

cop-

confluentibus causis, in his que ob aliquid geruntur, eventum. Assi Fortuna i Caso, todo viene a ser lo mismo, de que se sigue, que el *on* aqui no haze persona, o Deidad diferente, sino que se dā diferentes nombres a una propia: porque la definicion de la Fortuna en que todos convienen, es ser ella un arrebatado Caso de las cosas que suceden. Pero al contrario, no será siempre lo mismo el Caso que la Fortuna. Vease a Alberto Magno en su Filosof. cap. 7. Digo, que no será siempre lo mismo para con los hombres: porque entre ellos se llama Caso lo que sucede fuera de lo que ellos entendieron, o procuraron: pero para con Dios es siempre lo mismo: porque para con Dios nada sucede sin que lo sepa primero: i por esta diferencia de los hombres, distinguió el P. la Fortuna del Caso. Vease a Genciano sobre Clemente Alex. Stromat. lib. 1. En ambos los sentidos llano, i alegorico, tiene lugar esto que dice el P. en el primero, porque Baco por mas que le sucedieron grandes Heroes, jamás perdió el puesto de fama heroyca, siendo siempre celebrado en todos los escritos, principalmente Poeticos: esto vale de quantos beven la agua del Parnaso: porq se finge, que los Poetas beven en aquella fuente para entrar en sus Poesias: en el segundo, porque el demonio, que alegoricamente representa Baco, aunque a la India passò la ley Evangelica con el Apostol S. Tome, nunca dexó de tener allá buena parte en las almas de tantos barbaros, que siempre adoraron idolos en aplauso del Autor dellos, que es esse mismo demonio.

¶ *Teme agora que seja sepultado seu tam celebre nome.* Lo mismo contienen los ultimos dos versos de las dos est. anteced. i es tomado de Barreros en el lugar citado en la 30. Mas como o demonio con estas obras perdía, &c. que como allí diximos, aviendo hecho invencion de la ponde-racion del Historiador, tambien le imitó el estilo, i el pensamiento.

¶ *De quantos bevem a agos de Parnaso.* El Martirano en la Aretusa, Qualunque beve alfonse del Cavallo. Dicho con menor grandeza que nuestro P. que le ilustra. Sobre este estilo ver la est. 87. del canto 5.

¶ *Negro vaso do esquecimento.* En la e. 9. del c. 10. Do negro esquecimento. La agua del olvido es la del Leteo, en la lecion fabulosa, uno de los quattro rios del infierno; cosa publica: este temor de olvido se queda ya en la e. 30. Dizeste negro, no porque tenga algun color, sino porque el epitecto de negro en muchas cosas es imagen de su infelicidad: i con el olvido más propio, porque no es el otra cosa que una escurridad, que nos impide la vista de la memoria de lo pasado: como la noche que parece nos impide la luz; siendo falta della; i assi se le dan todos los epitectos que al Leteo, i la noche: a el, Mantuano *obscuræ, pallētia flumina Lethe*: a ella Seneca, *Nigricante cicedula nocte*. Vease el *Nigra maiestas* de Claudian.

A que traeremos en la e. 7. del c. 5. i tambien lo que dirémos sobre la e. 70. del c. 6. I finalmente dize en esto, que temia Baco el ver anegado su nombre en el rio del olvido: i de lo antiguo sabemos, que algunos hombres fueron quemados, i echadas sus cenizas en los rios para acabar de extinguir su memoria: i aun oy se usa algo desto. Valgome Dios! que superficialmente queria yo pasar por este lugarcillo de mi P. Q' exoso le oygo: i assi buelvo a él. Q'iere dezir, Teme Baco q' su nombre sea sepultado e' el mortal vaso del olvido. I como Baco, tegun largamente provamos, es el demonio en este misterioso Poema, viene a ser ess: negro vaso su barca que la fabu'a le concede nadando por el río del olvido. Pruevolo: el nombre de vaso es propio de qualquier embarcacion: el epitecto de negro no lo es menos de todas, tan frequente en los Autores, que escuso ciertas. Dize pues el P. Teme el demonio, que tan extendido te halla, i memorado por la Asia, verse retirado, i reduzido a habitar en sus cavernas, i aguas infernales, si los Portugueses llegan a poner el pie en las playas del Indo. I es modo este del P. porque allá en la est. 12. del c. 7. dice a los Principes Catolicos, incitandolos cótra los Turcos, que saliendo de unas cuevas horribles se dilataban por el mundo, que los hagan bolver a olvidarse en ellas. Veanse allá los versos, i un lugar del Tasso que truximos sobre ellos, hablando del demonio, como mi P. aqui, i para aqui es natural.

C Agora aqui tambien es natural otro del propio Tasso, introduciendo al demonio mismo a hablar en el c. 4 i singularmente se quexa, de que estando tan señor de la Asia, le obliguen las armas Catolicas a que se retire a su vaso, o barca, o giro infernal del olvido: aquellas estancias todas, mas parece que fueron hechas para la accion deste Poema nuestro, que del suyo. Leanse con esta advertencia: i entre tanto dexare aqui estos versos de lis 12. i 14.

*E suffrirem, che forza ogn' hor maggiore
Il suo popol fedele in Asia prenda? &c.
Ch' i nostri alt' arti il mondo a lui converta? &c.
Che ove a noi Tempio non solea serrarsi,
Hor via non resti. i l' arti nostre aperta?
Che de tant' alme il solito tributo
Ne manchi, e in voto Regno albergbi Pluto?*

E De manera, que lo que teme el demonio en la mente del Tasso, es verse retirado a su habitació del olvido: i esso teme tambien en la mente de mi P. aqui. Otra explicacion. Alude tambien el P. al modo de sepultar antiguo, en que los cuerpos reducidos a ceniza, se metian en vasos, i en otros con ellos las lagrimas de los que los lloravá, que ordinariamente eran alquilados para llorarlas: i como ningunas son mas del olvido, que las que assi se lloran, ni el olvido mas propio que de los sepultados, bien temia el demonio el versele aparejar estos mortales vasos con la infusion de tal agua. Otra: con aquel lugar de Oracio en la

Ode

De 1. del lib. 3. *Omne capax movet urna nomen.* Alude al vaso de las suertes, que es tristissimo para el que en ellas la tuvo mala, i en que la fortuna se olvidò dèl para dexarle perdido; o se acordò de dexarle olvidado: assi acà el demonio teme el vaso, viendo que la Providencia divina saca dèl suertes en favor de los Portugueses, dando piezas de las que él poseia, o esperava Mejor agora. El P. atendió en este lugar a aquel de la Escritura en el num. 23. del cap. ult. de Iudic: *Iulib. universa vasu bellica Holofernis, &c. Ob tutulit in aratbema oblivionis.* Assi acà temia el infernal Holofernes, que la divina Venus tomando el oficio de Iudic, avia de condenar a eterno olvido el vaso de su barca, i los otros de sus victorias, que abiertamente corrian por las aguas, i tierras Orientales, haciendo los retirar al Leteo, al olvido infernal. Todo esto dice el P. aqui con lo demás que hiziere a este propósito, de lo que dirémos en la e. 65. del c. 8. Vease.

XXXIII.

Sustentava contra elle Venus bella
afeiçoadà à gente Lusitana,
por quantas calidades via nella
da antigua tam amada sua Romana:
nos fortes corações, na grâde estrella,
que mostraram na terra Tingitana,
e na lingua, na qual quando imagina,
com pouca corrupçã crê q̄ he Latina.

Contra Baco sustentava este arguméto la bella Venus aficionada a la gente Portuguesa, por quantas calidades en ella via dignas de afición, i parecidas a las de la antigua Romana tan amada della. En los fuertes coraçones: en la gran estrella que mostraron en armas allá en la Tingitana tierra (esto es de Africa) i en la lengua tambien: porque quando Venus la imagina, se detenia a ponderarla, cree que es Latina con poca corrupcion.

T sustentava contra elle Venus bella. Desde aqui comienza el P. a hacer a Venus Abogada de los Portugueses en este descubrimiento; i dello es acusado de muchos, aun q̄is que de aver introduzido a Iupiter, i a Baco; diciendo que faltó aqui con menos modestia al decoro de Autor Christiano, por ser atrevimiento en ofensa de la Religion: visto que Venus es una Diosa Gentilica de las peores, con la calidad de origen de la lascivia. Quando tan gran les hombres como este salen del camino corriente, primero que sean reprehendidos con la boca, han de ser muy mazzados con el entendimiento, creyendose que algun misterio se encierra en aquel desvio. Es, pues, de saber, que el P. quiso en todo endulçare este Poema, como hicieron Homero, i Virgilio, cu-

vos vestigios siguiò mejor que quantos lo preterieron. Sin salir de los límites de Catolico imitò al primero, que en la Iliada hizo protectora perpetua de Achiles la Diosa Thetis, i de Ulises a Minerva, en su Ulissea: i al segundo, que tras la misma invención, hizo la propia Venus continua guardadora de Eneas. I aunque Homero, i Virgilio fueron Gentiles, sus Expositores declará, que en esas Distas no entendieron lo que los Gentiles vulgares indóctos entendian dellas, sino la divinidad suprema, inclinadora a toda virtud heroica. I los de Virgilio claramente muestran, que quella Venus, de tres que principalmente ay entre otras, era la que derechamente se llama celeste, i divina; que inclinò Eneas a bacerse glorioso con fundar un Reyno, como la terrena, i la lasciva inclinò Paris a destruir otro, con el robo que hizo de la Griega Elena. Pues si esto se piensa de Autores Gentiles, en quien no fuera vicio el introducir esas Distas sin tanto cuidado; porque de un Poeta Christiano, i doctor, hemos de penitar que usó de ellas con descuido? Añadirán los contrarios en respuesta, que si Homero i Virgilio introdujeron esas Distas en favor de sus Heroes,

Cademás de ser Gentiles, fue porque ellas eran sus madres, Tetis de Achiles, i Venus de Eneas. Agradecemosles la respuesta, que haze harto en nuestro favor; porque por ai sacamos, que esta Venus en quanto representa en este Poema la Iglesia, i Religion Católica (eso representa: no se altere nadie), que luego se lo mostraremos claramente aquí) es madre comun de todos los Christianos, i con singularidad de los Portugueses; porque ellos son entre todos tan singulares hijos della, como empeçamos a mostrar en la primera Nota al Titulo de este Poema. Aora bien; quedese esto así; i veamos que Venus sea esta aqui introduzida. Muchas Venus ay. Tres son principales: una hija de Cielo, i Dia, de la qual, i de Iupiter, o Baco, naciò Cupido: otra hija de Celio, i de la espuma del mar: i esta es aquella por quien ordinariamente se cuentan todas: otra hija de Iupiter, i de Dione. Platon en el Simpozio dice, que son dos; una terrena i la lasciva; otra divina i celeste, como hija del Cielo sin madre: singiendo asi, porque no procediendo de cosa corporea, i corruptible, solamente aspira a celestes intentos. I como nuestro P. no escriviò con vulgaridades; esta es la Venus de quien se aprovecha para esta ficcion ingeniosissima, i doctissima: porque no contentandose aun con essa noticia, añadio otra que grandemente haze al pensamiento que le vamos rastreando en estos fingimientos, sin duda misteriosos. Conviene, pues, saber, que conforme a Nigidio, en el río Eufrates, que riega la Asiria, salieron a la lengua del agua dos pezes, que trazando un hueco le pusieron en tierra: unas palomas cubriendolo, i empollandolo sacaron del una niña, que vino a ser la Diosa llamada Assiria, que por otro nombre es Venus, tenida entre los

Dio-

Dioses por singularissima Religiosa ; i para los hombres por llena de misericordia, i piedad, i diligenterissima en su favor. Todo esto fue causa de q fuese adorada primero de los Assitios (segun Paulanias lib. 1.) que enseñando su culto a los habitadores de Chipre, i estos a los de Citera, se difundiò su veneracion por varias partes. Por esto, i otras calidades divinas, le concedio Jupiter, informado de Mercurio, que le pidiesse a su voluntad quanto deseasse. Ella le padio, que hiziese inmortales los dos pezes que zelaron su generacion ; i el los colocò, en aquellas estrellas del Zodiaco, a que llamaron Signo de Piscis los Astrologos. En ellos, i en Tolomeo en el Quadripartito, hallamos las mismas informaciones de la naturaleza del Planeta Venus, que en esa fabula misteriosa estan halladas : porque el le llama suave, benigno, armonico, i incentivo de divinos amores, con la calidad de avezindarse siempre al Sol. Entre las imagenes que se hazen de la Virginidad, hallamos vna coronada de esmeraldas: i en Pierio Valeriano lib. 41. que la esmeralda es simbolo de la Virginidad, i por eso dedicada a Venus: de que se sigue, que ay Venus no lasciva, sino intacta, i pura; i es esta que se llama celeste. Vulgar cosa es en los libros de secretos naturales, que si el hombre i muger se juntan teniendo alguno dellos una esmeralda, ella se quiebra, como en testimonio de la contrariedad que tiene con la lascivia: i por eso esta piedra es dedicada a essa Venus celeste, de que referimos esse misterioso nacimiento. Creemos, pues, que con averlo referido, sin mas aplicacion, nos tienen entendido los estudiosos: mas por nuestra satisfacion nos declararemos todo. Esta sin duda es la Venus que el P. aqui introduce, entendiendolo debajo desse nombre el de la Iglesia, Religion, i Piedad Christiana, la qual viendo que el demonio, representado en Baco, quiere estorvar el descubrimiento de la India, porque sabe que con el, le ha de quedar menos poder sobre las almas de aquellos barbaros Orientales, passando allá los Portugueses la verdadera Religion, como Religiosa, i Pia, pretende vencer al demonio, i alentar el descubrimiento delante de Jupiter, que representa a Christo verdadero: i como le tiene tan favorable, que está en possession de que el le concede quanto pida, sube (allá en el c. 2. est. 33.) a pedirle que favorezca estos navegantes. I el, como quien tiene comenzado a despacharle con estrellas sus peticiones, le promete tanto, que da confiança al P. para que diga en la e. 85. del c. 4. que aquellas naves Portuguesas, favorecidas de essa Venus, han de ser (como la de Argos) estrellas en el cielo: de la manera que lo fueron aquellos pezes; i como ellas fueron estrellas; en ese lugar suyo lo diremos. I si bien se mirare, se hallará toda esta fabula de la Venus Asiria divina Religiosa, disfraçada en todo este Poema: porq si los pezes a ruego della fueron colocados en el

cielo, por aver zelado su generacion; a los navegares sucede lo mismo, como veremos de lo que se sigue. El primer fiador de que la Venus aqui introduzida es sinduda esta celeste i divina, ha de ser el mismo P. porque fingiendo la antiguedad, que Venus celeste era hermana de las Parcas, el P. en la estancia siguiente, i en la 38. del c. 9. la introduce en gran conformidad con ellas, llamandolas amigas: lo que uviera de ser al contrario, si la Venus introduzida fuera humana lasciva, con cuyas acciones se anticipan las Parcas en los mortales mortalmente. Esto provarémos (con

B) maestras del misterioso pensar del P.) en la estancia que se sigue. I en tanto veamos, como se corresponde esta Venus introduzida con esa celeste, i con la Iglesia Católica que representa, segun empeçamos a decir. Es maravillosa la correspondencia que esta Venus procedida, i criada de palomas, tiene con la Iglesia, que particularmente es fomentada del Espíritusanto, que como ai notamos, i lo sabei, se figura en ellas: ni es menor la de aver salido del agnus, por ser el Bautismo, en que ella es de necesidad, el primer Sacramento de illa; i el fundamento de nuestra Religion, como

C) ponderaremos luego ai abaxo. Descubrese tambien ser esta la Venus que el P. introduce; en la ultima accion della en el c. 9. que fue solicitar premio inmortal en el Parnaso a los navegantes, segun allá mostraremos, por el valor, i zelo con q la passaron a la Asia: asi como solicitó a los pezes la inmortalidad en estrellas, por el zelo con q la passaron a Assiria, en aquel huevo de que las palomas la sacaron: i las que en la Asia empollaron aquel zelo, que es esse huevo llevado a tierra por los Portugueses, fue claramente el Espíritu Santo, que se figura en ellas, como os advertimos

D) en la Nota 1. al Titulo deste Poema, sobre aquello de la profecia de Isaias, *Quasi columbae*.

Parecenos, que son bastantes señas estas para creerse, que esta es la Venus que el P. introduce: i por todo bien digna de ser introduzida de tal erudicion, i tal ingenio, a representar la Iglesia, i Religion Católica, pues con la calidad de llegarse siempre al verdadero Sol Christo, es la Patrona de las obras de virtud heroica, como esta destreza descubrimiento, que fue, i es la admiracion del mundo. Finalmente concluyo, que si esta Venus que el P. introduce, no fuera divina i pura, el P. uviera errado en hazerla aqui contraria a Baco, porque la no divina es hija del propio Baco, segun es notorio, i diximos arriba: i siendo su hija era imposible ser su contraria: i siendo cierto, q el P. no avia de cometer este yerro, siguese que esta Venus que el P. introduce, no es essa hija de Baco, sino la celeste, i capaz de representar la Iglesia Católica.

I los fundamentos que el P. tuvo para introducir la Iglesia en favor destos navegantes, fueron muchos, como el acordarse que Christo prometió al Rey don Alonso, que sus descendientes serian

serian cultores della en partes muy remotas, que son estas: i que el Infante don Enrique, luego que comenzó estos descubrimientos, los dedicó todos a ella: i que el Rey don Manuel en sus instrucciones, mandó a sus Capitanes, que en estas conquistas usasen primero de los ruegos piadosos de la Iglesia, como veremos sobre la e. 27. i que finalmente los navegantes, casi siempre llegaron a todos los puertos en que fueron bien recibidos, en días solemnes de la Iglesia, con que parecía, que ella claramente los andava hospedando, segun lo ponderamos más de espacio en la Nota 1. al Titulo. Si todavia pareciere a algunos, que el P. no se acordó desta Venus divina, como lo afianzan tantas señas, no por eso quedamos desposeídos de que por ella entedió la Iglesia; porque pudo con muchos fundamentos representarla có esta Diosa. Algunos se hallarán por estas Notas en sus propias ocasiones: i agora sirvan estos.

Pudo muy bien el P. usar desta Venus cénida del Cesto, o cinta de la pureza, como descubrénlos en la e. 36. del c. 2. significando por ella la Iglesia Católica, porque en ella, i su Sacerdocio, es singular parte de los ornamentos el cingulo, sobre el qual, al ponerse lo, se dizen aquellas palabras: *Præcinge me Domine cingulo puritatis,* &c. De modo, que en essa Iglesia, i en essa Venus está la cinta por testimonio de la pureza, con que justamente sale esta a representar aquella. I también, porque como la Iglesia con tanta singularidad es assistida del Espíritu Santo, que se figura en una paloma, i venerado su culto con músicas suaves; pareciole bien (i no mal) al P. elegir para hacer la figura della en la representacion deste Poema, una Diosa que las fabulas misteriosas fingieron assistida de palomas, que son simbolo del amor; i de cisnes, que son los que llevan la fama de músicos más suaves, segun los escritos de muchos hombres doctos: i estos cisnes, i esas palomas son los que veremos sobre la e. 24. del c. 9. I de creer es, que con este pensamiento finge nuestro P. allá, que Venus iva llevada de los cisnes, i assistida de las palomas; porque ordinariamente al pintarla, no se usa de ambos generos de Aves, sino de uno solo: i assi usando el P. de los dos, parece que tuvo la mira a esta alegoria tan proporcionada. Pudo de la misma suerte introducir a Venus para representar la Iglesia, porque diciendo el Esposo della en los Cantares, que es *hermosa entre todas las mugeres, O pulcherrima inter mulieres!* Venus en essa fabula antigua, i docta, es la Diosa de la hermosura. Más. Dizienose ai mismo de la Esposa, o Iglesia: *Nigra sum sed formosa, &c quia decoloravit me Sol,* &c. en este aumento que ella se solicitava a si propia, de passarse a la Asia, siendo instrumento la osadia Portuguesa; parece que con nueva propiedad quedava frisando este título con ella: porque siendo todas essas tierras abrasadas del Sol, i poseidas de gente negra, colocada entre ellas essa

Iglesia Católica, con tanta belleza de Religion, A parece que con gran ajustamiento está diciendo: *Nigra sum sed formosa, &c quia decoloravit me Sol.* I porque la autoridad de distribuir hermosuras toca en essa fabula a la Diosa della, pareció conveniente, que esta nuevamente distribuida para el cielo en essa Asia, corriesse por la mano de la distribuidora della. Tambien es correspondencia de la Iglesia con Venus, ser la Iglesia hermosissima producion de Christo, hija suya, i de esos cielos: i ser Venus produccion hermosissima, hija regalada del propio Jupiter, B que representa esse proprio Christo, como bastantemente os provamos en la e. 20. De la misma suerte es correspondencia (no parezca futile, porque no quiero yo parecerlo en cosas llanas) el ser Venus en la fabula misteriosa nacida en el mar, para hazer la figura de la Iglesia, c Religion Católica, que parece nacio en el agua, porque el primer Sacramento della fue, i es el Bautismo en que de necesidad se requiere el agua. I no dudare, que el P. se acordó desto al dezir en la e. 19. del c. 2. desta Venus (dando la razon, porque acudió en el mar a los navegantes, i le aplacava) que porque nos salgado mar nasceo, &c. Ni el especificar la sal quita la gracia a este nuestro sentido, antes se la dà como sal: porque la sal es uno de los aderentes en el Bautismo. I porque este Sacramento es el primero; i sin él no se passa a las otras acciones Christianas; i Christo lo enseñó assi, quando para entrar a las de redimir el género humano, fue primero a bautizarse en el Jordán, i en aquél acto apareció cayendo sobre él, desde el cielo, el Espíritu Santo como paloma (assi lo dice la Escritura) aviendo el P. de passar la Religion Católica a la Asia, i siendo la puerta della el Bautismo, no sin propiedad introduce por agradadora del passage una Diosa, que es nacida en la agua, i acompañada de palomas, que es lo que particularmente se vió en esse Bautismo del proprio Christo, Autor del, i de su passage a la India. I finalmente, siendo Venus madre hermosa del amor, la Iglesia Católica es madre hermosissima del amor piadoso, con que recibe a todos, i los busca.

E tambien propiedad de la hermosura la alegría: i la alegría es propiedad de la Iglesia Católica i de Venus es epíteto propio ei de alegría, i risueña, i con este titulo tuvo Templo entre algunas gentes, como veremos sobre la est. 18. del c. 2. I con este delgado pensamiento la introduxo el P. en favor de los Portugueses, porque en los mayores afanes son vistos alegres peleando por su Fe, i por su Rey. Por esto tuvo el P. cuidado de dezirlo en algunos lugares: ai en la e. 51. dice dellos, que por su Rey irán a pelear hasta en el propio infierno, con frente alegre: i en la 147. del c. 10. hablando con el Rey don Sebastian, le advierre que mire, como por él se exponen alegres a la muerte. No se descuidó Sá de Miranda de

de celebrar en ellos esta calidad , hablando con el Rey don Juan Tercero, carta 1.

*Hans sobre os nutros corremos
a morrer por vos con gusto,
grandes testemunhas temos, &c.*

Todo esto atendiendo a lo que dice Julio Firmiso, que Iupiter a los que así proceden alegremente favorece mucho, por ser una virtud armonica, i un temple maravilloso del animo , no queriendo desunir la alegría de las personas, de la virtud que las sigue, por ser propia de la virtud, i valor, la alegría. I estos son los fundamentos con que el P. finge , que Iupiter en este Concilio favoreció la parte de Venus , porque ella con estos titulos de alegría , favorecia gente que alegremente se dava a acciones valerosas. I este es el pensamiento que al fin de la est. 20. diximos se avia de subir de punto en esta. Vease allá. Vease tambien lo q queda sobre la e. 30. acerca de las Islas que Venus , i Baco , i los demonios tienen en aquellos mares Orientales , sobre que el P. fundó esta invencion , de hacer competidores en este descubrimiento essa Venus , i esse Baco; o esa Iglesia , i ese demonio; o ese cielo, i ese infierno, que ellos representan. I finalmente se vea con atención lo que dirémos sobre los dos versos ultimos de la est. 49. del c. 2. que con esto callará subitamente todo argumento (yo lo fio) acerca de que Venus representa indubitablemente aqui la Iglesia; como Iupiter a Christo. I no pase el Lector de aqui, sin ir a verlo , para gustar enteramente este discurso. Representa tambien esta Venus divina el Angel de la Guarda general de los Portugueses, i de la Flota, como hemos provado sobre la e. 30. largamente: i provarémos sobre las 18. 19. 20. i 31. del 2. Dirá alguno, que para todo fuera mejor introducir a Diana , por ser la Diosa de la pureza. Digo que no: porque le falta el titulo de madre , i aun de amor , que es tan propio de la Iglesia, que representa aqui Venus, a quien la fabula dio este propio titulo de madre del amor: ni pudiera Diana como esteril, engendrar el fruto q Venus coimo capaz para ello pretende en este Poema, i lo veremos luego ai adelante, i en la estancia siguiente.

Puede tambien esta Venus en este Poema representar la Fortuna, distribuyendo las virtudes, i los Imperios: porque los antiguos para mostrar que era ella la despensera de llas, i dellos , la pintavan con un timon en la mano derecha , i en la izquierda un cornucopia, por ser este vaso la despensa de esos dones. Luego siendo Venus el timon que llevó a la India, i a la isla del c. 9. los navegantes , i les dio aquellas virtudes para que se atreviesen tanto; i aquell Imperio por premio de llas; bien puede por ella de quando en quando entenderse aqui la Fortuna. Tambien pudo introducir a Venus por aquella parte que los antiguos imaginaron , que ella era el orden de aquellas ideas, de que pedía el governo humano que

A llaman Hado, el qual consecutivamente fingió ser sujeto a la propia Venus, i por esto le llama su amigo el P. en la est. 38. del c. 9. segun alla lo vereis. I como tambien la nombraron serenadora del ayre, i del mar; i desto necessitava los navegantes , para esto la introduce bien el P. conforme con Iupiter en favorecer a los navegantes, por tocarle a él también la serenidad del ayre, como lo veremos en la e. 43. serenado: i esse oficio hace ella en todo este Poema. I como de la misma suerte se le atribuye la produccion de todas las cosas, bien el P. la pudo introducir a la de la Religion en la Asia; i otras soberanas, como hemos de mostrar. Por ventura que imitó el P. en esta elección al grande Filosofo Lucrecio, que resuelto a cantar de las producciones de la naturaleza, no invocó otra Deidad , sino a Venus, a quien la Filosofia antigua atribuia el titulo de Aurora de las cosas, *Alma Venus. &c. per te quoniam genus omne animantium concipitur, &c quæ quoniam rerum naturam sol agubernas. &c* I entre todas esas calidades aquella singularmente de que necessitava nuestro P. que era dar a sus navegantes mano poderosa en el mar, i en la tierra ; porque en una i otra parte se avian de ver arriesgados : i esta, conforme a la propia Filosofia, era la de esta Venus. Lucrecio allí:

*Alma Venus, cœli subter labentia signa,
Quæ mare navigerum, quæ terras frugiferanteis
Concelebras, &c.*

I esto sin memoria alguna de que Venus por otro lado sea Deidad lasciva : i por esto la invoca con titulo de pureza , *Alma Venus* , atendiendo a los oficios licitos que ha de hacer en el Poema en toda especie de generacion; que es lo a que atendió nuestro P. haciendo la Aurora de la produccio de la Christiandad, i policia en la Asia: i en el c. 9. de la produccion de gente valerosa , como veremos mucho mejor agora , trayendo un lugar de Clemente Alexandrino, con que se une bien todo lo dicho. Es en sus Stromatos, o varios contextos, adonde muestra , que entre las virtudes que los antiguos imaginaron asistir a la labrança, una es Venus significando el tiempo apto para sembrar. El lugar dice asi: *Quid verò an non Epi-genes in libro de Poesi Orphei ea, quæ apud Orpheum eius sunt propria exponens dicit? KercKisi Cam-py'ochroſi; id est, radijs incurvi corporis aratra significari: Stemosin: hoc est staminibus fulcos: Miton autem; hoc est filum, dici allegorice semen, & Iovis lachrymas significare pluviam: Moeras autem, hoc est Parcas, &c* (este trozo irá en la estancia siguiente que toca allá) *& Aphroditen, id est, Venerem apud Theologum dici tempus, quo semi-nari opporteat. Siendo, pues, Venus una Deidad, con que la Filosofia antigua significava el tiempo del sembrar , con gran erudicion , i misterio, nuestro P. introduce a Venus en favor de los navegantes , quando passan a sembrar en vegas tan amplias, i remotas el Evangelio , que es la verdadera*

dera semilla, i assi le llaman las Escrituras, como viña a la Iglesia, i cultores a sus Ministros. Vease lo que diremos al principio de la estancia siguiente; i en la 18. del c. 9. que es mucho menester que se vea. Luego como todo sembrado necesita de agua, para que crezca, i se logre la semilla, i Jupiter está en este lugar de Orfeo por la lluvia, con igual misterio finge el P. que Jupiter concurre con Venus en esta accion de la cultura Evangelica, que passa a aquellas partes: i no sin atencion a esto devió fingir el P. en las e. 40. 41. del c. 2. que Venus se puso a llorar delante de Jupiter, quando vió que estos navegantes, o cultores suyos, ivan desfavorecidos por estos mares: como si dixerá, que viendo esta bellissima labradora deste nuevo fruto, que se iva secando su labor có el fuego infernal que estorvava este viage, lloró de nuevo para que essa labor creciesse con molarla. Más claro. Venus en quanto Planeta es de su naturaleza frio, i humido; i entre los quatro tiempos del año el más a propósito para sembrar es el Otoño (que tiene las mismas calidades de Venus, i dura desde 23. de Setiembre, hasta 24. de Diciembre) porque con la humedad corrompe las semillas, que han de produzir a la Primavera; i con la frialdad conserva la semen tera arraygandola en la tierra. M. Varro escribe, que las Parcas se llamaron assi, del parto con estos nombres, Parca, Nona, i Dezima; porque el natural parto es más comun al mes nono, i decimo: i Cesilio Vindice, tomando del Comico Livio Andronico, dice que se llamavan Nona, Dezima, i Morta; siendo la ultima lo mismo que Atropos, i las dos la verdadera esperanza, o termino del parto. Segun esto, Venus por ser Planeta de su naturaleza fecundo, i prolifero, queda significando la concepcion, o tiempo oportuno en q̄ se engendra la criatura; con que justamente corre la orra doctrina de Pausanias, adonde enseña, que las Parcas eran hermanas de Venus, como luego veremos sobre la estancia siguiente. Provado ya, que Venus significa el tiempo apto para las sementeras, pruebo agora un poco agudamente có mi P. que él por esta Venus aquí introduzida por Autora de la semen tera de la Fe Católica en la Asia, con el instrumento de la mano Portuguesa, entiende essa misma Venus que significava la aptitud de ese tiempo de sembrar. Deste modo. Si ella significa ese tiempo, i él es desde Setiembre hasta Diciembre, bié luego está introduzida aquí Venus con esa virtud, en favor destas naves que ivan a sembrar en el Oriente la semilla Evangelica (i más representando tambien la Iglesia Católica, como abundantemente provamos) porque en Noviembre empeçó el Gama a labrar aquellos mares Orientales con el arado de su proa: i el señalado dia de la Navidad de Christo, Autor de esa Iglesia, fue entrando felizmente por ellos: i el dia de los Reyes tomaron un feliz puerto, i el dia de Pascua de Resurrecion tuvieron felicissi-

mo hospedage en Melinde: todo consta de Barr. A Dec. 1. lib. 4. cap. 3. Concuerda con esto el aver sali. Jo los navegantes de Lisboa en Julio; que si en Europa es el tiempo casi de coger el fruto de las sembradas; es el de hacerlas en la Asia; por ser allá un tiempo quando acá otro. Agora mirad el profundo pensar del P. i el misterioso introducir destas Deidades. En este discurso provamos ya, que Venus aquí introduzida es la Assiria pura Religiosa, cuyo nacimiento zelaron aquellos dos pezes, que por esto fueron colocados en el cielo en la constelacion llamada Piscis: i luego B en la e. 42. dirá el P. que quando los navegantes ivan en estos parages del Oriente, andava el Sol en Piscis; i dízelo con el circunloquio de que abrasava los Dioses que Tifeo convirtió en pezes: los quales vienen a ser Venus, i Cupido, como allí explicaremos. Teniendo, pues, Venus, parte dos veces en este Signo de Piscis, i andando el Sol en él quando se comenzava con alguna felicidad por los navegantes esta semen tera Católica, i siendo por Venus entendido el tiempo feliz del sembrar, i representando ella aquí la Iglesia, conservadora de essa semilla Evangelica, C grande fue la ponderacion, i misterio con que el P. la introduxo en favor deste hecho. Clarisimamente se descubre: porque los navegantes fueron passando por estos mares desde Noviembre hasta Abril: i pudiera el P. describir el tiempo de este passage có el Signo de qualquier otro mes de esos seis: luego el asir deste en que el Sol andaya en Piscis, cuidado fue sin duda, para dar a entender, que lo hacia por esta razon de que Venus está en aquellos pezes: i que desde ellos tiene virtud en favor de las sembradas, i assistia a esta de la Fe, que se iva a hacer en la Asia. Declara el P. este pensamiento de introduzirla, como productora allá en la e. 42. del c. 9. quando la haze dezir a su hijo, que con la ocasion de tener los Portugueses en el mar Indico, quiere que aya en él prole dellos; i solicita su casamiento có las Ninfas de ese mar para esse efecto, i lo consigue. De modo, que Venus haze aqui el oficio de cultora que le dá Ofeo en su Teología referida por Clem. Alex. i el de participante en los partos que le conceden Varro, i Vindice. Advierzo más, que la llegada de los Portugueses a Melinde, adonde tuvieron la primera esperanza de la E India, fue en Abril, que es mes propio de Venus; i para en aquellos climas el tiempo de las sembradas, que en ella se representan. Más advierzo ann: i es, que el P. finge en el c. 9. que Venus se unió con Cupido para celebrar la nueva cultura que los navegantes avian pasado allá; i que conforme a la fabula ai referida, ella i él fueron los dos transformados en aquellos pezes, que formá el Signo adonde el Sol andava en esta ocasión; i por esto se acordó el P. antes del tiempo en que andava en ese, i no de otro. I tambien pudo ser, porque en terminos Astrologicos, Venus tiene en

en el Signo de Piscis su exaltacion : i como la Iglesia representada en ella por todo este Poema, se exaltava agora con passar a la India, cuidadosamente la pudo el P. fingir colocada en el trono de su exaltacion, tan solicitada. I assi, co estos respectos mas, està bonissimamente introduzida en favor desta cultura Portuguesa en aquellas partes. Vease agora lo q a este finira en la est. sig.

Digo mas, que quando Venus aqui fuera no la divina, como provamos, sino la humana, estuviera bien introduzida con la condicion de mezclar lo provechoso con lo dulce, i de que un Poema no es otra cosa que una representacion, como enseñamos en la e. 20. A los ojos Catolicos, pues, no ay cosa tan bella como la Iglesia, i Religion Catolica: luego bien elegida esta para representar la essa Venus, por ser la muger mas hermosa de la compagnia, en la qual siempre se elige la mas bella para representar a la Virgen sanctissima, i a algun Angel, i aun al propio Christo, quando se introduce de poca edad. Por esto, a caso, estaremos considerando al ver esta representacion, que la tal muger por costumbres no corresponde a Maria, o al Angel; i por las mismas, i aun por el sexo no corresponde a Christo? No: que seria yerro tal consideracion: porque no se deve considerar alli, sino la perfeccion de la forma, que tiene correspondencia con lo divino, que se pretende representar, en el modo que nos lo concede la flaqueza humana, que no da mas de si. Por ventura Dios, i sus Angeles, tienen miembros corporales? No por cierto: i todavia para que los consideremos, es fuerça que se nos pinten con ellos, i essos los mas perfectos que se pueda, i con ellos se ven en las apariciones a los santos, porque se acomoda Dios en ellas con nuestra vista. Los pintores, ordinariamente pintan la Virgen sanctissima, poniendo delante alguna muger que encuentra de buena gracia, por mas que sea de mala vida; i en essa imagen totalmente parecida a la tal muger, como copiada della, estamos adorando a nuestra Senora, i Madre del propio Christo. Por ventura sera justo, que en esta adoracion de essa imagen nos acordeinos del modelo por donde ella se hizo; o que nos parezca que adoramos en ese retrato aquella muger vilissima, i inmunda, i no la soberana Madre de Dios, alta, i purissima? No por cierto, que seria absurdo: sino que se considera, que de aquella vil muger se tomio lo que servia para este intento, sin acordarnos de lo que no servia. El Espiritu santo por ventura, es una Paloma en que se nos representa, siendo la mas lasciva de las Aves? No por cierto. Pero no la consideramos por essa parte quando nos haze esta representacion, sino por la de mas abrasada en pureza de amor, que es propiedad de esse divino Espiritu. Poresto el P. queriendo representar el Amor divino, junto con essa Venus essas palomas en la e. 24. del c. 9. como alla veremos. Por ventura sera justo, que con pensamientos humanos se detenga algun juicio en lo exterior de las pa-

Tomo I.

A labras de los Cantares en la Escritura sagrada? Gran ignorancia seria. Porque el Espiritu santo dictado aquello escrito a nuestro modo de entender, quiere que lo entendamos al divino. I esto quiso san Agustin en aquel lugar que os deixamos sobre la e. 20.

B Asi, pues, nuestro P. no aviendo de decir que Christo junto Concilios de Angeles, i Santos, i despacho Santos, i Angeles, i que la Iglesia fue, i vino por essos ayres, a Christo, i al mar, i a la tierra, porque no le leeria nadie, i aviendo de elegir personas propias para representar a Christo, a los Angeles, a la Iglesia, i a las virtudes, con bonissima elección introduxo estas por las correspondencias que tienen quanto a la posibilidad humana, i en essas deven ser consideradas en quanto representan, i no en otra alguna. I assi se quedo el P. aventajando a la propia representacion que imita: porque en ella quando se eligen personas para representar Reyes, o Angeles, es cierto que en ellas no ay correspondencia alguna con ellos, mas de en lograr aliento racional; i aca ay en las que el P. e igio, la de las acciones maravillosas, i otras buenas calidades. Mas. Osaria yo afirmar, que mucho mas modesto, i Religioso anduvo el Poeta en introducir essas Deidades, por Christo, Angeles, i Iglesia, de lo que anduviera, en introducirlos a ellos propios: no nienos para la reverencia que se deve a Dios, i al conocimiento de su omnipotencia, que para la gala Poetica: porque para esto fiziera gran falta el no usar de Dioses, i fabulas: i para aquello no solo se quedara violando la reverencia, sino que no fuera verisimil la invencion de introducir la SS. Trinidad a juntar Concilio para alguna resolucion: porque la omnipotencia es consejo universal, que no le ha menester de nadie: i assi el ponerla en consejo no es de buen Catolico, ni aun el traer los santos por essos ayres sin gran motivo, i respeto; yerro en que cayo Ariosto, haciendo bolar a san Juan, con ocasion, i compania impropia; i el gran Tasso en lo que desto le cabe: de que se quiso librar el doctissimo Date, quado introduxo su amiga Beatriz a representar la sagrada Teologia, fingiendo la primera gloriosa para ello, como aca estava fingidos gloriosos los Dioses q nuestro P. introduxo para representar el verdadero. Venga un exemplo, q creo no tendra respuesta. Supongamos,

C que en vida de la Santa Madre Teresa de Jesus, se quiso hacer una Comedia de sus acciones virtuosas, i fantas: qual seria mas inmodesto, sacar la Santa de su Convento, i ponerla en el tablado a representar; o poner en el en lugar della una muger tan inmunda como las q representan? I quado se diga q esto no tiene lugar con ella viva, pogamos el exemplo despues de muerta. Qual seria mas abominable, sacar una Monja de alguna de las de aquella Religion en lugar de Teresa, o una de las fantas? no ay q passar adelante. Luego mejor hizo el P. en representar a Christo, i al Angel, i a la Iglesia co personas de calidades para poderlos repro-

entar, que no con ellos mismos, manoseádolos, trayéndolos de una parte a otra. Esto está llano.

La reverencia, i temor con que perpetuamente se deve hablar de la Virgen Santíssima Señora nuestra, me sei ó los labios hasta aqui, i me retiró la pluma de decir lo que tambien agora no digo, aunque lo apunto. Dixome un dia muchos años ha; (pues era quado yo dava principio a estas notas) cierto curioso, i entedido en los laces Poeticos (i escandalizado de q sobre esto.. fuese así facilmente juzgado mal de algunos nuestro P.) q no faltava quien tuviese para si, q el por esta Venus (divina se ha de enteder) avia entedido la santissima Virgén María, q en esta ocasió intercedió cō su Hijo en favor de nuestro Reyno, supuesto q yo con tā seguros fundamentos mostrava, q el propio Christo estaba aquí representado en Iupiter, a quien essa Venus tanto rogó por los Portugueses. Pidiédole alguna luz deito, no se le ofreció: i yo, sin consentir en el pensamiento, le referí lo dicho hasta aqui, para q dell o pudiese inferir los pensamientos con que lo decia, o podia pensar lo: añadiendo, que verdaderamente obligava mucho a votar por aquella inteligencia, el considerar que en el nacimiento de esta Venus se dice, q tuvo parte la paloma, imágē del Espiritusanto; i q ella cō los hóbres era llena de misericordia, i piedad, i q el sumo Dios la despachava cō quanto pedia; i q, entre los Astrologos, nūca se aparta de Sol; i q además q todos estos exercicios, i prerrogativas, son de Maria Santíssima delante de su Hijo Christo Iesus, ella es Patrona de la ciudad de Oporto, q fue cabeza deste Reyno, i de quien el ha tomado el nombre; i principalmente lo fue destos descubrimientos, porq el Infante dō Enrique, Autor de Ilos, se los encargó levantando en la playa del Tajo un Téolo a nuestra Señora, llamandole de Belé: cō esperanzas de q ella ordenaria, q allí viniesen a pagarle tributos los Reyes Orientales, bié assi como fueró al Belé de Judea: i de esa manera sucedió despues. I no sé si dió ocasió a llamarse deste modo el Téolo (además de la singular devoción cō q el Infante venerava a nuestra Señora, pues ya en África le avia fundado otro) el ser cierto, q la primera plata, o yerva q se truxo de aquellas tierras estrañas, fue la q vulgarmente se llama de S. María; de la qual el Infante no se apartava, oliendola, i regalandola, como lo refiere Barros Dec. 1. cap. 4. Con q ya no solo parecia, q desde Portugal se llevava allá el nobre de la Santíssima Virgén, sino q desde allá venia él a incitar el proseguiimiento destos viages. I finalmente, porque el descubridor Vasco de Gama salió del puerto de Lisboa en Sabado, q es dia particular de nuestra Señora, i en otros singulares suyos de la Iglesia, tuvo buenos sucessos en este viage, como observamos en la nota 1. al titulo del Poema; i en Calicut halló un Templo, en q avia una Imágē de la Virgen Santíssima, como veremos en la e. 49. del c. 7. i finalmente los Portugueses alcanzaron tantas victorias en la India con el socorro de nuertr

Señora, de q hazé testimonio los muchos Tépios q le erigieron con la invocación de nuestra Señora de la Victoria, q parece anduvo ella siempre guindolos, como hace la Venus divina en este Poema. También en la e. 68. del c. 5. se hallará otra imágē. Todas estas memorias (afuera las q omito) eran bastantes para hacer a nuestra Señora Patrona deste descubrimiento, i deste Poema; i para que la Venus divina la representase en él: però dexandolo de pura reverencia (como ya dije) i no de vanidad pura (porq no era vanidad, ni indecencia, q Venus con tantas condiciones sagradas como aí dexanos referidas, hiziese esta representacion) nos cō: éramos cō q solamente la haga de la Iglesia, i Religion pia; así por ser más conforme cō la pintura q el P. hace della desde la e. 33. del c. 2. (allá lo veremos) como porq ella fue el principio i el fin deste descubrimiento; i como tal ha tenido la mayor parte en él. Digo el fin, i el principio, porq i vengo q el Infante dō Enrique tuvo expectacías de frutos dēl, los ofreció a la Iglesia en tres maneras; una sujetándolos a la obediencia del Papa, i cōtinuádolos cō sus indultos, i gracias: otra haciéndolos sagrados, cō ofrecerlos a la Ordē de Christo, i cōtinuarlos con la vandera de su Cruz: otra fundó una Iglesia en la playa de Belé, a q sucedió la estupenda del Rey dō Manuel: todo en testimonio de q la Iglesia tomava possession destos descubrimientos. Siéndole ellos, pues, tā suyos, proprio era de la famétarlos, favorecer sus Autores, i constituirlos en la gloria del premio; q es todo quanto hace Venus en este Poema. Pero por si a caso a algunos devotos agradare, q la Virgén Santíssima sea la introduzida en él por esas razones, dērro de aquel nobre, cō ella piadosa, católica, i verdadera alegoria, digo, q aun en tal caso anduvo el P. cō mucho acuedo, i modestia, en no introducirla a ella misma, sino esa Venus divina en su lugar; porq aun tendría mas inconvenientes el traer a nuestra Señora de una a otra parte por esos ayres, como Ariosto a S. Luá, cō quanta distacia es más q él la Virgén sacra Santa. Finalmente concluyo cō un reparo notable de una recondita industria deste P. misterioso, q esta Venus q introduce es totalmente la divina. Veislo aquí. En la e. 91. del c. 9. dice, q los Dioses Gétilicos (por abatirles lo divino, i exaltarles lo humano) todos fuerón de materia vil terrena; i poniédo en un verso las Diosas, dixo: Ceres, Palas, e Iuno cō Diana. Quien no está viendo, q el lugar dado a qui a Ceres era propio de Venus i no de Ceres? Ello es claro, porq Venus, Palas, i Iuno siempre se juntan. Pero en esta ocasió puso el P. a Ceres en lugar de Venus, por no poner a Venus en lugar que membre: aslo baxeza alguna suya en este Poema, representando ella en él la Iglesia Católica, q siempre fue soberana i divina. Persuadome q es bonísimo esto. Cō la propia industria hace el P. que quado Tetis desluce estas mismas Deidades en la e. 82. del c. 10. no roba en la boca a Venus. Veáse estos lugares. Tenemos mucho a que acudir. Otros testimonios,

nios, que hasta agora no fueron conocidos, deixamos ya en la nota 1. i sobre la e. 20. i iremos ofre ciendo en lugares propios, como en esta misma est. declarando los versos; i en las siguientes, 34. 37. 39. 96. 100. i en el c. 2. las 18. 19. 21. 33. 35. 36. 37. 38. 42. 46. 50. 73. i en el c. 3. las 44. i en el 5. las 60. 85. 86. i en el 6. las 33. 85. 86. 88. i en el 7. la 15. i en el 8. las 51. 64. i en el 9. las 18. 19. 21. 24. 25. 26. 29. 32. 33. i desde la 38. hasta la 53. 64. 65. 76. 77. 82. 85. 88. 89. i en el 10. las 69. 73. 82. 83. 84. i 18. 142. 143. i vamos agora a las imitaciones con q el P. lleno de ingenio, i invención docta, mezcló cō lo provechoso lo dulce Satisfizo, pues, a la obligació de lo util, introduziélo Venus divina en favor de divinos cometimietos: agora satisface a lo dulce mezclado algo de la humana, sin apartarse de la divina.

G Afeiçãoada a gente Lusitana, por quant. &c.
Dize, que Venus se aficionó a la gente Portuguesa, por lo mucho que ella se parecía a la Romana, a que particularmente tenía afición. I notese la invención excelente, i el ingenio del P. En la e. 30. aviendo de introducir el demonio, le disfraçó en Baco, por la semejança de poderes en el Oriente, como allí diximos. Agora introduciendo la Religion la disfraça en esta Venus, por la singular semejança de causas con que una favoreció los Romanos, i otra favorece los Portugueses. La q favoreció los Romanos lo hizo por las calidades que ellos tenían de valor: agora esta favorece la gente Portuguesa, porq se parece a la Romana.

G Da antigua tam amada sua Romana. Pero qual gente antigua Romana es esta aquí? Yo os lo diré: i por ai entendereis mejor qual Venus sea esta. A quella gente Romana antigua que el P. aqui entiende, conforme a la profunda alegoria q sigue; es sinduda la primera de la Iglesia Católica Romana, siempre muy amada dessa Christiana Religion aqui introducida, que confiesa ver en la gente Portuguesa; i en ella su culto, i veneracion, estar compitiendo con la primera de la Iglesia Romana, que era quando tantos Pontifices, i tantos varones excelentes, se oponian por ella a toda suerte de peligros. I principalmente entiende el P. de Constantino Emperador Romano, i otros, en la accion de dedicar, i ofrecer a la Iglesia lo mejor de su Imperio, con que se parecieron los Reyes Portugueses, que desde sus fundamentos pelearon por la Iglesia, i le ofrecian la mayor parte de lo que ganavan en esas vitorias, como es notorio; fundando Templos innumerables, i dotandolos con singular magnificencia: i llenando de dones las manos de los sagrados Pontifices Romanos, como consta de las historias. I este zelo de la Religion, i Iglesia, no puede nadie negar a los Portugueses, i este estaba ella viédo en ellos agora resueltos a passar por ella incognitos, i immensos mares. I es el propio sentido en que Dáte en el c. 32. del Purgatorio, llamò Romano al propio Christo.

Et sarai meco senza fine civile

Tomo I.

Di quella Roma onde Christo è Romano.

A I con ese pensamiento devia llamar Iupiter a Christo, como diximos en la est. 20. romando de Propacio lib. 2. el epite &c. de Iupiter, *Romano accumbens prima puella Iovi.* Más. Siendo las ordenes de los Angeles nueve, i distribuyendose por essos cielos, al de Venus pertenece la septima orden, que es la primera de la tercera Jerarquia: i es la de los Principados que se llaman así, de un poderoso i principal modo de doctrina, con el qual obran cosas sobrenaturales, o milagrosas, para enseñanza de los ignorantes. Bien luego el P. introduce el Planeta en cuya esfera asisten essos Principados, con la calidad de enseñar la verdad a los que la ignoran, pues a estos la fueron enseñar los Portugueses, movidos desfa Religion representada en esse Planeta, que es trono dessa doctrina. Tambien se halla en la escuela Astrologica, que el Planeta Venus ayuda al Sol en la formacion de los hijos. Bien, pues, le introduce el P. unido en deseos deste descubrimiento, con Iupiter que tiene la misma virtud, i assistió con ella por la razon que descubrimos al fin de las notas a la e. 20. i lo propio dezimos de averle llamado benefico, como al mismo Iupiter. Vease allá. Su clima es el quinto que contiene a España, i a Roma: i siendo Roma la cabeza de la Iglesia, i España el mejor miembro de essa cabeza, bien assiste Venus a favorecer una gente de España, que tan singularmente como la Portuguesa ama essa Iglesia, i la procura llevar a los fines de la tierra: i juntamente bien por todo esto, introduce el P. essa Venus a la representacion de essa Iglesia; i a conformarse con Iupiter en semejantes calidades, como se vé de las notas ai citadas a la e. 20. por no aver cosa que mas confor me sea con Christo, representado en Iupiter, que la Iglesia representada en Venus, ni que elia con el. Concede essa Astrologia a Venus el dominio sobre las esmeraldas, zafiros, cinamomos, i otros olores: bien luego el P. la introduce a favorecer una gente que iva a buscar todo esto. De las enfermedades le toca la del estomago. Vease lo q dirémos en la e. 39. Finalmente logran aquellas cosas en que influye, duracion semejante a Iupiter: i vease lo dicho sobre esto al fin de la est. 20. Teniendo, pues, tanta alma en todo este Poema esta hermosa Venus, como se vé de lo dicho en esta est. i se verá en las que ai citamos, i pendiendo della toda la gracia d'el, bien podemos creer q el P. no quiso, que algun valiente Apeles dicesse desta su pintura, lo que este insigne pintor dezía de algunas, motejandolas de que les faltava una cierta Venus, como lo refiere Plin. *Deesse yis illa Venerem dicebat, quam Graeci Charis na vocant.* Esto es, que les faltava gracia, i dulcura: que no falta acá con la assistencia perene de una Venus divina con altissimos favores de gracia, i belleza, i misterio. I así, tanto en Venus aquí, como en Iupiter allá, i Marte, i Mercurio adelante, no se puede decir que el P. introduxo a Iupiter, a

Venus , a Marte , i a Mercurio como Deidades Gentilicas , sino como a esferas , o Planetas , o tronos en que assisten esas Inteligencias divinas con que se govierna el mundo : i tras esto admirar el ingenio del P. que tan profundamente escriviò ; ponderando , que en ninguno de los antiguos se hallan tan agudos pensamientos , correspondencias , i misterios Poeticos , como en este , que ya q se via inferior en edad , parece se quiso adelantar en artificio , i sutilezas . Claro , cierto , nos parece queda esto .

¶ Na grande estrella que mostraram , &c. Quiere dezir , el valor que mostraron en Africa los Portugueses , por aquella parre en que está la ciudad de Tangere , que ya se llamò Tingisi de ai su Reyno Tingitania . Ver a Plinio lib. 1. cap. 6. Póponio Mela lib. 1. i modernamente a Gerardo Mercator . I la grande estrella , o valor que los Portugueses allá mostraron , se ha de entender el Planeta Marre ; i en lugar dèl al Rey don Juan el 1. que gloriosamente ganò de los Moros la importantissima plaça de Ceuta : i don Alonso 5. q llorando valerosamente de embidia desta palma , embistiò con Arzila , con Alcacere , i con Tanger , llevandolo todo en las manos osada i soberanamente ; i todo tan arrebarado , que propiamente dice el P. que fueron como una grande estrella errante . Lo que finalmente muestra el P. es , que la Religion Christiana que aqui sube al cielo en favor de los Portugueses , se acuerda tambien , de que por ella passaron ellos las armas sobre essa Africa : i la estrella que mostraron allá , tambien queda siendo la clara inclinacion a morir por esa Iglesia , i la Cruz de Christo subida al cielo en esas vanderas Portuguesas , la qual es la insignia , la estrella , i el Norte de la verdadera Fe .

¶ Ena ling a , &c. cree que he Latina . Dize el P. que entre las otras razones porque Venus favorecia a los Portugueses agora , era por la lengua dellos , la qual se le parecia a la Latina con poca diferencia , siendo esta lengua amada della por ser de los Romanos que tanto amava . A algunos parece passion del P. el hazer tan llegada la lengua Portuguesa a la Latina . Muchos hombres doctos confessaron lo mucho que ella se le llegava . Entre ellos Francisco Tamara en el cap. 7. del lib. 1. de los usos de las naciones : piensan otros , que la Italiana es mas llegada . I verdaderamente nos accordamos aver leido en dos Autores Italianos (de los de estima) que la nuestra se llegava más que todas al Latin . De que creemos uno era Anibal Caro en una epistola , i el otro de todo punto se nos olvida . No lo defendemos , porque no parezca passion . Dezimos sclo , que esta lengua era casi Latina al tiempo que en Portugal entrò el Conde don Enrique , por quanto todas las escrituras se hazian en el Latin que entonces se usava ; i de andar tanto en Ministros , i oficiales de justicia , se occasionava el derramarse por la otra gente . Con la entrada del Conde , como él era Frances , i casado con señora Castellana

llevado su casa còpuesta destas dos naciones , A i mezclandose sus lenguas con aquella q usavam . q era un Latin corrupto , se quedò còponiendo de quatro : i por esto en ella cò particularidad se hallan palabras Latinas en mucho numero , Castellanias en no pequeño , i Francesas algunas . Conociolo el Padre Juan de Mariana quando dixo lib. 1. cap. 5. *Extremis Lusitanis peculiaris lingua est ex Gallico sermone , & Hispano temperata , atque confusa , eoque elegans , audituique grata .* El Doct. Manuel Severim de Faria , Chantre en la S. Iglesia de Evora , i Cavallero q supo guarnecer cò letras i virtud , todo grande , su calidad , entre sus discursos politicos tiene uno , q trata desto docta , i verdadera , i desapasionada , i cortesmente . Alli muestra como por antiguedad , o por incorrupcion de idioma , ninguna lengua se puede estimar por mejor q la otra : i q de las corrupciones q tuvierò todas , la Latina es la q oy se conserva menos corrupta , i q en este estado que tiene se llegan más a ella la Castellana , i Portuguesa , en las voces , i en las cinco partes (mejor la Portuguesa) q deve tener una lengua para ser perfecta , q son copia , pronunciacion facil , brevedad ; escribir lo q habla , i C al contrario ; propiedad para todos estilos : i lo prueba bié . En lo q toca a la dulçura , i gravedad , no ay estrano q no confiesse vētaja a la Portuguesa : i en lo primero se lo confessan a una mano los Castellanos bien entendidos . El Maestro Vicente Espinel me dixo algunas veces , q era un encanto la lengua Portuguesa en la suavidad del sonido . Lope de Vega en la descripcion de la Tapada , despues de aver hecho cantar dos Ninfas , una Italiana , otra Latina , dize de la Portuguesa que les sucedio deste modo .

*Asi cantando fue la Portuguesa
con celebrado aplauso larga historia ,
a quien por la dulçura que professa
entrambas concedieron la vitoria .*

I essa dulçura confessada a boca llena , no procedé sino de lograr las cinco partes de perfeccion q ai diximos ; porq en quanto a la copia , tiene mucha de nobres i verbos , para usar dellos como lo piden las ocasiones : i en quanto a la pronunciacion facil , i suave , es claro exemplo entre otros el no acabar las dicciones en consonantes , principalmente *nn* , i *dd* , i *xx* , i *tt* , i tener muchas *mm* , q son letras dulcissimas : i en quanto a la brevedad , porq no necesita de circunloquios , para decir quanto ha menester , de q resulta , no ocuparse con ella mas tiépo hablando , o mas papel escriviendo , q cò el Latin , diziédose una misma cosa , i tal vez ella es mas breve q el , como se puede ver en la e. 5 3. del c. 2. que sou ocho versos , en los quales ay otros ocho de Virgilio enteros , siendo los Latinos mayores q los Portugueses : allá lo ponderarémos ; i en otros lugares semejantes : i en quanto a escribir como habla , i hablar como escribe , ello es cierto , que se aventaja a todas las lenguas , porque no ay ninguna que no tenga alguna diferencia en el modo de pronunciar al de escribir , sino

la Portuguesa , que en ninguna manera discrepa en esto : i en quanto , finalmente , a la propiedad para todos estilos , cosa es essa que no se halla cõ facilida. i en otra lengua , como en esta ; porque para los amores , i otras ocasiones de ternura , no ay lengua tan dulce : i para lo heroyco , i horrido , no la ay más sonante , (cosa tan rara , que parece imposible concordarse essa contrariedad , i se concuerda) de que resulta lo que se vè patente en este Poema (por no ir a buscar ejemplos fuera de la mano) porque adonde el P entra por los asumptos belicos , parece una trompeta : i adonde por los amorosos parece una dulçayna : en sus lugares lo ponderarémos , i algunos irán juntos en el num. 13. del Iuicio del Poema , que ruego se vean . Finalmente , nuestro P. parece dixo esto con Resende en sus Notas al Poema de S. Vicente , adonde lib. 2 nota 44. dice así : *Probabilior redditur res , ex eo quod dicitur , lingam ferè eandem Lusitanis fuisse , ut potè a Luso acceptam . Et revera durant abhuc in nostralingua , quæ pene Latina est , multa græcitat is vestigia .*

Para lo que toca al parecerse mucho a la Latina la Portuguesa , trae unos versos que juntamente son Latinos , i Portugueses , Pedro de Magallanes , en un Dialogo que hizo entre un Castellano , i Portugues , provandolo facilmente : i son estos .

*O quam diu : nos acquiris terra triumphos ,
Tam f'rites animos alta de sorte creando !
De numero sancto gentes tu firma reservas :
Per longos annos vivas tu terra beata ;
Contra non sanctos te armas furiosa paganos .
Vivastu semper gentes maclando ferores :
Quæ Ätiopas , Turcos fortes , Indos das salvos ,
De Iesu Christo sanctos monstrando Prophetas .*

I affirmá este Autor , que se compusieron en Paris con el motivo de un argumento que uvo entre personas doctas de varias naciones ; i que tomado cada uno a su cuenta no olistrat en algunos versos semejantes , que su lengua se llegava más al Latin , haciendo un Portugues estos se juzgó , que excedian a todos los otros . El Chantre dice , que Iuan de Barros fué el primero que en tal invención de versos mostró esta semejança del Portugues con el Latin en su Gramática , que no hemos visto ; i tambien trae otros , que aun son mejores , hechos a Roma i Belen : que sin duda juntamente son buen Latin , i buen Portugues . Veislos a qui .

*Roma infinitos sanctissima vive per annos
Paci , cagentes (vive quieta) tuas ,
Castiga grandes , violenta morte , tyranos ,
Ingratos animos (es generosa) fuge .
Acquire insignes , varia de gente triumphos ;
Distantes terras , imperiosa rege .
Tanto maiores titulos , Bethlem alta celebra ,
Quanto Romano maior es Imperio .
Maior amor , maior es magnificencia , maior
Fama , tuas Christo , dando benigna Casas .
I añade una prosa igualmente Latina , i Portu-*

*guesa , assi : O quam gloriosas memorias publico ;
A considerando quanto uales nobilissima lingua Lusitanis : cum tua facundia excessivamente nos provocas , excitas , & inflamas . Quam altas vitorias procuras ! quam celebres triumphos esperas ! quam excellentes fibricas fundas ! quam preversas furias castigas ! quam ferozes insolencias rigurosamente domas ! manifestando de prosa , & de metro , tantas elegacias Latinas . I no ay duda (como él dice) que se pudieran escribir assi muchas planas : i las vemos escritas por Paulo Merula en su Cosmografía general parte 2. lib. 2. cap. 8. i en las obras del Maestro Fernan Perez de Oliva : i modernamente anda suelto un quaderno , todo de versos con esta condicion , i un Soneto en las Notas de Iuan de Guzman a las Georgicas : i aunque estos Autores atienden solo a la lengua Castellana , que llaman Española , yo entre ella i la Portuguesa no veo desconformidad considerable . Vease a don Tomás Tamayo en su Luitprando , sobre el lugar que está debaxo del año 697 . i empieza : *In eo tempore fuerunt in Hispania decem lingua , &c.**

Con estos fundamentos , pues , dice nuestro P. que Venus quando considerava la lengua Portuguesa , se le figurava que era Latina : i con ellos bien lo pudo dezir ; i no se lo negará nadie . Escrivieron deíto Iuan de Barros : el Obispo don Antonio Pinheyro , que fue el Ciceron Portugues , Pedro de Magallanes , Duarte Nuñez de Leon , Amaro de Roboredo , i ultimamente el Chantre Manuel Severim de Faria , mejor que todos . Nuestro sentimiento acerca desto , es creer , que la lengua Portuguesa (tengan todas el lugar que merecen) sin ser inferior a ninguna , excede a muchas , en lo dulce , i en lo grave ; i en la singular propiedad de muchas palabras , que no se rocan con otra ninguna lengua , para exprimir lo que significan : ni aun con variedad , i elegancia de circunloquios .

Ello es cierto : i sobre esta certeza hagan juizio los curiosos , i aun los apassionados . Otra duda , por dicha , mas propia de juizios estudiósos , pudiera tener este lugar de dezir , que Venus amava los Portugueses , porque su lengua se parecía a la Latina : i es deste modo . Venus fue enemiga de los Latinos , i Rutulos , de los cuales se originaron los Romanos , i amiga de los Troyanos , oponiéndose a Juno , que era adversa a estos , i favorable a aquellos . Digamos agora , que esta amistad de Venus con los Latinos , se entiende despues que su hijo Eneas , dominandolos , mezcló con la sangre dellos la suya en las sucesiones de sus Príncipes . Esto puede tener lugar en el valor , mas no en la lengua : porque de Virgil . lib. 12. conlta , que por expressa concession de Iupiter consolando a Juno , les quedó el lenguage Latino : porq viéndose ella desfavorecida en todo lo demás , le hizo esta ultima petición , reconociédo ya perdido su amado Turno ; q ya q el hijo de Venus , Eneas , se quedava con la victoria , quedasse la lengua Latina perpetua en Italia , i no la de los Troyanos : i el respó-

diole: *Sermonem Aifonij patrium, moresque tenetebunt.* Conforme a esto, Venus no podía tener niga de la lengua Latina, ni aun después de fosegado Eneas en Italia; porque no solo no era la de su hijo, sino que era la sustentada en él, i en los suyos por gusto de su adversaria Iuno, que por gran favor alcanzó de Júpiter esa gracia. Pero notad la grandeza del pensar de mi P. porque en ello que os parecería yerro, o descuido, resplandece su acierto, i su cuidado, i el intento Católico cō que introduxo estas Deidades: porque veis ai otra vez, como el P. por esta Venus entiende la Iglesia, i Religion Católica; i por essa lengua Latina a que dice parecerse mucho la Portuguesa, entiende (bolando más alto por la region de lo misterioso, i científico) no la habla, sino los ritos Católicos, i culto Religioso que los Portugueses siguen de la Iglesia Romana (que juntamente se llama Latina) con tanta observancia, que con poca diferencia cree la misma Religion, que son Latinos: esto es, que son de aquellos singulares Christianos que ha tenido la Iglesia Latina en sus principios, i progressos, quando no la contaminavan los errores: porque verdaderamente la Christiādad Portuguesa siempre se pareció mucho a la primitiva Romana Larina. Ya estais doctos en mi P. ya le entendéis. Vease lo que dirémos sobre el verso 2. de la e. 7. del c. 6.

XXXIIII.

Estas couzas moviam Cytherea;
e mais, porq das Parcas claro entende,
que ha de ser celebrada a clara Dea,
onde a gente beligerá se estende.

Assi q hum pella infamia que arrecea;
e o outro pellas honras que pretende,
debatem, e na porfia permanecem;
a qualquer seus amigos favorecem.

Estas couzas movian a Cíterea; i mas, porque
claro entiende de las Parcas la clara Dea, que
ha de ser celebrada adonde se estende la beligerá gente. Assi, que uno por la infamia que recela, i otro por las honras que pretende, debaté, i permanecen en la porfia: sus amigos favorecen a qualquiera; cada uno al que sigue.

*E*stas couzas. Entiende las razones apuntadas en la e. anteced. que incitavan Venus a favorecer los navegantes.

*T*emis. porque das Parcas claro entende, que
ha de ser celebrada a clara Dea, onde a gente beligerá se estende. Es menester, que a este lugar juntarmas agora el de la e. 38. del c. 9. adonde la misma Venus dize a Cupido (dandole las razones, porque favorece a los navegantes para que le ayude a festejarlos) assi.

Bem vespas Lusitanicas fidigas

que es ja de muito longe favoreço,
porque das Parcas sey minhas amigas,
que me han de venerar, e ter em preço.

De modo que allá, i aqui fia Venus mucho de las Parcas, i las llama amigas, i sobre esta amistad i correspondencia, libra quanto obra en esta acción. Gran desacuerdo parece del P. esto, siendo las Parcas las terminadoras de las cosas vivientes, i mucho más presurosas sobre la hermosura, que tan presto cortan, i aú sobre los cuerpos que la logran, si Venus la exercira sensualmente. I siendo Venus la Diosa de essa belieza, i de esse ejercicio, i las Parcas tan adversas a lo uno, i a lo otro, parece que no puede aver amistad, ni concordia entre ellas, para que Venus se crea en lo que le dicen aquí, i las llame amigas allá, i libre su accion en lo que le dicen: sino es que ellas agora hazen el oficio de los amigos deste tiempo, que en palabras, i semblante muestran serlo; i en obras son Parcas de la honra, i interés de los a q tratan como amigos. Pero no es nada de esto, sino que el P. ejecuta aqui un pensamiento más allá de lo que prometia la fuerça humana (como el mismo dice de la gente que canta, queriendo por ventura parecerse en el cauro a los canrados)

C Es deste modo. Agora corre bien, para responder a esta objencion, no facil de allanar, el lugar de Clem. Alex. que troucamos en la est. anteced.

assi: *Moeras autem, hoc est Parcas rursus partes Lunae tricesimam, quintadecimam, & novam Lunam. Quo circa dicit etiam Orpheum ei vocare Leucostolous, id est candidatas, ut que sint partes lucis, &c.* Veis agora aqui el misterio, i singular erudicion, i agudeza con que el P. une con Venus estas que tanto parecen enemigas suyas. Todo este lugar de Clem. Alex. (cuyo principio queda en essorra estancia) quiere decir esto: *Por ventura Epigenes en el libro de la Poesia de Orfeo, explicando lo que es propio deste Poeta, no dice asin Por los rayos del cuerpo incurvo se entienden los arados; i por las estambres los surcos, i por el bilo la semilla, alegoricamente; i por las lagrimas de Júpiter la lluvia (i es porque este Planeta significa la region del ayre, adonde las lluvias se ergédran) i que la palabra Moeras significa partes, i por ella se entienden las Parcas, que aplicadas a la edad de la Luna, denotan el primer dia della, el quinzeno, i trigesimal: esto es, el principio, medio, i fin de su edad: i assi como a partes significadoras de la luz de la Luna, las llama Orfeo vestidas de estolas blancas.*

Significando, pues, Venus (conforme a lo dicho en la estancia passada) el tiempo apto para sembrar, i siendo las Parcas sus compañeras en este ejercicio, tienen correspondencia i amistad conocidamente: i representando Venus en este Poema, como bastante mente provamos, la Iglesia Católica al tiempo que quiere sembrar su Religion en la Asia; justamente haze el Poeta a las Parcas en esta sementera ayudantes, i zeladoras della. I como las vestes blancas

blancas son las propias de la Iglesia, propiamen-
te son la. Parcas sus acolitas en esta accion, ves-
tidas de blanco , segun dize este lugar de Oficio,
explicado por Epigenes , i referido por el erudi-
tissimo Teologo Clemente Alexandrino. Tam-
bién con gran propiedad son compañeras de Ve-
nus en esta accion de sembrar la Fe , con la cali-
dad de representar los tiempos de la Luna: porq
la Iglesia representada en Venus observa tam-
bién los tiempos Lunares en algunas acciones
suyas. Luego si Venus significa el tiempo de sem-
brar, i las Parcas el principio , medio , i fin de la
sementera, bien se ve la gran simpatia , i confor-
midad que ay entre ellas , i ella ; pues con esas
significaciones concurren nuidas a un mismo fin.
Siendo, pues, las Parcas, segun esta erudicion, tā
conformes con Venus en este ejercicio, i tratando
de Venus agora dēl en la forma que provamos,
de sembrar la Fe en la Asia, con la representació
que haze de la Iglesia, boníssimamente las Par-
cas la asisten en él con sus instrumentos, con sus
virtudes , i con sus ornamentos propios de la
propia Iglesia. Siendo ellas; por otra erudicion,
las sabidoras de lo futuro (como luego provare-
mos, i en la e. 38. del c. 9.) dichosíssimamente
finge el P. que ellas aviendole acompañado co-
mo labradoras en esta cultura, la acompañan co-
mo Profetisas , prediziéndole el suceso desta se-
mentera ; i que ella sabe dellas , que ha de sacar
gran cosecha desta labor; que esto quiere dezir
aqueello de que entendia dellas , que avia de ser
celebre por la Asia , en virtud destos cultores
Portugueses, que ivan a espacir por allá la semi-
lla Católica que recibieron della : i esto sucedió
puntualmente , por lo mucho que la mís Christiana, o Iglesia, representada en Venus , se difundió
por aquellas partes , sembrada una vez por
ellos en ellas. Excelentíssimamente sin duda.
Delgadíssimo hiló el P. delgadíssimo es menes-
ter hilar para entenderle, i explicarle: la copia me
haze pobre. Con otra delgadeza me conviene
provar, que desta Venus Aurora de sementeras, i
esta sementera Católica en la Asia, habló Christo
al Rey don Alonso en Trique: pero aqui es ya
mucho esto. Los apetitosos de delgadezas, i se-
cretos, me vayan a oir en la e. 18. del c. 9. Yo se
lo ruego. I bolviendo a las Parcas. Que sean ellas
lo mismo que las Hadas, i estas lo mismo que el
Hado, ciente de lo que fue, es, i ha de ser, halla-
reislo en muchos Autores , al modo que en La-
tancio Firm. instit. divin. lib. 2. cap. 11. i lo de-
más que traeremos en la e. 38. del c. 9. por dexar
algo para allá. Siendo, pues, assi, que las Parcas
son el Hado; i que él es la Providencia divina,
como provamos sobre la e. 28. i provaremos en
la 38. del 10. docto, galana, i Catolicamente dize
el P. que este Hado, o Providencia, representada
en estas Parcas, dixerón a Venus lo futuro, i ella
seguramente obra conforme a lo que le dixerón,
i dese que se consiga una sementera de que ha

Tomo I.

A de coger tanto fruto. Iesso que ellas aquí le dizé
es lo propio que Jupiter, o Christo en el repre-
sentado, pronunciò en essa est. 28. *Prometid ilhe*
está do Fado eterno. &c quetenham longos tempos
o governo da India. &c. Luego si Christo publicó
lo que dezía el Hado acerca de la buena fortuna
que avia de tener esta sementera , justamente lo
podian dezir a Venus las Parcas en que este Ha-
do se representa , i ella librará en essa revelacion
sus diligencias: i por todo esto, justamente tam-
bién, las finge el P. concordes, i amigas con ella:
i aun quando las llamara sus hermanas lo pud era
hacer con la informacion de Pausanias en el lib.
1. refiriendo una inscripcion de un Templo de
Venus en Atenas, *Epigramma autem (dize él) in-*
dicat cælestem Venerem esse earum. quæ Parcae ap-
pellantur natu maximam. De manera, que Venus
era la hermana mayor de las Parcas , i por esto
muy propias ellas para concurrir con ella en esta
accion, i advertirla, i animarla. Ponderando, que
el ser celeste, i no profana, esta Venus, que Pausa-
nias nos ofrece por hermana de las Parcas , asse-
gura que es la Venus celeste de que el P. se apro-
vecha en esta invencion, como provamos en la e.
antececd. i que informado dessa memoria de Pau-
sanias la hizo agora aqui tan conforme con las
Parcas. Al fin ello todo es divino; i las armonias
deste Poema son invencibles. Vease lo dicho (pa-
ra entender lo que representan estas Hadas, ade-
mas de lo mostrado en este discurso) en las No-
tas al Titulo del Poema, que todo sirve aquí: co-
mo tambien todo lo dicho en las est 24. 25. 28.
31. Agora passare a advertir la imitacion: i digo
deste modo. El P. va dando aqui esas razones,
porque Venus favorecia la gente Portuguesa,
imitando a Virgilio lib. 1. que las dà porque Ju-
lio favorecia la de Cartago, que son principalmē-
te por ser nación heroyca, i que avia de venerar a
la Diosa conservadora: assi.

..... Sic nam for. bcllo
Egregiam, & facilem victu per sæcula gentem,
Hic Templum Iunoni, ingens Sidonia Dido
Condebat, donis epulentum, & nomine Diva.

I de aqui, imitando, usa nuestro P. la voz Dca tā-
bien al fin del verso, como el Maestro. Falta solo
que veamos nuevas señas de que Venus represen-
ta la Religion. Claro está que los Portugueses no
fueron a sembrar en la Asia las doctrinas de Ve-
nus lasciva , para que ella fuese allá celebrada.
Esas sembró Baco, o el demonio que en él se re-
presenta, i esas ivan ellos a quitar favorecidos de
la celeste Venus. Pues si esto es claro , quien ha
de ser la celebrada, i publicada dellos en aquellas
partes, sino la Religion Christiana, que a costa de
sus vidas allá fueron a plantar con la osadia de su
zelo? No venimos cierto cosa más clara; ni que
quilates de juicio tienen los que piensan , que un
hombre docto, i judicioso, i entendido, como es-
te avia de entender por esta Venus la lasciva:
no teniendo esto algun propósito; o para mejor

dezar, fuera un absurdo impio, intoleable, insano : cosa que el P. no propuso cantar, pues en la estancia de la proposicion, que es la tercera, dice que en razon de las virtudes heroicas cantadas en el mundo, cesan todas adonde aparece la que él canta. Mas se nos ofrece alli el epitecto de clara; que ningun Autor entendido dio jamas a Venus lasciva. Nefanda la llamó Virgilio, aun quando fingien lo glorias a Eneas, se la dió por madre: *Veneris monumenta nefanda*, en el lib. 5. I si tal vez le dà mejor titulo, es quando no entiende de essa Venus, sino de otra celeste. Es, pues, el epitecto de clara propio de la Iglesia, i Religion Católica, por su pureza, excelencia, i superioridad entre todos los cultos; i aun en el sentido llan, le es propio el clara, porque no es intricada, ni llena de supersticiones, como todas las de los infieles, idolatrás, i hereges, que estrivan sobre escuridades, i invenciones, estrivando la Christiana verdadera sobre su sencillez, i claridad. Por esto el P. la pintará desnuda en la e. 36. del c. 2. para donde combidamos los curiosos. I en Cesar Ripa hallareis diferentes imagenes de la Religion, conformes en estar acompañadas de resplandores, i llamas, con que se está manifestado; i en tener el pecho candido, i descubierto, i tenuas vestiduras candidas. Augurelo *Nec non ut candida nobis Religio*. I por todas estas razones tiene lugar el fingir para con los Portugueses la Religion en la llamada Diosa de los amores; porque ellos derechamente son los verdaderos enamorados de su Religion, muriendose de sus amores tan porfiadamente, que ha seiscentos años que pierden las vidas por ellos, compiendo i fabricando con hervientes almas, Templos a essa divina Venus; dando en ellas (mejor q en los materiales) Templos sublimes: porque

*Qui singit sacros auro, vel marmore vultus,
Non facit ille Deos, qui rogat ille facit.*

I como los Portugueses tambien tienen fama de muy enamorados a lo humano, mezcló el P. con industria digna de si, las dos principales Venus en sus propias acciones, haciendo dellas una, embolviendo lo provechoso con lo dulce, con ventaja a quantos lo hicieron desde que Oracio lo enseñó: i que le pudiera hacer licito, dezir de si con mas confiança lo que de si dixo Dante, pagado de tratar materias divinas con semejante industria de doctrina, i arte Poetica. Es en el c. 9. del Purgatorio.

*Lettor tu vedi ben come io inalzo
la mia materia, & però con più arte
non ti maraviglier s' io la rincalzo.*

I aqui, i siempre, el mostrar los Portugueses aficionados a Venus humana, quiere dezir, que son aficionados a la policia, i gentileza de animo, tomando de los amores aquella parte que realmente pule la policia, sin manchar la opinion. I no se ha de entender lo que vulgarmente dizen, que son enamorados en el sonido de viciosos, que es

A pensamiento muy basto, porque desde sus fundamentos no lo son; antes en los siglos que siguieron la Gentilidad en la adoracion de Dioses varios, apenas varió esta nación, adorando solamente a Marte, i a Hercules, por imagen suya, i a Venus en segundo lugar, por lo que con ella se sazonala policia. Para lo primero de ser lu proprio idolo Marte, cosa muy agena de lascivias, son riantos los testigos, que nos escusan alegaciones. Para lo segun lo, de que no conocen a Venus como viciosos, nos deva el curioso un lugar die Valerio Maximo en el num. 5. del cap. 1. del lib. 9. en que despues de acusar agraciamente a Q. Metelo Lopio de lascivo, dice asi: *En ubi ixta? Non in Grecia, neque in Asia, quarum luxuria severitas insi corrumpi poterat; sed in horrida, & bellicosa Provincia, cum praesertim accerrimus hostis Seratorius Romanorum exercituum oculos Lusi tanis telis perfringeret*. Valiente testimonio sin duda, notando este Autor grave, i no natural de Hispania, a su Capitan de que pudo desenfrenarse en luxurias, no entre gente que las conocia, sincientre la Lusitana ignorante dellas, i dada toda al horrido de la guerra, i olvido de Venus. Prueba tambien esse lugar, que los Portugueses no conocian sino a Marte: i como Martes, sin dexar de serlo, se enibolverán tal vez con Venus: como nos enseña la fabula del con ella. Todo esto nos dió a entender nuestro P. trayendo ambas estas Deidades en su favor. Vease lo que diremos en las e. 47. de los cantos 4. i 6.

C *E maes porque claro entende, que ha, &c.* Culpan al P. en estos quatro versos primeros diciendo, que dixo: *Estas causas movian Citerea, i mas porque entiende de las Parcas, que ha de ser celebrada la Diosa*. Con que parece, que la Diosa es una, i Citerea otra. No dice tal el P. pero es

D imenester construir la clausula deste modo: *Imás, porque la clara Diosa clara entiende, que ha de ser celebrada*, &c. I asi se queda el Dea refiriendo a Citerea. Esto es para mostrar que pudo ser asi: pero yo sospecho, que tambien ay misterio en esto; i es, que Citerea es una, i Dea es otra: porque como Venus, que es Citerea, representa la Religion, dirá bien, que Venus entiende que la Religion, entendida por Dea, ha de ser celebrada: i entonces entra facilmente el epitecto que le da de clara, como ai diximos. Mas quando no queríais esto: ai queda la constitucion derecha, i queda el P. imitando claramente a Virgilio, que en esse lugar que ai os truximos, dice Iuno, i Dea, por ella misma.

E *Assi que bum pella infamia, &c.* Baco que representa el demonio, el qual por Baco, i por demonio quedará corrido, porque con las hazañas de los Portugueses en la India, mayores que las suyas, queda sin fama; esto vale alli infamia: i por la Religion Católica que ha de salvar muchas almas llevada allá por ellos, tambien pierde este interés.

¶ E o outro pellas bonras, &c. La Religion representada en Venus, que pretende que los Portugueses la llevan a la India para ser honrada en aquellas partes.

XXXV.

Qual Austro fero, ou Boreasna espessu de silvestre arvoredo abastecida, (ra, rōpēdo os ramos vāo da mata escura, com impetu, e braveza desmedida: (ra, Brama toda a mótanha, o só murmurópēse as folhas, ferve a serra erguida; tal andava o tumulto levantado, (do. entre os Deoses no Olimpo cōsagra-

Val el fiero Austro, o Boreas en la espessura abundante de silvestres arboledas, va rompiendo con impetu i bravosidad desmedida los ramos de la escura mata: brama toda la montaña, murmura el sonido, rompense las hojas, hierve la sierra elevada: Tal andava el tumulto levantado entre los Dioses desconformes en el consagrado Olimpo.

¶ *Qual Austro fero, &c.* La comparacion està inundando propiedad i furor poetico en toda la est. i tambien imitaciones a un mismo tiempo de todos los grandes. Virgil. 10. despues que los Dioses hablaron en aquel Concilio usa la misma comparacion.

..... *Ceu flamina prima
Cum deprensūfremunt sylvis, &c. ceca volutat
Murmura: pero el estilo eligio mi P. del lib. 4.
Georg. Frigidus ut quondam sylvis immurmurat
Auster: ien el 2.*

*Adversi rupto ceu quondam turbine venti
Confligunt Zephyrus, Notusq; & Letu Eois
Eurus equis, stridunt sylvae.*

O bien en Ovid. Met. ult.

*Qualia succintis, ubi trux insibilat Eurus
Murmura pinetis fiunt, &c. Talesonat populus: i todos lamieron el Maestro supremo en el 2. de la Ilia. comparando los del Consejo de Agamenon despues que le oyeron. Sicutq, cum moverit Zephyrus ingentem segetem veniens, &c.
Sic horum omnis concio mota est. Dâre Infier. c. 9.*

*Non altrimenti fatto, che d' un vento
Impetuoso per gli aversi ardori
Che fier la selva senza alcun rattenso
Gli rami schianta, &c.*

Ariosto al fin del c. 45.

*Come si senton l'Astro, o Borea spirra
Per l' alte selve mormorar le fronde.*

El Tasso liber. c. 10. e. 36.

..... *Quasi in bosco aura che freme
Suonad' in torno un picciolo bisbiglio.*

I en la Conquist. lib. 4. e. 6.

Del agente, &c. Un mormorio, &c.

A

*Qual ne le folte selve udir si suole
Dove Austro junga sibilando, espira.
Austro es viento meridional caliente i humedo: Boreas, el otro de entre el Setentrion i el Oriente frio i seco; del tomaron nombre los montes Hiperboreos.*

¶ *Tal andava o tumulto levantado entre os Deoses, &c.* Perronio en tal ocasion.

..... *Omnis Regia cæli
In partes seducta ruit, primumq; Dione
Cæsar is acta sui dicit, comes additur illi
Pallas, & ingēti quatiens Mavortius hastā,*

B &c. lugar de que es imitado mucho desta invencion de nuestro P.

Guardamos para aqui lo que ivamos a dezir en la est. 30. sobre la diferencia de pareceres en los Dioses, que todo viene a ser los votos de los consejeros, i el discurrir del pueblo en esta ocasion: i por testigo dello, introduze el P. al fin del c. 4. aquel sentencioso viejo, quexandose de la resolucion deste viaje. I haze esse viejo venerando la figura del Reyno, como allá mostraremos. Esto muestran bien aquellos versos ultimos de la est. passada, diciendo el P. que la Religion era

C favorecida de sus amigos, que era el Rey; que singularmente lo deseava, i otros de bué zelo: i que Baco, que representa el demonio tambien tenia amigos que encótravan essotros: porque al demonio no le faltan muchos: i todo lo disfraçò el P. con esta invencion; porque si lo refiriera desnudamente como pasó, ni fuera poesia, ni mereciera ser leido; i el quiso serlo por el merito della.

XXXVI.

Mas Marte que da Deosa sustentava entre todos as partes em portfia;

D ou porq o amor antiguo o obrigava, ou porque a gente forte o merecia; Dentro os Deoses em pè se levatava; merencorio no gesto parecia: o forte escudo ao collo pendurado, deitando pera tras medonho, e irado.

P ero, Marte, que entre todos sustentava en portfia las partes, el parecer i razones de Ve-

E nus; o bien, porque lo obligava el antiguo amor; o bien, porque lo merecia la fuerte gente, q ella favorecia, levantose de entre todos, con semblante, a lo que parecia, colerico, echando ázia atras airado, i horrible el fuerte escudo que le pendia del cuello.

¶ *Mas Marte que, &c.* Despues de hablar Iupiter en este concilio nuvo entre los Dioses el murmur o que el P. descriviò: agora introduce Marte levantandose a añadir razones a las de Iupiter para que sean favorecidos los navegantes. Toda esta invencion parece fue vista del gran

Tasso en su Iernsalen; Favorece el cielo a Gofredo: habla a los Capitanes, como aqui Jupiter a los Dioses: sigue el murmureo, i levárate el Ermitaño Pedro, como aqui Marte, a esforçar las razones del General, c. 1. est. 29. i en la Conquist.

33.

*Diffe: e i detti seguì breve bisbiglio;
Ma forse poscia il solitario Piero, &c.*

Si los aperitosos de lo estraño sintieren que el Tasso no vio esto en el nuestro, vean a lo menos que si el Tasso afectó mas un poco la constancia en la severa gravedad; en invencion, i terminos no excedió lo que muchos años primero dixo Camoës, i le deve ceder en pensamientos altisimos, misterios, dulcura, i facilidad, que son mayores ventajas que la de la constancia en lo severo. I por este Poema iremos descubriendo lugares que claramente harán confessar a los lectores mas ingratos a su patria, que o los imitó el Tasso, o diciendo a caso lo que Camoës tenia dicho sin verlo, no le halló su grandeza de ingenio mas de lo que tanto tiempo antes, avia hallado el nuestro: i porque llevamos este intento, solamente al Tasso traeremos muchas veces de todos los que escrivieron despues del Camoës, porque determinamos no acordarnos de los que le imitaron, sino de los que el imitó: porque en esto descubrimos su ingenio, i estudio, que es lo que intentamos, i en esso se descubriría el de los imitadores, cosa escusada, aunque en parte tambien fuera gloria de nuestro P. pero el la escusa agora: quanto i mas que aviando yo de mostrar como el gran Tasso a todo su poder no le excede, i le imita, i confessando todos que el es el Paraninfo de los Cisnes del Parnaso, en esta gloria se encerrará todas las otras. I vuelvo a mi texto. De la figura que aqui representa Marte, diremos algo luego ai abajo, i mas sobre la est. siguiente a donde toca. Advirtiendo solamente agora, que Virgilio en aquel concilio del lib. 10. que tanto nuestro P. imita en este, haze entrar a Venus en favor de los Troyanos, como acá entra en favor de los Portugueses: i allá habla ella: i nuestro P. con bello artificio introduce a Marte hablando por ella, por dos razones tā sazonadas a lo poetico, como aqui se ven; i las verdaderas, ademas de las que apuntamos en las est. 33. 34. se verán en las 37. i 96.

¶ Ou porque o Amor antiguo o obligava, E
Ou porque agente forte o merecia. Estas son las dos sazonadas razones que dà el P. para Marte tomar la mano por Venus en favor de los Portugueses: o porque se le ponía deante el valor con que ellos cursavan la escuela de las armas de que eles Rector, i dueño; o porque se accordava del amor, con que ella le hizo copia de si. Tales pôderaciones expressadas con facilidad i alteza, solamente un Homero, un Virgilio, i un Camoës las saben lograr: i luego passando a la sagrada alegría que sigue, cosa que parece impossible, en

A lo que a la primera vista parece tan profano, corre felizmente lo que quiere dezir: i es que representando aqui Marte el zelo de la Religion, o a san Pedro piedra fundamental della, o a Santiago, que es el santo Marte de España, como ai adelante enseñaremos, dice bien, o porque le obligava el amor antiguo de essa Religion, i Iglesia Católica representada en esa Venus, divina, o porque lo merecía la gente que con tanto valor avia peleado por ella en varias ocasiones: i es bonissima memoria esta que el P. haze, que esse Marte haga, representando o uno, o otro Santo; porque ambos a dos con el amor de lo sagrado de la Iglesia que gobernó el primero en general, i el segundo en particular, tomaró, i tomá las armas quâdo fue i es menester: i alsí có propiedad, se pueden llamar los Martes de la Iglesia. Ni aun quando la Venus no fuera divina para representarla licitamente, sino la humana, tenía inconveniente para que assistiéndola Marte al representar estos santos no pudiesse hacer el la representacion dellos; como san Agustín explica de Sanfon, que no por tratar la ramera dexó de ser figura de Christo en muchas cosas: i no menos lo pudo ser acá Marte destos Santos, aun quando la Venus a que assiste fuera la profana: pues assí pudo representar a la Iglesia, como provamos largamente en la est. 33. Tambien estuvo el P. atento a que assistiédo Venus a los Portugueses por simbolo de la gentileza, o natural, o atribuida a ellos, acude bien Marte a Venus, por simbolo de la fortaleza también natural, o atribuida a los Portugueses; porq logentil de la forma, i lo fuerte del animo se unen con gran aplauso de la vista.

¶ Em pese levantava. Los Autores que saben escribir assí hazen levantar un Heroe enseñantes actos; que es demonstracion de celera, i animo resuelto. Homero Ilia. 1. aviando de hablar Achiles. *Hos exurgens interfatus est pedes velox Achiles.*

¶ Merencorio, &c. Esto es, cargado de semblante; como allá en la est. 26. del c. 6. dirá de Baço, *Humpouco carregandose no vult: i lleno de cógoxa, saliendo al rostro el coraçon alterado.*

¶ Escudo ao colo pendurado. Cuelga el P. el escudo en Marte, como Virgilio la fistula en Polifemo Enci. 3. *De collo fistula pendet.* Bien trasplantado lugar: si ya no fue el de la espada en el 11. *Atque ensem collo suspendit eburnum.*

¶ Lançardo para tras. Otra imagen de bravosidad militar; como en la urbana el arrollar la capa al braço. Bocacio alfin de su Ameto, assí pinta el propio Marte, aunque no con la accion de echar el escudo ázias tras, como aqui: *Marte falso di molti raggi armato tutto: & al finistro suo homero uno escudo vermiglio grādissimo, &c.*

I estos quatro versos con la estancia siguiente son la imagen de Marte; con las calidades que ai diremos.

XXXVII.

A viseira do elmo de diamante,
alevantado hum pouco, muy seguro,
por dar seu parecer se pos diante
de Iupiter, armado, forte, e duro:
E dando húa pancada penetrante
co conto do bastaõ no solio puro,
o ceo tremeo, e Apolo de torvado
hú pouco a luzperdeo, como insiado.

I Levantando un poco, assi horrido, i seguro,
la visera del yelmo diamantino se puso delante
de Iupiter para dezir su parecer con las armas
en la mano dura i fuertemente. I dando con el
cuento del baston en el solio purissimo un pene-
trante golpe, el cielo tembló todo: i Apolo de
turbado al oir el golpe, i ver la accion horrenda,
perdio un poco de su luz: bien assi como el que
pierde el color puesto en algun arrebatado pe-
ligro.

G A vistira, &c. Yo fio de la propia embi-
dia que diga si esta pintura de Marte tiene otra
igual en todos los pinzeles passados que parece
contendieran en ella; como son Virgil. Enei. 8.
12. Silio Ital. lib. 1. 3. 4. Stacio lib. 3. Claudio-
n contra Eutropio. No los copio aqui, porque el
P. sin duda no los imita de proposito, parece que
por vencerlos solo a todos. Assi lo creo. Vcalos
quien dudare deste juicio.

¶ Do elmo de diamante. Assi viste Oracio a
Marte lib. 1. od. 6. **Q**uis Martem tunica tectum
adamantina. Cecilio Bilbo: **Quis de Martis capi-**
te adamantinū lumen, &c. I Hesiodo en su Theo-
gou. arma a Saturno tambien assi, dandole de
diamante la hoz. Todo por concurrir en él res-
plendor, que es representacion de gloria, i dure-
za, que lo es del valor, i constancia. El Tasso con
el propio yelmo Liber. c. 7. e. 88. **Cbi l'elmo ada-**
matine havea le tempre.

¶ Alevantando, &c. Esta accion bizarra del
levantar de la visera, vemos en Ariosto c. 18. de
donde salió: **Et alçose la visera: i en lo urbano**
por imagen de colera se acude a alçar con furia
la falda del sombrero.

¶ Muy seguro. Epiteto propio de Marte, i
del valor entendido por el: quiere decir, confia-
do, sin temor alguno; como en Ovid. met. 14.
Impavidus concidit eques Gradivus.

¶ E dando húa pancada penetrante, co o con-
to, &c. Un golpe bastante a penetrar esas esfe-
ras (dice) dio Marte con el cuento del baston.
Virgil. Enei. 1. por Eolo hiriendo con su ceptro
en la superficie de la carcel de los vientos. **Cavū**
conversa cuspide montem impulit in latus: i puede
ser que el cuento vino aqui con la memoria de q
con el hizo Caronte mover la barca en el 6. **Ipse**

ratem conto subigit. Stacio Theb. 1. en semejan-
A te ocasion de ira. **Pulsat inane solum.**

¶ O ceo tremeo Tembló la maquina celeste
al golpe de Marte en ella: hermoso golpe. Virg.
en el 9. i en el 10. en el propio Concilio, **Et totū**
nutut tremefecit Olympum. Ovid. al golpe que Her-
cules dio con Caco en tierra Fast. 1. **Fragor atbe-**
ra terruit ipsum: i en el 2. hablando Iupiter, **Nā**
tū tremefactus uterque est polus: & celi pondera
movit Atlas: i Met. 1. sobre tal Concilio al he-
rir de Neptuno con el Tridente, **Ipse Tridente**
suo terram percussit: at illa intremuit. Atulo quā
B do en las bodas de Peleo finge otro consentir de
Iupiter.

Quo tunc tellus atq; borrida contremuerunt
Æquora: concus sitq; micantia sidera mundus.

¶ E Apolo de torvado bum pouco a luz perdeo.
Parece que siguió el P. algo a Stacio lib. 7. pin-
tando la casa de Marte.

Leditur adversum Phæbi jubar, ipsaq; sedem
Lux timet, & dirus contristat sidera fulgor.

Pero si le imita, vencele, i pudieran resucitar to-
dos para imitarle. Era Apolo uno de los Dioses
que estavan en este Concilio: i el que siendo el
despensero de resplandores, se halló sin ellos al
ver la bravosidad de Marte, i al sentir aquel gol-
pe de sus armas i de su mano: i todo está congrā
propiedad; i es como decir, que a vista del valor
Portugues hasta el mismo Sol quedó turbado,
considerando que iva desde el Oriente a buscar-
le el nacimiento, distancia i hecho no creible: i
no parezca que añadimos algo al pensamiento
del P. porque allá en el c. 10. est. 11. lo dice: **Tor-**
nando frío de espanto, o ardor immenso do Oriete: i
eso quiere decir acá el perder colores el Sol: au-
diendo a quando una persona las pierde oyédo,

D o viendo alguna cosa horrida.

¶ Hum pouco a luz perdeo. Perdio el Sol co-
aquej sobresalto un poco de su luz: i es a imita-
cion de Hom. Ilia. 1. quando aviendole su Sacer-
dote Crisis orado sobre la esclavitud de su hija
le finge baxar airado, i con la luz perdida por el
enojo del sacrificio cometido contra su Sacer-
dote. **E**xaudivit Apollo, &c. **Iratus cor, &c.** **Ip-**
se autem ibat nocti similis. Esto es, que se avia es-
curecido con la ira que en el produxo aquel acó-
tecimiento: i acá con la turbacion que le truxo
este tro. I principa mente (esto es agora lo recó-
dito del P.) se perturbó el Sol en esta ocasió, por
que siendo el adorado de los Indios a donde los
Portugueses agora llevavan otra adoració, que-
dava desluzido para con aquella gente, i assi a
penas ve levantadas las armas Portuguesas (eso
es el levantar a Marte aqui, i hazer este ruido) ciò
que se ha de allanar la introducción de nuevo
culto allá, quando el mismo se empieza a deslu-
zar. Es bonísimo esto.

¶ Como insiado. E P. c. 2. est. 49. Aquel efe-
to de que al golpe tembló el cielo, i con el tem-
blor se desluzio el Sol (eso es enfiasc) es hiper-
bo-

bole valiente: i de ordinatio son tales en nuestro P. hallare isle imitado en sus Rimas eleg. 4. o ter cetas.

*Marte brandindo a lançafuriosa
Com que fez quem o vió todo enfiado.*

Enfiado en Porruques tiene gran propiedad para dezir enflaquecido de sultancia i colores un cuerpo: al que está muy flaco dezimos que está por un *fio* o hilo: i de ai el Castellano a gente hábita, ahilada: i en esa suceden juntamente las dos cosas, que son flaquezza i palidez: también enfiado vale vencido en qualquier cosa, reduzido a obedecer a mayor mano, o entendimiento; i assi suele dezir vulgarmente el presumido contra alguno, que le meterá por el fondo de una aguja, esto es, que le enhilará; i en Portugues, *enfiará*: i todo se puede aplicar a este *enfiado* de Marte. Ver lo que diremos en la est. 87. del c. 6.

Despues de hecha anotomia en los nervios de la imitacion mostremos los de la invencion con que prosigue nuestro P. Por Iupiter entendio Christo, por Baco el demonio; por Venus la Religion: i agora por Marte, amparando essa Venus entiendo el zelo Catolico, para que con la Venus divina hiziesse armonia un divino Marte, que ayrado cótra el demonio, que impide la cultura Christiana favorecida de la verdadera Religion, mete mano a las armas, i aprueva con ellas el voto de que passen los Portugueses con ella a la India. I es ajultadissima toda esta pendencia en el cielo por la Iglesia, por ser el la triunfante Iglesia, i la militante estotra justamente favorecida de esse Numen militar. Esta invencion concuerda excelentemente con ser titulo particular de Dios, el de Dios de los exercitos, i como acá los avia de aver, i essos Catolicos, bien entra Dios aqui por General dellos en persona de Marte, descrito con essos bizarros adornos poeticos, mostrando el P. claramente, que entre barbaros indomitos de puro apoderado el demonio dellos, la entrada de la Religion no tiene otra puerta que la que le abre el valor zeloso, o el zelo valiente con las armas, llenandose de la coleta divina, como Moyses degollando en una hora con ira santa veinte i cinco mil idolatras. I esso quiere dezir en san Pedro, que avia de ser el Vicario general de Christo, el traer espada, i meter la mano a ella, i aun cortar, quando vio que no obrava la razon. I esso quiere dezir Santiago fulminando la cuchilla sobre tantos Moros tomando al lado los Espanoles en mil ocasiones, como es publico. I assi yo no dudo que el pensamiento del P. fue introducir a san Pedro, o a Santiago aqui en favor de la Religion, con aquellas consideraciones que dexamos en la est. passida; i mas me acomodo a que sea Santiago, por ser el verdadero santo Marte de Espana, que le tiene por caudillo de sus exercitos con abundantes i gloriosas experiencias: i mejor si nos acordamos q el dia de Santiago aparecio Christo en Orique a

don Alonso, i el venció aquella batalla, i sus vasallos le nombraró por Rey; i que el primer castillo, o fuerza que levantaron los Portugueses en la India (en Cochin) fue dedicado a Santiago por Cavallero de su Orden, que era Alonso de Albuquerque; i que ese mismo Cavallero ilustrissimo della, fue el fundador verdadero de aquel estado, i que se afirma, que Santiago le acompañó en una batalla. I aun he sospechado algunas veces, que assi como el P. por aquella variedad de parceres de los Dioses, entiende la de los ministros, i gente del Reyno; i por Iupiter al Rey proponeédoles su deseo, entedió por Verus la Reyna dona Isabel mujer del propio Rey, que fue zelosissima de la Religion Catolica, tanto, que pidió endote a aquel Rey la expulsión de los Judios; i por Marte a Alonso de Albuquerque, aviendole dado con atención el epiteto de terrible en la est. 14. que es uno de los mas propios de Marte; *Terribilemque suis oculis mitescere Martem*. Es de Stroza el Padre. Pero desto juzgue el curioso como quisiere: i bolvamos a nuestra senda. Cesar Ripa en sus imágenes muestra la del zelo con una luz, i un açote, de que podemos inferir, q el P. haze de Venus, i de Marte la imagen del zelo Catolico: entendiendo por Venus la luz, i por Marte el açote. I el propio Autor trae la piedad Christiana arrimando sobre un altar el braço derecho con espada: enseñando, que la piedad para con la Religion se deve usar con animo expuesto a todos peligros, sin temor de ellos. A esto aludió el P. i tambien a la imagen de la Fé Catolica, que pintandose conyelmo en la cabeza, muestra que por la verdadera Fé se deve mantener el ingenio seguro de los golpes de armas adversas, que son las razones naturales de los Filosofos, i las sofísticas de los Herejes: i esta alusion parece declarar el P. con decir que Marte se puso seguro en esta accion.

Conforme a los Astrologos, tiene el Planeta Marte dominio sobre los Leones i fieras semejantes; i sobre las bivotas, serpientes, i aves rapaces, i de los arboles sobre los espinosos. Bien, luego el Poeta le introduce en favor de los Portugueses, i de Venus representando la Iglesia, que ellos ivan a plantar en aquellas tierras llenas de todo esso, a que el P. parece estuvo atento quando las describió tales en la est. 70. del c. 4. las cuales estavan pidiendo la cultura Evangelica como allá veremos. Es tambien este Planeta de los a que toca mas duracion como a Iupiter, i Venus: i assi se vea lo dicho alfin de la est. 20. i del verso 4 de la est. 33.

Tambien se ve esto, en que siendo las ordenes de los Angeles nueve, i aplicandolas por las esferas, a la de Marte toca la quinta orden, que es la de las virtudes; las cuales intrepidamente ejecutan los divinos mandatos. Introduce del mismo modo a Marte acudiendo por los Portugueses, porque en las edades que faltó el conocimiento-

miento del verdadero Dios, el Idolo propio suyo fue el de Marte, como ya diximos: i todas las acciones militares, que tienen su origen de impulso Catolico se llaman santas. El P.est. 87.del c. 3. *Passavam a ajudar na santa empresta: i en la siguiente, Ia que em servicio vay do santo Marte.* Que todo quiere dezir, que ivá a la guerra de Jerusalen. Por ello imirádo este lugar ultimo, i aludiendo a todo lo dicho, nos parecio bien dezir en la Coronacion que escrivimos del Santissimo Padre Urbano Octavo.

*Salve, o tu, que obras en la parte
De rifa celestial, o infernal llanto
Tal vez, parecer puedes santo Marte,
Como pareces siempre Pastor santo.*

Aludiendo a las muchas armas que este Pontifice juntó en el Vaticano, a donde se supone, que el Marte es santo, como lo es en esta hermosissima invencion de nuestro P. I finalmente se ajustó en ella con la orden del Rey dō Manuel a sus Capitanes en estas empresas: i fue, que ninguna cosa intentassen primero con las armas, sino con la suavidad Christiana: i en caso que los barbaros no se rindiesen a ella, entonces usassen dellas. Importa poner aqui las palabras del gran Historiador, que son sacadas de las mismas instrucciones Reales: *E a principal cousa do Regimēto, &c. era que primeiro que cometessemos Mouros, e Idolatras com o gladio material, e secular, deixasssem aos Sacerdotes, e Religiosos usar do seu espiritual, que era denunciar lhes o Evangelho, &c. E quando fossen tam contumazes que naõ aceitasssem esta ley de Fe, e negasssem a da paz que se deve ter entre os homens para conservaçam da especie humana, &c. lhes pussem ferro, e fogo, e fizisssem crua guerra.* Vease todo, q es alfin del cap. 1. lib. 5. Dec. 1. Assi, que pues el P. vā siguiendo a Barros en todo con sus velos poeticos, necesariamente la Venus con sus halagos representa la Iglesia de que con ellos el Rey en essa instruccion mandava se usasse primero: i las armas que mandava usar en caso que no fuese oida la Iglesia estan representadas en Marte. I en la misma invencion vā el P. observando la instruccion misma: porque en las est. 30. 31. 32. finge a Baco opuesto: i en las 33. i 34. a Venus contra el: i viendose que no bastava la suavidad de Venus para rendirle, entóces introduce Marre desde la est. 36. cō el furor de las armas, para vencer por ellas lo que no se pudo por ella. I finalmente el propio P. nos vā llevando la mano, para que le entendamos: porq en la est. 10. del c. 10. en los ultimos 4. versos muestra, que alumbrado de la Historia verdadera, forjó toda esta poetica invencion. Veanse. Añadese a esto, que en todo este Poema no se verá que Venus haga diligencia violenta, sino rotas suaves para salir con victoria de sus adversarios; i essa es costumbre propia de la Iglesia como a buena ocasion mostraremos, sobre las est. 30. i 87. del c. 6. No sé cierto que cosa pueda ser

A mas clara; ni tampoco que duda puede aver para entenderse por este Marte santo el Apostol Santiago, que es, i fue siempre el verdadero santo Marte de España: i en estas conquistas tampoco ha faltado, siendo visto la primera quando el Rey de Congo casi sin gente venció a su hermano, que con mucha se oponía al progresso de la Iglesia, que allí se fundava, como se verá en Barros Dec. 1. lib. 3. cap. 10. sin lo que ya ai apuntamos, i mucho mas que omitimos con miedo de lo que van creciendo estas notas, i con deseo de no empalagar los letores. I aqui me resuelvo a afirmar, que quando estas alegorias que hemos descubierto no fueran ran ajustadas, sin ellas estaba ajustado el P. en esta introducción de Dioses, entendiendo por ellos los Reyes, i sus ministros, como ai acabamos de apuntar: i lo acomodáramos bien: pero es contra el intento del P. q tuvo estotro sin duda alguna.

XXXVIII.

E disce assi. O Padre a cujo Imperio tudo aquillo obedece, que criaste, se esta gente q busca outro Emisferio, C cuja valia, e obras tanto amaste; Não queres que padeçam vituperio, como ha ja tanto tempo q ordenaste, nam ouças mais, pois es juiz direito, razões de quem parece q he sospeito.

I Dixo deste modo. O Padre a cuyo Imperio obedece todo aquello que criaste: sino quieres que padezca vituperio esta gente, cuyo valor i obras amaste tanto, agora que vā buscado otro D emisferio, como lo ordenaste ya tiempo ha; no oygas mas, pues eres rectissimo juez, a razones de quien parece que es sospechoso a esta acció.

¶ O Padre a cujo Imperio, &c. Assi entra la est. 27. del c. 6. i en la 81. ay de esso. Todo Virg. quando Venus pedia favor para Eneas. O qui res hominumq; Deumq; aeternis Regis Imperijs, & fulmine terres: o enel 10. O Pater! o hominum divumq; aeterna potestas.

¶ Que criaste. Veyes ai como por esse Iupiter entiende el verdadero Dios, diciendole, que es criador de todo: i esso nadie lo dixo de Iupiter, de que solo dicen las fabulas, que repartido lo criado quedó superior a sus hermanos.

¶ Que busca otro emisferio: porque ivan buscando la India, que a nuestro respeto queda en essotra mitad del mundo, que esso es emisferio, media esfera.

¶ Cuja valia, e obras tanto amaste. Porque Dios favorecio tanto los Portugueses en la institucion de su Reyno, que apareciendo al Rey don Alonso, le compuso el escudo de sus armas, como diximos sobre la est. 7. i diremos sobre la

la 54. del c. 3 i en otra batalla embió un Angel a pelear a su lado, de que fue visto un braço con una ala dorado todo, con una espada en la mano, de que resultó la Orden militar, que por memoria deste suceso instituyó el Rey llamandola de la Ala, como lo trae el Doctor Fray Bernardo Brito en la Cronica de Cister: i nosotros en nuestras Historias de Portugal parte 3. cap. 2. Ademas destos, i otros innumerables favores, que este Rey tuvo de Christo, los tuvo de san Bernardo, i otros Santos. Assi con el fundador; i algunos de los sucesores: i con el Reparador, que fue don Juan Primero, no pocas noticias tenemos de favores soberanos: ni faltaron en los otros Reyes, ni en muchos de sus vassallos, de que dejamos algo por estas notas, i dexaremos en las siguientes. Con tan buenas noticias bien dice el P. que Christo amó mucho la gente Portuguesa: i porque no viniese en duda si hablava, o no de este Rey, i gente con este termino de que amó tanto sus obras, dixo en el c. 8. est. 11. hablando del mismo.

Este be aquelle zeloso, a quem Deos ama.

Añadase aqui lo dicho en la nota 1. al titulo sobre, *Cara Deum siboles*. Pues, si el que amó a Alfonso allá es Dios, i aqui es Iupiter, claro está, q por el Iupiter de aquí, se ha de enteder ese Dios de allá: i del singularmente la segunda persona de Christo; porque essa singularmente apareció a ese Rey. Agora.

P Como baje tanto tempo que ordenaste. Dice aqui Marte a Iupiter, lo q Iupiter a los Dioses en el Concilio del 10. de Virgil. *Abnueram bello It. iliam concurrere Teucris.* I quanto tiempo aya que Dios ordenó que los Portugueses tuviessen Rey propio libre, i fueran los labradores de su Fè en el Oriente (eso es lo que el P. quiere decir) consta de las Historias. I es, q el año 1109 venció el Rey don Alonso en Orique cinco Reyes Moros con gente inumerable; i antes de la batalla le apareció Christo, i le dixo lo mucho q le amava, porque sus descendientes avian de llevar su ley a partes muy remotas, i que siempre los favoreceria: i esto viene a ser lo que Marte aqui dice, ordenó Iupiter ha tanto tiempo. De manera, que desde esa orden a esta navegacion sobre que se está debatiendo en este Concilio, avian pasado 388. años: i assi del modo de hablar se vé, que este Iupiter representa al propio Christo, pues se le ponen delante los favores hechos, i prometidos a la gente de que se habla, como ya mostramos claro sobre las est. 20 25. 28. Agora vengan las mismas palabras del propio Christo que se ven en el testimonio del Rey don Alonso, a quien el las dixo quando le apareció. Las primeras son de su ministro el Ermitaño, i afirman el amor de Christo para con el Rey: assi. *Soys amado del Señor, &c.* Que es esto ai del P. *Cuya valia i obras tanto amaste.* I aquello de los versos siguientes, de que no quiere Iupiter que

A padezcan vituperio los Portugueses, i quiere q vayan a otro emisferio, como ordenó ya de mucho tiempo, está firmemente dicho con lo q allí dixo Christo al propio Rey: assi: *Nunca se apartará dellos, ni de ti mi misericordia: por respeto i medio dellos aparejé una gran semetera en tierras remotas, i los escogi por mis segadores.* Veys aqui la orden, i allá el amor que Christo manifestó a los Portugueses entonces, es lo mismo q Marte dice aqui a Iupiter en favor dellos. Pues siesse amor i orden es del propio Christo, i Marte obliga aqui a Iupiter por lo uno, i por lo otro para ayudarlos en esta navegacion, que duda ay en q este Iupiter representa a Christo: i que estos navegantes que favorece aqui Iupiter son aquellos segadores que Christo dixo avian de passar a tierras remotas a donde les tenia aparejada la semilla Evangelica? Pregunto, que amor podía tener, o que ordenes podía dar el Iupiter Gentilico a los Christianos? i si Christo allá es quién las dio, i se les mostró amante, i esto es lo que Iupiter aca ejecuta, como puede esse Iupiter dexar de ser aqui el verdadero Christo? Que señas pudo el P. usar mas propias para cometerse el misterio politico con que escribió? Yo me admirare siempre C de la flaqueza de los entendimientos que le culparon hasta oy. Vamos con este lugar del P. i del testimonio del Rey a la est. 18. del c. 9. a donde ay gran secreto.

P Juiz direito. Justo juez: i es titulo propio del verdadero Dios en las divinas letras: i como el P. va con cuidado de enseñar, que por Iupiter entiende Dios verdadero, no pierde lance en q no procure darse a entender: i es negocio de admiracion, que haziendolo tantas veces, hasta agorano ayo avido quien lo echasse de ver una sola.

P De quem parece que be sospeito. Como por Baco entiende el demonio, segun provamos sobre la est. 30. queda mas claro este lugar, porque no ay cosa mas sospechosa a Dios que el demonio. I aquel verbo *parece*, está en lugar de *patentemente se vé*, como diciendo: *No deys, señor, ya lugar a que passen adelante razones de quien patenterente se vé que es sospechoso a vuestra Iglesia.*

XXXIX.

Que se aqui a razam se nam mostrasse vencida do temor demasiado,

E bem fora que aqui Baco os sustétasse, pois que de Luso vem, seu tā privado. Mas esta tençam sua agora passe, porq enfim vē de estomago danado. que nunca tirará alhea enveja, o bem q outrē merece, e o cco deseja.

Q Ve si la razon no se mostrara aqui vencida del demasiado temor, bien justo fuera que Ba-

Baco sustentara agora la de los Lusitanos , pues
descienden de Luso tan su valido. Pero sufrase este intento suyo, porque alfin se conoce que viene de estomago dañado , i porque jamas agena embidia prevalecerá contra el bien merecido de otro, i deseado del cielo.

¶ A razani vencida do temor demasiado Por Baco, o el demonio, que no davan lugar a la razó con el temor que tenian de perder sus intereses en la India passando allá los Portugueses, i la Religion Católica.

¶ Bemfora, que aqui Baco os, &c. Vease sobre esto en la est. 30. del c. 6.

¶ De estomago dañado. Algunos pesados de estomago, i velozes de nariz, dizen que se les ofende la nariz, i el estomago con este verso: pero no devan tener ta delicado el juicio como el estomago: si ya no es que lo uno i lo otro tiene mas dañado que el propio Baco descrito por el P. Parece este lugar imitado de Homero Ilia. lib. 1. q al fin de otro Concilio como este, dice: *Hec locu so jove illifremebant stomachantes.* Esto es en la version de Vala. En dos maneras infamos metaforicamente del estomago: una para dezir, que uno está ayrado, dezimos estomagado: i es esto aqui: otra para dezir, que uno es de grá valor, dezimos de gran estomago: i es lo que el P. usa est. 85 del c. 2. Tambien aqui alude al estomago, que en estando corrupto (eso es dañado) corrompe todo lo que recibe, por de mejor calidad que sea: i assi queda la frase muy propia para Baco, que como representación al demonio, para ninguna cosa tiene el tan dañado el estomago, como para la propagacion de la Fé de Christo, que no puede digerir en manera alguna. Pudo estar en otro sentido el Dañado, que es condenado del verbo Latino *Dānare*: i en este lo usó Garcilasso egl. 2. *El solo dañava la tardanza* : i el Tasso Liber. c. 2. est. 26.

Preso è la bella Donna, &c il Rela danna a mor se: i es propio del Jemonio, q aquí se representa, porque condenado de Dios por perverso ninguna resolucion celeste le puede parecer bien. Finalmente le pudo tratar el P. como Baco, llamandole borracho, esto es furioso con la razon perdida, pues pretende aqui que se antepóga el mal al bién, i comere una temeridad como borracho: de los quales es propio insistir en una accion insolente. No desdice desto la entrada de la est. advirtiendo que se hallava aquí con la razon vencida del temor: i los que beven mucho traen perido el estomago, i mas que el estomago el juicio. Tambien pudo el P. aludir a que al Planeta Venus toca de las enfermedades la del estomago, pues haze a Baco, o al demonio enfermo del quando le finge con Venus opuesta: Todas estas razones no apoyavan poco el pensamiento que tuvimos de que Baco representava en este Poema a Mahoma, siendo singular la de su borrachez que tanto le danava, i de que no tenia menos que el demonio dañado el animo contra la Religion

Católica i sus aumentos. Vease lo dicho en la e. 30. i lo que dijimos alfin de la 50. del c. 5. I con esto ya podran los delicados digerir este verso q tan indigesto les parecia.

¶ *O bem que outrem merece, eo ceo deseja.*

Qual será este bien que el cielo agora aqui desejar? No es otro sino aquel que contiene la est. 34. deseado de Venus, que era el verse celebrado en la Asia. Luego si ella fuese la lasciva, quedaria el cielo deseando lascivias. Veis ai como no entendeys el P. porque quando el escriviera como Gétil mero, no dixera esso: porque no ay fabula que diga, que en el cielo se ejecutaron actos de lascivias: i quando pintan los Dioses en ellos los han bajados a la tierra, i aun transformados en otras formas, como evitando el decir que la de Dioses, niaú falsos, fue vista en tales actos. Pues como es esto? Es que entiende el P. por essa Venus la Iglesia militante; cuyos progressos son el bien que se desea en ese cielo, que es la triunfante; i los que le merecen son los Portugueses: i quiere el P. decir en esso, el b en de que ellos han merecido ser cultores, i elegidos para esso del proprio Christo, como algunas vezes mostramos.

XL.

E tu Padre de grande fortaleza
da determinação que tens tomada,
não tornes por detrás; pois he fraqueza
desistir da coula começada.

Mercurio pois excede em ligereza
ao vento leve, e à seta bem talhada,
lhe va mostrar a terra, onde se informe
da India, e onde a gente se reforme.

J Tu, ó Padre de gran fortaleza, no desistas de la determinacion que tienes tomado, pues ar-
gue fraqueza el desistir de la cosa comenzada. Ya que Mercurio en ligereza excede al viento leve, i a la laeta bien tajada, vaya delante a mos-
trar a esta gente la tierra a donde se reforme, se
repare del trabajo, i se informe de la India que busca.

¶ *Padre de grande fortaleza.* Titulo propor-
cionado con la sentencia que vá a dezir; porque
E para no desistir de lo comecado, conviene una
gran constancia (eso vale alla fortaleza) i assi le
acuerda cuidadosamente, que el es el Padre de-
lla, i ella para ser tal consta de siete partes: Con-
fiança, Confidencia, Magnanimitad, Persever-
ancia, Paciencia, Magnificencia, i Seguridad:
La Confiança se pinta bien sobre una piedra qua-
drada abraçado una coluna, cosas agenes de mu-
dança. Deixemos de galar tiepo en mostrar los
singulares oficios destos miembros de la Forta-
leza; i digamos que Marte está mostrando, que
todo esto concurre en esse Iupiter para no de-
ver

ver mudarse de lo determinado; i esto es propio de Dios verdadero.

¶ Da determinaçam que i en tomada, na tornes por detras. Esso es lo que queria Venus del mismo Iupiter en favor de los Troyanos. En. i. Quæ te genitor sententia vertit?

¶ Hefrazeza desfirse da cosa começada. Entiende, en general, que es flaqueza dexar lo intentado; i en particular, que lo seria no llevar adelante el descubrimiento de la India. El P. como supone, q todo esto es un ofar heroyco; trae con gran acuerdo esta sentencia: porque de las cosas ilustres a que se da principio, es ignominia i cobardia el desistir: esto es lo que se ha de entender, por quanto de las temerarias i malignas es valor, prudencia, i gloria el dexartlas; i aun es mayor hazana, porque alla sigue la razon, i aca vencece el aperito enemigo della; que es la mayor virtud que se puede dar en la humanidad.

¶ Mercurio pois, &c. Resuelve Marte su razonamiento con dezir, que Iupiter deve ordenar a Mercurio, que luego parta a mostrar a los navegantes una tierra en que descansen del trabajo passado, i hallen noticia de la India. Hallarase este mensaje de Mercurio en el c. 2. desde la est. 56. mandado del propio Iupiter, que como se veia abajo, aprovo el voto de Marre, para que se vea alla, que el P. no se descuido de feneçer lo empeçado aqui. *I* es la bella orden que va llevado en este Poema, despêçando los sucesos. Tambien hallaremos alla, que por Mercurio se entiede un Angel bueno, i verdadero, i no la deidad Gentilica. Agora dezimos, que va el P. usando de su singular erudicion con ingenio singular. Ya mostramos en la est. 20. el misterio con que usa destos nobres Gentilicos: i en la 33. que por Venus entiende nuestra Religion: i aqui introduzido a Mercurio dando avisos saludables a los qee navegan por el a, se descubre, todo quanto puede ser, qua ajustadamente estan descubiertas estas alegorias: porque conforme a los Astrologos, tiene Mercurio mucha parte de su influencia en nuestra Religion, mas que en otra alguna. Deixare la observacion de que en el Nacimiento de Christo, piedra fundamental de essa Religion, se hallo Mercurio en el signo de Geminis, que es su morada, i en la nona casa que es la de la Religio, i de la Fe; por cuya influencia los Doctores Catholicos, tienen vencido en doctrina, i elegancia todos los de las otras llamadas Religiones: por quanto el Autor de los Planetas no les pudo estar sujeto, ni ellos influir en el, pues del reciben la virtud con que influyen en las criaturas. Digo pues, que lo dexo; pero admito la otra consideracion, de que siendo las ordenes de los Angeles nueve, i distribuyendose por essos cielos al de Mercurio toca la orden octava, que es la de los Arcangeles, cuyo oficio es anunciar las cosas grandes; i entre ellos esta Gabriel que fue el Nuncio de la Encarnacion del Autor de nuestra Re-

A ligion: i assi es de creer, que lo fue de la propagacion della a que passaro los Portugueses desde el Ocaso al Oriente; i que esse Nuncio representa aqui este Mercurio; el qual no era otra cosa entre los Gentiles, que Nuncio de los Dioses: ni Angel en Griego quiere dezir sino Nuncio. Correspondese mas un Angel con Mercurio en que es aquel criatura de Dios, i este de Iupiter que le representa. De los Angeles es propia la armonia, i Mercurio es el Autor de la Lira: a los Angeles se atribuyen alas, i a Mercurio tambien: i finalmente el P. en la est. 84. del c. 10. declara, q este Mercurio es un Angel, diciendo:

Os Anjos da celeste companhia

Dioses o sacro verso esta chamando.

Dandonos a entender, q no llama al Angel Mercurio sino Dios; porque Mercurio tiene esse titulo en la lecion misteriosa de la fabula: i con esta misma condicion llama a Dios Iupiter, por llamarle, no Iupiter, sino Dios. Tiene tambie Mercurio correspondencia con la Iglesia (por cuyo servicio ha de hazer aquel mensaje en el c. 1.) por quanto Venus en quien ella aqui se representa es hermana de Mercurio. I siendo tambien este mensaje en favor de Venus, q es aquella Asia, de que diximos en la est. 33. a quien Iupiter por informaciones de ese Mercurio hizo tanto favor, necessariamente no podia faltar el en assistirla tambien en ocasion tan grande como esta de su passaje a la India. Tenga tambien su lugar la buena correspondencia de la vezindad; porque Mercurio i Venus son vecinos. Al propio Mercurio se atribuye el dinero. Pudo el P. introduzirle a agenciar los aciertos deste viaje, de que resulto nadar en dinero el Reyno de Portugal, como vistes en la nota 1. al titulo deste Poema sobre el lugar de la Sibila, *Gens aurea*, &c. Tiene dominio sobre la variedad de colores: esto es de lo q singularmente descubrieron los Portugueses en aquellas Regiones. Influye ingenio grande, i es el moderador de las ciecias: quiso el P. celebrar esto en los Portugueses haziendolos sus favorecidos; i quan raros sea en ingenio, i letras los que se dan a ellas, nadie hasta oy lo ha negado. De la duracion goza como Iupiter, Venus, i Marte, de que diximos en sus lugares, con la calidad de dominar en la retentiva. Mas de lo tocante a Mercurio en las est. 20. 96. 100. i en el c. 2. las 56. 64. 65. 73. 75. i en el c. 10. la 84.

¶ Excede em ligeza ao vento. No se si lo vio el Tasso al desçativir el Angel Miguel embiado de Dios en su Liber. c. 9. est. 60. Rapido si iba anco il pensiero ecceede.

¶ Set a bem talbada. Saeta bien cortada: esto es derecha, i pulida, porque assi es mas ligera: i assi encarece mas la ligeresa de Mercurio.

¶ A terra onde, &c. Melinde quiere dezir; porq alla le encaminara Mercurio; i allá se reformo la armada: i se informo de la India, i hallo descaso, i buenas nuevas como veremos desde la c. 63. c. 2

Co-

XLI.

Como isto disse o Padre poderoso,
a cabeça inclinando, consintio
no que disse Mavorte valeroso,
e neclar sobre todos esparzio.
Pello caminho Laetio glorioso
logo cada hum dos Deoses se partio,
fazendo seus reaes acatamentos,
para os determinados apousentos.

Como era aquello lo propio que avia dicho i deseava el potente Padre i Rector del mundo, inclinando la cabeza, cósintio en lo que dixo el valeroso Marte; i sobre todos esparzio neclar. Luego cada uno de los Dioses haziendo sus Reales acatamientos, se fue a su determinada estancia, o esfera, bolviédo por el propio camino glorioso de la via Laetea por donde avia venido.

G Como isto disse, &c. Dizen aqui los que tiené gran cuenta cō la gran habilidad de no decir una palabra dos veces en una est. o clausula, que el P. dixo dos veces que Marte dixo. I aunque es verdad que dice dos veces *disse* (cosa de q̄ no hazen caso grandes hombres) digo que no dice el P. dos veces que Marte dixo, sino que el primer dixo, toca a Iupiter, i el segundo a Marte: i si ambos huuieran de tocar a Marte, huiviera en el primer verso entre el dixo, i el *O Padre*, alguna puntuacion, como dos puntos, o si quiera una coma: i en el original está del modo que ai lo hemos copiado; i assi se ha de entender deste modo. *Como el Padre poderoso dixo antes esto mismo que Marte agora, consintio en lo que dixo Marte.* Por quanto lo que Marte dixo ai era lo que Iupiter avia dicho antes.

T A cabeza inclinando consentio. Muy de lo soberano pintó el P. el modo del consentimiento de Iupiter, imitando a Homero Ilia. i. adonde de Iupiter consintiendo en una petició de Teatis, dice: *Sed age: iam tibi capite anuuam, ut credas; hoc enim à me cum immortalibus maximum signum, non enim meum irrevocabile, neque deceptiorum; neque imperfectibile quodcumque capite anuuam. Dixit: Et nigris supercilijs annuit Saturnides.* Deste lugar sacamos no solamente la imitacion, sino el saber que aquel inclinar de cabeza en Iupiter, es una seña de consentimiento irreversible, la qual imitaron todos los Poetas al hazer responder Iupiter. Catulo en las vidas de Peleo. *Annuit invito cœlestum numine Rector.* Tenemos imagines milagrosas del propio Christo con esta fuerre de consentimiento; para que hasta en esto tenga Iupiter buena correspondencia para representarle en este Poema. De las extrañas he leido no se quantas; pero porque no nos haga sospechosos lo estraño, venga una de

Tom. I.

la patria muy notoria. En la ilustre villa de Santarem, i Monasterio de Monjes Benitos permanece una antiquissima imagen de Christo crucificado de mediana grandeza, de que se sabe lo siguiente. Vna muger perseguida de amores de un hombre, le dixo, que se rendiria a su deseo si delante de aquella imagen la jurasse por esposa, i legitimia muger. El vino en ello; i despues negó el juramento: ella pidiendole en juicio, truxo los ministros delante de la imagen, i llena de Fe, dixole: *Señor, dezid vos si es verdad que este hombre (tomandoos por testigo) jurò en vos que seria mi esposo? Señor, dezidle vos.*

I al punto la imagen desenclavando las manos derrivó el braço derecho, tras el la cabeza, i dobló el cuerpo, quedandose librada en el clavo de los pies. Maravilla que obligó a la Infante doña Maria, Real, entendida, i magnanima donzella, hija del excelente i feliz Rey don Manuel, a que hiziese labrar una Capilla de buena fabrica para colocar la imagen, que hasta entonces estuvo en una pobre Ermita. I el piadoso Rey don Felipe Terccero quando el año de seiscientos i diez i nueve se halló en Portugal, norando la maravilla, i sabiendo la causa, mандó se retratasse, i le truxo consigo.

En Segovia me dixerón avia otra semejante: i en Civitavieja, cerca de Roma, vi otra grande con los braços ambos caídos, i representava no poca antiguedad: pero preguntando la causa no hallé quien me la supiesse dar. Mas quien duda que con semejante motivo se cayeron aqueilos braços; pues la imagé de Christo en la Cruz nunca se hizo con ellos desenclavados. Siendo pues tā propia de las imagenes de Christo essa seña, o modo de consentimiento, no sin propiedad finge el P. que Iupiter representandole, haga semejante seña al consentir en lo que dixo Marte, representando a Santiago.

Neclar sobre todos esparzios. Assi Iupiter allí en Hom. *Ambrosia autem comæ concisæ sunt regis ex capite immortali.* Assi Cirene hablando a su hijo Arisleo en el 4. de la Georgica.

Hec ait: *& liquidum ambrosiae diffudit odorem;*
Quo tum nati corpus perduxit, &c.
La diferencia está en que nuestro P. dice Nectar, i los Maestros Ambrosia, i a donde ellos dixerón Nectar, dixo Ambrosia él. Vease esto en la est. 4. del c. 10. porque algunas veces los Poetas toman una cosa por otra. Conformóse el nuestro con Ovid. met. 4. *Nectare odorato sparsit corpus,* &c. i con Garcilaso egl. 2. *Venus Nectar sobre el Infante desparzia.* A este Nectar i Ambrosia genitilica respóde en la verdad el maná de la Escritura sacra en la otra ley: i en ésta el inefable Sacra miente del Altar: mātenimēto q̄ dexa endiosadas las almas: i assi quiere decir el P. en quāto Iupiter representa a Christo, q̄ derramó nueva gloria en su Iglesia con los principios deste auniēto della, que en aquel Concilio quedó resuelto.

K

Pello

Pello caminho Laæteo. Quai sea este camino a lo antiguo i moderno, diximos en la e. 20. allá vinieron por el los Dioses: aqui se huelvē por el. Homero allí. *Iverunt domum unuſ quisque ubi ſin gulis domum inclytus utroque pecte claudus, Vulcanus fecerat, &c.*

Para os determinados apousentos. Dize q̄ los Dioses haziendo proporcionalis reverēcias (eso es acatamientos) a quien las dezian, bolvieron a sus estancias: i entiendese que bolvieró a sus esferas de que avian salido en la e. 21. i tābien alude a que conforme la doctrina poetica los Dioses tienen aposentos particulares en el cielo; que fueron obra de Vulcano. Homero lo enseña en este lugar alegado, del fin del lib. 1. de la Iliada, haciendo otra tal oretida de los Dioses: i en el 1. t. lize: *Dei taciti ſuis in domibus, &c ubi unicuique dimis p̄lchra fabricata erant in ſummitatibus Olymphi;* de que devia proceder en parte lo que parecio a algunos Catolicos, que en el cielo avia algú modo de fábricas gloriosas: quedeſe ello apūtado para los estudiſos; que es m̄teria larga.

Aposentos. En la est. 72. dize aposentos; i esto es lo que se dice oy: puesto q̄ a lo antiguo se dixesse tambien en Portugues aponſento, tomando parece del lugar en que descansan las aves, q̄ llamamos pouſo; i aun de aí se dice oy repousar.

XLI.

Em quanto isto se passa na fermeſa casa eterea do Olimpo omnipoſtē, cortava o mar a gente belicosa
Ia lá da báda do Austro, e do Oriete:
Entre a costa Etiopica, e a famosa Ilha de Sam Lourēço; e o Sol aidēte queimava entam os Deofes q̄ Tifeo co temor grande em peixes cōverteo.

Mientras passò lo referido en la hermosa i eterea casa del omnipotente Olimpo, ya cortavan los belicosos navegantes el mar allá de la otra parte del Austro, i del Oriente: hallándose entre la costa de Etiopia; i la famosa Isla de S. Lurenço. Era en el nies que el ardiente Sol quemava a los Dioses que del gran temor de Tifeo fueron convertidos en pezes.

Casa eterea de Olimpo omnipoſtente Virgil. en el Concilio del lib. 10. *Domus omnipotentis Olympi;* i assi sale tambien nuestro P. del conciliabulo de los Dioses maritimos, c. 6 e. 38.

Ia lá da banda do Austro, &c. En la e. 19. assi entró a dezir, que estavan ya engolfados en el Oceano meridional. Aqui inuestra agora por donde ivan passando; huyendo siempre en el principio del Poema (como diestro) del principio del assunto, el qual referirà en la mitad del Poe-

A'ma al fin del c. 4. De modo, que quando se hazia este Concilio en el cielo en favor de los Portugueses ya ellos tenian passado el Cabo de Buenas Esperanza, i muchos trabajos; i aun aquella tormenta de que diremos desde la est. 70. del c. 6 i a ello aludió Jupiter en la est. 28. quando dixo: *A gente vem perdida, &c.* I en la 29. todo lo que contienen los primeros 4. versos. Assi que este Concilio se hizo en aquel punto, o tiempo que los navegantes despues de essos peligros en que se vieron ivan passando entre essa Isla, i la costa Etiopica, ya llegados casi a Melinde. Con esta memoria pretendio mostrar el Poeta, que Dios para favorecer nos quiere que pongamos primero muy buena diligencia de nuestra parte. Homero comenzó su Iliada desde las lastimas de Crisis Sacerdote de Apolo, pidiendo su hija a Agamenon: i la Vlissea desde aquel Concilio de los Dioses, como nuestro Poeta. Virgilio desde el septimo año de la navegacion de Eneas, que se fenecia quando tuvo aquella (estupendamente descrita) tormenta en el mar de Cilicia: i esto es lo que el Poeta aqui imita, aunque palió la tormenta al c. 6.

Do Austro e do Oriente. Quiere dezir que ivan entre lo uno i lo otro, deixando a las espaldas el Austro, que es el Sur, i llevado en los ojos el Oriente, que es la India.

Costa Etiopica, e a famosa Ilha de Sam Lourēço: ivan entre essa Isla, i aquel continente, en el paraje de Moçambique, de que la Isla de San Lorenço dista algunas 60. leguas. Ella es ilustre por su grandeza, que excede de 300. leguas de circunferencia: regada de muchas aguas, productora de buenos frutos: mucho sandalo, i martsil: llamavase Madagascar: su forma prolongada: está en 18. grados 130. minutos de latitud, i do longitud 73. repartida por disertetes Rcyes, Idollarias, i Meros: la gente negra desnuda casi: es circundada de muchas Islas menores.

O Sol queimava entam os Deofes, &c. Dize por estos terminos, que quando los navegantes llegaron aqui, andava entonces el Sol en el signo de Piscis, en que entra a diez i nueve de Febrero, i permanece hasta veinte de Março, el qual ya era entrado entonces; con que ya avia ocho meses que navegavan, porque salieron de Lisboa en ocho de Julio. Advirtiendo, que las entradas del Sol en los signos eran casi a los onze de los meses; i conforme a esto ya le faltava poco para salir de Piscis cuando se hallaron en este paraje. Veranse las razones desto sobre la est 2 del c. 5.

Os Deofes que Tifeo, &c Quando los Gigantes cogieron descuidados en un cōbite a los Dioses los pusieron en tanto aprieto, que huyendo al gunos, i de miedo, entrandose por el mar fueron convertidos en pezes: principalmente Venus, como canta Ovidio met. 5. la qual de agradecida al agassajo que halló en ellos, alcançó,

q'ue

que tuviessen lugar en el cielo, como tuvieron en el signo, o constelacion que se llama Piscis. Parecio a todos hasta agora, que esta era la fabula aquia tocada, i que el P. dice que Tifeo fue la causa de la constelacion destos pezes con su vitoria: pero no es essa la fabula que el P. aqui toca, sino esa (segun Nicol. Peroto en su Cornucop.) Tifeo despues desta vitoria hallò a Venus i a Cupido a la orilla del río Eufrates, i ellos temerosos de algun peligro, se burlaron del con bolverse pezes, i echarse al agua: i por esto fueron dos los pezes colocados en el cielo por esta ocasion: roca este suceso de Venus con Tifeo, Ovidio Fast. 2. i en el otro, como se ve del propio Ovidio en ese lugar, solamente Venus se convirtio en peze: i assi siendo los desta constelacion dos, no podia entenderse este lugar del P. con essa fabula, sino con estotra. I porque Tifeo que avia puesto en huida los Dioses, aqui se vio burlado de Cupido, dirá el P. en persona de Venus hablando con Cupido, c. 9. e. 37. *Tu que as armas Tifeas tens em nada. Vease allá.*

XLIII.

Tam brandaméte os vétos os levavá, como quem o ceo tinha por amigo: sereno o ar, e os tempos se mostravá sem nuvens, sem receyo de perigo. O promontorio Prasso ja passavam, na costa de Etiopia, nome antiguo; (va quâdo o mar descubrindo lhe mostra novas Ilhas q em torno cerca, e lava.

Tan blandaméte los llevavá los viétos como quien tenia por amigo i favorable el cielo. Mostravanse serenos el tiempo, i ayre, sin nubes, o rezelo de peligro. Ya passavan el promontorio llamado Prasso; nombre antiguo en aquella costa: quando el mar descubriendose les mostrava nuevas Islas que ciñe, i lava en torno.

Ta brandaméte os vétos, &c. Virg. En. 1. comenzó con torméta, nuestro P. cõ tráquilidad, tomá iole el estilo del lib. 3. *Prosequitur surgens à puppi ventus eunes: o bien del 7. Cum venti posuere, omnisque repente rese dit flatus: i a esta ferocidad se sigue luego allá la vista de un bosque por donde corria el Tibre.*

*Atque hic Aeneas ingentem ex aquore luctum
Prospsicit. &c.* Assi aca al viéto suave, la vista de las Islas. El termino de pintar los viétos prospectos, le nos parece de Senec. en Agamen. acto 3.

*Hinc aura primo lenis impellit rates
Ad lapsa velis nude vix tactus levis*

Tranquilla Zephiri mollis ad flatu tremit.

I notad los misterios cõ que escribe el P. al principio de este canto; finge que Iupiter i Venus favorecen esta navegacion, i agora haciendo armonia

Tom. I.

Acon esse favor dize, que llevavan los navegantes ayre prospero; por quanto esse Iupiter, i essa Venus favorables, tienen parte en ese ayre, como vimos en las notas a la e. 20. ázia el fin, i en la 33

¶ Sem receyo de perigo: assi en la e. 14. del c. 2. Virg. lib. 5. *Carrit iter tutum non secius aequore classis, &c interrita fertur.*

¶ O promontorio Prasso ja passavam. Manuel Correa dize, q este Prasso es el cabo de las corriétes, i q Prasso en Griego significa verde, qual aquella tierra lo es, a poder de bosques: pero engañose en lo primero, porq el cabo de las corriétes no es el Prasso, sino el de Moçambique, conforme a Barros, i a Ortejo q le cita: i cõfornie al mismo P. q lo supo de estudio, i de vista: porq en la e. passada dize q los navegantes ivan agora entre la Isla de S. Lorenzo, i la costa de Etiopia: i esto no solo es mas allá del cabo de las corriétes, sino q el queda algo antes de entrarse por ella: i en esta e. dize q llegaró a muchas Islas, entre las cuales estaba la de Moçambique: i q el Gama por parecer le deshabitadas quiso passar adelante: i esto es, **O promontorio Prasso ja passavam.** pero yedo assi pasando, subivieró salir de la de Moçambique unos barcos, cuya gente les hizo tomar allí puerto; i todo esto consta desde esta e. hasta la 54. Declirase mejor en la 77. diciendo, *Para o Prasso sabido se moveo: porq finge el P. q Baco, o el demonio viendo que los negros Moros de Moçambique mostrava mala voluntad a nuestra gente q allí se hallava, aprovechose de la ocasião, i fue a meterse entre ellos, para acabar de exasperarlos cõtra ella; i para decir q fue allá dize q dio cõsigo en el Prasso sabido: este es allí donde la flota se hallava: luego si ella se hallava en Moçambique, esse es el Prasso: i el mismo P. lo dice leido con atención.*

¶ Na costa de Etiopia. Region de Africa, do minada de la Z. ma torrida: yo determino despedir poca prosa en aquello que es notorio a los q saben destos estudios geograficos: i que está muy a la mano en muchos libros, aun vulgares, para los q saben menos: i es mi intento solamente decir lo q no se ha de hallar en libros, si yo no lo dixere en este; que viene a ser el entendimiento del P. i la alegoria, i imitacião: i el P. no queda desentendido cõ q no digamos mas en este lugar, i semejantes; ni mas acreditado, porque nos dilatemos en medir toda la Etiopia, i numerar sus regiones, gentes, frutos, i costumbres.

¶ Nome antiguo. Dudamos si este nôbre antiguo se resiere al Prasso, si a la Etiopia: si es a el; antiguo es sin duda: si es a ella, dirálo porque tomó el nombre de Etiopo hijo de Vulcano; q con esto bien antiguo es: pero mas lo son otros dos que tuvo primero, que fueron Eterea, i Atlantica, i tâbié, porq algunos Filosofos como los Etnicos, tuvierón qla gente Etiopica, era la masanrigua eten mundo, i propia de aquella region, no venida de otra; i por esto llamada indigena: i porque conforme a Viod. Siculo lib. 4. los Etiopes fuerón os

primeros que dedicaron culto a los Dioses: de q se originò, el describir Homero en su *Ilia*, aque lla junta de Dióces en la Etiopia. *Et quidem simile vori est* (Diodoro alli) eos qui sub meridiem habitant, primos e terra homines fuisse natos. *Nam Solis calore terram, quæ humida est a refaciente, atque omnibus vitam dante decens fuit locum soli propinquiorem primo naturam animantiū tulisse.* Vease a Plin. i lo q diremos sobre la e. 9. del c. 3.

G Novasilhas, &c. Todo vía a imitacion de Virg. que en el lib. 1. refiere, pedaços de la navegacion de Eneas; i en el 3. (en persona del proprio a Dido) lo principal della derechamente. Assi el nuestro en este canto, i en el 2. refiere la navegacion de Vasco de Gama desde Moçambique hasta Melinde troncadamente: i en el 5. en persona del mismo Gama al Rey de Melinde, refiere por su orden lo principal de todo el viaje. I agora pedimos de cortesia a los curiosos, veá lo que mas añadiremos a esto sobre la e. 27. del c. 5. si quieren ver el arte cō que el P. dispuso este Poema, entredandole para hacerle gustoso, compitiendo con Virgilio en los primeros seis libros; porque los otros seis vía es historia derecha con algunos adornos, i en essa parte le imitò el gran Torquato, en que quedò inferior con gran distancia a Luis de Camoës, que imitò essotra, que es la verdadera hija del ingenio de Virgilio; i en conclusion, admirable.

G Que em torna cerca. Con el gran Batros descriviendolo en el cap. 4. lib. 4. Dec. 1. i dice desta manera. *Em bum pedaço de terra torneada de agua.*

XLIII.

Vasco da Gama, o forte Capitam, que a tamanhas empresas se offerece, de soberbo, e de altivo coraçam, a quem fortuna sempre favorece; Para se aqui deter nam vez razam, que inhabitada a terra lhe parece; por diante passar determinava; mas nā lhe succedeo como cuidava.

E L fuerte Capitan Vasco de Gama, que se ofrece a tamanhas empresas, con un coraçam altivo i soberano, a quien siempre favorece, ayuda la fortuna; no via razon, o causa para detenerse en estas Islas, por parecerle inhabitadas. Determinava passar adelante sin detenerse, pero no le sucedio como lo pensava.

G Vasco de Gama, &c. Sobre dezir el nombre entero, que no parece estilo poetico, diremos en la e. 33. del c. 8. Aqui por ser la primera vez que le nombra haze mas lugar a este estilo. Fue Vasco de Gama Cavallero de las condiciones que diremos sobre la est. 77. del c. 4. i logró la dicha

que embidiava Alexandro, i era ser cantado de un Homero.

G Forte Capitam. Por antonomasia, quiere el P. que el Gama sea conocido por Capitan fuerte; esto es valeroso; sufridor de un trabajo propio para los ombros de un Hercules, o Atlante. Algunas veces dà este epíteto de fuerte a las personas, como en la e. 14. del c. 1. *Castroforte:* i a toda la gente Portuguesa junta como en la c. 24 del mismo *daforte gente:* i en otras partes, todo con Virgil. que tambien se holgó de nôbrar assi otros sujetos lib. 1. *Fortemq; Gyan, fortemque Cloantum.*

G Que a tamanhas empresas aspirava: termino que se vè en la e. 2. del c. 4. i en la 77. del mismo lo dice de si el propio Gama.

G Desoberbo, e de altivo coraçam: as i en la e. 30. del c. 6 Ariosto c. 4. *E com'hom de alto, & de sublime core:* el soberbio vale aqui soberano; como en la e. 52. del c. 2. a donde avra que ver a este propósito.

G A quem fortuna sempre favorece. Como dixo en essotro verso que el Gama era de coraçam i pecho osado, alude en este, a aquello tan sabido, *Audaces fortuna iuvat.*

G Mas nam lhe succedeo como cuidava. Assi en las e. 70. 85. del c. 2. B. Taf. Florid. c. 3. *Mafu'l successo al suo desir diverso:* i en el 19 *Manon succede al suo desir l' effetto.* Barros, a quién i. uelio P. imita mucho, usa algunas veces este modo: una por todas. *Sucedeo o negocio muy diferente do que cuidavaõ &c.* Es en el lib. 8. de la Dec. 1. i termino sagrado. Machab. 1. cap. 6. *Non factum est ei sicut cogitabat.* El propio verso de nuestro P.

XLV.

Eys aparecem logo em companhia; hûs pequenos bateys, q vêm daquella que mais chegada à terra parecia, cortando o longo mar cō larga vella: A gente se alvoroça, e de alegria nā sabe mais que olhar a causa della. Que gente será esta? (em si deziam) que costumes, que ley, que Rey teria?

E Porque luego, veys, aparecen en compañía unos bateles pequeños que venian de aquella Isla que parecia estar mas llegada a la tierra firme. Venian cortando el prolixo mar con larga vela, con todo liengo por llegar presto. La gente se alboroça: i de pura alegria de la novedad no sabia mas de mirar la causa della. Deian entre si: Que gente será esta? que costumbres? que leyes? que Rey tendran?

G Eis aparecem, &c. Este aparecimiento de gente a los nuestros, se parece al que Ariosto hace en el c. 19. a Astolfo.

*Non fu quivi si tosto il legno sorto, &c.
che fur sei milla feme in sul' porto
con gli archi in mano, in habito di guerra.
I aun mas se parece este troço desta e. al otro de
la 23. del c. 42.*

*In questo tempo alzando gli occhi al mare
Vide Orlando venire a vela infretta
Un naviglio leggier, che di calare
Facea sembiante sopra l' Isolletta.*

¶ *Cortando o mar.* Frase usada muchas veces: i es por translacion del corrar de la tierra con el arado: no sin propiedad, porque quando los baxules van nadando, queda atras uno como rastro dellos, que dura un poco.

¶ *Vem daquella que mais, &c.* El aquella se refiere a una de las Islas q en la e. 43. dixo avian aparecido, i era la de Moçambique, como se ve de la e. 54. la qual desde acá parecia estar mas cerca del continente de la tierra.

¶ *Cortando o longo mar.* Luengo por largo, i largo, porque corriendo por entre Islas tiene mas de largo que de ancho.

¶ *Larga vela:* larga, por tendida toda: dada toda al viéto prospero: i el verso es larguissimo.

¶ *A gente se alvoroça, &c.* Tiene duda qual es la gente que se alvoroçava, si la nuestra, si la estrana: o si una i otra juntamente, porque igualmente era nueva nuestra flota para aquellos barcos, q ellos para ellas: i así podian concurrir en todos igualmente los deseos de tener noticias unos de otros, como el P. lo expime: i todavia crecemos habla de la barbara: porque ella es la que llevada de ese deseo de saber esto es la primera que lo pregunta a los Portugueses en la e. 50. ello es a imitacion de Virg. lib. 3. *Misloq; ingens exorta tumultu letitia.*

¶ *Que costumes, que ley, que Rey, &c.* Deseavan saber que gente seria aquella, que Religion rendria, i que Principe los dominava: assi e. 66. del c. 7. i semejante aparecimiento de bareles, i gente se nos bolverà a ofrecer en la e. 75. del c. 5.

XLVI.

*As embarcaçōes eram, na maneira,
muy veloces, estreitas, e compridas;
as vellas com que vem eram de esteira
de hūas folhas de palma bem tecidas:
A gente da cor era verdadeira,
que Faetam, nas terras acendidas
ao mūdodeu de ousado, e nā prudēte:
o Pado o sabe, e Lampetusa o sente.*

*As embarcaciones en la manera, en la forma
Leran muy veloces, estrechas, i largas: las ve-
llas de una esterilla de hojas de palma bien tex-
idas: la gente del verdadero color que dio al mū-
do en encendidas tierras, Faeton mas osado que*

Tom. I.

prudente: bien lo sabe el Pado; bien lo siente, i llora Lampetusa.

¶ *As embarcaçōens eram, &c.* Describe en esta e. los barcos facil i dichosamente: i comienza a describir la gente dellos.

¶ *Na maneyra:* quiere decir el modo i forma: i sobre decir que eran veloces, añade q eran estrechas i largas; señales de la velocidad; porque de esta manera obedecen mas al remo, o vela, i cortan mejor el agua, como entre nosotros las saetas, o vergantines. Estos de aquellos negros se llaman Almadias, Págayos, i Zambucos: esto ultimo llama Barros a estos Dec. t. lib. 4. cap. 2. i nuestro P. de esforras dos maneras, como luego ueremos: los Pangayos, o Zambucos son mayores que las Almadias.

¶ *Velas palma, &c.* Barros alli. *Comfias velas de palma. &c.*

¶ *Bem tecidas.* Por dos razones bien texidas; la primera para coger el viento; la segunda por bien labradas, por galanteria; que usan aquellos barbaros hacer buenas labores en las cosas que hazen de hojas de palma.

¶ *A gente da cor era, &c.* Dize el P. por este termino muy poeticó, que era negra aquella gente. Hallase en las fabulas que el color de los negros resultó de quando Faeton governando mal el carro del Sol abrasó mucha parte del mundo; i principalmente la Etiopia.

¶ *O Pado o sabc.* Termino de Virg. lib. 1. *Scit tristæ Minervæ. Sidus, & Euroisæ cautes, &c.* I de Sanaz. mas ajustadamente en un soneto de sus Rimas, parte 2. *Icaro cadde qui, queste onde il sanno.* M. Gio. Maria de la Valle en la cancion, *Lungo, &c. Italia il vide, & anco Iberia sallo.* Si de Miranda egl. 3. est 51. *El Sebeto o losa-*

be, &c. I en la catta tercera del mismo Faeton.

*Faetam no carro do dia,
Que elle por scumal pedio,
Sentio o a terra, e sentio
Hum río de Lombardia.*

Hallaránse semejantes frases en la e. 33. del c. 10. Dize el P. que el Pado sabe este suceso de Faeton, porque el cayo en este río, que por otros nombres es Eridano, i Pò, el mayor de Italia, i tiene su nacimiento en los Alpes: i dice tambien que Lampetusa lo siente, porque las hermanas

E de Faeton de dolor de verle perdido fueron cóvertidas en alamos a la orilla de ese río: i eran tres, Lampetusa, i Faetusa, i Lampetusa: acuda a los Autores de fabulas quien no la supiere. La galanteria con q el P. aqui toca estas es notable.

XLVII.

De panos de algodão vinhá vestidos;
de varias cores; brancos, e listrados:
húas trazem derredor de si cingidos,
outros em modo ayroso sobraçados.

K 3

Da

D'a cinta para cima,vem despidos;
por armas tem adagas,e terçados:
com toucas na cabeça , e navegando,
anafis sonorosos van tocando.

VEnian vestidos de paños de algodon, de varias colores , blancos, i listados : unos traen ceñidos al rededor de si; otros sobreçados en moço ayroso. De la cintura arriba vienen desnudos; por armas traen dagas; i terciados: con tocas en la cabeça: i navegando , van tocando sonorosos anafis.

T De panos de &c. El P. en esta est.no alude a quelllos negros para que le oygamos , si bien q̄ los ha ido buscar a Moçambique para que les se temos viendo vivamente. Que mas quisiera yo, que saber dezir en prosa, lo que ai está dicho en numero metrico? Alfin dize (yo lo he de echar a per.ter) que traian blancos paños de algodó listados de colores varios : unos ceñidos desde la cintura a baxo, otros cogidos ayrosamente debaxo del braço, aviédo caido desde el un ombro por debaxo del otro, como entre nosotros la capa: i que en el resto venian desnudos: i que traian por armas dagas , i alfanges: i en la cabeza (como M.ros) tocas: i navegando venian tañiendo algunos instrumentos.

T Da cinta.desde aquel lugar a donde se suele poner la cinta,o pretina.

T Anafis. Anafis es instrumento de la forma de chirimia con menos boca, i mas larguta, pero de metal. Ay aqui mucho que admirat por la felicidad con que en la e. passada, i enesta, i en otras está descrita essa gente, su aparecimiento, su trage, i su llegada a la nuestra. Mucho de Barros, en todo Dec. 1.lib. 4.cap. 2. a donde refiere esta llegada a Moçambique , aviendo referido el viaje hasta allí desde el cap. 1. i nuestro P. desde la est. 1.del c. 5.hasta 84 Pero Barros acá. Zambucos com velas de palmas a remo: a gente vinha tangendo, e cantando &c. com toucas na cabeça, e vestidos de algodam. Verlo sobre la e. 76. del c. 5. Castañeda lib. 1.c.5. descrevendo estos negros dizc. De panos de algodam listados , e de muitas cores, buns cingidos até o giolho, outros sobreçados como capas:nas cabeças fotas com vivos de seda labrados de fio de ouro, e traziam terçados Mouriscos, e adagas. &c.

XLVIII.

Co os panos, e co os braços acenavā ás gentes Lusitanas, que esperassem. mas ia as proas ligeiras se inclinavam para que junto ás Ilhas amainassem. A gente, e marinheiros trabalhava, como se aquí os trabalhos se acabasse.

A tomam vellas; amaina se a verga alta; da ancora o mar ferido, em cima salta.

C On los paños, i con los braços hazian señas a los Portugueses, de que esperassen. Pero ya las proas ligeras se inclinavan para que amainassen para ir a calar el liengo junto a las Islas. La gente, i marineros trabajavan con un contento como si allí se les acabassen los trabajos. Con las velas: cae la alta verga, antena: el mar herido de la ancla salta arriba.

B Com os panos, e com os braços acenavā, &c. Castañeda lib. 1. cap. 5. refiriendo este caso. Capetandolbes que os esperassem. Buena imitacion de las señas q̄ hacia Ariadna a Teseo en Ovid. epist.

Sin non audires, ut saltet cernere posse

Iactat a late signa dedere manus

Candidaque imposuit longe velamina virgæ.

T Mas ja as proas, &c. Estos seys versos de la llegada al puerto de Moçambique son lo de la de Encas a Italia. *Vela legunt socij , & proras ad littoratorquent.* En el 3.1 del misino al Tibre en el 7.

*Flectere iter socijs, terraque adverteire proras
Imperat, & latuſ fluvio ſuccedit opaco.*

T Como se os trabalhos se acabassem: es tomado de Barros, no al referit esta ocasión, sino la de Mombaça, q̄ fue tan mala como esta, cap. 5. Cuidando que tinham acabado o fim de seus trabalhos.

T Tomam velas, &c. Da ancora, &c. Assi en esto, como en la llegada, todo es Hom. Ilia. 1. *Ve la quidem collegerunt, &c. Funibus demittentes, &c. Anchoras jecerunt, &c.* Virg. 3. en dos lugares.

*Anchora de prora jacitur ſtant littore puppes;
Objecta ſalſa ſpumant aspergine cautes.*

D I Homero pintando el golpe q̄ en el mar dio el pedazo de montaña con q̄ Polifemo tiró a Ulis.lib. 9. alsi se acuerda del saltar del agua al caer el peso, como acá con la ancora. *Inundavit autē mare
descendente petra :* i esso ultimo q̄ ai se queda de Virg. No me hallo con bastiante elegancia para celebrar la con q̄ están dichas muchas propiedades en esta e. aquél hazer señas ; aquél obedecer de los nuestros ; aquél trabajar por llegarfe; aquél caer de las velas, i de las ancoras todo es admirable; i para q̄ é ena vez aya tenido semejante ocasión en el mar, aquí la estará viendo cada vez que se diere a leer ella e. que contiene la descripción de cinco o seis cosas juntas, cada una a qual mejor; i q̄ otro ingenio no igualara en cinco o seys estancias: repítese esto, c. 26.c.2.

XLIX.

Nam erā ancorados , quando a gente estranha pellas cordas ja subia; no gesto ledos vem, e humanamente o Capitam sublime os recebia.

As mesas manda por em continente:
do licor que Líeo prantado avia:
enchem vasos de vidro,e do q̄ deitā,
os de Faetaō queimadosnada engeitā.

No eran ancorados,a penas se avian echado
nas ancoras,i fundado las naos quando la es-
traña gente ya subia per las cuerdas : en el gesto
viene ledos,alegres;i el sublime Capitan los re-
cibia humanamente. En continente māda poner
las mesas:hinchense vasos de vidro del licor que
avia plantado Líeo;i de lo que echan nada dese-
chan los que mados de Faeton.

G Pellas cordas.Suele aver en las naves una ma-
nera de escalas hechas de cuerda por dōde se su-
be a ellas:i a veces solamente algunas sueltas q̄
facilitan la subida asidas con las manos, i ponien-
do los pies en el baxel.

T As mesas manda por, &c. Virg. 1. descriviēdo
las de Dido a Eneas, Regales inter mēsas laticeq; z
Liæu, &c. Pero derechamente es imatciō del 8.

.... Et iam nunc sociorum assuecite mensis.

Hac ubi dicta,dapes iubet,& sublata reponi
Pocula, &c. Mafeo hist. Ind. Gama dappes
apponi iubet, &c.

T Do licor que Líeo, &c. Cosa notoria es,q̄
Baco fue en la fábula el que primero plantó vi-
ñas,i que uno de sus nombres es Líeo.

T Enchem vasos.Virg. Georg. 2. Et Bacchi hu-
mor implevere, &c. Repirese en la e. 6 1. i en el
e. 7. la 75. Cō las etimologias destos nōbres de
Baco,i otros,no gastaremos tiempo,asi porque
son muy sabidas,como porq̄ se escusan quādolos
Autores no tienē fundado en ellas algú cōcepto.

Vasos de vidro. Porq̄ fuerō aqui estos vasos mas
de vidro q̄ de plata?porq̄ es el P. cuidadosissimo.
El vino por si solo alegra: pero en vasos de vidro
mucho mas:por esto se pinta la alegría cō una re-
doma de cristal llena de vino,q̄ queda formando
un rubi alegrissimo;i en semejātes ocasiones o-
bra mucho la alegría,i assi muestra el P. q̄ cō to-
dos generos della recibio el Gama esta gente pa-
ra inclinarla a si,no solo con el vino que concilia
las voluntades.

T Os de Faetam quemados: perifrasis de los
negros por lo dicho en la e. 46.

T Nada engeitam, &c. illi convivium non af-
permuntur. Mateo alii. Tambien este combite es
a imitacion del que Eleno mandó dar en Caonia
a los Troyanos. En. 3.

Aulai in medio libabant pocula Bacchi
Impositus auro dappibus,paterasq; tenebant.
L.

Comendo alegremente preguntavā
pella Arabica lingoa; donde vinham?
quem eram?de que terra?que buscavā?

A ou q̄ partes do mar corrido tinham?
Os fortes Lusitanos lhe tornavam
as discretas repostas que convinham:
os Portugueses somos do Occidēte;
imos buscando as terras do Oriente. .

C Omindo alegremēte, preguntavā en lēguā
Arabiga,de donde venia?quiē erā?de q̄ tie-
rra?q̄ buscavā?o q̄ partes del mar tenia corrido?
B Los fuertes Lusitanos les bolviā las discretas res-
puestas q̄ cōvenia;diziédo: Somos los Portugue-
ses del Occidente:las tierras del Oriente vamos
buscando.

T Comendo alegremente preguntavā. Pregúta-
vā,i comian rodo alegremente; i es mezcla muy
natural esta;i mas en esta ocasion,mostrando que
el cōbrite,i e! vino no los desviava,ni les suspédia
el alborozo de saber va quiē erā los navegantes.

T Pella Arabica lingua. Hablavan estos ne-
gros la lengua Arabia,porque eran Moros.

T Quem eram?de que terra? &c. Homero en
el 3. de la Vlissea quando Telemaco navegava
buscando a su padre ,finge que assi le pregunta
Nestor. O Hospites! qui estis? unde navigatis bu-
midas vias? i en el 9.pregunta Polifemo lo mis-
mo. Virgil. En. 1.

Sed vos qui tandem? quibus aut venisist ab oris?

Quo ve tenetis iter? &c. Preguntava Venus
disfracada a su hijo Eneas, quando salio en tie-
rras de Cartago:i el Rey Latino en el 7.

Quid petitis? que causa rates,aut cuius egēteis
Littus ad Ausonium tot per vada cœrula vexit?

I Palante en el 8.

..... Juvenes, quæ causa subegit,
Ignotas tentare vias? quo tenditis? inquit;
Qui genus? unde domo? pacē ne huic fertis, an arma?

Desta manera preguntan acá los Moros:i con
estos mismos Autores son respondidos de los na-
vegantes. Agora.

T Os Portugueses somos, &c. imos buscando,
&c. Assi luego en esforas e. 52. 64. i en el c. 2.
80. Al P. en la respuesta,assí como en la pregun-
ta,le fue Homero llevando la mano,respondien-
do Vlisses a Polifemo, Nos a Troia errates Achæ-
vi, omnigenis ventis, super magnam undam maris
dum cupientes, per aliam viam alios cursus ve-
nimus. Vease esto en la e. siguiente, que allá toca
tambien, i tambien a la 25. del c. 7. Virgil. illi,
ti asladadole como siempre, Nos Troia antiqua,
&c. Sū prius Æneas, &c. Italiā quero patriam.
Barros alii. Hū começou por Arabigo a preguntar
que gente era, e que buscavā? ao que Gamafez re-
pôder q̄ erā vassalos del Rey de Portugal. Algo de
lo q̄ dice aquí deste Moro, diremos a buena oca-
siō sobre la e. 24.del c. 7.el P. va escusandō indus-
triosamēre menudēcias de la historia;i yo rábien
las quiero escusar por parecerme a el.

LI.

Do mar temos corrido, e navegado
toda a parte do Antartico , e Calisto;
toda a costa Africana rodeado,
diversos ceos, e terras temos visto.
De hú Rey potéte somos, tā amado,
tam querido de todos, e bem quisto,
que nā no largo mar , com led a frôte,
mas no lago entraremos de Acherôte.

DEl mar tenemos corrido , i navegado toda la parte del Antartico i Calisto: rodeado toda la costa Africana,i tenemos visto tierras,cie-los,climas diversos. Somos vassallos de un Rey potente,tambien quisto,amado, i querido de todos, que por el no solamente entraremos en el inmenso mar con frente alegre; sino aun en el lago horrido de Acheronte (en el infierno) entra-remos por el.

G Do Antartico e Calisto. Quiere dezir (por diferente modo del con q ya lo dixo en la e. 27.) desde el Norte al Sur: entendiendo por Antartico,aquella constelacion del Sur ; i por Calisto la del Norte,que es la Vrsa en que fue transformada Calisto conforme a la fabula. Vease: i en la e. 15.del c. 5. Ario. c. 3. Tra quanto è in mezzo Antartico e Calisto: trasladole Garcil.al fin de la eleg. 1.

¶ Toda a costa Africana rodeado: rodeada tenia toda la costa de Africa; porq despues del Estrecho de Gibraltar,hasta Moçambique, en q se hallaran todo es costa de Africa, aunque cō diferentes nombres de provincias: i dice rodeado, que vale andar a la redonda, porque desde el Cabo de Nam, hasta el de las Palmas vā toda aquela tie-rra entrando por el mar con un gran giro, i des-pues de averse el entrado por ella con otro, que es desde ese Cabo de las Palmas hasta el del Fa-dron, comieça a correr por las aguas el de Bue-na Esperança, obligando a que los navegâtes va-yan passando muchas leguas con el rostro en el Sur, i que despues le buelvan las espaldas, ponié-dole en el Oriére:i porque todo esto es andar gi-rando,dize el P.con propiedad,rodeado.

G Diversos ceos e terras. Entiéde diversos ay-res,climas,Regiones,Provincias; tomâdo el cie-lo por clima. Virg. Georg. 1. Et variū cæli præ-discere morē, &c. primero Lucrécio, In hoc cælo, &c. Orac.od. 8.lib. 2. Italoq; cælo. Iprimero q to-dos Alejandro en la carta q escrivió desde la In-dia a su Maestro Aris. Scribèdū tibi de Regionibus Indiae, ac de statu cæli, &c. el P.c.4.e.76. Aquí el estílo es de Virg. En. 1. Diversa per æquor. i vectos

¶ De bum Rey sômos, &c. El mismo c.2.e.80. Hom. Vlif. 9 así haze respôder Vlif.p: regûrado de Polifemo, Populi autē Atrida Agaménonis gl

A riamur esse, cuius nūc ingēs sub cælo gloria viget.
¶ Ledafronte. Ver lo que diremos sobre las e. 147.i 149.del c. 10.sobre esta frente alegre.

¶ Mas no lago entraremos de Acheronte. Lo q dizen aqui los Portugueses al Moro , dize el P. dellos al Rey don Sebastian, c. 10.e. 148. Demo-nios cometerám, &c. i en el c. 4.e. 80.lo dize de si el Gama. En quattro maneras se entiende el ba-xar al infierno: de xádo dos,diremos dos. La no-toria:es de Fè,q quien por culpas pierde la gra-cia de Dios, i assi muere vā al infierno : la otra se entiende entrar cada uno en el conocimiento de los vicios, i corroborado con la virtud huir de-llos: i esto es lo que Virg. en el 6 quiso molstrar en Eneas fingiendo que baxó al infierno: i lo que Dáte imitô en el suo: i esto es lo que en essos lu-gares ofrecen los Portugueses a su Rey, como si dixeran : En virtud de vuestro merecimiento , i nuestro amor para con vos, todos nos converti-remos en valor para constituirnos en lo mas ilus-tre de la grandeza, i de la fama , por el medio de qualquier horrido trabajo,aun infernal.

¶ Lago de Acheronte. Muchos ríos ay de-ste nombre; pero siépre los Poetas por el entienden C uno que las fabulas dizé ay en el infierno, por el qual fingen que el barquero Caronte pasa las al-mas a las estancias infernales. Fue Acherôte hijo de Ceres,partido en lugar oculto de Creta; i por-que no podia ver la luz le echaron al infierno a donde se transformó en este río. Tiene muchos compañeros en el mundo, por no sufrir la luz de la verdad. Vease a Lilio Giraldo, i Vicente Cat-ratio de imágenes Gentilicas.

LII.

E por mādado seu buscâdo andamos
a terra Oriental,que o Indo rega:
por elle o mar remoto navegamos,
que sò dos feos Focas sè navega.
Mas ja razam parece que saibamos,
se entre vos a verdade nam se nega,
quem sois? q terra he esta q habitais,
ou se tendes da India algums finais?

E Por su mandado andamos buscando la tierra Oriental,q riega el Indo.Por el navegamos el remoto mar q solamēte se navega hasta oy de las vallenas horribles (esso es feos focas) Pero ya pa-rece razô q sepamos de vosotros (si la verdad en tre vosotros no se niega) quié sois? qtierra es esta q habitais, o si teneis algunas señales, de la India?

¶ E por mādado seu, &c. continuâ los navegâ-tes en dezir quien son, i a dôde vā: todo a imita-cion de Ilioneo Embaxador de Eneas lib. 7.

..... Rex ipse de gente suprema
Troyus Æneas, tua nos ad limina misit.
I tambien imitô el otro lugar , an que Eneas dà cuen-

cuenta a Dido de las causas de su navegacion, siendo la principal obedecer a los Dioses , como el Gama a su Rey, lib. 3. *Et desertas quereret terras augurijs agimur divum.* Sirven estos lugares a las est. 50.64.i en el c.2.a la 80. i en el 7.la 70.

G O Indo rega. Vease en la e.74.del c.4.

P Por elle. Quien? el Indio, o el Rey? No me atrevo a determinarlo: i de qualquier modo está bien: puesto que mejor para del Rey , por lo que dizen en la e. anteced.

G O mar remoto Entiende no navegado hasta agora; qual era el desde el Cabo de Buenaespe-rança halta allí.

P Que so dos feos Focas se navega. Atrás e.19. en quanto a estos animales maritimos : i el dezir aqui ; que ivan passando un mar que solamente dellos es navegado , es descubrir con valiente imagen la osadia Portuguesa ; como si dixera: Echamonos a un mar inmenso no conocido ; co-mo si fueramos pezes horrendos que no le temé.

P Mas ja razam parece. Congran providen-cia hizo, que los Moros fuesen primeros en pre-guntar : i que los navegantes fuesen segundos; despues de aver sazonado aquella gente con el combite,i con el vino;atendiendo a que los Mo-ros generalmente son maliciosos:i podrian mali-ciar más , si nuestra gente se apresurara a las pre-guntas;i todo esto no ies valio.

P Se entre vòs a verdade nani se nega. Paren-tesis cuidadosissimo, aludiendo a que los Moros jamás hablan verdad.

P Quem sois, que terra be esta? &c.. Parte des-to preguntava Ulises a Minerva, que le aparecio disfraçida en el puerto de Alcino, *Hominum qui hanc civitatem , & terram habitant?* I lo mismo Eneas a Venus, en el bosq.e donde Virgilio tra-fladando a Homero la hizo aparecer tambien dis-fraçada,lib.1.

O quā te memorē Virgo? nāq; baud ubi vultus, &c.
Et quo sub cœlo tandem, quibus orbis in oris
Iactemur doceas: ignari hominumque locorumque
Erramus, &c.

I tambien se imitan en estas preguntas i res-puestas, las de Eneas en los campos Eliseos, lib.6.

Dicite fœlices animæ, &c.

Quæ regio Anchisen? quis habet locus? illius ergo
Venimus, & magnos Erebi transnavimus amnes.

I responden eilas.

Nulli certa domus: lucis habitamus opacis;
Riparumque toros, & prata recentia rivis
Incolitus, &c.

Que puntualmente es la respuesta que dieron es-to Moros en las estancias siguiétes, en que tam-bien se imitan otros lugares como luego ver-e-mos , para que se vea como el Poeta lo va tocán-do todo.

LIII.

Somos (hū dos das Ilhas lhe tornou) estrangeiros na terra,ley,e naçam;

A que os propios sam aquelles q̄ criou a Natura sem ley,e sem razam.
Nos temos a ley certa que ensinou o claro descendente de Abraham, que agora tem do mundo o senhorio; a may Hebrea teve,e o pay Gentio.

V No de los Isleños les bolviò tal respuesta: Nosotros somos estrangeros desta tierra , i de su ley,i de los nacidos en ella:porque los pro-prios naturales suyos son aquellos que la natura-leza crío sin razon , o ley. Tenemos nosotros aquella notoria , i segura ley que nos enseñò el claro descendente de Abraham , que tiene agora el dominio del mundo ; tuvo la madre Hebrea, i Gentil el padre.

P Somos(bum dos,&c.) Los Portugueses pre-guntaron a los negros a imitacion dessos lugares que ai truximos; i destos. Eneas preguntando a Achemenides en la Isla de los Ciclopas , i ellos les entraron a responder como èl en el lib. 3. de la Eneyda.

Cum patria ex Ithaca, comes infelcis Vlyssi
Nomine Achæmenide, Troiam genitore Adamastio.

P Estrangeiros,&c. que os propios,&c. Res-ponden, que ellos son estraños en aquella tierra,i que los propios naturales della viven como bar-baros , sin conocimiento de ley alguna : i de la propiedad destos en esa tierra constará de lo que diximos sobre la e.43. Vease. Responden más,q̄ ellos siguen la doctrina de Mahoma,que es el des-cendiente de Abraham,por serlo de Agar,en quié esse Patriarca nvo a Ismael , tronco de toda la Morisma. El P.e. 110.del c. 3.i 100.del 4. Ver el Genesis. Damian de Gees en la Cronica del Rey don Manuel,cap. 36.refiere algo desto dife-rente de Iuan de Barros : pero la sustancia es la misma.

P Os propios sam aquelles que criou a Natura sem ley. Dizen los Moros aqui por este modo;que los naturales de aquella tierra son los que llaman Cafres ; como realmente son : porque Cafres en Arabigo vale gente sin ley , i bestial , como ellos son en todo.

P Ley certa,&c.o claro,&c. Ellamar a la se-pta de Mahoma ley cierta; i a él claro , es venera-cion del Moto,que habla a su modo.

P Agora tem do mundo o senhorio. Dizelo por el gran poder , i por lo mucho que los Moros oy ocupan del mundo.

P A may Hebrea teve , e o pay Gentio. Sobre el tiempo en que comenzó Mahoma ay varias opiniones : dexo el averiguarlas a algunos Co-mentadores,que sean más eruditos , i amigos de citas : i digo con la mejor, que comenzó por los años 622. i que nació en Itrarip, lugar pequeño de Arabia:su padre se llamò Abdela, i era Gentil

de la familia Corax, que procedia de Ismael. Su madre Emina, Hebrea popular : de la criancía de sus padres recibió las dos doctrinas Hebrea i Gentilica. Polidor. Virgil. lib. 7. Blendo en el 6. Barros Dec. 2. lib. 10. cap. 6. i esto es lo que viene a contener esse perifrasis de Mahoma , que en estos quatro versos hizo el P. docta i facilmente.

LIII.

Esta Ilha pequena, que habitamos, he em toda esta terra certa escala de todos os que as ondas navegamos de Quiloa, de Mombaça, e de Sofala. E por ser necessaria procuramos, como propios da terra, de habitala: e porque tudo emfim vos notifique chamase a pequena Ilha Moçambique.

Esta pequena Isla que habitamos es cierta, conocida escala en toda esta tierra, de todos los que navegamos las ondas de Quiloa, Mombaça, i Sofala. I por necessidad, no gusto, procuramos, insistimos en habitarla, como si fuessemos naturales della: i para que os lo declare todo, llamase Moçambique la pequena Isla.

¶ De Quiloa, de Momb. &c. Son lugares por la costa, que corre hasta Melinde, tales que lográs casi todos los regalos de nuestra patria; i aves q nosotros no logramos: aqui labraron los Portugueses fortaleza con las armas, echando de allí los barbaros. Barros Dec. 1. lib. 10. cap. 1. dize, que todo lo que se llama Reyno de Sofala es una Region grande señoreada de un Principe llamado Benomotapa, la qual ciñen como Isla dos braços de un río, que procede del lago mas notable de toda Africa, muy deseado de saber de los antiguos, por ser la cabeza oculta del Nilo, de donde tambien procede el Zayre: el qual lago tendrá de largura mas de cien leguas; i queda teniendo essa Isla que hazen essos braços mas de 750. Sirve tambien esto para la est. 13. de i c. 5. i para la 95. del 10. Sofala es poblacion regada de un río deste nombre: tiene Reyes obedientes al nuestro.

¶ E por ser necessaria. Declaran, que de pura necesidad habitan en Moçambiques: i esto es por ser ella poco saludable: está en altura de catorce grados: ha sido sepulcro de mucha gente Portuguesa; assi como tambien es refugio.

¶ Como propios. No dice que son propios, porque ya atrás dixo que no lo eran: sino que la habitan como si fueran propios, o naturales della, por respeto del interés del comercio que apuntó.

¶ Chamise, &c. El Barros alli cap. 3. Responde, que aquella povoação se chamava Moçambique. Esta estancia, i la passada, tienen de Barros es-

to en el cap. 4. dellib. 4. *Os povoadores da qual A eram Mouros vindos defora. I despues: Os quaes fizeram aquella povoação como escala de Quiloa, e da mina de Sofala. I conforme a Castañeda lib. 1. cap. 6. dixeron estos barbaros, que desde allia Calecut avia novecientas legnas.*

LV.

E ja que de tam longe navegais, buscado o Indo Idaspe, e terra ardete, Piloto aqui tereys, por quem sejais guiados pellas ondas sabiamente.

BTambem serà bem feito que tenhais da terra algum refresco, e q o Regente que esta terra governa, que vos veja, e do mas necessario vos proveja.

CI Ya que venis navegando desde tan lejos en busca del Indo Hidaspe, i de la ardiente tierra; aqui tendreis Piloto por quien sabiamente sereis guiados por las olas. Tambien serà bien hecho, q tengais algun refresco de la tierra aqui, i que el Reginor que la govierna os vea, i provea de lo mas necesario.

¶ Buscado o Indo Hidaspe. Quiere dezir nuestro P. que buscan el Indo por aquella parte que el Hidaspe entra en él; que viene a ser lo mas llegado a la marina; o por donde fue Rey suyo Hidaspe: porque este río pasa allá entre Parros i Medos, que fueron dominados de un Principe del propio nombre. Està dicho esto como en Virgil. Georg. 4. *Aut Medus Hydaspes, mejor coino Vida Bombyc. lib. 1 Gangesque, Tigrisque tremunt, atque Indus Hydaspes.* Minturno impeçando un Soneto del lib. 1. *Quanti dal Tago Hispanz al' Indo Hydaspes.*

¶ Terra ardente. Ardiente, o porque en ella nace el Sol, i es calida; o porque es madre de las especierias que en este Poema siempre llama ardientes con propiedad, c. 2. e. 4.

¶ E do mais necessario, &c. Assi fenece tambiõ la e. 2. del c. 2.

LVI.

Isto dizendo o Moro, se tornou a seus bateys com toda a companhia: do Capitam, e gente se apartou com mostras de devida cortesia.

Nisto Febo nas agoas encerrou co o carro de cristal o claro dia; dando cargo à irmã que alumiasse o largo mundo em quanto repousasse.

DIziendo esto el Moro bolviose con su compaña

pañía toda a sus bateles: apartandose del Capitá con muestras de devida cortesia. En esto el Sol encerró en el mar el claro dia con el cristalino carro, dando a su hermana el cuidado de que alumbrase el mundo mientras él reposava.

¶ *Nisto Febo, &c.* Assi en sus Rimas al fin de la Egl. 7. excelente mente.

*Quando Febo nas agoas se encerrou
co' os animais que o mundo alumiaavam;
e co' o luzente gado apareceo
a celeste Pastora pello ceo.*

Assi en el c. 2. est. 89. Todo quiere dezir, que se puso el Sol, i salió la Luna, acompañada de las estrellas. Bern. Tasso, Floridante c. 1.

*Tosto che 'l Sol nel liquido elemento
tuffò le chiome sue aurate e belle,
e Cintia apparse col suo crin d' argento
su'l carro; e 'n torno le notturne ancelle.*

I en el c. ult. del mismo.

Il Sol il carro aurato, &c. Scondesse del mar nelle ondas salte. Esto es de muchos Latinos, i vulgares; i en tal caso traygo lo que primero se me ofrece, de lo que más el P. imitó.

¶ *Dando cargo airmam.* Esto es, dexando a la Luna el alumbrar el mundo, por ser su hermana, como es notorio: i dice que le dà el cargo, porq; ella recibe dèl la luz. Seneca en Hipolito acto 1. en contrario.

*Arsit obscuri Dea clara mundi
Nocte deserta, nitidusque fratri
Tradidit currus aliter regendos*

Bern. Tasso en la Tisbe.

..... *Nelle streme
Parti de l' Occidente andava il Sole,
Et mandava nel ciel la sua sorella.*

Assi en su Amad. c. 31. i assi la gran Marquesa de Pescara Son. 38.

*Parmi che 'l Sol non porga il lome usato
Ne che lo dia si chiaro a sua sorella.*

¶ *Em quanto repousasse.* Puede entender del Sol, que dizen las fabulas, que reposa en el mar fecido el dia; pero es mejor entenderse del Emisferio, que reposa en tanto que el Sol vâ a alumbrar otro, i la Luna queda en este q; él dexa.

LVII.

A noite se passou na lassa frota com estranha alegria, e nam cuidada; por acharem da terra tam remota, nova de tanto tempo desejada.

Qualquier entam cõigo cuida, e nota na gente, e na maneira desusada; e como os que na errada seytá creram, tanto por todo o mundo se estenderá.

P Assò se la noche conestrâa, i no creida alegría en la flota fatigada: porque hallavan de

A la remota parte de la India las nuevas que desca van tanto tiempo avia. Cada uno entre si piensa, i pondera con la vista de aquella gente, i modo no acostumbrado, como aquellos que creyeron en la secta falsa, i torpe de Mahoma, se estendieron tanto por todo el mundo.

¶ *Lassa frota.* Assi ya en la e. 29.

¶ *Nam cuidada.* No pensada: porque como vimos, no imaginando el Gama que avia gente en aquellas Islas determinava passar por ellas: en la e. 44.

B ¶ *De tanto tempo desejada.* Deseada era de mucho tiempo esta nueva en dos maneras: una de los Reyes de Portugal, porque este descubrimiento se comenzó viviendo el Rey don Iuan Priniero: otra de los navegantes, que ya avia nueve meses que navegavan sin noticia alguna; q para navegacion es mucho tiempo.

¶ *Qualquier entam, &c.* No pierde lance el P. Es bonissimo, i muy natural, esto de hazer quedar admirados, i discursivos los navegantes, aviédo visto aquella gente, assi en su modo, que no eran usados a ver, como en su possession por todo el mundo, mereciendolo tan mal.

C ¶ *Os que na errada seytá creram.* Es la de Mahoma llena de yerros: i los que creen en ella esfoss Moros.

¶ *Tanto por todo o mundo, &c.* Concuerda esta admiracion de los navegantes con lo que les dixeron los Moros en la e. 53. verso 7. i con lo q dice el P. con otra ponderacion en las e. 2. i 14. del 7. i en la 6. deste. I aqui es un modo de admiracion, de que quien tiene tan mala creencia, lo grie tanto mundo. Son juizios de Dios.

LVIII.

D Da Lúa os claros rayos rutilavam
D pellas argenteas ondas Neptuninas.
as estrelas os ceos acompanhavam
qual campo revestido de boninas.
Os furiósos ventos repousavam
pellas covas escuras peregrinas.
Porem da armada a gente vigiava,
como por longo tempo costumava.

E L Os claros rayos de la Luna rutilavan por las argenteas ondas Neptuninas, por el mar: las estrelas acompañavan los cielos, qual de boninas, de flores revestido el campo. Los furiosos vientos reposavan por las escuras, peregrinas cuevas: pero la gente de la armada velava, como acostumbrava por largo tiempo.

¶ *Da Lúa os claros, &c.* No se puede mejorar una descripcion de noche serena, i cielo estrellado, passada sobre el mar: hasta los mismos versos están serenissimos. Los primeros dós son a imitacion de Stacio, Theb. 2. *Flammeus aeratis Lunae*

na tremor errat in armis. Estando acá las aguas claras, por las armas limpias; mejor en Mario de Leo c. 1. de Amor preso.

*Le acque porgon splendor. ebe de la Luna
le ripercote il tremolante lume.*

Esto veremos del Sol en las armas, e. 61. del c. 6.

¶ *Ondas Neptuninas.* El P. c. 9 e. 49. *Aqua-Neptunina.* Por maritinia, siendo Neptuno el Dios del mar en las fabulas. El P. imitó derechamente en este lugar, aquel de Virgilio lib. 6. ilustrandolo mucho.

Aspirant aure in noctem. nec candida cursum

Luna negat. splendet tremulo sub lumine pontus. No quedó olvidado Orazio lib. 2. Od. 5. *Vt pura nocturno renidet Luna mari.*

¶ *As estrelas os ceos acompanhavam Sanazar.* Arcad. Egl. 2. *Le stelle n^e accompagnano, & la L-una.* Dize los cielos, porque en todos los primeros ocho ay Planetas, i estrellas, que todas son las láparas de la noche.

¶ *Qual campo riveftido de boninas.* Flores del cielo llamó el P. derechamente a las estrellas en su Egl. 1. *De flores mil o claro ceo se esf ialta.* Bella metafora: i tiene mucho de aquello de Ausonio en el Idilio 14. de la Rosa.

*Ambigeres, raperet ne rosis Aurora ruborem
An daret; & flores tingeret ortadies, &c.*
I el resto irá sobre la e. 61. del c. 9. que en parte haze a este proposito.

¶ *O furiosos ventos reposavam* Por metafora se dice, que reposan los vientos, i duermen, así en la e. 110. del c. 2. Vease allá.

¶ *Pellas covas escuras peregrinas.* Las moradas de los vientos en la lección Poética, son cavernas de que es Rey Eolo: i èl agora los tenía en ella, i estaban fossegados: esto es, que reposavan: el *peregrinas* vale remotas, profundas mucho: i el *escuras* tambien mira a esto. Virgil. lib. 1. *Luftä-tes ventos, &c.* *Imperio premit, &c.* *Sed Pater omnipotens speluncis abdidit atris, &c.* Sospechamos lo dixo con nuestro P. el gran Tasso Liber. c. 13. e. 56. *Nelc spelonchesue Zefiro tace.* I todo es la figura Metálesis, especie de Metonimia, troppo Retorico.

¶ *Porem, &c.* Advierte el P. que aunque el tiempo, i el cielo, i el mar estavan serenos, i los Moros parecia estavan de buen animo, velavan los navegantes: enseñando, que ningunas buenas señas han de hazer dexar el cuidado, i preventión.

LIX.

Mas así como a Aurora marchetada os fermosos cabellos espalhou no ceo sereno, abrindo a roxa entrada ao claro Hiperionio que acordou; Começa a embandeirarse toda a arma e de toldos alegres se adornou, (da,

A por receber com festas, e alegria, o Regedor das Ilhas que partia.

¶ *Asassi como, luego que la matizada Aurora espaciò sus hermosos cabellos en el sereno cielo, abriendo la roxa entrada al claro Hiperionio que despertò; comienza a llenarse de vanderas la armada: i adornarse de alegres toldos, para recibir festivamente al Regidor de las Islas, que partia a verla.*

¶ *A Aurora, &c. espalhou.* Homero Iliad. 8. *Aurora quidem diffensa est, &c.* Para el estilo de espalhou, o espaciò, i para esto, i el resto, Virgil. lib. 4. i en el 9.

*Et iam prima novo spargebat lumine terras,
Tithoni croceum linquens Aurora cubile.*

I con la parricula de los cabellos en una de sus descripciones, de *Ortu Solis*, si son suyas, *Aurora fulgebat roseis Aurora capillis.* Tambien aqui anduvo Ariosto c. 18. *Per tutto sparsi hebbi i fulgenti rai.* El P. se imita e. 13. c. 2. El *marchetada* vale esmaltada: porque todo es una hermosa labor, i composicion de pedacitos de colores varios: en madera es taracea, i en piedra mosaico.

¶ *Ao claro Hiperionio, &c.* La Aurora vino delante del Sol trayendo la mañana. Hiperion es el mismo Sol, llamado así de su padre. Con el describió tambien Virgil. el amanecer en Culex.

*Tendit in evectus radios Hyperionis ardor,
Lucidaque æterno ponit discrimina mundo.*
Bern. Tasso, Florid. c. 17. e. 2.

*Il di seguente al bor cb' a noi ritorno
Facea il vagofigliol d' Hyperione.*

Por esto al Sol no pocas veces dà el epíteto de Hiperion Homero. Todos le imitaron en esto, como en todo. Sirva Festo Avieno agora, *Hyp-erionij flagrat via Solis.*

¶ *Que acordou.* Recordó el Sol, esto es, que salió: porque se dice del metafóricamente, que duerne, i despierta: por el esconderse a la noche, i aparecer a la mañana, siendo él el Autor de la una, i de la otra faltando, o asistiendo. Conforme a esto diximos en nuestro Narciso, *Se acuesta en vidros, i despierta en flores.*

LX.

Partia alegremente navegando, a ver as naos ligeyras Lusitanas, com refresco da terra, em si cuidando, que sam aquellas gentes inhumanas, que os aposentos Caspios habitando, a conquistar as terras Ásianas vieram; e por ordem do destino o Imperio tomaram a Costantino.

¶ Partia navegando alegremente a ver las lige- ras

ras naves Lusitanas, con refresco de la tierra, pê-
sando en si, consigo, que son aquellas inhumanas
gentes, que habitando los aposentos Caspios, vi-
mieron a conquistar las tierras Asianas: i por ordé
del destino tomaron a Costantino el Imperio.

¶ *Naos ligeiras.* Ligeras, porque no eran grá-
des, i ivan sin carga.

¶ *Cuidando em si, &c.* Tenia para si el Regi-
dor, que los navegantes eran Turcos: porque es-
tos son los que habitavan los aposentos, o cho-
ças, o grutas de los montes Caucaso, junto al
mar Caspio en la Scitia: gente que siendo de cos-
tumbres fieras (eso es inhumanas) vino a devas-
tar la Asia, i a ensenorearse de la mayor parte
del mundo: para que sea siempre cierto, que los
viles sujetos han de ser en él los poderosos: i fi-
nalmente ganaron la ciudad de Costantinopla,
adonde el Emperador Costantino avia passado
la Silla del Imperio, despues que con gran zelo, i
animó diò a san Pedro la ciudad, i Estado de Ro-
ma. Sobre lo primero se declara el P.e. 62. *Lhe-
dezia, se por ventura vinham de Turquia.* Sobre
lo segundo vamos al finde la e. 12. del c. 3. por
escusar repeticiones.

¶ *Por ordem do destino.* Por permission divi-
na quiere dezir, fin la qual ninguna cosa se mue-
ve, i que los humanos no entienden como perpe-
tuos ignorantes de las causas, aunque vean los
efetos. Vea de desto en la e. 12. del c. 3. Confor-
me a Barros en el lugar citado sobre la e. 49. ya
este Governador no podia creer mucho que eran
Turcos los navegantes, porque el Moro que les
avia hablado, i le fue dar aviso, aunque lo avia
creido antes que les hablasse, ya iva desengaño-
do desso. Barros alli, *E vendo que o trajo dos nos-
sos nam era de Turcos, &c.* Pero el P. pudo, i de-
via como tal hazer estas mundanças: i sobre to-
do el Governador no vino a la armada: porque
el Moro avia maliciado sobre la novedad de nues-
tra gente en su puerto, i comenzaron a proceder
con caurelas, que el P. va dilatando por eslas est.
i por adorno hinge, que el Xeque vino: bien es
verdad, que Castañeda lib. 1. cap. 6. dice que si: i
tambien Goes en el cap. 37. En la e. 63. acabare-
mos de mostrar la causa de insistir los Moros en
preguntar si eran Turcos, aviendo visto señas de
que no lo eran.

LXI.

Recebe o Capitam alegremente
o Mouro, e toda sua companhia;
dalhe de ricas peças hum presente,
que só para este effeito ja trazia:
Dalhe conserva doce, e dalhe o ardente
nam usado licor, que dà alegria.
Tudo o Mouro contéte bem recebe,
e muito mais contente come, e bebe.

A R Ecibe el Capitan alegremente al Moro, i a
toda su compañía: dale un presente de ricas
piezas, que ya traia solo para este efero. Dale
dulce conserva; i dale el ardiente no usado licor,
que dà alegria: todo el Moro contento recibe
bien; i mucho más contento come, i beve.

¶ *Receive o Capit &c.* Estos cinco versos pri-
meros casi se hallarán en la e. 77. del c. 2. con la
misma ocasion; i que los recibio alegremente en
la 16. del mismo. I el repetit cinco versos juntos
no es ageno de la grandeza, i cuidado. Virgilio
traslada en el 8. de la En. otros cinco del 4. de la
B Georg. adonde está este, *Illi interfesse magna vi-
brachia tollunt.* I lo que es más, que deviendo ser
solo de la muerte de Turno aquel ultimo con que
fenece el Poema, *Almaque cum gemitu, &c.* lo
usó en la de Camila, que avia sucedido poco an-
tes.

¶ *Dalhe de ricas peças, &c.* Embióle el Ga-
ma por aquel Moro principal de los que avian
venido el dia antes, algunas piezas de las que ya
llevava prevenidas para semejantes personas; por
estar entendido, que en todo el mundo, quien en-
tra p diendo ha de entrar dando, si quiere llevar

C esperança de alcançar lo que pretende. Nunca lo
veo tanto como al ver, que Reyes, i Príncipes &
quien no falta nada, se huelgan de que les dén al-
go, como si les faltara todo: i hazen por esto lo q
sin esso no avian de hacer. Este presente contenía
dos marlotas coloradas, unos sombreros, bacias
de laton, corales, i cascabeles; que todo el barba-
ro estimó poco, diciendo que solo queria escarla-
ta, o purpura, Castañeda lib. 1. cap. 6.

¶ *Dalhe conserva doce.* Coibidole con algu-
nos dulces, i con vino. Barros en esta ocasion cap.
3. i 4. no dice que piezas eran las que dió el Ga-
ma, dize solo; *Partido o Mouro contente das peças
que levava, &c.* mandou logo trazer algúas con-
servas, &c.

¶ *O ardente naõ usado licor.* Orac. Od. 2. lib. 2.
dá esse epíteto al vino, *Ardentis Falerni.* No usa-
do, se ha de entender de los Moros, que no usan
vino, como veremos en la e. 75. del c. 7. i tambié,
porque no se usava en estas partes.

¶ *Quedá alegria.* Virgil. En. 1. *Lætitiae Bacchob-
dator.* Mas desto en la e. 52. del c. 7. i en la 4. del
c. 10.

¶ *Tudo contente o Mouro recebe, e mais conté-
te come, e beve.* En la est. 49. queda otra bevida, i
descritos los vasos: i allá, i aquí todo es imitació
de Virgilio, sobre lo que pasó entre el Rey Evá-
dro, i Eneas llegado a él, lib. 8. *Hæc ubi dicta da-
pes iubet, &c. reponi pocula, &c. viscera tosta fe-
runt taurorum, &c. Bacchumque ministrant, &c.
Vescitur Æneas simul, & Troiana iuventus.* I
trasladólos Mafeo al referir esto en su historia,
principalmente al nuestro, *Illos autem Gama cum
donis, & muneribus, &c. Dappes apponi iubet,
& vinum infundi; illi verò satis bilari fronte co-
medunt, nec ulla Maumetis superstitione impediunt
quo-*

quominus vocula libenter exhaustant. Comian, i
bevian alegres, sine scriupulear en que se lo defie-
de sus preceptos. I tambien se parecio esto a lo
de Ariosto c. 43. infin

*Percaritam mangiar fecero carne,
e ber del vino, e far quel che fe tutti.*

Haze el Poeta que combide el Gama cõ vino a
aquelle gente por ser cosa rara para ellos, i que
alegrando los animos los conforma: imitando a
Homero, que haze a Vlisses (casi en todos los
puertos que tomó) combidar con vino los natu-
rales, lib. 9. dando Vlisses de bever a Polifemo,
*Hic verò accepit, & bibit; exhilaratus est autem
valde.* Verlo dicho en la e. 49.

LXII.

Està a gente maritima de Luso
subida pella enxarcia, de admirada,
notando o estrangeiro modo, e uso,
e a lingoagem tam barbara, e enleada.
També o Mouro astuto està confuso,
olhado a cor, o trajo, e à forte armada.
E perguntando tudo lhe dezia,
se por ventura vinham de Turquia.

LA Gente maritima de Luso està subida por la
xarcia, de admirada, notando el estranero
modo, i uso, i el lenguage tan barbaro, i embar-
çado. Tambien està confuso el astuto Moro, mi-
rando el color, el traje, i la fuerte armada: i pre-
guntando todo, les dezia; si venian de Turquia
por ventura.

¶ Estd a gente, &c. Notad como el P. fue con
la mira en no ser prolixo; porque lo que contiene
esta estancia era materia para tres o quatro, que
felizmente reduce a una, descriviendo en ella la
admiracion, i acciones de los navegantes, miran-
do, i oyendo los Moros extraños: i la dellos con
los nuestros, i su atencion a preguntar quien eran.

¶ A gente maritima de Luso. Los navegantes
Lusitanos, que descienden de Luso, como vimos
sobre la e. 39. i veremos en otras.

¶ Subida pella enxarcia. Propio de los nave-
gantes el colgarse de la xarcia, para ver mejor lo
que se ofrece; i desde allá estavan con admiracion
ponderando la novedad, i traça, i modo, i lengua
de aquellos barbaros.

¶ Lingoagem tam barbara, e enleada. Barbara,
por ser de barbaros; i enleada, que vale embara-
çada, por ser aquella Arabica que estos hablava,
mezclada con la de los negros naturales; i por
eso corrupta: i de aqui resultó el llamar los Ro-
manos antiguos, barbaros a los Espanoles, porq
hablavan corruptamente la lengua Romana, que
entonces era Latina, mezclandola con la natural
Espanola; que viene a ser el testimonio claro, de
que las lenguas de Espana todas convienen en

Aser un Latin corrupto, aun mejor que la Italiana;
i assi son agora más barbaros los que nos lo lla-
maván.

¶ O Mouro astuto. Epícteto propio del Moro,
que todo se reduce a astacias, i malicias; i todavía
estava tan confuso de ver nuestra gente, como
ella de verle a él.

BOlhando a cor. El color de nuestra gente en
primer lugar ponderava el Moro; porque a todos
los negros, i gente que no es blanca como noso-
tros, es nuestra blancura, como a la turba de las
aves los ojos del Buho, sobre que descienden cõ
admiracion de la novedad. Al aver puesto mi P.
los marineros por la xarcia, admirandose de lo q
allí vian estrano, se nos parece mucho lo que des-
pues hizo el Tasso, poniendo en el c. 10. e. 12. los
Moros sobre el muro de Ierusalen, a admirarse
de los Catolicos en procession.

D'insule mura ad ammirar frattanto
Cheti si stanno, e attorniti i pagani, &c.
& l'insolite pompe, e i ritistrani.

CSe vinham de Turquia. Esta pregunta, i su
respuesta, que comienza en la est. 64. es sacada de
aquellas de Latino, i los Troyanos en el 7. Dici-
se Dardanidae, &c. Quid petitis? &c.

Sive error viae, seu tempestatibus acti
Fluminis in tristis ripas, &c.

Luego la respneta de Ilioneo.

Nec sydus regione viae, litusque feficit,
Confilio banc omnes, animisque volentibus urbem

Affrimur, &c.

Vale más desto sobre la e. 50.

LXIII.

E mais, lhe diz també, que ver deseja
os libros de sua ley, preceito, ou Fe:
Dpara ver se conforme à sua scja,
ou se sam dos de Christo, como cre.
E porque tudo note, e tudo veja,
ao Capitam pedia, que lhe dè
mostra das fortes armas de que usavá
quando co' os inimigos pelejavam.

TAmbien, le dice mas el Moro, que desea ver
los libros de su ley, precepto, o Fe, para ver
si sea conforme a la suya, o si son de los de Chris-
to, como cree. I porque todo note, i vea, pide al
Capitan, que le dè muestra de las fuertes armas
de que usavan quando peleavan con los enemigos.

¶ De sua ley, preceito, ou Fe. Estava el Moro
con deseos de saber, que modo de Religion se-
guia esta nueva gente allí aportada: esto es ley,
preceito, o Fe: i dízelo cõ esta variedad de nom-
bres, por la que en el mundo ay de Religiones.

¶ Se conforme à sua scja. Para ver si eran Tur-
cos, que tienen conformidad en la creencia con
los

los Moros, quales eran estos de Moçambique.

¶ *Ousefam dos de Christo, como crè.* Hemos guardado para este verso, por ser el ultimo desta materia, las dudas que se nos ofrecieron desde los ultimos dos de la est. 45. con cuya sentencia parece se viene encontrando el P. en todos los otros tocantes a esto: porque en ellos dice, que entendian los Moros, i preguntavan a los navegantes si eran Turcos, como se vè en la est. 60. i 62. i estas sospechas, i preguntas no tenian lugar, pues en la e. 50. eiros mismos respondieron, que eran del Occidente, i Portugueses que todo no tiene que ver con Turquia: i añadese a esto, q quando ellos fueran Turcos, avian de ser vistos venir desde el Oriente al Occidente, i no al contrario, como venian los navegantes: i tambien se añade la vista clara del color, i ayre de las personas, i traje, i lengua, que todo mostrava no ser gente de Turquia. La respuesta es deste modo. En quanto al ver, que los navegantes ivan de Occidente a Oriente, pudieron entender, que no los aviendo visto a la venida, los vian a la buelta; ni de esso avia que hacer mucho caso, pues estavan acostumbrados a ver passar algunos navegantes en semejantes naves: porque antes desto, en el río de Buenas señales, habiendo Vasco de Gama con otros negros, supo dellos, que por aquellos mares cursavan semejantes embarcaciones, como verèmos en la e. 77. del c. 5. I en quanto a la instancia de preguntar si venian de Turquia, aviedoseles dicho, que eran Portugueses; i que venia del Occidente, lo que se echava bien de ver en las personas, i traje, i lengua, esso no fue oculto al P. sino que por estos terminos quiso mostrar la malicia de aquella gente, propia de Moros, instando en dudar de donde eran, i repetirlo una, i otra vez, para descubrir si se equivocavan, i inferir de ai los intentos con que venian. I esto se vè claro, en que ni despues de ver que no se avian equivocado, i que constantemente dezian ser de Europa, i Christianos, los trataron fino con malicias, i sin algun agasajo: i assi el dezir finalmente, que ya creia que eran Christianos, no se encuentra có aver dicho, que sospechava eran Turcos, tanto porque essa sospecha era fingida, como porque el aver llegado a hablarse, pudo ser el ultimo desengaño; para que el Moro no instasse más en preguntas maliciosas: que es lo que el P. pretendio mostrar: i por esso atentamente diò en essotra estancia al Moro el epíteto de astuto, porque actualmente estava usando destas astuciosas cautelas. I en quanto al traje, i modo de las personas, esso todo entonces era de tal modo en los Portugueses, que ponderando yo los retratos de los Vireyes, que tengo de la India, i viendo unas barbaças estupendas; i unos vestidos tan otros de los que oy vemos, ninguna cosa me parecen menos que Portugueses. Turcos, Chinos, i Armenios parecen: algo avrà para esto en la e. 98. del c. 2.

¶ *E porque tudo note, &c. verso de la e. 106.*

A del c. 3. Finalmente el Moro muestra deseos de ver nuestras armas. Castañeda lib. 1. cap. 6. pinta el Xeque quando vino a ver el Gama, i dice lo q le pidiò: assi (que es todo lo que concieren estas estancias) *O Sultam preguntou se vinha de Turquia: porque ouvira dizer, que eram brancos assi como os nossos: e que lhe mostrasse os arcos da sua terra e os libros de sua ley.* Elle lhe disse, que nam era de Turquia, e os seus arcos, e armas lhe mostraria; e que os libros de sua ley nara os trazia. Damião de Gois cap. 27. ramibien refiere esto de que el Moro pido, que le mostrassen los libros, i las armas.

LXIII.

B Responde o valeroso Capitam,
por hú que a lingoa escura bem sabia:
Darte ey, senhor ilustre, relaçam
de mi, da ley, das armas que trazia.
Nem sou da terra, nem da geraçam
das gentes enojosas de Turquia;
mas sou da forte Europa belicosa,
busco as terras da India tam famosa.

C

R Espondió el valeroso Capitan, por uno que sabia bien la escura lengua: Dárete, ilustre señor, relacion de mi, de la ley, de las armas que traygo. Ni soy de la tierra, ni de la generacion de las enojosas gentes de Turquia: mas soy de la fuerte, i belicosa Europa; busco las tierras de la India tan famosa.

¶ *Por hum que a lingoa escura bem sabia.* Respondio el Gama por un lengua, o interprete, que Damião de Gois cap. 39. dice se llamava Martin Alonso: i hasta que lo via aqui, pensè que era Fernando Martínez, hombre que entendia bien el Arabigo, como el P. lo dice otra vez con este termino, añadiendo el nombrarle en la e. 77. del c. 5. Llama escura a la lengua que estos hablava, no por ser Arabica, que essa entendia bien el interprete, sino porque ellos la hablavan mal, como consta de la e. 77. del c. 5. i como acabamos de dezir en la 62. porque la avian bastardeado co vocablos de la tierra: i toda lengua que se bastardea es mucho mas escura que ninguna que en su genero se hable con perficion. Sucece esto en lo que agora escrivé algunos llamados Poetas, que mezclando su lengua con todas, vienen a hablar ninguna, i consiguientemente a hazerla mas escura soia, que todas juntas; de modo, que ni el mismo Fernando Martínez, o Martin Alonso, podria interpretarla, si a caso hallara estos Poetas adonde hallò aquellos barbaros.

¶ *De mi, da ley, das armas.* Ponderad el cuidado. Preguntò el Moro en la e. anteced. si eran Turcos; i por su ley, i mostrò deseos de ver las armas; agora responde el Gama por la misma orden; de mi, para lo primero; de la ley, para lo segun-

gundo ; de las armas , para lo ultimo : i empieça luego aqui por lo primero; i en las e. 65.i 66. por lo segundo ; i en la 66. i siguientes fenece con lo postrero. Esto fue lo que el Rusceli, i el Toscane-la , llamaron bellezas en Ariosto , que en nuestro P. son perpetuas.

¶ Que trazia. Por dezir que traygo: variando los tiempos, no solo con la licencia docta Poetica , sino inclinandose aun a la vulgaridad de los Romances antiguos, quando dezian:

*A tomar iré consejo
con la madre que tenía;
i con el que ella me diere
al punto me bolvería.*

Tanta veneracion tienen los hombres grandes como este a la antiguedad, de que agora se burlá algunos ; en que muestran que no son grandes, por más que presumen de serlo. Y aquel, dè, que queda en essotra estancia, toca a esto ; i lo que veremos en la e. 36. i en el c. 3. la 128.

¶ Nam sou daa, &c. Dize, que no es de la generacion Turca, a que llama enojosa , que en Portugues vale inmunda, qual ella es. El lugai de Virgilio , de que se imitò esta respuesta , queda en la e. 62. i avrà mas para ello sobre la 80. del c. 2.

¶ Mas sou da forte Europa. Todo imitaciones de Virgilio, que ya quedan en las est. 50. 51. i notad, que los marineros en la e. 50. dixerón, que eran Portugueses : mas el Gama aqui dice , que son de Europa: industria del P. mostrar el Capirā más cuidadoso en lo que dice : porque en tierras tan remotas es creible , que se fabrá de una tan ilustre parte del mundo como Europa , i no dc una tan pequeña como Portugal.

¶ Da India, &c. La India es la Region más famosa del Oriente, terminos de la Asia, abundante de oro, plata, piedras preciosas , i otros innumerables regalos, i curiosidades , Pomponio dice, que tiene tanto de playa, quanto se puede navegar en dos meses: se escribe, que contiene cinco mil ciudades: ya saben todos, que se llama India del río Indo que la riega , recibiendo en si más de sesenta caudalosos, afuera algunos ciento de menor fama. Esso es lo que buscava agora la gente Portuguesa.

LXV.

A ley tenho daquelle, a cujo Imperio obedece o visibil, e invisibil:

aquelle que criou todo o Emisferio; todo o que sente, e todo o insensibil. Que padeceo deshonra, e vituperio, sofrendo morte injusta, e insufribil. E que do ceo à terra emfim deceo, por sobir os mortais da terra ao ceo.

¶ Engo la ley de aquela cuyo Imperio obede-

ce lo visible, i lo invisible: aquél que todo Emisferio criò, todo lo que siente, i todo lo insensible; i que padeció deshonra, i vituperio; sufriendo injusta, i insufrible muerte; i que en fin descendió del cielo a la tierra , por subir los mortales de la tierra al cielo.

¶ Daquelle a cujo Imperio, &c. Toda la estancia es perifrasis notorio, pero bello, grande, i facil, i elegante, i Poetico de Christo. De otra manera le veremos aun mayor, en la estancia 69. de c. 7.

¶ O visibil, e invisibil. Lo que los hombres ven en el mundo, i lo que no ven en el, i en el cielo: en el mundo, porque ay en el muchas cosas escondidas a los hombres , pero no a su Criador , i en el cielo toda criatura Angelica, de q son incapaces los ojos humanos : i todo obedece a su Criador, como criatura suya.

¶ Que criou todo o Emisferio. Parece dezir, q Dios criò solamente toda una mitad del mundo, porque esto vale Emisferio, media esfera. Pero el todo alli suena uno, i otro; este, i aquel Emisferio: i lo cierto es, que fue descuido de pluma , o erro de estampa, la o: i que el P. dixo, *Todo Emisferio,*

C con que no es menester explicacion.

¶ Todo o que sente. Todos los animales racionales , i irracionales , que habitan uno i otro elemento, que en quanto viven sienten.

¶ Todo o insensibil. Los elementos, i todo lo q ellos producen, que finalmente se incluye en piedras i plantas: que no tienen sentimiento, aunque crezcan algunas con la alma vegetativa.

¶ Deshonra e vituperio. Entiende de los oprobios a que Christo se expuso con nacer en la tierra, i tratar los hombres, que llenos de maldad le llegaron a poner en un palo, que antes era el ultimo vituperio, como oy la horca: i despues quedó siendo la puente para el cielo; el estandarte de la gloria, i el terror del infierno.

¶ E que do ceo à terra, &c. Semejante modo en la e. 6. i en el c. 9. la 20. i parece se le aquello del Tacio Liberata, c. 1. e. 1. 1.

¶ Giu i decreti del ciel porta, & al cielo
Reporta de i mortali i pregbis, e' l zelo.
El primero de los Poetas vulgares en que hallo esta manera de dezir en tal ocasion, es don Jorge Manrique cop. 6.

E I aun aquél Hijo de Dios,
para subirnos al cielo
descendió.

LXVI.

Deste Deus Homem, alto, e infinito, os libros que tu pedes nam trazia; que bem posso escusar trazer escrito em papel o que na alma andar devia. Se as armas queres ver, como tés dito, comprido esse desejo te seria;

como

com' amigo as verás, porq' eu m' obri-
q' nūca as q'iras ver como inimigo. (go)

DEste Dios Hombre alto infinito, no traygo
los libros que me pides: porque bien puedo
no traer escrito en papel lo que deve andarlo en
la alma. Si quieres ver las armas, como dizes, cù-
pliréte esse deseo: i verás las como amigo; porque
como enemigo obligome q' nūca las quieras ver.

¶ Deſte Deus Homem. Que Dios se hiziese
Hombre es de Fé, i cosa notoria. Solamente ca-
nalia de que el demonio está apoderado, i estará
hasta quando fuere servido el mismo Dios de
abrirle los ojos del entendimiento, i del alma, lo
duda.

¶ Os libros que tu pedes, &c. Estava dando
cuenta el Gama al Moro de lo que traía, como
Eneas en el 3.a Dido. En lugar de los Dioses Pe-
nates que allá venian, diò cuenta acá del Dios q'
adorava en la e. anteced. i en esta dà a entender, q'
ay libros desta ley, pero que no los trae. I cierto
nos maravillamos siempre de que no se mostrasse
nunca algunas imágenes aqui, para que tuviese lu-
gar aquello de Virgilio, que tanto el P. anda si-
guiendo, *Penatibus, & magnis Dýs, &c.* Pero
devio el P. dexarlo, por saber el aborrecimiento
que los Moros tienen a las Imágenes: que vistas
le podrían añadir contra los navegantes, i no co-
venia esto. I sin embargo, veo que Castañeda di-
ze lib. 1. cap. 11. en otra ocasiou, esto: *Dos que se
arrodilharam à Imagem, que era de noſſa Señora
do Pranto, com algúſ Apóstolos que Vasco da Ga-
ma lhe mandou moſtrar.* Dize el P. libros; i entiende
de por ellos la Escritura sacra, i en particular el
Testamento nuevo: i el Missal, i Breviario Romanos,
en que se incluyen nuestros preceptos, i ce-
remonias.

¶ Que bem poſſo eſcusar trazer eſcritos, &c.
Dize el Gama, que no trae los libros ai nombrados: no ay duda que llevavan algunos; pero es in-
dustria del P. porque no avia para que mostrarlos
alli, ni baxara argumentos: i fue mejor dezir, que
lo que ellos contienen es tan conforme con el al-
ma, que en ella avia de andar estampado: i aun
esto dà a entender, pero con modestia; como si
dixerá: Nuestra ley la traemos en el corazón, i as-
si no es menester que traygamos libros.

¶ O que na alma andar devia. Assi lo deseava
la gran Marquesa Vitoria, en el Soneto 31. de la
segunda parte, *Habbiam la legge tua ſcrita nel
core.* En muchos lo pudo ver nuestro P. para de-
zirlo assi.

¶ Se as armas, &c. Passa a lo ultimo que pi-
dió el Moro (aviendo satisfecho a lo otro) i era, q'
se le enseñassen las armas: i dice el Gama, con
una bizarría militar, que se las enseñará. Verás
las como amigo, porque como enemigo no te
estará bien verlas: i assi sucedió adelante, porque
llegando estos Moros a hazer, que nuestra gente

Toma I.

A fe las mostrasse hostilmente, quedaron destrui-
dos. Parecesto a lo que Tito Libio al fin
del lib. 6. de la Dec. 3. refiere aver dicho Scipion
en Cartagena, a Luceyo señor Español: *Nec ullū
in terris populum hodiè dici poſſe, quem minus tibi
boſtem, tuisque effelis, aut amicum malis.* Yo
creo lo vió mi Poeta.

LXVII.

Isto dizendo, manda os diligentes
ministros amostrar as armaduras:
vem arneses, e peitos reluzentes,
B malhas finas, e laminas seguras:
Escudos de pinturas diferentes,
pelouros, espingardas de aço puras,
arcos, e sagittiferas aljavas,
partasanas agudas, chuças bravas.

Diziendo esto, mandó a los diligentes minis-
tros, que truxessen a mostrar las armas: vi-
nieron allí arneses, i lucentes petos, mallas fi-
nas, seguras aminas; escudos de varias pinturas,
balas, escopetas puras de azero, arcos, i sagitife-
ras aliadas, agudas partesanas, bravas chuças.

¶ Vem arneses, e petos. En el arnes se incluye
el peto; porque arnes se entiende toda la arma-
dura para un cuerpo juntamente; pero el P. no lo
ignoró al dezir, que vinieron arneses, i petos; sino
dice, que venian arneses a parte, i a parte petos; i
dales el epíteto de reluzentes, por mostrar que
venian limpias las armas, i polidas, que es parte
en que se vé el valor de quien las trata: i a esto
atendió el P. que si bien lo mirassedes no le halla-
rias nada ocioso.

¶ Malhas finas, e laminas seguras. Imitó en
este verso dos de Bern. Tasso en el Floridante,
uno en el c. 9. *Non può lucida piastra, o fina ma-
glia:* otro en el 12. *Sicura piastra, ne minuta ma-
glia.* Mallas, a que llaman sayas, todos las cono-
cen: i assi no nie pondré aqui a contarles los la-
ços, como hizo otro. Laminas llamamos oy a
las hojas de cobre: i entonces quando el Gama
passó a la India, i aun quando el P. escribió se
llamaván hojas, esto que llama laminas: i era una
loriga, o vestidura compuesta de muchas hojue-
llas sobreuestas (a modo de las escamas en los
pezos) hasta la mitad, i clavadas con tal arte, que
podían jugar, o digamos doblarse: aforravánse
por de dentro, i por de fuera en terciopelo, que
quedava estrellado de tachuelas doradas, que
eran las con que se ligaban las hojas, con buena
orden: i hazian una hermosa vista: llegava esta ar-
madura casi a las rodillas, vistiéndose como una
ropilla ancha; otras eran mas cortas, ya no se ha-
zen, i todavía se conservan algunas: permanecen en
sus pinturas en los retratos antiguos de los Re-
yes Portugueses.

L

¶ Es-

Es *Escudos de pintura* díferentes. Los escudos de aquellos Cavalleros que allí iban, se ha de entender, i no ya en su forma antigua, sino en la de rodelas, broqueles, i adargas, que es lo que se usa de muchos años acá: i en estos suele cada uno traer pintado el escudo, o blasón de sus armas, o alguna empresa a uso de Cavallería.

Espingardas de aço puras. Culpan al Poeta de que dixesse, que las escopetas eran de puro azero, no haciéndose ellas sino de hierro. Mirad que ciencia para ser ignorada del Poeta, i más siendo soldado de tantos años: i mirad si el mismo en la est 74. del c. 9. dà a entender que lo sabia, pues dice que son de hierro. así: *Cañón ferreo*. Virá alguno; porque no lo dixo aquí como allá? Respondo, que al à no era ocasión de encarecer la bondad dessa arma, i aquí si, por la muestra que se hazia de las, i essa bondad en las escopetas está especificada con el azero: porque lo que se deve entender desto es, que el Poeta quiso decir, que las escopetas eran fuertes como azero: no estando él por el nombre deste metal, sino por su fortaleza; siendo essa, como es, la virtud de la escopeta segura. Pruevolo abundante, i galanamente con el mismo Poeta. En la c. 24. del c. 8. dice, *muro de aço*, siendo así, que no ay muro de azero. Pues si aquí está bien el azero por la fortaleza, i seguridad; porque no estará bien en la escopeta, que es de hierro, especie de azero? Aunque bastava esta prueba, digo más, que también el *puras* aquí, vale purificadas con el azero; porque si él faltasse en el eslabon de las escopetas, no serian de efecto; pues allí se enciende el fuego, que purifica, esto es, dà capacidad a aquella arma para lo que con ella se pretende. También conviene saber, que el azero es una especie de hierro: i así por este pudo usar de aquél; i más si advertimos dos cosas: una, que el hierro para las escopetas se ha de labrar con atención a la seguridad; así como las espadas, para que es bueno el de herraduras gastadas, i cosas semejantes; porque está aquél más castigado, o puro, i firme: orra, que el azero no es otra cosa que hierro purificado; i que este le ay natural, i también artificial, que se haze derritiendo el hierro. Pudo de la misma suerte el Poeta, por lo que le toca al azero del linage del hierro, decir por este aquél; como vemos en Virgilio: que siendo las armas ordinariamente de hierro, las llama de cobre, E por alguna parte deste metal, que avria en ellas, *Æratas acies*, Eneid. 7. i lo que es más, que llama de cobre a la espada en el propio libro. *Micat æreus ensis*, i aun la llama de marfil en el 11. *Ensem collo suspendit eburnum*, solo porque rendría algo de marfil la guarñicion: i a dicha, que por esto nuestro Poeta llama cobre a la bombardia, siendo él uno de los metales de que ella se compone, como el azero uno de los de que se compone la escopeta. Acies se llamó a la copia de gente armada, llevando ella más hierro que

A zero. I assi podemos dezir, que se entiende aquí la figura de tramar por el todo la parte, con algún rigor: i a lo menos la especie por el genero. I siendo singular el azero de los Calibes, Virgil. Geor. 1. le llama hierro, *At Chalybes nudi ferrum*. I si esto es así, bien pudo ei Poeta llamar azero al hierro, como Virgilio hierro al azero. Concluyo con un lugar de Petrarca, que irá en la est. 16. del c. 5. adonde llama azero a lo que todos los Poetas, que el imita, llamarán hierro. Vease. I no puedo contenerme, que no advierta agora a los Letores, que este gran censurador de que la escopeta no lleva azero, para condenar al Poeta B por mal escopetero, devia saber mas de escopetas, i pistolas, que de arneses, i espadas; pues no censura al Poeta en otros dos lugares, que yo sospecho están inmediatos a la misma censura, quando ella fuera digna de juicio. Ellos son estos. En la est. 114. del c. 2. dice el Poeta, *Peto de aço*, i en la 130. *espadas de aço fino*. (Vease lo que dirémos allá.) I si es yerro acá el decir, que la escopeta es de azero, porque solo es de hierro, también lo avia de ser en estos lugares; porque el peto no lleva azero alguno: i solamente se llama de azero por la fortaleza de que consta en virtud del arte, i temple con que se labra, siendo una de las circunstancias de esse temple el ir mojando los martillos en la agua al tiempo de batir el hierro; i por lo fuerte que se produze en el peto labrado con esta industria, le llaman de azero, segú explicamos arriba de las escopetas. Yo me obligo, que este censor dixo algun dia en sus versos a su dama (como lo hicieron todos los Poetas, que acertaron a tenerla real, o imaginada) que ella para él era de marmol, de bronce, de azero, i de hierro. Preguntole yo agora, si la dama es destos metales, si de carne? Preguntole, si quando la llamó dellos entendió desse modo lo aspero, lo duro, i lo rezio de su condicion? No está ya viendo, que es ignorante su censura? Doy agora satisfaccion a las espadas, que onas no llevan azero, como las de Vizcaya, i otras le llevan solo en los filos, como los cuchillos, i el resto, que es la mayor parte, es hierro; que se procura sea purgado, de la manera que ai diximos ya. De suerte, que si este censurador dice a mi P. que no entendia de escopetas; él le dice, que no entendia de espadas i arneses, pues no le censuró aqui como allá: i mejor es entender de arneses, i espadas; que de escopetas, i pistolas: quero decir, que es más valentia: i mi P. en todo fue valentissimo. Quisiera yo, que los que le muerden le entendieran; porque con esto se mordieran de embidia a si propios, i que entendido le imitaran en abismos de aciertos: pero no lo veo en nadie. Vean ellos luego bien a lo que aspiran, i espirarán sin duda.

Arcos. Parece a algunos, que el P. haze mostrar aqui arma no natural de España; entendiendo por arco el de los Persas, o negros: i por arcos entiende él las ballestas; arma muy de España, i que

i que aun entonces se usava mucho; i en señal de que es esto assi, i las llevavan nuestros navegantes, dirá en la e. 67. del c. 9. que los soldados salieron por el bosque a caçar con ballestas: i consta de Barros que las llevavan: i en Portugal avia superior militar de los ballesteros, i se llamava Anadel mayor: cargo ilustre: i el Gama hizo que viniesen alli las ballestas, porque el Xeque le pidió le mostrasse sus armas, como vimos en la e. 63.

¶ *Sagittiferas aljavas.* Homero en el hymno de Apolo, de quien lo copió Ovidio, Met. 1. *Sagittifera pharetra.* Quiere dezir, vaso que trae saetas; en Castellano, *carcax.* Estas saetas tampoco son las llamadas flechas de los negros, si no virotes con harpones de hierro en las puntas.

¶ *Partefanas, chucas.* Difieren de las alabardas, en que los hiertos son derechos, anchos, i de dos filos: las partefanas por usadas de los Partos se llamaron assi: las chucas, o chucos, por serlo de los Zuizos Alemanes. Vease a Orozco.

LXVIII.

CAs bombas vem de fogo, e juntamente as panellas sulfureas, tam danosas; porem aos de Vulcano nam consente qdem fogo às bombardas temerosas. Porque o generoso animo, e valente, entre gentes tam poucas, e medrosas, nam mostra quanto pode: e com razão; q he fraqueza entre ovelhas ser Leão.

VIenen las bombas de fuego, i juntamente las sulfureas ollas tan dañosas: pero no consiente a los de Vulcano, que den fuego a las temerosas bombardas: porque el generoso, i valiente animo, no muestra quanto puede entre gentes tan pocas i medrosas; i con razon: que es fraqueza ser Leon entre ovejas.

¶ *As bombas vem de fogo.* Dize, que entre las armas que truxeron venian bombas, i declara de fuego, a diferencia de las de agua notorias, con que se faca la de los navios. La de fuego es un cañón de metal de hasta tres palmos, lleno de polvora, a que se ata una asta proporcionada, bien assi como se compone un cohete, i despedida co fogo es peligrosa.

¶ *Panelas sulfureas.* Pucheros, o ollas que dice el Castellano, llenas de polvora, i entonces alcancias: i llamanle sulfureas, porque de la polvora es parte el açafré, que en Latin es *sulfur*, materia de gran desfision al fuego.

¶ *Tam danosas.* Quandañosas sean las alcancias de fuego echadas en los baxeles, i materias combustibles, cosa notoria es.

¶ *Porem aos de Vulcano.* Entiende los artilleros, cuyo oficio es dar fuego a la artilleria: i pone por él al Dios que llaman suyo los Poetas: i es el trozo llamado Metonimia. Más en el c. 2.e. 69. 106.i.c. 9.e. 7.

¶ *Nam consente.* No quiso el Gama, que se disparasse la artilleria gruesa, por no atemorizar a los negros con el estruendo: i más no pareciendo ellos muy belicosos: porque no es de animo valeroso el mostrar quanto puede adonde no ay poder considerable.

¶ *Que he fraqueza entre ovelhas ser Leam.* Senticia verdadera; pero muy encontrada de quatos Leones que se piensan racionales, no se afretan de executar su furor en humildes ovejas. Grā miseria, usar de mucho poder sobre quien no puede nada. El Poeta imitó en esta sentencia, i estilo a don Jorge Manrique, cop. 27.

Que benigno a los sujetos?
i a los bravos, i dañosos,
que Leon?

Ariosto c. 19.e. 32.

Sdegña ne l'inermi effe feroce.

Trasladado del gran Tasio, Liberata c. 19. est. 32. Damian de Goes cap. 37. dize, que se disparó la artilleria. El Poeta pudo desviarse de esto, para suponer esta prudencia en su Heroe. Yo sospecho, que esto de traer aqui el Leon, fue atendiendo a que ivan alli piezas de artilleria, que se llamavan Leones: i assi dice galanamente, que no quiso soltar los Leones entre aquellas ovejas; i más teniendolas como en su casa: podrá ser que atendiendo el Poeta a la doctrina del Eclesiast. cap. 4. *Noli esse sicut Leo in domo tua,* &c. Es el Leon tan generoso, que no embiste con cosas pequeñas. Por esto es señor entre los brutos: as

D si como ay señores, que son brutos entre los hombres, pues tienen entre ellos por valor, lo que aquella fiera tiene entre ellas por cobardia: i aun essa executada a tracycion. O! i que gran hazaña.

LXIX.

Poré disto que o Mouro aqui notou, e de tudo o que vio com olho atento, hum odio certo na alma lhe ficou, huma vontade mà de pensamento.

E Nasmostras, e no gesto o nā mostrou, mas com risonho, e ledo fingimento tratalllos brandamente determina, até que mostrar possa o que imagina.

¶ Ero desto que el Moro notó aqui, i de todo lo q vio con ojo atento, le quedó un cierto odio en la alma; i de pensamiento una mala voluntad: no lo moltró en las muestras, i en el gesto; mas antes con risueño, i ledo fingimiento, determina

L a tra-

tratarlos blandamente, hasta que pueda mostrar lo que imagina.

¶ *Hum odio certo na alma, &c.* Al Moro le quedó en el alma un cierto genero de odio. assi se ordena esse texto. El negocio fue, que luego q el Moro que vino en los bateles, i habló al Gama, i conoció que eran Portugueses, subiò le entrò el diablo en el cuerpo, como suele dezirse, creyendo que la nueva gente de que tenia singular conocimiento, porque era él del Reyno de Fez, apórtava en aquellas partes para mal de llcos: i con esta malicia, i con aquel conocimiento de lo q sa espada Portuguesa obrava sobre Moros, concibió un odio mortal contra esta que allí apareció: i fingiendo buen semblante se resolvio en procurarle mal hospedage con el Xeque; i despues ruina. Esto assi brevemente, de lo dilatado con que lo refiere Barros, Dec. 1. lib. 1. cap. 4. i esto contienen estas estancias. De aqui tomó el P. ocasion para fingir, que Baco, o el demonio entendido por el, se metió entre aquellos barbaros a solicitar daño a los navegantes, con las astucias, que como P. v.à fingiendo; i bien. Todavia con el motivo de lo que el Moro supo fingir, obli gandose tambien el Xeque de un presente que el Gama le embió por un oficial, asentaron paz, aunque sobre falso: i en fè della plantó en una Isla un Padron, que llamó de san Jorge, de que ella comó este nombre; i allí oyeron Missa, i confessaron, i comulgaron, assi por ser Quaresma, como por entrar limpios en el atrio de la India, que allí comenzó para ellos; porque hasta allí no tuvieró noticia alguna della.

¶ *Nas mostras, em gesto o nam mostrou.* El Tas. Liber. c. 7. e. 30. Motto non fanne, e no 'l dimostra in faccia. Ambos especificando el aver en un hombre tan difícil cosa como es encubrir el animo dañado, de modo que ni en acciones, ni en semblante, se descubriesse alguna señal, que es muy ordinario en los dañados.

¶ *Mas com risonho.* Estava el Moro ya lleno de espíritu infernal contra los navegantes, i reiase para ellos: cosa muy de traidores, i descarados, de q ay muchos, i conozco yo algunos a mi costa.

LXX.

Pilotos lhe pedia o Capitam por quem podesse à India ser levado: dizlhe, que largo premio levaram do trabalho que nisso for tomado. Prometelhos o Mouro com tençam de peito venenoso, e tam danado, que a morte se podesse neste dia em lugar de Pilotos lhe daria.

P Ediale el Capitan Pilotos, por quien pudiesse ser llevado à la India: dizele, que llevarán

A largo premio del trabajo que fuere tomado en esto. Prometeselos el Moro con intencion de venenoso pecho, i ran dañado, que en este dia si pudiesse, le daría la muerte en lugar de Pilotos.

¶ *Dizlhe, que largo premio levaram.* Imitado expressamente de Claudio en las nupcias de Honorio, i Maria: *Premium non vile laboris, &c. babebis.* Aviendo el Gama alcançado del Xeque, con dadiwas, dos Pilotos; los infieles rompiendo la paz, embistieron con unos leñadores, que en fè della avian salido, i con esta rebuelta huyó uno de los Pilotos. Todo v.à refiriendo Barros allí, Capitulo 4. Irémos apuntando algo en sus lugares.

¶ *A morte se podesse em lugar de Pilotos lhe daria.* Iessa le pretendió dar con ellos; porque ivan instruidos, en que fingiendo que les encaminavan bien, fuesen a dar con las naves adonde se perdiessen.

LXXI.

Tamanho o odio foy, e mà vontade que aos estrangeiros subito tomou, sabendo ser sequaces da verdade

C que o filho de David nos ensinou. O segredos daquella Eternidade, a quem juizo algum nam alcançou! Que núca falte hum perfido inimigo a aquelles de quem foste tanto amigo.

T Amaño fue el odio, i mala voluntad que subito tomó a los extranjeros: sabiendo ser sequaces de la verdad que nos enseñó el hijo de David. O secretos de aquella eternidad, a quien no alcanzó juicio alguno! Que núca falte un perfido enemigo a aquellos de quien fuiste amigo tanto!

¶ *Que o filho de David nos ensinou.* Perífrasis de Christo, como se halla en la sagrada Pagina, tomando el hijo por descendiente. Assi entra el Evangelio de san Mateo, *Liber generationis Iesu Christi, Filius David.* Ivá refiriendo aquella soberana familia hasta Iacob, padre de Ioseph, padre putativo de Christo: i por esto descendiente, esso es hijo, de David: i él nos enseñó la ley q professamos, a que el P. llama Verdad, que es título propio della, i de su mismo Autor, *Ego sum Via Veritas. &c.*

¶ *O segredos, &c.* Esta es la primera vez que el Poeta en esta grande obra haze juizios, i dice sentencias, i usa la Ethica. Buelvelo a hazer en la est 105. i desde la 92. del c. 5. i desde la 95. del 6 i en las primeras, i ultimas del 7. i en las 54. 55. 39. i ultimas del 8. i en las postreas del 9. i del 10. siempre con valiente espíritu, i elección. Toda via le culpan, de que no deviera dezirlo en su persona, sino introducir

duzit alguna que lo dixesse, como al fin del canto 4. introduxo aquell sentencioso viejo, i a la mitad del 8. a Paulo de Gama, despues que declarò al Moro las pinturas de las vanderas : i muestran para esto a Homero & a Iosefo ; que ese en los Poemas, i este en las Historias, observaron esto con tanto rigor, que casi una sola clausula no tienen, que sea dicha en sus personas. Pero Virgilio no dudò deziren la suya algunas sentencias, si bien ligeramente: i otros Autores tomaron mayor licencia; de los Poetas dezimos, que de los Historiadores, muchos lo hicieron libremente, i Cornelio Tacito de la manera que es notorio. Grandes hombres como estos, i nuestros Poeta, tienen autoridad para innovar; i quando no los alabemos somos obligados al silencio, conociendo, que no fueron mas pobres de juicio, que nosotros que los censuramos. Finalmente, el Poeta rompe en una exclamacion ajustada al suceso, admirando, i reconociendo, que es juyzio secreto de Dios la permission, de que aquellos que siguen su verdadera Ley, sean expuestos al furor infernal de los que no la siguen.

LXXII.

Partiose nisto emfim co^a a cōpanhia, das naos o falso Mouro despedido, com enganosa, e grande cortesia; com gesto ledo a todos, e fingido. Cortaram os bateys a curta via das agoas de Neptuno, e recebido na terra do obsequente ajuntamento, se foy o Mouro ao cognito aposento.

EN Esto se partio en fin con la compaňia el falso Moro despedido de las naos, con cortesia grande, i engañosa; con ledo, i fingido gesto a todos. Los bateles cortaron la corta via de las aguas de Neptuno; i recibido en tierra del obsequente ajuntamento, se fue al cognito aposento el Moro.

¶ *Com gesto ledo, e fingido.* Assi en la 8. del c. 2. Verlo dicho al fin de la 69.

¶ *Grande cortesia.* Con gran providencia dice el P. que esta cortesia fue grande, aviendo dicho que era engañosa: porque la traicion es muy prodiga de reverencias. Conocemos quien lo ha experimentado mucho.

¶ *Obsequente ajuntamento.* Quiere dezir, compaňia de quien con obediencia era seguido el Moro: porque en Latin, *Obsequere*, es seguir de aquel modo a alguno.

LXXIII.

Do claro alséto etereo, o grá Tebano, que da paternal coxa foy nascido,

Aolhando o ajuntamento Lusitano, ao Mouro ser molesto, e aborrecido; No pensamēto cuida hū falso engano com que seja de todo destruido. (va, E em quanto isto so na alma imaginacō consigo estas palavras praticava.

BEL Gran Tebano, que fue nacido del paternal muzlo, mirando desde el claro etereo assiento, ser ya molesto, i aborrecido al Moro el Lusitano ajuntamiento, texe en el pensamiento un falso engaño, con que del todo sea destruido: i mientras esto imaginava solo en la alma, consigo platicava estas palabras.

¶ *Do claro assento etereo.* Quiere dezir, desde el ayre: por ser essa la vivienda propia de los Heroes qual era Baco, i del demonio que él representa: i este lugar es un apoyo de lo que discutimos sobre la est. 30. Oportunamente finge el Poeta, que Baco (o el demonio que representa) para destruir los navegantes en continuacion del pensamiento con que se opuso a su viage desde el principio, se aprovecha del mal animo que vió para con ellos en aquella gente barbara: i para esso se mete entre ella convertido en la figura de un valido del Xeque, persuadiendole que los procure desbaratar, con las razones que veremos luego.

¶ *O gram Tebano.* Entiende Baco natural de Tebas, lugar de Beocia: i si no fuera hablando aqui continuamente de Baco, i no hubiera añadido, que da paternal coxa foy nascido, no era perifrasis notorio suyo, antes de Hercules, que es también de Tebas, i mayor Heroe. En la e. 91. del c. 9. dice por los dos, os dous Tebanos.

¶ *Queda paternal coxa, &c.* Verlo sobre la e. 10. del c. 2.

¶ *Olhando o ajuntamento.* Viendo Baco (dice) que los Moros miravan de mal ojo la compaňia Portuguesa (eso es agora ajuntamento Lusitano) cobró mas animo para perseguirlos; i como el aqui representa al demonio, segun ya mostramos, i mostraremos, enseña el P. que tambien el demonio necesita de aperitos para dañarnos, i que estos los halla en los propios hombres.

¶ *Hum falso engano.* El falso alli, vale astuto, perfido, o injusto; que assi declara Iustiniano esta voz en las instituciones. Dezimoslo, porque parece a algunos, que falsedad, i engaño, es lo mismo, acusando al Poeta de descuido: assi en las e. 76. 77. 81. Vease sobre semejante estilo la 13. del 2.

¶ *Só na alma imaginava.* Quiere dezir, que pensava esto consigo solo, allá en lo intimo de su pecho, que ordinariamente hazemos oficina de pensamientos, i designios. Mas en la est. 85. del c. 2.

¶ *Configo estas palabras pratica.* Dizen los censuradores, que las palabras no se platican si no que se platica con ellas: dizen bien, si palabras fuera voz arada a un sentido solo: i ellas tal vez valen sentencias, razones, discursos; en el modo comun con que llamamos buenas palabras a lo que alguno habló con buenos fundamentos: el estilo del verso se hallará usado, canto 2. estancia 77. canto 3 estancia 102. canto 4 estancia 94. c. 7. estancia 59. canto 8. estancia 64. Introduce el P.a Baco ayrado, discutiendo consigo, i ensayando con los Portugueses, como Iuno contra las reliquias Troyanas, lib. 1.

*Cum Iuno aeternum servans sub pectore vulnus,
Hec secum. Me ne incerto defistere viictam?
Talia flammato secum Dea corde voluptans.*

Mirad si ésta de Maestro la imitacion. I aqui comienza el fingimiento que diximos sobre la est. 69. i empezamos a declarar a la entrada desta; i declararemos en las siguientes.

LXXIII.

Està do Fado ja determinado, que tamanhas vitorias, tam famosas, ajam os Portugueses alcançado das Indianas gentes belicosas. E eu so filho do Padre sublimado, com tantas qualidades generosas, ey de sofrer, que o Fado favoreça outré, por quē meu nome se escureça?

Y A Es determinacion del Hado, que los Portugueses alcancen de los belicosos Indios, tan grandes, i famosas vitorias. Y yo solo hijo del sublime Padre, con tantas calidades generosas, he de sufrir, que el Hado favorezca otro por quiē se escureza mi nombre?

¶ *Estd do Fado ja, &c.* Esta estancia, i las dos siguientes, es lo que Baco habló consigo, como el Poeta ai dixo en estoira: i todas contienen, que a su parecer no es razon, que la gente Portuguesa sea agora la famosa, siendo al fin de carne humana, i que él quede abatido siendo hechura sola del mismo Dios: espíritu divino sin mezcla de lodo humano.

¶ *Do Fado ja determinado.* Dicho en consecuencia de lo que oyó a Iupiter en la estancia 28. i de todo lo que alla explicamos sobre el verso 1.

¶ *Ajam alcançado.* Aun no avian alcançado esas vitorias, ni el Poeta dexa de entenderlo así: pero quiere decir, que avian alcançado de Dios el averlas de alcançar, como vimos, i él lo oyó, en aquella est. 28. diciendo, que le estavan prometidas por decreto divino, que esto es alli, i aquí el Hado, como allá explicamos: i Baco, que representa el demonio, i habla agora aqui, cuen-

ta por hecho lo que Dios dixo se avia de hazer: A porque en lo que Dios dice no puede aver falencia; i con que él lo sabe así, es tan dañado, que lo procura contravenir.

¶ *Indianas gentes b licosas.* En la estancia 20. del canto 10. las llaman no imbeles, que es lo mismo: i allá veremos un lugar de Virgilio, en que creemos anduvo menos cuidadoso, que nuestro P. en estos.

*Ast ego, que Dixum incedo Reginz, Iovisque
Et soror, & coniux, una cum gente tot annos
Bellagero; & quisquam numen Iunonis adoret,*

B *Præterea? aut supplex aras imponat honorem?* I Venus luego adelante, al mismo Iupiter: *Nos tua progenies &c.* Sic nos in cepta reponis? I otra vez Iuno en el lib. 7. No puede copiarse tanto, quanto el Poeta pudo imitar. Vayan a verlo los curiosos si quieren. I acordado, que en la estancia 20. i otras, provamos abundantemente, que el Poeta por Baco entiende el demonio, que estorva este descubrimiento, acordemos agora la grā propiedad con que en estos ultimos quatro versos habla del demonio, continuando siempre en ir dexando señas de su pensamiento, i divina alegoria, para que en ninguna manera dudassemos dèl, i della. Entre ellas no son menores estas. Diziendo ser hijo de Iupiter esse Baco; esto es, de Dios Padre, i generacion divina suya, qual fue Lucifer, que delante dèl logró el primer lugar Angelico; i esas son las calidades generosas: i esto tiene correspondencia con Baco, que fue hijo de Iupiter regalado, como diximos sobre lz e. 30. I aquello de serle odioso ver otro en su lugar (que viene a ser el ultimo verso) es lo que mas le atormenta, viendo que los hombres cultivan para Dios, lo que el prevertió, siendo mas suo en su origen; i que esos mismos hombres formados de lodo, se han de asentar en las sillas que él perdió. El gran Tasso se fue tras este pensamiento de nuestro P. quando introduze a hablar Lucifer en el c. 4.e. 10.

D *E poesia(abi quanto a ricordarlo è duro
questo è quel che più inaspra i miei martiri!)
Ne' bei seggi celesti ba' l' buon chiamato:
L' buon vile, e di vil fango in terra nato.*

¶ *Ey de sofrer, en la estancia siguiente, Hase de sofrer.* Vease.

LXXV.

E Ia quiseram os Deoses que tivesse o filho de Felipo nesta parte tanto poder, que tudo somettesse debaixo de seu jugo o fero Marte. Mas hase de sofrer que o Fado desse a tā poucos tamanho esforço, e arte, q̄ eu c̄o grā Macedonio, e c̄o Roma-demos lugar ao nome Lusitano? (no,

VA Permitieron los Dioses, que el hijo de Fe-
lipo, Alejandro, tuviese en esta propia parte
Indica tanto poder , que el fiero Marte pusiese
todo debajo de su yugo , de su mano : pero hase
de sufrir, que el mismo Hijo conceda a tan poca,
o apocada gente tanto esfuerzo , i arte, que yo, i
el Macedonio, i el Romano, cedamos al nombre
Portugues?

¶ Os Deuses. Porque Alejandro, i los Romanos se jactaron, i persuadieron que eran de gene-
racion divina; i assi dice agora el demonio : Bien
está que yo, i essos que somos hijos de Deidades,
ayamos alcançado tanto ; pero no lo está, ni se
puede sufrir, que gente vil (por humana) i poca
en numero . nos vença , no solo iguale , en glo-
rias.

¶ O filho de Felipo. Entiende el grande Alexá-
dro, hijo de Felipe, Rey de Macedonia (por esso
luego ai le llama Macedonia) el qual vanissima-
mente se gloriava de ser hijo de Iupiter , como
dirá el P. en la e. 54. del c. 7. aunque verdadera-
mente , de los hombres que executan obras glo-
riosas se ha de creer, que tienen mas algo de di-
vinos, que los otros.

¶ Nesta parte. En aquella de la Asia, adonde
ivan los Portugueses.

¶ Mas base de sofrir. Ya en la est. anteced. El
Tasso (o imite, o concorra) dixo assi con semejâ-
te ira, i ocasion , en la boca del mismo demonio:
E suffirem che. &c. queda todo el lugar en la ul-
tima nota a la e. 32.

¶ A tam poucos. La gente Portuguesa, no solo
a respeto del mundo , sino de los que en el creen
en Christo, es una pequenia parte, como el P. pon-
dera en la e. 2. del c. 7. Pero luego en la siguiente
haze misteriosa esta pequiez , mostrando que
ella es la mejor cultora de la ley Evangelica , en
que consiste la verdadera grandeza, i que desso es
causa el pagarse Christo de la humildad , que se
representa en essa pequenez. I assi, con causa se
duele aqui el demonio entendido en Baco , de
que los Portugueses siendo pocos osen tanto , i
estén guardados para tantas glorias ; de que essa
humildad (digamoslo assi) sea tan favorecida del
cielo: porque como el demonio se perdió por so-
bervio , una de las mayores penas suyas es ver
ganado a nadie por humilde. Por esso trae exé-
plos de los elevados , i que se quisieron hazer
Dioses como el , mostrando que essos le agrada-
van , porque son de su classe , i los humildes no ,
porque son de la de Christo. I esta invencion que
aqui lleva nuestro P. es tal, que no hallò el Tasso
otra mejor para aquel Concilio infernal, i ponde-
raciones de Lucifer , de que al fin de essotra es-
tancia dexamos una muestra, para que vean los
grandes aplaudidores de lo extraño , que lo extra-
ño que mas aplauden no tiene mas miel , si tiene
mas ventura que lo natural ; que es cosa nota-
ble.

¶ Que eu co' gram, &c. demos lugar, &c. quie-

Are dezir : Yo , i gente tan grande nos hemos de
rendir a esta tan pequena? I es continuar el P. la
imitacion de Virgilio alli en persona de Juno,
Me ne incepto desistere victimam?

¶ E com o Romano. Entiende los que de Ro-
ma apuntaron por aquellas partes , o lo preten-
dieron como Trajano: i fuera desto, todo el pue-
blo Romano por todo el mundo. Ponderandose,
que parece estava consignada en la mente divina
aquella parte al valor Espaniol , pues hasta de los
Emperadores Romanos, fue Espaniol el que pro-
curò entrar en ella. Esto de estar Baco hablan-
do consigo , i respondiendose a si propio , es la
figura Retorica llamada Antipofora , o Subje-
cion.

LXXVI.

Ná será assi ; porque antes q chegado
seja este Capitam, astutamente
lhe será tanto engano fabricado,
que nunca veja as partes do Oriente.
Eu decerey à terra, c o indignado
peito revolverey da Maura gente.
C Porque sempre por via irà derrita
quem do oportuno tēpo se aproveita.

No Será assi , porque antes que llegue este
Capitan le será astutamente urdido tal en-
gaño, que jaivas vea la India. Yo baxaré a la tie-
rra , i rebolveré el indignado pecho del Moro;
porque siempre caminará derecho quien se apro-
vechare del oportuno tiempo.

D **¶ Nam serà assi, porque, &c.** Responde Baco a si propio.

¶ Este Capitam, &c. Modo de aniquilar, de-
cir, este; como si dixerá, este nada. Assi en las est.
78. i 133. del c. 3. adonde se vea lo que dirémos:
i tambien al fin de la 78. deste.

¶ Tanto engano fabricado. En esta ocupacion
pone nueltro P. aqui al demonio : esso hizo des-
pues el Tasso en su Liberata, c. 4. e. 19. *E comin-
ciar a fabricar inganni.* Con las mismas pala-
bras: i no es diferente desta aquella invencion de
salir Arimida incitada del demonio , a procurar
destruir con engaño el exercito Catolico.

E **¶ Quem do oportuno tempo se aproveita.** Di-
ze, que era buena ocasion esta, i que la prudencia
es no perder las que son tales : aludiendo a la
imagen tan sabida de la Ocasión , con copete , i
calva. Esta era buena, porque estando los Moros
ya con animo dañado contra los Portugueses en
la est. 73. facil seria el acabar de dañarselo para
destruirlos.

LXXVII.

Isto dizendo irado, e quasi insano,
sobre a terra Africana descendeo,

onde vestindo a forma, e gesto huma- para o Praffo sabido se moveo. (no, E por melhor iecer o astuto engano, no gesto natural se converteo, (do, de hū Mouro em Moçábiq conheci- velho, sabio, e co^c o Xe^q muy valido.

Diziendo Baco esto, baxò airado, i casi como loco sobre la tierra Africana: adonde tomado la forma, i semblante humano, anduvo ázia el promontorio Praffo; i por texer mejor su engaño, convirtiò en la natural estatura, i modo de un Moro bien conocido en Moçambique, viejo, i sabio, i muy valido con el Xeque.

¶ *Isto dizendo, &c.* Este verso hallareis en la e. 57. del c. 5. Baxando a Moçambique el demonio, se convirtiò en un Moro viejo, i valido del Rey, para persuadirle la destrucción de los navegantes. Todo es a imitation del Dios del sueño en la Iliada de Homero, lib. 2. apareciendo a Agamenon en la figura de Nestor, gran valido suyo, *Stetit autem super capite Nelei filio similis Nestori; quem maximè senum honorabat Agamemnon.* I de (lo que es mas cierto) Iris embiada de Iuno a Cecilia, adonde se hallava Eneas; la qual para engañar las matronas Troyanas (que estavā junto a los barcos lamentandose, miétras Eneas apartado celebrava las exequias de su padre) se convirtiò en una vieja alli conocida, i haciendose muy de casa, i de lo zeloso, continnando con ellas la muestra del dolor de sus trabajos, las persuadio a que abrasassen la flota, i con esto cesaría la molestia de navegaciones.

*Ergo inter medias se se baud ignara nocendi:
Coniçit, & faciemque Deæ, vestemque reponit.
Fit Beroe, Ismarij coniux longæva Doricli
Cuigenus, & quond im nomen natique fuissent.*

Ac si Dardanidum medium se matribus infert.

Pudo tambien ver a Stacio, que en su Theb. 2. haze que Layo tome la forma de Tiresias; i todos los Lítimos frequentaron estas transformaciones. Despues que en esta imitó nuestro P. estos Maestros, continua debaxo deste velo con su Religion alegoricamente. Aviendo fingido, que el demonio encontrava este descubrimiento, finge agora que se convirtiò en un Moro valido del Rey, o Xeque, o Governor de aquella Isla, en que se hallavan los navegantes, para persuadirle debaxo de buen zelo fingido, que convenia destruirlos. Estas mañas son propias del demonio: i que Dios le conceda el poder usar de ellas, consta de la sagrada Escritura, i de los Santos: i tambiē consta de muchos, que le concede Dios esto ordinariamente; mas sobre aquellos que mas le amá, para provarlos, &c. En el Testamento Viejo sea testigo solamente Iob: en el Nuevo el mismo Christo. I san Agustín con estas palabras del lib.

A 8. de su ciuila: *Omnis transformatio corporalium rerum, qua fieri potest per aliquam virtutem naturalem, per dæmonem fieri potest.* I con esto los cuerdos nos escusarán de mas prolixa erudicion en materia tan notoria, pues basta esto contra los que culpan al P. destas transformatiōnes; si bien parece, que esto es en tanto que no caen en q Baco representa aquí el demonio, al uso Christiano, i no Baco a lo Gentilico: i es cosa clara.

¶ *Insano.* Assi como le llamò Estacio, Theb. 5. *Insano veluti Thebænia Thyas Raptæ Deo.*

¶ *Sobre a terra Africana.* Porque en ella está Moçambique, adonde los navegantes se hallavan expuestos a este peligro.

¶ *Para o Praffo sabido.* Melinde; verlo en la e. 43. Este verso es como el ultimo de la e. 33. del c. 2.

¶ *Tecer o engano.* Ariosto e. 17. *Et un ingano urdir.* I el P.e. 79. *O engano urdido.* I el gran Tas- so lo dixo en otro lugar, o concurriendo có nuestro P. o trasladandole, que todo puede ser.

¶ *No gesto natural.* En la forma propia quiere decir; assi se usa natural por propie, i el P. en la c. 15. del c. 8.

¶ *Velho, &c.* Esta particula, de que era viejo el Moro, cuya forma tomó Baco, o el demonio, es imitada de Virgil, 7. quando Alesto para semejante engaño se transformò asi:

C *Furialia membra
Exuit: in vultus se se transformat aniles:
Et frontem obscuram rugis arat, induit albos,
Cui vita crines, &c. Fit Calybe Iunonis an^o, &c.
I esto es, porque a la vejez se dà mas credito. Trasladóle Ronrado, lib. 1. de su Franciada, quando finge que Marte en la forma de otro viejo se apareció a Franco para otra persuasion: assi:*

D *Puis comme un trait roidement s'eslanza
dedans Butbrote, ou sa forme laissa,
& pris le corps, d' aileure, & le visage
d' un vieil Troyen aux affaires tressage,
le quel se vivoit en si iessaeff Hector, &c.*

*Or ce vieillard auoit touſiours esté
var les Troyens en grande autorité.
En ſe ſemblant ce Dieu guerrier ſe change,
autour du front des cheueux blancs arange,
ſe laboura de rides tout le front, &c.*

E I no puedo contenerme, que no diga que me admiro de que aya sujetos presumidos destas letras, (i que conforme a los exercicios que tomá, tienen obligacion de aver manejado atentamente los Autores) que se dexan dezir, que deste viejo de Ronrado tomó mi P. el orro que introduxo al fin del c. 4. Porque cometén tres yerros en esta sentencia: uno, que quando tomára de Ronrado esto, era aqui, i no allá; porque no tiene que ver esta invencion de transformar un Dios en un viejo, a persuadir sus intentos, con aquella de introducir un viejo Real, a condolerſe de lo persuadido i executado: otro, que si el inventor es Virgilio, el Camoës le tenia mas a la mano, co-

mo quien no dio un passo sin el: i otro, que el Camoés, i el Ronsardo escrivieron a un mismo tiempo; i lo cierto es, que no se vieron uno al otro a tiempo que se pudiesen imitar: porque el Ronsardo murio en vida de Enrique Tercero, que feno la suya el año 1574. i devio imprimir sus obras al mismo tiempo que Camoés su Poema, que fue el año 1572. singularmente la Francia da, que siendo dedicada a Carlos Nono, el aviendo reynado poco murio año 1561. Lo cierto es que nuestro P. no vio a Ronsardo, i quâdo le vierá, no era de allí la imitacion del viejo introducido en el c. 4. sino de Mafeo (como allá enseñaremos) con tantas ventajas, que le dexó muy honrado con hacerle capaz de su imitacion.

P Xcque. Nombre de cargo que respôde entre los nuestros al de Gobernador. Bien pudo el Tasso no ver esta pintura de como se trâsformò Baco, pero no se mejora della quando transforma al Angel Gabriel en el c. 1.e. 13.

*La sua forma invisibil d' aria cinse,
Et al senso mortal la sottopose,
Humane membra, aspetto human si finse.*

I no dudo yo que fue viita del, aunque tuviesse aí a Virgilio para imitarle como mi P. hizo: las palabras me lo persuaden. *Vestindo a forma e gesto humano no gesto natural se converteo, &c.* Ni me lo persuade menos en la otra transformació que finge en la c. 8. del c. 9.

*A costui viene Aletto, e da lei tolto
El sembiante d' un buon d' antica etade.*

Pero importa poco que le viesse, o no: basta que todos los grandes concurrieron a esto. Lo que importa es empezar desde aqui a dar un gusto grande a los amadores de entender el modo con que trabajaron en sus obras los grâdissimos hombres. Ya en la vida del P. num. 16. comunique la dicha que tuve de alcançar un original deste Poema, i lo que resultò de tan precioso hallazgo. Agora digo, que desde esta est. se empiezan a ver las mudanças de bulto que el P. hizo en esta labor: porque a esta est. se siguen en el original dos, estando esta muy otra. Desta manera.

1.

*Isto dizendo; irado e casi insano
sobre a Thebana parte decendeo,
onde vestindo a forma, e gesto humano
para donde o Sol nascê se moveo.*

*Ia atravessi o mar Mediterrano;
ja de Cleopatra o Reyno discoreo;
ja deixa, amão direita os Garamantes,
cos desertos de Libia circumstantes.*

2.

*Ia Meroe deixa atras, e a terra ardente
que o septen, fluo rio vay regando,
onde Reyna o muy santo Presidente
os preceptos de Christo amoestando:
Ia passa a terra de agoas carecente,
que estam as alagadas sustentando:
donda seu nascimento tem o Nilo,*

A que gera o monstruoso Cocodrilo.

3.

*Daqui ao Cabo Praço vay direito.
e entrando em Moçambique, nesse instante
se faz na forma mouro, contrafeito
a hum dos mais bonrados semelhante.
E como a seu Regente f. fe aceito,
entrando hum pouco triste no semblante
desta sorte o Thebano lhe falava,
apartandoo dos outros com que estava.*

4.

Saberás, Xeque nosso, que sabido, &c.

B Agora prosigue nuestro Poema en la e. 79. aviédo salido deste desvio. Diré primero lo que el P. pretendio al escrivir estas estancias, y luego por que las quitó. Escriviolas con intento de imitar a Virgilio, que al hazer bolar a Mercurio particulariza los climas que fue passando: i no solamente quitó esto aquí, sino que rá poco tratò de imitarlo al hazer bolar a Mercurio desde la e. 56. del c. 2. q parecia lugar propio: i hizolo al bolar Venus en la est. 33. del mismo canto. Quitolas por estas razones: la primera, por escusarse de señalar la parte de donde salia Baco, o el demonio, dando a entender en essa est. 1. que salio de Tebas su patria, despues de aver baxado a ella desde el ayre. I las causas porque le sacava de allí, que eran bouissimas, i muy conformes a la maravillosa invencion deste Poema, enseñaremos al fin de la est. 7. del c. 6. a donde el P. quitó otra excellentissima que correspondia a esta. Vease lo que diremos allá, que sirve mucho aqui: la segunda razon porque las quitó fue, porque pareciendole mas artificiosa la imitació (i pareciole bié) para quando Venus salio del mar al cieio en el c. 2. desde la c. 33. le cuenta los passos como Virgilio a Mercurio, segun allá mostraremos. La tercera razon fue, porque dilatava mucho este caso: la quarta, porque conocio que la traça, i estilo temian floxedad, como escrito, i obrado en pocos años: la quinta, porque entrava hablando el trâsformado Baco con frialdad, diciendo: *Sabráis, Xeque nuestro, &c.* I en lo que emendò está judicioso, i diestro, i ardiente, assi en apresurar el caso, como en la descripcion del buclo en los primeros quattro versos desta est. 77. iluego en los otros quattro la transformacion en el viejo con sus calidades todo felizmente descrito. I en la

E 78. con mejor invencion, no le introduce hablâdo, sino refiere lo que empezò a hablar, i en la siguiente le introduce hasta la 81. Agora diré algo sobre cada una de essas tres condenadas.

A la primera.

*G Sobre a Thebana parte decendeo, &c. Ia
atravessi o mar Mediterrano, &c.* Haziendole facil de Tebas para Moçambique le lleva por camino derecho, porque desde allí se atraviesa esse mar, i passa Egipto, que es el Reyno de Cleopatra, quedâdole a la parte que señala la Lybia, i los Garamantes pueblos della: passa luego Me-

L 5 roe;

roe, i las calidas tierras de Etiopia sobre Egipcio, que era regando el Nilo, que esto es Septemfluo río: porque se va a perder en el mar por siete bocas, despues de averse perdido en tierra por siete ramos: passò la Abassia, o Preste Iuan, que esse es el Presidente mostrador de preceptos de Christo, como veremos en la est. 62. del c. 4. i que tiene su Imperio en essa Etiopia: passò la laguna a donde nace el Nilo, cuyos contornos no tienen aguas de fuentes manantiales, sino de lagunas: i llegó a Moçambique a donde se hallavá los navegantes.

A la segunda.

¶ Septemfluo Nilo. Es imitando a Ovid. *Maididos Septemfluius agros. Nilus, & antiquo, &c.* Virgil. le llamo *Septemgeminus*. A este modo habló tambien Diomis. de situ orb. algunas veces. *Xanthi ad fluuenta pulchrituui, &c. i despues circumflua Amphitrite.*

¶ O Nilo que gera o Crocodilo. Passò el P. esto de la propiedad del Nilo, con la advertencia de que por allá está el Preste Iuan, a la e. 95. del c. 10. con tanto mayor estilo, quanto fue mayor la edad en que lo escribió. Vease.

A la tercera.

¶ Daqui, &c. Toda ella está mostrando, que el P. escribió muchos troços deste Poema en su mocedad, como tengo mostrado en el num. 16. de su vida.

LXXVIII.

E entrádo assia falarlhe atépo, choras a sua falsidade acomodadas,
lhe diz como eram gêtes roubadoras estas que ora de novo sam chegadas:
Que das naçoës na costa moradoras, D correndo a fama veyo que roubadas foram por estes homés que passavam, q cõ pactos de paz sempre ancoravá.

I Entrando assia hablarle a tiempo i horas acomodadas a su falsedad; le dice, como eran gêtes robadoras estas que agora son llegadas de nuevo: porque de las naciones moradoras en la costa vino corriendo la Fama de que fueron robadas por estos hombres que passavan, i ancora van siempre con pactos de paz.

¶ E entrando assi: entiendese assi transformado; de aquella manera que queda descrito al fin de efforra e. i es al modo de la Escritura, *Fatigatus ex itinere sedebat sic*: cuya explicaciõ veremos sobre la e. 60. del c. 2.

¶ A tempo e horas. Como Iris a las Troyanas que diximos en la est. anteced. I se ha de entender, que estas horas que el demonio eligió para aparecer en aquella figura al Xequé fueron quando el estaba con el animo mas dañado contra los

navegantes; que era como llegar a la polvora el fuego, o batir sobre la yesca el pedernal: porque el animo humano es vario, i assi pudo aver hora en que el Xequé estaría menos inciñado a hazer este daño, i esta no era a propósito para persuadirle.

¶ Como eram gentes roubadoras. Esto mismo huelve a advertir el propio Baco, o demonio en la e. 32. del c. 8.

¶ Que das naçoës, &c. Dizele el viejo, o el demonio en su figura, que no como quiera llama ladrones a los navengantes, porque esto es fama publica, que vino corriendo desde las costas por donde ellos passaron executando el oficio de robar. Es de saber, que el Gama no avia tocado desta costa mas de en quattro partes, que fueron la Baia de Santa Elena, que es antes del Cabo de Buena Esperança, i despues la Aguada de S. Blas, el río de los Reyes, i el de Buenas señales: en estas dos ultimas tuvo bonissima paz con la gente dellas, como veremos en las est. 68. i 69. del c. 5. i desde la 75. del mismo hasta la 83. i en las dos primeras tuvo alguna desavenencia, como veremos en el propio canto desde la est. 31.

C hasta la 36. i desde la 61. hasta la 64. i a estas dos ocasiones alude el demonio imponiendo a los navengantes la culpa de lo que allí sucedio, i dando le titulo de robo, i mal trato, usado contra las leyes de la razon para exasperar al Xequé. I agora descubriremos otro misterio de los con que el P. va procediendo en lo que dice; i es darnos a entender con sutilezas que este Baco es el demonio a quien Dios tiene concedido saber lo passado: porque de lo sucedido en la Baia de Santa Elena, i Aguada de San Blas no se podia saber en Moçambique: de que se sigue que refierendolo aqui Baco, en figura de aquel viejo, era el demonio que solamente lo podia saber: i añadese a esto el refirirlo con mentira, porque el demonio es el Autor della: una de las oposiciones que tiene con Christo, que es la fuente de la verdad. I que el demonio mintiesse aqui, se ve claro, porque en Santa Elena dio el Gama piezas a aquellos negros, de estima para ellos, sin que les tomasse nada; i ellos de maliciosa se desacordaron: i en S. Blas tuvo solamente diferencia sobre el trueque de algunas cosas. De modo que el demonio en decir que robavan mentia, como es su costume.

¶ Por estes. Por desprecio, como diximos en la est. 76. i a imitacion de Virgilio lib. 8. quando Turno informa los señores convezinos para indignarlos contra Eneas les dice que creyendo en agueros viene un hombre Troyano a inquietarlos. *Multasque viro se adiungere gentes Dardanio*: diciendo por desprecio un hombre Troyano.

¶ Que com pacto de paz, &c. Dize que anco-ravan, esto es, que tomavan puerto con paz finida, robando, i luego huyedo. Barros alii. *O que tinba*

tinha entendido era screm homens vadios que andavam roubando os portos do mar, &c.

LXXIX.

Esabe mais,lhe diz, como entendido tenho destes Christaos sanguinolétos, que quasi todo o mar tem destruido com roubos, com incendios violentos. E trazem ja de longe engano urdido contra nos; e que todos seus intentos sam para nos matarem, e roubarem, e molheres, e filhos cativarem.

I Sabe mas (le dize) como tengo entendido destos sangrientos Christianos, que casi todo el mar corrieron, robando con violentas llamas: i que traen urdido engaño contra nosotros: i que solo su intérro es matarnos, robarnos, i cautivarlos los hijos i las mujeres.

G Como entendido tenho, &c. Mirad como el P. no dexa de la mano la industria con que nos va mostrando la representació del demonio que haze aqui Baco; porque fulminando en la e. passada mentiras contra los navegantes sobre lo q̄ avia passado de que sabia, por serle concedido saber lo passado, agora aunque tambien va mintiendo, habla con cautela, diciendo que tiene entendido que ellos han destruido otros en el mar, i q̄ vienen con intento de destruir la tierra; porque todo esto, lo uno no avia passado, i lo otro estaba por venir, de que el no pue de saber.

G Christaos sanguinolentos. Mucho mas alude aqui el demonio a la sangre de Christo con q̄ vè marcados los Christianos, marca que le enfada mucho, que a otra alguna sangre que ellos hubiesen derramado hostilmente.

G Com incendios violentos. Dize que tenian hecho los navegantes lo que Iris dezia a las Troyanas hiziesen, que era abrasarles la flota. *Quin agite, & tecum infastas exurite puppes.* I notese como el propio verso está violento al decir esta violencia, pintandola a ella en el numero del, como Maestro: vease a este proposito la e. 89. i en el c. 2. la 74.

G E molheres e filhos cativarem. Con industria, dexò para decir posterior lo que duele mas que la hacienda, i que la vida, que es ver en las manos del enemigo la muger i los hijos, por los quales se pelea mas que por esforno: fundamento de los desposorios que el grande Alonso de Albuquerque hizo en Goa, como veremos sobre la e. 53. del c. 9. a buena ocasion.

LXXX.

E tambem sey que tem determinado de vir por agoa à terra, muito cedo,

A o Capitam dos seus acompanhado, que da tençam danada nasce o medo. Tu deves de ir tâbê c̄ os teus armado esperalo em cilada oculto, e quedo; porque saindo a gente descuidada cairão facilmente na cilada.

I Tambien se que determinan venir muy de mañana a tomar agua en tierra acompañados, **B** i armados con su Capitan: porque el miedo procede del intento dañado. Tu deves ir tambien armado c̄ tu gente a esperarlos oculto i callado, puesto en celada: porque saliendo ellos con descuido, facilmente caerán en ella.

G E tambem sey, &c. Otra vez, otra muestra de ser el demonio este viejo, diciendo, que sabe que los Portugueses tenian determinado salir en tierra armados a hacer aguada; porque lo podia saber el demonio, por ser resolucion platicada entre ellos ya en este tiempo. Al fin todo cuidados.

G De vir por agoa a terra, &c. En la rebuelta referida en la e. 70. salieron los Moros hostigados de ballestas; i arcabuzes que nuestra gente descargó en ellos, i con esso se apartó de allí la flota: i despues por falta de agua fue forçoso averla de ir a hazer con peligro; i por esso se resolvio el Gama en que aviá de salir armados: i no aviédose esta resolucion tomado presente algú Moro, solo el demonio la podia saber; como ai advertimos.

G Muito cedo. Aqui vale muy de mañana.

G Queda tençam danada nasce o medo. Sentencia bonissima: estendiola mas el P. en la e. 9. del c. 2. Es muy ordinario no temer falsedad, i otras maldades, sino el falso, i el malicioso. Pero notad los misterios con que habla el P. siempre. En la e. 32. dixo, que el demonio temia perder de opinion, i caudal con el passage de los Portugueses a la India: i en la 39. haze que diga Marte, que la oposición del demonio nacia de temor demasiado. Demanera, que teniendo dicho que el demonio era el q̄ estaba lleno de miedo, haze agora que el mismo demonio diga que los navegantes son los que le tienen, i que por esso quiere salir armados; siendo assi, que el demonio por el miedo que tiene haze estas diligencias: i llamando Marte al mismo demonio dañado, el agora lla ma assi a los navegates. En todo esto quiso el P. enseñar las mañas del traidor, que son imponer a otros lo que solo ay en el: i pretender q̄ cayga sobre ellos el rayo que derechamente devia caer sobre el mismo. Desta manera quiere el P. ser entendido.

G Oculto e quedo. Como Maestro d ze lo que ha de concurrir en la celada, que es eltar escodidos, i sossegados los que se ponen en ella. Olvi-

vidava semel lo mejor, i es la sutil imitacion de Virgilio en los engaños que Iuno texia comunicandolos a Venus, quando se puso que Eneas i Dido tenian determinado salir al monte, i allí queria ella executar su intento contra Eneas, mostrandose zelosa del de Venus. Vease, que todo viene a ser esto. Es a los principios del lib. 4. Allí está el

*Venatum Aeneas, unaque miserrima Dido
Innenus ireparant, ubi primus crastinus ortus*

*Extulerit Titan, &c que es aca esso de Sey
que tem determinado de vir por agoa a terra mu-
to cedo. I descriptiendo luego Virgilio la hora a q
fajeron por la mañana assi: *Oceanū interea sur-
gens Aurora reliquit: esso haze nuestro P. en la e.
84 La orsayo Apolino, &c. Vamos allá. A esta
en. se figura en el original esto tra.**

*E para que des credito ao que falo,
que este Capitam falso està ordenando,
sabe que quando foste a visitalo,
ouvi dous neste casu estarfalando.
No que d'igual amficas intervalo,
que eu te d'go sem faltas, como, e quando
os podes destruir; que hebe molbido
que quem quer enganar fique enganado.*

Elle está mostra ido bien dos cosas: una, que no ay duda que el P. escrivio muy moço los primeros troços desta maquina: otra, que no ay moedad con madurez: i q hemos de ver pagar la pēsion de m̄os a los que escrivieren en tal edad. Dicho Luis de Cam. que tan altamente se sup̄o conocer, i emendar: que ay muchos (por no decir casi todos) que jamás abr̄e los ojos, ni aun entrados por la puerta de la vejez. En lugar desta est. escrivio la 78. que ai queda con disposiciō i estilo judicio so quanto puede ser.

*¶ Que quem quer enganar fique enganado. Atē-
dio ei P. en esta senēcia al lugar del Saimista 7.
Et incidit in foveam quam fecit. Pero imitando a
Ariosto que dix: v:*

*Che qui prende diletto di far frode
Non si de lamentar si altro l' inganna.*

Que mi P. ase de moço imitava, porq tenia leido mucho, i cō todo acertava como de pocos años. I así me admiro de los que piensan que aciertan escriviendo sin aver estudiado, i sin noticias, de q oy ay tantos: pero por eso vemos tantos escritos de moçis, que bien parecen de la moedad. Finalmente sin edad capaz, i sin ciencia grande no ay aciertos cabales en ningun humano.

XXXI.

*E se inda nam ficarem deste feito
destruidos, ou mortos totalmente,
eu tenho imaginado no conceito,
outra manha, e ardil que te contente.
Mandalhe dar Piloto que de geito
seja astuto no engano, e tam prudēte,*

A que os leve a donde sejam destruidos
desbaratados, mortos, ou perdidos.

*I Si aun deste hecho no quedaren destruidos
yo tengo en la imaginacion otro ardid i traça,
que te agradarà. Mandale dar un Piloto que de
suerte sea astuto, i se govie ne con tanta pruden-
cia en el engaño, que los lleve a donde los destru-
yā, desvarate, mate, i pierda.*

*¶ Mandalhe dar Piloto, &c. Propone el de-
monio, que si allí en tierra no pudiere el Moro
desvaratar a los Portugueses, se les dé un Piloto,
que fingiendo que los guia bien los lleve a dom-
de perezcan. I tambien en esto se ven dos cosas:
una, que si esto no fueran consejos del demonio,
aquej viejo que el representa, como era valido
del Xequé, pudiera muy bien dar el Piloto de a-
quella calidad, sin que precediese el aconsejar-
le: otra, que tambien es propio del demonio, aun
cuando nos quiere engañar, darnos algunas se-
ñias de si: i este consejo que el dava al Xequé en
figura de su valido le pudiera manifestar, cayen-
do el Xequé en q el valido pudiera hacer aquél-
lo que le aconsejava sin darle parte: i mas vien-
do claramente que en la tierra no avia noticia de*

*las malas obras q el le dezia de los Portugueses
executadas en la costa, i otras, i aū ellās torcié-
dolas a su modo, que tambien es propio del de-
monio, como lo enseña la Escritura sacra, quan-
do puesto de ante de Christo, para facilitarle a q
se arrojasse del pinaculo, haciendo muy de lo en-
tendido en la Escritura propia le dice: *Scriptum
est, &c. Angelis suis mandavit te, & in manibus
tollent te &c.* Sin acordarse que lo a que incita-
va a Christo era acción muy contraria a aquellas
para que Dios tiene consignados los Angeles, q
son las de necesidad, i no avia ninguna para e-
charse Christo de allí abaxo: i por esto le respon-
dió Christo luego, castigandole la ignorancia, o
malicia con la misma Escritura bien entendida:
Non tentabis Dominum Deum tuum. Porque en-
tonces no embiarà Angeles, antes castigarà la
tentación. Demanera, que el demonio siempre
viene a mostrar quien es, si le quisiersemos echar
de nosotros, i esto es lo que le sucede aquí clara-
mente.*

*¶ Mortos ou perdidos. Este fue el intento i fin
del consejo del demonio, de que se sigue, que es-
se personage representa Baco, porque el oficio
total, i su ocupacion toda del demonio, es la de-
strucción del género humano; i con singularidad
de los Catolicos. Oygamos a San Gregorio ex-
poniendo cierto lugar de Job. *Quid perditionis,
& mortis nomine, nisi maligni spiritus designan-
tur?* Assi pues dando el P. a Baco este cuidado
de procurar que fuesen muertos o perdidos los
navegantes Christianos, es dezirnos que el repre-
senta al demonio, de quiē es ansia propia la muer-
te i perditione dellos conforme a este lugar de san*

Gre-

Gregorio, ja todos los Santos. Con tal industria nos quiso el P. hazer aqui una imagen de ese enemigo comun.

LXXXII.

Tanto que estas palabras acabou o Mouro nostas casos sabio, e velho, os braços pello collo lhe lançou, agradecendo muito o tal conselho. E logo nesse instante concertou, para a guerra o beligerio aparelho; para que ao Portugues se lhe tornasse em roxo sangue a agoa que buscassem.

L Vega que el demonio trâsformado en aquel Moro fenecio su platica, le echò los braços al cuello el Xeque agradeciendole mucho el consejo. Al punto ordenô las armas para aquel caso, pensando bolver en sangre a los navegantes la agua que fuesen a buscar.

P *Nostas casos, sabio e velho.* El Moro viejo, i sabio en semejantes astucias, quiere dezir: *I* veys ai como era el demonio en figura de ese viejo Moro, porque el demonio es el verdadero sabio, i viejo en ellas desde el Paraíso terreste a donde con semejantes engañò el genero humano. I como los Moros en mètiras, i malicias son muy discípulos del demonio, con grã propriedad le finge el P. transformado en uno.

P *Os braços pello collo lhe lançou.* El gran Tasso en su Liber. c. 11. est. 53. con semejante motivo, i invenció, parece trasladar a nuestro P.

..... *Indi le braccia al collo*
(Così detto) gli stesse, e circondallo.

El circondollo fue redundancia indigna de la grã deza del Tasso, i mas imitando a mi gran P. que la escusó.

P *Para a guerra o beligerio.* Vamos a la est. 44. del canto 4. verso 4.

LXXXIII.

E busca mais para o cuidado engano Mouro q por Piloto, à nao lhe māde; sagaz, astuto, e sabio em todo dano; de quem fiar se possa hum feito gráde. D izlhe q acompañhado o Lusitano, por tais costas, e mares co' elle ande, que, se daqui escapar, que lá diante va car onde nunca se levante.

B Usq luego para aquel engaño un Moro sagaz, i docto en maldades, de qui se podia fiar un grã hecho desta suerte, para embiarle a la nave por Piloto: induziendole a que anduviesse co-

los Portugueses por tales parajes, q si escapassen de unos, fuesen a caer en otros, demanera, q jamás se levantassen.

P *E busca maes, &c. Piloto, &c.* A un mismo tiempo se previnieron las armas, i el Piloto instruido en malicias, para dar cõ los Portugueses a donde quedassen perdidos. La historia derecha es (con Barros Dec. 1. lib. 4. cap. 4.) que este Piloto se dio despues que los Moros se atrevieron a nuestra gente, i vieron que no salían con su intento, antes castigados de nuestras armas, como luego se verá. I assi no le entienden bien, o leenle mal los que dizan que continua mucho la verdad historica.

P *Sabio em todo dno.* No podía dexar de ser este Moro de la escoria de la vileza, i de la ignorancia, si avia de ser sabio en daños, i maldades; porque la experiencia ha enseñado (rara cosa!) q los mayores maliciosos son los mas rusticos, i ignorantes: i esto vale alli el *sabio: astuto*.

P *Sed aqui escapar.* Si alli en Moçambique no fuesen destruidos: o que si en un paraje no les pudiesse echar a perder, lo hiziese en otro.

P *Va a cair onde nunca se levante.* El Tasso continvando aquel engaño del demonio (como acá nuestro P.) que diximos en la est. 76. tiene casi este propio verso en la 26. *Menagli in parte ondo alcun mai non torni.*

LXXXIII.

I a o rayo Apolineo visitava os montes Nabatheos acendido, quado Gama co' os seus determinava de vir por agoa a terra apercebido.

D A gente nos bateys se concertava, como se fosse o engano ja sabido; mas pode sospeitarse facilmente. Que o coraçam presago núca mente.

V A el Apolineo rayo visitava encendido los Nabateos montes quando el Gama con su gente determinava salir apercebido de armas para hacer aguada. Ya ivan compuestos como si tuvieran sabido el engaño que los aguardava: pero este facilmente se sospecha: que nunca miente el adevino coraçon.

P *Ia o rayo, &c.* Dize, que aviendo amanecido, ya el Sol rayava los mótes: i pone los Nabateos, porque son de aquella parte Oriental, i los mas conocidos. El termino es de Ovidio, q assi para señalar la India señalò essos montes. *Eurus ad Auroram Nabathaea que regna recessit.* Tambien pudo arrender a Virgil. lib. 3. *Iamque iugis summa surgebat Lucifer Ida.* Referia Eneas sucesos de Troya a Dido, i nombrá aquel monte mas conocido de aquellas partes: i en el 12. *Posterea vix summos spargebat lumine montes*

Or-

Orto dices. Esto quanto al estilo, i quanto a la invención es continuando la imitación que descubrimos al fin de la est. 80. Vease. Los Nabateos son en la Arabia, llamados assi de Nabor hijo de Ismael. Ver a Sbrabo lib. 16.

¶ Acendido. Bien: porque el Sol en quanto no aparece por la mañana, o se esconde a la tarde dà una luz dudosa, como fuego sin llama, i assi el encendido aquí vale alúbrava con toda su llama que se estendia por los montes: esto es, avia acabado de aparecer en el Oriente.

¶ Quando Gama, &c. apercebido. Aquí haze nueltra gente lo que el demonio dezia al Xequé en la est. 70. que avia de hazer; queriendo q fuese juzgada por malicia la prudēcia: porque si el Gama saliera sin armas fuera imprudente, i digno de reprehension.

¶ Quo coraçam presago nuncamente Verso que se halla la mitad en la est. 77. del c. 4. i entero en sus rimas egl. 7. Vulgarmente se dice, que el coraçón adivina: el P. no sigue essa vulgaridad; i entiende por coraçón la prudencia, i vigilancia que es la penetradora de lo futuro, i parte mejor de un Capitan. Por esso al dezir las que el deve tener en la est. 89. del c. 8. dice, que ha de adivinar. Como será esso? Temiendo, i pensando. I esso no se haze sino con discurso, prudencia, i vigilancia. Veamoslo allá.

LXXXV.

E mais també mandado tinha à terra de antes pello Piloto necesario; e foyle respôido em som deguerra, caso do que cuidava muy contrario. Por isto, e porque sabe quanto erra que cin se cre de seu perfido adversario, apercebido vay como podia, em tres bateys somente que trazia.

Tambien a esso de sospechar el engaño tenia precedido el aver el Gama cambiado a pedir el Piloto que avia menester; i respondidosele en son de guerra: suceso contrario a lo que el pensava. Por esso, i por saber quanto yerra quien se fiz de su enemigo, fue armado como pudo en solo tres bateles que traia.

¶ Quanto erra quem se fiz, &c. No puede ever mayor yerro que el de fijarse del enemigo; i mas de aquél que no lo fue por su voluntad, si no por la que entendio en nosotros.

¶ Em tres bateys somente que trazia. Tres bateles, uno de cada nave, porque ellas no eran mas: i pareciendole pocas al P. nūca en este Poema baxò a dezir el numero dellas, antes con industria le fue siempre encubriendo, i descubriendo, coino iqui: diciendo, que el Gama salio en tres bateles solos, porque no trais mas, dexando

Anduda si eran mas las naves. De este modo haziéndo acudir las Nereydas a defenderlas de un peligro en la est. 30. del c. 2. nombra solas tres, fingiendo que venian muchas. Tambien con semejante industria nombra tres naves en la tormenta que describe en el c. 6. Allá itemos.

LXXXVI.

Mas os Mouros q andavā pella playa por lhe defender a agoa desejada, (ya, hū de escudo embraçado, e de azagaia) autrede arco encurvado, eseta ervada; Esperam que a guerreira gente saya, outros muitos ja postos em cillada. e porque o caso leve se lhe faça, poem hūs poucos diante por negaça.

Pero los Moros que andavan ya por la playa para defender la agua deseada, unos con escudos en el braço i dardos en la mano; otros con corvos arcos, i enyervadas saetas, esperan que salga la guerra gente: estando ya puestos otros muchos en celada: i porque el caso se les haga leve, el peligro se les facilite, les ponen unos pocos delante por señuelo.

¶ Hum de escudo, &c. Bien pintados con su variedad de armas en solos dos versos. Conformóse con Barros, Dec. 1. lib. 3. cap. 3. en otra ocasión. Todos armados, hums com azagayas, e espadas, otros com arcos, &c. Azagaya es arma que corresponde a nuestro dardo: i el nombre q tiene en algunas partes tiene, tambien corresponde al de azagaya, i es azaguncho. Està la diferencia en q la asta de la azagaya es mas corta que el hierro; i del dardo, mas corto el que ella. Es nombre Arabigo, i significa cosa arrojadiza, quales son los dardos, i venablos.

¶ Iapoitos em cilada. Executando lo que el demonio aconsejo al Xequé. est. 80.

¶ Poem hums poucos, &c. Consta de las historias, que estavan armados hasta dos mil Moros en esta ocasión; i pocos se mostravan, por combinar mis nuestra gente a irse a ellos, i despues dar sobre ella. Parece que el P. echò mano desta desavenencia entre los navegantes, i los Moros por imitar a Apolonio Rodio que entra en el lib. 2. de sus Argonautas, con semejante contienda de lloros con otra gente.

¶ Ocaso leve se lhe faça. Porque se les figura facil aquél acometimiento, aparecian pocos por la playa.

¶ Por negaça. Metáfora de la caça, en quo el caçador coge en el laço las aves con el señuelo, esso es negaça, i de esso servian aqui los pocos que aparecian por la playa.

LXXXVII.

*Andam pella ribeyra, alva, arenosa,
os belicosos Mouros acenando,
com a adarga, e co' a astea perigosa,
os fortes Portugueses incitando.*

*Nam sofre muito a gente generosa
andarl' os caens osdētes amostrado:
qualquer em terra salta, tam ligeiro,
que nenhū dizer pode q̄ he primeiro.*

A N. lavan por la blanca i arenosa playa los belicosos Moros haciendo señas, o amagos cō la adarga i peligrosa asta por incitar a los Portugueses. Ellos generosos, no sabiendo sufrir que les anduviesen aquellos canes mostrado los dientes, saltan en tierra con tanta ligereza, que ningū no pudo dezir que fue primero en esta accion.

G *Andam pella ribeyra, &c.* Con feliz desahogo describe el Poeta la accion militar de los Moros por la playa incitando a los navegantes, i la dellos en saltar en ella.

¶ *Alva arenosa.* Propio de la playa blanqueado con su arena. No quisiera hazer muchas citas sobre epitetos, estando ai Texiōr con su tienda dellos patente. Este correr de los Moros por la playa con alboroco, es a imitacion de Virgilio lib 2.

V *Vndeque visendi studio Troi ina juventus,
Circumfusa ruit, certantq; illudere capto, &c.*

¶ *Acenando com a adarga, &c.* Parece que se está viendo el hazer señas con las armas incitando los contrarios a que salgan.

¶ *Astea perigosa.* La azagaya, que en essora estancia juntó tambien con la adarga: demanera que uno mismo trae las dos armas; esta defensiva, i ofensiva aquella, como entre nosotros lança i adarga, o espada i rodelas: llamale peligrosa, por que lo es la herida de aquella suerte de hierro: adarga aqui, es lo que escudo en la estancia antecedente.

¶ *Nam sofre muito, &c.* Estavan los Portugueses impacientes de aquellas señas, i cortieñer a p̄tisla a ellos. Así Virgilio de Eneas al bravosearle los Italianos, lib. 10. *Aitul tulit Eneas tanto fervore frumentis irruit, &c.* Porque al animo grande elecharle bravata, es como enderezar a la vela encendiida el humo de la apagada, porque corriendo por el la llama va a buscárla.

G *Oscans.* No se piense que el Poeta llama canes a esto Moros, i negros, porque lo son, como oy hazen algunos, llamando canes, o perros a los que una vez se fizieron Christianos, que esto es simiedad: usa deste estilo en dos maneras; la principal como Christo, *Circumdecerunt me canes multi:* entendiendo de los Gentiles, i de los

A que vivē apartados de la Fè Católica, como vivian estos negros Gentiles con mezcla de Moros: i en el cap. 15. de san Marth. no queriendo el propio Christo oír a una Cananea, le dice: *Non est bonum sumere panem filiorum, & mittere canibus.* Sirva esto para la est. 48. del c. 3. i 9. del 7.

La segunda manera es con la corriente del furor militar, en que algunas veces lo usó Homero de enemigo a enemigo. Baste agora aquél lugar del lib. 22. de la Ilia, a donde Achiles dice a Neitor, que moria de su mano: *Ne me canis Avos precare: i enel 22. de la Vlissea llama assi Vlisses a los*

B que le perturbavan la casa: *Canes non me amplius existimabatis redientem?* I tambien esto devia usarle con la misma ponderacion; porque el enemigo de ordinario no observa Fè, ni ley con el enemigo. Particulatiza el Poeta el mostrar de los dientes, porque les llamò canes, en los cuales enojados es propio el mostrartlos por señas de arremeter: i tambien, por q̄ como solo esso ay blanco en los negros, solo esso se vè dellos en estando un poco apartados, si los muestran, como estos hazian, con gestos, torciendo la boca como suelen, por desprecio.

C **¶** *Em terra salta ligeiro.* Con Virgilio en el 6. aunque para otro efecto: *Iuvenum manus emicat ardens littus, &c.*

¶ *Que nenhum dizer pode que he primeiro.* En semejantes acciones militares es singular gloria al entrar en tierra enemiga, ser primero, i posterior al salir: i por competir en ganacia, se tienen ocasionado grandes perdidas.

LXXXVIII.

Q ual no corro sanguino o ledo amante, vendendo a fermosa dama deseada,

D o Touro busca, e pondo se diante, salta, corre, sibila, acena, e brada: Mas o animal atroce nesse instante, com a fronte cornigera inclinada, bramado duro corre, e os olhos cerra, derriba, fere, mata, e poem por terra.

Q Val en el sangriento cosso el contéto amante, te viendo la hermosa i deseada dama, busca el toro, i poniendosele delante salta, corre, sibila, dà vozes, i haze señas; pero el atroz animal en este punto inclinada la cornigera frente, corre bramando fiero, i cierta los ojos, i derriba, hiere, mata, i va poniendo por tierra quanto encuentra.

¶ *Qual no corro sanguineo, &c.* Haze aqui el Poeta una comparacion de los Portugueses, buscando animosamente a los Moros, que les andavan haciendo señas, al toro en el cosso, buscando al torreador que se las haze: i verdaderamente no ha escrito una estancia, sino que nos puso en

en algun palenque a ver el cuso con el toro, i con el sorteador : buscandose el uno al otro con las mismas acciones vivas, unas viniendose a los ojos, i otras sonando a los oidos . Tiene alguna semejança esta comparacion con otra de Ariosto, c. 17. Esta es la segunda del P. no son muchas las de que usa en todo el Poema, pero son todas felicissimas; i algunas inimitables : alomenos la del c. 5.e.21. No se si diga, que vió el gran Tasso esta, quando en su Liberata c. 3.e.32. dize assi:

*Tal gran Tauto tal' bon nel' ampio Agone,
Se volg' il corno a i cani ond' è seguito
S'arretran'essi, et a fuggir si pone
Ciascun ritorna a seguirlo ardito.*

¶ *Ledo amante*, Amante alegre, con propiedad, porque tiene delante la amada, i porque está ella viédo el peligro a que se expone por ella: que todo son alegrías del que ama.

¶ *Fermosa dama deseada*. Providamente añade a hermosa, deseada ; porque a no ser deseada, no bastava que fuese hermosa para producir en el amante aquella osadía de atreverse al roro co gran brio: en lo qual expressò el P. grandemente, la fuerça del deseo de vna hermolura.

¶ *Salta, corre, &c.* Leed todo el verso, i ve reys saltar, i correr el sorteador, i oreysle silvar, i dar vozes al toro. Allá en sus Rimas egl. 5.dixo: *Acena salta, brada ferre.* Salta, hurtandose a los cuernos: corte, retirandose: siua, siuandole, o exortandole: brada, incitandole co mayor tono de voz: acena, con la capa, o el pañuelo le provoca: al fin, todo lo que allí passa , dicho en un verso.

¶ *Com a fronte cornigera inclinadz.* Agora co otra tanra felicidad piuta el toro , inclinando la cabeza, cerrando los ojos, i rompiendolo todo, i limpiando la plaça. Claudio de raptu Proserp. lib. 1. *Nec noua Lunatæ curvavit germina frôtes.* B. Tas. Florid.c. 10. *Come toro tal horfiero, &c.* le corna abassa.

LXXXIX.

Eys nos bateys o fogo se levanta na furiosa, e dura artilleria:
a plumbea pela mata, o brado espâta,
ferido o ar retumba, e affovia.
O coraçam dos Mouros se quebrâta,
o temor grande o sangue lhe resfria:
ja foge o escondido de medroso,
e morre o descuberto aventuroso.

Y A en los bateles se levanta el fuego de la furiosa i dura artilleria inflamada: la pelota de plomo ya mata : el estruendo espanta: herido el ayre silva, i retumba : quiebrase el coraçon a los Moros: el gran temor les yela la sangre: ya huye el escondido de puro miedo : i el aventurero que

A estaba delante , muere irreparablemente.

¶ *Eys, &c.* Vla el P. con frequencia desta voz (que es el Ecce del Latin, valc; *veys aqui patente*) i siempre co las condiciones que deve usarse, que es quando se advierte, que se oye, o ve a guna cosa con novedad no pensada.

¶ *Nos bateys o fogo, &c.* Excelentemente describe el disparar de la artilleria, i su sonido, i efectos: que se estan viendo, i oyendo.

¶ *Furiosa artilleria.* Dec. 1.lib. 4 cap. 4. en la misma ocasion , *Experimentando afuria da nossa artilleria, &c.*

B ¶ *A plumbea pela mata, &c.* Hermoso petratis de la bala : a imitacion de Ouid. Met. 14.

..... *Vt lata plumbea funda
Missa solet medio glans intabescere celo.*

¶ *O brado espanta.* Admira el sonido horrido(es) es brado) de la artilleria disparada.

¶ *Ferido o ar retumba e affovia.* En este verso con la repeticion de las ii, agudas, i la ocurrencia del ar, tum, parece que ellá sonando al oydo aquell estruendo, i el aire roto: a imitacion de los grandes en tales ocasiones. Virgilio lib. 12. pintando el rugir del Leon. *Impavidus frangit telum,*

& fremit ore cruento. Sanaz. egl. 9. pintando el sonido del viento en las plantas, i rio. *Et freme
fra le frôde, e'l fiume mormora.* Garcil. egl. 1. *Quo
te me irâs, que corres más que el viento.* Parece q corre el verso. Vease más desto en la e. 74. del c. 2. i en las 71. 98 del 6. in las 29. 36. 106. del c. 10. I agora notese como vâ el P. graduando ingeniosamente los efectos de la artilleria dispara da. El primero es, el herir con la bala. El segundo, oirse el sonido. El tercero, gemir el ayre roto de la tormenta. Semejante cuidado bolvertemos a ver en la e. 74. del c. 9. Esto es el saber, D por que reduzirlo solamente a peynar versos con palabras, es ignorancia peynada.

¶ *O ar affovia.* B. Tas. Amad.c. 1. *L'aria in
torno ne fischia, &c.*

¶ *O coraçam dos Mouros se quebranta.* Vease para la representació que el P. haze deste mie do en los Alotos, lo que diremos sobre la e. 21. del c. 4. por no dezirlo todo en uno.

¶ *O temor grande o sangue lhe resfria.* Virg. notorio, *Frigidus Arcadibus coit in præcordia san gnis.* I en el 2. *Gelidusque coit formidine sanguis.* I en el 12. *Gelidus concreuit frigore sanguis.* Sene ca en Hercal. Fur. Sena 3.ac. 2. *Gelidus per artas
vadit exsangues tremor.* Lucano lib. 1. *Gelidus pa vor occupat artus.* Ariosto c. 18.e. 151.

*Vn timor grande tuto il sangue opresse
Cbe gli Africani baveano intorno al core.*
Assi todos en semejantes tiempos.

¶ *La foga o escondido, &c.* Entiendese por el escondido, los que estavan en la celada, que tambien huyeron viendo quan mal los nuestros par van a los descubiertos.

¶ *Emorre o descuberto, &c.* Entiendese aque llos q andavan por la playa, incitando con aque-

llas señas a los nuestros; A los pies del Xeque cayeron muertos algunos de un tiro de bombarda con que tuvieron tal miedo todos que luego trataron de huir, i desto resultó, que bolvieron a pedir paz, i dieron un Piloto, conque el Gama se fue de allí.

XC.

Nam se contenta a gete Portuguesa; mas seguindo a vitoria estrue, e mata: a povoazam sem muro, e sem defesa, esbombardea, encende, e desbarata. Da cavalgada ao Mouro ja lhe pesa, que be cuidou comprala mais barata: ja blasfema da guerra, e maldizia, o velho inerte, e a may q o filho cria.

No se contenta con esso la gente Portuguesa; antes siguiendo la vitoria destruye, i mata: es bombardea, enciende, i desbarata la poblacion sin muro, i sin defensa. Ya le pesa al Moro de la cavalgada, que bien penso comprarla mas barata: ya blasfema de la guerra, i maldezia la el viejo inerte, i la madre que cria al hijo.

¶ Estrue e mata: assi en la c. 14. del c. 3.

¶ Sem muro e sem defesa. Ariosto c. 26. Ne forza, ne ripar, ne grosse mura. El P. adelante est. 93. i.c. 3. e. 46.

¶ Da cavalgada jalbe pesa. Stacio Theb. lib. 3. al principio en tal caso, Iam pudet incepti, iam penitet, &c. B. Tas. Florid. c. 9. Gia si pente il gigante de la impresi.

¶ La blasfemz da guerra, e maldizia, &c. a May &c. Assi Orac. od. 1. bellaq; matribus de testata. El texto se ha de ordenar assi: Ia o velho inerte, e a may que o filho cria, blasphemava da guerra, e a maldizia: o entender que el Moro vencido blasphemava de los padres que le criaron para tan mal suceso. Lo primero es mejor, i lo cierto, i propio de viejos, i mugeres viendo vencidos los suyos. Tal lugar hallareis en la e. 44. del c. 4. i lugares que sirven aqui. El buen Mena se me olvidava en la cap. 204. Maldize la guerra do se començara, &c. Habla de la madre de don Lorenço de Avalos, sabiendo de su muerte en una batalla.

¶ Inerte, es Latin, vale floxo, debil. Esto que el P. dice de que destruyeron la poblacion es poesia: la historia es, que el Gama no se la quito destruir, contentandose con el dano hecho, prudentemente; porque nunca se ha de hazer todo el mal que se puede, i mas quien va a introduzirse de nuevo en tierras agenas.

XCI.

Fugindo, a seta o Mouro vay tirado, sem força de covarde, e de apresiado,

Tomo I.

A pedra, o pao, e o cato arremessando: dalhe armas o furor desatinado. Ia a Ilha, e todo o mais desamparado, à terra firme foge amedrontado: passa, e corta do mar o estreito braço, q a Ilha em torno cerca, em pouco es- (paço.

El Moro va huyendo, i tirando flechas ya sin fuerza de puro apresurado i cobarde: tira tambien la piedra, el palo, i el canto: dales armas el desatinado furor. Ya desamparando la Isla i todo huye amedrortado a la tierra firme: passan el angosto braço de mar q en torno ciñe la Isla en poco espacio.

¶ Fugindo v.y tirando, Virgil. lib. 11. huyendo ya los Rutulos de los Troyanos. Laxos referunt humeris languentibus arcus: i alii mismo mejor, Spicula converso fugientia dirigit arcu.

¶ A pedra o pao: lugar bien conocido de Virgil. lib. 1. Iamque faces, & saxa volant. Ercilla c. 8. Con piedra, palo, &c. Barros Dec. 1. cap. 6. en otra ocasion semejante que el P. imita. Defendendose com sua coragem a qual lhe ministrava armas de pao, pedra, dentes, e unhas, porq tudo ali servia.

¶ Dalbe armas o furor, &c. Virgilio alli, Furor arma ministrat. Nunca tanto se cumplio esto como quando un Portugues en la India i cerco de Dio, saltandole bala en lo mas furioso de un conflicto, se saco un diente (fuese como fuese) i le metio por bala: esta si que fue soberanamente arma ministrada del furor, sacadola de si mismo, i tambien lo era la cabeza de un monstruo falso de piernas i braços, i buen Letrado que huvo en Portugal, porque quando se enojava contra su gente fingia que se le avia passado el enojo, i haciendola llegar a si como para componerle algo, le dava con la cabeza reziamente. El furor es de muchas maneras, i cada uno se pinta de muchas; este aqui es propiamente la rabia de verse perdidos; pintase con una venda a los ojos, por señas de que procede sin lumbre de razon; i por lo mismo tambien se le da una haz de varias armas que atroja juntas desatinadamente.

¶ O canto. Dizen algunos, que el Poeta incurrio en dos descuidos al usar aqui esta voz canto, por piedra; el primero, porque canto no es voz Portuguesa: el segundo, porque quando lo fuera ya avia dicho piedra, i assi lo dice dos veces. Mejor supo el Poeta escrivir, que ellos censurar; agora lo veran. Supongamos que en Portugues no se dice canto por piedra; pudolo decir el P. insinuissimo, a quien es concedida la introducción de voces estranas: pero esta no lo es, porq tabie dice el Portugues canto por piedra, i cantero por el quebrador de piedras: i devia quedarnos esta palabra, como otras

M del

del tiempº de los Arabes, que a la piedra llaman cant:o por corrupcion del Latin, que al guijarro llama cantes, i de ai, canto; i luego canto: sobre que vereis a Orozco en su Tesoro. I en Portugal ay vna familia honrada, cuyo apellido es Canto, y su blasón, una piedra grande triangular, que representa el canto de su apellido. Vease a nuestro P. en los lugares que iran sobre la e. 7. del c. 7. adonde ay otro. Agora está en pie el otro escrupulo, de que si canto quiere dezir piedra, dixo piedra dos veces. Yo en nombre del Poeta os descargare la conciencia desta piedra, que tanto os oprime, o escalabria. El canto aquí, vale piedra de grantomo: i en poner el Poeta en postre lugar esta en esta ocasion, lo mostró claramente; porque quien va con el furor que se describe aquí, buscando aquel genero de armas, primero va asiendo de lo que es proporcionado para levantarse, i poderse levantar con el; i no encontrando esto, viene a asir, en virtud del furor ciego, de lo que no tiene proporcion, como es serviente piedra: i con esto pretendió el Poeta significar mas aquell linage de furor, a imitacion de Homero, que al describir a Polifemo furioso, tirando a Ulises, no lo haze solo con qualquier peña, sino con una montaña entera. I que el canto quiera dezir piedra grande, nos lo enseña el propio Poeta en sus rimas od. 3. diciendo: *Cesson de alçar Sifiso o grave canto.* Grave por pesado, i pesado por grande. Nuestro primer Padre de la lengua Portuguesa Juan de Barros (ademas de enseñarnos que es palabra Portuguesa pues la usa) dice en el cap. 5. lib. 8. Dec. 1. en la expugnacion de Quiloa: *Os Mouros compedras, e cantos impediam o passo:* i Dec. 2. lib. 1. cap. 3. *De que elle* (habla de un caballero en el assalto de una fuerza) *ouve húa pedrada com bum canto que o fez acurar:* i ay aqui tres cosas; una, decir canto i piedra como el P. otra, que si piedra i canto fuera lo mismo, quedava diciendo, *ovo una pedrada con una piedra:* i esso no lo dixeran tales hombres como estos Principes de su lengua: i otra, que el acurar está diciendo que la piedra era desmesurada, por que con otra no sucede caerse un hombre; i assi quiere decir Barros, hovo una pedrada con este genero de piedra canto, grande: Mejor el mismo adelante lib. 4. cap. 1. quado desde un alto en Calecut arrojarlo semejante piedra sobre Aloso de Albuquerque, *Deraõ lhe de cimados valos com bum canto que o derribou logo.* Mena cop. 177. *I lançan los cantos desde las almenas.* Porque canto es piedra que de gran. e no se puede tirar con ella, sino que levantandola con dificultad, se dexa caer; i essas son las que se arrojan desde las murallas a los que las quieren escalar: i luego en la est. 179. dize, *Piedras, i dardos,* &c. haciendo tambien diferencia de canto a piedra. Assi que esto no es decir dos veces piedra, sino especificar el genero, i el furor.

G *Corta do mar.* Es translacion del arado; Atodos assi. Garcil. egl. 3. *El agua dividierö, i cortaron.*

T *Que a Ilha em torno.* Con esse estilo fenecio la e. 43. Todo esto es de Barros, alli.

T *Empouco espaco.* Quiere dezir poco rodea el mar para rodear la Isla, porque es pequenia, como el P. lo dixo claramente en la e. 54. verso ultimo; i es assi.

XCII.

H Ús vam nas almadias carregadas, hum corta o mar a nado diligente; quem se afoga nas ondas encurvadas, quē bebe o mar, e o deita juntamente. Arrombam as meudas bombardadas os pangayos sotis da bruta gente: desta arte o Portugues em fim castiga a vil malicia, perfida, enemiga.

V Nos van en las cargadas almadias; otros cor tan el mar nadando velozmente; qual se ahoga en las olas corbas; qual beviendolas las buelvē Inego. Las menudas bombardadas rōpen los sutiles págayos de la bruta gēte. Alfin desta manera castigó el Portugues la perfida malicia.

T *Hús nas almadias, &c. bum, &c. imitando a Virgil en el. 2. en semejante ocasion.*

Diffugiant alijs ad naves, &c. Littora cursus Fida petunt, pars ingentem formidine turpi Scandunt rursus equū, & noto cōditur in alvo.

I en el 6. quando los Cavalleros Griegos vieron a Eneas en el infierno.

At Danaum proceres, Agamēnoniāq; phalāges Ut videre virum fulgentiaq; arma per umbras, Ingenti trepidare metu, pars vertere terga Ceu quondam petiere rates; pars tollere vocem Exiguim incepitus clamor frustratur biantes.

Esto es lo que contienen estas 4. estanc. Siguese Ariosto alfin del c. 39.

Altri che 'l ferro, e l' inimico caccia, nel mar si getta, e visi affoga, e testa; altri che move a tempo piede, e braccia, via per salvarsi in quella barca, e in quest'a.

T *Almadias carregadas:* o porque no son ligeras, o porque ivan cargadas agora mas de lo acostumbrado, como sucede en semejantes prisetas; en que por querer echar mucha hacienda, i sobre esto entrar muchos se viene a perder todo a donde se esperava salvar.

T *Hum corta o mar a nado diligente,* bien se está viendo el que hueye nadando.

T *Quem se afoga:* proprio en semejantes bullas, ahogarse, o por no saber nadar, o porque no valio el haberlo.

T *Ondas encurvadas:* concavas que vienen ivan formando senos; assi, c. 2. e. 20.

Quem

G *Quem bebe o mar, e o deita, &c.* Excelente-
mente, por dos razones : una , que los que saben
bien nadar van cogiendo la agua en la boca, i arro-
jandola: otros por no saberlo, la cogé sin querer,
i la vomitan despues: todo esto iva en esta bulla.
Imitacion de Homero con Vlisses naufrago, lib.
5. *Ore autem expuit mare amarum.* Sobre esto de
bolver al mar, el mir bebido, se vea la e. 22. del
c. 5. I notese la brevedad, i elegancia, i belleza
con que describe los efectos del miedo en los ate-
morizados de nuestras armas. I porque Iuan de
Mena pintó con valiente mano, semejante tra-
gar de agua, i bolverla, en semejante aprieto le
pongo aqui de buena gana: ayale, o no le aya vis-
to mi P.es en la cop. 185.

*Las vidas de todos así litigavan,
que aguas entravando almas salian;
la perfida entrada las aguas querian,
la dura salida las almas negavan.*

T *Arrombam as meud. &c.* En el verso suená
la arrilleria, disparada con frequencia: esto es
meudas, menudas.

T *Pangayos fots.* Es embarcacion compues-
ta de tablas unidas, como entre nosotros: son
capaces de carga considerable. Llamale sutiles,
porque son angostos, i ligeros. Las almadias son
cavadas de vn solo palo, como las artesas; y aun-
que menores que los pangayos, las ay tan gran-
des, que se atreven al mar alto. Tan gruesos ar-
boles producen aquellas tierras; cosa notable.
El epíteto de sutiles, propio de tales vasos, pudo
salir de Virgil. 6. *Cymba futilis, &c.*

XCIII.

Tornam vitoriosos para a armada,
co' o despojo da guerra, e rica presa;
e vam a seu prazer fazer aguada,
sem achar resistencia, nem defesa.
Ficava a Maura gente magoada,
no odio antigo mais que nunca acesa:
e vendo sem vingança tanto dano,
somenie catriba no segundo engano.

R Ecogense vitoriosos con rico despojo: i a su
plazer hizieron aguada sin resistencia. Que-
dava lastimado el Moro, i con el odio nuevamen-
te vivo: i considerando tanto daño, recibido sin
vingança, para vengarse estrivava solo en segun-
do engaño.

G *Co' o despojo, &c. presa rica.* Suponiendo
que hubo esta accion, de poner por tierra la po-
blacion, supone esse despojo: todo es fabula, co-
mo ai atras diximos.

G *Sem resistencia, nem defesa.* El P. ya en la
e. 90. i casi lo mismo en la 46. del c. 4.

G *No odio antigo.* Entiendese, el de Moro a
Tomo I.

Christiano, que es antiquissimo, i terrible: i ago-
ra aumentado con este hecho.

T *E vendo sem vingança, &c.* Todos los auto-
res cuidadosos, se acordaron del deseo de la vén-
ganza en semejantes ocasiones. Virgil en perso-
na de Eneas en Troya, lib. 2 *Nunquam omnes ho-
die moriemur inulti?* Atreo en Tiestes de Sene-
ca, a. 2. *Ignave, &c. inulte post tot sclera Dan-
te* en la cancion que comienza, *Cosi nel, &c. Che
bello honor si aquista infar vendetta.* Sentencia q
se ha de entender fuera de la doctrina Católica,
que prohíbe la vengança; y dentro de la paſſion
humana, que no cabe en si en tanto que no se ven-
ga, fundándose en los titulos de la honra, i ca-
valleria, de que resulta aver muy buenos Caſalle-
ros malos Christianos. En la Orden de Santiago
de Castilla, entre las preguntas que manda hazer
de las calidades del q pretende entrar en ella,
una es de, *Si tomò satisfaccion de la afrenta que se
le bizo.* Aprovó estos titulos nuestro excelente
Rey don Iuan II. quando siendo uno condenado
a destierro para Africa, por un crimen de vengan-
ça de otro, escrivio de su mano en secreto al Ca-
pitán de la plaça para donde fue el desterrado,
assi: *Allá va fulano, tratalde bicn, que lo mere-
ce, porque lo porque le desterraron, fue beco de
bombe.* Los Etnicos dizien, que el deseiar ven-
gança, es señal de animo noble, i generoso: i
por esto pintaron muchos el tal deseo en un
León atravesado de vn dardo, porque siendo
animal generoso, busca a quien le atraviesa, i
le conoce aunque esté entre mucha gente. Tu-
cid.lib. 1. dice, que es conveniente al animo ge-
neroſo, tomar vengança de su igual. En resolu-
cion, la vengança en la paz es pecado: en la gue-
rra, y defensa de la patria, i ley, es deseo justo;
como vereinos sobre la e. 33. del c. 10.

XCVIII.

Pazes cometer manda arrepentido,
o Regedor de aquella iniqua terra,
sem ser dos Lusitanos entendido,
q em figura de paz lhe manda guerra:
Porque o Piloto falso prometido,
que toda a mà tençā no peito encerra,
para os guiar à morte lhe mandava,
E como em sinal das pazes que tratava.

E Mbía como arrepentido el Regidor de aque-
lla tierra infame, a pedir paz: i no entendía
los Portugueses que en figura de paz, les embia-
ron guerra: porq al fin les embiava el Piloto pro-
metido, (falso, que encierra en el pecho toda ma-
la intencion para guiarlos a la muerte) como en
señal de las pazes que tratava.

T *Pazes cometer, &c.* Venia instruido con fi-
gura de paz el Piloto, de aquel modo q diximos

en las est. 81. i 83. por execucion del deseo de vengança, que se expressò en estorra est. I desto de pedir pazes el Xequé cō el precio del Piloto, se accordò el P. por imitar a Virgil. lib. 3. *Precibusque iubent exposcere pacem.* Vease a Bar. Dec. 1. lib. 4. cap. 5.

¶ Que em figura de paz lhe manda guerra. Termeno de Barcos, cap. 15. Dec. 1. Porque em lugar de paz armava ammuntas traçoës.

¶ Que toda a mà tensam no peito, &c. Assi en la est. 86. del c. 2. Todos hazen el pecho del hombre despensa de sus designios: i ordinariamente es ella una infernal despensa. Barros alli, dize deste Piloto assi: *Ao seguiente dia se partio, levando consigo m̄es verdaderamente bum mortal enemigo, que Piloto.* Porque iva con grande ansia de dat con las naves a donde se perdiessen.

XCV.

O Capitam, que ja lhe entâ convinha tornar a seu caminho acostumado, que tempo cõcertado, e ventos tinha, para ir buscar o Indo desejado: Recebendo o Piloto que lhe vinha, foy delle alegremente agasalhado. E respondendo ao mensageiro atêto, as velas manda dar ao largo vento.

E L Capitan, que ya le convenia bolver a su camino acostumbrado, i tenia buen tiempo para navegar ázia la India deseada, recibio el Piloto que le embiaron: fue agasajado del alegremente: i respondiendo atento al mensajero del Xequé, manda dar las velas al viento largo.

¶ O Capitam que ja, &c. Assi en la est. 95. del canto 8.

¶ Caminho acostumado. Parece que no dice nada; i muestra con la voz, acostumado, la grandeza del viaje que hazia el Gama: como si dixerá, Ya era su vida aquella navegacion: porque avia casi nueve meses que durava en ella, resistiendo todo genero de males.

¶ Atento. Entiende al viento, ordenandose assi la clausula. Respondiendo al mensajero, i atento al largo viento, manda dar las velas.

¶ As velas, &c. Assi en la e. 65. del c. 2. i assi el Maestro En. 3. *Et patet Anchises dare fatis vela iubebat.* Diez dias se detuvo el Gama en este puerto, por las maldades destos Moros, que tanto resistieron, para venir despues a ser los huespedes de los Portugueses, como veremos sobre la est. 48. del c. 2.

XCVI.

Desta arte despedida a forte armada, as ondas de Amphitrite dividia,

das filhas de Nereo acompanhada, fiel, alegre, e doce companhia:

O Capitam, que nam cahia em nada, do enganoso ardil q̄ o Mouro urdia, delle muy largamente se informava da India toda, e costas que passava.

¶ Fspedida desta arte la fuerte armada, dividia las olas de Anfitrite, acompanhada de las hijas de Nereo: dulce, fiel, i alegre compagnia. El Gama que no caja en nada del engaño que urdia el Moro, el Piloto, iva informandose con el de aquellas costas, i de las Indias.

As ondas de Anfitrite. Todos saben que quiere dezir el mar, tomado alli por cosa tan suya, como su Deidad; de que diremos allá en el c. 6. sobre la est. 22.

¶ Das fillas de Nereo acompanhada. En sus Rimas Eleg. 1. adonde refiere su navegacion para la India, assi dize que ivan acompanhadas las naves. O coro das Nereydas nos seguia. Destas

C que son damas maritimas, parece iva acompanhada la flota del Gama: las quales en la est. 19. del c. 2. nuevamente guiadas de Venus, la libran de un peligro: pero se ha de entender, que eran virtudes celestes, i en ellas los Angeles, particularmente de la Guarda de cada vno. Porque lo que el Poeta en todo este Poema pretende mostrar, es, que ellas, i ellos, fueron los Pilotos della navegacion, como realmente fueron: pues los que llevava la flota no conocian los mares, i el que le dieron los Moros, la andava exponiendo a todo peligro, persuadido del infierno; i assi el cielo fue el Piloto, y el Norte, i la carta de marear. I esto es lo que va texiendo el Poeta con invencion benemerita de si propio. Sobre la est. 33. del c. 2. avrà mas desto.

¶ Fiel, alegre, e doce companhia. Buena seña de que entiende el Poeta las virtudes Angelicas por estas Ninfas: porque si entendiera las materiales del mar, que los Poetas fingen, i vienen a ser las aguas, ni fueran fieles, porque todo lo del mar se llaina infiel perpetuamente, de los Poetas, doctos, i cuerdos; ni fueran alegres, ni dulces: porque la navegacion es triste, i amarga, i pesadissima cosa. Antes contra esto son estas virtudes. Veremoslo mejor sobre la est. 18. del c. 2. adonde se describe. Si ay, o no ay mugeres marinhas, que son las Nereidas, no me toca provarlo, solamente se vea lo que diremos en la est. 16. del c. 6.

XCVII.

Mas o Mouro instruido nos enganos que o malevolo Baco lhe ensinara,

de morte, ou cativeiro novos danos, antes que à India chegue lhe prepara. Dando razam dos portos Indianos, tambem tudo o que pede lhe declara: que avendo por verdade o que dezia, de nada a forte gente se temia.

MAs el Moro instruido en los engaños que le enseñó el malevolo Baco, les prepara antes que llegue a la India nuevos daños de muerte o cautiverio. Dando razon de los Indianos puertos, tambien le declara todo lo que pide: i la fuerte gente aviendo por verdad lo que el dezia, no se temia de nada.

Mas o Mouro instruido, &c. Vá el Moro mintiendo en lo que dice al Gama, en observancia de la instrucción diabolica que llevava: i procuró e! P. imitar a Virgil. lib. 2. introduciendo a Sinon engañando a los Troyanos, por lo que este Moro engañava a los Portugueses. *Ille dolis instructus, &c.* El mismo P. nos avisa desta imitacion en la est. siguiente.

O O Mouro novos d. nos prepara, &c. Virgil. lib. 1. *At Cytherea novas artes, nova pectora versat consilia, &c.*

Instruido nos enganos que o malevolo Baco lhe ensinara. El Piloto instruido del Xequé a quien el demonio en figura de aquel valido suyo avia aconsejado esto. Barros en el cap. 5. hablando del Piloto. *Ou pello odio que nos tinha, ou porque lbo mandara o Xequé, deu com os navios entre bñas ilhas, &c.* Las cuales islas se llaman oy, del Acorado, porque allí lo fue el Moro, de orden del Gama, por castigo de su maldicia: i estan sesenta leguas más allá de Moçambique. Por toda esta copia de peligros, bien finge el P. que el demonio era el autor dellos; i que Dios lo fue deste viaje.

XCVIII.

E dizlhe mais, co, o falso pensamento com que Synon os Frigios enganou, que perto está húa ilha, cujo assento povo antigo Christão sépre habitou: O Capitam que a tudo estava atento, tanto com estas novas se alegrou, que com dadivas grandes lhe rogava, q o leve à terra onde esta gente estava.

Dixo más (con la falsedad con que Sinon engañó a los Troyanos) q cerca estaba vna illa adonde siempre huvo Christianos. El atento Capitan quedó rā alborocado con esta nueva, q con dadivas l. odió, q le llevasse adó de ellos etavā.

Tomo 1.

A Com que Synon, &c. Ya diximos ai arriba, que Virgilio tratava esto en el lib. 2. de donde nuestro P. no imitó poco para estas insidias de Baco. Era Synon hijo de Sisifo, i passò con Viñes a Troya; i persuadio a los Troyanos a admitir la entrada del cauallo de madera, que fue su destruicion, por ir dentro en el la flor de las armas Griegas: es cosa notoria: i assi basta esto. Pero no ay diligencia que baste a advertir todos los cuidados del P. El no solo va en todo este Poema esparciendo comentarios a sus lugares misteriosos, sino que hasta de las imitaciones que haze, nos avisa algunas veces: ya en la est. 12. nos advirtió, que imitava en su Lusida la Eneida: allá en la 83. del c. 4. nos advierte de otras notables. Vease.

C Cujo assento povo antigo Christão. Dezia el Piloto engañosamente, que avia alli vna isla que de largos siglos era habitada de Christianos; por lleuar los nauegantes a Quiloa, que a él le parecia poderosa para destruirlos. Barros allí: *Que adiante estava a bña cidade que era meya povoadade de Christãos Abexis, &c.*

C Com dadivas grandes lhe rogava. Enseñando, que la mejor Rerorica para mover, son grandes dadivas: i quien pretende, i ruega sin ellas, en vano se cansa: i quien no las puede hazer, no pretenda, salvo si fuere hipocrita, o bufon, o Ninfo, o alcaguete.

XCIX.

O mesmo o falso Mouro determina, q o seguro Christão lhe māda, e pede, que a ilha he possuida da maligna gente, que segue o torpe Mafamede:

D Aqui o engano, e morte lhe imagina, porq em poder e forças muito excede a Moçambique esta ilha, q se chama Quiloa, muy conocida pella fama.

E L Falso Moto determina lo mismo que el seguro Christiano le manda, i pide: que la isla es posseida de la maligna gente, que sigue al torpe Mahoma. Aqui le imagina el engaño, i muerte: porque esta isla que se llama Quiloa, muy conocida por la fama, excede mucho a Moçambique, en poter, y fuerçs.

G O mesmo o falso Mouro determina, &c. Venia el Gama a desear lo mismo que el Moro deseava, no cayendo en la diferencia de los deseos; porque los del Moro eran, lleuarle a Quiloa para destruirle, con el engaño de hacerlo creer, que avia allá Christianos: y los del Gama, creyendole, eran de llegar a ver gente que creía en Christo.

Manda, e pide. Acordandose de lo dicho en la est. passada, que le rogava con dadivas, i

en lugar desto està aqui el pide: I aunque parece que quien pide no manda, i al contrario, el P. lo usa con cuidado por dos razones; una, porque aviendo sido el Piloto Moro muy bien açoñado de orden del Gama, por entenderse que governava con malicia, agora le manda con ruegos, i caricias, por ausentarse la mohina de los açores, i reduzirle a que govierne bien para que llegue a aquella tierra a donde tanto desea llegar. Otra, que aun sin la industria para hazer olvidar el enojo, quien ruega mandando, o manda rogando, o obliga mas; como el P. lo enseña en la estacia 78. canto 4. pues al dezir el Rey a Vasco de Gama, que le embiava a la India, dize que se lo dixo cõ ruego, i palabras amorosas, que es una suerte de mandar que obliga mucho: de donde se occasionó a nuestro sentencioso Sâ lo que ecrivio en un Soneto al Príncipe don Iuan padre del Rey don Sebastian, que le avia rogado le embiasse algunas obras suyas.

A Príncipe tamango cujo rogo

E mais aos seus ainda he mais que mandar.

Como si dixerá, que un Príncipe quando ruega manda mas fuertemente que quando manda sin ruego: i de aqui se ve quanto pierden aquellos que no saben mandar sino a palos, porque voluntades escozidas nunca obraron cõ mucho amor, aunque sufran con mucha paciencia: i el amor del Príncipe es el verdadero cultor de los grandes hechos en los vassallos; como la aspereza lo es de las grandes ruinas.

C.

Para la se inclinava a led a frota,
mas a Deosa em Cithere celebrada,
vendo como deixava a certa rota,
por ir buscar a morte nam cuidada;
Nam cõfente que em terra tâ remota
se perca gente della tanto amada;
e com ventos contrarios a desvia
donde o Piloto falso a leva e guia.

A Zia allá se inclinava la flota alegramente: pero la Deosa celebre en Cithera, viendo que deixava la cierta rota por ir a caer en la muerte no imaginada, no consintiendo que sus navegantes tan amados suyos se perdiessen en tan remota parte, los desvia conviento contrario del peligro a que los guiava el Piloto.

Para la se inclinava a led a frota, &c. Assi en la e. 16. del c. 7. i en la 53. del 9. El Gama dando credito al Piloto, a cerca de dezirle, que en Quiloa avia Christianos, mandole que tomasse el puerto; i Dios, que sin duda guiava estos navegantes, permitio lo q luego veremos. Todo Bar. cap. 5. Con la ocasion deste suceso, que parecio milagroso, singe el P. feliz i misteriosamente, q Venus

Protectora de los Portugueses los desviò de aquell daño. Agora.

Mas a Deosa em Cithere &c. Este socorro de Venus, i dicho casi assi, vemos en las e. 18. del c. 2. i del 9. Permitio, pues, Dios, q quando el Gama engañado se dexava llevar de aquell Piloto al peligro, corriessen las aguas, i soplasse un viento contrario que le desviò del: porque se vea como Dios queria que los Portugueses tuviesen imperio en la India, i fuesen Apostoles della; i como en milagros tan evidentes no avia el P. de traer por Aurora ninguna Deidad Gentilica, sino que con aquello misterio que venimos descubriendo desde la a. 33. entiende la verdadera debaxo destos nombres, quedandose cabal Poeta en usar dellos, i meramente Autor Catolico con lo que por ellos dà a entender, haciendo siempre Venus la figura de la Iglesia, i Religion Catolica, como bastante mente hemos provado.

Gente della tanto amada. Porque la Iglesia Católica ama particularmente a quien la sigue, como los Portugueses; i assi siendo ella su Diosa de los amores (digamoslo agora assi) bien el P. por ella introduce a la Diosa dellos.

C.I.

Mas o malvado Mouro nam podédo tal determinaçam levar avante, outra maldade iniqua cometendo, ainda em seu propósito constante; Lhe diz; q pois as agoas discorrendo, os levaram por força por diante, que outra Ilha rem perto, cuja gente erâ Christãos cõ Mouros juntamente.

MAs el malvado Moro no pudiendo llevar adelante tal determinacion, cometiendo otra iniqua maldad, aun constante en su propósito, le dice; que pues las aguas descurriendo los llevaron por fuerza a delante, tienen cerca otra Isla, cuya gente, eran juntamente Christianos, i Moros.

Maldade iniqua. Parecerá q iniqua i maldad es una misma cosa: pero aqui el iniqua vale rigurosa, demasiada, desigual, insolente uno de los significados desta voz cõforme al tesoro de la lingua Latina, i al padre della en Espanha, Nebrissa.

C.II.

Tambem nestas palabras lhe mentia, como por regimento em fim levava: que aqui gente de Christo nam avia, mas a que a Mafamede celebrava.

O Capitâ, q em tudo o Mouro cria, virando as vellas a Ilha demandava:

Mas

mas nā querēdo a Deosa guardadora,
nam entra pella baixa, e surge fora.

Tambien el Piloto mentia en esso, segun llevava por instrucion, porque en Quiloa no avia Christianos, sino Moros. El Capitan dando-le credito, iva a entrar en la isla: però evitando lo la protectora Diossa, no pudo la armada entrar en el puerro, i surgió defuera.

G Como por regimento, &c. El Piloto iva observando tan constante su regimiento, que no le hicieron violarle los acores referidos. Però en Moros, i Negros, i ludios, es frequente la obsecnacion: porque lo que en gente docil obra el castigo, en la selvaje, i obstinada, exaspera más.

T Mas a que a Mafamede. Casi el mismo verso, que el 4. de la e. 99. Todo esto no lo supo decir de otra manera el gran Tasso en su Lib. c. 1. est. 84 pues dixo assi.

*Però che dentro à una città commisso
Popolo alberga de contraria fede:
La debil parte, e la minore in Christo;
La grande, e forte in Macometo crede.*

T Mas nam querendo a Deosa, &c. Virgil. Entra en el lib. 7. diciendo, que Eneas demandando el puerro, o tierra Circea, oyó tantos, i tan formidables estruendos, i daños de la Maga Circea, que Neptuno por librartle dellos ordenó, que las velas signiessen otro viento, i passassen adelante. Nuestro P. se vā acordando agora de estos negros de Quiloa, i de Mombaça, por imitarle, i ponerlos en lugar de los Circos, i Polifemos; i muestra, q Venus desvió al Gama deste peligro, como allá Neptuno a Eneas. Oigamos el Maestro allí.

*Quae ne monstra pīj paterentur talia Troes
Delati in portas, nea littora dira subirent.
Neptunas ventis implevit vela secundis;*

*Atq; fugā dedit, & præter vada firvida vexit.
La diferencia está, en que Eneas hallava peligros imaginados de su Poeta, i aun assi se desviava de ellos, i nuestra gente los hallava verdaderos, i terribles, i los vencia. I nuestro P. ya que no los pudo fingir, porque la verdad le usurpó esse artificio, usa de otro, que es fingir sobre ellas, con usar de las fabulas, introduciendo a Venus divina por defensora de su Heroe, entendiendo por ella la Religion, i Fé que le salvó. Finalmente, Vasco de E*

Gama queria entrar en Mombaça, i Dios permitio, que por un estorvo no pudiese. I sucedio sobre ello lo q veremos en el c. 2. hasta la e. 28. en q el P. vā siguiendo a Barros, desde el cap. 5.

T Nam entra e surge fora. Barros alli. Naõ consintio Vasco de Gama ao Piloto, que metesse os navios dentro, e surgió defuera.

C.III.

Estava a Ilha à terra tam chegada,
que hum estreito pequeno a dividia:

Tomo I.

A huma cidade nella situada,
que na fronte do mar aparecia:
De nobres edificios fabricada,
como por fora a longe descobria;
regida por hū Rey d'antiga idade, (de)
Mōbaça he o nomeda Ilha, e da cida-

E Stava la isla tan llegada a la tierra firme, que la dividia della un delgado braço de agua. B Aparecia enfréte una ciudad de buenas fabricas, segù mostrava de se lexos. Regiala un Rey viejo. El nombre de la isla, i de la ciudad, era Mombaça.

T Estava a ilha, &c. Se nos parece la apariacion desta isla al Gama, a la de Delos a Eneas en Virgil.lib. 3. No traeremos lugares, por si a caso no se ajustare con nuestro parecer en ellos el judio. Si lo quiere ver, ai tiene a Virgilio, i a mi Poeta. I tambien al llegar de Eneas a Gnosia, lib. 6.

G Que hum estreito pequeno. Poca agua divide a Mombaça del continente.

G Que na fronte do mar, &c. Virgilio alli: Contra etata mari respondeet Gnosia tellus.

T Regida por bum Rey, &c. alli. Rex Anius, &c. Si no le vio el P. importa poco, que no siempre imita, ni puede ser.

T Antigua idade. Mucha: El Tasso Liber. c. 6. para dezir muger vieja, Con la antica madre, &c. en el 7.e. 17 Ove è l' antica moglie. I otro lugar mas propio queda en la e. 77.

D Mombaça he, &c. La isla, i la ciudad (dice) tienen un mismo nombre: essa es de buen tēple, i esta de buenas fabricas, a manera de España. Vease Barros alli en el cap. 5. Dec. 1. lib. 4.

C.III.

E sendo a ella o Capitan chegado, estranhamente ledo, porque espera de poder ver o povo baptizado, como o falso Piloto lhe dissera: Eys vem bateys da terra com recado do Rey, que ja sabia a gente que era: que Baco muito dantes o avisara, na forma doutro Mouro que tomara.

I Siendo el Capitan llegado a ella, estranamente ledo, porque espera de poder ver el baptizado pueb'o, como le auia dicho el falso Piloto: veys vienen bateles de la tie: ra con recado del Rey, q ya sabia la gente que era, porque mucho antes se lo avisó Baco, e la forma q zaria tomado de otio M'ro.

G O povo baptizado. Assi en la e. 43, 'el c. 3. M 4 Atios-

Ariosto c. 31. *L'agente del Battezmo.* Perifrasis de Christianos.

¶ *Do Rey, que ja sabia agente,* &c. Ariosto c. 19. *Gia l' aviso era per tutta la terra* i sobre poder el demonio saber desto para avisarlo , como cosa passada, se vea lodicho en la est. 73. I en la 75. del c. 2. se verà la armonia con que el P. traçò la fabula, diziendo, que ya aquel Rey (es el de Melinde) sabia qual era la gente Portuguesa, que alli llegava, antes de llegar: acá fue aviso anticipado del demonio para destruirla . allá de Dios para favorecerla: porque como todo esto es contienda de infierno, i cielo; este socorre al compas que daña aquél.

¶ *Forma de outro Mouro q̄ tomara.* Como en la e. 77. adonde se vea lo q̄ diximos, i sirve aqui.

CV.

O recado que trazem he de amigos, mas debaxo o veneno vem cuberto; que os pensamētos eram de inimigos, segundo foy o engano descuberto.
O grandes, e gravissimos perigos !
O caminho da vida nunca certo !
Que aonde a gente poẽ sua esperança tenha a vida tam pouca segurança !

E L Recado que traen es de amigos ; mas debaxo viene cubierto el veneno : porque eran de enemigos los pensamientos , segui fue descubierto el engaño. O grandes, i gravissimos peligros ! O camino de la vida nunca cierto ! Que adonde la gente pone su esperanza , tenga tan poca seguridad la vida !

¶ *O grandes,* &c. Rompe el P. el hilo de la narracion, exclamando, con causa, i como Christiano , sobre la copia, i grandeza de peligros que se ofrecian a los navegantes: i discurriendo, que en la vida no ay cosa segura : i que adonde en ella vamos con mayor confiança , i deseo , ai está el mayor daño. Si sobre estas moralidades huviésemos de echar contrapunto , no bastaria todo el papel de Genova : i assi, o me perdonen los Lectores esta erudicion, o lean a los Santos todos, o busquen otros Comentadores.

¶ *Que onde a gente,* &c. Porque el Gama iva muy confiado en el Piloto que le queria destruir.

CVI.

No mar tanta tormenta, e tanto dano, tantas vezes a morte apercebida !

A Na terra tanta guerra , tanto engano, tanta necessidade aborrecida ! (no?) Onde pode acolherse hū fraco humano. Onde terà segura a curta vida, q̄ nā se arme, e se indigne o ceo sereno, cōtra hū bicho da terra tam pequeno?

EN El mar tanta tormenta, i tanto daño , tantas vezes apercebida la muerte ! En la tierra tanto engaño, tanta guerra, tanta aborrecida necessidad ! Adonde podrá acogerse un fraco humano ? Adonde tendrá segura la corta vida, que no se arme , i se indigne el sereno cielo contra un tan pequeño gusano de la tierra?

¶ *No mar tanto perigo.* &c. Na terra tanta guerra, &c. Con Virgilio lib. 6.

O tandem magnis pelagi defuncta periclis ! Sed terra graviora manet. &c. bella horrida, &c.

¶ *Tanta necessid* &c. Assi en la e. 80. del c. 7.

¶ *Contra bum bic.* &c. En sus Rimas canc. 9. *Indignados,* &c. *contra bum corpo terreno* bicho da terra vil, e tam pequeno.

I es sacado de toda la sacra Pagina , que perpetuamente nos advierte , que somos miserables gusanos (esto es Bichos en Portugues.) El Psalmista, *Ego autem sum vermis & non homo;* i baste esto para materia tan notoria.

¶ *Vil, e tam pequeno.* Todos los animales son sujetos a miserias; i el hombre sobre todos : i es en muchas cosas tanto menor que muchos, que si Dios les diera entendimiento para conocerlo, se bolverian contra el: pero su divina Magestad assi los enfrena para que no le dañen , como al mar para que no inunde la tierra.

I allá vā el primer trabajo de los diez de nuestro P. en esta grande obra. Dexamos agora a los judiciosos desapassionados, que juzguen si iguala a solo este Canto , en lo misterioso ningun Poema entero de los que hasta agora se han escrito, con ambicion de imitar a los dos padres de espiritu , i de la elegancia , i de los adornos Poeticos: i si alguno le excede en invencion, i en doctrina, mezclada con lo dulce (el todo de la Poesia) i en copia de imitaciones, i aliento Poetico, sin lo que se nos olvida despues de hallado , i sin lo que no se halló, que no será poco. I quien acertare a leer este juizio, sin aver leido essas Notas antecedentes en que él se funda , o le dé credito , o las lea, para ver como él se midió por lo descubierto en ellas: i si le condenare sin esso, desde su estrado le condena la justicia a las penas de la ignorācia.

Fin del Canto Primero.



L V S I A D A
 DE
LVIS DE CAMOËS
 PRINCIPE
 DE LOS POETAS DE ESPAÑA,
 COMENTADA
 Por Manuel de Faria i Sousa, Cavallero del Habito
 de Christo , i de la Casa Real.

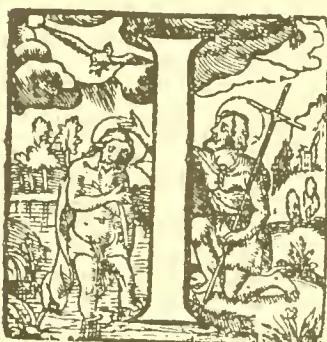
C A N T O II.

Argumento.

EL REY DE MOMBASA PERSVADIDO DEL
Demonio para destruir los Navegantes , finge alegría con la entrada dellos
en su puerto,i armales insidias. El cielo los libra dellas. La Piedad Religiosa in-
tercede con Dios por ellos,i él le asegura su favor,i le dice en profecia algunas
de las acciones heroicas de sta nacion en la India. Despacha un Angel,para
que en sueños advierta al Gama,que huya del peligro de Mombaça. Des-
pierta él , i haziendo llevar ancoras llega a Melinde,
cuyo Rey le recibe,i hospeda benigna i festi-
vamente.



ESTANCIA I.



A Neste tempo o lucido Planeta,
que as horas vay do dia destinguindo,
chegava à desejada, e lenta meta,
a luz celeste às gentes encobrindo:
E da casa maritima secreta,
lhe estava o Deos Nocturno a porta abrindo,
quando as fingidas gentes se chegaram
a as naos que pouco avia que ancoraram.

YA En este tiempo el lucido Planeta, que
và destinguendo las horas del dia, llega-
va a la deseada, i temp'ada meta, encu-
briendo la celeste luz a las gentes: i el
Dios Nocturno le estaba abriendo la puerta de
la secreta, i maritima casa, quando las infidas gé-
tes llegaron a las naves, que de poco avian anco-
rado.

Todas las entradas de
los Cantos deste Poema son a imitacion de las
de los de Virgilio; prosiguiendo la materia del
antecedente; pero rompiendola con destreza en
ocasiones sazonadas, encendiendo con el fin de
un libro, o Canto, el deseo para entrar en el otro,
siendo menester entrar en él con la memoria de
lo passado, i por otra parte abriendo lugar a que
descansen los Letores en la corriente de aquel

deseo de leer. Vease sobre esto lo que contiene el num. 22. del Iuizio deste Poema.

Lucido Planeta, que as horas vay do dia des-
tingundo. Perífrasis del Sol sacado de Petrarca,
Sonero 9. Quando il Pianeta che destingue l' hore.
Paufilo Sessio, Soneto 163. Più bel Pianeta che
destingue l' hore. Del Martirano en su Aretusa,
Veggonsi mesi che distingon l' anno. Porque el Sol
es el dueño, i Presidéte destas distinciones, Ovid.
Met. 1.

..... In folio Phæbus, &c.

Adextra, laevaque dies, & mensis, & annus,
Seculaque, & positæ spatij sæqualibus hora.
Llamanse horas aquellas porciones de tiempo,
de horin, que en Griego vale termino, i dèl se illa-
mò orilla la margen de los ríos, o la punta de los
vestidos. Son en diferentes maneras las horas: pe-
ro

ro la más conocida es la natural llamada assi, porque consta del movimiento natural del cielo, por quien son medidas las horas , midiendose él despues por ellas. Cada dia tiene 24. i cada una 15 grados; i porque Apolo fue el inventor, o padre de las, como dicen las fabulas, dize el P. que él distingue el dia con ellas; i este es él, *Lucido Planeta*. Vease mas de horas en la c. 75. del c. 4.

¶ *Chegava à desejada, e lenta meta.* Con Virgilio lib. 5.

*Iamque ferè mediam cæli nox humida metam
Contigerat, &c.*

Meta era una elevación de tierra , que en fiestas antiguas servia de termino a los corredores. Otra llamaron meta los Romanos , cuya ruina vimos el otro dia junto al Coliseo, o Anfiteatro de Tito Vespasiano (obra adonde se pierde el pensamiento) i aunque de la ruina ya no se infiere su primera forma , de los libros se ve , que era un modo de columna, plantada en un pedestal , rebentando en la parte superior, agua repartida en modo, que la bañava toda; i recogida en una raza que tenia al pie , venia a salir por diferentes bocas , adonde natavan la sed los que assistian a las fiestas que se hazian en ese Anfiteatro: de que se sigue , que antiguamente se bevia agua en Roma , adonde agora no sirve mas de para las bestias, i lavar la ropa, i regar los campos, i aun todo esto, por el exemplo, parece que ya no la quiere, i pide vino. Pero la meta que el P. aqui apunta es la primera , que en nuestra lengua dezimos raya, terminio , marco , balisa , i fin de qualquier cosa, como el mar, fingen los Poetas, lo es del camino del Sol, que llegava agora a él.

¶ *Desejada.* Todo fin de las cosas es muy deseado de quien las trata : en quanto dicen las fabulas , que el Sol descansa en el mar del trabajo del dia, es fuerza que deseé llegar a la meta, o fin de ese trabajo : i tambien se puede entender por las gentes ; en particular trabajadores , que con ansia estan aguardando siempre que se ponga el Sol, que es el termino de su labor.

¶ *Lenta.* Porque aquella hora a que el Sol se pone , en todo tiempo es mas templada : i por otra parte llamamos lento, aquello en que ay alguna humedad : i propiamente se puede llamar assi el Orizonte maritimo. El P.e.92. *Hiamse as sombras lentas desfazendo em frio orvalho , &c.* En que se vén dos cosas (afuera lo que allá diremos) una ser el lento templado, pues se deshazia en frio : otra, que tiene parte en la agua , pues se buelva en ella, que esto es *orvalho*.

¶ *Casa maritima secreta.* Entiende aquella estancia del mar , en que dicen las fabulas se regozija el Sol con la señora Tetis, por descuento del trabajo del dia : en que se me parece el señor Apolo a algunos personages, que siendo colocados en puestos de tanto valor , que se pudieran dar por satisfechos de qualquier merito co ellos, vienen a llevar nuevos premios porque los ocu-

paron: pues Apolo dueño de todo el lucimiento, A viene, por serlo, a lograrse la Deidad maritima de la hermosura

¶ *Secreta.* Enseña el P. i esas dos hermosuras masculina, i femenina, que supuesto que se han de juntar , i lograrse haciendo esa ofensa a Neptuno, sea en secreto, allá en parte donde no se vea; al revés de lo que se usa agora, que tantos quilita el gusto de las acciones torpes en la publicidad, pareciendoles que no las tuvieron si no las pregonaron.

¶ *Lhe estava o Deus Nocturno a porta abriendo.* Entre la turba Gentilica de Dioses, avia uno que como a Presidente de la noche dió la fabula el nombre de Nocturno, o Nocturnino. Esto infieren los Mitologicos deste lugar de Plauto en *Araphitr. Credo bac nocte Nocturnum obdormisse ebrium.* Trae un lugar de san Geronimo, i otro de Marciano Capela, en que se acuerda de este Dios, Iacobo Durantio allá en la junta de Criticos, a q Grutero llamó Tesoro Critico, tomo 3. fol. 247- adonde se puede ver lo que acumula a este propósito, con que dice explica el lugar de Plauto, q yo entiendo no está explicado en lo tocante a este Dios; i menos en Lambino pesado hablador, i

C de los que en el fvero exterior son abundantes Comentadores. Agora a ambos a dos quisiera yo dar a entender allí a Plauto con el mismo Plauto , Autor de ese Dios, pues en él hallan su principio todos los que dél se acuerda. Digo que este Dios Nocturno es el Sol : porque el Sol es Autor de la noche con su ausencia, assi como có su presencia lo es del dia : i aun essa poca luz de la noche es del mismo Sol, reflexada desde la Luna, i los otros Astros, a que él la communica asente. I esta sinduda fue la Idea de Plauto en ese lugar citado, en que habla Sosia, diciendo: *Yo creo que está Nocturno dormiendo borracho.* I esto era, porque le parecia larga la noche : queriendo decir , que dormia el Sol ya con exceso , como borracho, pues tardava tanto en abrir el dia. Pnevolo agora con el propio Plauto , como ofreci.

Bolviendo el mismo Sosia luego abajo a repetir la misma quexa de que se dilataba mucho la noche , dice , casi con las propias palabras , *Credo edepole quidem dormire Solem , atque appotum probe.* Luego si la quexa es la misma, hasta en los terminos ; i sobre el propio motivo ; siguese que llama Sol en este lugar, a lo que en effetro llamó Nocturno; por las razones que apanté , para que Nocturno sea lo mismo que el Sol. I ann quando Plauto no se declarara tanto con este lugar, bastava aver dicho entre él, i effetro, que dormia tanto Nocturno , que no desaparecian del cielo las estrellas, ni apuntava el dia; assi: *Ita statim stant signa, neque nox quoquam concedit die.* Pues si el efecto de dormir mucho Nocturno era tardar el dia, i el Autor del dia es el Sol, siguese que es lo mismo el Sol que Nocturno. Venga agora otro genero de prueba. Los antiguos ponian al Lobo

por imagen del Sol : i del Lobo es epitecto propio el de nocturno , porque de noche no vive menos que de dia: perdono agora a erudiciones de epitectos , diciendo solo , que se vea a Macrobius lib. 1. Saturn. adonde trata de la imagen del Sol en el Lobo ; luego bien toca al Sol el titulo de Nocturno , pues tanto toca a su imagen. Parece , que sirve aqui aquel lugar del cap. 20. del 4. de los Reyes , quando pidiendo Ezéchias a Isaías señal de la certeza de su salud , le dixo el Profeta: *Vis ut adscendat umbra decem lineis , an ut revertatur? &c.* Adonde explican algunos Autores , q̄ quiso dezir: si queria que el Sol bolviesse atras , o pasasse adelante . I el mismo Profeta en el cap. 38. refiriendo el propio suceso , *Et reversus est Sol decem lineis , &c.* Luego si lo que allá es sombra , es Sol aqui , i la sombra es la noche . bien es Nocturno el Sol. No es menos claro esto tambié por la costumbre vulgar , que dice duerme el Sol , quando las noches parecen largas , i ay infinitos lugares para esto en varios Autores. I agora sobre aquellos que trae Durancio por testimonio deste Dios , traerè yo uno de Estacio , Theb. 10. *Et à iunctis arcet sua nubila casbris , Noctivagis blanda Dei , &c.* que yo sospecho es lo que estuvo presente a mi P. al escribir esto. Pero subito aparecen dos objeciones , que parece destruyen este enten diimiento: una es , que deste modo se hazen dos Dioses de uno: i otra , que nuestro P. los distingue diciendo , q̄ el Nocturno abria la puerta al Sol para que entrasse. La primera tiene facil respuesta: porque costumbre es de la fabula hazer de un Dios muchos , i de muchos uno para bien diferentes acciones : i mucho más concurre esto en el Sol , de quien dice Macrobius , i otros Autores desta esfera , que los Assirios tenian al Sol , i a Jupiter por una misma cosa ; i q̄ todos los otros Dioses se introduzieren en lugar de Apolo , i que sin Apolo no avia otro Dios alguno: de que se sigue tambien lo que ai diximos , de que eran una misma cosa el Sol , i Nocturno. La segunda objencion no está tan facil de responder: porque el P. ocupa estas dos Deidades a un niñmo tiempo , i sirviendo la una a la otra. Responderè yo mientras no lo haze algun sutil , i digo , que el P. agora aqui por Dios Nocturno entiende el Somnus , Erebo , o Morfeo , que es el Dios del sueño en la fabula. I como del Sol se dice , que va a dormir en el mar , quando se pone , quiere decir el P. por este modo , que el Sueño le abria la puerta para recogerle. I dixolo , tambien como effetro , al son de Eltacio alli mismo , *Obruit Hesperi. i Phœbum nox humida portas* (que es el verso entero de mi P.) estando ai por la noche el Campeador della , que como despensero del descanso del trabajo del dia , abre la puerta a los trabajados para que descansen , entrádolos en sus dulcissimas alcobas. Añado agora , que el oficio del Dios del sueño abriendo la puerta al Sol , parece propio de Neptuno: porque siendo Neptuno el mar , en el mar dizen las fabu-

Alas se recoge el Sol al fin del dia. I no dexa de servir a esto el otro lugar de Plauto in Rud. quando al hablar de un alcaquete que dormia mucho dice assi , act. 2. *Perit potando opinor. Neptunus magnis poculis hæc nocte eum invitavit.* I si aqui Neptuno emborrachava a este , para que no despertasse mientras estaba señor del Sol teniendole encerrado , tambien parece ser el misino que en estos lugares tenia borracho al Sol q̄ no despertava. Queda solo de duda , si es licito que Neptuno sea portero del Sol , diciendose del , quo passa la noche con Tetis su muger. Pero essa duvida bien la desharán muchos , que con mucha autoridad , i luzimiento son porteros de sus mugeres , sin interposicion de fabulas , que son mas licenciosas que las verdades. Hasta aqui teniamos discurrido quando alcançamos los dos originales deste Poema , de que diximos en el num. 16. de la vida del P. i hallamos en la copia de M. Correa Montenegro , por *Deos Nocturno* , estotra lección , o gram Neptuno. Con que se confirma nuestra expiación en parte.

C ¶ *Quando as fingidas , &c.* El original dice *fingidas*; en todas las otras ediciones hallo , *infidas*: i es mejor para expressar la creencia , i el animo de los Moros , que todo es infido , o infiel; pero mejor es *fingidas*, para lo que el P. va diciendo , i es , que venian con semblantes fingidos a ofrecerse al Gama , como vimos en la c. 103. del c. 1. i destas que se siguen.

D ¶ *Que pouco avia que ancoraram.* Esto es , que apenas echaron ancoras los nuestros , quando los Moros vinieron a ellos. Finalmente , toda la estacia es descripción de la hora a q̄ llegaron a Mombasa , que fue a boca de noche , (como suele decirse) en 7. de Abril de 1498. sobre nueve meses de navegacion.

II.

De entre elles hū q̄ tras encomendado o mortifero engaño , assi dezia:
Capitam valeroso , que cortado tens de Neptuno o Reyno , e falsa via;
O Rey q̄ manda esta Ilha alvorocada da vinda tua , tem tanta alegria ,
que nam deseja mais que agasalharte , verte , e do necesario reformarte.

E D Entre ellos , uno que traia de encomienda usar del morifero engaño , dixo: O Capitan valeroso , que tienes cortado en el Reyno de Neptuno las saladas vias , el Rey que govierna esta Isla está con ral alborozo , i alegría de tu venida aqui , que no desea mas de agasajarte , verte , i de lo que te fuere necesario reformarte.

F ¶ *De entre elles , &c.* Quattro Moros bien tratados salieron de Mombasa con recado del Rey

para el Gami; i uno dellos dixo lo que contienen
esas tres estancias, que todo son ofrecimientos
grandes, pero fingidos, de que ay larga noticia en
Barros Dec. 1.lib.4 cap.5.

G *Hum que tras encomendado, &c.* Vno de
llos, el que avia de dar el recado del Rey, que era
el engaño, a que el demonio en figura de Baco le
persuadió usasse con los navegantes, como el P.
dixo en la c. 104. del c. 1. La esta diligencia del
infierno ha de corresponder en contrario la del
cielo en este Canro, desde la e. 56. quando Mer-
curio representando un Angel, irá a avisar al Rey
de Melinde, para que reciba bien estos que reci-
be agora mal el de Mombacha.

T *O mortifero engano. Repetiralo e. 43.*

T *De Neptuno o Reyno, e falsa via.* Dos peri-
frasis del mar, que es jurisdicion de ese Rey, i ca-
mino salado..

T *Davinda tua tem tanta alegria.* Barros ya
en el cap. 6. de los ofrecimientos del Rey de Me-
linde al Gama, *Mofrando o contentamento que*
tinba desua vinda. Assi tambien al fin del cap. 8.
en la respuesta del Rey de Calecut : pero en este
fue el cumplimiento teñido en cautelas, i en el de
Mombacha la maldad teñida en buenas palabras;
i en Melinde conforme a ellas el coraçon, todo
bueno.

G *E do necessario, &c.* El mismo fin tiene la e.
55. del c. 1.

III.

E porque está em estremo deseoso
de te ver, como cousa nomeada,
te roga que de nada receoso,
entres a barra, tu com toda a armada.
E porque do camino trabalhooso
trarás a gente debil, e cansada,
diz que na terra podes reformala,
que a natureza obriga a desejala.

I Porque en estremo desea verte, como cosa de
gran nombre, te ruega que sin recelar nada en-
tres la barra, i tomes puerto con tu armada : i
porque traerás la gente debilitada de viage tan
trabajooso, dize que en tierra podrás reformala:
porque la naturaleza siempre obliga los navegá-
tes, a que deseen salir en tierra.

T *Entres a barra, tu com, &c.* Virgil. Eneid. 1.
Subducite naveis, &c. I adelante: *Quare agite, o*
tectis iuvenes succedite nostris. Dezia assi Dido
toda tierna con los Troyanos afligidos llegados
a su puerto.

T *E porque do caminho, &c.* Latino a los mis-
mos en el 7. *Sive errore via, seu tempestatibus*
acti. &c. Vamos a la e. 88.

T *Que a natureza obriga a desejala.* El gran
deleo en los navegantes de llegar a tierra, cono-

ce solo quien navega: i como aquel que lo expe-
rimentó lo expressa el P. algunas veces, c. 5.est.
26.c.9.e.66.

III.

E se buscando vas mercadaria
que produze o aurifero Levante,
canella, cravo, ardente especiaria,
ou droga salutifera, e prestante:

B Ou se queres luzente pedraria,
o rubi fino, o rigido diamante,
daqui levarás tudo tam sobrejo,
com que faças o fim a teu desejo.

I Si vas buscando las mercaderias que el aurife-
ro Levante produce, como la ardiente espe-
ciaria de la canela, i clavo, i prestante, i salutifera
droga: o si quieres luzida pedraria, como el fino
rubi, i duro diamante, de aqui lo llevarás todo
tan sobrado, que podrás hacer fin a tu propio
deseo.

C **E** se buscando vas, &c. Supuesto que vian
alli a los navegantes, suponian que eran llevados
del deseo de las cosas de la India, i conforme a
esto se las ofrecen alli, porque no passen más
adelante. Todo vá a imitacion de Virgil. quando
finge decir Dido a los Troyanos 1.

Seu vos Hesperiam magnam Saturniaque arva,
Sive Erycis fines, regemque optatis Acestem
Auxilio tutos dimittam, opibusque iuvabo.

T *O aurifero Levante.* Porque el Oriente pro-
duze infinito oro.

D **G** *Drogas salutifera.* No solamente produce la
India cosas tocantes al puro regalo ocioso, sino
al importante de la salud.

T *Luzente pedraria.* Entiende diamantes, ru-
bies, esmeraldas, zafiros, i perlas. Embiava el Mo-
ro a dezir al Gama, que tenia en su Reyno quan-
to de precioso le podia llevar a buscar otros, por
obligarle a que entrasse para dentro; i en prueba
desto, además de algun refresco, le embió un ani-
llo, que contenía una preciosa piedra, con que le
parecio que echava la primera en el edificio de la
traicion, con que pretendia destruirle; porque un
traidor con su hacienda compra su infamia, co-

E mo el ilustre su gloria. Yo conozco algunas per-
sonas, que deviendo mucho a otras, nunca les
dieron algo; i ultimamente convirtiendo en odio
la obligacion, les vinieron a dar más de lo que
les devian, por entretenimiento dissimulado,
hasta que llegasse la hora de quitarles la vida. De
manera, que en tales animos son los hombres co-
mo gallinas en ceva, engordarlas para comerlas:
i esto era lo que intentava hazer el Rey de Mom-
baca con el Gama, con quiē se estaba despiedien-
do. Accion muy de astucia Mora.

T *Origido diamante.* Assi le llamó Geronimo
Balbo,

Balbo, *Te rigido dicam ex adamante, &c.* Pero no se ha de entender, que el diamante no se quiebra, sino que es mucho mas duro que todas las piedras; porque consta, que provado entre la yunque, i el martillo se rompe. Tambien aquello de que se labra con sangre de cabrito es cosa vana: uno con otro es que se labra roçándose. Quien quisiere mas de diamante hable con algun otro Comentador.

¶ *Com que faças o fim a teu desejo.* Virgil. lib. 4. *Habes tota quod mente petisti,* de dia Iuno a Venus para atraerla a su propósito. Ovid. 1. del Arte, *Hec loca sunt votis fertiliora tuis.* Ariosto c. 10. *In questo il desiderio piu non chiedi.* Ercilla c.

32 *Que en el ballará termino el deseo.* El Rey no tenia por ambicioso al Gama, pues le dice que haria fin a su deseo; porque el ambicioso nunca le halla fin. Castañeda lib. 1. cap. 9. *Que ali tinha tudo o que podia buscar, mostrando le especiarias, &c.* Esto, refiriendo el propio suceso.

V.

Ao mensageiro o Capitán responde, as palabras do Rey agradecendo:
e diz, q̄ por q̄ o Sol no mar se esconde, nam entra para dentro obedecendo.
Porē q̄ como a luz mostrar por onde va sem perigo a frota, nam temendo, cumprirà sem receyo seu mandado,
q̄ a mais por tal senhor está obrigado.

E Capitán agradeceido las palabras del Rey, Responde a su mensagero, que no entra obedeciendo luego, porque el Sol se esconde ya en el mar, porque era casi noche: pero que aun bien no será mañana, i tendrá la armada luz para no temer el peligro de la entrada, quando sin rezelo cumplirá su mandato: porque a mucho más está obligado por un señor con tal cortesia.

¶ *Come a luce mostrare por onde.* El Varchi, fol. 221. *Come il Sol habbia di man portato il giorno,* &c. todos assi.

¶ *Nam temendo.* Entiendese, no temiendo el peligro de la entrada, respeto de no saber la barra; no el poder de los Moros: i esta suerte de temor es prudencia, qual el P. pretende mostrarla siempre en su Heroe: i assi, aunque los ofrecimientos del Rey, i su respeto, le forçavau, muestra que le fuerça más la atencion a la seguridad de lo que lleva a su cuenta.

VI.

Preguntalhe despôis, se estâm na terra Christãos, como o Piloto lhe dezia; o mensageiro astuto, que nam erra, lhe diz, q̄ a mais da gente é Cristo cria.

Desta sorte do peito lhe desterra toda a sospeita, e cauta fantasia: por onde o Capitán seguramente se fia da infiel, e falsa gente.

P Reguntale despues, si estân en la tierra los Christianos, como le dezia el Piloto: el astuto mensagero, que no yerra, le dice, que creia en Christo la más de la gente. Desta suerte le desterra del pecho toda sospecha, i cauta fantasia, por donde seguramente el Capitan se fia de la infiel, i falsa gente.

¶ *Do peito, &c. e. 86. i en el c. 1. la 94.*

¶ *Toda a sospeita, e cauta fantasia.* Muestra como el Gama no era falso del temor, i cantela prudente (eso es sospecha, i cauta fantasia) sino q̄ se la hizo suspender aquello de concordar el Moro de Mombaça con lo que le avia dicho el de Moçambique: i porque essa concordancia pareció del demonio para destruicion de los navegantes, diestramente el P. finge, que el demonio previnó todo esto: i contra todo esto, si Dios no lo remedie, no ay discurso humano que lo pueda remediar.

¶ *Infel, e falsa.* Lo primero, en quanto gente Mora; lo segundo, en quanto cavilosa, i que induzida del demonio armava traiciones: todo proprio de Moros, i de demonios.

VII.

E de alguns que trazia condenados por culpas, e por feitos vergonhosos, porque podessem ser aventurados em casos desta sorte duvidosos; Manda dous mais sagazes, ensayados; por q̄ notem dos Mouros enganosos, a cidade, e poder: e porque vejam os Christãos, que so tanto ver desejam.

I De algunos hombres que traiá consigo el Gama, condenados por culpas, i vergonçosos hechos, para poderlos arriesgar en casos desta suerte dudosos; manda dos más sagazes ensayados, porque noten la ciudad, i poder de los engañosos Moros: i porque vean a los Christianos, que solo deseán tanto ver.

¶ *E de alguns, &c.* En esta llegada a Mombaça, i en la otra adelante a Melinde, i en la del c. 7. a Calecut, bien parecido consigo propio vā el P. i con Virgilio, de quien por ellas siembra muchos lugares, i en particular los de quando Eneas llegó a Latino: trémulos notando adonde les tocara.

¶ *Condenados.* Llevava el Gama algunos, criminosos, que estando condenados a diferentes penas,

penas, se les trocaron en que fuessen con él, para embiarlos por explora lores en ocasiones de peligros. El perfecto Principe, i Rey nuestro don Inan el Segundo, era assa tal de un entrañable dolor, todas las veces que se condenava en sus Tribunales, a muerte qualquier hombre. El Rey don M^unuel, heredando d^el esta piedad con la corona, buscava modos de librar della a los condenados: uno fue este, de comutarsela en ir al descubrimiento de la India por aquellos mares, para ser expuestos a aquell peligro, de que, si escapassen, quedavan libres, i punidos si pereciesen. Otro fue despues en aquella insigne fabrica del Templo de Belen; porque temiendose, que al sacar de las cimibrias de aquella estupenda boveda del Cruzero, ella se vendria tras ellas, i mataria los trabajadores, mandó el Rey, piadoso con las vidas de los hombres, que algunos que en la carcel estavan condenados a muerte, las fuessen a sacar, i que si cayesse la maquina, allí quedarian pagán lo la pena, i si no, escapando della. Dizese que cayó, i perecieron algunos, i bolviendola a levantar, i a usar de lo mismo con otros condenados, ellos quedaron libres, porque ella se estuvo firme, i lo está cy, sin tener embidia a ninguna fabrica de Europa. Que dirán a esta piedad de Reyes Christianos, con las vidas humanas, ann de aquellos que no las merecian, muchos señores, que en enfadádose de algunas personas, tratan de su vida como de la de javalies, o venados? I que pudieramos dezir nosotros? Pero ni nosotros podemos dezirlo, ni ellos quieren que lo digamos; porque quieren tener licencia para llagar, i que el llagado no la tenga para dolerse. Al fin, los criminosos en aquella fabrica, i en este viage, hizieron por esta razon estas figuras.

G Feitos vergonhosos. En la e. 7. del c. 8. Com manha vergonhosa. Quiere dezir, acciones hijas de la desverguenza, o que hazen avergonçir a los autores dellas, i se conocen: pero es difícil este conocimiento a los desvergonçados; i a lo menos la confessió es tā difícil, que el q mas osadamente se opone al virtuoso, es el mas desvergōçado, i digno de todas las afrentas del mundo. Hablo con alguna experienzia. O infames!

G Aventurados. Puestos en ventura de que les marassen, o no, en la exploracion dudosa.

G Mandados, &c. Aqui embió el Gama dos destos a explorar lo que avia en Mombaça; i por ellos un presente al Rey para obligarle. Assi Eneas llegado al Tibre, lib. 7. Quare agite, &c. Que loca, qui ve h. ibe ant homines. Pero los Moros como estavan prevenidos del demonio, i dorinados de su naturaleza astuciosa, no largaron de la mano a los exploradores: i assi no vieron mas de lo que ellos les quisieron dexar ver, que fue poco mas de nada, como se irá viendo abaxo.

G Os Christianos que se tanto ver desejam. Mucho fue, que no aviendio allí Christianos llevassen allá dentro dos telligys de su mentira.

A VIII. E por estes ao Rey presentes manda, porque a boa vontade que mostrava, tenha firme, segura, limpia, e branda, a qual bē ao cōtrario em tudo estava. Ia a companhia, perfida, e nefanda, das naos se despedia, e o mar cortava. Foram com gestos ledos, e fingidos, os dous da frota em terra recibidos.

B

I Por estos manda presentes al Rey, porque térga firme en él la buena voluntad, que mostrava segura, limpia, i blanda, la qual estava en todo biē al contrario. Ya la perfida, i nefanda compagnia, se despedia de las naves, i cortava el mar: los dós de la flota fueron recibidos en tierra con alegres i fingidos gestos.

T E por estes ao Rey presentes manda, &c. Virgil. alli, al Rey Latino.

*Centum oratores angusta ad menia Regis
Ire iubet. &c. Donaque ferre viro; pacemque ex-
poscere Teucris.*

T Foram com gestos ledos, e fingidos, &c. Assi en la e. 72. del c. 1. Ariosto c. 10.

*Cortesemente dico in apparenza,
Ma tosto visentir contrario effetto;
Che il signor del Castel benevolenza
Fingendo, e cortesialor di ricetto,
E poi, &c.*

Barros alli, Mandou com elles dous homens, que llevasssem presentes a el Rey, &c. Abaxo iremos hallando el suesso.

IX.

E despois que ao Rey apresentaram co^o recado os presentes que traziam, a cidade correram, e notaram muito menos daquillo que queriam; que os Mouros cautelosos se guardará de lhe mostrarem tudo o que pediam. Que onde reina amalia, está o receyo que a faz imaginar no peito alheyo.

D Espnes que hablaron con el presente al Rey, corrieron la ciudad, i notaron menos de lo q deseavā; porque los cautelosos barbaros se guardavan de mostrarles todo lo que pedian: que adonde la malicia reyna, está el temor que la haze imaginar en el pecho ageno; en el otro que no la tiene realmente.

G A ciudadenotaram, e corr. &c. El ir los exploradores viendo la ciudad, es lo mismo que en los de Eneas alli.

Iamque

*Iamque iter emensi, turres ac tecta Latincorum
Ardua cernebant iuvenes, &c.*

I creemos que imitando a Hom. Vlif. 6. quando la Infanta hija de Alcinoo, i Palas disfraçada, va mostrando la ciudad a Vlisses. Barros allí: *Mandava estes homens para espiajar o estado da cidade, e povo della. Os Mouros, ou porque entenderao o artificio, ou porque sempre usam de cautellas, trouxeram com elles os homens, de modo que notaram so o que se ofrecio a vista.* I con esto se bolvieron, como iremos viendo por las estancias.

¶ Que onde reyna a malic. &c. Mas breve dixo el P. esta sentencia en la e. 80. del c. 1. pero felizmente alla, i acá. Es propio del sospechoso imaginar en otro el veneno que tiene en si: i figurarse el dano adonde no le ay: por esto se pinta la sospecha armada en acto de ofender, i en el escudo pintado un Tigre, animal que oyendo musica suave, teme, i le patece estruendo de algun peligro armado contra el. Aristoteles dice parte desto. I al reves suele el malicioso, no conocer el peligro adonde le tiene, o pensar que le remedia con usar la piedad que nunca conocio: porque al Tigre quando le quieren caçar, se le pone un petro en la trampa adonde le cogen: i el vienendo apriessa por comerle, viendose caydo en ella le regala. Assi ay Tigres bautizados.

X.

Mas aquelle, que sempre a mocidade tem no rosto perpetua, e soy nascido de duas mays; que urdia a falsidade, por ver o navegante destruido; Estava em hua casa da cidade com rosto humano, e habito fingido, mostrandose Christao, e fabricava hum altar sumptuoso que adorava.

Pero aquel, que siempre, o perpetuamente tiene la mocedad en el rostro, i nacio de dos madres, i an lava texiendo estas falsoedades para destruir los Portugueses, estava en una casa de la ciudad con rostro humano, i fingido habito, mostrandose Christao en la fabrica, i adorno, i veneracion de un altar, adorando lo que allí estaba digno de adorarse.

¶ Mas aquelle, &c. Los dos versos i medio son perifrasis notorio de Baco, que siempre, en quanto a lo primero, se pinta moço: i por esto dira del nuestro P. en la e. 52. del c. 7. *Hum Capitā de fronte lisa, que es parte de la Primavera de la edad la litura en la tēz, como de la vejez lo son las arrugas.* Allá diremos a este proposito algo.

¶ Que sempre a mocidade tem no rosto perpetua. Con Seneca: *Et tu Thyrsigera liber ab India, in consu iuvenis perpetuum coma.* I por expressar sta mocedad continua en Baco, le llamo moço,

Onino Oracio, Semelae puer &c.

A onino Oracio, Semelae puer &c. ¶ *Efy nacido de duas mäys.* Despues que Iupiter abrazo a Semele, que del tenia a Baco en el vientre, se lo sacó del, i le metio en un muslo suyo, adonde anduvo hasta cumplir el tiempo del parto: i assi fue hijo de dos madres, porque anduvo unos meses en las entrañas de Semelé, i otros en aquella parte de Iupiter. El P. c. 1.e.73. *Que da paternal coxa soy nascido:* i por esto se lia ma entre los muchos nombres que tiene, Ditibabo, que quiere dezir, nacido dos veces. Esta dicho con Civid. Met. 3. *Tutaque bis geniti sunt in tunabula Bacchi.* I el estilo de dos madres, con Burcardo Brixiano Theogon. 2. *Quodque duas matres est visus babere, Bimater dicitur, &c.* Tengo por est usado particularizar más la fabula, ni los motivos della, (de ser el vino produzido en la vid, i sazenado en la tinaja, que son las dos madres) porque para el entendimiento del P. esto basta; i para los que saben sobta, i los otros ai se tienen muchos Indices, de que yo no soy tan buen copiador, como veo serlo tantos.

¶ Mostrandose Christao, e fabricava, &c. Esta transformacion de Baco en Christiano, venerando un altar, i ciertas imágenes Catolicas, no pueden sufrir muchos, juzgandola por indigna de Autor Catolico: i aun anaden, que estavia diciendo Missa. Por ventura Luis de Camoes puede tener culpa en la ignorancia de cada uno? No por cierto. Digo, pues, que no ay tal, que el P. diga, q Baco estavia hecho Sacerdote, i diciendo Missa, porque nunca Luis de Camoes escrivio disparates: limpiese dellos quien los piensa sobre ignorantemente. Lo que dixo, i escrivio como doctor, Catolico, i Poeta, fue, i es, que el demonio, representado en Baco, segun claramente hemos enseñado, se fingio Christiano, tomando la forma de un hombre, i poniendose delante de un altar, como que le honrava. I esto es bonissimo, i verisimil, i permitido de Dios al demonio en una i otra ley, para tentarnos: i no ay que argumentar sobre esto, ni para que hazer feria de erudito. I es tan bueno, otra vez digo, ese artificio, que Geronimo Vida entra con el en su Chilliada, i el gran Tasso le traslada; i en otras trasformaciones que en aquel Poema se ven del demonio, no dexa de parecer, que fue siguiendo estas que mi P. hallo primero que el. I para que se vea quanto no le

E passo al P. por el pensamiento hazer Sacerdote a Baco, o al demonio, traere agora el lugar de Virgilio, de que se imito este; que es en el lib. 7. quando Alecto aparecio a Turno transformada en figura humana para semejante persuasion, a la que mi P. aqui va texiendo, adonde la pinta transformada en habito Sacerdotal. *Alecto. &c fit Clytie Iunonis amus, Templique Sacerdos.* I siendo este lugar claramente el imitado aqui, i poniendo el P. en lugar de Sacerdos, el Christiano, siguese tambien claramente, que estuvo cuidadoso en no hazer Sacerdote a Baco, por observar la veneracion

cion de vida a estos respetos Catolicos. Si bié no uviera faltado a ellos, quando fingiera Sacerdote a Baco, i aun revestido en sacros ornamétos; pues consta q el demonio, en el representado, algunas veces engañó a los Catolicos por medio de una genes del propio Christo Sacerdote eterno, i de figura de Angeles buenos S. Antonino de Floréncia refiere, q faltado en una fiesta el Predicador, q se aguardava, apareció el demonio representádole, i hizo un Sermon Apostolico. Luego si él se hizo Sacerdote, i Predicador de Catolicos para desengañarlos, no fuera yerro q el P. entre Gétilles le trásformasse assi para usar su propio oficio de engaños. Pero lo cierto es, q no lo hizo por no apurarlo tanto. I si adelante (e. 15.) dice, que los embiados dixeró aver visto un Sacerdote, esto no es de zir, que estaba diciendo Missa, sino que pudo tener el habito, i no el ejercicio. I tambié (que es lo mas cierto) pretendió exprimir la costubre de gente poco advertida, i mal disciplinada (quales eran los embiados, como vimos en la e. 7.) q siépre al referir sucesos nuevos, o se le figura en ellos más de lo q vieró, o lo añaden: porq si el P. quisiera dezir, que Baco estaba hecho Sacerdote, lo dixerá aqui adónde le introduze, i descrive, i solamente dice, que se mostrava Christiano. Finalmente, la introdució de Sacerdote, i clara imitació del Sacerdos de Virg. que ai queda, veremos cō grā dicha en la e. 48. del c. 8. de que se infiere tā bien, que el P. no pretendió introducir aquí Sacerdote: porque es muy ageno de su atenció usar dos veces una invención misma. Esto basta. El altar, pues, en la casa, i el venerarlo, es a imitacion de Virgilio en el 4 pintando el de Dido.

*Praterè a fuit in tectis de marmore Templum
Coningū antiqui, miro quod bonore colebat.* Lo
claro desto es, que aqueilos embiados hallaró en la ciudad unos mercátes (voy agora cō el P.) que en cierta casa les mostraron una estápa, en que se veia lo que dice la e. sig. que deviā ser Christianos de aquellos de S. Tomé, i la tenian en la pared de su casa, como oy entre nosotros se usa. Con esto mezcla el P. como Poeta verdadero, aquella ficció, i cō grā propiedad, porque aquellos actos de devoció Católica andavá mezclados cō muchos errores de idolatrias; i más para engaño que para alivio, faeron los Moros a mostrarlo a nuestra gente. Agora bien: en las e. 30. 73. 74. 75. 76. 77. del c. 1. mostramos, que Baco representava al demonio, i como se transformó en un Moro, para provocar cō sombras de zelo al Gobernador de Moçambique, a destruir nuestra gente, i aviéndose hecho buenas diligencias para ello, sin surtir efecto, se vió no delate a Môbaça para intentar lo mismo. Para esto, si jge el P. que para refutar mejor el engaño se trásfirió en Christiano, q devoto adorava aquellas Imágenes; todo muy ajustado cō nuestra Religión: poi q estos embustes del demonio para con los q la siguen, son tā frequétes en las Letras sagradas, q se escusen alegaciones. Pero creemos, q ue nadie las pedirá despues de aver entendido

Tomo I.

(gracias a nuestra diligécia) q Baco aquí es el demonio, pues solo el no caer en ello lo hacia difícil. I para q veais como el P. es misterioso, notad que tres veces singulares son las q el demonio se trásforma en este Poema, i de todas vereis, q siépre eligió persona grave por dignidad, o zelo, o Religion: la primera fue la de aquel Moro viejo venerable en Moçambique, valido del Xequé, c. 1. e. 77. la segúda, la de este Christiano aquí: la terceira en el c. 8. e. 47. en la de Mahoma, apareciédo a un Sacerdote de aquella Sera. I fue el intérto del P. en esto, cōformarse cō la Escritura S. de q cōs-

Bra, q el demonio tomó la forma humana, q fue de grā magestad, a lo menos quando prometó a Christo una grā parre de la tierra, porque le adorasse, le téro tres veces, viédole dar principio a la Redención humana, que tā mal le estaba: i assi acá, viendo agora darlo a la de táticas armis en la Asia, que de la misma suerte no le estava bien, le haze el P. trásformado otras tres veces en personas graves, para encótratla cō tres tentaciones. Vengamos a la historia de recha. Barros allí, dice esto que dexamos en la est. antecedente, quo los embiados por el Gama no pudieron ver, fino

C las cosas generales que se les venian a los ojos, por la gran cautela con que los llevaban los Moros por la ciudad; i assi no vieron aquí nada desto de altar, i Christianos, que el P. vā finge endo. Pero es de saber, que lo finge con ocasión de unos tres Abexins del Preste Juan, que en Moçambique avian venido entre los Moros a ver las naves: los quales viendo en ellás, pintada la Imagen del Angel san Gabriel, se le arrodillaron, como aquellos que tenian algo de Christianos en aquella tierra del Preste, i noticia destas imágenes. Refierelo Barros en el cap. 4. i en el 6. dice, que

D unos Baneanes en Melinde, viendo tambien en las naves una pintura de la Virgen SS. la fizieron gran reverécia, i ofrecieró algunos dones. Todo esto, cō su buena destreza, recogió nuestro vigilássimo P. destos lugares, para fabricar este del fingimiento de altar cō imagé de N. Señora, i otras, i Baco, que es el demonio, transformado en Christiano devoto delante del, para engañar a nra gente, i obligarla con esto a detenerse, hasta q los Moros la pudiesen destruir, que era el intérto dellos cō aquel bué sembláte q mostraró. I toda via advierto, q Castaño lib. 1. cap. 9. dice lo q se si-

E gue: *Mādou a dous degradados, de algüs q trazia para avéitar em tais recados: e forā encontrar cō dous mercadores, parece q Christãos de S. Tome, q lhes mostrara en pintada em sua carta a figura do Sprito Santo, e por ante elles fizerā sua adoraçā em giolbos; pudo equivocarse cō lo q hemos referido.*

XI.

Ali tinha em retrato afigurada
do alto, e Sancto Spirito a pintura:
a candida Pombinha debuxada
sobre a unica Fenix Virgem pura.

N

A com-

A companhia santa està pintada dos doze tam turbados na figura, como os que, so das lingoas q̄ cairam de fogo, varias lingoas refiriram.

Alli en aquel altar tenia figurada en retrato la pintura del Espíritu santo : la candida Palomilla sobre la unica Fenix, purissima Virgen. Estava tambien pintada la Santa Compañia de los doce tan turbados en la figura , como aquellos q̄ solamente de las lenguas de fuego que cayeron, quedaron refriendo varias lenguas.

¶ Ali tinha, &c. Describe el altar de Baco, o el demonio flagido Christiano , como Virgil. el de Apolo, con que fueron a encontrar los Troyanos quando navegavan, *Templo Dei saxo venerabar fructa vetusto.*

¶ Figurada a pintura. La pintura no se figura, sino figurarse en ella las cosas. Pero mirad el cuidado, i ciencia del P. La paloma es Imagē del Espíritu Santo: i la pintura de la paloma es la q̄ estavā figurada, porq̄ el Espíritu Santo realmente no se puede figurar : i assi dice el P q̄ estavā figurada la paloma, q̄ nos sirve de su Imagē: i luego lo declara, i en esto estuvo el P. cō atenció a enseñar a los hereges, que dixerón averse convertido realmēte el Espíritu Santo en paloma ; sobre que dixerá mucho otro Comentador, sin de zir esso que dixe.

¶ A candida Pombinha. Además de la blácura q̄ siépre se aprobia a la paloma , en particular quādico cō ella se haze Imagē del Espíritu Santo en señal de pureza, señale el P. con Rectorica digna de sus pinzeles el nōbrarla cō diminutivo, *Palomilla*(ello es Póbinha) q̄ es imagē de ternura estremada, i sujeto inculpable : con el mismo cuidado dirá *criācīnbas* en la e. 127. del c. 3. adōde satisfaremos a los q̄ le cōdenā este mōlo de Maestro.

¶ Unica Fenix, &c. Verdaderamente los q̄ dizen q̄ no ay Fenix, no se acuerdā de la sacrosanta Virgen María, a quié el P. ajustadíssimo llama Fenix unica: porque ella sola lo es en pterrogativas raras. Veamoslo. Plin. dize en el cap. 2. del lib. 10. q̄ la Fenix es cósagrada al Sol: la Virge SS fue ab eterno cósagrada al Sol verdadero, Autor destituto Sol. Dize q̄ muere, i resucita: esto es de Fé en la Virgen SS. Dize, q̄ en pudiédo bolar se buelva para la Arabia, patria propia suya : la Virgen SS. bolvió para el cielo , de donde era más que ninguna criatura. Dize, que de color es rosada: de la Virgen SS. es uno de sus titulos Rosa. Dize, que es dorada en el cuello : el cap. 1. de los Cantares dize assi: *Collum tuum sicut monilia.* Bien luego el P. la llama Fenix: i es cierto que la ay.

¶ A companhia santa està pintada, &c. Parece q̄ se esta viendo una buena pintura de N. Señora en medio de los Apostoles , quando sobre todos en lenguas de fuego se illovio el Espíritu Santo , i los dexó turbados con la novedad de la lluvia, a que precedio un trueno. Ya diximos en la e. antec. la

ocasion con que el P. finge esta pintura de la Virgen Santissima, dando a entender, que el aver visto el Gama allá la semejança de culto Christiano entre aquellos Moros , le hizo dar credito al Piloto, para esperar que avria acá lo mismo; i esperar, i pretender descubrir lo que avia.

¶ Esta pintada. Mirad si vā el P con el cuidado que ai os acabo de mostrar. Aviendo dicho, q̄ no estava pintado el Espíritu Santo , sino la paloma en que él se representa, por no poderse pintar él, dice agora de los Apostoles, que estavan pintados, porque pude serlo con la figura humana.

B ¶ Tā turbados na figura. Turbados, porq̄ cayó cō un grā sonido mucha luz , q̄ subito llenó todo el aposento(en que ellos estavā) de respiadores, como todo consta del cap. 2. de Apost. Act. i todo esto era sobrada ocasion para turbarse todos.

¶ So das lingoas que cair. &c. Dixolo el P. cō la Escritura al pie de la letra; alli: *Et apparuerunt illis dispersit a lingue tamquam ignis sicutque supra singulos eorum, &c. Et caperunt loqui varii linguis, &c.* El Cardenal Arator en la version métrica de los mismos Actos.

Spiritus aethereus descendens sanctus ab aula Irradiat fulgore locum, quo stemma beatum Ecclesiae nascientis erat: quibus igne Magister Imbuit ora calor, dictisque fluentibus exit Linguarum populos a seges, &c. Ies de advertir, que no solo infundió el omnipotente Dios en sus Apostoles la ciencia de las lenguas para q̄ fuesen entendidos de los oyētes adōde ivā a parar, sino q̄ a estos oyētes quādó eran de varias naciones, infundia subito el entendimiento de la lengua del Apóstol, o otros santos, q̄ esto parece más de admirar que estotto. De que se vē claro, que a Dios ninguna diligencia le quedó por hazer, para q̄ en el negocio de la salvacion no pudiesse el genero humano alegar ignorancia. I esto es lo peor para los que viven en ella. Alguna semejança tiene cō esta invēciō, i pintura la del Tasso Liber. c. 12. e. 23. Vease. Tambié tiene misterio el aver nuestro P. echado mano en esta ocasiō más de esta pintura del Espíritu Santo sobre los Apostoles , que de otra: porque como Dios permite algunas acciones misteriosamente al demonio, para que sin que él lo entienda venga a incitar la continuacion de aquello mismo que pretende destruir, tenian los Portugueses q̄ ivā a hazer en la India el oficio de Apostoles embiados del cielo , más motivo para animarse quādó viā alli el passo de los Apostoles, q̄ les hizo capazes para ir por el mundo a dilatar la verdad Evágética. I tābien pudo ser esse el intēto del demonio para facilitar a los navegates el entrar, de puro elevados desta memoria, i desejo, cō ponerse a venerarantes aquella pintura q̄ otra.

XII.

Aqui os douos companheiros cōduzi- onde cō este engano Bato estava, (dos, poē em terra os giolhos , e os sentidos

naquelle Deos q̄ o mundo governava. Os cheiros excentes produzidos na Panchaya odorifera queimava o Thioneu; e assi por derradeiro o falso Deos adora o verdadeiro.

A Qui llevados los dos Portugueses adonde Baco, o el demonio, estava con este engaño; pusieron las rodillas en tierra, i el sentido en aquel Dios Governor del mundo, allí representado en aquellas Imagenes. Los excentes o'ores, B producio de la odorifera Pancaya, estavz allí quemando el Tioneo por veneraciō: i assi ultimamente el falso Dios, a su pesar, adorava al verdadero.

¶ Aqui os dous comp. &c. Este modo de adoracion que allí huvo, aunque fue con engaño, truxo el P. por imitar la de Eneas en el Templo de Apolo q̄ halló, desear bactrado en Delos. como veis en Vir.lib. 3 Egressi veneramur Apollinis urbe, &c.

¶ E os sentidos naquelle D. &c. Este es el modo de adorar Catolico, que el P. aqui pretēdió enseñar; la vista puesta en las Imagenes, i el pensamiento en lo q̄ ellas representan: i no lo q̄ dice hereges.

¶ Deos que o mundo gobernava. Siempre gobernó, i govierna, i governatá: esto quiere decir el P. i a este modo dirá en la e. 43. del c. 3. Deos q̄ oceo regia. Esto es usat de la figura Enalage, que concede a los Poetas posponer los tiempos.

G Os cheiros, &c. queimava, &c. no altar. &c. Virg. Egl. 1. Cui nostra dies altaria sumant. Porq̄ es esta singular ceremonia en el culto divino. Por olores (esto es cheiros) entiē de el incienso, q̄ estos son los q̄ produce Pácaya, o una seiva suya. Virg. Geor. 2. Totaque thuriferis Páchaya pinguis arenis. I en el 4. Páchaeis adolescūt ignibus aræ. Pácaya es una parte de la Arabia: i este olor es propiamente del culto divino en la Iglesia Católica: i con este olor en los ornamentos della, se regalava ya el Esposo en los Cáctares, Et odor vestimentū tuorū sicut odor thuris. Geron. Vida Poet. 3. in fin. Te collimus, tibi certa damus, tibi tbura, tibi aras, &c. I por esto lo usó aqui el P. al fin con su doce cuidado, q̄ tābiē califica en la e. 101. del c. 10. diciendo: Dofar insigne, &c. incenso para as aras. I en la 23. del 6. quando se acuerda de los olores q̄ avia en el Palacio de Neptuno, recibiendo a Baco, q̄ erá de ambar, q̄ tiene el Principado: porq̄ si bié el incienso es más sagrado, es el ambar más precioso, i más suave. Pero parece, que este olor del incienso nació, no solo para ayudar a la veneraciō, sino para ser venerado: porq̄ hasta los mismos q̄ ie cultivā, no tratā (al tiempo de cogerle) de horas de difuntos, i totalmēte no usan el aq̄o venero aquellos dios. Vease desto en essas lugares citados. Otra erudiciō descubre el P. hallada en castros, q̄ es no olvidarse nūca, en tratando de sacrificios, destra ceremonia de quemar en ella semijáces olores. Sirva agora el no traer ejemplos por m̄a tenernos en su elección, siendo antos.

Tomo I.

¶ OTbioneo. Otro nombre de Baco, por ser nieto de Tione, madre de Semele.

¶ Ofiso Deos adora o verdadeiro. Hermosa pōderaciō del P. sobre su misma invēciō: i q̄ tābiē descubre, q̄ por Baco entiē de el demonio: porque por mas q̄ él haziendose superior, llega a proponer a Christo, q̄ le adorasse, al fin vino a enteder, q̄ el adorado avia de ser Christo verdadero Dios, q̄ con essa doctrina le sacudió de si, en la ultima desverguenza q̄ que se atrevió a tentar a su Criador. Mat. 4. Vade Satā (le dice) scriptū est enim Dominum Deū tuum adorabis. I no ay duda, q̄ al son deste lugar cátó el P. este pésamesto, porq̄ la aplicación de si se está cayendo. Anduvo el demonio cō mil tentaciones (i singularmente aquellas tres, como pōderam os sobre la e. 10. que conviene se vea) procurando, q̄ Christo no fuese adorado en el Oriente, aq̄ le esse demonio lo era. Supone agora el P. q̄ Christo acaba de arrancarle contra él, i le haze caer por tierra, i adorar él propio, lo q̄ él no quería se adorasse de otro. De modo, q̄ siédo el intēto del P. aludir en estas tentaciones del demonio cō los Portugueses, a aquellas suyas cō Christo, haze q̄ en esta est. sea parecido el fin dellas: porq̄ siédo el de las cō q̄ se uyo cō Christo, quedará desengañado, de que solo Dios avia de ser adorado; es el fin de las usadas cōtra los Portugueses, ser el mismo demonio el q̄ primero adora esse Dios que pretende no sea adorado. Todo vā divino.

XIII.

Aqui foram de noite agasalhados com todo o bō, e honesto tratamento os dous Christãos, nā vēdo q̄ enganados tinha o falso, e sāto fingimēto (dos) Mas assi como os rayos espalhados do Sol foram no mudo, e nū momēto apareceo no rubido Orizonte na moça de Titão a roxa fronte:

E Sta noche fueron aqui agasajados con honesto, i buen trato, los dos Christianos, sin conocer que los tenia engañados aquej falso, i santo fingimēto a q̄ davā credito. Pero luego q̄ los rayos del Sol fuerón espardidos por el mudo; i en un momēto apareció la roxa fréte de la moça de Titão en el rubido Orizonte. Abaxo el sentido.

¶ Ofalso, e santo fing. Falso en quanto al demonio, que se fingia santo: i santo en quanto a la apariencia. Dizen algunos, q̄ fingimēto es falsehood; i que assi no está bien el falso: i es menor que sepan, q̄ *figmentum*, o fingimiento, puede ser verdadero, i falso. Las Imagenes Catolicas son fragmentos verdaderos; las de idolatrías son falsos.

¶ Mas assi como os ray. &c. Asi en la e. 59. del c. 1. dice que salió el Sol, i luego la Aurora: i en rigor ella sale primero que el, porque como ella es aquella primera claridad del dia, que venus

Nº 3 antes

antes de ver el Sol, mas procede delz aúque no le
veamos, queda corriente el dezir, q salió el, i luego
ella: i ella, i luego el. B. Tasso en un Son. fol.
25..... Poi se avicina il chiaro raggio
Dei figli di Latona, & già l' Aurora
Co' bei erin d' oro il ciel pinge, & colora.

Semejantemente Ariosto c. 18.

¶ Norubido Orizonte, na moça de Tit. &c. Virgilio, lib. 3. Iamque rubescet Aurora, &c. Ovid Fast. 3. Cum crocis rorare genis Titoniam coniux. Trasladado de la entradá del lib. 11. de la Ilíada, segun Lorenço Vala, Vbi verò de Iulustri Titoni coniugis thoro surrexit Aurora, &c. En efecto, la moça de Titon es la Aurora, i Titon es su esposo, hijo de Laomedonte Rey de Troya, del qual ella se enamoró. Nuestro P. dixolo con las palabras de Perraca Triunfos, cap. 1. E la fanciulla di Titone, &c. El Almanac Selva 4. Con la fronte di neve di Titon la sposa. El Parabosc c. 15. Il qual tosto che aparsse in Oriente del geloso Titon la sposa, &c. B. Tasso lib. 3. Od. 1.

O moglie di Titone,
tu con la bella fronte
mostri al nostro Orizonte, &c.

Nuestro P. rematando su Odia 1. Da sposa do cioso Titão. En estos quattro versos, con la teniz claridad, i alteza, i hermosura de elulo, parece se ve amanecer un dia bello a leerlos.

XIII.

Torná da terra os Mouros c' o recado do Rey, para que entrassem, e consigo os dous q o Capitam tinha mandado, a quē se o Rei mostrou sincero amigo. E sendo o Portugues certificado de nam aver receyo de perigo, e que gente de Christo em terra avia, dentro no falso rio entrar queria.

DE La tierra tornan los Moros con recado del Rey; para que entrassen: i consigo traian los dós que el Capitan tenía embiado allá, a quien el Rey se mostró sincero amigo: i siendo certificado el Portugues de no aver rezelo de perigo, i qae en tierra avia gente de Christo, queria entrar dentro en el falso rio.

¶ Tornam da terra os Mouros, &c. Despues que los dos Portugueses vieron la ciudad, i el Gama se inclinó a tomar el puerto, porque hasta entonces estuvo suena, vinieron muchos Moros como de festejía a entrarse en las naves, para acopiarlas en la entrada: i el intento era, para que entiendolas en el puerto, comenzassen a executar los de mar i tierra la malicia que traian disimulada. Pero entraron pocos en eilas, porque el Gama, adivinando lo que podía suceder lo evitó: assi se quedaron los más en los bateles en q vinieron. Començò nuestra gente a levantar ferros

A para entrar, i sucedió en la nave del Gama un estovo, con que fue muester que acudiesse toda la gente de mar a su exercicio con la grita que suele. Los Moros como no eran usados a aquello, pensaron que la grita era señal de dar sobre ellos, por estar conocida su malicia; i con esto, de puro miedo se echaron al mar los que estavan en las naves, i algunos de los bateles, i otros huyeron en ellos; i con esto conocieron los navegantes su intencion, i no entraron. Esta ocasion por parecer misteriosa (como sin duda lo fue) dió motivo al P. para esta bella ficcion, introduzien-do a Venus, i a las Nereydas nadando para libraren las naves de aquel peligro. Barr. cap. 5.

¶ De nam aver receyo de perigo. Vers. sin sonido: i uno de los de la e. 43. del c. 1. Los modernos que escriven muy peynado, procuran con todas sus fuerças, que no se halle en ellos verso semejante, i como muchos no escriben con otro cuidado, resulta de ai, que encontramos muy buenos versos sin cosa buena, al revés de lo antiguo, que siguiendo otro cuidado, tal vez nos dió buenas cosas en versos no buenos; sobre esto cae el artificio cō q mil veces los grādes hōbres, como este, mostraron mayor armonia de pensamiento en la dissonancia de los numeros. Veanto bien los que pienlan, que salen más gloriosos quando suen más alambicados.

¶ Nos falso rio. No ay rio salado:claro es. Pero dice el P. que queria entrar en aquel río, alla donde él entra en el mar, i mezclandose con él queda salado; i ello es de todos los puertos de mar en bucas de rios.

XV.
Dizēlhe os q mandou, q em terra virá sacras aras, e Sacerdote Santo; que ai se agasajaram, e dormiram em quāto a luz cubrio o escuro māto. E que no Rey, e gentes nam sentiram se nam contentamento, e gusto tanto, que nam podia certo aver sospeita, nūa mostra tam clara, e tam perfecta.

E L Os embiados le dixerón, que en aquel lugar lavian visto sagradas aras, i Santo Sacerdote; i que con él se agasajaron, i durmieron: que allí passaron la noche. I que en el Rey, i gente, vieron tantas señas de gusto, con aver aportado allí la armada, que realmente no podía aver mala sospecha, sobre tan clara i perfecta demonstracion.

¶ Sacras aras, e Sac. &c. Es lo mismo q halló Eneas en Delos; el Sacerdote de Apolo. Destas aras, i Sacerdote, queda dicho en las est. 11. 13. entendiendose por aras aquél modo de altar que diximos; i no en el rigor que entendemos aras por las piedras sagradas que se ponen en medio de los altares, que estas es cierto no averlas allí.

Sacerdote Santo. Esto devia ser lo que obligó a algunos poco atentos a la lección, a que diessen, que el Poeta avia introducido a Baco diciendo Missa: no le pasando tal por el pensamiento: porque el decir que avia altar, i Sacerdote, no es decir que avia Missa: i el decir que avia Sacerdote, es dar a entender, que Baco, o el demonio representado en él, estaba en figura de Sacerdote, i dixolo con mucha propiedad: porque si el demonio queria engañar a los navegantes, contarios a entender que allí avia Christianos, la señal mejor desso son los Ministros del Templo, i estos ocupados en componer los altares: i esto dice el Poeta en la est 10. que hazia este fingido Sacerdote, que esto vale allí el fabricatos, extranaria: i de passo enseña el Poeta, que a los altares no han de llegarse personas que no sean sagradas: i devia ser, porque ponderaria en alguna Iglesia la poca reverencia con que algunos que se llaman Christianos se recuestan sobre los altares: o por querer enseñar, que en ellos no han de poner las manos los sagrados, sino los dedicados a la Iglesia: i es enseñanza digna de P. Christiano.

E quanto a luz cubrio o escuro māto. Quiere decir, que de la noche (esto es manto oscuro) fue cubierta la luz del Sol. En contrario lo dirá en la est 75. del c. 4. llamando tanto a la luz que brilla el dia, como aquí a la noche, que se la quita: aunque con propiedad la noche no esconde el Sol, sino que el Sol ausente es causa de la noche.

E que no Rey , &c. Dezian los dos embiadados del Gama a la ciudad, que en ella, i en su Rey, i gente, parecía aver sencillez, i verdad (tanto lo supieron fingir) i con esto se animó a entrar en el poctio.

XVI.

Com isto o nobre Gama recebia alegramente os Mouros que subiam: que levemente hum animo se fia de mostras que tam certas pareciam. **A nao da gente perfida se enchia,** deixado a bordo os barcos q traziam: **alegres vinham todos, porque rem,** que a presa desejada certa tem.

Onesto el noble Gama recibía contento los Mōros que ya subían a sus naves: porque fácilmente se fiz el animo sincero del que lo parece tan. Llenavase ya la Capitana de los perfidos bárbaros, que a bordo deixaban sus bateles: todos venían contentos, creyendo tener cierta esta deseada presa.

Com isto, &c. Sobre la est. t 4. quedó dicho todo lo que contienen estas estancias.

Rreibia, subiam. Son los mismos consonantes.

Tomo I.

tes, aunque en plural el segundo. Ver desto sobre A la e. 77. del c. 7.

Que levemente hum animo se fia de, &c. Pretende el Poeta disculpar la confiança con que el Gama se resolvio a entrarse en el mayor peligro, llevado de tantas señas de seguridad: i parece atendió a aquello que dice en sus Rini. Egl 2.

Que quem tanto queria,
parece que nam erra se confia.

Crem, tem. Consonantes que llaman agudos, i que no usa agora ningun ingenio culto, antes se cansan mucho quando los hallan usados B aqui. La costumbre viene a ser ley. Pero contra las leyes de los dueños del arte en que ellas se dan, no ay costumbre que pueda tener justa fuerça. Ello es cierto (depuestas emulaciones, i argumentos) que los Italianos son los dueños de la buena Poesia, i que dellos la aprendieron todas las naciones de Europa que la exercitan. Siendo esto assi, como es, nadie les puede dar leyes, sino seguir las suyas. Las suyas en esto son otras consonantes agudos todo hombre grande, desde el Dante hasta el cultissimo Tasso. I sin duda alguna ay ocasiones en que tiene gran propiedad un consonante agudo; como sucede en la e. 129. del c. 3. i no mal en la 36. del 6. Confessamos, que usado con frequencia, i sin artificio, es aspero: pero con él no ay para que estrañarlo de todo punto. I al fin, yo siempre dare mas credito a Dante, Petrarca, Cainoës, i Tasso, que a estos nuevos Legisladores.

A presa desejada. Barros alli: *Com grande prazer, &c.* parecendo levar a presa que desejavam, &c.

XVII.

Na terra cautamente aparelhavam,
D armas, e moniçoens, que como vissem que no rio os navios ancoravam nelles ousadamente se subissem.
E com esta treicam determinavam, que os de Luso de todo destruissem; e que incautos pagassem, deste geito, o mal q em Moçambique tinha feito.

E N La tierra aparejavan cautamente armas, i municiones, para que como viessen, que los navios entravan en el río, ousadamente subiesen en ellos: i con esta traicion determinavan, que los de Luso se destruyesen del todo: i que deste modo pagassen incautos el mal que tenian hecho en Moçambique.

N a terra cautamente, &c. Avian los Mōros embiado con dissimulacion aquellos que fueron en los bateles, para que viniesen en las naves, i entre tanto tenian prevenido en tierra armas, para que al punto que estuviesen dentro del

N 3 puer-

puerto, unos i otros diessen sobre los navegantes, i los passassen a cuchillo en vengança del daño que hizieron en Moçambique, del qual, como atras queda dicho, finge les avia avisado el demonio, para incitarlos más exasperadamente a la ejecucion de su maldad.

XVIII.

As ancoras tenaces vam levando
com a nautica grita costumada:
da proa as vellas fos ao vento dando,
inclinam para a barra abalisada.

Mas a linda Ericina, que guardando
andava sempre a gente alsinalada,
vendo a cilada grande, e tam secreta,
voado ceo ao mar como húa seta.

VAn ya los navegantes levando los tenazes ferros, con la usada vozeria nautica: i dando al viento solamente los lienzos de proa, se inclinavan a entrar la amojonada barra. Pero la bella Ericina, que siempre guardava los señalados Portugueses, viendo la infame, i secreta celada del barbaro contra ellos, buela como una saeta desde el cielo al mar.

¶ As ancoras tenaces. Epíteto comun de las ancoras: yo no quisiera, que me obligaran a mostrar ciencia en erudicion semejante. Digo, que oportuna i galanamente en este peligro, finge el Poeta, que la Religion Pia entendida en Venus, baxa al mar, a librarr del la flota.

¶ Com a nautica grita, &c. Virgilio lib. 3. *Nauticus exoritur certamine clamor.* I en el 5. *Ferit athera clamor nauticus.* Vease el P. en la e. 1. del c. 5.

¶ Da pros as velas. &c. Note se como observalos estilos de la marinaria, que son al entrar de un puerto calar las velas mayores. Bien logradas lecciones de Homero en lugares varios de la VI'sea.

¶ Barra abalisada, &c. Porque de ordinario en la tierra mas eminente á la barra, o garganta de qualquier puerto, se ponen unas balisas, o terminos, que son dos pilares, o columnas que sirven de guia a la entrada de los baxeles, para que no peligren rociando en algun lado: i desto se libran, con ir el Piloto enhilando (digamoslo assi) la nave por entre aquellos pilares, como el hilo por el fondo de una aguja, por quanto el hueco dellos se corresponde con el medio de la barra: i en Portugues se llaman balisas semejantes terminos, o mojones.

¶ Mas a linda Ericina. Entiende Venus, la qual assi acude en la est. 100. del c. 1. i en la 18. del 9. i por ella la Religion Pia.

¶ Voado ceo ao mar como húa seta. Virg. lib. 5. *Volucrique sagitta ad terram fugit.*

Dante al 8. del infierno.

*Corda non spinse mai da se saetta,
Che si corresse via per l'aer snella.*

Llamase Ericina, porque en lo antiguo tuvo Templo en el monte Erice de Sicilia, en que la adoravan risueña, i alegra. Pero por ella se ha de entender la Religion Christiana, como dexamos advertido en la est. 33. del c. 1. I aqui se declara aun mejor, que esta Venus es la divina, i piadosa, pues la obra de acudir a Christianos, puestos en tanto peligro, propia acciones de la piedad Católica, i en las est. 33. i siguientes deste Canto, i 23. i siguientes del nono, hallaremos mas destas propiedades. Diziendo agora solamente, que a los doctos no ha de parecer extraña, sino muy ajustada esta interpretacion: assi por lo general de que será lastima aver tan limitados juicios, que piensen que nuestro Poeta le tuvo tan limitado, que huviese de introducir sin misterio estas figuras en Poema Christiano; pues fuera esto una incultura, que no se puede presumir de ingenio tan cultivado; como por la particular dc que haciendo en socorro de essa Venus otras Ninfas, solamente nombratres, por las cuales se han de entender las tres virtudes Fè, Esperança, Caridad, que se pintan a la mano derecha de la Iglesia Militante, que es nuestra Religion: porque con ellas govierna lo espiritual: i con ellas se incitan los Príncipes Portugueses llenos de Religion pura a este descubrimiento: pues como ensinámos claramente sobre la est. 36. del c. 1. mandaron a sus Capitanes, que no hiziesen guerra alguna antes de proponer por los Ministros de la Iglesia la Ley Evangelica, i que no siendo ellos oidos de la barbaridad, entonces le hiziesen guerra. Las otras Ninfas que el Poeta se pone, sin nombrarlas, se ha de entender, que son las quatro Virtudes (llamadas Cardinales por ser fundamento de otras) Prudencia, Iusticia, Fortaleza, Moderacion; que están a la mano izquierda de la propia Iglesia. Tambien se han de entender las siete Morales, Humildad, Larguezza, Castidad, Paciencia, Templança, Caridad, Diligenzia, en cuyo medio está colocada la Iglesia, i Religion; i lo estuvieron estos Príncipes, i esos primeros Heroes deste descubrimiento, en el qual usaron de todas ellas: i ellas usadas dellos eran, i son las que los hazian, i hazen constituir, a lo Gentilico, en Deidades; i a lo Catolico, en sublime gloria.

Ygamos una de las leyes de las doce Tablas Romanas. Divos, & eos qui cœlestes semper habiti, colito. Illos quos in cœlum merita vocaverunt: Herculum, Liberum, Esculapium, Castorem, Pollucem, Quirinum, & illa propter qua datur homini ascensus in cœlum, Mentem, Virtutem, Pietatem, Fidem, earum laudum delubra sunt. I que tales virtudes sean estas Ninfas que el Poeta aqui introduce, i en el canto 9. i que assi lo aya entendido, i aun guiadose por esta ley, el mismo lo enseña en la estancia

91. del proprio Canto , diziendo , que a algunos destos Dioses nombrados en essa ley , i otros , no los hizo subir a esse grado , siendo humanos , sino el aver executado essas virtudes , inclinados a ellas ; i que ellas mismas fueron el motivo de sus coronas , i glorias . I porque se vea , que no solo fue este el pensamiento del P. en esta invenció , sino que imitó en ella a Dante , a él eindiamos los curiosos allá en el c. 30 del Purgatorio , adonde para subir al verdadero Oriente que buscava , que es la gloria , singe que de allá baxo su Beattriz , i se puso sobre un Grifo , para encaminarle , como aquí baxa Venus , i se pone sobre un Triton para hazer camino a nuestra flota . I por essa Beattriz entienden sus expositores uniformes la Teología sagrada . En la e. 37 traeremos otrolugar de que se conoce tambien esta imitacion . De la propia manera , como este descubrimiento era del mismo Christo , assi porque le prometió a nuestro primero Rey en Orique , como porque en él era singular interès el aumento de su Religion Católica , assiste el propio Christo al viaje ; i essas Ninfas , o Virtudes , como Angelicas , a Christo en tal ocasión por Angeles , en cumplimiento de las Escrituras , *Deus Angelis suis mandavit &c. ut custodiant te in omnibus vijs tuis.* I este oficio hacen agora essas Ninfas , o essas Virtudes Angelicas en ellas representadas . I porque en la est. 11. mostramos con buenos fundamentos , que el Poeta en aquellas tres principales transformaciones aludia a las tres veces que el demonio tentó a Christo , añadimos agora , que en intro. luzir tras ellas en este Canto , i en el nono estas Ninfas , que finalmente quedan con los navegantes por premio glorioso de su zelo , aludió a que el fin de las tentaciones del demonio , fue hallarse el muy lexos de su pretension , i Christo assistido de Angeles , Matth. 4. *Tunc reliquit eum diabolus; & ecce Angeli accesserunt, & ministrabant ei.* I esto luego allí mismo , a donde el demonio pensó vencer : i a esto aludió tambien el Poeta diciendo , que el premio que Venus solicitava a los navegantes , avia de ser en el propio mar en que el demonio quiso destruirlos : como veremos en la est. 39 del c. 9. Ponderad bien la copiosa armonia deste Poema : i descubridmela igual en otro .

XIX.

Convoca as alvas filhas de Nereo ,
com toda a mais cerulea companhia ;
que porque no salgado mar naceo ,
das agoas o poder lhe obedecia .
E propondolhe a causa a que deceo
com todas juntamente se partia ,
para estorvar q̄ a armada nā chegasse ,
a onde para sempre se acabasse .

A V Enus para esta acción convoca las candidas hijas de Nereo , con toda la otra cerulea compagnia : porque como nació ella en el mar , obedeciale su poder . Proponiendoles la causa a que descendió , partia con todas juntamente a estorvar , que la armada no llegasse adonde se acabasse para siempre .

¶ Convoca as alvas filhas de . &c. Ya venian en compañía de nuestras naves estas Ninfas , desde la est. 96. del c. 1. i por esto dice el Poeta , que Venus las convocó , i vale esto , que las unio , porque ivan derramadas por el mar , i viendo el peligro uniolas a la defensa . Aquí claramente , como essa Venus , i Ninfas , son la Religion , i Virtudes : porque ella estaba en el cielo , i ellas nadavan descuidadas en tanto que no hubo temor de peligro , aparecido è , aparecen ellas . Por ventura ay cosa mas cierta en las navegaciones , que en la prosperidad ir muy descuidados los navegantes (aun en la navegación desta vida , entre las bondades , i adversidades della) i en la tormenta invocar el cielo , hazer votos , i proponer el seguimiento de todas las virtudes ? No por cierto . Pues essas es la Venus , i las Ninfas que se unieron en este peligro , a librarr la flota .

¶ Alvas Nereidas . Casi siempre dá Homero a las Ninfas el epíteto de albas : i nuestro Poeta , ademas de ese respeto , le tiene aquí , a que representando as Virtudes , como diximos , toda Virtud es pureza , significada en la blancura . Este propiamente de Venus , i juntar de Ninfas , vereis en la est. 86. del c. 6 i es imitacion aquí de Virgilio Eneida . 1. que introduxo a Neptuno con la Ninfas Cimotoe , i con Tritón , desviando de semejante peligro las naves Troyanas .

*Cymothoe simul & Triton adnixus acuto
Detrudunt naves scopulo.*

I tiene mucho tambien del otro lugar del decimo , quando bolviendo Eneas de Toscana le sahieron al encuentro las Ninfas en que se avian convertido sus galeras .

..... *Nymphasque ensibibus effe
Iussferat, innabant pariter. fluctusque seccabant.*
Vamos a las e. 20. i 22.

¶ Com toda a mais cerul. &c. Ivan tambien otros Dioses maritimos , como Delfines , Tritones , pues luego en la est. 21. se halla Venus corriendo sobre uno , por acudir mas presto a este peligro : aunque propriamente , es para dar a entender , que la virtud Religiosa doma todos los monstruos de los peligros .

¶ Cerulea compagnia . Essa variedad de pezes , i otros cuerpos maritimos , cuya color propia es la cerulea , que tira a azulada .

¶ Que porque no salgado mar naceo , das a . &c. Dize , que le obedecian las aguas , porque nació en ellas : a imitacion de Homero Vl. 5. que con semejante presupuesto introduce la Ninfá Ino , acudiendo a Ulises en otro peligro , *Huc autem vidit Ino alba Dca, &c. hunc autem mari in pro-*

fundo Deorum sortita est honorum : que Vlffsem
miserata, &c. En dos maneras se puede entender este nacimiento de Venus en el mar : una de la espuma del, como es notorio ; otra del huevo, que del mar truxeron a tierra aquellos pezes que diximos en la e. 33. del c. 1. i deit i entiende el P. como alli os enseñamos ; i es menester que lo veais, para que gusteis enteramente el entendimiento deste lugar : i tambien lo que irà sobre la e. 42. del c. 9. porque assi quiso el misterioso P. q en varias partes fuesemos descubriendo sus pensamientos.

T E propondolhe a causa, &c. Declaró Venus a aquellas Ninfas convocadas, o la Religion a esfás Virtudes unidas, el motivo de aver baxado del cielo, i juntarlas; el qual era desviar las naves del peligro que alli les estava armado, para que no pereciesen en él.

XX.

Ia na agoa erguēdo vā cō grāde pressa
cō as argenteas caudas branca escuma;
Cloto co' o peito corta, e atravessa
cō mais furor o mardo que costuma.
Salta Nise, Nerine se arremessa (ma:
por cima da agoa crespa em força su-
abrem caminho as ondas encurvadas
de temor das Nereydas apressadas.

VA En la agua van las Ninfas a gran priessa, le-
vantando blanca espuma con las argenteas colas. Cloto poniendo el pecho al mar le corra, i atraviessa con más furor del que acostumbra. Ni-
se salta. Nerine se arroja con mucha fuerza por
encima de las crespas olas. Concavas ellas abren
camino, de puro miedo de las apresuradas., i na-
dantes Nereydas.

T Ia na agoa, &c. Grandissima descripcion
toda esta de las Ninfas nadando, ya juntas, ya cada una. Notese la alteza del dezir. Quien piensa, que quando el P. baxa della, es porque no pudo seguirla, mallo piensa. Es porque conviene que sea assi. Por ventura Lucano, Claudio, i Estacio, con pretender a toda fuerça estar siempre tirantes, igualaron a Homero, i a Virgilio, que muchas veces aflojan? No por cierto. Es arte, es industria, es ciencia aquel baxar. El grande Tasso en la Liberata, preciose mas de parecerse a los dos, aunque siempre severo : i en la Conquistara mas a los tres : ganò fama con la primera ; des-
credito con la segunda ; i los que mejor le disculpian dizen que estaba loco : enseñando assi, que juicio cabal no escribe de aquella manera. Buelvo a mi Poeta.

T Ia na agoa, &c. com as argenteas caudas,
&c. Virgil. 8. de los Delfines.

Et circum argento clari Delphines in Orbem

Agere verrebant crudis, et umque seceabant.

G Cloto, &c. Nise, &c. Nerine, &c. Tres Ninfas nombró el P. ie las que acompañaban a Venus. Seis nombró Virgil. lib. 5 acompañando a Teris, i una de las Nise: irán en la e. 15. del c. 6. I desto se infieren dos cosas, que no sé si hasta oy fueron conocidas en estos dos Poetas, a lo menos en el nuestro no lo fueron, como otras muchas, por no decir como casi todas, aunque pudiera sin escrupulo. Ellas son, que deste modo nos dan a entender el numero de las naves que llevaba Eneas, i el Gama: con que parece, que las de Eneas eran seis, pues siendo las del Gama tres, nuestro P. para darlo a entender, dice que tres Ninfas trabajavan aqui por defenderlas : i assi claro es, que por el numero de las Ninfas descubre el de las naves: por no dezirlo c'aramente, pareciendole que era cosa poca, una armada de tres vasos, para tan grande hazaña: i por esto, con providencia, jamás en este Poema dixo claramente el numero, como más de espacio os lo mostraremos sobre la e. 75. del c. 6. I aunque en esto tra e. 22. parece que las haze quattro, poniendo a Venus en frente de la Capitana, no es assi; antes se descubre en esto otro misterio de los muchos con que este gran hombre escribió : i es, que despues de aver dado a cada nave una Ninfá, que viene a ser el Angel de la guarda de cada una, o bien de su Capitan, dà otro a aquel cuerpo de gente junta: por ser cierto, que Dios, assi como dà a cada alma un Angel de guarda, dà otros a cada cuerpo de Republica : i como desta de los navegantes era cabeza la Capitana, en que iva el Gama, i por ella se goviernan, i mueven los otros miembros, bien el P. añade otra Virtud Angelica que guia, i defienda todo aquel cuerpo junto, assistida de las otras particulares de cada uno : i esta quiso fuese la principal que representa Venus aqui. Otra razon, porque necessariamente son Angeles estas Ninfas, es porque las propias naves tenian nombres de Angeles, como lo veremos más estendido sobre la e. 75. De modo, que llevandolas por orden, Cloto era Angel del Gama, Nise de su hermano Paulo, Nerine del Capitan Nicolo Coello, i Venus de todos ; i la otra turba de Ninfas, que no nombra, son los otros Angeles de guarda de cada uno de los otros navegantes. I todo está admirablemente ordenado, como de ingenio tan grande, i docto, i Poetico, i divino. En la e. 31. aparecerá claramente el fiador desta alegoria : porque yo no soy un passo en el mismo Poeta.

T Cloto corta, Nise salta, Nerine se arremessa. Virgil. lib. 10. alli de las que acudieron a la nave de Eneas. *Inde aliæ celerant cursus, &c.* Anduvo superior nuestro P. en especificar las acciones de cada Ninfá en esta priessa, que ciertamente parece se está viendo la bulla. Hesiodo, que dice son tres mil las Ninfas del mar, i el Burcardo en sus Theogon. lib. 3. i otros Autores nombran mu-

chas, i entre ellas estas tres, con la advertencia de quellama Nise, por suavizar el nombre, a lo q̄ ellos Neseo, que vale nadar.

¶ Se arremessa por cima da agua crespa emforçada sumia; quiere dezir, que iva tan veloz, que no tocava al agua; iva por encima della, i atendio el P. a Virgil. En. 7. pintando la velocidad de Camila nadando, o corriendo por el mar.

*Vel mare per medium fluctus suspensa tumenti
Ferret iter, celeres nec tingeret aequore plantas.*
Virgilio imitolo de Homero; i otros del: yo no traslado, i assi basta esto.

¶ Ondas encurvadas. Assitodos Stac. Theb. 5.
Curvas raptat aquas.

¶ Das Nereydas apressadas. Note se la prissa del estilo con que descrivio la de las Nereydas, mostrandola en el. Este nombre es propio en general de las damis maritimas por hijas de Neleo que son 50. Vease la e. 23. i en el c. 6. la 20. Mucho para este nadar de Venus, i de las Ninfas en el Epitalam. de Honorio, i Maria. I no dexare de ponderar el dezir el P. que las olas de miedo de las Nereydas hazian camino, se desviavan: porque aunque es muy de Poetas dar sentidos a cosas que no los tienen, el nuestro se conforma con la alegoria que se sigue, i es, que siendo las Nereydas los Angeles buenos, con nuevo brio atemorizavan a los malos q̄ pretendian destruir los navegantes.

XXI.

Nos ombros de hum Tritão cō gesto
vay a linda Dione furiosa: (aceso
nam sente quem a leva o doce peso
de soberbo com carga tam fermosa.
Ia chegam perto donde o vento feso D
enche as velas da frota belicosa:
repartem se, e rodeam nesse instante
as naos ligeiras que hiam por diante.

E N los ombros de un Triton va la furiosa i lin-
da Dione con encendido rostro: el que la lle-
va, ni siente el dulce peso, de puro sobervio con
carga tan hermosa. Ya llegan cerca, a donde el
alentado viento llenava las velas de la belicosa
armada para entrarla allá detro. Repartense las
Nereydas, i en un instante se oponen ciñendo las
naves que ya ligeras con el viento ivan adelante.

¶ Nos ombros de hum Tritão, &c. Vay Dio-
ne, &c. Es un verso de Nonno en su Dionisica
lib. 1 comparando a Europa puesta en el lomo
del Toro, a Venus en el de un Triton. Aut dorso
Tritonis insidentem Venerem: nuestro P dixo om-
bros con mas policia. De aqui inferimos; que es
Cavalleria propia de Venus el Triton: i confes-
famos no aver topado con el fundamento desto;
imposta poco.

¶ Nam sente quem aleva o doce peso de sober-
bo, &c. Trasladado, con ilustracion, Stacio en la
silva 1. diciendo del caballo de Domiciano al
sentirle sobre si, *Portat sonipes: magnoque super-
bit pondere.* Con tal lugar como este se escusavan
otros; pero traygamos algunos de que puede pre-
sumirse la producion deste. Homero en la Batra-
comiomaquia con esta frase dice del llevar de lu-
piter a Europa, *Sic bumeris portavit onus amoris*
Taurus: i de alli pudo nuestro P. tomar los om-
bros. Anacreonte pintando a Venus por el mar,
la finge llevar a Cupido en los ombros, *Hume-
ris vehens Amorem.* Virgilio lib. 2. de Eneas con
su padre a los ombros, *Ipses subibo bumeris, nec
me labor iste gravabit.* Stacio Theb. 1. en seme-
jante prissa, *Ipsa suum genitrix curvo Delphine
rapantem arripuit frenis, &c.* Corria Ino sobre
un Delfin con Palemon: i en la silva 3. llama dui-
ce al peso del govierno por lo que tiene de man-
dar, hablando con Galico, que como valido del
Emperador, mandava a la sazon el mundo. *Dul-
ce opus,* i de alli pudo mi P. tomar el *dulce peso*, i
de todos el Tasso quando en su liber. c. 3. e. 54.
dixo: *Portar lo caro peso,* &c. mejore en el c. 12.
e. 34. al llevar en braços a Clorinda uno que la
librò, *dulce peso amato.*

¶ Linda Dione. Es dama del mar hija de Oc-
ceano i Tetis. En ella huvo Iupiter a Venus; i es
frecuente en los Poetas dar a conocer la hija cō
el nombre de la madre, como haze agora aqui el
nuestro llamando Dione a Venus. En este lugar,
conforme a la verdadera interpretacion que se-
guimos, se ha de entender por esse Triton, con
la piedad Religiosa Católica a los ombros el ze-
lo Católico, que siempre tuvo por peso suave la
Religion, i sus leyes, que es la compañia de esas
Ninfas, como descubrimos ya. Ya en la e. 96. del
c. 1. les llamò dulces el P. con essa misma consi-
deracion, como allá ponderamos. Las i llamò a
todo esto el propio Christo, *Iugum meum suave
est, & onus meum leve.* El epíteto que dio de a-
ceso al gesto, o semblante, o rostro, se ha de enten-
der rosado, o abrasado, como dezimos en Portu-
gues, o encendido: porque es propio de los que
trabajan con prissa: i de otra manera lo dirá el
P. en la e. 34 siempre con propiedad; imitando
tambien a Dante en el estilo, assi como en la in-
vencion, porque alli hizo Dante la Teologia re-
presentada en Beatriz con el rostro encendido
en hervor viendo la Iglesia maltratada. *Rissose
colorata come foco:* i no con menos propiedades;
porque como diximos en la e. 37. del c. 1. quan-
do la Religion vè las demalias del dem ni,
toma tra julta, i aun las armas. Vease alli, quant,
a ellas, i quanto a aver justa ira, lo que diremos
en la e. 33. del c. 10. I no queremos, dezir agora
que no solo en los ombros del zelo, sino del pro-
picio Christo iva la Religion, que bién pudieramos,
conforme al lugar de Dante que el P. imita del
c. 31. del Purgatorio, i es el e.

..... Et le mie luci
Vider Beatrice volta in su la fiera
Che è sola una persona in due nature, &c.

I esta fiera era un Grifo, que se compone de ambas naturalezas de animales de tierra, i ayre, con pelos, i con plumas: i por el entienden alli todos los Expositores a Christo; en que concurren dos naturalezas divina, i humana, en el qual se sustenta la Teologia enténdida por Beatriz. Ni era menester que ellos lo dixesssen: porque providamente los escusó Dante, en aquel lugar, cometiendose luego a si mismo con la especificacion de las dos naturalezas; porque no viniese en duda lo q queria dezir en aquellas figuras; como tambien nuestro P. lo ha hecho en diferentes lugares, segun bastante mente descubrimos por todo este Poema. Vean, pues, agora los judiciosos, si introduciendo el P. a imitacion de Dante, la Venus divina (en que es fuerza entendamos la Religio pia) puesta sobre un Triton, que consta de dos formas, de pescado, i hombre, seria razon, q arri mandonos a los doctos Expositores de Dante (ya que nuestro P. claramente le imita) dixemos, que en los ombros del propio Christo iua la Religion pia a socorrer los que solo por el, i por ella navegavan, como el P. declara en la est. 32. deste canto, i en la 82. del 6. siendo Christo el verdadero Atlante deste cielo de la Iglesia Católica, como verdadero i solidio fundamento della, que sin el no puede dar un passo, i siendo tan proprio della el librarse sobre estos ombros del Esposo, como lo dice della el cap. 8. de los Cantares: *Enixa super dilectum suum.* Creemos cierto que erramos en no creerlo.

¶ *Come gesto acceso.* Es indicio de ira el rostro encendido; por esto dice luego, furiosa: i viene a ser lo que al queda de Dante, colorata come foco. El Boiardo pintando a Rinaldo en semejante ocasion, e. t. *Divienne infaccia rossa come un foco.* I acá Venus, ademas de la ira traia la priesa, que sucie encéder el color, como veremos de la propia Venus luego en la est. 34. Queda de duda, si siendo Venus Deidad que no está sujeta a passiones humanas, puede ser licito pintarla cansada, presurosa, i encendida, triste, i alegra, como el P. la pinta en diferentes lugares. La respuesta que daremos a sus lagrimas en la est. 41. servirá a todo esto: añadiéndose agora, que representando Venus en todo el Poema la Iglesia Católica, como indubitablemente provamos, lícitamente pudo el P. pintarla siempre có variedad de afectos, porque esto nos enseñó la misma Iglesia, rompiéndose el velo por señal de tristeza en la muerte de su fundador, i Sacerdote eterno Christo: i el uso que en ella se observa de mudar de ornamentos conforme a los tiempos del año; con lo demás que sea de los judiciosos.

¶ *Das naos que biam por diante.* Iva la flota a entrar en Mumbeca a donde la aguardava el peligro, i permitio Dios que la propia agua hizies-

se correr adelante las naves sin poder tomar A quel puerto: esta es la verdad, i esto el adorno con que el P. como tal, la refiere. Yo no tengo elegancia para celebrar la suya en estas est.

XXII.

Poem se a Deosa có outras em direito da proa Capitaina, e ali fechando, o caminho da barra estam de geito, q em vāo assopra ovēto avela inchado. Poē no madeiro duro o brādo peito, B para de tras a forte nao forcando; outras em derredor levādoa estavam, e da barra inimiga a desviavam.

P One se la Diosa con otras en frente de la proa Capitana: i ali estan cerrando el passo de modo que vanamente sopla el viēto inchado la vela. Ponen en el duro leño el blando pecho, obli gando la nave a que buelva a tras: i otras en cōtorno la llevavan, desviandola de la enemiga barra.

¶ *Poem se a Deosa, &c.* Ya mostramos al fin de la est. 20. la industria con que el P. nobró tres Nereidas que acusian a cada nave, i la con que fingie aqui que Venus acudia a todas juntas con oponerse a la proa de la Capitana, atravesandose en la garganta del puerto, porque ellas no entrassen: porque impidiendo la entrada de la Capitana, impedía la de las otras, pues como saben todos, en una armada todos los vasos siguen la Capitana.

¶ *Em vāo assopra o vento.* Esta viene a ser la maravilla, o milagro sobre que el P. funda todo este socorro divino poeticamente: porque estando el mar, i el viento propicios al intento de los Moros, que era llevar allá dentro del puerto las naves para destruirlas, ellas contra toda la esperanza humana no entraron por mas que las queria llevar el viento, i la agua. De modo, que claramente se echó de ver, que solo poder, i braço divino las detuvo: i el P. exagerando el suceso usa de toda esta invencion, docta, Católica, ingeniosa, dulce, i felizmente.

¶ *Poem no madeiro duro o peito, forçando a nao p̄a ira detrás.* A imitacion de Cimodoce en la nave que traia a Encas, lib. 10.

*Quarumque fandi doctissima Cymodocea
Pone sequens dextra puppin tenet, &c.*

Seneca en Agamemn. a&t. 3.

..... *Dirimit insanum mare
Fluctusq; rumpit pectore, & nave con manu
Complexus in se traxit, &c.*

Claud. nupc. Honor. i Mar. llevando assi en aquella ocasió a Venus junto al mar a dôde pinta a Cimodoce nadando: *Duris elabitur uia lacertis.* Iva aqui mi P. bien patecido a mucho de allá.

O bran-

¶ *Obrando peito.* Conforme a lo que descubrimos en las est. 33. 34. 36. del c. 1. de que todas las diligencias de la Iglesia, i Religion Católica son suaves contra sus adversarios duros: i como Venus la representa aquí, dice bien el P. que ponía el pecho blando en el leño duro; duro no tanto por si, como por impelido del viento q̄ el demonio, parecía, esforçava entonces para conseguir su intento.

¶ *A forte nao forçando.* Llama a la nave fuerte por la fuerza con que la traía el viéto: i el verbo *forçando*, está con propiedad, i atención a lo q̄ va diciendo; porque *forçar*, es hacer violencia a la naturaleza, o voluntad: i como la nave venia naturalmente con el viento rezio, forçava la Venus en quererla bolver atras.

XXIII.

Quaes para a cova as providas formi-levado o pesográde acomodado, (gas as forças exercitam de inimigas do inimigo inverno congelado: Ali sam seus trabalhos e fadigas, ali mostram vigor nunca esperado; tais andavam as Ninfas estorvando à gente Portuguesa o fim nefando.

Quaes para a cova as providas formi-levado o pesográde acomodado, (gas as forças exercitam de inimigas do inimigo inverno congelado: Ali sam seus trabalhos e fadigas, ali mostram vigor nunca esperado; tais andavam as Ninfas estorvando à gente Portuguesa o fim nefando.

¶ *Quaes para a cova as provid.* &c. Admirablemente compara el P. las Ninfas herviendo entre las naves, por ponerlas en salvo, a las hormigas en su tarea de correr a la cueva cargadas del sustento contra el rigor del invierno: describiéndolas no menos admirable. La comparación es la misma que Virgil. usa en el 4. para mostrar la tarea de la gente de Eneas al salir con prisa de Cartago temerosa de su Reyna ofendida; assí.

*Ac veluti ingentem formicæ farris acervum
Cum populat hyemis memores tectoq; reponut;
It nigrum campis agmen prædamq; per herbas
Convectant calle angusto, pars grandia trudunt
Obnixæ frumenta bumeris, pars agmina cogunt,
Castrigantq; moras, opere omnis semita fervet.
&c. O:acio Sacira 1. Sicut
Parvula, nā ex æplo est, magniformica laboris,
Ore trahit quodcūq; potest, atq; addit acervo
Q'gem fruit, bau dignara, ac non incusat futuri
Q'ze sicut in versum contristat Aquarius annū
Non usquam prorepit, & illis utitur ante
Quæsisit patiens, &c.*

A Ovidio en el Arte lib. 1.
*Vt redit, itq; frequens longū formica per agmē
Granifero solidum dum vebit ore cibum
Sic ruit ad celebres cultissima fœmina ludos, &c.
I assí como el P. sin duda vio estos, tambien, sin ella vio a Dante, hasta los consonantes, parece, lo asegurá. Es en el c. 26. del Purg. viendo unas sombras caminar diligentes.*

*Così per entro loro schiera bruna
S' ammusal' una con l' altra formica,
Forse a spiar lor via, e lor fortuna.
Tosto che parton l' accoglienza amica
Prima che 'l primo passo li trascorra
Sopra guidar ciascuna s' affatica, &c.*

Ercilla tambien la halló Arauc. 7.
*Como para el invierno se previenen
Las guardosas hormigas avisad. &c.*

Pero aunque la comparaciones de las hormigas (mirad la industria) el motivo fue el propio de Virgil. para hazer la de las abejas, En. 1. comparando el hervir de su labor con el de los Trios trabajando en las fabricas de Cartago.

*Instant ardentes Tirij; pars ducere muros,
Pars optare locum tecto, &c.*

C I luego.
*Qualis apes æstate nova per florea rura
Exercet sub sole labor, &c.*

I bien se vé, que nuestro P. anduvo allí, porque allí está el verbo exercitar siendo testigo, no se hallando en alguno de estos lugares en que se hallan los otros estilos. Assíacá las Ninfas con la variedad de la labor, unas ponen en la puna el pecho, otras en los lados: i luego, *Quaes.* &c. excusando las abejas el P. porque el era la abeja q̄ tocando todas las flores mas bellas de la poesía anduvo componiendo la miel deste provechoso, i dulcissimo Poema. Vamos con acuerdo q̄ estas Ninfas que libran aqui a los navegantes deste peligro, i en el c. 6. e. 88. de aquella tormenta, i que los regalen despues en el c. 9. se ha de entender q̄ todas son unas mismas, aunque una vez signifiquen una cosa, i otras otra.

¶ *Grande acomodado.* Patece se encuentra en dezir, *acomodado*, aviando dicho, *grande*. Pero no es assí; i está dicho con providencia: porque la hormiga muchas veces lleva peso mayor que ella, pero acomodale en si, i acomodase a el de modo que con esto le puede llevar: i quádole entra en la cueva, buelvese con la boca en que le lleva ázia a fuera, i va andando para tras, porque lo que lleva, no tope, i le impida el llegar a la tronca en que le depone: i a todo esto respeta el dezir, *acomodado*, i tiene gran semejança con las Ninfas, desviando de la barra las naves, siendo cada nave tanto mayor que una Ninfas; i aviando cada una acomodado su peso, i acomodadosse a el demodo que pudo con el, i le puso en su lugar.

¶ *Do enemigo inverno,* &c. Virgilio de las abejas, Geo. 4.

*Venturæque byemis memores, æstate laborem
Experiuntur, & in mediū quæsita reponunt, &c.
Exercentur agris, &c.*

XXIII.

Torna para detras a nao forçada,
a pesar dos que leva, que gritando
maream velas, ferve a gête irada, (do.
o leme a hû bordo, e outro atravessâ-
O Mestre astuto em vão da popa bra-
vendo como diante ameaçando (da,
os estava hum maritimo penedo,
qde quebrarlhe a nao lhe mete medo.

LA nave violentada por las Nereydas huelve
atras, a pesar de los barbaros que ivan cen-
tro, i de los marineros que vozeando entendian
con las velas, i herviendo airados atravessavan a
una i otra parte el timon. El Maestro vanamen-
te prevenido gritava desde la popa viendo co-
mo adelante aparecia un escollo maritimo que
le metia un gran miedo de quebrarle la nave.

¶ *Torna para detras, &c.* contra la fuerça
del agua i del viento, que llevava las naves a en-
trar en el puerto, bolvieron a tras milagrosamen-
te; porque desordenandose la vela de la Capita-
na, en modo que no admitia el viento, fuese incli-
nando ázia un baxio (por el qual aqui está el pe-
nedo: que vale escollo) ja donde se huviera de per-
der. Barros lib. 4. cap. 5. Dec. 1. i a este suceso se
siguió lo que luego veremos.

¶ *Anso forçada:* continua en especificar la
fuerça con que la nave bolvio a tras, por la razon
explicada en essa otra est.

¶ *A pesar dos que leva.* De Portugueses, i
de Moros: estos porque no logravan el intento
con que deseavan las naves dentro del puerto:
aqueilos, porque les parecia, no conociendo el
engano, que perdian un buen hospedage, i la vis-
ta de los Christianos que ciega avia en la ciu-
dad.

¶ *Que gritando maream o las, &c.* Esta descripta
la bullia i diligencia nautica, como de quien la
supo ver i pintar: yo que la vi ya malparado en el
golfo de Leô, llevado de Tigres; me parece que
la estoy viendo aqui.

¶ *Ferve a gente.* Acá pasò el opere omnis se-
mita ferveret, del Maestro en la comparació ini-
tada en essa otra est. Vease.

¶ *O leme a hum bordo e outro, &c.* Porque en
semejantes prissas el timon no párta: así en la c.
73. del 6.

¶ *O Mestre astuto:* con propiedad; porque el
Maestro del navio ha de ser astucioso contra las
fortunas maritimas: como el Medico contra las
enfermedades; i por esto le darà esse epiteto en
la e. 82. del. 5.

¶ *Em vão da popa brada.* Virgil. 3. *Dat cla-*
rum e puppi signum, el mitad dor destas brasas en
sus Piñacarias la 2. *Raucus de puppe Magister*
hortatur socius, &c. i alia tue a bulcar esta ei mes-
tro: i tambien en Ariollo c. 41. el *em vāo*; del Pi-
loto de Rugero. *Egrida in vāo, e in van con ma-*
no accena. Barros alli. *E vendo elle o perigo a grā-*
des brados mandou, &c.

¶ *Adiante ameaçandoos bum penedo, &c.* Ariollo
alli. *Ecco dinanzi un nudo scoglio appare.*
Tomandolo de Virgilio, i nuestro P. de ambos,
En. 1. *Adixus acuto detrudūt naves scopulo, &c.*
Todo lo vallevando.

XXV.

A celeuma medonha se levanta
no rudo marinheiro que trabalha;
o grâde estrondo a mauragête espata,
como se vissem horrida batalha.

Nam sabem a razam de furia tanta;
nam sabem nesta pressa qué lhe valha:
cuidâ que seus enganos sam sabidos,
Ce que hâ de ser por isso aqui punidos.

LA vozeria horrible se levanta entre los rudos
marineros trabajadores: el grâde bullicio, es-
truendo espanta al Moro, como si se vierá en for-
midable batalla: no sabe la causa de tal furia: no
sabe quien le valga en esta prissa: piensa que está
descubiertos, sabidos sus engaños, tracion, i que
por esto han de ser punidos aqui.

¶ *A celeuma, &c.* Mas expiacion destas est.
i en particular della, cõ este notable suceso, queda
en la est. 14. en que tiene principio la descrip-
cion del. Vease, que es menester.

¶ *Caleuma.* O Caleuma, es la vozeria de los
marineros juntos, respondiendo, o repitiendo vo-
zes a uno que primero las entona solo; cuyo fin
es señâ de que todos a una mano pongan el om-
bro, o pecho al trabajo, que en estilo nautico se
llama faena, i el Portugues *fayna*: i llamale el P.
medoña, que vale pavrosa, horrifosa, i espanta-
ble; i verdaderamente lo es tanto, que parece te-
ner a gun parentesco con el infierno; i marineros
ordinariamente, alguno con los demonios; a lo
menos en la desesperacion, con que lo tratan to-
do Marcial: *ad celeuma remos.*

¶ *Nam sabem a razam, &c.* Los Moros vien-
do aquel forcejar, i gritar de la marineria, no sa-
biendo que era uso della, porque no la usavan, a
lo menos semejante, pensaron que los avian ente-
dido el pensamiento dañado con que pretendia
meter dentro de su puerto la flota, i temiendo q
los nuestros los querian castigar, i que aquellas
vozes eran señal desto, comenzaron a echarse al
mar, i a huir como podian. Todo está descrito
con grandeza, i facilidad digna de Luis de Cam.
En

En lo que trabajavan aquí los marineros cō essa
prissa i estruendo, era calar velas, tirar matomas,
i encinar otros miembros de las naves para evi-
tar el peligro conforme al arte; principalmente
en la del Guna.

T Nam saben nestas pres, &c. B. Tasso Flo-
rid. c. 1. Non sà, &c. intal periglio che rimedio
pigliar &c.

T Cuidan que seus engincos sã bidos, &c.
Barros alli Parecendolbes que a treçam que le
viviam no peito era descuberta. I no ay cueda que
es luciso digno de toda ponderacion, i de creer
que anduvo aqui Dios claramente.

XXVI.

Eylos subitamente se lançavam
a seus bateys veloces que traziam:
outros emcima o mar alevantavam,
saltando na agoa a nado se acolhiam.
Dchú bordo, e doutro subito saltava,
que o medo os compelia do que viâ;
que antes querem ao mar aventurarse;
que nas mãos inimigas entregarsel.

V Eyslos se lançavam subitamente a sus ve-
loces bateles que traian: otros levantava arri-
ba el mar, i saltando en la agua, se acogian a na-
do: de un bordo, i de otro saltavan subito; que el
miedo de lo que vian los compelia; q' antes quie-
ren avéntutarse al mar; que entregarsel en las ene-
migas manos.

T Eylos subitamente. &c. Barros alli: Todos
buns por cima dos outros se lançavão a os barcos.
Buena imagen la d'ella est. de miedo, p'iesla, hui-
da, i desorden: semejáte a la de la est. 18.1.a ex-
plicacion de toda esta, queda en ell tra.

T Outros emcima o mar alevintavam saltâ-
ndo na agoa. Vate esto, que echandose desle io al-
to al agua la hazian saltar. Vease lo dicho en la
est. 4.8. del c. 1. sobre el caer de las ancoras; que
de aquellos lugares se initò parte en este, i en to-
do a Virg'. Georg. 4. al saltar Proteo en el mar,
Quaque dedit spumam undum sub vertice torris,
&c. I a Ariosto c. 27 al cazar Orlando en el río
con Rodamonte.

Cidon nel fiume e vanno al fondo insieme.

Nesaltai in aria l'onda. &c.

Nuestro Garcilas en su Eg. g. 2.
El viejo de alli un salto dio con brio,

I levantò del río espuma al cielo.

En la est. 9.2. del c. 1 queda mucho desti pintura
de tanta leunos a los bateles, otros al agua: ha-
bió a Ercilla, c. 19.

Quiense irroj i al batel, i quien i nido

Pienso arribarmis preñu a la marina &c.

S Q' se o medro os compelia. Ercilla, c. 24. De
temor i peligro compeliaos.

T Queantes querem. &c. Tenia por mas segu-
ridad echarse al mar, que experimentar lo q' los
navegantes usarian con ellos; dicho por v. n u. a
con Petronio; *Et patria est pontus tutior.* Ariosto
c. 20.

Et molti non sapendo ove se andare
Messisi a nuoto. & affigate in mare.
Ercilla, c. 9. No duda en arrojarse al mar, &c.
teniendo aquell morir por menos grave.

I no ay duda q' qualquier trabajo grande, se sié-
te menos que el caer en las manos al enemigo: i
por ell i muchos hombres eligieró antes la muer-
te; de que estan llenas las historias.

XXVII.

Assi como em selvatica alagoa,
as rans no tempo antigo Licia gente,
se sentem por ventura vir pessloa,
estando fora da agoa incautamente;
Daqui, e dali saltando o charco soa,
por fogir do perigo que se sente;
e acolhendose ao couto que conhecê-
Clos as cabeças na agoa lhe aparecem:

B Ien assi como en selvatica laguna les ranas,
B ya gente Licia en el tiempo antiguo, si por di-
chi sienten que viene alguna persona, al estar sin
cautela fuera del agua, subito de aqui, i de alli sal-
tando hazé sonar el charco, por huir del peligro:
i acogiendose al notorio asilo solamente les que-
dan aparciendo las cabeças sobre el agua: Assi
huyen los Moros; i con ellos el Piloto que truxo
las naves al peligro, teniendo para si que su tra-
icion estaba descubierta: mas por no dar en el in-
movible peñasco a donde perdiessen la amada
vida, suelta la Capitana la ancorá, i junto a ella
amaya luego qualquiera de las otras.

T Asì como, &c. Notable es la felicidad de
nuestro P. en las comparaciones, o Hypotiposis,
o Icones, que assi llama la Retorica a esta figu-
ra, o similitud. Esta que es bonissima se compuso
de dos, sin duda, del infierno de Dante, c. 9. desta
manera.

Come le ranne inanzi a l' nimica
Biscia per l' acqua si del g'iam tutte
Fin che a la terra etascan s' abbica.

I de estoira en el c. 22.

E come al' orlo del' acqua d' un foso
Stan li rannocci pur col muso fuori
Sicbi celano i piedi. & l' altro grosso, &c.

Nuestro P. en lugar de la serpe d. xii persona;
porque no ay duda que particularmente se ate-
moriza todo animal de la vista del hombre.

T No tempo antigo Licia gente. Quisiera no
galtar tiempo en exp. nei tabuas; pero aqui pa-
rece forç so, i aun así será breve. Hallaronse
Latona en Licia coa sed, le impidieron unos
russi-

rusticos el bever en un lago. La Diosa alcaciò de Jupiter q fuesen convertidos en ranas por aquella impiedad. O, i quantas ranas huviera oy mas si Dios cõvirtiera en ellas todos aquellos a quié pesa de que otro tenga una vez de agua, i que se la estorvarian si pudiessen! O, i quantos!

G Por ventura. A caso, no preventivamente.

¶ Ineautamente. Corresponde con el por ventura; i bien, porque el miedo repétino es mayor: i por esto compara el P. a este el de los Moros en aquella ocasión.

¶ Daqui, e dali saltando. Parece que se esta viendo i oyendo el salto, i el ruido.

XXVIII.

Assifogem os Mouros, e o Pilot o; que ao perigo grande as naos guiará, crendo que seu engano estava noto, tambem foge saltado na agoa amara. Mas por ná daré no penedo immoto, onde perciam a vida doce, e cara, a ancora solta logo a Capitaina, (na. qualquier das outras juto della amay-

LA explicacion queda en la e. antecedente por ser todo una clausula.

¶ E o Pilot o que aq. &c. Huyó tambien con esta rebuelta el Pilot o que el Gama traia de Moçambique, i con engaño le avia traído a este puerto. Barros alli, *O Pilot o de Moçambique se lançou do castello de popa co msr. &c.*

¶ Seu engano estava noto. Creyendo tambien q el engaño de que avia usado estaba conocido.

¶ Vida cara, assi en la est. 29 del c. 4. i otras.

¶ A ancora solta logo a Capitaina. Virgilio ult. verso del lib. 6. *Anchora de prora jacitur.* Soltó la ancora, porque no fuese la nave a dar en la arena, que llama pena, o escollo, como ya dijimos.

¶ Qualquier das outras. Va siempre el P. observando los estilos nauticos: i elle es infalible; luego que la Capitana echa, o leva ferro, sube o cala vela, hazen las otras subito lo mismo, sin otro aviso mas del de la vista.

XXIX.

Vendo o Gama atetado a estranheza dos Mouros, ná cuidada, e jutamente o Pilot o fogirle com presteza, entende o que ordenava a bruta gente. E vendo sem contraste, e sem braveza dos ventos, ou das agoas sem corrente, que a nao passar avante nam podia, avendoo por milagre, assi dezia.

A Vleado el advertido Gama la estraña i no pésada maldad de los Moros, i el huirle cõ presteza juntamente el Pilot o, entiende lo que la bruta gente ordenava: i viendo sin contraste, o braveza de vientos, i sin corriente de las aguas que la nave no podia passar adelante, aviendolo por milagro, lezia assi:

¶ Vendo o Gama atent. &c. Barros alli. *Quando Vasco da Gama, e os Capitaes viram tam subita novidade abriolhes Deos o juizo para entender a causa della, e sem mais demora assentaram logo desfe partir dali.* Ello es notable, que lo que fue ceguedad en los Moros, fue luz en los navegantes: porque aquellos se arrojaron al agua con quel motivo ciego creyendo que estaba entendida su maldad: i estos no la huivieran entendido si ellos no se huivieran echado. Finalmente Dios queria que no se dilatasse el passaje de la Fe Católica a la Asia; i por esto permitio que estos navegantes por tan estraños modos escapassen de tan evidentes peligros. Entra agora el P. fingiendo que esta resolucion del Gama en salir de alli, i el conocimiento de aquel peligro procedio de favor singular divino, i aviso celeste. Lo primero describe con la introducción de Venus a interceder por los navegantes cõ Jupiter, que dura desde la est. 33. hasta la 55. Lo segudo, desde la 56. hasta la 64. I todavía al tiempo que queria partir de alli el Gama, belvieron los Moros a pretender hazerle otto daño, que aparecerá alla en la e. 66. porque al fin no se placavan.

¶ E vendo sem contraste. &c. Este es el milagre, como diximos en la e. 22. estando el viento prospero, i la agua para entrar, no poder hazerla, com i si todo estuviera adverso.

¶ Avendoo por milagre. Dize, q el Gama tuvo este suceso, referido hasta aqui, por milagro: i por tal le deve tener quien fuere buen Christiano. I el P. por mostrar que lo era, lo refiere como milagro poeticamente, fingiendo que la Religió, i los Angeles acudieron a librar los navegantes: i por exagerarlo lo disfraza con Venus, i las Nereydas, por mostrar con la mezcla de las fabulas q fue aquell suceso una verdad no verisimil; uoz cosa estupenda, un favor divino raro: todo con la condicion ingeniosa, i docta con que san Geronimo llamó fabulas a los hechos de Sansón (según os advertimos sobre la e. 20. del c. 1.) por exagerarlos, i no por creer que eran fabulas, como piensan los ignorates. I aunque a la primera vista estas cosa parezcan desproporcionadas, a la segunda tienen conformidad. Un Pintor judicioso quiso exprimir en un gran lienzo el como Dios ocupa todo el mundo, i ocupó todo el lienzo con un rostro solo, que a la primera vista causava horror con la desproporcion: pero a la segunda se hacia essa desproporcion proporcionada, para dar a entender lo que pretendia. Assi acá tienen gran proporcion todos essos incóvenientes, ya los halle la ignorancia, ya la malicia:

porque no son lo que parecé, sino que hazé aparecer lo que se quiere dezir.

G Assi deziz. Haze el Gama oracion al cielo ponderando la calidad deitos peligros, i del reparo dellos. En Virgilio allá al lib. 10. haze Eneas otra teniendo noticia de lo que passavan sus rivales, i gente despues q le aparecieron aquellas Ninfas como aqui: i todo lo va imitado el P.

XXX.

O caso grāde, estranho, e nā cuidado!
ò milagre clarissimo, c evidente!
ò descuberto engano inopinado!
ò perfida enemiga, c falsa gente!
Quem poderà do mal aparelhado
librarse sem perigo sabiamente,
se la de cima a Guarda soberana
nam'acudir à fraca força humana?

O Caso grande, estraño, i no pensado! ò evidēte i clarissimo milagro! ò inopinado, i descubierto engaño! ò perfida, enemiga, i falsa gente! C quien sabiamente podrá sin perigo libra: se del aparejado mal, si allá de ariba la soberana guarda no acudiere a la fraca fuerça humana?

G O caso, &c. Los primeros quatro versos es una exclamacion sobre la calidad notable de aquel suceso: i los segundos una confession en modo de pregunta, asegurando que de semejantes maldades cautelosas solo Dios puede ser el remedio, como lo fue en estas.

¶ O caso grande estraño: todo esto fue menester para dezir luego: O milagre clarissimo! por que aquel'o con que se haze claro un milagro, es converse que fue cosa sucedida contra lo natural: porque todo aquello que naturalmente pue de suceder, por mas arduo q sea no es milagro: i assi haciendo ayre tan propio para entrar las naves, i no entrando ellas, como lo vimos sobre la est. 22. i otras, milagro parece.

¶ Estraño, e nam'cuidado: confronta con lo de la est. anteced. A estraanza, &c. nam'cuidada: porque no le passó por el pensamiento al Gama (esso es nam'cuidado) que tal suerte de peligro se le pr'vencia por aquellos Moros.

¶ O descuberto engano inopinado: el engaño de los Moros descubierto por ellos mismos con aquella accion: inopinado, porque no lo sospechavan los navegantes: esso es inopinado, no imaginado.

¶ O perfida, e falso gente Perfida, por infiel, filia de Fé Católica: falsa por cavilosa, engañosa, astuta: i es lo mismo que en la e. 6. Infiel, cfalsa gente.

G Do mal aparelhado: quiere dezir, del mal urdido, i forjado con cautela i coraçon adverso, qualcta el de los Moros.

G Sabiamente: porque a lo humano raras veces puede aver prevencion cótra tales astacias. **A** zes puede aver prevencion cótra tales astacias. **¶** Se la de cima a guarda, &c. nam'acudir, &c. i adelante e. 59. Selà do ceo, &c. Ariostoc. 19. Si non ti ajuta quel che stà di sopra: i allà un lugar de la Escritura, en essa e. 59.

XXXI.

Bem nos mostra a divina providencia destes portos a pouca segurança; bem claro temos visto na apariencia, B que era enganada a nossa confiança. Mas pois saber humano, nē prudēcia enganos tam fingidos nam alcança, ò tu Guarda divina tem cuidado de quē sem ti nā pode ser guardado.

B Ien nos muestra la Providencia divina la po-
ca seguridad destos puertos: bien claro ve-
mos quanto se engaña nuestra confiança en
aquella apariencia de amistad. Pero ya que el hu-
mano entendimēto no penetra tal suerte de fal-
sedades; ò tu divina guarda q todo lo penetras,
acuerdate, ten cuidado de guardar a quien cono-
ce, que sin ti no puede ser guardado.

¶ Divina Providencia. Esta, dice Platon, ser la Sabiduría inefable, i seguríssima de Dios, co-
nociendo su essencia, i poder: i por esto mismo
todas las cosas que de alli proceden subito la vo-
luntad ama, i desea la orden dellas que la Sabi-
duría tiene juzgado por buena; i en si la describe,
i constituye en forma que no puede suceder de
otro modo. I esta constitucion, i ley de las cosas,
D que han de ser necessariamente, sin que por ello
quede impedido el libre arbitrio, se llama Pro-
videncia. Vease lo dicho en la e. 28. del c. 1. i lo
que se dirá en la 77. del 4.89. del 8. i 38. del 10.

¶ Rem'claro temos visto. &c. El texto se ha
de ordenar de este modo: Tenemos visto claramen-
te que nuestra confiança se engaña en la aparien-
cia. Porque si se entendiesse que se desengañaron
en la apariencia, no estaría bien, pues no se desen-
gañaron sino en la realidad de aquel aconteci-
miento hasta donde los llevó lo aparente (que
vale fingido) de la voluntad de los Moros que en
la apariencia mostravan senzillez.

G Mas pois saber humano, nem prudēcia, &c.
Mirad el cuidado del P. E'tuvo notando que esa
accion del Gama se podia reputar a poca pru-
dencia, i discurso, fiandose de tan crueles i cavi-
losos enemigos como son los Moros; i en la pro-
pia oracion haze aparecer la disculpa: i es, que el
saber humano tiene limite; i a esse llegó el Ga-
ma; i que en astacias diabolicas que se pueden
eximir del, como estas, solamente saber divino
las puede prevenir, i assi se reduze a implorarlo,
i reconocerlo.

En-

G Enganos tan fingidos. Quiere dezir, enganos de tan nueva invencion, tan impenetrables al entendimiento humano, en conformidad del pensamiento que si acabamos de dezir, mostrando que en el Gama no faltò cantela i prudencia; mas que la astucia de los Moros no pudo ser penetrada de certeza humana con tantas circunstancias de secreta i recatada. Parecese este termino al de falso fingimiento de que culpan al P. i sobre que diximos en la e. 13.

G O tu Guarda divina, &c. Assi en la est. 8 r. del c. 6. I veys aqui como el P. anduvo cuidadoso de irnos deixando en unos lugares el entendimiento de otros. Si os acordays, os he enseñado en la e. 30. del c. 1. como Venus representava en este Poema al Angel de la Guarda de nuestra gente: i en la e. 20. deste, como las Nereydas que el P. introduce a librar a las naves de aquell peligro representava el Angel de la Guarda de cada una dellas, i de su genre; i que la Venus, como Patrona, significava el Angel de la Guarda de todo aquell cuerpo, o Republica junta, por las razones que allà quedan. Esso que os pudo parecer dicho por fuera de la linea del pensamiento del P. veys agora aqui como lo es por dentro della, haziéndo que el Gama con palabras claras invoca al Angel de la Guarda, no solo suyo particular, sino el General de aquella flota representado en Venus, que si allà hizo esta figura, luego aqui la hará tambien desde la est. 33. i despues de executado lo que toca a aquel oficio, representará el de la Iglesia Católica, i Religion pia, como claramente lo ire mostrando. I el de Angel de la Guarda con las Ninfas volverá a exercitár desde la est. 85. del c. 6. aviendo precedido en la 8 r. el invocar el Gamma el propio Angel de la Guarda como aqui, diiendo: *Divina Guarda Angelica*: i lo mismo dà a entender en la est. 38. delte llamando Angelica a Venus con que no queda escrupulo en esta alegoria.

G De quem sem ti, &c. Es aquello notorio del Psalmista: *Nisi Dominus custodierit civitatem invanum*, &c.

XXXII.

E se te move tanto a piedade desta misera gente peregrina, que sò por tua altissima bondade, da gente a salvas, peifida, e malina; Nalgum porto seguro de verdade conduzirnos ja agora determina: ou nos amostra a terra que buscamos, pois sò por teu serviço navegamos.

I Si tanto te mueve la piedad desta miserable i peregrina gente, de modo, que solamente por tua altissima bondad la quieras librar destos ma-

lignos, i perfidos barbaros, determina, ordena que seamos ya llevados a algun seguro i felpuerto: o nos muestra la tierra que vamos buscando, pues solamente por tu servicio la buscamos.

G E se te move tanto, &c. Esta oracion del Gama salio de la de Anchises afligido en la ruina de Troya lib. 2. mas animadó cõ la llama que vio en la cabeza de Ascanio.

Ad pater Anchises oculos ad sydera latus Extulit, &c. palmas cum voce tetendit. Iupiter omnipotens, precibus si fletaris ullis, Aspice nos hoc tantum & si pietate meremur, Da deinde auxilium, &c.

I en el 5 ay otra de Eneas sobre el incendio de sus barcas en Cecilia: no podemos resolvernos de qual nuestro P. iunitó mas: rogamos a los curiosos que lo vean, i resuelvan, que yo me dexo en su conciencia. No anduvo muy lejos de aqui el buen Ariosto, c. 9. *Mase pietate in voi trova soggiorno &c.*

G Desta misera gente peregrina. Assi dezian los Trayanos a Dido lib. 1.

Troes te miseri ventis maria omnia vecti Oramus, prohibe infandos a navis ignes. Parce pio generis, &c.

G Nalgum porto seguro de verdade. Assi Eneas orando en el Templo de Apolo lib. 3 *Dà propriam Tymbrea domū; da mēm̄ fessis, Et genus, & mansuram urbem, &c. Quē sequimur? quo venire iubet ubi ponere sedest* I en el lib 5 en el Templo de Cumas.

Vos quoq, Peganea iam fas est parcere genti.

G Ja agora determina, &c. Mirad el cuidado del P. En la e. 28. del c. 1. hablado Iupiter a los Dioses (que, como allá provamos, es Christo a las jerarquias Angelicas) dice: *Ia parece bem feito que lhe seja mostrada a terra que deseja: mostrando Christo, que despues que los navegantes avian passado tantos trabajos por su servicio, ya era razon favorecerlos: i agora haciendo aqui la oracion del Gama armonia con la voluntad de Christo, despues destos trabajos mismos, dize: Ya agora parece razon que determines favorecernos, i mostrarnos la tierra que buscamos, pues por tu servicio solamente la vamos buscando. I a tan acordadas voluntades sucede el favor desde la est. 57. Vamos con este modo de peticion a la e. 82. del c. 6. a donde veremos otra dissimulada imitacion de Virgilio.*

XXXIII.

Ouviolhe estas palabras piadosas a fermosa Dione, e comovida, de entre as Ninfas se vay, q saudosas ficaram desta subita partida.

Ia penetra as estrellas luminosas, ja na terceira esfera recibida

avante passa; e la no sexto ceo
para onde estava o Padre se moveo.

LA hermosa Dione oyó aquella piadosa oración del Gama: i commovida de las palabras llenas de amor i zelo, sale de entre las Ninfas, q destá subita ausencia suya quedaron saudosas, i tristes: ya penetra las luminosas esferas de los astros: ya recibida en la tercera, passa adelante: i allá en el sexto cielo se fue moviendo serenamente para donde estaba el Eterno Padre colocado en su glorioso trono.

¶ Ouviolhe estas palabras. La est. toda dice, que Venus oyó la oración del Gama, i apiadada con ella, subito (dexando la cōpañía de las Ninfas) fue bolando al cielo de Iupiter.

¶ Afermosa Dione. Esta Venus, que aviendo representado al Angel de la Guarda de la Flota, como vimos en la e. 30.del c. 1. i en la 31. dese, i oyendo al Gama que la implora, va a interceder por el con Iupiter: esto es có Christo, como abundantemente ya provamos. Dura cosa parece a algunos el parecer a nuestro P. raro, q Vasco de Gama orasse como Christiano, i que como Gétil (dizen ellos) fuese socorrido de Venus. I dura cosa nos parece que vean q el P. haze orar al Gama como Christiano, i se dexen creer q le passó por la imaginaciō hazer Gētilico el socorro: no es sino muy Catolico, con vn velo hermoso muy a lo Poeta. I si fuera su intēto seguir desnudamente los estilos poeticos de la Gentilidad, tābien a ese modo hiziera orar el Gama: pero como no fue su intento este, i la oración no admitia la invención poetica como la admite el socorro fingido sobre la verdad, diestramente usó destá variedad. Es menester q no passemos muy apriessa por este, i semejantes lugares, Primeramente digo, que en la e. 20.del c. 1. provamos con abundancia, q Iupiter en este Poema representa a Christo. I siédo esto assi como lo es, i poniendo el P. agora esta Venus orando delante de Christo representado en Iupiter, fuera absurdo, que no se puede imaginar de hombre tan raro i lleno de espíritu, q delante de Christo pusiesse a Venus lasciva en essa acción, sino la Venus celeste, i benemerita de representar la verdadera amiga de Christo, q es la Religion, o Iglesia Católica. I solamente esta razon bastava para inferirse la calidad desta Venus, pues si ella no fuera pura i divina, mal pudiera llegar a su presencia. En segundo lugar digo, q quien huviere leido lo que diximos en la est. 33.del c. 1. i en la 18. dese, i otras, avrà entendido, i con esso desobligado a nuestro P. de essa culpa que le imponía: viédo q una celeste Venus representa cōsiderantemente en este Poema la Religiō pia, o piedad Religiosa; i la virtud Angelica, i otras. Agora añadimos, por nuevos testigos dello, q en essa e. 32. el mismo Gama en su oraciō se vale de la piedad para có Dios, diciédo: *Ese te move tanto a piedade*

Tomo 1.

O & i en la 28. llama Angelica a essa Venus, no Angelico semblante; i en la e. 81. del c. 6. Angelica le llama tambien, *Guarda divina Angelica*: i de Venus se ha de entender aquel lugar: porque ella es la que le acude luego despues de invocada; i que essa sea esta Guarda Angelica, tambien lo enseña el P. en la e. 18. del c. 9. diciendo della, que era el Genio bueno de los Portugueses, que los guia; i este es el Angel de la Guarda, como alli provamos, i aquien en las e. 20. i 31. i en la 30. del c. 1. I fuera epíteto impropio para Venus Gentilica el de Angelica, i es muy propio para la piedad Religiosa que representa, i que propiamente fue la guia, i el Norre en esta navegacion, i en los corazones de los Autores della por todas edades. Mas para que argumétamos sobre lo que el mismo P. resolvio en la e. 85. que en el c. 5. es la ultima de la relacion del Gama al Rey de Melinde, confessando que la piedad divina le llevó allá. *Nos trouxe a piedade do alto assento?* I en la e. 25. del c. 9. haze a essa Venus, i al Amor reparadores de vicios, i premiadores de virtudes heroicas, cosa que huviera de ser al reves si desnudamente entendiera por essa Venus la humana lasciva. I en la e. 38. del mismo, i 34. del 1. dice ella de si, i el P. della, que sabe ha de ser celebrada a donde llegare la gente Portuguesa, que es lo que Christo prometio a nuestro Rey Primero, apareciendole en Orique, que llevaria su Religion a partes remotas: i lo que da la llegada de nuestra gente a la India principalmente resulró, fue el aumento de esa Religion, i ser celebrada en aquellas partes. A Luis de Camoës se le podria dar poco de alambicar mucho el estilo en algunos lugares, pero estas introducciones de Dioses no ay duda que las traçó con mucho cuidado. Si de Homero se dice en la escuela Platónica, que por aquel Oceano que el llama Padre de Dioses, i hombres entendio la Mente Angelica, no siendo Homero Catolico como Camoës, porque de Camoës que es Catolico, i raro espíritu, i no menos misterioso, no hemos de creer que debajo de los nombres fabulosos entendió la unica Deidad, i sus ministros? Valganos Dios. I si de Virgilio en el libro 6. se dice, que por la paloma introduzida, guiando a Eneas, se entiende la contemplación elevada; i si de Dante entrando en su Poema con un Leon, una loba, i una onça se dice que por esos animales entendió la soberbia, la avaricia, i la luxuria, i que por su amada Beatriz, que introduce, se entiende la Teología; i si el propio Torquato Tasso quiere que entendamos por el escudo de dianiente que cubría a Raymundo, la Guarda particular de Dios, conio el mismo declara en su alegoria a su Poema; no nos persuadiremos, que no con menor cuidado introdujo estas Deidades Gentilicas un Poeta que no escrivio con menor juicio, ni con menor espíritu, ni con menor acierto, ni con menor misterio, ni con menor aplauso? Por ventura

O no

no se puede un Iupiter, un Baco, un Marte, una Venus, i un Mercurio traer con las mismas condiciones con que se truxo una paloma, un leon, una loba, una onça, una dama, i un escudo? Si pue de. Particularmente si la paloma traída de Virgilio, que no tuvo conocimiento de que ella avia de ser imagen del Espíritu Santo, es en el tan misteriosa, porque en Luis de Camoës no ha de serlo el traer una Diosa que tiene por insignia essa paloma, siendo Autor q Catolicamente conocio que en ella se figura este divino espíritu? Ultimamente si la burra (yo he de dezirlo) en la cop. 4. de Rodrigo Cota en su Mingo Revulgo, está por la Iglesia en las buenas letras, i juizio de su Comentador Fernando del Pulgar, i de su comentado, por dicha no será mejor que una burra para representar la Iglesia una Venus, aun no la divina, que el Poeta eligió, pues a lo menos tiene lo divino de la forma bella propia de la Iglesia? Si será. Per dicha para representarla no será tan buena la Venus divina, como en los Cantares lo son dos cabritillos para representar sus tetas: una torre para representar su nariz: un monje para representar su cabeça; i un rebaño de cabras para representar sus cabellos? Si será. Pues que falta aquí? Entender a mi P. assi como por no aver muchos que entendiesen esas representaciones de los Cátares, antes infinitos que resbalavan en ellas, era ley antigamente, que solo quien fuese doctor los pudiesse leer. I si bié aquel escrito es sin comparación misteriosissimo, nuestro P. en este procuró tanto su imitacion que de justicia le avian de leer solamente jubilados en ciencia; no pedantes, ni tirones. Pero qual tiron creerà que no es doctissimo? Al fin la resolucion es, que assi como será ignorante quien pensare q estos grandes Autores introduzriendo esas figuras no entienden por ellas otras cosas, lo será quien creyere q nuestro P. introduce estos Dioses sin azondar mas, haziéndolos un velo poetico, debaxo del qual estan apareciendo en regaladas pinturas, superiores, i divinos pensamientos. Agora bolvamos a esta de Venus, que pretendemos es la piedad. Dize el P. que a esas palabras piadosas del Gama pidiédo piedad, acudio Venus. Claro está que nadie acude a peticiones piadosas sino la piedad: luego que puede ser sino ella esa Venus que acudio? Luego si Dios favorecia, como es cierto, este descubrimiento, no tiene duda que le acudio con ella. Es Venus hija del propio Iupiter (agora sirve aqui esta origen) i una de las cosas mas hijas de las entrañas divinas es la piedad. Por esas e. siguientes diremos mas, assi por que vaya en sus lugares, como por no ser muy prolixo en uno. La introducción i descripción de Venus en ellas pudieran dar embidia a Homer, i a Virg. i no es encarecimiento. Veamos agora a quien el P. imita en esta invención. Hazé sin duda a Vasco de Gama, otro Iarbas, que haziendo oracion a Iupiter quando supo que Dido que

A le despreciava, se entretenia con Eneas, dice Virgilio lib. 4. que Iupiter le oyó, como Venus al Gama.

*Talibus orantem dictis araq; tenentem
Audit Omnipotens, &c.*

Iuan de Mena copia ultima de las 24. Oyó las plegarias el Padre divino.

*¶ De entre as Ninfas se vay, que saudosas figura-
ram. &c.* En primer lugar estas Ninfas de entre las cuales se parte Venus se ha de entender que son las que dexamos nombradas desde la e. 18. con lo que ellas significan. I en segundo vengan las imitaciones, assi a aquel efecto de hallarse en soledad las Ninfas viendo partida su Patrona, como al resto. Tal quedó Andromaca viédo par tir a Eneas de Caonia lib. 3. *Nec minus Andro-
mache digressu macta supremo.* B. Tas. lib. 3. od. 1. de sus amores.

*..... Et piagne scolorita
Cenle stelle sua grave a partita.*

Aristote en e. c. 38.

*Che questa alta si subita partenza
Vi dà gran noia, &c.*

Habiendo con las damas en la partida de Ruggiero; i de ambos a dos lugares ay palabras en esse verso 4.

¶ Ia penetra as estrelas luminosas: entiende las dos primeras, o por ellas los primeros dos Planetas Luna, i Mercurio, que estan en los dos órbes primeros.

¶ Ia na terceira esfera recibida. Note se el gran cuidado, i la bella variedad del P. Atras est. 18. baxa Venus a favorecer; aqui sube: i en la 85. del 6. buelve a baxar. I luego assi como imitó en este favor de Venus al Gama, el de Iupiter a Iarbas, imita en este verso los passos de Mercurio que resultaron de aquel favor. Ellos fueron desde el cielo a la tierra, i paró en el monte Atlas por ser territorio suyo, como de su abuelo Atlante; i desde allí a Cartago, que era el fin de su viaje. Los de Venus son desde la tierra al cielo, i paró en el tercero por ser suyo, i desde allí se va al sexto, morada de Iupiter, i fin de su viaje. Por esto dice el P. con acuerdo digno de si, que en la tercera esfera fue recibida (eso es festejada) como Patrona de aquel Imperio. Virgilio allí. *Et turbita tranat nubila* (que es aqui, ja penetra as estrelas.) *Iamque volans apicem, & latera ardua cernit Atlantis duri,* &c. *Hic primum constitit* (que es aqui, ja na terceira esfera recibida) *Hinc,* &c. *et igit magalia plantis,* que es aqui, *Avante passa, ela no sexto ceo para,* &c. Bien pudo el gran Tas. ver estos passajes de Venus, quando describió los del Angel Miguel en semejante ocasión embiado a Gofredo c. 9. e. 60. *Passa il foco, e la luce,* &c. *poscia il puro cristallo,* &c.

¶ O Padre, es Iupiter a quién su hija iba a buscar: Dexemos aqui advertido, que parece sin duda vió el gran Tas. estas e. en q nuestro P. describe a Venus, i la pone delante de Iupiter, quando en su

su Jerusalen c. 4. desde la e. 27. describe a Armida, i la pone delante de Gofredo. Mucho descubre alli la grandeza de su poesia; pero no véce a la nuestra en estilo, locuciones, i afectos; i queda vencido en la alteza de pensamientos sin argumento alguno, para quien los entiéda; con la ventaja de que el Camoës escrivio primero, i el Talso procurò exceder todo quanto haliò escrito. Cotejelo el curioso sin passion.

XXXIII.

E como hia afrontada do caminho,
tam fermosa no gesto se mostrava,
que as estrelas, o ceo, e o ar vezinho,
e tudo quanto a via namorava.

Dosolhos onde faz seu filho o ninho
huns espiritos vivos inspirava,
com que os Polos gelados accendia,
e tornava do fogo a esfera fria.

I Como Venus iva calerosa, encévida del violento camino, se mostravata tan hermosa en el semblante, que las estreillas, el cielo, i el ayre vezinho, i todo quanto la via se esamorava d'ella. Desde sus ojos a donde su hijo el Amor haze el lido inspirava unos espiritus tan vivos que se encendian los elados poies: i se tornava iria la esfera del fuego.

¶ E como hia, &c. Tan fuerza estuvieron todos los antiguos de hazer semejante pintura de Venus, i lo sian los presentes, i estarán los venidores, a la que el P. haze en esta e. i en las 4. siguientes, como yo de saberlas encarecer, i explicar. Aquila describe el rostro, i ojas, lo uno, i lo otro encendido, i alterado con el veherente buelio q' dio desde el mar al sexto cielo: i concluye admirablemente.

¶ Afrontada do caminho Quiere dezir que iva ca' uropa por la prissa con que bo'o: que en cuerpos blancos, qual se pinta el de Venus, encendiendolos, o rosandolos les añade gracia. Vease para esto lo dicho sobre la est. 21.

¶ As estrelas, o ceo, &c. namorava. Esto dixo de las Damas de Palacio en la Egl. 1. *Fermosas Ninfas, &c. cujo divino gesto o ceo namora.* B. Tasso Amad. c. 1. por Oriana, *Tal cb' accender potea d' amor il cielo.* Su hijo por Armida c. 4. e. 84. *Cb' innamorò di sue bellezze il cielo.* Advertito agora, que a donde el P. aqui dice *Estrellas*, dezia en el manuscrito, *Deoses.* I es gran cosa està para provar quanto aviamos penetrado la idea del P. diziédo sobre la e. 23. del c. 1. que por los Dioses alli introduzidos entendia las estrellas, i por ellas las virtudes Angelicas; pues acá en vez de Dioses, puso estrellas. I tambien confirma este lugar, que por ellas entiéde los Angeles, i que esta Venus representa la Iglesia, como hasta aqui

Tomo I.

A provamos cō abundancia: si que en dezir que ena morava cō su purissima hermosura a los Dioses, i al cielo, i al ayre vezino, entiéde que enamorava a los Angeles, i al divino espíritu, que esse es el ayre, como enseñamos sobre la e. 22. del c. 1. verso 5. porque todo esto se enamora singularmente de la Iglesia, como cōsta de las divinas letras. I a no ser esto assi, no tenia aqui lugar el ayrepor la region aerea: porque essa es inferior mucho al cielo, i a las estrellas a dō de ya se hallava essa Venus, deixando mucho abaxo la region del ayre.

¶ Dos olbos onde faz seu filho o ninho. En sus Rimas soneto 60. dixo:

*Se o menino que de olbos he privado
Nas meninas dos voossos olbos mora.*

Todos fizieron morada del Amor los ojos. Mi P. lo dixo con Petrarca a quiē mucho imita Cac. 18. *Occhi leggiadri dove amor fa nido* Sanaz. Arc. i. Egl. 2. *Volgi a me gli occhi oves annida amore.* M. Ivan Brevio en un soneto, *Occhi leggiadri oves annida amore* Gádolfo Perrino, fol. 19. en minibro *Nel bel lume in cui fa nido amore:* i fol. 43. de la propia Venus, *La vagastella dove amor fa nido.* M. Pietro Gradinico soneto, *Come esser,*

C &c. *Di quel bel viso oves annida amore.* Tanfilo en los tercetos, *Si quel dolor, &c.* *Occhi de miei desiri e d' amor nido* Todos lamieró a Propercio en la sentencia, *Oculi sunt in amore duces.* A Quintiliano. *Oculi tota nostra luxuria sunt.* M. Cino da Pistoia contemporaneo de Petrarca en sus Rimas son. 37. a la amada.

*..... Ch' io bavea veduto
Logentile Amor negli occhi suoi.*

Vease lo q' irá sobre la est. 22. del c. 6. a este propósito: al qual agora basta esto de quien professa mostrar solo el pensamiento, i imitaciones deste

D P. i conocer que al Comentador solo esto le toca, i que toda otra erudicion es vicio. No devemos todavía omitir la propiedad de llamar nido a los ojos: porque si bien el se tomá tal vez por la vivienda comun de los hombres, como veremos en la e. 71. del c. 8. aqui atiende el P. a q' el Amor tiene alas: i por essa parte de Ave llama nido a su morada, que són los ojos, i ellos cō sus pestanas en contorno son capaces de llamar se nidos: i luego con aquella Ave tan calida i hermosa, hermosos i bien ocupados nidos. I supuesto q' el Amor se pinta ciego, con causa blanca ojos: i quiē no los tiene es incapaz de Amor. Sāta Brigida de Escocia viendose amada de muchos por su hermosura, pidio a Dios que la enfermasse los ojos; i nego que los tuvo malos cesiaró los amantes de quererla: ay mucho para esto.

¶ Hüs espiritos vivos inspirava. Virg. de la misma Venus en el 8. *Divinū inspirat amorē.* Orcac. li. 4. od. 13. *Spirabat amores,* iize de la belieza de Lice. Arios. c. 35. *A begli occhi che spiran tatti amori.* B. Taf. Amadi. c. 15. descriviédo a Merinda

*..... E da quegli occhi belli
Sparse un nembo d' armati spiritelli.*

Bello está aquí el diminutivo: sirva para lo q díremos sobre el de *criancinhas* en la e. 137. del c. 3. que tiene muy cansados a los melindrosos de palabras, q no entienden el artificio con que las usan los grandes hombres como este. Pero como Venus en la Filosofía antigua misteriosa significa la generación de todas las cosas, i el P. aquí la intro. Juze por engendradora de la Fe en la Asia, i al engendrar precede el amor: i en los versos antecedentes dize que ella agora loiva enamorando todo; i en estos que de esse amor resultó una producción de espíritus, yo sospecho que el P. invoca a encion a lo que dice la Escritura sagrada de quando Dios có el amor de produzir al hombre (Genes. 2) il vivificarlo, *Inspiravit inficiē eius spiraculum vita.* Usando acá del mismo verbo i nombre, *Spiritos vivos inspirava.* que no fuera con mucha propiedad a no atender a effetto de hacer la Iglesia quando cria nueva gente para si, lo que Dios quando criò al hombre.

T Com que os Polos gelados ascendia, &c. Quiere dizer: Encendia todo lo que tiene propiedad de frío: todo lo que la tiene de ardiente enfriava, sin respetar a los Polos Norte, i Sur, que particularmente la tienen. E P. en sus Rimas son. 24. *Que puderam tornar o fogofrio.* Petrarca Canc. 7 *Pedrem giacciar il foco, arder la neve.* El Serafino en las est. f. l. 138 *Cremare il ghiaccio, e far gelato il foco.* Ariost c. 3. que se parece mas al P. *S' infiamma il ghiaccio, e si congela il foco.* Gondolfo Portino a f. l. 87.

*Che di lei ponno i guardi, & le parole
Scaldar il ghiaccio, & raffredar il Sole.*

Bernardo Tal. en las est. a Julia Gonzaga.

*Potrebbe il dolce riso arder il mare,
Far liquida la terra, e freddo il foco.*

Agora juzguen los desapasionados si nuestro P. ilustró a todos, ya q no lo dijese primero q ellos.

XXXV.

E por mais namorar o soberano Padre, de quē soy sépre amada, e cara, se lhe apreséca assi como ao Troyano na selva Idea ja se apresentara.

Se a vira o caçador, q o vultohumano perdeo, vendo a Diana na agoa clara, nunca os famintos galgos o matará; que primeiro desejos o acabaram.

I Por enamorar mas al soberano Padre, a quié siempre fue carisima se le presentó bien assi como ya se avia presentado en la selva de Ida en orro tiepo al pastor Troyano. Si la viera tal aqüel caçador q perdió el humano semblante al ver a Diana en la clara fuente, janias le matará sus perros, porque sus deseos le havieran de acabar primero.

T E por mais namorar o soberano Padre, Dize la est. (con modo inimitable) que Venus por enamorar mas de si a Iupiter se le presentó desnuda, i q si la viera, tal como ella estava de hermosa, Acteó primero se muriera de deseos que sus perros le mataron de hambrientos. Es admirable.

G Assi como ao Troyano na, &c. No se pudo decir desnuda con igual destreza i modestia a la q que el P. lo dice con esta figura de que aparecio Venus a Iupiter, assi como ya avia mostradose a Paris en la selva o monte Ida quando juzgó el pomelo de oro entre ella, Inno, i Palas, q todas tres se le mostraron desnudas: cosa vulgarissima. I el pintar a Venus desnuda no encuëtra la representación q hace el P. de la piedad, ni la modestia, como piensan algunos q malicia sobre lo q el escribió con ciencia. Cesar Ripa en sus *Imagenes* pinta la Religión en una parte có el pecho blaco i des cubierto; i en otra la cubre có un velo rarissimo; i en otra con una llama. Destos tres modos acomoda el P. a Venus, desnuda en parte; i en parte (allá en la e. 37.) cubierta có un velo raro, i en la antecedente dize q echava llamas. I pintando la piedad la viste de roxo, que significa amor i caridad; i el P. en esa e. 37. la cubre con velo roxo, acomodandose a ser esa la principal gala desta Diosa, tanto que muerto Adonis le dice Bion Smirneo en el Idil. 1. que ya, después de sucesos tan tristes, no se pondrá mas la ropa roxa. *Non amplius, purpureis in vestibus dormies Venus.* Esto para los que insiltieren en que el velo con que ella aquí se cubria era roxo, que es contra nuestro sentimiento, como se vera en la estancia 37. El propio Ripa describe la piedad con el Corncucopia derramando utilidades para la vida humana: i los mitologicos dicen que esa Venus (como truximos en la est. 33. del c. 1. mas largo) fue inventora, i liberal de muchas cosas utiles a la propia vida. Assi, pues, se corresponden bien estas pinturas, i estan mostrando que esa Venus divina, pia, i Religiosa va aqui pateciendo esta. Otra razon para ofrecerle desnuda, es, que el Poeta quiso mostrar que nuestra Religion es clara, i agena de los impedimentos que embarragan el juicio en todas las que inventan sectarios hereticos, como ya apuntainos en la estancia 34. Otra es, que delante de Dios nadie aparece con vestidos, o ornatos, porque delante del no tienen lugar los malos pensamientos, como enseñan san Agustin, santo Tomas, i otros Santos, discurriendo sobre el modo en que todos apareceremos en el dia del juicio desnudos sin que nos corrano de ser vistos, ni nos acordemos de deseos inmundos con lo que viaremos, por mas que allí la hermosura humana será vista en suma perfeccion. Por esto hallamos en el capítulo 2. del Genesis, que mientras Adan i Eva estuvieron delante de Dios (esto es en gracia) no se corrian de verse desnudos, por q llenos de bienaventurança, no conocian la malicia.

Erat

Erat autem uterq; nudus, & non erubescens. I luego en el cap. 2. despues que perdieron a Dios (esto es, que pecando quedaron en su desgracia) conocieron la vergüenza, maliciaron en la desnudez, i cubrieronse. *Et aperti sunt oculi amborum; cumq; cognovissent se esse nudos consuerunt folia ficas, & fecerunt sibi perizomata.* Hallate en el cap. 22. de san Mateo, que preguntado Christo; Qual de los matidos eligiria en el otro mundo la muger que en este tuvo mas de uno? Respó dio: *Erratis nescientes scripturas, &c. In resurrectione enim neq; nubent, &c. Sed erunt sicut Angelii Dei.* A donde al fin no ay memoria de esas memorias humanas, como se descubre en esse lugar de quanto Adan i Eva se cubrieron; diciendo, que entonces echaron de ver que estavá desnudos. Demanera, que estando en gracia no se acordavan de las visitas de essa desnudez. Assí, pues, quando nuestro P. está pintando la Religió entrada por essa gloria, a donde no ay pensamientos sino Angelicos (como respondio Christo en ese lugar de san Mateo) diremos a los que piensan que el se accordó de Venus humana, o lascivias en este, *Erratis nescientes scripturas.* No es el tan ratero: i assí su intento elevado fue describir la Religió pia en acto glorioso. Ademas, que no ay cosa que mas enamore los ojos divinos, como la Religió i piedad sincera, i desnuda de estos humanos; i por esso dice el P. que le apareció desnuda por enamorarle mas: i tambien por hacer imagen de la de los Portugueses, quando la introduze a favorecerlos, que siempre fue pura; i en ésta ocasió agena de humanos intereses, atendiendo desnudamente a la propagacion de la Fè. Pintola tambien desnuda, porque conforme al mismo Ripa assí se pinta la hermosura; i hermosa quiso el P. pintar la Religion pia, porque lo es ella; i assí la llaman las divinas letras, como es notorio.

¶ Se avirijo Caçador que, &c. Nunca, a nuestro parecer, llegaron a dezir tanto como esto todos los antigos juntos, ni llegarán los futuros a dezir mas: con licencia de cierto moderno que me dixo que no avia que imitar en lo passado, porque todo oy estavá vencido. Esto fue en respuesta a averle yo dicho, que no avia en los Escritores de agora ninguna imitacion de los antiguos. Pero dize aquí nuestro P. que si Acteon assí como vio a Diana desnuda, viera esta desnuda Venus, primero le matarian sus deseos por ella, que sus perros por verle venado. El Doctor Mira de Amesqua, ingenio de los que acreditan las Musas Castellanas, intentó imitar este pensamiento inimitable, a la entrada de su bien escrita fábula de Acteon; a quien se quiso parecer don Francisco de Quevedo, que al rematar un soneto, le trasladó, i dixo:

*Sus penas intentaron de matalle,
Mas sus deseos ganaron por la mano.*

Yo vere tales ingenios; mas como me hallo
Tomox I.

A con necesidad de ir descubriendo el de nuestro P. fuerza es que pondere, como ellos a todo su poder no le igualaron; o le limiten, o le trasladen. En que se fundan luego los que piensan excederle, si ingenios buenos aun có dezir lo mismo que el no se le parecen mucho? El P. usó en este admirable pensamiento la figura singular poco manoseada que los Griegos llaman, *Para to doxen, o para to elpida*, que vale fuera de esperanza: por que esperandose de aver dicho que no mataran los galgos a Acteon, otra cosa muy diferente de dezir que moriria, dize con superior idea que hu viera de morir no de comido dellos, sino de abrasado de deseos en virtud de tal hermosura si llegara a verla. I estos deseos de que singularmente avia de morir son aquellos que el Poeta especifica en los ultimos dos versos de la estancia siguiente. El gran Tasso despues que describió a Armida con la hermosura más apetecible que pudo assí se acuerda del alborozo del deseo, c. 4. est. 32.

*Per entro il chiuso manto osa il pensiero
Si penetrar nell' avietata parte, &c.
Poesia al deseo le narra, &c.*

Pero està mucho mayor mi P. en cada qual de los dos lugares expressando la fertilissima producion de deseos en la hermosura fertilissima.

XXXVI.

O crespos fios de ouro se esparziam
pello colo, que a neve escurecia;
andando as lacteas tetas lhe tremiam,
com quē Amor brincava, e nā se via:
Da alva pretina flamas lhe saiam,
onde o Menino as almas acendia:
Dellas lisas columnas lhe trepavam
desejos, que como Era se enrolavam.

E Os crespos hilos de oro se esparzian por el cuello que de blanco escurecia a la nieve: al andar le temblavan los pechos, q el amor entretenido i jugueton estaba moviendo invisible. De la candida pretina le salian llamas con q el amor encendia las almas: por las lisas columnas le ivan trepando deseos q se asian, i enredavan en ellas como yedras en trocos.

¶ O crespos, &c. En la c. 34. pintó el rostro, i los ojos, i colores de Venus: en la antecedente la hermosura del cuerpo desnudo; en esta los cabelllos, el cuello, los pechos, i el talle, i las dos ramas en que se divide el cuerpo desde ahi abajo. Todo de tal manera, que dexa admirado el ingenio, assí como la propia Venus ciegos los ojos, i resucitado el deseo amorous. En algunas ediciones anda emendada toda esta e. de tal modo, que merecia el emendador q le estuviera quemado ja na i pluma en las natizes si quiera un año entero.

¶ Os crespos fios de ouro se esparzian pello colo que aneue escur. &c. Assi en la est. 102. del c. 3. pintando la Reyna doña Maria: assi en la Egl. 7. pintando unis Ninfas.

*De huā os cabelos louros se espalhavam
Pello fermo colo, &c.*

Virgil. Georg. 4.

Casariem effusa nitidam per candida colla.

I en el 10. pintando a Ascanio.

Fusos cervix cui lactea crines

Accipit, & mollis subnectit circulus auro.

Ovid. lib. 1. Eleg. 5. Amor. pintando a Corina.

Candida dividua colla tegente coma. Petronio en un fragmento que comienza, *Candida fidereis,* &c. Fundunt colla rosas, & cedit crinibus aurum.

A donde pinta dulce i elegantemente una dama de que sin duda nuestro P. imitó aqui mucho, bié dissimulado, i va por la misma orden comenzando por los ojos como en la est. 34. *Ardescunt lumina flammis, i luego el cuello, i cabellos, como en el sol; i luego los pechos, como se verá sobre el verso 3.* Alamaní en las est. que andan en el tomo de sus Selvas.

*I capei che vinceano e l' ambra, e l' oro
Scendean nel colo, ch' ogni neve oscura.*

Ariosto descriviendo a Alcina c. 7 *Bianca neve è il bel colo.*

¶ As lacteas tetas lhe tremiam. Al andar los pechos le temblavan un poco, esto es tremiam: si bien el tremer lo hallamos usado de dos verdaderos Castellanos, quales son fray Luis de Leon, i Fernando de Herrera. La circunstancia de decir que temblavan algo los pechos al andar, haze temblar el alma al leer. El llamarles lacteos, no es porque tuviessen leche, sino porque son miembros della, i en particular por ser ellos como ella en la blancura, imitado esse lugar que arriba queda de Virgilio lib. 10. pintando a Ascanio, *Cervix lactea.* Ovid. epist. de Paris a Elena, *Pectora vel puris nivibus vel lacte,* Petronio en este fragmento ai citado, *Lacteaque admixtus sublimat pectora sanguis.* Ni fuera impropio que el P. entendiese que los pechos llevaban leche, porque aviendo aqui la Religion Católica acudido a los navegantes benigna, i pia, i siendo tan propia della la benignidad, esta nos muestra Cesar Ripa en sus imágenes con los pechos descubiertos derramando leche sobre algunos animales; i al lado una llama; i por dicha que a esto atendió nuestro P. diciendo luego ai, que de la pretina salian llamas a esta imagen que haze de la Religion. El pintar el movimiento de los pechos es mover los deseos de su belleza, como ai advertimos, i fue imiracion de Ariosto, alli, pintando a Alcina, *Due pomì acerbe vengono, e van, &c.* Pero venciole nuestro Poeta con gran ventaja, por que escusando el acerbe, que vale verdes por duros, puso en lugar de vengono e van, que vale van i vienen, le temblavan, que vale un pequeño movimiento; i el van i vienen, muestra movimiento

mayor, i no es delicadeza de dama, ademas de A encontrarse con el acerbe: porque siendo verdes (eso es duros) no sucede bien el decir que se meneavan tanto. I vease el Poeta en la est. 56. del c. 9. si estuvo con atención a esto quando nos quiso mostrar los pechos verdes, o duros, poniendolos en una donzella. Vease, digo, i verase, como aqui, i allá dio una lecion a Ariosto: si ya el no se disculpa con ser Italiano, i escribir al modo que se usa en su patria, que espreciarse mucho las mugeres de pechos grandes, aun las que quieren tener opinion de donzelas; i siendo tales siempre temblaran con demasia, aun en el verde de illas.

¶ Com quem Amor brincava. Estremadamente, sin duda: dice, que aquel suave movimiento de los pechos procedia mas que del andar, de que Amor estaba jugando con ellos (eso es brincava con gran ventaja i propiedad en la lengua Portuguesa.) Esta dicho con Petrarca en la Canc. 19. *In cui Amor si traflulla.* I con Ariost. alli, *In torno a cui par eb' amor scherzi.*

¶ Enam se via. Admirablemente: porque diciendo, que el Amor se estava jugando con los

C pechos, i luego que no se via, es ni mas, ni menos que mereros en el alma un vehemente deseo de que pudiera ser visto el Amor en aquel regalado entretenimiento; ya como Dios de los Amores, incitandolos; ya como niño, que puesto a los pechos de su madre los manosea tiernamente: i siendo ella, i él Deidades, glorioas serian las vistas. Al fin yo no lo sé explicar, porque tal alteza de decir no da lugar a saberlo hazer. Quiere decir tambien el *Nam se via:* que era el movimiento que los pechos hazian tan moderado, que a penas podia verse: por mayor delicadeza. Falta solo acudir a la quexa de que no deviera decir tetas el Poeta. Tetas es palabra no agena de la policia en Portugues, i muy propia: *Pechos* no lo es tanto, o a lo menos no lo es mas; sobre que pechos es propiamente aquella region en que estan las tetas. *Mamas*, seria peor, i todavia el cultissimo Tasso al descrivir Armida c. 4.e. 31. dice: *Le mamme acerbe, e crude: desviandose claramente de decir pechos, por essa razon que ai dexamos de que el pecho es la esfera de las tetas; i por esto entrò la estancia descriviendo essa esfera assi, Mostra il bel petto le sue neve ignude, &c.* I luego: *Parte appar de le mamme, &c.* Mirad si fue cuidado; I si para las mamas pudiera el gran Torquato hallar los pomos q Ariosto halló para pintar las de Alcina como ai queda, o otra qualquier metafora, o perifrasis. Pero lo cierto es, que los grandes hombres no hablan siempre por circunloquios, i menos en tales ocasiones a donde se procura enternecer, i esto no lo consiguen tanto semejantes frasis, que siempre son mas duras que lo natural. I assi está bien esto sin duda alguna. I ya que venimos a examinar a Torquato, mostremos

como anduvo en este lugar de nuestro P. con Venus, en aquella suyo con Armida: porque el P. al pintar los pechos dice, que se sentia discurrir Amor por ellos, i abraza que abrazava alli con llamas las almas del Tasso al pie de la letra.

Misstrail bel petto le fue nevi ignude

On le il fuoco de amor se nutre, e deffa.

Yo fui de los judiciosos que confesaron la ventura con que se quedo el gran Camões con ser primero, i ester el Tasso echando linea sobre las suyas. Pero ya dixe, que en esta pintura no sufre compaňía nuestro P. por mas que el grā Tasso pretendio hazersela: porque no ay duda que vio aqui puesta a Venus delante de Iupiter quando allá puso a Armida delante de Gofredo.

¶ Da al via pretina flammis lhesabiam, &c.
Quanto al sentido exterior, está imitado esto de Anacreonte solicitando un Pintor que le retratasse el objecto amado, *Femur quod excit ignes*. Mas quanto al interior, Veys aqui otro testigo grande por donde consta que esta Venus representa esta Esposa de Christo, que es la Iglesia, o Religion, como vamos mostrando, pintandola ceñida con la pretina llamada Cesto, que es solo concedida a los iegirmos desposorios. I como ella es la legitima Esposa de Christo le aparece con la propia insignia de su estado, i essa alba, o blanca, simbolo de la pureza: i juntamente, porque desde aqui toma la insignia con que le ha de hallar a los desposorios de las Ninfas con los navegantes, los cuales el P. imita de Claudio en los de Honorio, i Maria, a donde para semejante assistencia assi pinta a Venus, como hallaremos sobre la est. 43. del c. 9. I tambien podremos dezir, que le aparece como Virgen (que viene a ser la misma pureza) porque del habito propio de la Virginidad es una cinta de lana blanca, la qual querava los esposos a sus esposas despues que las recebian, i antes que se encerrassen con ellas. Por esto dixo Catulo en el Epitafio de Julia.

*Tefuis tremulus parens
Invocat tibi Virgines
Zonul a solvant sinus
Te timens cupid a novos
Captat aura maritos.*

Demanera, que puede aqui aparecer Venus como virgen, significando con la cinta virginal la pureza de nuestra Religion, que representa; o como esposa, significando la Iglesia con la cinta de desposada. I pues el P. ciñe de blanco esta Venus, bien se muestra que no es la humana, i que consecutivamente es la divina. Mas. Como aquella cinta llamada Cesto tenia tal virtud (segun la fabula antigua i misteriosa) que quien la llevava hacia perder de amores por si a quien la via, i alcançar quanto deseava; bien va la Religion con ella delante de Christo para obligarle demanera, que no le niegue lo que va a pedirle, como no le niega, antes concede liberalmente, segun

Tomo I.

veremos des de la est. 44. Tambien, como a los ojos de Christo no ay cosa mas bella que la pureza, bien aparece delante del con el simbolo della, essa Iglesia, o Religion que sube ornada por agradarle demanera, que no le niegue lo que le ha de pedir. Bien sin duda. Aun mas i mejor.

En los ornamentos Sacerdotiales para subir al Altar, uno es el cingulo, que totalmente corresponde al Cesto, o a esta cinta de Venus; porque al ponerselo el Sacerdote, dice: *Præcinge me Domine cingulo puritatis, &c.* I como la Iglesia, o Religion va delante de Christo, se lleva B esta singular parte de sus ornamentos, por ser la que el mas reconoce i cultiva en su Iglesia, que es la pureza, como ai diximos. Vease lo dicho sobre la est. 33.

¶ Flaminas lhesahiam onde o men, &c. Dize, que de aquella pretina, o cinta de Venus salian con singulardad llamas con que el Amor abrazava mucho las almas. I bien a nuestro modo que llevamos; porque asi como era propiedad de aquel Cesto de Venus rendirse muchos mucho al amor de quien le tenia, o llevava, es propio de la pureza de la Iglesia, i Religion Católica significada en essa cinta, o pretina candida inclinar a si mucho quien con veraderia luz la mira; de que resultò, como sabeyss, el arrojar infinitos idolatras, de si sus Dioses, i itse tras eila a todo correr, bolvierenose de sus enemigos sus amores, i de sus blasfemias, sus alabanzas.

¶ Pellis lisas columnas, &c. Perifrasis hermosa de aquella parte del cuerpo, q' luego abaxo mostraremos, i de donde la tomò el Poeta vieniendo agora a la propiedad con que llama columnas a esos trozos de la hermosura. Los edificios que se sustentan en ellas, son los mas vistosos, i las mas vistosas son las de alabastro, o marmol blanco, en que han de concurrir tres cosas, proporcion, blancura, i polimento, o lustre: este mostrò el P. con dezir lisas; la blancura con la leche, la proporcion con los deseos alterados de embevidos en ella (q' describe en el ultimo verso) porque lo q' no tiene proporcion, no se deseas, o apetece, i tanto mas se apetece, o desea, quanto mas la tiene: i essa mostrò el P. aqui grandissimi con asir a ella ratos deseos como yedras por los arboles en los bosques, haziendanos morir de deseos de tener tantas lenguas como ellos hojas para poderle celebrar.

¶ Desejos que como era. &c. Estupendamente lo supo dezir, diciendo, que los deseos alli se asian como yedras a los troncos: esto es, que se asian fortissimamente los deseos; porque las yedras quando van bolteando (eso es enrellavam) los troncos quedan mucho mas asidas q' corriendo derechas por ellos, i viené assi a caer: i los todos: i cae hazió otro rato los deseos en q' las colunas, rodeandolas, asiedose mucho, i viendolas por todas partes, igloriádose de verse asidos enellas. Pero yo lo voy echado a perder, por no saber de

zirlo, ya no digo como lo dixo el P. que esto es imposible, sino ni aun como lo siento, que viene a ser un martirio del entendimiento. Assi vengo solamente a dezir con seguridad, que en ningun Autor hallo cosa que se pueda parecer a este lugar; porque sin duda ninguno llegò jamas a dezir tanto. Esto quanto a las imitaciones de los Autores profanos, por lo que toca a la corteza suave deste Poema. I en quanto al coraçon, i sagrada alegoria del; veamos si los divinos tiené por inmodesta en algun modo esta suerte de pintura desnuda, i si ella es gloriosa, i agena de sospechas humanas, como diximos en la e. atras. Vease lo dicho: doyo por visto, i digo agora assi: Luego que conozcanos (i es fuerça conocerlo) que el P. por esta Venus divina entiende la Religion pia, se nos vendrá a los ojos, que para pintarla anduvo tomando colores de aquellas divinamente deliciosas, ternuras de los Esposos en los Cátares, cuyos pensamientos todos los santos entienden de la Iglesia i Religion Católica verdadera Espesa de Christo. En este lugar dexaremos apuntando todo lo que allá puede servir para estas estancias, por no andar manoseando en tantos, tan sagrados cóceptos. Echa el P. aqui estos cabellos de oro cresto por esse cuello, i ombros desta imagen de la Iglesia, i allá cap. 1. num. 9 *Collum tuū sicut monillia.* I despues cap. 4. num. 9 *Vulnerasti cor meum.* &c. i in uno crine colli tui, i cap. 5. num. 11. *Caput eius aurum optimum* Representa el P. estos pechos candidos de modo que parece está mostrando que allí se podrian bever vidas. I allá cap. 1. num. 12. *Inter ubera mea commorabitur.* I cap. 7. num. 13. *Dabo tibi ubera mea.* I en el 4. num. 10. *Quam pulchra sunt mammæ tuae!* Llama el P. columnas las dos ramas en que se divide la parre inferior del cuerpo, i que no ministran el andar; I allá cap. 5. num. 15. *Crura illius columnæ marmoreæ, que fundatæ sunt super bases auricas.* Parece que está el P. en estas estacias, descubriendo en estas partes que suelen escondérse todos los musculos de la belleza: i allá cap. 7. num. 1. *Iuncturæ,* &c. Vealo el entendido, i sincero, que yo no pondre aqui cosas q' puedā hazer trepear los ignorantes. En la e. 33. por dezir que fue andando la Iglesia, o Religion, dize que se movio: que es imagen de lo grave, i sereno, con que andava. I allá cap. 7. num. 1. *Quæ pulchri sunt gressus tui!* I en la e. siguiente llega a ponerse en necesidad, de pintar las partes que la honestidad no pinta, i echale un velo artificiosissimo viendo que allá (cap. 7. num. 2. *Vmbil. &c.*) sin velo se pintan. Llama el P. lilios a lo que se esconde en el velo. I allá cap. 7. num. 2. *Vent. &c. valatus lillys.* Parece que está el P. haciendo que cause pena el no verse lo que allí se escóde; i allá despues de celebrar partes dessa divina belleza, *Absque eo quod intrinsecus latet* cap. 4. num. 3. En la e. 42 dize, que Christo la abraça, i le dà paz en el rostro; i allá cap. 1. num. 1. *Osculetur me osculo oris*

sui: i cap. 2. num. 7. Lævatus sub capite meo, & dextera illius amplexabitur me. Pinta el Poeta essa Iglesia, o Religion pia de modo que parece se va viendo elevar al cielo un objecto glorioso. I allá cap. 8. num. 5. *Quæ est ista, que ascendit de deserto, delicis affluens innixa super dilectum suum* Pudieramos ir confriendo mas lugares, pero dexamoslo de hazer, assi porque el juzgic so lo hará con esta advertencia, como porque creemos ser bastantes señas estas para que los doctos juzguen si nuestro Poeta anduvo por estas introducciones, i pinturas tan bajo como le hacen los ignorantes, o tan elevado como le devén hacer los cientes: i si anduvieron por aquí mas los pinzeles humanos que los divinos; o si pudo querer pintar lascivias quien anduvo para esta imagen pidiendo socorro a los dibujos, i a los pinzeles, i colores del Espíritu Santo. Con este retrato de la persona, está haciendo gran armonia el de su proceder en los amores allá quando menos a la estancia 50. del canto 9. Vease que es lugar notable, i notable correspondencia la desta pintura con aquella. Confessamos, que el Poeta mezcló (pero con inimitable destreza) alguna cosa de los humanos para inclinar al gusto de los que leen, que ordinariamente sin muchas falsoas, como de estragado gusto, no apetece mantenerimiento provechoso. Ni el Poeta lo fuera valiente si assi no fuese matizando estos labores. Supuesto ya, que no se puede desde oy dudar, que esta Venus significa la Religion pia, o Iglesia Católica, diremos sin escrupulo, que estas columnas tuyas, por las cuales se embuelven deseos, son los valientes Martires, i Doctores que (Apocalipse cap. 3. *Qui vicierit faciam illum columnam in Templo Dei mei*) ajuntadíssimamente se llaman columnas de esta Religion con las mismas propiedades que diximos devian tener las columnas buenas, no le conviniendo menos la de lisas, por lo mucho que nuestra Religion tiene de lisa, i clara, como diximos en la estancia atras. I assi con otra tanta propiedad como por las columnas suele trepar la yedra, por estas de la Religion trepan deseos Christianos de puro eramorados de su belleza. Juntamente las columnas son simbolo de la estabilidad, o duracion irmutable, i esta tiene prometido Christo a su Iglesia: i en conclusion a la propia Iglesia Católica dio el Sacro-santo Concilio Tridentino nombre de Columna, i firmamento de la verdad en el capítulo 1. de la Sess. 13. Por esto, luego, bien estan aqui las columnas, plantadas de nuestro Hercules de la Poesia con valor inimitable; i combidando a otros Sansones del ingenio a que den mejor cuéta dellas de la que yo he podido dar con mis fuerças desiguallissimas. Prueve, pues, cada uno las tuyas, i explique con igual valor la solida fabrica de mi Poeta.

XXXVII.

Cosinu delgado cédal as partes cobre, A de quem vergonha he natural reparo: poré nem tudo escóde, nem descobre o veo dos roxos lirios pouco avaro. Mas para que o desejo aceda, e dobre, lhe poem diante aquelle objecto raro. Ia se sentem no ceo, por toda a parte, ciumes em Vulcano, amor em Marte.

COn un delgado cendal cubria Venus las partes de que la verguença es un natural reparo: pero el velo poco avaro de roxos lirios, ni lo cubria, ni lo descubria todo. Porque el deseo se doblasse, o repitiesse encendidamente, le ponía delante aquel raro objeto. Ya por todo el cielo se echavan de ver zelos, i amores: aquellos en Vulcano, en Marte estos.

¶ *Com hum, &c.* Quien no se yela al ponderar esta, i estas estancias, i no pierde la confiança de escrivir versos, i Poesia, no se escapa de vanissimo presumptuoso. Bonissimo es, que Venus desnuda, todavía ocultava las partes en que peligra la vista con un velo: mas velo que de raro incitava mas la vista, i el peligro, mostrando dudosamente lo que naturalmente se desea ver sin dudas: i que con tales vistas Vulcano ya naufragava en zelos, porque Marte ya se encendia en amores: aludiendo a lo passado entre ellos.

¶ *Com hum delgado cendal as partes cobre, &c.* Ovidio alli pintando a Corina.

Ecc Corina venit tunica velata resincta;
Diripuit tunicam; nec multum rara nocebat.

Ariosto descriviendo a Alcina, quando fue a buscar a Rugero, canto 7.

Che viene avolta in un leggier zendado.

Esso es, *delgado cendal:* i el, *nec multum rara nocebat* de Ovidio; puesto que nuestro P. le passò el raro al verso 6. admirablemente. Sobre la providencia con que el P. dixo, *cendal*, me guardo el curioso en el verso 4 para que le entienda.

¶ *As partes cobre de quem vergonha, &c.* Por otro modo dice esto en la est. 76. del c. 5. i por otro en la 37. del 7. Verlo allá. Assi Anacreonte en una escultura de Venus, haze cubierta essa parte.

*Oculis sed ille nostris
Sine ueste dat videndum;
Tegit unda nil que prorsus
Nisi quod nefas videri.*

El Tasso Liber. c. 14.e.60. pintando una Ninfa a este modo, *In sim dove vergogna cela.* I tomolo de mi P. que anduvó modestissimo en esta pintura, o perifraſtico; i galaníssimo.

¶ *Porem nem tudo esconde, nem descobre, &c.* En la e. 18.diximos, que guardavamos para este

lugar uno de Dante, que nos muestra como el P. le imitò en esta invencion de introducir alli a Venus bolando desde el cielo, i aqui cubriendo se desta manera. Dante despues de pintar a Beatriz en el buelo, la pinta en el habito tambien velada; i la ve assi, ni toda descubierta, ni escondida toda. Es en el c. 30. del Purg.

Vidi la donna velata, &c. Tutto che'l vel, &c.

Non la lasciasse parer manifesta.

I como Beatriz alli representa la Teologia, que es ciencia divina, i dificil a la vista del entendimiento humano, i esto significa aquel velo, no dexando ver patentemente a Beatriz, assi acà esto tro hazia lo mismo en Venus, porque representando la Iglesia Católica, ella con velos nos representa los divinos misterios, de modo, que los entendamos quanto es posible a la humanidad, hasta que en la triunfante Jerusalém los gozemos con entereza. Iuntase a esto, que en Dante acudió essa Beatriz a las quejas lastimosas que le oyó de la ausencia de Virgilio, que le acompañava; i acà sube esta Venus por las lastimas que oyó al Gama en aquella oracion. Tambien alli el Dante, describiendo a Beatriz, la haze echando llamas de si, como Venus en la e. 36. *Vestita di color di fiamma viva.* I dos o tres veces la comparacion del niño, de que nuestro P. usa en la e. 43. Allá irémos, i hallarase más a este propósito.

¶ *O veo dos roxos lirios pouco avaro.* Anacreonte tambien en esa escultura de Venus, que ai atrás diximos, *Quasi lilyum implicatum violis, &c.* Aqui es esto perifrasis de aquellas partes, que no se saben nombrar honestamente. Claro estava, que no podia faltar tan erudito Autor a pintar con lirios la belleza, i aun alli: porque (además de ese lugar de Anacreonte) Pierio Valeriano en sus Geroglificos muestra, que el de la belleza eran lirios; i por esto dedicados a Venus, en quanto Diosa della. Quieren algunos curiosos de entender el P. que entienda él por los lirios la color del cendal, o velo con que pinta cubierta en aquella parte a Venus. Pero engañase mucho; i deviera para esto decir, *El velo de roxos lirios, i no de los rojos.* I es este verso como otro de su Cancion 3. que es este, *A negra escuridad aluz avara, que vale, Escuridad avara de la luz,* expressando aquello de que es avara, i es lo que el P. aqui pretende; i assi dice, *El velo poco avaro de los lirios rojos.* I assi como en aquel

E verso seria absurdo decir, que la escuridad de la luz, es avara; serà acà decir, que el velo de roxos lirios, es avaro. Bien veo, que en esto tro mas capacidad para sufrir este sentido; pero sin duda quiere decir, que el velo era poco avaro de lo q' cubria, que eran lirios rojos. Veislo aqui. Ovid. Metam. 4. pintando miembros hermosos dentro del agua.

. *Vt eburnea si quis*

Signa tegat claro, vel candida lilia v tro

Mirad como le trasladó Ariosto alli en el c. 7.

O 5 des-

describiendo a Alcina en camisa transparente.

..... *Il vel sottile e rado
Che non copri a dinanzi, nedì dietro
Più che le rose, o gli un chiaro vetro.*

I con esta comparacion que haze Ovid. entre el vidro, i los miembros. i Ariosto entre él cubriendo lirios, la camisa cubriendo a Alcina, se aclara indubitablemente, que los de nuestro P. no están en el velo, sino mal cubiertos qd el, como estoiros con el vidro: i semejantes tunicas siempre se suponen blancas, quando se pretende, como aquí, que se esté viendo por ellas con propiedad, lo que con ellas se cubre. Vease el P. en la e. 21. del c. 6. mostrando, por mayor incentivo, por entre lo raro del velo, que llama beatilla, porque es tela rara, el cuerpo cristalino de Tetis: porque si el velo fuera de color alguno, de ese avia de parecer lo que se cubriesse con él; i entonces no apareceria con la propiedad q se pretende. Veis otro lugar del propio Ariosto, que lo confirma, c. 10. e. 95. que al pintar a Olimpia desnuda, sin remedio de tener con que cubrirse, dice:

*In velo non ha pure in che rinchiusa
I bianchi gigli e le vermiglie rose.*

De manera, que allí no faltava velo roxo, ni de otro color para cubrir aquellas partes, sino que ellas son las rosas, i los lirios que se deseavan cubrir de algun modo. De manera, que de todos lugares consta, que nuestro P. no pretende mostrar el color del velo que cubre, sino el del objeto cubierto. Agora bolvamos a los lirios, por lo que significan, i por su color. Puede, digo, haber duda el decir rojos: pero no se ha de entender el roxo, en el sentido ordinario de nuestra lengua Portuguesa, en que vale morado: sino en el de la Italiana, o Castellana, adonde roxo vale rosado, o bermejo: i nuestro P. lo usó assi muchas veces. *Roxo Apolo: Roxa Aurora, c. 4. e. 60. i en la Egl. 6. llamó Vermelho, que es bermejo, roxo, o colorado: i a la sangre llamó roxa en la e. 82. del c. 1.* assi a la sangre fuga haria de la sangre, en la 21. de! 5. i al mar bermejo, roxo en la 49. deste; i en la 3. del 9. i en la 60. del 10. A las rosas llamó también roxas en la 87 del 6. que es otro quebradero de cabeza de los curiosos, como este: vease allá. Confiendo, pues, que el P. usa llamar roxo a lo rosado, o bermejo, como buen pintor, llama aquí bermeja, o rosada aquella parte que entendemos cubre el velo; ya respete a la carne, ya a los pelos: si a ellos, por lo que veremos abajo: si a ella, porque en las buenas pinturas de los artifices que saben gastar en sus lugares los colores, vemos siempre en las figuras desnudas, más rosada aquella parte, i las puntas de los dedos; i las orejas, i los labios, i las rodillas, i los codos, i los tobillos, i los pezones de los pechos, i otros miembros a que la sangre acude más. Vease como excellentemente se acordó Perronio de este cuidado de despender colores con maestría, pintando los pechos de una dama en aquel fragmento citado

A en essotra est. *La ētaque admixtus sublimat pectora sanguis.* Esto es, que arrebotava lo rosado en la parte superior del pecho, toda la blancura del. Otra exposicion puede tener este lugar, entiendo por rojos lirios, lo que Persio entendió por *plantaria vellant*, en la Sat. 4. No podemos deciararnos más. I porque puede solamente estar en contrario la voz, rojos, entonces se entenderá dorados; esto es, encendido de color es se oro hilado de esos pelos, hasta aquel punto en que los muy rubios obligan a que los llamemos bermejos, i de ese color dorado ay lirios (i por averlos de muchos, se llamó Iris aquella flor) i a la cabellera de Apolo se dà el epiteto de roxa por dorada, i de rubicunda por bermeja, como lo hizo nuestro P. en essa Egloga citada, *Que o dedito Apolo fiz vermelho*, i muchos Poetas llamaron a res a los boços. Orfeo, de Hilas en la Argon. *Pulcher Hylas nondum cui circuminxerat ora,* *Candida flavescens rosei lanugo decorat.* Pacuvio, *Nunc primum opacat flore lanugo genas.* I el Maestro, Eneid. 8. *Genas vestiebat flore:* i aquellas flores siempre se suponen de color dorado, o bermejo: i en el Latin lo mismo es, *crocus*, que acafran, i azarcon: siendo este propiamente bermejos i aquel amarillo propiamente. Claudio alabando de muy dorados los cabellos de Maria, mujer del Emperador Honorio (en el Epitalam.) dixo, *Non crines aequant violæ* I las violetas son de todos colores, como veremos en la e. 61. del c. 9. i deste modo, tanto lo pudo dezir por las doradas, o amarillas, como por las rojas, o bermejas; llamando con aquellas muy dorados a los cabellos; o con estas muy bermejos. Sea apoyo desta explicacion el Esposo en los Cantares, cap. 7. comparando los cabellos de la Esposa a la purpura, *Et comæ capit is tui sicut purpura regis:* no qualquiera purpura, sino la más fina de color, qual se supone en la opa de un Rey. De modo, q este nombre de roxo se concede a un amarillo muy requemado: i ay lirio muy ordinario deste color, i es muy propio para esta semejança, assi por el color dorado, como porque crecidas sus hojas se caen, i tienen un modo de crespo con blandura, o mimo; (palabra Portuguesa singular para esto) que haze buena imitacion de aquel natural velo. Harto hemos llegado a mostrar lo que es dificil de dezirse con modestia: no dire mas: entiendanlo si quieren los curiosos.

Entra agora otra dificultad; i es, si pudo ser licito a un Poeta circunspecto, i Catolico, en Poema grave, i en imagen que representa un sujeto sacro, llegar a describir aquella parte. Responde-se que si: por dos razones: una, porque el P. pretendió, para no comunicarse en sus misterios, facilmente a la vulgaridad, embarrasarla cō lo que luego la suspende, como luego enseñaremos: otra, que los grandes hombres están licenciados por la ciencia (singularmente Poetica, quando es soberana como en este) para usar de qualquier

atrevimiento, como no sea contra la Fè; lo que no ay aqui Por esto el señor de Bartás, Catolico, insigne Poeta en su Semana, o creacion del mundo, i materia sagrada, no dudò dezir, para mostrar el efecto de un rayo (tratando de la variedad de dios) assi.

*Dona conovi in mia verde etade,
a cui altro non fè l' etherea fiamma,
che qual ventoso, & subito rasoio
raderle a un trato il vergognoso pelo.*

Dicho con mucho mayor claridad, que en mi P. aqui: pues el verso, *O veo dos roxos lirios pouco avaro*, no solamente es un perifrasis de aquella parte modestissimo, sino que está confuso, o neutral; de que resultó dudar los entendidos, si hablava del color del velo, si de lo cubierto por él: de q se infiere, que fue industria del P. cuidadosa el escurecerse aqui, para que los doctos entendiessen deste lugar como tales: i los indoctos también, conforme a su talento, segun luego mostraremos ai abaxo. Conforme a esto, los indoctos tienen ai la explicacion literal en todo este discurso: pero los doctos tienen obligacion de entenderlo conforme a la pureza, que el P. pretende disfrazar en esta imagen, adonde no aviendo necesidad de hacer patente, lo que aun en lo notorio suele encubrirse, necessariamente se deve entender con la alegoria que luego descubriremos sobre estos versos propios.

¶ Aquelle objeto raro. Es el, Ne multum rara nocet, de la tunica de Corina, que truximos al principio de la estancia. Vale transparente, no denso, que se via por él todo lo que se cubria, con mas deseos de ser visto: como agora sucede a las damas con sus tocas, i mantos.

¶ Ia se sentem no ceo, &c ciumes em Vulcano, amor em Marte. Gran ponderacion con el motivo de tal belleza de Venus, sobre lo sucedido entre ella, Vulcano, i Marte, segun la fabaia. He deseado imitar esto en mi Narciso, describiendo su belleza, i dixe:

*Ta de amores rendido el gran Tonante,
como de zelos, el Rector de Rontes;
por nuevo amante, nuevo Ganimedes,
viste uno plumas, otro texe redes.*

Agradezcame el Letor, que no le pongo aqui todo aquel escrito mio entero, o las Rimas en peso de algun amigo con el achaque de una casual palabra.

Los q son faltos de noticias, quieren que tambien hablemos con ellos. Venus es muger de Vulcano: enaigrada de Marte le hizo suyo, i se hizo suya: supolo el marido, i armandoles una red los cogió a ambos en ella, i mostrandolos a los Dioses, les dió motivo de risa. Agora dice el P. que apareciendo Venus en el cielo tan bella, Marte bolvió a enamorarse, i Vulcano a temerse, i prevenirse. Sin duda estremadamente.

Esto es quanto al sentido literal, o exterior de lo que contiene la estancia. Mas porque ella es la

A que parece más derramada de quantas el P. escribió hablando de Venus, para significar con propiedad reverente la Iglesia Católica, como venimos provando desde la e. 33. del c. 1. i ella en realidad, aqui se representa con mayor reverencia, que en ningún otro lugar, menester es, que bolviendo agora sobre la alegoria expliquemos cada verso conforme a ella, i resplandecerá nuevamente la sutileza superior, con que el P. se gobernó aqui. Ya diximos en otra ocasion, que él pretendió escribir para todos, no como algunos lo hacen, sino como deve hacerse: porque no es

B crive para todos el que en sus escritos no exige algo, que desentienda el vulgo, i le entienda solamente la profunda ciencia: siendo cierto, que el docto agudo de ingenio no halla sustancia en lo que facilmente entiende el indocto. Esto no iba de resplandecer en diferentes miembros de la escritura, suponiendo que el uno es para el vulgo, i el otro para el sabio: porque esto muchos lo harán: sino que en un propio miembro se ha de incluir artificio, que sirva a todos, sin que sirva a todos: quiero decir, que allí mismo adonde el indocto entiende una cosa, entienda otra el docto.

C Pero como esto no lo puede conseguir sino en el espíritu divino, consiguiólo el P. porque totalmente le logró singular. Conforme a esta observación, que es sólida, digo, que el P. no aviendo de declararse todo en poner patente en este Poema la Iglesia Católica, bolando de una parte a otra, porque sería indecencia, como enseñamos en la e. 33. del c. 1. ni avía de dejar la Poesía desnuda de invención dulce, que la haze estimar, i leer, introdujo a Venus celeste para esta representación, mezclando algunas veces algo de la humana: porq si eligiera personaje que no se pudiese apartar

D de lo divino, quedará imposibilitado de especificar algunas acciones humanas, que adornan, i hazen apreciable el Poema: i introduciendo una Deidad en que concurre mucho de lo divino, i de lo humano, quedó abriendo lugar a la capacidad de poder usar de lo uno, i de lo otro; segun más de espacio enseñamos en la e. 20. del c. 1. I este modo en un propio sujeto tiene superficies, i profundidades, que regalan a un mismo tiempo los indoctos, i los doctos. Digo assi. El P. procuró imitar en esta pintura de la Iglesia, todo quanto pudo (i no pudo poco) la que haze Salomon, o el Espíritu Santo, della propia en los Cantares, como ya enseñamos en la estancia pasada. Con esta diferencia, que allá la pluma superior dispuso aquella pintura con tal misterio, que si a la primera vista parece humana, subito a la segunda se vé, que está ordenada de modo en las palabras, i colores, que a un proprio tiempo llama a los doctos, i a los indoctos, i haze que necesariamente se entienda con el sentido alegórico, todo por no hacer peligrar el entendimiento en el sentido literal. Acá, en contrario, necesariamente primero aparece el literal galanísimo pa-

to dos

dos, i despues para los sutilmente doctos aparece el alegorico delgadissimo; todo en reverencia a lo sagrado de la Iglesia, porque no pareciese a los cientes, que por darse a entender luego a los ignorantes, la manoseava el P. sin gran respeto. Veamos si el mismo en esta estancia se comenta a si propio sutilissimamente; empeçando agora a sacar de cada verso el sentido alegorico, como de cada uno sacamos ya el literal. Assi.

P Co bum delgado cendal as partes cobre, de quem vergonhabe natural reparo. Habla agora aqui el P. o la Poesia, i dice: Esta imagen que os pinte desnuda en efforta estancia, i pinten esta, de modo que creereis es una Venus lasciva, no es sino la Iglesia pura. Pero los pinzeles humanos, que temieron llegar a su pintura verdadera en esta invencion, le echaron esse velo delgado para darosla a conocer sutilissimamente. Como si dixerat: He usado desta sutileza de ingenio Poetico (eso es el delgado cendal) con que cubro, i descubro (eso es abax), nem tudo esconde, nem descobre) lo que quiero dezir: cubriendolo para los indecens, i para los doctos descubriendolo. I el cubrir las partes de quien es reparo la vergueça, quiere dezir: Avergonceme, pareciome in modestia pintar la Iglesia, i traerla en estas acciones assi como ella es: i para darosla a entender, echele esse velo de la pintura de Venus; i essa la divina, no la humana: entended vos lo que preteo descubrir con lo que cubro.

Cendal. Bueno seria, que averiguassemos qual calidad de tela era la deste cedal, o velo que cubria a Venus; o con que ella cubriéndose se nos quiere descubrir en lo que representa. Vaya fuera el vulgo profano, i ileguense los doctos, i sutiles a socorrerme en este apricot. Mas ab' que ellos me desamparan todos, sino es mi P. alto, i profundo de misterios. Digo, que este velo era blanco, i puramente de lino, sin otra alguna mezcla. Pruevolo con el mismo P. que me lo enseña galana, i agudamente, diciendo, *Senda!*: porque en rigor, *Sindal*, es tela de lino sifissima: i se dice assi de Sindon, porque primero se uso en Sidonia; i de ai se llamo Sindon a la Sabana. De donde, por andar siempre embuelto en una, resulto al Monge Serapion el renombre de Sindonio. I naestro P. como doctor, suele vestir las Deidades de tela de lino sutil: porque en la est. 2 r. del c. 6. vistiendo a Tetis, dize que traia una tunica de beatilla, que es tela rara de lino, con las condiciones que alla advertiremos: i aqui se ha de entender, que es con las que hasta agora advertimos, en quanto Venus representa la Iglesia, en la qual es singular en tanto extremo la tela de lino puro, que no puede ser de otra alguna, por mas preciosas que sea, la ropa blanca que sirve en el altar, ni ordinariamente son de otra materia las vestes blancas de sus Ministros, desde los fundamentos de las vestiduras Sacerdotiales en la Ley

vieja, en que el Sacerdote se ponía una llamada talat: i esta era de bistro, que viene a ser tela de finissimo, i transparente lino. I como esta Venus representa la Iglesia, consobrano acuerdo la viene a mostrar el P. quando ella va a hablar a su Autor Christo, velada con amisto de lino puro, sutil, i candido; como se usa en lo mas asseado de la propia Iglesia. De modo, que material, i misteriosamente, aquel cendal, o velo es de lienzo puro de lino. I quando los escrupulosos se arrimemas, a que cedal es velo sutil de seda, como tambien se lo concede Orozco en su Tesoro Castellano, a lo menos sera blanco el velo, por esas razones ai apuntadas; i porque el blanco es proprio de Venus: de quien por esto son propias las açucenas, i de las palomas las blancas, como lo hallareis en muchos Autores. Lilio Giraldo, *Veneri albas columbas dicabant*, &c. Siguense desta prueba dos cosas: una, que Venus representa aqui la Iglesia; otra, que la representa secretamente: esto es solo para los doctos i sutiles: i por esto ese velo cubre una Region secreta, que se hueye a la vista: assi como en la Iglesia el propio velo blanco, i polido, se usa misteriosamente, i cubre misterios secretos, o secretarios misteriosos de nuestra Religion. I assi como esa cubierta en ella, nos descubre algo della por las significaciones, assi iaca esta cubre, i descubre. Agora.

G Porem nem tudo esconde, nem descobre o velo. Como si dixerat: Este velo de Poesia dulce, que aqui os he puesto, es para que mireis con respeto, i atencion esta imagen, que os haze dudar la vista, para entender lo que estais viendo: porque el ni os descubre, ni os encubre todo lo que yo os maestro pintado debaxo del: que para los superficiales entendimientos parece Venus; mas para los penetradores de los misterios, es la Iglesia. Pretendo enbarazaros con este velo, como Parrasio con otro a Zeus: o moltraros lo venerable de la Iglesia con este velo; como Timantes, echando otro en el rostro del padre de Ifigenia, mostro mejor la copia de su lianto por su muerte: i las cosas sagradas en la invencion Poetica, pidan aun mas velo para llegar a ellas con los ojos del entendimiento. Son grandes los secretos dellas: i esas son las partes secretas, que con este velo se cubren aq. i de manera, que se descubren solo para los que tienen ombros capaces de poder con el peso grande del escribir misterioso; que no deve comunicarse a los flacos; cuya vista puede peligrar en la claridad. Para Aguilas solamente es lo interior de los rayos desta Poesia misteriosa.

A las para que o desejo acenda, e dobre, libo poem diante aqueelle objeto raro. Este raro objeto: ese velo, digo, no tan denso, que no le pueda penetrar un buen entendimiento, os pongo aqui para encenderos dobladamente el desejo de estudiar en esta sutileza; i entender lo que os quiero dezir en ella; i el secreto que esta debato del; sie-

do una cosa muy ageña de lo qne literalmente parece : i.es , que despues de pareceros que os pinto una figura lasciva, hallareis, con examen de buena vista, la imagen de la Iglesia: las partes secretas, digo, de la Poesia, que con esse velo se cubren a los bastos de vista , i se descubren a los abundances della.

Tl a se sentem no ceo por toda a parte , ciumes em Vulcano, amore em Marte. Lo en qne os parece toco una fabula comun(dize)os enseño el misterio con que procedo en este Poema. Yo os tengo ensenado, que Venus representa la Iglesia, favoreciendo esta navegacion , oponiendose al fuego infernal, que la quiere extinguir : i que el Marte Santo (este es san Pedro, o Santiago)esta de parte de essa Iglesia en esta accion , como vimos en la e. 36. del c. 1. Siendo, pues, esto assi, no os ponga aqui a Vulcano por marido de Venus , sino por el fuego; i esse infernal. I como el andava con zelos , de que la Iglesia le queria quitar su materia en la Asia , i la ve agora entrar por el cielo , a pedir a su Esposo nuevo favor para esta navegacion , nuevamente se llena de zelos, temeroso de lo qne el va prede negociar con su hermosura delante del. I como san Pedro, o Santiago, representados en Marte , son tan enamorados de la Iglesia, i la defienden, de nuevo se llenan de amores della, viendola delante de su Esposo con una peticion tan justa ; i en que van tan interessados. Esto dice el P. aqui, haciendo un sutilissimo comentario; i honestando mas lo que mas derramado parecia ; como dixe al principio. Pienso que es admirable.

XXXVIII.

E mostrando no Angelico semblante co o riso hua tristeza misturada; como dama qf oy do incauto amante em brincos amorosos mal tratada; que se queixa, e se ri nu mesmo instate, e se mostra entre alegre inagoada; desta arte a Deosa, a que ne hua iguala, mais mimosa que triste ao Padre fala.

I Mostrando Venus en Angelico semblante una cierta tristeza mezclada con la risa (bien assi como dama tierna , que siendo en amorosos juegros mal tratada del incauto amante , se quexa , i se rie en un propio instante , i se muestra lastimada entre aquellas alegrias) de tal suerte la Diosa, a quien no ignala alguna en belleza, mas mimosa que triste habla al Padre.

T E mostrando, &c. Mayores fuerças que las mias eran menester para muchas de las estancias de nuestro P. i esta es una dellas con los maravillosos afectos que encierra.

G No Angelico semblante. Si el P. entendiera

A alguna Deidad meramente Getilica por esta Venus , no le diria el epireto de Angelica ; por dos razones : una , porque fuera diminuirla , pues el Angel es menor que la Deidad ; otra, porque en lo Gentilico los Angeles no son conocidos; i assi se descubre claramente, que por ella entiende la Iglesia con sus acciones de Religion, i Piedad, en las cuales tiene lugar lo Angelico.

T Com o rijo &c. Con la risa: supone one Venus casi siempre esta riendo: i dizelo con Homer , que en el Hymno 3. della dice , que Semper subridet : i con la condicion de la imagen risuena B desta Diosa, que diximos sobre la e. 18. i esta risa aca , es la alegría que tiene de ver esfetuado el viage de los Portugueses , de que ha de resultar su aumento, por contrario de la tristeza que tambien muestra , de ver que el demonio la impida contanta mano.

T Como dama que foy do, &c. Maravillosa comparacion en el sujeto: otra vez digo maravillosa: tal sera la de la e. 43. que de ambas estan lloviendo mimos; no sabemos palabra que lo sepa dezir, sino esta: que no en vano la uso Fernando de Herrera , ya puesto en necesidad de exprimir con una voz su sentimiento. Dize, pues, que Venus estava con Jupiter como dama con amante, logrando el fruto de sus amores , alegre por lograrlos, triste por averla el tratado con algum descuido: assi Venus alegre, por ver que Jupiter amandola mucho favorece este viage, que ella delez, triste, por ver que todavia dexa poder al demonio, para que aspire a impedirla , i esso quiere vencer ella con el regalo de sus quexas. I es de reparar, que la misma comparacion nos ensena , que Venus no està aqui como dama lasciva con Jupiter , como piensan los ignorantes, sino como Deidad co Deidad, digo como la Iglesia Santa, con su Sacerdote eterno: porque la comparacion nunca se hace de la propia cosa que se compara; sino de otra semejante : i si Venus estuviera como dama humana con su amante , fuera yerro compararla a dama con amante humanamente: i esse yerro noca le cometio tal Poeta. Pero representando Venus la Iglesia, i Jupiter a Christo, bien sin duda esta la comparacion del con ella, por los amorosos regalos con que la trata, al amante con la dama, quando tratandola con ellos se desvinda en alegria cosa.

E Do incauto amante. Estremadamente, dixo incauto en tal ocasion : porque en ella el amante politico, i fino, se refrescove en cautelas, i cuidados de agradarla : i el minimo desatiendo es justo, i grande motivo a la quexa en lo tierno, i inimioso della. No lo se dezir. Entiendalo el que alguna hora lo passo.

T Que se queixa, e se ri, &c. Reitse, i quejarse en un misino instante, naturalissimo es entonces. Hermosa , i bien dissimulada i initacion de Dante en el c. 16. del Purg

..... Aguisida fanciulla,

che

*che piangendo, y ridendo pargo legia.
Iだれも、いのち、そんまく parecidos en esto.*

¶ *A Deosa a quem nenhūa iguala.* Alude a averse desnudado con Juno, i Palas, i a que ninguna de ellās era tan hermosa: i por esto le dió París el premio de la hermosura: i luego misteriosamente, como entiende por Venus la Iglesia, i Religión Católica, dice con este velo Poético la verdad pura; i es, que de quantas Religiones, i Setas hubo, i ay en el mundo, ninguna iguala en hermosura de verdad a la Católica, representada en Venus, por ser la Deidad Gentilica más hermosa. I que este sea el concepto del P. se ve claramente en la e. 48. del c. 4. diciendo, que el Rey don Juan pasó las armas Católicas sobre los Moros, para mostrarles

..... *Quanto excede
a ley de Christo, a la ley de Mafamedo.*

I mejor, i más general en la e. 47. del c. 8. diciendo: *Contra a divina Fé que tudo excede.*

¶ *Mais mimosa que triste.* Quiere decir, más melindrosa que lastimada: i tiene esto excelente correspondencia con el segundo verso, que dice traía una tristeza mezclada con una risa: i exceletíssima con la comparación de la dama, que se muestra sentida, i alegre juntamente en la acción más amorosa con el amante, fundando en los propios favores la querja, i no dexando sola formar de todo lo regalado, i alegre, i dulce de ellos. La palabra, *mimo*, parece tener difícil la explicación; porque verdaderamente en Portugues suena un extremo de regalo, i melindre: una superabundancia de deseo de favores, en quien está favorecido todo quanto pudo desechar: uno, no estar contento, ni aun con el propio contentamiento: i (digamoslo así) un nojí me tangere, que parece se ofende de ser tocado de la propia suavidad; i finalmente, el mimo es un fingimiento (digamoslo también así) regalón, que se lastima de lo que otro se gloriará. Menester es, que esta voz tenga algún origen: i nunca le he oido a nadie, como también el de magoas, i saudades, que ya en otros lugares he procurado descubrir. Mimo, pues, se dice en Portugues, sin duda alguna, de todo lo que se sigue. En Latin, *Mimus*, quiere decir, el que contrahaze acciones, o las finge: i en Portugal ha muy pocos años se llamaron mimos, a los que en ocasiones alegres se ponían mascarillas, fingiéndose otros, hallareislo usado por Garcia de Resende en la historieta del Rey don Juan el Segundo, al referir unas fiestas: i también se llaman mimos los bufones, o truhanes, por esto de contrahazarse; i también así se pueden llamar los aduladores. Otacio, Satira 2. lib. 1. *Mime, balatrones, &c.* También aquellos mimos se llamaron en Portugal momos; i hazer momos, se dice de los que están haciendo gestos, i figuras: de Momo Dios del burlarse de quanto via; haciendo reír a todos con reírse de todo. Aristoteles llanió truña al mochuelo (solo por esto de estar haciendo si-

guras) con una voz Griega, que dizen los expoñentes, vale, él que burlando engaña. I Pierio trae por figura de los representantes esta ave, a que Otacio llama Mimo en una epistola, por esa misma acción de los gestos: i esto es lo que sucede a los que e llamamos mimosos, que nos hacen reír con sus melindres, i se están riendo con sus crítesas, porque las producen en la abundancia de lo que poseen gusto. Al Poeta Laberio se llama Mimografo, porque escribia Comedias de lascivias regaladas, i singularmente la llamada Mimo: i esto verdaderamente vale mimosos en Portugues, estar lascivos de sobrados de favores, i mostrarse lastimados con acciones todas hijas del fingimiento: i esto sucedía aquí a Venus, que teniendo conseguido el viaje de los Portugueses, i sabiendo que Jupiter la favorecía, estaba haciendo de lo agravado, i por esto más mimosa que triste. De manera, que estar mimoso es puntualmente lo mismo, que estar fingido, i burlon: i conforme a su origen de momo, o mimo, se puede decir momoso como mimoso: i sigue de aí, que las otras lenguas pudieran aver formado esta palabra tanto como la Portuguesa, por ser comun su origen a todas: i que solamente la Portuguesa le supo elegir para explicarse; i que conocio la propiedad della Fernando de Herrera, introduciéndola en la lengua Castellana, siendo el de los que se devén llamar Maestros della.

¶ *Ao Padre fala.* Virgil. Eneid. 1. de la propia Venus con el propio Jupiter, en esta acción.

*Atque illum taliis jaetantem peccore curas,
Abloquitur Venus.*

XXXIX.

Sempre eu cuidey, o Padre poderoso, D q para as coulas, q eu do peito amasse te achasse brando, affabi, e amoroso, posto q a algum contrario lhe pesasse. Mas pois que contra mi te vejo iroso, sem que to merecesse, nem te errasse, façase como Baco determina; assentarey enfim que fuy mosna.

O Poderoso Padre! Siempre yo pensè, que pratas cosas que yo del pecho amasse, de todo corazón, te avia de hallar afable, i amoroso, blando, i propicio, aunque le pesasse a algun enemigo mio, aunque favorecido tuylo. Pero ya que te veo airado contra mi, sin que te lo mereciesse, ni te errasse, hagase como Baco lo determina: resolvereme al fin en que fuy mohina, desgraciada, poco dichosa contigo.

¶ *Sempre eu cuidey, o Padre.* Nadie iguald la propiedad desta oració en boca de dama, que cosa con mimo, o ternura, i melindre, i más representandola Portuguesa.

¶ Sempre eu cuidey, &c que para as coufas, &c. Lance muy de la hermosura, hablando con quien se ha empeñado en amores con ella; que es dezirle: Esto es lo que yo valgo? esto es lo que tu me quieres? (i dissimuladamente es aquello de Virgil, quando la misma Venus hablava a Iupiter assi quexosa: *Hic pietatis bonos? Sic nos insceptra reponis?*) Es possibile, que lo que yo favorezco, i amo, no le ames, i favorezcas inucho? Todo cõfianças libradas en la hermosura, i en el amor della.

¶ Que eu do peito amasse. Assi el P.c. 3.est. 46. Que do peito tanto amavam. Esto es amar de coraçõe entrañablemente: assi en l. 88 del 6.

¶ Posto que a algum contrario lhe pesasse. Esa es la obligacion de quien ama de veras, no contemporizar con aquel que es adverso a la cosa amada. Este aqui era Baco; i por buenos respetos no le nombra, como en Virgil. En. 1. no nombrò a Iuno, que allà era su contraria; diciendo solamente: *Quæ te genitor sententia vertit?* Pero como no era mercester tener tanta cuenta con Baco, como con Iuno, le nombra abaxo, no sin buena traça; mostrando el P. que si con alguna paciencia dissimulava, al final fin no podia dissimular: expressando en la accion la naturaleza femenil, q es morir si calla; i no callar aunque muera.

¶ Sem que to merecesse, nem te errasse. Mirad los misterios del P. Si esta Venus fuera la lasciva, no se atreviera a dezir esto a Iupiter: porque aviendo ella sido adultera, i hija suya, i tocando essa nota tanto a los padres, como a los maridos, no podia Venus dezir a Iupiter, que no avia cometido yerros. Pero como esta Venus es la divina, i representa la Iglesia Católica, que jamas erra, como assistida del Espíritu divino, figurado en la paloma, de que se acompañó essa Venus, confiadamente dice a Christo, representado en Iupiter, que en nada ha errado cótra él, para que la desfavorezca, ni a aquellos que la aman, i son amados della. Bien claro está: i assi es misterioso nuestro P.

¶ Que fuy mofina. Aqui acaba de dezir, lo que no ha de acabar en la c. 41. con gran artificio, como luego veremos.

XL.

Este povo q he meu, por quē derramo as lagrimas que em vaõ caidas vejo, q affaz de mal lhe quero, pois o amo, sendo tu tanto contra meu desejo: Por elle a ti rogando choro, e bramo, e cótra minha dita emfim pelejo. (do, Ora, pois, porq o amo he mal tratado lhe querer mal, serà guardado.

No Ay duda, que mucho mal quiero a este

A pueblo Portugues, que es mio, por quien delante de ti estoy derramando lagrimas vanamente, pues le amo quando tu estás tanto contra mi deseo. Por él te estoy rogando con llanto, i sollozos: i peleo contra mi estrella, i ventura. Aora bien, ya que por amarle yo es mal tratado, quieto quererle mal, i serà guardado.

¶ Este povo, &c. Las persuasiones de la Retorica; la Retorica del amor; el amor de la hermosura; la hermosura del dezir, que se pueden dar en una daina hermosa, amada, ofendida, i llorosa, todo se halla en esta estancia admirablemente. Dize: Yo por esta gente delante de ti me resuelvo en lagrimas: i quando pienso que la amo, la aborrezo, o a lo menos le hago oficios de que esto se puede inferir; pues estando tu contra mi deseo, la estoy yo deseando bien: i assi no le pude de suceder sino mal, porque tu por hazermie este disgusto a mi, la das a ella en manos de nuestros enemigos. Al fin, yo negocio contra mi en mostrar que la amo: el remedio es que no la ame; porque luego que yo la deseo mal, la harás bien por disgustarme. Puede ser cosa mas naturalmente dicha é de dama a amante, para persuadirle a lo que desea? Yo lo fio de la misma embidia.

¶ Povo que be meu. Assi dixô ella propia allâ en Virgil. *Quid meus. Æneas in te commitere tam tum? quid Troes?* &c. Pero con que fundamento pudo aqui Venus dezir, que el pueblo Lusitano era suyo: i Iupiter en la e. 44. i otras siguientes, conformandose en la respuesta con llamarle suyo tambien? Por ventura, la Lusitania era Gnidio, Pafos, o Citera, para ser de Venus? Eso es, q Venus aqui no es la señora de esos lugares, fino la divina, que representa la Iglesia, propiamente señora de Lusitanos, que propiamente son suyos.

¶ Lagrimas que em vaõ caidas vejo. Dos cosas ay aqui: una, que nada siente tanto la hermosura, como derramar lagrimas, i perderlas; digo, no negociar mucho con ellas: orra, que siendo las lagrimas del alma caidas en la piedra Christo, las que la rinden, i ablandan, agora se admirava la Iglesia, o Religion, de que obrassen tan poco: i cõ causa: porque era novedad en él no inclinarse a lagrimas semejantes. Para una, i otra ponderacion, pudieramos traer mucha erudicion de unas i otras letras, de lo mucho que a lo humano, i a lo divino se tiene negociado solamente con presentar el memorial elegantissimo de las lagrimas, i mas salidas por los ojos de la hermosura: pero yo soy poco ambicioso de esas ostentaciones de eruditio; i en llegando a dar entendido mi P. no passo adelante, porque llegué adonde de seava. Pero con esta advertencia serà presente a los noticiosos lo que dexo de dezir; i los otros no han menester más desto. Solamente advierto, que vean como el P. finge, que estuvo Iupiter cõ atencion a las lagrimas, pues en la e. 44. dize a la misma Venus, que nadie ha de poder más con él, que ellas.

Mas

XLI.

(tasgêtes,
Mas moura emfim nas maôs das bru-
que pois eu fui. E nisto de mimoso
o rosto banha em lagrimas ardentes,
como co' o orvalho fica a frescar rosa.
Calada hum pouco, como se entre os
se lhe impidira a fala piadosa, (dêtes
torna a seguila, e indo por diante,
lhe atalha o poderoso, e grâ Tonante.

Pero muera al fin a las manos de essa bruta gê-
tc: que pues yo fuy. I en esto de puro tierna, i
desmayada del dolor, no pudo hablar, i bañô con
ardientes lagrimas el rostro, quedandole como
las frescas rosas con el rocio. Callada un poco,
como si entre los dientes se le huviera elado la
habla piadosa, buelve a proseguirla: pero al ir
adelante le atajô el poderoso, i gran Tonante.

Tac. Moura emfim nas maôs das brut. &c. Los afectos de toda la est.
son admirables: en las Notas irá la explicacion
de lo singular, que yo voy atado al miedo de lo q
ha de ir creciendo este volumen.

Tac. Moura emfim nas maôs das brut. &c. To-
mado de Virgil. 10. hablando Iuno a Iupiter en
favor de Turno, *Nunc pereat, Te encrisque pio det
sanguine pœnas.* I por otra parte Venus al mismo
Iupiter, en favor de Eneas, dezia: *Eneas sanè igno-
notis inctetur in undis.* I luego: *Carthago premat
Ausoniam.* Termino muy usado de quien no pue-
de, a quien puede, i no quiere, o duda, decir:
Muerayo, vençame el enemigo; sea lo que vos
quisieredes: deseandose en todo lo contrario:
porque ni Iuno queria, que Turno pereciesse: ni
Venus, que Eneas se ahogasse; ni que nuestros
navegantes fuessen destruidos de los Moros; pe-
ro querian, con aquella fuerça de persuadir, alcâ-
çar lo contrario de lo que dezian. Algunos lugares
servirán aqui de los que hemos de traer, so-
bre l'e. 59. del c. 9. verso 7.

Tac. *Que pois eu fuy.* Con la confiança de valié-
te imitador de los Maestros, dexò el P. aqui la
oracion imperfera con somia perfecion. Avia de
ser el fin della, *Que pois eu fuy mosina.* Porque
para entenderse desta manera aqui, feneciò la e.
39 del modo que alli os he advertido; aventajâ-
dose en esto a todos, cõ dexar dicho antes, lo que
avia de dexar de decir despues; para que nadie
dudasse de lo que queria se entendiesse en aque-
lla suspcion: luego lo veremos. Homero Vlif.
22. al amenaçar Telemaco aquella canalla de
los amantes de su maire, *Observe si qua est mu-
lierum, quæ hac faciat: an filius Dolyl, quem ego
puto.* I no dice mas, yendo a decir mucho, i dicié-
do mucho mas en esse modo de faltar a lo que
iva a fôz, Virgil. En. 1. al amenaçar Neptuno a
los vientos, *Quos ego. Iva a decir (i suspendio),*

A los quiles yo castigaré como merecen: i esto
mismo se supone iva a dezir Telemaco: pero este
entendimiento queda librado en los Letores: i
acá nuestro P. no se lo quiso fiar, i dexólo dicho
antes: de manera, que se ha de añadir aqui al, *pues*
yo fuy, toda la e. 39. comenzando por el fin, i di-
ziendo: *Que pues yo fuy desdichada (ello es mos-
ina) bagase como quiere Baco, que es destruirlos.*
Bien sin duda. Finalmente, el dexar asi la oraciô
imperfeta, es la figura Retorica Aposiopesis, o
Obliviscencia. No lo usò mejor el gran Tasio,
Liber. c. 13 est 10. *Che si; che si.* Vease. Ercilla,
Arauc. c. 2. I aquel que esta razon contradixere.

Tac. *O rosto banha em lagrimas, &c.* Es de Virgi-
lio lib. 12. llorando Lavinia, *Lachrymis, &c.* *Aa-
grantes perfusa genas.* I tambien en el 1. quando
la propia Venus hablava a Iupiter por Eneas,
Tristior, & lachrymis oculos suffusa nitenteis.
Truximos el otro lugar primero, porque es el es-
tilo mas propio con el de nuestro P. i el de Ovid.
Met. 12. quando prorrumpió en llanto Galatea,
refriendo lastimas, *Et lachrymae vocem impedi-
re loquentis.* Mas el gran Tasso lo dixo con nii gran
Poeta al llorar Armida, c. 20. e. 129.

E il bel volto, &c.

bagnò d' alcuna lagrima pietosa.

*Quale a pioggia d' argento, e mattutina,
si rabbellisce scolorita rosa.*

Pero aqui llorava Venus; i conviene saber; si illo-
ran los Dioses? Ovidio no viene en que lloren,
Met. 2. *Neque enim cœlestia tingi ora facit lachry-
mis.* I Torq. Tasso dixo, *Se per pietade in ciel se
plora, e geme.* No sin estas noticias anduvo acau-
telado el Boccacio en su Ameto (fol. 37. en mil-
bro) quando introduziendo a Venus en ocasion
penosa, dixo: *Et quasi piangente (se piangere ba-
vessero potuto i divini occhi) pareva.* Sirvi esto
para otro llanto de Baco en la e. 34. del c. 6. i pa-
ra el morirse de la 6. i para el ayrarse de la 35.
del mismo. Las Letras sagradas nos enseñan lo
contrario de Christo, no hallandose en algunas q
riesie jamas: i en muchas si que llorasse: i de su
llanto se infiriò tal vez su amor. Fue en casa de
Lazaro, i dice el Evangelio, que viendole muer-
to, *Lachrymatus est Iesus:* i los circunstantes vié-
dole llorar, dixeron luego, *Ecce quomodo amabat
eum.* Bien es luego, que llore aqui de amor la Re-
ligion por sus amigos los Portugueses, delante
quien por su amigo fue visto llorar de amor. I
quando el P. no lo hiziese por este camino, lo haria
por la imitacion de Virgilio, que como ai
quedá mostrado, tambien puso a Venus assi llo-
rosa delante de Iupiter: i en el lib. 10. llora tam-
bién la propia Iuno hablandole, *Cui Iuno illa-
chrymans, &c.* Tambien llova Venus en el Ado-
nis del Parabosco, despidiendose del.

Emmi forza partir Giove sà quanto

Lasciarvi almo mio Sol mi duole, e' inresce,

Et esser testimon puote il mio pianto, &c.

Mas para que nos estamos cansando, si estos, i
otros,

otros, lo tomaron de Homero, adonde todas las Diosas lloran. Iliad. 1. llora Tetis con Achiles, Postea Thetys lachrymas effundens, &c. Assi en el 18. i en el 21. llora Diana. Si el llorar en los Dioses es impropio, como quieren estos Autores, dirémos que estos, con las licencias que dan los adornos Poéticos, presentaron estas bellezas llorosas, quando iban a rogar, porque la hermosura con lagrimas en los ojos para persuadir, es la más potente oración, i Retórica de todas. Por esto en la e. 44. muestra luego nuestro P. que a esto se rindió Júpiter diciendo:

*Nem que ninguem comigo possa mais,
que effes chorosos olhos soberanos.*

De manera, que el P. para hacer llorosa a Venus, pudo estimar más esta conveniencia tan natural, i afectuosa, que aquel inconveniente tan delicado. Anual se a esto, que representando aquí Venus la Iglesia, della es propia la demonstración de la alegría, i de la tristeza, en el modo que advertimos al fin de la e. 21. Vease. I finalmente, al propio Dios verdadero atribuyen las Letras divinas metafóricamente, forma, i pasiones humanas; el cap. 2. del Genes. le hace cansado con decir, que descansó de la obra del mundo: i otros lugares le dán ira, &c.

¶ *Ardentes.* Note se perpetuamente la erudición, i el cuidado del P. i como en una palabra (porque algún sutil passara levemente) dice mucho, como aquí en llamar ardientes a las lagrimas de Venus enojada, i triste: porque es de saber, que las lagrimas que proceden de dolor son calidas, i las que de contento frias: i assi, hallándose Venus llena de dolor, llora ardientes lagrimas, en la ciencia de mi P. No anduvo apartado della el Tasso, Liber. c. 3 pintando la gente de Gofredo al descubrir a Jerusalén, cō el dolor de la memoria de ser Teatro de la Passió de Christo, diciendo: *E calde pie lagrime piove,* es en la e. 7.

¶ *Como co' orvalho fica a frescar rosa.* Bellissima vista es la de las rosas por la mañana, llenas del rocío (eso es orvalho) o lagrimas del Aurora, i perlas liquidas, como las llaman los Poetas: dice agora el P. q las rosas del rostro de Venus estavā assi hermosamente rociadas de sus lagrimas.

¶ *Como se entre os dentes se lhe impidira a fala,* &c. Elaronsele las palabras entre los dientes; Virgil. lib. 4. por Dido sentidíssima, *Incipit effari mediaque in voce resistit.* Tito Livio Dec. 4. lib. 10. *Dicenti hæc lachrymae simul spiritum, & vocem intercluserunt.* Benedeto Varchi, Sonet. 9. de los Pastorales, fol. 180.

Cominciò. Quell' empio lume.

Manon poteo seguir dall' iravinto.

Ariosto canto 13.

*Così parlava la gentil donzella,
E spesso con singhiozzi, e con susspiri
Interrumpesi la Angelica favella.*

El Martirano en su Arerusa, i Niciso.
Et volendo seguire i suoi lamenti,

Tomo 1.

*Ecco il duol che le toglie la favella,
La lingua fredda li riman fra denti.*
I alli halló nuestro P. el entre los dientes, porque veais que lo vió todo B. Tas. Amad. c. 42.

*Stette gran spatio senza dir parola
Impedita dal pianto, e dal singulto.*
Vease un lugar de su hijo, que irá sobre la e. 34. del c. 6. en ocasión semejante. Grande imagen de dolor (haze aquí el P.) la de ir a hablar, i no poder, a poder del mismo dolor.

¶ *Torna a seguila.* Recobrada algo de sus sollozos Venus, ya podía formar las palabras, i

B bolvia a hacerlo, quando Júpiter por atajarle la pena de hablar penosamente (sin duda todo afechos, i pöbleraciones admirables) la llegó a si, i la abraçó, i le dio paz en la mexilla, i le hizo aquellos regalos que el P. supo dezir en las est. siguiétes, i yo no sabré explicar. Ello es a imitación de Virgil. En. 1. no pudiendo Venus sufrir ya, que fuese adelante semejante pena en su hijo, *Nec plura querentem passa Venus media sic inter facta dolore est.* I estos sentimientos de Venus, no poder favorecer a los navegantes como desea, tambien imitan los de Juno. En. 1. no pudiendo destruir a los navegantes como quería: i los de la propia Venus despues, delante del mismo Júpiter, pidiéndole favor para ellos: que a un tiempo imita nuestro P. muchos lugares.

XLI.

E destas brandas mostras comovido, q moverá o de hū Tigre o peito duro, c' o vulto alegre, qual do ceo sobido, torna sereno, e claro o ar escuro:

As lagrimas lhe alimpa, e acendido

D na face a beija, e abraça o colo puro: de modo que dali, se sò se achàra, outro novo Cupido se geràra.

I Comovido Júpiter destas bládissimas muestras, i ternuras, que pudieran conmover el duro pecho de un Tigre, alegrando el senible, qual el sossegado cielo suele volver sereno el ayre escuro, limpiola las lagrimas, i encendido la beso en la mexilla, i abraçola por el purísimo cuello: de fuerte, que allí si se hallará solo, se engendrára otro nuevo Cupido.

¶ *Que moveram de hum Tigre,* &c. Ariosto c. 13. *Da muovere a pietade Aspidi, & Tigri.* Varchi fol. 194. *Et tante altre excellenze, che conquisso, havranno un Tigre.* &c. Speron Speroni, en el Soneto, *Belti divina,* &c. *Iarian le Tigri bumi.*

¶ *Cos' o vulto alegre.* Virgil. lib. 1. *Vulta quo cælum, tempestatesque serenat.* I èlo tomó de Enio. *Tempestatesque serena*
Riserunt omnes risu levis.

P

Ver

Verdesto en la est. 26. del c. 6.

Na face a beija, e abraça o colo, &c. Imita dos lugares de Virgil. Eneid. 1. de Jupiter con la propia Venus, *Oscula libavit natae*. I en el 8. Vulcano con ella misma, al pedirle que hiziese las armas de Eneas, *Optatos dedit amplexus*, &c. comando de uno el beso, i de otro el abraço. Pero aquella acción ternissima del limpiar de las lagrimas, a que se siguió la paz en la mexilla, i el abraço en el cuello, tambien es imitacion de otros Autores. Ovid. Fast. 3. en semejante suceso de Baco con Ariadna, tambien quexosa.

Dixerat: audierat iam dudum verba querentis Liber, &c. *Occupat amplexus lachrymas, qua per oscula siccatur.* O en el 10. de los Met. Ciniras con su hija Mirra llorosa, *Flere detat, siccaturque genas, atque oscula iungit.* Stacio Theb. 2. quando el Rey Tebano viendo a Argia su muger con llanto.

..... Tenerum: que dolorem
Coningis amplexus solatur, & oscula mæstis
Tempestiva genis posuit, lachrymasque repressit.
Mario de Leo en su Amor preño, c. 2. assi introduce a Venus con Jupiter, por otra demanda, i por remato de quexas, i llanto.

*E sciusò gli occhi, e pien d' amor baciò ille
La bella faccia.*

Bern. Tas. Amad. c. 35. *Lietal' accolse, e li baciò la faccia.* De una dama con su Cavallero: i estos ultimos besos todos son honestissimos, no resultas de lascivia, sino una suerte de remedio a un gran dolor. Muchos por no entender esto, piensan, que Luis de Camoës anduvo demasiado en este beso, i que la expression del destruye la doctrina Christiana. Gran trabajo es no entender, i mucho mayor para el leido, que para el que lee: sin embargo, que la justicia era no pagar el docto por el ignorante. Dos cosas dezimos (ademas de todo lo que queda en la e. 36. i de que los Censuradores no devian hasta agora aver conocido, que imitò el P. a tantos hombres grandes como a les enseñamos) una, que anduvo mucho mas honesto, que el Maestro que principalmente imita; otra, que los grandes hombres no han de ser assi facilmente reprehendidos. Menester es, que en sus obras muestran la yesca de lo dulce, con que se gusta lo provechoso. Dexando a parte, que es propia medicina aquella para los dolores de coraçon de las damas. I por esto, todos con gran acuerdo se mostraron platicantes de Virgilio en este lugar. I tras esto se ha de advertir el cuidado con que hizo el P. que el beso fuese en la mexilla, que es señal de amor puro, i de paz, i se usó en muchas naciones; i aun oy se usa en Francia, i en Italia; i aun en España los padres besan en la mexilla, o frente a sus hijos. Aristote c. 38.

..... E di novola abraccia,
E come figlia a baccia ne la fronte.

Para que es mis? En la Escritura sacra hallareis, que se davan besos a lo menos en ocasiones de conceder alguna gracia los padres a los hijos,

A por testimonio della I como Jupiter queria aplacar el dolor de Venus, se anticipó con esta señal a lo que le avia de dezir, i prometer; que era la misma gracia que ella deseava; favor para los Portugueses, i buen suceso en su viage, i en sus colas, como luego veremos. I quando Venus no viniera aqui sin otros misterios, que el de hija de Jupiter, era esse beso muy licito, i fuera de toda lascivia; i el lascivo, i dañado, es quien tiene el pensamiento tan bajo, que quando el P. le lleva tan elevado, no passa al entenderle, desde la malicia de la correza, a lo sincero del coraçon de las cosas; quanto i mas viniendo ella por la Iglesia, o Religion, delante del Esposo, que conforme al lugar de los Cantares, que dexamos en la est. 36. i otros, la suele tratar con semejantes regalos misteriosos profundamente, *Osculetur me osculo oris sui,* &c.

J O colo puro. Aqui tenemos dos cosas: una especificar el abraço en el cuello; i esto es echar los braços al cuello a uno, en señal de grande amor, o agradecimiento. Ya el P. hizo dar semejante abraço, i no era de hombre a muger, sino de hombre a hombre: i no tiene esto aqui mas peligro que allá. Es en la e. 82. del c. 1. al agradecer el Xequo al viejo aquel consejo.

*Os braços pello colo lbelançou
agradecendo muito,* &c.

I como Venus aqui representa la Iglesia, con grā cuidado hizo el P. parecido este abraço, al que el Esposo le dà en el otro lugar de los Cantares, que tambien queda en la e. 36. diciendo ella, *Levatus sub capite meo, & dextera illius amplexabitur me.* Mirad el modo de abraçar, una mano sobre la cabeza. De otra manera por cierto son los abraços maliciosos. La otra cosa que ay en esto es, dar el P. a aquel cuello de Venus el epiteto de puro: que nadie jamás dará a la lasciva Venus. Ya os dije en otro lugar, que Virgilio le llamó nefanda, aun quando se puso en necesidad de exalratla, en respeto de exaltar a su heroe por hija della: i assi concurren sobre este epiteto las razones que sobre el de, clara, en la e. 34. del c. 1. Veanse. Sobre todo, osaré afirmar, que aun quando este Jupiter, i Venus, fueran en el concepto del P. meramente Gentilicos, no podia reduzirse su pensamiento (aun quando no fuera de hombre Christiano, docto, i politico, qual fue Luis de E. C.) a dezir que el padre trataba lascivamente la hija; porque ningun Gentil dixo nunca tal, ni esto entre los Gentiles fue menos vedado que entre los Christianos. I por esto la Venus, de quien las fabulas disen, que Jupiter tuvo a Cupido, no es su hija, i de Dione, sino la de Celo, i Dia. Oid a Ovid. en Paris a Elena, qalabádola le dice, q pudiera ser muger de Jupiter, sino fuera su hija, *Olove digna viro, ni love nata fore;* i acordaos de las penas q las fabulas dizē fuerō dadas a los q incurrieron en tal error; i de la admiraciō cō q el propio Ovid. Met. 10. abomina la accion de Ciniras

con su hija : de que hallarémos algo en la est. 35. del c. 9. Al fin no es Christiano quien tal piensa, ni penetrador de los misterios Poeticos con que escribió este gran hombre , que son los con que escrivieron todos los famosos , enseñando a decir unas cosas sin nubes de locuciones vanas , i otras con nubes tales, q̄ dando en ellas el Sol del buen juicio, nos regale la belleza de sus colores.

¶ De modo que dali se sò, &c. Sigue el P. admirablemente los dos intentos de llamar los apetitos a leer, i de que hallen jugo provechoso en la lecion. Dize, pues, por encarecimiento del amor de Christo con los hombres , que viendo como de nuevo essa Religion pia , fue a interceder con él por los intentos Portugueses , acerca de dilatar su Fe, quando se hallara solo (como si dixerá, sin la cultura de esa Fe, en virtud de su Passion i Muerte, de que ella resultó) de nuevo las bolviera a mostrar un nuevo amor de esa cultura , i de la salvacion de esos hombres por ella. No parezca violentada esta alegoria, porque hasta agora todo lo que contiene este Poema son dàres , i tomares entre la Religion, i el demonio, entre el cielo, i el infierno, sobre este passage de los Portugueses , que principalmente se encaminava a esa cultura. I esto no tiene duda ; i con esto no tienen que ver lascivias de Iupiter i Venus, Gentilicos; i huelvo a decir, que el Gentil, i dañado, es quien lo piensa: porque el P. no lo pensó.

XLIII.

Eco o seu apertando o rosto amado,
que os soluços, e lagrimas aumenta:
como menino da ama castigado,
q̄ quem o afaga o choro lhe acreceta.
Por lhe pòr em sossego o peito irado, D
muitos casos futuros lhe apresenta.
Dos Fados as entranhas revolvendo,
desta maneira emfim lhe está dizendo.

I Apretando Iupiter con su rostro el amado de Venus (accion i regalo que la hizo aumentar lagrimas , bien assi como el niño castigado de su madre, o ama, que le acrecienta el llanto quien le alaga) por sosregarle el airado pecho , le revela muchos casos futuros : i rebolviendo las entrañas, lo recondito del Hado, le está diciendo , en fin, desta manera.

¶ E co o seu apertando o rosto, &c. Llegó Iupiter su rostro al de Venus , i este regalo añadió los sollozos, i los pucheros (digamoslo assi, que la comparacion del niño que liego se sigue nos da licencia) en ella de puro mimosa , o tierna , o regalada. Grande imagen de commiseració en Iupiter, i de mi . . . en Venus; grande digo mil veces.

¶ Que os soluços, el lagrimas aumenta. No pudo hallarse propiedad mas natural que esta: porq

Tomo I.

A ninguna lo es mas , que el añadirse el llanto en la persona que se regala, porque no llore : i porque esto es naturalissimo en niños , vivamente compara el P. a Venus con él en esta accion. Todo admirable.

¶ Como menino da ama castigado, que, &c Horacio lib. 2. sat. 3. hizo otra comparacion, del niño con el amante.

*Porrigit irato puero cum poma recusat,
Sumit Citelle, negat; si non des, optat: Amator
Exclusus qui distat? agit ubi secū, eat an non, &c.*

Ariosto, aunque por otro camino, c. 4.

*Come bambin se ben la cara madre
Iraconda lo batta, &c.*

Pero de donde el P. tuvo motivo para usar aqui desta, fue del c. 30. del Purgat. de Dante, de que imitó mucho en esta introducción de Venus , como apuntamos en la e. 37. Allí la usa Dante en dos maneras; una es esta: *Et quale il fanejulin corre a la mamma, &c.* Deste lugar, i de los que deixamos en la e. 37. se ve claro, que imita a Dáre, i a Virgilio en estas introducciones misteriosas. Muy obstinado será quien lo negare. Pues si él los imita en ellas, como se puede creer, que por Jupiter, Venus, Baco, i Marte, no entiende otros personajes diferentes, como hicieron estos imitados? Gran ignorancia es pensar, que estas Deidades fueron introducidas sencilla, i superficialmente.

¶ Por lhe por em sossego o peito , &c. Hizole todas aquellas caricias, o alagos por sosregarla; i por lo mismo le revela todo lo que se sigue. Virg. 5. de Venus, rogando a Neptuno semejantemente, *His ubi lata Dea permulxit pectora dictis.*

¶ Dos Fados as entranhas revolvendo , &c. Virgilio allí, que siempre habla con él nuestro P. *Eutibi (favor enim) quando bac te cura remordet Longius, & volvens fatorum arcana movebo.* Ovid. Met. 2. de la hija de Chiron. *Fatorum arcana quænebat* Por aquello de arcana devio el P. decir, segredos, que assi está en el manuscrito: pero, entrañas, es de Maestro, porque los secretos parece, que las tienen por vivienda.

¶ Desta maneira emfim lhe está dizendo. Virgilio allí, *Debinc talia fatur.* I acabaronse las descripciones de Venus, i sus ternuras, i melindres, i damerias, que nunca se hubieran de acabar; si pudiera ser prosigirlas mucho semejantes. I empieza el P. a imitar con lo que hace prometer aquí Iupiter a Venus en favor de los Portugueses , lo que prometía a ella misma en favor de Eneas, lib. 1. desde aquello de, *Parce metu, &c.* Ruego al amigo de verlo todo, que lo vea alla.

XL.III.

Fermosa filha minha, nam temais perigo algum nos vossos Lusitanos: nem que ningué comigo possa mais, que elles chorosos olhos soberanos.

P a

Que

Que eu vos prometo, filha, que vejais esqueceremse Gregos, e Romanos, pello ilustres feitos que esta gente ha de fazer nas partes do Oriente.

Hermosa hija mia : no temais peligro alguno en los vuestros Portugueses : ni que conmigo pueda nadie mas , que el ver llorosos yo effos soberanos ojos. Que yo os prometo , hija , que veais olvidarse Griegos, i Romanos, por los ilustres hechos que esta gente ha de hacer en las partes del Oriente.

¶ Fermosa filha minha, &c. Palabras naturales de padre , i aseguradoras del favor que se pretende ; porque a ellas no puede suceder mal despacho : i orra medicina para el dolor de corazon de las damas, llamarlas hermosas: agua poderosa para aplacar el mayor fuego de su ira. Esto a lo humano : i luego siguiendo la divina alegoria de nuestro P. como Venus representa la Iglesia, que es la Esposa de Christo, representado en Iupiter, titulo es ese con que el la trata frequentemente en la Escritura sacra ; i en los Cantares, que son singulamente della, apenas ay capitulo en que no la llame hermosa: i suya; porque por suya es hermosa.

¶ Nam temais. Tambien este es estilo muy de la Escritura en ocasiones apretadas , Ne timeas, &c. I luego prosigue el P. sus imitaciones de Virgili. alli del mismo Iupiter con la misma Venus, Paree metu Citberea, &c. Stacio, Thebai. i. sobre el lugar traido en la e. 42. del Rey a Argia, Solve metus animo, &c. I desde alli del de Virg. va prometiendo Iupiter a Venus para los Troyanos en Italia otras glorias, como aca para los Portugueses en la India , todo en profecia : q de lo passa i son grandes adivinadores los Poetas.

¶ Nos vossos Lusitanos. Virgilio alli , Romanos que tuos. i se deve notar, que dice el P. esto con gran ponderacion , suponiendo que Christo esta aqua hablando con la Religion, i mostrando, que de ninguna cosa son los Portugueses tan propios como della , ni ella mas propia de otras naciones, que dellos. Creemos, que ninguna nos negara esta gloria, alomenos con justicia, i sin passion: i quando la niegue , importa poco para el entendimiento del P. que en esta invencion viene a ser este. Vease lo dicho e. 40. sobre, Este povo meu, a que atiende esta respuesta de Iupiter.

¶ Nem que ninguem comigo poffa mais , que effes chorosos olhos soberanos. Ponderese la amaranoia de mi P. Venus se queja en la e. 40. de que derrama en vano sus lagrimas. Vease lo que alli dimos sobre esto : i por todo lo alli dicho haze aqui, que Iupiter respeta mas a esas lagrimas, q a otra cosa ninguna. Como si dixerá : Vos, hija, dezis que llorais en vano ; no sera asi , porque nunca yo permitire, que sean vanas tan hermosas

lagrimas: conformandose con la Escritura sagrada , en q e lagrimas para Dios siempre valen mas que perlas para los hombres; luego se rinde en presentandoselas: i son todo su valimiento. I aun aqui se trasluze , que este Iupiter representa a Christo , i esta Venus a la Iglesia , quando el en ella muestra hazer rato aprecio de los ojos: porq los de Christo son la Iglesia: i las ninas dellos sus Apostoles: por esto en Zacarias cap. 2. dize, que quien le toca en ellos , le toca en las uinas de sus ojos: *Qui enim tetigerit eos, tangit pupillam oculi mei.* I como agora los Portugueses llevavan el oficio de Apostoles de Christo, elegidos por el, segun vimos en las Notas al Titulo deste Poema, i son los amores de essa Venus , las ninas de sus ojos (de esa Iglesia digo) pues tanto los trae en ellos por toda esta fabrica , bonissimamente haze el P. que Christo, representado en Iupiter, respete tanto a los ojos de la Iglesia, representada en Venus. Assi se quiere entender esta Poesia.

¶ Que veais esqueceremse Gregos , e Romanos, pel. &c. Con Barros Dec. 1.lib. 5. cap. 1. Nam se achava escritura de Gregos, e Romanos , que contasse tamango feito. I con semejante verso fencio la e. 24. del c. 1.

XLV.

Que se o facundo Vlisses escapou de fer na Ogigia Ilha eterno escravo; i se Antenor os seyos penetrou Iliricos, e a fonte de Timavo; i se o piadoso Eneas navegou de Scila, e de Caribdis o mar bravo. os vossos mores coufas intentando, novos mudos ao mudo ira mostrado.

Que si el facundo Vlisses escapo dc ser esclavo eterno en la Isla Ogigia: i si Antenor penetrio los senos Iliricos, i la fuente de Timavo : i si Eneas el piadoso navego el bravo mar de Scila i Caribdis,vuestros Portugueses,interado mayores cosas, iran mostradio al mudo nuevos mudos.

¶ Que se o facundo, &c. Dize Iupiter a Venus, que si Vlisses , i Antenor, i Eneas , son muy celebrados por sus navegaciones, que los Portugueses lo seran mas por las suyas. I es en conformidad de la proposicion del P. en la e. 3. deste Poema, en que manda callar toda esa antiguedad.

¶ De fer na Ogigia, &c. Hom. Vliss. 1. Insula in Ogygiam, &c.

¶ Eterno escravo. Entiende esclavo de Calipso, Ninfa que vivia en aquella Isla ; i por ella entiende el ocio, i vicio, i delicias, que es la peor esclavitud en que un varon ilustre puede caer : i a esse peligro estuvo expuesto Vlisses. Por esso en la e. 92. del c. 9. dize el P.

..... Do ocio ignavo,

que

que o animo de libre faz escravo.

I en la 85. del c. 7. Para servir a seu desejo feo. A
Vease allí.

¶ E se Antenor, &c. Con Virgil En. I.

*Antenor potuit medyjs elapsus Achivis
Illyricos penetrare sinus, atque initia tutus
Regna Liburnorum, & fontem superare Timavi.
Hvuo más Antenores que uno ; pero este es uno
de los principales Troyanos , que perdida Tro-
ya , i navegando , fue fundador de algunos lug-
ares, singularmente Padua, adonde se dice que es-
tá enterrado, i se muestra su sepulcro.*

¶ Iliricas , e a fonte, &c. Ay gran diferencia B entre los Geografos en la situacion del Ilirico ; i asfi lo dexarémos a los curiosos; diciendo con al- gunos, que es Region puesta sobre el mar Adria- tico , i que por alli anduvo Antenor , pues el río Timavo, cuyas fuentes dice que penetró, tambié desboca en Venecia , i ellas están a las raizes de los Alpes.

¶ E se o piadoso Eneas; &c. Mirad los rodeos con que el P. os enseña , que esta Venus no es la humana, comün en los Poetas, sino la divina, que explicamos hasta aqui , la qual no tiene que ver con Eneas : porque a ser la madre d'él, no fiziera que Iupiter aquí le hablasse de su hijo , como de cosa agena, diciendo, *E se o piadoso Eneas*, sino dixerat, *E se o voxso Eneas*: asfi como dice luego, *Os voxso mores eouias*, &c. Dando a entender, q los Portugueses son propios de la Religion que Venus aqui representa , i ella propia dellos, como ai os acabamos de dezir : i porque con Ve- nus que representa la Religion, no tiene Venus madre de Eneas que ver, con gran industria hizo el P. que Iupiter le dixesse hablando d'él, como cosa agena, della, *Se o piadoso Eneas*: i hablando de los Portugueses , como propia cosa suya, *Os voxso*, &c. Tales son los misterios de nuestro P. asfi quicia que le entendais. I si no le entendéis asfi, entendéis poco de Poesia misteriosa; i enté- dereis mucho de aquello de, *La menor onda chu- pa al menor bilo*; que es gran ciencia.

¶ O mar bravo. Entiende el mar de Sicilia, adonde hvuo estos dos espantajos del noviciado de los navegantes. Scila fue hija de Forco , i echandose con desesperacion en el mar, fue convertida en aquel peñasco de su nombre. Caribdis fue grande ladrona, i por hurtar unos buyes a Hercules , la arrojó Iupiter en aquel mar ; i allí adonde cayó , que es enfrente de Scila , ay una perpetua alteración : fundado en estas erudicio- nes, el P. llamó bravo a aquel mar.

¶ Os voxso mores eouias, &c. Claro está: porq las navegaciones de Viñses , i de Antenor, i de Eneas , son de agua dulce a respecto de las de los Portugueses: i aunq el primero tardó diez años, i el ultimo casi lo mismo en las suyas , no fue por lo largo , i difícil de los mares , sino porque lo cierto es, que navegavá en unos miserables bar- cos, no sufridores de mar alto, i andavan costean-

do , i aun aguardando los días serenos , que son a pocos al año : demas , que quando fueran capa- zes, no avia entonces Altrolabio , i carta ; instru- mientos sin los cuales no se entra en mar en que se pierda de vista la tierra. Ay aqui tambien tres consideraciones más: primera, que este, os voxso , es respuesta con atencion a llamarle Venus su- yos, por lo que vimos en las e. 40. 44. segunda, q si esta Venus fuerá la lasciva, madre de Eneas, ni elia podia pedir para los Portugueses mayores glorias que para su hijó , ni Iupiter prometerse las quando no las pidiera: tercera, que el dezirle

el , que ellos configurán mas que Eneas , Antenor , i Viñses , atiende a que estos tres Heroes fueron famosos por navegaciones , con las qua- les no vendria en comparacion la de los Portu- gueses, ni en la grandeza, ni en los frutos dellas.

¶ Novos mundos ao, &c. Todo tiene muchas luces de lo q prometia Anchises a Eneas de sus sucesores, i principalmente de Augusto en el 6.

..... Super Garamantbas, & Indos
Proferet Imperium. Iacet extra fidere tellus.
Extra anni solisque vias, &c.

Corre esto en la e. 11g. i vease lo dicho en la 1. del c. 1. sobre el verso 4. que sirve aqui , como esto allá. I todo junto queda deshaciendo el inconve- niente que algunos hallan, en que el P. llame nue- vos mundos a lo que los Portugueses descubrie- ron : que siempre será con más propiedad de la con q se llama al nuevo mundo de Castilla, Indias.

XLVI.

Fortalezas,cidades,e altos muros,
por elles vereis,filha,edificados;
os Turcos belacissimos,e duros,
delles sempre vereis desbaratados.
Os Reys da India libres,e seguros,
vereis ao Rey potente sojugados;
e por elles,de tudo emfim senhores,
seràm dadas na terra leys melhores.

¶ Fortalezas,ciudades,i altas fabrichas,i muros,
F vereis, hija, edificadas por ellos : vereis des-
baratados por ellos a los beligeros, i fieros Tur-
cos. Los seguros, i libres Reyes de la India, ve-
reis sojuzgados al poderoso Rey Portugues: i por
ellos , en fin , señores de todo , serán dadas me-
jores leyes en la tierra, en aquellas Provincias.

¶ Fortalezas, &c. Promete Iupiter a Venus
festo es, Christo a la Religion) que los Portugue-
ses fundarán lo referido en la explicacion, i todo
se cumplio amplissimamente, como veremos en
todo este Comento.

¶ Muros edif. &c. Turcos dur. &c. Reys so-
geitos,dadas leys melhores. Virgil. En. I. todo esto
promete en boca de Iupiter a Venus para Eneas,
i su gente. Hic tibi, &c. Bellum ingens geret Ita-
lia,

**lia, populosque feroce Contundet; moresque vi-
ris, & mania ponet.**

**G Os Turcos belacissimos. Assi es, que los Por-
tugueses no hallaron gente cobarde, o desarma-
da, sino muy armada, i muy valiente, i destrissima
en el arte militar.**

**T Ao Rey potente. Entiende al Rey de Portu-
gal, i propiamente al Rey don Manuel, que vio a
sus pies la libertad de tantos Príncipes; poderoso-
sos todos, i grandes muchos.**

**T E por ellos de tudo emfim senbores. Virgilio
alli, Romanos rerum dominos.**

**T Seràndadas na terra leys melbores. Virgil.
Eneid. 1. (que es lo que el Poeta aqui viene imi-
tando) al hablar Iupiter con Venus, i prometer a
Eneas en Italia lo que acá a Portugal en la Asia.
Iuradabunt, &c. Yo no puedo ser cabal copia-
dor: acudan allá los curiosos. I en el 4. *Ac totum
sub leges mitteret orbem.* Pero es el lugar dere-
chamente del 6. hablando de Numa, de quien
dice, que fundará ciudad, i luego que dará leyes:
*Primam qui legibus urbem fundavit, &c. missus
in Imperium magnum* El gran Tasso lo vino a de-
zir assi, *Liberata c. 17. est. 93. Daran le leggi ai
populi piu cibari.* Acá, en la tierra. Pero aqui
añade mi Poeta concuidado profundo, *melbo-
res, al leyes.* Que quiere esto decir nos digan los
calumniadores! Es asegurar, que por esse Iupiter
entiende a Christo; i por essa Venus divina que
subió a pedirle favor, la Religion pia. Por esto
llama mejores a las leyes que há de dar los Por-
tugueses en la India: porque han de ser Católi-
cas; exceder a esas Gentilicas, que davá sus Dio-
ses, i sus Heroes. I si ese que habla fuera un
Gentilico Iupiter meramente, no llamaría mejo-
res a las leyes, que los Portugueses passavan a la
India, como opuestas, ni querría ver ninguna so-
bre los ritos, i idolatrias del Oriente, siendo ellas
propias de Iupiter, de Venus, i de Baco, i de to-
da esa classe Gentilica. Assi, que Christo habla
aqui con su Religion Católica, i le promete, que
en virtud del zelo, i valor Portugues, serán des-
truidas en la Asia las costumbres Gentilicas, con
la introducion de la ley Evangelica. I tambien
pueden entrar en estos las leyes observadas en
Portugal, que oy se observan en tanta parte de
la India, las quales son de las mejores que ay en
las Republicas del mundo, más politicas, i más
justas. Este dar leyes se entiende en la Asia, i en
todas aquellas partes de Gentiles, i Idolatras,
que los Portugueses fueren conquistado: porque
luego en ellas avian de ir plantando esas leyes
divinas, i humanas Catolicas que aidiximos.**

XLVII.

Vereis este que agora presuroso
por tātos medos o Indo vay buscādo,
tremier delle Neptuno de medroso,
sem vento suas agoas encrespando,

**A O caso nunca visto, e milagroso, (dol-
q) tremia, e fervia o mar em calma está-
O gente forte, e de altos pensamētos,
q també della há medo os elementos!**

**V Ereis este Capitan, que presuroso agora por
tantos miedos, peligros, vā buscando el In-
do, tremer, temblar despues Neptuno de puro
medroso del, quando sus aguas sin viento alguno
se verán crespas, i alteradas. O caso jamas visto.**

**B i milagroso, que hierva, i tiembla el mar estando
en calma! O gente fortissima, i de pensamientos
altos, q rambien della han miedo los elementos!**

**T Effe que agora, &c. Virgil. 6. continuando
lo que dexamos en la e. 45.**

*Huius in adventu, iam nunc, & Cappa Regna.
Reffonsis horrent divum, & Meotica tellus,
Et septem gemini turbant trepida offia Nili.*
Mas quien dixo tanto como contiene esta estan-
de grandeza de pensamiento, i de facilidad feli-
ze, i de alteza no inchada?

**C T Effe que agora, &c. Entiende el mismo Ga-
ma, que por tantos peligros iva agora descubri-
endo estos mares: i dice, *Effe*, como si le tuviera en
los ojos, como realmente tenia, pues está repre-
sentando a Christo, a quien ninguna cosa queda
distante. Vease para esto lo dicho en la e. 29. del
c. 1. sobre aquello de, *Nesta*, &c.**

**D T Portantos medos. Dizen algunos, que el P.
confessa flaqueza en tu Heroe, diciendo que iva
lleno de miedos. Es, que ni aun en esto tan mode-
rato (que será en lo hondo?) le entienden. Quiero
dezar aqui el, *tantos medos*, peligros tan grandes,
Pruevolo con el mismo P. en la boca del mismo
Heroe, que haciendo oracion a Dios, hellandoso
en otro gran peligro, en el c. 6 dice en e. 82. as-
si: *Si tengo ya passados nuevos, i peligrosos miedos
de otro Scyla i Caribdis, &c.* i el estilo de, *tantos
miedos*, por lo que se ve de peligros, es de la Escri-
tura, Iudith 3. *Tantusque metus Provintijs illis
incubuit ut, &c.* Virgilio llama miedos a los peli-
gros que Iuno prevenia a Eneas por mar i tierra,
lib. 1. *Quae mare nunc terraque metu, scelum quo
fatigat.* I quando el P. pusiera estos miedos en su
Heroe, imitara a Hom. i Virgil. que los pusieron
en los suyos varias veces, pero son miedos, i te-
mores hijos de la prudencia, porque con ella,
ellos son consejeros en los peligros. Pudiera
traer muchos ejemplos. Vease lo que dirémos al
verso 3. de la e. 29. del c. 4.**

**E T O Indo vay buscando. Acuerdase del río
principal de la tierra que el Gama buscava; como
Virgilio del de aquella que buscava Eneas.**

*..... Vbi Lydius areo,
Inter opima virum leni fuit agmine Tisbræ.*
I tambien sirve este lugar de nuestro P. para la
explicacion que dimos al vers. 2. de la e. 55. del
c. 1. Será bueno que se vea allá.

¶ Quetrem e ferva o mar em, &c. Virgilio
En. 4.
..... Quo pontus, & omnes
Intremuere undæ.

Se deve notar, que casi todo lo que la Poesia antigua dixo por exageracion con poco motivo, o ninguno, hallò nuestro P. para dezirlo con tanto fundamento, que ninguna cosa que diga, se puede llamar hiperbole, o exageracion: i así, imitando con nuestras verdades aquellas fabulas, con que Homero, i Virgilio, engrandecen sus Heroes, haze parecer, que essos dos padres de la Poesia estavan profeticamente cantando los hechos, i sucesos de los Portugueses; pues cantando de Ulises, i Eneas, lo que no hicieron, han venido los Portugueses a hacer lo que ellos cantaron. I en este lugar, conque imita el P. aquel temblor del mar que Virgilio fluge en esse lugar que ai traximos, i puede parecer fabuia, es de saber, que navegando Vaseo de Gama, quando tercera vez bolviò a la Ind, por Virrey, el año 1524. sucedio visible, i sensiblemente, temblar aquellos mares, quando de pura calma no podian navegar los baxeles, que reciamente temblaro, de modo, que la mayor parte de la gente se quiso echar al agua para salvarse, juzgandose en peligro: por ser de noche, i no conocerse bien la causa. Mas conociendola el Gama, dixo para ellos con intrepida osadia. Ez; de que temeis? No mirais como tiembla el mar de puro miedo que tiene de nosotros, sintiendonos sobre si? I con esto se restituyo de animo la gente: i sobre este notable suceso produxo el P. estos altos pensamientos. Sucedio esto, al entrar por la costa de Cambaya, víspera de nuestra Señora de Setiembre. Barros Dec. 3. lib. 9. cap. 1. Vease a este fin lo dicho en la Nota 1. sobre, *Aspice convexo nutantem pondere, &c.* Pareciose el Gama en aquella accion al gran Capitan Epaminondas, que desatandose la vandereta de su lança, i parando en una sepultura, lo tuvieron los suyos por mal aguero; i él viendolos timidos, dixo subito: Que temor es ese? Advertid, que esto es hazer las bonras a nuestros enemigos muertos. I dixolo, aludiendo a la costumbre, de que a los que morian en la guerra se les coronavan los sepulcros de adornos militares: i con esto se animo aquella gente desmayada. Assi otros ejemplos, que soy de barato a mis oyentes: porque tengo determinado no poner en un libro todo quanto he leido, como algunos ambiciosos de fama de eruditos, con menor causa. Ponderare solamente, que sin duda assiste particular aliento divino en la mayor parte de iq's hombres elegidos para gran'les cargos; pues quando todos temen, solo él se halla con animo para redimirlos del temor; como aqui se vió.

XLVIII.

Vereys a terra que a agoa lhe tolhia,
q'inda ha de ser hú porto muy decete,

Tom 1.

A em que vaõ descansar da longa via
as naos que navegarem do Occidente.
Toda esta costa emfim, q' agora urdia
o mortifero engano, obediente
lhe pagara tributos, conhecendo
nam poder resistir ao Luso horrendo.

B L A Tierra que barbaramente les negava agoa el agua, vos la vereis servirle de un decente puerto: porque en el vendrán a descansar del prolixo viage las naos q' navegaren del Occidente. Toda esta costa, en fin, q' urdia agora el mortifero engaño, obediente le pagará tributos, conociendo, q' no ha de poder resistir al horrendo Luso.

C ¶ A terra que a agoa lhe tolhia. La tierra que impedia el agua a los navegantes es Moçambique; sobre que sucedió lo dicho en la e. 86. del c. 1. i allí vinieron los Portugueses a ser señores, i tener puerto seguro para tomar aliento de tan prolixa navegacion, principalmente quando van para la India, porque desde Lisboa hasta allí es lo prolixo della, i por esto dixo el P. Longa via de las naves que navegan desde el Occidente.

D ¶ Hum porto muy decete. Alabale con moderation: porque Moçambique es tierra enferma, i en ella está enterrada mucha gente Portuguesa, de la que ha llegado allí a tomar ese aliento que acabamos de decir: pero a los navegantes es regalo lo mismo de que huirian en tierra. Tan desdichada es la navegacion.

E ¶ As naos que navegaran do Occidente. Quiere decir, las naves que partieren de Portugal, entendido por el Occidente: i de aquí se ve tambié, que es cierta la explicacion que dimos al vers. 4. de la e. 8. del c. 1.

F ¶ Toda a costa, &c. Quando el Gama bolviò a la India la segunda vez, que fue el año 1502. con veinte naves: sujeto toda aquella costa, i hizo tributaria Quiloa, adonde, i en essotros puertos vecinos le armaron tantos peligros, quando por allí passò la primera vez. A esto alude el P. ai.

G ¶ Omortifero engano Assi en la e. 2.

XLIX.

E vereys o mar roxo tam famoso,
tornarselhe amarello de infiado.

F Vereys de Ormuz o Reyno poderoso
duas vezes tomado, e sojugado.

Ali vereys o Mouro furioso
de suas mesmas setas traspallado;
que quē vay cōtra os voſſos, claro veja
que se resiste, contra si peleja.

G Vereys el famoso mar roxo, bolverseles amar

llo de miedo. Vereis el poderoso Reyno de Ormuz sojuzgado dellos dos veces: i allí vereis rraspassado de sus mismas flechas el furioso Moro: para que quien va contra los vuestros, vea que si resiste, pelea contra si propio.

¶ *E vereis o mar roxo, &c.* Porfiase mucho sobre la causa del color del mar roxo, que se llama así, por parecer la agua colorada. Lo cierto es, que sacada ella en la mano, o algun vaso, es clara como otra qualquiera: i así necesariamente ha de proceder del fondo aquél color; del qual deve ser ese fondo: así como sucede a un vidro limpio, que de ponerle sobre qualquier objeto de algún color, parece del color sobre que le pusieron, i quitandole queda blanco, i claro: i así son porfiás impertinentes esas.

¶ *Tornarselhe amarelo de infiado.* El P.e. 37. del c. 1. A luz perdeo como infiado. I en la 62. del 10. Todo esto viene a ser, que como la color del miedo es palida, i la de aquel mar es roxa, i por aquella marina obraron los Portugueses cosas q hizieron temblar de miedo a sus moradores, dice bien el P. que el roxo della se bolvió en amarillo: aludiendo al color del rostro, que estando ordinariamente retocado de la sangre, ella en ocasiones de miedo se retira al coraçon, i dexa el rostro palido.

¶ *De Ormuz o Reyno poderoso.* Era Ormuz un ramo de la potencia Persiana. Vamos a las e. 40. 53. 101. del c. 10. La ciudad de ese mismo nombre está en Getum, isla de tres leguas, falta de todo, sino es de buenos edificios: hasta agua viene de fuera, si la quieren buena los moradores: pero es tal el comercio, que la haze ser poderosa, i porfiadamente frequentada de gente: para que veamos la ceguedad de la codicia humana, que haze habitar los hombres en tierra falta de todo para el regalo de la vida, solo por la conveniencia del interés; estimando más el tener mucho, que el vivir gustoso. O miseria humana!

¶ *Duas vezes, &c.* Porque aviando el grande Alonso de Albuquerque ganado a Ormuz, se levantó; i bolvió sobre él la segunda vez, i dexole seguro, hasta que en nuestros días se perdió.

¶ *De suas mesmas setas, &c.* Repetido en la e. 40. del c. 10. i en sus Rimas en las estancias al Rey don Sebastian, sobre la flecha del sagrado Martir deste nombre, que le embió el Papa Paulo Quarto.

*As setas embevidas que tirava
O arco Ormuziano te larga bistoria,
Que no ar, Deos querendo, se utravam
Pregandose nos peitos que as tiravam.*

Esto es, que en el exercito Portugues no avia flechas: tiravanlas los Persas contra el; i tiradas eran muertos dellas propias, que desde el ayre se bolvian contra ellos. Vease bien si andava por allí Christo: i si es justo, que el sea el que habla en estas estancias, como entendió el Poeta, i no Jupiter Gentil, como entienden los que no le en-

A tienden desde sus fundamentos.

¶ *Que quem vay contra os vossos, claro veja, q se resiste contra si peleja.* Bonissimo lugar en que el P. descubre, careandole con otro, que esta Venus representa aqui la Iglesia Católica; porque diciendo Jupiter a esta Venus, que quien pelea contra su gente se tiene a si propio contra si; i que esto se verá quando en la toma de Ormuz, serán los Persianos heridos de sus propias flechas; al referir este mismo caso en la est. 40. del c. 10, dize:

B *Contra quem as tirou; que Deos peleja
Por quem estende a Fé da Madre Igreja.*

I En este lugar ai citado de las Rimas:

*O querido de Deos por quem peleja
O ar tambem, e o vento conjurado, &c.
Que queria Deos ama he de Deos amado,
Os contrarios revois à Madre Igreja, &c.*

C Que tambien allá fuera de la invención de este Poema, confiesa que esto fue milagro de Dios verdadero, obrado en favor de la Iglesia, así como Jupiter aquí representado a Christo, se lo promete a ella representada en Venus. Claríssimamente se sigue luego, que la Iglesia allá en el c. 10. es lo propio que Venus aquí, i Venus aquí lo propio q la Iglesia allá. Más. Careandose estos mismos lugares con otro no menos dichosamente. Jupiter aquí hablando con Venus llama tuyos della a los Portugueses, diciendo, *Os vossos:* i en la est. 109. del c. 3. dize, que Christo pelea con el braço de los tuyos, i esto es, porque ellos pelean por él, i por su Iglesia; i porque quien es della es de él, sigue se otra vez necesariamente, que los Portugueses que allá son de él, con ser favorecidos de Jupiter, aquí son della con ser patrocinados de Venus, porq en todo el Poema representa a Christo, Jupiter; i a la Iglesia, Venus. Para que se vea claro, que el P. se fue comentando a si mismo industrialmente, como quien ya sospechava, que se avía de poner en duda su pensamiento en la introducción destas Deidades, i significado dellas. I confessamos, que pretendemos se nos agradezca estos hallazgos tā seguros como nuevos, porque hasta agora nadie ha topado con ellos; i por la misma razon, nadie entendido este Poema. No porque nos cupiese en suerte más aguda vista, si no menos temor al, *Improbus labor.* De manera (buelvolo a decir) que siendo Jupiter aquí el que

D promete este raro suceso, i Venus la que le pide, i en la e. 40. del 10. siendo Dios verdadero el que le ordena, i la Iglesia la que le recibe: necesariamente lo que es aquí Jupiter, i Venus; es allá Dios, i la Iglesia: i al contrario.

L. Vereis a inexpugnabil Dio forte,
q dous cercos terà, dos vossos fendo;
ali se mostrará seu preço, e forte,
feitos de armas grandissimos fazēdo.

Envejoso vereis o gram Mavorte
do peito Lusitano fero,e horrendo:
do Mouro ali veram q̄ a luz extrema
do falso Mafamede ao ceo blasfema.

V Ereys la inexpugnable i fuerte Dio, que sien
do de los vuestros, tendrá dos cercos: allí se
mostrará su precio i fuerte haziédo grādissimos
hechos de armas. Vereys al gran Mavorte embi
dioso del fiero , i horrendo pecho Lusitano : allí
veran que la luz extrema del Moro blasfema del
falso Mahoma al cielo.

P A inexpugnabil Dio, &c. Plaça fortissima
en el Reyno de Cambaya, puesta a la lengua del
mar, i abundante de todo. Porque Nuño de Acuña,
grā Governorador de la India, socorrio al Soldan
Badur de Cambaya contra el Mogor poten
tissimo Principe, teniendo ocupado, i usurpa
do sus estados, le dio el, de agradecido, esta fuer
ça. Despues de arrepentido, se la queria bolver a
tomar, i costole a vida.

P Que dous cercos terá Estando la plaça de
Dio en manos de Portugueses , los enemigos la
sitiaron des veces. La primera año 1538. siendo
Governador Nuño de Acuña, i Capitan della D.
Antonio de Silveyra; de que escrivio un Poema
el Doctor Francisco de Andrade Cronista del
Reyno en estancias: cosa moderada. La segunda
año 1554. siendo Governador de la India el fa
moso D. Juan de Castro, i defensor della D. Juan
Mascareñas. Desto escrivio otro Poema, o His
toria en estilo algo Poetico , Geronimo Corte
Real, tan acepto(aunque con la pereza cansadis
sima de verso suelto) que se traduxo en Castilla;
i Simon Machado dos Comedias (del primero) en la traça, de las que entonces se usavan, i en la
graciosidad con muchas ventajas a lo que oy se
usa con gran presumpcion de que se véce lo pas
sado, no siendo assi En estos dos sitios i defensa
desta p'aça hizieron los Portugueses tales cosas
en armas , que aunque son verdaderas , no son
creibles: por esto dice nuestro P. i bié, q̄ ie el pro
picio Marre les tuvo embidia, conformandose con
lo dicho en el verso 6. de la est. 5. del c. 1. Dilata
el P. estas hazañas mas en las est. 35.60.62.64.
65.67. del c. 10.

P Dos voſſos ſendo. Quiere dezir, que siendo
Dio de Christianos, que son de la Iglesia Catoli
ca, le pondran de cerco idolatras, i Moros, como
sucedio. Sigueſe luego, que Venus representa la
Iglesia Catolica aquí, pues le dice Iupiter, que
los Portugueses son della quando como fieles hi
jos tuyos tenian essa plaça, i quando como vale
rosos la sustentaron. I de otra manera no tiene
lugar esta sentencia: porque decir que el P. intro
duze a Venus en favor de los Portugueses por
enamorados, i que a esse titulo son della , es dis
parate finissimo. Vease la e. 34. del c. 1. al fin.

A Envejoso vereis a Marte. Si esta Venus a
quién habla Iupiter fuera lasciva, no le dixerá él
esto de que vería deslizado a Marte por los Por
tugueses: porque del es ella primera amante, i no
desearía verle aniquilado de nadie, i mas siendo
el defensor della en esta acción, como vimos en
la est. 36. del c. 1. pero como dellos es singular
amante la Iglesia representada en Venus celeste,
queda bien el ofrecimiento que la hace Chris
to representado en Iupiter : i esta es la mente
del Poeta.

G Lusitano horrendo: assi en essotra est.

B **G** Luz extrema. Dize que el Moro al cerrar
los ojos con la muerte allí recibida de la mano
Portuguesa, blasfemará de Mahoma : esto es , o
porque no le ayudó, imaginado que lo podía ha
zer; o porque en aquel trance conocio que no po
dia nada, i que era un Profeta falso, i embustero.
Ademas de entender ei P. por el Moro blasfe
mando al morir, los muchos que murieron en es
tos cercos, entiende particularmente al Rey Sol
tan Badur que mataró los Portugueses en aquel
mar hallándose presente Nuño de Acuña. Aquel
estilo de *luz extrema*, por el ultimo boquear al
garrote de la muerte , es galano, i imitacion de

C Virgilio 2. *Vocat lux ultima viatos.* Lucano 7.
Sitque hominum magna lux ista novissima parti.
Porque el dia se toma por la vida, como la noche
por la muerte. Orac. lib. 1. od. 4. *Vita summa bre
vis,* &c. *I am te premet nox.* Pero desto ver la e.
21. del c. 3. 60. del 4. i 9. del 10. El texto se or
dena assi. Allí verán que la *luz extrema* del Mo
ro blasfema del falso Mahoma al cielo. I assi es, q̄
ordinariamente los malos no conocen a Dios
verdadero, sino en la ultima boquedad , i enton
ces solo les parece mal aquello que siempre les

D parecio bien en la vida. El Moro vencido con el
azote Portugues, aviando siempre creido a Ma
homa, agora con injurias se bolvia a decir mal
del al cielo : esto vale aqui el *blasfema*; porque
blasfemia propiamente, *Eft impositio falsi crimi
nis in Deum:* como dice santo Tomas, i el Moro
no podia acusar a Mahoma de crimen falso, por
que fue un embustero. Habla el P. dentro de los
terminos de la creencia del Moro ; i de nuestro
vulgar que llama assi al decir agriamente mal de
alguna cosa. I por ventura vio el P. a san Geroni
mo a Tito cap. 3. que llama *blasfemia* a la maldi
cion que del Angel Miguel merecio el demonio.

E *Diabolus maledictum effe merebatur; sed per An
geli os, blasphemiae exire non debuit.* Otras edicio
nes dizem, *voz extrema* Si esto agrada mas, tā
bien es de Virgilio 4. *Dixitq; novissima verba.*

LI.

Goa vereis aos Mouros ser tomada,
a qual virá despois a ser senhora
de todo o Oriente, e sublimada
co os triumphos da gente vencedora.

Ali soberba, altiva, e exalçada,
ao Gentio, que os Idolos adora,
duro freno porà; e a toda a terra,
que cuidar de fazer aos vossos guerra.

VEREYS la ciudad de Goa tomada a los Moros venir despues a ser señora de todo el Oriente: i sublimarse con los triunfos del vitorio-so Portugues. Alli soberana ella deste modo, pôdrá duro freno al Gentil que adora los Idolos; i a todas las otras tierras que aspiraren a hazer guerra a los vuestros.

¶ Goa vereis, &c. Exalta el P. agora a Goa, como Virgil.lib. 1.a Albalonga, porque avia de ser cabeza de Imperio. *Et longan multi vi muniet Albam.* Cõ singular valor ganò esta ciudad, i toda la Isla dos veces el grande Alonso de Albuquerque. Vease la e. 42. del c. 10.

¶ Virà despoys a ser señora. Es asi que Goa vino a ser la cabeza, i folio del Imperio Portugues en la India, i lo es oy: i por ella entraron aquellos insignes Heroes de aquel primitivo i glorioso valor, triunfando muchas vezes de muchas Provincias, i de poderosas armas, como es notorio.

¶ Ao Gentio qui os Idolos adora. Si el que habla aqui fuerz meramente Iupiter, i la que escucha meramente Venus, a bué seguro que no fuerz la platica deste modo: pero el P. no pierde lâce en que no os muestre quien sea esse Iupiter; i essa Venus. Mitad, haze el P. que Iupiter diga a Venus que los Portugueses a que llama suyos della, desde Goa avassillaran a los Gentiles que adoran los Idolos. Claro es, que si esta Venus, i esse Iupiter fueran los Gentilicos, al revés hablaran, no hablando de los Idolos como de cosa agena de si; i de los Portugueses como de cosa propia suya. Que viene a ser esto? Lo que os dixe ya con el mismo P. muchas veces, que Iupiter representa a Christo, i Venus la Iglesia; i en esa conformidad se hablan aqui llamando gente suya a la Christiana, como la Portuguesa, i hablando de los Gentiles i sus Idolos, i entregandolos al golpe de la espada Católica, como delinquentes contra su divina ley.

¶ Duro freno: assi en la e. 77. del c. 4. Al govier no de gente estraña llama con acuerdo, *duro freno:* al de la natural, *freno dulce,* en la 23. del c. 8. i tambien respecta a que es freno metido en boca que le resiste: que en la que le acepta es blando: assi en la e. 40. del 10. *O jugo brando.*

¶ Aos vossos. A los vuestros, della Venus. Vease lo dicho en essotra est. *Dos vossos, &c.*

LII.

Vereis a fortaleza sostentarse
de Cananor, cõ pouca força, e gente:

Ae vereis Calcut desbaratarse, cidade populosa, e tam potente. E vereis em Cochim assinalarse tanto hum peito soberbo, e insolente, que citara jamais cantou vitoria, q̄ assi mereça eterno nome, e gloria.

VEREYS la fuerça de Cananor sustentada cõ pouca fuerça i gente: i vereis desbaratada la potête i populosa ciudad de Calecut. E vereys mas señalarse de tal manera en Cochim, un insolente i sobrevio pecho, que jamas citara, o Poeta alguno cantò vitorias que assi merezca eterno nombre i gloria.

¶ De Cananor. En el c. 10. e. 14. 35. 64. Yaze la tierra de Cananor entre Goa, i Cochim, en la costa Malabar: fue sitiada la plaza el año 1507. a donde los Portugueses cõtra aquel Rey, i el Samori hizieron maravillas. Era Virrey don Francisco de Almeida, i Capitan Lorenço de Brito, que con bizarria en aquella ocasión fue ejecutor de cortesias, i hechos militares dignos de memoria perdurable: los cercadores serian hasta veinte mil, i de essos alcançò el Brito con su poca gente una honrada vitoria; i otra una noche por mano de ochenta hombres, que hizo dar sobre ellos quando menos lo pensavan, i con semejantes sucessos destruyò toda aquella maquina, padeciendo en la corriente dellos hambre, i sed terrible por discurso de quattro meses. Es digno de ser leido el cap. 5. del lib. 1. de la Dec. 2. do Bar. que trata desto.

¶ Calecut, cabeza del Imperio del Samori Rey del Malabar, ciudad ilustre: el año de 509. governado Alonso de Albuquerque la ganò por armas: i luego se perdio por desorden; para que se vea, que una desorden destruye mas que muchas armas. Bar. Dec. 2. lib. 4. cap. 1.

¶ Cochim. En la e. 13. del c. 10. Es Metropolis del Reyno de Cochim; que siempre nos fue fiero amigo, a donde, i por quie el invicto Duarte Pacheco Pereyra se hizo clarissimo en valentias cõtra el Samori q̄ apretava a este Rey, ponset segno nuestro.

¶ Soberbo, e insolente. Estos dos epitetos; el primero, que casi siempre; i el segundo, que siempre (como en la e. 46. del c. 10.) se traé por oprobio, trae agora nuestro P. por alabanza (no sin notable artificio) de Duarte Pacheco; porque hallando que era justo que tan desacostumbrado valor como el suyo fuese celebrado con estilos no acostumbrados, assi le alaba, usando destas dos palabras en su origen de significacion no contaminada. De la primera usó algunas veces, como en la e. atras. *Ali soberba, &c.* que vale soberana: i en la 80. i en el c. 3. la 6. *Soberba Europa:* i en la 99. *O soberbo Afonso.* Mais claro en sus Rimas allá

allá en aquella admirable canc. 10. *Faz a culpa soberba e soberana.* i en el c. 9 e. 54. *Com soberba gracia.* Hallando gracia en la soberbia, o soberania de la altura de algunos montes. Barros Dec. 1. lib. 7. cap. 7. *Hña estacada que ficasse soberba sobre o vao:* esto es, que quedasse superior, ventajoso. Todo lecciones de Virgilio, que assi usó del *superbum*, por sublime, y soberano: i a este modo declará sus expositores aquel lugar del 3. *Ceciditque superbum Ilion.* De la segunda no sabemos que la usase el P. otra vez en este sentido, sino esta, i en la 29 del 6. que es con magisterio soberbio, i insolente; porque alabemos su pluma, como el alaba aquella espada I estos son los atrevimientos que se devén llamar doctos, i no la adulteración de voces, i locuciónes insolentes, porque esto es desencasar la lengua, i esto es encastrarla con felic novedad, bolviendo la voz insolente, a su propio significado, quirandola del sentido de infamia, que le dio la vulgaridad, i el tiempo. Bien claro se vé, q no es imaginacion nuestra, i que están aquí por alabanzas estas dos palabras; pues el P. está tratando de darla a vn hombre tan singular en valor, que por el habla con libertad contra vn Rey tan excelente como fue don Manuel, como veremos en la e. 25. del c. 10. Pero por satisfacer más a los q tuvieren escrupulo de conciencia acerca deste modo de decir, oygamos el propio P. Allá en la e. 29. del c. 6. dice en persona de Baco, de los hombres valerosos, a los Díñses.

*Viles, e ciñda venos cada dia
soberbas, e insolencias tais, que temo,
que do mar, e do ceo em peucos annos,
venbam Deoses afer, e nos humanos.*

Veys alli, que el soberbias, y insolencias, quiere decir, hechos soberanos, no acostumbrados, al fin, nuevos, i sublimes; porque con los atroces, infames, i viles (que esto son insolencias, i soberbias en la vulgaridad) no subio nunca algun hombre a los titulos de sublime, raro, i glorioso, que esto es alli el *vendran afer Diñses*, de que hallareis mucho sobre las est. vlt. del c. 9 I en este termino imitó el P. segun es su costumbre, los grandes hombres, i visiblemente a Otacio: i luego con delgadeza nos dio a entender en el can. 10. que lo avia hecho, llamando a Duarte Pacheco, *Achiles Lustiano*: porque al mismo Achiles llamó Oracio (en ese lugar que imita nuestro P.) insolente. En la Ode 4. del lib. 2.

..... *Prius insolentem.*

Serua Brisei niveo celore

Movit Achillem.

I allí explica Pedro Gualtero, por *insolente*, raro, no acostumbrado, que es el entendimiento de mi P. I tambien haze a el la explicacion de Juan Fabrino, que dice, soberbio. Semejante valentia de decir hallamos en el grande Juan de Mena, (que a su modo, i a pesar de los melindrosos de nuestra edad, fue grande sin duda) en la cop. 14.

usando dichosamente de inhumano por diuino.

*To de tal caso mirable inhumano,
Halléme espantado, &c.*

No es de desiguallo de la cop. 10. *Esla tu regla el ser muy enorme:* estando el *enorme*, en su significado natural, como insolente. En Boecio hallo vn lugar semejante, que es este, *Illustrare nequitiam*, que irá sobre la e. 84. del c. 7. allá le pueden ver los curiosos. I en contraposicion de nuestro P. el Maestro, al llamar *sacra*, a la hâbre, o coincia del oro, por *sacrilega*: i assi se ha de entender aquel lugar, i no de otra manera: i a este modo

B el de *Improbus labor*, por trabajo grande, aunque sea glorioso: acordandonos, que en parte usan aqui estos valientes hombres del tropo Antifrasis, o ironia, que es llamar bueno a lo malo, por un modo de darle peor nombre que malo: i malo a lo bueno, por encarecer mas la bondad. I en este sentido se dice vulgarmente, para afrentar a uno, que es una honrada persona, por dezir, que es muy infame; i al contrario. Visto en la e. 12. del c. 3. Insolente, pues, no quiere dezir otra cosa, que desacostumbrado, i extraordinario; i quando se contamina, i dice por afrenta,

C entiendese desacostumbrado, o raro en algun vicio: i todo este termino se incluye en Metalexis, especie del tropo Metonimia; como se verá en la e. 81. del c. 4. Lo dicho es, quanto a la explicacion verdadera destas palabras: pero quanto al verdadero entendimiento con que el P. llamó soberbio al Pachec en esta ocasion; yo me persuado que en esto quiso dezir, avia ei de pelear como vn desesperado, i como el mismo demonio, segun se suele dezir vulgarmente, de quien pelea con modo que parece mas que hombre, como sucedio al Pachec entonces: i que por ser la soberbia propia del demonio, llama soberbio al Pachec en estas ocasiones, para llamarle demonio en ellas, por este respeto: a imitacion de Homero, que tambié por esto llamó demonios a algunos Heroes. Si esto fuere sutileza, no valga.

D ¶ *Que citara, &c.* Por la citara entiende la Poesia. Verlo en la e. 12. del c. 1. dice, que no ay Poema en que se cante vitoria tan digna de fama, como esta del Pacheco.

LIII.

Nunca cō Marte instructo, e furioso,
se vio fervor Leucate, quâdo Augusto
nas civis Actias guerras animoso,
o Capitam venceo Romano injusto.
q dos povos da Aurora, e do famoso
Nilo, e do Baetra Scitico, e robusto,
a vitoria trazia, e presa rica,
preso da Egipcia linda, e nam pudica.

N Nunca con Marte instructo, i furioso, se vió
her-

hervit Leucate, quando Octaviano Augusto animoso en las Accias i civiles guerras vencio al in justo Capitan Romano: aquél que de los pueblos Orientales, y del famoso Nilo, i del Scítico i robusto Baetico, traia una gran victoria, i valerosa presa, preso el de la no vergonçosa, pero bella Egipcia.

¶ Nunca com Marte instructo. &c. Dize, que no fue tal estruendo, i estrago militar de Otaviano, i Marco Antonio en la batalla Naval, que se dieron en el mar de Leucate, como han de ser los que resultarán de los cōflictos militares, que avrà entre Portugueses, y Moros, i Idolatras, en los mares de la India. La est. toda es Virgilio entero, lib. 8.

*In medio classes cratas, Actis bella
Cernere erat, totuq; instructo Marte videres
Fervore Leucatem, auroq; effulgere fluetus.
Hinc Augustus agens Italos in praelia Cæsar.
Hinc ope barbarica, varijsq; Antonius armis
Victor ab Aurora populis, & litora rubro
Ægyptum, viresq; Orientis & ultimæ secum
Bactra vebit: sequiturq; (nefas) Egyptia cōiux.
Noteſe, que en ocho versos Latinos se puede decir lo que en dos estancias, quando menos; i que nuestro Poeta dixo en vn2, nada menos alto; i copioso, i feliz, (antes aun dice más) lo que Virgilio en ocho versos. I sirva esta ponderacion para los que tienen hallado en su conciencia, que la lengua Portuguesa corta. Vealno bien, i lo que contiene el num. 20. del juzgio deste Poema. I vengainos a descubrir, como parece que el gran Tasso salio a singular Palestra con el gran Camoës, sobre quien avia de quedar vitorio en la imitacion deste lugar de Virgilio: i si el juzgio no me engaña, el Tasso con venir segando, no queda primero. Veamoslo, que es la e. 4. del c. 16. Dize assi; i esten atentos los juezes.*

*D' incontra un mare, e de canuto flutto
Vedi ſpumanti i ſuoi cerulei campi;
Vedi nel mezo in doppio ordine instrutto
Di nau, e de arme, e uſcir da l' arme i lampi.
D' oro ſiā meggi al' onda, e par, che tatto
D' incendio martial Leucate avampi.
Quinci Augusto i Romani, Antonio quindi
Trabell' Oriente, Egiti, Arabi, & Indi.
I en el c. 20. e. 118. no ay duda que traslado a mi Poeta, diciendo:*

*Tal Cleopatra al ſeculo vetuſto
Sola fuggia da la tenzon crudel,
Lafciando in contra al fortunato Augusto
Ne i maritimi riſchi il ſuo Fedele:
Che per amor fatto a ſe ſteſſo ingiuſto,
Tutto ſegui le ſolitarie vele, &c.*

I en las dos siguientes a effotra, dize el Tasso algo del amor de Antonio con Cleopatra; i mi P. lo dize todo en esa est. Iuzgueſe agora qual de los dos aparece mas igual a Virgilio: i no queremos que ſe nos haga ningun favor, ſino justicia ſevera. La verdad es, que a L. de C. no le falta

A otra cosa ſino aver venido de fuera, para fer el Profera. Vease como a todo ſu poder el Tasso, echando líneas ſobre nuestro P. (que no ay duda que le vio, i compirio, en este, i otros lugares) no le vence, i plega a Dios que le iguale. Yo venero profundamente al Tasso, i esto es ſolo querer abrir los ojos a algunos ciegos.

¶ Ferver. Vease la eſt. 5 r. i en el c. 10. la 29. No dize el P. que hervia el Promontorio, ſino el mar del: eſtilo poetic. Así atrás e. 47.

¶ Leucate. Es la isla que oy ſe llama de Santa Maura, i en el mar que la ciñe ſue esta batalla Naval de Augusto, i Anonio.

¶ Accias guerras. Entiende las civiles entre estos dos enemigos, rematadas con esta batalla dada en el mar que baña eſte Leucate, o Promontorio, i el de Atio de Epiro, provincia de Grecia, adonde fue deſtruido Marco Antonio, que ſe hallava vitorioſo de mucha parte del Oriente Indico, i del Egipto: i venciole más la huída de Cleopatra, que las armas de ſu enemigo: porque el no ſe corrió de huir dellas por ir tras ella; eſtimandola mas que ſu honra, i que todo el Imperio porque peleava.

¶ Que dos povos da, &c. M. Antonio truxi contra Otaviano gente del Oriente, que eſto eſe Aurora; i del Egipto, que eſto eſe el Nilo; de la Persia, Armenia, Arabia, i Scitia, que eſto quiere decir, del Baetico Scítico; río que corre por aquellas partes: i de todos traia muchas riquezas, como quién las avia rendido hostilmente.

¶ Preso da Egipcia, &c. Preso de Cleopatra, menos hermosa que deshonesta. Tá antiguo, i mucho mas, eſe en las mugeres desembueltas, la opinion de hermosas: pero ſepan las tales, quién no tienen hermosura para nuestros ojos abiertos, ſino para nuestros ciegos appetitos; porque delia eſe singular parte la modestia, i el recato. Mas adonde vamos? De Cleopatra ſe enamoró Antonio governando el Oriente, i por ella, i ambicion, i otros humores, cometio cosas contrarias a la Patria, impropias de hijo de Roma: i por eſte le llama el P. Romano injusto; que vale, no bene merito del título de Romano: ſi ya el gran Tasso en eſte ultimo lugar no nos lo dà a entender de otro modo, diciendo injusto, porque falto a ſu propio valor en irſe tras la amiga en tal ocasión i uſa allí los propios consonantes, *Augusto*, &c.

E che per amor fatto a ſe ſteſſo ingiuſto, por reſtimonio del burro, no ſolo en la ſentencia, ſino aun en los consonantes. El dezir nuestro P. que Antonio eſta preso de Cleopatra, eſe todo dado a ſu hermosura, como un galeote a la cadena; tal eſe una belleza en un amante: así dirá el P. otra vez en la e. 123. del c. 3. por doña Ines de Castro con el Príncipe don Pedro; i en la 124. de doña Leonor con el Rey don Fernando.

¶ Linda, e nam pudica. Tomado de Homero lib. 8. Ulis. quando Vulcano ſe quexava de Venus, teniendo la red. *Pulchra filia, at non præ-*

prudens, i el impudica, se queda en el verso antecedente. *Impudentis puellæ.* Nuestro P. dixo con erudicion, que Cleopatra era hermosa, y deshonesta; porque de unas, i otras letras consta, que la modestia, i hermosura, raras veces se acompañan. Dexo de traer lugares, i ejemplos, porque no pongo tienda de erudiciones escusadas. Digo solo, que en Roma, en la Iglesia de san Frâncisco, eminente a Campidoglio, en una Capilla de las que están a mano izquierda quando entramos por la puerta principal, está el sepulcro de vna matrona, cuyo epitafio, con elegancia contiene, por modo de admiracion, que allí yaze una muger, que siendo muy hermosa, fue muy honesta: porque es ordinario en mugeres, echar una arroba de locura, en cada auarme de belleza. Buena confitura.

LIII.

Como vereis o mar fervendo aceso,
co' os incendios dos vosso pelejado,
levando o Idolatra, e Mouro preso
de nações differentes triumphando.
E sogeita a rica Aurea Chersoneso
até o longinquó China navegando;
e as Ilhas mais remotas do Oriente,
serlhe à todo o Occeano obediente.

Como vereis herviendo el encendido mar
con las armas al pelear de los vueletros, que
llevaran preso el Idolatra, i el Moro, triunfando
de tan diuersas naciones. I sajera la rica Aurea
Chersoneso, iran navegando hasta el aparrado
China, i por entre las mas remotas islas Orientales : haziendose al fin obedecer de todo el D Oceano.

¶ *Como vereys, &c.* Esta est. hasta la mitad, es continuacion de la antecedente, que siendo como comparacion, la aplica el P. agora. Contiene, que ni el horrendo espectáculo de la batalla que se dieron Otaviano, i Antonio, (que fue uno de los espantosos conflictos navales que hubo en el mundo) será capaz de venir a compararse con los del Pacheco en el mar de Cochim.

¶ *Levando o Idolatra &c.* Si aqui hablarla Jupiter meramente como Deidad gentilica, i no como Christo, que representa, segun hemos provado, claro es que no dixerá en este modo del Idolatra, celebrando su ruina ; que esto es solamente voz, i deseo de Christo. Claro está.

¶ *Mouro preso, &c.* Yo confieso ingenuamente, que no se qual sea este preso : si el P. por él (como creo) no entiende grandes Capitanes, i algunos Reyes, q los Portugueses truxeron presos a Gia; como fue Cutiale, Barr. Dec. 4. lib. 2. cap. 9. Xarafe de Ormuz, lib. 3. cap. 10. 12. Tarija Rey de Ternate, lib. 6. cap. 26. El Rey de

AOrmuz, Andrade en la Cronica de don Juan III. parte 3. cap. 8 1. Aeiro Rey de Maluco, el propio Autor allí: i modernamente el gran Nuño Alvarez Botello embió preso a Goa el insigne Capitan Laçamane. Dexo otros muchos. Pero si este preso es alguno particular, enseñemelo quien lo supiere.

¶ *Arica Aurea Chersoneso.* Entiende Malaca, ganada por el insigne Albuquerque, el año 1511. de que en la e. 124. del c. 10.

¶ *Chersoneso.* Es lo mismo que Peninsula, tierra que le falta poco para ostar del todo rodeada del mar, porque por una sola parre, con alguna pequeña, se ase del continente de la tierra.

¶ *Longinco Cínia.* Porque es la tierra que mas se ha alexado de todas aquellas partes.

¶ *As Ilhas mais remotas.* Entiende de muchas que los Portugueses descubrieron, no conocidas de la antiguedad, i singularmente el Iapó.

¶ *Serlhe à todo Occeano obediente.* A imitacion de lo que dixo Apolo, profetizádo a Eneas sus fortunas, en el 3. *Hic domus Aeneæ cunctis dominabitur oris.*

L V.

C De modo, filha minha, que de geito amostraràm esforço mais q humano, que nunca se verá tam forte peito, do Gangetico mar ao Gaditano: Nem das Boreais ondas ao Estreito que mostrou o agravado Lusitano; posto q em todo o mundo, de afrôta-resucitassem todos os passados. (dos,

D E Manera, que de tal suerte, ó hija mia, mos trarán un esfuerço más que humano, que nunca se verá tan fuerte pecho, desde el mar Gangetico al Gaditano: ni desde el Boreal al Estrecho que mostró el agraviado Portugues: aunque de provocados a singular palestra resucitassen todos los antiguos Heroes.

¶ *De modo, &c.* Concluye Jupiter con su profecía, colocando en la cumbre de la alabanza a los Portugueses.

¶ *Esforço mais que humano.* En continuacion de lo dicho en la e. 1. deste Poema. Mais do que prometia aforça humana: i en la 25. del c. 7. verso 6. Vease lo que allí se dixo, i dirá.

¶ *Do Gangetico mar ao Gaditano.* Quiere decir, desde Oriente a Poniente: porq el mar adonde entra el Ganges, es en aquella parte Oriental; i el de Cadiz (esto es Gaditano) en esta Occidental de España.

¶ *Nem das Boreais ondas ao Estreito.* Vale, Ni desde el Norte al Sur: al Norte es el mar Boreal, llamado assi, porque sopla allí el viento Boreas: al Sur, el Estrecho de Magallanes, llamado así

assi, porque le descubriò Fernando de Magallanes Cavallero Portugues , saliendo de su patria para Castilla, agraviado de nuestro Rey don Manuel, porque no le acrecentò la moradía (gajes en Castellano) de Cavallero; que venian a ser cinco reales cada mes. Esto es de saber, que no mira al interes de cinco reales; sino al de la calidad de Cavallero; la qual sube muchos quilates entre nosotros , con tener solos dos reales de ventaja en la casa Real : que son las Cavallerias Portuguesas parecidas a los diamantes , y perlas , que con poco que crezcan de piedra , suben infinito de precio; i a veces mucho mas de jactancia vana. Hemos querido acordar esto , porque piensan algunos , que la pendencia entre este Rey , i vassallo , topava solo en el valor de cinco reales , sin enteder lo que se entiende en lo que viene por aquel camino ; que es lo que sucede a nuestro P. concinco Dioses que introduce en este Poema, pensar la ignorancia , que debaxo de estos nombres no ay secretos, que hazen sublimes i preciosos sus pensamientos . El Magallanes, pues, viendose sin aquel precio de calidad que su Rey le negava , i el creia serle devido por su nacimiento, i servicios, que todo era bueno, se desnaturalizò del Reyno con actos publicos , i pasose a servir al Emperador Carlos V. el año 1519. i proponiendole el descubrimiento que se podia hacer del Estrecho, i ofreciendose para esta hazaña , lo consiguió todo. El Estrecho está en 52. grados de la parte del Sur. Diremos des- to en la e. 139. del c. 10. lo que ella obligare.

P ¶ Resucit affem. A este modo dirá en la e. 30. dei c. 10. Pamfilo Sasso , cap. 20. Se ben resucitasse l' Africano.

LVI.

Como isto disse, manda o cōsagrado D
filho de Maya à terra, porque tenha
hum pacífico porto, e sossegado,
para onde sem receyo a frota venha.
E para que em Mombaça avēturado
o forte Capitam se nam detenha,
lhe māda mais q̄ em sonhos lhe mos-
a terra onde quieto repousasse. (trasse

L Vego que Iupiter dixo esto a Venus , manda al consagrado hijo de Maya , que baxe a la tierra a prevenir un pacífico puerto para donde la flota venga sin rezelo. i para que el fuerte Capitan della no se detenga con riesgo en Mombaça, le ordena más , que en sueños le aparezca , i muestre la tierra adonde reposasse quieto.

P ¶ Como isto disse, manda, &c. Aqui executa Iupiter embiendo a Mercurio lo que Marte votó en el Concilio del c. 1.e. 40. i el avia aprova- do en la 41. La traçá vá toda siendo de Hom.

en el ultim de la Iliada, adonde su imitador Virgilio, lib. 1.

*Hac ait, &c. Maiæ genitum demisit ab alto
ut terræ, utq; novæ pateant Cartbaginis arces
Hospicio Teucris, &c.*

Mario de Leo , tambien sobre la habla de Iupiter a Venus , que ya apuntamos en la e. 42. haze bolat a Mercurio con otra embaxada : i perpetuamente imitaron esto Latinos, i vulgares.

P ¶ E para que em Mombaça, &c. La instrucción de Iupiter a Mercurio fue, que despues que llegasse a Melinde, dexando sazonado aquell Rey B para que recibiese bien los navegantes, viniese a Mombaça, adonde estos se hallavan , i les avisasse que huyessen del peligro que alli se les armava, i passassen adelante , adonde tendrian favorable acogida . I toda esta instrucción que le dio, es parecida a la otra que avia dado en el 4. de Virgii. quando a ruego de larbas le embió a avisar Eneas en Cartago , que no se detuviese mas allí.

*Dardanumq; Duce, Tyriæ Cartagine, qui nūc
Exsistat? &c. alloquere, &c. Naviget.*

Agora diremos, que el P. entiende por Mercurio un Angel , que ordinariamente es Gabriel. Declarase abiertamente en la e. 64. llamandole Luz, y rayosanto : i no se declaró menos en esta, con llamarle consagrado. I advierten los que cul paren al P. de que falta al decóro de nuestra Religion, llamando Angel a Mercurio, i descriviéndole como tal, que Dante (varon doctissimo , i Catolico , i de gran vigilancia en los modos del dezir) en el c. 9. del infierno, finge, que un Angel baxó illa a abrir una puerta, i pintale con la vara de Mercurio meramente , por adorno de la Poesia. *Del ciel messo, &c. & con una vergüeta,*

I aun en las pinturas Catolicis (más en las antiguas) vemos este Angel en la Anunciacion pintado con una vara, o cerro , encuyo lugar agora se pintan unas açucenas. Pero en Dante mucho mayor culpa fuera (si fuera culpa esto en tales Poetas) poner la vara de Mercurio en la mano del Angel, que llamará un Angel Mercurio ; pues esto respeta solo al oficio que tiene de Embaxador , i es propio de Gabriel. Vease sobre esto lo que queda en la est. 40. del c. 1. I pondere el motivo con que el P. haze este singimiento tan ajustado : i es , que recibiendo todos aquellos barbaros tan mal a los navegates; i recibiendoles el de Melinde con tanto agrado subitamente, i tan leal, parecio cosa de milagro; i por esto entra el P. con esta hermosa invención, mostrando que fue obra derechamente dei cielo.

LVII.

Ia pello ar o Cylenéo voava;
com as asas nos pés à terra dece;
sua vara fatal na mão levava,
com que os olhos cásados adormece.

Com

Com esta as tristes almas revocava
dos infernos, e o vento lhe obedece:
na cabeza o galero costumado,
e desta arte a Melinde foy chegado.

YA Por el ayre bolava el Cyleneo : ya con las alas en los pies deciende a la tierra, lleva en la mano su fatal vara, con q̄ adormece los cansados ojos: cō esta revoca de los infiernos las tristes almas : obedecele el viento : en la cabeza el acostumbrado galero : i desta arte fue llegado a Melinde.

¶ *Ia pello ar o Cyleneo voava.* En la e. atras dixo, que Iupiter despachò a Mercurio : en esta ya vá bolando , y en el buelo le vá descriviendo el diestrissimo Poeta: todo a imitació del Maestro del Parnaso Latino. Vease lo que en tal ocasión advertiremos e. 27. del c. 3. i a Vincencio Cartari, sobre la imagen de Mercurio. Todo lo que dice mi P. es de Virgil. 1. En.

Volat ille per aera magnum, remigio alarum.
Ien el 4. *Et primū pedibus talaria necit*
Aurea, que sublimem alijs sive aequori supra,
Tum virgam capit, bac animas ille evocat Orco
Pallenteis, alias sub tristitia Tartara mittit.
Dat somnos, adimitq; , & lumina morte resignat.
El Cyleneo , está mas adelante ; no se puede copiar tanto. (llamase assi Mercurio, por aver nacido en Cilene, monte de la Arcadia) Todo cabalmente Hom Ilia. vlt. despachando Iupiter a Mercurio para ir a Priamo. *Statim sub pedibus ligavit pulchra talaria: accepit autem virgam qua virorum oculos deriulcet quorum vult: hos autem rursus, & dormentes excitat: hunc in manibus tenens volavit.* I en el 5. de la Vlif. se copia a si mismo en otro buelo de Mercurio, quando fue a librar a Vlises de Calipso , que tambien se parece mucho en todo a esto de nuestro P. I de la misma forma le estuvo presente el buelo del Angel Miguel en el c. 14. de Ariosto. Veanse.

¶ *Varafatal.* Està en el 6. del Macstro, hablando del ramo de oro de Eneas. *Fatalis virgæ.* Agravio se haria a Ovid. en pensar que el P. no le vio en esta ocasion. Mer. 1.

.... *Alas pedibus, virgamque potente*
Somniferam sumpsisse manu; tegimenq; capillis.
Ien el 2. el propio por otro estilo. Esta vara de Mercurio siempre se vé pintada con dos culebras enlaçadas en ella, mirandose , porque son simbolo de la prudencia que se requiere en los Embaxadores; i en la parte superior,cō dos alas tendidas, porque lo son ellas de la diligencia ; i pensar sublime , que en los propios sujetos deve concuirir. Tales varas se vñan oy muy poco; por que tales cargos casi siempre se dan solo a quien tiene mucho : suerte que ordinariamente viene contrapesada con la ignorancia, miseria, cobardia, y finalmente ambicion, que es la Parta mor-

Atalissima de las acciones del entendimiento. De modo que lo que antes ocupavan alas de Mercurio, ocupan oy tal vez orejas i manos de Midas.

¶ *As almas revoca do inferno.* Creian los antiguos, que tocando Mercurio con este caduceo, o vara, en los muertos , resucitavan : i como el Gama en Mombaça estaua en las manos de la muerte de la traicion barbara , bien finge el P. que en virtud de socorro celeste salio de las manos de aquella muerte maquinada.

¶ *O vento lhe obedece.* Hallolò Ercilla c. 23. *El mar rebuelve, el viento le obedece .* Mi Poeta B aqui pretende dezir, que el viento cedia en ligereza a Mercurio en este buelo. Esta es su mente, conforme a lo dicho en la e. 40. del c. 1. *Mercurio pois, excede em ligereza ao vento.*

¶ *Na cabeça o galero.* Pudo salir este sombrero del Maestro, lib. 7. *Galeros tegmen habent capitis* Pero poniendo Claudio en el rapto de Proserp. lib. 1. el sombrero desta misma suerte al propio Mercurio,diremos bien, que alli le vio nuestro Poeta.

..... *Cyllenius affitit ales*
Somniferam quatiens virgam, tectusq; galero.
C El terrible enulo del Maestro, digo Stacio Teb. 1. le acompañò tambien.

Obnubitq; comas, & temperat astra galero.
Tum dextræ virgam inservit, &c.

I vñ por ali copiando a Virgilio. Pamfilo Sasso cap. 35. *Mercurio onde'l capello in capo port'.* No pintò el grande Rafael de Urbino con mayor elegancia a Mercurio en la viña del Farneñio, que nuestro Pintor unico aqui. I notese, que en todos estos Autores que ai dexamos, se halla descrito a Mercurio cō diferentes estilos, y que todos los abraçò el nuestro; feliz, facil, i altamente, en no mas palabras que uno solo dellos. El poner los antiguos este sombrero a Mercurio quando iva con mensajes a los humanos, era dar a entender, que cubria la divinidad, por no ofenderlos con su gran luz: i esto da a entender Stacio, diciendo en esse lugar , que calando el sombrero bien sobre los ojos , templava su resplandor para no cegar la gente: i esto respeta a la verdad real, porque los ojos humanos no son capaces de sufrir la luz Angelica : i por esto quando Dios embia Angeles , toman forma i traje humano, templando sus rayos para que puedan comunicar con la gente. Poniese Moyses un velo E para que los Imaelitas pudiesen sufrir el resplandor que llevava de la comunicacion con la divinidad. Los Iudios por esto cubrieron la cabeza a Christo.

¶ *A Melinde foy chegado.* Virgil. alli. *Ac Libia citus affitit oris.* El hizo dos pausas en Virgilio, vnq; en el monte Atlante, otra en Cartago: aca otras dos, vna en Melinde, otra en Mombaça. Vayan los escrupulosos a acecharnos en los lugares citados, que copiarlo todo no es posible.

LVIII.

Configo a Fama leva, porque diga
do Lusitano o preço grande e raro:
q̄ o nome ilustre a hū certo amor obri
e faz a quē o tem, amado e caro. (ga,
Desta arte vay fazēdo a gente amiga
co' o rumor famosissimo, e preclaro:
ja Melinde em desejos arde todo,
de ver da gente forte o gesto, e modo.

Leua Mercurio configo la Fama, para que
preceda, diciendo el grande i raro valor del
Portugues: porque el ilustre nombre obliga a un
cierto amor, i haze desfedo a quiē le tiene. Des-
ta suerte vā haciendo amada la gente con el ru-
mor famoso. Ya Melinde arde todo en deseos
de ver el rostro, i traça de la fuerte gente, de que
tanto le dezia la Fama.

TConfigo a Fama leva. Assi haze tambien
el P. salir a Cupido en las est. 45. 46. del c. 9. con
la Fama de los Portugueses gloria delante,
para conseguir lo que pretende más facilmente,
i a titulo justo: i assi sucede alla, i aqui. I es ex-
celente invencion esta, i que yo no hallo en nin-
guno de los Poetas que he leido, si no me acuer-
do mal. Dize, pues, mi Poeta con invencion pro-
pia suya, i hermosa, i que no cede a alguno de los
antiguos, q̄ Mercurio llevó delante la Fama
ilustre de la gente Portuguesa, para q̄ precediendo
una informacion gloria en Melinde, se
inclinassen los animos a su favor al punto que lle-
gasce. Mas quisiera yo que me dixeran los suti-
les, quales realmente fueron esta Fama, y este An-
gel, que precedieron a nuestra flota en Melinde.
Confiesen que no lo saben, i con esto se lo diré
yo. Todavia mucho pido, porque confessar algu-
no que ignora, es impossible. Pero assi como les
digo de balde tantas cosas que no sabian, les dire
esta, i vayanme a aguardar para ello en las est.
72. 175. Bien me acuerdo, que la antiguedad fin-
gia, que la Fama precedia a Marte todas las ve-
zes que salia, i que llevado desto pudo el P. hazer
que ella precediesse aquia a Mercurio, i a Venus,
i Cupido, en effas est. del c. 9 ai citadas: i aunque
ninguna destas Deidades es guerrera, bien pue-
de aqui precederlas por la parte que Marte tu-
vo en esta accion, como viimos en la e. 36 del c.
1. siendo él consejero de que se embiasse Mercurio
con esta embaxada, como se vē en la est. 40.
del mismo: i assi entenderemos, que Marte
quiso le acompañasse su Fama, por testimo-
nio del valor de la gente sobre que era el men-
saje.

TQue o nome ilustre a hum corto amor obri-
ga, e faz, &c. Parece de Teocrito en el Idil. 27.
Die nomen illud tuum: nam & nomen sapè dele-

Etat. Sino sea de Lucano lib. 8. en persona de
APompeo.

..... *Sed me, vel sola tueri*
Fam̄a potest rerum, toto quas gessimus orbe,
Et nomen quod mundus amat.

I es asfi, que la noticia de acciones ilustres haze
amar al autor dellas, aunque no se conozca, o
vea, i desejar su vista i conocimiento: i de ai re-
sultò el peregrinar muchos hombres, solamente
por ver otros de que corria gran fama.

TVay fazendo a gente amiga. Con aquella
informacion hacia la Fama, que los barbaros co-
mençassen a amar a los navegantes. Con Virgi-
lio en el 4. *Ex templo Lybiæ, magnas it fama*
per urbes.

TCo' o rumor famosissimo. Al contrario del
Maestro, de la fama de Dido, en el 4. *Et rumo-
re accensus amaro.* Rumor al efecto de la Fama,
dixo tambien el estilo sacro, 3. Reg. cap. 10. nu.
7. *Mayor est sapientia, & opera tua, quam ru-
mor, &c.* Repitiolo el Poeta e. 60. del c. 7. Pe-
ro desto en la 5. del 5.

TIa Melinde em desejos arde, &c. Yalos
Moros de Melinde con la informacion de la Fama,
que alli avia dexado Mercurio, de los Portu-
gueses, les estava inclinado, los queria ver, i fes-
tejar. Este mismo efecto hizo el propio Mercurio,
embiado a tal gente por el mismo Iupiter,
en favor de Eneas navegante, a peticion de la
propia Venus, lib. 1.

*Et iam iussa facit, ponuntq; ferocia Pæni
Cordis, volente Deo, &c.*

I esto de poder tanto la Fama sin la vista, se co-
rrespondie con lo q̄ veremos en la e. 47. del c. 9.
I ciò estos velos Poeticos doctissimos, enseña el
P. que este favor hecho a los navegantes, fue del
verdadero Dios, el qual no se govierna por aceta-
cion de personas, como los hōbres, sino por me-
ritos dellas: i juntamente muestra, q̄ aun entre
barbaros se tiene respeto al merito: i por esto
hize, q̄ precediendo la noticia del, sea favoreci-
do, i deseado de ver quien le tiene. Melinde está
debaxo de la Equinocial, a la lengua del agua; es
lugar de vistosos edificios, fertil de arboledas,
yervas, i mantenimientos: i la primera de aque-
llas a quien los Portugueses deven amor, i
obras.

LIX.

E Dali para Mombaça logo parte,
aonde as naos estavam temerosas,
para que à gente mande que se aparte
da barra imiga, e terras suspeitas.

Porq̄ muy pouco val esforço, e arte,
contra infernais vontades enganosas;
pouco val coraçam, astucia, e siso,
se la dos ceos nam vem celeste aviso.

DE Allí parte luego para Mombaça , adonde Destavan zemerosas las naves ; para que manda a la gente , que se aparte de la barra enemiga , i sospechosas tierras : porque esfuerço , i arte vale muy poco contra infernales , i engañosas voluntades ; poco vale el corazón , astucia , i seso , si allá de los cielos no viene celeste aviso .

G Dali para Momb. &c. De Melinde a Mombaça ay 18. leguas , i todo yaze en la costa de Africa . De manera , q Mercurio despues de aver prevenido buen hospedage en Melinde a los navegantes , vino a dezir al Gama que saliese de Mombaça , i se fuese a lograr de aquel puerto que le aguardava favorable . Pregunto , porque el P. no hizo , que Mercurio , o el Angel , vimiesse primero a dezir al Gama , que se passase a Melinde , i despues iría allá , sino al contrario ? Yo os lo dire . El Poeta vá haciendo sagrada toda esta accion , i muy de Dios : i de Dios es totalmente la infalibilidad ; i assi para dezir el Angel , que se passassen a Melinde los navegantes , porque allá tenian puerto seguro , fue menester que primero lo huviessen asegurado .

**G Pouco val esforço e arte , &c. sela do ceonam
vem , &c.** Esta sentencia , que es certissima , suena a aquello de Salomon , *In tuam autem sapientiam
ne exulteris : in omnibus vijs tuis cognosce Deum ,
ut rectas faciat vias tuas*. Serafino , fol . 183 . Prudentia , ingegno , & arte poco vale . Los Portugueses no fueran a la India , si Dios no los llevára : i aunque sin Dios ninguna cosa se mueve , se echa de ver más en unas que en otras su particular asistencia : i esto huvo acá .

G Se lâ do ceo nam vem celeste aviso . Parece sobrar el celeste , aviendo dicho cielo : i no sobra , porque podia ser el aviso infernal , para engañar ; por quanto sin permission del cielo no puede hazer cosa alguna el demonio . I assi el gran Poeta Mario de Leo , en el c. 2. de Amor preso dixo , *del ciel un coro de celesti spiriti* : por distincion , de que podía ser de spiritus malos , como acá Mercurio , q representa un Angel bueno , podía ser malo . Muestra tambien el P. assi en esto , como en lo advertido al fin de essa tra nota , que estos favores fueron del verdadero Dios , representado en esas Deidades , i no de ellas simplemente , como lo entienden los simplicissimos de juicio , para los cuales no escriben semejantes hombres como Camoës ; que al modo de Oracio manda apartar de si el vulgo profano .

LX.

Meyo caminho a noite tinha andado ,
e as estrelas no ceo co' a luz alheia
tinham o largo mundo alumiado ,
e só co' o sono á gente se recrea .

O Capitam ilustre , ja cansado
de vigiar a noite que arrecea ,

A breve repouso entam aos olhos dava :
a outra gente a quatos vigiava .

M Edio camino tenia andado la noche ; i las estrellas en el cielo , con agena luz tenian alumbrado el mundo : i la gente solo con el sueño se recrea . El ilustre Capitan , ya cansado de velar la noche que recela , dava entonces a los ojos un breve reposo : la otra gente velava a quartos .

G Meyo caminho a noite &c. Dos cosas describe aqui el P. con gran cuidado : una la noche , i Bel tiempo del reposo : otra la vigilancia de un Capitan , que sabe cuidar del cargo que tiene : i esto aun mejor que esto .

G Meyo caminho a noite tinha and. &c. Passava ya de la media noche , quando el Capitan vigilantissimo Gama , se dexó cerrar los ojos de cásado . Muchos lugares barriò la erudicion del P. para formar estos versos . Virgil . En . 3 . *Nox erat , & terris animalia somnus habebat* : i en otra parte , *Nec dum orbem medium nox hortis actu subi-
bat* . I en el 4. extremadamente .

C *Nox erat , & placidum carpebant fessa soporem
Corpora , &c. cum medio volvuntur sydera lapsu .* I en el 5 . Torquet medios nox humida cursus . Mejor en el mismo .

*Iamque ferè mediam cœli nox humida metam
Contigerat : placida laxarant mœbra quiete , &c.
Cum , &c passa a la est. sig. I finalmente en el 8 .
Nox erat , & terræ animalia fessa , &c. I es singularmente de aqui la imitacion , porque luego allí se sigue el dormir tarde de Eneas , que veremos en el verso 7 . i lo que le promete el Tibre , de que hallaria favor en el Rey Evandro : i assi , desde aquí hasta la e . 65 . haze Mercurio , i dize al Gama , lo que el Tibre allá a Eneas , desde este verso , *Nox erat , &c. hasta dixit , &c* que por ser muchos versos no los copio . Ovid . Met . 10 . *Noctis erat medium , curaque , & corpora somnus
Solverat* . Oracio , Sat . 6 . lib . 2 . *Nox medium cœli
spatium i. inque tenebat* . B. Tasso , lib . 4 . Epitalam .*

*Che la Lun nel ciel candida appare ,
Et chiamar al sonno i travagliati sensi .*

Pero basten estos , para que juzgue el judicioso , a qual dellos siguiò más nuestro P. que como primer mobil de la Poesia , toda la lleva tras si .

**G Co' a luz alheia . Cic. somn. cipion. Ex qua-
bus ea erat minima , &c. luce lucebat aliena .**

G Ia cansado . Advierte , q muchos antes de cansarse descansau ; i esos se llamau poltronas : i que un Capitan vigilante , qual el P. pinta al Gama , sobre muy cansado reposa poco (por eso dixo , breve reposo) i en este reposo , con los sentidos del alma está lidando con su auydado , por esto singe el Poeta , que en sueños le aparecio el Angel : esto es , que aun durmiendo velava : i todo es aiudiendo a aquello de , *Ego dormio , & cor meum vigilat* . I a lo otro del proprio Christo , *Fatigatus ex itinere sidebat sic* . Despues

de muy cansado sentose, i sentado trabajava, porque tenia a cuestas el negocio de la salvacion del genero humano: i quien tiene a su cuenta cuidados tan grandes, en el mismo descanso se cansa en ellos; i asi se ha de entender aquel lugar, *Fatigatus sedebat sic, como si dixerat, Sic fatigatus: trabajava en el descanso:* i asi fue, que en el trabajó Christo en la salvacion de aquella alina de la Samaritana.

TA noite q̄ arrecea. Recelava el Gama aquella noche más, porque era la postrera que allí determinava estar, i porque de noche suele el maligno hacer su empleo, fiado en el reposo ageno.

TBreve reposo. Ya diximos ai, que con essa doctrina enseña el P. el modo con que ha de dormir un General: imitando a Virgil. 8. al dezir de Eneas, *Procubuit, seramque dedit per membra quietem.* Llevóle la mano Hom. Iliad. 2. *Non oportet per totam noctem dormire cōsiliarium virum, cui populi sunt commissi,* &c. Bien guardó estas leyes el ilustrísimo Vasco de Gama.

TA outragente a quartos vigiava. Vamos cō esto a la e. 28. del c. 6. Desde aqui comienza el P. a imitar a Virgil. quando en sueños haze aparecer los Dioses Penates a Eneas, ordenádole que se vaya de Candia, como acá Mercurio al Gama, q̄ ue se vaya de Mombaça. I para el ser despues de media noche este sueño, que es misteriosamente, se vea lo que dirémos en la e. 67. del c. 4.

LXI.

Quādo Mercurio em sonhos lhe apadizendo Fuge, fuge, Lusitano, (rece, da cilada que o Rey malvado tece, por te trazer ao fim, e extremo dano: Fuge, que o vento, e o ceo te favorece; D sereno o tempo tens, e o Occeano; e outro Rey mais amigo noutra parte, onde podes seguro agasalharte.

QVANDO Mercurio le aparece en sueños, diciendo: Huye, huye Portugues de la celada que texe este malvado Rey por traerte al ultimo dñ, i fin. Huye, que el viento, i cielo te favorece. Tienes sereno el tiempo, i el Oceano; i otro Rey mas amigo en otra parte, adonde podrás agasajarte seguramente.

TQuando Mercurio em sonhos, &c. Virgilio, en esse lugar qne si arriba diximos.

*Effigies sacra divum, Phrygique Penates,
Quos, &c. visi ante oculos astare iacentis.
In somnis.*

Lo que Mercurio dixo a Vasco de Gama no quiso mi P. tomar de lo que los Dioses dixeran a Eneas: i bolvió atrás a tomarlo, de lo que le dixo Polidoro en una parte, i Achemenides en otra. Veamoslo.

TFuge, fuge, &c. Este advertir de Mercurio al Gama, que huya, bien es de Anchises a Eneas, en el 2. *Vos agite fugam: pero mejor del alma de Polidoro, hablando en aquella playa a Eneas,* lib. 3 *Heū fuge crudeles terras, fuge littus avarū:* i adelante de la boca de Achemenides en la Isla de los Ciclopes.

Sed fugite, ò m̄seri, fugite, atque ab littore funem Rumpite, &c.

Todo sirve en la est. siguiente: i todo es traça de Homero, haciendo aparecer Mercurio a Ulises, para librartle de Circe en el 10. *Tunc mibi Mercurius aureum baculum habens, &c. Quo rursus infelix venis? &c. Sed age; iam te a malis liberabo, &c.*

BNo halló el gran Tasso como dezirlo, si no como mi P. grandissimo: en su Liber. c. 8. est. 60. asi en otro sueño, i vision.

*Fuggi Argilan, non vedi homai la luce,
Fuggi le tende infami, e l' empio Duce.*

El infames, i la persona de que avia de huir, corre en la est. siguiente, verso 5. i ultimo claramente.

TOceo te favorece. Que cielo es este? Será el de Iapiter, o Mercurio, o Venus? Esso diganlo los ignorantes. Es el Imperio; i su Presidente Ceterno, i verdadero Dios: que no habla de otro modo un Autor Catolico: i el Gentilico es quien lo entiende gentilicamente, i sobre ello queda presamido, i quiere dar lecciones a un Luis de Camoës.

TSereno o tempo tens. Asi dezia a Encas en la segunda vision, lib. 4. *Zepbyros spirare secūdos.*

TE outro Rey mais amigo noutra parte. Asi haze el mismo Tasso e. 14. que diga el Hermitano a los que errantes ivan buscado la Isla en que estaba Rinaldo.

*Itene dove un fiume entra nel mare,
Quivi sia che vi appaia buom nostro amico.*

LXII.

Nam tens aqui senam aparelhado o hospicio que o cruel Diomedes dava, fazendo ser manjar acostumado de cavallos a gente que hospedava. As aras de Busiris infamado, onde os hospedes tristes immolava, terás certas aqui, se muito esperas.

EFuge das gentes perfidas, e feras:

AQui no tienes aparejado otro hospedage, si no aquel que dava el cruel Diomedes a sus huespedes, que era hazerlos acostumbrado pasto de cavallos. Las aras del infame Busiris, que sacrificava los tristes peregrinos, tienes ciertas aqui si aguardas mucho. Huye, pues, huye de las gentes perfidas, i fieras.

TNum tens aqui senam aparelhado. &c. Dizele, que huya de Mombaça, si no que provará co-

mo aquellos barbaros no le tienen prevenido mejor hospedaje, que el de Diomedes, i Busiris, señores, que se parecian a algunos de agora, a donde un hombre va buscar remedio, i halla mayores desventuras, que las de que huia, pensando, que se reparava dellas. Otros tales daños apúta Mercurio en aquella segunda aparicion a Eneas. *Iam mare turbari travibus saevasque videbis, &c.* Pero seguido con pensamientos de Ovidio, epist. de Dejanira.

*Nam tibi succurrat crudis Diomedis imago
Efferus humana qui dape pavit equos.*

Site vidisset cultu Busiris in isto, &c.

¶ As aras de Busiris. Habla el P. por la boca de Virgilio, que en este estilo es hablar (como dice el vulgo) por la boca del Angel. Georg. 4. *Aut illaudat in escis Busridis aras.* I porque dice que Busiris sacrificava (eso es *imolava*) los hombres, dixi aras, que propriamente era un modo de arutar de Gentiles. Oy no ay cosa mas notoria q̄ fabulas, o verdades antiguas de las de gran bullo. Quando el P. decia esto, era como meter las higas en los ojos. Oy q̄ el mundo sabe menos, le vemos tan docto, q̄ tenemos miedo de notar semejantes lugares. Haremoslo bolando; a donde parece no escusarse. Diomedes Tirano de Tracia, sustentava sus cavallos con cuerpos de hombres que llegavan a ser sus huéspedes. Hercules le mató, i le dió a comer a los propios cavallos. Busiris, fue hijo de Neptuno, i tirano fiero en Egipto; sacrificava a Jove todos los extranjeros; por eso dixo el P. *Imolar en las aras:* que es en los altares, a su modo, de los Idolos: i por ventura, que tambien diga *aras*, por el fin de ja vida de los que alli llegavan; pues aquel era el suyo; o por metáfora de los que navegando dan en los escollos, que tamien se llaman aras entre los Poetas, este escollo, i aquell fin. Busiris, de la misma suerte, que Diomedes, fue muerto por Hercole, que se enfadava de semejantes Tiranos. Si viviera oy, no faltaran iguales motivos de enfado: i lastimi es que no viva oy, para que no vivieran tan esfrentos quantos no merecen vivir.

¶ *Fuge das gentes perf. &c.* Es el verso de Virgilio, que dexè en la c. 11ras, *Heufuge. &c.* I del P. en la 32. El termino *fuge*, repetido mas veces es llamado Palilogia, en la Retorica.

LXIII.

Vaite ao longo da costa discurrendo, e outra terra acharásde mais verdade, la quasi junto donde o Sol ardendo iguala o dia, e noite em cantidade. A li tua frota alegre recebendo hū Rey, cō muitas obras de amisade, gasalhado seguro te daria; e para a India certa, e sabia guia.

A V Ere discurriendo por la costa, i hallarás otra tierra de mas verdad allá casi junto a donde ardiendo el Sol iguala en cantidad los dias, i las noches. Un Rey recibirá allí tu flota con alegría, i amigables obras; i despues de darte un seguro agasajo, te dará guia cierta i sabia; Piloto bueno i docto para llevarte a la India.

¶ *Vaite ao longo, &c.* Mercurio, o el Angel enseña al Gama, para donde ha de ir, como los Díoses Penates a Eneas en el 3. *Mutanda sedes, &c.* Pero mejor, i totalmente es de aqui el lugar mas adegante, quando Eleno en Caonia, le estaba enseñando el viaje desta manera.

*Lævatibi tellus, & longo lœva petantur
A quora circuitu dextrum frige littus & undas.*

E outrate terra acharás la, &c. Virgil. alli *Est locus Hesperiam, &c.*

¶ *Donde o Sol iguala o dia e noite, &c.* Virgil. Georg. 1. *Libra die somniique pares ubi fecerit horas.* Quiere decir, que se vaya a Melinde, porque está casi junto de la linea que se llama Equinocial: i es a donde noches i días son de una propia medida; i dice, que esta le da el Sol ardiente, porque el es el medidor del tiempo, como diximos en la e. 1. I como Melinde está 4. grados de la parte del Sur, pudo dezir el P. que está casi junto de essa linea, que iguala los días i noches: i que es allí mas ardiente el Sol, como lo es. Ver otra vez desto en la e. 6 1. del c. 7. i 27. del 1. en contrario.

¶ *Hum Rey com. &c.* El de Melinde, que sin ninguna esperanza de nuestra parte nos favoreció allí como si fueramos muy sus amigos, i correspondientes de largo tiempo: al fin obras de Dios, que se sirvia desto.

¶ *Tedaria: acerca deste tempo imperfeito por el futuro, ver lo dicho e. 6 4. del c. 1.*

LXIII.

Isto Mercurio disse, e o sono leva, a o Capitā, q̄ com muy grāde espāto acorda, e ve ferida a escura treva, de húa subita luz e rayo santo. E vendo claro quanto ihe releva nam se de ter na terra iniqua tanto, cō novo esprito ao Mestre seu mādava q̄ as vellas desse ao vento q̄ assoprava.

E Sto dixo Mercurio, i lleva el sueño al Capitā que despierta con grā espanto, i ve herida la escura tiniebla, de una subita llama, i santo rayo. I viendo quanto le importa no detenerse tanto en aquella infame tierra, mandava con nuevo espiritu a su Maestro de la flota, que diese las velas al viento que soplava prospero.

¶ *E o sono leva ao Capitā.* Como el P. viene imitando aquel lugar de Virgil. En. 8. del sueño Q. 2.

de

de Eneas, que vimos en la e. 60. agora imita aqui aquel troço, *Nox Aeneā somnusque reliquit, &c.*

¶ *Acorda, evè ferida a escura treva, &c.* I luego, *Com novo espírito manda.* O que bien, i disimuladamente imitado lugar de Virgilio en el 2. Estava Anchises triste, viendo la ruina de Troya; i allí queria antes perecer, que huir del peligro con Eneas que se lo rogava, quando apareciendo en la cabeza de Iulo su nieto una llama, tomandolo por feliz aguero cobró aliento.

Ecce levis summo de vertice visus Iuli

Fundere lumen apex, &c. I luego,

At pater Anchises oculos ad sydera latuit, &c.
Iā iā nulla mora est, sequor & qua ducit is adsum.
Por restigo está aqui el rayo santo, que allá es, *Et sanctum sydus adorat* Tiene el P. otro despertar de sueño en la e. 75. del c. 4. i otro en la 51. del 8. i de todos tiene semejança este del Tasso, pintando a Gofredo, c. 1. e. 17.

Resta Gofredo a i detti, a lo splendore

D'occhi abbagliato, attornito de core.

I mejor c. 9. e. 62. aviendo aparecido el Angel Miguel, assi dà luz a la noche como aqui, *Se indorava la notte al divin lame, &c.*

¶ *Com novo espírito, &c.* Sucede este nuevo aliento en el Gama con la vista de aquel rayo, como en Anchises con la de aquel resplandor.

¶ *Maldava que as vellas desse, &c.* Luego que el Gama salió de aquel sueño, que le avisava návegas, daniole credito, mandó dar las velas al viento. Entra la duda, de si en la Religion Católica es licito dar credito a sueños. Respondemos, que el P. no finge un sueño simple, sino misterioso, i de aquellos en que el verdadero Dios permitio muchas veces fuesen reveladas muchas cosas a muchos sujetos, que governandose por ellos acertaron, por aver tenido bastante seguridad, de que era orden, i disposicion divina: i aunque esta no consta averla acá, el P. como tal pudo fingirla: i fingiela muy a tiempo, porque estando el Gama en gran peligro en Monibaça, i tomando subitamente resolucion de salir de allí, i passar adelante, i hallar allí el amor, i verdad del Rey de Melinde, todo parece disposicion, i orden divina, i milagro. I sobre los sueños, i darles credito, i calidades dellos, ver lo que diremos en las est. 68. i 75. del c. 4.

LXV.

Day vellas, disse, day ao largo vento, E
q o ceo nos favorece, e Deos o māda
q hum mensageiro vi do claro assento
q sò em favor de nossos passos anda.
Alevantase nisto o movimento (da;
dos marinheiros, de húa, e de outra bá
levam gritando as ancoras acima,
mostrando a ruda força que se estimia.

A D Ad las velas, dixo, dad las velas al prospero viento; que nos favorece el cielo, i lo manda Dios: porque yo vi un ministro del claro alsiento, que solamente anda en favor de nuestros passos intentos i viaje. Levantase en esto el movimiento de los marineros, de una, i otra parte: le van arriba las ancoras, gritando, i mostrando en este trabajo la ruda fuerça, q se estima; los que mas se precian della.

¶ *Day velas, disse, day, &c.* El P. assi en la e.

95. del c. 1. Aqui imita a Virgilio en el 3. quando Eneas hallandose en la playa de Tracia, con

B la crudeldad a los ojos usada con Polidoro, hazer dar presuroso las velas al ayre.

. *Scelerata cedere terra.*

Linquere pollutum hospicium & dare classibus
Austros, &c.

¶ *Que o ceo nos favorece, &c.* Lo mismo adelante en Virgilio, despues que Apolo les prometio buena fortuna. *Ergo agite, & Divum dusuno*
qua iussa sequamur.

¶ *E Deos o manda* Pregunto si hablara el P. de este modo, al entender por Iupiter, i Mercurio otra alguna Deidad, que no la verdadera de nuestro Dios unico, i un Angel suyo? Claro está que no. Luego veys ai, como aviendo fingido en la e. 56. que Iupiter embiava a Mercurio, aqui os dice claramente, que esse Iupiter representa el verdadero Dios, con dezir: *E Deos o manda, i q* esse Mercurio representa el Angel verdadero Miñistro suyo, cou dezir lo que contiene essotro verso.

¶ *Hum mensageiro vi do claro assento.* Eneas lib. 4. Sobre hablarle Mercurio en Cartago. *Ipse Deum manifesto in lumine vidi;* i tiene parte en esto el verso 4. de la e. anteced. i esto tienela

D en el otro lugar de Virgil, que dexamos al principio de la e. 61. *Visi ante oculos, &c.* I mas adelante en essotro lugar del lib. 4. al salir de Cartago Eneas, por averselo tambien mandado Iupiter por Mercurio, estan los 4. primeros versos desta e. assi.

Præcipites vigilate viri, & confidite træftris;
Solvite vela citi. Deus atberere missus ab alto,
&c. stimulat.

Los otro quattro segundos muestra mi P. a Virgilio, pues le vence con ciilos en la misma ocasion. Veamos.

Idem omnes simul ardor babet: rapiuntq; ruutq;

Littora desertere, latet sub classibus aquor

Adnixi torquent spumas, & cerula verrunt.

Porque aquello Alevantase nisto: muestra la priesfa de la obediencia, aviendo apenas mandado el General, haciendo el oficio de Maestro de la nave: la qual prissa es notable en ia marineria: a quel movimientu: está representando el ruido con q acudē los marineros, q es notable: i aquel de búa e de outrabāda: es como ponerlos a los ojos acudiendo de aqui, i de allí, de acá, i de allá, q está yá en sofiego: i q lleva gritado as anchoras, es co

mo ver, i oir el trabajo, i la vozeria con que suelé arrancar del fondo las ancoras : i aquell, *mostrando*, es excelente imagen de los que trabajan con jactancia, de que se vea que son valientes: de manera, que cada palabra es un misterio. Agora buelvo al cuydado con que nos declara el P. que este Mercurio es un Angel verdadero, como los conoce nuestra Religion Catolica: diciendo, *Há mensageiro*, porque a entender Mercurio simplemente, no dixerá, uno, sino, *el mensagero*, pues las fabulas no dan a los Dioses Gentilicos más de uno, que es Mercurio: i como el verdadero Dios tiene muchos Angeles, dice el P. con gran acuerdo, *uno*: por dar a entender, que este era uno de aquellos. I es termino de la Escritura sagrada, de que traeré un lugar solo del cap. 19 del Apocal. de donde parece lo imito el P. *Vidi unum Angelum in Sole, &c.* Oid al gran Tasso, que en la Cöquist. lib. 2 t. e. 10. parece lo dixo con nuestro P. quandó en otro sueño apareció un Angel a Godredo, *Vn mensag ger del Regno santo.* El mensagero está aquí, i el santo en la 64.

T Que só em favor de nossos passos anda. Otra señá, no solo de que era Angel bueno, i uno de los que Dios suelé embiar: sino de que era Gabriel, como diximos en la est. 40. del c. 1. i dirémos en la 75. deste: porque Gabriel es el que anduvo en las mayores ocasiones, en favor de las acciones Christianas, como dice aqui el Poeta, i enseña la Escritura en muchos lugares, desde que empezó en la Embaxada a la Virgen putissima. Escusse pruebas notorias.

T A rude força. Ya dixo el Poeta en la est. 25. *Rudo marinbeiro*, con gran propiedad: que cierto la gente de la marinaria casi toda es bruta, i exercita sus fuerças sin policia, ni respeto a nadie: como bueyes, o mulos, ruidíssimas bestias, i forçosas: i no puede un hombre urbano, i entedido, recibir mayor tormento, que verse expuesto a la voluntad de marineros, i reducido a la confusión, i suciedad de algunas embarcaciones, i codicia, i des cortesia de los que las goviernan: i más si son galeras.

T Quis se estima. Creemos anda viciado esto, i que deve decir, *Quien se estima*: porque la estimacion en que cada uno se tiene, i quiere le tengan, le haze poner el pecho al trabajo con ardor. Esto se vé cada dia entre trabajadores, que tal vez por competencia de fuerças, trabajan en una hora lo que otras veces en un dia. Pero lo otro tambien puede ser: i sería dicho con Petrarca en el Soneto 18. *Che sua forza estima.*

LXVI.

Neste tempo que as ancoras levavam, na sôbra escura os mouros escôdidos, mansamete as amarras lhe cortavam, por sereim, dando à costa, destruidos:

Tomo 1.

A Mas com vista de Linceos vigiavam os Portugueses, sempre apercebidos. Elies como acordados os sentiram, voando, e nam remando lhe fugiram.

E N Este tiempo que los navegantes levavan las ancoras, estavan los Moros escondidos en la obscura sombra de la noche, comenzando a cortarles los cables, para que las naos dando a la costa fuesen destruidas. Pero los Portugueses siempre apercebidos, velavan con vista de Linceos. Ellos, los Moros, como los sintieron despertos, les huyeron bolando, i no remando.

T Neste tempo que, &c. Los Moros, pensando que la gente dormia, vinieron en barcos con gran silencio, para cortarles los cables, porque con esto irian las naves a daren la arena. Pero hallando gran vigilancia, huyeron ligeramente, porque empezavan los nuestros a servirlos como ellos merecian Barros, Dec. 1 lib. 4. cap. 5. que ya traemos citado desde la e. 29. i otras, adonde se principió este suceso, lo refiere assi: *Os Mouros logr. aquella noite* (era la en que snyeron, que la flota queria partir de a'li) *vieraõ a remos furdo, para cortar as amarras dos navios*, mas não ouvo efecto, porque forao sentidos. I el P. como tal, vâ aíndienlo, i quitâdo a la historia, ingeniosamente.

T Na sombra escura escondidos. Escondidos con la escuridad de la misma noche: i es lo que despues dixo Gongora en su Polifemo, *El lobo de las sombras nace, para semejante daño.*

T Os Mouros as amarras cortavam, &c. Virg. alli, *Strictoque ferit retinacula ferro.* O antes, *Torto que incidere funes.*

D Mas com vista de Linceos Dudo si lo dixo cõ Otacio, Sat. 2. . . . *Ne corporis optima Linceis contemplere oculis.* Vale esto, con ojos que mas ven, que son los del lince: animal, que aunque muchos piensan ser muy estranho, es el lobo cerval, dotado de vehementissima vista. Petrarca, Son. 202. *Chiara alma, pronta vista, occchio cerviero.* I el Porrino, fol. 42. *E con occchio cerviero.* Se dice, que ay hombres que penetran con la vista, i que todo objeto para ellos es como para nosotros el cristal. En las historias andan memorados los llamados Lincos, o Linceos: uno, que desde la cumbre del monte Lelibeo distinguia las embarcaciones que salian del puerto de Cartago, distâcia de 40. leguas: otro hijo de Afareo, i uno de los Argonautas, de q se escribe, q penetrando con la vista todo el grueso de la tierra, via el infierno. Todo esto es falso, i contra la verdadera Filosofia, que nos enseña, q los rayos visuales no tienen virtud penetrativa, sino atraente: i q en esto ultimo puede aver diferencia, de mas, o menos virtud, como la ay en todos los otros miembros en diferentes personas, q los logrâ mas o menos puros, vivos, o vigorosos. Del Emper. Tiberio hallamos escrito,

que via de noche casi como de dia. Pero dexo ejemplos ; diciendo solo, que así se tiene experimentado del lince, o lobo cerval, que ve mucho más que todos los otros animales , esto es , que distingue mas las cosas que se le ofrecen a la vista : i aun creemos , que esto se dixo deste animal por ser timidissimo ; i el miedo desperta mucho la vista a quien le tiene , por su conservacion : i a esto pudo aludir el P. diciendo , que los Portugueses velavan con ojos de lince: porque estavan con temor de la maldad de aquella gente barbara: o tambien dirá, que ellos a su natural vigilancia añadian ojos de lince, porque della es simbolo, no el lince, sino el Leon, la grulla, el gallo, i el ganso. Vease a Pierio Valeriano.

LXVII.

Mas ja as agudas proas apartando
hiaõ as vias humidas de argento:
assopralhe galerno o vento, e brando,
com suave, e seguro movimento.
Nos perigos passados vam falando;
que mal se perderám do pensamento
os casos grãdes , dôde em tâto aperto
a vida em salvo escapa por acerto.

MAs ya las agudas proas ivan apartando las humidas vias de argento: soplales galerno, i blando, i con movimiento suave, i seguro el viento. Van hablado en los passados peligros: porque mal se perderán del pensamiento los casos grandes, adonde en tanto aprieto por acierto escapa en salvo la vida.

¶ *Mas ja as agudas pr. &c.* Notable es el P. en el desasir , i alir de las cosas , huyendo con industria feliz (poco imitada de los modernos, i au no excedida de los antiguos) de la proximidad de relaciones. Otro dixera en este lugar , el como los navegantes se libraron de aquel peligro, i salieron del puerto: pero el P. apenas dió a entender como se libraron , con el ultimo verso de la est. anteced. quando con el primero desta, ya los haze corriendo por las aguas prosperamente.

¶ *As vias humidas.* Assi en la e. 108. assi en la 48.del c. 8. i en la 70.del 10. Honi. Vlis. 3. *Vnde navigatis bumidas vias?*

¶ *Galerno.* Es voz nautica: vale viento favorable , con que se logra aquel viaje , que llaman a quartelar, i de todo paño: bonanza más estimada que la de viento en popa. Notad el cuidado del P. propuso la flota favorecida del cielo en la est. 61. i como tal, en esta, soplada de mejor viento. Ya lo hizo assi en la e. 43. del c. 1. como allá notamos.

¶ *Nos perigos passados vam falando,* &c. Vease como en ...ta brevedad no se le huye al P. ninguna ponderacion natural, i afectuosa. Que

cosa mas propia en los que escapan de algun perigo , que no hartarse de hablar en ello ? Imitacion pudo ser del cap. 24. de san Lucas, al referir la platica que llevavan los dos Discipulos que ivan a Emaus , sobre los sucessos de aquellos dias : *Et ipsi loquebantur ad invicem de his omnibus quæ acciderant* Pero vamos con los Poetas: el Maestro , quando en el 1. En. despues de aver perdido algunos compañeros , hazelos escapados, estar se acordando de aquel peligro, *Amisso longo socios sermone requirunt. Garcilasso Egl. 2. Del peligro passado razonando.* Mas desto en la e. 18.del c. 9.

¶ *Avidz escapa por acerto.* El acierto aqui vale a caso , por ventura , o yerro de la fortuna adversa : i tambien está dicho con Garcilasso en la Eglog. 1. *Perder su vida , i escapar por yrro:* que es valiente imagen de la grandeza del peligro.

LXVIII.

Tinha húa volta dado o Sol ardente,
e noutra começava, quando viram
ao longe douz navios, brandamente
C co' os ventos navegando, que respirá:
Porque aviam de ser da Maura gente,
para elles arribando, as vellas viram:
hum de temor do mal que arreceava,
por se salvar a gente à costa dava.

TEnia el ardiente Sol dado una buelta al mundo , i comenzava en otra , quando los navegantes vieron lexos ir navegando dos baxeles, con los vientos que respiran. Como avian de ser, como era fuerça que fuesen , de Moros, buelven las velas arribando para ellos : uno de temor del mal que recelava , dava a la costa por salvarse la gente.

¶ *Tinhabúa volta dado o Sol, e noutra co. &c.* Quiere dezir , que avia passado un dia , i comenzava otro desde que salió el Gama de Mombaça , i encontrò dos zambuxos , embarcaciones pequeñas ; i porque la gente que venia en ellos avia de ser Mora , por no aver otra por aquella marina, se resolvio en darles caça , porque tenia necesidad de Pilotos , i queria ver si podia alli tomar alguno. Vno dellos conociendo la resolution, i el peligro, varò en tierra, i salvose la gente: otro (como lo dirà la est. siguiente) que .ô en la mano al Gama sin resistir. Barros alli: *Partido Vasco da Gama, ao outro dia encontrou douz zambuxos que vinham para Mombaça , de que tomou bum com 13. Mouros:* i dellos hizo presente al Rey de Melinde, como veremos en la e. 106.

¶ *Ao longe douz, &c.* Parece en estos dos versos , que se están viendo allá delante navegar estos navios suavemente.

LXIX.

Ná he o outro que fica tā manhosos;
mas nas maōs vay cair do Lusitano;
sem o rigor de Marte furioso,
e sem a furia horrenda de Vulcano.
Que como fosse debil e medroso
da pouca gēte o fraco peito humano,
nam teve resistencia, e se a tivera
mais dāo resistindo recebera.

EL Otro navio que queda no es tā mañoso; i o
por menos diestro; o por mas osado , vino a
caer en las manos a los Portugueses, sin el vigor
del furioso Marte: i sin la furia del horrible Vul-
cano,sin usarla la espada,o la artilleria : que co-
mo fuese debil,i medroso , i tuviese el humano
pecho miedo de su propia gente por ser poca,no
tuvo resistencia,i si la tuuiera,recibiera mas daño
resistiendo.

G Sem a furia do Vulcano:assi qn las e. 68. del
c. 1. 106. deste: 7. del 9. 35. del 10. Parece ha-
zer el P. aqui la furia horrenda de Vulcano (que
es la artilleria) diferente cosa del rigor de Mar-
te , que son las armas de la guerra , de que son
principales las pieças de artilleria desde que ella
se usa : pero allá entiende todas las otras armas
que no son estas, i estas acá,i si todas.en todo cō
Virg. 9. Nō armis mibi Vulcani, &c. est opus, &c.

G Medroso da pouca gente. No está facil de
entender ; i está galano entendido : porque dice
el P. que el Moro tuvo miedo de si mismo : esto
es , viendo los qne venian en aquella embarca-
cion,que eran pocos para resistir a nuestra gente:
tuvieron miedo de su poquedad,porq no les ani-
mava a hazer cosa de provecho en su defensa i
les prometia, q para ser ofendidos bastava poco.

G O peito humano. Hallareis esto en la e. 34.
del c. 3. fin este temor.

G Naō teve resist. &c. Como no tenia fuerças
para resistir, entregose:porq cosa cierta es, q el q
puede poco no tiene mejor arma para defender-
se del q puede mucho,q la humildad, i redimiēto
a su arbitrio:no encórrādo esta cortesia cō algun
cobarde,q solo tiene manos para quié no las tie-
ne : i destas valentias huvo siempre muchas en el
mundo:de q no falta abundancia en nuestra edad.

LXX.

E como o Gama muito desejassee
Piloto para a India i buscava, (se,
cuidou q entre estos liouros o tomas-
mas nam lhe sucedeo como cuydava.
Que nenhum delles ha q lhe ensinasse
a que parte dos ceos a India estava:

A porem dizemlhe todos,que tē perto
Melinde,onde acharam Piloto certo.

I Como el Gama deseasse mucho algun Piloto
que le pusiesse en la India que buscava , pensò
que le toinasse entre estos Moros , pero no le su-
cedió como pensava ; porque ninguno dellos hu-
vo, que le enseñasse a qual parte dc los cielos es-
tava la India:pero dizenle todos,que tiene cerca
a Melinde,adonde hallarán Piloto sierro,ciente
seguro para aquel viaje.

B ¶ E como o Gama, &c. Lo que contienia la est.
veremos en Castañeda refiriendo este suceso,lib.
1. cap. 10. E como Vafco de Gama desejava de-
aver Pilotos , para que o levasssem a Calecut , &c.
tomaram 17. Mouros,e bum velho com sua molber
moçz, &c.

T Mas naõ lbe sucel. &c. Este mismo verso
en la est. 44. del c. 1 i casi en la 85. Ariosto c. 1.e.
9. Contrari a i voti poi furo i successi. I aunque el
Gama no halió en los Moros lo que deseava:ha-
lió esta noticia que le alivió mucho : i cc n indu-
tria los trató de manera , que llevandolos muy
contentos, resultó de ai, informado desso el Rey
de Melinde.el usar con los navegantes los favo-
res que luego veremos.

LXXI.

Louvā do Rey os Mouros a bōdade
condiçam liberal,sincero peito,
magnificencia grande,c humanidade,
com partes de grandissimo respeito.

O Capitam o assella por verdade,
porque ja lho differa deste geito,
o Cylenèo em sonhos,e partia (zia.
para onde o sonho, e o Mouro lhe di-

L Os Moros alaban la bondad del Rey, su libe-
ral condicion , i limplo pecho , gran magnifi-
cencia, humanidad , i otras partes dignas de res-
peto grande. El Gama lo tuvo por verdad,porq
ya en sueños se lo avia dicho assi Mercurio : con
esto partia para donde le dixerón los Moros, i el
sueño.

E ¶ Louvam do Rey os M. &c. Despues q el Ga-
ma tomó aquel barco de Moros,les preguntó lo q
avia por alli ; i ellos despues de dezirselo le ala-
baron mucho el Rey de Melinde,que estaba adelante.
Barros, cap. 5. Todos concorriam na bondade do
Rey , &c. I con elta informacion se fue a entrar
en Melinde. I porq el encuérto destos Moros cō
tan buenas nuevas subitamente , quando el Ga-
ma no las esperava , i se via desabrigado de ca-
dos lados,se pudo reputar por expreso favor di-
vino, de ai tomó el P. motivo para toda esta in-
vencion, con que dà a entender que fue milagro,

singiendo, que en sueños apareció al Gama un Angel, que le dixo saliese de Mombaça, que vi-
no a ser la resolucion que él tomó de salir de allí.
Vamos a la e. 75. aver esto más claro

¶ *O affella.* Quiere dezir, lo confirma; verbo deduzido del sello, i sellar de las cartas, que con la ceremonia de aquella señal se confirmán. Sale más clara esta significacion en las Redondillas del P. sobre el mote, *Menina fermosa*, &c. dizié-
do así.

*Nam sey quem affella
Vossa fermosura;
Que quem be tam dura
Nam pode ser bella.*

Valiendo allí el *affella*, lo mismo que asegura, o confirma, que es lo que se haze con el sello: en la est. siguiente lo dice el P. verso ult. Verlo.

¶ *Porque ja lho différa*, &c. Por las señas que Mercurio, o el Angel, dio al Gama en sueños en la e. 63. conoce él que esta es la tierra, i el Rey favorable que le prometió. Assi Eneas, por las que le dió Anchises conoció, entrado por el Tíbre, q allí era el fin de su navegacion, lib. 7.

Hic domus, hac patria est, genitor mibi talianāq;
(*Nunc repeto*) *Anchises fatorum arcana reliquit.* C I lo que estaba diciendo Eneas de la tierra en que se hallava, dixo despues el Rey della, dèl a sus Embaxadores. Que el era aquel que le avia dicho el Dios Fauno, avia de aportar por su bien en aquella parte.

..... *Hunc illum poscere fata,
Et ror, &c., si quid veri mens augurat, opto.*

De manera, que en lugar deste Fauno que predijo la venida de Eneas a Latino, está acá el Angel que predijo la del Gama al Rey de Melinde: i esto con más fundamento, porque precedieron aquellos Moros que dieron motivo a la invencion, como veremos en la e. 75. Iuzguese agora, si estaba bien oculta esta imitacion: i si descubierta está bien hermosa. Pues mil os voy dando destas en migrañ P. Advierço, que bien pudo suceder soñar el Gama aquella noche, que hallava aquella buena ventura; i al otro dia hallarla: que mil veces sucedió esto.

LXXII.

Era no tempo alegre, quando entrava no roubador de Europa a luz Febea. quádo hú, e o outro corno lhe aquéta. E e Flora derramava o de Amaltea. (va, A memoria do dia renovava, o presuroso Sol, que o ceo rodea, em q aquelle a quem tudo está sogeito o sello pos a quanto tinha feito.

E Ræsto en el alegre tiempo que entrava la luz Febea en el robador de Europa, i le calenta-

A va el uno, i el otro cuerno, i Flora derramava el de Amaltea. Renovava el presuroso Sol, que rodea el cielo, la memoria del dia en que aquel a quien todo está sujeto puso el sello a quanto tenía hecho.

¶ *Era no tempo, &c.* Casi así e. 27. del c. 4. El P. describe agora el tiempo en que la flota entró en Melinde, que fue la Primavera, i el dia de Pascua de Resurrecion de aquel año. Luego vendremos a las particularidades. Ay en la arte Retorica una figura llamada Cronografia; la qual se usa cada vez que se describen los tiempos en que sucede algo: i esta descripción en los Poetas, ordinariamente es por perifrasis, o circuloquio, que es decir por rodeos lo que se pudiera decir sin ellos. Es nuestro P. en estas figuras rarissimo; i tiene muchas en este Poema, que cuando se leen levantan el espíritu. Esta es de las bellissimas. Vamos a las imitaciones. Virgil. 2. *Tempus erat quo prima*, &c. En el 3. *Vix prima inceperat astas*. Georg. 1.

*Candidus auratis aperit dum cornibus annum
Taurus &c.*
Ovid. epist. Ariad. *Tempus erat, &c.* Petrarca c. 4. de Amor, *Era ne la stagion, &c.* Soneto 3. *Era il giorno che, &c.*

¶ *No roubador de Europa.* Su luz se tiene de Juan de Mena, cop. 42.

*Vimos aquella que Europa dixerón,
Dela que robada en Taurina fusta, &c.*

¶ *Quando bum e o outro corno lhe aquentava.* Petrarca entrando en sus Triunfos.

*Scaldava il Sol gial' uno, e l' altro corno
del Tauro, &c.*

Panfilo Sasso, cap. 11.

D *Quando infiammato alo celeste Toro,
Il car di Phebo l' uno, e l' altro corno.*
Mario de Leo, est. ult. del c. 2. de Amor preso, *Scaldando al Tauro le dorate corna*, Ivan Baptista. Giraldo Cintio en Hercole, *Tal quando scaldava al Toro ambe le corna.*

¶ *E Flora derramava o de Amaltea.* El P. en sus Rimas, canc. 7. O corno de Acheloo Flora enternava. Garcilasso Egl. 3. *Que derrama la copio todo el cuerno.* Ovid. Met. 9. de este mismo cuerno.

*Naiades hoc pomis, & floris odore repletum
Sacrarunt, &c.*

Quiere dezir nuestro P. que Flora derramava flores, i prometía frutos en la tierra, porque ellas son la promesa, i esperanza de ellos: exemplo en q no quieren detenerse algunos llamados señores, queriendo que la gente que los sirve tenga por fruto verdadero la flor de una risa, i otras acciones, que fuera mejor perder mucha hacienda, que usarlas por no usarla: pues al fin, al fin, los hombres se desengañan, i vienen a arrojar de si las tales flores por muy usadas; porque en siendolo mucho, hieden aun las mas olorosas: i entonces conocen todos, que vale más un maravedi, que mil ramilletes de los, para servir, i ser servido.

Buel-

Buelvome a los cuernos del Toro , que a veces es mejor que a essos favores : i digo, que de muchas maneras se refiere el origen del cuerno de la Abundancia, que el P. aqui nos ofrece. Vayan algunas, que no se puede escusar. Peleado Acheloo con Hercules se convirriò en Toro, i Hercules le arrancò un cuerno , que fue hecho compañero de la Copia, i finalmente de Amaltea. Otra. Hamon, Rey de una parte de Libia, encontrò en un monte a Amaltea, dama hermofoda, i aviendola logrado le diò un pedaço de tierra (fertil de varios frutos) que tenia forma de un cuerno de Toro ; i por esso fue llamada el cuerno de Amaltea. Otra. Era Amaltea una cabra que criò a Iupiter, que por esso le concediò , que quien tuviesse un cuerno suyo, no le faltaria nada; i por esto se pinta lleno de flores , que son las esperanças de casi todos los frutos. Otra. Era Amaltea una muger mercante ; i el dinero que cada dia ganava metia en un cuerno, el qual le hurtò Hercules. Dos cosas dirémos desto: una, que bien serà menester un Hercules para sacar dineros de la mano de mugeres, i mercantes: otra, que de la costumbre desta devia proceder lo que estamo s viendo en Roma en algunas tiendas, que es tener cada uno en la sua colgado un cuerno, i echar en él el dinero que cae aquel dia. Bolsa es odiosa, mas que muchos que no son tenderos , no teniendo otra, no tienen odio con ella: i aun agora ay algunos, que hazen no parecer fabuloso lo que se dezia del de Amaltea, acerca de que no faltava nada a quien le tenia : que, cierto , son increibles las virtudes del cuerno, aunque no sea unicornio; i tiene apostado con la iman, a atraer ella hierro, i plata éél: i aun de plata se dice era el de Amaltea : enseñando asi, que a quien ella no falta todo le sobra; si no viene, toda via , a caer en las manos de aque llos que teniendo mucho, codician más : que los tales teniendolo todo , todo les falta. Bien me perdonará el Letor, que me aya detenido en darle con este cuerno.

¶ A memoria do dia renovava. Casi assi el P. c. 115. del c. 2. i 68. del 5.

¶ O sello pos a quanto ti. &c. Quiere decir, q resucitò Christo; o que era dia de Pascua de Resurrecion, el dia que entraron los navegantes en Melinde: i dice bien: porque el resucitar Christo, justamente fue el sello de sus obras: assi como el escudo, o blasón en las de los Príncipes, i el sello en sus papeles , es ei ultimo remate , i perfecion dellos: i esto de la Resurrecion, tambien fue lo ultimo que los Profetas avian dicho ; i tan difícil al credito , o Fé ; que entre los propios Discípulos hubo algunos que lo dudaron: i finalmente, Christo los despachò por el mundo , dandoles las ordenes de lo que avian de hazer : i esto es lo ultimo que hizo despues de resucitado : i esto fue realmente poner el sello a lo hecho. Bié veo, que este perifrasis no está menos propio del Domingo : por la parte de q Dios en el pulso el sello a la

creacion del mundo , condezir que estaba todo A bneno. Al fin , este dia de Resurrecion fue el de 15. de Abril de 1498. Pero entrando el Sol en Tauro(esse es el robador de Europa) a 19. parece , que el Sol aun andava en Piscis : i no es assi: antes andava en Tauro avia siete , o ocho dias: por las razones que hallaremos en la nota 1. a la e. 2. del c. 5. De modo, que en este parage, en este dia , se hallaron los navegantes sobre nueve meses i medio de navegacion: i puedese ponderar, q aviendo Dios criado el hombre en la Primavera, i perdido uno i otro, reparadolos cō su Muerte en la propia Primavera, parece que misteriosamente perniria , que la primera esperança que nuestros navegantes tuvieron de criar aquel nuevo mundo , para alistarse debaxo de la vandera Católica , fuese en la misma Primavera , i en el dia de la accion más gloriosa de Christo. I como Domingo, esto quiere dezir , Dia del Señor : este Domingo en que los Portugueses llegan a las puertas de la India, para plantar en ella el Evangelio , es mas propio de su divina Magestad. En la est. siguiente más a este proposito.

LXXIII.

C Quádo chegava a frota a aquella par onde o Reyno Melinde ja se via, (te, de toldos adornada, e leda de arte, que bem mostra estimar o sancto dia. Treme a bandeira, voa o estandarte; a cor purpurea ao longe aparecia; soam os atambores, e pandeiros; e assi entravam ledos, e guerreiros.

D Vando llegava la armada a aquella parte, Q adonde ya se via el Reyno de Melinde : i ella con esta vista iva ya tan adornada de toldos, i alegre, de tal arte, que bien muestra estimar, venerar aquel santo dia. Tiembla la vandera movida del ayre, buela el estandarre: aparece desde lexos el purpureo color : suenan atambores acompañados de panderos, sonajas : i deste modo entravan los navegantes alegres, i guerreros.

¶ O Reyno Melinde, &c. Comienza el Gama a lograrse del buen hospedage de aquel Rey, como Eneas del de Anio, segun advertimos en la e. 61. Vease.

¶ De toldos, &c. treme a bandeira, &c. a cor purpurea ao longe, &c. Todo alegrías, i adornos maritimos. Deitos se acordò Virgil. al salit Eneas de Cartago, lib. 4. *Puppibus, & lati nautæ impo-suere coronas.* En la e. 59. del c. 1. i otros lugares, tocamos aigo de la costumbre antigua de ponerse de fiesta las naves, con diferentes adornos: mas de todo poco, porque no es esso lo de que necesita el P. para ser explicado : i yo pretendo no mostrarme docto sin necesidad.

¶ Treme a bandeira, voa o estandarte. Los verbos están muy de mano maestra: porque estando una hasta embaynada por una parte de la vanderia, la tiene allí segura, i corriendo el ayre la tiende, i haze allí estar temblando: al contrario el estandarte, pende por cordones largos de qualquier antena, o xarcia, i assi el ayre le lleva de una parte a otra, de modo, que parece que anda bolando: por esso bien, tiembla la vandera, buela el estandarte: por otro modo lo mismo e. 85. del c. 4.

¶ A cor purpurea ao longe apar. &c. No solamente era este color purpureo, que se via desde lexos, el de algunas vanderas, sino aquellas faxas roxas con que se suelen rodear las naves en ocasion de festejo, como ai diximos, al uso antiguo. Vease desto sobre la e. 29. del c. 5. i el lugar es de Virgil s Puppibus, &c. *Ductores longè effulgent ostroque decori.*

¶ Pandeiros. Parecerá, que no es buena mezcla esta de caxas, i pandeiros. El P. sabe muy bien hacer las que convienen. Allá en la e. 27. del c. 4. juntará a las caxas los pisafatos, porque allí convenia; que era todo guerra: acá las junta a los pandeiros, porque se mezclava la guerra con la alegría; i della son propios estos instrumentos, i otros semejantes. Mas preguntará alguno, quien llevó allí ponderos? Conviene saber, que la gente ultima de mar lleva instrumentos de alegría tambien: parece, que entre ellos ivan sonajas, que esso es pandeiros en Portugues; i lo que el Portugues llama adufe, es lo que el Castellano llama pandero. Nuestro gran Barr. Dec. 1. lib. 5. cap. 1. describiendo las despedidas en la playa, quando Pedro Alvarez Cabral passò a la India despues que vino el Guna, dize de los instrumentos que allí se oian, deste modo: *O que mais levantava o espírito destas couisas, eram trombetas, atabales, cestros, tambores frautas, pandeiros; e até gaytas, cuja sorte soy andar nos campos apascentando o gado, naquelle dia tomaram posse de ir sobre as agoas salgadas, porque para viajem tam prolixas, tudo os homens buscavam para vencer a tristeza do mar.* Esta es la causa de que fuesen allí sonajas, i pandeiros: los quales ivan tocando al entrar en Melinde, mostrando que festejavan aquel dia santo, por ser de tal Pascua, i aun porque llegavá en él a un puerto, en que se prometian buen hospedage, conforme a la informacion de los Moros, que el Gama llevava, como ya diximos.

¶ Ledos, e guerreiros. Porque con la alegría de llegar a Melinde (que no deve aver otra que se ignale a la de navegantes, quando toman puerto) no solo mezclavan instrumentos de festejo, si no que tocavan de fiesta los guerreros, i verdaderamente aviendo entrado allí en dia de Resurrecion, con aquellas alegrías, pareció que aquel era el dia del Señor, como diximos en essora est. por el beneficio que desta entrada resultó a la Iglesia Católica; i que los propios que entravan hazian en él lo que ella manda, *Hac est dies quam*

fecit Dominus, exultemur, & letemur in ea. . Itá bien, *Quam fecit Dominus*, porque Dios previno la felicidad dese dia, con aver embiado delante el Angel representado en Mercurio, a sazonar el coraçon de la gente Melindana, para que no tratasse mal a los nuestros, como la de Moçambique, i Mombaça, segun vimos desde la e. 56. i de creer es, que con estas memorias describió el P. aquellos regozijos. Barros cap 6. dice tambien como entraron con fiesta, *Indo com os navios embandeirados* (dize él) e acompanha delles com grandes folias por solemnidade da festa. I sobre aver Entrado ei dia deita en Melinde, i otros semejantes de la Iglesia en diferentes puertos, se vea lo dicho a la entrada de la Nota primera al Titulo delte Poema.

LXXIIII.

Enchese toda a playa Melindana de gente que vem ver a leda armada; gente mais verdadeira, e mais humana q̄ toda a de outra terra atrás deixada.

Surge diante a frota Lusitana;
C peg: no fundo a ancora pesada.

Mádā fora hú dos Mouros q̄ tomara, por quē sua vinda ao Rey manifestará.

Toda la playa Melindana se inche de gente q̄ viene a ver la leda armada: gente más verdadera, i humana, que toda la de la otra tierra dexada atrás. Surge adelante la Lusitana flota: pega en el fondo la ancora pesada: embian fuera uno de los Moros que tomaron, por quien manifestaron al Rey su venida allí.

E Enchese toda a playa Melind. &c. Dicho puntualmente con Virgilio, quando Eneas llegó al puerto de los Ciclopes, i ellos concurrieron a la playa por la novedad. lib. 3. *At genus e sylvis Cyclopam, &c. excitum ruit ad portus, & littora cimplent.* Así Lucano, del llegar de Pompeo al puerto de Mitilene, *Tunc Mityleneatum iam plen littore vulgus, &c.* Parece que se está viendo en esta est. el concurrir de la gente a la playa, por ver la novedad, i el echat de las ancoras, i el salir luego algunos en tierra.

E Pega no fundo a ancora pesada. Es pesado este verso, como la propia ancora; i del modo q̄ ella pega en el fondo, pega él en la lengua: assi porque las quattro palabras de que consta son de sonido pesado, como por aquella suerte de sinalefa entre el fondo, i la ancora, de que parece no puede desasirse la pronunciacion, que es la violencia entre la ancora, i la agua, industria benemerita de la elegancia, destreza, i estudios del P. que sabia, que los grandes hombres siempre usaron este artificio, no exprimiendo con las voces solas el concepto, sino tambien con el sonido de los nu-

numeros, acomodandolos al proposito. El de-
zir en tal ocasion fue de Virgil. lib. 1. *Alligat an-*
chora morfu; o en el 6.

..... *Tum dente tenaci.*

Anchora fundabat naveis.

I el arte de pintar con la composicion de las pa-
labras, i eleccion dellas, i sonido del numero, lo
q se dice, tambien es de Virgil. en el 2. mostrando co
la frequencia de espondeos la imagen de vn grâ
peso : asy.

*Intendunt, scandit fatalis machina muros,
Et monstrum infelix sacrata sistimus arce.*

I antes en el 1. observado de Scaligero *Dura-
te, & vosmet rebus seruate secundis.* Teniendo el
numero la propia dureza que exorta. Lucrecio
lib. 2.

*Timpana tenta tonant, & cymbala circum,
Concava raucis onq; minantur cornua cantu.*
Lugar sobre el qual dice Lambino, que cada vez
que lee estos versos, le parece tener en los oy-
dos el sonido de aquellos instrumentos. La Ex-
celentissima de Pescara, mostrando la dificul-
tad de vn camino.

..... *E qui viaggi*

Son troppo erti al mio pie:

Que como dice su Comentador Rinaldo Corso, parece que se sale con fatiga de la lecion del mis-
mo verso, como pudiera suceder de la subida
dei proprio camino. Angel. Policiano lib. 2. *Ma
come scoglio, che incontr' al mar dura :* mostrando
en la dureza del verso, la del peñisco. El Carde-
nal Bembo en la e 42. de las 50. *E l'arche gravi
per molto tesoro :* verso tan pesado, como podian
ser las arcas, que describe. Garcilasso, son. 13.
De aspera corteza se cubrian. No queriendo por
exprimir la aspereza en el propio numero hazer
alli sinalefa, como bien nota Herrera: sobre el
qual lugar trae muchos de semejante artificio,
que podeis ver. El Maestro Rioja advertidamente
alaba en las Poesias del propio Fernando de
Herrera essa industria. I assi sabe poco de Poesia
grâde quié le códene aquel juicio, diciendo, que
era querer dorar yerros de Herrera, que escri-
vio como docto, i como docto se lo observó
Rioja. Yo embidiâo la alabança de tales imita-
ciones, dixe en el Soneto 29. de Tristibus. *Por
vnos passos assi violentos.* Violétos como el pro-
prio verso con que descrivio los de fortuna adver-
sa. Vease lo dicho en las e. 79. i 89. del cap. 1. i
que se dirá en las 71. del 6. i 29. del 10.

¶ *Mandan fora hum dos mouros que tomaram.*
Veys aqui aparece la prudencia del Gama. Avia
el, como vistes, tomado aquellos Moros, i vino-
los tratando co grandes caricias, i regalos, por-
que determinò informar de si con ellos al Rey
de Melinde: creyendo, que ellos quando no en-
careciesen el buen trato, no lo negarian, i que
con esso se inclinaria el Rey en su favor: i assi su-
cedio: porque en llegando embio uno con un
Portugues, i el informò al Rey de modo que su-

cedio lo que se sigue. Barros, Decad. 1. lib. 4.
A cap. 6.

LXXV.

O Rey que ja sabia da nobreza
que tanto os Portugueses engrâdece,
tomarem o seu porto tanto preza,
quanto a gente fortissima o merece.
E com verdadeiro animo, e pureza,
que os peitos generosos ennobrece,
lhe manda rogar muito que saissem,
para que de seus Reynos se servissem.

E L Rey que ya sabia de la nobleza, que tanto
engrandece a los Portugueses, precia, estima
tanro, que ayan tomado su puerto, quanto lo
merece la fortissima gente: i con un animo ver-
dadero, i una pureza, que mas enoblece, i ilustra
a los generosos pechos les embia a rogar, que
saliesen en tierra, para que se sirviessen de su ciu-
dad, de sus Reynos.

¶ *O Rey que ja sabia,* &c. Contiene la e. lo
que se dexa ver de la explicacion: i todo consta
de Barros cap. 6. Sobre el saber este Rey antici-
padamente de los Portugueses, se vea lo dicho
en la e. 104. del c. 1.

¶ *Ia sabia.* Continua el P. consu invencion:
dixo en la e. 58. que el Angel avia llegado a Melinde, i avia dexado alli la fama de los navegan-
tes antes que llegassen: i agora dice, que el Rey
ya sabia quien ellos eran quando llegaron, porq
se lo avia dicho esse Mercurio: de manera, que
Mercurio hizo figura de Angel, i aquell Moro, q
el Gama embio hizo la de Mercurio: porque en
suma el fue el Angel, i el Mercurio, i la fama, que
el P. finge, fue delante a Melinde; por quanto el
Gama co la industria que ai os acabamos de de-
zir tratò aquellos Moros muy bien: i este que
embio al Rey, le dixo, de agradecido, tales cosas
del trato, i procedimiento de los navegantes, q
el se resolvio a embiar luego dos vassallos tuyos
a ofrecer al Gama todo lo que alli le fuese de
prouecho. I veys aqui deshecha la invencion del
Angel, i de la Fama, como os propuse en las e.
57. i 58. I porque esto de un Rey barbaro mos-
trarse humano con gente a quien avia ofendido
E toda la barbaridad vezina suya, parecio, i fue
realmente obra, i providencia de Dios. Finge el
P. que algun Angel suyo vino a sazonar el espiri-
tu de aquel Rey: i por ventura lo hizo al son de
lo que dice en esta ocasion Barr. Dec. 1. lib. 4.
cap. 6. *A qual facilidade os nossos atribuirâ mas
a obra de Deos que a outra causa.* Acreciento mas,
que aviando yo dicho sobre la e. 40. del c. 1. que
este Mercurio devia representar al Angel Ga-
briel, agora digo, que sin duda le representa: por
que el P. funda sin falta alguna esta introduccion

de Angeles à acudir a los navegantes, como vemos aqui, i vimos en la e. 20. no solo por las razones allá apuntadas, sino porque los propios navios en que ivan, tenian Angeles por Patrones, i el del Gama se llamava S. Gabriel; i el de su hermano, S. Rafael, como dice Bar. Dec. 1. lib. 4. c. 2. i Vasco de Gama devia ser devoto de aquel Angel, o le cobraron devocion sus descendientes por esta dicha: porque quando el suyo de nuestros dias passò a la India por Virrey dos veces, siempre llevò consigo la imagen de relieve deste Angel: i como siempre la Capitana va delante, i ella se llamava S. Gabriel, finge el P. que fue delante a Melinde, Mercurio: i assi es necesario, que el represente a Gabriel. Diran agora los escrupulosos: Porque este Angel no obró tanto en los puertos passados, com' en este? Respondemos, que el Angel no haze mas de lo que Dios le manda, i que pudo agora ser mandado, i entonces no: por esto finge el P. que Mercurio, fue particularmente mandado de Iupiter en esta ocasion: i es a buen tiempo, porque Dios no haze milagros anticipados: i agora ya era tiempo, porque ya la fuerça humana, no pudiera passar adelante sin socorro de la divina, sobre tantos trabajos: i es doctrina de Dios, que trabajemos primero, que le pidamos milagros, o los esperemos de su misericordia.

¶ Da nobreza quanto os Portugueses engrandece: i luego abaxo con excelente armonia, Pureza que os peitos generosos ennobrece. Demaneira, que el P. está constante en enseñar, que la verdadera nobleza son procedimientos limpios, i verdaderos por todos caminos: i que la mētira, astucia, i traicion lo ensucia todo; i puede ensuciar al mismo Sol: para que lo entiendan quantos presumen de Soles, i son muy enamorados de esas tres señoras. Ercilla el primer verso, que mas los Españoles engrandezcan, canto 1.

¶ Le manda rogar muito que saissen, para q̄ desseus Reynos se servissem. Todo esto es, a imitacion de Virgilio, describiendo las acciones de Dido generosas, con los Troyanos, que surgieron en Cartago, lib. 1.

*Vultis, & his mecum pariter considere regnis?
Urbein quem statuo, vestra est, subducite naveis.
I tambien de lo que el Rey Larino embia a decir a Eneas en el 7.*

*Ipse modo Aeneas (nostris si tanta cupido est,
Si jungi hospitio properat, socius ve vocari.)
Adveniat, &c.*

Queno es creible como el P anduvo eligiendo todos los sucessos verdaderos de nuestros navegantes, parecidos a los inventados de Virgilio, i Homero, como ya ponderamos otra vez, i se deve ponderar muchas.

LXXVI.

Sam offereamientos verdadeiros,
e palavras sinceras, nam dobradas,

A as q̄ o Rey manda aos nobres caualeiros q̄ tanto mar, e terras tem passadas. (ros Mandalhe mais lanigeros carneiros, e galinhias domesticas cevadas, com as frutas q̄ entam na terra avia, e a vontade à dadiva excedia.

S On ofrecimientos verdaderos, i palabras sinceras, no dobradas, las que el Rey manda a los nobles Cavalleros, que tienen passado tanto mar, i tierras. Mandales mas lanigeros, carneros, i domesticas, i cebadas gallinas; con las frutas q̄ avia entonces en la tierra; i a la dadiva excedida la voluntad.

¶ Lanigeros carneiros, e galinhias: assi en la e. 6. 4. del c. 5. i del presente que el Rey de Melinde hizo a los navegantes, con cuidado especifica el P. las gallinas, i carneros, por lo mucho q̄ se alegrarian ellos de hallar en tierra tan remota los mismos animales, i mantenimientos nobles de la suya: i ademas desto, i de ser la dadiva verdadera, hallo lugar en Virgil. para ser imitada. Assi refrescó Dido (lib. 1.) a los Troyanos allí aportados.

..... Ad littora mittit

*Viginti tauros, agnorum torrentia centum
Terga suum pinguis cætum cum matribus agnos.*
El lanigeros está en el 3. Lanigeræ committantur oves. Todo vendimiado de Homero, que es la hacienda Poetica, Ilia. vlt. Ovis lanigera. Tambien en este presente, imita el de Latino lib. 7. aunque fue mas rico.

¶ Com as frutas que entam na terra avia. Sanaz. Arcad. prosa 6. Et di quei frutti che la stagione concedeva. B. Tasso Florid. c. 7.

*Ove trova ogni grata mensa picna
De ciò che dar potea quell'astagione.*

¶ E a vontade à dad. &c. Elto de exceder la voluntad a la dadiva, es consideració de Virgil. en las dadivas de Andromaca a Ascanio lib. 3. Et Pbrygiam Ascanio chlamidē; nec cedit honori. I assi como la voluntad sin obras, es digna de poco credito, con ellas es de mayor estima, q̄ ellas mismas.

LXXVII.

E Recibe o Capitam alegremente o mensageiro ledo, e seu recado: e logo manda ao Rey outro presente, que de longe trazia aparelhado: Escarlata purpurea, cor a dente; o ramoso coral fino, e prezado, que debaxo das agoas mole crece, e como he fora dellas se endurece.

Alegre-

A Legrementec recibió el Capitan al alegre mensagero, i el recado que traia del Rey : i luego le manda otro presente , que ya traia aparejado, pronto de lexos para estas ocasiones. El contenía purpurea escarlata , color ardiente ; el ramoso, fino , i preciado coral, que debaxo del agua crece blando, i fuera della se indurece.

T Recebe o capitam , &c. Estos cinco versos son casi los mismos de la e. 61 . del c. i. El Gama recibió el presente del Rey , i luego le hizo otro, de algun pedaço de grana, i algun coral: cosas propias para estimarse en aquellas partes. Estos presentes son a imitacion del de Eneas a Latino lib. 7 . i del de Eleno a Eneas en el 3 . pero no son como ellos; puesto q en la propiedad , i correspondencia de la persona, aquien se dio este, si; porque tanto estima un Rey negro, un pedaço de coral, o grana, como Latino, i Eneas podian estimar la taça e Anchises, i las armas de Pirro : el de Eneas a Latino.

*Hoc pater Anchises auro libabat ad aras;
Hoc Priam gestamen erat, &c. sceptrumque
Sacerque tiaras: Iliadūque labor vestes.*

Los de Eleno a Eneas.

*Ingens argentum, Do doneos que lebetes
Loricam, &c. arma Neoptolemi, &c.*

T Escarlata purpurea, cor ardente . Correspondese en la e. 29 . del c. 5 . i imita los autores (en el adjetivo dezimos) que traeremos, sobre el fuego ardiente de la e. 39 . del c. 4 . Vease, que se rà en mejor ocasión; i vamos procurando no efectivar una cosa dos veces. El nombre de escarlata es comun a las principales lenguas de Europa; i la rela muy conocida. El P. como tal , va pintando estos presentes a su gusto; porque el Gama no llevava esto, como vimos en la e. 61 . del c. 1 . pero deviera llevarlo , porque esto deseavanes- tos barbaros, i no lo que el llevava , con el engaño que diremos en la e. 62 . de! c. 8 .

T O ramoso coral, con gran propiedad el epíteto, porque haze muchos ramos.

T Que debaxo das goas mole crece, è como befora dellas se endurece. Es comun opinion , que el cora: debaxo del agua es verde, i blando; i fuera, roxo, i duro: de las perlas se dice tambien , que son blandas en el mar. Cosa es de curiosidad, notar que siendo el coral tan roxo , si le mueven es blanquissimo. Pero esto de ser blando en el agua, i fuera duro , dixolo el P. con buenos autores. Ovid. mer. i 3 .

*Sic & coralium quo primum contigit auras,
Tempore durescit, mollis fuit berba sub undis.
Mejor aun antes lib. 4. Vimen in æquor erat, fiat
super æquora saxum. Claudio en el epitalamio
de Honorio i Maria.*

*Vimen erat dum stagna subit, processerat undis
Gemma fuit.*

Para que se vea, que quanta erudicion , estilo , i variedad se halla en todos los Autores está junta en este.

CXXVIII.

A Manda mais hum na practica elegante q coço Rey nobre as pazes cõcertasse; e que de nam sair naquelle instante de suas naos em terra, o desculpasse. Partido assi o embaixador prestante, como na terra ao Rey se apresentasse, com estilo que Palas lhe ensinava B estas palabras tais falando orava.

E Mbia mas el Gama un hombre elegante en la platica, noticioso de la lengua Arabiga, q alli se habla , para que tratasse pazes con aquel noble Rey : i se disculpasse con el de no salir al instante en tierra. Partido, pues , el prestante Embaxador, luego que fue delante del Rey, con un estilo que le enseñava Palas , hablando orava estas tales palabras.

T Hum na practica elegante : era un Fernando Martinez, como se vè en la e. 77 . del c. 5 . i haze aqui la figura de Ilioneo , embiado de Eneas al Rey Latino, como luego veremos en las e. segu.

T E que de namfair, &c o desculpasse . En las e. 83 . 84 . veremos esta disculpa.

T O Embaxador prestante. Diremos , que se accordò el P. de la frassie de B. Tasso? Si c. 9 . de su Floridante. Del gran valor del Cavalier prestante

T Com estilo que Palas, &c. El P. haze agora al Fernando Martinez, o: Nauto, que Virgilio lib. 5 . dize era discípulo de Palas ; i de aquel lugar salio este *Nautus unum Tritonia Pallas quæ docuit. &c. bac responsadabat. Juâ de Bar. cap. 6.* Díze, que con el More: fue un Portugues , i q por ellos, pidiò el Rey al Gama, quisiese salir en tierra; i a esto sucedió el presente . El P. como tal va con variedad. Advierzo, que Damião de Goes, cap. 39 . dize, que este interprete se llamava Martin Alonso . i yo, porque el P. no se acuerda, sino de Fernando Martinez , continuaré en iste nombrando en estas ocasiones.

LXXI X

Sublime Rey a quē do Olimpo puro, foy da summa justiça concedido, E refrear o soberbo povo duro, nam menos delle amado q temido: Como porto muy forte, e muy segude todo o Oriente conhecido, (ro, te vimos a buscar , para que achemos em ti o remedio certo que queremos.

S Vblime Rey a quien del puro Olimpo, i summa soberana justicia, fue concedido, refrenar, tener

ner el freno con que goviernas el soberbio, i duro pueblo, de modo q del eres no menos amado q temido : nosotros te venimos a buscar , i a tu puerto seguro, i fuerte, i conocido en todo el Oriente, para q hallemos en ti el cierto remedio, q queremos ; el amparo, i socorro de que necessitamos.

G Sublime Rey, &c. Comienza Fernan Martinez a hablar al Rey : i com a haze la figura de Ilioneo, segun ya diximos , tambien le horta las palabras de la boca *Rex genus egregium, &c.* Sol aspiciebat Olimpo, &c. Esto quando en ei 7. habia a Latino; i quando en el 1. a Dido , desta manera.

*O Reginanov. in cui condere Iupiter urbem
Iustitia que dedit gentes frenare superbis,
Troes temiseri ventis maria omni vesti
Oramus prohibe infundos a navibus ignes.*

Parce pio generi, & proprio res respice nostras. Isus semejanças se tiene esta petición : ó la orra, q Eneas hazia a la Sibila en Cumis lib. 6. I Virgilio anduvo desfrutado todo Homero lib. 9. qnā do Ulises pe la socorro a Polifemo. *Nos autem rursus accedentes ad tua genua venimus, si quid dederis hospitale, &c.* *Suplices autem tibi sumus, &c.*

G Nam menos delle amado que temido. Ver lo que direm is sobre semjante verso en la e. 14. c. 10. Tal ha de ser un Rey, o Principe en las acciones, no duro de manera, que se aborreza ; no facil de modo, que se desestime ; si io severo con suavidad, i al contrario; que assi se viene a hazer temido sin violencia, i amado con respeto. Vea se como el P. quiere sean las señoras, en la e. 21. del c. 6.

LXXX.

Nam somos roubadores, q passando Dellas fracas cidades descuidadas, a ferro, e a fogo as gētes vāo matādo, por roubarlhe as fazēdas cobiçadas: Mas da soberba Europa navegando, imos buscando as terras apartadas, da India grande, e rica, por mandado de hñ Rey q temos alto, e sublimado.

N Osotros no somos robadores , que pisan do por las descuidadas ciudades , van matabo a hierro, i fuego su gente, para robarles las codiciadas haciendas : Somos de la sobervia Europa, i navegando vamos buscando las remotas tierras de la grande i rica India , por mandado de un Rey q tenemos alto, sublime, i soberano.

G Nam somos roubad, &c. Con Virgilio alli *Non nos aut ferro lybicos populare penates
Venimus, aut raptas ad littora vertere predas,
Nonea vis animo, &c.*

Notese que nuestro P. no pasó de aqui en la imitacion de aquel lrgar, porque Virgil. continua diciendo. *Nec tanta superbia est: etis:* assi porq los Portugueses no ivan vencidos , como por dissimular aquella parte de vencedores , que tuvieron en Moçambique, por no hazer sospechoso el ruego con que entravan agora.

Pellas fracas cidades descuidadas. Ercilla c. 13. a dar en las ciudades desenvidadas.

¶ Soberba Europa : en la e. 6. del c. 3.

¶ Imos buscando. Assi en las e. 50. 52. 6 4. del canto primero.

B ¶ De bum Rey que temos alto, &c. De la boca del mismo Ilioneo orando a Dido lib. 1.

*Rex erat Eneas nobis quo iustior alter
Nec pietate fuit, nec bello maior, &c armis.*

Iustissimamente da el P. estos titulos al Rey D. Manuel, que al fin fue llamado hijo de la Ventura : tal fue el , i las felic dades de su Reynado , i vease lo que diximos del con ocasion de su nacimiento en la nota 1. a este Poema.

LXXXI.

*Que geraçam tam dura ha hi de gēte,
que barbaro costume, e usança fea,
q nam vedem os portos tam somēte,
mas inda o hospicio da deserta area?
Que mà tençā? q peito em nos se sēte,
que de tam pouca gente se arrecea,
que com laços armados tā fingidos,
nos ordenalsem vernos destruidos?*

Q Val generacion de gente ay tan dura en el mundo ? qual barbara costumbre, i feo uso, que no sola mente veden los puertos, sino annel hospicio miserable de la desierta arena? qual maña intencion ? qual injusto pecho se siente en nosotros, que causemos temor o recelo, siendo tan pocos, para q con tā fingidos laços, con tracyciones, ordenassem, i pretendiesen vernos destruidos.

¶ Que geraçam tam dura, &c. Va despojado todo el buen Virgilio alli. (morem

*Quod genus hoc hominū? quæ ve bunc tā barbara
Permittit patria? bussitio proibemt. r arenæ
Bella crient, primaq; vetant confitere terra
Si genus humanum, & mortalia ténitis arma.*

¶ O hospicio. El hospital i su reparo, para los Peregrinos. Iosepho dice, que el inventor de los hospitales, fue Hircano en Ierusalem . Aqui en Roma veo, que ay diferencia de hospital a hospicio ; siendo este menos comodo que aquel ; i todo es malo para bueno : mas porque para remedio de tristes no ay cosa mala, a esse titulo, esta es bonissima, i procedida solamente de coraçones piadosos. Por dicha , que Virgilio, i Camoés dixeron hospicio con el respeto a ser cosa mas incomoda.

comodo, que hospital, acusando aquella barbaridad, de que ni el campo abierto davan por cama a los passageros.

¶ *Deserta area.* Virgil. en el 2. *Deserto in litore, &c.* Podrá parecer a alguno, que este Embaxador pedia, como apuñadas el hospedaje, abominando deste modo los que le niegan: mas no parecerá esto a los que supieren, que el P. habla con la erudicion, en que se halla, que el hospedaje a los Peregrinos, es como deuda; i se usó entre todas las naciones aun barbaras, i el negarle excede a la barbaridad: i por esto el P. dice. q̄ costumbre tan barbara, &c. Como si dixera, pues aun de barbaros es conceder hospedaje, que nua va fuerre de barbaridad es esta, que le niega? I el ce cederle es tan propio de lo urbano, i santo, q̄ viene a ser una de las cosas, en que se esmera los que siguen con perfeccion la Vaudera de Christo, instituyendo singulares fabricas, i rétas para hospitales de Peregrinos. Hallase en las historias, q̄ un Rey G. do ordenó, que fuese quemado aquel de quien se supiese aver negado tres veces hospedaje al Peregrino. Fuerte cosa sería si huviessemos de traer aqui agora mucha erudicion acerca desto. Hagalo otra especie de eruditos, que yo no: i en tanto acudan los curiosos a nuestros discursos politicos, i morales, que allí ay uno, en que se hallará algo a este fin.

¶ *Que mà tençam?* &c. Va hablando con la suposicion de que los de Melinde ya estaban informados por el Angel de la calidad de los navegantes; que se ha de entender, como explicamos en la e. 75. porque ellos hin duda avian hecho esta queixa a aquellos Motos, que tomaron, i ellos dicholo al Rey.

LXXXII.

Mas tu em quē muy certo confiamos
acharse mais verdade, o Rey benino,
e aquella certa ajuda em ti esperamos,
que teve o perdido Itaco em Alcino:
A teu porto seguros navegamos,
conduzidos do interprete divino:
q̄ pois a ti nos manda, está muy claro
q̄ es de peito sincero, humano, e raro.

MAs tu, ó benigno Rey, en quien muy cierro confiamos hallar se mas verdad, i en ties peramos a aquella cierta ayuda, que tuvo en Alcino el perdido Itaco; sabe que navegamos seguros a tu puerto, conduzidos del divino interprete, q̄ pues el nos embia a ti, está muy claro, q̄ eres de sincero, humano, i raro pecho.

¶ *Certo confiamos.* De Ausonio epist. 24. *Certa est fiducia nobis.*

¶ *Que teve o perdido Itaco em Alcino.* Quiere decir, que aguarda de tal Rey el favor, q̄ Vliss-

ses (esse es el Itaco, por ser Itaca su patria) sa- liendo naufrago en playas de los Feaces, halló en Alcino, Rey dellos: porque deste Rey recibió Vlisses Real acogimiento. I quede advertido, q̄ assi como el P. en persona de Fernan Martinez, que habla aqui con el Rey de Melinde, le pide q̄ sea con los Portugueses lo que Alcino con Vlisses; en el agafajo, que recibe el Gama, i en la relacion que el haze en los tres cantos siguientes, imita mucho a Homero en los libros 7. 8 9 10. i 1. q̄ son los que gasta en el hospedaje, que Alcino hizo a Vlisses, i en la relacion, que Vlisses hizo a Alicino. Otro tanto imita a Virgilio lib. 1. 2. 3. 4 de lo que pasó entre Eneas, i Dido con la misma ocasion, en que como en casi todas, no se apartó Virgilio de Homero.

¶ *A teu porto seguros navegamos conduzidos do interprete divino.* Es clara imitacion de io q̄ ue (En. 7.) dezia Ilioneo al Rey Latino, q̄ por divino mandato venian a el los Troyanos *Rex ipse Iovis,* &c. tua nos limina misit.

¶ *Que poys a ti nos manda,* &c. Argumenta, q̄ pues Mercurio les dixo, que viniesen a Melinde, que allí hallarian buen Rey, i hospedaje, no puede aver en esto duda: i en esto nos enseña, que Mercurio representa un Angel verdadero ministro de Dios verdadero, en cuyas promessas, no puede aver falencia.

LXXXIII.

E nam cuydes, ó Rey, que nam saisse o nosso Capitam esclarecido a verte, ou a servirte, porque visse, ou sospeitasse em ti peito fingido:

Mas saberás que o fez, poi q̄ cūprisse o regimento em tudo obedecido de seu Rey, q̄ lhe manda q̄ nāsaya, deixado a flota, em nenhum porto, ou

(praya.

I No pienses, ó Rey, que nuestro claro Capitan lexa de salir a verte, i servirte, porque viesse, o sospechasse en ti fingido pecho: antes sabras, q̄ lo hizo, porque cūphisse el regimiento en todo obedecido de su Rey, que le manda no salga en tierra deixando la flota en algun puerto, o playa.

¶ *E nam cuydes, ó Rey, que &c.* Esta e. i la siguiente son escusa de no aver salido el Gama en tierra, como el Rey deseava, i pedía. Vease sobre esto lo que diremos en la e. 87. quando el P. haze que el Rey responda a ello, estremadamére.

¶ *De seu Rey, que lhe manda,* &c. Barros Dec. 1. lib. 4. cap. 6. Escriviendo estos sucessos de la llegada alli, i la respuesta del Gama al Rey. *N am podia sair por el Rey seu senhor lho defen- der,* &c. Así Damian de Goes parte 1. cap. 38.

E por

LXXXIII.

E porque he de vassallos, o exercicio, q̄ os membros tē regidos da cabeça, nā quererás, pois tēs de Rey o officio, que ninguem a seu Rey desobedeça. Mas as merces, e o grande beneficio, q̄ ora acha em ti, promete q̄ conheça, em tudo aquillo q̄ elle, e osseus puderé, em quanto os rios para o mar correré.

I Porque de los vassallos es propio aquel exercicio, que tienen los miembros en el cuerpo humano, a donde son regidos de la cabeza; no querrás tu, pues tienes el officio de Rey, que nadie desobedeza al suyo. Pero las mercedes, i el gran beneficio que hasta agora en ti, promete reconocerlas en todo aquello, que el, i los suyos pudieren, mientras los rios corriente al mar.

¶ Nam quereras poys, &c. Excelentemente persuade el Embaxador q̄ que el Rey admita la escusa de no aver salido el Gama en tierra, como el le embió a pedir, diciédo, que a el mismo por ser Rey, deve parecer bien la observancia de los mandatos Reales: i cuidadosamente haze, que el Rey responda a esta razon, en la e. 87. estimando la mucho.

¶ He de vassallos o exercicio, que os membros tem regidos da cabeça. Mira a lo que dice Aristoteles al mostar q̄ conviene que aya Rey para los miembros de la Republica, asi como la cabeza lo es en el hombre de todos los otros.

¶ De Rey o officio. Será justo llamar officio al Estado de Rey? No pocos lugares os pudiera traer q̄ lo justificaran: como el de Antígono, q̄ dixo, que el ser Rey era una servitud noble. Pero mi intento es satisfazermee agora cō traeros uno que no hallareis en ningun libro; i de Autor que no os dexará hablar palabra en esta materia. Yo he visto un papel escrito de la mano del Prudente Rey Felipe Segundo a un ministro grande; i entre otras cosas dezia esto. *Hallome muy embarracado cop la muchedumbre de los negocios, i con la calidad dellos muy cansado. La verdad es, que este nuestro officio de Rey es trabajosissimo, i poco para embidiar.* Agradece dñe la novedad del lugar, i del Autor. Esto escrivio él en aquellos dias, que andava tratando de hazer aquella junta, que se llamó grande, para con ella descansar algo. I como, ut rectum quod sit id perfectum officium esse definiant, &c. (Ciceron lib. 1. de offic.) i el cargo de Rey es el que mas está obligado a essa rectitud, mas le toca el llamarse perfecto officio.

¶ O beneficio, &c. promete que conheça. Tomado de Ilionco, que imita el P. desde donde os he dicho tantas veces.

Nom erimus regno indeciores, nec vestra feretur

Fimilevis, tantiq; abolescit gratia facti;
Nec Troiam Aulonios gremiu excepisse pigebit.
 ¶ Em quanto os rios prato mar correré, &c.
 El P. en sus rimas, i estás segundas de su egloga 1.
 Em quanto, &c.

E correndo estas agoas conbecerem
Do largo mar o antiquo senborio.

I todo es con Virgil. lib. 1.

Infretam dum fluvij current, dum montibus umbra,
 &c (el resto deste lugar ira en la e. 15.)

Semper bonos, nomenq, turm, laudesq; manebunt.
 Así dice Eneas a Dido agradeciendole el favor

B del buen acogimiento. Agora Ovid. lib 1. eleg.

Vivet Maonides, Tenedos dum stabit, & Ida,
Dum rapidas Simois in mare volvet aquas.

Sanaz.eglog. 3. Mentre le vivi fonti

Correran mormorando

Nel alto mar, &c. B. Tasso, Florid. c. 1.
Sinch' al mar correran gli ondosi fiumi.

LXXXV.

Asi dezia, e todos juntamente, huns com outros, em practica, falando louvão muito o estomago da gente, que tantos ceos, e mares vay passando. C E o Rey illustre o peito obediente dos Portugueses, na alma imaginado, tinha por valor grande, e muy subido, o do Rey que he tam lōge obedecido,

A Si dezia: i todos juntamente en platica D hablando unos con otros, loan mucho el estomago de la gente, que vā passando ratos cie los, i mares. I el illustre Rey imaginando en ia alma el obediente pecho de los Portugueses, te nia por grande valor, i muy subido el del Rey, q̄ es obedecido de los suyos tan lexos de si.

¶ Empratica falando. El platica vale agora conversacion, junta en que se discutria, i aun la materia del discurso: i es lo mismo de la e. 46. del c. 7. Falando nas causas que o tempo lbe ofrecia. i assi no sobra, o se encuentra el em practica con el falando: Vease lo que diximos sobre el ultimo verso de la e. 73. del c. 1.

¶ O estomago, &c. El estomago aqui está en lugar de brio, coraçon, animo, espiritu. Ya deixamos en la e. 39. del c. 1. un lugar de Homero a cerca del uso desta voz, i dicho algo sobre es- so: en que parece estar tambien imitado Orzcio ode 6. del lib. 1. *Peleida stomachum cedere necij* por la valentia de Achiles: i en la Sat. 6. del lib. 2. *Manum, stomachumq; teneto*, que allí está por animo o colera, como allí en Homero. Llazinamos ordinariamente estomago de hierro, o de Avestruz aquél, q̄ gasta inanteniémos fuertes, i muchos: i en este sentido, dice el P. que el estomago de la osadia Portuguesa digiria impossibles

sibles tales como los de experimentar en tā prolixo viaje tan diferentes naturalezas de climas, como clara mente ponderará en la e. 70. del c. 5. Iuntamente alude a la naturaleza del mar, que es apretar mucho con los delicados de estomago; que ordinariamente son para poco, i suelen ir muy armados de varios defensivos cōtra esta propiedad marítima de hacer echar las entrañas, i a veces son tan ciertos como aquel que un malicioso dió a un principiante, diciéndole se hartase de bizcocho antes de entrar, o luego q entrasse en el baxel; porque forraizado el estomago con la dureza i sequedad del pan tostado, se burlava de aquel efecto del mar. Creyolo el inocente: i lo q le sucedio a los primeros balanços, o tumbos, juzguelo el piadoso letor, que una vez se aya embarcado.

¶ Na alma imaginando. Usado en la e. 78. del c. 1. Vale el alma aqui, conceto, fantasia, discurso, i admiravate aquella obediencia.

¶ O do Rey q tā longe, &c. Buelve el P. a ponderar esta virtud natural de la genre Portuguesa, en negocio de fidelidad con sus Príncipes allá en la e. 148. del c. 10. i es ella mucho para ponderar muchas veces, porque en ellas son pertinaces ellos, por la mayor parte. I vease lo que a es se proposito diximus en la nota 1. a este Poema, explicando el *Quasi columbae* de Isaías. I es muy del juicio de nuestro P. el mostrar que lo que me nos admirava al Rey, era lo de que su gente se admirava tanto; ponderando solo, como Rey, la veneracion observada con los mandatos de los Reyes: pues solo por ella sobre tan prolixos trabajos del mar, no querian salir en tierra, cosa que tanto pide la misma naturaleza.

LXXXVI.

E com risonha vista, e ledo aspcito,
respôde ao Embaixador, q tāto estima
Toda a sospeita mà tiray do peito;
nenhū frio temor em vos se imprima:
Que vosso preço, e obras sá de geito,
paravos ter o mûdo em muita estima;
e quem vos fez molesto tratamento,
nam pode ter subido pensamento.

I Con risueña vista, i placido aspecto respondió el Embaixador que tanto estima: Quitad del pecho toda mala sospecha: ningun frio temor se imprima en vos: porque vuestro valor i obras son de manera que os deve tener e mucha estimación el mundo todo: i quien os hizo tratamiento molesto, no puede tener pensamiento subido.

¶ E com risonha vista resp. &c. Bonissimo está el vista risueña en el Rey: pasando la risa a los ojos, por dos razones: La primera, por el de-

A coro de la persona Real, mostrando, q se mostró alegre sin descomposicion, i con gravedad: La segunda, porque quando el coraçón se llena de verdadera alegría ella no cabe en el, i por esto sale a las ventanas de los ojos, i queda dando testimonio de la sinceridad del alma; que es la que estaba en el Rey, i el P. pretendió expressar: i por esto se corresponde bien este verso con el ultimo de la e. 82. porque estando allá el pecho sincero, ajustadamente está acá la *vista risueña*, por testigo de esa sinceridad: por quanto los que se rien sin ella, que ordinariamente son B traidores, se rien como los mordidos de la Tarantula, que luego se conoce ser efecto de ponçón, i no de alegría, i es una risa seca, que se parece mucho al regañar de los perros, que mostrando los dientes en modo que parece se rien, se ensayan para una gentil mordedura: i porque desta suerte de risas halló el Gama en Moçambique, i Mombaça, muestra agora el P. que de esto tra sincera halló aqui, i vinolo a decir con esse termino galanamente. Dexo aparte lo que vulgarmente se dice en ocasión que alguno se halla con sobrado galto; que se le rien los ojos: I finalmente C te la risa se passa de la boca a los ojos: como a las flores del campo, i luces del dia, diciédo, que se rien vuas i otras quando el cielo, i el campo parece más alegre, de que escuso lugares, porq son frequentissimos. I passandome a descubrir la imitacion desta alegría en el Rey viendo a los navegantes, ella es sacada de la con que Latino habló a los Embaxadores de Eneas allí aportados, lib. 7. *Atque hæc ingressus placido priore edit ore.*

¶ Toda a sospeita mà tiray, &c. nenhu, &c.
Con Virgil. En. 1. *Revocate animos, mæstumque*

D *timorem mittite*: i mejor adelante quando Dido responde a los Troyanos, que surgiendo allí la imploran. *Vultum demissa profatur*, que es acá, *com ledo aspetto respôde*. I luego *Solvite cordem etum Teucris: secludite curas*. I finalmente en el 6. con palabras expresas la Sibila a Eneas, *mitte banc de pectore curam*. I en el 7. (que es el verdadero lugar imitado) quando Latino despues de oir a Ilioneo le dice.

..... *Dabitur, Troiane, quod optas:*
Munera nec sperno, non vobis, Rege Latino,
Divitis uber agri, Troiae ve opulentia deerit
Ipse modo Æneas (nostri si tanta cupido est
Si iungi hospitio properat, socius ve vocari)
Adveniat, vultus ne ve exborrescat amicos.

E Sirve este lugar tambien para los ofrecimientos de essotra e. 88. Seneca en Hercul. Fur. acto 1. Sen. 2.

Pervince Thesau quidquid alto pectore
Remanet pavoris. Le dize Anfítrion por aliviarle de temores. El Fracastorio. *Et tantam ex animo*
dimitte tristitia. Aus. en ese lugar cit. en la e. 82.
Sit procul isti metus. B. Tasso Florid. c. 15. *Sgombrare dal cor vostro ogni timore.* El Tansilo en las

Temo 1.

R lagri-

lagrimas de san Pedro. *Esgombrar del mio peto ognitimore.* El gran Tasso en su Liberata le trasladó : escusó cíta por ser menudencia.

¶ *Nenbumfrio temor:* para lo del temor frio se vea lo dicho en la e. 89. del c. 1. i 59. del 8.

¶ *Que vossa preço, &c.* De lo que contienen estos 4. versos en la e. 88. diremos.

¶ *Quem vosfez, &c. nam pode ter subido pensamento.* Afrenta el Rey a sus vecinos, porq trata mal a los navegátes: sirve esta advertécia para lo q vereinos sobre la e. 4. del c. 4. i la 84. del 5.

LXXXVII.

De nam fair em terra toda a gente,
por observar a usada preminencia,
a inda que me pese estranhamente,
em muito tenho a muita obediencia.
Mas se lho o regimento nā consente,
nem eu consentirey que a excelencia
de peitos tam leays em si desfaça,
sò porque a meu desejo satisfaça.

D E no salir en tierra toda la gente; por observar la usada preeminencia, aunque estrañamente me pese, tengo la mucha obediencia en mucho: mas sino se lo consiente el Regimiento, ni yo consintiré, que la excelencia de pechos tā leales deshaga en si, solo porq satisfaga a mi desejo.

¶ *De nam fair em, &c.* Las bellissimas correspondencias que tiene esta respuesta del Rey con la oracion del Embaxador, son benemeritas de tal Poeta como este. Diré algunas: El Embaxador dixo en seys estancias; el Rey responde en menos de tres: El Embaxador entra quedándose del mal tratamiento recibido de toda la gente de aquella costa; el Rey comienza por a la respuesta en la e. passada, i acusa de vil pensamiento a aquellos barbaros, i apriessa, i con modestia se pretende mostrar dotado de pensamiento sublime en estimar las grandes cosas. El Embaxador prosigue, i fenece con la disculpa de no salir el Gama en tierra, en observancia de la obediencia con su Principe; i el Rey en esta e. no solo admite la disculpa, sino que con Reales sermones alaba la observancia, diciendo, q mas quiere que no se le cumpla el gusto, que ver violados los preceptos Reales: i conforme a esto, en la siguiente, dice, que ya que el Capitan no pueda venir a tierra, el irá averle en el mar: i por conclusion le ofrece quanto el viene deseando, que es Pilotos, i mantenimientos; todo embuelto en verdad, i pureza de coraçon. Agora diremos, q el ser Poeta no consta de estar siempre con la balanza en la mano apurado palabras, como piéisan los de este tiempo, que no cuidan de otra cosa: consta entre otras, en un Poema Epico, de saber mostrar purificado, i sublime el juicio del Heroe

que se canta en las acciones que executa. Con A las del suyo tuvo gran cuenta nuestro P. i principalmente con las que pedía la conservacion de la flota que llevava a su cargo; no haciendole salir en parte al guna sin gran cautela. Por esto los Criticos mas judiciolos culpan (no sin gran causa) a Virgilio de que hiziese salir a Eneas con solo un companero, en playa extraña, i barbara, a procurar saber en que tierra estaba, exponiendole a peligrar, i a quedarse la flota sin cabeza. Mi Poeta excediendole en cuidado, ni aun en puerto que parecia seguro, como asegurado por mi

B nistro celeste, segun finge en las e. antecedentes, dexa assi salir facilmente la cabeza, por mas que se hallava en estrema necesidad de Pilotos, i bastimentos, que parece se podian negociar mejor con su presencia, i que se arriesgava el exasperar la voluntad de aquel Rey, negandole el salir como el deseava, mostrandole desconfiança. Vea se agora sobre esto lo q diremos en la e. 26. del 5.

LXXXVIII.

Porem como a luz crastina chegada
ao mundo for, em minhas almadias,

C eu irei visitar a forte armada,
que ver tanto desejo, ha tantos dias.
E se vier do mar desbaratada,
do furioso vento, e longas vias,
aqui terá, de limpos pensamentos,
Piloto, muniçoes, e mantimentos.

P Ero luego que fuere llegada al mundo la luz crastina, de la mañana, yo en mis almadias ire a visitar la fuerte armada que à tantos dias tanto deseo ver: si viniere desbaratada del furioso viento i prolixas vias, aqui tendrá Pilotos, municipios, i mantenimientos, todo ofrecido con pensamiento limpio.

¶ *Como a luz crastina, &c.* En la e. 80. del c. 8. Qual sea esta luz, dexa dicho el P. en la e. 5. entendiédo dela mañana del otro dia: estilo de Alcinoo en el 7. de la Vlif. de Homero. *Deductionem autem adhuc ego perficiam, ut bene sci as crastinum diem.* Juno hablando con Venus en una traça q dava para juntar a Eneas con Dido en vn bosque, lib. 4.

In nemus ire parat, ubi primos crastinus ortus Extulerit Titan, rudijsq; retexerit orbem,

His ego, &c. Evandro en el 8. (de donde se imita buena parte aqui) respondiendo a Eneas aportado en el Tibre. *Et lux cum primum terris se crastina reddet.* Por aqui anda tâbié Ovid. Fast. 3.

Sed tibi protulerit cum totum crastinus orbem

Cintbius imperij pignora certa dabo.
No sabemos si conformó tambien con el Parabolico c. 10. de sus aventuras, en ocasion muy semejante a esta.

*E che tosto che in ciel la bella Aurora
Apparirà menando il novo giorno,
Che egli uscirà della citadefuora.*

Dezia el Rey de Argel a un mensagero.

¶ Que ver tanto desejo batantos dias. Esto de aver dias que el Rey deseava ver la flota, respecta a que el P. finge en la e. 58. que Mercurio o el Angel avia avisado al Rey de como vendaria a su puerto estos navegantes: i por esto estaba con deseo de verlos, i alabava sus politicas, i procedimiento, como vimos en la e. 86. Diziendo, que por todo merecian ser estimados de codo el mundo, i esto lo sabia solo por la informacion de aquel Moro de los 13 como hemos adverrido en la e. 75. I este modo queda en pie el escrupulo de decir que avia muchos dias que deseava ver esta gente, por lo que sabia della, pues en quanto al fingimiento de Mercurio, que se lo dixo antes, podia aver tres o quattro dias quan lo mucho, por la poca distancia que ay de Mombaça a Melinde; por que el dia antes de salir de Mombaça avisò Mercurio al Rey de Melinde, i en quanto a la informacion del Moro, que fue el motivo de ese fingimiento, ella era de aquel dia en que llegaron alli, que es el mismo en que el Rey esti respondiendo al Embajador. Esto se allana con lo que el misino Rey dice al Gama en las e. 102. 103. i 109. de que ya por fama conoce la gente Portuguesa; porque la grandeza de sus hechos avia mucho tiepo que llegava por allá: i assi desde que los oyó desea ver tal gente, &c. Vease allá.

¶ E se vier do mar desbarat, &c. Todo de Latino a los Troyanos recogiendo los, lib. 7.

*Sive errore viae, seu tempestatibus aeti
Fluminis intraflatis ripas, portuq; sedetis;
Nefugite bospitium, &c.*

¶ Aquitera de limpos pensam &c. Assi ofreció Dido a los Troyanos llegados a su puerto, lib. 1. Auxilio tutos dimittam, opibusq; iuvabo. Las palabras de los dos versos son casi las mismas de Barros en esa ocasión: assi Pilotos, e amistad tuto acbarian quelle porto. Al fin se acordó entre el Rey i el Gama, q se viessen en el mar, a donde el Rey vino pomposamente acompañado: i el Gama con su gente tambien salio assi có muchas galas; pero todos debaxo dellas llevavá las armas, por lo que podia suceder. Encontraránse estas vistas desde la e 93. excelentemente pintadas. Refiere Barros Dec. 1. lib. 4. cap. 6.

LXXXIX.

Isto disse, e nas agoas se escondia o filho de Latona; e o mensageiro com a embaxada alegre se partia para a frota no seu batel ligeiro. Enchêse os peitos todos de alegria, por terem o remedio verdadeiro,

A para acharem a terra que buscavam, e assi ledos a noite festejavam.

¶ Sto dixo: i en las aguas se escondia el hijo de Latona: i el mensajero se partia alegre con la embaxada en su ligero batel para la flota. Inchense de alegría todos los pechos, por tener ya el verdadero remedio para hallar la tierra q buscavan; i assi festejavan ledos la noche.

¶ Nas agoas se escondia: el P. e. 56. del c. 1. Virgilio Georg. 1. Cum se condet in undas.

¶ O filho de Latona. Perifrasis del Sol frequente en todos los Poetas, de suerte que fuera proceder en infinito traer los lugares. Basta el Padre Griego por cuya boca hablaron todos; *Latoneae in clitus filius*: es en el hymno de Merc.

¶ E assi ledos a noite festejavam. Se nos parece este festejo, que describe en las dos est. siguientes a imitación del que la gente de Eneas hizo surgiendo en Leucate, lib. 3. *Aetiaque Iliacis celebramus littora ludis*. Porque al fin nuestro P. todo lo va tocando con una destreza notable, definiéndonos mil veces la vista.

XC.

Nam faltam ali os rayos de artificio, os tremulos cometas imitando:

C fazem os bombardeiros seu officio, o ceo, a terra, e as ondas atroando. Mostrarose dos Cyclopas o exercicio, nas bôbasq de fogo estam queimado; outros com vozes, com q o ceo feria, instrumentos altisonos tangiam.

D NO faltavan alli los rayos de artificio imitando a los tremulos cometas. Los bombardeiros hazen su oficio atronando el ayre, la tierra, i las olas. Muestrase, aparece el exercicio de los Ciclopas en las bombas de fuego, que estan quemando: otros con voces con que herian el cielo, tocavan altisonos instrumentos.

¶ Nam faltam, &c. Hermosa descripción de festejo nocturno: de fuegos todo.

¶ Os rayos de artificio. Entiende los cohetes, que bien imitan los rayos; i los Cometas llevando por el ayre aquella cola de llama de artificio. Tres fuertes ay de rayos, unos que por sutiles no dexan señal: otros que por alguna densidad dañan las cosas en que caen, saliendo por donde entran; i otros que por mas caudalosos de fuego consumen las que encuentran: cosa notoria.

¶ Os tremulos cometas. Muchos siglos ha que fue estilo este de Lucrecio lib. 4. *Tremulis iub. irrigere ignibus alte*: i apenas ay Poeta Latino, o vulgar, que de alli no lo dixesse. La vega en que

ie producen los Cometas, es la esfera superior del ayre, (que se divide en tres partes) con la vezindad del fuego, de que diremos en las e. 11. del c. 6. i 80. del 10. muestrâse en el ayre, i en una, i en otra region los engendran las exalaciones calientes, i secas, que el Sol eleva acompañado de Marte, i otros Astros.

G O ceo, a terra, e as ondas atroando, parece q̄ estan hiriendo los oidos los truenos de la artilleria al leer estos versos.

T Mostrase dos Ciclopas o ex. &c. El P. en sus Rimi. Em quanto as officinas

D os Ciclopas Vulcano estâ queymando. Ciclopas son los Obreros de Vulcano en las herrias de Etna, que perpetuamente fabrican rayos, conforme a la escuela Poetica. Quiere dezir, que eran en las bombas tantas las centellas que echaván, que parecian aquellas oficinas, quando sus ministros batiendo los hierros ardientes los hacen escupir fuego. Que sean bombas diximos en la e 68. del c. 1. Estas aqui no son aquellas militares, que buelan como cohetes, sino que se estan firmes cō la boca ázia arriba, echando una copiosa llama, q̄ en la parre superior se divide en porciones innumerables, como cada dia vemos.

T Nas bombas que defogo, &c. El texto se ha de ordenar assi. Nas bombas de fogo q̄ estam queymando: estando alli el fuego por la polvora: Aun con mayor licencia dixo Iuan de Mena por Madrid, teniendo sus mutos algunos pedernales, q̄ estaba ceñida de fuego: i está bien dicho, porque dellos se saca fuego: i tambien tuvo nuestro P. respeto a hacer diferencia entre estas bombas, i las que en el navio sirven de sacar la agua.

T Outros com vozes com que o ceo feriam. El P. en la e. siguiente; i en las 113. del c. 3. i la 1. del 5. Tañian cō vozes los instrumétos; se entiende por vozes los soplos q̄ hazé sonar essos instrumentos. El dezir que llegavan al cielo es hiperbole, i vale q̄ rompian el ayre, como en la e. 76. del c. 7. I no menos parece que al leer estos versos se sienten al oydo estos instrumentos, que essas bombadas, como ai acabamos de notar.

XCI.

Respondemlhe da terra juntamente, co' o rayo volteando, com zonido, anda em giros no ar a roda ardente, estoura o pò sulfureo escondido. A grita se levanta ao ceo, da gente; o mar se via em fogos acendido; e nam menos a terra: e assi festeja hum ao outro a maneira de peleja.

D Es de la tierra responden juntamente los barcos con otros fuegos a los de la armada a un mismo tiempo: ivase rebolviendo, como ar-

rastrandose por el suelo violento con sonido el râyo, el cohete: anda en giros en el ayre la ardiente rueda: rebienta cō estallidos el sulfureo estodido polv. en los cañutos: la grita de la gente rompia el cielo: el mar se via encendido en fogos: i no menos la tierra: desta manera se festeja el uno al otro a manera de pelea.

G Respondemlhe da terra, &c. A los fuegos con que los navegantes festejavan la noche en el mar, respondian los Melindanos en tierra con otros fuegos. Los que no tienen noticia de la historia acusan al P. de que dixesse, que los de Melinde respondieron con otro fuego de polvora al que nuestra gente hazia, por ser cierto que no era conocida entonces la polvora, i artilleria alli. Conviene saber que era conocida aunque no fuess se usala, porque frequentavan aquel puerto los de la India que usavan todo esto: i hallandose alli algunos pidieron licencia al Rey para hazer tam bien aquella fiesta de fuego en tierra, por respuest a la del mar. Refiere lo assi Castañeda lib. 1. cap. 12. i Damian de Goes cap. 38. Con que es de ponderar, que parece salio la India al camino a los nuestros a festejar igualmente la entrada, que ellos ivan haciendo por el atrio della.

T O rayo volteando. Es el cohete que llamamos busca pies; i va girando por tierra como a saltos por falta de la varilla que los haze caminar a rechos por el ayre.

T Zonido. Lo propio es que sonido: pero en Portugues se dice de ambos modos; i con la Z tiene mucha particularidad para la expresion de aquel ruido con que camina el cohete.

T Anda em giros no ar a roda: parece se esta viendo la misma rueda girando con las llamas

D E stoura, voz singular de las muchas que logra nuestra lengua: quiere dezir rebentar con estruendo, i el sustantivo es stouro.

T O pò sulfureo. La polvora que es compuesta de açufre, que en latin es sulphur. Dizen algunos Autores, que Bertoldo Escuar Tudesco alquimista, teniendo para otros efectos açufre i salitre mezclando con carbon, a caso le cayó fuego, i encendiendose subita, i violentamente, passò el alquimista con aquella novedad a otra, i diò en inventar la polvora, i la artilleria; mas desto en la e. 12. del c. 7.

E Scondido. Bien: porque aquel polvo, o polvora està por dentro aquellos cañutos, i papeles i cuerda de que se formâ los cohetes, i por allá le va buscando el fuego, i impeliendo la rueda, i dando un estouro, o estallido por fin de cada cohete, que en ella està ligado.

T A grita se levanta ao ceo dagenta. Es misterio construirle, i dezir la grita de la gente se levanta al cielo. Hiperbole de Virgilio lib. 2. Claramores simul borrendos ad sydera tollit. Stacio Theb. 5. Magnusq; ad volvitur astris clamor, i en la Silva 6. Tollit innumerias ad astra voces. Desto en la e. 113. del c. 3, avrà mas algo.

POmar se via em fogos, &c. En nam menos a terra. Virgil. i. en el festejo de Dido a Eneas. *Et noctem flammis funalia vicunt.* El P. habla con gran propiedad en dezir, que el mar estaba buelto, al parecer en fuego: porque quando en el se encienden muchas llamas, como el queda hecho espejo dellas, toda la agua q' ellas alcáçâ parece una llama: i parece que esto se está viendo aqui.

GE assi festejabum, &c. a modo de peleja. A imitacion de Virgil. en la fiesta de a cavallo, que en Sicilia se hizo delante de Eneas, lib. 5.

..... *Pugna quæ cinct simulaera sub armis.*
Et nunc terga fugæ, vident, nunc spicula vertut
Infensi; facta pariter nunc pace feruntur.

Por aqui anduvo el gran Tasso Liberata c. vlt.

XII.

Mas ja o ceo inquieto revolvendo,
as gentes incitava a seu trabalho:
e ja a may de Menon a luz trazendo
ao sono longo punha certo atalho.
Hiáse as sôbras lertas desfazêdo(lho,
sobre as flores da terra, em fresco orva
quâdo o Rey Melindanose embarcava
a ver a frota que no mar estava.

MAs ya el inquieto cielo rebolviendo, que siempre va rodando, incitava las gentes a su trabajo despertandolas: ya la madre de Menon traiyédo la luz del dia, ponía cierto atajo al largo sueño: ivanse deshaciendo las lertas sombras en fresco rocio sobre las bellas flores de la tierra, quando el Rey de Melinde se embarcava para ir a ver la flota, q' estaba surra en aquel mar.

PMas ja, &c. Amanecia quando el Rey de Melinde se fue a ver en el mar con Vasco de Gamma, como avia ofrecido en la e. 88.

PO ceo inquieto &c. Entiende particularmête el cielo decimo. Vease lo q' diremos en la e. 22. del c. 3. Esta descripcion de la mañana está dicha con Virgil. i 1.

Aurora interea misericordibus mortalibus almam Extulerat lucem, referens opera atque labores.
Traslado de Hom. I con Ovid. lib. 1. eleg. Inq;
suum miseris excitat ales opus. Ercilla c. 20. Ya el presuroso cielo volteado, &c. i.c. 2.

Ya la rosada Aurora començava, &c.

*Ia la usada labrança despertava
La miserable gente &c.*

PE ja a may de Menon a, &c. El P. se vea en la e. 51. del c. 9.

PAo lõgosono punha cer, &c. El P. en sus Rim. eleg. 2. Este cuidado que co' o sono atalho. I en la e. 65. del c. 7.

PHiamse as sombras lertas, &c. Con Virgil. en la egloga 8.

Frigida vix celo noctis descesserat umbra,
Tbom 1.

Cum ros in terra pecori gratissimus herba est.

I en el 3. de la Eneyda
Posterea iamq; dies primo surgebat Eoo
Humentemq; Aurora polo dimoverat umbram
Cum subito, &c. Repítelo a la entrada del 4.

GAs sombras desfazendose em fresco orvalho. Orvallo es aquel ros de Virgil. i el rocio del Castellano: i el deshazense las sombras en el, i hazer entonces mas frio, procede de que esas humedades huyendo del Sol se congregan, i se enfrian más al tiempo de la mañana: i congregadas dà el Sol en ellas, i (digame slo assi) las derrite, i cau sa aquellas gotas de agua, que se ven por las yerbas, i flores, i esas son las llamadas lagrimas de la Aurora. Esto es natural: assi lo vemos en qualquier vaso, que cuberto al fuego con algun licor comienza a calentarse; porque luego van huyendo del calor las humedades: i como el calor va tras ellas, i las alcança en la cobertura, en ella las liquida, i convierte en gotas, como las de la mañana en las hojas, i flores. Finalmente toda la e. di ze con elegante Poesia, i filosofica, que iva amaneциendo, quando el Rey de Melinde salia a visitar la flota.

XIII.

Viam se em derredor fervor as prayas
da gente, que aver so concorre leda:
luzem da fina purpura as cabayas;
lustram os panos de tecida seda.
Em lugar de guerreiras azagayas;
e do arco, que os cornos arremeda
da Lúa, trazem ramos de Palmeira;
dos que vencem, coroa verdadeira.

VIamse al rededor, en contorno, hervir las playas con la gente, que concurre alegre aver esta novedad: Luzen desde lexos las cabayas de la fina purpura: Lustran los paños, las galas de la texida seda. En lugar de las guerreras azagayas, o dardos, i del arco que remeda los cuernos de la Luna, traen en las manos ramos de Palma, de q' se texen las verdaderas coronas de los que vencen; de los vitoriosos Heroes.

PVIamse em d. &c.. Esta, como otras muchas descripciones del P. só sin duda inimitables. Quié al leer essa e. si la entiende, no cree que está viendo la concurrencia del pueblo, por ver los traxes i las acciones en semejantes actos?

PFerver as prayas: metafora del hervor pre suroso en la agua a grande fuego: que assi parece la gente concurriendo en grandes ocasiones de alborozo: ver mas en la e. 53.

PLuzem da fina purpura as cabayas. Esto es como en la e. 73. aquello de, *A cor purpurea ao longe aparecia:* porque es color que desde lexos, i entre otros parece mas vivo: alfin como aqrel q

R 3 tiene

tiene semejança con el fuego, segun os lo mostramos sobre la e. 39. del c. 4. Es la purpura, sangre de un pescado de concha, a minera de otra: en que tiempos se uso, de quantos generos la huuo, i como se pescava, i beneficiava, se vea a Plinio desde el cap. 38. del lib. 9. por algunos arto curiosos. Siete anos, a lo mas, dice el, vive aquell pescado.

¶ *Cabayas.* Es un modo, la cabaya de sotana degollada, i un poco justa: llega hasta media pierna, abierta por un lado, i cerrada por delante, i propia de aquellas partes.

¶ *Panos de seda.* Distinta cosa so de los panos las sedas en rigor: pero el panos esta por la forma, i por esto se especifica la materia: vulgarmente dezimos: no solo panos de seda, sino de oro, de que estan llenas las Coronicas antiguas: la general de Espana parte 2. cap. 5 t. hablando del habito co que salio el Rey don Rodrigo a la batalla en q se perdio. *Vestido de panos de peso.* Que quiere dezir de panos de oro, no solamente hilado, sino de martillo: pruevase con otro lugar del epitome de la historia de Espana de Diego de Valera, parte 3. cap. 37. hablando del propio vestido de este Rey en la misma ocoision. *Vestido de una ropa de oro de martillo.* Con esta condicio se llaman panos, i liengos de murallas a los pedazos de ilas. Vease mas para esto en la e. 59. del c. 6. i en la 31. del 9.

¶ *Tecida seda.* En las mismas dos palabras, de que usa el P. con industria, parece se esta viendo lo texido de la seda, q siempre es apretado: i oyendose el ruido que hazen las que son tales *cidasé*, que fue la propiedad con que en Espana se llamo rafetan; ta, fe, ta: i tambien es propio de las sedas luzir de lexos, como el P. lo pondra cuidadosamente.

¶ *Os cornos arremedada laua.* Es bonissimo dezir. Vease mejor en la e. 48. del c. 9.

¶ *Trizem ramos de Palmeira: dos que venc.* ¶ De las fiestas que Eneas hizo a su padre en el lib. 5. fue nuestro P. comando para estas algunas alegrias, i estilos. *Et palme premium victoriibus.* Sanaz. Arcad. prof. 1. *La palma dolce, & honorato premio de i vincitori.* Dase a los vencedores, porque coino invencible, dizen delia muchos autores, que no se rinde a ningun peso. Alciato en su emblema. *Obdurandus adversus urgencia.* Pero entre estos barbaros el traer ramos de palma, era por insignia de nobleza (ademas de ser por testigo de alegría, i paz sincera, q por esto dice el P. que en lugar de armas traian aque llos ramos) Barros Decad. 1. lib. 1 cap. 14. hablando de un Rey de las Canarias. *E por insignia de seu estado Real trazia burramo de palma na mao.* Tambien pudo aludir el P. a lo que se usava antiguanente entre los q venian de paz, traer ramos principalmente de Olivo. Pondremos agora aqui a nombrar todos los Autores que hablan desto, i de la Palma creyendo que si-

A no lo hizieremos, no seremos avidos por doctos, i eruditos? Haga quien cree esto, i tiene esa ambicion, que la nuestra es dar a entender este gran Poeta, i no dar a entender que hemos visto muchos autores, que en semejantes ocasiones se suelen citar sin ser vistos.

XIII.

Hum batel grande, e largo, q toldado vinha de sedas de diversas cores,

tras o Rey de Melinde, acompanhado de nobres de seu Reyno, e de senhores.

B Vem de ricos vestidos adornado, segundo seus costumes, e primores, na cabeça hua fota guarneida, de ouro, e de seda, e de algodao tecida.

V N grande i largo batel que venia entoldado de sedas de diversos colores trae al Rey de Melinde acopanado de los señores i nobles de su Reyno. El Rey viene adornado de preciosos vestidos, segun su uso i primor en ellos: en su cabeza una toca guarneida de oro, i texida de seda, i algodon.

C ¶ *Hum batel, &c.* Venia en un barco el Rey de Melinde con algunos de los principales de sus tierras, i comiega el P. a descrivirle en esta e. por la cabeza: i acaba en essotra excelente mete.

¶ *De nobres de seu Reyno, e de Senores.* Parece que el P. haze aqui el estado de la nobleza, diferente del señoril: contra el pensamiento de muchos señores, que no se persuaden que fuera de ellos ay nobleza. En el Reyno de Portugal quando se juntan Cortes, los Senores, i Nobles sin señorío, todos hazen un braço, que se llama de la nobleza. Si ya no es que el P. haze esta diferencia.

D como experimentado de lo que hallo en Señores, en muchos de los quales, sino faltan los titulos, faltan las acciones que ellos suenan: hazardolas tal vez en los que no los tienen. I porque esto es malo de creer de aquellos q no creen que la razon andava tan estragada, sucede q muchos dan consigo en casas titulares, llevados del resplandor del titulo: i aconteceles lo que a la mariposa, que buscando la luz halla en ella el remate de su vida en vez de la salida q le buscava. Asseguro que al acabar de escribir esta ultima parabra a una luz, (porque es denoche) vino a morir en ella aquel animalijo, i me dolí del: porque atrueque de que ay hombres, que no se duelen de la vida de los hombres, aya un hombre que se duela de la de un gusano, quando la pierde con inocencia, i con engano.

¶ *Na cabeça:* describe al Rey con adornos Regios al recibir al Gama; como Virgilio a Dido al recibir a Eneas lib. 1. *Arte laborata vestes, ostrog; superbo, &c.* Idespues como Anio Rey de

Delos, recibiedole tambien, cõ salirle al encuentro, como aquil de Melinde a los nuestros, lib. 3: *Rex Anius, rex idem hominum Phœbiq; Sacerdos, Vittis, & sacra redimitus temporalia lauro Occurrit &c.*

I el Ariosto c. ult. *D'oro, e di varia setta, &c.*

¶ Fota. Es un velo fino texido a listas, i bolteado a la cabeza, como el turbante de los Turcos. Este era texido de seda, i algodon, i guarnecido de oro. Es nuestro P. gran trasplantador de lugares. Deste vestido, i galas con que pinta al Rey de Melinde, no haze mencion Barros alli; pero Dec. 2. lib. 2. cap. 3. la haze de las que traia un Moro principal, que vino a hablar a Alonso de Albaquerque en Ormuz, i a este desnudo nuestro P. para vestir a essotro. Dize el Batt. assi: *Na cabeçabua fota de seda, e ouro: vestida bua cabaya de setim carmesi; na cinta bum trecado labrado de ouro, e pedraria, e bñ. i adaga da mesm. sorte, &c.* I Dec. 1. lib. 2. cap. 1. pintando un Rey negro, *De ouro ao pescoco bum colar, &c.* Vease agora desde el fin desta est. hasta toda la siguiente, i hallaranse despojados estos dos lugates para ellas.

XCV.

Cabaya de damasco rico, e dino,
da Tiria cor, entre elles estimada;
hum colar ao pescoco, de ouro fino,
onde a materia da obra he superada:
Com resplendor reluze adamantino,
na cinta a rica adaga bem labrada;
nas alparcas dos pes, emfim de tudo,
cobrem ouro, e aljofar ao veludo.

Traia una cabaya de rico damasco, digno de vestirle el Rey: era tenido cn la Tiria color, muy estimada entre ellos: al pescuezo un collar de fino oro, adonde la materia era vencida de la obra: reluze en la cinta con adamantino resplendor, una rica i bien labrada dag: i al fin de todo en las alparcas, o sandalias de los pies, oro, i aljofar cubren al velludo, al terciopelo.

¶ Cabaya de damasco, &c. Advertir en cada e. dellas la belleza, i felicidad del dezir, es cosa escusada: en esta se ve el Rey vestido a su modo extremadamente. Que sea cabaya queda en la e. 93.

¶ Da Tiria cor, &c. obra, &c. rica adag. &c. Todo a imitacion de como hallo Mercurio a Enneas en Cartago, lib. 4.

*Conspicit, atque illi stellatus jaspide fulva
Ensis erat; Tyrioque ardebat murice lena*

Demissa ex humeris, &c. Stacio Theb. 7. *Et rubet Tyrio, &c.* vistiendo otro personage. De pedacos de essa pieça de Virgil. se viste tambien adelante el Gim: sin otros que alla se verán. El termino de Tirio: para dezir el color roxo, o carmesi, es frequente en los Poetas. Seneca en Ties-

Tomo I.

tes, scena 2. acto 5. *Tyrio saturas oftro, &c. vates.* En Hypol. acto 2. *Muricis Tyry rubor.* Llaman a este color con el nombre de la tierra en q se coge, que es la Isla de Tiro: una moça uvo llamada assi. Iulio Polux refiere, que andando Hercules enamorado della en essa Isla, passando los dos por la playa, encontraron un pescado de los que se encierran en conchas, como el Murice; i apretandolo Hercules, le hizo echar la sangre, q tinendo esso en que avia caido, dio ocasion a que la dama, agradada del color, le dixo, que a no darle una vestidura tenida en ella, no haria mas caso del.

Era grande la pena, para hombres que hacen caso de que damas no lo hagan dellos, i Hercules por no caer en ella, trabajo tanto, que vistio a Tiro de aquel color, i assi se llamo de Tiro, por ser la dama deste nombre la primera que se vistio. i la Isla se llamo del mismo nombre, por ser la en que se uso primero. Otros dice, que un Hercules Tiro Filosofo, encontro un pastor, que estaba cou un poco de lana limpiando la boca de un perro, creyendo que estava herido; i era que mazcava aquel pescado. Conocio el Filosofo el secreto, i llevando por gran novedad la lana

Cassi bauada, al Rey Fenis de Tito, el agradado del color, hizo coger de aquellos pescados, i tener panos, i fue el primero que los vistio assi tenidos: i deste modo se llamo el color *Tirio*, porque le hallo aquil Filosofo, i por que la primera vez se uso en Tiro. Antiguamente en Espana, se vestian las mugeres deste color, oy no se usa: en Italia, i otras partes, si. Castan. lib. 1. cap. 12. pinta al Rey de Melinde en este a. &t;, i comienza, *Cabaya de dumasco carmesi:* i despues va muy differente del P.

¶ Pescoco. Vease sobre la e. 16. del c. 1.

¶ Onde a materia da obra bc superada. El P. en sus Rimas, al principio de la Egl. 1.

*Que se a rica materia nam faltava,
A obra de mais rica sobejava.*

Todo Ovid. Met. 2. *Materiam superabat opus.* Venga para esto un lugar, que no he visto citado hasta agora: i es en la inscripcion que se ve en la puente famosa de Alcantara, *Ars ubi materia vincitur ipsa sua.* El Policiano, lib. 2. *Ma vinta e la materia dal lavoro.* Mario de Leo c. 1.

*Ma la materia vinta era de assi
dalla bella opra, e dal sutile lavoro.*

El Tasso Lib. c. 2. e. 93. descriviendo la espada que Gofredo dio a Argante.

*Con magistero tal che perde il preggio
de la rica materia appo il lavoro.*

¶ Adaga bem labrada. Dize, q avia en la guardacion de la dag: buenas labores: entiendese, que era una que entonces se estimava mucho, i se llamava de Tauxia; i venia a ser dibuxo vario, i ayroso gravado en hierro, i embutida de plata i oro essa gravadura, en que principalmente se vian dentro de unas targetas, unos rostros bien agraciados, de que resulto dezir el P. en su carta primera, por encarecer lo lindo de los de las damas

R 4

de

de Lisboa , Ham roftinbo de tauxia de sua dama Lisbonense, &c. I el dezir, que la daga relplandencia adamantina, da a entender, que se engastava en ella algunos diamantes, i otras piedras, i mirando tambien este lugar de Virgilio que ai queda, *Iaspide fulva ensis erat.*

¶ Nas alparcas, &c. Acordose del adorno de los pies deste Rey, como Virgil. 8. del de los de Evandro, *Et tyrrbena pedum circundat vincula plantis.* I como Stacio, imitandole Theb. 7. *Et picta vincula planta.* Ya saben todos, que alparcas es aquel modo de calcado, que antes enlaza, que cubre los pies: pero son unas laçadas que se corresponden con gracia, i arte: estas eran de terciopelo bordado de oro, i perlas. El color del terciopelo no dice el P. i se ha de entender, que era tambien carmesi, por ser propio del Rey, i del tiempo. Castan. lib. 1. cap. 6 pintando al Xe- que de Moçambique, *Hua adiga, e nos pes huas alparcas de seda.* Goes pintando al Rey de Mombaca, cap. 37. dize, que traia alparcas de veludo negro: i assi podian ser estas, aunque ai lo entendeinos de otra manera: i aqui d.ze tambien, que el Rey no vino a las naves, sino un hijo suyo, i le pinta en parte como el P. cap. 38. Finalmente, alparcas es lo que los llamados cultos llaman sandalias; i en estos Gentiles viene a ser un modo de chinelas abiertas por encima, como los çapatos Franciscanos.

XCVI.

Co hu redondo emparo alto de seda,
nua alta, e dourada astea enxrido,
hum ministro a Solar quentura veda,
q nao offendia, e queime o Rey sobido.
Musica tras na proa, estranya, e ledia,
de aspero som horrisono ao ouvido;
de trombetas arcadas em redondo,
que sem cocerto fazem rudo estrodo.

C On un alto, i redondo amparo de seda enxrido en una alta, i dorada asta, vedava un ministro a los rayos Solares, que no quemassen, o offendiesen al sublime Rey. Trae en la proa alegra, i estrana musica, de son horrible al oido, por ser de unas trompetas rebueltas en circulo, que sin concierto hazen un rudo estruendo.

¶ Com hum redondo emp &c. Caminan los Reyes de aquellas parres, i personas grandes, co un quitasol gran lissimo que lleva un criado: los Italianos, vigilantissimos conservadores del cuerpo, los traen, aunque menores, por essas calles, i vinas: i las mugeres en Genova, i otras partes, quando haze Sol, i quando llueve: el criado que lleva este quitasol en la India se llama Boy, por este oficio. Fue invencion de los Chinos. Barros Dec. 3. lib. 10. cap. 9. azia el fin describe con mu-

cha claridad este sombrero, de donde parece tomo el P. algo.

¶ A Solar quentura veda. Bueno esta el vedar a los rayos del Sol, que no toquen al Rey.

¶ Que nam queime o Rey. El queime, vale lo mismo que ofenda en la salud: porque siendo el quemado de color por nacimiento, i usando el P. del estilo de quemado por negro, en la e. 49. del c. 1. ni tenia el Sol que quemar en su color, ni el P. pudo dezirlo a esse propósito, ni aun por gracejo, no siendo esta ocasion para esso, como fue la que tuvimos en la descripcion jocosa del viaje B de un senor, en que unas negras llevaban mscarillas, diciendo que caminavan con ellas, porque no les quemasse la color el Sol. I esso de pintar dorado el quitasol, fue imitando a Ovid. Fast. 2. describiendo a Onfale, *Aurea pellebant tepidos umbracula Soles.*

¶ Detromberas, &c. Tambien las trompetas para esta fiesta vinieron prestadas del lib. 5. como diximos en la e. 91. *Et tuba commissos medio canit agere ludos.* Plin. lib. 7 dize, que Piseo Tírrreno fue el inventor de la trompeta: esta arqueada se llamava propriamente Lituuo. No faltara C quien diga, que para trompetas, se escusava el epíteto de arqueadas, o redondas, porque la voz trompeta, que es de Francia, esso quiere decir. El P. lo dixo por diferencia de otras que se llaman assi sin ser de arco: i aun anadio, redondo, porque ay otras que son arqueadas a lo largo, i estorias en circulo, q derechamente son los Lituos. Ademas de la superabundancia con que suelen hablar los Poetas, como veremos en la est. 44. del c. 4. trayendo semejantes lugares. Devese notar, que en estos 4. versos con que describe la musica de aquel genero de trompetas, parece se esta oyendo el propio ruido dellas; i en particular el segundo dellos, *De aspero som horrisono ao ouvido,* porque el mismo numero del verso esta aspero.

¶ Quensem conc &c. Notese la felicidad de facilidad, con que de camino dice la propiedad de la musica de las trompetas, que no se conforma una con otra, i assi no hazen armonia acordada, i suave, sino aspera, i desordenada que es sin concierto, i el rudo estruendo. Este modo de describir tal instrumento, i cosas semejantes, es la figura que los Retoricos llaman Aetologia.

XCVII.

ENam menos guarnecido o Lusitano,
nos seus bateys da rota se partia,
a receber no mar o Melindano,
com lustrosa, e honrada companhia.
Vestido o Gama ve ao modo Hispano
mas Fracesa era a roupa q vestia, (no,
de setim da Adriatica Veneza
carmesi, cor que a gente tanto preza.

EL Lusitano , no menos guarnecido , se partia
En sus bateles de la flota , con lustrosa , i hon-
rada copania , a recibir al Melindano en el mar .
Viene el Gama vestido al modo Hispano , mas la
ropa que veltia era Francesa; de raso de la Adria-
tica Venecia; carmesi , color que tanto precia la
gente .

¶ Nam menos guarnecido o Lusitano , &c. Assi
Vngilio de Eneas , despues de aver descrito a
Dido en el 4. *Haud illo segnior ibat Eneas , &c.*

¶ Da frota se partia. El Gama avia acor-
do con el Rey , que se viessen en el mar : i assi , al
tiempo que el Rey se embarco en sus zainbucos ,
el Gama salio a el en sus bateles . Vease el cap . 6.
de Barros , Dec . 1. lib . 4.

¶ Com lustrosa , e honrada companhia , &c. Que
cosa esta para los que piensan , que en andando
lustrosos de vestido , andan honrados de procedi-
mieros ! Enseña el Poeta , que a los que por qual-
quier camino tienen el Principado sobre otros ,
conviene acompanarse , no solo de quien trayga
buenos ornamentos , sino de quien tenga buenas
costumbres ; que estos son la honra ; aquellos el
adorno .

¶ Vestido ao modo Hisp. mo , mas Francesa , &c.
de setim de Venezuela , &c. Parece , que tiene contra-
riedad en este lugar el ser la ropa Francesa , i de
Venecia , i al modo de Espana : i a la verdad , ello
no està facil a la primera vista . Devese entender ,
que el raso carmesi (esto es *setim*) era de Vene-
cian , que entonces el mas estimado era de alli ; i q
en traer vestido de aquella seda , i color , venia a la
Francesa , porque esta gente queria , i aun oy
quiere mucho a aquel color , i seda : mas assi no
queda lugar al venir vestido a la Espanola : pero
se ha de entender , que a ella eran las calças , i el
jubon , i que la ropa era a la Francesa ; esto es la
capa ; a que llama ropa , porque entonces aun no
se usavan capas : i en lugar dellas se echava sobre
el jubo una veltidura , que se llamava pelote ; que
era una ropilla ancha , i de faldas que llegavan a
la rodilla , con mucho ruedo , i pliegues en la cin-
tura ; i aquella manera de capas con mangas , que
propriamente era un gabán (o *roupam ei* . Portugues)
se imitó de los Franceses ; i esta en lugar
del pelote traia agora el Gama : i dessa manera le
hemos visto retratado . De modo , que en la ca-
pa , i color della , venia a la Francesa : i en las cal-
ças , i jubon , i gorra , a la Espanola : i en la espada , a
la Italiana : i haze el P . Esta variedad , por mostrar
que el traje de Espana , es compuesto de casi to-
dos los estranos , como por testigo de que ella
todos los penetra , i casi todos los domina . I assi ,
el verdadero sentido en este lugar de que venia al
modo Hispano , es que venia al modo de varias
naciones , que este es el modo Hispano . Oy se usa
esto de manera , que mueve por una parte a risa ,
por otra a lastima ; edad propia para Democrito ,
i Herachito . Gran motivo de dezir nos dava el
ugar del Poeta , i el tiempo destas costumbres , si
caso huvieramos aprendido a comentar con

Tomo I .

A algunos vezinos , cuya erudicion embidio , si es
estudio , i no copia : cuya ostentacion no imito ,
porque si bien lo fiziera , no como copiador , sino
estudio , podria incurir en sospechas de habla-
dor . Dire solo , que el gran Rey don Iuan Terce-
ro de Portugal , siendo Principe moço , i viendo
en ocasiones diferentes variar de traje por feste-
jo , jamas dexo el Portugues , diciendo , que nada
avia de ser bastante a hazerle parecer estrano en
su patria , i que con el traje della se podia ser ga-
lan , no menos que con el ageno . Ai esta el Gran
Felipe Quarto con las mismas condiciones , i co-
todo esto no se enmienda el pueblo : senal de lo-
cura rematada quando el exemplo Real no obra .

B *Adriatica .* Porque Venecia està sobre el
mar de Aeria .

¶ Cor que a gente tanto preza. Fue muy pre-
ciado generalmente este color : i como el es el
de la verguença , le estimavan mas en tiempo que
la avia : agora parece , que hasta en los vestidos es
embaraçosa : i a la verdad , como el mundo se
olvio juglar , no es mucho la repudie , si bien lo
es , que repudie el color que propriamente toca a
juglar .

XCVIII.

De botoes d'ouro as magas ve toma-
ond' o Sol reluzindo a vista cega : (das ,
as calças soldadescas recamadas ,
do metal que Fortuna a tantos nega :
E com pontas do mesmo delicadas ,
os golpes do gibam ajunta , e achega :
ao Italico modo a aurea espada ;
pruma na gorra hu pouco declinada .

E *As mangas vienen tomadas , o presas con bo-
tones de oro , adonde reluziendo el Sol , cie-
ga la vista : las calças soldadescas recamadas de
esse proprio metal , que la fortuna niega a tantos .
Con puntas de lo mismo junta , i llega los golpes
del jubon : la aurea espada traia al modo Italia-
no : pluma en la gorra declinada un poco .*

¶ De botoes de ouro as mangas vem tomadas .
Cierro , que parece se elta viendo el Gama con
este traje en esta pintura , que propriamente es un
hablar visible ; como dix' Dante . Ya os dixe ai , q
la capa que llevava el Gama era a la Francesa ,
co mangas , q aun oy usan alla : devian las mangas
estar asidas al ombro co botones de oro : o buel-
tas en los bocales , i firmadas con ellos , como tam-
bién agora las usan los propios Franceses , o to-
do junto . Entre los retratos de los Virreyes de
la India , que permanecen en la sala de Goa , i que
copie de unas copias que alla se fizieron , i tiene
oy don Tomas Tamayo , Cronista de Castilla , se
ve el Gama con essa ropa , que llega a media pier-
na , i tiene mangas largas co golpes , como la que
llamamos de levantar , sino que la mitad dellas ,

R 5 des-

desde el ombro al codo , son muy anchas en forma de rueda, con golpes grandes : i estos tienen en los estremos botones de oro , i en medio otros con que se llegan las puntas.

¶ As calças soldadescas recamadas do met &c. Entiende, que eran bordadas de oro. Virgilio fue el xalstre destas calças, lib. 3. *Fert picturat as auri sub tegmine vestes.* El llamarlas soldadescas , es señalar el talle, o forma : yo sospechava, si serian los calzones que en Portugal llamaron de balona, por ser imitados de los Balones : pero como estan moderno, que me acuerdo yo dello , i aun en mi niñez truje calzones de los antiguos , que eran abiertos abaxo, i largos, como los que oy se traen de lienzo , no habla el P. de los balones : i devian llamarse calzones soldadescos aquellos mismos largos que entonces se usavan, con la diferencia de que eran enteros desde el pie hasta la cintura, i justos como de marachines , i con muchos golpes desde las rodillas arriba , por los quales aparecia el aforro ordinariamente, i a veces la carne: i con estos estan retratados los primeros Virreyes : i el Gama tambien, apareciendo por los golpes entretelas rojas , i ellos orlados de oro : i pues el sobre esta suerte de calzones està armado, essos deuen ser los que el P. llama soldadescos: i tambien se infiere, de que no le describe aqui el adorno de las piernas, i pies, como hizo del Rey de Melinde; i lo fiziera si el de ellos, i dellas, no se incluyera en los calzones, por ser todo una pieza. Otros creen, que eran las calças llamadas Imperiales , que no sé si se usavan ya entonces: podrá ser que si. Finalmente, aqui vâ el retrato del Gama, de quando casi 30. años adelante fue Virrey de la India : i assi presumo yo, que el devia ir vestido en este viaje.

¶ Que a fortuna a tantos nega. A tantos, no a tontos, digo yo, niega la fortuna las riquezas.

¶ E compontas do, &c. El Maestro alli: *Aurea purpuream subnetit fibula vestē.* Stacio, Theb. 7. *Et fibula rasiliis auro Tanariam fulva mordebat Iaspide pallam.* Aqui por las hebillas estan las puntas, que (como las calças) se usaron en España, principalmente en vestidos de mugeres, hasta el año 1622. Tenian de ordinario lo largo de un dedo : eran de oro sembrado de piedras preciosas, i perlas; pendian de dos palmos de cinta bien ancha (blanca ordinariamente) con que se hazia una laçada ayrosa, de que quedavan saliendo las puntas: todo finalmente venian a ser unas agujetas preciosas. Era gala singular , que el gusto estragado de la humanidad vino a tener en menos que las alquimias, i vidros reluzientes, pareciendose a los negros , que estiman mas el hierro que el oro ; cascabeles, que joyas. Pero tambien es menester una variedad destas , para que algunos señores parezcan liberales ; porque al punto que vieron no usarse las calças , luego fueron viistas das divisas dellas: i no fue assi de las pútas; porque como no se perdia mas de la hechura , o se vendieron para fuera de España , o se passaron las

materias a otras formas : si bien yo he visto unas puntas bien empleadas , porque las vi puestas en una custodia del SANTISSIMO , estando en ella en lugar de rayos.

¶ Delicadas. Quiere decir, q eran de obra su-til, i primorosa, como solia ser la de tales pútas.

¶ Ao Italico modo a aurea espada. Pendiale de la pretina en talabarte, o tiros, la espada: imitan-do a Virgilio al pintar como Dido llevava la aljava. . . . *Picto chlamidem circundata limbo,*

Cui pharetra ex auro, &c.

¶ El, al Italico modo, es porque fue esto invencion de Italianos , gente que siempre supo solevar el trabajo con el ingenio. Declarale este lugar mejor con otto de nuestro P. en sus Rimas, i coplas que llamò Disparates.

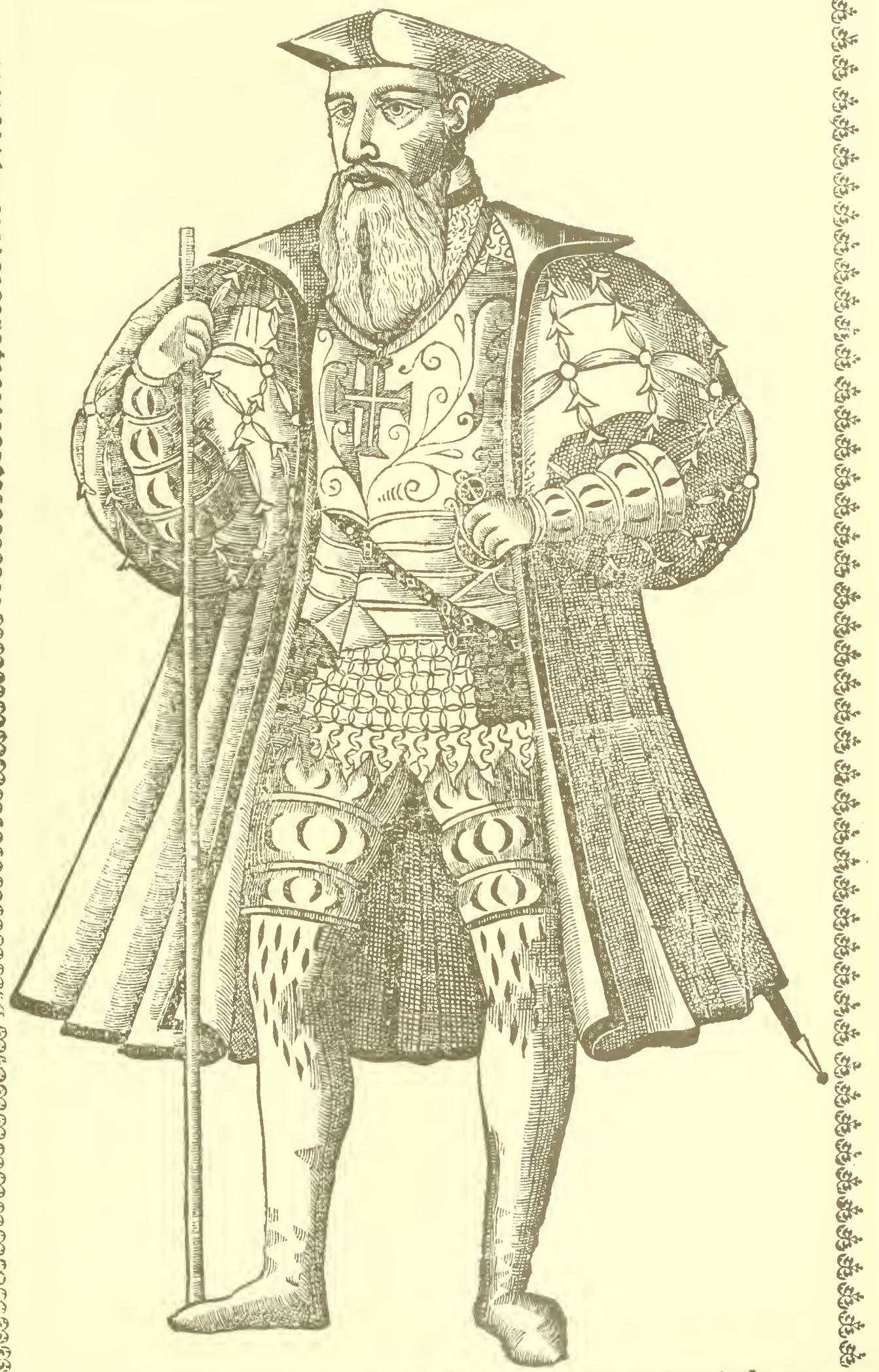
Vereys mancebinho de arte,
com espada em talabarte,
namba mais Ital:mo, &c.

Burlandose desso, porque olia a pereza; por quanto el uso de España, a lo menos de Portugal, hasta entonces, era traer la espada en la mano, o debajo del braço con cuidado : que colgada al lado, fiada a las correas, parecia andar al descuido.

¶ Pero usandose despues en ellas , illevandola assi el Gama , tambien se imita aqui a Virgilio 2. al ponerse Corebo Troyano la espada Griega de Androgeo , *Laterique argivum accommodat en-sim :* o quando Evandro se compuso para ir a Encas, lib. 8. *Tum lateri, atque bumeris Tegeaūm subligat ensem:* aunque esto venia a ser el tahali q, como saben todos , viene desde el ombro a caer con los propios tiros por debajo del braço izquierdo, sin pretina, al mismo lugaz, que pendiendo ellos della. El llamarle aurea, no es por dorada , sino porque era de oro maçizo ; que assi se usavan entonces muchas.

¶ Pruma na gorra bum pouco declinada. Puede dudar , qual era la declinada , si la pluma en la gorra, si la gorra en la cabeza : i sin duda ha de ser la gorra, porque un poco caida al descuido, es cuidado de la galáteria bizarra, o militar: i tambien, porque la pluma podia ser de garçotas, que no se inclinan: i eran entonces de grande estima: i por esto de creer, que las llevava el Gama. Ago-ra nos enseña el mismo P. lo bien que le entendimos, porque en el original con que me hallo, hallado quando ya se imprimia este Comento, està assi este verso, *Com pluma a gorra bum pouco de-clinada.*

¶ La gorra tambien creo seria de tercio-pelo roxo : la forma de las de aquellos tiempos es notoria , i se conserva en retratos , i tambien en Oficiales de Regimiéros de ciudades en actos publicos. En tiempo del Rey don Ivan el Terce-ro se comenzaron a dexar de usar : si bien aun he visto pintado al Rey don Sebastian con ella. Finalmente, es tal la fuerça de la costumbre, que esta suerte de cobertura , que sue de Principes , la tomaron los arlequines para burlarse : i digolo por darla mejor a conocer: porque lo que oy llaman gorras, no tiene que ver con a juellas.



XCIX.

Nos de sua companhia se mostrava,
da tinta que dà o Murice excellente,
a varia cor; que os olhos alegrava,
e a maneira do trajo differente.
Tal o fermo esmalte se notava,
dos vestidos olhados juntamente,
qual aparece o arco rutilante,
da bella Nympha filha de Taumante.

EN los de su compañía se mostrava, hazia ostencion la excelente tinta, o color que dà el Murice: los varios colores, i el modo diferente del traje, que alegrava los ojos. Tal se notava el hermoso i vario esmalte de los adornos mirados juntamente, qual en el luzido arco suele aparecer la hermosa Ninfa hija de Taumante.

¶ Nos de sua companhia, &c. Pinta el P. la variedad de vestidos, i colores que llevavan los que fueron a las vistas con el Gama.

G Dat tinta que dà o Murice, &c. Assi el P. en sus Rimas egl 6. A tinta que no Murice se cria. Esta propia es la que queda tambien en el verso 2. de la e. 95. Allá dixo con Virgil. acá parece cō Ovid. Fast. 2. Dat tenus tunicas Getulo Murice tinctas. Orac. epist. 2 lib. 2. Vestes Getulo Muri et tinctas. Marcial lib. 9. epig. 6 3. Tinctis muri et vestibus &c. Garcilaso eglog. 3.

..... Lavaría tinta

Que se halla en las conchas del pescado. Del Murice trata Plinio juntamente con la purpura en el lugar citado en la e. 93. Vease.

G Avaria cor que os oib &c. No especificando otro color más del purpureo, parece que no auia variedad de colores, i que en la e. 43. del c. 7. está más segura esta variedad. Pero en este lugar de mi P. i en ese de Garcilaso, el varia, se ha de entender en aquel sentido, que para quedar si nos algunos colores en paños, i sedas se han de dar sobre roxo, o purpureo; i finalmente está dicho cō Sanaz. eglog. 1. Ostra muricibus variata, &c. I es menester se vea lo que diremos, sobre el verso 2. de la e. 123. del c. 10.

¶ Qual aparece o arco rutil. &c. Compara la variedad de colores al arco Iris, que se vè ordinariamente en el ayre: i ha sido comparacion de todos los grandes en semejantes ocasiones. Hom. Ilia. 1 1. pintando unos Dragones, Aliunde Iribus similes. Virgil. en las obsequias lib. 5 pintando una Sierpe.

Squ imam incedebat fulgor: eeu nubibus arcus
Mille trabit varios aduerso sole colores.
Esto en quanto a la comparacion; i quanto al esto lo el propio Maestro en su Opusculo de la Iris, deste modo.

Tbaumantis proles varianti vestes figuras
Multicolor picta per nubila devolat auro.
El Boccacio al fin de su Ameto, Lasciando a se di

dietro la via dipinta de quella sembianza che la si Aglia di Taumanti ci si dimostra, &c. Sanaz. pros. 10. Arcad. La terra di tanti colori dipinta quanti nel celestiale arco sene vedano variare. Iuan de Mena cop. 142.

Tal que sembrava su maçoneria
Al Iris con todas sus vivas colores.

Pintando la silla del Rey don Iuan, B. Tasso Ama dig. c. 48. e. 11.

Vaghe eran per riquezza, è per colore
Com'è l' arco tal' hor de Iride bella.

I toda via este numero de colores, que Virgilio B ai llega a llamar mil, se reduze a quattro, que son, roxo, verde, azul, i amarillo, i estos se distinguen en aquel arco, que vulgarmente llamamos el arco de la Vieja. Manuel Correa, dice, que Fr. Héctor Pinto advierte, que se llama assi, por ser el arco, que Dios dixo, en la Ley vieja, que pondria por señal de paz, entre si, i los hombres: Confesfamos no averlo visto en Pinto, que con su erudicion: justo fue que lo ponderase, i nos lo advirtiese. I es cierto, que en todo el Comento de Correa no hallé otra cosa, que venga a dezirla con el, sino esta. I pesame de manifestar, que en

C un hombre con opinion de doctor, no hallasse en todo un libro otra cosa de mas peso, para aprovecharme della, i mas me pesará, quando en algunos lugares me hallare obligado a tratarle, no tambien como yo quisiera. La causa de los colores deste arco, viene a ser que la nube preñada de agua sutil i clara, por aquella parte que la vemos i densa por la otra, i escúra, causan en ella los rayos del Sol essos colores, que vemos, quando nos hallamos entre el, i ella: i como a los lados está la nube más sutil, tocando allí los rayos del Sol, forman color roxo; i en la parte mas gruesa verde, i en la mas interior azul; i siendo todos essos colores afinados con tocarles el Sol, a que particularmente se dà el epiteto de roxo, bien el P. la ma varia a la purpura, que ilustra estos colores de que finge vestida la gente del Gama, i los compara al Iris. De la noticia desta formacion de colores en aquel arco, devia proceder la invención del vidrio triangular, en que, puesto en los ojos, se representan essos mismos quattro colores, como vulgarmente se experimenta. I vease mas de colores en la e. 22. del c. 4. I sobre los del arco a Alberto Magno en su Filosof. part. 2. cap. 9. No quiero dexar de feneçer esta nota con un Ingarcillo de Dionis. Alex. de situ orb. al hazer otra comparacion de vestidos varios en colores, que aunque no echa mano del arco, la echa del prado por sus colores, que es lo mismo. Vestes concinnant artificiosas, preciosas, similes colores pratensis floribus berbae.

E C.

Sonorosas trombetas incitavam os animos alegres resonando: (vam, dos Mouros os bateys o mar qualhaos toldos pellas agoas arrojando.

As bombardas horrisonas bramavá
cō as nuvēs de fumo o Sol tomādo;
ameudáse os brados acendidos, (dos
tapá coas maōs os Mouros os ouvi

LAs sonorosas trompetas resonando incita-
van los alegres animos: quexavan el mar los
bateys de los barbaros, que venian barriendo
el mar con sus toldos, van leras, i adornos ma-
ritimos: las horrisonas bombardas bramavan, i
con nubes de humo tomāvā, impedian la luz del
Sol: menudean se los ardientes truenos: los Mo-
ros tapan los oídos con las manos.

TSonorosas trompetas incitavam os animos.
Tales el sonido de las trompetas, que aun ro-
cadas en ocasión de alegría alterá el animo. Veza-
se desto en la e. 5. del c. 1. i tambien en la 76. del
7. a donde no con menor estilo se hallará seme-
jante festejo al que el P. aqui describe.

GOs bateys o mar qualhavam. Assi en la e.
73. del c. 7. eran infinitos los barcos de los Mo-
ros. Barros Dec. 1. lib. 4. cap. 6.

TOs toldos arrojando. Venian entoldados
los barcos, con sus cortinas a los lados largas,
de modo que ivan barriendo el agua.

TAs bombardas horrisonas bramavam: al
leer el verso se está oyendo la artilleria.

TCom as nuvēs de fumo, o Sol tomāndo. To-
dos los Poetas i aun los Historiadores, que en
semejantes ocasiones tienen veces de Poetas,
dizen de las nubes de humo, o polvo que impiden
el Sol; de la grita i estruendo que llega al cie-
lo, i es tan frequente esto, que seria vicio traer
muchos lugares. Hom Ilia. 17. *Vt neque Sol ne-*
que Lun⁹ officium suum facere videntur: caligine
enim operi abuntur. Garcil. eleg. 2. *El humo sube*
al cielo; el son se escucha

TAmeudamse os brados. Entiende los esta-
llidos de la artilleria, por esto dixo encendidos,
porque los produze el fuego. Ya en la e. 89. del
c. 1. descriviendo aque! sonido, dixo: *O brado ef-*
panta: brado en Portugues, es dar una gran
voz.

TTapam coas maōs os Mouros os ouvidos.
Tito Livio Dec. 3. lib. 1. sobre descrivir otto es-
truendo. *Capti auribus, & oculis metu omnes tor-*
pere. Dante c. 29. del Infierno.

Lamenti saettaron mi diversi

Onde io l' oreccbie con le man copersi.

El gran Maestro de los Comicos, a pesar de es-
tos que no lo confiesan, i le trasladan, en aquella
bien escrita fabula de Orfeo con que dió vida a
mi nombre, en la parte 20. acto 3.

Talos oídos de temor me tapo,

Del son de los tormentos, &c.

I es natural, i aun importante ella diligencia en
semejantes ocasiones, a lo menos de artilleria,
para no arriesgar tanto el oido; como lo experi-

Amentamos a nuestra costa, hallandonos en un ba-
tel, al lado de una nave de la India, i debaxo de
un poderoso cañon, a tiempo que disparava: por-
que oyendo ya no bien, desde alli fue peor: i casi
que lo deseavamos por remedio, sabiendo de
otro achacoso del propio mal, que de disparar-
se otra pieça a las orejas se recobró. Nadie
busque semejantes medicamentos; i si no puede
huir del estruendo de tales tormentas, tape los
oídos, como aqui hazian los Moros: i lo demas q
ellos querian hacer, veremos luego ai adelante
en la e. 107.

CI.

BIa no batel entrou do Capitam
o Rey, que nos seus braços o levava;
elle co' a cortesia, que a razam
(por ser Rey) requeria, lhe falava. (çá
Co' húas mostras de espáto, e admira
omouro, o gesto, eo modo lhenotava;
como quē em mui grāde estima tinha
gente que de tam longe à India vinha.

CY A En el batel del Capitan entró el Rey, que
le llevava en sus braços, que le abraçava, i él
le hizo la cortesia devida de razon a un Rey. El
Moro, con unas muestras de admiración, le no-
tava el modo, i semblante Portugues: como
quien tenia en gran estima gente que desde tan
lexos venia a la India.

DIa no batel entrou do Capitam, &c. El Rey,
i el Gama, acordaron de verse en el mar, como
apuntamos en las e. 88. i 97. i assi se hizo agora:
pero quedó el Rey tan contento, i confiado del
semblante, i platica del Gama, que se fue con él
a ver la flora. Barros alli, cap. 6.

TNos braços o levava. Lo mismo en la e. 44.
del c. 7. es termino Portugues, i vale que le reco-
gió en sus braços, i abraçole estrechamente en
señal de alegría.

J(Por ser Rey.) Parentesis como el de Ho-
mero, Iliad. 19 al hablar el Rey Agamenon, *Cæ-*
teri siluere (ut debebat Rege loquente) &c. I nues-
tro P. lo hizo tambien con cuidado, porque co-
mo era esse Rey Moro, i Negro, quiso enseñar, q
ninguna de esas dos malas calidades, era bastan-
te para perdersele el respeto devido a Rey: que
en cualquier nación es dignidad a que se deve
gran respeto

TOgesto, e o modo lhe notava. Assi pondera
en la est. 62. del c. 1. con destreza Poética. Este
Rey hizo mucha honra, i cortesia al Gama: i pa-
rece que está causando un sentimiento entraña-
ble la memoria de ver un Portugues venetado
adonde no le conocian: i oy casi desestimados
allí propio, despues de conocidos, no procedien-
do esto de diferencia en aquellos barbaros, sino
en

en nosotros, dados todos a la ambicion, i acciones que proceden della, que nunca dexan de ser suizas, i tiranicas. Advirtiendose todavia, que en aquello en que permanece la ambicion de la honra, no falta de algun modo el antiguo valor, como la experienzia lo ha enseñado en muchas acciones modernas. Pero como estos son pocos, son las obras menos; i fueran las mismas en numero i grandeza, si ellos quisieran: porque los coraçones son los misnios.

CII.

E com grandes palabras lhe offerece, tudo o q de seus Reynos lhe cúprisse; e que se mantimento lhe fallece, como se propio fosse lho pedisse. Dizlhe mais, q por fama bē conhece a gente Lusitana, sem que a visse: que já ouviò dizer, que noutra terra com gente de sua ley tivesse guerra:

I Con palabras grandes, reales, le ofrece todo lo que le cumplisce de sus Reynos: i que si le faltavan mantenimientos, los pidiese como si fuessen propios. Dizele mas, que sin aver visto la gente Lusitana, la conoce bien por la fama della: porque avia oido decir, como en otra tierra avia tenido guerra con gente de su ley

¶ E com grandes palavras, &c. I con gran maestria está aqui el, grandes, mostrando que en los Reyes no ha de aver palabras plebeas, i que las acciones, i los discursos, i las vozes, i aun el metal de la voz, han de ser Reales. Vease en la e. 83. del c. 4. como insiste el P. en esta doctrina: porque no parezca que lo dixo acaso una vez sola.

¶ E que se mantimento lhe fallece, &c. A imitacion de lo que dixo Latino a los Troyanos, lib. 7. *Portaque sedetis, ne fugite hospitium.*

¶ Que bem conhece, &c. Estos quatro versos, i la est. siguiente, salieron de lo que esse Rey Latino dezia a los mismos Troyanos.

*Ne fugite hospitium, ne ignorate Latinos,
Atque equidem mcmini (fama est obscurior annis)
Aruncosita ferræ senes, his ortus ut agri
Dardanus Ideas Phrygia penetrabit ab urbes.*

I esto de decir, que por fama conoce la gente Portuguesa sin averla visto, i la venera, i ama, es lo de la e. 47. del c. 9. *Que tanto como a vista pode a fama.*

¶ Que ja ouviò dizer, &c. Parece a algunos contrapunctistas de mala raça, que el P. celebra en estos dos versos la gente Portuguesa, de que nunca fuera de su patria peleó una contra otra; o contra si misma. Entiendende tan bien en esto, como hasta agora le entendieró en todo. Lo que dice el Rey al Gama es, que tiene noticia, que la gente Portuguesa ha temido guerras con la de su

A ley (Mora se entiende) en otras tierras: i esto es aludir a las hazañas con que en Africa se ganaró por los Portugueses Ceuta, Tangere, Alcacer, Arzila, Zafin, i otras plazas, adonde nuestros valientes Reyes Iuan Primero, i Alonso Quinto, metieron sus armas gloriosamente. Luego se declara el Moro en la est. siguiente.

CIII.

E como por toda Africa se soa, lhe diz, os grandes feitos que fizeram, quando nella ganharam a coroa B do Reyno onde as Hesperidas viverá. E com muitas palavras apregoa o menos que os de Luso mereceram; e o mais que pella fama o Rey sabia. Mas desta sorte o Gama respondia.

I Le dice, como por toda la Africa suenan los grandes hechos que hicieron, cuando en ellas ganaron la corona del Reyno adonde vivieron las Hesperides. I finalmente pregoná con muchas palabras el Rey, lo menos que merecieron los Lusitanos: i esto era lo más que ya por la fama sabia: pero desta suerte respondia el Gama.

¶ Os grandes feitos, &c. Estas señas que el Rey da, para mostrar que tiene conocimiento de los Portugueses, son a imitacion de las que dà Evandro a Eneas allí aportado, para mostrarle q le conoce, i que le estima, lib. 8.

..... *Vt te fortissimè Teucrum
Accipio, agnoscōqae libens: ut verba parentis,
Et vocem Anchisa magni, vultumque recordor;
Nam mcmini Hespones visentem, &c.*

D Yo sospecho, que es menester buena vista para descubrir tantas, i tan disimuladas imitaciones; si es que me lo conceden quantos presumen de Aguilas, i que pudieran ser arrojados del nido por presumir vanamente.

E **Do Reyno onde as, &c.** Particulariza el Rey mas ia tierra Africana, en que dice oyó decir aver hecho los Portugueses grandes cosas: i por esto entiende las victorias del Rey don Alonso Quinto en Fez, i particularmente la de Tangere, a que ajustadamente llama la corona del Reyno de las Hesperides, porque siendo él la Mauritania Tingitania, della era cabeza Tingi, oy Tangere: plaza sobre qu: padecieron los Portugueses el trabajo que veremos sobre la e. 52. del c. 4. i aviendo don Alonso Quinto dадole un tiento, no pudo llevarla: i passando las armas sobre Arcilla, la venció con tal ruido, que al son d'el huyeron los Moros de Tangere, i assi entró el Rey en ella sin necesidad de armas. El P. entiende más las noticias de los hechos en las e. 55. 56. del c. 4. i en la 8. del 5. I ay dellos un Poema Portugues escrito por Vasco Mousiño de Quevedo, contitu-

lo de Afonso Africano , porque este titulo ganò este Rey por sus hazañas en Africa. Es obra que despues desta , en este genero no conocemos otra, en orden, imitacion, i facilidad, i muestras de juicio : hablo de Autores Portugueses, hasta este año de 1638. aviendolos examinado a todos para esta sentencia , que yo confio aprovarà el mismo Apolo , porque la di despues de aver rebuelto todos los textos de las Musas : por no parecerme a los que sin examen se hazen juezes.

CIII.

O tu que sò tiveste piedade,
Rey benigno, da gente Lusitana,
que com tanta miseria, e adversidade,
dos mares exprimenta a furia insana !
Aquella alta, e divina eternidade,
q o ceo revolve, e rege a gente huma-
pois q de ti tais obras recebemos, (na,
te pague o q nosoutros nã podemos.

O Tu benigno Rey , que solamente de quantos encontramos tuviste piedad de la gente Portuguesa, que con tan adversa miseria viene experimentando la insana furia de los mares ! Aquella soberana , i divina eternidad , que rebuelve el cielo, i rige la humana gente, te remunre lo que no podemos nosotros, pues de ti recibimos tales obras.

O tu que sò tiveste pied. &c. Habla el Gamma agradecido al Rey de Melinde, por el humano hospedage con que le trata , a imitacion de Ulises a la Infanta Nausicaa, quando le amparo de su naufragio, lib. 6. *Tibi autem Dei tot dent quot, &c.* I en el 14. el mismo a Eumeo, *Iupiter tibi det boſbes, quodcumque maximè vis. quia me benignus ſi ſepe; fi* Eneas a Dido, lib 1.

O sola infuaoſ Troiæ miserata labores,
Quæ nos relliuias Danai m. terræque, marisq;
Omnibus exhaustos iam casibus omnium egenus.
I en el 8. al Tibre. *Quo te cumque lacus miseran-*
tem incommoda noſtra.

O dos mares afaria insana . Llama furioso, o loco al mar, por aquello de estar ya fosegado, ya sin fosegio. En este sentido dixo Virgil. Egl. 9. *Insani feriant sine littoræ fluctus.* Seneca en Hidolito, al fin del Coro del acto 1. *Amat insani bellua ponti.* Acto 2. scena 2. *Te, &c. per mare insanum sequar.* I adelante, *Fugit insana ſimilis procellæ.* I en Agamemnon. acto 3. *Dirimit insanum mare.* I adelante, *Non maria asperis insanam coris.* Ausonio, *Insanum quamvis biemes mare.* Pamphilo Saxy, *Marisque insani manibus tenere fluctus.* San Geronimo a Rio fino, epilt. 47. *Fromit insanum mare.* Hallo en lo leido, que un consul llamado Fabato , en sesenta años que vivió, jamás quiso passar de su ciudad Regio a Messi-

na, diciendo, que si èl en la tierra era obligado a desviarse de un loco, mejor de quatro en el mar; porque el navio, la agua, el marinero, i el viento, todos eran locos , pues nunca estavan fosegados. Baste esto a que nos obligò el oir condenar, que mi P. dixesse insano en esta ocasion, para que se vea, que el insano es quien le condeña.

¶ Aquella alta, &c. te pague, &c. Todo Virgilio alli.

..... Grates per solvere dignas
Non opis cft nostræ. Dido, nec quicquid ubique cft
Gentis Dardanæ, magnumque ſparsa per orbem
Dij tibi. si qua pios. reſpectant numina. si quid
Uſquam iuſtitia eſt. & mens ſibi conſciæ recti,
Præmia digna ferant. &c.

Aunque Virgilio imita a Homero en esse lugar que deixamos arriba , en esto de reservar para Dios la raga que humanamente no podia darse del bien recibido , pudo tambien atender a la antigua costumbre Romana , que encuentro entre otras; i es, que en tal caso forian dezer, *Quia ſolvendo par non ſum cœleſtibus delego virtutibus.* Agora , como pocos obran con respeto a Dios, no son muchos los que le aceptan por pagador; i assi p r el se dà ordinariamente un quarto , i por el sementio toda la hacienda. De la eternidad se vea lo que queda dicho en la e. 17. c. 1.

¶ Pois que de tais obras secebemos, te pague o que nos outras nam podemos. Tambien estas palabras que tan inclusas en esse lugar de Virgilio, que ai acabemos de traer. I son tambien tomadas, en las ultimas de la est. siguiente, de lo que Barros al fin del cap. 8. del lib. 5. de la Dec. 1. refiere aver dicho Pedro Alvarez Cabral al Rey de Cochim en semejante ocasion, *Que tais obras elle nam er i poderoso para as pagar, ſomente em as levar na memoria, &c.* Porque al fin, todo este Prema no es otra cosa que una perpetua , i admirable concordancia de lugares, i Autores.

CV.

(lo)

Tu sò de todos quatos queima Apo-
nos recebes em paz do mar profundo;
em ti dos ventos horridos de Eolo
refugio achamos bõ, fido, e jocundo.
Em quanto apascentar o largo Polo
E as estrellas, e o Sol der luz ao mundo,
onde querq eu viver, cõfama, e gloria,
viviràm teus louvores en memoria.

TV Solo de quantos quema , o calienta el Sol
En estas partes , nos recibes pacificamente
al salir del profundo mar entu puerto. En ti ha-
llamos bueno, jocundo, agradable, i fiel socorro
contra los horridos vientos de Eolo. Mientras el
largo Polo apacérate el ganado de las estrellas,
i el

¡el Sol diere luz al mundo, vivirán tus loores cō fama i gloria en perpetua recordacion , adonde quiera que yo viviere.

¶ *Tusò de todos quant. &c.* Quiere dezir, de todos los que habitan por toda aquella costa de Africa, adonde estos descubridores llegaron, que son Regiones más o fendas del Sol, i por esto de color rostado la gente dellas, que el P. llama, no pocas veces, quemada, por negra; aludiendo a que el Sol los puso de aquel color, quando cayó mal governado de Factonte. Discípulos son desta fabula, que hazen verdadera, los que fandola luz de su alma al vanissimo hijo de su capricho, la dexan rodar de modo, que reduzen a negra ventura muchos sujetos, que no tuvieron culpa en sus desatinos.

¶ *Em quanto apascentar o lar. &c.* Hermosa metafora, haciendo las estrellas rebaño, i prado el cielo, que esto es Polo alli, como en la est. 45. del c. 3. Declaróse más, i no con menor dicha de elegancia, en el remate de su Egl. 7.

*E co' oluzente gado apareceo
a celeste Pastora pello ceo.*

I por ventura veria a Sinesio en el hymno 6. *Astrorum greges semper pacis.* Pero lo cierto es, q̄ lo dixo, i todo el resto de la est. con Virgil. alli. *Infreta dum fluvij current, dum montibus umbrae
Lustrabunt, convexa Polus, dum sidera pascet,
Semper bonos, nomenque tuū laudiisque manebunt.*

Nuestro P. de otro modo en sus Rimas, Egl. 1.

*Em quanto estas ervinhas pasto derem
As petulantes cabras, eu te fio
Que em virtude dos versos que cantaste
Sempre viva o pastor, &c.*

I deve notarse, que en Virgilio primero habló Ilioneo con Dido pidiéndole acogimiento, i dándole las gracias dèl, i despues Eneas: acá primeramente Fernando Martinez, i despues el Gama.

¶ *Com fama, e gloria.* No es todo la misma cosa: la fama es una informacion continuada de qualquier cosa que ella rompa a su cuenta; i esta se levanta muchas veces de quien no la merece: la gloria conforme a Cicero es, *Consentiens laus bonorum incorrupta vox benè iudicantium de excellenti virtute*. I assi puede aver fama sin gloria, i no gloria sin fama; por esto bien dice, que vivirà con fama i gloria. Sirva esto para la nota 1. de la e. 5. del c. 5.

¶ *Em memoria.* Endos maneras se puede entender esto: o eternamente, que es lo con que entran las cartas Pontificias, *Ad perpetuam ret memoriam:* o por testimonio de este favor recibido, como lo dixo Christo a los Apostoles, quando se apartava dellos, *In mei memoriam facietis.* Elijan los curiosos, i vean lo que diximos al fin de la est. antecedente.

CVI.

Isto dizendo, os barcos vam remádo para a frota, que o Mouro ver deseja;

A vam as naos húa, e húa rodeando, porque de todas tudo note, e veja. Mas para o ceo Vulcano fuzilando, a frota co' as bombardas o festeja; e as trombetas canoras lhe tangiam; co' os anafis os Mouros respondiam.

D Iziendo esto, van remando los barcos para la flota, que el Moro desea ver: van rodeando las naves una a una, porque de todas note, i vea todo. Pero eslalonando Vulcano centellas para el cielo, recibian al Rey con la fiesta de disparar las bombardas: las trompetas canoras se tañian: respondian los Moros con los añafiles.

¶ *Porque, &c.* Verso de la e. 6. 3. del c. 1.

¶ *Vulcano fuzilando.* Con Virgilio como siépre, lib. 9. *Et commisit am Vulcanus ad astra favillam.* Esto es tomar por el fuego a su Dios. Bien Plauto, llamando Vulcano a la luz que iva inclusa en la lanterna. *Vulcanum in cornu inclusum portas.* Nuestro P. c. 1. e. 68. en este la 69. i en el 9. la 7. usando en todos estos lugares el tropo Metonimia. El, fuzilando, es verbo que ya hallamos formado de Barros cap. 8. lib. 7. Dec. 1. Afuzilando fogo, sacándolo del ejercicio de eslalon, que llamamos los Portugueses fuzil: i assi quiere dezir el fuzilando, escupiendo fuego, porq̄ al batir el eslalon en la piedra le produze, i levanta en alto en varias porciones: i esto sucede a encender la artilleria, como es notorio.

¶ *Co' as bombardas, &c. as trombetas, &c. os anafis &c.* Todo lo haze el P. sonar a un tiempo, con que parece está dando en los oídos el estruendo, i viniéndose a los ojos las señales de la alegría Barros alli contiene parte desto, i particulariza, como el P. el ir el Rey dando vuelta a las naves, *Ver os navios rodeando a todos.* I el Gama junto a ellos por festejar al Rey, afuera otras demonstraciones acertadas, hizo la de presentarle todos aquellos Moros que avia tomado en el zambuco (de que diximos sobre la e. 68.) i áce de que el Rey quedó muy pagado: logrando sele al Gama la prudencia con que los reservó para darselos en esta hora. De donde se vé, que aunque todos los Poetas singen, i exageran aciertos en sus Heroes, haciéndolos mayores de lo que ellos realmente fueron, el Camoés en el suyo necessito poco de ese artificio, porque Vasco de Gama tuvo en este viaje tantas acciones de valor, i prudencia, que calificó la elección que para él hizo de su persona el Rey don Manuel.

CVII.

Mas despois de ser tudo ja notado do generoso Mouro, que pasmava, ouvindo o instrumento inusitado,

que tamanho terror em si mostrava;
Mandava estar quieto, e ancorado
na agoa o batel ligero que os levava,
portalar de vagar co' o forte Gama,
nas cousas de que tem noticia, e fama.

Pero despues de ser todo ya notado por el generoso Moro, que pasmava oyendo el inusitado instrumento, que en si mostrava tamano terror, mandava estar quieto, i ancorado en la agua el ligero batel que los llevava, por hablar vagaroso co' el fuerte Gama, en las cosas de que tiene noticia i fama, tocantes a Portugal.

¶ Qu' pasmava, ouvindo o. &c. Bellissima imagen de admiracion en el Moro, con la novedad del estruendo de la artilleria (esos es el instrumento inusitado) que nunca avia visto, ni oido: Barros alli, *A qual torvada, como era causa nova nas orelhas daquella gente, foy para elles ta grande espanto, que determinaram fogir para terra* I e' Gama siriendo que los perturbava, mandò cessar los artilleros.

¶ Mandava estar quieto, e ancor. &c. Barros alli, *Mandou suspender o remo.*

¶ Por falar de vagar. &c. El Rey, ni con el Gama, ni con persona Portuguesa hablo con la particularidad, i espacio que el P. como tal fine; haciendo tambien como P. de dos sucessos uno: porque quando Pedro Alvarez Cabral passò a la India, nego que de allà vino el Gama, llegando a Melinde le pidiò el Rey, que dexasse quedar allà una noche un Portugues llamado Ayres Correa: para que pudiesse platicar con él sobre las cosas de Portugal: i en aquella platica se podrian tocar muchas de las que el P. toca en esta. Vease a Barr. en el cap. 3. del lib. 5.

¶ De que tem noticia e fama. En continuacion de lo dicho en la est. 103. I no ay duda, que de aquellas hazañas avria por allá alguna noticia, por ser obradas entre su gente. Estas platicas del Rey, i del Gama, hasta el fin del canto, son admirables; son llenas de furor Poetico; està inuidando la Poesia, assi como sucede en todas las ocasiones que lo piden: para que se defengaen los censuradores, de que adonde el P. parece menor, es que juzgo él, que allí convenia esto: i assi lo juzgo yo (si puedo) porque hallo en cuentas bien ajustadas, que la valentia de un judiciso escritor, es acomodar los estilos a las materias: i en est. (como en todo) es admirable Luis de Camoës.

CVIII.

Em praticas o Mouro differentes
se deleitava, preguntando agora
pellas guerras famosas, e excellentes,
co' o povo avidas, q'a Mafoma adora:

Agora lhe pregunta pellas gentes de toda a Esperia ultima, onde mora; agora pellos povos seus vezinhos; agora pellos humidos caminhos.

L Moro se deleitava en diferentes platicas: Agora pregunta al Gama por las excelentes batallas que el Portugues avia tenido co' el pueblo adorador de Mahoma: agora por las gentes habitadoras de toda la ultima Hesperia adonde él habita: agora por sus vecinos pueblos, i agora por las humidas vias, por los mares que hasta allí navegó.

¶ Em praticas o Mou. &c. Hermosa variedad de deseo de saber, expressado en esta est. la qual, i las siguientes, en que el Rey assi pregunta al Gama quienes, de donde, i porque viene a partes tan remotas, todo es imitando a Homero, al fin del lib. 8. quando el Rey Alcinoo aprieta por lo mismo a Ulises alli aportado, i benignamente recibido, *Dic autem mibi terramque tuam populumque urbemque. I mas abaxo poco, Sed age mihi hoc, dic, & vere narra, quo ab erraveris & id quae perveneris loca hominum, ipsi siq; civitatesque benè habitatatis.* Todo lo desfrutò Virgu, quando ansiosa Dido de saber de Eneas, le preguntava lib. 1.

*Necnon & vario noctem sermone trabebat
Infelix Dido. longumque bibebat amorem,
Multas super Priamo rogitas super Hectorem multas
Nunc quibus Aurora. &c. Nunc quales Diomedis &c.* I nuestro P. desfrutando a todo Virgil. por esta, i otras e. i por todo este raro Poema.

¶ De toda a Hesperia ultima. Entiende España. verlo en la e. 69. del c. 8

¶ Pellos humidos caminhos. Assi en la est. 67. i repite en la 48. del c. 8 i en la 70. del c. 10.

CIX.

Mas antes valeroso Capitan nos conta, lhe dezia, diligente, da terra tua o clima, e regiam do mundo onde morais destintamente: E assi de vossa antigua geracão, E e o principio do Reyno tam potente, co' os sucessos das guerras, do começo, que sem sabelas, sey q'sam de preço.

Pero primero, ô valeroso Capitan, nos cuenta diligente (le dezia el Rey) con particularidad, el clima, i region de tu tierra; digo distintamente la parte que habitais del mundo. Tambien assi vuestra antigua generacion, i el principio de tan poderoso Reyno, con los sucessos de las guerras desde el principio; que sin saberlas tan particu-

ticularmente, sè que son de gran precio.

T Valeroso Capitam: assi en la e. 2. i del c. 1. A la 64.

T Nos conta, &c. Con Virgilio alli, *Imo age,* &c. continuado Dido en obligar a Eneas, a que le refiera sus cosas, i de su patria.

T E assi de vossa antigua geraçam. Virgilio alli, *Et a prima dic hospes origine nobis.*

T Co' os sucessos das guerras, &c. Virgil. alli, *Caususque tuorum.* Notable cosa es ver como va vivo, i glorioso Virgilio, hecho pedaços por esta nunca bastante alabada obra. Castañeda lib. 1. cap. 12. refiere todas estas pláticas del Rey, i deseos de saber lo que aqui pregunta; i B com a duvo viendo la flota: i la fiesta, &c.

T Que sem fabellas. sey que sam de preço. Quiere decir, que no las sabia con sus particularidades, mas con la generalidad con que las avia llevado por allá la fam i confusamente, i que agora desea saberlas puntualmente, ya que se le ofrece tan buena ocasión. No puedo contenerme, que no pondere la ansia universal de saber el origen de cada nación, en todas: i assi no me admiro, de que sea tan valida escritura la de familias; pero admirome, de que ninguno quiera que le digan que procede de poco, deseando que todos no procedan de mucho, i no procediendo él de tanto como otros. Todo vanidad, i malignidad todo.

CX.

E assi tambem nos conta dos rodeos longos, em que te tras o mar irado; vêdo os costumes barbaros, e alheos, que a nossa Africa ruda tem criado.

Conta: q agora vê co' os aureos freos D os cavallos que o carro marchetado, do novo Sol, da fria Aurora trazem; o vêto dorme; o mar, e as ondas jazé.

T Ambien assi con particular modo nos cuenta de los rodeos prolixos en que re trae el airado mar, viendo las barbaras costumbres, i agenas, que tiene criado esta nuestra udíssima Africa. Cuenta, pues; que vienen agora con los aureos frenos, los cavallos que traen el esmaltado carro de la fria Aurora, i del nuevo Sol: el viento duerme: el mar, i las olas yazen.

T Tambem nos conta dos rodeos, &c. Alli Virgilio, *Erroresque tuos,* &c. I aquí fenece el P. Latino su primero canto, i el Lusitano va feniendo el segundo.

T Costumes barbaros: i luego, *Africa ruda,* &c. En dos sentidos habla aqui el Rey, diziendo defectos de su patria: uno por ironia, que usamos mil veces, desalabando lo que más queriamos alabado: otro por conformarse con el hues-

ped, porque siendo de Europa, sabe della que tiene a Africa en cuenta de barbara; i tambien, porque sabia, que él avia sido mal hospedado hasta alli, i disculpalo con la rudeza, i falta de policia, aviendo ya llamado, a los que assi le trajeron, de baxo pensamiento, al fin de la e. 86. Pero el primer entendimiento, siempre se queda en pie: porque no ay nación tan barbara, que piense que lo es, i aun que no piense que lo son más las otras. Sabemos, que los negros de Congo, muy presunidos de sutiles, i eloquentes, quando quieren celebrar mucho el buen dicho de algún Portugues, dizen, que no lo dixerá mejor un natural de Congo: i con esta presuncion se ha de creer habla el Rey en este nido, modestamente.

T Que a nossa Africa ruda tem, &c. Virgil. 4. *Quos Apbrisca terra triumphis dives alit.* Es a otto fin, pero imitase el modo.

T Conta, que agora vem co' os aur. &c. Virgil. en el 6. en esta sentencia.

*Hac vice sermonum, roscis Aurora quadrigis
Iam medium æthereo curso traiecerat axem.*
I en el 12. (sin otros semejantes)

..... *Cum primum alto se gurgite tollant
Solis equi, lucemque elatis naribus efflant.*

Esta hora a que el Rey vino a las naves devia ser muy de la mañana, pues dice el P. que salia el Sol, quando pedia al Gama que contasse sus cosas. Las historias dicen, que fue por la mañana.

T De novo Sol. Virgil. Georg. 1. *Cum Sole novo,* Ariosto c. 15. *Fin che 'l Sol novo,* &c.

T Marchetado. Assi en la e. 59. del c. 1. Llama el Portugues marchetes a las labores que con diferentes pedacitos de maderas se embeven en otra, i de otro modo se llana taracea, i mosayco, de que estamos viendo aqui en Roma, en piedras grandes cosas; obra costosa: i tal quieren los Poetas que sea la del carro del Sol.

T Da fria Aurora. Porque es fria se vea en la e. 92.

T O vento dorme, o mar, e as ond. &c. Virgil. lib. 10. al tiempo que entrava a habitar Jupiter.

..... *Silet arduus æther,*
Tū Zephiri posuere, premit placida æquora pōt.
Lucano, lib. 1. *Mediusque iacet sine murmure,*
pontus. Pacuvio en Chryse, Silescunt venti, mol-
litur mare. Petrarch. Son. 1 32.

Hor che 'l ciel, e la terra, e 'l vento tace,
Notte il carrostellato ingiro mena,
E nel suo letto il mar senza onda giace.

El Molza comienza assi un Soneto.

Come il mar se ne vento, od aura il fiede
Quetto, e senza onda entro il gran letto giace.
Girolamo Mucio, Son. que empieza, *Or sbel-*
notte, &c. Cessano i venti, e giace il mar senza on-
de. B. Tas. Florid. c. 9. Hor che il cielo, e la terra,
e l'onda tace. Serafino en las estancias primeras,
L' aer quieto, il mar senza onde giace. Todos en tal ocasión.

CXI.

E nam menos co' o tempo se parece
o desejo de ouvirte o que contares;
que quem ha, q por fama nā conhece
as obras Portuguesas singulares?
Nam tanto desviado resplandece
de nos o claro Sol, para julgares
q os Melindanos tem tam rudo peito,
q nam estimem muito hū grāde feito.

B

I Si el tiempo està placido i propicio para que
estès hablando aqui, no lo està menos nuestro
deseo para oir lo que contares. Que quié ay que
no conozca por fama las singulares acciones
Portuguesas? Ni el claro Sol resplandece tan desvia-
do de nosotros, para que juzgues tu, que los Melin-
danos tienen tan rudo pecho, o juicio, que no
estimen mucho un hecho grande.

G E nam menos com o tempo se par. &c. Assi
Selvagio, incitando a cantar a Ergasto en la Ar-
cadia de Sanaz. Egl. 1. *Deh, canta bomai, che par
che il tempo si cheggia.* Con razon, porque todo
quiere oportunidad; i la conversacion más.

T Se parece o desejo, &c. Bonissimo està el
expresar, que el desejo de oir al Gama estaba co-
mo el tiempo; para de zir que estaba placido, ale-
gre, sossegado, i todo prompto, que esto era lo q
avia en el tiempo, como dixo en la e. anteced.

T Quemba, que por fama nam conh. &c. Saca-
do todo lo que se sigue de la boca de Dido a los
Troyanos, lib 1.

Q quis genus Aeneadum, quis Troiæ nesciat urbem?
Virtutesque virosque, aut tanti incendia belli?

T Nam tanto desviado respland. &c. Homer.
Vlfs. 8. in fin. quando a Vlfes assi preguntava
Alcinor, Non enim Phœacensibus, &c. Esto ame-
naça. Más claro Virgil. alli.

Non obtusa adeo gestamus pectora Pæni,
Nec tam aversus equos Tyria Sol iungit ab urbe.

T Para julgares que os Melind. &c. Abona el
Melindano sus calidades de policia a los Portugue-
ses: de que se vè, que el abatir las costumbres
Africanas en la e. anteced. fue ironia, como ai di-
ximos. Esto acá es imitado de lo que Latino di-
xo a los Embaxadores de Eneas, 7.

..... Ne ignorate Latinos

Saturni gentem, haud v'nclo, nec legibus æquam,
Sponte sua, veterisque Dei se more tenentem.
Todo lo que contienen los seis versos ultimos
desta estancia, dixo el Tasso assi c. 2.e. 47. habla-
do otro Rey.

Tar ue; erispose il Re: Qual si disgiunta
Terra è dal l' Asia, o dal camin del Sole,
Vergine gloriofa, ove non giunta
Sia la tua fama e l' honor tuo non vole?
Yon veo que exceda a mi P.

CXII.

A Cometeram soberbos os Gigantes
cô guerra va o Olimpo claro, e puro;
tentou Peritoo, e Teseo, de ignorâtes,
o Reyno de Plutâ horrendo e escuro:
Se ouve feitos no mûdo tâ possantes,
nâ menos he trabalho illustre, e duro,
quanto foy cometer inferno, e ceo,
que outrem cometa a furia de Nerèo

B

A Cometieron los soberbios Gigantes, aunque
con vana guerra, el claro, i puro Olimpo: Pe-
ritoo i Teseo, aunque con ignorancia, tentaron
el oscuro, i horrible Reyno de Pluton. Pues si
huvo tan poderosas hazañas en el mundo, no es
trabajo menos duro, ni menos ilustre, que otros
acometen el furor de Nereo, del mar, de lo que
fue el de acometer aquellos el cielo, i estos el in-
fierno.

T Cometeram soberbos, &c. Muestra el Rey cô
exemplos grandes, que supuesta la noticia que
tiene del valor Portugues, i con esta experientia
que està viendo dèl, en romper tan prolixos, i
nuevos mares, no duda de que le sea propio
tal acometimiento: i todo es a imitacion de
Eneas, quando pedia a la Sibila le dexasse baxar
al infierno, lib. 6.

Si potuit manes arcessere coniagis, Orpheus, &c.
Si fratrem Pollux alterna morte redemit, &c.
Et migenus ab Iove summo. &c.

T Tentou Peritoo, e Teseo &c. El P. tomò para
Peritoo, i Teseo, el estilo de Lucano para los Gi-
gantes, Tentarent astra Gigantes. Peritoo, hijo
de Ixion, i Teseo, se concordaron en baxar al in-
fierno a robar a Proserpina, adonde el Cerbera
matò a Peritoo, i Teseo quedando preso, fue li-
bre por Hercules.

T Reyno escuro: c. 3.e. 117. c. 4.e. 33.c. 5.e.
36. Boccacio en el Ameto, fol. 37. Miserio con-
Pluton nel Regno bruno.

G De ignorantantes. Asi buelve a dezir en la est,
15. del c. 8. Osacias ay, que son hijas de la igno-
rancia, i arrogancia: i por tal fue juzgada de mu-
chos la de los Portugueses, en quanto la gloria
del efecto no hizo que fuese motivo de admira-
cion, lo que lo era de risa: i dice todavia el Rey
agora, que si aquellos hicieron cosas que pareciâ
de locos, solo por ganar fama, más razon era que
la ganassen los Portugueses, pues hazian obras
dignas della.

T Trabalho illustre duro. Veremoslo en la est.
79. del c. 4.

T Quanto foy cometer inferno, e ceo, que ontrê
cometa a furia de Nerèo. Que no es mucho, si hu-
vo essos Gigantes que acometieron el cielo, i es-
tos Heroes que osaron ir al infierno, que aya
otros

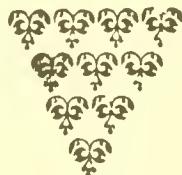
otros que se atrevan al furioso mar. Pero quien leyere atentamente este Poema , podrá imponer una culpa de descuido al P. i es, que dando a entender en este pensamiento , que estaba por acometer de los Gigantes el mar, dize en la est. 51. del c. 5. que ellos le avian acometido. Yo me obligo , que no está facil la respuesta , para muchos que quieren facilmente entender, i juzgar a los grandes hombres, de que resulta , que ni los entienden, ni los veneran como les es devido. Dize bien el P. porque la guerra que los Gigantes hicieron fue en Grecia, i assi el mar por donde pudieron discurrir fue el Mediterraneo. Deste modo quiere dezir, que el gran mar Occeano, en aquella grandissima parte suya , estava intacto, por no averse atrevido a él , ni aun la osadia de los propios Gigantes , guardandose para la de Portugueses esta empresa : i dà el P. a entender este concepto con usar de Nereo , para hazer imagen deste gran mar , porque es propio titulo dcNereo el de grande. Virgil. Georg. 4 Grandævus Nereus. Ovidio, Magnus declinat littora Nereus. I que los Portugueses fuesen los primeros q labraron la grandeza de ese mar, cosa llanissima es. I este es el profundo pensar de nuestro P. que C fue tambien el primero que sondó el mar mas a fondo de la Poesia, a pesar de ignorantes.

CXIII.

Queimou o sagrado Téplo de Diana,
do sutil Tesifonio fabricado,
Horostrato, por ser da gente humana
conhecido no mundo, e nomeado:

Fin del Canto Segundo, i Tomo Primero.

Como estos Comentarios se imprimen en diferentes Oficinas por brevedad, pareció conveniente para no embaraçarlas, dividirlas en Tomos; i para que ellos quedassen proporcionados, dimos al primero los primeros dos Cantos, que contienen la partida del Gama de Lisboa, i su llegada a Melinde: i al segundo los tres que contienen su estada en Melinde, i platica que tuvo con aquel Rey: i al tercero los otros tres, que son sexto, septimo, i octavo, i contienen la salida de Melinde, i llegada a Calecut, i lo que allí passò; i al quarto los ultimos dos, que contienen la vuelta a Portugal. Distribucion en que tambien resplandece la judiciosa traça con que el P. procedió en esta gran fabrica.



A Se tambem cõ tais obras nos engaña o desejo de hum nome aventajado, mais razão he que queira eterna gloria quē faz obras tā dignas de memoria.

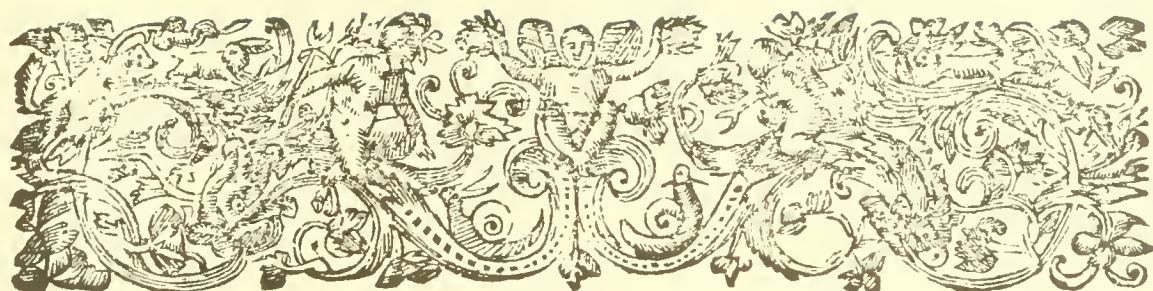
Horostrato , solamente por ser conocido , i nombrado de la humana gente , quemó el sagrado Templo de Diana; fabrica del sutil Tesifonio. Pues si tambien el deseo de conseguir un aventajado nombre , nos engaña con tales acciones para executarlas, siendo feas, mucha más razon es , que quiera eterna gloria quien como vosotros , intenta cosas bellas , i dignas de ser memoradas.

T Queimou o sagrado Temp. &c. Los coraçones muy rateros, sobre las baxezas tienen fundado su gloria : tal fue Horostrato , quemando el Templo de Diana en Efeso, para que dèl quedase memoria. Son agora sus discípulos muchos ingenios ignorantes, que se quieren fabricar ciencia de solicitar la ruina del nombre de los que saben algo.

T Setambem, &c. En la e. 96. del c. 4. sobre este engaño que causa el deseo de nombre famoso.

T Quem faz ob. &c. El P. en sus Rimas, i est. 2 don Constantino , Quem fez obras tam dignas de memoria. El pensamiento del Rey en esta estanc. es el mismo que en essotra , con exemplo aun más apretado, concluyendo, bien, que si hasta cõ un hecho torpe se pretende fama , es más justo q la alcance quien los tiene gloriosos como este.





L V S I A D A
D E
LVIS DE CAMOÉS
P R I N C I P E
D E L O S P O E T A S D E E S P A N A,

C O M E N T A D A

Por Manuel de Faria i Souza. Cavallero del Habito
de Christo , i de la Casa Real.

C A N T O III.

Argumento.

VASCO DE GAMA REFIERE AL REY DE
Melinde las Provincias de Europa, i particularmente el princip' o del
Reyno de Portugal ; i los hechos mas singulares de sus Princi-
pes, hasta el Rey Don Fernando ; i la muerte lasti-
mosa de Dona Ines de Castro.



ESTANCIA I.



GORA tu Caliope me ensina,
o que contou ao Rey, o Ilustre Gama:
inspira inmortal canto, e voz divina,
neste peito mortal, que tanto te ama.
Assi o claro inventor da Medicina,
de quem Orpheo pariste, o linda dama,
nunca por Daphne, Clicie, ou Leucotòe
te negue o amor devido como sòe.

Agora me enseña tu, ô Caliope, lo que el Ilustre Gama contó al Rey : Inspira inmortal canto, i divina voz en este mortal pecho , que te ama infinitamente. Assi el claro inventor de la Medicina , de quien, ô linda dama, pariste a Orfeo , jamas te niegue (como suele) el devido amor, por emplearse en otras damas , como Clicie , Daphne, ô Leucotoe.

¶ Agora tu Caliope, &c. Assi entra Alcman, en un poema, *Musa age Calliope, auspicare amabilia carmina*, Apolonio Rodio tambien en el 3. *Eia age nunc Erato*. Mas nuestro P. imitó a Virgilio 7. *Pandite nunc Helicona Deæ, cantusque movete* : Y al principio entrando a contar el origen, Reyes, i guerras de Roma. *Nunc*

age qui Reges Erato, &c. Con la diferencia de enamorarse mi P. mas de Caliope, que de Erato, como Alcman ai citado , i Clandiano a la entrada de las alabanzas de la Reyna Serena. *Dic mibi Calliope, &c.* Juan de Mena tambien la elijo copla 3. *Tu Caliope me sey favorable*. Della es el Patronazgo del cítilo heroico ; de Erato el de la Geometria; aunque tambien entra a la parte con Caliope.

¶ *Inspira immortal canto, &c.* Vigil. alli: *Tu vatem, tu diva mone, &c.* Su perpetuo imitador Dante , Parai. canto 1. *Entra nel petto mio , & spira fue.* Pero fue a buscar el cítilo el Geronimo Vida, que invocando en su Christiada, usa del mortal, i inmortal como aqui.

Fas mibi te duc mortali immortalia digno ore in quis

joqui, &c. I tambien pudo buscarlo en Virgilio. 9. *Mortalis ne manu factæ immortale.*

¶ Voz divina. Por la razon, de que los verdaderos Poetas son dotados de particuar alieno divino, como queda mostrado sobre la e. 5. del c. 1. I ainsi no es menester trasladar a Textor en sus epitetos.

¶ Assi o claro inventor da Medicina. Con Ovidio met. 1. *Inventum medicina meum est.* Hablando Apolo de si mismo.

¶ O linda dama. Con gran prevencion, para lo que va a dezir, está dicho ai el linda.

¶ Nunca por Dap. &c. A imitacion de Virgilio eg. 10. aviendo invocado a Areusa, para cantar de Gale.

Sic tibi cum fluctus subter labere Sicanos

Doris amara suam non intermiscat undam.

I E.n. 10. *Sic Pater ille Deum faciat, sic altus Apollo,* &c. No quedó de fuera Orac. lib. 1. Od. 3.

Sic te diva potens Cypri,

Sic fratres Helenæ lucidi Sydera, &c.

Bernardo Tassio en un Soneto del lib. 6. de sus amores hablando con el sueño.

Deb! vieni o Dio; così ad ogni flagione

Torne nel tuo soave umido grembo

Pastibea bella, a i bacci dolci, &c.

Aquí ay dos terminos Retoricos: uno el de la peticion, *Sic*, que es acá el, *Assi*: I hablando con persona aulento, que es el apostrofe: Otro la perifrasis, diciendo: *Claro invento*, &c. Por Apolo. I toda la e. es la otra figura, q se llama depreciation; i luego especificacion de deseo en favor del deprecado, por gratitud de la benevolencia; q es la figura llamada optacion, que veremos otra vez en la e. 79. del c. 9. Depreca en los primeros quatro versos, muestra el deseo, por agradecimiento en los otros. I este canto, y el quarto y el quinto derechamente, es lo que llaman digression los Retoricos, con las calidades, que te podian esperar de su Autor: porque nunca la buena digression ha de ser de cosas ajenas del assunto; i esta no solo las abraça propias del, sino que parece era inexcusable: porque allá, poco despues de la mirad del c. 4. con venir á hablar del Rey Don Manuel Autor deste descubrimiento, i de como algunos de sus antecesores lo intentaron, muestra que era menester hazer memoria de los: porque se supiese el origen del dueño desta accion. Mas si toda la traza es de Virgilio, que nos queda que argumentar? Apolo tuvo en Caliope a Orpheo; y amó a Daphne, como es notorio; i Clicie, no es Dama suya menos conocida: Por si a caso no lo fuere tanto Leucotoe, digamos, que era hija de Orcamo Rey de Babylonios. i de Lucotoes: tuvo que hazer con ella Apolo, i Clicie de zelo la centola a Orcamo, que como era padre mas colérico q algunos de sta edad, la enterró viva. Ovid. met. 4. Entra agora el Poeta con gentil industria, pidiendo a Caliope, que le

A socorra con nuevos alientos; assi Apolo no tenga amores con esas Damas amadas del, sino con ella sola: llamandola linda (como si dixerá, benemerita de ser solamente amada del) i omitiendo todos los otros titulos, que justamente le tocan; porque pretendo llisongearlas, para facilitar el despachó: i para Dama, no puede aver coche mas poderoso, que el de llamarla hermosa, i dezirle, que merece ella sola ser querida del mismo Sol: porque no ay alguna que no deseé, que su amado sea ciego para todas, i Argos para ella, sin acordarse algunas, que a no aver ciegos, no fueran amadas. De modo, que industriosamente invoco el P. a Caliope.

II.

Poem tu Ninfâ em effeito meu desejo,
como merece a gente Lusitana;
que veja, e saiba o mundo que do Tejo
o licor de Aganipe corre, e mana.

Deixa as flores de Pindo, que ja vejo
banhar me Apolo na agoa soberana;
se nam direy, que tens algum receo,
que se elcureça o teu querido Orfeo.

P On tu ó bella Ninfâ en efeto, en execucion
mi desejo, assi como lo merece la Lusitana
gente: Demodo, que el mundo vea, y sepa, que
corre, y mana del Tajo el licor de Aganipe: dexa
las flores de Pindo, que ya veo á Apolo bañarme
en la soberana agua. Sino mira que diré yo, que
tienes algún rezelo, de que conmigo se obseverez-
ca tu querido Orfeo.

¶ Poem tu Ninfâ em effeito, &c. Prosiguis
la invocacion con giorufo turor Poetico.

¶ Como merece a gente Lusitana. Como si di-
xera: No quiero que excedas de lo justo, ni pido
gracia, sino justicia; sea el aliento para cantar tal
gente, medido por sus meritos, que con esto que-
darà satisfecho mi deseo, i ella cantada dignamente.

¶ Saiba o mundo, que do Tejo o licor de Agani-
pe corre. Es lo mismo con que remató la e. 4. del
c. 1. porque se vea, quiere decir, que vn tal in-
genio tiene en el Tajo la propia fuente de las Mu-
fas.

¶ Deixa as flores de Pindo. Es Pindo monte
de Tesalia dedicado al regalo de las Musas. Su
Aranjuez, digamos. Dize agora el P. a Caliope,
que dexa las flores del, i que atienda toda a
darle favor: i haciendo las Musas, i Ninfas siem-
pre ocupadas en texer coronas de flores, ó bor-
dar telas, fenece la e. 99. del c. 5. A este mo-
do invoca tambien el Paterno en el epitalamio,
con que fenece el lib. 1. *Lascia Hippocrate,* &c.

¶ La vejo banharme Apolo, &c. Es la misma in-
vocacion de Claudio al entrar en el rapto de
Proserpina: *Iam furor, & totum spirant praecor-*

Sia Phœbū. Tábién se parece a aquello de Ovid.
Amor. i. eleg. 15. — *Mibi flavus Apollo*
Pocula Castalia plena ministrat aqua.

A *Agua soberana.* Entriende essa fuente de Aganippe; i por ella el estilo poetico , que como vimos en la c. 5. del c. 1. es particular dadiva divina, que tiene virtud de dar vida a los mortales en la tierra, como la agua divina en el cielo. Entiendese, quando essa agua, essa poesia digo, es como esta de mi Poeta, de que se puede dezir: *Qui bibit ex aqua hac, sitiet iterum.* Causa hidropesia de deseños esta agua deste Poema; quanto mas se bebe, mas se desea beber. I esta viene a ser la soberania, en que el dice, se baña , como B Cisne; no como pato, que se baña en charcos adóde grazna , i no canta , i adonde es imitado de muchos, que son patos , i piensan que son Cisnes.

A *Direy que tens algum receo, que se escureça o teu querido Orfeo.* Parece que el Poeta amenaça a Orfeo, pareciendose a Virgilio Egl. 4.

Nō me carminib' vincet, nec Thraci' Orpheus. Hablando assi con Clio; i tambien la amenaça a ella ; porque Orfeo fue su hijo, i ella Maestra de la Musica del: por esto queda siéndo grande el amago, porque cae sobre hijo, y sobre discípulo: y assi no podra hazer menos de ayudar al Poeta, porque no parezca, que de puro miedo, de que el se aventaja a su hijo, i discípulo no le ayuda: Demánera, que por una parte ruega, i por otra amenaça, sabiendo que amenazas semejantes pueden a veces mas que los ruegos. Ver lo que sirve a este proposito de lo tocante a lo que el Poeta sospechava de si, para poder escurecer a Orfeo , en la nota 1. a este Poema sobre el lugar de Virgilio : *O mihi tam longè,* &c. I en la e. vltima del c. 10. Otro sentido mejor, i que escusa al Poeta de jactancia, es que como Orfeo cantò los Argonautas , i nuestro Poeta canta otros mayores, no dessearia la Musa favorecerle mucho : porque esta accion no escureciesse aquella.

III.

Prontos estavam todos escutando
o que o sublime Gama contaria,
quando despois de hum pouco estar cui-
levantado o rosto, assi dezia. (dádo·
Mandasme, ò Rey, que conte declarado E
de minha gente a gran genealogia;
nā me mandas cōtar estranha historia;
mas mādasme louvar dos meus a gloria

Todos estavan próptos escuchâdolo q cōtaria
el sublime Gama ; quando el despues de es-
tar pensando un poco caido el rostro, levantole, i
dixo. Mandasme, o Rey, que te cuente con clari-
dad la gran genealogia de mi gente. no me man-
das contar historia extraña: pero mandasme, que

alabe la gloria de mis propios naturales.

A *Prontos estavam tod,* &c. Al començar el Gama su reacion, todos los circunstantes hizieren gran silencio para oirle, como los Cartagineses, para oir a Eneas al empeçar la suya lib. 2. *Con tenuere omnes, intentique ora tenebant.* Seguendo al Maeistro en la orden, i en el estilo, i en el espíritu magnifico.

A *Quando despois, &c.* Alevantando o rosto, &c. Bonísimo enlayo para dezir, a imitacion de Ulysses en Ovid. Met. 13. al orar contra Ajax — *Atque oculos paulum tellure moratos*

Sustulit ad proceres, expedito que resolvit

Ora sono, &c. I el Bocacio en su Ameto, fol. 42. Dopo un leggiadretto riso , levata alta la testa co-si comincio a parlare.

A *Mandasme, ò Rey,* &c. Virgilio alli: *Infandum Regina jubes,* &c. Con las diferencias, de que allá era vn dolor, i acá vna gloria.

III

Que outrê possa louvar esforço a heo,
cosa he que se costuma, e se deseja:
mas louvar os meus propios, arreco
que louvor tam sospeito mal me esteja.
E para dizer tudo temo, e creo
que qualquier longo tempo curto seja:
mas pois o mandas, tudo se te deve,
irey contra o que devo, e ferey breve.

Q ue otro pueda loar ageno esfuerço , cosa es
q se acostumbra, i dessea; pero alabar yo los
mios propios, rezelo que se me tenga a mal tan
sospechosa alabança. I para dezirla todo, temo, i
creo que sea corto qualquier largo tiempo: pero
pues tu lo mandas, aquien se deve todo respeto,
iré contra lo que me devo a mi, i feré breve.

Q ue outrem possa louv, &c. Està la e. llena
de modestias, industrias, desflos , i respectos, to-
do explicado gentilmente.

Q uae dezir tudo creo , &c. Respuesta de
Eneas a Venus lib. 1.

*O Dea si prima repetens ab origine pergam,
Et vacet annales nostrorum audire laborum,
Ante diem clausum componet Vesper Olympo.*

Q uae pois o mandas , &c. Virgil. egi. 6.
*Non iniussa cano, o en el 3. de la Georg. si es
mejor: Tua mollia iussa.* Que cantava mandado
de Augusto, con modo suave; que es el mas fuer-
te modo de mandar en los Príncipes . i que en-
gendra valor , animo, i ingenio en el mandado.

Q uae contra o que devo : Dize que no hará
lo que deve en hazer esta relacion : porque della
ha de resultar alabança de su patria ; i el noble,
i entendido vā contra lo que deve quando se alaba
a si propio , aludiendo a lo de *Laus in ore pro-
prio,* &c. Con todo lo q sobre ello se puede dezir,
i dexolo por cosa corriente; i tambien el ser cier-

to, q̄ se ay ocasiones que hazen licita (como esta) la alabāça propia.

¶ Eſerçy breve. Virgil. 2. en boca de Eneas a Dido: *Et breviter Troiae, &c.*

V.

Alé disso, o q̄ a tudo enfim me obriga, he nam poder mentir no que ditzier, porque de feitos tais por más q̄ diga, mais me ha de ficar inda por dizer. Mas porque nisto a ordem leve, e siga, segundo o que desejas de saber, primeiro tratarei da larga terra, despois direy da sanguinosa guerra.

A Demas desto, lo que u'timamente me obliga a todo, es que en lo q̄ dixere no podremen tir: porq̄ de tales hechos como los Portugueses, por más que diga, me ha de quedar aun mas por decir. Pero, porque en esto lleve la orden segun lo que deseas saber, trataré primero de la dilatada tierra: i despues díte de las sangrientas batallas.

¶ Alem disso o que, &c. Dá en los primeros 4. versos razones que te animan a no temer e lo cerrarar de cosas propias; i en los otros dice la orden q̄ tendrá en referir'as.

¶ He nam poder mentir. Gran termino de encarecimiento de la verdad de los hechos Portugueses. No dice que dirá verdad, o no mentirá en lo q̄ dixere, sino que no podrá mentir, aunque quiera, haziédo futil imagē de la grandeza dellos. Comosí dixerá, aquí no ay q̄ poder añadir, e quitar q̄ son los dos arcaduzes, por dónde corre la n'érra.

¶ Porque de feitos tais, &c. Petronio descriviendo la belleza de Clitene: *Quicquid dixero minus erit.* Dante Inf. c. 4.

*I non posso rimir di tutti a pieno,
Però che s. mi frigne il lungo ibema,
Che molte volte a fatto it dir vien meno.*

¶ Mas porque r. ſu a ord. m., &c. Esta orden se ve desde la mitad de la c. 10.8. del c. 2. en que el Rey preguntó, i por ella, le vía agora respondiendo el Gama.

¶ Primeiro traterey da, &c. Homero introduciendo a Ulysses, lib. 9. a hazer semejante relacion al Rey Alcinoo, le haze estar dudosos sobre por donde ha de comenzar. *Quid primum tibi? Deinde quid postremo narrabo?* Nuestro Poeta eligió la resolucion de Virgii. a la entrada del 7. — *Quae tempora rerum,*
Quis Latio antiquo fuerit status. &c. Expediam,
& prime revocabo exordia pugnae, &c. dicam horrida bella &c. Bocacio en su Ameto alla para el fin. *Prima l'origine, e i casi dalla nostra cittaà;* aquelli puoi come si converrà descendendo. Ariosto c. 25. *Dirò prima la causa, &c.* I no dexa esto de tener luces del modo en que Venus se dif-

A pone a contar a Eneas, lib 9.

— — — *Longa est iniuria, longe*

Ambages, sed summa sequar, astigia reri m.

¶ Da sanguinosa guerra. Así lo hace, porq̄ començando en la c. 14. siguiente a dclct vñ Li: i pa fenece en la c. 21. i desde la 22. hasta la mitad del c. 4. refiere las guerras.

VI.

Entre a Zona que o Canero señorea, meta Setentrional do Sol luciente, e aquella que por fria se arreca

B tanto como a do meyo por ardente. Iaz a soberba Europa, a quem iccta, pella parte do Arcturo, e do Océano, com suas falsas ondas o Oceano, e pella Austral o mar Mediterraneo.

E Ntre la Zona q̄ señorea el Cancro, Setentrional meta del luciente Sol, i la q̄ se tezela por fria tanto como por ardiente la e en medio, yaze la sublime Europa, a quié cnie có sus saladas olas el Oceano por la parte del Arcturo, i Occidente: i por la Austral ei mar Mediterraneo.

¶ Entre a Zona que, &c. Entra a describir el sitio de Europa con ventaja a quantos le hizien, en alteza, i facilidad de estuo. En cinco Zonas, o partes, se divide la tierra: las dos ultimas estan dentro del Norte, i Sur, i por esto son en alzada: las frias, i la de en medio demasadan éste calida: las dos q̄ quedan entre esta, i aquella, son mas tēp'idas. Vcate a Macrobio en el lib. 2. Se brie el sueño de Scipio; Cvid. Met. 1. Dize el Poeta que Europa yaze entre el Arctico, q̄ es el Norte, i el tropico de Cácer, q̄ es el Sur. Es por meta Setentrional del Sol, porq̄ allá no passa elde allí: q̄ tiene por terminos del Arcturo, o Norte, i del Póntico i Oceano, i del Sur, q̄ es el Aistro, el Mediterraneo. Yo dertmino no gastar tiépo en esto, de q̄ay tanto elerito.

¶ Tanto como a do meyo. Es la Zona torrida: no dexa de oler algo esta descripción de las Zonas a la de Cvid. 1. i a la de Virg. Georg. 1. *Zona quarum una corusco seper sole rubens, &c.* Has intermedias amque, &c.

¶ Iaz a soberba Europa. Todos dizen, que Europa se llamo así de aquella Ninfa robada de Júpiter. Cerea quiere que dei Griego Eurepi, que vale hermosa vista: de sele credito, porque en aquella lengua fue (dizen) doctissimo. Esta (no tan grande en cantidad; però en calidad mejor que todas las partes dei mundo) conforme a su latitud Setentrional, tiene de grandeza desde los 36. grados hasta los 37. Sus confines vía el Poeta diciendo con mucha claridad por estas est. En la arte Retorica se llama Topografia toda descripción semejante, si es breve; i si larga, Ectasis. El Poeta tiene algunas todas felices en esta grande obra. En esta de Europa imita a todos quantos la

descrivieron, i a otras Provincias, con elegancia Poetica digna de imitacion. En entrar asì el Gama a satisfazer al Rey, imitò a Homero, quando en el 7. haze que Vlystes dando cueta de si a Alceo, o por mejor decir, a Areta su muger, que con una pregunta le incito, comienza asì: *Ogygia quædam insula longè in mari jacet, &c.* I en el 9. boviendo a hacer otra relacion de su patria: *Habito autem Ithacam ad meridiem sitam, &c.* I alli vâ dando cuenta de las tierras circunvezinas, como acá nuestro Poeta, que diestramente le unta. No faltarán juzgios inclinados a que el Poeta no deviera empezar tan remoto esta descripcion, ò a lo menos detenerse tanto en ella, visto que el Gama está hablando con un Rey que en las est. 102. i 103. del c. 2. le dice, que tiene muchas noticias destas partes. Però pidie idole el mismo Rey, luego en las 108. i 109. que no solo le diga de su Esperia, o Espana, sino de las Provincias continuas a ella, parece devia hazerlo asì: y si acaso se dilato algo desde esta e. hasta la 14. que son siete, todo lo que se podia ahorrar, no era tanto q' ai ha quedara tan cabal la informacion: i ellas son de modo hermosas de estilo, que antes desea el gusto aumentarlas que diminuirlas.

VII.

*Da parte donde o dia vem nascendo,
com Asia se avezinha: mas o rio
que dos montes Rifeos vay correndo,
na alagoa Meotis, curvo, e frio,
As divide: e o mar, q' fero, e horrendo
vio dos Gregos o irado senhorio:
onde agora de Troya triunfante,
nam vè mais q' a memoria o navegante.* D

DE la parte de donde viene naciendo el dia, avezinda con la Asia: però el río que corvo, i frio va cayendo de los montes Rifeos en la laguna Meotis, las divide: i el mar que fiero, i horrendo vio el airado señorio de los Griegos, a donde agora el navegante no vè de la triunfante Troya mas de la memoria, ruina, cenizas.

TDa parte donde o dia, &c. Homero alli: *Hæc autem seorsum ad Auroram, &c.* De la parte Oriental confina Europa cõ Asia, dize el Poeta aqui.

Mas o rio, &c. Es el Tanaïs, que divide la Asia de Europa Setentrional en la Scitia. Llamale frio; porque siempre o casi tiene tiene ye-
lo. Virgilio Georg. 4. *Tanaimq; nivalem.*

Montes Rifeos. Va el Poeta seguiendo bien a Pomp'lio Met., que destas partes dize: *Hyperborij super Aquitonem Riphæosq; montes, &c.* Virgilio Georg. 1. *Riphæas que arces confurgit.* Montes de Scitia, cuyo nombre en Griego vale soplo, porque siempre en ellos ai vientos.

A **N**alagoa Meotis. Es alli en Scitia, entra en ella el mar Euxino por el Bosforo Cimmerio. Llamoſe asì de los pueblos Meotes sus vecinos, i por otro nombre, Madre del mar, o Temerinda, i oy mar del Zavache. Ver a Solino, i Plinio.

Curvo; Epíteto propio de los ríos: asì el Poeta c. 5. e. 10. *Curvo Gambea:* però mas propio deſte, i del Tanaïs, por sus muchas bueltas, i principalmente por una grandissima que haze para el Oriente. Llamale tambien frio, por que es Setentrional.

As divide. Asia, i Europa se entiende: es-
tâ dicho al modo de Ariosto c. 10. *Fu dove Asia
da Europa si divide.*

E o mar que fero, &c. Entiende el Archipelago, o mar Egeo umillado con la poderosa armada Griega, de que resultó la memorada ruina de Ilion, o Troya.

Troya. Region de la menor Asia, de que fue cabeza Ilion abrasada por los Griegos; i essa entiende el Poeta aqui con la generalidad, con que se tiene tomado el nombre de la Provincia, por el de la Ciudad. Ovid. en Penelope. *Troya jacet, &c.*

Nam vè maes que a memoria. Quiere decir, que no vè a Troya mas que con los ojos de la memoria, como si dixera: passa el navegante en frente de donde dicen, que fue Troya, i muestra con el dedo el sitio en que la memoria afirma estuvo Troya. La mejor parte de la e. se parece a Lucano libr. 3. — *Qua vertice lapsus*

*Riphæo Tanaïs, diversi nomina mundi
Imposuit ripis, Asiaeq, & terminus idem
Europæ, & media dirimens confinia terræ.*

Però estos dos versos ultimos hizo el Poeta sin duda por competir con Virgil. en aquello que di-
xo con admirable industria, como nota Macro-
bio, i otros. *Cûpos ubi Troia fuit,* para hazer una
insigne imagen de la asolada grandeza de Troya: i si no me engaño, con gran ventaja está aqui
vencido Virgilio en la grádeza destos dos versos,
que embaraçan toda explicacion para ser expli-
cados dignamente.

VIII.

La onde mais debaxo está do Polo,
os montes Hyperboreos aparecem;
E aquelles onde sempre sopra Eolo,
e co' o nome dos sopros se ennobrece.
E Aqui tam pouca força tem de Apolo
os rayos que no mundo resplandecem,
que a neve está contíno pellos montes,
Gelado o mar, geladas sempre asfôtes.

A Llà adonde está mas debaxo del Polo, apare-
cen los montes Hiperboreos: i aquellos dô-
de Eolo sopla siempre, i que se ennoblecen
con el nombre de sus sopros, i vientos. Aqui tie-
nen

ren tan poca fuerça los rayos de Apolo relplan-decientes en todo el mundo, que la nieve està cōtinua por los montes: elado el mar : i cladas siempre las fuentes.

G La onde mais debaxo, &c. Dize que Europa al Setentrion o Norte vè los Hiperboreos. Dizese, que por aquella parte seys meses del año nunca ay noche, y otros seys nunca ay dia : i así se viene a passar todo el en vn dia, i vna noche.

G Os montes Hyperb. &c. Iuan de Mena describiendo tambien a Europa cop. 40. *Vi luego los montes Hyperboreos:* Llamanse así, por estar sujetos al viento Boreas. Ver à Herod. lib. 4.

G E : aquelles onde sempre sopra Eolo, Ariosto c. 10. *Che quella dove i venti i Eolo infoga.* Aqui tomò al Dios de los vientos por ellos; i estos son los montes Rifeos de que ai diximos.

G Eco' o no me los sopros se ennobrecem. Pare cése estos montes, ennoblecindose con el nombre de los vientos a algunos caballeros, i no caballeros, que arrogandose montes de calidades, todas paran en viento, no menos por el origen, que por el procedimiento dellos.

G Aqui tā pouca forçā tem, &c. Petrarca c. 5. *C Vna parte del mundo è che si giace Mai sempre in ghiaccio, & in gelate nevi Tutta lontana dal camin del sole.*

El Tradutor Castellano de los Metamorf. de Ovid. (sin q el lo diga) dize en el 8. *Iras donde no tiene fuerça Apolo.* Tomando de nuestro Poeta el modo de decir; i por todo esto se entiende la Scitia.

G Que a neve està cont. &c. Virgil. Georg. 4. *Hyperboreas glacies, &c.* Arvaq; Ripheis numquam viuata pruinis. Lucrecio lib. 1.

Mori media est certe populicos despicit arctos
Felice error suo quos ille timorum
Maximus aut urget latibi metus, inde ruendi
In ferrum mens prona virum.

Oracio lib. 4. od. 14.
Tenor parentis funera Gallia
Duraq; tellus audit Hiberiae.

G Gelado o mar, &c. Porque el Poeta habla algunas veces en yelo, i nieve, dexaremos dicho con brevedad, que ay tres modos de agua congelada: este cō que se yelan las aguas se llama prnia en Latin; i es el rocio cōgelado en la regiō del ayre, que llamamos escarchas, i se engendra de frío, i nímodo: la nieve procede tambien de umido, i frío que tiene algo de calor; y assi no es tan grande como el de que se engendra la lluvia con gelada, que llamamos graniço, i se causa por fuerça de frialdad, i sequedad, que haze congelar en el ayre essa lluvia, convirtiendo cada gota en vn grano. En Madrid vimos algunas veces esparzien-dose sutilmente la agua al regar los aposentos, irse por el ayre convertiendo en granos de yelo.

A

IX.

Aqui dos Cytas, grande quantidade vivé, que antiguamente grande guerra Tiveram, sobre a humana antiguidade, co' os que tinham entā a Egipcia terra. Mas quem tam fora estava da verdade (ja que o juizo humano tanto erra) para que do mais certo se informara, ao campo Damasceno o preguntara.

A Qui vive gran cantidad de Scitas , que antiguamente tuvieron gran guerra con los que entonces habitavan el Egypcio, sobre quales eran mas antiguos. Però quien tan fuera estaba de la verdad (ya que yerra tanto el juicio humano) al campo Damasceno lo pudiera preguntar, para informarse de lo mas cierto.

G Que grande guerra tiveram, &c. Los Scitas, i Egypcios porfiaron largo tiempo sobre quien lograva más antiguedad, i venciendo ultimamente los Scitas a los Egypcios, quedaron contados por mas antiguos: que tan antigua es la vanidad humana en este particular. Diodoro Siculo lib. 1. tiene por los Egypcios. Iustino lib. 2. pruenta ser primero los Tarraros: Iuan Boemo lib. 1. que los Etiopes ; i Diodoro 3 la entrada del lib. 4. refiere esta su presumpcion, añadiendo, que dizen los Etiopes, que los Egypcios son colonia suya. Todo esto de Scitia, se llama oy Tartaria. Ver lo dicho sobre la e. 53º del c. 1.

G Ia que o juizo humano tanto erra. Ariosto c. 1. *Ecco il giudicio human come spesso erra.*
Parecele a aquello de Ovid. Met. 6.

Prob superi, quantum mortalia peccora exco Noctis habent!

G Ao campo Damasceno o preguntara. Burlase el Poeta dessa porfa de Scitas, i Egypcios sobre la antiguedad, i nobleza, i dice que quien como ellos se anda jactando de su origen, deve acordarse que la verdad cernida es, que procede de lodo porque de no mas subida materia formò Dios al hombre en el campo Damasceno : i assi en ningun mas cierto nobiliario, que en este campo pueden los llenos de essa vanidad estudiar su nobleza, i ascendencia. Todavia en esse barro quiso que huviessie diferencia una señora Portuguesa, que al dezirle una muger libre viendola muy alta: *Todos somos de barro*, le respondio: *Si, mas ay barro de que se hazen vasitos regalados, i otro de que se hazen servicios.* I la otra: *Tambien desse se hazen ossos muy regalados . que yo tengo uno.* No huila mal la cita, por ser de Autor tan nuevo.

E

A 4

XII.

X.

Agora nestas partes se nomea
a Lapia fria; a inculta Noroega;
Escandinavia Ilha, que se arrea
das vitorias que Italia nam lhe nega.
Aqui, em quanto as agoas nam refreia
o congelado inverno, se navega
hum braço do Sarmatico Oceano
pello Brusio, Suecio, e frio Dano.

A Gora en estas partes se nombra la fria Lapia, i la inculta Noruega, la isla Escandinavia, que se arrea, adorna con las vitorias, que no le niega Italia. Aqui mientras el clado invierno no enfrena las aguas, se navega un braço del Sarmatico Oceano, por el Brusio, Suecio, i Dano frio.

¶ *A Lapia fria.* Todas las tierras, que estan debaxo del Setentrion, son frigidas, como estas.

¶ *Inculta Noroega.* Llamala inculta, por ser poco suave, i de gente aspera i vida trabajosa grandemente.

¶ *Escandinavia Ilba, &c.* Peninsula la llama Oiao Magno, i otros Autores, i es lo cierto; con otros la llamó Isla el Poeta. Es tierra señalada en el mundo por grande de mil leguas de longitud: i orras tantas de latitud; abundantissima de gente. Agora incluye en si la Noruega, Suecia, Gocia, i otras muchas: i por esto el Poeta en el primer original dezia, *os Hunos à gram Gotia, que se arrea, &c.*

¶ *Que se arrea das vitorias que Italia, &c.* Dize, que se jacta essa Isla, i se haze glorioса, con aver alcanzado de Italia tales vitorias, q no las puede ella negar: i es assi, porq su gente inundó, por toda Europa; i sus estragos aun oy los siente Italia, y los está viendo en sus ruinas, i con estos lamentables testimonios confiesa esas vitorias. Los principales destos fueron los Godos, i su principal habitacion en Italia.

¶ *Em quanto as agoas nam refreia.* En tanto (quiere decir) que no dura el Estio, en que solamente se navega aquel mar: porque todo el otro tiempo del año, no es navegable, i procede esto, de que se enfrenan con los yelos las aguas; y a todo este tiempo llama Invierno el Poeta, por ser propio del ese efecto. Demodo, que solo en aque-llos dias se puede navegar aquella parte del Oceano, que toca à Escandinavia confinante con Sarmacia, de que resulta el nombre al mar: i los que principalmente cursan esta navegacion, son los habitadores de Prusia, o Sarmacia, que llaman Brusia (deve ser yerro de estampa) i los de Suecia, i los de Dania: y dice estas tres naciones en singular, como es costumbre por toda Castilla el Castellano, i por todo Portugal el Portu-

A gues: assi el Poeta, e. 19. *Tem, o Tarragones, &c.* *Tem, o Galego.* I en la 53. o *Mauro Hispano:* i otros infinitos lugares en el, i varios Autores, de que no es menester hazer alarde, siendo cosas innudas. En el modo con que el Poeta dice esto, de que se navega el rio en tanto que el yelo no prende las aguas, parece tuvo delante à Virgil. en el opusculo, que se intitula *Omnis glacie concretus.* I diciendolo por varios modos, es uno este.

*Semita fit plaustro, qua puppis adunca cucurrit,
Postquam frigoribus bruma coegit aquas.*

En el original que hallé despues de escrito este Comento, entra agora vna e. q el Poeta reprovó.

*Entre este mar, e as agoas onde vem
correndo o largo Tanais de contino,
os Sarmatas estam, que se mantem
bebendo o roxo sangue, e leite equino.
Aquí vivem os Missios, que tambem
tem parte de Asia; povo baxo, e indino,
e os Abios, que molberes nam recebem,
e muitos maes, que o Boristenes bebem.*

Tal estancia, benemerita era de no ser condenada: però el Poeta sabia perder versos, por no darlos escrupulosos: no como hazen algunos, que por no quitar lo que vna vez dixerón, no dudan publicar disparates: y se duelen de cortar, con q

C vienen a ser muy malos cirujanos en las llagas de los escritos. Finalmente la e. siguiente a esta empieza assi: *Mas estes ja passados, nova e estranha, &c.* I variando despues de perder essa bucina e. dixo: *Entre este mar, e o Tanais vive, &c.*

¶ *Bebendo o roxo sangue, e leite equino.* Beven estos sangre, i leche de sus yeguas: i tambien la sangre en las heridas de sus enemigos quando pelean. El Poeta habló por el modo que los Geografos al hablar desta tierra: *Sanguine equino et lacte commixto inediem tolerantes.* Vease a Carolo Stephano.

¶ *Abios.* O Gabios de Scitia, o Tracia: dan los Geografos diferentes orígenes á su nombre: acuñase á ellos. Es costumbre desta gente no casarse: esto es *molberes nam recebem.*

¶ *Que o Boristenes bebem:* rio de Scitia, de que se llaman Boristenides los habitadores de sus margenes.

XI.

E ntre este mar, e o Tanais vive estranha gente, Ruthenos, Moscos, e Livonios, Sarmatas outro tempo, e na montaña Hircina, os Marcomanos sá Polonios. Sogeiros ao Imperio de Alemania sam Saxones, Boemios, e Panonios, e outras varias nações que o Reno frio lava, e o Danubio, Amasis, e Albis rio.

E ntre este mar, i el Tanais vive estranha gente: los Ruthenos, Moscos, i Livonios, otro tiempo

Sarmatas: i en la montaña Hircina los Marco-
manos son Polonios. Sugertos al Imperio de Ale-
mania son los Saxones, Boemios, i Panonios, i
otras naciones diversas, que son lavadas de los
rios Reno, Danubio, Amasis, i Albis.

¶ *Hircinia, Bosque de casi sesenta leguas de
longitud; entre el qual, i Sarmacia yaze Alema-
nia, adonde viven estos pueblos, que semejan-
temente alistó B. Tasso en su Florid. c. 8.*

Vandalis, Gotbi, e i non di fama oscuri

Chebeon l' Istro, e cbi con lor confina,

Dacbi, Boemi, & Vngberi, & Poloni, &c.

¶ *Os Marcomanos sam Polonios.* Dize el
Poeta con algunos Autores, que oy se llaman Po-
lonios los que se llamavan Marcomanos en lo
antiguo: però con otros es la Moravia.

¶ *Sogelitas, &c.* Dize que del Imperio de Ale-
mania, es la Saxonia, Boemia, Panonia, i otras
naciones, cuyas tierras tiegan los ríos Reno, Da-
nubio, Amasis, i Albis: entre este, i aquel corre
el Reno: y no me pondré a dezir mas dellos, ni
que suerte de pezes llevan: porque hallo, que no
lo pide el Comento.

¶ *Rio.* Sirve a todos estos ríos, diciendo el
rio Reuo, el rio Danubio, &c. o estando rio en
singular por plural, para servir a todos juntamen-
te. I no es impropiedad, como algunos piensan,
aviendo dicho Reno, dezir rio. Así lo vfa Vir-
gil. En. 3. *Alpheum(fama est) buic Elidis amnem.*
I bolvio el Poeta a vfar esto en el c. 7. e. 7. 11.
i en el 10. e. 125. 127. i es cosa tan corriente,
como los propios ríos.

XII.

*Entre o remoto Istro, e o claro estreito
adóde Hele deixou co' o nome a vida, D
estam os Traces de robusto peito,
do fero Marte patria tam querida;
onde co' o Hemo, o Rodope sogeito
ao Otomano está, que sometida
Bizancio tem, a seu serviço indino;
Boa injuria do grande Constantino.*

Entre el remoto Istro, i el claro estrecho, adó-
de Hele dexò con el nombre la vida, estan
los Traces de robusto pecho patria tan querida
del fiero Marte, adonde el Rodope, cò el He-
mo esta sugerò al Otomano, que tiene sometida
Bizancio a su indigno servicio: buena injuria del
Magno Constantino.

¶ *Entre o remoto Istro.* Es el Danubio, a que
llama remoto: porque naciendo en Abnoba mon-
te de Germania, discurre por largo camino, i va-
rias gentes, hasta que por leys bocas se echa en
el mar Euxino.

¶ *E o claro estreito onde, &c.* Entiende el He-
lesponto, que tomò este nombre, porque en el se
ahogò Hele: dize que entre el Istro, i este estre-

A cho, viven los Traces, a que llama robustos, i pa-
tria querida de Marte, porque en la guerra fue-
ron valerosos, i alli reyno Marte, i de Tracio su
hijo tomaron ellos el nombre. Todos son del
Turco.

¶ *Onde co' o Hemo, &c.* Es monte que atra-
viesla la Tracia; con el corre el Rodope. Estos
nobres se hallá en Ovid. Met. 6. que son de He-
mo, i Rodope marido i muger, que fueron trans-
formados en ellos por soberbios.

B ¶ *Ao Otomano que somet, &c.* Porque el gran
Mahomet 2. el año 1454. remo a Constantino-
pla, que el Emperador Cóstantino avia ilustrado
para cabeza del Imperio, llamandola Ciudad de
su nombre (eso vale Costantinopolis) i quitan-
dole, el que antes tenia de Bizancio, en memo-
ria de Bizo General de la armada de los Mega-
renses. Huvo tres Bizancios; esta en la Tracia,
fundacion de Pausanias, Capitan de los Espa-
tanos: ocupa tambien siete montes, como Ro-
ma, que Cóstantino dexò al Vicario de Christo:
para que se vea, que quien dà a Dios nunca halla
menos de lo que dio. Otra en Africa, otra en la
India. Ya se acordó el Poeta desta misma perdida
de Cóstantinopia en la e. 60. del c. 1. I se
acordará en la 12. del 7. i por la mudanza del
nombre dixo en las est. de sus rimas, a D. Coston-
tino.

*Como ja do primeiro Constantino,
Tomou Bizancio, &c. Ver à Strabon, To-
lom. Plinio, Eusebio, Pomp. Leto.*

¶ *Boa injuriz:* Quiere dezir, el buena injuria,
que es grande: termino reronico, llamado Meto-
nismo, parte del tropo antirafas, que el Poeta
conocio tan bien, que dice en sus rimas canc. 9.

Iunto de bum feco, fero, esteril monte, &c.

Cujo nome, do vulgo introduzido,

He felix, por antirafas infelice.

I assi se ha de entender aquel lugar, que es lo
mismo, que vulgarmente dezimos de alguno que
motejamos de cosa poca, diciendo: *Es gran per-
sona:* ó bien de malo, diciendo: *Es un Santo.*
Desto mas en la e. 52. del c. 2. El grande Co-
stantino muriò (según Eutropio) el año 336.
i Cóstantinopla se romò más de mil años des-
pues, imperando Cóstantino Paleologo, i assi esa-
ta injuria, no fue del gran Cóstantino; sino que el

E Poeta dize por este modo cò modestia a los prin-
cipes Christianos, i en particular al Emperador
de Alemania, como á cabeza: Mirad que inju-
riais al gran Constantino dexando en manos de
Turcos, lo que el con tanto valor ilustrò. I es cla-
ra señal desto ver, que a la entrada del c. 7.
reprehende estos Principes de las guerras q. tic-
nen entresi, siendo Christianos, i deviendo pas-
sar las armas conformes sobre los infieles, i en
particular sobre Cóstantinopla, como se vè en la
e. 12. *Nos muros de Bizancio, &c.* Como si di-
xera: Es injuria notable que hazeis á Costanti-
no, tener guerras unos con otros, i no conuertir-
A 5 las

las en recobrar lo que fue suyo , i justamente pudiera ser vuestro. I tambien alude a aquello de que injuria la memoria de sus passados quien no los inita en los hechos heroycos.

XIII.

*Logo de Macedonia estam as gentes,
a quem lava do Axio a agoa fria.
E vos tambem, o terras excellentes
nos costumes, engenhos, e ousadia;
que criastes os peitos eloquentes,
e os juizos de alta fantasia,
cô quē tu clara Grecia o ceo penetras,
e nā menos por armas, que por letras.*

Lego estan las gentes de Macedonia lavadas de la fria agua del Axio. I vos tambien, o excellentes tierras en costumbres, ingenios, i osadia; que criastes los eloquentes pechos, i los juizos de sublime fantasia : con todo lo qual penetras el cielo, o clara Grecia , no menos por las armas, que por las letras.

E vòs tambem, o terras excell. &c. Apostrofe que tiene semejante en la c. 62. Aqui entiende C Grecia: luego abaxo lo dice : i este estilo de hablar de Grecia, claramente es de Sanaz. lib.2. de Partu Virginis.

*Antiquæ Graiorum urbes, gens optima morū.
Formatrix, clara ingenijs, & fortibus ausis.*

G Os peitos eloquentes. Dá el Poeta à cada uno lo que es suyo : porque la elegancia fue propia de Grecia.

E os juizos de alta fantasia. Tâmbien fue Madre de grandissimas cabeças en seno cultivado en todas materias, i ellas cultivadas con el. Entiendo el Poeta por todos estos nombres, los Santos, los Poetas, los Oradores, los Capitanes, i los Grandes hombres en todo genero de exercicios grandes: escuso nombrar muchos que tuvo essa Grecia. Este verso parece manco , i es industrios: porque aquella sinalefa, que no quiere hagamos, es imagen de la alteza que pretende expresar en los juizios.

*N*am menos, &c. Casi el mismo verso ult. de la c. siguiente.

XIV.

*Logo os Dalmatas vivem, e no seyo,
onde Antenor ja muros levantou,
a soberba Venezuela està no meyo
das agoas, que tam baxa começou.
Da terra hum braço vê ao mar, q̄ cheyo
de esforço, nacoés varias sogeitou;
braço forte de gente sublimada,
nā menos nos engenhos, q̄ na espada.*

A L Vego viven los Dalmatas consecutivos : i en el seno adonde ya levantô muros Antenor, està la soberbia Venecia en la mitad de las aguas : que tan baxa comenzò. Entrase por el mar un braço de tierra que llena de valor fugetô varias naciones. Braço fuerte de sublime gente no menos en los ingenios que en la espada.

G Logo os Dalmatas, &c. Luego se siguen los Esclavonios (essa son Dalmatas) de cuyo nombre tuvo origen el de la Esclavina de Peregrinos, por ser ellos los que trayendo aquel habito frequentavan más la peregrinacion a Santiago de Galicia, menos devotos, que interessables: porque en Esclavonia (segun el Licenciado Molina en su descripcion de Galicia) se essentava de toda suerte de pecho quien provasse aver ido (pienso que hasta siete veces) a Santiago.

E no seyo, &c. Llama seno a lo ultimo del mar Adriatico , que fenece en un concavo de la tierra, i es la agua del mar Mediterraneo , que se entra allá por un estrecho , que ay entre la Provincia de Albania, i el talon del pie de la pierna, en que se figura Italia , adonde queda Otranto: i allí en aquel seno que contiene a Venecia, es donde Antenor fundó a Padua , como queda en la c. 43. del c. 2,

A soberba Venezuela. Està fundada esta maravillosa Ciudad sobre el agua del seno Adriatico; Llamase Venecia de los Henetos , pueblos de Paflagonia , que despues de socorter a Troya, i perderse vinieron a parar allí, i fueron sus fundadores; i mudando el tiempo la H. en V. se llaman Venetos. Ordenad assi el Texto: La soberbia Venecia (que tan baxa comenzò) està en medio de las aguas. Como si dixerá : Començando de tan poco, como era gente destroçada, i peregrina, domò el propio mar. Tâmbien lo dirá (i es mejor) porque quando Atila por allí passeava airado, i triunfante, cobraron ellos tanto miedo, que entrando por el mar, escaparon en vnas Islas, o mas propriamente escollos , en que fundaron habitaciones; i de tan pequeños principios resultò la ilustrissima Republica, i famosa Ciudad de Venecia. Llamase aquel mar Adriatico, o Atriatico (segun Polibio, i Hermolao Barbaro) de una Ciudad llamada Adria, o Atria, de que no permanece vestigio alguno.

*D*a terra hum braço, &c. Estos 4. versos son perifrasis de Italia, con que principalmente entiende los Romanos , en quien concurriò uno, i otro, valor de armas, i letras, i policia, de que fueron Maestros en muchas partes del mundo con soberania. Oy como las ocasiones de las armas son menos, no se descubre ya tanto el vaor por esta parte ; por efforas todavia ay grandes fiadores de lo passado. El terreno Italiano yaza en forma de una pierna desde la mitad del muslo asida a los Alpes, i estendiendose hasta en frente de la Provincia de Albania, a que muestra el talon, le queda por delante el mar de Toscana, i

por derrras el de Adria. El Poeta no trata aquí de la obseruacion de la forma de pierna, i llama le braço, co'no ordinariamente se dice de qualquier peda, o de tierra que se entra por el mar; o bien de mar que cala por la tierra: i por ventura teris tambien por salir de la vulgaridad.

XV.

*Em torno o cerca o Reyno Neptunino
co' os muros naturais por outra parte;
peilo meyo o divide o Apenino,
que tam ilustre fez o patrio Marte.*

Mas de spoisque o porteiro tem divino B
pēr cēdo o esforço vejo; e bellica arte,
pobre está ja da antigua potestade:
tanto Deus se contenta da humildade.

*C*íñele en torno el Reyno Neptunino, el mar, i los naturales muros por la orra parte: di videle por la mitad el Apenino, que el patrio Marte hizo tan ilustre. Però despues que tiene en si el divino Portero, vino perdiendo el esfuerço, i arte militar. Pobre está ya de la antigua potencia. Tanto se agrada Dios de la humildad.

¶ Em torno o cerca, &c. Prosigue el Poeta en la descripcion del sitio de Italia, diciendo, que essa pierna, a que llama braço (por la razon que aí diximos) por todas las partes que no son essa, de que está asida a los Alpes, es bañada del mar, que viene á ser el Mediterraneo en el modo que ya queda dicho en la e. antecedente.

¶ Os muros naturais, &c. Es la tierra, i montes de la naturaleza obrados sin artificio alguno; assi como el mar, i las lagunas se llaman estásnales: porque en aquella carcel de aguas solamente la naturaleza á trabajado: assi el Poeta c. 10. e. 1. Aqui entiende los Alpes, que comenzando en Genova, dividen a Italia de Francia, i Alemania.

¶ Pello meyo o divi. &c. Petrarca Soneto 115. *Che Apenin parte, e'l mar circunda, el' Alpe.* Ariosto c. 13. *Che Apenin parte, e'l mar, el' Alpe serra.* B. Tas. Florid. c. 11. *Ch' Apenin parte, el' Alpe, e il mar circunda.* Vease la e. 56. del c. 6. contiene esto, que el monte Apenino rompe por en medio a Italia. Apenino, conforme a Servio, vale Alpes Paxi.

¶ Que tam ilustrefez o patrio Marte. Deve entenderse por patrio Marte el brio militar de España: porque Anibal, quando passò con gloriosa osadia este monte, iava de España, i llevava gente escogida de la: y aun más apretadamente se puede entender de Portugal, por ser Anibal Portugues de parte de su madre, segun algunas noticias, i llevar en esta ocasion un lucido croço de gente Portuguesa, capitaneada por el Rey Viriato, que fue muerto en la batalla de Canas, como lo hallareys en la parte 1. de nuestro Epi-

A tome de historias Portuguesas, juntandose esto a que siempre fue muy memorado este pasaje de Anibal por los Alpes, i a que el Gama es Portugues, i en lo que está aqui hablando al Rey de Melinde, pretende no dexar ninguna memoria ilustre de la patria, que no le refiera brevemente: i es costumbre del Poeta llamar a las armas Portuguesas, *Patrio Marte;* como veremos en la e. 56. del c. 6. I si esta explicacion no agradare, digase, que el patrio Marte de Italia, de quien va hablando, ilustró aquel monte con algunos sucessos gloriosos en armas, alcanzados en el, i por sus faldas, de que no haré lista agora, por que no ay para que, i voy apriessa.

¶ Mas despois que o Porteiro tem divino. Despues que Italia tiene el Portero divino (esto es despues que está en poder del Sumo Pontifice, que tiene las llaves del Cielo, como sucesor de san Pedro) perdió el uso de las armas, por el de las llaves: i así no creció en poder como quando se usavan aquellas por el pueblo Romano, i por sus Emperadores.

¶ Tanto Deus se contenta da humildade. Petrarca S. neto 4. — *Tanto os viver ogni stato,*

Humilitate effatar sempre gli piace que. Vea de esto en la e. 3. del c. 7. Yo no determino entrarme por las divinas letras a calificar esta sentencia del Poeta con ejemplos de la humildad. El que los quisiere, acuda a ellas, que lugar es comun. La figura retorica de este versò, diremos en el ultimo tambien de la e. 33.

XVI.

*Galia ali se verá, que nomeada
co' os Cesareos triúfos soy no mundo,
que do Sequana, e Rodano he regada,
e do Garuna frio, e Reno fundo.
Logo os montes da Nymfa sepultada
Pirene selevantam, que segundo
antigüidades contam, quādo arderam
rios de ouro, e de prata entam correrá.*

*A*lli consecutivamente se verá Francia, que tan nombrada fue en el mundo con los Cesareos triunfos, i que es regada del Sequana, i Rodano, i del frio Garuna, i del hondo Reno. Luego se levantan los montes de la sepultada Nymfa Pirene, que quando ardieron (segun cuenta la antiguedad) corrieron entonces dellos rios de oro, y plata.

¶ Galia nomeada co' os Cesareos triúfos, &c. Mirad como era leido el Poeta, que no le le escapó esto en el lib. 2. de Partu Virg. de Sanaz. con todo el resto. *Gallia Cesareis Latio dignata triūphis.* I es meneiterq entédamos prime ro a Sanaz, para entéder a Camões. Dize q' Galia, o Francia fue digna de los triunfos Cesareos, o famosa con ellos en el Lacio. Esto es, que quan-

do

do Julio Cesar salio de Francia vencedor della, para Italia, lo principai de su exercito era ya gente Francesa luzidissima; i con esta domo el la propia Italia, i con singulares acciones en el Lacio, que es el territorio de Roma, adonde finalmente entrò triunfante: De manera, que Cesar venció con las armas de Italia a Francia, i con las de Francia a Italia; y assi de Italia vino a triunfar Francia a la obediencia de Cesar. I assi estos son los Cesareos triunfos, con q Frácia fue celebre en el mundo, q dice alii Sanaz. i acá nuestro Poeta. Tábién pudieramos entéder, q hablava de los triunfos Cesareos, q Frácia cósiguió no por Cesar, sino por sus propios Emperadores, desde Carlo Magno, que no cedieron a los Romanos, con la ventaja de Christianíssimos, i delte modo se avia de entender el lugar de Sanazaro diziendo: Galia famosa por triunfos Cesareos, como el Lacio. Però la verdadera Gramatica, que no es esta, sino esto, viene a ser la que le explica mejor, y luego el ver que refiriendo alli el Sanaz, la descripción que Augusto mando hazet de toda la gente del Imperio, nombra a Galia, ya co aquella fama, como cosa que avia precedido; i esto tra de sus Cesares, fue muchos años despues. I supuesto que nuestro Poeta le imita, necessariamente deveinos creer, que quiso dezir lo que el dixo; si bien en rigor pundo imitarle en el estilo, i pasarse con el entendimiento a esto triunfos Cesareos propios suyos con sus Principes; i a este modo lo hemos entendido sobre la e. 7. del c. 1. i bien se puede tambien entender assi: i también sospechar que el Poeta aqui aludio a unos, i otros triunfos, supuesto que estu costumbre entender diferentes cosas en un mismo lugar, como mil veces descubrimos por este Poenia. I no ay que hacer caso de la otra explicacion de Correa, diciendo, que entiende de los triunfos, que Cesar alcanço de la propia Francia: porque ello es afrentarla, i el Poeta aqui pretende mostrar la gloriosa. Però no ay que admirar, q el no entendiese este lugar: porque ninguno que necessitase de entendimiento fue entendido del, ni de muchos presumidos. Yo hablo con el respeto devido a la virtud de cada uno, reconociendo los aciertos en otras cosas, aunque no los tuviessen en estas.

¶ Que do Sequana, e Rod. &c. Sanaz. alli.
Quam Rhodanus, quam findit Arar, quā per-
meat ingens.
Sequana, pisco soq; i interluit amne Garūna,
Tum quas pinifcris genteis prærupta Pyrene,
Rupibus Herculeas prospectat ad usq; colūnas.

I con Petrarca en la cancion 5.
Chiumque alberga tra Garona, e il monte
E'ntra il Rodano, e il Reno, e le onde salse,
L'insegne christianissime accompagna.
Estos rios son bien conocidos de Francia: cosa escusada seria decir más de ellos, no lo pidiendo el entendimiento del lugar.

¶ Da Ninfas fultada, Ariosto c. 33. Ove se polta e la Sirena: Así en la e. 6. del c. 5. dice que los Pireneos se llaman assi, desde que Hercules, aviendolo amado a Pirene, i viendola despedida de fieras, la enterró en ellos. Diodoro lib. 6. quiere se llamasen assi de Pira, q vale fuego; i por los muchos que Pastores encendieron en ellos, de que resultó aquel repetido incendio, que dizen calando las entrañas de la tierra, la hizo brotar derretidos los metales, de que estaba llena, que principalmente eran oro, i plata; cosa a que muchos no dan credito: si bien muchas sin el son verdaderas, como otras con el falso. Entre los Autres la Galia, o Francia es todo lo que se cōtiene, entre el Rin, Oceano, Mediterraneo, i Pireneos, i Apennino hasta la Ciudad de Ancona, i todo esto se conoce oy con diferentes nombres, como es notorio.

XVII.

Eis aqui se descobre a nobre Espanha,
como cabeça ali de Europa toda;
em cujo senhorio e gloria estranha,
muitas voltas tem dado a fatal roda.
Mas nūca poderà com força, ou manha
a Fortuna inquieta porlhe noda,
que lha nam tire o esforço, e ousadia
dos belicosos peitos, que em si cria.

V Eys aqui se descubre la noble Espania alli como cabeça de toda Europa: en cuyo senorio, i estranha gloria tiene dado la fatal rueda muchas bueltas. Però jamas podrá la inquieta Fortuna con arte, o violencia ponerle mancha alguna, que no se la quite el valor, i osadia de los belicosos pechos que cria en si, que produce.

¶ Eis aqui se descob. &c. Los verdaderos Pintores siempre comienzan la figura por la cabeza: i assi parecerá a alguno, que no lo fue nuestro Poeta acabando esta por donde los otros le dan principio. Però ello está bien: porque como el Gama ha de hablar de espacio de Espana, aunque le llama cabeza de Europa, comenzó por los pies, de que no era su intento tratar con particularidad: i si comenzara por Espana, sería menester bolver a ella con desayre, para tratar de sus cosas: A demas que cayendo Espana al Occidente, esos vienen a ser los pies; i sus confines con la Asia al Oriente, essa viene a ser la cabeza, aunque el Poeta llame cabeza a esto tra parte: porque esto no respecta a la forma, sino a la calidad en que Espana se aventaja a todas las Provincias de Europa, sin contradiccion justa.

¶ Como cabeça ali de Eur. &c. Note se la industria, con que levanta aqui a Espana, para despues levantar más a Portugal, que es el fin que lleva; i por esto e. 20. Eis aqui quasi cume da cabeça de Europa o Reyno Lusitano. Exaltando la

patria, con hazerla Cerona de aquella cabeza, como realmente lo es, no menos en bondad, que en si. El termino de llamar a España cabeza de Europa, es imitacion de Dionisio Alexandrino de situ orbis. *Europa caput est, &c.* I en mucho imita a este Autor el Poeta. Para declararle como yo pretendo, parece se excusa el particularizar los terminos, i Provincias de España. Pero brevemente, ella se puede llamar Peninsula, como Italia; pues solo por donde los Pireneos la dividen de Francia dexa de ser bañada de los mares Occeano, i Mediterraneo. Dividialse antiquamente en tres Provincias: Tarraconense, que contiene los Reynos de Murcia, Valencia, Aragon, Cataluña, Leon, Toledo, Navarra, Galicia, Asturias, Biscaya, i Guipuzcua. Betica, oy Andaluzia, que contiene los Reynos de Sevilla, Cordova, Granada, i Iaen. Lusitania, oy Portugal, que contiene lo mejor de lo que se llamò Lusitania, i mucho de lo que no era della en tiempos antiguos; i se divide en quatro Regiones, que son Alentejo, Estremadura, entre Duero, i Môro, i Traslosinantes.

¶ G'oria estraña: Estraña por grande, rara.

¶ Muitas voltas tem dado a fat, &c. Es assi que siempre anduvo volteando el Imperio de Espana, dividiendose, i perdiendose, i recobrandonse, i bolviendose a dividir, i a unir en Reyes naturales, Siveos, Alanos, Vandalos, Romanos, Godos, Moros, hasta que bolvio a los naturales; i finalmente parò en la felicidad de Felipe Segundo, que se llevò la gloria de ponerse la Corona, i empuñar el Cetro de todos ellos, como oy permanecen.

¶ Mas nunca poderá, &c. La fatal rueda, que el Poeta dixo en essotro verso, es lo mismo que la Fortuna, que dice en estos dos. De la e. 28. del c. 1. i de la 38. del 10. i de otros lugares, consta que el Poeta entiende por Fortuna la providencia divina: i assi es; i assi lo deve entender todo Christiano. Supuesto esto parece yerro decir aqui que nunca la Fortuna podrá esto, o aquello: porque parece arguir falta de poder en la mano divina; pues su providencia está entendida en la Fortuna. Pero no es yerro, ni esta manera de decir niega la omnipotencia: i assi en dos maneras deveys entender este lugar: una entendiendo por la Fortuna el caso, i los sucesos, i las gentes enemigas de Espana llevadas de la inquietud natural (por esto añadio *inquieta*) las quales por mas que pretendan escurecer, como pretenden oy con tanta mano, sus glorias, i el valor de sus naturales, nunca lo podrán consagrir: porque si Espana por justos juizios de Dios fue relaxada a la barbaridad estraña, jamás ella pudo negar el valor, que le hallò. Otra: que aunque essa Omnipotencia por essos propios juizios aya castigado a Espana, nunca permitió, que en ella faltasse valor, con que siempre de una, o otra manera se sustentó en el zeulo de la Fe Católica. I veys aqui

femejante lugar del gran Tasso Liber. c. 6.c.5.

Di questo viver mio faccia la sorte

Q'el che già stabilito è là di sopra;

Non farà già che senza oprar la spada

Irg orioso, e invendicato io cada.

¶ Dos belicosos peitos que em si tria. Semjantemente dixo Vyssles de su patria a Alcinoo 9.

Sed bona juventum nutrix, &c.

XVIII.

Com Tingitania entesta, e ali parece que quer fechar o mar Mediterraneo, onde o sabido estreito se ennobrece co' o extremo trabalho do Tebano.

Com nações diferentes se engrádece, cercadas com as ondas do Occeano: todas de tal nobreza, e tal valor, que qualquier dellas cuida q'he melhor.

¶ Q' Veda enfrente a la Tingitania: i alli patece se quiere cerrar el mar Mediterraneo, donde el conocido estrecho se ennoblecere con el ultimo trabajo del Tebano. Hazenla grande diferentes naciones cercadas con las olas del Occeano: todas de tal valor, i nobleza, que qualquier dellas piensa ser mejor que su vezina.

¶ Com Tingitania entes, &c. Iuan de Mena alli, en el lugar alegado sobre la e. 8.

Si ballan en Caliz la mar sin repunta

Dò casi Europa con Libia se junta.

I en la cop. 84. *La brava Galicia con la Tingitania.* Quiere dezir, que Espana por aquella parte de Gibraltar confina con la de Africa llamada Tingitania, de Tingi, agora Tangere, que contiene los Reynos de Fez, y Martuecos.

¶ Parece quer fechar, &c. Està alli el estrecho que llaman de Gibraltar tan angosto (porque no ay mas de dos leguas de agua entre Espana, i Africa) que parece se juntan las dos tierras a cerrar el Mediterraneo, llamado assi, porque está en la mitad del continente de Europa, Asia, i Africa, como es notorio.

¶ Co' o extremo trabalho, &c. Ver en la e. 49. del c. 4. adonde le llama Alcides. Huvo muchos Hercules; pero todas las obras de todos se atribuyen a uno, i por esto bien pudo decir el Poeta, que el Tebano, fue el que plantò las columnas, que esse es el extremo trabajo; mas no fue del Tebano, sino del Egypcio, como consta de muchos Autores.

¶ Com naçõens diferentes se engrand , &c. Las Provincias que contienen otras, como Espana, se componen de variedad de gente, i costumbres. Las principales son las que se siguen, llevandolas por la precedencia de las primeras letras, conociendo, que como dice el Poeta, ninguna quiere ceder a la otra. Andaluces, Aragoneses

neses, Asturianos, Biscainos, Castellanos, Catalanes, Gallegos, Granadinos, Leoneses, Navarros, Portugueses, Valencianos. Gentes que aun que varian en costumbres, lenguas, i uniores; concurren en dos cosas con poquissima diferencia, que son valiente lealtad con la Iglesia Católica, i sus Príncipes; i espada invencible: porque es cierto, que todas las naciones que inundaron el mundo, para constituir nuevo Imperio sobre otras, en ninguna hallaron jamas tanta dificultad como en la Española.

T Cercada com as ondas do Oc. &c. En la e. 48. del c. 4. i 51. del 5. Dízelo, porque España solamente por la parte de Francia está asida al continente como ai diximos.

T Qualquer dellas cuida q he melhor. Enfermedades del genero humano no ceder una nación a otra, por mas que se vea (si acaso se ve) inferior; pero con más propiedad de las de España, que cada una piensa pude tener a sus pies la otra: i ea cada una el vecino tener el vecino a ellos.

XIX.

Temo Tarragones, que se fez claro sogetando Partenope inquieta:
O Navarro; as Asturias, que reparo ja foram, contra a gente Mahometana.
Temo Galego cauto, e o grande e raro Castelhano a quem fez o seu Planeta restituidor de Espanha, e senhor della; Bethis, Leam, Granada, com Castella.

Tiene España el Tarragones, que se hizo claro sugetando la inquieta Partenope: El Navarro, i las Asturias, que ya fueron reparo contra la Mahometana gente. Tiene el cauto Gallego; el grande, i raro Castellano, a quien su Planeta hizo restituidor de España, i señor della: Betis, Leon, Granada con Castilla.

T Cemo Tarrag. &c. Nombra las principales Regiones de España, i primero a Tarragona, que segun Plinio lib. 3. fue fundacion de los Scipiones, ciudad ilustre de Cataluna: por la qual entiende todo Aragon, cuyo valiente Rey don Alfonso V. conquistó a Napoles, que se llamo Partenope de la Ninfa deste nombre allí sepulta da; i llamale inquiera, porque fue menester conquistarla segunda vez. A demás de otras mudanzas que en ella tuvo mas antiguas, de que no trato: porque a esto en particular alude el Poeta. Quattro veces esta aquí usada aquella parte del trozo llamado Sinedoque, que es quando se toma el singular, por el plural; diciendo el Tarragones por todo, &c.

T As Asturias que reparo, &c. Porque en aquellas tierras se acogió alguna gente de España vencida de los Moros; i de ellas salió Pelayo,

A con ella contra ellos, i fue restaurando lo perdido valerosamente.

T O Galego canto. Entre los Gallegos ay insignes noblezas, i gloriencias insignes: i así les cabe justamente el epiteto de cautos: porq realmente el uso de las mayores, i mas maliciosa las cantelas siempre está mas en los mas rústicos, i que parecen mas ignorantes: si ya no es que procediendo los Gallegos de Griegos, tomaron dellos las astucias, i no las policias, tan propias suyas. Tambien es de creer, que el Poeta los moteja de traiciones, como vulgarmente eran llamados de algunos: i a esto atiende en la e. 10. del c. 4. llamandoles Sordidos. Porque la mayor çuidad es la traicion. Pero unos, i otros vicios se entiende en la escoria de la plebe.

T E o grande e raro Castellano. Titulos sindicula devidos a nación tan ilustre como la Castellana: pero el Poeta abondo mas en este lugar. Providencia grande i rara, fue dejar aqui tan exaltada esta nación, quien de la suya despues la avia de mostrár vencida en tantas ocasiones, como veremos adelante. Tal fue el pensamiento de mi Poeta.

C Aquem fez o seu Planeta: Petrarca soneto 280. Animula Raccoto ha inquesta donna il suo pianeta Tibaldo soneto 157. Mestrin ge il mio pianeta Sanaz, egl. 9. Quella che mi die in sorte il mio pianeta. Quieren estos Poetas, i el nuestro, que las estrellas tengan dominio sobre la gente, con la opinion de muchos doctos, que assi lo enseñan contra la de otros tantos que no lo admiten. Tolomeo en sus libros de Armonia, insiste, que si; porque en todo lo criado ay ciertos numeros, sin los quales no pueden concordar las cosas, i que siendo propio de todo cuerpo viviente, i mortal, sentir, i crecer. lo primero tiene del Sol: lo segundo de la Luna, &c. i assi va continuando los efectos de los otros Planetas. Plotino porfia, que ellos no tienen poder alguno, dando solamente señas del bien, i mal, que cada dia ocurren según el orden de la mente divina. Los curiosos acudan a la classe Astrologica, si quiere saber mas. Nuestro parecer, es el de Plotino, creyendo, q solo Dios puede sobre todo, i q todas las criaturas no passan de ser unos putuiles ministros de la ejecucion de su voluntad, i ordenes; i que desta manera tienen poder los astros; i que si el Castellano fue restaurador de España, no recibio essa suerte de otros Planetas que del poderoso Autor dellos propios, i que assi lo entendio nuestro Poeta; tomando el Planeta por Fortuna, o Hado, que el mismo en la e. 38. del c. 10. confiesa ser la Providencia divina: i en ella estaba decretado, que por Castilla comenzase essa restauracion.

D **T** Betis. Entiende el Reyno de Sevilla, adonde tiene el cetro de las fuentes el Guadalquivir.

E **T** Com Castella. Parece que aviando dicho en los

los versos antecedentes, que tenia Espana el rato Castellano, sobra aqui el dezir, que tenia a Castilla. Pero es esto el especi icar alla la gente , aca el terreno: o las dos Calullas, vieja, y nueva.

XX.

Eis aqui quasi cume da cabeça
de Europa toda o Reyno Lusitano,
onde a terra se acaba, e o mar começa,
e onde Febo repousa no Occeano.
Este quis o ceo justo que floreça
nas armas contra o torpe Mauritano, **B**
deitandoo de si fora; e la na ardente
Africa estar quieto o nam consente.

Veis aqui como cumbre de la cabeza de toda Europa el Reyno Portugues , adonde se acaba la tierra, i comienza el mar, i Febo reposa en el Occeano. Este Reyno permitio el justo ciclo, que floreciesle en armas contra el torpe Moro; echandole fuera de si: i no le dexa estat sostenido por ni aun allá en la atdiente Africa.

G Cabeza de Europa o Reyno Lusitano. Metamora ajustadisima el llamarle cabeza , conforme a lo que diximos en la e. 17. I no parezca pasion de natural, porque muchos estranos confiesan la soberania de Portugal, en sitio , hermosura, fertilidad, valor, i Religion. El Cemendador Griego comentando la copia 48.de Iuan de Medina, en que cierra la descripcion de Europa , dice: *Portugal, tierra ferial: los pueblos (como escribe Diodoro Siculo, por no quitar a cada tierra su gloria) son los mas fuertes, i belicosos que todos los otros de Espana.* Satisfazemonos con traer para esto este Autor por ser interessado, podiendo mostrar lo mismo con otios mas antiguos. Dize el Poeta, casi cumbre de la cabeza de Espana, Portugal: porque para el Norte un pedaço es Galicia: hablando siempre con gran tiento.

G Onde a terra se acaba, &c. e 78. del c. 8.

G E onde Febo. &c. Virgil. lib. 4. en contrar o.

G Este quis o ceo, &c. Miradel cuidado. Dixo en la e. passada que el Planeta de Castilla la dio en la e. passada que el Planeta de Castilla la hizo restauradora de Espana: aca de Portugal dice, que el cielo justo: i la causa desta diferencia, es, porque a esta gloria Portuguesa precdio el aparecer el mismo Christo a don Alonso en el capo de Orique, i prometerle que venceria aquella multitud de infieles, laziendole Rey primero de Portugal, i dandole despues otras muchas victorias estupendas de los, i a sus sucesores. De manera que con gran cuidado hablo el Poeta con esta diferencia.

G O torpe Mauritano. Aqui se ofrece la duda de si fue licito llamar el Gama (que es el que esta hablando agora con el Rey de Melinde) torpe al Moro, siendo Moro el Rey de quien està recibiendo favores, i aguardando otros, para passar

Aa la India, i no era buena salsa para saborearle, el llamar torpe a su gente, ni en darse tanto a entender la enemistad que tenemos co Moros. pues le dice, que ni en la Africa los dexamos vivir. I para aqui pudieran los Zoilos guardar el dicente que empiezan en el penultimo verso de la e. 65. del c. 8. pues le mueiden sin entenderle, como allá se lo ensenaremos. I tambien aqui es menester entender al Poeta : que aunque parece tiene mas dificil la talida , habla con atencion, como siempre. Deste modo: verdad es, que el Rey de Melinde era Moro, y que se podia resentir de q quien le buscava por amparo de tantas fortunas malas, llamasse torpe a su gente en su cara, i se gloriasse tanto de la enemistad, que con ella tenia. I aun que no le buscara por amparo, bastava ser Rey, para hablarselle con decoro en qualquier acontecimiento. Pero los terminos a que el Poeta se reduce, le limpian de toda sospecha de descuidos: porque dice: (pero ruego al Letor que primero, que pase adelante consulte consigo la disculpa, que este lugar puede tener, i si la hallare antes de oitmela , devasela a si propio , i si no, agradezcala a mi diligencia , no estimando poco el hallar en ella lo que no halló en si) porque dice (dice) torpe Mauritano, entendiendo solamente del habitador de la Mauritania, con quien singularmente tuvimos los Espanoles esa enemistad , i esas guerras. I Mauritania no tiene que ver con el resto de la Africa, i mucho menos con aquella parte de Melinde, que con tanta distancia esta remota; pues Melinde cae azia la India, i Mauritania sobre Espana : porque lo que propriamente se llama Mauritania, es aquella Region, que oy llamamos Tingitania, i Barbaria , un que pueda encontrar esto el llamarse Moros generalmente todos los habitadores de la Africa, i de la Asia, por quanto esto resulta de la seta Mahometana , que siguen, i no de los climas , de que son naturales. I estuvo con atencion a esto el Poeta; haciendo que diga el Gama : *Alla en la ardiente Africa.* Porque si con esto no fuera su intento hazer diferencia entre los habitadores del clima de la Mauritania, a los de estorro de Melinde , dixerá impropriamente : *Alla en Africa,* pues está hablando en ella. Del proprio modo que hablando un Moro con qualquier Principe de Europa, le podía decir otro tanto de qualquier nacion della , aviendo las causas que tuvo aca para ello, sin que por esto le pudiesse dexar estomagado justamente. I assi lo que el Gama aqui viene a decir a aquel Rey, es que los Reyes Portugueses echaron de Portugal aquellos Moros de aquella parte, en la qual procediendo torpemente (esto es sin razon , i terminos sufribles) dieron motivo a que no solamente los echaslen , sino aun a que los fuerzen a buscar en sus mismas casas. Como si dixerá: No eran ellos humanos, i politicos, como tu tienes mostrado que lo eres. I a esto atendio tambien el Poeta, quando en el c. 2. e. 105. haze

haze que el mismo Gama diga al propio Rey, que el fin de todo la Africa que rodearon, se le mostro, pidiéndole aviendole llamado en la antecedente, Rey benigno. I tambien con la misma atencion haze, que el propio Rey diga al Gama de la propia Africa en general, que es barbara, i rude, en la e. 110. del c. 2. hablando de tierra mas llegada a el, de lo que es Mauritania; i aun el mismo Rey antes en la e. 86. afrenta (como alla apuntamos) a lo. Moros de Moçambique, i Mombasa sus vecinos, llamandolos viles, porque avian tratado mal a nuestros navegantes. Assi que licetamente B pudo el Gama llamar aqui torpe al habitador de la Mauritania hablando con Rey tan distante de ella, que aunque Moro en la creencia, no lo era en linaje, i era humano, politico, i generoso. Agora nos enseña el original antiguo, con que nuevamente me hallo, que el P. anduvo cuidadoso en este lugar, i que no dixo, torpe, aerea, o arrebatata la, si no ponderotamente. Porque alli dezia, *nas armas com que ao proprio Mauritanio.* I en la enumienda, i lima dixo, torpe; luego cuidado fue, i no descuydo. I quando el P. se huviera descuydado, no le faltaran companeros honrados; pues al etia Apolonio Rodio, que al fin del lib. 3. haze que Iason para obligar a Medea a que le favorezca, le trae por exemplo, como Ariadna favorecio a Teseo no cayendo en que juntamente le acordava el, como Teseo della favorecida uso con ella; i que el exemplo podia antes servir de q Medea huyesse de Iason, que de favorecerle, temiendo que el haria con ella lo que Teseo con Ariadna. I no dexa de tener algunas sospechas desta especie de poca atencion, aquello de Ovidio en Paris a Elena, diciendole que los adivinos avian dicho, que el iva a buscar el incendio de Troya; porque aun que el lo explica con el de amor de Elena en si, ella en la respuesta se excusa con el aguero que el le descubrio; i tambien con aver el confessado, q avia burlado de la hermosura de Enone: confession que jamas huviera de aver hecho a la nueva hermosura que buscava, por no hazerla temer de semejante inconstancia. Pero mi P. no ha menester consolarse con los que se descuydaron.

¶ Deytando deseo. Los Reyes de Portugal fueron los primeros que en Espana acabaron de echar de sus Reynos los Moros, i q primero los fueron a debelar en la propia Africa.

XXI.

Esta he a dito sa patria minha amada;
a qual se o ceo me da, q eu sem perigo
torne com esta empreita ja acabada,
acabese esta luz ali comigo.

Esta soy Lusitania dirivada
de Luso, ou Lyfa, que de Baco antiguo
si h̄s foram, parece, ou copanheyros,
E nella entam os lacolas primeyros.

A Esta es mi dichosa i amada patria a la qual si el cielo me da, me concede que yo buelva sin peligro con esta empresa acabada, alli se acabe conmigo esta luz, esta vida. Ella se llamo Lusitania, derivada de Luso, o Lyfa, que del antiguo Baco fueron (segun parece) o hijos, o compeneros; i los primeros habitadores entonces en ella.

¶ Esta be a patria amada, &c. Este propio amor, i deseo, descubre el Gama c. 8.e. 68.

¶ Aa qual se o ceo me da que entorne &c. Deseo de volver a la patria, expressado algunas veces en este Poema, por ser natural, i de gente humana: que quien ausente de su patria no la desfea, es bestia fiero. No en vano ponderan algunos Autores, que Adan tuvo el entierro a donde el nacimiento. Vease a este proposito lo que diremos al fin de la e. 65. del c. 4.

¶ Acabese esta luz, &c. En la e. 50. del c. 2. en la 44. del 10. Alli, i aqui uso de la voz, luz, en el sentido q Homero Il. 1. en la boca de Diomedes herido de Pandaro. *Neque me dicit diu amplius visarum splendidi m lumen Solis.* Mejor en la version de Vala, *ut non diu iucunda hac Solis fruerer luce.* Virg. Egl. 7. *Si mibi non bæc lux tota iam longior anno est.* I en el 2. Eneas lleno de ira, deseando acabar la vida, *vocat lux ultima vi etos.* I Ana encareciendo a su hermana Dido, que la amava como la propia vida. *O luce magis dilecta sorori.* En el 4. I la misma Dido alli. *Invisam querens quamprimum abrumpere lucem.* Seneca en Hercul. Fur. act. ult. *Cur animam in ista luce detineam amplius?* Lucano 4.

— — *Despectam cernere lucem.
Victoresque suos vultu spectare superbo.*

D Et morte sentire invat. Aqueillo de cerrar los ojos a los que mueren, siendo ellos las luces en la vida, tambien es llamar a la vida luz. Vease deserto en la e. 50 del c. 2. Mientras el Gama deseo grande de fecer esta empresa, i dice, que no quiere mas vida, o no se le dara que venga la muerte, luego que llegue co esta nueva a su patria, i a su Principio: i permitio Dios, que el bolviesse despues a la India dos veces, para que se vea que Dios da siempre mas de lo que deseamos, i que quando no lo haze, es porque nos esta esto mejor. Agora veremos quanto la grandeza destos quattro versos, estaba otra en el original antiguo; pues dizen assi.

*Esta he aquella patria minha amada,
a qual se o ceo me da que torne vivo,
co tua tamanha empreita ja acabada,
serme a gozo entre os homens excessivo.*

Sirve esta humildad mostrada aqui, para lo que ponderamos al fin de la e. 80. del c. 1.

¶ De Luso, ou Lyfa. Plinio lib. 3. dice que Lusitania se llamo assi de un companero de Baco, q se llamava Lyfa, sin que pueda hazer escrupulo, ni ser corrupcion la y que en Griego es la u: i assi lo mismo es decir Lysitania, que Lusitania. Ver las o. 3. 4. del c. 8. i la nota 1. a este Poema.

XXII.

XXII.

Desta o Pastor naceo, que no seu nome se ve que de home forte os feytos teve; cuja fama, ninguem vira que dome, pois a grande de Roma nam se atreve. Esta, o velho q os filhos propios come, por decreto do ceo ligeyro, e leve, vejo a fazer no mundo tanta parte, criado a Reyno illustre; e foy desta arte.

DEsta, o en esta Lusitania, nacio el Pastor, que en su nombre se ve que tuvo hechos de valeroso hombre: cuya fama no domara, no excederá algun Heroe de los venideros, pues la grada de Roma no se atrevio a hazerlo. El viejo que come los propios hijos, vino por decreto del ligerro, arrebata do ciclo, a dar, a hazer que esta tierra fuese una gran parte en el mundo criandola, promoviendo la a ilustre Reyno; y fue deste modo.

¶ *Desta o Pastor naceo, &c.* Contiene esto, q en Lusitania nacio Viriato, de quien dizen algunos Autores que fue Pastor. En las e. 26. del c. 1. i en las e. 7. 36. del 8. se vea desto.

¶ *Que no seu nome se ve que, &c.* Iuega del nombre derivando *Viriato* de *vir*, o *vires*, o *varon*, i claramente se ve esto del manuscrito, adonde no decia *se ve que de homem forte*, sino *se ve que de varam*. Mas quiso el P. quitarlo aqui, por comentarle alla en la e. 36. del c. 8. del modo que veremos sobre aquell *viris atrenamientos de Viriato*. Adonde i aqui da a entender, que el nombre de Viriato se deriuo de *vires*, por sus fuerzas. Pero en estas deveis entender primero las de la prudencia, i artes mil i artes, en que este gran hombre fue estremado tanto, como en las corporales.

¶ *Esta o velho que os fili. &c.* Este es un lugar, que como otros pasa por entendido, i no lo està. Quiere decir que el tiempo (ello es el viejo que come los hijos, figurado en Saturno) comedor grande de los dias (entendidos por los ninos con que le pintan a la boca) por decreto de los movimientos celestes, vino a hazer que Portugal fuese Reyno illustre. I el cielo ligero, i leve, se ha de entender el decimo; porque el es el movimiento de todos, i entiende agora principalmente del de las estrellas, i de estos de los Planetas, de que dice la escuela Poetica, i Astronomico, que tiene dominio en las Provincias, i en las gentes, como ya apuntamos sobre la e. 19. i aci los astros que dominan a Portugal, bolteados dessa decima esfera, por el discurso del tiempo le viniero a hazer Reyno illustre. I que este cielo entienda el P. dizendo, *ligero, e leve*, consta de la e. 85. del c. 10. al decir por el nusmo: *Outro corre tam leve, e tam ligeyro*: i en la 92. del 2. dixo ya: *O ceo inquieto revolvendo, entediendo el decimo: i es para dezir, que amanezia; constando el dia del Sol, i la no-*

Ache de su ausencia: el qual esta en el quarto, que arrebata do de este decimo, haze su curso con aquella velocidad, que el Poeta desctive en la estancia 62. del canto 2. 60 del 7. 86. del 10.

¶ *Por decreto do ceo.* Asi Dante Purg. c. 6. *Che decreto del ciel, &c.*

¶ *No mundo tanta parte.* En la estancia 14. del canto 7. llamará al Reyno de Portugal pequeña casa: i parece se encuentra con este lugar: pero no porque el tanta parte aqui vale de *tanta gloria humana*, de que Portugal tiene ilustre parte en el mundo.

XXIII.

Hu Rey por nome Afonso foy na Espana q fez a os Sarracenos tanta guerra, rha, q por armas sanguinas, força, e manha a muitos fez perder a vida, e a terra. Voando deste Rey a fama estranha, do Herculano Calpe a Caspia serra, muitos para na guerra esclarecerse, vinham a elle, e a morte offerecerse.

En Espana huvo un Rey, cuya nombre fue Alonso, que con sangrientas armas, arte i va'or hizo tal guerra a los Sarracenos, que a muchos obligó a perder la tierra, i la vida. Bolando la gran fama de este Rey, desde el Herculano Calpe a la Caspia sierra, vinieron muchos varones a ofrecerse a el, i a la muerte, para hazerse claros en acciones militares.

¶ *Hun Rey por no. &c.* El P. entre la orden q sigue, i la que Virgilio lleva en el lib. 7. introdujo esta bella descripción de Europa. Agora buelva a proseguir con el propio Virgilio.

*Rex arvo Litinus, & urbes
Iam senior longa placidas in pace regebat.*

Allí era paz, guerra ací.

¶ *Por nome Afonso.* Fue el Rey D. Alonso el VI. q alcancó muchas, i insignes victorias de Moros; ellos son los Sarracenos impropriamente, como le hallara en la e. 110.

¶ *Voando deste Rey a jama estranha do Her.* & Corriendo por el mundo la fama rara, i gloriola (esfo es estrana) de los hechos del Rey D. Alfonso, contra infieles, muchos Cavalleros venian desde varias partes remotas, a ayudarle en tan honroso i Catolico ejercicio. El modo del decir del bolag de la fama, es a imitacion de Virgil. allí en el 7.

*Sed circum late volitans iam fama per urbeis
Ausonia tulerat. &c.*

¶ *Do Herculano Calpe à Caspia serra.* Quiere decir, que desde el Occidente (ello es el Herculano Calpe, uno de los montes, o columnas de Hercules, que tenemos en esta parte Occidental) al Oriente (entendido por la sierra Caspia, a donde ella se levanta;) i finalmente por todo el mundo corria la fama del Rey, que hizo venir a

servirle estos señores, entre los cuales uno fue D. Enrique padre de nuestros Reyes Portugueses.

XXIII.

E com hum amor intrínseco acéditos da Fé, mais que das honras populares, eram de varias terras códizidos, (res. deyxadó a patria amada, e propios Lares. Despois que em seytos altos, e subidos se mostraram nas armas singulares, quis o famoso Alfonso, que obras tais levassem premio digno, e doés iguais.

I Con un intrínseco amor, i zelo entrañable, encéditos en la Fé Santa, mas que en deseos de populares aplausos, eran conduzidos de varias tierras, dexando, no solo sus partias, sino sus casas i estados (eso es Lares.) Despues que en altos hechos se mostraron singulares en armas, quis o famoso, i grato Alouso, que tales hazañas tuviesen digno premio de iguales dones, i mercedes.

¶ E com bum amor intrins. &c. Así nra dizer en sus rimas, eleg. 4. Lo mismo destos quattro versos, conti:nen los quattro de la estancia 58. Venian (dice) muchos Cavalleros mas incitados de la Fé Católica, que de honras i interes humano, a servir en aquellas empresas Christianas; dexando para esto sus casas, descanso, i patria: i expressalo el Poeta con cuidado, por quanto es muy difícil el dexar todo esto. Pero entonces avia Cavalleros que imitavan los verdaderos Apostoles de Christo: *Ecce nos reliquimus omnia, & secutis sumus te.* I aunque no dixeron estos a esto Rey, el Quid ergo erit nobis? E: conociendo que era justo lo dixe sien, quiso añadir a la gloria suprema, que ellos ganaron en tal exercicio la humana que les podia dar, haciendoles donaciones de tierras, i casando a tres dellos con sus hijas, dotadas de Estados ilustres, entre los cuales fue uno D. Enrique Conde de Portugal. Esto contiene la estancia, i las que se le siguen.

¶ Das honras populares. En la estancia 95. del canto 4.

¶ Patria amada, e propios lares deyxando. Dicho al son de Lucano lib. 1.

Pellimur è patrijs laribus, patimurq; volentes Exsiliūm, &c. Oracio Epop. od. 16.

Agros atque lareis proprios, habita daque fama Apris reliquit, &c.

Ovidio de rem. amor. lib. 1. *Forstan à laribus patrijs exire, &c.* I entiendete por lares propios, no solamente la patria, sino la vivienda particular de cada uno, de que entre los antiguos avia Dioses que llamavan Lares, hijos de Mercurio, i de la Ninfá Lara: i oy en los montes de Portugal Lar, i e l ama (tomado de aqui sin duda) a quel sitio adonde en cada casa se haze el fuego: i por el en los Poetas se hallan muchas veces los

A Lares. Ovid. Trist. lib 1. eleg. 3. pintando a su mujer al soplar el fuego en el lugar del en su casa: *Illa etiam ante lares, &c.*

Coniigit extintos ore tremente focos.

Algunos Autores los confunden con los Penates, i los Genios. Yo tengo determinado no gastar tiempo en erudiciones escusadas al entendimiento del Poeta. Apunto en semejantes ocasiones algo, para los que tienen poca noticia de letras, i para los otros, ni ello era menester.

XXV.

B Destes Enrique, dizem, q segundo (do, si) ho de hū Rey de Vngria exprimēta. Portugal ouve em sorte, q no mundo entam nam era illustre, nem prezado. E para mais final de amor profundo, quis o Rey Castelhano, que casado, com Teresa sua filha o Conde fose, e com ella das terras tomou posse.

C D Estos que assi vinierō a servir al Rey, se dice que a Enrique, hijo segundo de un Rey de Vngria, i experimentado en valor, tocó en la distribucion destos premios la tierra de Portugal, que entonces no era tan preciada, ni illustre en el mundo. I por mas señas de grande amor, quiso el Rey que Enrique con titulo de Conde casase con su hija Teresa: i con ella fue a tomar possession de aquellas tierras.

¶ Destes Enrique dizem que seg. &c. Assi dice alli Virgilio de Latino su origen.

Hunc Fauno & Nympha genitum Laurente Marica

D Accipimus, &c. Causa espanto el ver, como nuestro Poeta fue acomodando todo Virgilio a si, aun en aquello que al parecer no podia encontrar semejança.

¶ Dizem. Quien dize? Entiendese que lo dijen las tradiciones, las historias, o la gente, o todo: i es la figura sinedoqua.

¶ Segundo siibo de bum Rey de Vngria, &c. Cosa notabilissima es, que anduviese en opiniones el nacimiento, o origen de un tan grande personage, como el Conde Don Enrique, tronco de los Reyes de Portugal. El Poeta se fue con la opinion vulgar, i Cronica de los Reyes, escrita por Duarte Galvan (no aviendo otra hasta su tiempo) de que era hijo segundo de un Rey de Vngria, sin nombrarle. Los Obispos Don Rodrigo Sánchez, i D. Alonso de Cartagena, i Marino Sicilio, dixeron q era de la Casa de Loizu, sin nombrar le padres. Siguieron este despues Garibay, i Mariana. Damiā de Gecen la Cronica del Rey D. Manuel se los nombra, i dice, que fueron Guillermo Baron de Joinville, i Duque de Lorena, hermano de los Duques de Lorena Goffredo, i Balduino, que fueron Reyes de Letulalem, i Alida

de Chápain's. Diego de Valera, i Antonio Beuter, dizen que era natural de Constantinopla, siguiendo al Rey Don Alonso en su historia de España, que se engañó con un lugar del Arzobispo D. Rodrigo, que tambien hablando del Conde, dixo era, *ex partibus Bisontinis*, entendiendo por *Bisontinis*, Bisancio; por averse llamado assi Constantinopla; deviendo decir, Bisancio, o Besançón, cabeza de Condado de Borgoña. Lazio dixo, que era Conde de Limburg. Duarte Nuñez de Leon, ultimamente con argumentos de Iuristas, pensó provar, que D. Enrique era nieto de Rinaldo Conde de Borgoña, hijo de su hijo Gaido Conde de Vernul en Normandía, engañando tambien con el lugar del Arzobispo, como el Rey Don Alonso. Este parecer de Duarte Nuñez fue muy acero, como cosa nueva, hasta que en nuestros días salio de la Biblioteca de Pedro Piteo, varon doctissimo, (publicado por los doctissimos hermanos Scevala, y Luis de Santa Marta, Abogados en Paris, con titulo de historia Genealogica) un quaderno llamado, Exemplar Floriacense, escrito en vida del propio Conde D. Enrique, pues corre desde el año 897. hasta el de 1110. i anda impresso con otros trozos de historia Frácesa, que corren desde el año 900. hasta el de 1285. de que consta, que del Conde era padre Hugo, hijo segundo de Roberto Duque de Borgoña, que era hijo de Roberto Rey de Francia, i nieto del Rey Hugo Capeto. I assi era el Conde Enrique descendiente desta Real casa, i de la de Saxonía, i de S. Arturo, Duque de Mosaiana. Agora digo, que sobre el hallazgo desta Genealogia, emparacado en tan graves Autores con el equívoco de Bisancio, i Besançon, me admiraron dos cosas: una, que Fray Geronimo Roman en el capitulo primero de la vida del Infante Don Fernando, dice sin argumentos, i como miteria assentada, que el Conde Enrique era de Besançon de Francia, i pariente de aquella Real casa; que es lo que oy decimos por gran novedad, i argumentando. La otra causa de mi admiracion, es, que todos los escritores si alegados, que escrivieron despues del, no le viessen, o si le vieron, no reparassen en una opinion tan sola, o para abraçarla, o para contradecirla. Però no se puede ver todo por una parte; i por otra, son pocos los que ven tanto como hablan. I concluyo, que la doctrina de Fray Geronimo apoya mucho esta moderna, porque el era doctor, i escrivio con tienta, i devio hallar ya entonces estas noticias citadas modernamente. Però ay agora en esto otra novedad mucho mayor, con que se prueba, que el Exemplar Floriacense dice bien, con engaño, dizeiado, que era de Borgoña el Conde; i el Posta tambien dice bonisimamente con la historia antigua, que el era de Vngria, porque era de una i otra parte. Su padre era Estevan primero Rey de Vngria, que reynó 39. años ha ta el de rai de la reparacion humana: i porque tu santidad fue acrisolada en muchas exper-

riencias, le llama el P. experimentado. La muger que tuvo, de que era hija nuestro Conde fue hija de este Hugo de Borgoña: i assi el engaño que ay en el exemplar, fue de los copiadores, que en vez de filia, dixerón, filij: luego adelante traeremos el lugar. Assi bien dezian las Crónicas, i el P. que era hijo de un Rey de Vngria; i bié el Exemplar, que era hijo de la Casa de Borgoña, pues lo es todo. Esto descubrió (según nie lo afirma el Doctor Fray Francisco Brandam) con gran estudio, i de manera que no padece duda, Antonio Tavares Canonigo en la santa Iglesia de Lisboa, sobre que tiene escrito mucho, i bien. I conforme a esto, haze buena armonia el nieto co el abuelo: por que siendo Estevan primer Rey de Vngria tan amado de Dios, que su Iglesia le dio titulo i oficio de Apostol; su nieto Alonso, nuestro Rey primero, lo fue tanto, que apareciendoic Christo, entre otras mercedes que le hizo, fue, la de que sus descendientes serían sus Apóstoles, como vimos en las primeras notas al titulo deste Poema. Si bien siendo difícil desdecir al exemplar, advierto que por dia ser la madre de Don Enrique, hija del Rey de Vngria: i aun será difícil el ajustar el tiempo. La ocasión de las guerras Catolicas contra la Morisima, quieren los escritores hasta agora fuere la de la venida de Enriq a España. Bié es de creer. Però ella se deve añadir a la de acompañar su tia D. Costanza, quado vino a casar con el Rey D. Alfonso, q conforme al misino exemplar Fioriacense, era hija de este Duque Roberto, a q tambien acompañaró los otros dos Ramones de Tolosa, i Borgoña; por ser aquél tio de la Reyna; y este sobrino de este. Mas desto en la c. 2. del c. 8. I desde aquí comienza el P. la Genealogia de los Reyes de Portugal, q fenece en la c. 67. del c. 4. co el Rey Don Manuel, derechament: Autor de la accion deste Poema, i por esto muy propia del esta descripción Genealogica, q fue adornado co las acciones heroicas de cada uno, docta, poetica, varia, i elegante. I aunq al tiépo q el P. publicó esta obra, avia ya dos Reyes mas adelante del Rey D. Manuel, no trata dellos, por quanto est i aqui hablado en persona de Vasco de Gama, empleado en esta accion, q era de orden del proprio Rey D. Manuel: i todavía porq los dos no quedasen sin memoria en el Poema, ya q n. la podia tener en esta relación del Gama, cuya labor es la hizo del primero en la c. 17. del c. 1. i del segudo, co obsecrare esta grande obra, diciendo del lo q contiene en el mismo c. 1. treze estanc. q comienzan en la 6. i las ultimas del 10. desde la 146. I porque de algunos codenó algunos vicios, sospechando q le diría se atrevia solo a los muertos, osó notar los defectos del vivo Rey D. Sebastián, co el artificio de mano maestra, atrevida, i libre, q os enseñaremos desde la c. 26. del c. 9. Al fin ninguna cosa se le escapó; a nadie quiso perdonar las penas, ni negar las alabanzas: todo sin inclinación a passions, ni por odio, ni por amor. Cofarata en sugero humana.

T Nam era illustre, nem prezado. Quiere el P. dezir en esto, que Portugal al tiempo que se dio al Conde D. Enrique, estaba ahogado en la barbaridad de los Moros, q le posseia desde la perdida de España; i q del solamente una pequeña parte estava sacada en limpio por las armas Christianas; i esta era la ilustre Provincia de entre Duero i Miño, a cuyo centro, q es la ilustre villa de Guimaraes, fue assistir el Códe; q con los siempre valerosos habitadores della conquistó muchos lugares, i sus descendientes todo el Reyno. I en otro sentido no pudo decir el P. q Portugal no hubiese sido hasta entonces ilustre, ni preciado: porque en el muchos siglos antes, como consta de firmes memorias, uno siempre (no hablado en las calidades excelentes del terreno, q en esas no pudo aver mudanza, ni militar duda) varones claríssimos en todo linage de valor. S5 testigos solidos Africa, i Roma, q copitiendo en codicias de ganarnos, conociédo la importancia de la tierra, i de la gente, no dudaron perder el caudal de exercitos innumerables, q nuestras armas degollaron gloriosamente muchas veces, hasta que puesta a peligro de un golpe de la espada de Viriato Portugues, i de Portugueses Capitaneados de Sertorio, toda la potencia Romana se rescató del q la traicion con q los hizo matar; i despues q la fortuna de Cesar. Voy hablando agora de todo el Reyno, q antes de la perdida de España tuvo ya Reyes maravillosos esentos, i varones claríssimos, q a poder de valencias ilustríssimas, sacudieron de si el yugo extraño. Pero a que efecto disputámos de materia tan notoria? El P. quiso con estas palabras mostrar, que lo q el Rey D. Alonso dio a D. Enrique del Reyno de Portugal, entonces era poco, siendo agora una Corona soberana; imitando en esto, como en todo, a Virgilio, quando en el 8. dice del Reyno de Evandro.

— *Tum res inopes Evandrus babebat.*

Quæ nunc Romana potentia cælo æquavit, &c.

T Para mas final de amor profundo. Dice bien; porque el dar un Rey una hija a un señor pobre, o Cavallero (digamos) desheredado es mucho mayor señal de amor, que el darle Estados. I así es fuerza de amor tal dadiva. Barros Dec. I. cap. 1. hablando del Rey D. Alonso en esta acción. *Nam auctor causa maius digna de sua pessoa, nem de maior galardam, que acyntalo por filho, dandum por molher sua filha D. Teresa, & em dote todas as terras que, &c.*

T Com Teresa sua filha. Diole su hija Teresa. Todavia concurrian en el Conde Enrique, a fuerza sus hazañas, con que mucho obligó al Rey, las calidades de la sangre, i en particular por la parte que era sobrino de la Reyna D. Costanza, hija de Roberto Duque de Borgoña, i nieta de Roberto Rey de Francia, i bisnieta de Hugo Capeto. Támbien este casamiento tiene semejança con los que Virgilio lib. 7. apunta se ofrecieron a Lavinia. Entremos agora en una gran batalla de pondonores. Congoxanose muchos Portugueses, con que se di-

A ga, que esta Teresa hija del Rey, no era legítima. Modernamente el Padre Fray Antonio Brandam toma a su cuenta el legitimarla, al principio del aparato que juntó (con diligencia por cierto) para poderse escribir la historia de los Reyes de Portugal, que intitula, tercera parte de la Monarquia Lusitana. Agradezcasele el zelo de la hora Portuguesa, si ella pendiera desto, de hacer legítima a D. Teresa, aviriéndosele todavía, el no aver visto, que el propio exemplar Floriacense, a quien sigue, para hacer que el Conde Enrique sea hijo de Hugo, dice así: *Al veram filiam, sed non ex conjugali thoro natam, A inrico unifi. iorum filij eiusdem Ducis Roberti dedit.* De manera, que corriente al exemplar, Teresa no era hija legítima del Rey D. Alonso; i si el miente en esto, poco credito tendrá en esto. Pero el no miente; i el Padre Brandam tiene disculpa, porque no todo se puede ver enteramente: si bien tiene obligación de ver mas quien acusa tanto a todos los escritores de que vieron poco. Yo verdaderamente no sé para que es perder el tiempo en cosas vanas, porque no sé qual mas lo sea, que hazer pundonor, de que el Conde D. Enrique, siendo un Caballero (si bien grande) pobre, casasse con hija no legítima de un Rey grande; si un Rey Portugues ya grande, qual era D. Alfonso Tercero, casó q otra no legítima de otro Rey de Castilla, que por ventura no era tan famoso como D. Alonso el Sexto, con cuya hija avia casado Enrique. I no por esto pierde nada la honra de un Reyno; porque los hijos de los Reyes no legítimos, no corren la fortuna de los que lo son de menores personas, pues al fin son Reyes. I esto parece enseñó el mismo Dios, quando dixo a Abraham (*Genes. cap. 21.*) que avia de hazer grande sobre mucha gente a Ilmael su hijo, i de su esclava. Las historias están llenas de semejantes casamientos, que no por esto deslustraron las Coronas. Remito a la erudición los curiosos destas averiguaciones.

XXVI.

Este despois que otra os descendentes, da escrava Agar, vitorias grandes teve, ganhando muitas terras adjacentes, fazendo o que a seu forte peyto deve; em premio destes feytos excellentes, deulhe o supremo Deos, em tempo breve hum filho, que illustrasse o nome usando belicoso Reyno Lusitano.

A Este Enrique, despues que tuvo grandes vitorias contra los descendientes de la esclava Agar, ganandole muchas tierras circunvezinas de su Estado de Portugal, i haciendo lo que devia a su valeroso pecho, dio el supremo Dios en breve tiempo, como premio de las excellentes hazañas, un hijo que illustrasse el usano

el claro nombre del belicoso Reyno Lusitano.

¶ *Este despôs que, &c.* Continua con el Conde D. Enrique; que sobre las victorias alcanzadas de los Moros logró el nacimiento de su hijo D. Alonso Enriquez. Tuvo mas el Conde tres hijas, que no sirven agora aqui.

¶ *Descendentes da eserava Agar:* Estilo de la estancia 110. i en el canto 8. la 47. i comù en los Poetas llamar a los Moros, descendientes de Agar, porque su hijo Iismael es el tronco dellos.

¶ *Vitorias grandes teve.* En estas entiende juntamente las que alcançó en servicio del Rey D. Alonso el VI. que en Castilla fueron muchas, i en Portugal la de Lisboa, en que tuvo parre, por haberse con el Rey quando la ganó, aunque despues se bolvió a perder, para ganarla con seguridad nuestro Rey primero D. Alonso Enriquez.

¶ *Muytas terras adjacentes.* Agora habla en particular de las tierras que el Conde ganó desde que vino para Portugal con su mujer, juntandolas a las que el Rey le avia dado en do e con ella. Estas eran las tres Regiones de entre Dueiro i Miño, Beyra, i Tras os montes; i las Ciudades de Coimbra, i Viseo; y en Galicia hasta el castillo de Lobeyra; aquellas, algunas convezinas a esotras, con lo que en todas aun estaba por los Moros, de que acabó de limpiarlas, saliendo victorioso de diez y siete Batallas campales, sin otros casos de menos cuenta.

¶ *Deulhe o supremo Deus, &c.* Porque el dar hijo a un padre que le herede i honre, es singular favor de Dios, dice que Dios se lo dio: i en este con gran propiedad: porque avienzo nacido D. Alonso tullido de las piernas, milagrosamente le sanó: i assi le quedó dando dos veces a su padre.

¶ *Hum si bo que illustrasse o nome usano, &c.* Dá agora cuenta del origen de la nobleza Real de los Portugueses, como Ilioneo a Latino de la D de los Troyanos lib. 7.

Ab Iove principium generis: Iove Dardana pubes. Gaudet Avo Rex ipse de gente supraemus, &c. Con la noticia del nacimiento de nuestro Alonso os puede parecer, que en profecía habló dei Virgilio aí. Al fin D. Alonso Enriquez es el hijo que Dios dio a D. Enrique para Rey de Portugal. Reyno que nunca nos parece pequeño, sino quando le vemos en la mano deste Príncipe.

¶ *Ilustrasse o nome usano do belicoso Reyno, &c.* Veys aí como el Poeta dixo en la e. passada, que Portugal no era ilustre con el pensamiento q allí explicamos, pues aquí dice que Alonso ilustró este Reyno, ya antes usano, esto es famoso por todas las razones qe allí apuntamos: para que perpetuamente veays, como el Poeta anda enyadado, i eruditó en los monumentos de la patria.

XXVII.

Já tinha vindo Enrique da conquista da cidade Hyerosolima sagrada,

Tomo 2.

A e do Iordan a area tinha vista que vio de Deos a carne em si lavada; que nam têdo Gofredo a quem resistiu; despois de ter Iudea sojugada, muitos que nestas guerras o ajudaram, para seus senhorios se tornaram.

B Y A Enrique avia venido de la conquista de la sagrada Ciudad de Jerusalen: i visto la arena del Iordan, que en si vio lavada la carne de Christo. Porque no teniendo Gofredo a quien resistir, despues de aver metido en su yugo a Iudea, bolvieron a sus patrias, i estados muchos señores que le ayudaron en aquella guerra.

C *Ia tinha vindo Enrique da conquis. &c.* Dize el P. q quado al Conde D. Enrique le nacio su hijo primogemito D. Alonso, ya avia venido de Jerusalen, adóde se halló con Gofredo ganado aquella Ciudad sagrada: i assi muestra claro, q el pafsó allí despues de casado, i venido a Portugal. Assi lo hemos hallado en papeles harto antiguos, i lo diximos en su vida; mas porq assi son malos de còcordar los años, creemos, q este viage fue despues de estar casado, i antes de venir a Portugal. Allí hallamos q el Rey le hizo General del socorro q embió a la misma empresa, i q el Papa Urbano II. q fue el Autor della, le nombró por uno de los 12. Capitanes, en q se dividió el exercito.

Erá estos papeles unos trozos de Crónicas destos Príncipes, desde el Còde hasta D. Alonso el III. q sospechamos ser las q se perdieron de Fernán López, q fue el primero q las escribió, reynando D. Duarte, persona de credito, i este adornado de elegacia, mayor de ia q conocía aquellos tiempos: i de lo perdido, o mas propiamente usurpado de este Autor, se apronechará todos los q despues escrivierón sin cōfessarlo: como fuerón Duarte Galvan, i luego Rui de Pina, i otros. Duden algunos de este pasaje de Enrique a Jerusalen en esta ocasión, diciendo que no le faltava acá en que entender. I có tal razon como ésta, también pueden decir, q el Rey D. Aiós no embió socorro alguno, porq le sobraban barbaros en que empleat las armas. Pero si es cierto q le embió, no ay cosa mas posible, q aveflo fiado a D. Enrique, assi por el paretesco, como por el valor: ni otra mas evidente, q el aver Enrique procurado mucho tal puesto en ocasión, que la flor de Francia passava allí toda, siendo él Frances, i lleno dei ardor militar Católico, que allí hazia passar tantos señores de su sangre. El Padre Brandam viene en la ida, pero quiere que sea despues de aver entrado en Portugal: i consiguientemente no puede ser en la ocasión de Gofredo, sino en otra expedicion que podia incitar menos a Enrique, assi por menor, como perhallarse ya de asiento en su Condado. De que se sigue, que nuestro Poeta camina mas seguro en su opinion.

¶ *Do Jordam que vio de Deos a car.* &c. Men-
ra c. o. 37. *El Jordano.* *Do fue baptizado el Fi de
Maria:* Nace este río en el monte Líbano, de dos
fuentes, que entre si tienen repartido su nombre,
llaman lote una, *Jor*, i otra, *D.m.*

¶ *Que vio de Deos a carne,* &c. Entiendese de
la segunda Peciona de la Santissima Trinidad, que
es Christo Salvador nuestro, como es publico, i
certissimo: i como el P. lo tenia en su primer ori-
ginal: *Que vio de Christo,* &c. I aunque esto es
más propio, esto es más sublime.

XXVIII.

Quando chegado ao fim de sua idade,
o forte, e famoso Vngaro estremado,
forçado da fatal necessidade,
o espirito deu a quem lho tinha dado.
Ficava o filho em tenra mocidade,
em quem o pay deyjava seu traslado;
que do mundo os mais fortes igualava,
que de tal pay tal filho se esperava.

Q Vando llegado al fin de su edad el fuerte, es-
tremado, i famoso Vngaro, forçado de la fa-
tal necesidad, dio el espíritu a quien se le re-
nia dado. Quedava en mocedad tierna su hijo, en
quien el dexava su traslado, de modo que iguala-
va los mas valerosos del mundo; que justamente
se esperava un tal hijo de un tal padre.

¶ *Chegado ao fim de sua idade.* Viviò el Còde
Enrique 77. años, murió el de 112. en Astorga, so-
bre q estuvo acampado primero poderosamente.

¶ *Forcado da fatal necessidade.* c. 8. e. 63. c. 10.
e. 54. 75. i esta necesidad se ha de entender, q es
una cópanera del hado, como se puede ver en el
lugar de Trimigisto que apuntamos sobre la e.
28. del c. 1.

¶ *Ficava o filho em tenra mocidade.* Tenia D.
Alonso hijo de D. Enrique 18. años de edad quâ-
do murió su padre, con q se hallava en Astorga, i
cô cuyo exercito le vino a dar sepulcro en Braga.

¶ *Em quem o pay deyjava o seu traslado.* Era
Alonso una copia de Enrique en muestras de va-
lor Catolico: está dicho al modo de Virgil. lib. 5.
Veterumque agnoscunt ora parentum.

¶ *Que do mundo os mais fortes igualava.* Assi
Virg. de Misleto e. 1 el 6. *Quo nō præstātor alter.* E

¶ *Que de tal pay tal filho se esperava.* El Varqui
fol. 233. *Che degno sete a sigran padre figlio.* El
Tasso Conquist. lib. 1. e. 85. *Il valoroso figlio al
padre agguaglia.* Esto parece arrimarse a lo noto-
rio de Oracio. *Fortes creatur fort.* &c. Pero la
experiencia ha enseñado, q rara vez los hijos imi-
tan, o igualan a los buenos padres: porq la naturale-
za es mas propria al vicio. Algo dijimos sobre es-
ta variedad, en el discurso de los padres, i los hi-
jos, si a calo lo leutes, o quisieredes leer: i lo halla-
reys mas dilatado en mayores volumenes de in-

genios, que os combidaran mucho a ser leidos.

XXIX.

Mas o velho rumor, nam se errado,
que em tanta antiguidade ná ha certeza,
conta q a máy tomado todo o Estado,
do segundo Hymeneo nam se despreza.
O filho orfam deyjava desheredado,
dizendo que nas terras a grandeza
do senhorio todo, fô sua era,
E porque para casar seu pay lhas dera.

P Erò el viejo rumor (no sé si errado, porque no
ay certeza alguna en tanta antiguedad) cuen-
ta que la madre tomando todo el Estado, no
se despacia del segundo Hymeneo. El huérzano
hijo dexava desheredado, diciendo, que la gran-
deza, lo principal del señorío en aquellas tierras,
era solamente suyo, porque para casar se las avia
dado su padre.

¶ *Que em tanta antiguidade nam ha certeza.*
Virgilio 7. Fama est obscurior annis.

¶ *Do segundo Hymeneo,* &c. Con Virgil. En.
1. *Cum peteret inconcessosque Hymeneos.* Pero
está dicho con Estacio, hablando de Violantila
viuda. Silva 2. lib. 1.

— *Tba! ami quamvis iuga ferre secundi*

S aye negat, &c. Para decir segundo casami-
ento, tomando por el a Hymeneo. Dize el P. que
no se despació la Reyna D. Teresa de elegir se-
gundo marido: censurando así brevemente aque-
lla acción de la señora, porque en la antiguedad,
i aún a aquel tiempo, i mucho después se tenía por
afrenta, aun en menores Matronas, los segundos
casamientos; de que se dixo, que con propiedad
se avian de llamar adulterios con título de honesti-
dad. I muchas mugeres ilustres, conociéndolo
así, se preciavan de despreciarlos, por mayores
que fuesen. En S. Isidoro se halla, que los Catha-
ros hereges castigavan las mugeres que casavan
segunda vez: i pudieramos traer ejemplos insig-
nies de Matronas Portuguesas. Dido dio título
de crimen a esta acción en la muger. En. 4. Hy-
meneo se dice de aquel sello natural de la virginid-
ad, abierto en legítimo desposorio: i así pare-
ce que el Hymeneo se dirá impropiamente con
viuda. Pero las viudas en derecho tienen quilates
de donzelas en la estimación: i por otra parte, la
voz Hymeneo puede atender solo al Sacramento
de la Iglesia, sin atender al estado de las personas: i
así nuestro P. siempre dixo bien. Fue Hymeneo, se
gun la fabula, hijo de Venus i Baco, i instituidor
de las bodas matrimoniales: algunos Autores se
acuerdan de otro Hymeneo Atheniense, que llevó
a unos saltadores Athenienses ciertas mugeres,
las recobró, i restituyó intactas a sus padres; i de
qualquier manera es Dios de los matrimonios
en la filosofia antigua.

¶ *O filho orfam, &c.* Huerfano enteramente se llama áquel que no tiene padre, ni madre; però en rigor, tambien se llama assi aquel a quien falta qualquiera dellos. Però nuestro Poeta entiende lo primero, aunque Alonso tenia allí viva su madre: porque ahondando mucho en el amor de una madre a su hijo, pretendio dar a entender cō este modo de decir, que los padres que dan padrastos a sus hijos, perdieron el nombre, i oficio de padres: y aviédo hecho lo mismo Teresa, quedó no siendo madre de su hijo, i el por esto, totalmente huerfano: porque su padre le faltó muriendo, i su madre casandose, que fac lo propio que morit para el. Bien muestra el Poeta este sentimiento en la e. 31.

¶ *Que nas terras agrandeza sô sua era, &c.* Agora haze el Poeta a Teresa otra Lavinia, señora sola de todo el Estado. Virgil.lib.7.

*Sola domum, & tantas servabat filia sedes
Multi illam magno e Latio, totaque petebant
Ausonia. Petit ante alios pulcherrimus omneis
Turnus, &c.*

I ei Turno de acá fue(si fue) D. Fernando de Trava Conde de Trastamara, i gran señor en Galicia, C con que dio motivo a las guerras que va refiriendo, como Lavinia a esotras, para q siempre ellas tengan principio por mugeres. Dixe, si fue, atrimandone al mismo Poeta: que las historias q llamamos antiguas, dizen que si. El Padre Brandá nuevamente con zelo religioso, pretende provar, q esta señora no hizo este casamiento: però mayores autoridades requiere el desmentir las Coronicas, i tradiciones antiguas. I lo cierto es, q siépre yerra mucho quien escribe con inclinacion a argumentos, aun mas q con el desmolido amor, o pasion. Nuestro P. era cuerdo: en lo cierto afirma: en lo dudososo duda. En lugar desta e. tenia el en su original primero, estetra,

*Mas a iniqua may seguindo em tudo
do peyto feminil a condicam
tomava por marido a Dom Bermudo,
e a Dom Bermudo a toma bñ seu irmam.
vede hum pecado grave, bruto, e rudo
de outro nacido! O grande admiracam!
que o marido deyxa do vem a ter
quem tem por enteadas, e por molher.*

Ponderando el P. q esto eran unas torpezas indezibles, i mas no siendo en todo ciertas (porq a esta señora levató el tiempo muchos testimonios, aū q en aquel por reynar se obravan muchas) prudemente quitó esto: i aū en lo dicho anduvo un poco agrio, como advirtimos. La e. para decirlo q pretendió, no estava indigna de su Autor.

XXX.

Mas o Principe Afonso, q desta arte se chamava do Avô tomando o nome, vendose em suas terras nam ter parte, q a māy cō seu marido as māda, e come;

Tomo 2.

A **fervendolhe no peyto o duro Marte,**
imagina consigo como as tom̄e.
Revolvidas as caulas no conceyto,
ao proposito firme segue o effeyto.

B **P**erò el Principe Alonso (que assi se llamava el moço, tomando el nombre de su Abuelo) viéndose sin parte en sus tierras: porque la madre con su segundo marido, las manda i come, imagina consigo propio, el modo con que se las ha de tomar: i herviendole ya el duro Marte en el pecho, siguióse el efecto al firme proposito; la execucion a lo imaginado.

¶ *Afonso, do Avô tomando o nome.* Al modo de Virgil.5. Nom. vii: referens Priamus. 8. Pallantis p̄oavi de nominis Pallanteum: o con Ovidio Met.6. de Tantalo, porque se llamó assi. Et aviti nominis bñres Tanta.ius. I en esta e. comienza el P. a cantar deste Principe, como prometió en la 13. del c. 1. Don Alonso viendo casada a su madre, juntando alguna gente, envistió con el padrasto, i venciole.

¶ *Em suas terras.* En la e. passada dezia Teresa, que las tierras eran suyas, por averselas dado su padre en dote: en esta dice el P. que erá de D. Afonso, porq sucedía a su padre: i essa era la razó.

D **¶ Fervendolhe no peyto o duro Marte.** Con valentia esta en este verso pintada la bravosidad militar del moço Alonso. El hervir respera a dos cosas; una a la iracundia natural, otra a la edad que era poca, i los pocos años hierven. El duro también está con otras dos condiciones; una por ser propio de la guerra en general, otra porque esta avia de ser domestica, que es durísima siempre.

¶ Revolvidas as causas, &c. Sobre este termino de rebolver, que es gran imagen de cuygado, se vea lo que diremos en la estanc. 86. del cito 8. I otros lugares. Esto vale, que siendo Alonso produzido en la idea los medios de restituirse de lo que su madre le negava, executólos, i consiguió la restitución.

E **¶ Ao proposito firme seg. &c.** Assi casi en la estancia 46. dei c. 4. Quien no dirá que es de Ariosto en el 17. L'effetto ne signifatto il pensiero. I quién no dirá, que vio el gran falso a nuestro P. quando dixo en el c. 4. e. 24: *Gran persier ero:go, &c. Seguiteram gli effetti, &c.* que son las milnas palabras de aca. *Revolvendo, &c. Segue o effeyto, &c.* Bien lo fundo decir sin verlo; yo lo veo: pero bien es que veamos lo mucho que dixo, parecido a nuestro Poeta.

XXXI.

De Guimaraes o campo se tirgia
cō o sangue proprio da intestina guerra,
onde a māy que rai pouco o parecia,
a seu filho negava o amor, e a terra.

Bb 4

Com

Com elle posta em campo ja se via;
e nam vè a soberba, o muyto que erra
contra Deos, contra o maternal amor;
mas nella o sensual era o mayor.

YA el campo de Guimaraes se tenia con la propia sangre de la intestina guerra: adonde la madre, que tan poco lo parecia, negava a su hijo el amor, i el estado. Ya se via puesta en campana con el, sin ver soberbia ella; o sin ver la soberbia, lo mucho que yerra contra Dios, i contra el maternal amor. Pero en ella era mayor el sensual.

¶ *De Guimaraes o campo se, &c.* Es villa ilustrissima oy: i en el tiempo antiguo fue la ilustre Ciudad de Araduca, segun Plinio. Esta en el centro de la amenissima Provincia de entre Duero, i Miño, i en ella estuvo el primer solio de la Corte Portuguesa; i en sus contornos permanecen los antiguos i calificados solares de los Padres ilustrissimos de la nobleza Lusitana. Por esto era por estos campos esta guerra: i della resulto, que venciendo el Principe a su madre, la puso en prisión, i deseo venir en su defensa el Rey don Alonso de Castilla i Leon su sobrino; como luego veremos en la estanc. 34. Passò esto el año 1128.

¶ *Se tingia o campo com o sangue proprio.* Esto es, que peleavan Portugueses contra Portugueses, i assi se tenia la tierra con la sangre de sus naturales, derramada por ellos mismos. Atendio el P. al principio de la Farsalia de Lucano.

In sua victrici conversam viscera dextra, &c. Iello fue assi, porque signando unos Portugueses a Teresa, i otros a Alonso, todo era sangre Portuguesa la que tenia el campo.

¶ *A may que tam pouco o parecia a seu fil. &c.* D Estos versos son fiadores de la explicacion que os dimos sobre el 5. de la e. 29. verla.

¶ *En nam vè a soberba.* No trata el P. del pecado de la soberbia, si no llama soberbia a Teresa, porque se quiso preferir a su hijo, que era legitimo Principe, i dueño de aquel Estado, en el qual ella le devia obediencia como a Principe, no menos que el a ella como a madre. dandole ocasion con negarle aquella, a que el le negasse esta. I assi bien dice el P. que errò mucho Teresa soberbiamente.

¶ *Contra Deos, contra o maternal amor.* Ciero que parece lo dice Virgilio en el 8. de Cleopatra: porque no ay sierpe como esta especie de soberbia.

*Nec dum etiam geminos à tergo respicit angues
Contra Neptunum, contraque Minervam.*

¶ *Mas nella o sensual era o mayor.* Pareceste a aquello de Ariosto c. 4. *Potea in lui molto il cō-
jugale amore.* Rignoto decir es sin duda este del P. contra tal Matrona, i mas confessando el en la e. 29. la incerteza della accion, i siendo tambien

A cierto, que quando no tuviera duda, rigurosamēte se llamiz immodesta, la de casarse una Princesa segunda vez; pues sucedio muchas: i es lícito, i sagrado el matrimonio, por mas que sea repetido. I lo cierto es, que Doña Teresa fue una de las Religiosas Princesas que tuvo esta Corona, i Autora de varias obras, que lo aseguran bien: i que el casarse procedio del motivo, que con despreciarla, le dieron los Cavalleros que seguian al Principe, con deseo de hazerse señores del, i del gobierno: i luego casada ella, añadiero a aquel deseo el odio a su marido, i el temor de que otra sucesion pusiesse en contingencia la primera; i assi ezlavonandose odios, i respetos particulates, hizo venir a las armas, Teresa por conservarse en lo que una vez fue suyo: su hijo por sospechar que ella se lo desviava. I esto no tiene que ver con esfotro en una tal señora para afrentarla, llamandola sensual, i iniqua. Perdone nuestro P. que anduvó en esto con demasiada passion.

XXXII.

O Progne crua! magica Medea!
se em vossos propios filhos vos vingais,
da maldade dos pays, da culpa alheia,
olhay que inda Teresa peca mais.

Incontinencia mà, cubica fea,
sam as causas deste erro principais;
Scilla por húa mata o velho pay,
esta por atrabas contra o filho vay.

O Cruda Progne! o magica Medea! si de la maldad de los padres, i de agena culpa os végais en vuestros propios hijos, mirad que aun peca mas Teresa. Mala incontinencia, i fea codicia, son las principales causas deste yerro. Scila por vna mató al viejo padre: esta por ambas vì contra su hijo.

¶ *O Progne crua, o mag. &c.* Compára ei P. a Teresa con Progne, Medea, i Scila, mugeres que cometieron horribles maldades; y todo es con la passion que diximos aí arriba, quedan: o en su lugar el respeto que se deve al juicio de tan insigne hombre. El verso comprehende dos de Ariosto, *che Medea a i figli, o Progne stata sia:* Al pie de la letra en el c. 21. *D' vna Progne cruel, d' una Medea.* Progne notorio es, que porque su marido Tereo violo a su hermana Filomena, mató a Itis su hijo, i se lo dio a comer. Hallareis la fabula dilatada en Ovid. Met. 6. Medea con furor de que su marido Jason la dexasse, casandose cõ otra, mató dos hijos que del tenia.

¶ *Sam as causas deste er. &c.* Virgil. 6. *Causa
mali tanti coniux iterum hospita Teucri.*

¶ *Scilla* hija de Niso Rey de los Megarenses, codicilao del Reyno mató a su padre. Ovid. Met. 8. Vease la e. 4. del c. 4. sobre lugar, parecido a este, contra la Reyna D. Leonor.

XXXIII.

XXVIII.

Mas ja o Principe claro o vencimento
do Padrasto, e da inica māy levava;
je lhe obedece a terra num momento,
que primeiro contra elle pelejava.
Porem vencido de ira o entendimēto,
a māy em ferros asperos atava: (ve.
mas de Deos soy vingada em tēpo bre-
Tanta veneraçāo a os Pays se deve.

MAs ya el claro Principe llevava el vencimē-
to del Padrasto, i de la iniqua madre: ya en
un momēto le obedece la tierra que prime-
ro, poco antes peleava contra el. Però vencido el
entendimiento de la ira, eltava la madre vencida
en asperos hierros : mas ella fue vengada por
Dios en breve tiempo. Tanta veneracion se de-
ve a los padres.

TMas ja o Princ. &c. Venció el Principe a
su madre, i padrasto en la forma que oistes en la
e, 31. i quedose libremente con sus estados.

TVencido de ira o entendimento, &c. Discul-
pa el Poeta, o dà la causa, porque el Principe pu-
so en prisón a su madre; i prisón dura, pues di-
zen las historias, i tradiciones que le echó cade-
na a los pies: accion de la ira ciega: porque ella
es la peste del juicio. Parte desto ro. dize san
Gregorio en sus morales lib. 5. cap. 31. *Per iram
sapientia perditur.* El Filosofo: *Furor corrupit
optimum virū.* Oracio: *Qui non moderabitur irae,
infectum volet esse dolor, quod suaserit,* &c. mens.
Parece que vió nuestro Poeta al Varqui en el So-
neto 9. de los Pastorales, que fenece: *Dalli' ira
vinto,* &c. I que el gran Tasso vió a todos Liber.
c. 6. e. 48. *Vinta dal' ira la raglone,* &c. Es la ira, D
según muchos Autores, un ancioló deseo de ca-
stigar: à aquel de quien se recibe lesion. Però sin
duda el Poeta lo dice al modo de Latancio: *Ira
est commotio mentis, & perturbatio, qua perin-
de ne seva tempestas tantos quandoque motus ex
citat, ut statum mentis immutet,* &c. Como i adon
de le engendra, dizen muchos tambien, Ciceron: *Eius sedes est in iccore, causa in fillis humore.*
Pintase en una muger, porque no es acto de hō-
bre prudente: vestida de roxo, porque procede
de la alteracion de la sangre: bordada de ne-
gro, porque procura mortal daño: ciega con es-
puma en los labios, porque vēcido el hōbre della
pierde la luz de la razon, ò obra sin la singular po-
tencia del alma, que es el entendimiento: có una
cabeça de Rinocerote por tocado, por ser animal,
que airado tarde, es ferissimo airado: en edad ju-
venil, porq la poca edad (qual), la del Principe Aló-
so) es prontissima à airasse porla hervor de la san-
gre. Tiene mucho parentesco con la colera, q es
una alteracion de sangre, que corre en torno al
coraçon, pidiendo vengança, ò formado el deseo

A della; i representandose siempre justa: pintasse
tambien juvenil, desnuda có espāda en acto de in-
vestir: có un leon a un lado, por ser fiera iracunda:
al otro un escudo có una llama en la mitad del, por
el calor q le predomina incitandole. Vease a Ri-
pa en sus imagenes. El mayor peligro de la ira, o
colera, es el de representarse justa a quien se vence
della (como aquí sucedio a don Alonso) porq no
dexádose conocer, no se dexa resistir; i si se conoce
sobre la ejecucion, tal vez se bueve cótra su exe-
cutor, como sucedió a Alexádro, que dando con
el la muerte a Clito a quien no devia darla, se
queria matar a si propio con la misma arma, con
que le mató. I ay desto algunos exemplos.

TMas de Dios soy ving. &c. Vease esta ven-
gança en las e. 6 9. i -.

TTanta veneraçāo a os Pays se deve. Pudo
tener razon el Priucipe don Alonso, para oponerse a su madre, por lo que tocava a su derecho, en la sucession: pero no la pudo tener para tratar la mal, si lo hizo como sustenta la tradicion. Porq
contra los padres; aunq sean malos (lo q no cō-
curria en Teresa) no puede el hijo levantar la ma-
no, ni aun blanda, quārto i mas cruelmente, ni de-
sobedecerlos sin grandissima nota. I es titulo tan
ilustre el de obediente a los padres, q uno de los q
la Escritura sagrada dà al propio Christo, es de q
fue obediente a Dios Padre hasta morir: i es ac-
cion tan merito ia, q la nūsima escritura dice, que
quien honrare verdaderamente a sus papres ten-
dra larga vida sobre la tierra: *Erit longævus su-
per terram.* I pues el Rey don Alonso tuvo tan
larga vida, q dizen los Escritores llegò a noventa
i un años, de creer es, que no desobedecio a su
madre con tal exceso, que no la mereciese, i que
la fama desto fue creciendo desproporcionada-
mente, i q el trabajo q tuvo en Badajoz, fue bastan-
te castigo de lo que pudo ser: aunque por mayor
tencimos el de venir a parar esta noticia en la piu-
ma de Ravisio, para poner a dñ Alonso en su Ofi-
cina debaxo del titulo de los desobedientes a sus
padres: *ta memoria q durará, mientras duraren las
letras: para q teman todos el caer en el tintero de
los Escritores: poi q con verdad, o siue la, serán in-
famados.* En este verso, que es como el ultimo, tā-
bien de la e. 15. está executada la figura Epifone-
ma, al modo que en Virgil. En. 1. *Tantæ molis
erat Romanarū condere gentem.*

XXXIV.

EEys se ajunta, o soberbo Castelhano,
para vingar a injuria de Teresa,
contra o tam raro em gente Lusitano,
aque nenhum trabalho agrava ou pena.
Em batalha cruel o peito humano,
ajudado da Angelica defesa,
nam sò contra tal furia se sustenta,
mas o enemigo asperrimo affugenta;

VEIS se junta, se acerca el soberbio Castellano para vengar la injuria de Teresa, contra el Portugues, tā raro en gente, a quien no agrava, o pesa algun grave, i ponderoso trabajo. El humano pecho ayudado de la Angelica defensa en cruel batalla, no solo se sustenta contra tal furia, sino que ahuyenta, pone en huida el asperrimo enemigo.

¶ Eis se junta, &c. Esto es, que la Condesa D. Teresa, viéndole apretada de su hijo, llamo al Rey D. Alonso de Castilla, que baxando con gramo, fue destruido en los campos de Valdeves entre Duero i Miño el año 1128. Vitoria primera insigne de nuestro Principe D. Alonso, que el poeta buelve a memorar en la e. 16. del c. 4. en bellissima ocasión.

¶ O soberbo Castelharo. En la e. 24. del c. 4.

¶ A injuria de Teresa. Supuesto lo dicho en la e. antecedente, mucho mayor es la injuria que el hijo se haze a si propio, que a los padres, quando les desobedece assi figurosamente. Agora no pue do dexar de añadir, por ser doctrina importante esta: que hubo Republicas bien ordenadas, en que no se avia puesto pena a hijos que cometiesen crimen contra sus padres, porque se persuadian, que jamas podia suceder semejante crimen. a que sirve grandemente aquel maravilloso juicio del Rey D. Pedro de Portugal, que sabiendo que un hijo avia puesto la mano con ira en su padre, entró en si me pensamiento, de que no podia ser su hijo; i haciendo venir delante de si la madre, le pregunto quien era el p.dre de aquel hijo. Dixo ella que su marido; replicò el Rey, que no podia ser que lo fuese; porque si lo fuera no podia cometer tal crimen: i apretandola por la verdad, vino a confessar que el padre era un Religioso, de que resultó una sentencia algo dura, pero digna de memoria, aparte de la de Salomon, para conocer cuyo era el niño sobre que pleyteavan aquellas dos mugeres. De manera, que levantar el hijo la mano, i aun los ojos atados contra su padre, es inferencia de que no es su hijo, i es crimen totalmente bestial, aunque el hijo sea bueno, i malo el padre: i por esto el poeta como doctor, vivo de ingenio, i juicio, añadió aquel posteror verso de la estancia passada, a lo que iva refiriendo. *Tanta veneracam, &c.* Como si dixerá: Aun assi mala como era Teresa (supongamoslo) era madre; i quiete Dios, que el hijo mi re mas a esto, que a efforro: i porque D. Alonso no lo hizo, fue castigado come de la mano de Dios.

¶ Tam raro em gente Lusitano. En tres maneras quiere el poeta, que le entendamos en este lugar, como en muchos deste Poema, en que siempre se duplican las sentencias. Sea la primera, ser poca (eso es rara) la gente con que se hallava el Principe Alonso, para resistir a tanta como traia el Rey de Castilla. Sea la segunda mostrar el P. que en esa gente rara, poca, o pequeña, en quanto al numero, avia raredad de valor, en quanto al

A animo. Expliquese el P. a si mismo con algunos lúzares. En la e. 10. del c. 1. hablando con el Rey D. Sebastian, le dice que despues de ver en este Poema los hechos de su gente podrá juzgar bien qual es mejor; si ser Rey della sola, si de todo el mundo: i en la 146. del c. 10. suponiédo que ya conoce su gente, le dice que pondere, como el lo lo es Rey de vassallos exce.entes: i en la 42. deste, dice, que aunque el exercito Portugues era pequeño en cantidad a respeto del de los Moros, era grande en esfuerzo: i en la 99. pondera, que nunca fue de Portugueses temer poder grande, por verse pocos, y con esto fenece la 36. del c. 8. Vease lo que se dice sobre cada uno dessos lugares; i se verá con claridad la razon con que el poeta celebra aqui la poquedad, porque con ella son los Portugueses raros en el mundo, i por esto sus Príncipes raros (esto es felices) en ser señores de tal gente. No ha entendido el Poeta, quien en algunas ediciones mudó ei, em gente, en ingente. La tercera explicacion, i que mas me agrada, sea sin atender a la poquedad de la gente, sino a su natural valor, con que se haze rara en parecerse a la palma, que con el mayor peso se levanta mas. Este entendimiento afiança el poeta, con que despues de aver dicho, que la gente Portuguesa es rara, dice luego lo en que lo es, que es en que no la agrava, ni le pesa ningun trabajo inmenso: pues viendo caer sobre si un peligro tan grande, como el de tan grande exercito de su enemigo, no affloxxava de su animo. Pruevolo con el mismo poeta, que en el c. 10. e. 18. al caerse todo el poder Malabar sobre Duarte Pacheco, usa del propio estilo para exprimir su valor. Vease en los primeros tres versos.

D *A quem nequam trabalho, agrava ou pesa.* Asi en la e. 18. del c. 10. Al modo de Virgil. 6. *Nonnulla iaborum, &c., Nova misericies, inopina ve surgit.* I casi có las mismas palabras de mi Poeta, el grá Tasso Liber. c 19. e. 36. Con quella man cui nessun pondo è grave.

E **¶ O peyto humano:** Asi en la e. 69. del c. 2. i el flaco que allá se junta al pecho humano, se ha de suplir aqui, i luego corre como allá; que es dezir: Esta poquedad de Alonso fue socorrida del divino aliento, para conseguir esta vitoria: porque al fin era Alonso un hombre humano, aunque có todas effas calidades: i assi a no ser ayudado de ma no superior, no pudiera vencer tanta gente.

¶ Ajudado da Angelica defesa. Puede ser que no lo dice a caso el Poeta, que porventura tendría alguna noticia, de que assistió algún Angel a D. Alonso en esta ocasion como despues en Santaren, quando al dar la batalla fue visto a su lado pelear un braço alado, con hermosa espada, todo de oro, de quo resultó la Orden Militar, instituida por este Principe, llamandola de la Ala, en memoria de tal suceso. I aunque esto era entre Moros, i efforro de Christiano a Christiano, los juizios de Dios son incomprehensibles: i el vencer tan poca

poco gente a tanta, i valerosa, parece no pudo ser en los terminos de la umanidad.

¶ *A ferrimo:* Dudo a qual toca; si al Portugues, si al Castellano: á este par cõ cosa que importa poco.

XXXV.

Nam passa muito tempo, quando o forte Principe, em Guimaraens està cercado de infinito poder, que desta forte foy, efaizerse o imigo magoado. Mas com se offerecer à dura morte o fiel Egas Amo, f. y librado; que de outra arte pudera ser perdido, segundo estava mal apercibido.

NO passò mucho tiempo, quando en Guimaraens el fuerte Principe se vio cercado de infinito poder: que desta suerte fue a rehacerse el lastimado enemigo. Però con ofrerecer a la dura muerte su fiel Ayo Egas Moniz, fue libre: que de otra manera pudiera perderse, segun estaba mal apercibido.

¶ *Nampissa, &c.* El Rey don Alonso de Leon lastimado con la passada perdida de reputacion, i gente, bolvio potentissimo el año siguiente de 1129. sobre nuestro Alonso, que estava en Guimaraens, sin pensamiento de tal buelta. Acampose el Rey en contorno, i reduxole a tanto aprieto, que sino fuera su Ayo Egas Moniz, resolvienose a lo que luego al abaxo veremos, totalmente quedara su Principe en las manos del Rey, i al arbitrio de sus enemigos.

¶ *De infinito poder.* Dos terminos retoricos abraça este lugar: uno la figura hiperbole, exagerando la grandeza del exercito: otro la especie del tropo sine loque, quando se pone el numero infinito por el finito.

¶ *O imigo.* Especie tambien de ese tropo, tomado el finguiar por e plural; Leones, por Leonenses, que este era el enemigo: i tambien parte de metaplasmos, que es abreviando la palabra, diciendo, *imigo*, por *inimigo*, i llamarse sincopa: i unas se atan por costumbre, que tiene fuerça de ley, i otras por necessidad del numero metrico: i aqui es por lo uno, i por lo otro: porque en Portugues se dice vulgarmente: *Imigo*.

¶ *Amo.* Quiere oy dezir Amo el marido de la muger, que dà leche a algun hijo de otra persona, llamandole Ama. Però antigamente, queria dezir Ayo: gran lugar en la casa Real, i esse tuvo Egas Moniz con su Principe.

XXXVI.

Mas o leal vassallo conhecendo, que seu Senhor nam tinha resistencia, se vay ao Cstelhano, prometendo que elle faria darle obediencia.

A Levanta o inimigo o cerco horrendo, fiado na promessa, e conciencia (to de Egas Moniz. Mas nã cõsente o peido moço illustre a outrem ser fogoito.

PErò el leal vassallo conociendo, que su señor no tenia resistencia, fue al Castellano, prometiendole, que haria con su Principe ie obediesse. Levanta el enemigo el horrible cerco, fiado en la promessa, i conciencia de Egas. Pero el pecho del ilustre moço no consiente en ser su geto a otro.

¶ *Mas o leal vassallo conhec. &c.* Egas Moniz viendo que su Principe no tenia sustancia bastante para defenderse del Rey que le tenia sitiado, resolviose en librarte con exponerse al mayor peligro que puede aver, que es el de la honra, i de la vida. I sin comunicarlo a nadie, se fue secretamente a hablar al Rey, i le prometio, que avia de hacer con el Principe le reconociesse superioridad: i el Rey tomando la palabra, i la mano solenemente a Egas levanto el cerco, i fue. No altere nada de lo dicho a los atentos a regar estos sucessos: que yo hablo con la regla, i el compas en la mano, i luego se lo mostrare ai abaxo.

¶ *Cerco horrendo:* Por dos razones; una porque era mucha la gente, de que estaba ceñida la plaza; otra porque devia ya picar la hambre a los ceñidos, que es horrendissimo garrote.

¶ *Conciencia.* Aqui pudo estar en vez de verdad, pureza, honra, que eran las tres monedas, que corrian en aquella edad de oro (ov a penas conocidas) i sobre que se fijavan to los los tesoros, i aun Imperios. Nuestro Barros Dec. 1. cap. 11. en este sentido usa de conciencia, diziendo: *Achou elle em sua conciencia, que nam merecia a honra da cavalleria, &c.* Hablando de un Cavallero, que no quiso ser armado con este titulo en grandes ocasiones, i lo vino a ser en otra que parecia no tan grande. El Tasso Liber. c. 7. e. 40.

Sdegno, vergogna, concienza, amore. Esto para los que dicen, que no vino aqui a buen tiempo a conciencia. Pero aunque como diximos aí, lo pudo usar en este sentido el Poeta, halareys explicacion mas propia, i delgada en la e. 39. i entonces me direys la conciencia, con que acusan al Poeta, los que la tienen tan escrupulosa, que m:ten esta en la balanca critica.

¶ *Mas nam consente, o &c.* Dice el Poeta, que el Principe quando supo q la causa de el Rey levatar el sitio, fue aquella promessa de su Ayo, no cõsintio en ella, i diola por ninguna; no le sufriendo la altivez reconocer a nadie. I es de creer, que ni el mismo Egas cõsintio con el coraçon en ello; i que solo trato de librarte a su Principe, suponiendo que tambien se libraria despues a si propio

pio con ofrecerse a morir como hizo. De modo, que con una accion suya, no faltó ni a la conservacion de la patria, ni al perdón de su Ca-vallero de aquel siglo, en que los avia tales. El Padre Brandam, no viene en que Egas hizo ofrecimiento al Rey de Leon, de que Alonso le reconoceria superioridad, sino en que con buenas palabras le obligó a levantar el cerco. Yo quisiera no escriptur jamás, sino glorias de la Patria · pero sin verdad no hay gloria. Ruego se vea lo que dice, por estas est. hasta la 41. i en particular en la 39. i en el c. 8. la 14. i que cada uno me censure lo dicho con todo rigor, como no aborreza la luz.

¶ Do moço. Moço llama el Poeta al Principe don Alonso, quando tenia algunos 36. años de edad: i sirve esto para ejemplo, de lo que pasa en esta caduca que vivimos. Moço le llama, porque entonces de muchos años, no se ponian capa los hombres: i oy a penas salen de la cascara, quando se ponen, no la capa, sino la toga. Moço le llama, porque aun no era casado, ni lo fue, sino despues de siete años de Reyno, i 57. de edad, siendo Principe de cuya sucesion pedía el progreso de su Corona, i gente; i oy a penas salen de las mantillas algunos escuderos (ya no digo Principes) quando se entran en los thalamos, i logran Dignidades grandes, sin saber lo que logran, ni en lo que entran; en virtud de Padres, que de ambiciosos, i palmados, i ciegos, estudian como prevenir la voluntad de Dios. Que dese el resto a los politicos, i judiciosos.

XXXVII.

Chegado tinha o prazo prometido,
em que o Rey Castelhano ja aguardava
que o Principe a seu mando sometido,
lhe desse a obediencia que esperava.
Vendo Egas, que ficava fementido,
o que delle Castella nam cuidava,
determina de dar a doce vida,
a troco da palavra mal cumplida.

Tenia llegado el prometido plazo, en que el Castellano Rey ya aguardava, que el Principe sometido a su mandado, le diera la esperada obediencia. Viendo Egas, que quedava fementido (lo que del no pensava Castilla) determinó dar la dulce vida a traeque de la mal cumplida palabra.

¶ Chegado tinha o prazo, &c. Por la cuenta entre el Rey, i Egas Moniz hubo señalar tiempo al cumplimiento de su palabra: i de creer es, que fue así: porque en semejantes cosas no puede faltar el poner termino. Llegado este, i viendo Egas que la premessa no se avia de cumplir, no quiso que su palabra quedase no cumplida: i asy se resolvio en passar a Castilla del modo q luego

A veremos, exponiendo su vida a la voluntad de un Rey ofendido.

¶ Chegado tinha o prazo, &c. Virgil. En. 2.
Iamque dies infanda aderat, &c..

Lugar en vna relacion de Sinon hecha de si a los Troyanos, en cuyo lugar está aqui Egas, como se verá en esto. I tambien anduvo de buelta el suceso de Achemenides, quando en la isla de los Ciclopes apareció a Eneas en horriente trage, confessando que era Griego, i que se había hallado en la destrucción de Troya; pidiéndole, que o se vengasse en el, o tuviesse piedad de él: que es todo lo que sucede aqui a Egas. I ruego al judicioso Letor que vaya notando por estas est. la destreza, con que estan disfraçadas del poeta varias imitaciones de Virgilio: i de quanta es menester usar para conocer estos gloriosos huetos: que los patentes quien quiera los haze, i quien quiera los conoce.

¶ Fementido, o que delle Castella nam cuidava. Tenia Castilla gran conceto de Egas en la verdad (eso es no mentido de fe, o fementido) i el no quiso perder esta opinião con Castilla a true que de vivir, sino arriesgar la vida por ella.

¶ Determina de dar a doce vida, atroco, &c. Porque el verdadero Heroe, como Egas, tiene hecho de resto la vida al jugar con la fortuna, i quando es tiempo, osadamente embida este resto.

XXXVIII.
E com seus filhos, e molher se parte
a levantar com elles a fiança;
descalços, e despidos, de tal arte,
q mais move a piedade, que a vingança.
Se pretendes, Rey alto, de vingarte
D de minha temeraria confiança,
dizia, eys aqui venho offerecido,
a te pagar com a vida o prometido.

I Con sus hijos, i mujer se parte a levantar con ellos la fiança, la promessa: i van descalzos, i desnudos: de tal modo, que mas movia a piedad, q a vengança. Dixo: o alto Rey! Si pretendes vengarte de mi temeraria confiança, ves aqui vengo ofrecido a pagarte la promesa con la vida.

¶ E com seus filhos e mol, &c. Hallareyslo asi casi, en la c. 14. del c. 8. Todo es imitando la venida de Sinon preso, i lleno de acciones lastimosas, para mover la piedad en los Troyanos en el lib. 2. *Ecce manus iuvenum interea post terga revinctum, &c.*

¶ Com elles, &c. Descubre el poeta la industria de Egas, i muestra que conociendo la grandeza del peligro, librò toda la esperanza de remedio en llevar su muger, i hijos, no dudando dc que la vista de los en tal estado avia de ablan-

dar al Rey, por las razones que veremos en la e. siguiente.

¶ Descalços e despidos. Descalços, i desnudos se presentaron Egas, i su muger, i hijos al Rey de Leon en su Corte, para que romasle en ellos la satisfacion que quisiese, por la palabra no cumplida: mostrando assi el gran Egas, que si su Principe pudo hacer, que no la cumpliese, no pudo quitarle ofrecer por ella su vida, i la de su muger, i la de sus hijos, que son la verdadera vida de los padres, i la que ellos mas sienten perder que la propia: i por descalços, i desnudos, se ha de entender aquí que ivan en el hábito, que van los ahorcados en Portugal, que es una vestidura blanca como disciplinante, en señal de mortaja, sin cubertura en la c. beça, ni en los pies, como difuntos; i la soga al cuello, como condencados á aque suplicio: i desde la carcel hasta el lugar del van caminando a pie. Cosa que parecio dura de padecer a un Castillano condenado a esse genero de muerte en la Ciudad de o Porto, los años atras, i postrando, que no saldria de la carcel si no al uso de su tierra, adó de van cavalleros en botricos semejantes sentenciados, salió con ello, porque parecio mejor a los juezes violar la costumbre del Reyno, que exponerle a desesperación en aquel trance. Finalmente toda esta suerte de abito, i horroso espaculo, para en tales personas, le colige desta est. i de a 14. del c. 8. diz ésto: *Acorda ao colo, nu de seda e pano.* I de la memoria que ay, de que en su sepulcro estayan esculpidos desta manera. Esta terrible vista hizo el poeta a imitacion de la de Achemenides, como diximos en la est. antecedente, i la descripcion del se vea en la est 27. del c. 5. que haze allí a otro fin: i no quisiera copiar una cosa dos veces. No puedo contenerme de advertir, que el hábito de los sentenciados en Pottugal, de que aí diximos, i singularmente el ir descubiertos, i descalços trae su origen de la antiquissima costumbre del modo en que lloravan los viudos la muerte de sus mugeres, que se infiere del capit. 24. de Ezequiel, adonde muriende la Syria, le manda Dios, que escuse esse estilo: *Ingemiscet acens, mortuorum luctum non facies: corona tua circumligata sit tibi, & calceamenta tua erant in pedibus tuis.* I de aí se ve que habian (como tambien acá van hablando los justiciados) dolorosamente; pnes Dios le manda que calle: i tambien se ve, que con algun velo se cubrian el rostro; i que comian algo señalado para aquella ocasión, como tambien se haze con nuestros sentenciados, que los van alentando con alguna conserva, i vino, i llevan a las espaldas un capirote del proprio lienzo de la vestidura, con que les cubren los ojos al tiempo de ahogarlos. Ezequiel allí: *Nec amictu ora velabis, nec cibos irgentium comedes.*

¶ Que mais move a piedade que a, &c. Vease adelante e. 40. verso vñim.

¶ Rey alto. Corte de Maestro es a cni el título de aito, a tal tiempo: porque san pie terá baxo el que executare todo su poder en quien se nide, como ariestava el rey de Egas; i hizo el poeta con esta palabra la c. en la sentencia que verçys en el verso 2. de la est. 5. su ente.

¶ Se pretenderes d' virgarte, &c. Imitada es esta oración ee la del propio Acten en ridés alli.

*Pro quod s'eleris tenta e'g' ini' ria n'stri
Spargite ne ir fl: En s. r. as cq; in n'erigite f'oto,
Si p'rec manil u. homini m, pa'isse i'z'abit.*

¶ Demirha temeraria certian'a. Con gran pruvidencia hace el poeta, que Egas diga aquí esto: mostrando que su Principe no tuvo delta promesa que el hizo, i que la hizo como deseo de libertarle: i por esto le llama certiança temeraria, porque prometió traer esa en que era apretante, no vendría su Principe, aun en el aprieto del sitio, quanto mas en la libertad desahogada: i tambien finge el Egas, que tuvo esperanza de sugetarle al cumplir ésto, siendo assi que no la tuvo, porque tota mente trajo de engañar al Rey de Castilla, si bien con intento, de que le costasse el engaño la vida, como ya os comenzamos a decir en la e. 36.

¶ Eys. Usa el poeta algunas veces desta voz, i otras semejantes. Està con el sentido del, *Ecc* Latino, i en vulgo *Vays*, o *Ves*: como luego entra otra est. Ordinariamente se usa por comodidad del verso: i toda suerte de comodidad en el con añadir, o quitar letra a alguna voz, es parte de la figura, que los retoricos llaman Metaplasmos: i por dicha, que de aí se dice vulgarmente, de los que andan remendando sus acciones, que echan metaplasmas, o mas corrupro, cataplasmas: debaxo desta figura, cae lo que se llama sinalefa, sincopas, i par gojes, &c.

¶ Com a vida. Entiende particularmente la de su muger, i hijos: por lo que aí diximos sobre el verso 3.

XXXIX.

Ves aqui trago as vidas inocentes, dos filhos sem pecado, e da conforto; se a peitos generosos, e excelentes, dos fracos satifaz a fera morte.

E **Ves aqui** asmaõ, e alingoa delinquentes, en ellas sos experimenta toda a sorte de tormentos, de mortes, pello estilo de Scinis, e do touro de Perilo.

V **E**s aqui traygo las inocentes vidas de los hijos, i de la conforto sin cu'pa: si por ventura a los generosos, excelentes, i reales corazones satisfaze la fiera muerte de los flacos, de los que no pueden mas. Ves aqui las delinquentes manos, i lengua en ellas solas experimenta toda suerte de tormentos, i muertes: por el es-

tilo de Scinis, i de Perilo en la invencion de su toro.

¶ *Vos aqui trago as vidas inocentes.* &c. Pone Egas delante d'el Rey la muger, i los hijos, i con dezir e, que alli los tiene todos para atormentar los, le pide perdon con industria, por no pedirlo claramente: porque es accion, de que todo Heroe deve huir, por no mostrar, que conoce aver jamas cometido cosa que obligue a pedir veniam.

¶ *Dos hijos sem pecado e da,* &c. Asi en la est. 15. del c. 8. sin pecado los hijos, porque siendo de poca edad, no han llegado al conocimiento de la milicia: i sin ella no ay pecar. Vease lo dicho sobre la e. 35. acerca de la desnudez de Adan, i Eva: i acerca de poner los hijos delante en semejantes ocasiones; lo que diremos en la est. 127. Tambien sin pecado los hijos, i la muger (eso es consorte) porque no intervinieron en lo que su padre, i matido avia prometido al Rey.

¶ *Se a peitos generosos,* &c. Veis aqui la sentencia, que juega sobre el quicio de la voz, alto, de que usò el poeta en la est. passada, diciendo: Si a pechos altos, o bien de altos Reyes, agrada el cevarse en la vida de los rendidos, aqui nos tienes. Suponiendo con cuidado, i con grandeza de animo: porque vilissimo, es el de quien con poder superior gusta de cevarse en la vida, i honra del que puede poco, i mas rendido. I porque esto propiamente es accion de fiera, i tirania, industriosamente dice, *fiera muerte:* no por fiera al recibirla, sino al darla; i nego dice, que serà por el estilo que la davan Scinis, i Perijo, q era ferina, i tiranicamente, sin alguna justificacion, i a lo menos desnudos de toda piedad; lo qual no se esperava de un Rey Catolico, i politico, i generoso, i excelente, todo expresado en la voz, alto.

¶ *Vos aqui as maõs, e a lingua delinquentes.* Los sútiles nos digan agora, en que detinquieron las manos en aquella accion de persuadir Egas al Rey, que levantasse el sitio? Ya veo, que no lo saben, sabiendo tanto censurar; de que se ve, que es miserable ciencia el reprender a los Doctos. Finalmente yo se lo enseñare. Esto es, que el Rey no se fió solamente de buenas razones, sino que tomò las manos a Egas por empeño de la palabra: porque se usava mucho en lo antiguo el dar las manos en testimonio de lo prometido; i aun agora se usa el darlas, aunque el desempenarlas no se use tanto: i aun creo que le hizo jurar pondolas en alguna Cruz, o libro sagrado: porque esto nos enseña aquel verso de la est. 36. que acusa la conciencia de Egas, como quien parece se avia ligado a lo sacro de algun juramento solene, que no cumplido embaraça la alma (eso es conciencia) conforme la verdadera ley que professamos: aunque no lo enténdõ así un cavallero, que aviendo hecho con juramento grandes promesas a un hombre para reducirle a hazer lo que deseá-

A va, i no cumpliendolas, i siendo acusado delle, respondio: *Pues luego todo lo que se dice, es para hacerse?* I aviendo por crimen esta acusacion, bovio el cumplimiento de las promesas en solicitar la muerte, asegurando, que no se pecavz venialmente en darlas semejantes. Quien tuviere este animo cierto es, que no hará lo que está aquí h. ziendo el grandissimo Egas. Desta manera, pues, dice bien el Poeta, que fueron delinquentes las manos puestas en la del Rey, o en algun instrumento sagrado jurando. I no tiene duda que así avia de ser. Bueno es esto para aquel Autor ya dicho, que tiene hallado, que el Rey se fue per dido de amores de un elegante besamanos de Egas, como veremos sobre la est. 14. del c. 8. i creo que gustosamente.

¶ *Nellas fos.* Estremadamente expone la mujer, i hijos a la voluntad de la ira del Rey, pero al llegar a dezirle, que vengan todos los tormentos, que el quisiere, le ruega, que estos se ejecuten solamente en las manos, i lengua que delinquieron; porque el verdadero marido, i padre tendrá animo para ver matar a su muger, i hijos, mas no para verlos atormentar. Escusos ejemplos. Vease lo que diximos en nuestros discursos morales, i politicos a este propósito del amor entre padres, i hijos.

¶ *Scinis.* Era un ladrón cruel, que atava los hombres a las puntas de los arboles: llegandolas a tierra prendia en cada una un pie, o brazo; i luego soltando las se regalava en ver como al bolverse con violencia a su natural puesto, rompian los cuerpos a ellas atados, quedándose cada una con el quarto que le cupo en suerte.

¶ *Perijo.* Inventor de tormentos, que pidiendo a Falaris satisfaccion del toro de bronce, que inventò para dentro del atormetar los hombres, fue metido en él primero que otro, por mandado del tyrano. Si todos los inventores de tormentos oy en las casas delos Príncipes fueran así respondidos, no faltaran atormentados justamente, ui injustamente huviera tantos. Pero si los Príncipes se descuygan, Dios a veces obra por ellos; que en casa de uno vimos a pocos dias caer algunos en el laço, que andavan atmando pa a otros, con animo, no solamente injusto, sino traidor con exorbitancia desmedida.

E

XL.
Qual diante do algezo condenado,
que ja na vida a morte tem bebido,
poem no cepo a garganta, e ja entrecaga-
espera pello golpe tam temido. (do
Tal diante do Príncipe indignado,
Egas estava a tudo offerecido:
mas o Rey vendo a estranha lealdade,
mais pode enfim que a ira a piedade.

Qual

Q Val delante del verdugo el condenado que riene ya en la vida bevido la muerte, pone en el cepo la garganta, i ya entregado a la muerte, espera el temido golpe: Tal delante del indignado Rey estaba Egas ofrecido a todo: pero el viendo tan peregrina lealtad, dexò al fin poder mas consigo la piedad que la ira.

¶ Qual diante do algoz, &c. Compara el poeta Egas puesto delante el Rey airado, al que van a degollar, i poniendo el cuello en el cepo aguarda que el verdugo descargue el golpe: correspondiendo la comparacion con el habito en que a parecio Egas al Rey, que (como vimos en la e. 38.) era de condenado: pero condenado ilustre B le haze agora: porque este muere degollado, i esso especifica con aquello de *Poem no cepo a garganta*, porq como es notorio, sobre un palo se pone cinta, para q no se haga el golpe mas penoso co dar se en el ayre. Queda solo de duda, q si aqui como ilustre le compara al degollado, allà le hizo vestido, como el que va a la horca: siendo muy diferente el habito de los que van a degollar, que es ir vestidos, i calzados de luto, quando son caballeros notorios; que con otras personas de en medio, queda essa ceremonia al arbitrio de los jueces: i ya en Portugal vimos ir algunos a degollar con el habito de los que van a la horca C aviendo respeto con esta mediania, a la de sus calidades. Pero como las de Egas eran todas las grandes del mundo, no respeto el poeta a essa mediania en vestirle como al que va a la horca, i compararle como el que va al cadalso, sino que en virtud de la fe de Egas, le muestra rendido a la ultima miseria, i en consideracion de su persona le compara con los quilates della: y la comparacion es al modo de Petrarca soneto 22.

Ne lieto piu del carcere si differra

Chi intorno al collo bebe la corda avinta, &c.
I de Ariosto c. 2. *Qual il reo che al suppicio si avicina*, i de B. Tas. Florid. c. 3.

Qual prigioner che la sentenza attenda.

O de la morte, &c. Esta trasladada en la e 45. del c. 15. de su Amadigi.

¶ A morte tem bebido. Bevida terrible. Alude el poeta a dos cosas: una la costumbre antigua, que hubo entre algunas gentes de matar con bevidas venenosas; que propriamente era bever la muerte: otra a lo vulgar de decir de uno, que ha de passar algun trabajo, ya lo tiene bevido, o tragado: esto es, supuesto que ya tiene pasado lo que no puede dejar de passarse. Algunos lo hazen con valor, como Canio, que estando juzgado al Axedres se le notifico la sentencia de su muerte, i prosiguió con el juego. Mucho ay desto: i muchos Autores me estan haciendo del ojo, para que los cite, coechandome con la esperanca famosa de erudito: pero vayase el diablo para diabolo.

¶ Do Principe indignado. Bien dice indignado, porque era fuerza lo estuviesse el Rey por a-

A versele faltado a lo prometido en cosa tan singular, i tambien porque conforme a algunas memorias el Rey estuvo rezio ann con el laturoso espectaculo de la muger, i hijos de Egas, i queria matarle, pero aplacaronle los si yes ponderando el quilate de lealtad, i al contrario ay memorias de que ellos incitavan al Rey, que le matasen, i el no quiso: i esso sigue aqui el poeta: i esso se ha de creer, porque solamente es de animo Real esta accion.

¶ A tudo offerecido. Semejante en la e. 117. del 10.

¶ Mais pode enfim que a ira a piedade. Ya en 'a e. 38. verso parecido a aquel de Ariost. c. 7. *Ma potè la pietà piu che il timore.* I al contrario en el 23. e 7. *Ch'habbia in lei piu che Amor potro l'ira.* El Tasso Liber. c. 2. e. 55. *E piu che il timor poteo l'osdegno.* I al pie de la letra can. 20. est. 97.

— Ira e pietade.

A varie parti in un tempo l'affretta.
Pero vease la sustileza de la imitacion de este poeta que realmente es en Virgil. 6. *Vicit iter durum pietas.* Lo cierto es, que el Rey en pe. donar a Egas, quedo no menos glorioso que el, con ofrecerse a su voluntad.

XLI.

O gran fidelidade Portuguesa, de vassallo que a tanto se cbrigava! q mais o Persa fez naquel'a empresa, onde rosto, e narizes se cortava?

Do que ao grande Dario tanto pesa, que mil vezes, dizendo suspirava, que mais o seu Zapiro sam prezara, D que vinte Babilonias que tomara.

O Gran fidelidad Portuguesa, de un vassallo, que se obligava a tanto! Que mas hizo el Persa en aquella accion adonde se corto las narizes, i el rostro? Suceso de que peso tan to a Datio, que mil veces suspirava, diciendo, que mas preciara ver sano a su Zapiro, que ganar veinte Babilonias.

¶ O gran fidelidade, &c. Exclama el poeta, (i con razon) sobre este memorando hecho de fidelidad ejecutado por Egas: i se deve ponderar, que fue aun mayor la fe, que guardo ai Rey de Leon en irse a poner en sus manos (podiendo no hacerlo) que la de libertar la patria: porque guardar la y con el enemigo es pondonor, i con la patria obligacion. Vease lo que diremos en la est. 14. del c. 8.

¶ Que mais o Persa fez naquel, &c. Abajo le nombraria. Es Zapiro, que sirviendo a Dario acampado sobre Babilonia, i viendo la dificultad de rindirla se corto las narizes, labios, i orejas, i entrose por la Ciudad, fingiendo que Dario le avia

avia mandado hazer aquello, acusandole de cruel, i tirano, i ofreciendole a ella contra el. Los Babilonios dieronle credito , i governandose por el, los engano de modo , que los vino a poner en la mano a Dario: el qual dezia despues, que mas quisierra sano a Zapiro, que veinte Babylonias ganadas Assi Herodoto al fin del lib. 4. Mirad agora, por vida mia, como es delgado nuestro Poeta. Zapiro con una mentira gloriola hizo a su Principe senor de Babylonias: i su senor viendole afeado, aunque gloriolamente , desseava antes su primera forma que aver conseguido el fruto de aquella accion. Bien. Mi Poeta agora ingeniosissima i delgadamente nos ensena la calidad del hecho de Egas Moniz , comparandole con el de Zapiro; significando con esto , que Egas fue a dezir al Rey de Castilla aquello enganosamente dandose (digamoslo assi) aquellas cuchilladas en su honra i verdad, solo por librart a tu Principe , siendo su intento, que nunca le aconsejaria cumpliesse lo que el agora prometia en su nombre : i creyendo q con sugetarse despues a aquel espectaculo horrendo con sus h̄ijos, i muger, quedava dando entera satisfacion a su palabra, como sucedio. Pero viendo el Principe Alonso, que un h̄ombre tan grande como este, por el , i por ti , se expuso a un acto tan afrentoso(a lo que entonces parecio) esta diciendo (en el ingenio de nuestro Poeta) que mas tomara no aver quedado con la gloria, de quedar se libre en Guimaraens, quando el Rey de Castilla se fue, que ver en tal estado a su Egas, que le hizo ir con aquella industria. Assi admirab emente dice este gran Poeta, mucho adonde pensareys q poco mas de nada. Miraldo os ruego otra vez en la estancia 15. del canto 8. en otra comparacion, i vereys como las anduve eligiendo a este proposito con gran cuidado.

XLII.

Mas ja o Principe Afonso aparelhava
o Lusitano exercito ditoso,
contra o Mouro que as terras habitava,
dalem do claro Tejo deleytoſo:
ja no campo de Ourique se assentava
o arrayal soberbo,e belicoso,
de fronte do inimigo Sarraceno,
posto q em forca,e gēte tampequeno.

Pero ya el Principe Alonso aparejava el Lusitano i dichoſo exercito, contra el Moto habitante de las tierras de la otra parte del delicioso Tajo. Ya en el campo de Ourique frente del enemigo Sarraceno se plantava el belicoso i sobervio exercito, si bien tan pequeno en copia de armas, i de gente.

Mas ja o Princ. &c. Subito passa el Poeta nuestro Principe vitorioso del Rey de Leon, sobre los Moros que ocupavan la fertilissima

A campana de Alentejo , que es adonde, en el campo de Orique, dio aquella memorada batalla, i vencio cinco Reyes con gente innumerab.

¶ Exercito ditoso. Quiere dezir aqui el ditoso, favorecido de la divina mano, assi en ser governado de tal Principe, como en posseer animo tan grande, en tanta pequenez. i ultimamente por aparecer sobre el el propio Christo a prometerle vitoria, i darle Rey, como luego lo veremos.

¶ As terras habitava dalem do claro Tejo. Las tierras que quedan entre el Reyno del Algarve, i el rio Tajo, que es Tejo en Portugues, se llaman de Alemtcejo, porque estan mas alla deste rio; digamos de la otra parte del: esto hablando a respeto de todo el Reyno de Portugal, que yaze de la orra parte, i dio por esta razon el nombre a estotra; que de los que la posseen, se llamaría impropriamente de Alentejo, si ellos no hab'assen a respeto de la tierra que le dio el nombre. Esta tierra, pues, assi llamada, estava llena de Moros; i alla derermino el Principe Afonso irlos a buscar, como aqui dice el P.

¶ O arrayal soberbo e belicoso , posto q em forca e gete ta pequeno. Entiede del exercito del Principe D. Afonso, a q llama pequeno en fuerça i gete, hablado a respeto del Moro, q era ta copioso, que para cada un Portugues avia cie Moros , siendo el Christiano de hasta doze mil hobres, q no era pequeno a respeto de q todo Portugal no es grande; i de q entoces no llegava a la mitad lo q el Principe nosseia: en algunas ediciones no dice, em forca e gete, como hallo en el original, sino, em forca grande, i tegolo por mejor: porq el inteto del P. es de zir, que si bie era pequeno en numero el exercito Christiano a respeto del barbaro, era grande a respeto de valor natural Portugues: i es pesamieto parecido al de Virgil. Geor. 4. Ingetes animos angusto in pectore versant. I En. 5. Exigui numero, sed bello vividavirtus, q es el verdadero lugar imitado. i tambien de Eltacio Theb. Maior in exiguo regnabat corpore virtus.

XLIII.

Em nenhua outra couſa confiado,
ſe nam no ſummo Deos q o ceo regia;
que tam pouco era o povo bautizado,
que para hum ſo cem Mouros averia.

E fulga qualquier juizo foflegado
por mais temeridade que oſadía,
cometer hum tamанho ajuntamento,
q para hum Cavalleyro ouvesse cento.

*C*onfiado en ninguna otra cosa , ſino en el ſummo Dios, q rige el cielo : porq ta poco era el bautizado pueblo, q para un Christiano avia cie Moros. Qualquier foflegado juicio juzga por mas teneridad q oſadía, el acometer un exercito tan grande de barbaros, que en el avia cien cavallios

llos para cada uno de los Portugueses.

PEmnen búa out, &c. Era grande la Fe del Principe don Alonso, i viendo la pequeñez de su exercito a respeto de su enemigo solo ponía su esperanza firme en el Dios de los exercitos, supuesto que peleava contra los enemigos de su Ley verdadera.

PDeos que o ceo regia. Rigiò, rige, i regirà siempre: esto quiere decir con la licencia poetica que apuntamos sobre semejante lugar de la est. 12. del c. 2. I no me quiero escusar de poner aqui un lugar semejante del gran Tasso Liber. c. 14. est. 2. Se deva al suo governo il Rè del modo, a donde lo mismo es el, se deva, que aqui el rigia, i allà el governava.

PQue tam pouco era o povo bautizado: Assi en la est. 24. del c. 1. es perifrasis del exercito Catolico, de cuya Religion es fundamento el baptemismo.

PQualquer juizo soffegado. Bien dice sosegado: porque juizios sin sosegio, o reposo, no pueden juzgar bien de nada.

PPor mais temeridade que, &c. Esto está dicho conforme a lo que afirmó el propio Rey don Alonso en su juramento, que dice assi. Yo estava con mi gente en el campo de Orique, para dar batalla a Ismael, i a otros quatro Reyes Moros, que C tenian infinitos millares de hombres. mi gente temerosa co la multitud estaba triste. i dezia ser temeridad acometer tal guerra, &c. Ercilla parece trasladar el verso c. 17. mas por temeridad que valentia.

PQue parabum Cavalleiro ouvesse cento. Pareció bien al gran Tasso Liber. c. 20. est. 24. proponer tambien esta diferencia de numero, Che puote un contra cento, &c. Ercilla c. 5. Para un solo Espanol cincuenta avia.

PHum Cavalleiro. No entendays por Cavalleiro, aquin sino ginete, o hombre de a cavallo: porque en Portugues, por qualquier hombre, que se pone a cavallo, se dice es bueno, o malo, o mal cavallero: i a lo que en Castilla dizen Cavallero por titulo de nobleza ilustre, dize Fidalgo el Portugues, i Escudero, a lo que en Castellano le dice Hidalgo.

XLIII.

Cinco Reys Mouros sam os enemigos,
dos quais o principal Ismar se chama;
todos experimentados nos perigos
da guerra, onde se alcáça a illustrefama.
Seguem guerreiras Damas seus amigos,
imitando a fermeza e forte Dama,
de quem tanto os Troyanos se ajudarão,
e as que do Termodonte ja gostaram.

LOs Reyes enemigos son cinco: de los cuales el principal se llama Ismar: todos experimentados en los peligros de la guerra, adonde se al-

Tomo 2.

A cança el ilustre nombre. Signen guerreiras damas a sus amigos, imitando a la bella, i valerosa eama, de quien se ayudaron tanto los Troyanos: i a las que ya gustaron del tio Termodonte.

Ismael. Ismael quiere decir: i era el Emperador de toda essa Morsina dividida en diferentes Reyes, de que eran mayores, quatro.

Da guerra onde se alcança a illustrefama. La verdad pura es q no ai cabal nobleza militare, a donde el principio no es de hazañas militares. Que diran a esto algunos que embueltos en la Tonga estã passando el tiempo en desestimaciones de aquellos que vienen co las señales honorosas dela sangre derramada en servicio de su Principe, dexandolos no solo sin el premio, que fue instituido para ellos, sino exponiendolos a desesperación con los tratamientos diuersísimos.

Seguem guerreiras Damas, &c. El Poeta en este c. i eu el 4. pretendio clericivit hechos militares, como Virgilio en sus tres ultimos libros, i quiso que tambien en ellos huyesse Damas belicosas, a imitacion del propio Virgil. Mas conociendo, que en guerras sagradas no convenia especificar con particulares pinzelies acciones, i adornos feminiles, no hizo mas de ayunciarlas. Esto conoció tarde el gran Tasso, que aviendo introducido aquellas Damas, tal vez lascivamente, en aquella accion sagrada, i perdido despues algo del juicio, i conociendolo lo attribuya a castigo de Dios por aquello, i dezia: Così ha voluto Idio, per che io he profanato il suo sacro Poema. Esto venimos a saber aqui en Roia, de quien le conoció: para que veâ los Autores si les conviene mirar como introduzq lascivias, a lo menos en escritos de acciones Catolicas. Pues si en estos exercitos hubo Damas, i en los antiguos de Portugal no falaron las Portuguesas, que mas de una vez degollaron tercios de Romanos: i tenia el Poeta bonifísimos fundamentos, i ocasion para pintar hermosuras armadas (que a la verdad combiden a pintarse, i incitan a leerse pintadas) i no lo hizo (sin duda por reverencia desta accion Católica: tanto que en ella apareció Christo) quié podrá creer que en aquella Venus, i Ninfas de los cantos 2. i 9. fue lascivo su pensamiento, siendo esta Venus la protectora de la vandera de Christo, q passava al Oriente, i las Ninfas ya socorros, ya premios de quien las passo? Por cierto nadie con buen discurso. Pero passando a lo que dice nuestro texto, parece q dâ a entender, q en los exercitos Catolico, i Barbaro avia Damas igualmente: que quanto en el barbaro claramente dice, q las huvo; i las historias no lo deixan de decir. I a la verdad el averías en los exercitos, asi como tiene muchos, i grandes inconvenientes, otras conveniencias tiene: i entre ellas por vertura conoció los antiguos aquella de q ay muchos hombres que ni por su Dios, ni por su Ley, ni por su Principe, ni por su patria, ni por su honra tienen animo para dar un paso, i por el gusto de una mujer

E Cc

si ; i tanto mayor , tal vez , quanto ella es menos nrodesta : lo que el Poeta dà a entender , diciendo , que estas seguian amigos , no parientes ; no esposos , no hermanos : i assi eran amigas : que es lo mismo , que immodestas , libres , lascivas . I esto se estiende oy hasta a los actos de devocion ; en que venios a algunos salir vestidos como locos : porque los han de ver mugeres locas , i abrirse a azotes , porq; ellas los miran , i no porq; ellos se miren a si . Santo Dios ! Dice al que conocieron los antiguos , que para animar la gente de guerra era bueno dexarla llevar damas . Dixelo por aver leido que Platon ordeno , que ellas se halassen algo cerca al tiempo de pelear , i ninguna pudiese negar un favor de boca al Ciudadano , que lo apeteciesse . suponiendo , que era aquel un empeño , que obligava a cada uno hazer maravillas , por bolverselo a pagar con algun despojo : i de aí levian toniar los libros de Cavallerias aquello de embiar los vencedores a sus amadas los vencidos . peleando , parece , mas por agradarlas , que por ilustrarse . I assi solia dezir un gran hombre , que para que uno peleasse valerosamente le avian de poner al lado la amada . Burlavaisse ; digo , no lo dezia , porque se hiziese ; sino por mostrar , lo que un amante obra por el objeto de su amor . Sea me licito , que dexe aqui dos exemplos notables : i quando no me lo séa , yo me lo concedo en premio de quanto me resalto en todas estas notas a no decir todo lo a que me combidian las ocalfonies del texto , i dellas ; por no moler a los que leen con sefó . Digo assi : Quando en las fronteras de Africa peleava el valiente Portugues Nuño Fernandez de Ataide , salió un dia , i segun su costumbre , hizo buen estrago en una vanda de Moros . Seguió al Caudillo dellos una Mora de gran belleza , como amiga suya , i viendole casi vencido de Nuño le corrió con dentiestos : i finalmente concluyó , diciendo : Assi , assi . Eso es lo que tu bazes por mi . Entregame este dia a la esclavitud , que eso deves tu de fear sin duda alguna . Entróle de nuevo al Moro el amor , o el demonio por los poros , i respondióla : Calla Celinda , que el dia no es acabado , i el vencer viene del cielo , i el valor esta en este braço , i tu bermosura en este pecho . I bolviéndo a la escaramuza arrojó un dardo , con que mató al famoso Capitan Nuno Fernandez , que era el astombro de la Morisma . Quando el famoso Tristan de la Cuna acompañado del grande Alonso de Albuquerque destruyo las Ciudades de Lamb , Oja , i Brava , fueron algunos Cavalleros siguiendo por un bosque los barbaros que huian . Jorge de Silveira encontró con un Moro principal que llevava consigo una moça bella , a la qual hizo señas , que se pusiese en cobro mientras el entretenia a Jorge de Silveyra , exponiendo su vida al hierro enemigo solo por salvar la amada . Pero ella viendolo darse al peligro por su defen-

A sa , dixo que no queria vivir sin el . I el generoso coraçon del Portugues (merece eterna memoria) viendola abraçada con su amante , embrazó la ira , i dijo : Nunca Dios quiera que yo aparte tal amor . I les hizo señas , que se pusiesen en salvo . Barros Dec. 2. lib. 1. cap. 3. Tanto pueden las amadas con los amantes , tanto hacen los amantes por las amadas . Vease para esto lo que diremos en la estancia 37. del o. 9

G Imitando a forte dama . &c. &c. Dice , que estas damas , que iban en este exercito , imitavan a Penthesilea , que hermosa , i guerrera peleó valientemente , por los Troyanos , i a las Amazonas , que vivieron junto al río Termodonte , que corre por Asia , en cuya margen edificó Themis zira , Capitana dellas una Ciudad de su nombre , notable , i escuela de sus exercicios militares . Ver a Diodoro lib. 3. En los ojos , i en la mente tuvo el Poeta a Virgilio quando dijo esto lib. 11.

**Quales Threicia cum flumina Tbermodontis
Pulsant , & peditis bellantur Amazones armis
Seu circum Hypoliten , seu cum Martia curru
Penthesilea , &c. &c.** Assi las dà tambien a conocer Juan Antonio Benalio en la canción , que comienza : Or debbo , &c. L'ardite donne fù il bellico Termodonte . Ya parece , que molesta el decir , que las Amazonas se llaman así de traer cortada la tête derecha por no impedirle el juego de las armas . Tampoco nombrare Autores , que hablan dellas por mostrar me visto , pues sin verlos podia nombrar muchos , en fe (coino hazen otros) de que avra pocos que no hablen dellas .

XLV.

A matutina luz ferena , e fria ,
as estrellas do Polo ja apartava ,
D quando na Cruz o Filho de Maria ,
a mostrando se a Alonso o animava .
Elle adorando a quem lhe aparecia .
na Fé todo inflamado , assi gritava :
A os infieys , Senhor , a os infieys ;
e nam a mim que creyo o que podeys .

V A la matutina , fria , i serena luz apartava del Polo , del hemisferio las estrellas , quando el Hijo de Maria puesto en la Cruz mostrandose a Alonso le animava . I el adorando a quien le aparecia , todo inflamado en la Fé , le dezia . A los infieles , Señor , a los infieles , i no a mi , que firmemente creo lo que podeys , lo que soy .

¶ Amatutina luz , ser , &c. Acabavale (que era decir) la noche , i amanecia , quando apareció Christo en el ayre puesto en la Cruz colocado sobre nubes de Angeles , i ceñida de otros en guarnicion de resplandores ; i le habló

blò Alonso osado en la Fè del modo , que se sigue . El termino , con que describe el Poeta el tiempo desta aparicion , mira a Virgilio en el 3 . *Rubefebat stellis Aurora fugatis . I en el 4 . Humentemque Aurora polo dimoverat umbram . I a Ovid . Met . vitim . Postera sideros Aurora fugaverat ignes . I a Seneca en Octavia al principio .*

Iam vaga cælo sidera fugens .

Aurora fugat . I a Danaz . Arc . prosa 2 .

La bella Aurora cacciò le nocturne stelle . I a Ariosto c . 1 . E questo , fu nell' hora matutina . I en la vision es imitanuo la de Virgilio 8 . quando Eneas desanimado , fue fortalecido con apaterie Venus en un resplandor , mostrandole las armas , con que avia de vencer : i porque el modo de la vision , i palabras , que della llegaron a los oidos de Eneas son muy semejantes a lo que el Rey don Alonso afirmò con juramento aver visto , i cielo ; dexaremos aquí alguna parte de aquella lugar de Virgilio , en que describe una i otra cosa .

*Multaque dura suo tristi cum corde putabat
Ni signum cælo Cytherea dedisset aperto ,
Namque improviso vibratus ab æthere fulgor , C
Cum sinitu venit &c . Venus æthereos inter
Dea candit a nimbus , &c . Talibus affata , &c .
Ne mox aut laurentes , nate , superboos ,*

Aut aerem dubites in prælia poscere Turnum .

Agora venga parte de las palabras de la relacion del Rey . I mi gente (dice ei) llena de temor , con la multitud de los Moros estiva muy asfigida , i yo triste , i melancolico por esso que oia , &c . I subito vi azia la mano derecha contra el Oriente un rayo , cuya luz se hacia cada vez mayor : i teniendo los ojos fixos en el subitamente vi en medio de aquel rayo mas claro que el sol la señal de la Cruz , i a Christo en ella rodeado de multitud de mochos muy hermosos , que yo crei eran los Santos Angeles , &c . El Señor con voz suave me dixo , &c . Ten confiança Alonso : porque no solo vencerás esta batalla , mas todas las en que peleares contra los enemigos de la Cruz . Hallaras tu gente con alborozo , i esfuerzo para pelear . No dudes si ella te pidiere , que te nobres Rey , &c . No ay duda en que todo esto muy parecido . I aquello de Estrellas do Polo , &c . me persuade que imita tambien la vision de Iris a Turno lib . 9 . (despues que eila desaparecio .)

Agnovit iuvenis , d plicesque ad sidera palmas . S . fitit , ac talif . genitum est voce secubus . Iris , decus cæli , quis te nibi nubibus actam Detulit in terras ? medio d scindere celum Pallanteque stellas videt ; sequar omnia tanta Quisquis in arma vocas . A lo mas Virgilio , quando escrivio esto parece , que vió al Rey don Alonso delante de Christo : Por quales merecimientos (dice el alli le respondio) Señor , me hazey merced tan grande ? Haré todo lo q me mandais , &c . Que : aquello : Sequar omnia tanta quisquis in arma vocas .

Tomo 2 .

A *¶ Serena , e fria . El porque , se vea est . 92 . c . 2 . Matutina se dice de Matuta , que es otro nombre de la Aurora .*

¶ As estrelas do Polo apartava . La luz de la mañana , que se venia acercando , extinguia las estrelas del cielo : como esto sucede , se predio ver en la e . 67 . del c . 4 . sobre los dos versos ultim .

¶ O Filho de Maria . Perifrasis de Christo . Petrarca canc . 5 . Col Figiol glorioſo di Maria . El Portuno fol . 36 . Poi che il Figiol pietoso di Maria . Ariosto c . 41 . Si cred . i volea al Figlio di Maria . Juan Mozarelo en la cancion , que comienza : Terreno Giove . &c . Del Figiol glorioſo di Maria . Juan Andrea de Anguilara en el capitulo Beato , &c . Il Figiol glorioſo di Maria . Juan de Mena cop . 37 . Do fue bap . izado el Fi de Maria . B . T . 111 Am . lib . 2 . cant . 1 . Hor che contrasta il Figiol di Maria . Su hijo Liberi . c . 7 . cit . 74 . Ove il Figiol di Maria giacque . Esto importa poquissimo (como otras cosas que traigo pocas veces) pero traigo las para que le vea , como aun en esto tiene mi Poeta tantos compañeros grandes : i esto no hallado en tablas , o polianteas .

¶ Elle adorando a quem lhe aparece . &c . Como Virgilio a Anchises , pinta nuestro Poeta al Rey don Alonso , viendo a Christo en aquel aprecio . Anchises en el de Troya , via correr vns estrella , i tuvolo por felicidad , i fiador de escapar del peligro lib . 2 .

Hit vero vietus genitor se tollit ad auras :

Affiturque Deos , & Sanctum Sydus adorat .

Dij Patri , servate domum ; servate Nepotem El Rey alli : Poned Señor los ojos benignos en mi , tened en vuestra guarda la gente Portuguesa , &c .

¶ A os infieys , señor , a os inf . &c . Viendo nuestro Rey don Alonso , que Christo le aparecia , dia : I esto , assi como está escrito en su juroamento : Señor , para que me apareceys a mi Quercys aumentar la Fè en quien os creí ? Mejor sera que os Sean ossis infieles , para que os crezcan . Parece que hurtan iolo de la boca a David Palmo 113 . Non nobis Domine , non nobis , sed nominatio dà gloriā . Dizien tote al Rey Roberto de Francia , que fuese a ver el Niño Jesus , que aparecio en la Hostia consagrada , por ua Clerigo dudoso de si en ella estaba realmente Christo : Respondio , q .ae il amassen a los infieles , para ir a ver este milagro , i no a el , qite no dída la verdad Christiana . Pasimense la embidia ; en mudase la emulacion ; cierre la boca la impiedad , que niega esta aparicion ; i este colloquio ; porque todo el esto es firme en lo facil de la relacion , i en lo senzillo , i en la grandeza del hecho . Quien sinola ver tad desunda , podia ser Autor de una platica , en que parece que Alonso viendo a Christo delante de si le extraña el aparecerle a el , i no a los infieles , con una confiança , que parecio no habia con Christo , sino con otro hombre igual a si ? Q en avia de ser tan atrevida , que para

E *Ce 2 for-*

forjar una invencion llegasse a dezir tanto? Esto solamente lo pudo pronunciar la boca de la Fe, del fuego de la qual est.ava Alonso hecho una alcua: i por esto lo previno el Poeta , diciendo: *N a Fe todo inflamado.* I con ella tan estremada se pudo hablar con tanto estremo , que no con ninguna invencion atrevida , o insolente. Al fin todo el suceso esta siendo fiador de la verdad , i mostrando que Dios no se obligo a no hacer en una edad lo que hizo en otras , i que quiso que huviessc otro Moyses con su pueblo amado : porque sin duda ess' està aqui pareciendo Alonso con el suyo delante de Dios , tan ajustadamente, que esta , al parecer humano , demasiada confiança , con que Alonso le hablo, es muy semejante a la otra con que le hablo Moyses, quando le dixo . *Senor o aveys de perdonar a esta gente , o me aveys de quitar del libro de la vida:* Con que parece , que Moyses ya no ruega, si no que fuerça a Dios , i que se despide del : que cierto es un lugar de los mas notables de la Escritura sagrada. Vealo el curioso al fin del capitulo 32. del Exodus. Assi acá de la misma suerte assombra el juicio , que un hombre diga a Deus, quando le haze ta favor de aparecersele : *Alla . Señor , allá a los infieles , que a mi no ay para que.* Brevo a dezir , que solamente la verdad , i la fe ardentissima , i el jnizio de Dios incomprendible es el verdadero Autor de semejantes cosas : i que quien no se mueve más a admirarlas , que a contradezirlas tiene mucho de impio. Assi lo creo , i cada uno en lo que no es de fe, puede creer lo que quisiere. Pero conviene medir la incrudelidad , con el descurso. Yo siempre tuve para mi, que el Poeta anduvo con demasiada brevedad en describir esta estupenda aparicion , i batalia en solas diez estancias ; que por esto , i aver sido el fundamento deste Reyno , merecia un canto entero, ya que la de Aijuborrotta merecio la mitad de uno. Pero no es creible el particular estudio que el Poeta puso en no ser prolixo , conociendo lo mucho que en esso pecaron casi todos los Autores : i tanto, que hasta Virgilio en los quatro pestreros bros es menos gradable , que en los otros, procediendo esso de la repeticion de asaltos, de golpes, heridas, muertes , i otros acontecimientos militares, que en el son felizes a poder del felize ingenio, con que los fazono , quanto pudo ser: i en todos los otros Autores, principalmente vulgares de Italia son insufribles, tan to q ni la gran cultura del Tasso se limpio desto.

XLVI.

Com tal milagre, os animos da gente Portuguesa, inflamados levantavam por seu Rey natural, este excelente Principe, que do peito rapto amavam.

A Edizante do exercito potente dos imigos, gritando o ceo tocavam; dizendo em alta voz. Real,Real, por Alfonso alto Rey de Portugal.

B Inflamados con un tal milagro los animos de la gente Portuguesa , levantavan por su Rey natural a este excelente Principe , que dentro del pecho, en el coraçon amava tanto. I delante del potente exercito de los enemigos,tocaban el cielo con la grita , diciendo en voces altas.Real,Real por el alto Alonso Rey de Portugal.

C *Com tal milagre os animos.* &c. La gente del Principe don Alonso , no supo luego entonces este milagro:porque Christo solamente aparecio a Alonso , i el no se lo dixo ; sino quo esse proprio Christo que le aparecio a el, pudo, sin aparecer a su gente, fortalecerla de animo, para lo que luego obro : i esso dio a entender al mismo Alonso , quando le dixo , que si ella le pidiesse que se nombrasse Rey lo hiziese : i esto no se lo dixo Christo sin aver ya puesto en el coraçon de todos , que le diessen esse titulo , como se lo dieron. Este mi agro niegan algunos Autores , negandose a la p edad Christiana , sin dar mas razou de , *Para que avid Deus de baxer este milagro?* Preguntamos . Essos negadores no creen , que Christo , Maria , i muchos Santos aparecen a tal , i tal persona virtuosa . Si creen. Pues , que meritos tuvo essa persona , para aparecerle este Christo , i essos Santos ? Vivir mas ajustada, que otras con su Ley. Claro esta . Pues si el Rey don Alonso , no solo tuvo esse ajustamiento en manera , que es tenido por Santo , i fue hallado incorrupto en su sepulcro despues de casi quattrocientos anos. Si de Miranda carta quarta hablando de Coimbra adonde jaze.

*Cidade rica do Santo
Corpo do seu Rey primeiro,
Que inda vimos com espanto,
Ha tampouco tempo inteiro,
Dos annos que podem tanto.*

Sino que a esse anadio poner la vida , i el Estando por el propio Christo contra infinito poder con muy poco , de puro abrasado en su Fe, i amor : porque no le apareceria esse Christo? Porque no le haria favores? Porque? Aquella victoria , por ventura , no parece assistida de Christo? Con qual assistencia , sino con esta venceria un hombre a ciento? Pues cierto es, que mas de cien Moros avia alli para cada un Christiano. No lo puede ser bueno , quien du da esto contra la declaracion del propio Rey jurada solemnemente , que permanece en los Archivos Reales. Pues si se furdan , en que a algunas cosas apocrifas tiene la antiguedad constituyda

reydas en credito ; por ventura no esta ai de ayer la aparicion de la Cruz a Alonso de Albuquerque sobre el mar roxo , con las condicionez que ponderamos en la nota 1. a este Poema , siendo assi , que los milagros fueron mas frequentes en lo antiguo , porque era menester assi ? Digo mas una cosa que sera nueva , i tendra poca contrariedad. I es que parece fue permission de Dios , o providencia del Rey , no declarar esse milagro , luego antes de la vitoria , o despues della ; porque con esso passo la ocasion que le podia hacer sospechozo ; diziendo , que fue invencion de ambiciozo , para introduzirse con ella en el titulo Real , porque aviendose alcanzado esta vitoria el ano 1159. hizo el Rey el juramento de aquella aparicion milagrosa el de 1152. (que son algunos 13. anos de distancia) quando ya tenia los mismos de titulo sin contradiccion de nadie , i con aplauso comun : De manera , que para esso no tuvo necessidad de usar de invencion , quando esso lo fueria : i no le podiendo ella ser necessaria para otra cosa , queda claro , que no fue invencion ; pues se publico tantos anos adelante , de quando pudiera aver menester usar de alguna. I del mismo testimonio se ve que no se hizo con otro fin mas de ordenar el escudo de armas del Reyno , dando la razon de ordenarle de aquel modo : i para esso no necessitava de valerse de invencion alguna , sino de algun juicio cutios , sin que en esso de algun modo pudiesse aver contradiccion de nadie , ni ser menester fingir milagros . I con esta providente detension en declarar este , quedo tambien el Rey parecido a san Pablo , que no descubrio su rapto al tercer cie-
lo ; sino desde alli a quatorze anos , como se ve del capitulo doce de su carta segunda a los de Corinto , dicho acaso entonces , por permission divina , i no quando sucedio , porque no le diminuyesse el credito el dezitse subito , o cuydadosamente con la mira a algun particular : que todo es lo que puntualmente aca sucedio .

T *Os animos inflamados. Virgil. lib. 12. Attollitque animos.*

G *Principe que do peito tanto amavam. Al modo que en la est. 39. del c. 2.*

T *Gritando o eco tocavam. El Poeta en la est. 113. i en el c. 2. la 90. Veanse.*

T *Real, Real por Af. &c. Casi las propias palabras repite el Poeta en la estancia 3. del c. 4. Juan Yaguez en su Poema de los Amantes de Trelua. Real, Real, gritan, i aclaman. I es la sanguina Palilogia. En el Reyno de Portugal desde sus fundamentos se usa en la sucession de los Reyes , salir los oficiales de la Ciudad , o Regimiento a una plaza con vanderas al estilo militar , i bolteandolas , dizen en voces altas Real, Real por Fulano Rey de Portugal I con esso queda publico , qual es la persona a quien se ha*

Tomo 2.

A de obedecer , para que nadie pueda alegar ignorancia . Este modo de elegir Rey en este Reyno aprovo el propio Christo en la eleccion de Alonso Primero , como consta de las palabras , que le dixo , i quedan en essa estancia : i en continuacion desto nombraron los Portugueses Rey a don Alonso Tercero , por las llamadas insuficiencias de su hermano el Rey don Sancho Segundo . i con las armas en las manos , continuando essa possessio eligieron Rey a don Juan el Primer , i con las mismas eligieron a don Antonio , que no les valio , porque tenian otro a quien tocava de derecho la sucession , que no se podia contra venir . Esta forma de eleccion , parece fue imitada de lo que antiguamente hazian los Romanos en la de sus Emperadores , que por la mayor parte los eligian los exercitos , que entonces eran la sustancia del Imperio . Vase a nuestro verdaderamente judicioso docto D. Tomas Tamayo de Bargas en las notas a Luitprando , i en la adicon , que esta luego al principio para la plana 104. i con esso excuso la erudicion de las ceremonias , o palabras que usavan a la en este acto , i vengo a las nuestras . Real en Espana , quiere decir cosa , o propiedad del Rey : i essa es la razon de llamarle reales a las monedas , i vale esso , monedas del Rey , que tienen autoridad Real para correr . I oy en Valencia se conserva el llamar Real al Palacio del Rey , i vale aquello Real Casa : i los exercitos por la misma razon se llaman Reales , porque son propios de los Reyes . **Q** uiere , pues , decir oy aquellas palabras de Real , Real por Fulano , &c. Sea notorio a todos que ei exercito , el campo , las armas , i todo aquello que suele ser propio de los Reyes en este Reyno , lo es de Fulano , porque a el ha dado el pueblo , o el derecho , la Corona , i el poder , nombrandole por sucessor , para que todos le reverencien como a tal . I porque algunos no saben que quiere decir el Portugues , quando dice quinientos , o mil , o tantos reis , sepan que alla se llama Real a un maravedi , i que assi el decir tantos Reys vale tantos maravedis : i el Reys , es abreviatura de Reaes , o Reales , llamados assi por essa razon , que ai queda .

XLVII.

E Qual co' os gritos, e vozes incitado,
pelia montanha o rabido Molosso,
contra o Touro remete que fiado
na forca esta do corno temeroso.
Ora pega na orelha, ora no lado,
latindo mais ligeyro que forcoso,
ate q em fim rompendolhe a garganta,
do bravo a forca horrenda se quebrata:

QVal por la montaña el rabido Molosso invita lo con la gata, i vozes de los Misterios, asremete al toro, siudo ea la fuerça del tremebón: ora aza de la oreja, ora del lado, la tiendo mas ligero que fuerte, hasta que al fin rompiendole la garganta, se quiebra, astoxa la horrida fuerça del bravo animal. Tal el encendido estomago del nuevo Rey, por Dios, i juntamente por el pueblo acomete al apercibido barbaro, con el animoso, i rompiante exercito. En esto los perros levantan el alarido de la grito: tocan las armas unas en otras: hiere la gente: coman las lances, i los arcos: sienan las trompetas: todo lo armado i vacios intranecto; de guerra propuniendola.

¶ Qualco'os grit, &c. Compara el poeta co gran propiedad el Rey don Alonso arremetiendo con el exercito barbaro, al moloso, o lebrel, o alano arremetiendo al toro, porque el can de qualquier genero, siempre es menor que el toro: aviendo el poeta respeto a lo mucho, que era mayor el exercito Barbaro, que el Catolico, como dixo en la e. 43.

¶ Gritos pella montaña. Virgil. Georg. 3. Montesque per altos clamore. I la comparacion del alano se ve en el lib. 12. Venator cursu canis, & latratibus instat, &c. I tambien en la sen. 2. del acto 2. de Tiest. de Seneca.

¶ Qual o rabido Moloso. Orac. Epop. od. 6. Qualis aut Molossus, &c. Virgil. Georg. 3. Acremque Molossum. Orac. Sat. 6. lib. 2. Sene-
ca en Edipo acto 1. Lucano lib. 4. Tenet ora le-
vis clamosi Molossi. El epiteco de rabido le dió
Oracio epist. 2. Rabiosa fugit canis. Ovid. en el
2. de la arte: Fulmineo rabidos duren rotatore ca-
nes. I es tan propio del perro este mal, que solo
el le padece, como dice Galeno en el cap. 5. del
lib. 6. de locis affectis. I assi quando dezimos de
otro animal que rabia, es por translacion, como
se vera est. 37. del canto 4. Ariosto est. 10. del
canto 39.

Come Levrier che la fugace fera.

Correre in torno, & aggirarsi mira, &c.
El Varqui fol. 272. Al latrar de i Molossi,
&c. B. Tasso Amiad. canto 87. estan. 43 Con
quel furor che suol far gran Molosso, &c. Gar-
cilaso Egl. 2.

Como el lebrel de Irlanda generoso
Que el javali cerdoso, i fiero mira,
Rebatese, suspira, fuerza, i riñe, &c.

Molosso fue hijo de Pirro, i Andromaca: del se llamó Molossia aquella parre de Albania, que tiene este nombre: i en ella se crian perros de buena raza, i por esto se llaman Molossos: a que responden entre nosotros, los que llamamos Alanos, o Lebreles, que son los que se echan a los toros.

G Ora pega na orelha ora, &c. Parece se está viendo el Can con el Toro en esta batalla. Ariosto anduvo aqui canto 18. Chi morde al Tau-

Aro il doffo, e chila pancia. I en el c. 39.

Chi à visto Toro a cui si dia la caccia
E che al'orechia habbia le zanne fiere
Correr muggiando, e trarre ovunque corre
I cani seco, e non potersi sciorre, &c.

¶ Mais ligeiro que forcijo. Tambien con el respeto, que ai diximos de ser menor el poder del Rey, q el del Moro: constando esta vitoria menos de fuerça humana, que de gracia celeste.

XLVIII.

Tal do Rey novo o estamago acérido,
por Deos, e pello povo juntamente,
o barbaro comete apercibido,
com o animoso exercito rompente.
Levantam nisto os perros o alarido
dos gritos; tocam arma, ferre a gente:
as lances, e arcos tocam; tubas soam;
instrumentos de guerra tudo atroam.

LA explicación desta estancia queda en esto tra, por contener ambas una clausula ex-
celente.

¶ Tal do Rey novo o estamago, &c. Aqui está el estomago por pecho, o coraçon, como os mostramos sobre la estan. 39. del canto 1. i la 85. del 2.

¶ Acendido por Deos, e pello povo. Por Dios, porque le avia acabado de aparecer antes; por el pueblo, porque le aclamò Rey luego.

¶ Levantam os perros, &c. Tubas soam, &c.
Virgil. lib. 2. en la ruina de Troya: Exoritur cla-
morque virum, clangorque tubarum. I en todos
estos estilos parece que se está oyendo el estruendo, i la grito de instrumentos, i vozes militares.
Leanse con esta advertencia estos ultimos versos,
i serâ menester poner las manos sobre los oidos.
Es la figura retorica, que se llama Isocolon, o Còpar. Ercilla c. 9. En esto alçando un subito alarido.

¶ Perros. Lo mismo que canes, por la razon, que aduertimos sobre la e. 87. del c. 1.

¶ O alarido. Dicho con gran atencion; porque es propio de essos Moros, o Arabes essa maniera de grito perpetua, repitiendo el la, la. con vozes grandes, i confusas, que deve fer como llamar por Alá, que repetido apriessa no suena otra cosa, sino, lá, muchas veces: i de alí alarido. La grito en las batallas enciende mucho el animo: por esso la usan todas las naciones, tanto que Julio Cesar estrañó mucho el ver, que Pompeo en la batalla de Tesalia lugetó su gente a investir callada, con el exercito contrario. Los Romanos usavan esta grito con un genero de armonia, i concierto: i en esso se fueron muy semejantes los Portugueses antiguos: i otras naciones de España, como consta de varios Autores. Silio Italico descriviendo el exercito, que della llevò Anibal a Italia.

E

no se olvida de ponderar esta costumbre , i la de tocar las armas unas con otras antes de acometer el enemigo, o por festejo devitorio, con cierto compás, i numero.

¶ *Ferve a gente.* Assi de camino, es aquello no torio Virgiliano: *Fervet opus.* i el estar tatas clausulas en ellos 4. versos sin conjunciones , es por mostrar la priessa descrita en ellos, i la figura Asfineton.

XLIX.

*Bem como quando a flama q' ateada,
foy nos aridos campos (soplano
o sibilante Boreas) animada (do.
co' o vento o leco mato vay queymá.
A pastoral compánha, que deitada
co' o doce sono estava, despertando
ao estridor do fogo que se atea,
recolhe o fate, e foge para a aldea.*

*Bien assi como quando la llama fue asida en los
Baridos campos (soplando el sibilante Boreas)
i animada con el viento va quemando las se-
cas matas : i la pastoral compaña , que estaba
echada con el dulce sueño , despertando al cita-
llir del fuego, que se somonta , recoge la ropa , i
huye para la aldea. Desta suerte el atonito, i tur-
bado Mero toma las armas apriesa , i sin tiento:
no huye, antes esperando confiado arroja el beli-
geroginete. Encuentrale el denodado Portugues,
i atravi-ssale la laca por los pechos. Ya caen unos
medio muertos: i otros van implorando la ayuda
del Alcoran.*

¶ *Bem como quan, &c.* Note se la grandeza, i
facilidad, con que esta explicada esta compara-
cion imitada de Virgilio lib. 2. por Eneas en el
incendio de Troya.

*In segetem veluti cum flâma furentibus Austris
Incidit, aut rapidus montano flumine torrens
Sternit agros, sternit sita; etat boumque labores,
Precipitesq; trahit sylvas, stupet inficius alto
Accipiens sonitum saxi de vertice pastor.*

I En el ro. ay otra semejante. Dante en el c. 9. del
inferno.

— *Non altrimenti che d'un vento
Impetuoso per gli aversi ardori
Dinanzi polveroso v'è superbo,
Et f' fugir le fiere, & gli pastori.*

I En el canto 23.

*Come la madre che al romore è d'sta,
Et vede presso a se le fiamme acese
Che prende il figlio, e fige, &c. Nuestro gran
Bar. Dec. 3. lib. 9. cap. 3. como Historiador in-
genioso . Qual o que vendo vir de longe nuvem
carregada de agua, agram presa apanha e recolhe a
roupa. De todo esto se halla aqui unido feliz-
mente. Agora veamos al gran Tasso , que vino
despues en tal ocasion. Liber. c. 19. c. 4.*

Tomo 2.

A

*Come pastor quando fremendo intorro
Il vento, e i tuoni, e balenando i lampi
Vede oscurar di mille nubi il giorno,
Ritrahe le grigie da gli occhi: canpi,
E sollecito cerca alcun s'eg orno,
Ove l'ira del ciel sicuro scampi:
Ei co' gridi indrizzando, e con la verga
Le mandre inanzi, agi i ultimi s'asterga;
Così il Pagan che già, &c. Yo confieso, q' está
grandissimo el Tasso. Pero digo, que quien di-
xere, que nuestro Poeta, no está mayor, no tiene
conocimiento de la grandeza Poetica, unida con
la faci ida felice.*

B

¶ Aridos campos. Toda la tierra al principio,
i en la boca del Criador, se llamo Arida. Gen. 1.
I quiere decir, cosa apartada de humedad : por-
que estando hasta entonces la tierra mezclada, cō
las aguas , Dios las aparto de la. Pero aquel
Aridos , es tomado solo por aquellos campos,
que teniendo seca mucha materia combustible,
fueron asaltados del fuego, Soplado del viento; i
todo es hacer una hermosa imagen de priessa , con
que se iva consumiendo, i con que huyan del pe-
ligro sus habitadores: mostrando q' con ella Ivan
acá temiendo los Moros la llama del ardor mi-
litar, de que casi se vian lamidos.

¶ O sibilante Boreas. Soplador cō sonido agu-
do, o que silvava. Virg. Egl. 5. *Sibulus Austris.*
Ovid Met. 15. *Inabilit Eurus.* I viene a ser lo
mismo que el tridente , que es mas usado de los
Poetas.

¶ Comp. inh. Palabra antigua, usada cō auto-
ridad, como en la est. 57. del c. 6. Vale lo opa-
nia de hombres.

O estridor do fogo. Entiende los estallidos de la
materia seca, o leña con la fuerza de la llama, que
la penetra. Si en cada palabra nos huijesemos de
detener, fuera nunca acabar. Aduierto, q' mi Poe-
ta venció a Virgilio en esta comparacion, aunque
le imita: porq' la hizo de sujeto remoto: i Virgil.
de uno mismo, cōparando el q' huyó de las llamas
al que huye dellas. Vease lo dicho a este fin c. 2.
c. 38. vers. 3.

L.

*Desta arte o Mouro atonito, e torvado
toma sem rito as armas muy depressa;
nam foge, mas espera confiado,*

E e o ginete belligero arremesia.

*O Portugues o encontra denodado,
pellos peitos as lanças lhe atraveisa:
hūs caem meyos mortos, e outros van
à ajuda convocando do Alcoram.*

*L*A explicacion en la est. antecedente , por ser
las dos una sola clausula.

¶ *Atonito.* Vgado a buen tiempo; porque va-
le atronado con el estruendo de las armas , de los
C. + golpes

golpes, de las voces, i de los ecos, que repitian lo uno, i lo otro, i su ruina, quando ellos menos lo esperavan: porqué el Portugues d'ó subito en ellos; i por esto el poeta hizo la comparacion en la llama repentina, que el Pastor no avia preventido.

Go ginete beligeró arremessi. Parece estar se viédo el espoliar del caballo, o èl espoliado de buen deseo: i la voz beligeró bien se vè que está usado cò cuidado para representar la velocidad del Ginete al investir, por essa propia de los esdruxulos, como veremos mejor en la est. 106. del canto 10.

¶ Pello peitos as lanzas, &c. Assi en la est. 117. del c. 10. Lucano en el 7. *Quis pectore tela transmittat,* &c

¶ Huns caem meyos, &c. Adelante est. 113. Virgil. lib. 9. Semineces ad terram veniunt. El Tasso Liber. c. 7. c. 1. E meza quasi par tra viva emorta.

¶ A ajuda convocando do Alcoran: o el convocando, elta aqui por invocando, que seria pedir favor a su Profeta falso, tomado por el su seta; o si ha de ser convocando, se entenderà que se incitavan unos a otros, animandose, viendo el aprieto. Coran, con la junta del articulo Al, viene a hacer, que se diga vulgarmente Alcoran, que vale recopilacion: i esse nôbre se puso al libro en que está escrita essa seta: porque aviendo quedado muchos papeles de Mahoma tocantes a aquella seta, Alifa Moavia los mandò ver por hombres, de que fiava esto, i ellos de todo ordenaron seys tomos de preceptos: i a todo lo que escriviò Mohoma ayudaron finos hereges, como Iuan Antiocheno, Sergio Arriano, i otros.

L I.

Ali se vem encontros temerosos,
para se desfazer húa alta serra;
e os animais correndo furiosos
q Neptuno amostrou ferindo a terra.
Golpes se dám medonhos, e forçosos;
por toda a parte andava acefa a guerra:
mas o de Luso, arnes, couraça, e malha,
rompe, corta, desfaz, abola, e talha.

Alli se ven temerosos encuentros, bastantes a deshacer una alta montaña; i corriendo furiosamente los animales, que mostró Neptuno, con herir la tierra. Danse golpes valerosos, i formidables: andava encélida la pelea, por toda parte: pero el Portugues rompe corta, deshaze, abolla, i taja, arneses, coracás, mallas, escudos, i defensas.

¶ Encontros para se desfazer húa alta serra. Hipérbole, o exageracion, imitando a Ariosto c. 1. Che avria spezzato un monte de metallo, i en el 18. Da i colpi che gittar doveano un monte.

A B. Tast. Florid. c. 7. *Che un monte di diamante avria tagliato.*

¶ E os animais, &c. Perifrasis de los caballos, Vease c. 4. e. 21. i. c. 6. e. 13.

¶ Por toda a parte andava acefa a guerra. Con Virgil. En. 2.

Crudelis ubiq; luctus, ubiq; pavor, & plurima mortis imago.

¶ Arnes, couraça, e malha, &c. Assi en la est. 65. del c. 6. Ariosto c. 6. *Ne scudo, ne panciera, ne corazza.* I en el 12. O piastra, o maglia, schioda, e rompe, et apre, e astraccio mena. I en el 18. Vrta, apre, ciccia, atterra, taglia, e fende. El Tasso conquist. lib. 10. e. 49. Ma percote, scompiglia, atterra, e frange. Ercilla Arauc. c. 22. Rompe, corta, tropella, biere, i mata. Assi en muchos.

¶ Abola. Abollar es dexar hecha alguna cueva, o hoyo, i al fin desigualar con golpe cualquier cosa que estaba igual, o lisa, como suelen ser los arneles.

L II.

Cabeças pello campo vam saltando,
braços, pernas, sem dono, e sé sentido:
e de outros as entradas palpitando,
palida a cor, o gesto amortecido.
la perde o campo o exercito nefando,
correm rios de sangue desparzido,
com q tambem do cão a cor se perde,
tornado carmesi de branco, e verde.

VAn rodando a saltos por la campaña cabeças, braços, i piernas sin dueño, i sin sentido: i de otros con mortal semblante, i

Dpalido color estan palpitando las entrañas. Ya el nefando exercito pierde el campo: corren por él rios de la esparzida sangre, con que tambien se pierde en el suelo el color, buelto de verde, i blanco en carmesí.

¶ Cabeças pel. &c. Toda la est. passada representando los golpes; i toda esta representando el efecto dellos hazen una valiente imagen del estrago militar en horrido conflito.

¶ Cabeças pello cão vam saltando, Ercilla c. 3. Cabeças de los cuerpos divididas
Por el sangriento campo ivan rodando.

¶ Braços, pernas sem dono, &c. En la estancia 65. del canto 6. i en la 36. del 10. hallareys este modo de decir. Ariosto c. 12.

*Non pur per l' aria gemiti, e querelle,
Ma volan braccia, spalle, e capi sciolti*
Ercilla c. 5. I piernas de sus troncos divididas: i en el 9. Braços, piernas, i cuellos cercenavan.

¶ As entrañas palpitando. En el c. 9. e. 31. Ercilla c. 3. I las vivas entrañas, &c.

¶ Palida a cor, &c. Aquello notorio de Orac. Pallida mors, &c.

¶ Correm ríos de sangre, &c. De campo a cor, &c. Tornada carme, &c. Veys aquí de donde salio todo esto. Hom. Ilia. 8. En la versión de Vata. *Hic rivi crux humi decurrentes.* Virgil 9. Et plenos spumanti sanguine rivos. Statio Theb. 10.

— *Stagnant nigrantia tabo*

Gramina sanguineis nutant tentoria rivis.
Ariosto c. 9.

Dove toccò sempre in vermiglio tinse
L'azzurro, il bianco, il verde, &c.
I en el 16.

La terra che sosten lo assalto è rossa;
Mutato a i verde ne i sanguigni manti.

I en el 31. E fece rosso ove era verde e bianco.

António Munturno lib. 3. Eg. 1. E del suo sangue fù vermicchio il verde. B. Tasso Amad. c. 16. Per la campagna candida, e vermiglia. I en el c. 49. e. 53. Un ruscel rosso di sangue correá, &c. Su grā hijo Liber. c. 20. e. 143. Corre il sangue in rivi, &c. Ercilla c. 5.

Que la espessa i mcnuda yerva verde
En sangre convertida el color pierde.

¶ De branco, e verde: E verde por las yervas; pero el blanco no es por las flores, como creen algunos; sino por la tierra arenosa, q aparece entre este verdor.

LIII.

La fica vencedor o Lusitano,
recolhendo os trofeos, e presa rica:
desbaratado, e rato o Mauro Hispano,
tres dias o gram Rey no campo fica.
Aqui pinta no branco escudo usano,
que agora esta vitoria certifica,
cinco escudos azules esclarecidos,
em final destes cinco Reys vencidos.

Y A queda el vencedor Portugues recogiendo los trofeos, i rica presa: desbaratado el Hispano Moro, queda el gran Rey tres días en el campo. Aqui pinta en el blanco, i usano escudo, que aora certifica esta vitoria, cinco azules i claros escudos, por imagen de los cinco Reyes vencidos.

¶ La fica vencedor, &c. D. Alonso quedó vitorio de innumerable multitud de Moros en esta batalla; i aclamado Rey dia de Santiago del año E 1139. tenia entonces 45. de edad, i de allí a 13. hizo el juramento de como le aparecio Christo, antes de dar la batalla, mandandole que la diese, y que se dexasse llamar Rey; sobre que discurrimos ya en la e. 46.

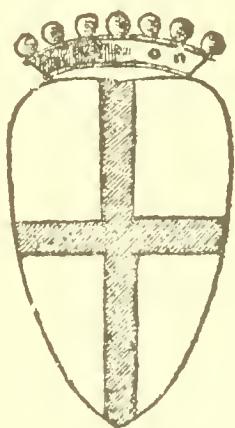
¶ O Mauro Hispano. Entiende essa Morisma que lo grava aquella buena parte de Portugal, i la que de las otras de España vino en su socorro, de que se compuso essa gran copia.

¶ Tres dias, &c. Verlo en la e. 45. del c. 4.

¶ Aqui pinta no branco escudo, q agora está vi-

Toria certifica cinco escudos azules. Dice el Poeta en estos quatro versos, que el Rey dispuso el escudo Real, i en memoria desta vitoria le sentró de cinco escudetes azules: i supone, que hasta entonces truxo blanco (esto es sin insignia alguna) su pa- ves, o escudo. Habló el Poeta en esto conforme a lo que en su tiempo se entendía, pudiéndolo inferir de la costumbre antigua, que era pelear las grandes personas con escudos sin blasón, insignia, empresta, o figura, hasta que obravan alguna cosa digna de memoria; i entonces significandola con alguna figura, la pintaban en el escudo. Esto no necesita de prueba: pero daremos una de Virgil. 9. con un medio verso, por parecerle a este de un Poeta. *Parmaque inglorius alba:* de un moço que peleava con el escudo aun blanco, por falta de acción que le huviese dado insignia. El Conde Don Enrique padre de nuestro Alfonso I. traía en su escudo dos faxas azules en forma de Cruz sobre campo de plata; observando en ellas, i en el color las armas de sus ascendientes, que era la Casa de Borgoña, i la Real de Francia. I estas faxas se entiende, que Enrique las tomó, al uso de aquellos tiempos, despues de hallarse en grandes causas, i executarlas: i que la forma de Cruz fue, por aver passado a Gerusalem, quando la gano Gofredo; acción propia de la vandera Cruzada. Bien se puede creer, que su hijo Don Alonso continuaria aquella costumbre, de traer el escudo blanco en vida de su padre, pero no que entrasse con él blanco en la batalla de Orique, por dos razones fuertes: una que aviando heredado, parece avia de traer en su escudo las armas de su Estado, que era essa Cruz de faxas azules; otra, que en las ocasiones passadas bastantes acciones tuvo el, para en virtud de las fabricar insignia en su escudo, i en particular, quando en los campos de Valdevez venció al Rey de León, que fue un caso dignissimo de memoria. I assi es de creer, que Alonso traía ya insignia, i que esta era la de su padre: i lo dà a entender el modo en que dispuso los cinco escudetes despues desta batalla, pues fue en Cruz, i del propio color azul: i assi parece no hizo mas de dividir en partes de forma de escudos la Cruz de las faxas, que era de sta manera. Porque a no ser assi, i aviando respeto en la forma de Cruz en que ellos están, ala en que Christo le apareció, mas propio color era para representarla el oro, que el azul.

¶ Em final destes cinco Reys vencidos. Dice que el numero de cinco en los escudetes, fue en memoria de los cinco Reyes que allí venció. I son tambien en memoria



memoria de las cinco llagas de Christo , conforme a lo que el propio dixo al mismo Alonso, como consta de su juramento, que dice assi: *I forq;e tus sucesores conozcan que yo les doy el Reyno, harás tu escudo de armas del precio con q̄ cōpré el genero humano* (entiéndete de las cinco Llagas) *i del precio co que fui comprado*: entiendete los treinta dineros porque Iudas le vendió. Y el papel del juramento dice, que el Rey mandó, que por figura dellos anduviesen en cada escudete treinta roeles, i que los escudetes fueren cinco por figura de las cinco Llagas, i que por Timbre truxesen la sierpe de Moylés, por figura de Christo , como ella lo fue. Esta no se halla en ningun escudo antes del Rey D. Juan el Primero, i los escudetes, i dineros se hallan en varios modos, i los mas constantes son los que diremos, explicando la estancia siguiente, i mostrando las figuras dellos, como ya las traximos en nuestra historia.

LIII.

En estos cinco escudos pinta os trinta dinheyros, porque Deos fora vendido, escrevendo a memoria em varia tinta, da quelle de quem foy favorecido.

Em cada hum dos cinco cinco pinta, porque assi fica o numero comprido; contado duas vezes o do meyo, (veyo. dos cinco azues q̄ em Cruz pintando

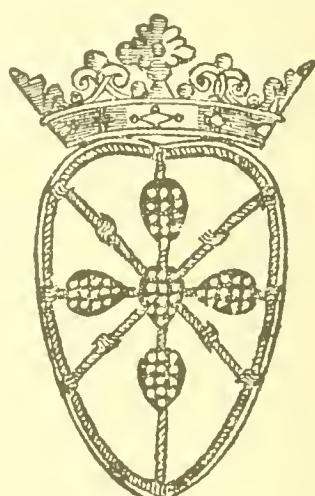
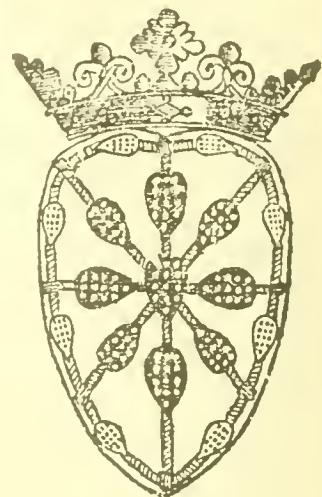
YEn estos cinco escudos pinta los treinta dineros porque Christo fue vendido ; escriviendo en varia tinta la memoria de quien le favoreció. En cada uno de los cinco escudos, pinta cinco dineros, porque assi queda cumplido el numero, contándose dos veces el de en medio, de aquellos cinco azules que vino pintando en Cruz.

Por cierto felizmente salió el Poeta de la pintura del escudo Real en esta estancia, suponiendo que era assi a los principios, de que no faltan presunciones , como luego veremos. Bueivo a decir , que juntos muchos ingenios a describir este escudo Real, no lo dirian mas alta, clara, i felizmente, de lo q̄ el Poeta lo di xo: i quando le igualassen, no harian poco. De muchas maneras se hallan pintadas , i esculpidas estas armas: la mas frecuente es esta. Los cinco escudetes mayores que están en Cruz , no ay duda que son en memoria de las cinco Llagas, como lo ordenó Christo. Mas como en cada uno se ven mas de treze roeles, se puede ajustar mal la satisfacción a la figura de los treinta dineros: i pudiera se acomodar mejor al numero de los treze mil Portugueses con q̄ se dio esta batalla. Los otros cuatro escudetes mas pequeños, que se ven entre los cinco mayores, contados con el de en medio, pueden ser en memoria de los cinco Reyes vencidos, como el Poeta dice. Los diez pequeños (que tan-

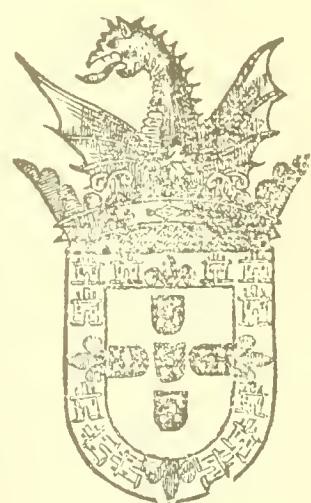
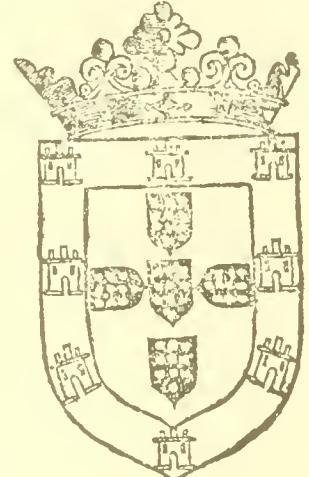
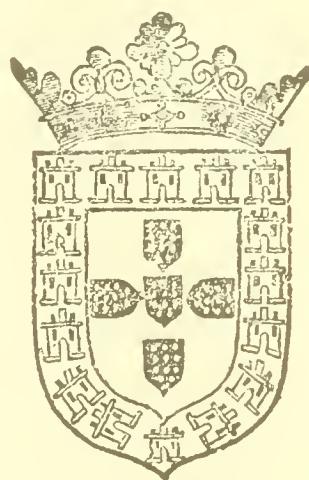
tos han de ser, porque al cortar se olvidaron dos) podrian ser en memoria de tátos Reyes, que hasta entonces tendria vencido; pues ellos por todos fuerón 30.

Tambien conforme al numero (según se infiere de las historias) de los infieles q̄ venció, son veinte vezes treze mil, i veinte escudetes son ellos, contando dos vezes el de en medio , i siendo diez los de la circunferencia , como devén ser. Esto es lo q̄ se puede discutir sobre esta pintura, no aviendo mas

noticias della, que lo que dice ese juramento del Rey, i el hallarse assi: si bié se conforma mejor co el la otra , que tambien se halla de cinco escudetes solos con treinta roeles en cada uno. Advertionis un curioso , q̄ esto no seria el escudo Real, sino empresa del Rey , i que el siempre avia sido como oy , que es como le describe aqui el Poeta. Pero está contra esto, que la empresa inuere co su dueño, i el escudo de armas no: i este, aunque con alteraciones , permaneció hasta los tiempos del Rey Don Juan el Primero , como le halla en sellos de papeles, i en edificios. I tambien es verdad , que del Rey Dó Sácho Primero hemos visto moneda de plata con cinco escudetes de a cinco puntos cada uno, como oy se usa; i assi esto pudo bastar, para que nuestro Poeta le pintasse deste modo: i aun el usar se oy assi, le podía bastar como a Poeta para describirle dese modo. Todavia del Rey Don Sancho Primero se halla mas frequente este escudo: que , parece, juzgando por cosa de confusión tantas figuras, quitó todas las menores, dexando solamente las cinco principales, con los cordones , a que nunca hallamos significación alguna: si ya no pareció al dibuxador convenia fingir, que los escudetes estauan de alguna manera sostenedos. El Rey Don Alfonso el Tercero despues que ganó el Reyno del Algarve, que tenia por armas un escudo roxo, sembrado de castillos de oro , plantó sobre el el de Portugal, recogiendole un poco de suerte, q̄



el del Algarve se via en contorno a manera de orla, i quedaró menos dos roeles en cada escudete, no sabemos porque. Si ya no es porque hñedo este escudo me moria de Christo, Autor del, juntos los numeros de cada 3. escudetes, hazen el de 33. que fueron los años de Christo en el mundo. En tiempo del Rey Don Alonso Quarto tambiè se halla novedad: porque los castillos se vé reduzidos a ocho: dízese, que porque entonces eran tantos los mas principales del Algarve i los roeles reduzidos a diez: por ventura, porque assi para diferentes partes, como laberinto, se pueden facilmente contar treinta, llevando los de tres en tres, i llevando cada uno diez: con que quedava mas clara la cuenta de los treinta dineros. Yo bien veo que todo esto es ir adivinando. Hago lo que puedo, rindiéndome a ingenios mas sencillos. El Rey Don Iuá el Primero bolviò a usar mas castillos, i reduxo a cinco los dineros en cada escudete, con que viene a hacerse la cuenta, assi como el Poeta aqui la hace de treinta en todos, contando dos veces el de en medio. I como el Rey quando entrò en la Corona era Maestre de la Orden de Avis, truxo la Cruz della entre los dos escudos Reales de Portugal, i del Algarve; que parece fue profecia, de que los Maestrazgos de las Ordenes Militares se avian de juntar a la dignidad Real, como adelante sucediò. Añadiole tambiè por timbre la sierpe; o por obedecer al Rey Don Alonso



Yo Alonso Rey de Portugal, hijo del ilustre Cód.
de Enrique, nieto del gran Rey D. Alfonso de-

A Primero, que assi lo mandava, por la razon que aí diximos: o porque como dizen otros, avia el Rey tenido la insignia Real Inglesa de San Jorge, de que tuvo principio llamarse por el en las batallas entre Portugueses. I tambien ay quien diga la eligió, por ser comparado a Moyses en el zelo con el pueblo, procurandole la salud de la libertad, i de otros achaques penosos que avia traído el tiempo. Finalmente sucediendo adelante el Rey Don Iuan el Segundo, tomaron assiento las armas Reales deste Reyno con perfecció: por que se reduxeron a siete los castillos, i se quitó la Cruz de Avis, i se fizieron caer de rechos los dos escudetes colaterales, aviando andado atravesados hasta entones. La declaració destas armas presentes, para corresponderse al suceso, y a lo q ordenó Christo, serà que el escudo entero es el del Rey: los cinco pequeños, los de los Reyes vencidos: los cinco roeles de plata en cada uno, las cinco Llagas: i todos juntos contados, como dice el Poeta, los dineros que recibió Iudas: el color azul, el ayre en que apareció Christo.

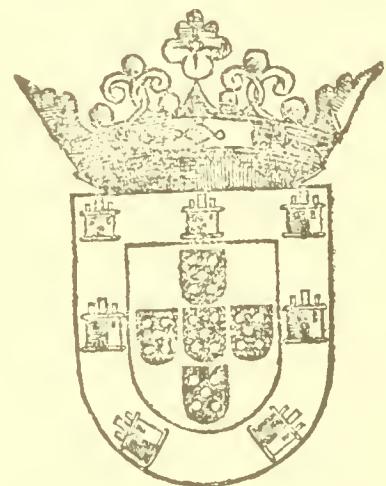
C *Varia tintta. De suyo se dexa en tales ocasiones caer el epíteto de varia. El Poeta e. 99. del c. 2. Garcil. Egl. 3. Con la fineza de la varia tinta.*

D *Gos trintata dinheyros. Ya diximos q se entienden las treintamonedas porque*

Iudas vendiò a Christo, llamadas vulgarmente dineros. Dinero en general es toda suerte de moneda: i todavía se dice en algunas tierras, dinero por una sola monedilla, como en Genova, i en Barcelona, i en Aragon. Moneda tambien en Portugal, se dice en el vulgo por una de cobre, que vale oy tres maravedis, i valio diez. I porque el testimonio que el Rey Don Alonso dio solemnemente de aquel aparecimiento, i victoria, lo refiere todo con maravillosa sencillez, no aviendose hecho mas de para organizar el escudo destas armas Reales, como ya advertimos, i fue hallado en Reales Conventos, i Archivos, autentica i originalmente; i alumbró mucho lo que el Poeta dixo hasta aqui, i comentamos: i es importante, que tales monumentos se procuren conservar por medio de los escritos, le copiaré aqui, traduzido fielmente. Assi:

E *YO Alonso Rey de Portugal, hijo del ilustre Cód.
de Enrique, nieto del gran Rey D. Alfonso de-*

Iant



lante de vos buenos varones, Obispos de Braga, i de Coimbra, i Teotonio, i otros principales oficiales vassallos de mi Reyno; puestas mis manos en esta Cruz de metal, i en este libro de los santissimos Evangelios, juro, que yo miiero pecador vi con estos ojos indignos a IESV CHRISTO Dios, y Señor nuestro tendido en la Cruz, en esta forma: Yo estava con mi gente en las tierras de Alentejo, en el Campo de Orique, para dar batalla a Ismael, i a otros quattro Reyes Moros, los quales tenian consigo infinitos miliates de hombres: i mi gente temerola con la multitud, dellos estaba muy fatigada i triste: tanto, que muchos dezian ser temeridad acometer tal guerra; i yo triste, i melancolico con esto que oia, comencé a tratar conmigo de lo que haria: tenia en mi tienda un libro, en el qual estaba escrito el Testamento viejo, i el Testamēto de IESV CHRISTO. Abrilc, i lei la vitoria de Gedeon, i dixe cómigo. Vos, señor, IESV CHRISTO, sabeis que por vuestro amor tomé sobre mi esta guerra contra vuestros enemigos: i en vuestra mano estí dar me fuerças a mi, i a los mios, para que vençamos estos, que blasfemian vuestro nombre. Dichas estas palabras, adormecime sobre el libro, i vi un viejo que se llegava a mi, i dezia: Alonso, ten confiança, porque vencerás, i destruirás estos Reyes, i desharás su poder: i el SEÑOR se te mostrará a ti. En tanto que veo estas cosas, llegó Iuan Fernandez de Sousa mi Camarero, i dixo. Lenátaos, señor, que está aquí un viejo que os quiere hablar. Respondi yo: Entre, si es fiel. I entrando adonde yo esta va, conoci ser aquel que tenia visto en la vision. El qual me dixo. Señor, tened buen animo. Vencereys, vencereys, i no fereys vencido. Sois amado del SEÑOR, porque tiene puesto sobre vos, i sobre vuestros descendientes los ojos de su misericordia, hasta la decima sexta generacion; la qual ferá menoscabada algun tanto: mas en este menoscabo la mirará con los ojos de su misericordia. El mismo me manda os diga, que quando oyeredes esta noche siguiente, la campanilla de mi Hermita, salgays fuera del Real solo sin persona alguna, porque os quiere mostrar su mucha piedad. Obedeci, i puesto por tierra có reverencia hize el devido acatamiento al mensagero, i a quien le enviava: i estando yo puesto en oracion, esperando el son de la campanilla, en la segunda vigilia de la noche la oí; i luego armado con espada, i rodelia sali fuera del Real, i subitamente vi para la parte derecha, al Oriente, un rayo, cuyo resplandor se hazia cada vez mayor. Teniendo yo puestos los ojos firme, mēte en aquella parte, subito en aquel rayo mas claro que el Sol, vi la señal de la Cruz, i a IESV CHRISTO crucificado en ella, i de una i otra parte multitud de mancebos muy hermosos: los cuales creo yo, que erā los santos Angeles. Vista esta vision, quitada la espada i rodelia, i dexando el vestido, i el calzado, atrojēme de ojos por

A el suelo, i derramadas muchas lagrimas, comencé a rogar por el esfuerzo de mis vassallos; i sin ninguna perturbacion, dixe: SEÑOR, para que me apareceys a mi? quereys aumentar la Fé en quien la crec? mejor será que os vean los infieles, i crean, que yo, que por la fuente del Bautismo os reconoci, i reconozco por verdadero, Dns, Hijo de la VIRGEN, i del PADRE ETERNO. I la Cruz era muy grande, i estaba levantada del suelo casi diez codos. El SEÑOR, con un tono de voz suave, que mis orejas indignas oyeron, me dixo: No te apareci della manera para aumentar tu Fé, mas para fortificar tu corazon en este conflicto, i establecer los principios de tu Reyno sobre piedra firme. Ten confiança, Alonso, porque no solo vencerás agora esta batalla, pero todas las otras en que peleares contra los enemigos de la Cruz. Hallaras tungente alborocada, i esforzada para la guerra: i si te spidiere que entres en la batalla con el nombre de Rey, no le pongas duda: antes le concede libremente lo que te pidiere, porque yo soy el edificador, i dissipador de los Imperios i Reynos; i quiero establecer Imperio para mi, en ti, i en tus descendientes, para que mi nombre sea llevado a gentes estrañas. I para que tus sucessores conocan quien les dio el Reyno, harás tu blasón de armas, del precio con que yo compré el genero humano, i del precio con que fui comprado de los Iudios. I ferá Reyno para mi santificado, puro por Fé, i amado por piedad. Despues que oí estas cosas postrado por tierra, adoré, diciendo: Por quales merecimientos, SEÑOR, me hazeys tan gran merced? Todo lo que me mandays, haré. Vos poned los ojos benignos en mi generación que me prometeys, i tened en vuestra guarda la gente Portuguesa: i si contra ella aparejaredes algun mal, converteldo antes sobre mi, i sobre mis sucessores; i librad el pueblo, q yo amo, como hijo unico. Concediendo el SEÑOR, dixo: No se apartará dellos, ni de ti jamas mi misericordia: por respeto, i medio dellos aparejé una gran sembrada, i los eligí a ellos por mis segadores en tierras remotas. Dichas estas cofas, desapatecio. Bolvi al Real lleno de confiança, i gusto. Yo Alonso juro a los santissimos Evangelios de IESV CHRISTO, en que pongo mis manos, que passa así desta manera. Por tanto mando a mis sucessores que adelante serán, que traigan por blasón de armas, cinco escudos hechos en Cruz, por el amor de la Cruz, i cinco Llagas de IESV CHRISTO, i en cada escudo, treinta dineros, i encima la serpe de Moyses por la figura de CHRISTO: i este sea nuestro memorial, en nuestra generación: i si alguno tomaré otro, sea maldito del SEÑOR, i tormentado en el infierno có el traidor Iudas. Fue hecha la presente carta en Coimbra a los 39. de Octubre de 152. Yo Alonso Rey de Portugal. Iuan Obispo de Coimbra. Iuan Metropolitan Bracharese

, se. Teotonio Prior. Fernan Perez Copero mayor. Pedro Paez Alferez mayor. Valco Sanchez. Alonso Mendez Governor de Lisboa. Gonçalo de Seusa Procurador de entre Duero, i Miño. Payo Mendez Procurador de Viseo. Sueiro Martinez Procurador de Coimbra. Mein Perez lo escriviò por Maestre Alberto Cancelario del Rey. Sucedian a estas firmas los sellos Reales, pendientes en cera al uso de entonces.

LV.

Passado ja algum tempo, que passada era esta gram vitoria, o Rey subido a tomar vay Leyria, que tomada fora muy pouco avia do vencido.

Com esta a forte Arronchez sojugada foy juntamente; e o sempre ennobllecido Scabelicastro, cujo campo ameno, tu claro Tejo, regas tam sereno.

Passado ya algun tiempo que era passada esta gran victoria, el subido Rey va a tomar Leyria, que muy poco antes avia sido tomada del vencido. Con esta fue sobyugada juntamente la fuerte Arronchez: i el siempre ennobllecido Scabelicastro, cuyo ameno campo riegas tu, tan sereno, o claro Tajo!

¶ Passado que passada. Quando esto se usa rara vez, como el Poeta haze, no queda siendo indigno de su grandeza. Assi entrò en la Egl. 3. *Passado ja algum tempo que os amores, &c. eram passados.*

¶ Do vencido. Entiendese el Rey Ismael vencido en Orique, como aí acabamos de referir: el qual se quiso pagar de tan gran perdida con ir sobre Leyria, adonde bolando fue nuestro Rey a echarle fuera, i lo consiguió facilmente. Al mismo tiempo ganò el santo Prior Teotonio de Santa Cruz (insigne Còvento de S. Agustin en Coimbra, i fundacion del Rey) la villa de Arronchez, còforme a las Cronicas que el Poeta signiò. Nuevamente en unos papeles hallados, i impressos por el Padre Brandam, se procura deshazer todo esto. Poco importa para el Poeta, i para las notas.

¶ Escabelicastro. Llamòse assi antiguamente la ilustrissima villa de Santaren puesta sobre el Tajo 15 leguas de Lisboa: i es el nombre compuesto de dos, Scalabis, i Castro: este ultimo en Latin, es lo mismo que fuerça: i assi junto viene a ser Castro de Salabis, i al contrario Scalabis-castro. Dexando este nombre, tomò el de Santa Irene, i corrupto, Santaren, desde que milagrosamente esta Virgen i Martir fue por los Angeles sepultada en el rio enfrente del lugar, por los años 690. del nacimiento de Christo. Caso de que hallareys mas noticia en la parte segunda de nuestras historias Portuguesas, que os dimos abre-

viadas los dias passados. Llama el Poeta a este lugar, *Siempre ennobl'cido.* Por que antiguamente, como a cosa ya grande, hizieron los Romanos horas de las grandes que hazian a plazas insignes, llamando a esta: *Itidum Præsidium:* i porque despues residiò en ella muchas veces la Corte Portuguesa; i en todos tiempos le beso el p' e el Tajo: i porque puso sobre su cabeza el nombre de aquella valiente Virgen, i esposa de Iesu Christo. I aunque el tiempo le desamparo de la gloria de ver en si sus Reyes: no fue asi de las otras, i de asistir siempre en ella buena parte de aquella nobieza del Reyno, en que humean Reales presumiciones casi fabricandose calidades de vivir alli, como los que van a Madrid, de ir sacudir el polvo del camino en Caramanche. A lo divino, conserva los vestigios de algunos milagros estupendos. Escalò el inviato Rey D. Alonso esta plaza, pasmando a los Moros con la priessa, en 8. de Mayo de 147. dia de la aparicion de S. Miguel. Notese que son señalados los dias de sus vitorias señaladas.

¶ Cujo campo ameno. Es excelente Campaña de fresca, i fertil la que se descubre desde esta villa, si bien el Tajo para ella algunos años no es sereno, porque inundando soberbio la destruye.

LVI.

A estas nobres villas sometidas, ajuta tambem Mafra, em pouco espaço; e nas serras da Lúa conhecidas, sojuga a fria Sintra, o duro braço: Sintra onde as Náyades escondidas nas fontes van fogindo ao doce laço, onde amor as enreda brandamente nas agoas acendendo fogo ardente.

A Estas nobles villas ya sugeridas, en breve espacio se juntò tambien Mafra: i en las conocidas sierras de la Luna sugeta el duro braço la fria Sintra. Sintra adonde las Nayades escondidas en las fuentes van huyendo al dulce laço en que las enreda, prende el blando amor, encendiédo en las aguas ardiente fuego.

¶ A estas nobres villas. Rendidas las plazas que nombrò en la estancia passada, hizo el Rey q' les hiziesen compaňia estas dos de Mafra, i de Sintra; i el Poeta describe esta ultima, como ella merece; ni escusava menores pincelos.

¶ Mafra. Es villa honrada, que avezindando con Sintra, goza de sus sierras, i valles, que aspira a que se llamen Paraíso terreste.

¶ Serras da Lúa conhecidas. El conocidas aqui está con la mira a dos cosas: una, por la fama que haze notorias aquellas sierras, en virtud de su hermosura: otra, por habitadas de la Luna, que en ellas vino a tener por Endimiones sus queridos los Reyes de Portugal, que siempre amando las

las las visitaron desde sus fundamentos : porque en ellas estava nuestro primero Rey D. Alfonso, quando descubrio, encienda por el mar, la armada con que ganò a Lisboa, hasta que en ellas hizo el poderoso Rey Don Juan el Primero levantar un Palacio , i componer un recreo benemerito de Dioses(tal vez se llaman assi los Reyes) Portugueses enamorados de la Luna, i della enamorada dellos. Luego me entendereys.

T *Fria Sintra.* Fria por estar puesta a las faldas della fresquissima montaña, las quales son valles entoldados de toda suerte de arboles por la mayor parte frutiferos : i regados i matizados de arroyos i fuentes; de yervas i flores, que alli hazen inmortal la Primavera. De modo, que esas sierras son jardines, i esos valles son Paraíso glorio sos. En este, pues, regaladísimo sitio huvo un Templo dedicado a la Luna, i al Sol, por Druso Valeario de Cíclia, en honra de los Emperadores Septimio Severo, i Marco Aurelio, i Iulia su madre. Allí fue hallada una piedra con inscripción, qdizes:

SOLI ÆTERNO ET LVNÆ
PRO ÆTERNITATE IMPERII,
ET SALVTE IMP. CÆS SEPTIM.
SEVERI AVG. PII ET CAII CÆS.M.
AVRELII ANTON. AVG.PII.AVG;
MATTRIS EIVS.
DRVSVS VALERIVS CÆCILIAN.

I es el monte que se llamó Tagro antiguamente, i despues de la Luna, por esta fabrica dedicada a ella, i della devia tambien tomar el nombre: porque Cintia es uno de los de la Luna, i Cintra parece corrupcion de Cintia, i el Poeta dala su propio epiteto de fria: porque tal es la Luna, i la tierra. Vease la otra inscripcion, que dexamos sobre la nota primera a este Poema. Y reys aqui el entendimiento de los amores que ai os dixe de Príncipes Portugueses con la Luna, i dela con ellos; que creo tienen mas fundamento, que los del Emperador Caligula, que fingiendose enamorado dela, salia de noche a mirarla, i a deziría reziebros; pues el no se hallava, como nuestros Reyes, en sierras i selvas propias dela, i de su assistencia, en virtud dese Templo, con que parece se entregó a ellos, haciendolos señores del, i de si.

T *Sintra onde.* Repiticion Rectorica, figura Anadiopisis, o mejor la Epanodos, que encarece mas aquello que se quiere exagerar. A este modo dixo de Ida Dionisio de situ orbis. *Quem super Ida. Ida pulchricomas propter sylvas eminus vivescens. c.4.e.23.1.c.6.e.93.* ay mas de lo.

T *As Nayades escondidas nas fontes, vam fogindo ao doce laço.* Admirable poesia. Pregunto a los delgados. Porque buyen aqui las Ninfas al amor, que esse es el laço dulce? Yo les doy mi palabra, que no lo sabé. Oygan. Dize el Poeta, que esas seivas, i valles son de la Luna, i ella es la Diola de la castidad en la fabula. Siguese, que es-

A *Las Ninfas son suyas; i por esto virgenes que profesan su culto, que es huir del amor lascivo, i por esto huyen aqui en observancia de su instituto, como subditas deessa Diosa.* La ello alude el Poeta, diciendo, que se esconden en las fuentes, si a caso son vistas de algunos Actones; porque quando este Principe vio a Diana, i a sus donzelas desnudas en la fuente, ellas por negarse a sus ojos se cubrieron con ella assi como les fue posible.

T *Onde amor as enreda.* Estremadame te: porque aunque las Ninfas van huyendo del amor por las aguas (esto es venciendo las llamas amorosas con entrarse por el yelo de esas frescuras de fuentes, valles, i selvas) el amor como es alado corre mas que ellas, i alcançalas: i como es un diluvio de fuego aventado con sus alas, abrasa los yelos en que se esconden y comunicado el fuego de los ya abrasados, a las Ninfas que los habitan, ellas se rinden al amor. I assi quiere decir el Poeta, q en Sintra ay hermosas moças, que si bien resisten al amor como castas Montañeras, siendo seguidas deles, como fuego, se rinden como humanas, i como bellas: porque belleza humana rara vez se escapó de amar, i ninguna de ser amada, que por mas que se tiren al frio, son el incendio de los coraçones. Así yo no sé explicar el Poeta en este lugar, como en muchos deste genero; i no me corro de confessarlo: porque él por la mayor parte en los suamente amorosos se haze inexplicable. Creanme los presunidos, i tengan por cierto, que esta es vna feliz imagen de las delicias de Sintra, por bosques i fuentes, en que la gentilidad fingia por asistentes varias Ninfas: i el Poeta como eruditó, i valiente pintor, las representa por esas amenissimas estancias, agora esquivas huyendo los laços de amor, agora en açudas en ellos, abrasando de an ores el mismo frio de las aguas, grutas, i sombras. Ponderen los judiciosos, i amigos, de que no se pierda tiempo con estudios triviales i tironicos (i aun lo pondere la ignorancia que preguntó, si en este Poema avia cosa, que necessitase de commento) en esta nota i otras infinitas desta calidad, que vamos sembrando, obligándonos a ello lo recondito del Poeta, si ay en el q comentar: i si nuestro cometido, viene a parar como otros en erudiciones aeras, i en arguméntos de las ciones varias, o en averiguaciones de gramaticas, i puerilidades.

T *As enreda.* Por la cuenta, coge el amor a las Ninfas en red por esas aguas, adonde se entran: i assi le viene a hazer pescador nuestro Poeta, i bién aludiendo a que el amor tambien se pinta con un peze en una mano, de que Alciato formo su emblema 106. que se puede ver, i sobre el a Claudio Min. I a este variar de instrumentos, o armas, para no escaparsele ningun humano en ningun elemento, aludi yo, quando en mi Poema lírico dixe por la hermosa Albania, taliendo con una red al monte, para engañar i prender la caça que en

ellos eae; deste modo libro primero.

*Pois bey visto sair co a mesma Aurora,
Neste lugar florido,
Nessa flor soberana,
A Diana com setas de Cupido,
A Cupido com redes de Diana.*

¶ Nas agoas ascendendo fogo ardente, Pensamiéto con que fenecio la e. 34. del c. 2. i buelto a tratar en la 11. del 5. i 34. de 6. i 42. del 9. i seguido, si no imitado del gran Tasso al llorar Armida, i arder los circunstantes en aquellas lagrimas. Lib. c. 4. e 76.

O miracol de amor che le faville

Traggè del pianto, e i cor nell' acqua aceende!
Vease el emblema 107. de Alciato, i alli a Minnæ; assi para esto de la calidad de las llamas de Cupido, como para lo de rendir los Dioses, en todas las esferas celestes i terrestres; que es no escaparsele nada en ningun sagrado a que se retire: i lo que nuestro Poeta dia a entender, representandole entrado por las aguas, i abrasandolas, para que no les valga a las Ninfas Sintriadas el huir de las llamas amborosas, i tomar por remedio contra ellas el frio de las fuentes i rios: porque el amor dando su fuego al agua en que ellas estan metidas, las dexa (digamoslo assi) cozidas de puro amor.

LVII.

E tu nobre Lisboa, que no mundo facilmente das outras es Princesa, que edificada foie do facundo, por cujo engano foy Dardania acefa: Tu a quem obedece o mar profundo, obedeceste à força Portuguesa; ajudada tambem da forte armada, que das Boreais partes foy mandada.

I Tu, o nobilissima Lisboa, que facilmente en el mundo eres Princesa de las otras, i que fuiste edificada del facundo, por cuyo engano fue abrasada Dardania: tu a quien obedece el fondo mar, obedeciste el valor Portugues; pero socorrido de la fuerce armada, que vino de las boreales tierras.

¶ E tu nobre Lisboa. Passa el Poeta a celebrar la gran accion de Alonso, ganando la gran Ciudad de Lisboa a fuerça de armas.

¶ Nobre: Creemos que el Poeta deviera dar mayor titulo a Lisboa, que este de *Noble*. Supuesto que en la estancia passada diò el mismo a las villas que en ella nombra. Pero acuerdonse, que el Poeta dixo esto en tiempo, que el titulo de noble se dava a los Reyes, por mayores que fuesen; i no en este, en que quaquier escudero ya no halla sustancia en *Noble*, sino que aspira a ilustre, i excelente i el llamado sidalgo, a divinidad; o noli me tangere: Pero dichoso el que no le toca.

¶ Facilmente Princesa. Frasi comun en los Au-

A tores Latinos el dezir, facilmente *Principe*, por superior grandeza, tomandolo de Hom. Ilia. 2. por Oileo. Utenda lancea inter omnes Grecos facile *Princeps*. Es en la version de Vala. Ciceron en el siveº lib. 1. *Stellarum*, &c. Facile vincebant. Deste modo, pues, llama el Poeta a Lisboa Princesa de las Ciudades. Quieren algunos que Constantinopia, sea de las de Europa, la primera; Paris segunda; Lisboa tercera, en sitio, i numero de moradores. Si no se engañan (como yo creo arrimado a buenos testigos) quedará el Principado de Lisboa, que dice el Poeta, atendiendo, no

B a la grandeza por numero de gente, sino por la calidad della, conforme a lo dicho en la estanc. 34. i a ser una plaza universal, porq en ella fueron visitos a un mismo tiempo Embaxadores de casi todas las naciones del mundo: unos reconociendo por señor, en nombre de los suyos, al Rey de Portugal; i otros buscandole como a grande Rey, para sus intentos; que fue lo que logro Roma quando mas pudo.

¶ Do facundo, por cujo eng. &c. Perifrasis de Ulises, que fue fundador de Lisboa. Verlo en la estanc. 5. del cant. 8.

¶ Foy Dardania acefa. Que sea Dardania aqui, tambien se ve allá que es Troya; i cosa publica que Troya fue abrasada por industria de Ulises.

¶ Obedeceste à força Portuguesa: assi en la estancia 46. del cant. 4.

¶ Ajudada da forte armada. En la estancia siguiente especifica mas de donde vino esta armada, que constava de 180. velas.

D Das Boreais partes. De las del Norte entiende, porque de allá corre esse viento: i vino este socorro casi milagrosamente.

LVIII.

La do Germanico Albis, e do Reno, e da fria Bretaña conduzidos, a destruir o povo Sarraceno, muitos com têcam lanta erâ partidos. Entrando a boca ja do Tejo ameno, cõ o arrayal do grâde Afonso unidos, cuja alta fama entam subia a os ceos, foy posto cerco a os muros Vlyscos.

E A Lla del Germanico Albis, i del Reno, i de la fria Bretaña conduzidos muchos cõ santo intento, partieron para destruir el Sarraceno pueblo. Entrando ya por la fauce, garganta, boca del ameno Tajo, unidos con el Real del grande Alonso, cuya alta fama entonces llegava a los cielos, fue puesto cerco a los Vlyscos muros.

¶ La do Germanico Alb. &c. Vease lo que diremos en la estan. 18. del cant. 8. Estando el Rey D. Alonso en el castillo de Sintra, de que se descubre el mar, discurriendo sobre el modo con que echa-

echaria los Moros de Lisboa , descubriò , tendida por el, una buena armada , que venia demandando el puerto. Embiò a saber que genre era , i a que venia: i sabiendo que era de Alemania, Frácia , i Inglaterra (eso vale aqui el Albis, el Reno, i Bretaña) i que venian buscando infieles con que pelear , les avisò que alli los tenian. Acordaronse: i puestas manos a la labor, sitiaron la Ciudad. El resto en la estancia siguiente. Lo mismo que dizen estos quattro versos, suenan tambien los primeros quattro de la estanc. 24. Que sea el rio Albis de la Germania , i la Bretaña , o Inglaterra fria, esto ya el Poeta lo dice, i queda en la descripciou de Europa: i mi intento es no detenerme en esto, ni en etimologias de nombres : lo primero, porque son infinitos los indices en que se hallan estas geografias: lo segundo, porque en etimologias ay poquissima seguridad ; i han hecho dezir muchos disparates a hombres doctos.

G Com tencam santa. Mucho es de ponderar, que tierras , que de puro Catolicas embiavan su gente por el mundo a destruir infieles , viniessen a tal estado, que necessitassen de ser destruidas de Catolicos. A la entrada del canto 7. tocarà el Poeta algo desto.

G Entrando, &c. Verso con que va feciencien. C do el asumpto deste Poema en la estancia 144. del canto 10. con Virgil.lib.7. *Fluminis intrastis ripas &c.*

G Unidos. Se ha de entender conformes en voluntad; porque el campo Portugues estuuo de aquella parte , adonde se vè la Iglesia de san Vicente, convento de san Agustin , i fundacion del Rey , en gratitud de la victoria. I el de los extranjeros opuesto, adonde agora está el gran Convento de san Francisco , i la Iglesia Parroquial, llamada de los Martyres , en memoria de los que murieron en esta ocasion por la Fé de Christo.

G Cuja alta fama entam subia a os ceos. Homero Ilia. 8. en la version de Vala : *Cuius fama fertur in celum.* I en la Vlis. 8. derechamente : *Cuius tunc gloria celum latum attingebat.* Virgilio En 8. *Que nunc Romana potentia celo aquavit.* Samaz. Arcad. Eglog. 12. *On de tua fama al ciel volando alcavasi.* Vease lo que diremos sobre semejante verso en la estancia 45. del canto 5. Es hiperbole , o encarecimiento. Si bien en quanto habla deste Rey parece que no lo es , sino verdad, porque sus obras tocaren en el cielo de manera , que hizieron baxar del al propio Christo a animarle en ellas ; i los Angeles, i los Santos a pelear a sul lado.

G Muros Vlisses Lisbonenses , de Vlisses sa fundador , cuyo propio nombre era Vlisseo , i se llamo Vlisses por lo que os diremos en la estancia 33. del can. 8.

LIX.

Cinco vezes a Lúa se escondera,
e outras tantas mostrara cheo o rosto,

A quando a cidade entrada se rendera
ao duro cerco que lhe estava posto.
Foy a batalha tam sanguina, e fera,
quanto obligava o firme presuposto,
de vencedores asperos, e ousados,
e de vencidos ja desesperados.

C Inco veces se avia escondido la Luna , i mostrado otras tantas el rostro lleno , quando la Ciudad va escalada se rindiò ai duro sitio que le estaba puesto. La batalla fue tan sangrienta i dura , quanto obligava a serlo el firme presupuesto de osados i asperos vencedores , i de vencidos ya desesperados.

G Cinco vezes a Lúa se esconde. &c. El Poeta canto 5. estancia 24. i del Sol en la 37. En este lugar es imitacion derecha de Virgilio 8.

*Tertia iam Lunæ se cornua lumine complent
Cum, &c.* O bien de Ovid. Fast. 3. *Annus erat decimum cum Luna receperat orbem.* I mejor en la carta de Filis. *Luna quater latuit, toto quater orbe reerevit.* Dante cant. 26. del infierno.

Cinque volte racceffo, e tante cassò

Lo lume era disotto de la Luna

Poiche intrati, &c. Parece, que nuestro Poeta trasladò al buen Tansilo en las estan. a Martiano.

Ha cinque volte de la sua sorella.

Scema la faccia, & altre tante piena.

Bernardo Tasso Egloga 5.

Gia quattro Soli, e quattro Lune, il chiaro

Loro an mostrato dal balcon del cielo.

Et date l' ombre a la gran terra, e tolte.

I en Floridante canto 14.

Mentre che Cintia con la treccia bionda

Sci volte se mostrò vaga e rotonda.

El Varqu: fol. 63.

Gia quattro volte le dorate corna

Raccefe a tutte, & altre tante spente.

Asi todos los que supieron decir bien llegaron a merecer ser imitados de nuestro Poeta , que en este lugar dice , que el Rey Don Alonso estuvo acampado sobre Lisboa cinco meses : porque en cada mes crece , i mengua la Luna , se esconde i aparece. El rendimiento de ta gran plaza fue dia de los Martyres Crispin i Crispiniano 25. de Octubre 147. cõ muerte de dozentos mil Moros: q parece compitio Lisboa con Gerusalem : porque otros cinco meses la tuvo sitiada Tito , primero que la rindiesse , siendo rendida con semejante estrago.

G Vencedores asperos. Porque la detencion haze crecer la furia militar: querian vengarse agora de las molestias pasadas en cinco meses por la resistencia i contumacia barbara en no rendirse.

G De vencidos desesperados. Esto con lo de arriba casi es trasladado de Iustino lib. 6. Victoria ani-

animum vincen:ibus, virtutum quoq; victis addit desperatio . No es, autora de menores valentias la desesperacion, que la esperanca: de donde se dice vulgarmente: Trabaja, o pelea como un desesperado: Assi que agora la desesperacion, i la esperanca executavan cavallerias insignes : avia furia viva, i todo era morir, i matar. Siempre nos hemos admirado de como el Poeta no se acordò al celebrar los Varones ilustres deste Reyno en el primer troço del cant. 8. de uno tan excelente: en ella ocasion, qual fue Martin Moniz, tronco glorioso de la familia de Vasconcelos, que quado no tuviera, como tiene, otros clarissimos, este solo bastava para hazerla venerable. Al querer entrar por una puerta con la gente que governava, con gran impetu cargaron sobre ella los barbaros, pretendien lo cerrarla. Pero el no sustiendo aquel desden de la Fortuna, que le dava con la puerta en los ojos de la gloria que esperava conseguir aquell dia, se dexò caer atravesado en el umbral, con que impedio el cerrarse, de manera, que dando tiempo que cargasse toda su gente, se consiguió la entradá, i con esto por aquella parte la victoria, quedandose él muerto a los pies de los suyos, i de los enemigos en la misma puerta, que oy se llama de su nombre, i que oy tuviera un arco triunfal, si fuera de gente gloriosa de sus Heroes. Vamos a la e. 39 del c. 8.

LX.

Desta arte emfim tomada se rendeo, aquella que nos tempos ja passados à grande força nunca obedeceo dos frios povos Scíticos ou fados: Cu o poder a tanto se estendeo, qo Ibero o vio, e o Tejo amedrótados; e emfim cõ o Betis tanto algüs poderá, que a terra de Vandalia nome d'oram.

DEste modo ganada se rindió aquella, que jamas en los passados tiempos obedecio a la gran fuerça de los osados i frios pueblos de la Scitia: cuvo poder se estendio tanto, que lo vieron los amedréados ríos Ibero, i Tajo: i finalmente pudieron tanto algunos con el Betis, que dieron el nombre de Vandalia a aquella tierra.

¶ Se rendeo aquella que, &c. Nunca obedeceo, &c. Dize, que finalmente se rindió a las armas Portuguesas aquella Ciudad (entiende Lisboa) que no se avia rendido a grandes poderes, i principalmente a los Vandalos, i Godos, que inundando por toda Europa, todo lo rindian. Pero de las historias consta, que en esta invasion quedó cõ Lisboa Hermenerico Rey de los Suevos: i mas adelante la ganó tambien Remismundo, si bien no por armas, aviendola entregado secretamente su ciudadano Lusidio. Pero quiere decir el Poeta, que no la ganaron con aquel primer impetu con

Tomo 2.

A que entraron ganando, i destruyendo quanto se les venia a los ojos, sino que fue de espacio.

¶ Dos frios povos Scíticos: Porq; estos pueblos eran de la Scitia, cuyo, de propiedad, es el f. io.

¶ Que o Ibero o vio, &c. Porque en las tierras notorias, que riega el Ebro, i el Tajo, que viene a ser lo más de España, se hizo muy poderosa esta gente. Sobre esto deiver, i oir los ríos, i otros insensib'es, ver la est. 33. d. l cant. 10.

¶ Que à terra deram o nome de Vandalia. De aquella invasion, la parte de los Vandalos, devirtando la tierra de Sui la, que entiende por Betis, llamaronla Vandalia, derivandole el nombre del suyo; oy corruptamente Andaluzia.

LXI.

Que Cidade tam forte por ventura averà que resistá, se Lisboa nam pode resistir a força dura da gente, cuja fama tanto voa? La lhe obedece toda a Estremadura, Obidos, Alenquer, por onde soa o rô das frescas agoas entre as pedras, que murmurado lava, e Torresvedras.

Q Ve Ciudad avrà porventura tan fuerte, que resistá a la dura fuerça de la gente, cuya fama buela tanto, si Lisboa no la puede resistir? Ya toda la Estremadura le obedece, i Obidos, i Alenquer, por donde suena entre las piedras el son de las freicas aguas que la lavan murmurando: tambien obedecio la villa de Torresvedras.

¶ Que Cidade, &c. Argumenta, i concluye el Poeta, que si estas gétes que domaron a España, no pudieron domar a Lisboa, i los Portugueses la domaron, claro es que ninguna cosa deixará de domar: i por esto con gran cuidado vencida Lisboa, muestra por essoras est. que vencieron facilmente otras muchas plazas, que nombra hasta la estancia 74.

¶ Obidos, Alenquer. Villas nobles, i situadas en tierras regaladas, que alaba el Poeta casi al modo que Sintra, como ar vimos.

¶ Onde soa. Semejante estilo en la est. 12. del c. 5.

¶ Que murmurando lava. Para dezir, que murmuraban las aguas, dixo primero, providamente, que corrían por entre piedras. Vease desto lo que diremos al fin de las estancias 54. 67. del cant. 9.

LXII.

E vos tambem, ò terras Transtaganas, affamadas com o dom da flava Ceres, obedeceys às forças mais q humanas, entregádolhe os muros, e os poderes. E tu labrador Mouro, que te enganas, se sustentar a fertil terra queres;

Dd

Que

q Elvas, e Moura, e Serpa conhecidas,
e Alcacer do Sal, estam rendidas.

Vos tambien, o Transtaganas tierras, famosas
con el don de la flava Ceres, obedecéis a las
más que humanas fuerças, entregandoles los
muros, i las armas. I tu Mauritano labrador, que
te en ganas, si quieres sustentar la fertil tierra: por
que las conocidas plazas de Elvas, Moura, i Ser-
pa, i Alcaçare del Sa, y i el Barreiro, dis.

Terrazas Transtaganas. Tierras de Alentejo
se entien e: esto vale Trans-Tago: reputete en la
est. 45. del c. 4. Es de advertir, que aunque el Rey
Don Alonso avia vencido en Alentejo, aquellos
cinco Reyes Moros, no por esto quedo señor de
toda aquella tierra, sino que poco a poco los fue
echando de las plazas en que se sustentavan; i lo
hizo dessas que nombra, que son principales, des-
pues que ganó a Lisboa.

Afamadas co' o dom, &c. Famosas por el
mucho trigo, y bueno, con que viene aquella Pro-
vincia a ser la Cecilia de gran parte de Portugal,
sustentandole con lo que ie sobra: i porque Ceres
en la fabula es la Diosa del pan, le llama el Poeta
don o fruto de Ceres.

Flava. En sus rimas, Elog. 2. Mostrava a
flava Ceres. Virgil. Egl. 4. Flave set campus arista.
Geor. 1. Flava farra: i despues, Flava Ceres.
Así todos. Quiere dezir: Flava aquel color dorado,
tiñate a blanco, q se ve en los panes maduros.

Forças mais que humanas. c. 1. e. 1.

Eos poderes: Porque erá poderosas esas pla-
zas que nombra: i la sustancia en que podian fiar-
se los barbaros.

Et tu labrador Mouro, que, &c. Apostrofe
desengaño a los Moros, que poseían esa tie-
rra, que es toda de labor frutifero, advirtiendo-
los, que teniendo perdido lo principal, se engañan
en querer sustentarse con el resto, que ya se mues-
tra más facil de ganar a las armas Portuguesas, q
ganaron lo principal.

Conocidas. Conocidas, por ser plazas de im-
portancia, esas que nombra entonces, i agora tâ-
bien. Elvas oy es Ciudad honrada, i Obispado de
los modernos, scudo de la grandeza de la Metró-
politana de Evora, para mejor governo.

LXIII.

Eis a nobre Cidade, certo assento,
do rebelde Sertorio antiguamente;
onde ora as agoas nitidas de argento,
vem sustentar de longe a terra, e a gente;
Peilos arcos Reaes, que cento, e cento,
nos arcos se ale vantam nobremente,
obedeceo por meyo, e ousadia
de Giraldo que medos nam temia,

Ays la noble Ciudad antiguamente, asiento
conocido del rebe de Sertorio, adonde ago-
ra las nitidas aguas de plata vienen a susten-
tar desde lexos la tierra i gente, traidas sobre los
Reales arcos, q cierto a cierto se levata nobleme-
te en el ayre; tambié ei a obedecio por medio de
la osadia de Giraldo, q no temia miedos algunos.

Teis a noble Cidade, &c. Sertorio rebelado
contra Roma, fue elegido de los Portugueses
por su Capitan i vivia en la Ciudad de Evora (tâ
antigua, i ilustre, que ya entonces era grá Ciudad)
adonde es fabrica soberana la de vna fuente, por
venir el agua desde muy lexos sobre muchos ar-
cos: obra que ya fue del mismo Sertorio, i restau-
rada por nuestro Rey Don Juan Tercero. Esto es
lo que el Poeta quiere decir aqui. Vease la e. 21.
del can. 8. acerca del hecho de Giraldo.

Certo assento. Certo, porque no ay duda en
que Sertorio habito en Evora de assiento.

Agoas nitidas de argento. Aguas resplande-
cientes de plata. Todos los Poetas las llaman así
metafóricamente: i el nuestro en tantos lugares,
que escuso citas: pero aquí no es metafora, sino
realidad: porque como aquella agua viene de tan
lexos sobre grandissima fabrica, costó tanto, que
le llamaron de plata, como vulgarmente se llama a
un grande gesto, un poço de oro, un mar de plata:
i a esto alude el Poeta, llamando de argento a esa
aguas; que es nombre propio della por essa
razón.

Nitidas de argento. Muchos dixerón así:
sirva de los Latinos solo Ovidio, por tener las vo-
zes ambas a dos, Met. 3. Pons erat illimis nitidis
argenteus undis. De los vulgares. Dante Par. c.
3. O ver per acque nitide.

LXIV.

Dia na Cidade Beja vay tomar
Vingança de Trancoso destruida,
Afonso que nam sabe sossegar,
por estender co' a fama a curta vida.
Nam se lhe pode muyto sostentar,
a Cidade: mas sendo ja rendida,
em toda a cousa viva a gente iada
provando os fios vay da dura espada.

Esta el claro Alonso, que no sabe sossegar por es-
tender la corta vida co' la fama, va a tomar en
la Ciudad de Beja vengança de la destruida vi-
lla de Trancoso. No pudo ella sustentarse mucho
contra el: i siendo ya rendida, vaya la airada gente
provando los filos de la dura espada en toda cosa
viva.

Por estender co' a fuma a curt. &c. Assi en
la est. 78. del c. 4. Virgil. 6. Et dubitamus virtu-
tem extendere factis? El Tasso Liber. c. 20. e. 1.
112. La vita breve prolungò co i fatti.

Provando os fios vay da dura espada. Virgilio
lib. 2.

*Fit via vi: rumpunt aditus, primosq; trucidant
Inniſi Danai, & latè loca milite compient.*
Este rigor que el Poeta especifica, viéndolo particularmente con los Moros en esta plaza, fue porque ellos poco antes, tomándole la villa de Trancoso, no perdonaron a cosa alguna. Por esto entra la estancia, diciendo, que tomó vengaça desta villa en aquella Ciudad: pagandoles en la misma moneda. Todo fue el año 1162.

LXV.

Com estas subjugada foy Palmella,
e a píscosa Cizimbra, e juntamente,
sendo ajudado mais de sua estrella
desbarata hum exercito potente.
Sentio a Villa, e vio o senhor della,
que a socorrella vinha diligente
pella fralda da serra descuidado,
do temeroso encontro inopinado.

COn estas fue metida en el yugo Palmela, i la Píscosa Cizimbra: i siendo juntamente ayudado mas Alonso, de su estrella, desbarató un poderoso exercito. Sintiólo la villa, i violó el señor della, q a toda diligencia la venia a socorrer, por la fálda de una sierra, descuidado del temeroso encuentro, no pésado, extraordinario, extraño.

¶ *Com estas, &c.* Signo al rendimiento de estas plazas el de ia de Palmela, por el modo que luego aí abajo veremos, que es notable.

¶ *E a píscosa Cizimbra.* Tambien se rindió Cizimbra, villa de mucho pescado, i por esto le di este epiteto, imitando a Hom. Ili. 2. *Qui píscosum incolunt Lacedemona, &c.* I. de Virgi. lib. 4. *Píscos scopulos.* Ariost. c. 3. *Píscose palude, &c.*

¶ *De sua estrella.* La estrella que se ha de entender aquí, es el propio Christo: porque apareció a este valentissimo Rey, como tantas veces hemos dicho, i le dixo, que vencería todas las batallas en que entrasse contra infieles: i ellas fueron tales, que a no ser ayudado dessa estrella singularmente, no eran possibles a braço humano, como luego veremos de lo que se dirá en la est. 67

¶ *O senhor della.* Era señor de Cizimbra agora ganada, el Rey de Badajoz, que aparecerá en la est. siguiente bien descrito, i en la otra bien pasmado de lo que le sucedio.

¶ *Inopinado:* es Larín; vale no pésado, no prevenido.

LXVI.

O Rey de Badajoz era, alto Mouro,
com quattro mil cavallos furiosos;
innumeros pioés, de armas, e de ouro,
guarnecidos, guerreiros, e lustrosos.
Mas qual no mes de Mayo o bravo touro
co' os ciumes da vaca, arrecofoso, (10,
Tomo 2.

A sentindo gente o bruto, e cego amante
saltea o descuidado caminhante:

E L R y de Badajoz era este Moro alto, poderoso co' quattro mil furiosos cavallos, i peones innumerables, guerreiros, lustrosos, i guarnecidos de armas, i de ouro. Pero qual en el mes de Mayo el bravo toro con los temerosos zelos de la vaca, al sentir gente, sa tea como amante bruto i ciego el descuidado caminante; así Alfonso mostrado, subito dà en la gente barbara, que passava segura: hiere, mata, derriba denodado: huye el Moro Rey, i solamente trata de la vida, asombra do todo de un terror Panico. Su exercito, imitádole, tratò solo de seguirle: caso raro: siendo estos que hicieron tal movimiento, no mas de sesenta de a cavallo.

¶ *O Rey de Badajoz era, &c.* Comenzó a aparecer el Rey de Badajoz por la campaña de Palmela lizado, i fuerte, con galas militares, i buenas armas, i mucha gente, al tiempo que el Rey Don Alfonso se hallava en un puesto con intentos diferentes de este. Los quattro versos con que le describe están de Maestro: i la comparación en los otros no menos.

¶ *I inumeros peoés.* En el original antiguo dice: *Sessenta mil peoés.* I aunque esse era el numero de la infanteria, o peonage de aquel exercito, mudó bien el Poeta el numero, por innumerous; porque el estilo poetico grandilocco, aborrece la cifra comun. Vease lo que diremos en la estancia 27. del cant. 4.

¶ *Qual o bravo touro co' os ciumes da vaca,* &c. Ovid. Fastor. 4.

*Depositā sequitur taurus feritate iuvencam
Quem toti saltus, quem nemus omne tremit.*

D I en el 3. de los Metam. rfor.

*Surgit, & ut taurus vacca furibundus adempta,
Stare nequit. sy. virg;* & notis saltibus errat.

Virgil. 12. tambien algo de esto. Veale lo que diremos en la estancia 34. del cant. 10. trayendo un lugar del Tasso. Como el Rey estaba encerrado para otro efecto con pocos Caballeros, temiendo el daño que podian recibir de tan gran exercito, comparale el Poeta al toro, quando siente cosa que puede ser peligro para la novilla amada: i en la estancia siguiente aplica la comparacion felicemente.

¶ *Arrecofoso:* Propio de los zelos el ser recebos: i su principal diñuicio es ser, un temor. De esto ay mucho, i muy notorio. Puede observar al gü critico, q el Poeta mucho la cóparació del toro: pero advierra, q en la e. 88. del c. 1. no la usa del toro, sino del torreador: i en la 47. de este, no del sino del alano con el: i aqui del zeioso: i en la 34. del 10. de su ensayo para pelear: todo diferente, i cuidadoso: i otras quattro tiene Homero del Leon, en la Iliada: aun más Virgilio; i del Toro no menos

LXVII.

Desta arte Afonso subito mostrado
na gente dà, que passa bem segura:
fere, mata, derriba denodado,
fuge o Rey Mouro, e só da vida cura.
De hū Panico terror todo assombrado,
só de segui lo o exercito procura,
sendo estes que fizeram tanto aballo
nam mais que só sessenta de cavallo.

LA explicacion queda en essotra estancia, por-
que esta i ella son una misma clausula.

G Desta arte Afonso subito, &c. Agora con-
viene saber, que constantemente refieren las his-
torias Portuguesas, que yendo el Rey Don Alon-
so en persona a explorar, como podria ganarse la
fuerza de Palmela, llevava solamente sesenta
caballos, i pocos ballesteros: i estandola reco-
nociendo, aparecio el Rey de Badajoz cubriendo
la campana con quatro mil caballos, i sesen-
ta mil infantes, todo de la buena calidad que di-
ximos en la estancia passada. Marchavan en dili-
gencia por acudir a Cizimbra, que el Rey avia
acabado de ganar, sin que ellos lo supiesen. El
ponderando la desorden, aunque vielle la copia,
les aparecio subito con sus sessenta lanças, i hizo
huir toda aquella maquina, no sin estrago (pro-
digioso para dezirse!) grande. Con esta vista,
los de Palmela, que el Rey andava estudian-
do tan cuidadoso como rindirios, entregaron
luego la plaza, contándose por deudores, de
que el se contentasse con ello. Vea agora la emu-
lacion, i la embidia, i la verdad, si diximos bien
en la estancia 65. que la estreila del Rey era Christo: i si semejantes acciones son possibles a bra-
ço humano, sin un auxilio singular de mano di-
vinaz.

¶ Fere, mata, derriba. Ercilla cant. 18. Hie-
re, mata, derriba, &c. Todo esto dice el Poeta
sin otra precedencia de palabras, o descripcion
de ensayo para tal pelea, como gran Maestro: por
que asi como en el primer verso propuso subito
el encuentro, procede subito el estrago.

¶ De hum Panico terror. Quiere decir de
un espanto grande, con pequena causa. Ha-
llo que los Pajes Satiros de la antiguedad, son
lo mismo que Incubos, i lo que vulgarmente
se llama Duendes, o Trasgos, o Pesadillas,
que oprimiendo a los que duermen: o pare-
ciendoles que les opriime, i haciendo cierto ge-
nero de ruido por casa, sin verse, viene a cau-
sar temor, sin que se sepa de que. I es cierto,
que muchas casas se han hecho inhabita-
bles, por ser habitadas destos spiritus, i aver-
se experimentado, que llegan a quitar la ro-
pa de la cama, burlándose del que esti en e-
lla, i agotandole. Píutarclo en el libro de Isis,

Ai Osiris: dice, que aviendu Tifón muerto a trai-
cion su hermano el grande Osiris, i echandole
en el Nilo, los primeros que vieron su cada-
ver, fueron los Pajes, o Satiros de aquel dis-
trito: los cuales derramando despues sobre a
quella muerte varios rumores por todo Egyp-
to, dieron ocasion a subitos, i varios tumultos;
de qiz relatò, que todos los miedos, i
sobresaltos, que proceden de causas no ave-
riguadas, se llamaren terrores Panicos. Alcia-
to compnfo desto su emblema 122. con un Fa-
uno, o Satiro sonando un cuerno, i la letra.

Eff so cernens f gientes agmine turmas
Quis mea nunc inflat cornua? Faunus ait.

I alii su exposito Claudio Munioz, dice, que la an-
tiguedad tuvo a Pan Dios de los Pastores, por
causa destos miedos, sin saberse el origen: i que
Fornuto refiere, que esta calidad de terror innadió
a los Franceses, quando con su Capitā Breno
ivan sobre Delos, i otros ejemplos que alli pue-
de ver el curioso: i deste de los Franceses creo yo
se quisó valer el Poeta por la semejança.

G Todo assombrado. En decir el Poeta, que el
Moro quedo assombrado con este terror Panico,
alude a lo dicho, de que Pan es el Incubo, especie
de demonio, a que llamamos Fantasmas i som-
bras: i assombrados a los que las ven, o sienten: i
vulgarmente se llama en Portugal a los tomados
del demonio, assombrados.

¶ Só de segui lo o exerc. &c. Entiendese el exer-
cito barbaro, que viendo huir su Rey, le imitò;
que el nuestro no tenia exercito.

LXVIII.

Logo segue a vitoria sem tardança,
o gram Rey incansabil, a juntando
gentes de todo o Reyno, cuja usança
Vera andar sempre terras conquistando.
Cercar vay Badajoz, e logo alcança
o fim de seu desejo, peleando
com tanto esforço, e arte, e valentia,
que a faz fazer ás outras companhia.

LVego el grande i incansable Rey Alonso fi-
gue sin tardanza la vitoria, juntando en el
Reyno gente, cuya costumbre era andar con
quistando tierras. Va a sitiatar Badajoz, i luego al-
cançò el fin de su deseo, peleando con tanto ani-
mo, arte, i valentia, que la hizo hazer compañia
a las otras vencidas.

G Logo segue a vitor. &c. Imagen de la prissa,
que deve aver en un Capitan: la qual pinta Pier.
Valer.lib.43.con un rayo en la mano, al lado un
Delfin, i sobre la cabeza un Acor. I porque Ce-
sar fue singular en ella, i nuestro P. en la e. 13. del
c. 1.dixo, q attueq de Cesar cantaria a Alonso, no
olvidádose de o dicho, va en estas acciones tuyas
mostrado en el aquila vivacidad presurosa, q real-
mente

mente fuz la fortuna de Cesár. Viéndose , pues, nuestro Rey favorecido della (de Dios queremos dezir) i que el Rey de Badajoz iva ya lleno de temor de sus armas , se resolvio en aparecerle otra vez antes que el temor se le acabase de exalar del pecho: i juntando alguna gente con presencia grande, se puso sobre aquella Ciudad, i la ganó con la misma, mas no sin buena resistencia , que le hizo obrar gentilezas militares con el ingenio, i con el braco. Era todavía Badajoz de la conquista del Rey de Leon . i parecio que Alonso se avia empleado en este hecho, más por desgastarle a el, que por ilustrarse a si, o creer que podia sustentarse en aquella plaça: si bien era peligroso para su reputacion el largarla, emprñado una vez en adquirirla. Todavía porque el odio hasta en coracones tan grandes tiene dominio , el Rey estando desavenido con el de Leon, i queriendo mas atender a molestarle, que a otra cosa, vino a saber a su costa , que Dios tambien castiga a sus favorecidos: i assi, o por lo que avia usado de rigor con su madre (si fue assi) o porque esta acció desdijo del intento santo de las otras, o por todo, padecio la desgracia que luego veremos. Yo mas me acomo do a creer, que fue en cumplimiento de lo q Christo le dixo, quando le aparecio, como consta de su juramento solemne, i fue : *Que venceria todis las veces que peleasse contra los enemigos de la Cruz.*

C I esto sucedio puntualmente en vencer todos aquellos con que entró en argumento militar, i ser vencido en este por quien no era enemigo della. I aunque amigos della igualmente hâ vencido unos a otros, antes , i despues ; esso no impide esto toro, por los secretos que su divina Magestad sabe, i de que no le podemos pedir cuenta. I bien se ve que anduvo en esta accion su divina voluntad; permitiendo, q el Rey se rompiesse vna pierna, i cayesse su caballo con el , para que el de Leon le pudiesse prender: que fue como atarle de pies , i manos el mismo Dios, para que no vlassse contra Christianos , i sin justicia , de la espada que estaba insti tuida contra infieles solamente , por su divina boca.

D ¶ Que a fez fazer as outras companhia. El Tasso c. 3. est. 34. Molti cadendo compagnia g. i fero.

LIX.

Mas o alto Deos, que para lôge guarda o castigo d' aquelle que o merece; ou para q se emmende às vezes tarda, ou por segredos q homem nã conhece; se atèqui sempre o forte Rey resguarda dos perigos a que elle se offerece, agora lhe nam deyxa ter defesa da maldiçam da mây que estava presa.

E P Ero el alto Dios, que guarda para su tiempo el castigo de quien le merece, i que, o tarda a ve-

Tomo 2.

A zes para que se enmiente, o por secretos , que no conoce el hombre: si hasta aqui guarda siempre a este valeroso Rey de los peligros a que el se ofece, agora no le dexa tener defensa contra la maldicion de la madre, que estaba presa.

G Mas o alto Deos , &c. Ponderado avemos por mucha lecion, i experiencia, q nadie peca gravemente , q no sea punido en eita vida; ana los ti favorecidos de Dios, como fue este gran Principe: i que aunque tarde la pena, como el P. dice, sié pre llega a tiempo. Desventurado de aquel que descaradamente se pone a jugar con la justicia di vina: i en particular si es de los q con poder usan del mal humor, apartados de la razon. El P. en este lugar, hablò por la boca de Oratio lib. 3. od. 2.

Raro antecedente scelestum

Deserxit pede poena claudio.

Si ya no es mas propio de Stacio Theb. 5.

Sed videt hoc, videt ille Deum regnator , & ausis Sera quidem, manet ira tamen. En lemejante vêgança. I aquello autorio. Lento enim gradu divina procedit ira tarditatemq; suppiicy gravitate compensat. Mas viene aunque tarda. Atioilo can to 37.

Fin che Dio, e santi a la vendetta in voglia,

La qual se ben tarda a venir compensa

L' indugio poi con punitione immensa.

Yo creo que derechamente io tomo de B. Tasso Am. J. c. 34. est. 1.

Non sia chi pensi di poter fuggire
Del giustissimo Dio l' alta vendetta;
Che si egli ha ben la man lenta al punire,
Fall per che uscir pietà più si dilecta.
Per che si penta i' huom del suo fallire,
Ii benigno signor tarda, & aspetta;
Ma il paga poi, vedendolo ottinato
Con doppia pena d' ogni suo peccato.

D Algunas razones de aquellas, porq a los que merecen castigo por culpas graues, a veces tarda: hallará el curioso traídas con agudeza filosofica en Boecio, al principio del lib. 4. de consol. La Escuela gentilica creia, q los Díoses traían los pies de lana: queriendo dezir, que venian a castigar de espacio : i tambien que venian sin ser sentidos , i quando menos se piensa. Yo a lo menos asii lo experimente, viendo correr a algunos a toda rienda en desprecio de quanto vive con gran soberbia , i executando mucho contra pequenos injustamente , i en un punto, quando menos lo imaginaron; reducidos a toda miseria, i principalmente a ponerse con ruegos en las manos de los mismos a quien avian ofendido con tirania : que es la executoria de la Fortuna adversa; que deste modo sabe desandar lo andado , i consolar los pequeños.

¶ Da maldicam da mây que estava presa. En la estan. 33. apunto el Poeta esta prisón , en que se dice puso el Rey a su madre , i la causa della. La qual viendose en aquel estado , maldiziendo al hijo, pidio a Dios, que assi como el le avia me-

Dd 3

tido

tido los pies en hierros, con ellos fuese castigado, i en ellos se le rompiessen las piernas. I es de ponderar, q de algunas tres veces que el Rey fue herido, todas fueron en las piernas. Alfin, o sea por esto (si es que lo huvo) o por la poca justificación desta toma de Badajoz, o por lo q Dios quiso, el huvo el castigo q luego veremos en la est. sig. Falta advirtir dos cosas; una, dezir el P. que la madre del Rey D. Alonso estava presa al tiempo que le prendio el Rey de Leon: otra, aver dicho en la est. 33. que se vió vengada en tiempo breve; i en esta que el castigo, o vengança tardò. Es de saber, que el tiempo en que nuestro Rey venció al Rey D. Alonso VII. en Valdeves, fue el año de 1128. B i (aunque de pocos dias) va entonces tenia presa a su madre: i la toma de Badajoz en q le sucedió esta desgracia, fue hasta el año 1169. I assi, quando menos, de la prision a la vengança van 40. años: i lo que es mas, q en todos ellos estuvo presa, conforme al P. Pero encontrandose esto con el tiépo de la muerte de Teresa, q fue por los años 1130. queda claro, que ni ella se vió vengada en tiempo breve, ni estaba presa quando el Rey fue preso, i quebró la pierna. I assi el P. anduvo en estas cuestas, o errado, o misterioso. Misterioso es, que anduvo sin duda. Porque como Teresa deviò morir en la prision, pudo el P. dezir, que ella se le continuò con la de la muerte, i que desde una i otra estuvo viendo este castigo q Dios dio a su hijo, por lo q usò con ella. O tâmbien (i es mas propio de lo mucho q el P. cala i ahonda en sus pensamientos) aunque Teresa era ya muerta, estava viva al mundo en su agravio: porque quien los recibe tales, no muere en la memoria de las gentes, i a lo menos en la justicia divina, en quanto no está satisfecho. Por esto dixo Dios a Cain (como consta del Genes. cap. 4.) que Abel clamava desde las entrañas de la tierra, por el castigo de tan horrendo crimen. Esto es, que muerto vivia para solicitar la pena del. I no ay duda, que en este sentido habla el P. de Teresa. Y para lo de aver dicho q se viò vengada en tiempo breve, aviendo tantos años de la culpa al castigo, se ha de entender, q fue breve, porque no lo reservò Dios para el otro mundo, como suele dezirse, sino que le quiso castigar en esta vida, que es breve: para que los que vieron en ella el crimen, en ella viesssen la pena. I esta fue la mente del P. siempre sentencioso.

LXX.

**Que estando na Cidade que cercàra,
cercado nella foy dos Leoneses,
porque a conquista della lhe tomàra,
de Leam fendo, e nã dos Portugueses.
A pertinacia aqui lhe custa cara,
assí como acontece muitas vezes,
q em ferros qbra as pernas, indo acceso
à batalha onde foy vencido, e preso.**

A **P**orq estando en la Ciudad q avia cercado, lo fae de los Leoneses en ella, porq les tomava su cõquista, siédo aquella parte de León, i no de Portugal. Aqui le cuesta caro la pertinacia, como muchas veces sucede, porq corriédo inflamado a la batalla en q fue preto, qbrò las piernas en hierros

¶ Estando na Cidade q cercàra, &c. El Rey sitiò a Badajoz, i en pocos dias la rindiò: i tâbié en pocos le vino el Rey D. Fernão II. de León a sitiare en ella, porq era de los terminos de su cõquista. Era D. Fernão yerno de D. Alóso, casado cõ su hija D. Vrraca; i ni estos patetescos, ni la razò bastò para q dexasse la plaça a cuya era: i estuvose firme.

¶ Vezes. En rigor no es cõsonante de Portugueses, i Leoneses; pero vcase lo dicho c. 7. estan. 77.

¶ Que em ferros. &c. Este es el castigo q el Pote ra dize en la e. 33. vió D. Teresa en su hijo Alóso, por tenerla presa en hierros. Viniendo el Rey de León, pues, a sitiarte, salió el cõ tanto furor corriédo, q arrimádose mucho el caballo a la puerta de la muralla por donde salia, le dio cõ una pierna en un cerrojo de manera, q la rópiò: i luego de embarazado el caballo, cayó: i saliendo el Rey de la silla, como no se podía sustentar, fue preso de los Leoneses; i por librarse de la prision de aí a pocos dias prometió al de León, q se le bolverian algunas plazas q tenia tomadas con semejante justicia q esta de Badajoz, i hecha entrega de lo q luego podia hacerse, y tomada seguridad del resto qdò libre.

¶ Vencido, e preso. Preso si, vencido me haze du

di, supuesto que no huvo pelea.

LXXI.

**O famoso Pompeyo, nam te pene
de teus feytos ilustres a ruina;
nem ver que a justa Nemesis ordene,
ter teu sogro de ti vitoria dina:**

D **P**osto que o frio Fasis, ou Syene
q para nenhum cabo a sombra inclina,
o Bootes gelado, e a linha ardente,
temesse o teu nome geralmente.

**O famoso Pópeo, no te lastime la ruina de tus
ilustres hechos: ni el ver q ordene la justa Ne
mesis, q tu suegro tenga de ti una dignavitor
ria: por mas que el río Fasis, o Syene, q a ninguna
parte inclina la sombra, i el elado Bootes, i la ar
diéte linea, temiessem generalmente tu nombre.**

¶ O famoso Pompeyo nam te pe. &c. Con la desgracia de D. Alonso preso de su yerno, consuela el P. a Pompeyo, vencido de Cesar su suegro; bolviéndose a el con esse eruditissimo apostrofe: al modo que en la estancia 33. del can. 4. consuela a Sertorio, i a Coriolano, i a Catilina; i en las 22. i 23. del 10. a Belisario (vease allí) al tenez de lo que hiziera otro ingenio, que fuera consolar a Alonso, con acordarle lo que passò Pompeyo: pero subiendo de punto la grádeza de Alonso, cõsuela a Dom-

a Pópeo, haziendole inferior, i argumentado, i có
cinyédo, q' pues Alonso, Heroe tā soberano, se vió
alsi oprimido, no tiene el de que tener pena, su-
poniendose en inferior privanza con la Fortuna.

¶ *Nemesis.* Diosa de las venganzas justas : por
otro nombre Rannusia. Ovid. de Trist. lib. 5. el.
9. el Poeta en la estan. 80 del cant. 5. I mirad co-
mo sin respetos alaba el bien, i condena el mal:
porque sien lo cierto, que esta acción del Rey no
fue justa, ingeniosamente le llama injusta con po-
nerla en el Tribunal de Nemesis, Diosa que casti-
ga los actos injustos, en la fabula Poetica mis-
teriosa; o la propia justicia: porque fabricando los
Poetas, que ella huyó de entre los hombres, i se
fue al cielo, assi describe Hesíodo a Nemesis en
su Theogon. lib. 1.

¶ *Posto que o frio Fasis, ou Siene,* &c. Todo
esto, i lo que se sigue es Lucano lib. 2.

Hinc me victorem gelidas ad Phasidos undas
Arctos habes, calida medius mibi cognitus axis
Egypto atque umbras nusquam flectete Syene.
Hablando del mismo Pompeo. Va nuestro Poeta,
en esta est. i la siguiente, nombrando las partes
del mundo e ir que aquel infeliz Heroe fue vence-
dor. Fasis es río de la Rigion de Colcos, i sale del
monte Caucaso. Syene Ciudad de Egypto, adon-
de los rayos del Sol un dia del año penden tan de
rechos desde el Zenit, que la sombra de todos los
cuerpos que la hazen, cae derecha a los pies, sin
incidir en parte alguna. Veda Ptolomeo, i a
Macrobio, sobre el sueño de Scipion, lib. 2. que a-
cusa a Lucano en este lugar.

¶ *O Bootes gelado,* &c. Entiende la Region
del Norte: porq' ie Bootes, o Arctofilax es su guar-
da, o llamado pastor de la Helice, o Ossa mayor.

¶ *A linha ardente.* Es la linea equinocial: i Pó-
peo hizo lugar i nombre por estas partes.

LXXII.

Posto q' a rica Arabia, e que os ferozes
Eniocos, e Colcos, cuja fama
o vèo dourado estéde: e os Capadoces;
e ludea, que hum Deos adora, e ama:
E que os molles Sofenos, e os atroces
Silicios; com Armenia, que derrama
As agoas dos dous rios, cuja fonte
está noutro mais alto, e santo monte.

Por mas q' la rica Arabia, i los ferozes Enio-
cos, i Colcos, cuya fama estéde el dorado ve-
llo, i los Capadoces, i ludea, q' adora i ama un
solo Dios, i q' los moles, flojos Sofenos, i los atro-
ces Silicios, con la Armenia que derrama las a-
guas de los dos rios, cuya fuente está en otro mas
alto i santo monte: *Corre en effotra effancia.*

¶ *Posto q' a rica Arab.* &c. En toda la est. cóti-
nua el lugar de Lucano, q' comenzamos a traer en
effotra de las partes en q' fue vencedor el grande
Pompeo.

A

Me domitus cognovit Arabs, me Marte ferozes
Heniochi, notique erupto vellere Colchi.
Cappadoces mea signa timent, & dedita fueris
Incerti Iudea Dei, Mel esque Sopbena,
Armenios, Celicasque f.ros, &c.

De la division de Arabia, diremos en su lugar, que
es en la estanc. 63. del cant. 4.

¶ *Eniocos.* Habitadores, no lexos de los A-
cheos, en la Sarmacia juto al Póto. Ptol. c. 9. 6. 5

¶ *Colcos.* Los habitadores de aqua la parte, a-
donde huvo el decantado veilocino de oro.

¶ *Capadoces.* Capadocia es Provincia de la A-
sia menor ; dividenda con variedad los Geogra-
fos.

¶ *E Iudea, que bum Deos adora, e ama.* Esta di-
cho con Geronimo Vida, Christiad. 3. in fin. *Iudea* *Deum non amplius unum AEternum colit,*
&c. Judea es Region de Siria en la Asia mayor, i
parte de la Palestina, todo del Turco.

¶ *Molles Sofenos.* Porque estos moradores de
Sofena, parte de Siria, son efeminados, i lascivos.
Por esto adelante est. 92. llamará a Sardanapalo,
Molle; i en la 129. al Rey D. Fern.

¶ *Silicios :* genre fiera de Carmania, Region de
Asia menor : vivian de ser piratas ; i por ello con
gran propiedad les llama el Poeta atroces.

¶ *Com Armenia, que derrama as agoas dos.* &c.
Entiende la mayor Armenia, que es la que logra
los dos ríos Tigris, i Efrates, que tienen su ori-
gen en el Paraíso. Por esto dice, que su fuente es-
ta en otro monte mas santo, i mas alto : porque
del monte en que se dice estuvo el Paraíso, efecti-
vamente muchos Autores ser tan alto, que excedia la
jurisdiccion de las nubes, i de los vientos. Vease
lo que diremos en las estanc. 64. 74. del canto 4.
i en la 21. del 9.

E

LXXIII.
E posto emfim q' desde o mar de Atlâte
até o Scitico Tauro, monte erguido,
ja vencedor te vilsem, nam te espante
se o campo Emathio só te vió vencido:
porque Afonso verás soberbo, e ovate
tudo render, e ser despois rendido.

Afisi o quis o Conselho alto, e celeste,
D que vença o sogro a ti, e o genro a este.

I Por mas, al fin, q' desde el mar Atlantico has-
ta el Scitico Tauro, monte elevado, te viessen
ya vencedor, no te espante, si só amiente el cá-
po Ematio te vió vencido. Porque aqui verás el
soberano i ovante Alonso renderlo todo prime-
ro, i ser rendido despues. Afisi lo quiso el alto, el
celeste Consejo, que vença el suegro a ti, i el yer-
no a este.

¶ *E posto emfim que desde o,* &c. Continua el
Poeta con Lucano, assi como lo comenzó desde
la estancia 71. segun ya vistes.

— Tauro que subegi

Quod sacer bellum præter civile reliquit
Ariosto c. 33. Da: mar d' Atlante, a i termini d'
Egitio. Minturno en soneto del lib. 2. Per ch' io
dal mar de Atlante al , &c. El mar de Atlante,
es el Océano, que se llama así por la parte que
baña de la África, adonde se levanta el monte At-
las: i quiere decir el Poeta por estos términos, des-
de el Occidente al Oriente: entendiendo por lo
primero el mar Atlántico; i por lo segundo, aque-
lla parte del monte Tauro, que corre ázia la Tar-
taria.

¶ O campo Ematbio. Entiende la campaña de Farsalia (que es en Tessalia;) i aunque oy verdaderamente Emathia es Macedonia, Lucano lo usó por Tessalia, i así lo hicieron otros Poetas. En este campo fue vencido Pompeyo, de Julio César: llamóse así de Emathio Rey suyo.

¶ Ovante. Vale lleno de triunfos: porque entre las diferencias que dellos hubo en la antigüedad, uno se llamava de Ovacion, de que era propia la corona de mirto, o arrayan. I aunque esta suerte de triunfo era de acciones no tan grandes, como las que avia tenido nuestro Rey Don Alfonso, el Poeta entiende, como tal, por ella todas, menos la Naval: i ni esta le faltó, si se cuentan por de los Príncipes las acciones de sus vassallos: porque Don Fuas Roupiño fue ilustrísimo Capitán de nuestro Rey, q se puso esta Corona el primero en España: como veremos en la estanc. 16. del. canto 8. Dice, pues, el Poeta, que Alonso lleno de toda suerte de triunfo, se vino a ver puesto en las manos de su enemigo.

¶ Asio quis o Conselbo celeste. Virgil. En. 2. Sic fata ferebant. I en el 5. Sic dū volnifis.

¶ Que vença o sogro a ti, e o genro a este. Creemos, que en este modo de decir se dexó llevar el Poeta de aquél de Petrarca en sus triunfos, cap. 1. de Amor. Se vinse il mondo, & altri ba vinto lui. Que lucida ponderación en tal caso! Que bella! porque César que venció a Pompeyo, era su sogro; i el Rey, que Alonso era su yerno.

LXXIV.

Tornado o Rey sublime finalmente,
 do divino juizo castigado,
 despois que em Santaré soberbamente,
 em vāo dos Sarracenos foy cercado:
 E despois que do Martyre Vicente,
 o santissimo corpo venerado,
 do sacro Promontorio conhecido
 à Cidade Vlyssca foy trazido.

BVelto finalmente el sublime Rey a Portugal, castigado del divino juicio, despues que en vano fue cercado de los sárvios Sarracenos en Santaren; i despues que el santissimo cuerpo del Martyr Vicente fue traído con veneracion a la

ACiudad Vlyssca, desde el conocido i sacro Promontorio de su nombre: *En la estancia siguiente corre la clausula.*

¶ Do divino juizo castigado. Reconoce el Poeta, que en esta delgracia del Rey concurrió particularmente voluntad divina, conforme a lo que diximos en la estanc. 68.

¶ Despois que, &c. Este despues no se ha de entender, que despues que estuvo sitiado en Santaré Alonso, i despues que se truxo el cuerpo de S. Vicente, fue preso por el Rey de Leon, sino que despues deessa prisión tucediero esas cosas, i despues dellas el passar e' Príncipe Don Sancho de orden de su padre a Sevilla: como veremos en estotra estancia.

¶ Em Santarem , &c. Foy cercado. Los Moros como vieron, que la Fortuna avia mostrado las espaldas a nuestro Rey en Badajoz, cobraron animo para acometerle, no sabiendo que essa Fortuna era Dios, i que esse Dios tenía dicho, que contra ellos siempre sería vencedor: al modo que os diximos en la estanc. 68. Por esto Albojaque Rey de Sevilla vino haziendo graves daños, hasta atreverse a cercar nuestro Rey en la villa de Santaren con exercito copiosísimo. Hallavase Alfonso viejo, i en particular manco, o tan resentido de la pierna quebrada en Badajoz, que desde entonces no se puso mas a caballo, i siempre caminava en ombros de hombres, quando era breve el camino: i quando mayor, en carro. Resolviose a salir a los Moros puesto en el, i felizmente los desbarató antes que llegasse el Rey de Leon su yerno, que venia a socorrerle, sin embargo de sus pasiones. I es la ventaja que llevan los Reyes a los otros hombres, deponer la passion en semejantes aprietos, con animo verdaderamente Real: divino dixeramos mejor, porque no ay duda que tienen mucho mas de Dios los Reyes. Lo cierto es, que el saber Alonso, que su yerno venia, le hizo saltar a dar la batalla anticipadamente, porque no quiso repartir la gloria deste triunfo con nadie.

¶ Martyre: Por Martir. Este añadir de letra, se llama Paragoge, especie de la figura Metáplasmos. Martyr es voz Griega, i vale, Testigo: que lo es valiente de Christo, i su doctrina quien muere por el, i por ella. Por diligencias del Rey Don Alonso fue hallado el sagrado cuerpo de este ilustrísimo Martyr en el Promontorio, o cabo llamado de su nombre, i traído a Lisboa, en cuya Iglesia mayor está, i se venera. Fue esto el año 1173. i desde entonces tiene aquella grandísima Ciudad por armas una nave, i dos cuervos: a ella, porque le truxo esta reliquia: i a ellos, porque asistiendo a la guarda del santo cuerpo, fueron parte para hallarla: i guarda tan fiel, que se vinieron con el en la misma nave. I sea como se fuere, desde entonces se ven siempre en la Iglesia mayor dos cuervos andando entre la gente. Los vimos en el año 619. i el de 628. 629. i 630. que son los que estuvimos en aquella Ciudad

LXXV.

LXXV.

Porque levasse avante seu desejo,
ao forte fi'ho manda o laiso velho,
que às terras se passasse de Alemtejo
com gente, e co o belligero aparelho.
Sancho de esforço, e de animo sobejo,
avante passa, e faz correr vermelho
o rio que Sevilla vay regando,
co o sangue Mauro, barbaro, e nefando. **B**

Porque llevasse adelante su deseo, el cansado viejo, manda al valeroso hijo, que passasse a las tierras de Alentejo, con gente, i preventiones beligeras. Sancho con sobrado valor i animo passa adelante, i haze correr bermejo con la Mauritana i nefanda sangre, el río que va regando a Sevilla.

Porque levas, &c. El Rey hallándose viejo i cansado, ordenó a su hijo el Príncipe Don Sancho, que tomase las armas por él, i passasse a castigar los Moros, que se iban ensanchando por las tierras de Alentejo: i el inundando brios militares, i excediendo aun los deseos de su padre, passó adelante, i llegó hasta Sevilla, adonde en fieira batalla venció los barbaros, i bolvió lleno de triunfos i despojos.

G Animo sobejo. Quiere decir animo sobrado, superabundante, porque nádandole el padre hasta Alentejo, llegó hasta Sevilla, i excediendo los deseos de su padre, cumplió los suyos.

E faz correr vermelho. Corrió bitelto en sangre el B tis, a poder de Moros muertos en su orilla, i en su puente, al golpe de la espada Portuguesa, que este Príncipe pasó allá el año 178. ganando en aquel insigne conflicto insigne fama. El modo de decir es, imirando a Virgilio lib. 6. *Et Tymbrim multo spumantem sanguine.* I a Lucano lib. 7. *Turbatos in curso sanguinis amneis.* Así otros. En la estancia 20. del canto 8. se volverá a acordar deste hecho, sin duda, digno de que muchas veces sea memorado; con que Don Sancho se llevó la gloria de ser el príncipe de España que salió de su Reyno al extraño con mano armada.

LXXVI.

E com esta vitoria cobiçoso,
jà nam descansa o moço até que veja,
outro estrago como este, temeroso,
no barbero que tem cercado Beja.
Nam tarda muyto o Príncipe ditoso,
sem ver o fim d'aquillo que deseja.
Assi estragado o Mouro, na vingança
de tantas perdas poem sua esperança.

Tomo 2.

A Codicioso el moço con esta vitoria, ya no descansa hasta que vea otro, como este, temeroso estrago en el barbero, qui tiene sitiada Beja. No tarda mucho el dichoso Príncipe sin ver el fin de aque lo que desea. Assi assolado el Moro, puso sus esperanças en la vengança de tantas perdidas.

¶ E com esta vitoria cobiç. &c. Una vitoria ilustre, anima para solicitar otras. El Príncipe Don Sancho, viéndose con aquella de Sevilla, vieno a ponerse sobre la villa de Niebla: i componiéndose para combatirla, le llegó aviso de que los Portugueses estaban cercados de copiosa Mortisa en la Ciudad de Beja: i subitamente arrebató parte del exercito que traía, i fue bolando a acudir al cerco, i a todo furor se deshizo en Abril de 179.

¶ Na vingança de tant. &c. Viéndose el Moro en estrechez, se resolvio el Miralmuminim, Rey de Marruecos, en que avia de acabar de una vez con las valentias Portuguesas: i para esto conduxo gente de toda Africa; en particular de las partes que nombrari la estancia siguiente. Dexó se caer sobre Portugal con quarenta mil lances, i quinientos mil infantes. Caminó a Santaren, adic de se hallava el Príncipe Don Sancho. El resto a bajo.

LXXVII.

Ià se ajuntam do mōte, a qué Medusa
o corpo fez perder, que teve o céo:
jà vem do Promontorio de Ampelusa,
e de Tingi, que assento foy de Anteo.

D O morador de Abila nam se escusa,
que tābem com suas armas se moveo,
ao som da Mauritana, e ronca tuba,
todo o Reyno que foy do nobre luba.

Y A se juntan barbaros del monte, a quien Medusa hizo perder el cuerpo, que soltubo el cielo: ya vienen desde el Promontorio de Ampelusa, i de Tingi, que fue assiento de Anteo. El morador de Abila no se escusó, moviéndose también con sus armas al son de la Mauritana i ronca trompeta todo el Reyno, que fue del noble Iuba.

E **¶ I**à se ajunt, &c. Reseña breve, i elegantísima de la gente que truxo el Miralmuminim.

¶ Do monte a quem McD. &c. El Poeta así, así, habla deste monte en la estanc. ult. del c. 10. I en sus rimas Eglog. 1. deste modo.

— *O pasto de Ampelusa*

Co' o monte que em tão ponto vio Medusa.
Assi Petrarca en el Soneto 165.

*Può quello in me. che nel gran vecchio Mauro
Medusa, &c.* Porque Atlante (de quien por ser grande Astrologo fingieron los Poetas, que tenía el cielo al ombro) viendo el rostro de Medusa

Dd 5

se

Se convertio en aquel monte de Africa, que tiene este nombre, desde este suceso. El texto se deve ordenar desta manera : *Is se juntam Mouros do monte a quem Medi: sa fez perder a forma de corpo humano que sustentou o ceo.*

¶ Promontorio de Ampelusa. Esta en la Mauritania este Promontorio, entre Ceuta, i Tanger; i llamase oy punta de Alcacer, o cabo de Es-parrel; cosa notoria.

¶ Tingi que assento soy de Anteo. Es la Ciudad de Tanger, triunfo de nuestro valiente Rey don Alonso Quinto, adonde vivio el gigante Anteo. Veanselas estan. 33. del c. 1. 4. del 5. 24. del 7.

¶ O morador de Abila, &c. Assi en la est. 71. del c. 8. es Abila monte alto de la Mauritania, o puesto al Calpe de Espana: los dos que vulgarmente se llaman columnas de Hercu'nes.

¶ Reyno que soy do nobre Iuba. El Poeta en sus rimas Egl. 6. De Iuba os Reynos, &c. Perifrasis de Africa. Oracio lib. 1. od. 22. *Iuba tellus.* Lucano lib. 10. que es adonde lo vio nuestro poeta: *Vastaque regna Iuba.* Entiendese (porque hubo mas Iubas) el padre de Telesmeo, que fue el primer Rey, de una, i otra Mauritania, i excelente Principe, i de gran valor, i de gran doctrina a su modo: por todo esto le da el Poeta el epíteto de noble, con la vigilancia que suele dar los, que es rara. Del vimos el rostro en medalla de cobre que bien mostrava su antiguedad i conformava con el que anda en el libro de las Medallas antiguas.

¶ Todo: Breve imagen de la grandeza de Reyno que incluye muchos, de que son principales los de Marruecos, i Fez: por ello en este lugar de las rimas que ai os truexe, dixo el Poeta, *Reynos.*

LXXVIII.

Entrava com toda esta companhia
o Miralmuminim em Portugal:
treze Reys Mouros leva de valia,
entre os quais tem o cetro Imperial.
E assi fazendo quanto mal podia,
o que em partes podia fazer mal,
dom Sancho vay cercar em Santarem:
porem nam lhe sucede muito bem.

COn toda esta copania entrava en Portugal el Miralmumin: lleva treze Reyes de su valimiento o bien de gran valor, entre los cuales tiene Imperial cetro. Assi haciendo quanto mal podia qualquier de los, que en partes diferentes lo podia hacer, ya a situar en Santare al Principe: pero no le sucedio muy bien.

G Entrava com toda esta comp. &c. Es casi el verso 1. de la est. 23. del c. 4. Traia el Miralmumin treze Reyes a su obediencia, gobernando essa

A maquina que os diximos al fin de la e. 76.

¶ Miralmuminim. Abad Ramon del linaje de los Califas de Damasco, fue el primero que se llamo asi, que vale, Principe de los Creyentes, i por esto es corruption el dezir se ordinariamente Miramolin, asi lo cuiña Bar. Dec. 1. cap. 1.

¶ O que em partes pod. &c. Quiere decir: el que de estos Reyes podia hacer mal en partes por donde passava, lo hacia; hasta que llegando todos a la villa de Santarem se acampato en contorno, i la comenzaron a batir, i a poner en aprieto al Principe don Sancho:

LXXIX.

Dalhe combates asperos, fazendo ardis de guerra mil, o Mouro iroso;
na lhe aproveita ja trabuco horrendo,
mina secreta, Ariete forçoso.

Porque o filho de Afonso na perdedo
nada do esforço, e acordo generoso,
tudo prove com animo, e prudencia;
q em toda a parte a esforço, e resistencia.

C A Speros combates le da el airado Moro exequitando mucho ardid de guerra: ya no le aprovecha el horrendo trabuco; la secreta mina, el violento ariete. Porque el hijo de Alonso, no perdiendo algo del generoso valor, i acuerdo todo lo previno con animo prudente; q en toda parte ay resistencia, i cora con grande.

¶ Trabuco horrendo. Es instrumento militar que se llamo Balista, i con gran violencia escupia piedras, como la artilleria balas: i a este sirvicio un canon de hierro de gran vientre, i boca; aunque no muy largo, que despacha semejantes tiros con polvora, como la otra artilleria: i llama le horrendo, porque al fin cada despacho de aquellos es una lluvia de piedras que haze gran daño.

D E **¶ Ariete forçoso.** A este modo despues el Tasso Liber. c. 11. e. 5. *Impetuoso Ariete.* Era una larga viga, que traia desde alguna distancia con ingenio, i fuerza, batia con tanta las murallas, que las ponia por tierra. Los Portugueses le llamavan *Viyvem*, con propiedad: porque se iva, i venia con esta maquina a dar estos topetazos tantas veces que venian a obrar la ruina que se procurava. Quando se invento, se embevia la punta delantera en un bocal de bronce labrado en forma de cabeza de carnero; i de ai, i de ser propio deste animal el topetar, se llamo aquel ingenio Ariete, que en Latin es Carnero. En Monviedro, que fue la antigua, i famosa Sagunto, adonde Espanoles, i Romanos obraron las maravillas militares, que son notorias, vinieron un Ariete, que aun alli se conserva. Es viga larga, labrada, anchar, i gruesa; con agujeros en dos partes (si me acuerdo bien) en los cuales se entravan

unos

unos hierros tollicos, i gruesos (tambien alli estavan) con que parece devia jugar , llevando la parre ancha puesta a lo alto. Estava bien sana la madera el año 1631.i verdaderamente, que quando se mira con ponderacion, parece causa un desfeso, o soledad por las valentias del tiempo, en que se usava esta tormenta.

¶ Ofilio de Afonso. Pretendio el Poeta hazer en esta ocasion una perifrasis grande del Principe don Sancho, i dixo felizmente, hijo de Alonso: que fue como decir: el hijo del rayo de la guerra; o el rayo del Iupiter Portugues; que sin duda, tal fue nuestro Alonso sobre la Morisma. A este modo vino a decir el Tasso Liber. c. 14.e.12. B por Rinaldo : *Il figliol de Bertoldo.* I Ercilla Arauc. c.24. por don Iuan de Austria : *El hijo de Carlos.*

¶ Nam perdendo nada do esforço, e acordo, &c. Dignissimo es de ponderar , que hallandose un Principe con pocas personas, cenido de 500j. barbaros, no perdiessen el animo, ni el tino , o discurso ; sino que se estuviesse en si constantemente, i se dispusiesse a la resistencia , i ordenasse las cosas con gran acuerdo, como si estuviera muy superior. Quien es tan impio , que niegue particular auxilio de aliento divino en semejantes actos? Quien?

¶ Com animo , e prudencia. Excelentemente se corresponden estas dos palabras con las antecedentes ; *esforço, e acordo.* De aquel resulto el animo,i desde la prudencia , con que se huvo, i ai diximos.

¶ Que em toda a par. &c. Algunos creen , que este verso es sentencia : i no es, sino dezir, que el Principe tenia en la villa para su defensa dispuesto de manera todo , que en todas las partes avia gente de esfuerzo para resistir.

LXXX.

Mas o velho a que tinham ja obrigado os trabalhosos annos ao soisiego; estando na cidade cujo prado enverdecem as agoas do Mondego: Sabendo como o filho esta cercado, em Santarem, do Mauro povo cego, se parte diligente da cidade: que nam perde a presteza co a idade, E

Pero el viejo a quien ya tenian obligado a soisiego los trabajosos annos , estando en la Ciudad, cuyo prado reverdece con las aguas del Mondego ; sabiendo como el hijo estaba sitiado en Santare por el ciego Mauritano pueblo, parte diligente : porque con la edad pesada , no pierde ia presteza.

¶ Mas o velho a quem, &c. El Rey don Alonso, aunque viejo, quando supo, que el Principe su hijo se via en el estado , que ai diximos ; salio

A presto de Coimbra adonde estava , i se fue a correrle ; llevando a un gran peligro aquellos annos venerables. Assi se acuerda Virgilio de la mucha edad de Ifito, hallandose en las batallas, lib.2. *Qigorum Iphytus aet o jam gravior, &c.*

¶ Na cidade, cujo prado enverdec. &c. Señas claras de la Ciudad de Coimbra bañada del rio Mondego, que haze amenissima su campana, i fertilissima de frutos.

¶ Que nam perde a presteza com a idade. Era una vejez vigorosa la del Rey don Alonso ; o tenia un coraçon que sobrepujava los poderes della : no iva tardamente como viejo : en que parece imitò el Poeta a Ovid. Met. 13. en contrario: *Passi procedit anili.* I asi corrio a este hecho el Rey con la priesa que folia de moço. Tal pintaba Virgilio en el lib. 6. la vejez de Acheronte: *Iam senior, sed cruda Deo, viridisque senectus.* Ariollo c.12.

— *Se non un veglio.*

A cui il sangue l'eta, non l'ardir sciuga. El Tasso Liber. c.3 e. 35.

I forte Ardicio, buongia d'eta matura , ma di vecchiezza indomita , &c. I en el c. 17. est. 86. *Che per vecchiezza in lei virtu non manca.* Que parece avia el Rey don Alonso pedido a Dios

C lo que Persio enseña, se le pida en la Sat. 2. *Poscis opem nervis , corpusque fidele senecte.* I Dios concedidole lo que pidio. Vino pues Alonso con colera veneranda , i presurosa, puesto en un carro, i en el presente batalla a los cercadores, i los vencio. Desta manera acudio entre los Samnites a Cayo Poncio su padre Herenio, llevado en un carro por su mucha vejez, para vencer los Romanos en las horcas Caudinas. Vease esto en la est. 15. del c.8. Noteše como el Poeta continuo cuidadoso en celebrar la piissima de don Alonso,

D por ser la madre de las buenas fortunas en la escuela militar : i por lo que diximos al principio de la est. 68.

LXXXI.

E co a famosa gente a guerra usada, vay soccorrer o filho, e assi ajuntados, a Portuguesa furia costumada, em breve os Mouros te desbaratados.

A campina, que toda esta qualhada de marlotas, capuzes variados, de cavallos, jaezes , presa rica, de seus senhores mortos chea fica.

I Con la famosa gente usada a la guerra, va a socorrer al hijo: i assi juntos brevemente desbaratado a los Moros la acostumbrada furia Portuguesa. La campana, que toda estava quajada de marlotas, i variados capillares, i rica presa de cavallos, i jaezes, quedo tambien llera de sus senores muertos.

¶ E co^a famosa gente a quer, &c. Describe el Poeta la gente, que llevo el Rey, i la prisa con que de cerco la villa, venciendo los barbaros, i la campana llena de muertos, i despojos.

¶ Famosa gente a guerra usada. B. Tasso Amor. lib. 2. canc. 1. *L'ardite genti ale corone usate.*

¶ A campina que toda, &c. No esta facil el texto. Se deve construir assi. La campana, que estaba toda quajada, de varias ropas, i armas, i despojos ricos, se acabo de llenar con los cuerpos muertos de los senores de la riqueza El Tasso Liber. c. 6. est. 48. *Sparsa e la terra d'arme. I c. 20. est. 50.*

*Pien tutto il campo e dispezzate lance,
Di rotti scudi, e di troncate arnese, &c.
Di corpi, &c. Giace il cavallo al suo signor,*
&c. Haciendo semejante imagen de estrago.

¶ Marlota: Es casi lo mismo que Cabaya de que diximos en la est. 95. del c. 2.

¶ Capuzes. Aqui te ha de entender capellares, capa corta con capillas puntiagudas, con franjas, todo de varios colores (por esto dice el Poeta variados) traje propio de Moros, como es notorio: i de si se usaron en Espana las capas de capilla.

LXXXII.

**Logo todo o restante se partio
de Lusitania postos em fogida:
o Miralmuminim so nam fogio,**
porque antes de fogir lhe foge a vida.
A quem lhe esta vitoria permitio,
dam louvores, e graças sem medida:
q em casos tam estranhos claramente,
mais peleja o favor de Deos q a gente.

L Vego todo lo restante puesto en fuga, partio de Lusitania: solamente no huyo el Miralmuminim: porq antes de huir el le huye la vida. Los vencedores davan gracias, i lootes sin termino a quien les dio esta vitoria: que en casos tan estranos, es claro, que mas pelea el favor de Dios, que la gente.

G Logo todo o rest, &c. Viendo los barbaros su ruina van huyendo.

¶ O Miralmumini so nam, porque antes, &c. El Emperador dessa Morisnia tambien se puso en huida, i al passar el Tajo le mato el Principe don Sancho, segun parece, arrojandole algun dardo: por esto dice el Poeta, que le huyo la vida, antes que el acabasse de huir.

¶ A quem lhe esta vitoria, &c. dam graças. Reconoce el Poeta, que tal vitoria fue toda de braço divino: i reconoce bien.

¶ Mais peleja o favor de Deos que a gente. Con la melina intencion fenece la est. 109. Bien se dexa ver la grandeza desta vitoria; pues la po-

A ca gente que entonces podria aver en Portugal hizo no solo delacampar un exercito de 540. mil hombres, sino que le destruyo con muerte de su Emperador. Fue esto el año 1184. teniendo Alfonso 90. de edad, que remato con este ultimo caso(bastante para ilustrar qualquier Heroe) porque el año siguiente murió. Vayan considerando los que niegan los favores de Christo a este valiente, i Santo Rey; de qual braço seran estas victorias, si del humano, si del divino: porque en negando que del divino, esfuerça confessar, que Alfonso no tiene, ni quiere por tegundos a Alejandro, ni a Cesar, por las razones, que se hallaran bien ponderadas de nuestro Poeta (que ninguna cosa se le huyo) en la est. 12. del c. 8. Pero lo cierto es, que la gente Portuguesa en muchos conflictos militares, no fue mas de un fiel, i proporcionado instrumento en el braço, i mano omnipotente de Dios: i que justamente le cabe decir de si con Isaías en el cap 49. *Deus meus factus est fortitudo mea. S. rva esto para lo que diremos en la est. 20. del c. 10.*

LXXXIII.

**C De tantas vitorias triunfava
o velho Afonso, Principe subido,**
quando que tudo enfim vucedo andava,
da larga, e muita idade foy vencido.
A palida doença lhe tocava,
com fria mao o corpo enfraquecido;
e pagaram seus annos deste geito,
a a triste Libilitina o seu dereito.

D E tan señaladas vitorias triunfava el viejo Alonso, Principe sublime, quando el que al fin lo andava venciendo todo, fue vencido de la mucha edad. Tocavale el enflaquecido cuerpo, con fria mano la palida dolencia: i de este modo pagaron sus años a la triste Libilitina su derecho.

G Quem tudo vencendo andava da &c. El Portino fol 59.

*Così colui che tutto il mondo vinse
D'altrui vinto resto, &c.*

¶ Da larga e muita idade, &c. El Tasso Liber. c. 1. est. 113. *Stanco da gravosa somma degli anni.* Parecera, que aviendo dicho arriba, que el Rey era viejo, se escusava este, larga, i mucha edad. Devese advertir que ay mas, i menos virjo; i el Poeta en todo esto dixo, que eta muy viejo Alonso: por ventura que a imitacion de la sacra pagina, que hablando de Abraham a la entrada del cap. 24 del Genes. No se satisfaze con decir, que era viejo, sino anade de muchos dias; que es lo de nuestro Poeta: viejo, i anade de mucha edad: *Erat autem Abraham senex, dierumque multorum.* Ajustadamente dice el Poeta, que el Rey murió mas do viejo, que de otro accidente:

re: porque tres maneras ay de morir naturalmente, segun Servio; una ocasionada de tres cursos de Saturno, que son 121. años, que D'ostiene concedido al hombre en el cap. 4. del Genos. *Eritque dies illius centum viginti annos.* Otra es fatal de tres cursos del mismo Planeta, que son noventa años, i el Rey murió de novonta i uno. I assi quedò logrando, no solo la segunda felicidad, sino tocando la primera del vivit. La tercera muerte es fortuita por varios causas de violencias, o enfermedades, i es la mas frequente; porque los que mueren viejos son pecos: i lo reor es, que sean, con todo esto, ningunos los desengaños. Esta edad dan las Crónicas, i tradiciones al Rey don Alonso. Modernamente el Padre Fray Antonio Brandam en sus papeles, que dio a la estampa los dias passados, le quita algunos veinte años de vida. I aunque se funda en buen contador, i realmente lo parece, no se podrá decir que vive este Rey en sus escritos; pues ellos le matan primero que la muerte.

¶ A triste Libitina, &c. Dixo con gala Poética el morir de Alonso: porque Libitina era Diosa de los difuntos, i tendera de las mortajas. Tomase aqui por la misma muerte, como en Oracio Epist. 2. lib. 2. *Nisi quod Libitina sacravit.* o mejor en la 30. del 3. *Magnaque pars mei vitabit Libitinam.* Juvenal Sat. 12. *Nam si Libitinam evaserit ager.* Tito Livio lib. 10. *Tanta fuit pestilentia, ut vix tunc Libitina sufficeret ad suppeditandi scilicet funeribus necessaria.* Suetonio en Neron capit. 39. Esto ultimo, para lo dicho, de que entre los Romanos fue Tendera de las mortajas: i ay contienda entre los Autores, qual de dos Diosas, se entendia debaxo deste nombre, si Venus, si Proserpina. Yo me hallo sin necesidad de averiguártlo. Acudase a los Mitologicos.

LXXXIV.

Os altos Promontorios o choràram;
e dos Rios as agoas saudosas,
os semeados campos alagàram,
com lagrimas correndo piadolas.
Mas tanto pello mundo fe alargàram,
com fama suas obras valerosas,
que sempre no seu Reyno chamaràm,
Afonso, Afonso os Ecos; mas em vâ.

Lloraronle los altos Promontorios; i las saudosas, desfosas aguas de los ríos corriendo, con piadosas lagrimas inundaron los semeados campos. Pero en virtud de la fama se dilataron tanto por el mundo sus valerosas hazañas, que siempre en su Reyno llamarán los Ecos, Alonso, Afonso: mas en vano.

¶ Os altos Promontorios o choràram, &c. A uso de valentísimo Poeta describe las exequias

A celebradas, aun en lo insensible, por el Rey don Alonso: haciendo así mayor imagen de las que pudo celebrar fugiente, que d'ze, hizo crecer los ríos con las lagrimas; i resonar perpetuamente el Eco, con los suspiros. Lecciones de los Maestros, i de los grandes discípulos. Veamoslo. Virgilio Georg. 4. muerta Euridice: *Fleverunt Rodopeiæ arces, altaque Parcæ: atque Hebræ.* I muerto Ofeo allí: *Clamore supremos impleverunt montes.* Stat. Theb. 5. en tal evento: *Illi m, & cognata flagna indignantia Lerneæ, &c. Et Nemæs reptatus ager, &c. Fractagemuisti, &c.*

B Tambien se arrimó Garcilasso eleg. 1. muerto don Bernardino. *Vos altos Promontorios, &c.*

C *¶ Os semeados campos alagàram.* Deseo que me enseñen los entendidos: porque el Poeta especifica los campos semeados: porque parece, que bastava decir campos. Yo me obligo, que de mil no ay uno, que me lo enseñe, i que no crea, que esto es acaso, como creen de otros lugares. Pues entiendan todos, i acaben de desengañarse, que este gran Poeta está con perpetua atención, i que es menester acompañarle en ella, para gustarle enteramente: porque sin duda, no echa palabras al aire, como hazen los que le censoran. Convine saber, que el Rey don Alonso murió en Diciembre; mes en que los campos están semeados: i assi en particularizar el Poeta, que lo estaba, haze dos cosas, assi bolado, una dezirnos el mes en que murió: otra mostrarnos lo mucho que crecieron los ríos con las lagrimas; pues excediendo sus vías, o argines llegaron a las vegas semeadas, i llegados no dudaron hacer en ellas una gran perdida, por sentimiento de perdida tan grande.

D *¶ Chamaram Afonso, Afonso os Ecos; mas em vam.* Es imitado de muchos, esto de hacer a los que quedan llamar por aquellos aquien llevó la muerte. Bion Smirneo idil. i muerto Adonis: *Montes omnes dicunt, Ab Adoni! & fluvijs deflent, &c. Et fontes Adonidem in montibus deplorant.* Iosepho lib. 5. de antiquitat. cap. 11. refiere, que aviando Herodes mandado matar a su muger Mariamne, fue despues tal el arrepentimiento, que tuvo del hecho, i tal el deseo della, que cada momento andava llamando Mariamne, i mandava a los suyos, que biziessen lo mismo frequentemente: *Sapè invocabat (dice el) eius non men, &c. Et sapè ministros iuberet vocare Mariamnem.* Virgilio Egl. 1.

— Ipsæ te Tityre pinus.

Ipse fontes, ipsa hæc arbusta vocabant.

Pero continua nuestro Poeta con essotro lugar de la Geor. por Euridice.

Ah miseram Euridicē anima fugiente vocabat;
Euridicem toto referebant flumine ripæ.

I en la Egl. 6. *Vt litus Hylæ, Hylæ omne sonaret.* Sanaz. Arcad. Egl. 5. *Androgeo, Androgeo sonava il bosco.* Benivieni Egl. 6.

Che sol piangendo, & in van cbiamando

Lau-

*Laura a pie d'un duro sooglio in pianto
Li core reslove. Ariotto c. 24. para lo que nuestro Poeta dixo: En vano. Chiamando sempre in van lo amato nome , i en el c. 29. Sempre Isabella Isabella risuone. El Minturno lib. 3. Egl. 1. Dameta gridan le campagne, e i boschi. B. Tasso Amor. lib. 1. fol. 23. en el inicio.*

*Qui duol si il cieco mondo, e pi angon l'onde
D'Adria, & quanti tra noi son piu perfetti
Chiamano suspirando il tuo bel nome.*

I en el lib. 2. fol. 41. con el proprio nombre de Alonso de nuestro Poeta: *Alonso già suona ogni pedice. I lib. 5. Egl. 3. Ma chiamano piangendo il tuo bel nome. I Egl. 6. Et te ha chiamato lungamente in vano. Garcilasso Egl 3. I llama Eliisa, Eliisa, &c. Ercilla c. 28. Diziendo Glaura, Glaura ultimamente. Yo con embidia remediando a todos en mis rimas, vine a dezir en la parte 3. Egloga 9. al llorar Estela la muerte de Anarda.*

*Anarda, Anarda. O nome a meus ouvidos
Hum tempo alegre, e grato!
Hoje a mor confusam de meus sentidos, &c.
Envolta em tristeza, e negro manto
Sempre a noite me veja,
Em quanto tu ausento,
(Porque tudo em geral sentir deseja)
Pedras, plantas, e fontes juntamente
Queixosos resonando
Por ti, desaudido, estou chamando.*

Vease mas delto en la citan. 118. del c. 10. sobre la muerte del Apostol Santo Thome. Finalmente el Poeta alude a la costumbre antigua, de que en las exequias de los difuntos, por testimonio de dolor, i deseo repitian en sentidas vozes los nombres dellos. Vease lo que referimos en la muerte de Viriato en nuestra historia, parte 1. cap. 7. I toda la e. es un valente Epicedio (assí llama la Retorica este genero de llanto Poetico) a la muerte del grande Alonso, como adelante el otro a la de dona Ines, i en el c. 10. a la de Santo Thome. I el decir, que lloraron las montanas, i lo insensible, incapaz de passion, es hiperbole aun vulgar, diciendole en ocasiones fuertes, que hazen llorar las piedras. Esto solo fue verdad en la muerte de Christo, en que se escurecio el dia, se quebraron las piedras, i se rompieron los velos del Templo. I acá el llorar los montes, i crecer los rios con lagrimas, se deve entender en dos maneras: una, qne en muchas tierras fue llorado de personas grandes el difunto: otra, que a los gemidos flebiles de los que le lloravan, respondian las concavidades de los montes, i rios con los ecos: i desse modo venian a tener parte en ese llanto, i suspiros, i dolor.

LXXXV.

Sancho forte mancebo, que ficara imitando a seu Pay na valentia,

A e que em sua vida ja se experimentara, quando o Betis de sangue te tingia: E o barbaro poder desbaratara, do Imaelita Rey de Andaluzia; (ram e mais quado os que Beja eni vao cerca os golpes de seu braço em si prova;am.

E L fuerte mancebo Sancho, que quedo imitando en la valentia a su padre; i que ya en su vida lo avia mostrado con experientia, quando se tinio de sangre el Betis, desbaratando el barbaro poder del Imaelita Rey Andaluz; i mucho mas quando los que cercaron a Beja, en vano, provaron los golpes de su braço: *A la otra efan. el sentido.*

J Sancho forte mancebo que ficara imitando a seu Pay, &c. Eso queria Andromaca en su hijo Alcanio, quando preguntava a Eneas si le imitava el. lib. 3

— Quid puer Ascanius, &c.

*Ecquid in antiquam virtutem, animosq; viriles
Et pater Eneas, & avunculus excitat Hector?*

J Quando o Betis, &c. Quando paso a Sevilla el Principe don Sancho, i obro lo que diximos sobre la est. 75.

J E mais. Este, mas, vale aqui mejor. Como si dixerai; peleo Sancho valerosamente en Sevilla, i mejor en Beja. Esta accion queda explicada en la est. 76.

LXXXVI.

*Despois que foy por Rey alevantado,
avendo poucos annos que reynava,
a cidade de Silves tem cercado,
cujos campos o barbaro labrava.
Foy das valentes gentes ajudado
da Germanica armada que passava,
de armas fortes, e gente apercibida,
a recobrar Iudea ja perdida.*

D Espues que fue levantado Rey, aviendo poucos annos, tiene cercado la Ciudad de Silves, cuyos campos labrava el barbaro. Fue ayudado de las valerosas gentes de la Germanica armada, que passava apercibida de fuerres armas a recobrar la ya perdida Iudea.

J Foy por Rey alevantado, &c. Yo seguire en la cuenta de la sucession de los Reyes la de las Coronicas, i otros escritos de nuestros mayores, aduirtiendo, que no he deixado de ver un computista fresco, que haze de una X. quarenta quando le esta a cuenta, que valga mas 30. aquella cifra, i de quattro XXXX. diez, quando le importa que estas quattro figuras valgan menos 30. todo por mostrar con Religiosa conciencia que nadie, sino el, puso hasta agora antojos, para leer letras viejas.

viejas. Digo, pues, que conforme a las Cronicas, i otros monumentos, el Rey don Alonso Enríquez murió los últimos días del año 1185. i en los primeros del siguiente, fue su hijo don Sancho aclamado Rey.

¶ Avendo poucos annos, &c. Avia tres años, que tenía el césped don Sancho, quando passò al Algarve a ganar Silves el año 1188. esta Ciudad es Metropoli de aquel Reyno.

¶ Foy ajudado da Germanica armada, &c. Aporto en Lisboa una armada de Dinamarca, Olanda, i Frisia, que passava a la guerra santa de Palestina, contenía cincuenta i siete velas. Acordeóse el Rey con aquellas gentes, en que fuesen sobre Silves: i juntandosele quarenta galeras, sin otros vaxeles ce Portugal, navegaron allá, i el Rey con su exercito marchó por tierra: i sobre dos meses de sitio se ganó la plaza.

LXXXVII.

Passavam a ajudar na sancta empresa, o roxo Federico, que moveo o poderoso exercito, em defesa da cidade onde Christo padecio: Quando Guido cõ a gente em fede ace a o grande Saladino se rendeo, (sa, no lugar onde a os Mouros sobejavam as agoas que os de Guido desejavam.

P Assavan a ayudar en la santa empresa el Rojo Federico, que movió el poderoso exercito en defensa de la Ciudad, adonde padeció Christo: quando Guido con la gente abrasada en sed se rindió al gran Saladino en el lugar adonde sobraban a los Moros las aguas que desleavan los de Guido.

¶ Passavam a ajud. &c. Esta gente de la armada Alemana, con que don Sancho ganó a Silves, iba para Ierusalen a acompañar en la guerra al Emperador Federico llamado el Rojo, por ser muy rubio de pelo: i temporales truxeron la flota al puerto de Lisboa, como aí diximos.

¶ Quando Guido cont agen, &c. Dize el Poeta en estos versos, que passava este armada en la ocasión, que Guido Rey de Ierusalen fue vencido del Saladino con sed, en el lugar en que sobró agua a su enemigo: porque corriendo Guido por ganar un puesto en que avia agua, halló ya en el al Saladino; i assi veniendo ya desfalcada con sed toda la gente de Guido, i conociéndolo los Moros, dieron sobre el, i destruyeronle miserablemente, sin mucha dificultad.

LXXXVIII.

Mas a fermeosa armada, que viera por contraste de vento a aquella parte,

A Sancho quis ajudar na guerra fera, ja que em serviço vay do santo Marte. Assi como a seu Pay acontecera quando tomou Lisboa, da mesma arte, do Germano ajudado Silves toma, e o bravo morador destrue e doma.

B Pero la hermosa armada, que avia venido a aquella parte por contraste de viento, ya quiva en servicio del Santo Marte, qui lo ayudac a Sancho en la dura guerra, con que le hallava. Assi como avia acontecido a su padre, quando ganó Lisboa, de la misma suerte ayudado del Germano toma a Silves, i destruye, i doma sus fieros, i barbaros moradores.

¶ Mas a fermeosa armada, &c. Hallandose la armada en Lisboa en tal ocasión, no la quiso perder, i ayudó al Rey don Sancho en la toma de Silves: assi como en la de Lisboa avia ayudado otra de las miseras partes a su padre. Vamos con esto a la est. 95.

C ¶ Do santo Marte. Galan dezir, por guerra santa; qual la de conquistar el Sepulcro de Christo: i es el tropo llamado Metonimia. Imitamos este lugar en la Coronacion de Urbano Octavo. Vease en la est. 37. del c. 2. i lo dicho en la nota 1. a este Poema sobre: *Magnum Iovis incrementum*, &c.

¶ Assi como a seu Pay acontec. &c. Pondera el Poeta la igualdad de favor divino entre el hijo, i el padre, con socorros extraños, para ganar este la cabeza de Portugal, i aquél la del Algarve. Ya lo vimos en las est. 57. i 58.

LXXXIX.

E se tantos tropheos do Mahometa, alevantando vay, tambem do forte Leones, nam consente estar quieta a terra usada a os casos de Mavorte. Até que na cerviz seu jugo meta da soberba Tui, que a mesma forte vio ter a muitas villas suas vezinhas, q por armas, tu Sácho, humildestinhias.

F Si tantos trofeos vâ levantando del Mahometano, tambien del fuerte Leones, no consiente estar quieta la tierra usada a los casos de Marte i hasta que ponga su yugo en la cerviz de la soberbia Tui, que vio tener la misma fuerte a muchas villas vezinas tuyas; que tu, o Sancho, tenias humilladas por armas.

¶ A terra usada a os casos de Mavorte. Entiéde los Leoneses, que en la opinion del Poeta (i lo merecen) son guerreros, i valientes: declarase mas en la est. 8. del c. 4. in fin. Vease.

¶ Até

P Até que na cerviz seu ju. &c. El texto se deve ordenar deste modo. Hasta que en la cerviz de la sobervia Tui ponga su yugo. Mas corriente lo dixo en la est. 55. del c. 2. Cerviz es facado del Latin, o Castellano. Pescoco, dice el Portugues, i el Poeta en la est. 16 del c. 1. El original antiguo, no dice, Sobervia Tui, sino Gallaia Tai. Pudo el Poeta dezir despues sobervia atendiendo a que lo estaria aquella Ciudad, con alguna ocasion: ó a una fuerça considerable, que tiene, si ya entonces la tenia: o a su antiguedad i origen.

XC.

Mas entre tantas palmas salteado da temerosa morte, fica herdeyro, hum filho seu, de todos estimado, q foy segundo Afonso, e Rey terceyro. No tempo deste a os Mouros foy tomado Alcacere do Sal, por derradeyro, (do porque dantes os Mouros o tomaram; mas agora estruidos o pagaram.

P Erò entre tantas palmas, salteado Sancho de la temerosa muerte, queda su heredero estimado de todos, su hijo q fue Alonso II. i Rey tercero. En su tiempo fue tomado el postrero a los Moros Alcacere del Sal: que siendo ya de Portugueses, lo avian buelto a tomar los barbaros: però agora lo pagaron con gran destruicion.

G Mas entre tantas palm. &c. Entre tantos triunfos i vitorias (quiere decir, poniendo la infinia dellos, que es la palma, por ellas, que son el merito della, i es uso continuo en Poetas: i la figura metonimia) murio el Rey D. Sancho el año 1212, i sucediole su hijo Don Alonso II. q llamaron el Gordo, por ser grueso demasiadamente.

P Salteado. Bien: quiere decir, que murio imatura, insperada, i brevemente; porque en edad de 57. quando mas se esperava del, acabo la vida: i asi parece, que en el camino della le salteò la muerte.

P Que foy segundo, &c. Verso que se repitira en la est. 60. del cant. 4.

P Por derradeyro. Se ve este modo en la est. 12. del cant. 2. i en la 74. del 4. Vale en Portugues, a la postre; finalmente; a lo ultimo; en conclusion; por remate de cosas, &c.

P Mas agora destruidos, &c. Estos quatro versos tocan la toma de la villa de Alcacere do Sal. I con ser gran cosa, passa aqui por ella ligeramente, por quanto el Rey no se hallo en persona: i assi la celebrara el Poeta (con gloria del General del exercito) en la estancia 24. del canto 8. adonde canta las hazanas de vassallos clarissimos desta Corona. Esta villa ya avia sido nuestra; i bolviendola a ganar los barbaros, el Rey deseava dar sobre clios en ella; i putose en execucion

con la entrada de una armada en Lisboa, assi como avia sucedido a los Reyes passados. Ella era del Setentrion, i constava de cien vasos, con buen golpe de gente. Por tierra fueron veniente mil Portugueses: i estando todos combatiendo la villa por tierra, i mar, sobrevinieron en socorro de los Moros quattro Reyes; el de Sevilla, el de Badajoz, el de Jaen, i el de Cordova, con quinze mil lances, i ochenta mil infantes, i diez galeras. Estando los nuestros en gran aprieto, perinicio Dios, q desde Olida aportasse otra armada en la villa de Setubal, que acudio a aquel gran caso de armas: con que anivadas las Catolicas, detriboró a los quattro Reyes, i 20. mil Moros, i hizieron huir el resto. Fue en Setembre de 1217. Este Rey tuvo poca dicha con los escritores: o los escritos con la perpetuidad: porque aviendose hallado personalmente con gran valor en algunas batallas, i salido vitorioso, ay dello tan poca noticia, que el Poeta se satisfizo con esta. Vease nuestra historia parte tercera, en su vida.

XCI.

C Morto despois Afonso lhe sucede Sancho Segundo, manso, e descuidado; q tanto em seus descuidos se desmede, q de outrê q̄ mandava era mandado. De governar o Reyno que outro pede, por causa dos privados foy privado: porque, como por elles se regia, em todos os seus vicios consentia.

M Verto despues Alonso, sucede el segundo Sancho manso i descuidado: que tanto se desmede en descuidos, que vino a ser mandado el que devia mandar. Fue privado (por causa de los privados) de governar el Reyno, que pide otro Rey mas capaz: porque como este se governava por los validos, consentia en todos sus vicios.

P Morto Afonso, &c. Murio el Rey D. Alfonso II. el año 1224. con 37. de edad. En varias ocasiones mostró por su mano su valor: pero fue su enemiga la memoria, como ai acabamos de decir. Sucediole su hijo Sancho II. que llamaron inutil aquellos que le quisieron quitar la Corona con disculpa, por sus intentos particulares. I si en algun tiempo entre Portugueses se vieron acciones sospechosas contra su Rey, fue en este, i en el de D. Alonso II. armando contra el por lo q̄ le parecia obrar en conservacion de su Corona; i en los de D. Dionis, armando tambien contra el en favor del Principe su hijo, q̄ le desobedecia: i en el de D. Juan el II. intentando matarle, como todo es notorio. I para todas estas ocasiones pudo el P. guardar lo que dice al fin de la est. 33. del c. 4. i con esta advertencia, vayan a oírnos ahi i los curiosos, i amigos de la verdad.

¶ *Quem mandava era mandado:* Quiere decir, que don Sancho avieado de ser obedecido de todos como Rey; obedecia a los validos, como si ellos fueran los Reyes, i el su vassallo.

¶ *O Reyno que outro pede.* Entiende el Reyno, que pedía otro sujeto mas propio para ser Rey suyo, no pareciéndole tal don Sancho.

¶ *Por causa dos privados soy privado.* Veys aqui la llamada insuficiencia del Rey don Sancho, por la qual le quitaron la Corona algunos de sus vassallos. Confessemos que el tenia Privados: preguntamos, si sera bastante esto para que los vassallos se atrevan a el, por mas dando que sea a ellos? No por cierto. Pues que fue esto? Accion ciega de la embidia de aquelllos, que no eran Privados. Luego no depusieron al Rey por los que tenia, sino por los que no tenia? Claro està. Sea, pues, notorio que contra el Rey, no pueden armarte, ni bolverse en algun modo sus vassallos, sin nota de tracycion, si no quando claramente vean que el quiere pervertir la ley, i la grey: i aun entonces ha de ser con mucha prudencia, justificacion, i orden. I nuestro Poeta lo enseña en las estan. siguientes, diciendo, que no corriera en don Sancho ninguno de aquellos vicios, que vâ nombrando, para que mereciesse ser tratado asi: porque para serlo faltò toda culpa en el Rey, i toda suerte de justificacion, i orden en los vassallos, que solamente por no ser de su gusto aquellos Privados, violentamente persiguieron aquel Rey, haziendole huir de vna parte a otra, i tomandole la muger Reyna de los, i echandola a dôde jamas se supo della: i finalmente quitandole a el la Corona, i echandole a tierra agena, adonde no se sabe de su cuerpo. Las cronicas, i historias, i tradiciones lo dizan: yo refiero con zelo, i sin respetos. Hasta aqui teniamos dicho, quando llegò a nuestras manos la parte 4. de la Monarchia Lusitana del Padre Brandam, en q hallamos dos cosas; una que xarce mucho de los Escritores, que no supieron, sino asentir este Rey, i mostrando, que solo el habia ocasiones gloriofas suyas. I casi lo mismo que el dice, dimos a la estampa algunos años primero: si ya no es que supone el que no lo dixo, quien no acertò a dezirlo con su elegacia, i buen discurso: i deviera humanarse con los que no alcâmos a ser tan judiciosos, i sutiles como el, ya que no hemos sido a lo menos, menos diligentes; o si quiera por acudit a la profesion de Religioso, que es piedad, i humildad. Otra que pretéde provar que D. Mencia Lopez de Haro Matrona ilustrissima, era manceba, i no muger del Rey. Tan limpios estuvieran los Portugueses de lo que hizieron con el, como ella desta opinion. Mas religioso zelo ha mostrado este Autor, con la madre de nuestra D. Teresa; si bien con igualdad es yerro hazer espesa una, i otra amiga, no siendo amiga una, ni otra espesa, solamente con atencion a respetos particulares. I es gran desdicha de los

Tomo 2.

A Principes de España, i en particular de los Portugueses, que hasta oy no se vea si historia tratada dignamente: procediendo esto de los mismos Principes, que no dan, ni avra este cargo, aquien tenga talento para el: si bien es dificil: porque tres cosas deve tener un Cronista: noticias, libertad, estilo; piensan unos, que el hallar paginas basta, i otros que basta solo el estilo: i otros que la libertad sola. Creanme, que sin todo janto no avrà historia buena.

XCI.

B *Nam era Sâcho, nam, tam deshonesto como Nero, que hum moço recebia por molhei, e depois horrendo incesto com a máy Agripina cometia.*

Nem tam cruel às gentes, e molesto, que a cidade queimasse onde vivia; nem tam malo como soy Heliogábalo; nem como o mole Rey Sardanapalo.

C *No era, no, Sâcho tan deshonesto, como Neron, que recibia un moço por inunguer, i despues cometia horrendo incesto con su madre Agripina. Ni fue tan molesto, i cruel a las gentes, que quemasse la Ciu lad en que vivia: ni tan malo como Heliogáculo, ni tan mole, i lascivo, como el Rey Sardanapalo.*

D *Nam era Sâcho, nam, &c. Imita el Poeta a luan de Mena, que viendo mal respetado su Rey de sus vassallos, como el nuestro de los suyos, dice en modo de pregunta a los tales, en la copla 10. de las 24. Si es criminoso así como Nero, &c. Y continua con semejantes ejemplos.*

E *Heliogáculo. Emperador pessimo, i dado a todo genero de vicios, comenzando por la guerra, que es la cultura de los mas torpes.*

F *Sardanapalo. Assi se llamo tambien el Emperador Heliogabalo, de que ai acabanios de decir: pero este, de que habla agora el Poeta, fue ultimo, i trigesimo Rey de Asiria, mas muger que ninguna, porque no lo siendo por sexo, lo era por costumbres, por esto le llama mole, como a otros por lo mismo en la estan. 72. i en la 139.*

XCII.

Nem era o povo seu tiranizado, como Sicilia foy de seus Tiranos; nem tinha como Phalaris achado genero de tormentos inhumanos.

Mas o Reyno de altivo, e costumado a Senhores em tudo soberanos, a Rey nam obedece, nem consente, que nam for mais que todos excelente.

&

Ni

NI era su pueblo tiranizado, como lo fue de sus tiranos Sicilia : ni tenia hallado en su Fa
laris , nuevo genero de inumanos tormentos . Però el Reyno de altivo , i acostumbrado a tener Reyes sublimes en todo , no obedece , ni consiente Rey , que no fuere más excelente que todos .

¶ Nem era o povo , &c. En la e. passada dixo , que el Rey D. Sancho no era lascivo , i de animo dañado , como Neró , Heliogahalo , i Sardanapalo . En esta dice , que no era tirano , i cruel , como otros que nombra desta classe .

¶ Como Sicilia , &c. Huvo allá muchos tira-
nos : i nunca han faltado , ni faltan en todas partes , i có prores titulos , porq entóces era tirano , quié se hallava con mal animo junto a poderes superio-
rissimos : i agora qualquier có dos dedos de ven-
taja a la plebe , es tirano en pensando que le suce-
derá qualquier interes de serlo . *Intendami cbi
puo , che m' intendo io .*

¶ Falaris. Verlo en la e. 39 . i tambien fue de Sicilia . Finalmente e. P. dice en estas dos . est . q el Rey no era pernicioso , como estos que en ellas nombra . Bien . Pues , si el Rey D. Sancho no era lascivo , no era guloso , ni tenia vicio considerable ; adonde estaba esta insuficiencia , que obligó a sus vassallos a lo dicho aí arriba ? La verdad es q. Agora bien : mejor es dexarlo .

¶ Mas o Reyno , &c. Note se como el P. anduvo ludiado por detculpar este hecho : i a la verdad (si tiene desculpa) esta sola le pudo hallar tal ingenio (si ella lo es) diciédo : q la gente Portuguesa , de puro sublime , se alivió de aquel Rey , viendo q el no era subiime sobre todos : i parece q lo tomó de Alexádr. ab Alex. en el lib. 4. memorando de los Mactrobios , q no obedeció a Principe q fuese de cuerpo mal formado . No sé lo que esa accion era para con ellos ; sé que para con nuestra gente , tal desculpa en tal hecho es delicadeza , i sofistería : i que Dios no cedrió poder a los vassallos para pedir cuenta a su Principe de lo que obra , como no sea endereçado a ruina comú . Até gome yo a lo q hizo el famoso Martin de Freytes Alcayde de Coimbra , q niétras no murio el Rey D. Sancho , resistio de manera a D. Alonso , é nūca pudo entrar en aquella plaza . I el mismo Alonso conociendo , en la corriente del enfado , q el era el verdadero i fiel vassallo , se la bolvia a dar , i no la quiso . Otros muchos le resistieron tābien , hasta morir D. Sancho : i nadie jamas puso mancha en la honra destos resistidores . Vease luego adonde quedó essa mancha , pues la huvo .

XCHII.

Por esta causa o Reyno governou
o Conde Bolonhes , despois alçado
por Rey , quando da vida se apartou
seu irmão Sácho , sempre ao ocio dado .
Foste que Afonso o Bravo se chamou ,
despois de ter o Reyno segurado ,

A em dilata lo cuya ; que em terreno ,
nam cabe o altivo peyto , tā pequeno .

Por esta causa governò el Reyno el Conde de Boloña , alçado Rey , despues que fu hermano Sancho , siépre dado al ocio , se apartò de la vida . Este , q le llamò Alonso el Bravo , despues de tener seguro el Reyno , piensa en dilatarlo : porq tā altivo pecho no cabe en tan pequeño terreno .

¶ O Conde Bolonhes. Era Don Alonso hermano segundo del Rey Don Sancho , i estava casado en Francia con Matildi , Condesa propietaria de Boloña , quando fue llamado para governar el Reyno , por la maldad de los que reprovaron a Sancho : i por esto ie llama el Poeta Conde Bolonhes . En la estancia 13 . del canto 1 . le propuso cantar ; agora lo haze .

¶ Despois alçado por Rey . &c. El Poeta era doctor en las historias de la patria : i así no pudo decir esto en el modo que suena , sino con necesidad de explicacion . Porque decir sia clara , que Don Alonso se llamò Rey despues de muerte D. Sancho , feria contra la verdad . Porque Don Sancho murió en Toledo (para donde huyó) el año 1247 . i ya entonces se llamava Rey Don Alonso , con mas ambicion que justicia . Tan poca dicha tuvo Sancho con sus vassallos , i con su sangre . Però quien puede tenerla , con quien pierde la razon , i el temor de Dios , pone solo la mira en ponerse adonde deseáa ? El Poeta , pues , fue disimulando el hecho con providencia , por no descubrir muchos no buenos de la patria , en tierra estraña : i mas suponiendo el Gama (el ès que está aquí hablando con el Rey de Melinde) que lo que avia de referir della , avian de ser acciones bñemeritas de alabanza . I así este lugar necessita de explicacion particular : i esta es , que en decir el Poeta que fue alçado Alonso por Rey , luego que murió el Rey Don Sancho , se entiende que lo fue generalmente de todo el Reyno , porque artes ya de mucha parte del era llamado Rey : i confirma el Poeta este entendimiento , con decir luego : *Despues de tener el Reyno assurado* ; que esto le siguió a la muerte de Sancho , asegurarse Alonso en el titulo que tenia roto antes della .

¶ Sempre ao ocio dado . Habló el Poeta con la corriente de las memorias de su tiempo . Lo cierto es , que Don Sancho no fue tan belicoso como sus antecesores , i que amaria mas el ocio , que el trabajo : però tambien es cierto , que esso no quita el aver trabajado , como lo hizo , no menos en las cosas de la guerra , que en las de la paz , con que conservó su Corona , sin que perdiese della la menor pieça , aviendose defendido algunas con gran valor , como en los tiempos pasados . En nuestra historia lo diximos con mas particularidad : i el Padre Brandam con su diligécia , i bien desleó descubrió otras noticias ultimamente , i las publi-

publicò, adonde pueden versc, part. 4. de la Monarquia Lusitana.

¶ O bravo se clamou. De Alóso IIII. sabemos q se llamo el Bravo: deste devia haljarlo, pues lo dice el P. o se ha equivocado: i como quier q sea, es cosa de poca importancia.

¶ Em dilatalo cuya, &c. El Rey D. Alóso luego q se hallò sossegado entre sus vasallos, resolvio se en aumentar el Reyno, cõ ganar el del Algarve: i dice el P. q lo hazia, porq tan gran coraçón como el suyo (a la verdad fue gran Rey) no podia caber en Portugal. Es imitacion de Virg. lib. 7. diciendo de Oebale famoso, i bié heredado hijo de Telon. — Patrijs sed non & filius arcis

Contentus, late iam tum ditione premebat, &c. En el 9 hablado Apolo a Ascanio. Nec te Troia capit, &c.

¶ Que em terreno, &c. Tam pequeno. Con estos mismos consonantes, i casi del modo mismo que aqui se huvo el P. tâmbien al fin de la e. 42. El pensamiento, ademas de lo q aí acabamos de decir, parece sacado del cap. 49. de Isaías. Angustus est mibi locus, fac spatiū mibi, ut habitem. No cabia los coraçones destos Reyes en la pequeñez de Portugal: i parece que dixeron a Dios esto que Isaías dice, i que el les dio, para que cupiesen, esa Africa, essa Asia, essa America, i esse mundo.

¶ Que em terreno nam, &c. El texto tiene algo de lo dificil por el hyperbaton: ordenese assi: Que em terreno tam pequeno nã cabe o peyto alvivo. Esto usado cõ la moderaciõ que lo haze el P. como judicioso, es gala i elegacia en tan grádes hóbres como el: i cõ fiquiecia no lo usan ingenios hóbres, sino pueriles. No puedo cõtenerme, q no diga en tâ buena ocasiõ. q hallandome adonde se hablò desto, en presencia de algunos sujetos de los q tienen medio pie en los Tribunales, i medio en el Parnaso, i el otro en el ayre, assentaro q Dô Luis de Gógora solamente era Poeta. Resolucion, q bié parece de quié no estava assentado, sino muy apriesta, i cõ los pies como aí diximos. Apretadoles por el lugar, o Ingares, o misterio, o juizio, o alma poetica en q lo fundavá, concurrieron (uno de llos, el más nuevo, siédo mas viejo cõ pertinacia) en q aquél hyperbaton, i essotro hyperbaton. De manera, q en la opiniõ destos, toda la alteza poetica, cõ q D. Luis escurece a todos, es el hyperbaton o sinchesis, q viene a ser esto de nuestro P. en este lugar, i poco más, i en Don Luis esto q se sigue.

Rico de quantos la agua engendra bienes.

A la de viento, quando no sea cama de frecha sombra de menuda grama.

Dulce ya concediendole risueña paz no al sueño treguas si al reposo.

Marino si agradable, no instrumento.

A las que esta montaña engendra Harpias.

Viendo el fiero pastor vozes el tantas, i tantas despido la bona piedras.

Si mucho poco mapa las despliega.

A las que tanto mar dividio playas.

Tomo 2-

A Tantas del primer atrevimiento señas.

El fresco de los zefiros ruido,
el verde de los arboles cel. ge.

Mientras el viejo tanto acusa tca
al de las bodas Diós, no alqua sea
de nocturno Faeton carroça.

Tanta ofrecen los alamos zagala.

Mas adó de nos q dava esto Quanto las cùbres asperas cabrio. Aquí para decir, q esta poesia haze mucha cabriola, no le falto mas q prestarle la musica su sexta voz. Bié es verdad, q como el P. escrivio cõ tanto juizio, puede bié decir quié le cometare, q su intento fue cõ el salto de la oracion, exprimir el del cabrio, q vale cabras, q son grádes saltadoras de cùbres asperas: i por esto falta aquí el cabrio estas, desde el quato, adó de deviera hallarse, hasta essotra parte adó de se halla, q es salto muy de cabra: i así se descubre, q es misterio lo q parece disparete. Pruzvse esto con q en otro lugar dan las mismas cabras orro salto, q no es menos lindo, antes más a lo de cabriola, por testimonio de la sutiliza del sentido con que cometiamos essotto. Veis lo aq ii.

Llegò pues el mancebo, i saludado
sin ambicion, sin pompa de palabras
de los condiziadores fue de cabras.

Que en buen Romance dize (i no lo entéderá Platô de otra manera) que llegò el mancebo, i fue saludado de cabras: o bien, q fue uno de los condiziadores de cabras: porque como era cortés, i entendia de cabras, ayudó los cabreros en la conducción dellas. Venga otro saltico de cabras.

Cabras aqui le interrumpieron quantas
vagis el pie, sacrilegas el cuerno.

Otro salto ha de venir por la que vendrá bien viño, aunq salgamos de la esfera de nuestro intento.

El que de cabras fue dos veces ciento
esposo, &c. Breve de barba, duro no de cuerno.

De modo, que las buenas de las cabras hazen aqui su oficio de traviesas a las mil maravillas: i es tan ingenioso, i erudito esto, que importa sermos Cabreros, para entender este secreto del saltar de las cabras, i poderlo comentar con erudicion benemerita del texto. Pero adó de iremos buscar comento de saltos, para tantas clausulas, que los tienen, sin tener cabras, con que laneatose. Mas si todo esto está usado por afectar el estollo grande: pregunto, que linaje de grandeza, es dezir en otras tantas ocasiones, cosas semejantes a esta: Dando el huesped licencia para ello.

Que para no baxar de essa grádeza, deviera decir: Licencia el para huesped dando ello. O assi: Para licencia dando el huesped cello. Con que de' e verso, como de casi todo lo restante, se sacaria despues de desfatedo, un gran fruto de sentencia conceito, i juizio. Falta solo que los entendimientos sean cabras, para saltar esas cumbres asperas de clausulas: q para saltar lo que ay en esta Sierra Morena, o Lucas de locuciones, sean Cacos; o que para romper estos Alpestres peñascos, sean

Ee 2

A. 3

Anibales: i bien me estuviera esto, si despues de saltar la cabra aqui hallasse rama con jugo: i si despues de saltar el ladron, hallasse hacienda: o si despues de romper peñas Anibal, hallasse gloria: pero no halla alguno, ni gloria, ni hacienda, ni sultancia, como se halla todo despues de saltar, saltar, o desatar lugares de mi Poeta, i aun este Hipercion, tan medido con las fuerzas humanas, que no es menester ser cabra, Caco, ni Anibal para ello: sino que con una moderada atencion se descubre un pensamiento razonable. Bolvamos a ensartar trozos desta decantada poesia.

*I las que por las calles espaciosas
Fabrican arcos rosas.*

*Quantas del uno ya, i del otro cuello
Cadenas la concordia engaza rosas
En los que dama scò manteles Flandes.
Los novios entra en dura no estacada.
Dedaio, si de leño no, de lino.
O la que tote ò llave el fontanero.
O quanta al peregrino, el Amebeo
Alterno canto, du. ce fue lisonja.
Del bello de la Estigia Dcidad robo.
La tantos siglos ya muda Sirena
Esta le cuente felicidad (en urna
Sea dorada) piedra.
El immenso harà el celestia! orbe.
En sus conchas el Sabo la hermosa,
Guardò al tercer Filipo, Margarita.
Dulce un dia despues la hizo esposa.
Ninguna, de las dos Reales, persona.
Piadoso luego Rey quantas destina
Penas rigor legal tantas perdona.
Veneciana estos dias arrogancia
De vana procedida preminencia,
Al sacro opuesta celestial Clavero.
El fulminentemente aun en la vayna azcro.*

Pero adonde voy: porque esto esti a partes en cada verso; i a dozenas en cada clausula, i a tantos cientos en tan pocas obras, que solo en el Polifemo, Soledades, i Panegirico (Poesias singulares en la opinion de los Sectarios, de locuciones vanissinias) ay mas de seys cientos hiperbatos, o Sinchesis, de tal calidad, que por la mayor parte mueven a risa (a la cordura, i al reposo digo) quando huieran de producir respeto, si se usaran con templanza: assi en el modo, como en la cantidad. Porque en todas las obras de los Latinos (adonde es natural esse termino) no se hallan tantos, como en solos tan pocos versos de don Luis, con que haze parecer, que solo de aquello audiuo cuidando. En los grandes Dante, Petrarca, Sanazaro, Ariosto, Tasso, Garcilasso, i Camoens, no se hallara, que alguno exceda en usar esto, de hasta doze veces, en el que mas, por tan largos escritos; i dessas no se hallara alguna con la deformidad que tantas acá. Deste modo se descubren dos yerros en esto: uno querer usar en nuestro idioma lo que es solo del Latin; otro, que lo use un hombre en pocos versos mas que todos

los Latinos en todos los suyos: i esto con mayor deformidad que ellos, i casi sin variedad: porque los mas se reducen a dos o tres modos repetidos perpetuamente. Dejo a parte, que despues de decifrado esto, no contiene sentencia, o concepto alguno: assi en castellano: de fuerte, que se cumple enteramente en esta Lira, lo que dice Ciceron de los Poetas, que cantan a el a: *Quos cum cantu spoliaveris nata pene remaneat Oratio.* Yo no digo que faltan atrevimientos; i galas en ingenios tan grandes como el de D. Luis, digo solo que le halle mas que esto, i esto menos, i que resplandezca el juicio. Trato de lo que escrivio deste genero. Lo mejor es, que hallavan aquellos apoyadores desta gran suerte de poesia, que Don Luis avia sido el inventor en vulgar: como si asi no estuviera Juan de Mena con anterioridad de centenarios de años, que dio motivo a centenares de rimas con estos modos: i por dicha, que no le faltó Don Luis con las suyas al tiempo que escrivia con reposo. Veislo aqui en la cop. 92: *A la moderna bolviendome rueda.* Petrarca una vez: *Han fatto un doce de morir deseo.* Otra Boscan: *Nacieron de la qual otros:* Garcilasso otra: *Como en lucente de cristal coiuna:* i usavase mucho antes, aun en coplas pequenas. Gomez Manrique en las que hizo al Contador Diego Arias: *Haras hallaras tristezas: i abajo: Pues el blanco comen pan: i mas abajo: Que bartos te vienen dias: i luego este que pone el tello a todos: Que con esta son nacidos condicion: i usalo tanto, que se parece a Don Luis, o que Don Luis se canso mucho por parecersele. Esta es la novedad solene, que solenizaron aquellos solennissimos Legisladores, para darle el primer lugar entre los Poetas. No traygo mas destos ejemplos, que saque del Cancionero general antiguo, assi porque esta lleno de ellos, como porque estoy con las nartices tapadas mientras los copio. I todavia si estos Autores anduvieron atrevidos en el modo, no fue assi en el numero, pues al fin pueden contarse todos, i suscitar los mas: i hasta alli puede correr un hombre, quando a rienda suelta desfina: porque Hyperbaton no es otra cosa, que una transgresion q perturba, i previerte el orden del hablar: i hablar prevertido, si qual, i qual vez suerte gala, muchas sera vicio grandissimo sin duda alguna. I quien ay tan insensato, que no juzgue por gran atrevimiento una vez esto. *Las que fabrican arcos rosas.* I por desatino muchas veces? Que concerto? que juicio? que ingenio? que elegancia arguye esto? No lo arguye mas esto de metaforas, i terminos remotissimos, i violentissimos: como *En ruedas de oro rayos del sol bilan.* Para decir cera, i miel: i la verdad es, que es solamente cera el modo de decirlo. Que dixera desto, i de cosas semejantes usadas a cada passo, Macrobio, si por una sola vez que Virgilio dixo: *Et liquidi simul ignis:* lo ceniura con rigor, diciendo: *Illud audacia maxima visideri**

D E

E

deri potest? I esto que en Virgilio fue lo mas, es lo menos en don Luis.

Por ventura don Luis iguala a Virgilio en juicio, o exceden sus defensores a Macrobio? Por ventura la Poesia, no está sugera a leyes, a juzgado, a cordura, a inteligencia, a suavidad, i a clausulas liquidas? Dizen algunos, que me atrevo a mucho en querer desluzir, lo que tantos aprueban. Respondo, que no pretendo negar a don Luis la alabanza, adonde la merece: ni tengo por ignorantes los que le aplauden, adonde no lo merece: pero tengo los por mal informados, i que miran solo a la flor superficial: i que el seguir muchos una cosa, no la califica; aunque la esfuerce. La mayor parte del mundo sigue a Mahoma. Pregunto, si esto califica sus preceitos? Pues entiendan cierto, que don Luis es el Mahoma de la Poesia, que predicando, que venia a mejorarla en Espana, la infisiono con errores: *Cogitavit, ut faceret ubas, & fecerit labriscas.* Peor sus sequaces. Ellos seran gustosos en parte: pero razonables jamas lo seran en las orejas cuerdas, judiciales, i científicas: i el ingenio desfaudo (que ese no se le negamos insigne) no coloca a nadie en el assiento de la verdadera gloria. Yo venero a don Luis: i digo, que en lo que escribio antes de aquel capricho, o libre del, es excellentissimo, i casi invencible en muchas cosas, a lo menos en las burlas: i esto es, porque esas no constan de ciencia, sino de ingenio, i genio para elias. I seguramente creo, que si esto faltasse en el tomo que vemos impresion de sus obras, poquissimos le conocieran. I si yo fuera enemigo de quien le alaba por lo otro, no le deseare mayor mal, que el de averle descubierto el juzgado. Hablo en general, que en particular, no ay duda, que en el Polifemo, i Soledades ay clausulas benemeritas de Poeta de estima: mas por una parte la luxuria del ingenio, i por otra la falta de fuerzas para concluir las obras le atava, i impidia. Sino diganme sus devotos, porque no acabò él obra que empeçasse de las que aspiravan a tener el cargo de principio, medio, i fin? Las Soledades, Panegirico, i dos Comedias tuvieron principios: peiro no tuvieron fin, ni aun medio: i el Polifemo acabado tiene poquissima traça. Finalmente cada uno se tenga su alma en su palma: pero no haga comparacion de Gongora, con Luis de Camoës: porque los estilos, i assumptos a que cada uno se dió, no lo sufren: i es la razon, porque yerran los que le llaman Homero a Gongora: i porque no errarin llamando Homero, i Virgilio a Camicés, i Marcial a Gongora en las burlas. I sus Silvas, i Polifemo, i Panegirico agradan, ilamenle Stacio, que escrivio Silvas, i Lucos; con que tambien agrada a muchos, ni yo pretend que desagraden. Pretiendo solo reuirme de todos aquellos que pretendieren medir con una misma barra a los dos, en es-

A to que se llama espiritu Poetico científico, exercitado en obras artificiosas, i profundas: en principio, medio, i fin; por que comparar a Gongora, con Camoës en esto, es como considerar Aracne con Palas, Marsias con Apolo, i la Motca, con la Aguila. Esto digo yo de los que acertaron a leer enteramente estos dos Autores: que de los que dizen, que Gongora es mejor, que el Camoës, no solo sin aver entendido al Camoës, sino, ni leidole (de que ay muchos) aun despues de muerto espero reirme.

XCV.

Daterra dos Algarves, que lhe fora em casamento dada, grande parte recuperaco o braço, e deixa fora o Mouro mal querido ja de Maite. Este de todo fez libre, e senhora Lusitania, com força, e belica arte; e acabou de oprimir a naçam forte na terra q a os de Luso coube em forte.

*D*E la tierra de los Algarbes, que le avia sido dada en casamiento, recupera gran parte con el braço, con las armas, i echa fuera el Moro ya mal querido de Maite. Este con militar arte hizo del todo libre, i señor a Portugal: i acabò de oprimir la fuerte nacion de los Moros en a tierra, que cupo en suerte a los de Luso.

¶ Da terra dos Algarves, &c. Virgilio ahi de Orbele.

— *Lætè iam tum ditione premebat.*

Sarrasteis populos, &c. Grecinos, que Algarves, se devia decir de Algarabes, que asi se llamò tambien en Espana a los Moros, i Algarabia su lenguaje, corruptamente todo de Arabes, i Arabia i aquel Al, es el articulo, que vale, los Arabes.

¶ Que lhe fora em casamento dad., &c. Es voz comun, i se halla en escritos, que quando el Rey D. Alonso casò con D. Beatriz hija B. del Rey D. Alonso el X. hubo en dote la conquista del Reyno del Algarve: siendo asi, que era ella de Portugal, tanto antes como lo muestra aver nuestro Rey D. Sancho el I. conquistado, i sido señor de Silves cabeza de aquel Reyno, segun queda apuntado en la est. 89. i consta de las historias patente mente. I en el cap. 8. de la 4. parte de nuestro Epitome, mostramos como el Rey de Castilla tuvo algun tiempo el Algarve de consentimiento del de Portugal. El Padre Fr. Antonio Brandam en su parte .. de la Monarquia Lusit. acusa mucho todos los Escritores del Reyno, de que no vieron esto, i trae por gran novedad unas cartas, que acerca dello hubo entre los Reyes, diciendo las hallò en el Archivo Real, aviendolas hallado tambien en este lugar de nuestro Epitome que ai citamos, i en las manos de personas critiq-

sas, que las sacaron del Archivo, i de quien las hubimos para traerlas seys años primero que el: i si el no las viò en esos escritos, el es que deve ser acusado de mal veedor, i no los que las halaron, i imprimieron tanto antes. Para aqui esto basta. I assi lo que el Rey de Castilla pudo juntar a la do te que diò a su hija, pudo ser alguna pretension, que tendria a aquella conquista, o algun tiempo, que le faltaria por cumplir de aquell, porq el Rey de Portugal le tenia concedido el uso del Algarve.

TO Mouro mal querido ja de Marte. Virgilio 12. Adverso Marte Latinos. Semejante estilo en otro verso de la est. 105. del c. 10. En este quie re decir el Poeta, que ya los Moros andavan poco señores del campo; sacavan mas daño, que pro vecho de la guerra, aviendose passado la Fortuna della a los Christianos.

TNaçam forte. Entiéde la nacion Manra: i el fuerte vale contumaz, porfiada, i molesta ya en Espana: porque de tantos años se sustentava en ella; por ser desde que la perdió el Rey D. Rodri ga; i nuestro D. Alonso Tercero, fue el que de los Reyes della, primero acabó de limpiar su Reyno de Moros: i esto dice el Poeta. Murió el año 1279 Fue Rey, que si no entró a buen título en la Corona, la mereció antes, i despues por todos los de Heroe claro: i no sirvió esto poco a aquellos que se la pusieron para olvidarse el título del modo de ponerse la.

XCVI.

Eis despois vem Dinis, que bē parece, do bravo Afonso estirpe nobre, e dina; com quem a fama grande se escurece, da liberalidade Alexandrina.
Com este o Reyno prospero florecc, (alcançada ja a paz aurea, divina) em constituiçoens, leys, e costumes, na terra ja tranquila claros lumes.

VEys viene despues Dionis, que bien parece noble, i digna progenie del bravo Alonso, con quien se escurece la grande fama de la Alexádrina liberalidad. Con este alcançada ya la paz aurea, i divina florece prospero el Reyno en constituciones, leyes, costumbres: ya tranquila la tierra con lumbres grandes, con altos resplandores.

EIis despois vem Dinis, &c. Al Rey D. Alonso Tercero sucedió su hijo D. Dionis, Rey que en verdad, justicia, liberalidad, tuvo pocos que se le igualassen en todo el mundo. Algunas de sus acciones en estas tres admirables virtudes, se pueden ver en nuestro Epitome. Pero como la de liberal, es un prodigo en el coraçón humano; cuyo nido es la ambicion, essa fue siempre mas memoria en este Principe: i por esto el Poeta comienza por ella, i luego pasa a la justicia, incluyendo en

Alas dos la verdad: i pudiera incluir todas en la liberalidad: porque todas las calidades de vicios proceden en el mundo de la codicia: i assi luego, q vn hombre sea libre della, lo serà de todos ellos: i alomenos es impossible que falte a la verdad, a la justicia, i al amor de su gente, si es Rey; i al de su Rey, si es vassallo el q fuere liberal: i al contrario, es impossible, q no falte a todo si es interestable. Yo hablo con gran experiencia en esto. Digo sola una accion de las liberales deste admirable Rey.

Los Reyes de Castilla, i Aragon le pidieron prestada una gran sumia cada uno para sus aprietos. **B**I el con mayor animo para dar, que los necesita dos para pedir (que es todo quanto puede ser) les dio dado libremente lo que le pidieron, i otro tanto mas.

TQue bem parece estirpe de Afonso. Grande alabanza del padre, siendo tan raro el hijo; dice que bien parece hijo de tal padre. Esto pe allí vale descendencia, siendo su verdadero significado (como el Poeta lo dixo en sus rimas Egl. 7. hablado con D. Antonio: De louvar voſſa estirpe, &c.) Ascendencia, cepa, tronco, raiz, fundamento de una familia de que Dionis queda siendo rama: i assi como el P. lo dixo del Rey D. Sebastian en la e. 7. del c. 1.

TCom quem a fama grande, &c. Con providencia dixo grande a la fama de la liberalidad, por las razones q aí acabamos de decir; las cuales confirmara el propio Alejandro, q siendo dueño de tantas acciones admirables al mundo, la que mas siempre ha ocupado la voz de la fama es la liberalidad. I dice el P. que la deste Principe, con ser tan famosa, quedó escurecida con la de Dionis: i assi fue, porque en Espana se dixo ordinariamente, no solo en vida d. i mismo Rey, sino muchos años despues: Liberal como un Dionis. Dexado de decir, Como un Alejandro. I assi dice bien el Poeta aludiendo a esto, que se escurecio la fama de la liberalidad de Alejandro; esto es perdiose la memoria de decir: Liberal como Alejandro. Pues se decia, como Dionis: porque si el no tenia tanto para dar como Alejandro, dava con mayor animo, porque no le quedava nada. De varios modos se pinta la Liberalidad: una es, Dama de buena gracia, derramando de un Cornucopia, piezas, i monedas de oro, i plata: i huvierase de pintar al Rey D. Dionis, porq no tuvo, quié derramase esto como el. Con tan buena ocasión no puedo cō tenerme, q no manifieste el escandalo cor q vivo de q en Espana se use para encarecimiento de las acciones grandes de los Grandes hóbres, el decir, Fulano es valiente como un Hercules, o Achiles, &c. Dexando holgar la memoria de tantos Heroes Espanoles, que cō hazañas verdaderas excedieron las fabulosas de Achiles, i Hercules, i de toda essa antiguedad extraña. No estan aí de Castilla, los dos Fernandos, Magno, i Santo, i los Alonsos casi todos? No estan aí de Aragon Iayme el Primero, Pedro el Tercero, i Alonso el Santo? No estan aí de Portugal los Alonso

E

lonsos Cinco, i el Primero mal contento de ser primero, sino unico? Dexo otros. Si estan: i todos ellos con la espada en la mano pudieren hazer embidia a quantos nuestra curiosidad busca fuera de la patria. En as acciones de la paz maravillosas, muchos: dexolos. I para las Matronas ilustrissimas, no esti al la Real Heroína Isabel la Católica, que es mayor que todas? No estan a las maravillosas Reynas de Portugal Mafalda, i Isabel, i Catalina? Luego, porque no diremos en semejantes ocasiones; Fulano es valiente, como un Fernando, como un Pedro, como un Jayme, como un Alonso Enriquez, como un D. Nuño Alvarez Pereyra, como un Duarte Pacheco, como un don Francisco, i un don Lorenço de Almeida, como un Alonso de Albuquerque? Fulana es maravillosa, como una Isabel, como una Catalina? Nuestra edad piensa, que a todo sobrepuja, i a todo falta. Supieron los antiguos dezir: *Liberal coro un Dionis*, honrando la patria, i burlandose de Alexandro, i no saben imitar esto los modernos, que disen, saben mas. A que efecto buscamos glorias fuera de nosotros, pues las tenemos? A caso vine a dezirlo con Boecio en el segundo de consto at. *Quid igitur, ò mortales extra petitis intra vos possitam felicitatem?* Quien es tan insensato que llame oy ningunos navegantes, Argonautas, teniendo ai los Portugueses, que justamente pudieran despreciar, aun para aprendizes, estos Argonautas? Los Castellanos saben dezir por un de cubridor de qualquier arte, es un Colon, por aver dado principio al descubrimiento de la America; i nosotros, no sabemos dezir, es un Gama, que en grandeza de mares se burló de todos: i lo peor es, que vemos en escritos de Portugueses dezir: *Es un Colon*, teniendo en su casa al Gama: con que soy por disculpado a Lorquato Tasso de aver en su Liberata, acordados en antes de aquel Herce, que dest.: supuesto, que quando por mayor admiracion se refiere un hecho, siempre se deve referir el mayor. No ay duda, que anduvo con mas acuerdo Ariosto en aquel lugar que dexamos en la nota primera a este Poema. Buelvo al caniño: i pondero que el Poeta en este lugar de *Afuma grande da liberalidade Alexandrina*: parece no reconocer en Alexandro otra virtud mas de la liberalidad, para concederle el titulo de Grande. Esto no es bueno para el Autor del libro de los que tuvieron este titulo: pues entra en el afirmando, que nadie le puede conseguir, sino por la Religion. Supongamos que esto es asi: pregunto agora. Porque este Autor no se acorda, de que hubo un Rey en España, que no solo tuvo esse titulo de Grande, sino de Grande Perfeto, qual fue don Juan el Segundo de Portugal, con la caldad, como el quiere, de ser el Primero que planio a poder de gastos, i desvelos la Religion Ca-

tolica en esas remotissimas tierras abrasadas de la linea equinocial? Yo me obligo, que ninguno de los diez i ocho Grandes que este Autor quiere lo sean solo por la Religion, fue tan grande por ella. Pareceme a mi, que quien toma a su cuenta tratar una materia, no le devia huir el mas lizado troço della, i mas siendo tan casero. Luego digo, que yo no se qual suerte de Religion tuvo en algunos de estos diez i ocho, a que solo por ella llama Grandes: i sea el primero Alejandro aqüie Plin. dí este titulo, solamente i por la liberalidad, con esto se cōforma nuestro Poeta aqui. Tā poco al Rey D. Juan se le dio, sino por liberal, humano, i vigilante con sus vassallos, i govierno constante. I si nuestro glorioso Rey Felipe Quarto, merece el titulo de Grande, por actos grandes con la Religion, para que quiere este Autor quitarle que lo metezca por los de la liberalidad, que ha usado con muchos vassallos, tā copiamente que sin duda excedio al prop.º Alexádro. No dio Alejandro de muchas veces lo q Felipe de alguna; ni, aun con las circunstacias. Porq lo que dio a Ca valleros Portugueses en la restauració de la Ba 2, bastava para comprar un Reyno: i esto no despues de bueltos desta accion, sino antes de ir a ella. Lo que hizo de horas, i mercedes a Nuño Alvarez Boteilo, i a su gente, sin duda escurecio a Alexádro. Asi cō muchos. Ve los q nos tocá tratamos como cōviene en nuestra historia. I porque yo no pretendo cōpetir, dexo argumentos. Digo solo q quié quiere asegurar el titulo de grandeza en nuestro Rey, deve no dexar holgar tan grandes acciones, ni reducir a una sola el merecerle.

D ¶ *Em constituiçoes. &c.* El Rey don Dionis conociendo, que nū tituló, i confusión en Leyes, es el principio de no conocer alguna, reduxo las pastadas a mucho menor numero, cō mejor modo i claridad, con q fuerón entendidas, i respectadas, i resultò feliz govierno; esto contienen los quatro versos. De las acciones de justicia deste Rey, dexa temos aqui tābien una soia muestra, cōmo de la liberalidad. Siédo famosa en el mundo su rectitud, i teniendo grandes pretensiones entre si os Reyes D. Fernádo de Castilla, i Aragon, i Leon, i el Infante D. Alonso de la Cerda, i estando el de Castilla casado con hija de Dionis, se conformaron todos en que el avia de ser el Arbitro dellos, sin q hiziese algun escrupulo a los tres tal parentesco, i otras estrechezas con Feinádo. As: era singular su entereza: con la qual los compuso a satisfacion igual de todos.

E ¶ *Tranquila* Dudase si esto es verbo, si nōbre: i nōbre, leed assi el texto: *Ya en la trāquila tierra, claras lumbres.* Si es verbo, hasta de los Latinos, fue tan poco usado, que Lambino sobre aquél lugar de la Epist. 19. del lib. 1. de Oracio: *Quid pure tranquilet.* (de que creemos lo imitò el Poeta) apunta solos tres Autores, que hasta entonces lo usaron. Tul. lib. 1. de fin. Plauto Capt. Cornelio Tacito, en la vida de Atico.

Yo lo hallo en Dante Paraíso c. 9. *Hor sappicbe la entro si tranquilla.* Antes de mi Poeta, i del-
pues de lo uso vuelto gran Taso Liber. c. 20.
est. 134. *Il cor Turbato hor mai tranquilla.* Sien-
do, pues, verbo (como realmente es) quiere de-
zir: foggia, felicita; que esto hizo don Dionis co
el juicio en las leyes, i con ellas en el Reyno.

XCVII:

Fez primeiro em Coimbra exercitarse
o valeroso officio de Minerva;
e de Helicona as Musas fez passarre,
a pisar do Mondego a fertil yerva.
Quanto pode de Atenas desejarse,
todo o soberbo Apolo aqui reserva:
aqui as capellas da tecidas de ouro,
do Baccaro, e do sempre verde louro.

Primero hizo, fue el primero que hizo exer-
citar en Coimbra el valeroso oficio de Miner-
va, i passar las Musas desde Helicona a pisar
la fertil yerva del Mondego. Quanto se puede des-
fear de Atenas; todo lo guarda aqui el soberano
Apolo: aqui di las coronas texidas de oro, i del
Baccaro, i del siempre verde laurel.

¶ Fez primeiro. &c. Continua esta est. con el
Rey don Dionis, i dice, que fue Padre de las le-
tras en Portugal: porque fue Fundador de la ins-
igne Universidad de Coimbra, que ha producido
insignes Varones. El primero, no quiere de-
zir, que primero fundó la Universidad, que hi-
ziese lo que trata la est. antecedente, sino que fue
primero en instituir Escuelas, i ciencias en su
Reyno: porque hasta entonces no las tuvo.

¶ O valeroso officio de Minerva. Valeroso es-
tilo es decir el valeroso oficio de las Letras, que
esso vale Minerva Patrona de las en Atenas. No
mostró en esto el Poeta ser de la Ierarchia de al-
gunos Cavalleros que huyen como del fuego (o
como de la verdad, si es mejor) de emparentar
con hombres estudiosos, i de que los lleve a
aver en su familia. Sa de Miraude confiesa esto
en la carta a Juan Roiz de Sa alabandole de aver
hecho excepcion a esta regla de Cavalleria Por-
tuguesa.

As letras que nam achastes.

Vos as metestes na terra:

A a nobreza as ajuntas estes,

Com quem dantes tinham guerra.

I aun la tienen oy terrible: pero igual valor de-
vieron hallar los antiguos (a quien le deve mas
credito) en las letras, i en las armas, pues de
una misma Diosa suponian recibir estas dos do-
trinas: i a Letrados igualmente, que a Capitanes
concedieron el traer empresas, como vere-
mos al fin de la nota de la est. 22. del c. 4. Aten-
gome al Poeta, que sabe dar epitetas a las co-
fas, i no al penlar que el no saber, es parte de la

nobleza, o cavalleria: si ay diferencia en cava-
lleria, i nobleza, como algunos creen. Digo, pues,
que el Poeta, por ver las letras en la Diosa de
las armas, las llamo valerosas: i si ello no agrada-
te, diremos, que las llamaremos con este esti-
lo propio tuyo, para dezir precioso, como vere-
mos en la est. 61. del c. 8. Pero lo primero juzga-
mos por mejor, i mas uido con la mente del
Poeta, que siempre pone gran parte del valor
de un Capitan en lo cientifico, legun veremos
en la est. 95. del c. 5. i las siguientes, i en la 71.
del 10. adonde citaremos otras: i esto enseñaron
los antiguos en hazer a Palas juntamente sa-
bia, i valerosa i el hombre que es de valientes
fuerzas, i animo, i corazo desnudo de saber, mas
se parece a las bestias fieras, que a los hombres
merecedores de llamarse assi con aquel singular
rayo de la Divinidad, que es la ciencia: i de aí
resulto el llamar Ulises a Ajax. Met. 13. bestia
valiente por buen modo.

Tibi dextera bello

Vtilis ingenii est: quod cget moderamine nostro:

Tu vires sine mente geris. I resulto de aí tam-
bién el ser Ulises apadrinado de Minerva, por
concurrir en el los dos atributos desta Diosa,
valor de ciencia, i ciencia de armas: i resultó

Ctambien aquello, de que assi como a esta Diosa,
roca el saber, i el valor, fue dado a los varones,
que por valor merecieron el titulo de Seimi-Dio-
ses, aquel notorio nombre de Heroes: que con-
forme a Platon tambien atiende alas misinas dos
partes de entender, i obrar: porque por una
quiere decir valeroso, i por otra ingenioso, elo-
quente, i en quien tuvo prompta ciencia, para a-
cudir a qualquier argumento. De suerte, que si
los varones, en que concurrieron estas dos co-
fas solamente alcanzaron el titulo de Heroes que
las significa, usurpanle sin duda aquellos que no
las posseen ambas. Todo esto sirve, para lo que
diremos sobre las est. 96 i 97. del c. 5.

¶ E de Helic. &c. Dice, que don Dionis hi-
zo que las Musas desde aquel monte, i fuente, pro-
pia habitacion suya, se pasasen al Mondego, i a
sus margenes; esto es a Coimbra. Vinoseme a
la mente este lugar del Poeta en las rimas, que
escrivi a la muerte, o a la segunda vida de mi ami-
go singular Lope de Vega: i assi al principio de
unas endechas dixe.

Ya murio de las Musas

el regalo mas vivo:

ya se rinden confusas

al tiempo fugitivo, &c.

Venle con tolerancia

en la sombra nocturna;

i hazense alegre estancia

de su funesta Vrna.

Asi, pues, d: la muerte,

no es morada este Vasõ:

es que mudo la suerte

desfijo el gran Parnaso, &c.

Esto basta: que yo no pretendo mostrar aqui mis
obras, sino quales son las de mi Poeta, i gloriar-
me de aver aspirado a imitarle.

¶ *Mondego.* Es el río que los antigos llama-
ron Minda; riega a Coimbra; la amienidad de cuya
campana apiunta el Poeta con la especificación de
aquej fertili! erva: porque yerva copiosa, es gran
indicio de fertilidad, i regalo; i ya el Poeta lo di-
xo ai atras est. 8o. assi: *Cidade cujo prado enver-
decem as agoas do Modego:* I de la yerva otra vez
en la 120. Siendo, pues, tal sitio propio para las
Mutias, dize bien el Poeta, que ellas con esta oca-
sion se píssaron a el, con que queda haciendo ar-
bitro dellas al Rey Don Dionis, porque fue scien-
te, elegante, i Poeta; i anade, que el mismo Apo-
lo Presidente de las sciencias las transfririo todas
a Coimbra desde Atenas; i que en Coimbra re-
parte las coronas de Baccaro, i de laurel, que alla
folia repartir; que son plantas de que se corona-
van los Poetas, i personas eminentes en las otras
letas.

¶ *Do Baccaro.* Virgil. Eglog. 4. *Errantes bede-
ras passim cum baccare Tellus:* i en la 7. *Bacca-
refrontem cingite, &c.* S. nazaro lib. 3. de part.
virg. Cum baccare myrtum, describiendo las co-
ronas que traian los pastores, quando vinieron al
presepio. Baccaro es el Nardo silvestre; i confor-
me a algunos Autores, poderoso contra hechizos,
i mal de ojo. En efecto por yerva virtuosa se uso
cenir la cabeza con ella: i assi lo dice Virgilio,
continuando el lugar que ai queda: *Cing te, ne va-
ti noceat mala lingua futuro.* I esto quisi dar a en-
tender Sanaz, en hazer los pastores coronados
del Baccaro: i yo en las mismas endechas al grá-
de Lope, continuando una invencion en su sepul-
cro, imite a Virgilio quanto pude.

*Copiosos vergeles
daran por eñas piedras,
los opimos laurclos,
las pampinosas yedras.*

*Mirtos provocadores;
Baccaros preservantes,
de Musas, i de amores
insignias triunfantes, &c.*

*El Baccaro benigno
brota por otra parte,
contra el mirar maligno
que esta ofendiendo e. arte, &c.*

Usando la Prosopopea con el Baccaro, le hago
decir, entre otras cosas:

*To le cino la frente
con mi virtud a'tiva;
porque lengua insolente
no le sea nociva, &c.*

I confieso, que el imitar a nuestro Poeta en aque-
lla parte, me llevó a imitar a Virgilio en esta: que
yo en toda ocasión procure imitar a Virgilio, i a
todos los passados, porque no me hallo tan favo-
recido del cielo en ingenio, que pueda decir a go
de provecho sin imitacion, como se hallan los mo-

Tomo 2.

A dertos, en cuyos escritos no se ve alguna, en tan-
to estremo, que estrañado a uno de los, me res-
pondio co ruda segruidad, esto: *Es cosa de risa ha-
blar en imitaciones: solo lo p'ffidamente o i'g-
rido: vale mas una copia que oy hace en moura-
do ingenio Espanol, que tedis las obras juntas de
Latinos, i Italianos: estan mas y adante.* Ad-
lante passara yo apie muchos mundos por no cit
esto, que tal lastima me causo: mas ya que no pue
da passar a ellos, passare a mis notas. Invita el P.
con el Baccaro el laurel, de que tambien se dixo,
que no podia ser tocado de rayo: I por tod', este
arbol, i esta yerva se dan a los Poetas en coro as,
como remedio contra quien los mira mal, i much
de peor con embidia, o ignorancia, que son: ayos
desesperados: si caen, digo, en tales Poetas como
este: q en los otros fu'mine Jupiter quantos qui-
siere, i no les vaigan Baccaros, ni laureles. I tam-
bién respeta el laurel aqui, pues habla el Poeta
de toda suerte de letras, a las coronas que se soña
dar en el primer grado en las Escuelas, i eran de
laurel, con su fruta llamada bacca, i de ai Baccal-
laureus los graduados: de manera, que para unos
i otros se consignaron dos plantas diferentes, co
virtudes parecidas, i nombres no desemejantes,
baccaros, i baccas.

¶ *Tecid is de ouro.* Tambien asi he texido la
de Lope en la elegia. *El laurel bien fido a las os
de oro.*

XCVIII.

*Nobres villas de novo edificou,
fortalezas, castellos muy seguros;
e quasi o Reyno todo reformou,
com edificios grandes, e altos muros.*

D *Mas despois q a dura Atropos cortou
o fio de seus dias ja maduros,
ficoulhe o si ho pouco obediente,
quarto Afonso; mas forte e excellente.*

E *Difico de nuevo nobles villas, fortalezas, i bie
segutos castillos: reformo casi todo el Reyno
con grandes edificios, i altas muralias. Pero
despues que la dura Atropos corto el hilo de sus
ya maduros dias, quedole sucediendo su hijo Afo-
so Quarto, poco obediente, mas valeroso i exce-
lente Principe.*

¶ *Nobres villas, &c.* Fue el Rey Don Dionis fundador, reparador, i ilustrador de tantos lu-
gares, que se le dio el renombre de Poblador. En
tre villas, i castillos, nombran varios escritos mas
de 50. yo no necesito de nombrarlos

¶ *Com edificios grandes:* Sin los profanos, sue-
ron algunos los divinos; i singularmente el Mo-
nasterio de Odivelas de Monjas de S. Bernardo;
sumptuosamente para su entierro; i a esto aude
aqui el Poet..

¶ *E altos muros.* Creen algunos, que van so-
Ee 5 bran-

brando palabras al Poeta, porque piensan, que en las fuerças i castillos que dixo arriba, quedavan dichos los muros, i engañanle: porque estos muros no son los de estos castillos, o fuerças, si no los de algunas Ciudades, que hizo ceñir de hermosas murallas para oy; i fuertes tambien mucho para entences: i permanecen enteros, i son en particular los de Braga, Porto, Guinaraens, Miranda.

P Atropos cortou o fio, &c. Frequentes es en los Poetas, el dezir al descrivir la muerte, que la Parca cortó el hilo de la vida. Parece que el nuestro lo dixo arrimado a Seneca en Otavia acto 1. Mea rupiffet stamina Clotho: o a Ariosto en el canto 43.

— Che di sua vita
De la Parca le fur le fila rotte

O al Varqui fol. 245.

Tal che se non troppo per tempo il filo
Rompe Atropos de la mia vita.

Però no ay tomar pie en esto, porque es comun. De las tres Parcas (que conforme a la lección poetica, tienen poder sobre la vida, i son Cloto, Lachesis, Atropos) nombró el Poeta la ultima, que tiene las tijeras con que corta el hilo de la vida, que en el Rey D. Dionis fue el año 1325.

G Ofilbo pouco obediente, &c. Como Dios no duerme, i caltaga ordinariamente las grandes culpas por los propios filos que se cometieron, permitio, que siendo el Rey D. Alonso muy desobediente a su padre (sin poderlo reducir, ni la santidad de su muger Isabel, oy colocada en el asiento de los Santos) tuviesse por hijo a Don Pedro, que molestandole con desobediencias, le dio a entender lo que avia hecho sentir a su padre. Luego lo veremos en su lugar.

G Mas forte, e excelente. El Poeta assi como no perdona a los vicios, no niega las alabanzas a las virtudes. Condena al Rey Don Alonso Quarto por desobediente a su padre, i todavía le alaba por el lado que lo merece, porque fue valeroso; esto vale allí el fuerte: porque como nadie en la humanidad pudo ser perfecto en todo, dicho so aqüen que se ven menos defectos, con algunas acciones dignas de admiracion, i reverencia; como sucedio al Rey Don Alonso en la mitad de su carrera, que el principio della con estas desobediencias a su padre, i el fin con la muerte que consintio dar a Doña Ines, todo fue harto malo.

XCIX.

Este sempre as soberbas Castelhanas
cô o peyto desprezou firme, e sereno:
porque nam he das forças Lusitanas
temer poder mayor, por mais pequeno.
Mas poré quâdo as gêtes Mauritanas,
a possuir o esperico terreno,
entraram pellas terras de Castella,
foj o soberbo Afonso a socorrerla.

A Este siempre desprecio con firme i sereno pecho las soberbias Caste lanas: porque no es de las Portuguesas fuerças temer el poder mayor, por ver el tuyo mas pequeño. Pero quando las gentes Mauritanaas entraron por las tierras de Castilla, para posseer el Esperico terreno, fue a socorrerla el soberbio Alonso.

P Este sempre as. &c. En la estancia 13. del canto 1. propuso el Poeta cantar deste Rey, que es Alonso Quarto llamado el Bravo: de que dice el Poeta, que siempre desprecio las soberbias Castelhanas: i el soberbio aqui vale ventajas, o soberania, i superioridad en poder: i es la metalepsis, parte dei tropo i metonimia; i no es aniquilar la nacion Castellana, como piéstan los indoctos, porque esto nunca lo hizo el Poeta, antes en contrario llevó siempre la mira en exaltarla: i quando con la cortesia que se espera de tan cultivado ingenio, i politico Cavallero, qual el fue, no lo hiziera, necesariamente lo avia de hazer como industrioso escritor; porque todos pretendieron siempre exaltar el enemigo, o el necessitado, para hacer mayor el que le vence, o socorre, como sucedio a nuestro Rey Don Alonso Quarto, que en

C las contiendas que tuvo con el Castellano, siempre quedó superior (esto quiere decir el Poeta en aquel verso segundo, que desprecio avéntajandose con sereno semblante) i quando el tuvo necesidad de su persona, i armas, le fue a socorrer, i le dexó vitorioso, como luego veremos. El Poeta se dclara luego en los dos versos siguientes, diciendo, que no es de Portugueses temer, por ser pocos, a muchos; porque Castilla en cantidad de tierra, i gente, mucho mayor es: i assi lo que en el verso quarto es el mayor, es en el primero el soberbio, porque de otra manera se quedaria sin tener en que estribar la sentencia destos dos versos, que estriba en la de los dos primeros: no es cosa de duda. Tambien se ve, que el soberbio está en este sentido de sublimidad, con que a nuestro propio Rey, que vâ alabando, llama en el ultimo verso, soberbio; que vale superior de animo, i bravosidad militar. I assi para con la gente Castellana, estos tratamientos ilustres de nuestro Poeta, son dignos della, i del del por industrioso Poeta, i politico cortesano; della por excelente en toda suerte de accion gloriosa. Veâse a este propósito las estanc. 24. 57. del cant. 4.

G Porque nam he das forç. &c. El pensamiento destos dos versos se hallará en la estanc. 36. del canto 8.

P Porem quando as gent. &c. Notese como levanta de punto las bizarrias de un animo Real (o antes divino digamos, que tales animos domados de las passiones humanas, assi se han de llamar) confessando en los primeros versos, que era enemigo de Castilla (i lo era con justissimas causas) muestra en estos, que no lo era con el semblante del odio de pecho vil, i por esto dice, desprecio sereno: con un odio de noble raça, porque no le deixó

dexò llevar de las passiones humanas , viendo a Castilla en peligro; sino que arrojádolas de si (cô valer , otra vez digo , más que humano) acudio prestissimamente a socorrer su enemigo , que era el Rey D. Alonso XI. al llover sobre el la Morisma que degollò a las margenes del Salado , unido con el Portugues. El Rey D. Fernando de Leon tuvo semejante lance con D. Alonso Primero de Portugal. Vease lo que diximos a este proposito , cje haze a este , sobre la est. 74.

¶ *O soberbo.* Ya diximos arriba , que el Poeta usava del soberbio aqui , en sentido glorioso: i agora diremos que lo hizo al modo de Oracio lib. 3. od. ult.

— *Sume superbiam
Quæstam meritis, & mibi Delphica
Lauro cinge volens Melpomene comam.*
En virtud de la figura retor. q al principio dixe.

C.

Nunca com Semiràmis, gente tanta
veyo os campos Idaspicos enhendo;
nem Atila que Italia toda espanta,
chamandose de Deos açoute horrédo,
Gotica gente trouxe tanta, quanta
do Sarraceno barbaro estupendo,
com o poder excessivo de Granada
foy nos campos Tartesios ajuntada.

Nunca con Semiramis vino tanta gente incliendo , colmando los campos Idaspicos.

Ni Atila , que espanta a toda Italia , llaman dose horrendo açote de Dios , truxo tanta gente Gotica , quanta fue junta en los Tartesios campos por el estupendo barbaro Sarraceno , unido con el excesivo poder de Granada .

¶ *Nunca com Semiramis , &c.* Bolverise a acordar el P. de los brios militares della Reyna , i sus copiosos exercitos en la estanc. 53. del c. 7. Tómado esta Matrona , insigne por sus bizarrías , el govierno de Assiria , muerto su marido hizo grandes cosas en armas por su persona , siéndo General de su gente , i passò con ella a la India ; que estos son los campos Idaspicos , que aí dize el P. por ser uno de los ríos Oriétales famosos el Idapse: i los hollò valerosa , i sobreviamente.

¶ *Nem Atila, que Italia toda csp. &c.* Fue Atila Rey de los Vnos , i rayo del infierno , que asió ló a Italia con gente innumerable i varia : la Gotica nombra el Poeta por todas.

¶ *Italia toda espanta.* Aunque Atila fue un singular motivo de espanto a toda Europa , por el poder con que inundó por ella , haciendo insignes estragos en varios lugares , i Provincias , dize el Poeta en particular , que espantó a toda Italia , porque por allá se empleó con particularidad su rayo ; de que aun oy en lastimosas ruinas se vé los efectos: i por esto ya dixo en la estan. 10. el verso

A 3. i el 4. Vease lo que allá dexamos advertido. Tambien espantó a Italia , porque siendo ella madre de tanto valor , lo vio mayor en el , o igual , o no esperado.

¶ *Chamandose de Deos açote.* El mismo Atila se intitulava , *Açote de Dios* , entre los otros titulos que usava en sus cartas , i son estos . *Attila Mundizifilius, & M:gni Nimrod nepos ; Engadiæ natus, d'vina benignitate Hunoram , Medorum, Gottborum . ac Dinorum Rex : Metus orbis, Deique flagellum , &c.* No determino referir su vida , i su muerte , que fue digna de sus obras: hagalo otro eruditó. Dice , pues el Poeta , que esa Reyna , i este Rey no llevaron tanta gente , ella por la India , i el por Italia , como los Moros trajeron sobre Castilla en esta ocasión.

¶ *Os campos Tartesios.* Esti dicho con Ausonio epist. 19. *Tartesia Calpe* Son aquellas tierras que yazen vecinas al promontorio Calpe , llamadas assí por Tarifa , que se llamo Tartesia , Ciudad puebla a las raizes de las columnas de Hercules , fin de Espana ; i una dellas es este monte : i en esta campaña se juntó ella Morisma , i fue vencida de los Reyes Portugues , i Casteliano .

¶ *Com o poder excessivo de Granada.* Esto es , que con la Mortalma de Africa , estava mancomunada la de Granada , que a la sazon era mucha , i valerosa , i que se fazia temer: i esia cupo en suerte al Portugues .

CI.

E vendo o Rey sublime Castelhano
a força inexpugnabil , grande , e forte ,
temendo mais o fim do povo Hispano ,
ja perdido húa vez , q a propia morte ;
pedindo ajuda ao forte Lutitano ,

D lhe mandava a carissima consorte ,
mulher de quem a māda , e filha amada
de aquelle a cujo Reyno foy nādada .

Y Viédo el sublime Rey Castellano la inexpugnable i grande fuerça del barbaro , i temiendo aun mas que la propia muerte , el fin eminent del pueblo Hispano , ya una vez perdido ; pidiendo ayuda al valeroso Portugues , le embió la carissima consorte: muger de quien la embia ; i amada hija de aquel a cuyo Reyno fue embiada .

¶ *E vendo , &c.* Viendo el Rey de Castilla el gran numero de batbaros , que se dexava caer sobre sus Reynos , remiò con causa el suceso , i valiose con prudencia del Rey de Portugal : i porque no estaba de acuerdo , embióle a pedir socorro por su muger la Reyna Doña Maria , hija del Portugues .

¶ *Rey sublime Castelhano.* Dos reparos tenéis aqui; uno , que si el Poeta entendiera por soberbias Castellanias en la estanc. 99. viruperio alguno desta nacion , no diera agora aqui a su Principe

pe este titulo honorifico de sublimidad: i assi confirma con el lo que allá explicamos: otto, que levanta de punto al socorrido, por levantar más al que socorre: siendo, como es, señal de summa potencia el ser buscado para socorro de un Rey potente.

I La perdida húa vez, &c. Temia el Rey Don Alfonso de Castilla en esta ocasion, que le sucediese la desgracia del Rey D. Rodrigo, en cuyas manos se perdió España, como es notorio.

Carissima consorte. Entiende la Reyna D. María muger del Rey D. Alonso de Castilla; i hija del de Portugal: la qual era tan mal tratada de su marido, por causa de sus amigas, principalmente Doña Leonor Nuñez de Guzman, que este era uno de los motivos capitales de las desavenencias entre estos Reyes; assi porque el Portugues amava mucho aquella hija, como porque siendo vistas en ella dos cosas juntas (rara vez vistas en muger) que son hermosura grande, i grande virtud: cosa que hacia crecer la culpa en el marido, i la exasperacion en el padre, el marido nunca se acordava que tenia esta muger para tratarla como tal, sino en las priesas de interceder co su padre, quando necesitava de socorro, sayos, que fue algunas veces, como esta, en que Doña María vino en persona a Portugal a pedir este socorro, para que el Rey no se lo pudiese negar. I conforme a lo dicho, no parezca que el Poeta hablo con poca noticia, diciendo, que la Reyna era carissima a su marido, pues la trataba tan mal: porque el intento fué dar a entender, q los necesitados son muy ciertos en hacer caricias a quien tienen ofendido, quando le han meneito: i quando son mas fangidas, las hazen de mod, que parecen mayores, sin correrse de buscar con ellas, a quien ofendieron con maios traramientos: i mucho menos de volver a lastimar en la prosperidad, a quien hallaron fiel en la miseria. Deste modo fue carissima algunas veces esta Reyna a su marido.

CII.

Entrava a fermosissima Maria,
pellos paternais Paços sublimados,
lindo o gesto, mas fora de alegria,
e seus olhos em lagrimas banhados:
Os cabellos Angelicos trazia
pellos eburneos ombros espalhados;
dante do pay ledo, que a agafalha,
eitas palavras tais chorando espalha.

Por los paternales i sublimes Palacios entra va la fermosissima Maria: lindo el semblante, pero fuera de alegria, i sus ojos bañados en la grimas: trazia los Angelicos cabellos esparcidos sobre los eburneos ombros. Delante del alegre padre, que la agafaja, i acaricia, tales palabras espalza llorando.

A Entrava, &c. Vino Doña María embiada de su marido a su padre: al qual aparecio assi hermosa como era: però assi triste, como la obligava la ocasion.

Fermostissima Maria. Cosas ay, que vienen a parecer invitadas sin tercio: i otras que lo son sin que se conozca: i otras, que se imitan sin que sea sublimes de pensamiento, o locucion. Todo esto se puede creer d este lugar: porque quien quiera sin estudio alguno dirá, fermostissima Maria, de una muger que se llama asi, i es muy hermosa, como lo era esta: però desue que lo dixo Garcilaso a la entrada de la Eglog. 3, muchos lo dixerón con el cuidado de que lo dixo el, sin hazer caso de la cacofonia, que resulta de la junta destas dos voces, mama.

Pellos paternais Paços sublimados. Entiende el Palacio Real, que los Príncipes Portugueses tenian en la ilustrissima Ciudad de Evora, Corte suya, algun tiempo, como entonces lo era del Rey D. Alfonso Quarto, adonde vino la Reyna su hija: i llama el Poeta, sublimados a aquellos palacios, porque fueron sumptuosos, como de tales Reyes: oy dan sus ruinas que llorar a los ojos amadores de la gloria de la patria, assi como ya les dieron sus fabricas en que entretenerse.

Lindo o gesto, mas fora de alegria, e seus olhos em lagrim. &c. Excelentes imitaciones halareys aqui. Virgil. pintando en el 6. a Marcele. Egregium formam iuvenem, &c. Sed frons late parum, & deicta lumina vixit. Su tradutor Y. a Alco, q lo dixo com a nuestro Poeta. — *Vn bello iouen.*

Mas con semblante ageno de alegria.
Bien el afectuoso Ovid. Met. 7.

*Trifis erat sed nulla tamen formosior illa
Effe potest trifisti.* &c. El gran Taito Liber. cap. 16. estanc. 41. por la bella Armida.

Souragunse anhelante, e lagrimosa,
Dolente si che nulla piu, ma bella
Altre tanto per quanto dogliesa.

Ariosto canto 3. estancia 70.

Veniano sospirando, e gli occhi basi
Parcan tener de ogni baldanza privi.

I abaxo. Et fe degli occhi rivi: i c. 3. 5.
Ancor che fuisse lacrimosa, e afflitta,

Bella di faccia, e de maniere bella.

E Dijo por Flor de Lis llena de angustia por su Rgero. El Porrino fol. 20. Congli occhi molli, & de allegrezza spenti.

Os cabellos Angelicos, &. Estremadamente: porque como la Reyna Doña María era muy hermosa, i un exemplar de virtudes, cabiale el titulo de Angel, assi como puede caber en la humanidad: porque es propio del Angel ser hermoso, i puro: i luego conformandose el Poeta en la pintura que haze de Doña María, con la que los pintores usan de un Angel, nos la representa con el cabello esparcido sobre los ombros, i llamandolos Angelicos, para acordarnos, que atiende a la pintura de Angeles.

Pel-

¶ Pellos eburneos ombros espalbados. Assi pinta el Poeta a Venus en la est. 36. del c. 2. i assi Ovid. a Onfale Fast. 2.

Ibat odiratis humeros perfusa capillis
Meonis, àurato conspicienda sinu.

O pintando a Lucrecia mas adelante.
Iniecta collo sic iacuere coma.

Met. 1. descriviendo a Daphne. *Politos sine lege capillos.* I en el 2. por Ociroe. *Ecce venit rutilis humeros protecta capillis.* Stacio Theb. 3. Quando la bella Argia con semejante ocasion de pena acudio a su padre.

— *Laceris pridem turbata capillis*

Et fletu signata genas. Però los cabellos en las damas se esparden, o con arte por más gala, o sin ella por gran dolor: i esto ultimo se ha de entender en este lugar; i en aquel de Venus, como en la estanc. 91. del cant. 4. porque la Reyna aqui, i Venus alli, eran oprimidos de dolor, como aque llas Matronas allá. Por gala veys los aqui en B. Tasso Amad. cant. 23. *Sovra gli homeri sparso bal' aureo crine.* A otros perdonare por cosa hallada: i es hermosissimo adorno en una dama, que logra pelo copioso, i largo.

¶ Eburneos ombros. Virgil. Geo. 3. *Humero que Pelops insignis eburno.* Todos los Poetas grandes dixeron assi a los miembros feminiles, de que es mas propia la blancura, llamandolos de marfil. Tambien para esto traeré pocos, por ser comun. Ovid. epis. a Cedipe. *Hoc faciunt flavi crines, & eburnea cervix.* Porque el marfil bruñido, con su blancura, imita mucho la candidez de las damas que la logran. Por esto fueron muy usadas estatuas de Diosas, i Ninfas de marfil: fue memorada la de Venus, obra de Fidias, que estuvo en el Panteon de Roma: i lo es en las fabulas el ombro que faltava a Pelepe, i se suplio có marfil. I tiene otra correspondencia con esa blancura humana, que es bolverse palido con los muchos años, como sucede a las damas: i tambien en los pocos por accidente, o artificio; porque bolviendo en gala la pailidez, se hazen palidas; comiene do para ese efecto barro, cal, yeso, tierra, ceniza, carbones, cascaras de avellanas, i cosas semejantes. I no sabemos hasta agora, que ayan usado el bever agua de cominos, que dice Plinio tiene virtud para ello: i será sin el achaque de la opilació, que procede de estos remedios. Devanme las damas este recipe.

¶ Estas palab. &c. Termino que se hallará cāto 1. est. 73. c. 2. e. 78. c. 4 est. 94. c. 7. est. 59. c. 8. est. 64.

CIII.

Quantos povos a terra produzio
de Africa toda, gente fera, e estranha,
ogram Rey de Marrocos conduzio,
para vir possuir a nobre Espanha.
Poder tamanho junto nam se vio,

A despois que o falso mar a terra banha.
Trazem ferocidade, e furor tanto,
q' a vivos medo, e a mortos faz espanto,

Q Vantos pueblos produxo la tierra de Africa, gente toda extraña i fiera, condujo el gran Rey de Marruecos para venir a poseer la noble Espana. Tan gran poder junio no se vio desde que el salado mar baña la tierra. Trae tanto furor i ferocidad, que haze miedo a vivos, i espanta a muertos.

¶ Quantos povos, &c. Admirable resolucion de entrada en esta Oracion de la Reyna: admirable Oracion. Imitó en lo primero a Virgilio en el 4. quando haze hablar Dido a Eneas ex abrupo, sin preambulos, o proheimios, o otro algun linage de principio.

Dissimilare etiam fera, & fuisse, perfide, tantum

Poss' nefis? &c. Mistrando atsi è en su Madrona, i el nueltro en la suya, el animo perturbado profadamente. Tambien es deste genero a quello de Neptuno a los vientos.

Tantane vos generis tenuit fiducia vestris
C Lib. 1. I lo de Tito Livio lib. 6. *Quo usque tandem ignorabitis vires vestras?* Servirà esto a la platica del colerico D. Nuño Alvarez Pereyra, desde la est. 15. del cant. 4. Llamase Oracion patetica en la Arte Retorica: que vale, commover, apilar, rendir el suplicado al suplicante.

¶ Quantos povos a terra produzio de Africa, &c. Todos los pueblos que produxo la tierra de Africa: esto es toda suerte de su gente. Grande imagen de la multitud con que se avia dexado venir el Moro sobre Espana. Con Ariosto cant. 1. estanc. 16.

*D'aver condotto l' und' Africa quante
Gente erano atte a portar spada, e lancia.*

¶ Conduzio. Este verbo ufan oy mucho los Poetas de verbos sonorosos, i no con la propiedad que está usado aqui: porque conduxit propiamente es trae a soldada la gente, como sucede en la milicia.

¶ Para vir possuir a nobre Espanha. Dicho con industria: porque como la Morisma dava sobre Castilla, en que el Rey de Portugal no iva interessado tanto, adviertele que della, si la gana, puede baxar a Portugal, porque todo se incluyo en Espana: i con esa advertencia se inclinará más al socorro, como interessado. Esto aqui es lo mismo que en la est. 99. *A possuir o Esperico terreno,* por ser Espana la Esperia ultima.

¶ Ogram Rey de Marrocos. L'amavase Ali Boacem: como consta de las historias.

¶ Poder tamanho junto nam se vio. Virgil. lib. 2. *Millia quot magnis nunquam venire Mycenis.* I acá esta exageracion está muy propia en boca de muger, en quien el temor es mayor.

¶ Que a vivos medo, e a mortos faz espanto. Dudá algunos si pudo tocar el espanto a los muertos,

tos, como el miedo a los vivos. Dejo a parte lo que ai dixe, de estar aqui usada una exageracion propia en boca de muger, i digo dos cosas: una, q esto es hyperbole, o encarecimiento poetico, de que no se deve pedir cuenta a los Poetas, ni aun a los historiadores, que en seimejantes ocasiones tocan licitamente el estilo poetico. Que historiador no dixo por el polvo, o grita, que levanta un gran exercito, o por el humo de un gran incendio, que llegava al cielo Ninguno. Seria justo ir con esto al contraste para justificarlo? Noi otra, que en casi todos los Santos que escrivieron de las almas de los muertos, hallareys concurrir muchos, en que ellas en el otro mundo tienen noticia de lo q pasa en este: o por que se lo comunican las que de aca parten, o porque permite Dios, q se lo revelen los Angeles: i assi esta bien repartido el miedo a los vivos, i el espanto a los muertos: porque estos pueden tener este, i no aquel, como libres del peligro, considerandolo: i aque-lllos justamente tenian aquel, como interessados en el dano, que prometia tan formidabile invasion como esta.

CIIII.

Aquelle que me deste por marido,
por defender sua terra amedrontada,
com o pequeno poder offerecido
ao duro golpe esta da Maura espada.
E se nam for contigo socorrido,
vermeas delle, e do Reyno ser privada;
viuva, e triste, e posta em vida escura,
sem marido, sem Reyno, e sem vetura.

Aquel que me diste por marido esta expuesto
al duro golpe de la Maura espada, con el pe-
queno poder q tiene para defender la intimi-
dada tierra. I si por ti no fuere socorrido, tu me
veras despojada del; i del Reyno; viuda, i triste, i
puesta en escura vida, sin marido, sin Reyno, i sin
ventura.

¶ *Aquelle que me deste, &c.* Iudiciosissima ra-
zon para obligar al Rey a socorrerla. Aquel (di-
ze) que tu me diste por marido, que yo no le cligi,
esta en peligro: tu eres obligado a sustentarme en
aquello en que me pusiste por tu gusto, i que yo
aceite por tu obediencia, i sufro por el pondonor
de tu hija, no tratandome el, ni como hija tuya,
ni como su muger. Todo esto, con rara i admirabe-
le invencion, dice este verso, i en particular este
aquel; como si dixerá: Aquel, tal qual es para mi, i
tal qual tu me le diste, es mi marido, i esta en gra-
aprieto: acudeme, con acudirle, que si el perece,
yo tamoen.

¶ *Com o pequeno poder.* A quien leyere con ate-
cion por un lado, i no por otro, parecera que el
Poeta se encuentra, aviendo dicho en la est. 99.
que el poder del Rey de Castilla era grande; i cs

A que allà lo era a respeto del de Portugal, por ser menor mucho: i aca menor a respeto del barbaro, que con gran distancia era mayor.

¶ Contigo. O confession del valor sublime, o li-
sonja del, para obligar al Rey a no negarle este
socorro, diciendole. No solo necesita Castilla de
socorro, sino que ha de ser el tuyu, para q ue tenga
esperanza de victoria; porque siendo socorrida de
otra mano i coraçon, no la tiene, i tiene la si tu le
socorrieres: reconoce tu valor. I es al modo de
aquello de Ariosto cant. vlt. *Che fì ajuto non a
testo, e conforto &c.*

G *Verme has delle, e do Reyno ser privada.* Tu
que eres mi padre, que me diste Rey por marido,
i Reyno por Estado, veras con tus ojos su muerte,
i su ruina; mi viudez, i mi miseria. Veras tu,
que deseas no verlo, i no verme en tal estado, a-
mandome como verdadero padre. Come si di-
vera: Pues tu no has de poder ver esto sin gran do-
lor, ven tras mi con tus armas, i ahorraraste essa
gran pena, que te puedo costar si me vieres en tan
infima fortuna. Todo esto vale aquel, *Verme has,*
dicho con gran cuidado.

g Virva, &c. Assi haze Homero que diga An-
dromaca a Hecor, Ilia. 6. que quedaria viuda pa-
ra comoverle a evitar el peligro. *Me infelicem,*
que cito vidua ero, &c. El gran Tasio conquist.
lib. 23. estanc. 118. haze dezir Ligeria muerto el
marido.

*E lasci me, co'l tuo p u caro pugno
Vedova, e serva, e presa al giugo indegno.*

¶ *E posta em vida escura:* Como la Reyna D.
Maria era Portuguesa, alude el Poeta a las viudas
Portuguesas nobles, que desde el dia que les
nueren los maridos, a muchos meses, i a veces a-
nos, i tal vez toda la vida, estan a escuras sin abrir
ventana: costumbre antigua en parte, como pate-
ce en Ovid. Fast. 1.

*Per totidem mensis a funere coniugis uxori
Sustinet in vidua tristia signa domo.*

No como en otras naciones, adonde la viuda sale
el primer dia, muerta porque la vean con las to-
cas, que piensa le estan bien: si bien ey ya no falta
esto en Portugal.

¶ Sem marido, &c. Vease en la estanc. 44. del
cant. 4. Ercilla cant. 20 *Viuda, misera, triste, i des-
dichada, &c.* La Escritura Sacra està llena de a-
menazas, por gran castigo, con la viudez: un lu-
gar del Exodus, cap. 22. *Et erunt uxores vestras
vidua.*

CV.

Port tanto, o Rey, de que co puro medo
o corrente Moluca se congella;
rompe toda a tardanca: acude cedo-
a miseranda gente de Castella.
Se esse gesto que mostras claro, e ledo,
de pay o verdadeiro amor atrela,
Acude.

acude, e corre pay: que se nam corres,
pode ser que nam aches quem socorres.

POr tanto, o Rey, de quien el corriente Moluca le yela con puro miedo, rompe toda dersion; acude presto, veloz a la mi era la gente de Castilla. Si este semblante que me muestras claro, i alegre, confirma el verdadero amor de padre; acude, i corre padre: que si no corres mucho, ya puede ser que no halles a quien socorres.

¶ Portanto o Rey, &c. Note se el juicio del Poeta. Aqui no llama la hija al padre sino Rey; nombre de potencia, exprimiendola, con decir, q la Africa ardiente se yela de miedo de su valor: i luego abajo le llama padre dos veces, con gran industria, mostrandole la obligacion que tiene conio padre, a no faltarle con el poder de Rey: i exageradole el poder, por ensancharle el animo. Totalmente admirable. Ciento, que roda la estacion nos parece resulta de aquellos versos de Virgil. Georg. 4. quando Aristeo pedia socorro a su madre.

**Mater Cyrene, mater, qua gurgitis huius
Ima tenes, &c. Te matre relinqu. Quin age,**
&c. Mostrandole primero, que puede como Diosa: i luego, que deve acudir presto como madre, repriendo esse dulce nombre. Pero el Poeta imito aun mas que este lugar, aquel del lib. 1. En. donde Venus pidiendo favor a Iupiter para Eneas, assi le obliga. Esta la diferecia en que Venus alli primero le llama padre, i despues Rey y poderoso. **Quæ te genitor, &c. Quem das finem Rex
magne laborum.** I nos parece mejor la resolucion de imitar en esta parte esto otro lugar de la Geografica: porque va subiendo de punto la persuasion: pues en efecto, mayor fuerza es la de padre amoso, que la de Rey sublime; tanto, que quando no le pudiera acudir como poderoso, lo devia hazer como padre: i por esto, no sin gran acuerdo fenece, repriendo la voz amorosa de padre. Todos llevieron esta industria en Homero, que assi lo usaron muchas veces en las ocasiones que las Diosas hablan a Iupiter.

O corrente Moluca, &c. Rio notorio, i termino de la ultima parte de la Mauritania, siendolo de la primera el promontorio Ampelusa. Dize que Africa tenia miedo grande del Rey (eso es aquello de elarse con el Rio) por las muchas i grandes vitorias, que la mano Portuguesa avia alcanzado de los Moros, entre los cuales tiene fama este rio.

Rompe toda a tardanca. Con muchos lo dixo el Poeta desde Hom. Ilia. 6. en semejante ocasion. **Tolle igitur moras.** Virgil. Georg. 3. incitando a Augusto. **En age segneis.** Rumpe moras. O Iris a Turno en el 8. Rumpe moras omneis. Oracio od. 12. lib. 4. Verum pone moras. Seneca en Tro. ac. 3. Rumpe Fatorum moras. Lucano 1.

Dum trepidant nullo firmata robore partes

A **Tolle Moras.** I creo, que este es el lugar imitado de mi Poeta en estos tres versos. Assi Stacio al fin del tercero de su Theb. teniendo puesta a Argia llorola delante de su padre a pedir otro socorro: assi Vida Christiad. lib. 1. **Præcipitate moras &c.** Assi todos los grandes: i todos lo pudieron tomar del Real Poeta, Psal. 69. **Adiutor meus, & liberator meus es tu, Domine, ne moreris.** I verdaderamente el efecto con que habla aqui la Reyna, mas se parece a este de David, que a ninguno de estos.

¶ Amigeranda gente de Castella. Engrandeciendo el estado miserable, para comover el animo del Rey a socorrer la gente, aunque no le fuesso aficionado: porque en los corazones Reales, mas obra la lastima, que el odio.

¶ Se esse gesto que mostras, &c. Poniendole a los ojos ese oficio, esta obligacion, o este nombre de padre da por conseguido el intento. Assi Virgilio alli Geor.

Si modo que perhibes pater est Tymbræus Apolo;
Quid, &c. Conio si dixerat. Si tu eres padre, como muestras, no puedes faltar a mi ruego, que es de hija en gran aprieto.

¶ Acude, e corre pay. Aviendo dicho: **Si eres padre:** Es gran modo de persuadir, diciendo: **Acude i corre padris:** como si dixerat: Entonces mostraras que eres padre, quando acudas corriendo.

¶ Que se nam corres, &c. Ariosto cant. vlt.
Che si ajuto non a tosto e conforto
non e molto lontano a restar morto.

¶ Quem socorres. Entiende la Reyna esto por si misma: porque tratandola el Rey su marido mal, la socorro siempre el Rey su padre en los mayores aprietos, consolandola, i reduciendo al Rey a tratarla mejor, ya con ruegos de Embajadores, ya con amenazas de guerra: i assi dice ella agora a su padre: Mira, que si en esta ocasion no vienes apriesta, puede ser que no halles ya las cosillas en esta de ser de provecho a una hija, a quien nunca faltaste con tu socorro.

CVI.

Nam de outra sorte a timida Maria
falando esta, que a triste Venus, quando
a Iupiter seu pay favor pedia,
para Eneas seu filho, navegando;

E **Que a tanta piedade o comovia,**
que caido das maos o rayo infando,
tudo o clemente Padre lhe concede,
pesandolhe do pouco que lhe pede.

N O esta la timida Maria hablando a su padre de otra suerte, que la triste Venus quado pendia a su padre Iupiter favor para su hijo Eneas que navegava. Comoviendo a tanta piedad, que caido de las manos el infando rayo, todo se lo concede el clemente padre, pesandole de lo poco que le pide.

¶ Nam

¶ Nam, &c. Aviendo el Poeta hecho hablar la Reyna con aquel arrebatoamiento i perturbacion, que advertimos en la est. 103. por los respetos alli ponderados, hizo tambien por los mismos, que la oracio fuese breve, que no excedio de tres estancias, como vemos.

¶ Atimida Maria. Con gran cuidado la llama agora timida, por advertirnos, que su oracion i terminos della, todo fue dictamen del temor co que venia, como pondieramos en la estancia 103. I tambien timida, porque le podia el padre negar el socorro.

¶ Que a triste Venus, quando a Iupit. &c. Advierte que la Reyna hablo a tu padre, asi como Venus al suyo en favor de su hijo: Esto es en el lib. 1. I ciertamente creemos que el Poeta con esta advertencia nos manda a ver allá la ventaja que conoce hizo a Virgilio en esta Opcion, aunque en ella initasse essotra: porque a no ser asi, creemos nos dixera, que la Reyna hablo al Rey aqui por los Castellanos afligidos, como Venus a Iupiter por los Portugueses navegantes en el cant. 2. deste raro poema: Comparacion que sostenchamos no luziera menos en esta ocasion. I asi queda claro lo que ai dixe, de que el Poeta nos manda, que vamos a verle vencer a Virgilio en singular palestra. Obedezcanle los curiosos, i confieran este lugar de la Reyna D. Maria delante su padre, con aquil de Venus delaite de Iupiter, i diganme lo que sienten.

¶ Caido das maos o rayo, &c. Iupiter, i Apolo (fingen los Poetas) quando hablavan a algun humano, deponian los rayos, porque con ellos no se podia llegar alla. Nuestro Rey estaba airado contra el Castellano, i siempre con las armas en las manos, por las razones ya apuntadas: Dize agora el Poeta, que depuso estas armas, i essa ira (de que hizo imagen el rayo) por acudirle como la hija pedia. Tales ei contemporizar de los Principes, que se ayudan quando se aborrecen, a veces mejor que quando se aman, si se da caso que lleguen a amarse alguna vez.

¶ Infando. Es Latin, i vale; cosa para no dezir se, inexplicable; o bien de puro lastimosa, como en Virgilio: *Infandum renovare dolorem*: o bien de puro grande, como en nuestro Poeta aqui.

¶ O clemente padre. Vease a que tiempo uso del epíteto de clemente, despues que ya la hija le tuvo enternecido, no solo con su vista, sino co sus razones banadas en llanto: i luego depuesta la ira que tenia contra su marido, i aun la bravosidad natural, que le dio el renombre de bravo (que tambien a esto alude el Poeta en la deposicion que finge del rayo) quedo clemente: tomada la clemencia, inclinose liberal i diligente, concediendole todo lo que pedia, i marchando luego en essotra estancia.

¶ Pcsandolhe do pouco: Assi dira del Noto con Galatea, al fin de la est. 90. por gran senal del amor, que hizo coceder lo que hazia negar la ira.

CVII. **A** Mas ja co os esquadroes da gente armada os Eborenses capos van qualhados; (da, lustra co o Sol o armes a laça, a espada; van rinchando os cavallos jaezados. A canora trombeta embandeyrada os coraçoens aa paz acostumados, vaya as fulgentes armas incitando, pellas concavidades retumbando.

Pero ya con los esquadrones de la armada gente, van quajados los Eborenses campos: lustra con el Sol ei armes, la lança, la espada; van relinchando los enjaezados cavallos. La embandeirada i canora trompera retumbando por las concavidades va incitando las fulgentes armas, i coreaciones acostumbrados a la paz.

¶ Mas ja co os esquadroens, &c. Node otro modo passa el Tasso Liber. cant. 1. est. 65. i referir semejante accion.

Magia tutte le squadre eran con bella

Mofstra passate, &c. Esto solamente los Maestros lo saben hazer: Otro se detuviera aqui a describir aparatos, i resenas: pero este hombre valentissimo no: Pidio la Reyna afligida con priesa, salga con el a el Rey: competencias de Virgil. bien logradas. Verse en el 8. Amonesto Iris a Turno, que salga con su exercito, quado sin describir prevenções.

Iamq, omnis campis exercitus ibat apertis
Dives equum, dives pictae vestes, & auri, &c.
Que es lo imitado en esta estancia: pero con superior ilustracion. I porque no se escusava (al modo que tambien ai el Maestro) el describir algo de un exercito, que tuvo no la menor parte en victoria tan grande: note se adonde el Poeta metio la descripcion, marchando el, le va describiendo por no perder tiempo.

¶ Os Eborenses campos. Como el Rey assistia en Evora, segun diximos en la estancia 102. por aquella campana fue saliendo el campo militar.

¶ Campos v.o qualhados: Quajados se via los campos con lo espelo de la gente armada. Es imitacion de Virgil. al fin del lib. 7.

Insequitur nimbus peditum: elypeataque totis
Agmina densantur campis.

¶ Lustra com o Sol o armes, &c. Cada verso destos es una imagen de vn exercito, i no poco propia, i elegante. Sobre esta de reverberar el Sol (que parece se esta viendo) en las armas, se vea lo que diximos en la est. 58. del cant. 1. i ditemos en la 61. del 6.

¶ Vam rinchando os cavallos. Con Virgil. lib. 11. *Flatusq; audivit equorum:* I otros en los versos que se siguen. Dize: *Jaezados*, por mostrar que ivan luzidos.

¶ Aca-

¶ A canora trombeta. Virgilio lib. 9.

*At tuba terribilis sonitum procul ore canoro
Inrepuit, sequitur clamor, ex quoque remugit.*
En este verso describió el son, i el adorno de la trompeta; en esto su oficio, que es incitar los corazones; i en el siguiente la respuesta que a su sonido dan los valles, formando el eco: no ay palabra ociosa: todo admirable.

¶ Embandeyrada. Cotumbre antigua es, el llevar las trompetas sus vanderas; i oy en ellas de pintura, o bordado la insignia, o blasón del dueño del exercito.

¶ As fulgentes armas. Virgilio en muchos lugares. En 6. *Et fulgentibus armis:* i en el 8. *Et fulgentes aere catervas.*

¶ Pellas concavidades retumbando. Resonando queda en las orejas este verso. Virgilio.

Tartaream intendit vocem, &c. Et sylve intonuerunt profunda. Ainsi Ariosto cant. 11. et tancia 34. Erimbombar le selve e le caverne. Toda la estancia es de B. Tasso la 34. en Amad. c. 49.

— Le horride trombe, &c.

*Giongono ardore agli ammosi cori;
Al cui son desti, i feroci cavalli.
Fanno annitrendo altissimi romori
Tal che assordan d' intorno, & poggi, & valli.
&c. I ve. nios como no se aventajó a ninguno su gran hijo Liber. c. 1. est. 73.*

*Eco i fieri nitriti il suono accorda
Del ferro scosso, e le campigne assordi.*

Ni en la 21. del canto 9. ad onde casi trastalla a su padre. Yo por descargo de mi conciencia hallo en mis cuentas, que el gran Camoens los venció a todos en esta ocasión, como en muchas: i que el gran Tasso, viiniendo con el en no pocas a singular desafío, no haze poco quando queda igual, i en algunas es de creer, que el mismo reconoció superioridad: i si la constancia en que fue feliz no le sustentara el credito, gran primacia quitavamos de las manos a todo su estudio. Ercilla canto 4. *Retumbando en los montes asvernosos.*

CVIII.

Entre todos no meyo se sublima das insignias Reays acompañado, o valeroso Afonso, que por cima de todos, lleva o collo alevantado: E somete co' o gesto esforça, e anima, a qualquier coraçam amedrontado. Aisi entra nas terras de Castella, com a filha gentil Rainha della.

Entre todos en el medio, aparece sublime a- cōpañado de las Reales insignias el valeroso Alonso, que por encima de todos lleva levantando el cuello. I solamente con el semblante dà a. animo i esfuerço a qualquier amedrētado cora-

Tomo 2.

A gon. Aisi entra en las sierras de Castella con la gentil hija Reyna della.

¶ Entre todos, &c. Con todos los grandes pinzeles pinta el Poeta el Rey. Don Alonso es la mitad de su gente, superando de estatura, de valor, i de gala, como de insignia.

¶ Das insignias Reays. Estas insignias Reales de que iba acompañado el Rey, se ha de entender, que son las que se usan en casos militares, como este erz: i las particularmente son la vanguarda, i el guion, en que van pinta las las armas Reales. Nuestro Poeta es, que explica este lugat con aquell de la estanc. 25. del cant. 4. en que pinta junto al Rey estas insignias. *Das q:inas, e castellos, o pendón com Ioanne Reyfortz, &c.*

¶ Que por cima de todos lleva o collo alevantado. Con todos los Maestros, i grandes discípulos. Homero Iliad. 1. *Stantes q: id. m. Atendentes superabat latos humeros.* I en la V. lib. 6. comparando a Diana entre sus Ninfas: *Omnis bac capite supereminet, & fronte.* Cointo Smirneo, Doreliator. lib Hom. lib. 7. por Achiles: *Illi verò eminuit supra omnes, qui cum sequebantur.* Virgil. Eneid. 1. en la miseria ocasión de Diana:

C Gradiensque Deas supereminet omnes; i en el 6. por Marcelo: *Victorque viros supereminet omnes:* i en el 7. por Turno.

*Ipse inter primos præstanti corpore Turnus
Vertitur, armis tenuens, & toto vertice supra est.
Repitese en el 9. *Medio dum agmine Turnus ver-
titur, &c.* Que cierto nos parece de aquí te ini-
tò esti salida del Rey. en el 8. *Sed cunctis altis
ibat Anchises.* I en el 11. *Vertitur in medys, &
toto vertice supra est.* Maefeo en el suplemento: *Omnis superexcellens, atque astor ibat.* Ovid. Metamorf. 3. *Colloque tenus si pereminet om-
nes:* Por Diana entre sus damas, como Homer. i Virgilio. Lucano lib. 1. *Et celsus medio consper-
etius in agmine Cæsar.* Geromino Vida Christ. 1. *Formaque alios supereminet omnes.* A iusto al fin del canto 5. Rinaldo vi compar sopra eminenti: i en el 38.*

In mezzo armato, e sontuoso vi era

Di barbara pompa il Re Africano.

Ercilla cant. 21. *Lincoya, &c.* La cresta sobre todos leu. i todos lo pudiero tomar de la Escritura, que en el cap. 9. del lib. 1. de los Reyes, dice de Saul: *Ab humero, & sursum eminebat su-
per omnem populum.*

¶ Esomente com o gesto esforça, &c. Con Virgil. continuando ese lugar del 9. que ai queda: *Ir-
get præsentis Turni.* I juntamente pinta i enseña qual deve ser el semblante de un Capitan, que ha de respirar animos, i corazones sobre su gente, para hazerla osta en el mayor peligro.

CIX.

Juntos os doux Afonsos finalmente, nos campos de Tarifa, estam de frente da grande multidam da cega gente,

F. Par3

para quē sam pequenos campo, e móte.
Nam ha peyto tam alto, e tam potete,
q̄ue de desconfiança nam se afronte
em quanto nam conheça, e claro veja,
que cō o braço dos seus Christo peleja.

Votros finalmēte los dos Alonsos en los campos de Tarifa, estā en frente de la gran multitud de la ciega barbaridad, para quien son pequeños el cāpo, i el móte. No ay pecho tan alto i poderoso, q̄ no sea afrettado de la desconfiança, miérras i o conozca, i vea claro, que Christo pelea con el braço de los suyos.

Intos os dous Afon. &c. Va el P. con doctissimo cuidado insistiendo en la brevedad. Sale el Rey en la e. 107. llega en la 108. a Castilla: aparecē ya en el cāpo aquí, los exercitos Catolicos, i el barbero, puestos frente a frente: sin tratar de llegadas, i recibimētos Reales, adóde otro se engolfa mucho. Menester es, q̄ digamos algo de lo que passò en esta ocasió. Luego q̄ el Rey cōcedió a la Reyna su hija el socorro en persona; ella alborocada con tā buen despecho, avisó a su marido: i el no menos alborocado con el aviso, se vino diligētissimo a ver cō su suegro, i agradecerle la resolución. Vierose los Reyes en la villa de Turumieña de Portugal, situada a la ribera del Guadiana: i puestas en orden las cosas, caminaron a Sevilla, adóde se tuvo Consejo si se avia de pelear: i saliendo del que no, por ser grandissima la potencia barbara, de modo, que no deixava esperanza de victoria: i q̄ de concierto se le diese Tarifa, el Rey de Portugal se opuso solo a esta resolucion, i sustentando que no se avia de dar nada a los Moros, i que se avia de pelear, salieron a ellos, i sucedió lo que es notorio, i veremos luego.

Para quem sam pequenos campo, e monte. Virgil. lib. 7. del exercito de Turno: Agmina densantur cāpis. I acá, por ser un diluvio de barbaros, despues de llenar la cāpāña rasa, haze el P. q̄ comien los mótes elevados. Tābien lo hizo así despues el gran Tasso Conquist. lib. 17. :st. 69.

*L'horribil hostie, &c. Le campagne a scotte
Ella teneva, e i piani, e i colli, &c.*

Nā ba peyto tam alto, q̄ de desconf. &c. Vino lo a dez'r no con mayor dicha el mismo Tasso Liber. c. 7. e. 53.

*Alma non è così sicura, e forte
Cbe non paventi, &c. Ercilla Arauc. c. 29.
No se vio corazon tan sosegado
Que no diesse en el pecho algun latido.*

Grāmágē de poder adverso por la multitud, hazer titubear la cōfiança en el propio atrevimēto.

Christo peleja. Vease lo que ditemos aí luego en la estancia 112. i en la 40. del canto 10. para que se vea como el Poeta ie vā explicando en lo que quiso dezir en la introducion de fabulas.

CX. **A** Estām de Agar os netos quasi; indo do poder dos Chrislaõs fiaco, e peqna: as terras, como suas repartindo antemão, entre o exercito Agarenos; que com titulo falso possuindo estā o famoso nome Sarraceno; así tambem com falsa conta, e nua, B à nobre terra alhea chamam sua.

L Os nietos de Agar casi reyendo del falso poder Christiano, estavan anticipadamente repartiendo las tierras de España i entre si, que con falso titulo p. bien el famoso nombre Sarraceno: i assi con falsa i desnuda cuenta, laman suya a la noble tierra agena.

Estām &c. Dize la estancia, que los Moros se estavan riendo de ver delante de si con resolucion de pelear los Christianos, siendo poquissimos en su respecto: i no haziendo caso dellos, estavan ya repartiendo entre si las tierras de España, como si las tuvieran en la mano, suponiendo, que en esto no avia duda. Pero fizieron vna cuenta tan errada, como la de llamarse Sarracenos sin fundamento.

De Agar os netos. Assi ya en la estancia 26. i en el cant. 8. la 47.

Antemão. Anticipadamente: antes de la victoria repartian los despojos. Ignorancia, o soberbia, o todo, de cuyo castigo estan llenas las historias: i que provaron los de Germania, que viniendo sobre los Romanos, se cargaron de cañas para prenderlos, como si ya los huvieran vēcido; pero siendo vencidos dellos a las mareas del Visurgis, truxeron prisiones para si. Deste modo acá quedaron degollados de la española Católica aquello presumidos: enseñando casi siempre los sucesos, que el enemigo nunca ha de ser despreciado: porque al fin no ay enemigo pequeño, por mas que lo parezca, i más si el está armado de la razon.

G Com titulo falso possuindo estā o famoso nome Sarraceno. Parece que atendio el Poeta al modo con que Ovidio Metamorf. 5. dice, que se dava titulo, o honor falso a los Gigantes, contra los Dioses. *Falso que in honore Gigantes ponit.* Los Arabes que vivian en la Arabia Petrea, i despues inundaron por toda África, usū paron este nombre de Sarracenos, jactandose de que procedian de Sárra, muger de Abraham. Fue el Autor deste nombre Mahometo, que dominó esa Morisma por los años trecientos i diez i ocho de Christo. Marc. Antonio Sibelico En. 1. lib. lib. 2. dice, que todos los Autores concuerdan, en q̄ Mahoma fue el q̄ llamó Sarracenos a aquejilos, que acecaron sus dogmas, o preceptos. I de qualquier manera que sea, el intento fu-, dar

dar a entender, que Ismael hijo de Abraham, de que ellos proceden, fue avido en Sarra su muger, i no en Azar su esclava. Cosa vana. Todavia lo devieron fundar, en que Sarra llamò hijo suyo al de Azar, quando viendo que no avia hijos de Abraham, le dixo: *Ingridere ad ancillam meam* (Genes. cap. 16). *Si forte saltem ex illa suscipiam filios.* De manera que Sarra llamo hijos tuyos a los que Abraham tuviesse en su esclava: o porque estos prehijaria despues, o porque siendo, conforme a la misma Escritura, el marido i muger una sola carne, quien fuese hijo de Abraham lo que dava siendo de Sarra, i mis precediendo el consentimiento della. D'xo aparte el amor con que se correspondian, que siendo tal, sueie hacer de dos almas una, i estimar el amante aun por mas propias suyas las cosas del amado, que las tuyas propias. Vayan fuera esas sofisterias, que yo menos creo en ellas de lo que me admiro, de que una mujer diesse licencia a su marido para tratar con otra. Dous veces lo hallo para admirarme dos mil: una, esta sagrada infalible: otra, en las historias profanas, que quieren las creamos, de una no sea Emperatriz, que apiadando e del Emperador su marido, viendole inclinado a una hermosa dama, le còcedio el lograrla, i aun se la solicitó, sino me acuerdo mai. Olvidansemos los nombres, i no es cosa que obligue a estudio para hallarlos. Pedro Mexia en su historia Imperial es uno de los Autores en que lo he leido. Buelvo a la sofisteria de los Moros, endereçada a hazerse mis nobles, i digo, que de aqui devia originarse entre nosotros el pensamiento de los que parecien dolo, que no es bueno su tronco, se engieren en otro: i estan assi contentos, quando havieran de estar corrados, como si no fuese mayor gloria la de ilustrar con los progressos un moderado principio; que la de un grande principio (i este fa so) con progressos moderados, i ordinariamente insismos; hazendose solo descontento de su vanidad, i de la mentira, i negando el ser, i la gloria a su propia especie. Con los titulos, pues, destas dos Princesas del mundo, mentira, i vanidad, vinieron los Moros a publicar, que descendian de la grande Sarra: i por esto dice el Poeta, que con falso titulo posseen essa gloria: i que con otro tal citavan repartiendo entre si las tierras de Espana, que aun se vian entre el poder de Dios, i de los Catolicos Reyes della, que en pocas horas les barrieron essa esperanza. I no se accordò el Poeta aqui de que los moradores de Sarraco, lugar de la Arabia Petrea, fueran los primeros que admitieron la fe de Mahoma, i con esto dieron lugar a llamarsse Sarracenos los que la fueron aceptando tras ellos; sino que alude a essotra origen fantasiada: que de otra manera no tuviera lugar su pensamiento, i sentencia ai explicado.



CXL.

A Qual o membrudo, e barbaro Gigante,
do Rey Saul, com causa tam temido,
vendo o Pastor inermie estar diante,
S de pedras e esforço apercibido;
com palavras soberbas o arrogante,
despreza o fraco moço mal vestido,
que rodeando a funda o desengana,
quato mais pode a Fe, q a força humana.

B

Q Val! el membrudo i barbaro Gigante (tan temido, con causa, del Rey Saul) viendo estar delante el inermie pastor, apercibido solo de esfuerzo i piedras, desprecia con arrogancia, i soberbias palabras, al fraco i mal vestido moço, q voitean do la honda le desengaño, de quanto pidele más que la fuerza humana la Fe: *Corre la causa tua offra glanciz.*

¶ Qual o membrudo, &c. No sé yo que nadie ava i zo dolido tal propiedad de compariacion, i tan b en explicada con gran leza de estilo, que no se puede exceder, si ya no quita la esperanza de ser competido. Mira al gran Tasso, que es la admiracion mia eterna, en su Liber. cant. 7. est. 78. describiendo el mismo acto, aunque no sea comparando.

*Signore, tu che drizzasti contra l'empio
Giova le arme in sferte in Terebinto,
Si che ei ne fu, che d'Isr. fea scempio
Al primo Saffo d'ungarzon estinto.*

I mas uas veces me duele, de que si cada nuestro P. tan singular, i feliz en las compariaciones, no las usasse mis, que verdaderamente son pocas.

D

¶ Membrudo e barbaro. Epitetos propios para un Gigante: el primero, por su grandeza: el segundo, por su bestialidad: porque siempre que se ha escrito, o hablado de Gigantes, apenas se les ha atribuido politica: i conforma con esto lo que nos d'xo el Capitan Pedro Letta, Espanco, criado del Rey, que los vivia dia el estrecho de Magallanes, i afirmava ser muy beli ales en todas las acciones que en ellos vieron. Vease lo que irá en la est. 73. del c. 6.

¶ Sô de pedras, e esforço apercibido. Si lo mirays con rigor, i era poco apercibido este: porque en lo antiguo una buena honda con piedras, i en buen braço, era una de las mejores armas, i de peruanas militares. Pero lo que el P. entiende al decir, q David iba sola nêce ap'recebido de piedras, honda, i braço, es, q no llevava armas, lotigas, cofelete, o casco, sino el cuerpo descubierto, i solo.

¶ O arrogante. Viene de arrogo, q vale apropiarte algo q no q no tiene. S. Tom. 2.2.Q. 112. art. 1. *Arrogans est qui sibi attribuit quod non habet.* I aysi el Grecos, atribuyen lo q la verdadera fuerza, que estava en David, o otra superior, era arrogante: i arrogante tambien por soberbio, formidable, estupendo.

GO fraco moço. Flaco se entiende, en quanto un moço de estatura ordinaria, i sin pompa, o cōpañía que representasse poder; i en quanto un cuer po solo, ordinario, opuesto no solamente a un Gi gente, sino a un exercito: i en este sentido llamó tambien flaco al poder Catolico en la estancia antecedente; i a esto se añade lo que diremos en la estanc. 3. del cant. 7.

¶ Que rodeando a funda, &c. Parece que hablo Virgilio de David, quando dixo en el lib. 9.

*Stridentem fundam, positis Mezentius armis
Ipse ter adducta circum, caput egit habens.*

I que le vio nuestro Poeta: i a Stacio Theb. 10. que tiene el voltear de la honda así.

*Nunc spargit torques volucris nova vulnera plumbi;
Nunc jaculum excusso rotat, &c. I que vio a todos el Tasso Liber. cant. 20. estanc. 22. Quinsile frombe. &c. Rotati, &c. I en la 29. Rotasi ogni fionda. Mas lo que se ha de advertir es, que nuestro Poeta en la corriente de las imitaciones poeticas, no perdió palabra de la Escritura sagrada al referir este suceso de David, matando al Gigante, en el lib. 1. de los Reyes, cap. 17. desde el num. 4. Vamos confirmando los lugares. ¶ Quil o mēbrudo, &c. Vir spurius, &c. Nominis Goliath, de Geth, altitudinis sex cubitorū & palmi. I las armas con que luego abajo le pinta, son conformes a estos miembros. ¶ Do Rey Saul temeraria tam temido: num. 1. Audiens autem Saul, & omnes, &c. metuebant nimis. ¶ Vendo o pastor: num. 15. David, &c. ut pascet ei gregem patris. ¶ Inermis, porque no traia armas, i otras armas que aí dimos: num. 38. Et induit, &c. galeam aream, &c. cum lorica. Accinctus ergo David gladio, &c. dixit non possum sic, &c. Et dep. sicut ea, & tulit baculum suum, &c. De modo, que fue sin estas armas. ¶ Sò de pedras: numer. 40. Et elegit sibi quinque limpidissimos lapides, &c. & fundam manu tulit. ¶ Com palabros soberbas o arrogante despreza o fraco moço, &c. numer. 42. Cunque insperisset Philisteus, & vidisset David, despexit eum: Erat enim adolescentis. Et dixit, &c. Numquid ego canis sum, quod tu venis ad me cum baculo? Et maledixit, &c. Veni ad me, & dabo carnes tuas volatilibus cœli, & bestiis terræ. ¶ Que rodeando a funda: num. 49. Funda iecit, & circumducens percussit Philisteum in fronte. ¶ O desengana quanto mais pode a Fé, que a força humana. En el numero 45. quedó este desengaño de palabra, que el Poeta explica con la obra. Dixit autem David ad Philisteum: Tu venis ad me cum gladio, & hasta, & clypeo: Ego autem venio ad te in nomine Domini exercituum, &c. Et persecutiam te. &c. Ut sciat omnis terra, quia est Deus in Israel. Et nouerit universa Ecclesia hæc, quia non in gladio, nec in hasta salvat Dominus. De manera que el Poeta ajustandose tanto a la Escritura sagrada, en referir la historia feilizmente a un mismo tiempo, imitó los Poetas; enseñando, i deleitando jun-*

tamente, i cumpliendo con las obligaciones de Autor Catolico.

CXII.

Desta arte o Mouro perfido despreza o poder dos Christaos, e nam entende, que esta ajudado da alta fortaleza, a quem o inferno horrifico se rende: Com ella o Castelhano, e cõ destreza de Marrocos o Rey comete, e offendeb o Portugues, que tudo estima em nada, se faz temer ao Reyno de Granada.

DEsta manera el perfido Moro despacia el poder de los Christianos: uno entiende que está él ayudado de la alta fortaleza, a quien se rinde el horrifico infierno. Con ella, pues, el Castellano, i con destreza acomete i ofende al Rey de Marruecos, i el Portugues que en nada lo estima todo, se haze temer al Reyno de Granada.

¶ Desta arte o Mouro perfido, &c. Agora aplica el Poeta la comparacion de la estancia antecedente, que es la mas propia que pudo ser para la ocasion: porque David peleó contra la barbaridad con el zelo, i auxilio de Dios: así acá los dos Reyes.

¶ Despreza o poder dos Christaos fraco. Porque tan poca gente como la Christiana i la de parte de la barbara innumerable, no parecia más que un moço David, delante de un desmesurado Gigante: i el desprecio que corresponde a el morfa del Gigante: *Despexit eum, & dixit: Numquid ego canis sum, &c.* es aquella risa que el Poeta describió en la est. 110.

¶ Enam entende que está ajudado da alta fortaleza. No entendian los barbaros que estaba aquella poca gente de que se buriavan, ayudada de poder divino: como sucedio al Gigante con David, conforme a esse ultimo lugar de la Escritura, que aí dexamos. *Venio ad te in nomine Domini.*

¶ Da alta fortaleza, a quem o inferno horrifico se rende. Entiende ayudado de Christo Iesu, que es la verdadera, i solidia fortaleza, a quien se rinde el infierno: *In nomine Iesu omne genu fletatur, cœlum, terram, & infernum.* Al fin de la est. 109. nos enseñó ya el Poeta, que este era su pensamiento en esa, diciendo, que Christo fue el que peleó aquí: aludiendo tambien a que esta victoria se alcanzó el dia de la Cruz sacrosanta, que es la vandera del propio Christo, sembría apazible para los Catolicos, i asombro para los infieles, i terror para el mismo infierno, de que ellos son ministros: i por esto dice bien el Poeta, que siendo todo esto junto un infierno vivo, no entendia, no se recordava de que tenia a los ojos su terror, que era essa vandera de Christo.

¶ Com ella o Castelhano, &c. Mirad la corresponsal

i respetos con que procedió el Poeta. Nombra primero el Rey Castellano, por ser el principal dueño desta accion (aunque está tratando de exaltar al Portugues) i pintale con las dos calidades, que siempre dessea en los grandes Capitanes, que son fuerte braço, i destreza : que es la destreza en todo, i mucho mas en la guerra, la fiadora de grandes acciones.

¶ De Marrocos o Rey. Assi como el Rey de Castilla era el dueño desta accion, assi le cupo en ella en suerte el principal enemigo, q' era el Rey de Marruecos, motor desta guerra.

¶ O Portugues. Lo mismo es aí atribu o Castellano: Tropo llamado Sinedo q'ue, tomando el singular por el plural; i al contrario alguna vez : estando el Castellano; i el Portugues por toda la gente de una, i otra na. ion.

¶ Que tudo estima em nada. Alude el Poeta en esto a lo que diximos aí en la est. 109. de que el Rey de Portugal estimando en poco la multitud barbara, no consintió que se viniese a concierto con ella; i estuvo constante en que se avia de pelear, i assi se hizo. El modo de decir usat. i el Poeta adelante est. 17. del cant. 10. i lo usó el Portuno, adonde lo pudo aver visto, como vio otras cosa: fol. 6 §. *Stima niente*: i el Ercilla cant. 11. *I mostrando estimarlo todo en nada*.

¶ Se faz temer, &c. B. Tasso Amad. cant. 22. *Il qual con l' arme in mano,* &c. *Da tutto il modo si farà temere.* De manera, que el Rey de Portugal en esta gran batalla peleó c' o el Rey de Granada. Los historiadores Castellanos refieren estas acciones de nuestro Rey en esta ocasión tan a sobre peyne, que no solo hablan nada desto de que se acuerda aquí mi Poeta, sino que aun del so coro hazen poca cuenta: i verdaderamente es injusto negarse la gloria agena, assi como justo el no dar la propia a otros. Vease como el Poeta observa esta política, dando aquí el primer lugar a Castilla: esta es la verdad.

CXIII.

Eis as lanças, e espadas retiniam
por cima dos arneses; bravo estrago:
chamá (segundo as leys que alli seguia)
hūs Mafame de, e outros Santiago.
Os feridos com grita o ceo feriam,
fazendo de seu sangue bruto lago;
onde outros meyos mortos se afogavā,
quando do ferro as vidas escapavam.

V Eys retinian las lanças i espadas por encima de los arneses: estrago horrible: llaman unos a Mahoma, i otros a Santiago; segun las leyes que alli se siguián. Los heridos herian el cielo con grita, haziédo un bruto lago de su sangre; adonde se ahogavan otros medio muertos, quando del hierro escapavan las vidas.

Tomo 2.

A **¶ Eis as lanças, e espadas.** &c. Descriye el estruendo, i la bullia, i el sonido de la gente, i de las armas tocadas unas en otras con violencia, i la grita de los heridos, i la copia de la sangre, i los generos de muerte que alli huvo.

¶ Retiniam por cima dos arneses. Sonavan a guidamente (est' i s retinir) las espadas, i lanças, golpeando las armaduras sobre el cuerpo: iniciacion de Virgil. al fin del 9.

¶ Strepit assiduo cava tempora circum
Tinnitugalea, &c. Ercilla c. 3. *Los tempicatos arneses retinian.*

B **¶ Hūs Mafame de, e outros Sant.** &c. Los Moros llamavan por Mahoma en el combate, i los Christianos por Santiago: i no le llan aren en vano: porque de las historias c' osta, que los propios Moros, despues de vencidos afirmaron ave. sr. desmayado, porque vieron entre los Christianos en la batalla algunos Gigantes con adornos rep'lan decientes, peleando con gran valentia, i haziendo gran estrago.

¶ Os feridos com grita o ceo feriam. Es la figura hiperbolica, que llaman superiación los Latinos, frequentissima en los Puetas, i aun historiadores. Vease la e. 91. del c. 2. i las 46. dese; i. del 5. 76. del 6. Lucano lib. 1. *It tantus ad aerbera c' amor.* A ioito c. 16. *H' grido in sin al ciel paura mette.* Assi todos.

¶ De seu sangue bruto lago. Dante Purg. c. 5. *Dele mie vene farfi in terra l'ico.* Ariosto c. 27. *Giacer in terra anzi in vermiclio lago.* Vincenzo Martelli en la cinc. q' empieza: *Spirto Re'al.* &c. *Far soura i campi tuoi di sangue un lago.* Garciafo E. 1. 2. c' o el proporcionado epíteto de bruto. *En bruto lago de su sangre.* &c. Rebolcaván, &c. El Tasso Liber. c. 9. e. 93. *Ondeggiar di sangue un lago.* I en la conq. lib. 18. e. 39. *E fu di nero sangue in terra un lago.*

¶ Outros meyos mortos se afogavam. quando do ferro escapavam. Bié podeis lospechar que lo vio el gran Tasso Liber. c. 20. e. 38.

*Per che il destrieri (s' e de la fida) resti
Alcun mal vivo avanza) ilmorde e pesta.*
El termino de medios muertos en la est. 50.

¶ Quando do ferro escap. &c. Ercilla c. 24. *De bierro apenas escapados.*

CXIV.

E **Com esforço tamанho estrue, e mata,**
o Luso ao Granadil, q' em pouco espa-
totalmente o poder lhe desbarata, (ço,
sem lhe valer defesa, ou peyto de aço.
De alcançar tal vitoria, tam barata,
inda nam bem contente o forte braço,
vay ajudar ao bravo Castelhano,
que pelejando està co' o Mauritano.

COn tan grande valor destruye, i mata el Lusitano en poco espacio a! Granadino, q ie to: al mente le desbaratò sin que le valiere defensa, o pecho de azero. Mas no bien contento el fuerte braço de alcançar tan barata una tal vitoria, se vā a ayudar el bravo Castellano, que aun es-tava peleando con el Moro.

¶ Com esforço taman. &c. El Rey de Portugal embridistio con el de Granada tan furiosa i feliz mente, que a pesar de la multitud i fortaleza barbara, le venció con mucha priessa: i hallandote sin tener en que emplear la santa colera, de lo que le fue destruido, se passò a ayudar al Rey de Castilla, que bravamente andava embuelto con el de Marruecos, i juntos le destruyeron. De modo, que el Portugues consignò enteramente su vitoria, i luego tuvo parte en la del Rey de Castilla.

¶ Sem lhe valer defesa, ou peyto de aço : A este modo en la estancia 24. del canto 8. Escilla cant. 6. No le valio de acero la clada. I si la celada, o peto llevan acero, constará de lo que diximos en la estancia 67. del cant. 1.

¶ Tam barata. No porque se peleasse poco fieramente, sino barata, porque fue apriessa, i con pocos muertos de nuestra parte.

CXV.

Ia se hia o Sol ardente recolhendo para a casa de Thetis, e inclinado, para o Ponente o Vespero trazendo estava o claro dia memorado: (rendo Quádo o poder do Mouro gráde, e hoy por pellos fortes Reys desbaratado, com tanta mortindade, que a memoria nūca no mundo vio tam gram vitoria.

YA el ardiente Sol se iva recogiendo a la casa de Tetis, i inclinado para el Poniente el Vespero, estaba trayendo el claro i memorable dia: quando el grande i horrendo poder de los Moros fue desbaratado por los fuertes Reyes, con tanta mortandad, que la memoria nunca vio en el mundo vitoria tan grande.

¶ Ia se hia o Sol ardente. &c. Dice la estancia la hora a que se acabò la batalla, i que fue al ponerse el Sol.

¶ Para a casa de Thetis, e inclinand. &c. B. Tasso Florid.cant. 12.

*Ma per che stanco il Sol verso Occidente
Gia s' inclinava, &c. I en el ult.*

Febo ratto inchinava a l' Occidente.

¶ E inclinado para o Ponente o Vespero trazendo estava o claro dia memorado, quando o poder. &c. Termino casi del Poeta en las estancias 72. del cant. 2. i 68. del 5. i el estilo es del Maestro en el lib. 9. *Volvenda dies en attulit ultro.* Pero nuestro texto aqui está más difícil. Ordenaremosle así. Ya se iva el Sol recogiendo pa-

Ara la casa de Tetis (esto es, que se ponía) i el Vespero(que es la estrella de la tarde)estava trayendo,inclinado para el Poniente ; el claro dia memorado , quando , o en que el poder barbaro fue vencido por los Reyes Catolicos. Quiere decir , que el Sol iva a ponerse ; i que saliendo la estrella de Venus, que comienza a verse al tiempo que el se vā a poner acabava de fenecer aquel feliz dia en que se ganó esta vitoria. Lo que embaraça mucho este entendimiento,es aquél, *Trazendo estava el dia :* porque parece que fueran esto , que el dia venia ; i lo que quiere decir esto, es que se iva ese dia,que se acabava , por aquel termino que le traia : i es que le llevava el Vespero a susin , porque dava principio al crepusculo de la tarde.

¶ Inclinado o Sol, &c. Véalo la Escritura. Luc. 24. *Inclinata est iam dies.*

¶ O claro dia memorado. Es memorado el dia desta batalla por dos razones : una , por ser el dia de la Cruz del año de 1340. que entonces fue el mes de Octubre : otra, porque la Iglesia reconociendo el Autor de tal vitoria, hizo soñene este dia en si,i le celebra como tal.

¶ Com tanta mortindade, que a mem. &c. En el numero de los muertos en esta batalla, ay diferencia entre los Autores. El menor es de quatrocientos mil Moros : i de Christianos (ello es increíble al ref. rifle) i de Christianos solos veinte. Pero increíble en quanto no se repare en que fue milagro s̄ el suceso: que por serlo, se tomó resolucion en la Iglesia de celebrarse aquel dia como proprio della.

CXVI.

*Nam matou a quarta parte, o forte Ma
dos q morreram neste vencimēto, (rio,
quando as agoas cō o sangue do adver
fez beber ao exercito sedento: (sario
Nem o Peno asperissimo contrario
do Romano poder, de nascimento;
quando tantos matou da ilustre Roma,
que alqueyres tres de aneys dos mor
(tos toma.*

ENO mató la quarta parte de los que murieron en esta vitoria el fuerte Mario, quando hizo bever al sediento exercito las aguas con la sangre del adversario: ni el Peno , desde su nacimiento asperrimo contrario del Romano poder, quando mató tantos de la ilustre Roma , que tomó de los muertos tres alqueyres de anillos: Esto es una banega : luego me dare a entender en su lugar.

¶ Nam matou, &c. Haze agora el Poeta comparacion con esta batalla a muchas antiguas en que hubo muchos muertos : i particularizados : una la de Mario contra los Cimbros : otra

A la de Aníbal contra los Romanos. I dice, que no regresaron allí los muertos a la quarta parte de los que murieron acá: i conforme a las historias está astada la cuenta, quanto lo puede pedir la poesía.

Por *O forte Mario*. Fue de nacimiento humilde de Arpino; i trasplantándose en Roma, salió uno de los insignes Heroes que la ilustraron: tuvo el consulado siete veces, i vitorias innumerables: estudió en la escuela del grande Scipión. Saliente contra los Cimbros, que invadieron a Italia, llegó su ejército a padecer gran sed. El hambre señas hacia un pequeño río que solamente iba de la otra parte del campo enemigo; como si fiera, que la agua avia de costar sangre: los Romanos la quisieron por el precio: i rompiendo los Cimbros con grande estrago, i mucha muerte, llegaron a bever en el río, que ya corría sanguinario por las heridas en que se abrieron fuentes de sangre en aquella acción: i así con la agua bevieron la sangre de su adversario. Todo esto os dice el Poeta en esta elegante brevedad.

Por *Nemo Peno*. Perífrasis de Aníbal: así en la est. 141.

Por *De nascimento*. Por dos razones lo dice: una, porque siendo Aníbal de Cartago, avia sido enemigo de Romanos, porque lo eran capitales suyos los Cartagineses: otra, porque el aníbal a este odio natural un juramento que hizo,iendo muchacho, de que no pararía hasta ver la ruina de Roma.

Por *Que alqueyres tres de aneys, &c.* Quando Aníbal venció los Romanos en Canas de Apulia (acción notoria) adonde murieron quarenta i cinco mil ciudadanos de Roma, i entre ellos grandes cabezas, se midieron los anillos hallados en sus manos, i llenaron tres modios: i modios decía el original antiguo que tengo: *Que tres moyos de aneys, &c.* I cada modio responde a un alqueyre Portugués: aunque oy en Portugal un moyo, o modio, son sesenta alqueyres: i un alqueyre es la tercera parte de una hanega castellana. Finalmente vinieron a ser estos anillos cincuenta i cinco libras de oro. Bien sé, que en esta medida ay alguna variedad en los Autores: ajustenla los fieles, i contrastes, que mis notas no necesitan de ello, porque mi Poeta queda entendido, i yo solo esto pretendo. Vease sobre esto a Tito Livio, i Plutarco: i sobre el uso de los anillos a Plinio en el c. pit. 1. del lib. 33. que es bueno. Advierto con todo, que allí el ilustre Roma no respecta al pueblo Romano por su grandeza, sino a aquella parte de los nobles, o ilustres, que de esa Roma se hallaron en esa batalla, i fueron muertos en ella, en cuyas manos se hallaron estos anillos, insignia de la nobleza Romana entonces: porque no los podía traer, sino el que fuese noble: i esa fue la maravilla de hallarse allí tantos anillos: porque era señal de la multitud de no-

Tomo 2.

bles que allí murieron: oy ya no ay insignia de nobleza, que no sea arrastrada de la Fortuna. Esta estancia, i la siguiente, es lo que en la Retórica se llama Epíncio, que vale versos laudatorios de cualquier triunfo.

CXVII.

E se tu tantas almas só pudeste mandar ao Reyno escuro de Cocito, quando a sancta Cidade deshizeste do povo pertinaz no antiquo rito; permissem, e vingança foy celeste, B e nam força de braço o nobre Tito; que assi dos Vates foy profetizado, e despois por I E S V certificado.

I Si tu, o noble Tito! pudiste solo mandar al escuro Reyno de Cocito tantas almas, quando deshiziste la Santa Ciudad del pueblo pertinaz en el rito, en las ceremonias, i Ley antigua; esto no fue valor de braço, sino permission i venganza celeste: que así fué profetizado de los Vates, i despues certificado por Christo.

Por *E se tu tantas alm. &c.* Dijo el Poeta en la estancia 115. que en el mundo no se avía visto tal victoria, como la del Salado, en desigualdad de gente, i numero de muertos: i en la siguiente truxo a comparación aquellos dos conflictos militares, en que hubo tantas muertes, i que ya explicamos: i en esta, por descargo de su conciencia, se acuerda de lo que pasó en Gerusalem, cuando la entró el Emperador Tito, reconociendo que hubo allí más muertos, casi al doble en los Autores que le dan menor numero; porque Iosef quiere fuesen hasta un millón, i cien mil personas: lo qual sucedió a 10. de Agosto del año 71. del nacimiento de Christo. Pero si bien confiesa esto el Poeta, buelvese con ese apóstole a Tito, i dizele, que en aquella acción no obró su valor, sino permission divina (negó ai abajo lo ueremos) i que así queda aun siendo mayor el caso del Salado, suponiendo, que allí obró el valor humano. Bien es: mas no sin la objeción de que el mismo Poeta en la estancia 109. confiesa que esta victoria fue propia de Christo, tomando por instrumento el brazo de los Católicos; i de que la Iglesia celebra el dia desta victoria por milagrosa. Todavia se escusa bastante, con que avian precedido para la ruina de Gerusalem profecías, i otras señales, que no precedieron acá.

Por *Ao Reyno escuro. cant. 2. estanc. 112. 4. 330 5. 36.*

Por *Cocito*. Ya saben todos, que es río del infierno: no sé si todos saben, que se dice así de Cochei, que significa llanto. Es llegado el verso, a este del 6. de Virgilio. *Cocitusque finu labens circumfluit atro.*

Por *Do povo pertinaz no antiquo rito: Quiere decir del*

Ef 4

del pueblo Iudaico; a que có grā propiedad llama pertinaz en el rito antiguo: esto es en las ceremonias Mosaycas, o Ley vieja: porque no le basta a esta desventurada gente el verse arrastrada, escarnecida, peregrina, despajada de bienes, i de hōra, i echada en las brasas, para disimular un poco más su pertinacia, i obstinación, ya no digo olvidarla. I es negocio de espranto, que no dudando cometer toda suerte de maldad i baxezza, por adquirir hacienda (mostrando claramente, que solo tiene por Dios el tener) la arriesgue toda por no dexar, ya no su pertinacia, sino el descaramiento della.

Permissem, e vingança foy cel. &c. Con grā ajultamiento llama vengança al castigo, que Gerusalem vio sobre si: porque el castigo solo nunca es tan cruel, como la vengança: i los pecados de Gerusalem merecieron que Dios lo fuese de las venganzas sobre ella: i así dellas parecieron las acciones, que allí fueron vistas de crudelidad: porque teniéndola Tito con duro assedio, reducido a toda miseria, huvo madres que llegaron a comer sus propios hijos.

Que assi dos Vates foy profet &c. Esta desolacion de Gerusalem avia sido mucho antes dicha por los Profetas. Daniel cap 5. Zachar. 14. Veanse, i aí los Santos.

Edespois por Isu certific. &c. Lo q los Profetas avian dicho, confirmó despues Christo: como se vé en S. Mat. 24. Luc. 13. Ioan. 11.

Vates. Entiende Profetas: i derivado de aí Vaticinio, que es adivinar lo futuro.

El primer arco triunfal, que se levantó a Emperador en Roma, es el que en ella se vè levantando a Tito por esta Vitoria. Tiene a un lado esculpido el Cádelabro aureo del Templo, que fue uno de los despojos vistos en el triunfo: i al otro el Emperador puesto en el carro, assi como entró triunfando; ya gastado todo. Era entonces aquel sitio casi el medio de Roma; oy es de lo ultimo, junto al gran Coliseo.

CXVIII.

Passada esta tam prospera vitoria,
tornado Afonso aa Lusitana terra,
a se lograr da paz com tanta gloria,
quanta soube ganhar na dura guerra;
o caso triste, e digno da memoria,
que do sepulchrio os homēs desenterra,
aconteceo da misera, e mezquinha,
que despois de ser morta foy Rainha.

Passada esta vitoria tan prospera, i buelto Alóso a la Lusitana patria, a lograrse de la paz có tanta gloria, quāta supo ganar en la dura guerra: aconteció el triste caso, i digno de la memoria, que desenterra del sepulcro los hombres: i es el de aquella misera, i mezquina, que despues de ser muerta fue Reyna.

A **P**assada, &c. Poco despues que el Rey bolvió de Castilla glorioso con la vitoria del Salado, sucedió la muerte de Doña Ines de Castro, que el Poeta entra a cantar, i llorar.

Da memoria que do sepulcro os homēs desenterra. Pulo aqui el Poeta memoria por fama, tomando este lugar de Petrarca en el cap. 1. de su triunfo.

Vidi da l' altra parte giunger quella.

Che trabe l' huom dei sepolcro, e in vista il serva
El Almanni en su cultivat. lib. 3. *Et la toglie al sepolcro, e'n vita serva.* Entero lo traslado Ariosto allá al medio del cant. 7. Assi B. Tasso canto 9. de su Florid. Claudio Tolomei se acordó delle estilos, quando en el sor. que empieza: *Hespero, &c.* Dixo: *Ne per trar de sepolcri ombre col canto.* La sentencia de que se vive en el mundo por fama, i que el sepulcro no encierra los sucesos dignos della, con la persona que los hizo, o padeció (que eso quiere decir aí el Poeta) es cosa común.

Misera, e mezquinha. Parece a algunos miserable i mezquino este modo de decir: i se deve considerar que hablando, como habla, de Doña Ines, en su ultima fortuna, que fue cortissima, está con propiedad dicho, i mas pretendiendo comover a sentimiento. No a una muger humana, si no a una Diosa, en que los antiguos fingieron gloria, que es incompatible con la miseria, llama misera Bion Smirneo en semejante ocasión. Venus digo, de quien, dice el, Idil. 1. muerto Adonis: *Surge misera, & plange, &c.* I aun tégo por más decir Teocrito en el Idil. 27. en persona de una pastora a su amante, quando estaba colocado en lo que de aquello se llama gloria: *Expetta miser. &c.* Però para que son ejemplos profanos? Venga el Poeta de sagrado asunto, Sanaz. que en el lib. 1. de Partu Virg. llama infeliz, i misera a la madre purissima del propio Christo, solo en respeto del estado de verle muerto.

At mater, non tam mater sed flentis, & orbæ

Infelix simulacru. I luego hablando elia. Quid me miseram, &c. B. Tasso Amad. c. 3. de unas damas puestas assi en miserable estado. *Donne, e donzelle misere, & meschine.* I en el 78. por Lucila en semejante Fortuna. *Misera & meschina:* que es el verso de nuestro Poeta. Su grā hija que tanto asestó la cultura, i gravedad, i alteza. Liber. cant. 20. est. 129. por la bel'a Armida en tal miseria. *E'l bel volto, e'l bel seno à la meschina.* De modo que esto sin duda está bien.

Mezquinha. Voz aun oy en Portugal tan licita, como en Italia, i no tan desechada, como en Castilla, digo de los llamados cultos, que andan con la balanza pronta para pesar palabras. En esta ocasión quiso el Poeta decir pobre, sindicha: i es una de sus significaciones: otro tomará para esto el Tesoro Castellano: allá lo vean.

Que despois de ser morta foy Rainha: Assi adelante est. 132. Este fue uno de los grandes ca-

sos, i extremas de amor, que hubo en el mundo. Cela materia, es que enamorandose el Rey don Pedro de Portugal, siendo Principe, d. D. Ines de Castro bellissima Dama, i parienta de su mujer; vino a tener hijos de la, i a entenderse que inmortal la primera la avia engido por segunda en secreto. Tuviieronle enemigos suyos tanta embidia, que persuadieron al Rey don Alonso ser cosa conveniente, i justa matarla, para librar al Principe del captiverio de su amor, i casarle; pues el por ella rehusava el casarse con otra, como avia menester la seguridad de la sucession. La mataron: i el Principe no dexò de amarla muerta: i assi, luego que muriò su padre, i empuño el Centro, hizo desenterrar a D. Ines, i colocarla en un Trono, adonde fue coronada como Reyna; i alli hizo q sus vassallos besasen aquellos huesos, que avian ya sido manos bellas; publicando primero con juramento, i otros actos solenes, que avia sido su muger legitima. Tenemos en nuestro poder la copia del instrumento publico, que mandò hazer de todo esto, i se conserva en el Archivo Real, de que consta q legitimamente se desposo con ella, aunque en secreto, por temor de su padre: i esta era la causa, porque no admitia ningun casamiento de los que se le platicavan. Siendo, pues, este espectaculo en la Ciudad de Coimbra, hizo llevar aquell cadaver coronado, desde la Alcobaça, insigne fabrica de nuestro Rey Primer, con acompañamiento funebre, Real, i sobrevio, hasta ser puesta en un hermosissimo sepulcro de marmol, en cuya parte superior se ve su estatua coronada como Reyna: accion benemerita de amor quando reyna, i de Rey quâdo ama. Parecioella todavia a muchos cosa muy rara, i estrana: sin acordarse que ya mucho antes avia sucedido otra que lo es mas: Refirire mosla brevemente. Guilleme Cabestein de Rui. seilon, que confina con Cataluña, i Narbona, noble Cavallero, amò a Serismunda muger de Raymundo, en modo que logrando el fruto de sus amores; i sabiendolo el marido, degollò el adulterio: i haciendo guisar el coraçon, i dandole a comer a la muger, le preguntò: Si le avia sabido bien? Respondio, que Si. I el descubriendo e entonces el secreto c. n mostrarle la cibeca de Guilleme, oyó de la boca della esto: El guisado me supo tan bien, q en mi vida no gustare otro. Arremedio el a matarla: pero ella echándose de una ventana le matò primero. El Rey que entonces era de Aragon, i Ruiselló prendiendo a Raymundo, i tomandole sus tierras, hzo retratar a Guilleme, i a Serismunda, i colocar en un sepulcro ilustre los dos cuerpos con pomposas exequias en la Iglesia mayor, i mando que todos los Cavalleros, i Matrenas de Ruisellón viniesen cierto dia de cada un año, a asistir a sus lontas. Caso sin duda una mayor que el nuestro: porque este procedio en el Rey del amor que tenia a doña Ines: i quel del amor q un Rey viò q se tenia dos

Tomo 2.

A amantes. Juan Boccacio en la jornada 4. de su Decamerón, reduxo a pedazo de una fabula este de historia: de la fuerce que en nuestros dias tuvo a ciertos Autores, haciendo novelas de las vidas de algunos Santos, como si estuvieran escritas en Chino, o Hebreico, i no en el Fiosantorum vulgarissimo. Por cierto antes mengua de ingenio, que felicidad del, hacer invencion de la verdad, deviendo persuadirse verdades con la invencion en tales tareas. Dexo aparte el profanar lo Sagrado. Advierto agora al entrar el Poeta en este suceso de la muerte de D. Ines, que su intento f.ue con petir con Ovidio al describir la de Polissena, Met 13. que es una de las mayores cosas de Ovidio: i si yo no me engaño venciole mi Poeta.

CXIX.

*Tu so, tu puro Amor, com força crua,
que os corações humanos tanto obriga,
deste causa aa molesta morte sua,
como se fora perfida enemiga.*

*Se dizem, fero Amor, que a sede tua,
nem com lagrimas tristes se mitiga,
he porque queres aspero, e tirano
tuas aras banhar em sangue humano.*

*D TV solo, tu, o puro amor, con cruda fuerça,
violencia, que obliga a tanto los humanos co-
rações, diste caula a la molesta muerte suya,
como si fuera una perfida enemiga. Si dizen, o
fiero amor! que no se mitiga tu sed, ni con tris-
tes lagrimas: es porque quieres tirano, i aspero
bañar tus aras en la sangre humana.*

*¶ Tu so, tu puro amor, &c. Llora el Poeta por
essas diez i siete estancias la muerte de D. Ines
en ternissime canto; que en la Retorica se llama
Epicedio. Entra en el con la figura Apostrofe, que
xandose al amor, que fue ocasion de la muerte in-
justissima.*

*¶ A molesta morte sua. Molesta llama con gran
cuidado a la muerte de D. Ines: porque fue aque-
lla accion del Rey; i de los que se la aconsejaron
siempre tan aborrecida de todos; i D. Ines en to-
dos hallò tal dicha, o tuvo tal gracia, que aun
oy no ay ninguno, que no reciba molestia, i no
muestre dolor al oir referir este suceso tristis-
simoo.*

*E ¶ Como se fora perfida enemiga. Endos maneras
se ha de entender: un: fuisse tu amor contra ella
como si ella hubiera sido contra ti; como si ella no
te hubiera obedecido en dexartse amar, i cor-
respondier amante a tu Principe: otra, mataron-
la los Portugueses, como si ella fuera alguna per-
fida esquadra Mauritana: por envilecerlos al ma-
tar una muger: i este entendimiento f.isa con
la sentencia de lo ultimo de la estancia 123.
Vease.*

Es

¶ Se

G Se dizem fero Amor, que a sede tua nem com lagrimas, &c. Con Virgilio Egl. 10. Nec lacrymis crudelis amor, &c. Propertio eleg. 12. Non nihil aspersis gaudet amor lacrymis. Sanaz. Arcad. pros. 8. Ne di lagrime amore, &c. Nuestro Poeta se imita en sus rim. Egl. 2.

Nem se fartam de flores as abelhas,

Nem este amor de lagrimas. La gran presuncion del Cavalier Marino, imitò estos lugares de nuestro P. Adon. lib. 9.e. 194. assi.

Enonti basta ogn'hor da nostrilumi

Lagrimosi stillar ruscelli, e mari,

Ma spesso vuoi chegl'infelici amanti

Spargono il sangue, ove s'escarsi i pianti.

Tuas aras banhar em sangue. Alude a la costumbre antigua de degollar varios animales al pie de las aras, o altares de los Dioses: i dize agora el Poeta, que el amor assi usa de los hombres. Veale para esto la estan. 46. del c. 8. i 31. del 9. Aqui parece se imita a Virgil. Egl 8.

Sævus amor docuit natorum sanguine matrem,
Commaculare manus, &c.

CXX.

Estavas, linda Ines, posta em sosiego,
de teus annos colhendo doce fruto,
naquelle engano da alma ledo, e cego,
que a fortuna nam deixa durar muto.
Nos saudosos campos do Mondego,
de teus fermosos olhos nunca enxuto,
aos montes ensinando, e ás ervinhas
o nome que no peito escrito tinhias.

Estavas, o linda Ines, puesta en sosiego, cogiendo el dulce fruto de tus años, en aquel engaño del alma ciego, i alegre, que la fortuna no deixa durar mucho: en el saudoso campo del Mondego, nunca enjuto de tus hermosos ojos; enseñando a los montes, i a las yervezelas el nombre que tenias escrito en el pecho.

Tuas linda Ines, &c. Apostrofe que comueve a mayor lastima; que es lo que pretende el Poeta, como si dixera: Tu que eras el todo de la hermosura, i del amor, fuiste todo el juego de la fortuna, i de la miseria.

Em sosiego de teus annos colhendo doce fruto. Estava en paz cogiendo el fruto de su edad: esto es amando, i siendo amada, como lo piden los años hermosos de una Dama, que son desde los diez i ocho, hasta los treynta i cinco: porque hasta aquellos anda la hermosura en el capullo, o boton, como rosa: i hasta estos campea como bella i fresca; i en ellos, como la misma rosa comienza a perder su lozanía. Creanme las presumidas de hermosas, que hasta aquella edad no son: i que en esta ya dexan de ser. De modo, que esto seran los años, de que el Poeta dice, cogia Ines

A fruto dulce, que era el amor, i ser amada: o bien los hijos, que iva aviendo del Principe, eran el fruto de esta edad, i los amores eran las flores del, i della.

Naquelle engano da alma ledo, e cego. Entiende aquella llamada gloria de amor humano fundada en la hermosura perecedera, que todo junto es engaño del alma, i ciega alegría: porque no dexa ver, o ponderar lo que puede venir a suceder sobre semejantes gustos, assi logrados. I parecece a lo de Oracio en la od. 19. del lib. 1. llamado a la hermosura, i gusto della, un daño agradable: *Vit grata protervitatis*, &c. Ira en est. vltim. El gran i asso Liber. c. 2. est. 69. *Dolci inganni*. I en la conquist. lib. vltim. *Vit fallece e caro inganni*.

Que a fortuna nam deixa durar. No ay duda, que los gustos de semejantes amores casi siempre fuerón acechados de la fortuna adversa, i nunca duraron tanto, como prometieron durar: i por la mayor parte píran en tragedias, como este: ya porque los sujetos se desconforman, ya porque se les solicita la desconformidad.

Muto. por Muito. Que no era consonante de fruto: licencia poetica: i que no puede tomar sino un gran hombre como este: i las que el tomó deste genero, diremos juntamente en la est. 77. del c. 7.

Saudoso campos do Mondego. En dos maneras deveys entender aqui el *Saudoso*: Una, regalados, i que de puro bellos combidan a ser logrados con soledad: otra que aun oy estan llenos de soledad, i dolor de la ausencia de Ines, i del modo della: porque saudoso es derivacion de saudade: i aunque a algunos parece que en Castellano falta voz equivalente a esta, no ay duda, que lo es *Soledad*: Advirtiendose, que saudade en Portugues, no es otra cosa que *Solidade*, derivado de *Solidum*, que derechamente es soledad: i el decir saudade es corrupcion: pero vino a ser corrupcion, como la del vino, quando se buelve finissimo vinagre; que siendo tal es más saludable, i un apetito regalado, i oloroso: assi la corrupcion de *Solidade* en *Saudade*, para el oydo Portugues, vino a parar en voz regalada, i más significativa, que la verdadera, del deseo, pena, i dolor ternissimo del bien ausente: i significacion que no se ajusta en otra lengua.

De teus fermosos olhos nunca enxuto. Si este *Enxuto*, se refiere a los campos, deviera decir, Enxutos: o aver puesto en singular los campos, diciendo: *No saudoso campo*, &c. I si al río, las aguas, dizen los Criticos, no son capaces de mojarse. Pero el nunca enjuto agora, vale no defacompañado de lagrimas de D. Ines. Semcjáte duda se hallará en la est. 22. del c. 5. con menor escusa, si la huviessse menester tal hombre en tales cosas: porque allí haze la agua capaz de ser mojada. Lo cierto es, que sobraron aqui las ff.

ff. por yerro de pluma, o estampa, como en la est.
128. del c. 10. i que el Poeta dixo: *No saudosô campo*. como aí queda dicho. Esto víctima es la verdad, como consta del original antiguo, que ha llamos agora.

TAos montes ensinando e as ervinhas, o nome. El Poeta en sus rimas Egl. 6. *Esta seu nome a os Ecos ensinando.* Quiere decir, que de pura soledad, i amor quando estaba sin su amado Principe, repitía muchas veces su nombre; i q de puro repetido lo aprendian las cosas insensibles mayores, i menores, los montes, i las yervezillas: porque assi se entiña, i assi se aprende lo que se pretende que se sepa, repitiendolo mucho. Es clara, i feliz imitacion de Virgil. Egl. 1.

Formosam resonare doces Amaryllida Sylvas.
No quedó de fuera el Bembo en su Benaco, de que os daré mayor noticia sobre la estanc. 7. del canto 6.

*Cum vocis imago
Redderet, &c. dociles iterarent nomina ripæ.*

I sirvirá tambien a la estancia 133. M. Tibald. epistola 2.

*Te chiamai tanto ch'impardò il tuo nome
Ciascun monte vicin, ciascuna valle.*

Que quien ama con verdadero amor siempre tiene en la boca el nombre de quien tiene en la alma. Esto, de Ines ausente su amado, i tambien lo podeys entender, quando le tenia presente: desseando que todas las colas tuviessen noticia de los regalos de amor, que lograva, para hacerlos mayores con la comunicacion; siendo cierto, que assi como con ella se alivian las penas, se adelantan las glorias.

TO nome que no peito estrito tinbas. El escrito en tales ocasiones de finezas amorosas, vale esculpido, o estampado: i por el nombre se entiende de la misma persona: i así viene a decir, que tenía a su Pedro vivo en su coraçon; i esto vale alli *Peto*: O bien que toda ella estaba hecha un él de puro amor: por ser privilegio suyo transformar el amante en el amado. Esto a lo humano nunca fue tan cierto, como a lo divino: porque como Dios paga de contado el verdadero amor, ha sucedido hallarse escrito el nombre de I E S V S en el coraçon de algunos Santos. Ya nuestro Poeta avia dicho en sus rimas Son. 8. *Amor que o gesto humano na alma escreve.* Imitado a Terenc. en la sc. 5. del ac. 1. de And. *Scripta illa dicta sunt in animo Chrysidis de Glycerio.* Pindaro olimp. od. 10. in princip. *Archestrati filium quo locorum mentis meæ scriptus est.* Bembo Son. 8.

Cb'io, &c. Gia di lei scritto nel core Pero el verso es derechamente de Petrarca Son. 5. Il nome che nel cor me scrisse amore. Y nuestro Poeta soberanamente en sus rim. od. 6. por toda ella funda altos concetos sobre esto de tener dibuxada en la memoria la amada. Vease que es rara: al fin de lo que el escribió arrebatado de afectos amorosos, en que sin duda fue, es, i será siépre Maestro.

ADo teu Principe ali te respondiam, as lembrâças q na alma lhe moravam; que sempre ante seus ohos te traziam, quando dos teus fermosos se apartavâ. De noite em doces sonhos que mentiâ, de dia em pensamentos que voavam; e quanto enfim cuidava, e quanto via, eram tudo memorias de alegria

BAlli te respondian de tu Principe las memorias que le moravan en el alma, i que siempre te traian delante de sus ojos, quando se apartava de los hermosos tuyos: de noche en dulces sueños que mentian: de dia en pensamientos que bolavan: i quanto finalmente via, i pensava, todo eran memorias de alegria.

TDo teu Principe ali te respond. &c. Grandes lances de hermosas explicaciones ie pierden en un Autor maravilloso como este, quâdo el que le comenta, no le ignala en ingenio para igualar con la explicacion el texto, como a mi me sucede: porque en algunas estancias me hallo sin fuerças para explicarlas, i con dolor de que se queden sin dignissima explicacion: i lo peor es quâdo las entiendo más: porque entonces me atrevô menos, rebentando con deseos de hablar lo que siento, como sucede al mundo en las ansias de explicarse. Esta es una de las estanc. que me obligan a todo esto: porque cada verso son abismos de afectos ternissimos de fino amor, i que era menor para explicarse mucho tiempo, muchas planas, i mejor pluma. Dudo si todo Ovidio en sus amores vale tanto como esta sola estancia: i

Dcreo que necesita de un Leon Hebreo; o si es mejor de un Padre Fonseca buello de lo divino a lo humano, para que escrivieran otros tomos de amor sobre ella. Contiene que Pedro quâdo no via a Ines con los ojos del cuerpo, la via mejor con los del alma, que esta parte tiene amor de glorioso: porque con los ojos del alma se ve el objecto amado en mucho mayor perfeccion de hermosura, i los deseos amorosos son produzidos alli con mayor fineza. De curiosidad pedimos a los aficionados a ella vean aquella divina od. 6. de nuestro Poeta a este propósito: i nos deberán un regalo, si la entienden: en la est. 2. dice assi (habiendo del ausente con el pensamiento en la amada.)

E là vê do que busca o natural,

A graça, a viva cor,

Noutra especie melhor que a corporal.

Porque en aquella suerte de ver con los ojos del alma, se ve casi sola la parte divina, i la humana con ventajas glorioas: assi adelante,

Vem logo a graça pura,

A luz alta, e eterna.

*Que ha rayo da divina fermosura,
Que na alma imprime, e fora reverbera.*

Voy adelante , así como puedo, con la explicacion. Dixo en la est. passada, que Ines ausente de su Pedro toda se deshazia en memorias dulcissimas del ; i en esta descubre la armonia de amor entre las dos almas , diciendo, que a las memorias de Ines , respondian las de Pedro en tal modo , que en apartandote de sus ojos bolvia a ellos en alma por el humo de las memoria^s, como la luz de una vela encendida buelve por el a la apagada: de manera, q presente se hallava glorioso; i ausente no se hallava d'vidido desse objecto, ni privado dessa gloria : pero entonces estaba como Tantalo della, logrando en la seguridad de verla el tormento de no lograrla. De noche le lisongeavan los sueños con la imagen de su Ines ; i a lo ultimo le engañavan con mentiras ; i el desseva no despertar por hazerlas parecer verdades. De dia tambien eran pintores de aquella hermosura sus pensamientos que bolavan a ella sin el (pena grande) i que bolvian a el sin ella (grandissimo tormento) i todo lo que pensava despier to , i veia dormiendo, eran solamente memorias, vestigios , imagenes , i ecos de aquella alegría gloriosa de quando poseia su amada , que templan el dolor de no posseerla, con la seguridad de averla de posseer. Yo bien veo , que no lo he sabido decir. Sean, pues, esto señas de mudo para los entendidos.

¶ De noite em doces sonhos que mentia. Orac. lib. 4. ode. 1.

Nocturnis te ego somnijis

Iam captum teneo; iam voluerem sequor.

Ausonio Epistol. 24. Qui amant, ipsi sibi somnia fingunt. Pero parte detta est. fue ilustracion de aquel tambien tierno lugar de Garcilasso egl. 1.

Con vuestra soledad me recreava,

Donde con dulce sueño reposava;

O con el pensamiento discurría,

Por donde no hallava

Sino memorias llenas de alegría,

CXXII.

*De outras bellas Senhoras, e Princesas
os desejados talamos engeita;
q tudo enfim, tu puro amor, desprezas,
quando hum gesto suave te sogeita.
Vendo estas namoradas estranhezas,
o velho pay sesudo, que respeita
o murmurar do povo, e a fantasia
do filho, que casarse nam queria:*

*D E otras bellas Señoras, i Princesas despre-
cia los deseados talamos : porque al fin, to-
do lo desprecias tu , o puto amor ! quando
te sujeta un suavissimo, i hermoso semblante.*

A Viendo el viejo, i cuerdo padre que respecta, que pondera el murmurar del pueblo, i la fantasía del hijo, que no queria casarse, redido a aquellas enamoradas estranhezas, a aquél fino amor : *Corre en la estancia siguiente la oracion.*

¶ De outras bellas Senhoras, e Princesas. &c. Cōtiene la est. q el Principe por el amor q tenia a D. Ines : i porque por el estaba casado con ella en secreto, desechava todos los casamientos, que se le proponian ; por más que truxesen calidades de hermosura , i riqueza, i Real sangre : i que por ser tales fuesen deseados , i pretendidos de otros Príncipes. I es sin duda imitacion de Virgil. En. 4. quando de Dido, despreciando todo casamiento en observacia del amor de Sicheo, dice.

— *Egram nulli quondam flexere mariti
Non Libyæ, non ante Tyro despetius Hyarbas*

Ductoresque clij , &c. Mas propriamente io facó mi Poeta de Ovidio, Met. 10. al dezir , que Mirra perdida de amores de su padre , olvidava los casamientos que le traian.

— *Vndique lecti*

*Te cupiunt proceres, totoque Oriente iuventus
Ad talami certamen adest, &c.* Mirad q oculta imitacion, i que feliz.

¶ Que tudo enfim, tu puro amor, desprezas, quādo hum gesto suave te sogeita. En la est. vlt. m. dirá , que contra esto no ay reparo : i ello es así; aun quando en una muger no concurra mas de la hermosura despojada de todas las otras calidades, quanto i mas en una, en que ellas concurrieron todas con ella : porque D. Ines , por nacimiento podia ser muger del Principe , i por hermosura (dize la tradicion , i historias) podia ser Princesa de las mugeres de su tiempo. La verdad sacada en limpio en esta materia , es que si una muger hermosa de veras, fuese de veras cuerda, i pura , no huviera en la humanidad mayor tesoro, para ser deseado. Pero cordura, i belicza juntas, es casi imposible hallarse en essa humanidad.

Conociolo bien el gran Maestro Ovidio , quādo dixo (en la eleg. 13. del lib. 3. de los amores, hablando con su amiga en el primer verso) Non ego te pecces , cum sis formosa , recuso. De manera, que en aviando hermosura es el vicio inevitable. Pero D. Ines, una vez vencida del amor del Principe, se limpió dessa liviandad , con ganarle por marido, i observar contra la corriente de una belleza rara , un raro amor, hasta morir por el : i esta fe, i pureza, no pesada en sugeto hermoso, conocida de Pedro, le tenia encadenado , i sugeto mucho más que los laços del matrimonio : porque si ella no fuera , el los huviera roto con tantas ocasiones ; pues con muchas menos lo suelen hazer los Príncipes , quando se les antoja : i esse venia a ser el gesto suave, que el Poeta dice, le sugeto: porque sin duda , verdadero amor en muger hermosa, suavissima cosa es : pero suavidad, que prende mejor , que la cadena más dura;

de que se vè, que si una muger hermosa supiera usar de la gracia, o veneno de las almas, con cor
dura, negociara grandes dichas: i ordinariamen
te, por no saberlo hacer, negocia grandes infamias: i lo peor es que vive contenta con ellas, co
mo si fueran triunfos gloriosos.

G Paysejudo. Respeto de lo passado, i del de
seo, de que los vassallos estuviesen satisfechos
del estado del Principe: que en lo demás desta
accion ningún se lo mostró el Rey.

G Fantasia. En la estan. 86. del c. 8.

CXXIII.

Tirar Ines ao mundo determina,
por ihe tirar o si: ho que tem preso;
credo co' o sangue so da morte indina,
matar do firme amor o fogo acefo.
Qual furor consentio q a espada fina,
que pode sustentar o grande peso
do furor Mauro, fosse levantada
contra húa fraca Dama delicada?

Determina quitar Ines al mundo, por quitar
le el hijo que le tiene preso con su hermosura,
creyendo matar el encendido fuego del fir
me amor, si lamente con la sangre de la indigna
muerter. Qual furor consintió, que la fina espada,
que pudo sustentar el gran peso del furor Mauro,
fuese levantada contra una delicada, flaca, i tier
na Dama?

**¶ Tirar Ines ac mundo determina. por ihe ti
rar o si: ho, &c.** Algunas diligencias hizo el Rey,
para apartar su hijo de la afición de D. Ines, o bié
de Ines, ya que no de la afición. No estoy acor
dado si alguna llegó a ser en modo que se pudies
se llamar prisión, puesto que creo que si: pero
cuando el Poeta no diga el *tem preso* por esta
parte, corriente sentido es el de que Ines con su
belleza, i amor le tenía preso; i que el Rey su pa
dre le quisiese sacar de la prisión, con matarla,
como es notorio, i luego veremos.

**¶ Crendo co' o sangue so da morte indigna ma
tar do firme amor o fogo acefo.** Buriala el Poeta
del Rey, i de aquellos que aconsejaron esta muer
te, por remedio de la libertad del Principe: por
que el passando con su amor más allá de la muer
te, amó a D. Ines muerta, así como la amava vi
va: i como si estuviera viva la honró muerta, co
ronandola Reyna de sus vassallos, i dando al mun
do un raro exemplo de fino amante de Ines, i de
zelador de su fama, i hontana: no sufriendole el
amor, que ella fuese tenida por su amiga, sino por
su muger: todo en la conformidad que aí atras,
quedó declarado. El Poeta en este modo de de
cir, aludió a quando se acude a un grande incen
dio con agua, para apagarlo: i pondrá, que a es
te de amor, en que ardían las dos almas, acudie
ron con sangre, para extinguirla, i no le extin
guieron.

A guieren: porque Ines no huyó de la muerte, sa
biendo que se la solicitaban; i Pedro no olvidó
su amor viéndola muerta: antes así como en
la fragua cobra fuerza el fuego rociado con agua,
la cobró acá el amoroso rociado co' sangre: i con
mas propiedad: porque siendo la sangre el fuego
del cuerpo, como también el Poeta lo enseña en
la est. 39. del c. 4. no solo fue esto echar en el fue
go leña, sino fuego en el fuego: i calificóse con
el castigo, que el Rey dió a los matadores, que
fue quemarlos: porque como estaba lleno de tár
to fuego, hallo mucho a la mano, i no quiso
ir a buscar mas lejos el instrumento de su ven
ganza, como veremos en la est. 136.

¶ Que furor consentio que a espada, &c. Co
mo el Rey fue verdaderamente valeroso, i de fres
co lo mostró mucho en la del Salado, mató lo in
finitos Moros, admirase el P. de q quien así avia
usado de la espada, viniese agora a usar della en
el cuello de una muger inocente, i llama furor
a esta acción, o locura para mejor dez r: i lo
fue. Por mayor sentimiento lo dice en n odo de
pregunta: i pudiera preguntar Ana hermana de
Dido, al Rey en esta acción terribil: *Piacito ne
etiam pugnabis amori?* lib. 4. Mas notele, quan
disfracção está aquí (que del salió) a quel lugar
de Virgil. quado se vió desenabaynar la espada
de Eneas (usada solamente a matar Griegos) pa
ra matar la bella Dido.

— *Ensemque recludit*

Dardinium, non hoc quægitum munus in usu.
O sea lo que decía la madre de P. Isela en Ovi
dio Met. 13. al ver el yerro para matarla: pues
mi P. compite acá con aquel escrito, como ad
virtimos arriba, así:

— *At te, quia fæmina, rebar*

A ferro tutam, cecidisti & fæmina ferro.

D Bonísimamente, por cierto, imite mi P. a uno,
o a otro, o a ambos.

¶ O grande peso do furor Mauro. Alude a la
vitoria del Salado, como ai queda dicho: i con
dena el exercitar tal espada en matar una muger,
como diximos en la e. 119. i diremos en la 130.

CXXIV.

Traziam a os horriblicos algozes,
ante o Rey ja movidio a piedade;
mas o povo com falsas, e ferozes
razoēs à morte crua o persuade.

E Ella com tristes, e piadosas vozes,
saídas só da magoa, e saudade
do seu Principe, e filhos que deixava,
que mais q a propria morte a magoava.

Traianla los horrifícos verdugos delante del
Rey ya movido a piedad: pero el pueblo con
falsas, i ferozes razones lo persuadió a la cruda
muerte. Ella, Ines, con tristes, i piadosas vo
zes

zes nacidas solamente de la māzilla, i soledad de su Príncipe, i hijos que dexava, i que la lastimava más que la propia muerte : *Profue la oración en efforça iestancia.*

¶ *Traziam a os borrisfc. &c.* Los verdugos (cuyo es *Aigozes*) traián a Ines delante del Rey, i el en viendola le apiado, de manera, que detedó no matarla : porque aquella hermosura inocente le hizo caer de las manos la ira que le avia hecho producir aquellos barbitros Consejeros. Pero boliéndolos a oir, consintio que la matassen. Ella en aquel tráce, no sientia la muerte, sientia solo la ausencia eterna que hacia de su amigo esposo, i de sus hijos.

¶ *Mas o povo com falsas raz.* &c. Bolverá a esto en la est. 130. I en ambos lugares pinta do etamente el pueblo, llamádole falso, feroz, i pertinaz: mañas de mala bestia, como el es, i como tal le trato Virgil. En. 1. diciendo: *Arrectisque auribus astant.* Dando a la canalla popular (según allí explica un Autor) la propiedad del Asno, que es oir con las orejas tiesas. Pero aquí no fue el pueblo tan culpado en general, como aquellos Cavalleros, en particular enemigos del Príncipe, i de D. Ines, i de su fortuna, i de la quietud del Rey, i del Reyno; de que fueron principales Pedro Coello, Diego Lopez, i Alvaro Gonzales, cuyo castigo hallaremos en la est. 136.

¶ *Ella com tristes e piadosas vozes, saúda da magoa, e saudade.* Están estos dos versos haciendo representación de un cementerio de difuntos resucitados a vozear doliente, misera, i lastimosamente, con aquella industriosa junta de palabras: *Tristes, piadosas, magoa, i saudade.* Que todas son de las entrañas del dolor, representando los gustos passados: las fortunas presentes en Ines, i las por venir en su amado Príncipe, i dulces hijos. Yo confieso, que no lo sé digerir, ann que lo sé guitar; i así digo solo, qae naciendo las voces tristes, i pias, con que se quexará luego, de la magoa, i laudade, con que se hallava, i temia, toca a la magoa el parto de la tristeza, i a la saudade el de la piedad: i todo es un abismo de dolores. La explicacion destas palabras, *Magoa, i Saundade*, remito a la tabla adonde se hallará parte de las que el Poeta usa difíciles, por ahorrarme el dezirlo cada vez que lo hace, o citar muchas el lugar en que lo hiziere

CXXV.

Para o ceo cristalino alevantando
com lagrimas os olhos piadosos;
os olhos; porq as maos lhe estava atá-
hum dos duros ministros rigurosos. (do
E despois nos mininos atentando,
que tā queridos tinha, e tam mimoses,
cuja orfindade como inay temia,
para o Avô cruel assi dezia.

A] Nes levantado al cielo con lagrimas los piadososojos (los ojos, porque las manos le clavava atado uno de aquellos rigurosos ministros) despues mirando a sus niños que tenia allí, tan regalados antes, i tan queridos, atravessada del dolor de verlos quedar huertos, al fin como tierna madre: así dixo para el abuelo cruel.

¶ *Para o ceo cristalino.* Parece a algunos, que cristalino aquí es sustento, o redundancia viciosa: porque no era tiempo este de dar epítero semejante al cielo, i que fuera mejor no darle alguno, como hizo Virgilio en el lugar que luego traeremos, i el Pocra imita claramente. Será así: no lo contradigo mucho: porque es poco crimen esse para quitarle la corona. Diré solo que me parece no averlo dicho el Poeta sin atención: i que fue su intento mostrar, que Ines puso los ojos en el cielo nono, que se llama cristalino por las aguas que tiene, en cuya formacion, dizen algunos Santos, se señaló la potencia Divina: i que ellas son de materia celeste: i por esto se sustentó allí. Dirímos agora, que el Poeta quiso, que Ines con aquel cielo de su vista lleno de llanto, el qual era de celeste amor, porque ya el suyo no era lascivo, obligasse a Dios, de modo que mostrase por el en este tráce singularmente su poder, para que no la matassen: así como le avia mostrado para formarle: o más facil, que romo por valedor con Dios al presentarle agua tā pura, el puro cielo della: o también, que así como aquellas aguas del cielo cristalino moderan el impetu que pudiera causar la velocidad de su movimiento, estas destas ojas semejantemente moderassen el del Rey, que venia a matarla: o también que así como este cielo por la frialdad de sus aguas buelve frio a Saturno comedor de los hijos, esfrieto de Ines con las de su llanto enfriaste en el Rey el propósito q traia de matarla, i poner en miseria aquellos hijos, que ahí tenia; i con este intento creo yo que el Poeta los trae a este acto.

¶ *Os olhos, porque,* &c. Esta repetición, que pinta el estado, i despinta la lastima, es la figura Epanodos, o Anadiplosis, si pareciere así mejor a los retoricos, i criticos: i no faltará quien dé parte a la Palilogia, que a la verdad es termino ese que abraça diferentes figuritas, i essa figura se estiende a casi diferentes terminos. Mas dexado eso, esta es una felizmente lograda imitacion de Virgilio, describiendo a Cassandra en tal estado, lib. 2. (tambien lo dixo en su Ciris, vcase.)

Ad cœlum tendens ardentia lumina fructus,
Lumina, nam teneras arcebant vincula palma.
B. Tasso Florid.c.2.
Egli occhi a lui si dolcemente volse:
Gli occhi onde, &c. Ovid. Met. 4. tiene semejante consideracion con Andromaca preta, desfando cubrir los ojos con las manos al ver que Perseo la via desnuda. *Manibusq[ue] modestos*
Celasset vultus si non religata fuisset.

E E lispóis nos meninos atentando , que tam queridos tinha , e tan mimosos . Quien no se rinde al llanto quâ lo lee estos versos , o no es humano , o no los entiende . Vease el artificio , con que dice en tal ocasion estas dos cosas : una que teniendo los ojos puestos en el cielo , i baxádolos , clavolos en los tiernos hijos que tenia delante , otra el llamarlos tan queridos , i tan mimosos , que haze mas terrible la accion de mirarlos en la horrenda despidida . Ciertamente , Ovidio escrivio con la alma toda sentidissima aquella elegia 3. del lib. 1. de tristib. quando salio para el desierto , i se aparto de su muger , i hijos : pero nacistro grâ Poetz , no le tiene embidia en estas estâcias , i en las del cato 4. al despedirse la gente en Belem . Toda via parece que al son de la Lira de Ovidio en aquella ocasion se huvo en estas : i en este lugar , imitando con esto de nos mininos atentando tam queridos : aquello allâ de ; *Respiciens oculis pignora cara meis.*

Estos niños eran tres : dô Dionis , q casò cô hija B. del Rey dô Enriq en Castilla bastardo : dô Iuâ que casò con otra hermanaz de su cuñada , i perdiò la sucesion en la Corona de Portugal aviendose pasado a Castilla , por la injustissima muerte , que diò a su primera muger D. Maria Tellez de Meneses . D. Beatriz , q casò con dô Sâcho basardo de Alonso XI. de Castilla , i proceden destos tres hijos ilustrissimas casas de España : otro hijo tuvieron Pedro , i Ines ; el qual se llamò Alfonso , que era ya muerto , quando mataron a su madre . En nuestro Epitome de la historia Portuguesa se pueden ver los sucessos de D. Ines , i sus hijos en las vidas del Rey don Pedro , i don Fernando , i don Iuan I.

C **U** Cuja orfindade como mây temia . Temia Ines el ver quedar sus hijos sin padres : porque ella moria , i sus enemigos quedavan en el mundo , i no adivinava que su Principe avia de ser constante en su amor .

G **A** Avô cruel . Iusto epíteto al abuelo de aquellos niños , que era el Rey : que a la verdad fue cruel : i esto suena el titulo de Bravo , que le diò el tiempo : i de las fieras lo es propio el de bravas : i quando el Rey no huviera cometido otra crudeldad , simo esta , bastava ella para calificarsela .

CXXVI.

Se ja nas brutas feras , cuja mente
natura fez cruel de nacimiento ;
e nas aves agrestes , que somente
nas rapinas aerias tem o intento :
Com pequenas criâncias vio a gente ,
terem tam piadoso sentimento ,
como com a mây de Nino ja mostrâa ,
e com os irmãos q Roma edificara .

Si ya en las brutas fieras , cuya mente hizo cruel

la naturaleza desde su nacimiento : i en las agres-
A s es aves que tienen el tiento solo en las aereas ra-
pinas vio la gente tener piedad con pequeñas criâ-
turas , co no io mostraron con la madre de Nino ,
i con los hermanos , que edificaron a Roma : o tu
que tienes de humano el pecho , i el semblante (si
a caso es de humano matar una doncella blaca , i
sin fuerza , solo por tener fugero el coraçón aquie
supo vencerla) ten respeto a estas criaturillas ,
pues no le tiene a la escura muerte della ; muestra
te su piedad , i la mia , ya que no te traeve la cui-
pa que no tengo .

¶ Se ja nas brutas fer. &c. Comieça D. Ines a orar delante del Rey , i a pedir misericordia : i le pone a los ojos exemplos de fieras , que fueron humanas con algunas personas , por quanto el era per-
sona fiera , i agora incitada contra su inocencia .

¶ Cuja mente natura fiz cruel de nacimiento. Muestra al Rey que deve diferenciarse de las fieras , pues nacio hombre , i no fiera , que luego nace con inclinacion al estrago , ya las de la tierra , ya las del ayre .

¶ Com pequenâas criâncias , &c. Ya empieza a incitar la piedad cô este termino de criâncas , que vale criatura pequenita , i luego abaxo dirâ , Criâ-
cinhas , que es , Criaturillas . Solicitando el enter-
necer más , artificiosa , i doctamente , a pesar de
los llamados cultos , que juzgan a baxeza este
diminutivo : i luego les mostraremos quan mal lo
juzgan .

D **C** **omo com a mây de Nino ja mostraram Semiramis** , fue la madre de Nino : insigne , i notoria Reyna de Assirios . Dâ el Poeta a entender , que la criaron palomas : de que no hallamos noticia . Hallamosla solamente , de que palomas ampolla-
ron aquell huebo , de que salio la Diosa Assiria , co-
mo os mostramos sobre la est. 33. del c. 1. No sa-
bemos si el Poeta confunde esto : aunque vulgar-
mente se dice , criaron palomas a Semiramis . Pe-
ro en Diodoro Siculo lib. 3. No hallamos , sino
que fueron ciertas aves , sin especificar el genero :
aunque otros Autores dizê , que el dice palomas :
i se infiere del nombre Semiramis , que en lengua
Siriaca vale paloma , segun lo tiene Iuan de Vi-
terbo sobre Berofo . Vease un lugar de Pierio Va-
ler , aque irà sobre la est. 53. del c. 7. Luego dare-
mos otra razon , que pudo aver para dezirse , que
pa'cimas la criaron .

E **E** **com os irmãos que Roma edificaram .** Ro-
mulo , i Remo , de quien fingieron los Romanos ,
que los avia criado una loba : cosa vulgarissima .
No averiguamos agora si fue posible que palo-
mas , o otras aves criassen una niña , i una loba
dos niños : porque para entender el Poeta , esto
basta . Diremos solo , que los secretos de Dios son
incomprehensibles : i que assi permitio entre los
Gentiles sucessos no menos milagrosos , que en-
tre Christianos , como se dice de Ciro , que le crio
una perra , i de nuestro Abidis (que fue el Moyses
de España en ser libre del agua a que le expusie-
ron)

ron)una Cierva; i semejátes , que dexo : i assi en estos dos pudo hacer lo mismo: i si no lo hizo (que yo no pretendo que nadie lo crea, creyendo solo, que nuestra ignorancia nos dificulta muchas cosas) podemos entender que de aver Seniratias tenido en su niñez por ordinario sustento pa' omes, o bien de ser lasciva, como ellas , se introduxo el dezir, que fueron sus amas; porque las costumbres como suele decirse, se beven en la leche. I de Remo, i Romulo, que de averlos criado una muger publica , se dixo que los auia criado una ioba; porque las tales se suelen llamar lobas en Latin, i lapanar su vivienda : como lo consideraron ya muchos curiosos: si bien no sera menor prodigio, que los criasse una tal muger, que una tal bestia: porque en tales bestias no ay mas fieraza , que en tales mugeres. De Abidis, digo , quo tambien de ser muy ligero , se pudo originar el dezir, le crió una cierva.

CXXVII.

O tu, q̄ tēs de humano o gesto, e o peito
(se de humano he matar húa donzella
fraca, e sem força, só por ter sogeyto
o coraçam, a quem soube vencellia)
a estas criancinhas tem respeyto,
pois o nam tens à morte escura della:
movate a piedade sua, e minha,
pois te nam move a culpa q̄ nam tinha.

LA explicacion queda en essa otra estancia , por ser toda una clausula.

TO tū que tēs de humano o gesto, e o peyto, &c. Vá llamando diestramente al Rey más fiero, que las fieras. En essa otra estancia dixo , que las tales mostraron tal vez piedad con los niños ; i agora muestra, que un hombre no tiene piedad co' ellos, mostrandose los, i que assi no tiene más de hombre, que la forma exterior : i esta fuerte de fieras bautizadas (de que ay muchas) es peor que la de las selvaticas.

TSe de humano be matar. Como si dixerá: Hu manu pareces, i no lo eres: porque a serlo, no cōsintieras en la muerte de una tierna muger sin culpa, para ser condenada ; i sin fuerça , para poder librarse de tus garras.

THúa donzella. I tenia hijos. Veremoslo en la est. 134. que es solo adonde hasta agora se ha descubierto este llamado crimen, estando el en esa, i en la 29. del 7. quando llamó dózella a Euridice muger de Orfeo.

TFraca, e sem força. Flaca por el sugero de muger: sin fuerça, porque no tenia quien acudiese por ella ; como tendrán las damas Inglesas en la est. 45. del cant. 6. adonde insarà el Poeta este propio estilo, diciendo, que buscaron fuerças; i es, que buscaron cavalieros que las defendiesen.

TSò por ter sogeyto o coraçam a quem soube vêcella. Con gran cuidado dice así: mostrando al

ARey para rendirle , que ella no se enamoró , siad que fue vencida con las perfias de tal Príncipe: i tambié por no moltrar, que una muger de sus respectos se rindió ligeramente : i que solo por esto merecia perdón. Perdió el Rey con todo no quiso usar con ella de lo que un juez con un amante, pues teniendo culpa, por la qual merecía penas, no se las dió, i zédo, que no se las podía dar mayores, que las que te daría el amor , i que le dexava con vida, para que prosiguiese en sus amores, porque el amor prosiguiría en sus tormentos.

GO coraçam. Veys aquí aparece , que el corazón es el pecho, con que tiene ia est. 120. como allí os explica: i que allí vivía su amado Príncipe. I bien, porque el corazón es la vida del cuerpo: i clamado la del corazón del amante: por esto algunas imagenes de Cupido tienen en la mano un corazón ardiendo.

TSoube vencella. Ayude a que el Príncipe la amo ta 170, que se desposó con ella: i que a tal modo de saber el amar, no podía ella haber sufrido: i califica la cordura con que se entregó al amor , sin peligrar la reputación.

TA estas criancinhas. Note se como ablandó el estilo , para ablandar la ira en el Rey , i cómo ver a piedad los circunstantes: golpe natural de muger, i de madre, con lastimoso afecto: añadiendo al diminutivo de criancillas, aquello, q̄las, con q̄ felicemente hizo la imagen de la acción de molerlas con los ojos, ya que no podía con las manos. Todo es imitación(vivissima , i afectuosa) de muchos Autores en semejantes ocasiones. Algunos. Virgilio lib.2: quādō Cœsula se echó a los pies de Eneas co' su hijo dela mano:

*Ecce autem complexa pedes in limine coniux
Hærebat, parcumque patri tendebat Iulium.*

DI en el 4. diziéndole: *Sic nulla movet, &c. Ascaniū surgentē respice. Que viene a ser lo q̄ dize el nez aqui. Senec. Herc. fur. ac. 4. sen. 1. quādō Megara se llorava a Hercules, mostrando los hijos.*

*Parce iam coniux precor;
Agnosee Aliegaram, natus hic vultus tuos*

Habitusque reddit; carnis ut tendat manus?
El Maestro de los afectos en la epist. de Penelope, a Ulysses, conviviéndole a que viniese.

Est tibi, sitq; precor, natus, qui molibus annis.

E&c. Stac. Theb. 3. quādō Argis estaba delante del padre rogándole. *Atq; hunc pater affice prole exulis, &c.* El buen Alóso de Ercilla Atauc. c. 4.

*Las mugeres de nuevos alaridos,
echadas de rodillas por el suelo,
les ponen los hijuelos por delante.*

El gran Tassio Liber.c. 17.e. 26. pintando la muger de Altamoro, al persuadirle que no la deixasse por irse a la guerra.

*Fial' arme al braccio tuo piu caro peso
Che il pioccio figlio a i dolci scherzi inteso?*

Mejor en el c. 20.c. 26. *A te piangēdo, &c.*

*Mostra la moglie le mammelle, i il petto,
Le cune, e i figli, e il marital suo letto.*

Dálo todas en quantos quilitates de persuasió rega la accion de instruir los hijos, i nietos. I por los q oy escriven con tanta felicidad, q los versos más tiernos q embian a una dama, en vez de rendirle el alma cō la dureza; le pueden hostigar, i escózer el oido cō la aspereza (digo si no son damas graduadas en Doctoras de la llamada cultura) cōdenan algunos lugares blādissimos de nuestro P. teniendoles por descuidos; i barezas, aviédo ellos sido por vētura hijos de su mayor cuidado, i salterania en el dezir; i este es uno delios, diciendo q cayo mucho quando dixo: *Criticabas, les mostraremos, q sube de espíritu muy poco el q no dice así en tales actos.* Vega de los Griegos, la Poet. ita Safo, doliéndose de hallarse sola al despertar en alta noche: *În nov' midjâb, &c. Ipsa vero Ab soli cab i missilla.* I annq a genos de aquello q ue escriven Gu: gñ en su casa, i no lo saben leer fuera della, nos advirtió q en el Griego no avia el missilla, conocio el tradutor advertido que alli hazia, imagen de lo tierno de aquella pena aquél diminutivo. Anacteonte pintando al Amor.

Amor sed impeditus

Piumbo pedes tenellos.

Tecrito en el Idilio 27. haciendo q la Pastora llame a Dafnis amiga con diminutivo, *Amiculū missi lacerum fecisti.* I si por dicha en estos no ay los diminutivos; como en Safo (que yo no lo quiero examinar) vengan de los Latinos. Scaliger Poer. par. 1. muri adosele un hijo, i siendo nrama de Crítica accerrima.

Cœlitæ renere, novi, tenelli

Turba mustula populi pusilli, &c.

Cáculo en aquél travissimo Ep. talamio: *Floridæ ipse puerilam: i vealo el curioso, que todo est i lento de diminutivos, por expressar cō ellos propios la ocasión dulce, tierna, i regalada: i otro tanto en el pasato de Lesbia. Pero no passemos en silencio un lugar de la circunspecta, grave, i santa elegancia de S. Gerónimo, escriviéto a Paula, muerta su tierna hija, epist. 25. Quid enim fccis oculis recordatur viginti annorum adolescentulæ. &c. Cui sanctissimæ corporisculæ fabrii ardor exequareret? Gerónimo Vida en los Inocentes: Beata animalia floruli ecclœbi. Elio Spaciano en la vida del Emperador Adriano resiere, q estando i spirando, dixo subito estos versos, enterneciéndose con su alma, que se apartava de su cuerpo:*

*Animalia, vaquula, blandula,
Quæ nunc abibis in loca,
Nec ut soles, dabis iocos
Hospites, comesque corporis,
Pallidula, rigida, nudula.*

Petroso en el fragmento, q comienza: *Candidi siderij, &c.* pintando una dama, al llegar a los dedos dice: *Digitisq; tenellis.* Nuestro judicissimo Andres de Rejende en el Poemató a Fernando Rodriguez de Almada, Cavallero moco en ocasión triste, hasta el nobre le haze diminutivo; assi

Tomo 2.

*In sua parentali redierunt annua iace
Persi, i renda tro merito Fernandus patri, &c.
Vi facias, dolcas, currunt patruas ocelles, &c.
Huc intumbe puru, survoq; que intende tenellos.*

I te deve advertir, q todos dixeron cō estos diminutivos en sus personas, q es mucho más: porque nuestro P. lo dize aquí en la de una dama, i madre cō hijos delante, i q la espada puesta sobre el cueillo, adontie el miedo, i el amor habriá mal, si no hablassén así. Vega agora los Italianos, a quien no podemos negar maestría por la antiguedad, sea primero Panfilo Sasso cō su *Legiadretta*, q irá en la e. 82. del c. 9. B. Tasso (que de grandes ingenios se llevó el titulo de culto) Amad. c. 10.

E conta come fu tratto nel rio

L' amato figliuelino il di che nacque.

Parecia q ue bultava dezir deste niño, que le echaron a morir el dia q ue nacio: pero por enternecer más, añadió, *bijito:* i en el 23. pintando la gentil belleza de una señora, *Amoresetta Dea*, por enternecer más cō el diminutivo: i otro lugar suyo que lexamos citado para aquí en la e. 34. del c. 2. Errélla en este lugar arriba citado, *bijos*. Arfe al fin del titulo 3. del lib. 2. hab. ádo de la proporción de los niños, llenó toda aquella est. de diminutivos, solo porque hablava de criancillas, como son arrugillas, nalguitas, ejuelos, huesezuelos. Pero para q es más? El severissimo Torearo Tasso, q ue ficio sobre todos el huir humidades en el estilo, una mil veces diminutivos semejantes: i algunas no en casos tā apretados como este de: nastro P. Traygamos una; no en niños como aqui, si no en una muger cabal. Pone a la bella Armida dante de Godredo, i por describirla tiernamente, embarcada de vergonçosa, por ser una doncella puesta a los ojos de un Príncipe militar, dize en la estancia 38. del cant. 4. *Vergognosetianus faccea parola.* De modo, que por enternecer dixo, *vergonçosilla*, la alteza, cultura, i seueridad perpetua de Torquato. Agora los que saben más que el, i que Camoens, como se vé de as obras mayores que sacan a publico, quedarian muy vergonçosillos, si dixiesen, *vergonçosilla*, pensando, que por esto perderian la corona de Poetas: i por esto no la ganan, porque no lo saben dezir a tiempo. Quierenlo ver aun más? Pues sepan que el mismo Torquato, pareciendole que en este poema tenia algunas cosas hainildes, intento mejorarlo en el otro que llamo la Conquistata: i aviendo en el usado de mayor seueridad, todavía en semejantes lances de ternura no alteró i assi esta misma pintura de Armida se quedo entera en él, que allá es lib. 5. estanc. 40. I mas apretadamente lo usó en la Liber. cant. 17. estanc. 59. en respuesta de un Cavallero a otro, que aguardava, i no de dama tierna, viéndose al punto de la muerte con los hijos a los ojos, que obliga a todo extremo de palabras tiernas.

Signor, te sol (gli diff.) io qui soletto

In ea tal hora desfando aspetto. Mirad, pues,

Gg que

q̄ haze el riguroſo Tasso dezir a un Cavallero ſolito, o ſelosito, o como cuiſieredes, ſolamente por expreſar cō la paſabra la ſoledad penaia; i no deſxeys de mirar el *mammelle* del otro lugar tuyo, q̄ ai queda al principio deſte verſo. Que me dizen, pues, ſeñores cultiſimos? Que han de dezir? Nada, nada. I aſſi baſten eſtos rales teltigos en favor de Luis de Camoēs, tāto porque creemos que eſſos ſupieron mās que quien le cenzuró, como por que el no ha menester padrines.

Movate a piedade. &c. El lugar de Virgil. q̄ ai queda: *Site nulla movet,* &c. El gran Tasso Li ber. c. 7.e. 15. en boca de Erminia al cançada de miſerable fortuna, habiendo con un viejo.

De le miserie mie, pietà ti movea

Sua eminba. Parece q̄ le eſcufava dezir, q̄ le movieſtē la piedad della ſobre la de los niños, pues ya eſtava Ines deſengañada de q̄ el Rey no la quería perdonar, como parece de todos los 6. verſos antecedentes: pero el dezir, q̄ le mueva ſu piedad, no respeta a la de ſu muerte, ſino a la q̄ en ella ſe via, de ver q̄dar aſſi ſus tiernos hijos expuestos al furor de ſus adverſarios, como ya apuntamos.

CXXVIII.

E fe vencendo a Maura reſiſtencia
a morte ſabes dar com fego, e ferro;
ſabe tambem dar vida com clemencia,
a quem para perdella nam fez erro.
Mas fe to aſſi merece esta inocencia,
poēme em perpetuo, e miſero deſterro
na Scitia fria, ou là na Lybia ardente,
onde em lagrimas viva eternamente.

*Si venciendo la Maura reſiſtencia ſabes dar la
morte cō hielo i fuego, ſabe tambien dar cle
mencia la vida a quié no hizo erro para perder
la. Pero si mi inocencia te lo merece aſſi, ponme
en perpetuo i miſerable deſterro, en la Scitia fria,
o allá en la ardiente Lybia, adonde viva en eter
nas lagrimas.*

E fe vencendo a Maura reſiſt. &c. El P. vā
aqui raſtreádo aquello que dezia Creuſa a Eneas,
quando ſalía de casa armado, dexandola, i a ſu hi
jo expuesta a la muerte.

*Sin aliquā expertus sumptis ſpē ponis in armis,
Hanc primum tutare domū: cui parvus Iulus,
Cui pater, &c ſiux quōdā tua dīcta relinquor?*
Como ſi dixerā: Quieres q̄ te eſtimé por valeroso
en los contrarios? Bueno es: pero muestra tābién
piedad con los inocentes: aſſi acá.

A Maura reſiſtencia. Aludiédo a la parte de
la Morisma q̄ poco antes avia vēcido en el Salado

Cō clemencia. Habla como cō Príncipe: porq̄
por la mayor parte quieré los Príncipes q̄ ſe llame
clemencia lo q̄ dexan de ejecutar de tirania: i
aſſi ſiēdo tirania lo q̄ ſe ejecutava agora en Ines,
ella al no ejecutarla llama clemencia, por ajustarſe

a la injusticia con q̄ el tirano quie: e ſer tratado.

A q̄ para perdella nā fiz erro. Así es, q̄ ei
cōtentir una dama en los aiores de un Príncipe
(i mas cō las circunſtācias advertidas ſobre la e.
antecedente) no era yerro mercedor de pena al
guna, quanto mās mortal.

Poēme em perp̄t. &c. Sobre el primer ver
ſo de la eſt. ſiguiente, que continua este pensamie
to, vereis las imitaciones.

Na Scitia fria, ou là na Lybia ard. &c. Vir
gil. Egl. 1.

At nos binc, alij ſitientes ibimos Afros,

Pars Scytiamque, &c. Es la Scit. a Regiō Se
teſtrial ampliſima, dividida en dos partes ma
yores, tomādo la Scitia, i la Sarmacia por una miſ
ma coſa: de las quaſes una eſt i inclusa en Europa,
para dentro del río Tanays; i la otra te eſtiéde diſta
tadamente por la Asia: llamóſe aſſi de un hōbre fa
moſo llamado Scitio. Diod. Sic. lib. 3. bibliot.

Lybia. Entiéde Africa, q̄ ſe llamó aſſi de Ly
beccluo, viéto que ſopla de aquella parte, como
quieré unos: i como otros, principalmente Grie
gos, de Lybia hija de Epato, q̄ fue madre de Busi
ris. Es pedaço de tierra, q̄ ſolamente puden ha
bitar fieras, i hombres q̄ ſe parecen a ellas; ſi bi:ē

C vemos tambien ei buenas tierras otros que ſe pa
recen a aquellos. La razón de ſer ardiente la
Lybia, o Africa, es por avezindar mucho con la
línea Equinocial; i por estar debaxo della lá Etiopia
es aun mas calida.

Eternamente. La longitud i ſentimiento re
preſentan eſtos dos ultimos conſonantes, con la
eternidad del último, mueltra que ſon uafados con
la miſma providencia que ponderaremos ſobre la
eſt. 47. del. c. 5.

CXXIX.

Poēme onde ſe uſe toda a ferida;
entre Leoens, e Tigres, e verey
ſe nelles achar poſſo a piedade
que entre peytos humanos nam achey.
Ali co' o amor intrinſeco e vontade,
naqueile por quem mouro criarey
eſtas reliquias ſuas que aqui viste,
que refrigerio ſejam da māy triste.

P Onme adonde ſe uſe toda fieraza; entre Leo
nes; i Tigres; i alli verey ſi puedo hallar en e
llos la piedad que no halle entre humanos pe
chos. Alli con el intrinſeco amor, i entrañable vo
luntad firme en aquel por quien yo muero, criarey
eſtas reliquias ſuas que viste aquí, i que ſerán re
frigerio de ſu triste madre.

Poēme onde, &c. Ya lo empeçò a dezir en
la eſt. paſſada: *Poēme em perp̄tuo e.* &c. I todo
clara imitacion de Orac. cd. 22. lib. 1.

*Pone me pigris ubi nulla campis
Arbor eſtiva recreatur aura,* &c.

*Pone sub currum nimium propinquum
Solis, in terra domibus negata:
Dulce ridentem Lalagen amabo.*

Petrarca Son. 114. — *Pommi ove'l Sol s'escide
istori, e l'herba, &c. Que es el pensamiento con
que entró Garcilasso en su canción i. i Boscan un
Soneto, así:*

*Ponme en vida mas brava i importuna, &c.
Ponme dò el Sol el trato humano ataja,
o a dò por frio el alto mar se quaja, &c.
Donde quiera i ternè siempre presentes
los ojos por quien muero tan contento.*

Vease en este lugar a Herrera, que trae otros de Lucano, Carito, Pontano, Geronimo Falero, i Pedro Gomez. Es sobre la Eleg. 2. fol. 273. q yo no los copio, porque soy a cada uno lo q es suyo, i no vendo lo q no es mio. Dize Ines en estas posteriores razones, i ruega al Rey q le trae q la muerte en destierro para esas Regiones inhabitables, ya por ardientes, ya por frias, adónde espera hallar más piedad en fieras de la q halló en hóbres (quiere decir señores, i ministros) i que en la corriente de todos estos peligros, con el corazón en Pedro, i con los ojos en aquellas partes del (los niños) se aliviará de todas las penas, i rigores de su cruel fortuna.

¶ *Se nelliachar posso a piedade, &c.* Imagina hallar en las fieras, lo que no hallo en los hóbres, de respeto a la humanidad. Lo que era passado en Ariadna, hace el Poeta falso en Ines: Ovid. epist. a Teseo: *Mitius inventi, quam te genus onus
ferarum: que de aquí es la imitacion. El Tasso ha
ze decir semejantemente a Armida puesta có grá
de angustia delante de Gofred. c. 4. e. 71.*

Forse lecce sperar che il mio cordoglio

Che te non mosse, il reo Tiranno pieghi?

Poniendo el Tirano por las fieras con gran propiedad, i el eligió aquí los Leones, i Tigres fue a imitación de Europa (por no perder la belleza, como Ines por no perder la vida, o el amor de su amado có la muerte) en Oracio onde 28. del lib. 3.

— *Vinam inter errem*

Nudi, eones

*Antequam turpis maces decenteis
Occubet malas: teneraque succus
Deslat prede: speciosi quero
Pascere tigreis.*

Bien escondida estuvo la imitación: bien clara os la deixamos: alabad al altísimo Poeta.

¶ *Na quelle por quem moura.* Juzgiosísimamente no le nombra: i si dixo mas tierna i piadosamente, Pedro, que ese era aquél por quien la matavan, i por quien ella quería morir, sino deseara la vida por no perder los deseos de amarle: i para no perderlos se la pide.

¶ *Criarey.* Estos consonantes se ha de creer, q fueron usados aquí de industria: porq tiene aquel q gran conveniencia con la expreſſion del dolor con que se hallava Ines, haciendo la agudeza i longitud de aquella sylaba, q parece no se acaba de

Tomo 2.

A pronunciar, una imagen do gran sentimiento, i comitacion. I siempre me persuadiré, que el gran Tasso si no lo imito de mi P. vino a concurrir con el en la invencion i pensamiento, de usar de las mismas vez i consonantes, quando haze de ir a la bella Erminia en este estado:

*Misera non credea obe a gli occhi miei
Potesi in alcun tempo esser noioso:
Hor cicca farmi volentier torci, &c.
Ohime de i lumi già si dolci, e rei, &c.*

¶ *Reliquias suis.* O quan oportunamente usó desta palabra! haziendo grande imagen de la estima en que Ines tenía a Pedro, i de la devoción della con él: Creemos que aun mejor que Virgilio, a qien sia duda imitó: *Reliquias Danaum, atque immritis Achillis.* I como reliquias son cabalmente unas pequeñas partes en que se pone la estima del todo de que ellas salieron, Ines, expuesta a perder su amado, se contenta con que se le conceda el ir a ser relicario destos pedaños del, q son sus hijos i en edad, que unos se cuelgan del cuello, i otros sustentados en los braços se arriman al seno de su madre; que todos son lugares propios de las tristezas. Sin dada bien.

¶ *Que aqui viste.* Esto dà a entender, que aviendo Ines traído allí sus hijos, para que el Rey se cōpadeciese de dello, i della, o bien della por ellos, se los quitaron de delante, o por quitarle la parte de la pena de dexarlos viendolos, o porque viéndolos el Rey no se ablandase. Bien parece imitado mucho de todo esto de Bernardo Tasso Amad. c. 78. hablando Lucina con la Maga Luctina, i pidiéndole diferentes gracias en otro estado miserable con una hija delante.

D *Ivi m' allevero la fanciullina*
Solo conforto e refrigerio mio,
In quella vita misera, e mesquinia,
Per crudeltà del padre inico, e rio:
Che un Leon crudo, &c. En invención, en pensamiento, i aun palabras.

¶ *Da māy triste.* Notense bien las voces con que haze el P. que Doña Ines fenezca su oración, *Māy triste.* que ambas a dos parece que con la agudeza de aquellas ii se entran por las entrañas: i me hazen venir a la memoria aquella palabra repetida de Christo en el mayor aprieto al tiempo de espirar, *Eloi, Eloi, &c.* penetrando estos cielos con la agudeza de aquellas letras sentidísimas.

E Yo reconozco la distancia, apunto solamente la semejanza: i bolviendo a nuestras letras humanas digo, que con este cuidado de nuestro Poeta feneñó Garcilasso aquel tiernísimo Soneto: *O dulces prendas, &c.* con la voz, *tristes*, i sus consonantes que le precedieron: i nuestro P. añadió el *Māy*, por vencerle ya que le imitava: porq a quién lo entiéda, no es creible lo mucho q la lengua Portuguesa devió estudiar, quando por madre dixo *māy*; porque no aviendo cosa mas tierna, que una madre con sus hijos, no sé yo que palabra pudo mejor ser imagen de una madre, que *māy*.

CXXX.

Queria perdoar lhe o Rey beniro,
movido das palabras que o magoam;
mas o pertinaz povo e seu destino,
que desta sorte o quis, lhe nam perdoá.
Arrancam das espadas de aço fino,
os que por bom tal feyto ali pregoam.
Côtra húa dama, ò peytos carniceyros
ferozes vos mostrays, e Cavaleiros?

YA benigno el Rey movido de las palabras que le lastiman, queria perdonarla. Pero el pertinaz pueblo, i su destino, q lo quiso desta suerte, no le perdonan. Arrancan de las espadas de fino azero, los que alli pregonan por bueno un tal hecho. Côtra una dama, ò encarniçados pechos! os mostrays ferozes, i Cavalleros?

¶ Queria perdoar lhe, &c. Así Eneas oyendo a Turno al fin del lib. 12.

— *Dextrainque repressit,
Et iam, iamque cunctantum flectere sermo*

Cæperat. Aviase Eneas comenzado a cormo. ver con las palabras de Turno, para no matarle. Como nuestro P. hizo particu'lar professió de imitar a Virgilio, tal vez le traemos primero q a Homero. Però creyédo, q no ie hallò segundo lib. 1. quâdo todos los Griegos oyendo las lastimas del Sacerdote Crise, q pidia su hija, consentian en q se le bolviesse, menos el Rey Agamenon. *Tunc alij quid' omnes laudaverunt, &c. sed non Atridae Agamemnoni, &c.*

¶ *Rey benino.* Siendo el Rey naturalmente duro, i en algunas acciones casi cruel: i en esta cruel totalmente, llamandole assi el P. aí atras, pidéle cuenta algunos criticos de como agora le llama benigno. Esto es, que no le entienden: i assi no le llama benigno porque lo fuese, sino porque todavía se inclinó su fuerza a la benignidad, viendo la inocencia de Ines, i oyédo sus palabras, por esto dice: *Benino movido das palabras, i estuvo resuelto a perdonarla.*

¶ *Movido das palabras que o magoam.* Vease a que tiépo uso el verbo, *magoam*, q parece muestra al Rey llagado de lastima: i expressa el P. *das palabras*, por enseñarnos, que con estudio particular usó de algunas en esta oracion de Ines, poderosas a entrarse por las entrañas, que no solamente por los oídos: i algunas dellas hemos ponderado en las quattro estancias.

¶ *O pertinaz povo.* Quien fuese este pueblo se vea de lo dicho en la est. 124. Este pueblo viene a qui a imitation de Ovid. Met. 13. en la muerte de Polissena: pero en contrario, porq lloravâ allâ piadosa la muerte, i acâ pediala in exorable: *At populus lacrymas, quas illa tenebat, non tenet.*

¶ *E seu destino que desta sorte o quis.* B. Tasso Florid c. 10. *Ma nō cōsente la sua sorte fellâ, &c.* Por otra daima en otro tal acto. Su hijo en el lu-

Agar q deixamos en essotra est. de Armida est. 72. *Ma il mio destino è che mi nega aita.*

¶ *Esi adas de aço fino.* Sabia el P. como devien ser las buenas espadas, q no solo han de tener parte de bene azero, sino q aun el hierro deve ser purgado: i por esto es bueno para ellas el de las herrerias gastadas: i por esto la fina espada qda quebrada antes que torcida en las ocasiones q se ofrecen de descubrir su fineza. Vease lo q puede tocar a esto de lo dicho en la e. 67. del c. 1. I agora pruevo con el mismo P. q para el lo maslmo es azero, q hierro: porq llamâdo aqui azero a la espada, la llama hierro en la e. 26. del c. 6. *Ferro albeo*, q alli se entiende espada agena: assi en la e. 53. del c. 10. *Meneses, cujo ferro mais na Africa q à terra pro vade: i si quereys el hierro por la espada cõ e. epíreto de fino q dà aqui, i en la e. 67. del c. 1. al azero, veislo aqui en tu Od. 10. para q ferro fino naõ passe o peyto duro: que puramente vale, para questi na espada no le passe el pecho.*

¶ *Os que por bom tal feyto ali pregoam* Burlase el P. de aqueilos Cavalleros, diciendo q un hecho tal, como si dixerâ, tan torpe, vil, i cuios, en tu alma, en tu mano, i en su boca tuvo nombre de licito, i justo, para executarlo.

¶ *Côtra húa dama o peyt. &c.* Prosigue la burla, cõ un limage de ironia, diziédoles: como se per suaden, q es hecho de Cavalleros aquél côtra una muger? Ariosto assi c. 33. en persona de Vlania, respôndiendo a unos Cavalleros, q se armâo contra la bella Bradaméte: *Côtra una dña: côtra lor sarette.* Nuestro maravilloso T. F. Liber. c. 19. e. 3. assi haze burlarse Argâte de Tâcredo, porq matâ a Clorinda. *O forte, delle dñe uccisor, &c.* I cõ esto se prueba el segûndo entendimiento que dimos al verso 4. de la e. 119. Vease.

¶ *Peytos carniceyros.* Atédió a Ovid. Met. 13. en la muerte de Pontisena, q imitâ; *Laniato pectori*, i estan estos quattro versos aqui en lugar de las lamentaciones de la madre allâ.

¶ *Carniceyros.* Pretédio el P. con esta voz envelecer aqüiles Cavalleros en tal acciô: i cõ el mismo intérto les llamâ *algozes* (vale verdugos) en la e. 132. i en la siguiete, *brutos*: i juntamente lo hizo, porq luego avia de cöparar en essotra est. D. Ines a una ovca: i los animales fieros matadores de res, se llamâ carniceros. Declara'e el P. en la est. 132. diciédo: *Se encarniçavâ servidos e irejos:* Todo acciô de fieras sobre ganado humilde, i sin defensa, como era Ines para ellos. I assi saben poco usar de las palabras a tiépo los melindrojos, que culpan esta, i otras tales en este gran P. Ercilla c. 3. *Con carniceros golpes, &c.*

¶ *Cavaleiros.* Aquí descubre el P. q no era en general el pueblo quién mató a Ines, sino essos Cavalleros, q se incluyé en esse pueblo. q diferencia de plebeo q diximos en la e. 124. i acaba de deseu brirlo en la 136. i esto rábié fue por envilecerlos; dâdo a enteder, q su animo no era de Cavalleros, sino muy de gentualla popular, de la qual son propias acciones tan viles.

CXXXI.

*Qual contra a linda moça Policena,
consolaçam extrema da māy velha,
porque a sombra de Achiles a cōdena,
cō' ferro o duro Pirro se aparelha:
Mas ella os olhos com que o ar serena;
(bem como paciente, e mansa ovelha)
na misera māy postos, q̄ endoudece,
a o duro sacrificio se offrece.*

QVal contra la linda moça Policena, ultima B consolacion de la vieja madre, se apareja el duro Pirro cō el hierro: porq̄ la condena la sombra de Achiles; pero ella con los ojos, con q̄ serena el ayre; puestos en la misera madre, q̄ enloquece de dolor, se ofrece al duro sacrificio, biē como paciente, i misa oveja: aplica la comparacion en la est. siguiente,

Qual contra a linda moça Policena, &c. El P. trae a cōparacion la muerte lastimosa de la bella Policena, cō esta de Ines ajustadissimamente. Fue Policena hija de Priamo, i Hecuba reparadores de Ilio, o Troya: estādo Achiles capitulado con ella le mató Paris: i dizen las fabulas q̄ despues aparió su alma a algunos: pidiédo, q̄ le embiassé al otro mundo su esposa (haciendose el embés de Orfeo, q̄ fue a sacar de allá la suya) i Pirro hijo de Achiles la degolló sobre su sepulcro para embiar sela. En Ovid. Met. 13. hallareys esto dilatado. I adviertenos el P. industriolamēte, q̄ en esta descripcion de la muerte de Ines, imira aquella de la de Policena como ya advertimos arriba.

Consolaçam extrema da māy velha. Semejante mente a la entrada de la est. 90. del c. 4.

Porque a sombra de Achiles a cōd. &c. Ovid. D alli Mer. 1. (i ve se que ay aqui mucho de allá.)

Et immitti socijs parentibus umbrā

Rapta sinu matris, &c. I essa sombra era essa alma, que diximos de Achiles: termino poético, sobre que diremos en la est. 89. del c. 5.

A condena. A lo que pudo parecer amor llamá el P. cōdenacion: porq̄ venir el alma de Achiles a título de amores del con su esposa, pidiédo, q̄ se la embiassen al otro mundo, no pudiédo esto ser, si no por medio de la muerte violenta, claramente era antes cōdenaciō q̄ amor: i si era amor, E venia a ser amor del demonio: i el suyo siempre, p̄ra en pena: haciendo muy facil al obrar, lo que despues ha de ser dificilimo al padecer.

*Os olhos com q̄ o ar serena. Petrarcha Son. 160
— Il cielo in vista si rallegra*

D'esser fatto seren da si begli occhi.

Bolverá el P. a este atectuoso pensamiento allá en el c. 9. est. 24.

*Os olhos na misera māy postos. Cō Virgil. li. 6
Illa solos fixos oculos, &c. Esta accion, q̄ el P. hace de Policena, clavando los ojos en la madre al*

caer del cuchillo sobre su garganta, q̄ aplica a Ines A poniendoios en las imágenes de su Príncipe, i de sus hijos, es propia para mover a temíssimo dolor: i infada de los que supieron escribir con afectos, sin los quales no ay poesia que valga: cosa alguna; i dellos hizo donacion perpetua el grā Ovidio, a nuestro gran Camoēs.

*Como paciente e mansa ovelha. Ovid. Fat. 2.
al decir de Lucrecia oprimida de Tarquino.*

*Sed tremit, vt quandā stabulis depreca relietis
Parva sub infuso cum iacet agna lupo.*

BTafio Amad. c. 38.est. 75.—*Vna sorella, &c.
E sul'altar qual mansueta agnella. El mismo en su Florid. c. 10. Alude el P. a los sacrificios antiguos; para los cuales se traían a las aras estos animales, que inocente, i piadosamente aguardavan el golpe, como oy en los mataderos.*

Na misera māy. Misera a respero del estādo en que via a la hija, como lo usaron muchos, i ya apuntamos á en la est. 118. Ciceron in Verr. 7. hablado de las madres al coger el aliento de los hijos que espiravā: Matres misera per noct. &c.

Que endoudece. Que enloquece: porque Hecuba en la muerte de su hija hablava, i discurria, como loca de dolor. Vease Ovidio.

CXXXII.

CTais contra Ines os brutos matadores, no colo de alabastro, que sostinha as obras com q̄ amor matou de amores a aquelle que despois a fez Rainha: As espadas banhado, e as brácas flores, que ella dos olhos seus regadas tinha, se encarniçavam fervidos, e irosos, no futuro castigo nam cuidosos.

TAles cōtra Ines los brutos matadores se encarniçavā fervidos, i airados no cuidadosos del futuro castigo, bañando las espadas, i las blácas flores, q̄ ella tenia bañadas con sus ojos, en la sangre del cuello de alabastro, q̄ sostenia las obras cō que el amor mató de amores á aquel que despues de muerta la hizo Reyna.

Os brutos matadores. Lo q̄ ai explicamos atrás est. 130. sobre la voz Carniceros mostrado q̄ el P. pretédió llamar fieras á aqueilos Cavalleros en matar a Ines: i esto vale agora aqui el Brutos.

*No colo de alabastro q̄ sostinha as obras, &c.
El Poeta en sus rimis Eg. 2.*

*He esta a alva columna, o lindo esteyo,
Sustentador das obras, mais que umanas?*

Para el cuello blanco, sustentador de la cabeza hermosa de Ines (estas son las obras mas que humanas, i que mataron de amores a Pedro: porque a la verdad la cabeza, entendida por todo lo que vā desde el cuello arriba, contiene los miembros más soberanos de la hermosura humana) es metafora bellissima la de que nſa el Poeta: porque

columnas de alabastro siepre son sustento de maquinas hermosas (i alli por columna desto de la hermosa cabeza de Ines estta el cuello) Senec. Tiest. ac. 4.

Immane teetum cuius auratas trabes

Varijs columnæ nobiles maculis ferunt.

La imitacion es de Garcilasio Eg. 1.

Do la columna, que el dorado techo

Con presucion graciosâ sustentia.

Llorando a Elija muerta. Tambien huele aqui la tinta de Ariosto canto 29. *Che del bel capo gia d'a more albergo*, &c. Quando Rodomonte mato al fabena. Tiene mas otro misterio aqui la voz *Colo*: Porque es tradicion, que dona Ines tenia el cuello muy hermoso: i por esto entre todas las perfectas partes de su hermosura era ta singular aquella, que vulgarmente era llamada *la del cuello de Garça*. I assi queda diciendo el Poeta por comisetacion grande: Alli, alli en aquella parte de belleza ta celebrada se atrevieron aquellos brntos, o fieras a cortar con sus covardes hierros: En el original antiguo on vez de *Collo de alabastro*, dezia: *Marmorea coluna*. I quitolo el Poeta por suavizar, para que apriendan los modernos a no endurecer lo que disen. Assi lo obra tambien en sus rimas cacion 1. adonde aviendo dicho, tambien por el cuello, *a mirmorea coluna*, dixo despues: *O colo de cristal*.

T De alabastro. Sobre la propiedad, con que el P. llama alabastro a qualquier miembro cedido de una dama se vea lo que diremos sobre la est. 46. del canto 6.

T De alabastro. Sobre la piedad, con que el Poeta llama alabastro a qualquier miembro cedido de una dama se vea lo que ditimos sobre la est. 46. del c. 6.

T Que despois a fez Rainha. Assi fenecio la est. 118. Aqui es parifasis de Pedro.

T As espadas banhando, e as brancas flores. Dudamos si las flores son de la tierra, si las del rostro; blacas agora todas por aver acud do la sangre al coraçon con el miedo de la muerre. Todo puede ser. Las espadas, i flores banadas en sagre, de luyo se viene en tal accion; mas es de creer, que se acordo el Poota de la espada, en que Dido se atrevesso. Eneq. 9. *Ensimque cruore sp̄i mantem, sparsasque manus*, &c. I estan aca por las manos las flores blancas.

Tum caput ipsi aufert domino, &c.

Tepefacta cruore terra, toriquæ madent, &c.

T Se encarnicavam fervidos, e irosos. Lo dicho est. 130. sobre la voz, Carniceyros.

T No futuro castigo nam cuidosos. Ninguna cosa dexa por tocar el Poeta, aun quando parece que passa descuidado. Necesariamente se sigue a la resolucion de cometer maldades el descuido de la pena que las aguarda, o el se sigue a ella. Si uno quado obra mal se acordara del castigo que le puede venir, se abstuviera: aquellos Cavalleros no se acordaron del en aquella accion: i el no se descuido de ellos, i alcançolos

CXXXIII.

A Bem puderas, o Sol, da vista destes teus rayos apartar aquelle dia; como da seva mesa de Tiestes, (mia. quando os si hos por mano de Atreu co- Vos, o concavos vales que pudestes a voz extrema ouvir da boca fria; o nome do seu Pedro que lhe ouvistes, por muito grande espaço repetistes.

B Bien pudieras tu, o Sol, apartar tus rayos de la vista destos aquel dia, como lo fiziste con la cruel mesa de Tiestes, quado por mano de Atreo co mia los hijos. Vos, o concavos valles que pudiastes oir la estrema voz de la fria boca, i repetistes por muy gra espacio el nobre de su Pedro q le oistes.

G Bem puderas, o Sol, &c. Ovid. Met. 4. *Sol quie locum fugit*. En otra ocasion horrenda. En la propia Seneca Thiest. ac. 4.

*O Phœbe patiens, fugeris retro iacet
Medioque rupti in mei seris caelo diem
Sero occidisti. Mas luego abaxo.*

C **D** *Destes*. Iva a dezir-nal intencionados, inumanos, de animos viles i imitado a Orac. Sat. 10 lib. 1. desdenando del mal Poeta a Demetrio: *Hermogenes unquam legit, neque Simius iste*. Como si dixerat (este Simio) este intensario, i aqucl. en dos litigates tiene el propio sentido ep. 1. lib. 2. *Ille Chærilus*. I sat. 3. lib. 1. *Ille Tigellinus*. motejando a uno de Poeta malo, i al otro de enfadoso musical, como son por la mayor parte cesitodos. Ajax desestimado con el modo de hablar a Ulises en Ovid. Met. 13. — *Quantu ego Martis ero*,

Inque arce usclo, tantum valet iste loquedo.

D El P. est. 75. 78. del c. 1. i 32. del 6. No es termino desusado de la Escritura sagrada, de que solamente traere un lugar 1. Reg. cap. 17. num. 36. *Quoniam quis est iste Philisteus*, &c. Dize David ofreciendose a matar al gigante Golias, i dizelo con aquells palabra: *Iste*. Mostrado con ella, q era para el un no nada i aviendo Sanl. antes hablado con David uso della misina por admuracion, i David otra tambien por desprecio: que para lo uno, i para lo otro tiene particular significacion. Para en buena parte, a quello de *Quae est ista*, &c. I lo otro: *Quis putas puer ille erit*, &c. De manera, que el P. lo usa aqui en mala parte, como explicamos.

T Como da seva mesa de Tiestes. Con Orac. lo dixo od. 9 lib. 1. *Nec sœvam Pelopis domum*, &c. I con Lucano lib. 1.

— *Qualem fugiente per ortus
Sole Thiestæ noctem duxere Mycenæ.*

La fabula se resume, en que Atreo Rey de Micenas mato los hijos de su herniano Tiestes, i dandoselos a comer, el Sol se escondio por no ver tal maldad. Vase como fue intento del Poeta a sear

fear el animo, i coraçon danado, con que ejecutaron aquellos Cavalleros tal muerte pucs la compara con Atreo, i Tiestes, que abominablemente mató uno, i comió otro carne humana. Bien claro esta, que en esto quiso decir. No eran estos dignos de gozar la luz del Sol: esto es; merecían, que nuyiera quien los quitara del mundo, i los arrojara a la perpetua noche del infierno: esto quiere decir: i así fue, porq ellos murieron, como desesperados: principalmente Pedro Coello.

¶ *Vos u concavos vales que pud.* &c. Apos trofe sentidíssimo a las cavernas adonde fue a parar el último acero de aquella voz última dolorosísima, muriendo con el nombre de su amado en los labios: i al leerlo quien lo entienda se entran los versos por lo recondito de las entrañas del sentimiento.

¶ *A vos extrema,* &c. El Poeta en sus rimas, Egl. 7. *A voz extrema so lhe concedeo.* I cato 2. estanc. 50.

¶ *Da boca fria.* Boca ya manoseada de la muerte, con que luchava en aquél estado. Cada palabra del Poeta, por aquí es un concero, i un dolor, i mil afectos tristíssimos.

¶ *O nome do seu Pedro,* &c. Repetistes. Parece que lo vio aquí Francisco de la Torre Egl. 2. diciendo.

*Con el ultimo acento entrifecido
El nombre de su Filis repitiendo.*

I puede aquí servir mucho de lo traído en la est. 84. Olvidavaseme Stacio, que no passo sin qie le viesse el Poeta Theb. 8. de Ismeno por Tideo muerto.

*Solum hoc gelidis iam nomen inerrat faucibus:
exclamant famulae,* &c. I Ariosto al morir Isabela c. 29. est. 26. nombrando su amado esposo.

*E funne udita chiara
Voce che uscendo nominò Zerbino.*

I por las sierras estan aquí los Ecos resonado por el concavo de los valles. Virgil. al matarse Dido: *Resonat magnis plangoribus atber.* Pero parte de esto toca a la est. 135. en que lloran las Ninfas del Mondego esta muerte.

¶ *Por muito grande espaço repetistes.* Por largo espacio queda resonando en los oídos del alma este verso: haciendo aquella longitud de tiempo, que ha q dura el nombre de Pedro por este amor de Ines. Es posible que ay hombre que escriba como Poeta leyendo los versos deste, en las ocasiones que quiso mostrar que lo era? Pero los grandes Escritores para los otros son como la muerte para los hombres: si ellos se acordára siempre della, no pudiera vivir: ni escribir quien siempre tuviése en los ojos a Virgil. i a Camoes. El lugar del Bebo, q dexamos en la est. 120. *Iterarent nomina ripæ.* I lo usaro muchos Autores en semejantes ocasiones. Sobre el modo dela formacio del Eco, hemos de d. zir en mejor lugar, qserá sobre la est. 60. del c. 7. adonde el P. con singular industria describe aquel repetir de la voz.

Tomo 2.

CXXXIV.

A Assi como a bonina que cortada, antes do tempo foy, candida, e bella, sendo das maos lascivas mal tratada, da minina que a trouxe na capella: O cheiro tras perdido, e a cor murchata! esta morta a palida donzella. (da, secas do rosto as rosas, e perdida a branca, e viva cor, co a doce vida.

B Assi como la bella, i cadida bonina, q fue cortada antes de tiepo, siendo mal tratada de las lascivas manos de la nina, q la truxo en la guirnalda, trae perdido el olor, i el color marchito: Tal está la palida donzella muerta: secas las rosas del rostro: i perdida la blanca, i viva color con la dulce vida.

¶ *Assi como a bonina que cort.* &c. Grandes imitaciones, destrezas grades, i grandes hermosuras de decir hallareys en esta estancia. Primeramente la comparacion es de todos los ilustres Poetas desde el Maestro Latino, Ene. 11. *Qualem virginco demessum pollice florem,* &c.

C No sabemos si es mejor lo que queda en el 9. *Purpureus veluti cum flos succisus,* &c. *languecit moriens,* &c. Achilstacio Leucipe 3. *Qualem in violis paulo ante succisis,* &c. Ovidio Met. 10. *Vt si quis violas,* &c. Liliaque infringat, &c. *Sivus moriens iacet.* Catulo epig. 11. *Velut prati ultimi flos,* &c. Sanaz. eleg. 1. en la parte 2. de sus rimas. *Il volto esangue,* &c. *Qual rosa che ca' cata in terra langue* Ariost. c. 8. est. 201. *Come purpureo fior languendo more,* &c. B. Tasfo Florid. c. 10. *Come da falce il fior reciso langue,* &c. Assi en la 40. del c. 11. de su amada, i en el 31. *E tramortita,* &c. *Rosa sembrava gias molt bore colta.* I para aquello de antes de tiempo, el propio ai est. 37. para el fin.

D — *Qual giglio che la falce infida
Innanzi al tempo suo tronchi, e recida.*

I para lo de ser traída, o cortada por mano de nina, ai tambien c. 39. *Fior da virgine man teste reciso.* Su gra hija Liber. c. 9. e. 85. en otra muerte: *Quasi bel fior succiso.* &c. I en el 20. e. 128. por Arnuida: *Ella cadea quasi fior mezzo inciso.* Angelo de Costanzo, Soneto: *Ai dolcezza,* &c. *Qual fior,* &c.

E *Che perdendo gli bumori in lui rimasti
Langue nel mezzo April, così mancasti.*

El Parabosco en su Adonis muerto el. *Qual fior che acerbamente vien rapito
Da dura invida man purpureo langue,
Così il bel viso,* &c. *Resta palido,* &c. Garcilaso Eg. 2. *Como la rosa matutina.* *Que pierde su alegría, i marchitando
Va la color mudando,* &c. *Tal esta el rostro,* &c. Francisco de la Torre Eg. 4.

Gg 4

En

*En el suelo cayo como la rosa
Que aviendo en el florido prado sido, &c.
Perdido el vivo de su luz hermosa.*

I adviertan los curiosos, que de todos estos lugares, ai alguna palabra en este del Poeta, a demas de usar como todos de la comparacion de la flor, porque es ella symbolo de lo breve de la vida humana, i singularmente de la hermosura. I el en particular, por dezirnos, que Ines estaba en la flor de la edad, i de la hermosura, como luego mostraremos. Aviedo, pues, el Poeta imitado toda essa buena gente en la comparacion, i en los terminos de explicarla felizmente, la excedio en especificar la flor, i en ponerla en las manos de una nina, i en dezir, que fue cortada antes de tiempo. El especificar la bonina fue, porque en Portugues, bonina es flor pequena, i tan delicada, que con poco, que se manosee, pierde su belleza, i es compuesta de blanco, i colorado: dos colores propias del rostro de una Dama: i propriamente son las boninas flores del campo, que todas, casi, tienen estos dos colores, i propiedad de secarse prestissimamente en siendo cogidas. Que sean del campo el mismo Poeta lo dice en la Eg. 1. *Os campos esmaltando de boninas.* I que sean ordinariamente rojas, i blancas el mismo en la Eg. 1.

*O prado as flores brancas e vermelhas
Estas suavemente apresentando.*

Con estas flores, pues, por essa ternura, i por essos colores, i propiedades pinto nuestro gra Pintor diestramente el rostro de D. Ines; i con lo de licado, i pequeno dellas pretempio despertar mas la comiseracion, siendo cierto, que mas nos enternecia la muerte de una nina hermosa, que la de un cuerpo adulto: i por declarar esto anadio, que fue cortada antes de tiempo: i tambien aludio a lo de estar D. Ines en secreto calada con el Principe, i por esso aguardado el puesto de Reyna: i assi fue cortada antes de llegado el tiempo de ser Reyna del pueblo Lusitano, como la rosa pierde serlo del pueblo de las flores en el valle, si es cortada antes de aver hecho ostentacion de su pompa. I el ponerla en las manos de nina a demas de que fue por crecer la ternura, fue tambien por no tar de pneril la accion de los que la mataron, mostrando que dellos fue tratada como flor en manos de ninos, que con ellas desatentadas (eso vale el lascivas alli) usan del regalo, i ternura de la flor que se les fia, i senalo la color blanca: por que se echa mas dever en ella el estrago.

Das maos lascivas. Manos traviesas, juguetonas, inconsideradas, quiere dezir, aquii el lascivas: i es claro, porque en una nina en quien el Poeta supone las flores, no se puede entender otra lascivia. I no solamente los Poetas usan en diferentes sentidos de las palabras, sino los q no lo son. Ovidio en la Nux no de mugeres, sino de ramas de un arbol copiosas, *Luxuriare comas.* Stacio en el bano de Etrusco en este sentido

A uso del verbo, *Lascivire.* Assi muchos: otra vez mi Poeta en sus rimas, Son 3^a. *Esta o lascivo, e doce passarinho.* &c. Descriviendo al paxatillo travieso, i cantando regaladamente entre las ramas. Sirvanos esto para el, *Lascivos bejos,* dela est. 24. del c. 9. adonde se vea lo que mas diremos a este proposito.

B ¶ *Donzella.* Grandes libelos tienen dado en el Parnaso los que sin que los haga nadie, se hacen eiilos Fiscales en aquella Curia sonante, i numerosa, contra el Poeta, diciendo, que entienden provar que llamo mal, i como no devia, donzella a una muger parida dos pares de veces, como quie no dice nada, i mas que el lo sabia muy bien, pues confiesa en estas estac. que ella tenia en ese acto tres hijos delante de si, i a fuera destos avia tenido otro. El gran Apolo oyendo el cargo, luego conocio, que el era hijo de la ignoracia de los acusadores, i no de la ciencia del acusado: i asi sentenciando, bien como tal vez sucede en Tribunales rectos, saliero e los condenados por ignates, i el Camoes por inculpable, con una Corona de laurel, por entre cuyas hojas salian rayos, honradole Apolo co essas lucentes puntas de su diadema, i diziedo, que el gra Poeta Lusitano tenia derecho a suceder en el puesto de Sumiller de

C su deidad en caso q se perdiessen Homero que la poseia, i Virgil, que le avia de suceder infaliblemente: asegurado q en el espíritu poetico no les avia sido inferior; si en algo no los avia sobrepujado: i que quado por cada estac. de las q de ell'e Poeima eran hijas legitimas del futur divino, no mereciera la corona, la inercia por esta, de que le acusava. Las fuerças dela sentencia fueron reducir a dos puntos la dificultad: uno moltrado q el titulo de donzella mirava al puesto q D. Ines avia tenido en Palacio: otro que comprehendia la ternura de su edad. Sobre el primero dixo deste modo. Do zella en algunas lenguas, c^mo la Latina, Italiana, i Portuguesa se deriva de domina, o dona, que quiere decir muger que tiene casa, o estado: i assi donzella, i donicella (todo uno) vale muger, q no tiene aun nada desto, i tambien se dice domicilia: porq por essas mismas causas se esta encerrada en casa: i principalmente en la Corte Portuguesa se llaman donas las mugeres casadas, i donzellitas las que no lo son: aunque sucediese (como ya avia sucedido) estarse Virgen la casada, i no tal la donzella: por quanto estos nombres, o titulos no respetan a las costumbres, sino al estado: i que sobre todo se respetava aqui al de dona Ines, porq era una de las Damas de Palacio que entonces se llamavan donzellitas, atendiedo a sus oficios i no a sus edades, i virtudes; si bien a los principios de la elecion de mugeres para aquel puesto se atendio a lo uno, i a lo otro: i q aun agora en las casas que vivian al uso antiguo se llamavan assi las tales mugeres: i que no obstante contra esto el llamarse oy damas, i no donzellitas: porque essa palabra era inventio de ciertos Poetas, que

D fun-

E

fundandose en sonido de palabras, dixeron ser dama, mas sonante que donzella: i que los tales no tenian credito alguno en el Parnaso: i lo que era mas, que esto hazia en favor de! Camoens: porque sucediendo el nombre de dama al de donzella, sin averse innovado en la sustancia del puesto que tienen en Palacio; era cierto, que esto de dama vulgarmente quiere dezir muger moça, i aun manoseada; i tanto se llama assi la que tiene marido, como la que no le tiene. I que en ello no se resperasse a edad, o virtud, sino al puesto de criada, se via claramente de la Escritura sagrada en algunos lugares: i entre los que truxo el caudaloso Apolo, puse en memoria estos. El cap. 24. del Genes. entra diciendo, que Abraha embio el criado mas viejo de su casa, a buscar muger para su hijo Isac: *Dixitque ad servum seniorem dominus sue, &c.* I adelante nu. 52. le llama muchacho: *Quod cum audisset puer, &c.* I assi en otros lugares hasta el fin del capitulo, aviendole llamado hombre, por todo el: i esta la Escritura llena destos ejemplos. I vulgarmente se llaman moços los criados: i en las tiendas de todos oficiales de casi todo el mundo, llaman assi los dueños dellas a sus servientes. En Italia, garcones: en Espana mancebos: (palabras que valen esse puer de la Escritura) aunque sean de mucha edad: i esto mismo vale aca el donzella. I al contrario, siendo el puesto de dueñas en estos propios Palacios, de mugeres vindas, no solo hemos visto algunas con menor edad, que las que sirven de donzellitas, sino estar en reputacion de donzellitas las propias dueñas; i no darsele ese titulo, porque no lo pide el puesto en que siruen. I porque Apolo al dar desta sentencia estaba con el humor de algunos Predicadores; i Ministros: que a aquellos, ni lo sagrado del pulpito, i a estos, ni lo severo del Tribunal les puede quitar el decir gracias, sonriendose para los circunstantes, refirió dos cuentos graciosos, i ajustados al propósito. Vn novio (dixo el) al entrarse con su espousa la primera vez en el talamo, le pregunto: *Si era donzella?* i ella respondiole: *Que donzellitas jamas las avia avido en su linage.* I es, que a moça entendio le preguntava, si avia servido a alguna señora: porque otra cosa dificil fuera de entederse: i el bobo que tal pregunta hazia, era digno de no hallar lo que preguntava, en el sentido que hizo la pregunta. Allá os lo refiere Rusceli en el c. 9. de nuestro Ariosto, sobre ei verso: *Quante morte vi sìam donne, & donzelle.* Vna moça (i es el segundo cuento) entrando a confesar fue preguntada del padre espiritual: *Que estadio tenias* Respondio, que de donzella. I como en el discurso de la confession tuvo testimonios, de que no era en obras lo que avia dicho de palabra, le dixo: *Pues hermana, como ba dicho al principio que era donzella, diciendo agora effas cosas?* Respondiole: *Pues, Padre, yo soy donzella de mi señora.* Sino la sala con una no moderada rila del auditorio, a los dos cuentos que la provocaron: i apla-

Tomo 2.

A cada ella al son de un golpe, que Apolo dio en e solito con un pie, replicaron los acusadores, que Dona Ines ya no servia en Palacio al t. epo des- ta accion; i que assi no tenian lugar las razones, i los cuentos en defensa del Poeta. Ni esto os ha de valer(dixo el) porque el dexar de ser dama de Palacio, no le pudo quitar el aver o sido, ni el titulo, que siendo honorifico, sigue la persona con sus privilegios, mientras vive; de que hallareys mucho en los suristas. Mas porque no pen leys, q me quiero valer dellos, si los teneyss por sospechosos en torcer el entendimiento de los textos, i de las Leyes, os multrare como el Poeta sin atender a la ocupacion, o puesto que Dona Ines tuvo en Palacio, la llamo donzella, ingeniosa, i dozamente. I este sea el segundo punto de nuestra len- tencia. El Poeta quiso enternecer este lugai (i co- siguiolo) con decir donzella: porque siempre se siente mas el golpe en lo mas tierno significado en dozella; i juntanente pintar lo deñado de Doña Ines: i por esto llamandoia donzella la compa- ro con la bonina cortada antes de tiempo, que es flor de poca dura, como Ines de pocos años, i de regalo singular, expresado casi en la nultima voz, bonina, que no se puede pronunciar sin ternura regalada, de sonido blando. Los padres amoro- sos llaman a las hijas, que les tienen dado nietos, ninas por ternura i por la de los ojos se llama ni- ninas aquellas mejores, i mas delicadas partes de- llos. Nuestro judicion. suno Poeta en la estancia 6 i. del cant. 9 dice: *A rosa bella, qual reluze nas faces da donzella:* no tratando de que es vng. n, sino de que es moça, que tiene en la color del rostro los resplandores de la juventud: dando a enten- der, que en este estado estava alli la rosa, no vieja (que tambien ay rosas viejas, devanne este co- fuelo las damas gastadas del tiempo) sino moça: no en el boton en que esta virgen, sino en lo virgo- roso de la ostentacion de su beidad. I porque has- ta el lugar de puer, que truximos de la Escritura, en el sentido de criado, se vea en este de significa- cion de lozania hermosa en edad no mucha, veys aqui Bion Smirneo en el Idilio 1. quando muerto Adonis, Venus llama por el, llena de dolor, i des- feo, *puerum vocans, llamava*(dice el) *Venus el ni- ño: i era un nino Adonis, que luchava en las selvas con los javalies, i lograva el fruto del amor lascivo con la Diota: i assi mal le huviera llamado ni- ño, o puer, sino lo huviera hecho por imagen de ternura, i lastima singular. Con esta ponderacion llamo Virgilio en la Egl. 5. moço a Cesar, muerto lastimosamente, solo para lastimar mas: *Et puer ipse fuit cantari dignus:* temiendo ya Cesar tanta edad entonces: i assi Daphnis es Cesar, confor- me a algunos expositores. Mas. A una muger que no sea casada, sin que sea dozella, se puede llamar virgen, como viuda a la casada, porque se aparta della el marido con alguna ocasio. Plauto en Scico llama viuda a Penelope ausente Ulysses: *Credo ego miseram fuisse Penelopem soror suo ex animo,**

Gg 5

qua

qua tandem vidua viro suo caruit. Ovidio en Dejanira, Seneca en Agamenon asfi otros Autores, sin tocar a los Juristas, porque tengo jurado en la Estigia laguna de no valerme de ellos en este genero de letras, aunque se me ofrecian buenos lugares de las suyas para este intento. Mas. En Griego, donzella, o virgen se deduze de *vigor*: de fuerte, que a qualquier muger de edad florente se pue de dar este titulo. Por eso Euripides en Ione dixo de una corrupta, *virgo parens*: i vulgarmente para distinguir la casada de la que no lo es, se suele decir: *Es donzella*, sin atender mas de a que no es casada. En Roma huvo una fuente, que se llamo Virgen, solo porque una muger la descubrio, i no constava, que la tal muger fuese virgen, sino que la llamaron assi, por no saberse entonces, que era casada, i verse que era moça. El otto dia al tiempo que yo en el Orizonte de Madrid estava atascado por el otro Hemisferio hasta los ombros, vi todavia que llevavan a enterrar una mocetona, que avia, sin ser Ossa, sustentados de si misma algunos dias; qniero dezir, que fue con muchos galanes, lo que Daphne no quiso ser conmigo, i entre otras insignias llevava una palma en las manos, i una corona de flores en la cabeza. Dijo uno que sabia su vida: *Como usurpa la executoria de las virgenes?* Respondieron personas doncas de uno i otro sexo: *No usurpa: porq si no son fiadores la corona, i la palma de lo virge de moça, son lo de lo moco de virgen.* Para llamar nueva a la cera no vieja, dice los Portugueses: *Cera virgen:* i tambien, *cera bella:* de que se ve, que por el bella, usan del virgen: cosa que tendra alguna semejança con un lugar de la Escritura, descriviedo a Raquel, como luego veremos, que la llama virge pot bella. I si Orozco en su Tesoro Castellano enseña, que *donzel*, vale solo, *adolestens*: porque no tendrá, *dozella* el propio sentido en las mugeres, significado la poca edad? Haze a esto el dezir el mismo, que *donzella*, solo en sentido riguroso significa la virgen, o incorrupta. Donzel se llama a un pino nuevo; i donzel a un vino suave i regalado, q lo es solo despues de anejo. Miraldo en el propio Autor. I ultimamente no ay duda, que el fin, el medio, i el principio desta musica de nuestro Poeta, en la muerte de Ines, todo suave, todo sentido, i todo tierno, persuade, que en su gra erudicio le llama dozella, ya no por todas las razones apudadas, sino por obligarse a esta suerte de cato suavissimo, pues allá encotrareys en las letras humanas que en las horas funerales de los Varones claros se tocavan instrumentos de sonido aspero: pero en las de donzelladas solamente flautas: instrumento de voz, que se puede llamar armonia suavissimamente flebil: i con esta celebro aqui este gran hombre las obsequias desta moça. I supuesto, que en esta ocasion no se usava deste instrumento, sino para hazer imagen de la ternura de la difunta con el, sirva esto para lo dicho, de que el llamale donzella en un canto tan suave, que parece

A el de la propia flauta, solo sirvio para encarecer essa ternura en Dona Iues, i comover los animos a mayor sentimiento. Resta que veamos si a caso ay algun lugar en los grades Autores, que el Poeta imitasse en este; pues siendo su costumbre perpetua hablar por la boca de todos, conociedo los que hablan por la de la suprema divinidad, no es creible, que en tal ocasion se descuydasse. En el propio cap. 24. del Genes. que ai queda citado, se dice de Rebeca qilo: *Ruell'a decora nimis, virgo que pulcherrima, & incognita viro.* Veys ai como la pluma superior, que no pudo errar, llamando virgen a Rachél, anadio que no era conocida de varon, para asegurar la entereza de virginidad que poseia; adonde parece que no le llamo virge, sino para llamarle hermosa, i tierna: pues a aquel titulo no juntó otro epiteto, sino este. Admirable lugarsin duda. Pero creo que no es menor estroto de Iudic, quando (cap. 15.) al cantar la victoria que alcanço de Holofernes, dice: *Et virgines in captivitatem*: para dezir, que ya no llevaria el enemigo cautivas las mugeres, a lo menos no casadas, de Betulia: ni es menor estroto de Job, con que entra el cap. 31. *Pepigifædus cum oculis meis, ut ne cogitarem quidem de virgine.* Lo que lob quiere dezir aqui, es, que estaba de acuerdo co sus ojos para no mirar a mugeres, por huir la tentacion de la scivia: i para dezir qualquier muger moça, o edad que mas despierta essa teracio, dixo virgen: sin atender a la pureza, sino a lo juventil, i hermoso. Vengan agora los validos singulares de nuestra Aula, i Coro de las Musas, a dezirnos si por ventura trillaron esta senda. Home-ro Iliad. 1. llama a Criseida violada de Acniles, i Agamenon, donzella, que assi explica Eustathio el nombre de *puella*: i su tradutor Italiano Paolo la Badessa, llegando a este lugar, dice: *Che al padre sia renduta la donzella:* i alli explica el gran Comentador, que donzella esta por la poca edad, tenuia, i belleza. Mas porque no digays, que os embaraço la justicia co la dificultad Griega, usare de los Latinos. Virgilio en la Egl. 3. *Ego hae vitulam, &c. Binos alit ubere fætus.* Llamando ternera a la vaca dos veces parida; siendo ternera entre vacas lo mismo q donzella entre mugeres: i hallan los expositores del altissimo Poeta, i Nos lo aprovamos, que basta para salvarse del crimen que le pudo imponer la ignorancia, el saberse que quiso dezir por aquel termino, que la vaca era de poca edad, hermosa, i tierna. I en la Eglog. 6. dixo por Pasifae, que andava llorando su virginidad perdida: *Ab virgo infelix, tu nunc in montibus erras!* Virgen la llama, sabiendo que avia parido no menos que otras quattro veces (como Ines) al Minotauro, a Fedra, a Ariadna, i Androgeo. I en el 3. de la Georg. hablando de Ero, quado se matto por Leandro: *Nec moritura virgo:* constando de actos publicos, que ya el avia citado con ella en un camarin, i quebrado ciertos vidrios en ciertas porfias. I en el 7. de la siempre sola Eneyda este

elio lugar, que para esta ocasion vale un pino de oro. A su madre de Lavinia, dice a Latino, para persuadirle, que no case su hija con Eneas; que apenas estaria casado quando huiria; i dizele de este modo.

— *Quam prima Aquilone relinquet*

Perfidus, alta petens, abducta virgine prædo?

Agora bien. Si Eneas despues de casado con Lavinia huiria con ella, conforme al temor de Amata, como estaria ella virgen, quando huyesse con el, pues dice Amata que le huiria con la virgen? Ni el agudo, galan, i judicioso Oracio en la od. 4. del lib. 1. quiso decir, si no damas usadas a galanes, quando dixo:

*Nec tenerum Lycidæ mirabere, quo calet iuvætus
Nunc omnis, & mox virgines ptebunt.*

Veanlo las partes advertias. Mas claro, i mejor en la oda 8. del lib. 2.

Miseræque nuper

Virgines nuptæ, tua ne retardet

Aura maritos.

Dize el Poeta a Barina, que es tan hermosa, que los maridos de las virgenes no hazen caso de sus mugeres, por hacerlo mucho della: o que por lograrse della, no se logran ellas dellos. Pues como eran virgenes si eran casadas? Seneca en Hercul. Fur. act. 3. en el Coro: *Virgines non dum thalamis ingitæ: i por la cuenta dixerat Seneca: Virgines ya usadas al talamo; por las casadas; pues por las que no lo son, dize virgenes aun no casadas.* I huele al mismo pensamiento el buen Mantuano, a quien hemos concedido semejantes privilegios del decir, quando de la virginidad dixo: *Innuba semper virginitas: mostrando, assi uno como el otro, que la voz virgen se estiende a mas significacion, que la de la entereza, o incorrupcion.* Cierre Xenofonte las citas con aquel lugar atrevido, en que para llamar niñas a las de los ojos, las llamò virgenes: *Virgines oculorum:* Pues que quieren decir estos Autores, quando llaman virgenes a mujeres corruptas: i quado al hablar de las incorruptas añaden (al modo de la Escritura sacra a traída de Rachel) que aun no son casadas, o conocidas de varon? Señorío, que en todos estos lugares, i otros, que arrojo por brevedad, el virgin es imagen de la ternura, delicadeza, beldad, regalo, edad poca, sin atender a otro algun fin, o significacion. I assi el grandissimo Camoens ha procedido como se esperava de sus estudios, ingenio, i juicio; i usado con gran respeto de los poderes que le hemos concedido en la poetica divina, i de nuevo con estos honores verdes de nuestra amada Dafne, i con estos resplandecientes de nuestra corona, le confirmamos en el asiento, que de justicia le toca, de ser el tercero del primer banco de los grandes, de nuestra mano derecha, esperando que Homero, i Virgilio, que son el primero. i el segundo, de cortesia le pondran entre si; i aun de obligacion por la honra que les hizo en imitar los mejor que ningun otro; pues con esto ellos no

A pierden de quien son, i el lograra lo que merec: porque solamente se lo quita el aver venido mas tarde. I los acudidores tengan solo por castigo el besarse el pie: de donde creen se levantarán con ciencia para no meter la mano en obras que encierran misterio, sin aver hecho primero grande examen. Callo Apolo, i sucedio a su silencio la armonia de los instrumentos de las Musas, que desde su Coro estavan oyendo la sentencia, por aplauso della. Pero entre tanto un moço de Camara de Apolo, saliendo del auditorio en que se hallava llegandose a el le dixo al oido (segun luego se entendio de lo que abaxo diremos) que algunos de los oyentes le acusavan, de que siendo una ciudad gentilica, huijiesse usado de algunos lugares de la Escritura sagrada en su Tribunal, i en esta sentencia. Dissimulando aguardò a que callasse las Musas, i dixo. Porque la experienzia me tiene ensinado, que ni aun la propia limpieza de mis rayos està essenta de que procure descubrir manchas en ella la ignorancia, i sospecho que alguno dirá, que impropiamente he usado de los lugares de la sagrada Pagina: yo con voz ta clara como mi luz, os digo, que de todas las criaturas del verdadero Dio (siendo los Angeles, i los hombres las que mas le devian) ninguna como ellos le han ofendido: porque el Angel mas valido con todo su tercio se revelò: i el hombre mas perfecto por querer ser como Dio perdió su gracia: i sus sucessores por la mayor parte, unos se dexaron llamar Dioles, i otros llamaron sus Dioles a lo que no solo eran criaturas de Dio, sino a algunas en que no concorrian calidades, que si quiera pudiesen disculpar el desatino. Sustentòse la fidelidad en pocos hombres, i en muchos animales sin razon, para mayor verguenza de los racionales: i tambien se sustentò en las esferas i Planetas, que siempre estuvieron firmes en la obediencia, i reconocimiento a su verdadero Autor: entre los cuales yo no doy un passo sin orden suya. Vosotros ignorantes de la verdad me llamastes Dio, siendo yo no mas de un fiel ministro suyo. Sea vuestra la culpa, que no mia. I ya la fidelissima Teris os desengañò desse yerro, por la pluma de nuestro grá Poeta en la est. 82. del cant. 10. confessando que ella i las otras llamadas Deidades, no consienten en estos titulos divinos que vosotros les distes, atendiendo a vuestros gustos, o a vuestras malcades: i

E reconociendo la mano superior la està reverenciando en todas aquellas valentissimas estancias, i misteriosos pensamientos. Dessa propia manera es licito a mi usar de unas i otras letras para vuestra enseñanza, como fiel ministro dei Autor verdadero dellas, de cuyos poderes usò, en la parte que me son concedidos, obedeciendo a sus sagrados escritos, pues quando en el Salmo 148. manda que toda criatura alabe a su Criador: en tercero lugar me lo manda particularmente, diziédo: *Laudate eum Sol, & Luna: laudate eum omnes stelle, & lumen.* I como es possible que estrañey

ñeys, que yo tenga noticia de una escritura, adonde esti mi origen, i mis acciones de que mas merecio? Por dicha no soy yo aquella criatura del quarto dia de la obra del Autor de todas, como os enseña el cap. 1. del Genesis? Por dicha no soy yo el Presidente de las horas, que las hize parar para que el valiente Iosuè execuasse aquella hñaña, que era a satisfacion de su Dios, i uno, como parece de su historia? Por dicha no soy yo aquél que me enluté primero en la muerte del Hijo del propio Dios, como os lo dizen sus quatro infalibles Cronistas? Reprehended, pues, reprehended en hora buena los errores que merecieré reprehensio: pero reconoced primero quales son los que la incitan. De modo, que no solamente offendiles a vuestro Criador, sino que os ofendeyes de que yo le reconozca? Sino aveys alcanzado el misterio con que este glorioso Poeta ha usado de unas, i otras voces: destas, i de aquellas Deidades, para que le censurays? Tiempo vendrá en q un espíritu zeloso de su honra, que con buenas esperanzas cursa agora mi Escuela, os reduzirá sin duda al conocimiento de aquella va étitísima poesia, que para vos esti, como yo tal vez para el mundo, entre las nñvés. Aguardalde confiados, porque yo os le prometo: i os lo muestro desde agora. No le veys, entre aqueilos modernos desfiegos de nuestra ciencia, con la pluma, i carta en la mano? Si: ya le veys. Pues tened entendido, que esti poniendo en memoria lo que nos ha oido, para publicarlo a su tiempo. Dalde credito. Bolvió Apolo a hazer silencio. callaron todos: i bolvieró las Musas a aplaudir lo dicho con sus instrumentos. Levantaronse: i Homero, i Virgilio al recogerse llevaron entre si al gran Camoens a pesar de los gozquejos del Patnaso: i a plazer de los q podian ser interessados en aquella honra. Los veneradores de los Raguallos del Bocalino, sufrian este: i continuemos con nuestra labor.

T Secas do rosto as rosas, e perdida a branca,
e viva cor co' a doce vida. Virgil. lib. 11. en la muerte de Camila: *Parpureus quondam color ora reliquit.* El buen Garcilasso Eglog. 3.

Q uai queda el blanco cisne quando pierde
la dulce vida, &c. En la muerte de otra señora: asi todos frequentemente.

Q Viva cor. Entiende por color viva, la que suele aver roja en las mexillas, i labios; que viene a ser las rosas entre la nieve, q veremos en la estacia 36. del cant. 9. i todo esto se convirtió en pálido i cardeno: colores de la muerte, como la experiencia tiene enseñado.

CXXXV.

As filhas do Mondego, a morte escura
longo tempo chorando memoraram;
e por memoria eterna em fonte pura,
as lagrimas choradas transformaram:
O nome lhe poseram, que ainda dura,

A dos amores de Ines, que ali passaram.
Vede que fresca fonte rega as flores,
q lagrimas són agua, e o nome amores.

L As hijas del Mondego llorando memoraron largo tiempo aquella oscura muerte: i por eterna memoria transformaron las lloradas lagrimas en una purissima fuente. Pusieronla el nombre (que aun permanece) de los Amores, por los de Ines que alli passaron. Ved que fresca fuente riega las flores, que lagrimas son agua, i amores el nombre.

T As filhas do Mond. &c. Bion Smirneo E. 111.
1. en la muerte de Adonis: *Et Nymphæ plorant Oreades*, &c. Virgil Eglog. 5.

Extinctus Nympha crudeli funere Daphnium Flebant, &c. Muerto aquél moço: i en el 4. de la Georg. muerta Euridice:

At chorus aequalis Dryadum clamore suprenos Implerunt montes. Ovid. Met. 2. en la muerte de Narciso: Plangere sorores Naïdes, &c. Plorarent Dryades: i estas son las Ninfas del Mondego: i en Real das ilhas damas de Coimbra, i áu de Portugal, entendido por la Corre, que entonces residia alli: I finalmente quiere decir, que la hermosura lloró la muerte de Ines, que era su caudal i crédito de puro hermosa. Lugares que se corresponden a estos, quedan sobre la est. 84.

T A morte escura. Ya assi en la est. 127. quiere decir muerte violenta, desdichada.

T Longo tempo chorando memoraram. Dize, que por gran longitud de tiempo se lloró aquella muerte: i el propio verso está con una longitud en la composición i palabras que parece que nunca se acaba. Ello sue assi: tan largo tiempo se ha llorado aque'l suceso, que aun oy se llora.

T E por memoria eterna em fonte pura, as lagrimas choradas transformaram. Galanísima metamorfosis de las lagrimas que las damas lloraron por Ines (a demás de aludir a la costumbre antigua, de guardarse en vasos las derramadas por los difuntos) con la ocasión de una fuente llamada de los Amores, en cuya margen, dizen las tradiciones, lograva el Príncipe los de D. Ines; q por la cuéta devía incluirse en los claustros, o jardines de Palacio (oy permanece) i llamose suerte de los Amores, o porq allí se hablava, o porq allí fenezieron, pues juto a ella fue degollada Ines: o por todo, para q el P. cõ gala diga, que essa fuente resultó de aquel llanto de Ines, viendo que la matavan; i de las damas viéndola muerta: I para que viniese aquí bien lo de Bion aí citado, en la muerte de Adonis, de las lagrimas de Venus por él. *Hac verò omnia in terra convertuntur in feras:* i lo de Ovidio, que sin duda imitó nuestro Poeta por remate de los amores de Biblis, Met. 9.

*Sic lacrymis consumpta suis Phœbeia Biblis
Virtitur in fonte, qui nunc quoq; valibus illis
Nomē habet Domine: nigraq; si bilice manat.*

En el 13.º lo de las lagrimas de la Aurora, transformadas en perene rocio: *Nunc quoque dat lacrymas, & toto rorat in orbe.* Así soliendo fabrico aqui nuestro Poeta del.issimo una lemosa fabula.

¶ *Vede que fresca fonte rega as flor.* &c. Pondera si bien la ponderacion del Poeta, despues de aver dicho, que ja fuente era de lagrimas de hermosas damas, i el nombre derivado de finissimos amores. El mismo os manda que lo pondereys: ved que fuente, pues tiene por nombre Amores, i por corriente llanto hermoso. Pobres de caudal nos haliamos para celebrar la invencion, las locuciones, i los afectos desta estancia, i otras temejantes, que son muchas por todo este poema. Rindiase la emulacion, corrase la embidia, i de lugar a la verdad, i con el temor de escrivir le reverencien los ingenios a tan gran hombre.

CXXXVI.

Na correo muyto tempo que a vingança nam viisse Pedro das mortais feridas, q em tomado do Reyno a governança, a tomou dos fugidos homicidas.

De outro Pedro cruissimo os alcança; que ambos imigos das humanas vidas, o concerto fizeram duro, e injusto, q co Lepido, e Antonio fez Augusto.

No corrio mucho tiempo, que Pedro no viese la vengança de las mortales heridas: porque en tomando el govierno del Reyno, la tomo de los homens las huidos. Alcançoles de otro cruelissimo Pedro: que enemigos ambos de las vidas humanas, fizieron el injusto i duro concierto, que hizo Augusto con Lepido, i con Antonio.

¶ *Nam correo muyto tempo que a ving.* &c. Entre Do Pedro a governar su Reyno el año 1357. en que murio su padre: i la primera cosa de que trato, fue de vengar la muerte de su Ines, en las vidas de los que la mataron.

¶ *Vingançd.* Bien dize el Poeta con cuidado, *vengança*, porque el modo con que se huvo Don Pedro en tomar satisfacion de aquellos que mataron a Ines, mas parecio de vengança, que de justicia, como Inego vereyos: i entreranto veamos lo que diximos sobre la diferencia de castigo a vengança en la estanc. 117.

¶ *De outro Pedro cruissimo os alcan.* &c. Mais nuevas da aqui ei Poeta del Rey Do Pedro, diciendo, que alcanço aquellos criminosos del otro Pedro crudelissimo: porque assi queda llamado crudelissimo a nuestro Rey. En la estancia siguiente diremos lo que av en esto: i vengainos a la historia, que el Poeta aqui toca. Estos homicidas, que son los que nombramos sobre la estancia 124. Luego que Don Pedro tomo el cetro huye

A. ron a Castilla, conociendo, que el se avia de vengar en ellos de la muerte q'e dicto a Don Ines: no les valio: porque el Rey se acordó con el Rey Do Pedro, que entonces era de Castilla, el que por sus acciones consiguió el nombre de Cruel, para que se los hiziese entregar a trueque de otros Cavalleros Castellanos que andavan en Portugal i el Rey de Castilla deseava tambien coger con la amistad del de Portugal. El acuerdo en secreto fue, que un cierto dia serian presos los Castellanos en Portugal, i los Portugueses en Castilla, para que no se pudiesen escapar unos con lo que viessesenstar con los otros. Así se hizo. Pero de los tres Portugueses se esapo Diego Lopez, que avia sentido el olor de la diligencia. Los dos fueron llevados a Portugal, i el Rey les hizo sacar los ojos vivos, al uno por las espaldas, i al otro por el pecho, i quemarlos despues, co otros castigos crueles, i que lo parecieran mas, si ellos no fueran tan prouocados con sus acciones. Pedro Coello viendose en aquella trance, i hostigado con un azote, con que el propio Rey le dio por la cara, solto algunas palabras: i el burladose del i dellas, dixo: *Trayzan cebolla, azezte, i vinagre:* dan sole a entender, que avia de ser asado, i aludiendo al apellido de Coello, que en Portugues vale conejo, que asado se fazona vulgarmente co cebolla picada, azeyte, i vinagre. Al fin le quemmo como diximos.

¶ *Ambos imigos das humanas vidas.* Parece q vi igualando en crudeldad al Rey de Portugal co el de Castilla. Veale lo que diximos en nuestro epitome de las historias Portuguesas a este propósito, en la vida deste Rey.

D. ¶ *O concerto fizeram duro,* &c. Ninguna crudicion se escapo al Poeta. El Emperador Octavio Augusto por sus particulares intereses se unio con Lepido, i Marco Antonio, no siendo amigos, i fueron cruel estrago de muchos hombres grandes, entregando uno a otro los que tenia en su poder: i finalmente vencieron a Bruto i Cacio, matadores de Cesar: compara el Poeta este hecho al de los dos Pedros, conjurandose contra sus enemigos, contra la inmunidad del sagrado Real.

¶ *Duro, e injusto.* Aqui vereys como el Poeta era ajustado, aunque llora mucho la muerta Ines, i culpa mucho mas a sus matadores, llama dureza, i injusticia al modo con que el los castigo, i procura alcançar, i aun fue peor el de alcançarlos, que el de punirlos.

E. CXXVII.
Este castigador soy rigoroso,
de latrocinios, mortes, e adulterios;
fazer nos maos cruezas fero, e irolo,
eram os seus mais certos refrigerios.
As Cidades guardando justicoso,

de todos os soberbos vituperios,
mais ladrones castigando à morte deu,
que o vagabundo Alcides, ou Teseo.

Este fue riguroso castigador de latrocinos, muertes, i adulterios: sus mas ciertos regalos era hacer cruidades, i era i airado en los malos. Guardando justicioso las Cidades de todos los vituperios soberbios, dio, con castigo, mas ladrones a la muerte, que el vagabundo Alcides, o Teseo.

¶ Este castiga. &c. Dize el Poeta en la estancia las particulares inclinaciones del Rey Don Pedro; que eran contra soberbios, ladrones, adulteros, i homicidas: i comparale a Alcides, i a Teseo, que andavan por el mundo deshaciendo tueros: i la razon porque lo dice, diremos sobre el ultimo verso.

¶ Delatrotinios, mortes, e adulterios. A cada una deitas culpas dio el Rey, varios, leveros, i tal vez graciosos castigos. De cada uno traeremos algun exemplo. Con los ladrones no tenia paciencia alguna, i a esse passo era la piedad i trayendo siempre un agote pendiente de la pretina, tal vez hostigava la cara de algunos con el. Con los homicidas tambien usava rigor si eran notables. Mató un Clerigo con mas de mal animo, que de ocasion a un hombre: i en el juicio Eclesiastico le condenaron aque no usasse el oficio, o dignidad de Sacerdote. Pareciendole al Rey injusto, que quedase con vida un tal hombre, mandó en secreto a un cártero, o albañil, que matasse aquel Clerigo; i hallandose a la sentencia del matador, dixo, que pues en el juicio Eclesiastico condenaró a un Clerigo a que no exercitasse su oficio por matar a un hombre, que el en su juicio Real condenava a un cantero, que no exercitasse su oficio por matar a un Clerigo. Con los adulterios. Supo que un privado suyo entendia con la muger de un Alcalde, i luego le mandó cortar aquella parte que era instrumento del adulterio. Aviendo unas fiestas publicas vio el Rey en la plaza un hombre, de cuya muger sabia que le afrentava con otros pareciole que en aquella ocasion estarian juntos los adulterios, hizo diligencia por saberlo, i certificandose q si, mandó poner fuego a la casa, i ardieron ellos con ella: i como sabia que esto estaba hecho, antes que se acabasse la fiesta, embió a dezir al marido que andava en ella, que mas cuidado tenia de su honra que el, i que ya llevava vengado. Otros ejemplos se vean en su vida en nuestro Epitome, que son notables: i mejor será que vea la historia quién la tuviere: i a Duarte Nuñez de León, que se muestra muy adverso al Rey por estas sentencias. Pero como Duarte Nuñez era Legista, i el Rey sentenciava sin Legistas, queda siendo sol pechosa su contrariedad, como los Medicos, que blasfeman de quien se cura sin e los. Tambien castigava con fuego las casas adonde se jugava suelamente.

A **¶ Nos mos.** Cuidado del Poeta declarar que en los malos era que el Rey executava la ira: porque para los buenos siempre tuvo el premio diligencioso, i decia, con o Tito, que el dia que no hacia algun bien, no avia sido Rey.

¶ Eramos seus mais certos refrigerios. Dize, q los regalos del Rey Don Pedro, eran singularmente los castigos que dava a los malos: i tiene correspondencia con esto, el hallarse en algunas memorias, que si estando comiendo traian algun criminoso, allí le hacia venir, i castigar: i que mientras se puso el fuego a los que mataron a Doña Ines, i ellos ardieron, por ser a horas de comer, estuvo comiendo enfrente de las llamas.

¶ De todos os soberbos vituperios. Quiere esto decir, que defendia la gente menuda la plebe de las insolencias de algunos señores, i Cavalleros, en quien suele obrar la soberbia co demasiadas. Un exemplo. Cierto Cavallero, o escudero con humos de infierno, embió a pedir prestadas unas tazas a un labrador, i porque el no se las prestó fue a su casa, i cortóle los aros de las cubas, i hizo correr un rio del vino de ellas. Fueste el labrador a el Rey, i el embió a llamar al Escudero: preguntó e si era aquello verdad: no lo pudo negar: i el Rey le condenó aovgado, que era la pena que entonces se dava a los ladrones, pagar nueve veces tanto de lo que valia el delito heclio: i luego tomando de la mano al labrador se lo entregó, i dixo, q de todo el daño que sucediese desde allí adelante a aquel hombre el le avia de dar cuenta. De modo, que contra aquel soberbio embió el Rey el labrador medrado de hazinda, i seguro de vida: considerando, que un señor con animo escuderil, o un escudero con humos señoriles, avia de procurar desminuir en la vida del pueblo, lo que el Rey le avia desminuido en la bolsa.

¶ Mais lgarens castigado. &c. Pareciole bien al gran Tasso celebrar esta virtud de castigar ladrones en el Pontifice Aldobrandino de la misma fuerte que lo haze aqui mi Poeta en Don Pedro. Conquistata lib. 26. est. 143.

Purgando de i ladroni i varco, e il guado.

I el maravilloso Sixto Quinto serecio tanto de illa, que una de las representaciones que hazen las esculturas de su entierro, es la de los ladrones, de que limpian los caminos.

¶ Vagabundo. Porque Alcides, i Teseo andavan por el mundo dando castigo a los malos: i el Rey Don Pedro esto mismo hacia en su Reyno, por el qual andava, como si fuera un Alcalde, informandose de los delitos, i castigandolos, sin a guardiar a que viniesen las partes conellos a la Corte, a pedir justicia, i perder tiempo. No ay duda, que algunas acciones del Rey en los castigos, a la primera vista son asperas. Pero lo cierto es, que fue Rey excelente, i que en su tiempo tuvo justicia derecha; castigo para los malos, premio para los buenos; piedad con el pueblo, pôpa Real en los actos honorificos del Reyno, i mucho res-

ro. Acechava ladrones, i facinorosos, como el cazar la caça; i limpiava el Reyno dellos, como la Cigüeña de cavandijas la camp. sia: conociendo, que es Capitan General dellos, qnien los deve hacer buscar, i no lo hace. Bastó a llamarle cruel, el ser mas inclinado a la justicia, que a la misericordia, sin considerarle que ay tiempos, i eurpas en q la piedad teria vicio. A como al fin se canta a gloria, Horandole el Reyno todo en su muerte, decia que tales diez años como los de su Reynado, ni los tuvo antes, ni los avria despues: i que o nunca huviera de nacer, o nunca huviera de morir.

CXXXVIII.

Do justo, e duro Pedro nasce o brando,
(vede da natureza o desconcerto)
remiso, e sem cuidado algú, Fernádo,
q todo o Reyno pos em muyto aperto:
Que viñdoo Castelhano devastando
as terras sem defesa, esteve perto
de destruirse o Reyno totalmente;
q hum fraco Rey, faz fraca a forte gête. C

DEl justo i duro Pedro (ved el desconcierto de la naturaleza!) nace el blando, remiso, i sin cuidado alguno, Fernádo, que puso todo el Reyno en mucho aprieto: porque viiniendo el Castellano devastando las tierras sin defensa, estuvo cerca de destruirse totalmente: que a la valerosa gente la haze flaca un fraco Rey.

¶ Do justo, e duro Pedro. Todavia dice el P. su sentimiento acerca del titulo de Cruel, que el tiempo dio a este Rey: i concluye, que fue justo, aunque fue duro. Sí de Miranda en la Elegia a la muerte del Principe Don Juan: assi (aunque grosferamente.)

Pedro que amores teve co' a justiça

Real, e nam cruel inclinaçam:

Fez Moyses fez Samuel i fiti carniça.

¶ O brando... &c. Del Rey Don Pedro fue hijo el Rey Don Fernando, que en mala opinió corrío casi la fortuna del Rey Don Sancho Segundo; i ellos ambos no fueron tan malos, como algunos de sus validos, que apoderados de su voluntad les pusieron la hora en litigio: que esta es una de las peores fortunas de los Reyes, que se dexan governar. Si se haze cosa buena en su tiempo, la alabanza es de quien le govierna: si mala es la afrenta suya. El caso que entra a referir el P. es, q nuestro Rey Don Fernando (a imitacion del Rey Nino, que enamorado de Semiramis la quitó a su marido Menon, i se casó con ella) viendo a Doña Leonor Tellez, muger de Juan Lorenzo de Acuña, se enamoró della, de suerte que la usurpó a su marido, i la recibió por muger. I esta accion no desagrado a algunos Portugueses, para ser motivo de desobedecerle, aviendolo sido para depo-

A ner de la Corona al Rey Don Sancho, el desagrado, i un castigo limpio, quando no subiune, que este Rey hizo: son hija de un señor de Biscaya. Mas esto procede de que la conciencia humana, en no queriendo sbonina la virtud como el vicio; i en queriendo canoniza el vicio como la virtud: Pero tiene el trabajo de que el tiempo se pre viene a dar a cada cosa el nombre que ella merece.

¶ Vede da natureza o desconcerto. Pondera con razon el P. la variedad de la naturaleza, que llama desconcierto; qual es, que un padre fuerte rega un hijo floxo, i al contrario: esto veinos cada dia; i que pocas veces sucede lo que dice Oracio, que los fuertes engendran fuertes. Si algun curioso para ver más desto no tuviere a la mano otro Autor de más noticias, vea en nuestro discurso moral, i politicos, lo que diximos a este propósito en la Palestra, de la diferencia de hijos, i padres.

¶ Remiso, e sem cuidado algú. A la verdad el Rey Don Fernando fue floxo, i descuidado: però sobre lo que fue porque quiso, lo fue más porque lo hicieron ser assi. Pusose la Corona entrando el año 1267. en que murio su padre. Ercilla c. 2. Remiso i descuidado, &c.

¶ Que viñdoo Castelhano devast. &c. Los Castellanos como conocieron la floxedad del Rey Portugues, inundaron por el Reyno, ganando lugares, matando gente, i haciendo otros daños tā a poca costa, que una vez estuvo el Rey, i los que eran Reyes de su voluntad, viendo desde Santaré con las manos encajeadas en los sobacos, como corrían azia Lisboa las vanderas enemigas: i viendo subir al cielo el humo de un buen troço della quemada, i calentandose, como suele decirse, a las llamas de aquella honrada materia. I porque esto lo dije ya en mis historias Portuguesas, i fui condenado de algunos (devian ser parientes de aquellos validos) buelvo a dezirlo aqui, por no faltar a la verdad que estimo sobre todo, i sin ella no busco horas para una gente que las tiene fundadas gloriofissimas en ella, sin que este suceso se las pueda quitar. Zeloso era dellas el Licenciado Correa, i todavía en este lugar dice esto mismo, atrinandose a las noticias verdaderas, como yo lo hize en quanto pude.

¶ Esteve perto de destruirse o Reyno. Ercilla cāto 30. Estando de perdersel Reyno a canto.

¶ Que hum fraco Rey, &c. Así casi en la est. E siguiente, verso ultimo. Pero la verdad es, que el Rey no hizo flacos a los suyos, sino algunos de los suyos le hicieron fraco a el, alabandole acciones vanas, i viviendo de la alabanza: enfermidad, que siempre en las casas de los Príncipes será incurable.

CXXXIX.

Ou soy castigo claro do pecado,
de tirar Leonor a seu marido;

e ca-

E casarse com ella de enlevado,
num falso parecer mal entendido:
Ou foy que o coraçam fogeyto, e dado
ao vicio vil, de quem se vio rendido,
molle se fez, e fraco: e bem parece
q̄ h̄u baxo amor os fortes enfraquece.

O Fue claro castigo del pecado de quitar Leonor a su marido, i casarse con ella, de elevado en un mal entendido bien parecer: o fue que el coraçón sugero i dado al vicio vil de quien se vio rendido, se hizo la ciego i loco: i bien parece assi, que un baxo amor ensfiaquece a los fuertes.

T Ou foy castigo do pecado, &c. Con Octacio od. 6. lñb. 3. dà el Poeta por causa de las infelicidades de la patria el adulterio, robo, i tirania que el Rey cometio en tomar Leonor a su marido.

*Fecunda culpa secula, nuptias
Primum inquinare, & genus, & domos.
Hac fonte derivata clades
In patriam, populumque fluxit.*

G De enlevado. Biue uña del elevado, o abobado (que esto quiere decir) al tiempo que dice este disparate que el Rey cometio; porenc quien esta assi abobado, si obra algo son desfarnos solamente. Iva un písa verde puesto en un caballo galanteando una dama, i dixole uno, que mirasse que todo se iba cayendo de la silla: i el preguntóle a qual lado se caia? Enseñando assi, que quien se dexa abobar con seimejantes viñas, no solo ignora lo q̄ haze, sino que ni a si propio se halla.

T Num falso parecer mal entendido. En sus Rim. Eglog. 2. dixo el P. Num falso parecer de bum gego lindo. El falso avys de entender en dos maneras; o falso, porque la verdadera hermosura es la divina; o falso, porque la hermosura de las damas ordinariamente no es natural, sino fingida con unguentos, a bayaldes, i color, i otras inuenciones. El mal entendido, tambien de dos maneras se ha de entender. Mal entendido, o porque quien llega a dar casi adoracion a una hermosura humana, i tal vez por ella no se acuerda de la divina, que es la verdadera, mal entiende qual es el hermoso objeto, que dignamente deve ser amado: o mal entendido, aludiendo por ventura a lo que despues el Principe (siempre superior) de las Comedias de Espana, diciendo de las damas de Madrid (con aquella felicidad rara, i facilidad dificulta) en la Comedia de

*Te digo que estas mugeres
bien pudieran ser Letrados
Com tan lindos pareceres.*

Esto es aquello de una Satira, legando a un Letrado lo que dava malos pareceres, i tenia mujer q̄ que se hazi a hermosa.

*El Letrado, i su conforto
penan por varios efectos;
el por su mal parecer,*

A *ella portavelle bueno.*
A nos haze creerlo mas, el dezir, mal entendido. que es lo que suele acontecer en los pareceres de los Juristas, entenderse mal de algunos, i cansar el juicio: I puede ser que se entendio tambien assi Francisco de Sá, quando en la Eglog. 8. hablando de la belleza la Dama parecer con elle cansacio.

*O parecer que nos farta
com tanta força a vontade,
que tanto o juicio encurta.*

Tambien pudo el Poeta entender a que el Rey para juzgarse esta accion, hizo que Letrados dijesen pareceres, en que mostrassen, que Doña Leonor estaba ilegitimamente casada con su marido por parentesco que tenian: i fueron pareceres muy mal entendidos, o de malos entendimientos, que hablavan al gusto del Rey: porque el poder tiene muchos Bartulos a su obediencia; i nolo experimentó Portugal esta vez sola.

T Ao vicio vil. La sensualidad, i el ocio, que siempre se acompañan. El Poeta c. 7. est. 8: *Da quellos que em delicias, que o vil ocio, &c.* Pordicha que allá diremos algo.

T Molle se fez. Quiere el mole dezir delicado, esfuminado, iascivamente, no atendiendo mas de a poynarse, iellar con las ninfas en las faldas de la luxuria; i no tener accion varonil; i esto dice succedio a Fernando.

G Hum baxo amor os fortes enfraquece. Dijo el Poeta con esta sentencia al Amor la misma propiedad, que al Rey es obvia del fin de la estancia antecedente, i ambas son infalibles i luego en las que se siguen traera ejemplos, mostrando grandes Heroes arradiados a la lascivia, i danos grandes procedimientos de su rendimiento.

T Baxo amor. Bien cuidadoso especifica, que baxo, entendiendo ilicito, i l. scivo; que ese quita fuerzas; al revés del honesto, i divino, que las infunde aun en los flacos naturalmente, de que escufo ejemplos, porque son infinitos.

CXL.

Do peccado tiveram sempre a pena
muytos, que Deos o quis, e permitio:
os que foram roubar a bella Elena,
e com Apio tambem Tarquino o vio.
Pois por qué David sancto se condena,
ou quem o Tribu illustre destruió
de Benjamim? Bem claro nolo ensina,
por Sarra Farao, Sychem por Dina.

M Uchos tuvieron siempre la pena del pecado, que Dios lo quiso i permitio assi. Vieron lo los que fueron robar a la hermosa Elena, i tambien lo vio Apio con Tarquino. Pues, por quien se condena el santo David? O quien destruyó el illustre Tribu de Benjamim? Bem claro nos lo enseña Farao por Sarra, Sichem por Dina.

D

Go pecado. Entiende de aquel tó que entró la est. patuada; q es el de arrebatarse de un amor lascivo, o bestial, de modo, que quedando como irracional, comiera cosas un hombre totalmente agenes de razon; como es quitar la muger a su marido, porque le pareció bien; i por esto trae el P: exen. pios de los que lo hicieron, i semejantes, i los castigos que Dios permitio por ello.

Tiveram simpre a pena. Apuntó el P. en la est. atras, que los daños que recibia el Reyno con el mal governo del Rey, eran castigo del pecado lascivo de gravissimas circunstancias, como casar e con muger agena: prueba agora como siempre la hermosura fue causa de grandes males, i como estos siempre fueron castigados; usa para esto de las historias divinas, i profanas, crudura, grave, i elegantemente.

Os que fúram robar a bella Elena. Entien de los Troyanos, que porque Paris hijo del Rey Priamo fue a robar Elena a su marido en Grecia, fueron destruidos por los Griegos.

Ecom Apio. En Roma fue Apio Claudio Decemviro, que por querer, con mal titulo, lleno de luxuria, usurpar a Virginia, le acusó Virginio padre de la donzella; i demás de matarla por su propia mano, fue causa de que se extinguiesse el Decenvirato.

Tarquino o vio. Lucrecia fue muger de Tarquino Martino, i adulterada violentamente por Sexto Tarquino hijo de Tarquino Rey de Roma. Veian agora los judiciosos, qual de los tres Tarquinos vio (como dice el P.) la pena deste pecado. Nos parece q el adulterio; porq el vio allí vale sintió, tuvo, padeció la pena; i clia fue, que este Rey Tarquino, llamado el soberbio, i el adultero su hijo, i toda su familia fue expulsá de Roma, i extinta la dignidad Real. Añadese a esto, q el P. dice de Apio, que vió en si semejante castigo por la culpa que cometio contra Virginia; i así, pues el verbo sirve a este por esto, tambien ha de servir a esto por esto mismo. Si ya no es, que el P. pone un Tarquino por todos, pues todos vieron en si el castigo: i lo que es mas, que lo padeció el mismo adulterado, sin mas culpa, q la del nombre que tenia de Tarquino. Mas lo en q yo mas reparo es, que entonces por un adulterio se deshazian Príncipes, i grandes personajes, i agora veo, que hallándose un Cavalle o embarcado por aver un hijo suyo tomado la muger a un hombre, le dixo otro: De que os aflijis? Por ventura han de cortar la cabeza a vuestro hijo por esto? Como si no mandaran las leyes que se le cortase: i como si no fuera injusto el no cumplirlas.

Pois por quem David santo se condensa? &c. Petrarca Triumph. om. cap. 3. Amor crudele, e pravo, vince David. &c. Notorio es, qe David cometio aquello dos pecados de adulterios, i homicidio por Bersabé: porque aviendose vencido de su hermosura se logró della; i luego por quedarse con mas libertad, mandó matar a su mari-

Tomo 2.

Ado Vras: si huvose tan ciegamente, que tuvo necesidad de que Dios le abriesse los ojos para conocer su yerro. Agora.

Se condensa. Todo lo dice cō cuidado nuestro P. Advierte, que el mismo Dav il se condenó a si prop: o: porque estando ciego en aquel pecado sin acordarse de averle cometido, Dios le embió el Profeta Natan para que le despertasste, i dijese a entender, quan gravemente le tenía ofendido: i Natan entró a hablar a David con la proposició de que un hombre que tenía muchas ovejas, avia tomado una a otro, que no tenía mas de aquella; con otras circunstancias que no es menester referir, i se pueden ver en el cap. 12. del lib. 2. de los Reyes. David sin caer en que se endereçava a quella proposicón a acordarle lo que avia cometido, condenó subitamente con justa colera a quel hombre, que el Profeta dixo avia tomado aquella oveja; i luego el Profeta le bolvió a dezir: Pues tu David eres esse: i assi se condenó a si propio, como dice el P.

Ou quem o Tribu illustre destruio de Benjamín? Caninando Levita con su muger, i haziendo noche en Gabaà del Tribu de Béjami, los moradores de aquella Ciudad le usaron de la muger de modo que murió. Informados los Israelitas del caso horrendo, i torpe, se armaron contra los Benjamitas, i murieron 25 mil, quedaron de aquell Tribu solos seiscientos. Vereislo en la Escritura, ludi. cap. 19. i 20.

Por Sarra Farao. Abrahan caminava con su muger Sarra: i Faraó viendo a tan hermosa, se la quiso tomar: i aunque pensava no era muger, si no hermana, se le siguieron muchos daños, i estuvo a peligro de otros mayores: de que se libro cō gran temor. Genes. cap. 12.

Sichem por Dina. Sichem hijo de Hemor, i Príncipe de los Iscones, viviendo allí Iacob le hurtó a Dina, hija suya, i de Lia; de que resultó ser astillado, i su gente, de la de Iacob, i del: i huvo por vengança deste hecho muchas muertes. Genes. 34. Todos estos ejemplos se hallan en el Triunpho de Amor de Petrarca, adonde a algunas señas muestran, que los vio allí nuestro P. i no se pueden copiar todas. Acudan los curiosos a conferirlas, i el ajustamiento con que usa della, que sin duda alguna es admirable.

CXXXI.

E poys se os peytos fortes enfraquece
hum inconcessão amor desatinado;
bem no filho de Alcmena se parece,
quādo é Omfale andava trāsformado
De Marco Antonio a fama se escurece
com ter tāto a Cleopatra afeyçoad.
Tu tambem Peno prospero o fentiste,
despois q húa moça vil na Apulia viste

Hh

I pue

Pues, si enflaquece a los fuertes pechos un desatando, i no concedido amor, bié se parece en el hijo de Alcmena, quâdo andava trâsformado en Onfale, La fama de M. Arturio se escurece cô ser tâ aficionado a Cleopatra. Tambien tu, o prospero Peno, lo sentiste, al ver en Apulia una vil moça.

Epois se os peyt. &c. Mirad el ciudado: dixo el P. en la e. 139. q los daños de Portugal, pa decididos en tiépo del Rey D. Fernâdo, o fuerô castigo de aquel grave pecado de tomar la muger a su marido, o de q el redido todo al amor lascivo, se hizo esfeminado; i incapaz de las acciones de Rey util a su Reyno. En la est, passada truxo exemplos de la pena q siépre tuvo semejante pecado; i en esta los trae de fuertes Heroes, que cayeron en baxezas por semejante amor.

Inconcesso amor desatinado. Dize assi, porq ay amor con licencia, i cô atino; i el qne sale fuera de lo qne coaccede la razô, i el juicio, pâra en infamia: i desta calidad viene a dezir fue este amor de D. Fernando que le infamò, i hizo perder la memoria de que era Rey, de quien se esperavan acciones diferentes de aquella.

No filio de Alcmena. Perífrasis o antonomaña de Hercules, q cô toda su bravosidad se fue a vestir de muger, i dar el lado de la espada a la ruela entre las damas de Onfale, Reyna de Lidia, de perdido de amores della: haziéndose otra ella; no solo en la voluntad, q es el efecto de amor, sinô en el trage, q es el de la locura: i el inconcesio, i desatinado q dice el P. El pésamiero, i el estilo es de Seneca en Hipolito: *Natus Alcmena posuit pharetram.* B. Tatio Florid.c.2.

Il gran figiol d' Alcmena: Assi todos.

De Marco Antonio, &c. Muchas acciones tuvo Marco Antonio, o de Heroe, de puro ciego cô los amores de Cleopatra: perô a todjs las más ciegas puso el sello, quando en la Naval de Leucate abâdonô la gloria, q pudiera esperar de aquella acció, por irse tras Cleopatra, q huyó de puro miedo; queriendo más perder la honra, que la amiga. Verlo sobre la e. 53. del. c. 2. i en los Autores que lo tratan: i a esto alude aqui el P.

Tu tabe Peno prospero o sentiste Termiño de Virgil. 10. *T e quoq; magnanime viderût* &c. Es esto aqui perífrasis de Anibal, a q llama Peno, en vez de Africano, como Virgil Egl. 5. de los Leones, a q en ese sentido llama Penos. Si bié se entiende propiamente por Penos, Cartagineses; porque teniendo origen de los Fenices, se llaman E van Phenos: i Aniba no solo era Africano, sino Cartagines. El P. imitò a Petrarca, q en la canc. 48. trae estos, i semejantes Heroes con el propio intento.

*Eisâ che'l grande Atride, e l' alto Achille,
Et Anibal al terrea vostro amaro*

E di tutti il piu chiaro

Lasciai cader in vil Amor de ancille, &c.

Despois que bâa moça vil na Apulia viste. Sa-

cado de la boca de Petrarca, *Triumph.* am. c. 3. *Vil feminella in Puglia il prende, elega.* Oacio escribe a Foceo la od. 4. del lib. 2. i es el argumeto della, mostrarle, q grâdes Heroes se enamoraron de esclavas, por qâto el estaba enamorado de una siya, llamada Flide: i los q nôbra son Achilles por Briseyda; Ajax por Temesia, Atrides por Cassandra. Noto: io es, q Aniba despues de aver vencido a los Romanos se dio a las ciencias, i singularmente en Pulia, o Apulia con una muger de baxa suerte: i esto fue ocasion de que le imitasse su gente, i no huiesse en ella aquel primer valor en las ocasiones que se siguieron, con que al fin no consiguió lo a que aspirava.

CXXXII.

Mas quem pode librarse por ventura dos laços que Amor arma brâdamete, entre as rosas, e a neve humana pura, o ouro, e o alabastro transparente? Quem de húa peregrina fermosura, de hum vulto de Medusa propiamete, que o coraçam côverte que tem preso, em pedra nam, mas em desejo acebor

Pero quiê puede por ventura librarse de los laços q el amor blâdamete arma entre las rosas pila pura, i humana nieve, i el ouro, i el transparente alabastro? Quien puede por ventura librarse de una peregrina hermosura, de un proprio vulto de Medusa, que convierte el coraçan que tiene preso, no en piedra, mas en encendido deseo.

Mas quem pode lib. &c. Virgil. Eglog. 2. *Quis enim modus adsit amori?* A esta imitacion disculpa agora el Poeta, los yerros de amor con la grande hermosura, que fue causa de los: suponiendo, que al aver visto Fernando la de Leonor, que era rara no los podia dexar de cometer. I tambiê a esta imitacion diximos en el primer soneto de nuestras rimas, q en ellos se afinava el amor: i que quien viesse que cantavamos con tener a Albania delante, aun esperaria que errassemos mucho mas: deste modo.

Este admirar, fabrâ los versos dinos;
La Lyra disculpar, quando delira;
que no es fino el Amor sin desatinos.

*Mayores, pues, los quiere quien aspira
a ver que estando en frente los divinos
ojos de Albania se templâ la lira.*

El termino que ei Poeta aqui vía de quicn, &c. Quien, &c. Es la figura Anafora.

Por ventura. Dâ el P. por impossible, el aver en el mundo quien no se rinda al amor lascivo. I qual mas, qual menos, ello es assi.

Dos laços q amor arma brandamete. Dicho con grâ arte. Ya en la e. 56. Fogindo ao doce laço onde amor as enreda brandamete. I como all i os advertimos, haze a Cupido pescador: i aqui le haze

haze caceros agos: i en ambos lugares dice, con A
gran maestría, que sus laços son suaves, i amar-
dos blandamente. Alude a los caçadores q usan
de laço, siédo los mejores los mas sutiles, i más
ligeros por suaves, i el mejor modo de amarlos,
saberlos esconder, i dissimular entre otros obje-
tos que engañen la vista; de modo, que por invi-
sibles venga la caça a dar en ellos, i por blados a
cogerla corriendo ligeros. I desta manera pare-
ce que caça el amor las almas en el rostro de una
dama, adonde ellas corren engañadas de las flo-
res de la hermosura; i de ordinario en llegando
quedan presas en los laços del deseo, que estan B
armados entre esas flores sutiles suave, i blanda-
mente, como dice el Poeta.

¶ As rosas, e a neve humana pura, o ouro, &c.
El P. en sus r. vii. cinc. 1.

A testa de ouro, e neve, o lindo aspetto;
O colo de cristal, o branco peyto.

I En la mar agora el P. humana a la nieve, no mi-
ra a ser muger sino a ser tratable aquella nieve
de la hermosura: que si ella fuera intratable, co-
rro la nieve, no huviera tantos perigos: assi que
galznamente está allí el humana nieve, con la co-
dicion que vulgarmēte dezimos de un Príncipe,
que es humano, para decir que es tratable.

¶ O alabastro transparente. Bien añadió trá-
parente, porque lo es el alabastro: i si en un vaso
del se mete una luz, como en linterna, penetrando
el respiador por aquella blaneura, la hermo-
sea admirablemente: assi la blancura de una da-
ma herida, o tocada de la sangre, queda hermo-
seada, transpareciendo por ella aquellas rosas de
las mechas, aquellos claveles de los labios, a-
quellos violetas apenas visibles de las venas. Ya
sobre esto del alabastro diximos algo &c. la est.
132. i diremos algo mas en la 46. de 6. adonde
creemos lo usó el P. ann. en mas cnydado.

¶ Peregrina hermosura. El peregrina ordinariamente vale estraña; i el estraña maravillosa:
mas yo sospecho que el P. ahonda aqui más; i q
el peregrina quiere decir ageno: i lo ageno hem-
pre despiciata más el apetito; i si es hermosura
mucino más. Garcilas. Eglog. 3.

Flerida para mi dulce i suave
mas quella friza del cercado ageno.

Que siépre se vivo por maravilloso pésar de Gai-
ciassori lo es. Assi siédo Leonor casada, era age-
na: siédo agena fue más aperecida del Rey: i la hija
sin duda parecer mejor, el ser agena. Cada dia
loremos, en el q tiene muger hermosa, merite de
amores por alguna q no lo es tanto, sedo porq es
de otro. También respetará el peregrina, a q todo
lo q nos viene de fuera nos parece mejor: i que-
rrá decir el P. que la hermosura de Leonor era
tal, q obliigava, como las cosas estrañas a ser que-
rida y deseada; porq siépre estas se desejan más.
Lo que diximos antes nos parece mejor.

¶ De hum vulto de Medusa, &c. Pensami-
ento de Petrarca, son. 102.

Tomo 2.

E le rose vermiglie infra la neve
Mover de l'ora, e discorrir l'avorio,
Che fù di marmo, cb'i da prezzo i guarda.
I con la circuntancia de Medusa en el son. 165.

Pus quello in me, che nel gran vecchio Mauro
Medusa O antes en el 147.

Se ciò non fosse andrei non altra mente

A veder lei, che il volto de Medusa

Che facea marmo diventar la gente.

Francisco de la Torre Egl. 6. Un rostro de Me-
duza, &c. El grā Tassia este modo, Liber. c. 16.
e. 7. E nel piacer d'un bel leggiadro volto como
de arma que lo rinde todo.

¶ Que t'è prez. Con esto se explica lo otro del
ve. 12. de la est. 123. assi, que quien allá, i aqui
prende es la hermosura.

¶ Em pedra nam, mas em desejo aceço. El rostro
de Medusa cōverría en piedra a quiē le via; el de
D. Leonor en fuego de deseos a norosos: dice a-
gora, a lo q parece, el P. q fuera mejor q cōvirtie-
ra en piedra, porq assi le acabava el penar; pero
en deseos, es perpetuar una pena insufrible.

CXXXIII.

Qué vio hū oíhar seguro, hū gesto brā
hūa suave, e Angelica exceilēcia, (do,
q em si està sempre as almas trásformā
que tive le contra ella resistēcia? do,
Desculpado por certo està Fernando,
para quem tem de Amor experiencia:
mas antes tendo libre a fantasia,
por muyto mais culpado o julgaria.

¶ Vié, por vētura, vio un mirar seguro, un ro-
stro blado: una exceilēcia suave, i aú Angelica
(q siépre està trásformado en silas amas) q
tuviess' resistēcia cótra ella? Desculpado, por cierto,
està Fernando para quiē tiene experiencias de
amor. Mas antes teniendo la fantasia libre le juz-
garia por mucho mas culpado.

¶ Qué vio, &c. Describe agora el P. unos cierto
movimientos, o no se quees(digamoslo assi)
en la hermosura, que siendo todo ternuras rinde
más que todas las fuerzas del mundo, i finalmen-
te no se pueden resistir.

¶ Hñ oíbar seguro. Ninguna vista se librò en el
mundo de resbalar en un hermoso rostro, i princi-
palmente de ser mariposa en las luces del, q só los
ojos: el P. en sus rimas entra assi el llamado cap.

Aquelle mover de albos excellente;

Aquelle vivo espírito inflamado,

Do cristalino rosto transparente: Veneno de
que nadie se escapa: però veneno agradable. Que
todo parece procedido de lo q dice Oracio lib.
1. od. 19. hablando de la hermosura de Gliceria.

Vrit grata protervitas

Et vuitus nimium lubricus appeti.

I creemos, que el vulto en la e. anteced. està por
Hh 2 testi-

testimonio de que el Poeta vio este lugar en esa ocasión. En Tasso Libro c. 16. est. 7. también reconoció este peligro a aquel modo: si otras queda el lugar. Notese la brevedad con que nuestro Poeta describió la confianza, que naturalmente tiene la hermosura, i como la explica con el modo de mirar, diciendo: *Hum olhar seguro: un seguro mirar.*

¶ Hum gesto brando. El P. en ese capítulo de sus rimas, continuando el lugar que ar queda:

Aquelle gesto immoto, e repousado, &c.
Con que también hace gran imagen de la confianza de la hermosura.

¶ Que em si está sempre as almas transformado. Lugar común es, i muy repetido de todos, que el amor transforma el amante en el objeto amado: por eso no trae lugares: solamente advierto, que el P. en sus rimas son, 10. entra dando la razón, de esta manera.

*Transformase o amador na causa amada:
Por virtude do muito imaginar, &c.*
Vease, que es bonísimo. Dice luego aquí bien el P. que difícil cosa es resistirle uno a la hermosura, si el amor le transforma en aquel sujeto a donde la vio: porque transformado queda otro, i viene a no poder usar de lo que era antes.

¶ Desculpado por certo está Fernando, para quem tem de amor experiencia. La fuerza del amor es una culpa, que disculpa mucho los errores en que por ella se incurre. Virgil. Georg. 4. por Orfeo.

*Cum subito incautum dementia cepit amantem
Ignoscenda quidem, scirent si ignoscere manes.*
En Culex hablando de sí mismo: *Dignus amor veniam, &c.* La razón porque son más de perdonar, es, porque el amor de una gran hermosura, lo primero que quita luego al Amante, es el juicio, conociendo que esas son las armas con que podía defenderse, i porque no se defienda se las quita. Por eso nuestro Poeta en su Egl. 2. introduciendo Agrario a llamar loco a Almeno, por los estremos que hacia por Belisa, hace que Almeno le responda.

*O Agrario, que vendo o doce riso,
e o rosto tam hermoso como esquivo,
o menos que perdí soy todo o siso.*
En la 3. acusandole la propia Belisa, así:

Nom est tu de saber tam falto, e rudo,

A *Qxe tam sem fiso am.isses como am.iss?*
Acude ésta pretiosa i agodilsumamente:

Onde visto tu Ninfo Amor se fudo?

Roçale todo esto con aquella sentencia de Publio Siro en sus Mem. *Amare, & sapere vix Deo conceditur.* Luego ajuntadisimamente dice el Poeta, que bien de ci paga ésta el Rey Don Fernando de este error, siendo la causa ésta belleza rara de Leonor, que aun oy ay tradiciones, además de q lo dicen las historias, de q ella fue mujer de rara belleza: verdad es, que de las a quié sucedieron tales cosas como a ella, luego se sigue una fama innmensa de hermosura.

¶ Mas antes, &c. Estos dos versos tienen parecido difíciles a algunos entendimientos. Ello es de esta manera: *Mas antes teniendo* (el propio Fernando se entiende) *libre, o esencia la fantasía* (esto es no enamorándose de tal hermosura después de verla) *por mucho mas, culpado le juzgaría* quien tuviese experiencia de amor, i desus poderes, al punto que se comunica acompañado de una belleza rara. De manera, que mayor admiración pudiera causar el aver Fernando visto a Leonor sin amarla, que el amarla, i cometer desatinos por ella despues de verla. I no aprueba el Poeta la acción del Rey, como piensan ignorantes, pues aí en la est. 139. la acaba de llamar pecado, i la abomina, i refiere los justos castigos que Dios dio por ella: sino pretende disculparle explicando la fuerza del amor por la de la hermosura; i mostrando, que hasta el propio David Santo no la pudo vencer, luego que vio a Bersabé. I aunque el Poeta no se declarara tanto, tenían obligacion los entendidos, o que piensan serlo, de creer q a este sentido devia hablar un Autor Cristiano, que va sembrando, como tal, de doctrina sólida, i moralidades continuas esta grā obra. Pero él conociendo, que avia de ser juzgado de ignorantes, no dixo cosa en que no se fuese escudando a si, i mostrádoles el camino. Veyslo en la misma sentencia, diciendo: *Disculpado está para quien tiene experiencia de amor: como si dixerá: Fernando erró gravemente, si lo mira la cordura; pero si lo mira quien una vez perdió el seso en imaginaciones amorosas, esse fin duda le disculpará: i está todo dicho como de Maestro.*

Fin del Canto Tercero.



L V S I A D A
D E
LVIS DE CAMOÉS
P R I N C I P E
DE LOS POETAS DE ESPAÑA,
COMENTADA
Por Manuel de Faria i Sousa, Cavallero del Habito
de Christo , i de la Casa Real.

C A N T O IIII.

Argumento.

Vasco de Gama estando en su batel con el Rey de Melinde en aquel mar (como ya en el canto passado) continua en referirle las cosas de Portugal , como el le avia pedido: describe el Poeta las alteraciones sobre la sucession , por muerte del Rey D.Fernando, i la batalla de Aljubarrota : i las diligencias que se hicieron para descubrir la India por el mar , en tiempo del Rey Don Juan el II. i como el Rey D. Manuel les dio fin con resolver este viaje; i las prevenciones para el , i las despedidas en la playa de Belen .



ESTANCIA 1.

Despois de procellosa tempestade,
nocturna sombra, e sibilante vento,
tras a manham serena claridade,
esperança de porto, e salvamento:
aparta o Sol a negra escuridáde,
removendo o temor ao pensamento;
assí no Reyno forte aconteceo,
despois que o Rey Fernando falleceo.

Despues de procelosa tempestad, nocturna sombra, e sibilante viento, trae la mañana una claridad serena, q̄ es esperāça de salvamiento, i de puerto seguro: el Sol, renoviendo el temor al pēsamiento aparta la negra escuridáde. Assí aconteció en el fuerte Reyno, despues que fallecio el Rey Don Fernando.

¶ *Despois de procelosa tempestad.* En vida del Rey D. Fernández corrieró miserable fortuna las cosas de Portugal: i tambien en las alteraciones q̄ huvo desde su muerte hasta q̄ con la vitoria de Aljubarrota aseguró D. Juá I. la Corona en su cabeza: i assegurada ella, el Reyno logró muchas bonâças. Por esso có grâ propiedad trae el P. la cōparació de la nave có la alegría del tiempo se reno, sobre aver padecido tormenta. Parece que lo dixo con Ciceron lib. 3. de Orat. *Tu procella patriæ, turbo ae tempestas pacis.*

¶ *Nocturna sombra.* O porque las tempestades son mas horribles de noche; o porque quando las ay grandes de dia, parece que se anticipa la noche con la escentidá: i de qualquier manera, bien para el estado de las cosas de Portu-

gal, que entonces flutuavan en la escuridáde vicios, pecados, i descuidos de unos; confusion, odios, i desconformidad de otros: todo serenando con la sucession del Rey Don Juan, que dando fin a la guerra, dio principio a una paz alegrissima, i bien gobernada.

¶ *Aperta o Sol a negra escuridáde.* De aquilla escuridáde q̄ai diximos avia en el Reyno, fue el Rey D. Juá el Sol q̄ la deshizo: i es imitació de Claudio in land. Stilic. lib. 2. *Discusis tenerbris in lucem secula fudit:* I todos estos versos son parecidos a estotros con que Boscan comienza un Soneto.

*Como despues del tempestoso dia
la tarde clara suele ser sabrosa,
i despues de la noche tenebrosa
el resplandor del Sol plazer embia:
Assí embia, &c.*

¶ *Removendo o temor.* En sus rim. i est. a D. Constantino: *Que o duro jugo removro.* Es frase tomada de Claudio en el Epit. de Honor. *Natū gremio Cithereo removit.* Aquello de Virgil mejor en Etna: *Armatus flamma removet et.
ligit.*

ligine mundum: Sirve tambien esto en la est. 21.
Aquella claridad, excelencia, i valor con que Dó Juan vencio la guerra, i exercitó la paz, desterró (ello es remover) aquellos dañosísimos nublados, que avia sobre el Reyno de Portugal, i le deixo sereno.

Foste. Creo que el llamar fuerte al Reyno en esta ocasion, fue con el pensamiento con que llamo asi a la Morisma en la est. 95. valiendo agora el fuerte, por siado, insufrible; i turbulentó con tantas acciones, i voluntades adversas: i ello responde a la tormenta del mar serenada con la nueva luz.

Fernando faleceu. Murio el año 1383. i Dó Juan se aseguro en el Reyno en Agosto de 85.

II.

Porque se muyto os nossos desejaran, quem os danos, e offensas vā vingando naquelles que tā bem se aproveytaram do descuido remisso de Fernando; despçis de pouco tempo o alcâçaram, Ioanne sempre illustrelevantando, por Rey, como de Pedro unico herdey (ainda que bastardo) verdadeyro. (10,

Porque si los nuestros desecharon mucho quien vaya vengando los daños i ofensas, en aque- llos que tanto se aprouecharon del remisso de descuido de Fernando, a poco tiempo lo alcan- çaron levantando Rey al siempre illustre Juan, como unico heredero, i como verdadero, aunque bastardo hijo de Pedro.

Porque se muyto os nossos desejar. &c. Dize, qu e si los Portugueses deseavan bien vengarse de aquellas validos del Rey Don Fernando, que lo tenian arrastrado todo, vinieron a conseguirlo co- ley, entar por Rey a Don Juan.

Do descuido remisso de Fern. Casi el mismo verso de la est. 138. del c. 3.

Aquellos que tam bem se aproveytaram. Es- to es mostrar, que no tratavan aquellos validos más que de si: aprovechandose mucho, i haciendo se buena fortuna de la maia de su Principe, i de los otros vassallos.

Despois de pouco tempo o alcançaram. Dize, que dieron fin los Portugueses al deseo de vengarse de los enemigos de la patria, con levantar por Rey a D. Juan: i tambien sucedio esto antes E que le leventassen: porque aviendo D. Fernando muerto el año 1383. i Juan asegurandose en la Corona el de 85. como ai atras diximos, casi dos años durò en el Reyno una corriente de sangre, de fuego, i de impiedades, en manera que es negocio de admiracion, el averse sustentado tan limitada tierra con daños bastautes a arruinar una gran Monarquia.

Como de Pedro unico herdeyro. Habla el P. Tomo 2.

Aa respecto de las personas Reales, q entóces se havia en Portugal: porq en Castilla estava D. Iuá hijo legitimo del Rey D. Pedro, i de D. Ines de Castro, q era el legitimo heredero de la Corona Portuguesa, si no lo avia de ser el Rey D. Iuá cc Castilla por su mujer, como luego veremos: el qual se temio tanto desso, q prendio a D. Juan para quitarle essa esperanza, i con ello la dio al bastardo, que es el que dice aqui el P.

Ainda que bastardo, verdadeyro. No podia ser (dirá alguno) verdadero si era bastardo. Però fue tan verdaderamente Rey, q se cumplió el sueño q su padre el Rey Don Pedro aseguró aver tenido, quando se criava D. Juan: i fue, que el Reyno se abrasava todo en una llama, i q este niño la andava apagado. I ya puede bien ser q quando el P. di- xo esto se acordó de la observacion que algunos curiosos hicieron de muchos bastardos, que fuerón famosos en varias artes, de que hallareis erudicão sobrada en Tiraquelo, cap. 15. de la nobleza. No los nobro por escusarme de trasladador de lo age- no, i de llamarlos viles por nacimiento, siendo g o riosos por acciones. Hagalo alguno q estime este respeto menos q aquella erudicion. Tambien pudo decir verdadeiro, porq el hijo legitimo de padre realmece grāde, q desdize del, esse es bastardo: i el bastardo q tiene acciones heroicas, esse es el legitimo. Propuso el P. en la c. 13. del c. 1. q avia de catar deste Rey; i agora comieça a satisfazer a essa proposició. Al fin yo he nacido para comentar este grā P. i no parezca arrogancia el dezirlo, porq lo digo llanamente, i con fundamento. Avi- ludo escrito hasta aqui, en q acabo de dezir, q el P. quādo dixo esto devio acordarse de los bastardos q fuerón famosos, tuve dicha de alcâçar su original primero, adonde a esta estacia se siguen estas tres.

1.

*Sempre foram bastardos, valerosos
por letras, ou por armas, ou por tudo:
foram os maes dos Deuses mentirosos
que celebrou o antigo povo rudo.
Mercurio, e o docto Apolo sam famosos
por ciencia diversa, e longo estudo:
ouiros sam so por armas soberanos;
Hercules, e Lleo, ambos Tebanos.*

2.

*Bastardos sam tambem Homero, e Orfeo,
dous a quem tanto os versos ilustraram:
e os dous de quem o Imperio procedeo
que Troyz e Roma em Italia edificaram.
Pois se he certo o que a fama ja escreveo,
se muitos a Felipo nomearam
por pay do Macedônico mancebo,
outros lhe dam o magno Nectanebo.*

3.

*Assi o filho de Pedro justicoso
sendo Governador alevantado
do Reyno foy nas armas tam ditoso,
que bem pôde igualar qualquer passado.
Porque vendose o Reyno reccoso*

¶ de fer do Castelbano sobjugado,
ao sens o medo tira, que os aleança:
a os outros a sa! sifia a esperança.

De manera, que el Poeta con ocasión del bastardo Iuán, se dexava discurrir por los valerosos bastardos. I pues yo sin verle lo avia presumido: i juntamente dixe, que lo devío dexar por el respeito i circunspección: i èl aunque escrivio las estancias, las escondió, i destas mis penarraciones, i de infinitas que se ven por este comento, se infiere que le entendí la alma: no llamará nadie justamente jaestancia a lo que arriba acabo de decir, i a que creamos, que esta empresa para mi estaba guardada, ya q en tantos años no la arrostraró tantos doctos, ingeniosos, sutiles, i trabajadores. Finalmente el Poeta anduvo judiciosísimo en quitar las tres estancias, aunque estan mereciendo a su Autor. I agora bolvamos ligeramente sobre cada una.

A la primera.

¶ Sempre foram bastardos valerosi. &c. Escuso ponerme agora aquí a traer las ascendencias de los nombrados en las dos estancias, porque esto es sabido. I assi por esto, como porque siendo estas estancias reprobadas del Poeta, no es justo nos detengamos tanto en ellas, como en lo aprovado, dire algo arrebatadamente.

¶ Mercurio, Apolo: hijos ambos de Iupiter, i las madres Maya de aquél, i deste Latona amigas del padre: i ambos tienen en la ciencia la parte que es notorio, como soberanos en ellas.

¶ Hercules, Lleo. Tampoco hijos ambos de Iupiter, i las madres Alcmena del primero, i del segundo Semele, ambos por hazañas verdaderos Heroes, aunque bastardos, como lo dice el Poeta.

¶ Ambos Tebanos: así por ellos mismos en la estanc. 91. del cant. 9. Os dous Tebanos.

A la segunda.

¶ Homero. Duda ay entre los Autores sobre los padres del padre de los Poetas: però Herodoto tiene la opinion de nuestro Poeta, los de Orfeo son notorios: dexo estos linajes a mejores genealogistas.

¶ Os dous, &c. Los dos de quien procedio el Imperio que edificó a Troya, i Roma en Italia, se entiende Eneas, que era hijo de Anchises, i Venus: i Romulo, que lo fue de Marte, i de Iria. Esté boníssimo el decir, que edificaron en Italia a Troya, i Roma: porque desta fue aumentador Romulo, i de aquella transplantador Eneas en Italia.

¶ Macedonico mancebo, por Alejandro: al modo que en la estanc. 54. del cant. 7. Capitan mancebo.

¶ O magno Nectanebo. Aunque Felipe Rey de Macedonia devió ser padre de Alejandro, el decía, que lo era Iupiter, i otros dixerón, q Nectanebo Rey de Egypto.

A la tercera.

¶ Assi, &c. Dize agora, que assi como estos

nombrados, siendo bastardos, fueron gráissimos varones, lo fue Don Iuan siendo bastardo.

¶ Os sens: los tuyos, entiende los que se siguen.

¶ Os outros: los otros, entiende los que no le seguian; i quiteles las esperanzas, porque los venció: i eran falsas, porque pensando medrar más con seguir a Castilla, se perdieron.

III.

Ser isto ordenaçam dos ceos divina,

B por sinays muyto claros se mostrou
quádo em Evora a voz de húa minina,
ante tempo falando o nomeou:
E como cousa enfim que o ceo destina,
no berço o corpo, e a voz alevantou:
Portugal, Portugal, alçando a mão,
disse, pello Rey novo Dom Ioão.

Mostróse por señales muy claras ser esto orden divina de los cielos, quando en Evora le nombró la voz de una niña, hablando antes de tiempo. I como cosa alfin, que destina el cielo, levantó el cuerpo, i la voz en la cuna, i alzó la mano dixo: Portugal, Portugal por el nuevo Rey Don Iuan.

¶ Ser isto ordenaç. &c. Dice la estancia, que los luceros de Portugal estos días, i la elección de Don Iuan en Rey, parecio permission divina, por algunas señales, i principalmente la del hablar anticipado de una niña, diciendo lo que luego veremos.

¶ No berço. En la cuna estaba la niña, i alzando el cuerpo, i la mano, dixo esto.

¶ Portugal, Portugal. Parte de las palabras que se usan en este Reyno en acto publico, quando muerto un Rey aclaman al que sucede, diciendo en voces altas: Real, Real, Portugal, Portugal por Fularo. Vease lo que diximos en la estancia 46. del cant. 3.

¶ Diffe, pello Rey novo Dō Idam. Abrasandose el Reyno en cōpetencias sobre la sucession, fue en la Ciudad de Evora vista, i oída una niña, que estaba en la cuna, sin edad aun para hablar, levantó el cuerpo, i tender la mano, i soltar la voz, y decir subitamente: Portugal, Portugal por Don Iuan. Esto fue como Oraculo, porque llamandose Iuan el Rey de Castilla, i Iuan el Portugués, que pretendian el Reyno, estaba dudo so por qual de ellos lo dixo la niña. Los Portugueses dezian, que por el suyo: i que por el suyo los Castellanos. Dudo so fue siempre el averiguarlo. Si fue por el nuestro favorecia Dios el Reyno con darle Principe de su gente: si por Castilla, favorecia su derecho, que sin falta era mejor: i porque en Dios es cierto el ponerse de parte de la verdad. Mas visto q ue el permitio, que los Portugueses venciesen, quella batalla, parece claro, q la niña lo dixo por nuestro don

Don Juan; i que Dios entonces no favoreció aquél mejor derecho, por las razones que su divina Magestad sabe, de que no se le puede pedir cuéta. Vease sobre esto lo que irá en la est. 59.

III.

A Alteradas entam do Reyno as gentes,
co' o odio q̄ ocupado os peytos tinha,
absolutas cruezas, e evidentes,
faz dō povo o furor por donde vinha.
Matando van amigos, e parentes,
do adulterio Conde, e da Rainha,
com quem sua incontinencia desonesta
mais (despois de viuva) manifesta.

A Lteradas entonces las gentes del Reyno, con el odio que tenia ocupados los pechos, hizo el furor del pueblo por dōnde venia absolutas, licenciosas, i evidentes cruidades. Van matando amigos i parentes del adulterio Conde, i de la Reyna, cō quien despues de viuda manifestó mas su deshonesta incontinencia.

G Alteradas entam do Reyno as gent. &c. Discurre la gente Portuguesa tumultuaríamente cócitada del odio con que se hallava contra los que tuvieron al Rey Don Fernando, i tenian agora a la Reyna viuda de su mano, que en particular erā parentes de la Reyna, i algunos del Conde su valido demasiadamente con señas evidentes de estrechez ilícita: i en unos, i otros desatado el furor, se executaró muchas muertes injusta, i cruelmente.

G Com odio que ocupado os peytos tinha. Muestra el Poeta, que las muertes dadas, i las maldades cometidas en aquella ocasión, no procederó de justicia, o zelo, sino de un odio mortal, i infame con que se hallavan algunos, que tuvierón por mejor executarlo, que no executar infamíssimas impiedades sin causa.

G Absolutas cruezas. Crueldades cabalíssimas: porque aadava aparada la crudidad, odio, i malicia, sin sujetarse a verguença, o respeto humano, ni aun divino, como luego vereinos.

G Faz do povo o furor por dō de vinha. El propio numero, i estilo del verso está pareciendo la corriente de aquel desatino, i llana.

G Matando van. Van matando: tambien acópaa esto la armonia desotro verso, mostrando, E que no pararía aquella furia.

G Do adulterio Conde. El Conde don Iuán Fernandez, que llamaron Andeyro, natural de Galizia, fue muy valido del Rey Don Fernando: i de la Reyna Doña Leonor, con tales demonstraciones, que les vinieron a llamar adulteros: i traía esta opinion tan cansados los Portugueses (menos aquellos que se sustentavan della) que muerlo el Rey, por al i comiençaron las alteraciones, i singulares libertades con que se huvieron aque-

llos dias, entrando (lo primero) en Palacio, i mandando al Conde a los ojos de la propia Reyna: hllandose en esta acción Don Juan, entonces Maestro de la Orden Militar de Avis (que en Castilla dizen de Alcantara) i despues Rey a poder de las mayores tretas de Esta-lista, que avia conocido España. Muerto assi el Conde; con que subito se vio grande la llama de la inquietud, corriendo la Ciudad de Lisboa, mataron parentes de la Reyna, i del Conde: i con mas priesa aquellos que vivian de la adulacion, i consentimiento.

G Sua incontinencia desonesta. En la estancia 47. del cant. 10. Bolverá el Poeta a dar el epíteto de deshonesto al adulterio, acompañando la propiedad con que dá otros a otros vicios: enleñando, que esté es de los que no tienen disculpa, i que pueden, o devén los hombres, ya que los lleguen a cometer, portarse con modestia. Dize esto, que el Conde, muerto el Rey, usava de la Reyna a rienda suelta: esto es sin algun recato de aquél q̄ parece observava viviendo su marido: i era gran ceguedad, porque muerto el le huviera de atier observado más, librando en la dissimulación el aplacar la ira con que tantos le miravan. Finalmente dixose, i creyeron muchos, que la Reyna des-

C pues de viuda avia dado al Cō le el lugar del Rey. El Poeta como era acerrimo reprehensor de vicios, para reprehender este se huvo, como en el de la Códese Teresa, de que diximos en las e: 31. 32. del cant. 2., condenandola sin certeza infilable de la culpa, pues adelante est. 7. dice, que Beatriz muger del Rey Don Juan Primero de Castilla, era hija del R̄y Don Fernando, si se lo concedia la voz de que la Reyna tratava con el Conde su valido, en modo que se sospechava, que del era aquella hija, i no de su marido. Ello es cierto, que Dñ Juan que sucedio en la Corona, pretendio casar con la Reyna viuda, i que fue tan fuerte abarcador de las muchas en la honra, que no pretendiera tal casamiento, si no se asegurara, que lo q̄ se decia de la Reyna era falso. Despues corrió la misma fortuna en Castilla la Reyna Doña Juana, muger del Rey Don Enrique el Quarto. Veate lo que diximos a este propósito, de la una, i de la otra en nuestro Epitome de las historias Portuguesas, part. 3. cap. 13. num. 11. 12. advirtiendo, que si bien procuramos desculpar estas Reales matronas, no pretendemos que al Poeta se le haga culpa de lo que dice aqui, i en semejantes lugates, porque el habla con las historias en estas ocasiones, en que no tiene lugar alguna fiction poetica.

Entran agora algunos grandes judiciosos desata edad, en que ay tan pocos, i dizen que este poema merece ser quemado, porque deviendo enseñar virtudes, publica vicios: i procurando exaltar los Príncipes, Heroes, i actos Portugueses, haze patentes sus defectos: i rexe al Rey Don Fernando una Corona de cuernos, i otra de otiobrios a la Reyna su muger. Sean estas Coronas propias

de las obras de tales judiciosos : i quemense ellas primero, que lo merecerán mejor , si a caso las ay de algunos : i no les desfreamos en esto ningun dāño, que no les esté my bien : porque si cada uno se imagina Fenix en ellas, saldran con nueva vida despues de quemadas; así como este poem, verdadero Fenix de España , despues de quemado por ellos se levanta con vida nueva. No se si caé estos censuradores , en que quando esto fuera yerro, le agrava la circūstancia, de que el Gama está aqui hablando con un Rey extraño, i temotissimo, a quien pretende informar de las acciones Portuguesas para reduzirle a la estimació dellas, i por ella a su favor: i que así no deviera accordarse de las que son odiosas. Supongo que han caido en ello, i respondio a todo junto. Digo lo primero, que estan myn fuera estos judiciosos de igualar el juicio de Luis de Camoens : i que no lo estan menos de tener a la patria el amor que el le tuvo, i de solicitarle sus glorias, como el entrañablemente se las solicitó , como todo se descubre en este poema. Digo lo segundo, que los grádes, como el, descriven los vicios con el propio intento que las virtudes : aquellos para que se abominen: estas para que se abracen. I así n'restro P. memorando estas, i aquellos , muestra luego como en obsequio dellas, ellos fueron castigados. I es convenientissimo precisamente en las escrituras graves, no dissimulat con los que cometieren vicios: porque seria incentivo acometerlos quíe viesse que no avia de aver osadía para publicarlos a su tiempo: i es menester que entiendan los grandes, que no ha de faltar quien lo haga , para que tomen el freno dese: temor en la carrera desfrenada de sus apetitos. Bien está luego esto por esta parte: i por la otra de que se dixerón estos defectos odiosos a aquel Rey , no está menos bien. Porque este Rey dio a entender al Gama en la est. 72. 73. i 107. del cant. 2. que tenia mucha noticia de las cosas de Portugal, como allí se pue de ver: i en la 111. quando pide al Gama , que se las cuente, le buelve a dezir, q no ay quien por el medio de la fama no las sepa: i la fama ordinariamente corre más ligera con las malas, que có las buenas. Siguele de aqui, que podia aquel Rey saber menos de las buenas, que de las malas: i quādo menos igualmente. Luego si esto es así , como es, siguele , que si el Gama tocara solo en las dignas de gloria, fiziera sospechosa su verdad có aquel Rey: i esto fuera peligrosissimo para el intento de conseguir su gracia: porque no ay cosa q mas aborreza a un Principe (i aun a qualquier hombre) que el faltar a la verdad un hombre qual quiera, quanto i mas un Ministro de otro Principe, con otro adonde luego que falta a ella se haze sospechosissimo , tanto mas quanto el es mayor, i mayores los intentos que lleva, qual era este q llevava el Gama. Siguele, tregó bien que por evitar todo esto, fue necesario no faltar a la verdad (aunque fuese contra su gusto, i así se ha de

A presumir) ya que no era Medico, cirujano, o chatlatan, que en las tierras adonde va de nuevo para ganar con su ciencia , refiere las curas en que tuvo dicha: i no las que fueron mui de niuchos: con que produze no menos risa en unos, que acertacion en otros, si allí sucedio no haberse menos de las malas curas, que de las buenas: como ací se podia temer, pues tenia dicho el Rey, que se llevava con noticias de las cosas de Portugal. Pudo solamente aver en referir las acciones torpes, el tomar un medio, que templandolo todo fiziese estar los oyentes menos promptos a ellas , que a las glorias que dellas resultaron. Esto hizo el Poet. con grande atencion, porque quando toca en lo vicioso, lo haze bolando ; como se ve en esta estancia, en que solos tres versos se gastau en referir essa torpeza, gastando muchos en abominarla, i en descrivir las acciones airadas con que los Portugueses la castigaron , como professores de todo valor heroyco , i adversarios a toda accion affrentosa: có que era fuerça, que el Rey, i los oyentes se arrebatassen más de lo glorioso, que de lo indigno: i de la estimacion , que del desprecio , con gente que así supo es andalizarse de acciones inmodestas, i purificarse dellas có la sangre de quié las cometio: siendo cierto que los vicios son comunes todos en todas naciones , i que no es comun en todas todo el aborrecimiento dellos. I mostrando el Poeta como muestra, que en la Portuguesa es más comun el castigarlos, que el seguirlos: grandissima excelencia descubre en ella, quādo por uno que pecó, muestra todos los otros sobre él, a abominatio , i a punirlo. Antes se ha de entender, que fue industria del Poeta esto que le imputá a descuydo: porque el poner un vicio grā de enfrente de una grandissima virtud opuesta a el, es realçarla, i a quien la sigue. Esto mismo servirá para la estancia 33. adonde el Poeta dice , q también entre los Portugueses no han faltado traidores; que esto tuyiera yo por peor, que el hazer al Rey mal coronado de su muger, sino fuese cierto, que el Poeta se havia con estas ponderaciones, de que teniendo aquel Rey noticia de los actos Portugueses , no se podia faltar a la verdad de lllos, i de que quando la virtud es mayor que el vicio, ella se realça, i el queda casi imperceptible: i mas referido lo uno i lo otro con el artificio que aí advertimos. De manera, que fue aquello , i esto escrito con atencion a mostrar el animo sublimine en todos, con la aversion que tienen a los vicios, i no con descuydo hazer patentes los vicios accidentales en algunas personas : porque a las naciones más las affrentará siempre el no tener muchos sujetos que abominen las culpas graves, que el tener algunos que las comieran: siédo cierto, como es, que el cometerlos es propio de la humanidad imperfecta siempre; i el estrañarlas es solamente propiedad de razon divina: i desta pretēdio el Poeta mostrar su gente dotada con singularidad sobre todas: i dar a entender en la persona

na del Guina a aquel Rey , que si entre los Portugueses avia algunos que incurriesen en culpas como humanos , los otros las aborrecian casi como divinos : por ser singularmente propio de la divinidad el aborrecimiento a ellas . Es cierto , que esto es mas para hacer amar una nacion , que esto para hacerla desfumiar . Los Portugueses no quedaron menos gloriosos despues de aver mostrado este brio i pundonor sobre el vicio , que antes de averlo visto en aqueilos en quien lo castigaron . Vease lo que diremos sobr e las traiciones que apunta en la est . 33 . I quando e Poeta se hubiera detcuyido en esta ocasion , quedaria mostrando q: e era humano en un detcuyido ; i no por esto quedaria privado de mostrar , que era divino en la poesia , como sucedio a todos los grandissimos Poetas . En la propa estancia 33 . traeremos algunas fias para est : si bien para con animos dañados , ignorantes , i ayunos de la leccion deste poema , todos perdiere tiempo ; por que su principal ciencia es la obstinacion , es la embidia , es la arrogancia , es la ceguedad .

V.

Mas elle emfin com causa deshôrado diante della a ferro frio morre , (do , de otros muytos na morte acôpanha q tudo o fogo erguido queima , e corre . Quem corra A stianax precipitado (sem lhe valerem ordens) de alta torre : a quem ordens , nê aras , nem respeyto ; quem nu por ruas , e em pedaços feyto .

Pero él finalmente deshonrado con causa , a ferro frio muere delante della , acompañando de muchos en la muerte : porque todo lo quema , i corre el leuantado fuego . Quien se ve precipitado desde la alta torre , como Astianax , sin valerle ordenes ; quién ordenes , ni aras , ni respeto : quien desnudo por las calles , i hecho en pedaços .

¶ Com causa deshonrado . Esto es que fuese , o no fuese verdad lo que le decia del Conde cõ la Reyna , fue muerto con causa ; porque sus demostaciones con ella , i procedimientos en el governo , siendo valido , le hizieron merecedor de aquel genero afrentoso de muerte .

¶ Ferrofrio . Es lo mismo que a sangre fria : pasado lo arduo de la ocasion , que evitava la presencia del Rey .

¶ De otros muytos na morte acompañado : No quiere decir que le acompañaron otros en morir solamente , sino en aquel genero de muerte ignominiosa , por lo que luego veremos .

¶ Que tudo o fogo corre Virgil lib . 2 .

Ilicet ignis edax summa fastigia vento .

Voi vitur , &c . I tambien este rumor que va discurriendo por Lisboa , se parece al que lleva-

A va Rodomonte por Paris , en el canto 16. de Ariosto . Veate .

¶ Quem como Astianax precipitado de alta torre . Acuerda se el Poeta en este precipitado de la torre , le la torre precipitada de Virgilio alli . Turrim in præcipitistantem &c . I el precipitado por Virgilio en Troya fue ese Astianax , que así nombra , hijo unico de Hector . Hom . Iliad . 22 . i acá fue D. Martin Obispo de Lisboa , que subiendose a la Torre de su Iglesia , huyendo de la furia que corría la Ciudad , desde allí le despeñaron impíamente , solo porque no hizo tocar de fiesta las campanas a tales acciones , siendo Castellano , q lo era , i muy honrado , i virtuoso Prelado : cuya virtud , inocencia , i honesta , pudieron tratar assi corazones arrabados del demonio , por señas e violente , de que en tales ocasiones siempre procuró tocar en los ojos de la Religion , i de Christo , primero que en otra cosa .

¶ A quem ordens . Assi arriba el ordens vale consagracion , i dignidad de Obispo ; aquí vale senzillamente dignidad de Sacerdote ; porque tambien mataron un Clerigo Prior de Guimaraens , que estaba con el Obispo ; i despues otros , i otras personas de Religion . Imitando el Poeta a Virgil . alli :

Plurima perq; vias sternuntur inertia passim Corpora , perq; domos , & religiosa Deorum Linuna , &c . Ariosto canto 16 . Religion non giova al Sacerdote .

¶ Nem Aras . nem respeyto . Esto alude a la insignificisamente fea impiedad de que mataron la Abadesa de un Convento , aviendose abrazado en el Altar con el Santissimo Sacramento , como luego referiremos .

¶ Quem nu por ruas em pedaços feyto : Porque desmudando a algunas personas , i arrastrandolas por las cailes , duravan en esso cõellas , hasta que se hazian pedaços : i el Obispo despues desto fue dexado adonde le comieron perros .

VI.

Podemse por em longo esquecimento , as cruezas mortais que Roma vio feytas do ferez Mario , e do cruento Syla quando o contrario lhe fogio . Por isso Leonor , que o sentimento do morto Cõde ao mundo descubrio , faz contra Lusitania vir Castella , dizendo ser sua filha herdeira della .

¶ Veden ponerse en largo olvido las mortales crueldades que Roma vio hechas del feroz Mario , i del cruento Syla , quando le huyó el contrario . Por esto Leonor que descubrió al mundo el sentimiento del muerto Conde , hizo venir Castilla contra Portugal , diciendo , que su hija era su heredera .

¶ Po-

¶ Podemse por em longo esquecim. &c. Dize, que las crueidades executadas en Roma por Ma-
rio, i Syla, se pueden olvidar en respeto de las de Portugal aquell'os dias: i dízelo ajustad. ssimamente, porque las impiedades que los Portugue-
ses obraron entonces, más fueron de barbaros, q
de Christianos; más de fieras, que de hombres.
Toma una virgē esposa de Christo en Evora por
padrino contra el furor Portugues al propio
Christo en la Hostia sacrosanta, inclusa en la cus-
todia veneranda, adonde los ojos Catolicos no
llegan sin temor, abraçándose con ella sobre la
Ara del Altar, i alli con muchas i covardissimas
heridas bañaron en sangre sen en la Esposa, i
el Esposo; la Monja casi muerta, i Christo vivo.
I despues cortandole los vestidos, hasta hazer pa-
tentest a los ojos humanos, lo que aun de mara-
mera, que no de una Religiosa, pudiera escandalizar
a los modestos; i arrastrandola por la Iglesia i calles, la expusieron muerta a la hambre de
los perros, i de las aves, defendiendole la sepul-
tura. O Dios que tanto sufres! Como no se abrio
el infierno para tragar tan impias almas? Que ser-
vicio, o que zelo de la patria pudo ser, o llamarse
aquele? Tiemblan las carnes aun en la memoria.
Los Portugueses son como el mar; muy serenos
en el sosiego, en la colera incomportables; nin-
guna nacion es tan suave en la paz; ninguna tan
furiosa en la guerra. Concedemos, que la Mon-
ja dixo alguna palabra contra las insoléncias que
via usar demasiadas. No era muger? No era Por-
tuguesa sin sospechas de estraña? No era Religio-
sa? No se entró por los estrados de I E S V S su
Esposo? No se abraçò con el? Baste.

¶ Mario, i Syla. Insignes Heroes Romanos,
que por el odio que se tenian ejecutaron en la
patria insignes crueidades, matando, arrastrado,
i dando a los perros, i a las aves mucha gête, que
no tenia culpa en sus passiones.

¶ Quando o contrario lhe fogio. Esto es, que
(80. años antes del Nacimiento de Christo) avié-
do discordado Mario, i Syla, estando aquel sitiado
en Preneste, i viendo a este totalmente supe-
rior, se resolvio a huir, i entróse por unos condu-
tos, i vinó a padecer terrible muerte: i a bueltas
del huvo grandes estragos hechos por Syla. Vea-
se a Veleo Paternculo. Los epitatos que el Poe-
ta les dà, son muy propios por las acciones de
cada uno.

**¶ Leonor, que o sentimento do morto Conde ao
mundo descubrio.** La Reyna Leonor luego que
vio delante de sus ojos muerto el Conde, hizo al-
gunas demonstraciones de gran sentimiento: i
entendiédo bien, que el singular motivo de aque-
lla muerte era la fama que della avia con el, di-
xo: *Han muerto el mas fiel Ministro, i mejor
persona que tenia. Yo juro que en esse terrero de
Palacio mandare bazer una hoguera, adonde ha-
ré las mayores pruebas, que jamás hizo muger al-
guna.* Aludiendo en esto a la costumbre antigua

A (que conforme a semejante dicho, aun entonces
se devia platicar) de que las mugeres acusadas
de adulteros, se libravan có meter las manos en
el fuego, si salian del con ellas no quemadas: esto
era apretando un hierro ardiente: Però la Reyna
dava a entender en lo que dixo, que no solo avia
de tomar en las manos ese hierro, sino entrarle
toda en una hoguera, con esperanza de que no le
haría daño, siendose en lo que sabia de si: però
no lo ejecutó, ni se lo permitirian mas, aunque
lo desearian otros. I despues porfió de manera
en algunas acciones, que bien mostrava no traba-
jar menos por sus intentos, que por alguna ven-
gancia de aquella muerte; si bié esto pudo ser im-
pulsó de afición grande a un buen Ministro, tenié-
dole por tal, i no de la otra de que la acusavan
con tanta publicidad: però de qualquier mane-
ra ella, como dice el Poeta, hizo claras demó-
straciones de dolor en la muerte del Conde.

**¶ Faz contra Lusitania vir Castella, dizen-
do ser sua filh.** &c. La Reyna Doña Leonor in-
siguida del sentimieto de la muerte de su valido,
o bien de los malos tratamientos que recibió de
sus enemigos, o de todo, incitó al Rey de Castilla
Don Juan Primero, a que viniese sobre Por-
tugal, por el derecho que tenía a suceder en esta
Corona, como marido de Doña Beatriz, hija uni-
ca de Leonor, i de Fernando; además que las ca-
pitulaciones fueron, que no aviendo hijo delle,
sucederia ella: i Fernando en su testamento la de-
xó nombrada en la sucesión. Tan nuestro fuera
todo lo que deseamos, como Portugal entonces
era de Castilla, i como Castilla hizo una guerra
justissima. Però, como ya lo diximos, Dios lo
dispuso de otra manera. Algunos sutiles arguyé-
que en decir el Poeta, que vino Castilla contra
Lusitania, dice que en parte vino Castilla contra
Castilla, por ser oy Lusitania una parte suya. Dos
respuestas tiene esto: una, que claro es que por
Lusitania se entiende Portugal: otra, que si bien
es opinion, que oy todo Portugal no es Lusita-
nia, porque una porcion de Lusitania se quedó
con Castilla, i esto diximos tambien en nuestro
Epítome, lo cierto es, que la verdadera, i anti-
gua Lusitania se incluye en Portugal: i que las
otras tierras que los Autores atribuyen a Lusi-
tania, i que no son agora de Portugal, no erá pro-
piamente Lusitania, sino unidas a ella; i como An-
daluzia propiamente no es Castilla, sino tierra q
se le unió. Así que por todos caminos está muy
bien esto.

VII.

Beatriz era a filha, que casada
co' o Castelhano está, q o Reyno pede;
por filha de Fernando reputada,
se a corrompida fama lho concede.
Com esta voz Castella alegrada,
dizen-

dizendo, que esta filha ao pay sucede,
suas forças ajunta para as guerras,
de varias Regioens de varias terras.

Beatriz era la hija que estava casada cō el Castellano, que pide el Reyno: i reputada por hija de Fernando, si se lo concede la corrompida fama. Con esta voz levantada Castilla (diziendo que esta hija sucede a su padre) jū: o para la guerra las fuerças de varias Regiones, i de tierras varias.

¶ Beatriz era a filib. &c. Al fin de esto estás diximos lo que ay en esto.

¶ Que o Reyno pede. El Rey D. Juan de Castilla por su mujer, viendo muerto el suegro, pedía la sucesión en Portugal, por las razones que ai apuntamos: i viendo, que no le respondían a propósito, i q la Reyna le incitava a mover guerra, hizolo.

¶ Se afuma. &c. Parétesis de Virgil. Georg. 4. (si vera est fuma) Vease sobre esta duda lo dicho en la est. 4.

¶ Suas forças ajunta. Entra el Poeta a hazer reseña del exercito Castellano, primero por monitor de la guerra: i porque haciendo representación primero de la potencia contraria, quede despues más luzido el vencimiento. A imitacion de Virgilio, que describe a Turno sobriamente acompañado, primero que al senzillo Eneas, vencedor dessa maquina. En el modo, orden, i estilo de la reseña, tambien imita al propio Virgilio en los lugares que iremos apuntando. No queda de fuera Lucano en el lib. 3. refiriendo la gente unida con Ponipeo; ni Estacio en el 4. i en el 12. de su Theb. Ofteo, i Apolonio Rodio en sus Argonauticas tambien andan por aqui; Silio Itálico evidentemente en algunos lugares, i con singularidad en el lib. 3. que contiene la reseña de la gente que Aníbal condujo, quando passò a Italia: i todos imitaron a Hom. Iliad. 3. haciendo la lista del exercito Griego. Den los curiosos, si quieren, una vista a estos Autores en estos lugares, i verán como nuestro Poeta no les queda deviendo nada; porque yo no puedo copiar todo lo que se le parece.

VIII.

Vé de toda a Provincia q de hū Brigo
(se foy) ja teve o nome derivado;
das terras q Fernando, e q Rodrigo
ganharam do tirano, e Mauro estado.
Nam estimam das armas o perigo,
os que cortado van co' o duro arado
os campos Leoneses, cuja gente, (te.
cō os Mouros foy nas armas excellē-

Vienen de toda la Provincia, que de un Brigo

(si fue) tuvo ya derivado el nombre: de las tierras que del Mauritano Estado ganaron Hernández, i Rodrigo. No estiman el peligro de las armas, os que con el duro arado van cortando los campos Leoneses, cuya gente fue excellentissima en las armas contra los Moros.

¶ Vem de tadi a Procinc. &c. Esta primera parte de la eltancia, quiere dez r que vino gente de casi toda España sobre Portugal en esta ocasión.

¶ Que de bum Brigo' se foy) ja teve o nome derivado. En dos maneras podeys entender esto; o que vinieron gentes de todos los Reynos de la Provincia de España, porque en toda ella hubo muchos lugares que compusieron su hombre del de Brigo Rey suyo, como Segobriga (oy Segorbe) de que se llamó Segobrigense toda la comarca: Brigacia, Lacobriga, Mirobriga, Iuliobriga, Augustobriga, Flaviobriga, i otros muchos; o tambien podeys entender solamente Castilla la Vieja, que conforme a Garibay en el cap: 8. del lib. 4. i a Julian del Castillo en sus Reyes Godos lib. 2. se llamó Castillabrigia, de Brigo Rey suyo, bisnieto de Tubal; i de ai Briga. Gerónimo Martel en su Cronología part. 1. (adonde cita otros Autores) dice, que Brigo vale Castellano, i que de ai se llamó Briga a Castilla. I esto nos parece mejor; ya sea nōbre tomado de aquel Rey, ya por estas razones que no me importa averiguar, para entender el Poeta.

¶ Se foy. Habla el Poeta con esta condición de si fue; porque diferentes Autores tienen por apócrifos algunos de los primeros Reyes de España, entre los cuales uno es Brigo: a mi no me toca argumentarlo; parece me solo, que no tiene más probabilidad otros Reyes consentidos de algunos Autores que niegan estos.

¶ Das terras que Fernando, e que Rodrigo. Supuesto que el Poeta junta con Fernando a Rodrigo, que es el Cid Ruy Diaz, necesariamente ha de ser este Rey Fernando el Magno, a quién sirvió este Rodrigo: i assi diremos, que estas tierras ganadas por Fernando son en Portugal, Lamego, Viseo, Coimbra, Sea, i otras, por los años 1039. En Castilla S. Esteven de Gotmaz, Vado de Rey, Aguilera, Berlanga; i reduxo a su obediencia los Reyes de Toledo, Sevilla, Zaragoza, i Badajoz: i advierto, que el poner aqui tierras de Portugal armadas contra Portugal, no es impropio, porque en esta ocasión sirvieron al Rey de Castilla muchas, que en el mismo Reyno estavan a su devoción, conociédo el mejor derecho. Las que ganó el Cid, principalmente son Calahorra, Atienza, Alcocer, Valencia, i otras. Pero como nuestro Poeta a un mismo tiempo en muchos lugares alude a dos cosas, tambié debaxo desse nōbre de Fernando puede entenderse el Santo, que ganó las de Vbeda, Cordova, Jaen, Sevilla, i toda la Andaluzia: i de todas estas tierras vino gente a esta batalla de Aljubarrota.

¶ Do

¶ *Do tirano, e Mauro Estado.* Del poder de los Moros, que justamente llama tiranico; porque entrando en lo que no era suyo, lo tenian usurpado desde el tiempo del Rey D. Rodrigo, en que se perdió España, como es notorio.

¶ *Os que cortando van com o duro arado os campos Leoneses.* Es perifrasis de la gente de León señalada en la labranza: i en especificar el Poeta los exercicios, o costumbres de las gentes que va nombrando, imira tambien a todos los Aurores, que diximos al fin de la estancia passada. Virgilio, quando Italia se armava contra Eneas, al nombrar las gentes, i Ciudades, que se componian para salir, dice de los que exercitavan tambien el arado, ib. 7.

*Vomeris buc & falcis honor, buc omnis aratri
Cessit amor, &c. Quique arva Gabina, &c.
Colunt. I adelante.*

*Qui saltus Tiberine tuos, sacrumque Numiei
Litus arat, Rutulosq; exercent vomere colles.*
I ay en este Maestro de Poetas muchos lugares destos: i uno co las mismas palabras en el lib. 11.
Vease Seneca en Troa. ac. 4. *Rura qui scindunt o-
pulenta bovis.* Lucano lib. 3.

*Penci qui rura colunt, quorumque labore
Thessalus Amoniam vomer proscindit Ioleo.*
Sanaz. de part. Virg. lib. 2.

*Q*uique
Flaventem curvis Lycia perrisipit arairis, &c.
haciendo otra resena feinejinte.

¶ *Cuja gente com os Mouros, &c.* Elogio grande de los Leoneses, llamandolos intrepidos en la guerra, i gloriosos en victorias de Moros, como lo fueron.

IX.

Os Vandales na antigua valentia
ainda confiados, se ajuntavam
da cabeça de toda Andaluzia,
que do Guadalquivir as aguas lavam.
A nobre Ilha tambem se apercebia,
que antiguamente os Tirios habitava,
trazendo por insignias verdadeyras
as Herculeas columnas nas badeyras.

Los Vandales aun confiados en el antiguo valor, se juntavan desde la cabeza de toda la Andaluzia, que lavan las aguas del Guadalquivir. Tambien se apercebia la noble Isla, que antiguamente habitaron los Tirios, trayedo por verdaderas insignias en sus vanderas las Herculeas columnas.

¶ *Os Vandatos.* Entiende la gente de la Andaluzia, llamada Vandalia por la razon que oistes sobre la estanc. 60. del cant. 3.

¶ *Na antigua valentia ainda confiados.* Dize que los Andaluces aun viven presumidos de valientes, como eran los Vandatos de quien proceden: siendo los Vandatos una de aquellas gentes

A Satentrionales, que con pesca policie, mas co mucho valor, inundando por toda Europa la dominaron. Parece que de algun modo moteja el Poeta el jactarse de su origen, quien no la imita en los hechos: o alaba la que los tiene grandes, imitando sus mayores: i ello es mas propio, porque los Andaluces, i todas las otras naciones de España, puestos en la ocasion nunca desfueron de aquel valor antiguo: es verdad, que no buscan tanto las ocasiones de mostrarlo. Tambien el accordarle el Poeta de celebrar esta antiguedad de sangre i valentia en los Andaluces, es a imitacion de Virgil. alli. celebrando la de los Sabinos: *Ecc: Sabinorum prioco de sanguine, &c.*

¶ *Da cabeça de toda Andaluz. &c.* Entiende Sevilla, a quien bana este rio.

¶ *Que do Guadalquivir as egoas lavam.* Co Virgil. l. iii. *Qui Tiberum, Fabarimq; bibut, &c.*
Et qua rigat Sarnus, &c. Ariosto c. 14.

*Contutta quella gente che si lava
In Guadiana, e bee de la rivera.*

Assi otros Latinos, i vulgares.

¶ *A nobre Ilha tamb. &c.* Los quatro elegantes versos son perifrasis de Cadiz, que fue de los Tirios, gente que traia por armas las columnas de Hercules: porque alli eban ellas, o estuvieron. Dezimoslo así, porque vinos dicen, que abriendo Hercules aquella montaña, para hazer comunicar las aguas del Oceano con el Mediterraneo, quedo formando dos montes, que vinieron a llamarse columnas: otros quieren, que verdaderamente fuesen columnas que el planto en estos montes por testigos perdurables de su llegada alli, como oy hacen nuestros navegantes en las tierras a que llegan de nuevo, plantando padrones, que son las columnas Catolicas de que los Portugueses tienen plantado bosques, i no dos solas como Hercules; ver la est. 18. del cant. 3-ila 21. del 9.

X.

Tabem vem la do Reyno de Toledo,
cidade nobre, e antigua, a que cercado
o Tejo em torno vay suave, e ledo,
que das serras de Conca vem manado.
A vos outros tabem na tolhe o medo,
o sordidos Galegos, duro bando,
que para resistirdes, vos armastes,
a aquelles cujos golpes ja provastes.

Tambien vienen alla del Reyno de Toledo,
noble, i antigua Ciudad, a quien en torno va
cercando el alegre i suave Tajo, que viene
manando desde las sierras de Cuenca. Tambien
no os impide ei medo a vosotros, o sordidos Gz
llegos, duro vando! que os armastes para resistir
a aquellos, cuyos golpes ya provastes.

¶ *Tambem vem la do Reyno de Toledo.* Dize,
que

que tambien vinieron a esta guerra Toledanos, i
Gallegos.

¶ Cida le, a quem cercando o Tajo em torno,
&c. Venga aqui primero Garciaslo, al describir
el Tajo rodeado a Toledo: porque es cierto, que
primero en este lugar se vino a los ojos de nues-
tero Poeta aquella hermosissima descripcion de
aquej hermosissimo espiritu, en la Eglog. 3.

Antes mostrando de su claro Tajo, &c.

*Lo figuró en la parte donde el baña
la mas felice tierra de la Espana.*

Pintado el caudaloso río se via,
que en aspera estrechez i redurzido
un monte casi ai rededor tenia
con impetu corriendo, i con ruido.

Querer cercallo todo parecia, &c.

De allí con agradable mansedumbre, &c.

Vease, rnego, aquella pintura toda, que es inimi-
table. Agora Virgilio en ese lugar del lib. 7. q
venimos citando, tambien dà a conocer otras ge-
tes, por los ríos que las riegan, que es lo que se
vá imitando:

*Qrosq; secans infusum inter uit Alia nomen.
O b. e el otro lugar. — Quiq; Cales linquunt*

*Amnisq; Vadosi accola Volturni: O bien más
adelante. — Gelidusq; per mas*

Querit iter vales, atque in mare cōditur Vfens.

¶ Que das serras de Conca vem manando Que
baxa el Tajo de las sierras de Cuéca: otro dixe-
ra, que de las de Molina salia el Tajo; pero todo
es vezino, i en los confines de aquella parte, que
se llamó Celtiberia, i oy es Aragon.

¶ O sordidos Galegos. Nuestro Poeta quando
dixo esto, o no devia acordarse, que era Gallego,
como en su vida se puede ver, o si se acordó, no
la quiso perdonar, ni hasta a si propio, conforme
a su libertad: si no es que se fió en verse transpa-
rado de muchos años en otra tierra, con que se
suele adquirir nuevo ser. Imitó a Silio Italico,
que haciendo otra reseña de la gente que Aníbal
llevó de Espana a Italia, dice: (lib. 3.)

Misit dives Gallecia pubem

Barbara, nūc patrijs ululantē carmina linguis.
A los Gallegos, i Biscainos trataron tal vez grá-
des Autores (luego lo hará nuestro Poeta en la
estanc. 11. con los Biscainos) con semejantes ti-
tulos: i esas naciones los castigan agora, con lo-
grar una cosa difícil de hallarse en otras (a lo me-
nos de Espana) que es la limpieza en las noble-
zas: porque ademis q casi todas las ilustres tie-
nen su origen en esas dos Provincias, ellas solas
casi está oy libres de la inmundicia Mahometana,
i Iudayca, que por no ver allá tantas rique-
zas, no se fue allá a enjuiciarlas. O felicissima po-
breza! O gentes bien afortunadas sobre todas!

¶ Duro bando. Porque de los Gallegos ay me-
morias de algunas acciones pertinaces, accompa-
ñadas del generoso deseo de la libertad natural,
i comun a las gentes, aun desde muchas edades
atras: como aquella, de quando al vadear el Mi-

A ño se dexaron degollar de Decio Junio Bruto
por los años de 118. antes del Nacimiento de
Christo; i de quando (algunos ciento adelante)
pasaron a Portugal con gran resazon: i la de resis-
titir a Leovigildo 16. Rey de Espana, que los dor-
mo por los años 580. de Christo; como despues
por los 780. el Rey Silo; i por los 960. Don Sa-
culo el Primero: i otras en que siempre mostra-
ron ser indomites, i querer vivir libres; i esto no
se executa sin rezios tumultos, i movimientos; q
esto suena, *bando duro*, como el Poeta les llama:
i a esta dellealtad atende el Poeta en la voz; *sor-
didos*, por las razones que apuntamos en la está-
cia 19. del cant. 3. mis que a no ser limpios en
sus adornos i casas: i por ventura, que solamen-
te a ésta a la avaricia, miseria, i traje no polido
de la gente Gallega: porque esta voz en la Latini-
nidad tambien significa el avariento. Tambien
duros, porque no son muy dociles, a lo menos la
plebe, por gran rudeza de ingenio: i tambien du-
ros, por muy atados a su opinion. Lo cierto es,
que la gente Gallega si no fuere muy polida en
algunas cosas, i lavare mal las ollas, i platos (i to-
ca esto solamente al pueblo ultimo) en lo antiguo
mostró gran valor en las armas, i despues no po-
co en las letras, como la que tiene su origen de
Grecia, Escuela ya admirable de las unas, i de las
otras: i en lo moderno logra essa limpicio que ai
acabamos de decir; i desta manera bien la puedé
tener embidia muchas naciones, que quieren ser
presumidas sobre ella.

¶ Duro bando: A fuera el lugar que arriba
queda de Silio Italico, tambien pudo ser imita-
do este de Virgil. alli: *Pariterq; Satieulus asper.*
Al fin mejor le huvo el Poeta con los Gallegos
en la est. 19. del cant. 3. llamandolos cautos; i a-
qui los desobligó de la obligació en que los avia
puesto allí. Pero yo me persuado, que su inten-
to fue hablar dellos con la significacion más de-
cente destas palabras, por dos razones: una, por-
que el era Gallego, como ai apuntamos, i no lo
devia ignorar, ni querer escalabratse mucho: o-
tra, que élta aquí hablado en persona del Gama,
q procura exaltar las naciones de Espana: i avié
do dicho en la est. 18. del c. 3. que ellas son todas
de igual valor, no es creible que avia agora de
querer desluzir tanto esta, porque seria contra lo
dicho allí.

¶ Para resistirdes a aquellos, cuyos golpes ja
provastes. Porque la gente Gallega fue muchas
vezes hostigada de los Portugueses, contra quié
agora venia; como consta de las historias, princi-
palmente en los tiempos del Conde Enrique, i
de los primeros quattro, o cinco Reyes.

XI.

Tābem movente da guerra as negras fu-
a gente Biscainha, que carece (rias
de polidas razões, e que as injurias
muy-

muyto mal dos estranhos compadece.
A terra de Guipuscuá, e das Asturias,
que com minas de ferro se enobrerce,
armou delle os soberbos matadores,
para ajudar na guerra a seus Señores.

Tambien las negras furia de la guerra , mueven la gente Biscaina, que carece de polidas razones; i que compadece muy mal las injurias de los extraños. La tierra de Guipuscuá , i de las Asturias , que se ennoblce con minas de hierro, armó del los matadores soberbios , para ayudar a sus señores en la guerra.

Tambem modens da guerra, &c. Con Virgil. Georg. 1. Hinc: movet Euphrates, illinc Germania bellum. Es menester que se lea con cuido esta clausula , que dice alsi: *Tambien las negras furias de la guerra mueven la gente Biscaina.* Advertimóslo , porque no fala a quien haga nominativo la gente, siendolo las facias.

Da guerra as negras furias. Virgil. alli tambien en el 7. Dirarum ab sede sororum, &c.

Cui tristii et bela, &c.

Geute Biscainha , que carece de polidas razões. Es admirable esta estancia, por los aptissimos, i elegantes terminos con que explica las calidades de esas gentes. Lo que el Poeta quiere decir es, que los Biscainos no tienen buena lengua; que a la verdad es su lenguaje dificultoso : i tambien querrá decir, que no son de muchas palabras , i cumplimientos : però logran la gloria de una antiguedad venerable en aquella lengua, que nos parece inculta; condia condicion de que cada lengua tiene sus propiedades excelentes , i que en ellas no ceden unas a las otras, mas sieien ser menos conocidas i usadas: i esto no es desfio de ellas, sino de quien las ignora.

Que as injurias muyto mal dos estranhos compadece. Que la gente Biscaina sufre mal, que ninguna otra la injurie. Toda la que no tuviere esta condicion , será digna de ser desestimada : i assi bien haze la Biscaina; i esto quiere decir el Poeta, i desto la alaba.

Guipuscuá, e Asturias , que co minas de ferro se ennobrecem. Estan aqui los Asturianos en lugar de los Prenestinos en Virgil. en essa reseña can citada del lib. 7.

Nec Prenestina fundator defuit urbis. **E** *Vulcano genitum, &c.* El estilo es imitado de mis adelante.

Et te motus a misere in pralia Nurse Vfens.

Tarmou delle os soberbos matadores. Armó essa Provincia del hielo que logra, sus habitantes: como si dixerá: De su cosecha tienen las armas, porque ellas son de hielo, i ei es propio de lllos; i llamaralos matadores soberbios, porq fueron tan dados al riguroso exercicio de la guerra, que como dice Silio Ital. alli, no podian vivir sin

A buscat a quien matar; que esto es desechar i seguir con todas las entrañas los conflictos militares, matando en ellos su modo, i con soberbia; parece lo dixo con el propio Silio lib. 3.

Cùm ab ante omneis t'ymisq; et usq; famis;
In viuis: p: amiq; ex omni ferre labore
Mirus amor populo. c. m. pigra incanuit atas
Imbelles iamādū annos peruertere saxeñ (mis
Nec vīta sine Marte patie quippe omnis in ar-
Locis causa sita, & damnatum vivere paci.

B I con eila naturaleza , i soberbia inclinacion de derramar sangre militamente, se conservaren sempre esfentos mostrandolo con singularidad, quando el Rey D. Alfonso de Leon , queriendo violar sus fueros , embió con un grueso exercito para sugerirlos al Príncipe su hijo , que una legua de Bilbao fue vencido dellos con tanta mortandad, que en memoria desso se llamo de pues aquel lugar , Arrigorriaga , que en aquella lengua vale, Riscos tenidos en sangre : I essa soberbia dio rábién a entender Oracio , quando dixo dellos en la ode 6. del lib. 2. *Cantabrum indo Elam igit ferre nostra.* En el original antiguo, que llego tarde a mis manos, esti moradores en vez de matadores : i essa tengo por verdadera lectón , assi

C por ser estilo del P. (según en la est. 88. del c. 3. Silves o bravo morador: i en la 19. del 7. Da terra moradores : i otros muchos lugares) como por ser propia la soberbia de aquella gente , fundandola en su antiguedad, i nobleza, de que parece se burla el P. motejandolo de vanidad con lo antecedente , de que todo lo que tienen viene a ser hierro.

Para ajudar na guerra a seus Señores. A este modo en la c. 14. dei c. 10. hablando de otra gente. Agora quiere decir aqui el Señores, los Reyes de Castilla , que se intitulan señores de Guipuscuá , la qual en esta ocasión vino a ayudarlos contra Portugal, como a Señores suyos. Acudá los curiosos a los titulos con que los Reyes de España se nombran en sus cartas, i alli verán, como de unas tierras se llaman Reyes, de otras Duques, de otras Condes, de otras Señores ; i el lugar que toca a esta, que ntiliramente dice: *Señor de Biscaya, i de Molina, &c.* En este original antiguo, que al acabo de decir, se sigue a esta estaca otra que el P. reprovo, i es:

Nem no Reyno sicut de Tarragona
quem nam sita de Marte o duro officio:
nem na Cidade nobre que se abona
com ser dos Scipioens claro edificio.
Tambem a celebrada Barcelona
mandou soldados desfros no exercicio.
Todos estes ajunta o Castelhano
contra o pequeno Reyno Lusitano.

Aunque la est. tiene su valor ; es de menos fondo que esotras: mas no solo por esto la omitió el P. sino porque le parecio , que ya era larga la lista. que no es creible el cuidado que puso este gran hombre en huir el hastío.

G A Cidade nobre q̄ se abona com ser dos Scipions. Tarragona es edificio de los Scipiones, A segun Plinio, i Solino: i es cabeça del Reyno de este nombre.

G Todos estes. Exagera con industria la gran mano Castellara en esta empresta.

G Contra o pequeno Reyno. Apoca con otra tanta industria el poder Portugues en esta cca-
sion: i son unidas estas industrias para lo que vere-
mos en la est. 41.

XII.

Ioāne a quē do peyto o esforço crece,
como a Sansam Hebreo da guedelha, B
pollo que tudo pouco lhe parece,
com os poucos do seu Reyno se apare.
E não poiç conselho he falece, (lhz:
com os principais señores te acóselha;
mas sō por ver das gentes as senteças,
q̄ sempre ouve entre muytos differēças.

Ivau a quien crece el esfuerço del pecho, como
al Hebreo Sanson de la guedelja, supuesto que C
todo le parece poco, se apareja con los pocos
de su Reyno. I no poiç que le falta consejo se a-
conseja cō los principales señores; mas solo por
ver las senteças de las gentes: Que siempre hu-
vo diferencias entre muchos.

G Ioanne a quem, &c. El gran estadista Don
Iuan con pecho ovalado, se resolviò a presentar ba-
talla con su poca gente, contra tanta: i fingia que
tomava consejo con algunos, por descubrir los
animos.

G A quem do peyto o esforço crece, como a Sā-
sam Hebreo da guedelha. Notorio es, que Sanson D
tenia en lo alto de la cabeza ciertos cabellos, en
que misteriosamente consistia su fuerça; los qua-
les se dice vulgarmente le cortò su amiga Dalida,
para entregarle a los Filisteos sus enemigos, que no le podian vencer, i que el traia asombra-
dos en virtud de aquellos pelos: però la Sacra
pag. Ind. cap. 16. no dice que ella se los cortó,
sino que llamo barbero q̄ ue lo hizo. Dize agora
el P. que nuestro Rey D. Iuan tenia en el pe-
cho la fuerça q̄ Sanson en la cabeça; i quiere de-
zit en esto, q̄ era hōbre de pelos en pecho; i que E
aqueunos pelos eran hadados, como los de Sālon
en fuerças: porque vulgarmente se dice hombre
de pelo en pecho; para dezir valiente, de grā fuer-
ça, i coraçon. I aunque nōbra solo a Sanson, alude
a todos los de q̄ te dice tuvieron semejantes pe-
los. Ariosto c. 15. tābien los singiò en Orrilo: Eu
rípides en Alcestes, i q̄ se los cortò Mercurio: la
fabula misteriosa en Niso, i q̄ se los cortò su hija
Scyla. De Dido dixo Virgilio, q̄ tenia unos, que
si no se los viniera a quitar Iris, no acabara de
morir. Lo cierto es, q̄ casi todo lo fabuloso tuvo
origen de la verdad de la Escritura sacra acerca

Tomo 2.

de Sanson. A estos pelos se parecia una argo-
lla de hueso de cierto animal, que traia un Mo-
rto en la India; el qual estando herido mortalissi-
mamente, no solo no moria, sino que la sangre no
saltava de las heridas; i en quitandose la fine co-
mo quien quita la manu de la egua, que en la fué-
te represò por entretenimiento, que sibito salió
presurosa, pues luego brotarò sangre copiosa to-
das las heridas, i por ellas se exalò el alma. Tá-
bien anda entre nosotros una oracion a Nuestra
Señora, que dicen tiene virtud de no morirse
qu e i la trae hasta q̄ se la quiten. Desto no se
cosa cierta de effetro sé, que lo refiere seguramente
nuestro Iuan de Barros; i no me acuerdo ago-
ra en qual de las Decadas: i no importa buscarlo,
porque es cierto. Tambien pudo aludir el P.
(i lo creo, pues dice que del pecho, como de otra
guedelja de Sanson erecia el valor a Iuan) a algu-
nos hombres valerosos, que siendoles sacado el
coraçon, se les hallò poblado de pelos, qual fue
Leonidas Griego, haciendoselo sacar Xerxes: i a
Aristomenes Messenio General valentissimo de
los Athenienses, siendole abierto el pecho, se le
hallò por de dentro poblado de pelos; i el cora-
çon: todo señal de fortaleza i essa por esse estilo
pretendió el P. mostrar en D. Iuan. Pero el sen-
tido m̄is propio es, q̄ assi como la fuerça de Sā-
son estaya en el misteriosa i divinamente, fuera de
los terminos humanos: assi parecia estar en Don
Iuan, porque fuera de la humanaidad estā el osar
un hombre con pocos ofrecer batalla a un po-
der tan desigual en grandeza, i vencerle: I fi-
nalmente quiere dezir el Poeta, que el Rey lle-
vava a Dios en el pecho, como Sanson en el cabe-
llo. Esto es, que su fuerça era singularmente de
Dios, como explica S. Agustín. I esta fue la mé-
te del P. porque luego en la est. 45. confiesa que
Dios faz el que venció aqui.

G Mas sō por ver das gentes as senteças. No
tomava consejo por quererle, sino por explorar
los animos, siendo, como diximos en otra parte,
el m̄is fino estadista de su tiempo. Vease a Ruy
de Pina en su historia, que a su modo le pinta es-
tremadamente. En nuestro Epitome de las histo-
rias Portuguesas descubrimos desto lo que po-
dia sufrir el estilo, a que nos sugetamos.

G Que sempre ouve entre muytos differēças: Este verio es sin numero, de industria por mos-
trar aquella diferencia, o dislönancia de que ha-
bla: i la senteça es de aquello de Terencio: *Quot
capita tot sententiae.* &c.

XIII.

Nam falta com razoēs quē descōcerte
na opiniām de todos, na vontade,
em quem o esforço antigo se converte
em desusada, e m̄a deslealdade;
Podendo o temor mais, gelado, ineite
que a propia, e natural fidelidade,

Ii

Negam

Negamo o Rey, e a patria, e se convem negarán, como Pedro, o Deos q̄ tem.

No falta quié en la voluntad desconcierte córazones en la opinió de todos: en quié se cóvierte el antiguo esfuerzo e a mala i desusada deslealtad. Pudiédo m̄s el inerte, i elado temor, q̄ la propia i natural fidelidad, niegan al Rey, i la patria: i si conviene negarán, como Pedro, ei Dios que tienen.

Nam falta com raz. &c. Dice que no f̄ Itava entte los Portugueses quié reprobavse la guerra, que se intentava con Castilla sobre la luceſſion. I tanto no faltava, que la mayor parte del Reyno estuvo, una neutral, i otra declarada por Caſtilla, conociendo la verdad, de que la guerra era injusta; digo la que intentava aquel troço de Portugal. Nuestro P. como era finisímo Pórtugues, llama desleales a los que siguieron Caſtilla, aunque fuese con más justicia; porque le pareció que era con menos amor de la patria: i esta desconformidad pinta el P. a imitacion d'e Virgil. En. 2. Scinditur incertum ſtudia in contraria vulgus.

Na vontade. Esto 2lude a aquellos, que sin voluntad siguieron alguna de las partes; de que huvo muchos que lo hicieron, obligados ya de vergüenza, ya de vencidos de dadivas, o fuerza: i así caminando cótra lo que les dictava su voluntad, i van diciendo dentro de si lo contrario de lo que i van obrando fuera de si, al modo de aquello de, *Dixit in corde suo non est Deus.* I ordinariamente las obras destos son muy parecidas a su pensamiento. Declarase el P. con decir luego, q̄ en effos tales estaba el valor antiguo buelto en desusada, i ruin infidelidad; porq̄ es un exquisito genero della aquel de fingir, que soy por uno, siéndo contra el, i a lo menos no por el, sino así como por demás.

Podendo o temor mais gelado iner. &c. En continuacion de lo dicho, muestra que era la acció de los tales, hija de vn temor frio; porque no atreviendose a cosa alguna, emprédian qualquiera con miedo, i sin gana.

Que a propia e natural fidelidade. No obra va con aquellos Portugueses timidos, ni aun aquella fidelidad que solia fer propia de Portugal.

Negam o Rey. Va obrando la paſſiō: porq̄ D. Iuá no era Rey, ni de justicia le tocava el serlo: el mismo se llamava defensor: i quādō finalmēte le eligieró en Coimbra effos pocos q̄ le seguiā fue có poca forma, i cótra el derecho notorio de Caſtilla; i los q̄ siguieron la voz Caſtellana, caminavan mas seguros, i mas Christianos, i los q̄ nō, salvāſe por amadores de la libertad de la patria, en cuyo obsequio no ay accion ingloriosa, como dice Ciceró en la Philippic. 11. *Eo iure quo I. piter ipſe sanxit, ut omnia qua Reipub. ſalutaria eſſet, legitima, & iuſta habeſentur.* Sirva esto para el fin de la c. 33.

Negarán, como Pedro, &c. Malas nuevas dà aquí el P. del humor Portugues, diziédo, que a venirle a pelo, negará a Christo, como hizo san Pedro. Esto es hazer iimage de quan fuertes son los Portugueses, en seguir la resolucion que una vez toman: i hiperbole, que facilmente tiene lugar en la boca, o en la pluma de tan gran hōbre como est: en que no deve fer imitado de quien sea menor. Mas quien no se imagina siempre grāde? Yo el traño q̄ el P. aun así grande se atreviese a hazer esta comparacion: porque el yerro de S. Pedro fue misterioso, i lo sagrado no se ha de manosear facilmente: i mejor fuera aqui Iudas, que Pedro: porque a Pedro no se le puede dar en rostro con su culpa, i a Iudas si: fino es que el Poeta quiso dezir, que los Portugueses negavan a su Rey, como Pedro a su Dioſ: esto es que al fin le confiesan como leales, si le niegan tal vez como ciegos. No me agrada. En el manuscrito del Poeta sucedia a esta estancia otra que se sigue.

*O enemigos maos da natureza
que injuriays a propia geram
degenerantes baxos, que fraquezas
de esfuerzo, de ſaber, e de razam
vos fez, que a clara eſtirpe que ſe prezra
de leal, fido, e limpo coram
ofendays de effa ſorte; mas respeyto
que eſte dos grandes he o menor defeyto.*

Reprovó el P. esta en. con gran razon: porque se introduzia sin tiempo a reprehender aquella gente, i porq̄ ello haze luego en persona del grā Nuñō Alvarez: i porque la vió confusa de ſentencia, floxa de estilo, i hija de la mocedad.

XIII.

Mas nunca foy que este erro ſe ſentisse no forte d'om Nunálvarez: mas antes poſto q̄ em teus irmãos tā claro o viſſe reprovado as vontades incôſtates; a aquellas duvidosas gentes diſſe, có palabras mais duras que elegantes, a mão na espada irado, e nam facudo, ameaçando a terra, o mar, e o mundo.

Mas nunca fue visto, que ſe ſintiesse este yerro en el fuerte D. Nuñálvarez; antes aunque lo viesse tan claro en sus hermanos, reprovan-do las inconstantes voluntades, có palabras más duras que elegantes, poniendo airado la mano en la espada, i amenaçando la tierra, el mar, i el mundo: a aquellas dudosas gentes, no facundo, mas airado, dixo:

Mas nunca foy q̄ este erro ſe ſentij! &c. Dize la est. q̄ en D. Nuñō Alvarez Pereyra n̄e pre huvo una constancia admirable, aun en la corriente dver a sus hermanos, i parientes cótra ella, i contra ſi: i a ellos, i a todos animava, có obras, i razones fuertes.

¶ Eſ-

¶ *Este erro.* El yerro de la inconstancia, i deslealtad, que el Poeta llama, no se vio jamas en Nuño, que el pretende celebrar della virtuo, i para esto le dio con gran acuerdo el epíteto de fuerte: porque la fortaleza es el alma de la constancia. Este insignissimo Heroe en el mundo (no solo en España) fue el alma de todo Portugal en aquella ocasión; i viene aquí en lugar de Laocoón en Virgilio, por ser el que con fervor del zelo de la patria, afrentando con razones los Troyanos, que no se rezolvian de los Griegos (libro 2.)

Primus ibi ante omnes magna comitatem catoe. Laocoön ardens in summa dicturit ab arce.

I finalmente aquí comienza el Poeta a cantar de Nuño, como prometió en la est. 12. del c. 1. i se nace en la 32. del 8.

¶ *Posto que em seus irmãos.* Tenia Don Nuño Alvarez dos hermanos, que se apartaron del, i siguieron a Castilla; i de uno dizen tradiciones, que al pelear contra su hermano en la de Aljubarrota, fue tragado de la tierra: i tuvo esto origen de que siendo visto pelear allí, nunca despues le hallaron vivo, ni muerto. Sus nombres, i lo que más fuere menester veremos en la est. 40.

¶ *Aquellas duvidosas gentes.* Entiéndese aque-llas naciones, i tambien los que asistian sin voluntad, como explicamos sobre el verso 2. de la estan- ia pasada.

¶ *In rivo, e n'um facundo.* Esto parecerá que estuvo dicho en el verso antes, *Com palabras mas duras que elegantes*: Pero el Poeta lo hizo por declararse mas, mostrando que no le faltava a Nuño politica en la platica, sino que arrebatado agora de la ira militar, hablava como airado, i no como politico: porque las palabras de la colera son confusas, i ásperas; i assi de la boca de Nuño en la oracion siguiente, parece estar pendiendo la colera en espumas, porque cada palabra está pareciendo una espuma de colera, como en Virgilio lib. 1. en la boca de Neptuno, hablando colérico con los vientos; i otros lugares que luego se verán.

¶ *Ameaçando a terra, o mar, e o mundo.* A imitacion de Ariosto c. 18.

*Soffira, e freme con si horribil faccia
Che gli elementi, e tutto il ciel minaccia.*

Ercilla c. 22. Arauc. Assi la tierra, i cielo amenazando. Los elementos, i el cielo en rigor, es el mundo. Nuestro P. o entiende aquí por mundo el cielo; o como nombra solos dos elementos, tierra, i agua, dixo: *I el mundo*, por decir de una vez, como arrebatado de la colera, lo q iva a decir de muchas: o entendiendo allí el mundo por el cielo (como lo pudo hacer en ley poetica) queda ria diciendo como Ariosto en ese lugar, q sin duda imita, i como Garcilasso Eleg. 1. *Alegria-va la tierra, el mar, i el cielo.* I de

qualquier manera esté bien.

Tomo 2.

A *Com ?da gente illustre Portuguesa.* ha de aver qué refuse o patrio Marte? *Como della Provincia que Princesa* foy das gentes na guerra em toda par-
Ha de sair quem negue ter defensa? (te, qué negue a fè, o amor, o esforço, e ar-
de Portugues? e por nenhū respeyto (te
o proprio Reyno queyra ver sogeyto?

B *Como ? de la illustre gente Portuguesa,* ha de ayer quien rehusó el patrio Marte? *Como* desta Provincia, que en toda parte fue Prin-
cesa de las gentes en la guerra, ha de salir quien niegue tener defensa? quié niegue la fè, el amor,
el esfuerço, i el arte de Portugues, i q por ningú
respeto quiera ver sugeto el propio Reyno?

C *Como ?da gente, &c.* Es llena de furor heroí-
co esta oracion de Nuño a los Portugueses; casi
a imitacion de la de M. Marcelo a los Romanos
m. drofios de Atila. Los curiosos la vean en el
lib. 7. de la Dec. 3. plana 15. del propio lib. en
en el mio; i tambien es parecida a la otra de
Laocoón en el 2. de Virgilio arriba apuntado.
O miseri! Que tanta insania civis? &c. I en el
11. Tarconte: *Que tanta animis ignavia venit?*
&c. Entra el P. en esta con terminos, que hacen
mucho mayor imagen de colera, i furor militar.
Destas oraciones, tiene el algunas en esta ad-
mirable obra, siédo incomparables la de la Rey-
na D. Maria en el c. 3. i esta: i la del Gama en el
8. i la amorosa de Leonardo en el 9.

D *Com? Ya dixe en la est. 103. del c. 3.* qual
sea el artificio deste modo de entrar atrebata-
damente, sin preambulos.

¶ *Da gente illustre Portuguesa.* Dicho con in-
dustria, porque de la gente principal poca seguia,
o a lo menos mucha dexava de seguir a Dó Luá,
i a Nuño Alvarez: i assi a un mismo tiempo afez
a la gente illustre el faltar a la libertad de su pa-
tria, i exalta la plebea que le seguia, diciendo, q
esta era accion illustre.

¶ *O patrio Marte.* Quiere dezir Marte pro-
picio de Portugal: assi por ser los Portugueses na-
turalmente belicosos, como aludiendo a lo anti-
guo, en que antes del conocimiento del verdade-
ro Dios, era suyo propio Marte, como os dixi-
mos sobre la est. 34. del c. 1. i assi se admira con
causa, de que quien es tan propio de Marte, le re-
husé en la mejor ocasion.

¶ *Desta Provincia que Princesa foy das gen-
tes na guerra.* Puedelo dezir con modestia; porq
entre las naciones del mundo, la Portuguesa no
cedio a alguna jamas en el valor militar: i a es-
to sirve las razones que quedan en essotro ver-
so; i otras que me haze omitir la brevedad. La
repeticion de, *Como ? en esta est. i la siguiente*

112 es

es ciudadosissima, por ser termino Retorico valiente para mover, i se incluye en la figura anafora, de que en la est. 142. dei c. 2. Tambien se incluyen aqui confusamente dos figuras otras, que son la pregunta, o admiracion, i no perjudican menos.

¶ *E por nenhun resfeyto, &c.* Confiesa el P. con este termino, que temia justicia el Castellano: pero que este respeto, i otro qualquier, devia posponerse al amor, i libertad de la patria: i esto aprueba por esta razon, i por lo que diximos sobre la est. 13. I sin duda alude tambien a una obligacion en que se avia puesto Nuño Alvarez, i era esta. La Reyna Doña Leonor le armó Cavallero de su mano, i le dixo, q el avia de ser su escudero, hablando al modo de libros de Cavallerias: i el respondiole, que aquellas armas avia él de emplear algú dia en su servicio della: i como el agorá peleava cótra ella, aludiendo a esta obligacion, se disculpa, diciendo, q en liegádo era al bien publico, i de la patria, no ay que tener respeto a otras obligaciones: como disculpandose de faltar a esta de lo que prometió a la Reyna en aquel acto de su honra; i casi como si dixerá a aquellos con que hablava: *Veyse aquí, que por el amor de la patria falto a grandes promeſſas, i deudas.*

XV I.

Como? Nam sois vos inda os descendēda quelles, q debaxo da bandeyra (tes do grande Enriquez, feros, e valentes venceſtes esta gente tam guerreýra?
Quando tantas bandeyras, tātas gētes poseram em fugida, de maneyra que sete illustres Cōdes lhe trouxerão presos, a fora a presa que tiveram.

Como? No soys vosotros aun los descendientes de aquellos, que fieros i valerosos vencistes esta gente tan guerrera, debaxo de las vandas del grande Enriquez? quando tantas pusieron en huida, de manera, que le truxeron presos sete illustres Condes, a fuera la presa q'ic tuvieron.

¶ *Nam soys vos inda os descendēnt.* &c. Esta estancia, i la siguiente tomaron los colores de aquél lugar de Virgilio lib. 5. quando el viejo Mnesteo incita los suyos al asalto, i a la vitoria.

Hectorij socij, Troiae quos forte ſuprema Delegi comites, nunc illas promite vires,
Nūc animos quibus in Getulis firtibus uſi, &c.
Ariosto canto 17. incitando Carlos su gente timida.

*Non ſete quelli voi che mecc firſte
 Contra Argolante (diſſe) in Aspramonte?
 Sono le forze voſtre ora ſi fruſte
 Che ſi uccideſſi lui, Troiano, e Almonte
 Con cento milla, or ne temete un ſoſio,
 Pur di quel ſangue, e pur di quei oſtacoli.*

A El gran Tasso a este modo Liber. cant. 1. est. 51.
*O vergogna o miſfatto hor non baueſſi
 Tu Grecia quelle guerre a te vicine?* &c.
 ¶ *Do grande Enriqu.ez.* Ilustissimo título el de g aude a Don Alons. Enriquez Rey primero de este Corona: Vease la cit. 11. del c. 8.

¶ *Quando tantas bandeyras tant &c.* En ese lugar que al queda de Ariosto, trae Ca: los exemplos de las acciones pasadas, en que su gente quedo superior; acá Nuño de los en que a la Portuguesa sucedio lo mismo con Castellanos; i lo que apunta en estos quatro versos, es la batalla q el Rey Don Alonso de Portugal dio al Rey Dō Alonso de Castilla en los Arcos de Valdevez, campaña de la Provincia de entre Duero, i Miñon, en la qual fue reduzida a miserable estrago aquella valentissima nacion; de que largos años fueron visitos blanquear los huesos en ella, descubiertos por los arados que allí sucedieron a la espada: i aun oy se hallan algunos pedaños de armas, i espuelas.

¶ *Sete illustres Condes.* Entre los presos que huvo de Castilla en aquella batalla, fueron siete Condes; i haze Nuño memoria de ellos, q porque entonces eran raros, quedava siendo gran cosa cautivar siete: oy no lo fueran setecientos.

XVII.

Com quem foram contino ſopeados
 estes de quem o eſtais agora vòs,
 por Dionis, e ſeu fi ho, ſublimados,
 fe nā co' os uſſos fortes pays, e avos?
 Pois ſe cō ſeus defcuydos, ou pecados,
 Fernādo en tal fraqueza aſſi vos pos,
 tornevos uoſſas fuerças o Rey novo,
 D ſe he certo q cō o Rey ſe muda o povo.

Con quien fueron continuamente ſopeados, metidos debaxo de los pies, estes de quien agora lo eſtays uoſſotrs; por los ſublimados Dionis, i ſu hijo? Pues ſi Fernando con ſus defcuydos, o pecados os pu o aſſi en tal fraqueza, buelvaos uoſſas fuerças el nuevo Rey, ſi es cierto que con el Rey ſe muda ei puebló.

¶ *Eſtes.* Dicho de la boca de Nuño, como Capitan lleno de bravosidad, con desden; apocando agora la gente Castellana, por crecer el animo a los timidos: no con intento de deshazirla, como piensan algunos del P. e intendiendole mal, pue el con industria la vi ſiempre exaltando en este Poema, como os mostraremos claro sobre la estancia 24. i ya en la 19. dei 3. diximos aligo. I sobre el estilo de eſte, aquel, o el, por apocar: ſe vea lo que queda en la estancia 133. del canto 3.

¶ *Por Dionis, e ſeu fiho ſublim.* &c. El Rey Don Dionis, i ſu hijo, Don Alonso Quarto, que le ſucedió, dieron mucho que hazer a Castilla, fa-

liendo della con algunas buenas victorias. Vease nuestro epitome en sus vidas, en quanto no estuvieren mas a mano las Cronicas destos Reyes, q lo dizen mas largo, i mejor.

¶ Se nam com os voſſos fortes Pays; e Avos. Virgilio lib. 10. diziédo Turno a ſu gente: *Nunc magna referto facta patrum*: Porque en todas edades, i naciones fue ſiempre gran incentivo al valor en los presentes la memoria del de sus paſſados. Los Principes quando comian, i en otras horas, ſolian oír los hechos de sus mayores, o leído en historia, o cantado en versos. Los ímagenes, o eſtatuas a eſte fin ſe inventaron. Mejor es para esto lo que ſupimos modernamente de personas que lo vieron: i es que entre los Añicos (habitadores ſon de la Etiopia Occidental) quando andan en la guerra, i aun quando dan una batalla, traen los Capitanes, i personas principales tras ſi un moço; que al ſun de un arco tocado con un palo, les anda cantando los hechos de sus mayores. Esto hazen los que llamamos barbaros; esto detracionan los que ſe lo llaman. Quales ſon los barbaros? Vease más detto desde la eſtancia 92. del canto 5. Este oficio, pues, estaba agora haciendo Nuño Alvarez; memorando las hazañas glorioſas de los padres, i abuelos de aquella gente, para incitarla con la memoria dellas a imitarlos en esta ocasion. Trajimos aquel exemplo por eſtrano, i nuevo, porque fuera proceder en infinito traer los de las historias; báſten los que el Poeta trae en las eſtanc. 91. i 93. del c. 5. Todas eſtas clauſulas hasta aquí uſadas en modo de pregunta, es la figura Epicocafismo, que dizen los Retoricos.

¶ Fortes pays. Al padres del lugai de Virgil. que aí queda, i el P. initò, añade fuertes con grā euuyado, para incitar mas sus descendientes a imitarlos en aquella virtud.

¶ Pays, e Avos. Padres, i abuelos: porque desde este tiempo en que habla Nuño, al deſtios Reyes, no era paſſado mas, q lo que podian aver alcanzado padres, i abuelos: por mostrarles q este valor q ellos moſtraron, era muy cercar o a los q animava, moſtrandoleſ que desdijran muy p'eſto de quién eran, procedie yendo ſin valor.

¶ Pois ſe com ſeus deſcuydos, ou pecados, &c. Persuade bien. Si os hizo timidos ei Rey D. Fer nando con ſu floxedad, hagaos osados el Rey D. Juan con ſu valentia; pues es cierto, que el vicio, o la virtud del Principe ſe transfiere en el vassallo. I dize deſcuydos, o pecados en conformidad de lo dicho en la eſt. 139. del c. 3. de aver icma do Fernando la muger a ſu marido; i de averſe deſcuydado con ſus amores: culpas a que ſuc dieron los daños de Portugal.

¶ Se be certo q co' Rey ſe muda o povo. Ya el P. dixo en la eſt. 138. del c. 3. que un Rey covarde acordava a ſus vassallos, auq̄ naturalmente ſean valerosos. De la verdad desta ſentencia, devio produzirſe la otra de ser mejor un exercito de Tomo 2.

A ciervos timidos, gobernados por un Leon, que al contrario. Laercio en la vida de Zenon, dice, que codiciado ei Rey Antigono hazerſe docto co' el, le eſcribió, que ſe fuese a eſteñarle, diciédole, q connocia, q qual era el Rey, tales eran los ſubditos. Por todo diziédo el P.: si los vassallos ſuelen parecerſe al Rey, Rey q es valeroso, valer ſos los ha de tener.

XVIII.

B Rey tendeſtal, que ſe o valor tiverdes igual ao Rey que agora ale vantastes, desbaratareys tudo o que quiserdes, quanto mais a quem ja desbarataſtes. E ſe co' iſto emfim vos nam moverdes, do penetrante medo que tomastes, atay as mãos a voſſo vāo receyo, quē eu ſò resistirey ao jugo alheyo,

C Teneys ya tal Rey, que ſi tuvieredes el valor igual al Rey q levātastes aora, desbaratarcys todo lo que quisiſedes, quanto mas a quiē desbarataſtes ya. I ſi al fin co' todo esto no os movie redes del penetrante medo que tomastes; atad las manos a vueſtro recelo vano; que yo ſolo refiſtē al yugo ageno.

¶ Rey tendeſtal q ſe o val, &c. Bonissima inferencia para animar, cōtinuado el pēlamiento co' q remató eſtora eſt, yencercys mayores coſas, ſi conformaredes vueſtros animos co' el deſte Rey que hizisteſ agora.

¶ Que agora ale vantastes. Porque entonces se uabavan de nombrar en Coimbra Rey a D. Luá, que hasta alli ſe nombrava defensor.

¶ Quāto mais a quē ja desbarataſtes. Por las veces q Portugueses avian vēcido a los Castellanos, como ſe vió en las dos eſt. paſſadas; i lo q una vez fe hizo, ordinariamente ſe puede hazer eſt. a: i más en la guerra, adóde el vencido una vez, ſiēpre teme, i el yēcedor ſiēpre oſa i presume.

¶ Do penetrante medo. Teniasé el miedo entrado por los hueſtos a muchos.

¶ Atay as mãos, &c. Apretando más en afeat les la irrefolución q eſtava oliendo a covardia, i dizeleſ: Atad las manos: eſtaoſ aí como cordeiros atados, aguárdado ei cuchiilo en el matadero

¶ A voſſo vāo receyo. Todo eſte poder q eſtys mirando, no es mayor de lo que vos le hazeys co' vueſtro temor vano: i llamale vano por facilitar la persuasion: que el no era vano, ſiendo tantos, i tan valerosos los contrarios.

¶ Eu ſò resistirey. Sube de puto la colera, i el o probrio, diziédo: lo q vosotros todos temeys, yo ſolo lo he de vencer: el miedo os arrebara de las manos la parte de gloria q os aguarda en eſte co' flito: toda la quiero para mi. I haze armonia eſto co' aver llamado vano a aq̄l temor: como ſidixera

M rad si es vano tal miedo en tantos, pues yo solo basta a conseguir esta victoria. Hallo este pensamiento el gran Tassò Conquill, lib. 8. c. 53. cò Hecoe de la propia manera airado i colérico.

*Hor siéda ogni altro in pace; e da secura
parte mire otisso il mio periglio.*

¶ O jugo al'beyo. Cetro extraño, que siempre fue temible: assi cant. 3. cfl. 28. I ci llamarle yugo, atiende a no llamar hombres, sino bestias a los que se dexan dominar, por ser esto propio de las: por esto dice en la estancia siguiente, tierra no sojugada: esto es, que no avia dado la cerviz a yugo extraño. Tambien pudo oírse al estilo antiguo, que los vencidos eran obligados de los vencedores a passar por debax de un yugo, o horca: como veremos en la est. 15. del c. 8.

XIX.

*Eu sò com meus vassallos, e com esta,
(e dizendo isto arranca mea espadz)
defenderey da força dura e infesta
a terra nunca de outrem sojugada:
Em virtude do Rey, da patria mestra,
da lealdade jà por vos negada,
vencerey (nam sò estes adversarios)
mas quatos a meu Rey fore cõtrarios.*

YO solo con mis vassallos, i con esta (i diciendo esto arranca media espada) defendere de la infesta i dura fuerza, la tierra nunca sojugada de otro. En virtud del Rey, i de la mestra patria, i de la lealtad ya negada por vosotros, venceré no solo a estos adversarios, mas aun a quantos lo fueren a mi Rey.

¶ Eu sò. Repitido del verso ultimo de esto-
tra est. i es repetición muy hija de la colera. Cada
palabra, al fin; en esta oración es un aliento;
ninguna va perdida; muestra esta que está broti-
do la ira por los ojos.

¶ Eu sò defenderey, &c. Sacólo el Poeta de Virgil, lib. 12. en la boca de Turno airado entre los suyos: *Et solus ferro erimen commune refel- lam.* Ariosto c. 5. Che io credo bastir solo a questo fatto. Ercilla introduciendo à Tucapel en tal ocasión cant. 16.

I si todo el Estado se retira, &c.

*Yo solo tomare s'n compagnia
las armas, eai sa, i cargo a cuenta mia.*

Que no ay duda que obliga a mucho un Capitá, E-
quando se arroja solo al peligro: porque en tal ac-
cion los que le ven hazen de vergüenza lo que no
hazian de miedo. Oid el mayor caso, que yo ha-
llo en todas las historias del mundo. El gran
Rey de Portugal D. Manuel, teniendo aviso que
la Ciudad de Arcila en Africa estaba sitiada po-
derosamente, i temiendo, que si por el camino or-
dirario la quisiese socorrer tardaria, no hizo
más de ponerse a cavallo con un page solo, i

A echar por la puerta fuera, i así solo caminó ha-
sta Tavira, que es en el Algarve. Subito se de-
rrezo el motivo de aquella resolución, i ob-
tanto en aquellos vassallos, que dentro de cinco
días vio el Rey consigo dos ejércitos terrestres,
i naval, con algunos diez mil hombres. Vease en
nuestro epitome, en la vida deste Rey. Claro es-
tá, que si el se pusiera a dar avisos del peligro, i
a pedir gente a su Reyno, no negociaría tan apres-
sa. Assi acá Nuño se retuerce a pelear solo, para
negociar mejor.

¶ Com meus vassallos. Don Nuño A'varez
Pereyra no es de aquellos, que en estas desven-
turas del Reyno medraron, i subieron a puestos
grandes sin méritos algunos, más de la agua tur-
bia en que se arrojaron a pescar; sino que era-
ron clarísimo por sus ascendientes los Percy-
ras, desle muchos centenarios de años antes, en-
tre los cuales hubo muchas admirables: i tenía
gran casa, i era Señor de no pocos vassallos: por
esto habla aquí con mucha confianza, diciendo:

Com meus vassallos. I assi el casó el Rey Don
Juan su hijo con hija de Nuño, i fundar Nuño
tan gran casa, como la de Bragança, no son co-
sas que cayeron fuera de su lugar, sino en su lu-
gar propio: i fue justo, que siendo Nuño un va-
ron tan magnánimo, que hacia mercedes igua-
les a las de los Reyes, pues dava lugares, i vi-
llas a los que le servían, procediese del la ca-
sa de Bragança, adonde apenas se pasa dia en
que no se haga alguna merced, de Encamien-
das, Beneficios, i oficios; de gruesa renta mu-
chos. Tanto tiene que dar; de que resulta ser
bien servida de Caballeros en sangre, i lucimien-
to oy, como lo era su fundador, que por esto di-
ze: *Com meus vassallos*, con la confianza que lo
pudiera decir el Rey i no otro.

¶ Com esta. Dos reparos teneys aquí: el uno
es, que aviendo dicho Nuño, que el solo con sus
vassallos entraría en este conflicto, añade: *I con
esta*, poniendo la mano en la espada, enseñando,
que no solo renia vassallos, sino mano para aque-
lla espada; i valor para merecerlos, que es lo
que importa: i no como algunos, que no tienen-
do valor, ni mano, ni espada presumen solo por-
que tienen casa. Otro es, que el meter la mano
a la espada, i sacar la mitad, i bolverla a reco-
ger de golpe en tales ocasiones, es acción, i bi-
zarria militar, maravillosa para conmover los
circunstantes, como el preterdia. En el Conven-
to del Carmen de Lisboa, insigre i sumptuosa fa-
brica de este Heroe, se conserva una espada tuyu,
hermosísima, i de muchas labores por toda la
hoja; i creo que no será la que tenía aquí en la
cinta, porque parece más de gala, que de guerra.
De qualquier manera es joya digna de perpetuidad:
toda vía causa un gran disgusto al verla, i es,
que no se ve en ella aquella valiente mano, que
no tuvo, ni tiene embidia a las que permanecen
en el Templo de la fama heroyca.

¶ (E dizendo isto arranca mea espada.) Estremada cosa es, que aya quien condene este parentesis, i esta accion; siendo èl un cuidado de las mayores plumas, i ella conocida por de los mejores Heroes. Veamoslo. Virgil. lib. 6. *At ramum hunc (aperit ramum qui veste latebat) agnecas.* I en el 12. *Sceptrum hoc (dextra sceptri nam forte gerebat) nunquam, &c.* aunque sea en otro proposito, es el propio estilo, i la misma accion en Eneas, quando baxò al infierno con el ramo de oro. I al m'smo proposito en Ciris, mostrando el instrumento, con q'ne cortò la gue-deja, o pelo al padre: *Aut ferro hoc (aperit ferrum, quod veste latebat) purpurium, &c.* Ovid. Met. 13. incitando Politena a Pirro, que la mata-se, viendole acovardado para hazerlo.

— *At tu iugulo, vel peccore telum*

Cõde meo (iugulumque, mul. peccisq, retexit)
Scilicet, &c. I antes, quando Vñiles blato-nando mostro las heridas.

Aspice etenq; manu deduxit)

Hec sunt, &c. I en el 1. de los Falt.

Et (ciavem ostendens.) Hec ait, armagero, &c. Seneca al principio del act. 5. de Edipo. *Hec fatus, aptat impiam capulo manum.* Bien iguales son est's estilos, i acciones con nuestro Poeta aqui. Però veys aqui de donde lo imitò derechamente, si yo no me engaño. Ariosto cant. 19. est. 74. pintando a Marfisa llena de ira militar excelentemente.

*Ma questa spada (e lor la spada addita
che cinta havea) vi dò per sicurtade, &c.*

I venciole en escular el que tenia ceñida, porque es sobra ociosa. B. Tasso Amad. canto 26. ef-tancia 55.

— *Io te ne prego, ascolta*

(e la timida mano al ferro pose)

che io ti prometto, &c. Queré mas? Anda un hombre, como este, vindimiando todo lo más sa-zonado de la cultura poetica para agradar a los apetitos, i ellos estan assi estragados, que todo lo hallan desabrido. No sea, no, por Dios, culpa de tan feliz diligencia, lo que es vicio de tan ma-la naturaleza.

¶ *Infesta, i abaxo mest'a.* Es Latin puro; lo pri-mero vale adversa, lo legundo triste.

¶ *Patria mest'a* El gran Tasso Liber. c. 20. e. 25. *De la pregante patria, e de la mest'a.*

¶ *A terra nunca de outrem sojugada.* La tie-rra nunca sometida a yugo estrano: como no lo avia sido Portugal hasta alli, desde que tuvo Rey propio.

¶ *Em virtude do Rey.* Continuacion del pen-samiento de la estancia antecedente, adonde di-xo, que si conformassen los animos co' el del Rey, esto es le imitass'en en valor: i de la est. 17. adon-de dixo, que los vassallos siempre se parecian al Rey, si el es floxo, assi ellos; si el es valero-so, ellos assi. I mostrando agora Nuño, que hasta en él lleno de valor ha crecido mas valor solamente

Tomo 2.

A en virtud de un Rey valeroso; quiere dezir: Veisme aqui, que todo lo que he de obrar, ha de ser porque veo delante de mi un Rey lleno de valor: pues como, o porque no ha el de obrar en vos otros lo que està obrando en mi?

¶ *Da lealdade ja por vos negada.* Dize arriba: En mi se ha de ver pelear el valor de mi Rey, i el amor de mi patria: i agora dice: Tambien ha de obrar en mi vuestra deslealtad, porque veo que llevaré la gloria de ser yo solo leal, quando vosotros todos sois ya desleales: ya lo soys: ya veo q' no obra en vuestras coraçones, enemigos de la patria, ni la razon, ni la honra, ni la verguença. Ea, pues, mirad bié lo que todo esto ha de obrar en mi; vereys un hombre afrentandoos a todos solo por essa campana.

¶ *Meu Rey.* Con gran vigilancia fenece, diciendo, mi Rey, para conmover más los oyentes; dandoles a entender, que el solo de puro leal podia tomar en este cófito para si todo al Rey; y q' ellos de puro desleales no merecian parte en el. I con este gran golpe fenece la platica, que començo en essotro grande que se llama ex abrupto: para lo qual se vea todo lo dicho sobre las estancias 103. del cant. 3.

XX.

Bé como entre os mácebos recol'hidos em Canusio, reliquias sôs de Canas; já para se entregar quasi movidos, à fortuna das forças Africanas; Cornelio moço os faz, que côpelidos da sua espada jurem, que as Romanas armas, nam deixaram em quâto a vida os nam dey xar, ou nellas for perdida:

Bien como entre los mancebos recogidos en Canusio(reliquias sôs de Canas) casi comovidos ya para entregarse a la fortuna de las Africanas fuerzas, los haze el moço Cornelio q' juren côpelidos de su espada, que no deixarán las Rômanas armas, miétras no los dexare la vida a ellos, o no fuere perdida en ellas; en effotra estâcia el sentido.

¶ *Bem como ent.* &c. Despues que Eneas habla a algunos Cavalleros Troyanos, incitan-do los a acudir a su Ciudad, que perecia, trae otra comparacion de como en ellos sobre la ora-cion crecio el valor. Eso imita el Poeta trayedo esta. Tambien imita a Tito Livio lib. 2. de la Dec. 3. pintando en Nuño Alvarez la propia accion que el en Cornelio Scipion, que viendo a los Ro-manos con propósito de desamparar la Republi-ca de puro miedo de Anibal, que en Canas los destruiò terriblemente, sacando la espada, i pro-metiendo la muerte a quien no le siguiesse, los hizo jurar, que le seguirian, i con eso fue re-paro de la patria, como acâ Nuño; el qual

I 4 com-

compara aqui a Scipion, i le llamarà Scipion en A
la est. 32. del 8. El gran Tasso hz iédo hablar bra-
voso a Ricardo delante de Gofredo, bien parece
que viò esto en nuestro P. porque en el lib. 6. de
la Conquist, le pinta (est. 56.) como el Camoës
a Nuño en la est. 14. airado, poniendo miedo al
mundo: I el Tasso allí.

— Allhor Riccardo

*Con faccia irata, e con feroce sguardo,
Da spaventare ogn' anima sicura.*

El Camoëns dize, que puso la mano en la espada
est. 19. i el Tasso en la 57.

E su il pugnale havea la man sinistra.

B
El Cam. reñatò comparandole a Cornelio; el
Tasso en la 58.

— *Parve quest'i al dubbio varço
Oracio sol contra Toscana tutta, &c.*

¶ *Canusio.* Es un lugar muy cerca de Canas;
Apiano dize, que esta bravosidad heroica de Sci-
pion fue en Roma, i en la casa de Cecilio Mete-
lio: el P. habla (i bien) por la boca de Tito Li-
vio, que casi al fin del lib. 2. de la Dec. 3. refiere
esta accion largamente, assi como el Poeta aqui
con su brevedad.

¶ *Afortuna das forças Africanas.* Entiende
el exercito de Anibal, que por la mayor parte se
componia de gente de Africa, i bastava que fuese
Africano Anibal para decir esto. En la est. si-
guiente aplica el P. la comparacion con gran va-
lentia de estilo. I en lugar desta aparece en su
primer original estotra.

*Qual o mancebo claro no Romano
Senado, os grandes medos aquebranto
do gran Cartagines, que soberano
os cutelos lhe tinha na garganta,
quando ganhando o nome de Africano
a resistir le foy com furia tanta,
que a patria duvidosa libertou,
o que Fabio envejoso nam cuydou:*

Bonissima es la est. sin duda, aunque la que le su-
cedió, por ser tan ventajosa la desluze: ambas có
tienen una misma cosa.

¶ *Que soberano, &c.* Llevò este soberano es-
tilo a la est. 14. del cant. 8. Vease. I ponderese,
que la comparacion no solo está medida por el
valor, i acciones de los comparados, sino tam-
bién por la edad: porque si Cornelio Scipion era
moço, Nuño Alvarez quando se hallava aqui no E
tenía más de 24. años. Hermosos años 24. Por
eso el Poeta en la est. de que se agradió más, no
desistiò de la voz moço, que tenía en esta repro-
vada, queriendo que se entendiesse, que Nuño e-
ra un moceton entonces, i que Portugal, corría
parejas con Roma: i realmente juicio divino es,
que adonde tantas cabeças de edad madura abá
donaron la honra, i la libertad, la sustentassen
unos mocetones aun mal barbados, aquien
parece se avia passado el seso, i el
coraçon de todos.

(.f.)

XXI.

Desta arte a gête fôrça, e esforça Nu-
ñô cô lhe ouvir as ultimas razoës, (no,
removem o temor frio, importuno,
que gelados lhe tinha os coraçoës:
Nos animais cavalgam de Neptuno;
brandindo, e volteando arremessoës,
vam corredo, e gritado a boca aberta:
viva o famoso Rey que nos liberta.

D Esta manera Nuño fuerça, i esfuerça la gê-
te: que con oirlle las ultimas razones, remue-
ven el importuno, i frio temor que les tenia clado-
dos los coraçones. Cavalgan en los animales de
Neptuno: i blandiendo, i volteando lanças, i dar
dos, van corriendo, i gritando con abierta boca.
Viva el famoso Rey que nos liberta.

¶ *Desta arte a gente, &c. Vam correndo, e gri-
tando, &c.* De la platica de Nuño resulta el efecto,
que de la de Mnesteo que ya apuntamos (en
la est. 16.) que el P. imita.

— *Olli certamine summo
Procumbunt, vastis tremit ictibus ærea puppis.*
Arrojaronse a la labor ardientemente.

¶ *Força, e esforça.* Assi con cuidado: porque
Nuño forçò a muchos, llevandolos tras si de pu-
ro miedo, i respeto que le tenian. i despues de
forçados los esforçava (esto es animavalos) con
dadivas, promessas, i razones animosas.

¶ *As ultimas razoëns.* Bien: lo que aì os di-
ximos en la est. 19. que son las razones ultimas
de su oracion, i las más fuertes della, como ex-
plicamos. Muestra agora el P. el ciyulado con q
las escriviò, diciendo, que a ellas obedeciò aque-
lla gente, que estaba con el coraçon duro, oyen-
dole hasta allí: mas viendo que Nuño les acaba-
va de poner el sello de infieles a su Rey, i patria,
i se levantava con toda la gloria de aquel hecho,
atroxandose solo a el, ya por embidia, ya por hó-
ra, ya por verguença se resuelven en seguirle.

¶ *Removen o temor frio:* Aquel mismo con q
se hallavan en el verso 5. de la est. 13. se sacudie-
ron de si agora: i el termino de remover queda
en la 1.

¶ *Que gelados le tinha os coraçoës.* Vease la
est. 89 del c. 1. Virgil. En. 2. *Gelidusque per ima-
cucurrit offa tremor:* Mas propio con lo de ade-
lante: *Quondam etiam viëtis reddit in præcordia
virtus.*

¶ *Nos animais cavalgam de Neptuno.* Lue-
go tomaron caballos i armas, i fueron corriendo
en floreos alegremente, apellidando libertad, li-
bertad. La perifrasis que el P. haze de los cava-
llos aqui, parece notoria, pues comunmente se
sabe, que hiriendo Neptuno la tierra broto un
caballo al compitir con Palas. Vease lo dicho c.
3. est. 51. c. 6. e. 13. De Maestro está la imagen,
que

que el Poeta haze en esta est. del alegre , valeroso , i subito efecto de aquella accion , i razones de Nuño , que fue el alma de todos .

T Brandindo , e volteando arremessoens . Arremesso en Portugues , es aquel dardo , o lâça corta , que en essa lengua se llama de arremesso , i vale arrojarça : i aqui estan por las verdaderas lâças , que siendo largas , i delgadas , andando se van blandiendo : i si se ha de enteder los dardos , que como cortos no se blandea facilmente , diremos que los empuñavan , i rebolvian agora con tanta fuerça , que los hazian blandirse .

T Volteando . En dos maneras le aveys de entender : o que con la gran fuerça se blandian tanto los dardos , o lanças , que casi hazian un circulo , juntando tal vez las puntas : o que q como ya alegres ivan haciendo floreos , i galanterias , rebolvian a una i otra parte con ayrosa mano los dardos : i esto es mejor , i mas propio de aquel año de alegría .

T Gritando a boca aberta . Eran las voces grandes : i el modo de expressarlo es grádissimo , que parece se estan viendo correr , i vozear con un palmo de boca : propio de semejante accion : al modo de una pintura burlesca de las quatro voces de la musica , que vulgarmente se vè en diferentes ocasiones de fiestas : assi acà ivan estos con voces desmedidas , desafiando el peligro , i burlandose del .

T Viva o famoso Rey que nos liberta . Aquellos mismos que poco antes estavâ elados de temor , i no estimavan la libertad de la patria , ni aun aquil Rey , que algunos avian levantado , oyendo dezit al gran Nuño qual era su valor , i su intento , ya le reconocen , ya le veneran : ya estiman la libertad , i la honra ; i al fin ya le llaman famoso , i D le desean vida , porque les solicita la liberrad , re conociendo , que ni un Rey tal , ni tal gente puede hacer menos , ni todos dessear con mas ahinco otra cosa , que la libertad comun . En la est . 6. del canto 1. algo .

XXII.

Das gentes populares , hûs aprovam a guerra com que a patria se sostinha ; hûs as armas alimpam , e renovam , que a ferrugem da paz gastadas tinha ; capacetes estofam , peytos provam , armase cada hum como convinha ; outros fazem vestidos de mil cores , com letras , e tençoens de seus amores .

DElas populares gentes , unos apruevan la guerra con q se sostenia la patria : otros limpian , i renuevan las armas , que el orin de la misma paz tenia gastadas : esto fan capacetes : pruevan pechos : cada uno se arma como convenia : otros hazen vestidos de mil colores , con le-

A tras , impresas , motes de sus amores , de sus das mas .

T Das gentes populares , bûs aprovam a guer . &c. El pueblo aprobava la guerra en defensa de la patria , al contrario de la mayor parte de los grandes , que la desaprovaban , segun vimos en la est . 13. I esto sucede en toda ocasion de alteraciones de Reynos : porque el pueblo como no atiende a otro interes que el publico està constâte : i los Cavalleros como ordinariamente atienden solo a sus aumentos no se unen , i cada uno va solo para donde le lleva la imaginacion de mayor interes : i desto tuvo mucho en esta ocasião , i en la de la perdida del Rey Don Sebastian , en q muchos truxeron la lealtad a pregon , como en almoneda , diciendo con ella en las manos : Ay quien más dé que ya se remata , que buena pró , i buen provecho le baga ? I el pueblo es el baxo , i vil . Bien está . Al fin el P. muestra , como el pueblo solamente reicató el Reyno de la esclavitud entonces : pues no trata de describir aqui otra gerra . i todavía de essa dá a entender , que alguna no se armó , solamente aprobava el armarse la otra .

T Hûs as armas alimpam , &c. Todo Virgil . lib . 7. describiendo las prevenciones de Ausonios para pelear con Eneas .

Pars leves clypeos , & spicula lucida tergunt
Arvina pingui subiguntq ; in cote secures , &c.
Alij thoracas abenos . &c. Recoquunt patrios en
Hic Galea tectis trepidus rapit , &c. (ses , &c.)
Todo Lucano lib . 1.

Rupta quies , populis , stratisq ; excita iuventus
Diripiunt sacris affixa Penatibus arma
Quæ pax (aqui mi P. Que a ferrugem da paz)
longa dabit , &c. Et scabros nigræ morsu rubiginis ensis , &c. I en el 7.

— Tunc omnis lancea saxo
Erigitur : tendunt nervis melioribus arcus .

Todo Stacio Theb . 3.

Tunc fessa patri rubigine tela
Horrentesq ; situ gladios in saeva recurvant
Vulnera , & attrito cogunt iuvenescere saxo .
Hi teretes galeas , &c. Peitoribus tentare :
alij Cortynia lentant cornua , &c.
Ercilla Arauc . cant . 4.

Vnos botas espadas afilavan ,
otros petos mobos enluzian , &c.

T Que a ferrugem da paz gastadas tinha : El orin de la paz tenia gastadas las armas . Bien : porque en tiempo della , ellas se cuelgan ; i como no se usan , cubrense de orin , o moho , i esse las desluz , i gasta : i en Portugal avia ocasion para esso , porque las vidas de los dos Reyes , Pedro , i Fernando se passaron sin tomar armas : aquel , porque no las tuvo menester ; este , porque no fue inclinado a ellas : i aunque varios casos de su tiempo las pidieron , el , i los que le governavan , como estavan ocupados con los amores de la Reyna Doña Leonor , i otras cosas importantes de este genero , si alguna vez se armaro , como es sin valor

Ai voluntad, fue lo mismo que no averse armado: i por esto las armas estavan agora muy mohosas, llenas de este orin que las come, que es en ellas lo que en la ropa la polilla, i en el trigo el gorgojo; i en la madera el gusano: i del las limpiavan agora.

¶ Capacetes estofam. Los capaceres, morriones, yelmos se aftran con estofos de algodon, o lana, porque el hierro no lastime; a lo menos al recibir golpes.

¶ Peystos provam. Como entonces no avia mosquetes, o arcabuzes, no se harian con ellos las pruebas en los petos, ni serian ellos tan fuertes: si bien un dardo de buena puta, arrojado de buen braço, como entonces avia, no penetrava menos, que la bala de un mosquete. Seria, pues, la tal prueba tirando un dardo al peto, o dispara do en el alguna ballesta con harpon, que tambie se usava entonces, i era peligroso tiro.

¶ Vestidos de mil cores. Assi en la est. 52. del c. 6. Es propio de la gente militar el vestirse de colores varios; i de los Poetas dezir mil por muchos, i aun por tan pocos, como son los colores. No sirven ellos en los soldados, i anantes solamente de galas, mas tambien de imagenes de pefiamientos amorosos, o militares, o devotos. Para esto ultimo diremos solo, que muchos de los antiguos, quando salian en campana militarmiente, se vestia cada uno del color de aquel Dios, a que era mas inclinado: i en lo moderno el color de los Habitos de unas i otras Ordenes, todos se eligiero por sus significados. No hazemos mas de apuntar, huyendo lo prolixo: el curioso co esto puede acudir con la memoria a lo leido, o con la curiosidad a los libros. Oy casi todos, galanes, i soldados hazen esta devocion, i estas aplicaciones a sus damas, vistiendose de los colores que ellas mas estiman, o que mas pueden significar sus intentos. El blanco significa pureza, fe, i triunfo: el rojo ira, i crudidad, i vengaça: el verde festejo, alegría, i esperança: el azul grandeza de animo, amor fino, i pensamiento sublime: el amarillo soberbia, dominio, y arrogancia: el negro tristeza, dolor, i sentimiento: el encarnado amoroso contentamiento, i auer logrado el ultimo favor de la amada: el verde gay, o limonado, desesperacion, i tormento: el leonado, o castano gritud, animosidad, i fortaleza: el pardo humildad, sufrimiento, i paciencia: el morado desprecio de vida por la cosa amada: la mezcla fantasia de pefiamientos varios: el argerino, o plateado temor, passion, i zelos: el oro poder, honra, i amor. Mezclados los colores, se mezclan los pensamientos: como si uno viriere de blanco, i rojo, dara a entender de su animo, o cuidado, lo que cada uno por si significa, juntamente. Bien sabemos, que se dan a estos colores otros significados: estos son los mas fixos, i bastan. Los curiosos que quieran mas acudan al Dialogo de Ludovico Dolce de senores; a Antonio Tilesio, que tambie tra-

to del significado dellos: a Alciato en sus Emblemas 117. i 207. i alli su Scholiastes Claudio Minoe; i al discurso de Juan Rinaldo sobre lo mismo, que se intitula, el Monstro: al otro de libreas, i divisas en ley de armeria, por Sicilio, Araldo, o Rey de armas del Rey Don Alonso de Aragó; i al de Fuvio Pelegrino, que son los que viimos para exponer este lugar.

¶ Con letras, e tençoens de seus amores. Ariosto en una estancia, que no se adondeva, i no me quierio matar agora por esto.

Chi con colori accompagnati ad arte

Letitia, o doglia a la sua donna mostra:

Cbi nel cimier, chi nel dipinto scudo

Diseña Amor, sel' ha benigno, o crudo.

BE P. por letras, i tensiones ent. ende propiamente empresas, que constan de figuras, que son las tensiones; i de motes, que son las letras; tambien se usa motes sin imagines, i imagenes sin motes: i entonces tienen diferentes nombres. El polido doct, i perfeto es la empresa, que solo tiene lugar en los que hazen profession de armas, i letras, i amores, i se usan desde antiquissimo tiempo: i son las tres principales cosas que dieron fama a los humanos. Por esto entra el dulcissimo Lope de Vega en su Isidro, con esta proposicio, como por gran novedad.

Canto el varon celebrado

sin armas, letras, ni amor.

Cinco circunstancias ha de aver en la empresa para ser perfecta: 1. Dos figuras que ambas sean de necesidad igual al invento: 2. El mote de dos palabras solamente, o un verso en lengua de la tierra en que se ha de usar la empresa: 3. Sera facado el mote de Autor de fama: 4. Sea el pensamiento no tan escuro, que todos le ignoren, ni tan claro, que todos le entiendan luego, luego: 5. No se dexen entender las figuras sin el mote, ni el sin ellas. Vease a Paulo Iovio en el Dialogo de las Empresas, motes, i insignias: i a Geronimo Rusceli en las suyas; i lo que diremos en la est 52. del c. 6. Vsé el P. en esta estancia la figura compar, que es, *unos hazen esto; otros effo &c.* Al fin a este modo llevavan letras, e tençoens aqui los soldados. I advierto, que el Poeta se acuerda destas empresas amorosas, porque entre los tercios Portugueses tuvo uno en esta ocasio, que se llamava de los enamorados, i llevava una vandera compuesta de colores al proposito del nombre. Vease lo que diremos en la est. 26.

XXIII.

Com toda esta lustrosa companhia
Ioanne forte sae da fresca Abrantes:
Abrantes, que tambem da fonte fria
do Te o logra as agoas abundantes.
Os primeyros armigeros regia,
quem para reger era os muy possantes
Orien-

Orientay exercitos, sem conto
com que passava Xerxes o Helesponto.

COn toda esa lustrosa compagnia sale el fuerte
Iua de la fresca Abrantes, Abrantes q tâbiolo
gra las abundantes aguas de la fria fuente
del Tajo. Regia los primeros armigeros quien
era para regir los muy poderosos exercitos Orientales,
i sin cuento, con que Xerxes passava el Helesponto.

¶ *Com toda esta compagnia.* Verso tambien
1. de la est. 78. del cant. 3. La compagnia dizen al-
gunas memorias, comitava de seis mil infantes, i
otras, que de diez, i dos mil cavallos; i la Calle-
llana de treinta i seis mil iomenos.

¶ *Da fresca Abrantes.* Villa pequena mas re-
galada, de bond. salio el Rey Don Ivan a dar la
batalla en Aljibarrotora, no lexos. Sobre la repe-
ticion de Abrantes ver la de Cintra en la estan-
cia 55. del can. 3. que es no menos propio para
aqui un lugar de Dionisio, que alla se queda.

¶ *Da fonte fria do Tejo.* A todas las aguas
roca el epiteto de frias; pero a las del Tajo en su
origen (esse es fuente) mejor, porque nace en a-
quellas serranas, que ordinariamente estan cu-
biertas de nieve: ban el Tajo la tierra de Abra-
tes, i la hermosa, con las plantas y arboles que
produce: essa es la frescura de que el Poeta aqui
alabla la villa.

¶ *Os primeyros armigeros.* Virgil. al salir Turno,
que imita el Poeta En. 8. *Ductores primi,*
Mesapus, & Vfens, &c., i en el 9.

Mesapus primas acies, postrema coercent
Tirrida iuvenes, medio Dux agmine Turnus.
Otros tres caudillos haze nuestro Poeta por la
misma orden, como luego vereys.

¶ *Armigeros primi yros.* Entiendese la van-
guardia. Quando el Poeta dezia armigeros de
cien en cien planas, le dezian que hablava Latin.
Que le dixeran si escriviera como oy, en que se
halla una palab a conocida de cien en cien pla-
nas? Al fin armigeros vale los que llevan armas.

¶ *Quem pari regerent os, &c.* En essotra es-
tancia dita, que era Don Nuno Alvarez Perey-
ra; para cuyo valor halla el Poeta ser poca la gen-
te que iba governando, i que merecia governar
inaumerables exercitos, qual se dice era el de
Xerxes: lo cierto es, que no es hipetbole, sino
verdad; porque la mano, i coraon de Don Nuno
Alvarez merecio todo lo que da de si la glo-
ria humana.

¶ *Sem conto.* Vale sin numero; que tal se dice
fue la copia de la gente de Xerxes, en modo, que
poniendose el desde una eminencia, i viendo tal
numero, se puso a llorar que huviese de morir
todo.

¶ *Com que passava Xerxes o Helesponto.* Es
casi verso de Dante Purg. c. 28.

Li Helesponto la uve passu Xerxe.

A En otro lugar diximos del Helesponto. Esta flo-
ra de Xerxes tan menorada, constava de 1300.
baxelos, o 4500. como dizen otros escritores,
que parece mejor cuenta para el numero de la ge-
te, que llegava a cinco millones. Ella era de va-
rias Provincias, como Fenicia, Panfilia, Licia,
Celicia, Caria, Chipre, Ionia, Eolia, Elefesponti-
ca. Puso sobre el Helesponto, que son tres le-
guas de distancia, puertes capaces mas para pas-
sar la gente, que tardó siete dias en passarlas, mar-
cado siempre. Dice agora el Poeta, que Nuno
merecia que todo esto fuese suyo, como fue de
Xerxes, para ser governado dignamente. A este
modo vys disuynedo otros campos el gran Tas-
so Liber. c. 17. al principio. Los curiosos los
confieran, que bien parecidos van el, i nuestro P.

XXIIII.

Do Nuno Alvarez digo, verdadero
açoute de soberbos Castelhanos;
como ja o forte Huno o foy primeyro
para Franceles, para Italianos.

COutro tambem famoso Cavaleyro,
que a ala derecha tem dos Lusitanos,
apto para mandalos, e regelos,
Me Rodriguez, se diz, de Vatcocelos.

VO digo Don Nuno Alvarez verdadero açou-
te de los soberbos Castellanos; como ya lo
fue primero el fuerte Huno para Franceses, i pa-
ra Italianos. Otro Canallero tambem famoso,
que tiene la ala derecha de los Portugueses, ap-
to para mandalos, i regelos, se dice, se llama Me
Rodriguez de Vasconcelos.

¶ *Dom Nuno Alv. &c.* Dize, que Don Nu-
no Alvarez era aquel que iba en la vanguardia, a
que en essotra estancia llamo, *armigeros prime-
ros*: porque los tales son el rostro del exercito.

E *Açoute de soberbos Castelhanos.* Este mis-
mo verso halareys en la est. 8. de las que en sus
rim. escriviô el Poeta a Don Constantino desce-
ndiente de Nuño Alvarez, como hijo de la casa de
Braganca. Piensan algunos, que el Poeta llama
a los Castellanos, soberbios por vituperio: i me
haze reir el Tradutor Castellano deste Poema, q
entendiendo tamb en assi, i doliendose, dixo:
Refididor de fuertes Castellanos, con que los tra-
tô menos honorificamente, pensando sin duda, q
les borrava un oprobrio: porque el Poeta ordi-
nariamente usa desta palabra por alabanza; co-
mo si dixerâ grandes, sublimes, soberanos: can-
to 2. estr. nc. 99. *Foy o soberbo Afonso a socorrel-
la.* Veys aqui, que qvâncio el Poeta preter ce e-
xaltar a nuestro proprio Rey, le llama soberbio:
i en la propia estâc. se descubre esto mejor (si me
jor puede descubrirse) diciendo assi: *Este siem-
pre las soberbias Castellanias diffrecio, porque
no es de las fuerzas Lisitanas temer pedir n. mayor
por*

A por más pequeño. Claramente, pues, el soberbio allí quiere decir sublimes, superiores, que de otra manera no tuviera asiento el mayor por más pequeño, relatando aquí el mayor las soberanías, o superioridades que allí quedan. En el c. 2. est. 52. quando más altamente alaba a Duarte Pacheco le llama, soberbio, i insolente. Vease, que es singularísimo lugar. De manera, que exalta así el Poeta la gente Castellana; i no solamente lo hace como cortesano político i modesto, sino como Poeta, exaltando el vencido, por exaltar mas el vencedor, como veremos al fin de la estancia 41. Vamos allí.

B **Huno.** Dudo si el Poeta puso cuidado en elegir de los personajes con que podía comparar a Nuño, uno en quien concurriese casi el propio nombre: porque de Huno a Nuño va poca diferencia: i a lo menos para llamar a Nuño, acote Portugues para Castilla, puso cuidado: i elegir un gran Capitan, que se llamó acote de Dios para el mundo; qual fue Atila asolador fiero de Italia, i Francia: i llamale Huno, porque era Rey de los Hunos. Vease para esto lo que queda sobre la est. 100. del c. 3.

C **Outro tambem famoso Cavaleiro.** Merecio este título este Cavallero que ignora nombra.

Ala. Quien no sabe que cosa es *ala* en los exercitos? Cuerno le llaman otros: i cuerno también es una cosa muy sonada.

D **Mem Rodriguez de Vasconcelos.** Valiente Cavallero, quales los huyó en la numerosa familia, antigua, i ilustre de Vasconcelos; al qual se fió de justicia el mejor troço del campo en esta ocasión: i el Poeta, que suele no negar a nadie lo que es suyo, lo confiesa en el penultimo verso abundantemente. Sobre esta invención con que está aquí troncado el nombre, se vea lo que diremos en la estancia 33. del canto 8.

XXV.

E da outra ala, que a esta corresponde, Anta Vazqz de Almada he Capitão, q despois foy de Abráchez noble Cōdas gētes vay regēdo a festrā māo. (de, Logo na retaguarda nam se esconde, das Quinas, e Castellos o pendam, com Ioanne Rey forte em toda parte, que escurecedo o preço vay de Marte.

E De la otra ala, que corresponde a esa, es Capitan Anton Vazquez de Almada, que despues fue noble Conde de Abráchez, i vā iigiendo la mano sinistra de las gentes. Luego no se esconde en la retaguarda el pendón Real de las Quinas, i Castellos, con Juan en toda parte Rey fuerte, que vā escureciendo el precio de Marte.

F Da outra ala que a esta corresp. &c. Entiende el cuerno izquierdo (como luego declará)

aviendo ya dicho del derecho; obser, ando la orden que hallareys en el c. 9. del lib. 1. de los Machab. *Bacchides autem erat in dextro cornu; & qui in sinistro, &c.* I el lugar de Virgil, que deixamos arriba; i la costumbre corriente del arte militar.

G **Antam Vazquez de Almada.** Cavallero benemerito de puestos superiores. Pero no fue Cōde de Abráchez: otro ha sido deste proprio nombre: i esto hizo equivocar algunos escritores tras que se fue el P.

H **A festra mão:** La mano izquierda: i es la otra ala, que dice el primer verso: festrā es sincopa de sinistra.

I **Logo na retaguarda, &c.** Iva en ella apareciendo con las armas del Reyno el pendón, o guion del Rey, i el con él.

J **Das Quinas, e Castellos o pendão:** Porque ivan en el bordadas, o pintadas las armas del Reyno de Portugal, que constan de cinco escudetes azules con cinco rocales de plata, unos i otros en forma de Cruz, a que vulgarmente se llama Quinas; i de siete Castillos de oro en campo rojo, que aparecen en modo de orla.

K **Que escurecendo o preço vay de Marte.** Note se la brevedad con que dixo quanto se podía decir en la descripción de un alentado Capitan heroyco, representando al Rey mayor que el propio Marte: i graduando los sujetos dirá en la estanca. 38. del c. 8. **Outro Conde que representa em terra Marte:** haziendo el vassallo parecido à Marte, i el Principe mayor que Marte. Ver lo que diremos a este propósito sobre la est. 55. Tambien respetó en esto el P. a aver dicho en la est. 5. del cant. 1. que la gente Portuguesa ayuda a Marte.

XXVI.

L Estavam pellos muros temerosas, e de hum alegre medo quasi frias, rezado as māys, irmans, damas, e espo prometendo, jejuns, e romarias. (sas la chegam as esquadras bellicosas, de frente das imigas companhias, que com grita grandissima os recebē; e todas grande duvida conccebem.

M Por las murallas estavan temerosas, i casi frias de un alegre miedo las madres, hermanas, damas, i esposas, rezando, i prometiédo ayunos; i romerias. Ya llegan las belicosas esquadras en frente de las enemigas compañias; que los reciben con grandissima grito: i todas conciben una gran duda.

N Estavam pellos muros temerosas, &c. Ningunas ponderaciones, o ateños se escapan al P. en alguna ocasión. Esto era, que por los muros de la villa de Abrantes, de donde salió el exercito, estavan apareciendo desde lexos (cosa naturalis-

milissima) las mugeres, las hijas, las hermanas, i las damas de los maridos, padres, hermanos, i galanes que iban en el; i notese, que se acordó de las damas aquí, porque lo hizo de los enamorados en la est. 22, i todo junto porque estos cuatro grados de mugeres son las que más sienten estos casos, i porque en este exercito tuvo una compañía, que se llamó de los enamorados. En esta pintura de poner las mugeres por las murallas, timidas i devotas, imita a Virgil. En. 2. *Tu pavida teclis matris ingentibus errant.* I en el 7. en la ocasión que militamente se encontraron Turno, i Eneas, mayor.

*Illa omnis, teclis, agrisq; off: sa inventus.
Turbaq; mira, ur matram. Imitar en e. 8.
Stat pavida in muris matres, oculisq; sequitur
Pulveream nubem, & fugenteis aere catur as.
En el 11. teneys ter rora et fugar. L. cano lib. 7.
Credite penanteis è si manus manib; turbis
Crinibus iff: sis hortari in præliam matres.*

Estando frente a frente Cesar, i Pópoli. Stac. II. *Prominet excel: sis vulgus miserabile teclis,
Stant matres. &c.* No ay duda q; ir maestro Poeta imita a Virgil. fuente adonde bevió toda esta clase. I siendo así, que principalmente está aquí imitado aquél lugar del 8. quando en particular las mugeres desde lo alto iban siguiendo la hermosa ira de Camila entre el exercito. Nos hemos admirado muchas veces, de como el Poeta no le imitó en esto, con introducir acá otra dama guerrera, teniendo tanto a la mano aquella mujer de Aljubarrota, de que se cuenta que mató a algunos de los enemigos. Mas en esto se descubre el sofisieg, prudencia, modestia, juicio i elección con que escribió este gran hombre, no hazardo de caso de vulgaridades, ni de que huviése de ser considerable aquél sugeto del vulgo para ser memorado; porque solo el vulgo vil es el Cronista de semejantes memorias en las grandes acciones; como en las Comedias, i otros actos de festín, no sabe acordarse mis, que de lo ridículo, i humilde. I se deve creer, que por esta misma consideración, ni del lugar de la batalla, i vitoria se quiso acordar, viendo que en tomándose en la boca Aljubarrota, parecía oler a justicia propia, o oprobio ageno; que todo es vicio, i no quiso caer en el um tan cultivado ingenio. También se escusó de introducir muger armada, por las razones que dexamos en la est. 44. dei cat. 3. Vealas el curioso.

*E de hum alegre medo quasi frias. Bonissemma correspondencia tiene el casi frias, con el miedo alegre; i el miedo alegre con la esperanza, i con el temor en que se van quedan con la duda del suceso; i es del Maestro lib. 1. quando Eneas, i Achates estaban desde la noche ocultos, viendo llegados los compañeros a Cartago: *Letitiaq; metuq; avidi.* El buen Lucano, i no me acuerdo adonde: *Metuenda voluptas, &c. Pulcherq; timor.* Claudiiano en las bodas de Honorio, i*

A Maria. *Incundijs metus.* (i al proposito de esto de miedo alegre, más sobre el verso ult. de la c. 16. d el c. 9.) Aunque así:

*Donne, donzel'e con pallida faccia.
Vitoria, & oír, en otro, cuius munificat.*

*E si jec, on' i'rra, e l'altra riva:
Pianger doves, e dorze'lo, e figlie, e matri.*

*¶ Rezanby, &c. Prometendo j: juans, e romarij, &c. El Poeta estanc. 45. Virg. lib. 8. *Vita metu duplicant matres.* Abriendo la guerra entre Turno, i Eneas.*

B *Ione 11. — Dit signum rara cruentum
Buccina: tunc muros varia cinxere corona
Matrona, pri: que vocat labor ultimus omnes.
Nec non aut: ep. un, f. minasq; ad Palladii arces
Subvechitar magna matrem regina catervas,
Dona ferens. &c. A insto en tal apricot c. 40.*

*Che sieno oration fatti, e digiuro. &c.
Quante viglie, q; ante offerte, e q; anti
Deni promessi són privatamente,
Quant: in publici tempii statue, e a' tari,
Memoria eterna de il lor casi amaci.*

*B. Tass. Florid. ante c. 12.
Ogni donzell'e timore e sperare
Chiedano ajuto a Dio che lor soviene,
I en su Amadig. c. 46.*

*E lo altissimo Dio fu pregato anco
Dalle donzell'e, che con volto mezzo
Faceam d'votamente oratione.*

Su gran hijo a imitacion de todos hizo aquella pro cesion, con que entra el cant. 11. de su Liberata. Es cilla canto 4.

*Las mugeres por torres, i tejidos, &c.
Bzelven a Dios el ruego. &c. I en el 6.
Voios premeñas entre si baziendo
de ayunos, romerias, i oraciones.*

D *E acordarse nuestro P. de ayunos en esta ocasión, fue, porque de la Escritura sagrada consta, que casi todos los coustos militares precedieron ayunos de las personas timoratas a Dios; acá la eallá, q; no me detengo en citas encensadas. No viendo contenerme, que no advierta aquí la diferencia de espíritu con que entran muchos en un propio hecho. El P. pinta los espíritus que hazian votos santos en esta ocasión: i en cilla hubo otros bien diferentes. Pondré uno. Certo Caballero prometió, que si salía vitorio de esta batalla, avía de ir a tener una novena con una Monja ja de cierto Convento, i dexaría en estado de pasar otra novena. Haliavase presente al voto su hermano della, i hizo voto de que si el hiziese tales novenas, le datía de palos: i ambos cumplieron sus votos: i devían ser estos del tercio de los enamorados, de que diximos en la est. 22. Sirva esto para al vno de tan pesadas notas, como estas nueltras; i tambien de detengáño (con lo referido en las est. 5. i 6.) de que las acciones de los Portugueses por la mayor parte en esta guerra, no merecieron mas favor de Dios, que las Castellanas, a que algunos discursistas quieren imponer*

poner el mal suceso de Castilla. Vease lo dicho en la vida deste Rey en nuestro Epítome de las historias Portuguesas.

T As e quendas belicas. Entiende el exercito Portugues: i el Castellano por enemigas compañias: i este recibió con grita a aquél.

G Que con grita grandísima, &c. Conforme a la muchedumbre de la gente, que serían hasta 400. hóbres. Virg. En. 3. Clamore immensu tollit. Lucan. 7. — Et cædes oriuntur, & instar Immense vocis gemius.

T E todas grande duvida concebem. Uno i otro campo dudar ó del suceso; los Castellanos al ver tanta osadía en tan pocos Portugueses: los Portugueses al ver contra si tanta gente, reconocida por valerosa: i todos, porque en tales actos no ay certeza alguna de suceso, aun quando se ve tanta diferencia d: poder. Parece mira este lugar al de Virgil. 10. *Aeneas secum voluntat ventus bellum varius.*

XXVII.

Respondem as trombetas mē sageiras,
pifarios sibilantes, e atambores;
Alferezes volteam as bandeyras
que variadas sam de muitas cores.
Era no seco tempo que nas eyras
Ceres o fruto deixa a os labradores;
entra em Astrea o Sol, no mes de Ago
Baco das uvas tira o doce mosto. (sto;

R Esponden las mensageras trompetas, sibilantes pifanos, i los atambores. Boltean los Alferezes las vanderas, que de muchos colores son variadas. Era en el tiempo que en las eras dexa Ceres el fruto a los labradores: entra el Sol en Astrea, en el mes de Agosto, i Baco saca el dulce mosto de las uvas.

T Respondem as trombetas mensageiras, &c. Dice el Poeta assí; porque las trompetas se entienden; preguntan, i responden; ofrecen, i acetá: las de un campo proponiá la batalla, las de otro respondian, que la aceptavan: por esto las llama mensageras el P. Tambien el gran Tasso Liber. c.20.est.31. *Fer le trombo, &c. Resposer le autre, &c.* Las que propusieron aqui, fueron las Castellanias, luego lo veremos en la estancia siguiente: las que respondieron las Portuguesas: i luego se repitieron las propuestas, i consentimietos: i esto es responderle las trompetas; i costumbre antigua, de que trata Dion Cassio: *Tibicen unus insonuit, & mox alijs pariter responderunt.* Leanse con ponderacion estos quatro versos, i parecerá que se está oyendo, i mirando la bulla, i el movimiento de los exercitos, i de sus insignias, i vanderas, i de los instrumentos; estas corriendo por el ayre, i estos resonando por los valles.

T Alferezes volteam as bandeyras, que varia

A das sim de muitas cores. Mirad la prisé, i en ella no queda trada por dezir. De que manera en muchas palabras nos pusiera otro a los ojos la variedad de colores de las vanderas, i el florecerlas, o tenderlas ayrosamente por el ayte les ministros delas, sino desta? Oid el gran Tasso, para ver si se mejora en tal ocasion, Liber. c.18.est.100.

La vincitrice insignia in millegiri

Alteramente se rivo'ge in torno.

i en el 20.estanc.28.

Spir're al vento ondeggiando ir le bandiere.
No av duda que está menor.

T Pifaros sibilantes, & atambor. &c. Cuidadosamente junta con los atambores los pifanos, porque essa es su compañía, como de las trompetas los atabales. El epiteto de sibilantes tiene la propiedad, que facilmente se deixa conocer. Ecclia canto 13. *De pifanos, trompetas, i atambores.*

T Era no seco tempo que nas eyras, &c. El P. en sus rim. Eglog.2.

*Mostrava a flava Ceres pellas cyras
Das brancas fementeyras ledo fruto.*

C A os labradores, &c. Esto en quanto a la semejança del estilo, i quanto al mostrar del tiempo en que se dió esta batalla, fue a 14. de Agosto de 1385. i hasta ese tiempo es assí, que los labradores van acabando de recoger el pan de las eras; este es el fruto que Ceres les deixa en ellas: pero esto es debaxo del signo de Leon, en que el Sol anda desde 23. de Julio, hasta 23 de Agosto en q entra en Virgo, o Astrea, que todo es uno. Culpán al Poeta, de que para describir un tiempo, describe tres, i lo confunde, diciendo, que era quando se coge el pan, i quando se haze el vino, i quando el Sol entra en Astrea: con lo qual no viene a decir en que tiempo era esto. Es verdad que todo esto dice el Poeta, pero todo esto es un tiempo. Veyslo aquí. El pan se acaba de coger por todo Agosto casi ya: esto no tiene duda: puede tenerla ser la batalla en 14. i no entrar el Sol en Astrea, sino a los 23. La duda se deshará presto. Vease lo que diremos sobre la est. 2. del canto 5. sobre lugar semejante, advirtiendo, que el Poeta escribió antes de la reformacion Gregoriana. Doylo por visto: *Quitados, pues, 11. dias de los 23. de Agosto, en que entra agora el Sol en Astrea, quedan doze: i entrado el Sol en los signos entóces, i hasta el año 1582. a los onze poco mas o menos, i siendo la batalla en 14. de Agosto, aviz dos dias poco mas a menos, que el Sol avia entrado en Astrea, o Virgo: i assí dice mil veces bién el Poeta, que quando se dio esta batalla, avia el Sol entrado en este signo: i por esto con providencia dixo aqui entra, que es aver en pieçado a entrar; i allá dirá entrava, que es iva a entrar.*

E Vease. Ya esto parece, que tambien está llane. La otra objencion, de que los mostos no se haze, sino en Setiembre, cõfessâmos, que es assí en tierras cardias: pero el Poeta puede como tal supo-

uerlas anticipadas, i luego era natural de 'a Region de Lisboa, adonde escrivia, i passò todo esto, que es tierra muy aventajada a otras en dar primero los frutos. Iñarse a esto, que por la mayor parte hallamos uvas maduras al fin de Julio, i capaces de esprimirse en mosto al medio de Agosto. Mas, En una de las imagenes que se hacen deste mes, conforme a Paladio lib. 9. de re rústica supone el coger del vino, con que no se trata de otra cosa, que de prevenir los vatos en que se guarda (lo que tambien se ve en la propia pintura de los meses) i que otra imág de él, es un moço encendido de color, que coronado de flores tiene en la mano derecha el signo de Virgo, i en la izquierda varias frutas, siendo una dellas uvas ya lozonadas; i en aviendolas tales, con ninguna violencia se dirá que ay mosto, sin que para decir la sea menester que haya llegado todo el tiempo de esprimirlas. Ademas desto el mostrarse Agosto con el signo de Astrea en la mano, respecta a que le toca a el lo que debaxo de essa constelacion se produce, recoge, i logra, que siendo varias cosas, las principales son el grano, i el vino, como es notorio a todos. Laego el acabar de recoger el pan, i el entrar el Sol en Virgo, i dar las uvas mosto, todo pudo ser en un tiempo, que es el mismo en que se dió esta batalla. I con providencia dixo el Poeta: *Ceres dexa el fruto en las eras*: adonde aquél dexa haze el tiempo mas llegado al hazer del vino; porque decir, que Ceres dexa el fruto, es lo mismo que decir, que ya se ha ausentado de la campaña, i de las eras: i a esta ausencia se sigue luego la entrada del Otoño a q' toca el mosto: i es la orden de Ovid. Met. 2. *Stabat nuda Astrea, &c. Stabat, & Autumnus calcatis sordidus uvis.* I empezando el Otoño en Agosto, no ledì Ovid. a conocer, i no có el mosto: assi Virgil. en la descripcion de los quattro tiempos, si es tuya: *Dat mysto gravidas Autumnus pomifer uvas.* No quiero aprovecharme de que el Baco saca de las uvas el mosto, se puede explicar, diciendo, que las van madurando, i que se ven en los colores dellas los principios del mosto, que esto bastava; i finalmente el Poeta imitò sin duda a B. Tasso en su Amadig. canto 28. estancia 35.

*Era nel mese bel che l' uva sole
Vestirsì di color giallo, e vermiglio,
All hor che ancor co i raggi ardenti il Sole
De la Vergine Astrea riscalda il ciglio.*

Mas culto le quedò el Tasso aí, con no especificar el nombre del mes, sinò con la perifrasis, o circuloquio. Tambien pudo ver al Alamanni en su cultura lib. 3. hablando del propio tiempo del hazer del vino.

*Poi che il Delio Pastor co i raggi ardenti
Del suo fero Leon scalando i velli
Gia s' auvicina a quella donna Astrea
Con vergogna et desir l' attende in seno
Guarda il vendemiatore, &c. De manera que*

A no sy duda que nuestro Poeta procedió bien en esta descripción de tiempo, como en todo: i está una de las elegantes que nos ha dado la poeticz, desde sus fundamentos hasta oy.

¶ *No mes de Agosto.* Desto, que no de essotro, pudieran de alguna manera asir los Críticos, que se precian de agudos; porque verdaderamente no es de Poeta della grandeza del nuestro, sino de los Sacristanes del Parnaso, i de Tabellio, o escrivano publico, decir: *En el mes de Agosto: i el decirlo poeticamente, es entra en Astrea el Sol*, como el Poeta lo avia hecho, có el Tasso aí, B i el Varchi fol. 18. *Girato il Sole della bella Astrea.* Pues aun nuestro grā Poeta fue menos escrivano aqui, que el gran Petrarca en el soneto 291. quando crudissimamente dice:

*Sai che in mille trecento, quarent' otto
Il di setto de April ne l' hora prima
Del corpo uscio quella anima beata.*

I viene a decir sin mezcla de elegancia alguna, más de estilo forense purgadissimo: *Sepan quantos este soneto vieren, que en el año de 1448. a los seis dias del mes de Abril por la mañana murió Laura.* Ciertos los grandissimos spiritus, tienen grandissimos desinayos: pero los desmayos grādissimos de los grandissimos spiritus, devē causar admiracion, i no menorprecio, por dos razones; una, porque con nuestra presumpcion nunca los igualamos en lo grande, aunque de advertidos salgamos mas peynados: otra, porque nos devemos fiar mucho de nosotros, que no no descuidamos, quando vemos, que aquellos a quien nunca acabamos de llegar se descuidaron. Allá M. Trifon Bencio, imitò a Petrarca en un soneto, que comienza: *Sublimi, &c.*

*Scrivete, che nel mille cinque cento
Del tre sopra quarenta, il setto giorno*

D *Di Novembre, &c.* I aun aquello del tre sopra quarenta, tiene algo de lo poeticó có ventaja a Petrarca. Otro tanto hizo el Doctor Antonio Ferreyra en el soneto 1. de sus poemas Lusitanos; duros, aunque doctos, hablando con su libro.

*Dirás que a pesar meu foſte fugindo
Reynando Sebastian Rey de quatro annos,
Anno cincuenta e ſete, eu vintenove.*

Mal hizo en imitar en esto a Petrarca, si le imitò: porque no todo se ha de imitar, aunque sea de grandes hombres. Vease lo que diximos en la est. 66. del c. 3. sobre otro num. I sobre todo advertimos, que ninguno dellos tiene la disculpa que el nuestro; porque no usó tantas cifras de Escrivano, o Contador; i porque el especificar mes de Agosto, fue por distinguir, que hablava de este mes, i no del de Julio, como alguno podia pensar por el coger del pan; ni del de Setiembrz, por aver dicho que avia mosto, el qual es mas propio de este mes.

¶ *Baco das uvas tira o doce mosto.* Parecese este verso a quel de Virgil. in Dir. Dulcior namque

que tamen non tam vitiuela Basco.

¶ *Doce moño.* Con Virgil. G. iorg. i. *Aut dulcis mihi Vu catus decoquit tumorem.* Co nropiedad, porque nendo el epíteto del vino suave, todo vino por más aspero que sea sazonado, quando esta en mosto es dulce. Vease lo que diremos a este propósito sobre la est. 2.º del cant. 19. En el original manuscrito ay otra citancia entre esta, i la siguiente: especificava el dia, i la hora de la batalla, así:

*Ia a fresca fiba de Titao trazia
o sempre memorado dia, quando
as Vesporas se cantam de Maria
que este mas bonra, o nome seu tomadas.
Para a batalha estava ja este dia
determinado. Logo em branqueando
a Alva no ceo, os Reys se aparelhavam,
e as genses com palavras animavam.*

Bien hizo el Poeta en condonar esta estancia, q tiene mucho de lo floxo, i joven: i era muy sobrado el particularizar tanto.

¶ *Ia, &c. trazia o sempre memorad, &c.* Estos quatro versos son al modo de los otros de la est. 115. del c. 3. que son mucho mayores.

¶ *O nome seu tomado:* Toma el nombre de Agosto, porq; la llamamos N Senora de Agosto, en cuya vispera se dio la batalla, i lo dice a1.

XXVII.

Deu final a trombeta Castelhana
horrendo, fero, ingente, e temeroso:
ouvio o monte Artabro, e Guadiana
atras tornou as ondas de medroso:
Ouvio o Douro, e a terra Trastagana,
correto ao mar o Tejo duvidoso;
e as mays q o som terribil escuitaram, D
aos peytos os filhinhos apertaram.

L A trompeta Castellana dio senal horrendo, fiero, ingente, i temeroso: oyolo el mote Artabro i de medroso bolvio ei Guadiana atras las olas. Oyolo el Duero, i la Transtagana tierra: corriò dudosamente el Tajo al mar: i las madres q escucharon el terrible son, apretaron sus huelos a los pechos.

¶ *Deu final a trombeta.* Virgil. 11. *Dat signum riuca cruentum buccina, &c.* i en otro lugar. — *Dat signum specula Misenus ab alta AEre cavo.* Ovid. Fast. 3. *Iam litius pugnae signa daturus erat.* Stac. Theb. 4. *Iam horrida clanguit signa tubæ.* El Tasso Conquist. lib. 21. c. 17. *Die la tromba i primi signi.*

¶ *Castelhana.* Con ponderacion, i cuidado haze el Poeta, que la trompeta del motor de la guerra sonasse primero, proponiendola. No se descubrio el gran Tasso Liber. c. 20. est. 31.

*Far le trombe Christiane il primo invito
Risposer l' altre ad acettar la guerra.*

A En el manuscrito dezia Lufiana: I así se ve co quanto acuerdo lo mudo el P.

¶ *Horrendo, fero, ingente.* Condenan algunos esta junta de epíretos: i ello es ni mas ni menos que del Maestro En. 3. *Horrendam, informe, ingens, &c.* i el lugar de Vida que irá en la est. 19. del cantus.

¶ *Ouvio o monte Artabro.* Entiende el Promontorio, o cabo de Finisterr e. I por no poder se facilmente dividir en partes todas las imitaciones que ay en esta est. pongamos las enteras.

B Virgil. prosiguiendo esse lugar del 3. de que mi P. tomo para la grandeza de la voz de los instrumentos belicos, lo que el Maestro dixo de la estatura de Polifemo: i agora le torna los efectos de la voz.

Clamorem immensum tollit; que potus, &c. omnes Intremuere undæ, penitusq; exterrita tellus Italiae, curvisq; immigrit Aetna cavernis.

Asi como aqui fiatio esta voz del Ciclope toda Italia, acá la del sonido militar todo Portugal: i siendo este Reyno menor que ella, i no pudiendo suponerse menor la voz de muchos instrumentos belicos (eso vale allí la trompeta) que la de un Gigante, quedas más proporcionado el hipérbole del Poeta aquí, no haciendo oírse aquella voz en tanta distancia. Agora embuelve mi P. imitaciones varias co essa. El propio Virgil. lib. 7. al sonar la furia su ciervo.

Conremuit nemus, &c. sylvæ intonuerunt profunda Audijt, &c. Trivæ longe lacus, audijt amnis, &c. Et tremide matres presiere ad pectora natos.

Lucano lib. 7. se acrimo a esto gentilmente, haciendo temblar toda la tierra al son de los instrumentos, que propusieron la batalla entre Cesar, i Pompeyo: comienza assi: *Tunc ausè dare signa tube, &c.* Stac. Theb. 1.

Audijt, &c. medius cali Parnassus, &c. asper Eurotas, dubiamq; Hugo fragar impulit, &c. Ipsa genitrix, &c. Crimisoq; Palmona pressie. Ariosto est. 101. del c. 27. felizmente.

*Tremu Parigi, e torbido si Senna
Alta alta voce, a quell' horribil grido;
Rimbonbo il son fin a la selva Ardenna
Si che lasciar tutte le fere 'l nido:
Vdiron l' Alpi, e il monte di Gabenna,
Di Blaia, e d' Arli, e di Roano il lido,
Rodano, e Senna udi, Garona, e 'l Reno;
Sisfrinero le madri i figli al seno.*

El gran Anguilara Met. 13. hallado en Ovid. por la voz de Polifemo solamente esto: *Clamore per horruit AEtna.* Hizo otra est. semojante a esta de Ariosto, i fene ciendola:

*Fuggier fiere, &c. augei del lor ricetto,
Et sisfrinse ogni madre il figlio al potto.*

El tradutor Castellano Antonio Pérez Sigler di ze lo mismo; mostrando en esto, i en todo, que es tradutor de Anguilara, i no de Ovidio, mas de en quanto escuso los amonotos con que el Anguila ra se hizo famoso. Acton. Francesco Rainieri en el

el son que comienza: *Gia sotto, &c. Stringon le madri al petto, i dolci pigni.* Nuestro Sa de Miranda (ferreo en los versos grandes, aunque docto) en aquellas canadíssimas canciones de la Fabula del Mondego, canc. 38.

*Fueron oídos inciertos i estranos
sones por el silencio de las noches, &c.*

*Que oyendo, i viendo ninos tiernos de anos,
A pecos de las madres se apretavan.*

Toñavia le traygo, aunque ferreo, como dixe, i como parece delle lugar, porque es P. de Portugueses viejos, i principamente Cavalleros: que a la verdad solamente la flema de un viejo; i el telon de un Cavallero; i la constancia de un Portugues, podran dixerir la lecion, i alabanza de tales versos: no niego todavia, que las Eglogas, i cartas en redondillas Portuguesas, son dignas de veneracion: para que se vea, que no esta en la mano de un Autor bueno en una cosa, serlo en otra.

¶ *Atras tornou as ondas de medroso.* Virgil. Egi. 8. *Et mutata suos requierunt flumina cursus.* I En. 8. *Resuitque exterritus amnis.* Ovidio Fast. 3. *Terga figura dederat conversa Simethius heros.* a la voz del Ciclope. Paterno, est. a Dona Isabel de Aragon: *Poi rivolger in dietro il corso Eufrate.* Vease como el Poeta sabe imitar, i no a bulto, como fiziera otro. Eosos hazen temblar la gente, los rios, i los montes circuezinos al lugar del estruendo que causo estos efectos i el haze todo esto en Portugal, adonde se tocavan esas trompetas, i de cuya parte estava principalmente el temor del sucesio malo, por aquella formidable causa de aver poquissima gente contra mucha.

¶ *Ouvio a terra.* Con Ovid. (ademas de los q se quedan arriba) al tocar Triton la cocha, Met. 1. *Omnibus auditu est telluris.*

¶ *Correto ao mar o Tejo duvidoso.* Es bueno el correr con duila; inodelo el paso que llevava de puro divertido con el son. El gran Tasso en su Conquist.lib. 6. est. 57. *Fiume correr piu tarda al mar,* &c. Dizen algunos, que es demasiada de hiperbole el dezir, que los rios terrocediero, o pararon a aquel son horrible; como si no fuera frequente en Poetas esto de hazer parar los rios por el canto suave: lo mismo pues, se concede en todos al motivo horrido; escuso citas, porq son innumerables los lugares para esto.

¶ *Ossibinhos.* Ciertos totillos dice, q el P. andava bajo endezir hijos, co aq! diminutivo; aviendo hecho el co tato cuidado, q solo co esto qui E so superar a todos los imitados: porq nuca son mas tiernamente hijos los hijos a las madres, que en el peligro; i essa ternura solo un diminutivo dulcissimo, como este, la expreme. Vease lo dicho al proposito en la est. 127. del c. 3. Visto lo uno, i lo otro es cierto, q el P. es gra Poeta, quado en tales ocasiones dice: *Filinhos, criuinhas:* I los q le reprehende son Poetillas, muy diminutivos. De los rios q aqui se nobran no trato, porque son notorios.

A

XXIX. Quantos rostros ali se ven: sem cor,
q ao coraçam acode o sangue amigo;
que nos perigos grandes, o temor
he mayor muitas vezes que o perigo:
E se o nam he, pareceo: que o furor
de offendere, ou vencer o duro imigo,
faz nao sentir, q he perda grade, e rara
dos membros corporais, da vida cara.

B

O Quantos rostros alli se ven sin color ! porq
la sangre acude al amigo coraçom. Que en
los grandes peligros, es mayor muchas ve-
zes que el peligro el temor. I si no lo es, pareceo:
que el furor de ofender, o vencer al duro ene-
migo, haze no sentir q es grande i rara perdida la
de los corporales miembros; la de la cara vida.

¶ *Quantos rostros ali se vem sem cor,* &c. Esto
es lo que dixo el P. en la est. 5. del c. 1. hablando
del son de la trompeta: *O peyo acende, e a cor ao
gesto muda.* I conforme a esto describe agora a-
qui la turbacion de los semblantes, sucedida al
estruendo del son militar; que es cosa naturalis-
simia. Virgil. 8. dada la senal de Turno: *Vt bellum
signum,* &c. *Extemplo turbati animi,* &c. no-
tusque medullas.

Intravit calor, & labefacta per ossa cucurrit.
Con lo del 10. *Frigidus Arcadibus coit in praecordia sanguis.* Orac. Epo. od. 17. *Et verecundus
solor reliquit ossa.* Ovid. epist. a Canace.

Fugerat ore color. Met. 3.

— *Sanguisque reliquit*
Corp, & attonitos subitus tremor occupat art.
Lucano lib. 1. *Gelidus pavor occupat artus.*
Date en sus rimas, cac. q comieça: *Cosi nei,* &c.
E'l sangue che e per le vene differs
Fuggendo corre verso
Lo cor che il chiamza, onde io rimango bianco.
Juan de Mena en la coronacion copla 22.

La misangre que alterara
la visible tentacion,
des que frio me dexara,
robo la flor de mi cara
por prestarla al coraçon.

Ariosto canto 2.

Come vide la timida donzella
Dal fiero colpo uscir tanta ruina.
Por gran timor cangiò la faccia bella.
Tansilo en las lagrimas de S. Pedro, estanc. 12.

Quel volto che era poco inanzi stato
Asperso tutto di color di morte
per lo sangue che al cor se ne era andato.

B. Tas. Amadig. c. 8. — *E per le vene*
Le corsé il sangue al cor, &c.

Mas conforme en el canto 41.

E'l sangue wago per le vene corsé
Che a socorrere il core era ito a volo.

KK

Su

Su gran hijo Lib. canto 6. estancia 64.

In solito timor così l' accora

Che senti il sangue suo di ghiaccio farsi.

Mejor puso todo esto de nueltro P. en la Conq. lib. 16. est. 26. despues de aver pintado en la au-
tecedente el son, como ací el Cam.

In tutti all' ora impallidir le gote,

E la temenza a mille segni apparso.

I por vētura q̄ en parte quiso nuestro P. dat a en-
tender esto en aquel veiso q̄ ai arriba dexaunos
de la e. 5. del c. 1. diziédo, q̄ la trópera enciende el
pecho, i inuda la color al rostro : porque quando
por demasiado exercicio acude mucha sangre al
rostro, dezimos, que se enciende: i assi aviendlo la
sangre por aquella demasia de temor acudido to-
da al coraçón, dice bien; enciende el pecho, que
es su custodia: esto es le añade nueva fuerza, por
hallarse con toda la sustancia de la sangre. I en
parte tābien este es el efecto de qualquier pena,
como el de la alegría, desamparar la sangre el co-
raçón, derramandose por las venas en tal mane-
ra, que alguna vez se pierde la vida, de q̄ ay mu-
chos exemplos. No quede Ercilla defuera c. 5.

*La sangre del temor ya resfrida
con presteza acudio a los coraçones.*

I en el 29.

*Oyendo el son de la trompeta en esto
que robó la color de mas de un gesto.*

¶ Que nos perigos grandes o temor he, &c. Por
que el aguardar el mal, es mayor mal q̄ el lufirle
llegado. Pudolo el P. tomar de Ciceron a Atti-
co lib. 10 *Maius malum est tandem timere, quam
est illud ipsum quod timetur.* Si no sea de Virgil.
lib. 8.

— *Propriusque pericolo*

It timor, & maior Martis iam appareat imago. Ovid. al pie de la letra en la epis. de Paris a Elena.
Terror in his ipso maior solet esse pericolo. Mas des-
to en la est. 43. del c. 5. Entra una duda, i es si es-
te mudar de color fue procedido de covardia, o
miedo: i se deve tener que no; con este lugar de
Seneca lib. 2. de ira: *Itaque, & fortissimus plerū-
que vir dum armatur expalluit: & signo pugna-
dato ferocissimo militi genua paululum tremuerunt:* & magno Imperatori antequam inter se a-
cies arietarent, cor exiluit. Porque aquella alte-
racion de color, no es señal del animo, sino un
motu natural; i tambien porque una cosa es mie-
do, otra temor, como se hallará destinguido por
Ciceron en sus Tuscul. lib. 4. por esto el Poeta se
declaró luego: **¶ Que nos perigos grandes o temor,**
&c. I este resulta de qual puede ser el succeso, no
de falta de coraçón para el confitito. Vese claro
de lo que el Poeta va descriviendo de acciones
en el, adonde ninguna fue hija de miedo, o covar-
dia. I deste modo es justo el temor; i por el essa
mudanza de colores, i aun el temblar, como se ex-
perimentava en el Rey Dó Garcia de Navarr., que
antes de entrar en las batallas, temblava co-
mo un cordero al frio, i entrado en ellas peleava

A como un Leon desatado: por esto primero le ha-
maron el tembloso. En las Aulas de Atenas se
disputó mucho este punto: i se assentó, que esta
fuerre de mudar color, no procedia de miedo vil,
sino de temor prudente. Ver lo que irá sobre la
estanc. 80. del cant. 6. a este proposito: i sobre el
verso ultimo de la est. 86. del c. 8.

¶ Que ofiror, &c. El texto se ordene assi:
*Que el furor para ofender, o vencer el enemigo, ha-
ze no sentir, que la perdida de los miembros cor-
porales, i de la vida amada, es grande:* I particu-
larizó el P. miembros, porque en las batallas, o
el perder algnos, o el morir es lo más cierto: di-
go en aquello, que no buelven las espaldas al
oír los instrumentos belicos. El manuscrito di-
ze, *dos membros corporaes a vida cara.*

XXX.

Começase a travar a incerta guerra;
de ábas partes se move a primeyra ala:
hūs leva a defensam da propria terra,
outros as esperanças de ganhala:

C Logo o grāde Pereyra em quē te ence-
todo o valor; primeiro se assinala; (tra-
derriba, e encōtra, e a terra emfim se-
dos q̄ a tāo de fejão, sendo a'hea. (mea

C Omiençase a travar la guerra incierta: mue-
vese de ambas partes la ala primera: a unos
lleva la defensió de la tierra propia: a otros
las esperanças de ganarla. Luego el grāde Pereyra,
en quē se encierra todo el valor, se señala prime-
ro, derriba, i encuentra; i alfin siembra la tierra
de aquellos, que siédo el: a agena, la desfian tāo.

¶ Começase a travar, &c. Hūs leva a defen-
sam, &c. Outros as esperanças, &c. Assi Luca-
no lib. 7. al envestirse los exercitos Cesareo, i
Pompeano.

*Ergo utrumque pari concurrunt agmina motu
Irarum: metus hos, regnifpes excitat illos.*

**¶ Hums leva a defensam da propria terra, ou-
tros as esperanças de ganhala.** Lucano alli al ver-
se los campos civiles, como casi eran estos: *Metus hos, regnifpes excitat illos.* Mucho haze cre-
cer las fuerzas, i el animo la esperanza viva de
conseguir alguna cosa: però mucho más la defen-
sion de lo que es propio, aunque el poseedor sea
el quisíssimo: porque la razon es la mayor fuerza:
esto dà a entender el P. diciendo, que los Portu-
gueses, aunque pocos, defendian su libertad, por
mas que los Castellanos solicitasen en mucho
numero su esperanza: i assi parecia mas segura la
buena fuerre de los primeros.

¶ A incerta guerra. Incierta, porq̄ en ella no
ay seguridad alguna: i es lo mismo con q̄ por o-
tro modo fenece la est. 26. *Guerra,* propriamente
se llama la dissension, o discordia, que se pretende
averiguar por armas, en quanto dura: como el P.

le.

le llama muchas veces. Batalla es un conflicto de armas contrarias, que sucede en un dia, o en una hora; como tambien al luego en la est. 42. le llama el Poeta. A aquella siempre Virgilio le llama, *bellum: a este, pugna: lib. 7. Crudecunt sanguine pugnae.* Tito Livio: *Populum Romanum nullo bello, multis verò praelys juisse superatum:* siendo *praelium* lo mismo, que *pugna*, haze diferencia de *bellum*, por ser este esto, i esto essotro. Però el P. puede trocar las manos: assi lo hizo el gran Tasso en el iugar que dexamos al principio de la estanc. 28. que por dezir que acetaron la baralla, dize que acetaron la guerra: Vease. B También se hallará algo desto en la estancia 93. del cant. 1.

¶ *Logo o grande Pereyra, &c.* Con gran cuydado haze el Poeta, q.ue Nuñalvarez sea el Autor de la primera ruina en el campo enemigo, assi porque iva en la frente del exercito, segun visites en la estac. 33. como porque el fue el primer mobil desta resistencia: el sustento, i el alma desta vitoria, i otras excelentes: i por ser muy gloriosa esta primacia en los conflictos grandes, de que no fuese primero en esto Cesar, sino Craftino en la de Faritalia, siendo no este, sino aquel su primer mobil, se admira Lucano lib. 7. Vease. El Tasso en el de Gerusalem c. 20. est. 32. *Hor chi fu il primo feritor? &c. Fosti Gildippe tu, &c.* Aunque no apruevo, que concediesse essa gloria a una muger, por más que el se previno con un parentesis: vease: i si estuviere bien, sea en hora buena.

¶ *Em quem se encerra todo o valor.* Aunque D. Nuño Alvarez fue valentissimo Heroe; el P. atiende en esto a lo que aí acabamos de decir, q. el en esta ocasió, i guerras, i libertad de la patria fue el todo.

¶ *Primeyro se assinala.* Tal se acuerda Virg. En. 2. de Androgeo al ser primero. *Primus se Dannum, &c.* I Lucano alli del primero que arrojó el dardo: *Dij tibi non morte, &c. Craftine, cuius torta manu commisit lancea bellum*

Primasq; Teffaliam Romano sanguine tinxit.

¶ *Derriba, encuentra, e a, &c.* Se está viendo el calor militar, i la ira, i deseo desta accion.

¶ *E a terra semea dos que, &c.* De Virgil. lib. 11. no pudiendo reducir a numero los muertos por Camila: *Quos humi morientia corpora fundis.* A esto responde acá el sembrar de cuerpos. Ercilla c. 4. *S'ebra de cuerpos barbaros la tierra.*

¶ *Sendo alhez:* Al fin de la est. 110. del c. 3. Agora no era tan agena la tierra de Portugal a los Castellanos, pues les tocava de derecho, como ya vimos.

XXXI.

Ià pello espesso ar os estridentes
farpoés, setas, e varios tiros voam;
debaxo dos pes duros dos ardentes

Tomo 2.

A cavallos, treme a terra, os vales soão:
Espedaçamse as lanças, e as frequêtes
qdas, cõ as duras armas tudo atroão;
recrecem os imigos sobre a pouca
gente do fero Nuno, que os apouca.

Y A por el ayre espesso buelâ los estridétes harpones, saetas, i otros varios tiros. Debaxo de los duros pies de los ardientes cavallos, tiébla el suelo, suenan los vales. Despedaçanse las lanças: i las frecuentes caidas con las duras armas lo atruenan todo. Recrecen los enemigos sobre la poca gente del fiero Nuño, que los apouca.

¶ Ià pello espesso ar os estridentes farpoés. Virgil. En. 12. *Stridentque hastilibus auræ,* mas justo en el 5. *Primaq; per coeum nervo stridente sagitta.* I en el 9. *Stridens elapsa sagitta.* Llameles estridentes, porque roto el ayre con ellas silva, o rechina.

¶ *Espresso ar.* Por el polvo que avia levantado la multitud de la gente: i principalmente el de la trulla vehemente de los exercitos encontrados: i tambiē *espesso ayre*, con las propias armas arrojadas: digo flechas, i dardos, como entonces se usava.

¶ *Varios tiros voam.* Hom. Ilia. 6. en la version de Vala. *Ac plurimis telis ultro, citroque volantibus.* Virgil. 8. *Manu, telisq; volatile ferrum spargitur.* Lucano lib. 2.

— *Crebroq; simillima nimbo*

Trans ripam validi torserunt tela lacerti.

I en el 7. *Spargitur innumerosa diuersis missile votis, &c.* Stac. Theb. 8. *Arma volant.* El Tasso Liber. cant. 16. estanc. 5. *Gia volar faci, c dardi, &c.*

¶ *Farpoens.* Harpones, dicho assi de aquella division del hierro con que se forman en este genero de arma lás tres puntas, como ordinariamente se pinta la lengua de una sierpe. Usavense en cierta especie de flechas, que son la munición de las ballestas, que entonces no eran las armas de menos importancia: i tambien mayores enxeridas en unhas hastas, con que quedavā a modo de venablos, o rejones, para arrojar cõ las saños: i de unos, i otros bolavan alli de parte a parte.

¶ *Debaxo dos pes dos cavalos treme a terra.* Casi lo mismo en la estanc. 64. del c. 6. Virgil. 4. *Sub pedibus mugire terram: i en el 6. Sub pedibus mugire solum: i en el 7. de donde se imita esta batalla.* *Scuta sonant, pulsusque pedum conterrita tellus, &c.* El Tasso Liber. cant. 6. est. 46.

— *Si impetuoso il ferro gira*

Che ne tremala terra. Mas propio en la Conq. lib. 22. estancia 21. *Tremo sotto i suo i pie la horrida terra, &c.* Ercilla canto 21. *Tiembla en torno la tierra, i se estremece: i antes*

KK 2 canto

canto 6. Atruena todo el valle el gran bullido.

¶ Ardentes cavallos. c. 6. e. 53. *Ginete ardente. Nianilio, Ardentes equos*: I es frequente en los vulgares el epiteto de fogoso, i propio del caballo.

¶ As quedas com as armas tudo atroarr. Homer. Ilia. 1. al caer Scamádrio. *Atque armorum immensum sonitum dedit. Virgil. lib. 9. en la caida de Pandaro: Fit sonus, ingenti concusa est pondere tellus. Lucano 7.*

— *Et pondere lapsi*

Pectoris arma fôrunt, cōfraqtiq; ensibus enses.

¶ Recrescem os inimigos sobre. Acudieron los contrarios a resistir a Nuno; en mas numero de lo que pedia su poca gente, no de lo que podia sufrir su valor.

¶ A pouca gente de Nuno, que os apouca: Iuega del nonbre, i verbo: que en hombre grande, i usado tā raras vezes es lícito: quiere decir, que mataya muchos.

XXXII.

Eis ali seus irmãos contra elle vão:
caso feo, e cruel: mas nati se espanta,
que menos he querer matar o irmão,
quē cōtra o Rey, e a patria se elevata:
Destes arrenegados muitos sam,
no primeyro esquadram, que se adiata
cōtra irmãos, e parétes. Caso estranho:
quais nas guerras civis de lulio magno

V Eys alli van sus hermanos contra el. Caso cruel, i feo: però no se espanra desto porque menos es querer matar al hermano, quien se levanta contra el Rey, i la Patria. Destos renegados son muchos en el primer esquadron, que se adelanta contra hermanos, y parientes. Estraño caso: quales en las civiles guerras de Iulio, i Magno.

¶ Eis ali seus irmãos contra elle, &c. Los hermanos de Nuñalvarez con la gente Portuguesa que los seguia, pelearo alli contra el: i aunq esto era mucho para sentir, mas sentia el que ellos peleasen contra la patria, llamavansse Pedro, i Diogo.

¶ Quem contra o Rey. Ellos en esto no avian pecado, porque si algunos juraron Rey a Don Iuan, i tenian por esto obligacion de seguirle, los hermanos de Nuño, i todos los otros que no le juraren, no cometieron trencion contra el, asi por esto, como porque el derecho verdadero era del Rey de Castilla por todos caminos.

¶ Destes arrenegados muitos sam. Dize, que eran muchos los renegados deste genero. Esto anda mudado en algunas ediciones, en virtud de zelo ignorante: sin embargo que no alabo el Poeta. Vease lo que diremos en la estancia 40.

A donde se repite este modo de dezir muy apasionado.

¶ No primyro esquadram. Assi el buen Tasso Liber. canto 17. estancia 15. en tal ocasion: *Nel primiero esquadron appar la gente, &c.* Assi como en la frente del exercito Portugues iva Nuñalvarez; en la del Castellano venian sus hermanos: i assi fueron ellos los primeros que se hirieron desesperadamente: de modo que el mismo Rey de Castilla despues de vencido, viendo tratar mal de algunos Castellanos a ciertos Portugueses, les dixo: *Dexaldos; que los que me siguieron murieron delante de mi valerosamente: i los que no me siguieron vencieronme.* Ponderacion Real sinduda: ya la referimos en nuestro Epitome.

¶ Contra irmãos, e parentes, &c. Lucano lib. 1. que particularmente imita el P. en estas guerras civiles.

Gnati maduere paterno sanguine, &c. In fratrum ceciderunt præmis fratres. Seneca en su Theb. act. 2. *civile bellum frater, in fratrem ruat, &c.* Aqui no solamente fueron contra Nuño Alvarez sus hermanos, sino otros hermanos contra los suyos: i creo yo, que singularmente alude el Poeta a los de Vascorcelos, porque peleava Iuan Mendez contra sus dos hermanos, Mem Rodriguez, i Rodrigo Mendez: por quanto estos Caballeros eran de los de la primera magnitud en aquel siglo; i assi se echava mucho de ver el pelear Iuan Mendez contra sus hermanos en tan insigne ocasión.

¶ Nas guerras civis de Iul. &c. No ay quien oy ignore quales fueron los estragos, que resulturnon en Roma, de que viniesen a competir a aquellos dos grandes Heroes suyos, Iulio Cesar, i Pompeo Magno, rematados en la campaña Ematia - asumpto del historiar poetico de Lucano, con los quales compara el Poeta los deste tiempo en Portugal.

¶ Iulio Magno. Assi dice la primera edicion; i en ninguna de las que se le siguieron se errando esto, aviendose enmendado otras cosas, unas bien, i otras mal: i deve dezir, *Iulio, i Magno:* que son Cesar, i Pompeo, cuyo es proprio el renombre de Magno; i dale el Poeta a conocer por el, como el mismo Lucano muchas veces: i los dos son los Autores de aquellas guerras civiles; i esto pretende dezir el Poeta: i assi la falta de la conjuncion fue descuido de pluma, o de estampa: i el no enmendarse en las siguientes, fue el leer con poco cuidado. Agora aparecio el manuscrito, que lo tiene como lo enseñamos.

¶ Magno. Aqui, i otra vez en la estancia 92. del canto 9. da el Poeta esta voz por consonante a *estraño*, como si fuera Italiano, o Latino, que escriviendola assi pronuncia, *maño*: i esto fue, porque en Portugal tambien en lo antiguo se

se pronunciava a la Italiana, o Latina, el magno, i aun oy lo haze algunos viejos sin saber porque, mas obligados de la costumbre, que muchas veces se haze ley.

XXXIII.

O tu Sertorio, o noble Coriolano,
Catilina, e vosotros d s antigos,
que contra vossas patrias, com profano
coraçam vos fizestes inimigos !
Se la uo Reyno escuro de Sumano,
rebeberdes gravissimos castigos,
dizeylhe que tabem dos Portugueses
alguns traidores ouve algumas vezes.

O Tu Sertorio, o noble Coriolano, Catilina, i vosotros de los antiguos, que con profano coraço os fizistis enemigos de vuestras pa- trias ! Si allá en el escuro Reyno de Sumano recibieredes por eilo gravissimo castigo : dezilde, que tambien de los Portugueses huvo algunas veces algunos traidores.

¶ Tu Sertorio, o nobr &c. Sertorio, Corio- lano, i Catilina, expusos, i quexosos de Roma; se bolvieron contra ella. Plutarco, Virgilic, Luca- no, i otros tratan destos Varones, que fueno ilus- tries sin embargo de esse achaque. Todavia el P. se buelve a e'los con este apostrofe tan artificio- so, como luego veremos.

¶ Nobre. Con la buena noticia que lograva de las historias el P. llama noble a Coriolano; porq en acciones glorioas le copara Cicero con Temistocles; i aun i se bolvio contra la patria, ha- lló el P. q no desinere cia el titulo de noble: porq ella co sus ingratitudes insufribles le obligo a es- sa accio, q a el no le passava por el pensamiento.

¶ Vossas patrias. Aunque en general bastava decir parria, el P. alude a la natural de cada uno, digo de su nacimiento.

¶ Profano. Quiere dezir cosa apartada de lo sagrado: pero aqui esta en el sentido que en Ora- cion lib. 3. od. 1. Profanum vulgus. Danado, pessi- mo, adverso, ignorante.

¶ Reyno escuro. Así c. 2. c. 112. i c. 3. e. 117.

¶ De Sumano. De Pluton, Dios, que llaman las fabulas, del infierno: casi Dios Sumo de Manes : i Manes son las almas, o Dioses infernales.

¶ Dizeylhe que tabem dos Portugueses algus traidores ouve. Notable modo de querer apla- E car los torinetos a estos que los padece por desleales a su patria : i notable modo de engrande- cer lo fino de la lealtad Portuguesa. Como si di- xera. No se espantara el infierno de que vosot- ros fuessedes traidores, quando le digais, i vea que hasta en una nacion en que tan propria es la lealtad, los huvo tal vez. Vease semejante termi- no en la est. 71. del c. 3. consolando a Pompeo de su desgracia. Puede parecer que el P. pudiera es-

cusar este pensamiento sublime, con dexar en fi- lencio estas traiciones, asi por no encontrarse con lo que de la lealtad Portuguesa asegura en otras partes, particularmente en las e. 71. i 72. del c. 5. como por no confessar, al fin, que las hu- vo: i asi vendra a ser esta culpa companera de la otra, que le imponen los judiciosos en la est. 4. Porque hablando aqui en persona del Gama cõ el Rey de Melinde, a quien preten le hazer ca- paz de acciones glorioas de los Portugueses, las de intedilidad son aborrecibles, ann en las o- rejas de la mas vil nacion. Alla hemos respondi- do a esto: Agora anadimos, que si una nacion hu- viesse de infamarla toda, porque alguno , o algu- nos deila cometan pecados, que suelen infamar los hombres, ninguna podria aver gloiosia. En el mismo cielo se cometio la mayor traicion. Fue- ro punidos estos Angeles conspirados; i no que- daron por esto menos glorioas que antes, los o- tros: antes consiguieron nueva gloria de no aver seguido la conspiracion. I si no bastare esto pa- ra aplazar los caluniadores del P. tendra el muy hourados companeros en semejantes descuidos, quales seran Homero, que celebrando algunos Heroes, les apunto acciones mas viles que glo- riosoas; i Virgilio que confessó mancha en el suje- to, que mas pretende engrandecer: porque no la pudiendo aver mayor, que ingratitud, i m'licia en un hombre grande, pinto a Eneas, mas con lances de fullero, que de Heroe, en todo lo que passo con Dido, enganandola, i huyendose cavi- losamente, despues que ella se desentrano por hos- pedarle; que cierto parece castigo el cielo a Vir- gilio, con hazerle caer en muestra de falta de bu- juicio (por el testimonio que levanto a tan ex- cellente Matrona) perniitiendo, que en lo mismo q referia della, no quedasse Eneas menos infama- do en aquella aucion, que Dido en esto, quan- do algo desto fuera verdad. I aquello de hazer hijo de Venus a Eneas, por exaltarlo de calida- des divinas, i luego llamarla nefanda, *Venris mo- numenta nefinda*. La verdad es, que si algo des- to huvo en Portugal, fue por los tiempos que di- remos sobre las ultimas dos palabras desta esta- cia: que en estos a aver mancha, cayo en los que no siguieron a Castilla: pero no la huvo en unos, ni en otros, porque todos tenian causa para se- guir los caminos que avian tomado: dexo a parte los que tiravan solo al blanco del interes, adon- de mas seguro se le representava. Vease lo dicho en las e. 3. i 13. Todavia el P. en esto tiene la dis- culpa q no tienen estos Autores tan grades, porq mancharon la fama de aquellas personas, q singu- larmente celebrava, i aca son ostantes muy remotas de las q en particular se va celebrado en este poe- ma: i esto no diminuye la opinion de la fineza da lealtad en Portugueses; porq dezir q ay vicio en q alguna gente no aya caido, es locura: la sobera- nia esta en aver caido menos: i esto sucede a la Portuguesa, con excelencia en esta virtud.

¶ Algúas vezes. Estas se ha de entéder, q fueron las q apuraron a la entrada de la est. 91. del c.3. En el manuscrito, entrava aqui esta estancia.

E vos Imperadores que mandastes tanta parte do mundo, sempre usados a resistir os afgresos contrastes de traidores exscys, e alestantados, nam vos quexeys: que agora se atentastes, hum dos maes e caros Reyes e maes amados, vè contra si, contra seu Reyno, e ley seus vassalos, por outro estranho Rey.

Bien judiciosamente quitò el Poeta esta estancia, porque ya era cargar la mano en esto con de masia.

¶ Usados a resistir, &c. Seria no acabar, si agora nos pusiessemos a dezir los nombres de quantos traidores tuvieron contra si los Emperadores del mundo.

¶ Nam vos quixey, &c. Consue'los con q vea un Rey Portugues traidor: assi como con los traidores consolo a los nobrados en essotra est.

XXXIII.

Rópese aqui dos nossos os primeyros; tantos dos inimigos a elles vao: està ali Nuno, qual pellos outeyros de Ceyta està o fortissimo Leão: que cercado se vè dos Cavallyros, que os campos vao correr de Tutuão; persegüeno cõ as lâças, e elle iroso (sotrovado húpouco està, mas não medro

A qui se rompen los primeros de los nuestros. Tantos de los enemigos se van a ellos. Està ali Nuño qual el fortissimo Leon por los otros, montes de Ceuta, que se vè cercado de los Cavalleros, que vao correr los campos de Tetná. Persiguenle con las lâças: i el con ira està un poco turbado: però no medroso.

¶ Rópense aqui dos nossos os primeyros, &c. Al envestirle los exercitos, la primera gente del Portugues fue rota del enemigo, a poder de la multitud, como luego declara el Poeta con essotro verso: *Tantos dos inimig.* &c. Nuño Alvarez viendo esto quedò confuso, mas no timido: i comparalo el P. excellentemente al Leon apretado de muchos Cavalleros. Agora.

¶ Qual pellos outeyros de Ceyta està o fortissimo Leão. Todos los grandes van aqui imitados, como es costumbre del P. Hom. Ilia.20. *Tanquam Leo perniciosus, quem viri interficere propiti sunt evanentes, omnis populus,* &c. i en el 4. de la Virginea: *Quot autem cogitare solet Leo viorum in turba timens, quando ipsum dolosum reti circundant.* Ambas veces por Virgine en semejantes ocasiones. Virgil.lib.9.

— *Ceu saevum turba Leonem*
Cum telis premit infensis, ac territus ille

A *Asper acerba tuens, retro redit, & neque terga Ira dare, aut virtus patitur, nec tendere contra, Ille quidam hoc cupiēs, potis est per tela virosque.* Mais propria la otra, aunque no señale Leon, si el ya no es la verdadera fiera, como explican algunos expositores, cosa que no examino.

Vt fera qua densa venantium septa corona Contra tetra furit, &c. En el 10. ay otra semejante: todo por Turno. Lucano lib.1.

— *Sicut squallentibus arvis*

Exsiferæ Libyes viso Leo cominus hoste Subsedit duobus totam dum colligit iram Mox ubi se saeva stimulavit verbere cudea, Erezitq iubas v. isto, & grave murmur h. istu

I tremuit. En el 6. otra semejante. Ariosto c.18. est.22. *Qual per le selve,* &c. Vease en las estanc.36. i 37.

¶ De Ceyta està o fortis. &c. Ponderese la consideracion con que el P. señalò el Leon de Ceuta, que es, assi porque por alli los ay de los mas horridos, como porq queda siéndo la comparacion ca'era, hija de la experiecia, por las muchas veces q esto sucede alli a Cavalleros Portugueses; i ya pnedo ser sucedido aigna al P. que alli sirvio tambien, segñ se verá en su vida. Ceuta, i Tucuan son plazas notorias en Africa.

¶ Turbado bunt poueo està. Dáte Purg.c.27. *Turbato un poco,* &c. Petrarca cap. 1. del triunfo de amor: *Et egli,* &c. *Turbato in vista si ritine un poco.* Ariosto c.30. Con viso piu turbato che sereno. B. Tasso Florid. c. 5. Con faccia piu turbata che serina. Mais para esto sobre la primera palabra de essotra estancia.

¶ Mas não medroso. Quando un varo del porte valeroso de Nuño se vè en tal aprieto, no teme, antes dà que temer: porque en aquella turbacion està ensayando un goipc horrendo esto le sucedido aqui, arrojandose al peligro que le turbó: i assi esta turbacion està aqui con la calidad del temor en la estancia 29. alla explicado: o con la de Torva, como explicaremos en la siguiente.

XXXV.

Com torva vista os vê, mas a natura ferina, e a ira nam lhe compadecem q as costas dè; mas antes na espessura das lâças se arremessa, que recrecem. Tal està o Cavallyro que a verdura E tinge com o sangue alheyo: ali perece alguns dos seus. Que o animo valente perde a virtude contra tanta gente.

Con ceñuda vista los vê: però la ferina natura leza, i la ira no le compadecé, que dè las espaldas; antes se arroja en la espessura de las lâças que recrecen. Tal està el Cavallero que tiene la verdura con la sangre agena: ali i peccen muchos

muchos de los suyos. Que el valeroso animo pierde la virtud contra tanta gente.

¶ *Com torva vista vos ve.* Quedan arriba pedazos de las imitaciones, que sirvieron aquí, porque pende esta estancia de esto. Agora Virgil. lib. 3. al hablar de los Ciclopas: *Lumine torvo: imagen de ira terrible: I en el 10. por Palante mirando a Turno.*

Lumina volvit, obitque truci procul omnia visu: Però como el P. dà este epíteto a Nuño después de averle cóparado al león, paréce imitado de Virgil. Egl. 3. a dónde a este animal dà el propio, *Torvaleana impa sequitur.* Seneca en Tig. ac. 4. *Torvus, & obliquum intus.* Por Atreo. i allí tiene otra tal comparación en Tigre. El Tasso Liber. c. 7. est. 37. *Con occhi torvi,* &c.

¶ *A natura ferina.* Como cóparo a Nuño con aquella fiera, le dà la propiedad de naturaleza.

¶ *Nam lbe compadecen que as custas dè.* También naturaleza del león, que es no molstrar las espaldas al enemigo, por mas terrible que sea, a lo menos en quanto es visto del: i tiene en esto tan gran cuidado, que por más que desee retirarse a prisa, no lo haze hasta que de todo no haya desaparecido del campo su contrario: però despues que se asegura, que ya no le vé nadie, entónces echá a correr; procurando quanto le es posible, que no pueda aver testigo de que tuvo acción de temor: así acá Nuño comparado al león se le dan sus propiedades, q son estar firme, i aguantar al peligro.

¶ *Na espefura das lanças se arremessa.* Gran representacion de colera heroyca; tomada de Virgil. al describir a Cotebo airado por Castandra ofendida, lib. 2.

*Non tulit banc speciem furiata mente Chorebus
Et se se medium iniecit moriturus in agmen.* D

Consequimur cumeti, & dësis incurrimus armis.

Así de Mefencio en el 10. el P. Archiloco:

Inter hastas inimicorum cominus

Conflens tuto, &c. Ariosto c. 18. est. 22. Vea se en esto. I en el cant. 9.

*I Cavalier d' Anglante ove più spesse
Vide le genti, e le armi, abissò l' hasta.*

I en el canto 16.

*Spronò il cavallo, e dove ardea più fiera
La bataglia lo spinse,* &c.

¶ *Tal està o Cavaleyro, que a verdura tinge co o sangue alheyo.* Este viene a ser el fruto de aquella turbacion ai explicada, hazer gran estrago en los enemigos, expuesto con que tenia reñida en sangre dellos la tierra: esto es aver muerto, i herido muchos con aquel arrojamiento, estudiando en la turbacion.

¶ *Tinge com o sangue alheyo:* Con la sangre ajena, por la Calstellana. B. Tasso Florid. c. 13. *Che era del sangue altrui tutto vermiglio.*

¶ *Ali perccem alguns dos seus.* Todavia murió allí alguna g. nte de Nuñalvarez: parte de aquello de Luca. li. 7. *Heic patriæ perit omne decus,* &c.

Tomo 2.

¶ *Que o animo valente perde a virtude contra tantagente.* Esta sentencia hemos experimentado estos días. No basta tener animo contra muchedumbre; el mismo Poeta en la valiente canción de la valiente Eglog. 1. *Que a virtude opri-mida da multitud, nam pode defenderse do perigo.* Ovidio Fast. 2. Muriendo los valerosos Fabios. *Fraude perit virtus,* &c. *Quid facient pau-ci contra tot millia fortis?* El Tasso Liber. canto 6. estancia 55. *E se 'l furore a la virtu pre-vale:* I en la 50. del 9. *Furor contra virtute hor qui combate.* Vamos con esto a la estanc. 96. del canto 6.

Aquí tenemos demás tres estancias en el original manuscrito, particularizando algunos Portugueses, que murieron en esta batalla.

1. *Passaram a Giraldo co as entradas*

*o grosso, e forte escudo, que tomara
a Perez que matou que o seu de estranhas
cutiladas desfeito já deixara.*

*Morrem Pedro, e Duarte (que faziam
nos Brigios tinham feito) a quem criara
Bragança: ambos manebos, ambos fortes,
companheiros nas vidas, e nas mortes.*

2. *Morrem Lopo, e Vicente de Lisboa,
que estavam conjurados a acabarem,
ou ganharem ambos a coroa
de quantos nesta guerra se afimarem.
Por cima do cavallo Afonso voa:
que cinco Castelbanos (por vingarem
a morte de outros cinco que matara)
o vam privar assi da vida cara.*

3. *De tres lanças passado Ilario cay;
mas primeyro vingado a sua tumba;
nam lhe pesa, porque a alma assi lhe suy,
mas porque a linda Antonia nelle vinha:
O fugitivo espirto se lhe vay,
e nelle o pensamento que o sostinha;
e saindo, da dams, a quem servia,
o nome lhe cortou na boca fria.*

Ay en estas est. de lo grande, i de lo pequeño, i de lo militar, i enamorado. Claramente se dexa ver, q las escribió el P. en menor edad: porq en la mayor i sólida, entendio que no avia para que gastar tiempo con semejantes particularidades, aunque lo hiziesen Homero, i Virgilio, de quien lo tomó en Italia el Boizardo, i dellos el Ariosto, i de todos nuestro P. al principio: pero después lo tuvo por tā ocioso, q lo dexó; i en la e. 66. del c. 6. díó a entender q lo dexava judiciosamente quando dixo, que el gastar palabras en referir golpes, era de malos gastadores del tiempo. Vea se allá. I bien pudiera el gran Tasso, pues reconoció la grandeza de nuestro Poeta, i le imitó en mucho, imitarle en esto, excusando la descripción de tantos golpes, que no ahitan poco el estomago de la lección, aun descritos con tanta dicha, como el

Io supo hazer: que Virgilio (si se disculpa con el) si lo hizo, fue con mas moderacion: a demas, que ni todo lo que estuvo bien en el, lo estaria en todos, i en todo. Al fin mi Poeta tuvo admirable juicio. Los lugares dessos Autores, a quien intentava parecerse en esto, son muchos, i assi los de x r. Digamos algo sobre cada una destas tres estancias.

A la primera.

¶ *Giraldo.* Lo cierto es, que los nombrados aqui por el Poeta, eran algunos hombres señalados en valentia de aquel tiempo. Yo halome agora sin libros para rebolverlos, i ver si alla se haze memoria dellos.

¶ *Perez:* Acordemonos deste apellido, que es Castellano de uno que murió aqui, para quando dixere algo de los otros que nombrara en otra est. que traere despues de la 40.

¶ *Nos Brigios.* En este nuevamente hallado original manuscrito, las mas veces que el Poeta avia de decir Castellanos, decia, *Brigios*, romandolo de Brigo Rey suyo: i lo quito de manera despues, que ni una sola vez lo dixo.

¶ *A quem criara Braganca.* Honrada memoria para esta Ciudad, la de saber el nombre de dos moradores suyos tan valientes como Pedro, i Duarte que murieron aqui, haciendo bravas cosidas en armas.

¶ *Ambos mancebos, ambos fortes,* &c. Imitacion de Virgil. Eglog. 7.

— *Thyrfis oves, Corydon,* &c.

*Ambo florentes et atibus, Arcades ambo,
Et cantare pares, & respondere parati.*

Lugar que imitaron despues muchos, que escuso nombrar; i que solamente aqui esta mejor imitado: porque esta imitado enteramente: i fuera de las mismas calidades de pastores, i musicos: porque lo passo el Poeta dichosamente a dos soldados.

¶ *Companheiros nas vidas, e nas mortes.* Aviendo dicho algunos esto, no me acuerdo agora de uno.

A la segunda.

¶ *Lopo, e Vicente de Lisboa.* Buena memoria tambien para esta gran Ciudad: si bien ella tiene innumerables hijos, ratos en todas artes, por todos tiempos.

¶ *Que estavam conjurados,* &c. En esta ocasion hubo muchos Portugueses, que se coprometieron sacramentalmente a vencer, o morir en la porfia; i los mas hicieron para firmeza dello jura: que no eran obligados a cumplir: porque juravan por vida de sus damas, i hazian votos de cometer sacrilegios, como veremos luego ai abaxo: i con todo vencieron. Tan secretos son los juicios de Dios.

¶ *Afonso voa.* Bolo del cavallo, matandole cinco Castellanos, en ver gança de que el soloavia muerto cinco. Valentia benemerita de memoria.

A la tercera.

¶ *Hilario.* Parece que fue hombre, que dio tambien buena cuenta de si antes que le matassen.

¶ *Nam lbe pesa, &c.* Mas porque a linda Antonia, &c. No le peso a este de morir, porque perdia la vida, sino porque perdia su amada Antonia. I assi este era de los que aí arriba diximos, que venian a pelear sacrificados a tal devicion: i devia ser de la bandera de los enamorados, de que diximos en la est. 22. i de la misma devia ser el otro, que hizo voto, si de alli talia vitorioso, que iria a tener una novena con una Monja: i asi fizio el voto: historia que oy se cuenta por galanteria, siendo verdadera, porque para muchos son galanterias los sacrilegios.

¶ *E nelle o pensamento que o so, finha.* Fuese con el espíritu el pensamiento que le sostenia: esto es el pensamiento amoroso de que vivia el valiente Hilario.

¶ *O nome lbe cortou na boca fria.* Es excelente esto. Viendose murir Hilario, quiso morir con el nombre de su dama en los labios o de puro consentido en los amores; i al querer decir Antonia, dixo solamente Anto: i no fenecio, porque se le acabó el aliento. El gran Tasso acerco despues a decir esto: i no me acuerdo adonde va. Nuestro Poeta en sus rim. son. 72. cortando el nombre de Dinamene:

*Torna a figi-me; e eu gritando Dina,
antes que diga, mene, acordo &c.*

Sonava que le huia la dama, i que al llamarla desperto antes de fenercer el nombre: que es bonísimo: en las notas a las rimas se veran los Autores que usaron esto, i a que nuestro Poeta pudo imitar: hizierolo bien el Guarino en su Fido, i el Tasso en su Aminta: pero no mejor que mi Poeta: al fin alla lo veremos, si Dios quiere.

¶ *Na boca fria.* Excelente imagen: ya la vimos en la estancia 132. del canto 3.

XXXVI.

*Sentio Ioanne afronta que passava
Nuno; que como fabio Capitam,
tudo corria, e via, e a todos dava,
com presencia, e palavras coraçam.
Qual parida Leoa, fera, e brava,
que os filhos que no ninho sos estam
sentio q em quanto o pasto lhes buscara
o pastor de Massilia lhos furtara.*

*S*intio Iuan la afrenta que Nuno passava: el aprieto en que se via; porque como Capita sabio todo lo corria, todo lo via, i dava a todos coraçon con la presencia, i con las palabras. Qual parida Leona fiera, i brava, sintio q es mientras buscava pasto para los hijos que estan solos en el nido, se los avia hurtado el pastor de Massilia

Marsilia: Corre en esta estancia.

¶ *Sintio Ioanne a afron.* El Rey Don Juan entendio el aprieto en que estaba Nuno Alvarez, i bolviendose a aquella parte airado, i ligero como un rayo, alento su gente, i mejorose todo. I aqui, si no me engana la memoria, fue quando un Castellano arrebato de las manos al Rey el hacha con que iva hiriendo i peleando; la qual el bolvio a cobrar ligeramente, i a herir con ella mas furioso: i por todo le compara el Poeta desta manera: Mirese, por Dios, su perpetuo cuido, en aquello nulmo de que a gunos le forma la culpa. Comparo en esta otra est. Nuno al Leo: En esta el Rey a la Leona: i asi parece que exalta menos al Rey que a Nuno: i exalta mas: por que en compararla a la Leona a que robaron los hijos, es pintar lo ultimo de la ira, i animosidad; porque no ay cosa mas airada, i animosa, que la madre ofendida en aquellas prendas, contra el ofensor: i luego como los vassallos son hijos, i el enemigo los iva rompiendo, entra a juntamente el Rey como Leona, que acude a la defensa de los que el pastor le hurta: i dixo partida, por que estandolo de poco tiempo, tenia mas presentes los dolores que le costaron estos hijos: i esto sucedia al Rey, que de quattro dias, sobre muchos, i intolerables trabajos, estava hecho Rey dellos. Todo es cuido, todo es maravilla este Poeta. Esto tiene aun mas lugar entre Portugueses, adonde Reyes, i vassallos, quando Dios queria, eran padres, i hijos: asi lo dixo la entendida, i viva Reyna Isabel la Catolica, como queda en la nota 1. al titulo deste Poema sobre el lugar de Virgil. *Et ipse videbitur illis.* I en particular acudio el Rey a Don Nuno Alvarez, i a sus amigos i vassallos, porque aquellos fuen los particulares hijos de Portugal, digo verdaderos i valerosos; i Nuno que los acandillava el alma dellos, i del, nunca bastante alabada.

¶ *Que como sabis Capitan tudo corria, e via,* &c. Asi con brevedad describe en el Rey qual deve ser un Capitan prudente: la agilidad: el estar prompto a muchas cosas en un mismo tiempo: el bolar de una parte a otra. Por esto Homerio permutamente llama a Achiles ligero de pies. No dexare de creer, que Torquato Tasso tuvo en la memoria (aprietenos quanto quiere su grandeza) este lugar quando quiso descriuir su Rinaldo con semejante actividad: pues lo hizo con las mismas palabras, principiendo tambien el verso como aca: *Tudo corria,* &c. i el alla: *Tutti precorre,* &c. i antes desto esta el magnanimo, que en nuestro Poeta esta despues en la ult. 38.

*Rinaldo il piu magnanimo, e il piu bello
Tutti precorre, et e men ratto il lampo.*

Es en la estanc. 37. del canto 3.

¶ *A todos dava compresenca, e palabras coraciam.* Entena quanto obra la presencia del Principe entre sus vassallos en costitos terribles. Estan las historias llenas de ejemplos. Vease la

Tomo 2.

A nuestra en la vida deste Rey.

¶ *Qual parida Leo.* &c. Hom. Vlil. 4. Quod admodum quando in syva Cervus fortis Leonis binnulos dormire collocans nuper natos latentes colles inquirit, &c. Valles herbosas pascens, hic sunt postea suum ingressus est cubile, &c. Virgil. lib. 2. Sic animis iuvenum furor additus, inde lupi sensu Raptore atra in nebula, quos improba ventris Exagit eacos rabies; catulique rei: Eti Faucibus expectant siccis, per tela perhostes, Vadimus, &c. Ovid. Met. 3.

V. que furit catulo lactante orbata Leona
Signaq; nictus pedum sequitur, que non videt hoste. Marcial lib. 5. epig. 91. *No Tigris catulis citata raptis,* &c. Claudio Proserp lib. 3.
Arduus Hyrcana quatitur sic matre, &c.
Cuius Achæmenio Regi ludibria natos
Avexit trenebundus eques; frennit illa, &c.
Lucano por Cesar: *Ocyor, & cœli flammis, & Ty*
gride fœta, &c. Sacio Theb. 8. con aquello de Massilia. *Vt Leo Masyli,* &c. I en el 10.
Vt Lea quam sevo fœtam pressere cibili
Venantes Numidæ, natos erecta superstata
Mente sub incerta, torvum ac miserabile frēdes,
&c. Angelo Pollic. en las est. al de Medicis.

Qual Tigre a cui da la petrosa Tana
A tolto i cacciatori i cari figli
Rabbio fa il segue, &c. Ariosto c. 19. est. 7.
Come orsa che l' alpestre cacciatore
Nella petrosa Tana assalito habbia,
Sta sopra i figli con incerto core,
Et freme in suono di pietà, e di rabbia.
I en el 13 est. 22.

Qual per le selve Nomade, o Massile
La generosa belza, &c. I despues:
Come la Tigre, &c. I cari figli comprende
Effergli tolti, avampa di tanta ira
Atanta rabbia, &c. B. Tasso Florid. c. 1.
Non credo che Orso in tanta rabbia saglia
Se vedi i figli in preda a i cacciatori. I en el ca-
to 12. Che si como Leone irato freme. I en el 17.
Lieve Tigre non va veloce tanto

Che veggia i figli a i cacciatori, &c. Asi en su Amadig. cant. 46. est. 29. I se deve ponderar, que de tod*a* essa copia de Autores, parece claramente aver imitado el nuestro: por q de todos ellos se hallan en el aqui estilos, i palabras: i la misma observacion se puede hazer en otro qualquier lugar, adonde descubrimos las imitaciones: con q se asegura lo que algunas veces ha dicho, q quien supiere, o imitare a Luis de Cam. sabra o imitar a todos los grandes antiguos. Por esto tal vez, traemos algunos lugares en abundancia: i en esta ocasion todos estos, no tanto por esa razon, como porque partes dellos tocan a la estancia siguiente, que haze con esta una sola clausula.

¶ *O pastor de Massilia* Entiende qualquier robador de estos animales, o fieras: pero accordose mas de aquella parte de Afica, porque en ella ay mas: i se usan estos hurtos.

XXXVII.

Corre raivosa, e freme, e cō bramidos,
os montes sete irmãos atroa, e abala;
tal Ioanne com outros escoihidos
dos seus, corredo acode à primeira ala.
O fortes companheyros, o subicos
Cavaleiros a quem nenhum se iguala !
defendey vossas terras: que a esperança
da liberdade, està na vossa lança.

RAbiosa corre, freme, i mueve, i a truena con
bramidos los siete montes hermanos. Tal
Iuan con otros escogidos de los suyos, acu-
de corriendo a la primera ala. O fuertes compa-
ñeros ! o Cavalleros sublimes, a quien ninguno
se iguala ! defended vuestras tierras. Que la es-
peranza de vuestra libertad està en vuestra lâça.

¶ Corre, &c. Continua el Poeta la descripción
de la bravosidad de la Leona, hallando los
hijos menos, comenzada en essa otra estancia: i lue-
go aplica.

¶ Raivosa. Sobre esta rabia ver lo dicho en
la est. 47. de c. 3.

¶ Freme. Las imitaciones desta voz, i otras,
quedan arriba en essa otra estancia.

¶ Os montes sete irmãos. Con Virgil. 6. *Septem gemini turbant,* &c. Son siete montes de Á-
frica en aquel parage, que por seguirse unos a o-
tros, i conformarse en la figura se llamaron her-
manos, de donde tienen algunos Autores, que
Septra se llamo Siete hermanos, por ser vecina de
llos: i porque por allí ay muchos Leones, por a-
lli describe el Poeta esta Leona. Pomp. Mela.

¶ Atroa, e abala. Hyperbole de su Sone-
to 14.

¶ Os montes parecia que abalava
O triflesom. I de su Eglog. 7. **Os montes.**
insensiveis que abalou. Parecese a lo del Salmista.
Montes exultaverunt, ut arietes. Atroa, e abala, vale atruena, i mueve.

¶ Tal Ioanne, &c. Agora acomoda, o aplica
la comparacion propuesta aqui, como todos los
Autores imitados, ya traídos en essa otra est. acu-
dan los curiosos a ellos. Veys aqui Ariosto co-
tinuando la del c. 18. **Tal Rodomonte,** &c.

¶ Com outros escoihidos dos seus. Esto es, que
el Rey eligió de aquella gente con que peleava
por aquel lado la mejor, para acudir a essa otra en
que Nuño se hallava aprorado; i dexó el resto, pa-
ra entretener por allí el enemigo.

¶ Correndo acode à primeira ala. Como Tar-
conte en el 11. de Virgilio.

Ergo inter saedes, cedentiaque agmina Tarebon,
Fertur equo varijsque instigat vocibus alas.
Agora se sigueu las voces del Rey.

¶ O fortes companheyros ! *O sub.* &c. Ariosto
en persona de Ferran animando los suyos, c. 18.

A *Ab (dicea) valent, buomini, ab compagni;*
Ab frateli, tenete il luogo vostro.

I en esta tormenta de tierra no ay duda que sirvió aquel verso de la del mar, En. 3. *Eripite, o so-
cij, pariterq; insurge remis:* estando acá por los
remos las lanchas; i el de Lucano lib. 1. hablando
Cesar a los suyos. *Bellorum, o socij, qui mille per-
picula Martis,* &c. Si ya como ellos no lo tomó
el Poeta de Hom. Ilia. 5. al incitar Agamenó su
gente. *O amui, viri estote, & fortè animum :* i
en el 6. quando Nestor: *O socij, o Danai Heroec
viri fortissimi.* Ay mucho desto en Virgilio.

B **¶ Que a esperança da liberd,** &c. i en la estan-
cia siguiente: *Vedesme aqui Rey voso,* &c. Esto fa-
lió de lo que dixo Alcaño en el 5. quando ardía
las naves: *Vestras spes uritis;* *En ergo vester As-
canius.* I en el 9. el gran Caico. *O ciues, ferte ci-
tiserrum, date tela.*

XXXVIII.

Vedesme aqui Rey voso, e cōpanhey-
q entre as lâças, e setas, e os arneses (ro-
dos inimigos corro, e vou primeyro:
pelejey verdadey: os Portugueses.

CIsto dílle o magnanimo guerreiro;
e sopesando a lâça quattro vezey,
com força tira; e deste unico tiro
muytos lançaram o ultimo sospiro.

VEysme aqui Rey, i compañero vuestro, que
corro, i voy primero entre las lâças, saetas,
i arneses de los enemigos. Pelead, o verda-
deros Portugueses. Esto dixo el magnanimo
guerrero: i blandiendo quattro veces la lâça-ti-
ra con fuerça: i deste unico tiro echaron muchos
el ultimo aliento, suspiro, vida.

¶ Vedesme aqui, &c. Dixo el Rey en essa otra
estancia lo que contienen los quattro versos últi-
mos, i continuando en este, dize lo que contiene
estos quattro primeros: estando cuidadosamente
medido lo que habla así en cantidad, como en ca-
lidad, con el tiempo, que pedia pocas palabras, i
estas de este genero.

¶ Rey voso companheyo. No ay duda que los
Reyes de Portugal, más eran padres, i compa-
ñeros de su gente, q Reyes; si los verdaderos Reyes
no son los verdaderos padres: pero quando no lo
fueran, en tal ocasión llamaría el facilmente cō-
pañeros a sus vassallos: porque la experiencia
nos ha enseñado, que nadie en las tormentas se
abraça más con los humildes, que el que los tiriza
más en la bonança: no corriendose de bus-
car con la miseria, a quien ofendieron con el po-
der: tan descatada es la conveniencia.

¶ Que entre as lâças, &c. Virgil. En. 2. *Et in*
media arma ruamus, &c.

¶ Vou primeyro. Así negocia bien el Princi-
pe, siendo el primero que se vè desvelado, i con
el

el pecho puesto a lo que pretende: porque echarse a dormir, i esperar que vele el otro, es cosa de que se puede esperar poco fruto: assi aca esta accion del Rey lo mejorô todo.

P *Pelejay verdadeyros Portugueses.* Incita grandemente este verso: i por esto fene ciô con el. Necessario es advertir, que todas las veces que el Poeta haze hablar un Rey, realmente lo hace. Mirad aquello que habla el Rey de Melinde, desde la est. 86. del c. 2. mirad esto aqui: Mirad al Rey D. Manuel desde la est. 78. i al Zamori desde la 6. i del c. 8. i a lo menos en este lugar, i en esto de Manuel, no son palabras, i se intencias, sino instrumentos que arrancan los corânes a los vassallos, para ponerlos en las manos a los Princives.

P *Isto d'esse o magnanimo guerreiro,* &c. Todo esto conquietamente compite coa Homero Ilia. 5. de Agamenon, aviédo hablado: *Dixit, & iaculatus est lancea ve'ociter, percussit autem,* &c. I con Virgil. lib. 2. quando Lancoon tirò la suya al Paladio.

*Sic fatus validis ingentem viribus hastam
In latus inque feri curvam compugibus atrum
Contorsit, &c.* I en el 10. tirando Palante a Turno.

Magnis emittit viribus hastam.

Ariosto canto. 18.

*Così dicendo il giovinetto forte
Al conte d' Otton lei diede la morte.*
B. Tasso Amadig. c. 39. de otra tal accion.

— *E pien di rabbia ardente, e d' ira
Con tutta la sua forza il brando tira.*

P *Sopelando a lança quattro vezes.* Estuvo yendo, i viiendo una vez i otra con la lança apretada en la mano, que como saben todos, es ensayo de valeroso tiro. El P. usò aqui misteriosamente del numero quarto (assi usará del tercero en la est. 94.) porque siendo en los juramientos inviolable, i constando del la alma, que es de entendimiento, ciencia, opinion, sentido, dâ a entender, que avia de vencerse este numero de alientos de esto de ira. No quereró atribuir mas misterio al numero quarto aqui, ni traer erndicion sobre el, aunque bien pudiera agora mas justamente, q algunos eruditos en otros lugares lo han hecho de otros numeros. Vease todavía lo que descubrimos a este proposito en el discurso de los numeros, en los nuestros morales i politicos.

P *Muytos lançaram o ultimo sospiro.* Hizo aqui esta lança, lo que a peste en el 3. de la Geografica: *Extremosq; ciet geritus.* El Tasso Liber. c. 2. e. 35. *In me fuor mandigli ultimi sospiri.* Duran escrupulosos, como de un tiro de lança murieron muchos. Esto es, que al tirar el Rey, tirò toda su gente, que el avia incitado con la accion referida: i esto assi junto es un tiro solo, o una rociada, como dizien oy, al descargar en el enemigo la arcabuzeria; que son muchos tiros juntos: i lla male, unico, por feliz: lucediô bien; no se perdiô

A dardo, o flecha; i empleandose todos matarô muchas. La estancia siguiente lo declara más, diciendo, que animada la gente de su Rey, i viéndole arrojar al peligro, se arrojó con el; i hizo este efecto. Los ultimos dos versos desta estancia en mi original manuscrito, son assi:

*Com for, a tira, e prega o escudo, e lado
co o cavalo na terra a Maldonado.*

Devia ser Cavallero de valor el Maldonado, pues le buscó el Rey con este tiro. Agora se sigue una estancia a que sucedio la siguiente con gran ventaja, como veremos al fin de sus notas.

XXXIX.

P *Porque eis os seus acehos novamente
d' húa nobre vergonha, e honroso fogo,
sobre qual mais com animo valente,
perigos vencerà do Marcio jogo;
Portiam: tinge o ferro o fogo ardente;
rôpé malhas primeyro, e peitos logo;
assi recibem junto, e dam feridas,
como a que já não doe perder asvidas.*

C **P** *Orque veys aqui los tuyos nuevamente encéddidos de una verguença noble, i honroso fuego, ardor, porfian sobre qual con más valiente animo vencerá peligros del martial juego. Tiñe el ardiente fuego al hierro: primero rompen mallas, i luego petos. Assi reciben, i dan heridas juntamente, como aquellos a quién ya no duele perder las vidas.*

D **P** *Porque eis os sus, &c. La gente Portuguesa oyendo aquellas palabras, i viendo aquel arrojamiento de su Rey al peligro, subito se recobró de alguna floxedad, o confusion a que se via reducida por la multitud contraria, i peleando como a porfia, peleava como desesperada.*

G *Acehos de nobre vergonha, e honroso fogo.* El P. c. 8. est. 90. *E de ira nobre aceho.* Homero Ilia. 6. (de Vala) por Nestor (arriba queda) *Sic dicens animam accendit, ardoremq; singulorum.* Otro tanto en el 11. Agora Virgil. lib. 5.

Tum pudor incendit vires, & conscientia virtus:
I en el 9. despues que Mnesteo exhortó: *Talibus accensi firmatur, &c.* I desvnes que Turno (10.) Arcadas accensos monitu, & praelata tuentes Facta viri, mistus dolor, & pudor armat in hostes. Dante Purg. c. 5. *Poi vidigeante accessa in foco d' ira:* Pero este sirve mejor a la est. 16. del c. 10. Ariosto c. 9. *O sepiu d' ira acceso.* I en el c. 27.

Così scornato di vergogna, e d' ira

Nel viso avampa, e par che getti foco.

B. Tasso Liber. c. 13. est. 29. *E di trista vergogna acceso, &c.*

V *Vergonha.* Divina es en la doctrina de Platón la verguença del temor en el riesgo de la hora, engendradorâ de los hechos heroycos con q se acude por ella. Nuestro elegante, i docto Osorio

rio lib. 4. de gloria, dice, que la verguença es un impulso vehemente del animo, que sacudiendo la injuria se eleva a conseguir gloria. Esto sucedió aquí a los Portugueses que iban asfixiando, al recobrarse: i por esto el Poeta le llama, verguença noble. Vease más en la est. 7. del c. 8. i a Plutárco en un opúsculo de sus morales.

¶ Sobre qual mais perigos vencerá, porfiam.
Así la gente de Eneas exortada del lib. 11.

Dixerat, atque animis pariter certatibus omnes
Dant eum, densaque ad muros mole feruntur.

¶ Marcio jogo. luego de Marte: guerra, batalla, pelea: repitirlo cant. 10. est. 19.

¶ Tinge o ferro o fogo ardente. Hallome con quattro ediciones deste poenia: una, la que nos dió primero el Poeta propio, año 1572. otra la de Manuel Correa; i otra la pequeña; i otra de las ordinarias. Las tres primeras dicen: *Tinge o ferro o fogo*. La ultima: *Tinge o sangue e fogo ardente*. Correa dice, que *fuego ardiente* es lo que atribuye llamó el Poeta, *fuego honroso*, que es ira noble, de que resultaron las heridas, que con su sangre tenían el hierro, o las armas: i dice mal, como siempre; porque no quiere decir, sino que la sangre tenía el hierro, llamando *fuego ardiente* a la sangre; así por la calor, como por el oficio: por la calor; porque a la roxa llama el Poeta ardiente, est. 77. del c. 2. *Escarlata purpurea, cor ardente;* i así Iuvenal lat. 11. *Quos ardens purpura vestit:* Así Mantuano: *Ardenti murice clarus,* Así Crinito: *Et aestuantes purpuras:* Así Vaietrio Flaco l. 1. *Igneus succo purpura.* El Molza en el retrato de Iulia Gonzaga: *E bei rubini ardenti.* También anda en las rimas del Porrino por suyo. Experimentase en las colgaduras de damasco, o otra seda roja, que de verano antes parece que encienden el aposento en vez de refrescarle: de que se sigue, que los regalados poderosos hacen mal en no colgar las estancias que habitan en invierno, de paños rojos. Por el oficio: porque la sangre es un humor calido de que se alimenta el cuerpo: i así vulgarmente oyen decir del que es assaltado de miedo, *quedó frio, ó sin sangre*, que es perder la color natural, (i essa procede de la sangre) i al mismo fuego, sin respetar a sangre, dà el Poeta la color de la, a la entrada de la Eglog. 6. *Roxas brasas acende a roxa flamma.* Estos mismos Autores que llamaron la purpura ardiente, la llamaron sanguinea. Mantuano: *Purpura in extensis sanguinolenta genis.* Panfilio Saxo: *Purpura que tinetas vestes sanguinea.* I ardiente llaman frecuentemente a la sangre. Lucano lib. 2. *Fervidus haec iterum circa praecordia sanguis.* Así que el *fuego ardiente* sin escrupulo, será, i es, docta perifrasis de la sangre de que se tenían estas armas. Pero si huviere de ser: *Tiene la sangre el hierro ardiente*, o quedaremos en el propio sentido, leyendo así: *Tiene el hierro la sangre ardiente*: o siendo el ardiente adjetivo del hierro, entenderlo en una de dos ma-

neras, o en ambas: o ardiente, porque anda en el ardor de la batalla, i de los corazones de quién le trae; o porque las armas tocadas unas con otras porfiadamente reciben calor, como si estuvieran al fuego. Mas desto no ay que hazer caso, teniendo el texto original que dice esto: i es lo fino, i muy de Poeta grande, llamar a la sangre *fuego ardiente*. Añado, que como el cuerpo humano es el mundo abreviado en que también se hallan los quatro elementos, la sangre representa el de *fuego*, i hace su oficio. Signese de todo lo dicho, que Manuel Correa, i otros doctos no entendieron el Poeta; i que quien le entendió, diciendo por *fuego sangre*, entendió lo que el quisó decir, pero no entendió la osadía, i elegancia con que lo dijo, pues le parecio que el *fuego* allí era cosa distinta de la sangre.

¶ Assi recebem junto, e dam feridas. Ercilla c. 6. *Dan, i reciben asperas heridas.*

¶ Como a quem já nam doe perder as vidas. Ariosto c. 16. *Come sol per morir fuisse condutti.* Gran imagen de furor militar.

En el manuscrito en lugar desta estancia aparece esto:

Favorecem os scus com grandes gritas
o suceso do tiro: e elle logo
toma outra, (que jaziam infinitas
dos que as vidas perderam neste jogo)
corre, enrestindo a forte, e d' arte incita
aa brava guerra os scus; que ardendo em fogo
vamferindo os cavallos de esporadas,
e os duros inimigos de lançadas.

Tiene de lo grande algo, i de lo frío mucho; i de la llina poco, pues está el *incita*, faltando a los otros consonantes sin remedio: bien parece de la poca edad del Poeta, i la que le sucedió bien parece de mano ciulta, i furor ardiente.

XXX.

A muytos mandam ver o Estigio lago en cujo corpo a morte, e o ferro entra o Mestre morte ali de Santiago (va; que fortissimamente pelejava:
Morre tâbem, fazendo grâde estrago, outro Mestre cruel de Calatrava;
os Pereyras tambem arrenegados
morrê, arrenegando o ceo, e os Fados.

*M*uchos en cuyo cuerpo entrava el hierro, i la muerte son mandados a ver el Estigio lago. Muere allí el Maestre de Santiago, q peleaya fortissimamente. Muere también otro cruel Maestre de Calatrava, haciendo gran estrago. También mueren los renegados Pereyras, renegando el cielo, i los hados.

¶ A muytos, &c. Particulariza el Poeta algunos de los que murieron en este conflicto.

Mandam ver o Estigio lago. Bueno está el má-

dar ver. Virgil. En. 2. *Multos Danaum dimitti-mus Orco.* El *Estigio lago*, en el 6. *Stygiämque paludem Seneca en Herc. fur. a. 4.* *O pueri ite, iratos visite reges.* Ariosto c. 16. *Mandando or questo, or aequi giu ne l' inferno.* I en el 23. *Di mille che mandasti a i regni Stigi.* B. Tasso Ama-dig. c. 22. *Che per mandarlo fu ne i regni bui.* (este sirve a semejante verso de la est. 36. del c. 5.) Todo por dicha con aequi desden, con que vul-garmiente se dice con alguna arrogancia; manda-réle a visitar el infierno. Y 2 sabé todos que por allá ponen las fabuias essa laguna Estigia.

¶ *A morte, e o ferro entrava.* Buena expres-sion del efecto de la furia: no se arrojava hierro sin muerte: ella entrava tras el por los cuerpos.

¶ *O Mestre morre, &c. Morre outro, &c. Os Pereyras morré, &c.* Termino de Virgil. En. 2. *Ilicet obruimur numero, primusque Choræbus Procurabit: cadit & Riphæus, &c. Pereunt Hispanique, Dimasque, &c.*

¶ *De Santiago.* Lo que parece de las histo-rias es, que en esta batalla no murió el Maestro de Santiago; pero murió en la de Valverde, que Don Nuñalvarez dió a los Castellanos, luego q̄ salió desta de Aljubarrota, segun veremos en las estanc. 40. i 46. i como desta vino a ser miem-bro, o dependencia essota; pudo el Poeta como tal hazer memoria dessa muerte acá, porque no le quedasse de fuera el fin de tan grā persona, que era Don Pedro Nuñez, o Moñiz (como veremos sobre la est. 30. del c. 8.) i murió haciendo maravillas. I si esta razon no agradare, no por ello el Poeta dexa de serlo grandissimo, pudiendo bien ser, que yo estaré olvidado de las historias: o que en esto ay algun particular que yo ignoro: i no por ello dexaré de ser visto en ellas. Si ya este particular no es, que siendo Mem Rodriguez de Vasconcelos, de que diximos en la est. 24. Maefstre de Santiago en Portugal, i quedó tendido co-mo los otros muertos en la de Aljubarrota (aun que despues le hallaron vivo entre ellos, con opiniōn de milagro) pudo el Poeta llaamarle muerto, porque los resucitados no dexan de aver sido muertos; i ran heroycos muertos parecen muy bien resucitados. Oxalá resucitaran con mas fre-quencia.

¶ *Outro Mestre cruel de Calatrava.* Este era Don Pedro Alvarez Pereyra, hermano de Don E Nuño Alvarez: del qual se dice fue tragado de la tierra: i procedió esto de que ni vivo, ni muerto fué más visto. Si bien dizen otros, que aviendole muerto Nuño, le fue a enterrar secretamente, con que dio causa a ciertos discursos misteriosos, de que no me importa tratar. Dale el Poeta el epiteto de cruel, por aquella razon de que pe-leava contra su hermano, que defendía la patria.

¶ *Os Pereyras tambem.* Ya en la est. 14. dixi-mos, que dos hermanos de Nuño Alvarez sirvie-ron entonces a Castilla: uno era el Maestre Don Pedro, de que ai acabamos de decir: otro se lla-

A mava Don Diego Pereyra: el Poeta habla des-te de plural; i deve-se entender por algunos pa-rientes, i gente d. que eran seguidos estos her-manos, por ser tan singulares, i poderosos Cava-leros.

¶ *Renegados:* Assi ya en la est. 32. Vease lo que allá diximos. Todo lo que se dice con el a-mor de la patria tiene disculpa: i el Poeta rebé-tava deste amor: i assi pudo dezir, *renegados*, aun que fuese cō alguna immodestia, i impropiiedad, (i tambien poca alteza de estilo) porque los dos hermanos de Don Nuñalvarez, al fin, fueron sus hermanos, i valientes Cavalleros, i pudieron sal-varse, porque peleavan por la verdad, tambié co-mo los que pelearon por la patria. Remirimo-nos a lo dicho en las est. 13. i 33. En algunas edi-ciones deste poema andan mudadas diferentes cosas, i esta es una; poniéndose en lugar de los dos versos ultimos, estos:

*Os ingratos Pereyras, que pudēram
Armarse contra a terra en que nasceram.*

I, aunque b:en o mal está mejor, es grande culpa de atrevimiento, a de enmendar el texto.

Ocho estancias se seguian a esta: en que refe-ria el Poeta la muerte de algunos Castellanos. Reprovórlas por la misma razon que essotras de los Portugueses.

1.

*Velasquez morre, e Sanchez de Toledo,
hum grande caçador, outro Letrado:
tambem perece Galbez, que sem medo
semprē dos companheiros foym chamado:
Montanchez, Oropesa, Mondonbedo;
(qualquer destro nas armas, e esforçado)
todos por māos de Antonio moço forte,
destro mais que elles, pois os trouxe à morte;*

2.

*Guevara roncador, que o rosto unlava,
māos, e barbas do sangue que corria;
por dizer que dos muitos que matava
saltava nele, o sangue, e o tingia.
Quando destes abusos se jaetava,
de través lhe dà Pedro, que o ouvia,
tal goipe, com que ali lhe foym partida
do corpo a vām cabeça, e a torpe vida.*

3.

*Pelo ar a cabeça lhe voou,
inda contando a historia de seus feytos:
Pedro do negro sangue, que esguichou,
foym todo salpicado rosto, e peytos;
justa vingança do que em vida usou.
Logo com elle ao Ocaso vam direytos
Carrillo, Ioam da Lorca com Robledo:
porque os outros fogindo vam de medo.*

4.

*Salazar, gran taful, e o mais antigo
rufiam que Sevilha entam sofinha;
a quem a falsa amiga que consigo
trouxe, de noyte só fogido tinha.
Fogiolhe a amiga enfim para outro amigo;
por*

porque vio que o dinheyro com que vinha
perdeo todo de hum resto: e nam perderas
se húa carta de espadas lhe viera.

5.

O desprezo da amiga, o desatina,
e o mundo todo, a terra, e o ceo, vagante,
blasfemando ameaça, e determina
de vingarse em qualquer que achardante.
Encontra com Gaspar (que Catarina
ama em estremo) e leva do montante
que no ar fere fogo; e certo crisa
que hum monte dà pancada fenderia.

6.

Bem cuya de cortarlo em dous pedacos,
porem Gaspar, vendo o montante erguido,
cerra com elle, e leva o nos braços:
cometimento destro, e atrevido.
Bracéa o Castelbano, e de ameaças
se serve ainda; e estando já vencido,
o Portugues forçoso, em breve mora,
lhe leva a arma das mãos, e falta forra.

7.

E porque elle nam lhe usé a propria manha
que este lhe usara já, de ponta o fere;
nos peytos o montante enfim lhe banha
porque de outra vingança desespere.
Fogiolhe a alma indignada, e na montanha
Tartarea, inda blasfema. Ali refere
que maes, nam açoutar a amiga ingrata,
que os açoutes de Alecto, o pena, e mata.

8.

E do metal de espadas a os danados
diz males, e blasfemias sem medida;
que já por nam lhe entrar perde os cruzados,
e agora por entrarlhe perde a vida.
Por pena quer Plitâm, de seus pecados,
que se lhe mostrá a amiga, já fogida,
em brincos de stro, e beyjos elevada:
Remete elle para elles; e acba nada.

Verdaderamente hizo el P. bien en quitar estas descripciones de golpes varios desta gran fabri-
ca, por mostrar a los grádes escritores passados, i
venideros un nuevo camino, i una elecion nue-
va; que no siempre se ha de estar atado a lo segui-
do de todos, i más en cosa que en si no es muy
essencial, i amenaça con fastidio: aunque del está
bien libres estas buenas estancias, sino es en la re-
lacion del Salazar, que ya iva tocando los confi-
nes de lo prolixo; aunque no de lo desagradable.
Però lastima fue, que estuviesen ellas expuestas
al olvido con desestimarlas el Poeta aqui, siendo
mucho para estimar acá fuera. Mil bellezas tie-
nen. Vengamos a cada una, ligeramente.

A la primera.

¶ Velazquez morre, &c. Devieron tambien
(como diximos de los Portugueses) ser velien-
tes hombres estos Castellanos con singularidad,
pues el Poeta la haze en nombrarlos; i la memo-
ria destos dos es honrosa para Toledo; i por mas
que Toledo tenga muchas destas para honrarle,

A reconozca esta deuda a la mayor pluma Pottu-
guesa en este genero de escritos.

¶ Hum grande, &c. Era gran caçador uno, i
gran Letrado el otro: señas por donde se podia
rastrear sus calidades, i familias en historias. El
Poeta al nombrarlos vase acordando de sus ar-
tes, exercicios, o inclinaciones, por imitar a Vic-
tilio, Boiardo, i Ariosto, que al nombrar a mu-
chos en semejantes ocasiones así lo hicieron.
Son lugares notorios.

B Galbez que sem medo sempr. &c. Tenia da-
do a Galbez su osadia valerosa, el ser llamado de
todos, impavido: esto es, sin miedo: al modo del
Portugues Giraldo, que veremos en la estancia
21. del canto 8.

¶ Qualquier destro nas armas, e esforçado. Se-
tencia i verso, que se hallará en la estanc. 53. del
cant. 6. igualando tambien en valor a aquellos
Cavalleros.

¶ Todos por mãos de Antonio, &c. Bueno de-
via ser este Portugues Antonio, pues solo el ma-
tó a estos seys valientes Castellanos.

C ¶ Destro mais que elles. Todavia no dice el P.
que Antonio los mató por mis valiente, sino por
más diestro en rebolverse: que es bonissima aten-
cion para honra de los vencidos, i del vencedor.

A la segunda.

¶ Guevara roncador, que, &c. Pretéde el P.
mostrar, que los roncadores obran menos, i quic-
ren persuadir que más, pues nos pinta este andá-
dose riñiendo con la sangre de los que el no ma-
tava, i blasfonomando solo de averle ensuciado.

¶ De través lhe dì Pedro, &c. Pedro Portu-
gues, viendole vanamente jaestar, le segó la ca-
beça de un gope.

D ¶ Do corpo a vãm cabeça, e a torpe vida. Grá-
verso, con gran ponderacion: vana la cabeza, por
que obrando poco blasfomava mucho; torpe la vi-
da, porque quien blasfoma mucho, i obra poco, in-
digno es de vida honrada.

A la tercera.

¶ Pelo ar a cabeça lhe voou. Boló la cabezà
por el ayer con atencion aun a lo dicho arriba.
de que era cabeça aerea; i por esto pudo bolar
por el ayer.

E ¶ Inda contundo a bistoria de seus feytas. Es
bonissimo: i dixerorio algunos: muestra el Poe-
ta lo arrebatado del golpe: porq estando el Gue-
vara diciendo sus valentias, aun despues de cor-
tada la cabeza pronunciò alguna palabra. I sue-
visto esto en algunas ocasiones naturalmente: que
milagrosa, como en Dionisio Areopagita, i otros
Santos, es notorio. Tambien se vio correr un po-
co en el caballo el soldado, a quién sobre el se cor-
tó la cabeza arrebatamente.

¶ Pedro, &c. Inúa vingança, &c. Es buena
ponderacion. El Guevara ja stavase despues de
riñido con la sangre de los muertos por otra ma-
no: i Pedro matandole a él, quedó bañado de su
sangre: venganca, q el verdadero valor tomó de
su valor fantastico.

¶ Lo-

¶ Logo com elle ao Ocaso vam, &c. Benenrierto de mi Poeta, para decir que se murieron estos tres Castellanos, decir que se van al Ocaso: por ventura que llamandoles Soles de valentia, que del Ocaso de la muerte salieron al Oriente de la fama, perdiendo la vida aqui ilustremente: i parecenie confirma este pensamiento, el ponderar que otros fueron huyendo medrosos.

A la quarta.

¶ Salazar, &c. Rufian arrogante, i tahur celebre, devia ser en Sevilla, como el Poeta dice, i quiso acordarse de, para penernos a los ojos la vida, i la muerte de un perdido, i el paradero, que todo està felizmente pintado, a lo de tahur, i rufian siguiendo la milicia: alfin està escrito, como de quien fue soldado.

¶ Fogiolhe a amiga, &c. Porque vio que o dñbeyro perdeo, &c. Tambien pretendió el Poeta moltrar qual es el amor de una ramera, que se acaba con la bolsa del amante: porque apenas vió esa a este sin dinero, quando se passò a otro.

¶ E nam perdera se bñia carta de espadas lbe viera. Està dicho muy al modo de jugador perdido: i es esto aqui armadilla para dezit lo que veremos en essa otra est. 8.

A la quinta.

¶ O desprezo da amiga o desatina, &c. Otra ponderació de un perdido, que haze más caso, de que le dese el motivo de su perdicion, que della misma. Poresto este sentia más el huirle la dama, que el perder los dineros: i airado sin juizio va buscando en quien vengarse.

¶ Gaspar q a Catarina ama em estremo. No son creibles las armonias de mi Poeta. Haze agora, que quando un furioso por aver perdido la dama, vá buscando su peligro en la vengança, encuentra con otro enamorado, que fortalecido có el amor de su amada, le sea contramina de otro linage de fuego.

¶ Que hum monte da pincada fenderia. Hender del golpe (eso es pancada) un monte, estilo es de Aristo, i otros que se verán en la est. 51. del cant. 3. i el de Ariosto es enteramente este.

A la sexta.

¶ Bem cuya de, &c. Pensava el Salazar, que de un golpe de montante segaria por la mitad al buen Gaspar; que falseandose entrò con el, i se cogió en los braços duramente.

¶ Cometimento destro. e atrevido. Todo propiedades; porque atrevimiento, i destreza grande es inenester para tal accion.

¶ Bracea o Castelhano. Bonissimo: i parece estar se viendo la contienda.

¶ E de ameaços se serve ainda. A este modo en la est. 31. del canto 10. Se serve ainda dos animosos braços. Aqui està bien especificada la bravosidad del Salazar, que aun preso tan duramente chispeava: i no dexa el Poeta de manifestar en esto la opinion, que Portugal, i otras naciones tuvieron de la Casteliana.

A ¶ Forçoso, em breve mora, lhe leva a arma das mãos, e saíta fora. Parece que se está viendo esto. Ten endo ya el Portugues desalentado al Castellano con el aprieto de los braços; soltó le velozmente arrancáole el mōtante de las manos para degollarle con el.

A la setima.

¶ E porque elle, &c. Porque el Castellano no cerrasse agora con el Portugues, como el Portugues avia hecho con el, subito le embeciò el mōtante en los pechos, i le derribó.

B ¶ Fogiolhe a alma, indignada, e na mōtanba Tar tarea inda blasfema. Maravillota clausula sin duda. Imitò el Poeta juntamente a Virgilio: Vita que cum gemitu fugit indignata sub umbras. Verso de que se pagò canto, que lo dixo dos veces: en la muerte de Camila, i en la de Turno; de que siempre nos admiramos; po: pareceros que en su circunspección rara, deviera ser usado solamente la ultima vez. El feliz Ariosto, tambien a lo ultimo.

¶ Ale squalide ripe d' Acheronte
Sciolti dal corpo piu freddo che ghiaccio,
Bestemmianto fuggil' alma sdegnosa, &c.

Añadió mucho Ariosto a Virgilio con buena di-

C cha, menos en la legunda porcion del verso segúndo que està fria. Mi Poeta en verso i medio los excedió a ambos: que no ay duda que es notable la magestad con que està dcho esto: i la invenció va apetitosissima. Admirome de como ya que condenò estas estancias, no aprovechó este lugar en otra parte: però su grādeza poetica sabia dar grandes baratos de poesia. Esto es bonissimo para los que con gran dolor de su coraçon quitā (si quitan a caso) algo de lo que tienen escrito: como si perdiera el mundo mucho en no ver disparates. I tambien bonissimo para los que disen, q Luis de Camoens tiene algunas cosas baxas en este Poema. Pregunto yo; si el supo limpiarle de tantas humildes, como vaimos enseñando con este nuevo original suyo, i aun ofenderle, i lastimarlos con quitar tantas grandissimas, segun iremos descubriendo, no supiera, o faltárale animo para quitar otras, si el no hallára que estavan ajustadas, segun las materias? Vanamente presuntuoso es, quien lo duda: pues por tantos titulos una de las cosas que más resplandece en este profundo escrito, es el juicio, i la elecion.

D ¶ Ali refere, &c. Invencion de espiritu admirable: i pintura de un bravoso, i sabido espiritu, es el hazer que Salazar en el infierno sienta menos los azotes que le dan las furias, q el no averlos dado a la amiga que se burló del. Tiene mucho que decir esto, i voy aprissa. Acomodóse el Poeta a pintar un Rufian militar bravato: i en dezit, que le azotaron los demonios, alude a dos cosas: una, que en las leyes se castiga con azotes el an.anceamiento: otra, que en las divinas cada uno es castigado en la parte con que peca.

E A la otava.

¶ Edo

G E do metal de espadas, &c. Para decir esto el P. lexo dicho lo que vimos al fin de la est. 4. porque es propio del que se perdió en el juego, decir: *O si viniera tal púto, e tal carta nome perdia*, i no cantarle de decirlo: i luego resulta del juego el juguete de que perdió a bolas por falta de espadas, i la vida por sobra dellas: aunque si el Portugues le mató por aversela quitado de las manos, tambien fue por falta.

T Por pena, &c. Excelente invencion el finir, que Pluton por mis pena le mositó la amiga en braços de otro: porque es orden del cielo, que lo mismo que haze perder a uno, gustando de perderse, sea su tormento. Ay desto exemplos varios.

T Remete elle para elles, e acha nada. Esta dicho con maravilla: i va el Salazar a vengarse en los dos que le ofendian, o castigavan, i como eran sombras, hallo nada en que executar la vengança, i quedóse sia ella, i con su tormento: parece atendiendo a lo de quandó Eneas en el infierno queria abraçar a su padre, lib. 6.

*Ter con itus ibi collò dare brachia circum,
Ter frustra comprensa manus, effugit imago.*
Agora oygamos una observación notable de nuestro Poeta al nombrar los Portugueses, i Castellanos por esas estancias, i las que ya quedan debajo de la 36. Porque nombrando a los primeros, usa solo de nombres propios; i a los segundos de los apellidos solo: siendo su intento decirnos solamente con esto, quales eran unos, i quales otros: porque siempre fue mucho de los Castellanos el nombrarse con los apellidos: i antigamente lo era mucho de los Portugueses el nombrarse solo con los nombres propios: pareciéndose tambien en esto a los Romanos. Agora ya todo son apellidos, i aun unos sobre otros: adonde noto, que entonces lo mas que se via amontonado en un Portugues, eran muchas barbas, i con pocos nombres hazian un Giraldo, un Pedro, un Duarte, un Lope, un Vicente, un Hilario, i un Antonio, sin fausto de sobrenombres, lo que oy no hazen los bien barbados dellos, i casi desbarbados de rostro. Finalmente el Poeta fue tan hijo de la poesia entre todos, i tan padre della en España, que hasta al referir el suceso de un soldado, derramó tanta invencion poetica, como aí parece.

XLI.

Muytos tâbem do vulgo vil sem nome
vàm; e tâbê dos nobres ao profundo;
onde o Trifauce Câm perpetua fome
tem das almas q passam deste mundo.
E porque mais aqui se amanse, e dome
a soberba do imigo furibundo,
a sublime bandeyra Castelhana
foy derribada aos pés da Lusitana.

A Vchos tambien del vulgo vil sin nombre va al profundo; i tambien de los nobles, ade de el Trifauce. Ca tiene perpetua hambr de las almas que deste mundo passan. I porque mas aqui se amanse, i dome la sobrevia del furibundo enemigo, la sublime bandera Castellana fue derribada a los pies de la Portuguesa.

T Muytos tamb. &c. Como el Poeta tenia en el manuscrito nombrados essos populares q vimos en las 8.estanc.dezia este verso alsi: *E outros do vulgo emsim que nam tem nome*. Dixo en la est. anteced. algunos de los famosos Cavalleros que murieron en la batalla: agora dice, que tambien murieron muchos plebeos i nobles que no tenian nombre para hablarse dellos con particularidad: i esto es, que no eran conocidos de la fama por algun hecio digno de memoria; porque entre los Poetas, i aun vulgarmente, se dice muchas veces nombre por fama; i aqui es a imitacion de Virgil. En. 2. *Et sine nomine corpus*: i en el 5. *Multi præterea, quos fama obscura recedit*. I en el 9. *Ac multam in medio sine nomine plebem*. Assi casi Stacio Theb. 7. Juan de Mena cop. 80. *De otras no hablo que, &c. Sus nombres obscuros esconde su fama*. Vease este lugar lo bre la estanc. 5. del cant. 5. adonde le traeremos sobre la diferencia que ay entre nombre, i fama; que casi todo lo que alla dixereinos, servira para aqui. Ariosto cant. 16. *Poi son le genti senza nome, e tante, &c.* El Tasso Liber.c.9.est.41. *Di morte, e quanta p' ebe ignobil cede*.

T Ao profundo onde o, &c. Mirad: el Poeta en la est. 35. confiesa que muriero algunos Portugueses de los que servian a Don Nunalvarez, sin decir el camino que llevaren las almas: i en la est. 40. i en esta, diciendo, que murieron Portugueses, i Castellanos, que servian a Castilla, declara que las almas caminaron al infierno i este juicio es fundado, en que murian peleando, unos contra la patria, i otros por tomar lo ageno, como dixo en el verso ultim. de la estanc. 30 i confirma en el 6. de la 44. Todavia como la verdad es, que los contrarios tenian justicia, quedara siede el juicio temerario, si el Poeta no se la negara; i assi ya juzgando conforme a su proposicion i tambien podia como Poeta, cambiar al profundo unas i otras almas, porque la fabula poetica por alla finge los lugares de punicion i de premio distintamente, siendo este ultimo los llamados Elisis.

E *Onde o Trifauce Cam perpetua fome, te dis almas, que, &c.* Hermosissimo decir todo este Virgil. 6. al andar por alla Eneas Cerberus hac ingens latratu Regna Trifauci, &c. Fome rabida. Mejorolo mucho nuestro Poeta, condarle por mantenimiento las almas: Quiere decir el Trifauce, que tiene tres cabeças, qual se pinta el Can, que las fabulas llaman Portero del infierno, a que se parecen muchas casas de señores, a cuyas puertas siempre hallarcys grandes canes-

canes; i dentro muchas almas más perdidas que ganadas.

G A sublime bandeyra Castelhana. Admirable descripción de batalla es toda esta: pusele el P. el sello con esta industria ultima, sublimando el vencido, quando le ha de echar a los pies del vencedor, que es sublimar el vencedor con sublime termino de ingenio. Benemerito discípulo del gran Maestro, a que siguió siempre, hallando en su lib. 10. *Danaum fortissima gentis*, celebrando el valor del enemigo sobre que estaba soberano. Ver sobre esto de alabar a los Castellanos el P. siépre, lo q ya queda en la e. 24. i lo q diremos en la 56. del 7. sobre ser gloria del vencido el vencedor, quando en el concurren grandes calidades.

G Foy derribada aos pés, &c. Esto mismo en la est. 46. por ser semejante el suceso, como allá se podia ver. Advirtiendo que el sublime bandeyra, se entiende en dos maneras: sublime por la grandeza del exercito, entendido por ella: i sublime por ser la Real.

XLI.

Aqui a fera batalha se encruce,
cô mortes, gritos, sangue, e cutiladas:
a multidam da gente que perece,
tem as flores da propia cor mudadas.
Já as costas dám, e as vidas: ja falece
o furor, e sobejam as lançadas:
já de Castella o Rey desbaratado
se vê, e de seu propósito mudado.

A Qui se encrudelece ta fiera batalla con muer tes, grita, sangre, i cuchilladas. La multitud de la gente que perece tiene mudadas las flores de su propio color. Ya dâ las espaldas, i las vidas: ya fallece el furor, i las lançadas sobran. Ya se vê desbaratado el Rey de Castilla, i mudado de su propósito.

G Aqui a fera batalha se encruce. Pareciendo aver concluido la batalla en efforra est. aqui la buelve a mostrar más vigorosa, como Virgil. 2. en Troya, despues de aver parecido que fenció la suya desta manera:

Hic verò ingentem pugnam ceu cætera nusquam Bella forent, &c. Allá era sobre el Palacio de Priamo; acá sobre la vandera: el pensamiento fue de Virgil. aquí, i el verso en el 7. *Crudescunt sanguine pugnae*: o en el 11. sucesivamente a Camila muerta, *Deiecta crudescit pugna Camilla*. Ariosto c. 12. *In crudelice, e in aspra la bataglia*. El grá Tasso Conquist. l. b. 23. est. 9. con las palabras de mi P. *Quisi in aspra la pugna, &c.* I este nuevo furor aquí no se podia passar por alto al P. como doctor, i soldado, sabiendo que en los cõflictos militares sobre la perdida de la vandera, es que se echa el resto de la valentia, i de las vidas; i tiene obligacion el Alferez de soltar primero el alma,

Tomo 2.

A que la vandera: consta de a gunos que la salvaron con los braços troncados, i aun con los diétes. Tenemos en Portugal una familia con apellido de Vandera, dado por el Rey Don Alonso Quinto, al que con semejante hazaña la salvó en la batalla de Toro: digo por aquella parte que iva gobernando el Rey; que por la otra en que iva su hijo el excelente Príncipe D. Inan, cosa publica, i cierta es, que se quedó la gente Portuguesa con la victoria de aquel dia enteramente, sin que se le tocasse en alguna insignia, como vemos sobre la estancia 69. De manera, que el puesto de Alferez es el de mayor peligro, obligacion, merito, i honra, si bien se considera.

G Con mortes, gritos, sangue, e cutiladas. Bien representa el verso lo que pasa en aquel caso: parecece con aquello de Virgilio 5. *Multa viri ne quicquam inter se vulnera iactant.*

G Tem as flores da propia cor mudadas. Pocas flores hallareys en la mitad de Agosto, que fue el tiempo desta batalla, i menos las avria en aquella campaña: però esto no es mas de decir, que la tierra madre de las flores estaba mudada de color, teñida en sangre; con que fenece la estanc. 52. del cant. 3. o suponerlas, i en su transformacion la copia de la sangre, que las despinta, i pinta.

G Iâ as costas dam. Hom. Ilia. 8. *Atque hunc in modum neutrīs terga vertentibus, &c.* Virgil. Georg. 4. *Aut hos versa faga viator dare terga cogit.* En. 12. *Rutuli dant terga per agros.* Ercilia c. 1. Al fin dan las espaldas claramente.

G Sobejam as lançadas. Ya no avia en quien emplearlas, por esso sobravan.

G E de seu propósito mudado. Dize el Poeta, que el Rey de Castilla, viendo tanto peligro en su vida, i estrago en su gente, mudó del propósito de pretender la sucesión en Portugal, que fue lo que allí le llevó.

XLIII.

O campo vay deymando ao vencedor
contente de lhe nam deyxar a vida;
seguemno os que ficaram; e o temor
lhes dà, nam pès, mas asas à fugida.
Encobrem no profundo peyto a dor
da morte, da fazenda despendida;
da magoa, da deshonra, e triste nojo
E de ver outrem triufar de seu despojo.

A L vencedor vâ ya dexando el campo, contento de no dexarle tambien la vida. Siguen le los que quedaron vivos; i el temor les dâ para la fuga ya no pies, sino alas. En el profundo pecho encubren el dolor de la muerte, i de la deshonra, i triste enojo de ver triunfar de sus despojos a otro.

¶ O campo vey dexando ao vencedor. Ariosto c. 26. Riman la preda, e'l campo ai vincitori, &c.

¶ Contente de lhe nam deyxeas a vida. Virgil. 11. (huyendo Aronte) al pie de la letra.
Haud secus ex oculis se turbidus abstulit Aruus
Contentusq; fuga, &c. Ercilla c. 12. Que solo con
la vida se contenta. El Rey de Castilla se diò por
bien librado con salir vivo desta tormenta, en que
corriò gran peligro.

¶ Seguemo os que ficaram. Gran imagen del
estrago, diziédo: de tan grā exercito pocos que-
daron para seguirle.

¶ O temor lhes dà, nam pès, mas asas à fugida. Así el P. en su Eglog. 7.

Empresta! be o temor da morte dura

Nas asas nova força. Virgil. 8. Pedibus timor
addidit alas. B. Tasso Amor. lib. 3. od. 8.

Con l' ali del timor fagir a volo

Quei che dianzi s' armaro, &c. I en su Amad. c. 1. Il timor gli aggiungeva a piedi penne. Ercilla c. 28. Pensando que alas les prestava el miedo. I agora es menester, que entendais como el Poeta habia, i como imita: esto de que el temor nō nō
aias en los pies al que huye, quien quiera lo dirá
simplemente: però el Poeta dízelo con gran ver-
dad, aludiédo a que el Rey de Castilla luego que
se vió perdido, fue corriendo hasta la villa de Sa-
taren, i alii se embarcó, i fue bolando a meterse
en su flora, que tenia en el puerto de Lisboa, con
la qual dando preturosamente las velas al vien-
to se passò a Sevilla: i esas velas que buscó lige-
ro, i en que ligero se escapó, son las alas que el
Poeta dice le diò el temor para huir, por quanto
en el estilo poetico, las velas de los navios se llaman
alas, como veremos luego en la est. 49.

¶ Encobrem no profundo peyto a dor. &c. Virgil. lib. 1. por Eneas.

Spem vulnu simulat, premit altum corde dolorē.
Ver lo que diremos al principio de la est. 26. del
c. 6. De alguna manera, o en algunas acciones
bien pudieron los Castellanos disimular el dol-
or desta gran perdida, o el Poeta dezirlo por a-
labarlos de valerosos, como suele: però lo cierto
es, q el Rey de Castilla hizo clarissimas demon-
straciones de su sentimiento por ella, no solo en
mostrar un continuo disgusto, con un luto que
truxo muchos años, sino luego luego a los ojos
de los Portugueses antes de salir de Portugal:
porque en Santaren, adonde llegó huyendo, diò
señales de su gran pena, entre las cuales fueron
las que Don Lorenzo Arçobispo de Braga refie-
re en una carta que escribió al Abad de Alcoba-
ça, estando en la Hermita de Nuestra Señora de
Nazaret cumpliendo una novena, por aver esca-
pado de aquella batalla, aunque mal herido. Las
palabras son estas: Como homem tresvaliado (ha-
bla del Rey) que maldezia seu viver, e puxava po-
las barbas, &c. Pero entro en el crupulo de no
poner aquí toda aquella carta, q sin duda es nota-

Able; i se dà luz grāde en ella de aqüllos sucessos, i
del humor de los Portugueses en ellos. Ella es tal.

CARTA DE DON LORENZO

Arçobispo de Braga, escrita despues de la ba-
talla de Aljubarrota (en que se halló con la gé-
te de entre Duero, i Miño) a D. Juan Dorne-
las Don Abad de Alcobaça, que tambien se
halló en ella, con la gente de la jurisdicion de
aqueil ilustrissimo Convento.

D
om Abade, senhor, e amigo. Desna outra so-
mara, q Deos andou cōnosoço, e escôtra os cif-
maticos, lhe aprouve. q as ribeyradas do meu
gilvaz ja som vedadas, e ja os mestres vō de bē pa-
ra melhor: e eu o sinto bē, ca se vier em caiso ja da
rey, e levarey outra pel'a mesma requesta: e crede
vos bō amigo ca quē esta pessogou nō a levou enxe-
bres, nē irá contar em Castella ao soalheyro o ci-
uzamento da minha cara. Ontē ouve letra do Cō-
destabre a me faz saber ca o Rey de Castella se vie-
ra a Sataré como homem tresvaliado, q maldezia
sen viver, e puxava polas barbas: e a bofē, bō ami-
go, melhor be q ofiga elle ca nō fagermolo nos: ca
homem q suas barbas arrepela mao i avarofaria das
albeas. Tābém anhadiu, q elle se bia embarcar na
frota, q jazia sobre Lisboa por nō levar caminho
de terra: se ora os vētos lhe fig. ss. m per aig: 1, o q
ca lhefigemos per terra, de bom fidalgo nos livra-
riā: mas assi, ou assi de fey, q vay elle hospedado, q
nō tornará tā aginba a ouvir as campas do voss
Mofteyro. Iam Vaz de Almada, e Antão Vazquez
seu irmão se vierão aqui Domirgo em sembra cō
Mem Rodriguez (estos dos ultimos sou los q lie-
vavā las dos alas del exercito, conio el P. lo di-
xo en las e. 24. i 25.) por aver algū azo de empe-
cer aos Castelãos q jazē na frota: mas eu lhes di-
xe, q nō hia elles de qua enxotados de geyto, q espe-
rassem outro ruxoxo. Bē me dixerō da fadiga que
tomastes em trager tão tostemente ao vossa Mof-
teyro os bons fidalgos, q morrerō na lide: suas al-
mas sejão em folgança; ca prēderō morte por tē do
seu Reyno. Quando eu vinha para cā por causa do
sangue, q non queria estar, vos dise q viera outra
vegada por estas partes, e q cobrara o ouvir, q por
būa porrada se estādalizara: e agora por apraz-
mo da Virgē esteve logo a correnteza. Pus em mē-
tes de lhe amanhar o telhado por baixo de lastro

E
ae madeira: seja vossa merce de mādardes das vos-
sas contadas por bu melbor se poder aver: c no q
eu vos for prestadio, sempre serey a vossa mandar.
Feyta fuy em Nossa Senhora de Nazaré a 26. de
Agosto de 1139 Vossa amigo D. Lourēço Arçobis-
po de Braga. Este es el léguaje q entóces hablava
los mejores en Portugal: yo quisiera ponerle en
Castellano para los q no le entendiebié: però
seria quitarle la gracia: i los entéddidos no lo hā
menester. Diré solo, q el Arçobispo escribe esta
carta cō occasiō de pedir al Abad de Alcobaça ie-
nande dai de sus delicias madera para un ferro
de

A de la hermita de N. Señora, q̄ tenia determinado hazer, q̄ por la cuenta estava de reja vana: esto en hazimiento de gracias, de averle milagrosamente restaurada o la sangre de aquella herida, que no parava: confessando; que ya de otra vez le avia buelto el oido, que se perdió por ocasion de un golpe. Guéstarán tambien los curiosos de saber, que mandó ángel este Arzobispo hazer una estatua suya de piedra para su sepulcro, i viiniendo a verla despues de acabada, el escultor le preguntó, si le hallava alguna falta: i el dixo, q̄ una myn grande; i junta mente tomó la espada de un criado, i dio un reñido golpe por el rostro de la estatua, cō que le dexó una buena señal: i dixo: Esto era lo q̄ le faltava. Tanto llegó a preciarse de aquella señal de la herida, que le dieron en aquel confitio, la qual el escultor disimuló en la imagen, creyendo fin dudá le hacia una gran lisonja, conforme al uso del mundo, que es huir de parecerse a San Juan Bautista, en mostrar a los señores sus defectos: porq̄ ue tiene cada uno fundado grandes venturas en ser tapador dellos.

B ¶ Da fazenda despendida. Con Garcilasso Eglog. 1. il de otros la bazienda despendida. Fernando de Herrera sobre este lugar, tiene por humildad el accordarse de la hacienda. Muestra en esto, que no fue Mayordomo de algun señor de los que no dexan de tenerse por heroycos, sin concurrir en ellos más virtud, o ciencia, que la del libro de caza, siendo en ella peritissimos. Si Fernando de Herrera me lo permite, sin duda es impertinente aquella nota: i Garcilasso, i Luis de Camoens dixerón bien: porque la hacienda, i más siendo tanta, como la que allí perdió Castilla, es mucho de sentir.

XLIII.

D Algūs van maldizédo, e blasphemado do primeyro que guerra fez no mundo; outros a fede dura van culpando do peyto cobiçoso, e sitibundo; Que por tomar o alheo, o miserando povo aventura ás penas do profundo; deixando tantas máys, tantas esposas sem filhos, sem maridos, desditosas.

A Lgunos van maldiziendo i blasphemando del primero que en el mundo hizo guerra otros van culpando la dura sed del sitibundo, i codicioso pecho, que por tomar lo ageno aventura á las penas del profundo el miserando pueblo: deixando tantas madres, i tantas esposas, desdichadas, aquellas sin hijos, i sin maridos estas.

E ¶ Algums van maldiz. &c. Toda la estancia salio destos versos de Virgil. lib. 11.

*Hic matres, miseræq; nurus, hic cara sororum
Pectora mœrentur, pueriq; parentibus orbi.
Dirum execrantur bellum, &c. Juan de Me-
na cap. 204.*

B Besando a su hijo la sufria boca
Maldize la guerra do se començara, &c.
Sirve esto en la estanc. 90. del cant. 1. i lo de aqui.

C ¶ Outros a fede dura, &c. Vnos abominavan la guerra, viendose perdidos en ella, otros davan por motivo della injusto la ambicion, que obligava a ir pretender uno lo que no era suyo: però ya diximos, que el Rey de Castilla, por quien el Poeta lo dice, pretendia lo que era suyo por derecho divino, i humano; i de los juizos de Dios, que no se lo dexaron conseguir, no es nuestro el disputar.

D ¶ Sede do peyto sitibundo. Quieren algunos escrupulosos, q̄ sobre aqui, o el sitibundo, o la sed: Traeremos agora otros lugates semejantes del P. i luego diremos lo q̄ ay en esto. En la e. 82. del cant. 1. Para a guerra o belligero aparelho. En la 96. del 2. Trombetas arcadas em redondo. En la 76. del 5. Que de tinta se tinge. En la 54. del 7. Aguas undosas. En la 27. del 9. Nam tem amor a mais que a si somete, e a quem philauncia ensina.

I en la 59. del mismo: Peras piramidais. I en la 130. del 10. Edificio que se edifica. En algunos

C lugares tiene esto su particular explicacion, como en la est. 59. del c. 2. Se la do ceo nam vem celeste aviso. I en la 46. deste: De Sevilla a Betica bandeyra. I en la 49. Abrindo as pandas, &c. I en la 64. Da confusa Babel, &c. Vease en estos lugares: I quanto a estorro, que es querer usar de una superabundancia, tiene el Poeta en ello ilustrissimos compañeros. Homero dice deste modo (o a lo menos su tradutor) al hablar de Ulises en su lib. 5. *Adsum magnanimum animum,* repetido algunas veces. Virg. Geor. 3. *Alpes aereas:* que vale aereos montes del ayre, por quanto Alpes sin la añadidura de aereos quiere decir cosa que sube por el ayre. Dante c. 1. *Selva selvaggia.* Boscan en la respuesta a Don Diego de Mend. *Las guerras guerreadas.* Nuestro elegante Barros Dec. 2. lib. 6. cap. 1. *Fogeyras de fogo.* Seremos por ventura obligados a creer, que estos censuradores tienen más ciencia, agudeza, ingenio, juicio, i autoridad, que tales Autores, que por ventura quisieron introducir tal vez la redudancia Hebrea, de que ay infinitos ejemplos en la Escritura sagrada; porque como dice el Padre Mariana en varios lugares, se huebla con estas redundancias aquella lengua misteriosa;

E A ellos lo dexamos que lo digan en su conciencia.

D ¶ Que por tomar o alheo, o miserando povo aventura ás penas do profundo. Veys aqui declara el Poeta su entendimiento, acerca de condenar al infierno los que murian de la parte de Castilla; que es en quanto supone, que ellos morian por tomar lo ageno, injusta i tiranicamente, como os explicamos sobre el verso 2. de la estancia 41. Bolved agora a conferir los lugares, i las notas. Verdad es, que como ya

os diximos, el Poeta se engaña, o finge para decir a su modo: i pudo lo hazer.

¶ Deyxando tantas māys, tantas esposas sem filhos sem maridos, &c. Para esto de las madres, i esposas, quedando sin hijos, i maridos, ya queda un lugar de Oracio sobre la est. 90. del c. 1. agoraz venga Seneca en Agam. acto 3.

Totque per thalamos vident

Prater Lacēn. in cæteras viduas nurus.

Sirve tambien esto para lo ultimo de la est. 104. del c. 3. Dexo para el Toscanela, la observació de la belleza de la correspondencia que tiene co madres, i esposas, en un verso, *bijos, i maridos en o tro, q son bellezas de Arioisto q le agradan mucho.* Dos est. q estavā en el manuscrito cōsiguiétes a esta, cōdenó el P. solo por no dilatarse: por que son ponderosas, i excelentes.

1.

O pensamento vām do peyto humano!

Agora neste cego error caiste?

Agora este fermoso, e ledo engano da sanguinosa, e fera guerra visto?

Agora que con sangue, e proprio dano a dura experientia acerba, e triste to tera mostrado. E agora que o provaste os conselhos darás que nam tomaste.

2.

Dos corpos dos imigos Cavaleyrros, do mato os animays se apacentaram: as fontes de maes perto, nos primcyros dias, sangue com agua destilaran. Os pastores do campo, e os monteyros da vezinha montanha, nam goftaram as aves de rapina em maes de bum anno, por terem o sabor do corpo humano.

La ponderacion de la primera est. es maravillosa, mostrando el error humano; que despues de perdidos alli los Castellanos maldezian la guerra, i davan documentos de quan dañoso era seguirla: sin acordarse de que no los tomaron para si, los querian dar agora.

¶ *Este fermoso e ledo engano. Como en la est. 120. del c. 3. Na quelle engano ledo, e cego, &c.*

A la segunda.

Tambien es bonissima, i verdadera la ponderacion de que fue degollada tanta gente, que de la sangre corrieron teñidas muchos dias las fuentes, i de los cuerpos se mantuvieron las bestias; i los camponezes por discurso de un año se abstuvieron de comer aves de rapina, porque les fabiá a la carne humana. Siendo Gobernador de la India D. Costantino de Bragança, mataró los Portugueses tantos barbaros en una batalla Naval, que en la costa se dexaró de comer muchos dias los peces de aquel mar, porque se hallavan con pedacos de cuerpos humanos en los buches. Finalmente en este calo murieron dos mil Portugueses, i doze mil Castellanos; i entre eilos más de veinte señores titulares: i cautivos en gran numero.

XLV.

A O vencedor Ioanne esteve 195 dias costumados no capo, em grā de gloria; com offertas despois, e romarias as graças deu a quem lhe deu a vitoria. Mas Nuno q não quer por outras vias, entre as gentes dey xar de sua memoria, se nam por armas sempre soberanas, para as terras se pallā Transtaganas.

B

E L vencedor Juan estuvo en el campo con grā gloria, los dias acostumbrados: despues con ofertas, i romerias dio las gracias, a quien le dió la vitoria. Pero Nuño que no quiere por otros caminos que no sean las armas soberanas siempre, deixar entre las gentes memoria de si, le pasó a las tierras Transtaganas.

¶ O vencedor Ioan, &c. El Rey, conseguida esta vitoria, estuvo en el capo el tiempo que entonces se usava, i despues fue a cumplir algunos votos; i D. Nuñalvarez se apartó del, i pasó a su gente, i armas de la otra parte del Tajo, para lo que luego veremos.

¶ Os dias costumados, &c. En la estancia 53. del c. 3. i en la 59. delte. Los dias acostumbrados fueron tres; porque esto solia estar antigüamente el vencedor en la campaña, o donde alcáçò la vitoria, como amonestando con aquel termino, que oy es jurídico, el vencimientito, i si avia quien lo contradixesse.

¶ Com offertas despois, e romarias, &c. Assi se prometieró en la est. 26. El Rey D. Ioá era Principe justo, i conocia q la miseria en que se hallava el Reyno, mal podia hazerle vencedor contra tārta i tā valerosa gente, si Dios no fuera el General, i Maria sacrostante la *Terribilis ut castorū aries ordinata.* Conocido esto, i siendo devotissimo de N. Señora, en su Imagen de la Iglesia de Oliveyra de la villa de Guimaraes, se fué allá en romeria a pie, i creemos que descalço: q son algunas 60. leguas, i allí se pesó a plata vestido en todas las armas con q avia peleado, siendo una dellas una maça, i un morrion, que oy no puede levantar del suelo ningun hombre: i hizo Reales donaciones a aquella honrada Iglesia; i levantó juntito al lugar de la vitoria una fabrica para Convento de Santo Domingo (que llamó de Nuestra Señora de la batalla, en memoria desta) la qual yo quisiera, que Venus assi como en este Poema tuvo virtud para arrancar una Isla, i llevárla adonde fué su gusto, me truxera aqui a Roma (a donde estoy viendo maravillas, i copiando estas notas) para mostrarle, que los Reyes Portugueses hazian con su Reyno, otro tanto como ella con el mundo todo: porque la fabrica de la batalla, assi por acabar, como está, compite con qualquiera ilustremente acabada. Dos tenemos

D

E

mos que nos hazen presumir, i llorar: esta, i la del Rey Dó Manuel en Belen: porque lo hecho es una gloria; lo por hacer una lastima. I estas, i otras tales fueron las ofertas, i romerias que apunta el Poeta. I la verdad es, que tambien estos fueron los arneses, i las maquinas militares de Portugal: Principes amigos de Dios, i reconocedores de que solo el es el Marte, i el Capitan; i de la Virgen unica, confessando q sola ella es la Belona, i Generalissima de los exercitos: i este Rey lo reconoció con tantas veras, que todas las veces que se vestia las armas, las ponia primero sobre un altar delante de la Imagen de Nuestra Señora, i le pedia licencia i favor para tomarlas. I assi los Castellanos quedaron muy honrados, con ser vencidos, porque lo fueron del propio Christo, i de la propia Maria, que otro poder no lo huvo. En la propia Iglesia de Nuestra Señora de aquella villa, i en su dia de Agosto se muestra al pueblo, que concurre en gran numero, una como sobreveste deste Rey.

¶ As graças deu a quem, &c. B. Tasso Florid. cant. 12. Ringratia il vincitor devoutamente
Di tanto don di Dio, &c.

¶ Mas Nuno, &c. Don Nuño Alvarez dexò al Rey con sus triunfos, i devociones, i passò las armas a Alentejo, como luego veremos.

¶ Armas sempre soberanas: porque no ay hóra, como la q procede de las armas. En ninguna cosa se ve esto tāto, como en los retratos de muchos hombres, que nunca las tomaron, verlos cargados dellas; porque hasta fujidas parece q honran. Roçase esto con los que aviendo vivido a bel plazer en el mundo, se mandan enterrar cō habitos de Religiones: porque alfin el verdadero valor, aunque no sea seguido, siempre es confessado, temprano, o tarde que sea.

¶ Terras transtaganas. Ya os diximos lo que es esto en la est. 62. del c. 3.

XLVI.

A judio seu destino de maneyra
q fez igual o effeyto ao pensamento:
porque a terra dos Vandalos fróteyra
lhe cōcede o despojo, e o vencimēto.
Ià de Sevilla a Betica bandeyra,
e de varios senhores num momento
se lhe derriba aos pés, sem ter defesa,
obrigados da força Portuguesa.

D E manera le ayuda su destino, q hizo igual al pensamiento el efecto: porque la frótera tie tra de los Vandalos le concedió el vencimiento, i el despojo. Ya la Betica vandera de Sevilla, i de varios señores se le derriba en un momēto a los pies sin tener defensa; obligados de la fuerza Lusitana.

¶ Ajndao seu destino, &c. Ya diximos aí, co Tomo 2.

A mo Don Nuñalvarez luego que se venció la batalla de Aljubarrota, passò con su gente el Tajo, i juntando otra nueva de aquellas partes, entró por la Andaluzia, i adonde llaman Valverde de alcançó otra victoria, que no fue menor que la passada.

¶ A terra dos Vandalos fronteyra. La tierra de Andaluzia, que haze frente a la de Portugal por aquella parte; adonde queda esse lugar en que sucedió este conflicto. Ya en otra parte diximos la ocasión del nombre de Vandalia: i es notoria: todavia se acuda a la tabla.

¶ De Sevilha a Betica bandeyra. Parece que B dice dos veces de Sevilla: pero no es así; sino que se ha de construir el texto, diciendo, A Betica bandeyra de Sevilla: porque como el Betis riega muchos lugares, fue menester decir, que era del de Sevilla esta gente, como en la estancia 75. del canto 3. dixo: O rio que Sevilha vay regando, &c.

¶ E de varios senhores. Esto es, que ademas de la gente de Sevilla, se juntaron con las suyas C algunos señores; i los principales dellos erā los que diremos en la est. 30. del c. 8. adonde el Poeta trata esto con mas claridad.

¶ Num momento. Fue cosa notable: porque no hizo más de llegar, ver, i vencer; pudiédo bié dezir de si aquello de Julio Cesar tan sabido.

¶ Selbe derriba aos pés. Ya en la est. 41.
¶ Da força Portuguesa. Tambien ya en la est. 57. del c. 3.

XLVII.

D estas e outras vitorias longamente eram os Castelhanos oprimidos, quando a paz, desejada já da gente, deram os vencedores aos vencidos: Despois que quis o Padre omnipotente dar os Reys inimigos por maridos às duas illustrissimas Inglesas, gentis, fermosas, inclitas Princesas.

P rolixamente eran los Castellanos optimistas destas i otras vitorias, quando los vencedores dieron a los vencidos la paz ya deseada E la de la gente. Despues que el omnipotente Padre quiso dar por maridos los dos enemigos Reyes, a las dos illustrissimas Inglesas; Princesas gentiles, hermosas, inclitas.

¶ Destas, e outras vitorias, &c. Permitió Dios q Portugal alcáçasse diferentes vitorias estos dias, de Castilla: pero no deseavā los vencedores ya menos que los vencidos, una buena paz. q los quitase los arneses del cuerpo, porque ya de continuados eran molestos. I permitió Dios q se cumpriesse ells desseos, siéndo el motivo principal los casamientos q los Reyes Castellano, i Portugues hicierō con dos hermanas hijas del Duq de

Alencastro Iuan, hijo de Duarre IIII. Rey de Inglaterra. Passò este Duque a Espana con sus hijas, porque una dellas, que era Catalina, avida en su muger Costaca, hija del Rey D. Pedro de Castilla, tenia derecho a la sucesion en aquella Corona. Hazia a su propósito arrimarse a nuestro Rey, porque andava vitorioso contra ella, i hizo lo. I el viendo las Inglesas, de puro aficionado a la hermosura estraña (que siempre lo estraño despertó mucho los apetitos) se resolvio en casar con una dellas; i puso de parte el grado de primera, casando con la segunda, llamada Isabel: porque estaba fuera del derecho a la Corona Castellana: i ponderó él, que si casasse con essa otra, era obligado a bolver a tomar las armas por su derecho, i arriesgar el crédito, i fosoiego que tenia ganado por ellas en las ocasiones passadas: que como ya diximos, fue este Principe gran politico, i estadista. El de Castilla hizo por fuerza lo que el de Portugal por aficion, i casó con Catalina: i có estos casamientos se serenaron aquellas tormentas. Son las mugeres toda la guerra de los hombres; i tal vez toda la paz: aunque estos respetos a parentescos tan apretados, no se usan oy tanto, por usarse mucho más la ambición; i así có poco fruto dà Espana, i recibe semejantes nudos, porq la embidia de su grádeza los rópe có menos gloria q Alexádro el Gordio. Buelve el P. a acordar se destos sucessos en la est. 47. del c. 6. digo destos casamientos.

Tuando a paz derão os vencedores aos vencidos. Recibiero los Castellanos vencidos, de los Portugueses vitoriosos la paz, assi como ellos se la dieron: está dicho, como de Maestro: i parece que lo vió el Tasso en seinejante ocasion, mas no quedó superior, ni, creo, igual. Liber. c. 1. est. 76.

E ricevè condicione di pace

Si comi imporli al pio Goffredo piace.

Tuillustrissimas, gétis, fermosas, &c. Epitetos devidos a esas señoras, tuillustrissimas por sangre: i los otros por hermosas, como dicen las Coronicas lo fueron: i excelentes Reynas.

Tuincefas: Toca a Catalina más, por tocarle la sucesión de Castilla; pero a ábas por calidades.

XLVIII.

Não sofre o peyto forte usado a guerra
nam ter imigo já a quem faça dano;
e assi não tédo a quem vencer na terra
vay cometer as ondas do Oceano.
Este he o primeyro Rey q se desterra
da patria, por fazer que o Africano
conheça pellas armas quanto excede
a Ley de Christo à ley de Matamede.

El fuerte pecho usado a la guerra, no sufre no tener ya enemigo a quié haga daño: i assi no teniendo en la tierra a quié vencer, vā a ac-

meter las olas del Oceano. Este es el primer Rey que se desterra de la patria, por hazer que el Africano conozca por las armas, quanto excede a Ley de Christo a la de Mahoma.

Tu Não sofre o peyto for. &c. Dize la est. que el Rey D. Iuan no tensedo con quié pelear en Espana, passò por mar a Africa, para enseñar en las armas al Moro, quanta diferécia vā de la Ley de Christo, a las invenciones de los preceptos Mahometicos: i esto fue para ganar la insigne placa de Ceuta, que le quedó en las manos vispera de N. Señora de Agosto del año 1414. Abaxo.

Tu Usado a guerra. Frasi bien usada de nuestro Poeta. :

Tu Vay cometer as ondas do Oceano. c. 3. est. 18. c. 5. est. 51. Esto es, q se embarcó el Rey: i pasó desde Lisboa a Ceuta por aquel mar, q es el Oceano. Verase algo de las previsiones que hubo para esta acción en nuestro Epitome. El P. imita en este pensamiento a Lucano, diziédo de Roma, que faltando e tierra en que pelear, peleava con los Dioses, o elementos: assi lib. 7. *Bella parres superis facient civilia Divos*, &c. Todo el lenguaje en la est. 29. del c. 6.

Con este be o primeyro Rey, &c. No se le podia escapar al P. esta advertencia: porque es grā gloria ser primero en alguna cosa: i los Portugueses lo fueron en muchas. El Rey Don Iuan fué primero deste nombre en Portugal, i primero en varias acciones, i una dellas, la della gloria en Espana, de passar las armas sobre los Moros en la propia Africa, i vencerlos en ella, i tomarle felizmente la Ciudad de Ceuta, plaza importatissima, no solo a la honra Portuguesa, sino a bien comun de la Christianidad, como es notorio.

Del Ley de Matamede. Ver la est. 100. de este canto, i la 47. del 8. en razón de llamar ley, a esta señata. Más riguroso estaba en el manuscrito, pues decia: *A Fè de Christo, afe de Matamede* El P. en estos dos versos quiere decir, que aquella acción fue propia de Christo, por su dificultad. Bién se puede ponderar, que la entrada de Moros en Espana fue por Ceuta; i la de Christianos en Africa tambien por allí. I tambien adivine yo este pensamiento al Poeta, pues le tuvo, como veremos en la estanc. 3. hallada en el manuscrito, que irá al fin de las notas en la siguiente.

XLIX.

Eis mil nadantes aves pello argento
da furiosa Tetis inquieta,
abrindo as pandas alas vām ao vento
para õde Alcides pos a extrema meta.
O monte Abila, e o nobre fundamēto
de Ceyta torna, e o torpe Mahometita
deyta fora; e segura toda Espanha
da Iuliana mà, e desleal manha.

Veys

VEYs por el argento de la inquieta, i furiosa Tetis, van mil nadantes Aves abriendo las pàdas alas al viento, allà para donde Alcides puso la meta ultima. Toma el monte Abila, i el noble fundamento de Ceuta; i echa fuera el torpe Mahometano, i segura a España toda de la mala i desfai a mañi, astucia Julianiana.

¶ Eis mil nadantes aves. Bien se parece a aquello: *Quis sicis oculis monstra natantia?*, Llamada con gala poetica, *Aves nadantes a los baxelles; i alas* (estando en la metafora) *a las velas*. Así en la est. 1. del c. 5. E: estílo, con la voz pandas, es de Virgilio *Georg. 2.* i de Ovid. en algunos lugares: pero este atiende al de En. 3. *Velorum pàdimus alas.* El verso pando, vale abrir, i el nombre pandas, abiertas, o corvas: però aviendo con el ulado del verbo, parece quedar diziédo, abiédo las abiertas alas; i acompañar a Mena, que en la cop. 174. dixo. *Dieron las alas infladas al viento*, dando las velas al viento para que las infie. Però el Poeta por pandas, entiende corvas, o có cavas, i allí puede tener el Mena otra explicacion: i tambien puede entéder duras, tiezas por, pandas, segun Nebrissa: i será epíteto muy propio, por quan tiesas son las velas.

¶ Da furiosa Tetis inquieta. Està aí la llamada Diosa del mar por el mismo: frequente en Poetas, i luego los epítetos propios.

¶ Para onde Alcides pos a estrema meta: Así c. 3. est. 18. I Dante Inf. c. 26. Ove Hercole segnò li suoi riguardi. Aristo c. 33.

*Vide la Gade, e la meta che pose
a i primi naviganti Hercole, &c.*

B. Tasso Florid. c. 16. *E dove Hercole pose Abila, e Caípe.* El Varqui fol. 106. *V pose Alcide in darrow i segni vani.* El Poeta se arrimó más a Ariosto, aunque todos dizen lo mismo.

¶ Extrema. O por estar en el fin de la tierra; o por ser la señá del ultimo trabajo suyo. Mirad el despejo de los quatro versos; que es el artificio; porque la misma felicidad, i grandeza dellos representa la tranquilidad con que pasó la arriada, i lo magnifico, i alto desta accion.

¶ O nobre fundamento de Ceyta. Alude a dos cosas en llamarle nobie: una por sus fundadores, i antiguedad, i exercicios de valor i policia, sobre que se puede ver lo que diximos en nuestro Epitán en la vida deste Rey: otra por el propio sitio, que es vistoño, i fuerte.

¶ Segura toda España da Julianiana mā desfale marha. Mala maña llama el Poeta a la tracycion que usó el Conde Don Julian, quando por vengarse del Rey Don Rodrigo, fue instrumento de la destruicion de España: sin acordarse, que de vassallo a Rey no ay vengança, i que todo lo intentado contra el Principe es insamia inmortal, tanto, que esta de Julian será memorada mientras durare el mundo: i porque el Conde trató, i acabó de fenercer con los Moros en Ceuta, la conjuració, dize el Poeta, que quedó España se-

Tomo 2.

gura de que otro Julian pudiesse hazer allí otra tal con ellos, estando la plaça en poder de Christianos, como estaya, i está en virtud deste Rey q̄ la ganó, i de sus sucesores que la sustentan.

¶ Mā desfale marha. Arte mala, o astucia: en la est. 65. La initad desta est. en el manuscrito es muy otra, i significalo dos refutadas del Poeta.

1.
*Ponderando tambo atrevimento,
disse a Neptuno entam Proteo Profeta:
Temo que destagente, gente venha
que de teus Reynos o gram ceptro tenha.*

B 2. *Ià toma a forte porta inexpugnavel
que o Conde desfale primeyro abrio,
por se vingar do amor inevitavel
que a fortuna em Rodrigo permitio.
Mas nam foy esta a causi de destavel
que a populosa Espanha destruio:
juizo de Deos foy por causa incerta;
a casa o mostra por Rodrigo aberta.*

C 3. *Ià agora, ò nobre Espanha estás segura
(Se segurar te podem Cavaleiros)
de outra perda como esta iniqua, e dura,
pois que tens Portugueses por Porteyros.
Assi se deu aa prospera ventura
do Rey Ioanne, a terra que aos fronteyros
Espanhoes tanto tempo molestara;
e vencid. i fico: maes nobre, e clara.*

A la primera.

¶ Disse a Neptuno entam Proteo, &c. Siépre estava inúdado en este P. el espíritu poetico. Aquí, con la ocasió de la gran victoria de Ceuta, intentava texer alguna fabula, i empezó introduciendo a Proteo, como Profeta marítimo, a predezir lo que se podía esperar de tal hazaña en tal gente: i dízele que esté con atención: porque teme que los Portugueses le hau de quitar de la mano el cetro de las aguas, aludiendo en esto a que el Rey Don Juan fue el primero, que en España humilló el mar con soberbia armada para passar a Ceuta: i a que a esto correspondió, el humillarle sus descendientes con otras hasta la India: i parre desto era lo que Proteo quiso dezir en la est. 36. del c. 6. i no le dexaron. Vease allá lo que enseñamos.

E **¶ Gente venha, que, &c.** Alude a los Gigantes, que intentaron despojar a los Dioses: i dice, que los Portugueses serán los Gigantes, que despojarán sin reparo a Neptuno de sus Reynos magníficos.

A la segunda.

¶ A forte porta, &c. Porque la puerta que primero abrió el Conde Don Julian, fue Ceuta, a que llama fuerte, porque era tenida por inexpugnable: i essa venció agora ese Rey.

¶ Do amor inevitavel. En las est. ult. i en la 49. del 10. dí amor, que ensim nam ten defensa.

¶ Mas não, &c. Patecele al P. q̄ el amor de la

L 14

Cava

Cava, o Florinda, no fue la causa total de la destruicion de Espana, como dizen todos, sino otra divina, que parece da a entender lo que se hallo de aquellas pinturas halladas en la torre, que el Rey abrio en Toledo por codicia del tesoro q alli queria hallar.

A la tercera.

P ¶ *In agora o nobre Esp. &c.* Apostrofe a Espana, diciendola, que ya no tiene que temerse de otra invasion barbara solicitada por algu traidor, pues que tiene Portugueses la guarda de la puerza por donde ellos entraron.

P ¶ *Pois que tens Portugueses por Porteyros.* Llama Porteros de Espana a los Portugueses, porque la costumbre ha llamado a Ceuta, que ellos tienen, puerta, i llave, con que Espana se aseguro de Africa, como el China del Tartaro co su estupenda muralla: con que parece quiere el Poera dezir, que Dios entrego otras llaves de su Iglesia Espanola a los Portugueses, fiadolas mas dellos, como de S. Pedro las universales della. Vease lo que diximos de llaves en la est. 77. si a caso sirviere algo aqui.

P ¶ *Que os fronteyros Espan. &c.* Porque Ceuta hasta que la ganaron los Portugueses, truxo inquietos a los Espanoles por muchas edades.

P ¶ *E vencida fico maes nobre, e slara.* Adonde todo queda abatido despues de atropellado, quedo Ceuta mas ilustre desde que la rindieron Christianos, i mas siendo Portugueses. Este pensamiento passo el Poeta a la est. 61. en favor de todos los Espanoles, diciendo, que ilustraron a Napolis, con vencerle, i dominarle.

L.

Nam consentio a morte tantos annos que de Heroe tam ditoso se lograssle Portugal mas os coros soberanos do ceo supremo quis que povoasse. Mas para defensam dos Lusitanos deyxou que o levou, que governasse, e aumentasse a terra maes que dantes, inclita geraçam, altos Infantes

No consentio la muerte, que Portugal se lograssle tantos annos, como desseava, de un tanto dichoso Heroe: antes quiso q poblasse los soberanos Coros del supremo cielo. Mas quien le llevo, dexo para defensa de los Portugueses, quien mejor que antes governasse, i aumentasse la tierra. Generacion inclita, Infantes altos.

Nam consentio a morte, &c. Con estilo ase tuoto, dice el Poeta, que siendo este Rey tan excelente, que se hazia dessear mucho en la Corona, no vivio mucho. I en rodo habla conforme a los merecimientos del Rey, i a los deseos de su gente; porque realmente en edad, fue de los que mas vivieron, i en govierno, de los que mas rey-

A naron. Illego ella a 76. anos: i el a 48. i murió el de 1434. Pero lo que es bueno, i se dessea mucho, siempre parece que dura poco.

Tantos annos. El tantos aqui vale muchos, o se ha de suprir como desseava, diciendo: No consocio la muerte, que Portugal lograssle este Rey tantos annos como desseava.

Os Coros soberanos. Quiere decir, q muerito el Rey se fue a lograr las companias de los Angeles: esto es Coros. Ellos son nueve; cada uno tiene 6666. legiones: cada legion 6666. Angeles: Hallo en algunos Autores, que los q cayeron quando Lucifer, serian en numero un Coro, poco mas a menos, cayendo su parte de cada uno. De S. Juan en su Apocalipse, se infiere otra cuesta, quando habla de la cantidad de estrellas, que llevo con la cola el Dragon, diciendo en el cap. 12. *Et canda eius trabebat tertiam partem stellarum oculi; & misit eas in terram.* Acudan los curiosos a sus expositores, q yo no trato de escribir aqui todo quanto se me viene a los ojos sin necesidad. Dire mas en la estanc. 20. del canto 10. i dice esto aqui, porque lo que el Poeta quiere decir, en que poble los Coros Angelicos, es que ocupó una de las sillas de los Coros que deixaron vacias los Angeles quando cayeron.

Povoasse: Aqui vale habitasse.

Eaumentasse a terra mais que dant. &c. Dice el Poeta, que si bien Dios llevo para si este Rey tan desseado del Reyno, no le desemparo de Principes, porque dexo en el sus hijos, que aumentaron i governaron la tierra mas, i mejor. I dizelo, porque governando Don Pedro la Corona en la ninez del Rey Don Alonso Quinto, fue muy aplandido su governo: i porque dandole su hermano Don Enrique a los estudios Matematicos, fue el padre de los descubrimientos, con q se aumento Portugal en fama i grandeza: i porque Don Juan Maestre de Santiago, i Don Fernando Maestre de Avis, fueron gloria de la patria, con el amor della, en que fueron señalados: i porque Dona Isabel casando con Felipe Terceiro Duque de Borgona, acrediito en tierra agena la suya, i su origen, i de los otros hermanos hubo Reales descendencias: i para dezillo como ello es de los hijos del Rey Don Juan, i Dona Felipe, deciendo oy casi toda la gloria humana de los Principes Christianos. Vease la est. 37. del c. 8. Por todo esto dice bien el Poeta, que la descendencia del Rey Don Juan ilistro su patria, su gente, i sus glorias.

Inclitageracam. Supuesto lo dicho en esta nota, dixo el P. elto con Virgil. 6.
*Fælix prole virum, qualis Berecyntbia mater
Læta Deum partu, centum complexa nepotes
Omneis cælicolas, omneis supera alta tenentes.*

LI.

Nam soy do Rey Duarte tam ditoso o tempo que fcou na summa alteza;

que

que assi vay alternando o tempo iroso
o bem co o mal, o gosto co a tristeza.
Que vio sempre hu estado deleytoso?
ou que vio em Fortuna aver firmeza?
Pois in da neste Reyno, e neste Rey
nam usou ella tanto desta ley.

El tiempo que el Rey Don Duarte quedo en la summa alteza, no fue tan dichoso: que assi va el tiempo airado, alternando el bien con el mal: con la tristeza el gusto. Quien vio siempre un deleytoso estado? o quien vio aver firmeza en la Fortuna? Pues aun no uso ella tanto destas leyes en este Reyno, i en este Rey.

¶ *Nam foy do Rey Duar. &c.* Dize la estanca, i es assi, que ni el tiempo del Rey Don Duarte fue feliz, porque huvo en el pestilencia, guerra con mala tierra, i otros trabajos: ni el lo fue en la Corona, porque co solos cinco anos della murió el de 1438.

¶ *Que assi vay alternando o tempo, o bem com o mal, &c.* Simonides. *Rebus in humanis nulla est constantia certa.* Seneca en Tiest. coro de la sen. 2. del a. 3. *Nulla fors longa est: dolor ac voluptas invicem cedunt, &c.* Prohibet que Clotho stare fortunam: rotat omne fatum. Sentidissimo vereys a Boecio en el 2. de consol. prosa 1. Tu vero volventis rotæ (habla de la Fortuna) impestum retinere conaris? At omnium mortalium stolidissime. Si manere incipit, Fors esse desistit. Terencio. *Omnium rerum vicissitudo est.* Apuleo Madautense lib. 4. Florid. dilata esta sentencia; i Plauto en Amphitr. Vfo alli Terencio del *vicissitudo*, con el cuidado que nuestro Poeta alternando, que todo es mudar a veces, propio de la Fortuna; que como aí dice el Filosofo Christiano, no fuera ella essa, si parara un poco. Ariosto cant. 45. estanc. 4. Cbe il ben va dietro al male, e il male al bene.

El Tasso Liber. cant. 2. estanc. 70.

*Cbe Fortuna qua giu varia avicenda
Mandandoci venture hor triste, hor buone.*

¶ *Ou quem vio, &c.* Este verso falta en el manuscrito.

¶ *Pois in da neste Reyno, e neste Rey, nam usou ella tanto desta ley.* Con razon hizo aqui el Poeta el Reyno de Portugal, i este Rey mas favorecidos de la Fortuna, que otros: porque si los desfavecicio entonces, no los desamparo del todo, deixandoles esperanças de mejoría, cosa que mil veces quita, i quito a otros en menos tiempo. Pedro, alfin, alfin, vino a hazer su oficio, puede ser que quando menos se esperava, reduziendo este Rey, i esse Reyno, i essas sobrrias, a aquello de *Campus ubi Troia fuit.*

LII.

Vio ser cativo o santo irmão Fernando
Tomo 2.

A que a tam altas empresas aspirava,
que por salvar o povo miserando cercado, ao Sarraceno se entregava.
So por amor da patria esta passando a vida de senhora feyta escrava,
por nam se dar por elle a forte Ceita:
mais o publico be que o seu respeyta.

Vio ser cautivo al santo hermano suyo Fernardo, que aspirava a tan claras empresas, que por salvar el misero, i cercado pueblo se entregava al Sarraceno. Solamente por el amor de la patria esta passando la vida hecha esclava de señora que era; por no darse por el la fuerte Ceita. Mas respeta el bien publico, que el suyo tan propio.

¶ *Vio ser cativo o santo irmão fernando.* Por mayor imagen de pena, dice, que el Rey Dó Duarre vio con sus ojos estar en cautiverio de Moros a su hermano Don Fernando Maestre de Avis. Esto es, que sus hermanos Don Fernando, i Don Iua Maestre de Santiago, pasaron con una armada de catorze mil hombres en Africa, con intento de ganar a Tangere, i teniendo puesta en cerco aquella plaza, fueron cercados de setecientos mil Moros. Vinieron a partido, que fue quedar en poder dellos el Infante Don Fernando por prendas de que se les bolveria Ceuta: El Rey aviso del suceso a los Principes Christians: huvo varios pareceres; signoese el de que Ceuta no se avia de bolver; i por esto aquellos barbaros trataron cruelmente ese Principe, hasta que murio en la prision con fama de Santo, i Martir; i despues por oprobrio le colgaro desnudo de las Almicas. Ay libro impresso de su vida notable.

¶ *Que a tam altas empresas aspirava.* Verso de la estanc. 44. del c. 1. Era el Infante de corazon magnanimo, i queria imitar a su padre.

¶ *O povo miserando cercado.* Entiende por pueblo miserando cercado, el exercito Portugues, astigido con tanto poder, como sobre el cargo; demanera, que estaba como oblea entre los hierros: estando entre los que tenia cercado, i que le cercaron, sin esperanza de remedio. Alla quando Castilla tenia sobre si la Morisma en el Salado, llamola el Poeta tambien miseranda, en la estanc. 105. del cant. 3. i en la 44. deste. *O miserando povo.*

¶ *Mais o publico bem que o seu respeyta.* Es lo que dice Petrarca de Regulo: abaxo vendra.

LIII.

*Codro porque o inimigo nao vecesse,
deyxou antes vencer da morte a vida:
Regulo porque a patria nam perdesse,
quis mais a liberdade ver perdida.*

LIV

ESTO

Este porque se Espanha nam temesse
a captiveyro eterno se convida.
Codro, nē Curcio, ouvido por espāto,
nem os Decios leais fizeram tanto.

Coltro; porque el enemigo no vēciesse, antes dexò venceer la vida de la muerte. Regulo quiso más ver perdida la libertad, porque no se perdiessse la patria. Este, porque España no se temiesse, se combida a eterno cautiverio. Codro, ni Curcio, oído por admiracion, ni los leales Decios hizieron tanto.

Todro, porque o inimig. &c. Trae el Poeta exemplos de los famosos Heroes, que quisieron antes perecer por la patria, que dexarla perecer por si: por quanto se escribe, que nuestro Infante aprovo, que no se diesse Ceuta por el, como se avia acordado, aunque le matassen en la prision. No puedo contenerme, que no refiera lo que me dixo un extranero scandalizado de un Cavallero Portugues, tenido en cuenta de amador de la patria, i honra dellà: i fue, que alabandose la accion deste Infante, en no querer su libertad, porque no bolviessse Ceuta a los Moros, acudiò el tal Cavallero, i dixo: *No ay tal, que buenas razias se tuvo porque no se la bolvieron, porque es muy dulce la libertad.* i esto dicho a enemigos de la patria; i mas siendo contra las tradiciones, i historias. Esto si que es fino amor de la honra de la patria.

Todro, porque o inimig. &c. Peleando Codro con los del Peloponeso, i oyendo del Oraculo, que ellos vencerian, sino le matassen, para que le matassen se metio entre ellos desconocido, i assi salvò a Atenas. Estas finezas ya se acabaron: oy se hallará quien mate la patria, solo por no matar un apetito en el capricho, o un real en la bolsa. Pero vamos adelante.

Todulo porque a patr. &c. Creemos que el cap. 1. de la fama de Petrarca en sus Triunfos estuvo presente a nuestro Poeta al escribir esto; porque estan alla juntos tambien estos Heroes. *Vn Regol che amò Roma, e non se stesso.* Es M. Attilio Regulo, que despues de gloriosas victorias fue preso por Xantipo Capitan de Cartago, el qual sió del que se viniese a Roma a negociar por su rescate la libertad de algunos Cartagineses. Vino, i conociendo, que esto no era hora de Roma, lo acotejó assi; i bolviédo (por sustentar la suya) al cautiverio, vivió miserablemente.

Todicio. Es M. Curcio, aquel que se echó en aquella dañosa boca, que en Roma abrió la tierra, aviendo dicho el Oraculo, que no se cerraria, hasta que en ella se echaría aquello, porque el pueblo Romano entonces era más poderoso: i resolvándose, que se avia de sacrificar algun Ciudadano de Roma, este Heroe zeloso de la patria se echó allí. Su estatua equestre (porque a caballo se

A arrojó en aquella boca) vimos, de matmol anti-quissima, entre las muchas que son adorno de la notable Viña, o Quinta Burgesia, la semana pasada: i casi cada dia vemos en el Foro Boario señalado con una piedra el lugar adonde dizen hubo aquella fractura. Ver a Tico Livio Dec. 1. lib. 7.

To ouvido por espāto. Bolando lo dice todo el Poeta, los caños que refiere todos fueron grandes: pero como este de Curcio siempre fue referido, i escuchado con singular admiracion, al llegar a resirlo, lo haze con esse reparo.

Todos Decios leais fizeram tanto. Fueron tres Decios, padre, hijo, i nieto, que feneccieron por la patria: el padre en Francia; el hijo en Toscana; el nieto en la guerra de Pirro, en favor de Taranto. Assi Cicer. lib. 1. Tuscul. Assi Liv. Dec. 1. lib. 10. Vengamos a las imitaciones de algunos de los Autores que truxeron, como el nuestro, estos Heroes por exemplo desta gloriosa virtud del amor estremado de la patria. Petrarca en el lugar arriba alegado, i en una cancion sin numero al fin de sus rimas.

— Non f. ibi, o Deci, &c.

Non altri al mondo piu verace Amore
De la sua patria, &c. Mena cop. 266.
E vimos a Codro gozar de la gloria,
e los constantes, e muy claros Decius.

Ariosto en c. c. 43.

Quei Decij, e quel nel Roman Foro absorto,
Quel silodato Codro da gli Argivi, &c. Amor
te si donar, &c. Encilla cant. 3.

No los dos Publius Decios, que las vidas
sacrificaron por la patria amada,
Ni Curcio, Oracio, Senvola, Leonidas
dieron muestra de si tan señalada.

Arrojo la óficina de Textor, i las otras letanias comunes. El Poeta dice, que nuestro Infante D. Fernando hizo más que todos estos. No parezca passion, o atrevimiento; porque lo dice con causa: i es, que estos se entregaron a estos peligros, viendo ya en el sus patrias, i gente: pero el Infante antes deseo; porque el entregarse Ceuta no era el propio daño, siro podia venir por allí: por eso con cuidado dixo el Poeta. Porque España no se temiese.

L IIII.

Mas Afonso do Reyno unico herdeiro,
nome em armas ditoso em nossa Hes-
q a soberba do barbaro fróteiro, (peria
tornou em baxa, e humilhada miseria;
Fora por certo invicto Cavaleyro,
se nam quisera ir ver a terra Iberia;
mas Africa dirá ser impossibil,
poder ninguem vencer o Rey terribil.

Mas el unico heredero del Reyno, Alonso (nom-
bre

bre , q en nuestra Esperia fue dichoso en armas) que bovió en baxa i humilissima fortuna la soberbia del barbaro frontero, fuera por cierto Ca vallero invencible , si no quisiera ir a ver la Iberia tierra. Però Africa dirá ser impossible poder nadie vencer a este temible Rey.

¶ Mas Afonso, &c. El Rey Don Alonso V. de quien en la est. 13. del cant. 1. prometió el P. cantar, sucedió a su padre Don Duarte en la Corona, el añ. que arriba diximos. I aviando ganando un glorioso nombre en las acciones Africanas, como luego veremos , vino a perderse en la batalla de Toro , peleando contra el Rey Don B Fernando.

¶ Nome em armas ditoso em noſſa Hesperia. Pondera de passo el Poeta, que el nombre de Alonso en los Reyes de España fue feliz en las armas, porque todos sus Alonsos fueron excelentes en todo; i en la guerra singulares.

¶ Noſſa Hesperia. Entiende España , i dize nuestra a diferencia de Italia, que tambien se llamó Hesperia: i juntamente pudiera decir , ultima, como en las estanc. 61. i 69. del c. 8. porque quando sin esio , o otra cola que lo valiesse no se dezía, se quedava entendiendo Italia. Ella se dixo assi de un Rey que tuvo llamado Hespero ; i España de la Estrella Hespero , o Vespero , que por la tarde sale en Occidente , en que yaze España , de que tambien procede llamarse ultima. Però no ha sido sola España feliz en Alonsos ; tambien Italia lo ha sido; i en otras artes, principalmente letras , huvo de la misma suerte grandes varones deste nombre : discurran agora los estudiosos con la memoria , i los otros con el estudio, i encóntraran lo que dezimos.

¶ Que a soberba do barbaro fronteyro. Porque este Rey humilló el poder de los Moros fronteros de España, matando muchos , i ganandoles fuertes, populosas, i importantes plazas. En estoira estancia nombraremos algunas.

¶ Fora por certo invitó, &c. Dize, que el Rey Don Alonso Quinto tuviera fama de invencible en Europa, si no huviera pasado a Castilla, adonde se perdió.

¶ A terra Iberia. Iberia se llamó toda España, tomando este nombre del río Ibero, oy Ebro; i assi siendo Alonso de España , i diciendo el P. que fue a ver la Iberia, que es España , parecerá que le haze extraniero, digo no natural de España; mas no es assi; porque pudo el Poeta có bue nos Autores hazer diferencia de España a Lusitania: uno dellos Plutarco en la vida de Galba: otro una piedra , hallada en Atilia con memoria de Quinto Acio : lugares que traximos en nuestro Epítome de las historias Portug. part. 2. capit. 1. num. 17. i 20. i agora Eneas Silvio. Lo que viene a dezir por este modo, son dos cosas: una, q el Rey passó a Castilla , tomando el todo por la parte: otra, i es el verdadero entendimiento, que tierra Iberia está aquí por Aragon , de quieu es

A propio el Ibero , o Ebro , i de donde era natural el Rey Don Fernando, cótra quien passó el Rey Don Alonso: i assi está aquí la tierra por el Principe della, con sus armas, que es lo que Alonso fue a ver , i experimentar. El mismo Poeta se declara en la est. 57. diciendo , que el Rey fue a buscar Fernando de Aragon; vease. Dexo a parte el dezir, que este río tomó el nōbre de Ibero Rey de España , que algnos Autores niegan: assi buelve a dezir el P. cant. 6. estanc. 48.

¶ Mas Africa dirá ser impossib. &c. Dize, q aunque Alonso fue vencido en Castilla , junto a Toro, siempre Africa dirá , que no es posible q nadie le venciesse, por lo que ella le vió obrar en armas. Lo cierto es, que de las espadas de Europa, la deste Rey es de la primera clase; i de los Principes magnificos, i liberales, tambien este es classico; i que no mereció menos el título de Africano, que Scipion. Es verdad, que no tuvo tāta ventura en los escritores , como en las hazañas, no aviando sido menos cuitor dellos, que de llas: i puede ser que dellos no lo fue tanto Scipion, que vino a tener Polibio, i Tito Livio, que escrivieron del cuidadosíssimamente.

LV.

C Este pode colher as maçans de ouro,
que sómente o Terintio colher pode;
do jugo que lhe pos, o bravo Mouro
a cerviz inda agora nam facode.
Na frôte a palma leva, e o verde louro
das vitorias do barbāo, que acode
a defender Alcacer, forte villa,
Tangere populoſo, e a dura Arzilla.

D Este pudo coger las manzanas de oro, que sólamente pudo coger el Terintio: del yugo, q puso al bravo Moro, am agora no sacude él la cerviz. En la frente lleva la palma , i el verde laurel de las vitorias del barbāo , que acude a defender Alcaçare, villa fuerte, el populoso Tangere, i la dura Arzila.

E Este pode colher as maçãs de ouro, que, &c. Dize, que sólamente el Rey Don Alonso pudo igualarse con Hercules, que solo pudo coger los pomos de oro, entendiendo por ellos las plazas ganadas en Africa por este Rey. Hercules venció a Anzil, i Tangere, a donde mató al Dragón q guardava el huerto de los arboles productores de los pomos de oro, en que assistian las Hesperidas, llamadas assi de Hespero su hermano, hijos de Atlante : por eso dice el Poeta , que el Rey D. Alonso pudo lo que solo avia podido el propio Hercules: i porque parece averse encorrado el Poeta en la estanc. 8. del cant. 5. con lo que dixo en la 103. del cant. 2. i dice aqui; vease allí lo que diremos. No me canso en ajustar la calidad de los pomos de oro , sabiendo que los Autores dizen

dizen eran ovejas, por quanto en Griego ay una voz, que es lo mismo q' oveja, i pomo. Desso estan llenos los indices.

¶ *Terintio.* En Servio ballareys, que Terintia es Ciudad de Argos, i que en ella se criò Hercules, i de aí le llaman Terintio.

¶ *Do yugo que lhe pos,* &c. Estilo de Petrarca. Da ritrarre il cello d'il giogo antico. El texto es assi: *Que el Moro aun no sucede de la cerviz el yugo que le puso Don Alonso.* Vease como lo dixo en la estanc. 89. del cant. 3.

¶ *Nafronte a palma leva,* &c. Assi en la est. 23. del c. 8. Dante c. 22. del Purg. *Che gia di lauro ornar la fronde.* Valiente i breve, i desahogadamente está descrita la gloria del vencimiento destas tres plazas notables. De la ultima viuimos en Madrid en la casa del Duque del Infantado la pintura en una tapiceria rica, que este Principe mandò texer de aquella victoria, i despues dio al Duque, quando pretendió suceder en Castilla. Vense allí los trages, i las armas Portuguesas, i los rostros del Rey, i Principe, i algunos señores; i todo causa gran soledad, i dolor, quando se ven las imagenes de lo que no se vè agora, ni au en esperanças. Llama a Arzila dura, porque costó mucho a ganar. Deltos lugares tratan las historias: i assi no ay para que yo lo haga, siendo ellas comunes.

LVI.

Porem ellias enfim por força entradas,
os muros abaxaram de diamante,
às Portuguesas forças costumadas,
a derribarem quanto acham diante.
Maravilhas em armas estremadas,
e de escritura dignas elegante,
fizeram Cavaleiros nesta empresa,
mais afinando a fama Portuguesa.

¶ Erò asfin entradas ellias por fuerça, baxaron
los muros diamantinos a las Portuguesas
fuerças, acostumbradas a derribar quanto ha-
llan delante. Maravilhas estremadas en armas, i
dignas de elegante escritura, hizieron en esta o-
casión algunos Cavalleros, afinando más la fama
Portuguesa.

¶ *Porem ellias enfim por força entrad.* &c. Di-
ze, q' si bien estas plazas, que ganò el Rey Don Alfonso en Africa, eran fortissimas, se rindieron
al valor Portugues, afinado en estas ocasiones.

¶ *Muros de diamante.* Entiende murallas du-
ras, fuertes, que no se entraron sino con gran ma-
no, i valor: respetando tambien a esto el llamar
dura a Arzila, como apuntamos arriba.

¶ *As Portuguesas forças, costum.* &c. Bien: no
era el vencer las armas Portuguesas por accide-
te, sino por costumbre: i assi nada se le escapava
en siendo buscado de las. I no es hiperbole, si o-

verdad llana: porque raras son las cosas, que intentò la mano Portuguesa, que no saliese con su intento: pero esto era quando Dios queria.

¶ *A derribar quanto ueham diante.* Ercilia c.
19. *I derribando quanto vè delante.*

¶ *Maravillas em armas estrem.* &c. El bué Ercilia cant. 14. *Haziendo en armas cosas estremadas.* Es assi, que en estas ocasiones de Africa hubo sucessos militares dignos de memoria: comitome a los escritos comunes: algunos, aunque pocos, se hallaran en nuestro Epítome. El Conde de Marialva Don Inan Coutiño, muriò en Arzila con tanta acciones valerosas, que armando el Rey Cavallero al Principe su hijo delante de aquel venerando cadaver, le dixo: *Dios os haga tal, como lo fué el Cond. que teneyss delante:* A este modo se portaron otros Cavalleros.

¶ *E de escritura dignas elegante.* Este es el verso, que en toda est. obra ci P. es más parecido en el hiperbatón, a lo que oy usan los que llaman cultos. Vease lo dicho a este propósito sobre la est. 94. del cant. 3. El pensamiento fue de Petrarca en el Triunfo de la muerte, cap. 1.

— Degna

Di Poema chiarissimo, e de historia.
El Tasso Liber. cant. 15. est. 32. *Di Poema dignissima, e d' historia.*

LVII.

Porem despois tocado de ambiçam,
e gloria de mandar amara, e bella,
vay cometer Fernando de Aragam,
sobre o potente Reyno de Cattella.
Ajuntase a inimiga multidam
das soberbas, e varias gentes deila,
D desde Caliz ao alto Perineo,
que tudo ao Rey Fernando obedeceo.

¶ Erò tocado despues de ambición, i bella i am-
arga gloria de mandar mucho, vâ a come-
ter a Fernando de Aragon, sobre el potente
Reyno de Castilla. Innrasce la enemiga multi-
tid de las soberbias, i varias gentes deila, desde
Cadiz al alto Pirineo. Que todo obedeció al
Rey Don Fernando.

¶ *Porem despois,* &c. El Rey Don Enrique Quarto de Castilla tuvo una hija de la Reyna Doña Iuana, hermana de nuestro Rey Don Alfonso Quito. Muerto Enrique se dispuso casar el tio con la sobrina, i suceder en Castilla, por ser la sobrina hija unica, i por ello heredera de aquella Corona: i assi lo dexò tambien el padre della ordenado en su testamento. Pasò Don Alfonso allí para esto, con mano armada, porque ya lo pedía assi las alteraciones, i maldades de aquellos días sobre esta sucession, i desposose con su sobrina Iuana, en Plasencia. Los Castellanos que dixerò no ser ella hija de Enrique, i que por ello no le toca-

tocava el suceder en la Corona , nombraron heredera a Doña Isabel, hermana de Enrique , i la casaron con Don Fernando Principe de Aragó, que despues fue llamado, justamente , el Católico: i con esto se occasionaron aquellas guerras tâ sabidas entre estos dos Reynos, con tâ poca justicia de la parte de los Castellanos , siéndo ella de los Portugueses ; como en Aljubarrota de los Portugueses, siéndo ella de los Castellanos. Quié ha de arreverte a querer penetrar los juizios divinos ? Permitió Dios que Portugal se usurpase a Castilla quando era tuy , i que Castilla quândo era de Portugal se le ului passâ : i ultimamente devia el ser de la, pues lo viro a ser, por ventura quando menos lo temia. Pero ésto no quit. q Portugal en aquella ocasió, i Castilla en esta, quitaron a cada uno lo que era suyo sin justicia , ni modestia, antes injustissima, i inmodestissimamente; porque cada nacion para salir con su intento, infamó en actos publicos a su Reyna, diciédo de cada una, que la hija que avia engendrado, no era de su marido; siendo cierto, que aunque esto fuese así , la prueba era imposible , i por ésto propio injustissimo el despear aquellas hijas de aquellas herencias. De maneta, que en todas estas acciones obró solamente la pasión, i respetos particulares de vassallos, princialmente señores, q lo querian ser de sus Reyes; soberbia, i sin razón, que tambien D.os ha humillado de manera , que muchos son oy menos de lo que pudieran ser, por que entonces quisieron ser más de lo que era justo.

¶ Tocado de ambiam. Mi gran Poeta me ha de perdonar, el no venir yo en que llame ambiciosa al Rey Don Alonso Quinto; digo de hazienda: porque fue liberalissimo Principe , i que todo lo dava; sino es, que para darlo todo, todo lo deseava: i así será ambicion glorirosa; i se podrá juntar a la otra que el tuvo intrínseca de fama heroica: porque ésta le hizo executar las acciones militares en África , que no fueron concedidas más bellas a ningun Heroe, no digo yo Portugues , sino uniuersal del mundo; i de Portugal es el que más i mayores mercedes hizo a sus vassallos, así de honra, como de hacienda, en tal modo, que decía el Principe su hijo quando le sucedió . *Mi padre me dexò Rey de los caminos de Portugal;*, porque casi todos los lugares, i tierras avia dado. Inego, quando naturalmente huviera sido ambicioso , en esta accion no lo quedava siendo, porque defendia lo que era suyo, como de su sobrina con quien le desposó de orden i ultima voluntad del padre della; i quando no la amparara como a esposa, lo devia como a sobrina: i así el pecado de ambicion estuvo en estos sinceros tan lexos del Rey , como cerca de quien sin más causa que la pasión, intentava quitar a cada uno lo que le venia de derecho divino , i humano.

¶ Gloria de mandar amara e bella. Bonissi-

A mamente: porque el mandar en mucho , aunque tenga mucho de lo dulce , no tiene menos de lo amargo; pero siempre lo sienten más los mandados, que el que manda: tiene parecer esto con el gusto la vanidad de la est. 99. I el mando le tiene tambien mucho con el amor de la hermosura, de quien dixo el Petrarca, que *con poco dolce molto amaro apaga*, porque el amor tiene muchas glorias, i muchas penas; i por ésto el Poeta le llamó en la est. 120. del cár. 3. *Engaño del alma alegre, i ciego, excelentemente.*

¶ Vay cometer Fernando de Aragam. Veys a qui como al decir el Poet en la est. 54. que el Rey Don Alonso fue a ver la tierra Iberia, quiso decir, que fue a buscar a Don Fernando , como os explicamos allá: Miraldo bien: que es notable el cuidado que siempre tiene este maravilloso ingenio de quitarnos con un lugar la duda que podemos tener en otro.

¶ Sobre o potente Reyno de Castella. Veys a qui el faber, i el ingenio del Poeta: porque ha de venir a confessar, que Don Alonso no salió vitorioso de Castilla, procura engrandecerla , i celebrarla de poderosa : porque ya que salga vencido, lo sea, o se vea que lo fue de mano grandissima, por quanto es gloria del vencido la calidad del vencedor: i porque tambien lo es del vencedor la de vencido , procuró con la misma industria exaltar la gente Castellar a las veces que fue vencida de la Portuguesa. Vease sobre esto la estancia 24 i del cant. 3. la 99.

¶ Ajuntase a inimiga multitudam dis soberb. &c. E tan los cuatro versos representando , que se cayó el mundo todo sobre los Portugueses; cõ la industria si arriba ponderada.

¶ Desde Caliz. Cadiz, que tambien a lo antiguo se decía Caliz corruptamente, es Isla notoria en el mar Occidental de España, enfrente de los montes Abila, i Calpe, que se llaman columnas de Hercules. Tuvo muchos nombres: acudir a Ortelio, i otros Autores que dexo, porque soy malissimo compositor de letanias. Díze el Poeta en esto , que toda la gente desde Cadiz a los Perineos, adonde fenece España , vino a servir a Don Fernando en esta guerra: quiere decir, que acudió a ella toda la gente de España , menos Portugal, que venia contra ella.

¶ Ao alto. La dificultad con que es menester pronunciar las tres vocales que si están juntas, es industriosa, para moderar la altura de los modos: Vease lo que diremos al fin de la est. 62.

LVIII.

*Nam quis ficar nos Reynos ocioso
o mancebo Ioanne, e logo ordena
de ir a jadar ao pay ambicio se,
que entam lhe foy a jada não pequena.
Saio se enfim do trance perigoso,*

com

Com fronte nam torvada, mas serena; A desbaratado o pay sanguinolento:
mas ficon duvidoso o vencimento.

No quiso quedar ocioso en los Reynos el má cebo Iuan: i luego ordena de ir a ayudar al ambicioso padre, a quien entonces fue no pequeña ayuda. A fin salio del peligroso trance con frente no turbada, mas serena, desbaratado el sangriento padre. Pero el vencimiento quedó dudoso.

T Nam quis ficar, &c. Prosiguiendo el Rey Don Alonso la guerra en Castilla, le socorrió en persona su hijo el Príncipe Don Iuan; así porque entendió que su padre necesitava desto, como porque no le viesse el mundo en ocio, quando todos trabajavan: si bien no hazia poco en guardar el Reyno, en cuyo governo avia quedado. Encotrados los exercitos junto a la Ciudad de Toro, casi sin quererse encontrar, i siendo el Portugues governado por el padre, i por el hijo, quedó el hijo vitorioso por su parte, aviando el padre huido por la suya, i Don Fernando por otra; juzgandose los dos igualmente por perdidos. Vease nuestro Epitome en la vida del Rey Don Alonso: que yo he menester el tiempo, i el papel para el entendimiento del Poeta: i para este es cosa escusada referir aquí el hecho, como lo hazen las historias.

T Nos Reynos. Condenan al Poeta de que dixese Reynos, por el Reyno de Portugal. Esto se llama no entenderle. Por dos razones lo pudo decir bonissimamente: la primera es, que la Corona Portuguesa, ya contenía el Reyno de Portugal, i el del Algarbe, i los Señorios de Ceuta, Tangere, Arzila, i otras plazas de Africa: la segunda, i mejor es, que por Reynos entiendo aqui los de Castilla, i Portugal juntos; i quiere decir: No quiso el Príncipe parecer solo el ocioso; el q no tomasse las armas, quando en los Reynos de España no las dexaya de tomar quien tenia algo de valor.

T Que entam lhe soy ajuda nam pequena. Bié: porque el Príncipe Don Iuan vino a tiempo que su padre necesitava ya de tal socorro: i ciò su venida se avian mejorado mucho las cosas, i se aletó mucho la gente: i hubo acciones glorioas para Portugal, como se puede ver de la Cronica del Príncipe Don Iuan, escrita por Damião de Goës, hombre docto, i verdadero, i muy libre de pasion.

T Saiose enfim do trance perigoso, &c. Dice, q el Príncipe Don Iuan salio del peligro de aquella batalla, serena i felizmente, sin alteracion baxa de animo, o semblante: alfin como vitotioso por su parte, que sin duda lo fue.

T Com fronte nam torvada mas serena. El P. en sus RIM. c. n. c. 9. Com que a fronte tornadi mas serena. Lo que sirve a ello, en la c. 34.

T Pay sanguinolento. Quiere decir, que Alfonso no dudava derramar sangre por la razón: i principalmente alude a los estragos en Africa en la Morisma, que fueron sangrientos.

T Mas ficon duvidoso o vencimento. Quedó dudosa la victoria desta batalla: porque el padre fue desbaratado; i el hijo se vió señor del campo: pero faltando caudal para seguir la guerra, Castilla se quedó con el provecho, i Portugal cō la gloria deila. El P. propuso cantar de Don Iuan en la est. 13. del c. 1. agora lo hace.

LIX.

B Porque o filho sublime e soberano, gentil, forte, animoso Cavaleyro, nos contrarios fazēdo immenso dano, todo hū dia fico no campo inteyro. Desta arte soy vencido Otaviano, e Antonio vencedor seu companheyro, quando de aquelles q Cesár mataram nos Philipicos campos se vingaram.

C Orque e subliñe hijo, i gentil, i fuerte, i animoso Cavaliero, haciendo immenso daño en los contrarios, se quedó entero en el campo todo un dia. Desta manera fue Otaviano vencido, i vencedor su compañero Antonio, quando en los Philipicos campos se vengaron de aquellos que mataron a Cesár.

T Porque o filho, &c. Dice, que el Príncipe Don Iuan, haciendo grande estrago en los enemigos, quedó señor de la campaña: i luego compára el suceso de quedar q al si, iaverse perdido su padre, con feliz erudicion. Agora.

D Sublime, soberano, gētil forte, animoso. Esta multiplicacion de epitetos, para decir una cosa solamente, es la figura sinonimia: i el faltar cō junction es la assinteton, como en Virgilio: Horrendum, informe, ingens, &c. Si se usara mucho fuera vicio: mas no lo es, como creen algunos indocitos, quando se usa, como lo supieró hazer estos grandes hombres.

T Nos contrarios, fazendo immenso dano. Escriba cant. 25. Haciendo en los primeros mucho dano: porque el Príncipe Don Iuan por aquella parte que llevava, fue barriendo la campaña, i regandola con sangre enemiga, de modo, que quedó limpissimo en ella, sin persona que se lo contradixesse.

E Todo hum dia. En dos maneras entenderemos este verso: o que Iuan quedó en el campo un dia todo entero; o que entero Iuan quedó un dia todo en el campo: esto ultimo es mejor por dos razones: una por ser elegante, decir un dia todo entero; que entero se dice en todo: otra, porque Iuan rompió al enemigo, sin ser roto del enemigo, i fue señor del campo; i esto es quedar entero. Era costumbre antigua estar el vencedor en el

el sitio de la vitoria tres dias. El Principe se vió tan vitorioso, que los quiso estar: però el Arzobispo de Toledo Don Alonso Carrillo, con un temor prudente (seguia la voz de Portugal) le persuadió que se dexasse de essos estilos; porque en tales tiempos bastava estar tres horas, quanto i mas un dia.

¶ *Desta arte foy vencido Otaviano, e Antonio venced.* &c. El Emperador Otaviano Augusto se conformó con Marco Antonio su enemigo; i entre las cosas que hicieron fue una, ir contra Bruto, i Cassio, que mataron a Julio Cesar; i dándose batalla en los campos Felipicos de Macedonia, por aquel lado que iva Otaviano fue vencida la gente, mas por el de Antonio vencedora. De modo que el Poeta comparando este suceso al nuestro haze a Alóso Otaviano, i a Iuán M. Antonio. Ninguna noticia, para acomodarla hermosamente le passó por alto.

LX.

*Poré despois q a escura noyte eterna,
Afonso aposentou no ceo sereno,
o Principe q o Reyno entao governa,
foy Ioanne Segundo, e Rey Terzeno.
Este por aver fama sempiterna,
mais do q tentar pode homé terreno
tétou; que foy buscar da roxa Aurora
os terminos q eu vou buscando agora.*

Peró despues que la escura i eterna noche aposentó a Alonso en el sereno cielo, el Principe que entonces governava el Reyno, fue Iuan Segundo, i Rey Treze. Este por aver, alcançar sempiterna fama, tentó más de lo que puede tentar terreno hombre: que fue buscar de la roja Aurora los terminos que yo agora voy buscáao.

¶ *Porem despois que a ese* &c. Esto viene a ser, que despues que murió el Rey Don Alonso, sucedió en el cetro su hijo Don Iuan, que llamaron, justamente, el Principe perfecto: fue segundo del nombre, i decimotercio (eso es terzeno) de la Corona, en que entró el año 1481.

¶ *A escura noyte eterna.* El Poeta en sus rim. od. 9. *Contra o terribili fin da noyte eterna.* I en la est. 9. del canto 10. *Do eterno sono.* Es perpetuo en los grandes Poetas, llamar a la muerte noche eterna, o eterno sueño. Hom. Ilia. 13. muerto Deipiyo: *Hunc autem in oculis aeterna nox cooperuit.* Virgil. 10. *In aeternam clauduntur lumen noctem* Ovid. Met. 5. *Iam moriens oculis sub nocte natantibus atra.* en la epist. de Ariadna: *Ac semel aeterna nocte premenda fui.* I aquello: *Quid est somnus gelidæ, nisi mortis imago.* Sene-
ca en Med. a. 13. ien. 2. *Clusamq. saxo noctis eterna obruat.* Minturno en una textina del lib. 1. *Cbiudessi io gliocchi in sempiterna notte.* Garcil. sonet. 25. *Hasta que aquella eterna noche obscu-*

Ara. Es bueno para aquí (aunque fue malo el hecho) lo q refiere Brusonio lib. 6. cap. 8. del Emperador, que dió a un hombre que estaba dormido, una herida con que no se movió del lugar en que dormia: i siendole estrañado, respondió: *Deixe de la propia manera que le halle.*

¶ *Foy, &c.* Verso de la est. 90. del c. 3.

¶ *Este por aver fama sempit.* &c. Dizen estos quatro versos, que el Rey Don Iuan aspirando a fama perdurable, tentó descubrir la India con instancias que superaron la fuerza, i el deseo humano, enviando descubridores por mar, i tierra incansablemente, como veremos en estas estancias. Esto, i el nombrar los Países que vieron, i como por allá acabaron la vida, todo es imitacion de Lucano lib. 10. quando el Sacerdote Acorea refiere a Cesar, como muchos Príncipes dessearon, i pretendieron saber las fuentes del Nilo, i que Alejandro envió a esto descubridores platicos, i lo que uno llegó a hallar, i como por allá murió sin conseguir el intento; así: *Summus Alexander Regū, quē Memphis adoras
Invidit Nilo, misitq; per ultima terræ
Aethiopum lectos: illos rubicunda perufi
Zona poli tenuit: Nilum videre calentem.
Venit ad Occasum, mundiq; extrema Sesostris
Et Pharios currus Regum cervicibus egit.
Ante tamen vestros amneis, Rhodanūq; Padūq;
Quam Nilum de fonte bibit vesanus in ortus
Cambyses longi populos pervenit ad ævi
Defecūsq; epulis, & pustus cæde suorum
Ignoto te, Nile, redit,* &c. Vayalo el curioso acomodando por essas cinco estancias: porque todo lo que ay en estos versos en sentencia, ay en ellas con gentil elegancia poetica, que dexa atras a la del propio Lucano.

¶ *Que foy buscar da roxa Aurora, os terminos.* Dize que lo que el Rey Don Iuan tentó (q era lo que no pudo tentar hombre terreno, por su dificulad, por la qual entóces muchos hombres doctos llamaron a este intento temeridad, i locura) fue salir a los remates del mundo por el Oriente, que essos son los terminos de la Aurora, adonde está la India que se buscava.

¶ *Que eu vou buscando agora.* Harto hemos disimulado hasta aquí con frialdades, i descuidos del Licenciado Manuel Correa: i ya no se puede más: porque es incomportable descuidado, i frialdad decir en este lugar, que el Poeta es el q habla aquí; i es el que va buscando la Aurora; sin acordarse, que el Gama es quien está hablando con el Rey de Melinde; i quien va buscando esos terminos. Quien, pues, duermie tanto, i no enriéde a un Autor que no durmió en lo que dixo, para que se pone a comentarle?

LXI.

*Manda seus mensageyros q passaram
Espanna, França, Italia celebrada,
ela*

e la no illustre' porto se embarcàram,
onde jà foy Partenope enterrada.
Napoles, onde os fados se mostràram,
fazendoa a varias gentes subjugada:
pora illustrar no fim de tantos annos,
coz o senhorio de inclitos Hispanos.

Manda embia sus mensageros , que passaron Espana, i Francia, i la celebre Italia: i alla se embarcaron en el ilustre puerto, adonde ya fue enterrada Partenope. Napoles adonde se mostraron, señalaron los Hados , haciendola sujetar a varias gentes , por ilustrarla al fin de tantos años, con el señorio de inclitos Espanoles.

¶ Manda seus mensageiros, &c. Es lo que aí queda de Lucano, *Misitque, &c.* Vá el Poeta nô brando las tierras, adonde ivan llegando los descubridores , que el Rey Don Iuan embió, como Lucano en ese lugar citado , de los que embió Alexandre a descubrir el Nilo. Vease i será bueno ver a Barros Dec. 2.lib. 3.cap. 5. adonde refiere estos viages, que fueró desde el año 1487. En la edición pequeña anda viciado este verso, por q por mensageiros , dize compaheyros : i lo peor es , qte anda assi en la más moderna , en que un desfeto de mostrar se empleado en semejantes reparos, nos dice en un Prologo , que nos dâ en ella restituido este Poema de las perfecciones que le avian viciado las imprentas: i esto me hizo buscar el reparo de otros vicios , que ellas le añadieron, i ninguno hallé reparado: añadidos al gunos, esto si. Yo le doy agora a la estampá en su mismo original, aviendole purgado de lo que visiblemente eran yerros della : i los principales apuntaré sobre el verso 6. de la est. 25. del c. 9. Que al fin todos los curiosos hasta aqui tuvieron los deseos, dexandonos la ejecucion.

¶ Onde ja foy Partenope enterrada. Perifrasis de Napoles. Ariosto c. 33. *Cidade ove sepulta è la Sirena.* El Martirano en las estâcias que comienzan: *Qual Euterpe, &c.*

*Dala bella citade agli ocij nata
Cbe il nome tien de la bella Sirena*
Sanz. Arcad. prosa 7. *Napoli, la quale da i popoli di Calcidia venuti sopra le vetuste ceneri della Serena Parthenope edificata;* porque Napoles se llamo primero Partenope, con ocasión de aver sido enterrada alli aquella Sirena ; i despues deshecha, i restaurada por gente Calcidica, se llamo Napoles, q en su lengua vale Ciudad renovada.

¶ Napoles. Dize agora con claridad , lo que dixo con perifrasis: como si dixerá: Esse puerto en que os dixe fue enterrada Partenope, es Napoles: i parece lo dixo al modo de Strab. lib. 5. que al hablar de Napoles , dize juntamente con su nombre la circunstancia del entierro de Iarten. *Neapol. ubi monumētū ostēditur Iathus r. p. &c.*

¶ Onde os Fatos se mostraram. Es lo mismo

A que en la est. 17. del c. 3. *Muytas voltas tem dado a fatal roda.* Entendiendo por hados aqui, i rueda allá la Fortuna: i quicre decir , que ella en Napoles mostró su incôstancia, dâdoleya a unos y a otros. Agora.

¶ Fazendoa a varias gentes subjugada. Porque Napoles , siendo poseida de naciones diferentes por muchos siglos, con varias fortunas, u timamente vino a ser de Espana: i considera el P en essa variedad, que nos advierte de la Fortuna: que siendo Espana de Irrelia , agora essa mejor parte de Italia es de Espana: que es proprio de la Fortuna hacer: sugero oy el mismo que hizo superior ayer.

¶ Por a illustrarno fim de tantos annos coz o senhorio de inclitos Hispanos. Murad: en el segundo verso, dixo la celebrada Italia : i en ellos dice, que la Fortuna la ilustriò con hazerla sujeta a Espanoles: haciendoles gloriosos sobre la gente mas gloria: i diciendo , a fin con gentil artificio , que la gloria mayor della es ser de tal gente oy: i con atencion a esto los llama inclitos en esta ocasión, por ser voz q significa superioridad. Los cinco versos ultimos desta estancia en el manuscrito, son estos.

*Da prospéra cidade de Veneza:
Veneza a qual os povos que escaparam
do Gotico furor, e da crueza
de Atila, edificaram pobremente,
e foy rica despois, e preheminente.*

Vease lo porque dice esto de Venecia en la estâcia 14. del c. 3.

LXII.

Pello mar alto Siculo navegam;
vamse às preyas de Rodes arenosas;
e de ali às ribeyras altas chegam,
q com morte de Magno sam famosas.
Vam a Menfis, e às terras q se regam
das enchentes Niloticas undoñas;
sobem à Etiopia, sobre Egyto,
q de Christo la guareca o sancto rito.

Navegan por el alto mar Siculo : vanse a las arenosas playas de Rodes: i de alli llegan a las altas riberas , que son famosas con la muerte de Magno. Van a Menfis ; i a las tierras que se riegan con las undosas crecientes del Nilo. Subé a la Etiopia sobre Egyto; que allá guarda el santo rito de Christo.

¶ Pello mar alto Sicul. &c. Don Iuan el Segundo embio primero por mar muchos descubridores: i entre los años 1486. i 87. partieron co tres navios Bartolome Diaz , i su hermano Pedro Diaz, i Iuan Infante, que descubrieron el Cabo de Buenaesperanza, i passaron adelante 140. leguas , hasta el río que llaman del Infante , por ser este apellido de Iuan , uno de los tres que le

vio primero. Despues fueron por tierra Pedro de Covillam, i Alfonso de Payva, que pasaron por Napoles, Rodes, Alexandria: fueron a Tiro, llegaron ai Cayro en cahia de Moros de Tremezan: en Adem se apartaron, el Payva para la Etiopia, i el Covillam para la India, con pacto de que bolverian a juntarse en el Cayro. El Covillam, llego a Cananor, Calecut, Gca, i Zofala; i buelto al Cayro hallò ser muerto el Payva, i llegados de nuevo dos ludios, Rabi Habraha de Beja, i Joseph capatero de Lamego, embiados por el Rey; a quie el Covillam aviso co el Joseph de lo descubierto: i co Rabi se embarco para Ormuz, adonde le dexo: i por el mar Roxo fue a descubrir la Corte del Preste Iua, q no le dexo salir de la: i entre tanto su Sacerdote Lucas Marcos vieno a Portugal. Esto es lo q apunta estas estacias.

¶ Mar Siculo. Es el mar de Sicilia.

¶ Prayas de Rodes. Isla que fue cabeza de la cavalleria de Malta, i oy es del Turco: esta en el mar Carpatio.

¶ Ribeyras, &c. Que com morte de Magno, &c. El Magno Pompeo huyendo la ira de Cesar, se fue a valer de Tolomeo Rey en Alexandria, q deviendole fidelidad, infielmente le mato, i presento su cabeza, i anillo a Cesar. De modo, que por estas riberas entiende el P. Alexandria.

¶ Memfis. Oy se llama Cayro, segundo lugar de Alexandria, que esta sujeta a las inundaciones del Nilo.

¶ Sobe à Etiopia sobre Egyto. Esto es q fuero a aquella Provincia de los Abexines sujetos al Preste Iuan, q siguen la Ley Christiana, i presumen proceder de David hijo de Salomon, i de la Reyna Saba. Barros trata desto, Dec. 3. lib. 4. cap. 2. i describe este Reyno en el cap. 1. i en la Dec. 1. lib. 2. cap. 4. hablando de aquel Preste, dice, Tenia sabido, que su Estado era la tierra que estava sobre Egyto. I en el cap. 5. I aqui embarco para la mina de Zofala, q es en la Etiopia sobre Egyto, hablando del descubridor Covillam; i alli mismo hablando destos viages. Fueron a Napoles, adonde embarcaro para la Isla de Rodes, &c. Passaron a Alexandria, i al Cayro, i de allifluero a Toro. Ortelio verbo Æthiop. sub Ægypto.

¶ Sobem a Etiopia. Verso industrioso: porque si hiziessemos sinalefa, o eclipsis (que todo puede ser aqui entre la m. i la a; i entre la a. i la e.) quedaria corto: pero el P. queriendo dar a entender aquel subir, i la logitud del viage, no quiere sino que se pronucie el verso con asan, no haciendo sinalefa, para mostrar con el propio numero aquella subida, i trabajo: Vease lo que diremos sobre el verso 4. de la estancia 90. del canto. 9. i tal es el 7. de la 57. deste, para significar la altura de los Perineos: assi otros muchos, que todo son industrias en este gran hombre.

¶ Que de Christo guarda o rito. Semejante verso en la estancia 95. del canto 10. Dizelo aqui

Tomo 2.

A el Poeta, porque en la tierra del Preste Iuan ay Christiandad, aunque mezclada con abusos.

LXIII.

Passam tambem as ondas Eritreas,
que o povo de Israel sem nao passou;
ficamle atras as serras Nabateas,
q o filho de Ismael co nome ornou.
As costas odoriferas Sabeas,
q a may do bello Adonis tanto horou
cercam; co toda a Arabia descuberta
Feliz, deymando a Petrea, e a Desierta.

Tambien passan las Eritreas olas, que el pueblo de Israel passò sin nave: quedanle atras las sierras Nabateas, que tanto ornó e hijo de Ismael con el nombre. Cercan las odoriferas costas Sabeas, que tanto honró la madre del bello Adonis: con toda la descubierta Arabia Feliz; dexando la Petrea, i la Desierta.

¶ Passam as ondas Eritreas; que o, &c. Al son de Ariosto vi este passaje en el canto 15.

— Voltegiando rada, &c.

— Gli Indi, et i Regni Nabatei;

Et torne poi per cosi lunga strada,
A ritrovare i Persi, e gli Eritrei.

Repite este estilo nuestro Poeta en la estanc. 81: del cant. 6. i en la 52. del 10. Las ondas Eritreas son el mar Roxo, llamado Eritreo, o porque por aquella parte que el basia reyno Eritro, o por su color roxo, que es Eritre en Griego. De modo que el Covillam navegò por el mar Roxo.

D ¶ Que o povo de Israel sem nao passou. Suceso notorio, i estupendo de la historiografia: ad., que guiando Moyses el pueblo Israelitico, para rasturar el mar Roxo, se abrio el, i hizo calle limpia i seca: por esto dice el Poeta, que passò sin nave el mar, no aviendola menester, en virtud de la maravilla de Dios.

¶ Ficamle atras, &c. Quedavanle a las espaldas las sierras Nabateas, que tomaron el nombre de Nabaoth, primogenito de Ismael; i con el quedaron ornadas, esto es famosas: i del mismo se llama Nabarea aquella Region q ay desde el Eufrates hasta el mar Roxo. Vease el Genes: cap. 25. num. 13.

E ¶ As costas odoriferas Sabeas, que a may, &c. - Cercam. Virgilio Georg. 2. Solis est thurea virga Sabaeis. Stacio silv. 1. Odoriferos exhausti flamma Sabaeos. Dize el P. aqui, que fueron rodeado los descubridores la costa de Arabia, q esto vale, odoriferas Sabeas: porq Sabea adónde ay el encenso es Region de la Arabia Felix: i assi el odoriferas Sabeas, son dos epitetos de aquella costa q juntamente le tocan: odorifera, o olorosa por a goma, llamada encienso del olor que se sabe: Sabea, porque la Provincia tiene esse nôbre tomâdo

do del mismo olor. *Cercam*, que ivan rodeando aquellas costas.

¶ Que a many do bello Adonis tanto bonrou. La madre de Adonis es Mirra, convertida en este arbol oloroso por aquellas partes: i assi las honró con ese olor de ese nombre: i alude el P. a ser solemnidad en la Iglesia el encienso, i en las casas de los Príncipes otros olores. Vease más para esto en la est. 12. del c. 2.

¶ Com toda a Arabia felix, &c. Provincia de la mayor Asia, que divide la Judea de Egypto. De llamarla assi ay varias opiniones. Hallareys noticias de tres Arabias, Felix, Petrea, i Deserta. La primera es madre de olores varios, i de otras bondades, i delicias, de que resultó el nombre de Felix: la segunda se llamó Petrea de Petra, lugar suyo antiquísimo: la tercera Desierta de no se habitada. Acudase a los Geografos, i en particular a Plinio lib. 5.

¶ Deyxando a Petrea, e a Deserta. Dize que ivan colteádo essa dichosa Arabia, : que les quedavan atras essotras dos: i todas tres yazen en forma de Peninsula entre los Senos Arabico por el Occidente, i Persico por el Oriente; por el medio dia el Oceano, por el Serentrio la Siria, i el Eufrates. I assi iremos viendo lo mucho que penetraron estos descubridores.

LXIV.

Entrão no estreyto Persico, onde dura da confusa Babelinda a memoria;
e i co' o Tigre, o Eufrates se mestura,
q as fontes onde nascem té por gloria.
Dali vam em demanda da agoa pura,
que causa inda serà de larga historia,
do Indo, pellas ondas do Oceano,
onde nam se atreveo passar Trajano.

ENTRAN en el estrecho Persico, adonde aun dura la memoria de la confusa Babel. Allí se mezcla el Eufrates con el Tigris, ríos que tienen por gloria las fuentes adonde nacen. De allí van en demanda de la pura agua del Indo, q aun será causa de larga historia, por las olas del Oceano, adonde Trajano no se atrevió a passar.

¶ Entram no estreyto Persico, &c. Continua el V. o el Gama, que es el que habla aquí, en nombrar los lugares, i tierras, que fueron viendo los descubridores, desde que se embarcaron en el mar Rojo, i dice que entraren en el estrecho de Persia, i q de allí se encaminavā a salir a la India.

¶ Onde dura da, &c. Quiere decir, que estos descubridores se embarcaron en Babilonia: la qual está a lo ultimo del Seno Persico, adonde ellos avian llegado: esto es en el Cayro, cuyo castillo se fundo, adonde avia sido fundada Babilonia por unos foragidos de la Assiria (según Felipe Pigafeta) como tambien Simiramis fun-

dó a Babel sobre las ruinas de Babilonia en Caidea; i nuestro P. viene a dezir, que en aquella población del Cayro, que sucedió a Babilonia, permanece la memoria de la torre de Babel por el nombre de Babilonia que allí estuvo.

¶ Da confusa Babel. Dize, q sobre el estrecho de Persia, se conserva la memoria de Babel, a q dà este epíteto por la confusión de lenguas q allí resultó de la obra, q iva haciendo aquella gente; cosa notoria. Ay solo de menudencia aquí, q Babel significa lo mismo q confusión, epíteto que el P. le dà i por ventura, que de propósito le quiso

llamar, confusa confusión, que bien lo merece lo que allí pálid. Ver esto sobre la est. 44. Pero el P. habla derechamente de la Ciudad, que fue en la Mesopotamia, metropoli de Caldeos.

¶ Ali co' o Tigre o Eufrates se mestura. Lutano en el lib. 3.

Quaq; caput rapido tollit cum Tigride magnus
Euphrates, &c. Boecio. *Tigris*, & *Euphrates*
uno se fonte resolvūt. Hechos en uno desbocá estros ríos junto a Cargen, pequeña Isla en los confines del estrecho de Persia, con tanta copia, i capacidad, que por buen espacio se navega por el sin verse tierra, hasta q se descubre bién fertil, i bien amena: tales son sus margenes de una, i otra parte. Ver esto en la est. 102. del c. 10.

¶ Que as fontes onde nascem tem por gloria. Dize que estos ríos se glorían de sus fuentes: esto es de sus nacimientos, porque son en el Paraiso terreste; consta de todos los Autores.

¶ De ali vam em demanda da agoa &c. do Indo. Dize, que desde el estrecho Persico fueron buscando el Indo; esto es la India: ya diximos, que solamente el Covillam cō Rabi, son los que hicieron este viaje; en la est. 62.

¶ Que causi inda serà de larga historia. Siendo el Gama quien habla aquí, queda siendo profecía suya esta, de dezir, que la India que el iva buscando, avia de dar motivo a una grā historia: i assi fue, porque el Indo, i sus tierras buscadas de los Portugueses con tanta constancia, fueron causa de los grandes hechos en armas suyos allá; i de lo mucho que sobre ellos tienen escrito todas las naciones que usan escritura: i por dicha que en particular alude el Poeta aquí a la historia bella, i grave de nuestro Juan de Barros, conocida de todos, i venerada. Ver lo dicho en la nota 1. a este Poema sobre el Vaticinio: *Et facta parentis iam legere*. El verso tiene semejante en la est. 71. del c. 10.

¶ Onde nam se atreveo passar Trajano. Dixo el P. en la est. 3. del c. 1. que cantava mayores acciones, que las de Ulises, Eneas, Alexádo, i Trajano. En las est. 86. i 89. del cant. 5. i en la 12. del 8. dà satisfacion por lo que tocava a los tres primeros, aquí la dà por lo que toca a Trajano; mostrando, que aunque el conquistó mucho por el Tigre, i Eufrates, i navegó por aquellos mares Oceano, i Persico, no se atrevió a passar al

al Indico, i los Portugueses si: por tanto mayores hechos canta nueltro Poeta, como propuso. Veanse las estancias citadas por curiosidad: i singularmente la 30. del c. 6.

LXV.

Viram gentes incognitas, e estranhas da India, da Carmania, e Gedrosia;
vēdo varios costumes, varias manhas que cada Regiam produze, e cria.
Mas de vias tam asperas, tamanhas tornarle facilmente nam podia:
lā morreram enfim, e la ficāram;
que à desejada patria nam tornaram.

Viieron incognitas i estrañas gentes de la India, de la Carnania, i Gedrosia, i viendo varias costumbres, i manas, artes varias, que produce i cria cada Region. Però de tan asperos caminos, tan grandes, no se podia bolver facilmente. Allá murieron alfin, i allá quedaron: que no bolvieron a la deseada patria.

¶ Viram gentes incognit. &c. Haze agora el Poeta una breve imagen de la grandeza del hecho destos descubridores, en penetrar por tantas dificultades, viendo variedad de gentes, tierras, usos; i alfin trabajo de tal calidad, que por allá murieron sin poder bolver a la amada naturaleza.

¶ Carmania. Es Region grande de la Asia mayor, entre la Persia, i la India.

¶ Gedrosia. Es Provincia de la Asia: agora se llama Tarce.

¶ Vendo varios costumes, &c. En la estancia 54. del cant. 6. i 47. del 7. 68. 91. i 39. del 10. i en la Cancion 10. de sus Rimas.

Vendo naçōens, lingoagens, e costumes,
Ceos varios, calidades diferentes.
habiendo de si. Las costumbres en tantas tierras son mas varias que las gentes: porque ellas se reduzen a dos, Gentiles, i Moros (digo en lo que es creencia, o Religion) aquellos que siguen los Idolos, estos que creen a Mahonia. Pero los Moros con la sera de este inventor della, i los Gentiles con sus idolatrias, mezclan tantas otras supersticiones, i licencias, que no ay tomar pie en lo que siguen, ni para referirlo. Mas aunque el negocio de la Religion se reduzga entre essa gente a estas dos creencias, no dexan por esto de ser muchas las naciones, i muchos mas los usos; porque aun en una nusina ay variedades: como en Espanha, si fuessemos passando todas sus Regiones, i notando sus habitadores, hallaremos muchos no poco diversos de otros, en trages, lenguas, politica, i estilos; i aun en lo ceremonioso de la Religion.

¶ Manhas. Vale artes, ingenios: i tambien astacias, por ser aquellos barbaros grandes pro-

Tom. 2.

Afessores dellas: i en este sentido dixo el P. Mala maña. en la est. 49.

¶ Mas de vias tam asperas. Asperas por largas, o difficiles.

¶ La morreram enfim, e la ficāram, que à desejada patria nam tornaram. Bonissima imagen de soledad, deseo, ternura, i afeto con los muertos fuera de la patria, i lexos della, imitando a Hom. Ilia. 5. quando haze llorar a Sarpedonte muerto, menos la muerte, que el recibirla fuera de la patria: *Quoniam non futurus sum ego, rediens domum, dilectam in patriam terram:* De q̄ tâbien se acuerda Petrarca, quando en los Triûfos c. 2. de la Fama, dice de algunos Heroes:

Atutti fu crudelmente interdetta

La patria sepoltura. Vease lo que diremos a este fin en la est. 83. del c. 5. adonde murieron estos: i adonde quedaron diximos en la est. 62.

¶ E la ficāram, que a desej. &c. Parecerà, que aviendo dicho el P. que estos murieron en tierra estraña, sobra el dezir, que por allá quedaron, i q̄ no bolvieron a la patria: pero no sobra: porque a lude a la antiguedad, en q̄ muchos muriédo muy apartados de sus patrias, se mandavan llevar a ellas: i aun oy io usan los Grandes (por no usurparlas aquellas reliquias) co mas dificultad q̄ en entonces, en que las cenizas de un cuerpo (porque se quemavan) cabian en la faltriquera, i no hedian: i agora se passa un cadaver hediondo en un desmejorado baul con gran fatiga, como si importara mucho passar tierra de una a otra. Poco se le dió a Diogenes Sínico destos cuidados, mā dando, que muerto el le echassen en el campo abierto: conociendo, que el difunto no necesitava de pompas humanas. Por esto dixo bien un Cavallero Portugues, que preguntado, porque no labrava un buen entierro para si: respondió: *Essas obras mais importam a os que vivem, que aos que morrem:* conociendo, q̄ eran ellas vanidad de los vivientes. i no fue poco que lo confessasse Cavallero Portugues; digo si fuese de algunos que piensan han de oler despues de muertos. Veys otra explicacion al quedarse.

¶ Aa desejada patria nam tornaram. Mira a lo de Virgil. En. 2. *Nec mibi iam patriam antiquam spes ulla videndi.* Que es gran imagen de dolor: pero tengo por más propio el otro lugar del lib. 10. para esto de dezir, que estos embiadados configuraron el llegar a tierras tan remotas, mas no el bolver a la patria: así: *Sed queis fortuna negarat in patriam redditus.* Dudase si el Covillan, uno destos embiadados, era muerto al tiempo que el Gama dice aqui: *Allá murieron:* Lo cierto es q̄:e no: pero en Portugal, como el no aparecía, le contavan por muerto: i esto bastava para dezirlo: pero el Poeta como atento siempre, añadió, i *allá quedaron:* como si dixerá, quādo alguno sea aun vivo, allá se quedó, no bolvió mas a la deseada patria: i esta es la otra explicacion que aí ofrecio.

LXVI.

Parece que guardava o claro céo
a Manoel, e seus merecimentos,
esta empresa tam ardua, que o movèo
a subidos, e illustres movimentos.

Manoel que a Ioanne succedèo
no Reyno, e nos altivos pensamentos,
logo como tomou do Reyno cargo,
tomou mais a cõquista do mar largo.

Parece que el claro cielo guardava para Ma-
nuel, i sus merecimientos esta tan ardua em-
presa, que le movió a movimientos ilu^{tr}res i
subidos: Manuel que sucedió a Juan en el Rey-
no, i en los altivos pensamientos, luego que to-
mó el cargo del, tomó más la conquista del mar
largo.

G Parece que guardava o claro céo a Manoel,
&c. Dice el Poeta, qe aviendo pretendido los
Reyes passados, i principalmente Don Juan Segundo, con tantas diligencias, el descubrimiento
de la India por el Oceano, sin poderlo conseguír,
i aviendolo conseguido el Rey D. Manuel luego
que entró a reynar, parece clara señal de qe Dios
tenía guardado para el esta felicidad. I pondiera
justamente dezir, que tambien el no dar el mis-
mo Dios hijo a Don Juan para heredarle, fue
prevencion por tener señalado a Don Manuel
para ser la felicidad, i las delicias de la patria: lo
qual parece avia conocido el propio Don Juan, quando le dio la empresa de la esfera, porque se
vea lo que diximos en la nota 1. al titulo deste
Poema, explicando aquél lugar de Virgilio: *Tu modo nascenti*, &c. Don Manuel era hijo del In-
fante Don Fernando (hijo segundo del Rey Dó
Duarte) i de Doña Beatriz (hija del Infante Dó
Juan, hijo sexto del Rey Don Juan el Primero)
Duques de Vileo; i el heredero más llegado des-
ta Corona, aviendo muerto sin hijos el Rey Don
Juan el año 1495. Luego trató el Rey Don Ma-
nuel del descubrimiento de la India; i al segun-
do año que fue el de 1497. (como veremos en la
est. 2. del c. 5.) falleció V. ateo de Gama. I no dexa-
remos de añadir a lo que dixo el Poeta de que
Dios señaló para esta empresa a Don Manuel
(siendo el mayor fruto della estarle oy celebrando
el Santissimo Sacramento del altar en los re-
mates del mundo) fer cierto que este Príncipe
nació al punto que en la procesión del Corpus
passava por su puerta el propio Sacramento Sá-
tissimo. Discurra agora el curioso, si le parece, i
vea lo dicho sobre esse lugar de Virgilio en la
nota 1. que aí acabamos de citar. I tampoco pas-
aremos sin ponderar, que Dios acerca de la funda-
cion de su Iglesia en la India, parece aver di-
cho a los Reyes Don Juan Primero, Don Alon-

A so Quinto, i Don Juan Segundo, que la intenta-
ron, lo que dixo a David, que intentó la del Té-
plo en el cap. 8. del lib. 3. de los Reyes: *Verun-
tamen tu non adiſi. abis mihi domum, sed fi ius
tuus.* I esto porque David fue sanguinolento, i
no convenia, que manos llenas de sangre andu-
viessen en el altar sagrado, i assi anduvieron en
esta fabrica las pacificas de Salomón su hijo. De-
ste modo acá parece que convino para fundar la
nueva Iglesia en la Asia, apartar aquellos Reyes
todos guerreros, i introducir la paz suave del
Rey Don Manuel: i se deve creer así, sabiendo
se, que en tiempo del Rey Don Juan el Terce-
ro se sacaron de las carceles muchos criminosos,
juzgados por valientes, con suposicion de que
siendo tan bravos en la patria, serian de mucha
importancia en la guerra de la India; i permi-
tio Dios, que todos estos se embarcasen en una
nave, porque tenia determinado, que tal gen-
te se perdiese sin llegar a la India, como realme-
te se perdieron, sin que nunca se supiese dellos:
señal clara de que no se sirve su divina Magestad
en la cultura de su Iglesia de gente sanguino-
lenta. Destos assi perdidos, me hazen atordar
aqui en Roma muchos que se vienen a ella, solo
para mostrar lo que eran en sus patrias: porque
como el mudar de tierras no es mudar de cos-
tumbres, i vicios, muestran claramente con ellos
lo que les asentó dellos. De manera, que tra-
idos de desventuras a buscar ventura, la buscan
desventuradamente, con insidias, azechanças,
astucias, fingimientos, traiciones, i otros exerce-
cios, que hasta la misma libertad se encogeria pa-
ra relatarlos. A esta estancia se seguia en el ma-
nuscripto estorrra que el P. condonó.

Nam foy sem justa e grande causa eleysto;

para o sublime trono, e governança,

este de cujo illustre, e forte peyto

depende bñā grandissima esperanza.

Pois nam avendo berdayro maes aireyto

no Reyno, e maes por esta confiança,

Ioanne o efeolheo, que só o berdasse,

nam tendo filho berdayro que reynasse.

Hizo bien el Poeta en quitar esa estancia, por-
que no era menester dar estas cuentas tan men-
das, i porque estavan dadas en ella floxamente.

¶ *Nam foy*, &c. Parece que en dezir que Dó
Manuel fue electo Rey misteriosamente, atiende
a su nacimiento, que fue de la manera que vimos
en las notas al titulo del Poema sobre el verso
de Virgilio: *Tu modo nascenti* &c.

¶ *De cujo peyto depende bñā grandissima es-
peranza.* Dizele, o por la esperanza que ie tenía
del Rey Dó. Manuel en el governo; o porque
del procedio el Rey Don Sebastian, a quien el
Poet ya en la estancis 6. del canto 1. trata con
este modo: *Certissima esperanca:* i esta es mejor
explicacion, aunque ieza en profecia; porque el
Gama está aqui hablando en via de Don Ma-
nuel.

¶ *Nam*

¶ Nam avendo herd. &c. Dize, que por no aver otro heredero más llegado, nombró el Rey Don Iuan el Segundo a Don Manuel para sucederle. Lo cierto es, que Don Iuan deseo, i hizo mucho porque le sucediesse su hijo natural Don Jorge, i despues que vió la imposibilidad, nombró a Don Manuel, porque no podia hazer menos, que era el heredero legitimo.

¶ E raes por esta confiança Por aquella que diximos arriba, de que todos fiavan de lo que vian de acciones en Don Manuel, que era proprio para Rey: i el Rey D. Iuan era el que lo conocia mejor, i le agradava mucho.

LXVII.

O qual, como do nobre pensamento daquelle obrigaçam, que lhe ficara de seus antepassados (cujo intento foy siempre acrecentar a terra cara) nam dey xàsse de ser hum só mométo conquistado; No tépo que a luz clara foge, e as estrelas nitidas que saem a repouso convidam quando caem:

E L qual, como del noble pensamiento de aque lla obligació que le avia quedado de sus padres (cuyo intento fue siempre acrecentar la cara tierra) no dexasse un solo momento de ser conquistado: en el tiempo que huye la clara luz, i las nitidas estrellas que salen, convidan a reposo quando caen: Corre en effotra estancia la sentencia.

¶ O qual, &c. Esta estancia, i la que se sigue, son una e auscia: contienen, que D. Manuel combatido cada momento de deseos, i pensamientos de aumentar su Corona, a iniciacion de sus antecesores, soñava con ello, i en ello a todas horas. I describe el tiempo, i lugar del sueño.

¶ Daquelle obrigaçam que lhe ficara de seus antepas. &c. Barros Decad. 1. lib. 4. cap. 1. hablando del propio Rey en esta accion: Aquella obrigaçam de seus passados, &c Los quales avia 75 años que trabajavan en este descubrimiento, quando el Rey Don Manuel embio al Gama.

¶ No tempo que a luz clara fige, e as estrelas nitidas, que saem, a repouso convidam quando caem. Ay gran batalla sobre el entendimiento de este lugar, que se hizo dificil a muchos. Desde luego afirmo, que quiere en el decir nuestro Poeta, que era esto entre la media noche, i la mañana: antes mas llegado a esta, que a aquella. Mustrarelo claramente, despriendiendo algun tiempo en esto, por satisfacer a los curiosos. El lugar es a iniciacion de aquel de Virgil. En. 2.

— Et iam nix humida celo
Tomo 2.

A *Praecipitat, suadentq; cadentia sydera somnos.*
Es menester dezir primero, lo que quiere decir Virgilio, i luego se vera lo que dixo nuestro Poeta. Dize, pues, que la noche iva cayendo del cielo, i que las estrelas cayendo tambien, provocaban a sueño. Las estrellas es verdad que no caen, porque son fixas, i estan; i por esto se llaman *stellas*: Ni Virgilio dice que caen en ese sentido, ni Camoens tampoco, como creen algunos, pensando que habla de ciertas llamas, que a veces parece corren por el ayre, i muchos imaginan ser estrellas realmente. El cielo(dice Virgilio) despeña la noche; esto es, que la va echando de nuestro emisferio, porque va rodando, i trayendo la mañana. Lucano lib. 1.

— *Sicut cœlestia semper
Inconclusa suo volvuntur sydera lapsu.*

Ercilla canto 20.

*Ta el presuroso cielo volteado
en el mar las estrelas trastornava.*

No caen estas, pero van las llevando los cielos, que son llevados del primer mobil: (Vease sobre esto lo dicho en la estancia 22. del canto 3. i q se dirá en la 86 del 10.) o para mejor decir, las mas de las estrellas tienen su ocaso en el nacer del Sol: i su nacimiento en el ocaso del mismo Sol: i estos nacimientos, i oscasos de ellas, se llaman, en terminos Astrologicos, Heliaco, Cosmico, i Cronico. I como apuntando el Sol en Oriente, las estrellas pierden de luz, i se idez de ellas, que caen, como se dice del Sol, quando empieza a declinar del medio dia, que va cayendo. El propio Virgilio lib. 4. *Oceanis finem iuxta, Solemque cadentem.* Seneca en Agm. ac. 3. *Nitidum cadentis inquinat Phœbi iubar.* Haze bien a este lugar de Virgilio, i explicacion que seguimos, este de Sanaz en el lib. 2. de par. Virgin. al describir la hora del parto.

Atque olli interea revoluto sydere felix

Hora propinquabat. Dize la hora a que nacio Christo, i Christo no nacio sino despues de media noche, i por esto despues de ella se celebra en la Iglesia su Nacimiento; i la Resurrecion que le corresponde, tambien se despues de media noche. Del propio lugar de Virgilio consta, que la mañana se llegava: porque estando Eneas ceniando con Dido, i yendose acabando la noche en la grandeza del combate, i pidiendo a Dido al fin del, que le contasse las costas de Troya, el a esta advertencia de que la noche iva cayendo, dicho por aquellos terminos, añade:

*Sed si tantus amor casus cognoscere nostros,
Et breviter Troia se premit audire laborens*
Incipiam. I esto quiere decir, con esto; La noche va se acabando; el sueño carga; todo encuentra el tener mas piaticas: mas pues vos, señora, estais con tanto deseo de oir nuestros suscitos, fuerza es que empieza a referir. es. A no ser esto asi, no tuviera propósito alguno el

Mm 3 def.

describir Eneas el tiempo de la noche para Dido, que sabia que estava en ella, i en el : el Poeta lo huiviera de hazer para los ietores; i esto ya lo avia hecho en el lib. 1. diciendo : *& noctem flaminis, &c.* I ainsi esto aci no fue describir Eneas el tiempo, sino advertirla por aquellos termos, que era tarde, i que ella le mandava referir cosas prolixas, i que pedian mas tiempo, que el que restava de la noche a la mañana; si era que avian de dormir. Yo siempre he tenido escrupulo de si Eneas anduvio con el respeto devido a una Reyna, i dama, en oponerse con esta causa, o advertencia a su deseo : pero ha escrupulo c en, que a no ser ya muy cerca de la mañana, no se huvi ra Eneas, en el juicio de Virgilio, mostrando dormilon, ya que no se mostrase respetoso ; por ventura por desengañarla con esto, de que en calidades no era menor que ella, aunque peregrino, i casi abandonado de la Fortuna : que a la verdad antes de la media noche, i en tiempo que ellas se gastavan en esplendidas cenas, i conversaciones, dura cosa fuera, que Eneas suspirara por el reclinatorio; i mas siendo huesped, i como digo de Reyna, i Dama, que siempre presumen que los desvelos por ellas son descansos. De manera, que claramente dice Eneas, que la noche iva cayendo (esto es acabandose) quando el comenzò su relacion. Sin dila esto està vencido : i sin duda esto mismo dice mi Poeta que sucedia, quando el Rey Don Meluel fue arrebatado del sueño que luego veremos : diciendo : *As estrelas a repouso convidam quando caem.* Parece que acrecentò la duda, el aver dicho antes : *No tempo que a luz clara foge, e as estrelas nitidas que saem,* &c. Pero esto es, que le parecio al Poeta delciruir tres tiempos. *No tempo que a luz clara foge :* es puesto el Sol : *E as estrelas que saem :* es apoderada la noche del hemisferio. *A repouso convidam quando caem :* es alli casi cerca del amanecer. I pretendio mostrar, que el Rey en todo tiempo estaba con aquel cuidado, principalmente de noche ; en conformidad de lo que dixo antes : *No deixava un solo momento de ser conquistado de la memoria deste descubrimiento.* I en la estancia siguiente : *Revolviendo contino en el conceto :* I por esto entra ella dizien lo, que le echo en la cama, i despues estuvo discutiendo la primera, segunda, i tercera parte de la noche ; i vencido del sueño, s'ñò con lo mismo que lidiava despertado. Aqui parece ha embaracado algo al entendimieto, ci decir : *Las estrelas que salen,* &c. quando caen : i dixolo el Poeta con Dante, que imitando el mismo lugar de Virgilio, añadió, que salen : En el canto 7. del infierno : *Gia ognii stella cade che saliva.* I aun nuestro Poeta o mejor, diciendo el, que salen, antes de decir, que caian. Si no es que quiso Dante que le comituyersemos, diciendo : *Gia ognistell-*

A la che saliva cade : aviendole el consonante obligado a trastornar la orden : cosa fiquiente en Poetas, i ral vez irremediable. Pero que el tiempo deste sueno fuese alli bien tarde, como dimos, Dante en el canto 26. del infierno muestra, no solo esto, sino que aquella hora es mas llega la a la mañana, i no solo esto, si no que los suenos del sueno de aquel tiempo (conforme a los Poetas, no sin opinion de los Filosofos) son verdaderos. Orcio lib. 1. sat. 10.

Post mediam noctem visus etiam somnia vera.

Ovid. epist.de Ero.

*Namq; sub Aurora, iam dormitante lucerna
Tempore quo cerni somnia vera solent.*

B Dante ii. f. 26. *Ma se pressò al matin del ver si fogna,* &c. I fingiendo este doctissimo Poeta quattro suenos, uno en este lugar ; i los otros en el 9. 19 i 27. del Purg. muestra que todos fueron en aquel a hora mas llegada a la mañana. Ariosto est. 52. del c. 1. de los cinco.

La Aurora, &c.

A lhor che i sogni menson fabulosi,

E nascer veritate se ne a spetta.

C I de muchos lugares de las ietras humanas nos consta, que los que en el Oriente exercitavan la chiromancia en el tiempo antiguo, era a esta hora. Petrarca tambien siguio esta doctrina en el son. : 6.

Gia fiam meg giava l'amorosa stell'a.

Per l'Oriente, &c. Quando miù speme, &c.

Che il sonno tenea chiusa, &c.

Suñando con Laura la verdad de su mejoria estando enferma, i siendo el sueno por la mañana : i en el sonet. 300. dice, que no quiere que ella le aparezca a consolarlo, sino en aquella hora, teniendo por verdaderos los suenos en ella.

O che dolce accoglienze, e casti, e pie,

E come intentamente ascolta, e nota

La lunga historiæ de le penne mie !

Poi che il di chiaro par che la percuota,

Tornase al ciel, &c.

Nuestro antiguo i misterioso Mingo Revulgo cop. 24.

To sñiè esti trasnochada,

de que esti y estremuloso,

que ni roso ni veloso

quedará de sta vegada.

E Soñando en la ultima parte de la noche (esto es, trasnochada) lo que salio cierto. B. Tasso Amad. c. 10.

— *Ciò che sognato ha vea*

Fra i primi a bori e l'apparir del giorno.

I por todo esto, i otras noticias, haze el Poeta en la Eleg. 4. de sus Rim. soñara Pedro de Magallanes junto a la mañana otra cosa que salio cierta, i dice.

*Tendo nisto ocupada a fantasia
Lhe sobrevoo bum sonho repousado
Antes que o Sol abrisse o claro dia.*

I aqui

I aquia Don Manuel soñando a tal hora un co-
sa que salio tan verdadera. Assi ya en las est. 50.
i 64. del c. 2. i despues en la 51. del 8. en suenos
verdaderos. Veanse , por no repetir las cosas. I
que fuese a essa hora , consta del mismo Poeta
asfin deste sueño, est. 75. diciendo : *Acorda Ma-
nuel, &c.* i luego describiendo el tiempo en que
despertò.

Eftendeo niffo Febo o claro manto

Veyo a marbam no ceo pintando as cores.

I casi todos los lugares que arriba quedan, i con
singularidad el de B. Tasso , muestran claramen-
te, que es la hora destos sueños , no solo entre la
media noche, i la mañana, sino entre el crepusculo
i el salir del Sol; o en el crepusculo.

Los que quisieren apretar mucho contra este
nuestro sentido, nunca podran hazer que esta ho-
ra no sea bien despues de media noche; i en sien-
do asi, ya las estrellas caen , i se acerca la mañana. En el lib. 5. de Virgilio con semejante oca-
sion està aquel lugar que embarsçó los expo-
sidores. — *Torquet medios nox humida cursus*
Et me favus equis Oriens afflavit anhelis.

Es media nocte(dize) i el Sol desde el Oriente me

toca. Pues como es tocado del Sol a la media no-
che? Oygamos. El Sol desde que cae del medio
dia, empieza a ponerse : i las estrellas desde que
caen de la media noche. Los dias se cuentan en
diferentes naciones de diferentes maneras. Los
Egipcios desde el trasmontar del Sol; los Per-
fas desle que se levanta; los Romanos solian cō-
tar desde la media noche; assi cuentan los Espan-
oles; i por esto vulgarmente se dice son las tres,
o son las quatro de la mañana; no siendo de ordi-
nario mañana a las quatro , quanto i mas a las
tres. Esto es , porque ella se comienza a contar

despues de la media noche. En Roma avia ley,
que los Tribunos no pudiesen estar fuera de no-
che: però despues de media noche podian estar
fuera, contando ya por dia aquella ultima parte.
De manera, que de todo cõsta, que la hora a que
soñò el Rey Don Manuel, i refiriò Eneas sus co-
sas, era llegado a la mañana, i a lo menos, ya mu-
cho despues de media noche. Tenemos para es-
to un buen lugar de la Escritura, con que junta-
miente descubriremos el yerro general de los que
dizen, que el gallo canta a media noche, no sien-
do sino despues della, al mismo punto en q Vir-
giliano dice: *Et me favus equis Oriens afflavit an-
helis:* Porque la razon de cantar el gallo, es aver

sentido ya subir el Sol por el Oriente, opuesto a
la cigarra, que ordinariamente dexa el canto des-
de que le siete baxar al Ocaso. El lugar es de Sá-
Marc. en el cap. 13. *Vigilate ergo, nescitis enim,*
quando Dominus veniat, sero, an media nocte, an
galli cantu. Veys aparece claro, que el gallo no
canta a la media noche , sino entre ella, i la mañana; i que antes de la mañana, i despues de me-
dia noche se empieza a contar el dia. Otro lu-

Tomo 2.

A gar de San Math. cap. 26. *Antequam gallus cā-
tet, ter me negabis.* I todos tienen , que S. n Pe-
dro negò a Christo a la media noche. Luego bi-
se sigue ; pues Pedro le negò a la media noche ,
i Christo dixo , que le avia de negar antes que
cantasse el gallo , que el gallo canta despues de
media noche. I està claro ; porque en el tiempo
de falta de luz , no solo de espíritu , sino aun del
dia , era más de esperar el cometerse tan oscuro
yerro , como el de negar a Christo ; i por esto
olviendo ya la luz, lo conciò San Pedro. Allí
mismo despues de referir el como negò , dice
luego : *At continuo gallus cantavit, & recorda-
tus est Petrus, &c.* Restituido de luz , que ya
olvia cantando el gallo, conocid la culpa , i llo-
rò. I en todos los Autores que reparten la no-
che , se halla esta cuenta que sigue Macrobio en
el 1. de los Saturn. diciendo sobre quel lugar
de Virgilio : *Torquet, &c.* que aì diximos , as-
si : *Primum tempus diei dicitur media noctis in-
clinatio: deinde gallicinum: inde conticinum,*
cum & galli conticescunt; & homines etiam tum
quiescunt: deinde diluculum, id est cum incipit
dignosci dies: inde mane, diem dies clarus. Ma-
rviloso lugar para concluir las tres cosas que pre-
tendemos : una , que San Pedro negò a Christo
entre la media noche , i el canto del gallo , pues
este canto es la segunda parte della desde su mi-
tad : otra , que el gallo no canti a media noche:
i otra , que el Rey soñò entre el gallicinio , i el
romper de la mañana, que es el conticinio: quâ-
do todo està en mas dulce sueño , tum quiescunt:
i esto es en Virgilio : *Suadentque cadentia sylla-
ra somnos.* I en Camoens : *A reposo convidam*
quando caem. Tal es la atencion , etiatio , i
ciencia con que escriviò este Poeta : i el propio
(conforme a nuestra costumbre de provar con el
lo que del dezimos) es quien ha de reconciliar
estas dudas, con lo que dice en la estancia 75. *ef-
tendeo niffo, &c.* describiendo el tiempo en que
el Rey despertò. Vease: i con lo del cant. 2. por-
que en la estancia 56. finge , que Jupiter man-
dò a Mercurio , que en suenos avisasse al Gama
de su peligro, i de su remedio ; i en a 60. descri-
biendo el tiempo en que le aparecio , dice clara-
mente , que era despues de media noche , i des-
pues que las estrellas avian alumbrado el mun-
do , que es no alumbratle ya , i aver comenzado
a caer de luz por la vezindad de la mañana. Vea-
se ; i con esto queda esto en paz ; i mostrado , que
el Poeta con gran erudicion , i providencia fin-
giò este sueño a esta hora. De todo , pues , sin
escrupulo se sigue , que el Rey soñò mas llega-
do a la mañana , que a la media noche , por ser
esta hora mas propia de suenos misteriosos , co-
mo esse se supone : i que salen verdaderos , co-
mo salio este. I lo porque se dice , que los de a-
quella hora lo son, es porque entonces estan los
espíritus mas purgados , i elevados , i menos

Mm 4

suge-

sugetos a los vapores del estomago; como disen muchos Filosofos, i con alguna singularidad el Moro Abulhasan Benilhocaini en sus prados de oro, part. 2. cap. 3. que tengo manuscrito; diziédo, que el sueño de la alma assi purgada, no es otra cosa, que una ocubacion suya en investigar lo oculto, apartandose totalmente de lo extrinseco: sobre que discurre docta i largamente. Tambien se nos avia de llegar la hora de alegar con un manuscrito, i de Autor con nombre bullicioso, ya que hemos notado en algunos grandes alegadores, el remoçarse con semejantes alegaciones, que piensan ellos les dexa colocados en grā fama: i si ella lo es, quiero lograrla toda con deixar aqui redo el nombre de este Autor, que es asi: Abulhasan Alibenilhocayni Binaly Abinabdala Almaçudid. Por cierto, que bien vale este por media docena de los ruidosos. Ya me entienden los citantes: i boviendo a los sueños, digo, que (porque no me cojan en palabras) el creer en ellos es vanidad, i error; i adelante est. 76. diré el lugar que pudo tener el credito que el Poeta supone te dio a este, i los motivos que tuvo para fingirlo: para que se vea el cuidado con que en todo lo q̄ le avia menester escribió este valiente espíritu; para desengañarnos, que adonde parece huvo descuido, fue juzgar, que no necesitava de mayor cuidado.

¶ Aliuz foge. Virgil. 3. Stellis Aurora fugatis.

LXVIII.

Estando já deytado no aureo leyto,
onde imaginaçōes mais certas sam;
revolvendo contino no conceyto
de seu efficio, e sangue a cbrigaçam;
Os o.hos lhe ocupou o sono aceyto,
sem lhe desocupar o coraçam:
porque tanto que lasso se adormece,
Morfco em varias formas lhe aparece.

E stando ya acostado en el aureo lecho, adonde son más ciertas las imaginaciones, revolviendo continuamente en el concepto la obligación de su oficio, i sangre: ocupóle los ojos el acento sueño, sin desocuparle el corazón. Porque luego que se adormece lasso, le aparece Morfeo en varias formas.

¶ Estando ja deytado, &c. Estando ya acostado el Rey Don Manuel comenzó a soñar.

¶ No aurec leyto. Assi brevemente describió, como Maestro, a riqueza de la cama Real.

¶ Onde imaginaçōes mais certas sam. Que cosa tan cierra! En dos maneras le aveys de entender: corriente, i moral: Aquella, porque entrando una persona en la cama, allí es la multitud de imaginaciones, i revolver, i bolat de pensamientos, aun en quien menos cuidados tiene de

A dia: ayuda mucho a esto la falta de luz: por esto de los ciegos se dice, que son muy fertiles de fantasias. Ella porque quien duerme en camas decoradas, i ricas, ordinariamente duerme con poco solliego, porque tiene mas en que entender, i mas altos cuidados, i obligaciones, al reves de los pobres. Para esto ay mucha erudicion, que yo renuncio en otros Comentadores, contentándome con solo Seneca en Oeta.

Cepes tyrio mollior ofro
Solet impavidos ducere somnos;
Aurea rumpunt tecta quietem
Vigilesq; trahit purpura noctes.

B ¶ Rebolvendo, &c. Assi en la est. 83. del c. 8. i en la 19. 121. del 9. Es aquí el pensamiento tomado de Virgil, quando Eneas en la cama tambien assi fantasiava, lib. 1. At p̄ius Eneas per non plurima volvens, &c. I mejor del 3. Tum genitor veterum volvens monumenta virorum, &c. Barros Dec. 1. lib. 7. cap. 3. hablano del Rey de Coch: Revolvendo estas cosas em seu animo. Vease más a este propósito sobre la estac. 86. del c. 8.

C ¶ De seu officio e sanguis a obrigaçam. La obligación de su nacimiento, i de su cargo espoleava a D. Manuel para intentar cosas grandes: del nacimiento (esta es la sangre) porque siendo hijo i descendiente de los Reyes de Portugal, padres de tantas obras heroicas, era menester parecerse en ellas a ellos: del cargo (este es el oficio) porque la obligación de un buen Rey es conservar, i aumentar su Reyno. I el no persar los que nacen altamente en imitar a sus mayores; i los que nacen humildemente, en no imitarlos, es causa de caer unos, i no subir otros. I así advierte el Poeta, que el Rey D. Manuel cumplía con su obligación, si n̄ando como cumplía con ella: al reyez de los que ni por sueños se acuerdā de que ay honra. Del llamar oficio al cargo de Rey, se vea lo dicho en la est. 84. del c. 2.

¶ Os olbos lhe occupou o sono aceyto. El aceto aqui vale, admitido, i agradable: El ocupó es frase del Maestro en el 4. de la Georg. con el mismo pensamiento, i ocasión.

Post i. bi iam thalamis se composuere, filetur
In ne etiam fffsq; sopor suis uici, iat artus.
otra vez usada en la est. 65. del c. 7.

E ¶ Sem lhe desocupar o coraçam. Tambien pidiéra de zir sin ocuparle el corazón: porque el concero suena a: quello de, Ego dormio, & cor mei in vigiliat: I este es ejercicio piecio de Rey bueno, cuyos sentidos interiores no deven dormir. Però viene a ser lo mismo, i quiere decir, que el sueño no echó del corazón del Rey aquellos crydados de que estaba lleno, para ocuparle en lugar dellos. Podremos decir, que el Poeta haze al Rey D. Manuel con la memoria de la India, como Virgil. 4. a Dido con la de Eneas: Ne placidam membris dat cura quietem: Però la introducción del Diccionario del sueño, apareciendo a Rey

Rey en las formas que describe en esas 4. estâncias, es imitando a Virgilio lib. 5. quâdo el mismo Somno, o Morfeo aparecio a Palinuro.

*Cù levis aetherijs delassus somnus ab astris, &c.
Tempora, cùndi antiquæ natantia lumina sorvit.*

¶ Porque tanto que lessó se adormece. Anácreonte.

Et corpus omne somnos

Fessum labore carpit.

Virgilio alli : *Vix primos inopis quies laxaverat artus.* Lucano po. Pompeo lib. 3.

In aëre seporifero cesserunt languida somno

Membra ducis, t'balamoque aureo, &c. I sigue se allâ otro sueño lemejante : i palabras conocidas usadas aquí, como el aureo leyto , muestran q anduvo nuestro Poeta allí al escribir esto. Vease lo que truximos sobre el otro sueño en la est. 60. del cant. 2.

¶ En varias formas. El Policiano en las estanc. al de Medicis canto 1. *De i'sogni negri con diuersi forme.* Morfeo es un personage muy conocido : i así dexando a mis vecinos el gastar sobre esto una plana, i aviendo dicho quales fuesen esas formas , digamos con Macrobio sobre el el sueño de Scipion , lib. 1. capit. 3. que las imágenes que se presentan a quien duerme , son en cinco maneras : tres ciertas ; dos falsas. Las primeras Sueño, Vision , i Oraculo ; i estas tres se ven en este sueño del Rey por estas est. Soñó el Rey. Vio en sueños estos viajes i Provincias. Ovò su profecia. Las dos falsas son Insomnio, i Fantasía , que ordinariamente proceden del mantenimiento demasiado , o de humor colérico. El somnio , o sueño, es quando se sueñan cosas ciertas , mas que sin interprete no se entienden, como sucedio a Faraon, que buscó a Joseph para que le declarasse aquél sabido sueño de Vacas, i Espigas. Este se divide en cinco partes: primera: sueño propio, que es soñar que haze , o sufre alguna cosa: segunda; ageno, que es soñar que otro la haze, o padece: tercera, comun, que es soñar hazerla, o padecerla con orro: cuarta , publico, que es soñar algun acontecimiento en la Republica: quinta, general, que es soñar que se invó algo en el cielo, o elementos. Oraculo es, quâdo el que duerme es avisado de alguna persona grave, o santa, para que intente alguna cosa, o la execute, como tiene sucedido muchas veces, segun consta de las letras sagradas: i tambien la hora de los tales sueños , que se conforman con la dese, en que no determino detenerme, diciendo solo , que el Poeta muestra que su intento fue hazer desta calidad este sueño , declarando en la estanc. 75. que era santo el viejo que en el habló al Rey. Vision , es quando se vè en sueños lo que despues se vè despierto , como sucede cada dia. En este sueño del Rey ay destas tres especies, como ya diximos : i porque una dellas es la del Oraculo, q necesita de interprete, supone el Poeta que el Rey propuso (en la est. 76.) el sueño a

A sus ministros, i que como el era verdadero, i misterioso, se dispuso la expedicion, i se executo , i tuvo efecto. Finalmente es tan hija de grande espíritu poeítico, i furor divino, la invencion deste sueño del Rey, i la descripción del en en esas mórtuas, i selvas que se siguen , i los dos ríos que representan los ríos Indo i Ganges, i lo que esto habla , i la armonia i correspondencia que ay en lo hablado i escrito, que pudiere muy bien solo esto acreditar un ingenio de eruditio, cultivado, poetico , i soberano. Id á balante motivo a escribir mucho, si yo fuera gran hablador. Solo afirmo, que aviendo el Poeta imitado en este sueño el de Eneas , quando le apareció el T. bre al princip. del lib. 8. se quedó superior con grã distânciâ: juzguelo qui en lo sepa juzgar.

LXIX.

Aqui se le apresenta que subia tam alto que tocava a prima esfera: donde diante varios mundos via, naçoes de muyta gente estranha, e fera: E lá bem junto donde nasce o dia, despois que os olhos longos e fôedera, Cvio de antiguos, lôginquos, e altos mó nascerâ duas claras, e altas fontes. (tes

A Qui se le representa q subia tan alto , que tocava la esfera prima : de donde via delante varios mundos , i naciones de mucha gente estrâna i fiera. I ahi bien junto adonde nace el dia, despues que esplendió bien los dilatados ojos, vio nacer dos claras i altas fuentes de antiguos, apartados, i altos montes.

D Iva subiendo por los ayres, tanto que tocava en el concavo de la Luna (eso es a prima esfera.) i que desde allâ via nuevos mundos, i varias gentes: i en lo mas remoto rebentavan de unos móntes altos dos fuentes claras , i altas ; esto es famosas.

¶ Que subia tam alto, &c. Este soñar que iba por el ayre es de Dido En. 4.
*Semper longam incomitata uidetur ire viam,
Et Tyrios deserta querere terra, &c.*

¶ Tocava a prima esfera, &c. Fue menester q el Poeta (i hizolo con providencia) dixesse aqui, que el Rey avia subido tan alto , que tocava en el concavo de la Luna: por dos razones:una, que sin subir muy alto no podia ver, ni era verisimil, que hubiese visto las tierras Orientales, que tanto distan de las nuestras: otra, que siendo el Poeta de parecer , que el Paraíso terrestre está en esas partes , como veremos en la est. siguiente , i creyendo algunos que el está en un monte altissimo , que tambien c. si toca el cielo de la Luna (o en ella misma, segû Virgilio , si el se ha de entender por los cãpos Elisiós) i a lo menos crey-

ron otros que estuvo en el de Ceilan, que tiene A siete leguas de alto, fue menester singir, q el Rey subió tanto para que no quedasse sin ver la superficie del sitio más singular destas tierras, i animarse por esto mas a su conquista.

G Varios mundos. Supone que vió las quatro partes del mundo, i principalmente las que aun no están, o estavan conocidas.

¶ Via naçõ's de muita gente estranha, e fera
G.c. Mena cop. 34 en temejanter vision.

*Ivi contra mi venir al encuentro
bestias, i gértes de estranha manera,
i monstros, i formas singuidis, i veras.*

El Tassò Liber. c. 6 est. 6 i. *T ante nationi indomite,* e si fiere, G.c. Parte de no toca a la estancia siguiente. Vease.

¶ D onde nasce o dia. Verso de la estac. 27. del canto 1.

¶ Os olhos longos. Bueno para aço de soñar, i decir, que los ojos se dilataron por aquella longitud, llamarles dilatados, esto es longos.

G Lögintos, e altos montes. Lögintos por distantes; altos, porque son tales aquellos de que nacen esas dos fuentes. Vease la cu. 30. del c. 7.

¶ Duas cluras, e altas fontes. Luego veremos en la est. 74. que fuentes eran estas. Ercilla c. 17. imitó esto suyo en que se finge arrebatado de Belona a un monte muy alto; i desde allá dice, como nuestro Poeta aquí, que descubria mucho mundo: así.

*Meparecia estar cerca del cielo
de adonde con la vista descubria
la grande redondez, G.c.*

LXX.

Aves agrestes, feras, e alimarias
pello monte selvatico habitavam;
mil arvores silvestres, e ervas varias
o passo, e o trato ás gentes atalhavam.
Estas duras montanhas adversarias
de mais cōversaçam, por si mostravam
q desq Adão peccou aos nossos annos
nam as róperam nunca pes humanos.

Por el selvatico monte habitavan aves agrestes, fieras, i alimarias. Mil silvestres arboles, i E varias yervas atajavan el passo, i trato a las gértes. Estas duras montañas adversarias de más conversacion, mostravan por si, que jamás las rompieron humanos pies, desde que pecó Adán a nuestros años.

¶ Aves agrestes, fer. G.c. Dize lo que el Rey desde aquella altura en que se hallava via por esas tierras que descubria: i eran montañas asperissimas, intratables, incurvas, i hor: i las, llenas de bestias fieras, indomitas, i que no adi. iian otra conuersacion, o trato humano.

¶ Aves agrestes: Así lo dixo canto 3.e. 1 6.

¶ Alimerias. No es palabra agena de la tribanidad, aunque sea comun en los montes: i con esto es grande, i significativa: usó della el Poeta algunas veces, i todas felizmente: cant. 5.est. 2 i. i en el 7.est. 12. Vale lo que en Latin *armamentum*: ganado grande, i en Castellano, *alimaria*, quando se usava. El pintar en esas selvas estos animales en esa ocasion creemos füe por imitar a Virgil. en la que el Tíbre dice a Eneas, que hallará otros entre otros arboles.

*Litoreis ingens inventa sub ilicibus sus
Triginta capitum foetus innixa iacebit.*

B La Iuan de Mena cop. 34. *E vi contra mi, G.c.* Bestias, G.c. En esto tra est. queda esta.

¶ Pello monte selvatico, G.c. Cada verso desta estancia era bastante a hazer imagé de una aspereza horrida, qual el Poeta la pretendió describir: i todos juntos estan poniendo a los ojos una horrendissima selva en densitud de arboles, fuerza de animales, i falta total de trato humano. Leanse con esta ponderacion.

¶ Adversarias de mais conversaçam. Quiere decir, que las montañas que via, de puro horridas no sufrian otra conversació, que la de sus fieras de que eran habitadas: esto es, que no podian ser penetradas de hombres.

¶ Desde que Adam peccou, G.c. Supone el P. que por aquellas partes fue el Paraíso terrenal, i habitació primera de nuestros primeros padres: porque dice, que desde que ellos pecaron, nunca más aquella tierra fue pisada de pies de hóbres; i assi dà a entender, que lo fue de los suyos mientras no pecaron. por ser cierto que luego que offendieron a Dios fueron echados de allí; i tras esto es de creer, que la tierra i sitio que antes era todo regalos i delicias, se bolveria en esas asperezas por permission divina, siendo su costumbre castigar ann las mismas tierras, i cosas en que le offendieron gravemente: i de aí se infiere, que el lugar del Paraíso se perdió co el diluvio, como todos, contra la opinion de algunos, que sustentan averle reservado Dios. Remito los curiosos al libro docto, i vatio, que tiene escrito el Licenciado Antonio de Leon, Relator del Consejo de Indias, que intitula, Comentario del Paraíso en el nuevo mundo, que sin duda hallaran en el para esto, i para otras materias todo lo que pueden desechar: aunque el sitio que de nuevo ie dà, no es el que sirve a mi intento, i de mi Poeta aqui, i en la estanc. 2 i. del canto 9. para donde es menester, que nos quede en la memoria este lugar, i lo que sobre el diximos. El es imitado, en estilo, de Petrarca son. 149. *Nō fur mai dal di che Adamo, G.c.* B. Tassò Amad. c. 1 3. *Dal di che in prima gli occbi apersé Adamo.*

¶ Nam as romperàm nunca pès humanos. Homen en el Hymno de Apolo, assi, pintando la in cultura de Thebas: *Non don enim aliquis habitat mortalium sacra in Theba: neq; igitur adamus erant semita, nec via.* Petrarca son. 28. *Dod* ve

ve vestigio humana la arena stampi. El Alamani en su cultura, lib. 5.
 D' un folissimo bosco ove non pare
 Che già mai piede humano orma stampasse.
 Ariosto canto 2. Dove ne segno di vestigia humana. B. Tasso Florid. c. 9.

— Ove di humana
 Pianta vestigio in quello non appare.
 El Tansilo soneto. Sel' orme, &c.
 — Contrade ignote.

Che a pieds humano unqua non diedervia.
 El Parabolico cant. 15.
 Qui che mai fuisse humana criatura
 Vestigio non appare, &c.
 Garcilaso Eglog. 3.

I de otra el monte de asperezza fiera,
 Pisado tarde; o nunca de pie humano,
 Ercilla canto 23.

— Espeñisima montaña
 pocas veces de humano pie pisada.

No averiguamos si lo tomaron todos de aquel lugar de Homeero ya traído arriba, si desde de Virgilio, Georg. 3. Saltusque sequamur intactos: ni tampoco de qual de todos estos Autores lo pudo tomar nuestro Poeta, porque ni esto importa, ni es posible, assi en este, como en infinitos lugares siendo cierto que los dixo, atrimandose a los que lo dixeran. Esto quanto a la imitacion, para describir lo horrido, i inculto de unas montañas; pero q"nto al verdadero sentimiento suyo: por esas fieras, i selvas asperas, i montes invenables, dà a entender los muchos vicios, gentilidades, idolatrias, brutezas, ignorancias, i ceguedades de que aquellas tierras de la Asia estavan llenas, a imitacion de Virgilio, que lo propio entendió por ese genero de selvas, quando dixo. *Tenent media omnia silva*: que imitó Dante a la entrada de su figurado, i divino Poem, diciendo assi:

Esta silva selvaggia, & aspra, & forte
 Che nel pensier rinnova la paura.

I al fin dei canto 2. Entrai per lo camin alto et silvestro, &c. Juan de Mena en su coronacion, cop. 2.

Al tiempo que me ballava
 en una selva muy brava
 de bosques Thessalianos,
 ignotos a los humanos,
 yo que solo caminava.

No se entiende por todo esto otra cosa, que la morada de los vicios, como allí declaran todos los expositores. I assi singe nuestro Poeta esta tierra incultissima, como si dixerá: Falta del conocimientu de la verdadera Ley, i llena de idolatrias, apareció a Don Manuel en este sueño, para que se le inclinase más el animo a executar estos descubrimientos en que andava imaginando. I tambien singe, que para obligarse aun más, vio algunos lexos de la tierra del Paraíso (como arriba apuntamos) siguiendo la opinion de los q

A le situan por aquella parte. En la est. 74. continuaremos esto. I a los principios de la nota 1. al titulo deste Poema, sobre una profecia de Baruc, se vea lo que diximos de lo tocante a las selvas que el Poeta aquí describe, porque sin duda lo hizo con atención a uno i otro pensamiento.

LXXI.

Das as agoas fe lhe antolha que saiam,
 para elle os largos passos inclinando,
 douz homens, q' muy velhos pareciam,
 B de aspeyto,inda q' agreste, venerando;
 Das pontas dos cabellos lhes caiam
 gotas, q' o corpo todo vam banhando;
 a cor da pelle baça, e denegrida;
 a barba hirsuta, intonsa, mas cóprida,

Das as agoas fe lhe antolha que saiam,
 para elle os largos passos inclinando,
 douz homens, q' muy velhos pareciam,
 B de aspeyto,inda q' agreste, venerando;
 Das pontas dos cabellos lhes caiam
 gotas, q' o corpo todo vam banhando;
 a cor da pelle baça, e denegrida;
 a barba hirsuta, intonsa, mas cóprida,

DE las aguas se le antoja, que para el salian inclinando los largos pasos, dos hombres que parecían muy viejos, i de aspecto venerable, aunque agreste. De las puntas de los cabellos les caian gotas, que iban bañando todo el cuerpo. Baça, i denegrida la color de la piel: la barba hirsuta, intonsa, pero larga.

¶ Das agoas se lhe antolha, &c. Antojósele al Rey, que de aquellas fuentes que vió al fin de la estanc. 69. salian dos viejos, que son los dos ríos Ganges, i Indo: ni mas, ni menos que Dante soñaya en el cant. ultim. del Purg. ver salir del Paraiso el Tigris, i el Efrates.

— Dinanzi ad esse Efrates, & Tigri
 Veder mi parve uscir d' una fontana, &c.
 Mas este sueño del Rey, viendo estos ríos, es imitacion de Eneas viendo el Tíber, lib. 8.

Hic Deus ipse loci fluvio Tyberinus ameno
 Populeas inter senior se attollere frondes
 Visus, cum tenuis glauco velabat amictu
 Carbasus, & crines umbrosa tegebat erundo.
 I tambien imita el de quando vió a Hector, lib. 2.

In somnis ecce ante oculos magnissimus Hector
 Visus adisse mibi. I luego con las misinas palabras por rastro del nobilissimo hurto: Os largos passos, &c. Allá: Largos q: effundere fletus. Ni dice xo de caer en esta red ei otro lugar del lib. 3. quādo Eneas soñó q' via los Dioses, i le advirtiā las tierras, que le llamavan para dominarlas, describiéndolos allá, como nuestro Poeta acá los ríos; i en la estancia siguiente, adónde pasiamos la descripcion del Latino. I sobre todo imitó la otra vision del lib. 5. quando Anchises apareció a Eneas en Sicilia, diciéndole, que pasiāse a Italia, porque allá le esperavan mayores fortunas.

¶ Se lhe antolha. El se le antoja, es propio de un sueño: i cada verso desta est. i de las siguientes, es una perfecta imagen de cosas que se sueñā, unas que se vienen llegando, otras que se van recogiendo: i la descripción destos viejos, o ríos,

en ninguna manera tiene embidia a todas las de la antiguedad, i se haze inimitable a lo presente, i lo será a lo futuro.

¶ Que s̄iam dous homens que, &c. Parecia q̄ ivan saliendo del agua éos viejos venerables, aunque horridos. Ay cosa mas parecida a las que suejen soñarles?

¶ Largos passos. Tambien propio del stesso el parecer que davan unos passos grandes, con q̄ supone, que lo eran los viejos, porque los passos del cuerpo son conformes a su estatura: i luego es propiedad de los ríos correr (aunque se pintan viejos) i esto es, largos passos: i agora parece alterarán el curto con desficio de llegar al Rey D. Manuel; i cō obediencia, que esto vale el inclinarlos.

¶ De aspeyto,inda que agreste, venerando. Hasta el propio verso está grave, venerando, y pintat lo venerando, i grave destos viejos, mezclando con o incuito: semejante termino en la estacia 4. i en el cant. 7. est. 77.

¶ Das pontas dos cabel. &c. No seré yo tan osado, que piense tengo palabras para alabar, i dar a entender estos dos versos assi como los siēto. Quera al leerlos no está viendo salir dos hombres desnudos de un río, cayendoles de los largos cabellos de la cabeza i barba en gotas el agua recibida, i ellas ir corriendo por el cuerpo? Hasta quiē no tenga ojos lo ve: si tiene oídos: que esta es la fuerza de tan rara poesia, hazer que los oídos sirvan de ojos: la gravedad de las palabras, del numero, i colocacion, para mostrar la de las figuras, admira. De maniera, que no os pinta aqui el Poeta estos viejos, sino que os lleva a algún río de que los estais viendo salir. Vengan a singular palestra todos los grandes Poetas antiguos, i modernos, i saldrán con admiración aque llos, i con doctrina estos. En la est. 17. del c. 6. tambien hará pender algunos animalejos maritimos, con gran propiedad, de las puntas de los cabellos de Triton, en lugar del agua que pende destos.

¶ Lhes caiam. En las ediciones que tengo, i en todas las que he visto, dice: *Lhes s̄iam*: i porque ese consonante queda en el primer verso cō su propiedad, i con ella es deste el *caiam*: i se ve claro, que es erro de pluma, continuando en la estampa, sin que nadie hasta oy lo tenga conocido, como otros muchos, lo enmendé assi.

¶ A cor da pelle baza. Con providencia llama pici, en estos ríos figurados en forma humana, a lo que llamará tez, si fueran hombres verdaderos, i urbanos. *Baza* en Portugues, es color parda, tirante a negro, por eso añadio, *de negrida*, propria del baço de que se derivasi como esta es la color de la gente de aquellas partes, essa pufo con grā cuidado en las figuras de sus ríos. La imitacion fue de Ariosto: *Et bala pelle fosca*. Vease todo el lugar en la est. 39. del cant. 5. que es bueno.

¶ A barba irsuta, &c. Virgil. lib. 6. descrivié do la de Caronte.

A Terribili squalore Charon, cui plurima mento Canities invicta iacet. La de Plutón pintada por el gran Tasso. Liber. c. 4. est. 7.

Gli involge il mento, e sullo insuto petto Hispida e solta la gran barba scende.

Que no conforma poco con nuestro Poeta, hazié dola irsuta, i larga: i es todo quanto puede ser de horrido, el ser muy larga, sin que los pelos corran derechos, porque a correr assi, cayera la barba por el pecho; mas de puro aspera salia ázia fuera prolixamente. Sirva esto a la barba de Adomastor en la est. 39. del c. 5. Hallareys otra bueaa barba en la est. 1. del c. 8. Però celebrad esta que esti d' un buen maestro de barbas.

¶ Intonsa. Vale, que no estava tocada jamás de tixera. Es de Virgilio Eglóga 5. *Intonsi montes.*

LXXII.

De ambos a dous a fronte coroada, ramos nam conhecidos, e ervas ticha: hum delles a presençā tras cantada, como quem de mais lôge ali caminha: E assi a agea com impeto alterada

C parecia que doutra parte vinha; (sabé como Alfeo de Arcadia em Siracusa vay buscar os abraços de Areusa.

D E ambos a dos la coronada frente, tenia yer vas, i ramos no conocidos. Vno dellos trae casada la presencia, como quien alli camina desde mis lejos. I assi la agua alterada con impetu, parecia que venia de otra parte. Bien como Alfeo de Arcadia en Siracusa vaya a buscar los abraços de Areusa.

¶ De ambos a dous, &c. Dize, que estos viejos, o ríos pintados en essotra estacia, estavan coronados de yervas, i hojas no conocidas: i que uno dellos venia mas cansado, como quien avia caminado más. Dá las señas del canscio, i compare.

¶ Afronte coroada, &c. A presençā, &c. Virgil. en el lugar citado arriba.

— Sed coram agnoscere vultus, Velatasq; comas, praesentiaq; ora videbar. Bien veo, que por el coram, presentia, està llamando el verso 1. de la estanc. 69. cuyos son de derecho.

¶ Ramos nam conhecidos, e ervas, &c. No solamente lo vario del gusto humano estā deviendendo a los Portugueles las cosas mas bellas, i peregrinas que descubrieron, sinó la propia medicina, que se enriquecio con lo que ellos le mostraron, tocantes a ella, porque casi todo 'o precioso de las drogas salutiferas hallaron, i lo truxeron acá. Advierte pues con cuidado el Poeta, que estos ríos aparecian al Rey coronados de hojas, que el no conocia: porque si bien por el medio

que

que en nacimeto teniamos conocimiento de algunas drogas de la India no le teniamos de los arboles que las producen, i de todas las otras cosas que no se traian, i son innumerables. En pintar coronados de hojas estos rios, apareciendo al Rey, imita a Virgilio 8. quando finge aparecer tambien en sueños a Eneas el Tibre para hazerle semejanze promiesla.

*Populeas inter senior se attollere frondes
Vsus, erit tenuis glauco velut amictu
Carbasus, & crines umbrosa regebat arundo.*

¶ *Hum delles a pres. &c.* Dizen los dos versos, que uno de estos rios en venir como cansado, parecia que caminava desde mas lejos que el otro. Advertid, que en esto ay dos cosas; una, que como el Poeta les da figura de hombres, les da tambien el achaque del cansacio, propio de la humanidad, aviendo caminado mucho: otra, que este cansado es el Ganges, que viene de mas lejos que el Indo, aunque parezca nace alli como el: no siendo asi, sino que teniendo su nacimiento en el Paraíso terreste, viene por debaxo de la tierra a desbocar en aquel monte: i alude el Poeta en esto a lo que muchos dizen, de que Dios para que no se sepa el lugar del Paraíso de nadie, guiado de los quatro rios que del salen, los hizo caminar escondidos: i que esto sucede al Ganges.

¶ *A agoa com impetu alterada.* En los Cantares: *Fluunt impetu. Garcil. Eglog. 3. Rio con impetu corriendo. &c.*

¶ Parecia que de outra parte vinha. Ordinariamente los rios en su nacimiento, como el Poeta nos pinta estos, tienen poco caudal, i por esto no mucho ruido: diciendo, pues, que el Ganges no nace alli adonde aparece, para confirmarlo, dice que sale con ruido, i copia, que todo no es señal de principio sino de curso, que viene de otra parte: i el dezir, que corre con alteracion, es atendiendo a que se despeña por cavernas tortuosas, enderezado a esconder su origen.

¶ *Como Alfeo de Arcadia em Siracusa vay. &c.* El Poeta en sus rim. Eglog. 7.

Como na Arcadia Alfeo. &c.

La na ardente Sicilia vay buscando

A Ninfa. &c. Stacio Theb. 1.

Fluētivaga qua præterlabitur unda Sisanos

Longe relegens Alpheos amores. Primero Teocrito en su poëtra epigrammia.

Alpheus post Pisan ubi mare ingressus est

Procedit in Aretusam Sanaz. Arcad. prosa 12.

Lo innamorato Alfeo per oculta via ne va a trovarsi qui mi Poeta jiso avei abbracciamenti della Siciliana Aretusa. Ilo antecedente desto del modo con que caminava el rio, es lo que se sigue a este lugar de Sanaz, alli, diciendo dei Sebeto: *I suo corso pareva che venisse crescedo, & aquistando tuttavia magior forza.* I pintando el rio tambien le llama, veneranao. Dize todo esto, q el rio Alfeo naciendo en Arcadia, se esconde por debaxo de la tierra, i rebienta en Siracusa Ciud-

dad de Sicilia, buscando a Aretusa su amada, que alli rebienta en fuente, i alli ambos entran en el mar: i que deste modo, naciendo el Ganges en el Paraíso, venia oculto a rebentar alli; pero de manera rebentava, que luego parecia venir de otra parte, i de mas lejos. Pudiera tambien hazer el Poeta la semejança con nuestro Guadiana, de q diremos, cant. elzanc.

LXXIII.

Este que era o mais grave na pessoa,
desta arte para o Rey de longe brada.
O tu a cujos Reynos, e Coroa
grande parte do mundo està guardada!
Nos outros, cuja fama tanto voa,
cuja cerviz bem nunca foy domada,
te avisamos que he tépo que ja mades
a receber de nós tributos grandes.

Este que en la persona era el mas grave, dezia
alto desde lejos para el Rey desta manera.

O tu, a cuyos Reynos i Corona està guarda-
da gran parte del mundo! Nosotros, cuja fama
buena tanto, i cuya cerviz nunca fue bien doma-
da, te avisamos que es tiempo que ya mandes a
cobrar de nosotros grandes tributos.

¶ Este que era o mais grave na pessoa. Fingiendo el Poeta, que los rios Ganges, i Indo aparecen al Rey Don Manuel, finge con gentil acuerdo, que el Ganges por su autoridad de nacimiento, que es en el Paraíso, i antiguedad de nombre, es el que habla: i tambien por ser el mas remoto a nuestro respeto.

¶ Desta arte para o Rey de longe brada. O tu a cujos Reyn. &c. Al modo de Virgil. 8. quando soñava Eneas, que le hablava el Tibre.
Tunc sic affiri. & curas his demere dictis,
Os fate gente Deū. &c. Hie tibi certa domus, &c.

I qundo hablava a Hector.

— *Vitro flens ipse videbar*

Compellare virum, & moestias expromere voces
O lux Dardania, &c.

I en el 5. que le hablava su padre.

Visa debine celo facies delapsa parentis

Anchisa subito tales effundere voces.

Tambien imita a Sanaz. lib. 3. de part. Virgin. adonde introduce el lordan, hablando.

¶ A cujos Reynos, e Coroa grande parte do mundo està guardada. En continuacion de lo dicho en la etiencia 66. Farece que guarda a oclaro oeo a Manoel, &c. Porque aviendo los Reyes antedictos trabajado mucho para conseguir el Imperio de la India, el se lo con felicidad iò cer siguió. Vease lo dicho en la recta 1. al titulo dese Poema, lebre el vaticinio de la Sibila: *Casafar e Ircira.* &c.

¶ *Nosotros, es ja fama tanta voa.* Porque la fama de los rios sue siempre alta y grande, i bolâ-

do por todo el mundo, despertó siempre en los Príncipes del grandes deseos de hacerse señores de aquellas tierras.

¶ Cuya cerviz ben nunca foy domada. Porque Baco, Acreamiro, Demit. mis, las Amazonas, i Romanos, por mis que trabajaron en dominar aquella valifissima parte, nunca lo consiguieron tan cabalmente, como los Portuñeses.

¶ He tempo que ja mandes a receber de nos trib. &c. Eile siénlo es también a imitacion del que Homero sua. 2. frige en el Rey Agamenon, *Iupiter Agamemnonem sonno moveat prælii faciens tempus adesse.* D ze Ausonio en sus Periodicas, o argumentos. Virgili. En. 1.

*Hunc tu olim cœlo sp. l. y, Orientis hon. sum
Accipies.* Esto dezia Jupiter a Venus et profecia de la felicidad q aguardava a la gente de Eneas: i verdáderamente hae lo d xo del Rey Don Manuel con mas propiedad, porque logro mejor q ellos esa fortuna. Tambien es imitacion clara del propio Virgilio, Eg.og. 4. *Agredire, o magnos (aderit iam tempus) honores.* &c. i lo deixamos tocado en la nota x al titulo del Poema sobre este mismo lugar, explicandolo. Veale. De manera, que el be ja tempo de mi Poeta, bien claro es el *aderit iam tempus* de Virgil, que devió arrimarse al *tempus adesse*, que Ausonio nota de Homero: o bien que en Homero lo notó Ausonio con el mo lo de Virgil. Tambien parece que fuena aqui el Salmista: *Tu exurgens Domine misereberis Sion, quia tempus miserendi eius, quia venit tempus.*

LXXIV.

Eu sou o illustre Ganges, que na terra celeste tenho o berço verdadeyro: estoutro he o Indo Rey q nella serra que ves seu nascimento tem primeyro. Cufarte hemos cõ tudo dura guerra, mas insistido tu, por derradeyro, com nam vistas victorias, sem receo, a quantas gentes vés porás o freo.

YO soy el ilustre Ganges, que en la celeste terra tengo la verdadera cuna. Estotro es el Indo Rey, que tiene su primer nacimiento en esta sierra que ves. Con todo te costaremos dura guerra. Pero, insistiendo tu nüstamente con victorias no vistas, pondrás sin rezelo el freno a quatas gentes vés.

¶ Eu sou o illustre, &c. Entra a hablar el Ganges, assi como el Cabo Tormentorio, o Almastro en la estanc. 50. del cant. 5. *Eu sou aquelle illustre,* &c. Assi el Tibre a Eneas en este lugar citado en la estancia passada (como diremos en el 8.)

Ego sum pleno quem flumine cernis, &c.
Caruleus Tiberis, cœlo gratissimus amnis

A *Hic mihi magna domus,* &c.

¶ Gangus que na terra celeste tenho o berço. Tomado de Sunaz. do part. Virgin. lib. 2. diziédo lo propio del Nilo. *Nilus ab aereo ducens cunabula caeo.* El Ganges se llamó así (dice Suidas) de Gange Rey de la Etiopia: i tambien se llama Phison, como es notorio. Dize el Ganges, que su verdadera cuna, o nacimiento es en la tieerra celeste: quiere decir en el Paraíso terrenal: i del cielo dese modo el Poeta por dos razones; una, porque tambien al cielo se llama Paraíso; i a este de la tierra se podia tambien llamar cielo terrelle, i celeste terreno al contrario, como el Poeta aqui hace: otra, que atude a los que fueron de parecer, que la tierra del Paraíso era un monte, que casi tocava en el primer cielo, i assi le cabe el titulo, o epíteto de celestie.

¶ O Indo Rey. Llamase Rey por ser el primero de la India, i de los famosos en el mundo: nace en el monte Caucaso; corre al Oriente; entrá en el muchos de nombre; uno el Hidaspes: i tambien le puede llamar Rey, porque dio el nombre a la India.

C *Suo nascimento tem primeyro.* Buelve en esto el Poeta a dar a entender, que el Ganges, q parece rebentar alli, tiene su verdadero origen en el Paraíso, como apuntamos est. 72. en esta se asegura: i porque Dios no quiere conceder a los mortales, que hullen aquella patria de sus primeros padres, viene a salir alli por conductos secretos de la naturaleza, o orden divina. I por diferencia desio, declaro el Ganges, que el Indo tiene alli su nacimiento primero: como si dixerá: Para mi este que te puede parecer primero, es segundo. De todo se sigue, que el Poeta se arrima a los Autores, que dixerón estar el Paraíso en estas tierras del Oriente; i parece hacer señas de que está para aquella parte, inclusiva del nacimiento del Sol, porque cerca de la haze el segundo de este Ganges, de que muestra tener el primero en este Paraíso; pñs dice en la est. 69. que esto es allí bien junto donde nace el dia. A lo menos el quiere por estas tieras, que el Rey soñava ver, anduviese nuestro padre Adan, como empezamos a mostrar en la estanc. 70. I todo, sin duda, va encaminado a enseñarnos lo que quiso decir en el verso 6. de la est. 21. del cát. 9. por-

D que nunca se descuidó de quitarnos con unos ingares el cuidado que nos podian dar otros, si le queremos leer con atención, i acabar de ver, que este Poema es un laberinto de cuydades, que no alcanzara quien le leere con descuidos. Allá iremos.

¶ Cufarte hemos con tudo dura guerra. Continuando lo que Anchises dixo en lucños al hijo, como queda apuntado en la estancia antecedente.

— *Fortissima corda*

*Desert in Italianam gens dura acq; affera cultu
Debelanda tibi Latia est,* &c. Aquello de gens dia-
ras & affera cultu, distraçō el Poeta, estend o, i ilus-

ilustrò con las estanc. 69. i 70. que no contiene otra cosa: i así nos anda con estas estudiadas, i delicadas imitaciones, examinando el juicio en busca de Virgilio hecho precas, i derramado por esta hermosissima tela.

G Porás o freno, &c. Así en la est. 51. del c. 2. I dize, que pondrá el freno a aquellas gentes sin rezelos; i diiendo a que las tendrá domadas con valerosa guerra, i a que al caballo indomito con temor le le llega a poner el freno, pero domado, sin temor alguno se le pone. Pondremos agora la belleza del juicio del Poeta, en hazer que hablasse el Ganges, pa diciendo avia de hablar antes el Indo, visto, que (como el confiesa) es el Rey de las aguas que riega aquellas Provincias, i les dà nombre. Però como el intento del Poeta en todá esta gran obra es mostrar, que esa acción de los Portugueses tuvo su primer movimiento en el cielo, i que de allá fue revelada al Rey Don Manuel en este sueño, haze que el rio celeste hable, aunque no sea el dueño superior de aquellas tierras: i por esto con providencia explica, que tiene su nacimiento en la tierra celeste, con los fundamentos, que ya declaramos sobre el mismo verso. I con este notal le reparo se vea bien si el Poeta pudo introducir en este Poema lasciva, o profanamente ninguna de las deidades Gentilicas que introduce, pues por no dar lugar en el, ni a un rio que no fuese celeste, robó al Indo la justicia que tenía a hablar en esta ocasión.

LXXV.

Nam disce más o rio illustre, e santo,
mas ambos desparecē num momento;
acorda Manoel, co' hú novo espanto,
e grande alteraçam de pensamento.
Estendeo nisto Febo o claro manto
peillo escuro Hemispherio somnoléto;
veyo a manham no ceo pintado as co-
de pudibunda rosa, e roxas flores. (res

N O dixo más el ilustre i santo rio; antes en un momento desaparecen ambos. Despierta Manue' con un espanto nuevo, i una alteracion de pensamiento grande. En esto estendió Febo el claro manto por el soñoliento i escuro Hemisterio. Vino la mañana pintando en el cielo las colores de rosa pudibunda, i de flores roxas.

N am disce más o rio illust. &c. Desaparece, &c. Virgilio en este sueño de Eneas con el Tibre arriba citado: *Dixit: deinde tacu fluvius se condidit alto. T asiadèle en mi Coronacion de Urbano, así, del propio Tibre:*

*Dixo; i cayendose al profundo seno
desampara el tecto ro cristiano*

I En. 5. *Ipse volans tenues se susbulit ales in au-*

A ras: a fin de' sueño, de Palinro, desapareció doce Fortante, que fue el portador. I no dí que el cuidado del Poeta, en hazer que el Ganges hablasse tā brevemente, que no excedió de una estancia: en observacion de que era este suspenso, en que las imagenes, i el tiempo son breves: i O cultissimos (por ant frasi digo) modernos, que si os cayera en las manos este lugar, sin dudarán, dirá el Ganges como un charlatan! Dexo la propiedad con que habló, q essa invencible es á vueltas fuerzas.

G O rio illustre, e santo. Virgilio alli: *Cum flu mine sancto.* Santo po quattro razones quando menos. Primera; porque nace en el Paraíso eterno, que es el Ganges. Segunda; porque las imágenes de los rios, se pintan como unas deidades. Tercera; porque los que habitan sus margenes, creen que lavandose con sus aguas se lanjan ver lo dicho sobre la estanc. 8. del cant. 1. Quarta (i es el principal intento del Poeta aquí) porque siendo este sueño misterioso, i verdadero, supone que fue de permision d'vino; als: necesariamente avia de ser santo el misterio; e no enseñan las letas sagradas en semijades sueños, en que por la mayor parte fueron fatales las personas aparecidas en ellos: i aun representa un Profeta santo, como veremos en la est. 36. del canto 5.

G Embrum momento. En la est. 67. hubieramos de decir mas propiamente sobre esto; pero ocupamos tanto con lo otro, que deixamos esto para aqui. Primeramente se vea lo que diximos de las horas en la est. 1. del cant. 2. I agora añadimos, que momento es la parte quareta de una hora, que se divide en quatro quartos; un quarto en diez momentos; un momento en diez uncias; i una uncia en veintiquatro atomos. I aqui con propiedad se deve entender el momento por aro mo, o quando más por uncia; porque para desaparecer esa vision, no es menester mas tiempo, i porque el momento es el que frequentemente usamos en la explicacion de la mayor priesa, q es en semejante ocasion. I aquel momento de la est. 67. se ha de entender, que en ningun espacio de tiempo considerable se dexa de acordar el Rey desta empresa.

G Acorda Manoel com hum novo espanto. Así despertó espantado Eneas desp. i que le hablaron los Díoses, enseñandole a donde estaba la tierra que avia de dominar, lib. 3. (i es lo que se imita aqui.) *Talibus attonitus visus ac voce Decrum,* &c. i en si otro lugar: *Nox Eneam somnu: q, recliquit. Sargit, &c.*

G Grande alteraçam de pensamento. Ay cosa mas propia de un sueño cuidadoso o batiante a dar cuidados. Respóndame quien alguna vez tuvo algun grave sueño: que a mi para explicar este verso (lo mismo me sucede en otros) se me venen delde el alma hasta los labios muchas cosas que de no saberlas decir se vuelven al lugar de q salie-

salieron; i allá andan murmurando quejas de A que no se sacarlas a la luz del mundo.

Estendo nijo Febo o claro manto. Verso q parece tomó para la entrada de la noche el Tasso Liber. cant. 5. est. 67. Ma poi quando estendendo il fuso manto. Con este lugre se decíra la hora, que se dà a entender en aquél de las estrellas quando caem. Como disputamos largo en la est. 67. I así diò tambien Virg. l' o a entender el suyo, porque diz endo: Cet. tia sydera, al fin del 1. quando Eneas comenzó a hazer la relación a Dido, dice al principio del 4. que es el fin della (como aquí mi Poeta) que era mañana, con los B propios dos terminos del salir del Sol, i de la Aurora, poniéndola a ella tambien postrera.

Postera Phœbas lustrabat lampade terras
Humētemq; Aurora Polo dimoverat umbrā.
I alfin del sueño de Eneas con el Tibre, que es la principal imitacion, tambien haze al Sol faliendo:

Surgit, & aetherij spectans orientis Solis
Lumina, &c. Que el spectans es mirando al Sol. De manera, que serian dos horas antes de la mañana, quando Eneas empezó, i esto podria tardar en la relacion; i estas podíamos dar a lo más al Rey para este sueño; con que se ve, que era cerca del amanecer, como provamos abundantemente en la est. 67.

Pello oscuro Hemisferio sommolēto. El propio sueño, i la propia noche con el se está viendo en este verso. Llama Hemisferio lleno de sueño a esta mitad del mundo que habitamos, en aquella mitad del dia que es de noche: la qual procede en cada Hemisferio de la ausencia del Sol, q empieza d'sde que cae del Orizonte.

Veyó a mañana no ceo pintando as cores de pudib. &c. Ariosto c. 12.

Et l' Aurora d' fior vermigli, e gialli
Venia spargendo d' egni intorno il cielo.
Todavia nuestro Poeta a la primera vista, en decir que la mañana vino dándo colores a las rosas, con toda la familia florida, parece que se arrima a algunos Filosofos antiguos, que juzgaron no proceder el color en los cuerpos, del temperamento de las calidades, sino de la repercussió de la luz, como sucede en el cuello de las palomas, i otras aves, de que resultó decir Virgil. 6. Et rebus nox abstulit atra colorem: I Claudio de E consul. Mant.

Sit ne color proprius rerum, lucisve repulsi
Eludant aciem. Siendo cierto, que los colores no faltan con la noche, ni se renuevan con la luz, sino que por falta de luz no pueden verse. I así en los Poetas el bolver la luz, i hazernos ver estos objetos, q la escuridad impedia, es lo mismo que restituir los colores, i renovarlos; i esto quiere decir el nuestro. Esto se experimenta claramente en días eciuros, porque por faltar en ellos el Sol, no faltan las colores en los objetos q las tienen naturales, como en las palomas.

LXXVI.

Chama o Rey os señores a Conselho, e propoélhe as figuras da visam; as palabras lhes diz do sancto velho, que a todos foram gráde admiracão. Determinam o nautico aparelho, para que com sublime coraçam vaya a gente q mādar cortando os mares a buscar novos climas, novos ares.

Llama el Rey a Consejo los señores, i proponeles las figuras de la vision. Dizeles las palabras del santo viejo, que fueron a todos de admiració gráde. Determinan el apareljo náutico, para que con sublime coraçón vaya la gente que mandare cortando los mares a buscar nuevos climas, i ayres nuevos.

Chama o Rey os señores a Conselho, &c. Imitando a Hom. Ilia. 2. adonde así haze que Agamenon proponga a sus ministros otro sueño: Sed is præconibus fridulis jussit edicere ad concilium crinitos Achivos, &c. Quos hic cum coegeret, prudētem induxit sermonem, &c. Vulg. lib. 11. de Latino.

Ergo concilium magnum, primosq; suorum
Imperio accitos alta intra limina cogit.

Te propoem as figuras da visam. Así Virgilio así propio: Anchisem facio certum, remque ordine pando. Eneas dió cuenta al padre, de la vision que tuvo de los Penates; i en el 5. la dio a sus compañeros, de la que tuvo de su padre, quedando le avisó en sueños, que passase a Italia.

DExtemplo socios, primi. mq: accerit Acestum
Et Iovis Imperium, & cari præcepta parētis
Edocet, &c. Mas como la imitacion detectivamente salió del sueño de Palinuro, de aí salió el efecto: Accios nequicquam sèpē vocantem.

As figuras da visam. Veyó aquí como el P. escribió con toda ciencia, i noticia. Dize, que el Rey soñó en la est. 68. i parte de lo que soñó en las 69. i 70. que es la primera suerte del sueño. En la 71. dice, que soñó via aquellos viejos; i es la vision, que declara aquí. En las est. 73. i 74. le habla el Ganges, i promete aquellas felicidades; que es el Oráculo, que le obligó a consultar sus ministros, como pide la naturaleza del sueño, segun explícamos en la est. 68. I de todo se ve, que supone ser este sueño misterioso, i de permission divina, i Católico, i no Gentilico, o supersticioso, o vano.

Resta saber si es licito a nuestro Poeta fingir, que un Rey Católico diera tanto crédito a un sueño, que le proponga a sus consejeros; i que ellos le admiran tanto, que por él se resuelvan a que se haga este viage; que es lo que contienen los cuatro versos últimos. Muchas respuestas tenía esto. Darémos solas dos: una, que en fingir este sueño

Sueño no entiende el P. n.º de aquello que vulgarmente dice mas de lo que mi'cho se piensa, que no se sueña en otra cosa: i esto se declara con lo que queda en la est. 67. diziendo, que el Rey no estaba en momento sin pensar en esto; i en la 68. que lo rebolvía continuo en el conceto: i los sueños ordinariamente se n sobre aquello en que mucho se imagina de dia. I pudo el Poeta llamar tambien sueño, o fingirlo, en la proposicion que el Rey haria a sus ministros para este hecho, diciéndoles, que siempre traia en la imaginacion la India, i el deseo de cultivar la Ley de Christo en aquellas tierras incultas, que es todo lo que vienen a contener las dos estancias en que el Poeta las describe, i lo que habla el Ganges. La otra respuesta es, que en esto, quando fuera meramente sueño, no se contraviene a la Ley Christiana, que manda no creer en sueños, como consta de toda la Escritura sacra porque tambien della consta, que por este medio manifestó Dios muchas veces su voluntad: i de la calidad de tales sueños se deve creer fue este del Rey, por ser la obra tan de Dios, como se tiene visto en la propagacion de su Ley Evangelica, que resultó de la ejecucion deste lucio. I que fuese aviso del cielo, o que el Poeta lo quisiese dar a entender, se ve claro, baziendo que hablasse al Rey el Ganges, por las razones advertidas al fin de las notas a la estanc. 74. Vease, que sirve aqui. Dijo tambien a entender con llamar otra vez aqui santo a aquel viejo; i advertir que el Rey propuso una vision santa, no vana, o supersticiosa. I cierto es, que quando Dios permite sueños con tales circunstancias, tambien da animo para que se ejecuten, despues de aver dado licencia para que se crean; i en particular quando los permite a tales spiritus, qual el de un Rey tan Christiano, como fué este: juntandose a esto, que el sueño salio tan verdadero, como el mundo sabe: lo que tambien haze al proposito de la hora en que el Poeta le fingió, por ser en la que algunos Autores tienen, que el es el verdadero, como ya diximos en la estanc. 67. Tambien pudo ser, que realmente huviesse este sueño, como el del Rey Don Alonso Primero en el capitulo de Ourique: porque de la manera que en el aparecio aquel viejo hermitano, i despues Christo realmente, dandoie luego entonces el Reyno de Portugal, i prometiendole el de la India (según mostramos en la estancia 45. del canto 2. i en la nota 1. al titulo deste Poema) pudo Dios en otro sueño mostrar a Don Manuel, que era llegado el tiempo de recibir lo que avia prometido a su antecesor, por medio de otro viejo en otro sueño. I a lo menos pudo ser que el Poeta pintó este, i en el estos viejos con este ofrecimiento hecho a Manuel, a imitacion de esfuerzo en que aquel viejo trujo aquella nueva a Alonso, para mostrar que los aumentos de Portugal corrieron en sus principios muy por cuenta

Tomo 2.

A del cielo; como realmente es verdad. Al vertimos con esta ocasion, que el sueño de Alonso en Ourique, quando le aparecio el viejo, fue casi por la mañana, i que apenas avia acabado de señar, quando entró un Cavallero a dezirle, que estaba allí un Hermitano que le queria hablar: i al otro dia a la misma hora le aparecio Christo, como se lo avia asegurado el viejo; i assi tambien el P. en la hora del sueño de Manuel se conformó có la del de Alonso. Finalmente hemos guardado para cerrar este discurso, el motivo verdadero, que el P. tuvo para fingir este sueño có mucho acierto.

B Ya diximos, que el con destreza usa el apropiar los sueños de diferentes personas a una. Iuá de Barros en el cap. 2. del lib. 1. de la 1. Dec. refiere, que el Infante D. Enrique lleno de estudios, i anacias sobre este descubrimiento de que fue padre, anocheciò un dia embuelto en estas imaginations, como siempre: i amaneciò có suma prisa, mandando armar dos navios (fueron los primeros) como si aquella noche le fuera dicho, que sin mas informacion de lo que andava inquiriendo, ni dilació alguna, embiasse descubridores. Dice más, que no solo por conjeturas desta arrebata puesta, mas por otros q sus familiares nota

Cron se publicava aver el sido exortado por Oraculo divino, a que luego pusiese en ejecucion su deseo. Assi lo dice este Autor gravissimo: I nuestro rarissimo Poeta, porque no se estuviese obligando rà ilustre memoria, la ensartò aqui en estas fabulos doctas, como les llama S. Pedro en su epist. 2. haciendo fingimiento en el Rey D. Manuel, lo que se tuvo por verdad en el Infante D. Enrique. Entre las cosas q nie ha de dever el curioso, halladas en este comento, esta es una. Veys ai el sueño de Manuel, i el desvelo de mi Poeta: I vease para esto la profecia de Baruc, que truximos a los principios de la nota 1. a este Poema.

D *Determinam o nautico aparelho.* Virgilio en el lugar de arriba. *Cedamus Proæbo;* & moniti meliora sequamur. Allá dixo e. O. aculo, i luego todos dixerón que se obedeciese! acá propuso el Rey el sueño, que como diximos tiene una parte de Oraculo, i luego determinaron los Consejeros, que se pusiese por obra la navegacion. Vayase con advertencia, q Camoens hizo có Virgil. lo q Virgilio con Homero. Sin Homero no diò Virgilio un passo, ni sin Virgil. diò Camoës alguno: i es igual la industria có q Camoës deshizo a todo Virgil. para hazerle a si, a la có q Virgilio se hizo a si có deshacer a Homero: que esta es la grandeza de la imitacion, i lo dificil, hazer con gran industria mio, lo que se está viendo que es ageno: i es lo que a la verdad alcázaró solamente con perfeccion ellos dos hombres: porq nadie se parece a Homero, como Virgilio, i nadie a Virgilio, como Camoës. Quié dudare desfo vea el juicio q fizimos deste Poema, i si no se viere esto claramente, i de otros muchos lugares deitas notas: yo desfizo de lo propuesto, ni quiero

Na

se

se use conmigo , ni con el, de piedad, o gracia alguna , sino de justicia dura , como el arbitro no sea apasionado: porque la passion es la ecliptica de los ojos, i de los juizios: i fertil vega de disparates. De proposito hemos guardado para el fin deste sueno, que el P. fingio en el Rey D. Manuel , uno q el gran Tasso fingio en su Gofredo, para que cōferidos sin interrupcion los lugares, se vea si nuestro gran P. ha sido imitado del en todo esto , como en otras muchas cosas q apuntamos ya, i iremos apuntando en sus lugares. Aqui singe el Camēs , q en este sueño aparecieron al Rey los dos viejos a incitarle , q redimiesse a la Asia, o India del poder del demonio: i en el Tasso c. 14. desde el principio aparece en sueños Vgō a Gofredo, incitādole a que rescate del poder de la Maga Armida a Rinaldo, sin el qual no se podia frenecer la accion de Gerusalem, i principalmente la selva encantada. El Cam. en la est. 67. como vimos, muestra q este sueño fué junto a la mañana; cō esto mismo empieza el Tasso essotto , c. 3.

*Non lungo a l' auree porte onde sce il Sole,
E cristalina porta in Oriente, &c.
Da questa scono i sogni, i quai Dio vole
Mandar per gratia a pura e casta mente.
Da questa bor-quel ch' al piu Buglion discende
L' ali dorati in verso lui distende.*

Taí queda tambien inclusa con gran claridad, la opinió de que los sueños de aquella hora son verdaderos; porque a tales horas, i con tales personajes en virtud, i Religion, suelen ser del cielo. El Cam. en la est. 69. dice, que al Rey en el sueño le parecia ser subido muy alto, i ver mucho mundo. El Tasso lo mismo en la est. 4 assi:

*Pareagli esser traslato in un sereno, &c.
E mentre ammira in quel ecce! su loco
L' ampieza, i moti, i lumi, e l' armonia, &c.*

El Cam. en la est. 71. dice , que soñava el Rey q venian para el dos viejos, i le hablavan. El Tasso en la 5. lo mismo.

*Ecco cinto di rai, cinto di foco
un Cavaliero in contra a lui venia, &c.*

I casi que està dicho con las mismas palabras. El Cam. en la estanc. 74. haze que uno de los viejos comenzando a hablar se nombre : el Tasso en la misma lo propio.

*Parlar li udia Gofredo , &c. Hor non conosci
Vgone? &c.*

En la misma el Cam. pintando los viejos, dice , q eran de aspero venerando. Assi el Tasso en la 3. pintando otro. *D' aspetto venerabil appare un vecchio.* El Cam. en las est. 73. i 74. haze que el viejo diga , que el Rey logrará grandes triunfos de aquellas tierras , mas que ie costarán mucha guerra i trabajos : El Tas. en la 8. haze decir lo mismo por Vgon a Gofredo.

— Raccolto

*Nel gloria sarà de i trionfanti
Pur militando converrà che molto
Sangue, e sudor la giunti verfi avanti,*

A El Cam. en la e. 75. dice, que desapareció ligera- mente la vision: el Tasso en la 19. assi:

Sparve come fumo leve al vento.

El Cam. en la misma describe como el Rey quedó con espanto i alteracion de la apariencia : El Tas. en la propia, como Gofredo quedó assi:

Esgombrò il sonno, egli lasciò nel petto,

Digioia, e disupor corse lo effetto.

El Cain. en la misma dice , q al despertar el Rey era ya crecido el dia. El Tas. en la 20. lo mismo.

Apre a l' ora le luci il piu Buglione

En atro vede, e già cresciuto il giorno.

El Cam. en la 76. dice, q el Rey llamo los ministros grados a Consejo, despnes de la vision, luego luego. El Tas. en la misma, lo proprio.

Venieno i Duci al solito soggiorno

Ove a consiglio sedono, &c

El Cam. en la misma est. dice, q se resolvio luego la partida de los navegantes; i en la siguiente, q el Gama era del voto de q se embiassem (por q hubo votos en contrario) i de seava ser el enbiado. Assi el Tasso en las est. siguientes haze q se resuelva aquel cōsejo, en q se vaya a buscar Rinaldo , i q vaya a esto el propio Guelfo . q fue dese parecer. Finalmente perdono otras menudencias , por dexar algo que hazer a los curiosos, q deseoso teau cō atencion los grandes Autores. I agora les ruego, q me digan si hemos de creer q el grā Tasso fue trasladado toda esta invención, i pensamientos, i aun palabras ? Tambien les ruego los confieran bien, i verán sin duda quanto mayor quedó nuestro Poeta en todas estas estancias , aun despues decorrer con el al palio en ellas un tan gran hombre , como Torquato Tasso. Pero asegurense

C los desestimadores de lo que tienen en su caza, qis el Cam. no cede en nada a ningun antiguo , i que todo lo que se halla en ellos e halla en el , i que en muchos lugares los sobrepujó ; i se hizo inimitable a los que ie sucedieron, i que quien e huviere de igualar , i a de tener mucho de la mano de Dios , en ingenio, furor, i estudios: i que el Tasso si es más peynado en a gunos lugares , no es más Poeta en ninguno : porque el serlo no cōsta del peynar. Esto en las locuciones que en el resto de invenciones, i efectos, principalmente amorosos, no hará poco el Tasso qnādo le iguale: i no lo haze en dos cosas q ion la t. a ja: i siéoladeVirgilis, sin duda superior siépre, solo Luis de Camées se atrimo a ella cō mayor dicha: i los a Jornos , i episodios de maniera di puestos , que el asumpto principal qda mui desabogado, nadado siépre por encima de todo, i dexadóse ver, sin pena: i en esto se quedó el Tasso muy atras, porq sin duda a guna se vè ahogado el assúpro principai en sus episodios i adornos, q por muchos, i grandes, vienen a ocupar la mayor parte del Poema. Cfeanine una vez los criticos, o mirélo bié. Dexo a parte el poce caudal q muestra de eruditiss., q es admirabile acá, i el estar narrada la acc ó , como historia defecha; deviendo ser, como lo enseñó Virgilic, i lo vert-

D los desestimadores de lo que tienen en su caza, qis el Cam. no cede en nada a ningun antiguo , i que todo lo que se halla en ellos e halla en el , i que en muchos lugares los sobrepujó ; i se hizo inimitable a los que ie sucedieron, i que quien e huviere de igualar , i a de tener mucho de la mano de Dios , en ingenio, furor, i estudios: i que el Tasso si es más peynado en a gunos lugares , no es más Poeta en ninguno : porque el serlo no cōsta del peynar. Esto en las locuciones que en el resto de invenciones, i efectos, principalmente amorosos, no hará poco el Tasso qnādo le iguale: i no lo haze en dos cosas q ion la t. a ja: i siéoladeVirgilis, sin duda superior siépre, solo Luis de Camées se atrimo a ella cō mayor dicha: i los a Jornos , i episodios de maniera di puestos , que el asumpto principal qda mui desabogado, nadado siépre por encima de todo, i dexadóse ver, sin pena: i en esto se quedó el Tasso muy atras, porq sin duda a guna se vè ahogado el assúpro principai en sus episodios i adornos, q por muchos, i grandes, vienen a ocupar la mayor parte del Poema. Cfeanine una vez los criticos, o mirélo bié. Dexo a parte el poce caudal q muestra de eruditiss., q es admirabile acá, i el estar narrada la acc ó , como historia defecha; deviendo ser, como lo enseñó Virgilic, i lo vert-

veremos en la est. 84. Yo veréto , como se deve al Tasso, però burlome de quien piensa que el falso, adonde está Luis de Camoens.

LXXVII,

Eu que bem mal cuydava q̄ em effeyto
se potesse o que o peyto me pedia;
que sempre grādes couias desto geyto
presago o coraçam me prometia:
Nam̄ tey porq̄ razam, porq̄ respeyto,
ou porque bom final q̄ em mi se via,
me p̄ e o inclito Rey n̄as māos a cha-
deste cometimento grāde, e grave. (ve-

VO que bien mal pensava que se pusiesse en ese
to lo que me pedía el pecho (que el coraçón
presago siempre me prometía grandes cosas des-
te genro) no se porque razon, porque respeto, o
porq; e buena señal que se via en mi , me puso el
inclito Rey en las manos la llave deste grave , i
grande accionamiento.

¶ Eu que bem mal cuydava que, &c. Muestra
en esto el Gama, que entre los votos que tuvo so-
bre si se llevaria ade ante, o no, el descubrimiento
destos mares Orientales, el suyo fue que si, i que
su deseo era ser el descubridor, i que este se le sa-
tisfizo, quando el Rey le encargo este hecho , no
esperandolo el , aunque su animo s̄empre le pedia
ser empleado en alguna gran accion.

¶ Presago o coraçam me prometia Dize, que
el coraçón te adivinava aver de ser empleado en
cosa semejantemente grande: quiere decir, que se
hallava con animo , i valor soberano para una tal
empresa , que por todo esto se toma el coraçón
en el hombre. El Poeta en la est. 44. del canto 1.
hablando del mismo Gama: *De soberbo, e de alto-
vo coraçam.* El termino de presago queda en la
84. del mismo. Hallollo usado del Tasso en la est.
50. del cant. 4. *Del perigliu fosse presago il coro.*

¶ Nam̄ sy porq̄ razam, porq̄ respeyto , &c.
Exce éte rezelo de decir: de si reprecentó el P. en
el Gama, mezcládolo industrialmente, con aver
apuntado primero, que su pecho le prometía se-
mejante cargo; i abaxo con decir, que a fin el Rey
se le fiz: de manera, que se ja&tildet;a i exalta, humillá-
dose modeitissimamente. Esta fuerte de Oraciō,
diziendo, que no sabia de si, es la figura diapote-
sis, felizmente usada en esta ocasión, como las o-
tras en varios lugares.

¶ On porque bom final que em mi se via. Dixo
en efforio verso, queria saber qual razon, o respe-
to avia sido la causa de que el Rey le eligiese pa-
ra esta accion ; agora dize , que tambien no sabe
(si a caio tue por alguna buena señal, que en el se
echava de ver) qual ella fuese. Esto alude a los jai-
zios fisionómicos en que se lee, que los que tuvie-
ren esta facion, o aquella; aquell, o este nodo, so-

Arān a propósito para uno, o otro empicio. Auda-
va un cierto Cavallero, gran mordedor de cali-
dades ajenas, viendo en una estancia varios re-
tratos, entre los cuales estaba el de Vasco de Ga-
ma ; i aviédo mirado con los ojos de la animo,
dijo: *Bien parece que tiene cara de bomba de mar.*
Yo no hago más de referir: digo solo que lo cier-
to es, que la buena señal que se vió en este insignie-
aron, fue el valor que avia mostrado en las oca-
siones que para esto se ofrecieron, principalmente
de mar, como dice Castañeda l.b. i cap. 2. i co-
mo el propio Rey Don Manuel le dixo al tiem-
po de entregarle la vandera desta armada, i desta
accion , delante de todos los grand's de lu Cor-
te que allí se hallaron, diciendo, que ese valor , i
fidelidad en el observada , i sus calidades anti-
guas le obligaván a fiarle esta hazaña. De modo,
que confessando el mismo Rey que se la fiz , que
estas son las señales porq̄ se la fiava, claro queda
que esas son, i que el Poeta le hizo dezir mode-
stamente, que no sabia quales eran. I así (es me-
neister, que lo digamos otra vez) si el Gama tenia
rostro de bomba de mar (logrese el dicho re-
ferido) devia ser el verdadero Neptuno , que fe-
lizmente pudo pasearse por la inmensidad del

C Oceano: i no le está mal a Vasco de Gama , quo-
se parezca a una Ciudad marítima , que a la ver-
dad sem jantes varones, no ay duda que son sin-
gu armētos dotados de atiēto divino: i esto le hó-
rra más al Gama que su nacimiento, por mas que
aya sido, como fue, de lo ilustre de Portugal: i es-
se aliento le devia ver en los ojos , i en el rostro,
el Rey, quando le eligió, ademas de las otras ca-
lidades por el referidas ; i de que su padre ya es-
tava nombrado por el Rey Don Juan para esta
misma accion, i avia muerto sin ir a ella, como el
Rey sin darle fin. I tambien pudo aver en el al-
gun dicho, o hecho, que obligasse a cobocer, que
solo el era para esta accion; como sucedió a Don
Pedro de Meneches, que quando el Rey Don Juán
el Primero ganó a Ceuta , siendo todos de pare-
cer, que se desmārteasse , porq̄ ninguno mostró a-
nimō para quedars en ella, dixo inrepidamente:

To solo con ese palo (hallavale con uno en la ma-
no) *la defenderé de todo el poder de Africa.* I vien-
do el Rey esta animosa retolucion, i ofrecimien-
to, se la entrego: i en aquel palo que pertinacece,
i se conserva justamente, juntan todos los Capita-
nes de Ceuta la fidelidad, quando entran en su
gobierno: porque como Don Pedro hizo con o-
bras heroycas, que no pareciesse arrogacia aquél
dicto, justo fue , que el palo quedasse por testigo
dei, i dellas, i mereciesse sei baston de aquella va-
liente mano , para honrar las que le sucedieron.
I estas son las fisionomias que se ven en simejan-
tes hóbres, para fiarseles simejantes cosas. I por
si alguno deseare saber qual era aquél rostro , q̄
pareció de mar a aquél Cavallero, i p̄ q̄ era grā-
de, i mas roxo que blanco: la frente espaciota, los

cejas gruesas; los ojos grandes i vivissimos; la nariz gruesa, i bien formada, los labios tambien gruesos; la barba casi bipartida, negra, muy poblada, i larga; los bigotes la acopriava collateralmente, caidos ayrosamente: i todo esto con una union venerable se està haciendo respetar, aun en la misma pintura. De la grandeza del cuerpo no me consta. Diemos mas algo de sus calidades en la estancia 14. del canto 10. I agora solo digo, que el motejar seinejantes varones famosissimos, por acciones mas que humanas, qual fue esta del Gama, i tocar en su calidad, aun quando ella no sea tan limpia, como la deste Heroe, no lo haze, sino quien no la tiene limpia, ni de nacimiento, ni de juicio, ni de acciones: porque quien las tiene, como el Gama, tiene por patria el cielo, por padre el Sol, i por blasón la gloria inmensa: i quien las tiene viles, aunque parezca hijo del Sol, es terribilis, indigno hasta de la primera vida, i nacio para ludibrio, i olvido eterno.

M e poem o inclito Rey na māo a chave, &c.
Metáfora usada de los grandes. El Poeta en sus Rimas, cancion 10.

Onde húa, e outra chave

Esteve de meu novo pensamento.

Dante en el cant. 13. del infierno.

Ia son colui che tenni ambo le chiavi

Del cuor di Federigo, &c.

Petrarca frequentemente. Se va sola la cancion 15. por parecerse mas a este lugar del P.

Del mio cor donna l'una, e l'altra chiave

Havete in mano, &c.

Dominico Veniero soneto, que comienza: O che bello, &c. — *Questa che ha di mia vita in man la chiave.* Assi M. Pietro Gradimico soneto: *Io songia, &c.* Assi el Parabosco en el Dialogo de Elicone, i Bargeo. Ariosto en el principio que diò a su Orlando (i ballareys en sus rimas) en tercetos.

— *Voi che del mio ingegno*

Ochi miei belli havete anche ie chiavi.

Confessamos no aver encontrado esto en los dos Maestros de la Poesia, i que por esto creemos, que estos Autores lo imitaron del Maestro de la Iglesia. *Et tibi dabo claves Regni celorum:* Significando en las llaves el poder comunicado: i de aí devia tener origen el uso de la singular merced, que los Reyes de Espana hacen, a los mas confidentes, de una llave de su quarto. Pero creemos, que nuestro Poeta abondo mas al usar aqui de la llave, i que esto mismo devia in disenir los Principes que dieron primero esas llaves a sus confidentes; por que hallamos, que la fidelidad se pinta vestida de blanco con llave en la mano derecha, i a los pies un perro: i que assi tomara aqui por la fidelidad la llave; creyendola el Rey del Gama en esta accion, i jurandola el Gama al Rey: el qual quando le entregó este hecho,

A le tomó el juramento de fidelidad sobre la vanderia que le dió, en que estaba bordada la Cruz de la Orden Militar de Christo: i llevó ella insignia, porque debaxo del nombre de Christo, i desta su Orden Militar se hazia este descubrimiento, assi como el Autor del avia sido el Infante Don Enrique Maestre della. I deite modo quedó siendo este juramento en ella Cruz, la llave de Cruz que el Poeta dice se le entregó, por ser la mejor forma de llave esta. Tambien pudo aludir el Poeta a la imagen de la providencia, que se pinta con dos rostros (según Cesár Ripa) i un timón en una mano, i dos llaves en la otra: las quales, dice el, enseñan que no basta el atener las cosas, sino obrar para conseguir la perfección en actos gloriosos; i que las llaves demuestran todo aquello que es instrumento de las acciones convenientes en el mundo, i que abren los laberintos fabricados sobre la dificultad de la vida humana; i como el Poeta supone, que en el Gama concuerda todo esto, como se vé por todo el Poema cuidadosamente (con singularidad en toda la estancia 89. del cant. 8.) se pinta aquí

B con las llaves en la mano; como si dixerá, que el Rey Don Manuel en enviar el Gama, embió la misma Providencia, como a tal acción convenia. I aunque es propio de los Poetas la exageración de las cosas, i particularmente del Heroe que derechamente cantan, suponiéndole como el deve ser, aunque no aya sido tal, ello es cierto que Vasco de Gama cumplió enteramente con las obligaciones de su cargo; i mostró que tenía las partes que el podia pedir. Virtuosamente digo, que también sin atender a erudiciones estuvieran bien infadas aquí las llaves; porque el Rey Don Manuel embia a Vasco de Gama a abrir nuevas puertas para passar a la India, las cuales estaban cerradas desde los fundamentos del mundo. Agorá no quiero passar en silencio lo que dice Castañeda, lib. 1. cap. 2. I es, que el Rey Don Manuel tenía nombrado a Paulo de Gama para ese descubrimiento; i el se escusó por enfermo, i pidiole, que nombrasse a su hermano Vasco, que aunque mas moço, tenía talento i fuerzas para tal trabajo; i que el le acompañaría para aconsejarle. Vino el Rey en ello. Damian de Goes dice, que Vasco pidió al Rey que le diese por compañero a su hermano: i nacio Poeta, que el de su voluntad quiso serlo, como veremos luego.

LXXVIII.

E com rogo, e palabras amorosas,
q è hū mādo nos Reys q a mais obriga;
me disse. As coisas arduas, e lustrosas
se alcançam cõ trabalho, e cõ fadiga.
Faz ás pelejas altas, e famosas,

a vida que se perde, e que periga:
q̄ quādo ao medo infame nam se rende,
entam, se menos dura, mais se estende.

I Con ruego, i amorosas palabras, que es un mā
dato en los Reyes, que obliga a mis, me dixo.

Las cosas arduas, i lustrosas se alcançan con
trabajo, i con fatiga. La vida que periga, i se
pierde, haze famosas, i altas las personas. Por-
que quando ella no se rinde al miedo infame, en-
tonces se estiende más, si dura menos.

G E com rogo, e palavras amorosas. Sennejá-
temente en la estancia 49. del canto 6. Pinta a-
qui el Poeta el modo con que devén mandar los
Príncipes; rogando, i no hiriendo, si quieren ser
servidos con amor; siendo cierto, que en lo que
se sirve sin el, nunca ellos medran mucho. I es
bien disimulada imitacion de Virgilio, quando
en la Georgica 3. dize, que cantava mandado blā-
damente de su Príncipe: *Tua mollia iussa*, &c.
de que parece resultó la perfecion de sus escri-
tos.

G Que he hum mādo nos Reys, que a mais obri-
ga. Quiere decir, que quando los Reyes mandan
con ruegos, obligan a que el mandado haga ann
más de lo que deve, i puede: porque añade nue-
vos alientos a quella suerte de mandar al deseo
de obedecer. El llamado, de los viejos de Por-
tugal, Platon Portugues, sentencioso, però tos-
co Franciso de Sà de Miranda, en el soneto 1.
al Príncipe D. Juan, rogado del que escrivieste,
i le embiasse sus escritos.

A Príncipe tamanho cujo rogo,
e mais avsens,inda he mais que mandar,
que posso eu al fazer se nam passar
pella agoa, pello frio, o pello fogo? &c.

Todavia quando le llamó tosco, no me dexa de
ser venerable: i assi es para mi, como los viejos
descritos de mi P. para el Rey D. Manuel, los
quales eran (en la est. 71.) de aspeyo, inda que a-
greste venerando.

T As couſas arduas e lustrosas se alcançam co
trabalho. Alude al camino de la virtud, que es
fragoso, aspero, i duro de seguir: però en la cum-
bre, o remate del, es infalible la gloria, i fama
heroyca. Ver desto en la est. 90. del c. 9.

T Faz as pessas altas, e famosas a vida que se
perde, &c. Virgil.lib. 2. *Pulchrumque mori se-
currit in armis.* I en el 10. *Sed famam extendere
factis; hoc virtutis opus.* B. Tal. Florid. c. 16. Che
per gloria acquistar sprezzala morte. I tambien
tirven estos lugates al ultimo verso, como luego
se verá.

T Que quando ao medo infame nam se rende.
Asi dice quella suerte de micio, Ercilla c. 5. Mi-
cio que el miedo infame, &c. Ver sobre este mied-
o lo que diremos sobre la est. 80. verso 5. del c.
6. I la verdad es, que las hazañas heroycas todas

Tomo 2.

A son hijas de la osadía prudente (i aun es mejor
ser osado con imprudencia, que prevenido con
miedo) el P.c. 9. est. 88.

Porque dos feytos grandes da ousadia

*Forte, &c. Verlo allá: el mismo Sá de Mirá-
da a citado, carta 4. cop. 4.*

*Dizem dos nossos passados
que os maes nam sabiam ler:
eram bons, eram ousados.*

T Entam se menos dura mais se estende. Esso
suena el 4. verso de la est. 64. del c. 3. Tasso Con-
quist.lib. 20. est. 106. *Stender virtu con gli animo
E si fatti.* Esto es, que quien vive mucho sin obrar
mucho, vive poco: porq no ay memoria del des-
pues de muerto: i quien vive poco, porque arries-
ga la vida, i la pierde en obras grandes, vive mu-
cho más con la fama despues de muerto.

LXXIX.

E Eu vos tenho entre todos escolhido
para huma épresa qual a vos se deve;
trabalho illustre, duro, e esclarecido;
o que eu sey, que por mi vos será leve.
Nam sofri mais: mas logo. O Rey subi-
cavéeturarme a ferro, a fogo, a neve (do
he rā pouco por vos, q̄ mais me pena
ser esta vida causa tam pequena.

V O os tengo escogido entre todos para una
empresa, qual se deve a vos mismo. Traba-
jo ilustre, duro, i esclarecido: lo que yo se os
será leve por mi. No sufrí mas: antes luego le in-
terrumpí, diciendo. O Rey sublime! el aventurar
me yo a hierro, a fuego, i nieve, es tan poco por
vos, que más me pena ser una cosa tan pequeña
esta mi vida.

T Eu vos tenho entre todos escolhido, &c. Yo
ruego a los colericos, i a los presumptuosos, i a
los cuerdos tambien, que se detengan a ver el
fuego vivo del amor, del mandar del Rey, i del
obedecer del Gama, en esta est. i veran una llama
que solamente pudo encender el aliento de tan
insigne furor, i espiritu Poetico, como el de Luis
de Camoës. Notese primero el peso de las pala-
bras del Rey, que comienzan en el verso 3. de la
est. passada, q̄ feneçió co tres sentencias graves, i
Regias, endereçadas a elevar el animo del Gama
al peligro, q̄ era el fin de la platica: i creeïdo a-
gora la persuasió, le dice otras 3. colas endereça-
das a mostrarle lo q̄ le deve: una, porq le eligió
para esta empresa entre todos, i diciendolo del-
ante de todos: otra, que ella por su grandeza
es propia para el; diciendole delte modo, que to
lo es el para ella: i otra, que aunque ie dā tra-
balho duro, tâbié le dā en su pecho un amor g-áde; q̄
ello valen aquellas palabras: O q̄ eu sey, q̄ por mi
vos será leve: como si dixera: deveyslo a lo q̄ os
Nn 3 quie-

qniero, i estimo: assi q cō tres sentencias le acordó el Rey lo q se devia a si propio; i cō tres razones lo q le devia a el. De la energia desta platica se vea lo dicho en la est. 38. El primer verso es saeado de la platica q el Rey D. Manuci hizo a todos los Cavalleros, quādo entregó este trabajo al Gama, estando el presente, como lo refiere Barr. Dec. 1. lib. 4. cap. 1. *E tēdo eu na memoria, como Vasco de Gama, &c. Eu o tenbo esculbido para esta ida, como leal vassallo, e esforzado Cavaleyro, merecedor de tam bōrosa empresa. &c.* con otras paixabras honrosas. Castañeda tambien lo refiere a su modo, lib. 1. cap. 2.

P ¶ *Escolbido para būa empresa qual a vos se deve.* Palabras del Principe al vassallo, q podia infundir osadia, i ardimento, al mismo temor, i frio, quāto i más al animoso coraçō del Gama.

P ¶ *Trabaiho, ilustre, duro, esclarecido.* Cada epícteto q dio a aquel trabajo, està produziédo desfesos de embestir con el; digo en quien no los ténga solo de morir, comer, i motejar, sin obras ilustres, a quien las executa: de que no ay falta. El duro salió de Virgilio Georg. 2. *Durus uterq; la bor:* nuestro P. ya lo dixo c. 2. est. 112.

G O que eu: soy, que por mi vos serà leve. Estas son palabras de amigo igual en puello, i calidades, que no de Rey a vassallo; i bastantes a mover las penas: i por esto sucede lo que se sigue.

P ¶ *Nam sofrimais, &c.* Notele, otra vez digo, i se venere, i te admire, la industria. Persuadia el Rey cō aquellas fortissimas sentencias, i razones; i pareciédo al Gama, q iva a dezir más, de puro redido a lo dicho, cōfirmado la grādeza del dezir, c̄ si antes q zcabe el Rey, rebiéta el pecho, i en la boca del Gama el redimiente del coraçō, de la voluntad, i de la vida. *No si fri más; mas luego. O Rey &c.* Cada palabra es una imágē de la impaciécia en el Gama para ofrecer al Rey lo q pedia; como q se casava de q le dixesse más, i de la inútilacion de animo q produxo en su pecho aquella fuerte de dezir, i de mādar, cō q rebétava por darle salida por la boca, explicádo su obediécia. Verdaderamente no sabemos explicarlo de la manera q nos lo haze cōcebir la imágē de tales palabras, i afeitos. Excede, sin duda a Virgil, aunq le imita, quādo Anchises en Troya dixo, q navegassen (lib. 3.) todos subito, brotado animos obedecieron. *Sic ait: & cūcti dielis paremus ovātes.* En el 8. quādo Hércules vio los intentos grandes de Caco.

*Non tulit Alcides animis, seque ipse per ignem
Precipiti iecit saltu.* I finalmente mejor antes en el 1. quādo Venus no pudiendo oír más lastimas a Eneas, nec plura queretē passa Venus, medio se inter fata dolore est. &c. Tratadado de Stac. Teob. 2. quādo el Rey Tebano, oyédo lo q se dia de pura colera. *No ultra passus, &c.* q es esto, *No sufri más, &c.* Como si las palabras del Principe fueran luego, i el coraçō del vassallo polvora a que el se llego, así parece esto.

A ¶ *Aferro, a fogo, a neve.* Parece q està dicho cō Sa de Miranda en este lugar q dexamos sobre la est. passada: seemjátemte en la est. 104. I sou estas palabras parte de las q el Gama dixo en el oinenage q hizo en las manos del Rey despues q passè lo referido arriba de Iuā de Barros: *E que por todos os perigos de agua, fogo, e ferro, sempre guardarey esta bādeyra ate morrer por ella:* Por q tenia el Rey sobre las manos tēdida la bādera de la Cruz de la Ordē de Christo sobre q el Gama tenia puestas las suyas, juntando. I cada palabra de aquellas, bierro, fuego, i nieve, es una imagen de lo q ya el Gama sabia aver de hallar en esse viage: hierro por las armas q se le aviā de oponer en diferentes partes, como sucedió: fuego por los climas abrasados del Sol por donde avia de pasar: nieve por los frios q ie aguardavā en otros q participā de las incleméncias del Sur. i a esto aludió el P. quando hizo dezir al mismo Gama lo q contienen los ultimos versos de la est. 67. del cant. 8. vease.

C ¶ *He tam poco por vos, q si me pena ser esta vida cosa tam pequena.* Finalmente confirma en este ofrecimiento, i pesar, de q su vida no sea más de una para ofrecerla a tal Rey, q el mādar amorofo de los Principes, obliga a que los vassallos obré más de lo que ellos mismos son obligados, como explicamos sobre el verso 2. de la est. 78. pues el Gama, cumpliendo cō ofrecer su vida, i resignar su voluntad, dessea más vidas para ofrecer las en virtud de aque! genero de mandato.

D ¶ *Por vos. Cōfessā el Gama lo q el Rey dixo: Por mi: vos serà leve: como si dixerat: No sentiré este peso, porq me le poneys vos: o porq es vuestro: es lo de Eneas a su padre, quando le quería tomar en ombros: Nec me labor iſe gravabit.*

LXXX.

E Imaginay tamanh: s aventuras
quaes Euristēo a Alcides inventava;
o Leam Cleoneo, Arpias duras,
o Porco de Erimito, a Hydra brava.
Decer enfim as sōbras vans, e escuras
onde os campos de Dite a Estige lava;
porq a mayor perigo, a mōr afrota(ta.
por vos o Rey! o espirito, e carne he pró

Maginad aventuras tan grandes quales Euristēo, inventava a Alcides: el Cleoneo Leó; las duras Arpias; el puerco de Erimito; la brava Hydra: baxar alfin a las vanas, i escuras sombras, adonde la Estige lava los cápos de Dite: porq a mayor peligro, a astenta mayor, por vos, o Rey! es pronto el espiritu; i aun la carne es pronta.

F ¶ *Imaginay, &c.* Dezir de la est. 89. del c. 5. Dize agora el Gama al Rey con gran propiedad, al embiarle a estos peligros, que invente quātos quis-

quisiere, i le embie a ellos; como el Rey Euristeo hazia con Hercules, porque sera obedecido con prontitud, aun en otros mayores que estos.

¶ *Quaes Eurysteo a Alcid. &c.* Este lugar llegado a effetto en el 8. de Virgilio nos muestra bien, que por alli anduvo nuestro Poeta en esta respicita. — *Vt duros mille labores*

Rege sub Eurystheo, &c. I asfi lo cierto es, q tambien de aqui salio el *trabalho duro*, de la est. 79. que nos parecia de la Georg. como alli diximos. La fabula, arrebatadamente, es que Eurysteo Rey tirano de Mycenae por destruir a Hercules (a ruego de Juno) le mandava acometer B imposibles; entre ellos fueron los que se siguen, tambien con brevedad.

¶ *Leam Cleoneo.* Con Lciano lib. 5. *Ille Cleonai proiecit terga leonis;* I es derechamente el animal Nemeo, que dira en la est. 2. del c. 5. porq de! bosque Nemeo era el Leon, i el estar este bos que vezino de Cleona, le hizo llamar asfi.

¶ *Arpias duras*; diremoslo en la e. 89. del c. 5.

¶ *Porco de Erimanto.* Llamavale asfi la selva en que andava un javali fiero, cuya muerte fue una de las hazañas de Hercules. Limpiamente està dicho, *puerco*, i aun sonantemente.

¶ *Hydra brava.* Es aquella serpiente notoria que andava en la laguna Lerna; i esto quiere decir Hydra cosa de agua.

¶ *Decer enfim ás sombras, &c.* En la est. 51. del c. 1. en la 89. del 5. en la 148. del 10. Entiende baxar al infierno (por alli diremos desto mas de espacio) asfi como se dice lo hizo Hercules, i Eneas, i Peritoo, i otros que los Poetas por exageracion de valor fingieron aver baxado al infierno esto ofrece el Gama al Rey.

¶ *Onde os campos de Dite a Estige lava.* Perifasis del infierno, entendido por Dite, que es lo mismo que Pluton, a quieu tocan esos destritos del infierno, a que llania campos, aludiendo a los Elisiros en que ay la Stigia; laguna por la qual juzavan los Dioses.

¶ *Por vos, o Rey!* Como el Rey le dixo en la est. passada, *Por mi, &c.* segun advertimos en la nota ultima, haciendo singular aprecio della: dixo alli, *Por vos,* &c. i buelvelo aqui a repetir con la misma ponderacion.

¶ *O espirito e carne, he pronta.* Petrarca son.

174. *Lo sprito è pronto, ma la carne è stança.* B. E Tasso son. del lib. 2. *Lo sprito è pronto.* El Varqui fol. 58. *Lo sprito è pronto, ma la carne, &c.*

De creer es, que todos anduvieron en el cap. 16. de S. Matth. *Spiritus promptus est, caro vero infirma.* A lo menos el Petrarca que lo dixo prunero, de quien tantos tomaron tanto. Trasladolo el Tasso Conquist. lib. 8. est. 132 Nuestro P. quiiso acopañar, desviandose dellos en esto, la osadia del espiritu con la de la carne, o mostrar espiritos a la carne, no solo en virtud del Real termino de mandar, con que le mando el Rey (si bien conociendo la fragilidad della, dixo, le pe-

Tomo 2.

A sava de ser la vida cosa tan pequena para darla en cambio de tal fuerre de obligar, con los fundamentos que ya apuntamos) sino con la memoria de lo que dixo en la est. 1. delle Poema, que la gente Portuguesa en esta accion, hizo mas de lo que se esperava de fuerzas humanas; i esto es agora aqui el estar prota la carne, q siempre es timida.

LXXXI.

Cô merces sumptuosas me agradece,
e com razoes me louva esta vontade,
que a virtude louvada vive, e crece,
e o louvor altos casos persuade.

A acompanharme logo se offerece,
obrigado de amor, e de amizade,
nam menos codicioso de hora, e fama,
o charo meu irmão Paulo da Gama.

A Gradeceme esta voluntad con sumptuosas mercedes; i me la alaba con razones; que la virtud alabada crece, i vive; i el loor persuado casos altos. Luego se ofrece a acompanharme el caro hermano mio Paulo de Gama, obligado de amor, i de amistad; i no menos codicioso de fama, i honra.

¶ *Cô merces, &c.* El Rey viendo la animosa resolucion del Gama, acerola, haziedole Reales mercedes; i Paulo de Gama su hermano, codicioso de tener parte en aquella gloria, acopañole por la razo q viiles al fin de la e. 77. Castaneda lib. 1. c. 2. dice, q las mercedes fueron una Encomienda, i ayuda de costa para apercibirse; i entonces era la mayor merced q se hacia: agora no fuera considerable, porq cada uno a q el Rey embia oy de una sala a otra, no se halla remunerado cõ menos de un Condado, i cosa semejante.

¶ *Merces sumptuosas.* Epiteto de Maestro fue el de sumptuosas a las mercedes: i es el termino retorico, llamado carachresis, o tambien metaleisis, parte del tropo metonomia, declarado cõ la propiedad de una cosa, la de otra diferente. Sumptuoso se dice propiamente de un edificio de gran costa, i con elegancia de mercedes valerosas, que es lo que quiere decir: ya en sus rim. Egl. 1. dixo. *Toda alegría grande, e sumptuosa.*

¶ *Me agradece.* Devé mostrarse agradecidos los Reyes, no solamente a las obras, sino a los animos, quado son tales, como el expressado aqui del Gama, no solo cõ palabras, sino cõ dadivas. Pareciosele en la accion, i excediole en ellas Felipe Quarto, como su heredero, en la ocasion de la perdida de la Baia; porque sabiendo del animo con que los Portugueses se disponian a passar a su recuperacion, les hizo mercedes, que aun para despues de recuperada eran grandes: mereciendolas algunos menos que Vasco de Gama, antes, i despues. De manera, que el gran Rey D. Manuel, i el inmenso Monarca Felipe, imi-

Nº 4 tan-

tandole, i venciendo en la imitacion , enseñaro a los otros Principes , que ay animos que hâ de ser premiados , como hechos ; assi como ay hechos, que valen menos que algunos animos.

¶ *E com razoens me louva.* Tambien le di xo el Rey algunas palabras de alabâça , despues de hazerle aquellas mercedes: al reves de otros en que vienen primero las palabras a veces secas : que ay Principes que piensan que sus palabaras,i risas son haciendas, may contra la atencion con que el Poeta aqui llama premios a las mercedes; i alabâncias a las razones.

¶ *Que a virtude iouvada vive e crece.* Sentencia de muchos Autores, i notoria de Onid. *Laudataque virtus et escit,* con las mismas palabras: i el louvada, o alabada aqui vale premiada . que deste modo se corresponde este verso con el primero, en que cõfiesa recibio mercedes: i el quarto con el segundo, en que dice fne alabado : i de otra manera avria repeticiones e cusadas.

¶ *E o louvor altos casos persade.* Pudiera traer aqui muchos ejemplos sacros , i profanos, de quantos hombres alabados de sus Principes en acciones grandes, las mejoraron. Contentarème con dezir, que hasta los animales brutos obran mas viendose alabados, como es el Elefante, que se loçanea con la alabâça , i se averguençâ con el oprobrio, conocidamente

¶ *Obrigado de amor, e de amizade.* Veys aqui como la amistad , i el amor son cosas destintas. Sirva esta seña a los curiosos para discurrir, i estudiar el punto: porque vamos con proposito de no gastar tiempo, mas que en mostrar dos cosas, la imitacion, i el entendimiento. Diremos solo, que este estilo aqui, aunque parezca menor , viene de industria , por ser proporcionado a lo de q habla el Gama: advirtiendo, que el amor de Paulo se entiende para con el Rey , i la amistad para con su hermano: aquel devido, como vassallo fiel; i esta mostrada como amigo, i pariente en tal grado: porque esta la ay de igual a igual i aquel entre los desiguales, con la diferécia que pueñe ver el curioso en Leon Hebreo : i yo tratè algo en uno de mis discursos Moraies, i Politicos. El verso tiene semejante en Ercilia cant. 15. *I de amistad, i deudo comovido.*

¶ *Cobiçoso de bonra, e fama.* Estava Paulo de Gama, hermano de Vasco , lleno de codicia , de fma, i nonibre, al verle acerar un hecho tan propio para ganarla , i expuso al trabajo con que se consigue esto que codiciava: obligacion de los hombres en quanto pudieren. Dezimos obligacion, porque quien falta a ella , principalmente en las cosas de la Ley, Patria, i Principe, i amparo de su casa , i de los necessitados , es castigado en el otro mundo, como el que procedio malignamente. Por esto Dante al entrar en el infierno, dize, que luego a la entrada estâ el lugai en q sen punidos los que fueron, ni buenos, ni malos, com perniciosos neutrales, que Dios no quiere

tengan parte en su gloria. *Deleantur de libro viventium, & cum iustis non scribantur.*

¶ *O charo meu irmão Paulo de Gama.* Llanaiza de verso , i estilo con que el Poeta explica la que deve aver entre amigos, i hermanos: i avia mas para esto la razon que se hallará al fin de la estancia 77.

LXXXVIII.

Mais se me ajunta Nicolao Coelho, de trabalhos muy grande sofredor; ambos sam de valia, e de conselho,

B de experienzia em armas, e furor. Ia de manceba gente me aparelha, em que crece o desejo do valor; todos de grande esforço: e assi parece quem a tamanhas coufas se offerece.

Mas se me junta Nicolao Coello , muy gran sufridor de trabajos. Ambos son de valor, i de consejo: de emperienzia en armas, i furor. Ya de manceba gente me aparecio , en quien el deseo del valor crece . Todos de gran esfuerzo: i lo parece assi, quien se ofrece a tan grandes cosas.

¶ *Mais se me ajunta Nicol. &c.* Todo es imitacion de Virgil.lib. 2. Refiere el Gama, que lnegó que su hermano le viò resuelto a hazer este viage, se ofreció a acompañarle, i tambien Nicolao Coello. Eneas de los que se resolvieron a ir tras el, quando acudió al incendio.

In flammis, & in arma feror, &c.

Addunt se socios Riphœus; & maximus armis Iphitus, &c. I va nombrando otros.

¶ *De trabalhos muy grande sofredor.* Era lo q pedia un tan gran trabajo como este , hombres señaliados en sufrirle. I es grande elogio este de Nicolao Coello: i merecido de un tal Cavallero, i que lo mostró bien, quando entró de huelta en el puerto de Lisboa solo; porque aviendole apartado de Vasco de Gama una tormenta, i pensando que le traia de lante , quando en el puerto supo, que el le quedava atras, subito hizo volver la proa a la barra para ir en busca de su Capitan abrazandose mas con un nuevo trabajo de tan poco gusto, que con el dulce descanso de su casa, de que avia llegado a ver la puerta, i con el aaborço de hablar a su Rey, con tan felices nuevas como le traian: però alcançandole un mandato Real no ejecutó lo que le pedia su zinimo incansable; i calando las velas, suspendió el intento.

¶ *Ambos sam de valia, e de cons.* Con grã cuidado haze aqui el Poeta. que siendo Paulo de Gama hermano de Vasco General desta flota, le iguale el con Nicolao Coel o:mostrando, que el superior justo no ha de hazer acetacion de personas por respetos de sangre, i amistad , ni otros algunos.

¶ De valia, e de conselho, &c. Ariosto cát. 10.

— Il fior de ligagiiardi

Di consiglio, e d' ardire, &c. El Tasso en su Conquista, c. 1: est. 83. Cavalier si gran forza, e di consiglio.

¶ De experientia em armas, &c. Las mismas palabras del lugar de Virgilio, quo queda arriba: i por la cuenta Paulo, i Nicolao ya aviā servido militarmente al Rey, i bien. I assi no pue-
do dexar de advertir la ventaja, que este descubrimiento hizo a otros en la calidad de las per-
sonas, porque en nacimiento eran Cavalleros o
nacidos: en acciones logravan ya fama honrada,
i eran estimados de su Principe. Veale lo que di-
remos en la est. 45. del c. 7.

§ Ia de manceba gente me aparelho. Aunque esta empresa era tan ardua, que casi todos la temian, al ver que personas ta señaladas, como las tres ya nombradas, se exponian a ella, luego cobraron animo muchos para irse tras ellos: tanto puede el exemplo de los grandes coraçones. I tambien este concurrir de gente es a imitation de Virgilio, quando Eneas dava cuenta de como se prepararon para la navegacion, lib. 3. Cōtra-
bimusq; viros, &c. I el manceba gente, salio del 5. Viridique tuventa, &c. Ha parecido a los que no saben mas de pensar en lo suyo, que el epite-
to de manceba fue bajo, porque se acuerdan de que ordinariamente quiere decir concubina; pero aqui està por juvenilis (o el inventa de Vir-
gi. que ai queda) cõ gran acierto: i està es la gracia particular de quien sabe, decir mil veces eõ
palabras ordinarias extraordinariamente; i esto confiesan no saber obrar los que censuran a quié lo supo: Ademas desto, era la politica de entó-
ces, como lo veremos en el elegante Barros, del lugar que irá en la 85. describiendo el mismo a-
cto: I manceba se llama en las Leyes de Castilla, a la donzella moça; como vulgarmente al ho-
bre moço se llama mancebo: i mundana tambien es voz que sirve mas en lo profano; i luá de Me-
na la usa en la descripción de la esfera, así: Con
toda la otra mundana maquina: Ver lo dicho so-
bre el verso 6. de la estanc. 52. del cant. 2. i so-
bre ser aqui adjetivo el manceba, lo que irá en la 29. del 5.

LXXXIII.

Foram de Manoel remunerados,
porq com mais amor se apercebessem;
e com palavras altas animados
para quantos trabalhos sucedessem.
Assi foram os Mynias ajuntados
para que o veo dourado cõbatassem,
na fatidica nao, que ousou primeyra
tentar o mar Euxino aventureya.

Fueron remunerados de Manuel, porque se aper-
Tomo 2.

A cibiesen con mas amor: i animados con altas pa-
labras para quantos trabajos sucediesen. Assi
fueron juntados los Mynias, para q combatiesen
el dorado vellon, en la fatidica nave, que aventu-
rera osò tentar primera el mar Euxino.

¶ Foram de Manoel remunerados. Continua-
lo que dixo en la est. 81. de que el Rey hizo mer-
cedes al Gama, i a los que ivan con el; i enseña-
en esto, que no se han de hazer solamente a los
Generales, como veremos en la estanc. 48. i 85.
del cant. 9. sino a todos los que trabajan: i assi
el Rey hizo mercedes a todos; refierele Castaño
da lib. 1. cap. 2.

¶ Porque com mais amor se apercebessem. El Rey mostróles su amor en hazerles mercedes; imitando a Dios, de quien dice la Escritura: Sic dilexit mundum, ut unigenitum Filium suum daret, &c. De maniera, que la divisa fue testimo-
nio del Amor: i el Amor es produccion de la divisa: i esta es la verdadera armonia; que en tar-
tando difieren los alios.

¶ E com palavras altas animados. Teneys a-
qui dos ponderaciones: una, el insistir el i oera
en poner en segundo lugar las palabras de alabâ
bança, poniendo en primero las dadiyas, como
en la est. 81. por las razones que allí apúntamos:
enseñando constantemente, que palabras buenas
de los Príncipes, si vienen con dones, son guarni-
cion, i adorno dellos; i si sin ellos, no son de más
sustancia que las flores en las pláticas, porque las
flores no son fruto, sino señas del. Parecenos q
estos premios imitan los de Encas en el 5. Veâ-
lo, si quieren, los curiosos; que yo en no hallan-
do testimonios evidentes de la imitacion, no me
derramo en copiar lugares. La otra ponderación
es, el decir, Palabras altas. El Tasso Liber. c. 6.
est. 18. Con parole magnifice. Quiere decir, grâ-
des, Reales, soberanas palabras: i muestra, que
los Reyes no devén tener apocadas, ni aun las
palabras, quanto i mas las manos: ya obro assi el
Poeta en la est. 102. del c. 2.

¶ Assi foram os Mynias ajuntados. Gentes
de Thesalia, que con premios, buenas razones, i
tratamientos, fueron obligados por Iason a acô-
pañarle en el viaje que hizo a Colcos, para ga-
nar aquel decantado velloncino de oro: hazaña
que le encargó el Rey Pelias.

¶ Fatidica nao. Entiende la nave Argo que
fue la primera que passò aquel mar: i llamala fa-
tidica, porque fatídico quiere decir cosa que di-
ze los Hados: i la nave Argos no solo se hizo por
orden de Palas, i era hecha de las enzinas de la
selva Dodonea (adonde Iupiter tenia Templo, i
Oraculo, hablando por el medio de dos palomas
que allí bolavan, de que se les diò el epíteto de
Dodoneas) sino que las propias enzinas habla-
van tambien: i por ser la nave labrada dellas ta-
mbien hablava: i por esto principalmente la llama
el Poeta fatidica: i assi llamò Seneca a la made-
ria della: Quercus hanc sortem mibi fatidica, &c.

I del hablat della Claudiáno en Stilic. *Arbore* A *presaga tabuias animasse ioquaces.* Agora pñes mi Poeta compara a ellá nave las nuestras, di-
repos, que lo satírico toca, a que si elias no crá
hechas del mismo Oraculo, o enzinas, eranlo de
enzinas que tienen este epíteto: i por orden del
Oraculo que el Hado, o providencia divina, ex-
pliò al Rey Don Manuel por el medio del Gá-
ges, como queda en la est. 76. I n tambien allá
eran. Oraculo las palomas, acá fue auxiliadora
otra Paloma superior, que es el Espiritusanto, fi-
gurado en ella. como vimos en la nota 2. al titu-
lo deste Poema. El termino destos quatro ver-
sos fue tomado deste lugar: *Velleris fulvi spolio*
superbus aquor Euxinum primus rate naviga-
vit. Traelo Textor en sus Epit. voz Argo.

¶ Tentar o mar. Termino del Magisterio de
Virgil. Eglog. 4. *Quia tentare Theim ratibus.*
Talfo Liber. cant. 15. con las palabras de nues-
tro Poeta.

Oso di tentar l' alto Oceano.

¶ Euxino. Es el mar mayor, por dónde fue es-
sa nave Argo.

¶ Aventureyra. Por esto de ser primera. Mas
porque el Poeta va con cuidado de encaminar-
nos, no solo al entendimiento del misterio con q
habla en este Poema, declarando unos lugares cō
otros, como abundantemente vamos enseñando,
sino que tambien nos advierte de muchas de las
imitaciones que hace; i con singularidad en esta
ocasió por lo galante, i diestro de lo imitado en
ella: advirtiré aqui las veces principales que u-
sa desta industria. En la est. 12. del c. 1. advirtiendo,
que esta Lusiada es otra Eneyda: i en la 83.
que el Moro. introducido es otro Sinon: i en la
106. del c. 3. q la Reyna D. Maria está allí delá-
te de su padre, como otra Venus deláte del suyo:
i en la 23. del 9. que se vale de Cupido en Anche
diva, como ya del mismo en Cartago: i en la 53.
del mismo, que con aquella Isla, imita la de De-
los: a este modo en otras. Aqui haze lo mismo,
advirtiendo, que estos navegantes para la India,
fueron juntados como los Mynias para Colcos: i lo
que con esta advertencia quiere entendermos, es
que imitó en toda la invencion deste troço, des-
te canto, i del 6. en aquel concilio, la de Valerio
Flaco (con la parte que tocáre a Apolonio Ro-
dio) en su Argonautica; i es deste modo: Valerio
dice, que el Rey Pelias determinado en hazer
aquella navegacion, para conquistar el Vellocio-
no, llamó a Iason, i le encargó esta hazaña, enca-
reciendo lo mucho que fiava de su valor: esto
sucede acá al Rey Don Manuel con Vasco de
Gama, desde la est. 77. hasta la 81. Alla Iason des-
pues que acetó la empreza, juntó aquellos valientes
Cavalieros que fueron concil: acá sucede lo
mismo desde la propia est. 81. hasta la 83. Alla
empiezan las madres, espolas, hijos, i parientes a
llorar los navegantes, juzgandolos ya por muertos
en tan nuevo i peligroso viaje: acá sucede lo

propio desde la est. 87. hasta el fin del canto. Allá
mientras se fabricava la nave Argo, i se disponia
la gente a la navegacion, i lloravan los interesados
esta ausencia, negociava el viento Boreas cō
Eolo la destrucción de aquellos navegantes, da-
dose por afrontado de que los hombres atrevi-
dos osasen caminar por los mares nunca trilla-
dos de gente humana: acá en el cant. 6. desde la
est. 6. hasta la 34. anda Baco solicitando entre
los Dioses marítimos los vientos para destruir
los navegantes, dando por razon, que atrevida-
mente violavan sus mares, nūca antes surçados;
E i que esto era afronta suya; i singularmente lo dir-
e en la est. 30. i luego en la 31. les advierte, que
obren contra ellos, a exemplo de lo que obraron
contra los Argonautas por semejante atrevimie-
to. Allá mientras los vientos se componen para
dar sobre los navegantes, refiere el Poeta las in-
quietudes que avia en la Corte del Rey Pelias
por la resolution deste viaje, principalmente es-
tos interesados en la cōpañía, i vida de los que
ivana el acá en este canto 6, mientras en las es-
tanc. 35. 36. i 37. se ensayan los vientos para es-
ta destrucción, refiere el Cainoens la historia de
los doce de Inglaterra desde la est. 42. A lā sigue
C de despues la temtanta; i acá desde la est. 70. I
este modo va mi Poeta imitando mucho de a-
quel; i advirtiendo nos juntamente de que lo ha-
ze; como verenios otra vez por otro modo en la
est. 31. desse cant. 6. cn mucho más le imita, a sei
de invencion, como de estilo: però no podemos
traerlo aqui todo. El curioso con esta informa-
cion; dè por allá una vuelta, si gusta, i lo enten-
derá mejor.

LXXXIV

E já no porto da inclita Vlissea, (jo,
D co³ hū alvoroço nobre, e co³ hū dese-
(onde o licor mestura, e branca areia
com o salgado Neptuno o doce Tejo)
as naos prestes estám: e nam refrea
temor nenhum o juvenil despejo,
porque a gēte maritima, e a de Marre
estám para seguirme a toda parte.

Y A en el puerto de la inclita Vlissea, adonde el
dulce Tajo mezcla el licor, i blanca arena cō
el salado Neptuno, estan promptas las naves cō
un noble alvoroço, i deseo; i no refrena ningun
temor al juvenil despejo: porq la gente mariti-
ma, i la de guerra estan para seguirme a toda
parte.

¶ E já no porto, &c. La estancia describe el
alvoroço con que se alistava, o concurriá la gē-
te: i los mismos versos, locucion, i palabras están
siendo imagen del propio alvoroço. Luego ire-
mos a la explicacion, i entretanto advertimos,
que este es el verdadero principio del asunto
del

del Poeta, que viene a estar casi en la mitad del Poema, de que fue principio casi el medio del asunto, diciendo en la estanc. 19. del c. 1. en la qual empieza el Poema: *Li no largo Oceanus naveratam:* i por esto enseñaremos en la e. 27. del cant. 5. el modo con que ha de ser leido de aquellos que desearan leerle como historia, que es el que siguió el gran Tasso, imitando en esto muy poco a Homero, i Virgilio. Vease lo dicho en la estanc. 76.

¶ *Du inclita Vliffsea, &c.* Dá cuenta del puerto de que salió la armada (que fue de Lisboa a B que llama Vliffsea, con la tradicion de que la fundó Vliffes, sobre que vereys las est. 57. del cát. 3. i 5. del 8.) como Eneas de la suya, lib. 3.

— *Classemque si:b ipsa*

Antandro, & Phrygia molimur motibus Ide.

¶ *Cō bum alboroco nobre.* Pinta el alboroco, i la alegría con que la gente se juntava para seguirle en este viage, a imitacion de Orfeo en su Argonautica, así:

*Atq; ubi iū gressus spectat me ferre propinquos
Exultat animis, & gaudio plurima carpunt.*

Vamos a la est. 147. del cant. 10. i entre tanto podemos recordar el epílogo de noble a este alboroco, con que el Poeta sin duda nos advierte de la calidad de gente, que fue a este descubrimiento, comenzada a apuntar en la estancia 82. porque siendo ilustre, i de acciones ya estimadas, éste es el modo de alborocarse, cuerda, reposada, i ayrosamente: i todo esto vale allí el noble: al teves de la gente ordinaria, cuyas acciones son alteraciones, i sus alborocos, alborotos.

¶ *E com bum desejo.* Vale unidos có una misma voluntad, intento, i resolución, que era el servicio de Dios, i del Rey i de la patria, que nun a se hizo bien sin armonia de corazones: i por la q; bivo en estos, sin duda fué feliz el suceso.

¶ *Onde o licor mestura, &c.* Así en sus rim. Eg og. 6. Que se usó cor aquí mestura. Dáte Purg. cant. 3. Dóvel' acqua di Tevere se insala.

I esto viene a ser en el puerto de Lisboa, adonde el Tajo ya es salado, porque el mar le viene a recibir aun mas arriba.

¶ *As naos prestes estam.* Barros lib. 4. cap. 1. Quatro velas em Lisboa estam prestes para seguir estam iagem, i eas 2. os navios foram prestes, &c. Eran quatro vasos; el del Gama se llamava San Gabriel; el de su hermano, que era mayor, São Rafael; Berrio el en que iba Nicolao Coello: i una barcaça con mantenimientos, i sobresalientes. Se trajian las personas dellos hasta 170. de mar, i guerra. Esta fue la armada. Castañeda ib. 1. cap. 2. hace memoria de que dos naves destas se hicieron de la madera que el Rey Don Juan tenía junta para el mismo intento: i nos parecio no omitirlo, por no quitar a tan excelente Rey la parte de gloria, que por esto le cabe en este hecho.

¶ *Nam refreac temor nenhum o juvenil d'spejo.* Virgil. lib. 2. Omnisque juventus tetra ficit.

A Seneca Theb, ac. 2. *Et juvenum furor constat,* &c. Ninguno se acordava del peligro sino de la gloria de buscarle; pero explica el Poeta có providencia, que esto era en la gente moja: que la de mas maduros días ponderava los peligros juntamente con los triunfos.

¶ *Porque a gente maritima, e a de Marte.* Enciende los marineros, i soldados; i dice, que se le avian ofrecido unos i otros para seguirle adonde quisiese. Todo Virgil, quando Eneas se queria meter en viage, lib. 2.

— *Collectam exilio pubem, &c.
Vndiq; convenere animis, opibusq; parati
In quascumq; velim pelago deducere terras.*

LXXXV.

Pellas prayas vestidos os soldados, de varias cores vcm, e varias artes; e nam menos de esforço aparelhados para buscar do mundo novas partes.

Nas fortes naos os ventos sollegados, ondeam os arios estandartes; C ellias prometem vêdo os mares largos, de ser no Olimpo estrellas ccmo a de

(Argos.

V Ienen los soldados por las playas vestidos de varios colores, i modos varios: i no menos aparejados de esfuerzo, para buscar nuevas partes del mundo. Los sollegados vientos ondean los arios estandartes en las fuertes naos. Ellas prometen viendo los infinitos mares, de ser, como la de Argos, estrellas en el Olimpo.

¶ *De varias cores vcm, &c.* Vease lo que dimos sobre los dos versos últimos de la est. 22. I no ay duda, que parece se está viendo aquí venir por la playa la soledad sca, de que es propia esta variedad de colores: i aunque en la estancia passada se acuerda de los marineros, en esta no, por dos razones; una, porque los distingue la calidad de las ocupaciones en lugar i lucimiento: otra, porque los marineros estaban ya atendiendo a su oficio, i los soldados venian a embarcarse este dia, que es el de la partida.

¶ *E nam menos de esforço aparelhados.* Es el *convenere animis, opibusq; parati*, del maestro q; os deixamos en lo ultimo de las notas de essa otra estancia. Enseña nuestro Poeta, que no basta el habito, expressado en los dos versos antecedentes, para pensar alguno, que con ello es soldado, o Religioso, o hórado; sino que es menester, que debaxo del habito aya valor, espíritu, i procedimiento limpio, para satisfazer con las cores a la ostentacion del traje: i así declara, que estos soldados traian debaxo de aquellas galas unos coros llenos de valor heroyco.

¶ *Os ventos sollegados.* Como este es el dia de la embarcacion, i salida del puerto, i e.la no se haze

haze, sinò con gran templança de tiempo, essa os
descive e Poeta bolando, i con perficion, dizié-
do, que el viento corria templado : que alfin si lo
miraredes bien, no ay palabra ociosa en este ho-
bre, quando es menester cuydado.

G Onde am os estandartes: En la est. 73. del c.
2. dize, que el viento eslava haziendo ondas en los
estandartes, porque mencionados de, parece que las
hazé ellos, como el mar en que ellas son propias,
i procedidas del mismo viento. Garcil. Egl. 2.

*Al viento las vandas tremolando,
Las ondas instantando en el moverse.*

Llamales aeras co propieiad; porque ellos tie-
nen diferencia de las vanderas en pender de una
cuerda, en la qual los anda llevando el ayre de
una parte a otra; i ellos estan fixas, o fixa el hasta
en que ellas estan tremolando. El gran Tasso
Liber. cant. 20. est. 28. con mi Poeta puntualme-
te : *Sparse al vento ondeggiando le vandiere.* Ya
diximos en otros lugares, que el Poeta de diferen-
tes acciones suele hacer una. Confortine a esto en
estas despedidas del Gama, i su compañía, mez-
cla algo de las de Pedralvarez Cabral, que des-
pues del consecutivamente passo a la Indias: por
que descriviendolas Iuan de Barros, en el cap. 1.
del lib. 5. de la Dec. 1. dize : *Asi ferviam todos
com suas libreas, e band vras de cores diversas, q
nam parecia mar, mas hum campo di flores com a
fior daquella mæciebia juvenil, que se embareava.*
I esto es lo de esta estancia : el mæciebia queda
en la 82. el juvenil en la 84.

T Vendo os mares largos: el viendo, se entien-
de despues que huvieren visto estos mares, des-
pues que huvieren hecho este viage, serian ador-
nadas de estrelas, como fue la Argo despues que
hizo el suyo.

T De ser no Olimpo estrellas. Assi es, que con
su estupenda navegacion fueron las naves Porru-
guesas estrellas, Norte, i doctrina para todas las
de los otros hombres. Tambien pudo dezir, que
se convirtieron en estrellas, porque fueron car-
gadas de la lumbre de la Fè para muchas Provin-
cias, i esta lûbre es el mejor Planeta para el cie-
lo: i tambiè, porque las dos principales naves se
llamavan de los Angeles, Gabriel, i Rafael; estre-
llas grandes en la gloria, que es el verdadero O-
limpo. Vease lo dicho a este intento en la estan-
cia 75. del cant. 2. I no solamente tienen parte
desta manera en el cielo estas naves, como la de
Argos, sinò en el propio mar del Oriente, porque
cierto parage del se llama de São Rafael, por aver
alli quedado el navio deste nombre. Assi que co-
mas nobles estrellas que las de la nave Argo, se
adornaro nuestras primeras naves de las Indias.
La razon està diciendo, que sus cadáveres devie-
ran colgarse en algun Templo por trofeos. Los
Portugueses atienden poco a estas memorias:
mejor lo hizieron los Castellanos, que oy
estan viendo los huesos de la nao

Vitoria.

A

LXXXVI.
Despois de aparelhados desta sorte
de quanto tal viagem pede, e manda,
aparelhamos a alma para a morte
q sêpre aos nautas ante os olhos anda.
Para o summo poder q a eterea Corte
sustenta só com a vista veneranda,
imploramos favor que nos guiasse,
e que nossos começos aspirasse.

D Espues de aparejados desta sorte, de quan-
to pide, i manda un tal viage, aparejamos
el alma para la muerte, que siempre anda delante
de los ojos a los navegantes. Para el suyo po-
der que sustenta la eterea Corte, solamente con
la veneranda vista, imploramos favor que nos
guiasse, i aspitasse a nuestros principios.

T Aparelhamos a alma para a morte. Dize, q
despues que se previnieron de todo lo necesario
para el viage a lo humano, hicieron lo propio a
lo divino, que fue confessarse, i comulgar, conoci-
endo que quien navega, va continuamente a pe-
ligro de perder la vida. Esto no se usa agora, por
que ordinariamente se entran todos en la mar,
sin mas cuidado del peligro en que se mete, que
si fueran de un aposento para otro; como si qual
otro Vlisses llevara cada uno en su mano los vi-
tos para templarlos a su voluntad.

T Que sêpre aos nautas ante os olhos anda.
Anda simida la muerte bolando a los ojos del
que navega, como la mariposa a la luz: unos la
ven, i otros no; los que no, singen mucho de lo
alentado, i tienen mas de lo ignorante unos, i de
lo perdido otros. Yo he visto mucho dcsto. El
verso està excelente, i atendió claramente el P.
en el, al otro de Vngil.lib. 7. *Qualia meditata mari
Nautæ patiuntur in alto.* Ningun mortal tie-
ne la muerte mas prompta, que los navegantes,
porque en el mar hasta las bonanzas son peligro-
sas, a lo meusos, porque facilitan el ir a peligro:
por esto haze el Poeta, que este fuese el remate
de las prevenciones para navegar. Vease lo que
diremos en la est. 74. del c. 5.

T Para o summo poder, q a eterea Corse, &c.
Se deve suponer, *Llevantando los ojos, o la mente
al cielo,* porque de otra manera, seria manea la
oracio, que es como la de la est. 125. del c. 3. *Pa-
ra o ceo levantando os olhos.* I esto se ha de suprir
aqui. Si ya no le huiesse de ordenar el texto des-
te modo: *Con la vista veneranda para el sumo po-
der, que sustenta la eterea Corte, imploramos fa-
vor:* mas no me agrada: porque sin duda la vista
veneranda, es del sumo poder implorado, i no de
los implorantes. Elijan los curiosos. La clausula
ordenada toda es de Eneas en el 3. refiriendo
tambien su salida a navegar.

Sacra Dionæ matri, Divisa ferebam

Auf-

*Afficitus captori m operum, si peroq; nitentem
Cæcicolum Regi maciat am in littore taurum.*

¶ *Sustenta s̄i com a vista veneranda.* Solo el ver a Dios es el sustento de las almas. i el espíritus de que se compone la Corte celeste. Todas nosotros Camaleones, están manteniéndose de aquél divino aliento; Las letras sagradas están llenas de lugares, de donde pudo salir este. Mas porque las osadías poéticas, i licencias amorosas, están continuamente suponiendo en el objeto hermoso, o amado, lo que solo es propio del poder divino; veys aquí como el Poeta confiesa, que se mantiene en la vista de su amada.

*Quando da bella vista e doce riso
tomando esiam meus olhos mantimento,
Tam enlevado finto o pensamento
Que me faz ver na terra o Paraíso.*

Es en sus Rimas el soneto 17. De modo, que aquella vista en mantenerle, se parecía a la divina: luego essa divina es la que mantiene estos cielos, i sus habitadores, como aquí dice. Claro está: así se vé lo que aí acabo de decir, que el *vista veneranda*, se entiende de Dios; i está en los dos versos expressado con magestad, su magestuoso poder, admirablemente.

¶ *Que nossos começos aspirasse.* Virgil. Georgi. i. *Audacibus annue ceptis.* Ovid. a la entrada de sus Met. *Dix ceptis aspirate meis.* Lucano lib. i, en persona de Cesat al empezar la guerra.

— *Summiq; o numinis infiar*

Roma fave ceptis, &c.

Aquí reprovo el Poeta dos estancias, que se vé en nuestro manuscrito, que expresaban la confession, i comunión hecha i recibida de los navegantes al tiempo de embarcarse, assí:

i.

*Ali lbe prometemos se em sossego
nos leva ás partes onde Febo nace,
de ou eßpalbar sua Fè no mundo cego,
ou o sangue do povo pertinace.
Fizemos para as almas santo emprego
de fier confissim pura, e verace,
em que posio que bereges a reprovam,
as almas, como a Fenix, se renovam.*

2.

*Tomamos o divino mantimento
com cuja graça saneta tantos dias,
sem outro a'guim terreste provimento,
se sustentaram ja Moyses, e Elias.
Pam, de quem nerhum grande pensamento,
nem sutis, e profundas fantasias,
alcançam o segredo, e virtude alta,
se do juizo a Fè nem supre a fáta.*

Están las estancias neutrales entre lo grande, i moderado: hizo bien en quitarlas, porque para aquí basta lo que dixo felicemente en esllora estancia.

Ala primera.

¶ *Ou eßpalbar sua Fe, &c. Ou o sangue, &c.*
Que, o avian de reducir aquellos bardalos con

A la prediccion primero, o éo las armas despues: i atiende el Poeta a la ordē que llevava del Rey, de que primero pacificamente profrisiessen la Religió; si no fuessen escuchados, usaciō de las armas, como vimos en la estancia 36. del can-

to 1. ¶ *Sancto emprego.* Empleo farto fizieron para embarcarse, confundose: i atiende el Poeta a dezirnos, que quando hazian este empleo los navegantes, negociavan estos descubrimientos: no agora, que el empleo todo se reduce a fardos: i raros son los que se acuerdan de confession.

B ¶ *Fiel, &c.* Enseña qual deve ser la confessiō para ser buena, i obligar a Dios.

¶ *Ponto que heriges a reprovam.* Tambien la repreuan Christianos que se confiesan mal, i violentamente. Pudo el Poeta atender en esto a Inglaterra: i singularmente a aquellos, que en Alemania entonces rezientemente rehusayan el confesarse, cosa que diò cuidado a Carlos V.

¶ *Como a Fenix.* Es muy bueno el decir, que las almas saen de la confession verdadera, como la Fenix de las brasas: porque quien se confiesa bien, abrasase en amor divino. O, i que gran ocasión para hacer una inmortal acta, sobre la inmortal Ayo, i argumentar si la ay, o no la ay! doyala de barato a los eruditos.

Ala segunda.

¶ *Mantimento, &c. Moyses, &c.* El divino mantenimiento con que se sustentó Moyses en el desierto, es el Maná, figura del santissimo Sacramento, que recibieron agora los navegantes.

¶ *Pam de quem, &c.* Que ningun entendimiento humano alcanza, sind por medio de la Fé, el secreto del sanctissima Sacramento: i por esto es particular titulo suyo el de inefable.

LXXXVII.

D Partimonos assí do sancto Templo
que nas prayas do mar està asentado,
que o nome tem da terra, para exépio,
dóde Deos foy em carne ao mundo da-
Certificote, o Rey, q se contéplo (do).
como fuy destas prayas apartado,
cheyo dentro de duvida, e receyo,

E que a penas nos meus olhos ponho o
(freyo).

A Si nos partimos del santo Templo, q està as-
sentado en las playas del mar: i que para exé-
plo tiene el nombre de la tierra, a dóde Dios
fue dado en carne al mundo. Certificote, o Rey!
que si contéplo coño fui apartado destas pla-
yas, que a penas pongo el freno en mis ojos, lle-
no dentro de judea, i de rezelo.

¶ *Partimonos assí.* Assí guarneidos los cuer-
pos con galas, i ofidia; i las almas con actos Ca-
tolicos, como lo digo en las dos estancias ante-
ceden-

cedentes, salieron del puerto de Lisboa, estando las naves en frente del Templo de Belen, que allí se vè levantado. De modo, que aquel *así*, relata esto, al modo que en el lugar de la Escritura: *Sic fatigatus*, que explicamos en la estancia 60. del cant. 2.

To *Dos sáncto Téplo, que nas prayas, &c.* Quādo el valeroso, i de éto infante Don Enrique, padre de nuestros descubrimientos, les vió bien principio, fundo una Hermita (que llamó de los Reyes de Belen) en la playa junto a Lisboa: que fué como profecia, de que al Belen de Portugal avian de venir, como al de Judea, a ofrecer dones, i pagar tributos los Reyes Orientales. Este era el Templo que allí avia al tiempo desta partida del Gama. Despues empeçò el Rey Don Manuel a abratar otro de estructura estupenda, que allí se vè. Dezimos empeçò, porque solamente la quarta parte del diseño se ejecutò: i no porque no puedan aquello principios competir con los fines de ilustíssimas fábricas: con que el Rey se pareció en su edificio a Virgilio en su Poema, que no quedando acabado, los acabados no le iguala. Eneas en Cima (lib. 6.) prometia a Apolo un Templo de marmol, si llegasse a Italia. Valgame Dios, i que bellas descripciones fiziera mi Poeta, si este que el Rey hizo para el verdadero Apolo despues de llegado al Oriente, estuviera allí, quando de allí salió esta flota! Lo menos que este tiene, es ser todo de marmol, porque la obra se aventaja a más preciosas materias.

To *Que o nome tem da terra, &c.* Dizen estos dos versos, que tiene aquel Templo el nombre de Belen; porque essa es la tierra adonde Christo nació vestido de nuestra humanidad, en las entrañas limpiissimas de Maria siempre Virgen, pura, unica. I assi como el gran Doctor San Gerónimo estuvo en Belen de Judea, está agora en el de Portugal; porque logran ésta fábrica Religiosos suyos, como otras Reales de España, haciendo los Catolicos Reyes della con su devoción, i grandeza su valido este valiente pilar de la Iglesia. Yo tuve tentacion de tomar licencia para de zir algo deste edificio; mas por no desluzirle con mi poca elegancia, lo dexo de hazer: diciendo solo, que me hallo en Roma, adóde ninguna maravilla de las suyas admirables, me tiene diminuido nada de la admiracion có que siempre he visto aquella en que es acompañada de grandeza la curiosidad; i de arte la arquitectura; i de precio la materia. I porque se vea el respeto que devén guardar los presentes a los passados, que supiero mostrar el camino de las acciones gloriosas, advirtire, que no siendo más de una estrecha Hermita, lo que hizo el Infante Don Enrique; i lo q hizo el Rey Don Manuel, siendo una fábrica, donde los ojos utados a ver maravillas se maravillan, i deviendosele de justicia el mejor lugaz, por fundador, i Rey, no le tomó para si, i le dió

Al Infante, haciendo colocar su estatua en la puerta principal, uno de los principales triagos desta máquina, dandole el premio del motivo que el le dió para ésta. La verdad es, que se toma el primer lugar en el mundo, q quien sabe ponerse en el segundo con tan Reales respetos: i el Rey Dó Manuel conociéndolo, quedó con esta acción, dando el lugar al Infante, merecido del, i mereciendo otro mayor q el que le dió. A fin lo cierto es, que tan hermosos aciertos son hijos legítimos de espíritu, no solamente Reais, sino divino.

Co *Certificate, o Rey, que se contemp!. &c.* Lo mismo que el Poeta hace decir aquí al Gama, q sentia al acordarse de quanto se apartó de su patria, i de su casa, parientes, i amigos, siento yo quando le leo: con tanta propiedad está expresado. Aquí comienza a describir las despedidas (i duran por las seys esencias siguientes) de tierra, i gente en la playa; i no las escribe continta, sino con las propias lagrimas, i sentimientos del alma. Nadie, antes, ni despues dixo tanto en semejante ocasión. Quien le entienda, i alcance a tener aigo, que no lea de bestia fiero, ha de protrumpir en lagrimas, leyendo este rati. Símo pintor, de los efectos amorosos en este passo. Mal nos podriemos escusar de poner aquellas despedidas de Eneas, i su gente, quando al deixar alguna en Sicilia, partió para el Lacio, pnes el P. imitandole se animó a superarle. El dice desta manera.

*Exoritur procurva ingens per iittora fletus
Complexi inter se, no elemq; diemq; morantur.
Ipse iam matres, ipsi quibus asper a quondam
Visa maris facies, & non tolerabile numen
Ire volunt: omnemq; fige perferre laborem.
Quos bonus Eneas dictis solatur amicis,
Et cōsanguineo lachrymans commeritat Acesse.*

Ello está como de Virgilio; pero de cortesía pedimos a los curiosos, que confieran esto con esto tro, i que nos digan lo que ball. n; que espero serán dichosíssimas ventajas.

Co *Chego dentro de dueida, e receyo.* Parece q el Poeta no ha escrito este verso para decir esto, sino que ha buelto de dentro a fuera un cuerpo humano en tal estado, para que estuviésemos viendo pasarse por los intestinos las dudas, los rezulos, i las lastimas.

Eo *A penas nos meus olbos ponho o freyo.* Dice, que si te acuerda de aquellas despedidas, no puede enfrenar la corriente del llanto. El pensamiento fue imitar el notorio de Virgilio: *Quis talia fando temperet à lachrymis?* Pero con diferentes estilos, imitados tambien. Lucrecio, *Fluvios ref. & enat. &c.* Virgil. Georg. 4. *Curjus frænaret a quaquam.* Seneca al pie de la letra en Tiest. ac. 3. inc. 2 *Vx dolor frænos cap. t.* Petrarca canc. 4. *A le lagrime trist. alargo il fieno.* B. Tasso Florid. canto 16. *Vn duro frenno poso al pianto mis.* Su hijo Liber. c. 16. est. 51. — *Che a frenno*

Puo ritener le lagrime a fatica.

I son las mismas palabras, i colocacion de mi P. Pero el llanto despidiendose de la patria, i acordandose de la despedida, es de Eneas, quando en Caonia se anarrò de amigos, i naturales.

Hos ego digrediens lachrymis affibbar obortis.
Que todo lo vâ nuestro Poeta barriendo con su copiosissima erudicion, industria, ingenio, i trabajo improbo. De quan ardiente pintor de los aseflos anduvo el Poeta en estos versos ultimos, tan frio estava en el manuscrito: porque dezia assi:

*Que refrear nam posso os olbos d'agoa;
que a maes ubrigaram lembranza e magoa.*

LXXXVIII.

A gente da cidade aquelle dia
(hûs por amigos, outros por parentes,
outros por ver somente) concorria,
saudosos na vista, e descontentes:
I. nos com a virtuosa compagnia
de mil Religiosos diligentes,
em procissam solemne a Deos orando
para os bateis viemos caminhando. C

Aquel dia la gente de la Ciudad, unos por amigos, otros por parentes, otros solamente por ver, concurrian descontentos, i saudosos en la vista. I nosotros con la virtuosa compagnia de mil diligentes Religiosos, orando a Dios en procesion solemne, venimos caminando a los batelos.

¶ A gente, &c. Concurria, &c. Barros refiriendo las propias despedidas en el cap. 2. del lib. 3. de la Decada 1. Concorre o grande numero de gente. I abajo hablando de una procession: *E toda a gente da Cidid: ficava detras.*

¶ Aquelle dia. Haze con este termino una genial representacion de prolongado sentimiento: como si dixera; aquel dia señalado, memorable, que parecio el ultimo en que nos viamos los que nos amavamos; como lo dice al fin de la estancia siguiente. Salio todo de la boca de Eneas, quando los Troyanos se juntaron a merer en cada el caballo Griego.

— *Quibus ultimus effet*

Ille dies festa velamus fronde per urbem.
I en varios Autores hallareys ci uo de, *ille dies;* al expressar una accion grande que ya passo, i se siente, ya de alegría, ya de tristeza.

¶ Hûs por amigos, outros por parentes, outros por ver. Ay cosa más natural, que esta variedad de concurso en semejantes novedades? Barros alli cap. 4. en el propio sentimiento del pueblo. Perdemos os amigos e parentes. Estas, e outras causas dezia a gente, &c.

¶ Saudosos na vista; e descontentes. Parece q se està viendo la imagen de la taudade, o sole-

Adad, si soledad basta a explicarme. Venia nadâ. dô en los ojos la pena, i el descontento, de modo que se dexava claramente ver.

¶ Religiosos diligentes. Entiendese q lo era en el negocio de la virtud, fin de la verdadera Religion: que de otra manera el diligentes, no tñeria propiedad con Religiosos de aquel tiempo, i en aquella hora: con algunos dese de si. Parecense estas devociones con las de Ariosto cant. 14. csta. dia 68. i cant. 40.

Dentro a Biserta i Sacerdoti santi

Supplicando co'l popolo dolente

Battonsi il petto, e con dirotti pianti, &c.

El gran Tasso cant. 11. en aquella exceilentissim procession, parece los imitô a ambos, i finalmente todos anduvieron viendo a Virgilio en los sacrificios hechos a Apolo por Anchises, i Eneas en Creta; preparandose del socorro divino para salir de aquel puerto. es en el lib. 3.

¶ Em procissam solemne a Deos orando. Barros alli: *Ordenaram búa devota procissam, com que o levâram entre si elle, e os seus cõ ciricos nas mãos; e toda a gente da Cidade ficava detras respondendo a búa ledainha, que os Sacerdotes biam cantando.* Agora comecense solemnes maldades al tiempo de embarcar: i toman por seguro una tabla sobre estos mares nunca seguros.

¶ Para os bateis viemos caminhando. Barros alli. *Até os por quanto dos bateis: I alli fueron abluertos con indulgencia plenaria.*

LXXXIX.

Em tam longo caminho, e duvidoso,
por perditos as gentes nos ju'gavam;
as moheres com choro piadolo,
os homens com suspiros q arrancavam.
DMâys, esposas, irmãs, que o temeroso amor mais desconfia, acrecentavam a desesperacão, e frio medo
de já nos nam tornar a ver tam cedo.

LAs gentes nos ju'gavan por perdidos en camino tan largo, i dudosos, i las mugeres con un piadoso lloro: los hóbres con suspiros que arrancavan. Madres, esposas, hermanas, a quien desconfia más el temeroso amor, acrecentava la desesperacion; i si lo miedo de no bolvernos ya tan cedo, tan presto a ver.

¶ Em tam longo caminho; &c. Contiene la estancia, que los que quedaban, ya tenian por perdidos a los que van, i aziendendo cuenta que no se bolverian a ver más: Es lo que la gente de Hector juzgava del, quando iba a batallar con los Griegos, Ilia. 6. *Hæ quidem adhuc vioum trigerant Hectora sua in domo: non ipsum amptius dientes redeuntem.*

¶ As gentes nos ju'gavam. De Barros alli. *Læjavam ju'gos segûdo o que cada búa sentia daqlla partida, &c..*

¶ As

¶ As molheres com choro piado; os homens con suspiros que arrancavam. Ponderad la judiciosa distribution de efectos, i afectos; dando su natural a cada sexo con cuydado de Maestro: accordandose primero de las mugeres, como en quien es mayor la pena, luego que se vencé de alguna; i subito pintandolas con llanto corriente copioso, como en quien el es mas facil, i menos culpable. Los hombres en segundo lugar, como mas duros; soltando no lagrimas, porq arguyen corazon no varonil, sino suspiros secos, i aun estos con violencia, esto es, que los arrancavan: porque peleando en el pecho estos suspiros con la ternura de padres, esposos, pacientes, i amigos, i con la constancia que se espera de hombres, unos retitavan las lagrimas de las puertas de los ojos, otros rebentando de llenos dellas, i de suspiros, arrancavan algunos de lo profundo del alma, i de lo valeroso de la resistencia, que hazian por no mostrar flaqueza, i por fortalecer la de las mugeres. Todo es raro, todo admirable.

¶ *Mäys, esposas, irmãs.* Siépre el Poeta trae esto junto, quando quiere mover a sentimiento: en las estanc. 26. i 44. del c. 4. Notese como grande los amores: primero el de las madres a los hijos, que es incomparable: segundo el de las esposas a sus maridos, que deve ser singular: tercero el de los hermanos, que pide ser grande. Un lugar de Geronimo Vida para esto en la estanc. 92. sobre el verso 3. Vease. I agora ponderad la providencia del Poeta, que aviendo juntado las damas con las madres, esposas, i hermanas en esa est. del cát. 4. las olvida aqui: porque allá avia aquella esquadra de los enamorados, i acá no: i era muy otra la accion.

¶ *O temeroso amor mais desconfia.* Con aquel lugar notorio de Ovid. *Res est solliciti plena timoris amor:* Quien amando no teme mucho, poco ama: i quien teme amando, trae a pleyto la confiança: esto sucedia aqui. Bar. Dec. 1. lib. 5. cap. 1. *Temor que mais atormenta que todas as outras,* &c.

¶ *A desesperaçam, e frio medo.* Assi expime este miedo en las mugeres, c. 4. est. 26. *De miedo casi frias,* &c. Lugar de Virgil. lib. 2.

Nec mibi iam patriam antiquam spes nulla videt;
Nec dulcis natos, exoptatumque parentem.

¶ *De mais nos nam tornar a vert tam cedo.* Al modo de Ovid. en sus despedidas, al salir de tierra do de Roma. Lib. 1. de Trist. Eleg. 3.

Iamque oculis nunquam tempora videnda meis. Ademis de abraçar esto que al queda de Virgil. I si Ovid. no huviera escrito aquella Elegia, ossera yo afirmar, que le avia vencido nuestro Poeta en afectos de soledades, como de amores. Castañeda lib. 1. cap. 2. dice, que todos ivan llorando en la procession, creyendo, que los que ivan todos avian de morir: i no se engañaron en mucho, porque siendos ellos 170. como dice Bartos, o 148. con Castañeda, bolyeron solos 55.

B

XC.
Qual vay dizendo. O filho a quē eu tisô para refrigerio, e doce amparo (pha deita cansada ja ve'hice minha, q em choro acabará penoso, e amaro: Porq me deyxas, misera, e mezquinha? Porque de mi te vas, o filho charo! a fazer o funeral enterramento, onde sejas de peyxes mantimento?

¶ Val vâ diciendo. Ohijo, a quien yo tenia solo para refrigerio, i dulce amparo desta mi vejez ya cansada, q acabará en penoso, i amargolloro! Porque me dexas misera, i inezquina? Porque de mi te vas (o caro hijo) a hacer el funebre entierro, adonde feas mantenimiento de pezes.

¶ Qual vay dizendo, &c. Dixo el Poeta en estoira estancia por orden madres, i esposas: agota con cuydado pone en esta primero el llanto de las primeras, i en la siguiente el de las segundas. Estas lastimas de la madre para con el hijo, buen parecer tienen con las de Andromaca a Hector en el 6. de la Iliada: *Nisi enim amplius aliud erit solamen,* &c. *Sed dolores,* &c. *Quare miserere quae solet miserae, ne orbata viro fiat miserior,* &c.

¶ Para refrigerio, e doce amparo de sta velbie. Assi la madre de Tobias, doliendose en su hijo ausente, cap. 10. *Heu, heu me fili mi!* *Vt quid te misimus peregrinari, lumen oculorum nostrorum, baculum senectutis nostræ.* Assi Evandro despidiendose del hijo Pajante. Virgil. 8. *Dum te, caro puer, mea sera, & sol, a voluptas,* &c. Mejor en el 9. para aqui la madre de Eurialo, perdiendole. — *Tu ne ille senectæ*

Sera meæ requies, p̄tuisti lingue solam? &c.
I en el 12. *Spes tu nunc una senectæ.* Tu requies misera decus. Stacio Theb. 4. *O nostræ regimenterisq; senectæ,* &c. El Tasso Liber. c. 8. est. 6.

— *Vnico figlio*

Gloria e sostegno a la cadente etade.

¶ Que em choro acabará. Es lo que evitava en Penelope su amia, por la ausencia de su hijo Telemaco: *Ne stens corpus pulchrum laderes.* Virgil. lib. 1. *Et longis infletu ducre voces.*

¶ Porque me deyxas, &c. Sanaz. de part. Virgin ella al hijo en la Cruz.

— *Tu ne illa tua lux unica matris?*
Tu ne animæ pax, & requies, spesq; ultima nostra.
Sic raperis? Sic me solam, exanimèq; reuinquis? El verso parece le diò B. Tasso Amad. c. 26. en lastimas de otra dexada de otro.

*Per che me lasci misera, infelice,
In preda al duol,* &c.

¶ Misera, e mesquinha. A respecto del estado de dolor por la ausencia: como ya por Doña Ines

en el de su infeliz genero de muerte, c. 3. est. 118. I ya dixe ai, que el verso entero es de B. Tas.

¶ Porque de mi te vas, o fillo charo? Todo es la queixa i dolor de Dido, i tu hermana quando se apartava Eneas dellas, proponiendo aquellos peligros para dissuadirle, lib. 4.

Quem dicta negat durus dimittere in auras?
Qui ruit? &c. I antes.

Quin etiam hyberno moliris sydere classim,
Et medys properas Aquilonibus ire per altū?
El, o fillo charo, es el care puer de Virgilio, que ai arriba queda.

¶ Afazer o funereo enterramento, onde sejas de peixes mantimento. Al pie de la letra Ovid. de Trist. lib. 1. Eleg. 2.

Et mandare suis aliqua, sperare sepulchrū,
Et non aquoreis piscibus esse cibum.

El Tasso Conquist. lib. 18. est. 90. Lasciando il corpo, esangue in cibo al pesce. I es asi, porque los que mueren en el mar se echan al agua, i apenes caen en ella, quando son tragados de los pezes: i quien es poderoso manda le echen con un peso que le lleve luego al fondo, porque allá no llegan los pezes: i asi se libra de ser comido dellos.

XCI.

(poso

Qual em cabello. O doce, e amado essem quē nam quis amor q̄ viver possa! porque is aventurear ao mar iroso
essa vida que he minha, e não he vossa?
Como por hum caminho duvidoso
vos esquece a afeyçam tā doce noſſa?
nollo amor, nollo vam contentamēto,
quereys que cō as vellas leve o vento? D

Q Val en cabello. O dulce, i amado esposo, sin quién no quiso amor que pueda vivir! Porque vays a avénturat al airado mar essa vida, que es mia, i no es vuestra? Como por un, arrueque de un, dudoso camino se os olvida la afición tā dulce nuestra? Nuestro amor, nuestro vano cōtēramēto, quereys q̄ lleve el viento cō las velas?

¶ Qual em cabello. Venia a quejarse del elvoso, que se le iva, la esposa con el cabello suelto, i desordenado, i sin toca: Desorden significadora grandemente de quanto en los casos tristes se acude al dolor sin respeto a otra cosa, ni aun en lo más preciado, como son los cabellos en las damas, que es todo su cuidado. Virgil. lib. 1. de las Troyanas en su ruina.

Interea ad Templum, non aquæ Palladis ibat
Crinibus Iliades passis. Dido viendo huir a Eneas 4. Flaventeisq; abcisa comas. Ovid Fast. 6. Attonitæ flebant demissæ crine ministrae. I en aquella tentidíssima Eg. 3. del 1. de Trist.
Illa etiam ante lares p.issis postrata capillis,
Pintando a su muger con el dolor de su destie-

Tomo 2.

A río. Fedra entre otras señas de tristeza, dice así de ti: *Sic temere tactæ colla perfundent coma.* I en Hipodamia: *At labrymes fine fine dedi. ri. pi- que capillos.* I en Laodomia aulete su Prot silao: *Nec mihi pectendos cura est præbere capilos.* I en Páris a Elena:

Et soror effusis, ut erat Cassandra capillis,
Quo ruis? &c. I es lo mismo con que entra esta elt. Seneca al fin del Coro del acto 2. có elegacia. *Decus omne turbat capitum.* I por el contrario incitado Elena a Andromaca, a que se alegrase, en Troa. ac. 4. *Deprime borrentes comas crinemque docta patere distingui manu.* Lucano lib. 2.

— *Nec mater crine soluto*

Exigit ad seuos famularum brachia planctus.

Sanaz. de part. Virg. lib. 1.

Ante crucem dimissæ genas, effi si capillum

Stat lachrymas, &c. El Varqui Egl. 1. *Efa- re oltragio atie dorate chiome.* Martirano en su Aretusa, corriendo tras Narciso que se embarcava. Onde ulalando scalza, e scapigliata. I finalmente toda esta elt. i viva imagen de dolor, salió de Ovid. Metam. 8. quando Scilla mirava al Rey Minos, que le huia embarcado:

C Intendensq; manus passis furibunda capillis, (vit.)
Quo figis, exclamat, &c. Nec te nosfer amor mo-
&c. An inania venti verba ferunt, idemque tuas ingrate carinas?

¶ O doce, e amado e sposo, sem quem nam quis amor que viver possa. Las mismas palabras, locución, i numero, estan manando la dulcura del puro amor entre tiernos labios de esposa tierna, i enamorada, viendo apartar de si su esposo: i mostrandole, que sin el no puede vivir, porque teniéndola el amor transformada en el, i ausentandose le el, le llevava los elpiritus vitales.

¶ Porque is aventurear ao mar iroso essa vida que he minha, e nam he vossa. Expresión de otra manera lo dicho en estos dos versos, i pide justicia, porque nadie puede poner a riesgo lo que no es suyo, si su dueño no consiente. Aquí, por lo q̄ huele a punto de derecho, truxera algun Comendador los Bartulos, i Baldos, mas yo no, por no ponerme a riesgo de decir: *Nosotros los Iuristas.*

E ¶ Como por hum caminho duvidoso, vos esquece a afeyçam tam doce nossā? Pud eran estas palabras en una boca hermosa detener un río, que no un corazón humano. A trueque(dize) de una gloria dudosa que vays a buscar por el dudoso camino de los males inmensos, olvidays aqueilos terribilissimos regalos de nuestras almas enlaçadas por amor nuestros deliciosos abraços; nuestro la lamo? I es a imitación de lo que dezja Dido a Eneas, acusandole de que la dexava a ella, i a un Reyno cierto, por ir a buscar otros dudosos, li. 4. *Me ne fugis? per ego has lachrymas, dextrâq; tuā.* &c. Per connubia nostra per inceptos Hymenæos; *Si bene quid de te meruit, fuit aut tibi quicquam Dulce meum, &c.* I sequere Italianam ventis, pete regna per undas..

Oo

¶ Nossa

¶ Noso amor, no fio van contentamento, quer; que com as velas leve o vento? Todo es imitacion de lo que se sigue. Virgil. 5.

Qui d' in le ruis? quo proripis? inquit;
Qui f' gis? aut quis te nostris cup: exibus arcet?

Oviu en Fili a Den s' onte. Demophoon vettis.

verbis, & vella dedisti? Len Elena a Paris.

Gaudia cum ventis noster abibit amor. Len otra

ocasion, venti vela si lemque ferent.

Imitaronlo muchos. El Serafino epist. 5.

— Ma vedo hor che in un tratto

Destile vele, e le parole al vento.

El Ariosto cant. 10. bonissimamente.

Ma i venti che portavano le velle,

Portavano ancho i prieghi, e le qu'relle,

El Perrino fol. 67. Se 'l dir d' amur non porta il vento. No dexo nuestro P. de imitar a Hom. Il. ult. en el llanto de Andromaca, Hecuba, i Ele na, por Heter: porq buenos testigos ay aqui de llo: pero es impossible copiarlo todo: i mas quie va hurtandose a la proxidad.

¶ Van content &c. Los que no enteden al P. le acusan, de que llamase vano el contento, o gusto, o regalo, o amor, o todo de los despotados. No dice tal el P. De tres maneras le podys entender, i la postrera sera mejor: primera, costrnid la clausula, diciendo: *Quereys que n'astro conte*
to le lleve el tiento vano? Segunda entendiendo, que su resolucion en fijarse al viento, haze vano el gusto que ella pensava lograr con seguridad: tercera: el vano aqui esta por ufano, o vanaglorioso; como vulgarissimamente se dice del que se halla aplaudido por qualquier accion, o regalado de la fortuna con algun favor, que esta muy vano: esto es, muy contento de su estado.

Agora poderad esto. En la est. antecedente describe las madres llorando por los hijos, i no habla en cabelllos desordenados, o galas olvidadas, como en esta en que habla de las mugeres de que se ausentavan los maridos: i en estas no son mugeres qua esquiera, sino de pocos dias casadas, i de poca edad, i sin hijos: i por advertencia desto entran llamando esposos a los maridos; porque los casados de pocos dias se llaman esposos: i en los montes de Portugal les dura este nombre todo el primer año. I desto se sigue la doctrina, de que mugeres que tienen hijos ya crecidos, no ha de parecer novias en las galas: i como a principal en mugeres es el cabello, pintando el P. una madre cuerda, la pinta sin esta gala. Pero no querran estas doctrinas algunas viejas, que teniendo mieros quieren competir con las hijas en la vanidad de la hermosura, como si alli la pudiera aver. Bien es verdad que tienen en su favor el lugar de Héroe, que dexamos en la est. 90. ado de la amia de Penelope le dice, que no llore tanto por su hijo, porque no ofenda la hermosura de su cuerpo. Così que siempre me hizo e'crupulo: porque per buena creta Peneope temia años: pero el tener pretensores es pena, que lograva heimo

A sura; sino eran ellos, a caso, mas por su hacienda, que por su belleza; que ay enamorados de viejas, tuertas, i corcobadas, por lo que tienen, como de moças por lo que parecen. Ello es cierto, q mujer q toca en los cofines de los quarenta, puede decir el, requiescat in pace a la hermosura: i olvidarse de decir las palabras q dice aqui esta esposa

XCII.

Nestas, e outras palabras que deziam de amor, e de piadosa humanidade,

B os velhos, e os mininos os seguiam, em quem menos esforço poe a idade. Os montes de mais perto respondiam quasi movidos de alta piedade: a branca area as lagrimas banhavam, que em multidam co ellas se ige alava.

C EN estas, i en otras palabras que dezian de amor, i de piadosa humanidad, los seguian los viejos, i los ninos, en quien la edad pone menos esfuerzo. Los montos de mas cerca, mas cercanos, respondian, casi movidos de piedad alta, profunda. Banavan la blanca arena las lagrimas que en multitud se igualavan con ellas.

¶ Nestas, e outras palibras, &c. Toda la est. es el propio llanto, i el propio dolor, i la propia soledad; i todos los afetos, i efectos de la soledad, i del dolor, i del llanto, en semejante ausencia.

¶ De piadosa humanidade. Dei mismo Barros en esta propia despedida. Todos com baa piadosa humanidade, &c.

D ¶ Os velhos, e os mininos. Como el P. se halla en ocasiones semejantes, i pretendio que todo se hallasse en el, introduxo los ninos con Virgil. en la bulla del caballo de Troya lib. 2.

— Pueri, innupte que puellæ
Sacra canunt, &c. I mas ade. a te:
Pueri, & pavida longo ordine matres
Stant circum. Pero el lugar fallo del 5. quando Eneas se dispuso a celebrar con juegos i sacrificios las honras de Anchises: *Hoc evi maturus*
Accles, hoc puer Ascanius, sequitur quos caetera
pubes. Geronimo Vida Poetic. 2.

Trepidosq; senes, pueros que parentes
Amplexos, flentes que ipsas ad sydera matres
Tollentes clamorem, &c. E. Tal. Coq. lib. 4.
est. 20. I semplici fanciulli, i vecchi incerti
E il volgo de le donne sbigottite

Supplicando, &c. Juntando los viejos con los ninos con gran acuerdo, porque son parecidos en las acciones, i debilidad.

¶ Em que menos esforço poem a idade. Viejos i ninos igualmente flacos de fuerzas, i de entendimiento, de anino, i coraçon: los ninos por no aver llegado a edad; los viejos por aver passado de aquella en que se configue i logra esto.

¶ Os motes d' mais perto respondiam. Mirad la

la proporcion cuidadosa. En la est. 28. al son de la trompeta, dize, que la oyeron los montes distantes por grande espacio: i en la 60. del c. 5. sive na muy lexos el mar, repitiendo el eco una voz horrida: i en la 19. del c. 6. lo mismo al sonar la cocha Triton. i aqui como el sonido era de gente comun, co suspiros i llanto, dize q respondia sus ecos en los montes mas cercanos, esto es de mais perto. El P. en sus Rimas Egl. 7. *E os motes, &c.* Nas ultimas respuestas ayudavam: Tambien en ocasion de sentimiento, con la experiencia de q provoca a un motu interior, ya de alegría, ya de tristeza, la repeticion que el eco haze por las covidades de la voz triste, o alegra, cocirada del motivo. Virgil 5. — *Vocemq; inclusa voluntat Littora pulsati colles clamore resultat*

I en el 12. mejor.

Tum verò exoritur clamor, ripaq; lacusq;

*Responsant circa: Que es esto, De mais perto(o cerca) respondiam. I mas adelante: Consurgunt gemitu Rutuli, totusque remugit mons circum. El Tasso en su procession con que entra el c. 11. est. 11. *Et ne suonan le vali, &c. Egli alti colli, &c. Ecco risponde.* El Ariosto canto 12.*

— *Le profonde*

Selv'e s'odon sonar de alto lamento.

B. Tasso Amad. c. 1. *N e s'spira ogni piaggia, & ogni monte.* Sa de Miranda Egl. 2. est. 26.

De alto responderan montes vezinos.

Sobre esto de sentir los montes en ocasiones de gran dolor, se vea la est. 84. del c. 3. i siempre se entiende que son los ecos.

¶ *De alta piedade.* Es el *alto lamēto* de Ariosto q ai queda: i usado de los Poetas alto por grade.

¶ *A branca area as lagrimas banhav.* &c. Sacado de las soledades de Patroclo muerto en Hom. Ilia. 23. *Madebant arenae lachrymis:* I siguiendo la historia, i estilo de Barros, cap. 2. de las propias despedidas: *No qual acto foy tanta a lagrima de todos.* I abajo: *Assi os acompañava em lagrimas,* &c.

¶ *Que em multidam comellas se igualavam.* Las lagrimas eran tantas como las arenas. En las letras divinas i profanas hallareys frequente esta comparacion: aqui era con las de la propia playa; i veyslo acá en el gran Tasso Liber. c. 15.

Et eranvi le piagge albor ripiene

Quasi de huomini si come de arene.

En Macro. 5. Satur. hallareys exemplos de los antiguos q usaro de la arena para exprimir la multitud.

XCIII.

Nos outros sem a vista alevantarmos, nem a may, nem a esposa, neste estado, por nos na magoarmos, ou mudarmos do propósito firme começado; Determiney de assi nos embarcarmos sem o despedimento costumado;

Tomo 2.

A que posto que he de amor usança boa a quem se aparta, ou fica, mais magoa.

N Osotros sin levantar en este estado la vista, ni a madre, ni a esposa, por no lastimarnos, o mudarnos del firme i comenzado propósito: Determine yo que nos embarcassemos assi, sin la acostumbrada despedida. Que puesto que es buen uso de amor, lastima i duele más a quien se aparta, o queda.

¶ *Nos outros sem a vista alevantarmos, &c.* Yo me rindo, i confieso que me hallo sin caudal para dezir lo que piden semejantes lugares de mi P. Aqui retoçò superiormente la imagen de la soledad con tubidíssimos colores; diciendo, q a los llantos de las madres i de las esposas estuvieron como de bronce, no miradolas: porque el mirarlas no los enterneciese, o mudasse de su propósito: i que assi se partieron sin platicar la buena costumbre de darse los ultimos abraços, por no lastimar, i lastimarse mis. I el no rendirse los que partian a las lagrimas de los que quedavan, es lo que hizo Encas, quando llorava Di-

C do, i Ana. — *Sed nullis ille movetur flutibus, aut voces ullas tractabiliis audit.* Que es argumento de valor el resistir a ruegos de amor, o a lagrimas de la hermosura.

¶ *Nem a may, nem a esposa.* Como el P. hizo hablar con tanta ternura i afectos las madres en la est. 90. i las esposas en la 91. que pudieran rendir a los ojos más duros, dice aqui, que la gente que se embarcava, no los levanto por no redirse: i por esto expresa, ni a madre, ni a esposa, llevandolas aqui por el orden que las introduxo a la, graduando los quilates del amor, como ya pondremos en la est. 89. I esto de no poder sufrir las lagrimas de madres, i esposas, i no mirarlas, ni despedirse por el temor de mudarse del intento, es imitacion de aquel sentido lugar de Virgil. 9. quando Niso exponiendose a un peligro encorriendo su madre a Ascanio, no atreviendose a despedirse della, por no poder sufrir sus lagrimas, i porque ellas no le divirtiesen.

Hac ego nunc, ignara buius quodcumq; pericli est, Inque salutat am linquo (nox & tua testis

Dexter) quod nequa lacrymas perferre parētis Que tierno, i que divino esla Virgilio por alli! juntamente se acordo nuestro P. (que alfin nada se le escapó) del lugar de Orac. od. 5. lib. 3. quando Regulo no quiso ver a su muger, i hijos, porque las lagrimas, i el amor no le hiziesen no bolver a Cartago, como convenia a su reputacion, peligrosamente suscitada.

Fertur pudice coringis osculum,

Parvosque natos, ut capit is minor

A se removisse, & virilem

Torvus bumi posuisse vul tum.

Clavo, todo duro triuntando del amor, los ojos en tierra (i es aquello, *sem a vista alevantarmos*)

Oo 3

por-

porque la ternura no le mudasse de su propósito; i contra las causas della no ay remedio podero-
so, sino es el de no verlas. Tambien es fuerça,
que yo me persuada de su erudicion, que veria a
Seneca en Hercnl. Fur. que por acudir sin emba-
raço, que induxesse desvio a su intento:

Differ amplexus parens, coniuxque differ.

Ni es possibile quedasse de fuera Ovid. en seme-
jante suceso (siendo el padre, i el valiente pintor
de los afetos) quando los padres de Páris cō
otras tales acciones le querian ser estorvo al em-
barcarse para Grecia en busca de Elena.

Et pater, & genitrix inhibet mea vota rogando

Propositumq; viae voce morantur iter.

Es en la carta a Elena. Nuestro P. con gentil a-
cuerdo no se acordò del padre, como Ovid. sino
de la madre, i de la esposa; que alfin las mugeres
vencen más: por esto dirá en la estancia 15. del
canto 8.

E a conforto que doe mais. Finalmente con-
cluyo, que le pudo ser presente la costumbre ob-
servada de los juezes de Áthenas, q; segun Alex.
ab Alex.lib. 3. cap. 7. no davan las sentencias de
muerte, sino de noche, para que no pudiesen ver
los piadosos rostros de los delinquentes, temie-
do que el verlos les suspenderia la resolucion.

¶ Por nos nam mudarmos do proposito. En cō
tinuacion de la sentencia, que dexó en la est. 40.
del c. 1. porque es argumento de animo incons-
tante, i vil, desistir de lo comenzado con honra.

¶ Sem o despedimento costumado. Partieron-
se sin usar de los abraços, i otros actos que se usá
en despedidas, con que el P. pretendio hazer esta
más lastimosa, mostrando que huian de no lasti-
marse: i tuvo presente a Ariosto cát. 4. para huir
del, i vencerle en la huida.

*Abracciandosi in sieme lagrimoro
Tra lor usando i modi e le parole
Che tra i piu cari al dipartir si uole.*

I tambien huyó el P. de si mismo en aquel senti-
dissimo soneto 24. de sus rimas, a otra despedida
de amante, i dama, q; sospecho devia ser la suya,
i aquello abraços, i lagrimas de unos i otros ojos
juntas en la ocasion que partió para la India, no
le copio aqui, por evitar el bulto que va à hazien-
do este volumen, i porque me guardo para las no-
tas que tengo escritas a las propias rimas.

E

XCIII.

Mas hum velho de aspeyto venerado,
que ficava nas prayas, entre a gente,
postos em nos os olhos meneando
tres vezes a cabeça descontente:

A voz pesada hū pouco alestanto,
que n̄s no mar ouvimos, claramente,
co hum saber só de experiēcias feyto,
tais palavras tirou do experto peyto.

AP Erd un viejo de venerando aspetto, que en la
playa quedava entre la gente, puestos en no-
sotros los ojos, i mencado descontento tres
vezes la cabeza; levantando un poco la pesada
voz, que claramente oímos en el mar; con un sa-
ber hecho solamente de experiēcias, sacó del ex-
perto pecho, tales palabras.

¶ *Mas hum velho de aspeyto vener.* &c. En-
tra agora el Poeta excellentemente introduzié-
do un viejo maduro, i prudente, a hablar contra
esta resolucion, de tentar el descubrimiento de
la India por el Oceano. Este viejo representa
aqui el Reyno de Portugal, como diximos en la
est. 35. del c. 1. ei qual reprehende a los Portu-
gueses desta accion, hallandole más inconveniē-
tes, que conveniencias. I que represente el Rey-
no se ve claramente, de que el P. descriviendo su
fundador, i del nombre Lusitano, q; re es Luso,
usa tal perifrasis en la est. 77. del c. 7. *Hum velho*
branco, aspeyto venerando. I de Juan de Barros
consta en los lugares ai citados, que el Reyno ab-
ominava por la mayor parte essa reſolución; di-
ziendo lo mismo que dice aqui este viejo, que es
acusar si gente de más codicia de dominio, que
zelo de Religion, mostrando que esta codicia avia
de ser la ruina; i assi fue: porque si la Religion
Católica por este medio no se hubiera dilatado,
hubiera sido el descubrimiento de la India en to-
do malissimo, por quanto despues del le perdier-
on muchas culturas que nos sustentavan; huyé-
do la gente dellas para aquellos intereses q; pa-
recian menos costosos: i alfin nos hallamos sin
ellas, i sin ellos, a demas de averse alterado la mo-
destia, la parcimonia, i las costumbres cō el estu-
dio de las delicias Asiaticas, que ultimamente
nos corrompieron. Oíd por vida vuestra un po-
co al buen S. de Miranda, que era otro viejo co-
mo este, en su carta :

*Nam me temo de Castella
Onde guerra iuña nam soa:
Mas temome de Lisboa,
Que ao cheyro desta canella
O Reyno nos despoova, &c.
Ouves Viriato o estrago
Que ca vay nos teus costume
Os leytos, mesas, e os lumes
Tudo cheyra: eu olers trago,
Vem outros trazem perfumes.*

Não os trajos dos pastores
Com que saiste à peleja,
Vencendo tais vencedores
Sam trocados: e aos louvores
Nam ba já quem te aja enveja.
He entrada pellos portos
No Reyno clara peçonha, &c.
Fez no começo a pobreza
Vencer os ventos, e o mar;
Vencer quasi a natureza;
Medo ey de novo à rigueza
Que nos torne a cativar, &c.

I en la carta 4. continuando esta sentencia.

*Destes mimos Indianos
Eygram medo a Portugal,
Que lhe ham de fazer os danos,
Que Capua fez a Anibal, &c.*

Simão Machado en su Comedia 2. del cerco de Dio, en la boca de uno de los graciosos villanos, que en ellas introduce.

*Como em cavallo de pao
se achou para a India o vao,
nam ha ja por largabam
Que nam queyra ser roupam.
Aramà como isso be mao.*

I tan malo, que por querer tanto a la India, vinieron a hacer q no huviese Reyno; i por dexar tanto el Reyno, vinieron a hacer que no huviese India; porque cargar mucho a un bordo, i nada a otro, es trastornar la nave sin remedio. Ello es cierto, que los Reyes de Portugal no hizieron mayores cosas en su Reyno despues ganar la India; de lo que hazian antes. Ello es cierto, que oy no igualan las ganancias ultramarinas en los que se dan a ellas; a lo que se perdió en el Reyno por faltarle laborantes en todos oficios. Ello es cierto, que no conocieramos muchas costumbres estragadas, si no se abriera esta puerta. Ello es cierto, que por ella se vieron entrar, i salir mas ladrones, que Capitanes. De todo esto se duele aqui este viejo en profecia: i esto era lo que en aquella ocasión discurría el Reyno que el representa claramente, i del con singularidad el pueblo. Descubriélo bien el estilo de la est. 1.d.1.c. 5. llamando le vociferante, como allá mostraremos.

G *De aspepto venerando.* Ya en la est. 71. i se verá en la 77. del 7.B. Tas. Florid. c. 8. *Madi reale, e venerando aspetto.*

G *Entre agente.* Como si dixerá, voz que salió del pueblo: en conformidad de lo dicho aí.

G *Postos em nos os olhos.* Imagin de la vejez, i atencion con que hablava, el clavar los ojos en el objeto con que se había.

G *Meneando a cabeza.* Así pinta Virgil. lib. 5. al viejo Entelo.

— *Genua egra trahentem*

Instantemque utroque caput. Mas esto era de vejez, i en nuestro viejo de ponderar los principios de aquella armada, i penetrar las fines de su intento: i por esto no se le huiría la acción de Iuno, ponderando los fines de la de Eneas que via ya segura en el Tíbre, lib. 7.

— *Stetit acrisixa dolore*

Tum quassus caput, hac effudit pectora dicta. Que es todo lo que conciene esta est. ei *stetit fixa* es el *postos em nos os olhos*, como ai explicamos; i el menear de la cabeza al decir, ya lo veys. Ilo de Ovid. Met. 1. al hablar Iupiter.

Terrificam capit is concussit terq; quaterq;

Casariem, &c. I esto de menearia en los grandes casos, i en la grandes ponderaciones es cosa natural, i acierto el expresártla. I en la Escrita

A tura sagrada se halla por diferentes ocasiones, de que las dos pudieron concurrir aquí, que son burla, o lastima: porq por una parte parece que este viejo se burlava desta resolución, i por otra que se lastimava. Q uanto a lo primero, el cap. 27. i de S. Martín. *Blaspemabant cum moventes capita sua* A lo seguido los amigos de Job cap. 4. consolandole lastimados. *Moverunt super eum caput & consolati sunt eum.* I estas burlas i lamentaciones eran frecuentes en el Reyno aquellos días, en que dividido en dos pareceres se vian dos bandos, convertidos en Democrito, i Eraclito, uno reyendo siempre, i otro siempre i orando: porque los que eran de parecer que se buscasse la India por este camino, i lo fomentavan, se reian de los que lo contradezian; i los que lo contradezian se lamentavan de aquellas riñas. I así es claro, que este viejo representa el Reyno, i sin guiamente el pueblo.

G *Tres veces.* Es termino el de la tercera vez de las amonestaciones; i como el viejo aquí amonestava, uñó del como amonestador: i como viejo, en quien es propio acordarse de lo pasado, notar lo presente, i antever lo futuro: i esto significa el numero tres principio, medio, i fin: i por esto a la Fortuna, o Hado se le dan tres ruedas, como veremos en la est. 74. del c. 10. i porque el viejo aquí representa el Reyno, i su edad, como ya enseñamos, mueve la cabeza tres veces có esas tres ponderaciones. Pundremos agora a dezir mucho más del numero tres? No por cierto, porque el P. queda entendido, i esto pretende un comento: i lo demás es luxuria vanissima de la ambición de parecer doctor i eruditos: i a fin no parecer, sino habilador sin juicio, i elección. Díre solo, que al menear la cabeza tres veces, corresponden bien las tres exclamaciones de que usa en la plática. I tambien di a que no todas veces que se usa de un numero, es misteriosamente. Delengaño desto los muchos lugares de Autores grandes, que a un mismo tiempo dieren: *O terque, quaterque, &c.* Aí arriba queda uno de Ovidio, i eicuto otros: i si lo huvieran usado con misterio, pusieran uno, o otro, i no uno, i otro: si no es botica, adonde junto los simples, hacen un compuesto con nuevo ser, diferente del que tiene cada uno de por si.

G *A voz pesada.* Lo que otros harian en una, o dos est. hace este valiente hombre en una, o dos palabras: mirete como en una descrivió lo cansado de la voz de un viejo, llamandole pesada; i en todo el verso el trabajo que costa a los tales ei hablar alto: i no le puso por alto a Ercilla c. 23. al describir otro viejo hablando.

*A fin con voz pujante, i expedita
que poco con las canas conformava.*

G *Saber so de experiencias tuyas.* Este es el verdadero laber, porq verdaderamente los pocos años, por mis que estadien, i penetren ingeniosos, nunca llegan a la madurez de los mu-

chos por menos que ayan estudiado. Tambien en esto descubre ser este viejo el Reyno que tenia agora la experientia de 400. años de edad: el P. aunque sabia de ambas maneras, mostro siempre averse inclinado mas a esta ultima. Verlo en la est. 17. del cát. 5. el verso es de Boscan en la respuesta a D. Diego de Mendoza: *Tendrà el saber nacido de experiencias.*

¶ Tais palabras tirou do experto peyto. Termino que hallareys en la est. 73. del c. 1. 78. del

2. 102. del. 3. 59. del 7. 64. del 8. Todo Orfeo Argonaut. *Ex imo dulces produxit pectore voces.* Todo Virgilio en muchos mas lugares: uno, por ser el imitado aqui: *Sufficiens, imoque trahens è pectore vocem.* Otro, quando el viejo Entello delante de Eneas mostrava despreciar glorias humanas, que es el intento del nuestro.

Tum senior tales referebat pectore voces. Sus perpetuos imitadores Geronomio Vida Christiad. lib. 1. *Imo rumpens suspuria pectore fatur.* El Sanaz. de part. Virg. lib. 2. del viejo Joseph. *Et ab imo pectore fatur.* Basten estos para esto.

¶ Tirou do peyto. Con gran propiedad (imitando todos ellos lugares) porq los viejos mas parece que hablan con el pecho, que con la boca, i que desde allá vienen formadas con fatiga las palabras.

XCV.

O gloria de mandar, o vam cobiça
desta vaidade, a quē chamamos fama!
o fraudulento goſto, que se atiça
co'hūa aura popular q̄ hōra se chama!
Que castigo tamāho, e que justiça
fazes no peyto vāo q̄ muyto te ama!
que mortes! que perigos! q̄ tormētas!
que crueidades nelles exprimentas!

O Gloria de mandar! o vana codicia desta vaidad, a quien llamamos fama! o fraudulento gusto, que se atiça con una aura popular, que se llama honra! Que castigo tan grande, i q̄ justicia hazes en el vano pecho, que te ama mucho! Que muertes! que peligros! que tormentos! i que crueidades experimentas en ellos!

¶ O gloria! Vā el viejo reprehendiēdo esta accion por estas estancias, hasta el fin del canto: i las mas de sus razones son las mas de los juizios, que entonces se hazian della. Entra con la figura llamada exclamacion, que haze dos imágenes; una del sentimiento del exclamante, i otra del yerro del exclamado. Hallola usada siete veces en esta est. acusando siete daños. Si del numero se ha de hacer misterio, aunque como dixe en essa est. no siempre le hazē los escritores, menester seria tratar aqui del siete: pero no constandomos, que esse fue el intento del Poeta, escusó la erudicō, i remito los deseos della a los An-

Atores que observarō el misterio de los numeros; i porque entiendan que he visto algo desto, los remito tambien a mis Discursos morales i politicos, adóle hallarán uno en que se trata de todos los numeros, i singularmente se alaba el setimo. Pero la verdad es, que toda la est. es una sola exclamacion; i la 98. otra; i otra la 102. porque fue intento del P. hacer el numero dellas armonia, con el de los movimientos de la cabeça del viejo, como ponderamos arriba.

¶ O gloria de mandar. Iustame te el viejo comienza por la ambiciō de tener mucho en q̄mādar; porque essa es la raiz de todos los daños entre los mortales; i essa fue a desta acciō a lo humano, que a lo divino, zelo seria de dilatar la Fé Catolica: pero el viejo no se acuerda agora del intento que pudo estar en las almas, sino del que se via claro en la carne.

¶ Vam cobiça, &c. De la codicia vana, i de la vanidad famosa, i del gusto engañoso, i esfuerzos daños que toca la est. no diré cosa, porque son muy conocidos, i lugares comunes. Diré solo, q̄ es cierto lo que dice este viejo, que estos vicios ordinariamente traen tras si aquellas penas, de muertes, peligros, tormentas, i crueidades: i esto experimentaron bien los Portugueses despues desta execucion, en tantos naufragios horredos, i peregrinaciones, i trabajos, que para ser padecidos, i escapar dellos, necessitavan de mayores fuerzas que las humanas.

¶ Desta vaidade, a quem chamamos Fama. El P. luego abaxo: *Com hūa aura popular, que honra se chama.* Al modo de Petrarca soneto 181.

Di questa morte che si chiama vita.

¶ Hūa aura popular. En sus rimas, i estanc. al desconcierto del mundo, que se mantiem desta aura falsa. Vease la est. 24. del c. 3. Virg. l. 6. *Gaudens popularibus auris.* Oracio od. 2. lib. 3. *Arbitrio popularis auræ.* Sen. en Hipol. ac. 2. *Aura populi,* & *vulgus infidum,* &c. Boec. lib. 2. de consol. *Vos autem nisi adpopulares auras, incneisque rumores recte facere nescitis.* Dante cant. 2. del Purg. *Non è il mondano romor altro che un fiammo Di vento.* El Tasso Liber. cant. 5. e. 49.

E se seguir voil' opinioni, e gli usi

Che per leggi d' honore approva il mondo.

I en el c. 12. est. ult. *E l' aure popolari,* &c. I quales sean estas auras declaran bien Boecio, i Dante en essos lugares: i el primero mejor, acusando los humanos de que no obran bien ordinariamente, sino por la vanidad mundana, que es producir aplausos humanos, pensando menos en su consideracion los premios divinos: i quiere el P. en su viejo dar a entender, que a esto se deve lo que esta accion tuvo de obsequio para la Religion Catolica.

XCVI.

Dura inquietação da alma, e da vida;
fonte de desamparos, e adulterios:

sagaz consumidora conhecida,
de fazendas, de Reynos, e de Imperios.
Chamante illustre, chamate subida,
sendo digna de infames vituperios;
chamante Fama, e Gloria soberana;
nomes cõ quē se o povo necio engana.

DVra inquietud del alma, i de la vida ; fuente
de desamparos, i de adulterios, sagaz, i cono-
cida , notoria consumidora de Reynos, i de
Imperios. Llamante ilustre, llamante subida, sié-
do digna de vituperios infames. Llamante fama
i soberana gloria : nombres con quien se engaña
el ignorante pueblo.

G Dura inquietación da al. &c. Prosigue el
viejo la exclamacion contra la ambicion de má-
dar, i aura del pueblo, o aplauso en semejantes
acciones, i acusa algunos de los daños, origina-
dos en estas causas : quales son inquietud del al-
ma, que siempre escrupulea sobre si a julto titulo
se entra por lo ageno: de la vida, porque siendo
la feliz sollegada, no logra esa felicidad la que va-
cila en ambiciones, i actos para satisfazerlas : lo
demas irá en los versos.

¶ De desamparos, e adulterios : Porq del bus-
car con violencia nuevos Imperios, se siguen es-
tos vicios, en las Ciudades, i lugares que se ex-
planan, saqucan, padeciédo ruina las piedras, las
haciendas, i las honras a un mismo tiempo.

¶ Sagaz consumidora de , &c. Bien el sagaz,
porque la ambicion, i gloria humana promete
aumentos, i pâra en desolaciones. Esto se vio en
Portugal, i en la India : porque el venir la India
a Portugal, esto es lo que ultimamente tiene fru-
tado: i solo sacâ fruto della algunos aventureros, D
i ladrones que el Rey, i Republica poco.

¶ Chamante illustre subida, &c. Nomes com
queim se o povo engana. Vease desto en la estanc.
siguiente sobre el verso : Debaxo de hum nome,
i el pensamiento viene ya desde la est. ult. del c. 2.

Com tales obras nos engana
o desejo de bum nome aventajado, &.

XCVII.

A que novos desastres determinas
de levar estos Reynos, e esta gente?
que perigos? que mortes lhe destinas
debaxo de algum nome preminent? **E**
Que promessas de Reynos, e de minas
de ouro, que lhe farás tam facilmente!
q famas lhe prometerás? q historias?
que triūphos? que palmas? q victorias?

A Quales nuevos desastres determinas llevar
esta gente, i estos Reynos? que perigos, que
Tomo 2.

A muertes les destinas, debaxo de algum prehemi-
nente nombre? que promessas les harás tan facil-
mente de Reynos, i de minas de oro ! que famas
les prometerás? que historias? que victorias? que
palmas? que triunfos?

¶ A que novos desastres determ. &c. Haze a-
gora una pregúta el viejo a essa ambicion de glo-
ria humana, que no tiene menos energia, que la
exclamacion en semejantes oraciones. I es, que
adonde lleva un Reyno, i una gente todo de bu-
enas calidades, a perderlas, i a perderle, exponié-
dole a peligros evidentes por esperanças dudo-
sas? Todo es sacado de Iris, o Beroe, fingida de
Virgilio 5. con las Troyanas.

O gens infælix, cui te exitio fortuna reservat?
I en el 11. *Quid miseris toties in aperta pericula
cives projevit?*

¶ Desastres. Por sin astro, o con mal astro.

¶ Debaxo de algum nome preminent. En la
est. passada; i en la 99. *A crueza puzeſte nome eſ-
forço, &c.* Bien disimulada imitacion. Con este
presupuesto dice Virgilio(impiamente) que Di-
do logró a Eneas.

Nec iam furtivum Dido meditatur amore...

Coniugium vocat: hoc prætexit nomine culpā?
Quien dixerá que se avía de imitar en los lances
de la codicia los del amor? Dido se animó a exe-
cutar un acto de lascivia, con pretexto de que e-
ra matrimonio: esto acel el de la ambicion, *debaxo de un nome preheminente*. Tambien Seneca
pretitó este pensamiento desde la sen. i .del ac.
2. de Tiest. *Mibi crede, falsis magna nominibus
placent.* Boet.lib. 2. de consolat. *Gardetis enim
ſeſe res aliter habentes falsis compellare romini-
bus, quæ faciliè ipsarum rerum redarguntur effe-
ctu. &c.* Con todo este caudal viene nuestro vie-
jo a decir, que en el Reyno se tinia la codicia des-
ta accion del descubrimiento de la India en el
nombre de zelo de la Religión, de nuevas glorias,
de hazañas, i aumentos para el Reyno.

¶ Que promessas de Reynos, e de min. &c. Es-
tas hazia Ana a Dido al su giro de Eneas en su
playa,uniéndose con el, lib. 4.

*Quam tu urbem soror hæc, cernesq; surgere i gna
Coniugio tali? Teucrum coinit antibus armis
Punicis se quantis attollit gloria rebus?*

De aqui salió esto de mi Poeta, i la verdad es, q
semejantes empresas rara vez soldran, sino de la
codicia, i que esse es el paradero del pensamiento
humano, desde los fundamentos del mundo : pe-
rò no ay regla sin excepcion: i esta pudo aver en
el Rey Don Manuel para este intento, i hazaña:
como lo pruevan los casos con que se passó a la
India, que parecen milagrosos, segun vamos vié-
do por todo este Poema.

¶ Que historias. Dello cuidarian poco los
Portugueses, singularmente los mayores, que
siempre tuvieron odio mortalismio al fa-
ber, ia los que lo professan; en modo que has-
ta oy no ay Cavallero, ni señor Portugues

que hiziese bien alguno considerable a hombre de ingenio. Esto sirve para las estancias ultimas del cant. 5.

¶ Que triumphos. Los que alcanzavan vitorias que merecian triunfo, entravan por la Ciudad en carro blanco i dorado, sobre el qual se ele vava uno como pulpito (aunque Onuf. Panv. le llama torre) en que venia el iunfante coronado de laurel de que tambien se ceñia el carro: Tiravale quatro cavallos blancos puestos en hilera: i no precediendo unos a otros, como oy se usa en las carrozas, en que vemos ordinariamente ir triunfando los vicios, como entonces se vian las virtudes. A los pies del que triunfava iva tendido el triunfado, o vencido, cargado de cadenas: al rededor seguian presos, los otros vencidos. Quien hubiesse de triunfar, acia de avor inuerto en una batalla, a lo menos, cinco mil enemigos, segun Valer. Maxim. Hallareyslo con curiosidad en el retrato de Roma antigua: si estuviere des en Roma, lo vereys esculpido en algunos arcos assi como ello passò, con algunos Heroes, por quien e los se levantaron, i esculpieron: i en un gran marmol, que está en la mitad de la escaleria por donde suben a una sala del Capitolio.

XCVIII.

Mas ô tu geraçam daquelle infano
cujo pecado, e desobediencia
nam somente do Reyno soberano
te pôs neste desterro, e triste ausencia:
Mas inda de outro estado mais q hu-
daquieta, e dasimples inocéncia, (mano
da idade de ouro tanto te privou
que na de ferro, e de armas te deytou.

PErò, o tu generacion de aquel infano, cuyo pecado, i desobediencia te puso, no solamente en este destierro, i ausencia triste del sol erano Reyno; mas au te privò de otro estado mais que humano, de la quieta, i simple inocencia de la edad de ouro, de manera que te echò en la de hierro, i de armas: *En effotra estancia corre la oracion.*

¶ Mas, o tu geraçam, &c. Exclama agora contra toda la descendencia de Adan, que aunque dividida en varias naciones, i Provincias distantes, se conforma en esto de la ambicion, i deseo de aplausos; i por ello se arroja a todo peligro, i aun a toda maldad. I es tal la fuerça deste deseo de gloria humana, que hasta en los inimios que la desprecian, le ay por el propio camino del desprecio. Nadie lo dixo tan bien como nuestro Poeta, habiendo de Diogenes, que fue el exemplar de los despreciadores de todo fansto.

*Diggenes nam vès que esfrimos sam,
esse, que segues de mais alto istado?
Que se de desprezar te prezis myto*

Aja pretendes do mundo fama, e fructo. De manera, que Diogenes preciandose mucho de despreciar todo lo q era mucho, venia a mostar deseo de aplauso, i gloria humana en el propio desprecio della. Pues si esto es en los que la desprecian, que será en los que la desean?

¶ Daquelle infano. Entiende Adan: que inficionó todo el genero humano con el pecado de la desobediencia, por querer mas de lo que le tocava: i por esto le llama el Poeta loco, i infansato. El pensamiento destos 4 versos, i aun de toda la estancia, se roça con la 65. del c. 8.

¶ Neste desterro, &c. Es aquello mismo del Poeta ei. sus Rim. Eglog. 2.

*Saturno, que perdida a luz serena
causou, que em dura pena desterrado
fosse do ceo.*

¶ Triste ausencia. Ausencia de aquella beatitud, que lograva el hombre antes de pecar, no conociendo trabajo alguno; i conociéndolos despues todos: i por esto justamente ausencia triste, adonde no ay consuelo, que de a guna mauestra equiparé la perdida.

¶ Estado mais que humano da quieta e simples inocencia. Toca en divino aquel elido de la inocencia, i por esto justamente le llama mas que humano.

¶ Idade de ouro. Algo de todo esto verays detramado por estos lugares de Oracio Epop. 6.

*Vt inquinavit ære tempus aurum
Ære, de hinc ferro duravit secula.
De Seneca en Orac. sen. 1. del ac. 2.
Sed in parentis viscera intravit suis
Deterior et as, eruit ferrum grave;
Aurumq; sevas mox, & armavit manus. &c.
Te etia defendit suis*

Alienæ telis, &c. La infancia del mundo se llamo edad de oro: la adolescencia de plata, ya sigoada co malicias de buen peso, mas podialas llevar el sufrimiento: la vejez de cobre en que la verguenza se empezó a descarar: la decrepita de hierro, en que de todo punto se descaró; i es la en que nos hallamos. En decir el Poeta ei. i de ouro, entendió las dos de ouro, i plara en que la señallez, i verdad (que esto es la plata, i el ouro) fueron parecidas: i en decir la de hierro, entendió las dos de cobre, i hierro, que tambien son parecidas en las maldades duras de sustir; que esto es hierro, i cobre. La edad de ouro se ninti assi. Una dorzella con cabellos de ouro tendidos, puesta a la sombra de un olivo, entre cuyos ramos ay una exambre de abejas sobre los panales, de que mana miel de color de ouro. La de plata assi: Una moça vestida de plateado, junto a una checa, reñiendo con la mano derecha un arado, i con la izquierda unas espigas: calçará chinelas de p'cta. (esta imagen devian aver visto las damas, que en vna edad las empescaron a usar, haziendose imágenes de la edad de plata en la de hierro) La de cobre assi: Vna muger robusta, i armada con

una cabeça de Leon sobre el yelmo i en la mano una hasta. La de hierro, como esforra, diferenciándose en la cubierta del yelmo, q terá cabeza de lobo, con espada, i escudo, en el qual estará pintado el engaño con rostro de hombre, i cuerpo de sierpe. Esto de las edades del mundo, con lo que más se hallará sobre la est. 2. del c. 5. De las del hombre veremos en la est. 9. del c. 10,

¶ Te d'ystou. Vale te arrojo; i con propiedad, como se haze a lo que se aborrece.

XCIX.

Ià que nesta gostosa vaidade tanto enlevas a leve fantasia; jà que à bruta crueza, e feridade poseste nome; esforço, e valentia; Ià que prezas em tanta quantidade o desprezo da vida, que devia de ser sempre estimada, pois que jà temeo tanto perdella quem a dà:

V A que en esta gustosa vanidad elevas tanto la leve fantasia; ya que pusiste nombre de esfuerzo, i de valor, a la bruta crueldad, i ferocia. Ya q en tanta cantidad precias el desprecio de la vida, que devia ser siempre estimada, pues que ya temió tanto perderla quien la dà: Corre la oracion en otra estancia.

¶ Ià que nesta, &c. Continua el viejo lo que empezó en la estancia antecedente, i senece en la que se sigue, diciendo: Ya que en estas vanidades te empleas, i despicias la vida, que es solo lo q tiene precio, para que vás tan lexos? A tus pueras tienes todo quanto puedes pretender de esa longitud. Agora por los versos.

¶ Gostosa vaidade. Persio sat. 1. O curas hominum! o quantum est in rebus inane! Con gran acuerdo llama gustosa a la vanidad humana, a virtiendo, que los males reunidos en gustos, se hassen apetecer, i seguir; i es también el propio metonimia llamar *gusto* al daño: suave el tormento parecese al gloria de mandar amara, e bella, de la est. 57.

¶ Enlevas a leve: Invega de las palabras: usal; i con la raredad que lo deve hazer un tan grande hombre; i con sustancia a qui; mostrando, que no es de cosas leves el elevamiento, finó de las verdaderas, i solidas, como la verdadera gloria, que no consiste en jactancias humanas.

¶ Ià que à brutz crueza, e feridade, puseste nome esforço, &c. Quiere decir, ya que disfracas las maldades con nombres gloriosos, &c. Es lo mismo que spuntamos sobre la estanc. 97. Però sirva aqui Oracio con la sat. 3. del lib. r. adonde muestra esta industria humana de dar color con los buenos nombres a las malas acciones.

— At est truculentior atque

Plus easio liber simplex, fortisq; habeatur, &c.,
Tomo 2.

A Vease que es buena: i alli lo vió el Poeta.

¶ Ià que prezis, &c. O desprezo, &c. Es aquel propio lugar del Poeta; acusando a Diogene, que dexamos en la estancia antecedente. Que se de desprezar te prezas, &c. La repeticion del ya, es la figura anafora, de que est. 142. del c. 3.

¶ Ià temeo tanto perdella quem a dà. Es lugar publico de la Escritura sagrada, que el proprio Christo Autor de la vida temió la muerte: i por esto quien no la teme, o la dà, tiene poco de Christo. Escandalizase aqui este viejo de que la vida se arriske tanto sin necesidad, o por codicia sobrada.

B Algunos doctos dudan, si se salva quien se pierde en la navegacion, no aviendose embarcado, ni por la Ley, ni por el Principe, ni por la patria. Esto se entiende siempre, aviendo faltado tiempo para pedir arrepentido perdon, i misericordia a Dios; pero suele muchas veces faltar ese tiempo; i por no llegar a sentir essa falta, deviera el hombre que professa ser Christiano, padecer mucho.

C.

Nam tens junto contigo o Ismaelita com quē sempre terás guerras sobejass?

C Nā segue elle do Arabio a ley maldita se tu pella de Christo sò pellejas?

Nam tem Cidades mil, terra infinita, se terras, e riqueza mais desejas?

Nam he elle por armas esforçado, se queres por victorias ser louvado?

N O tienes por vêteira juto cõtigo, vezino a ti el Ismaelita, cõ quié siépre tédrás sobradadas guerras? No sigue el la maldita ley del Arabio, si tu peleas solo por la de Christo? No tiene el Cidades mil, i infinita tierra, si deseas mas tierras, i riquezas? No es el esforçado por armas, si tuquieres ser alabado por victorias.

D L D el argumentar, i el cõcluir desta estancia por quattro cabeças es divino. I el assumpcio, o argumeto della bolveremos a ver en las 7. 9. i 11. del c. 7. El Poeta siempre va aludiendo sin perder tiempo, dicurso, ni aun palabras. Dice esto, porque una de las razones que entonces se davan para escusarse elle viajera, que estando Portugal empenado en las guerras de Africa, devia prosiguielas, pues sus armas la conocian ya, i ella se hallava asombrada dellas: i que divertidas en la India, no podrian continuar sin infelicidad acá. Así fue; porque luego que se descubrio la India, no solo se dexó de passar adelante con el ardor primero en las conquistas de Africa, sino que de lo conquistado se alargó ilustre parte por no poderlo sustentar: no sin gran quiebra de reputacion.

¶ Nam tens junto, &c. El argumentar, i el cõcluir desta estancia por quattro cabeças es divino. I el assumpcio, o argumeto della bolveremos a ver en las 7. 9. i 11. del c. 7. El Poeta siempre va aludiendo sin perder tiempo, dicurso, ni aun palabras. Dice esto, porque una de las razones que entonces se davan para escusarse elle viajera, que estando Portugal empenado en las guerras de Africa, devia prosiguielas, pues sus armas la conocian ya, i ella se hallava asombrada dellas: i que divertidas en la India, no podrian continuar sin infelicidad acá. Así fue; porque luego que se descubrio la India, no solo se dexó de passar adelante con el ardor primero en las conquistas de Africa, sino que de lo conquistado se alargó ilustre parte por no poderlo sustentar: no sin gran quiebra de reputacion.

¶ O Ismaelita com quem, &c.! Excelente dize, si tu tienes deseo de guerras; ai tienes los

Moros vezinos. (esto es el Ismaelita) Si tu pe-
reas por la Fè de Christo , à los tienes , que son
enemigos della. Si codicias Imperios , i rique-
zas; ài está essa Africa en que ya tienes tanta ma-
no. Si quieres vitorias de gente de valor, para ser
alabado; valeroso es tambien esse Moro.

¶ Do Arabio a ley maldita. Entiende la feta
de Mahoma , que era de Arabia , adonde está la
Cidad de Meca cõ su vanissimo entierro ; si bié
no es más de cenotaphio, o sepulcro sin cadáver;
porque el de Mahoma no está en Meca , sino en
Medinathalhabi , aunque tenga acá esta pompa
hueca. Todavia la segunda parte destos argumé-
tos, que era, i es la propagacion de la Fè Catoli-
ca, se ve claramente muy adelante por el medio
del viage de la India.

¶ Se terras, e riquezas mais desejas. Està dudo
so si aquél más , se refiere a las tierras, si a la Ley
de Christo, o su propagacion: porque, o dize : *Sí
desseas mas que la cultura de la Ley de Dios , Im-
perios:* O bien , *sí deseas mas Imperio que el que
tienes.* De la codicia humana se puede esperar lo
primero, però crease lo segundo.

C.I.

**D-yxas criar ás portas o inimigo
por ir a buscar outro de tam longe,
por qué se despovoe o Reyno antiguo,
se enfraqça, e se vā deytando a longe?
Buscas o incerto, e incognito perige,
porque a fama te exalte, e te lisonge,
chamandote Senhor, com larga copia,
da India, Persia, Arabia, e da Etiopia?**

Dexas criar el enemigo a las puertas, por ir a
buscar otro tan lejos ; por quien el antiguo
Reyno se despueble, i se enflaqueza, i se vaya e-
chando a mal? Buscas el peligro incerto, i incog-
nito, porque te lisongee, i exalte la fama , llamá-
dote con copia larga Señor de la India, Persia, A-
rabia, i de la Etiopia?

¶ Deyxas criar ás portas o inimigo. Entiende
el Africano, que es frontero de España , adonde
ya tenia ilustre principio la espada Portuguesa,
como acabamos de decir: i con este divertimien-
to avian los Moros de revivir.

¶ Por quem se despovoe o Reyno antiguo Es-
ta profecia , procedida del buen discurso , salió
cierra. Vease lo dicho en la estancia 94. acerca
de la falta de muchas cosas en el Reyno , por la
de sus laborantes, que le despoblaron.

¶ Longe. Vale lexos: abaxo le usa en otro sen-
tido , que es echar a perder: i todavia quieren al-
gunos q esto sea, aver usado del mismo cōsonâte.
Si en tan grandes hombres pudiessen ser culpa-
tales cosas, mayor sería la de decir, *lisonge por li-
songee*, para hazer consonancia. Estamos resuel-
to a decir de una vez todas las que el Poeta uso

A desta licencia. i reservámoslo para la est. 77. del
cant. 7. Alla nos vayan a oir los censores.

¶ Buscas o incerto, e incognito perige. Parece
que esto es al contrario, porque en ella accion el
peligro era cierto, i conocido. Però bien dicho
està, por dos razones: una continuando el pensa-
miento, de que ya estaba empleado en la Africa,
i conocia la gente, la tierra, i las dificultades con
que peleava, que es gran ventaja para proseguir:
otra , que aquel peligro a que de nuevo se expone,
no moltrava el f. uo cierto, porque no se con-
ocnia el viage, la gente, ni las tierras ; que venia
B a ser peligro sobre peligro. cosa fornitable.

**¶ Chamandote Senhor, com larga copia, da In-
dia, Persia, Arabia, e de Etiopia.** No podia este
viejo decir esto, sino como Profeta: porque el es-
tava hablando con la flota , que iba a este descu-
brimiento, i estos titulos se compusieron mucho
despues, que fué desde que Pedralvarez Cabral
bolvió de aquellas partes, adonde fue luego que
dellas truxo nuevas el gran Vasco de Gama. Ver
desto en la estanc. 144. del cant. 10. Però esto tie-
ne mejor disculpa, que lo de Virgilio (reprehe-
rido de Eginio, conforme a Aulo Gelio Attic.
lib. 10.) diciendo: *Portusq; require Velinos:* Po-
que entendiendo esto de los puertos del mar
de Lucania, i llamandose ellos assi de un castillo
llamado Velia ; el tal castillo fue fundado mu-
chos años despues de la navegacion de Eneas , q
Virgilio canta: i assi Palituro, que es el que allí
habla en puertos Velinos , no podia saber deste
nombre entonces, sino proféticamente. I nues-
tro viejo pudo acá decir los titulos, que el Reyno
añadió con este descubrimiento excurrido,
no en profecia, sinn̄ en discurso corriente, de que
quien queria conquistar aquellas partes , queria
añadir los nombres dellas a sus titulos Reales.
Cosa clara, i llama.

C. II.

¶ Com larga copia. Parece que acusa el exor-
dio de los titulos Reales de Portugal : podrálo
hazer moralmente, por la vanidad humana: quo
quāto por la impropiiedad de llamarle Rey des-
tas partes nombradas el de Portugal, como ha-
zen otros Reyes, que se intitulan de lo que no lo
gran , no lo puede dezir : porque los Reyes de
Portugal pudieran justamente intitularse de o-
tras muchas : però arrojando de si la arrogancia
se contentaron con estos titulos. V case de esto en
la est. 144. del c. 10. El verso tomó la ordē de los
titulos por la conteria: porque ellos en las cartas
Reales van assi: *Comercio de Etiopia , Arabia,
Persia, e da India, &c.* i fue lance muy de Poeta.

C.II.

**O maldito, o primeyro que no mûdo
nas ondas vella pos em seco lenho
digno da eterna pena do profundo,
se he justa a justa ley que sigo, e tenho.
Nunca juizo alguma alto , e profundo,**

nem cithara sonora, ou vivo engenho,
te dè por illo fama, nem memoria,
mas contigo se acabe o nome, e gloria.

O Maldito el primero que en el mundo puso velas en seco leño sobre las olas ! Digno do la eterna pena del profundo, si es justa la jufta Ley que sigo i tengo. Nunca a gun altro i profundo juicio, ni sonora citara, ni vivo ingenio, te dè por esso fama, ni memoria; antes la gloria, i el nombre se acabe contigo.

I O maldito o primeyro que, &c. Esta impreca cion, o maldicion, es la figura Rectorica, llamada Epercia. Buelvese alrado el viejo contra el que inventò, o usò primero la navegacion: viendo, q el averla es causa de executarse este deseo que abomina, de entrar en la India por la puerta del Oceano. Elio es tomado de Oracio lib. 1. od. 3. para el estilo de el primero que navego:

— *Qui fragilem truci*

Commisit pelago ratem

Primus, &c.

De Seneca en Medea en el coro del acto 2.

Audax nimium qui freta primus

Rate tam fragili perfida rupit.

I para esse proprio est 1º, maldiziendole; de Propercio Eleg. 17. del lib. 1. por una tormenta a Cintia.

Ab pereat quicumq; rateis, & vela paravit

Primus, & invito gurgite fecit iter.

I sin duda esta es la verdadera imitacion. Antes dellos Anacreonte a esse modo cótra el que descubrió el oro.

Pereat male expetendi

Qui primus & etor auri, &c.

El resto sobre la est. 74. del c. 5. adóde avrà más algo para aqui. El primero que hizo nave se escribe, que fue Danao en Egypto; o que Iason, o Tifis la Argo; Vicedoro dice, que la primera armada se ordenò por Neptuno: i no falta qu'ē diga, que Semiramis fue la inventora. Clem. Alexâd. Stromat. 1. dice, que Atlas Libico. Los Cartagineses tiene Aristoteles, que hallaron la galeira de quattro remos: Alejandro las aumentò. Otros cuentan por primera nave, i navegacion, el Arca de Noe. A esto diremos solo, que si esse medio que Dios ordenò para escapar las reliquias del genero humano, se deve llamar navegacion, i nave, essa es la primera; però nos parece, que en essa obra no huvo intento de nave, i navegacion, ni sobre ella puede caer esta ira del viejo. Toda via puede ser, que alli se motivasse el camino del arte nautica. Puede se ver al Obispo de Mondónedo en el Discurso de los inventores de la navegacion.

¶ Vela pôs em seco lenbo. Dos cosas ay aqui: una el seco que assi deve ser la madera para fabricas de navios, que han de ser ligeros, i durables: otra el tomar qualquier leño por el navio

A todo: i es el tropo sinedoque, usado tres veces en este verso, con decir, ondas por el mar: *vela* por todas: *leño* por el baxel: que es lo que ordinariamente se dice tomar la parte por el todo: i al contrario.

¶ Digno da eterna pena do profundo. Verso ca si entero de la epist. de D. Diego de Mendoça a Boscan *No por la eterna pena del profundo.*

¶ Se be justa a justa Ley que sigo. No duda de que es justa: sino dice, que assi como ella es justa, merecia estar en el infierno el inventor de la navegacion: i a la verdad algunos inventores devén estar allá: este, i el de la artilleria; i los arbitristas cõ daño ageno sin grâ provecho publico.

¶ Nunca juicio algum alto, e profundo, te dè por isso fama, &c. Muestria el P. que isolamente a los juicios, grâdes, soberanos, pueden dar fama o quitarla. En conformidad desto dixo en sus ri, mas, i estanc a D Constantino.

Onde juizos altos se estimarem;

Que estes sô tem poder def. ma darem.

No ay duda que las maidades de muchos hombres, i las excelencias de otros, no fueran oy sabidas, si no huviera grados Autores que las escrivieron: i conservandose la alteza de sus escritos, permanecen ellas en ellos. Vana cosa seria creer que Hector, Achiles, i Ulises, Anchises, Eneas, i otros fueron tan excellentes, o obrarô tanto: i lo que tienen de peor los malos en los grandes Autores, es que assi añaden en sus maldades como en la gloria de los buenos. Vana cosa seria pensar, que Laura fue tan hermosa, i tan pura como la pinta el Petrarca; a demâs, que si el no la cantara, aunque fuera tan pura, i tan hermosa como esso, no se supiera della. Hallose lu entierro, i sabiendolo el Rey Francisco I. de Francia fue a ver aquellos huesos, que sustentaron aquella hermosura, i mandò labrar para ellos un buen sepulcro. Por ventura si Laura no huviera sido celebrada del Petrarca, fiziera el hallazgo de sus huesos tal movimiento en vn Rey? Claro està que no. Viniendo de Leon el año 1603. los santos Reyes Felipe Tercero, i Margarita, i haciendo noche en la villa de Valderas, les dixo el Marques de las Navas su Mayordomo, como por nueva alegre, i no esperada, que le avia cabido en suerte ser hospedado con Diana de Jorge de Montemayor. I pregunmando ellos, de que maneras Dijo, que en aquel lugar vivia la llamada Diana, i que le avian aposentado en su casa. Gustaron los Reyes de la nueva, por lo mucho q se avian celebrado los escritos de aquel nombre: i haciendo traer a Palacio aquella decantada belleza, cuyo nombre propio era Ana, siédo ya entonces, al parecer, de algunos 60. años, en que todavia se miravan rastros de lo que avia sido, la estuvieron inquiriendo de la causa de aquellos amores, i despues de ella aver satisfecho a todo con buena gracia, i terminos politicos, la embio la Reyna cargada de dadivas Reales. Por ventura

tura si el ingenio del Montemayor no hubiera celebrado aquella Ana con aquel nombre de Diana, i aquellos amorosos pensamientos, hizo el Marques de las Navas case de aver ido para a su casa, para dezirlo a los Reyes, ni e'los della para oírla, i hontarla? claro està que no. Veys ai la perpetuidad, la fama, i la gloria que pueden dar tales Autores, como aquiellos, i como este cõ sus escritos. Todo esto nos serví a para lo que diremos sobre las estanc. 96. 97. 98. del c. 5.

Tem citera sonora. No basta que sea citara, sino que sea sonora, bien acordada, docta, alta, la que houere de aspirar a la fama, i gloria a algun singeto. Parece que alu lió a lo del Samista, quin lo a *cymbalis*, i a lió, *bene sonantibus*.

Utro engenho. Ardiente le llamo en la est. 4. del c. 1. lo mismo dezimos d'estos epitetos que hemos dicho del de la citara aì. Ingenio (dize San Agustin) es aquella potencia del animo, con la qual el se aplica a entender lo que no enténdia, i a explicar lo entendido, a quien estava sió enténderlo. *Ingenium est extensio intellectus, ad in cognitorum cognitionem.* Es finalmente el ingenio procedido de un temple benissimo de cuerpo, i animo; i quiere dezir una infiuncia, o habilidad natural, no conseguida con alguna diligencia humana; i por este lado se descubre lo que tiene de divino, i tato. Por ser lugar comun lo dexemos así.

Nem memoria. Cõ gran cuidado dice, que ni memoria dè ninguna Musa al tal primero atrevido que navega: porque las Musas, conforme a muchos Autores son hijas de Júpiter, i de la Memoria; i assi supone que facerá la memoria de qualquier accion, por mayor que sea, inge-
ño que faltare Mula sonora, i viva; ello es citara, i ingenio; i todo juntó alguna vistosa pluma que la celebre. Vease lo que irá a este fin sobre las estancias 98. 99. del cant. 5.

Mas contigo se acabe o nome eg'oria. Parece con lo de Ovid. en la epist. de Dido. *Et mihi, &c.* — — *Fama sepulta foret.* I es castigo terrible el de perecer la fama de uno que aspiró a elia, o en alguno la de sus passados; donde Túlio, como es notorio, dixo con causa al que le motejó de humilde, que su nobleza se avia acabado en el. I en las letras sagradas se manda quitar del libro de la vida, a quien procedió de modo que no la merecera. I lo mismo se haze en Portugal con los que se escriven por nobles en los libros Reales. Quedense aqui un par de lugares sagrados; a que se parece este del Poeta, Deut. 9 *Deleat dominus nomen eius.* Eccl. 6. *Oblivione delicitur nomen.*

CIII.

Trouxe o filho de Iapeto do ceo
o fogo que ajuntou ao peito humano;
fogo que o mundo em armas acendo,

A em mortes, é deshóras (grâde égaño !)
Q uão melh' r nos fora, Prometeo,
e quanto para o mundo menos dano,
que a tua estatua illustre nam tivera
fogo de altos desejos, que a movera.

Lhijo de Iapeto truxo del cielo el fuego que juicio al humano pecho. Fuego que encendió en armas el mundo; i en muertes, i en deshóras. Gran engaño ! Quantos nos frera mejor, ó Prometeo; i quanto menos daño para el mundo, que no tuviera tu illustre estatua fuego de altos desejos que la moviera !

Trouxe o filho de Iapeto, &c. Admirablemente trae a comparacion el viejo con el ardimento Portugues en passar a la India (cosa tan ardua) de que procedieron grandes achaques en el Reyno, con la llama que Prometeo hurtó del Sol (ardua osadia tambien) de que resultaro grandes males en el mundo, conforme a las fabulas. I concluye, que fuera mejor no aver sido Prometeo tan osado: porque si bien fue accion famosa, della resultó menos proveche que daño: i apliqualo agora al descubrimiento de la India, disimilada, i felicente: porque del resultó en el Reyno, i en el mundo fama de hazañas, pero allin facada en limpio la utilidad, queda más considerable la perdi la, como apuntamos en la est. 94. El Poeta imitò a Otacio, en toda la estancia lib. 1. od. 3.

— *Audax Iapetigenus*
Ignem fraude mala gentibus intulit
Post ignem etberca domo subductum
Macies & novis februm terris incubuit

Cobors. Prometeo fue hijo de Iapeto: es una de las fabulas notorias, que el hurtó a los al Sol para vivisicar una estatua de barro que avia hecho. Perpetuo oficio de los que prenden el hurtarse a la virtud para llenar de esplâdores a miserab es fugatos, que ordinariamente es por misterab es merecimientos, i assi se escurecen tanto dâdo desta manera, como aciran a aquela que é dâssi: porque nunca se sabe más dellos quién son, que despues que vienen a ser más de lo que les cabia en suerte. I lodeores, que tambien los tales son parecidos a la estatua, que ilustrada fué dañosa: lo que no fuera si le faltara este lustre.

Efogo de altos desejos. Fuego de deseños altos mil veces bien dicho: por ser propio del i de ellos subir mucho. Fuego de la ambicion finalmente: que simbolo della es el fuego de Prometeo.

CIII.

Nam cometerá o moço miserando
o carro alto do pav, nem o ar vazio
o grâde Architestor, cõ o filho, dâdo
hû, nome ao mar, e o outro fatna ao rio

Nenhum

Nenhum cometimēto alto, e nefando
por fogo, ferro, agoa, calma, e frio,
deixa intentado a humana geraçam.
Misera sorte! estranha condiçam!

EL miserando moço no acometiera el alto carro del padre: ni el ayre vano el grande Arquitecto con el hijo; dando el uno nombre al mar, i el otro fama al rio. Ningun alto, i nefando acometimēto, por fuego, hierro, calor, i frio, dexa intentado la generacion humana. Misera suerte! estraña condicion!

¶ *Nam cometera o moço miserando, &c.* Prosigue el pensamiēto con la dicha que le empeçò. Dixo en la est. passada, que fue famoso el osar de Prometeo, però que del resultò mas daño q pro-vecho: i aplicalo a la India, descubierta por los Portugueses, como explicamos. Agora dice, que si Prometeo no vivificara aquella estatua; no se huiviera atrevido Phaeton a querer governar el carro del Sol; ni Dedalo, i su hijo Icaro la Region del ayre, haziendose paxaros; i que si no lo huvieran hecho, no huvieran perecido miserablemente, sin quedar de ai otra cosa mas de nóbres a los lugares en que acabaron de perecer. Ello sin duda está excelente. Cöviene saber, que el P. estuvio en la India, i de lo que viò allà, con lo que avia visto en el Reyno, quedò siendo de parecer, que acertavan los que al tiempo que se platicava la ejecucion dese viage, la abominaván, por las razones que apuntamos en la est. 94. porque hallava pocos provechos en la India para el Reyno, i en el Reyno falta de muchas cosas, que lograva antes que la gente del le huviesser desamparado, por irse a la India. I aplicando las fabulas, quedan siendo los Portugueses el Dedalo, i Icaro, que se echaron a bolar, i el Reyno el Phaetô, que quiso governar el carro del Sol; con grā propriedad el Reyno Phaeron, porque allà fue a buscar el Sol en lo ardiente de su nacimiēto, que es la India, i pagò essa osadia con verse ir cayendo en tal modo, q apenas se vè a si mismo. Los Portugueses Icaros; porque bolando a essa Region ardiente con las alas de tantas velas, alfin, alfin, lo q desse buelo viene a hallarse mas a la mano, son los nombres que tienen dado a algunos mares, a muchos rios, promontorios, i tierras, que es solamente lo que resta de la osadia de Icaro, i Phaetô. I esto lloraró despues algunos ingenios; i en particular uno de que permanecen unas redondillas, que se intitulan, *El entierro de Portugal*. I esto es lo q el gran P. os quiso decir: claro hab'ô: mas de manera, que hasta agora no le entendistes: i esse es el saber escrivir, con terminos que tengan que entender, pareciendo que estan entendidos. Advierto, que el usar de Prometeo con la estatua, quiere decir, que si Dios no hiziera a hombres, no huiviera maldades; porque la Filha antigua por Prometeo, i su estatua de ba-

Atro, vivificandola con llama del Sol, esso entedieron, Dios al formar a Adan, i vivificarle con divino aliento: entendido en la llama.

¶ *O moço miserando, o carro.* Es Phaetô, que pidiendo a su padre el carro para governarle un dia, se perdiò, i vino a caer en el rio Pado, q por esso es famoso.

¶ *Nemo ar vazio o grande Architector, com o filho.* Dixolo con Oracio en el lugar citado en essotra estancia.

*Expertus vacuum Dædalus ætra
Pennis non homini datis, &c.*

B Para lo de ayre vano, si vamos a la versió de Homer. por Lorenço Vala, hallamos este modo de dezir, lib. 1. Ilia. al caer Vulcano del cielo, *Per inane aeris labens, &c.* Si a la del Justinopolitano no hallamos esto, diciendo el que traduze *ad verbum*, i aquel nò. Virgil. Georg 3. *Aera per vacuum*; con el lugar de Oracio que ai queda, i es el imitado.

¶ *Architector.* Voz que aun se usava quando escrivia el P. i despues.

¶ *Hum nome ao mar, e out' ofama ao rio.* Es aquello notorio de Ovid. *Icarus Icarij nomina fecit aquis.* Tansilo en el soneto, *Amor me imp. &c.* *Die nome al mar, &c.* Tengo para mi, q de solo Garcilasso se acordó nuestro P. *Cayendo fama, i nôbre al mar ha dado*, en el son. 12. Seria peccado decir ni una sola palabra desta fabula: i aun creo lo fue dezirla de otras.

¶ *Por fogo, ferro, agoa. &c.* Assi en la est. 79. assi en sus Rimas, i bueltas al mote, de *descalça vay pella neve*, hablando del amor.

*Ferro, frio, fogo, e neve
Tudo sofre quem o serve.*

I Esto que dixo allá del amor, dice acá de la codicia: porque verdaderamente ella, i el son ignales en produzir osadias, i desverguenças: muchos lo saben: i yo conozco algunos.

¶ *Nenhum cometimento, &c. Deyxa, &c.* Có Oracio allí mismo:

Audax omnia perpeti

Gens humana ruit, per vetitum nefas, &c.

I abajo: *Nil mortalibus ardum est.*

Este lugar de Oracio, i el otro que dexamos a la entrada de essotra est. juntos nos hacen creer, q nñestro P. anduvo en Opiano a la entrada del lib. 5. de la pezca: estando ahi primero el o nñrimo, i despues la memoria del hijo de Iapeto: *Nil bil heminibus difficile, neque in terra matre efficiu; neque per sinum latum maris.* I luego: *Sive Iapeti proles muti consilij Prometheus Comparandum Dijs elaboravit genus aqua terræ Iungens, &c.* La sentencia es de Geronimo Vida Bomb. lib. 2.

Nil vis humana reliquit

Intactum. Fa'ta entender el texto, que no me parece muy facil. Dize, que ningun a cometimēto dexa intentado la humana generacion: i parece que avia de decir; ninguno dexa de tentar: si no es, que por termino mas remoto diga, que nin-

ninguno dexa no tentado, con las dos negativas que hazen una afirmativa: usando del intentado, como en el Latin, adonde vale no tentado: como lo encotramos en Plutarco Simpos. lib. 1. quest. 5. hablando de la osadia del amor *Quamobrem Plato eum nibil intentatum relinquere dixit.* I persuadimonos, que de alli lo temio nuestro P. Ni le passaria por alto Virgil. quando en el 8. dixo: *Ne quid inausum. Aut intentatum,* &c. *Fuisset.* I el Tasso de todos, Conquist. lib. 16. est. 39. *Ne intentato lasciar vorra,* &c. Otro sentido es, que si el intentado se ha de entender en el modo vulgar, dirà que ninguna cosa dexa en el intento, o fantasia la generacion humana, sino que todo lo quiere poner en platica, i ejecucion: i esto sucedio a los Portugueses puntualmente: porque aviendo tentado, o intentado esta navegacion, i ofreciendole ella horribles peligros, i siendo el mayor voto, que desistiesen della, no quisieron contentarse con lo intentado, sino con la ejecucion: i desso se queixa el viejo, que representa el Reyno: i el Reyno era de aquel voto, que no se passasse a la ejecucion, sino que bastasse lo intentado.

¶ *Misera sorte.* Lucrecio lib. 2. assi exclama: *O miseras hominum mentes!*

¶ *Estranha condicam.* Aqui el estraña, vale terrible, dura, indomita, desenfrenada. En una nota sobre unos versos de Hom. en la Vlis. lib. 8. que tratan de la miseria humana, hallé lo mismo que este verso de nuestro P. *Humanæ conditionis miseræ fors.* El Fracastor, desta manera. *O nimium miseri nos, & genus æruminosum Deterius quorum est conditione nihil,* &c.

I tambien lo hemos leido en muchos otros Autores: i no codiciamos tanto ponerlos aqui, como los coraçones de algunas personas en q lo hemos tambien leido vivamente. Concluyo agora con decir, que no me acuerdo hallar en lo que he leido, lugar de que sea imitada la introduçao deste vie-

jo tan excelente, sino en el suplemento de Mafeo a la Eneida, quando introduce el viejo Rey Latino, al ver tantos estragos, con solo el motivo de mas dominio, rompiendo en semejantes exclamaciones sentenciosas. Alli, *Tunc sic illa-
crysman Rex alto corde, &c. Verba dabat,* que es acá en la est. 94. *Descontente, &c. Tais palavras tirou do peyto.* Alli: *Quantos humana negotia motus,* &c. *O fragilis damnoſa superbia ſceptri!* *O furor,* o nimium dominandi innata cupidus: que es acá est. 95. *O gloria de mandar, o vano eo-
biça!* &c. Con lo que se sigue allá. *Mortales quo cœca vehis! quo gloria tantis. Inflatos transfers animos quo eſta periclis!* *Quot tecum inſidias!* *Quot mortes Quanta malorum, magnorum tor-
menta geris* &c. Que es acá en la est. 97.

*A que novos desafres determinas
de levar estes Reynos, e esta gente?*

que perigos, que mortes lhes destinas? &c.

Allá: *Heu dulce venenum, & mundi lethalis ho-
nos:* Que es acá en la est. 95. *O fraudulento goſto!* &c. *Com aura popular que honra ſe chama,* &c. Allá. *Heu triftia Regni munera:* que es acá est. 101. *Por quem ſe despovoe o Reyno antiquo.* Alla. *Heu sortis acerbæ, & misera regale decus!* Que es acá lo ultimo: *Misera sorte,* &c. Confierase lo demás, ya que mereció Mafeo ser imitado, aú que de gran parte vencido del gran Camões: por que Mafeo haze hablar como viejo mi viejo que halló de jante: però el Camões con alta fantasía produze un viejo, galana, judiciosa, i misteriosamente en aquella playa entre aquel pueblo, i hazele decir cosas al proposito tan altas, tan graves, i tan raras en lo moral, en lo politico, i en lo sentencioso, que vanamente se casará el que quiere hallar semejante troço en ningun antiguo de los que más nos enseñan, i admirán. I vease lo que a este proposito advertimos sobre la estancia 77. del canto 1.

Fin del Canto Quarto.



L V S I A D A
D E
LVIS DE CAMOËS
P R I N C I P E
DE LOS POETAS DE ESPAÑA,
COMENTADA
Por Manuel de Faria i Sousa, Cavallero del Habitó
de Christo , i de la Casa Real.

C A N T O V.

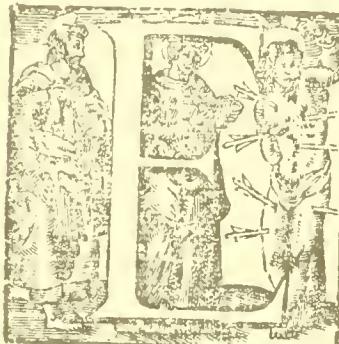
Argumento.

Continua el Gama su relacion al Rey de Melinde , estando todavia con el en aquel mar. Describe la salida de Lisboa,i las tierras que tocaron , i navegacion que fizieron hasta el Cabo de Buena esperanca. Con la ocasion de la visita deste Promontorio, le pinta i funda sobre el la admirable fabula del Gigante Adamastor, que refiere sus fortunas, i vaticina otras a los Portugueses en aquel parage. Refiere ultimamente la navegacion desde este Cabo hasta Melinde, adonde se halla. Fenece la relacion, i apartarse, quedando entre ellos una aficion, i paz verdadera.

ESTAN-



ESTANCIA I.



ESTAS sentenças tais o velho honrado vociferando estava, quando abrimos as alas ao sereno, e solsegado vento, e do porto amado nos partimos: E como he já no mar costume usado, a vella desfraldando, o ceo ferimos, dizendo: Boa viagem: logo o vento nos troncos fez o usado movimento.

ESTAS tales sentencias estava el honrado viejo vociferando, quando abrimos las alas al solsegado i sereno viento, i partimos del amado puerto. I como ya en el mar es usada costumbre, descogiendo las velas herimos el cielo, diciendo: Buen viaje. Luego el viento hizo el usado movimiento en los troncos.

¶ Estas sentenças tais o velho honr. &c. Aca-

bó aquel viejo, introducido en el canto passado, aquella exclamacion llena de experiencias, jui-
zios, politicas, i razones excelentes, con que le
dio fin, mientras los marineros tendian las ve-
las para salir del puerto; i describe el P. con ele-
gancia digna de si, el soltarlas, la grita que a es-
te tiempo levanta la gente despidiendose, i di-
ziendo: Buen viaje; buen viaje.

¶ Sentenças tais vociferando estava. A este modo entra Virg. en el 6. *Sic fatur lacrymās:* aviendo Eneas horado en el ultimo verso ei 5. la muerte de Palinuro: perdi dixolo cō terminos del 2. *Talia vociferans:* En la est. 94. del c. 4. di-

Avimos que este viejo representava el Reyno, o pueblo de Portugal: i que este vociferando era testigo desto, i lo es por ser propio del pueblo correr en vozes tumultuariamente en seny jantes movimientos. Sirva aqui solo el cap. 32. del Exodo: *Audiens autem Iosue tumultum populi vociferantis.* I tal fué el pueblo Portugues en estos tiempos deshaciendose todo en vozes contra esta resolución, como se vé del cap. 4. del lib. 1. de la 1. Dec de Iuá de Barros; i del cap. 1. del lib. 4. i del 1. del 5.

¶ Abrimos as alas ao vento, &c. Estilo q usó en la est. 49. del c. 4. adóde queda este lugar expreso de Virgil. metáfora ajustada, por ser las velas en los baxelos, como las alas en las aves.

¶ Ao sereno e solsegado vento. Porque quando te sale del puerto, nunca es sino con ayre muy propicio: i esto dà a entender el P.

¶ Do porto amado nos partimos. De' puerto de Lisboa, amada como patria. Vâ iinitando a Virgil. 3. *Linguimus Ortigia portus, pelagoque vola-*

vglamus, &c. El P. añadió cuidadosamēte, *amado*, q̄ cōmueve al sentimēto de quādo se dexa la naturaleza: q̄ nēdo para ausencia no solamēte larga, sino q̄ podia ser eterna, es fuerza q̄ sea grande la pena, en quien no sea grande selvage, i de coraçō ferino, o marmoreo; de que ay muchos.

¶ *A vela desfraldando, &c.* Dizēdo: *Boa viage.* Barros cap. 2. lib. 4. Dec. 1. *E quando oyeo ao desfraldar das velas, &c.* Dizēdo: *boa viage, &c.*

¶ *O ceo ferimos, dizendo: Boa viagem, &c.* Parece que se está viendo el rumor náutico, i la partida de las naves en estos versos: a lo menos los q̄ie las vimos partir lo vemos mejor. Virg. alli: *Nauticus exoritur certamine clamor.* Vease la est. 18. del c. 2. verso 2.

¶ *O ceo ferimos: est. 90. del c. 2. i 113. del 3.* El P. en los dos cantos segundo, i tercero dió cuēta de las cosas de la patria en persona de Vasco de Gama al Rey de Meliude, como Virgil. en el 2. de las de Asia en la de Eneas a Dido. Agora en este 5. dà cuēta de su navegació, como alli Eneas de la luya en el 3. Tambien Orfeo, i Apolonio vā así refriendo los puertos, i tierras que ivan viéndo, i tocando los Argonautas.

¶ *Logo o vēto nos trōcos fez o usido movimēto.* Levadas apenas las ancoras, se tiéde las velas, i apenas ellas se tiéde, quādo el viēto las llena, i los vasos se mueven: esto dice el P. se vió aquí.

II.

Entrava neste tempo o eterno lume
no animal Nemeo truculento;
e o mūdo, que com o tépo se consume,
na sexta idade andava enfermo e lento:
Nella vē, como tinha por costume,
cursos do sol quatorze vezes cento,
com mais noventa e sete em q̄ corria
quando no mar a armada se estendia.

En este tiempo entrava la eterna lumbre en el truculento animal Nemeo: i el tiempo que se consumió con el tiempo, andava lento i enfermo en la edad sexta. En ella vē, como tenía por costumbre, catorze veces ciento cursos del Sol, con más noventa i siete en que corría, quando se estendía la armada en el mar.

¶ *Entrava neste tempo o eterno lume, no animal Nemeo, &c.* Describe có toda la gála i nervios de la Poesia el tiempo en que salió de Lisboa el Gama. Andava el Sol (quiere decir) en el signo de Leon (este es el animal Nemeo) llamado así, porq̄ habitava la selva Nemea en Acaya. Entró el Sol en este signo a 23 de Julio: i entra aquí una duda, que es parecer que el Sol no andava si nō en Cancer, en que entra a 22. de Junio, pues la armada salió a los 8. de Julio. Però esto está bien, como todo; porque conviene saber, que por la reformacion Gregoriana se quitaron aquellos

Tomo 2.

A once dias, llamados la Epaña, aumento en que se anticipavan los Equinocios, i Soltíos: de modo que antes dessa reformacion, que fue el año 1582. las entradas del Sol en los signos, eran a las once de cada mes poco mas a menos. I assi escriviendo el Poeta antes della tantos años, i de cosa passada, avia muchos más, bien dice, que el Sol entrava en Leon, porque iva a entrar en el, no haciendo caso de Cancer, por salir ya de sus ultimos fines, segun las reglas Astrologicas, que no le hacen del ultimo fin de cada fin, repitiéndole por principio del siguiente. I aunque el P. escriviera oy, i si lo avia de dezir, porq̄ escribió de cosa q̄ se ejecutó 85. años antes dessa reformación. Vease mas a este propósito en la c. 27. del c. 4. Salio, p̄t̄s, la armada en 8. de Julio de 1497. Mucho es de ponderar, que saliendo en este mes pudiesse vencer a aquellos mares, i passar adelante, quando oy se vē, i ha visto con experienças costosas, que si no salen por todo Abril, no puedē hacer viage; sn q̄ se vē claro, que Dios fue el tiēpo, i el Piloto en este descubrimēto. Eneas en el lib. 3. assi refiere a Dido el tiempo en que salió del puerto. *Vix prima incepérat astas, &c.*

¶ *E o mūdo q̄ com o tépo se consume, &c.* El tiēpo es una perpetua revolución de los Planetas. La causa della se vea en la est. 22. del c. 3. i como todo lo q̄ tiene principio có final condicō, ha de tener fin, cierto es, q̄ le hā de tener las partes del có q̄ esa condicō tiene principio, i la causa del fin dessas cosas es essa revolución, q̄ se llama tiēpo, q̄ quanto mas vā passando, más la gasta, o consume, como dice el P. sucede al mundo en ellas.

¶ *No sexta idade andava, &c.* Dexando a Ovid. Met. 1. adonde describe otras edades, i rábié nuestra nota de ia e. 18. del c. 4. nos las enseña São Agustín, i cométa este lugar con el cap. 4. del 3. de Trinit. *Vt prima etas inveniatur ab Adam i sive que ad Noe, inde secunda usque ad Abrahā; & deinceps sicut Mat. Evang. diffinxit ab Abraham usq; ad David; à David usque ad transmigrationem in Babyloniam, atque inde usque ad Virginis partum.* De manera, q̄ cita sexta edad tuvo principio con el Nacimiento de Christo: i desde el a quando Vasco de Gama salió de Lisboa, hovo 1497. años: i a quando el Poeta imprimió este Poema 1572. i a quando sacamos en limpio la quarta vez estas notas 1636. Desde este descubrimiento hasta oy, son passados 139. años: i desde el hasta que el P. le publicó en este ilustre canto, passaron 75. i desde ai a esas notas 64. De las otras cinco edades del mundo antecedentes a esta no trato, porque en los años dellas ay poca có formidad en los Autores: i lo que rāntos i rādostos no ajustaró, menos lo haré yo, ni es menester para entendimiento deste lugar más de lo dicho. Tampoco argamento, si esta ciudad en que estamos es la septinia, como la cuentan otros cómunitistas, feniéndole la sexta en el Nacimiento de Christo, i dando con el principio a la septinia.

E Pp timas

timis: porque el P. sigue la primera cuenta.

¶ *Enfermo e lento.* Petrarca en el son. 178. lo mismo, aunq; a otro fin: llamale el P. asf; en esta sexta estada, porq; tiene sido, i es de mis trabajos q; las passadas: en conclusion, achaques de viejo.

¶ *Cursos do Sol.* Por un curso del Sol se entiende de cada bueita que dà al Zodiaco en que se detiene 12. meses, que es un año: i asf; 14. veces cié cursos, con mas 97. son años 1497.

III.

*Ia a vista pouco e pouco se desterra
daquelles patrios montes que ficavam;*
ficava o charo Tejo, e a fresca serra
de Sintra, e nella os olhos se alongavá.
Ficavamos tambem na amada terra
o coraçam q; as magoas là dey xavam;
e já despois que toda se escondeo
nam vimos mais enfim que mar, e ceo.

Y A poco a poco se destierra la vista de aquellos patrios montes que se quedavan: quedavase el catissimo Tajo, i la fresca sierra de Sintra; i en ella se alexavá los ojos. Tâbié nos q;dava en la amada tierra el coraçô q; allâ deixavan las magoas, lastimas, mazillas. Y ya despues q; ella se escondio toda, no vimos alfin más que mar, i cielo.

¶ *Ia à vista pouco, e pouco,* &c. Cò gandes afetos describe el sentimiento de ir perdiendo de vista la patria; i la diminuiciô q; va haziendo la tierra a los q; se van alexando de la por el mar. Luc. 3. *Omnis in Ionios spectabat navita fluctus,* &c.

¶ *Pouco, e pouco se desterra.* Pareceme que poco a poco voy viendo esta diminucion de la tierra al leer este verso.

I Daquelles patrios montes que ficavam. Cò mueve a sentimiento el propio numero, con las palabras propias: i singularmente e' *ficavam*, o quedavan, repetido tres veces industriosamente.

¶ *E a fresca serra de Sintra.* Cò cuidado puso poltrero este monte, o sierra por ser la parte mas alta, i q; por esto es lo postrero q; se dexa de ver, al salir de aq; puerto por aquel mar: i cada dia experimentan los q; salen, de la patria este sentimiento de verla quedar, i los que vienen la alegría de venirle descubriendo. Vease lo que diximos desta sierra en la est. 56. del c. 3.

¶ *E nella os olhos se alongavam.* Barros en la propia partida: *Até q; os navios se alongaram de porto.* Eso hazia la gente q; quedava en tierra, mirar a las naves hasta q; no las vierô, como los dellas a ella hasta no verla: quanto ivan ganando de mar, ivâ perdiendo de tierra: el crecia, ella menguava, i los ojos desfiechos de no perderla, i lastimados porq; la perdian, parecia q; se ivâ dilatado, o creciendo en vista para descubrirla al passo que ella se escôdia: i finalmente acabaro de quedarse de todo sin verla, i de todo lastimados, porq; no

A pudieron irla viendo por mas espacio. Todo esto va e aquel cuidadoso termino de, *nella os olhos se alongavam*, cò q; el P. nos pone casi en los ojos aquellas mismas lastimas que los navegates llevavan en ellos.

¶ *Ficavamos tâbê na amada terra o coração.* &c. Ningû Autor expressô tan tiernamente este obrar de una ausencia terrible en un cuerpo humano, q; sabe amar aquello de que se ausenta: apartandose, i quedandose: aquello con el cuerpo, esto cò toda el alma: i no en hiperbole tal vez, si no en realidad: como aq; muerto avariôto, cuyos amores eran el dinero, i cuyo coraçô fue hallado entre la moneda. I entre los amares de los otros objetos, sino sucede asf; sucede espiritualmente, digo quedandose los spiritus embueltos en una memoria tâ vehemente, q; menos se halla uno en su cuerpo, que en el objeto amado; de que resultò aquel memorado remate de cancion de Egas Moniz a su dama, ausentandose della:

*Se pensades que me voy,
Nom lo pensedes:
Que chantado em vos estoy
E nom o vedes.*

C Pregutado un amante, que era lo q; hazia? Respôdiò, q; lo fuessen a preguntar a su amada: porq; estâdo el mas con ella, que consigo, ella podia saber mas del, que el de si mismo. Però dexado esto el P. imitò en esta tierna expression de sentimiento, al deixar el puerto de la patria amada a Virgil. lib. 3.

*Littora tum patriæ lacrymans, portusq; relinquo
Et campos ubi Troia fuit feror exul in altum.*

I más adelâte: *Prorebimur portu, terraq; urbesque recedat.* Al pie de la letra a Petrar. son. 175.

Idolci colli, ove i lasciai me stessa

D Partendo, &c. Pongan en batâça esto, i aqueilo destos quatro versos, que confiamos aparecerâ facilmente la ventaja dellos: i si se considera toda la est. se hallarâ en cada dos versos una rara imagen de soledad, con la industria de irla subiendo de punto, hasta que en los ultimos obliga a prorrumpir en llanto.

¶ *E já despois que toda se escondeo, nam vimos
mais enfim que mar, e ceo.* Finalmente acabando de perder de vista la tierra, quedarôse viendo entre el mar, i el cielo. Esto, i lo antecedente es todo imitacion de todos los grandes. Hom. Vlif. 12. en persona de Vlisses: *Sed quando iam insulae
relinquimus, neque aliqua alia apparetat terra-
rum, sed cœlum, & mare* Virgil. 3. En. *Postquam altū tenuere rates, nec iā amplius ullæ
Apparent terra, cœlum undique, & undiq; pōtus.* Ovid. Eleg. 2. lib. 1. *Quocunq; aspicio nihil est nisi
pōtus, & aibar.* Orac. od. 2. lib. 3 por Europa navegâre en su Toro. *Nibil astra præter, vidit, &
undas.* I como perdida bastâte a produzir soledad (la de perder de vista la tierra) la apunta Senec. en Medea en el Coro dei act. 2. *Terraq; suas post
terga videns.*

I en Agam. sc. 3. — Aut terras procul
Quintum recedunt vela fugientes notat, &c.
Iam latus omne tegitur, & campi latent,
Et dubia parent montis Idæ iuga.

Lucano entra en el 3. con lo mismo, navegando
Pompeo. Stacio Achil. lib. 2. Iam Paros, Olea-
rosque latent: Pero mejor Theb. 5.

I los escopulis, & summo vertice montis
Spumea porrebiti dirimentes terga profundi
Prosequimur visu donec lassivit eantes
Lux oculos, longumque polo contexere visa est
Æquor, & extremi pressit freta margine cœli.

I adonde nos quedava el padre de los aescos al
pintar la entrada en el puerro, en que por el con-
trario mengua el mar, i crece la tierra? Crescunt
loca decrementibus undis. Met. 1. Ariosto cant. 8.

E vedea il litto andar sempre lontano
E decrescer piu sempre, e venir meno.

Si yo no me engaño a todos véciõ ini P. en esta e.

¶ Nam vimos mais ensim que mar, e ceo. El
gran Tasso Liber. c. 15. est. 24.

Piu non si mostra homai tra gli alti flutti
La fertil Gade, e le altre due vicine:
Fugg te son le terre, e i lidi tutti;
De l' onda il ciel, del ciel l' onda e confine.

III.

Assi somos abrindo aquellos mares
que geraçam algúna nam abrio,
as novas lhas vendo, e os novos ares,
que o generoso Enrique descobrio:
De Mauritania os montes, e lugares,
terra que Anteo num tempo possuio,
dexxando à mão ezquerda, q à dereyta
não ha certeza de outra mas sospeyta.

A Si fuimos abriédo aquéllos mares, q no abrió
generaciõ alguna, viédo las nuevas Islas, i
los ayres nuevos q descubrió el generoso
Enrique Los montes, e lugares de Mauritania,
terra que Anteo posseyó un tiempo, dexamos a
la mano izquierda: q a la derecha no ay certeza
de otra, mas sospecha i preumpcion de q la ay.

¶ Abrindo aqueles mares. Ariosto c. 15. La
bella armata il gran pelago frange.

¶ Mares q geraçam algúna nam abrio: Al modo
de Dáte c. 2. del Paraíso: L' acqua che io pre-
ndo, già mai non s' corse: tomado de Lucr. lib. 2.

— Peragro loca nullius ante

Trita solo, &c. Vease lo dicho en la e. 1. del c.
1. acerca de abrir nuevos mares: i acerca de des-
cubrir nuevas estrellas, i tierras, en las est. 14. i
26. deste. I aquí empieza a mostrar, q se acuerda
de lo q prometió en la e. 3. del c. 1. i q satisfafe a
lo prometido, para q no qde vana la promessa, co-
fírmese allí se advierte sobre la ley de Orac. vease.

¶ As novas lhas vêdo, &c. Vâ Eneas lib. 3. dâ
do cuëta de lo q fue viédo desde q salió dei puer-

Tomo 2.

A to: assi aci el Gama: allâ. Terra procul vastis co-
litur, &c. Pero como el viaje de Eneas era tâ cor-
to, poco tuvo q referir della verdadero; i fue me-
nester fingir para hacer bulto, i dar sustâcia al Poem.
Al revés nuestro P. como tenia mucho por la
lôgitud de la navegaciõ, i de lo q en ella se vió, i
pasò realmerte, vâ abreviado, i refiriédo maravi-
llas vistas, con nunca vista elegancia, i felicidad.

¶ Que Enrique descobrio. Ivan viendo agora
nuestras navegâres lo descubierto por el Infante
D. Enrique, padre destos descubrimientos; q en su
B ma era la Isla del Puerto santo: la de la Madera; la
tierra de Calbo Bojador; Angra, Puerto del Ca-
vallero, Caboblaco, el Rio del Oro, la Isla de An-
deget, una de las de Arguim; la de las Garças, la de
Nar, la de Tider, la de Argum, las de Caboverde;
el Cabo del Rescate, la de la Palma, algunas de
las Canarias, Cabo de Gao; i el de Santa Catalina,
la Mina, la Hermosa, i otras menores, i la tierra
Guinea, i el río Sanagâ, q todo el P. vâ nôbrado
por esas est. proximas. I todo consta de Barros
Dec. 1. lib. 1. cap. 2. 3. 7. 9. 12. 13. El resto hasta
el Cabo de Buena Esperanza, i Isleta de la Cruz, se

C descubrió en tiempo del Rey D. Juan II.

¶ Generoso Enriq. Agradóse el P. del titulo
de generoso, para darlo a este ilustrissimo Infan-
te, pues se le buelve a dar en la est. 37. del c. 8. i a
la verdad se le dió de justicia; porq fue uno de los
mas excelentes Príncipes, q se conocé en el nego-
cio de dar quanto alcançava ya por su puesto, ya
por sus estudios, yâ por sus servicios, uno a la Iglesia,
otro a la patria, otro a los suyos; i quié no
tiene semejante ánimo, i mano, varamente se llâ
mará generoso, ilustre. Príncipe, ni Señor: por-
que en esto consisten estos titulos.

¶ De Mauritania os mótes, e l. garcs. Terra q
Anteo, &c. Ivâ viédo tâbien pedaços de Africa
por aquella parte q la dominó Anteo, teniendo su
assiento en Tâgere, o Tingi, i por ello llamada
Tingitan a. Vease desto en las e. 33. del c. 1. 77.
del 3. 24. del 7. i finalmente lo principal, q en es-
tos lugares i mótes se incluye, son los Rynos de
Tangere, Fez, Marruecos, i Tarudante.

¶ Deyxido à mão esquerda. &c. Si bié ponâ-
ramos los luceños fabulosos d. Virgil. i los ver-
daderos de Camões, i la igualdad ó llevâ en refe-
tirlos, sacaremos en limpio, q para ser el Poema
de Virgil. propio para nuestra navegacion, no le
falta por la mayor parte más de mudar los nom-
bres de las personas, i de las tierras. En grand s
pedaços sucede lo mismo qd Ariosto, q no escri-
viédo sirò fíbulas, frisan en mucho con nuestras
verdades. Esto avia pensado nuestro P. quâde di-
xo en la est. 11. del c. 1. q las hazañas verdaderas
de los Portugueses excedia las fabulosas de los
extraños. Sea, pues, una muestra, este lugar. Vâ
Ariosto en el c. 15. fabu âdo un viaje de Afonso.

Lasciando il porto e l' onde piu tranquill'.

Confelice aura che a la poppi spira
Sopra le riche, popoli, vûle

Ep 2

De

*De l' odorifera India il Duca gira
Scoprendo a destra, et a sinistra mille*

I sole sparsé, &c. Vease si toda esta mentira de Ariosto cōtiene toda la verdád del C2moens en esta est. i las que se siguen; i al contrario , si toda esta verdad cōtiene aquella mētira; menos en decir el Cam. que a la mano derecha no avia certidumbre de tierras. Pues assi es en mucha parte del Poema:dezimos a respieto de Ariosto, que al de Virgilio es en casi todo , como lo descubrirá quien leyere estas notas cō atencion. Sanaz. lib. 2. de par. Virg. tambien a este modo vā refiriédo una jornada de S. Joseph. *Solymas a lava lique-rat arceis.* El mismo Ariosto c. 10. E Sericano lasciò a man destra, &c. I en el c. 33. el viaje de Aitolfo sobre el Hipogrifo cō grādes semejācas a este del Gama. No es possible copiarlo todo.

T *Que à dereyta, ram ha certeza de outra mas sospeyta.* Dize, que ivan dexando a mano izquierda tierras de Africa, i es assi ; porque al salir del puerto de Lisboa ellas quedan a essa mano: però que a la derecha no avia certeza de otras; si bien se sospechava averlas : i estas eran a'gunas de las que oy se llaman mundo nuevo, o America, i Brazil , que quando el Gama aqui eluvio hablando, no estavan descubiertas, aunque estuviesen sospechadas. Dirán agora los Computistas de los tiépos que el P. lo fue malo dellos en dezir esto, por q el Gama estaba aqui hablado el año de 1598. i el Coló ya el de 1593. avia venido de descubrir aquellas tierras , llamadas Indias de Castilla ; i que assi esto es negar la gloria agena. Però no ay tal , ni es yerro , antes se descubre el notable cuidado con que escrivió el P. Es menester advertir , que el no habla aqui de las Islas , sino del continente, o tierra firme; i el Colon en esse viaje descubrió solamente unhas Islas, i lo mismo sucedió hasta el año 1597. en que el propio Colon descubrió tierra firme ; però esto no lo podia saber el Gama, aunq estaba hablado aquí ya el año 1598. como ai diximos; porq el partiò de Lisboa en 8. de Julio de 1597. i Coló avia partido de Cadiz al fin de Mayo del mismo año , en que descubrió tierra firme. Assi, que si el P. lo huviera dicho de otra manera errava, però siendo un yerro, q pudiera tener grandissima desculpa, se vè claramente la atenció con que estuvo a todo ; porque si bien en España se supo primero deste descubrimiento de Colon que dessotro del Gama: el Gama no lo podia saber , porq estaba por aquellos mares: i assi dice bien, que no avia certeza de tierra firme , mas que avia sospecha , por quanto el Colon insistia en que avia de hallarla, i este era el estado destas cosas quādo el Gama salió de Lisboa; i conforme a el habla en ellas.

V.

*Passamos a grande Ilha da Madeira,
que do muyto arvoredo assi se chama;
das que nos povoamos, a primeyra,*

A mais celebre por nome, que por fama: Mas né por ser do mūdo a derradeyra se lhe aventajam quantas Venus ama; antes fendo esta sua, se esquècera de Cypro, Gnido, Pafos, e Cythera.

P Assamos la gran Isla de la Madera, que se llama assi de la mucha arboleda que tiene: la primera de las que nosotros poblamos, i más celebre por el nōbre, que por la fama. Però ni por ser la postrera del mundo se le aventajan quātas Bama Venus: antes siendo esta suya se olvidava de Cypro, de Gnido, de Pafos, i de Cythera.

T *Passamos a grande Ilha da Madeira.* Vā el Gama nombrando las Islas que ivan viédo, o por cuyos mares ivan passando, segun lo dixo en esto tra est. por mayor. Assi Eneas lib. 3.

Bacchatamq; iugis Naxon, virideq; Donisana Olearon, niveamq; Paron, &c. I en lugar detta de la Madera, está adelante la de Iacinto , tambien famosa por bosques: *Iam medio apparel flu-
tu nemorosa Zacinthus.*

T *Que do muyto arvoredo assi se chama.* Bar. Dec. 1. lib. 1. cap. 3. hablando de la propia Isla, *A qual chamaram da Madeira por causa do grā-de, e muy espefso arvoredo de que era cuberta, &c.* De modo , que el aver hallado en esta Isla grandes bosques de gruesos troncos, dió motivo a q le llamassen de la Madera.

T *Das que nos povoamos a primeyra.* Cō cuydado declarò , q la Isla de la Madera tuvo el primer lñgar en ser poblada, porq en ser descubierta lo tuvo la de Puerto Santo, en q se dice aver sucedido con conejos, lo que en Carpatia cō liebres; i tambien en las Islas Baleares, legún Plinio lib. 8. adonde Otaviano embiò una legion de soldados contra ellas: i en la Isla Anafó , despoblada por la dañosa multiplicacion de perdizes, que resultò de dos que Zomenio llevò allí: i en Frácia desamparada una Ciudad (segun Varron) por la multitud de las ranas. Porque llevado los nuestros a esta conejos , para que no les faltasse el gusto de caça, ellos multiplicaron de maniera, que impossibilitado casi toda suerte de cultura, echan casi de la Isla quien los llevò a ella, sin bastar

E ninguna diligencia humana a extinguirlos , aviédo vez de las que se salia contra ellos, en que murieron mas de tres mil , segun refieren escritos, i tradiciones. I todavía lo cierto es, que no se del habitò, como se dice, aunque dan cuydado los conejos, obligando a que se use mucho la caça para hazerlos menos ; i a que para los senibrados se busquen defensas: i en unas Isletas que están enfréte, incapaces de habitarse por su pequeñez , ay rastos, que faltandoles de que sustentarse, no son de provecho alguno.

T *Mais celebre por nome, que por fama.* El entedimiento deste lugar puede ser en dos maneras, i la

i la primera explicaremos por dos modos, i libramos a muchos curiosos del trabajo que con el han tenido. El modo primero es, que el nombre aqui no significa otra cosa que la propia Isla; i con este entendimiento, que es seguro, diremos que las delicias della son tales, que es menos la fama de ellas, que ellas mismas. O (si es mejor) menos dice la fama de lo que ay en esta Isla, de lo que ella dice de si con su propio nombre (esto es cõsigo propia) q̄ siépre está diciendo Madera; i debaxo desho, bosques, frescuras, amenidades, bellezas, delicias. Embaraçarse algunos en este entendimiento, es, porq̄ por una parte no toman el nombre por esto que el significa: (que es el sentido en q̄ le tomó Estacio en su primera silva, quando dixo: *Nunc age fama prior notum per scula nomen.* Entendiendo por nombre el cavallo Griego) i por otra quieré, q̄ nombre sea lo propio que fama. I aú que confesarios que mil veces se usa por fama decir nombre, i desto estan llenos los escritores, i nuestro Poeta tambien; esto no tiene lugar aq̄, supuesto lo otro: i así este verso es, como esse de Estacio, en que aviando fama, i nombre juntamente, el nombre está agora con diferencia de fama. Pero aunque no tuviera: nos esta suposicion, de que el nombre alli está por aquél su significado, como entre los hombres Juan, i Francisco, i los otros nombres estan en las personas por ellas mismas, pudo muy bien aver dicho el Poeta nombre, sin que se entienda fama: porque son cosas distintas, ella, i el: porque la fama es una pregonera de los nombres de las cosas que prezona. El Poeta en la est. 102: del c. 4. Nunca citara sonora te de fama, antes contigo se acabe el nombre. Mas veys otro lugar suyo en que no solo haze el nombre destino de la fama, sino ella menor que e', que es lo que nos embaraça aqui.

*Romulo, e Baco, e outros que alcançaram
Nomes de Semideuses soberanos,
Com justissima causa se queixaram
Que nam lhe responderam os humanos
Favores de rumor, justos, e iguais,
A seus merecimentos immortais.*

Esto es en la est. 5. de las que en sus Rimas escribió el P. a D. Constantino. Dize que Romulo, i Baco, i otros Heroes se quejavan, que la fama no avia correspondido a sus nombres, i obras, porque aunque ella era mucha, ellos, i ellas eran mis. Luego eran más celebres por sus nombres, que por su fama, i la fama es cosa destiuta del nombre. Claro está. Porque ay cosas sin fama, i con nombre, teniendo todo nombre, i no teniendo fama todo. Hom. VIif. 3. *Non quidem enim aliquis omnino sine nomine est inter homines:* donde Iuā de M. na copia 162.

*Grazas de nombres de ríos, empero
Despues de juntados, llamamoslos Duero.*

Porque los ríos pequeños tienen nombre sin fama; los grandes, que los bebeu, tienen fama, i nombre: i por esto usan los Poetas con diferencia

Tomo 2.

A de uno i otro. El nuestro en la est. ult. del c. 4. en la 99. del 5. en la 63. del 6. en la 2. del 8. en la 88. del 9. Boecio lib. 2. de consol. *An ubi Romani nominis transire fama nequit.* Virg. Geor. 3. *Et nomen fama tot ferre per annos.* Vease el lugar de Lucano del lib. 8. que traximos en la estancia 58. del canto 2. a otro propósito. Mena cop. 4.

*Las mas bazañas de nuestros mayores
Taze en tinieblas dormida su fama,
Dañada de olvido por falta de Autores.*

B Esto es, que faltó la fama a aquellos nombres, digna della. Virg. 5. *Multi præterea quos fama obscura recondit.* El propio Mena en la cop. 8. *Sus nombres escuros esconde su fama.* Lodovico Dolce en el son. que comienza: *Gite illufre,* &c. *Al vostro chiaro nome eterna fama.* El Ranieri son. que empieza: *Alma leg.* &c.

*E per che il nome tuo morte non tocchi
L' andiammo a la immortal fama sacrificando.*

El Amalteo en el soneto *Triunfal,* &c. La fama portó il suo nome oltra l' Ibro. Fr. Luis de León od. 1.

*No cura sì la fama
Canta con voz su nombre.*

C Sobre todos para esto es aquel lugar de Mario de Leo en el c. 2. de Amor preso, alabando a unas damas, deste modo.

*Cbe il vostro nome vā con proprie piume
Senza mistier ch' altri per aria il porte.*

D Esto es, que las alas de sus nombres escusavā las de la fama; i assi eran más por ellos que por ella. Que sea fama, i algo más a este fin se puede ver en la est. 105. del c. 2. Parece quedar claro, que fama, i nombre es cosa distinta; i que tal vez, como aquí, el es mayor que ella. Vengamos a los lugares, que el P. imita en decir, que esta Isla es mas celebre por si, q̄ por su fama (pueso esto es lo q̄ viene a decir.) La Reyna Salomé despues de oír a Salomón, i ver sus obras, dixo esto propio en el numero. 7. del c. 10. del lib. 3. de los Reyes. *Maior est sapientia, & opera tua, quam rumor quem audiui.* Tenemos aqui otra dificultad; i es que por ventura los que quieren q̄ fama sea lo mismo que nombre, no quieran que rumor sea lo mismo que fama; i más si fueren lúritas, que amontonarán mil textos sobre esta destinción, que bien nos costaría la tienen en derecho, i aun en el vulgo estas dòs veces. I suponiendo, que lo hemos entendido, dezimos que el mayor texto es la Escritura sacra; i q̄ de Salomon no corría qualquier voz, si no una fama tan grande, que hizo partit una Reyna, i otros personajes de sus tierras a verle, i ofrecerle dones. I pues la Escritura a tan insigne fama llamó rumor, quedense por inutiles todos los otros textos; i mucho más para terminos históricos, i principalmente poeticos. I sirve esto también para el lugar de nuestro P. en sus Rimas, arriba citado, llamando rumor a la gran fama de Romulo, i Baco, i otros Heroes. I q̄ la Escritura

E ali

alli no entienda por rumor otra cosa cosa, q la fama consta de la misma, adó de primero llamó fama a lo q despues llamó rumor, por escusar los argumentos, i explicaciones. El mismo cap. alegado comienza assi: *Sabì audita fama Salomonis, &c.* I este es tambien el principio del cap. 9. del lib. 2. del Para ipomenón: *Sabì cum audisset famum Salomonis.* I abaxo: *Vicisti famam virtutibus tuis.* Que es lo mismo, que mas celebre por si, que por la fama. Mas, Quando no tuvieramos texto tan superior, es cierto que los Poetas no se reduzen a terminos juidicos en sus frasis, i locuciones: i la verdadera poesia, es decir no có pa labras comunes, i derechas(digamoslo assi) sinò con las que teniendo conveniencia con las propias, forman assi usadas una elegacia no vulgar, i dizen lo que otro có vulgaridad dixerá. La propia Escritura en essos lugares, no solo llamó rumor a essa fama, sino platica a essa fama, i a esse rumor. En el de los Reyes la propia Sabà: *Verus est sermo quem audiri: i en el del Paralipom. Sermo quem audieram.* Con esta seguridad, pues, fue para los Poetas rumor lo propio que fama. El nuestro en la estancia 58. del cant. 2. descriven do la fama.

*Desta arte vay fazendo a gente imiga
co' o rumor famosissimo, &c.*

En la 29. del 3. en las 19. i 60 del 7. en la 40. del 8. i en ese lugar citadó ya de las rimas a D. Cōstantino. Claramente lo entendió assi en la est. 9. del c. 9. llamando rumor a lo que despues en ella, i antes en la 8. llamó fama: i en la 45. diciendo, que iva la fama delante, dice en la 46. que era rumor. Hom. Vlif. 14. *Statim autem in urbe ivit rumor.* Virgil. en el lib. 4 de la Eneyda dixo de la fama de Dido. *Et rumore accensus amaro.* Marcial lib. 3. epigrama 38. *Rumor ait, &c.* Seneca al fin del acto 2. de la Theb. *Verba rumoris vagi.* Stacio Theb. 2. *Fuso rumore per urbem.* Dante descriviendo la fama no le dà otro nombre.

Non è il mondano romore altro che un fato

Di vento, &c. B Tasso Amad canto 48. est. 6. *Di cui la fama fa tanto romore.* I con quedar llano, que aquel rumor es lo mismo q fama, bolvamos a ensartar los lugares, imitados juntamente con ese de la Reyna Sabà. Virgil. 11. en la boca de Dranço, hablando de Eneas: *O fama ingēs, ingentior armis!* Veys e à llamado mayor por sus hechos, que por su fama. Oracio lib. 1. epist. 11. a Bolacio.

*Quid tibi visi Chios, Bullati, notaq Lesbos? &c.
Smyrna quid, & Colophon? minor, minora ne
fama?* Ovid. en Pàris a Elena

*Famaque deformè penè maligna tua est;
Plus hic invenio quam quod promiserat illa.* Tucidid. lib. 2. hablando de Athenas: *Sola enim bæc ex presentibus, fama sua maior esse experientia nascitur.* Senucho am go del Petrarca, descriviendo su coronacion a que se hallo presente,

A dice del quando le vieron en Roma, i le trataró: *Et trovatolo molto maggiore negli effetti, di ciò che la fama sonava.* El Papa Leon Decimo en la carta que escrivio a Sanazaro, de gracias, i alabáças por su Poema sacro: *Quæ res expectata verum eo nunc carior, & iucundior visa est, tū quod quæ futura expectabamus accepimus iam facta esse, & quæ superent omnem expectationem.* Nuestro Bar. Dec. 1. lib. 7. cap. 8. *Tam soberbas, que os nossos estimaram mais a vista dellas que a fama.* I antes en el cap. 3. del lib. 3. dixo del rio

B Zayre: *Mais notavel, e illustre por agoas, que por nome.* I en este lugar está el nombre por la fama: i las aguas por el nombre. El Tibaldeo son. 144. de la Ciu'ad de Sena: *Non è men di presenza, che di fama.* El Porrino fol. 83. *La sua presenza è assai piu che ba fama.* Vicente Carava por por Doña Maria Marquesa del Vasto.

— La fama

Or la presenza il dir suo avanza.

Nuestro famoso Comico parte 20. en la sena ultima del acto 3. del mejor moço de España.

*Porque si la fama fué
Del Aragonès tan bella,
Mayor es la vista que ella.*

I esta manera de alabar es grande, por ser cierto, que casi siempre las cosas que la fama toma mucho a su cuenta, son menores quando se ven, de lo que eran quando se oían. I assi lo que el P. viene a decir por este modo, es, que la fama de la Isla de la Madera era grada, pero q los meritos de la propia Isla eran mayores q essa fama: para que nadie pensasse, que este genero de fama era de aquellos, que sin causa exageran las cosas. I este es el primer sentido deste lugar: i el verdadero q elijimos. El segundo podia ser diciendo, que la Isla de la Madera es mas celebre por el nombre de su madera, que por la fama de la propia Isla; por quanto siendo ella toda un vastissimo bosque quando fue descubierta, dandole fuego los descubridores, por hazer lugar a otras culturas, ardió de modo, que lo menos que despues tenia era madera. Vease a Juan de Birros Dec. 1. lib. 1. cap. 3. adonde dice, que siete años continuos duro aquél incendio: por donde se podia entender, que la Isla ganando el nombre de la Madera, por la q tuvo, como agora no la tenia tanto, es mas celebre por el de lo que fue por la fama della. Pero como el P. no quiso decir tal, i a la Isla nunca le faltaron totalmente los bosques, aunque huyiese aquél incendio, dexaremos de traer lugares q se podian parecer a este. I q no quisiesse decirlo se ve claramente desta estancia; porque ella trata solo de exaltar có alabáças la hermosura desta Isla; i por esto no le avia de confessar el mayor defecto que puede tener qualquier tierra, q es falta de arboleda. I que tratase de alabarla mucho, se descubre claro en los versos ultimos, diciendo, q si ella fuera de Venus, Venus la estimara más q todas las mejores suyas. Añadesse a esto, q siendo

E aquél

aquel incendio el año 1420. i esta relación del Gamma el de 498. só casi 80. de distancias, i en ellos dice la Isla estar ya restituida de sus bosques perdidos, i con aumento en los que no se perdieron.

G Mas nem por ser do mundo a derradeyra. El P. en este modo de decir alude a las juntas de gente, i en ordenadas, adonde el menor siempre va postrero: i declara agora, que esto no se entiende en esta Isla, q con estar postrera en el mundo, nin g'ma se le avétaja, antes ella es mejor que todas. Jeilla es postrera en razon de q está más al Occidente q todas. Però esto no se ha de enteder del mundo todo, sino de nuestro Hemisferio, al modo q de Titio dixeró Virgil. i Seneca: *Sit terris ultima Thule*: porq de otra manera no podia ser.

G Solbe aventajam quantas Venus ama, &c.
B. Taflo Elez. 6. del lib. 5. de sus amor.

*E dal collo gentil che Papko, e Guido,
Avanza di beltate, e di vaggbezza.*

Ariosto cant. 43.

Che v' avria con le gratz, e con Copido

Venere stanza; non piu in Cypro, o in Gnidio.
Hizo el P. a Venus con la Isla de la Madera, como Virgil. a Juno con Cartago, En. I.

Q *Quam Iuno fertur terris, magis omnibus unam
Posthabita coluisse Samo*, &c. I como Estacio a la Sibila Albunea, lib. 1. silva 3. diciendo, q si ella no diera sus respuestas en Preneste, se viviera a vivir, olvidada del, en Tiboli.

*Quo d'intempla darent alias Terinthia sortes
Et Prænestina poterant migrare sorores.*

T Antes sendo esti sua se esquecerá de, &c. Veys aqui como la Isla de la Madera no es de Venus, para hazer al propósto, de los que no entiendo aquél verso de la est. 21. del c. 9. *Damay primi yra*, &c. quieren, que por primera se entienda esta Isla (llevados por ventura de llamarle el P. aquí primera de las pobladas por los Portugueses) porque diciendo allá, que la en que los ha de festejar es suya, i aquí que esta no lo es, siguese claro, que no es esta la con que confina aquella. Alfin allá iremos. Barros Dec. 1. lib. 1. cap. 3. dice desta Isla deste modo: *Tam nobre, fertil,
e generosa em seus moradores, que tirando Inglaterra
antiquissima em povoação, e illustre com a
maioria dos seus Reys, em todo o mar Oceano
Occidental a essa nossa Europa, ella se pode chamar
Princesa de todas. I ello es así, i porque así no
la llama la fama, sucede lo que el P. dice, de que
menos celebre por la fama que por si: esto es
su nombre*.

T Se esquecerá de, &c. Dize, que Venus se olvidará de sus notorias Islas, por mas que sean amenas, i deliciosas, si en lugardellas tuyiera esta Isla de Madera, que las excede.

T *De C; pro, Gnidos, Pasos, e Cythera.* Nombres de lugares frescos, i regalados, propios de Venus, conforme a las fabulas. Pasos fue Ciudad en Cypro, tiera hermosissima, i Isla del mar Carpatio, o Mediterraneo. Gnidio Ciudad de Caria.

Tomo 2.

A Cythera, Isla ultima de las Cicladas. Desto están llenos los indices, por eso escuso dilaciones. Antonio Galvá en una relación de varios descubrimientos, dice, q en esta Isla de la Madera se halló una Hermita, i una sepultura en ella, de q constava q allí estaba enterrada la muger de un Ingles, llamado Machin, q por los años 1393. pasando a España, fue a casa a parar allí, i que por eso se llamó de Machico el puerto principal desta Isla. I aviéndose partido della su primero descubridor, vinieron a ser los Portugueses sus pobladores, i a ilustrarla con la Ley Católica, i con la sangre Lusitana.

VI.

Deyxamos de Massilia a esteril costa,
onde seu gado os Azenegues pastam,
gente que as frescas agoas nunca gosta,
Nem as ervas do campo bê lhe abastâ:
A terra a nenhô fruto enfim desposta,
onde as aves no ventre o ferro gastam,
padecendo de tudo extrema inopia,
que aparta a Barbaria de Etiopia.

D Examos la esteril costa de Massilia, adonde pastan su ganado los Azenegues: gente que nunca gosta las frescas aguas, ni les bastan bien las yervas del campo. La tierra alfin dispuesta a ningún fruto, adonde las aves gastan el hielro en el vientre. Padeciendo extrema inopia de todo: que aparta la Barbaria de la Etiopia.

T Deyxamos de Massilia a esteril costa, &c.
Lo mismo que la Mauritania, llamándose así por aquella parte en que los Moros llamados Azenegues pastan sus rebaños; adónde apenas tienen agua aun ma'a, ni yervas bastantes para hartarse: tan esteril es. Parece atendio el P. en este lugar al de Virgil. 6. relatandose viajes: *Penitusque reposas Massilium gætes*, &c. Dionys. Alex. de situ orb.

*Post hos immense Nomadum de scmine gentes,
Atque Masæfilij, necnon Massilia proles
Saltibus hos duris aper, sy: visque stagantes
Victus alit sœva quæ situs eæde ferarum*, &c.
Lucano lib. 4. habla de sta tierra así:

E *Et gens, quæ nudo residens Massilia dorso
Ora levè flebit: frænorum nescia virga*, &c.
T As yervas do campo. En decir del campo a las yervas, entiende las agrestes, q crecen sin cultura; i ni destas tienen bastantes, sustentandose de llas: como Virgil. lib. 3. *Vulsis pascunt radicibus
herbæ*. Però ciòxlo el P. como uuele cō Barros, Dec. 1. cap. 10. hablando de lo que comen estos Azenegues: *Raizes, e gomos de algúas ervas, e nã
ainda em abastanza*, &c.

T A terra a nenhô fruto, &c. Cō Hom. quândo Ulises, lib. 9. resiste lo estéril de la tierra de los Ciclopas: *Neq; platiunt manibus arbore, neq;
arant.*

¶ Onde os Aves no vêtre o ferro gastam, &c. Ay por allí muchos Avestruzes, de que se dice que digieren hierro. Los primeros descubridores truxeron huebos dellos al Infante, y llegaron tan frescos, que sirviéndoselos a la mesa los juzgò por buenos. I la verdad es, que se los haria parecer tales el gusto que para el tenia todo quanto traian de aquel descubrimiento tan hijo de su alma. Barros al principio de la Dec. 1. Dà cuenta ei P. destas Aves por imitar la que Eneas diò de las Harpias de las Islas Estrofades lib. 3.

—Quas dira Celeno

Harpiae; colant aliae, &c.

¶ Extrema inopia: pobreza ultima, grande, qual la destos Azenegues.

¶ Que aparta a Barbaria de Etiopia, que essa costa, o tierra de los Azenegues divide de la Etiopia la parte de Africa llamada Barbaria; i propriamente los confines de sta por la parte de aquella. Yo tengo determinado de gastar poco tiempo en historias verdaderas, ni fabulosas, ni descripciones de tierras, i gentes, porque le he menester para lo que no está en los libros, i Indices. I así diré solo desta miserable gente, que ella se sustenta destas yervas, i lagartixas tostadas al ardor del Sol, que siempre hiere en aquel solsticio del Tropico de Cancro, que passa por encima de aquella region: su bevida ordinaria, por esa falta de agua ya dicha, es la leche de sus ganados. Barros alli cap. 10.

VII.

Passamos o limite a onde chega
o Sol, que para o Norte os carros guia,
onde jazem os povos, a quem nega
o filho de Climenè a cor do dia.
Aqui gentes estranhas lava, e rega
do negro Sanagà a corrente fria,
onde o Cabo Arsinario o nome perde,
chamandose dos nossos Caboverde.

Passamos el limite a donde llega el Sol, que guia los carros para el Norte; i a donde yáze los pueblos a quien el hijo de Climenè niega el color del dia. Aqui la fria corriente del negro Sanagà lava, i riega estrañas gentes: a donde pierde el nombre el Cabo Arsinario, llamandose de los nuestros Caboverde.

¶ Passamos o limite a onde, &c. Dize en estos dos versos, que pauso el Tropico de Cancro: porque esse es el limite que de la parte del Norte tiene el Sol, a quien se cöceden caballos, i carro en las fabulas, como es notorio.

¶ Onde jazem os povos, a quem nega o filho, &c. Quiere decir, a donde yaze la tierra de Etiopia, cuya gente es negra: esto es negarle el hijo de Climenè, que es Faeróte, la color del dia, que se entiende la de la gente blanca: aludiendo a la

A fabula de que siendo los de Etiopia blancos como los otros, los quemò el Sol quando governando mal Faeróte cayendo por aquella parte los dexò de aquel color negro: cosa vulgarissima.

¶ A cor do dia. Para decir que no eran blancos estos pueblos que yazen debaxo de ese Tropico, dize que les falta la color del dia: i para decir de otros, que eran blancos, dirá en la est. 77. que tienen essa color del dia. Pero, preguntase si el dia tiene color? Respondese, que no le tiene real, sino aparente. Porque la luz del dia procede del Sol: i si el tuviera algun color real, todas las cosas veriamos de aquei color que el tuviese: assi como todas las sobre q ponemos vidros de colores parecen del color del vidro que se les puso. Bien sabemos que Empedocles tuvo para si, que el Sol era blanco: pero desto le desengaña Aristoteles. Tampoco nuestro Poeta toma el color del dia aqui más que en el significado de blanco; o porque realmente el blanco no es color: o porque el dia parece lograr un genero de blanca, que dà lugar a que los Poetas llamen blanca, o candida a la mañana. Ovid. en la epist. de

B Paris en este sentido usa del candido. Candidior medio nox erit illa die. Mucho antes avia dicho Enrio Inter ea Sol albus recessit, &c. Cicer. de Nat. Deor. Solis candor illustrior est quam illus ignis, tomandose alli el candor por la propia luz. Horatio tambien Candidi tibi Soles. Inan Xiphilino en el Sermon de la Cruz explicando el lugar de la Transfiguracion Alba sicut nix, dixo Alba sicut lux, &c. Ultimamente roxo se llama tambien el dia, alomenos en su entrada: i de roxo i blanco, o rosicler, se compone el color con que se imita la tez humana de gente blanca; i assi con propiedad por esta razon se dirá della, que tiene el color que al dia dan los Poetas, que se entiende aparente, por parecerse la luz solar, de que resulta el dia, a la blanca: bien assi como son aparentes los colores que se varian en el cuello de la paloma, pues quitandose de la luz tiene un solo color real. Con esta condicion llama nuestro Poeta color a la del dia: i los Cafres en varias ocasiones llamaron hijos del Sol a los Portugueses para llamarles gente blanca.

D ¶ Aqui gentes estranhas, &c. Advierto, que el Poeta no dice en esta est. que passaron el Caboverde, sino dà a entender, que despues de pasado el Tropico de Cancro están estas Islas, y tierras que fueron pasando.

E ¶ Do negro Senagà, &c. Es rio grande, que divide los Azenegues, i les dà esse nombre, de los Ialofos, gente que alinda con Guinea por aquel lado. Dalc el epiteto de Negro, porque corre por entre gente negra, como es sabido: al modo de Clandiano, diciendo: Nigra maiestas por el Dios infernal; llamando Fiero al Danubio, con respeto a la gente que habita sus margenes. Ferocius Danubij, &c. Vease el Nigrorum ignium de

de Oracio, i otros lugares en la estancia 70. del cap. 6. Los Portugueses le dieron este nombre de Sanagà, porque se llamava assi un Señor con quien vinieron a tener comunicacion en aquella parte. Bar. dec. 1.lib. 3.cap. 8.

P Onde o Cabo Arsinario o nome perde chamar se dos nossos Caboverde. Es el Arsinario un promontorio de la Libia interior: nuestros descubridores le mudaron el nombre en Caboverde, porque lo estaba mucho con ojas de varias plantas quando le descubrieron. Sale entre los rios Santiago, i Gambea: i los navegantes aportaron en una destas Islas que están enfrente de este promontorio Africano, o Caboverde, como luego veremos.

VIII.

Passadas tendo já as Canarias ilhas,
que tiveram por nome Fortunadas,
entramos navegado pellas filhas (das:
do velho Hesperio, Hesperidas chama
Terras por onde novas maravilhas
andaram vendo já nossas armadas;
alli tomamos porto com bom vento,
por tomarmos dà terra mantimento.

Teniendo ya passado las Islas Canarias, que tuvieron por nombre Fortunadas; entramos navegando por las hijas del viejo Hesperio, llamadas Hesperidas. Tierras por donde ya nuestras armadas anduvieron viendo nuevas maravillas. Alli cõ buen viento tomamos puerto, por tomar mantenimiento de la tierra.

P assadas tendo já as Canarias, &c. Imposible es ir copiando todos los lugares que el Poeta imita de Homero, quando Ulises refiriendo su viaje al Rey Alcinoo, le dezía las Islas, i puertos que iba tocando, o viendo. Acudan los curiosos a conferir el lib. 9. i el 10. con este canto: i el 3. de Virgilio, que contiene lo propio, relatado de Eneas a Dido.

As Canarias Ilhas, que tiveram por nome Fortunadas. Estas Islas están al Occidente contra el fin de la Mauritania: son siete, conforme a algunos Autores, Lançarote, Fuerteventura, Tenerife, Ferro, Gomera, Palma, i Gran Canaria. Desta ultima se llaman todas Canarias, i ella de criar en si grandes canes, segun Plinio en el cap. 32. del lib. 6. Però conforme a otros, a que sigue Iuan de Barros Dec. 1.lib. 1.cap. 12. ellas son doze, i los nombres de las cinco, Graciosa, Inferno, Alegranza, Santa Clara, Roche. Las primeras Lançarote, Fuerteventura, i Ferro conquistó Iuan de Betancur, Cavallero Fráces, por ordé de Enrique III. Rey de Castilla. Las otras D. Fernando de Castro, por el Rey D. Alonso V. de Portugal. I por acuerdos, i porque siempre aquél pequeño Reyno diò baratos de bizarrias a

Tomo 2.

As vezinos, fuerón despues todas de Castilla. Lla maronse Fortunadas, casi Beatas por su fertilidad: i por esto de algunos Autores fueron tenidas por los Cäpos Eusejos, explicando a Virg. 6. al hablar dellos con el titulo de Fortunadas. *Fortunatorum nemorum, sedesque Beatas.* La soberana a todas es la Palma: empezaronse a ganar por los años 1406. Vease Strabon lib. 3. En la Canaria padeció martirio por los años 633. el Santo Avito denunciando la Fe Católica. Vease al fiador de las buenas letras en España don Tomás Tamayo en sus notas a Luitprando, plana 51. Lo dicho de que sean estas Canarias las Fortunadas, es con la corriente vulgar: i con la superior, que sigue nuestro gran Geografo Iuan de Barros Dec. 1.lib. 2.cap. 1. diremos que las Fortunadas son las de Caboverde. Porque siendo el meridiano de las Fortunadas principio de que Tolomeo, i otros Geografos antiguos empezaron a contar las longitudes de los lugares para el Oriente, como ultimo termino Occidental de la tierra que ellos conocieron, Tolomeo señalo al promontorio Arsinario, que es el Caboverde, ocho grados de longitud, como consta del cap. 6. del lib. 4. de su Geografía, i de la tabla 4. de Africa; i a las Fortunadas un grado: por lo qual distará dellas siete grados el mismo promontorio al Oriente, que es poco más de lo en que realmente está el Caboverde apartado de sus Islas, i con la misma situación. Siendo, pues, este el sitio destas Islas, i Cabo, i tan conformes a las Fortunadas, i promontorio Arsinario, según la longitud, tambien lo son casi en la latitud: porque Tolomeo situa la más Setentrional Isla de las Fortunadas, a que llama Aprosito, que vale inaccesible, en 16. grados de altura: i la misma tiene la Isla de Buenavista, una de las del Caboverde. Así, pues, correspondiendo estas con tanta precision en longitud, i latitud con su Cabo, que es el Arsinario, como las Fortunadas con él, no pue de ayer duda en que sean las del Caboverde las Fortunadas; i que del meridiano de aquellas, como del destas, se devan contar las longitudes de los lugares, segun Tolomeo. Que no sean las de Canarias las Fortunadas, consta, porque la más Occidental dellas, que es la Palma, queda en el mismo meridiano, que es el de Caboverde: de q se sigue, que es una misma la longitud de ambos. I la más Oriental destas Islas, que es Lançarote tiene quatro grados más de longitud que el Caboverde; porque tantos queda de su meridiano al Oriente. Tampoco conforman estas Islas con las Fortunadas en la latitud: porque (como ya diximos) la más Setentrional tiene de altura del Polo 16. grados. Però para aqui esto baste. I assi las Fortunadas que entendieron los Geografos antiguos son las de Caboverde: i nuestro Poeta en lo que dice aquí sigue la opinion comun. Ofrecese vna duda: i es decir el Poeta, que passaró las Fortunadas, despues de aver dicho que avia pas-

sado el Tropico de Cancer, quedando ellas antes del. I si él no dixerá luego, que passaró las de Caboverde q̄ están despues de passado este Tropico, pudieramos dezir, que en su opinion (como Juan de Barros) eran estas de Caboverde las Fortunadas. Però ya que él las distingue, o haze otras, entenderemos que dice, que entre aquellas, i estas que passaron quedava el Tropico de Cancer: porque en esta ciēcia era peritissimo el Poeta. I assi serí la construicion deste modo. *Passamos el Tropico, aviendo ya passado las Canarias.*

I luego, Entramos navegando, &c.

G Entramos navegando pelhas silvas do velho Hesperio, Hesperidas chamadas. Quiere dezir, q̄ fueron corriendo por entre las Islas del Caboverde, que entiende por hijas de Hesperio, i fueron Egle, Aretusa, y Esperetus: i llamándose Hesperidas del nombre de su Padre, llamarense estas Islas del nombre destas sus habitadoras: i de creer es, siendo Africa generalmente incapaz de jardines por su sequedad, que pues las Hesperidas los tuvieron tan regalados feria en aquellas Islas acomodadas a qualquier fiescura: i desta manera vendrá el Poeta a ser de opinion, que en estas Islas fue la vitoria de Hercules contra el Dragon que guardava los pomos de oro de las Hesperidas; i por esto mismo a encontrarse con lo que dixo en la est. 55. del canto 4. pues allá es de parecer que estos pomos estavan en el continente de la Tingitania: però no se encuentra, por que siendo estas Islas de essa porcion de Africa, i hallandose en los Autores que esas Hesperidas tuvieron aquellos huertos en una i otra parte, sin que indubitablemente se sepa en qual dellas, pudo el Poeta usar de una i otra opinion: i quando ellos uvieran sido solamente en estas Islas, pudo como Poeta dezir allá esto, tomado la parte por el todo, y al contrario.

H Ali tomamos porto com bom vento. Ofreciendosele viento favorable para aportar, lo hicieron alli: entiendese en la Isla de Santiago, que es una de las de este Caboverde a que avian llegado: i el mismo Poeta lo declara luego en la est. siguiente.

G Por tomarmos di terra mantimento. Hallando la ocasion, no quisieron perderla de surgir en aq̄l puerto, así porq̄ para los navegantes ver tierra; i no tomarla es como darles la pena que las fabulas dizen se dió a Tantalo, de que muerto de hambre, i sed, viesse uno i otro mantenimiento sin poder lograrlo; como porque pudiesen tomar algun refresco, el qual tomaron, segun lo dice Barros Dec. 1. lib. 4. cap. 2. *Foram ter à ilha de Sant-Iago a onde tomaram algum refresco.* Però no desembarcaron.

IX.

A aquela ilha aportamos que tomou o nome do guerreiro Sant Iago,
Santo que os Hespanhōes tanto ajudou

A a fazerem nos Mouros bravo estrago.
Daqui tanto que Boreas nos ventou tornamos a cortar o immenso lago do salgado Occeano; e assi deixamos a terra onde o refresco doce achamos.

A Portimos a aquella Isla que tomou o nome do guerreiro Santiago: Santo que tanto ajudou los Espanoles a hazer bravo estrago en los Motos. De aqui, luego que nos ventou, seplió Boreas,ボレアス a cortar el immenso lago del salado Occeano: i assi dexamos la tierra a donde tomamos el dulce refresco.

A aquella ilha aportamos, que tomou o nome do guerreiro Sant-Iago. Llegaron al puerto de la Isla que tiene el nombre de Santiago, que como ai diximos, es una de las de Caboverde. Por este estilo dirá el nombre de la de S. Thome en la est. 12. Estas Islas de Caboverde descubrió Antonio de Nole Genoves, consintiendolo el Infante, dueño destos descubrimientos.

G Que os Hespanhōes tanto ajudou, &c. Todas las Cronicas a una mano confiesan los apadrecimientos de Santiago en las batallas de Christianos contra Motos en España, i aun fuera de España. En el Reyno de Congo paledó de la parte de un Rey negro con pocos hombres, contra muchos despues que los Portugueses le truxeró a la vandera de Christo. Todo es cosa s̄irne: i en este lugar, mejor que en alguno, con menos peligro de descomponer la paciencia, se pudiera discurrir sobre el argumento de si vino Santiago a España, si la Iglesia Católica Romana estos días no uviera mandado callar los argumentos, con darlo por cosa indubitable, haziendolo rezar assi

D en las Horas Canonicas, i Breviario universal, a instancia del Doctor don Miguel de Xoce Ximenez, natural de la villa de Prexano del Obispado de Calahorra, i Canonigo de la Santa Iglesia Catedral de Leon, que concitado de vn fervoroso zelo (cosa rara en este seculo) sin otro mobil, a su costa, passò a Roma (adonde yo le vi echando el alma en esa agencia) i lo configuió, con maravillosa, i santa constancia, opuesta a las dificultades que esto tuvo, tan grandes ya desde muchos dias, que pretendiendo o el Piadoso Rey Dó Felipe III. con todas sus fuerças por medio de sus Embajadores, i singularmente del Duque de Sessa, no lo pu lo conseguir. Però esto sin duda fue per mission Divina: porque no pareciese que el escucharse, i concederse esto en Roma era respeto con un Rey poderoso, i no con la verdad solidia. Tanto deve España al Doctor Xoce Ximenez, pues el solo le alcanzò en la Reformacion que el S. VIRBANO VIII. hizo del Breviario, esta resolution de que se dixesse en las lecciones del Apostol Santiago en 25. de Julio su venida a España, i predicacion en ella: i que la conversion que hizo

hizo en Hermogenes Mago, fue despues que vi-
no, i no antes; segun halta entonces se platicava,
como el aver padecido Martirio el Apostol en 1.
de Abril, aviendo sido en 25.de Março. Todo se
ver i distintamente de los diez tratados que el
misimo Doctor tiene para imprimir desta mate-
ria, que son los propios con que rindiò la Con-
gregacion Romana destas Reformaciones: para
lo qual se halla oy en esta Corte; esperando tam-
bién el premio deste insigne servicio, que si no le
conocen todos, nuestro gran Rey, que Dios guar-
de, le reconoce(i esto basta)pues con muchas i a-
pretadas ordenes manda que le propongan en B
puestos capazes de su persona, i merito. El Poeta
puso aqui estas señas de Santiago llamandole
guerrero, a diferencia de Santiago el menor: por
no parecerse a cierto Predicador que hablando
deste le llamo el General de España, no acordan-
dose, parece, de que ay dos Santiagos: o querien
do hazer dellos en el pulpito como los Poetas
de los Ioves, i Hercules en la fabula, a donde de
muchos se haze uno. O fama ! o vulgo ! Pero de-
xado esto (alabese todo) más presto dudara yo si
fue licito en este, i otros lugares, manifestar el
Gama tantos estragos hechos de los Españoles
en los Moros, estando hablando con un Rey Mo-
ro de quien esperava favor. Però ya está satisfe-
cho a esto sobre lugar mas apretado de la est. 20.
del c. 3. a donde se puede ver lo que diximos.

¶ *Daqui tanto que Boreas nos ventou.* Ape-
nas tomaron el refresco, i vieron el viento fazo-
nado, quando salieron del puerto. A este modo
và el Maestro Eneid. 3.

*Inde ubi primas fides, pelago, placataque venti
dat mari, & lenis crepitas vocat Auster in altum,
deducunt socii naves, & littora complent.*

I más adelante.

*Ecce autem Boreas angusta à sede Pelori
Mifus adeft, &c.* I dize que le fôplo Boreas: por
que este viento es el que sirve por popa casi a la
navegacion hasta el Cabo de Buena Esperança
en que comienza a servir el Sur, o Austro, como
veremos en la est. 67.

¶ *Deixamos a terra onde, &c.* Dexaron la
Isla de Santiago a donde avian tomado refresco.

¶ *Refresco doce.* Entiende por dulce, dese-
ado: que a la verdad es tan desventurada cosa la
navegacion, que siempre en ella se va suspirando
por ver tierra: i en llegando a ella más quiere
qualquier navegante una yerva suya, que quan- E
tos regalos pudo llevar en la nave. I en estas oca-
siones se ve claramente la ventaja que la tierra
haze al mar, i que al fin es solo para peces: i que
cô gran causa llama Oracio, de bronze al que na-
vega: porque realmente cuerpo, i estomago de
bronze pide aquel trabajo.

X.

Por aqui rodeando a larga parte
de Africa, que ficava ao Oriente,

A a provincia Ialofo, que reparte
por diversas nações a negra gente:
A muy gráde Mandinga por cuja arte
logramos o metal rico, e luzente,
que do curvo Gambea as agoas bebe,
as quaes o largo Atlantico recebe.

B P or aqui rodeando la larga parte de la Africa,
que quedava al Oriente, i la Provincia Ialo-
fo, que reparte la negra gente por diversas na-
ciones; La gran Mandinga por cuyo arte logra-
mos el luzente, i rico metal, que del corbo Gam-
bea beve las aguas; las cuales recibe el largo At-
lantico.

¶ *Por aqui rodeando, &c.* Dize que dando
bue'ta a las partes que va nombrando, passaron
las Dorcadas, con que entra la estancia siguien-
te, que es continuacion del sentido desta. I dize
rodeando, porque desde el Cabo Bojador hasta
el de las Palmas se entra toda la tierra por el
mar en forma de un medio circulo: i assi quié va
costeando va haziendo otro con las naves; i esso
es rodear. Vease en la est. 61. del c. 7.

¶ *A larga parte de Africa.* Dize el Gama, que
fue rayendo con sus naves la tie:ra de Africa, i
de los Ialofos, negros de Guinea, que habitan en
tre los ríos Sanag i, i Gambeá, como vimos en la
est. 7. i se dilatan por varias partes.

¶ *Por diversas nações.* Barros Dec. 1.lib. 3.
cap. 8. Recebem diversos nomes segundo os povos
que os vezinhão. Peò sospecho que el Gama al
dezar esto alude a los muchos negros que destas
partes se llevan para tantas otras del mundo, co-
mo es notorio, si bien no se usava aun tanto en
aquele tiempo.

¶ *A muy grande Mandinga, &c.* Con propie-
dad le llama muy grande, que lo es: i tierra de mu-
cho oro, regada del Gambea, que desboca en el
mar Atlantico. Sin duda es a imitacion de Bar-
ros que siempre la llama así: una vez Dec. 1.lib.
3.cap. 8. *Por causa do muito ouro que vem ter a
ella da grande Mandinga.* I más abixo: *Da mão
dos quizes*(habla d' los pueblos de aquellas par-
tes) *por via do Castello de Arguim, e de toda aque-
lla costa vinha o ouro a nossas matas, e outros do
interior acudiam ao resgate de Cantor a que não
os nossos navios, per o rio Gambea, &c.*

¶ *Curvo.* Verdesto en la est. 7. del c. 3. De
qualquier rio es epíteto justo el Curvo, pero del
Gambea mucho más; porque va formando mu-
chas i grandes bueltas hasta echarse al mar en al-
tura de 13. grados i medio. Traen ellos ríos Gá-
bea, i Sanag i lagartos que corresponden a Cro-
codilos; i cavallos que llaman Matinos, bestias
grandes, i ferozes: i serpientes con alas peque-
ñas. La tierra que yaza entre ellos, es la que los
nuestros llamaron de Caboverde, de que arriba
di-

diximos. Los descubrimientos de que trata esta est. i las siguientes hasta hablar del Rey D. Manuel son del Rey D. Iuan el II. Barros Dec. 1. desde el cap. 2. del lib. 2. i en el 8. del lib. 3. describe con la destreza que suele essa Provincia Ialofo, i el Reyno de Congo. Vease; que yo no le copio, porque crece mucho este volumen, i porque espero en Dios que a la impression del se seguirà luego la del Tomo tercero de mi Epitome, que contiene las Decadas del mismo Autor.

G As quaes, &c. verso, i el antecedente numerosos.

XI.

As Dorcadas passamos povoadas das irmãs q' outro tempo ali viviam, que de vista total sendo privadas todas tres de hum só olho se serviam. Tu só, tu cujas tranças encrespadas Neptuno la nas agoas acendiam, tornada ja de todas a mais fea de bivoras encheste a ardente area.

Passamos las Dorcadas, pobladas de las hermanas, que otro tiempo vivian allí; i que siendo privadas de vista totalmente, se servian todas tres de un ojo solo. Tu sola, tu cuyas encrespadas trenzas encendian a Neptuno allá en las aguas, buelta ya la más fea de todas, inchiste de bivoras la ardiente arena.

¶ As Dorcadas passamos, &c. Al modo de Vitgl. 3. Linquimus, &c. sparsaque per aequor Cicladas. Corruptamente se llaman Dorcadas. Los Geografos antiguos las llamaron Gorgadas: nombre que tomaron de las Gorgonas, o estas dellas. No son pocas las razones con que se presume ser estas las de Santo Thomé, i Principe: puesto que estando estas Islas despues del Cabo de las Palmas, como veremos en la est. siguiente, queda dudoso este parecer: ni el Poeta le sigue. C. Montenegro dice, que Dorcadas son las de Caboverde, contra el Poeta que las diferencia. Gorgonas fuerón hijas de Forco Rey de Corcega; i Gorgona, quiere decir triculencia, cosa cruel: i no desconforman desta significacion essas dos Islas, pues por intratables se destierran para ellas los criminosos en los Tribunales de Portugal, como tambien las Gorgonas por criminales fueron a parar allí; que no son confrontaciones para perder en prueba de ser las Gorgonas estas nuestras Islas. I tambien van a parar a ellas los codiciosos, por testimonio de que es crimen la codicia: aunque extinendo los tales menos el peligro de la vida, que el aumento de la bolsa, vienen a hallar el alivio a donde otros el tormento: si bien a veces lo pagan.

G Das irmans que outro tempo, &c. Estas hermanas son las hijas de Forco que diximos ai: lla-

Amavante Medusa, Esteneo, i Eutiale. Vivian en essas Islas, que están plátadas en el Oceano Etíope al lado de las Hesperidas. El dezir que todas se servian de un ojo, se deve entender que todas se valian de una igual hermosura, en el sentido que desde antiguo tiempo se llama ojo del Sol lo más claro del, i ojo de la cara aquello que mas se ama: i como las damas ninguna cosa tienen por más clara, i cara al mundo que su hermosura, ni otra alguna del estiman tanto, esse en estas viene a ser el ojo de que se sirvian. Si por ventura tambien no anduvo por aqui el mal que ha-

Bman de ojo, porque ellas todas tres, maravan en siendo vistas: pero essa viene a ser la propia hermosura, que es el verdadero mal de ojo que el mundo vadece. Vease a Diodoro lib. 4.

'¶ Tu só, tu cujas tranças encrespadas, &c. Buelvese con este apostrofe a hablar con Medusa, como Encas lib. 3. con Aretusa, estando tambien refiriendo su viage. Qui nunc ore Arethusa tuo Siciliis confunditur undis. Dize nuestro Poeta, que Medusa siendo la más hermosa de las hermanas, se volvió más fea, i llenó de fierpes la Africa. La fabula brevemente. Enamorado Neptu-

Cno de los cabellos de Medusa logróla en el templo de Minerva. Ofendida la Diosa, le convirtió, por castigo, los cabellos en culebras, i ordenó que quien la mirasse se convirtiese en piedra. Persepol por deshacer este tuerto, a uso de cavallero andante (que entonces el uso de cavalleros era deshacer tuertos, como agora por la mayor parte hacerlos) corrió la cabeca a Medusa, i bolando con ella por esos aires fueron cayendo algunas gotas de sangre por la Africa, i convirtiéndose en culebras: i de ahí es Africa tan culebrina. Verdonen los coléricos, que para entenderse de los no tan doctos como ellos este lugar, creemos que fue menester contar esto: i ninguna cosa nos molesta tanto como escrivit estos cuentos.

¶ Nas agoas acendiam: así en la est. 56. del c. 3. Nas agoas acendendo, &c. expressando el poderoso fuego que resulta del amor de la hermosura, pues no ay sagrado que valga contra el i ella, porque hasta en las aguas arde; como lo dirá el Poeta en la est. 42. del c. 9. Vease.

¶ De bivoras encheste a ardente area. Puso el Poeta esta especie de savandija venenosa por todo el genero que en Africa es abundante: i tambien le pondría, porque siendo la hermosura de los cabellos convertida en fierpes, la bívora es muy parecida a la hermosura, que hiere i sana, teniendo en si misma el veneno, i la triaca: y creemos que la transformación de los fue en bivoras: no nos cansamos en ir a tomar un libro para averiguarlo, porque no importa agora ese examen: haganlo los que tienen más ocio. A lo moderno, i aun a lo antiguo, la verdad desta fabula es, que las damas son bivoras, i vienen a parar en Canáceres, signos propios del Sol de la hermosura mal governada.

XII.

Siempre emfim para o Austro a aguda proa
no grandissimo golfão nos metemos,
deixando a serra asperrima Lioa,
cô o Cabo a quē das Palmas nome de-
O grande rio onde batendo soa (mos.
o mar nas pravas notas, que ali temos,
ficou; com a ilha illustre que tomou
o nome de hum q o lado a Deos tocou.

Siempre al fin para el Austro la aguda proa,
nos metimos en el grandissimo golfo; dexan-
do la asperrima sierra Leona, con el Cabo a
quien dimos nombre de las Palmas. El grande
rio a donde batiendo suena el mar en las playas
notorias que alli tenemos, quedò atrás con la
ilustre Isla que tomó el nombre de uno que tocó
el lado a Dios.

S Sempre emfim para o Austro, &c. Dize la
estancia, que ivan siempre con la proa puesta en
el Sur, q este es el Austro, i guia vā para el Oriente,
o Indias que ivan buscando; i demādando de-
rechamente el Cabo de Buena Esperança, a que C
llamará Meta Austrina eu la est. 16. del c. 9.

No grandissimo golfão nos metemos. Està
grandissimo el verso, para representar esta gran-
deza, o muchedumbre del agua en que de nuevo
entraron. Quiere decir, que aviendo passado en-
frente de la sierra Leona, i del Cabo de las Pal-
mas, i de la boca del rio Zayre, i de la Isla de san
to Tomè se apartaron de la costa entrando en
alta mar, hasta que fueron a surgir en la Angra de
Santa Elena de que se llama este golfo; poco an-
tes del Cabo de Buena Esperança, como vere-
mos en la est. 25. I la razon de averse engolfado
es, porque assi como desde el Bojador, hasta las
Palmas la tierra buela por el mar con aquel grā-
de medio circulo que diximos a la entrada de la
est. 10. desde essas Palmas, hasta el Cabo de Lo-
pe Gonçalez se entra el mar por la tierra forman-
do en ella otro medio circulo no tan grande, ni
tan perfeto, i despues hasta la Angra de Santa Ele-
na girando con menos buelta, obliga a que se de-
xe de seguir la costa por evitar la derension; i assi
nuestras naves evitandola se echaron al golfo, i E
fueron como echando una cuerda a aquel arco
desde el Cabo de las Palmas a la Angra; que es
una gran distancia.

Deixando a serra asperrima Lioa. Dize,
que navegando, dexavan ya esta, ya aquella tier-
ra de las que por alli eran ya conocidas de Por-
tugueses: i entre ellas la sierra Leona, que llama
asperrima, porque lo es: però en medio de essa as-
perezza logra cosas de regalo, valor, i admiraciō:
muchos rios, muchos arboles, i frutos varios, pa-
ra lo primero: para lo segundo, perlas, oro, plata,
marfil: i para lo tercero una montaña de cristal, i

A monos que sirven como una persona en algunas
cosas. Esto hallamos en una relacion manuscrita
del año 1616. Felipe III. hizo merced della a
Pedralvarez Percira de su Consejo de Estado,
Ministro de los grandes que ha tenido esta Coro-
na en viveza de juicio, experiencia, capacidad, i
animō enemigo de miserias, tanto que podiendo
tener mucho, a poder de dar más murió pobris-
simō: que para persona de tan gran puesto en es-
ta edad, negocio es de admiracion.

O Cabo a quem das Palmas nome demos.
B Llamaron los Portugueses, de las Palmas a este
Cabo, por las muchas que hallaron en él.

O grande rio. Entiende el Zayre, que luego
llamará Longo, por largo.

Onde soa. Termino que se vè en la est. 61.
del c. 3.

*Isla illustre que tomou o nome de bum que
o lado a Deos tocou.* Entiende la Isla de San To-
mè, que es el Apostol que tocó con el dedo en el
lado de Christo: cosa publica. Bolverálo a decir
assi en la est. 108. del c. 10. (a este modo dió ai ar-
riba est. 9. a conocer la de Santiago) I desto se
vee, que el Poeta no cree que las Dorcadas son
las del Principe, i San Tomè, como tienen algu-
nos Autores, i lo diximos ai, pues describe estas
mucho despues de aver passado por aquellas el
Gama: i deste modo no sabemos a donde es-
tán estas Dorcadas: i el Poeta solamente queda
nombrando los mares en que se dice las avia. I si
las tuvo, como parece, i no son estas del Principe,
i San Tomè, devia de cubrirlas el mar.

XIII.

*Ali o muy grāde Reyno està de Cogo
por nos j i convertido à Fè de Christo,
por onde o Zayre pasla claro, e longo,
rio pellos antigos nunca visto.*

*Por este largo mar emfim me alongo
do conhecido Polo de Calisto,
tendo o termino ardente jà passado
onde o meyo do mundo he limitado.*

*Lli està el gran Reyno de Congo convertido
ya por nosotros a la Fè de Christo; por donde
pasla el claro, i largo Zayre; rio nunca visto
por los antiguos. Al fin por este dilatado mar me
alejo del conocido Polo de Calisto; teniendo ya
passado el ardiente termino, a donde es limitado
el medio del mundo.*

Ali o muy grande Reyno està de Congo, &c.
C Contiene la est. que a las tierras nombradas en
en essotra se sigue el Reyno de Congo, que los
Portugueses ya en tiempo del Rey Dó Iuan II.
avian descubierto, y plantado en el la Fè Chris-
tiana felicissimamente: el qual es regado del Zay-
re, q haze un largo viaje: i que finalmente ya iva
navegando más allí de la Equinocial.

Mas

¶ Muy grande Reyno de Congo. Assi es grande este Reyno, como lo dice el Poeta. Descubriolo Diego Cam el año 1484. Comienza en el Cabo de las Vacas, que està en 13. grados i medio del Antartico, i acaba en el de Catalina, que està en dos i medio, todo incluso en la Etiopia. Partese en seis Regiones, Póba, Págó, Sáde, Péba, i Songo. Cosa notable es, que tenga el Rey su casa i Corte tanto en el centro, que diste igualmente della los extremos del Reyno, i que los señores del tengun divididas sus tierras de manera que cada uno quando vā desde su casa a la Corte jamas sale de sus tierras; i assi vienen a ser todas de forma de piramide cuya punta espira en la Corte del Rey. I no es menos de ponderar que estos negros, a que llamamos bestias, se precien de hablar tan agudamente, que quando oyē dezir a qualquier Portugues alguna cosa con acierto, acuden prestissimamente, dizendo con gran confiança, que no dixerá mejor aquello un natural de Congo; haciendo muy superiores de entendimiento, i aun de elegancia, porque quanto al estilo casi perpetuamente hablan por metáforas, i circunloquios exquisitos; con que nos viene a parecer que entre ellos se podian dar gétilles Poetas de los que se usan agora en España; i que de allá devén tener su origen los que oy se llaman coltos, o caleos, que deve ser por corrupcion de Congos, o Cungos. I que podrían hallar allá muy buenos comentidores a sus escritos; cosa que no será poco difícil aca.

¶ Por nos já convertido. Porque quando el Gama fue a este descubrimiento, ya en el Reyno de Congo tenia el Rey Don Juan II. como ai diximos, plantado la Cruz de Christo, con la aetacion fervorosa que della hizo el Rey, que no solo fue fino Christiano, sino verdadero Apostol destruyendo los Idolos, i predicando la Fe Católica; con que sus sucesores dignamente se intitulan Defensores della. Barros Dec. 1. lib. 3. cap. 3. i lo dicho sobre la est. 54. del c. 1.

¶ Por onde o Zayre passa claro, e longo. Este verso está de indultia lleno, sonante, i que parece se dilata en la pronunciacion, para expressar esse correr dilatado deste rio, i su copia.

¶ Pellos antiguos nunca visto. No es solo este rio lo que no vieron los antiguos, i los Portugueses si: sino otras muchas maravillas, que constan deste Poema, i de todis las historias. El trabajo es, que los Portugueses hallaron cosas con que correr a los antiguos, i admirar a los modernos; i agora no se hallan a si propios: gran diferencia; pero propia del valiar de los súglos. Por los antiguos que no vieron este río, entiende particularmente los Geografos, como en la est. 50.

¶ Por este largo mar emfim me alongo do conhecido polo de Calisto. Dize por este modo, que se iuia alexando del Norte, que le iuia perdiendo de vista; que esse es el Polo de Calisto: luego lo ve-

A reis mas claro en lí est. 15. Llamale conocido, porque es constelacion, o estrella de nuestro Hemisferio, i la más conocida en el, i que passado el no se vè: i assi desde allá adelante se goviernan por el Sur.

¶ Conhecido. Porque a algunos ignorantes de la circunspection con que escriven tan grandes hombres como este, se le haze de mal el aver usado el Poeta algunas veces desta voz Conocido, como aqui, i en la est. 62. del c. 3. i en la 74. del 9. i otras, tenié-lo por sustento del verso, o consonancia, como si Luis de Camoës viviera como ellos atado a consonantes: advierto que todas las veces que lo usa, es con la condicion que declararemos en esse lugar del c. 9. imitando a Virgil. en algunos, como egl. 1. Flumina nota.

¶ Tendo o termino ardente já passado, onde o meyo do mundo be limitado. Sucedia aquello de perder el Norte de vista, porque avian passado la linea Equinocial; esse es el termino ardiente con que se limita, o señala el medio del mundo, o Hemisferio. De manera que ya el Gama en este parage tenia caido desde nuestro Hemisferio Occidental en essotro del Oriente que iva buscando: i assi se comienza a governar por nueva Estrella.

XIV.

**l à descuberto tinhamos diante
l à no novo Hemisferio nova Estrella,
nam vista de outra gente, que ignorâte
alguns tempos esteve incerta della:
Vimos a parte menos rutilante,
e por falta de Estrelas menos bella,
dò Polo fixo, onde inda se nam sabe
q' outra terra comece, ou mar acabe.**

Y A adelante teniamos descuberto en el nuevo Hemisferio una nueva Estrella, no vista de otra gente, que ignorante algunos tiempos estuvo incerta della. Vimos la parte menos rutilante (i menos bella por falta de Estrellas) del fixo Polo, a donde no se sabe aun que comience otra tierra, o acabe otro mar.

¶ L à descuberto tinhamos diante, l à novo Hemisferio nova estrella. El Poeta en sus Rím. eleg. 1. de su viage para la India.

*Debaxo eslando já da Estrella nova
Que no novo Hemisferio resplandore,
Dando do segundo axe certa prova.*

El Gama dize aqui, que antes de llegar a governarse por essa nueva Estrella ya desde lexos la avia visto: i ella es la constelacion que llaman el Cruzero; la qual passadas las Islas de Caboverde se empieza a descubrir; i llamale nueva, porque para el se era. Tiene parecer con el Norte en quanto a contar de otras siete luces, i a ser el governo de los navegantes despues que pierdean

de vista el Norte. Las cinco principales estan en forma de Cruz(de que toman el nombre) casi como en el escudo Real Portugues las Quinas ; o como en ell@slos puntos, o dineros; * desta manera. I que sabemos agora, *** pues Dios nada hizo ocioso , si fue esta disposició de Estreillas assi ordenadas * nada en ell@s partes en señal de que la Cruz, Estandarte de su Hijo unigenito IESV Christo , avia de passar a ell@s por gente que en sus vanderas, i escudos tenia por armas la misma Cruz dividida en cinco escudos , i ell@s escudos sembrados de cinco puntos, que en la disposicion parecen imagen de ell@s luzes ; i por Principe q.e se firmava con essa imágé? Porque desde que nuestro Rey primero compuso desta manera el escudo Real,todos los Reyes remataron su firma con estos puntos, por imagen del, con que parecia que ya la Crnz de Christo , i las armas, i firmas Reales de Portugal, teniendo tomado posesiό de aquellos nuevos mares, desde el Cielo estavan llamando los animos Portugueses a que fuesen a proseguirla.Baste esto para que discurran los que logran superior ingenio, i más tiempo para hazerlo.

¶ La. Hallareis aqui una menudencia parecida a otra de la est. 68. i del c. 8. la 5. i es decir el Gama, lā, all i; aviendo de decir, segun pretenden algunos escrupulosos, acá : porque el estaba en Melinde haciendo esta relacion , que es en el nuevo Heinisferio en que aparece essa nueva Estrella. Mas creemos que está bien esto, porque el intento del Gama fue especificar, por una parte, solamente el principio del Heinisferio; como si dixerá, allá en el principio de este Heinisferio nuevo en que me hallo ; i por otra mostrar la gran distancia en que se hallava ya de ese principio de ese Heinisferio , siendo tanta que casi otra vez estaba fuera del; porque Melinde a donde se hallava está debaxo de la propia linea, o ecliptica en frente de ese parage en que avia caido desde el Orizonte, i reconocido la Estrella nueva, aviendo hecho perfectamente desde aquel punto a este con su navegacion un grande medio circulo. I advierto que tambien el Poeta estava en la India quando dixo lo que contiene ese lugar que ai dexamos de su eleg. 1. que siendo casi lo mismo, no tiene inconveniente:eso es cierto.

¶ Nam vista de outra gente. Dante Purg.c. . — Et vidi quattro Stelle.

Non visto mai fuor che a la prima gente.

hablando de las mullmas Estrellas que dice vió hal andose en el Paraíso; i que hasta entonces no fueron vistas de otros sino de Adan i Eva, que le habitavan, i fueron la primera gente. Esto sirvirá tambien para la est. 21. del c. 9. sobre el lugar del Paraíso. Con cuidado declaró nuestro Poeta de otra gente, al dezir no visto por quanto ya la Portuguesa avia visto essa constelacion primero que

A el Gama, i antes que los Castellanos; i principalmente Bartolome Diaz , i los que fueron con el quando descubrió el Cabo de Buena Esperança, como queda mostrado sobre la est. 62. del c. 4. En la 1. del 1. i en la 4. deste mostrò el Poeta que la gente Portuguesa navegò mares nunca de otra navegados: en la 13. que descubrió rios nunca de otra descubiertos: en esta que vió Estrellas nunca de otra vistas : en la 26. que penetraron tierras nunca penetradas de otra : mostrandose siempre cuidadoso de satisfacer a lo que prometio en la est. 2. del c. 1. por las razones que alli podian hacer que pareciesse vana essa promesa. Veanse.

¶ Vimos a parte menos rutilante do Polo falso. Quiere decir del Antartico, opuesto al Artico; i porque en este Antartico es el cielo muy falso de Estrellas, dice el Poeta, que era aquella parte menos rutilante, o lucente ; i por eso menos hermosa, como falta de aquel adorno de diamantes; con que se guarnecen ell@s.

¶ Onde inda se nam sabe, que outra terra comeca ou mar acabe. Entiende para el Sur , o Ausetro por donde aun entonces no se sabia de aquella tierra, llamada incognita , de q diremos en la est. 27. I porque a donde se empieza alguna tierra se acaba el mar que la baña, i al contrario, dice el Poeta que no se sabia que para aquella parte tuviese fin el mar , o principio alguna tierra. I está dicho con gala Poetica, i elegancia, i alteza. Ver semejante verso en la est. 78. del c. 3.

XV.

Assi passando aquellas regioens
por donde duas vezes passa Apolo,
dous invernos fazēdo, e dous veroens
em quāto corre de humao outro Polo;
Por calmas, por tormentas, e opresioens
que sempre faz no mar o irado Eolo,
vimos as Ursas a pesar de Iuno
banharemse nas agoas de Neptuno.

*P*assando assi aquellas regiones, por donde Apolo passa dos veces, haziédo dos inviernos, i dos veranos, mientras corre del un Polo al otro: Por calmas, por tormentas, i opresiones , q siempre el airado Eolo haze en el mar , vimos las Ursas bañarse a pesar de Iuno en las aguas de Neptuno.

¶ Assi passando, &c. Dize la est. que passando por aquellos mares i regiones por donde el Sol passando dos veces duplica inviernos, i veranos, con diferentes fortunas llegaron hasta donde perdieron de vista el Norte.

¶ Aquellas regioens por onde duas vezes passa Apolo. Entiende las Islas que están debaxo de la linea Equinocial; principalmēte San Tomé, i el Principe , adonde el Sol causa dos inviernos; uno

uno quando anda del Tropico de Cancer para el de Capricornio; otro quando buelve desde este para aquel: i consiguientemente ay dos veranos, i dos c̄stios, i dos otoños. En el cap. 7. del lib. 4. de la Dec. 3. de Bar. hallareis todo lo que podeis desear para la explicacion destas repiticiones de tiempos contrarios de calor, i frio, i vientos, i temporales, i las causas de esa variedad, que yo no puedo, ni devo copiar aqui.

¶ Em quanto corre de bem ao outro Polo. De un Tropico para el otro, que son los ya dichos: o bien de un cabo al otro, que quiere dezir, que esta particularidad tan rara no sucede en todo el mundo, siñor debaxo de la Equinocial.

¶ Por calmas, por tormentas, &c. Dice, que navegavan con todas las incomodidades q̄ causa el viento (eso es Eolo) en el mar: porque si falta es calmaria, daño q̄ se iguala al de la mayor tormenta: si sobra todo es peligro: i assi no es menos airado quando del todo se niega, que quando se suelta del todo: a que se parecen mucho los Príncipes: i por esto quien los sigue está siempre a peligro de correr fortuna adversa, sin que le valga aguja, o razon de justificaciones.

¶ Vimos as Vrsas a pesar de Iuno, banbarem-se nas agoas de Neptuno. Bien fuera está ningun Poeta passado, presente, o venidero de aver dicho, o decir otro tanto como esto, en lo bien hallado, en la grandeza, i en la facilidad. Morivo, todavía, dieron al nuestro los que se siguen. Seneca en Med. ac. 4. sen. 2. *Et vetitum mare tetigistis Vrsæ.* Claudio en su Gigantomachia,

Oceanum petit Arctos, inocciduque Trices.

Occasum volvère pati. Con el morivo del miedo. Ovid.

Tingitur Oceanus custos crimantibus Vrsæ,
& quoresque si o sydere turbat aquas.

Fast. 2.

Sævit adhuc, canamque adiijt Saturnia Tethyn
Manaliam tactis ne lavet Arcton aquis.

Virgil. Georg. 1. *Arctos Oceanini metuentes æquo ratiq;* Dante Purg. c. 1. luego despues de esforro lugar que dexamos en la estación pasada, de que se infiere, que alli anduvo el Poeta al decir esto.

Vn poco me volgendo a l' altro Polo

La onde il carro già era sparito.

El carro son las Vrsas, o Norte; i Dante se finge estar de la parte del Oriente, como agora est i el Gama, mirando para el Orizonte Occidental, i viendo como esas Vrsas, o carro, o Norte se encubrian con el mar. El cavallero Marino imitò derechamente a nuestro Poeta descubriendolo con decir tambien *a pesar de Iuno.* Adou. c. 1. est. 122.

E voi fuor de ogni legge, o gelide Orse,
Malgrado ancor de la gelosa Diva
Nel mar vietato, i luminosi voli
Lavaste pur. &c. No puedo cōtenerme, que no diga que este Autor verdaderamente digno de

A toda estima entre los modernos, però gran despiciador de los modernos, i de los antiguos, han sido Españoles, principalmente Portugueses, para imitarlos, i no para reconocerlos en su Galería. La materia de risa parece, que tuviesse Marino a Luis de Camoens en las manos para imitar este, i otros lugares, i a Jorge de Montenayor para trasladar del su Pitamo, i Tisbe entero (de que se sigue ser un gentil absurdo, o vanissimo deseo de mostrarse gran Italiano, o ignorancia crasa de los estudios ingeniosos de la patria, alegar a Marino en aquella obra, siendo ella de Mérito mayor, i teniendola más a la mano) i que no los haliass: para celebrarlos. Devio el pésar que dando a entender, que no los conocia para alabarlos, podria esconder que los robó para engrandecerse. Baste esto por muestra de su buena intencion, i gentileza de animo; ya que lo que más deseavamos dezir se dexa por no caer en la crudeldad de herir a los muertos.

¶ Vimos. Està dicho al modo de Ciceron en el suñolib. 1. al vér las Estrellas. *I rant autem eæ Stella quas nunquam ex hoc loco vidimus.* Vease alli a Macrobio.

¶ A pesar de Iuno. El vér esto a pesar de essa Diosa, o el lograrlo las Ossas, se nos figura el apacigerar del Vespero a pesar del Olimpo en Virgil. egl. 6. *Et invito processit Vesper Olympo.* El negocio (para entenderse este lugar, de los mal entendidos en historias semejantes) es, que Júpiter oprimió la mocha Calisto, i dexóla preñada: i Iuno, señora justificada, no se holgava de que su amado hiziese estas opresiones: pero vengandose siempre en las oprimidas (cosa muy feñida) convirtió esta en Osa: i Arcas su hijo andando a caza la mato inadvertidamente. Júpiter piadoso convirtiólos en Estrellas; i son las que los Astrólogos llaman Vrsas. Iuno pesarosa de vér lucidos sus enemigos (peor es agora, pues en los que se llaman amigos se halla este pésar) pidió a la Diosa del mar, que no consentiesse que estas Estrelas se bañassen en él como las otras. Ella le concedió esta gracia: que en desgracia agena siempre serán seguras gracias en los Príncipes. Acabóse el cuento. Entra agora nuestro Poeta con toda la elegancia de todo el muado poético, a decir, que a pesar de Iuno se bañaron esas Ossas en el mar: i viene a decir por este hermoso termino, que vieron esconderse el Norte con el mar: porque pasada la linea, como ellos tenian pasado, se pierde de vista el Norte, i parece que se mete en el mar, como el Sol quando se pone; de que se occasionó el decir las fabulas, que van a dormir en él.

XVI.

Contarte longamente as perigosas
cousas do mar, q̄ os homens nā entedē,
subitas trovoadas, temerosas,
relampagos que o ar em fogo acendē:
Nc.

Negros chuveyros, noites tenebrosas, A
bramidos de trovoēs q̄ o mūdo fendē,
nam menos he trabalho, q̄ grāde erro,
ainda que tivesse a voz de ferro.

Contarte prolixamente las peligrosas cosas del mar, que no entienden los hombres: subitas, i temerosas borrascas; relampagos q̄ encienden el ayre en fuego; negros uracanes, renebrosas noches, bramidos de truenos que hien den el mundo, no fuerā menos trabajo que yerro grande, aunque tuviera de hierro la voz.

¶ *Contarte longamente as perigos. &c.* Dize el Gama al Rey, que aunque tuviera una voz incansable, no podria refirirle los linages de peligros que se le ofrecieron en el mar.

¶ *Cousas do mar, que os homens nam entendē.* Apunta algunas cosas que se ven por el mar, i que haziendose dificiles al entendimiento humano, parecen milagrosas: i refiere dos en las est, q̄ se si guen. Sospecho que aludió con esto a lo del Saltista 92. *Mirabiles elationes maris.*

¶ *Subitas trovoadas temeros. &c.* Este verso, i los tres siguiētes representā con abundācia todo aquello q̄ el P. desseava dezir, diciendo, q̄ no lo haze por temer le falte primero la voz, q̄ la materia. Parecenſe ellos a los otros de su Egl. 7.

*Rayos,chuvas,torvoens,hum triste inferno,
Ao mundo mostra hum palido receo, &c.
Se algum vio pello alto o sibilante
Furor deytando flamas,e bramidos,
Quando as pasmosas serras trás diante,
Horrido aos olbos,horrido aos ouvidos;
A braços derribando o jú nutante
Mundo co' os elementos destruidos.*

Que todo es valerosa representacion del horror.

¶ *Ainda que tivesse a voz de ferro.* Dize, que aunq̄ tuviera una voz de hierro, no podria cōtar todos los peligros, i cosas raras q̄ vio en el mar. Todo Virgil. 6. diciendo la Sibila a Eneas. *Non mihi si, &c. Ferrea vox, &c. Omnia penarum per currere nomina possem.* El dezir voz de hierro ya es mas antiguo que Virgilio, pues lo dixo Lucrecio, *Aenea vox.* El qual nos parece quedó superior, diciendo voz de cobre, porque aludió a la trompeta de la fama, que es incansable, desse metal más durable que el hierro. Todavia Sanaz. (como siempre) se arrimò en esto a Virgil. porq̄ en el lib. 3. de part. Virgin. dixo: *Nō simili ferrea centum ora sonent, &c.* Però no se aparta de Lu crecio, pues sigue luego: *Centumq; arato è guttare linguae vocibus.* Con lo primero se contentó Stacio Theb. 12. *Non ego centena, &c.* Petrarca aun lo endurecio más, diciendo de acero en la cācion, que anda al fin de sus obras fuera del numero.

*Che già non mille adamantine lingue
Con le voci de acciar sonante, e forti, &c.
Mas deve estar aquí el azero por el hierro, como
Toma 2.*

A en la est. 67. del c. 1. El Tasso Liber. c. 9. est. 92. asio del hierro, como mi P. — *Non io se, &c.*

Havesse e ferrea lena, e ferrea voce.
Nauie sin Homero dixo nada desto. Todo es del Ilia. 2. con esta diferencia, que el Justinopolitano de que yo uso más, traduze cobre; i Lorerça Vala, hierro. Veys el primero. *Non si mibi &c.
Vox & infrangibilis æreum, & mibi cor ineffectu.* Veys el legundo. *Indefatigabilis vox, ferrea quo præcordia, &c.* Pero todo viene a ser una cota, pretendiendo solamente todos exprimir la ducacion comun a estos metales.

XVII.

Os casos vi que os rudos marinheiros que tem por mestra a lôga experiēcia, cōtā por certos sēpre, e verdadeyros, julgando as couſas só pella apariencia: E que os que tem juizos mais inteyros, que só por puro engenho, e por ciēcia; vem do mūdo, os segredos escōdidos, julgam por falsos, ou mal entēdidos.

VI los casos que los rudos marineros, que tienen por maestra la larga experiencia, cuentan siempre por ciertos i verdaderos, juzgado solamente por la apariencia las couſas: i que los que tienen mas enteros juizios, i que solo por puro ingenio, i ciēcia vê los escōdidos secretos del mūdo, juzgan por falsos, o por mal entēdidos.

¶ *Os casos vi, &c.* Dize en la estancia passada, que seria imposible, aunque pudiera estar hablādo eternamente, referir lo que passò, i viò en este viaje; i en esta, i en las 6. siguientes, refiere como viò aquella luz, que los marineros llamā Sātelmo; i las nubes chupar la agua del mar, i llevādola salada bolverla dulce: i con ironia motejā a los que niegan algo desto. I con ser la materia dificil lo dice el Poeta con mayor estilo, elegancia, i facilidad de lo que podia esperarse, ni aun do su propio ingenio.

¶ *Os rudos marinheiros, que tem por mestra a longa experientia.* Muestra el P. quanto sea más seguro el voto de la experientia, aun en lugeros rudos (por esto propio, i providamente llamò así a los marineros, como ya en la est. 25. del c. 2.) que el de los estudiados faltos della. Cōtinua esa sentencia en la est. 149. del c. 10.

*Tomay conselbo só de experimentados,
Que viram longos annos, longos meses;
Que posto que em cientes muyto cabe,
Mais em particular o experto sabe.*
Viene, pues; a ser esto un desden, o risa del Poeta contra los que viendo el mundo en el mapa de su ingenio, argumentan de lo que otros fueron a estudiar en las vivas, i dilatadas planas de Provincias remotas: siendo cierto, q̄ lo q̄ en ellas se lee no sufre controversia de lo leído en las de los libros,

Jibros, sino fueron sus Autores los que le leyeron en esas otras; que en otras estorá la duda en averiguar qual apicio la vista con más atención. También han oido, longa, a la experiencia, porque ja que es más larga, es más segura; i una o algunas veces: c. 10. est. 149. i 154. Garcilas. el. 1. *Lengua* *experiencia.*

¶ Os que ten juízos mais inteyros. La burla clara: gamar de mi jor juiz o a iés que argumentan contra la experientia, ayendo aprobado, que los experimentados son los verdaderos cientes. Ello está dicho al modo del Marques de Villafranca en la copla que se conserva entre las de Botcà al bayle de Palacio i dice assi:

Dudan todos los Letrados
De juicios más enteros.

XVIII.

Vi claramente visto o lume vivo
que a maritima gente tem por santo,
em tempo de torméta, e véto esquivo,
de tempestade escura e triste pranto.
Nam menos foy a todos excessivo
milagre, e couisa certo de alto espáto,
ver as nuvens do mar com largo cano
forver as altas agoas do Oceano.

VI claramente vista la viva llumbre, que tiene
por santa la gente maritima en tiempo de
tornéta, esquivo viento, escura tempestad,
y triste llanto. No menos fue a todos excesivo
milagro, y cosa cierto de alta admiracion ver las
nubes del mar con caño largo sorver las altas aguas
del Oceano.

¶ Vi claramente visto o lume, &c. Cō este modo de vi visto claramente, que es con aprieto afirmativo, afirma el Gama q̄ viò la luz que los marineros llaman Santelmo, a pesar de los que lo niegan, fundandose en argumentos de juicios sufíles contra la experiencia, como dixo en la est. anteced. I aunq̄ el Gama sea quien aqui está hablado, es de creer, q̄ tābien el P. a viò, segun esa seguridad cō q̄ habla : i aū puede ser q̄ aviendola el visto sin saber si la vió el Gama, o diga en persona del, q̄ es lance muy de P. Dizé, pues, los marineros q̄ en las tormentas grandes suele aparecerles cierta luz, o luzes por los arboles, gabias, i xarcias, i creé, q̄ en ellas viene disfraçado el santo Pedro Góçalez Telmo de Galicia. Descaramiento seria agora con argumentos traer dudas, sobre si aparecen, o no estas luces, pues Luis de Camoës dice con tanta fuerça averlas visto; però no dice q̄ creyò ser el Santelmo, como creen los marineros, i no es provable : i assi parece que no siendo lo esto, escuñava el P. querer provar, q̄ viò las luces, pues los Filosofos no dudan dellas. Luego diremos dessò; i agora dessa creécia de los marineros acerca de socorrerlos aquél Santo. Origina-

A se esto en que, como consta de su vida, estando un dia predicado en el campo abierto, subito se desatò una tempestad, que haz'a huir los oyentes, i el viéndolo les dixo, que el envio fien firmes a oírle, porque la tormenta no llegaria alli; i tendiendo la mano, quedò aquél sitio sereno, i la tempestad sonando por el contorno. Bastante ocasion para llamarle en las tormentas. Pero supuesto, que en ellas aparecen esas luces, parece que son mas propias de otro Santo sobre quien el las aparecieron. Esto es, que en la villa de Pontevedra (tambien de Galicia) esti el cuerpo del santo Fray Juan de Navarrete de San Francisco, i tie-

El Rey Juan de Navarrete de San Francisco, tiene
una Cofradia de mareantes. Haziendo camino en
una cavalgadura fue arrastrado della , de suerte,
que se rompió la cabeza. Aviendo el compaño-
nero compuesto el cuerpo difunto, aparecieron so-
bre el unas luces, que le signieron hasta ser ente-
rrado en Pontevedra. I asfi estas pudieran muy
bien ser esas de los marineros. Tambien leemos
en algunos Autores , que en Gaeta , Ciudad de
Italia, está el cuerpo de SantHermó, que es Pa-
tron de navegantes . i de aqui, con alguna corru-
pcion , devian los nuestros llamar Santeimo al
Santo que entienden les favorece. Covarruv. en

Con Tesoro Castellano, dize, que Santelmo es corruptamente san E almo. No le hallo la razon, ni la busco. Digo solo, que si no es provable hasta oy esto de aparecer alguno destos santos a los marineros, es piadoso el creerlo ellos; i que el ser en estas llamas no tiene inconveniente, porque estan llenas las Escrituras de las muchas veces que ellas han sido lenguas con que Dios comunicò sus avisos a los hombres: escuso citas. Sea como se fuere, ellos en esto de tener auxiliadores, inovaron solamente en la eleccion, porque antes que hiziesen la destos Santos, avia particulares Avogados en las tormentas, como San Nicolas, segù veremos en la est. 74. i mucho antes quando passò la nave Argo corriédc fortuna (dizen las historias, o fabulas, que siempre tuvieron principio en verdades) hizierò los navegates voto a los Dioses, i subito aparecieron unas llamas en las cabeças de los hermanos Castor, i Polux, i serenose el tiépo, de q. principalmēte resultò el tomarlos por avogados en las tormentas: i el nôbre con q. los invocaban, era Dioscuros. Otros dizé (pero no tiene tanta evidencia en las tempestades, como en encuetros de cossarios, o enemigos) q. tuvo origé esto en que estos dos hermanos, haz endose poderolos por el mar, i destruyendo a muchos piratas, f áqueavá el passo a los verdaderos navegates, q. añadieron el traerlos esculpidos, o pintados en las popas. De manera, que entre Catolicos son oy los legitimos Castor, i Polux estos S̄tos nobrados, i otros, como Sâ Paulo por la razon que veremos sobre la est. 74. del cat. 6. Però siendo cierto, que el aparecimiento destas luces, conforine a la buena Filosofia: es cosa natural (porque no solamente en el mar

se ven en essos lugares, sino tambien en tierra en las puntas de las picas de los soldados; i caminando yo en una noche tormentosa, i llevando por prevencion contra los rayos, la espada desnuda un poco desviada, con la punta ázia arriba, se puso en ella una destas luces: i tambien las he visto muchas veces en las estremitades de algunos montes, i ser de algunos villanos llamadas culmeeyros, que deve ser, porque siempre aparecen en las cumbres) queda todo esto muy lejos de ser milagro para los que tienen algun conocimiento de los actos naturales por el estudio Filosofico: I aunque la ignorancia los llame milagros, sa! vase con la buena fe. I que esto sea sospecha piadosa de ignorantes de los secretos de naturaleza, i no creencia de los investigadores della, el Poeta lo declara en el verso segundo, diciendo en él que la gente maritima tiene por fantas aquellas luces, sin afirmar que lo sean, aunque afirma que ellas son vistas sin duda de los navegantes: i assi como Filosofo cree, que son naturales, i no milagrosas; declarandose bien con el ultimo verso de la est. 22. diciendo que esto, i esfotro de bolver las nuves dulce el agua que recibieron salada, son secretos de la naturaleza, cuya exposicion dexa reservada a los que tomaron a su cuenta reverlarlos, como allá veremos.

¶ *Em tempo de, &c.* Este verso, i el siguiente son una gentil imagen de la propia tormenta.

¶ *Pranto.* Con gran propiedad usó aqui esta voz, porque ella significa aquel acto de dolor, mezclado con lagrimas, i grita, cosa propia de navegantes en peligro.

¶ *Nam menos foy a tod. &c.* Dize en essos 4, versos, que no pareció a todos menor milagro que esfotro, el modo con que las nubes chupan la agua del mar. I esto de llamar milagro a lo que es cosa natural, es con la condicion de hiperbole por una parte, que se usa quando las cosas que suceden naturalmente tienen algo de peregrino, o raro, como esta tiene i por otra lo dice a respecto de los ignorantes de los secretos de naturaleza, q̄c tienen por milagro esto de las nubes, como esfotro de las llamas: i por mostrar que el, como doctor no ha caido en este yerro, dize al fin de la estanc. 22. que todo esto son secretos naturales, i ruega a los historiadores de la naturaleza, que los expliquen; por quanto el asumpto que vá siguiendo no le obliga a essa explicacion.

¶ *Ver as nuvens do mar, &c.* Sórvér as altas ondas. Aquí muestra el Poeta no entender que las nubes baxan desde su region a coger la agua, que es lo increible, sino que suben del mar, llevando su vapor, o que esse vapor subiendo por el ayre las forma: i resulta de aí el creer algunos que baxan ellas: siendo assi que suben como lo enseña la estancia siguiente.

¶ *Com largo cano.* Assi le llama en la estancia siguiente; i mastil en la 20. i columna en la 21. i todo con propiedad, como luego veremos en Tomo 2.

essos propios lugares.

A ¶ *Sorver.* I en la 20. dize: *Chupar*, i todo es propio de lo que se lleva a tragos, o golpes, como aqui sucedia. Advierto, que en esto de baxar las nubes a sorber el agua, que parece tiene duda (como en esfotro de ser aquella luz el Sante'mo) se conforma el Poeta a troços con la Filosofia natural verdadera, i a troços con la opinion de los marineros: i conforme a esto se ha de entender lo que vamos explicando.

XIX.

B Eu o vi certamente (e nam presumo que a vista me enganava)levantarse no ar hum vaporzinho, e futil fumo, e do vento trazido, rodearse: De aqui levado hū cano ao Polo sumo se via, tan delgado, que enxergarse dos olhos facilmente nam podia, da materia das nuvens parecia.

C Y O lo vi ciertamente (i no presumo que me engañava la vista)levantarse en el ayre un va porzillo, i futil humo, i rodearse del viento traido: de aqui se via llevado al sumo Polo un caño tan delgado, que no podia facilmente divisarse de los ojos. Parecia de la materia de las nuves.

D ¶ *E u o vi certamente.* Como nuestro Poeta se resolvio en no escribir mentiras (porque no las huvo menester para hacer raro su Poema cō sembrarlo de cosas peregrinas, halládolas mayores en nuestras verdades, dc las que en sus fabulas las inventaró Homero, i Virgil. (como ya advertimos otras veces) afirma lo q̄ vió el Gama, porque lo vió el tambien; o porque lo vió el, supone que lo vió el Gama. Lo que afirma agora es, que vió levantarse en el ayre un vapor, o humo futil, del qual subia alto por esse ayre (esso es Polo sumo) un caño, que de puro futil apenas se divisava, i en la materia imitava las nubes: crecia poco a poco en grossor: i assi como la boca que tenia sobre el mar chupava golpes de agua se iva el engrosando en una parte, i estrechando en otra; i al passo que las olas se meneavan,

E se meneava el. En la parte superior tenia una nube negra, i grande en que descargava el agua que iva trayendo, (con que vendrá a compararse bien a una grandissima garrafa, o cantimplora de largissimo cuello con la boca ázia abaxo) i despues que tuvo cargada la nube, se cargo también a si, i se despegó del mar, i fue bolando por el ayre, empeçando a despedir agua dulce, aviendola recibido salada. Esto dize el Poeta en essas quattro estancias, con grandeza, i felicidad inimitable: I aunque a todo dio motivo lo que alli se vió con experienzia, obrado por la naturaleza, ello se puede tener por ajustada

glosa, o explicacion a un texto de Aristoteles, que tratando la misma obra natural en el cap. 9. del lib. 1. de sus Metheoros , dize desta manera: *Cum autem terra stet, humor, qui eam circumfundit, à radijs (entiende del Sol) alioq; calore cœlesti excitatus in sublime fertur: cumq; calor, qui humorem efferebat, eo deserto partim in superiorē locum dissipetur, partim etiā restringuatur, quod in aëre, qui supra terram est, pendeat, vapor ipse rursus cogitur, & calor discessu, & loci frigore, tumq; aqua ex aere oritur, quæ orta rursum in terram delabitur, ac refluit. Est autem halitus aquæ respiratio, qui verò ex aqua in aerem vertitur, nubes dicuntur, nebula nubis reliquæ quæ in aquam concreta est.* De manera, que la causa del subir a la region del ayre essos vapores maritimos, es, que el calor celeste, i virtud de los rayos solares atraen a si la parte mas delgada del agua maritima, sutilizandola tanto, que convertida en ayre penetra la misma region del ayre, representando a la vista un humo sutil en la forma de un largissimo caño , cuya similitud rara hallaremos en la est. 21. i tambien un lugar de Lucrecio, i otro de Plinio, notables, que no se le passaron por alto al P. i en la 22. otro del propio Aristoteles, para lo que toca a caer dulce el agua que subió salada: para que se vea quanto el cielo es al contrario del mundo, en q el subir es dulce , i el caer agrio, desabrido, i duro de llevar.

T No ar. El manuscrito dice, *no mar*, i aunque realmente del mar se levanta aquell humor, el P. lo mudó, i dixo ayre , por unirse mas a este lugar de Aristoteles.

T E do vēto trazido, rodearse. Bié: dava el viéto en aq; vaporzillo, o humo, como dice el P. i ro deavale; esto es q iva torciédo, o haziédo dar bueltas: i cōviene saber, q en la arquitetura gala na ay una suerte de columnas torcidas, qual es la q en la Iglesia de S. Pedro de Roma se conserva de marmol, traída de Judea, a la qual algunas veces se arrimó Christo predicado al Pueblo ; i quales son modernamente las q el Pórtice Urbano Ota vo hizo fabricar de bróze sobre el altar supreimo de toda la Iglesia militante, en el propio Téplo, q son sin duda una terrible cōpetencia de todas las fabricas antiguas de la propia Roma : para q se vea q el P. en llamar columna(en la e. 21.) a este caño assi torcido, aludio a esse artificio floreo de la arquitetura en las columnas : cō aludir tâbien a lo q ordinariamente vemos obrar aqualquier torvellido q se levanta en tierra ; porq remolinando suele elevar el polvo, i pajás, i otras cosas ligeras de la superficie, i formar otro caño, o columna que vā torciendo, i llevando por el ayre, no pudiendo levantar la tierra solida por su gravedad misma: como en el mar aquella fuerte atraccion solar, no pudiendo mover las aguas saladas por su misma gravedad , mueve lo sutil de sus vapores, i los vā girando por el ayre. Esto no solamente lo vió el

A Gama, i el Poeta, sino otras personas, como se vé en una relacion de Don Juan de Castro, i en el libro de la embaxada del gran Tamorlan: i en las historias del nuevo mundo ay semejantes escritos. Tambien ay quien diga, que en virtud de un poderoso torvellino vió levantarse del mar, no solo el vapor sutil , sino la misma agua salada , i grave, de que hallareis noticias en el libro del Licenciado Antonio de Leon , que se intitula del Paraíso , como ya os dije. Pero nuestro Poeta no supone esta obra por efecto de semejante violencia , sino de la virtud atractiva del Sol : i assi no trata de aquel accidente en este lugar , sino desta costumbre, conforme a escrito de Aristoteles, explicado con estas estancias , i con la experiencia que ellas refieren.

T Levantarse no ar bum vaporzinho , e sutil fumo, Con Dante Purg.canto 5.

— Come nell' aer si racoglie

*Quello umido vapor che in acqua riede
Tosto che sale, &c. Moſſe il fumo, e il vento.*

Veanse alli sus exp̄ositores , que yo no soy copiador.

C Dexaré aqui solamente algunos lugares de los que en la Escritura tocan desto. Iob cap. 26. *Qui ligat aquas in nubibus. Psalm. 77. Et mandavit nubibus desuper, & ianuas cœli aperuit, & pluit. 134. Educens nubes ab extremo terre, fulgura in pluviam fecit. Eccles. Si repletæ fuerint nubes, imbremsuper terram effundent.* Que parece tocan el modo con que se forma la lluvia.

XX.

Hiasé pouco e pouco acrecentando,
e mais q hū largo masto se engrossava;
aqui se estreyta, aqui se alarga, quando
os golpes grádes de agoa ē si chupava:
Estavafe com as ondas ondeando,
em cima delle húa nuvē se espessava,
fazendose mayor, mais carregada
co' o cargo gráde da agoa ē si tomada.

I Vase acrecentando poco a poco , i se engrossava más que un largo mastil. Aqui se estrecha, aqui se ensancha , quando chupava en si los grandes golpes del agua. Estavafe ondeando con las ondas ; espessavafe encima del una nube ; hazendose mayor, i mas cargada . con el gran cargo del agua tomada en si.

G Hiasé pouco, e pouco acrecent. &c. Ponderese de curiosidad , i reverencia la facilidad con q está dicho lo no facil de decir en estilo metrico i elegante, i descubriráse sin duda la grandeza del ingenio. O ! i que grandes ventosas echará un moderno en tal ocasion ! porque alfin no acaban de hacer diferencia de estilo ventoso , a estilo alto i lo q es peor, piéstan que lo alto es lo vētoso.

El santo Apolo les aplique algun anis, que les cure de estas penosissimas ventosidades. Però quando serà esto? Hablamos por la boca de Iob; porque tantos años ha que fastidiā ventosos estilos. *Numquid* (dize el cap. 16.) *habebunt finem verba ventosa?*

¶ *E mais que hum largo masto se engrossava.* Dize, q la nube q antes se divisava apenaç cayendo targaméte desde la Regió del ayre al mar, i recogiendo aquellos vapores, se iva ensanchando poco a poco, i imitado en lo gruello un gran mastil. Les de pôderar la medida tan ajustada cõ q el P. leva dando nobres: en las dos est. anteced. le llamo caño, o arcaduz, quando aun estaba delgada, i larga, que es propio de los eódutos: en esta le llama arbol, o mastil gráde, aviédo engrossado ya con el humor atraido; i siendo propio del mastil el grossor; i en la siguiente le llama gran coluna, porq ya llena de todo se renia hecho una corpulencia, que proporcionandose con su largura, la hzia capaz de ser comparada a una estupeda columna, i columna de aquellas torcidas que diximos en la est. passada, pues el P. insta en declarar en este verso, que en unas partes se recogia, i en otras se dilatava, que es lo q se figura a la vista en semejantes columnas, q van subiendo a bueltas: i la propia instancia veremos hermosamente pintada en en eslotro verso.

¶ *Aqui se estreyta, aqui se alarga, quâdo os golpes grandes de agoa em si chupava.* Esto es naturalissimo, i se ve en las gargatas de algunos animales de cuellos largos, al bever, ir el agua como a saltos, haziédo crecer en una parte, i menguar en otra qí arcaduz natural: i esta dicho feilmente.

¶ *Estava se cõ as ondas ondeando.* Meneavase esta columna al cópás de las olas en que estaba asida, i hzia otras olas en si misma: i tâbien esto es propio dese genero de columnas, que ai acabamos de decir, q parece vâ a olas; como la culebra quâdo corre parece las vâ haciendo, i la espada de la boc culcrina, que por parecerse a la culebra en aquel acto, se llama asfi, i tâbien ese modo de columnas por esto mismo es llamado espiral

¶ *Em cima bñ a nuvem se espeffava; fizendose mayor,* &c. No hallo otra mas semejante a este crecer de la nube sobre aqí caño, q la garrafa de vidrio, al tiépo q la labra el vidriero, q sopâdo, i corriédo el alierto por el cuello, vâ a formar abajo aquel globo q se ve ir creciendo, hasta q llegado de lo pudo sufrir la cantidad de la materia.

XXI.

Qual roxa sanguesuga se veria
nos beyços da alimaria, q imprudente,
bebendo a recolheo na fonte fria,
farçar cõ o sâgue alheyo a sede ardete:
chupâdo mais, e mais se êgrossa, e cria,
ali se enche, e se alarga grandemente,
Tomo 2.

A tal a grande coluna, enchendo aumenta a si, e a nuvem negra que sustenta.

¶ *Q* Val se veria la roxa sâguijuela en los labios de la alimaria, que la recogio beviendo imprudente en la fria fuente, hartar la ardete sed con la agena sangre: chupando más, i mas se engruesâ, i cria; alii se hinche, i se alarga grandemente: Tal la gran coluna hinchiendo aumenta a si, i a la negra nube que sustenta.

¶ *Qual roxa sanguesuga,* &c. Casi todas las comparaciones de nuestro P. puden parecer imitadas: pero esta no nos ha dexado hallar semejante en ningun Autor, i nos haze creer, q supera las de todos en propiedad, i alteza de estilo: i que en la propiedad (porq en el estilo vêtajosa se queda) quiso competir con aquella de Ariosto, diciendo por dos galanes, que a un mismo tiempo alterna damente usavan de una dama.

Pigliano la fanciulla, e piacer n' banno,
Hor l' uno, hor l' altro in caritade, e in pace,
Come a vicenda i mantici che danno
Hor l' uno, hor l' altro fato a la fornace.

C Que al proposito es la cosa mas bella, que dixo el bello Ariosto cõ novedad. Hallareysla en la est. 54. del c. 28. I aunq atras ya quedan otras comparaciones, aqui diremos por todas, que comparacion es la figura, que los Retoricos llaman Simile, o Icon, o Hipotiposis; i que sera siempre mejor aquella en que mas correspondencia huiere con la cosa comparada, sin ser la misma, como sucede en esta. Compára, pues, nuestro P. aqui el caño pegado en el mar, i chupâdole aquel humor a la sâguijuela, quando pegandose a algun animal estâ chupando la sangre, i no se despegue hasta que se hincha de modo, que no puede llevar más, i entonces te dexa caer. Los versos ciertamente de grandes no caben en la boca, i han menester la del mismo Apolo, para ser pronunciados dignamente: i la propiedad de las palabras puede hazer embidia a la propia propiedad. Algo diremos sobre cada verso.

¶ *Roxa sanguesuga:* Por dos razones roxa, una por el color de la sangre chupada, i otra por el natural dese animalijo q se tira a roxo.

¶ *Nos beyços.* Mirad. En todos los escritos del P. no hallareys beyços, sino en este lugar tan proprio, que queda sonante, i hermosâ la voz con ser basta: porque es propia de aquella parte de los animales, que la tienen grande, i gruesa: i en Castellano se dezía tambien bezos: i alii se haze colgada la sâguijuela, que arrastra con el agua alii se viene a tirar.

¶ *Alimaria.* Con gran atencion a la misma propiedad. Alimaria no es qualquier animal, si no de los grandes, lo que en Latin, *armentum*: i en Castellano antiguo, *alimanya*. Atendio el P. a dos fines en usarla aq u: uno que essa especie de bestias es mas bruta para no saber huir aquel

dañó, como lo saben hacer otras muchas: otra q̄ buscó animal de mucha sangre, para tener en el la sanguijuela, semejante proporcionada de aquel caño en la grandeza del mar.

¶ Que imprudente. Con atención a lo que aí acaba uno de decir, que esta especie de bestias lo guarda menor instinto natural que otras.

¶ Fartar. También palabra propia de bestias, porque de hombres que no tengan parentesco con ellas, es impropio el hartarse.

¶ Como sangre albeyo a sede: Esto de matar la sed cō la sangre agena, propio es de ambiciosos, de tiranos, i de animales brutos.

¶ Ardete. Como aquella atracción del humor del mar es en virtud de los rayos solares, cō propiedad advierte el P. q̄ la de la ságre en la sanguijuela es del rayo ardiente de la sed. Este verso al pronunciarse hará (digamoslo así) la boca, i trae a los ojos la sanguijuela en aquel acto.

¶ Chupando más, e más se engrossa, e cría. Se está viendo crecer aquel animalejo en aquella sangre al leerlo aquí.

¶ Tal agrande columna. Dixolo al principio cō Aristoteles, como ya mostramos; i en llamarle cō luna pudiera parecer q̄ lo divo cō Lucrec. lib. 6.

*Hoc fit, ubi interdum non quit vis incita venti
Rumpere quam cœpit nubē sed deprimit, ut sit
In mare de cœlo tanquam demissa columnā
Paulatim, quasi quid p̄ igno, brachijq; superne
Coniectū trudatur, & extendit in undas.*

Però realmente lo dixo todo, i en particular lo de esta est. i cōparació, cō Plin. en el c. 51. del lib. 2. tratado la propia materia. *Fit & caligo belue similis nube dira navigatibus Vocatur, & columna cū sp̄stus humor, rigensq; ipse se, stinet. Ex eodem genere, & in longā velutifistulā nubes aquā trahit.* A esta nube en forma de columna, o arca-
duz, llamá los navegantes mágas, i les es formida-
ble, i huyen de llegar adonde empieza su atrac-
cion en el agua. por ser tan violenta que les po-
dría cogobrar.

XXII.

Mas despois que de todo se fartou
o pè que tem no mar a si recolhe,
e pello ceo chovendo enfim voou,
porq̄ com a agoa a jacéte agoa molhe:
As ondas torna as ondas que tomou; E
mas o sabor do sal lhe tira, e tolhe.
Vejam agora os sabios na Escritura
que segredos sam estes de Natura.

Però despues q̄ del todo se hartó, recoge a si el pie, que tiene en el mar; i al fin boló por el cielo, lleviendo, porque moje la yacente agua cō el agua. Buelve a las olas las olas que tomó: pero quita el sabor del sal. Agora veá los sabios en la Escritura, en los estudios, que milagros son es-

A tos de la naturaleza.

¶ Mas despois que de todo, &c. Prosigue con la altísima facilidad con encada, la descripción del de salirse del mar aquella columna, i del bolar por el cielo; i bolver desde allá al mar el humor que le tomó, con la diferencia de que le buelve dulce, aviendole recibido salado.

¶ O pè q̄ té no mar. Llama pie a aq̄l extremo q̄ la columna tenía puesto en el mar, así porq̄ parecia sustentarse sobre él, q̄ es el oficio de los pies, como por seguir la propiedad, aviéndole l'amado

B columna q̄ tiene pie, i cabeza; pedestal, i capitei en términos de arquitectura. I esto de recoger el pie no se ha de entender q̄ es porq̄ vino de arriba, si no porq̄ aviéndo forma lo desde abajo essa nube cō la copia del vapor se levató, o porq̄ no avia aí mas vapor de aq̄l q̄ el Sol puede atraer, o porq̄ que se suspendió la fuerza solar que le atraía.

¶ Porq̄ cō a agoa a jacente agoa molhe. Por a-
goa jacéte entiéde la del mar q̄ yaze: así en la est.
110. del c. 2. As ondas jazz. Sobre esto allá. Aquí
dice, q̄ sobre essa agua del mar estaba cayédo la q̄ la nube del avia llevado. El decir q̄ la agua mo-
java a la agua, producirá en los escrupulosos la
duda de si la agua es capaz de ser mojada: puede
ser olatia feliz de tal hóbre; además q̄ se deve en
teder por mojava, calava, porq̄ cayédo las gotas
de la lluvia en la agua la calan, i alteran, i aun a
la vista parece que se eslá mojando: ya queda se-
mejante escrupulo en la est. 128. del c. 3.

¶ As ondas torna as ondas q̄ tomou. Buelve
las olas q̄ tomó a las olas de q̄ las avia tomado.
De Ovid. lib. 11. Erigit hic fluetus aequor que re-
fundit in aequor. Ariost. e. 12. del c. 41. Vota altri
l' acqua, e torna il mar nel mare. I antes c. 19. Il
mar nel mar rifonde. En la est. 92. del c. 1. ay des-
to algo.

¶ Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe. Dice que
aviéndo la nube recibido aq̄l humor salado, le bue-
ve dulce: i esse es el principal secreto de la natu-
raleza en esta acció asta aquí descrita. Bolvam os
al lugar de Aristó. i digamos cō el (q̄da en la est.
19.) q̄ atraída aq̄la agua, o vapor por los rayos
del Sol, i cōvertida en ayre, siendo desamparada
del calor celeste, ya en parte apagado, i en parte
dissipado, i desvanecido por causa de la falta del,
i cō la frialdad de la Region del ayre, se refelve
en el agua que antes era: i como el agua sea más
grave que el ayre, hallandose en el con violen-
cia, baxa a su natural cétro de donde fue sacada.
Esto quanto a la causa del baxar despues de aver
subido: i quanto al caer dulce, o sin la sal que lle-
vó, es de saber que (como ya diximos en la esti-
cia 19.) los rayos del Sol, que son los Autores
de toda esta obra, atrahen, i suben por aquel ins-
trumento a la Region del ayre, el vapor, o agua
más delgada, i futil, que por su levidad puece fer
ascendida; i esta tal agua es menos salada. i esta
es la causa de ser tan salado el mar, porque sien-
do el la Region, i elemento del agua, i atrahen-
do

do el Sol la parte mas delgada, i sutil del, viene a quedar sola aquella gruesa, i pesada, que es la que tiene la sal mas fuerte. Assi lo enseña el propio Aristoteles en el capit. 2. del lib. 2. de los mismos Metheoros. *Ac ea quidem quæ potui apta est, & dulcis levitate omnis in sublime fertur; falsa autem propter gravitatem in inferioribus partibus reminet, ut in suo loco.* I de aqui vienen a filosofar muchos, que el mar ya fue meuos salado de lo que lo es oy, i que lo sera cada vez mas, por quanto el Sol cada edad le va despojando mas i mas de aquellas partes sútiles, que de alguna manera le templan: si bien es error, porque el mar siempre es restituido de esa porcion que se le quita: I lo cierto es que el mar es assi salado desde su creacion, porque convino asi: i al menos que no procede del Sol esta sal, pues no dexa de ser salado el mar igualmente, a donde el Sol no tiene vigor, ni adonde le tiene mas vemos, que en algo quite a las lagunas su dulcura natural. Allá se lo ayan los grandes Filosofos: i bolvamos al bolver dulce la agua que subio salada. Considerando, pues, de esse lugar del Filosofo, que la agua atrahida del Sol desde el mar, por el arcaduz de aquellas nubes, es apta a la bevida, signese que no lleva sal, o que es tan poca, que se puede bever: i que este resabio que lleva salado se extingue con la propia virtud ardiente del Sol que le atrahe; o con la condicion de quando se destila al fuego, pues siendo talada buelve dulce, o con la propiedad de la cera, de que dice el mismo Aristoteles, que hecho un vaso della, i echandole agua del mar, ella allí se purifica, i sale dulce. I pues el ingenio humano halló el alambique, o alquitara, que sobre el fuego sublima con la atraccion de los vapores sus calidades, extinguiendo dellas la parte mordaz, o nociva; i la naturaleza con sus obras es el maestro de los artificios, mas justo es, que entendamos que ella lo fue con essa, i otras, del de la destilacion, de lo que sera el admirarnos mucho desta suya, executada en las aguas del mar con el instrumento, o alquitara de aquel arcaduz, nube, i aplicacion del ardor solar. I si el propio ingenio humano con la invention de un caño de plomo, metido industrialmente en un estanque, es poderoso a atraher por el la agua para regar las plantas vecinas, menos admirable es, que la naturaleza haga otro tanto. Hé hallado en un escrito, que este aqueduto, o caño nubifero, no toma del mar sino la agua dulce de los ríos que en el entran: i que en esto está el secreto. Si ella estuviera sin mezcla de la salada, no era el secreto muy profundo. Si ya no es que tarda en mezclarse, i que anda la dulce menos mezclada sobre la superficie, como menos pesada, al modo que el vino quando se echa en el vaso sobre el agua, que por ser el mas leve tarda en mezclarse; i por dicha que a esto atendió el Poeta al dezir en la estancia 18.

Tomo 2.

A que la nube sorbia las altas olas, esto es las superficiales que andan en lo alto por mas leves, quales son las dulces.

¶ *Vejam agora os sabios na Escritura, que segredos jam estes de Natura.* Remite el Poeta a los Filosofos la explicacion destos secretos naturales, imitando puntualmente a Lucano lib. 1. que despues de averlos apuntado, relaxa a los mismos Filosofos el declararlos.

*Flamiger en Titan, ut alenteis hauriat undas
Erigat Oceanum, fluctusque ad sydera tollat,
Querite quos agitat mundi labor.*

Algunos se persuaden, que nuestro Poeta habla en este lugar ironicamente, diziendo a los estudiantes que den la razon destas obras de naturaleza, pareciendole que ellos no la darán por su dificultad. I fundandome yo en lo apunrado arriba, lo entiendo en contrario, i me parece que el Poeta sinceramente reserva a los Filosofos la explicacion de los tales secretos, por ser propia de aquella ciencia, i remota de lo que el agora va tratando en persona del Gama, que es referir solamente lo que vió sin argumentos, ni averiguacion de las causas: no por ignorarlas en todo, ni porque ellas en todo se ignoran, si bien no ay duda, que el saber humano siempre es imperfecto, i siempre ignora mucho.

XXIII.

D *Se os antigos Philosophos q andaram tantas terras por ver segredos dellas, as maravilhas q eu passey, passaram a tam diversos ventos dando as vellas:
Que grandes escripturas que dey xará?
que influïçā de signos, e de estrellas!
que estranhezas! q grādes qualidades!
e tudo, sem mentir, puras verdades.*

E **S**i los antiguos Filosofos que anduvieron tantas tierras por ver los secretos dellas, pasarán las maravillas que yo passegé, dando las velas a tan diversos vientos: Que grandes escritos deixaran! que influicion de signos, i de estrellas! que estranhezas! que grandes calidades! I todos sin mentir, verdades puras.

¶ *Se os antigos Filosofos que and. &c.* Dize la est. q si los antiguos Filosofos q andevieró por el mundo examinado secretos, i maravillas naturales para e'crivirlas, i admirar a los hóbres co tales escritos, huvierá visto lo q el Gama, mayores causas de escritura, i de admiració huvierá encotrado. Es assi sin duda; porque despues q los Portugueses descubrieron tantos mares, i tierras, se empezaron a saber rareidades de climas, de animales, de gentes, i de plantas, i de frutos, q totalmēte admirá co ia vista. Los Filosofos, los Medicos, los Geografos, los Poetas, los historiadores no fizieron otra cosa desde entóces, sino navegar

con las plumas por la tinta , escribiendo lo que nosotros habíamos navegando con las velas por los mares; dándoles eternos asumptos, i motivos de escribir, de utilizar, i de suspenderse con la variedad de las cosas que les traximos a los ojos, unas fatuiferas, otras adornadoras, i todas preciosas por sus caminos.

T Filosofos que andaron tantas terras por ver segredos. En sus rimas, i octavas al desconcierto del mando, hablando de Platón en este ejercicio:

*Dirá Platón por ver o Etna, e o Nilo
Fuya Cícilia, ao Egypio, e outras partes
So por ver, e escrever em alto estílo
Da natural ciencia em muitas artes, &c.*

Otros muchos tomaron por ejercicio el peregrinar solamente por esta averiguacion. De Plinio ya sabeys, que en ella fue forbido de la boca de aquella montaña Vesuviana.

T E tudo sem mentir. Porque muchos de esos investigadores de los secretos naturales, ya por mal informados, ya por hacer lugar a sus escritos con la rareza de las materias, se dexaró decir muchas mentiras, de que despues los fiscalizó la experiencia.

T Puras verdades. En sus rimas soneto 87. *E nam filo senam verdades puras.* En este c. est. 39. *Verdade nua, e pura.* Aludiendo a las fabulas que escrivieron los Poetas, que apuntamos en la est. 19. El Poeta pretendió (i consiguio altamente) executar dos figuras singulares, que no devan faltar en Poema semejante. Son ellas la Periferia, i la Peripedia. Desta diremos en la est. 89. de aquella que vale peregrinacion toca decir aquí, porque en esta estancia particularmente, i en las 86. hasta 89. procura el Poeta abrinos los ojos, para que ponderemos bien la ejecucion desta figura, a virtiendo, que las peregrinaciones de Vlisses, Eneas, i otros, cantadas i encarecidas por sus Poetas, son mucho menores, i mucho menos maravilloosas. Este es el cuidado del nuestro; i así se va comentando a si propio.

XXIII.

Mas já o Planeta, q no ceo primeyro habita, cinco veces apressada, agora meio rosto, agora intero (mada: mostrara, em quanto o mar cortava a ar) Quando da eterea gavea hū marinhey prōto co? a vista; terra, terra, brada; ro falta no bordo alvorocada a gente com os olhos no Oriente do Oriente.

PEró ya el Planeta, que en el primer cielo habita, cinco veces presuroso, avia mostrado el rostro, agora medio, agora entero mientras la mar mada cortava el mar. Quando un marinero des de la eterea gabia pronto con la vista, gritó: Tie tra, tierra. Salta en el bordo alvorocada la gen-

A te, con los ojos en el orizonte del Oriente.

Mas já o Planeta, que no ceo primeyro habita, &c. El Poeta en sus rimas Eglog. 1.

Mas qual a eclipsa da clara estrella

. Que entre as outras o ceo primeyro habita.

Qui sea este Planeta nos dirá con lugar semejante en la est. 59. *Cinco vezes a Lúa se escondeu,* &c. Termeno fue de Ovid. Fast. 2.

Quintus ab æquoreis nitidu inbar extulit undis Lucifer, &c.

A Apresada. Pintando de passo la velocidad

B con que la Luna haze su curso. Alfin quiere decir, que desde que salieron de Lisboa hasta llegar a aquellos montes despues de passada la linea, i descubrir la tierra de la Angra de Santa Elena avian gastado cinco meses: porque la Luna mengua, i crece enteramente cada mes; i assi venia a ser aquél el de Noviembre en sus principios, pues en los de Julio salieron de Lisboa. I esto consta tambien de la historia Indica.

T Quando da eterea gavea hum marinheyro, pronto com a vista; terra, terra, brada. Dos cosas se descubren en esto, una el cuidado, i vista prō-

Cta con que ivá siempre en la gabia por descubrir tierra; otra el singular alborozo de averla descubierto, expressado en aquella repetición de tierra, tierra: a que admirablemente se sigue la armonia de los que lo oyeron, saltando de placer en el convés, i bolviendo todos prótas los ojos a los estremos de la parte Oriental. ello es el Oriente del Oriente. Es cierto, que no pueden dar más de si en tal ocasión los telos de la Poesia alta, afectuosa, dulce, i elegante. Imitó a Virgilio, però excediole, sino me engañé. Veamose en el 3. quādo Achates descubrió primero la tierra de Italia, i la señaló a los compáheros, dice de este modo:

*— Italiam primus conclamat Achates,
Italiam lēto socij clamore salutant.*

Ruego se confieran, i se juzguen desapassionadamente.

Terra, terra, &c. En la est. 92. del c. 6. al descubrir Calecut ay semejante rebate; pero no tan elegantemente descrito: i nos admira esto, siéndo aquél el fin de la navegacion, para donde parecia se deviera guardar el mayor estílo, i mayor imagen de alegría: mas pues el Poeta lo quiso así, assi deve ser mejor: como en Virgilio, que pareciendo devia guardar un singularísimo verso para cerrar su Poema, desctiviendo el apartamiento del alma, i cuerpo de Turno, de ese mismo avia usado al morirse Camila: *Vita que cum gemitu,* &c. Consideramos todavia, que como acá era la primera tierra que vieron despues de aver salido, aunque no fuese la que buscavā, motivo era de extremida d'egria. Aora bien. Pareceste este, terra, terra, brada à aquello que Xenofonte escribe de sus soldados, con que bolvia de Persia a la patria, sobre los grandes trabajos que sufrieron, que llegando a ver el mar, empeçaron

ron subito a grandes vozes; mar, mar. Esta tie-
ra a que agora dize llegaron, era la que vereys
en la est. 27.

¶ No Orizonte do Oriente. Feliz junta de vo-
zes algo parecidas: utola el culto Benivenien su
Poematon de Amor.

— Riveggio il Sol che in Oriente

Facea rider tutto l'Orizonte.

Es ei Orizonte universal uno de los mayores cir-
culos de la esfera, i termino de lo que los ojos
pueden alcançar por toda ella; i por esto de otro
modo se llama finidor. Este circulo es de suerte,
que viene a ser infinito, porque en qualquier par-
te del globo de la tierra en que nos hallamos, es
el medio della; i de qualquiera que tendieremos
la vista, el fin que se viere serà su Orizonte. Mu-
chos Orizontes vè un caminante en un dia, por-
que lo que aqui le fue medio, o centro de un Ori-
zonte, le queda siendo Orizonte de otro centro:
porque lo que adelante le avia sido Orizonte, le
queda siendo centro de otro Orizonte nuevo: i
assi los vâ multiplicando: i assi vendran ellos a
ser tantos, como las diferencias de los sitios, i
estos tocan en innumerables, por essas i otras ra-
zones, que son agora escusadas aqui.

XXV.

A maneyra de nuvens se começam
a descubrir os montes q'enxergamos;
as ancoras pesadas se adereçam,
as velas já chegados amaynamos:
E para que mais certas se conheçam
as partes tam remotas onde estamos,
pelio novo instrumeto do Astrolabio D
invençam de sutil juyzo, e sabio:

A Manera de nuves se comienzan a descubrir
los montes que divisamios, adereçanse las pe-
sadas ancoras: i llegados ya amaynamos las
velas. I porque se conozcan más ciertas las re-
motas partes adonde estamos, por el nuevo ins-
trumento del Astrolabio; invencion de sutil, i sa-
bio juyzo. corre en effotra estancia la oracion.

¶ A maneyra de nuvens se começam. &c. Assi co-
mo aquello sucede, se esti v edo al leer estos ver-
bos. A los que navegan, quando desde muy lejos,
como alli sucedio, descubren tierra, les parece al
guna nuve: però ya desengañados de que es tie-
rra, comienzan a prevenir las ancoras, i a recoger
algunas velas: i apenas tienen cogido estas, quâ-
do tienen soltado aquellas.

¶ Se começam a descubrir os montes, &c. Assi
vâ diziendo Eneas al descubrir de las Islas Estro-
fades, lib. 3.

Quarto terra die primo se stollere tandem
Visa aperire procul montes, &c. I mas adelâ-
te: Mox, & Leucatæ nimboſa cacumina montis.
I adelante más: Cum procul obscuros colles. Ba-

Tomo 2.

A rros Dec. 1. lib. 1. cap. 2. al ver de lexos otras
Islas: E parecialbes fer nuvens grossas. I esto imi-
to nuestro Poeta aqui: i a ellos el Tasso Liber. c.
15.est. 33. Lors offri di lontano oscuro un môte.
Che tra le nubi, &c. Por los que ivan navegando
ázia la Insula remota.

¶ As velas amaynamos. Virgil. alli: Vela ca-
dunt, &c.

¶ E para que mais cert. &c. Como no cono-
cian adonde te hallavan, determinaron verlo por
el Astrolabio, a que llama instrumento nuevo;
porque desde el tiempo en que el Gama aqui ha-
bla, al en que se avia hallado avia poquissimos
años, pues le hallaron los famosos Maestros Ro-
drigo, i Joseph, Iudios, Medicos del Rey Don
Iuan el Segundo: i Martin de Boemia natural de
aquellas partes, i discípulo del grande Iuan de
Monte Regio, incitados deste Rey perfeto. Afsi
lo tiene Barros Dec. 1.lib. 4.cap. 2. I alfin de en-
tre Portugueses salio esta inuencion sutilissima,
i utilissima, como otras muchas.

¶ Invençam de sutil juyzo, e sabio. Sutil jui-
zio, porque lo fue la invencion; i porque el juiizio
(que es conocimiento consignado por discurso
de medidas justas, assi como en qualquier obra
que procede del entendimiento) se pinta hom-
bre maduro con esquadro, regla, i compas en las
manos; i todo esto se exercitó en la invencion
deste instrumento. Sabio juiizio, porque essos in-
ventores eran Filosofos, que es lo mismo que sa-
biduria, i Medicos de vn Rey, que todo lo tenia
con perfeccion: i assi era fuerça que fuesen cien-
tes: i tambien, porque quanto se juntala sutili-
za del ingenio con la ciencia, produce tan utiles
hijos, como este del Astrolabio, que nacio de la
copula del ingenio sutil con la sabiduria solida.
Antes deste hallazgo se navegava poco, i siempre
costeando; i tal fue la navegacion de Ulises, i
Eneas tan encarecidas, aunque pequenas en ca-
tidad largas en tiempo: porque Ulises gasto los
años que son notorios en la staya, i Eneas siete
desde Troya a Italia, para la qual eô Astrolabio,
i buena fortuna sobravâ siete pares de dias. Mas,
en efeto, Dios que todo lo reparte, como quien
el es, dio el descubrir la invencion de navegar ma-
res altos en poco tiempo, a quien avia dado la
verdadera osadia para navegarlos, i experimen-
tar, sin temor de algun peligro, lo inventado.

XXVI.

E Desembarcamos logo na espaçosa
parte, por onde a gente se espalhou,
de ver couſas estranhas desejoſa,
da terra que outro povo nam pisou.
Porem eu co' os pilotos na arenosa
praya, por vermos em que parte estou,
me detenho em tomar do Sol a altura,
e compassar a universal pintura.

Q 5 Luego

Luego desembarcamos en la espaciosa parte, por donde se esparzió la gente, deseosa de ver las extrañas cosas de la tierra, que no píso otro pueblo. Pero yo con los pilotos, por ver en que parte estoy, me detengo en la arenosa playa en tomar la altura del Sol, i compassar la universal pintura.

G *Desembarcamos logo na espac. &c.* Tomado puerto desembarcaron para tomar el Sol cō mas seguridad en tierra, i venir en conocimiento fixo de la altura en que se hallavan. Pareceste esto a lo de Eneas lib. 3.

Servatū ex undis Strophadū me'ittora primū Accipiunt. I embolvió nñestro Poeta este lugat con el otro del propio libro.

Sternimur optatæ gremio telluris ad undam Sortiti remos, passimq; in littora fisco

Corpora curamus. Imitacion derecha de Homero Vlis. 9. descansando Vlissés en otra playa: i el modo desta desembarcacion, es como el de la de Eneas en el lib. 1.

¶ Por onde a gente se espalhou, &c. *Por em eu,* &c. Despues de visto lo que diximos en la est. 87. del cant. 2. se note el cuidado del Poeta con su Heroe en las acciones más importantes. Hazele salir en esta playa barbara, no con el des-cuido que Virgilio a Eneas en otra solo, sino acompañado, i derramando la compañia militar por la selva, en tanto que el con la maritima tomava el Sol, haziendole aquella valerosa guardia a lo que el hazia con estotra ciente. Vease desto en la est. 31.

¶ Terra que outro povo nam pisou. *Lucrecio lib. 2.* — *Loca nullius ante*

Trita solo. Esto dixo del mar en la est. 4. esto de las estrellas en la 14. Vease allá. Pero diciendo el Poeta luego abaxo, que alli encontraron unos negros, parece que no fué essa tierra pisada nuevamente de nuestros navegantes, como suena este lugar. I assi, o se ha de entender una parte por otra, porq; algunas no avia conocido otros pies humanos, que los de la gente Portuguesa; o que esta no avia sido pisada hasta aquel dia de alguna gente politica, o diferente de aquella.

¶ Porem eu, &c. La gente se derramó por la campanía, i el Gama fuerte contra lo que pide la naturaleza, atendió a lo que pide la constancia, i cuidado de un buen Capitan. Tal Virgilio allí haze que Eneas en tanto que los suyos se ocupan en cosas humildes, discurre por la playa con pésamientos altos. Verso. I ann tégo por m's pro pio desta imitacion el otro lugar, de quando tomádo Eneas tierra en Italia, a la entrada del lib. 6. atiende a buscar la Sibila para lo que le importa, i su gente a otros divertimientos: i copiaré el lugar con el surgir en el puerto, porque precede a lo otro, como acá en la est. antecedente.

Anchora fundabat naves: & littera curva

Prætexunt puppes: iavenum manus emicat ardēs Littus in Hesp:riū: querit pars seminata... mme,

A *Abstrusa in venis silicis, pars densa ferarum. Tecta rapit, sy. vas, inventaq; flumina monstrat. At pius Æneas arces, quibus altus Apolio, &c.*

¶ Tomar do Sol a altura. Así lo dice Barros allí mismo. Sabio em terra por tomar a altura do Sol. Así Danian de Goes.

¶ E compassar a universal pintura. Dizelo, porque los Maestres de los navios, quando quieren saber la altura en que se hallan, tienden la carta que llaman de marear, adonde está pintada la costa, i mares por donde van navegando: i allí con tomar sus medidas con el compás, i hazer otras observaciones, vienen en conocimiento infalible de la altura en q; se hallan; i esto es cōpaflar la universal pintura; entediédo por ella la carta: i está dicho con maestría. I porque Vasco de Gamma era doçō en aquella ciencia, salio con ellos para que con mas atencion lo mirassen. El verso es con el ayre deste de Seraphino, fol. 166. *Compassa il tempo pur congran misura.*

XXVII.

Achamos ter de todo já passado
do Semicapro peze a grande meta,
Cestando entre elle, e o circulo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta.
Eis de meus companheiros rodeado
vejo hum estranho vir de pele preta,
q; comará por força, em quanto apanha
de mel os doces favos na montanha.

Hallamos tener passado ya del todo la gran meta del Semicapro peze: estando entre el, i el Austral elado circulo: parte más secreta del mundo. Veys que veo venir rodeado de mis cōpañeros un estranho de prieta, negra piel, que tomaron por fuerça en la montaña, miétras coge los dulces panales de miel.

¶ Acabamos ter de todo, &c. Dize la estancia, que aviando el Gama tomado la altura del Sol, conoció que estaba de la otra parte del tropico de Capricornio, que de la del Sur, es limite del curso del Sol: pero que aun no llegava al Sur, que ese es el circulo Austral: sino que se hallavan entre uno i otro: i apenas avian concluido con esta diligencia, quando aparecieron los soldados que se avian derramado por el monte, trayendo entre si un negro, que tomaron embevecido en cojer panales de miel.

¶ Semicapro peze: Porque el signo de Capricornio se finge cabra desde la cabeza hasta la mitad del cuerpo, i peze el resto.

¶ Gelado. Porque todo lo que toca al Norte, i Sur es frigidissimo.

¶ Austral: Porque de allí sopla el Austro. Todo esto viene a ser, que se hallavan en la Angria, o Baia de Santa E ena: i esta fué la segunda tierra que tomaron, como refiere Barros en el lugar citado

tado al fin de la est. 8. Notese el cuij. lado cō que el Poeta el scriviò. En el c. 1. desde la est. 43. empieza a referir la llegada del Gama a Moçambique, a Moa baca, i a Melinde, adon le agora está hablando, en que dispense hasta la fin del c. 2. Agoa haciendo relacion al Rey de Melinde de lo que hasta alli passô, no le cuéta más de lo pasado hasta llegar a Moçambique; i en esto gasta desde la est. 1. desde canto hasta la 84. I no le refiere lo que passó desde Moçambique hasta llegar alli, porque fueron sucesos con sus vecinos, mostrando que un Rey no esta sin saber lo que pasa entre sus confinantes: i tambien porque avia fingido, que el Rey por Mercurio estaba avisado de todo, como vimos desde la est. 56. de. canto 2. i esse Mercurio viene a ser aquél Moto de los tomados antes de entrar en Melinde, que el Gama le embió delante, i de quien el Rey se informó primero que vinielle a verse con el Gama, que por todo esto le dice lo que se vè de los quatro versos ultimos de la misma est 84. I porque aqui por estas, i otras razones no era licito refirir aqél pedaco de la navegacion, le dexó, providamente, referido en el c. 1. i en el 2. De manera, que quié quisiere leer en este Poema aquella navegacion derechamente, ha de empezar por este canto, i leer hasta el medio de la est. 84. i luego bolver a la est. 43. del c. 1. i empezando en la mitad della continuat hasta el fin del c. 2. i de alli saltar al principio del 6. i proseguir hasta el fin del 7. El 8. se consume en los embarazos que el Gama tuvo en Calecur, que es adonde llegó: i el 9. i el 10 contienen la buelta para el Reyno. Tales la traça, i disposicion desta insigne obra: i tal deve ser la de todo Poema, que huviere de aspirar al titulo de perfecto, como lo entenò Virgilio con el suyo, que tambien para ierse continuado el caso, se ha de començar en el lib. 2. i continuando hasta el fin del tercero, bolver al primero, i acabado el, empezar en el quarto; todo invencion ingeniosa, i que haze despertar el apetito de leer, que lo otro serà mas propiamente escrivit una historiæ en estilo poetico, como lo hizo el gran Tasso (pedimnos licencia a toda su fama, i a todos sus apasionados, que hasta oy no lo reconocieron, o lo ditsimularon) no haziendo mas de introneter episodios, i adornos entre la historiæ derecha, i estos tantos, que ella totalmente se vè anegada en ellos; que no es lo que deve ler, ni lo que enseñaron Homero, i Virgilio singularmente, adonde siendo el assumpcio felicemente adornado de maravillosas invenciones, el siempre aparece adádo por encima de llas. I esto, despues de Virgilio, nadie lo supo lograr, como nuestro rarisimo Poeta, adonde hecho el caço en pedaços, i ellos derramados con aquella (digamoslo asi) desorden ordenadissima, i no aviendo suceso que no esté compuesto de mil joyas poeticas, el asumpcio siemp. e le vè patente.

¶ Parte do mundo mais secreta. Porque aque-

A lha parte del mundo (que se sabe la av, i es vista de los navegantes, pero aun no se ha entrado en ella, i por esto se llama incogita vulgarmente, i esto vale aqui el *secreta*) queda debaxo del Polo Antartico, o Austral, alcançando tambien alguna porcion delta el tropico de Capricornio. I al tiempo que el Gama dice esto, se ha de advertir, que aun eitava mas en secreto aquella tierra.

¶ Eiss: Imagen de la novedad, i alboroco que a ella se siguió: la qual es la que luego se continua.

B ¶ Vejo hum estranho vir de pelle preta. Trajá entre si aquellos soldados que salieron por el móte un negro selvaje, que el Poeta trae aqui al pie de la letra, imitando al Polifemo de Homero, con tanta claridad, que lo dize el mismo en la est. siguiente: mostrando, que aun era mas protentoso este encuentro, pues dice que el negro era mas selvaje que Polifemo. Tambien le truxo a imitación de Achimenes horrifico, saliendo a Eneas en la Isla de los Ciclopas, lib. 3. Vease la pintura parecida despues del parecido encuentro:

*Cum sabito e sylvis macie confecti. i suprema
Ignoti nova forma viri, miserandaque cultu
Procedit, supp' exque manus ad littora tendit.
Respicimus dira illuvies, immissaque barba
Consertum tegmen spinis, &c.*

D ¶ Em quanto apanhâ de mel os doces favos. Battros alit: Andavam curvos e prótos em apanhar mel. El Poeta como tal para produzir alboroco con lo repentino de la novedad, dice, que instantáneamente aparecieron los soldados con este negro en medio; però la historia es, que siendo el Gama avisado, de que en lo alto del monte andavan dos negros inclinados, como que cogian algo, mandó a algunos soldados, que rodeasten el monte, i los tomassen, i tomaron uno, que por un poco estuvo como pasmado; i despues sucedió lo que veremos en las est. que se siguen. Vease Battros Dec. 1. lib. 4. cap. 2.

¶ De mel os doces favos na montanha. Del propio verso está manando una poesia, alteza, i elegancia dulce, como la propia miel que representa. Favos, es palabra dulcissima, que bié declara essa calidad de la miel, arto mejor que panales. Pero que mucho si la hemos hurtado a la propiedad, i al Latin, como otras muchas?

XXVIII.

E Torvado vem na vista, como aquele que nam se vira nunca em tal extremo; nem elle entende a nos, né nos a elle, selvagem mais que o bruto Polifemo: Começo a lhe mostrar da rica pelle de Colcos o gentil metal supremo, a prata fina a quente especiaria; a nada disto o bruto se movia.

Viene turbado en la vista, como aquel que noca en tal estreme, novedad, caso se avia visto: ni el entiende a nosotros, ni nosotros a él. Selvaje aun más que el bruto Polifemo. Comienzo yo a mostrarle el supremo i gentil metal de la rica piel de Colcos; la fina plata, la caliente especiaria: i a nada desto se movia el bruto.

Torvado vem na vista. &c. Venia el negro confuso de verse sin libertad, en manos de gente nunca vista: i los dos primeros versos representan bonísimamente la confusión del negro: i los otros dos la del, i de los navegantes, no entendiédo se, ni aun por señas.

Nem ella entende a nos, nem nos a elle. Parece este verso a aquel de Ariosto c. 13. *Ne Ruggier leí, ne lui riconosce ella.* I también a los otros de nuestro Poeta en sus primeras redondillas.

*Porque nam podemos nos
Nem com elles ir a vos,
Nem sem vos tirarnos delles.*

Da rica pelle de Colcos o metal, &c. Quando el Poeta dixo esto, pocos avia que no necessitassen de interpretar para entenderle; agora que en el mundo haliamos mas ignorantes, no ay quién no se scandalize de que se le declare. Todavia para los ultimos diremos, que en Colcos hubo aquel cordero, o vellocino con lana de oro, que fueron a conquistar los Argonautas. Dize por estos terminos el P. o el Gama, que mostró oro a aquel negro: que ese es el meral supremo de la piel de colcos. Vi imitando a Virgil. lib. 4. quando Dido para sugetar a Eneas le mostrava las glorias de Cartago.

*Nunc media Æneam secum per manus ducit,
Sidoniasq; ostentat opes, urbemque paratam.*
Así el Gama para sugetar aquella gente mostravale oro, pensando que le mostrava su bienaventurança: però vió luego, que Dios la hizo tanto más bienaventurada en medio de su brutalidad, que no hizo caso del.

Aquente especiaria. Mostróle oro, plata, i tambien especiaria. Barros alli: *De quantas mostras de ouro, prata, e especiaria lhe apresentaram, de nenhum deram noticia.* Dizen algunos, que a que propósito le mostravan especiaria, o de donde la tomaron para mostrarsela, pues ivan a descubrirla? Hacer esta pregunta es ignoracia: porque de las especias que venian hasta entonces a Portugal por otras manos, llevaban muestras para preguntar, i conferir con ellas. Esto aqui de que no se entendian por palabras, i en la siguiente, que algo si, por señas, tambien es imitado de lugar semejante en Barros Dec. 1. lib. 3. cap. 3. *E posto que levava alguns lingaos da gente descuberta, &c.* Em nenhum coufa se puderam entender com esta; de modo que se convertio aos acenos, por os quais entendio. &c.

Agora continua esto el Poeta.

A

XXIX.
Mádo mostrari le peças mais f menos contas de cristalino transparente, algúns soantes cascaveis pequenos, hum barrete vermelho, cor contente. Vi logo por sinais, e por accnos que com isto se alegra grandemente; mandoo soltar cõ tudo e así caminha para a povoação, que perto tinha.

Mando mostrarle piezas más baxas: cuentas de transparente cristalino, algunos pequeños, sonantes cascaveles: i un bonete bermejo, colorado, roxo: color contento. Luego vi por señales, i movimientos, que se alegra grandemente con esto. Mandole soltar con todo: i así camina para la población que tenía cerca.

C Mando mostrarlhe peças mais somenos, &c. Viendo el Gama, que el negro no se alegrava, ni hacia movimiento con la vista del oro, plata, i especiaria que se le mostrava, como no conociendo lo, o desestimandolo, mandó se le mostrassen cosas de menos porte con que se alegró, i fuese.

C Mando mostrarl' h. &c. Providentissimamente dice el Poeta aquí, que el Gama mandó que se mostrase vidrios, cascaveles, i otras piezas vi les a aquel negro, aviendolo dicho en la estanc. anteced. que el mismo le avia mostrado el oro, i la plata. Esto es enseñar qual deve ser un señor, no tomando todo en la mano, ni aun en los ojos, si no lo preciso: no entender con cascavelcs, porque a este sonido sonará mucho la baxeza de su espíritu, i mostrará que tiene poco valor: porque la propiedad del cascavel es sonar mucho, i valer poco.

G Cristalino. Este adjetivo está aquí por sustáutivo, i es la figura llamada Endiades, de los Retoricos; como en este verso de la Copa de Virgilio: *Ebria famosa saltat lasciva taberna, i del Tatio Liber. c. 9. est. 62. Tal suol fendendo il liquido sereno, &c.* A imitacion de todo dixe en el retrato de Albánia: *No entiende en vos el puro cristalino, i en Daphne, i Apolo: Parece de diamante el cristalino, &c.* I aun puede estar aquí el cristalino (en licencia poetica) por sustantivo, conforme a lo que entonces se dava: segun lo veremos luego con un lugar de Barros, refiriendo este suceso: i tambien se vé en Damian de Goes capitulo 35.

Soantes cascaveis. Este es el soante arame, que el Poeta dice en la est. 122. del c. 10. Todo en la parte historica trasladado del gran Barros alli: *Com algúns brincos de cascaveis, e contas de cristalino, e bñ barrete, &c.* Mandou que o soltassem para que fôsse dar novas a seus companheiros. De modo que el mandar el Gama, que deixassen ir aquél negro con aquellas piezas, fué por ante-

ver,

ver que al olor dellas avian de venir los otros negros, luego que aquel allá llegasse con ellas: i así sucedió, como luego verenos. A este modo (no se si lo vió aquí) refiere Ercilla semejantes dones cancio 35.

Quinze cuentas de vidro de colores,
Con doze cascaveles sonadores.

J Barrete vermelho. Bonete colorado.

¶ Cor contente. Està mil veces bien dicho, a pesar de ignorantes que lo censuran; como especificacion importante, a respeto de la persona a quien se mostrava, i de la naturaleza propia del color roxo. Color ardiente llamò a la grana en el cant. 2. est. 87. Aquí cuidadoso puso, contente, en vez de, *alegre*, porque es propio deste color el alegrar la vista, i de los negros el pagarse más del que de ningun otro.

¶ Por acenos: Por señas, hechas con la cabeza, ojos, o manos, moviendo esas partes, o qualquiera dellas: i las otras señas que dà a entender *con finais*, son el mostrar alegría el rostro, sin movimiento de miembros: i todo lo ejecutò el negro al ver aquellas piezas no ricas, sino alegres.

XXX.

Mas logo ao outro dia seus parceyros
todos nus, e da cor da escura treva,
decendo pellos asperos outeyros
as peças vê buscar que estoutro leva:
Domesticos já tanto, e companheyros
se nos mostram, que fazem q se atreva
Fernā Veloso a ir ver da terra o trato,
e partirse com elles pello mato.

PErò luego al otro dia sus camaradas, desnudos todos, i del color de la escura tiniebla, deciendo por las asperas cumbres, vienen a buscar las piezas que lleva estotro. Ya se nos muestran tan domesticos i compañeros, que han se atreva Fernan Veloso a ir ver el trato de la tierra; i partitse por la mata, por el monte có ellos.

¶ Mas logo ao outro dia, &c. Al otro dia siguiente a aquel en que soltaron el negro, con las piezas arriba nombradas, vinieron cayendo por el monte abaxo algunos negros, que las avia visto al otro con ambicion, i esperanza de alcançar cada uno otras: con que el Gama vino a lograr la industria con que le avia soltado, que era arraer gente, por ver si en ella hallava alguna noticia de provecho para lo que buscava. I estos se facilitaron tanto, que dieron confiança a un soldado atrevido, para irse solo con ellos a ver su población, i modo de vivir.

Seus parceyros todos nus, &c. Despues de aver el Poera traído, i pintado solo un selvaje desto en las est. 27. 28. trae agora aqui un bando de ellos que vinieron despues: i cou ser verdad,

A se vè que la eligió por imitacion de la fabula de Polifemo, que Achemenides cuenta, introduciéndole primero solo, i despues a sus compañeros. Virgil. En. 3. comenzò assi.

*Hic me dum trepidi crudelia limina linquunt
Immemores socij vasto Ciclopis in antro. &c.*

I despues:

*Centū alijs curva bac habitant ad littora vulgo
In fandi Ciclopes, & altis montibus errant.*

Veis ai el negro solo primero, i los otros juntos despues baxando dessos montes altos, o *outeyros asperos*, como dice el Poeta. Todo es copiado por Virgil. de Hom. Vlif. 9. i por Camoens de Virgil. alli.

¶ Da cor da escura treva. Las tinieblas propiamente no tienen color; mas parece negro a quella su escuridad: i essa aplica el Poeta a los negros.

¶ As peças vem buscar que estoutro leva. Barros alli. Trazendo dez, ou doze que vinham buscar o que elle levou: i mas abaxo: Ao outro dia já com estes vieram mais de 40. tam familiares, &c. El P. incluyò en una venida todas.

¶ Domesticos ja tanto, e companbeyr. &c. Parece que se arrima esto a aquello de Honi. 9. quando Vlisses embiò unos compañeros a explorar lo que hallavan entre los Lotofagos, i hallarò en ellos bien agradable facilidad. *Hi autem statim abeentes misli sum cum viris Lotophagis, neque Lotophagi moliti sunt socijs mortem.*

¶ A ir ver da terra otrato, &c. La facilidad q los nuestros vieron en los negros, combidò a Veloso a que se fuese con ellos. Lo mismo hizo Vlisses 9. en la tierra de los Cicloplas. *Hos homines exploratū ibo qui sunt: an flagitosi, & sylvestres,* &c. I esto imitò el Poeta en acordarse de estotro; con ser de la historia de Barros alli. *Pedio Fernam Veloso, que o deyxasssem ir com elles a ver a povoação,* &c.

XXXI.

He Veloso no braço confiado,
e de arrogante cre que vay seguro;
mas, sendo hū grāde espaço já passado,
em que algum bō sinal saber procure;
Estando a vista alçada, coj o cuidado
no aventureyro; eis pello monte duro
aparece, e segundo ao mar caminha
mais apressado do que fora vinha.

Es Veloso confiado en el braço, i de arrogante cree que vâ seguro. Però siendo ya pasado un grâ espacio en que procurò saber alguna buena señal, estando alçada la vista con el cuidado en el aventurero, veyslo aparece por el duro môte: i seq un camiña al mar, venia mas presuroso de lo que avia ido.

¶ He Veloso no braço confiado, &c. Veloso era

ra un soldado hablador, atrevido, i arrogante, no prudentemente; i por esto vió luego el castigo de su ignorancia, pues le fue necesario venir huyendo de la furia barbara por el monte abaxo. Véase lo que diximos en la est. 26. i note se, que lo q Virgilio deseyu. ladamamente hizo con Eneas, deixandole ir solo por una tierra peligrosa, siendo la cabeca de aquella gente; esto haze aqui nuestro Poeta cuidadosissimo con un soldado verde de discurso. Vase solo por el mote, vese en peligro, acudele el Capitan; i no poniendo el Capitan en peligro, como Virgilio hizo en aquel lugar, i en el que se hallar i en la est. 144. del c. 10. Vamos alla, que no es para despaciada aquella advertencia en favor de nuestro Poeta, i de nuestra valero sa gente.

P El saido a vista alçada co' o cuidad. &c. Ved como ei Poeta tiene cuidado de pintar siempre cuidadoso su Heroe, mostrando, que desde que Iatio Veloso de su presencia, estuvo con el pensamiento en el, i con los ojos en el monte por donde avia de venir. El verso es imitacion de Ariosto capto 42. estanc. 23. *Alçando gli occhi, &c.*

P Mais apressado do que fora vinha. Venia agora corriendo Veloso, viendo ido de espacio, porque a la ida le llevaron con señas de senzilez los negros, i a la vuelta le querian alcanzar para matarle, i deslo venia huyendo. Todo co Barros alli, cap. 3. *Viram vir a Fernani Veloso, por hum tezo abaxo muy apressado, &c.* Vase de Gama como tinba os o'bos na sua tornada, &c. Mostrando tambien el historiador, que el Gama no dormia. El dezir, que venia con mas prissa que avia ido, para dar a entender que huia, es la figura Enfasi.

XXXII.

O batel de Coelho foy de pressa para o tomar, mas antes que chegasse, hum Etiope ou sado se arremessa a elle, porque nam se lhe escapasse: Outro, e outro lhe sae; vele em pressa Veloso, sem que algue lhe ali ajudasse; acudo eulogo; e e quato o remo aperto se mostra hu bado negro descuberto.

E L batel de Coello fue aprisa por tomarle: pero antes que llegasse se arrojo a el un osado Etiope, porque no se le escapasse. Saliole otro, i otro; vele en prissa Veloso, sin que nadie le ayudasse alli. Acudo yo luego; i mientras aprieto el remo, se muestra descuberto un negro vando, esquadron de negros.

G O batel de Coelbo foy de pres &c. Entiende de Nicocao Coello, que era uno de los Capitanes que siguieron al Gama, como queda en el capto 4. est. 82. El qual viendo a Veloso en aquel peligro, hizo correr su batel a socorrerle, para to-

A marle; pero no pudiendo desasirse, acudio entonces el Gama en el suyo: i apenas comenzó a remar, quando aparecio en el monte una vanda de negros, q'ie estavan en celada para dar sobre nuestra gente, quando acudiesse a Veloso, para cuyo efecto le venian tratando de aquel modo.

P Hum Etiope ou sado. Vn negro de aquellos que corrían tras Veloso, asio del, viendo que se le escapava al sagrado del batel: i sobre el primero cargaron otros que le tenian en aprieto.

P Acudo eu logo, e em quanto o remo aperto, &c. Otra buena pena de que el Poeta fue imitado a Hom. en este lugar arriba citado del lib. 10. quando Vlisses estando tambien en su nave, i viéndose offendido de pedradas de los Lestrigones, hizo apretar los remos, por acudir a evitar el dano. *Interim ego ensem acutum trahens a fæmore, Statim socijs iussi incumbere remis.* Assi tambie acudió Enas a Corebo, lib. 2.

P Se mostra bum bando negro descuberto. Nos muestran algunas luces, que esta vada de negros que aparecio a inquietar al Gama, fue a la imitacion de la de los Cicones, que aparecio a Vlisses, lib. 9. despues de aver visto otros. *Interim autem abeentes Cicones, Ciconas advocariunt, qui ipsi vicini erant.* I de la de los Ciclops, convocados de Polifemo. *Sed hic Cycoplas alta voce vocabat: hi autem ipsum circum habitant insperluncis; advenerunt aliunde alius.* Pero en el 10. quando Vlisses se vió entre los Lestrigones, parece que esta mas propiamente este acontecimiento. *Hi autem duo ruentes fuga ad naves venere. Veniebant fortissimi Lestrigones aliunde alius; infiniti non viris similes, sed Gigantibus.* Mayormente, que para las piedras con que entra la estacia siguiente, continua alla. *Qui de rupibus ingentia saxa vibrabant. Statim autem malus strepitus in navibus ortus est virorum morientiu.* Imito lo Virgilio con la vanda de Harpias, que en las Strofades inquieto a Eneas, lib. 3. porque Homero, i Virgilio, como vieron q'ie sus Heroes apenas pasaron en sus viajes, cosa dura de sufrir para ser hermosa al relatar (que los peligros de los hombres, son las galanterias de los escritos) anduvieronles fingiendo una i otra i nuestro P. no teniendo necesidad de fingir, anda eligiendo de nuestros sucesos verdaderos, los que más se parecen a aquellos fabulosos, no solo por ir en todo imitando a Homero, i a Virgilio, sino para mostrar que dixo con fundamento lo que contiene la estanc. 11. del cant. 1. Lease, porque con ella me socorre el P. i me honra en estas notas, en que no tengo por hallazgo facil, o ageno de buen estudio, trabajo, i desvelos, el de buscar, i aver hallado lugares que le desempenen de lo q dixo, i a mi de averle rastreado el alto pensamiento co que escrivio. I q el de industria anduviese buscando en los sucesos verdaderos los mas parecidos a aquellos fabulosos, solo por imitar en todo los dos padres de la Poesia, el mismo lo des-

tiene la estanc. 11. del cant. 1. Lease, porque con ella me socorre el P. i me honra en estas notas, en que no tengo por hallazgo facil, o ageno de buen estudio, trabajo, i desvelos, el de buscar, i aver hallado lugares que le desempenen de lo q dixo, i a mi de averle rastreado el alto pensamiento co que escrivio. I q el de industria anduviese buscando en los sucesos verdaderos los mas parecidos a aquellos fabulosos, solo por imitar en todo los dos padres de la Poesia, el mismo lo des-

descubre desde la est. 86. hasta la 89. apuntando en ellas casi todos los sucesos de aquellos Héroes, i de sus Poetas, que pretendió medir con estos otros. Leanse, i descubrirá esto claramente: i mucho más sabiendose, que al Gama sucedieron cosas dignas de memoria, que el Poeta pasó en silencio, solo porque no tenían parecer con aquellas fabulosas, i admiradas, que iba imitando, así por mostrar lo fino, i profundo de su ingenio, i juicio, como por persuadir, que nuestras verdades excedían aquellas fantárias, que fue su principal intento: i consignarlo.

XXXIII.

Da espeña nuvem letas, e pedradas
chovem sobre nosoutros sem medida:
e nam forã ao vento em vao deytadas,
que esta perna trouxe eu de ali ferida:
Mas nos como pessoas magoadas
a resposta lhes demos tam crecida,
q em mais que nos barretes se solspeyta
que a cor vermelha levam desta feyta.

DE la espesa nube llueven sobre nosotros sin medida saetas, i piezas : i no fueró echadas en vano al viento; que de allí truxe yo herida esta pierna. Pero nosotros como personas lastimadas, les dimos tā crecida la respuesta, que se sospecha, que de esta accion llevan mis que en los bonetes la color roxa.

Di espadas nuvem setas, e pedradas chovem,
Eze. En regaron los negros a despedir flecas, i
piedras sobre los bastes, que iban acudiendo a
Veloso: i hirieron a Gimé en una pierna: i el
viendose picado, echó el resto de las elcopetas,
i ballestas co que se hallavi, i los hirió de modo,
que no quedaron menos roxos con la sangre ver-
tida agora, que con los botones colorados poco
antes recibidos. Si bien los lugares arriba de H
nero, nos parecen los verdaderos imitados en
este, entre tambien aqui con otros semejantes Vir
gilio lib. 2. quando Eneas con los suyos acudió a
Corebo, que osado iba a defender a Cassandra, a
donde habia por este termino de copia de armas
varias, arrojadas a un tiempo.

*Hic primum ex alto delubri culmine telis
Obraimur: oriturq; miserrima cedes.*

O en el 3. quando la alma de Polidoro le habla.

Hic confixum ferrea texit

Telorum seges, & iaculis increvit acutis.
Nos parece más propio, porque es en la montaña, o playa adonde salió. El estilo de lluvia, de piedras, i flechas, es de Lucano, lib. 2.

— Crebroq; simillima nimbo

Trans ripam validi torserunt teta lacerti.
El Velazco traduziendo a Virgilio en ese lugar
arriba citado. *Con nube effusa de bastos, i de flos-
cibus.* El Tasso Liber. c. 3. ill. 49.

A Tarzjoni a grand' nre e picc'e
Da' i' a temura inguisi incominciaro, c'c'.
Tenia sì. Di fassi, et distrai nembo a tempesta,
puntu'mente con mi P'eta te e infirm' mis.

Espessa nivem. Con gran propiedad la ana
nube espessa a la vanda de los negros, por las ra-
zones que luego se os vendrán a los ojos, sola-
mente con la advertencia si la c. dia de C. Mote-
negro, tiene negra en vez de *espessa*.

Q Setas e pedradas. Barros a li: E f y tanta
a frecha la, e pedrada sobre o b. atel que, &c.

¶ Nam foram ao vento em vazi deytadas. Elas es mostrarnos del embés, lo q dix o Lucano 8.

*Et quo ferre veit permettere vulnera ventis.
Petrarca canc. 5. Ma tutti i colpi suoi commette
al vento.*

¶ Que esta perna, &c. Barros allí: Foy frechado por h. la perna, &c. E te ve so i el passado vienen a ser otros dos dei Tasso Liber. canz. 20. estancia 65.

Ma non fu la percosfa in vano ditetta

Che a' Cavallier sul duro usbargo è giunti.

C ¶ Tam crecid: Quiere dezir esto de, respuesta
crecida: que fue ventajosa: assi por la cantidad de
las armas, como por el efecto dellas: i es lo que se
vive en este lugar, que arriba queda de Virgil. 3. Is
cuilis increvit, &c.

D ¶ Que em mais que nos barretes a cor verme-lha levan. Avia el Gama dado a los negros los bonetes le escarlata roxi, como se vê en la est. 29. i agora fuzen herid os de nuestras armas, com ai acabmos de dezir, i corriendoles la sangre. D ze, ouros, sob e esto el Poeta con la figura lamiula E ifisi, que los negros llevavan la color roxa m is que en los bonetes : i era la sangre que les corría de las heridas que recibieron. A quienes escrupulosos quieren que el Poeta no anduvó bien advertido, por lo que toca a la gravedad del Poema heroico, en baxar a esto: especificación por este modo; que llaman ellos humilde, o joso: sien lo el alto, i grave ; por la parte que muestra al Gama grave, i alto en referir como có desden una accion menuda , dando a entender asci, que no hizo caso della, i que se contentó por despreciar aquellos barbaros, con hazerlos huir, i desbarcarlos sin todo el castigo que pudiera darse. As si Licano pretendió (lib. 3.) mostrar la astrea de animo de Cesar, quando opomiendo ele el Consul Metlo, para q ue no entrasse en el tesofo, con dezirle, que primero le avia de mirar, le respondió con dezir: Tu no eres digno de que yo empiezo en ti mi valor.

*Vnam spem mortis honestæ
Concipis h[ab]ud, inquit, iu[en]tio se polluet isto
Nostra, Metele manus cægnū te Cæsarīs ira
Nullus bonus faciet. Buriale Celar de aquel: a
accion: aysi acá ei Gama. I quando esto fuerá j-
cos, lo que diremos en la eit. 35. i en el c. 6. la
14. sirvira de respuesta juntamente a este. El cas-
tigo dado a estos 'c'ajes, por e año recibido,*

es sacado dei, que los compañeros de Ulises dieron al Poisfemo, por averles muerto dos, que todo est i contado por Achemenides, que dexamos en la est. 27. *Et tandem lati sociorum ulcisimur umbras.*

XXXIV.

E sendo ja Velofo em salvamento logo nos recogemos para a armada, vendo a malicia fea, e rudo intento da gente bestial, bruta, e malvada: De que nemhum melhor conhecimento pudemos ter da India desejada, que estarmos inda muyto longe della, e assi torney a dar ao vento a vella.

I Siendo ya Velofo en salvamento, luego nos recogimos a la armada, viédo la fea malicia, i intento rudo, de la bestial, bruta, i malvada gente; de quien no pudimos tener otro al un mejor conocimiento de la deseada India, que estar aun muy lejos della: i assi bolvi'a dar la vela al viento.

G E sendo ja Velofo em salvam. &c. Restituido ya Velofo a la compaňia, i conocida la maldad de los negros, en que no se halló ninguna noticia de lo que se buscava, bolvieron a su navegacion. I es tambien continuar lo imitado de Achemenides con los Cicoplas, En. 3. *Satis effugisse nefandam.* Parece a algunos humilde estílo el destas estanc. desde la 30. hasta la 36. I esto procede de que no acaban de caer en que el Poeta escribió con sumo cuidado, dando a cada acción el estílo igual; i assi siendo esta no grande, sino moderada, fue el estílo a esse respeto llano. Sino vease, como antes de entrar en este suceso venia alto, i como viene mucho mas alto despues de salir del, entrando en la estancia: *Poren ja cinco sois;* &c. inundando la poesía por todas las estancias siguientes, de modo, que va dando por estos cielos, con todo el caudal del ingenio, i de la cultura, como lo pidió la materia grande de la transformacion del Promontorio, con que igualó el estílo, de suerte, que nadie le igualará jamás.

G Malicia fea, e rudo intento da gente bestial, bruta, e malvada. Ponderad bien si pudo la pintura poetica hallar colores de palabras para pintar aquella maldad barbara, más propios que esos, ni tantos. Pienso quiso mejorarse de Virgil. En. 3. que iuita al dexar Eneas semejante mala tierra. — *Scelerata excedere terra Linquere pollutū hospitiū, et dare classib' austros*

XXXV.

Disse entam a Velofo hū cōpanheyro (começandose todos a sonreir)

A Oulà, Velofo amigo, aquelle outeyro he melhor de decer, que de subir. Si he: (responde o ousado auétureyro) mas quando eu para cà vi tantos vir d'aqlles caés, de preſla hū pouco vim por me lēbar que estaveis cà sem miñ.

D Ixo entonces un compañero a Velofo. (comenzando a sonreirse todos) Ola, amigo Velofo, aquella cumbre, es mejor de baxar, que de subir. Si es (responde el osado aventurero) pero quando yo vi venir tantos de aquellos canes àzia acà, vine un poco mas apriſa por acordarme, que estavades acà sin mi.

D Iffe entam, &c. Despues que fueron navegando, se bolvió en plática alegre entre los soldados, el peligro que Velofo avia passado: coméçò uno a motivar la risa, con otra figura Enfasí, diciendole, que el monte por donde avia subido, era más facil de baxar, que de subir. I el respondiendo con galanteria, dice, que es verdad que venia apriſa, pero que era por acuidiles, no por huir de los negros.

C Começandose todos a sonreir. Dizen algunos modernos de los que piensan que está la sustancia del ser Poeta, en liablar siempre peynado (viejo totalmente pueril, i aun furioso) que pudiera el Poeta escuchar aquel sonreir. La poesía es una pintura: la pintura es una poesía: i lo primero q se espera de las, es la natural representacion de lo que toman a su cuenta los pinzeles, escriviendo para los ojos, i plumas, pintando para los diodos: i aquella pintura será mejor que más natural pareciere. No ay cosa más natural, q un sonreir en tal ocasión. I note se la vigilancia con que el Poeta dixo sonreir, i no reir: porque la risa declarada, ni es de hombres de importancia, ni echada sobre hombre de verguença puede dexar de causar desconfiança. Todavia como el suceso, i el dicho alterava los animos alegres de los circunstantes, se sotien, satisfaziendo al impulso de la alegría, i al decoro de las personas. Diximos: que no era de personas q se tiené por politicas, i cuerdas, dar carcajadas de risa. Cõ la Escritura lo diximos. *Fatuus in risu exaltat vocem suam; vir autem sapiens vix tacite ridet.* Ecclesi. cap. 21. I esse tacite ridet, es el sonreir del Poeta, para que veais si estuvo atento a la verdadera doctrina: i es lo porque Virgilio haze no reir, si no sonreir a Jupiter: *Olli subridens,* &c. I de Christo no ay lugar de que conste aver reido alguna vez; llorado si muchas, como ponemos en nuestro discurso de las lagrimas de Amor, parte 1. De suerte, que el Poeta vigilansimamente hizo, que esta risa no fuese abierta, si no modelada, simulada, o tacita como la permite la politica divina a citada. Homero, que es el padro de los Poemas heroycos, describió much as risas;

i Vir

i Virgilio, que es el mejor hijo suyo, otras táticas: i lo que es mas, que muchas son risas patentes, con que parece que en el decoro los vencio mi gran P. Del primero nos acordamos, quando Vulcano (Ilha. I.) con su coxeat, al ir dando de bever a los Dioses, los hizo reir assi: *Inexi ingubilis autem excitatus est risus beatiss.*, &c. I Vlfs. 18. haze perecer de risa mucha, i ilultre gente, de ver como Vlises echò por tierra a Iro. *A proci superbi manus elevantes risu mortui sunt.*

N! Tercerlos introducido delse gran Poeta tienen mas motivo que el de la materia ridicula. Ven gan del segundo otro par de risas: lib. 5. quando en las fiestas maritimas de Eneas cayo Menetes en la agua, i saliendo se puso a echarla del vestido, i del estomago (que no es caso poco parecido al nuestro, i por ventura es invitado) *illum, & la libertem Teucri, & risere natantem:* i la de quando cayo Palinuro al mar. La gran severidad del gran Tasso en su Liber. c. 5. e. 12. De mayor personaje haze sonreir a otros, pues era Eustacio hermano de Gofredo.

*Qui tacque Eustatio, e questi estremi accentu
Non proferi senza arrossirsi in viso,
E i mal celati suoi pensieri ardenti
L' altro ben vide, e mosse ad un sorriso.*

Ver lo dicho sobre esto en el numero 17. del juicio deste Poema. Añado agora, que pues tan grandes Autores, en tan grandes obras no tuvieron por inconveniente referir semejantes acciones de mayores personajes, no veo razó que basse a condenar, que el nuestro lo hiziese, imitandolos, i esto con mas atencion al decoro, como ya apuntamos. Siempre he tenido sospecha, si por ventura el Poeta, siendo su costumbre transplantar algunos sucesos referidos por Iuan de Barros, passò a Veloso, i a sus compaños con el motivo de aquella aventura, lo sucedido en otra que el refiere, Dec. I. cap. 13. que se parece mucho a esto: i es, que relatando la lucha de dos soldados Portugueses con un negro, que los apretó de manera, que del mal trato los vinieron a visitar los compañeros, dice asi: *Eram visitados da gente das outras caravelas, graciejando todos sobre que o negro era melhor lutador, que quantos avia no batel.*

¶ Aquelle outeyro he melhor de decir, que de subir. Cosa cierta es, que no ay monte, o cuesta, que no sea mas facil de baxar, que de subir: i la novedad fuera, ser mejor de subir, que de baxar. Mas sin embargo desto, no es frialdad el dezirlo, como piensan los frios de pensamientos. Si el Veloso fuera subiendo por el monte de ameaçado de algun peligro, o rendido de algun miedo, no ay duda que huiviera corrido al subirla con mas ligereza, que al baxarla, si la baxada fuese sin estos motivos. Pues al contrario milita acá la misma razon: porque baxando el monte, o medroso, o perseguido, claro está que le baxò

A con mayor gana de la con q lo avia subido: i esto es, *melhor de decir, que de subir.* De modo, que aquella action no pendia de la dificultad del monte, sino del deseo de evitar el peligro. I a esto se sigue el motejo de que huia de miedo, que suele dar alas, executado con modestia, diciendo mucho, con parecer que no dezia nada; porque esto parece el decir, que un monte se baxa mejor de lo que se sube. I la respuesta del Veloso no es menos sazonada, echando por otro camino, haciendo un poco de lo desentendido, i llevando a delante por pundonor su natural arrogancia, como si huiviera salido bien della, i llamandolos medrosos i flacos, no con menos artificio: que todo esto suena la respuesta, diciendo: Si es verdad, que el monte se baxa mejor que se sube: pero yo le baxava con tanta priesa, porque me acordé (al ver venir a aquellos barbaros armados contra vosotros) que no estava yo acá: como si dixerá: Que avia de ser de vosotros, si aque llos os hallaran sin hallarme yo aqui? No ay duda que es bonísimo el entretenimiento, i agudo. Añadiéndose a esto, que el Poeta como no echa cuentos, ni palabras al ayre, truxo este para enseñar quanto los hombres deven deponer las arrogancias venas, pues este por esta, no solo se puso en peligro sin necessidad, si no que venia a alcançar con el a los suyos, i aun a su Capitan. I de no evitarse ellas, sucedió la infeliz muerte del grande Don Francisco de Almeyda, en defensa de otro, que devia ser otro Veloso, como veremos en la estanc. 37. del cart. 10. Tambien pudo ser que el Poeta en referir este suceso estuviera con atencion al que se halla en las memorias antiguas: i es, que navegando Aristipo de Cirene, discípulo de Socrates, para Corinto, tuvo tanto miedo en una tormenta, que se bolvio amarillo, i empeçando unos marineros a motejarle de medroso, i más siendo Filosofo, respondió: Yo tuve razon de temer la perdida de la vida de Aristipo; i vosotros teméis poco, que se pierda la de quien es poco diferente de las bestias. Que viene a ser nuestro caso. Hallóse motejado de miedo, i dandole a entender que vale más que todos los pude dexar corridos.

¶ Cacens. En la est. 87. del c. 1. i en la 9. del 7.

XXXVI.

Contou entam que tanto que passaram aquelle monte, os negros de qué fallo, avante mais passar o nam deyjàram, querendo, se nam torna, ali matallo: E tornandose, logo se emboscaram, porque saindo nos para tomallo, nos pudeßen mādar ao Reyno escuro, por nos roubarem mais a seu seguro.

Rr Con

Contó entonces, que luego que passaró aquel monte, los negros de quié hablo, no le dexaron passar más adelante, queriendo matarle allí sino se buelve. I bolviendose, luego se emboscaron, porque saliendo nosotros para tomarle, nos pudiesen embiar al escuro Reyno, para robarnos más a su salvo, más seguramente.

TContou entam, que tanto que, &c. Barros allí, contou que tanto que se apartaram da praya, &c. Contiene la estancia (i es la historia) que los negros luego que se vieron de la otra parte del monte (evitando que Veloso viesse su poblacion, temerosos de peligro, i acautelados) no quisieron que el pasáse adelante: i instando el, le querian matar, o amenazavan con la muerte si no se bolvia desde allí a la marina; i bolviendose, tomaron ellos por otra parte, i vinieron a ponerse en emboscada, para dar sobre los nuestros quando llegassen a la orilla para tomar a Veloso: imaginando que con esto harian alguna presa.

TMandar ao Reyno escuro: en la estancia 112. del canto 2. i en la 117. del 3. i en la 40. del 4. I está esto aquí en lugar de que les querian dar la muerte: i no de que los querian embiar al infierno por medio della; que no es camino que aya de llevar quien fuere a morir por la Fè, i por dilatarla, como ivan nuestros navegantes. I tambien puede estar el Reyno escuro atendiendo a que si perecian allí, era sin ayer conseguido la fama clarissima de aquél hecho a que eran embiados; porque entonces fuera una muerte escurissima. I el olvido es un Reyno amplissimo de tinieblas en que yaze innumerable gente.

XXXVII.

Porem já cinco Soes eram passados que de ali nos partiram, cortando os mares nūca de outrem navegados, prosperamente os ventos assoprando: Quādo húa noyce estādo descuydados na cortadora proa vigiando, húa nuvem que os ares escurece sobre nossas cabeças aparece.

PErò ya eran passados cinco Soles, que de allí aviamos partido cortando los mares nunca navegados de otro, soplando prosperamente los vientos. Quando estando descuydados una noche, velando en la corradora proa, aparece s'dbre nuestras cabeças una nube que escurece los ayres.

TPorem já cinco Soes, &c. Dize la estancia, que avia cinco dias que navegavan desde que salieron de la Angra de Santa Elena, quando una noche les aparecio sobre las cabeças una nube, que escurecio todo el ayre. Es ensayo, i bueno, para la admirable fabula de Adamastor, fabrica-

Ada del Poeta sobre el Cabo de Buenaesperança, a que llegaron los navegantes: i es la figura Retorica, llamada Parasceve; este ensayo: i ensayese los presumidos para pañarse.

TCinco Soes eram passados. Es comun en los Poetas dezir Soles por dias, i aun por años, i es la figura Metalesis, miembro del tropo Metonomia. Virgil. En. 3.

TTres adeo incertos cerca caligine Soles

Erramus pelago. Su discípulo Florentino en el canto 6. del infierno. Convien che questa caggia infra tre Soli. Persio Satir. 5. Longos memini

BConsumere Soles. Marcial lib. 8. epigram. 14.

— Specularia puros

AAdmittunt Soles, & sine fece diem.

I esto por un solo dia, no por muchos, aunque esté en plurat. B. Tasso. amor. lib. 5. Eglog. 5.

Gia quattro Soli, et quattro Lune il chiaro
Loro an mostrato. Vease la estancia 59. del canto 3. i 24. deite. Juan de Barros Dec. c. lib. 4. pone menos dos días que nuestro Poeta desde la Angra al Cabo, a que llegaron en 20. de Noviembre.

TOs mares nunca de outrem navegados. Verso de las estanc. 1. i 27. del cant. 1. 25. i 30. del 7. i 41. deite. Entiendese aqui no navegados de otra gente que la Portuguesa, porque della ya estavan navegados hasta la Isleta de la Cruz, que es más allá del Cabo, como ya diximos.

TQuando húa noute estando descuydados vi-giando. Parece que se encuentra, porque si velavan no estavan descuydados; i al contrario. Esto es, que no estavan descuydados de lo que tocava a la navegacion, i obligaciones della, sino de tal novedad como la q̄ sobrevino, quiere decir: insperadamente sucedió lo que se sigue.

DHúa nuvem que os ares escurece sobre, &c. Quando Vasco de Gama passó el Cabo de Buenaesperança, estaba el mar sereno: però quando le passó el P. o no lo estaba, o lo finge con la licencia que para esto tiene: i assí en la Eleg. 1. de sus Rimas, adonde describe su viaje, dice:

Eis a noyte com nuvens se escurece

Do ar subitamente, &c. De que nos persuadimos que el Poeta escribe su viaje en la boca del Gama, como ya apuntamos en la estanc. 18. sobre el Santelmo, que parece vió el Poeta sin saber que el Gama le hubiese visto. I de qualquier modo viene la fiction oportunamente. Estudioso, vivo, docto, i grande cuidado es el fingir, que el aparecimiento de Adamastor fue de noche,

Epara hazerle mas posible a los ojos, dudosos en la sombra della, i más estupendo: i no solo de noche, sino có nube repentina, que la escurecia más: si bien yo entiendo por la nube, lo que luego veremos sobre el verso siguiente.

THúa nuvem que os ares escur. &c. Estilo como el otro con q̄ dixo la aparicion de otra nube en las est. 37. i 70. del c. 6. Imitó a Virgil. En. 2.

Ver-

*• Veritutur interea cœlum, & ruit Oceano nox,
Involvens umbra magna, terramq; polumq;*

I juntamente al Beniveni, Eglog. 3.
Subito d' alta nube un denso velo.

L' aria coparse, &c. Yo entiendo que mi P. llama aqui nube a la sombra que hazia aquel grā Gigante, o Promontorio; la qual se extendia sobre las naves que se hallavan a sus faldas; i semejantes sombras, i mas de noche, i sobre el agua, suelen causar algun horror, trayendo a la fantasía memorias de fantasmas, de que en historias, o cuentos se refieren apariciones, i en particular si esas sombras parecen de forma humana, qual aqui se finge aquel Promontorio, i qual se suele figurar de noche la de los altos peñascos.

*¶ Sobre nossas cabeças aparece. Eneas lib. 3.
Tum mihi cœruleus sifp[er]a caput affitit imber
Noctem. byenemq; ferens, & inhorruit unda te-
nebris.*

XXXVIII.

Tam temerosa vinha, e carregada,
que pôs nos coraçōes hū grande medo;
bramindo o negro mar de lōge brada
como se desse em vāo nalgū rochedo.
O potestade, disse, sublimada!
Que ameaço divino, ou que segredo,
este clima, e este mar nos apresenta,
que mor couça parece que tormenta?

V Enia tan cargada, i temerosa, que puso un grande miedo en los coraçones. Desde lejos suena bramando el negro mar, como si en vano diesse en algunos escollos. O potestad sublime! (dixi yo) qual divina amenaça, o qual se creto nos presenta este clima, i este mar, que parece cosa mayor que tormenta?

¶ Tam temerosa vinha, e carregad. &c. Aquella sombra, o nube se mostrava tan señuda, i pavrosa, que los coraçones fueron assaltados del horror: i añidialo el oírse bramar las olas desde lejos, como si furiosamente se estuvieran rompiendo, i entrando por las cavernas de algunas montañas. El Capitan se admira, i con los ojos puestos en el cielo prorrumpie en razones de admiracion. I si aquello que se ofrecio a los ojos hazia erizar el pelo, esso hazen los primeros quattro versos al leerse, con la descripcion valerosa que hazen de las causas del horror. Finalmente desde aqui empieza el Poeta a referir la tránsformacion de Adamastor (que finge aver sido uno de los Gigantes, que por el mar pelearon contra Iupiter, i los otros D:oses) en aquel Promontorio, o Cabo de Buenaesperança: i lo haze de manera, que no dexa lugar a ninguna cōfiança, para aspirar a decir, i hazer otro tanto; pues a fin por sola esta Metamorfosis, diera Ovidio todis las suyas. Perdone Dante, perdone

Tomo 2.

A Ariosto, i perdone el propio Torquato Tasso, i aun el propio Homero, i el propio Virgilio, que en todos ellos no ay cosa que pueda venir a comparacion con esto.

¶ Que pôs nos coraçōes hum grande medo. Este verso, i los dos siguientes, leidos con atenció, son bastantes a hazer, que la sangre acuda al coraçón, para restituirle del yelo produzido del horror que ellos pintan.

¶ Bramindo o negro mar, &c. Ovidio.

Insomn[us], veniensque immenso bellus ponte

B Eminet, &c. Así acá apareciendo este monstruo sobre el mar, el mar resuena.

¶ Longe brada. Assi en la estancia 19. del căto 6. i allá se vea un lugar de Virgilio, que tambien anduvo por aqui: i tambien Georg. 1. Aut resonantia longe littora miseri, &c. Parece que mejor Eneid. 3.

*Et gemitum ingentem pelagi, pulsataq; saxo
Audimus longe, fractasque ad littora voces.*

¶ O potestade, &c. Exclama Vasco al ver, i oír aquella sombra, i aquel estruendo, todo extraño: i luego con la otra figura interrogatoria solicita el entendimiento de aquella novedad estupenda, juzgando a por cosa aū mayor q' qualquier grā tormenta, porq' la sombra, i el sonido hazian mayor representacion a la vista, i a los ojdos, de la que suelen hazer en las tempestades las nubes, entoldado el ayre, las olas, i los viéros cō los bramidos, i silvos más entonados, i en la fuerça desta confusión le aparece el monstruoso Iayan, q'era la causa dessa sombra con su altissima estatura, i desse ruido con la passion colérica de verse descubierito i reconocido ya segunda vez de la osadia Portuguesa. No pudo alfin el ingenio dar más de si en la descripción de un ensayo horrido al aparecer un horrido portento: con grā ventaja mayore que Lucano, quando haze aparecer a Cesar la figura de Roma: però a todos ha deixado atras nuestro Poeta en esta ocasión, como en muchas.

¶ Clima. Es clima tanto espacio de tierra por la esfera, quanto basta a variar el dia, haziendole más o menos largo.

¶ Mor. Puede, i no puede ser sincopa, o sineresis, especie del metaplasmos, de q' diximos est. 3.8. del 3. Porq' en Portugues mor, por mayor es frequente: i en algunas cosas nos condenarian, si dixessemos mayor: como en Mordomo mor, q' en rigor parece se ha de decir Mayordomo mayor. Ver desto en la est. 3.4. i la admiracion de la inspeçada tempestad contenida en los quattro versos, se parece a la de Turno, En. 9.

— *Quis te mibi nubibus actum
Detulit in terras? Unde bac tam clara repente
Tempestas? Vease allá, que visto todo es mejor.*

XXXIX.

Nam acabava, quando húa figura
se nos mostra no ar, robusta, e válida;

Rt 2

De

d: disforme, e grandissima estatura, o o lo carregado, a barba esquálida: Os olhos encevados, e a postura (da; n edonha, e mà, e a cor terrena, e pàlicheos de terra, e crespos os cabellos, a boca negra, os dentes amarellos.

NO acabava, quando se nos muestra en el ayre una robusta i valida figura, de estatura grandissima, i disforme: cargado el rostro, esquálida la barba. Encovados los ojos: i la postura horrida i mala: i la color terrena, i palida: los cabellos llenos de tierra, i crespos: negra la boca, amarillos los dientes.

¶ *Nam acabava, quando, &c.* Apenas avia el Gama articulado las palabras de la exclamación antecedente, quando se le apresentó a los ojos una figura grande en cuerpo, fea en miembros, i horrenda en colores. La elección que el Poeta hizo de las palabras, i la colocacion dellas, para pintar una deformidad monstruosa, son de manera, que hazen cerrar las alas al pensamiento para que no intente explicarlas, para que no consiga el desluzirlas: i assi yo las explico con el silencio, i con la admiracion antes quis con la pluma.

¶ *Húa figura se nos mostrano ar, robus. &c.* Todo esto salió del 9. de la Vlissea, pintado a Polifemo, i del fin del 2. de la Eneid. quâdo despues de Eneas errar de noche por Troya, llamado por Creusa, ella le apareció en sombra estupenda.

*Ausus quin etiam voces iactare per umbram
Implevi clamore vias, mœstusq; Creusam, &c.
Infelix simulacrum, atq; ipsius umbra Creusa
Visa mihi ante oculos, & nota maior imago.*

Ovid. tambien anda por aquí. Met. ult. al describir semejante vision, i sirve este lugar para la est. passada, i las dos siguientes.

*Cū mare surrexit, cumulusque immanis aquarū,
In montis speciem curvati, & crescere visus,
Et dare migitus summoq; cacumine findi
Corda pavent comitū, mibi mens interrita māst.
Tambien Lucano, quando lib. 1. introduce de noche, apareciendo a Cesar la imagen de Roma.*

Ingens visa duci patriæ trepidantis imago

Clara per obscurā vultu mœstissima nocte, &c.
Tambien imitó a Ariosto en la aparición del Orco; acudá los curiosos a cōferirlas, si gustan, q no se puede copiar todo: i aū no es poco el apútarlo.

¶ *Figura.* Reparad en el genero de consonantes q eligió el P. para describir un monstruo grande de cuerpo, i cargado de semblante; pues son dos, una q parece se va espaciado, como válida: otra q parece infunde malácolia; como ura: por q la ur, es triste diccion, que no en vano cupo en fuerte al nôbre de Saturno, patrón de los tristes: i a la expresión de voces tristes en los Poetas el verbo ulular. Tambien en el oficio que la Iglesia canta el Viernes Santo del entierro de Christo,

A aquel Eù. No menos la a aqui usada es sonante, i se dilata: dexo para adelante el ser esdruxula la voz en que está usada, que no es con menor misterio, pudiendo parecer a algunos, que no se deviera usar della en tal Poema.

¶ *De disforme, e grādissima estatura?* Assi Homeno alli, de Polifemo. *Prodigio sa statura:* i por dicha que con la sacra Pagina en el cap. 3. de Baruc. *Gigantes, &c. Statura magna.*

B ¶ *O rostro carregado.* Haze esto armonia co lo que dixo de la nube en la est. anteced. q venia cargada: i ayuda mi pensamiento de q era la sombra del Gigante. Cargado el rosto en dos maneras; una por el semblante no placido, otra por tenerle un poco inclinado sobre el pecho, que es señal tambien de la tristeza expressada con las letras, q de propósito están usadas muchas veces en esta est. como ya diximos.

C ¶ *Barba esqualida.* Virgil En. 2. *Squalentem barbam.* I en el 6. de la de Acheronte: *Terribilē squalore, &c.* Sanz. Egl. 3. de su Arcad. *Con chiome hirsute, e con la barba scalida.* El Varchi Egl. 1. *Con la barba, e col crin, scalida, et irto.* I es providencia digna de mi P. pintar el qualida esta barba; porque la que siendo grande es suiza (esso vale esqualida) ayuda al horror que pretende mostrar en este Gigante; conformiandola con el pelo de la cabeza, que tambien luego pintará lleno de tierra. Mas desto en el c. 4. est. 71. I para toda la persona Ariosto cát. 3. describiendo a Brunel.

— *Ha il capo risciuto*

*Le chiome ha nere, et balla pelle fosca,
Palido il viso, altre il dover barbuto:
Gli occhi gonfiati, e guardatura losca,
Schiazzato il naso, e ne le ciglia hirsuto.*

D I mucho desto por Orlando en el cát. 19. No ay duda que Ariosto en essa pintura está excelente, i q nuestro P. le vió mas si le excede con grā diferencia, juzguelo quien entienda esse pinzel Portugues, en essas ocho lineas: i finalmente yo coniento en que lo juzgue la misma paſſion.

¶ *Os olhos encevados.* Al contrario de Ariosto aí, q pinta los ojos de B: unel saltado fuera de sus engastes: porque era mas propio acá para el horror, que pretende exprimir, pintarlos retirados a las concavidades de la cabeza, o en el centro de sus propias cuencas, de donde hazen una representacion tristissima, que es lo que el P. pretende: i por esto declara en la est. 49. q essos ojos eran negros. I tambien como este monstruo está imaginado en una montaña, que se compone de fracturas i cōcavidades, bié el P. encaxa en dos dellas aquellos ojos, porque dellos en todo animal, essos son sus naturales sitiios.

¶ *A postura medonha, e ma.* El talle malo, i q metía gran miedo (esso es medoño,) no solo por la desmesurada grandeza, sino por la informe, i desayrada union de los miembros.

¶ *A cor terrena e palida.* El color era de tie-

rra, como compuesto della: i palido, que tambié es propio de las tierras abrasadas del Sol, como esta: con la calidad de que es el palido color propio para hacer horrible la pintura de un fiero animal. Por esto la gastan ordinariamente los pintores al pintar demonios, sierpes, i otras fieras, i aun cuerpos humanos disformes. Orac. Sat. 8. lib. 1. pintando unas brujas. *Pallor utrasque fererat horrendas aspectu.* I dese color pinto Virgilio los ojos de Acheronte. Sanaz. alli *Fronte pallidi.* &c.

¶ *Cheos de terra, e crespos os cabelos.* Otra B imágen de horror son los cabellos erizados, o rebuecos sin orden, i no limpios. Virgil. alli: *Et co cretos sanguine crines:* Aeà eran llenos de tierra, como de hija, i habitador della: en la est. 71. del c. 4. fueron los de aquellos viejos, i en la 17. del c. 6. serán los de Triton llenos de agua: tratando a cada uno con su elemento cuidadosamente.

¶ *A boca negra, e os dentes amarellos.* Fue subiendo de punto la pintura. esto les faltava para ponerle el sello. No ay cosa mas fea q labios negros, esto es allí boca: i luego abiertos, mostrando unos dientes amarillos. Verdaderamente es singularissima la valentia destos pinzeles. No os parece que mete miedo, como pudiera vivo el propio Gigante pintado? Miedo mete sin duda la imagé, a lo menos para ser imitada. Agora venga vuestro grá Tasso, q pintando a Plutó, parece aver corrido la palestra con nuestro grá Pintor. Veamoslo en su Liber. c. 4. est. 7.

Horrida maestà nel fiero aspetto

Terrore accresce, e più superbo il rende;
Rosseggiangli occhi, e di veneno infetto
Come infasta cometa il guardo splende;
Gli involve il mento, e sullo irsuto petto
Hispida: e folta la gran barba scende;
E in guisa di voragine profonda

Se apre la boca d' atro sangue immonda.

Ello es grádissimo: però lo de nuestro P. es otro tanto, i quedase con las dos calidades de ser primero, i imitado, i cópitido, mas no superado de tā grá mano. Dexo a parte, q el Tasso r. describe aqui con particularidad, mas de el semblante, los ojos, barba, i beca; dilatado por mas veis los la pintura: i el Camoës en solos estos describe esto, i los cabellos, i los diétes, i el talle, i el color, i toda la maquina de su estatura, que yo sospecho ser mas de mediana vētaja. Vealo bié los juezes, i diganme su parecer. Para io posterior dexamos el aver nuestro P. usado en esta est. tres cōsonantes esdruxulos, q aunque hallan algunos critieos no convenit a poesia heroycā, fue industria, i no descuido; i tégoja yo por digna de aplauso en esta ocasión: porq como las voces esdruxulas son por la mayor parte de g: á sonido, i (digamoslo assi) agigantadas, pintado el P. un Gigante horrido, arre fue usar dellas: i se vè que fue arte, porq en este Poema las usó, otras dos veces en las estác. ¶ 4. i 106. del c. 10. i ambas a dos en ocasió q las

A pedia, como allá veremos. Bien veo que el gran Tasso compitiendo aí con mi P. parece huyó de poner los esdruxulos en consonancia; pero puso los, conociendo la propiedad que tienen para estas pinturas horridas: pues dixo horrida, hispida, i voragine: i piejumo q inuestio P. no quedó inferior en ponerlas a lo ultimo, poi que allí suená más, i se hazé mayores, i se echan más de ver; que todo tiene correspondencia cō la grandeza del Gigante. Acuerdome q el Marino en su Adonis en no se quantas estancias cōtinuadas, usó no solamente los consonantes esdruxulos, sino todas las palabras, por parecer lo pedia la ocasión. I haziendo un adversatio suyo un libro de yerros de aquel Poema, i llegando a aquellas estancias las alaba, reconociendo, que en tal ocasión fuo ingenioso artificio. Veanse otros exemplos en ellos lugares citados del cant. 10. i lo que irá al fin de la estanc. 85. del cant. 9. Lo dicho es quanto a lo superficial desta figura, que tan encimiga se muestra a nuestra navegacion, i assi continuaremos hasta la estancia 50. adonde haremos parte la notable alegoria, i misterio con que el P. la introduce. Vayame a ciò allá el deseo de saber grandes secretos.

XL.

Tam grande era de membros, q bē possa certificarte, que este era o segundo,
de Rodes estranhissimo Colosso,
q hum dos sete milagres foy do mundo:
C hū tō de voz nos fala horrēdo, e gro que pareceo fair do mar profundo; (so arrepiamse as carnes, e o cabello,
D a mi, e a todos so de ouvillo, e vello.

D E miembros era tan grande, que bien puedo certificarte, que era este el segundo estranísimo Colosso de Rodes, que fue uno de los siete milagros del mundo. Hablanos con un horrendo i grueso tono de voz, que pareció salir del profundo mar. Eriçanse las carnes, i el cabello, a mi, i a todos, solamente de ciñlo, i verld.

¶ *Tam grande era de memb.* &c. Dize, que la estatura del Gigante sería, como la del memoriao Colosso de Rodes: i que empezando a hablar, parecía que con repentina alteración de vientos resonava el mar desde su centro. I añadida voz tan espantosa a tan espantoso cuerpo, i engendrado el un pavor, que te sintió entrar por los oídos, i por los ojos.

¶ *Que este era o segundo* &c. El P. como apuntamos en algunos lugares, aborreció siempre las fabulas, por los hiperboles de mefurdos; i huyó tanto dellos, como se verá agora (digo de aquellas fabulas, q el mismo acusa en la est. 11. del cant. 1.) Describe, pues, una cosa tan grande como aquel Promontorio, i dandole forma humana

mano monstruosa , no solo por miembros , sino por grandeza se contenta con hazerle segundo al Coloso , o semejante: cosa sujeta a medida , como veremos luego; al contrario de Virgilio, que describiendo un Gigante que la tenia, le hace casi sin ella, diciendo que llegava a las estrellas.

— *Ipsa ardaus alta pulsat sydera*

Nec visu facilis. I pareciole esto a mi P. tan sin proporcion, que imitando en esta fabula lujares de aquella, no lo hizo en este; cumpliendo en el ajustadamente con la medida del hiperbole, que es no ser desmedida. Sin embargo desto parece bien a algunos el sospechar q el P. hizo mayor este Gigante, i que en la estapa se vició la lecion, i que ha de dezir el segundo verso assi: *Certificar que a este era segundo.* Pero esto no importa para encontrar nuestra explicació, pues siempre quedará el Gigante con medida rassada. Mejor reparo hallo yo, que es el de que haciendo el P. en la est. passada palido al Gigante, es bonissima la comparacion que haze del con el Colosso , que por ser de bronze era palido, i assi se pinta comunmente: i tambien estuvo el Poeta atento en pintarle con este color, porque con el se significa la ira, el odio, i la cimbidia con que este Gigante aqui se muestra contra los navegantes a que aparece. Pudo tambien ser, que en compararle al Colosso atediese a q solos 50. años permaneció aquella fabrica cō ser tan grande i fuerte, cōforme a Eusebio: i otros tantos poco mas a menos, per minció este Cabo representado en este Gigante sin que los Portugueses deshiziesen su horror passádole, desde que empeçaron a buscarle.

¶ *Hū dos sete milagres foy do mundo.* Milagro es cosa admirada, por ser fuera del natural, i toda procedida del divino poder. Todavia a las q de los hombres fuerón desmedidas, i casi insperadas, se vino a llamar milagros, por encarecerlas, o exagerarlas. Destos hubo en el mundo 7. principales, q fuerón, el Templo de Diana, el Mausoleo, el Colosso, la imagen de Iupiter, la casa de Ciro, los muros de Babilonia, i las Piramides de Egypto. Este Colosso, como consta de Strabon lib. 14. representava al Sol, i era de bronze, i tenia de alto 70. codos. Fue su Autor Charete Lidio. Llamaronse Colosso, o porque su inventor se llamava asi, segun Pomp. o porque segun Suidas, en Griego Colosso, vale debilitar la vista; i esto sucede, quando miramos cosa muy alta, i lo dà a entender Virgil. en ese lugar que ai queda al mirar aquel Gigante: *Nec visu facilis.*

¶ *Com hum tom de voz.* Verso de la est. 23. del c. 1. La voz del Polifemo. Virgil. alli. *Clamorem immensum tollit, quo pōtus & omnes Intremuere unde.* Curvisq; immugit. &c.

¶ *Horreido, e grossó q pareceo fair do mar profundo.* Hasta la misma descripcion dessa voz está atronado los oídos; i el efecto q luego se sigue causando otro semejante al leerse: i todo parece a imitació del versiculo 10. del c. 3. de Habacuc. De-

A dit abyssus vocē suā: altitudo manus suas levavit.

¶ *Arrepiāse as carnes, e o cabello, &c.* Virgil. alli. *Obstupui, steteruntq; comæ, &c.* I en otro. *Arrectāq; horrore comæ.* Ovid. Fast. 1. *Extimus, sensiq; metu riguisse capillos.* O en et 2.

Cum subito motu sepes tremuere sinistra,

Rettulit ille gradus, horruerantq; comæ.

I en Paris a Elena. *Obstupui, gelidisq; comis ere xerat horror.* Lucan. lib. 1. al aparecer la image de Roma a Cesar. — *Tunc percutit horror*

Membra ducis, riguere comæ. &c.

B Dáte inf. c. 2. al ver los demonios. *Gia mi sentia tutti arricciar li peli de la paura.* Todo bevió en la leche de las Muñas, lña-vlt.

Recti autē capilli steterūt in lāquentibz mēbris.

Es natural el ericarle los cabellos en ocasion de miedo. Nuestro P. añadio la carne, no sin mejoría, porq ella entonces padece como ellos, haziéndose aspera, porq la sangre i calor natural se retitá al corazón, enflaquecido por el terror: i de aí procede quedar fria, i dessa frialdad resulta aquel ericamiento, i aspereza. Vese esto claro por el Invierno en todo animal; i tambié en los disuntos.

XL.

E disse: O gente ousada mais q quātas no mundo cometem grādes couças, tu que por guerras cruas, taes e tantas, e por trabalhos vāos nunca repousas: Pois os vedados terminos quebrātas, e navegar meus longos mares ousas, q eu tāto tēpo à q guardo, e tenho (nho nūca arados de estranho, ou proprio le

D I Dixo: O gēte osada más q quātas en el mundo acometierō grādes cosas! Tu q por tā crudas, tales, i tātas guerras, i por vanos trabajos juntas reposas: pues quebrātas los vedados ternunos, i osas navegar mis largos mares, q yo desic tāto tēpo tēgo, i guardo, nūca arados de el! traño o propio leño: *Prosigue la sentēcia en estotra est.*

¶ E disse: O gente ous. &c. Rōpe el Gigante su furor en razones, i palabras con gran estudio, proporcionadas a su estatura, colera, passion, i bravosidad, i vengança: que todo esto està manando desta est. i de las 7. que se siguen, de modo, q no se podia suponer q hablaria de otra manera un Gigante poderoso, airado, i vēgativo; i en medio de su barbaridad, sonoro i elegāte. I sino me creye rē los presumidos, pruevē a mejorar lo q està dicho aqui, i despues hablé cómigo. En esta est. i la siguiente acusa el Iayan la osadia Portuguesa, i en particular por aver llegado a su distrito, i des cubrirle; i amenazala con graves daños por vengança del, i castigo della.

¶ E disse assi. Virgil. alli. *Tum sic affari.* Habla alli à Creusa a Eneas, estrañandole la accion de buscarla, i luego en profecia le vā diciendo

lo que le ha de suceder navegando: todo como a-
cà el Gigante al Gama.

¶ *O gente onfada, &c.* Allí Creusa: *Quid tan-
tum infane iuvat indulgere laboris?* I en el 3. di-
ze Apolo a los mismos Troyanos: *Dardanide
duri, osados por lo que ivan acometiédo de via-
je tan prolixo.*

¶ *Mais que quantas no mundo cometera grá-
des couças: Tu que porguer. &c.* Madrid la indus-
tria del Poeta, haciendo que al mismo tiempo q
el Gigante airado acusa la gente Portuguesa, la
estè alabando de osada, i valerosa sobre todas las
gentes del mundo, en mar, i en tierra, en paz, i en
armas, i en todos exercicios heroyco: porque es-
ta estancia, i la mitad de la siguiente, no es sino
un elogio i instrissimo de los Portugueses.

¶ *Trabalhos vãos.* Trabajos vanos; i el vanos
aqui vale vanagloriosos, o ufanos, como en la es-
tancia 91. del cant. 4. i por esta suerte de tra-
bajos trocaron siempre los hombres la quietud, i
con estremo los Portugueses, desfiechos de colo-
carse en el Templo de la fama heroyca: i de aver
lo coseguido tanto q llegassé a li, se qxa el Gigante

¶ *Pois os vedados terminos qbratas, e na, &c.*
Dà agora las razones porque los Portugueses se
la han de pagar, como suele decirse; i es q violarò
los terminos vedados: y estos aveys de entender
en dos maneras: una que traspassaron el límite
de humanos en hazañas, que es lo que dixo el
Poeta en la estancia 1. del c. 1. *Mais do que pro-
metia a força humana.* Otra, que traspassarò del
elemento de los hombres más que ningunos o-
tros, pues desde el principio del mundo estuvo ve-
dada a todos aquella navegacion, i aun a los mis-
mos Portugueses, por más q imbillieron cò ella
hasta aquel tiépo. I en decir, q serán punidos por
aver delinquido en lo vedado, a'nde al primer
castigo de la primera culpa humana, la qual fue
atreverse a lo vedado.

¶ *Que eu tanto tempo ha que, &c.* En el origi-
nal asi esti: i en las otras ediciones, *Que eu tan-
to tempo ha ja que, &c.* i quien añadio el ja, cre-
yo que no constava sin esto el numero: i engañó-
se, porque no solo consta, sino que industriosame-
te quiso el P. que no se hiziese finaifa entre el
tempo, i el ha: porque asi se compone una longi-
tud en el verso que explica la del tiépo que avia
que el Gigante estaba guardando aquel puesto,
para que nadie passasse por el.

¶ *Nunca arados:* asi en las est. 1. 27. del c.
1. 37. deste, 25. i 30. del 7. Para el arados, Virgi-
lio, o Creusa alii: *Maris aquor arandum.*

¶ *De estranho, eu proprio lenho.* Vize, que no
solo extraños, mas ni aun naturales baxeles (esto
es alii el propio) se atrevieron a navegar por a-
quel mar, i que esto vienen a hazer los Portugue-
ses atrevidos. Propio, se ha de entender en dos
maneras: una porque alii no se usava navegació:
otra porque los Moros que la usavan mas adelá-
te, como veremos en la est. 77. nunca passaron

A desde Mocambique ázia acà. Tagora descubro,
q ie este Gigante representa al demonio: porque
està aqui hablando, como el demonio mismo ha-
blará en la estancia 30. del canto 6. haciendo cul-
pa a los Portugueses de violar los terminos del
mar, i solicitandoles la propia ruina que les pro-
mete aqui. En esto no ay duda: i assi se ajusta
bien lo que diremos en la estanc. 50. provando,
q el demonio aparecio aqui en la figura de Ma-
homa: i esse es el Gigante: i aqui adelante est. 44.
descubriremos otras señas. Advierto, que por
quanto algunos años antes avia Bartolome Diaz
descubierto este Cabo, haze el Poeta provida-
mente, que en esta prosopopea no hable el mismo
Cabo cò el Gama solo, sino cò la gente Portugue-
sa en general; *O gente onfada, &c.* i muestra el P.
q no ignorò esto co hacer q el mismo Cabo diga
en la est. 44. q espera vengarse de quien le descu-
biò, q fue de la manera q allà veremos. Alfin to-
do son cuidados maravillosos.

XLII.

*Pois vens ver os segredos escondidos
da natureza, e do humido elemento,
a nenhum grande humano còcedidos
de nobre, ou de inmortal merecimēto:
Ouve os danos de mi, q apercebidos
estam, a teu sobrejo atrevimento,
por todo o largo mar, e polla terra
q inda hás de sojugar cò dura guerra.*

*P*ves vienes a ver los escòdidos secretos de la
naturaleza, i del humedo elemento, no còcedi-
dos a ningun grande humano de merecimēto no-
ble, o inmortal: Oye los daños, que de mi estan
apercebidos a tu sobrado atrevimiento por todo
el largo mar, i por la tierra toda, que aun con du-
ra guerra has de sojuzgar.

¶ *Pois vens ver, &c.* El Gigante prosigue en
formar culpas a los Portugueses para vègarse de
llos justificadamente: i dice que una dellases, q
fueron a embestir los secretos naturales remo-
tos, no conteniéndo en los terminos de hòbres.
I es a imitacion de Virgil. En. 3. quando Celeno
vaticinando a los Troyanos las miserias futu-
ras, les dà la causa.

*Bellū etiam pro cæde boum stratisq: invēcis,
Laomedontiā bellum ne inferre paratis?
Et patrio insontes Harpyas pellere regno?
Accipite ergo animis, atq: hec mea figite dicta.*
q es lo q se sigue sabe q, &c. i descubre las penas.

¶ *Os segredos escondidos da natureza, &c.* Ve-
se lo que diremos sobre el verso 3. de la est. 49.

¶ *De nobre, ou de inmortal, &c.* Por noble
merecimēto entiende los claros varones por ha-
zañas: i por el inmortal los llamados Heroes por
las razones que veremos en la est. 92. del c. 9. q
por la parte q tienen de Díos, la tienen de in-

mortales: esto segun la fabula. El verso se parece a este de Gaspar Gil Polo en su Diana, lib. 2. *Do no llegi mortal merecimiento.*

Tu ouve os díños de mi, que aperceb. &c. Ya, dice el Gigante, has oido sus culpas; agora oye los castigos que yo tengo reservados para ellas, assi por el mar, como por las tierras que has de dominar: i en las estancias siguientes le dice algunos, como en profecia. Todo à imitacion de Virgilio, que introduxo Cassandra a profetizar a los Troyanos la pena de aver metido el caballo Griego en Troya. La entrada desta platica es cõ la de Anchises a los suyos, interpretando lo que les respondió el Oáculo, lib. 2. *Audite, ó procesores, ait, & spes discite vestras.* I claramente anduvo aqui la otra profecia de Geleno en las Strofades, de infortunio a los Troyanos, por aver muerto en ellas algun ganado de las Harpias, como aí diximos: porque el fin de nuestra fabula es el mismo de aquella. Vease en la est. 60.

Tu que inda as de sojugar com dura guerra. Como esta figura representa al demonio, que se halló presente en el Concilio celeste del c. 1. i allí supo la determinacion divina acerca de los Portugueses en la Asia, habla agora de lo futuro, como quien lo entendió allí; porque el no puede de lo futuro saber nada: i no solamente estas guerras futuras fueron allí descubiertas, sino tambien en el cant. 4. est. 74. en revelacion al Rey Don Manuel: i por esto las podia tambien saber el demonio: i aun habla aqui con las palabras de la propia revelacion. *Cuñtartebemos com tudo dura guerra,* &c.

XLIII..

Sabe que quantas naos, esta viagem que tu fazes, fizerem de atrevidas, inimiga terão esta paragem com ventos, e tormentas desmedidas. E da primeyra armada, que passagem fizer por estas ondas insufridas, eu farey de improviso tal castigo, que seja mòr o dano, que o perigo.

Sabe, ten entendido, que quantas naves hizieren de atrevidas este viaje que tu hazes, tendran enemigo con desmedidas tormentas, i vientos este paraje. I de la primera armada que hiziere passaje por estas insufridas ondas, yo haré tal castigo de improviso, que sea mayor que el peligro el daño.

Tu que quantas naos, &c. Entra el Gigante en el varicinio de los daños futuros, que tiene prevenidos a las naves Portuguesas que por allí pasaren, por castigo de su osadía: aquí habla con generalidad al principio; i despues, i en las estancias siguientes especifica algunos, que sucederán pùctualmente: porque de lo passado son grandes

adivinas los Poetas, o las fantasmas que ellos introducen en sus obras.

Tu inimiga terão esta paragem cõ ventos e tormentos. &c. Es así, que en aquel paraje del Cabo de Buena Esperanza, por la mayor parte ay siempre alteracion; i por esto fue llamado de los Portugueses, *Tormentoso:* i a los principios era el coto de los navegantes.

Esta primeyra armada que, &c. Estos cuatro versos, i los dos primeros de la estancia siguiente, contienen un proprio caso. I es, que despues que el Gama bolvió con la nueva deste descubrimiento, se embió una armada de treze velas poderosas, de que fue Capitan Pedralvarez Cabral, i por aquellos mares le dió tal tormenta, que casi todo se huviera de perder, i perdieronse seis vasos. Aí luego a la entrada de essa otra estancia lo diremos. Llamale primera a esta armada, porque lo fue: que la del Gama no lo era: assi otra vez en la est. 140. del cant. 10. o primera despues de la del Gama: como quisiéredes.

Tu que seja mor o dano que o perigo. Como en los trabajos las amenazas muchas veces son mayores que despues el daño, promete el Gigante por encarecimiento, que siendo las amenazas, i los peligros sin medida han de sobrepujar los daños a todo genero de peligro, i de amenaza: i así ha sucedido muchas veces; porque los Portugueses hizieron mayores perdidas, en vidas acabadas a poder de miserias horrendas, despues de escapados del gran peligro de naufragios en este paraje: para esto traerá luego por exemplo a Manuel de Sousa, que escapó con su muger, i hijos de un espanto: naufragio, para ir a padecer en tierra trabajos mas duros que la muerte hasta morir. Semejantes a estos hubo muchos hasta hoy, i de algunos ay relaciones, adonde solamente leídos son horribles: que serán passados? A este propósito queda algo en la estancia 29. del canto 4.

XLIIII.

Aqui espero tomar, se nã me engano, de qué me descubrio summa vingança; e nam se acabará so nisto o dano de vossa pertinace confiança:

Esta Antes é voissas naos vereis cada anno (se he verdade o q meu juizo alcança) naufragios, perdiçoes de toda sorte, q o menor mal de todos seja a morte.

Aqui espero tomar (si yo no me engaño) summa vengança de quien me descubrió: i no se acabará en esto solo el daño de vuestra confiança pertinace. Antes vereys cada año en vuestras naves (si es verdad lo que alcáça mi juicio) naufragios, i perdiciones de toda suerte, de modo que la muerte sea el menor mal de todos.

Tu Aqui

¶ Aqui espero tomar de quem me descubrio summa vingança. Singularmente se muestra ai- rado contra el primero que le descubriò, i pro- mete vengarse del con estremo, i luego passando la vengança sobre sus imitadores, harà que pas- sen tales miserias, que en medio de llas tengan la muerte por daño ligero de passar. I notese el fun damento con que el Poeta lo dice todo, i la cali- ficada razon que finge aver hallado el Promon- torio, o Giganre para estar colérico, i apasiona do contra los Portugueses, porque ellos le des- cubrieron en tiempo del Rey Don Iuan el Segú do, i el descubridor fue Bartolome Diaz. Vease en la estanc. 62. del canto 4. i a Barros Dec. 1. lib. 3. cap. 4. I aviendo dicho el Giganre, que de quié le descubriò, que fue Bartolome Diaz, avia de tomar estrema vengança, assi lo cumplió; por que despues que vino Vasco de Gama deste des- cubrimiento, luego el año siguiente partió a el Pedralvarez Cabral con treze naves, como a di- xiimos, i lo dice Barros Dec. 1. lib. 5. cap. 1. i uno de los Capitanes dellas era Bartolome Diaz, q̄ avia descubierto este Cabo, entre el qual, i la tie- rra del Brazil, a doze de Mayo se vió en el ayre un prodigioso Cometa por espacio de ocho dias, i a 23. empeçò una tormenta assi furiosa, que su- bitamente sorbiò el mar quattro naves, de una de las cuales era Capitan esse descubridor Bartolo me Diaz. Las otras naves quedaron jugadas de las olas, ya en las nubes, ya en el abismo por esfa- cio de 20. dias; i a 16. de Julio se hallò Pedral- varez lexos con seys velas solamente de las 12. i esas en estado inutil casi: I todo esto con esfro- tro, es la suma vengança que el Gigante prome- tiò tomar; i singularmente de su descubridor, que allí pereciò miserable i horridamente. Todo es de Barros allí, cap. 2.

¶ Pertinace confiança. Porque avia tantos años que los Portugueses porfiavan en este des- cubrimiento, no bastando muchos i gruesos tra- bajos para que desistiesen de la confiança del. Pertinaz se dice ordinariamente; i el P. dice, per- tinace. Paragoges se llama esta figura, usada del P. con mas ajustamiento que otros: que es quâ- do por satisfazer al numero metrico se añade una letra: en la estanc. 74. del cant. 3. martire por martir: en la 38. del cát. 1. atroce por atroz, i semejantes.

¶ (Se he verdade o que meu juizo alcança.) Con esta condicion varicinava Venus a Eneas sus fortunas, lib. 1. *Ni frusta augurium vani docuere parentes.* I este verso, i el si no me engaño del primero, afiançan lo que ya diximos al fin de la estanc. 41. de que este Gigante representa al demonio, i habla aqui a respeto de lo que te- nia determinadò, solicitar en el mar contra nues- tros navegantes, como solicitará desde la estan- cia 27. del cant. 6.

¶ Que o menor mal de todos seja a morte. Di- ze, que quantos trabajos avian de passar por alli

Tomo 2.

los Portugueses en naufragios, la muerte avia de ser el mas suave, i el mas deseado. Vease el lu- gar de Ciceron, que dexamos sobre la est. 29. del c. 4. I sobre el estos que se siguen. Iuan de Mena cop. 18. de su coronacion.

La muerte menos temiendo

Que no la tardanza della.

Beniveni Eglog. 6. — *Con dotto a tale*

Son, che per men dolor la morte chieggio.

Sanaz, en un soneto de sus Rim. part. 2.

Che men dole il morir che aspettar morte.

Ariosto canto 14.

Che la maniera del morir amar.

B *Lor par piu assai che non e morte stessa.*

No ay duda que se ofrecen trabajos de tal cali- dad, que se haze mas facil admitir la muerte, que admitirlos. De aí resultò matarse muchos hom- bres insignes: i esto ejecutaron los Tiranos, ator- mentando la gente, i dilatandole el morir, por- que este al atormentado con exceso insoporta- ble, le viene a ser buena ventura. Algunas nacio- nes negaron la muerte a delinquètes graues, ha- ziendoles algunos tratamientos, que son cada uno peor que muchas muertes: como fue la Re- pública de Atenas. Por ventura que en parte,

C imitando el castigo que Dios diò a Cain, orde- nando que nadie le matasse: porque en el modo de vida que le restava, avia de experimentar otro genero de morir más horrendo. Del Empera- dor Tiberio, por sus cruidades, se elcribe que dava la muerte por favor: en modo que pidien- do uno, a quien tratava cõ algunas, que le ma- tasse, respondiole: *Aun no soy tan amigo tuy o co- mo esto.* Nadie como la gente Portuguesa facò en limpio esta verdad con este viaje; porque en el tienen sucedido naufragios con sucessos tan horrendos, que la pena de uno metida en balan-

D ga con muchas muertes, siempre las hallará li- geras.

XLV.

E do primeyro Illustre, que a ventura com fama alta fizer tocar os ceos, serey eterna, e nova sepultura por juizos incognitos de Deos:

Aqui porà da Turca armada dura os soberbos, e prosperos trofeos; comigo de seus danos o ameaça a destruida Quiloa, com Mombaça.

E Del primer ilustre que la ventura hiziere to- car los cielos con alta fama: seré eterna i nue- va sepultura por juizos incognitos de Dios. Aqui pondrá los soberbios, i prosperos trofeos de la dura Turca armada. Conmigo le amenaça de sus daños la destruida Quiloa, con Mombaça.

E do primeyro ilustre que a vētura, &c. Di- ze que allí ha de venir un varon ilustre a perecer,

i quedar sepultado , i largar los trofeos ganados en la India militar i gloriosamente : i que Mombaca Quilba destruidas por el le estan amenazando, por su vengança, con este promontorio, zdóda se ha de perder miserablemente. Todo esto se entiende de Don Francisco de Almeyda , como veremos en la estanc. 37. del cant. 10. Il llamale primero ilustre , a quien la fortuna aplaudió sobre las nubes , porque el fue el primer Vizrey de la India, adonde por sus hechos alcarçò una grā fama.

T Comfama alta fizer tocar os ceos . Esto dixó por el Rey Don Alonso Enriquez en la estancia 58. del cát. 3. no usando de aquella hermosa industria, con que en la estancia 25. del cant. 4. hizo diferencia del Principe al vassallo : i en la 23. del c. 8. que se pueden ver.

T Nova sepultura . Nueva, porque Don Francisco de Almeyda fue el primero de los nuestros que allí la tuvo , i por ventura de todos los humanos : i nueva por grande , aludiendo a los entierros sumptuosos, que se suelé labrar para los grandes hombres . i ninguno pudo ser de mayor magestad, que aquél Promontorio: de nuevo usaron todos en este sentido. Baste Oracio lib. 2. od 15. Et Deorum Tempa novo decorare saxo . Cō piedra nueva: esto es nunca usada, o vista, rara, peregrina, admirable. Pero el Poeta con esta voz, nuevo, quiso decir solamente lo primero que explicamos: pruevolo con la Escritura sagrada. S. Matth.ca. 27. hablando del sepulcro de Christo, in nō mēnto suo novo: i lo a que se llama aquí sep. ro nuevo, dice San Luc. cap. 23. que nadie se avia enterrado en el: In quo non dum quisquam positus fuerat . Sobre esta muerte , i entierro de Don Francisco , se vea lo que diremos en la est. 37. del canto 10.

T Por juizos incognitos de Deos . Ariosto cát. 34. Qui dal giuditio allissimo di Dio . Se ofrece aquí una duda , i es saber qual Dios era este de q̄ había este Gigante , que conoció muchos Dioses. Deve entenderse, que va procediendo en respecho de la gente cō que habla: i también de que es cierto, que los antiguos aunque tenían muchos Dioses, siempre reconocian uno superior en que confesavan constituir el govierno , i los secretos de las cotas desto en la estanc. 20. del c. 1. También pende la inteligencia desto de la alegoria q̄ e Poeta lleva: i es, que como este Gigante es uno de los hijos de la tierra , segun veremos en la estancia 51. i la representa aquí , i ella es uno de los elementos, ellos todos reconocen a su verdadero Autor, i por la otra cabeza de que representa toda la Africa , también como veremos en la estancia 56.

T Aqui porá, &c. El pondrá, quiere decir deixará, largará, rendirá: al modo que Stacio Silva 3. hablando del río Anio, que al passar por Tiboli pierde el ruido con que viene hasta allí.

Hic tumida rabiem, spumosaq; ponit murmura,

A I tambien elude al termino Latino: Reponere trophea . Vease la est. 65. del cant. 9. En quanto al poner por deponer, o deixar: es la aferisis.

T Da Turca armada dura . Es la que gloriosamente rindió este Heroe, i se vera en la estancia 36. del cant. 10.

T Comigo de seus danos o ameaça a destruida Quilba com Momb. &c. Don Francisco de Almeyda con su hijo Don Lorenco assolu las dos Ciudades desse nombre. Hallaremoslo allí en la est. 26. del cant. 10. Dize agora el Promontorio, o el Gigante , que estas Ciudades se vengan de Don Francisco , amenazandole con la infeliz muerte que vino a tener allí.

XLVI.

Outro tambem virà de hōrada fama , liberal, cavaleyo, e namorado , e comigo trarà a fermola dama

C q̄ amor por gran merce lheretado: Triste vētura , e negro fado os chama neste terreno meu , que duro, e irado, os deyxará de hū cru naufragio vivos para verem trabalhos excessivos.

O Tro Cavallero tambien de honrada fama , liberal, i enamorado vendrà, i crerà consigo la hermosa dama, que amor le tendrá dado por gran merced. Llamarlos una triste ventura, i negro hado en este mi terreno , que duro i airado los deixará vivos de un cruel naufragio para ver despues excessivos trabajos.

D Outro tambem virá, &c. Dize , que tambien vendrá a parar allí un Cavallero, trayendo consigo la dama, que por dadiva grande le dio el amor i que escaparán de un naufragio , no para aliviarse, sino para correr peor fortuna en tierra . Todo esto, i lo que contienen las dos estancias siguientes, es perifrasis de Manuel de Soula , i Doña Leonor de Sà , que aviendo casado por amores en la India , i vieniendo riquíssimos para el Reyno, se perdieron en aquél paraje, i tierra del Natal el año 1552. i sobre passar duríssimos trabajos, vino a morir Doña Leonor en una playa, a poder de hambre, sed, flaqueza, i miserias horribles, i su marido semejantemente, como veremos abaxo. Escribió Geronimo Cortercal un Poema deste suceso, lleno de erudicion, i no faltó de lastima, pero cansado per la mayor parte , a que ayuda algo la dissonancia del verso iuelto: i aunque fuera mejor, siempre valieran más estas tres estancias en que nuestro Poeta lo refiere , alta, dulce, i alegremente.

T De honrada fama . Dicho con gran propriedad, i proporcion , con las calidades, i acciones deste Cavallero, que sirvio muy bien en las ocasiones militares de su tiempo ; no quedandole el Poeta deviendo nada a el, ni el al Poeta, aunque

no era aqui tiempo para más.

¶ Fermosa dama. Se dice que lo era Doña Leonor en estremo: verdad sea, que las mugeres luego que dan en alguno de vida, o la fortuna en ellas con alguno de desgracia, cobran gran opinion de hermosas; i assi las que se mueren por co brarla, pudieran echarse de algun despeñadero abaxo; tendriá deste modo mucho de lo que desean, i el mundo menos de lo que mas le daña: agradescannie el arbitrio el inúdo, i las damas en quanto no hallen otro mejor. No hablo de las qdán en plumas de Poetas, adonde en negocio de bellezas no ay medidas ajustadas, ni pesas fujetas a contrastes.

¶ Que amor por gran merce lhe terà dado. Por que sobre muchos lances que pasiaró en sus amores, i contrariidades de padres, parientes, i pretendentes, vino Manuel a casar con Leonor, i ella i el a hacer una imagé de lo en que párán las mercedes de amor. I esto quiere enseñar el Poeta, como si dixera: ponderad la fortuna que aguarda a aquella hermosura, a aquel amor, a aquella riqueza, i a aquel presumir humano.

¶ Triste ventura, e negro fado os chama neste, &c. La entrada en esta sentencia, i la elecció de las palabras, i colocacion, dellas solamente leidas estan entrusteciendo a la misma tristeza. Se mejanamente entra a lamentarse del suceso de Don Francisco c. 10.est. 37. Vease.

¶ Os dejára de bum cru naufragio vivos, para verem trabalhos excessivos. No los dexo vivos de aquel naufragio la fortuna para perdonarlos, sino para darles otro mayor daño q la muerte: en continuacion de lo prometido al fin de la est. 44. porque naufragando, i saliendo a tierra, i pretendiendo escaparse por ella, vinieron a morir sob e padecer tanto, que les fuera mejor aver perecido en la mar. I tambien el dexarlos vivos, para que se viessen morir más, se parece a lo que vereis al fin de la est. 48. del c. 9.

XLVII.

Veràm morrer cõ fome os filhos caros em tanto amor gerados, e nacidos;
veràm os Cafres asperos, e avaros tirar à linda dama os seus vestidos:
Os cristalinos membros, e perclaros aa calma, ao frio, ao arverá despídos;
despois de ter pisado longamente com os delicados pes a area ardente.

Verán morir con hambre los caros hijos engendrados, i nacidos en tanto amor. Verán los asperos, i avaros Cafres quitar a la linda dama sus vestidos. Los cristalinos, i preclaros miembros verán desnudos al calor, al frio, al aye, despues de tener pisado prolixamente la ardiente arena con los delicados pies.

¶ Veram morrer, &c. Esta estancia no la cōpuso mi Poeta, sino que se juntaron el dolor, la pena, la lastima, la tristeza, el llanto, el sentimieto, el pasmo, la desgracia, i el alma llagada para componerla. Creedme, que estas son las nueve Musas que le dieron ser. Cada dos versos son una imagen lastimosissima de lastimas; i cada imagen es bastante a hazer retirar la alegría más deramada. Ponde: ad el numero, los afectos, i las palabras: leedla agora una i otra vez, i cada vez crecerá la armonia flebil, de manera q os dexe tristes para en quanto vivieredes, si es que entédeis, i sentis. No os digo menos de la que se sigue.

¶ Veram morrer com fome os filhos caros, em tanto amor gerados e nacidos. Puede aver vista más horrenda para padres, que se adoravan uno al otro de puro amor, i que juntos adoravan al mismo amor en cada hijo de los hermosos i tierños que traian agora a los ombros, que verlos morir de la más horrenda muerte que dà la fortuna, que es la hambre? Pues esto significan estos dos versos; especificando, Veràm. Eoss mismos padres verán con sus ojos este tristissimo espectáculo, i repite tres veces el verán: i tres mil está lastimado el entendimiento.

¶ Em tanto amor gerad. &c. Corta el alma el verso: i es la ponderacion del 6. de la est. 125. del c. 3.

¶ Verámos Cafres asperos e avaros, tirar a linda dama os seus vestidos. Pudo aver vista mas lastimosa, que llegarase a aver una dama hermosissima, castissima, que ni de los rayos del Sol fiava el ser vista, o tocada, verse digo, i verla quien tñto hizo por hacerla suya, i la posseia, i amava, desnuda por las manos de unos torpissimos barbaros? Esto, pues, os estan poniendo a los ojos essos dos versos. I ponderad, como a cada motivo de lastima echó industriosamente un incentivo que os llevasse más a ella. Para que os duela mas el ver espirar aquellos niños con hambre (que esto bastava) añade, que fueron engendrados por el mismo amor. Para que os duela mas el ver desnudar una dama de tales respetos (que esto bastava) añade, que era linda mostrando lo mucho que eran barbaros los que la trajeron assi, pues ni a una hermosura regalada (eso vale el linda) a quien suele respetar la misma brutalidad, respetaron ellos. Para que os duela mas el verla desnuda (que esto bastava) añade, que eran sus inébrios obra de la misma perfeccion, en candor, i forma, esto es cristalinos, i perclaros. I finalmente para que os duela infinito el verla andar a pie desnudo por algunas trezentas leguas de arenas, piedras, i malezas (que esto bastava) añade, q eran delicados estos pies. Reconoceys ya el artificio del decir deste hombre? Ya. Pues admiraos, aplaudid, venerad, i no es escrivais.

¶ Os cristalinos membros, e perclaros, aa calma, ao frio, ao ar veram despídos. Pudo aver vista mas penosa, que ver patentes a las inclemencias

cias del tiempo, i al arbitrio de los ojos humanos todas quantas partes suyas Doña Leonor celava aun de si misma, en sus regalos, en sus riquezas, en sus amores, i en sus modestias? Esto dizen essos dos versos, con lo mas que aí queda a lverrido.

G *Aofrio.* Dizen algunos, que adonde estaba este frio, estando ella en aquel ardentissimo clima? Tiene esto dos respuestas: una, que lo pudo el Poeta suponer para lastimar: otra, que tambiē se conoce el frio por aquellas partes. Barros Dec. 1. lib. 4. cap. 3. refiere, que en aquella propia tierra vinieron a hablar al Gama algunos negros vestidos de pieles, de que se infirió que habitavan parte fria. I assi respondemos a essos censores: *Erratis nescientes scripturas, cō la Escritura sacra.*

G *Despois de ter pisado longamente com os delicados pes a area ardēte.* Puede, finalmente, aver vista que mas lastime que esta, de que una dama tierna, regalada, i poderosa de riqueza, se viesse caminar tanto apic desnudo? Esto dizen los versos.

G *Lorgamente.* Traido con gran felicidad; porque está representando la misma voz, la longitud de trecientas leguas andadas en seys meses con seys millones de trabajos, que passò la infeliz Leonor; i más alſin por consonante, que haze parecer que el mismo verso no se acaba. En Castellano se usava tambien esta voz en tiempo de nuestros padres: agora dizen los cultos, que es inulta: i ella es tan excelente, que no hallo yo otra que baste a explicarla. Todos los grandes usaron della, para significar lo grande en este genero. Virgil. En. 1. *Longumque bibebat amore.* B. Tasso Amad. cant. 30. est. 3. *Della bella Oriana il lungo pianto.* Nuestro P. en sus Rim. sonet. 29. *Para tam longo amor, &c.* I ademas de parecer que duran mucho en la pronunciacion estos consonantes, tienen aquella particula, *en*, que haze sonido doloroso: i con essa condicion lo usò ya el Poeta en la est. 128. del cant. 3. por Doña Ines: i ó lo imitò, o lo hallò D. Luis de Gongora, quâdo en la muerte de una Ninfa hizo un Romance con todos los assonantes de, *ente*, Bien le conoceys, a lo menos los que solo en el sois dotos.

XLVIII.

G *E veràm mais os olhos que escapar de tanto mal, de tanta desventura, os doux amantes miseros ficarem na fervida, e implacabil espessura.*

G *Ali, despois que as pedras abrandaré com lagrimas de dor, de magoa pura, abraçados as almas soltaràm da fermosa, e miseri i na prisam.*

A **I** Verán más los ojos que escapaten de tanto mal, i desventura tanta, quedar los dos miserios amantes en la fervida, i implacable espessura. Allí despues que ablandaren las piedras cō lagrimas de dolor, i de pura lastima soltarán, abraçados, las almas de la hermosa i miserrima prisón.

G *E veràm mais os olhos que escaparem, &c.* De los afectos i lastimas descritos en esta estancia, i de los qualites poeticos della, digo lo que dixe de la antecedente al principio. Contiene iā bien otros cuatro motivos de dolor. El primero dezir, que los ojos que escaparen de acabar en aquel viaje, verán aquellas lastimas, i las que se siguen: con que tambien brevemente apúta, que de aquel espetáculo escaparon no se quīras per sonas, que despues refirieron todo el suceso. El segundo es, que desamparados ya de remedio los dos amantes, se vieron morir horrendamente. El tercero, que las propias pesas i montañas se ablandaron con la víspera de tan aspera fortuna. El quarto es, que viéndose en las manos de la muerte, se abraçaron ambos para recibirla, i consentir con el amor de la vida en la ultima miseria.

B **C** *E amantes miseros.* Assi les llama Ovid. eleg. Et miseri est semper amantis opus. Agora mucho más estos en tal estadio, i mucho siempre todos: porque el amor embuelve un gusto en mil disgustos: a uso de tendero, que en mucha estraga os dá enibuelto un grano de açucar. Parece atendió a todo esto el refran Portugues: *Quien casa por amores vive o muere en doiores.*

G *Ficar na fervida, e implacabil espessura.* Es uno de los mas horrendos hados el de nacer para quedar insepulto; i aun morir fuera de la patria. Por esso se acordó el Poeta desto aquí: i por esso lo deseava Dido, vengativa justamente, a Eneas ingrato, lib. 4. Sed cadat ante diem, mediaq; inhumatus arenæ. Vease para esto lo dicho sobre la estanc. 65. del c. 4. i que se dirá sobre las 81. 3. deste. Advierto, que si el Poeta llama espessura feruida a la playa en que Doña Leonor quedó enterrada, el fervida es propio de la arena de q se compone la playa: i mas aun en aquellas tierras abrasadas del Sol: i entonces queda el espessura, siendo atrevimiento feliz, tomádolo de los bosques, o selvas para las arenas, por su multitud: porque essa expressamios de una selva, quando le añadimos, espessura. Però quedando Leonor en un arenal, i Manuel entrando por unos matorrales (que assi fue) sera la espessura propia de ellos, i el fervida passado con el propio feliz atrevimiento, desde los arenales a las selvas: ademis, que con propiedad se llama fervido a todo lo que es de aquellas tierras; i de que no ay duda que entrando una vez la calor en el bosque, es peor que fuera del, i propiedad muy notoria de los de aquellas partes del mundo más calidas. Acuerdome, que caminando en Junio desde Madrid a Barcelona, por huir la calor me entré por un enzinar,

zinar, adonde pensè ahogarme, i el remedio fue salir fuera. Tambien el fervida se toma tal vez, por muchedumbre, de que ay muchos lugares : i asfin este sirve a los dos, porque uno quedo en la espessura, o multitud fervida de un arenal; i otro en la fervida espessura de una selva hotrida. Esto digo yo para los que dudan si está bien la espessura para el arenal, sin acordarse que es no menos que de Virgilio en sus Fuias, *Spissa perfundit arena*, i mi Poeta describe las furias de los tormétoes, levantadas por aquellas asperezas cótra estos amantes: però es más que use Virgil. el epiteto con las sombras, En. 2. *Spissis noctis se cōdidit umbris*.

¶ *Com lagrimas de dor.* Dixome uno sobre esto, acusandolo; que , de que avian de ser las lagrimas, sino de dolor? Tiene dos respuestas : una que de puro dolor prorrumpieron en lagrimas: cosa licita i corriente : otra , que si huviere otro ignorante para parear con este, sepa que ay lagrimas de contento, como de pena. I desto ay tantos exemplos , que mereciera yo pena de ponerme a traer algunos.

¶ *Abraçados as almas soltaràm da fermeza, e miserrima prisam.* Hazen estos dos versos que se abrace con quien los lee entendiédolos, la propia lastima. Ofrecense algunas dudas : i es que ellos no murieron juntos; i assi no pudo ser abraçados. La respuesta es facil: sea lo primero , que el Poeta como tal lo pudo singir: i lo segundo (y es mejor) abraçaronse por despedida, conociedose alcançados de la muerte , i cada uno la aceptò adonde le cupo. I aun es mejor (i esto creo del alto pensar de mi Poeta) que muriendo primero Doña Leonor, i assistiendola Manuel muriò ella abraçandola el , digo muriò en sus braços, i el viendola muerra alli , quedò muerto en quanto al amor , i desejo de vida, i cosas della : i de alli en el no se apartò más que una imagen de lo que avia sido. Otra duda es , decir el Poeta: *Fermeza e miserrima prisam*, q para Doña Leonor está bien el, *prision fermeza del alma*: mas no para Manuel, que es hombre de quien no es propio epiteto el de hermoso. Digo, pues, que el P. ha dicho bien, por dos razones: una aplicandose el hermosa a Leonor , i el miserrima a ambos a dos, por el estado presente: otra, porque conforme a la Escritura , la obligacion de los verdaderos casados es ser dos en uno (Genes. cap. 2.) i esta aqui añadida por el primero, i grande amor , que los truxo a esse estado , i assi estando por todo Manuel transformado en Leonor con el alma, salieron las dos almas de aquei hermoso cuerpo, i la de Leonor bolò a su esfera celeste , i la de Manuel a la suya terrena de que andava ausente en virtud de amor. I esto apoya lo que ai acabamos de decir al fin de essa duda , i principio dest. ; Vease. Diran algunos, que conforme a esta explicacion, queda empie la impropiedad de llamar hermoso a Manuel, porque si el co-

A forme a esta obligacion del nudo del matrimonio, i a la fuerça del amor estaba trasformado en en ella, ella estaba transformada en el ; i assi faliendo del, quedale tocando el epiteto de hermoso, como a ella. Sutiliza escusada nos parece; però necessita de respuesta : i es facil por otras dos razones: una, que Leonor muriò primero: otra, que aunque essos efectos son comunes, i obligatorios a los dos por esposos , i por amantes, Leonor tenia la ventaja de la hermosura, que está en possession de atraer más las almas. Añadesse, que quando esto no sea bastante para desassir del epiteto de hermoso a Manuel de Sousa , pudo el Poeta atender, nc al rostro en que particularmente consiste la hermosura de una muger, si no a la disposicion elegante del cuerpo, que se dice, o se supone concurria en el. Assi Virgilio llamò hermoso hasta al membrudo , i horrido Hercules, En. 7. *Satus Hercule pulchro.* I con la propia voz de hermoso al pastor Alexis Eglog. 2. *Formosum Alexin.* I en la 10.a Adonis: *Et formosus oves ad flumina pavit Adonis.* Assi en la 3.a Iola : I si por ventura son moços de sospecha(que aunque eran grandes moços, en moços grandes la ay)venga el *formosissimus annus* de la propia Eglog. 3. que es persona sin escrupulo ; i assi el hermosissimo alli vale fertil, abundante, lleno, como en el hombre, bien formado, fuerte, generoso : Venga tambien aquel memorado dicho del Rey D. Enrique de Castilla , que quando se viò sobre el Tajo con el de Portugal D. Fernando, viendole de tan gentil presencia, como el tenía , i en una costosa i galanissima barca, i que la governava un Cavallero lucido , i de buen talle, dixo con admiracion · *Hermoso Rey, hermosa barca, i hermoso Arraez:* De modo, que la buena disposicion viril alli fue llamada hermosura. Dexo lo demás a los eruditos. I tambié la otra erudicion de llamar al cuerpo prisión del alma, aqui; en su Elegia 2. *O fraco espírito desampara a prisam onde se encerra:* I en el canto 10.est. 31.adó de podrá ser que diremos algo. I agora cõcluyamos cõ dar alguna noticia a lo cierto deste lastimoso caso. D. Leonor viendose desnuda, por no dexarse ver, se resolvio en enterrarse viva : porq hizo en la arena un hoyo capaz de caber en el sientada , i luego en el se cubriò con la arena hasta más de medio pecho: i assi estuvo hasta que espírro , i entonces la acabò de enterrar Manuel de Sousa, con dos hijos que tambien se murieron a poder de hambre, como arriba se dixo: i luego de pasmado, i aun desesperado, tomò en los braços otro hijo q estaba medio vivo, i se entrò cõ el por una selva horrida , adonde no podia tardar mucho que no fuese pasto de fieras. Con el vaticinio deste portentoso espectáculo, diò fin el Gigante a los suyos , o por mejor decir le arajo el Gamma, como luego veremos. I yo siempre he reparado en que el Poeta no fingiese tambien, que el Gigante vaticinò la gran miseria que estos

navegantes padecieron adelante, qual se describe en las est. 81. 82. 83. por imitar más a Virgilio en aquel vaticinio de Heleno, que tanto imita aqui: i en particular la muerte de Paulo de Gama en este viaje: mas por ventura que en no haberlo imitado más a Virgilio: porque tambien Ele no vaticinando a Eneas muchos daños, calló el de la muerte de su padre: i de que lo callasse se espanta, en el lib. 3. assi:

*Hic pelagi tot tēpestatib. astus, &c. Amitto An-
chisen, &c.*

*Nec vates Helenus, quā multa horrēdū moneret
Hos mihi prædixit luētus, non dira Cæleno, &c.*

XLIX.

Mais hia por diâte o monstro horrēdo dizendo nossos fados, quando alçado lhe disse eu: Quē es tu? q̄ esse estupēdo corpo, certo me tem maravilhado.

A boca, e os olhos negros retorcēdo, e dando hum espâtos, e grāde brado, me respondeo, cō voz pesada, e amara como quē da pregunta lhe pesara.

IVa más adelante el horrendo monstruo, diziédo nuestros hados, quando alçado le dixe yo:

Quieren eres tu? que cierto me tiene maravillado este estupendo cuerpo. Retorciendo la boca, i los negros ojos, i dando un grande i espantoso grito, me respondió con amarga, i pesada voz como quien le pesó de la pregunta.

¶ Mais hia por diante;, &c. El Iayan, o Promontorio, i va a decir más si Vasco de Gama por no oír tales desventuras no le atajíra, preguntándole quien era. Pregunta que le hizo hazer gestos, i visajes con boca, i ojos de enfadado della, i al fin, aunque amargamente, satisfizo dando razón de si por las estancias siguientes. Este *mais hia por diante*, es a imitación de Virgilio en el lugar citado en effotra estancia, lib. 4. *Et multa volentem dicere,* &c.

¶ O monstro. Pondréme aquia componer una monstruosa nota de monstruos, para que me tengan por monstro de erudicion; Hagalo quien tuviere essa codicia, que yo con actos vivo entos no quiero mostrarme ciente: porque en este lugar basta decir, que monstruo es aquello que en la forma de su genero es desproporcionada, irregular, o sin medida, qual el Poeta pintó este Gigante: i aunque algunas veces dezimos por personas que logrā perfección en algo, que son mōstruos, viene a ser por la misma razon de que exceden la esperanza en esas partes, o virtudes. I este aqui era monstruo en mala forma, i en desproporcion (por sobra, como los ay por n̄ éguas) i en prometer sucessos monstruosos, cō una mōstruosa passion vengativa, como viuimos aí.

¶ Dizendo nossos fados. Vale esto que vatici-

Anava aquel monstruo las fortunas venideras de los Portugueses, particularmēte en aquel paraje. A imitacion de lo propio que hizo Cassandra de los Troyanos en la ocasion de entrar ei cavalllo Griego. *Tunc etiam fatis aperit Cassandra futuris.* I este es un lugar de que clarissimamente se vè, que el Poeta quando dice hado, no entiende otra cosa por el, sino lo que en la mente divina está previsto que ha de suceder, como en realidad no es otra cosa: i lo dexamos en la estancia 28. del 1.

¶ Quando alçado. Accion de animosa osadia, el alçarse el Gama, que vale ponerse barba a bat b (como suele dezirse) a hablar con ese Gigante, i a pedirle cuenta; fingiendo en su Heroe, el Poeta, un coraçon intrepido agora; porque se entiēda, que aquel horror exp̄ressado en la estrancia 40. no fué miedo, i que si lo fué, no entrò en el, como en los otros, aunque allá se haga de modestia compañero dellos en el. I esto se infiere claro de la accion, que restrimos sobre la estrancia 47. del c. 2. adonde temiendo todos, el estuvo intrepido, i con palabras animosas los red mió a todos de aquel temor. Tambien el fingir que se al-

Cq̄ agora el Gama, i no hasta ago' a, es dar a entender, que hizo poca estima del Gigantazo, mientras no le tocó en casos adversos a esta navegacion que vā haciendo: i por esto se levanta, que es indicio de gran cuidado, como de Matte lo vimos en la estancia 36. del canto 1.

¶ Quem es tu? Lo que aí acabamos de dezir. No se desanimó el Gama con la horrenda figura deste Gigante, ni cō sus bravosidades, i pronefas infantras; sino que alçandose, como que arremetia a el, le pide cuenta de quien es, i de los poderes que tiene para executar lo que dice. No hizo el gran Tasso preguntar de otra manera el Soldan en aquella vision de Ismenio en su Liber. canto 10. despues que le hablo, como acá Adamastor al Gama: es en la estancia 6. *E obiseitaz* &c. Assi la respuesta como acá en la estrancia siguiente: *Eusou aqueelle,* &c. Allá en la siguiēte: *Io mi son un,* &c. I continuando veo en la estancia 18. lo que nuestro Poeta dixa en las 41. i 42. que es lo que habla Adamastor al Gama, entrando: *O gente,* &c. i assi buelve a entrar allá: *O chiunque tu siache fuor de ogn' uso,* &c. I lo de nuestro Poeta en la 42. *Pois vens ver os segredos da natura,* &c. El Tasso allí,

Pieghi natura ad opre altere e strane,

E spirando i secreti entro al più chiuso

Spatija tua voglia de le menti humane

Si arrivi col saper, che e d' alto infuso

A le cose remote anco, e lontane;

Deh' dimmi qual riposo, o qual ruina

A i gran moti de l' Asia il ciel destina;

Que en sentencias, en palabras, i en invencion, es lo mismo al pie de la letra, que nuestro Poeta tiene por estas estancias, no discrepando en más que en la diferencia de las dos Asias, menor, i mayor.

mayor. En el canto 17. estanc. 50. interrum-
piendo Tisaferno a Adrasto sus arrogancias, co-
mo el Gama acá al Gigante las suyas.

E chisei tu, l' disse tu, che si gran fasto

Moftri, &c. Rispose l' Indo fero Io mis son uno.
&c. Buelvo a dezir, que esta imitada la inven-
cion, i las palabras copiadas en parte. I apena-
s ay lugar grande en el Tasso en que no se descu-
bra esto mismo, con la condicion que ya dixe o-
tras veces, que o el Tasso le imita, o si concurre
con el a caso, no vino a dezir más que el: i assi se
quedá el con la ventaja del tiempo, que para so-
bre el Tasso no es pequeña victoria, creyendo el,
que venia sobre todos: i creyéndolo oy todos así.

*¶ Que esse estupendo corpo, certo me tem ma-
ravilhado.* Parece que el Gama lisongea al Gi-
gante: como si dixerá: No me pareces tan mal,
como tu misimo quieres parecernos; maravillas-
me; esso si; però no me atierras: hablemos los
dós, que estamos si desiguales en miembros, en co-
raçon iguales. Pues tu me conoces ya, conozca-
te yo a ti; entendamonos. Alfin ello está admirá-
ble, i lleno de artificio sin perder palabra: i verda-
deramente tan agiganadas están estas palabras
del Gama para el Gigante, como el i las suyas pa-
ra el Gama. I esto quiere el Poeta que entenda-
mos de los gestos que finge hizo el Gigante al
responder, que es hallarse tan pavoroso, i admir-
ado de que el Gama se atreviese a examinarle,
como toda la armada, d'el al aparecerle, i oírle.

*¶ A boca, e os olhos negros retorcendo, e dando
bum espantoso, e grande brado.* Leidos solamen-
te estan, haciendo horror, estos gestos, i voz: ella
aturdiendo las orejas, i ellos los ojos: el verbo
retorcendo, se dexó caer allí con gran destreza,
representando la misma voz el rebolver violen-
to de los ojos, i el rechinar de los dientes; i todo
procedido de admiracion, i enfado, por la causa
que ai acabamos de decir. Tambié todo es a imi-
tacion de Virgilio en Proteo aiñado con la pre-
gunta de Aristeo Georg. 4.

Ardentes oculos intorsit lumine glauco

Et graviter frendens sic fatis ora resolvit,

I. juntamente sirve esto ultimo al yeito antece-
dente, dizendo nossos fados, &c. Tambien huele
aqui aquello de Polifemo Eneid. 3. *Dentibus in-
frendens gemitu, &c.* i de Alecto en el 7. *Tum
flammea turquens lumina.* Dante Inf. 6. *Gli di-
ritti occhi torse al hora in biechi:* i adelante cá-
rito 17. *Qui distorse la bocca,* por unos atormenta-
dos al responder a unas preguntas. Sanaz. de
Part. Virg. introduziendo David a profetizar
luego que la Virgen concibio al Hijo de Dios,
lib. 1.

*Diuinamq; animā, & cōsuetu numine plenus,
Intorquens oculos, venientia fata recenset.*

Adtonita subitos concepit mente furores
&c. I sirve esto a lo que en la estanc. 5. del c. 1.
diximos de ser propias estas acciones de Profe-
tas, i Poetas igualmente: vease.

A ¶ *Dando bum espantoso e grande brado.* Vir-
gilio lib. 1. *Ingētem gemitum dat pectore ab imo.*
I en el 2. refiriendo el como Heror muerto, i ho-
rrido respondió a una pregunta de Eneas.

Sed graviter gemitus imo de pectore ducens

Heu, &c. Pero el secreto singular desta invē-
cion de hazer, que el Gigante haga estos penosos
gestos, mira a que en lo dicho hizo oficio de Pro-
feta: i a que todas las veces que los altos Poetas
introduxeron a vaticinar algunos Vates, los pin-
taron con esas acciones, como consta de infinitos
lugares, i de algunos de los que ai truximos,
i singularmente del primero de Virgilio descri-
viendo a Proteo

C ¶ *Com voz pesada e amara, me resp. &c.* Con
gran propiedad llama amarga i pesada a la voz
con que respondió el Gigante; porque es efecto
de la ira quando alguno habla arrebatado della:
como en Seneca. *Flagrāt, & micant oculi, &c.*
Labra quatuntur, dentes comprimuntur: la cau-
sa desta ira en Adamastor, fue incitarle el Gama
a que se acordasse de sus afentas, i pesares que
luego referirá. El verso fue sacado de Ariosto,
cant. 5. est. 41.

E con voce tremante, e boca amara

Rispose, &c.

D ¶ *Como quem da pregunta lhe pesará.* Pesole
al Gigante de aquella pregunta, por esas dos ra-
zones arriba apuntadas: una atrevimiento de
hombres que llegaron allí, i llegados a ver uno q
se puso a hacerle preguntas osadamente: otra, por
que deviendo respuesta, i aviendo de hablar a lo
cierto, avia de contar desgracias i lastimas pade-
cidas del; i ellas tienen esta calidad, de doler tan-
to referidas, como passadas: i por esto con gran
cuidado dixo el Poeta que respondió con voz
pesada, i amarga; porque el afigido al decir sus
aflicciones le pesa la voz, i le amarga la boca: i se
le secan los labios, i se pega la lengua, i alfin to-
do se altera. Mucho pudieramos decir desto, por
que la fortuna nos ha querido por discípulo des-
ta ciencia en cursos de tiranias, i traiciones, que
nerecieron ver yo la punicion dellas.

L.

E Eu sou aquelle occulto, e grāde Cabo,
a quē chamais vos outros Tormentorio,
q nūca a Ptolomeu, Pōponio Estrabo,
Plinio, e quātos passaram fui notorio.
Aqui toda a Africana costa aeabo
nesté meu nunca visto Promontorio
que para o Polo Antartico se estende,
a quem vossa ousadia tanto offende.

V Yo soy aquel occulto i grande Cabo, a quiē vo-
sotros llamais Tormentorio; que nunca fui
notorio a Tolomeo, Pomponio, Estrabon,
Plinio, i quantos passaron. Acabo toda la costa
Afrí-

Africana aqui en este mi Promontorio jamas visto, que se estiende para el Polo Antartico, i a quien offende tanto vuestra osadia.

¶ En son aquelle occulto, &c. Da el Gigante cuenta de si por estas diez estancias; i empieza dà doce a conoçer, i la tierra que habita: i dize, que el es un Cabo, q nunca fue conocido de los mayores Geografos, i que solamente los Portugueses le hallaron, i dieron nombre: i que en el fenece la costa de Africa, con aquella punta con que vin, corriendo àzia el Sur. Ello esta dicho con toda la grandeza que podia dar de si el ingenio, i hablar humano.

¶ Eu sou, &c. Assi entra a dezir de si el Gáges en la estancia 74. del canto 4. Veanse los lugares de los Maestros, i del Tasso que dexamos en essa estancia, sobre la pregunta, *Qué es tu?*

¶ Occulto e grande Cabo: Oculto, porque hasta entonces no fue descubierto: grande, porque es el mayor que se conoce.

¶ A quem chamais vos outros Tormentorio. Como no era conocido no tenia nombre: i los Portugueses le dieron el de Tormentorio, quândo Bartolome Diaz le descubriò, por las grandes tormentas padecidas en aquel mar, que fue tambien ocasion del gran miedo que se derramò del en Portugal, oyendolas relatar. Però el Rey Don Iuan el Segundo que le hizo descubrir, haziendo con Real coraçon, esperanças desses miedos, le llamo despues Cabo de Buenaesperança, por la que su descubrimiento le dava del de la India por aqueilos mares: i assi este nombre le quedò hasta oy.

¶ Que nunca a Ptolomeu, Pomp. &c. Exagera la uiugencia Portuguesa con dezir, que todos los grandes i diligentissimos Geografos no alcäçaron tanto: i essa es la razon porque en ellos no se halla noticia deste Promontorio. Es verdad que Munstero se dexò creer, que Pomponio tuvo para si, que aquel Promontorio, a quella-ma Frons Africa, era ese de Buenaesperança: però Ortelio le quita desse engaño, con creer (i bien, arrimado a nuestro Barros) que esa Frente de Africa es el de Caboverde: i assi lo cierto es lo que dice aqui mi Poeta, que tambien en esta ciencia fue do Sto.

¶ Que para o Polo Antartico se estende: Porque esta tierra viene corriendo derechamente des de el Artico, al Antartico, que es el Sur. Desto en la est. 72. del c. 8.

¶ A quem voſſa ouſadía tanto offende. Buelse a lastimar de que los Portugueses le descubrâ. Agora es tiempo de hazer patente la alegoria desta estupenda fabula que el Poeta vâ texiendo. Ya dixe al fin de la estancia 39. que todo lo que ivamos diciendo, era quanto al sentido exterior; i reservamos para eti a el intento del Poeta en lo misterioso i galante. Por lo que toca a lo primero, digo, que su idea fue hazer lo propio q los grâdes Poetas hicieron como Homeo, Vir-

A gilio, i Ovidio; que si bien hallaron ya inventadas tantas fabulas, de que usaron en sus Poemas con gran felicidad, no contentandose con esto, texieron otras de nuevo cõ maestria superior, queriendo asi igualarse a los celebres inventores de las passadas, i colocar entre ellas las suyas. Conforme a esto, aviendo nuestro Poeta usido de todas las que hallo, con igual dicha que ellos, passò aqui a hacer esta novissima con tanto acierto en lo proporcionado, en lo magestuoso, en lo dispuesto, i en lo texido con la antiguedad, i en todo, que realmente es más que admirable; i se haze digna de mayor aplauso, que todas las antiguas; i corre tan una con la de los Gigantes, que parece no inventada del Poeta, sino descubierta por su diligencia en anteriores monumentos de la propia fabula: i sin duda alguna, esta pone por tierra quanto escrivieron, i inventaron Homeo, Virgilio, i Ovidio, en todo lo que se puede esperar de semejantes ideas. I por lo que toca al misterio, o alegoria, aun es más estupenda; para que se vea que en este gran Poema no introduxo figura alguna vana, o superficialmente, sino que despues de sazonarnos todos los sétidos del cuerpo, i potencias del alma con la invencion, orden, i armonia, se entra por las puertas del pensamiento más vivo, aturdidiendole con lo misterioso, i profundo del pensar. Digo, asfin, que esta horrifica fabrica despues de admirar tanto por todo esto, admira más por lo que representa, i pretende, i por las causas con que lo haze. Este Gigante, pues, no representa aqui otro personaje, que a Mahoma, i a toda su ascendencia hasta Ismael, i descendencias hasta oy, i gentes que le siguen en sus precectos. No parezca que me remonto, porque con el Poeta he de mostrar en parte, que es assi; i en parte con la razon; i razon es, que pues he provado con el mismo tanto numero de cosas, hasta oy no imaginadas de otro, se me reciba alguna, aunque no la prueve con el propio con tanta evidencia como las otras. Vamos assi.

D El P. en la est. 39. descriviendo este Gigante, dice, que se le mostrò colocado en el ayre sobre aquella tierra Africana: i esto tiene estos sentidos para representar a Mahoma: uno, colocado, porque esto significa el nombre de Mahoma, segû Covarruvias en su Tesoro Castellano: otro, en el ayre, porque sus doctrinas, o dogmas estriban en razones aereas, esto es vanas: otro, en el el ayre, porque se dice que su sepulcro en Mecca se sustenta artificiosamente en el ayre: otro, en el ayre, porque Vasco de Gama le dexò en el ayre, i sus miedos que pretendidò ponerle con su apariacion aqui, para no passar adelante, pues passò sua embargo dellos. Dize mas aí, que era una figura robusta, i valida, i la punta fierissima: esto es lo que Dios dixo seria Ismael, i su descendencia por él. Gen. cap. 16. *Hic erit ferus homo; manus eius contra omnes.* Fiero, i de mano valida, como describe el Poeta este Gigante: i Iuan Cuspiniano

ro a Mahoma, diciendo: *Aspectus trux, & vox
terribilis, corpusq; gladiatorio robore metuendii.*
Dize más aí, q̄ era disforme fieramente: esto está en este, *Ferus homo: i en la vida i precetos de Ma-
homa, q̄ todo fue, i es disco me, fierina , i excessivamēte.* Dize que de grandissima estatura: rabié está esto, en este, *Manus eius contra omnes:* porq̄ es ḡ aditsima sin duda la estatura del poder Mahometano. Los quatro versos siguientes le pintā cargado, suizo, hortido, i torpe en todo: i esto es en todo la gente Mahometana (como lo fue su dogmatista) pesadz i torpe a toda buena razó, i mucho mis a la verdad Evangelica, q̄ el Gama vā a plātar agora. Concluye, q̄ tenia los cabellos llenos de tierra, i suziedad: esto es p̄tualmēte Mahoma, q̄ n̄o el tení los cabellos, q̄ es realmente cubierto de terrena inmūdicia el q̄ lo usa. El añadir que eran crespos, no desdice de Mahoma, por q̄ bien lo los tales en el hōbre señal de robustez i osadía, esto concurria mucho en él.

¶ En la est. 40. dize, q̄ el Gigante era grande de miembros: i juto esto a lo de arriba de q̄ era robusto, i terrible, viene a ser todo Mahoma. de quien dizé algunos Aut̄ores algo deseo: i Luis del Marmol, así: *Tenía la cabeza grande, el gesto robusto,
la color encendida, la barba larga, era muy animoso,
despreciador de peligros.* Desdize acá desse color roxo, o encendido, pintarle palido nuestro P. pero es de advertir, q̄ le pinta difunto. Lo más deseo es tambien propio de la gente Mahometana que possee(i poss. i2 mis entonces) grandissimos miembros de todas las partes del mundo a la sazon descubiertas, no solo en toda la Africa, i en las dos Asias, siñor que en Europa posleyeron mucho: i aí en este tiempo acabaró de perder la possession del Reyno de Granada; i en el de Felipe Tercero la de habitarle. Dize más aí, que era segundo este Gigante al Coloso de Rodes: esto es, que era el segundo Lucifer; porque muchos dixerón, que Mahoma era el Antechristo. Dize más, que habló con una voz horrible, que pareció talir de lo profundo del mar: tal describe la voz de Mahoma esse lugar de Cuspiniano: i ella fué tan horrida a toda buena Ley, que bien parece aver salido del profundo infierno, entendido aqui por el mar profundo, como en el c. 6. est. 8. hallaremos al demonio en el profundo del mar: esto es en el infierno (según allí enseñamos) negociando la ruina del Gama, como aquí pretendia este Gigante, o Mahoma negociar el desvio de q̄ passase de allí. Dize más, que las carnes i pelos se erizaron de verle, i oírle: esto es lo que sucede a los Catolicos al ver la torpeza Mauritana, i al oír sus precetos.

¶ En la est. 41. se muestra esse Gigante muy noticioso de las guerras de los Portugueses antecedentes: i estas singularmēte erá en Africa, cuyo es ese Promontorio, i en las cuales tenian tan ofendido a ese Mahoma, i a su gente; i por esto sabe tanto de ellas. Allí mismo llama este Gigante tuyos

A a aquellos mares: i esto es, porque la gente Mauritana fué la primera que los señoreó allá dentro, i andava muy ufana con aquella navegacion que les quitamos. Quedase luego de que ayan violado los Portugueses aquellos destritos vedados: en esto se ve claro, que esta figura es diabolica; porque el diablo de esto mismo se quexa en aquel conciliabulo del canto 6. estancia 30. i pues la figura es diabolica, i se muestra interessada en este quebrantamiento de terminos, no pue de ser otra que Mahoma, interessado en lo que su gente poseía desde allí para adentro. Dize también aí, que es guarda, o portero desta entrada, por donde ha negado el paso a todos los humanos desde largo tiempo: i ello es infalible, que tal oficio no se instituye en vano; i que algo guarda de importancia, i propio quien le instituye, temeroso de que otros no le dexen burlado: esto, pues, al pie de la letra es Mahoma, i su gente, que alla dentro tenía la navegacion, i tierras que celavan de toda otra gente: i se ve claro de lo que luego abajo dizq, que guarda aquellos mares, jamás navegados de extraño, o propio leño: i esto se entiende que no lo eran, ni aun de su propia gente, que si bien estaba en possession de navegarlos allá dentro, no avia excedido de Zofala. àzia acá: i como desde acá azia allá no avia navegado nadie, siñor los Portugueses, dize bien, que ni dellos, ni de los propios Moros avia sido navegado aq̄ mar adonde está ese mismo Promontorio. Yo siempre tuve para mi, que los Moros de industria no passavan desde Zofala, por no venir con su passage a descubrir a otra gente lo que allá dentro logravan: i que deseo se quexa agora aquí esta figura Mahometana; como si dijera, que toda essa industria que puso en recatar se, dexando de navegar por aquí, por no dar noticia de lo que lograva allá, no bastó para que los Portugueses dexassen de hallar este descubrimiento. El gran tiempo que dice ha que sirve de guardar este paso, se ha de entender desde el en que vivia Mahoma ya con alguna possession de estos mares, que hasta quando el aquí hablava, podrían ser novecientos años, porque Capitanes tuyos entraron en la Assia, como luego veremos.

¶ En la estanc. 42. promete este Gigante grandes daños en si a la gente Portuguesa: i ella ningunos tiene recibido mayores que de la Mahometana, así en la India, como en este pareje en que se levanta este Promontorio, que es la contrera de la propia Africa.

E ¶ En la est. 43. le dize, que quantas naves por allí passaren tendran aquel paso por enemigo: esto es puntualmente la misma singular enemistad contra ellas.

¶ En la 44. se haze Profeta con el sexto verso; i en las siguiétes dize a'gunos daños nuestros como en profecia: i ese es titulo particular de Mahoma entre su gente, i el era Mago, o adivino; arte que le ayudó mucho en sus embustes.

¶ En la 45. se haze muy reconocedor de Dios: i es propio de los Moros, aunq; erradamēte; i sus Reyes se intitulā en nistros de Dios, como se puede ver en muchas cartas suyas: i Mahoma assi se llamo vñ, fingiendose embiado a interpretar su ley. A mas dize q murirā en aquel paraje desventuradamente D. Fráncisco de Almeyda, en vengança de a ver destruido los Moros i Turcos en Dio, Mambaca, i Quiloa: i esto es passion de natural, i cabeza de ellos, qual es Mahoma; porq nadie acude a tomar vengança de los daños agenos: i siendo ellos propios de Mahoma, i mostrándose el Gigante vengador de ellos, necessariamente se representa Mahoma en el, i en su misma tierra, qual es la de este Promontorio. Notable reparo.

¶ En la est. 49, le llama monstruo el Gama a este Gigante. Esto conviene mucho a Mahoma, assi por lo dicho arrib:, de q tocava en monstruosidad lo grande de su cabeza, como porq instituyó una seta monstruosísima, tanto por su deformidad, como por costar de creencias contrarias, como tomada de Legisladores diferentes; i por esto mismo le llamā monstruo todos los Autores Catolicos. Dize mas alli, q hizo visajes i gestos el Gigante, i mostró gran pesar de q Vasco de Gama le hiziesse preguntas, obligandole a q le diese razō de si, i de lo q dezia: Qāto a lo primero de hacer gestos, i espantar cō e l's, esto es puntualmente lo q sucedia a Mahoma, quando le dava la gota coral, q era con freqüencia, haciendo tales visajes, q temiendo los su muger, i otras personas, las aplacava cō la ficciō de q via al Angel Gabriel: I quanto a lo segundo de pesarle al Gigante de ser preguntado, esto es tā propio de Mahoma, q uno de sus principales preceptos, fue: q nadie pidiese razón de los, ni los argumētasse; i que se defendiesen por las armas a quien los preguntasse, o contra viniesse: porq al que obra dañadamēte, no ay cosa q más le desafine, q pedirle razō de lo q haze, conociédo q a dos pasos será convencido en quanto haze, o propone. Dize mas alli, q el Gigante al responder rebolvió los ojos, i torció la boca, q es rechinar cō los dientes: i todo esto son señales de condenado al infierno (qual lo es Mahoma) como lo vimos en las noras a aquél verso, i singularmente en los lugares de Dáte: i es termino de la Escritura sagrada, diciendo, q en los condenados al infierno, erit fletus, & stridor dentium: i con estas señas queda tābien este Gigante representando a Mahoma, q está en el infierno atormentandose cō estos horribles gestos.

¶ En esta presente estancia dize q estaba oculto: esto tābien es propio de Mahoma, porq en su muerte le ocultaron los suyos, para dar color a lo q el avia dicho en vida, de que subiria al cielo en cuerpo i alma: i aú oy anda en duda adónde está su abominable cadáver. Dize mas, q le llamaró Tormetorio. Verdadamente los hóbres sin pésar en lo q haze, haze a veces cosas, q despues parecé hechas cō misterio. Los Portugueses llamaró Tor-

A mētorio a este Cabo Africano, por la grā tormenta allí padecida: i parece q fue para hacer armonia cō lo q nuestro P. agora avia de fabular sobre el, trayéndole a la representaciō de Mahoma: porq este ministro infernal ha sido, i es el Tormetorio, o tormento para los varones Apostolicos, fatigándolos por oponerse a sus proposiciones hereñas, en cuya fatiga han padecido muchos tanto: mēto de matrimonios, en el espíritu, i en el cuerpo, como es publico. Però assi como el demonio quādo ya atormentava el mundo todo cō su grā mano, fue una de las esperanzas de q Dios no le avia de consentir passar mucho adelante, sin q baxasse al reparo, como avia prometido; assi acá, sin duda misteriosamente, se mudó el nōbre de Tormetorio a este horrible Capitan de las tinieblas en el otró de Buenaesperāça, porq se acercava el reparo de la Asia con el passaje allá, de la verdadera Ley, por medio de nuestra navegaciō. Dize tambié, q jamás encotró cō el la diligēcia de los Principes de la Geografía, a quiē tocava el buscarla, sino los Portugueses, de quiē parecía no esperase esto. Creo q puntualmente alude aqui Mahoma a quātos Principes Christianos, a quien por más poderosos tocava el ir a buscarle, i a su gente q se difundia por aquellos mares, i tierras en su tierra, no se casaró en hazerlo, sino los de Portugal: i es la doctrina total del P. en las primeras estancias del c. 7. cōnyedo en la 14. q mientras todos los otros Principes Catolicos se deguellan a si mismos, pudiédo buscar con sus armas essa barbaridad, solo el Portugues la vā buscado, i la descubre, i la castiga. I tan bien creo, q el nōbrar solos quattro Geografos, alude a quattro Principados, a quiē por el oficio, i titulos de Catolicos i Christianissimos tocava esta diligēcia, q son Italia, Alemania, Frácia, i España; i con essos mismos habla el P. en essas estancias del canto 7. Tambien pudo atender a quattro Provincias a que toca essa obligacion, poniendo por ellas un Geografo de cada una, que son Asia, i Egypto, de dōde fueron Tolomeo, i Strabo: Italia, i España de donde fueron Plinio, i Pomponio. I tambié pudo el P. dar a entender assi, que este Gigante representava a Mahoma, haciéndole decir, que ninguno de essos Geografos le conoció; por quanto ellos fueron mucho antes de Mahoma; i assi no le podian conocer. En la parte ultima de la estancia se declara bien, diciendo, que es Africana aquella tierra, a que llama suya, esse Gigante, i mucho mejor cō decir, q le ofende mucho la osadía Portuguesa: poq a nadie ha ella ofendido tanto, como a Mahoma, i a su gente hasta agora en Europa, i en la propia Africa su vezina, i agora passa a ofenderle en la Asia, adonde solamente con Moros ha tenido guerra.

¶ En la estancia 51. dize el mismo Gigante, que es hijo de la tierra, i de la familia de los Gigantes. Esto puntualmente toca a Mahoma, que derechamente era hijo de la tie-

rra por la baxa calidad de sus padres, i osicio de arriero, q exerçitò en sus principios, i de ladron despues, i a esta suerte de humildad, i a los hijos deila se suele llamar hijos de la tierra. Persio Satira 6. *Progenis terræ, &c.* Todo el lugar en la est. 41. del c. 3. I tâbien es termino de la Escritura sagrada. De la propia suerte hijo de la tierra, porq Mahoma, i su gête en ambicion de tierra, i mas tierra, parecê más sus hijos que ningunos : i Mahoma, i su gête tiené grâ parecer cô los Gigantes en la acciô de levâtarse contra el cielo: porq aviéndo reconocido cô la verdadera Ley celeste, lo violarô, i intentarô, i intétan escalar cô una muv terrena: i finalmête ningû Heresiarcâ fuè tâto côtra Dios (eso es, côtra o q vibra os rayos de Vulcano) como Mahoma, porq se quiso hazer otro Messias; esto es, como otro embiado de Dios por su divina volûtad, i assistido de Angeles; llamândose embiado del, i Profeta; titulos ajustadisimos del propio Christo. Aí mismo dize, que se llamo Adamastor: nôbre que tiene mucho del de Dama, ascendiente de Mahoma, como hijo de Ismael, segun consta del, cap. 25. del Genes. I del de Antemos, que muchos escritores Catolicos dixerou quadraya mucho a Mahoma por algunas razones que apuntan : i del de Adamastor se saca ei proprio de Mahoma, sin la b. Pudo tambien cô ponerlo el P. de adamas, por la consideraciô que veremos luego, explicado los ultimos versos de la est. 56. Bien veo que esto es menudencia: però no he de perdonar agora a ningun: i por ventura q no lo serâ el creer, q el P. formò este nôbre de Adamastor, q segû los Gramaticos, vale indomito, qual fue Mahoma, i es su gente en sus errores, i ambiciô: i tâbien del verbo *adamo*, q vale enamorar, pues el P. le finge luego muy perdido de amores por Tetis: i Mahoma fue primero enamorado de muger agena, aunq despues fuese suya: i tâ enamorado de mugeres, q para hazer licito el tener quâtas amava, lo concedio a todos en su seta. I es de creer, q el P. con este nombre quiso de alguna manera alumbrarnos, para que viessimos a Mahoma en lo recondito desta fabula, pues teniendo en los Poetas anteriores el nôbre de Damastor, dado a uno de los Gigantes, no avia para que alterar en el quando pintava un Gigante, si no quisiera con el pintar a Mahoma en essa parte. Dize mas aí, que de la guerra de los Gigantes le tocó la parte de conquistar el Oceano, siendo Capitan de aquella armada : eso puntualmente toca a los Mahometanos, que fueron Capitanes desta navegacion, i la conquistarô primero, i en virtud della estavan muy poderosos agora en aquellos mares. Confirmanse mucho esta explicacion, con el original antiguo manuscrito, que dize, *conquistando as costas, no as ondas*, como dice el impresso: i realmente las costas del Oceano por aquella parte, es, q Mahoma, i su gente avia conquistado, i posleia en este tiépo. Dize mas aí, que el principal intento della flota que

Tomo 2.

A capitaneava el Gigante, era buscar la armada de Neptuno. Esto puntualmente es Mahoma en su principal accion: porq el embiò Capitanes suyos a aquellos cîmas Orientales, por donde no se discurre bien, sino navegâdo, como hazen los Moros, i hazian entonces: i por la armada de Neptuno que el buscava, se ha de entender la barca de San Pedro, que avia mas de 600. años que navegava con la Iglesia, i Religion Catolica, passando sus ministros los Apostoles, i principalmente S. Tome cô ella de una a otra parte por aquellos mares. Para hazer aqui Nepruno la representacion de S. Pedro, no serâ fuera de camino advertir, que Italia era entonces la mejor parte de la Iglesia: don estupendo que le hizo el gran Constantino, i otros Emperadores; i a lo menos que en esta tierra adonde està essa cabeza de la Iglesia avia, i ay lugares llamados de Neptuno a la lengua del mar: como en Sicilia una fuente, i un monte, oy Fazelo: i aun agora poco disiante de Roma un puerto i Ciudad de Neptuno, con presumpcion de que el fue su fundador: i essa Italia tiene por epiteto en los Poetas, *armentosa*, tomado por ventura de M. Varro, que dixo averse llamado Italia assi de vitulos, q a lo antiguo se llamavâ Italos, i no es esse epiteto menos proprio de Neptuno, a quien todo Poeta singeliere muy armentoso, principalmente de Focas, q son los vitulos maritimos, como se verâ sobre la est. 20. del c. 6. I siédo Neptuno en la Gentilidad el Abogado de los pescadores, fuè i es S. Pedro sucessor suyo con verdad, q es el verdadero Neptuno abogado de los pescadores de gloria en el mar de gracia. Desta manera se parece la tierra de la cabeza de la Iglesia al mar en nombres, i en ganado: i la cabeza a Neptuno, dâdo principio a la navegacion de la Fé por el agua, tambié salada, porque la del Baptismo lleva sal: i el proprio Christo del mar facò a S. Pedro para cabeza de la Iglesia; i en el propio mar tuvo diferentes acciones, i una dellas aquel alto sermon que hizo al pueblo desde la barca. I para un Porta fundar alegorias, no eran menester tantos fundamîtos, como aqui ofrecemos, para que el nuestro quedâ galanamente llamar Neptuno a S. Pedro; i por esto dexaremos de traer aqui el lugar de la Escritura, de *Spiritus Dei ferebatur super aquas*, sobre que pudieramos dezir mucho a este proposito. Estando, pues, claro q el salado, i solidio Neptuno, es S. Pedro, proligamos con su barca que el Gigante buscava para meterla en el fondo, que esse era el intento de Mahoma con la armada, o armadilla de sus embelecos, soplada del viêto de vanidades. Buscó, pues, Mahoma esta barca Apostolica por si mismo, quando por sus Embaxadores (hallâdose vitorioso i cô mano armada) se atrevió a proponer al Catolico Emperador Fracilio (quando acabava de llevar la Cruz de Christo a cuestas por poslerla en cobro) que dexasse la Fé, i siguiesse su seta de nuevo publicada: i por sus

E

Ss 2

minis-

ministros pretendió despues vécer la misina barca de S. Pedro, como se vió quando el gran Turco entró con 600 mil hóbres por Vng. ia, i Austria, cō intēco de cōquistar toda la Christiādad, i viéndose buscado de Carlos V. fué huyedo corri do, i segú la vez bolvió sobre Italia, i tomó algunos lugares de Nápoles cō su armada: i a esta pue de aludir el dezir aquí Mahoma, q era de los Gigates q anduvieron por el mar buscado cō su armada la dese Neptuno sagrado: i rábien de q sus principales assiétos fueró Meca, i Almedina, lugares vecinos al mar, i buscados cō gran cuidado de quié pretéde hazerse dueño del , como pretédieron siépre los Moros. Dexo a parte otras acciones assi navales, como terrestes, cō q essa bárbaridad atédió solamente a anegar la sacrosanta barca de nuestro Apostolico Neptuno, en lo antiguo, i en lo moderno: i cōcluyo la alegoria desta est. cō dezir, q si esse Mahometano Gigante salió tantas veces al passo a essa barca de la Iglesia Católica, q llevava por Piloto a S. Pedro , agora haze lo mismo en salir a nuestra flota , porq ella lo que principalmēre lleva a la Asia, es la Iglesia Católica, guiada de S. Pedro: porq como ya apútē en algunos lugares la instrucció del Rey Don Manuel para esta navegació, cōtenia, q primero q los Capitanes usassen el rigor de las armas, hiziesen los Sacerdotes sus amonestaciones , procurando negociar cō ellas, como causa de la Iglesia: i no dexa de ser considerable, i parecer misterioso, q el Piloto desta flota del Gama se llamasé Pedro (como consta de Damian de Goes en la Crónica deste Rey) i aun de Alenquer, q en Portugues vale, querer ir mas allá: como S. Pedro qui so en passar desde el Ocaso al Oriente: i a este passo desse querer, vino a salir agora Mahoma, como es su costumbre.

¶ En la est. 52.dize el Gigante , q los amores de la alta Esposa de Peleo, le dieron atrevimiento pata esta empresa. Puede esto tener muchas alegorias : i la primera q apuntaremos será muy propia para Mahoma:porq es cierto, q era Esposa agena la primera que el tuvo , i que con la hazienda del a tomó mayor arrevimiento para sus empresas. Ella se enamoró del primero, i el despues della : i la logró primero amorosamente , i despues se desposaron. Otra alegoria puede cōtinuar la que apuntamos, de que la armada que el buscava era la barca de S. Pedro, entendido por Neptuno con los fundamentos ya referidos, dese modo: Tetis es el agua , i el agua del Baptismo es el fundamento de la Ley de Christo , i el mar en que empieza a nadar essa barca con essa Ley que Mahoma pretendió anegar. Entran dos objeciones contra esta alegoria; una es, q no cōviene bié el quererla destruir , con el quererla amar: otra , q si el buscava la armada de Neptuno para destruirla, no podía buscar a Tetis su muger por amiga ; porq si ella no era de algunas mugeres de agora, q amá a quié deshonra a sus maridos

A i pretéde su ruina; no podía acomodarse a los amores de quié le quería desbaratar el poderde su marido. Respódo facilissimamēre a las objeciones que son bonissimas. Digo a la primera, que el amar la Teris, o agua santa del Baptismo del Neptuno S. Pedro, i destruirla, cōviene infinito cō Mahoma : porque el artificio de q el usó para destruir la Ley de Christo, fue fingirse amador de lla ; i por esto dezía que era Profera embiado de Christo para declararla, i ser modeíador, o arbitro della: i así sobre pútos della fue fundando su destrucción , induziendo algo della para apoyo de sus dogmas; de que dexa: è varios exépios, trayéndo solamēte el de la agua; porque viédo Mahoma que Christo avia puesto por grada primera de la salvacion el agua del Baptismo , no dexo de usar del agua: però dexó de usar el modo en q Christo māda se use; porq la usó i usa su gēte cō los errados fundamētos, q se pueden ver en la est. 2. del c. 9. I puede ser q de aí tomarán algunos pueblos Indicos, el crer q se salvā muriédo lavados en el Gáges, como vimos en la est. 8.del c. 1. I de los hereges muy propio es solicitar la Escritura sagrada,i a la verdadera Ley,para destruirlas, tortciendo sus clausulas i sentidos. Digo a la segúda objeció, q es verdad ser impropio, q en essa agua, o Tetis pudiesse Mahoma fundar alguna esperanza de arr ores,quádo el prérédia destruir a su Esposo Neptuno, o S. Pedro. Mas por vētura q por esto el P. no haze en esta ocasió que el Gigante diga, q ella era muger de Neptuno , sino de Peleo, queriéndola embarazar la memoria en la pretensiō: i en segúdo lugar no dice que ella le amava a el, sino el a ella: i en tercero, i seguro , que quien ama tāto el error, como lo hizo Mahoma , no le quedá ojos para ver los fundamentos vanos con que aspira a poner en el telar sus infandas imaginaciones: i por esto,dize el mismo Gigante, o Mahoma luego en la est. 54. que es notable la ceguedad de los amantes(entiéndese amantes de sus errores, i intereses , por ser la ceguedad dellos aun mayor que la de la hermosura lasciva) i en lastres siguiétes, que Tetis se quedó burlado,i riédo del en esta prerenisiō. Tábién puede aludir en esto de hallarse cō tāta possessió i esperácas en la Iglesia a aquello de hallarse la Morisma señora de la ciudad de Gerusalen: i que levantandose en ella un Téplo al propio Mahoma, i halládose a la mañana deshecho lo que se avia trabajado el dia antes, i investigada la causa, conocieró que era efecto de una Cruz que estaba enfréte, i no podía sufrir que se lograsse tal obra: i logrose despues que quitaron de allí la Cruz: i a este desden della con Mahoma, puede atéder acá el de la Tetis con este Gigante: i de aqui tuvo principio la singular enemistad q los Moros tienen a la Cruz. De la propia manera puede aludir en esto, de q los amores de la alra esposa de Peleo le incitaró, al exépló q le hizo para sus maldades el Emperador Eraclio, que enamorado de su sobrina, o nieta Martina la hizo

hizo su Esposa, cōtra la voluntad de la Iglesia i no dispelava entonces en esto. Tábién el alta Esposa llama para aquí la alegoría de la Iglesia, i Religió Católica, que en las letras divinas se llama Esposa, como es notorio. Finalmente puede ser alegoría líquida destos amores del agua, q le hizo río tomar esta gráde empresa, el ser cierto q la géte Mora enamorada de aquellas aguas, por el interes de aquella navegacion, no trataba de otra cosa. El dezir que desprecio todas las otras Diosas celestes por ella, es porq todas las virtudes abandonaron por la codicia ejecutada por aquelllos mares; i porq siédo las otras Diosas Palas, Iuno, Venus, Minerva, i Diana, a todas aborrecé en lo puro q realmente significá: i mucho más à la ultima, q siédo Diosa de la Castidad, ellos son los mayores cóarios della, tomándose licencia para usár de quátas mugeres puedé mantener. Finalmente amó tanto la lascivia, q siédo enemigos capitales de los Idolos, instituyeron culto a la Diosa della có una ceremonia de piedras, de q diremos aí adelante; i veneran el Viernes, q es de Venus, todo de ordé de Mahoma, q fue grá lascivo: i esa concordancia haze acá este Gigante có el en estos amores en las agnas, de q es natural la Venus lasciva: i en hóra della usan los Moros, i usó Mahoma el lavatorio llamado Guadoc. La Princesa de las aguas puede entéderse facilmente la agua del Baptismo, pues ella es la principal salud de los que siguen la Ley de Christo. Las hijas de Nereo, con quiebre el Gigante la vió acópñada, vienen a ser púntualmente las virtudes, sin cuyo ejercicio no bas-ta essa agua para la salvació. I q el P. las entiéda por las hijas de Nereo, lo enseñamos claro en la e. 96. del c. 1. i desde la 18. hasta la 22. del 2. La marle desnuda a esa Religió q vió entre estas virtudes, tiene la propiedad q vimos en la est. 35. i otras del c. 2. Dize más aí, q aú despues de burlado i ofendido dessa Tetis, ningú amor tiene a otra cosa, ni orra quiere más. Bonissimamente có-cuerda esto có Mahoma, porq siédo ofendido de su muger Axa, q le cometía adulterio, i estrañandole algunos q el la quisiese mucho, salido aqüi desprecio tā grave có q ella le tratava, i espodió, q aun assi agraviado, a ninguna de sus mugeres qria tanto como a esta: porq se acordava q a sola ella avia hallado virgen. I este suceso de lo matri-mial entre Mahoma i su muger, i acá entre el Gigante i la Tetis, tiene mucha correspondencia có lo espiritual entre Mahoma, i la Religió Católica: porq aviédola el repudiado despues de averla conocido; i ella cásadose del despues de ver su torpeza, el no puede agora dexar de cōfessat los meritos della, acordándose q solamente ella es pura entre todas las Religiones, como Axa lo avia sido entre todas sus mugeres. Tábién esto q dice aquí el Gigante, es púntualmente lo q les sucedió a los Moros, porq siédo tan enamorados dessa Tetis, o mar, como aí diximos, i viéndose burlados della, con ver q ella se enamoró de los Portugue-ses tanto, q alfin se desposa có el Gama, i a sus Niños

A fas có sus cópañeros, como veremos en lo ultimo del c. 9. i principio del 10. i viéndose finalmente enciados de mucha parte de la India có nuestras armas, insisten en los amores della, i de sus mares.

¶ En la est. 53. dice el Gigante, q como por su fealdad era imposible ganar a Tetis, determinó ganarla por armas. Esto alude a lo q aí acabamos de decir con Marmol, q Mahoma tenía deformidad en la cabeca por gráde; i principalmente en las costúbrces, q es lo q no puede unirse có la Religió Católica i lo bruto de su sera, i lo vicioso de su géte; q todo no merecia aqüi bién hermosissimo:

B porq los bienes aunq los posee los malos, tiene Dios determinado, q alfin, alfin los há de poseer los buenos q siguieron su verdadera Ley; como aí sucede; en q los Portugueses amadores della, i de las otras Diosas (esto es de las otras virtudes q Mahoma no amava, por amat el solo vicio) facilissimamente fuerón amados de toda aquella gentilidad, la qual sin querias les entregava sus tierras, i mares; al revés de lo q hizo có los Moros, a cuyas violencias, i astacias le rediá, q no a su justificación, o proceder puro. Aí mismo le estraña la Tetis q pretéda èl, siédo un disforme merecerla. Esto es, porq la Tetis Oriental era Ninfa, o deidad desde q tuvo la Religió Christiana, si bién apagada agora; i assi aviédola navegado primero la barca de S. Pedro (digo ilustradola la Religió católica) i teniendo posesión en ella desde q S. Tomé la iluminó có ella, dize bien, q parece impropio hazerse agora de un bruto qual era el Mauritanio por sus torpezas. Dize más, q viédo su insuficiencia, se resolvio eniar su intento a la fuerza de las armas. Esto púntualmente es Mahoma; q como aí acabamos de advertir, viédo la insuficiencia, i maldad fea de la sera q instituyó para destruir la católica, mādó q no se argumérase, sino q se defendiesse por armas. I el dezir luego, q manifestó esta determinación a Doris, no menos puede aludir a lo q tábién aí diximos, de q Mahoma andando lleno destos deseos de embestir có la Religió Católica, los manifestó por su diligencia impia a la piedad de Eracleo, quādo con él la acabava de llevar acuestas la Cruz de Christo, proponiéndole, que desistiesse destra Fe, q apenas avia acabado de executar. Dize más, q para conseguír su intento comunicó a Doris su pretensiό: i esto es totalmente propio de Mahoma; porq consta de los escritos de su vida, q en particular dio principio a sus cosas có mugeres, i q le siguieron muchas, desde q la suya primera comenzó a comunicar có sus amigas en secreto aqüi grā embeleco q el le metió en cabeca, de q le hablava un Angel, por dissimular la fealdad de los visajes q hacia có el accidente de la gota coral: de manera q el Gigante para corresponder a Mahoma, q empeçó su intento con mugeres, empieza acá el suyo có ellas para destruir el mar: porq es propio de los embusteros para poner en platica sus maldades, buscar a quien sa-be menos. Luego dize, que Doris de puro miedo le habló: i como ella aquí está por la traza,

C D i assi aviédola navegado primero la barca de S. Pedro (digo ilustradola la Religió católica) i teniendo posesión en ella desde q S. Tomé la iluminó có ella, dize bien, q parece impropio hazerse agora de un bruto qual era el Mauritanio por sus torpezas. Dize más, q viédo su insuficiencia, se resolvio eniar su intento a la fuerza de las armas. Esto púntualmente es Mahoma; q como aí acabamos de advertir, viédo la insuficiencia, i maldad fea de la sera q instituyó para destruir la católica, mādó q no se argumérase, sino q se defendiesse por armas. I el dezir luego, q manifestó esta determinación a Doris, no menos puede aludir a lo q tábién aí diximos, de q Mahoma andando lleno destos deseos de embestir có la Religió Católica, los manifestó por su diligencia impia a la piedad de Eracleo, quādo con él la acabava de llevar acuestas la Cruz de Christo, proponiéndole, que desistiesse destra Fe, q apenas avia acabado de executar. Dize más, q para conseguir su intento comunicó a Doris su pretensiό: i esto es totalmente propio de Mahoma; porq consta de los escritos de su vida, q en particular dio principio a sus cosas có mugeres, i q le siguieron muchas, desde q la suya primera comenzó a comunicar có sus amigas en secreto aqüi grā embeleco q el le metió en cabeca, de q le hablava un Angel, por dissimular la fealdad de los visajes q hacia có el accidente de la gota coral: de manera q el Gigante para corresponder a Mahoma, q empeçó su intento con mugeres, empieza acá el suyo có ellas para destruir el mar: porq es propio de los embusteros para poner en platica sus maldades, buscar a quien sa-be menos. Luego dize, que Doris de puro miedo le habló: i como ella aquí está por la traza,

E S. 3 iime

i impiedad atrevida del propio Mahoma , en el modo con q̄ echò mano de la Ley de Christo para pervertir:la, se ha de entender, que desconfiando hasta los propios atrevimientos, impiedad, i traça de atreverse a tanto,el los anim. , i atemoriso para q̄ prosiguiesen:i esto es propio de Mahoma, de quiē dizen muchos Autores de su vida, q̄ todo era lleno de una osadia impavida para todo acometimēto estraño. I a esto pudo atēder el P.diziēdo en la est. 58. q̄ su castigo fue principal mēte por su atrevimēto:por ser orden divina , q̄ cada uno sea cō singularidad punido por aquello en q̄ pecó cō elia. Pudo tābien aludir en acordar se desta accion de miedo q̄ le tuvo la Iglesia,i piedad, a los muchos prodigios q̄ precedieron al nacimiento de Mahoma, siendo uno dellos el temblor de quātas Cruzes avia en un lugar jūro a Cóstantinopla. Finalmēte porque abreviemos cō claridad, el dezir aqui la seta Mahometana , q̄ no pudiēdo por su fealdad vēcer a Tetis, se fió de Doris, vale, q̄ no pudiēdo vēcer a la Religion Católica cō sus razones, se fió al mar; esto es , q̄ se dió a la navegacion por aquellos mares cō las armas para vēcerla por allá:q̄ esto es lo que hicieron los Moros, i haziā quādo los Portugueses entraron en la India,i les atajaron la corriete. Añ más dice que Tetis respondió , cō hermosa i honesta rifa, a se demāda, q̄ no era proporcionado su amor para el suyo. Esto es natural de la Religiō Católica para los Heresiarcas,qual era Mahoma;por q̄ ella no se descōpone con sus propuestas, ni desiste de su hermosura,i modestia , antes con ella procura reduzirlos: i luego no puede cōvenir cō ellos en amores , porq̄ ella es proporcionada en leyes,i eses móstruos de setas, son desproporcionalissimos en ellas , para poderse medir con la Iglesia Christiana. Pudo bié el P. para hazer en esta ocasion semejante a Mahoma este Gigante, acordarse de q̄ Mahoma siédo un hóbron, no tuvo vergüēça de casarse con Axa,siédo tā Ninfa, o niña,q̄ no tenia más de ocho años; edad no bastā te para sustentar aquella bestia.

¶ Dize en la est. 54. q̄ por escusar tāta guerra buscara algū modo con q̄ el consiga algo de lo q̄ pretéde. Este modo parece ser aquel de q̄ aí arribā diximos usó Mahoma , tomādo por fundamento para lá fabrica de sus maldades , algunos trozos de la Ley de Christo , para encādilar cō aqllas porciones de luz los ojos comunes , i llevarlos a la escuridad de sus dogmas. Agora de otra fuer-te:i es q̄ Doris haziēdo oficio de tercera le engañó cō darle esperācas de alcāzar a Tetis. Esto es q̄ si bié Mahoma conocia su deformidad para merecer tāto,como tiene alcāzado de lo q̄ era de la Iglesia,la traça, o astucia de la ambiciō le persua dió q̄ lo avia de conseguir. Cōcluye la est. q̄ se ha lló el Gigante cō esto muy lleno de grādes esperācas:i esto es propio de Mahoma;porq̄ el empeçó cō sus traças a ganar tāto, q̄ por su persona ganó muchas tierras, poseidas de gétes q̄ reconociā a Dios:i por sus Capitanes llegó a la Asia, devas-

A tando infinito de lo q̄ allá seguia la Fè Catolica, viciādola cō sus lecciones,i extinguiédo tāto de lla,q̄ solamēte de la Asia perecierō casi 400. Obispados. I esto de q̄ querer el Gigante exercitar con Tetis el acto de la potēcia de engédrar , respecta mucho a Mahoma por la parte q̄ el mismo se alzava deſta virtud. I la junta q̄ el hizo de si con la Ley Christiana,abraçādola en parte, pretédiendo engédrar cō la hermosura della nuevos hijos, q̄ fuesen parecidos a el, i no a ella:esto es prece-tos torpes tuyos, q̄ intentó calificar con parte de lla;no sié 'o menor la q̄ algunos Autores refieren de q̄ fue bantizado:por se: essa la puerta de lavadero Ley: i a esto puede aludir aqui el P. quan do le haze amāte de Tetis,q̄ es la verdadera agua que el amò erradamente,como ya diximos.

B ¶ En la est. 55.dize el Gigante, q̄ desistiēdo de la guerra a persuasiō de Doris, fué engañado:efito es,q̄ el Moro desde q̄ se vió señor de aqilos mares; depuso algo el cuydado de las armas , i perdiélos,pudiédoslos cōservar cō elllas, porq̄ fuerō asaltadas de las catolicas,q̄ se los fizieron perder. Dize más q̄ le apareció de noche la Tetis;i ya en la est. 37.dize el P. q̄ este Gigante aparecio de noche: i en la 56. dize el propio Gigante, q̄ se halló solo en una grā espessura, que todo insinua escurridad, i andar huyedo del Sol : i esto es propio de Mahoma,de quiē se escribe, q̄ está do la Luna,q̄ es Planeta nocturno,en dos pedaços,el los uniò:i de stos sus amores i beneficio cō la Luna,deviò resul tar el grā cuydado q̄ dā la Luna a la Morisma,i el governarse en todo cō ella, al cōtrario de los Catolicos,q̄ se govierná más cō el Sol: i de aqui pu do el P.fingir, q̄ este Gigante negociaava en esse tie po nocturno,q̄ es propio de la Luna, para hazerle tābiē en esto parecido a Mahoma,i su gente. De la propia manera dice aqui q̄ le aparecio desde le xos la Tetis muy hermosa: esto es propio de Mahoma,q̄ no negó la Ley de Christo, i la tuvo por buena: perb̄ miróla desde muy lexos por lo mu chο q̄ se apartó della: i assi se vino a q̄dar sin ella como luego veremos. El llamarle unica es tā proprio de la Religiō Católica, q̄ de ninguna otra se puede decir:i estuvo el P.cō atēcion a esto, porq̄ su manuscrito dezia, inclita, q̄ si bié era bueno pa ra nuestra Religion,es mejor efforzo,ni le es menos propio el desnuda (esso vale despida)ya lo diximos en la est. 52. Dize más: q̄ fue desde lexos abriédo los braços para abraçar la Tetis:esso es lo q̄ aí acabamos de dezir, de q̄ Mahoma abraçó el Baptismo,estádo muy lexos de abraçarle, como el deve ser abraçado. Tābien dice, q̄ essa Tetis era la vida de su cuerpo:esto podia bien dezir Mahoma,porq̄ siédo la Tetis,q̄ es e' agua; i la de la Iglesia, q̄ es el Baptismo la vida de los Catolicos,io pudiera ser del, si al tratar de bantizarse, lo fiziera como cōvenia,i porq̄ no lo hizo, le sucede lo q̄ dice la est.siguiente. Otra explicacion puede ser, q̄ era su vida aqlla Tetis; esto es aque llos mares, porq̄ pot ellos vivian los Moros alē tadissimos hasta entōces. Dize finalmēte aí, que las

las partes de Tetis, a que más le inclind el amor fueron los ojos, las mexillas, i los cabellos : esto es , que las principales cosas que obligavan la Morisma a esta conquista, erá las piedras preciosas i resplandecientes que en ella ay, entendidas por los ojos: las especies aromaticas entendidas por las rosas , que se suponen en las mexillas : el oro puro, q se entiende por los cabellos: i esto es lo principal de la India; i lo q el Moro principal mète adora en ella, enamorado de su navegació.

T En la est. 56, dize el Gigante, q quando pésò q abraçava a Tetis, se halló abraçado con una horrible alpereza; esto puntualmète es Mahoma, que por la parte q pésava abraçava del Baptismo, i de la Ley de Christo , se quedó sin ella, i con la mayor parte de la inculta Assia, enténdida por esse móte duro, lleno de horrida espessura: i este entendiimiento es conforme al P. q assí la pinta en la est. 70. del c. 4. i quiso dar a entender en esto, q los Portugueses fueron al cótrario de Mahoma, porq el se quedó cō la tierra abraçada solamēte, i perdida la Tetis, q es la buena Ley: i ellos cō la Teris desposandose con ella , como veremos en el c. 9. i tābien cō mucho de la tierra; però siempre más de la Tetis; porq los Portugueses la plataró en mucho mas tierras de las q tienen; al revez de los Moros, q solo tratan de tener tierra, i mas tierra; i esse fue el particular intento de Mahoma en todos sus embustes, i empresas. Otra explicació sea; q quādo el Moro pésava tener abraçada, digo segura en si, aqlla possessió de los mares Asiaticos se halló cō las durísimas armas Portuguesas en los pechos : i si se huviere de entender por la Religió, aun mejor; porq desengañado ya ese Mahoma, q está hablādo al Gama , como figura del otro mundo, adóde se aprenden desengaños, conoce q la Ley Católica q primero conoció, es la mejor; i q quādo se enamoró de la suya fue engañado: i q al abraçarse cō ella , de contéto en sus apariencias, finalmente halló q era dura, torpe, inculta, i horrida ; q es el conocimieto de la verdad: i en cōclusiό halló, q no avia sido más de un selvaje, de una maleza, o selva escurísima. Concluye la est. q pensando abraçarse con el cueillo hermoso, i cabeça bellísima de Tetis (esto es de la Religion Católica, q pretendia ahogar quādo se abraçava con esa parte della) se halló abraçado cō una gran piedra; esto vale penedo en Portugues; i que de confuso, i elado del suceso, quedó inmóbil, i frío como otra piedra juto de aquella. Si yo no me enamoro de mi, como hazen algunos comentadores de si propios, cegándose cō luces vulgares; veremos agora sin duda una profunda alegoria de nuestro P. en esta invención de que ese Gigante representara a Mahoma. Mirad. Si Mahoma, i qualquier otro Herefiarca quisiese abraçar con obediencia i humildad la Fè Católica por donde deve abraçarla , indubitablemente se hallaría abraçado con una gran piedra, que es Christo , i por el San Pedro sobre que essa Reli-

A gion está firmissimamente plantada: i para q uno se abrace con ella bien, no ha de echarle la mano a la cara, como aqui haze el Gigante con Tetis, i hizo Mahoma con la Fè Católica, porq es acciό de sobervia; sino q ha de poner la cara en sus pies (por esto ellos, i no las manos se besan a los Pó-tifices sus sucesores) i entonces hallará la piedra en su lugar: i ella en su lugar no es dura , como aquí la halló Mahoma, sino suave; i queriédola mā nosear desalúbrada i atrevidamente , como aqui haze Mahoma, hallará la piedra passada a la cara: i essa como está fuera de su lugar queda horrible a quien assí la busca ; i convierrese en piedra belicosa, despedida de la honda de David, que derriba esse Gigante desde la cumbre de sus pensamientos, como aqui sucede a Mahoma, representado en el. I el decir que se quedó junto de esta piedra, como otra piedra, es puntualmète lo que sucede a los tales; porque vienen a semejantes acciones hechos piedras ; esto es endurecidos en sus obstrucciones, i errores : i quedandose desengañados, i no arrepentidos , se quedan assí como vinieron. Veis al demonio endurecido con piedras en la mano delante de la piedra Christo, intentando arruinarla con ellas , i quedarse corriendo con ellas propias en la mano; endurecido como ellas junto a essa divina piedra. Assí acá el Gigante, o Mahoma, junto a la piedra de la Religion , que intentava destruir con las de sus durísimas propuestas, se quedó abraçado cō ellas, i con elas castigado: esto es consigo propio, por ser piedra endurecida; i con Christo castigado tā bien, como con piedra despedida de la honda de su Religion Católica; adóde essa piedra para los que se quieren curar del veneno de su maldad, es saludable Bezar, o Espin; i para los que usan maldella, es piedra mortifera, que derriba al Gigante, i a la notoria estatua agigantada de la Escritura. De piedra fueron socorridos (galaníssimo lugar del cap. 17. del Exodo) Aron, i Hur para vencer a Amalec : porq pendiendo la vitoria de sustentar a Moyses en alto, i no pudiendo, se valiero de piedra para sustentarse , hasta q fue destruido aqüí Rey. Favorecida de una piedra se vió lanta Barbara, buscada de su padre, q la quería atormentar, i perdiola de vista, porq le evadóse un peñasco , i terdiéndose , se hizo alto i dilatado muro que la escódió: assí otros exéplres. El lento Abed Agar tó cō una piedra en la boca vēcia al demonio, i le strádose cō la virtud del siécio. Faraón opuesto al pueblo, i Leyes de Dios cō endurecido corazón (esto es de piedra) uno de los ultimos castigos i le alcáçaron, fue una lluvia de piedra; i el cō ella aú se quedó de piedra; i finalmète fíe echado en el mar. Puntualmète acá Mahoma , representado en ese gigante sobre castigado cō esas piedras Catolicas, echose en esos mares; i el ultimo tormento q cōfiessa padecer es verte en ellos, como parece de lo ultimo q dice en la est. 59. I parece q el P. atendio en esto a esos sucesos que refiere los

cap. 9. 14. del Exodus; pues siendo allá el remate dellos celebrar María hermana de Aró, aquél triunfo alcançado de Farazon, con sus sonjas, o panderos; se sigue a toda esta invencion poetica, i al triunfo que los navegantes alcançaron de todos los horrores deste Gigante Mahometano, por medio deslos mares, el entrar en Melinde rolando panderos, i sonjas, como consta de la estancia 73. del cant. 2. Ni terá menos parecido a esto, lo que luego adelante traeremos de la estatua de Nabucodonosor. Ixion atrevido a la divinidad, fue castigado con rayo; i el rayo trae piedra: i entre los doctos la alegoria desta fabula, es el castigo de la Religion Católica a los hereges. Sisifo tambien por sus atrevimientos con deidad superior, ganó el andar luchando con otra piedra. Assi acá el Gigante, o Mahoma por los suyos con Thetis, que está aqui por la verdadera Ley a que se atrevió, quedose embuelto có otra piedra, i castigado con ella; i hecho piedra, castigado consigo propio. Esto es el hallarse buelto piedra junto de otra. La Escritura está llena de muchos castigos, que con piedra se dieron a varios criminosos. No lo estan menos los libros de exemplos. Dexaré aqui eltos. En tiempo del Papa Juan XII. cayó del cielo una piedra, a que se siguieron insignes miserias. El año 1592. cayó otra a q se siguió la muerte del Emperador Frederico. Semejantemente la del Duque Lorenço en Florencia. El año 1521. cayó otra en Milá, que hizo gran ruina de otras, i todo truxo consigo perder el Rey de Francia aquel Estado. I finalmente la Sibila Eritrea fenece su vaticinio, diciendo, que sobre los condenados en el dia final, ha de inundar un rio de piedra azufre. Luego providencia divina fue, que Mahoma tan de piedra hallasse en ella parte de su castigo; i gran atención del Poeta castigar con esta al Gigante que le representa.

Tambien el Poeta en dezir aqui, que el Gigante quedo hecho una piedra junto de otra, pudo atender a hazerle parecido a Mahoma por estotras razones que se siguen. Mahoma fue piedra en la dureza de su obstinacion, pues hasta en la hora de la muerte, que suele blandar muchas destas piedras, se ratificó en lo que avia fulminado contra la verdadera piedra fundamental de la Iglesia. I por ventura, que para dar el Poeta a entender esto, compuso el nombre deste Gigante que le representa, de adamas, que es el diamante, piedra más dura que todas: i junto esto a que en el sepulcro de Mahoma apenas ay cadaver, porque le comieron perros, sino solo ese sepulcro, que es de piedra, todo Mahoma viene a parar en piedra, por si, i por su sepulcro: i esta piedra está junto a la piedra imán, o calamita, que atrae a si a dese sepulcro, guarneida de hierro para poder ser atraida, en virtud desta imán: i dese modo está una piedra junto de otra. No argumento agora aqui, si es, o no es verdad esto de es-

A tar el sepulcro arrebatado de la imán en el ayre, porque para dezir el Poeta esto, basta la opinión comun. Tambien usó Mahoma de una ceremonia por veneracion de Venus, i la usó su gente, q era echar por entre los muslos unas piedras ázias atras, las cuales el besava, i aun adorava. I conforme a la doctrina de que cada uno es castigado al modo que pecó, esas son las piedras con q el se halla agora ofendido, quando piensa a brazar a Tetis. I assi siendo esta acción, i castigo tñ propios de Mahoma, siguese que este Gigante con ellas le representa a el. Añadese a esto, que el sepulcro de Mahoma, segun escriben algunos Autores, fué llevado al infierno el año 1430. por medio de una tormenta, que arruinódo parte del famoso Templo en que estaba colocado, i traendo el sepulcro a la tierra, ella abierta le tragó. Parece que pudo el Poeta dar a entender esto en este Gigante, haziendole echado en el profundo Océano, convertido en piedra sobre la tormenta de los desfavores de Tetis, i castigos de los Dioses. I a lo menos quedaremos en lo otro, de que se resolvó Mahoma en una piedra puesta junto de otra: porque si esto q avia

C de su cadaver fue tragado de la tierra, siguese q en el sepulcro que tiene desde que sucedio esta ruina, que le hizo tragár dese modo, no ay cosa suya más que la piedra: i essa junto a la imán que la atrae en virtud del hierro que la guarnece, no viene a ser más de una piedra junto a otra: i en esto representa boníssimamente este Gigante a Mahoma, pues confiesa en la estancia 59. que todo su cuerpo vino a parar en piedra, i más piedra. De suerte, que por todos caminos vendremos a hazer una razonable prueba, de que Mahoma, i el Gigante que le representa, por obstinados (naturaleza de piedras, i más de la calidad que el Poeta las supone) en executar soberbias insolentíssimas, tuvieron el castigo del propio metal de la culpa: por ser esse el modo mas ordinario con que castiga el cielo a los que lo mercen: i que ellos pudieran averse ahorrado ese gnero de pena, si no quisieran burlarse con la divinidad: i que es cierto, por ultimo remate de cuitas, que la piedra de la Iglesia para quien la befa sin reprovarla en nuevos edificios, es suavissima; i esquivissima para quien la muerde obstinado. Ponderaciones son que nos hicieron dezir al sepulcro que fantasiámos para Lope de Vega, esto.

*Lexos, pues, han de verse
Las bocas venenosas;
Porque para morderse
Son duras estas losas.
Besalas tu, que honrarlas,
Peregrino, procuras:
Porque para besárlas,
No son las losas duras.*

I en nuestro Poema lírico de Albania, en un epígrama a Anaxarete: *Que isençōens de pedras du-*
ras,

ras, bem se castigam com pedras. Yo he descubier
to la mina preciosa destas piedras de mi Poeta.
Agora dexo a mejores lapidarios el polirlas, i
darles lustre con su artificioso ingenio, desseando
que me sublimen mucho el hallazgo con ilustra-
ciones, ya que no lo se hacer yo por una parte, i
que por otra no puedo denerme.

¶ En la estancia 57. aun ofendido el Gigante
de la propia Tetis, la llama la mas hermosa del
mar, i dessea que fuera posible no conocer su en-
gaño jamas: i es bonissimo para la Religion Católica: porque aun los que se desvian della, la re-
conocen siempre por verdaderamente hermosa,
i les duele el venir a desengañarse, quando ya no
les aprovecha: i esto puntualmente sucedió a Ma-
homa (que fue gran alabador de Christo, i de su
purissima Virgen Madre, i de su ley) i ha de suce-
der a quantos nivieren en aquella abominable
seta, o qualquier otra. Dize más aí, que viendo-
se desengañado, i corrido, se fue a buscar nuevas
tierras en que vivir: esto es puntualmente de Ma-
homa: porque burlado él de los Iudios de Meca,
despues de verse en gran afrenta, fue huyendo
corrida, i miserablamente hasta la Ciudad de Ti-
bico en la Arabia desierta, por donde anduvo pe-
regrinando: i algunos Autores dizen, que fue a
hacerse hermitaño en una cueva, llamada Gate-
ra en una gran montaña: a que tiene mucho
parecer el aver huido este Gigante para esta mó-
ntaña grandissima despues desta burla, por negar
se a la conversacion de las gentes: i assi como
Mahoma imitó al demonio en este desierto con
habito penitente, para tentar a Christo, i atajar
el passo a la Redencion, assi acá este gran her-
mitaño se aparece al Gama en estas montañas,
representando a Mahoma, i a su maestro para a-
tajar el passo a la redencion que nuestras naves
ivan passando a las almas de la Asia. Desta pere-
grinacion de Mahoma, a que los Moros llaman
Hixara, es la cuenta de sus años: i esto se vé al
pie de la letra en este Gigante, que corrido de
lo que intentó, dize, que fue buscando los desier-
tos de essa África, i Asia, adonde no pudiese ha-
llar gente que se burlase de aquel suceso suyo.
Tambien dize, que lo hizo por evitar la rifa con
que sus enemigos se avian de burlar del. Esto su-
cede a Mahoma, de cuyos embelecos se estaba
riendo toda Europa, adonde el quiso meter sus
armas, i sus errores: i como no le escucharon, i
se rieron, fuese a buscar la Asia, adonde no se rie-
ron del, i le escucharon de modo, que negoció a-
llá, lo que no pudo acá: porque hallava acá do-
tos que le entendian, i halla brutos que el enga-
ñó. I singularmente creo, que el Poeta alude a lo
que sucedió a Mahoma en España, adonde vino,
según algunos Autores: i empezando a proponer
sus errores en Cordova, le trataron de manera, q
fue huyendo corridissimo: ofendido con particu-
laridad de la Iglesia: esto es de San Isidoro con
las veces que tenia del Papa. Conforme a esto,

Tomo 2.

A España puede ser la Tetis, que Mahoma dessea-
va por mas hermosa: i está puesto en razon, assi
porque España es casi ceñida de Tetis, digo del
mar, i goza singular hermosura de Religion en el
mar del Baptismo, que era lo que con mayor en-
cia desseava contuniar Mahoma, buscando lo
mas puro para emplear su veneno: i tambié pue-
de aludir a los muchos años q Mahoma posleyó
España, teniendo anegada la barca de San Pe-
dro en casi toda ella, desde que la perdió el Rey
Don Rodrigo, hasta que las armas Catolicas le
sacudieron della, i le hicieron retirar a sus barba-
rismas tierras. Vease lo que diremos sobre el
verso 7. desta misma estancia.

¶ En la estancia 58. dize el Gigante, que yē
entonces eran sus hermanos vencidos, i puestos
en miseria grande. Es tocante a Mahoma con
gran propiedad: porque al tiempo que el se levó
tó có su seta, eran muertos ya muchos sectarios,
de cuyos dogmas el compuso el suyo: i estos son
sus hermanos en maldades, i embustes. I este es-
tilo de hermanos de Mahoma, o su ascendiente
Ismael, usa la Escritura en esse lugar citado del
cap. 16. del Gen. *Et è Regione universorum fratrum suorum figet tabernacula:* Los quales her-
manos están en el infierno: que esto quiere decir
los Gigantes, opresso en las cavernas de los mó-
tes, i en las llamas de Etna: i este les acompañó
en ese castigo. Dize el Gigante, que son vanos
los Dioses. Tambien esto es representar a Ma-
homa, porque el negava la Santissima Trinidad,
i como muchos afimá, que Mahoma en el Dios
que reverenciava, no reverenció a alguna de esas
tres personas, se quedó sin algun Dios: i por esto
se queda este Gigante sin nada, despues de aver
amado esta Tetis vanamente: i quedándose del
propio modo en la soledad de aquellas Monta-
ñas, como dize la estanc. 56. no se parece menos
a Mahoma; porque en tiempo del Emperador
Mannel se determinó, que el Dios de Mahoma
era solitario, porque no tenia la facilidad del
Consorcio de las tres divinas Personas: i assi de-
via ser condenado a soledad: esto es para que na-
die le signifesse. Tambien aludirà a que la gente
Mahometana tiene por vanos los Idolos, que
son Dioses de muchas naciones. Fenece la estan-
cia, diciendo, que si è del hado enemigo la pena
que se le dió de sus atrevimientos. Ya diximos
arriba, que fué particular de Mahoma un atrevi-
miento insolentissimo: i en confessar que la per-
seguicion que padece es del hado, confiesa que
es de la providencia divina; que esse es el hado,
como vimos en la estancia 28. del canto 1. i essa
providencia contra Mahoma, i su gente, es sin du-
da aquel lugar del Genes. hablando deste cuer-
po Mahometano en el cap. 16. *Hic erit ferus ho-
mo: manus eius contra omnes, & manus omnium
contra eum.*

¶ En la estancia 59. dize el Gigante que fue
convertido en aquella tierra: i esto es, que por la

Ss 2

la providencia divina , tiene para los malos el castigo muy conforme a la culpa (de cuyo exemplo estan llenas las historias divinas , i profanas) no amando el Mbro , sino tierra , i mas tierra , segun provamos arriba , fué convertido en ella : i cù pliouse la Fuerosia de amor , que es transformar el amante en la cosa amada : i esto singularmente amo Mahoma : porque todas sus astacias no atendieron más de a hacerse poderoso terrenamente ; i por esto fué convertido en tierra hedionda , hasta su cuerpo , que el dezia era glorioso , i avia de ser arrebatado al cielo como tal : i no fué sino al ayre como vanissimo . I porque juntamente amava la mar , entendida en Tetis , por essa misma razon fué en el essa conversion terrena . Esta transformacion toca tambien a Mahoma , porque en vida se transformava con tesis los pelos para no parecer viejo : i siendo oprimido de gota coral hacia viajes ; quedava tan otro , que su propia muger se asombrava de verle ; i el dezia , que era mudanza obrada en el con la presencia de un Angel , que venia a hablare con las ordenes celestes de lo que avia de hazer : i despues de muerto inchò tanto , que parecia otra cosa ; i por esto ocultaron los suyos su cuerpo ; i muestran por el un cofre de hierro sostenido en el ayre artificiosamente : de mane a , que Mahoma en vida , i en muerte , todo fué un Metamorfosis , una tramoya , i unas apariencias artificiosas . Conciyne , que por mas to menro le anda Tetis ciñiendo cō sus aguas . Esto en Mahoma tiene estas correspondencias : el muriò hidropico : i como la muerte temporal i eterna , procede , o es del genero que fueron los excessos , età Mahoma purido con las aguas ; esto es con la memoria de lo que erró con ellas , despreciando la del Baptismo verdadero ; i viando la de su invencion : i muriendose de gran sed por aquellos mares : esto es la insaciable codicia de dominarlos con tan torpes acciones . De otra manera ciñe Tetis con sus aguas a este Gigante : esto es puntualmente Mahoma , que aviendo sido bautizado , le pudiera ser de provecho la agua santa , si el no la repudiara con la suya profana : i assi , o le persigue en aquellas aguas la memoria de la que el repudiò , o la que el eligió para repudiar la por ella , como ya apuntamos . i también esto es del Moto en general , que despues q la Tetis le echò de si por el medio de la mano Portuguesa , anda el a sus orillas sintiendo , i llorando essa perdida , i procurando restituirse .

¶ En la estancia 60. dice el Gama , que se des hizo la nube en q en la 37. antes dixo le avia aparecido este Gigante . No pudo el Poeta entrar , ni salir con mayor seña , de que este Gigante esta representando a Mahoma , que esta : porque habiendo conforme a la invencion , o ceguedad barbara , algunos de los que quisieron hazer misterioso el nombre de Mahoma , i su persona , dixerón entre otras cosas , que siempre le cubria una nube la cabeza , aunque el dia estuviese muy

A sereno : i no dexa el Poeta de darlo a entender en la propia estancia 37. diciendo , que al ir navegando los Portugueses con viento prospero ; que es tiempo bueno , les apareció una nube horrible sobre las cabeças ; i luego en la siguiente pondera , que les pareció mayor cosa que tormenta : cō razón ; porque con buen tiempo , una horrida nube paecia cosa extravagante : i esto era lo que finian de Mahoma sus sequaces .

Particulariza el Gama , que el Gigante al acabar su platica , i fenercer su apariencia , produxo un horrido bramido : esto es tambien propio de

B Mahoma , porque en los escritores de su vida sole , que al tiempo de morirse dio voces horribles . Ni dexa de poder acomodarse a Mahoma esto , de que el Gigante se deshizo aqui , como dice el Gama . porque los mismos escritores disen , que quando los Moros estavan aguardando que el resucitasse , vinieron perros , i le comieron , con que se deshizo aquella esperanza , i aquel infame cadaver . Tambien pueden ser los perros q deshizieron parte deste Gigante , los Portugueses q en ese Promontorio que el guardava , o en sus faledas , tomaron muchas veces mantenimientos a su pesar del ; i allá dentro grandes bocados de essa Asia , que el desde alli estaba guardando . Dice mas el Poeta en esta estancia , que el Gama , si bien quedò admirado del Gigante , i escuchò lo horrendo de sus vaticinios contra la gente Portuguesa si passasse de allí , no dexo de ir adelante , haciendo una oracion a Dios , en que pide se derogue el vaticinio . I no puedo dejar de creer , q el Poeta atendió en esta invencion a la verdad sagrada de la Escritura , en lo que refiere de la gigantada estatua de Nabucodonosor , en el cap . 3. de Daniel : porque ella era aurea : i desse color

C finge acá el Poeta este Gigante , assi en la estancia 39. quādo le haze palido . como en la 40. quādo le compàra al Colosso de Rodes , que siendo de laton , o bronze , era palido , o aureo : i siendo aquella estatua hecha para ser adorada violentamente ; esse modo de adoracion consiguiò Mahoma , a quien representa este Gigante : i estando aparejado un horno ardiente para quemar en el a quien no la obedeciesse . esto hallaron los Portugueses , entrando desde ese Promontorio , o Gigante para dentro , sin ceder a lo que el les intimava de peligros : porque hallaron , no solo el clima ardiente , por la vezindad de la Equinocial , sino el fuego cō que muchas veces les acometió la Morisma allá adentro : i acá passando el Gama adelante sin hazer caso de lo que dixo el Gigante , i confiando en Dios : parece que fué lo mismo que decir a Mahoma , representado en esa estatua , o Gigante , lo que dixerón los tres mojos a la heresia , o a Nabucodonosor , representado en aquella q̄ cantada estatua . Non oportet nos de hacce respondere tibi . Ecce enim Deus noster , quem eolumus , potest eripere nos de camino ignis ardentes , & de manibus tuis , &c . Quod si noluer-

E rit

rit notum sit tibi, Rex, quia Deos tuos non colimus, & statuam auream, quam erexisti non adoramus. I dicho esto, fueron unos i otros entrando por el peligro con que eran amenazados de la heregia, alabando a Dios, i implorando sus auxilios. Allí la misma Escritura dice, que vino un Angel, o Angeles en socorro de los moços; i nuestro Poeta finge desde la est. 56. del c. 2. que despues de entrados los navegantes en el fuego de aquel clima, i de sus Moros, vino un Angel en socorro suyo, para librarlos de tanto peligro, como el en que se hallavan.

Pareceme que hemos descubierto muchas conveniencias, para que este Gigante represente a Mahoma, o a todo el cuerpo de la gente que le sigue: i que si bien no traemos lugar expreso del Poeta, en que se comente a si mismo con la propia claridad que lo hizo en otras ocasiones, i lo fizimos patente, deviese, siquiera una vez, estar por la razon, i discurso, ya que en todas las alegorias que los comentadores traen de sus comentados, estamos por ellas, sin que nos las prueven con ellos. I de la propia manera se ha de admitir, que el Poeta dexasse de comentarse en una ocasion, ya que se admite que los otros grandes no se hayan comentado en alguna: por estar puesto en razon, que siquiera en un lance diesse el P. cuydado a los juizios, ya que en todas le dió todo gran Poeta a todos en sus Poemas, aun con más molestia que el nuestro: porque el si no se declaró tanto en esta ocasion, como en otras, dispuso sola con muchas señas para qué le rastreasemos la invencion, i conociessemos por ellas el original deste Gigante. Agora añado, que para que el represente aqui a Mahoma, o el cuerpo Mauritano junto, viene de molde este lugar de Isaías cap. 4. num. 9. *Infernus subter conturbatus est, in occursum adventus tui suscitavit tibi Gigantes.* I digo, que o yo me engaño, o este es uno de los más raros lugares que tiene mi rarissimo Poeta. Digo assi: él en todo este Poema finge, que el infierno todo alterado se opuso al curso desta navegacion Portuguesa, porque iba a plantar la verdadera Religion en la Asia, adonde el la tenia de todo punto acabada, i colocadose en lugar della. Si esto es assi, como realmente es, i agora le sale al passo para estorvarles el curso un Gigante resucitado contra este intento, por el Poeta con esta notable invencion, siguense dos reparos claríssimos: uno que el Poeta fué guiado en ella de este lugar de Isaías: otro, que el Gigante en ninguna manera representa otra cosa que a Mahoma, assi porque el ha salido al passo a la Religio Católica en todo el mundo para impedirselo; como porque en la navegacion de los Portugueses nadie les salio al passo con este mismo intento, si no la Morisima, notoria familia desse Mahoma: porque el Gigante, en quanto tierra, en que dice que se convirtió, no pudo ser enemigo de algunas gentes, pues la tierra es madre comun de

A todas: ni resentirs de que alguna le descubriese: i en quanto Gigante de los fabulosos, qual el se finge ser, tampoco podia tener odio particular a los Portugueses. Deste modo queda muy claro, que no se resiente, en quanto es fingido, o es tierra; sino en quanto es realmente animado; i que en quanto es animal racional, es hombre; i no puede ser hombre aqui, sino en quanto representa a Mahoma, o su gente, en cuyo terreno está colocado, i aparece en el ayre despues de transformado, o muerto, como se dice del proprio Mahoma. Esto se descubre claramente en el cant. 1. est. 6. 9. 70. 71. 72. i en las 77. i 104. finge el Poeta, que el infierno embió un demonio a meterse en dos Moros, para perseguir a los navegantes: i en la 10. del cant. 2. finge, que este demonio estaba transformado en otro barbaro desso, exercitando una devocion fingida para engañarlos tambien: i todo lo que contienen aquel canto a lo ultimo, i este al principio, son astacias de la Morisima para destruirlos. I en el cant. 8. est. 45. i 46. i otras de las posteriores, finge lo propio: I lo que es más, desde la 47. que el mismo demonio se aparecio en sueños a un Caciz, o Sacerdote Moro en figura del propio Mahoma, para que incitando a todos estorvasse el establecimiento de comercio a los navegantes en la India. Pues si esto es assi, como es, claro está, que quien les quiso estorvar el comercio en aquellos mares, es quienes salieron a la puerta dellos, para que no entrassen por ella: i a esto viene aqui esta figura horrida Mauritana, haziédolescocos (digamoslo agora así) para que de miedo se buelván, i no passem adelante. I esto de hacer miedo, i querer sacar fruto del es tambien propio de Mahoma, porque arrebato del accidente de la gota coral, hazia tales visages, que todos los que le vian entonces le tenian miedo: i el les metia en cabeza, que eran estíos de la presencia del Angel, como ya apuntamos, para asegurar el fruto que pretendia có los horrores de su seta, que iba poniendo en platica. I con esta fantasma, poniendo este miedo al Gama, aparece agora felizmente la imitacion, que con gran excelencia, i ventaja hizo el Poeta de aquel lugar de Lucano, quando finge aparecer a Cesar, tambié de noche, la horrible figura de Roma en el Rubicon; río que era termino que los Romanos tenian señalado, para que nadie osasse passar de allí; i porque Cesar se resolvio en pasar, saele al encuentro esta figura de Roma, para que poniendole miedo con la persona, i con las razones, i vaticinios de futuros daños, le obligue a no passar adelante: assi lib. 1. *Quo tenditis ultra?* I se lo dezía por ser vedado el pasar de allí: i por esto luego adelante: *Hesperia vetitis, & constitit arvis.* Que es acá en la est. 41. *Pois os vedados terminos quebrantas, &c.* Vease con lo que diximos al fin de la est. provando ya desde allí, que el Gigante es el demonio en la figura de Mahoma. I assi como Cesar allá no hizo caso de aquello.

B

C

D

E

aquellos miedos para dexar de proseguir, diciendo que se resolvio a seguir la fortuna: assi acá el Gama, no haciendo caso de estorros, dice que la sigue, con dezir en la estanc. 60. que determinado en passar adelante, pidió al cielo, que no consumiese cumplirse el vaticinio del Gigante. Mí; para que el represente a Mahoma, con otro lugar de la Escritura Daniel en el cap. 7. dice, que le aparecieron semejantes figuras tambien de noche, i con nube desta manera: *In visione noctis, Ecce cum nubibus exi, &c.* Como acá en la estane. 37. dice, que salian del mar quatro desmesuradas bestias: *Ascendebant de mari: como acá tale del est:* dice que tenia feos dientes la quarta bestia: *Dentes ferreos habebat magnos*: de feos dientes se acuerda acá el Poeta en esta bestia est. 39. dice que tenia una voz grande: *Et os loquens ingentia: como acá este Gigante en la estancia* 40. con horrida voz: i en las siguientes hablando estupendas cosas: dice que llorava fuego aquella bestia: *Fervens igneus, rapidusque, egrediebatur à facie eius: Acá llora esta bestia horriblemente en la est.* 60. Siendo las lagrimas ya de amor, como el dice estar abrasado del: ya del infernal suplicio de sus atrevimientos, todo es llanto de fuego: dice allí Daniel, que de ver tal bestia fue arrebatado de gran terror: *Horruit spiritus meus: Esto mismo dice de si el Gama al ver esto tra en la est.* 40. Allí haze preguntas Daniel de quien sea aquella bestia, i que signifique: assi acá a esta el Gama en la est. 49. Vamos agora al Apocalipse cap. 6. adonde apareciéndose otras bestias, era una dellas un caballo amarillo: Vease el capitulo: pues acá el Poeta tambien finge amarillo este Gigante en la est. 39. Siendo pues claro, que todas estas fantasmas se parecen a esto tra, i ella a ellas en tantas cosas, tambien es claro, que muchos escritores sagrados tienen que cada una destas bestias fue imagen de Mahoma. Siguese indubitablemente, que la idea del Poeta fue introducir aqui a Mahoma, pintandole assi con todos esos fundamentos, sobre el otro grandissimo, de que solo Mahoma era el interesado en esta accion de nuestros navegantes. Déxo otras observaciones que avia hecho, ponderando, que quien con un poco de juicio, i atencion leyere la vida de Mahoma en los Autores que la escriven, i midiere con las más de sus acciones, las deste Gigante, sacará en limpio, que lo principal della, sin violencia alguna, está en toda esta fabula con notable artificio. Agora digo, que por todas estas mismas razones tuve para mi a los principios de este comentario, que el Baco que en todo este Poema haze la figura del demonio, como rego drovado, desde la est. 30. del cant. 1. hazia la de Mahoma, visto que el mayor adversario de los Portugueses, dessie que passaron el Cabo de Buena Esperanza, en que el Poeta coloca este Gigante, fue la gente Mahometana: i visto tambié que el siempre haze (como ai arriba enseñamos) que

A Baco se transforme en aquella gente, para perseguiélos: i visto tambien que Mahoma se sustenta en el ayre (como acá este Gigante) del qual ayre saca el Poeta al proprio Baco a titulo de Hroe, segun provamos en esta misma estanc. 30. del cant. 1. i visto tambien, que el cabron es dedicado a Baco: i que este animal, i su mantenimiento fue muy grato a Mahoma, i lo es a su gente: i i visto tambien que Baco se pinta con gran barba, i que con ella tal murió Mahoma hidriepico: i finalmente visto, que entendierdose por Baco el vino, i ja borrachez. Mahoma fue tan borracho, que de aí le resultó la enfermedad de la gata coral que tenia, i de la hidropesia con que murió; que tambien tiene la correspondencia que dimos, para dolerse de que le ciña el agua aun agora en este Promontorio. Parece que ne asegura el Poeta este pensamiento con aquella gajana ponderacion con que fenece la estanc. 14. del cant. 6. de que las Ninas del mar se maravillavan, de que Baco Rey del vino se entrassie en el Reyno del agua: que es propio para Mahoma tan contrario a ella, como borracho, que causa espanto quando le ven buscar agua, como el la buscó por aquellos mares, i en ella está metido ese Promontorio, o Gigante que le representa. I la razon que despues me hizo mudar este parecer, fue porque esta navegacion Portuguesa no tuvo esta contradiccion solamente, despues que el Gama passò ese Cabo, sino antes de partit a su descubrimiento: porque muchos Portugueses la contradezian, quando le tratava de executarla: i en ellos que son Christianos no podia obrar Mahoma, sino el demonio, a quien Dios còcude tal vez licencia para oponerse a las acciones justas de sus siervos: i assi como el demonio se puso a la puerta de la ejecucion de passar a la India, por impedir la propagacion Christiana, q tanto le aborrece, no es sino muy razonable, que Mahoma se pusiesse a la puerta de la India, para impedirles la entrada en ella, que no era menos dañosa a los progresos de su gente aliada. I quando menos es igualmente razonable, que el mismo demonio que por si propio se opuso en Portugal a la platica deste hecho, se opusiesse en la puerta della a su ejecutor, romiendo para essa la figura de Mahoma. I si con este nuevo hallazgo, gustaren algunos de que Baco en todo el Poema represente a Mahoma (sin embargo de que siendo este despues de aquel, parece no le pneed el representar, si ya no dixessemos, que Mahoma representa a Baco, i es otra duda que me hizo bajar del parecer primero) todo queda corriendo; porque Mahoma es insignissimo ministro del demonio, i los ministros representan a su Principe. Conforme a lo dicho concluyo, que este Gigante representa a Mahoma: i que si el Poeta no lo declara tanto, como otras cosas, menos inconveniente tiene el no hazerlo en esta, que averlo hecho en esotras, si se respecta a lo oculto con que

se declaran los Poetas: i con que lo hicieron Homero, i Virgilio, que más faron sus misterios de la penetracion no comun, que del comun discurso. Esto es lo que siento de la alegoria desta figura, i tendiréme a quien me la mejorare, supuesto que el Poeta no introduxo alguna sin gran misterio, i que yo no le rastreo otro mas adequado cō su modo de inventar, aludir, i proceder en este profundo pielago de poesia, de que yo soy el Tifis, el Gama, i el Color: i que algun segundo en este descubrimiento mio descubra más alguna tierra, no dudo que se honrará: però no puede quitarme la gloria de lo descubierto, ni dexar de deverme el motivo, que con esto le di a descubrir más, si se da caso que lo consiga en porcion considerable, de que dudaré mu: ho hasta que lo vea. Agora bolvamos a la explicacion de lo manual, si bien no vulgarissimo.

LI.

Fuy dos filhos asperrimos da terra,
qual Encelado, e geo, e o Centimano:
chameyme Adamastor, e fuy na guerra
contra o q vibra os rayos de Vulcano.
Nam que pu se lle seira sobre serra,
mas cōquistado as ondas do Oceano,
fuy Capitā do mar, por onde andava
a armada de Neptuno, que eu buscava.

FVi de los asperrimos hijos de la tierra, qual Encelado, i el Centimano Egeo; llamēme Adamaster, i fui en la guerra contra el que vibra los rayos de Vulcano. No que pusiese sierra sobre sierra; antes conquistando las olas del Oceano, fui Capitan del mar, por donde andava la armada de Neptuno que yo buscava.

¶ *Fuy dos filhos*, &c. Agora dice el Gigante sus calidades de nacimiento, jactándose del a modo de fidalgo de los vanos, que aviendo percidido como este Gigante, presumen. Dize pues, que su madre es la tictra (eso no dirá ellos) en aquel parto con que arrojó los Gigantes al mundo: que su nombre era Adamastor; i que fue uno de los que pelearon contra el cielo, no del esquadron que andava por tierra, sino del que andava de armada por el mar buscando las armas de Neptuno, a quien pretendían vencer.

¶ *Filhos asperrimos da terra*. Son los Gigantes: cuya naturaleza fiera, i accion de assaltar el cielo, se expresa con aquel epíteto duro.

¶ *Qual Encelado*, &c. Pone dos o tres por memoria i señas de qual fue su familia. Encelado es el que fulminado de Iupiter quedó debaxo de la montaña de Etna. Mas para que es tratar desto?

¶ *Egeo, e o Centimano*. Crcemos que la conjuncione, sobra, porque parece hazer dos Gigantes de uno; pues Egeo es Briareo: i epíteto suyo el centimano, porque tenia cien manos: así las

fabulas. Homero Iliad. 1. dice:

Cētimanum, &c. Quem Briareum vñet Dij;
Viri autem omnes Aegeon. Tenia cien manos, i de aí el nombre. Tambien agora ay muchos Cētimanos en la Provincia de la ambicion.

¶ *Chameyme Adamastor*. Dice agora el nombre que tuvo, i fue Adamastor. Homero VI. 22. tiene este nombre. *Damastor*. Tienie tambien Claudio en su Giganromachia. De que nuestro Poeta la vió para formar nombre a su Gigante, no lo dudamos. Pero como el va imitando a Virgilio por esta fabula en muchos lugares, i principalmente en el de la aparicion de Achemenides horrendo, a Eneas en la Isla de los Ciclopas (cuya descripcion queda en la est. 27. deviendose tambien a la 39. i lo pueden acomodar los curiosos) sin duda alguna de allí salió el nombre del Gigante, tomandolo del padre de Achemenides, que fué Adamasto; de modo, que o el Poeta añadió la *r*, a este, o la *a*, a aquél de Homero, i Claudio. como averiguaren los que quisiéren detenerse en esto, que yo no lo hago. Achemenides allá, como acá Adamastor, dà cuenta de su padre, de su nombre, i de su fortuna, i dice de sta manera:

Sū patria ex Ithaca, &c. Nomine Achemenides Troiam genitore Adamasto, &c. Profectus, &c.

¶ *E fuy na guerra contra o que*, &c. Dice, que es uno de aquellos Gigantes que pelearon contra el cielo, segun las fabulas. Al modo de Achemenides allí. *Sum*, &c. *Comes infelicis Vlissi*, contra los Troyanos.

¶ *O que vibra os rayos de Vulcano*. Perifrasis de Iupiter, notoriamente. Vease en la est. 22. del cant. I.

¶ *Nam que pusesse serra sobre serra, mas conquistando as ondas*, &c. Diz, que no fué del tercio que peleava por tierra, sino del maritimo. I essa es una parte del motivo del enfado de este Gigante, ver que los Portugueses osaffen meter baxeles en el inmenso Oceano, accion que avia sido suya. El poner sierra sobre sierra es a este modo de Virgil. Georg. 1. *Imponere Pelio Offam*; de Oracio lib. 3. od. 4. de Ovid. Fast. 1. Mas se parece a su ilustrador Anguilara Meta. 1. *Onde osar metter monti sopra monti*: en lugar de, *Congestos struxisse ad sydera montes*. El Tasso Conquist. lib. 3. est. 89. *Che monte impose a monte*.

¶ *Ondas do Oceano*. canto 3. est. 18. canto. 4. estanc. 48.

¶ *Fuy Capitam do mar*. Supone en esto, que los Gigantes en aquella guerra se dividieron en tres esquadras, porque conforme a las fabulas, tres son los Imperios de los Dioses, cielo, mar, i tierra: i por eso la guerra bien ordenada, era dividirse asi para dar todos a un mismo tiempo sobre lo que pretendian conseguir: i esto enseña nuestro Poeta en este lugar. No trae de encarecer el resplandor de ingenio que de escubre esta invencion de venir el Poeta a acuomodar este Pro-

monitorio a uno de aquellos descomunales móstruos, por su extrañeza, siando de la propia embidia que no lo negará.

LII.

Amores da alta Esposa de Pelèo
me fizeram tomar tamanha empresa;
todas as Deosas desperezey do céo,
sò por amar das agoas a Princesa:
Hum dia a vi com as filhas de Nerèo
fair nua na playa: e logo presa
a vontade sinto, de tal maneyra,
q̄ inda nam sinto couſa q̄ mais queyra.

A Mores de la alta Esposa de Pelèo me hizieron tomar empresa tan grande. Desprecié todas las Diosas del cielo solo por amar la Princesa de las aguas. Un dia la vi salit desnuda en la playa con las hijas de Nerèo; i luego sentí de tal manera presa la voluntad, que aun no siento, no veo cosa que más quiera, que más ame.

¶ Amores da , &c. En las dos estancias antecedentes diro el Gigante su vivienda, nombre, calidades, i ocupacion que tuvo; agora dize que el motivo della fue averse enamorado terriblemente de la Diosa del mar, aviendola visto una vez desnuda.

¶ Alta Esposa de Pelèo. Entiende Tetis, de la qual Pelco tuvo a Achiles. Bellissima fiction la de los amores del Gigante con Tetis, i de Maestro de amores los dares i tomares que tuvo entre los dos felizmente descritos.

¶ Me fizeram tomar tamanha empresa. Nadie imagine que nuestro Poeta expuso al ocio cosa alguna, i que debaxo desto no quiso advertirnos de lo que pasó en el mundo. Dize, pues, que el Gigante no tomó aquella empresa de la conquista del mar entonces, con atención a ganar el mar, o cumplir con la obligación de general de aquella armada en ocasión tan grande, sino por aprovecharse con el velo del cargo de executar el deseo que tenía para con Tetis, de que andava enamorado. I esto es lo que tambien agora se usa ai pretender los cargos; no atendiendo a lo que ellos piden, sino a lo que pide la ambición, i inclinaciones viciosas de quien los pretende, para con la mano dellos executarlas, i sin temor de castigo usar de un deseo torpe. Así le llama el Poeta en la estanc. 85. del cant. 7. adonde nos en señá claramente, que lo que quiso dezir aquí con esta invención, es lo que explicamos. Vease allá.

¶ To las as Deosas, &c. Dize, que despreció a todas las Diosas celestes, solamente por amar a la marítima: hizo lo que deseaba cada amada de su amante, que es verle poner en bando por ella hasta las estrellas; i creer que no hace mucho.

¶ Com as filhas de Nerèo. Damas del Palacio marítimo: i del padre, Nercedas.

A ¶ *Sair nua na prayz, e logo presa , &c.* Claro está: mirad la prisa del rendimiento, que sucedió al ver desnuda la Tetis. Viola assi; i luego, luego sintio presa de aquel objeto la voluntad: no se exala mas presto la polvora tocada del fuego: esto quiso dar a entender de unos ojos tocados de la hermosura.

¶ Que inda nam finto couſa que mais queyra. Gran fuerça de amor, que aun castigado de la hermosura amada, la está amando: i gran caudal de hermosura que assi obliga.

LIII.

B Como fosse impossibil alcançala
polla grandeza fea de meu gesto,
determiney por armas de tomala,
e a Doris este caso manifesto:
De medo a Deosa entá por mi lhe fala;
mas ella, c' hum fermoso riso honesto,
respondeo: Qual serà o amor bastante
de Nymfa q̄ sustéte o de hum Gigante?

C Omo fuese impossible alcançarla por la fea
grandeza de mi persona, i semblante, deter-
miné tomarla por armas, i manifesté este ca-
so a Doris. De puro miedo entroce le habla la
Diosa por mi: però ella cō uña hermosa, i honesta
risa; respondió: Qual será el bastante amor
de una Ninfá que sustente el de un Gigante?

¶ Como fosse impossibil, &c. Impossible cosa es inventar un caso más bien texido, ni más sazonado, que este que el Poeta va urdiendo en la boca del Gigante. Enamorado, alfin, desesperadamente de Tetis, i viédo que por amores no avía remedio, vista su fealdad del, i perfección divina della, se resolvio en usar de la fuerça, i comunícoló a Doris. Doris por arajar peligros tomó a su cuenta hablar a Tetis en favor del, i haziéndolo, ella le respondió muy burlona: que la delicadeza de una Ninfá, no podria sufrir un amante tan desmesuradq.

¶ Pella grandeza fea de meu gesto. Parece que la Tetis aborrecia el verse en los brazos de aquel monstruo, por su fealdad. Por la cuenta tuvo tiépo en que las damas atedían al buen parecer del suplicante, i no a la bolsa buena: i el Gigante en confessar que era feo, tambien muestra que tuvo edad en que alguno creyese, i confessasse tener algun defecto: cosa que oy no hallareys.

E ¶ *A Doris este caso manifesto.* El Gigante resuelto en usar de fuerça, comunicó su resolución a Doris, que de puro miedo, como el dice, se hizo alcacueta entre el, i Tetis: i con gran propriedad la trae nuestro Poeta a este oficio, por avecer ella pasado su carrera, de suerte que tenía poblado el mar de hijas, como lo advierte el Poeta en la estanc. 20. del cant. 6. i la vejez imposibilitada se hueiga de ver holgar la mocedad: i assi no

es mucho se incline a tomar aquel oficio.

¶ *Fermo so rifo, bone sto.* Riose Tetis hermosa i honestamente de la pretension del Gigante, entendida por Doris, i dixo una gracia en desgracia del que la servia: cosa muy señorial, i es esta:

¶ *Qual serà o amor bastante de,* &c. Vease que sazonada respuesta con tanto entasis de lo modesto, i de lo malicioso, i de lo lascivo juntamente. Lo que quiere decir en esto (i por ventura lo vió) es lo que Oracio od. 5.lib.2.advirtiendo que un hombrón no deve solicitar una niña. Vease. El amor aquai derechamente vale cuerpo: i cuerpo se dice en dos maneras, a lo menos en Portugues: harto hemos dicho; i las malicias siempre son faciles de entender: i no ay duda que Tetis aqui estuvo maliciosa, i aguda equivocamente.

LIII.

Com tudo por livrarmos o Oceano de tanta guerra, eu buscarey maneyra, com q, cõ minha honra escuse o dano. Tal resposta me torna a mensageyra. Eu que cair nam pude neste engano, (q he grande dos amantes a cegueyra) C encheramme com grandes abundâças o peyto de desejos, e esperanças.

COn todo por librâr al Oceano de tanta guerra, yo buscarey maniera con que escuse el dano con mi honra. Tal respuesta me bolviò la mensagera. Yo que no pude caer en este engaño (que es grande la ceguera de los amantes) inchierenne con gran abundancia el pecho de deseos, i de esperanças.

¶ *Com tudo por l'ivrarmos o Ocean.* &c. Doris dixo al Gigante la respuesta de Tetis: i como la dificultad de las damas es el ipso iure de los amantes, el Gigante le dio a entender que estaba en sus treze, como ella en su dameria, i que sin duda el mar seria rebuelto con tormentas militares, hasta que ella hiziesse por fuerça, lo que no queria hazer de grado. Doris por aplacarle le di xo, que ella por escusa r tanto mal, ordenaria de modo, que el consiguiese su intento: i con estas esperanças le enretuvieron, i se aseguraron, la solicitadora, i la solicitada; i le traian muy vano.

¶ *Com tudo por livrarmos o Oceano de tanta guerra, eu buscarey.* &c. Yo estoy en duda, si estos tres versos son continuacion de la respuesta de Tetis, o si añadidura de Doris. Inclinome a esto ultimo, porque sin duda el pensamiento del Poeta fue describir en esta elançia el arte de la alcaquerteria, executada gentilmente: porque es propio de una alcahueta, quando la solicitada no responde a proposito, dar a entender, que todo lo fia de allanar con sus buenas trazas: i estas propias agora aqui: i esto no por interes (que es otra cosa, no siendo por otra cosa) sino de puro

zelo de que no sucedan desgracias: i por esso dice que lo hará por escusar tanta guerra en el mar, como el Gigante prometia.

¶ *Com que com minha honra escuse o dano,* &c. Este tambien es otro lance muy de alcahuetera, tomar en la boca honra, i más honra, procurando que la otra la pierda, i haziédo este oficio. I si se huviere de entender, que la Tetis es la que dixo esto en su respuesta, viene a ser lo mismo: porque en este pensamiento corren parejas las solicitadoras, i solicitadas: porque una obligando la otra a que cometia acto infame, i ella cometiendoio, ambas piensan que quedan con honra: o a lo menos se persuaden que avrà quien lo piense. Bien creemos lo avran ponderado los que la tienen a derechas; i lastiniodose de la infamia de que un infame no se conozca, que es solamente la esperança de la enmienda. I a lo menos pondere, como el Poeta bolando no dexa en el tintero los dichos, i los hechos de semejante gente.

¶ *A mensageyra.* Para que entendiessemos sin escrupulo, que tratava del arte de alcahueteria, que ai diximos, dio esse nombre de mensagera a Doris: que es modesto: i propio del vicio pensar que no le conocen, despues que se pone la masilla de un titulo de mejor sonido.

¶ *Que he grande dos amantes a cegueyra.* Parece quiso el Poeta oponerse a Virgilio, quando en el 4.dize, que no pueden ser engañados los amantes: *Quis fallere possit amantem?* Pues nos muestra engañado este: por ventura atendiendo a lo de Ovid.epist. de Fedra: *Non videt ullus amans.* Despues que descrivio las artes de la tercera, i terciada, describe la boberia de un enamorado, que compra a escudos el engaño; i hazes señas a un gato, perro, o cantaro que está a la ventana de su Xarifa, creyendo que es ella. Iva uno galanteando una, puesto en un cavallo tan descuidadamente, que casi se caia: advirtioselo otro; i el preguntóle, ázia que parte se iva cayendo: c. 3.est. 139.

¶ *Encheramme,* &c. No conoció el engaño el Gigante de puro ciego de amor; i cayendosele la baba de la boberia, dava credito a la tramoya.

¶ *Abondâças.* Bolverálo a decir en la estâc. 62.del c.7. Es voz que oy usan nuestros Montañeses: mas que tuvo autoridad en aquel siglo: i quando no la tuviera, con la suya la podia el Poeta introducir, o usar; i más acordandose que es Italiana buena; i sonante, i llena para expresar quan lleno quedó el Gigante de deseos, i esperanças.

LV.

Já nescio, já da guerra desistindo,
húa noyte de Doris prometida,
me aparece de longe o gesto lindo
da branca Tetis unica despida:
Como doudo corri, de longe abrindo

os braços, para aquella que era vida
deste corpo; e começo os olhos bellos
a lhe beyjar, as faces, e os cabellos.

VA necio yo desistiendo ya de la guerra, una noche prometida de Doris me aparece de lexos el lindo gesto de la blanca, i unica Tetis desnuda. Corti como loco abriendo de lexos los braços para aquella que era vida deste cuerpo, i comienzo a besarle los bellos ojos, i las mexillas, i los cabellos.

¶ *Ià necio, &c.* Ya de pura necesidad de puro enamorado, acabando de creer los engaños de la tercera, que le pronosticò ponerle una noche con Tetis, desistió de la guerra, i quedose a buenas noches, porq de puro ciego, llegada essa noche, i figurandosele que via a Tetis para lograrla assi desnuda, como la viò, para enamorarse della (en la estanc. 52). Sempeçò a manosearla, i sucedió lo que veremos en essotra estancia.

¶ *Ià nescio já.* Confiesa que los enamorados con vehemencia páran en ignorancias, que crecieron mucho regadas con aquella baba boba, que les corte, como arriba diximos, de la nube de aquellos engaños de promesías.

¶ *Me aparece de longe o gesto lindo da branca Tetis unica desnuda.* Con las cararatas de la boberia de amor desordenado, se le figuró que allá adelante adonde la tercera le dixo estaba Tetis, estaba ella sin duda, no solamente real, sino que venia puesta en punto alter de incentivo de deseos; al fin en cueros (perdoné los cultos) que esto vale allí el *despida*, desnuda.

¶ *Como doudo corri de longe, &c.* Notese como iguala el efecto a la causa. Viò desnuda, i paciente toda la belleza de tal Diosa, i luego corre a ella como loco (esto es *doudo*) feliz representación de que diò el fuego de la hermosura en la polvora del deseo: o al contrario. Vivissimamente os pone a los ojos la impaciente lascivia.

¶ *De longe abrindo os braços.* Otra mayor i viva imagen dessa lasciva impaciencia: o deseo de llegar a lo deseado. Desde lexos, en viendo a Tetis abrió los braços, i como desfaldó venia corriendo a ella. No se pudo dezir más.

¶ *Que era vida deste corpo:* El vida está aquí por alma: porque la tuya estaba en Tetis, i Tetis era el teniente del'a.

¶ *Começo os olhos bellos, a lbe beyjar, as faces, e os cabellos.* Siendo este lugar de los cuidadosísimos del Poeta, con que pinta en este Gigante una balsa de la lascivia desordenada; ciertos censuradores, que devén ser de los que hablan de merced a la dama que les haze copia de si, dizen que no anduvo delicado en dezir, que avia besado a Tetis en los ojos, i en los cabellos, i manoseado la tanto. A otros besos se pudiera embiar tal censura. Vease, por Dios, como en este lugar lascivo guardó el decoro a la modestia, no hablando

A en boca, que aí son los besos deshonestos: i júntamente atendió a la expression del furor, i priëssa (todo impulso de la lascivia) tocando có la boca más, adonde mas presto le llevó la ceguedad: i sobre esto arguye la bruteza, i grossería del Gigante, incluida tambien en la respuesta de Tetis, diciendo, que era desigual para un monstruo lo delicado de una Ninfá. I sin estas ponderaciones, q son seguras, hizieron grandes escritores semejantes besos en amantes, iguales en estatura i policia (que es más) por describir la amécia de aquel deseo. El Petrarca aviendo visto un señor besar a su Laura, escrivió aquel soneto 202. *Gliocchi, e lafronte, &c.* Basciolle. Policiano lib. 1. al de Medicis. *Milli baci negli occhi, et ne la frôte.* B. Tasso Amad. c. 14. así haze besada Oriana. *E le baciava i begli occhi, e le chiome.* I no solo es el pensamiento de nuestro Poeta, sino todo el verso. Su gran hijo en la Liber. cant. 16. estanc. 19. a amante polido passó esta acción, que era Rinaldo con Armida. *Liba crda gli occhi, &c.* Assé guraos, que el Camoens supo gastar los colores poéticos, con mas dicha de lo que prometía la fuerza humana, como el dice.

LVI.

O ! que namsey de nojo como o côte,
que crendo ter nos braços quē amava,
abraçado me achey có hū duro mōte
de aspero mato, e de espessura brava:
Estando com hū penedo frôte a frôte,
que eu pello rosto angelico apertava,
nā fiquei homē nā, mas mudo, e quedo,
e junto de hum penedo, outro penedo.

O Que de puro enojo no sé como lo cuente!
Que creyendo tener en los braços a quien
amava, me hallé abraçado con un duro mon-
te de aspera maleza, i brava espessura. Estando
frente a frente con un peñasco, que yo apretava
por el rostro angelico, no quedé hóbore no; antes
mudo, inmóvil; i juto de un peñasco otro peñasco

¶ *O ! que namsey, &c.* A qui descubre el Gi-
gante lo que explicamos al fin de la est. 49. que
le amargava el verse obligado a referir este suces-
so, por no renovar su dolor. Dize, pues, que no
sabe de puro lastimado, el modo con que ha de
contar esta desgracia: i es, que creyendo, como
vistes en essotra estacia, que Tetis estaba allí real-
mente, fue bolando, i al tiempo que sospechava
abraçarla a ella, se halló abraçado con un monte
aspero, el qual tenía por cabeza un peñasco.

¶ *Namsey de nojo como o conte.* Reusa el côte-
tar este suceso, porque le acorrala el referirlo: i
es en Virgil. lib. 2. el *horresco referens*, que dixo
Eneas al comienzo a describir unas serpientes. Pe-
ro esto parecese a lo que sucedió a Juan de Me-
na con la Providencia, que luego abajo traere-

mos con otra ocasion semejante.

¶ Que crendo ter nos braços quē amava, abraçado me acbey com bum duro monte, &c. Al abraçar aquello que le pareció ser Tetis, se le bolvió en peña. Buria de Tetis, i Doris, con facultad de Diolas; aviendo tomado, parecece, esta lecion de Iupiter, i Iuno, que engañaron a Ixion enamorado della, poniendole delante una nube en tal forma, que el se arrojó a ella pensando que era Iuno. I no ay duda, q̄ el intento de nuestro Poeta fue imitar esta invencion con estoica.

¶ De aspero mato, e de espessura brava. Todo esto significa plantas espinosas, i pungentes: i para curar al Gigante de picado de amor lascivo, B fue contraveneno estremado, de q̄ se signio luego el quedat frío, i aver cobrado vista.

¶ Estando com bum penedo fronte a fronte, q̄ eu. &c. Quando se persuadió que llegava su rostro el Gigante al de Tetis, halió q̄ le avia arrimado a un penedo. Penedo en Portugues, es un peñasco por la mayor parte redondo, o aovado; i está puesto aquí con gran propiedad por la cabeza de Tetis: porque esto parecen los tales peñascos sobre las cumbres de los montes, qual el P. finge que este estaba aqui sobre aquel monte, que el Gigante tenia abraçado. I por esto a la cabeza acomodó Ovidio otro peñasco en la transformacion de Atlante. *Quod caput ante fuit summo est in monte cacumen.* Sobre la est. 59. copiaremos todo el lugar. De modo, que las burlonas Tetis, i Doris fizieron q̄ el Gigante con hambre de pasto diferente, se fuese a morder en una piedra: pasto tâbien propio para quel estomago, i nuez para aquella boca.

¶ Rosto angelico. Duden algunos si el Gigante pudo tener conocimiento de Angeles, pues los Gentiles no los conocieron, para comparar con ellos el rostro de Tetis. Gafaremos en esto poco tiempo; porque basta decir que el Poeta (i pudolo hazer) habló en esto a nuestro modo: i sobre lugar senejante se vea lo que diremos en la est. 51. del c. 8. I tambien habló el modo de la figura que introduce: porque como este Gigante representa a Mahoma, o a toda la Morisma, segú apuramos en la est. 50. en su Religion ay conocimiento de Dios, i de las virtudes angelicas: i como alli hemos provado, que esta Tetis representa la Iglesia Católica, se toca justamente el titulo de Angelica.

¶ Namfiquey homem, mas mudo, e quedo. Al ver, i sentir aquella burla, no quedó el Gigante de provecho, no parecia hombre, sino cadaver, elido: i es lo que ai acabamos de decir, que se vió todo frío, desquitandose la llama.

¶ E junto de bum penedo, outro penedo. Ovidio en Ariadna a Teseo. *Quamque lapis sedes tū lapis ipsa fui.* Petrarca cancion 30. *Mefreddo pietra morta in pietra viva.* Ariosto canto 23. estanc. 111.

Rimai alfin con gli occhi, e con la mente
Tomo 2.

Fissi nel sasso al sasso indiferente.

A I en el 10. Ne men di un verò sasso un sasso pare.
Claud. Tolomei son. In qual, &c.

*Che mirar mi par quella, e miro un sasso
La onde spesse volte un sterpe cingo
Con le mie braccia, e si forte le stringo
Che per che duro il trovi, mai no il lasso*

Que es todo lo que sucedió a questo Gigante: i alsí es de creer que el Poeta vio esto. Fabio Gareota en la cancion, *Chiaro s'ave,* &c.

*Stassi quasi di pietra
E dì la ch'ara faccia non si spetra.*

Iuan de Mena cop. 194. en la mejorante ocasion.

*Yo d'ffiendo con gran reverencia
Tener abraçados sus miembros guardados,
Hallé con mis braços mis ombros ceñidos,
I todo lo visto huyó mi presencia.*

Bueno sin duda, i el verso 3. bonissimo. Advirtimos que no comienza aqui la transformacion del Gigante; porque esto de decir, que junto de aquella piedra, quedó hecho otra piedra, es hipérbole del pasmo que le cansó el engaño dulce, i el desengaño aspero, i horrido. I en la estancia 59. hallaremos la transformacion, i el remate de la fabula tan feliz, como ella toda.

LVII.

O Nimpha a mais fermeosa do Ocea-
jà q̄ minha presençā nā te agrada, (no!
que te custava termo neste engano,
ou fosse mōte, nuvem, sonho, ou nada?
De aqui me parto irado, e quasi insano
da magoa, e da deshonra ali paillada,
D a buscar outro mundo onde nam yisse
qué de meu prāto, e de meu inal se risse

O Ninfa la más hermosa del Oceano! Ya que
no te agrada mi presencia, que te costava
tenerme en este engaño, o fuese mōte, nu-
be, sueño, o nada? De aqui me parto airado, i casi
insano de la deshonra, i lastima alli passida, a bus-
car otro mundo, adonde no viesse quien se rieste
de mi, i de mi llanto.

E ¶ O Nimpha! &c. Encivese el Gigante ago-
ra con este Apostrofe de quattro versos, a hablar
con Tetis; i en medio de tantos daños padeci-
dos por ell, confiesa su hermosura superior: I
dizele, que si ella quisiera, poco le costava el te-
nerle contento, pues alfin solamente con despen-
der engaños, i más engaños, fuera el viviendo en
esperanças. Alfin corrido de verse burlado tan
dnramente, se ausentó de aquella Region para
otra opuesta, por evitar el ver a nadie reirse, i bur-
larse de aquel acontecimiento.

¶ A mais fermeosa do Oceano. Cō estar el Gi-
gante gravísimamente lastimado de la burla de
Tetis, confiesa que es hermosa sobre todas: i cō
tiene

tiene esta confession dos reparos: uno q̄ haze armonia cō lo q̄ el proprio Gigante dixo en la est. 52. Ies, q̄ n̄ así burlado estava perdido de amores por ella, de modo q̄ no avia cosa que más quisiese; i esa hermosura confessada, es la q̄ tiene en pie este amor: otro, q̄ ordinariamente los que se dan por agraviadoss de alguna persona, les niegan las virtudes, o partes buenas q̄ tiene; o a lo menos procurá desluzirlas; i solamente la verdadera hermosura se escapa del rayo de la muriuración, i vē ḡirga: porque hasta la másira ofensa no se atreve a ofenderla cō negarla; i ese es el trabajo mayor de los que se ven despreciados de la hermosura, no poderla diminuir, para que se diminuyera su tormento; i por ésto se halla con tanto el Gigante despues del suceso.

¶ Que te custava terme neste ergano? Los amantes delengañosos de sus amadas, son como los q̄ sueñan cosas de gusto, que todos desejan nō salir de aquel engaño. Porque las cosas no son más nuestras, que en quanto lo creemos. I e: Gigante aviendo despertado del sueño de su engaño, halla que fuera mejor no aver sido así, i ya agora tornaría por partido, que Tetis fuera durable en aquello de entretenerle con esperanças fingidas.

¶ De aqui me parto irado, e quasi insano. Resolviose en dexar el clinch adonde le sucedió tal desgracia, i exscutólo tan airado, que parecia aver perdido el juicio. El verso es como ei 1. de la est. 77. del c. 1.

¶ A buscar outro mundo. No solamente mundo de clima, sino de mundo para no ser visto de nadie en estado tan triste. Por esta cuenta la guerra que hazian los Gigantes, i la desgracia que a este le sucedió con Tetis, fue todo en este nuestro Hemisferio, pues dice, que de mohino lo dexó todo, i se fue a vivir en otro mundo, que viene a ser essotro Hemisferio del Oriente en que está: i es claro, porque los Poetas hazen a los Gigantes, poniendo montes sobre montes, señalando Pelió, Ossa, Olimpo, &c. i luego los Dioses, poniendo montes sobre Gigantes, señalando Etna, &c. i todo esto es por la Región de Sicilia: i todas essas Regiones son deste nuestro Hemisferio, i el Promontorio se halla en essotro: I aliude tābien esto al dicho vulgar de los a q̄ suceden grandes desgracias, q̄ les conviene irse a vivir a otro mundo. I singularmente le hizo el P. decir esto, para alúbrarnos en un troco de la alegoria, q̄ descubrimos en todo el discurso hecho sobre la est. 50. de q̄ este Gigante representa a Mahoma, q̄ con sus armas pretendió destruir la Iglesia en Europa, i aun en la propia Italia adonde está su cabecera: porq̄ siendo en esta parte la guerra de los Gigantes, i fingiendo que este era uno de aquellos, i q̄ huyó para esforra de corrido del mal suceso, viene a ser lo mismo que sucedió a Mahoma, que peleando cō este intento contra el cielo en esta parte de Europa, i no lograndolo se retitó a essotro en que se hallava agora.

A ¶ Onde nam visse quem de meu pranto, e de meu mal se risse. Imitando a Virgilio 4. quando haze que dessas risas futuras se duela Dido burlada de Enneas; i procure ausencia de tierra, o vida; así:

En quid agū? Rursus vē procos iri: issa priores

I experiar, &c? Vea el curioso alá lo demás; i verá la grandeza de la imitacion no facil de ver hasta agora, como casi todas. Dixolo despues el Tasso Conquist.lib. 3.est. 84. *Riderà del nostro pian̄o:* Fuese a otro mundo para q̄ nadie le viesse corrido; ni el viesse a nadie estar siendo de su corrimiento, principalmente la tercera, i Tetis, que sobre la burla p'assarian risas bastantes a desjarretar el Gigantazo. Tal es el poder de las risas de damas, si llegan a burlar'e de veras del burlado. I tābien por evitar el dar placer con su tristeza a los que tienen librado el suyo en la del vecino; q̄ ay muchos vecinos cō este bué humor; i que abaratarañ muchos gustos propios, por ver un pesar en otro.

Falo como expriment'ado,

Que setim desti: fly: am

Eu tenho muyto cortado.

Digo que he visto sa'tar por los ojos la alegría a algunos del penar de otro, a quien ellos devian buenos oficios por cierto gran motivo de tormento; mayor en el atormentado; i todavía le tengo a el menos lastima que a ellos. S' puesta la exposicion, justamente le resò al Gigante en la est. 49. de la pregunta del Gama: i tābien por la misma razon se enfada justamente de que los Portugueses le descubriessen, passando al mundo a que el avia passado, por no ser descubierto, que fuè frustrarle la diligencia. Gran fabrica, pues, grande, grande es la desta fabula. El pensamiento ultimo fuè a imitacion de Garcilasso Eglog. 2. en persona de Albanio, burlado de Camila.

Hizo que de mi choza me saliese

A buscar un lugar donde muriese.

Ercilla canto 25. haze que le diga un Mago.

De cobrar el honor desesperado

Me vine como ves a este desierto,

Sin ser jamas de nadie descubierto.

Imitando esta invencion: que esto es lo que dice aqui el Gigante.

LVIII.

E Eram já neste tempo meus irmãos
vencidos, e em miseria estrema postos;
e, por mais segurarle os Deuses vãos,
alguns a varios montes fotopostos:
E como cōtra o ceo nam valem mãos,
eu q̄ chorado andava meus desgostos,
comecey a sentir do fado imigo,
por meus atrevimentos, o castigo.

VA en este tiempo eran vencidos mis hermanos, i pueitos en extrema miseria. I algunos soropuestos a varios montes, por asegurarse mis los vanos Dioses. I como contra el cielo no valen nian's, yo que andava llorando mis disgustos, comencé a sentir del enemigo Hado el castigo por mis arrebitamientos.

TErām já neste tempo meus irmãos vencid. &c. Dize aqui Adamastor, que al tiempo que padecia esta desgracia de sus amores con Tetis, ya sus hermanos los Gigantes estavan castigados por Iupiter, i por más seguridad metidos de baxo de algunas montañas, para que no se pudiesen volver a levantar (como Tifeo está debaxo de la de Etna, que se verá en la est. 13. del c. 6.) I que andando asi padeciendo los desfavores de Tetis en otro mundo, allá le fueron a alcazar las manos de los Dioses, para castigarle por el atrevimiento de aver servido por el mar cótra ellos. I el castigo en eitorra eslancia.

Os Deoses vanos. Vanos llama a los Dioses, porque es de aquella progenie Gigantea, que no creyédo en ellos, los quiso despojar de los pueitos que tenian: conociendo que ellos no eran menos hijos de la tierra, pues alfin eran de carne humana, como lo dice el P. en la e. 91. del c. 9. I aú quando huviera creido en ellos, les pudiera acorralar llamar vanos, porque era ya muerto: i los que passan desta vida a la otra, allá se desengaúnan de los errores admitidos en esta; i reconocen, que no ay mas de un Dios, i que todos los llamados Dioses, es pura vanidad mudiada. Con esta cōdicion dirá la propia Tetis en la est. 82. del c. 10. q' ella no es, ni fué Diosa, ni alguna de las otras llamadas deidades. I así fué cuidado esto de hacer el P. q' el Gigante llame vanos a los Dioses, i no descuydo, como creen los ignorantes que le acusan. También vanos, puede ser por usanos de la vitoria: al modo que explicamos aquel vano de la e. 91. del c. 4.

Contra o ceo n'am valem mãos. El P. en la est. 56. del c. 7. i en sus rim. son. 36. Que contra o' eco num val defensa humana. Petrai ca canc. 41. Che contra il ciel non val defesa umana. El Vartqui fol. 203. — Che nulla humano

Configlio val contra poter divino. Pafilo Sasso cap. 32. Ma cōtra il ciel non val defesa humana. Tasso Conquist. lib. 23. est. 124. Ma contra il ciel già mai non vale, &c. Terrena forza. Esta sentencia es de muchos Santos, yo trato solo de citar lo que parece imitó el P.

LIX.

Convertefeme a carne em terra dura,
em penedos os ossos se fizeram,
estes membros que ves, e esta figura
por estas longas agoas se estenderam:
Enfim minha grandissima estatura
neste remoto Cabo converteram

Aos deoses; e por mais dobradas magoas
me anda Tetis cercando destas agoas.

En dura tierra se me convierte la carne: i los huesos se hizieron en penascos: i estos miembros, i esta figura que ves, se estendieron por estas prolixas imensas aguas. A fin mi grandissima estatura convertieron los Dioses en este remoto Cabo: i por más dobradas lastimas andame Tetis cercando destas aguas.

Convertefeme, &c. Dize el Gigante el modo de su transformación, q' fué la carne bolverse tierra aspera, los huesos peñas duras, la estatura, i maquina de aq'l cuerpo, toda aqlla vastissima copia de montes. I porq' más se lastime, siépre Tetis le está presente para ver la causa de su mayor pena.

Se carne em terra dura, empnedos os ossos se fizer. &c. Bien cremos que el P. imita a Virgil. lib. 3. describiendo el peñasco de Scyla, adónde le dà la forma que haze al propósito de la fabula, o noticias della: perô derechamente imita la descripción de Atlante al convertirse en monte de su nombre, en Ovid. Met. 4.

Quantus erat mōs factus Atlas; nā barba comeq;
In sylvas abeunt: iugasunt, humeriq; manusque,
quod caput antefuit, summo est in monte cacumē:
Ossa lapis sunt: tum partes altus in omnes

Crevit in immensum, &c. I puede ser que todos llamarán huesos de la tierra a las piedras, desde q' las fabulas cuentan, q' preguntando Deucalion, despues del diluvio, a Themis Diosa, i Oraculo en el Parnaso, como repararía el mundo de gére; le respondió, que echando para tras los huesos de la madre, i el interpretando, q' la madre era la tierra, i sus huesos las piedras las suechan-do, i hizo dellas nuevos hombres: i agora los saytales, q' nos hacen creer que esto no son fabulas, sino que o se formaron de piedras, o se convirtieron en ellas. De manera, que dé miembrios de un Gigante haze una montaña questo P. contraponiéndose a Hom. Vlif. 9. que haze a Polifemo de una montaña membrosa.

Neque similis homini humano. sed cacumine
Sylvoſo exceilſorum montium. I fina mente aviédo Deucalió hecho huesos humanos de piedras, el P. buelve esa humanidad a sus principios, i hace piedras de los huesos deste Gigante.

Estos membros que ves, e esta figura, &c. Parece q' el P. tomó esta transformacion del Gigante, de la que del Caes haze Vincencio Cartari en la traducion de los Fastos lib. 1. aunque Ovidio ahi no lo dice de este modo: E queste membra. &c. Della confusa mia prima figura.

Grandissima estatura. Así en la e. 39. todo aplicado co grā propiedad, i proporción a montaña a todo el cuerpo; los peñascos a los huesos; la tierra a la carne; lo alto del cuerpo al monte.

Magoas. Esta tempestiva voz, con o otras de este linaje, logra la legua Pottucuela co superioridad a muchas, si lo consièncen los apaisionados de

lenguas, q yo no lo soy; porq tégo sacado en limpio dessas pocas q conozco, no aver alguna q no 'ogre riqzas de propiedad q no lográ las otras. *Magoa* es propia voz Portuguesa no conocida de otra para lo q entendemos en ella los Portugueses, es singularissima: para los estraños no sé si me sabré explicar. Hallarse uno magoado, entendemos aver calado el dolor hasta el alma, i de xado en la cara señas de si. Dixome un Castellano, q a su parecer *magoas*, era buena voz para hablar de N. Señora quando estava al pie de la Cruz en la soledad de su Hijo. I como sin duda aquel devió ser el mayor dolor que conoció la humanidad, i la voz *magoa* representa el alma llagada de dolores, i tristezas, sospecho que dixo bien este Castellano, i que no lo dirá mejor un Portugues, aunque sea de los que piensan que nos magoan con sus elegancias. Doymie a creer que el *magullar* Castellano, es lo mismo que el *magoar* Portugues; porque magoar, i magullar es lo mismo que *sugillare*, i *sigillare*, que vale imprimirse en alguna cosa alguna señal; i assí *magoas* propiamente son señales, o caracteres de dolor, profundamente impressos en el coraçon: i estar magoado, es como si dixessemos estampado de insignias de dolor. I tambien puede *magoa* tener su origen en el *macula* del Latin: porque *macula* es lo propio que mancha: i los dolores son las manchas de la alegría, i dellas es propio el penetrar, que es lo que hazen grandes penas, calar hasta el alma, como diximos al principio. Tambien el *manzilla* Castellano tiene mucho parentesco, o afinidad con magoa. Pero si bien tienen esas lenguas voces q pueden significar lo que esta, no tiene esas voces la gravedad i dulçura, i naturaleza q el Portugues halló en esta para usarla en esto.

¶ Me anda Tetis cercando destas agoas. Con el ayre de aquello que en Virgil. lib. 2. dice Creusa a Eneas, lugar que el P. imita en esta fabula tanto como ya diximos: *Sed me magna Deum genitrix bis detinet oris:* dandole cuenta de que fué voluntad de los Dioses apartarla del, i de Cibeles entretenerla assí, como acá los Dioses castigan al Gigante, i Tetis le ciñe. I parece que alude a la fabula de Tantalo, que teniendo el agua a la boca no puede lograrla, i essa es su mayor lastima; pues dize que la mayor magoa que tiene en todas las tuyas, es ver por allí a Tetis, porque al fin agora le es mas impossible lograrla, de lo que ania sido antes. Advirtase que la transformacion, no fue solo por lo a que aspiró amando a Tetis, sino por complice en la conjuracion contra los Dioses; continuando nuestro Poeta fecissimamente aquella fabula, i descubriendonos nuevamente un castigado por aquel delito. I aqui dà fia la admirable prosopopea, usada del P. en la introducción deste Promontorio a hablar. Yo quisiera hallarme con fuerzas para decir lo que siento, i lo a que obliga tan bien abierta, seguida, i rematada invencion. En la grandeza, de-

A formidad, i rabia del Gigante, os pone a los ojos lo dificil de aquel paraje, i de aver gente humana llegado a descubrir lo que desde los fundamentos del mundo estuvo escondido. Con aver pintado un monstruo fiero, fabrica en el un caso apetecible al gusto del leer. Con gran maestría, siendo Catolico el Poeta, os ofrece una fabula Gétilica que excede a todas, sin incurrir en frialdad, porque supone al que la refiere del tiempo dellas. Enséña en ella que no ay osadias intolentas sin castigo; i que este no se guarda para el otro mundo ordinariamente, sino que en este se alcança: I que las personas de calidad inferior no han de quererse igualar con las superiores; i mucho menos un bruto de las hezes de la tierra atreverse a una Princesa, como Tetis: si bien, como dice el Poeta en la est. 35. del c. 9.

E por baxos, e rudos, vos señoras

Tambem vos toman nas Vulcunas redes.

I aqui socorre bien aquello de, *Che per tropo varriar natura è bella;* i que alfin señoras no dexan de ser mugeres. Pero el P. como gran Poeta, no os pinta aqui esta señora, Tetis mesurada i modesta, como lo son algunas señoras, sino como todas lo devian ser. I para que veais si el P. ha hecho a Tetis modelo de señoras de seño, andada a aguardarme en la est. 21. del c. 6. La otra cosa tra ra q haze el P. en esta fabula, no perdiendo tiempo, ni aun una palabra, es que el Gigante verga a decir cosas q era menester no faltassen en este Poema, por ser propias de la gente Portuguesa, quales son aquellos horrendos casos, que aviendo passado, se dizan en vaticinio como futuros; i todo para enseñar, que la osadia de los Portugueses no dió un pie atras por ningunas amenazas, o terrores de peligros, sino que pisando al propio miedo passaron adelante, i le dexaron corrido. No ay duda en que otro ingenio tambien introduxera fabulas, pero aylá si lo haria con esa arecion, cuidado, i misterio. I finalmente en dezir el Gigante, que los Dioses solamente le podian ir a alcançar tan lexos para castigarle, dà a entender que los Portugueses fueron otros Dioses para destruirle; haciendo armonia con lo que dixo en la est. 1. deste Poema, que execuaron más de lo que prometia la fuerza humana; i con lo qne haze dezir a Baco en la est. 29. del c. 6. que los Dioses vendran a ser humanos, i los Portugueses a ser Dioses. Alfin todo correspondencias sutiles, i misteriosas. O espíritu sin duda más que humano!

LX.

Assi contava, e c' hú medonho choro
subito de ante os olhos se apartou;
desfez se a nuvē negra, e c' hú sonoro
bramido muyto longe o mar scou:
Eu levantado as mãos ao sancto coro
dos Anjos, que tam longe nos guiou,
a Deos

a Deos pedí, que removesse os duros casos que Adamastor contou futuros.

A Si contava; i con un horrible lloro subito se apartó de delante de los ojos. Deshizose la negra nube, i con un sonoro bramido sonó muy lexos el mar. Yo levantando las manos al santo Coro de los Angeles, que nos guió tan lexos, pidi a Dios que removiese los duros casos q Adamastor contó futuros, predixó venideros.

T Assi contava; e con med.crc. El Gigante cō cluyó con la relació de sus progressos, i fin, i prorrumpiendo en llanto horrido desapareció arrebatadamente: i a esse tiépo resuñó lexos el mar, como eco del suspirar, o bié del movimientu del Gigante. El Gama puestos los ojos en el cielo impuso favor contra los vaticinios escuchados en las est. 42. hasta 48.

E Assi cōtava, &c. Subito de ante os ochos se a partou. A imitació de Virgil. quando Euridice acaba de hablar a Orfeo, i desapareció, Georgica 4. — *Dixit:*

*Et oculis subito, cœnsumus in auras
Commisstus tenuis, fugit d'versa, &c. Aū tomò
más del desaparecim. éto de Creusa: Hæc ubi di-
cta dedit, &c. Deservit: tenuis q; recessit in auras.*

T Desfaz se a nuvem negra. Virg. 4. En.

*Mortales vijus med'io sermone reliquit
Et procul in tenuem ex oculis evanuit auram.*

B. Tasso Amad. c. 1.

E così detto. come poca po'vi. &c.

*Nel' aria se d'sperge, e si d'ssol've,
Così sparve la donna i un momento.*

I advirtase ei cuidado del P. deshaciendo aqui la nube que hizo en la est. 37. Otro se olvidara de deshacerla.

G Com sonoro bramido muyto lōge o mar soou. Virg. 3. *Clamore immensum tollit, quo pontus, & omnes intimuere undæ, &c.* Stacio Theb. 2. *Et qua vix carmine raro longa sonat Nemea, &c.* En semejante sonido. I la verdad es, que al leer estos quattro versos se preparan los sentidos del ver, i del oir para oir, i ver esse estruend. Vease más desñ en la est. 38. i en el c. 6. la 19.

T Eu levātando as mãos ao santo, &c. a Dcos pedí, &c. Alsi feuece Virgil la fabula de las Ilapias cō Eneas despues q en las Sirofades le vaticinaron infortunios, q todo aqui se vió imitado h. 3.

Et pater Anchises, passis de littore palmis;

Dij probibete minas; Dij talē avercite casum.

T Coro dos Anjos q tā lōge nosguion. Que Angeles son ellos? Sô por ventura Venus lasciva, i sus Ninfas? Esto dirá los q disen q el P. escribió a lo Gétilico. Aqui se descubre, i os enseña claramente, q por essa Venus, i Ninfas, introduzidas en las est. 33. 34. del c. 1. i desde la 18. hasta la 24. i desde la 33. hasta la 42. del c. 2. i el Mercurio des de la 56. del mismo, i otra vez la Venus, i las Ninfas, i la Tetis, i las Sirenas en el 9. i en el 10. entendió los Angeles, i las virtudes, i el poder i ma-

Tomo 2.

A no divina; q esto es quié gnió tā lexos estas embarcaciones, como ai dice el P. i essas figuras son quien haze la representacion de toda esto. Yo no veo cosa tā clara: poi q el P. sirge q Venus, i las Ninfas l'eváró estas naves, i las defendieró de todos peligros, i aqui, i en otras partes dice, q los Angeles las defendieron, i lleváron: luego pues ellos no representan essas Ninfas, necesariamente ellas los representan a ellos: i ellos son principalmente los q declaramos en las est. 20. i 75. del canto 2. Vease que es bueno.

T A Deos pedí, q removesse os duros casos q Adamastor contou futuros. Ademâs desle lugar posterior q à que la de Virgil. tâbié en estos dos versos se abraça este del lib. 2. *Tunc etiā fatis aperit Cassandra futuris.* Ovid. epist. Laodom. *Dip: ecor à nobis, om̄e removete sinistrū.* Lucan. 1. *Dij vix secundū: al aver visto otros augurios siniestros.*

LXI.

Ià Phlegon, e Pyrois vinham tirando co' os outros dous o carro radiante, quâdo a terra alta se nos foi mostrado, em que foy cōvertido o gran Gigante. Ao longo desta costa, começando já de cortar as ondas do Levante, por ella abaxo hñ pouco navegamos, onde segunda vez terra tomamos.

D Y A Flegó, i Pirois cō los otros dos, venia tirando el radiante carro, quâdo se nos fué mostrado la alta tierra en q el grâ Gigante fué cōvertido. Comêçando ya a cortar las ondas del Levante cosidos cō la costa navegamos por ella abaxo un poco, adonde tomamos tierra segunda vez.

T I.à Pblegon con Pyr. &c. Ya venia amaneциendo (quiere dezir) quando acabó de hablar, i desaparecer el Gigante: i el Gama fue prosiguiendo su viaje. Assi quando con Eneas acabó de hablar Creusa, i desapareció, en ese lugar citado de Virgilio.

*Iamque ingis summae surgobat Lucifer Idæ
Lucebatque diem, &c.* Noteſe que este modo de describir la mañana devó el P. en la e. 84. del c. 1. por variar más lo imitado acá; i tomó lo del lib. 5. *Auroram Phætonis equi iam luce vehebant:* Añadiendo el nombrar un par de los cavalllos, como B. Tasso Flo: id. c. 8.

E *Havean non molto pria dal carro sciolto
Le ministre del Sol Piroo, et Etbo. &c.* No ay quien no sepa q al Sol se cōcede carro de quattro cavallos, i los nobres dellos, i si no lo supiere alguno, acuda a los herrados; es; digo los q diré en el prologo.

T Carro radiante: En las mismas dos palabras con la industria de la vezindad de las rr. rech.n.e, i canta el carro en el propio verso. Vease lo dicho de semejante cuidado en la est. 74. del c. 2.

Tt 3

¶ Quan-

¶ Quando a terra alta se nos foy mostrando,
 &c. H. i. v. Vlif. 5. Apparuerunt montes umbro
 si terre Phœaces sum, &c. Que el Gama aqui no
 se arrima de quando en quando menos a Vlif-
 ses , resitiendo su viaje , que a Eneas en la finya.
 Venida pues la luz del dia, vieron la tierra sobre
 que se ha fundado la fabula desse Gigante, a qual
 era el Cabo de Buenaeesperanca.

¶ Em que foy convertido o gram Gigante. Es
 bueno el aver fabricado agora la fabula del Gi-
 gante , i hablar ya del en aquella tierra, como si de
 largo tiempo se supiera de su conversion en ella.
 I dio el Poeta a entender en usarla al punto que
 la acaba de texer , que la tenia por capaz de ser
 usada de los futuros, no menos que las antiguas,
 i que para esto la inventò ; como explicamos al
 principio de las notas a la estancia 50. Vease. I
 no es sin imitacion de Virgil. En. 3. que apenas
 acaba Eneas de salir de Troya extinta, i de refe-
 rir su extincion, quando ya usa della , como muy
 notoria: *Portusq; relinquo, & campos ubi Troia
 fuit.*

Começando já de cortar as ondas do Levante.
 Esto es, que aviendo ya dobrado la punta del Ca-
 bo de Buenaeesperanca , i mostrado las popas al
 Sur, adonde hasta espirar la punta truxeron pue-
 stas las proas , ivan ya con esas proas en el O-
 riente , i navegando por el mar Oriental costean-
 do. I ya saben todos , que se llaman de Levante
 aquellas tierras i mares , porque en ellas , i en
 ellos se levanta el Sol, o el dia que todo es uno.

¶ Onde seguda vez terra tomamos. Esta tie-
 rra segunda que tomaron fue la Baia de San Blas
 capacissima, adonde surgieron dia de Santa Cata-
 lina. El dezir segunda vez , parece que se en-
 cuentra ; porque en la estancia 8. i en la 26. dà a
 entender que tomaron tierra ; i assi parece que
 esta era tercera vez. Però todo está bien, porque
 en Santiago no salieron en tierra (eso es tomar-
 la) sino aportaron para tomar mantenimientos:
 i esto es en la estancia 8. i en la 26. i aqui salie-
 ron. I tambien esto consta de Juan de Barros en
 el lugar arriba citado de su Decada 1.

LXII.

A gente que esta terra possuia
 posto que todos Etiopes eram,
 mais humana no trato parecia
 que os outros q tā mal nos receberam:
Com baylos, e com festas de alegria
 polla praya arenosa a nos vieram;
as molheres consigo, e o manso gado
 que apascentavam,gordo, e bē criado.

LA gente que posseia esta tierra (puesto que to-
 dos eran Etiopes) parecia en el trato más
 humana que los otros que nos recibieron tā

A mal. Con bayles,i con fiestas de alegría vinieron
 a nosotros por la arenosa playa : consigo traian
 las mugeres, i el manso ganado,que apacentavan
 bien criado,i gordo.

¶ Agente que esta terra, &c. Dize, que la gé-
 te que hallaron en la Baia de S.Bias, aunque era
 negra, era más humana que la otra de Santa Ele-
 na; i alegremente, i aun baylando vinieron por la
 playa, llegandose a la orilla adóde estavan los na-
 vios: venian governando sus ganados ellos con
 sus mugeres juntamente: i ellas cō el regalo que
 veremos en essotra estancia.

¶ Etiopes eram. Vale esto , que eran negros:
 por ser este color propio de la Etiopia: i aunque
 nazcan en Portugal , se llamarán con propiedad
 Etiopes,porque se respecta al color.

¶ Os outros que tam mal nos receberam. En-
 tiende los negros de la Aug'a de Santa Elena,
 con quien passò lo que vimos desde la estancia
 29:hasta la 36. Todavia , como barbaros siem-
 pre lo son, aunque se alegren,a lo ultimo no faltò
 alguna señ'l desto ; però no como en Santa Ele-
 na. Vease Barros Dec. 1.lib.4.cap.3.

¶ Com baylos, e com festas, &c. Ercilla canto
 20. I condanças,con juegos,i otras festas : I en el
 10. En juegos,pruebas,davças, i alegrías.

¶ O manso gado , que apascentavam gordo , e
 bem criado. La Poesia no consta de filerterias de
 retruecanos, i palabras cernidas : consta de pro-
 piedades dichas con gravedad: Parece que en es-
 fe verso i medio se está viendo la loçania de un
 rebaño de ganado lucido: esto es ser Poeta.

LXIII.

As molheres queymadas vem emcima
 dos vagarosos boys, ali sentadas;

Danimais que elles tem em mais estima
 que todo o outro gado das manadas:
 Cantigas pastoris,ou prosa,ou rima,
 na sua lingoa cantam concertadas,
 com o doce som das rusticas avenas
 imitando de Titiro as Camenas.

LAs quemadas mugeres vienen encima de los
 espaciosos bueyes, i alli sentadas ; animales
 que ellos tienen en más estima , que todo el otro
 ganado que traen en manadas. Letras pastoriles,
 o en prosa , o en rima cantan concertadas en
 su lengua,con el dulce son de las rusticas avenas,
 imitando las Camenas de Titiro.

¶ As molheres, &c. Venian las mugeres sen-
 tadas en los bueyes sobre un modo de albardon-
 zillos , hechos de hojas blandas : porque aun en-
 tre la barbaridad se levantan con los regalos : si
 bien para essos negros no son las suyas menos fo-
 bre essos bueyes , que Europa sobre el suyo para
 Jupiter. I sobre ellos venian cantando.

¶ Queymadas. Quemadas vale negras,como el
 Etió-

Etiopes arriba: i es termino usado del Poeta, como en el c. 1. est. 49. verso ultimo.

¶ *Vem emcima dos boys.* El acordarse destos bueyes, fué por imitar el ganado que Encas vió en las Strofades, lib. 3.

*Huc ubi delati portus intravimus: ecce
Læta boum passim campis armenta videmus;
Caprigenumque pecus.* Que, realmente, es cosa notable ver, como anduvo el Poeta midiendo de espacio lo que vieron, i tocaren nuestros nавantes, con lo que Homero, i Virgilio imaginaron visto, i tocado de los suyos: igualando assi aquellos dos Padres venerables de la Poesia en la invencion, estilo, i grandeza, con la verdad. Yo bien veo que la Poesia no consta de verdad desnuda. Però apenas ay caso verdadero, que el Poeta no lo vistiese de verdadera Poesia; ademas de los que son totalmente de la invencion, sin ir atado a la historia, que son muchos i lucidissimos, como se puade ver por todo el Poema: i iessa es la obligacion, inventar sobre lo que passó. Mas en la est. 67. i en el juicio del Poema, num. 19.

¶ *Vagarosos.* Propio epíteto de los bueyes: Bien con Virgil. Georg. 2. *Tardis decadere plaustra iuvencis.* Perraca son. 188. Con un lue len-
to. Policiano: *Tardos Luna boves.* Poco desto es sobrado. Castañeda lib. 1. cap. 3. dice este acontecimiento assi: *Boys que sam muyto másos e gordos, e as molheres sobre elles em albardonzillos, com hum modo de andilbas, e'c.*

¶ *Cantigas.* Es lo mismo que *Cantica.*

¶ *Ouprosa, ou rima.* No se resuelve si lo que cantavan era en prosa, si en verso rimado, o con la armonia de los consonantes; señal clara de que no los entendia nuestra gente. El Vatqui fol. 257. *Che prosa, o rima.* Las caciones (digo cualquier suerte de letra qua se canta) ordinariamente observa algun numero; aunque a quien no sabe las propiedades de las lenguas le parezca que no. En Plauto, i Terencio se vé esto, porque aquel linage de composicion en su tiempo era numero so. I tambien la prosa tiene sus armonias, si es bien ordenada, aun quando no sea con afectación, que con ella serà más. I en la Iglesia se cantan mas ordinariamente prosas, que son todas las Oficaciones. De aí dixo Lope en la Comedia q nos dedico en su par. 20. a. 1. deste modo:

Mas dime como a Venus no has cantado

Algum hymno, algum verso, alguna prosa.

¶ *Como doce sim das avenas.* Esta gente inculta con este canto, i instrumentos, nadie negará que imita los Ciclopas con el suyo, i sus orgaos, En. 3.

*Lanigeræ comitantur oves, ea sola voluptas
Solamenque mali de colo fistula pendet.*

¶ *Rusticas avenas.* Assi las llamó con Virgilio en la est. 5. del c. 1. I por ellas entiende agorá flautas, instrumento muy usado entre gente del campo, i verdaderamente dulcissimo: i por esto en Portugues se llaman tambien dulçaynas. Este ge-

nero de canto pastoril fue llamado por su humildad Mandriga¹, de mandra, que vale cueva, habitacion de rusticos i pastores: i de si llamaron los Italianos Madrigales, a unos troços de canciones, que rara vez le emplean en cosas altas: i de aqui dizeu algunos resultó el nombre a Madrid (corruptamente Madrid) por habitarle muchos pastores.

¶ *Imitando de Titiro as Camenas.* Quiere decir, que, como pastores, venian cantando a imitacion de Titiro, que es el singular sueño de las Musas Campestres del perpetuamente admirable Virgilio. I tambien se entiende que imitaban el canto de Virgilio, entendido por Titiro, que assi en la prosa 10. de la Arcadia le llama Sanaz. *Manteano Titiro.* Conformandose con Titiro Calpurnio, que assi le llamó tambien. En la version de Vala Iliad. 53. hallo esta comparacion. *Veluti ovos que suginatae pascuis, Titirum sequuntur.* I otra traducion en lugar de Titiro, dice Pastor. I porque esto mismo entiendo de nuestro Poeta omitimos toda otra suerte de eradiccion acerca de Titiro, remitiendo el Lector que deseare más, a Fernando de Herrera en su Garcilasso egl. 1. fol. 425. mientras yo solamente me quedaré ponderando que Virgilio con las tales Campestres Musas imitó los pastores: i assi dellos se dirá (parece) impropiamente que le imitaron a el, o que se imitan a si propios. Però esta es una gloria de Virgilio, produzida en el ingenio de Camoens que le alaba de arte nuevo, como dicen. Sutiliza (pues) que pretendiendo Virgilio, como pintor Poetico en sus pastorales, imitar las acciones de los pastores, las imitó de manera, que excediendo la misma naturaleza pintada, vienen los pastores a imitarle a el, que es como venirse a imitar esa naturaleza misma. Yo creo que está delgado. Finalmente quiere decir el Poeta, que venian estos barbaros cantando tan dulcemente, que parecían no solo nuestros pastores naturales, sino aun los pintados, como de la mano de Virgilio: porque lo pintado siempre es mas encarecido que lo verdadero, aunque se parezca tanto. I todo conforma con Barros Dec. 1. lib. 4. cap. 3. *Tangiam com húam aneyra de frautas pastoris que em seu modo pareciam bem.* I al fin de la estancia siguiente irá más de Barros refiriendo la verdad deste successo.

¶ *Camenas.* Es lo mismo que Musas. Virgil. Eglog. 4. *Amant alterna Camena.* Oracio vers. secul. *Phœbus acceptusque novem Camenis.* Persio Sat. 5. *Tibi nunc ortante Camena.* Tambien nuestro Poeta mas veces, estancia 85. del canto 7. Se llaman assi: *Ab amenitate cantus.* Pero desto, ya esto es mucho. Adelante.

LXIII.

Estes, como na vista prazenteyros
foilem, humanamente nos trataram,

trazendonos galinhas, e carneyros
a troco de outras peças que levaram:
Mas como nūca éfim meus cōpanhey
palabra sua algūa lhe alcançaram (os
que dēsse algum sinal do q̄ buscamos,
as vellas dando, as ancoras levámos.

Estos como fuessen plazenteros en la vista, nos
trataron humanamente, traédonos gallinas,
i carneros a trucque de otras pieças que lle-
varon. Però como alfin nunca mis compañeros
les alcançaron alguna palabra suya, que dēsse se-
ñal alguna de lo que buscamos, levámos las an-
coras dando las velas.

GEstes como na vista prazent. &c. Parecio-
se el tratamiento que estos hizieron a los nave-
gantes aquella accion en que venian, que era
alegre: i assi recibiendo lo que apetecieron, pa-
garonlo con refrescos: vida, i alegría de todo el
que navega. Però como no se entendia lo que
hablavan, ni se cogia dellos noticia alguna del
viaje que el Gama seguia, dexálos, i passò ade-
lante con su navegacion.

Galinhas, e carneyros a troco. Estos carne-
ros, i gallinas en otro presente hallareis en la es-
tanc. 76. del cant. 2. i aunque presentaron otras
cosas, se acuerda el Gama destas más, por la ale-
gría que le cansò el hallar en tierras tan remotas
nuestros regalados mantenimientos. Barros en
otra ocasión dixo esto: *Dadolbes carneyros a tro-
co, &c.* Dec. 1. lib. 7. cap.

Mas como nunca, &c. Llevava el Gama
personas que entendian varias lenguas, i prin-
cipalmente Fernan Martinez, Pero la destos bar-
baros era tal, que ni una palabra se le entendió.
D evia ser como la poesia que agora se usa: i si el
Gama llevata uno de sus Autores, si entóces los
huviera, quedava todo facilitado: aúque ni ellos
mismos entienden lo que escriven.

As velas dando, as ancoras levamos. Arios-
to cant. 18. estanc. 183. Spirando vento bon la
anca zarpa. El dar velas, i levar ferro, es termi-
no nautico: i como todo se haze a un tiempo, lo
dixo el Poeta uno tras otro. Para lo dicho en la
estancia passada, i en esta, Barros Dec. 1. lib. 4.
cap. 3. Ali acharam negros, &c. E ouve entre el-
les comutaram de carneyros a troco de coulas que
lhes os nossos deram, &c. Boys gordos, e limpos, e
vinham as mulheres sobre elles com albardas de
tabua, &c. Gente prazenteira: tangiam frautas
pastoris, que a seu modo pareciam bem. Vease es-
se lugar de Barros, que es agradable por estremo
la lecion de todo aquel viage.

LXV.

Ià aqui tinhamos dado hū grā rodeyo
à costa negra de Africa, e tornava
a proa a demandar o ardente meyo

Ado ceo, e o Polo Antartico ficava:
Aquelle Ilhèo deyxamos a onde veyo
outra armada primeyra, que buscava
o Tormentorio Cabo, e descuberto,
naquelle Ilhèo fez seu limite certo.

VA aqui teniamos dado un gran rodeo a la ne-
gra costa de Africa: i bolvia la proa a demá-
dar el ardiente medio del cielo, i quedava el
Polo Antartico. Dexamos aquel Isleo, adonde
vino otra armada primera, que buscava el Cabo
Tormentorio, i descuberto él, hizo allí su cierto
limite.

¶ *Ià aqui tinhamb, &c.* Dize, que ya despues
de salir de la Baia de S Blas, avian dado una grā
buelta a la costa Africana, i que bolvian a llegar-
se a la linea equinocial, yendo desde el Sur al O-
riente, assi como ya la avian passado al venir des-
de el Poniente al Sur, que agora dexavan atras
por las razones que diximos en la est. 61. I que
dexaron aquella Isleta adonde llegò Bartolome
Diaz, quando descubrió el Cabo de Buenaespe-
rança; el qual no passò de alli.

¶ *Costa negra de Africa.* Por las mismas ra-
zones que llamò negro al rio Sanaga en la est. 7.
Vease allá: i lo imitado de Claudiano al pintar
a Pluton.

¶ *O ardente meyo do ceo.* La linea equinocial
entiende, por ardiente medio del cielo, porque
con ella se supone partido la Geografia: i se lla-
ma ardiéte, porque tiene el Sol más llegado; des-
viandose del Sur, que es el Polo Antartico, i de-
xandole a las espaldas, como ya diximos.

¶ *Aquelle Ilhèo deyxamos a onde veyo outra
armada, &c.* El Capitan Bartolome Diaz (que
como diximos ya, descubrió el Cabo de Buena-
esperanza, en tiempo del Rey Don Juan II.) pas-
sò adelante hasta una Isleta (eso es Ilheo) que lla-
mó de Santa Cruz, por aver allí plantado una: i
porque no passò mas adelante, dice el Gama, que
allí hizo limite su viaje. El *dexamos* vale, que no
tocaron la Isleta, mas que fueron pasando a vista
della. Barros en el cap. 3. ai citado, dice que de
aquel paraje de los negros se passò el Gama a
otro de allí dos leguas, adonde recogiendo lo q̄
E iva en la barca se le diò fuego; i que de allí salió
dia de la inmaculada Concepcion de Nuestra Se-
ñora. Era esto 62. leguas más allá del Cabo de
Buenaesperanza. I como hasta allí avian ya llega-
do las naves de Bartolome Diaz, parece que ivā
con alguna alegría de repassarle. I por eso en la
estancia siguiente entra exagerando el resto del
viaje, como cosa nueva.

¶ *E descuberto naquel, &c.* Da a entender, q̄
Bartolome Diaz despues de descubrir el Cabo
passò adelante: i no es assi; sino que passando ei
Cabo sin verle, por ir mucho a la mar llegó has-
allí; i a la buelta viò el Cabo. I al Poeta, como
tal

tal no convenia contar esto tan puntualmente, A como lo haze la historia.

LXVI.

De aqui fomos cortando muitos dias,
entre tormentas tristes, e bonanças,
no largo mar fazendo novas vias,
só conduzidos de arduas esperanças:
Cô o mar hú tēpo ádamos em porfias,
que como tudo nelle sam mudanças,
corrente nelle achamos tam possante B
que passar nam dey xava por diante.

D Esde aquí fomos cortando muchos días en-
tre bonanças, i tristes tormentas, haciendo
nuevos caminos en el mar, conduzidos solo de
ardias esperanças. Con el anduvimos un tiem-
po en porfias: que como en el son niudanças to-
do, en el hallamos corriente tan poderosa, que no
dexava passar adelante.

¶ *No largo mar fazendo novas vias.* El dezir
que ivan haciendo nuevas vias, o caminos nue-
vos, es, porque hasta esta Isleta de la Cruz, que di-
ximos en la estancia antecedente, no eran nue-
vos, porque hasta allí avia llegado Bartolome
Diaz; i desde allí adelante eran nuevos, porque
nadie avia passado desde allí. El estilo de fazer
vias, en la estanc. 57. del c. 6.

¶ *Só conduzidos de arduas esperanças.* Retra-
ta este verso numeroso, i grave en sonido, sente-
cia, i palabras la grandeza del animo, que en ma-
res incognitos no llevava otro Piloto, que una
esperança heroyca, ilustre, gloriosamente dura de
seguir (eso vale arduas allí) como aquellas que
eltavan puestas por farol en la cumbre del monte
de la virtud (que es assi arduo, como vereys en la
estanc. 90. del cant. 9.) i solamente a esse dudo-
fissimo farol ivan enderezadas las atrevidas
proas Lusitanas. Esto dice ese verso.

¶ *Como o mar, &c. Andamos em porfias, &c.*
Corrente nelle achamos tam pos. &c. Anduvieró
(dize en estos versos) porfiando con el mar, en q
hallaron corrientes que impolsibilitavan el pas-
saje. Ay en el mar movimientos naturales, como
en cuerpo grave, que corre a buscar el centro, si-
guiendo las concavidades de la tierra. I del pro-
picio modo es natural movimiento aquel, que to-
do el mar Oceano haze corriendo, desde el Oriē-
te al Ocaso, imitando el movimiento de todo el
orbe, como las estrellas, i Planetas con sus esfe-
ras: porque aunque no le haze como cuerpo gra-
ve, le haze como inferior subordinado, i por eso
obediente a los movimientos del primer mobil;
porque, segun Aristoteles, todo cuerpo inferior
sigue los superiores. Por estas, i otras razones
ay en este paraje que dice el Poeta (i es entre la
costa, i el baxo, llamado de la India) un Cabo, q
llaman de las Corrientes, porque la tienen allí

A tal las aguas àzia acá, que se vêcia con grandissi-
ma dificultad aquel passo: pues alfin puede allí
mucho más sin comparacion la fuerça del agua,
para hazer bolver atras las naves, que toda la de
los vientos para llevarlas adeante, por más que
llevén meridas todas las velas: antes serà peli-
gro evidente no calarlas, i no obedecer a aquel
movimiento vehementissimo. Barros allí: *Na*
qual paragem por causa das grandes correntes an-
daram, oraganbando, ora perdendo, &c. I antes
desto corrieron una peligrosa tormenta, que el
Poeta de industria no refiriò aqui por descrivirla
con toda la invencion que contiene el canto 6.
adonde sobre la venida de Baco al mar, la vere-
mos gentilmente pintada. Despues della fueron
a parar en los Ilheos chãos, cinco leguas más allá
del de la Cruz, de que aí diximos. I sospecho yo,
que el no aver passado de allí Bartolome Diaz
deviò tambien ser parte el aver encontrado esta
dificultad. Del Euriopo refiere semejante propie-
dad a esta de las corrientes Pomp. Mela lib. 2.
cap. 7. *Adeo immodice fluens, ut ventos etiam ac*
plenis velis navigia frustretur. Ruegoos agora,
que veais la invencion poetica con que en es-
tra estancia se vence esta corriente.

LXVII.

C Era mayor a força em demasia,
segundo para trás nos obrigava,
do mar, que contra nos ali corria,
que por nos a do vento que assoprava:
Injuriado Noto da porfia
em que cô o mar, parece, tanto estava,
os assopros esforça iradamente
com q nos fez vencer a gram corrente.

E Ra con demasia mayor la fuerça del mar que
allí corria contra nosotros, que la del viento
que por nosotros en nuestro favor soplava, segú
nos obligava a bolver para atras. Noto injuria-
do de la porfia, en que, parecee, stava tanto cô el
mar, airadamente esforçô los soplos, cô que nos
hizo vencer la gran corriente.

E ¶ *Era maior a for. &c.* Lo que contiené es-
tos quatro versos, es lo que diximos al fin de es-
tota nota. Però notese de curiosidad, i deuda a
tan felice ingenio, el desahogo cô que está dicho,
que a la verdad en estos lances se quilata el sa-
ber en este genero. Era (dize en verso con esta
propia facilidad que lo digo en prosa) mucho
mayor la fuerça de aquella cortiente que venia
contra nuestras naves, que la del viento que so-
plava en favor dellas: la gracia se queda en los
versos.

¶ *Injuriado Noto da porfia, &c.* Finge agora
el Poeta valientemente, que el viento enfadan-
dose de ver, que el agua podia mas que el cótra
las velas que el iva favoreciendo, i tomâdolo en

caso de pondonor, se alzò, i alentó de suerte, que la venció, i passaron adelante. Veanos agora una imitacion bien escondida en Virgil. En. 3. Ce leno avia vaticinado a Eneas, que passaria peligros en orros parajes: pero en ellos acudiole Boreas mas favorable, i pa'solos sin daño.

*Cōtra iussi manēt Heleni Scyllā, atq; Charybdim
Inter utramque viam letbi discrimine parvo,
Ni teneant cursus, certum est dare linteae retro.
Ecce autem Burcas angusta à sede Pe'uri
Missus adeſt: vivo pratervebor oſſia ſaxo, &c.*

Así acá acudio Noto, i passaron ilelos. La verdad es, que esto fue milagro, i que Dios queria q destà vez se descubriesse la India por estos mares; porque despues nunca alguna embarcacion nuestra, de las que en grandeza excedieron, no solo estas del Gama, sino todas las del mundo có grā distancia, osò passar por alli. I por esto el Poeta no pretendio con esta invencion, de que Noto a pesar dessa dificultad invencible hizo passar las naves, otra cosa que daros a entender que fue milagro, i obra de aliento divino: i luego por desviarse de la verdad, como Poeta, introduce esse viento, i finge essa competencia de fuerzas, i haze e aparecer triunfante de la otra parte. I assi va revistiendo siempre los casos con las ficciones; i quando alguno se ve sin ellas, es variado, o elegido de proposito por parecerse a las de los Autores que imita, i en particular Homero, i Virgilio, con que a un mismo tiempo son verdades, i parecen fabulas: como en la est. 63. hemos observado. Esto sirve para los que dicen, que el Poeta se ató a la verdad desnuda, contra lo que mandan las leyes del Poema heroico, aviendolas el observado con la destreza que hemos advertido en otras ocasiones, i principalmente en el jnizio deste Poema. Però es menester que veamos si ay algun misterio en estar aqui el Noto antes, que alguno de los otros vientos, forcejando por passar las naves: i no ay duda que está con misterio, i es, que desde q ellas passaron del Cabo de Buenaesperança, quedaron con las popas al Austro, de donde derechamente sopla el Noto, i por esto el es que se enoja aqui, i haze passar las naves: i todo quiere decir, que tuvieron rechio en popa el viento, i por esto passaron. Cō este propio cuidado io usará el Poeta en la est. 73. i en el c. 6. la 77. i en la 90. Veanse.

LXVIII.

Trazia o Sol o dia celebrado

em q tres Reys das partes do Oriente, foram buscar hū Rey de pouco nado, no qual Rey outros tres ha juntamente: Neste dia ontro porto soy tomado por nos. da mesma ja contada gente, num largo río, a o qual o nome democdo dia em que por el e nos metemos.

A T Raia el Sol el celebrado dia en que tres Reyes de la parte del Oriente fueron a buscar un Rey nacido de poco, en el qual ay juntamente otros tres. Este dia fue tomado por nosotros otro puerro de la misma gente, en un largo río, al qual dimos el nombre del dia en que nos metimos por el:

¶ Trazia o Sol o dia celebr. &c. Dize, que passava esto el dia de la Festividad de los Reyes, en el qual fueron a surgir en el puerro de un río a que llamaron de los Reyes, por averle hallado en ese dia dellos. El termino de, traia el Sol el dia celebrado, &c. es frequente en el Poeta, canto 2. estanc. 62. dese 68. Assi dio principio a un soneto Speron Speroni.

*Foco che il Sol portando il sacro giorno
Che in terra narque il Re del ciel superno.*

¶ Reys a parte do Oriente. Dizen algunos, que hablando el Gama en la misnia parte del Oriente, parece devia deir, Reyes deſta parte del Oriente. Acudan los curiosos a lo dicho en la estanc. 14. i que se dirá en la 5. del canto 8. Juan de Barros Dec. 3.lib. 7.cap. 11. Refiere por historias, i informaciones hechas en la India, que en Coulā estaba un Templo, obra de un discípulo de S. Tomé: i que en el estaba el sepulcro de la Sibila India, por cuya amonestacion del Nacimiento de Christo partieron estos Reyes a visitarla: i q uno era de Ceilā, i se llamava Perimal, i passò a Macate a ajuntarse con los dos; i que truxó a la Sibila la imagen de la fantíssima Virgen Madre, por averle ella pedido mucho le truxesse su retrato, el qual estaba en el sepulcro con la Sibila. Vea se lo dicho en la est. 49. d. 1 c. 7.

¶ Nado, por nacido: oy no lo usan 'os politicos de Portugal; la gente campestre si: para que te vea, q no todo lo mas llegado al Latin es mejor; pues nado mas corresponde a natus, que nadido. Tambien pudo el Poeta dezitlo por la razó que hallareis en la est. 9. del c. 8.

¶ No qual Rey outros tres ha juntamente. Algunos quieren arguir deste ingar, que el Poeta ignorava la doctrina Christiana: porque el decir, q en aquel Rey(entiende Christo) avia otros tres, es hazer, seis, o a lo menos quattro personas en la Santissima Trinidad. Locura es pensar, que el Poeta no sabia, que la Magestad divina está en tres Personas que tienen una sustancia, Padre, Hijo, Espiritusanto; i que de cada una dellas se puede contemplar con triplicidad. Del Padre no respectando más de a el mismo; i esta contemplacion es de los Serafines; i respetando al Hijo que del procede, i con el se une, i esta es de los Chernibines. I respetando al Espíritu, que procede de ambos, i con entrambos se une, i esta es de las Potestades. I que deste modo se puede contemplar con triplicidad del Hijo, i del Espíritusanto: porque ay nueve maneras espíritus contemplativos a ver la luz, que solamente ella a si propia se ve enteramente. Però de qualquiera des-

tos modos que se contemple qualquiera de esas divinas Personas, nunca se hazen más de tres, i estas tres nunca dexan de ser una; i en esa una son estas tres, sin que esa una sea otra diferente de las tres juntas, o de cada una sola: no siendo toda vía Hijo el Padre, ni Padre el Hijo, ni el Espiritusanto alguno de ellos, sino el Padre destino del Hijo, i del Espíritu, i el Hijo destino del Espíritu del Padre, i el Espíritu destino del Padre i del Hijo; i cada uno Dios, sin que pueda entenderse que ay tres Dioses, sino que un Dios resulta de todos tres. Esta inefable suerte de juhta se llama Trinidad; i esto entendió el Poeta, diciédo, *juntamente*. Como si dixera; no habiendo destra junta, es uno, i hermosa de la juntamente, es trino; o ay otros dos que hacen tres, i todos tres hacen ese uno: i deve construirse el verso así: *No qual Rey juntamente outros* (que son Padre, i Espíritusanto) *ba tres*: o así: *No qual Rey outros; tres ha juntamente*, haciendo puntuación entre el otros, i el tres: i sin tantas escusas es claro, que este modo atiende, no a la essencia, sino al numero: i que ordinario estilo es dezir: Yo tengo una casa en tal calle, i en tal tengo otras dos. Tambien pudo el Poeta hablar aquí con el misterio del nombre de Dios, que es Geova, pues siéndo el su imagen, i siendo Dios Trino, las letras del son quatro, porque la quarta buelve a representar el Hijo en quanto Hombre: así acá el de zir que en este Rey ay otros tres, es hazer ese nombre Geova por estas razones, i decir, que es uno Trino. I claro está, que un Christiano, bien disciplinado, i docto, como lo fué el Poeta, esto entiende, i esto enseña, i esto dice.

Rio ao qual o nome demos do dia, &c. El nombre de aquel dia fué de los Reyes: ese dieron a aquel río, en que entraron ese dia; por memoria de los, i de la entrada; i vino a ser esto en 6. de Enero de 1498. como lo dice Barros en ese lugar citado. Antes deste puerto queda la costa de Natal a que ellos dieron tambien este nombre, por aver pastado la el dia de Navidad, como lo halla-
reys et. Barros allí.

LXIX.

Desta gente refresco algum tomamos,
e do rio fresca agoa; mas com tudo
nenhum sinal aqui da India achamos
no povo com nos outros quasi mudo.
Ora vè, Rey, quam anha terra andamos
sem sair nunca deste povo rudo;
Sem vermos nunca nova, nem sinal
da desejada parte Oriental!

*D*Esta gente tomamos algun refresco, i fresca agua del río: però con todo, ninguna señal hallamos aqui de la India en el pueblo casi mudo con nosotros. Aora vè, Rey, quanta tierra

*A*anduvimos sin salir nunca deste pueblo rudo: sin ver jamás señal o nueva de la deseada Oriental parte.

¶ Desta gente refresco algum tomam &c. Llegados al río de los Reyes hicieron aguada, i tomaron mantenimientos: però la gente le aquella tierra tambien, como la de las otras ya pasadas, no fue entendida de los navegantes, ni los entendió: i assi proseguia su viaje confusamente no hallando nuevas de la India.

¶ Povo com nos outros quasi mudo: Porque no entendiéndose era lo mismo para los nuestros, como si fuera mudo, i aun lo parecia, pues casi todo lo que se hablaron fué por señas, que son las lenguas de los mudos. Finalmente assi mal entendidos fue un soldado a la población; i allá tan bien recibido, que el señor della muy acompañado (todos vestidos de pieles) vino a visitar la flota: i con paz buena estuvo allí el Gama cinco dias; i por esto llamó a aquel lugar Aguada de buena paz. Barros allí.

¶ Ora vè, Rey, &c. Provoca a admiracion al Rey, con representarle lo mucho que anduvieron sin encontrar sino peligros, i gente en que no se podía descubrir una buena noticia para alivio. Allí Barros. *Tendo tanto navegado sem acabar mais que negros barbaros, &c.*

¶ Povo rudo. Pueblo rudo, por todos estos negros, mal inclinados, i que no se entendian. I buelve el Poeta a acordarnos, con hazer que el Gama otra vez aquí se acuerde de su peregrinacion, que usó con cuidado la figura Periferia, de que diximos alfin de la estanc. 23.

LXX.

Ora imagina agora quam coytados
*D*andariamos todos, quam perdidos;
de fomes, de tormentas quebratados,
por climas, e por mares nam sabidos:
E do esperar comprido tam cansados,
quanto a desesperar já compelidos,
por ceos nam naturais, de qualidade
inimiga de nossa humanidade.

*E*A, imagina agora quan cuitados andariamos todos, i quan perdidos de hambres, i quebratados de tormentas, por no sabidos climas, i mares: i del largo esperar tan cansados, quanto ya compelidos a desesperar, por los no naturales cielos de calidad enemiga de nuestra humanidad.

¶ Ora imagina, &c. El Gama continua en la pretension de traer el Rey al conociimiento de sus trabajos, padecidos en el viaje: i dizele que considera, que tal andaría de perplexidad, i assomos de perdieion, viendose correr táticas tierras, i mares, sin noticia del remate de su viaje: padeciendo hambre, tormentas; experimentando en la sa

In la variedad de tantos climas estraños: que to
a casi reduzia a desesperar de conseguir el in-
tentro.

¶ Quam coytados. Piensan algunos, que este coytado es baxo: Cuytado de quien cuya da tan cuytadan ente. No es sino alteza de espiritu Po-
tico, tal, como el delse valentissimo hombre. Es la prop a voz una imagen singular de las calamidades i miseras passadas que se pretenden ex-
primir.

¶ Por climas, e por mares nam sabidos. Ba-
tros alli dio todo e verso, *Em mares, e climas
nam sabidos.* Es clima una parte de la tierra, i
d o ay e, que se llania region, en que principal-
mente aya diferencia de la cantidad del dia, o po-
co, o mucho; como es aver en esta diez horas de
dia i en essotra diez i media, o onze, &c. i para
los cuerpos humanos la mudanza destos climas
es peligrosa; i tanto mas quanto fuere mas la di-
ferencia dellos.

¶ Por ceos non naturais. Es uno de los ma-
yores peligros a que se expone la salud humana: i
co i essa ponderacion se admira Oracio de los
que por ningun interes hazen tal mudanza, lib
2. od. 16. — *Quid terras alio calentes*

Sole mutamus? S bre el est:lo de cielos por
climas le vea en la est, 51. del c. 1.

¶ De noſſa humanidad. Esta humanidad aqui
vale naturaleza: por esto dixo antes, *por cielos no
naturales*, que de otra manera vendria a ser ye-
rrito, en que mi docto Poeta no pudo incurrir: por
que mucha gente vive por aquellos climas co-
sa Ind en su humanidad; pero no nuestra naturale-
za, o complexion, sin la de aquellos a que Dios
providamente la dio medida conforme a las ca-
lidades de lo que habitan. I por esto de ordina-
rio cada uno en su pat ia, por mala que sea, tiene
mas segura la salud que en la estraña, por mas q
sea buena: i assi noto io es, que la mudanza de la
naturaleza siempre fue peligro; i el bolver a ella
siempre fué repaio. El Raton (persuaden pode-
rosamente los Apologos) hablando con la Rana,
que le prometia buena vida en los charcos, lue-
go le responde, que son opuestos a su naturaleza.
Homero Bat a chomimachia: *Quonodo autem
amicum facies me in naturam nihil similem?* Por
n e jor tenemos el temple de Espana que el de la
Etiopia, para la conservacion de la vida: i toda-
via los que passan negros de Etiopia a Espana sié-
pre son assaltados del temor de la mudanza, i de
la perdida de la hazienda: porque muchos se mueren
en llegando; i llamas a esto provarlos la tie-
rra: sin embargo de ser mejor; que esto es para
nosotros, mas no para ellos compuestos al tem-
ple de la suya. I por todo esto no ay que espan-
tar si al Gama se le murió gente, sine como no se
le mu iò más. Buelvo al usar de humanidad por
naturaleza, excelente mente executado por Juan
de Mena, habiendo de la Reyna doña Maria, pa-
ra dezir que obrara mucho si se bolviera de mu-

A ger en varon. Es en la copla 76.

*Sifuer trocada ſu humanidad
Segun que ſe lee de la de Ceneo, &c.*

LXXI.

Corrupto jà, e danado o mantimento,
danoso, e malo ao fraco corpo humano
e alem disso nenhum contentamento,
que se quer da esperanca fofse engano:
Cres tu que se este nosso ajuntamento
B de soldados, nam fura Lusitano,
que durara elle tanto obediente,
por ventura, a seu Rey, e a seu Regete?

E Ya corrupto i dañado mantenimiento daño
so, i malo al flaco humano cuerpo: i ademas
desso ningun contento, que s'quiera fuisse en-
gaño de la esperanca. Crees tu, que si este ajun-
tamiento nuestro de soldados no fuera Portu-
gues, durara el, por vētura, tanto obediente a su
Rey, i a su Regidor?

¶ Corrupto jà, e danado o mantim. &c. Prosigue el Gama en descritiv los trabajos padeci-
dos, i agora se acuerda de los mantenimientos, q
de podridos davan menos sustancia que enferme-
dad: i en medio desso ningun alivio por otro al-
gun lado con que se pudiesen engañar. I luego
aseguta al Rey, que si aquella compagnia no fue-
ra Portuguesa, de quien es natural la obediencia
a sus superiores, ya se huvieran levantado contra
el para bolverse o hazer lo que quisiesen, por li-
brarse de tales trabajos.

¶ Corruſto mantimento. Assi en la estanc. 97.
D del c. 6. Aqui es a imitacion de Virgilio lib. 1.
Tum cercrem corruptam. I en el 3. refiriendo en
el a Dido su navegacion: *Subito cum tabida mē-
bris corrupto cœli tractu,* &c. Ya en el 3. de la
Georg. *Hinc quondam morbo cœli miséranda co-
orta est tempestas.* Porque de lo proximo del via-
je, i de los mantenimientos corruptos procedio
enfermedad la de los nuestros aparece en la est.
81. Es el verso copiado de Barros en el lugar que
ira al fin de la est. 82.

¶ Que se quer da esperanca fofse engano. Galan-
namente dicho, que seria un engaño de la esper-
a para con ellos cualquier alivio entre tantos
trabajos: i que ni esse pequeño alivio, o engaño
huvo. Es termino frequente en el Poeta: mucho
en sus rimas: um lugar de la Eleg. 2.

*Vivia ſoffegado na tristeza,
E ali nam me faltava um brando engano.*

Aqui aun eſt a mas felizmente usado.

¶ Cres tu que ſe, &c. Enseña el Gama los qui-
lates de la obediencia Portuguesa al Rey, i d'e-
le, que si no fuera ello, ya se huvieran todos levanta-
do contra el, instigados de tales miseras. El pe-
famiento del Poeta siempre es doble. Por esto
es cierto, que alude agora aqui a lo que en esto
poca

peccaron algunas naciones , levantandose contra sus Capitanes por no poder sufrir las incomodidades, por donde ellos los llevaban en alcáce de algun hecho glorioso : i en particular pica a los Castellanos , que no sobre más de un año de navegacion, i verse morir los nnos a los otros horriblemente, a poder de miserias , como acá, si no con un mes desobedecieron al pobre Colon, queriendole matar si no se bolvia, no le coltando menos aplacarlos en el mar para conseguirla el descubrimiento, que el aver conseguido de los Reyes Catolicos que le embiassen a el. I lo misino sucedió al gran Fernando de Magallanes , quando passò a descubrir el Estrecho. Però conviene advertir , que la gente que llevaron estos dos famosos Heroes, era de la escoria, i singularmente la que llevava el Colon eran hombres perdidos, que se embiaron con el, como accion que se tenía por vana, para que se acabassen de perder : i así procedieron conforme a su instituto : porque la gente Castellana , i toda la Española es dorada desta virtud de la obediencia a sus mayores, aunque la Portuguesa se señale en ella.

LXIL

Cres tu que já nam foram levantados contra seu Capitam se os resistira, fazendose Piratas, obligados de desesperaçam, de fome, de ira? Grādemēte por certo estamprovados, pois q nemhum trabalho grande os tira de aquella Portuguesa alta excellēcia de lealdade firme, e de obediencia!

Crees tu que no fueran ya levantados contra su Capitan, si los resistiera , haciendose piratas obligados de desesperacion, de hambre, i de ira ? Grandemente estan provados por cierto, pues que no los quita ningun gran trabajo de aquella alta excelencia Portuguesa, de leal dad, i obediencia firmes.

¶ Cres tu que já nam for. &c. Dize, que ya se huieran levantado contra el sin duda , haciendo se Piratas por huir de la hambre , i encuentros bastantes a hazer desesperar, si no fueran Portugueses. I que con este viaje acabaron de apropiar se las virtudes de lealdad, i obediencia, purificandolos en ellas el crisol de tan desmedidos trabajos.

¶ Cres tu? Esta repeticion añade nervios a lo dicho. Desta obediencia en Portugueses ay exéplos, tantos en numero, i tan raros en grandeza, qu es mejor dezir ninguno. i mas quien vā con intento de no exceder de lo preciso para declarar el Poeta.

¶ De desesperaçam, de fome , de ira. Homero Vlif. 12. Non est improbor res altera ventre mo leftu. Ariosto c. 5.est. 40.de los cinco.

A Che non e cosa che piu presto chiame
A ribellarfi un campo che la fame.

I de la hambre singularmente nace la ira i desesperacion que el Poeta añade. Agora añado , que esta estancia , i las dos antecedentes se ocasionaron de la verdad, i desde lugar de Bar. Dec. 1.lib. 5.cap. 1. Tres navios com 160.bomens casi todos doentes de novas doenças, de que muitos falecerão com a mudanca de tam varios climas , diferença de mantimentos mares , perigosos com fome, sede, frio, e temor que mais atormenta que todas as outras necessidades; obrar nelles tanto a virtude da costância, e preceyto de seu Rey, que pospostas todas estas causas navegaran tres mil leggas; e contendera ram com tres, ou quatro Reys, tam diferentes em ley, costumes, e linguas, sempre com vitorias de todas as industrias e enganos da guerra. que lhes fizzeram.

¶ Obediencia. Vease lo que diremos sobre la est. 148.del cant. 10.

LXXIII.

Deyxando o porto enfim do doce rio, e tornando a cortar a agoa salgada, fizemos desta costa algum devio deymando para o pego toda a armada: Porque ventando Noto manfo , e triponam nos apanhasse a agoa da enseada, que a costa faz ali daquelle banda donde a rica Sofala o ouro manda.

DExando alfin el puerto del dulce rio , i boliendo a cortar la agua salada,hizimos algú desvio desta costa, echando toda la armada para el pielago : porque ventando , soplando el nianso i frío Noto , no nos cogiese la agua de la enseada que la costa alli haze , de aquella parte donde manda el oro la rica Sofala.

¶ Deyxando o porto enfim , &c. Dexando al fin aquel puerto del rio , a que llamaron de los Reyes, bolvieron a su viaje; apartandose un poco de las costas, por evitar el peligro de una enseada, adonde el mar se dilata , i se retira con tanta violencia, que si coge algun baxel, le çocobra.

¶ Doce rio. La agua no es dulce, ni nadie entiendo nunca tal; solamente se dice dulce a diferencia de la salada : i assi agua dulce no suena mas de agua no salada, i juntamente fresca, pura, i apetecible. Todos los doctos usarō en este sentido, del dulce, o semejantemente. Virgil. lib. 3. Linquebant dulces animas. Oracio od. 1. Dulce decus meum. Nuestro Poeta en muchos lugares: cant. 4.est. 91. en este la 92. en el 9 la 90. I assi todo lo que Fernando de Herrera dice acerca desto, por defender (como si fuera menester) aqü lugar de Garcilasso en su Egl. 2. El agua dulce desta clara fuente : fue más codicia de eruditos, q necesidad de commento.

¶ Por-

Porque ventando Noto. La razon de soplar agora aqui este viento antes que otro, se pue de ver al fin de las notas a la estanc. 67. que si la dimos, descubriendo el cuydado i ciencia del P.

Nam nos apinhasse a agoa da enseada, &c. Este seno, o ensenada, de que yo diximos arriba el peligro, se llama el Parce de Sofala, Barros Doc. 1. lib. 4. cap. 4. Sentido Vasco da Gama, q as agoas o apinhava para dentro, temeo ser ensaiada, &c. e por fugir do perigo, passou sem ver a percorçam de Sofala, tam celebrada por causa do muyto ouro, &c. Ya veys que el Gama es quien aqui está habiendo. Preguntan algunos: i quien le dixo que Sofala era rica de oro, por comercio, si el en este punto confiesa no aver ido allá: I en las estancias passadas que no entendió palabra de toda la gente de aquella costa? Conviene saber; que de mucho destas tierras se tenia noticia por tierra: i que el Gama está hablando en Melinde, i assi avia ya passado por Moçambique, i Mombaça, i Quiloa, a do tuvo noticias bastantes, como vereys en la estancia 54. del cant. 1. aviendo el Poeta, como tal, comenzando el Poenia por la llegada a Moçambique: i por esto al adelante estancia 84. fenece la relacion de su viaje, con decir, que llegaron a Moçambique, sin que diga lo que allí passó, por averlo dicho allá, como veremos sobre la propia estancia.

Donde a rica Sofala o ouro manda. Dize, q la ensenada está en aquella costa, i parte que manda oro a Sofala: i assi la construcion es; de aquella banda que embia (eso es manda) el oro a la rica Sofala: porque por comercio lo traen a ella los negros de aquella costa: i el texto assi derecho suena, que Sofala es la que embia el oro, siendo la que le recibe. I aunque en Portugues para decir, a la, se ponen dos aa, o una assi á, i el Poeta en su original lo usa, por averse quedado aquí la a simple, quedava dudosof el entendimiento: i en ninguna de las ediciones que se le siguieron, se emendó esto: señal de que no fué conocido de los que emendaron otros lugares sin necesidad; aunque otros con ella.

LXXIII.

Esta passada logo o leve leme
encomendado ao sacro Nicolao,
para óde o mar na costa brada, e gema E
a proa inclina de húa, e de outra nao:
Quádo indo o coraçam q espera, e te-
e que tanto fiou de hú fraco pao, (me,
do que esperava já desesperado,
foy de húa novidade alvoroçado.

Passada esta ensenada, luego el leve timon encomendado al sacro Nicolao, inclina la proa de una i otra nave, para donde el mar grita, i gime en la costa; quando el corazón que espera, i

A teme; i que tanto fió de un fraco palo, yendo ya desesperado de lo que esperava, fué alborozado de una novedad.

Esta passada logo o, &c. Aviendo passado la ensenada de Sofala, balió victorioso a poner las proas a la costa, de que se avian desviado por el peligro dicho en la est. 73. Quando subitamente se les ofreció una novedad, que los redimió de la desesperación que ya avian conocido.

Logo o leve leme encomend. &c. Construid este texto, i hallareislo galantissimo: assi: Luego el ligero timon inclinó la proa de una i otra nave para donde el mar gime en la costa: porque el timon es los ojos de las proas: van ellas para donde el las lleva. En Portugues se llaman leme, deve ser de limus, a, um, cosa que se arrastra: i de limo, verbo que vale lo propio que iungo, i de limón, sobre que estriva i juega la puerta: que todo esto ay en el timon; attravesarle a una i otra parte; ester junto al vaso; i eltribar el en su jergo.

Encomendado ao sacro Nicolao. Se dexa ver deste lugar, que aun los marineros Portugueses no conocian Dióscoros, o Santelmos, de que tratamos en la estanc. 18. por Abogados en el mar; i que usavan de S. Nicolas, que oy no veo tomar en la boca: aunque he navegado poco, i puede ser que se use. En la vida dese Santo se lee, que viendose casi perdidos unos navegantes llamaron por el; i el acudiendo tomó el timon, i los libró del peligro, gobernando la nave: de que resultó ofrecerse el timon en la maquinaria; i resulta lo que dice el Gama, que encargaron del al Santo. I esto es, que como desesperavan ya de halla: lo que buscaván, i no sabían por donde, ni ázia donde iban, sino governándose por el sonido del mar, que eran señas de que se rompia en alguna playa, invocaron el Santo, para que siendo el Piloto los librassen de tanta ignorancia, confusión, i desconsuelo. I no fué en vano, porque navegando poco, vieró insperadamente lo que dirá la estancia siguiente, con que se animaró a proseguir. En el manuscrito dice este verso así: Inveniam do sagrado Nicolao.

Brada, e Geme. En todo el verso parece se está cyendo el propio mar a ir buscando la playa, i romperse en ella, con que forma dos sonidos; i al de romperse, que es grande, llama con propriedad, brado, que es sonido grande en Portugues: i al de correr las olas a la playa, q es sonido mas callado, llama gemido, con otra tanta propiedad; sobre esto de decir, que el mar llora, gime, o suspira, vease lo que diremos en la est. 12. del c. 10. quedáose agora aqui, Virgil. Georg. 1. Ingenti vento nunc littora plangunt.

Quando indo o coraçam, &c. Tambien es menester construir este texto así: Quando el corazón q espera, i teme, i q tanto fió de un friso, ja do y i desesperado de lo que esperava fue alborozado de una novedad. De la gran propiedad q describe el oficio del corazón, diciendo que el pe-

ra, i teme diremos algo sobre un elegante verso de la estanc. 66. del cant. 8. adóde el Poeta echò el corria punto a este dezir galan.

¶ *Que tanto fiz de hum fraco pao.* De un temue ja o fiam los navegantes todo quanto ay que fiam, que es la vida. Juvenal dixo en la Satira 12.

Digitisque à morte revulsus

Quatuor, aut septem si sit lastissima tæda.

Tomado de Anacarsis Filosofo, que dixo que entre los navegantes, i la muerte, no avia mas de quattro dedos; porque a esto devio estenderse el grueso de las embarcaciones de aquel tiempo, que no era menos que mucho; i en el de Juvenal ser de siete, parece cosa exquisita (o increible) pues lo encarece con superlativo, como ai se ve. Ov las naves de la India de Portugal, que es la mayor fabrica maritima que conocen los hombres, tienen de grueso hasta tres palmos; i assi de quien va en ellas, esto podiamos dezir que llevava entre si, i la muerte; pero como es cierto, q rotas alguna tabla de las de afuera, la nave se perderà, porque solamente aquellas resisten al agua, i ellas poco mas a menos tendrán ese grueso de quattro dedos, quedan en pie dos cosas; una lo q dixo Anacarsis; i otra parecer increible lo que d ze Juvenal de los siete dedos; pues las mayores naves del mundo, que son las Portuguesas no los tienen. Assi que quattro dedos, poco mas a menos van entre los navegantes, i la muerte. Por esto no ha faltado quien los contasse en el numero de los n uertos, i tambien de los locos. Vn sabio dixo, que en ningunha parte se podia estar diciendo siempre el Responso de los difuntos, sino en un navio: *Memento mei Deus, quia ventus est vita mea:* porque siempre estan con la vida pendiente de viento los navegantes. Atalo Filosof (cuenta Plutarco) deziría: *Quando yo viere los pezes andar por la tierra, entonces iré a andar por el agua.* M. Poncio dixo, que solamente tres cosas hizo mal: passar un dia sin ser en servicio de la Republica: descubrir un secreto a una muger: i por agua a cierta parte, pud ésto aver i do por tie ra. El Poeta en esta sentencia i verso imito a muchos Autores. El primero es Oracio lib. 1. o. 3.

Navis quæ tibi creditum

Debes Virgilium. Seneca en el Coro del acto 2. de Medea.

Audax nimium qui freta primus

Rate tam fragili, &c.

Animam levibus credidit auris;

Dubioq; secans æqua cursu

Potuit tenui fidere ligno

Inter vitæ, mortisque vias

Nimium gracili limite ducto.

Todo esto dixo en un verso nuestro l'poeta, siempre enemigo de la dilacion. Persio: *Dolato confusus ligno.* Ariosto lib. 7. *Tabularium comp: gibus se credidit.* Bien merecen los tales la m idicion del viejo de la est. 102. del cant. 4. Veale;

A por lo que de aqui sirve alli; i de alla aqui.

¶ *De hum fraco pao.* La figura metonimia, po niendo la materia por la forma, o la parte por el todo. Oracio od. 1. *Vt trabe Cypria,* &c. *Nauta fecet mare:* Frequencia de todo Poeta que sabe serlo.

¶ *Foy de húa novidade alvorocado.* Quando ivan assi rendidos a toda la mohina, por no saber adonde estavan, ni adonde ivan, ni tener alguna minima esperanza, o conocimiento de lo en que avian de parar, subito les aparecio la gente que vereinos en essotra estancia. I en el suceso, i palabras se parece este lugar a aquell de Dante Purgat. cant. 26. al ver otra gente extraña, quando no lo pensava. — *Attejo*

Ad altra novità che apparse allhora.

El Tasso Liber. cant. 8. est. 38. *Fui da miracol novo a se rivolto.* I no ay duda, que facilmente se dexa ver el horrore en que andavan estos navegantes; i quan alegre seria para ellos ver gente en barcos, cosa que no avian visto desde que salierò de Lisboa.

LXXV.

E foy, que estando já da costa perto,
onde as prayas, e valles bem se viam,
num rio, que ali fay ao mar aberto,
bateis à vela entravam, e saiam.

Alegria muy grande foy por certo acharmos já persoas que fabiam navegar; porque entre elllas esperamos de achar novas algúas, como achamos

D *Y Fue, que estando ya cerca de la costa, adonde se viam bien las playas, i los valles, entravan i salian bateles en un rio que sale alli al mar abierto, patente. Muy gran alegria, por cierto, fue el hallarmos ya personas que fabian navegar: por q esperamos hallar entre ellos algunas nuevas, como realmente hallamos.*

¶ *E foy, que estando ja,* &c. Veys aqui la novedad de que nuestros navegantes se alborocaron, como os lo empeçò a dezir al fin de la estacia passada. I es, que sin pensar descubrieron tierra, i vieron que desde alli salian i entravan unos Barcos; señal que por alli se usava navegacion, cosa que no avian visto desde que salieron de Lisboa; i por esto fue grande la alegria, persuadiendose que alli avian de hallar nuevas de la India que buscavan, i assi sucedio.

¶ *Num rio que ali fay.* Este rio es mas alla de Sofala 50. leguas.

¶ *Bateys a vela entrav.* &c. Barros alli. Vendido entrar por esse húa barcos com velas de palma, &c. Semejantes a los que exceiente mente describió el Poeta en las citancias 45. i 46. del canto 1. que el Gama vio despues destos, porque era en Moçambique.

S Ale-

¶ Alegría muy grande, &c. Con Barros allí.
¶ Entre clles esperamos de acabar novas. Hallaron entre aqueilos negros tan buenas nuevas, que desso se compuso el nombre de aquel río, como vereinos en la est. 7. 3.

LXVI.

Ethiopes sam todos, mas parece que com gente melhor comunicavam; palabria algúia Arabia se conhece entre a lingoagem sua que falavam; E com pano delgado que se tece de algodão, as cabeças apertavam; com outro que de tinta azul se tingue cada hú as vergonhosas partes cinge.

Todos son Etiopes: mas parece que comunicavan con mejor gente. Entre el léguaje que hablavan se conocia alguna palabra Arabiga. Con delgado paño, que se texe de algodon, apretavan las cabeças: con otro, que se tiñe de azul, ciñe cada uno las vergonçosas partes.

¶ Etiopes sam todos, &c. Dice, que los que aquí aparecieron todos eran negros, como los q' atras quedavan; pero parecian comunicar con gente de mejor trato: hablavan de modo, que se le entendia qual i qual palabra Arabiga: i lo demás del trage está claro.

¶ Etiopes sam: Que eran negros, como en la estanc. 6. 2.

¶ Parece que com gente melbor comunicavão. Barros allí. Vasco da Gama sospytava que estes negros pediam ter comunicaçam com os Mouros, &c. I assi el gente mejor atiende a la policia, tra- to, i comunicacion, en que los Moros son aven- tajados a otras naciones barbaras.

¶ Palabra algúia Arabia se conbece. Dexavanse entender algunas palabras dellos, porque participava su lengua de la Arabiga, entendida del interprete Fernan Martinez, que luego abajo nombrará el Poeta: i la causa de participar de lla, era la comunicacion de los Moros; como vereinos en essa ria estancia. Barros allí. Algúas entiendiam palavras do Arabigo, &c. que Fernan Martinez, &c.

¶ E com pano delgado, &c. Semejante traje a este traian los de Moçambique, más adelante; i que queda descrito en la estanc. 47. del cant. 1. por la invención de que el Poeta ha usado en començar desde el medio del asumpto.

¶ Que de tinta azul se tingue. Barros en ese lugar: Traziam ao redor de si panos de algodão tintos de azul.

¶ As vergonhosas partes cinge. Cõ Hom. Ilia. 2. Proprias vestes, &c. Queque pudenda conte- gunt. I quando describe a Villes en el lib. 13. desnudandose para luchar con llo.

At Viiffes cinxit quidem pannis circumgenita-

A lia. Dante Inf. cant. 31. Le vide infin la dove appar vergogna Ariosto 10.

— Quelle parti ignude.

Cbs ancor che belle sian vergogna chiude. Barros en otra ocasión, Dec. 1. lib. 3. cap. 1. As partes vergonhosas eram cubertas com panos pintados, &c. Derramo el Poeta estos lugares por las estancias 37. del c. 2. i 37. del 7. i en essa del 2. huviera de quedar algo deslo, mas por ser a- quella nota larga, lo reservamos para acá. Sobre la voz verguença, en la 7. del 8. El Poeta como se dorubo en la pintura de negros semejantes en esse lugar citado del c. 1. passò el pincel ligeramente por esta, i todavía está buena.

LXXVII.

Pella Arabica lingoa que mal falam, e que Fernam Martioz muy bē entéde, dizem q' por naos q' em grādeza igualā as nossas, o seu mar se corta, e fende: Mas que là donde sae o Sol, se abalam para òde a costa ao Sul se alarga, e este e do Sul para o Sol; terra onde avia(de gente, assi como nos, da cor do dia.

Por la lengua Arabiga que hablan mal, i que entiende bien Fernan Martinez, dizen que a- quel mar se hiende, i corta por naves que igualan en grandezza a las nuestras, o las nuelstras a ellas. Però que allá a donde sale el Sol, se mueven para donde la costa se estiende, i alarga al Sul: i del Sul para el Sol: tierra adonde avia gente del color del dia, assi como nosotros.

¶ Pella Arabica lingua, &c. Entendidos los negros por Fernando Martinez, assi mal como hablavan, se facó en limpio que dezian, que por aquellos mares corrían naves, como las del Gamma: i que venian del Oriente ázia el Sur, i al cōtrario: i que sus dueños eran blancos. Advierto, que Damian de Goes dice en el cap. 36. que este lengua, o interprete se llamava Martin Alóso: i resiere algunas cosas con variedad de lo que dice Barros.

¶ Muy bem entende. Barros en otra ocasión por otro Interprete, Dec. 1. lib. 3. cap. 5. A lingua Arabia, &c. Pedro da Covilham, que a sabia muy bem. Tan gran cosa era saber uno alguna lēguia de las remotas, que se nombrava por admiracion. Galeno different. polsi. lib. 2. Bilinguis

E olim quidā dicebatur, eratq; res miraculo mortali- bus, bono unus duas exacte linguas tenens. Mas deve ter exacte cabalmente, como Fernan Martínez, que por esto es memorado del Poeta, i no como algunos, que apenas han oido el Griego, quando ya no escriben en otra lengua, sin entenderla. Yo siempre me admirare de que en esta edad en que tanto se presume, de que dexa atras la passada en ingenio, i ciencia, aviendo más oca- sion

sion para esto que en ella , se halle apenas un hombre que sepa una lengua estrana, hallandose ento ces algunos para valerse dellos en semejantes ocasiones. Veys ai a Pedro de Covilla, i Ferna Martinez, i otros muchos en Portugal: dadme cy uno en toda Espana que entienda esta lengua : aviendo entonces tan poca comunicacion con los extranos, i aviendo oy tanta. O presumpeio, o cogiedad ! A lo menos yo no puedo dexar de reirme, de quien escribiendo en su naturaleza, escribe en otra lengua que no sea la suya primaria , i despues la Latina. Estos dias salen libros de Portugueses en Castellano, i algunos trozos de Castellanos en Portugues, que vienen a ser en manga na lengua: i assi cada uno dellos imagen de la obra de Babel en que se hallaron todas las lenguas sin entenderse. Procede esto de no conocer , que raro sera el que fuera de su lengua hablar con seguridad: a lo menos Ovidio no lo fiava de todo su ingenio, i estudio. Oygase este distico de la Eleg. 7. del lib. 5. de Tristib. pues aun duda si acierta en la suya, por escribirla entre la estran*i*.

*Ne tamez assonia perdam commercia lingue
Et fiat patrio vox mea tuta sono.*

Diran algunos, que devieramos observar esta doctrina que enseuamos. Respondemos con el propio Ovidio alli mismo.

*Nec dubito quin sint, & in hoc non panca libello
Barbara: non hominis culpa sed ista loci.*

Siempre escribimos fuera de ia patria, adonde no corre nuestra lengua; i para escribir en la agena hemos trabajado mucho. Los que aqui vamos censurando ; ni trabajan en esto, creyendo ser cosa que se viene de valde , ni en las ninas de los ojos de su patria es justo que se nieguen a su lengua. Obras tenemos escritas en la nuestra, que ningun interes hasta agora nos hizo passar en la estran*i*, esperando que algun dia se logracion sin nota. Esta tuvimos por precisamente necesario que suelle en Castellano, por lo mucho que se dessea entender bien este Poeta en esta mayor parte de Espana. Desto mas largo al fin del prologo. I bolviendo a nuestro camino. Al Comentador excelente de Iuan de Mena llamaron Griego, porque sabia aquel lenguaje: i lo que es mas, fue llamado Griego el Emperador Adriano, solo por saberlo , sin respetarse en esto a que fuese , como era , senor de Grecia. Hallaremos este nuestro Interprete en la estancia 64. del capitulo 1. i en la 78. del 2. todo en ocasiones despues desta: i la causa diximos ai arriba, i diremos en la estanc*85*.

*E Naos que em grandeza igualam as nossas.
Dixeron aquellos negros; que corrian por alli naves tan grandes como las que llevava el Gariua. Esto tiene dos entendimientos. Las naves que el llevava, no eran tan grandes como las que oy usan los Portugueses: i assi no se ha de entender , que las de los Moros eran como estas , sino*

A como aquellas o que si las deilos lo son oy, sacri, tambien creciendo con el tiempo, como las de Portugal, cuya grandeza resulto de aver le experimentado , que era ella menester para sufrir tan poderosos mares. Las que lleva el Gama agora eran tan pequenas , que llamandose muy grande, en respeto dellas, una que despues lleva Iuan de Nova, no excedia ella de 400. toneladas , segun Bar. Dec. 2.lib. 3.cap. 1. i despues se fizieron de mas de 1500. para que se vea como todo empieza por pequenez, por mas que sea grandissimo a delante. Vese esto en la est. 4. del c. 9. i en la 64. El asir nuestro Poeta ditta informacion de uno de naves mas que de otras , fue por intentar a Homero , quando Ulises 7. hallò en Minerva disfrazada la noticia de q ultaua los Feuses grandes embarcaciones. *Navibus celestibus hi cen-
confisi velocibus uadam magnam per tran-
seunt.*

B *O seum irse corta e feide. El estilo de que se hiende la aguia, es de Anacreonte , tocando la fabula de Jupiter en Toto al llevar a Europa. Et findit angula undas. El de nuestro Poeta , diciendo que ie contra, i hiende, es a vision al preparar madera para qualquiera cosa , que se hace en dos maneras; o a lo largo, que se llama hender, o a traves, que se llama cortar: i por este estilo viene a dezir que cruzavan aquellas naves aquellos mares, passando de una parte a otra. Bartos alli. Dizendo que contra o nascimento do Sol avia gente branca que navegava em naos como aquellas, as quais via passar para baixo , e para cima.*

C *Mas que la donde sale o Sol se abalam para onde , &c. Dan señas de la parte de donde eran estas naves que por alli cursava; i viene a ser desde el Oriente para el Sur; (esto vale la donde sale o Sol para a costa, que ao Sul se alarga) i desde el Sur para el Oriente, esto vale do Sul para el Sol. Por los que van desde el Oriente al Sur, se deve entender los de la Costa de la India de puertos de Moros , como Dabul, Dio, i otros (cistas son las partes de donde sale el Sol) q principalmente cursan para Ormuz ; i en grandeza compiten oy sus naves con las de Portugal, mas no en la forma, pompa, fabica, garbo, i ligereza, i menos en lo fuerte. Por las que van del Sur al Oriente (esto es del Sur para el Sol) se entendera las de Dachem, i otros Reynos circumvezinos que en ellas comunican sus haciendas a los puertos del Est e cho de Meca, por donde ay gente blanca (esto es del color del dia) porque los Turcos , i Arabes de que se puebla este estrecho, son blancos como nosotros. Ver lo q diximos sobre la est. 63 del c. 1. I la razon de q estos negros tuviessen conocimiento de la navegacion, i de la lengua Arabiga, era el tratar con esti: Moros , i Turcos , que por alli llegavan a traer, i llevar haciendas. I assi queda sacado en limpicio , que la navegacion en valos grandes era muy antigua por aquellas*

E *Vii part-*

partes, no excediendo dellas: i que los mares q̄ los Portugueses navegaron de nuevo, sin que los huijicēs inviegado otra gente, son desde Lisboa hasta Sofala.

To Gente da cor do di. Para dezir gēte blāca, ya quedā us̄do del P.en la est. 7. adōde diximos lo q̄ era menester para esto. Vease. Castañeda li. 1.cap. 5.dize, q̄ cō estos Gētiles venian a tratar los Moros de la India, i del mar roxo.i describe las naves, q̄ por alli cursavan, sin clavazon de hierro, ni cubierta, q̄ vienen a ser las de Meca, como ai diximos:i en el cap. 6.hablando del color desfios Moros: *Eram brancos assi como os nossos.*

LXXVIII.

Muy grandemente aqui nos alegramos com a gēte, e cō as novas muito mais: pello sinal que neste rio achamos o nome lhe ficou dos Sons sinalis: Hum padram nesta terra alevātamos; que para assinalar lugares tais trazia alguns; o nome tem do bello guia de Tobias a Gabello.

MY grandemente nos alegramos aqui cō es- tra gēte , i mucho más con las nuevas. Por las señales buenas q̄ hallamos en este rio, le quedó el nōbre de las Buenas señales. En esta tierra levantamos un padron (q̄ traía algunos para señalar tales lugares) Tien el nombre del bello guia de Tobias a Gabelo.

To Grādemēte nos alegramos, &c. Virgil.lib. 3. *Mis̄toq; ingens exorta tumultu latitia.* Oracio sat. 5.lib. 1. quando refiere otro viaje en que encuéntra a Virgilio, Plocio, i Varo en Sinuessa. O qui complexus & gaudla quanta fuerunt!

To Com a gente, e cō as novas molto mais. Esta alegría de ver esta gente, i hallar estas señales de la India, se corresponde con la q̄ Eneas, i los suyos tuvieron quando divisaron los caballos blancos, teniéndolos por señal de felicidad, lib. 3. *Quatuor hic primum omen equos in gramine vidi.*

To Hū padrān:. Entiendese una Cruz alta: aū en muchas partes se llama Padron. Bien se q̄ también suele ser padrō qualquier columna cō alguna inscripció. Però las columnas de q̄ usaron los Portugueses en estos descubrimientos, fuerō Cruzes, i más Cruzes, q̄ son sus columnas verdaderas. Ver desto en la est. 73. del c. 8. Bar. alli. *Aqui pos o Padram S. Rafael dos q̄ levava para este descubrimiento.* I declarando la forma destos Padrones, Dec. 1.lib. 3.cap. 3. *Padrā de pedra de altura de douz estadios de homē,* &c. e em cima no topo hūa Cruz de pedra embutida cō chibō, &c. Vā el P. imitā o a Virgil. quādo Eneas resiriédo su viaje halta Cartago, dize, q̄ en el primer lugar q̄ tocó en paz, i vātō una ciudad q̄ llamó de su nōbre, en cuyo lugar pone este padrō, i su nombre: i yo me

A obligo q̄ valia èl más q̄ essa ciudad, i que fué mas dificil de levantar. — *Et littore curvo Mœnia prima loco.* &c. *Eneadisq; meo nomen de nomine fingo.* I adelante quando passarō a C̄dia, fundando la ciudad Pergama.

*Ergo avidus muros optatae molior urbis,
Pergameamque voco.*

To Nome tē, &c. Llamó el Gama a este Padro S. Rafael (sino es, q̄ ya los q̄ el llevó llevavan del Reyno sus nombres puestos por los Reyes.)

To Do bello guia de Tobias. Bella peritasis de este Angel. Si el P. imitó a Dante venciole: por que haziédola del propio, Par. c. 4.dize: *Et l' altro che Tobia rifece sano.*

To A Gabello. Quiso el viejo Tobias embiar su hijo Tobias a Gabelo en Rages, ciudad de los Medos, a cierta cobráça; i permitió Dios q̄ le acompañasse este Angel. Pag. sacra en Tob. cap. 11.

LXXIX.

C Aqui de limos, cascas, e de ostrinhos, nojosa criaçā das agoas fundas, alimpamos as naos, que dos caminhos lōgos do mar, vē sordidas, e immūdas. Dos hospedes que tinhamos vezinhos com mostras apraziveis, e jocundas, ouvemos sempre o usado mantimēto, limpos de todo o falso pensamento.

A Qui limpiamos las naves (q̄ vienē sordidas, i inmūdas de los largos caninos del mar) de los limos, algas, escaras, i ostiōzillos: vasco sa criaciō de las hōdas aguas. De los huespedes q̄ teniamos vezinos, cō jocudas, i apazibles mestras, huijimos siépre el mantenimiento usado de lllos, limpios de todo falso pensamiento.

To Aqui de, &c. Halládos en bué puerto, i entre buena gēte descalzaron, i en el descanso se entretuvierō en dar carena a las naves, limpiandolas: i los naturales cōtinuarō en su bué trato, proveyédoles de lo necesario sin mala sospecha, mientras alli estuvieron.

To De limos, cascas, e de ostrinhos, nojosa criaçā das aguas fundas, alimpamos as naos q̄, &c. Note se la elegācia, i la grādeza, i la propiedād cō q̄ el P. aqui habló de materia baxa i sordida, expresando cō rara limpieza de poesia essa sordidez en los dos versos; i luego en los otros dos el aliviar las naves dese embaraço. Como dixerá Hom. i Virgil. cōsultados, aquella vascosidad pegañosa criada en el mar, sino assi: *Nojosa criacā das agoas fundas?* Barros alli. *Aquí quis dar pendor aos navios por virem muy çujos.*

To Limos, cascas, ostrinhos. Como la agua del mar es gruesa, viene cō la cōtinuaciō a engrudar (digamoslo así) las naves, i a esto se van asiendo las inmūdicias marítimas, que tambien son en si pegañosas : por esto el Poeta pintará a Triton sem-

sembrado destas mismas cosas en las est. 17. 18. del c. 6. Limos son unas hojas, llenas como de habazas; *cascas*: son cortezas, o cascas de pezes de concha; Ostriños, animalejos menores que ostría, o ostión. Destas, i semejantes cosas venian impedidas las naves por la longitud del viaje: i para q' puedan correr se limpian.

G *Sordidas, e inmundas.* Parece q' lo uno, i lo otro suena una misma cosa, q' es suizias. Alguna diferencia ay todavía entre estas dos voces, de la qual no me quiero valer. Valdréme solo de q' en padres de la latinidad hallo, q' sordido vale avariento: i es bonissimo para esta ocasió: porq' la nave suzia destas vaçosidades maritimas (sive aí el inmundas) es avarienta (aqui el sordida) del na vegar: esto es del correr liberalmēte por el agua, porque la impide el curso essa inmundicie.

G *Ouvemos sempre.* El siempre denota tiépo; i fue que se detuviérð alli un mes, para restaurarse de lo passado, i tomar aliento para lo futuro.

G *Limpos de todo o falso,* &c. Dudo si los navagátes estavā limpios de pésar q' los negros erā falsos, si los negros de serlo: i puede ser todo.

LXXX.

Mas nā foy, da esperāça grāde, e immē q'nesta terra ouvemos, limpa, epura (sa a alegria; mas logo a recompensa a Ramnusia com nova desventura. Assi no ceo sereno le dispensa; com esta condiçām pesada, e dura nascemos. O pesar terà firmeza; mas o bem logo muda a natureza.

PErò no fue limpia i pura la alegría que huviimos en esta tierra, de la grande i inmensa esperanza: antes la recompensa luego la Ramnusia con nueva desventura. Assi se dispensa en el sereno cielo. Nacimos con esta pesada i dura condicion. Tendrá firmeza el pesar però el bien luego muda la naturaleza.

G *Mas nam foy,* &c. Explicareis los quattro versos, ordenando el texto así. Però no fué limpia i pura la alegría, que tuvimos aqui con la grandeza de la esperanza q' encontramos de llegar a la India; porq' luego se nos añadió el cótrapeso de una desgracia. Ordé del cielo, q' nos echa al mundo co' la condición de q' en el no lograremos gusto perfecto; i que en los daños experimentaremos mayor constancia que en los bienes. La desgracia veremos luego aí abajo.

G *Ramnusia.* Es lo mismo que Nemesis: i llamóse assi de Ramnunte, lugar de la Region Attica, adonde tenia culto. Su imagen con un freno en la mano: por esto el Poeta en sus Rim. Egl. 1.

Nemesis moderada, justa, e dura

Humfrego lbe està pondo, &c.

Por ser la moderadora de las demásias: i como

Tomo 2.

A los navegantes se hallavan agora aquí con sobrado gusto, dice el P. que esta Diosa moderadora se lo quiso aguar con un disgusto; porque vinieron a enfermar, i morir allí algunos.

G *Assi no ceo sereno,* &c. Pensamiento de la est. 51. del c. 4. i de la 3. del 7.

G *Com esta condicām,* &c. El Alamanni en su Cultura lib. 2. — *Il cielo*

Com queste condition n'ha posti in terra.

El lugar Cattellano que truxé a otro fin en la est. 94. del c. 3. *Con esta són nacidos condition.*

B **M**as o bem logo muda, &c. El mal es firme; el bien mudable. Si la erudicion se hubiesse de poner, llevada destas moralidades, a desbalijar los Santos i Filosofos, seria nunca feneret estas notas. Ello es escudado: i más diciendolo el P. de modo que no ay más q' dessear. Bar. alli. *Por este prazer não ir puro sem algú desçoto de trabalhos, por espaço de bñ mes q' ali estiverá adoecço muita gente, e morre algúta.* No ay duda q' el P. se acordó deste mal, de q' allí murieró algunos de los navagátes (q' cierto fue horrible, como luego veremos) porq' no q'dasse por imitar a Virgil. quâdo fin ge semejante miseria, padecida de los Troyanos despues que llegaron al puerto de Candia. Vea-se allá abaxo.

LXXXI.

E foy, que de doença crua, e fea, a mais que eu nunca vi, desampararam muitos a vida, e em terra estranha, e os ossos para sempre sepultaram. (alhea Quem averá que sem o ver o crea? Que tā disforsmemēte ali lhe inchará as gingivas na boca, que crecia a carne, e juntamente apodrecia.

D **I** Fué, que de enfermedad la más cruel, i sea que yo vi, desampararo muchos la vida, i en tierra agena sepultaron para siempre los huesos. O quien avrá que lo crea sin verlo? Que les incharon tan disformemente las enzias en la boca, q' crecia la carne, i juntamente se pudria.

G *E foy, que de doença.* &c. El mal que allí padeциeron fue crecerles las enzias en la boca, de modo que no cabian en ella, i al mismo punto se pudrian: i no hallando modo de curarse murian.

G *Doença crua, e fea.* Bonissimamente llama a aquella enfermedad cruel, i fea: cruel, porque no avia remedio contra ella, i el que usauan, era cortar cruelmente la carne:fea, porque creciendo tanto las enzias, hazian deformidad grāde en la boça, i en el rostro. I por esto vino el P. en sus redondillas, en cótrario desta enfermedad, a llamar otra hermosa; porque dice a una dama enferma de esta manera:

E digovos de verdade

Que a saude anda envejosa

Vu 2

D9

*De ver estar tam feruosa
Em eos essa enfermidade.*

Yo me obligo q̄ le dio el a credito a las coplas.
Veáse tales que son galanissimas.

¶ *Desampararam muitos a vida.* De ambas maneras dezemos: Desamparar la vida, o ser desamparado deella: en lugar de morir.

¶ *E em terra estranha os effos p.m. sempre sepultaram.* Muestra el P. con esta ponderacion afeita sola, de quedar sepultados en tierra agena, el justo sentimiento que deve tenerse, i que injustamente no tienen algunos, de acabar fuera de su patria, como enemigos della. Mucho se nos ofrecia que dezir: però ya diximos que si hubiésemos de tender la erudicion al compás que nos hace este Poeta, seria no hallar fin. Baste apuntar, que ponderan los Santos que Adan fue sepultado en el mismo en que D'os le formó: i que aunque esto fue para mostrar, entre otras cosas, que el nacimiento es la muerte, tambien fué para verse, que se ha de procurar morir en la patria, i que ello es felicidad. Mostraronlo tambien los muchos que no muriendo en ella, a ella mandaron se llevassen sus huesos. Vease lo que diremos en la estancia 83. i diximos en la 65. del canto 4. que todo sirve aqui. Imita el Poeta en este verso a Virgilio lib. 5. que entra exclamando tambien sobre el irse Eneas para Italia, deixando parte de su gente en tierra agena.

*Proh scelus! Ecce etiam Troianis matribus actis
Excussit fœde puppes, & classe subegit
Amissa socios ignotæ linquere terræ.*

I en el 9. quando la madre de Eurialo le llorava muerto. *Heu terra ignota, &c.*

I tambien imita aquel epitafio de Domicio Toranio, que por imagen de mayor soledad dixo en el, q̄ avia acabado fuera de su patria. *T A M L O N G E A P A T R I A.* I con esta misma fenección nuestro P. su soneto 100 que es epitafio de uno que se murió en el mar de Abassia. *Tam longe da ditoſa patria minha.* Tambien se dolia desto de murir en tierra agena Antiooco. Machab. 1. cap. 6. *Et ecce pereo tristitia magna in terra aliena.*

¶ *Os effos para sempre, &c.* En la est. 33.

¶ *Quem averà que sem o ver'o crea?* Pregunta con calidad de exclamacion, i al contrario; para hazer mas atentos los que escuchan, o leen, al referir una suerte horrenda de peste. I es ni mas ni menos para imitar a Virgil. o a Eneas en dos lugares grandes; uno la descripcion de la sangüinaza podrida de Polidoto, saliendo de unas varas que cortava en aquella parte de Tracia lib. 3. *Horrendum & diſtu video mirabile monſtrum:* *Namq; prima ſolo ruptis radicibus arboſ* *Vellitur: buic atro linquuntur ſanguine guttae,* *Et terram tabo maculant. Mibi frigidus horroſ* *Membra quatit. &c.* Otro refiriendo la peste que dió sobre su gente, entrada en Candia. *Et tandem antiquis Curetam allabimur oris, &c.*

A Vease, que no es posible copiar tanto. I tambiē le hallamos mucho parecer con los efectos de las mordeduras de animales venenosos en la gente Pompeana por Africa, descritos de Lucano lib. 9. Acudan allí los curiosos.

¶ *As gingivas.* Las enzias. Ya diximos arriba que manera de mal era esta; i en la est. siguiēte se continua más. Barros en este lugar citado vā refiriendo a lo largo este suceso, que es lastimoso; i mucho más por la parte de no conocersele entóces remedio tan facil, como era el de lavarse mucho co cumo de limones, si allí los ay. Esto me dio un platico en este viaje, aviendose cogido allí el propiō mal: no se si es así: i importa poco.

LXXXII.

Apodrecia com hum fetido, e bruto cheyro, que o ar vezinho infisionava; nam tinhamos ali medico astuto, surgiām sutil menos se achava: *Mas qualqr neste oficio pouco instru-polla carne já podre assi cortava (to como se fora morta; e bem convinha* C *pois que morto ficava quem a tinha.*

P Vdriase có un fetido, i bruto olor que inficio nava el vezino ayre. No teniamos allí astuto Medico, i menos se hallava sutil Cirujano. Pero qualquier poco instruido en este oficio, assi cortava por la ya podrida carne, como si fuera muerta: i bien convenia, pues quien assi la tenia quedava muerto.

¶ *Apodrecia com hum &c.* Podriase luego a quella carne que crecia en las enzias, con tal corrupcion, que era insuportable el mal olor. No aviando Medicos, o Cirujanos, cada uno tomava este oficio, i cortava sin piedad.

¶ *Com hum fetido e bruto cheyro o ar vezinho infisionava.* De manera pinta aquel mal olor en estos dos versos, que parece se escandalizan las naves, al tiempo que se entretienen los oídos, i se regala el juicio al leerlos. Las palabras empiezan las de Eneas lib. 3. describiendo las pestilenciales Harpias.

— *Contactuque omnia fœdant
Immundo: tum vox tetur dira inter odorem.*
Otro. — *Subito cum tabida membris
Corrupto cœli tractu, miserandaque venit
Arboribusq; satifq; lues, & lethifer annus
Linquebant dulces animas, aut egra trabebant* E *Corpora, &c.* Pero pudo el P. imitar tambien a Tucídides lib. 2. en la pestilencia. *Intus mox fauces, & lingua sanguinolenta erant, spiritumq; te-trum. & pessime olentem exhibabant.*

¶ *Nam tinhamos ali Medico astuto.* Medico es claro q̄ no faltaria, pues esto siépre se lleva en las naves: pero quiere dezir q̄ no tenian Medico tan perito, que bastasse a atajar aquel mal, que era

era bastante a pafinar la ciencia. Todo imitando a Virgil. Georg. 3. a la postre, sobre la pestiléncia que describe en el ganado. *Quæ sit eque no-*
cent artes: cæsse magistri, &c. Tucidides en el se lugar citado arriba. *Tanta pestilentia, tanta-*
que clades grætata est, nam nec medici sufficiebāt:
curandi primum imperitia, &c. Con quo nos aseguramos mas de que anduvo aqui el P. al escribir esto: i añadió al medico el epiteto de *astuto*, con gran propiedad: porque astucia vale cautela, o sagacidad, i la medicina no es otra cosa que sagacidad, i ca icela con los males. I quando sea en el sentido riguroso, de que astucia suene engaño, o treta, no estará usado con menor dicha; porque la ciencia del Medico tambien es esto con la enfermedad: i a lo enos, no pocas veces le es menester engañar los enfermos, para que reciban los medicamentos que reusán: i aquello de dorar una pildora, i açucarar un xarabe, i una purga, no es otra cosa sino estos engaños, o astacias: i engañar la muerte, se llama al vivir de manera, que en virtud de la memoria de buenas obras, quede uno vivo despues de muerto: estilo que veremos usado sobre la estancia 37. del canto 8. Bien luego, dixo *astuto* el Poeta al Medico, por mas que algunos Medicos de los ingenios quieren que aya alteracion en el epiteto.

¶ Sururgiam futil menos, &c. Vease el cuidado; llamó al Medico astuto con la gran propiedad que advirtimos: agora con otra tanta llama futil al Cirujano, como ya antes, o despues en su Ode 8.d x) tratando desta ciencia: *Podaliria futil, &c.* Porque el buen Cirujano deve ser futil, ligero, i no pesado de mano, que ay algunos que dexan de ser Cirujanos, i son verdugos. Teníamos en Portugal uno, que sin duda era futil, de manera que llegando cierto humor picante a dar a entender de otro, que era futil de manos sin ser Cirujano, dixo, que las tenia tan futilles como este. Pienfan algunos se dice Cirujano derivado de Chiron Centauro, inventor de la Chirurgia, de quien la aprendio Esculapio Medico, conforme a las invenciones Griegas: i no es sino de la palabra Griega Chirurgia, que vale aquell obrar de manos en las heridas. Antiguamente el Medico lo o, exercitava todo lo que se usa en la Medicina, siéndo sangrador, i Boticario, i Cirujano, i todo lo que toca a curar de qualquier cosa. Despues se dividieron los exercicios, i se quedó siendo la Chirurgia, una parte de la Medicina, no la menos noble; i luego de más arte, i destreza; i el Medico con este nombre, que vale todas aquellas partes, aunque no exercita sino la de mandar que estoicos hagan: i a veces sabe menos el que manda, que el mandado.

¶ Mas qualquer, &c. Gran miseria, verse el enfermo en las manos de la ignorancia de su enfermedad. Barros en ese lugar arriba citado dice de sta. *Añi como crecia apodrecia, e sortuvans*

A nella, como em carne morta; e que procedia dos mantimentos corrutos. Con esto ultimo entrò la estancia 71.

LXXXIII.

Ensim que nesti incognita espessura deyxamos para sépre os cōpanheyros, q em tal caminho, em tanta desventura foram sempre cōnosoço aventureyros: *Quam facil he ao corpo a sepultura!*

B quaisqr ôdas do mar; quaisqr outeiros estranhos, assimismo como aos noillos receberam de todo o illustre os ossos.

A Lfin que en esta incognita espessura deixamos para siempre los compañeros, que siempre fueron aventureros con nosotros en tal camino, i en desventura tanta. Quan facil es la sepultura al cuerpo! *Qualsquier olas del mar;* qualesquier montes estraños, assimismo como a los nuestros, recibieron los huesos de todo ilustre varon.

C *¶ Ensim que nesti, &c.* Finalmente (dize) alli dimos sepultura a los compañeros que tantas miserias avian pasado como nosotros, haziéndonos passar la de verlos sepultados tā lexos de nuestra patria, sin las horas i sitio sagrado q en ella usamos: sino unos echados al mar, i otros a la tierra sin ceremonia, o pôpa alguna. Asi acabaron muchos varones claros; assi los nuestros: Tan facil es el acomodar un muerto.

¶ Ensim q nesti incognita espessura deyxamos para sempre os cōpanheyros q, &c. Toda la est. esti llena de lastimas, afectos tristes, soledades, i magoas por la perdida de los cōpañeros. Todo a imitacion de aquellos sentimientos q se apuntaron en la est. 65. del c. 4. i los de Ulises por sus cōpañeros perdidos. *Vbi atij quidē omnes perire boni socij.* Hom. 7. i los de Eneas por Creusa perdida al salir de Troya.

— *Namque avia cursu*

*Dum sequor & nota excedo regione viarum
Heu misero coniux fato ne erepta Creusa
Substitit, erravit, ne via seu lassa resedit
Incertum ne post oculis est reddit a nosfris.*

I tâbien aqullo de quando Eneas dexò la Isla Câdia en que quedavan algunos compañeros, lib. 3. *Paucisq; relictis, oclæ damus, &c.* I sobre todo vâ esto en cōpetencia del tentimiento de Eneas, muerto su padre en Drepano, cō q tâbien fenece su relació como nro P. i despues acordâdose (lib. 6.) q le avia sido cōpañero en tantos trabajos, al hablar cō la Sibila, dize: (q es acâ Cōpanneyros,) *et ille meū comitatus iter maria omnia mecū, &c.*

Finalmête el pôderat, q se quedaron en tierra ignota, o no conocida, por despertar la comiseracion, es con puntualidad imitado de Virgilio, quando Eneas en los ultimos dos versos del

lib. 5. llorava a Palinuro, q̄ caido al mar saldria desnudo a la playa agena, no conocida.

Nudus & ignota, Palinure iacebis arena.

No dexaremos de dezir, q̄ muriédo Paulo de Gama en este viaje, a la vuelta, nos admiramos siépre de q̄ no hiziese el P. alguna hora da memoria del, q̄ pudiera tener lugar en las profecias de Adamastor en este cárto, o bién de las de Teris en el 10. en q̄ se quedara rábien imitando a Virgil. q̄ en el 5. hace q̄ Neptuno profetize la muerte de Miseno, i Palinuro en el viaje. Mas pues el P. no lo hizo, assi devió ser mejor.

*¶ Quā facil he ac corpo a sepultura! Virgil. li. 2. en la boca de Anchises: Facilis iactura sepul- B
ebri est. Mejorólo mucho nro P. có aq̄l superlativo, o positivo: i siédo cada dos versos de los primeros quattro un gentil afecto, i representació de lastima, se sube todo de puro en los otros quattro*

¶ Quesquer ondas, quesquer outeyros. En qualquier parte del mar, o de la tierra ocupa poco, i se echa a poca costa un cuerpo difunto. I esfa es la facilidad del sepulcro, q̄ la vanidad humana en algunos dificulta tanto.

¶ Assi mesmo como aos nossos receberam de todo o illustre os ossos. Este lugar separece a muchos varios. Primeramente el termino de como a los nuestros, &c. huele a este de Virgil. Georg. 4.

*Si verò quoniam casus apibus quoq; nobros
Vita tulit) tristi languebunt corpora morbo.*

Quiere dezir aquí mi P. q̄ qualquier mar, i qualquier tierra extraña, recibió los huesos de qualquier varón ilustre, así como agora recibió los de la gente Portuguesa allí muerta: como si dixerá: deste propio modo carecerá de sepulcro grandes hombres. I la alegoria es, q̄ vivos no cabemos en ninguna parte; muertos nos sobra facilmente qualquiera. Yo sospecho q̄ el P. lo dixo có Tucídides lib. 2. en las obsequias celebradas por Pericles a los Atenienses muertos: *Illustris quippè virorum omnis terra sepulcru est.* I aun parece lo es menos la patria, segú lo q̄ dezía los Israelitas a Moses, Exod. 14. quando los llevava a otra tierra. *Forfitan nō erat sepulcra in Egypto, ideo tuli-
stis nos, ut moreremur in solitudine.* Como si fuera más facil la sepultura en tierra agena. I lo de dar sepultura a los compañeros, así como se pudo, fué imitar la q̄ Eneas dió a Polidoro en la playa de Tracia, lib. 3. i a Miseno lib. 5. i a su amia Caeta, lib. 6. Que todo lo vā varriendo el P.

LXXXIII.

*Assique deste porto nos partimos
com maior esperança, e mor tristeza;
e pella costa abaxo o mar abrimos
buscado algum sinal de mais firmeza:
Na dura Moçambique enfim surgimos
de cuja falsidade, e ma vileza
já será: sabedor, e dos enganos (nos.
dos povos de Mombaça pouco huma-*

A Si que nos partimos deste puerto có mayor esperança, i con mayor tristeza: i abrimos el mar por la costa abaxo buscando alguna señal de más firmeza. Alfin surgimos en la dura Moçambique, de cuya falsoedad, i vileza mala serás ya sabidor, i de los engaños de los poco humanos pueblos de Mombaça.

¶ Assi que des. &c. Salieró de aquel puerto, i río de las Buenas señales có más esperança de llegar a la India de la q̄ traiá hasta allí, por las naves q̄ hallaró en aquellos negros; i có mas tristeza de la q̄ truxeron hasta allí, no siendo ella poca, por ver se quedavan enterrados entre essa gente barbara, i remota los compañeros: i navegando llegaron a Moçambique, i Mombaça, adonde fueron maltratados.

*¶ Deste porto nos partimos, &c. Siépre arriado a Virgil. lib. 3. Hanc quoq; deserimus sedē. I casi al fin: *Hinc Deprani me portus, &c.**

¶ Com maior esperança, e mor tristeza. Porq fuese mayor la esperanza i la tristeza, ya queda explicado. El modo es imitando a Hom. Vl. 9. quādo Ulisses relatando sus trabajos a Alcinoo, assi pondera aquella alegría, i aquel dolor.

*Hinc autem ex templo navigabimus dolentes
Corde læsi ex morte charis amissis socijs.*

¶ Mayor, e mor. Pocas comodidades destas da nuestra legua, i todas las de España, a los Poetas, haziendo larga, o breve una palabra misma; como muchas veces es imenester. Grandemente socorre la Italiana con voces, q̄ no solo se dizan de dos maneras, sino de tres, i cuatro. Parecese este mayor i mor en un verso, có el van i vano de Torcato en orro, que es en la est. 1. de su Liberata,

In vano oppose, e' n vano. Sobre la diferencia de mor, i mayor, diximos en la est. 38.

¶ E pella costa abaxo. Ivan siguiendo la costa que se llama de Melinde.

¶ Na dura Moçambique, &c. Fueró a surgir en la Isla, i ciudad de Moçambique, a q̄ llama dura, porq no se rindió aquella gente a ninguna razón, i por el mal hospedaje q̄ allí recibió: descrito desde la est. 45. hasta la 102. del c. 1.

¶ De cuja falsidade, e maileza. Habla el Gama por la pauta, q̄ para habiar desta gente le puso el proprio Rey, có quié habla, en la c. 86. del c. 2. i sirve esta advertencia a otra que hazemos allá.

¶ E dos enganos dos povos de Mombaça, &c. Las astucias q̄ los moradores de Mombaça, mis abaxo de Moçambique, usaron con nuestros nava- gantes, se ven desde las tres estanc. ultimas del cent. 1. i en las primeras 18. del 2. i desde la 25. hasta la 28. i en la 66. del mismo. Lo uno, i lo otro dexa el Poeta de referir aquí, porq para có los Letores, ya allá se queda; i para có el Rey de Melinde có quien está hablado el Gama, porque era fuerza, q̄ tuviese noticia de todo; siédo cosas sucedidas en los confines de su Reyno por aquella costa, de donde como a Principe supone q̄ corre ligeramente la nueva de novedades peregrinas en su tierra. I tambien, porque le avía embiado de- lan-

Játe uno de los Moros tomados en la est. 74. del c. 2. adóde por eso luego en la 74. dize, q el Rey ya sabia, &c. Vease allí, q se explica la razó por qlo sabia ya el Rey; q viene a ser la propia, porq el P. o el Gama fenece aquí la relació. I son buenas especulaciones estas del cuidado de nuestro P. para los q osan dezir q escribió sin el. De manera, pues, q el P. refirió en el c. 1. i en el 2. el viaje hasta Melinde succinctamente, como Virgil. el de Eneas en el lib. 6. hasta Cartago: i en este canto le refirió en persona del Gama có particularidades, desde Lisboa hasta Mocabi: q, assi como Virgil. 4. en persona de Eneas a Dido. De suerte q está jugando Virgil. pereneméte en esta grande obra; i Homero si no juega tanto, assiste mucho.

LXXXV.

Até que a aqui no teu seguro porto,
cuja blandura, e doce tratamento
darà saude a hú vivo, evida a hú morto
nos trouxe a piedade do alto assento.
Aqui repousfo, aqui doce conforto,
nova quietacãm do pensamento
nos deste. E ves aqui se atento ouviste,
te contey tudo quanto me pediste. **C**

Hasta q aqui a este seguro puerto tuyo (cuya blandura, i dulce trato darà salud a un vivo, i vida a un muerto) nos truxo la piedad del alto assieto. Aqui reposo, aqui cósuelo dulce, nua va quietud del pensamiento nos diste. I ves aqui, si oiste atéto, te conté todo quanto me pediste.

T Até que, &c. Hasta que llegamos a tu puerto, a ti, i a tu animo Real i piadoso, que todo fue bastante a repararnos de tanta molestia; i lo era a bolvernos a la vida, si de todo vinieramos ya muertos. Ya te obedeci en cótarte quanto desfaste entender de nosotros.

T Até que aqui no teu seguro porto, &c. Tomado de qualquier de los dos Maestros; o de ambos. El primero, quando Ulises 7. obedeció al Rey Alcivoo en referirle su viaje. Donec terræ vestre appulit ferens, vètusq; & aqua. El segudo.

Perque undas superante salo, perq; invia saxæ
Dispulit buc pauci vestris adnauimus oris.

Dizen los Troyanos a Dido, aportados allí sobre grandes trabajos. I Eneas a ella tambien al fin de su relacion, lib. 3. Hinc me digressum vestris Deus appulit oris.

T Darà saude a hum vivo, e vida a hum morto. Verso entero de Garcilasso en la cancion 3. de la Eglog. 2. A dar salud a un vivo, i vida a un muerto. Por cierto benemerita fué la mejor Lira Castellana, de ser imitada de la mayor ruba Española: si bié este lugar no es de los mas finos de aquel dulcissimo instrumento; ni aun quando para convenir un modo con otro, sea más propio dar salud a un enfermo, vida a un muerto, a que se in-

Tomo 2.

A clina Fernando de Herrera, có poca necesidad; porque estas correspondencias no tienen ordinariamente mucho de lo grave, i si se usan con frecuencia, les sobra lo pueril. I supuesto que Garcilasso, i Camoens se fueron tras la hiperbole, yo siéto que ésta es mayor, añadir salud al que la tiene, que no curar al que está malo; que ésto entendió el uno diciéndolo, i el otro copiandolo: sin q por esto quede excluido el otro entendimiento de Herrera, porq el vivo allí se supone enfermo: i el escuchar la correspondencia, es de mano maestra, q siépre haye la afección. I si ésto fuere mejor, ai teneis a nuestro P. q así lo dixo en la est. 10. del c. 10. A doentes saude, a mortos vida. Como el Veniero en el son. Cangia prego. &c. Farmisan de egro, e vivo ancor di morto. Bébo en aquellas aferuosíssimas est. fenece una assi:

*Ma l' accoglienza, il senno, e la virtute
Potrebbon dar al mondo ogni salute.*

I puede ser que con el lo dixo mi P. aunque tomasse aquél verso a Garcilasso.

T Nos trouxe a piedade do alto assento. Veis aqui como el P. asegura lo q descubrimos sobre la est. 33. del c. 2. de q representa aquella Venus la piedad, i otras virtudes, i la mano divina, q fieren los Pilotos en este viaje. Porq si allí finge que Venus llevó estas naves: i acá dice q las llevó la piedad divina, necesariamente ésta piedad es aquella Venus; i aquella Venus representa ésta piedad. Vease lo que allí se discutió: i aquí en la est. 60.

T Nos dèste. Aquí fenece la relació: i es remate grave (cósiderelo el judicioso) el no senccer có fin de est. ni aun de verso: q si bien no imitó a Virgil. ni fenece ese verso con el fin de la relació de Eneas a Dido, imitole quando con la primera parabla de otro fenece el epicedio a Marcelo lib. 6. ad fin. assi:

*His saltet accumulem donis, & fungar inani
Munere. Assi pues acá excelentemente.
Nova quietacãm do pensamento
Nos dèste.*

T E contey tudo quanto me pediste. Cō Hom. 7. al fin de un periodo de Ulises a Alcino: *Hac tibi dolent licet verè dixi.* Aora bien. Q en no, dirá q los pensamientos, i algunas palabras detta est. son ofrecidos de Bocatio a nuestro P. en la poesía 10. del 3. de consol?

*Hic erit vobis requies laborum,
Hic portus placida manens quiete
Hoc patens unum miséris asylum.*

Que es aquí, No teu seguro porto, &c. Aquí repousó, &c. Quietacãm do pensam. &c. Todo lo resolvio: todo lo imitó: todo lo dixo para gustaros, para entreteneros, i para confundirlos. Creedme.

LXXXVI.

Agora ju!ga, o Rey, se ouve no mudo gentes que tais caminhos cometellem.
— Crés tu que tanto Eneas, e o facundo Ulises, pello mundo se estendellén?

Ousou algem a ver do mar profundo,
por mais ver los q de le se escrevelsé,
do q eu vi, a poder de esforço,e arte,
e do q inda hey de ver, a oitava parte?

Agora juzga, ó Rey¹ si en el mundo hubo gentes, que acometiesen tales caminos. Crees tu que tanto Eneas, i el facundo Vlisses se extendiesen por el mundo? Osò alguno a ver del profundo mar (por mis versos que se escriviesse del) la orava parte de lo que yo vi, i de lo que aun he de ver a fuerça de arte, i de esfuerço.

T Agora juzga, o Rey, sé ou. &c. Aviendo el Gama acabado su relacion, pide al Rey que juzgue, si todas las gentes que penetraron mucho, se pueden comparar con la Portuguesa en este viaje: i que deve creer que Eneas, ni Vlisses, tan celebrados, llegaron ni a la otava parte deste hecho.

T Cres tu que tanto Eneas, e facundo Vlisses, &c. Es cuidadosissima advertēcia, por mostrat el Poeta que con lo referido en este canto, de la navegacion, satisfizo a lo que dixo en la estancia 3. del canto 1.

Cessem do fabio Grego, e do Trygano
As navegaçoes grandes que fizeram.

These son Vlisses, i Eneas, cuyas osadias mando callar, porque se levantavan otras mayores que todas: i despues de averlas referido, dexa al juzgio del Rey, i de todos, que digā si son mayores: viendo que quando lo que de aquellas se refiere fuera verdadero, lo referido destas es desigualissimo en cantidad de mares, i climas; i por esso mismo en peligros i en trabajos. De manera, que estas verdades exceden aun a las propias fabulas, como tambien afimò en la est. 11. del cant. 1. I assi, ni entro inchado de estilo, ni vano de proposicion en la 3. que era lo de que le podia culpar la ley de Oracio alli traïda. Vease, i confierase con esto; de que diremos algo mas en la est. 89. i en el c. 3. est. 12. i en el 4. est. 64. En este lugar imitò a Virgil. 6. quando Anchises despues de contar las maravillas de los suyos, dice lo que se hallará en la est. 96. del c. 10. adonde toca de justicia.

T Eneas, e facundo Vlisses. En la est. 3. del c. 1. puso Vlisses primero, respetando a las edades; aqui pone primero a Eneas con atencion a, que lo referido en este canto es mas parecido a lo de Eneas, i mas imitado Virgilio.

T Por mais versos que, &c. Muestra que Hermer, i Virgil. pretendieron con la copia, i elegacia hacer grandes las cosas de sus Heroes: i que con todo esso son menores.

T A poder de esforço, e arte. Pondera la diferencia de las acciones: alla fueró a poder de imaginacion fabulosa: acá a poder de valor de contado. Vease si es poca la diferencia.

T A oitava parte. No es numero echado al ay-

A re, sinò de buen Contador. Alude a las quatro partes del mundo; i como el Gama le iva dando una buelta, que es verlas todas; i lo que navegaron Vlisses, i Eneas, apenas llega a ser la de una, queda siendo la orava de lo que navegaron los Portugueses; i si no os agrada esto, tomadolo solamente por la longitud de la navegacion, vendrá a ser lo que dice el Poeta, que ni a la otava parte llegan las dos de Vlisses, i Eneas a respeto desta. La de Eneas contiene tan pocas leguas, q aun por los rodeos que le lleva Virgilio, no exceden de 6.40. porque de Troya a Constantinopla ay dos: desde allí a Candia 200. desde Candia a Cíclalia 230. desde aqui a Cartago 60. andadas dos veces, porque bolviò a Cíclalia: desde donde hasta Roma son ciento. Vlisses navegò mas lo q vía de Italia a Lisboa: todo esto viene a ser, poco mas a menos la otava parte de lo que navegó los Portugueses. D. Garcia Coronel de Salcedo Cavallero del Abito de Santiago, que exalta estas letras con el talento q es notorio, haze mas de espacio esta cuenta de lo que navegó Eneas en sus commentos a las Soled. de Gongora.

LXXXVII

C Esse que bebeo tanto da agoa Aonia
sobre quem tem contendia peregrina,
entre si, Rodes, Smirna, e Colofonia,
Atenas, Yos, Argo, e Salamina:
Esloutro q esclarece toda a Ausonia,
a cuja voz altifona, e divina,
ouvindo o patrio Mincio s'adormece,
mas o Tibre cõ o som se ensoberbece:

D Esse que tanto beviò de la Aonia agoa, sobre quien tienen entre si peregrina contienda Rodes, Smirna, Colofonia, Atenas, Yos, i Salamina: esltoutro que a toda Ausonia esclarece, a cuya altifona, i divina voz se adormece el patrio Mincio oyendola: pero el Tibre se ensoberbece con el son:

T Esse que bebeo tan. &c. Yo os prometo que no les pesira a los dos Padres de la Poesia Griega, i Latina de ver esta estancia. Puede darse caso que se escriban jamas de algun ingenio dos perifrasis tan llenos, tan hermosos, i tan sonantes: el primero de Homero, i de Virgilio el segundo? Yo bien creo que no. Dize el P. aqui (en persona del Gama) Homero tan gran Poeta que ilustra a Grecia, i Virgilio tanto, q ilustra a Italia, canten muy en hora buena, alaben, i exageren las hazañas de sus Heroes, Vlisses, i Eneas: apropienles trabajos que no padecieró; peligros que no imaginaron; tiestras, i Regiones estrañas; viétores, i mares airados; monstruos fieros, i horrores infernales. que todo esto a respecto de lo que pasó mi Heroe Gama realmente, son cosas vanas, aunque fueran verdaderas. Tal es la explicacion della

desta estancia, i de las dos siguientes, que todas tres hacen una clausula.

¶ *Effe que bebeo tanto da agua Aonia.* Bellissimo dezir. Bevio mucho de la fuente poetica; en vez de: *Effe admirable Padre de la Poesia.* Al pie de la let. a con muchos grandes. Invenial:

— *Aptusque bibendis
Fontibus Aonidum.* Dante Purg. c. 2.

— *Tu prima m' inviasisti
Verso Parnaso a ber nelle sue grotte.*

Clandio Toomei, soneto que empiega: *Le crude, &c. Non ho de l'acqua Aonie homai piu sete.* El nueuo estancia 32. del cant. 1. *De quantos bebem a agua de Parnaso.* En sus Rim. Eglog. 6. *A fonte de Parnaso move a sede.*

¶ *Sobre quem tem contendit Rodes, Smir, &c.* Iuntó los nombres de las Ciudades, que se dice compitieron por apropiarse Homero, al son del distico Griego, que refiere Gelio lib. 3. cap. 10. *Septem urbes certant de stirpe insignis Homeris Smyrna, Rhodos, Colophon, Salamin, Chius, Argos, Athenae.* De manera, que las siete Ciudades que ai nombra, portiaron sobre hazer cada una su natural hijo a Homero: cosa vulgar. Pero gran cosa, que nadie le diesse nada vivo, i que todos le quisiesen muerto. I el querer entonces a semejantes hombres, i antes no, deve ser porque se ven ya fuera del peligro de que les puedan pedir algo: que tal temor como este, hará apartar a gunos llamados Príncipes, no digo yo de un Homero, mas de la propia salvacion; aunque desta, conforme a la sagrada Pagina, bien apartados estan ellos por la mayor parte. Vcase para esto la vida del Poeta, num. 27.

¶ *Es toutro que esclarece toda Auson.* &c. En estos quatro versos haze otra perifrasis de Virgilio, que al propio Virgilio pudiera hazer embodia: cada verso es un elogio elegatissimo. I sospecho que aviendo mejorado el modo, nos quiso dar a entender, que tenia por mayor a Virgilio q a Homero. No ay duda que lo es en muchas cosas: pero no lo aviendo sido sin el, i siendo el primero, es menester caminar a tiento en estos juicios.

¶ *Esclarece toda Ausonia.* Quiere dezir, ilustra, honra, i haze soberana toda Italia, i toda la lengua Latina, que fue la singular de Italia, enteñida por Ausonia: por ser llamada assi una parte suya, de Ausonio hijo de Ulises, i Calipso. Virgil. 12. *Sermonem Ausonij patrium,* &c. Ovid. Trist. lib. 5. Eleg. 7. *Nec tamen Ausoniae perdam commercia lingue:* entendiendo de la Latina. Dáte Purg. cant. 7. hablando la alma de Sordelo del propio Virgilio.

*O gloria d'i Latin, disse, per cui
Mostrò ciò che potea la lingua nostra!
O pregio eterno del loco ond' io fui!*

¶ *O patrio Mincio.* Quiere dezir: rio de cuya margen era natural Virgilio: porque este rio que sale del lago de Garda, corre por Mantua patria

Tomo 2.

A de Virgilio, i va a morir en el Po.

¶ *Se adormece.* El Mincio con la suavidad del canto de tal hijo se duerme. Estilo del Poeta caato 10. est. 6. que entre los efectos del canto de la Sirena, dice fue uno, *adermecer os animais.* Del nombre del rio llamò Juvenal a Virgilio, *Minciada,* assi: *Illos Minciadae celebrat dulcedo Maronis.*

¶ *O Tibre com o som se ensoberbece.* Bien. El Mincio cae en dulce sueño, oyendo a su natural que canta desde Roma; i el Tibre se halla soberbio, porque le tiene en su orilla, i vè que la materia de su canto son todo glorias de Roma, que es gloria del propio Tibre que la atraviesa: al fin sobrevio por verla cantada en si, i por verse cantado en ella de tan sublime voz, como la de Virgilio. Ello es verdad que el es sonante, i divino: pero tambien lo es, que el elogio destos quatro versos, es divinamente sonante.

LXXXVIII.

*Canté, louvē, e escrevá sépre estremos
desles seus Semideoses, e encareçam,
fingindo Magas, Circes, Polifemos,
Sirenas, que cō o cāto os adormeçam:
Dem lhe mais navegar a vella e remos
os Cicones, e a terra onde se esqueçam
os companheyros em gostado o Loto,
demlhe perder nas agoas o Piloto:*

C Anten, loen, i escriban siempre estremos de esos Semidioses tuyos: i los encarezcan, fingiendo Magas, Circes, i Polifemos, i Sirenas que los adormezcan con el canto. Denles más navegar los Cicones a vela i remos; i la tierra adonde los compañeros en gustando el Loto, se olviden: denlos perder el Piloto en las aguas.

¶ *Cantem, &c.* Ya a la entrada de la estancia antecedente diximos lo que en suma ella, i esta, i la siguiente contienen.

¶ *Desses seus Semideoses.* En comun se llaman Semidioses los que oy Heroes: porque siendo hombres, i haciendose parecer divinos por acciones más que humanas, eran tenidos en cuenta de casi Dioses, o medios Dioses, que esto vale Semidioses: i aun los Reyes, solo por serlo, se llaman assi. Pero a Ulises por apadrinado rante de Palas, i a Eneas por hijo de Venus (qns son los dós de que habla aqui el Poeta) con ma-propiedad reca esse titulo. Leed Aixand. ab Alexandre. en el cap. 14. del lib. 2.

¶ *Fingindo Magas, &c.* Porque Homero, i Virgilio, fingieron que Ulises, i Eneas encontraron encantadoras, como Circe; Gigantes como Polifemo; delicias como Sirenas, i otros monstruos, i peligros. Con Circe, i Polifemo no ar q gastar tiempo, siendo gente tan vulgar. Ni de las

Sirenas diremos más (dexando el argumento de si las hñvo, o nô) que à semejantes monstruos se dan calidades de gente humana por alguna pequeña semejança, que en alguna parte tienen. El que llaman muger marina (tales se llaman las Sirenas) derechamente es un peze mayor que un hombre; tiene dos partes parecidas co otras dôs de la muger, i por esto le llaman así. Ellas son, una los pechos; i otra la que no sabemos nombrar con modestia, poblada tambien de aquella natural cubertura. El caballo Marino solamente la cabeza tiene parecida a caballo; el resto mas parece de javali pelado, i liso, i negro; no hablado de la grandeza, que en essa excede mucho a la del caballo. A este modo vendrian las Sirenas, siendo pezes, a parecer mugetes del medio arriba, como se pintan. De creer es, que de algú motivo resultó aquella pintura mas no es de creer, que eran hermosas, i misticas; sino que por esa fiction entendió la poesia, lo que agora sería vicio decir. El Conde Don Pedro dice, que la familia, o apellido de los Marininos, procede de una muger marina, que cierto Cavallero cogió a caso en una playa; i se casó con ella. Esto no lo sufren los escrupulosos, ni la razon tampoco: però muchas veces se pierde ella en milagros de la naturaleza, i secretos del Autor de todas las cosas. Vease más de semejantes monstruos, cant. 6. est. 16.

¶ Os Cicones. Tuvo Vlisses con ellos peligro sa baralla (son pueblos de Tracia) i de su playa, se retiro a vela i remo; esto es en toda diligencia. Hom. lib. 9.

¶ A terra onde se esquecam em goftando o Loto. Entiende la tierra de los Lotofagos: porque en ella comieron los compañeros de Vlisses del Lotos, i se olvidaron de lo passado; porque se dice causa este efecto gustado aquel fruto. Loto se llamó una Ninfa, que huyendo del Dios Pan, se convirtió en este arbol; su fruto es dulce; hazense plantas de su madera: una yerva del mismo nombre ay en Egypto, que florece, i frutifica semejante a las dormideras. Cornelio Nepote dice, que es arbol de menor grandeza que un peral ordinario. Nuestro Poeta vió a Homero, que en este lib. 9. dice así. Sed illuc volebant Lotum comedentes manere, reditosque oblivisci: o a Virgilio en Culex:

— Inter quas impia Lotos,

Impia que socios Itbaci moerentis abegit

Hospita dum nimis tenuit dulcedine captos.

En el libro 2. de Diodoro hallamos que los Egyptios ularon pan del Loto: i assi o no avia en el la propiedad de hacer olvidar, o la tenia solo para con los extraños, o avia diferencias de Lotos. Que del se hiziese harina i pan, poco ay que dudar, pues oy de otra suerte de pan se ve en tanta abundancia en alguna de las conquistas de Portugal, que es el pan cotidiano, como suele decirse, de toda la gente. Que hiziese olvidar a los que le comian, aí está la duda. Però la verdad

A es, q este oido, i el del Letes en Portugal, o en Galtilla que sea, que yo le lo doy libremente, todo era de un miso linage: i venia a ser, que la tierra era tan buena, tales sus mantenimientos, frutos, i regalos, que quien llegava a ella desseava no dexarlos, i no dudaría trocar la suya por ella; i a esto se llama olvidarse uno de una cosa, aunque fuese buena, por otra que es, o le parece mejor. Esta suerte de Lotos nos enseña San Pedro en el Tabor; pagandose tanto de lo que alli vio, que solo de quedarse alli tratava: porque no ay mayor motivo de olvidarlo todo, que el hallarse satisfecho.

¶ Perder o Piloto. Atude a aver Enca perdido el celebre Piloto Palinuro, que se cayo al mar; con que su navegacion quedó arriesgada (Virgil. 5.) i a que más hizo el Gama, navegando mucho más sin Piloto que supiese por donde iba.

LXXXIX.

Ventos soltos lhes finjam, e imaginem dos odres; e Calipfos namoradas:
Harpias que o manjar lhes cötaminé,
decer à sombras nuas já passadas:
Que por muito, e por muito q se afiné
nestas fabulas vás tão bem sonhadas,
a verdade que eu contou nua, e pura
vence toda grandiloqua escritura.

F Injanles i imaginen los sueltos vientos de los odres; i las enamoradas Calipfos: Harpias que les contaminen el májar: decéder a las ya passadas, i desnudas sombras. Que por mucho, i por mucho que se afinem en estas vanas, i tan bié soñadas fabulas, toda grandiloqua escritura vence la verdad que youento desnuda, i pura.

D ¶ Ventos soltos lhes, &c. El texto se ha de ordenar así: Imaginen, i finjanles vientos sueltos de los odres, o cueros; o como quisieren los aficionados de palabras; teniendo por cierto, que pa ra en Portugues essa está muy bien ai, sin nota de baxeza. Dizelo, porque Homero Vlt. 10. finge que dando Eolo a Vlisses los vientos cerrados en cueros, se soltaron dellos desmedidamente, i le hicieron correr grave fortuna: i acá huvo muchas reales, i peores.

¶ Calipfos namoradas. Porque Vlisses estuvo, a peligro de perderse por lo mucho que del se enamoró Calipso, que le detenia con regalos, i caricias; i por esto dixo el P. en la estancia 45. del canto 2. que escapó de ser eterno esclavo en Ogigia; Isla en que vivia esta dama.

¶ Harpias que o manjar lhes contaminem, &c. Porque Homero lib. 10. finge que Circe cotoaminando con venenos la comida a los compañeros de Vlisses los trásformó en puercos; i Virgilio, que las Harpias tocando el mantenimien-

o que Eneas, i los suyos tenian delante , le bolvian incapaz de ser gustado. I no atendio aqui nuestro Poeta a las de Fineo ; porque va solo co la mira en acordarse de los mayores peligros, que estos dos Poetas fingieron en su Heroes, para mostrar que fueron menores, que los verdaderos del suyo : porque estos manjares contaminados, corruptos, i ponçónulos, fueron el continuo sustento del Gaima, i de los suyos , que los pusieron en el estado que vimos en las estancias 71. 31. i 82.

A ¶ *Deser às sombras nuas já passadas.* Dize esto, porque Homero Vlif. 10 finge que Vlisses baxò al infierno : i Virgilio lo propio de Eneas en el 6. i dizelo con el propio Virgilio. *Troius Aeneas, &c. Ad genitorem imas Erebi descendit ad umbras.* Ovidio Met. 4. descriviendo el infierno. *Errant exangues, sine corpore & ossibus umbræ.* Petrarcha asi llama a su Laura despues de muerta, a la entrada del capit. 1. del Triunfo de la muerte. *Donna che è boggi ignudo sprito.* I sombras, i espíritus no tienen tomo: por esto las llamo, vanas nuestro Poeta en la estancia 80. del canto 4. Vease. Gran bullicio ay entre Autores sobre esto destas sombras. Nuestro Poeta fue docto, i por ellas entenderia lo que todos, como aquello de que al morir cada uno le aguardavan tres estancias, o sitios , dividiendose en cuerpo, alma, i sombra. Però, escusandonos de toda otra erudicion , pruevo con el mismo , que por estas entiende las almas de los difuntos. En sus Rimas soneto 72. hecho a la muerte de su dama, dice: *Em sonbos aquella alma me aparece, &c.* Fin giendo que via en sueños su alma: i luego, fingiendo que la habla, continua: *Nam me fujais sombra benigna.* I en la Elegia con que fenece su gran Egloga 1. habiendo la Princesa Doña Juana co su marido el Principe Don Juan difunto, dice: *Alma i primero amor del alma mia, &c.* I luego, hablando con la propia alma: *Sombra gentil de su prisón salida.* De modo, que soio por escusar en estos dos lugares la repeticion de alma, dixo sombra , entendiendo por sombra la propia alma : i asi, diciendo aqui, *baxar a las sombras,* entiende baxar adonde estan las almas de los muertos; por lo qual particularmente entiende el infierno. En el cap. 3. del lib. 2. de Olaor Magno , me acuerdo aver leido, que en la Isla de Islandia (que yaze al Boreas) ay un monte, que, como el Etna, echo llamas continuamente ; i que alli se cree ser el lugar adonde se ponen las almas de los malos, porque alli se han hallado espíritus, i sombras de los que de aquella boca fueron tragados , o bien de otra manera muertos : las quales se ofrecen a ayudar a los vivos en sus labores, i los ayudan : i que es de modo, que si los ayudados no saben que los ayudantes son muertos, los tienen por vivos. Tan al vivo son las sombras: i tal vez se tocá las manos, i no echá de ver el engaño, sino quádo de saparece. Esto me basta , que la materia es larga.

B ¶ *Sombras.* En Portugal, adonde algunos de mucho miedo, o de poca vista , dizen que de noche les aparecen varias cosas, se llaman sombras: i si alguno se atrevió a sacar la espada contra la tal sombra, al otro dia se encuentra ordinariamente herido, o muerto algun asno, o puerco, porque essa era la sombra con que se examinó de Heroe, el tal atrevido. Tambien se llaman asombados otros de que se dice anda apoderado el demonio:

C ¶ *Nuas.* Desnudas llama a esas sombras, porque son las almas desnudas del cuerpo.

¶ *Passidas.* Porque passaron deste mundo al otro: i en algunos montes de Portugal , se llama passado al difunto. Agora Seneca en Troa. Corro del act. 2.

An timidos fabula decipit

Vibras corporibus vivere conditis?

Lucano 1. — *Cum victima tristis*

Inferias Marius forsitan nolentibus umbris

Pendit in expleto non fanda piacula busto.

Otra vez nuestro Poeta con sombra por alma en la estancia 131. del canto 3. *A sombra de Achiles.* El Tolomei en el soneto que comienza: *Hespero, &c. Ne per trar de sepoleri ombre col canto:* Aludiendo a Ofelio , que sacó a Entidice de entre los muertos.

¶ *Que por muyto, e por muyto que, &c.* El Poeta en sus Rimas, i estancia a Don Antonio : *Que por mais, e por mais que, &c.* Garcilas. Eglog. 1. *Que por mas, i por mas que, &c.*

D ¶ *Que se afinem nestas fabulas.* Termino de Lucano lib. 6. exaltando los aparatos militares de Cesar, adonde despues de referirlos, dice, por apocar con ellos a los que Homero describe de Troya.

*Nunc vetus Iliacos attollat fabula muros
Adscribantque Deis, &c.*

¶ *Fabulas sonbadas.* Asi ya en el cant. 1. estancia 11. asi despues en la 66. del 6. asi en la 20. del 10. asi en sus Rimas, canc. 10. verso ultimo. *Oxalà foram fabulas sonbadas.* De manera, que el Poeta dice a Homero, i Virgilio , lo que Dante a Lucano, i a Ovidio : lugar que ya deixamos en la estanc. 3. del cant. 1. al proposito de lo que el Poeta en ella prometió , que fue mostrar excedido de Portugueses el valor de Vlisses, i Eneas; de Alexandre, i Trajano. Desde la estancia 86. muestra que estan vencidos los primeros dós. De los segundos insiste en mostrarlo en la estancia 12. del canto 8. i en la 64. del 4. Alla se vea si es asi. I despues de visto bien todo, se buelta a ver si este Poema es un gentil laberinto de cuidados, armonias, atenciones, i bellezas.

¶ *Verdade nua, e pura.* En la estancia 60. del canto 8.

¶ *Vence toda grandiloqua escritura.* Concluye que las hazañas verdaderas de los Portugueses, i con singularidad la deste descubrimiento, ven-

ren las imaginadas, como propuso en la estanc. 11. del cant. 1. Esta materia es tan facil de provar, q ie no fuera culpable el dex ir correr la pluma por ella un Portugués. Mas venerando la modestia, reñimos los escrupulosos a lo que dice Botero, Autor de gente harro enemiga de las glorias de España. Hallaránlo sobre la estanca 20. del cant. 10. El argumento destas tres estancias hallareis en Barros Dec. 1. lib. 4. cap. 11. adonde, tambien despues de referir ei viaje del Gama, dice esto: *Os quais p. adroens* (habla de los que por ala plantó el Gama) *Ainda que nam fôr. um poftis por ger. tam g'oriosa de escrever,* como i Greg. nem o nosso estilo possi levantar a gloria desse seyto, ao menos sera recompensado co a pureza da verdade, &c. Nam referindo os fabulosos trabalhos de Hercules, nem pintando algua Argonautica, &c. Nem escrevendo os errores de Vlisses, sem fair de bum clima, nem os sucessos de Eneas, em viaje tam breve, nem outras fabulas, que com grande engenho celebrarem; nam se contentando com dar nomes de illustres Capitaens aos Autores de tais obras, se nam ainda de Deoses, querendoos colocar no ceo. Advierio au-
ra, que el Poeta con este lugar, i sentencia en persona del Gama, nos quiso advertir, que en todo lo que refiere en este Poema, estuvo con atencion a executar la figura Peripelia mejor que todos los otros Poetas, cantando en el cosas todas admirables, i casi increibles, con ser verdaderas, aui que vestidas de velos poeticos; q esto se incluye en aquella figura: i ellos assi, que todo lo delse gra escrito excede a lo maravilloso, que cataron Griegos, i Latinos, i vulgares. Ofrecese un escrupulo en estas tres estancias: i es si fue licito a Vaico de Gama, que es el que habla aun aqui, hablar de si propio con tanta jactancia, que diga aver dexado atras todas las hazanas del mundo en este genero de trabajo, echado a rodar a Vlisses, i a Eneas: por quanto la modestia es siempre mas hermosa que la jactancia. Sin duda ay ocasiones que pidan efforta • pero ay tambien muchas que pidan esta. I assi el Gama ha procedido bien; porque se hallava adonde si el no lo dixesse, quedaria no entendido; i conven a que aquel Rey quedasse con entero conocimiento desta hazana para medir por ella la estimacion que devia hazer de los dueños della. I quando ellas son realmente desta medida, licito es que su dueño de a entender que las conoce. Anibal aun vencido de Scipion, en su propia cara le contó por el tercero de los mayores Capitanes del mundo. Ay infinitos exemplos semejantes de grandes Heroes. En la ultima nota a este Poema diremos algo que hara a este propósito, con la ocasion que el Poeta alla nos dara, mostrandose satisfecho de si.

(. . .)

A

XC.
Da boca do facundo Capitam
pendendo estavam todos embebidos,
quando deu fim a longa narraçam.
dos altos feytos, grandes, e subicos.
Louva o Rey o sublime coraçam
dos Reys e tatas guerras conhecidos;
da gente louva a antigua fortaleza,
a lealdade de animo, e a nobreza.

Todos estavan embebidos, pendiendo de la boca del facundo Capitan, quando dio fin a la ampla relacion de los altos, grandes, i subidos hechos. Alaba el Rey el sublime coraçon de los Reyes conocidos en tantas guerras: Alaba la antigua fortaleza de la gente; i la nobleza, i la lealtad del animo.

¶ Da boca do facundo Capitam pendendo estavam todos embebidos. Con Virgilio al fin del lib. 3. tambien sobre aver Eneas acabao su relacion. *Sic pater Aeneas intentis omnibus, &c.* I con las mismas palabras luego en el 4. despues de averle oido segunda vez. *Pendetque it crum narrantis ab ore.* Ovidio en Penelope a Vlisses. *Narrantis coniux pendet ab ore viri.* B. Tasso Amad. c. 3.

Pendeva la gentil vaga Oriana
Da la parlante boca de la fata.
Su hija Liber. c. 7. est. 14.

Mentre ei cosi ragions Erminia pende
Da la soave boca, &c.

I ponderei ese el buen tieinpo a que dio el Poeta al Gama el epitero de facundo, que es sobre aver usado la facundia admirable, que se derramo por toda esa relacion: mostrando tambien el Poeta aver quedado satisfecho della. En la estanc. 75. del cant. 10. hallareis semejante ponderacion. Estoy viendo que diran algunos que elllas son mias, i que no fueron del Poeta, quando aqui dixo. facundo, a allá, felice. Respodo, que el no aver usado destos epitetos en otras ocasiones, claro fiador es, de que con providencia los guardo para estas. Mirad al gran Tasso, como al poner a Alere delante de Gofredo, para reduzirle con poderosa oratoria a dexar la guerra, se dexa dezir, que solto los rios de la eloquencia. Es en el c. 2. estanc. 61. assi:

Comincio poesia, e di sua bocca uscieno
Piu che mel dolci d' eloquacia i fiumi.

Adonde al modo de nuello Poeta se muestra contento de aquella oracion, no ya despues della, como aci, sino antes; con que, parece, se anticipó algo la presumpcion: si bien la elegancia alli es bastante a disculparle, porque es singularissima, i c'eo que el mayor lugar de aquel gran Poema. I si todavía lo tienen por a caso los censuradores, yo les asseguro, que destos a casos quisie-

ra hallar a'gunos en los modernos.

¶ *A longa narracām.* Confiesa el Poeta, que fue algo larga la relacion, porque no dudemos de su juizios. I es imitando a Virgilio alli.

Longarum bæc meta viarum

Conticuit tanien factōque hic fine quievit.

¶ *Louva o Rey, &c.* Estos quatro versos, i los dos de la estancia siguiente, salieron de los primeros del 4. de Virgilio, despues que Dido, i los suyos oyeron a Eneas.

Multa uni virtus animo, multasq' recursat

Gentis honos. Con gran propiedad: porque es natural a los oyentes de semejantes cosas, alabar cada uno aquella que mas le agrado. I aqui el B Rey, como Rey, alaba las Reales, i la lealtad de los vassallos. Esse es el cnydado de mi P.

XCI.

Vay recotando o povo, que se admira,
o caso cada qual que mais notou;
nemhum delles da gente os o'hos tira
que tam longos caminhos rodeou.

Mas ja o macebo Delio as redeas vira
que o irmam de Lampecia mal guiou,
por vir a descaçar nos Thetios braços;
e el Rey se vai do mar aos nobres paços

DEl pueblo que se admira va cada qual recon-

tando el caso que notò más. Ninguno de

Ilos quita los ojos de la gente que rodeo tá
largo caminos. Pero ya el macebo Delio buel-
ve las riendas, que tan mal guio el hermano de
Lampecia, por irse a descansar en los Thetios
braços. I el Rey se vâ desde el mar a sus nobles
Palacios.

¶ *Vay recontando o povo que, &c.* Mirese pin-
tada (ya lo empezamos a decir) vivamente la
propiedad de un auditorio, despues de aver visto, i escuchado cosas estranas: unos refieren una;
otros otra: estos miran las personas con admira-
cion; aquellos discutir é a su modo. (nada se le hu-
yo a nuestro gran Poeta) I finalmente haciendo-
se hora de bolver el Rey a Palacio, lo hizo.

¶ *Mas ja o mancebo Delio as red.* &c. Ya
Delio buelva las riendas, que fueron mal gover-
nadas del hermano de Lampecia, por ir a desca-
sar en los braços de Tetis. Todo es perifrasis
conocido del declinar del Sol, llamado Delio,
por aver nacido en la Isla Delos: cosa notoria: el
modo se repitira en la estanc. 67. del cant. 7.

¶ *As redeas vira.* Buelve las riendas: porque
hasta el tiempo que el Gama hablò, seria de las
doce para la una, que es quando el Sol va declinando,
aviendo subido hasta alli: i por esta dife-
rencia de subir a baxar dice, que buelve las rie-
das: bella metafora del Cavallero, que llegando
en la plaza a la meta conocida, buelve el cavallo
a su principio con bolver las riendas; i tambien

A porque al Sol se le firge carro con cavallos. De
manera, que el Rey de Melinde vio por la ma-
ñana a ver la armada, como vimos en la estanca
92. del cant. 2 vista ella, i hablando co el Gama,
oyendo su relacion, bolvio a Palacio a la pro-
pia hora de comer, i podia entretenerte en to
4. horas: las dos en ver, i discutir con el Gama; i
las dos en oirle; que son medidas para los tres ca-
tos, que en esta relacion se gastan. Quisimos po-
derar estas medidas, porque se vea las ciò q' e
escrivio Luis de Camoens; i porque a veces se olvi-
din dellas buenos Aurores. Garcilasso en su pri-
mera, i excelente Egloga hizo entrar aquellos
pastores en el cañro a la mañana, i salir del a la
noche. I lo que es mas, Virgilio, aunque se defie-
da con las anacias de Dido por oír a Eneas, pare-
ce le haze comerçar muy a deshoras su relacion,
pues se iva llegando la mañana (como vimos en
la estanc. 67. del canto 4.) i ella fue tan larga co-
mo esta del Gama: porque dos libros de Virgi-
lio, que fueron el segundo, i el tercero, bien hazen
los tres cantos de la nuestra. I anadese a esto, que
es peor, el entrar Virgilio en el 4. diciendo, que
Eneas bolvio a dezir lo dicho, aunque instado,
con que la noche se passo en claro, porque ape-
nas consta que durmiesen, sino es que delee en-
tonces tiene origen el acostarse los senores por
la mañana: con el otro inconveniente de estar sen-
tados en un lugar toda una noche, de que luyo
providamente mi Poeta allá en el canto 10. ade-
de sobre la estancia 73. lo hallareis ponderado.
Assi que i sin duda eligio mejor tiempo para su
relacion, i la supo medir mejor con el, i a el con
ella, no usurpando nada a la necesidad corpo-
rea. Vease más a semejante propósito en esta
estancia 73. del canto 10. adonde advertimos et
cuidado con que fue midiendo la musica de la
Sirena, con el combite de Thetis; i la conversa-
cion de Thetis con el Gama despues de comer,
variando de lugar, como ai acabamos de dezir:
porque el estar tanto en uno, como estuvo Eneas
con Dido, cosa cansada es. A fin vamos alla.

¶ *Que o irmam de Lampecia mal guiou.* El
Burcardo en su Theogon. 3. *Tum Phaeton &c.*
Hen patrij currus qui male rexit equos. Dante
Purg. c. 4. pudo mostrar a nuestro P. este estilo, i
comenta este verso, — *Ove s' aspetta*

E *Il temo che si mal mal guidò Fetonte.*
Ariosto cant. 3. *Febò il figliol che havea mal ret-
to il lume.* Parfilo Sasso capit. 10. *El car che se-
pe mal guidar Phetonte.* Beniveni Eglog. 4. *Che
si mal seppè carreggiar Fetonte.* Repetido en el
capitulo que escrivio en alabança de Dante. Es-
se mal moderador del carro del Sol, i hermano
de Lampecia, es esse Factonte: i su fabula com-
un. Tambien parece que es algo del Fracastor.
Anxia fraterno funere Lampetiae.

¶ *Nos Thetios braços.* Porque quando el Sol
se pone, parece que se mete en el mar; i como
Thetis, segun fabulas, es su Diosa, dizé ellias que
el

el Sol se va a regozijar con ella por descanso del azafo del dia. Ya lo saben todos.

¶ El Rey. De quantas veces el Poeta dize esto en este Poema (que son muchas) siempre dixo, o Rey. Iesta sola lo dixo a la Castellana: *el Rey*: i así està en el antiguo manuscrito: i así se firmaron siempre los Reyes de Portugal: cosa a que jamás pude hallar salida, sino la consideracion de que saliendo de Castilla un pedaço deste Reyno, i los Reyes del, siguieron, o por lisonja, o por reconocimiento de su origen, o por descuido, el firmarse a la Castellana, *E L R E Y*, deviendo ser a la Portuguesa, *O R E Y*, con que los Reyes de Castilla, que sucedieron en esta Corona, no parecen Portugueses al firmarse, como de Portugal: i así parece que fue esto un aguero consentido de que este Reyno avia de ser de Castilla: cosa en que nadie reparó hasta oy.

¶ Aos nobres Paços. Palacios nobles: siempre con atencion a la grandeza Real, que se supone en vivienda proporcionada de fabrica, siendo siempre mayores las de los Reyes, i el Poeta grā decorador de sus grandes. Bar. Dec. 1. lib. 6. cap. 4. al recogerse otro Rey. *El Rey se recolbe a seus Paços.*

XCII.

Quā doce he o louvor, e a justa gloria dos propios feytos, quādo sam soados!
qualqr nobre trabalho q em memoria vença, ou iguale os grādes já passados.
As envejas da illustre, e alheia historia fazem mil vezes feytos sublimados;
quem valerosas obras exercita,
louvor alheio muito o esperta, e incita.

¶ Van dulce es el loor, i la justa gloria de los propios hechos, quando son sonados! Qualquier varon noble trabaja porque vença, o a lo menos iguale a los ya passados grandes. Las embidias de la illustre, i agena historia hazen mil veces sublimes hechos. Quien exercita valerosas obras incitale, i despriuale mucho el ageno loor.

¶ Quā doce he o louvor, e a justa glor. &c. Dize la estancia. O quanto es dulce la gloria i alabanza de las hazañas al autor dellas, i aun a los que las oyen, quando ellas son cantadas con el instrumento de la fama, que es una gran pluma que las celebra! (eso vale aqui el, quando sam soadas) Qualquier varon que tenga algo de illustre, trabaja por igualar, i aun vencer en ella a los antignos famosos. El tener noticia de los grandes hechos por el medio de un valiente escriptor, engendra una embidia, que viene a producir otros sublimes. El que es inclinado a acciones heroicas, en la alabanza que oye, o ve de las agenas, aumenta los deseos de exercitarlas.

A El Poeta ha tomado ocasion para dezir esto de lo que aí acaba de fingir en las estancias antecedentes, de que Vasco de Gama se mostrava satisfecho, i glorioso desta accion suya: dando a entender en ellas, que andava a competir con Ulises, i con Eneas, solo por lo que dellos hallava escrito en Homero, i en Virgilio. I por esto trae luego en la siguiente exemplos de Heroes que se dieron a serlo, por ver otros celebrados de grandes escritores, o estatuarios; estos con las plumas, estos co los cinzeles. No escusaremos traer a este propósito un buen lugar de Salustio, que por ventria le vió el Poeta al escrivit tan hermosas estancias, i tan importante doctrina. *Sæpè audivi Q. Maximum, P. Scipionem, præterea civitatis nostræ præclaros viros solitos ita dicere, cum maiorum imagines intuerentur, vekemētissimè sibi animorum ad virtutem accendi scilicet, non caram illam, neque figuram tantam vim. in se se habere, sed memoria rerum gestarum eam flammam egregijs viris in pectore crescere, neque prius sedari, quam virtus eorum famam, atque gloriam adsequaverit.* Vease para esto lo que truximos sobre la estancia 17. del canto 4. de aquellos negros, que truen un musico tras si en las batallas, que les anda acordando los hechos de sus mayores, para producir en ellos nuevo ardor, i valentia. El Poeta, como andava la sumido de la poca estimacion que via hazer de su Musa, aun a aquellos a quien el celebrava con ella, prorrumpiendo en quejas, abre aqui una puerta a ellas, la qual no agrada a algunos Criticos. El no errará en no abrirla: mas creo que en hazerlo no egtrò. En el juicio del Poema lo vereis.

¶ Qualquier nobre trabalho que em memoria vença, ou iguale os grandes, &c. El Cavallero Antonio Fileremo Fregoso en su moral i docto Poema de la Cierva blanca cant 3.

*Ognun cerca di lor con penna fare
Et con inciostro il nome suo immortale,* &c.

XCIII.

Nam tinhā em tāto os feitos gloriosos de Achiles, Alexandro na peleja, quanto de quem o cāta, os numerosos versos; isso só louva, isso deseja.

Os tropheos de Melciades famosos Temistocles despertam só de enveja;
e diz, que nada tanto o deleytava como a vez que seus feytos celebrava.

A Lexandro en la pelea no tenia en tanto los gloriosos hechos de Achiles, quanto los numerosos versos de quien le canta: solo eso alaba; solo eso deseja. Los famosos trofeos de Melciades, solo de embidia despertan a Temistocles: i dice que nada le deleytava tanto, como la vez que celebrava sus hechos.

¶ Nam

T Nam tinha em tanto, &c. Estos son los exemplares que en essotra nota diximos traia el Poeta para aquel intento allá explicado.

T Quanto de quem o canta, &c. Esto es, que Alexandre llegando al sepulcro de Achiles llorò: i preguntado porque dixo, que no por embidir sus hazañas, sino el escritor dellas: codiciando tener otro Homero que cantasse del. Este exemplo es para lo que toca a los escritos: el signiente para lo que a las eftatias, segun parece, que era otro genero de historia antiguaamente.

T Os trofeos de Melciades, &c. Entiende por trofeos, las vitorias de Melciades, que se venian a la memoria de Temistocles, por medio de la vista destos trofeos, colocados en parte publica, como entóces se usava; i como veinos los de Mario aqui en Roma, de que diximos en la estancia 26. del canto 8. como de Melciades en la 21. del 10.

T Temistocles despertam sô de cnveja: Correspondesta esta embidia con la del verso 5. de la estancia antecedente, porque este exemplo es para alli, como ya diximos. Temistocles fue Heroe insigne de Atenas, de quien escribe Plutarco, que se regalava con los escritos, i memorias de los hechos de Melciades, i del modo con que lo dice este ilustre Autor, lo tomò nuestro Poeta para dezirlo aqui: porque dice el que dezia Temistocles: *Melciadis trophyum sibi somnos adinere.* I estos trofeos son los que Melciades alcançò de los Persas en los campos Maratonios, como veremos en la estancia 21 del canto 10. I qual fuese esta forma, i materia de trofeos describe Pausanias en Atica. *E candido vero lapide eo in loco trophyum erexerunt.* Que vienen a ser como los de Mario, que oy se ven en Roma, de que en la estancia 26. del canto 8. Tambien lo pudo dezir el Poeta con Valer. Max. lib. 8. cap. 14. *Quia me trophya Meltiadis de somno excitant.* En sus primeros años fue de malas constubres: i despues bolviò sobre si de manera, que fuè clarissimo Heroe. I una de sus hazañas fuè vencer los Persas sobre el mar de Salamina: i ultimamente se matò a si propio por no pelear contra su patria en favor de Xerxes, a cuyo servicio se avia passado de puro ofendido della. Ya saben todos, que el mejor historiador destos Heroes Griegos, es Plutarco. Allà pueedé correr los desfenos de mayores noticias.

T Vez. El original manuscrito dice voz; i asi ha de ser, no menos porque es lo verdadero, para lo que el Poeta vâ a dezir en essotras estâncias, que por ser lugar expresso de Ciceron, i Valerio Maximo: de aquel pro Arch. *Thimistoclem aixisse aiunt, cum ex eo quereretur, cuius vocem libentissimè audiret?* Eius à quo sua virtus optimè prædicaretur. Deste lib. 8. cap. 14. *Idem theatrum petens, cum interrogaretur, cuius vox auditu illifutura esset gratissima, dixit: Eius à quo artes meæ canentur optimè. Dulcedinem gloria, pe-*

A ne adieci gioriosam! I sirve este optimè dessos dos lugares, a lo que diximos sobre el verso 1. de la estancia 5. del canto 1. con el lugar de David: *Bene sonantibus.* No solamente se contentava Temistocles con lo canta-lo, sino con lo canta-do bié. I esto estimava mas que todos los otros bienes, i que sus propios hechos; i esto desestimaron mucho, i desestiman aun oy los Dinastas Portugueses, que piensan aver consistido la verdadera gloria en adquirir mucho, juzgar mas, i dar nada, i desestimar todo lo que ven fuera de si. I el Poeta pensò enmendarlos cõ estos exemplos, i engaño-se.

XCIII.

T rabalha por mostrar Vasco da Gama que essas navegações q o mundo cata, nam merecem tamanha gloria, e fama como a sua que o ceo, e a terra espanta. Si: mas aquelle Heròe q estima, e ama com doés, merces, favores, e hóra tata a lyra Mantuana, faz que soe

C Eneas, e a Romana gloria voe.

T Rabaja Vasco de Gama por mostrar que essas navegaciones que canta el mundo, no merecen tâ grande gloria i fama, como la suya que espanta la tierra, i el cielo. Si. Però aquel Heroe que estima i ama la Mantuana lyra, haze con dones, mercedes, favores, i hora mucha, que suene Eneas, i que buele la gloria Romana.

T rabalha por mostrar Vasco da Gama que, &c. Las dos estâncias passadas, que el Poeta fundó sobre lo que dixo el Gama en las tres antes, son la cama en que viene a caer lo que dice en esta, i las que se siguen. I es esto: Trabaja el Gama en lo que dixo, por dar a entender que esta su navegacion excede las antiguas, i que merece mayor fama que todas. Bien trabaja; buen pensamiento; tiene razon. Però esto no se alcança como el piensa, porque no basta que el lo diga, i lo deseé: menester es un escritor famoso, en cuya pluma vaya bolando por el mundo essa noticia. I este tal escritor para inclinarse a escrivirla, conviene que sea cultivado con honras, i mercedes. I esto no haze el, aunque hizo essotro: i quien haze essotro sin esto, no consigue la fama que el deseá. Ai está Virgilio que no sonava más de una flauta; i una lira cõ que discurría por los pastos, i culturas, el qual siendo beneficiado de Augusto, hizo tuba dessa lira, i dessa flauta, i cantò a Eneas, i echò a bolar por el mundo la gloria Romana. Esto contiene la idea dessa estância. Agora.

T Aquelle Heroe que estima, &c. Entiende el Emperador Otaviano Augusto, que honrando, i enriqueciendo a Virgilio, le hizo cantar de Eneas: esto es le infundió animo para passar de cosas

cosa humilde, como la Ecolica, i Georgica, i la Enaida.

¶ Qye efflora, e ama cum dicens, merces, favores, e sonra tanta, &c. Esta es la maestra de la estima, i del amor, los dones, i mercedes; i cosa vana pensar que palabras i ritas, moneda corriente de algunos señores para los pequeños; mas no destos para ellos: Orazio lib. 2. epist. 1.

Verum age, O bis quis se lectori credere malum?
Curem red te brevem, si munus Apollinis d'gnis
Vis complere libris, & vestibus addere c'st' car
Vt studio maiore det'nt Helicona virentem.

I luego ibaxo. — *commodus ultro*

Arcessas, & eg're vttos, & scribere cogis.

I esto que pide Orazio para aver grandes hombres en los estudios poeticos dava en aquel tiempo Augusto, i Mecenas. I si los ingenios se haren sublimes teniendo lo necesario, para no divertirse en buscarlo; digalo aquel mismo tiempo. Huvo en el juntamente Virgilio, Vario, Orazio, Ovidio, Cornelio G.'o, i otros muchos, porque avia en el Augusto i Mecenas, que davan mucha hacienda, i hazian mucha horta a cada uno dellos. Esperen los ingenios de nuestro siglo algo desto de los Polos del, i saldrán muy bien despachados. O! (dira alguno) Noles damos, porque no son Virgilios, ni Orazios. I diremos nosotros: Que los Orazios, i Virgilios, no eran tan famosos: antes de las dadivas: ellas los pusieron, i limaron. Vemos que el cristal fino, si el Sol le comunica sus rayos, produce llama: hermoso efecto: pero el no se vio antes de la comunicacion, sino despues della. El canon con la polvor: esta capaz de sonar: mas si no le toca el fuego no suena. Asi ay muchos ingenios oy, q como este cristal, o canon estan capaces para dar llamas belias, i no las dan solamente porque no son tocados destos rayos. Confesámos que los Príncipes, i señores son ese Sol entre la gente; sus poderes son sus rayos. Si ellos no los comunican todo queda a escuras: i aun ellos con toda esta ventaja son Sol: es verdad: mas eclipsado: que en tanto que lo esta, es solamente para si: i el Sol, i los planetas lo menos para que fueron hechos, fue para si propios. Pero, que es esto? Adonde nos va llevando nuestro Poeta con su doctrina? *Vox clamantis in deserto.* Bolvamos al texto; i ordeneinosle así. Aquel Horoe que estima, i ama la lira Mantuanz, haze con dones, mercedes, favores, i honra mucha, que suene Eneas, i bueve ve la gloria de Roma en las alas de la pluma, o la voz de la trompeta de Virgilio.

¶ Doens, merces, favores, e honra. Los dones, i mercedes es una propia familia; los favores i honra son tambien otra misma. Con estos dos linajes de aliento cultivó Augusto a Virgilio: el primero sue darle hacienda, i mas hacienda: el segundo tratarle como amigo, carteandose con el desde adonde se hallava, quando la ausencia le impedia la conversacion. Esto consta de los escri-

tores de las vidas de los dos: escrito e tas escusadas. Parecerá a alguno, que el Poeta se queja injustamente del Gama, porque era muerto mucho antes que el escribiente ni le conocio. Agora vereis su cuidado en este exemplo. Es verdad que el Gama no le conocio: pero conocieron sus descendientes, i estos, dice el, eran obligados a solicitarle con dones, i horas para que le cantase: i no lo hicieron. Como lo dice? Con este exemplo. Muchos masanos avia que era muerto Eneas, a quien Virgilio cantó tan altamente, solo por beneficiado de sus descendientes, i solicitado para ello, qual era Augusto, i las otras cabeças de Roma, que viendo que de su fundador no avia una escritura ilustre, la produxeron en Virgilio a poder de mercedes, i horas. Andad a la est. 99.

XCV

Da a terra Lusitana Scipioens,
Cesares, Alexandros, e da Augustos;
mas nam lihes da co tudo aq'les doces,
cui'a falta os faz duros, e robustos:

Ostavio, entre as mayores opresiones,
C compunha versos d'outos, e venustos.
Na dira Fulvia, certo, que he mentira
quado a deixava Antonio por Glasira

L A tierra Lusitana da Scipiones, Cesares, Alexandre, i dà Augustos: però con todo nô les da aquellos dones, cuya falta los haze robustos, i duros. Otavio entre las mayores opresiones, componia versos d'outos, i venustos. No dirá, cierto, Fulvia que es mentira, quado por Glasira la deixava Antonio.

¶ Da a terra Lusitana Scip. &c. Dize la estancia, que Portugal da Príncipes, o dava, i Cavalleros valerosos; pero incultos, no perficionados con las ciencias; falta que los haze poco politicos, platicos, suaves; que a la verdad los estudios facilitan los animos altos. I essa deve ser la razon, porque los de la cavalleria Portuguesa se dexan manosear poco, i siempre parecen tiesos (digamoslo así) esto es duros, i robustos. El resto de la estancia, i toda la siguiente, son ejemplos a este fin, que se explicaran en las notas.

¶ Os faz duros, e robustos. Los haze (ya lo apuntamos) intratables, el no saber: que a la verdad el ser uno muy retirado, o procede de muy Filosofo, o de muy necio: quien es de carne, i hueso (sea hijo del Sol) no ha de querer parecer todo espiritu, ni todo hueso. La ciencia, como dixe, facilita esta escabrosidad; i esmalta, i pule la nobleza, i la valentia: i, como dice Martelo, sin ella no ay cosa suave: epig. 1. *Et Masis est sine dulce nibil.* Mas desto sobre la estancia 145. del c. 10. i en la vida del P. num. 6.

¶ Otavio entre as mayor. &c. Entra en los exem-

exemplos, i comienza por Octaviano Augusto; i dize, que en la grave corriente del peso de su Imperio, hacia versos eruditos, i hermosos; ciso es *venustos*. I sabele, que hallandose en España con harto en q lidiar, vestida la loriga, con las armas en la mano, se acordava de Virgilio que estava en Napoles, i le escrivia, pidiendole le comunicase sus obras. Nuestro Poeta dixo esto de Otavia no con Oracio, lib. 3.ode 4.

*Vos Cesarem altum militia simul.
Fessas coborteis abdidit opidis,
Finire quarentem labores
Pierio recreatis antro, &c.*

I hizo el Templo de Apolo solamente para en ilustres salas del juntar las obras de los escritores que mereciesen ser leídos, i en particular Poetas.

*¶ Nam dirà Fulvia, certo, que he mentira,
quando, &c.* De lo que ai os digo (dize el Poeta) yo os prometo que Fulvia no me dexaria mentir; porque a su costa ha experimentado, que su Marco Antonio de puro amigo de letras, i ciencias, la dexava por ir buscar a quien las tenia; q era la dama Glafira. Fulvia, i Marco Antonio es gente conocida: la duda está en Glafira. Pienfan algunos que este nombre es supuesto, i que quiso el P. decir, q Antonio dexava a su muger por irse a oír giacejos, elegancias, i venustidades de personas eruditas, i ciétes; porque *Glaphyra* en Griego esto vale *venustas*, &c. Però la verdad es, que los que se acogieron a este sagrado, no hallaron que avia mugeres deste nombre, para embarazarles la resolucion. Yo me acomodare luego a ella: i en tanto diré que tuvo muger que se llamo así, i en quien concurrió este nombre con las gracias que el significa en Griego: por las cuales Antonio se perdía en ella de amores dellas; i tambien en ellas de amores della; pues que se cansava su muger Fulvia, i aun, parece, le quería vengar por los propios filos, como consta de un epigrama del Emperador Octaviano Augusto, que anda entre muchos al fin de una de las ediciones de Petronio; i tambien incluso en el epigrama 21. del libro 11. de Marcial: i comienza de este modo.

*Quod futuit Glaphyren Antonius hac mibi paenæ
Fulvia constituit se quoque uti futuam, &c.*

Dexo el resto, porque no le he menester para mi proposito, que es decir quien fuessè Glafira. Yo he andado algun tiempo en duda de qual de dos era. Iosepho en el cap. ult. del lib. 17. de sus Antiguedades, trata de una, que era hija de Archelao, i madre de otro, a quien Marco Antonio hijo hizo Rey de Capadocia; que yo sospechava avia sido por los meritos de la hermosura de Glafira, i fortunas, i libertades, que en damas se llaman agudeza, entendimiento, galanteria, i gracias. Casó primera vez con Alejandro hijo de Herodes Rey de Judea, i segunda con Iudas, Rey tambièn; i tercera con Archelao Rey 13. de la propia Ju-

dea, i hermano de su primer marido Alejandro, contra la ley Iudeyca, q prohibia tales casamientos; (quando la muger tenia hijos del primer hermano como esta) repudiado Archelao, para hacer este, el q tenia hechs con Maria su verdadera muger. De Archelao se acuerda el Evangelista San Matheo, al fin del cap. 2. i Iosefo en otros antecedentes a este de Glafira, i en el trata de sus acciones, i fin. A Glafira aparecio en sueños su primer marido Alejandro, estrañandole la lascivia con que uitimamente vino a casarse con su hermano: i ella resiriendolo a sus criadas murió brevemente. Vean los curiosos a Passeratio sobre este verso de la Eleg. 11. del lib. 4. de Propercio. *Scilicet, incasti meritrix Regina Canopi.* No erá malas señas estas desta Glafira, para tenerla por la de nuestro P. siéndo ella conocida de M. Antonio, i au hechura suya su hijo, siéndo cierto q ya entonces, como agora, era memoria elegatissimo una moça destas partes, para conseguir qualquier buen despacho un hóbre de bien. Però estando ai Domingo, i Jorge Merula, i Farnabio, que explicado este epigrama de Marcial, que incluye este de Augusto, dizen que la tal Glafira de Antonio, era otra sin acordarse desta, i dà señales más estrechas del trato del con ella, necesario es obedecer. Elllos dizen, que Glafira era una tañedora, a quien el Emperador llamó con este nombre, por esa gracia que el significa en Griego, como ai diximos, si cila es venusta; o poq se llamava Glafira un famoso tañedor de aquel siglo, como se halla en Iuvenal sat. 6. I este modo nos quedamos sin saber el nombre propio desta moça, pues este es su puesto en consideracion de la habilidad. I esto era lo que yo preguntava a muchos presumidos de doctos i eruditostí como el presumir no es saber, no solamente no hallo en ellos esto, sino q en ninguno hallo ni aun una pequeña noticia de lo que ai dexo dicho, mas de encoger los ombros. I sola mente uno, juzgándose por Hercules de erudicion, me dió en lugar q no me sirvió, i no brava a Glafira sia otra circunstancia, i despues en toda conversación en q nos hallovamos dezia a todos la hazaña de averme dado aqüi lugar. Grata hazaña, gertil e rudicio. O miseria humana! Diferéteme me tengo yo portado co algunos, q socorriédolos co muchos lugares, i importatissimas advertencias para sus escritos, no lo supo nadie de mi, aunque hallo en algunos la baena correspondencia de buenos desicos, de que yo no imprimiesse este trabajo primero que ellos los tuyos, porque pareciesse despues, que avia yo tomado dellos lo que les di, i comuniqué dese. Buena gratitud. Però volviendo a nuestro lugar, digo agora que mi Poeta no señala con este nombre de Glafira a alguna de esas dos, sino a Cleopatra: porque los señalados despacios que Marco Antonio hizo a su muger por otra, fueron por esta: i esta era todo el dolor de Fulvia. Vitán los censuradores; si esto es así, porque llama el Poeta

D

E

XX

Gafira

Glaſia a Cleopatra. Respondo que imito en esto al Emperador en este epigrama: porque seguia explican essos Comenadadores, esta moça a que llamo Glaſia no tenia este nombre, si no que el Emperador la nombró *Augusta*. Respecto ido a las habilidades, o gracias que ella tenia, correspondientes a las del moço Glaſiro, o a lo q en Griego significa esta voz: i como Cleopatra tenia tambien semblanzas verosimilitudes e gracias co q atraia a si a M. Antonio, por esto el P. la llama Glaſia, como Augusto a essa tra moça. I quando menos, si el P. no especifica así a Cleopatra, menos a ninguna otra muger de las q eran seguidas de Antonio, si no a todas las q el se unia de seu genero, como si dixerá: Dexava a su muger Fulvia, por irse a estar co todas las en q hallava otras gracias, como fuero esas dos ai nobradas, i la amiga de Cornelio Galo, q se llamava Liconi, o Citheri, usurpada del a aquel P. i otras. Gracio tambien toco esto de lo mucho q atraen estas buenas partes, diciendo dezia Lidia, q la dexava por irse a Cloc, que le entretenia con cantilenas: lib. 3. oda 9.

*Me nunc Thressa Chloe regit
Dulcis docta modos, & cithara sciens.*

XCVI.

Vay Cesar sojugando toda França,
e as armas nam lhe impedem a ciécia;
mas nua mao a pena, e noutra a lança
igualava de Cicero a eloquencia:
O que de Scipiam se sabe, e alcança
he nas comedias grande experiençia;
lia Alexandre a Homero de maneyra
que sempre se lhe sabe aa cabeccyra.

D

VA Cesar sojuzgado a toda Fracia, i las armas no le impide la ciencia: antes en una mano la pluma, i la lança en otra igualava la eloquencia de Cicero. Lo q de Scipion se sabe i alcancía, es gran experiençia en las Comedias. Demanera leia Alexandre a Homero, que siempre se le sabrá a la cabecera.

¶ *Vay Cesar sojug.* &c. En la est. passada nobro Scipion, Cesar, Alejandro, i Augusto: agora dice en particular de cada uno: i es argumēto este del Molza en otra est. del rettato de Iulia Gozaga.

*E t quel che a Cesar piacque, & a Marcelllo,
Al fedel Bruto, a Paolo, ad Africano,
Che jero il secol lor fiorito, e bello,
C'è pronto ingegno, e con ardita mano.*

¶ *E as armas nam lhe impedem a ciencia.* El P. en sus rimas, Eleg. 4. o tercetos.

*Nunca Alexandre, ou Cesar nas confusas
Guerras, dyxaram o estudo hum breve espaço,
Nem armas da ciencia jam escusas.
I en la oda 7. Foram sempre columna.*

A *Da ciencia gentil Octaviano,
Scipiam, Alexandre, e Graciano, &c.*
Sa de Miranda circa 4.

*Para a paz e para a c'fon'a
A lança, &c. Com os livros nam se desfinta,
Dous vencedores do mundo,
Cesar, e Alexandre o Grande
Das letras foram, &c. Os dous Scipices, &c.*

¶ *Mas nua mao a pena, e noutra a lança & &c.
Matulo alli: Quaque manus ferrum, pugno fert
ense tibulos. Nu isto P. en los tercetos cita los
arrib. Nua mao libros, noutra ferro, e aço. En la
est. 74. del cat. 7. casi el mismo verso. Garciallo*

tambien alla. Ercilla c. 20. La pluma ora en la ma-
no ora la lança. Aqui es, porque Cesar andava pe-
leando, i juntamente escribiendo sus comenta-
rios, que en elegancia Latina compiten con Ci-
ceron, como dice el P. I estimava tanto aquellos
escritos, que, como es notorio, viendose en pri-
mero, i obligado a escaparse nadando por el mar
de Alexandria, solo pretendio salvarlos: i asi los
llevava altos en una mano, porque no les llegase
la agua, i nadava con la otra. A este modo tene-
ce Iuan de Barros una clausula, tratando la pro-
pria quexa, Dec. 1. lib. 4. cap. 11. *Descuidada a*

C *naçam Portuguesa na posteridade de seu nome, co-
mo se nam fosse tam grande louvor aílatalo com a
pena, como ganhalo com a lança.* Sa de Miranda
en la copla a Iuan Roiz de Sa, que deixamos en
la est. 97. del c. 3. i todo lo de alli sirve aqui, prin-
cipalmēte aquello de q la Diosa del valor, tabie
lo era del saber entre los antiguos, porq sin saber
no ay valor: i es la doctrina de ini P. que por di-
cha lo tomo de Iustiniiano en el proemio de sus
instituciones. *Imperatoriam maiestatem, non solum
armis decoratum, verum etiam legibus opor-
ret esse armatam.* I es bonissima la contraposicio
de que las letras arman, i las armas adornan. Di-
ganlo quantos armados perdieron grandes em-
presas por ignorantes: i quantos por cientes las
ganaron desarmados, si la ciencia no fuera arma
valerosa. Este es el verdadero motivo con que
el P. en esa est. 97. del c. 3. llama valerosa a Mi-
neva, esto es al saber: que si bien alla se nos olvi-
do, de aqui sirve para alla

¶ *O que de Scipion se sabe, he nas Comedias
grands experiençia.* Scipion Africano fue muy in-
clinado a los estudios, i particularmente a las
Comedias, de que resulto favorecer mucho a Te-
rencio; como lo hallareis en su vida; escrita por
diferentes Autore, uno Elio Donato, que di-
ze averle tratado Scipion con gran familiaridad.

¶ *Lia Alexandre a Homero de,* &c. El de-
cir que leia a Homero, por dezir que leia sus o-
bras, es una especie del tropo Metonimia.
Ya diximos, i es notorio, que Alexandre Illo-
ro de embidia de que Achiles huiuscēdē tenido tal
escritor de sus hechos como Homero: i perpetua-
mente traia consigo sus obras; i quando le iva
a acos-

a acostar las llevava; leyendo hasta vencersel de si sueno las metia debaxo de la almohada. Entre los despojos de Dario se hallo un cofrezillo precioso; i trayendoselo, dixo que era bueno para traer las obras de Hom, en el: i a esto le dedico.

Mas porque Oracio, que es persona de tanta autoridad, puede, con los noticiosos de los estudios, persuadir que nuestro Poeta fué mal informado de ellos, o se dexó llevar de la sola corriente del vulgo, en hazer a Alejandro doctor, o a lo menos conocedor de los quilates de la poesia de Homero, preciso nos parece traer el lugar deste gran hombre, i oponernos, con su licencia, a su autoridad, i fortalecer la de nuestro gran Poeta. Dize, pues, Oracio que Alejandro tenia voto en la escultura, i pintura; pero no en la poesia. Es en la epist. 1. del lib. 2. asi:

*Iudicium subtile videndis artibus illud
Ad libros, & ad hæc Musarum dona vocare
Beatum in cresso iurares aere natum.*

Duramente, cierto, se huvo Oracio con Alejandro, llamandole rustico en juzgar de poesia, aunque le ilame sutil en conocer de otras artes, i luego desdize esto a lo que dice nuestro Poeta. Decimos lo primero, que para el intento que lleva en estas estancias, bastava que Alejandro fuese gran premiadador de los Poetas, aunque no fuese bastare para ser arbitro entre ellos. Mas porque Luis de Camoens no quede teniendo necesidad dessá escusa, ni Oracio glorioso de su sentencia sobre esse Principe, diremos lo siguiente. Oracio quiso lisonjear a los Principes que le favorecia, con llamarles entendidos en la poesia; i por avetazarlos a Alejandro, dize, que el si la favorecia, no juzgava della, sino de essotras artes. I como la lisonja ordinariamente es opuesta a la verdad, la verdad es, que aunque Alejandro dió una grama de dineros a Cherilo mal Poeta, de que Oracio allí arguye, que no entendia de poesia, con esto mismo le convenceremos, diciendo que quie daya tanto a un Poeta malo, mucho mas diera a uno bueno que le celebrara, como Cherilo pretendio hazer. Puedese responder, que como no juzgava del arte, no era para el mejor un Cherilo que un Homero: i replicarse que el los distinguia bien, pues llorava en el sepulcro de Achiles, no con embidia de sus hechos, sino del escritor dellos, que fue Homero; i que no es posible leyesse tanto por el, i tratasse con tanto regalo sus obras, si no las entediera. Añadese a esto, que Alejandro, como refieren muchos Autores, conociendo lo mal que Cherilo escribia sus cosas, le ofreció mucha hacienda, porque deixase de escribir las. Seanos licito refirir, en tan propia ocasio, esto. Un ingenio de los modernos, tan fertiles, que hazen un libro cada semana, nos dixo, que presentando el original de uno a un señor, a quien le dedicava, el le mando dar trecientos reales co licencia para que lo dedicasse a otro; i celebrava mucho este Autor la liberalidad del tal Cavalle-

Tomo 2.

A ro, sin tropezar en el buen juicio con que le castigò. Si desta manera dava Alejandro dineros a Cherilo, de que le culpa Oracio? Más. Dizen otros Autores que Alejandro decia, que mas tomata ser Tersite de Homero, que Achiles de Cherilo, i que se concerto con el, en que le daria por cada verso bueno una razonable cantidad: i por cada uno malo con el puño en los dientes. De todo esto se infiere clarissimamente, que Alejandro entendia muy bien de la poesia, i que se burlava de Cherilo, aunque le dava dineros. Luego Oracio deviera celebrar la perpetua liberalidad deste Principe, i no lastimarle en el entendimiento; advirtiendo que con ella hasta la buena voluntad de un Poeta nialo premiava. i que con el llorava por Homero: i que mayor dadiua fue esta para Homero, que efforra para Cherilo; visto que Alejandro no era de los señores que mas quieren llorar toda su vida, que dar un real. I para que se vea como Oracio anduvo apasionado, o lisoagero en esto (que ignorante es imposible) conviene saber que Alejandro sabia menos que de la poesia, de las artes en que el le haze muy inteligente: porque consta de Plutarco, i otros Autores, que entrando Alejandro en la officina de Apelles, i queriendose mostrar entender en aquel arte, i diciendo su parecer, Apelles libremente le suplico, que no le oyessen los oficiales, porque no conociessien lo poco que podia juzgar de aquello. Asi que si a Oracio le hasta en esto por disculpa la adulacion, ella no sabe otra cosa que decir lo contrario de lo que siente: i desta manera siempre el no dixo bien, en decir esto de Alejandro, i al contrario nuestro Poeta hablo aqui fundamentalmente. No se nos huya agora una ponderacion, i es que Alejandro mandó so graves penas, que ningun Artifice le retratassee, sino Lisipo, i Apelles; i a Cherilo prometio hacienda, porque no escribiese del. Preguntanlos; porque no le mando co penas q no escriviese, como a essotros q no retratasseen? Busquese la respuesta sobre la e. 93. adónde la dara Oracio, i Petrarca, q son personas que la pueden dar. Esta materia combidava a mucho. Voy abreviando quanto predo.

XCVII.

*Enfim nam ouve forte Capitam
que nam folle tambem douto, e ciete,
da Lacia, Grega, ou Barbara naçam,
se nam da Portuguesa iam somente.
Sem vergonha o nam digo, q a razam
de algu nam ser por versos excellente,
he nam se ver prezado o verso, e rima
porq que na sabe a arte nam a estima.*

*Alfin no huvo fuerte Capitan de la nacion La-
tina, Grega, o Barbara, que no fuese tam-
bién*

Xx 2

ien docto, i ciente, sino solamente de la Portuguesa. No lo digo sin verguença: que la razon de ser alguno excento por versos, es no sersepreciado el verso, i la rima: porque no estima ja se quiere no la sabe.

¶ En si n'am ouve, &c. El Poeta como estavaiat: uido vi hablando una verdad sin respeto al crédito de la patria, que tanto pretende acreditarse en este Poema. Dize que no vè nacion, aun barbara, en que los mas de los valerosos Capitanes no fuessen juntamente doctos, o a lo menos a ncionados a los estudios, sino la Portuguesa: i q se avergencia de dizerlo, i ver que el no ser alguno fanioso por la Poesia, procede de desestimarla: i que el desestimar las artes procede de no entenderlas.

¶ Da Lucia, Grega, ou barbara nacam. Verso que parece presto el Poeta al gran Tasso Liber. canto 17. estancia 89. aunque a diferente propósito:

*Non fu nisi Greca, o Barbaria, o Latina
Progenit, &c.*

¶ Se nam di Portuguesa. Dize, que solamente en Portugal no ay Capitanes doctos, assi como valientes. Habla el Poeta de toda España: i habla verdad, i singularmente de Portugal, si huviessen de ser perfectamente doctos: porque inclinados a los estudios algunos lo fueró; como los Reyes Don Dionis, Don Alonso Quinto, Don Juá Segundo, i los clarissimos Infantes hermanos Pedro, i Enrique, de quien diremos algo en la est. 37. del c. 8. i los gloriosos Heroes Alonso de Albaquerque, Nuño de Cuña, i otros. Non nabo de lo restante de España, que si bien en esta parte excedió a Portugal, es en poco: i asfin en toda ella hallaremos un Capitan ciente: i Pedro Mexia observó a este propósito, que solo uno hubo en Italia insipiente, i fué Cayo Mario. Esto es en el cap. 10. de la parte 3. de su Silva, en que ay bastante comento para esta estancia, i la propia quexa contra los Espanoles, que hazen galz, i Cavalleria de la ignorancia. Vease lo dicho en estiora estancia: i en el canto 3. la 97. que todo sirve aqui: i en el 4. la 97. verso 7.

¶ Ssm vergonha o nam digo. Dize el Poeta, que no dice esto sin verguença: i dirán que sin verguença lo dixo, los que dicen que no la tiene qu en los quiere reprehender, i quieren que creamos que la tienen con hazer tanto por despertar reprehensiones. Este estilo ya fue de Beniveni en su A nor.

*Non senzi mia maggior vergogna ancora
Referir pessi, &c.*

¶ He nam se ver prezado o verso. Aun el 10 verle preciada la Poesia fuera inutile, si no se vierla despreciada. Gran lastima es ver, que si algun Cavallero (a lo menos entre Portugueses, que dellos habia el Poeta agora) sabe hazer versos, se devia de que sepan que los hize; rebentando tal vez porque lo sepan. Lesto procede de

A que se persuade que perdió la cavalleria la hora en que se puso que sabia algo. Sepan quantos esta nota vieran, que si los versos fueren buenes hijos del seño, ilustraran la cavalleria, porque los tales no proceden de ignorancia, o locura; sinón de ingenio, i ciencia. Persio satir. 3. se rie de los que dicen, que siendo Cavalleros, o soldados, no tienen necesidad de saber más de saber manejar la espada, o lanza.

*Hic aliquis de gente hirtosa Centurionum
Dicat, quod sapio satis est mibi: non ego caro
Effo quod Arcefilas, aerumnosique Sonores.*

E Pues si el saber manejar las armas no desculpare de no saber hojear los libros, como desculpará a quien no sabe dellas más que dellos? Estos días siendo un Cavallero poderoso, advertido que ya era tiempo de que un hijo suyo tuviese lecion de leer, i escribir: respondió. Para que? Hazed que sepa firmarse, para quando se ofreciere echar alguna firma, que esto basta. Por la cuenta vendrá a ser definicio de alguna cavalleria, no saber nada.

¶ Verso e rima. La diferencia que ay entre el uno, i el otro, es, que el verso viene a ser el numero, o medida; i la rima, aquello que se llaman consonantes: por esto verso suelto, vale verso sin rima, o consonancia; que es prisión en que muchos ingenios se afrentan, porque tal vez disen un disparate por ir atados a consonantes. Petrarca Triunfo de la muerte: *Ardito di parlarme in verso, o in rima.* Cino da Pistoia: *Poi di ritrarne rime, e dolci versi.* Tibaldo son. 232. *Ancor le rime, e il verso.* Bembo en el son. *Caro, &c.* *Lo stile in verso, o in rima.* El Costanzo en las estancias que empiezan: *Alma ben, &c.* *Risonar in versi, i in rima.* Así muchos: pero esto importa poco.

¶ Porque quem nam saxe a Arte, nam a effima. I quien la sabe la estima tanto, que (dejo exemplos ie lo muy antiguo) escribió aquel doctor Rey Roberto de Nápoles, como consta de Petrarca, *Iuro du ciiores, & multo chariores mibi esse literis quam Regnum: & si alterutro carandum sit, aequanimius me diadematate, quam literis cariturum.* De manera, que este Rey queria antes perder la Corona, que la ciencia. No es doctrina para predicar en nuestra edad, en que alguna cavalleria se scandaliza de que en su arbol se le halle parentesco con hombre de letras. Estimaro a los ingeniosos, i escrivieron versos muchos Príncipes. Que favores no hizo Francisco Primero de Francia (que hacia ilustres versos) a Luis Alamanni Poeta Toscano? Del Emperador Federico Segundo, i de su hijo Lorenço llamamos rimas entre las que andan impresas con las de Dante. El Rey Don Alonso el Sabio: el Rey Don Juan Segundo de Castilla, quando dejo aquél de estudiar, i este de honrar a Juan de Mena, copiando con el mismo a mano? Mas dexenos los extraños. De nuestros Reyes Don Dionis, Don Pedro, Don Duarte, Don Alonso Quin

E Luis Alamanni Poeta Toscano? Del Emperador Federico Segundo, i de su hijo Lorenço llamamos rimas entre las que andan impresas con las de Dante. El Rey Don Alonso el Sabio: el Rey Don Juan Segundo de Castilla, quando dejo aquél de estudiar, i este de honrar a Juan de Mena, copiando con el mismo a mano? Mas dexenos los extraños. De nuestros Reyes Don Dionis, Don Pedro, Don Duarte, Don Alonso Quin

Quinto, i Don Juan Segundo, sabemos hazian versos, i escribian, i estimavan a los escritores. El ultimo dezia, que no era entendido quien no decorava las coplas de Don Jorge Mantique. Que dixerá si alcançará las de Luis de Camoës? Los Infantes Don Enrique, i Don Pedro hijos del Rey Don Juan Primero, esse en las Matematicas, este en la Poesia, i otros estudios, fneron el lustre de aquel tiempo. Por ventura dexaró estos Príncipes de serlo, por ser ingeniosos, i protectores de los estudios? Por ventura son Príncipes de los que duermen en las guntas remotissimas del olvido? Agora no resucita esta edad el studiosa nuestro gran Rey Felipe Quarto, exercitando con feliz acierto varias artes, i la Poetica con ventaja; i la inteligencia de varias lenguas, con que tiene traduzido felizmente a los dos Guicciardinos, que pudieron merecer la mayor gloria humana que pudieron imaginar? No aliena con horas, i mercedes a los que se exercitan en la Poesia, con el acierto que les dexa lograr el ingenio, o la opinion que tanto tiene estragado la dulcura, miembro singular del numero Poetico? Que si fuera en otro siglo sin duda produxera España Poetas raros, viendo a su Rey con el ejercicio, i premio de los mayores antiguos. Mas ninguno atiende a cosa alta, grave, i heroica. No falta de Príncipe, luego, sino de sujetos: ni falta de sujetos tampoco, sino del conocimiento de la senda Poetica. Los dos versos ultimos en el ayre, i consonancia, parece que se hizieron al son de otros dos de Ariosto c. 31.

*Non conosce la pace, e non la stima
chi provato non ha la guerra prima.*

XCVIII.

Por isso, e nam por falta de Natura D nam ha tâbem Virgilios, nê Homeros; nem averá, se este costume dura, pios Eneas, nem Achiles seros.

Mas o peor de tudo he, que a ventura tam asperos os fez, e tam austeros, tam duros, e de engenho tam remisso q a muitos lhe dà pouco, ou nada disso

P Or esto, i no por falta de naturaleza, no ay tâbien Virgilios, ni Homeros; ni avrà, si dura esta costumbre, pios Eneas, ni fieros Achiles. Però lo peor de todo es, que la ventura los hizo tan asperos, i austeros; tan duros, i de tan remisso ingenio, que a muchos se les dà desto poco, o nada.

¶ Por isso, e nam por falta de Nat. &c. Concluye, i dize. Por esto de que los grandes ingenios, i las grandes artes se desfisian de los que las huvieran de alentar, i no por falta de naturaleza dexa de aver Homeros, i Virgilios: i confi-

A guientemente no avrà memorias sonoras de los Heroes (en lugar dellos estan ai Achiles, i Eneas) porque la verdad es, que si Homero no cantara del uno, i Virgilio del otro, poca memoria huviera dellos. Quiere decir: Si durare mucho este desprecio, durará poco estas memorias, porque no avrà quien las escriba en este genero de Escritura divina: i assi no serán leidas. I ello es cierto, que aunque de Ulises, Eneas, Gama, i Gofredo ay algo en historias, como pocos saben dellas, poco se supiera dellos, si Homero, Virgilio, Camoës, i Tasso no los huvieran celebrado. El Poeta en estas sentencias, i estilo, imitò mucho a Oracio lib. 4. od. 8. — *Quid foret Iliæ*

Manortisq; puer si taciturnitas.

Obstaret meritis in-vida Romuli? &c.

Dignum laude virum Musa detat mori.

I en la 9.

Vixere fortes ante Agamemnona

Multis sed omnes illacrymabiles

Vrgentur, ignotique longa

Nocte, carent quia Vates sacro.

Petrarca bien en el tonero 84.

Credete voi che Cesare, o Marcello,

O Paulo, o African, fossi cotali

Per incide già mai, ne per martello?

Pandolfo mio, queste opere son frali

Al lungo andar, ma il nostro studio è quello

Che fui per fama gli huomini immortali.

Sacandolo de la boca al mismo Oracio en esta oda 8.

Non incisa notis marmora publicis

Per quæ spiritus & vita redet bonis, &c.

• Quam Calabriæ Pierides.

I en la epist. 1. del lib. 2.

Nec magis expressi vultus per abenea signa

Quam per vatis opus mores, animique virorum

Clarorum apparent. Todo esto es, que la pintura, o escultura, ni en piedras tiene fuerza contra el tiempo. Los escritos si, i por esto los antiguos Lacedemonios quando iban a la guerra, no iban a visitar marmoles, i bronzes figurados, o para figurar; sino las imagenes de las Musas, por tenerlas favorables, para que les cantasen las hazañas: conociédo que no avia escultura durable, como un buen escrito. I si de los grandes varones, a quien faltó escritor, aunque no faltassen estatuas, perece la memoria, de los que tuvieron lo uno, i lo otro, se haze la fama mayor de lo que ellos la merecieron. Petrarca en el capitulo, tratando de muchos, remata asi:

Dardano, et Tros, et heroi altri vidi

Chiari per sé; ma piu per chi ne scrisse.

I veis ai la respuesta que al fin de la nota sobre la estancia 96. diximos avian de dar Oracio, i Petrarca, a la pregunta que allí se hizo. I es, que conoció Alejandro ser sin comparacion mayor la duracion, aun de los escritos malos, que de las buenas pinturas, o estatuas; i por no andar en los de Cherilo a lo futuro, le obligava con dadivas,

entendiendo, que las plomas de ordinario teme poco las penas, q̄el ponía a los artífices: i si las temen, quedan tanias con mas seguridad de no ser comprendidos; porque la obra del artifice luego se hace patente, i la del escritor no, sino quando el quiere, i adonde le parece: i estas fuentes no podía Alejandro restañar con penas, sino con dadivas. Vease lo que diximos en la estanc. 102. del c. 4. i diremos por las ultimas del 7. en que el Poeta dilata estos pensamientos en sus justissimas quejas.

¶ Nam por falta de Natura, nam b. t. am bem Virgilius, &c. La naturaleza, dice, es la misma: no faltan ingenios, falta quien los cultive: dadm̄e que aya esto, yo os daré Virgilius, i Homeros: con aquello notorio de Juvenal: *Sint Mæcenates non decrunt sicut Marones.* Ovidio: *Scribēt m̄ iuvat ipse favor, minuitque laborem.* Cicerón Tuseul. I. *Præmia stimulant ad virtutem.* Valerio Maximo, de instit. antiq. lib. 2. cap. 6. *Virtutis uberrimum alimentum est honor.* Mas esto es ugar comun.

¶ Ptos Eneas, nem Achiles feros. Los propios epítetos que les dan sus Poetas más frecuentemente.

¶ Mas o peor de tudo he, que, &c. Dice agora, que si bien es malo, que los señores no honren a los grandes ingenios, aun esto es menos malo q̄ verlos tan dominados de la austerioridad, i rudeza, que no se les dà nada; que no sienten verse tales; ni hazen caso de que dellos se escriva, o se deixe de escribir. Por ventura oiría el Poeta aquel dicho de un Portugues en la India, que al advertir se le, no se perdiessen ciertos papeles, respondió *Que no queria andar en Chronicas.* Dicho bestial: por dezirlo al modo de nuestro Sa de Mira da, refiriendo uno de un Rey sobre otro: carta 4. así, tratando esta propia materia.

Dom Afonso de Aragam, &c.

Tratava os libros na paz

As armas na ocasião.

Ouvindo de hum Rey, que a mal

Tinha aos Reys que fôssem lidos,

Disse He dito de animal, &c.

Con esta milma quexa fenece el Poeta la estanc. 145. del c. 10. i con el propio motivo della fene cera el mundo, i los buenos ingenios: porque como *sultorum infinitus est numerus,* sigue se la po quedad de los que saben: i assi a poder de exercito tan grande, es fuerça que perezca el pequeno virtuoso; i que siempre el ignorante haga culpa al ciente, de lo que sabe: i que el que no sabe nada siempre halle bonanza para navegar en el mundo. Muchos años ha que el premio de los Poetas es laurel, arbol de fruto inutil; i otros tantos ha que Midas contrapesava con las orejas de aino sus riquezas: i assi no es menos antigua la desgracia de los ingenios, en dar siempre en las manos de la miseria, que el castigo de los poderosos en traer casi siempre las insignias de la igno-

A ncia. Pero, como dice nuestro Poeta: *Amor a los lhe dí porco, ou n̄ da díjo.*

¶ Amigos lhe dí porco, ou n̄ da díjo. Ya nos contó, taramos con que se les diese poco, o nada de ser ignorantes, a estos personajes, i de no hacer caso de que aya grandes escritores para celebrar los Heroes, si no juntáran a ellos el desestimar a los que saben, como si fuera crimen el saber: i esta ignorancia está aua tan vezina, que sabiendose en Portugal, que iva por su Vitrey el Marques de Alenquer Conde de Salinas, encendiido cortesano, con algo de Poeta, le fizieron este mote (que bien parece de algun Cavallero de los con que habla el Poeta.)

Boas novas, boas novas,

Que ja temos

Hum Visorey que faz trouas.

I no le huvieran de hacer esto, si él fuera un tono. Ni en Castilla al mismo tiempo faltó semejante suceso: porque procurando un Cavallero entendido el lugar de Capellan del Rey para Don Luis de Gongora, i proponiéndole a cierto Ministro: le respondió: *Muchas defscar servir a esfjo a V.S. pero no se si es a propósito un Poeta para este legir:* i acudio el padrino: *Por ventura ay estatuto que mande, que todos les Capellanes de su Magestad sean tontos?* No digo yo que es tanto qualquier que no es Poeta: digo solo: Mas para q̄ es dezirlo yo, si un Luis de Camoens pierde el tiempo quando lo dice, i aun quando lo es. Triunfe en hora buena la tonteria.

XCIX.

As Musas agradeça o nosso Gama
o muito amor da patria que as obriga,
D a dar aos seus na lira nome, e fama
de toda illustre, e bellica fadiga:
que elle, nem que na estirpe seu se chama,
C aliope nam tem por tam amiga,
nem as filhas do Tejo, que deyxassem
as telas de ouro fino, e q̄ o cantassem.

A Gradezca nuestro Gama a las Musas el mucho amor de la patria, que las obliga a dar a los suyos en la lira nombre i fama de toda fatica ilustre, i bellica. Que el, ni quien en la estirpe se llama sayo, no tienen por tan amiga a Caliope, ni a las hijas del Tajo, que dexassen las telas de oro fino, i que le cantassen.

¶ Nosso G.m.1. Parece aludir el Poeta al parentesco que tenia con la familia de Gamas, como apuntainos en su vida, num. 5.

G Na lira. Aqui lira, vale tuba heroira, assi le llamo en la estancia 5. del cant. 1. pero assi por variar, como porque es propio de los Poetas tomar lo uno por lo otro, llamò despues a essa propia tuba, citara, en la estancia 12. del mismo; i en la

la 102. del 4. i aqui lira; i en la ultima del c. 10. i otros lugares.

¶ Nome e fama. Porque los Poetas siempre dan algun nuevo nombre a los Heroes que celebran; Homero por la mayor parte llama a su Achiles ligero, i feroz; Virgilio a su Eneas, pio; nuestro Poeta a su Gama, ilustre; como enseñamos en la estancia 1. del cant. 1. Tasso a su Gofredo, tambien pio: I a este nombre que de nuevo les dieron, sacado de la virtud que en ellos mas resplandecio, an den la fama, que es echarlo a bolar por el mundo. Vease sobre esta diferencia de nombre i fama, lo que diximos en la est. 5.

¶ Que elle nem quem &c. Fuerte cosa es, que escribiese el Poeta tal obra en honra de tal causa, i que se ie diesse tal ocasion para pregonar esto, que durara mientras duraren las letras. Iesta dicho con un desprecio totalmente hijo de animo libre, i scandalizado. Lo que suena aquel el, hallareislo en la estancia 133 del c. 3. Mucho ha honrado el Poeta aquella familia con este poem. 2; mucho la ha querido desluzir con esta estancia: i aun sospecho que con las primeras dos de este poema, que, como alla explicamos, sirven de prohemio, o argumento a todo el. Porque me persuado, que teniendo el Poeta comenzado de derechamente con la tercera, en que propone al Gama, i viendo que su descendiente, que entonces vivia, no le estimava, escribio las dos, que son agora primeras, para quitarle algo de la gloria q le dava en darle todo el poema, con parecer que la dava a todos los Portugueses. Esto insiero yo de ver que estando ai un Conde de Vidigueira decendiente del Gama, a quien el P. cantava, i pa reciendo que a este Conde se huviera de dedicar este poema, le dedico el P. al Rey: i para dedicar sele, no parecio propio q pareciesse desnudamente la accion de Vasco de Gama, i por esso anadio aquellas dos estancias, i otras que se corresponden co ellas en todo el poema, para que pareciese que cantava de los Reyes, i Heroes Portugueses, quedasse la obra capaz de dedicarse al Rey: i dispuso el P. esto de modo, q siepre dexo en su perfeccion el arte. Esta dicha de arrepentirse algunos grandes escritores de la eleccion que hicieron, se vió en Ariosto, i en el Tasso, que siempre anduvieron llorando el aver elegido por patronos aquellos sus Principes.

¶ Caliope nam tem por tam am ga. No tenia el Gama (dice) ni su descendencia venerado la Musa, ni hazia caso, de que ella se celebrase con tal instrumento, como el del Poeta; que esso especifica alli Caliope, por ser esta Musa particularmente invocada del; i esta es la razon, porque la obra en este lugar, antes que ninguna otra de las nuevas. I aunque el ya no se podia quejar de Vasco de Gama, que no le alcanço, quexase del en su sangre, como sangre en el, dizienlo, que no hizo su decambo para con el, lo que la de Eneas co Virgilio, como explicamos en la est. 9.

A ¶ Nem as filhas do Tejo, que deixasssem as telas de ouro fino, e que o cantassem. Por hijas del Tajo aveys de entender, o las otras Musas compañeras de Caliope, que arriba nombre, o las damas Lisbonenses, que el P. continuamente celebrava en su poesia lirica, la qual dexo de continuar, por emplearse en este canto heroyco, que todo es elogio, fama, i gloria del Gama, i de sus descendientes. I que por Ninfas, o hijas del Tajo entienda las Musas; se ve claro de la invocacion en la estancia 4. del canto 1. de que se acuerda en esta, i la siguiente: i desde la 78. del c. 7,

B ¶ Que deixasssem as telas. Ocupacion es considerable en las damas qualquier labor de su gusto; por esto hacen mucho quando la dexan por atender al ageno; i por esso dixo el P. en la est. 2. del c. 3. pidiendo favor a Calicpe: *Deyxa as flores de Pindo, &c.* Dexa tu gusto, i entretenimiento, i favoreceme. Vease lo que alla se dixo. Asi a gora aqui dice. No dexaran las Musas aquella labor de mi poesia lirica, por atender a catar del Gama, si no las obligara el amor de la patria; q sus descendientes no las obligato con algu favor.

C ¶ De ouro fino. Particulariza la materia de la labor, por dar a conocer la gradeza, i preciosidad de las laborantes. Alla en esta est. 2 del c. 3. Caliope con flores, aca las otras con oro: propios entretenimientos de ilustres damas. Virgil. Geor. 4. assi ocupa las Ninfas. Claudio lib. 1. de Proserpina, la haze estar bordando estrellas con oro. Sanaz. Arcad. prof. 12. pinta orras cernie lo oro, hilandolo, i bordando con el una artificiosa tela. Garcilasso Eglog. 3. introduce sus tres Nayades, *sacando telas delicadas del oro que el felice Tajo embia.* Con esta condicion ocupó nuestro Poeta sus Musas, i Ninfas en tales exercicios. I con este respeto mismo describira sus instrumentos en la est. 64. del c. 9. i sus manjares en la 3. del 10.

C.

Porque o amor fraterno, e puro gusto de dar a todo o Lusitano feyto seu louvor, he somente o presupuesto das Tagides gentis; e seu respeyto: *Pote nam deyxe enfim de ter disposto ningue a grades obras sempre o peito;* q por esta, ou por outra qualquiera via, nam perdera seu preco, e sua valia.

E ¶ Por q el fraterno amor, i el puro gusto de dar su loor a todo Lusitano hecho, es solamente el presupuesto de las gentiles Tagides, i su respeyto. Pero no dexe nadie, alfin de tener dispuesto siempre el pecho a grandes obras, que por esta via, o por otra qualquiera, no perdera su precio, i su valor, i su estima, i su gloria.

¶ Porque o amor fraterno, &c. En la est. 4. de c. 1. inve co las Tagides, aqui confiesa qsto lo

lo su amor, i el de la patria le obliga a cantar glo-
rias d: vitorios Lusitanos: i en el cant. 7. est. 78.
las bues v: a invocar. I asi siendo ellas, como son
las damas de Lisboa, mis devemos este canto a
su herm. osura invocada, que a la liberalidad de
los Cavalleros cantados, o encantados. I todo
estuvo bien a ellos, i al Poema, aunque no lo es-
tuviiese al Poeta; porque si alguno le huviera da-
do a!go (digo de los que alaba aqui) la ziaabança
fuera sospechosa, i pudiera parecer que esto tenia
alguna parte en el paro desta poesia: ciò que te-
niendola toda las damas, justamente parece ella
hija de llas, porque poesia tan hermosa, era justo
que toda fuese hija de la hermosura.

¶ Hesomente o presupuesto das Tagides. En la
estancia atras dixo, que el presupuesto era el a-
mor de la patria; aqui dice, que el respeto de las
Ninfas, Para conciliar estos lugares se vea lo di-
cho en la est. 4. del cant. 1. En sus Rimas, i can-
ció con q entra la Egleg. 3. O Tagides Camenas.

¶ Porem nam dixere, &c. Toda via (dice en
los quatro versos) nadie dexa de inclinarse a grā-
des obras, i executarlas, por pensar que faltará
quien las celebre, porque siempre avrá quien lo
haga, movido de algun respeto, como yo dese. I
es todo esto sinduda, si no me engaño, imitado

A de Ariosto en el cant. 37.

*Non restate, però donne a cui giova
Il ben oprar di seguir vostra via:
Ne da vostra alta impressa vi rimora
Tema che degno honor non visi dia, &c.*

De creer es, que el animo que nectro Poeta dà
con este consuelo a todos para proseguir en ac-
ciones valerosas, aunque se veá desfavorecidos,
tomò el propio para si, i para no deixar de dar fin
a una obra tan grande como esta, no solo en la
corriente de falta de premios, sino en la de sobra
de malos tratamientos. Pero hasta agora poco
ha conseguido para si lo que promete a otros, por
que aun no se le hizo honra alguna de las que el
mereció: mas de creer es, que vendrá tiempo en
que algun animo señoril le levante los huesos del
suelo; i aigun ingenio docto le comente de mo-
do, que se vea hasta donde el levantó el espíritu;
que yo no lo fio de mi poco talento. En este can-
to feneciò la relación del Gama al Rey de Mel-
linde. Gastò el Poeta en ella tres cantos, tomá-
do un medio entre Homero, que gastò en la de
Ulises a Alcinoo cinco: que son los 7. 8. 9. 10.
i 11. i Virgilio que gastò dos en la de Eneas a

C Dido, que son el 2. i el 3. i assí los imitò a am-
bos en traça, i estilo, i a ninguno en numero.

Fin del Canto Quinto, i Tomo Segundo.

De la diuision que se hizo en Tomos destos Comentarios, se dixo, al fin del Can-
to segundo, i Tomo primero, lo que era menester para entenderse la
causa con que se hizo, i la parte que deste Poema que-
dò tocando a este Tomo.

EN MADRID
POR Antonio Duplastre. Año MDCXXXIX.

SOUTHEASTERN MASSACHUSETTS



3 2922 00249 303 6

DATE DUE

PQ 9198 .A1 1639b v.1
Camoes, Lubis de, 1524?-
1580
Os Lusiadas

PQ 9198

A1

1639b

v. 1

154366

